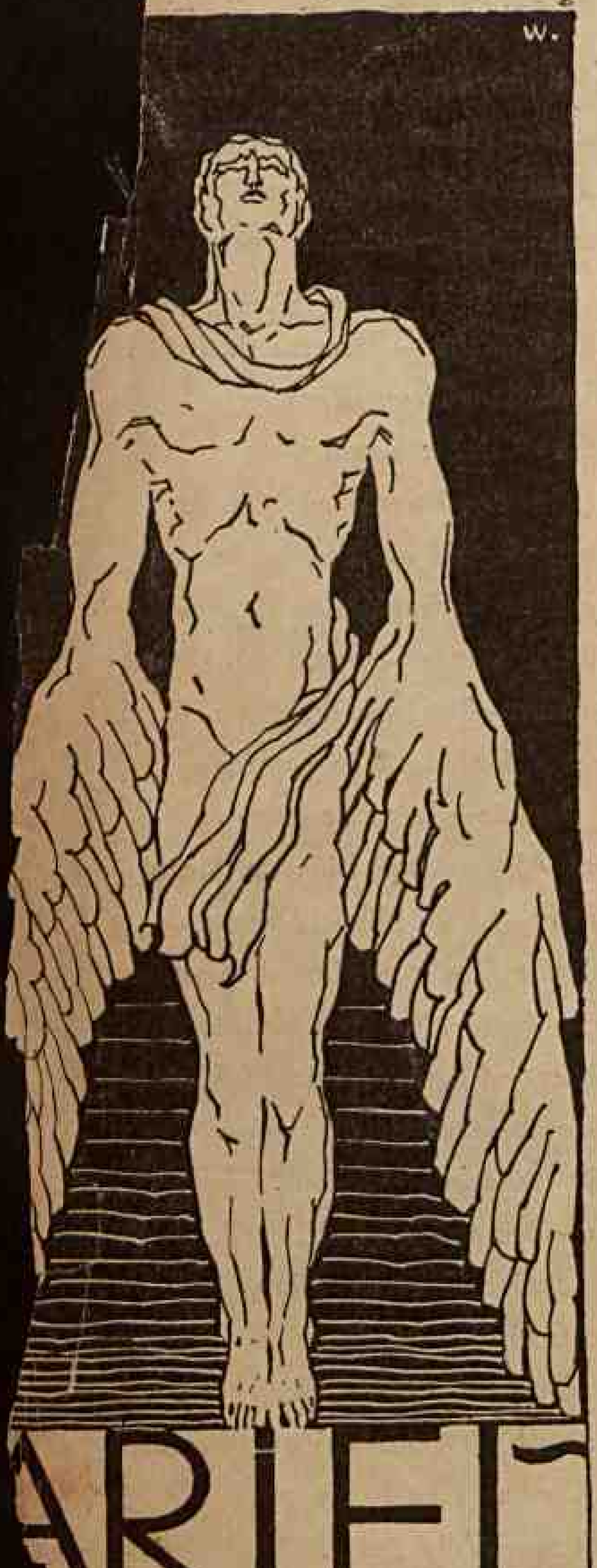
OLETIM de ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

RAS ARTES SCIENCIAS



DIRECTOR:
Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:
Agrippino Grieco

I-310-1-3

ANNO III

OUTUBRO 1933
a
SETEMBRO 1934

L, editora Ltda.--Rua Senador Dantas, 40-5º--Rio de Janeiro

COLLABORADORES:

Abner Mourão — A. de Moraes Coutinho—Aderbal Jurema—Adhemar Vidal
Afranio Peixoto — Agrippino Grieco — Albertino Moreira — Alberto Passos Guimarã
Alberto Ramos—Alberto Rangel—Alcides Bezerra—Aldo Moraes
Annibal M. Machado — Antonio Gabriel — Antonio Salles—Antonio Torres
Arnaldo Tabayá — Arthur Coelho — Arthur Ramos — Augusto Frederico Schmidt
Aurelio Buarque de Hollanda — Barretto Filho — Belmiro Braga — Bezerra de Freitas
Carlos Lébeis — Cleomenes Campos — Clovis Amorim—Clovis Ramalhete
C. Vandoni de Barros — Damaso Rocha — Dante Costa
De Freitas Cavalcanti—Dias da Costa—Edison Carneiro—Eugenio de Castro
Evaristo de Moraes — F. Contreiras Rodrigues — Fernando Nery — Fernão de Saa
Francisca de Basto Cordeiro—Francisco Venancio Filho—Franklin de Araujo
Gastão Cruls—Gastão Vieira—Gilberto Amado — Gilberto Freyre — Graciliano Ramos
Heitor Marçal — Helena da Cunha—Hugo Antunes—Ildefonso Falcão
Jack Sampaio — Jayme Cardoso — J. G. de Araujo Jorge — João Cordeiro
Joaquim Ribeiro — Jonathas Serrano—Jorge Amado—Jorge de Lima
José A. Gonçalves de Mello Neto—José Guimarães Alves—José Lins do Rego
José Mariz de Moraes — Julio Bello—Livio Xavier—Lucia Miguel Pereira
Luiz Annibal Falcão—Luiz da Camara Cascudo — Manlio Giudice—Manoel Bandeira
Marguerite Picard-Loéwy—Mario Pedrosa—Mario Sette—Marques Rebello
Martins Napoleão—Mauricio von Wellisch—Mello-Nobrega—Miguel Ozorio de Almeida
Murilo Mendes—Newton Belleza—Noemia Mourão—Octavio de Faria
Octavio Tarquinio de Souza—Odette de São Felix Simonsen—Odilon Nestor
Olivio Montenegro -Olmiro de Azevedo—Osmar Pimentel
Osorio de Oliveira—Paulo Prado—Peregrino Junior—Phocion Serpa
Ranulpho Prata—Raul Azevedo—Raul Karacik—Ribeiro Couto—R. Magalhães Junior
Rocha Filho—Ronald de Carvalho—Roquette-Pinto—Rosario Fusco
Ruy Coutinho—Saul Borges Carneiro—Sergio Buarque de Hollanda—Telmo Vergara
Theodomiro Tostes—Théo-Filho—Tristão da Cunha—Ubaldo Soares
Valdemar Cavalcanti—V. de Miranda Reis—Willy Levin.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

TUBRO 1933 — ANNO III — SETEMBRO 1934

INDICE DE AUTORES E TITULOS

A

Mourão: — P. P. I. 91; A Lam-
Maravilhosa, 95; Tarde de Fe-
iro no Rio, 126; Cruzeiro do
203; O meu Universo musical,

Moraes Coutinho: — "Capita-
e et Sexualité", 49; "Karl
x", 156.

l Jurema: — Litteraturas Re-
onaria e Revolucionaria, 211; O
livro de Jorge Amado, 331.

ar Vidal: — Linha de "For-
ds", 270.

o Peixoto: — Desarmamento
ritual, 86.

ino Grieco: — Dois assumptos,
e uma entrevista commigo mes-
41; Um jornalista, 60; "For-
a da Civilização Brasileira",
Luiz Schnoor, 139; Anchieta
nmatico, 188; Um grande poeta
que João Ribeiro gostava, 214;
livros francezes, 248; Medei-
274; Goulart de Andrade, ve-
amigo, 324.

ino Moreira: — Personagens de
nance, 124.

lo Passos Guimarães: — A pro-
ito de "Casa Grande & Senza-
189.

o Ramos: — Crise da Poesia, O
atismo, 40; Reflexões, 58; Ad-
da, Circulo Vicioso, Intoleran-
Precariedade dos Deuses, Ser
creto, Orgulho, 87; Homem do
tempo, Pelo sim, pelo não, 117;
oria da violencia, 148; Littera-
de nomes feios, 148; O Acaso.
; Brasil, deserto de homens, 203;
Taboas da Lei, 203.

to Rangel: — O Commando Ge-
238.

s Bezerra: — Ainda Capis-
no, ensaista e critico, 63; Musa
ta e núa, 88; A autonomia da
eratura nacional, 141; Uma in-
gente humorista, 174; Mais um
ro posthumo de Vicente Licinio.
; Os resquicios do passado, 257;
lyse folk-lorica de um roman-
291; Um salão carioca, 313.
— "São Francisco de
10; Pa-

Annibal M. Machado: — A morte de Ismael Nery, 205.

Antonio Gabriel: — Nitti e a "Inquietação do Mundo", 304.

Antonio Salles: — Adeus á terra natal, 10; Domingos Olympio, 115.

Antonio Torres: — Dois livros de Gilberto Amado, 4; O enygma de Konnersreuth, 22; Germanos e Judas, 256; Correspondencia, 332.

Arnaldo Tabayá: — Um romance proletario, 20.

Arthur Coelho: — Livros e Autores, 70; Filmes, 80; A Biblia Curta, 91; "Flying down to Rio", 137; Itabayana speaks, 186; Livros e Autores, 194; 85 annos depois, 209; A lembrança da velhinha, 228; Filmorama, 252; Livros e autores, 261.

Arthur Ramos: — "A influencia africana no portuguez do Brasil", 39; O Folk-lore musical no Brasil, 208.

Augusto Frederico Schmidt: — Nota sobre "Doidinho", 30; A volta do Natal, 86; Os escravos achados nos velhos jornaes, 283.

Aurelio Buarque de Hollanda: — "Cahetés", 127.

B

Barreto-Filho: — Ensaios de Biologia, 66.

Belmiro Braga: — Coisas de fôro, 46.

Bezerra de Freitas: — Theoria do Romance Moderno, 98; Paul Valéry e a crise do espirito, 193; Huxley na America Central, 316.

C

Carlos Lébeis: — Ballada sombria, 296.

Cleomenes Campos: — "Fantasias e Matutadas", 198.

Clovis Amorim: — Macumba, 278.

Clovis Ramalhete: — "Poetas capichabas", 326.

C. Vandoni de Barros: — Um historiador matto-grossense, 223.

D

Damaso Rocha: — "Clarissa", 264.

Dante Costa: — Nota sobre "Boca Suja", 16; [illegible] tores do Brasil, bre "Em Surdina", 180; Rumo Perdido, 237.

De Freitas Cavalcanti: — Sobre um romance que ainda não acabou, 99; "Cahetés", 160.

Dias da Costa: — "Cacáu", 36; "Doidinho", 134; "O Anjo", 275.

E

Edison Carneiro: — "Deus lhe pague", 107; Gandhi, trahidor das massas, 164; "Cahetés", 245; "Os Libertos", 335.

Eugenio de Castro: — "Paulistica", 199.

Evaristo de Moraes: — Uma prophecia de Castro Alves, 11.

F

F. Contreiras Rodrigues: A "Historia da Grande Revolução", 181; A Conquista do Sul, 295.

Fernando Nery: — A Arte e a Verdade (De Anatole France), 160; O Ciume (De Anatole France), 168.

Fernão de Saa: — Manual do Perfeito Candidato á Academia Brasileira, 216.

Francisca de Basto Cordeiro: — Um livro, 220.

Francisco Venancio Filho: — N. R. A. 19; A casa de Poe, 71; O Empire Building, 90; Roosevelt House, 157; Instantaneos Norte-Americanos, 242; Estrellas duplas, 298; Escola Pittoresca, 314.

Franklin de Araujo: — Visão de New York, 274.

G

Gastão Cruls: — Miscellanea, 9; Escriptores do Norte, 44; Lawrence na America, 67; "O Brasil Continúa", 92; "Clarissa", 92; Stanley, 150; "L'Homme du Brésil", 176; Miguel Couto, 260; Antonio Torres, 285.

Gastão Vieira: — Escriptores do Norte, 93.

Gilberto Amado: — Para dentro da "Cidade", 225; A inquietação de João Ribeiro, 259; Tobias Barreto, 284.

Gilberto Freyre: — João Lucio de

Graciliano Ramos: — Luiza, 81; Ciumes, 325.

H

Heitor Marçal: — "Sinhá Dona", 24; Dois titulos e um romance, 65.
Helena da Cunha: — Vigésimo, 259.
Hugo Antunes: — "Lenine e a Psycho-Analyse", 232.

I

Ildefonso Falcão: — Um livro brasileiro, 130.

J

Jack Sampaio: — Boas maneiras de escrever, 2; "Londres", 43; "Mes songes que voici", 87; "Lyautey", 129; "Mother India", 129; "The Informer", 142; "The Oppermanns", 213; "Edouard VII et son temps", 241; "Idée fixe", 241; "Joseph", 276; "Le 2e. jour de la Création", 302; Duas rainhas infelizes, 334.
Jayme Cardoso: — Em viagem para Cythéra, 6; Poesia e Historia da Gallia, 89; Manoel da Silva Gayo, 192; A Esthesia e o Pensamento de um Classico, 250; A alegria e a dor de um poeta, 272.
J. G. de Araujo Jorge: — Os versos que te dou, 315.
João Cordeiro: — Minha Nêga, 48.
Joaquim Ribeiro: — Victor Bérard, 136; Os tres historiadores, 184.
Jonathas Serrano: — A personalidade de Caxias, 119; A psychologia da Fé, 229; "El-Dorado", 315.
Jorge Amado: —Notas sobre Agrippino Grieco, 21; Nascimento, grandeza e decadencia das palavras, 38; "O Gororoba", 71; "Em Surdina", 97; Noticia de "Lampeão", 120; "A Selva", 149; Escada, 219; "O Alambique" e Clovis Amorim, 244; "O Homem e o Cavallo", 269; Dois escriptores gauchos, 294; Escriptores Portuguezes do Brasil, 318; Noticia de "Matupá", 320.
Jorge de Lima: — "A Hora Espessa", 45; Poesia, 297.
José A. Gonçalves de Mello Neto: — "Casa Grande & Senzala", 221.
José Guimarães Alves: — Poema no vacuo, 72.
José Lins do Rego: — O proximo livro de Gilberto Freyre, 35; "A Anjo", 121.
José Mariz de Moraes: — Perspectiva de "Em Surdina", 246.
Julio Bello: — Os serões da Familia — A Abolição, 147.

L

Livio Xavier: — "A Condição Humana", 125.
Lucia Miguel Pereira: — "Arrêt de Mort", 13; Duas gerações, 29; O perigo dos fundos de gaveta, 85; Uma grande escriptora, 114; Idéas e palavras, 170; Testemunhos christãos, 204; Espirito europeu, 231; "Le Visionnaire", 263; "Maria Blanchard" 290; "L'Instinct du Bonheur", 298; Poetas e Romancistas,
Luiz Annibal Falcão: — Johan Bojer, 14.
Luiz da Camara Cascudo: — O marquezinho de Blandford, 25; Mario de Andrade, 233.

M

Manlio Giudice: — Os Parias, 179; A Arte-elemento de expansão cultural, 197.
Manoel Bandeira: — Contricção, 170.
Marguerite Picard-Loëwy: — De uma coisa e outra, 52; Cartomantes e Videntes, 77; Ainda as Cartomantes, 108.
Mario Pedrosa: — "Cimento", o Romance da Revolução, 102.
Mario Sette: — Mez Marianno, 166.
Marques Rebello: — Cartas inéditas do Padre Antonio Vieira, 273.
Martins Napoleão: — Feitiço, 116; Filha do Sol, 121; Presença na Separação, 162.
Mauricio von Wellisch: — Um romance de Gide no theatro, 75; "Via Latina", 105; Luc Durtain em portuguez, 287; Um film de Eisenstein, 327.
Mello-Nobrega: — O Animador de Colungas, 47.
Miguel Ozorio de Almeida: — Os cursos do Prof. Pierre Janet sobre a Crença, 32; "Ensaios de Anthropologia Brasiliana", 59; "Pourquoi la guerre?", 171; "Vida e Universo e outros ensaios", 230.
Murilo Mendes: — Ismael Nery, Poeta Essencialista, 268.

N

Newton Belleza: — "O Espirito de Imitação", 26; A Intelligencia na Poesia, 239.
Noemia Mourão: — Chronica de Arte, 46.

O

Octavio de Faria: — Jorge Amado e Amando Fontes, 7; José Lins do Rego, 61; Romance e exercicio psychologico, 173; "Maleita", 322.
Octavio Tarquinio de Souza: — Sic transit... 255.
Odette de São Felix Simonsen: — Bungalow, 48.
Odilon Nestor: — Olhos negros, 229.
Olivio Montenegro: — Em torno do "Banguê", 299.
Olmiro de Azevedo: — Pastoral, 2.
Osmar Pimentel: — "Estudos", 236.
Osorio de Oliveira: — Rectificação, 60; Leituras sobre o oceano, 178.

P

Paulo Prado: — "Paulistica", 113.
Peregrino Junior: — A personalidade de Goethe em face da Biotypologia, 17.
Phocion Serpa: — O poeta da Duvida, 51.

R

Ranulpho Prata: — Retrato de Lampeão, 74.
Raul Azevedo: — ... romancista,
Raul Karacik: — "A Evolução ca do Brasil", 158.
Raymundo Magalhães Junior: livro nervoso e um escrip quieto, 68; A curiosidade de José Jabim, 267.
Raymundo Moraes: — "Boleti Museu Paraense", 64.
Ribeiro Couto: — Prophecia (les Supervielle), 68.
Rocha Filho: — "Doidinho", 2
Ronald de Carvalho: — Quit Berenguendens (De Luc Du 217.
Roquette-Pinto: — "Casa Gra Senzala", 116; Paginas do Duarte, 143; Divagações, 175
Rosario Fusco: — Rousseau e 265; "La Vierge et le Bohé 330.
Ruy Coutinho: — O problema trição no livro de Gilberto F 303.

S

Saul Borges Carneiro: — "Nov mos Politicos e Sociaes", 31 chnica e Politica Educativas" "A lingua do Nordeste", 144; Rib iro — Philologo, 227; A Torres, 311.
Sergio Buarque de Hollanda: chiavel e o sr. Octavio de 69.

T

Telmo Vergara: — Poema inter ro, 78.
Theodomiro Tostes: — Cançã Homem da Vida, 9.
Théo-Filho: — "Alciône", 39.
Tristão da Cunha: — Na exp Brecheret, 289.

U

Ubaldo Soares: — "Grandezas serias da Victoria", 79; "La gne", 87; "O Brasil e o anti-se mo", 104; "Gobineau", 135; physica do nacionalismo all 161; Doutrina do odio, 222.

V

Valdemar Cavalcanti: — Santa Junior, 8; Um jornalista, 34; mance "Cahetés", 73; "Desco do mundo", 90; O novo liv Jorge de Lima, 101; A respeit traducções, 122; "Luxuria", Factos Diversos, 240; "Ban 266; Um a um, 277.
V. de Miranda Reis: — Mais u 3; "Le problème moral et les p sophes", 37; Ex-Professo, 62; chologie du Langage", 94; Ju cação de uma emenda, 118; English: are they human? Pelas idéas claras e distinctas, Das Classes, 212; "Suor" e a cri 286.

W

Will

INDICE DE ASSUMPTOS E PRINCIPAES ALLUSÕES

A

Abraham (Pierre), 235; Academia de Lettras, 216,); Aguiar (Armando d'), 281; Aguilera Malta (D.), 3; Albuquerque (Matheus de), 260; (Alcott (L. M.), 7; Aleijadinho, 307; Allendy (R. e Y.), 49; Allen (H.), ; Almeida (Guilherme de), 101; Almeida Junior, 314; nado (Gilberto), 4, 5, 53, 294; Amado (Jorge), 7, 13, 36, 90, 211, 214, 286, 331; Amaral (Luiz), 309; Amon (Clovis), 244; Anchieta, 188; Andrade (Mario de), 224, 233, 251; Andrade (Oswald de), 15, 269, 323; iante (Antonio), 265; Arland (Marcel), 110; Arnaud dette), 297; Arnim (Achim d'), 196; Arrufat (A. R.), 1; Arte, 197; Ashton (H.), 183; Athayde (Tristão de), 31, 140, 163, 236; Avila (Carmen d'), 298; Azambuja arcy), 101; Azevedo Corrêa, 338; Azevedo (Raul de), 306; Azorin, 133; Azuela (Mariano), 254.

B

Baif (Jacques), 193; Balzac, 159, 195; Bandeira arte, 310; Bang-Fowler, 140; Baptista Pereira, 104, 8, 277; Barão de Ascurra, 279; Barbosa Lima, 276; rbosa Lima Sobrinho, 56; Baring (Maurice), 82, 146, 3; Baroja (Pio), 133; Barreto (Tobias), 284, 294; Barso (Gustavo), 278; Basto Cordeiro (Francisca), 177; stos (Abguar), 207; Bastos de Avila, 54; Baum (Vicki), 124, 172; Bedel (Maurice), 281; Beebe (W.), 82; er (Max), 205; Beethoven, 254; Beget (F.), 135; Bel- (H.), 226; Bello (Julio), 162; Benjamin (René), 183; rard (Albert), 98; Berardinelli (W.), 46, 254; Bérard 'ictor), 73, 136; Béraud (Henri), 193; Bergson, 62; Berz, 232; Bernard (T.), 110, 193; Bertolaso Stella (J.), ; Bezerra (Alcides), 117; Biblia, 91; Bibliographia, 36, 1, 138; Binet-Valmer, 306; Biologia, 2, 66; Biotypolo-a, 17; Blache (Jules), 212; Blandford, 25; Blondel (C.), ; Bojer (Johan), 14; Bopp (Léon), 187; Bordeaux lenry), 193, 337; Borromeo (Cardeal), 146; Bosschère . de), 159; Bouchardon (P.), 196; Bounine (Ivan), 3, 220; Bourdet (E.), 253; Bourget-Pailleron, 176; acco (R.), 78; Bradi (L. de), 196; Braga (Belmiro), 0; Braibant (C.), 136; Brant Horta, 338; Brecheret '.), 289; Brémond (H.), 55, 248; Brion (Marcel), 165; unetière, 297; Buck (Pearl S.), 70; Bukharine, 267; izzi (Paolo), 214.

C

Cabral (Pe. J.), 281; Cahuet (A.), 195; Callage '.), 253; Calogeras (P.), 27, 82; Camara Cascudo (L.), Camargo (Joracy), 107, 229; Camba (J.), 204; Cambe 1.), 73; Caminha (A.), 65; Campos (Humberto de), 4; Candioti (A. M.), 309; Cantalupo (Roberto), 78; apistrano de Abreu, 43, 63, 184; Carco (F.), 82; Carso (Lucio), 322; Carneiro de Mendonça (Marcos), 219; aruso (V.), 333; Carvalho (Affonso de), 232; Carvalho Alvaro de), 140; Carvalho (Daniel de), 320; Carvalho Orlando M.), 103; Carvalho (Ronald de), 214, 287; Casanta (M.), 168; Castro (Josué de), 289; Castro Alves, ; Castro Alves Guimarães (Adelaide de), 121; Caxias, 4, 119; Céline (L. F.), 82; Celso (Maria Eugenia), , 120, 174, 198; Chadourne (M.), 248; Champion Pierre), 174; Chardonne (Jacques), 183; Chesterton, 0; Christie (M.), 333; Christo, 110; Chuzeville (Jean), 2; Cidade (Hernani), 232; Cigognani (B.), 146; Ci-ma, 80, 137, 252, 327; Cintra (Alarico), 138; Cintra ssis), 140; Claudel (P.), 226; Clemenceau (G.), 79; ...), 269; Conde d'E..., 238; "Conferencia", 298; ...nia...in), 11... ...in (L.), 2..; C... tantin-Weyer, 110, 183; Contreiras Rodrigues (F.), 31, 195, 294; Cordeiro (João), 16, 65, 112; Cosme (Sotero), 213; Costa (Dante), 16, 68, 337; Coudroyer (E.), 103; Coulet (Padre), 28; Coulevain (Pierre), 274; Couto de Magalhães, 282; Couto (Miguel), 260; Coward (Noel), 290; Cox (Erle), 224; Crawford (F. M.), 247; Cresson (André), 37; Croce (Benedetto), 78; Crofts (F. W.), 281; Cruz (Admar), 5; Cruz (Estevão), 153, 221; Cumberland (Martin), 195; Cunha (Euclydes da), 333; Cunha (Felix da), 285; Cunha (Tristão da), 170; Curie (P. e M.), 298; Czerny (Dr. A.), 247.

D

Dabit (E.), 183; Dacorso Netto (Cesar), 254; Da Costa e Silva, 302; Danan (A.), 324; Dantas (Nelson), 56; Daudet (Léon), 124; De Foe (Danoel), 235; Delage (E.), 193; Delattre (F.), 146; Delattre (L.), 226; Delfino (Luiz), 333; Delgado de Carvalho, 43, 54; Demaison (André), 337; Deubel (L.), 195; Devaux (A.), 148; Di Cavalcanti, 46; Dickens, 165, 209, 261; Didier Filho (J.), 213; Doblin (A.), 162; Domingos Olympio, 115; Donnay (Maurice), 110; Doutrepont (G.), 308; Doyon (R. L.), 309; Dreyfus (A.), 230; Drieu de la Rochelle, 306; Drummond de Andrade (C.), 306; Duhorcaud (F.), 174; Dullin (C.), 110; Dumas (Georges), 110; Dumesnil (R.), 55; Dupanloup, 282; Duriau (Jean), 34; Durtain (Luc), 214, 286, 334; Dutoit (Mons.), 282; Dutra (Osorio), 272, 298.

E

Eça de Queiroz, 261; Eduardo VII, 241; Ehrenbourg (Ilya), 302; Einstein, 171; Eisenstein, 327; Ellis Junior (Alfredo), 247; Emboaba (O.), 302; Emerson, 82; Ercole (L.), 174; Erwin Kirsch (E.), 111, 237; "Espirito Novo", 139; "Eté", 26; Eugenia, 175; Europa, 231.

F

Falcão (Annibal), 310; Falcão (Luiz Annibal), 106; Fallada (Hans), 224; Faria (Alberto), 54; Faria (Octavio de), 25, 69; Fauconnier (G.), 117; Faulhaber (Cardeal), 256; Faulkner (William), 165, 175; Fauré-Fremiet, 24; Fernandes (Annibal), 34; Fernandes (Sebastião), 23, 71; Fernandez (Ramon), 110; Ferraz (Enéas), 300; Ferreira da Rosa, 180; Ferreira de Castro, 149, 318; "Festa", 326; Feuchtwanger (Leon), 213, 270; Fibitch (D.), 335; Figueiredo (Antonio), 104; Figueiredo (Jackson de), 31; Figueiredo Pimentel (A.), 27; Flaub... (G.), 159; Fleg (Edmond), 308; Fleming (Peter), 16... 261; Folk-lore, 208, 257, 290; Fontenelle (Oscar), 270... Fontes (Amando), 7, 28; Forbes (Rosita), 261; Ford (F. M.), 194; Fourquet (E.), 212; Fraga (Clementino), 54; Franca (Pe. Leonel), 229, 281, 285; France (Anatole), 255; Francis (R.), 136; Franc-Nohain, 308; Frank (L.), 83; Freeman (R. A.), 309; Freire (J.), 309; Freud, 171; Freyre (Gilberto), 35, 42, 53, 116, 189, 220, 283, 303, 337; Fundação Graça Aranha, 34.

G

Gahisto (Manoel), 82; Gallet (Luciano), 208; ... de Queiroz, 112; Gama Oliveira (M.), 55; Gam... rio), 140; Gandhi, 111, 155, 164, 281; Garçon (... 110; Gatti (A.), 263; Gauthiez (P.), 337; Gent... vanni), 63; George (Stefan)... Gervais ...

Ghéon (H.), 195; Giannini (A.), 120; Gide (A.), 75; Gigli (L.), 146; Girard (V.), 251; Gladkov, 102; Glyn (Elinor), 333; Gobineau, 135, 184; Godoy (Armand), 179; Góes (Carlos), 20; Goethe, 17; Gomes Netto, 6; Goodspeed (E. J.), 91; Goomilewsky (Léo), 163, 237; Gouhier (H.), 110; Goulart de Andrade, 324; Green (J.), 263, 281; Grieco (Agrippino), 10, 21, 47, 83; Grieg, 328; Grosclaude (P.), 263; Grundel (E. G.), 82; Guerra, 171; Guimarães Villela (Iracema), 111; Guirelé (R.), 55; Guitry (Sacha), 223.

H

Halecki, 87; Hamilton (C.), 146; Haritoff (Madame), 313; Harris (Frank), 28, 82; Harrison (Charles Yale), 306; Hauff (Guilherme), 84; Hauser (H.), 258; Havelock Ellis, 39; Hecksher (Alberto), 140; Henriques (Mario), 34; Henry (O.), 228; Hitler, 290; Holt (Henry), 177; Hope (Anthony), 163; Hull (E. M.), 54; Huxley (Aldous), 173, 316; Huysmans, 306.

I

Inglaterra, 152; Irajá (Helena de), 111.

J

Jacolliot (Luiz), 328; Jair, 148; James (Henry), 173; Janet (Pierre), 24, 32; João de Minas, 109, 247; João Grave, 129; João Lucio, 57; Jobim (José), 267; Jonson (Ben), 167; Jornalismo, 34, 60; Jouhandeau (Marcel), 253; Jouvenel (B. de), 195; Jucá Filho (C.), 16, 43; Jullian (Camille), 89; Jurema (Aderbal), 254, 270; Jurisprudencia, 34.

K

Kafka (P.) 162; Kaiser (G.), 83; Karam (Francisco), 12, 45; Kaseff (Leoni), 111; Kasner, 162; Katzer (F.), 64; Kehl (Renato), 195; Kessel (J.), 104, 148, 191, 237; Keyserling (Hermann de), 293; King (S. M.), 308; Kipling, 159; Kleinclausz (A.), 282; Kochnitzky (Léon), 294; Krupskaia, 281.

L

Labieno, 294; Lacretelle (Jacques de), 2; Lalo (P.), 82; Lambotte (A.), 46; Lamego Filho (A.), 149; Lamego (L.), 111; Lamennais, 251; "Lampeão", 73, 74, 120, 168; "Lanterna Verde", 265; Laranjeira (Joaquim), 76; Las[illegible]-Schuler (Else), 83; Lauret (René), 183; Law[illegible]nce (D. H.), 67, 183, 330; Leblond (M. e A.), [illegible]3; Lecourieux (Pe.), 254; Lefévre (F.), 55; Lemarié (O.), 3; Lenine, 132; Letailleur (E.), 187; Leterre (A.), 25; Levinson (André), 159; Lewton, (Wal), 138; Lhotte (A.), 187; Licinio Cardoso (Vicente), 206; Ligne (Prince de), 187; Lima (Augusto de), 207; Lima Cavalcanti, 41, 163; Lima (Jorge de), 101, 120, 195, 210, 226, 275; Linguagem, 94; Linguistica, 39, 120, 144, 179, 188; Li[illegible]res (Josaphat), 61; Linklater (E.), 334; Lins do [illegible]o (José), 30, 61, 99, 134, 186, 218, 266; 299; Littera[illegible] Allemã, 162; Litteratura Belga, 106, 323; Litteratura [illegible]eza, 55; Litteratura Grega, 154; Litteratura Hespa[illegible], 133; Litteratura Infantil, 54; Litteratura Ingleza, [illegible]67, 175; Litteratura Internacional, 262; Littera[illegible]liana, 146; Litteratura Poloneza, 154; Lloyd Geor[illegible] Lobo (Abelardo), 338; Lobo (Esmeralda), 45; [illegible]bastião), 16; Loisy (Alfred), 62; London [illegible]09, 224; Lopes de Almeida (Julia), 5; Lopes [illegible]edro), 330; Loure[illegible]o (Pizarro), 27; Loyola (Leonidas de), 224; Ludwig (Emil), 188, 338; Lyaute[illegible] 129; Lyra Filho (João), 316.

M

Macaggi (A.), 55; Macaggi (N.), 55; Mac Fee (W.[illegible] 70; Machado de Assis, 165, 168; Machado (Gilka), 8[illegible] Machado (Jorge), 117; Machado (O.), 333; Machad[illegible] (Raul), 112; Magalhães (Basilio de), 310; Maistre (Xavi[illegible] de), 168; Malraux (A.), 103, 125, 196; Mangabeira Albe[illegible]naz (F.), 109; Mann (H.), 136; Mansfield (K.), 8[illegible] Maran (René), 82, 210, 285; Marçal (Heitor), 126; Ma[illegible]chand (General), 196; "Marianne", 110; Marianno Filh[illegible] (José), 211; Marinetti, 78; Marlowe, 168; Marques de Reis (Antonio), 326; Marques Rebello, 13, 110; Marqu[illegible] (G.), 131; Martin du Gard (Maurice), 286; Martin (Dormund), 111; Martins (Epaminondas), 138; Martin[illegible] (Luiz), 184; Martins (M. V.), 328; Marx, 110, 156, 20[illegible] Matveev (M.), 214; Mauriac (F.), 52, 193; Mauro[illegible] (A.), 82, 87, 129, 241, 278, 296; Maxence (J. P.), 19[illegible] Mayne-Reid, 10; Mayo (Katherine), 129; Mazel (Henri[illegible] 308; Medeiros e Albuquerque, 274, 316; Medicina Lega[illegible] 179; Mello (Arnon de), 202; Mello Franco (Caio), 10[illegible] 112; Mello (Pedro de), 163; Memento Bibliographico, 2[illegible] 56, 84, 112, 140, 168, 196, 224, 254; 282; 310; 338; Men[illegible]cken (H. L.), 70, 290; Mendes (Murilo), 53, 321; Men[illegible]donça (Estevão), 223; Mendonça (R.), 39, 69; Merr[illegible] (Concordia), 76; Mesquita dos Santos (M.), 111; M[illegible]chaux (H.), 187; Miguel Pereira (Lucia), 53, 97, 151, 18[illegible] 246; Milano (Attilio), 51; Milano (D.), 104; Mirand[illegible] Valverde (Trajano), 241; Mirbeau (Octave), 159; Mi[illegible]kine-Guetzévitch, 84; Mistler (Jean), 159; "Momento", 8[illegible] Monteiro Lobato, 79, 285, 309; Montherlant (H. de), [illegible] 183, 262; Moore (Mina), 308; Moraes (Evaristo de), 10[illegible] 162, 220; Moraes (Vinicius de), 55; Morand (Denise[illegible] 224; Morand (Paul), 43, 120, 223; Moretti (M.), 59; M[illegible]reyra (Alvaro), 92, 123, 184; Mortier (A.), 251; Mot[illegible] (E.), 79; Mouquet (R.), 308; Mourão (Abner), 60, 9[illegible] "Mouvement", 54; Mulatismo, 40; "Mundo Portuguez[illegible] 273; Museu Goeldi, 64, 163.

N

Nabonne (B.), 253; Nery (Ismael), 205, 268; Neu[illegible]mann (Thereza), 22; Neves (Berilo), 306; New York 274; Neyrac (P.), 136; Nietzsche, 188; Nijinsky, 278 Nitti, 304; Noemia, 240; Nogueira (Hamilton), 2, 66, 98 Noronha Santos, 262; Norris (Kathleen), 279; "Noss[illegible] Revista", 36; N. R. A. 19.

O

O'Flaherty (Liam), 142; Ojetti (Ugo), 321; Olive[illegible] (Felippe d'), 54; Oliveira (Osorio de), 40, 46, 72, 260 318; Oliveira Vianna, 31; Oliveira (F.), 124; Ombiau[illegible] (M. des), 106; Ophelia e Narbal, 285; Orczy (Baroneza) 163; Ortega y Gasset, 40; Osorio Cesar, 79; Ossori[illegible] (Angel), 196.

P

Padua de Almeida, 310; Paes de Barros (Maria), 39 Paixão Cearense (Catullo), 109; Palgen (Paul), 65; Pa[illegible]lhano (Lauro), 71; Panzini (Alfredo), 146, 230; Papini 276; Parentes-Fortes (H.), 179; Pasquali (P. S.), 177 Pasquier (J. du), 114; Passos (John dos), 159; Passo[illegible] Maia, 28; Pastonchi (F.), 78; Paurilio (Carlos), 44; Pa[illegible]xeco (Fran), 232; Paz (Magdeleine), 220; Pedagogia 111, 117, 207, 262, 267, 279, 314; Pedroso Rodrigues, 138 Peixoto (Afranio), 23; Perdriel-Vaissière (J.), 262; P[illegible] regrino Junior, 44, 7[illegible] 130, 320; Pereir[illegible]

(Gastão), 79, 132; Perez de Ayala (R.), 133; Perez (José), 5; Pernambuco, 41; Perrigault (J.), 110; Phillips (E. M.), 146; Philosophia, 32, 37, 62, 94, 118, 169; Picard-Loéwy (M.), 165; Picasso, 124; Picchia (Menotti del), 23, 140; Pinheiro (Alberto), 172; Pinheiro (Aurelio), 309; Pinto (Estevão), 41, 121; Poe, 27, 71; Poesia, 40, 239 240, 297; Pongetti (Henrique), 27; Pontes (Eloy), 285; Popowsky (Bacy), 151; Porché (F.), 272; Pouchet (J.), 184; Poulaille (H.), 248; Pourtalès (G. de), 308; Prado (Eduardo), 33; Prado Junior (Caio), 158, 306; Prado (Paulo), 73, 199; Prado (Rachel), 138, 333; Prata (Ranulpho), 73, 168; Premio Machado de Assis, 298, 305; Prezzolini (Giuseppe), 154; Proust (Marcel), 82 264.

Q

Queneau (R.), 187.

R

Ramos (Alberto), 324; Ramos (Arthur), 28, 253; Ramos (Graciliano), 73, 127, 160, 245, 324; Rangel (Alberto), 217; Rangel (Armindo), 16; Rangel (Godofredo), 276; Raymond (M.), 82; Raymundo (Jacques), 198; Reed (John), 309, 330; Régnier (Henri de), 183; Reis (Maestro Julio), 1; Renier (G. J.),152; "Revista Academica", 36; "Revista Americana", 15, 79; "Revista da Escola Militar", 36; "Revista do Globo", 109; "Revista Economica", 139; "Revista Nacional", 139; "Revue Française du Brésil", 24; Reyes (Alfonso), 250; Rezende (Henrique de), 177; Rezende Martins (Amelia de), 224; Ribeiro (João), 96, 153, 203, 207, 214, 227, 257; 259; Ribeiro (Joaquim), 153, 309; Ribeiro (Leonidio), 27, 163; Ribeiro Pinheiro (João), 70; Rice Burroughs (E.), 109; Richet (Charles), 140; Rider Haggard, 76; Rivel (Charles), 281; Rivière (Isabelle), 204, 290; Rocha (Damaso), 310; Rocha e Silva (M.), 195; Rocha Ferreira, 12; Rocha Filho, 163; Rolland (Romain), 254 Romains (Jules), 110, 159; Romance, 317; Roméro (Nelson), 76; Roquette-Pinto, 59, 112, 195, 312; Rosa Maria, 109; Rostand (J.), 248; Rostand (Maurice), 272; Roth (Joseph), 281, 306; Roujon (Jean), 187; Rousseau (Blanche), 106; Rousseau (Jean-Jacques), 230, 265; Roux (Georges), 9; Royère (Jean), 82, 122; Ruhle (Otto), 156; "Rumo", 36; Russel (J.), 324.

S

Saint-Exupéry (A.), 203; Salgari (E.), 109, 247; Salis Goulart (Jorge), 109; Sampaio (Alde), 61; Santa Rosa, 8; Sá Pereira (A.), 55; Sardou, 235; Schickele (R.), 136; Schmidt (Affonso), 302; Schnoor (Luiz), 139; Schryvers (Pe.), 139; Seabrook (W. B.), 314; Seidl (Roberto), 76, 247; Seillière (E.), 161, 306; Semitismo, 222, 256; Serrano (Jonathas), 139, 157, 207; Sette (Mario), 76; Setubal (Paulo), 315; Silva Gaio (Manoel), 192; Silva (Valentim da), 312; Simenon (Georges), 55, 106; Sinclair (Upton), 194; Siqueira Xavier (Raul de), 157;
Sociologia, 3, 212; Sodré Vianna, 207; Soulié
Somerset Maugham, 163; Souza da Silveira, 3
(Orlando), 220; Stanley, 82, 150; Stevenson
109; Stoecklin (P. de), 328; Suarès (A.), 28;
(C.), 248; Supervielle (Jules), 9; "Surto", 83,
sekind de Mendonça (Carlos), 84.

T

Tabajara de Oliveira (Nelson), 157, 28
(André), 174; Tarsila, 46; Taunay (Affonso
Taunay (Visconde de), 53; Tavares (Odorico),
Tchekhov, 159; Teixeira Gomes, 6; Tell (Guilh
Teltscher (Ignez), 111; Terra de Senna, 279; T
lando), 213; Thackeray, 146; Theatro, 75, 107;
lho, 294; Thérive (André), 159, 300; Thomas
248; Tilgher (Adriano), 84; Tonelli (Luigi), 146;
(Alberto), 26; Torres (Antonio), 285, 311, 324, 33
tes (Theodemiro), 184; Toussaint (M.), 294; Trad
122; Traversi (C. A.), 146; Traz (Robert de), 196
(G.), 235; "Tuberculose", 140.

U

Unamuno, 204.

V

Valle-Inclán, 133; Valerio (Americo), 267;
(Paul), 193, 241; Vannini (Caterina), 146; Vare
fredo), 181; Vauban, 294; Veiga Cabral (Mario da
Venancio Filho (Francisco), 27; Verga (Giovanni),
Vergara (Telmo), 282, 294; Véry (Pierre), 214; Veu
82; Vianna (Oduvaldo), 328; Victor Hugo, 159; V
Filho (J. J.), 333; Vieira (Padre), 273; Vierset (
226; Vilhena de Moraes, 104, 119; Vindry (N.), 235;
lis (André), 103; Vioux (Marcelle), 27; Volanges (
lia de), 328; Vuillermoz (E.), 229.

W

Waldvogel (L.), 270; Wallace (Edgard), 175; W
derley (Rubey), 39; Wassermann (J.), 159; Weil (
187; Weil (Fritz), 306; Wells, 165, 285; Wiggin (
Douglas), 282; Wilde (O.), 28, 111, 138, 159; W
(G.), 302; Woolf (Virginia), 146, 337.

Y

Yourcenar (Marguerite), 27, 302.

Z

Zweig (Stefan), 159, 248, 319, 334.

Anno III — Outubro 1933 — N. 1

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE: Agrippino Grieco

DOIS ASSUMPTOS

VEM de morrer o maestro Julio Reis.

Devia ter uns setenta annos de edade. Era magrissimo e usava cabelleira e oculos. Tachygrapho aposentado da Camara Alta, vivia ultimamente numa chacara suburbana, mas bastante se celebrizara, entre 1890 e 1895, com as suas valsas orientaes.

Orientaes não sei bem por quê.

Tambem se entregara a empresas mais esfalfantes, musicando libretos a proposito de Marilia de Dirceu e soror Marianna Alcoforado.

Bastante fantasioso, alongava-se na narração de conquistas amorosas, em que elle apparecia como um caçador de caça feminina bem comparavel ao caçador de leões que se chamou Tartarin de Tarascon...

Ingenuo, bom, invencivelmente bohemio, gostava do convivio dos rapazes, fugindo ao contacto dos macrobios. Da minha parte, conheci-o pouco antes de 1910, quando ainda garoto e recemvindo de um logarejo do interior, sequioso de musica e theatro. Julio Reis era, por essa época, critico musical da Noticia, *a rosea folha vespertina da Rochinha, em que collaborava Medeiros e Albuquerque, com dois ou tres pseudonymos, e Olavo Bilac fazia o seu* Registro *diario. De accôrdo com essas funcções, cabia-lhe uma cadeira de primeira fila em todas as representações do Lyrico, mas elle preferia metter-se comnosco lá no alto, nas torrinhas, no rumoroso "gallinheiro", onde cacarejavamos irreverencias contra os potentados da platéa ou sopravamos em gaitinhas infantis sempre que o tenor se engasgava num dos seus gargarejos melodicos.*

Em sahindo do theatro, iamos ainda a peregrinar pelas ruas do centro. Julio Reis era dos que não se recolhem ao cubiculo de solteirão antes de estarem apagadas todas as luzes da cidade. De uma feita, deteve-se elle commigo deante das columnas de marmore da Caixa de Conversão, a explicar-me o estylo do edificio, a esticar uma longa bengala em complemento ao braço longuissimo e a lamentar não houvessem aproveitado essa columnata grega para um instituto de musica ou uma academia de lettras. O peor é que o guarda-nocturno, receoso de um assalto aos cobres amontoados nas burras de lá, começou a rondar com mais insistencia pela nossa vizinhança.

Todavia, nem todas as noites eram de caminhada, de vagabundagem philosophica através do Rio que já se mettera entre lençóes. Tambem nos detinhamos num botequim em que fixaramos a séde de um club, o nosso club, o "Club dos Excentricos", destinado a combater a "Caravana", uma associação de escriptores consagrados, que então surgira, sob os auspicios do romancista Coelho Netto. Lembra-me que a lettra do hymno do club, musicada por Julio Reis, era da minha lavra, e eu, o mais incognito dos autores, assim terminava com petulancia a profissão de fé do grupo:

> *E, nesse affecto que os irmana,*
> *Hão de os "Excentricos" fazer*
> *Mais do que certa "Caravana"*
> *Que só cogita de comer...*

Allusão indignada de creaturas mais ou menos abstemias, não por sobriedade christã e sim por escassez de recursos, em relação a senhores bem mais aquinhoados de moeda e que podiam dar-se á proeza gargantuesca de um regabofe semanal.

Morre agora o excellente Julio Reis. Mas, antes disso, quantos outros do nosso bando já não estariam mortos, por isso que morta a deliciosa vida de bohemia que era tudo para elles!

Que é feito do Clodomiro de Vasconcellos, com os artigos em que provava a superioridade alimenticia do macarrão sobre o feijão e chamava ao almirante Jaceguay, então eleito para a Academia de Lettras, "o ultimo abencerrage dos mammuths"? Que é feito do Pennaforte, com os bigodes e a calva que o faziam assemelhar-se a Rostand e com os passeios matinaes á Tijuca, antes da invasão dominical dos caixeiros que chalaceavam e deixavam papeis gordurosos entre as mais bellas arvores do mundo? Que é feito do Carlos Abreu, homem sobrio como um asceta e, emtanto, actor que só ia bem nos papeis de bebados? Quem me dá noticias do Julião, esse voluptuoso do Rio antigo, do Rio de ruas mal calçadas, em que a gente — declarava elle — podia, ao voltar de uma esbornia, bambear á vontade, porque os tropeções eram attribuidos ao máo calçamento?

Carlos Abreu foi-se antes do maestro das valsas orientaes. Mas onde estarão os outros? Mortos, casados,

perdidos em qualquer tabellionato ou collectoria da provincia?

*

Um que vive na provincia, sendo um pouco mais moço que nós, mas, se tivesse andado aqui pelo Rio de 1906, teria feito parte do Club dos Excentricos, é o meu querido amigo Luiz da Camara Cascudo.

Bacharel, dá-se elle a estudos historicos. Onde, porém, o sinto em seu verdadeiro elemento é quando se desafoga em pesquizas de folk-lore, vagabundeando pelo mundo das canções e dos apologos com os seus trovadores e os seus La Fontaines sertanejos. Soffrego de conhecer todos os bons livros, francamente cosmopolita de cultura, escrevendo com discreta amenidade sobre assumptos que tratados por outros dão logo uma especie de tonteira hypnotica, esse homem de lettras de Natal parece-me em tudo digno de ser um homem de lettras aqui no Rio.

Aliás, mesmo quando se detém nos territorios do Passado, faz elle historia como quem já percorreu os deleitosos reanimadores de scenarios e almas que se chamam Lenotre, Lucas-Dubreton e Funck-Brentano.

Seu estudo sobre o conde d'Eu, querendo ser simples silhueta, é retrato que não mutila ou insulta o modelo, accrescentando-lhe, ao contrario, uma finura, uma sympathia, uma simplicidade humana que não nos habituaramos a ver no genro de Pedro II, malquistado, por effeito de tradição, como tantos outros genrocratas.

Eça de Queiroz, numa daquellas chronicas em que, debaixo de muito elogio, faiscam o monoculo e a dentuça do escriptor maldoso, já accentuara, a proposito do conde de Paris, que os membros da casa de Orléans nunca foram santos da devoção popular.

Edmond de Goncourt, numa das paginas do Journal, *allude á* veulerie *tradicional da estirpe.*

Mas o lucido e penetrante Camara Cascudo, advogado gratuito da familia calumniada, evidencia, num arrazoado dos mais brilhantes, que o principe Gaston d'Orléans não era de modo algum, ou não era apenas, o marido feliz, o senhorio implacavel, o falso homem de guerra satirizado pelos caricaturistas e pelos demagogos do Segundo Imperio.

AGRIPPINO GRIECO.

PASTORAL

Março. Anda um sol preguiçoso e bom pelas colonias
depois de um aguaceiro de verão...
Cacarejam gallinhas. Cantam gallos. Além, na horta,
abrem-se em festa verde,
rorejados de chuva,
na alegria do sol,
os canteiros da couve-flôr e dos morangos...
E' tempo da uva madura. Erra um perfume
de uva madura no vôo das abelhas subtis.
Vindima. Ouço cantigas...
Sob o vinhedo carregado de abelhas, de uvas e perfume
anda um bando cantador de raparigas...
Que doçura singular têm estas uvas
quando as colhem, assim, colonitas ariscas,
de pernas núas, cantarolando...

OLMIRO DE AZEVEDO.

Boas maneiras de escrever

Um livro de Jacques de Lacretelle é sempre a promessa de algumas horas agradaveis. Não só devido ao seu estylo puro, segundo as melhores tradições da litteratura franceza, mas ainda pela finura e simplicidade do que elle tem a nos dizer. Quer no conto, quer no romance, Lacretelle é sempre de uma suave seducção; sua leitura é repousante, nesta época de sobresaltos, de exaggeros e de experiencias.

Elle não prende pelo inesperado, pelo original, pelo novo. Ao contrario, tudo nelle é logico, razoavel, harmonioso. Será na arte de escrever como o Bello Brummél na arte de trajar; attinge a perfeição sem chamar attenção nem pelo conjuncto, nem por nenhum detalhe. Assim, ao se ler um livro seu, tem-se a impressão de penetrar numa casa perfeitamente mobiliada, onde as flores se acham onde deviam estar e na quantidade precisa, onde a illuminação é discreta e sufficiente; numa destas casas de onde se sae sem poder dizer exactamente qual o estylo da decoração, quaes as peças mais lindas, e no emtanto com a impressão de ter estado num ambiente perfeito.

L'Enfance d'une Courtisane reune sete contos dos quaes o melhor é sempre aquelle em que se está pensando. Todos são deliciosos, leves ao ler e, no emtanto, longos e saborosos. Cada um, tão curto á primeira vista, traz em si assumpto para muito sonhar, muito scismar. Parece que o pensamento volta a acaricial-o, possuindo-o cada vez um pouco mais, apreciando-lhe o contorno, o mysterio, o sonho. Nada de chocante, de brusco, de violento. Até o crime vem de manso, como o transbordar de uma bacia, como uma coisa que já estava escripta, que já se sabia que deveria vir.

Falamos uma vez em estylo polido. Se ha boas maneiras na arte de escrever, certamente será Lacretelle o mais educado dos escriptores. E somos-lhe gratos por isso.

JACK SAMPAIO.

Tristão de Athayde e Hamilton Nogueira — **Ensaios de Biologia** — Livraria Catholica — Rio, 1933.

Trabalhos de dois verdadeiros mestres e orientadores catholicos, seguidos de excellentes producções de discipulos seus. Todos revelam uma boa formação cultural. Batem-se elles contra os excessos da falsa sciencia apressada e querem que tudo seja muito bem controlado nos dominios da biologia, não se esquecendo, á hora de applicar socialmente certos postulados de laboratorio, que ha um interesse moral a resguardar, por isso que vivemos em plena civilização christã.

O sr. Tristão traça os limites da eugenia. O sr. Hamilton Nogueira mostra os perigos a que póde conduzir a esterilização dos tarados, fornecendo-nos, nesse terreno, uma documentação impressionante, utilizada com uma dialectica irresistivel. O sr. Barbosa Quental alonga-se a proposito da esterilidade voluntaria e sua pathologia. A critica geral do lamarckismo é muito bem desenvolvida pelo sr. Cesar Girard Jacob. O sr. Petronio Rodrigues Chaves refere-se á biotypologia e suas consequencias collectivas. O aspecto medico do Birth-Control inspira varias paginas ao sr. Antonio Amarante. Euthanasia é o thema do sr. Waldyr de Azevedo Franco e, finalmente, o sr. Nelson de Almeida Prado discorre sobre a energetica.

Bello grupo de trabalhadores do espirito! Nelle, todos estudam de verdade, sem engodo de erudição de catalogos. Guerreiam a demasiada intrusão dos scientistas na vida individual de cada um e não esquecem nunca o axioma de alguem que viu na "sciencia sem consciencia" a "ruina da alma".

Mais um...

Se os sociologos francezes merecem menção especial entre os constructores da sociologia, é que o grande progresso verificado nestes ultimos quarenta annos e que veiu, na expressão de Durkheim, encerrar a "idade heroica" dessa sciencia é, mais que de outros, obra dos francezes, já pelo valor, já pela quantidade de seus trabalhos. E visto que tratamos aqui dos sociologos de hoje ou de hontem, não remontemos a Montesquieu, nem a Saint-Simon, nem a Comte, deixemos ao seu grande discipulo Littré, passemos ainda por Cournot, Espinas, Letourneau, para partirmos tão só de Durkheim, o "metaphysico", e de Tarde, o "literato", como mutuamente se chamavam os dois grandes adversarios. Mas, se a doutrina da inter-psychologia teve e tem numerosos adeptos na França e fóra della, não é a Tarde e seus continuadores, senão ao grupo durkheimiano, que de ordinario se applica a designação de "sociologos francezes".

Ora, que pregam esses "sociologos francezes"? Que a sociologia deve ser "objectiva, especifica e methodica"; que o sociologo deve "tratar os factos sociaes como cousas" e reconhecer-lhes a natureza especifica, visto que procedem da sociedade, sociedade que é uma synthese *sui-generis;* que "o pensamento collectivo deve ser estudado em si mesmo, por si mesmo, com o senso de sua especialidade"; que essa realidade resultante da acção reciproca das consciencias individuaes, realidade que embora composta de individuos, lhes é superposta e imposta, deve ser rigorosamente determinada; que, para chegar a essa determinação, cumpre utilizar e aperfeiçoar as sciencias particulares relativas ás diversas categorias de factos sociaes; que, por outro lado, urge evitar o atomismo dos individualistas, as soluções arbitrarias e fantasistas dos theoricos apressados e o ecletismo dos que se comprazem em colligir as idéas sem nenhum espirito de systema.

Entretanto, a explicação dos phenomenos sociaes pela psychologia tem tido numerosos defensores. De que os factos sociaes são essencialmente psychicos, resulta para muitos que é á psychologia que compete interpretal-os e nella se resolve, em ultima analyse, a sociologia. Mas que psychologia? a collectiva ou a individual? Uma e outra. Assim, a da escola allemã da *Voelker-psychologie*, dirigida por Lazarus, Steinthal e Wundt, é, *ex definitione*, collectiva. E' bem verdade que a escola allemã não é exclusivamente psychologica, mas ainda historica e ethnologica: a individualidade é um producto da historia, como tambem do *Volksgeist*. Individual por outro lado, é a psychologia de Tarde, para quem a sociologia é apenas uma psychologia social ou uma inter-psychologia. Ora, o postulado em que se apoia essa escola psychologica é que a sociedade nada é além dos individuos que a compõem. E', allegam os seus adversarios, como se dissessemos que a cellula não existe; que o que existe são os atomos que a compõem. E accrescentam: um phenomeno individual não deixa de ser individual pelo simples facto de ser imitado.

A critica dessa inter-psychologia, desse individualismo sociologico é cabal e aniquiladora. *Battu en brèche* pelos "sociologos francezes", o atomismo dos individualistas encontrou defesa nos aprioristas, nos theoricos da verdade revelada, da moral eterna e immutavel, do direito natural, isto é, nos herdeiros actuaes de Thomaz de Aquino, Bossuet, De Bonald e De Maistre por um lado e, por outro lado, de Rousseau, o descobridor do "*bon sauvage*". Defesa — dissemos e dissemos mal. Porque não é defender uma these pretensamente scientifica o continuar affirmando-a contra a evidencia dos factos e o deturpar, por estreiteza ou má fé, as theses adversas. Foi o que fez, ha annos, em um livro mesquinho, o padre Simon Deploige. E é o que faz agora o sr. O. Lemarié, num *Précis d'une Sociologie* em que ha muita mariolada e escassa ou nenhuma sociologia.

Conforme nos previne logo no prefacio, a intenção do autor é das mais nobres. Elle quer, de toda a bagagem sociologica existente, "colher o minerio e refugar a ganga". Para tanto, o sr. Lemarié chama dogmas ás theorias do *totem* e do *potlatch* e, visando á escola franceza, fala-nos de uma sociologia *"à coups de nègres et de peaux-rouges"*. Que o que ha de *especifico* na sociedade vem do que ha de especifico no individuo, que o individuo é o creador da sociedade, que a familia é obra, não da sociedade, mas da natureza, que o elemento mystico, embora em germen, sempre existente no individuo desde os primordios da humanidade é o sentimento da *nobreza do ser humano* (!), que entre os diversos typos de sociedade se contam as sociedades athleticas e esportivas, as academias de bilhar, xadrez, etc. (!!) — eis ahi estão alguns exemplos do minerio, para o sr. Lemarié. Ganga é, para elle, o contrario disso tudo. Ganga é toda a escola durkheimiana. Ganga é a these das "representações collectivas", germanismo que se tem tentado introduzir em França, diz Lemarié, louvando-se provavelmente em Deploige. Ganga é toda essa obra vastamente sabia e sabiamente vasta que é *"L'Évolution de l'Humanité"* e em que a influencia de Durkheim é expressamente reconhecida pelo proprio director Henri Berr. Ganga é a Psychologia de Dumas, obra collectiva de espirito tambem accentuadamente durkheimiano, da qual o sr. Lemarié transcreve este trecho de Charles Blondel: "A vontade é uma ordem que nos vem do exterior, do grupo de que fazemos parte; e é esposando essa ordem, acceitando-lhe as coacções (poderiamos deixar de acceital-as?) que realizamos a humanidade em nós".

E exclama: — "Comprehenda quem puder!"

Não o comprehendeu o "sociologo". Nem o poderia quem vê na sociologia de Durkheim uma "Mechanica social, que trata o homem como cousa inerte". Incomprehensão ou má fé, é isso uma das muitas deturpações a que acima alludimos e em que são useiros e vezeiros os sociologos de sacristia.

Ha livros que, qualquer que seja a materia versada, valem por um auto-retrato. Este *"Précis d'une Sociologie"* é um delles. Procurae ver nelle a sociologia e vereis apenas o sr. Lemarié. O que é peor do que não ver nada.

V. DE MIRANDA REIS.

DE BERLIM

Dois livros de Gilberto Amado

Atacar o inimigo é facil e deleitoso. Elogiar o adversario é trabalho que não apresenta arestas nem espinhos. Tecer, porém, o elogio do amigo, quando este é realmente grande!... As expansões mais sinceras podem assumir ares de exaggero. As restricções mais innocuas podem dar a outrem a falsa impressão de mal dissimulada inveja.

Apoderam-se de mim estes pensamentos graves no momento em que pego da penna para escrever a respeito de Gilberto Amado, que me deu o immenso prazer de enviar-me seus dois ultimos livros: *Espirito do Nosso Tempo* e *A Dansa sobre o Abysmo*.

Destes dois qual o melhor? Prefiro o primeiro, mas a verdade é que é muito difficil dizer qual dos dois é o melhor. E' que Gilberto nunca é egual a si mesmo. E' o homem-renovação, o homem-imprevisto. A sua intelligencia é como os olhos de certos insectos, que reflectem imagens infinitamente mais numerosas do que as facetas do diamante mais finamente lapidado nas officinas encantadas de Amsterdam. Mas Gilberto não é sómente um reflector de imagens em refracções pluri-luminosas e de variado colorido: é tambem uma bella e delicada machina de pensar bem, de pensar idéas fulgidas e preclaras. Não é apenas um scintillante sensacionista: é tambem um pensador — digamos a verdade integral — um pensador extraviado, não se sabe por que malefica pilheria do Destino, em um meio em que a palavra *pensador* devia ser riscada de todos os diccionarios existentes, prohibindo-se tambem a sua impressão em todos os vocabularios futuros.

Nascemos na patria do dictado: *Quem imagina não casa*. O verbo *imaginar* aqui é synonymo de *pensar, pezar, reflectir, ponderar*. De sorte que o acto mais sério da vida de um homem (o mais sério depois do acto de entrar no sacerdocio, ou do de morrer) deve ser praticado sem reflexão! E não é só esse. No Brasil ninguem pensa (no que este verbo contém de mais alevantado e nobre) ninguem pensa antes de ser presidente da Republica, antes de ser juiz, antes de eleger esposa (*quem imagina...*), antes de escolher carreira, antes de fallar, antes de escrever. Ha até quem não pense antes de furtar, embora o furto seja uma das operações mais perigosas, mais delicadas, mais aventurosas da vida. Está claro que não alludo aqui aos pequenos furtos de gallinhas, ou de roupa usada. Refiro-me aos furtos bons, aos furtos grandes, aos furtos que no Brasil ennobrecem, desses que se fazem por meio de collossaes fallencias bancarias, bancarrotas commerciaes, contractos com o publico erario, etc., etc.... Gilberto nasceu com essa doença terrivel e ainda não estudada no Brasil: o mal de pensar bem.

Na *Dansa sobre o Abysmo* leio estudos admiraveis sobre Tavares Bastos, Litteratura Brasileira, Dickens, Anatole France, Os Ultimos Racionalistas — neste se encontram paginas interessantes sobre aquelle insupportavel Paul Souday do *Temps*, secco materialista, pedante, definitivamente liquidado por Maurras e Léon Daudet. Ha ainda neste livro meia duzia de paginas excessivamente generosas para com o fallecido Cardeal Arcoverde. Tambem é pena que neste livro se desperdicem tantas paginas com um panegyrico do finado José Gomes Pinheiro Machado, personagem que não merecia occupar a nobre penna de um artista. Mas aqui Gilberto, que possue e pratica em grau heroico as virtudes da fidelidade aos amigos e da gratidão para com os bemfeitores, vê e falla mais com o coração do que com o senso critico e, afinal de contas, *le cœur a ses raisons...*

Quanto ao *Espirito do Nosso Tempo*, é um dos maiores e melhores livros ultimamente surgidos no Brasil. Si eu fosse examinar por escripto todas as idéas que este livro desperta e accende, teria de escrever outro pelo menos do mesmo tamanho. Antes, porém, de estudar o seu conteúdo intellectual e de idéas, seja-me licito chamar a attenção de todos para o que a prosa gilbertiana tem de musical. No meio della surgem frequentemente versos. Por exemplo, na pagina 63 encontro estes:

....

...e onde o rumor das asas atordôa...

....

é um pallido planeta destacado

....

pobre ramo,
ainda mal vicejante
nas suas frondes novas...

....

A Europa se aprofunda no seu solo
E cresce nelle como uma montanha...

....

Não cito mais para não alongar este pequeno estudo, mas o livro está cheio de versos e dos mais sonoros.

Coisas acertadas diz Gilberto a respeito do banho. Realmente o europeu em geral não é amigo de banhar-se. Talvez seja devido a isso que os negros de certas tribus da Africa têm repugnancia pelas mulheres brancas, as quaes, dizem elles, cheiram a cadaver. Nisto elles não têm razão... Entrar numa sapataria em Londres durante o inverno, quando *gentlemen* e *ladies* experimentam calçado, é arriscar-se a morrer suffocado pela catinga acre, pelo cheiro de leite pôdre da chamada raça aryana. Os portuguezes Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão adoravam e exaltavam o que elles suppunham ser o asseio inglez, mas isso era devido ao facto de serem ambos portuguezes, isto é, nascidos e creados numa terra cuja falta de limpeza até hoje ainda escandalisa o estrangeiro, especialmente o brasileiro, nascido e creado em paiz onde até os negros e as negras tomam banho diariamente. O asseio na Inglaterra ainda é precario. Ha em Londres um grande homeopatha, o Dr. Clark, que num dos seus livros aconselha não tomar banho durante o inverno para evitar grippes! Os allemães são em geral muito mais limpos do que os inglezes. Pois bem, na propria Allemanha, em logares publicos, as damas, durante o inverno, costumam exhalar das profundidades axillares uma inhaca tão penetrante que entontece a nós outros, descendentes de selvagens, com o sangue ainda recente dos habitantes das selvas e por isso mesmo com a pituitaria virgem, feita para distinguir odôres (bons ou maus)

nas vastidões dos descampados amplos, ou no cerrado dos mattagaes brutos. E não fallemos, amigos meus, na Italia nem na França... Mas — não o digo por amor ao paradoxo — parece que a falta de asseio é bom adubo para o genio. Veuillot no seu *Odeurs de Paris*, condemna o asseio. A França e a Italia não primam pelo asseio. Entretanto, que floração de homens geniaes em ambos esses paizes! A Finlandia, cujo povo tem fama de ser asseiadissimo, em materia de arte só produziu até hoje — que eu saiba — um compositor chamado Sibelius. A Hollanda deu ao mundo artistas maravilhosos e tem fama de paiz limpo. Distingamos: na Hollanda lavam-se muito as casas, as vidraças, os moveis, as panellas, os vasos, etc... Mas ouço dizer que o hollandez (homem e mulher) é um tanto reservado quando se trata de lavar o proprio corpo. Parece que têm medo de gastar a pelle... O brasileiro é o contrario: em geral muito limpo de corpo, mas muito sujo de casa.

Paginas cheias de razão, *la raison* dos francezes, aquellas em que elle trata do amor, comparando a França e o Brasil, onde o brasileiro, ao ver uma mulher, "guarda um silencio congesto, tumido de sinistros olhares e profundas concentrações soturnas." Isto é admiravel e me fez — bemdicto Gilberto! — dar uma bôa risada. Num dos meus livros — não me lembra mais si nos *Prós & Contras*, si nas *Pasquinadas Cariocas* — já abordei tambem esse assumpto. O brasileiro perde completamente a linha deante de uma mulher. Esse problema da sexualidade é um dos mais cruciantes do Brasil. Não é só na França que se beija livremente. Tenho visto, em differentes logares da Allemanha, estudantes e meninas beijar-se publicamente em *Lokale, Bierhäuser, Biergärten*, sem que ninguem repare nisso. No Brasil, paiz de mais homens que mulheres, isso é impossivel, porque a femea entre nós ainda é disputada a faca. Não faz muito tempo um gaúcho apunhalou em plena rua do Rio de Janeiro um nortista e, segundo li nos jornaes, allegou em sua defesa: "Esse individuo sorriu para minha prima, que ia commigo!" Num paiz em que um pobre rapaz perde a vida pelo simples facto de ter sorrido á senhora prima de um cidadão armado e truculento, o amor ha de ser sempre uma tragedia. Os jurys deviam ser inexoraveis contra crimes dessa ordem. Devia-se adoptar entre nós o systema inglez, que não admitte o ciume como justificativa de assassinato.

O desequilibrio moral do brasileiro provém de varias causas, sendo as principaes as seguintes: 1ª) syphilis, que entre nós existe até no sub-solo; 2ª) os effeitos do sol, que são na nossa terra enlouquecedores, quando não mortiferos; 3ª) o ruido; 4ª) a questão sexual. Os nossos rapazes pensam excessivamente na femea, porque é difficil obtel-a e possuil-a. O Brasil não é terra de amor. E' terra de odio, pessimismo e sangue.

Nas *Comparações* Gilberto reconhece — Deus o abençôe — que "mentalmente, em vez de semelhança, ha e não póde deixar de haver differença entre portuguezes e brasileiros." Exactissimo. Ha, porém, e deve haver mais do que simples *differença* entre brasileiros e portuguezes: deve haver *divergencia* e, em certos pontos, hostilidade. Fallamos nós como os portuguezes? Dizemos nós *çuvôla* e *bacca* em vez de *cebôla* e *vacca*? O norte-americano julga-se offendido quando lhe dizem que elle falla inglez. *Do speak american!* — é uma interjectiva que se ouve commummente nos Estados Unidos. Na Allemanha já se encontram manuaes de *Englisch-Amerikanisch* e tambem — ó delicia! — de *Portugiesisch-Brasilianisch*. De sorte que para os philologos allemães já existe uma *lingua brasileira*. Separarnos o mais que pudermos de Portugal, evitar qualquer contacto com a mentalidade portugueza é obra de patriotismo. Julgo bem difficil ser bom brasileiro sendo amigo de Portugal. O que devemos ser é apenas *brasileiros* com todos os nossos defeitos e tambem as nossas bôas qualidades... que as temos, graças a Deus e sem falsa modestia.

Eu não concordo com tudo quanto está nestes livros, como, por exemplo, quando, ao tratar da civilização brasileira, Gilberto credita a nossa brasilidade á capacidade creadora da Republica. Sem ser monarchista (qualidade esta que gratuitamente Agrippino Grieco me attribúe no seu ultimo e brilhante livro, *Evolução da Prosa*), acho que a Republica, em vez de crear Brasil, tem dissolvido a patria brasileira com o seu antipatriotico e estupido federalismo, assim como tambem a sua submissão bovina ao estrangeiro, isto sem fallar na corrupção dos nossos costumes politicos e sociaes, que o Imperio desconhecia. Em todo o caso, como já tive o prazer de affirmar linhas atraz, esses dois livros são trabalhos capitaes que todos devem ler.

ANTONIO TORRES.

José Pérez — **Questão judaica, questão social** — Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes" — São Paulo, 1933.

O autor deste livro é contra os "pogroms" e outras perseguições aos semitas. Ataca, sem euphemismos e sem précauções oratorias, as attitudes de Hitler e Mussolini, especialmente as do primeiro, e defende os que tanto tempo ficaram circumscriptos aos "ghettos" infamantes, embora dessem ao mundo personalidades destinadas a reinar longamente nos cerebros e nas almas: Spinoza, Mendelssohn, Heine, Disraeli, Zangwill, Carlitos, Einstein e, ao menos pelo lado materno, Marcel Proust.

Receia o sr. José Pérez que o anti-semitismo venha a alastrar-se entre nós e demora-se em objecções que os interessados no assumpto não podem deixar de ler attentamente. Conhecendo bem a historia do povo hebreu, conhece egualmente bem a psychologia dos povos que o repellem e acaba asseverando que o judeu não será jamais assimilado pela violencia e, sim, pela "humanização total".

Admar Cruz — **Verdades e bastidores** — Editorial Alba Limitada — Rio, 1933.

Ensaio critico-historico sobre a revolução de São Paulo. O autor é primeiro-tenente do Exercito e desde 1927 que se vem batendo, com os srs. Mattos Pimenta e Mario de Britto, em favor dos problemas de educação e outros affins. Allude com emoção ao nome de Ferdinando Laboriau, de quem foi companheiro, reverenciando-lhe os ideaes de democrata authentico. Homem lido e á altura de comprehender o que lê, o sr. Admar Cruz patenteia as melhores tendencias de sociologo, escrevendo com a clareza indispensavel aos que se propõem a agitar idéas deante do grosso publico.

Julia Lopes de Almeida — **Correio da roça** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

E' a sexta edição de uma obra que evidencia não ser a vida do interior uma provação ou um degredo quando ha um pouco de intelligencia a adoçal-a e aformoseal-a. A fórma epistolar, habilmente escolhida pela autora, é das mais suggestivas, tirando qualquer pedantismo ás nobres lições de moral que o livro vae mobilizando com uma discrição e uma delicadeza encantadoras. Romancista habituada a evocar ambientes citadinos ou rusticos e, além do mais, adestrada por um longo exercicio na imprensa carioca, a sra. Julia Lopes de Almeida jámais entedia os milhares de leitores affeitos a admiral-a de longa data.

Em viagem para Cythéra

Ha uma arte de viajar. Viajar, em certas condições, é já por si, uma arte complexa. Tenho conhecido grandes artistas ignorados que nada mais são, e nada mais querem ser, do que simples e admiraveis esthetas das grandes viagens. Nada lhes falta de tudo aquillo que define a alegria, o gozo puramente exthético. Não é o livro, não é o quadro, não é a esculptura, não é a symphonia: é a terra, sempre generosa, desdobrada em volupia, doadora de até e n t ã o desconhecidas recompensas...

Sim, tenho conhecido grandes artistas ignorados dessa arte complexa, que é uma vocação e, como todas as artes, raras vezes se aprende e só se aperfeiçôa. Passam a meu lodo e deixam-me invejoso. São mesmo as unicas creaturas que me tornam invejoso... Se me tivessem dado a escolher a profissão desejada e definitiva, eu teria escolhido sem receio de me enganar: cidadão de Paris — ou eterno viajante. Porque Paris é a unica cidade que nos compensa da ignorancia do mundo. Paris é o mundo.

Lendo, agora, as *Cartas a Columbano*, de Teixeira Gomes — escriptor de estranha sensibilidade, personagem curiosa e paradoxal que chegou a Presidente da Republica Portugueza ignorado de muitos, como artista, e é hoje um dos mais suggestivos prosadores do seu paiz e da nossa lingua ignorada, de quasi todos, como Presidente — lendo agora Teixeira-Gomes occorreu-me definir, em poucas linhas, para o nosso publico que, sem duvida, o desconhece, o viço da sua individualidade litteraria e a esthetica dos seus processos de viajante.

Antes de mais nada Teixeira-Gomes é escriptor porque é viajante. Não tivesse viajado e, supponho, não teria escripto. Desde *Inventario de Junho*, seu primeiro livro, até as recentes *Cartas a Columbano*, exceptuada uma comedia, *Sabina Freire*, tudo são viagens ou, pelo menos, tudo se inspira em viagens. Sae de casa, ou do hotel, para ir ao canto — e vae a Colonia. Põe o chapéo para dobrar a esquina — e apparece em Londres. Resolve estabelecer-se noutra cidade, entre outra gente — e, quando suppomos entrontral-o no *boulevard*, é em Tunis ou Argel que o encontramos. Elegante, vivendo sem dependencias e sem planos, é bem o "homem-livre", de Barrès, apenas muito mais velho, depois de ter passado, evidentemente, por todas as edadés affirmativas da personagem de Barrès...

Sendo assim objectivo, vivendo de todos os caprichos e todas as seducções do mundo exterior, sua esthetica de viajante é, afinal, bastante subjectiva e denuncia processos de tal maneira pessoaes que, ainda nisso, é o artista que nos interessa. O mundo, num cinegrama agitado e colorido, baila-lhe nos olhos, como um fumambulo num arame flexivel, immensamente flexivel. Egoista, de um egoismo neroniano e secco, sua insensibilidade a toda manifestação affectiva é mais do que a estructura de um temperamento: é um systema litterario. E não se supponha que, como systema, esteja em desaccôrdo maior ou menor com a psychologia humana de quem o exercita. Para analysar o percurso e a trama de um movimento, elle assistiria ao supplicio do maior amigo — e ordenaria, depois, o exterminio da humanidade... Tudo isso friamente, lentamente, através de uma esmeralda, como Nero, e de uma galeria do Colyseu...

Mas que colorido, nervoso e claro estylo o de Teixeira Gomes! E, quasi sempre, nesse estylo, que finas idéas! Sente-se-lhe o confessado odio á publicidade — e isso explicará os seis pequenos volumes e setenta e dois annos feitos e refeitos, passados e repassados, dizem bem de quem os escreveu e viveu e esclarecem, logo de inicio, que para esse temperamento irrequieto e misanthropo — de uma elegante misanthropia, é certo, — a grande questão, o grande thema, o grande assumpto — é viver...

Lá está, no norte africano, explorando cidades, aldeias e hoteis, atravessando, de tempos a tempos, a luz fremente do Mediterraneo, em busca de Paris, dos museus e jardins italianos, sempre só, como quer, para a alegria de se fazer acompanhar por quem quizer...

Promette dois livros, que talvez não estejam escriptos, e entretanto, fará muita coisa que não promette e ignoramos. Seu passaporte attestará que nasceu em Sybaris e, apesar de velho, com todos os riscos da travessia, viaja sempre para Cythéra...

JAYME CARDOSO.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Na certeza de que vimos envidando esforços para realizar o programma de cultura que é o u n i c o escopo do "Boletim de Ariel", esperamos continuar a merecer o apoio daquelles que nos têm prestigiado até esta data e cujas assignaturas terminaram com a publicação do ultimo numero.

Outrosim, conforme já fizeramos o anno passado, a este numero está annexado um indice remissivo, de autores e materias contidas na collecção annual do "Boletim" e que muito facilitará a sua consulta, no caso em que alguem pense conserval-a ou queira transformal-a em volume.

Procurando corresponder á gentileza dos nossos assignantes, continuamos a fazer-lhes uma reducção de 20 % sobre as edições "Ariel", que sejam adquiridas directamente em nosso escriptorio, e de 10 % sobre as que nos forem encommendadas do interior, ficando a nosso cargo as despesas do respectivo porte.

Gomes Netto — **A vida eterna** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

O sr. Gomes Netto é dos que se consagram com ardor e enthusiasmo á carreira sempre insegura do jornalismo. Este seu livro, dedicado ao contista Martins Capistrano, mostra, no autor, o desejo de passar das producções ephemeras dos periodicos a escriptos que possam offerecer outra resistencia aos dentes e ás unhas vorazes do tempo. Entre o romantismo e o realismo, o prosador mantem certa indeterminação geographica quanto aos sitios em que decorrem as suas narrações e isto não será uma attracção a menos para os leitores inimigos das localizações precisas que só fazem diminuir as personagens, especialmente quando se prendem a bairros e gentes burguezas. Deve ser ainda muito joven o escriptor d'*A vida eterna*. Se o fôr, curando-se de certos cacoêtes mentaes inevitaveis nos estreantes, não tardará a encontrar o seu caminho, tanto mais quanto são indiscutiveis, nelle, os dons de fluencia narrativa, exercitados talvez no treino diuturno da vida de imprensa.

DOIS ROMANCISTAS

Jorge Amado e Amando Fontes

O romance do sr. Amando Fontes — *Os Corumbas* — não veiu só com muito boas raizes e com uma construcção que me parece ainda de melhor qualidade. Veiu com grande opportunidade, num momento em que deixa de ser um simples romance para assumir as proporções de uma bandeira... Louval-o só por isso é sem duvida diminuil-o, mas louval-o acima de tudo por isso parece-me perfeitamente justo.

Pois de outro modo não se situa o seu romance em face dos ataques litterarios que contra a burguezia dirigiram ultimamente dois romancistas, um de grande talento — o sr. Jorge Amado — outro bem menos dotado, mas ás vezes com certo espirito — o sr. Oswald de Andrade — ambos usando da mesma forma litteraria: o romance, ou alguma coisa que com elle se confunde.

Na verdade, a burguezia não teve sorte com nenhum dos tres. Mas, emquanto o sr. Amando Fontes, numa grande fidelidade á sua funcção de romancista, apresenta apenas o que viu, o que lhe parece ser a vida proletaria em Aracajú, sem nada forçar em beneficio do seu credo pessoal, os outros dois, esquecidos do papel que devem desempenhar, põem os seus romances ao serviço de uma corrente social, para denunciar com o sr. Jorge Amado, para destruir e borrar de preto com o sr. Oswald de Andrade.

Bem entre parenthesis aqui, quero crer que ha uma razão pela qual se deve lastimar que a revolução proletaria não tenha ido avante entre nós: é que alguns burguezes de talento, revolucionarios da penna, estão se vingando do fracasso revolucionario com a destruição litteraria da burguezia. Em romances e em poemas, em peças e artigos de jornal, sujando-a de todos os modos possiveis e com todas as riquezas da linguagem de collegio e de engraxate, esses escriptores não se envergonham mais de usar e abusar de todas as chapas do mais vulgar "pathos" dos boletins de propaganda communista: o filho do capitalista infelicitando a pequena operaria indefesa, o filho do fazendeiro infelicitando a innocente filha do colono, e isso uma, dez, cem vezes...

Errado tudo isso, sem a menor duvida. Tão errado como amanhã estarão errados os romances de "propaganda" fascista. Tão absurdo como absurdos são todos os romances "catholicos" em que os chefes de familia sem religião são systematicamente deshonestos e máus paes... Incomprehensão das responsabilidades do romancista, traição mesmo. Acima de tudo, erro — erro em que creio inutil insistir aqui tão evidente me parece.

E se no caso do autor de *Serafim Ponte Grande* nenhuma dessas collocações tem importancia, o mesmo não acontece quando se chega ao sr. Jorge Amado, cujo talento não póde ser perdido assim, cujos compromissos anteriores não podem se esvair desse modo.

Refiro-me a compromissos anteriores porque em varias occasiões — romances e artigos — o sr. Jorge Amado fez questão de manter uma posição cuja honestidade sempre me agradou muito — pois elle era o communista que acreditava, como eu acredito, que houvesse bons "de um lado e de outro da barricada", pois elle era o romancista que, para melhor se approximar da reconstituição da vida, mostrava a boa fé, a honestidade, o desejo de melhorar, de solucionar as crises sociaes, tanto em uns como em outros, tanto nos de esquerda como nos de direita. Apenas, para elle, uns estavam certo e outros errado, e naturalmente o dizia ou deixava perceber, e era leal que o dissesse — ainda que não fosse de muito bom gosto litterario...

Agora, o que significa esse *Cacau* que o autor parece duvidar que seja um "romance proletario", esse *Cacau* onde todos os "de cima", os ricos, são maus e onde todos os "de baixo", os pobres, são bons, esse *Cacau* que préga a revolta, a revolta de todos os "explorados", de todas as "victimas", inclusive aquellas que o lyrismo-dezoito annos do autor congrega em torno da "rua da lama"? O que significa *Cacau* para o autor desse *Paiz do Carnaval* que nos fica sempre na memoria apesar de todas as suas pequenas falhas, e que não cede o seu grande lugar nem mesmo agora que o sr. Jorge Amado nos apparece com um vigor de expressão tão maior, com tão mais "talento" na exacta comprehensão da palavra?...

*

Não me resta a menor duvida: o quadro que o sr. Amando Fontes nos deixa pintado no seu romance não é mais favoravel á burguezia do que o do sr. Jorge Amado. Em nada mesmo. Mas estamos aqui deante do romancista desinteressado — que viu e que conta o que viu — do romancista incapaz de "torcer" o menor acontecimento para fazel-o falar pró ou contra o partido ou a corrente a que pertence.

Não sei se o sr. Amando Fontes é superior como romancista ao sr. Jorge Amado. E' muito cedo para affirmar qualquer coisa nesse sentido. Mas por emquanto uma coisa já é evidente: *Os Corumbas* é muito superior a *Cacau*. *Os Corumbas* tem mesmo, como romance, uma importancia muito pouco commum.

Pois, além de não ser um romance tendencioso, é realmente um romance, pela sua construcção e pelo seu desenvolvimento, pela sua "extensão" e pela sua "consistencia", pela materia que apresenta. No Brasil dos romances-novellas, dos romances-recordações, dos romances-documentarios, de todas essas tentativas falhadas de obtenção da fórma "romance", o livro do sr. Amando Fontes conseguiu (não importando as falhas do detalhe) ser verdadeiramente um romance, um romance conseguido, acabado, "feito". Discuta-se depois o grão a que attingiu, mas parta-se dessa base: conseguiu, fez aquillo que, com o indispensavel acompanhamento de uma determinada quantidade de talento, é coisa tão rara entre nós...

Vou além mesmo dessa collocação relativa para louvar o grande movimento que o romance tem — esse grande sôpro que atravessa o livro todo e que lhe dá uma atmosphéra de grande painel — esse desenvolvimento seguro que produz uma impressão de extensão e de construcção simultaneas que faz, inequivocamente, com que se entre na região da grandeza...

Muita coisa choca no decorrer do livro — o estylo, ás vezes carregado de falsos adornos, certos logares-communs sentimentaes a que o autor não soube se re-

SANTA ROSA JUNIOR

Nos seus desenhos e nas suas pinturas Santa Rosa encontrou em verdade uma solução plastica para a sua poesia. Os calungas maravilhosos de vida e côr com que elle tem illustrado o frontespicio de alguns livros modernos e as paginas de jornaes e revistas cariocas demonstram nesse parahybano de extraordinario talento mais que uma expressão de agudo faro interpretativo — revelam um poeta que conserva sempre a sua sensibilidade de promptidão para qualquer tarefa. Temperamento de uma tropical exuberancia de imaginação, capaz de illustrar com harmonia um poema *surréaliste* de Raul Bopp, Santa Rosa foi a exquisita victoria de um humilde no meio grande. Numa época em que ainda se acreditava na existencia e no problematico talento de um Corrêa Dias e de um J. Carlos, Santa Rosa ancorou no Rio e venceu, pôz em ordem do dia a sua personalidade inquieta e tão cheia do appetite da acção.

Não sei de mais expressivas illustrações de livro que as que Santa Rosa realizou para o ultimo volume de Jorge Amado — o *Cacáu*. Uns desenhos, estes, que dão ao admiravel ensaio de romance proletario do meu jovem amigo uma impressionante decoração a branco e preto. Onde muita vez sentimos a ausencia de certos sôpros de lyrismo necessarios á intensidade e á realidade de côres da dramatica paizagem humana da fazenda de cacáu, é que então percebemos a força da collaboração artistica de Santa Rosa: no lyrico descriptivo de seus desenhos achamos a suggestiva dialectica da poesia, que tem mais poder de commoção, junto aos leitores, do que mesmo certas manobras estrategicas do romancista revolucionario. A vehemencia da revolta, a eloquencia de pamphleto que sentimos incisiva, de vez em quando, não nos impressiona mais que a doce linguagem dos traços de Santa Rosa. E já não posso mesmo comprehender o Cacáu sem a sua notavel decoração interna; sem aquelle retrato de familia, da gente de Mané Flagello, sem aquellas gravuras sobre a rua da Lama, sem aquella criação arbitraria de correspondencia, sem as mulatas já habituês dos desenhos de Santa Rosa — bôas mulatas de beiços grossos, de sexos se esbugalhando em appetite do peccado —, creio que o *Cacáu* falaria uma lingua ainda meio barbara para o nosso mundo de pequenos-burguezes. Dessa lingua aspera é que taes desenhos foram, a cada pagina, uma traducção parcial maravilhosa.

*

Lendo um dia desses um volume de poemas de Henri-Philippe Livet (*Chants du Prisme*, R.-A. Corrêa, Paris, 1933) encontrei no prefacio de André Fontainas o conceito, não muito novo mas opportuno, de que hoje ser poeta é candidatar-se a um orgulhoso anonymato: é uma como renuncia á publicidade a publicação actualmente de um caderno de poesia. Mas Fontainas se refere ahi apenas aos poetas que localizam nos versos o seu lyrismo.

Não é este, assim, o caso de Santa Rosa, em quem a poesia possue as mais differentes e plasticas maneiras de se apresentar em publico. Tudo, nesse joven parahybano, representa uma reacção lyrica sobre a sua "atmosphera": as suas telas, os seus calungas, os seus raros versos, suas cartas de amigo, sua propria vida. Para viver como Santa Rosa, com o seu humor permanente em presença de um mundo tão velho, com o seu impertinente *sans façon*, viver tão *au dessus de la vie*, evadindo-se um dia do norte para lutar sózinho na cidade grande, abandonando uma vez de repente um emprego do Banco do Brasil, tão displicente nisso tudo, é preciso realmente possuir sobre o reino da razão um quasi absoluto dominio da sensibilidade; é preciso chegar-se a um candido e meio infantil senso da realidade, que é o prisma do mundo aos olhos do poeta.

Ainda tenho commigo alguns numeros especiaes de exercicios poeticos em versos deixados em Maceió por Santa Rosa, no tempo em que o Banco do Brasil impunha ao grande lyrico a disciplina de oito horas diarias de luta contra os numeros, um livro de ponto a assignar e uma constante e monótona convivencia com homens de negocios. Os seus poemas eram uma evasão ao tragico conflicto travado quotidiana e soturnamente entre a sua sensibilidade extranhamente sentimental e a unanime incomprehensão do ambiente. A poesia chegava pelos versos, então, para Santa Rosa, nos seus mais fluidos e admiraveis momentos de lyrismo:

ADAGIO

O silencio total que fluctúa na sala
saiu da bocca
do homem deitado
morto.

RUBAYAT

Lá fóra, a noite
se desenvolve como um rio.

Vem.
As horas escorrem fugitivas
e o amor espera a tua presença
para cumprir-se.

As rosas oscillam.
O vento é tão manso.
Vem.

Emquanto, lá fóra
a noite se desenvolve como um rio,
dá-me em tua bocca
o sabor de todas as alegrias do mundo.

Valdemar Cavalcanti.

---

cusar, como não soube tambem se furtar, sente-se, á simples reproducção do "vivido" para tentar se elevar ás alturas do "creado", — etc. Mas quando se fecha o livro e se sente o caminho percorrido e o impulso que nos levou livro afóra, da primeira á ultima pagina, a força com que ficou a aventura que atirou do campo para a cidade e depois da cidade para o campo o casal Corumbas, quando se percebe que o "organismo" ficou de pé e está vivo na nossa lembrança e que não foi apenas "litteratura" mas "romance" o que se leu, então se esquece tudo mais e se reconhece simplesmente que se está deante de um romance de verdade — essa *avis rara* do Brasil — onde os romancistas de talento escrevem documentarios "romançados" sobre os soffrimentos dos plantadores de cacau, sem coragem de "construir" o romance que apenas ficou esboçado...

Octavio de Faria.

MISCELLANEA

Emil Ludwig — Chercheur d'Or — Editions du Siècle, Paris.

Nunca ouviramos falar deste livro, esmagado talvez pelo retumbante successo de outras biographias devidas ao mesmo autor: Napoleão, Bismarck... Entretanto, que de cousas inesperadas, quantos lances inolvidaveis na longa e fecunda existencia deste allemão prodigioso que se chamou Heinrich Schliemann! A' bossa do commercio, ao faro inerivel para os negocios de polpa e as especulações rendosas, elle alliava o mais alto e puro idealismo e, depois de ter sido um formidavel *brasseur d'affaires* e ter accumulado uma enorme fortuna, já no fim da vida, tudo abandonou para, de Homero em punho, aquelle mesmo Homero que o fizera sonhar na adolescencia, ir revolver a planicie troyana e mergulhar fundo na Aeropole de Mycenas para trazer á luz da realidade o thesouro mythico de Priamo e a riqueza lendaria dos Atridas. Ouro, sempre ouro... Mas o ouro que lhe viera ter ás mãos batido em moeda, não embotara o seu tacto para sentir a mascara de Agamemnon e acariciar entre os dedos, numa exultação de todo o seu sêr, aquelles recamos e adereços que talvez houvessem palpitado sobre o corpo de Helena.

Jules Supervielle — Boire à la Source — Editions R.-A. Corrêa — Paris.

Como Laforgue e Lautréamont, Jules Supervielle, nascido no Uruguay, fez da França o seu *habitat* espiritual. Nos seus livros, entretanto, sejam de prosa ou de poesia, ha sempre fortes amarras que o prendem ao rincão natal e não raro *"le petit trot des gauchos"* ou *"la pampa etendue"* repontam saborosamente entre o francez mais puro. Em *Boire à la source*, que traz por sub-titulo *Confidences de la memoire et du paysage*, esta saudade ainda está mais presente, pois que bôa parte do volume é dedicada ao Uruguay da sua meninice, uma meninice de estancia, entre o gado nedio e os umbús sombreiros. E são estas, talvez, as paginas mais bellas do livro, escriptas com fina sensibilidade e impregnadas de uma grande poesia. Bebe-se mesmo numa fonte das mais puras: o amor á casa paterna, os serões em familia, entretidos por um ingenuo joguinho de cartas, o primeiro contacto com os compendios de arithmetica e geographia, a lembrança do velho professor de francez, a galopada dos gauchos estrada afóra, o grito do quero-quero, a carneirada pastando... Tudo isso lhe brota da penna com a maior ternura d'alma e chega a nos emocionar. Mas este livro tem ainda um outro interesse para nós. Ha nelle algumas impressões de uma rapida visita a Minas, onde Supervielle, numa das suas muitas vindas á America do Sul, quiz ir conhecer os trabalhos do Aleijadinho, antes de se aventurar a uma penosa viagem até as cataractas do Iguassú.

H. de Montherlant — Mors et Vita — Grasset, Paris.

Neste livro está todo o Montherlant, o Montherlant lyrico, impetuoso, desabusado, por vezes com um forte accento nietzscheano, que já nos habituaramos a admirar nas *Fontaines du Désir*, e que é sem duvida uma das figuras mais originaes da litteratura franceza de após-guerra. Ainda aqui vamos encontral-o num genero em que é mestre: o ensaio. Além desse admiravel, mas já conhecido, *Chant funèbre pour les morts de Verdun*, ha no volume muitas paginas ineditas ou apenas divulgadas em jornaes e revistas, como aquellas que têm por titulo *Un petit Juif à la guerre* e, se não nos enganamos, appareceram em primeira mão nas *Nouvelles Litteraires*. Mas nada perdem a uma segunda leitura. *Explicit Mysterium* e *Courage et peur* ou sejam meditações sobre a morte e altos debates sobre a bravura physica, ambos com conceitos e pensamentos que por vezes se nos gravam fortemente na memoria, são outros tantos trabalhos que concorrem para o brilho e unidade deste volume.

Georges Roux — La Leçon de César — Librairie Stock, Paris.

Sendo antes um escriptor politico do que um historiographo, o sr. Georges Roux não se perde no detalhe e na confrontação de datas. Dahi a densidade destas duzentas e poucas paginas em que se recorta nitidamente um claro e admiravel perfil de Julio Cesar. E' mesmo uma lição a ser meditada por quantos, na turvação da hora presente, busquem uma clareira por onde conduzir os seus commandados. E oxalá que esses mesmos tivessem todos os vicios do grande general desde que possuissem tambem uma pinta daquellas excelsas virtudes que fizeram do fundador do Imperio Romano um verdadeiro sêr de excepção. E quantos trechos a reter neste livrinho! Ahi está um: "O passado não se repete, porque todas as suas condições não podem ser reconstituidas. Mas produzindo as mesmas causas os mesmos effeitos, o programma cesariano é simplesmente o programma necessario a todas as dictaduras que não querem ser apenas uma aventura e desejam fundar um futuro. Aquellas que se mantiveram e construiram são o que nós chamaremos de "dictaduras da esquerda". Toda dictadura deve ser popular, ou então não existe." Ou esta transcripção de Polybio: "Em todas as revoluções a unica cousa que conta é o deslocamento da propriedade; dahi a necessidade de recomeçar frequentemente as revoluções."

Não estará nestas duas asserções o motivo por que tão pouco poude fazer até hoje o regimen iniciado entre nós em 1930?

GASTÃO CRULS.

CANÇÃO DO HOMEM DA VIDA

Não quero nascer de novo
Basta o calor deste beijo
que está me ardendo na bocca
e o sonho um sonho redondo
onde a roda anda e desanda
sem deixar signaes na areia
Basta o ecran retrospectivo
bailado de sombras frias
vae-e-vem que não se cansa
Basta a lampada invisivel
tremor de estrella perdida
na agua morta da sargeta
Luar nas gares desertas
Mastros no cáes pendulando
Aquario dos astros quietos
Rosa da noite sem nuvens
Caminhos que se fecharam
Cansaço de andar em todos

Basta o fervor do minuto
Não quero nascer de novo

THEODEMIRO TOSTES.

"São Francisco de Assis e a Poesia Christã"

Nos livros do sr. Agrippino Grieco acontece como no theatro: ha sempre uma satyra que nos attinge. A sua critica não é somente litteraria, somente impressionista, é profundamente psychologica. Tão psychologica que ninguem entre nós, como elle, caracterizou os limites sempre em litigio do sublime e do ridiculo, dois latifundios convizinhos onde elle é latifundiario despotico, especie de bandeirante odiado com procuração da historia. Reformador artistico dos processos nacionaes de analyse, a sua mechanica eliminou os longos bordejos dos ensaistas de velame complicado, dos ensaistas que para atirarem cabos ao assumpto ficam contornando a barra e que, afinal, chegados, ainda produzem sensações de balanço. Critico por indole, critico por temperamento, collocou helices novas na phrase, revolvendo a vasa de muita gloria parada, assanhando o fundo de certas lagôas litterarias com superficie de esmalte.

E que agil patinador, que patinador veloz do humor para quem todas as curvas, todos os zig-zags, são suaves! Sabendo que uma facecia mesmo na trincheira vale por um pão, intermitte as suas paginas de factos chistosos, de episodios burlescos, servindo-os sem perda de sequencia, naturalmente, como se fossem os gelados de sua fartura, os frios que a sua criadagem traz.

Como effigiador ninguem se lhe assemelha no realismo conciso, na forma nervosa de surprehender e seguir, assim com uns ares malignos de quem anda de espelho na mão e manda olhar depressa a cara do diabo. Dahi, necessariamente, o desagrado de todos os que se vêem de surpreza e não têm tempo para se familiarizar com a propria verruga. Um desagrado que devia ser delle, que talvez seja delle, ao lembrar-se com um antecipado despeito posthumo de si proprio se nós outros saberemos revivel-o, se nós saberiamos satisfazel-o.

Mas fiquem tranquillos os senhores que param nas vitrinas mais para se crerem dentro dellas. *São Francisco de Assis e a Poesia Christã* é um livro de acustica sonóra e resonancias santas, percutindo. Ha no seu estylo um segredo de repetir impulsionando, o segredo de deflagrar o periodo em meio do caminho para attingir as estrellas e entrevistar os Dantes e os de Assis. (Os Dantes? Os de Assis? Que semcerimonia da emulação! Dante é o unico poeta que atrapalha este conceito: a poesia é o refugio dos que falharam na prosa. E para que magoar a Deus equiparando o santo de Assis?) De qualquer fórma, porém, o sr. Agrippino goza saúde nesses climas, resiste a esses climas mutaveis, vestindo a estamenha de São Francisco ou bebendo com Baudelaire em reservados esconsos do Paris a gaz. Fala de Deus e dos Santos sem dalmaticas reluzentes de theologo livresco. Fala caiando capellas onde o santo estimaria morar. Quem o lê não fica em difficuldades biblicas para entender o mundo. Reflecte poeticamente, symbolicamente: a existencia de Deus é uma medicina do instincto, como a de certas hervas para os animaes doentes.

Mas nos subterraneos de Dante a sua temperatura sóbe. Sóbe porém beneficamente, aquecedoramente, sem que se possa insinuar que elle é dos que pretendendo espiar Dante e Beatriz acabam se queimando nas labaredas do inferno; sem que se possa dizer a seu respeito que os criticos ainda são as melhores achas das caldeiras de Dante...

E não serei eu, por minha vez, que vá extraviar-me tentando seguir, através da poesia christã, esse homem inquieto e veloz, que tudo lê, que tudo decifra, que tudo controla, podendo muito bem ser chamado o contra-espião da litteratura nacional.

ALDO MORAES.

CASA FLORA

Matriz: OUVIDOR, 61 — Tel. 4-1281

Filial: GONÇALVES DIAS, 67 — Tel. 2-0486

Trabalhos modernos em flores para todos os fins. — Importação directa de sementes de flores e hortaliças. — Installação, formação e reforma de Jardins e Parques.

ADEUS A' TERRA NATAL
(Byron)

Adeus... Pois seja adeus, terra natal!
Já tua praia no horizonte expira;
O vento geme; a viração suspira;
Solta a gaivota no ar a voz fatal.

Este formoso sol, que doira a messe,
Nos traça a róta com os fulgores seus;
Seu carro sob o mar desapparece...
Minha terra natal, adeus! adeus!

Amanhã eu verei seu raio eterno
Outra aurora, aos meus olhos accender;
Mas, ai! em vez de meu torrão paterno,
Outros céus, outros mares hei de ver.
O meu salão vejo deserto e escuro;
A dôr vem á lareira se assentar;
A hera se alastra sobre o velho muro;
Uivam meus cães postados no limiar.

Eis-me sózinho e afoito contemplando
Do torvo oceano a vastidão sem fim.
Homens, que importa que estejaes penando
Si dentre vós nenhum tem dó de mim?

....

Singra, barco veloz, a toda vela
Rompe das ondas o azulado véu;
Aonde quer que me leve minha estrella,
Bello é todo paiz, não sendo o meu.

Salve, oh, mar! Quando ao fim desta viagem
Eu não contemple mais os pegos teus,
Buscarei o deserto mais selvagem...
Minha terra natal, adeus! adeus!

ANTONIO SALLES.

Uma prophecia de Castro Alves

Bem mereceu Castro Alves o renome de *poeta dos escravos* com que o sagraram para a gloria quantos se detiveram deante da sua personalidade litteraria. Não destôam nesta qualificação os maximos apreciadores da sua vida e da sua obra: Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Sylvio Romero, José Verissimo, Mello Moraes Filho, Mucio Teixeira, Tito Livio de Castro, Euclydes da Cunha, Xavier Marques, Afranio Peixoto e Agrippino Grieco.

Todos, sem discrepancia, accentuaram a inspiração abolicionista como a mais caracteristica da sua lyra, e, de facto, é esta inspiração que o mantém na ingrata memoria dos tempos. Sabe-se, atravez das *Espumas Fluctuantes*, que na sua lyra vibrou, tambem, a corda do amor e que a musa patriotica, excitada pela campanha do Paraguay, por vezes lhe dictou canticos guerreiros. Mas tudo isto passou com os estimulos da occasião. Perderam-se, desde muito, no tempo e no espaço, os écos dos amores e dos impetos patrioticos que despertaram aquellas manifestações da poesia condoreira. O que ficou foi tudo que significa a reacção do seu estro maravilhoso contra a abominação do captiveiro. E porque ficou?

Porque, confessando-se prematuramente abolicionista naquella época, quando a escravidão dominava a maioria das consciencias, rompendo bravamente com os interesses do maior numero, expondo-se a toda sorte de prevenções e de prejuizos, realizava o poeta bahiano um pacto com o futuro. E o futuro não lhe faltou com a perenne consagração, que é o maior premio de todos os pioneiros de ideaes verdadeiramente humanos.. Elle o foi, sem nenhuma duvida, no que respeita o ideal supremo — o ideal da liberdade.

Que fez Castro Alves? — perguntou Tito Livio de Castro, tão cedo desapparecido dentre nós. E respondeu: "Seu ideal foi bem definido. Antes da sciencia, antes do amor, antes da patria — a liberdade. Não occupou este ideal uma phase momentanea do seu espirito; foi a synthese de todos os seus desejos, o sustentaculo dos seus escriptos".

Quão forte tinha de ser a resistencia do poeta á acção do seu meio! Notou-o Afranio Peixoto, transmittindo a impressão de um coetaneo de Castro Alves: — "A causa dos escravos era tão nova e tão desinteressante para a propria geração dos moços, que fazia espanto e pena consagrasse elle o seu talento e a sua juventude a um apostolado sem sympahia na multidão, nem favor nas classes dirigentes". Assim era, effectivamente.

Meditae sobre a época em que Castro Alves poetou pelos escravos e contra o regimen que os victimava. Transportae-vos ao tempo em que elle iniciou a propaganda poetica contra a Escravidão, prégando a imperiosidade da sua extincção radical.

Foi em 1865, ou, segundo outra versão, *em 1863*, quando nem terminara realmente o trafico (*embora duas leis o tivessem prohibido, com severas penas*); quando nem se decretára a libertação do ventre; quando ainda se effectuavam publicamente, no Vallongo, os leilões em os quaes a coisa a vender eram creaturas humanas de todas as idades, expostas semi-núas á licitação dos compradores; quando a lei — notae bem — a lei permittia a separação da *cria* e da mãe captiva, para que esta, vendida ou alugada, fosse dar ao filho extranho o que ficava faltando ao seu proprio filho — o leite dos seus seios; quando a justiça — notae, de novo — sanccionava o aluguel de jovens escravas para o exercicio notorio da prostituição, declarando os tribunaes que isto era consequencia logica do direito de propriedade sobre as mesmas escravas; quando a consciencia collectiva não se revoltava com a condição juridica dos escravos, considerados semoventes, animaes, e inventariados no mesmo ról em que figuravam os bois, os cavallos e os porcos; quando a lei repressiva instituia os açoites, *sem limitação*, como pena sómente applicavel aos crimes commettidos por escravos; quando vigorava a pratica de marcar a ferro quente, a alimária humana que povoava as fazendas e os engenhos; quando o prestigio politico e a influencia social derivavam, quasi sempre, do eito e da senzala, correspondendo, na sua grandeza, á maior ou menor quantidade de escravos possuidos; quando, finalmente, todos os detentores do poder temporal e todos os detentores do poder espiritual, desde o Imperador até os juizes e as autoridades policiaes, desde os bispos e as congregações religiosas até os parochos de aldeias, *eram senhores de escravos*...

Pois bem, foi naquelle tempo, foi naquelle meio, foi naquella ambiencia, que Castro Alves ergueu a sua voz de protesto, proclamando a hediondez da instituição escravagista. E (já o sublinhámos) não protestou uma vez, de relance, de passagem. Protestou insistentemente, com a pertinacia de um apostolo.

Começou a sua bemdita e immorredoura cruzada, na Capital pernambucana, com a *Canção do Africano*, publicada, em 1863, no 1º numero do periodico academico *A Primavera*. Proseguiu com a mesma inspiração, que definitivamente se crystalisou, menos de tres annos depois, no principio de execução do poema *Os Escravos*, pela CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO. Fundou, tambem, no mesmo anno de 1866, uma sociedade abolicionista, ainda no Recife. No anno seguinte, fazendo representar o drama *Gonzaga*, nelle continuou a se preoccupar com os escravos.

Em 1868 está em São Paulo, onde provavelmente trava conhecimento com dois outros predestinados a serviços pela mesma causa — Ruy Barbosa e Luiz Gama. Produz, então, as celebres poesias *Navio Negreiro* e *Vozes d'Africa*, logo recitadas nos salões da Paulicéa. Adquiriu a campanha poetico-abolicionista a maior intensidade pelas vibrações encontradas nos centros academicos.

Cumpre, aqui, render justa homenagem ao Imperador que, áquella época, instava com chefes politicos, tanto liberaes como conservadores, para leval-os a promover *alguma cousa* em favor dos captivos. Certo, não era a Abolição — sonho de poetas e idealistas, como Castro Alves. Era menos; apenas, a emancipação gradual e a libertação do ventre, só conseguidas em 1871.

Voltemos ao nosso poeta, nosso, bem nosso pela raça, pelo sangue, pela fonte do seu éstro, pelo ardor

brasileiro, liberal e democratico de toda a sua obra.

A sua correspondencia, fartamente aproveitada por Xavier Marques, mostra que elle, desde o começo, quando ainda no Norte, se traçára o rumo que continuou seguindo no Sul; tinha declaradamente um programma; nutria intenções persistentes de propagandista pela Abolição. Aquillo que sómente depois de 1879 veiu a impressionar o mundo politico, com a intervenção decisiva de Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, Vicente de Souza, André Rebouças e poucos mais; aquillo que, na afanosa discussão do projecto da lei — Rio Branco, apavorava os mais adeantados dentre os politicos do Imperio e de que os republicanos só cogitavam timidamente — a idéa da libertação total e sem condições, já inspirava Castro Alves no decurso dos ultimos oito annos da sua vida, isto é, de 1863 a 1871... Mal sahindo das torturas de repetidas intervenções cirurgicas, escreve a *Saudação a Palmares*, enaltecendo o heroismo daquella *Troya negra*, em que as qualidades da raça escravisada, como capaz de se dirigir por si mesma, se impuzeram á admiração e ao respeito dos seus proprios inimigos.

Cabe, neste ponto, a referencia a uma visão prophetica de Castro Alves. Estando em São Paulo, e dali escrevendo ao seu cunhado e amigo Augusto Guimarães, residente na Bahia, e, por igual, adepto do Abolicionismo, communicava-lhe a terminação do poema *Os Escravos*, por estas textuaes palavras:

> — "Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão promptos. Sabes como acaba o poema? Devo a São Paulo esta inspiração. *Acaba no alto da Serra do Cubatão*, no romper da alvorada sobre a America. E' um *canto do futuro*, o *canto da esperança*".

A carta é de 1870, ou principios de 71. Ora, toda gente sabe o importante papel que, na historia dos ultimos combates pela libertação dos captivos, representou a *Serra do Cubatão*, na qual já pensava Castro Alves tantos annos antes. Desde 1883 até o fim da campanha abolicionista, foi ali, naquella especie de Chanaan, que se acolheram os escapos do captiveiro, os chamados *retirantes*. Para ali affluiram, ás centenas, uma vez fugidos das fazendas, quantos, em São Paulo, buscavam a liberdade por si mesmos, e ali aguardaram o dia da redempção.

No anno do fim da sua vida volta Castro Alves á Bahia, collaborando no jornal *O Abolicionista* e endereçando a impressionante *Carta ás senhoras bahianas*.

Tres mezes depois da divulgação desta carta, morre o *poeta dos escravos*. Deixa, porém, fincado, para sempre, o traço de uma personalidade inconfundivel. Nunca mais a *poesia social*, com tão manifestos intuitos de propaganda, teve qualquer expressão duradoura no Brasil.

A mim se me afigura que nisto vae mais uma prova de que a maior das nossas campanhas pela civilisação brasileira foi a emprehendida contra o regimen social-economico da Escravidão. Nenhuma outra equivaleu a essa, não só nas suas causas como nos seus effeitos. Nenhuma foi tão porfiosa, nenhuma demandou tamanhos esforços e tamanhos sacrificios. Nenhuma poz em tão grandes contribuições a intelligencia, o sentimento e o caracter. Nenhuma, portanto, poderia ecoar mais fundadamente no espirito de um poeta genial.

A realidade ahi está, palpavel, incontestavel. Houve quem, com talento, com brilho, poetasse pela Republica. Occorrem-me os nomes de Fontoura Xavier, Lucio de Mendonça, Mucio Teixeira, Generino dos Santos, Mathias de Carvalho, Medeiros e Albuquerque e Americo de Albuquerque. Todos são merecedores dos encomios da critica, todos dignos de apreço, maior ou menor.

Mas, qual foi o Castro Alves que o ideal republicano inspirou? Que ha, ahi, no sentido da propaganda desse ideal, que se compare ao *Navio Negreiro* e ás *Vozes d'Africa?* Abolicionista e republicano, permitti que ora franqueie o recesso da minha alma, dizendo-vos, sem rebuço, que mais me orgulho de haver assistido e applaudido o desfecho daquella campanha prematuramente iniciada por Castro Alves, do que de haver tomado activa parte na campanha republicana. Sim; a minha raça ficou liberta, mas o meu povo ainda não está. Sim; o que almejava Castro Alves foi, afinal realisado a 13 de maio de 1888; mas o que prégaram Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão e Silva Jardim e serviu de éstro aos citados poetas, ainda não se concretisou no Brasil.

E Deus, só Deus, na sua presciencia infinita, poderá responder quando se concretisará.

Emfim: o ideal de Castro Alves venceu, venceu com a Abolição. E por isto, elle, *o poeta dos escravos*, permanece e permanecerá na lembrança de todos os amigos da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

EVARISTO DE MORAES.

Rocha Ferreira — **Tentação de ser feliz** — Emp. Graphica "A Capital" — S. Paulo, 1933.

O sr. Rocha Ferreira é autor de varios livros de versos, a esta hora totalmente esgotados, o que prova a boa acolhida que mereceram. Espirito animado sempre por grandes enthusiasmos, esse poeta não se contenta em figurar nas rodas litterarias e dispõe de muitos amigos nos grupos de pintores e, entre elles, o encantador artista que é Helios Seelinger. Inimigo de fórmulas e convenções hypocritas, o sr. Rocha Ferreira, que não se agregou nem aos passadistas nem aos modernistas, exprime as suas emoções livremente, transmittindo-nos impressões que adivinhamos sinceras e não fazendo questão de exigir da critica louvores e dithyrambos immoderados. E' elle, pela sua nenhuma vaidade e pelo seu trato sociavel, uma sympathica figura de escriptor, nada havendo de irritante nas confidencias deste livro de agora, livro de amor vehemente, redigido num tom de fervoroso epithalamio.

Francisco Karam — **A Hora Espessa** — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1933.

Aos amigos da verdadeira poesia está interessando bastante a ultima collectanea de versos do sr. Francisco Karam, não havendo exaggero em incluil-o, já agora, entre os nomes mais expressivos da sua geração litteraria. Casando aos ardores e aos extases orientaes, um temperamento pantheista de verdadeiro habitante dos tropicos, o sr. Karam é um artista rico em imagens mas tambem em nobres e commovidos pensamentos.

Guilherme Tell — **Cartuchos de Festim** — Livraria Moraes — Bello Horizonte.

Satiras aos politicos e ás mulheres. Revolucionario ha mais de dez annos, o autor arrependeu-se por ultimo dos seus furores de rebellado e entrou a ridicularizar, não sem espirito, aquelles mesmos que em outros tempos lhe haviam dado a esperança de uma Chanaan administrativa para este pobre Brasil sempre burlado. Aliás, preferimol-o nas satiras áquillo que o Eça classificou de "fatal feminino". As contendas partidarias de Minas ou alhures, que elle explora com tanta malicia, estarão dentro em breve totalmente esquecidas, no passo que as suas quadras e os seus sonetos ás filhas de Eva forem um assumpto que ha de ser sempre grato á perversidade dos homens.

Marques Rebello — Tres Caminhos — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1933.

Tendo obtido uma honrosa consagração com o volume de contos *Oscarina*, trabalho de estréa, o sr. Marques Rebello retorna agora á publicidade com um volume de novellas intitulado *Tres Caminhos*.

O trecho de um dos escriptos que compõem o novo livro já foi premiado em concurso litterario, graças á escolha dos srs. Manoel Bandeira, Mucio Leão e Rodrigo Mello Franco de Andrade, e a distincção é, sem duvida, expressiva.

Trata-se, aliás, de obra destinada a encantar e deliciar um vasto circulo de leitores, por isso que escripta com uma limpidez crystallina, sem o gosto do solecismo e da desordem. Os homens de lettras verão aqui certas cousas especiaes, mas qualquer homem do povo, de relativa cultura, entenderá e amará estas narrações, nem excessivamente realistas, nem excessivamente romanticas, em que são evocados casos da infancia, talvez casos da infancia do autor e, por isso que casos perfeitamente humanos, casos da vida de todos os leitores.

As fantasias e mesmo certas fantasmagorias da meninice, o amor ou a aversão das creanças a dadas creaturas e a dados recantos da natureza, todos esses pormenores, que a distancia transfigura, foram bem fixados por um fino memorialista do sentimento, por um narrador que faz pensar no bom lado carioca de algumas paginas de Machado de Assis.

Rejuvenesce elle a physionomia de muitos factos prestes a esbater-se na banalidade e dá a tudo um colorido especial, esse "azul" suavissimo das reminiscencias do unico periodo da existencia que não nos roubou no sentido da verdadeira emoção.

Por tudo isso, *Vejo a lua no céo, Circo de coelhinhos* e *Namorada* são paginas destinadas a perdurar nas lettras do paiz.

Jorge Amado — Cacau — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1933.

Nota-se um sensivel progresso no segundo romance do sr. Jorge Amado. Em certos lances d'*O Paiz do Carnaval* havia ainda algumas indecisões de gosto ou estylo, mas nas paginas do *Cacau*, que vem de apparecer com expressivas illustrações de Santa Rosa Junior, o autor entra em pleno dominio de um genero para o qual presentemente todos os outros generos convergem, que é no momento quasi toda a litteratura do mundo.

Tratar-se-á de um romance proletario? Bem póde o *Cacau* entrar na nova rubrica, especialmente dada a elasticidade que se lhe vae attribuindo, mas o que é, acima de tudo, é um instantaneo fidelissimo da vida de uma boa parte da humanidade brasileira, em recanto onde a miseria se torna um sarcasmo e um paradoxo em meio á riqueza dos frutos de ouro que só aproveitam aos *trustmen* dos cacaoeiros.

Que de typos bem silhuetados neste documento vivissimo do sertão bahiano, que de ambienes sordidamente pittorescos, onde fervilham o crime e o sexo, onde tudo faz pensar numa Chanaan desarrumada em que se passa, sem transição, do potentado estupido ao pária faminto e doente.

O livro, não se limitando a ser obra de arte impassivel, é bem um grito de protesto contra o que se póda chamar, sem exaggero, o lenocinio da lavoura, a agiotagem da vida rural.

Mão grado um ou outro impulso de ideologia livresca, Sergipano, a figura central do volume, é creação que resistirá á passagem do tempo, como quasi todo o romance. Romance em que alternam trechos commovidos e trechos ironicos, em que as paizagens são indicadas em felizes notas syntheticas e ha por vezes um movimento accelerado a que nenhum leitor resistirá. Romance de um romancista que sabe manejar os factos e as almas e ao qual não será excessivo chamar muito breve um grande romancista.

"Arrêt de Mort"

VICKI BAUM — Traducção de **Gaston e Raymond Buccara**
Editions du Siècle — Paris, 1933.

Ha dois romances, ou melhor, dois dramas, no livro admiravel de Vicki Baum. O de um povo, e o de um homem. Da Allemanha desaggregada de após guerra e de Joachim Burthe, estudante berlinense, adolescente indeciso que o vórtice vae tragar.

Na confusão de uma sociedade em derrocada, quando falharam todos os ideaes e todos os principios cederam, quando a fome e a miseria destruiram barreiras e hierarchias e tudo nivelaram pelo mais baixo, quando a nevrose de quatro annos de guerra explodia em desordem e desmoralização, uma geração começava a viver, na effervescencia dos vinte annos.

Os estertores, as revoltas, os desesperos desse mundo em agonia, e desses homens que, apezar de tudo, porque eram homens, continuavam a pensar, a sonhar, a amar. A vida não pára, não espera que amaine a borrasca. Quem está na tempestade tem de perfazer, nella, o cyclo da existencia.

Joachim Burthe é, no inicio, apenas o resultado do meio. Um atomo perdido no chaos, agitando-se com a sua agitação. Criado na amoralidade da guerra chega, naturalmente, quasi fatalmente, ao crime. Matando um ministro — uma figura excepcional, aliás, e, segundo parece, moldada na de Rathenau — julga encontrar a solução para si e para sua patria.

Mas — é então que o drama particular se desprende do nacional — o seu acto não salva a ninguem, e o perde.

A sociedade póde impellir o individuo ao erro. Mas para condemnal-o, em seguida. As consequencias das nossas acções, nós as soffremos a sós, inexoravelmente. Por ter ousado o gesto de que todos falavam tão simplesmente, tão facilmente, nas reuniões de estudantes, Burthe se vê isolado. E não é apenas por ser um criminoso perseguido pela policia que se sente só. O assassinio o modificou, e como que o libertou do meio. Subitamente, se desinteressa dos motivos que o levaram ao crime. A morte do ministro, uma vez executada, deixa de ser um meio. E' o fim, a méta terrivel da sua vida.

E na existencia errante, de animal acuado, um unico dialogo se faz ouvir, sempre o mesmo, cada vez mais forte, mais doloroso, entre a consciencia e o instincto de conservação. Tudo mais ficou abolido, cahiu com a victima baleada.

O drama da sociedade terminou, vae começar o do homem face a face com o seu crime. Pelo soffrimento proprio e pelos soffrimentos dos outros, dos miseraveis junto dos quaes esconde a sua desgraça, Burthe se vae, a pouco e pouco, purificando e o livro é, dahi por diante, a historia da sua redempção.

Redempção commovente, muito humana, mas humana demais, porque sem Deus. A elevação espiritual sem um sentido vertical, em busca do céu. Vicki Baum, esquecendo disso, poz uma limitação no seu heróe. E' a unica falha do livro. Por isso Burthe não attinge nunca o pathetismo de Raskolnikoff, com o qual apresenta muitos pontos de contacto.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

LITTERATURA ESCANDINAVA

JOHAN BOJER

E' singular a situação dos Escandinavos na litteratura universal. Escrevendo em linguas que, reunidas, longe estão de conseguir a escassissima diffusão do portuguez, — essa lingua clandestina, como a chamaram, — suecos e norueguezes possuem nomes de projecção mundial. Assim, o prestigio e a irradiação de um autor não dependem do idioma que emprega e sim da qualidade mesma da sua obra. Tenha ella um verdadeiro valor humano, que o mundo, conhecendo-a por traducções, a consagrará. Fóra da Escandinavia, quem se lembra de aprender o norueguez ou o sueco? Entretanto, Ibsen, Knud Hansen, Selma Lagerlof, Bjoerson e Strindberg são nomes universaes.

Haveria um interessante estudo a fazer sobre a essencia do espirito escandinavo, tão peculiar e nitidamente diverso do latino como do germanico, do slavo como do anglo-saxonio. Póde-se dizer que o espirito escandinavo é o mais propenso a elevar-se e a procurar attingir ás mais altas espheras, ás quaes tenta erguer o homem, numa ansia jamais satisfeita de infinito.

Se essa tendencia apparece com mais insistencia nos personagens de Ibsen, se essa aspiração encarna-se mais visivel e espectaculosamente em *Solness*, a *Dama do Mar* e *João-Gabriel Borkman*, todas as obras mestras escandinavas reflectem o mesmo supremo anseio.

Concentração e ansia de libertação, taes são as duas attitudes do espirito escandinavo. Concentração... Ao passo que o latino, em climas mais amenos, vive uma vida toda exterior e, fascinado pelas fórmas e as côres que o seu sol realça e ennobrece, o nordico, no lento decorrer dos longos invernos, nas noites interminaveis, retrae-se e medita; seu pensamento, que nada de exterior vem desviar, concentra-se em introspecções, que se aprofundam e se subtilisam. Assim attinge ao abysmo da sua propria alma, quasi desvenda o seu proprio mysterio. E d'ahi esse principio de individualidade de Ibsen, com o seu sonho do "homem só", isolado e todo poderoso, encerrado no mais absoluto orgulho. Mas quando o homem alcança ao mais profundo de si-mesmo, uma reacção se opera; essa solidão terrivel do espirito é como a mesma morte. E uma ansia irresistivel impelle-o então: evadir-se, libertar-se, expandir-se.

Esse individualismo exacerbado, que se cava tão cruelmente para desabrochar numa aspiração tão excelsa, é conhecido do mundo moderno através da obra de Ibsen. Mais perto de nós, um romancista escandinavo, Johan Bojer, nol-o torna sensivel com a mesma intensidade e de um modo diverso. Numa fórma singela, sem emphase, Bojer colloca os seus heróes no ambiente quotidiano; a existencia trivial, as pequeninas satisfações e as mil contrariedades da vida comesinha vão situando e illuminando gradualmente um personagem. Personagem geralmente mediano, sem nada de excepcional, que se move a principio em gestos prosaicos e sem significação. A natureza o envolve em seu suave mysterio, as montanhas azues vedam-lhe parte do horizonte, que o mar abre, ali, no hiato de um fjord; a natureza tambem apparece meiga e simples. Ahi estão os materiaes do escriptor, dispostos deante de nós com toda simplicidade. E é com esses materiaes que Bojer nos vae, aos poucos, numa gradação insensivel, arrebatar a attenção, o interesse e a emoção. E' que a natureza, com os seus mesmos attributos, nos dá ora as suas benção, ora as suas maldições, ora as suas riquezas, ora os seus cataclysmas, ora amparando a nossa vida, ora atirando-nos á morte. Assim vae com a alma humana: sob a bonança do temperamento mais docil, póde surgir de repente uma tempestade de paixões, sob a meiguice ferve muita vez a peor violencia, sob a calma apparente póde borbulhar um tormento dilacerante.

O Ultimo Viking (*Den Siste Viking*) é a seducção irresistivel do mar enganador. O fjord azul e placido é um perpetuo convite ao homem para fazer-se ao mar alto. Mas ai daquelles que se arriscam á aventura tentadora das ilhas Lofoten, magnetisados pela miragem da pesca rendosa; nas aguas gélidas e tumultuosas do norte, ha o mais duro trabalho, o soffrimento, a privação, o exhaustivo esforço e a morte. Daquelles que partiram muitos não voltam. Mas o fjord ali está, espelhando ao sol da primavera retornada, sorrindo ao céu tão claro. E o homem que perdeu os seus nas tempestades do maelstrom, que viu a morte de tão perto, que soffreu na sua carne e na sua alma, que chegou a jurar não voltar a bordo de um veleiro, esquece tudo e embarca. O mar venceu-o e não mais o largará.

O Cameleão, (que appareceu primeiro sob o titulo de *O Prisioneiro que cantava*, *Fangen som Sang*, 1913) é o martyr da propria imaginação. Não lhe bastará uma só vida; quer viver diversas existencias. E parte. Em cada cidade onde pousa, assume uma nova personalidade; será padre aqui, medico ali, negociante acolá, renovando-se constantemente. Andréas diverte-se a transformar-se assim, encarnando sempre um novo personagem. Quando se encontra na pelle de um determinado typo que escolheu, occorre-lhe depressa uma outra tentação. "Que gestos faria se fosse outro?" pensa, e logo vae tratar de ser esse outro. Mas a lei não tolera facilmente taes extravagancias e Andréas é preso e mettido na prisão. Eil-o fixado, classificado: seu personagem agora é o de um detento e não haverá mais meio de romper esse envolucro. Mas a imaginação do prisioneiro não póde ser encerrada num carcere; ella atravessa as muralhas e paira, livre e zombeteira, através do espaço e do tempo. E ella, essa imaginação que o perdeu, virá salvar Andréas. "Que gestos teria feito Scipião ao avistar Carthago?" Que gestos fará o futuro conquistador do mundo?..." Na cella do condemnado irrompe um canto de alegria: Andréas continúa as suas orgias de imaginação...

Mas era em outros romances que Johan Bojer ia revelar-se verdadeiramente. Já o seu *Sob o Céu Vazio* (*Vort Rige*) marcava a orientação das suas meditações. E foi na *Grande Fonte* (*Den Store Hunger*) que attingiu ao supremo dominio da sua arte ao mesmo tempo que expunha as suas mais sérias meditações.

Per Holm nasce num meio pobre e cedo perde os paes; adolescente, lucta pela sua subsistencia e pela da irmã: Lovise, e a custa do mais duro esforço consegue formar-se como engenheiro. Na sua vida de privações,

perdeu a irmã que adorava, mas a vida parece agora lhe sorrir. Casa-se com Merle e vae vencendo na sua profissão, construindo grandes obras. Chega a ser rico e considerado. Mas o trabalho excessivo esgottou-o. Sua cabeça parece-lhe cheia do ruido das machinas, atormenta-o a obsessão do aço. Em breve, o seu cerebro não lhe póde mais servir, exhausto, vazio. E a sorte abandona-o. Perde a fortuna, e de decadencia em decadencia acaba como humilde ferreiro de uma pequena aldeia. Mas o destino não está satisfeito. E certo dia, o cão do visinho, pulando a cêrca, investe contra a filhinha de Per, matando-a. Sob este golpe cruel, o pobre homem attinge ao fundo do desespero. E vem o inverno. O visinho de Per, mais pobre do que elle ainda, não tem sementes e o seu terreno vae ficar improductivo; será o castigo do dono do cão. Nas longas noites invernaes, Per medita, e certa madrugada, elle sahe de casa cautelosamente e vae semeiar o campo do visinho, que não passará fome. Merle ouviu-o sahir e sorri, á janella. Assim, póde no "céu vazio" não haver divindade nenhuma; póde o homem, embora justo e bom, luctar, soffrer e succumbir sem auxilio, ha no espirito humano grandeza bastante para, com certos gestos, "crear Deus".

Ha nesse final do romance uma belleza tão profunda, uma emoção tão pura, uma elevação de pensamento tão nobre, que só com essas paginas Johan Bojer se collocaria entre os maiores escriptores contemporaneos. E ha ali, um mysticismo estranho, sem divindade, que se sente correr ao longo do livro, tal uma agua subterranea, (como quando Lovise canta psalmos) e que jorra no fim com uma humanidade tão bella, que fechamos o livro sentindo-nos enleiados e melhores.

No *Novo Templo* (*Det Nye Tempel*), encontramos ainda Per e Merle envelhecidos, tendo sido obrigados a entregar os dois filhos a uma parenta abastada para evitar-lhes a miseria e permittir-lhes ter uma certa educação. Os paes continúam sós, na mesma aldeia. E Per, quando a cabeça não lhe dóe, prosegue nas suas meditações: "Sim, Per Holm tinha a sua religião. Durante os primeiros annos do seu infortunio, sentira-se como acorrentado num mundo subterraneo, onde fazia esforços convulsivos para libertar-se. Bem longos foram esses annos, mas quando a sua filhinha lhe fôra arrancada por um absurdo accidente, elle attingira ao fundo e olhára em redor de si: não, isso não poderia ser peor. Nenhum soccorro a esperar do céu nem da terra, trévas por toda parte. Fôra então que descobrira em si-mesmo uma luz que começou a brilhar, uma força nova. "Levanta-te e recorre ao que tens de divino em ti. O mundo é governado por leis cégas; é sómente o homem que vê, é sómente o homem que tem o senso da responsabilidade; é por isso que és tão maravilhoso, ó espirito humano!"

E d'ahi a obsessão de uma religião nova, que "seria o sentimento de eternidade da nossa época, exaltado num templo."

Mas com o correr dos annos, morta a parenta que lhe creou os filhos, voltam estes a procurar os paes. A filha, Lovise, herdou a rica propriedade da parenta. O filho, Lorentz, vae ser padre. Ordenado, viaja pela Europa, trocando cartas com o pae; tambem o persegue a idéa de uma religião nova. Mas suas peregrinações trazem-lhe uma concepção diversa. E quando de volta á terra natal, discute com Per, responde ás suas objecções: "O homem é tambem parte da divindade." E dias depois, numa missa dita pelo filho, Per acompanha a mulher e a filha; o velho engenheiro escuta o sermão de Lorentz e pensa: "Teu filho é a tua propria resurreição. Do teu espirito, elle tira o que lhe serve. O que te falta, encontral-o-ás nelle." Uma emoção infinita apodera-se de Per Holm, e quando Merle, com a filha, vae commungar, é que elle se sente verdadeiramente só. A visão do seu templo desapparece. Ainda aqui, elle quer estar ao lado da velha companheira dos bons e dos máos dias. E acompanha a mulher na communhão.

Assim, nesses tres livros, desenrola-se a curva do pensamento de Bojer, terminando-se na mesma atmosphéra de emoção elevada e de exaltação espiritual, com um sentido de arte transcendente, e sempre realisado por meios singelos.

Johan Bojer, tão afastado dos caminhos habituaes do romance moderno, é hoje um nome que se impõe.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO.

Oswald de Andrade — **Seraphim Ponte Grande** — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

Livro aggressivo, cynico, paradoxal, desses que jámais figurarão na distribuição de premios dos collegios catholicos? Sem duvida que é assim e o proprio autor não deseja ludibriar ninguem. Todas as suas ultimas attitudes de publicista e propagandista social estão a evidenciar que elle não aspira ao papel de director de consciencias, de mestre de virtude em vinte ou trinta lições.

Os seres placidos, dos que acham a vida muito precaria e este planeta demasiado municipal para merecer complicações excessivas, ficarão mesmo aturdidos deante dos atrevimentos deste homem que nada toma a serio, nem a organização burgueza, nem a technica do romance, nem as pobres creaturas que lamentam não trazer algodão nos ouvidos quando elle se põe a soltar certos palavrões escandalizantes.

Mas uma cousa é segura, segurissima, em se tratando de *Seraphim Ponte Grande* e do sr. Oswald de Andrade. *Seraphim Ponte Grande* é um romance e o sr. Oswald de Andrade é um romancista. Retirem-se ao livro, num trabalho de joeira que por sua vez irritará profundamente o autor, os termos obscenos ou escatologicos que arranham os ouvidos das pessoas timidas, e que a rigor são ahi superfluos, e veja-se quo de observações humanas, que de retalhos do real, que de gente realmente viva, que de vida realmente vivida existe nesse volume. São ás centenas as phrases que, parecendo fugitivas, descuradas, fixam definitivamente caracteres e grupos sociaes da Paulicéa.

Os discipulos de Dekobra têm a preoccupação de lisonjear a todo transe a freguezia com romanceicos que não passam de productos similares da boa litteratura. Inversamente, o sr. Oswald de Andrade, amigo de Cocteau e Aragon, tudo faz para afugentar o leitor do seu mostruario, descompondo o freguez e procurando desconsiderar o mais possivel a propria mercadoria.

Mas leiam-lhe o romance direito, vejam-lhe aquillo que chamaremos a sua segunda escriptura, a escriptura encoberta, e concluam que o notavel romancista dos *Condemnados* permanece intacto por debaixo das insolencias e dos paradoxos de um dos romances mais destaboccados que já se publicaram no Brasil.

"La Revista Americana"

Magnificos os ultimos numeros dessa publicação litteraria, tão divulgada entre nós, especialmente depois que aos seus directores occorreu a idéa de terem como representante no Rio o escriptor Mario Vilalva. Sinceramente interessado pelo intercambio intellectual de brasileiros e platinos, o autor do ensaio sobre Fagundes Varella vem dando um nobre realce á missão de cultura em que se empenhou e muitos são os nossos homens de lettras que, graças á sua interferencia, foram repercutir na civilizada Buenos Aires.

Nota sobre «Bocca Suja»

Innegavelmente o sr. João Cordeiro, que escreveu lá na Bahia e aqui no Rio esse romance não futil, tem qualidades que lhe marcam um lugar muito bom entre os nossos romancistas escriptores.

Poderia parecer pleonasmo essa historia de romancistas escriptores, mas não é. Explico melhor. Ha cidadãos que apenas têm o dom do romance, estragado em paginas inteiramente mal escriptas. E ha os que reunem as duas coisas, numa fusão muito apreciavel da qual só poderão vir bons livros. O sr. João Cordeiro pertence a este ultimo grupo, e o seu livro tambem. O joven autor da terra do acarajé escreve geralmente de uma maneira despida de ornatos, directa, incisiva, menos de quem apenas viu que de quem penetrou de verdade nos assumptos que tem em volta de si.

Feita essa definição em esboço da "maneira" do escriptor, falta falar um pouco do romancista que elle é. Sem vontade nenhuma de passar por conceituoso a gente pode dizer que ser romancista é ser observador, é saber armar scenas em successivas e relativas interpenetrações, (o romance moderno, todos sabem, extinguiu a sequencia absoluta e derramada), é ter uma visão só, e um dominio integral, feito de paciencia e de verdade, da série de situações creadas. Se não, o romance fica cheio de deformações. E aqui, nesse *Bocca suja*, me parece que algumas coisas fogem um pouco da anatomia rigorosa de um bom romance, sem comtudo comprommettel-o excessivamente. Começa que logo no inicio o herõe Bocca Suja, menino immoral, perdido, levado do diabo, "resolve", aos treze annos, mudar de vida. Quer dizer, de temperamento. E aquelle moleque cheio de instincto, (esta parte da infancia livre de Bocca Suja é a grande seducção do livro), se regenera assim de repente, no inicio da puberdade, nessa phase inquieta e deslumbrada em que se inicia a libertação dos complexos, como se o temperamento da gente, como se o temperamento de um menino de treze annos fosse coisa ao alcance delle, que elle pudesse torcer p'ra um lado e p'ra outro, com a mesma facilidade com que Bocca Suja beliscava as pernas novinhas e tenras das meninas suas collegas...

Ora João Cordeiro não se lembrou disso, dessa separação entre as coisas do instincto e as da vontade. E tambem não se lembrou de refazer aquellas scenas amorosas passadas em Nova Friburgo, (pedaço fraco do livro), onde elle, ás vezes, faz apenas litteratura, esquecido de que é um escriptor de largos recursos que sabe dizer as coisas que quer de maneira nova, rapida, e certa.

Bocca Suja é assim um muito bom romance de estréa. E o seu autor, fóra essas distracções rapidas, é uma figura que merece attenção no grupo dos novos romancistas do Brasil. As paginas iniciaes, da infancia, em que o autor sólta na vida e no livro esse menino freudiano e terrivel, que infelizmente não morreu menino, são uma das coisas sérias que a nossa joven litteratura possue.

E muitas coisas assim haveria que citar, se quizesse roubar ao leitor o prazer das pesquiza e a surpreza das bôas descobertas...

DANTE COSTA.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Candido Jucá (filho) — **O factor psychologico na evolução syntactica** — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.

Trabalho de um verdadeiro philologo, com este volume o sr. Candido Jucá consolida ainda mais o justo renome que já se fez entre aquelles que com mais competencia e zelo se dedicam ao estudo do nosso idioma. Ainda que visando a fins didacticos, é livro que se lê de um folego e com o maximo prazer, embora tenhamos a certeza de que se ha de voltar muitas vezes ás suas paginas e que o mesmo terá sempre logar marcado na estante dos que se interessam pelos problemas da linguagem.

Sebastião Lobo — **Iniciação á pratica da dosagem chimica** — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.

Livro dedicado aos estudantes e no qual os mesmos encontrarão as noções elementares, mas indispensaveis, sobre a dosagem chimica, ha de ser utilissimo na mão dos candidatos a exames vestibulares na Faculdade de Medicina e aos alumnos de pharmacia e odontologia. Eis o seu summario: — *Dosagem dos acidos; dosagem das bases; dosagens por oxydação; dosagens megetometricas; dosagens na urina.*

Armindo Rangel — **Outros poemas** — Editoria Alba — Rio, 1933.

Armado de uma intelligente philosophia ironica, o sr. Armindo Rangel dá uma interpretação bem moderna e pessoal aos seus sentimentos de enthusiasta da natureza ou de apaixonado das lindas mulheres. Seus versos, fluentes, correntios, sem empeços de ruim rhetorica, são bem de um homem de sensibilidade, mas que, ao invés de rolar nas pieguices lacrimejantes, sabe desforrar-se em felizes notas epigrammaticas das horas de tedio ou amargura que lhe infligem os sêres vulgares.

Dante Costa — **Feira desegual** — Editorial Duco — Rio, 1933.

E' o livro de estréa de um patricio que, mão grado a sua extrema juventude, não se sente embaraçado ao manejar a boa prosa.

Com os melhores instinctos de escriptor, que o gosto da leitura já vae robustecendo e apurando, esse jornalista de vinte annos commenta os factos da sua vida e da vida alheia, vida sentimental e vida das ruas, com uma displicencia, uma galanteria, uma graça filigranada em que se percebe o admiravel dialogista, o animador de entrechos e scenarios, o forte romancista de amanhã.

Muito nos alegra o successo inicial do sr. Dante Costa, que tem collaborado nas columnas deste *Boletim* e, ainda ha pouco, escreveu a proposito de um outro collaborador nosso, o sr. Jorge Amado, algumas linhas de um espirito bem mais sazonado, de alguem que já houvesse entrado pela casa dos quarenta.

A personalidade de Goethe em face da Biotypologia

(CONSTITUIÇÃO, CARACTER E TEMPERAMENTO DO AUTOR DO "FAUSTO")

De Goethe, pela leitura de seus criticos e biographos, a miragem que sempre nos ficou na retina foi a do homem perfeito — cheio de saúde moral e physica, forte, bello, normal, equilibrado. Prototypo do homem eugenico. Modelo integral de "respensividade", para utilizarmos um termo proposto por Grote e muito caro á escola constitucionalista de Pende. A verdade, porém, é que os pesquizadores das modernas questões de Psychopathologia Rectrospectiva que têm passeiado, com olho agudo de curiosidade scientifica, através da sua obra e da sua vida, não estão de accôrdo com esse retrato classico de Goethe. Mœbius, Kretzchmer, Teilhaber e, agora, Estapè consideram, todos elles, o autor do *Fausto* um anormal, trazendo confirmação dest'arte á velha doutrina que capitulava o genio, nos Tratados de Psychopathologia, entre os "degenerados superiores".

O conceito do genio.

Embora ainda controverso e indefinido, o conceito do genio, realmente, para a mór parte dos homens de sciencia, avizinha-se do conceito da psychopathia. O genio é, em ultima analyse, uma doença: transpondo as fronteiras tranquillas da normalidade, approxima-se da degeneração e da loucura. Os estudos modernos de endocrinologia, em logar de desfazer esse parentesco, vieram de certo modo confirmal-o. Em todo caso, Goethe fôra sempre o exemplo inevitavel com que os adversarios dessa doutrina procuraram com brilho e logica desconcertar e confundir os Lombroso e os Sighele, os Cabanès e os Mejia... Agora, entretanto, depois dos ultimos trabalhos scientificos publicados sobre o autor de *Werther* (*Goethe, Sexus und Eros*, de Theilhaber, e *Intr. à la Psych. de Goethe*, de J. M. Estapè, designadamente), cae por terra o grande argumento atirado contra a doutrina da anormalidade do genio, sendo Goethe integrado definitivamente na familia illuminada dos "psychopathas superiores".

Goethe em face da Biotypologia.

O professor Estapè dá-nos, com o seu ultimo ensaio, um curioso perfil de Goethe, mostrando-nos as tres imagens mais impressionantes do poeta: a morphologica (constituição); a psychologica (caracter) e a dynamicohumoral (temperamento). Esse triplice aspecto biotypologico de Goethe facilita-nos, de accordo com as modernas idéas constitucionalistas, a comprehensão integral da sua personalidade, da sua vida e da sua obra.

E', por isso, interessante acompanhar o professor Estapè no curioso passeio que elle faz através da constituição de Goethe, para explicar-nos, em face da Biotypologia, aquillo que Teilhaber nos explicou, em face das doutrinas de Freud.

Fixando principalmente a vida amorosa do autor do *Fausto*, é um estudo de psychopathologia historica, que pretende chegar a uma "pathographia integral". O autor principia analysando a juventude accidentada e tormentosa de Goethe, "saturada de *tedium vitæ* e coroada de desesperação", que "foi a época de seus amores verdadeiros e de suas fugas inesperadas", para demonstrar que ahi começa "o drama gigantesco de sua vocação", no qual "um destino interior" entra em conflicto com "um destino exterior".

Anamnése.

Na biogenesis de Goethe ha 3 linhas hereditarias e convergentes que integram o nucleo de sua personalidade excepcional: 1ª) pela linha paterna, os Goethe, que pertenciam á classe operaria e eram simples trabalhadores manuaes, humildes e obscuros (só o pae de Goethe, Jorge Gaspar Goethe, conquista situação social mais elevada); 2ª) pela linha materna, a familia Textor, que pertencia á pequena burguezia, exercendo actividades intellectuaes e administrativas; 3ª) a familia Lindheimer, da qual descendia a avó materna de Goethe, e cujo pae, Cornelio Lindheimer, era de uma estyrpe de escriptores e artistas. Estas 3 massas hereditarias convergentes e differentes ("Epimixis do terceiro grau", de Sommer) explicam a riqueza e o polymorphismo da capacidade mental de Goethe. Facto identico foi observado com relação a Leonardo da Vinci, Alberto Dürer, Frederico o Grande, como adverte Hoffmann. Chamando a attenção para os antecedentes hereditarios do poeta (o pae, Jorge Gaspar Goethe, pertencente a uma familia de operarios, casando com Catharina Isabel Textor, de uma familia de intellectuaes), Moebius, na sua *Pathographia de Goethe*, mostra que o elemento psychopathologico ou factor psychopathico desempenhou um papel primacial na biogenesis do genio do artista.

Herança neuro-pathologica.

A herança neuro-psychopathica de Goethe foi realmente consideravel. Basta attentar um momento no aspecto da sua arvore genealogica. O avô paterno de Goethe, Frederico Jorge, teve do seu primeiro matrimonio 5 filhos: 1 imbecil, 2 mortos na primeira infancia, 1 fallecido de tuberculose aos 23 annos e 1 sadio e forte que morreu aos 64 annos de edade; do seu segundo casamento teve 3 filhos: 1 falleceu na infancia, outro morreu aos 19 annos e o terceiro, João Gaspar, foi o pae do poeta. E João Gaspar, pae de Goethe, falleceu de hemorrhagia cerebral, depois de ter tido 3 "ictus". Do lado materno os seus ascendentes não foram mais afortunados. O avô materno de Goethe, João Wolfgang Textor, casado com Anna Lindheimer, teve 8 filhos, dos quaes 4 falleceram ao nascer; dos 4 restantes, 1 varão e 3 meninas, a maior, Catharina Isabel, foi a mãe do autor do *Fausto* — "calida sensibilidade, grande fantasia, espirito alegre e invencivel enthusiasmo vital".

Antecedentes constitucionaes familiares.

E' interessante estudar a familia de Goethe sob o moderno ponto de vista das escolas constitucionalistas. Catharina Isabel Textor, a mãe do poeta, pela sua constituição morphologica, pertencia ao typo "picknico" de Kretschmer. E tinha, como têm os "picknicos", um temperamento "cyclotimico".

Carlota Goethe, irmã d'elle, era, segundo o depoimento do proprio poeta, "um sêr indefinivel, a mais rara mistura de aspereza e brandura, de intolerancia e

condescendencia, e carecia de Fé, de Esperança e de Amor." Era imaginativa, sonhadora, contemplativa, vivendo dentro do seu proprio sonho ("autismo" de Bleuler) e fóra da realidade, sem contacto com o mundo exterior (typo "eschizoide", de Kretschsmer). Os autores assignalam na sua vida uma crise de "eschizomania" (Claude), "que teria terminado na "eschizophrenia" (Bleuler) ou na "demencia precoce" (Kraepelin), se não tivesse morrido prematuramente, victima de uma infecção intercurrente. Os outros irmãos de Goethe morreram em edade precoce: 1 aos 8 mezes; 2 aos 2 annos e 1 aos 6 annos. Não foi possivel, por isso, fixar-lhes os temperamentos e as constituições.

A familia de Goethe.

Moebius define as taras hereditarias de Goethe nestes termos: "na descendencia como na ascendencia de Goethe, o factor psycho-pathologico alcança uma altura temivel." E Kretschmer confirma assim a palavra de Moebius: "o destino da familia de Goethe se cumpre rapida e inexoravelmente em sua descendencia". Casado com Christiana Sophia Vulpius, mulher de origem humilde e filha de pae alcoolista, seu primiero filho, Augusto, "era brutal e deshumano, desequilibrado e infeliz, mescla paradoxal de bom coração, lealdade, excellentes propositos e de dureza e mau-humor", e sua vida, segundo Sacristan, foi uma ininterrupta cadeia de tempestuosos intentos sem exito algum." Os quatro filhos restantes de Goethe não se criaram. Christiana Vulpius era, porém, uma mulher de qualidades excepcionaes: "era uma creatura pequenina e bem formada (typo "pichnico"), singularmente bella, muito trabalhadora, excellente dona de casa, alegre, valente, decidida, intelligente e enthusiasta amadora da equitação, da dansa e do vinho." Falleceu aos 52 annos, victima de um "estado de mal epileptico", consecutivo a "epilepsia alcoolica", segundo uns, a "uremia convulsiva", segundo outros. Em todo caso, pesava sobre ella a tara do heredo-alcoolismo, á qual se juntou o alcoolismo adquirido (foi o proprio Goethe, "um bom bebedor de vinho", quem a iniciou no alcoolismo).

Deante dessa anamnése, chega-se a uma conclusão melancolica: na familia de Goethe o numero de filhos diminuia em cada geração ("oligo-natalidade"), ao mesmo tempo que augmenta progressivamente a sua mortalidade ("polylethalidade").

E' por isso que Moebius affirma: "é no meio da desolação que surge o genio". Realmente, Goethe nasceu de uma familia de infelizes e doentes, e constituiu, elle tambem, uma familia de infelizes e doentes...

A constituição morphologica.

O typo morphologico de Goethe, ao que se deduz do depoimento dos seus contemporaneos, soffreu variações successivas, nas differentes épocas da vida do poeta. Cada pessoa que descreve o typo morphologico de Goethe nos dá delle uma imagem differente. Em 1773, Schoenborn o pinta como "um rapaz delgado, pallido, de nariz aquilino, cara larga, olhos negros, de tamanho mediano e cabello negro." Boie confirma, em parte, essa descripção: "é um joven de contextura delicada, muito pallido, em cujo rosto, e especialmente nos olhos, brilha a intelligencia". Já Schiller, em 1788, falando d'elle, affirma: "Goethe é de estatura mediana, de aspecto rigido, inclusive na marcha. Sua physionomia é hermetica, porém, seus olhos são muito vivos e expressivos, sendo seu olhar encantador. Apesar de sua seriedade, sua expressão é benevola e bondosa. Apresenta mais idade do que tem e sua voz é extremamente agradavel." Pouco depois, em 1793, Daniel Veit diz que elle "é de estatura mediana, grosso, cheio de hombros e bem proporcionado." "Sua fronte, accrescenta, é extremamente bella — das mais bellas que tenho visto." Ao attingir a edade de 50 annos (que n'elle parece ter sido a phase critica ou "orchito-endocrinopausica"), seu aspecto morphologico modifica-se completamente. E' assim que em 1796 o descreve Carlota von Stein: "Goethe está espantosamente gordo, tem os braços muito curtos e anda com as mãos mettidas nos bolsos das calças". Em 1809, o Conde de Baudissin affirma com enthusiasmo e convicção: "Juro que nunca vi um homem mais formoso aos 60 annos. A fronte, o nariz, a bocca são de Jupiter Olympico. Elle perdeu sua antiga corpulencia." Já em 1819, Gruenner nol-o descreve como um homem "de elevada estatura, de robusto corpo, quasi sem cãs, de olhar juvenil e ardente". São esses os principaes retratos que d'elle pintaram em differentes épocas, os que o conheceram de perto; e cada retrato parece ser de um homem diverso... Seria possivel, em todo caso, a acreditar nas informações da mór parte dos seus biographos, classifical-o entre os "picknicos" de Kretschmer.

O caracter.

A formula psychologica de Goethe (seu caracter) era complexa, mas nitida. "Elle estava dominado por um robusto e solido "animo vital", que herdara de sua mãe e que, segundo Moebius, lhe permittia "affirmar-se na vida", com energia e tenacidade, apesar do seu fundo melancolico e do "Tedium Vitæ" da sua juventude." Além disto, não tinha o temor da morte, e estava liberto do terror cosmico. Era um cyclothymico.

O temperamento.

O seu temperamento (formula dynamico-humoral) parecia obedecer a uma predominancia mais ou menos nitida das glandulas supra-renaes e genitaes. Era um bom burguez, grande comedor, porém não *gourmet*, e grande bebedor, chegando frequentemente ao primeiro grau da embriaguez. Não gostava de chá, nem de café, e não tolerava o fumo. (J. M. Sacristan).

*

Em sua vida psycho-sexual, ao que diz Moebius, e ao contrario do que em geral se pensa, "Goethe se manteve sempre nos limites de uma sã prudencia", não obstante sua "libido" (instincto sexual) ser particularmente intensa. Goethe, como Bonaparte, como Julio Cezar, como Sterne, "não podia viver sem mulheres" (J. M. Sacristan). Havia nelle um certo grau de "narcisismo". A sua correspondencia com Carlota von Stein revela a sua tendencia para o chamado "amor em espelho", de Moebius. Como Leonardo da Vinci, elle confessava a Carlota que a considerava "um crystal puro, no qual elle se podia revêr"... Elle não gostava das mulheres outomnaes, e estas tambem não tinham pelo poeta nenhuma inclinação... Suas amantes pertenceram a todas as classes sociaes, desde Catharina Schoenkof, filha de um operario de Leipzig, até Carlota

von Stein, dama da Côrte de Carlos Augusto. Foi assim que elle amou Frederica Oeser, filha de um professor de musica; Frederica Brion, filha de um pastor protestante, Carlota Buff, da pequena burguezia; *fräulein* Levetzow, da aristocracia allemã; Corona Schnoeter, artista de singular belleza; Mme. Brentano, burgueza modestissima; Nina Hertzlieb, de condição humilde; Marina von Villemer, da nobreza allemã, etc., e, por fim, Christiana Sophia Vulpius, filha d'um modesto burocrata, que elle desposou depois de ter vivido com ella largos annos. Comtudo, Teilhaber chama a attenção para a sua preferencia para as mulheres de condição modesta, dizendo-o timido (impotencia electiva) deante das grandes damas da aristocracia ("complexo ancillar"). Sacristan confessa que elle não podia viver sem a assistencia da ternura feminina, mas que não era feliz nos seus amores... E a caracteristica especifica da sua vida amorosa, segundo Estapè, como de resto succedia na sua vida artistica, era um rythmo intermittente e periodico ("cyclothimia", de Kretschmer). Sua actividade creadora e artistica exigia o estimulo erotico. Mas Goethe, conclue Estapè, era um desequilibrado superior, cujo temperamento podia ser classificado na constituição psychopathica cyclothimica de Kretschmer.

O cyclothimico.

Sendo um cyclothimico ou um cycloide, "sua actividade creadora e sua actividade amorosa, caminhando parallelamente, se reforçavam reciprocamente, sendo ambas consecutivas a um augmento ou intensificação do tonus neuro-psychico (Bechterew), que se traduzia por authenticas crises de excitação intellectual (actividade creadora) e excitação psycho-sexual (actividade amorosa)." Essas crises de super-excitação mental e sexual se prolongavam em media por periodos de 2 annos, entre os quaes se intercalavam periodos negativos de depressão e inercia, nos quaes, ao passo que diminuiam suas actividades artisticas e sentimentaes, augmentavam suas indagações scientificas e philosophicas. O professor Estapè, no estudo admiravel que acaba de publicar a respeito, dá-nos um schema demonstrativo desse singular phenomeno cyclothimico, acompanhando a vida mental e amorosa de Goethe desde 1766 até 1831.

Vida amorosa.

E' o proprio Goethe quem confessa que a actividade creadora e a inspiração poetica surgem no seu espirito de repente, como se fôra uma subita febre delirante, n'um momento determinado, para depois tudo apagar-se na apathia e no silencio. A mulher, para elle, era um simples pretexto. Moebius informa: "não é o Amor que desencadeia a Poesia, nem é uma ou outra mulher que tem o condão de inspirar o genio de Goethe: mulheres elle sempre as teve em torno de si; mas elle se enamorava, quando chgava o momento, da primeira que lhe surgia deante dos olhos, fosse ella bonita ou não." Dest'arte poder elle amar varias mulheres simultaneamente ("amores em grupo", de J. M. Sacristan). Foi infiel muitas vezes; mas nunca encontrou prazer em torturar nem em humilhar as mulheres do seu caminho. Unica excepção: elle não foi gentil e cavalheiro com Frederica Baron...

Biogenesis.

Quanto á biogenesis da personalidade de Goethe, ao que observa Estapè, está de accôrdo, em suas linhas fundamentaes, com a theoria de Kretschmer, segundo a qual "o Genio seria a resultante da combinação do Talento superior com um factor Psychopathico, que agiria no caso como se fôra um fermento", consoante a seguinte equação:

Genio = Talento superior + factor psychopathico.

Applicando a formula ao caso pessoal de Goethe, teriamos:

Genio de Goethe = Talento superior + Cyclothimia + Factor intersexual.

PEREGRINO JUNIOR.

DE NOVA YORK

N. R. A.

A quem salta hoje em Nova-York, que é o portico gigantesco da grande nação, estranha, mais que os arranhaceus, cujo blóco impressionante o cinema já nos revelou, aquella inscripção mysteriosa que se encontra espalhada por toda parte: casas de commercio, de diversões, bancarias.

Pensa-se, naturalmente, a principio, em alguma marca de companhia de seguro contra os gangsters...

Mas o caso se esclarece. E' simplesmente a repercussão do appello do governo americano para debellar a crise: o *National recovery act*, accrescido do *We do our part*.

O povo americano, ao revez da maioria immensa dos outros povos, não resolve as suas crises com os recursos habituaes de simples pregações, de revoluções, transformações de governo, receituario gasto e anodyno. Não suppõe que da mudança de homens possa resultar o milagre mirifico de salvações subitaneas. Nem deblatera contra a irreligião dos costumes como os que se preoccupam mais com a forma do que com o fundo das cousas. Resolve os seus problemas pelos mesmos processos objectivos e scientificos com que resolveu o da febre amarella de Panamá ou a crise de espaço com os recursos metalurgicos que possibilitaram o arranha-ceu.

E por isso reune os seus homens de responsabilidade e intelligencia e encara o problema da crise actual com o concurso de todos.

Quem fôr agora a um cinema da grande cidade, e certamente de todas as outras, não poderá furtar-se á emoção de vêr o appello do Presidente Roosevelt aos jovens escoteiros para collaborarem na obra de salvação commum e, principalmente, um outro do seu competidor derrotado nas eleições — Al Smith — que surge na téla para pedir o concurso sincero de todos.

E o programma que o presidente americano está desenvolvendo, sem violencia, mas com intelligencia é do lemma, que se vê reproduzido em lettras maiusculas: *All to work and work for all*.

Afranio Peixoto, o grande mestre, que é tambem um companheiro inegualavel de viagem, para o coração e a intelligencia, escreveu, com aquella sagacidade feliz que é privilegio seu, que *a educação é a saúde da sociedade*.

O povo americano está dando provas, nesta hora critica de sua historia, de que é, como nenhum outro, uma sociedade sadia...

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Um romance proletario

Jorge Amado — **Cacau** — Ariel, editora, 1933.

O sr. Jorge Amado, aproveitou a vida dos trabalhadores nas fazendas de cacau no sul da Bahia para fazer o seu romance. O Brasil é uma enorme floresta onde tudo está por fazer e a vida primitiva nestas fazendas é apenas o primeiro gemido quando chega a civilização. Não ha nada ainda. A casa grande, o senhor da fazenda, o rei do Cacau, os filhos, os "alugados". Longe a villa, os divertimentos simples e baratos do povo. A rua da Lama. Ainda não ha um vislumbre de ideal, uma idéa de patria, nada. Aquelle desejo obscuro que corre as paginas do sr. Jorge Amado e nunca se define, ou é um desejo de maior civilização e vida melhor, natural em todo projecto de sociedade, sem determinadas fixas (e não precisaria ser tão exaltado) ou é outro anceio mais forte, mais universal e logo deixa de ser daquella pobre gente para ser do autor.

*

O que será que aquelles trabalhadores esperam? Um dia... Diz o sr. Jorge Amado, um dia... Mas o que será? Que promessa será essa? Honorio, um dos personagens, dá uma solução (pg. 65): "Um dia eu mato esses coroneis todos e a gente divide isso." Será por essa solução que tanto suspira o autor? E para a vida miseravel e sem remedio o sr. Jorge Amado espera que um dia venha a solução fatal, mas que elle mesmo não sabe ainda qual é.

*

E' o defeito do livro, uma intenção grande de mais e que se percebe em cada phrase. Todos os ricos do romance são máos, velhacos, libidinosos e... catholicos; todos os pobres são bons e máos, mas quanto á crença os humildes sempre foram os mais favorecidos. Isto é velho. Naturalmente que ha ricos catholicos, que ha homens cultissimos e catholicos; mas a grande maioria foi, é e será de humildes. Mas, aquella gente é uma gente especial e as creanças têm apenas "uma vaga ideia de Deus, *um sêr assim como o Coronel,* que premiava os ricos e castigava os pobres."

*

O problema social no livro apparece misturado e confuso e sente-se sempre claramente o esforço do autor para dividir os campos: de um lado o patrão, a patrôa, a filha, o filho, os amigos da familia, o Argemiro, emfim todos os que possuiam alguma cousa, fazendo a gente má, perversa, ruim do romance; do outro lado os alugados, as familias pobres, tudo gente bôa, até aquelle Honorio que matava por dinheiro é um personagem sympathico que vinga um pouco a exploração dos alugados e deixa fugir Colodino, perdendo com isso quinhentos mil réis e trocando lindamente a estima do coronel pela do leitor desprevenido.

*

A farra que os trabalhadores faziam na rua da Lama é pintada com côres doces, naturaes, numa realidade triste e miseravel; a mesma farra feita pelo filho do coronel e seus amigos toma côres negras e cheias de sangue e logo surge o autor e seu rosario de censuras. Os "alugados" não têm religião (será isso possivel no Brasil onde se conhece o povoado pela torre da igreja?), no emtanto os ricos são catholicos, e o filho do patrão, typo vulgar e velhaco, vae á missa com uma fita no pescoço. Será que o sr. Jorge Amado não conhece um catholico decente?

*

E' pena esta intenção subalterna do autor. Quando elle se esquece do desejo de fazer romance proletario (?) o livro torna-se delicioso e como poucos livros nossos. Tem vida aquella cidade de Pirangy, aquella secção de cinema é esplendida e natural, a rua da Lama fica em nosso sub-consciente reclamando um remedio para a verdade crua e repugnante que ella encerra. Essa revolta que o sr. Jorge Amado não procurou, está viva dentro de seu livro e não ha quem negue os muitos gritos que ninguem ouve espalhados no mappa do Brasil.

Ainda desejo felicitar o sr. Jorge Amado pelo desassombro com que escreve e a novidade daquellas cartas de operarios no fim do livro, deliciosas e naturaes.

ARNALDO TABAYÁ.

ELEGANCIAS

Vestidos — Chapéos

Lingerie.

Modelos de Paris

Lindissimos presentes de grande novidade.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

Carlos Góes — **Quatro peças** — Livr. Francisco Alves — Rio 1933.

Já agora, as peças do sr. Carlos Góes se tornaram as preferidas dos nossos amadores theatraes. Pela habilidade com que sabe evocar os factos curiosos do passado brasileiro ou pela destreza com que insinúa complexos problemas moraes em dialogos escorreitos e situações scenicas movimentadas, fornece elle o melhor contingente a quantos pretendam instruir-se ou divertir-se em algumas horas de espectaculo.

Accresce que, nesse escriptor honrado e altivo, o elemento de carpintaria theatral não sacrifica nunca o merito estrictamente litterario do drama ou da comedia em jogo. Robusto conhecedor do vernaculo, sabe elle conciliar a tonalidade brasileira da phrase com o respeito ás leis tradicionaes da lingua, tão desdenhadas agora pelos mestres em cacographia.

Ainda ha tempos tivemos ensejo de verificar quanto foi feliz a sua adaptação do *Suave milagre* de Eça de Queiroz. Pois estas quatro peças, muito bem urdidas psychologicamente e desenvolvidas oralmente sem nenhuma especie de affectação rebarbativa, não fazem senão consagral-o de modo definitivo, num genero que exige, como nenhum outro, subtileza, gosto e pleno conhecimento dos valores humanos.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

Notas sobre Agrippino Grieco

E' sempre com grande prazer que eu escrevo sobre um livro de Agrippino Grieco. Encontro a cada pagina nesse escriptor o que elogiar, e não é necessario que o critico amavel (e me orgulho de não ser critico amavel) fique a procurar no livro, novo Diogenes, uma phrase, um trecho que mereça uma palavra elogiosa. Esse escriptor que tanto tem produzido (se bem que seus volumes sejam apenas 6 ou 7, é enorme a sua collaboração nos jornaes) é em cada novo livro que publica um boccado inédito, mesmo para o seu leitor mais assiduo.

Muitos annos gastou Agrippino Grieco fazendo artigos para jornaes, de todos os feitios e tamanhos, juntando ao lado de ensaios bem pensados, e bem trabalhados, chronicas apressadas de quem tem dia marcado para entregar a collaboração. No emtanto, nenhum escripto do nosso maior chronista é inteiramente máo. O que elle tem de peor é bom e quasi tudo é optimo.

Erra muitas vezes nos seus juizos criticos, dizem. E' natural que erre e é natural que o digam. Em questão de gosto litterario, mais do que qualquer outra cousa, as opiniões variam. Dahi os erros do critico. Ora, acontece que Agrippino Grieco foi durante muito tempo o melhor seleccionador de valores que a critica nacional possuiu. Não era um sujeito feroz. Nada disso. Elogiava, ao contrario do geral dos commentadores de livros, os bons, e desancava os mediocres. Os outros elogiavam tudo no mesmo tom de voz. Esse negocio do tom de voz é importante. Porque João Ribeiro, por exemplo, elogia. Mas não no mesmo tom de voz. Elogia de vez em quando gritando bem alto. Ahi o livro vale. Os outros elogios são pilherias. A gente conhece e differencia perfeitamente. Agrippino Grieco poderia ter feito assim. Mas preferiu um systema differente. O que era bom era taxado de bom, elogiado, applaudido. E denunciava os chantagistas do talento, os falsificadores de cultura, os meninos bonitos das lettras. Dahi a fama de máo critico, ou melhor, de critico feroz, parcial, unilateral.

Eis uma cousa que elle nunca conseguiu ser: unilateral. Conservou-se sempre intellectual puro, sem partido politico, sem partido religioso, sentindo a belleza em qualquer parte em que ella estivesse, fosse nos poemas christãos ou nos romances revolucionarios da Russia marxista.

Leu muito, sabe muito, sabe talvez mais pelos livros que pela propria vida, ninguem melhor que elle sabe o que de novo em todos os sectores de actividade da intelligencia humana. E não faz isso tudo para commandar um grupo, para ser chefe de um partido ou de uma corrente de opinião, para influir sobre os jovens ou velhos. Não. Estuda pelo prazer de saber, para não enganar o seu publico, procurando ser honesto e justo nos seus juizos. E se por vezes se engana, se não comprehende, cabe quasi sempre a culpa ao autor e não ao critico. Com todos os diabos, quem ha de entender certa gente que escreve no Brasil?

*

Muito se falou ultimamente, no que se chamava de "regeneração de Agrippino Grieco". Elle proprio, parece, que certa vez se referiu a isso dizendo que deixava de ser "critico de defeitos" para ser "critico de virtudes". Acho que não foi propriamente isso que succedeu. Penso que o caso foi o seguinte: elle aparou os extremos e se collocou em frente á litteratura brasileira com um senso maior de justiça, o que não quer dizer que elle fosse injusto antes. Apenas, antes, quando elle elogiava, não catava os defeitos, quando desancava não notava as virtudes.

Affirmava ou negava de uma vez. Hoje aprendeu a ver as virtudes de certos livros máos e os defeitos de certos livros bons. Distanciou-se um pouco de si proprio para se approximar dos nossos criticos. Teria feito bem ou mal? Não sei. O que sei é que foi mais um sentimento de fraternidade, de solidariedade, para com todos que fazem o sacrificio de escrever neste paiz, do que vontade de agradar, que provocou no pamphletario temido essa reviravolta. Cousa facil de provar: basta folhear a *Evolução da Prosa* ou a *Evolução da Poesia* para notar que os ataques aos medalhões continuam. Desappareceram, sim, os ataques aos pequenos escriptores que nem conseguiram a gloria facil da Academia, dos seus premios e de outras besteiras eguaes.

A essa ultima phase do escriptor pertence o seu recente livro *São Francisco de Assis e a Poesia Christã*. E' um passeio commovido do leitor Agrippino Grieco através alguns dos maiores poetas da humanidade. Cabem numa nota sobre este, todos os elogios feitos aos volumes precedentes do autor: livro brilhante, bem escripto, de saborosa leitura, revelando um mundo de conhecimentos. E' um livro harmonioso, doce ás vezes, ás vezes nervoso e vibrante. O autor sente conforme o poeta de que trata. Consegue, com uma facilidade de que poucos são capazes, adaptar seu estylo ao assumpto tratado e aquellas curiosas figuras de homens que possuiram fé ou tentaram possuil-a, surgem aos nossos olhos, vivos, com seu ar proprio.

O ensaio sobre São Francisco é suave, e claro e risonho. Sobre Dante, gritante, e exaltado. Commove-se com Verlaine e com a tragica vida de Poe.

Explica Ruben Dario. Admira (e sente-se que é uma admiração absoluta) Veuillot. E sobre os erros de todas essas vidas, o ensaista não tem uma palavra acida, uma satira. Desculpa e explica tudo. Só lhe interessa a belleza, o que de grande e de bello deixaram elles realizado.

Criticos do critico descobrirão (como elles sabem catar!...) erros no livro. Eu sinto o que ha de bom nelle. E ha muita cousa. Além de tudo presta um inestimavel serviço aos jovens que querem saber algo sobre as vidas dos poetas religiosos e a poesia christã. E' ainda por cima uma admiravel obra de divulgação.

JORGE AMADO.

Leiam:

GILBERTO AMADO

DIAS E HORAS DE VIBRAÇÃO

Preço: 5$000

DE BERLIM

O enigma de Konnersreuth

Acaba de apparecer em traducção ingleza o livro de um medico (que pelo nome parece tcheco), o dr. R. W. Hyneck: *Konnersreuth — The Medical and Psychological Study of the Case of Thereza Neumann*. O traductor britannico esqueceu-se de nos dizer de que lingua o verteu para o seu idioma.

Konnersreuth é uma aldeiazinha de 952 almas situada a seis kilometros de Waldsassen, perto da fronteira Tchéco-Slovaca. O pae de Thereza Neumann é alfaiate e lavrador. Tem dez filhos. Ella era robusta. Basta dizer que carregava sózinha saccas pezando oitenta kilos. O primeiro que a respeito della escreveu livro, por signal de 700 paginas, foi um protestante, o Dr. Gerlich. Thereza sempre teve o espirito normal e excellente saude, até o dia em que, sentindo violentissima dôr nas costas, começou para ella o seu Calvario. De hysteria nenhum signal. Nada tambem de crises epilepticas. Jejuns prolongadissimos. Póde passar semanas e mais semanas sem comer. Entretanto, começou a soffrer incontinencia urinaria e intestinal. Outro phenomeno importante: depois do accidente que tão fundamente lhe interessou a columna vertebral, o fluxo catamenial lhe desappareceu até hoje, de sorte que, contando apenas vinte e poucos annos, entrou definitivamente em pleno periodo de menopausa.

A sua stygmatisação é completa, isto é, ella possue os stygmas todos, desde a Corôa de Espinhos até os signaes dos cravos nos pés.

Mas que são stygmas? Etymologicamente esta palavra grega *στιγμα* significa *signal, ferida* e tambem a marca do ferro em brasa com que se assignalavam outróra os escravos. Dahi, o nosso *stygmatisar*. Figuradamente a palavra é empregada para significar as sacratissimas Cinco Chagas de Christo Senhor Nosso.

Facto muito significativo: entre todas as confissões christans, só a Igreja Catholica tem tido até hoje o privilegio de pessoas stygmatisadas. O stygma é um *charisma*, isto é, dom gratuito, manifestação da divina graça. Deus o dá a quem mui bem lhe parece. *Spiritus ubi vult spirat*... Em geral este charisma toca aos que attingiram aos mais altos graus do contemplativo amor de Jesus. E' por isso que em theologia mystica é elle chamado *Vulnus Divinus* (chaga divina) ou *Plaga Amoris viva*, (viva chaga de amor) — expressões, como se vê, impregnadas da mais alta e celeste poesia. O Dr. Görres, no seu livro *Die Christliche Mystik*, cita oitenta casos de authenticos stygmatisados. Numerosos casos tambem se podem ver no livro que escreveu J. K. Huysmans sobre Santa Lydwina de Schiedam. Nas canonisações dos santos que tiveram stygmas, são estes mencionados explicitamente pelo Papa sob o nome de *Charismata Superna*.

Thereza Neumann diz que ha actualmente no mundo só tres stygmatisadas: ella propria, uma outra na Italia e a terceira, Soror Amalia da Flagellação, em Campinas, segundo carta do Bispo daquella diocese, Monselhor Barreto, publicada em 1927 pela *Era Nova*, jornal catholico da Bahia.

Que não se trata de farça urdida por qualquer mystificadora é facto incontestavel. Sabios eminentes, muitos delles judeus e até materialistas, têm examinado Thereza e constatado a realidade irrefragavel dos phenomenos. Estes apparecem geralmente ás sextas-feiras, quando ella cae em extase e descreve com acuidade dolorosissima todos os soffrimentos do *Homo Dolorosus* desde o momento da sua prisão no horto de Gethsemani até o ultimo suspiro no infamante, hoje glorioso madeiro da Cruz. Quando communga (e o faz diariamente) não engole a Hostia. Esta desapparece da sua lingua! Como? *Dicant Paduani*...

Affirma que Pilatus não foi para o inferno, por ter feito tudo quanto poude para salvar Jesus da furia dos phariseus. Não sei como se poderá conciliar esta asserção com a tradição segundo a qual o proconsul se suicidou em Vienna... Diz tambem que o imperador Carlos da Austria, que morreu no Funchal em 1920, foi direitinho para o Céo, sem passar pelo purgatorio... *Durus est hic sermo*, porque, conforme tenho ouvido a allemães aqui, Sua Majestade bebia muito. Verdade é que, segundo certos moralistas da escola de Santo Affonso de Liguori, para que a bebedeira chegue a ser peccado mortal, é necessario que o beberrão já não possa, de longe, distinguir um homem de uma arvore! Emquanto não chegar a este acumen, não passa a camoeca de peccado venial...

Mas de todos os factos o que mais me impressiona neste extranho caso é o phenomeno philologico, attestado por homens de incontestavel autoridade, como o Dr. Wutz, professor de linguas orientaes, o Dr. Bauer, professor de Philologia Semitica na Universidade de Halle e que tratou deste assumpto na *Zeitschrift für Parapsychologie*, e tambem o professor Dolman. Todos são summidades na materia. Pois bem: esses homens affirmam que Thereza, durante os seus extases, falla aramaico, lingua desapparecida ha 1.800 annos! Como toda a gente sabe, o aramaico era a lingua materna de Christo e de seus discipulos. E' um dos mais tremendamente difficeis idiomas do ramo semitico. Basta dizer que se escreve só com as consoantes, supprimidas geralmente as vogaes, que são symbolos simplesmente modificativos, mas, ainda assim, desempenhando importante papel. Com effeito, o sentido de cada palavra varia conforme a vogal que se addiciona a uma consoante. O professor Pabstmann, ouvindo Thereza, conseguiu, diz elle, distinguir a maneira de fallar de Caiphaz do modo de fallar de São Pedro, que, como se sabe pelo Evangelho, no episodio com a criada do Pontifice, deixou-se trahir pelo seu carregado sotaque de galileu. A espevitada rapariga, com a sua tagarellice ancillar, ia compromettendo sériamente o apostolo quando lhe disse: "Ah! agora vejo! Tu tambem és galileu! Basta ouvir-te fallar! *Nam loquella tua te patefacit!*" São Pedro acovarda-se, treme, resmunga, trasteja, contradiz-se e afinal nega a seu Divino Mestre no momento exacto em que Este, a escorrer sangue, apparece e dá-lhe um olhar de doce, divina reprehensão. Que olhar, meu Deus, devia ter sido Aquelle! Nesse momento canta o gallo. São Pedro lem-

bra-se da prophecia do Filho do Homem. Então, como um sonambulo, retirando-se abatido, de cabeça baixa, curvado ao peso da immensa dôr e da vergonha, chora amargamente lagrimas redemptoras. *Et eggressus foris flevit amare.* E' este um dos trechos mais bellos e mais dolorosos de toda a litteratura universal.

O professor Bauer é categorico: "Que é aramaico, sentenceia elle, é facto absolutamente incontestavel. E' aramaico do tempo de Christo." E, simultaneamente com o Dr. Gerlich, produz varios argumentos de peso em abono da sua these. Assim Judas (pela bocca de Thereza) ao approximar-se de Jesus no Jardim das Oliveiras, diz-lhe em puro aramaico: — *Tchélakh Rabboni,* que quer dizer: *Salve, Mestre!* O populacho desenfreado e feroz de Jerusalém, grita: *Crucifica-o!* Thereza o repete em aramaico: *Salabâu!* O Homem de Dôres brada: *Tenho sêde!* Em aramaico: *Etchê!* O Homem Misericordia, olhando para os seus algozes, pede ao Pae que lhes perdôe o muito mal que lhe fazem. Em aramaico: *Abba, Tchaboc, Lehon!* Naquelle momento de intensa desesperança, quando elle exclama: *Meu Pae! Meu Pae! Porque me desamparaste!* — diz Thereza em aramaico: *Eloi! Eloi! Lama Sabacthani!* Esta phrase, como é sabido, já está no Evangelho. *Pae! nas tuas mãos encommendo o meu espirito!* Em aramaico: *Abba, Bêyadakh afkéd râukhi.* — Por fim, a ultima palavra de Christo na Cruz, o *Consummatum est,* sôa assim em aramaico: *Tchalem Câulékhi!*

Agora seja-me licito perguntar: será possivel recusar o testemunho de philologos tão capazes, de sabios tão eminentes? Quanto a mim, não me atrevo a tanto. Explicar o phenomeno não sei, mas os factos ahi estão e contra factos não ha argumentos. Como se explica que essa camponezinha ignorante falle no melhor latim daquelle tempo? De facto, ha um momento em que ella repete a ordem dada ao lictor no atrium por um alto funccionario do Pretorio, que manda preparar e trazer a Cruz: *Lictor, expedi Crucem!* Era esta a voz de commando usual entre os Romanos.

O Bispo de Regensburg, diocese a que pertence Thereza, não só prohibiu as peregrinações a Konnersreuth, como tambem ordenou que ella fosse recolhida a um sanatorio onde se acha sob severa observação clinica.

Como sempre succede em casos similhantes, a Igreja procede com extrema prudencia e a mais louvavel lealdade. E com razão, porque já tem havido falsas stygmatisadas. Em Lisboa, não ha muitos annos, appareceu uma das taes, cuja charlatanice desmascararam facilmente as proprias autoridades ecclesiasticas. O anno passado, ou atrazado, segundo li nos jornaes, appareceu tambem uma na Hespanha, mas já lhe arrancaram a mascara de fingida santidade.

A hypothese da hysteria, como já disse no principio, é recusada não só pelo Dr. Hyneck como por outros medicos de nomeada. Não sendo acceita a hypothese catholica, isto é, do stygma ser um signal da graça santificante, permanece o phenomeno sem explicação plausivel.

Em todo o caso é certo que, não se tendo a Igreja manifestado officialmente, fica a todos e a cada um a liberdade de explical-o como puder, usando daquelle conhecido aphorismo de Santo Agostinho: *In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas...*

ANTONIO TORRES.

"Memorias de Cesario Brandão"

Apparecerá dentro em breve, numa formosa edição Pongetti, a novella *Memorias de Cesario Brandão,* satira em que o sr. Sebastião Fernandes, autor do livro de contos *Destinos,* muito bem acolhido pela critica, imprimirá um feitio dos mais curiosos á litteratura de memorias tão em voga no momento que passa. A figura central da narração é, segundo nos asseveram, a de um estadista que teve o seu periodo de governo ferozmente atacado pelos contemporaneos.

Afranio Peixoto — **Uma mulher como as outras e Fruta do mato** — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo, 1933.

Trata-se da nova edição de romances de que já se venderam muitos milheiros. A proposito de ambos, derramaram-se em louvores os srs. Sud Mennucci, Carlos Dias Fernandes, Raymundo Moraes e Manoel Gahisto, havendo até quem trouxesse á baila, em confronto que bastante honra o romancista vivo, o nome glorioso de Alencar.

Menotti del Picchia — **A Filha do Inca** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

E' a segunda edição, com o titulo mudado, da *Republica de 3000,* o bello romance que tanto successo obteve não ha muito, sendo logo traduzido para o francez pelo eminente escriptor Manoel Gahisto.

Acaba de apparecer:

De AGRIPPINO GRIECO:

São Francisco de Assis e a Poesia Christã

Notavel série de ensaios sobre os maiores poetas religiosos de todos os paizes, desde o Pobrezinho de Assis até o nosso Alphonsus de Guimaraens. Estudo de conjuncto sobre a poesia mystica como ainda não se publicou nenhum em nosso paiz.

I — ITALIA

São Francisco de Assis
Dante Alighieri — Torquato Tasso

II — HESPANHA

Santa Thereza

III — ALLEMANHA

Klopstock — Balladas

IV — FRANÇA

Chateaubriand — Lamartine
Veuillot — Baudelaire
Verlaine — Péguy — Mistral

V — INGLATERRA

Milton — Southey e Leigh Hunt
Keats e o Néo-Hellenismo
Dante Gabriel Rossetti
Christina Rossetti — Wilde

VI — PORTUGAL

Anthero — Nobre
Gomes Leal — João de Deus

VII — AMERICA DO NORTE

Longfellow — Poe

VIII — NICARAGUA

Rubén Dario

IX — BRASIL

Varella
José Albano — Alphonsus

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

Edificio d'A NOITE — 8º andar
Salas 814-815
PRAÇA MAUÁ, 7 - RIO DE JANEIRO

"Sinhá Dona"

Sinhá Dona ageitou os oculos praguejando contra a pouca luz do lampeão. E lançou no envoltorio largo e tarjado o subscripto.

Revmo. Reitor do Seminario.

O Toinho achegara-se curioso. Estava mettido numa ampla camisola de cassa. Sabia do que se tratava. E indagou:

— E tem que vestir saia preta, como o sobrinho das Guimarães?

— Sim, filho, a batina. E' da ordem...

— E a gente vae para a igreja?

— Sim, filho.

— Dizer missa titia? Como o padre Tobias?

Sinhá Dona explicou:

— Por emquanto elle não iria rezar a missa. Só mais adiante. Depois do curso feito. Se, querendo Deus, elle se ordenasse.

Aproveitou a occasião para aconselhal-o. Que tivesse sempre bons modos, não respondesse aos padres, nem brigasse com os collegas. Extendeu-se, mesmo, em outras observações de ordem secundaria. E rematou mudando de tom:

— Vá, vá dormir que são horas.

*

Numa tarde chuviscosa o Toinho tomou o bondéco de burros rumo ao bairro da Prainha. Ia de batina e em maré de contentamento. Subira a ladeira, galgara a escadaria e puxára, com força, o cordel da sineta monastica. Tudo isso acompanhado dos passos da tia, embrulhada num fichú de malha preta, sempre praguejando contra o estado do tempo.

Detiveram-se no parlatorio que tinha télas sacras nas paredes, e o tecto apainelado e vistoso. A temperatura da sala contrastava com a frieza que rondava lá fóra. Depois Sinhá Dona beijou-o e saiu aproveitando uma estiada que a favorecia.

Um regente levou-o por um corredor tranquillo e arejado, com columnas em galeria, dando para um jardim. A creança seguia-o com um vago temor. Apezar da agua da chuva continuar a escorrer das bicas, ruidosa, havia uma paz mystica no ambiente. Fazia frio. E o proprio ceu coberto de nuvens parecia agasalhar-se...

E Toinho ficou-se, internado na energica disciplina ecclesiastica, com o enxoval novo e algumas lagrimas.

*

O proposito de Sinhá Dona, aferrolhando o sobrinho no Seminario, não fôra, absolutamente, ordenál-o. Se isso se verificasse não seria por imposição della e sim pela vocação e vontade do rapaz. Queria apenas que aprendesse.

Desta maneira, porém, não pensava o padre Tobias, intimo da familia e confessor da velha. Estimaria ver o menino celebrando. E veria!

A permanencia do Toinho, uns tres annos, no aprendizado religioso o foi dissuadindo. Desfez-se a certeza antiga. O moço botava as mangas de fóra... Nem vocação nem vontade de sahir clerigo.

Enamorara-se mesmo de uma Zefa, sardenta e com pinta no olho, da vizinhança do educandario catholico. Por ella se encostava, horas esquecidas, ao peitoril da janella do dormitorio, relanceando o trecho de rua que podia descortinar, com uns olhinhos compridos.

Recebia merendas onde o recheio dos pães era substituido por bilhetinhos amorosos e sempre-vivas... E, por amor ao seu sentimento se ia privando ora do seu doce, ora do seu queijo...

Esse passatempo innocente chegou aos ouvidos da tia. E Sinhá Dona tomou as suas precauções. Pretextou uma prescripção do medico da familia e o foi buscar, num sabbado de quaresma, para a cura...

Toinho acceitou tudo sem grandes constrangimentos. Andava de beiço cahido pela menina, mas não raciocinava sobre o desfecho possivel que occasionaria aquella separação. O coração era mau com o cerebro: portanto não exigia reflexões.

(Do romance a apparecer: *Sinhá Dona*).

HEITOR MARÇAL.

"Revue Française du Brésil"

Temos em mão o ultimo numero desta interessante publicação, que já vae no seu segundo anno de existencia, e cedo se impoz á leitura das nossas classes mais cultas. Tendo passado agora por uma completa remodelação, com enriquecimento do seu corpo de collaboradores e maior amplitude nas suas directivas intellectuaes, a sympathica revista ainda ha de conquistar um maior numero de leitores, pois que preenche plenamente o nobre programma que se traçou de estreitar ainda mais as relações franco-brasileiras.

NOSSOS VISITANTES

Como professor do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura tem feito entre nós, no salão da Academia de Letras, uma série de conferencias, o Professor Pierre Janet, do Collège de France.

O illustre Mestre tomou para objecto de suas prelecções — a crença. Problema psychologico dos mais arduos, tendo relações intimas com as grandes questões philosophicas, como o problema da realidade, a origem da sciencia experimental, a formação e evolução da fé religiosa, o prof. Janet, com uma encantadora maestria, o tem analysado sob todos os seus aspectos.

Não estando ainda terminada a série d'essas notaveis conferencias, seria prematuro fazer desde já um resumo das idéas do prof. Janet. Esse trabalho será, no proximo numero, feito por um de nossos collaboradores. Por emquanto, só nos resta dizer que o prof. Janet tem justificado amplamente, perante o nosso publico, sua grande fama de conferencista. Sua exposição, simples e cheia de encanto, é, a todo instante, realçado pelo espirito e brilho que sabe emprestar a todas as analyses que exigem os pontos de vista por elle sustentados. O successo d'essas conferencias tem sido consideravel.

Fóra da série official de conferencias a que alludimos acima, o prof. Janet, que parece não conhecer a fadiga, tem, com uma boa vontade encantadora, acceito fazer outras lições a convite de associações medicas ou de educação. Em todas tem tido o mesmo successo.

— O Professor Fauré-Frémiet, do Collège de France, de passagem para Buenos-Ayres, onde vae fazer uma série de conferencias sob os auspicios do Instituto Franco-Argentino de Alta Cultura, permaneceu alguns dias entre nós. O Professor Fauré-Frémiet é o successor de Henneguy na cadeira que ora occupa, e attingiu muito joven a essa alta posição em virtude de seus notaveis trabalhos sobre o protoplasma, o nucleo, as leis do crescimento, os tumores artificialmente produzidos pela injecção de oleo camphorado, as mitochochondrias, as leis da organização dos tecidos, a morphogenese e muitas outras questões.

Pressurosamente acolhido pelos scientistas brasileiros, elle fez entre nós uma conferencia na Academia Brasileira de Sciencias e outra na Sociedade Brasileira de Biologia.

ANTENOR NASCENTES

DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA

Grosso vol. de cerca de 900 pgs., in-8°

Meia-encad. percaline .... 50$000

Meia-encad. couro .... 60$000

Pedidos a

Ariel Editora Ltda.

— e —

Livraria Francisco Alves

Rio de Janeiro

O Marquezinho de Blandford

Na sahida dos jardins de Kensington o omnibus partiu o eixo. O *policeman* levantou as mãos enluvadas de branco detendo o transito. Os carros paravam rangindo freios que a primavera fizera fortes. Dois ficaram ao par. Um, o typo eterno do taxi londrino, cinzento escuro, pesadão, confortavel, com seu motorista veterano de 14. O outro uma limosine negra, baixa, esguia, espelhante. Dentro, pela vidraça lisa, um perfil de homem forte, duro, incisivo, senhorial. Face meio gorda com um ar de fastio classico.

Levantava-se o immenso omnibus amarello. Pegou a conversa no taxi.

— Você recorda uma pagina de Eça de Queiroz sobre o marquezinho de Blandford, filho do duque de Marlborough e neto de Vanderbilt? Não se lembra? Pois o Eça exgottou todo o carcaz de ironias. O duque de Marlborough casara com Consuelo Vanderbilt e o primeiro filho tivera brinquedos que pagariam a divida de um paiz. E no baptisado o avô lhe déra um milhão, um hiate, dois palacios. E' uma pagina deliciosa de verve, de espirito desdenhoso e facil do terrivel esgrimista. Devia ser falta de assumpto mas o marquezinho recemnascido deu alguns periodos verrumantes.

— Mas por que esse marquez agora?

— Porque é o Marquezinho de Blandford quem está naquelle automovel!

— Aquelle camarada sizudo como o dezembargador Geminiano da Franca?

— *All right!*

O omnibus trepidava no asphalto. A luva do policial apontou a direcção. A limosine arrancou serena, silenciosa, fulminante. O taxi pegou uma *segunda* amavel que deixava contar as arvores alinhadas nas aléas.

Recorda-se o Eça. Com effeito é uma pagina de fogo o commentario daquellas nupcias de sangue azul com sangue doirado. O duque de Marlborough nem sabe sua popularidade no Brasil e Portugal graças á graça nova do chronista sem thema para o artigo pago pela *Gazeta de Noticias*.

— Mas você nem pode calcular o que foi o casamento do decimo duque de Marlborough, marquez de Blandford, conde de Marlborough, barão Spencer, barão Churchill, depois secretario de ministerios, Lord da Inglaterra, coronel honorario do Oxford and Bucks Light Infantary e muito nobre cavalleiro da Ordem da Jarreteira. Faz 36 annos. Consuelo Vanderbilt era uma das maiores herdeiras americanas. Casaram em New York. Sir Charles John tinha 24 e a noiva 25 annos. O primogenito nasceu dois annos depois, 18 de setembro de 1897 em Londres. Só se falava em Vanderbilt o *americante mais millionarizante da America millionarizadora*, como dizia o Eça. Não estava na moda a troca dos duques. E logo o Marlborough da mais velha e antiga *gentry*..."

— Homem deixe de falta de assumpto. Casou o Marlborough numero 10º e sempre foi mais feliz que o numero 1º que deu nome á canção...

— Nem tanto. O numero 10º não foi feliz. Em 1921 divorciou-se da Vanderbilt já tendo dois filhos, o John Albert Eduard William, marquezinho de Blandford, e lord Ivor Carlos, ambos officiaes durante a guerra.

— Divorciou-se?

— Divorciou-se e casou com outra americana. O duque de Marlborough não quer estar solteiro nem 24 horas. Soltou a Vanderbilt e casou com Gladys Mary Deacon, em Paris. Creio que em junho de 1921. E vive bem, penso eu, mas não teve filhos do segundo leito, como dizem os genealogistas.

— E a senhora Consuelo Vanderbilt duqueza de Marlborough, condessa e baroneza de varios titulos?

— Casou um mez depois do ex-marido. Casou com um official reformado do Exercito francez, Luis Jacques Balsan. A duqueza de Marlborough é hoje *madame* Balsan e mora aqui em Londres.

— E o marquezinho?

— Foi capitão dos *Life Guards* e casou na familia dos condes de Cadogan, em fevereiro de 1920, com *miss* Alexandra Mary Cadogan e tem dois filhos. Só me recordo da mais velhinha, Sarah Consuelo, nascida justamente quando os avós se separaram. O Marquez de Blandford é um homem direito, da tradição sizuda dos *landlords* generosos e bravos. E' uma bella figura da nobreza de Saint James e Windsor. Mora em Portman squ. 1. Londres W. 1.

O taxi rodava macio num borborinho surdo de vozes e rumores metallicos. Trafalgar Square!

— Você já viu a estatua de Nelson?

LUIZ DA CAMARA CASCUDO.

Octavio de Faria — **Machiavel e o Brasil** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

O melhor elogio deste ensaio consiste em dizer que, sendo um livro de idéas e destinando-se naturalmente a leitores cultos, conseguiu chegar á segunda edição, sem alardes de cabotinismo e sem qualquer transigencia com o máo gosto do publico vulgar.

A parte do volume referente a Machiavel revela um forte conhecimento de tudo quanto se prende ao chamado "Secretario Florentino", sem esquecimento da litteratura collateral, do bello periodo da Renascença.

Mas o gosto do sr. Octavio de Faria pelos humanistas do seculo XVI não o prejudica na analyse do Brasil de agora, seus politicos, seus theoristas, seus homens de acção pretensa ou real. Ao contrario, aguça-lhe o espirito e torna-o apto a bem julgar os Machiavelinos, mais ou menos de contrafacção, em que é prodiga a sociedade de hoje.

Livraria Catholica

RUA RODRIGO SILVA Nº 7

DISTRIBUE NESTE MEZ OS SEGUINTES LIVROS:

Problema da Familia — Pe. Coulet .... 6$000

O Sim de uma Creança (Guy de Fontgalland) G. Bernoville ...... 6$000

Matupá — Typos e costumes da Amazonia — Peregrino Junior. 5$000

Ensaios de Biologia — Tristão de Athayde e Hamilton Nogueira . 5$000

Arithmetica na Escola Nova — Everardo Backeuser .... 6$000

O Espirito de Imitação

Muitas vezes, quando se quer diminuir o valor ou a significação de determinados esforços, é com olympico desprezo que se costuma dizer de quem os produz que está imitando... Vê-se como anda mal comprehendido ou observado o percurso de evolução creadora que nos offerece o espirito de imitação.

Todos os nossos primeiros passos na vida são a copia de um modelo que se nos defronta, e de que poderemos vir a differenciar-nos profundamente. O percurso normal para a conquista dos processos de arte não foge a essa regra, nem poderia obedecer a outras normas como producto das faculdades psychicas, sujeitas aos mesmos dictames geraes.

Imitar é o caminho forçado para crear. Assim, arremedamos gestos, repetimos a maneira humana de se locomover pelo andar e aprendemos a lingua de nossos paes.

E tudo parece indicar (é pelo menos o que resalta da observação commum) que quanto mais habilidade se tiver para a imitação tanto mais fortemente della se divergirá pela mais resoluta definição de autonomia da individualidade.

E' uma simples questão de destreza mental applicada a fins oppostos.

Aquelles que denotam certo instincto de divergencia nunca se mostram tão irreductiveis nella como os que a conseguem pela força de uma reacção modificadora. Porque é preciso reconhecer, por exemplo, que não ha nenhuma vantagem no corvo que nasceu crocitando e por isso é differente de nós...

Salve-se agora tambem o depreciado costume dos simios, que é dos melhores exercicios para a intelligencia e para a manifestação das actividades creadoras. Affirmativa absurda considerarão os insinceros, aquelles que voltam sempre enjoados das primeiras investidas a uma introspecção...

Com a voz que gradativamente se educa pela imitação dos que nos cercam desde os primeiros dias da infancia, attingimos a perfeição extrema dos tenores e sopranos naquelles de nós em que o gosto artistico e a estructura do apparelho vocal para isso os predispõe.

Pelo exemplo fascinante dos que manejam os pinceis nas convenções das tintas é que se fazem os pintores. E de suas novas combinações e effeitos de sombra e luz por força de um temperamento — as escolas surgem pelo genio de espiritos fortes reagindo ás imitações que palmilharam e a que os submetteu o tirocinio da aprendizagem.

Aliás, todo o processo educativo da humanidade se baseia no renegado espirito de imitação, que vem preparando genios e vae conseguindo accelerar o nosso progresso.

Percebe-se na escala zoologica que a tendencia á imitação se inicia com as primeiras manifestações da intelligencia. Quem a possue até a simples capacidade de reproducção detém-se na mediania dos attributos da especie, e, dentro dessa, de sua especialidade no officio, na sciencia, nas lettras e nas artes.

Privilegiados são os que imitam para poder emancipar-se melhor. Treinam adquirindo agilidade, e logo se libertam pelo vôo largo das renovações, pelo surto de individualidades marcantes.

Não se podem mesmo descobrir com segurança as vantagens novas sem o trato das coisas estabelecidas para accentuação das inconveniencias tradicionaes, ou da rotina.

Ahi, como sempre, o maior proveito que se possa tirar não é do que procede de uma especie de instincto, de natureza primaria e involuivel, mas do que surge tocado pela flamma da intelligencia reveladora de novos aspectos no panorama das artes, de aperfeiçoamento technico no officio, de segredos da sciencia.

Donde se conclue que "macaquear" só é esteril e pode ser aviltante para aquelles cuja intelligencia se mede pelo mesmo nivel da intelligencia dos macacos...

E para consolo geral é que foi permittido a todos o dom ineffavel de já se nascer sabendo chorar, independente de qualquer espirito de imitação.

NEWTON BELLEZA.

THEMA BATIDO

A criança pallida
Dedilha o piano
Das nuvens do mar:
Quem déra ó gigante
Morar nas tuas ilhas
Varandas cinemas
Petroleo á vontade
Mazurkas azues
Amor de Marlene
Ó mares do sul
Cuicas e flautas
Sem cambio nem missa
Com rêdes molengas
Sereias e côcos
Estrellas cahindo
Nos mares do sul.

MURILO MENDES.

"ÉTÉ"

A França conta hoje com uma brilhante pleiade de escriptoras, que pelo brilho com que escrevem, pelo ardor com que defendem as suas idéas, pela cultura que demonstram, nada ficam a dever aos seus collegas do outro sexo. Marie-Anne Comnène está entre as desse grupo, formando ao lado de Colette, Marcelle Vioux e tantas outras. Uma das suas primeiras obras, Rose Colonna, *recebida com os maiores louvores da critica e sagrada por um extenso rodapé de Edmond Jaloux nas* Nouvelles Litteraires, *marcou-lhe um lugar definitivo na litteratura franceza contemporanea. Agora ella nos dá esse delicioso Été, pungente drama de amor, paginas cheias de finura e sensibilidade, em que mais uma vez se evidenciam as multiplas facetas do seu talento.*

Alberto Torres — **O Problema Nacional Brasileiro** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

Introducção a um programma de organização collectiva para o nosso paiz. Não aviltando nunca o seu bello e nobre idealismo, não se mettendo na feira de tartufos e charlatas, Alberto Torres era dos que podiam dizer, sem emphase irritante: "o meu Brasil". Depois de Tavares Bastos, ninguem lutou tanto para que a nossa gente tomasse posse de si mesma, comprehendesse, pela cultura e pela probidade intellectual, as responsabilidades da sua existencia planetaria num momento em que nenhum povo se póde manter isolado do resto do mundo, em que os povos transbordam uns pelos outros e os factos mais simples adquirem logo um grave caracter cosmopolita. Procurando bem diagnosticar os males brasileiros, afim de apresentar receita adequada, o notavel sociologo fluminense, tão discutido em vida, cresce mais e mais na irradiação postuma das idéas. Agora, um dos seus brillantes discipulos, o sr. Saboia Lima, exalta-lhe, em substancioso prefacio, as directrizes de homem politico que sabia ser a politica a mais difficil e nobre de todas as sciencias. Livros como este — bem accentúa o lucido prefaciador — assumem a preeminencia de verdadeiros catecismos de sociologia.

CORRESPONDENCIA

SR. RATZEL. — *Não nos consta que o prof. Everardo Backheuser tenha publicado qualquer obra com o titulo de* Geopolitica. *Ha, porém, um seu trabalho, recentemente apparecido, e ao qual já nos referimos á pagina 264, do N°. 10, Anno II, desta revista, intitulado* Problemas do Brasil, *mas subordinado á epigraphe*: Estructura geo-politica. *Este livro faz parte da collecção "Omnia" e é distribuido pela livraria Flores & Mano, á Rua do Ouvidor, 145.*

DR. MARTINS GOMES (Rio Grande do Sul) — *Temos em mão o seu vale postal. Houve, entretanto, da nossa parte, um lamentavel extravio da sua carta. E' favor, por isso, refazer-nos o seu pedido e enviar-nos tambem o seu endereço.*

Pizarro Loureiro — **O Chaco Boreal** — Editora Moderna — Rio, 1933.

Com excellentes qualidades de dialectica, mostrando-se um raciocinador de largos recursos na apologia da causa que o apaixonou, o sr. Pizarro Loureiro toma, neste livro, a defesa da Bolivia, no caso que a vem, ha tantos mezes, mantendo em litigio sangrento com o Paraguay.

Grande é a somma de testemunhos historicos ou cartographicos que o autor invoca e, embora não possamos ir á essencia desses argumentos, o que importaria em quebra da imparcialidade que esta revista mantém sempre em assumptos dessa natureza, forçoso é reconhecer que os seus argumentos implicam uma bella cultura no tocante aos factores de evolução social ou de divisão geographica dos povos da America.

Marcelle Vioux — **Le Roi Vagabond** — Editor Charpentier — Paris, 1933.

E' mais um excellente trabalho da notavel romancista franceza, cujos livros se vendem sempre bastante e são egualmente encomiados pelos mais idoneos criticos litterarios da França.

Mantendo-se, em harmonioso equilibrio, longe das effusões romanticas em que se comprazem as discipulas retardadas de George Sand e tambem longe dos excessos de inquirição pathologica proprios dos epigonos titubeantes de Zola, a sra. Marcelle Vioux não occulta nunca a verdade, humilde ou aspera verdade, mas não desce nunca a uma baixa espionagem no tocante a certos desvãos da alma humana.

Conhecendo como poucos o ambiente torvelinhante de Paris, suas glorias e miserias, seus esplendores e europeis, a autora de *Le Roi vagabond* nem por isso fraqueja quando estende a acção das suas novellas aos recantos de provincia e mesmo quando, forçada pela psychologia cosmopolita agora em moda, tenta a elucidação de enigmaticos temperamentos oriundos de outros sitios do planeta.

E' essa uma nobre escriptora, penetrada da dignidade de sua arte, proba, altiva, operosa e incapaz de qualquer concessão á basbaquice e ao máo gosto dos leitores obtusos.

Pandiá Calogeras — **Da Regencia á quéda de Rosas** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

Grande conhecedor da politica exterior do Imperio, o sr. Pandiá Calogeras dá-nos agora uma das substanciosas resenhas historicas em que tem sido fertil a sua actividade intellectual dos ultimos annos. Sente-se, lendo trabalhos como este, que o sr. Calogeras foi pesquizar longamente em nossos archivos diplomaticos, não recuando deante de tarefas que desencorajariam qualquer outro menos animado do desejo de bem elucidar as velhas questões internacionaes que tanto influiram na vida nacional do Brasil.

Máo grado certa rudeza de estylo e um evidente desdem pelas galas simplesmente oratorias, o ultimo volume do sr. Calogeras apresenta-nos muitos detalhes ineditos a proposito de Feijó e a proposito daquelle tyranno Rosas que o escriptor Sarmiento caracterizou em paginas das mais inflammadas da litteratura argentina.

Francisco Venancio Filho — **Notas de Educação** — Calvino Filho, editor. — Rio.

O autor deste livro é sobejamente conhecido dos leitores desta revista, pois que amiude a distingue com interessantes collaborações. Nome de grande prestigio nos nossos meios pedagogicos, o professor Venancio Filho vem alargando o circulo de seus admiradores com a publicação de alguns valiosos trabalhos que mais realçam as suas qualidades culturaes. São de hontem o seu *Educar-se para educar* e *Cinema e educação*, este ultimo feito de collaboração com outra brilhante figura do nosso magisterio o professor Jonathas Serrano, e que lograram justificado exito. Agora, fadado ao mesmo successo, o professor Venancio Filho dá-nos estas *Notas de educação*, titulo por demais despretencioso para uma obra que á simples vista da synopse dos seus principaes assumptos se denuncia do melhor contexto e da mais palpitante actualidade.

Archivos de Medicina Legal e Identificação — Volume VII — Rio, 1933.

Continúa das mais variadas a materia que nos offerecem esses *Archivos de Medicina Legal e Identificação*, publicados periodicamente pelos drs. Leonidio Ribeiro e Miguel Salles, dois especializados no assumpto que sabem imprimir á revista que dirigem um caracter absolutamente technico. Reunindo artigos originaes, de doutrina, a uma parte abundantemente informativa de julgados, transcripções, e pequenas notas bibliographicas, os *Archivos*, de que acaba de apparecer o numero VII, têm tomado logar entre as melhores publicações congeneres estrangeiras. Esse ultimo numero traz substanciosos artigos de varios entendidos de medicina legal, psychanalyse, endocrinologia e identificação, além de preciosas resenhas livrescas do sr. Leonidio Ribeiro, e um relato completo de todas as conferencias, palestras e movimentos que sobre esses assumptos se têm feito aqui e no estrangeiro.

Henrique Pongetti — **Deserto Verde** — Edições Pongetti — Rio.

O sr. Henrique Pongetti é, no momento, um dos nossos primeiros homens de lettras.

Chronista consagrado do *Pan sem flauta* e da *Camara lenta*, concorreu elle, com a *Historia de Carlitos*, para a renovação do nosso theatro, alteando-o a uma verdadeira categoria de arte e tornando possiveis successos como o do sr. Joracy Camargo com o *Deus lhe pague*.

Finalmente, a sua collectanea de contos e impressões, *Deserto Verde*, é affirmação decisiva de um notavel suscitador de typos, de um pintor synthetico de scenarios civilizados, ou para dizer tudo com a expressão que mais honra os ficcionistas: de um creador de vida.

"Acido Acetico", uma especie de *raisonneur* do sarcasmo, é, pela sua sensibilidade recentrada, figura de absoluta originalidade na historia dos nossos caracteres novellescos.

O ultimo volume do sr. Henrique Pongetti representa, sem duvida, coefficiente de alto valor no exito da prosa moderna do paiz.

A. Figueiredo Pimentel — **A Inspiradora de Luiz Carlos Prestes** — Calvino Filho — Rio.

O gosto pela narração é hereditario no sr. A. Figueiredo Pimentel. Por isso, e mais ainda por outro trabalho anterior, *As filhas do Baldomero*, não nos surprehendeu esse volume de retumbante successo livresco que vem de ser lançado pelo editor Calvino Filho em caprichada apresentação graphica.

Escolheu o autor, para o desenvolvimento do seu romance, typos inconfundiveis como o de Luiz Carlos Prestes, figura em torno da qual se juntam as admirações de muitos brasileiros desilludidos de todos os regimes, e que sómente ainda crêm um pouco no "Cavalleiro da Esperança". O sr. Figueiredo Pimentel dá vida a outras creaturas não menos bizarras, como a estranha Taciana e o apaixonado pintor paulista que encontra na "inspiradora" do herói a sua maior tortura e ao mesmo tempo a sua mais bella e esplendida aventura na terra.

O estylo, delicado ou vibrante, impreciso ás vezes, mas suggestivo quasi sempre, empresta, a todas as scenas, tintas que só possuem os homens affeitos no trato do jornalismo.

Dahi, parecer-nos dos mais justificados o successo que vem alcançando o livro do sr. Figueiredo Pimentel.

— Marguerite Yourcenar publica a biographia de Pindaro e a traducção de numerosos poemas do exaltador do athletismo grego.

— A' personalidade de Edgar Poe a escriptora franceza Marie Bonaparte acaba de dedicar um profundo estudo psychanalytico em dois volumes e que traz prefacio de Freud. Infelizmente é obra cara, editada por Denoële e Steele, e que talvez não chegue ás nossas livrarias.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Francisco Karam — *A Hora Espessa* — Poemas — Ariel, editora ltda. — Rio.
Almir de Andrade — *A Verdade contra Freud* — Schmidt, editor — Rio.
Candido Jucá — *O Factor Psychologico na Educação Syntactica* — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.
Sebastião Lobo — *Iniciação á Pratica da Dosagem Chimica* — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.
Arthur Ramos — *Psychiatria e Psychanalyse* — Editora Guanabara — Rio.
Luiz da Camara Cascudo — *O Conde d'Eu* — Comp. Editora Nacional — Rio.
Pandiá Calogeras — *Da Regencia á Quéda de Rosas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Firmino Costa — *Vocabulario Analogico* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
Firmino Costa — *Calendario Escolar* — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
Sapoty — *Bahú de Turco* — Versos humoristicos — Recife.
Armindo Rangel — *Outros Poemas* — Alba — Rio.
Admar Cruz — *Verdades e Bastidores* — Alba — Rio.
Othon Chateau — *Perfis Imperfeitos* — Livraria Pará — Belém.
Carlos Góes — *Quatro Peças* — Livr. Francisco Alves — Rio.
Carlos Paurilio — *Solidão* — Contos — M. J. Ramalho & Cia. Ltda. — Maceió.

Amando Fontes — Os Corumbas — Edição Schmidt, — Rio, 1933.

Plenamente victoriosa a estréa deste excellente escriptor nortista. Consagrado que foi pelos representantes mais idoneos da nossa critica, e entre elles pelo nosso eminente collaborador João Ribeiro, nenhuma duvida nos resta quanto a tratar-se de um dos melhores romances do anno.

Como bem disse outro magnifico animador de almas e scenarios do Norte, o sr. Jorge Amado, ler *Os Corumbas* equivale a fazer uma viagem a Sergipe, onde decorrem os acontecimentos do livro. E essa viagem, sob certos aspectos, será uma viagem de instrucção. Sim, quantos detalhes se encontram ahi de que nós outros cariocas, sempre um tanto distrahidos em relação aos nossos irmãos longinquos, nem desconfiavamos.

Sendo, acima de tudo, um romance de costumes, *Os Corumbas* fazem ver, com uma incisiva nitidez de linhas, as miserias e tristezas a que está sujeita uma familia de sergipanos, dessas que se estiolam entre o trabalho mecanico das fabricas e a inclemencia de uma terra tantas vezes rebelde aos que a revolvem de sol a sol, por longos annos successivos.

Aracajú, com a humildade e os sonhos das pobres creaturas que lhe formam por assim dizer a classe proletaria, está retratada, sem nenhuma caricatura perversa, nessa narração discretamente apiedada, em que a ternura pelos "humilhados e offendidos" nem de longe enturva os dons de observação perspicaz que tornam o sr. Amando Fontes uma das mais vigorosas affirmações de romancista do Brasil de 1933.

Arthur Ramos — Psychiatria e Psychanalyse — Editora Guanabara — Rio, 1933.

Eis ahi um escriptor evidentemente forte em assumptos de psychiatria. Estudou-a nos livros e completou-a na observação pessoal, numa criteriosa adaptação do assumpto ao ambiente em que vive. Tudo quanto elle escreve, se vale muito pela somma de documentos hauridos na sciencia européa, vale não menos pela inquirição directa. E novo encanto é o tom despretencioso em que as suas exposições se desenvolvem, sem ranço profissional, sem o autoritarismo pedante de tantos jovens que parecem ter nascido com a sobrecasaca dos antigos universitarios e, ao mesmo tempo que censuram os velhos mestres, são ainda mais empertigados e arrogantes que todos elles.

Freudiano sem fanatismos delirantes, aproveitando o lado realmente perduravel das observações do psychanalysta de Vienna, o sr. Arthur Ramos diz-nos aqui cousas utilissimas a proposito da paranoia, da eschizophrenia, da epilepsia e da linguagem dos alienados. Pullulam os pontos de vista inéditos, as contribuições pessoaes. O autor é dos que accrescentam algo aos themas fatigados, ajuntando-lhes um interesse brasileiro a que os nossos homens de estudo não se podem mostrar indifferentes.

Passos Maia — Guapé — Edições Pongetti — Rio, 1933.

Reminiscencias de um medico, ex-senador do Estado de Minas. Recordações dos tempos de formatura, da vida clinica e da actividade politica no interior. Nenhuma pretensão a estylista, mas indiscutivel facilidade narrativa. Acima de tudo, o sabor da verdade, a inconfundivel caracterização do real. Bonhomia e bom senso completam-se nesse homem de acção, de um optimismo sempre á mostra, que crê na perfectibilidade moral do genero humano e, numa absoluta tendencia para o louvor irrestricto, não injuria ninguem, nem vivo, nem morto.

Não gostamos muito dos seus discursos de congressista, emphaticos, solemnes, com abuso de nomes historicos. Mas a galeria final do livro, a evocação de tantas pittorescas figuras locaes, sacerdotes, magistrados e caipiras, é bastante suggestiva, por isso que directamente decalcada numa das populações e num dos recantos mais attraentes de Minas.

Padre Coulet S. J. — O problema da familia na sociedade contemporanea — Livraria Catholica — Rio, 1933.

Com um substancioso prefacio do padre Leonel Franca, temos agora a escrupulosa traducção dos uteis ensinamentos do padre Coulet em torno a questões de alta preeminencia na vida collectiva destes precarios tempos ameaçados por tantos theoristas de extrema combatividade social. Orador que sabe levar á tribuna sacra todos os problemas que interessem á estabilidade domestica dos fieis que accorram a ouvil-o, esse animador de postulados catholicos não é apenas um pyrotechnico de phrases mais ou menos brilhantes, mais ou menos chispantes, mas que não abram sulco na consciencia do auditorio. Suas predicas e conferencias aqui no Rio asseguraram-lhe duradouro prestigio na memoria de quantos lhe receberam directamente as lições de homogeneidade christã, de respeito ás verdades tradicionaes, e os admiradores da sua oratoria creadora e constructora não poderão deixar de medir-lhe agora, com mais attenção ainda, as palavras sadias de quem sabe ser a sociedade, acima de tudo, um facto moral.

NOTAS ESTRANGEIRAS

Nos ultimos annos de sua vida, Frank Harris, o notavel biographo de Oscar Wilde, começou a escrever as suas memorias sob o suggestivo titulo de *Minha vida e meus amores*. Infelizmente, a morte surprehendeu-o quando apenas publicára o 1º volume dessa obra que se dizia extensa e, certamente, não poude ser concluida. Dado o desassombro com que escrevia o famoso irlandez, esse primeiro e unico volume apparecido, embora escripto em inglez, não encontrou editores da mesma lingua, e teve de ser lançado ao publico atravez de uma casa allemã. Agora, bastante podada na crueza de alguns lances, apparece uma traducção franceza desse mesmo volume, devida a Madeleine Veron e Henry Davray e que foi entregue ao prelo pela Librairie Gallimard. Ainda que se reportando apenas aos primeiros annos da vida de Frank Harris, o livro é interessantissimo e ha nelle certos episodios que se não esquecem, como aquelles em que o autor descreve o incendio de Chicago e as guerrilhas entre indianos e cow-boys. E' preciso dizer que bôa parte da sua existencia, Harris passou-a nos Estados Unidos, chegado mesmo a naturalizar-se cidadão americano.

— André Suarès escreve agora um volume sobre *Fiorenza*. Não é o primeiro volume de Suarès sobre a Italia, embora elle não seja dos mais enthusiastas das cousas italianas e de uma feita já tenha affirmado que, com excepção de Leonardo e poucos outros, a Italia é um povo composto de primarios. Talvez "boutade" de quem, se não trata bem a Peninsula classica, tambem não é dos mais lisongeiros para com os proprios patricios e, nos seus solliloquios amargos de São João sem aguia e sem Pathmos, outra cousa não faz senão mostrar-se ulcerado por todas as glorias e grandezas contemporaneas.

Anno III Novembro 1933 N. 2

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS E ARTES E SCIENCIAS

ARIEL EDITORA LIMITADA

DIRECTOR:
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

DUAS GERAÇÕES

UMA das classificações mais frequentemente empregadas para catalogar os espiritos é a de datal-os em referencia á conflagração européa. Falha, incompleta, como todas as etiquetas, ella tem, entretanto, a sua razão de ser. O abalo de quatro annos de lucta não póde deixar de ter influido nas intelligencias.

Os moços alludem, zombeteiros, aos requintes e á artificialidade dos homens de antes da guerra, e estes attribuem á mentalidade apressada, pouco culta dos de após-guerra, todos os desmandos do mundo actual.

E, como sempre, a verdade se achará repartida entre os dois campos...

Uma cousa é certa; haja ou não sido a tempestade de 1914 a tangente causadora do desvio, elle existe. A divergencia entre as duas gerações é patente. Em que consistirá exactamente, quaes as caracteristicas de um e outro periodo?

A grande differença entre os homens reside nas cousas que os interessam; o pensamento é de Barrès, e é admiravel. Os homens não se modificaram essencialmente; a alteração está nos seus centros de interesse.

Profundamente, realmente, só nos empolga — e de algum modo nos plasma — o que nos faz luctar, e, talvez, soffrer. Se as idéas creadoras já estavam, como affirmam alguns, evoluindo antes de 1914, a guerra veiu precipitar e reforçar a eclosão dos novos rumos.

A humanidade, como uma pessoa que viu a morte de perto, sahiu da crise simplificada, despojada de tudo que não fosse essencial. Quasi todos os motivos do conflicto, quasi todos os themas de controversias se aplanaram, perderam a significação.

Essa ausencia de conflictos, Mauriac já a denunciou como a grande difficuldade do romance moderno. Mas o romance é a vida, o que a elle se applica se pode applicar á existencia em geral, sem incorrer no anathema de William Blake, para quem generalizar é ser imbecil.

Herdeiro de uma cultura apurada, malabarista, cujas finuras chegavam a dar maior valor ao manejo das idéas do que á sua significação, sujeito por tradição a uma moral em cujos fundamentos já não cria, o homem de antes da guerra, decretando a fallencia da sciencia e não lhe sabendo pôr cousa alguma no lugar, julga prudente manter-se numa attitude displicentemente agnostica. E poude limitar as suas curiosidades ás duvidas puramente intellectuaes e artisticas. As complicações dos dramas de amor burguez, as rivalidades de classe, as escolas litterarias, as quisilias eruditas forneciam-lhe amplo campo de questões, e, portanto, de interesse.

A obra de um Proust em França e de um Machado de Assis entre nós, espiritos esmerilhadores, afinados pela duvida, mas pela duvida de pequeno alcance, presa ás contingencias de um determinado meio social, e se deliciando nellas, não seriam mais possiveis hoje. (E, entretanto Proust, chronologicamente, escreveu ainda depois da guerra...) Um bello dia, talvez pela diminuição de cultura, talvez pela lição de quatro annos de soffrimento, os homens se desinteressaram de todo esse intellectualismo. E os conflictos desappareceram.

Ora, na atmosphera rarefeita de um mundo sem obstaculos, não poderiamos respirar. Não é só na poesia das anthologias que "viver é lutar". Outros conflictos tinham de surgir. E logo surgiram.

Quando tudo cedia, tres cousas não cederam, não podiam ser destruidas porque são — em planos differentes, superpostos — os alicerces da vida. O sobrenatural, o dinheiro, e o homem elle proprio, o homem-animal. Em torno dellas, os conflictos renasceram. Com a ingenuidade dos simples fomos directamente aos problemas essenciaes.

A mentalidade esportiva e libertaria dos cultores do corpo, a mentalidade technica, precisa, immediatista dos fervorosos da questão economica; a mentalidade fremente dos que são attrahidos pelo conflicto supremo, pelas relações entre Deus e o homem, são os tres pólos da actividade em nossos dias. Tres pólos que se pode-

Nota sobre "Doidinho"

Com a publicação de *Doidinho* firma definitivamente o sr. José Lins do Rego, não direi apenas a sua personalidade de escriptor, mas o *tom* da sua mensagem na litteratura brasileira. *Menino de Engenho* já era alguma coisa de novo que este escriptor nos trazia, alguma coisa de inedito ainda, o documento vivo da formação de um sêr humano num meio nosso, que, antes do sr. Lins do Rego, ninguem soubera ainda traduzir, com tão grande poder de colorido e verdade. *Doidinho* vem continuar as aventuras do *menino de engenho*. O primeiro livro do sr. Lins do Rego nos dá a descripção da infancia livre do heróe, entregue a si mesmo, na violencia daquella vida de fazenda, soffrendo os contactos com a natureza e com os sêres proximos do espirito daquelle meio quasi primitivo. *Doidinho* é o heróe preso no collegio, é a adaptação tentada de um sêr livre num rythmo pobre e de uma alma livre á prisão escura de regras mediocres e mediocrisantes.

As mesmas qualidades que deram a *Menino de Engenho* uma côr tão propria, um destaque tão pronunciado na nossa producção litteraria, a gente torna a encontrar nesse *Doidinho*. Um sentimento preguiçoso de vida percorre todo o romance. Alguma coisa de arrastado atravessou todo o tempo do livro. E' um processo lento de tomada de resolução que dá uma importancia unica a esse escriptor no sentido de ter elle fixado um flagrante da psychologia do brasileiro. E o importante é que essa fixação psychologica é feita absolutamente sem culpa consciente do autor, que se limitou ao seu heróe e por isso o ultrapassou. A grande personagem de *Doidinho* é a sua fuga. Desde a entrada do menino no collegio do *seu* Maciel, a gente sente que elle deve fugir, que elle deve violentar aquella monotonia com uma affirmação de revolta. Mas o pensamento da fuga não está no heróe. A fuga se forma naturalmente no romance com um processo de crescimento de planta. E quando a fuga vem, e vem num momento em que não ha nenhuma razão proxima, o leitor sente perfeitamente a logica daquella evasão. E é por isso que ha nessas ultimas paginas de *Doidinho* uma frescura tão intensa, uma poesia tão verdadeira, tirada das realidades, nascida dos factos. Talvez só o autor entenda porque impressionou tanto ao autor desta nota o ter o *Doidinho* visto o sogro do mestre Maciel na estação, no momento da partida. E' que *seu* Coelho não podia estar noutro lugar naquelle dia de parada. Elle é um personagem silencioso e escorregadio, em todo o volume. O autor quasi não o toca e no emtanto, elle emerge sempre. E' um desses personagens que só têm um motivo para figurar na vida dos romances e esse motivo é o de existirem. No fundo pertencia ao *coté* Santa Rosa, era um prolongamento do espirito de *engenho*, o que significava para o heróe a libertação das regras e dos deveres.

Mas o livro é rico demais para essas notações que estou fazendo. Naquelle viveiro de homens em que o *Doidinho* esbarra com a realidade, ha uma série de typos de criança que merecem, pela verdade com que são evocados (evidentemente se trata de uma evocação) um reparo á parte. Ha o Aurelio que morre e que depois de morto, com a vinda do pae ao collegio, toma um aspecto triste aos nossos olhos exactamente porque descobrimos que para elle não havia o outro lado da vida, o Santa Rosa com a sua fartura, com os seus cannaviaes, com o chio dos seus carros de boi pelos caminhos enlameados, com os seus lençóes brancos nos grandes leitos, e cujo abandono tem uma melancolia de fatalidade, de bicho feio. Esse Aurelio — o Papa-figos — provoca no autor algumas de suas paginas mais bellas. A morte do Aurelio é contada com uma justeza, com uma sobriedade admiraveis. No dia seguinte brincavam os outros meninos de jogar o sapato delle. E isto era motivo de asco e de gritos.

O livro de José Lins do Rego está assim cheio de realidades. A gente sente — salvo num ou n'outro raro ponto — que ha experiencia nessas paginas. Que ha não apenas memoria da vida de infancia, mas o sentido do que passou e não se acaba mais, não passa nunca mais. O segredo de familia, o amigo, o medo da morte, tudo isso está contido nesse *Doidinho*, o amor de criança que não se realiza, que se esfiapa no ar, esse amor de menino de collegio, que fez a todos nós um dia dormirmos com o travesseiro apertando o peito cheio dessa aurora mysteriosa — primeiro amor! — porta do sexo e de alguma coisa mais terrivel e de mais fundamente misturado com a comprehensão da morte.

Neste anno excepcional para a litteratura brasileira, em que tivemos a revelação desta esplendida vocação de romancista que é o sr. Amando Fontes, e de tantos outros, o *Doidinho* do sr. José Lins do Rego é alguma coisa de apartado, o fructo de um escriptor que surgiu sem pressa e com o geito que têm os escriptores destinados a permanecer.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

---

riam reduzir a dois: materialismo (encerrando os dois primeiros grupos) e espiritualismo.

Espiritualismo e materialismo são, sem duvida, classificações tão velhas quanto o mundo. A novidade está na maneira de abordal-as. Espiritualistas ou materialistas, nós o somos ansiosamente. Queremos viver as nossas idéas, até ás ultimas consequencias.

Desaprendemos de sorrir. Conhecemos apenas o riso solto quasi grosseiro, mas breve, logo contrahido no rictus da angustia. O espiritualismo vago, como o materialismo velado, bem educado, desappareceram.

No fundo, o que morreu foi o scepticismo. E o mysticismo tomou-lhe o lugar. Somos uma geração de mysticos, a geração que descobriu a mystica da matéria.

O homem de hoje, sequioso das soluções ultimas, se desprende de todas as questões formaes. O alvo é nitido, e as maneiras de attingil-o pouco importam. Mais ardente, mais tenso, e tambem mais aspero do que os seus predecessores, tudo o que não toca no amago dos problemas o deixa indifferente.

No gesto victorioso do enfermo que, sentindo-se firme e rijo, atira para longe de si as muletas, elle despreza todos os anteparos que a humanidade collocára entre si e as questões vitaes. E as vae encarando face a face, brutalmente.

Temeridade, ou honestidade? Ignorancia da immensidão dos obstaculos, ou tentativa corajosa e consciente? Uma e outra, sem duvida. São sempre tão variados os motivos que nos fazem agir...

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

"Novos Rumos Politicos e Sociaes"

Neste mez de novembro do anno da graça de 1933, em que se ha de reunir a terceira assembléa constituinte brasileira, vem a proposito falar dos *Novos rumos politicos e sociaes*, ultimo livro do sr. Felix Contreiras.

Como cultor de estudos desse genero, o sr. Felix Contreiras não é um desconhecido: já deu á estampa os *Velhos rumos politicos e sociaes*, *A questão social* e uma traducção do *Compendio de Economia politica*, de Gide.

A nova producção do sr. Contreiras é de estructura um tanto complicada. Na primeira parte aprecia o autor a personalidade e as idéas de tres politicos (Ruy Barbosa, Silveira Martins e Assis Brasil) e analysa os ensinamentos de tres sociologos (Oliveira Vianna, Jackson de Figueiredo e Tristão de Athayde). A segunda parte intitula-se — *Para onde vamos em sociologia* e a terceira parte — *Para onde vamos em politica*. Rematando as idéas e factos esmiuçados e discutidos em todas essas partes, apresenta-nos uma *Synthese final ou esboço constitucional*.

Dos tres politicos estudados na primeira parte o que mais interesse despertou no sr. Contreiras foi o sr. Assis Brasil, e isso certamente por ser o mais doutrinario, o unico dos tres que procurou basear a acção politica em razões não de todo empiricas e previamente explanadas em livro. Esse ensaio sobre a doutrina do sr. Assis Brasil, minucioso e percuciente, é um serviço prestado ao autor da *Cultura dos campos*, que, como theorista da democracia burgueza, é pouco conhecido da geração actual.

A obra do sr. Oliveira Vianna merece tambem do sr. Felix Contreiras larga e minudente analyse. Mas não nos parece justa a increpação de incoherencia lançada ás conclusões a que chegou o escriptor d'*O Idealismo da constituição*. De facto, si um dos factores do bem-estar politico de que gozamos no segundo reinado foi o instituto do poder moderador, não quer isso significar que, volvidos quarenta annos depois da quéda da monarchia, e tendo surgido novas exigencias de ordem economica e ideologica, a restauração daquelle poder e daquella fórma de governo, fosse a melhor solução para o caso politico brasileiro. Emquanto não se decepar o "tronco da arvore" de que fala Gide, emquanto subsistir a propriedade individual, parece que a menos má das sahidas é mesmo a republica corporativa, ou semi-corporativa do sr. Oliveira Vianna.

Aliás, é esse mesmo systema corporativo o remedio que o sr. Felix Contreiras aponta como "capaz de realizar o equilibrio dos interesses economicos e politicos, resistindo aos inconvenientes da victoria das opiniões divididas em partidos, e do despotismo que o partido triumphante exerce sobre os outros."

Depois do sr. Oliveira Vianna, cujos trabalhos julga "moldados no velho materialismo", passa o sr. Contreiras a analysar as doutrinas de Jackson de Figueiredo, "o primeiro illuminado" na campanha pela rechristianização do Brasil. Apesar de admirador e até certo ponto adepto das theorias catholico-politicas de Jackson de Figueiredo, o autor combate com lucidez e vigor a formula a que, em conjuncto, ellas conduziriam — *a republica dictatorial catholica*. Jackson de Figueiredo preconizava uma republica sem democracia, isto é, uma republica como sempre se praticou no Brasil. O sr. Contreiras pensa que "republica sem alma democratica é contra-senso politico".

O terceiro sociologo da galeria é o sr. Tristão de Athayde — "o maior pensador brasileiro de nossos dias" — na opinião do sr. Contreiras. Emancipado das "velharias do materialismo", e "impregnado da doutrina sociologica que os Concilios, os Papas e os doutores da Igreja vêm accumulando desde São Paulo, no sentido de argamassar um corpo social animado da mesma alma dos homens que o formam", é o sr. Tristão o artifice maximo da ideologia politica de que o sr. Felix Contreiras se tornou propagandista. Não quer isto dizer, porém, que o autor dos *Novos Rumos* acceite as doutrinações ultramontanas do sr. Athayde sem as pesar nem discutir. Nada disso. O sr. Felix Contreiras é antes um acolyto consciente, um commentador informado e convicto das idéas do seu mestre.

Considerado, assim, o meio social brasileiro á luz das doutrinas da igreja catholica, conclue o sr. Contreiras pela apresentação do seu *Esboço Constitucional*, que comprehende tres ordens de organizações: *a) social; b) economica; c) politica*.

A organização social caracteriza-se principalmente pelo "associacionismo livre, quer em syndicatos, quer em corporações, quer em cooperativas, quer em conselhos familiares".

Na organização economica haveria a criação do serviço obrigatorio, no Exercito do trabalho, para todos os homens de uma certa idade. A "expansão do interesse pessoal", sem a qual "o progresso retrograda ou fica sem estimulo", seria permittida (defesas...). A "perseguição ao capital, sob o pretexto de implantar a igualdade, tornar-se-ia desnecessaria, desde que o trabalhador fosse amparado pelas associações." Como orientação fiscal praticar-se-ia um proteccionismo adequado.

A organização politica assentaria numa federação economica. "Os orgãos do governo do Estado, ou União, seriam:

"Um parlamento composto de deputados eleitos pelas assembléas provinciaes, por quatro annos.

"Um senado-corporativo, tambem por quatro annos, formado de representantes das confederações de federações profissionaes provinciaes.

"Um presidente eleito para uma gestão de seis annos, pelo parlamento e pelo senado-corporativo, reunidos para esse fim em congresso electivo."

Os ministros seriam nomeados pelo parlamento, por indicação do presidente.

"Não haveria divorcio absoluto e o casamento religioso teria effeitos juridicos", mas a igreja continuaria separada do Estado.

Eis ahi as linhas geraes do plano constitucional que o sr. Felix Contreiras offerece ao exame dos brasileiros, nas vesperas da abertura da terceira constituinte.

SAUL BORGES CARNEIRO.

Leiam:

JOSE' LINS DO REGO

DOIDINHO

Preço: 6$000

Em todas as livrarias

Os cursos do prof. Pierre Janet sobre a Crença

As conferencias do Professor Pierre Janet, que em boa hora a Universidade de Paris nos enviou este anno pelo Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, devem ter deixado uma profunda impressão no espirito d'esse grupo de fieis auditores que não perdiam uma só de suas palavras. O conferencista era bem representativo dessa classe de homens, que vão se tornando raros, cuja intelligencia insaciavel não se intimida deante de cousa alguma: nada escapa á penetrante analyse que são capazes de fazer, reduzindo tudo a elementos cada vez mais subtis e mais tenues, de uma fragilidade apparente tão impressionante que o receio surge logo: deve ser impossivel reconstruir qualquer coisa, refazer uma synthese acceitavel partindo de taes elementos. A obsessão de uma possivel destruição total acompanhava cada etapa do desenvolvimento d'esse trabalho feito tranquillamente, duas vezes por semana, por um professor sorridente e ironico, que com uma logica impiedosa passava em revista coisas ao lado das quaes muita gente estivera toda a vida sem se aperceber dos problemas que ellas representam.

No publico, alguns sorriam do que lhes parecia por demais paradoxal. Outros traduziam na physionomia a anciedade crescente. Outros muito mais raros, repassavam pelas crises, já attenuadas e menos amargas, que anteriormente tinham atravessado. O sentimento agudo do drama que essas crises representaram, era amenizado pela estylisação que a analyse intellectual pura introduzia nas questões mais torturantes. Ao menos restava-lhes uma admiração: que bella coisa a intelligencia, essa intelligencia tão malquerida e calumniada estes ultimos tempos! Como pode ella, apezar de tudo, curar as feridas feitas por ella propria, como é ella capaz de nos fazer acceitar, o que *à priori* nos parece inacceitavel, como aos poucos nos encaminha ella para uma attitude de resignação e, melhor do que isso, de esperança, uma tenue esperança, que entretanto chega para nos illudir e se nos mostra tão tenaz e resistente! E o proprio conferencista, com uma exemplar serenidade constituia um exemplo vivo a meditar e a seguir. As emoções que deve ter sentido em suas pesquizas em torno do problema do sêr, do universo, do sentido da vida e da significação do espirito, eram apenas adivinhadas pelos que já as conheciam. A sensação de vasio que deve tel-o dominado, o sentimento de desencanto, permaneciam quasi occultos sob esse tecido complexo de idéas, de opiniões, expressas com elegancia e precisão, que, sem perderem o rigor de resultados accumulados por uma longa experiencia e uma profunda meditação, protegiam e amparavam a sensibilidade por demais viva.

O illustre Mestre esmiuçou as reacções do espirito humano deante das impressões fornecidas pelo meio ambiente.

Como se originam as crenças — e aqui foi dada a essa palavra o seu sentido mais largo e mais elementar — qual o mecanismo psychologico da formação das crenças, como se desenvolvem ellas, e como tomando corpo, se enraizam mais ou menos profundamente no espirito, todas essas questões foram objecto de grandes desenvolvimentos. As relações da crença com a linguagem, a crença e a realidade, a crença religiosa, a crença e a verdade scientifica, a crença e o mysticismo, a verdade historica e a crença, a philosophia do pragmatismo e a crença que ella envolve, taes foram os objectos mais particulares dos cursos do Professor Janet.

A linguagem é um dos elementos fundamentaes da crença, confundindo-se com ella nas suas manifestações elementares e primitivas. Ella satisfaz a uma necessidade imperiosa: a substituição de acções difficeis por acções faceis e immediatas. A' acção irreflectida, inconsciente, ou quasi inconsciente, muito proxima ainda dos actos reflexos e das sensações, encarados como as primeiras manifestações da acção, sobrepoz-se aos poucos uma acção complexa, com caracteres de uma extrema variedade. Em numerosos casos, essa acção não podia mais ser repentina; impoz-se-lhe a necessidade de um adiamento. Deslocou-se no tempo e no espaço. Interveiu a reflexão, feita com o auxilio de uma linguagem interior, precedendo a numerosos actos, pairando sobre elles. A linguagem, reduzida a principio a actos e especialmente actos de commando nas acções de ataque e de defesa, constituiu-se após como uma faculdade independente, possuindo sua vida propria. Em seu desenvolvimento, ella sobrepujou á acção propriamente dita, encontrou não raras vezes sua finalidade em si propria, e o homem aprendeu a falar para satisfazer ao superfluo de uma capacidade de agir, que, de outro modo, não encontraria emprego. E, note-se de passagem como Professor Janet, o aperfeiçoamento da linguagem não parou ahi. O homem civilizado e sobretudo na vida de sociedade fala muitas vezes sem nenhuma intenção de dizer alguma cousa. A utilidade de suas palavras, em certas occasiões, seria mesmo uma prova de inferioridade, uma volta intempestiva a um estado primitivo e indesejavel.

A palavra é pois o principal supporte da crença e não raro sua propria substancia. Ella permitte a formação de conceitos abstractos, deante dos quaes a realidade se esvae e se dissolve perdendo muito de sua importancia. E quando se quer despojar essa realidade de todo o conjuncto de palavras que a envolvem como um véo mais ou menos espesso, verifica-se que essa operação é impossivel. Acreditamos, sem duvida, na existencia d'aquillo que podemos ver ou tocar, em summa, em tudo aquillo cuja realidade affecta um de nossos sentidos. Mas somos forçados a traduzir logo essas impressões por palavras e conceitos que tomam o logar das impressões reaes, e emquanto estas se tornam confusas e inexplicaveis, as outras adquirem clareza e progressivamente se organizam.

Seria impossivel, em poucas paginas, resumir de um modo coherente e seguido tudo o que o Professor Janet disse em seu curso. Sua technica de pesquiza consiste, não sómente na analyse do mecanismo das reacções normaes do individuo, como no estudo do exaggero ou da diminuição que os estados pathologicos podem trazer a essas reacções. As crenças do homem normal e as crenças do homem doente têm no fundo a mesma essencia. As segundas são deslocadas na hierarchia dos valores das crenças; são mal applicadas, apresentam-se deformadas por uma evolução anormal, ou atrophiadas por uma falta de desenvolvimento. Mas nunca sentimos

bem a fronteira, que as separa umas de outras. Partindo do dominio do absurdo e do ridiculo, caracteristico das reacções morbidas, não podemos garantir quando attingimos o nosso pobre dominio do que nos parece razoavel, d'aquillo que estamos habituados a considerar como inatacavel e solido.

O funccionamento da mentalidade anormal esclarece-nos muita coisa da razão humana considerada normal. Porque esta não tem, quando entregue a si propria, essa coherencia, essa homogeneidade, que artificialmente se lhe quiz emprestar. Ella não se submette a leis tão rigidas como se quiz fazer suppôr. As leis da razão humana, sob esse ponto de vista, são apenas uma imposição, o resultado de uma pressão exercida talvez inconscientemente pela sociedade, para evitar as opiniões e crenças individuaes, em opposição com as crenças geralmente acceitas, para impedir, em uma palavra, a formação de heresias. E' do interesse da sociedade que haja uma grande uniformidade de crenças.

A diversidade de crenças é uma das origens das lutas intestinas, da guerra, da destruição e da violencia.

As crenças serão pois, o movel de nossas acções e de nosso comportamento. Saber como se formam ellas e o que valem no fundo, é um ponto fundamental de psychologia. E' que ellas dependem de factores multiplos. Por vezes, se impõem como um bloco, não admittem discussão, dominam integralmente o individuo, que a ellas se submette e por ellas se sacrifica, dando sua vida se necessario fôr. Crenças em estado puro, com seus caracteres primitivos, ellas degeneram em muitos casos, na complicada vida actual, nessas formas de crenças raciocinadas, reflectidas, mais ou menos frageis, que admittem gráos, que recuam deante da perspectiva de consequencias violentas ou nocivas, e pelas quaes talvez não valha a pena o sacrificio de coisas importantes da vida, a começar pela propria vida. No trabalho de reflexão, o individuo passa por algumas phases essenciaes: a discussão, a affirmação, a decisão. A discussão intima outra coisa não é, senão a reproducção interior de uma discussão imaginaria com personagens que tocam de perto ao individuo; a affirmação estabelece um facto, uma idéa, objectos futuros de uma crença; a decisão vem a tempo nos casos normaes, mas pode ser indefinidamente adiada ou mesmo supprimida em certos casos pathologicos.

Os eternos enigmas da realidade e da evidencia voltaram de novo á baila. Se alguns philosophos, e o nome de Descartes naturalmente vem logo á memoria, se enganaram tão lamentavelmente sobre a essencia da evidencia, foi porque não quizeram ou não puderam aprofundar o lado psychologico da questão. A evidencia é simplesmente o que cremos. O que é evidente para mim não o é para o meu vizinho. A realidade é a systematização mais ou menos coherente de nossas crenças. Inverificavel quando deixa de ser presente, quando mergulha no passado, nada mais pode ella fazer do que deixar em nós um residuo de crença, unica coisa de que dispomos e que para nós tem importancia.

A verdade scientifica envolve uma forma de crença dependente a todo momento não só de uma verificação pelo proprio individuo que a formula, como por muitos outros. Ella é essencialmente a verdade de todos, perde o seu caracter individual para aspirar á uniformização. O progresso da sciencia tende para um fim egualitario, no qual o individuo abdica do sentimento de sua importancia propria, entra insensivelmente em um grupo cada vez mais dilatado e homogeneo. Essa attitude envolve um fundo muito rico de virtudes: a resignação, o espirito de sacrificio, a modestia. Os ultimos recantos, nos quaes pode se acolher a propria personalidade, são violados. Nenhuma possibilidade resta para acreditar em qualquer coisa ou qualquer principio destinado ao amparo ou o soccorro de cada individuo isoladamente considerado.

O Professor Janet foi de uma admiravel discreção em tudo que diz respeito ás questões de crenças religiosas. Sentia-se bem o seu scepticismo, e se elle o tivesse encoberto, teria faltado á obrigação de quem fala em publico e se dedica ao estudo: não seria sincero. Esse scepticismo é o traço caracteristico de sua mentalidade. Não pára só nas questões de mysticismo ou de religião. E talvez tenha elle desconcertado mais de um de seus auditores, mostrando que a fé excessiva e céga nos resultados da sciencia, á maneira da que é professada pelos positivistas, que aliás nem sempre interpretaram bem o pensamento de seu fundador, é uma das caracteristicas do *espirito primario*.

Depois de ter analysado assim os fundamentos de todas as crenças, e teriamos ainda a assignalar uma bella lição sobre o pragmatismo, o Professor Janet mostrou quanto temos ainda a esperar de uma evolução, de um aperfeiçoamento das crenças. Sua conclusão foi francamente optimista, o que era de esperar: os grandes e sinceros scepticos chegam frequentemente a um equilibrio harmonioso e essencialmente propicio ás acções fecundas. E' que não encontrando fundamentos para as crenças, estas passam a ser um dado fundamental. Supprimindo suas bases as crenças ficam como a base de tudo, e sobre ellas tudo o mais vem repousar. Unidades primitivas da vida psychica, d'ellas muito ha a esperar, desde que se aperfeiçoem e evoluam no sentido de uma elevação, que tudo faz acreditar dever ser illimitada.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

CASA FLORA

Matriz: OUVIDOR, 61 — Tel. 4-1281

Filial: GONÇALVES DIAS, 67 — Tel. 2-0486

Trabalhos modernos em flores para todos os fins. — Importação directa de sementes de flores e hortaliças. — Installação, formação e reforma de Jardins e Parques.

Eduardo Prado — **A Illusão Americana** — Nova edição — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Este trabalho, que fez época ao tempo do seu apparecimento, logo nos primordios da Republica, ainda que defenda pontos de vista hoje relegados a um passado que não voltará, é obra que continúa com lugar marcado na nossa litteratura, pois que nella está toda a fascinante figura deste brasileiro illustre que se chamou Eduardo Prado. Augusto Frederico Schmidt, a cujo zelo e intelligencia foi confiado o preparo desta nova edição d'*A Illusão Americana*, apresenta-a aos moços da sua geração num brilhante prefacio em que, com muita acuidade, lhe exalta os meritos invulgares.

U M J O R N A L I S T A

O que o sr. Annibal Fernandes, no jornalismo diario, vem realizando em Pernambuco, é um programma admiravel de acção intellectual constante, uma como prova disciplinar continua da intelligencia. Um trabalho, este, de rehabilitação do periodismo provinciano, em que outros vêm luctando ha annos para deixar de processos inteiramente desmoralizados.

Aquelle senso superior de informação, que dá ao jornal inglez, por exemplo, uma expressiva força de autoridade — a autoridade de pensar collectivamente pelo povo, de dirigir concretamente uma cousa abstracta, a opinião publica — aquelle honesto e opportuno interesse de pôr o leitor sempre ao par de "sua" atmosphera, do seu momento, têm sido para Annibal Fernandes o caminho tomado justamente para dar ao jornalismo nordestino uma feição nova. Antes de tudo este ensaista talhado para o improviso da producção impõe excluir do *métier* o sentido tradicional da pressa de pensar, o caracter de mercado de idéas divulgadas ainda nas provas typographicas de sua formação, para dar-lhe um mais fecundo senso cultural de orientação das massas. Um jornalismo assim como o sr. Azevedo Amaral deve ter, e brilhantemente, idealizado, como um d. Juan de linotypos que é na realidade, embora soffrendo na pratica o mais tragico dos fracassos por causa do seu estylo se arrastando lento, pesando como si as palavras sahissem sempre no seu papel com peso de chumbo.

O sr. Annibal Fernandes é um que faz opposição com modos de quem faz jornalismo officioso. A sua calma, o seu equilibrio nos levam sempre a crer que a verdade está a seu serviço. Falando na secção de politica e na chronica internacional de dois jornaes — por signal que o mais velho e o mais moço de Recife, o *Diario de Pernambuco* e *O Estado* — nem um dia elle deixa de dar o seu commentario sereno sobre os assumptos do momento, para uso de um publico que *pour cause*, já se tornou mais "seu" que proprimente do jornal. Este homem de lettras que nem o cio absorvente do jornalismo diario conseguiu deixar sem potencia para os enthusiasmos da vida intellectual mais pura, fornece todo dia, com um certo humor e um certo jogo de ironia, um boletim sobre cousas e homens da Revolução.

O sr. Annibal Fernandes criou no norte um sentido novo de jornalismo de opposição. Um jornalismo debaixo da mais dura disciplina do enthusiasmo, trocando a paixão do derrotismo por uma discreta volupia da analyse. O que pela imprensa do Brasil sempre se fez com descompostura e cynismo, o sr. Annibal Fernandes faz com a serenidade de quem se sente com um dever sério a cumprir. E' um escriptor aproveitando a sua capacidade de pensar depressa para se pôr a serviço das idéas, em funcção do espirito. Dentro de um raro senso especulativo das realidades, expondo á mesa os factos concretos com uma calma e um methodo quasi clinicos, este jornalista dá das cousas sempre um diagnostico bem proximo da verdade; não que as suas opiniões sejam unicamente as certas: é que tão singular é o seu processo de exame dos casos, tão segura é a sua voz durante toda a sua gymnastica secca do raciocinio, que nenhum leitor sae de seus artigos para se pôr contra elle. A verdade diabolicamente sempre parece estar do seu lado.

Annibal Fernandes traça uma nova posição do jornalista no norte: aquelle que era antes um disponivel, ou antes, para não se confundir com o sentido de "disponivel" de Gide, um accessivel, A. Fernandes procura collocal-o bem perto do verdadeiro intellectual; intellectual em mais intimo contacto com o mundo real, com as cousas diarias, com o mercado, principalmente, que é o publico. Mas, *quand même*, um intellectual, com uma responsabilidade de cultura a manter, com compromissos de acção e agitação de idéas a cumprir. O pamphletario restabelece-se num salutar exercicio de dialectica impassivel ás paixões, trocando os antigos processos de ataque pela discreta attitude de analyse. Entra, no final de contas, no dominio da intelligencia o que era antes simples jogo do talento.

VALDEMAR CAVALCANTI.

JURISPRUDENCIA

Entre os trabalhos juridicos de excepcional valor com que se ornamenta a moderna cultura brasileira, occupa, desde já, logar de honra a these apresentada pelo dr. Mario Henriques á Faculdade de Direito do Pará para a obtenção da cadeira de Direito commercial, concedida por unanimidade ao candidato.

E' o prof. Mario Henriques o mais jovem mestre de Direito em faculdades nacionaes. E a these a que alludimos — Das sociedades mercantis irregulares — *traduz o merito invulgar de quem a tratou com aquelle esmero, aquelle enthusiasmo e aquella opulencia proprios de uma mocidade sabiamente orientada no caminho das grandes realizações.*

Livro de doutrina exposto em paginas de perfeita, de irreprehensivel lucidez, traduz mais do que um bello esforço uma bella vocação. Opinou Clovis Bevilaqua: "As questões debatidas são consideradas sob todas suas faces interessantes, a litteratura juridica é chamada a pronunciar-se, e as soluções fundamentam-se em argumentos merecedores de apreço." E Alfredo Russell esclarece: "A theoria das sociedades irregulares recebeu importante contribuição em todos os seus pontos, notadamente na difficuldade da personalidade juridica dessas sociedades e na de serem ou não commerciantes os seus socios."

SANTO ANTONIO DE LISBOA

O illustre escriptor Jean Duriau vem de transportar á melhor prosa franceza o formoso ensaio com que o publicista lusitano Augusto de Castro apresentou sob aspectos inteiramente novos a figura immortal do Thaumaturgo de Lisboa e Padua.

Esse livro, tão sobrio de paginas quanto opulento de substancia historica, faz, a proposito do grande prégador da Edade Média, de um dos discipulos predilectos do Patriarcha de Assis, uma revelação das mais curiosas. Com effeito, todos nos habituaramos a ver, em Santo Antonio, uma figura de asceta emmagrecido, espiritualizado pelos longos jejuns. Ora, o sr. Augusto de Castro, soccorrendo-se da documentação iconographica do tempo, evidencia que o catechista do tyranno Ezzelino era bastante gordo, padecendo mesmo, nos ultimos annos, de uma dolorosa hydropisia.

Tudo isto, de resto, é contado com a maior finura, sem nenhuma irreverencia para com os bellos textos de agiologio em que se comprazem os christãos sinceros.

Premio Fundação Graça Aranha

Foi grande a concurrencia ao premio de litteratura, de 1933, da Fundação Graça Aranha. Entre outros, inscreveram-se os srs. Jorge Amado (Cacau) *José Lins do Rego* (Menino de Engenho), *Marques Rebello* (Tres Caminhos) *e Dante Costa* (Feira Desigual). *Em sessão do mez de outubro, a Fundação tratou da escolha do premiado. Em primeiro escrutinio houve empate entre* Cacáu *e* Menino de Engenho. *Em segundo escrutinio, porém, venceu o romance de José Lins do Rego. Essa noticia não póde deixar de ser das mais gratas para esta revista, que conta os dois romancistas entre os seus collaboradores, bem como para a Editora Ariel, que acaba de lançar, com successo igual ao do primeiro volume, o segundo romance de Lins do Rego,* Doidinho.

O proximo livro de Gilberto Freyre

Já uma vez escrevi um livro sobre Gilberto Freyre. Eram umas duzentas paginas em torno de sua vida e de suas idéas. Acompanhava-o desde a sua meninice, os seus dias de verão em Bôa-Viagem e seus tempos de férias no engenho São Severino dos Ramos até 1929 em Pernambuco. Fôra elle um menino prodigio que não se esgotou com o tempo. Aos 14 annos fazia uma conferencia na Parahyba, sobre Spencer e aos 23, na mesma cidade, naquelles tempos em que Antenor Navarro era o homem mais doce que eu conheci e a Parahyba uma tranquilla cidade sem heróes, falava de Psichari e de outros, de todo o drama pungente dos sacrificados da guerra. Vivia com Gilberto Freyre nesta epoca numa convivencia de todos os dias. Era elle um culto, um homem já feito, uma intelligencia capaz de grandes sondagens, e tinha somente 23 annos de idade. Olivio Montenegro, com mais annos do que elle, outra intelligencia predisposta á cultura, mudava os seus rumos, a sua direcção, para se deixar dominar pela energia e riqueza de vida que vinha do nosso amigo.

Naquella época nós estavamos no Brasil á vontade dos ventos, sem firmeza em cousa nenhuma, ouvindo Jackson de Figueiredo gritando pela ordem que nos faltava, mas num tom de voz de chefe de turma, aggredindo mais do que pensando. Não havia nem um homem de pensamento nas lettras brasileiras daquelle tempo. O movimento litterario de S. Paulo era só litterario, mais uma campanha que se fazia para arrebentar os versos de marmore do poeta Alberto de Oliveira. Nem um livro grande daquelle movimento de grandes homens de talento.

Era então Gilberto Freyre quem em Pernambuco trabalhava com material mais humano e mais sério e com preoccupações mais desinteressadas. Elle organizou o *Livro do Nordeste* na commemoração do primeiro centenario de um jornal. Foi um inquerito admiravel de todas as possibilidades e de toda a historia de um seculo de vida. O Nordeste se descobria como uma patria. Este livro que devemos a Gilberto Freyre honra a cultura e o gosto de qualquer paiz. Ninguem falou delle. Serviu apenas para substituir os livros de sorte de S. João com que o *Diario de Pernambuco* agradava aos seus leitores.

Em 1924, emquanto o Brasil lettrado tomava posição entre Coelho Netto e Mario de Andrade, um rapaz de provincia ensaiava assim entre nós o seu primeiro estudo a sério que se fazia de historia social. Pernambuco tinha dado ao paiz tres grandes hsitoriadores: Oliveira Lima, Nabuco e Alfredo de Carvalho. O primeiro, com o seu *D. João VI no Brasil*, escrevera a nossa historia colonial, Nabuco a do Segundo Imperio e Alfredo de Carvalho consumira toda a sua intelligencia, todo o seu gosto, na procura de documentos, no trabalho estafante das investigações. A sua obra é quasi toda de pesquizas, de estudos, de ensaios. O material levantado por elle é formidavel. Foi um Capistrano de Abreu com mais viagens, com o mesmo escrupulo e mais dispersivo.

Gilberto Freyre será talvez maior que todos estes. Não estou provocando escandalo dizendo isto. Elle tem comsigo as grandes qualidades dos outros tres: a expressão litteraria de Joaquim Nabuco, o sentido de humor e a honestidade de Oliveira Lima, a intuição da verdade de Alfredo de Carvalho. E muito mais que todos, um senso critico como nunca existiu entre nós. Duvido que ninguem seja mais serio e mais arguto do que este provinciano.

A historia do Brasil deixou de ser em suas mãos uma vaidade de saber mais datas do que os outros como se dá com o Barão do Rio Branco, ou o puro deleite de exquisito como foi para Capistrano de Abreu, o homem que poderia ter sido o nosso grande historiador si não tivesse querido ser sómente o nosso maior exquisitão. A historia que Gilberto Freyre sabe e escreve tem mais uma expressão de vida que de pura memoria. E' uma historia com sangue, mais humana do que sabia.

A historia que Gilberto Freyre escreve é assim, exposta aos elementos, em contacto intimo com elle mesmo. Para ser verdadeira a historia precisa mais de um lyrico, que das "provas exuberantes dos autos". As provas desta natureza valem muito, mas o grande, o forte, o intenso da Historia está mais no historiador que nos factos. No Brasil este homem prodigioso andou por perto de Joaquim Nabuco. Capistrano, por doença da vontade, afastou-se delle. Está, no emtanto, com Gilberto Freyre. Pode-se talvez dizer, sem medo de affirmar uma barbaridade, que o primeiro grande historiador brasileiro vae sahir de Pernambuco.

A Historia do Brasil até agora viveu de explorações e maus tratos. Rocha Pombo tratou-a como um marido esteril, Porto-Seguro como um esposo infiel, commettendo adulterios. Tivera ella grandes namorados, que lhe seriam optimos matrimonios — Capistrano de Abreu e Alfredo de Carvalho.

Uma vez Capistrano, quando era rapaz, falou do homem que devia fazer a historia no Brasil. Elle se referia a Varnhagen que "não primava pelo espirito comprehensivo e sympathico". Este espirito que, "imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa, o torna contemporaneo e confidente dos homens e dos acontecimentos". Faltava ao teuto-brasileiro aquillo que Capistrano chamava de espirito plastico e sympathico, aquillo mesmo que elle reconhecia no autor do *Districto Diamantino*: a faculdade de reunir ao rigor da historia o encanto do romance. E o joven Capistrano daquelles tempos sonhava com o homem que elle poderia ter sido: "um espirito superior que viesse insuflar a vida e o movimento na massa informe".

A obra que Capistrano não quiz concluir é esta que Gilberto Freyre vae começar. O perigo para as lettras nacionaes é que o provinciano de Recife inclina-se de verdade para a posição de Capistrano: de ficar-se distante da publicidade, não por preguiça de compor, mas pelo fastio da notoriedade.

A Revolução de 30 nos trouxe este bem. Forçou Gilberto Freyre, por necessidades financeiras, a trabalhar num livro. O editor Schmidt segurou-o por um contracto ha bem dois annos. Elle teve de se decidir pela força das circumstancias a fazer qualquer cousa de grande.

José Lins do Rego.

"C A C Á U"

Por intermedio da Ariel Editora, Jorge Amado acaba de publicar o seu novo livro — *Cacau*. Foi, sem duvida nenhuma, a primeira tentativa séria de romance proletario no Brasil, que, graças ao talento do autor, á sua extraordinaria capacidade de observação, á simplicidade da fórma e ao perfeito conhecimento dos typos e do ambiente estudado, se tornou uma admiravel realização.

Cacau é a vida e o soffrimento quotidiano do trabalhador rural do Brasil. Elle é tão commum e tão corrente que ninguem supporia que, com um thema tal, se pudesse fazer grande coisa num livro. Jorge Amado prova o contrario. E, nesse romance, vemos esses soldados desconhecidos do soffrimento e da labuta, esses ignorados que quasi não têem nomes, sinão alcunhas, de tão humildes e esquecidos que são, comendo mal, dormindo mal, bebendo cachaça pela bocca das garrafas, os pés endurecidos pelo contacto com a terra áspera, a sensibilidade mirrada pelo habito da miseria de todo dia, trabalhando de sol a sol, matando na tocaia das estradas, batendo os dentes nos accessos das maleitas, brutos, semi-selvagens, quasi inhumanos e, no emtanto, tão communs, tão iguaes a todos os outros que não são mais do que personagens semelhantes de um mesmo drama que se representa do Acre aos pampas, nos seringaes do Amazonas, nos engenhos de Pernambuco, nas roças ou nos garimpos da Bahia, nos cafezaes de São Paulo. Elles soffrem muito e nem siquer têem a consciencia do que soffrem. O filho moço do patrão deflora-lhes as filhas e elles não têem um gesto de revolta. A filha vae para a rua da Lama e continúa tudo no mesmo. A esposa do patrão olha as unhas brunidas e depois acha (ella, que não faz nada!) que "o trabalho não é coisa muito pesada". A amasia do trabalhador olha as suas mãos disformes cheias de callos e não diz coisa nenhuma. A filha do patrão, que faz sonetos nos annuarios locaes, que tem medo de cobras e gestos vampirescos de artista de cinema, acha que a vida do trabalhador "é até poetica". E um dia, por desfastio, essa senhorita entende de conquistar um daquelles homens, que lhe parece menos ignorante e mais branco do que os outros. Tem desejos de sentir na sua carne macia e perfumada o contacto daquella carne rude e cheia de suór. Simples capricho de menina hysterica excitada por leituras picantes de idiotas francezes super-civilizados. E o trabalhador, na mão de todos, é o mesmo boneco sem vontade, a mesma coisa de que se dispõe como um objecto de uso domestico e que se atira fóra quando já não serve para trabalhar, para fazer o patrão ganhar rios de dinheiro, emquanto elle ganha 3$500 por dia.

São assim, patrões e trabalhadores, o Misael, o Colodino, Mária, Zé Cordeiro, dona Arlinda, Honorio ou Algemiro, personagens do livro de Jorge Amado, que são symbolos nacionaes, photographados com maestria, estudados com justeza, expostos á plena luz, sem litteratura e sem romanceios, talqual são, hediondos ás vezes, ás vezes repellentes, mas sempre fielmente retratados.

*

Cacau não é ainda um livro de reivindicações. E' um livro de revolta. Essa revolta, aliás, já lavra surdamente, instinctivamente, ainda indefinida, sem fórma, lá muito no fundo do cerebro dos Colodino e dos Zé Cordeiro. Elles sentem que alguma coisa virá algum dia, sentem um principio de solidariedade para com os companheiros de escravidão e um comêço de odio contra os seus escravizadores. Tudo isso é muito impreciso nos seus cerebros obtusos. Quasi não é um sentimento, é um instincto. Revela-se apenas em actos isolados. — Colodino cortando a cara de Osorio a facão por lhe haver deflorado a noiva, Honorio poupando-lhe a vida e perdendo 500$000, Zé Cordeiro preferindo continuar trabalhador para não explorar o trabalho dos outros. Um dia, porém, esse instincto transformar-se-á em consciencia. E, nesse dia, tremam os Misael...

*

Sem regionalismos agua-de-flôr, "da palmeira onde canta o sabiá", ou do indio heroico de tacape e gestos de comediante boulevardiano, *Cacau* é o verdadeiro livro brasileiro, de personagens do Brasil, scenario do Brasil, linguagem do Brasil... Não se fala castiço sendo trabalhador da roça, nem se ensaiam passos de minuête quando se tem os pés descalços cheios de callos, uma foice na mão e o estomago cheio (ou vasio?) de carne secca e de cachaça. Dizem-se palavrões e, quando é preciso, dão-se sopapos. Quem preferir intrigas banaes de salões envernizados não leia *Cacau*. E' um livro forte, escripto para os que pensam e para os que procuram estudar as nossas chagas. Não é livro para narizes nem para cerebros de senhoritas que só adoram o Carnaval e trazem um coração pintado na bocca. Não serve para essa gente. E' um grande livro.

DIAS DA COSTA.

REVISTAS

Só póde alegrar-nos, a nós que ha tres annos nos batemos pelo exito de publicações desse genero, a festiva e animadora acolhida dispensada a muitas revistas nossas.

Entre outras, o *Boletim Bibliographico Brasileiro*, de S. Paulo, interessa pela somma de informações em torno ao que occorre de significativo no mundo dos prélos. Do seu comité de redacção fazem parte os srs. Medeiros e Albuquerque, Sud Mennucci, Menotti del Picchia, Affonso Schmidt, Motta Filho, Antonio Alcantara Machado, Enéas Ferraz e outros que realmente exprimem muito e muito em nossas lettras. Bastante valiosas, no numero de Outubro, as notas de bibliotheconomia do sr. Sergio Milliet.

O *Rumo*, aqui do Rio, bella expressão da cultura e da independencia da nossa mocidade academica, continúa a agitar todos os problemas de ordem litteraria e sociologica aos quaes o Brasil não se póde alhear, numa época em que os povos transbordam uns pelos outros e nem o mais grosseiro selvagem da Sumatra conseguirá isolar-se do que vae pelos dominios de Roma, de Nova York ou de Moscou. O inquerito sobre uma "bibliotheca minima de livros brasileiros" ainda não deixou de despertar curiosidades, de attrahir respostas das mais expressivas.

Outro elemento denunciador de quanto os nossos estudantes vão adherindo á boa cultura universalista é a *Revista Academica*, formosa collectanea de ensaios em que, trabalhando pelo advento de um melhor periodo para as intelligencias livres, escrevem muitos moços incapazes de atraiçoar o nobre idealismo que sempre caracterizou a juventude das escolas.

Tambem a *Revista da Escola Militar*, dirigida pelo sr. Nelson Werneck Sodré, não se restringe a assumptos bellicos e explora todos os themas que fazem o encanto e o tormento do homem de hoje, franqueando a todas as sciencias e a todas as artes.

Finalmente, de Recife vem-nos mais um numero da *Nossa Revista*, feita por gente nova, de pensamento sadio e moço, que não esquece os aspectos da vida utilitaria, discutindo assumptos de legislação social ao mesmo tempo que estampa versos polyrythmicos do sr. Matheus de Lima ou fala de architectura, da arte do Aleijadinho e do romance russo. Ha ahi um punhado de homens de lettras que, sendo tambem homens de luta, valem por homens totaes.

"Le problème moral et les philosophes"

por ANDRE' CRESSON — Armand Colin, Paris, 1933

Completando com este livrinho de agora a obra que iniciara com a publicação dos *Systèmes philosophiques*, o Prof. André Cresson offerece-nos, assim, com ambos esses trabalhos, uma historia succinta da philosophia, em que, a despeito do cunho didactico, a vulgarização das doutrinas se faz através de uma critica penetrante e profunda.

Le Problème moral et les philosophes é desses livros capazes de prender a attenção de qualquer leitor, por pouco familiarizado que este se ache com as questões da philosophia. O autor começa observando que, em todos os tempos e em todos os lugares, o homem tem sido sempre solicitado por tendencias oppostas, tem sempre sentido aspirações discordantes. A qual dellas ceder? Interrogação de que vae originar-se o problema moral, para cuja solução a condição primeira é a boa vontade. Mas a boa vontade, por si só, não basta para fazermos o que devemos. E' que, explica André Cresson, o problema não está propriamente em ser justo, em ser bom, mas, antes, em como ser justo, em como ser bom. E porque? Porque a consciencia não diz a todos a mesma cousa. *Vérité en deçà des Pyrénées, erreur au delà...* Dahi a difficuldade e a importancia do problema. Dahi tambem as numerosas tentativas feitas para resolvel-o.

Partiram, neste afan, os Gregos e, em seguida, os Latinos, do principio do *naturam sequi*. Mas a que tende a natureza humana? A' felicidade. E' o problema da definição do bem, que estava, para Socrates, num equilibrio entre os desejos e as situações; para Platão, num mixto proporcional de sciencia e de prazeres puros; para Aristoteles, na vida racional; para Epicuro, na ausencia de soffrimento, que é um prazer "em repouso"; para Epicteto, na *ataraxia*, na paz interior. Mas que fazer, para possuir a felicidade? E surge, por sua vez, o problema do dever, dever que os mesmos philosophos affirmavam consistir respectivamente — em conhecer-se o homem a si proprio; — em harmonizar a razão, que ordena, com os appetites, que obedecem; — em dominar-se o homem pela intelligencia e pelo desenvolvimento das virtudes "ethicas"; — em resistir a todos os desejos independentes da natureza humana; — e, emfim, em abster-se o homem de tudo que não dependa de sua vontade e em considerar como bem ou mal sómente o que della dependa.

Para esses philosophos o supremo bem era, como se vê, a felicidade, tendencia da natureza humana; e a virtude, apenas um meio, e o unico, de satisfazer plenamente essa tendencia. Mas o que sobretudo caracteriza a philosophia moral da antiguidade greco-latina é não ter ella jamais subordinado a moral á religião. Ora, foi isso precisamente o que fizeram os philosophos do judaismo e do christianismo. Moral do Decalogo, moral dos Evangelhos, a moral judaica e a moral christã impuzeram-se como mandamentos divinos. Ambas têm, entretanto, isto de commum com a moral greco-latina: que é a felicidade o que deve interessar ao homem. Apenas, a felicidade não é deste mundo: emquanto os philosophos do paganismo buscavam discernir e satisfazer na vida terrena as aspirações da natureza humana meditando sobre a vida, os philosophos e pregadores christãos, prégando a obsessão do divino e do religioso, meditavam sobre a morte. Esse, o centro da doutrina moral dos padres da Igreja, assim gregos, como latinos. Esse, o da doutrina dos doutores escolasticos. Outra linguagem não falou, neste ponto, um Malebranche.

Eis, porém, que, a partir do seculo XVII, com a apparição dos primeiros trabalhos de exegese biblica independente, surge a duvida acerca da Revelação tradicional. Com a critica á superstructura theologica do postulado judaico-christão, com Pascal atacando o dogma do peccado original, com Spinoza reduzindo Deus a uma simples *natura naturans*, com La Mettrie, Diderot, d'Holbach "pulverizando" o livre arbitrio, etc., etc., compromette-se gravemente a metaphysica de espirito theologico. Mas, para que o descredito seja completo, vem Locke e outros e registram as variações das consciencias, antecipando, assim, a these do caracter social da moral. Comtudo — e está aqui um exemplo do *esprit de finesse* com que é feito este livro — não é nas discussões e criticas dos philosophos, geralmente ignoradas da massa, que devemos buscar a causa efficiente da reacção do grande publico contra a moral judaico-christã. O que impressiona e apaixona a opinião é o escandalo. E o escandalo vem. Vem com a questão entre os Jesuitas e os Jansenistas e as ironias terriveis de Pascal nas *Provinciales;* vem com o quietismo de Mme. Guyon e a polemica travada entre Fénelon e Bossuet; vem com os convulsionarios de Saint-Médard, que desmoralizaram por seu turno o jansenismo...

Abalado o edificio da moral theologica tradicional, os philosophos tentaram erigir a moral em sciencia independente de toda metaphysica. E' o que Lévy-Bruhl denomina as metamoraes modernas. Impossivel acompanharmos a exposição e a critica que dellas faz o emerito professor. Ha, de começo, como que um retorno á antiguidade, uma volta á ataraxia estoica com Descartes e Spinosa. Mas já Diderot e, sobretudo, d'Holbach na *Morale Universelle* seguem caminho novo e é d'Holbach quem, em verdade, constróe a "moral do interesse bem comprehendido", geralmente attribuida a Bentham e Stuart Mill, que apenas a desenvolveram. Moral excessivamente optimista, essa moral subentende uma consciencia igualmente bem formada em todos os individuos, capazes igualmente de approvarem, ou reprovarem, os mesmos actos. Por outro lado e, aliás, como todas as doutrinas moraes, theologicas ou não, que visam á conquista da felicidade, ella é, diz o Prof. Cresson, uma moral de "gorgeta". Todo o caracter moral do imperativo é destruido pela promessa, quando dizemos: Conduze-te assim e serás feliz... A moral deve ser, portanto, desinteressada. Donde o imperativo cathegorico de Kant, o altruismo de Comte, a moral esthetica de Guyau. Mas o desinteresse de taes doutrinas é superficial. No fundo vamos encontrar, tambem aqui, como *ultima ratio*, o interesse bem comprehendido. Porque ninguem pode ser induzido, ou a collaborar para a felicidade de outrem, ou, emfim, racionalmente, a cumprir seu dever porque é seu dever, a viver para a belleza e para a honra, sem ser persuadido de que nisso está seu proprio interesse bem comprehendido.

Ha, porém, mais. Todas essas doutrinas, de Socra-

Nascimento, grandeza e decadencia das Palavras

1. Ella nasce, geralmente, num dos tres pontos capitaes do bairro litterario: ou na redacção do *Boletim de Ariel*, ou na Livraria Schmidt, ou no consultorio de Jorge de Lima. A proposito de um livro, de um autor, de um partido, de um poema, a palavra apparece. Nova, risonha, bem sonora, cantando nos ouvidos attentos. O creador do termo sorri e desiste dos direitos autoraes. A palavra sae de um dos tres logares citados conhecida apenas de um pequeno grupo de iniciados.

A principio tem um tom de mysterio e se cerca de precauções como cousa illegal. E' usada apenas por pouquissimas pessoas e para rarissimos livros e autores.

Aos poucos vae se estendendo. Nas outras livrarias falam nella e um dia é citada num artigo. E' o inicio da sua grandeza. Os maiores nomes da litteratura nacional tomam conhecimento da sua existencia. Descobrem, então, (esta tarefa cabe aos cultos, isto é, áquelles que lêem as revistas francezas) que ella pode ser applicada a diversos livros europeus.

Dominadora, sonorissima, grande senhora do mundo das lettras, ella toma então dois ou tres adjectivos, como criados, que tão grande dama não póde andar sózinha. E sobe, sobe. Constroem-se phrases apenas para colloca-la no meio. Começa a apparecer gryphada numa deliciosa distincção dos outros termos humilhados. Hontem teve varios significados e a sua significação exacta foi discutida por escriptores consagrados, escriptores formados com diploma authenticado nos tres pontos referidos. Hoje, apparece no discurso de homenagem e o seu prestigio é tamanho que os politicos se apropriam della. Citada em plataforma, em promessas ao povo, em artigos de fundo.

Um dia, um jornalista celebre escreve um artigo unicamente para usar a palavra victoriosa. Lá está ella em negrito bem no centro do artigo. Altiva, orgulhosa, cada vez mais sonora, é o momento maior da sua carreira.

Começa a decadencia. A Academia Brasileira de Lettras fala nella. O suburbio litterario abusa da pobre. Abandonada pelos que a crearam ella não pode se defender. O *Boletim de Ariel*, a Livraria Schmidt e o consultorio de Jorge de Lima, cerram-lhe as portas. Sente-se triste e desolada. Consegue, no emtanto, escondida na bocca de um litterato de segunda classe, penetrar pela porta dos clientes do consultorio do poeta da *Nêga Fulô*. Mas Murillo Mendes que fala sobre arte expulsa a infeliz.

Nesse momento ella está mais reles que a mais reles mulher publica. Brilha unicamente nas "Caixas" dos Fon-fons e sub-fon-fons. E, miseravel castigo, pensam em incluil-a no diccionario da Academia.

A grande senhora chegou á decadencia completa, e então, ferida no seu orgulho, foge para a provincia onde dominará por muito tempo, apezar de velha, magra e feia...

2. Agrippino Grieco, Gilberto Amado, Augusto Frederico Schmidt, Murillo Mendes, Octavio de Faria e alguns outros, são quasi sempre os paes da palavra.

As de Grieco são acidas, ironicas, mordentes. As de Gilberto, sonoras, applicaveis a problemas graves de politica e de arte. As de Schmidt mysteriosissimas. As de Murillo Mendes são amolecadas, mas no fundo muito sérias. As de Octavio de Faria carregam pessimismo e são recommendaveis aos soturnos pensadores da "realidade brasileira".

São assim as palavras...

3. Vão aqui a guiza de exemplo algumas palavras desmoralizadas e outras a se desmoralizar:

Desmoralizadissima está "realidade brasileira". Chegou a ter um volume dedicado a ella sómente. Um volume errado, volume "cinzento" (José Lins do Rego criou essa palavra em relação ao livro de Affonso Arinos de Mello Franco). Cahiu no desprezo publico. Actualmente anda por Curityba ou pela Bahia, quem sabe lá...

"Geração" arruinou-se. Em plena decadencia até o amavel Ribeiro Couto anda falando mal della. E teve tanto prestigio... Não sei se é filha de Octavio de Faria ou de Schmidt. Mas foi repudiada num jantar onde tudo indicava que ella ia dominar.

"Espirito revolucionario" nem na provincia consegue fazer successo. Gastaram-na os politicos e os jornalistas de artigos de fundo.

Foi palavra cara, ministerial, gravissima.

"Integralismo" é um caso especial. Desmoralizou-se de começo. Não chegou a ter grandeza.

*

A se desmoralizar estão: "clima, ambiencia, substancia", que no momento andam fazendo furor.

JORGE AMADO.

---

tes a Guyau, visam a uma conversão, ditam o modo como os homens *devem* proceder, em lugar de mostrarem como os homens *procedem*. Ora, se, como de inicio foi insinuado e já Lock vislumbrara, a moral é eminentemente social, ha que convir que o problema foi mal situado pelos moralistas até aqui referidos. Foi o que mais ou menos comprehenderam, no seculo XIX, as doutrinas chamadas, pelo Prof. Cresson, *dissidentes*. Impossivel, mais uma vez, neste fim de pagina, seguirmos de perto o autor através das doutrinas de Schopenhauer, Spencer, Lévy-Bruhl, Parodi, Durkheim, Bergson. Digamos sómente, e de passagem, que seus commentarios, aqui, nem sempre nos parecem felizes. Mas isso é nada, á vista do resto. A' vista, sobretudo, do poder de synthese com que o autor soube, no fim, resumir a experiencia moral da humanidade, para dahi concluir que a "reflexão philosophica pode justificar uma orientação geral da conducta, mas deixa á iniciativa de cada um a solução nuançada de cada aspecto particular do problema moral.

Problema moral que, dizia-nos outro dia um amigo nietzscheano, não existe. Não o diria, porém, o nosso amigo, se aqui estivesse, como nós, escorchando, estropiando, desfigurando o excellente livrinho do Prof. Cresson, para mettel-o á força nesta pagina, como se *Ariel* fosse um instrumento de tortura e sentindo, depois, remorso de o ter feito...

V. DE MIRANDA REIS.

"A influencia africana no portuguez do Brasil"

Este trabalho do joven professor Renato Mendonça reflecte bem o interesse que os estudos de africanologia, por muito tempo abandonados, estão retomando entre nós.

Um artigo recente de Lindolfo Gomes chamou-me a attenção para um livro de analogos propositos, do professor Jacques Raymundo. Avalio bem das difficuldades com que lutaram esses pesquizadores em terreno ainda tão pouco explorado.

O livro de Renato Mendonça, adstricto primacialmente a um programma philologico, mostra comtudo a necessidade de estudos preliminares de ethnographia — raças negras importadas, folk-lore, totemismo, mythica... — sem o que não se poderá levar avante um trabalho nessa natureza. O autor conseguiu apontar directrizes em terreno tão movediço. Os seus eschemas sobre as procedencias dos negros e ulteriores fócos de disseminação, no Brasil, é optimo. Lança uma luz inesperada em obscuras e antigas discussões sobre a procedencia sudaneza ou bantu dos negros brasileiros. Conheço os fócos de Pernambuco e da Bahia e estão perfeitamente de accordo com os seus resultados.

Fazendo as suas pesquizas num meio, como o Rio, em que o syncretismo religioso prosegue rapidamente a sua obra de transformação de especies mythicas, e em que o proprio folk-lore soffre a influencia cada vez mais crescente do ariano, é claro que as paginas de pura ethnographia do livro se resintam de algumas falhas evidentes. Acredito que esse estudo só se poderá realizar na Bahia, onde a influencia da mythica gêge-nagô se faz sentir ainda hoje com toda a intensidade, como tenho feito resaltar em varias monographias sobre o assumpto. E isto por uma razão de pura psychologia religiosa: o fetichismo yorubano pelo seu grão mais elevado, no proprio continente negro, englobou, no Brasil, todas as outras especies mythicas, imprimindo-lhe as suas proprias côres. Foi este phenomeno de assimilação religiosa que tanto difficultou os trabalhos dos ethnographos, dando-lhes, muitas vezes, a illusão de uma unidade mythica e perturbando-os nos seus trabalhos de descriminação das procedencias negras.

Na propria linguistica esta confusão ainda se nota, o que levou o joven e erudito professor Renato Mendonça a affirmar que o quimbundo exerceu mais funda influencia que o nagô, no portuguez do Brasil. E' possivel que o vocabulario *colhido* até hoje corrobore tal asserção. O que é evidente, porém, é que a colheita do vocabulario de procedencia yorubana só fragmentariamente tem sido feita, como se poderá verificar no seu proprio livro numa rapida vista dos termos registados.

Por iniciativa nossa, esse trabalho de collecta já se está procedendo, na Bahia, e em breve diremos dos resultados obtidos.

Innegavelmente, o trabalho de Renato Mendonça é a primeira tentativa séria sobre a linguistica africana e sua influencia no Brasil. (Infelizmente não conheço o livro do professor Jacques Raymundo).

Os estudos de africanologia deviam merecer, entre nós, um cuidado maior e um interesse mais directo dos responsaveis pelos nossos destinos. São problemas iniciaes, marcos basilares, pontos de partida para o conhecimento de nós mesmos. Em vez disso, os nossos eruditos continuam a copiar os estudiosos europeus, de problemas tão distanciados dos nossos.

Por isso, o exemplo de pesquizadores como Renato Mendonça, deve ser seguido com um empolgante e pressuroso enthusiasmo.

ARTHUR RAMOS.

"ALCIÔNE"

Quem leu *Vida amorosa e jornalistica de Mario Hafner* e agora, de surpreza, folheia *Alciône*, tem a impressão nostalgica de haver estado na intimidade de dois autores differentes. Ha uma tangente maravilhosa entre o Rubey Wanderley de *Mario Hafner* e o de *Alciône*.

Quantos annos decorreram entre a feitura de um e outro livro? Quantos passaram sobre os hombros orgulhosos do romancista? Poucos, em verdade, mas immensos, notaveis para a personalidade litteraria de Rubey Wanderley.

Dir-se-ia que o cerebro desse artista subtil atravessou o centro de um cyclone. Amadureceu de tal fórma que quasi se tem vontade de dizer que envelheceu.

Amargo, ironico, de uma mordacidade por vezes contundente, mas sempre justa, viperina, engenhosa, colorida, elle suggere o pensamento de um gigante que tivesse o appetite de chicotear a humanidade. Chicotear zombando. Gritando. Vociferando. Para recalcar uma amargura intima, que se poderia transformar em alegria exterior, assim o quizesse, assim o desejasse o seu capricho.

Rubey Wanderley, em *Alciône*, mostrou, de sobejo, que Pitigrilli tem no Brasil um émulo, talvez menos cynico, porém tão universal, tão deshumano, tão paradoxal quanto elle.

THÉO-FILHO.

Dr. Havelock Ellis — **O Instincto Sexual.** — **A Inversão sexual** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

A doutrina de Freud focou sob novo aspecto os problemas de psychologia e psycho-pathologia sexual e para este curioso campo de observação convergem hoje as vistas de innumeros pesquizadores. Precursores destes estudos, em trabalhos que se tornaram classicos, foram Krafft Ebing, na Allemanha, Forel, em França, e Havelock Ellis, na America do Norte. A Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, tendo adquirido os direitos de traducção dos trabalhos deste ultimo, toda uma serie de volumes cada qual o mais interessante, acaba de lançar no mercado *O Instincto Sexual* e *A Inversão Sexual*, dois grossos tomos que hão de ter a acceitação que merecem, pois estão perfeitamente adaptados á nossa lingua e têm uma apresentação material que muito honra as nossas industrias graphicas.

Maria Paes de Barros — **Historia do Brasil** — Livraria Liberdade — S. Paulo, 1933.

Tem sido dos mais significativos o movimento da imprensa paulista em torno desses apontamentos historicos reunidos em volumoso tomo pela Livraria Liberdade de São Paulo. Pensando com Cicero que "a primeira lei da historia é nunca affirmar cousa que seja falsa, e a segunda nunca esconder cousa alguma que seja verdadeira", a autora, de posse dos documentos mais importantes sobre todos os pontos da nossa historia, consegue conduzir o seu compendio com visivel facilidade, expondo claramente aos seus leitores os principaes acontecimentos politicos e sociaes brasileiros, desde o cyclo das primeiras navegações até a proclamação da republica de 89. Capitulos bem desenvolvidos, de modo que os factos mais importantes naturalmente se salientam da corrente rapida dos demais acontecimentos. Um livro bem informado e um livro bem escripto. O volume traz mappas e gravuras elucidativas.

CRISE DA POESIA

A crise não é propriamente da poesia. Hoje como sempre aquella maravilhosa cadeia magnetica de Platão une da terra aos céos o homem ephemero aos deuses eternos, enamorados dos bellos versos e das bellas imagens, do jogo alternado dos rythmos, da severa architectura da estrophe.

Não, a crise não é de poesia; a crise é de poetas. Depois de Goethe, Byron, Victor Hugo, o mundo deshabituou-se de ouvir as grandes vozes dos seus interpretes soberanos. Outras, discretas e singulares, — Poe, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, aquelle angelico e tenebroso Anthero de Quental, quantos mais? — foram talvez sublimes acordes, sublimes e solitarios, não o jubiloso cantico de alleluia ou a rajada prophetica da grande lyra.

A verdade é que os tempos modernos, e está nisto a condemnação irremissivel desta época ingloria que alardeia um progresso material aberrante, não produziram um poeta, o *seu* poeta.

Mas a poesia não morreu no coração dos homens. A harpa do propheta emmudeceu e pende inerte do salgueiro, mas Babylonia espera inconsolavelmente o sopro creador e divino que ha de reanimar as adormecidas cordas.

Entretanto, si o presente não produziu nenhum grande poeta valha-nos ao menos a esperança do futuro. E não pareça vã prosapia admittir que algum dia no tempo venha a caber ao Brasil renovado, renascido, liberto de odios e preconceitos, de fanatismos, de superstições e de tyrannias, immenso e fraternal, a honra incomparavel de dar ao mundo o seu poeta.

Esse dia, pelos modos, ainda vem longe. Por emquanto a poesia no Brasil expia a longa fatalidade de um servilismo nauseante que se traduz na contrafacção grosseira do modelo francez mais recente — symbolismo, futurismo, modernismo, super-realismo, phenomeno que de um modo geral se inclue no quadro synoptico do mulatismo nacional.

*

O MULATISMO

A proposito de mulatismo, e para dissipar possiveis malentendidos preteritos ou futuros, quero explicar-me aqui brevemente sobre o emprego e o sentido virtual deste vocabulo, que contrariamente ao que se poderia pensar não implica nenhuma relação de ethnia racial, de coloração epidermica ou entrosagem capillar, absurdo preconceito, questão ademais ociosa e, sejamos francos, positivamente ridicula no Brasil onde o que mais presuma de aryano dolico-louro não passará muito provavelmente e na melhor das hypotheses de mulato brancoide e o indice differencial da raça poderia resumir-se numa maior ou menor proporção de globulos de sangue exotico. Méra questão de dosagem, como se vê; no fundo a droga é a mesma.

Por mulatismo, na accepção generica em que é tomado aqui o vocabulo, se entende e designa aquella especie de tara indigena peculiar de boa parte do meio brasileiro e que se manifesta simultaneamente na ordem politica, social e litteraria. Na primeira por uma ignorancia crassa de conhecimentos geraes os mais elementares, pela submissão a todos os governos, pela ancia de galgar posições (servilismo, incondicionalismo, avacalhamento); pela preoccupação absorvente de dar emprego á parentela (filhotismo); pelo abuso ostensivo do poder (caciquismo, mandonismo). Na ordem social pela ausencia de gosto e boas maneiras, de discreção e reserva no falar, de comedimento no gesto, de benevolencia no trato, pela mania de pôr-se em evidencia, de *figurar no cartaz*, como se costuma dizer nestes tempos de publicidade berrante e pela ostentação espectaculosa de tudo quanto é lantejoula e ouropel (exhibicionismo, rastaquerismo). Na litteratura finalmente pelo arremedo despejado e grotesco do modelo estrangeiro e por uma aggressividade nacional intratavel contra todos os valores da intelligencia. Em todas tres, em summa, pela ambição exclusiva do dinheiro, pela falta de ideal e desinteresse, de capacidade de servir e obedecer, de vontade de querer e poder; pela adoração apalermada da força bruta, que é o traço caracteristico dos povos fracos ou decadentes (lembre-se a proposito o enthusiasmo que suscitavam aqui os allemães na grande guerra); pela jactancia, basofia e loquacidade (pernosticismo, capadoçagem, etc.), pelo exercicio de praticas enervantes e dissolventes (espiritismo, bruxaria, macumbas), pelo quebranto, pessimismo e desanimo, que são as tres formas essenciaes do derrotismo.

E' a tudo isto junto, em série ou por partes, que á falta de expressão mais adequada capitulo de mulatismo.

Saber si desapparecerá com o tempo essa tara é problema do futuro. Aos anthropologistas cabe dizer si algum dia, cedo ou tarde, neste solo abençoado, por effeito de caldeamento, fusão ou assimilação de elementos ethnicos superiores, uma nova raça surgirá extreme desses estygmas, retemperada, renovada, refeita, capaz em summa de recolher e fazer fructificar com honra e para proveito commum da humanidade a mais formidavel porção de bens e riquezas que coube jámais em parte a nenhum povo no planeta.

ALBERTO RAMOS.

— Ortega y Gasset vê-se divulgado em francez. E' um pensador austero, algo pessimista em relação a homens e cousas da Hespanha de seu tempo. No periodo da dictadura de Primo de Rivera, foi envolvido em complicações analogas ás que envolveram o pobre Unamuno, dado um protesto em que foi secundado pelo romancista Perez de Ayala.

"SEMANA CULTURAL PORTUGUEZA"

Foi preciso que viesse ao Brasil um portuguez de talento, como o sr. Osorio de Oliveira, jovem escriptor que tem na sua terra a mentalidade das novas gerações de lá, daqui e de toda parte, para que os nossos academicos ouvissem, no proprio salão azul do Petit-Trianon, e atravez da sua luminosa "Mensagem á Nação Brasileira", o que a maioria delles, por commodismo ou fossilização, jamais ousaria dizer, ou mesmo pensar, a respeito da força imperiosa que conduz á formação das nacionalidades e faz com que cada vez mais tenues sejam hoje os laços que no passado nos uniam a Portugal.

E' que para felicidade de ambos os paizes, nem o Portugal de agora é o do melifluo sr. Julio Dantas, nem o Brasil que quer ir para a frente pode estar agarrado ao fraque quinhentista do sr. Laudelino Freire.

De Uma Entrevista Commigo Mesmo

...Se gostei de Pernambuco? Mas por que, no caso, querem roubar-me o direito de gostar, empobrecendo-me com a perda de tudo quanto ha de bello num dos mais bellos trechos do paiz? Gostei, sim, e gostei muito. Não quero pagar uma especie de imposto de transito atravez da amabilidade convencional. Mas tudo aquillo por lá é inolvidavel e, se a gente acaba lamentando a viagem, é pela sobrecarga de saudade com que tudo aquillo ficará longos annos, creaturas e paizagens, a doer-nos na memoria de homens do Sul.

Primeiro, a cidade de Recife, em si mesma, com os civilizadissimos bairros de casarões de varios andares, pequenas amostras de Nova York, e com os seus mucambos pittorescos, a deliciosa cidadezinha lacustre, de uma população duplamente fluctuante. Os coqueiraes da praia da Boa Viagem, a Ostende ou a Copacabana de lá, alongam-se em filas symetricas, graças ás exigencias do fisco, para facilitar a boa cobrança dos impostos. As jangadas que voltam á tarde, de velas murchas, trazem pescadores que, nos povoados praieiros, se agglomeram, de cocoras e de mão no queixo, em torno á matriarcha da tribu, ouvindo-a remexer nas historias de um passado immemorial, trabalhando todos num tear de sonhos em que esses joões-sem-terra se fazem donos do mundo da lua.

O ardor frenetico do "frêvo" entra a festejar o carnaval seis mezes antes dos tres supremos dias de maluquice, em furores de convulsionarios medievaes, e nos bandos que carregam lanternas e pannos coloridos irrompem por vezes scenas de ciume em que as laminas lampejam, isto numa região onde se briga de verdade e as batalhas não são apenas passeatas bucolicas, estando o theatro de Santa Isabel, onde Castro Alves e Tobias se duellaram lyricamente, todo perfurado de balas revolucionarias.

Em certos bequinhos a sombra cáe com doçura e os vizinhos ainda se falam de um lado para outro da calçada, como no Rio pre-Passos. Cada fachada de egreja — e são muitas — possue a sua physionomia differente e, no interior, ha tumulos historicos com inscripções em marmore. Num retiro de franciscanos as sandalias deslizam sem rumor pelo claustro e, na principal capella, refulgem os ouros dos altares, alinham-se os retabulos e os azulejos historiados.

Pena é que, nos hoteis recifenses, não insistam na culinaria tradicional, attrahidos pelos cardapios cosmopolitas, e pena é que, quando lá estive, não fosse ainda tempo para fartar-me na carne vegetal dos abacaxis e das mangas. Mas as feiras, os acampamentos nomades á beira da estrada, representam qualquer cousa de novo para os olhos do Sul. Passear atravez dessa gente é conceder as mais deliciosas férias ao nosso espirito. Que intelligencia referve nelles! Sabem muito mais do que os livros ensinam e a poesia nunca está ausente desses poetas de nascença, desses lyricos instinctivos. Embora, em grande parte, só tenham um prato seguro — a fome, não conhecem açaimo e colleira, são de uma bella independencia ironica em relação aos potentados. Vão fabricando as suas ninhadas de filhos e falam sempre por imagens, multiplicando-se em ditos pictoricos, não sendo jámais intelligencias canhestras, ou para falar com mais simplicidade, canhotos de espirito. Que prazer tomar-se um copo de garapa junto a um arraial de tendas ambulantes, emquanto passam pela nossa frente os vastos caminhões que trazem os fardos de algodão do interior, dadiva da miseria dos que soffrem e arquejam nos municipios distantes aos magnatas e sybaritas do littoral que os desdenha!

E aqui e ali, em derredor, por toda a parte, na cidade incomparavel, a agua, presente sempre, a cercar a cidade de mil braços verdes, como na symphonia verbal de d'Annunzio, e a explicar a doçura fluvial que ha nos melhores periodos de Joaquim Nabuco.

Mas ahi nem só a natureza vale. Os homens dahi não injuriam a paizagem. Nessa cidade, que o homem construiu sobre o pantano, sem a riqueza de planos e os jogos de perspectivas de mar e montanha que ha por exemplo na Bahia, nesse trecho em que os latinos tiveram de construir a sua terra á moda hollandeza, que energia, que vitalidade, que inexhausta coragem! Como que o sol aquece a mioleira dessa gente, transmittindo-lhe uma flamma que o vento da adversidade só faz augmentar.

Os pernambucanos lêm tudo, sabem de tudo o que vae pelos laboratorios e usinas da Europa, não havendo livro essencial que lhes escape e recebendo elles dos transatlanticos, quatro ou cinco dias antes de nós, o ultimo Kayserling e o ultimo Gide. As casas de ensino e de assistencia aos pobres explicam as affinidades de leaderança cultural que tanto approximam Pernambuco de São Paulo.

Vae-se rodando de automovel, ás pressas, porque é necessario voltar aos trabalhos deste Rio feroz que nos despolpa cerebro e alma, e vêem-se cousas que são humilhação e castigo para quantos crêm aquillo uma simples penitenciaria em meio a um montão de ruinas. A Maternidade, alva, asseiada, arrumadissima, mesmo sem annuncio prévio da visita, tem, além do resto, a vantagem da ausencia do parteiro Fernando de Magalhães. No quartel da Brigada Militar ha agua de côco, bibliotheca e radio para os soldados. No Gymnasio Pernambucano e na Escola Normal ha uma tagarellice de aviario e a gente sáe rejuvenescida desse contacto com a adolescencia do Norte.

Professor das meninas é Estevam Pinto, robusto fixador dos costumes e caracteristicas sociaes do Nordeste, autor de um livro já traduzido para o hespanhol e de outro em que Sud Mennucci enxergou o melhor texto didactico de historia do Brasil.

Na Faculdade de Medicina fomos encontrar os alumnos escalpellizando cadaveres com o mesmo prazer de dissecção com que o nosso Léon Daudet (meu e do Annibal Fernandes) costuma anatomizar dezenas de francezes vivos. Dirige a Escola Technica Profissional Masculina a sra. Ida Marinho Rego, magra e agil na sua fecunda nervosidade, desdenhosa das vãs pedagogias exoticas e muito interessada em salvar, pelo trabalho, innumeras creanças que o vicio, a madraçaria e o crime espreitavam. No jardim de infancia da Escola Experimental faz-se uma encantadora aprendizagem sem lagrimas e, dentro de casa, alumnos mais edosos mostram nos trabalhos manuaes uma destreza e uma inventividade que só os japonezes possuem. Os jardins succedem-se e alguns até querem transportar Versalhes

aos tropicos, embora as creanças morenas que por lá espairecem estejam longe de recordar os anjos bochechudos e barrigudinhos de Watteau. Vae-se á Casa dos Estudantes, em construcção, futuro phalansterio de uma gente trepidante que não precisa de alcool ou de opio para alegrar-se e achar a vida bella. Na Escola de Aprendizes Artifices e no Instituto Technico Profissional a mesma luta para subtrahir gente ao cangaceirismo.

Num dos parques da cidade, o peixe-boi, agora com o sr. Borges de Medeiros a maior curiosidade da zona, attende ao guarda, um philosopho sem lettras, que o chama de Chico e o afaga com ternura fraternal.

E toda essa vida contrasta com a longa catalepsia de Olinda, onde as creanças já nascem com a edade de todos os antepassados e as ruas, lindamente ouropretanas, mostram fachadas e varandins mais ou menos em estylo mosarabe, conduzindo a egrejas em que os agiotas da arte, em geral semitas, rapinaram tudo, os trabalhos de talha, os paineis, os candelabros de ouro, deixando apenas a Christo a cruz e a corôa de espinhos.

Já para as bandas de Victoria, ha os estabelecimentos fabris de Morenos e Jaboatão, casas de operarios á moderna, templo catholico e templo protestante, escolas e gente de boa saude numa região em que outr'ora até os frascos de quinino tremiam nas prateleiras das pharmacias. Por ahi, depois de ver o Horto das Pacas, onde as abelhas não mordem e só dão mel (boa lição para nós, hein José de Sá?) e onde acabamos reconhecendo que os repolhos e os espinafres tambem podem ser poeticos, vae-se a uma excellente "buchada" tradicional nos dominios solarengos de João Cleophas, bucolico secretario da Agricultura.

Simplesmente inenarravel esse almoço, em que o vinho não era de permaganato e o Osorio Borba, deputado á futura Constituinte, se entulhou de carne de carneiro, comendo ingratamente o seu eleitor, segundo tive ensejo de accentuar.

Mas é tempo de insistir em que a vida da intelligencia é das mais pullulantes em Recife. Não quero falar dos emigrantes do espirito que vivem aqui no Rio. Devo apenas uma referencia ao admiravel Gilberto Freyre, humanista um tanto á yankee, dono de varias litteraturas e urdidor de felizes pilherias em que dansam por vezes os seus amigos mais intimos. Seu livro a sahir, *Casa Grande e Senzala*, será sem duvida um epitome do viver colonial e imperial do norte do Brasil, o equivalente, em relação áquellas plagas, da obra historica e sociologica de Oliveira Vianna em relação ás terras meridionaes.

E agora, mesmo em desordem, passemos em revista os outros brilhantes servidores da intelligencia local.

De passagem, uma referencia a alguem que não é escriptor de profissão e nunca fez questão de ser etiquetado homem de lettras, mas é amigo das lettras, o fino e culto Carlos de Lima Cavalcanti, em quem não vejo o interventor, o politico (sou por excellencia um animal apolitico), mas o homem que está sempre contente nas rodas bohemias de escriptores, o pernambucano sempre de braços acolhedoramente abertos para os intellectuaes que aportem á velha Mauricéa. E' elle o amigo leal em cujo affecto se póde repousar tranquillo e tambem o jornalista que me poz em contacto directo com o publico de Pernambuco, desde que fundou o *Diario da Manhã* e entrou a pagar-me pontualmente os artigos em que eu zombava da mortalissima immortalidade dos nossos quarenta canastrões do Petit-Trianon, rindo-me das quadras em banho-maria do rotundo Adelmar e de outros bardos que põem o coração nos albuns.

Ascenso Ferreira, Oberon rustico, tem todos os capêtas ás suas ordens. E' o captador das esparsas vozes sertanejas, o poeta dos rythmos barbaros, avivados pela sua mimica e dicção impressionantes, e, além do mais, é grande até em medição cubica, sendo bastante volumoso e possuindo quasi dois metros acima do nivel do Atlantico.

Austro Costa engajou-se no batalhão dos madrigalistas antes de fazer-se voluntario das tropas do Norte. Gosta de celebrar as lindas garotas de cabellos e miolos oxygenados, extasiando-se na deliciosa architectura do corpo feminino e gostando de fugitivos contactos suaves num bonde trepidante...

Odilon Nestor viajou muito em navio e trem de ferro e muito mais pelo espirito. Foi longos annos a abelha, o anthologista de todos os bons livros. Gentilhomem que importa as roupas de Londres, é elle proprio o alfaiate das suas melhores phrases e o volume *Approximações*, recentemente estampado, deu-lhe carta de cidadania intellectual aqui no Rio e em São Paulo. Esse notavel ensaista é dos que respiram bem em todos os climas do espirito. Visitou D'Annunzio nos arredores de Florença e tomou-se de tal amizade amorosa pela condessa de Noailles, cujo salão frequentou, que ainda parece trazer no braço o fumo do luto pela morte da poetisa, embora alguns o digam disposto a convolar a segundas nupcias com a prosadora Colette Willy...

Movido sempre pelo demonio da independencia, Osorio Borba jejuou longo tempo commigo aqui na imprensa carioca. Ainda que sorrisse pouco, era uma especie de agil torpedeira a investir contra muito dreadnought das lettras ou da politica. Dotado de uma penetração verrumante, certas satiras suas valiam por temiveis vesicatorios. Caustico polemista, gravou a chalaças o epitaphio de muita celebridade precaria.

Annibal Fernandes, um dos mais perfeitos ensaistas litterarios do Brasil, vive lendo e escrevendo na sua linda casa cheia de livros e quadros, os bellos quadros de Fedora Rego Monteiro. Quasi sózinho faz dois jornaes inteiros por dia. Escreve com uma ironia lampejante, um sorriso, uma desenvoltura de grande conversador parisiense, familiar do antigo terraço do Tortoni, e em seu caso fica evidenciado que a vaga de civilização que róla pelo Sena tambem póde vir desaguar nos rios de Recife.

Director da Faculdade de Direito, Andrade Bezerra, tão modesto que tenta esconder-se por traz dos enormes bigodes, renovou, pela cultura desafogada e sadia, a casa de estudos que o seu antecessor chamava gravemente de "templo de Justiniano". Catholico sem ares hirtos, repontam-lhe, de onde em onde, certos indicios de malicia que fazem pensar naquillo que os francezes chamam sagazmente de "*diable au bénitier*". José de Sá, monoculado e com uma risada em que ha o chiar de certos vinhos espumantes, descende verdadeiramente de Eça de Queiroz, não pelo lado do conselheiro Accacio e sim pelo do João da Ega. E' um temperamento explosivo, de lutador de barricada, e, nas polemicas de jornal, um perigoso retratista a carvão.

José de Alencar (segundo em ordem dynastica) é um auto-didacta, desbastador de si proprio, e, no Re-

cife de hoje, raros deixam correr mais lepidamente a penna nas laudas de papel.

José Maria encontrou na bibliotheca que dirige um livro raro que o sr. Affonso de E. Taunay (e é dizer muito) procurara embalde aqui pelo Sul. Vive conventualmente no seu casarão de *in-folios*, proseguindo nas pesquizas de Alfredo de Carvalho, e está ahi como num harem casto de livros.

Por que diabo o Humberto Carneiro esmoreceu logo de inicio, ficando no volume de estréa, *Praias do Norte*? Um que não se fatiga nunca e publica todos os dias o seu commentario rimado do facto do dia, sendo uma especie de autor-ephemeride, é o sympathico e despretencioso Pedro Lopes Junior, o "Sá-Poty" do *Bahú de Turco*, que tem por vezes ferroadas de "maribondo mangangá".

Jornalistas á moderna, de uma admiravel technica no epigramma, Coimbra Junior e seus companheiros do vivissimo *Diario da Tarde* andam sempre com um prurido coceguento de satirizar o proximo e, sempre inventivos na maldade, multiplicam-se em deliciosas anecdotas que em nada se assemelham ás funebres pilherias estereotypadas de certos humoristas de manicomio.

Quanto aos artistas locaes (e que desenhistas e coloristas natos encontrei entre os collegiaes recifenses!), têm um optimo representante em Mario Nunes, que não é um simples *camelot* da paizagem e é o soberbo, o inconfundivel retratista das egrejas da região.

Mas os outros litteratos? Curta que foi a minha visita, não tive ensejo de vel-os de perto. Mal troquei algumas palavras com o subtilissimo Willy Lewin, néo-catholico, admiravel raciocinador da critica e um mystico da acção destinado a exercer talvez grande influencia no seu meio. Vi e ouvi o Mario Pessoa, orador incisivo e destro, o Adherbal Jurema, ensaista ainda em plena juventude e já com alguns conceitos perfeitamente sazonados.

Mas o romancista Lucilo Varejão, nobre figura de escriptor que nunca foi um pidão de elogios? O novellista Luiz Delgado, cujos olhos sabem discernir o movimento das almas? O poeta Matheus de Lima, o pensador Evaldo Coutinho, o critico Olivio Montenegro, que escreveu um tão bello ensaio sobre José Lins do Rego, sobre a sua feliz intuição dos caracteres regionaes e a sua força em extrahir lyrismo dos actos de mais rudimentar animalidade? E os dois Antiogenes, Chaves e Cordeiro? Já que não póde ser de outra fórma, ficarão para outra vez, para a minha segunda visita ao Recife...

AGRIPPINO GRIECO.

J. Capistrano de Abreu — **Ensaios e Estudos** — (Critica e Historia) — 2ª Série — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Rio.

Sem qualquer alarido em torno do seu nome, mas cumprindo fielmente o que rezam os seus estatutos, a Sociedade Capistrano de Abreu offerece-nos de tempos a tempos um volume em que se colligem trabalhos ineditos ou pouco conhecidos do grande historiador que tanto contribuiu para o enriquecimento do nosso patrimonio cultural. Agora, o volume que apparece é o segundo tomo dos *Ensaios e Estudos*, cuja publicação foi iniciada o anno transacto e onde se encontram, como no anterior, trabalhos do mais alto interesse para um melhor conhecimento do nosso passado. O volume, como sempre, tem uma apresentação primorosa e está-se a adivinhar o zelo e o carinho com que á sua organização e impressão se desvelou o sr. Eugenio de Castro, figura primacial entre aquelles que se aggremiaram para cultuar a memoria de Capistrano de Abreu.

Paul Morand — LONDRES — Plon, 1933

Capital do *fog*, do conforto e das boas maneiras; filha da tradição, da tenacidade e do arrojo, Londres, a cidade velada, tem em Paul Morand um retratista fiel e amoroso.

Começando o seu livro com um esboço historico da cidade, elle nos leva em seguida a visitar tudo o que de mais typico e de mais notavel existe na capital ingleza. E' assim que percorremos a City, reducto da independencia de um povo perante o seu rei; os clubs, verdadeiros templos do conforto e do respeito ao proximo; os mercados, onde os melhores productos de todas as terras do mundo são classificados e reduzidos a "*pounds, shillings and pence*"; Chelsea, quartel-general das artes e lettras inglezas; os parques, cada um dos quaes marca uma época de moda, elegancia e frivolidade; e tantos e tantos logares, com suas caracteristicas particulares, seu significado e suas tradições.

Em *Londres*, Paul Morand nos dá toda a medida da sua arte de retratista. Não é o viajante apressado de *Air Indien*, nem o explorador ingenuo de *Paris Tombouctou*, nem ainda o visitante enthusiasta de *New York*. Em *Londres*, elle é o amigo, o admirador; elle comprehende e explica; tem momentos de ternura onde a descripção é mais lenta, mais suave, mais leve; outras vezes se anima, se apaixona e tem traços rijos, contornos fixos, côres nitidas. Sabe maravilhosamente dosar o seu "humour" reflectindo até na maneira de escrever os rythmos do que descreve.

Usa de todos os recursos da época para fixar o que viu. E' cinematographico, impressionista, cubista, telegraphico, jornalista, sabendo no emtanto conservar-se romancista e até poeta. Mas, sobretudo, fez-se londrino para retratar Londres.

JACK SAMPAIO.

Delgado de Carvalho — **Sociologia Educacional** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

E' mais um precioso volume accrescido á Bibliotheca Pedagogica Brasileira, em bôa hora iniciada pela Companhia Editora Nacional de S. Paulo, que tanto tem contribuido para mais efficiente expansão da cultura em nosso meio. Obra de um verdadeiro didacta, cujo nome, por demais conhecido, prescinde de adjectivos laudatorios, a *Sociologia Educacional* do Sr. Delgado de Carvalho, dividida em tres partes, *A Analyse Social*, *Os Valores Sociaes* e *O Processo Educativo*, expõe assumptos de imprescindivel conhecimento a quem se dedica ao magisterio e de tamanha relevancia que para sua maior divulgação foi recentemente creada uma cadeira especial no curso do nosso Instituto de Educação.

Candido Jucá (filho) — **Graphia Moderna** — 4ª edição — J. R. de Oliveira & Cia.

Na balburdia que vae por ahi em torno do debatido accôrdo orthographico e na qual se açodam grammaticophilos de ultima hora desunhando-se no preparo de vocabularios de intuitos paramente cavatorios, é este um dos poucos trabalhos que se recommendam ao publico pela probidade e competencia do seu autor, um verdadeiro estudioso dos problemas da linguagem e que já se fez um nome atravez de outras publicações de não menor valor. Neste precioso trabalho, Candido Jucá (filho) não se limita a uma apressada averbação de palavras em graphia simplificada, mas expõe os seus pontos de vista, sempre cheios de bom senso e erudição, a respeito das difficuldades que se podem achar na applicação das regras dictadas pela nossa Academia de Lettras. E' verdade que o publico já lhe reconheceu o alcance, esgottando-lhe tres edições em rapido tempo, e assim ainda ha de acontecer com esta ultima, a que o autor, sempre zeloso, trouxe novos accrescimos e melhorias.

ESCRIPTORES DO NORTE

Em consequencia dos acontecimentos politicos desenrolados entre nós depois de 1930, de novo nos acommette a teimosa sarna dos bairrismos idiotas e nas palestras e commentarios á nossa vida publica não raro se nota uma certa malquerença pelos Estados do Norte, talvez em represalia ás justas attenções que lhes tem dispensado o actual Governo. "O Norte não vale nada", "o Norte é um peso morto na Federação", "era melhor que o Brasil fosse só o Sul", são phrases que amiude nos magoam o coração. (Posso falar assim porque sou carioca, mas antes de tudo brasileiro).

Apesar disso, ou por isso mesmo, como a querer evidenciar a vitalidade que nunca lhe faltou, é desse mesmo Norte, exhausto e flagellado, que nos vem agora a mais rica floração intellectual. Jorge Amado com *Cacau*, Amando Fontes com *Os Corumbas*, Lins do Rego ainda hontem com *Menino de Engenho* e já hoje com *Doidinho* trazem, cousa irrisoria e paradoxal, vindos de onde provêm, uma seiva nova á marasmada paizagem litteraria do paiz. Admirando-os, não me posso furtar á lembrança daquelles "pereiros" que eu vi em Souza, na Parahyba, e se mostravam tanto mais verdes e tanto mais copados quanto mais cruel lhes era a adustão do solo em que enterravam as raizes.

Cito apenas aqui os escriptores que já triumpharam, pois sei de outros que, ainda do Norte, breve lograrão os mesmos applausos, como Gilberto Freyre, autor de um estudo sociologico *Casa Grande & Senzala*, de que já se dizem tão grandes cousas, Graciliano Ramos, com o romance *Os Cahetés*, Heitor Marçal com *Chapeu de Couro*, e não sei quantos outros cujas obras são esperadas com viva anciedade.

De menos sorte, sob este aspecto, foi, talvez, o sr. Carlos Paurillo, cujo recente livro *Solidão*, lançado em Alagôas, receio não tenha os leitores que merece. Não quero dizer com isto que veja nessa collectanea de contos uma obra perfeita e acabada, mas apenas uma amostra magnifica de que o seu autor tem todos os requisitos para ser um grande escriptor. As suas historietas condensam-se quasi todas em quatro ou cinco paginas, mas ha nellas um tão bom gosto litterario, uma tão ajustada observação psychologica, que ficamos a desejar que o sr. Carlos Paurillo se ensaie em trabalhos de mais folego com as mesmas qualidades reveladas em *A Familia*, *Olhos Verdes*, *Fuga*, *Diario*, emfim, para resumir, em todos os seus rapidos mas inesqueciveis *sketchs*.

*

Sei que Peregrino Junior é nordestino e ainda mais, que os seus ultimos trabalhos de ficção se voltam, em bôa hora, para o Brasil Equatorial. Vejo-o comtudo, por mais que o não queira, como um dos nossos, ha tanto tempo vive por aqui e está perfeitamente integrado na vida do Rio, e é esta a razão por que o não incluo entre os do grupo acima. Aliás, vindo de longe a sua actuação nas lettras, não se trata tambem de um estreante, em alvoroço de applausos.

Referindo-me ao seu carioquismo, não quero dizer com isto que elle não saiba, de vez em quando, esquecer completamente os trezentos de Gedeão (e ainda existem?), para retornar, pelos milagres da imaginação e da lembrança, aos furos e igarapés da Amazonia, por onde tambem já se perdeu, e de lá trazer um punhado de contos, ricos de pittoresco local e palpitantes de vida bem vivida, como aquelles de *Pussanga*, já com varias edições, e agora estes de *Matupá*, que ha de obter o mesmo exito e cujo nome, feliz e sonoroso, eu gostaria de ver incluido entre aquellas dez palavras mais bonitas da lingua portugueza, ou, melhor, brasileira, com que se preoccupa agora um dos nossos vespertinos.

O que mais aprecio nas historias que Peregrino nos conta, é a perfeita fusão entre o elemento humano e o scenario que o rodeia. Os seus personagens não são esmagados pela paizagem, nem representam á bocca do palco, emmoldurados por bambinellas berrantes e um panno de fundo magestoso. Nellas o homem luta e soffre como soffre e luta a natureza. Assim, são sempre commoventes os episodios que nos narra. E' verdade que ha um ou outro conto sulcado por uma veia de comicidade. Mas ahi já entram os ridiculos da pseudo-civilização, os mandões politicos, os chefetes locaes.

Agora, uma pequena observação que espero não será levado a mal pelo autor de *Matupá*, quando lhe venho trazer os meus applausos. No glossario tão util com que encerra o seu volume, diz Peregrino Junior á pagina 190: "*Ciriringa* — Ar expirado do fundo d'agua e que sobe á superficie em bolhas. Gastão Crulls chama a isto: *ciririca*". Ora, por mais que quizesse, não consegui saber onde jámais escrevi esta ultima palavra. Na minha *A Amazonia Mysteriosa* (n' *A Amazonia que eu vi*, não vem á baila este termo), com a mesma significação do seu "ciriringa", a palavra que eu arrolo é o verbo "piriricar". Lá está elle, no meu vocabulario, á pagina 316, para elucidar certa passagem do texto, esta á pagina 265 e como segue: "O lago sobejava em peixe e de vez em quando a agua piriricava." Foi mesmo esta minha phrase que serviu a Carlos Teschauer, quando, no seu *Novo Diccionario Nacional*, quiz exemplificar o emprego daquelle verbo. Aliás, trata-se até de um brasileirismo já bastante divulgado, pois mesmo em diccionarios sem nenhuma especialização na materia, como o classico Moraes (pelo menos na nona edição, que é a que possuo), e o de Silva Bastos, figura o mesmo verbo.

E se não me torno importuno, ainda a permissão para um outro reparo, já que transcrevi linhas acima o topico em que sou lembrado pelo meu confrade. O meu nome não se escreve com consoantes dobradas. E' *Cruls* e não *Crulls*. Não veja nisso o meu amigo Peregrino qualquer comprovação da minha conhecida ogeriza á nossa recente e malsinada simplificação orthographica. Trata-se apenas de uma questão de respeito ás tradições. Sempre o vi escripto assim, a começar pelos meus parentes flamengos. Apenas, em tempos que lá se vão, era Croels e não Cruls.

GASTÃO CRULS.

Leiam:

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA
ALMAS SEM ABRIGO
Em todas as livrarias

"A Hora Espessa"

Esse livro *A hora espessa* de Francisco Karam é livro que se lê em deliciosa meia hora tendo-se a sensação de haver-se gasto (no gosto muito intellectualizado que elle nos dá), apenas uns poucos minutos. E' um poema inconsutil occupando um livro, todo elle com a espessura e a força que só os grandes poemas podem dar. Livro raro esse para o nosso meio em que o commum dos livros de poesia dá a impressão de collectanea, de anthologia, como se o poeta se mostrasse ao publico aos pedaços que nem illusionista de circo, e nunca o camarada inteiro até com a sua lyra como esse Francisco Karam.

Outra coisa que nos choca é a linguagem do moço arabe nascido em Araraquara. Elle inventa um idioma novo para contar os seus peccados carnaes. E por isso os seus peccados carnaes iguaes aos dos outros peccadores que têm enchido os confissionarios leigos ou não de todas as partes do mundo, de espessos que eram vão ficando diaphanos, levinhos, virando poesia, virando teia de aranha, virando essas coisas breves da terra. A gente vê logo que a hora espessa é esse minuto agradavel de que a perpetuidade do genero humano provém, o instante do peccado da carne que para o catholico se torna tragedia e dá um livro tão bom quanto o de Karam.

Para o agnostico essa hora espessa vira nada porque o *birth-control* não quer e assim dá num onanismo sem livro e sem descendencia.

Ha uma sinceridade violentamente humana na obra de meu amigo. Os olhos delle entram "as rendas das curvas" da bem amada, "envolvem-na e a detem" de tal maneira "como se a pegassem com o olhar e a auscultassm com as mãos". A gente vê que o poeta pecca mais com os olhos do que com os outros orgãos sensoriaes. As pupillas delle são o caminho por onde a tentação entra mais, os "olhos delle são como labios". E' por via disso, de tal obsessão do olhar que Francisco Karam faz do motivo *olhos*, o laite-motivo de seu poema, repetindo até ao fim da obra: "A tua carne branca abriu-me os olhos violentamente para enchel-os de claridade". "O meu olhar subiu pelos teus pés minusculos e fructificou nos teus seios, entrou-me pelos olhos a dentro farfalhante e despotico". "Meus olhos achataram-se neste collo claro, e nestas ancas amplas".

A gente vê que se o poeta cegasse o seu paraiso estaria mesmo perdido e elle seria apenas um mendigo. Para felicidade da poesia nacional Deus lhe dê bôa visão e os bons oculos que o meu amigo tem o cuidado de limpar no seu alinhado lenço branco.

E' assim a tragedia da castidade que faz desse poema um grande livro catholico. Nos versos mais voluptuosos e mais profanos os olhos peccam, os instinctos bradam, porém se vêm as mãos interiores do espirito detendo a tentação numa distancia conveniente. E' todo o livro a tragedia do catholico que para o grosso publico se apresenta apoiada, não temos duvida, numa bengalinha de Carlito, com lances comicos de arriscar sempre um olho grelando o peccado, querendo e não querendo... coisas para o commum um pouco ridiculas mas bem dolorosas como essa dôr constante que René Schwob chama de mystica e ha em qualquer gesto mais comico de Chaplin.

O livro cheio da tragedia da castidade tem amiude as surprezas das grandes obras: quando a gente está vendo o poeta descambar e pedir: "olhar de virgens meigas, formosas, purificae-me! purificae-me!" elle na pagina seguinte, no ponto critico de quebrar a bengalinha e derrapar mesmo, equilibra-se e avança p'ra multidão com um *Nocturno* que é um lamento biblico tão forte que só Jeremias poderia fazel-o: "Caminhavam vultos immensos como nuvens. E calados como personagens de noites de tormenta. Que desgraça, meu Deus, virá chegando? Que passos lugubres teem as sombras e o silencio como róla abafado e morno amassando tudo, numa planicie rasa. Que desgraça, meu Deus, virá chegando?" Ahi a tragedia já vae bem funda, já se passou pelo jardim das oliveiras e as corôas de espinhos começam na pagina seguinte com o *Castigo* em que ha versos formidaveis:

"O corpo ficou disperso
pelos quatro cantos do mundo
Quantos corpos andam hoje
com pedaços do meu corpo.
Em quanto pedaço de corpo
minha alma ficou gravada.
E' a maldição de Deus.
Eu amasso a minha carne
com o sangue do coração."

Depois do castigo a redempção. Elle andava na floresta embrejada "rolando pelos sentidos, como lama que escorre", as suas mãos "afastavam o folhedo nervosas como se tivesse em cada dedo um cerebro inquieto e dois olhos curiosos", havia "movimentos imperceptiveis de lesma em sua pelle" viveu "com féras, braços abertos, peitos collados, labios unidos" agora na manhã da redempção "a palavra do Senhor acordou as cousas do somno secular da maldição e o sangue do Filho do Homem tingiu as manchas da Terra numa só extensão de misericordia" então o peccador "sahiu da floresta negra", sahiu do lamaçal, sahiu da hora espessa e deu num panno de terra alta onde havia uma lagôa de agua de chuva e lá em cima um sol de novehoras como um gongo tinindo. O poeta que sentia a aspereza dos seus membros palpou a cara e a cara estava como casca de arvore, o pello grosso, o suor peganhento, cheirando a volupia mesmo de longe. Cahiu na aguinha clara. Mergulhou. Veiu á tôna. Virou outra vez criança com os olhos assombrados, a carne tenra, a alma ingenua. Estava salvo por effeito da Graça. E' toda a tragedia do peccado original.

JORGE DE LIMA.

Esmeralda A. Lobo — Historia do Brasil — 2ª edição — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.

Este livrinho é um exemplo frisante dos processos modernos e muito mais intelligentes de que se cerca hoje o ensino da infancia. Nada de dissertações massudas e chronologias esfalfantes, mas uma série de quadros synopticos e mappas illustrativos em que se faz, com um criterio verdadeiramente objectivo, o estudo dos principaes acontecimentos da nossa Historia. As gravuras do prof. Magalhães Corrêa, de cunho genuinamente nacional, emprestam um particular interesse ao livro e hão de fazel-o disputado entre as mãos da guryzada.

NOSSOS VISITANTES

O sr. Osorio de Oliveira não vem até nós como um estrangeiro. Vindo na qualidade de portuguez, dadas as affinidades culturaes das duas litteraturas, ainda seria bem recebido. Mas o brilhante ensaista reapparece aqui no Rio como um velho amigo nosso, quasi como um patricio ás direitas.

Em primeiro logar, foi elle educado entre nós e o periodo de formação de sensibilidade, o mais expressivo da vida, decorreu para elle entre as gentes e as paizagens de São Paulo. Depois, sem alludir a uma viagem com que nos alegrou ha uns dez annos mais ou menos, não perdeu jámais o sr. Osorio de Oliveira o contacto de cerebro e alma com o povo do Brasil.

Sua erudição brasileira deve mesmo envergonhar e humilhar muita creatura nascida por aqui e que desconhece quasi tudo da terra em que nasceu. Não ha volume nosso, de rica polpa nutriente ou de merito simplesmente subsidiario, que elle ignore. Seus ensaios são bem o "espelho do Brasil" que sente, pensa e trabalha nos dominios das lettras puras, da historia, da sociologia, da ethnographia.

Nunca um dos nossos grandes nomes sahiu estropeado da penna desse infatigavel ledor dos livros do Brasil. As informações que serve ao publico lusitano, a proposito do que occorre por aqui no mundo do espirito, são sempre da mais absoluta fidedignidade. E o valor de interpretação critica ajunta um prestigio de verdeiro creador ao nosso visitante de agora, visitante illustre que as melhores intelligencias do paiz estão fraternalmente festejando.

— A nossa classe medica teve a honra de conhecer pessoalmente, nos ultimos dias do mez passado, dois dos mais eminentes vultos da medicina belga contemporanea: o Prof. Albin Lambotte e o seu assistente Dr. Jean Verbrugge.

*Mestre e discipulo, grandes cirurgiões especializados no tratamento das fracturas, em que ambos, mas principalmente o primeiro, dado o seu mais longo tirocinio, têm hoje renome universal, são figuras que honram sobremaneira a sciencia e a cultura da **grande patria de Alberto I.***

Infelizmente, muito curta foi a demora entre nós dos Drs. Lambotte e Verbrugge que, ainda assim, puderam ser admirados como mereciam atravez de conferencias e demonstrações praticas nas nossas Academias e principaes serviços hospitalares.

Berardinelli-Mendonça — Biotypologia Criminal — Editora Guanabara — Rio.

E' este o primeiro trabalho sahido do Laboratorio de Anthropologia Criminal, apenas com tres mezes de existencia, e creado em annexo ao nosso Instituto de Identificação, graças aos esforços do seu actual director o Prof. Leonidio Ribeiro. Fructo das pesquizas de dois jovens mas já competentes na materia, os Drs. W. Berardinelli e João I. Mendonça, a *Biotypologia Criminal*, pela erudição com que é versada, ha de attrahir a attenção dos entendidos para uma ordem de estudos que é nova no nosso meio mas já se tornou de relevancia em paizes de cultura mais avançada. O livro traz prefacio do Dr. Leonidio Ribeiro.

COISAS DO FÔRO

I

O templo da Justiça

Nem para comer fiambre
a esse templo vás só:
— Ali, quem não abre o chambre...
abotôa o paletot.

II

A Justiça

Na justiça tem confiança
e verás, depois, surpreso
que, por ter venda e balança,
ella te rouba no peso.

III

O Juiz

Seus despachos escudados
na lei, são deste teôr:
— Depois dos autos sellados,
selle o reu e selle o autor;

e, em conclusão, este addendo:
— O escrivão as partes cite
para que fiquem sabendo
que a burrice tem limite.

IV

O demandista

Demandista que se gaba
de vencer na Relação,
no final do pleito acaba
vencido e de... pés no chão...

V

O escrivão

Ao preito o Escrivão faz jús
por ser homem de mão cheia,
mas depois que elle a introduz...
na bolsa alheia.

VI

O advogado

Perito em todas as artes,
é o anjo bom dos incautos:
— Começa embrulhando as partes
e acaba... furtando os autos.
Recommendal-o que zêle
pela causa não precisa:
— Só te vem dizer: — Appelle!
quando te vê... sem camisa...

VII

O Partidor e distribuidor

Em quatro partes reparte
todo o Monte de uma vez;
dá ao herdeiro uma parte
e para si guarda... tres...

BELMIRO BRAGA.

CHRONICA DE ARTE

Uma chronica de arte feita por uma artista deve reflectir o maximo de sinceridade.

Diremos o que sentimos.

Dois artistas brasileiros expuzeram ultimamente no Rio. Di Cavalcanti e Tarsila Amaral.

Di Cavalcanti expoz na Pró-Arte. Elle é sem duvida o pintor mais interessante de sua geração. Desprezando por sabedoria e convicção as theorias academicas, conseguiu criar uma pintura pessoal. Dono de desenho seguro, elle constróe com grande força de expressão como um Picasso. Toda a alma de nossa gente, elle a imprime com demorada observação nos seus trabalhos, tornando as suas figuras quasi humanas. A tragedia dolorosa da raça opprimida que habita as favellas do Rio é um dos seus preferidos motivos; serve para elle pôr em relevo, nas formas amplas e roliças de mulatas, no fundo tropical onde andam com a luz desperdiçando-se em côres, uma technica primaria e precisa. Veja-se Gente do morro, Mulheres deitadas.

*

Tarsila Amaral tem sua exposição no Palace-Hotel. Exposição retrospectiva. Quatro phases diversas: a primeira academica, a segunda quasi sur-realista, a terceira nacional-decorativa, e a quarta, pintura para propaganda social. Preferimos-lhe a terceira phase, onde ha quadros de relativo valor, como Paizagem, Familia *e* Religião brasileira. *O seu academicismo é igual a todos os academicismos. O seu sur-realismo igual aos outros sur-realismos. Coisas sem importancia. Quanto á ultima phase, só almejamos que ella não fique apenas como outra tentativa na arte de saltos mortaes da consagrada pintora paulista. Os dois quadros deste periodo demonstram apenas bôa vontade, um desejo muito louvavel de servir a mais justa das causas da civilização moderna. Uma viagem á Russia será o essencial para comprehender a humanidade proletaria?...*

NOEMIA MOURÃO.

LEIAM:
JORGE AMADO
CACAU
(Romance)
Preço: 8$000

O Animador de Calungas

Fazer critica de critica litteraria é fechar um circulo vicioso do qual só se sahe pela secante da presumpção. O artista crêa. O critico analysa. Que outros dêm tambem opinião sobre a mesma obra, atravez de temperamentos diversos, que importa? O essencial é não brigarem as comadres: "Isso que você acha bom — sabe? — não passa de coisa muito réles!" E vice-versa. Ou, o que é peior: — "Tal livro é optimo, não por isso e, sim, por aquillo..." Elogiem ou atassalhem á vontade o infeliz que teve a coragem de atirar á praça da publicidade um livro, um quadro, uma estatua. Falem do papel ou da impressão. Esqueçam o pobre artista. Mas não discutam, procurando impingir idéas a quem já as tem. E, principalmente, não assumam ares prophetícos e linguagem evangelica: "Em verdade vol-o digo..." Ou: "Deixae que venham a mim os pequeninos..." Porque o unico aphorismo admissivel entre criticos é o de Hobbes, devidamente alterado. Ou a palavra aspera do Mestre: "Quem não é por mim é contra mim."

Não sendo irmão de seita posso, com desembaraço, falar alguma coisa sobre um dos mais salientes julgadores da Congregação do Index de nossas lettras. Faço-o amigavelmente, como quem conversa entre conhecidos, sem dedos impositivos nem tiradas oratorias. Não será por medo. E nem mesmo por gratidão, de vez que não tenho livro publicado, nem vontade de publicar livros.

Desejo falar — dão licença? — sobre Agrippino Grieco. Não o conheço senão atravez de informações de amigos e dos livros e artigos que tem escripto. Não se espantem. Commetto a quasi irreverencia de arriscar algumas palavras sobre um autor que li, o que a muita gente parecerá extranho.

Vocês se lembram daquelles desenhos animados que nos mostram, frequentemente, calungas ageis e grotescos, sahindo de um tinteiro e movendo-se, depois, em aventuras inverosimeis? Não sei porque, mas certas figuras esquissadas por Agrippino me dão a impressão desses bonecos do cinema.

Traço rapido, accentuação de linhas, silhuetas inconfundiveis. Pois é assim: do tinteiro do Grieco saltam a miude vultos conhecidos e apalhaçados, typicos. Tudo muito nitido e sem esforço de parto.

E' sobre esses calungas, brotados de um profundo senso caricatural, que desejo falar agora. Pulam como os bichos de molas das caixas de surpreza, mexem-se em gestos habituaes, promptos a voltar ao nada de que sahiram, a um simples manejo de camara invertida.

Attenção! O primeiro a saltar é o velho e tedioso Domingos Magalhães, o "caixeiro viajante do romantismo."

A multidão de bonecos se acotovella no bocal do tinteiro, ávida de cabriolas e pinotes. Calma, senhores! As lettras brasileiras são um vasto circo em que ha logar e publico para todos os funambulos...

Luiz Guimarães Junior, sensivel á influencia de Stecchetti, chora a amada "entre aspas, com lagrimas de emprestimo". Castro Rabello exhibe seu unico merito, "o de já ter morrido". Guimarães Passos passa com seus ares de "Bilac desnatado". Faria Neves Sobrinho leva pelo dedo, por uma laçada de fitilho dourado, o embrulhozinho de papel de seda em que cabe toda a sua philosophia. Alberto de Oliveira, carregado de meritos, entre os quaes o da durabilidade. Adelmar Tavares, gordo e amavel, mostra os seus habeis passes de "confeccionador de quadrinhas domesticas". Martins Fontes, virtuose do som e do peregrinismo, faz extravagancias musicaes em "seu violino de uma só corda." Affonso Celso, "supplicio chinez da gota de tedio no craneo do leitor, viuva inconsolavel de Pedro II, carregando desde a mocidade o peso de um mão soneto celebre." Aloysio de Castro, "de longas olheiras nostalgicas, dá a impressão de comer saladas de violetas e sente-se que uma folha morta, cahindo-lhe em cima, o encherá de ecchymoses". Agora é um vulto vago, de nome incerto: "Deve-se dizer Felix ou Infelix Pacheco?" Surge depois o lusitano mais ou menos acclimado, "em cuja obra poetica de dez mil linhas deseguaes existe apenas um decasyllabo toleravel, esse mesmo surripiado a Balzac". E Luiz Carlos, cujo drama é o de, "sendo apenas um bom poeta, querer ser um grande poeta"? E o homem que "expellia sonetos com a mesma difficuldade com que os hepaticos expellem calculos biliares"? Abram alas! Vae passar o sr. Magalhães de Azeredo, "hera do Colyseu, cicerone archeologico, suisso do Vaticano..." E Catullo? Traz um disfarce notavel que o confunde por alguns minutos com o seu homonymo romano, para ser, apenas, á queda da mascara, um "jogral de Deus". Para sahir de scena apenas com a nudez dessas apostrophe: "Jogral, sim; mas porque de Deus"? E o historiador que tem "o ideal dos escreventes juramentados: encher rasa"? E Macedo, "o antipoeta"?

Agora vão passar as mulheres. Dão-se as mãos, numa farandula decorativa, como nos frisos gregos: a "que tem nos versos a frigidez e a rigidez cadavericas"; a "cujo melhor alexandrino é involuntario, formado pelo seu proprio nome"; a que foi baptizada "com assucar e não com sal"; a que é "uma copia de copia, e já enfraquecida, como as reproducções de agua-forte do numero dez em deante"; e a "groenlandeza extraviada nos tropicos"...

Creio que basta. Dirão, talvez, que Agrippino satyriza mais os autores do que as obras. Não contradirei. Innegavel é, porém, que, para esse vigor de synthese, foi necessario conhecer creador e creação. E pergunto: como separal-os? Ademais, não elogio nem detrato os processos de Grieco. Rio-me porque encontro, em cada uma de suas felizes phrases epigramaticas, o signal de egualdade entre autores e obras.

Não será, sem duvida, um systema solemne de critica. Deixa brechas enormes a revides. Dos que foram catalogados e dos que têm medo de entrar para o fichario irreverente.

Não ataco nem louvo. Leio e acho graça, senão na justeza dos conceitos, pelo menos na poeira que os sinapisa. E teria vontade de saber o que pensarão de Agrippino todos esses figurões que esfregam as panturrilhas em que foram applicadas essas pequenas cataplasmas causticas.

Não será caso de qualquer de nossas revistas, se-

MINHA NÊGA

Quando completei um mez, minha mãe me entregou aos cuidados de uma ama, a Chica, que eu chamava Minha Nêga.

Minha Nêga era uma preta chôchinha, quasi careca e beata em extremo. Não havia confraria de que ella não fizesse parte. Desde a das Oblatas, do Mosteiro de São Bento, á das Filhas de Maria. A sua alma, porém, era branca como um lyrio e o seu coração maior do que todas as bondades.

Ella me amava com um amor tão grande, queria-me tanto, que não consentia ninguem me tocasse. Ninguem. Nem mesmo os meus paes. Tinha ciumes de namorada, quando me acariciavam.

Si minha mãe ralhava commigo, quem chorava era Minha Nêga. E, nesse dia, não comia, não queria saber de nada. Embezerrava num canto a choramingar, interminavelmente. Minha mãe censurava-a. Dizia-lhe que ella estava me botando a perder com os seus mimos demasiados. Ameaçava até de despedil-a. Chica, porém, não cedia uma linha. Resmungava, contava-me historias e rezava os seus terços, os seus responsos, para que Deus fizesse de mim um grande homem.

— Que eu havia de ser um Doutô-engenheiro, — affirmava, — um Dotô afamado em todo o mundo.

E, porque, um dia, meu pae mandasse cortar os meus longos cabellos, cacheados e louros, Minha Nêga chorou tanto, que os seus olhinhos de myope ficaram horrivelmente inchados. Duas postas de sangue. Levou quasi uma semana a chorar, por mais que minha mãe brigasse e dissesse que aquillo era um máo agouro, e que não estava mais disposta a supportar semelhante arraia mijona.

— Contente-se com o cacho que o barbeiro lhe deu e deixe-se de ranhetagem, — gritava minha mãe.

Minha Nêga, porém, nunca perdôou a meu pae tão grande sacrilegio. E, depois disso, ficou mais carinhosa do que nunca. Era ella que cuidava da minha roupa, dos meus alimentos, e da minha primeira educação.

Li com ella a carta do ABC, e aprendi a syllabar.

Nesse tempo, meu pae já tinha perdido toda sua fortuna. Viviamos agora numa casa modesta, quasi sem confôrto.

A perda do dinheiro arruinara a saúde de meu pae. E elle cahiu gravemente doente. Eu o via, então, no leito, magro, a gemer e a tossir muito. A sua voz arrastada e o seu olhar sem brilho, causavam, ao meu coração de creança, uma angustia indefinivel. Não queria ver meu pae assim...

Um dia, eu dormia tranquillamente, quando minha mãe me acordou:

— Polycarpinho! Polycarpinho! Venha tomar a benção a seu pae, meu filho!

Acordei extremunhado e notei que ella chorava. Obedecí-lhe e me deixei levar pela mão, até o leito de meu pae.

Beijei-lhe a mão e as faces enregeladas e fiz um biquinho de chôro, sem mesmo saber porque.

Minha Nêga, que tambem chorava, carregou-me para o quintal e se poz a dizer que o meu paezinho ia para o céo ficar junto com os anjos e que eu devia ser bomzinho, muito bomzinho, para minha mãe.

Consolei-me.

De tarde, saiu o enterro. Um boccado de homens de roupa preta, cara amassada, silenciosos, arrancaram o caixão dos braços de minha mãe. Ouvi muitos gritos, muitas lamurias, mas uma locomotiva de mola fez com que eu não ligasse mais ao que se passava na sala.

Eu tinha, nessa occasião, seis annos de edade.

(Do romance *Corja*, a sair).

João Cordeiro.

---

quiosas de concursos idiotas, pôr a premio a melhor resposta a uma questão sobre Agrippino?

A esta, por exemplo: "Que pensa v. s. do sr. Agrippino Grieco?"

As vinganças choveriam, mais abundantes que a agua dos céos nos versos da senhora Cecilia Meirelles...

E si o proprio Grieco tivesse o bom humor de concorrer ao certamen, garanto e juro que encontraria meios de superar, em malicia e irreverencia, os seus mais encarniçados inimigos.

Mello-Nobrega.

BUNGALOW

Lorsque tu seras vieux et que je serai vieille,
Lorsque mes cheveux blonds seront des cheveux blancs.

Mme. Rostand.

Quando eu tiver meu bungalow novinho,
Na encosta escarpada da montanha,
Gostarei de ficar parada dentro delle
A' sombra acolhedora das varandas
Cheias de avencas e de trepadeiras...
Um livro esquecido nos joelhos
Cigarro entre os dedos a fumar-se sózinho.

Quando eu tiver meu bungalow novinho,
Gostarei de ficar horas inteiras
Fitando a esmeralda viva do oceano
Encravada nas garras de ouro das areias
E, na téla branca do meu sonho
O film que posei para a Vida sem querer...

Quando eu tiver meu bungalow novinho,
E a tarde vier cahindo docemente,
Minha prece subirá para o infinito,
Como aquella montanha de granito
Coroada de coqueiros farfalhantes
Tocheiros de flammas verdes, crepitando
Ante o corpo ainda roseo do Crepusculo.

Com que tristeza mas com que carinho
Então recordarei todo o passado
Quando eu tiver meu bungalow novinho...
Mas meus cabellos já não serão louros
E tu, meu amor, serás velhinho!...

Odette de São Felix Simonsen.

"Capitalisme et Sexualité"

R. et Y. Allendy — Denoël et Steele, Editeurs, 1933

Ensina a psychologia freudiana ser o papel da civilização fornecer os meios de sublimação ás mais baixas tendencias instinctivas, transportando-as do plano material para os planos sentimental e espiritual. Assim se realiza o progresso da humanidade. A vida, num perpetuo esforço de adaptação, evolue, incessantemente, guiada pelos instinctos, modificando seus modos de reacção ao contacto com as particularidades do meio, por sua vez mutavel.

Egoismo e generosidade são os dous polos entre os queas se desenrola o drama interior dos individuos. "Equilibrar sua affectividade entre o direito de tomar ou de guardar e o dever de trocar ou de dar, tal é a tarefa psychologica que se apresenta ao homem." Das condições de existencia depende a orientação de suas possibilidades affectivas.

Na actual civilização capitalista, a proeminencia dada ao capital sobre os valores humanos accentúa os conflictos interiores. Aos valores psychologicos substitue-se o valor material da moeda de troca.

Adquirir dinheiro o mais possivel e por todos os meios, tal o determinismo ideologico. O successo não pertencerá necessariamente ao mais intelligente nem ao mais activo. "A humanidade sente-se ao mesmo tempo privada de um idealismo (que conferia á autoridade e ao poder de alguns um aspecto de veneração, verdadeira forma de amor) e submissa á omnipotencia de um agente impessoal, material, fortuito: o dinheiro) que pertence ao mais privilegiado do acaso, ao mais velhaco, ao menos escrupuloso."

A desorientação psychologica é aggravada pelo caracter ficticio e instavel da fortuna. Contra o trabalho effectivo, as combinações financeiras dos bancos e das bolsas. A antiga realidade metallica passa a ser um valor abstracto, intellectual, subjectivo. E' ainda o imperio do acaso. Dahi a incerteza, a inquietude, a ansia de enriquecer, o pavor da ruina.

Obsedante, a preoccupação financeira não deixa margem á vida sentimental. Desse conflicto, nos tempos presentes, entre a riqueza e a sexualidade, resultam modificações nos modos de realização do amor. A' expontaneidade amorosa, á livre escolha do parceiro sobrepuja o calculo das vantagens financeiras. Quanto mais intensas as inquietações economicas, tanto mais contrariadas as aspirações sexuaes.

Esses conflictos do coração humano entre o interesse financeiro e a aspiração amorosa exteriorisam tendencias instinctivas diversas. Essas podem ser divididas em tres grupos: centripetas (funcção digestiva); centrifugas (funcção sexual) e coordenadoras (instinctos sexuaes).

Em *Capitalisme et Sexualité*, R. et Y. Allendy expõem os mecanismos morbidos em virtude dos quaes o dinheiro pode substituir fins sentimentaes e eroticos. "As formas anormaes dos conflictos, substituições, intereferencia, entre o dinheiro e o amor nos revelarão os aspectos multiplos sob os quaes os instinctos correspondentes se oppõem, ao mesmo tempo que ellas nos indicarão as etapas archaicas seguidas pela evolução dos instinctos normaes."

O processo do desenvolvimento individual, caracterizado por um desinteresse progressivo, começa no polo da absorpção alimentar para terminar no polo da oblatividade amorosa ou mystica. Centripeta no inicio. Centrifugo no fim. A nevrose consiste em uma inadaptação ao meio: retardamento ou regressão em relação ao padrão medio.

Graças ao insufficiente desenvolvimento dos instinctos altruisticos, a maioria dos individuos, no evolver que vae de uma captavidade exclusiva a uma oblatividade relativa, pode estacionar ou progredir de varias maneiras.

Tendo a civilização, pouco a pouco, substitudo o alimento por um valor convencional, o dinheiro, em torno delle se faz o equilibrio entre as tendencias captativas e oblativas, sendo essas reacções determinadas pela evolução de seus instinctos digestivos.

E' no casamento que melhor se pode apprehender o jogo combinado das tendencias economicas e sociaes. "A familia burgueza, diz Ch. Andler, se constitue sobre interesses de dinheiro. Um systema rigoroso de garantias dotaes e de direito sobre a herança protege esses interesses e faz de todo joven burguez, antes mesmo do seu nascimento, um coparticipante munido de direito sobre uma porção da propriedade burgueza." Tal situação faz prevalecer os valores financeiros sobre os valores biologicos, representando para o instincto uma regressão da esphera sexual á esphera digestiva. Na ausencia da attracção affectiva, a fidelidade monogamica pode tornar-se perigosa.

Releve-se ainda o erotismo polyvalente do homem, levado a adoptar a monogamia por motivos de ordem economica e social. "Não é somente comparando o homem aos primatas que se pode pensar que seja instinctivamente polygamo, mas comparando-o a si mesmo, e examinando todas as formas do casamento através os tempos e os paizes. Descobre-se, então, que, quando adstricto á monogamia, elle organisa, ao mesmo tempo a concubinagem e a prostituição official. E', talvez, sobretudo confessando a maioria dos maridos christãos e praticantes que se tem a convicção de suas aspirações polygamicas. Conhece-se o esforço tentado neste sentido pelos Mormons."

Na prostituição e na concubinagem situa-se novo ponto de conflicto entre o dinheiro e a sexualidade, traduzindo uma reacção do instincto contra a obrigação monogamica da sociedade actual. Duas razões physiologicas explicam a polyvalencia sexual do homem: um meio para evitar as continencias periodicas impostas pela vida physiologica de uma só mulher e a necessidade de variar as excitações sensuaes para attingir ao maximo de actividade sexual. "Naturalmente, são as sensações variadas que, por seus contrastes, solicitam maior attenção sexual."

De outro lado, o masochismo natural da mulher, adaptação ao dominio sadico do homem, considerado por Freud como fazendo parte da psychologia feminina nor-

mal, vae ao encontro das aspirações polygamicas do homem.

A prostituição é uma nevrose resultante de conflictos instinctivos, sendo os outros factores, miseria, promiscuidade, etc., secundarios. A frigidez é caracteristica physio-psychologica das prostituidas. Regulamentando a prostituição e permittindo o trafico da mulher, a sociedade capitalista revela sua incomprehensão e incapacidade. Organiza-a no interesse do emprezario e exploradores, muita vez sob o patrocinio dos politicos.

O relatorio dos peritos designados em 1923 pela Sociedade das Nações informa que o trafico é constituido por uma organização internacional ramificada pelo mundo inteiro, possuindo associações locaes, um boletim e um jornal clandestino, onde seus negocios são tratados em termos convencionaes. Monta a 50.000 por anno o numero de mulheres recrutadas.

Quanto á procreação, sob as condições capitalistas, vê-se que ella deixou de ser uma fonte de poder para tornar-se um meio de empobrecimento. Como valor vital, a fecundidade satisfaz um instincto, comportando, pois, um gozo especifico. Ella consagra a maturidade sexual do adulto, encerrando a phase inferior e preparatoria da infancia. "Procreando, o homem affirma dahi por diante ser igual a seu pae, e a mulher, a sua mãe; cada um realiza um dever infantil de pôr fim a uma situação subalterna.

Sob a influencia do capitalismo, a inversão dos valores affectivos da procreação engendra novos conflictos entre a fortuna e a sexualidade.

Conclusão: "A organização economica actual apresenta-se em aguda opposição ás exigencias da vida affectiva: quer se trate dos sentimentos amorosos, da união livre, da prostituição ou da procreação, a importancia dos factores economicos, exasperados pelo regimen capitalista, se oppõe ao livre jogo dos instinctos, dos sentimentos e mesmo das aspirações biologicas primitivas. A frequencia das nevroses individuaes confirma a intensidade do conflicto geral."

Quaes as soluções futuras? "Resulta claro que o capitalismo e as relações dos sexos não mais podem subsistir sob a sua forma actual, mas não é menos evidente a indissolubilidade destas duas questões. Desde logo, as reformas para serem efficazes, não poderiam ser parciaes, mas profundas, radicaes, attingindo ao mesmo tempo as bases economicas da sociedade e o estatuto legal da familia."

A solução do futuro está indicada pela evolução biologica, que mostra a elaboração dos instinctos sociaes em detrimento dos instinctos exclusivamente individualistas dos estagios primitivos. E' a socialização da possessividade. A época actual, de intensiva socialização, traduz a evolução dos instinctos no mesmo sentido. As preoccupações financeiras, exasperadas pela concurrencia, são causas de desordem e soffrimento. A socialização economica permittirá á vida affectiva a sua natural evolução. Pela limitação da propriedade, a libido captativa do homem, longe de ficar desprovida de todo objecto, pode enriquecer-se de valores biologicos e espirituaes, quer voltando ás realidades originaes (a belleza do seu corpo, a sua saude, á sua força), quer por sublimação.

O futuro da mulher terá solução na igualdade dos direitos sociaes e possibilidades economicas. Assim desapparecerão dous dos principaes motivos do casamento: protecção e subsistencia. Sem haver mais razão para a mulher conservar-se em tutela é de prever que a instituição matrimonial venha a desapparecer.

Pouco devem valer as objecções sentimentaes. "De um lado, a familia evolue desde a *gens* primitiva ou a polygamia antiga, que é facil prever novas transformações sem que nada de essencial seja perturbado na vida da especie humana; de outro lado, sabemos que os tabús, as superstições ou concepções religiosas não são senão uma racionalização idealizada das circumstancias ás quaes o inconsciente se adaptou e que podem variar rapidamente em funcção dessas circumstancias. E' assim que a Igreja modificou sua attitude intransigente quanto á fecundidade obrigatoria do casamento."

Problema correlato é o da prostituição. Não satisfazendo sempre á sexualidade polyvalente do homem, o casamento monogamico, resultado da propriedade privada, é completado pela prostituição. E' a compra monetaria que confere á prostituição seu caracter pejorativo e degradante. Diminuir, pois, as possibilidades financeiras de compra. Assegurando a cada mulher meios sufficientes de subsistencia, com segurança para a progenitura, um regimen social que renunciasse a tirar proveito da prostituição e impedisse o trafico da mulher, conseguiria reduzir a prostituição "ás proporções de um aspecto psychologico das relações amorosas".

Na legislação sovietica sobre o casamento, vêm R. et Y. Allendy um grande progresso na linha da evolução. Com ella desapparece immediatamente a preponderancia do homem, a dependencia da mulher, a legalidade das uniões, sua fixidez, sua indissolubilidade, os direitos paternaes, tudo isso que constitue as bases da instituição conjugal capitalista. E' o termino da marcha progressiva e regular do casamento para a socialisação, que é o aspecto caracteristico de sua historia.

Para os autores, o ponto fraco da reforma russa consiste em haver conservado, da ordem capitalista, uma parte dos direitos e da responsabilidade paternal. O poder paterno, absoluto na antiguidade, vem decrescendo incessantemente, com a civilização. Hoje, reduzido quasi a funcção economica, sua substituição pela collectividade seria facil de realizar. Bastaria um decreto do Estado estabelecendo que toda mãe receberia uma pensão para a educação de seu filho. "Acreditamos que nessa reforma, e só nella, se encontra a solução para a crise grave que attinge a familia para leval-a a uma destruição completa de sua forma actual. Ahi somente encontraria a mulher sua verdadeira libertação."

Taes conclusões, cruamente oppostas aos preconceitos e ás contingencias artificiaes da época actual, satisfazem ás aspirações da vida e dos instinctos que são a força de sua marcha progressiva.

"A época actual é critica e o instante grave. De nada serve obstinar-se em meditações sentimentaes e querer conservar um passado que se decompõe. Claro é que nos será preciso sacrificar ao futuro o ideal irrealizavel do direito de propriedade absoluto e o ideal não menos irrealizavel dos direitos paternaes absolutos. Deante desses dous pontos essenciaes, a independencia individual deverá inclinar-se deante das necessidades sociaes. Apressemo-nos, pois, a restringir nossas pretensões possessivas pessoaes para socializar a fortuna e o estatuto familial.

A. de Moraes Coutinho.

O POETA DA DUVIDA

Mais um livro de poesias, desabrochando á imprecisão desses nossos dias desorientados de primavéra tropical.

Simples coincidencia, ou, porventura, resposta á indagação do poeta:

> — "Mas porque a gente se entristece ou alegra
> conforme anda lá fóra o sol ou a chuva?"

Assim, o volume, pelo sabor estranho de suas composições, é bem aquelle encantado espelho, senão da paizagem humana, de onde procede, ao menos da alma atormentada que illumina essas paginas.

De ponta á ponta, norteia-o o desequilibrio do desencontro que não chega a ser pessimismo, porque, ahi, a duvida não é encruzilhada de mysterio philosophico, mas segura affirmação de quem poude resolvel-a e definil-a.

Nem por isso, o Amor deserta essas rimas, e apparece, mesmo, nas satyras, dourando-se na galanteria das expressões felizes, mal velando o disfarce lyrico da construcção, como matizes de luz brincando no dorso espumeo das aguas em alvorôço.

Ahi está, porque, imitando o poeta, páro, tambem, em meio a um verso seu, e interrompo a leitura, meditando e recordando...

Viagem de quem sonha: Raymundo, Delfino, Vicente de Carvalho, Bilac, Alberto de Oliveira...

E, vejo a seára immensa, e, na fertilidade da terra rica, paira, apenas, a reminiscencia da floração passada de que não ficariam muitos fructos, mas simplesmente, um aroma esparso que o vento leva, sem mais lembrança nem recordação...

Poesia nem sempre é fumo, ou barulho de rimas...

E eu sinto na extensão immensa, o pouco de profundidade dos muitos que passaram, dos quaes, em vinte annos, conto, pelos dedos, os que resistiram ao tempo e pertencem á historia litteraria: Humberto de Campos, Hermes Fontes, Manuel Bandeira, Augusto dos Anjos, Raul Machado, Da Costa e Silva, Raul de Leoni, Moacyr de Almeida...

Arithmetica primitiva, que não sae das mãos.

E os outros? são tantos...

Diluiram-se na sarabanda ephemera do artificialismo, poesia que teve o seu minuto illusorio, na restea de luz de uma frincha e logo foi sombra e silencio.

E a escola nova? E os novos rythmos?

Faceirice dos tempos: engano; como si poesia não fosse soffrimento e verdade, resistindo a fôrmas e formulas passageiras e imprecisas.

Tenho, para mim, que o *Livro da verdadeira duvida* reata certos élos de uma interrompida cadeia.

O poeta que o compoz, pertence áquella veia profunda que não se contenta do metal em que trabalha, mas, dá-lhe com o pensamento que nelle imbute e desenha, novo valor em cunhagem nova.

O nervo da poesia, ahi está, estremecendo, vibrando e vivendo, dentro das sensações postas em metros varios.

Atormentado da synthese, faz pensar em Bartrina, seu irmão gemeo; atormentado da fórma, lembra Raymundo, mestre de todos; atormentado da Vida, recorda Anthero... Recorda-os sem imital-os, porque imprime ás suas rimas, a caracteristica da propria alma, impar...

E faz milagres, assim:

"EPITAPHIO DE UM POETA

> "Aqui descansa um poeta, cujo nome
> sabem de cór as paginas da Historia.
> Deu-o um atomo á vida, a vida á fome,
> a fome deu-o á morte e a morte á gloria!"

Nestes curtos versos sente-se a immensidade, porque, nelles, palpitam o não ser, a miseria e a immortalidade.

Nos quatorze versos do *O Mar*, ha um poema inteiro, cuja essencia cae nos ouvidos e na alma e fica, depois, cantando no pensamento, pelas imagens e cousas que recorda.

Como Attilio Milano desconcerta os criticos que ainda usam classificar poetas por escolas!

Dextro nas satyras; eximio em ironias; quando a inspiração lyrica o desafia, vae, com ella, á belleza mais pura e mais fina, de que póde servir de exemplo:

A LUZ E A SOMBRA

> A luz caminha pelo espaço,
> a sombra pelo chão caminha.
> Vão parallelas, passo a passo;
> a luz é a tua! a sombra é a minha...
>
> Rasto do céu, que deixa traços,
> ó luz! ó luz! mal te avizinhas
> batendo as asas, debatendo os braços
> visto-te as asas, ficam minhas!
>
> E não paramos de cansaço:
> tu sempre e sempre traço a traço,
> alma sem corpo, tão sózinha!
>
> E eu sempre, sempre e sempre passo a passo,
> corpo sem alma, que caminha!
> A luz é tua! a sombra é minha...

*

Amante da fórma breve, ás vezes, brevissima, Attilio Milano não conhece redundancias ou a sonoridade sem lastro de pensamento. O espaço não permitte outras referencias.

Não haveria, é certo, mais louvores a accrescentar, mas exemplos, delle mesmo, a estampar aqui, furtados ao volume.

Amargo e desconcertante; em muitos pontos de uma ingenuidade espontanea e seductora, desagradará, com certeza, a muita gente, mas será inconfundivel, dentro de sua maneira e de suas particularidades.

E' dos que se illuminam a si mesmos, com luz propria, no personalismo da fórma e das idéas.

Umas e outras farão deste livro pequeno, materialmente, um grande livro admiravel, pela concisão e pela belleza.

Não direi delle que é uma obra-prima, para não irmanal-o a tantos que receberam, já, esse galardão. Basta-me classifical-o entre os portadores de mensagens, de que fala Shaw...

Um ponto ninguem negará, mesmo contestando-o, — é que elle diz alguma cousa e sabe dizer o que quer.

Pica-me, por isso, o desejo de reeditar em sua intenção, aquelle elogio espontaneo de um poeta consagrado, consagrando a aurora de um outro que nascia: Nasceu um poeta!

PHOCION SERPA.

DE PARIS

DE UMA COISA E OUTRA

Um destes dias, ao microphone de uma estação de radio, um dos mais divertidos humoristas francezes lançava um appello, a todos os radiomaniacos que o ouviam, em todos os pontos do globo, afim de que lhe mandassem uma idéa nova, qualquer coisa que pudesse renovar aquellas palestras quotidianas.

Vou hoje fazer mais ou menos a mesma coisa, communicando aos meus leitores alguns écos daqui e dali, pedindo desde já desculpas aos confrades attingidos, cujos nomes não poderei citar... por falta de assignatura.

*

Já ouviram falar em "vôo therapeutico"? Pois saibam que é um novo methodo de cura preconizado no *Journal d'Excelsior* pela penna de um de seus redactores, que assim intitulou o seu artigo: *Cura de Atmosphera*. Alguns sabios — diz elle — observaram que o deslocamento vivo do ar, bem como o choque recebido numa ascensão a qualquer ponto mais elevado, provocam um allivio immediato ás pessoas de fraqueza bronchial. E, documentando tudo com illustrações e schemas, elle nos mostra um avião therapeutico munido de um barographo destinado á confirmação da novidade. Ao centro vê-se um doente atacado de violenta coqueluche, que vae "atmospherizar-se", emquanto, ao lado, um medico observa, a cada momento da ascensão as reacções do paciente.

Saudavel coisa, essa "atmospherização"! Já um jornalista italiano da *Tribuna* affirma que não ha nada de mais anti-hygienico que o aperto de mão e, sob o titulo de *Cumprimento Romano*, eis o que elle diz de substancial:

"O cumprimento romano deveria ser o unico utilizado. O antipathico e anti-hygienico aperto de mão deve ser abolido inexoravelmente. O aperto de mão é costume antigo: mas como parecerá joven, se o compararmos com o cumprimento romano que o fascismo escolheu para emblema dos seus partidarios! E' preciso, em todas as escolas, em todos os hospitaes, em todos os sanatorios — acima de tudo nestes ultimos — espalhar em profusão cartazes com os seguintes dizeres: "Aqui é prohibido o aperto de mão. Usem o cumprimento romano." Nunca será demais repetido o grito de morte ao *shake-hand*. Viva o cumprimento romano! Este, sim, é o modo mais cortez, mais bello, mais elegante e, antes de tudo, o mais hygienico, de dizer-se a alguem:

"Prazer em vel-o!"

*

Franços Mauriac é o caçula de uma familia de quatro irmãos. Nasceu fraco, e a familia inquieta não alimentou sobre elle esperança alguma: não obstante, foi o mais afortunado de todos.

Dos outros irmãos, póde dizer-se que todos se salientaram na França.

Pierre Mauriac, o mais velho, é uma das glorias da Faculdade de Medicina de Bordeaux e, além disso, excellente escriptor.

O segundo irmão, padre Mauriac, é o capellão de um lyceu da cidade vinhateira da Gironda.

O terceiro irmão é advogado.

Ha alguns annos, Pierre Mauriac escrevia ao irmão romancista, que admira profundamente:

"Toma cuidado, meu caro François! Estarei na Academia antes de ti!"

E entrou, com effeito, para a Academia de Bordeaux, gloriosa companhia que já contou Montesquieu entre seus membros. Mas o ex-presidente da Sociedade dos Homens de Lettras não se incommodou com a ironia gentil do irmão, e já hoje figura na Academia Franceza, como autor vigoroso do *Baiser au Lépreux*, *Thérèse Desqueyroux* e, ultimamente, *Noeud de Vipères*.

Lemos com avidez as obras desses bons escriptores. Mas o diabo é que os editores estão publicando de tudo, e os autores querem sempre o nome nas columnas do *"vient-de-paraître"* dos jornaes.

Muitos litteratos têm comprehendido essa super-producção litteraria, e um delles, o humorista Henry-Jacques, em artigo estampado em *La Librairie*, intitulado *Petite Image Moderne*, assim descreve esse estado de coisas:

"Numa rua populosa, entre carrinhos de mão atulhados de cenouras, de couve-flores em ramalhete, batatas, cenouras e nabos, appareceram curiosos commerciantes que não expõem á venda nem sementes novas, nem peixes de olhos torturados, nem ostras e mariscos.

Em desordem fraternal, misturados uns aos outros, verdes, azues, amarellos ou brancos, repousam, em caixotes, livros de todos os generos, de todos os autores, offerecendo ao passante a tentação de suas historias, a emoção da aventura, o *frisson* do amor, a pesquiza subtil dos psychologos de 1932...

Dominando o grito dos vendedores de legumes e de ostras, a voz mascula do commerciante annuncia ás massas que circulam o ultimo romance de X. ou de Z., a preços de occasião.

Ao lado dos alimentos materiaes, o pão do espirito; a saude do cerebro ao lado das batatas, saude do corpo.

De vez em quando, a creadinha que já encheu o cesto de saladas e de assados, contempla aquelles caixotes de *bouquins* em que dormem as melhores esperanças da litteratura contemporanea. Ella fareja, segundo o velho habito, o livro cujo titulo a seduziu, como se por alguma virtude sobrenatural já lhe tivesse adivinhado as qualidades occultas:

— Póde levar, minha senhora, diz o commerciante.

— Tem certeza de que é bom mesmo?

— Formidavel, minha senhora. Depois ha de me dar uma opinião...

E poderia accrescentar:

— Está fresquinho...

Sem duvida, o espectaculo é commovente, reconfortante mesmo. Nestes tempos de vida cara, o livro a dois ou tres francos é uma victoria do espirito sobre a materia.

O autor que passa incognito atravez das grandes vitrinas de livrarias de *boulevard* sentirá assim o prazer de ser comprado por um publico que não conhece. "Sou um autor popular!", poderá dizer, orgu-

Livros a apparecer

"Espirito do nosso tempo"

E' de hontem o exito alcançado por este magistral trabalho de Gilberto Amado, o grande pensador e fulgurante estylista que o Brasil todo admira. Lançado em pleno periodo de agitações politicas e quando culminavam os graves acontecimentos da revolução constitucionalista, de S. Paulo, apesar de tudo o Espirito do nosso tempo *teve a sua edição esgottada em pouco mais de um mez, quando ainda a critica lhe dispensava os merecidos louvores e um numeroso publico o procurava com avidez, mas baldadamente, pelas livrarias.*

Agora, por todo o mez corrente, Ariel, editora ltda., em bôa hora virá ao encontro dessa justificada curiosidade, reeditando os inegualaveis ensaios do Espirito do nosso tempo, *livro calorosamente exaltado por Antonio Torres no ultimo numero desta revista, que assim se manifestava a seu respeito: "é um dos maiores e melhores livros ultimamente surgidos no Brasil".*

*

"Casa grande & senzala"

Para o publico do sul, afóra uma pequena elite intellectual, o nome de Gilberto Freyre, que apparecerá muito breve assignando um livro notavel, Casa grande & Senzala, *é quasi desconhecido e terá o sabor de uma estreia, tão grande é o nosso paiz e tão pouco repercutem nas outras unidades da Federação o que se passa em um ou outro Estado, a menos que não se irradie do centro para a peripheria, a fama a consagrar. Entretanto, não ha no norte do paiz quem não saiba quem é Gilberto Freyre, que por muito tempo teve actuação das mais brilhantes na imprensa de Recife e é mesmo tido hoje pelas novas gerações nordestinas como um verdadeiro* chef de file *a quem se deve admirar e seguir.*

Com varios e demorados estagios nos centros mais cultos dos dois mundos, familiar dos bancos de Oxford, formado em Sciencias Sociaes pela Universidade de Columbia, onde foi discipulo dilecto de Geddins, Seligman, Boas e muitos outros luminares do magisterio norte-americano, para depois subir tambem a uma cathedra na Universidade de Standford, e preleccionar com mestria e brilho sobre a nossa Historia, ninguem melhor do que elle nos poderia dar a obra que agora se annuncia e ha de consagrar-lhe o nome definitivamente.

Casa Grande & Senzala, *um grosso e grande volume de mais de 500 paginas, ornado de numerosos mappas e gravuras, e no qual se dá um completo e eruditissimo balanço á formação da nossa sociedade, está assim dividido:* Prefacio; Caracteristicas geraes da colonização portugueza no Brasil, formação de uma sociedade agraria, escravocrata e hybrida; O indigena na formação da familia brasileira; O colonizador portuguez: antecedentes e predisposições; O escravo negro na vida sexual e de familia do brasileiro; Conclusões.

O livro será lançado por Schmidt, editor.

*

"Em surdina"

Ainda não se arrefeceram de todo os applausos com que foi tão merecidamente recebido pela critica e pelo publico o primeiro trabalho em livro da nossa illustre collaboradora Lucia Miguel Pereira, o delicioso romance Maria Luiza, *que a collocou desde logo entre os nossos melhores escriptores de ficção. Ao citar este acontecimento, não falamos propriamente numa estreia, pois que a sua autora, ainda que em outro sector, tambem dos mais difficeis como é o da critica, já se revelara, pelas paginas mesmas deste* Boletim, *dotada privilegiadamente para a carreira das lettras. Alegria para nós será podermos annunciar agora aos nosos leitores que já foi entregue a Ariel, editora ltda., e já se acha mesmo no prélo um outro romance desta festejada escriptora, cujo titulo é* Em Surdina *e que ha de ser igualmente recebido com muito enthusiasmo e admiração.*

*

"Deus no volante"

Murilo Mendes entregará em meiados deste mez aos prelos de Ariel Editora Ltda. os originaes de seu livro de poemas cujo titulo encima estas linhas. Tendo publicado um livro — Poemas, *cuja maior parte se compõe de poesias essencialmente lyricas, tendo espalhado pelos jornaes e revistas diversas producções igualmente lyricas, Murilo Mendes tem se tornado entretanto mais conhecido como autor de "poemas-piadas", e isto, com certeza, devido ao facto de serem taes producções mais accessiveis ao gosto do publico. Mas a verdade é que este poeta é um dos homens que ainda acreditam na eternidade da poesia, contra os* nouveaux-riches *da arte e da sciencia que suppõem o lyrismo extincto neste seculo do radio e do Zeppelin.*

Dahi a publicação de Deus no volante, *onde as grandes questões humanas e poeticas se apresentam de novo ao nosso espirito.*

Ora usando o verso popular, typo de redondilha, ora empregando o verso largo, amplo, Murilo Mendes conseguiu, pela força da suggestão creadora, escrever um livro de orientação constructiva, isto é: não se trata mais, dentro da ordem poetica, de reagir contra tal ou qual escola, mas sim de transmittir ao leitor o mundo que o poeta tem dentro de si, fazendo-o participar tambem de suas emoções e de suas lutas.

Deus no volante *é um livro profundamente "sério". Nelle não ha lugar para piadas.*

---

lhoso. Entre os perfumes frescos das hortaliças, poderá aspirar o odor mais agradavel da gloria litteraria.

E, se fôr sensivel a essas pequenas alegrias da vida de escriptor, como não ficará commovido deante do cartaz do commerciante, que indica os valores da mercadoria exposta:

> *Vendemos varias toneladas de romances.*
>
> 1500 volumes de 1500 autores. Volumes novos, por desfolhar, de 200 a 400 paginas. 100 kilos contêm cerca de 425 exemplares. Optimos brindes para o Anno-Novo! — Venda segura.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Visconde de Taunay — **Pedro II** — Cia. EditoraNacional — São Paulo.

Continuando a obra meritoria e por todos os titulos louvavel de colligir e divulgar os escriptos ainda inéditos ou pouco conhecidos de seu illustre pae, o sr. Affonso de E. Taunay acaba de reunir em volume varios trabalhos de indiscutivel valor para um melhor conhecimento da grande figura do monarcha magnanimo e probo que por tantos annos presidiu aos destinos do Brasil. Além da correspondencia amistosa trocada entre Pedro II e o autor de *Innocencia* e de alguns discursos deste ultimo em saudação ao insigne brasileiro, encontramos nesta collectanea excerptos de um diario intimo em que o Visconde de Taunay, então Senador por Santa Catharina, se refere á sua convivencia com o Bragança e do qual resaltam as excelsas virtudes do imperante deposto. O volume se completa com a *Fé de Officio do Imperador do Brasil*, documento da propria autoria de D. Pedro II, hoje raridade de archivo e com um verdadeiro sabor de ineditismo para as novas gerações.

"In Memoriam de Felippe d'Oliveira"

Já tivemos occasião de nos referir em numero anterior desta revista, á Sociedade Felipe d'Oliveira, bella instituição, não ha muito fundada nesta cidade, e que se propõe ao alto e nobre designio de cultuar a memoria e exaltar a obra do saudoso e inesquecivel poeta da Vida Extincta *e d'A* Lanterna Verde. *Agora, como fructo dos seus primeiros labores, a novel agremiação dá-nos este magnifico* In Memoriam, *lindo volume ornado de alguns retratos do querido morto, e onde nomes dos mais prestigiosos das nossas lettras dedicam paginas de admiração e saudade á fascinante figura de Felippe d'Oliveira,* o gentleman *perfeito, o amigo dedicado de muitos, o poeta admirado de todos.*

Impossivel seria dizer pormenorizadamente do interesse desse trabalho. Bastenos citar os nomes dos intellectuaes que lhe enriquecem o contexto com collaborações do mais fino acabamento artistico e da mais acendrada emoção: Affonso Arinos de Mello Franco, Agrippino Grieco, Aloysio de Castro, Alvaro Moreyra, António de Alcantara Machado, Assis Chateaubriand, Augusto Frederico Schmidt, Belisario Penna, Benjamin Lima, Bezerra de Freitas, Carlos de Lacerda, Cassiano Ricardo, C. da Veiga Lima, Cyro de Freitas Valle, Gilberto Amado, Gilberto Freyre, Heitor Beltrão, Helio Lobo, Homero Prates, Jayme de Atouguia, Jayme de Barros, João de Barros, João Luso, João Neves, Jorge de Lima, Luc Durtain, Manuel Bandeira, Manoel de Abreu, Mario de Andrade, Manoel do Prado, Menotti del Picchia, Nazareth Prado, Octavio Tarquinio de Souza, Oswaldo Orico, Paulo Mendes de Almeida, Paulo Prado, Peregrino Junior, Pontes de Miranda, Rachel Crotman, Renato Almeida, René Thiolier, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Rodrigo Octavio, Rodrigo Octavio Filho, Ronald de Carvalho, Theodemiro Tostes, Tobias Monteiro, Tristão de Athayde, Tristão da Cunha e Victorio de Castro.

LITTERATURA INFANTIL

A Companhia Editora Nacional tem uma Bibliotheca Pedagogica em que os adultos encontram muitos dos nossos mais bellos e intensos livros de sociologia, historia e ethnographia. Succedem-se ahi, a dispensar a escolta dos adjectivos, os nomes de Oliveira Vianna, Alberto Torres, Nina Rodrigues, Alberto de Faria, Vicente Licinio Cardoso.

Mas, nessa mesma Bibliotheca Pedagogica, ha uma série de litteratura infantil que é recreio e nobilitação espiritual para os nossos garotos. Estes vão encontrar, nos volumes e volumes já publicados, as melhores narrações na apresentação mais elegante, os textos de maior encanto inventivo e illustrações que, pela vivacidade de côres e nitidez de contornos, fazem pensar nos livros inglezes para creanças que tanto encantavam o sempre citavel Eça de Queiroz.

São as pêtas do barão de Munechausen na epopéa burlesca de G. A. Burger; as aventuras de Pinocchio, o trefego e irrequieto boneco de páo de Collodi, e são, especialmente, as admiraveis creações ou adaptações de Monteiro Lobato. Este principe do espirito, creador de Jeca Tatú e Bocca-Torta, suscitador de toda uma admiravel litteratura regional ou dialectal, conseguiu renovar, para uso dos fedelhos (e tambem para o da gente taluda) as historias de Hans Staden e de Andersen, servindo-lhes, outrosim, por conta propria, as sensacionaes proezas venatorias de Pedrinho. Cada livro seu equivale a uma caixa ou a um saquitel de guloseimas para aquelles que — invejabilissima edade! — ainda não se preoccupam com a reunião da proxima Constituinte ou com o augmento sempre crescente dos impostos municipaes.

Clementino Fraga — **Noções actuaes de tuberculose. — Orientação profissional e hygiene publica** — Editora Guanabara — Rio.

Livros de finalidade diversa, se no primeiro se nos depara o clinico arguto, o professor zeloso da sua cathedra, e, no segundo, o sanitarista illustre, o profissional idoneo, a quem não são estranhos os mais arduos problemas de Saúde Publica, em ambos está o medico perfeito e acabado, senhor da sua arte, e capaz de versar com igual mestria e segurança os mais variados themas da difficil sciencia hippocratica. *Noções actuaes de tuberculose* ha de ser livro indispensavel nas mãos de quantos se dediquem á clinica, emquanto *Orientação profissional e hygiene publica* merecerá a leitura e os applausos de um publico ainda maior, pois neste volume se compendiam paginas de alcance mais geral e nas quaes á elevação do conceito se ajusta um raro e elegante polimento litterario.

E. M. Hull — **O Feiticeiro do Deserto** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

E' mais um volume das palpitantes aventuras do deserto em que é mestre E. M. Hull. Sabendo aproveitar todos os detalhes interessantes da vida serena do Sahara, e combinando com pericia inegualavel as boas situações de seus livros, Hull tem conseguido grande exito com esse genero de ficção romantica, que já tem mesmo alcançado interpretação cinematographica, como no caso dos romances *O Sheik* e o *Filho do Sheik*, ha alguns annos passados para a téla, com o actor italiano Valentino nos principaes papeis. E' mais um bello volume da Collecção Paratodos, que já nos tem dado tantos livros de Wallace, Orczy e London, em traducções cuidadas que sabem aproveitar em nossa lingua todas as bellezas do idioma original.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

"Mouvement"

Que delicia para os olhos e que regalo para a intelligencia ter entre as mãos uma dessas muitas revistas que se publicam em França, reunindo o pensamento e as aspirações artisticas de um determinado grupo de espiritos! Agora mesmo chega-nos Mouvement, *fundada por Maurice Auberré, Rodolphe Gerder, Jean Lebeuf e outros, todos apaixonados do cinema, e em cujas paginas, ornadas de originalissimas gravuras, se faz delicada poesia, bella prosa e magnifica critica em torno da mais recente das artes.*

Bastos de Avila — **No Pacoval de Carimbé** — Calvino Filho, editor — Rio.

Deve haver um fundo de veracidade nesta narrativa romanceada de uma viagem, com intuitos scientificos, até a Ilha de Marajó. De exposição facil e attrahente, é livro que se lê com muito agrado e não andou mal a nossa Academia de Lettras, conferindo-lhe, em 1932, um dos premios Ramos Paz. Pena é que o autor se detenha tanto com os accidentes e incidentes do percurso, a principio aereo, depois maritimo, que levou a sua protagonista até o estuario do Amazonas. Preferiamos, ao em vez dessas escalas litterarias, uma maior densidade de paginas sobre a interessantissima Ilha de Marajó, em cuja descripção está o principal encanto do livro.

Alberto Faria — **Mauá** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Poucos livros lograram nos ultimos annos o interesse que obteve este, ao seu apparecimento, e são de hontem novos debates, de que participou tambem esta revista, em torno da discutida, mas invulgar, figura do Visconde de Mauá. Fez muito bem, portanto, a Companhia Editora Nacional reeditando esta obra, ha muito esgottada, que revelou Alberto de Faria como um dos nossos mais probos e pacientes biographos, ao mesmo tempo que nos punha em contacto com a figura de um brasileiro illustre como o foi Irineu Evangelista de Souza.

Delgado de Carvalho — **Geographia Humana: Politica e Economica** — Cia. Editora Naciosal — S. Paulo.

Quão differente e tão mais interessante é a geographia que se estuda hoje, comparada com aquella que ha alguns annos atraz fazia o alumno resomnar sobre o seu compendio, cheio de limites, cidades principaes, affluentes da direita, affluentes da esquerda... Impossivel será trasladar para aqui o simples summario deste livro, devido á competencia de um dos mais abalisados professores do Magisterio Secundario, e cuja leitura, interessante como a de um romance, abre largas perspectivas á intelligencia, mesmo da gente grande, acerca de dois aspectos primaciaes da geographia humana: o "politico" e o "economico".

Illustrações, capas de livros: Paulo Werneck — Tel. 5-2388

Ada Macaggi — **Taça** — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

E' um livro de contos e impressões. Partindo da inspiração regional, a autora desdobra os seus motivos artisticos e ascende sem esforço a uma verdade de caracter mais amplo, a uma verdade geral em que se reconhecem os leitores de todas as latitudes. Despojando-se mais e mais dos effeitos de pura emphase, essa narradora, que formou a sua sensibilidade nas terras e climas paranaenses, dá um feitio sympathico aos seus impulsos de pantheista. Ella, que vê nos pinheiros do Sul, a "taça de chlorophylla" em que se dessedentam os olhos enamorados das bellezas locaes, sabe tambem infundir no elemento scenographico o interesse humano e sua composição é por vezes desenvolta e animadamente dramatica. Foge ás prolixidades de dialogo e, mesmo quando as tintas se lhe empastam na palheta, uma penetração de irresistivel feminilidade se vae insinuando pelos trechos essenciaes e não ha como fugir á seducção presencial da ficcionista, que não toma nunca uns ares de virago pretenciosa e fala sempre com voz de mulher, com gestos e ares de mulher.

Nenê Macaggi — **Agua parada** — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

Evidentemente, ninguem resiste ao grito do sangue que traz nas veias. Aqui está, por exemplo, uma joven escriptora patricia que pretende soccorrer-se do maravilhoso scientifico ao falar do "tanque das sanguesugas" ou da nota algo macabra em tratando de um "crime monstruoso". Mas a verdade é que a emoção romantica lhe vae repontando, a cada instante, na penna, e tudo conclue numa especie de fabulação lyrica em que se sentem os attributos da raça italiana a que pertence a autora. Impregnando-se de Poe, não esquece ella que este maravilhoso urdidor de contos satanicos foi tambem um fascinante artista, dos que mais devem, em arte e fantasia, aos creadores de belleza da Renacença florentina. Assim, o caracter predominante da senhorinha Nenê Macaggi será este: um temperamento de exaltado lyrismo que se quer embuçar, disfarçar na sequidão da sciencia realista. Certas expressões, premeditadamente gelidas e cortantes, só servem para occultar, nessa estreante, uma alma sensivel a todos os encontrões da vida. E bem significativa da sua ternura recalcada é a dedicatoria do seu primeiro livro á progenitora querida, áquella em que vê, ainda hoje, mesmo após a leitura de tantos autores perversos, a sua "melhor amiga".

Magdala da Gama Oliveira — **Rabiscos** — Typ. Baptista de Souza — Rio, 1933.

São trabalhos de uma nota ingenua, voluntariamente menineira, a reflectir estados de alma de quem ainda se confira num mundo de impressões e sensações rudimentares. Nenhuma pretenção a originalidades aberrantes e um modo de dizer as cousas que não faz desesperar da autora em seus trabalhos futuros. A capa, infantilmente suggestiva, é de Edargé Badaró.

LITTERATURA FRANCEZA

— Deve apparecer breve o livro posthumo de René Guirelé, um poeta que só era conhecido dos seus mais intimos, mas a respeito do qual o sr Léon-Paul Fargue diz lindas cousas em sentidas paginas recentemente publicadas na *Nouvelle Revue Française* e que servirão de prefacio á collectanea annunciada.

— Proseguindo a collectanea em volume das suas tão apreciadas *Une heure avec* das *Nouvelles Litteraires*, o sr. Frederic Lefèvre acaba de publicar a IV serie dessas entrevistas, na qual vemol-o a palestrar com Heinrich Mann, Pierre Janet, Jacques Chardonne, Aldous Huxley, Paul Valéry e muitos outros vultos de renome universal nas lettras e nas sciencias.

— Com a morte de Henri Bremond a litteratura franceza acaba de perder um dos seus melhores criticos. *Newman*, *Histoire litteraire du sentiment religieux* e *La poesie pure* contam-se entre as principaes obras desse prelado, verdadeiro humanista christão, que occupou uma das poltronas da Academia Franceza.

— René Dumesnil, que tão grande successo alcançou com o seu recente livro acerca de Flaubert, vem de publicar um estudo não menos interessante sobre Guy de Maupassant. Neste trabalho podemos acompanhar a luminosa trajectoria do autor de *Boule de Suif*, que, no curto espaço de dez annos, enriqueceu a litteratura franceza com centenas de contos, muitas novellas e romances, e varios livros de viagens, distribuidos hoje pelos 29 volumes de materia compacta, em que se reune a obra completa do fecundissimo escriptor.

— São muito frequentes os processos litterarios em França. Haja vista os casos de Flaubert, Baudelaire, Barbey d'Aurevilly e outros. Agora mesmo Georges Simenon, o conhecido autor d'*O cão amarello* e de *Um crime na Hollanda*, novellas policiaes que tanto exito têm alcançado junto do nosso publico, está ameaçado de ser chamado aos tribunaes pelos habitantes de uma cidadezinha da Costa d'Africa, que se julgam offendidos com a publicação do *Coup de Lune*, um dos seus livros mais recentes. Será bom que o exemplo não fructifique por aqui, do contrario teremos o nosso collaborador Jorge Amado visado pelos fazendeiros de Ilhéos, na Bahia, que, parece, não ficaram nada satisfeitos com o que delles se diz nas paginas do seu romance *Cacau*.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

Raul de Azevedo — **Hora de Sol** — Cia. Dias Cardoso, editora.

Andou bem o sr. Raul de Azevedo reunindo neste volume, de capa tão alegre e suggestiva, alguns dos principaes artigos, contos e chronicas em que se reparte a sua multimoda actividade litteraria numa assidua collaboração em jornaes e revistas desta e outras capitaes. Se algumas destas paginas tocam, aliás sempre com leveza e graça, em assumptos da vida ephemera, outras — e são a maioria — atêm-se sobre impressões de leitura e vultos e factos do nosso mundo intellectual, o que robustece o interesse da collectanea, de summario variadissimo e capaz de agradar a um publico muito numeroso.

Vinicius de Moraes — **O Caminho para a distancia** — Schmidt, editor — Rio, 1933.

O sr. Octavio de Faria, em magnifico estudo, já accentuou o que representa para a litteratura nacional a apparição desse livro. E', com effeito, uma estréa invulgarissima. Está ahi, a destacar-se de uma pullulação de zeros, um valor dos mais impressionantes na hora de poesia em que tantos persistem em ver apenas uma hora de prosa. Trata-se indiscutivelmente de um mystico perdido na multidão pouco christã dos nossos dias de Ford e Freud. Os espaços infinitos atormentam-no como a Pascal. E' a obsessão biblica, judaica, das longas caminhadas que não mais conduzem á terra de Sião, o amor e o pavor do silencio, o appetite e a nausea das caricias femininas. Tudo se dilue, se dissolve num rythmo muito doce e não ha nunca resaltos ou anfractuosidades no decurso musical destes lindos poemas. Mesmo quando a philosophia se torne apenas linear, o colorido do verbo, interior ou exterior, faz sentir o fremito, a vivacidade de uma grande alma que os problemas do destino, os mysterios da vida e da morte fascinam e martyrizam. Ou muito nos enganamos ou o Brasil conta no sr. Vinicius de Moraes um novo poeta que tem o seu canto e a sua emoção inillludiveis.

Antonio Sá Pereira — **O perfil de um "critico" — Resposta ao chronista Oscar Guanabarino** — Rio.

O prof. Antonio Sá Pereira, que já nos deu o prazer da sua collaboração, publicou não ha muito, sobre assumptos da sua especialidade, o livro *Ensino Moderno de Piano*, que alcançou pleno exito e recebeu dos entendidos justificados louvores. Que o digam a palavra abalisada do grande pianista Souza Lima, a critica eruditissima de Mario de Andrade e muitos outros. Apesar disso, ou por isso mesmo, o chronista musical do *Jornal do Commercio*, tambem inimigo figadal da arte de Villa-Lobos, tem feito uma campanha acerrima contra a obra e a personalidade do illustre musicista patricio. E' dessas injustificadas accusações que se defende, e com grande brilho, o Sr. Antonio Sá Pereira no opusculo que vimos de receber.

TRES CAMINHOS
Preço: 5$000

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

José Lins do Rego — *Doidinho* — Ariel editora ltda. — Rio.
Antonio Botto de Menezes — *Acção de annullação do contracto hypothecario* — Razões finaes — Typ. *Diario da Manhã* — Recife.
Diversos autores — *Apreciações e ensaios sobre Costa Filho* — Vol. II — Aracajú.
Attilio Milano — *O livro da verdadeira duvida!* (Poesia) — Rio.
Clementino Fraga — *Noções actuaes de tuberculose* — Editora Guanabara — Rio.
Clementino Fraga — *Orientação Profissional e Hygiene Publica* — Editora Guanabara — Rio.
Peregrino Junior — *Matupá* — Typos e costumes da Amazonia — Edições Livr. Catholica — Rio.
Candido Jucá (filho) — *Graphia Moderna* — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.
Esmeralda A. Lobo — *Historia do Brasil* — Serie de mappas e quadros synopticos — J. R. de Oliveira & Cia. — Rio.
Monteiro Lobato — *Historia do mundo para as crianças* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Dr. Havelock Ellis — *O Instincto Sexual* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Nenê Macaggi — *Agua parada* — Calvino Filho, editor — Rio.
Dr. Havelock Ellis — *A Inversão Sexual* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Affonso de E. Taunay — *Visitantes do Brasil Colonial* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
E. M. Hull — *O feiticeiro do deserto* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Delgado de Carvalho — *Geographia Humana: Politica e Economica* — Cia. Editira Nacional — São Paulo.
Alberto de Faria — *Mauá* — 2ª edição — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Visconde de Taunay — *Pedro II* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Delgado de Carvalho — *Sociologia Educacional* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Eduardo Prado — *A Illusão Americana* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Bastos de Avila — *No Pacoval de Carimbé* — Calvino Filho, editor — Rio.
Antonio Sá Pereira — *O perfil de um "critico"* — *Resposta ao chronista Oscar Guanabarino* — Rio.
Maria Paes de Barros — *Historia do Brasil* — Livraria Liberdade — São Paulo.
Vinicius de Moraes — *O caminho para a distancia* — Schmidt, Rio.
Berardinelli-Mendonça — *Biotypologia criminal* — Editora Guanabara — Rio.
Raul de Azevedo — *Hora de Sol* — Comp. Dias Cardoso, editora. — Juiz de Fóra.
Magdala da Gama Oliveira — *Rabiscos* — Rio.
A Administração do General Waldomiro Lima no Governo de São Paulo, como Interventor Federal no Estado — Imprensa Official do Estado de São Paulo.

Barbosa Lima Sobrinho — **A verdade sobre a revolução de Outubro** — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho é no momento um dos nossos primeiros publicistas. Pela austeridade da sua formação cultural, pela sua submissão a um trabalho constante que realmente aproveita a milhares de leitores, fez-se elle um nome e uma autoridade que raros dos nossos homens de imprensa possuem nesta hora agitada em que se succedem as glorias precarias e o povo mal dá attenção aos productores que apparecem e desapparecem nas folhas volantes. Um seu antigo volume sobre a liberdade do pensamento traçou as linhas essenciaes do assumpto, numa synthese de extrema precisão, certeira como tudo o que sáe desse espirito probo, jámais transviado pelas paixões sectarias ou pela observação e documentação incompletas. Mais tarde, um bello volume de ensaios, a que não faltava a nota ironica, *Arvore do Bem e do Mal*, mostrou a riqueza sem versatilidade de um analysta subtil da alma feminina e de certos elementos de mundanismo que pareciam fugir á inquirição psychologica desse sereno e forte commentador da vida politica, desse esmiuçador infalsеavel do passado moral do paiz. E agora, opulentando-lhe a bagagem com o melhor dos seus livros, e um dos melhores produzidos nos ultimos tempos entre nós, vem este soberbo estudo panoramico de homens e factos que plasmaram o complicado Brasil de 1933, talvez o mais complicado Brasil de todas as épocas. Como esse pesquizador imparcial vê claro, julga claro, expõe claro entre tantos indicios e ondulações contradictorias! As paginas sobre os governos que outra cousa não fazem senão governar contra o povo, o trecho allusivo á reforma financeira do presidente Washington Luis, os commentarios em torno ás celeumas sempre renovadas da successão presidencial e á elaboração de candidaturas em que os pobres contribuintes cooperam tanto quanto nas phases da lua ou nos cyclones do Pacifico, tudo isso é colhido e fixado por um homem que pensa com o seu proprio cerebro, autonomamente, sem pedir o santo e a senha a nenhum cacique eleitoral ou jornalistico. Sem fanatismo de qualquer especie, avesso á mentira das mascaras partidarias, faz elle ver a razão pela qual, em dado instante, as hostes em litigio passaram das urnas ás armas. O *delirium-tremens* revolucionario que sacudiu o paiz tem aqui o seu verdadeiro clinico, forte na auscultação de qualidades e defeitos e bastante seguro dos seus meios á hora de diagnosticar. Este livro honra como poucos a nossa cultura sociologica e é, sem duvida alguma, o mais bello momento da actividade intellectual do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

Nelson Dantas — **Directrizes Nacionaes** — Casa Vanordem — São Paulo, 1933.

Livro que fere em cheio os grandes problemas nacionaes. O autor é dos que, consoante o axioma famoso, escrevem claro porque pensam claro. Sem nenhuma premeditação de combate opposicionista, quiz apenas trazer a sua contribuição ao esclarecimento de assumptos vitaes para a manutenção da unidade do Brasil social e politico. Não o animam tendencias pamphletarias e sim o desejo de depôr como brasileiro, de dar o testemunho da sua experiencia numa hora em que nenhuma collaboração é desdenhavel, em que todos os homens de bom senso e boa fé devem ser ouvidos attentamente. Antes optimista que pessimista, não é dos que deixam cahir os braços desencorajados nas horas afflictivas em que tantos se prodigalizam em epitaphios e orações funebres a um paiz como o nosso que, mercê de Deus, resiste a todas as sentenças de morte e mesmo a todos os necrologios. Homem de estudos, crê no primado da intelligencia, crê nas virtudes do alphabeto. Em particular, apaixonam-no os detalhes economicos e está longe de achar despreziveis, em dado momento, os informes de uma estatistica honestamente elaborada. O que elle diz das escolas technicas, do problema monetario, do ferro e do petroleo, é de um homem que viu e sentiu directamente o nosso Brasil.

Affonso de E. Taunay — **Visitantes do Brasil Colonial** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

E' mais um precioso trabalho entre tantos já publicados por esse infatigavel rebuscador dos nossos archivos e profundo conhecedor da historia patria. No presente volume, Affonso de E. Taunay reune o que a respeito do Brasil disseram alguns navegantes estrangeiros que por aqui andaram nos seculos XVI, XVII e XVIII. São elles o hollandez Oliver van Nord (1599), o irlandez Ricardo Flecknо (1643), o francez De la Flotte (1757) e o mysterioso inglez James George Semple Lisle (1797), sobre cuja verdadeira identidade ainda hoje pairam duvidas. Dado o interesse que desperta a leitura destas paginas, repletas de ensinamentos e anecdotas pittorescas acerca de um Brasil tão differente deste que conhecemos, na época do automovel e do avião, é de esperar que o illustre director do Museu Paulista prosiga nas suas pesquizas, favorecendo-nos com novos relatos de outros visitantes curiosos, que tambem deixaram impressões sobre a nossa terra e a nossa gente.

Anno III Dezembro 1933 N. 3

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira — Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria — V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE: Agrippino Grieco

JOÃO LUCIO DE AZEVEDO

CONHECI João Lucio de Azevedo em Lisbôa em 1923, ao mesmo tempo que a outro historiador illustre: o conde de Sabugosa. O conde, no casarão tristonho de Santo Amaro; João Lucio, num segundo andar da Avenida de Berne — um segundo andar pacato, burguez, com retratos de familia, um gato gordo dormindo no sofá, cheiro de comida vindo do fundo da cozinha, livros, revistas.

Naquelle meu primeiro contacto com Portugal, conheci varias figuras de intellectuaes das gerações mais novas. Em Lisbôa, Fidelino de Figueiredo, que aos trinta e poucos annos, a barba ruiva como a de um livre docente de universidade allemã, acabara de publicar sua Historia da Litteratura Classica — monumento da moderna erudição portugueza. Ainda em Lisbôa, e por intermedio do joven academico, alguns dos leaders mais brilhantes da Seara Nova — um delles o ensaista admiravel que é Antonio Sergio. Leaders, tambem, do movimento em sentido contrario — o Integralismo, animado pela intelligencia anciosa de acção de Antonio Sardinha — um que viria a morrer tão cedo, e deixando tão sós e sem enthusiasmo os seus amigos. Em Coimbra, lembrome de ter conhecido, entre outros, dois typos authenticos de scholars — Joaquim de Carvalho e Paulo Merêa. O primeiro, uma das affirmações mais puras do espirito philosophico em seu paiz. Merêa, jurista notavel e principalmente historiador do direito, cujos trabalhos continuam, não sei porque, tão ignorados pelos bachareis brasileiros.

Devo porém confessar que foram os dois velhos historiadores — o do casarão de Santo Amaro e o do segundo andar da Avenida de Berne — as duas figuras que me deixaram maior impressão. Principalmente João Lucio de Azevedo.

Não que fosse um desses homens que os inglezes chamam magneticos. Homens que nos communicam uma impressão immediata de sua personalidade. O historiador dos jesuitas e dos judeus era um velho calmo, miudo, que ultimamente a doença ainda diminuira mais. Uns olhos vivos, um bigode branco aparado, poucos gestos, um ar burocratico de chefe de secção.

Muito friorento, como si os dias passados no Norte do Brasil lhe tivessem deixado uma saudade morbida das nossas tardes quentes, cheias do cheiro de goiabas, cajús e mangas amadurecendo, nunca o encontrei, nesta ultima vez que estive em Lisbôa, que não fosse debaixo de um capote enorme, felpudo, desses de se ir á Russia e aos paizes scandinavos, e dentro do qual elle parecia sumir-se. A saude de outrora, perdera-a, e com ella a liberdade de andar a tarde inteira pelas ruas de sua velha Lisbôa. Sahia, mas pouco, quasi que só para ver as novidades e os camaradas da Livraria Teixeira. Mas tudo que a doença lhe trouxera de desagradavel, não bastou para tirarlhe o humour delicioso, com que chegou á velhice. O humour e a ironia, que nelle foi sempre prompta. Uma vez, ouvi-o alfinetar a dictadura portugueza na presença de um dos maiores e mais intelligentes enthusiastas do professor Salazar; e na mesma occasião, não só criticar certos desmandos um tanto ridiculos do 1930 brasileiro como recordar outros, do tempo em que viveu no Pará — os primeiros dias da republica de 89. Tudo isso mansamente. Sem levantar a voz. Sem exaggero nenhum, nem emphase, nem tom zangado. Porque o caracteristico mais vivo de João Lucio era talvez o equilibrio, a fleugma, a serenidade em julgar as cousas. Delle não se conhece um juizo precipitado nem a favor nem contra ninguem. O que não lhe faltou nunca foi a coragem intellectual. Humilde elle era, mas diante dos factos.

Não foi um simples recolhedor de factos — embora na pesquisa pura, na investigação honesta das fontes consumisse muita vigilia, gastasse muito esforço. Levou para o estudo das grandes figuras portuguezas e brasileiras que se propoz estudar, desbastando-as de exaggeros jacobinos ou de exaltações sectarias — Antonio Vieira, os jesuitas, os judeus, o marquez de Pombal — a grande alegria intellectual que consiste mais em comprehender, quando muito em interpretar, do que em julgar e classificar. E nisto, e em tudo, foi sempre de um profundo realismo.

Creio que era, ultimamente, o historiador mais completo na lingua portugueza, reunindo qualidades raras de intuição e de cultura. E alerta como nenhum, dos de sua geração, ao sentido economico e social dos factos.

GILBERTO FREYRE.

REFLEXÕES

(A' MARGEM DE UM LIVRO RECENTE)

O velho processo da influencia portugueza no Brasil tem o poder de suscitar periodicamente de parte a parte officiosos patronos que acham meios e modos de azedar o debate e (provavelmente com a melhor intenção do mundo) aggravar o malentendido. Dão-me a impressão desses estouvados apartadores de brigas ou desmanchadores de duvidas que por não quererem tomar partido na contenda acabam attrahindo sobre si a sanha dos contendores e mettendo-se tambem na pancadaria.

Como fazer entender a esses senhores que no dia em que o Brasil cortou o nó umbelical que o prendia á mãe-patria, ou mais exactamente no dia em que o Brasil attingiu a maioridade, essa questão de influencia ou dependencia da metropole tinha cessado de existir, e que a partir desse dia está se cavando cada vez mais fundo o sulco que separa os dois povos, os dois destinos.

*

Devo advertir preliminarmente — e falo sobretudo com o pensamento voltado para esta luzida e guapa mocidade do Brasil novo — que reputo de imperdoavel mau gosto, para não dizer ridicula e impertinente, a tendencia agora muito vulgarisada para deprimir Portugal e a obra colonisadora portugueza, Portugal que nos deu o seu sangue (é verdade que tirou depois a forra no lombo dos negros e dos tapuias) e a quem devemos afinal este verdadeiro canto do paraiso terrestre, até aqui, valha a verdade, tão desgogovernado.

Mas seria grave injustiça querer imputar a Portugal a culpa dos nossos proprios erros e desmandos. Quando menos, poderia retrucar-nos com aquella do christão de Pascal, que quando lhe falta a fé mandalhe ouvir missa e tomar agua benta.

*

Todos os povos, em dado momento da historia, desde o Egypto dos Pharaós, Assyrios, Babylonios, Hebreus, a Grecia creadora da razão e da liberdade, a Roma dos Cesares e dos Antoninos, todos se julgaram successivamente investidos de uma funcção superior ou divina.

Que resta hoje do imperio dos Arabes que na idade-média se estendia de Bagdad aos Pyreneus? A Persia das mil e uma dymnastias estertora nas garras do inglez; Babylonia, Byzancio, Athenas e Roma passaram e desappareceram. Hoje é a Inglaterra couraçada de aço, são os Estados Unidos da technocracia, é a Allemanha das pesquizas scientificas e das analyses microscopicas, é a França das lettras e das artes, é a Russia das cidades machinas e do plano quinquennal, que se disputam essa missão messianica no mundo moderno.

Muitas civilisações morreram; outras vegetam ou agonisam obscuramente. Portugal sobreviverá sem duvida — e não sem brilho — na historia das grandes descobertas, nos versos de Camões, em algumas paginas de Vieira.

*

Não ha evidentemente no Brasil unidade geographica, nem ethnica, nem espiritual. Somos um povo sem tradições e o proprio sentimento nacional nascente ameaça afundar e submergir-se na voragem do internacionalismo totalitario.

Mas o Brasil é o cáos, é o cáos em ebulição, e desse cáos póde sahir um mundo. No dia em que a sciencia tiver transferido para o Brasil os seus laboratorios, as suas usinas, os seus fornos, as suas turbinas, as suas locomotivas, que as nossas minas estiverem em producção activa, os nossos navios sulcarem de norte a sul os dois hemispherios, os nossos aviões cruzarem os céos de um ao outro polo; nesse dia, proximo ou remoto, a civilisação terá mudado de rumo. Com uma população de duzentos milhões, com um territorio só comparavel em extensão ao colosso chinez ou ao colosso russo, o Brasil será então necessariamente o grande emporio commercial e industrial desta parte do planeta. E por ventura terá tambem soado a sua hora de missão divina. Amen!

*

Essa nova civilisação, si é certo que o factor massa não póde deixar de exercer influencia preponderante na evolução da lingua, terá creado simultaneamente uma forma de expressão propria, que será o idioma brasileiro, adequado ao meio, á indole e ás formas de actividade da gente, á força de expansão do pensamento nacional, ao imperativos da sua mensagem fraternal aos povos da terra nesse momento exacto do futuro.

Sem duvida a lingua que falamos hoje é ainda com pouca discrepancia a portugueza. Mas não é menos certo que com o andar dos tempos uma nova lingua se está formando no Brasil, sahida das camadas do povo, cujo instincto em materia de linguagem é infallivel, fadada a supplantar a antiga. Phenomeno identico succedeu com o latim classico, que se estiolou lentamente e teve de ceder o passo ao idioma popular, áquelle latim barbaro tão cheio de força e vitalidade, na phrase de Darmesteter, que não tardou em proliferar numa familia numerosa de linguas e dialectos prompta a conquistar por conta propria o imperio abandonado pela outra.

*

Supputados os valores e os factores, considerado o caso nos seus differentes aspectos com criterio imparcial e rectilineo, é forçoso concluir que o velho debate luso-brasileiro não tem mais razão de ser, não póde existir e effectivamente não existe. Aliás (do ponto de vista da civilisação e da cultura, entenda-se) e para empregar uma formula que contém ao mesmo tempo o enunciado e a demonstração do problema, Portugal não existe, como não existe o Brasil. Isto é, Portugal *já* não existe, e o Brasil *ainda* não existe.

ALBERTO RAMOS.

"Salão do Livro"

Está de todo triumphante a bella iniciativa da Associação dos Artistas Brasileiros, pois o 2º Salão do Livro, realizado ultimamente numa das dependencias do Palace-Hotel, teve o mais completo exito e reuniu um grande numero de visitantes. Além da exposição que ali fizeram alguns editores das suas mais recentes producções e que muito abonam o constante progresso das nossas artes graphicas, podiam-se tambem admirar os originaes de bellas illustrações para varias obras e devidas ao lapis ou ao pincel de alguns artistas de renome, como Corrêa Dias, Raul Pedrosa, Santa Rosa Junior, Oswaldo Goeldi e outros, bem como certas raridades bibliographicas que não constituiam o menor attractivo de tão agradavel certamen.

"Ensaios de Anthropologia Brasiliana"

E. ROQUETTE-PINTO, 1933.

Ha poucas semanas celebrava-se na Academia Brasileira de Sciencias, o vigesimo oitavo anniversario da entrada de Roquette-Pinto para a congregação de professores do Museu Nacional. Ao publicar essa data não me sinto tolhido por qualquer receio de indiscrição: o homenageado tinha galgado a cathedra, após concurso brilhante, mais ou menos no anno em que attingira á maioridade. Varios oradores salientaram as multiplas faces da personalidade do Professor Roquette-Pinto. Cultivou com muito talento sciencia, litteratura, acção social; iniciou e continuou com rara pertinacia os serviços de radio-diffusão no Brasil; ensinou e professou em faculdades brasileiras e estrangeiras; fez excursões ás florestas mais bravias e entrou em contacto com indios temiveis afim de estudal-os; escreveu muitos livros, e, como só acontece com os homens muito occupados, pois que só elles têm tempo para tudo que desejam, ainda achou meios de dedicar-se um pouco á musica.

Só o successo em todos esses variados campos de actividade poderia, para muita gente, fazer perdoar o que pareceria dispersão de espirito e instabilidade de orientação. E emquanto eu assistia ao desfilar de tantos fructos de um trabalho infatigavel, e imperceptivelmente analysava o nobre perfil de Roquette-Pinto, com suas linhas severas e fortemente accentuadas, pareceu-me ver mais nitidamente que nunca, uma unica base para essa vida que sempre admirei: um grande coração tendo a seu serviço uma privilegiada intelligencia.

Com sua aguda sensibilidade, Roquette encontra constantemente em torno de si problemas importantes a estudar e serviços inadiaveis a prestar. Sua generosidade não lhe permittiria recusar-se a mais um esforço sob a allegação egoista de não estarem esses problemas dentro de sua estricta especialidade, ou a elle não competirem esses serviços. Atira-se ás novas tarefas com todo o vigor de sua intelligencia ductil e rapida e a energia de sua capacidade de trabalho. O meio ainda é atrazado, faltam-nos competencias n'este ou n'aquelle ramo; não haja duvida: Roquette preencherá a lacuna, e como é desprovido de pretensões pessoaes, e como não o move vaidade alguma, procura arrastar outros que participem de seu enthusiasmo. Não conquista terrenos novos para n'elles se installar defendendo-os ciosamente de incursões de outros. Não levanta marcos nem cercas que delimitem os seus dominios; deixa-os abertos a todos, convida-nos a d'elles nos aproveitarmos, sempre com o seu typico sorriso acolhedor.

Uma grande bondade é, pois, a caracteristica fundamental de Roquette. E' ella que dá uma singular unidade á sua obra numerosa e vasta, emprestando-lhe uma homogeneidade que apparentemente lhe falta, argamassando-a solidamente e tornando-a tão impressionante. E é certamente ella que explica esse fundamental optimismo activo que só procura crear o bem e passa sob silencio o mal inevitavel e mais tenaz do que se quereria confessar.

Entretanto, no meio de actividades tão diversas, Roquette nunca esqueceu e nunca abandonou de todo o estudo de sua predilecção: a Anthropologia, sciencia na qual particularmente se distinguiu. Ella conduziu-o a estudar o Brasil no que elle tem de mais interessante para um espirito como o seu: o homem, as raças heterogeneas e mescladas, a evolução de um povo tão estranhamente constituido.

Não analysarei aqui o novo livro de Roquette. Falta-me nas questões por elle abordadas toda e qualquer competencia. Só posso apprecial-o por esses aspectos entretanto tão preciosos, pelos quaes os leigos julgam os auctores, e que talvez não devessem ser desprezados: o interesse da leitura, o encanto de que ella se reveste, as idéas que suggere, o sentimento de termos muito aproveitado. O pequeno volume de Roquette é cheio de observações, condensa os resultados de longos e profundos estudos, está repleto de conclusões originaes e não consegue esconder a grande erudição de seu auctor em todos os assumptos tratados. Não é uma exposição systematica das principaes questões de Anthropologia brasileira. E' formado antes por pequenas dissertações ou palestras sobre este ou aquelle ponto, quasi ao sabor do acaso. As questões de eugenia, de dialecto brasileiro, de emigração, de zona de conforto no Brasil, de climas tropicaes, são objecto de discussões conduzidas sem nenhum pedantismo, com uma auctoridade solida mas amavelmente disfarçada na mais encantadora das simplicidades.

Uma boa parte do livro é dedicada ao estudo dos typos anthropologicos do Brasil. Esses capitulos não poderiam tão facilmente fugir ao aspecto de memoria mais estrictamente scientifica. Os dados, as medidas, os resultados de observação, as estatisticas e os calculos de medias succedem-se sem interrupção.

Roquette é muito optimista em relação aos productos da mestiçagem tão largamente existente no Brasil. N'este ponto suas opiniões não são baseadas em uma especie de patriotismo transformado em *parti-pris*, e que leva a fechar os olhos a tudo que fôr incompativel com uma conclusão favoravel. Ao contrario, ellas são o resultado de um estudo aprofundado e longo, em que todos os elementos são discutidos sem preconceitos. Elle procura distinguir o que cabe á raça propriamente dita e o que resulta de más condições de hygiene e de modo de vida.

No que diz respeito á raça, não encontra em suas pesquizas nada que denote uma degeneração ou uma inferioridade patente.

O livro de Roquette-Pinto é assim uma obra de vulgarisação, de ensino, de estudo, de educação, que por momentos attinge ao alto valor de uma memoria scientifica original. E é, como tudo que elle faz, uma boa acção.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

— Entre os poetas e romancistas mais fecundos da Italia, figura Marino Moretti. Cantor da gente humilde e dos ambientes tranquillos da provincia, infunde um inesperado encanto a assumptos apparentemente incolores que outros artistas desdenhariam. *La Voce di Dio* é um bello romance e as suas collectaneas de versos succedem-se sem esforço, muito bem acolhidas sempre por um publico que ha mais de vinte annos se mantem fiel ao poeta. A casa Treves, de Milão, é que lhe espalha os livros pelo mundo culto.

Rectificação

O *Boletim de Ariel* foi muito gentil commigo. Quiz, certamente, distinguir em mim o portuguez capaz de comprehender o Brasil. Ha, de facto, muitos portuguezes que amam o Brasil mas, infelizmente, não são tão numerosos os que o comprehendem. Eu não sou o unico, mas reconheço que alguma coisa de especial tem a minha visão do Brasil. Não vou repetir quanto disse na minha *Mensagem á Nação Brasileira*. Para comprehender o Brasil não basta conhecel-o. E' preciso sentil-o. E nesse sentimento brasileiro está o segredo de aquillo que o *Boletim de Ariel* elogia em mim. A minha unica virtude está em dizer o que sinto.

O *Boletim de Ariel*, no entanto, não interpretou bem o meu pensamento. Eu não quiz dizer que o Brasil se afasta de Portugal. Quiz dizer outra coisa, muito melhor para o proprio Brasil. O Brasil não tem que se afastar porque foi sempre differente de Portugal. Mas é sendo differente que o Brasil demonstra as qualidade colonizadoras dos portuguezes. Se estes tivessem repetido aqui a sua patria teriam dado uma prova de incapacidade colonizadora. O Brasil não podia ser a copia de Portugal porque era differente a sua geographia. O maior valor dos portuguezes é, tanto psychologica como biologicamente, a capacidade de adaptação. Toda a nossa historia o demonstra. Attestam-no, ainda, os que se occupam de anthropologia, como Oliveira Vianna no Brasil, Mendes Correia em Portugal, e Germano Correia na India portugueza.

A minha these sobre a independencia espiritual do Brasil é profundamente patriotica. Embora na critica só me interesse a verdade, gostava que a minha *Mensagem* fosse assim comprehendida. Não sou nacionalista porque não considero o meu paiz superior aos outros nem acredito que a Providencia ou o Destino tenham distribuido a qualquer povo o papel de Messias. Mas sou patriota porque reconheço que cada nação tem o seu caracter e, para mim, o patriotismo é a maneira de salvar e manter a originalidade dos povos, sem prejuizo da communhão humana. Foi animado desse espirito que na minha conferencia, *Psychologia de Portugal*, eu que amo a Hespanha, procurei demonstrar quão differentes somos dos hespanhoes.

Intitulou o *Boletim de Ariel* a sua nota sobre o meu discurso na Academia: *Semana Cultural Portugueza*. Cumpre-me esclarecer que essa *Semana* foi organisada pelo jornal *O Seculo*, de Lisboa. Tendo vindo ao Brasil como enviado especial do *Diario de Noticias*, nada tive que ver com a dita *Semana*, não me cabendo, portanto, quaesquer honras ou responsabilidades que della possam advir. Não foi o collaborador de qualquer manifestação collectiva mas o individuo, isto é, o escriptor amigo do Brasil, que falou na Academia de Lettras. Não posso deixar de agradecer aos membros da Academia o facto de terem convidado a falar na sua casa quem não é academico na sua terra nem professor duma Universidade. Distinguindo-me pessoalmente, foi um novo que elles honraram.

Osorio de Oliveira.

Um Jornalista

Abner Mourão completa agora vinte e cinco annos de jornalismo e seus companheiros de trabalho na Paulicéa fazem bem em festejar-lhe o jubileu ou as bodas de prata com a imprensa.

Da minha parte, sou um veterano na estima e na admiração pelo excellente Abner. Conheço-o (e esta confissão anda longe de rejuvenescer-me) vae exactamente para um quarto de seculo.

Funccionava elle então n'*A Imprensa*, de Alcindo Guanabara, jornal pouco lido, porque governista demais, embora admiravelmente escripto pelo Alcindo, pelo Abner e pelo Adoasto de Godoy, que, muito saturado da maneira do Eça, ali estampava umas chronicas vivissimas com o pseudonymo de Carlos Eduardo.

Recorda-me bem que a lettra do Alcindo, um cipoal emmaranhado, indignava e horrorizava os compositores, sendo, alta noite, necessario requisitar os prestimos do secretario de redacção para ir á officina elucidar o pobre operario que não dava para decifrador de hieroglyphos.

Mais tarde, entrou Abner Mourão a servir n'*O Paiz*, onde publicou artigos de uma aguda nota de modernidade. E sempre sociavel, discreto, sem invejar ninguem, sem maltratar ninguem, tendo esse fino sorriso que é a graça dos fortes e, uma vez ou outra, o epigramma subtil que é a unica má-creação permittida aos homens de gosto nos climas realmente civilizados.

Ainda depois disso, a politica empolgou-o, empolgou-o a virago hedionda que tem petrificado e cretinizado tanta gente boa do Brasil. Mas o nosso Abner não se mineralizou, não se embruteceu em contacto com tantos oradores e legisladores de borra, Demosthenes ainda com muitos calháos na dicção e Robespierres infelizmente sem cadafalso.

Mourão continuou a ser o Mourão de sempre e não deixou nunca de rabiscar tres ou quatro laudas diarias, em jornal daqui do Rio ou de São Paulo. No fundo, sentia-se-lhe a preferencia pela actividade jornalistica e uma redacçãozinha, com os seus moveis pernibambos, o seu atropelo, a sua excitação de trabalho nocturno, interessava-lhe mais, até nos annos de fastigio politico, que o parlamento, a antecamara dos ministerios, o vestibulo dos palacios presidenciaes e outros logares destinados a amargurar a vida do animal votante, a complicar um pobre mundo que a natureza fez tão simples.

Agora, restituido de todo á sua gente predilecta, vae Abner sentir quanto essa gente bohemia e cordial o admira e preza. E eu, fazendo assim sem mais aquella uma viagem de regresso á minha adolescencia, ao Rio de 1910, não posso deixar de commover-me ao relembrar o Abner que concorreu para a sahida de alguns contos meus n'*A Imprensa* e — o que é mais — fez com que a gerencia remexesse nos cofres meio exhaustos da casa para passar-me uns trinta ou quarenta mil réis em troca de toda essa litteratura de merito bem discutivel...

Agrippino Grieco.

José Lins do Rego

E' opinião de muitos, e dos mais autorizados, que *Doidinho* marca um progresso sensivel sobre *Menino de Engenho*, o romance de estréa do sr. José Lins do Rego. E os que assim pensam não são de modo algum os poucos que acaso não tenham apreciado muito *Menino de Engenho*, mas esse grande numero que, tendo saudado com enthusiasmo o primeiro romance do sr. José Lins do Rego, achou agora que não o diminuia em nada salientando a superioridade de *Doidinho*.

Confesso que por mais que procure, e apesar de todo o prazer recente que a leitura de *Doidinho* me proporcionou, não consigo comprehender porque se fala de "progresso", porque se diz que o novo romance é superior ao primeiro ou que o sr. José Lins do Rego "lucrou" como romancista, etc. Comparam-se os estylos, confrontam-se as construcções, argumenta-se textos em mão, mas, por mim, fico sem ver as differenças, sem comprehender as collocações.

Muito ao contrario, vejo-os, *Menino de Engenho* e *Doidinho*, cada vez mais iguaes, formando um todo a cada approximação mais homogeneo, a cada nova analyse mais feliz e mais agradavel. O que um é o outro é e as qualidades de um estão todas no outro. Continuam-se perfeitamente e o modo de narrar é em ambos o mesmo como em ambos é o mesmo o estylo. A leve monotonia de certas paginas de um reapparece, para mim com o mesmo encanto, nas paginas do outro. E nada do que um tem o outro deixa de ter...

Talvez, pelo assumpto de que trata, *Doidinho* interesse mais e mais facilmente permitta caminhar de um extremo ao outro do livro. Leve differença que não altera o valor de *Menino de Engenho*, que se assim se torna um pouco menos facil de ser lido, possue no emtanto todas aquellas paginas admiraveis que encontramos já um pouco menos abundantes em *Doidinho*.

De qualquer modo ha compensação e os dois romances se valem. Valem-se e aliás desapparecem na formação de um romance unico que é a vida de Carlinhos durante a sua infancia no engenho e no collegio — e que esperamos que o autor não abandone tão cedo — narrada de um modo que não conheço adjectivo que o exprima senão um: admiravel.

*
* *

De facto, o que mais encanta nos romances do sr. José Lins do Rego é o modo pelo qual narra as suas historias. Mais do que pelo seu valor em si, é por esse estylo de narrador que seduz e conquista o seu seguro lugar na nossa litteratura. Nem o sr. Amando Fontes com aquella sua simplicidade tão grande que chega a encontrar a emoção pura, nem o sr. Jorge Amado com a sua capacidade de dar vida aos personagens collocados debaixo dos andaimes sobre os quaes arma as suas situações, nem o sr. Ribeiro Couto com a singeleza das inesqueciveis paginas de *Cabocla*, emfim nenhum dos nossos actuaes romancistas consegue chegar a uma tal perfeição narrativa nem dispõe de um tal poder de evocação.

As outras qualidades que acaso lhe faltem, como "romancista", não me interessam aqui. Quero apenas salientar essa belleza, esse encanto no modo de narrar que permitte dizer, creio, que a não ser o sr. Marques Rebello não ha ninguem, entre nós, neste momento, que possa ultrapassar o sr. José Lins do Rego.

E' de facto do sr. Marques Rebello e dos seus contos tão perfeitos que o sr. José Lins do Rego mais se approxima, elle que no entanto é romancista e procura attingir camadas bem mais profundas do que as em que habitualmente se satisfaz o *conteur* de *Tres Caminhos*. Em ambos a mesma seducção do estylo, da phrase que, ao passar dos olhos, logo se "ouve", do periodo que canta aos ouvidos, das paginas que ficam mais como uma musica escutada de longe do que como a descripção de factos vividos.

Mas não quero proseguir nesse parallelo pois a minha intenção nesta nota é apenas saudar de longe, sem entrar em muitos detalhes, no apparecimento de *Doidinho* a plena confirmação do talento que *Menino de Engenho* nos revelára. Talento seguro, um dos mais indiscutiveis do actual momento. Talento com que é preciso contar e que já nos deu dois romances que indiscutivelmente formam entre as nossas melhores obras: — *Menino de Engenho* num lugar seu, bem a parte na nossa litteratura — *Doidinho* ao seu lado, continuando-o e, para mim, devendo ser collocado acima desse *Atheneu* de que tanto se approxima pelo assumpto e que bastou para consagrar Raul Pompeia...

OCTAVIO DE FARIA.

Josaphat Linhares — **O integralismo á luz da doutrina social catholica** — Typographia Gadelha — Fortaleza, 1933.

Partidario extremado dos principios da Egreja, o sr. Josaphat Linhares não tem duvida alguma quanto á possibilidade de vel-os integralmente praticados pelos homens de hoje. Quer uma politica que, em intelligente adaptação aos nossos tempos, aproveite a boa organização corporativa da Edade Média. Para elle, a finalidade do catholicismo é não só espiritual como tambem social e educativa. Dahi combater o sr. Linhares os facciosismos exorbitantes de certas theorias de governo que pretendem invadir os dominios da religião, substituindo aos ideaes desinteressados de outrora o culto de um utilitarismo excessivo. Oppõe-se elle com vehemencia aos arrastadores de homens que se tornam "instrumentos odiosos de oppressão e violencia, incompativeis com a nossa civililização que, apesar dos seus erros e desvios, ainda está impregnada daquelle nobre espirito christão que a creou."

Alde Sampaio — **Problemas basicos na constituição** — Ariel Editora — Rio, 1933.

Num momento como este é louvavel qualquer contribuição trazida á honesta elucidação dos problemas de ordem constitucional. Trata-se de substituir á Magna Carta elaborada sob os auspicios de Ruy Barbosa uma outra que melhor reflicta as necessidades e as aspirações do tempo e, assim, qualquer brasileiro culto e sensato póde trazer a sua contribuição a respeito. Percorram-se, portanto, com attenção as 150 paginas do volume do sr. Alde Sampaio, que revela, a cada instante, a sua familiaridade com os assumptos de administração e politica. Escrevendo sempre com a maior clareza, sem nenhum intuito de mystificar o proximo, offerece-nos elle a summula dos seus estudos de sociologo e economista e, quando o seu testemunho não baste, sabe apoiar-se em autoridades de maior tomo desta e da outra banda do Atlantico. Muito expressivos, em particular, os seus conceitos contra a politiquice simplesmente partidaria e em favor de uma selecção de valores que não dependa da importancia meramente quantitativa dos rebanhos eleitoraes.

EX-PROFESSO

A ultima these de Henri Bergson, segundo a qual a moral e a religião teriam, cada uma, duas origens, ou por outra, haveria duas especies de religião e duas especies de moral, estava fadada, pelos cochilos historicos e sociologicos que a eivam, á critica severa dos especialistas. E entre estes, ninguem mais indicado a fazel-a que Alfred Loisy, cuja fama de grande exegeta e eminente professor de historia das religiões a orthodoxia romana houve por bem tornar ainda maior pela excommunhão e consequente expulsão.

O ensaio critico de Loisy, edição de Emile Mourry, Paris, 1933, intitula-se *Y a-t-il deux sources de la religion et de la morale;* titulo que é uma pergunta e pergunta a que o autor, á luz da prehistoria e da historia, da archeologia e da ethnographia, responde, *ex-professo*, pela negativa.

Alfred Loisy reconhece, logo de inicio, dois elementos no novo livro de Bergson: um é a doutrina sociologica de Durkheim no tocante ás moraes e religiões estaticas (o que um amigo nosso já observara); o outro, propriamente bergsoniano, é a doutrina cosmogonica do "élan vital" applicada á explicação da religião e da moral dynamicas atravez do mysticismo com que acaba por se confundir a famosa theoria da intuição.

Contrariamente a Bergson, a religião, como a moral, tem, para Loisy, uma unica origem; o mysticismo, longe de ser exclusivo das grandes figuras do christianismo, é antes extensivo a toda a humanidade; magia e religião não se excluem, como quer Bergson, mas antes se interpenetram; a moral e a religião, em que pese a Bergson, são primitivamente indistinctas; o caracter estatico e o caracter dynamico da moral e da religião, ao invés de serem categorias de natureza diversa, peculiares, respectivamente, ás sociedade fechadas e ás sociedades abertas, não são senão dois aspectos da evolução moral e religiosa; a metaphysica do "élan vital" não explica a religião, não elucida a historia das religiões, não abre o caminho que levaria os grupos humanos a se constituirem numa só humanidade.

Assim pensa, contra o genial neophyto do mysticismo, o notavel commentador do *Novo Testamento*. E se essas contestações do sabio ao philosopho valem, é que ellas tiram sua força sobretudo desta consideração de paginas 179 de *Y a-t-il deux sources*: "O absoluto da religião e da moral nunca foi realizado em parte alguma da terra e jámais provavelmente o será, por esta boa razão que a humanidade sempre viveu, vive ainda e continuará a viver, até ao fim, no dominio do relativo".

Mas o dominio do relativo é o dominio da sciencia. E' o dominio em que a moral e a religião são estudadas em sua evolução "atravez do modo como se produzem e se perpetuam entre os homens, incorporadas á economia das sociedades". Ora, é nesse estudo, unico importante do ponto de vista da intelligencia e do ponto de vista da acção, que a obra de Bergson é falha. Sacrificando esse estudo á intuição mystica e á especulação metaphysica do "élan vital", Bergson menospreza as conquistas da historia e da sociologia e entra no absoluto pela porta das inexactidões. Inexacto — vae mostrando em seu livro Alfred Loisy — que a sociedade fechada tenha surgido da necessidade de se unirem interiormente os grupos para se defenderem exteriormente uns dos outros: isso supporia uma densidade de população inconcebivel nos primeiros tempos. Inexacto o caracter transcendente attribuido ao christianismo: a historia ignora, diz Loisy, "esses começos absolutos e o proprio christianismo se defende de tal privilegio". Inexacto, que a magia seja essencialmente differente da religião: "para o historiador das religiões, não existe solução de continuidade entre o rito magico do selvagem e do sacrificio commemorativo e symbolico da eucharistia no culto christão". Não param ahi as inexactidões. Mas Loisy assignala ainda contradicções. Exemplo? A que existe entre a esperança bergsoniana em uma garantia da immortalidade pelo progresso das sciencias psychicas e o puro mysticismo em que Bergson descobre a verdadeira religião.

O livro de Alfred Loisy não é, entretanto, um ensaio critico apenas. Repontam nelle, aqui e alli, repetidamente, theses, idéas, interpretações dos phenomenos religiosos, por sua vez, de uma doutrina. Encontramos mesmo, no capitulo *Conclusões*, a synthese da doutrina de Loisy sobre a origem, o caracter e o futuro provavel da religião e da moral e a discussão da actual crise de ideal da civilisação. *Y a-t-il deux sources* é, por isso tudo, um livro notavel.

Ha um caso em que o sentimento de vaidade, reduzido ás suas minimas proporções, merece venia, por isso que não passa, então de uma simples affirmação do individuo. E' quando esse sentimento se exprime por um caracteristico e vulgarissimo "eu não dizia?" Nessas proporções, todos nós somos vaidosos. Realmente, quem ha por ahi, inclusive um *poverello d'Assisi*, que não tenha, com tal phrase, manifestado sua vaidadezinha, a proposito, até, das coisas mais futeis: Eu não dizia que ia chover? Eu não dizia que ella tinha olhos verdes?

Não se veja, pois, um feio peccado neste naturalissimo amor proprio com que alguem da nossa maior intimidade nos vem agora observar:

— Eu não dizia que a these bergsoniana não é lá essas coisas?

V. de Miranda Reis.

THEATRO DE EXPERIENCIA

O Boletim de Ariel *sente um grande prazer em noticiar a estréa do* Theatro de Experiencia, *em São Paulo*.

Sendo uma das realizações do "Club dos Artistas Modernos", onde se reune a melhor intelligencia paulista, o Theatro de Experiencia *estreou esse mez com grande successo e algum escandalo levando á scena o bailado* Deus morto, *da autoria de Flavio de Carvalho, fazendo o principal papel o pintor Hugo Adami*.

E' essa a primeira tentativa séria de revolução, de modernisação do nosso pobre theatro. Tudo que represente renovação em materia theatral terá ali boa acolhida.

O Theatro de Experiencia *traçou um grande programma de realizações no qual figuram diversas peças nacionaes e extrangeiras, bailados, dansas, macumbas, etc.*

Depois do bailado do Deus morto *subirá á scena a peça de Oswald de Andrade,* O homem e o cavallo, *da qual affirmam ser algo de novo na nossa litteratura theatral.*

*

Com a estréa do Theatro de Experiencia, *o "Club dos Artistas Modernos" continúa a obra de cultura das massas, que vem tentando realizar com muito exito. Prova disto temos na concurrencia ás conferencias pronunciadas no salão do* Club *e o interesse que tem despertado o* Theatro de Experiencia.

Ainda Capistrano, ensaista e critico

Após um anno a *Sociedade Capistrano de Abreu* dá a lume o segundo volume dos *Ensaios e Estudos* do seu eminente patrono. Do primeiro já me occupei no *Boletim de Ariel* (Anno II, n. 4, p. 84). Grande é o serviço que aquelle sodalicio está prestando ás lettras patrias. A obra de Capistrano andava dispersa e inaccessivel. Agora, nos cinco volumes publicados, podemos ter della visão de conjuncto e avaliar a contribuição que trouxe á nossa cultura.

O grande mestre conseguiu levar adiante, em extensão e profundidade, o trabalho de Varnhagen. A' pura erudição deste, juntou a visão philosophica, á dureza de seu estylo a amenidade e singeleza de expresssão, sem falar na ausencia de preconceitos. Delle se poderá dizer que inicia, no Brasil, a historia feita com o mais apurado rigor methodologico. Procurou sempre a verdade e suando a achou nos empoeirados documentos (*Pas de documents, pas d'histoire!*) vestiu-a com as galas da mais peregrina expressão vernacula.

Foi o cavouqueiro, e foi o esculptor. Se não nos deu peças acabadas, não foi por desamor ao trabalho ou por falta de cuidado no desbastar e polir. Nem as canteiras eram immaculadas, nem o marmore de primeira qualidade. Lucta o historiador americano com a propria ausencia da materia prima da historia: aqui a natureza ainda não cedeu os seus direitos á superestructura cultural.

Capistrano ficará para a nossa geração o mestre e o modelo, e acompanhal-o nos meandros de nossa historia é ter a certeza de levar bom rumo. Neste segundo volume dos *Ensaios e Estudos* preponderam os assumptos historicos sobre os litterarios. E' que para o fim da vida cada vez se acantonava mais no passado nacional. Não citarei os ensaios pela ordem que apparecem no livro, mas referindo aos seculos de nossa historia.

Seculo XVI: Prefacio ao *Diario de Pero Lopes*, a obra de Anchieta no Brasil, Fernão Cardim, introducção ao *Tratado da Terra do Brasil* e á *Historia da Providencia de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, um visitador do Santo Officio — Heitor Furtado de Mendonça.

Seculo XVII: Prefacio á *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, prefacio á *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos*, de Claude Abbeville, paulistica — *A pretexto de uma moeda de ouro*.

Seculo XVIII: Antonio José, o judeu.

Seculo XIX: "28 de Janeiro", substancioso ensaio sobre a abertura dos portos do Brasil, precedido de um esboço da Revolução franceza e de sua repercussão na peninsula iberica; "Sob o primeiro imperio", commentarios sobre o livro de Eduardo Theodor Boeche, editado em 1835; um livro sobre a Marqueza de Santos, critica da obra de Alberto Rangel; o duque de Caxias, apreciação sobre a vida e obra do naturalista Herbert H. Smith, autor do livro *Do Rio de Janeiro a Cuyabá*, e umas paginas sobre o bibliophilo Francisco Ramos Paz, cuja influencia sobre a propagação das luzes em nosso meio não foi pequena.

Um breve escorço abrange todos os quatro seculos de nossa historia: A geographia do Brasil. Ahi appareceu pela primeira vez o nome de Guts-Muts, o grande geographo geralmente desconhecido, apesar de seu valor.

Ahi está o que constitue o segundo volume dos *Ensaios e Estudos*. Bem poucos, entre os contemporaneos, poderiam fazer obra semelhante. O que valoriza sobretudo esse livro é a autoridade inconteste do autor, que se move no seu, fala pouco do que sabe muito, e em meias palavras diz mais do que outros discursivamente. Em summa: synthese sem prejuizo da verdade.

Contemporaneo de todas as idades de nossa historia, pelo conhecimento aprofundado della, Capistrano fala-nos do visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendonça com a mesma objectividade com que nos conta a vida do velho Ramos Paz, accionista da *Gazeta de Noticias*, seu amigo, a quem muitas vezes fazia companhia entrando num café e conversando horas esquecidas...

*

O saber capistraneano alargava-se da anthropogeographia até as mais altas cogitações philosophicas. Era argamassado de factos bem verificados e theorias, que elle disfarçava, como o engenheiro que occulta a estructura metallica das suas construcções. Dahi a solidez de sua obra, uma das maiores que jamais um brasileiro realizou. Geographo, historiador, linguista, ninguem como elle conhecia a terra patria, o seu passado, os povos primitivos que entraram na composição demographica nacional, conservando, porém, ao lado dessas especializações uma curiosidade universal que até ás bellas lettras se estendia. Poderia ter sido, se o quizesse, o mais autorizado dos nossos criticos.

Esses dois grandes volumes de *Ensaios e Estudos* documentam que farte essa feição de sua psyche. Deixam entrever o muito que fez e o muitissimo que deixou de fazer acaso por falta de estimulos do ambiente.

Para que dar provas de valor no Brasil? Para que pensar?

O meio só permitte o triumpho de cabotinos, tanto mais applaudidos quanto mais vasios. O humanista, o philosopho, o pensador, o homem de idéas geraes não encontram ainda ambiente propicio para expansão de suas faculdades e disseminação do seu valor.

Culpar Capistrano de não ter produzido muito mais afigura-se-me rematada injustiça, falta de visão. Culpemos, com mais segurança, a sociedade amorpha e atrazada em que elle viveu.

Foi, sem duvida, entre nós, o typo perfeito do sabio, que, como se lê num hymno do Rig-Veda, é aquelle que marchou primeiro no caminho em que os outros marcharão depois.

O seu grande exemplo de labor entremisturado de indifferença e de desdem pode servir de norma de conducta aos que aspirem alcançar, nos difficeis dias de hoje, uma pouca de verdadeira sabedoria.

ALCIDES BEZERRA.

— Companheiro e collaborador de Benedetto Croce, sem chegar á mesma preeminencia intellectual, Giovanni Gentile é, sem duvida, um estimavel trabalhador do espirito. Seus volumes sobre a crise moral, o realismo politico de Gioberti e a philosophia de Leonardo da Vinci asseguram-lhe um bello logar entre os pensadores do seu paiz. Mas são visiveis em Gentile dois pendores especiaes: a attracção da politica e o gosto da instrucção. Já foi ministro e cada vez se bate com mais enthusiasmo pela disseminação das escolas em terras da Italia.

"Boletim do Museu Paraense"

Depois de um somno de vinte annos surge de novo o *Boletim do Museu Paraense*. Este IX volume, como os demais daquella casa fundada sob os auspicios do eminente naturalista mineiro Ferreira Penna, é um documento scientifico, parte dos annaes da sabedoria humana que vem registando phenomenos occorridos nestas latitudes e longitudes. Litteratura maravilhosa, escripta á sombra protectora das arvores, attesta a remota cultura dos nossos homens. O tomo que me preoccupa contém um ligeiro raconto intitulado *Notas Geographicas e Geologicas sobre o Rio Tocantins*, do engenheiro patricio Luis Flores de Moraes Rego, raconto que apesar de encerrado numa synthese de 15 paginas, transmitte a idéa pittoresca da região sob varios aspectos, abrindo panoramas curiosos da terra e da agua.

Mas o trabalho principal do tomo em foco é, sem duvida, o de Frederico Katzer, traduzido do allemão para a lingua nacional por frei Hugo Mense, franciscano da prelazia de Santarem. O autor da obra, com aquelle sentido minucioso da Austria, sua patria, examina um sem numero de reconcavos da hinterlandia paraense. Confirmando ou negando o que outros especialistas disseram, a sua palavra austera remarca sempre os mais fugidios pormenores. Dos cimos orographicos ao fundo dos abysmos, com escala pelo flanco dos montes, mesa de taboleiros, afloramentos, fendas, chanfraduras que repontam aqui e acolá, na planicie e na montanha, o sabio tedesco remexe a immensidade do amphitheatro. Além dos refegos telluricos, das synclinaes ondeantes, das anticlinaes empinadas, a tectonica se mobiliza toda para o balanço da terra. O osso, o dente, o coral, a alga, a concha, concentrados no fóssil que assignala a idade da gleba e suspende o véu geologico, descortinam, num clarão cosmographico, a antiga physionomia do valle. A rocha e a vasa suggerem-lhe paineis interessantes. No estudo das plantas e dos bichos petrificados, perdidos nesta ou naquella camada, desvenda-se a evolução geologica. As corôas, os bancos, as restingas, os tesos, as planicies, as collinas e as cordilheiras rasgam ahi os enigmas da Historia Natural.

De inducção e deducção amplia-se-nos a visada para dentro das origens do globo, obrigando-nos a ver a nevoa dos primeiros dias. O mundo physico, chimico e meteórico, ao sabor dynamico da onda, do vento e da chuva, solapando, erodindo e transformando, tem uma parcella de responsabilidade na metamorphose topographica que se vae fazendo á proporção que os seculos passam. Ao lado porém desses contrastes vivos e desses confrontos sensacionaes, Katzer enumera, numa evocação colorida, a caravana de naturalistas que andou por aqui removendo o solo. Cita Agassiz, Hartt, Branner, Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, Creveaux, Clarke, Derby, Rathbun, Herbert Smith, Kraatz-Koschlau, além de outros menores. Ao lado das informações de cunho absolutamente technico, afloram as historias ligeiras, quasi anecdoticas, mas de lampejos scientificos. Os pontos de vista pessoaes, os conceitos generalizados, sisudos uns, pittorescos outros, deixam ensanchas para o leitor esclarecido concluir por fórma sua. No entrechoque de idéas porventura vindo á flux dos argumentos mal se percebe o espirito loreno de Katzer, algo inclinado a favor dos remigios funambulescos de Agassiz, quando narra aquelle episodio cosmographico do periodo glacial do Equador, idealizado pelo retumbante suisso, e que o autor do *Boletim* numero IX não conta como foi, antes occulta o incidente capital que o determinou: a denuncia dada por Orton ao mundo scientifico contra a these de Agassiz, constatada falsa por uma fieira fóssil de 17 qualidades de conchas marinhas encontradas por elle, Orton, nas barrancas de Pebas, no Marañon, denuncia essa logo apoiada por Darwin e Haeckel, as duas maiores cabeças do momento. Isso, porém, não diminue o merito da obra, antes obriga o leitor a comparações, a parallelos que consolidam juizos mal definidos.

No assumpto hydrographia, Katzer repete e divulga, de boa-fé, já se vê, a formula errada dum phenomeno ao garantir que a maré atlantica chega apenas aos arredores de Obidos, quando na verdade ella vae além desse ponto. Eu já a observei, nos mezes de agua baixa, setembro e outubro, no porto de Parintins. Alli ainda tufa dois centimetros durante a força do verão, tempo em que a corrente fluvial, enfraquecida, não ultrapassa de milha e meia. E isso facilmente se constata com o facto de haver fluxo e refluxo no furo do Caldeirão, pela estiada, muito acima de Obidos. Isto, no emtanto, é uma nusga na excellente memoria, em cujas paginas tambem se fala num rio Guajará, que banha o litoral de Belém. Ha engano. A capital do Pará demora á margem oriental da *bahia* do Guajará, e não do rio, que não existe no local.

A explicação do eminente geólogo de que nem toda a agua despejada pelo Amazonas lhe passa na angustura de Obidos, não é perfeita. Diz o autor que parte da limpha em questão vem de Parintins por traz da collina do Balaio e atravez do lago de Villa Franca. O desvio não seria possivel em virtude da serra de Parintins, que, rompendo da hinterlandia numa perpendicular ao eixo da corda amazonica, interceptaria com o panno da sua muralha qualquer volume d'agua que porventura fluisse ao sul do *canonmater* do occidente para o oriente.

Uma outra noticia igualmente alheia aos acontecimentos é aquella referente ao outeiro da Prainha, que o monographo perquirente da terra paraense diz ter desabado em 1874 com estrondo semelhante ao do trovão, dissolvendo-se depois na agua. A catastrophe, continúa o naturalista, foi de tal vulto, que transformou a paizagem apagando os aspectos topographicos da orla ribeirinha, que caracterizavam a zona e que serviam de pontos de referencia á navegação, que no Amazonas se faz pela terra, determinando isso, por muito tempo, os pilotos fluviaes não se poderem orientar na derrota. Historia! Pura novella, no genero *terra cahida*, com que os escriptores de oitiva pretendem agitar os nervos da collectividade confiante. Não só o outeiro lá está, apesar da erosão das chuvas e dos ventos, visto a corrente não lhe banhar ainda o sopé, como na chronica remota da praticagem, verbal e escripta, nada consta dessa patranha erosiva. O cáes da villa foi levantado para resguardar o casario...

Outra informação sensacional e mentirosa é a de que a margem me-

ridional do Amazonas, da sua foz ás aperturas de Obidos, é formada por uma ilha de terra-firme. A maior ilha do estuario amazonico, depois da de Marajó, é a Grande de Gurupá, que sóbe o desaguadouro do Xingú. Não me refiro á do Bananal porque fica no Araguaya, e, muito menos a do Tupinambarana porque já no Estado vizinho de oeste. De facto ha uma ilha de proporções incommensuraveis, a maior da America do Sul, grande talvez como a Australia, e que vae pelo Amazonas a dentro da marema atlantica, no zero das latitudes, aos reconcavos do Negro, por oito gráos boreaes — é o massiço insular das Guyanas brasileira, franceza, ingleza, hollandeza, banhada no septentrião pelo Cassiquiare e Orenoco venezuelano. Fica, todavia, na banda esquerda do Amazonas, isto é, no flanco septentrional da arteria e não no meridional, como diz o *Boletim*.

As considerações sobre a terra preta no valle, bem como sobre a Pedra do Pará, arenito ferruginoso, documentam habitos e costumes dos moradores actuaes da planicie e de seus archiavós tapuios. Suggerem motivos mal adivinhados por certo na nossa geographia botanica e genialmente entrevistos na prophecia de Humboldt com referencia á Amazonia estar destinada a ser o celeiro do mundo.

Contestando as observações geologicas de Agassiz, que affirmou ter encontrado submerso entre Soure e Vigia um lençol de turfa derivante de florestas ahi naufragadas, Katzer não o faz com a documentação necessaria, precisa num vulto de sua responsabilidade, limitando-se a descarregar a contradita sobre os vigienses, que negam, diz elle, as observações dramaticas e theatraes do illustre suisso. Apesar, no emtanto, destes e outros ligeiros senões, registados aqui a vôo de passaro, a obra é rica de ensinamentos e traz fortes subsidios aos estudos geologicos abertos em 1865 com a exploração de Agassiz, de facto o primeiro geologo que se interessou pela Amazonia, embora os seus conceitos, que aliás attrahiram a vista dos sabios para a esplanada equatorial, tivessem quadros fabulosos, projecções apocalypticas, semelhantes aos romances dum escriptor embebido na cosmographia phantastica do Genesis.

RAYMUNDO MORAES.

Dois titulos e um romance...

Adolpho Caminha escreveu, de uma feita, que o escriptor do norte necessitava, antes de tudo, de um banho lustral na Guanabara... Isso para um mais amplo desenvolvimento da sua formação litteraria. Mas como andamos distantes dessa phrase do creador da *A Normalista!* O romance brasileiro legitimo veiu todo do norte. E bem poucos dos que realizaram essa obra palmilharam a rua do Ouvidor...

Nesse caso não está, porém, João Cordeiro, mais um romancista que surge ao norte, e o qual tomou o baptismo preconisado pelo romancista cearense que evocou tão bem no *Bom Creoulo* o ambiente da marinha brasileira de então... O seu livro porém não possue nada que diga dessas viagens, desse contacto com o asphalto da metropole. O que ha nelle é a Bahia, de ladeiras mal empedradas, de tradições remotas e cujas casas, com o colorido dos seus azulejos desmaiados pela satyra do tempo valem mais que certos compendios de Historia.

Logo ás primeiras folhas desse saboroso *Bocca Suja*, o romance de João Cordeiro que um editor do Rio transformou em *Corja*, sente-se um romancista vigoroso, forte, com uma technica marcadamente sua. Sente-se em todas essas paginas que não ha nada de emprestimo, ao contrario de certos romanceecos onde os proprios figurantes se nos apresentam mal enjambrados nas roupas do proximo, gastando phrases alheias...

Percebe-se que a penna que o escreveu deixou sulcos no papel... Não lhe notámos nada que denuncie superficie. Dá idéa dessas cousas grandes demais cuja superficie serve, unica e exclusivamente, para que se faça pela extensão um calculo de profundidade.

Esse Polycarpo Praxedes é um Casanova de provincia que teve, ao invés dos dias de prisão em Veneza, a sua galé perpetua na banca de funccionario do Estado, um Casanova que se descuidasse das artes de magia para criar gatos, a exemplo do que fez em seus ultimos dias esse extremado discipulo de Johnson que foi Arthur Bomilcar. Repartiu a sua existencia entre as cadeiras da repartição e o sentimentalismo piegas e facil das mulheres que passaram pela sua vida. E outra cousa não se poderia esperar de quem teve uma infancia tão cheia de sexo. Em todos os episodios do romance campeia a sua veia de "humourista", de fabricante de alegria. Todos esses trechos divertidos são confeccionados com uma grande dóse de ironia. Não se trata aqui de um livro fabricado pelo prazer de encher linguados e ocios... Foi uma obra que se foi realizando pela necessidade de um desabafo. Nasceu livro, como poderia ter nascido quadro se elle fosse pintor ou opereta se elle fosse maestro... Veiu como um imperativo. E João Cordeiro não foi mais que um fixador de todas essas cousas: ambientes, typos, alma... Bem poucos lograram, entre nós, fazel-o desse modo. Com uma estructura inteiramente original, fugindo á regra. *Corja*, como quiz o sr. Calvino Filho que o lançou em cuidada edição, *Bocca Suja* como queria João Cordeiro, encerra o numero dos bons romances do anno, juntamente com *Cahetés* do Graciliano que já vae tomando uns tons de lenda, afferrolhado nas arcas do bonissimo Schmidt... E que anno bom este para os apaixonados da leitura das bôas paginas dos romances! *Cacau*, *Os Corumbas*, *Doidinho*, *Seu Candinho da Pharmacia*, deram para os lazeres dos amigos da ficção nestes dias morosos que atravessamos. E agora o *Bocca Suja*, ou seja *Corja* e mais (*quousque tandem Schmidt?*) o *Cahetés*...

HEITOR MARÇAL.

PAUL PALGEN

Eis ahi um bello poeta europeu que se impregnou do encanto das nossas almas e das nossas paizagens, e nunca mais as olvidou, e vive a celebral-as, a exaltal-as nas mais felizes transposições lyricas. Especialmente a nossa Guanabara, com as trezentas e sessenta ilhas registadas pelo autor, inebriou-o, deixou-lhe na memoria incomparaveis lineamentos de belleza plastica, penetrou-lhe os versos de todo o esplendor que irradia da maravilhosa architectura das aguas, arvores e pedras, tantas vezes deslembrada pelos cariocas, mas em condições de fascinar os forasteiros illustres como Paul Palgen. O que este, em linhas deliciosamente rythmicas, escreve sobre Paquetá ou o Pico do Papagaio, sobre as nossas flores e as nossas caboclas, sobre a nuvens e a melancolia do tropico, é de alguem que soube ver a nossa terra com olhos de ternura e emoção e, partindo para outras terras, não deixou nunca de amal-a com esse amor intelligente que é o unico realmente creador.

Ensaios de Biologia

O que ha de sério nesses ensaios é, antes de mais nada, o espirito que os anima, a orientação de um grupo de moços em face dos problemas scientificos em fóco. E' essa uma iniciativa de grande interesse cultural para o paiz, porque significa uma orientação intellectual firmemente traçada para uma geração de homens de sciencia. Esse grupo de moços representa uma reacção contra a attracção cada vez mais absorvente, que as sciencias da natureza vêm experimentando pelo typo mathematico. Para se subordinarem integralmente á disciplina mathematica tem a sciencia que desvirtuar a sua indole, que é a explicação das cousas pelas suas causas, attendendo a necessidades fundamentaes do espirito.

A sciencia assim comprehendida se situava num prolongamento da metaphysica, e mais particularmente da ontologia, porque se propunha a conhecer o ser, no seu modo proprio, isto é, pelas suas propriedades como causas proximas dos phenomenos.

Introduzido, pelo racionalismo cartesiano, o preconceito de que toda certeza tem que se approximar do typo do raciocinio mathematico, e desenvolvido por Bacon o principio da experimentação como base de todo conhecimento, a sciencia chegou, acompanhando aliás a crise do conhecimento, á physionomia positivista e agnostica que adquiriu na nossa época.

Interrompendo essa hierarchia dos planos de abstracção, que conduzia naturalmente a sciencia dos phenomenos a se resolver na sciencia do sêr, aquella desgarrou para a tangente da mathematica, a cuja disciplina se submetteu. Renunciava ao conhecimento da realidade para se contentar com um simples calculo de relações entre os phenomenos, em que se medem as coincidencias e as successões, jogando com puros entes de razão, sem que nos adiante um passo no conhecimento intimo da realidade. A noção de lei, por exemplo, dá bem a idéa do que foi a revolução agnostica no campo da sciencia. A lei scientifica, a principio, significava o resultado de uma inducção, em que, de certos phenomenos experimentados, se concluia pela existencia de um certo *x*, de uma certa natureza ou essencia manifestada em taes propriedades. A constituição intima dessa natureza ou essencia era o objecto formal da ontologia, que se apresentava assim como o prolongamento natural da sciencia. Actualmente a noção de lei se reduz a uma simples relação entre phenomenos, e indica apenas a constancia de suas variações, indicando o indice de proporcionalidade. Essa relação, vae perdendo cada vez mais o seu caracter *qualitativo* para adquirir o typo *quantitativo*. Em uma palavra, a noção de *lei* foi substituida pelo conceito de *funcção*, nitidamente mathematico.

Afastando-se entretanto do ser, a sciencia, depois de percorrer todo o campo das relações que são susceptiveis de medida, encontra novamente aquella *invariavel* que teve a pretensão de escamotear, e que se apresenta tanto mais exigente nos phenomenos vitaes e psychologicos. Variações de qualidade pura, não espacial, esses phenomenos têm sempre se subtrahido ás equações funccionaes, e a Biologia e a Psychologia estão destinadas a ser a curva-limite, em que esse raio de expansão physico-mathematica terá que soffrer uma refracção para voltar ao centro do ser. E' assim que o ponto de vista ontologico vem reapparecer como consequencia da psychologia experimental, da psychophysica, sciencias creadas para substituirem a psychologia metaphysica. E' assim que a finalidade, seja entendida como principio immanente do ser, seja como uma causa exterior ao ser, triumpha afinal ao puro mechanismo, atravez da Biologia. Na evolução bergsoniana, por exemplo, já se pode distinguir uma ontologia incipiente, que vale, quando mais não seja, pela critica decisiva ao agnosticismo, que teve o dom de restaurar a metaphysica moderna.

O sr. Hamilton Nogueira soube formar a mentalidade de seus alumnos na perfeita comprehensão desse papel que as sciencias da vida vão desempenhar em face da intelligencia contemporanea. A escolha das theses é sempre opportuna em cada um desses ensaios, e a critica de cada qual, com maior ou menor efficiencia, imputavel naturalmente aos dotes pessoaes de seus autores, é sempre arguta, precisa e revestida de um aspecto cultural honesto e grave. Si não representam (nem poderiam representar), um estudo completo sobre cada um dos assumptos, valem como syntheses, de facil e util divulgação, da posição de cada problema, com a indicação de suas linhas geraes, e das soluções que sobre cada um tem sido propostas.

Ensaios como essa *Critica Geral ao Lamarckismo*, cujo titulo talvez exceda um pouco os seus resultados, como o *Aspecto Medico do Birth Control*, o primeiro de Cezar Girard Jacob, e o segundo do mesmo em collaboração com Antonio Amarante, são paginas plenamente satisfatorias.

Outro bello estudo é o de Nelson de Almeida Prado — *Energetica em Biologia*. Jogando com uma rara capacidade de attracção, com os postulados aridos da thermo-dynamica, que é a synthese ultima e final das sciencias physico-chimicas, esse joven scientista consegue isolar o factor ontologico nos phenomenos biologicos, promovendo o reconhecimento desse "irreductivel" que o acto vital ironicamente offerece em desafio ao experimentalismo.

Esses postulados da thermodynamica (principio da conservação da energia cinetica e potencial de Mayer; principio da degradação da energia de Carnot) apezar da concepção de uma grandeza puramente minima calculavel (entropia) representam uma generalisação tão ampla das leis physico-chimicas que impõem uma interpretação e exigem o salto metaphysico: *"Elle est la plus métaphysique des lois de la physique, en ce qu'elle nous montre du doigt, sans symboles interposés, sans artifice de mesure, la direction où marche le monde."* (Bergson, *Évolution Créatrice*, pgs. 264).

O sr. Nelson Prado interpreta esses postulados no mesmo sentido, com propriedade e efficiencia, para concluir: "Ha nisso um que de superior que transcende a physico-chimica; é o grande segredo da energia vital."

Essa, que é a ultima phrase do livro, resume toda a orientação desses jovens scientistas que não são phenomenistas; que introduzem na linha de pesquiza da razão o elemento transcendente que é o substracto dos phenomenos, a sua causa efficiente, o objecto ontologico; que submettem a sciencia experimental á disciplina da metaphysica; e, finalmente, a essa ontologia tradicional que o proprio Bergson confessa ser "a metaphysica natural do espirito humano".

Barretto Filho.

LAWRENCE NA AMERICA

Mabel Dodge Luhan é uma americana excentrica que, durante alguns annos, foi ou quiz ser a animadora espiritual de D. H. Lawrence, o hoje mais que famoso escriptor inglez. Nascida em Buffalo, sem duvida filha de qualquer magnata da industria, a sua vida tem sido uma agitação constante, e como traz aos pés os talares de Mercurio e o dollar nunca poude sentir o calor de suas mãos, fez dos tlansatlanticos de luxo um ligeiro pontilhão ligando os dois mundos.

Antes de 1914, casada com o architecto Edwin Dodge, a sua Villa Cuoroni, em Florença, era um cenaculo de esthetas, um centro de irradiação espiritual. Durante a guerra, já então unida ao pintor russo Mauricio Sterne, amotinou operarios e chefiou manifestações communistas nas ruas de Nova York, por signal que uns cortejos muito alinhados, graças ao gosto de Gordon Craig, o grande scenographo inglez. Hoje, ou pelo menos até hontem, vivia em Taos, no Novo Mexico, onde fizera de um authentico pelle-vermelha, o chefe indigena Tony Luhan, o seu quarto marido.

Foi dahi, dessa arcadia "colorada", dessa nesga de paraiso onde ainda não chegou a automatica *yankee*, que Mabel Dodge Luhan, em fins de 1921, já admiradora de algumas obras de Lawrence, então residindo em Napoles, começou a seduzil-o para vir conhecer o seu refugio da civilização avassaladora.

Lawrence não se decidiu logo por tal convite. Embora muito aborrecido da Europa, principalmente depois que sua mulher, uma allemã, fôra mal vista na Inglaterra durante a grande conflagração, trazia-lhe hesitações e temores uma tão longa e dispendiosa travessia. Comtudo, após uma insistente correspondencia, venceu sempre a Circe tentadora, já, talvez, senhora dos infalliveis philtros usados pelos seus irmãos de tribu, tanto que a uma de suas cartas não deixou de juntar algumas folhas de *desachey* e um pouco de raiz de *osha*, duas plantas indigenas que, segundo ella, possuiam "virtudes poderosas".

E lá se foi o casal Lawrence para o Novo Mexico, mas numa viagem ainda mais longa, pois que transformada num verdadeiro periplo com fartos descansos em Ceylão e Sidney, sendo que nesta ultima cidade o escriptor se demorou tanto que até teve tempo para escrever um novo romance. Ao cabo de um anno, estavam finalmente em S. Francisco da California e, pouco depois, deante de Mabel e Tony, que os vieram esperar em Santa Fé.

Nada mais curioso do que o encontro desses dois casaes tão differentes. De um lado, Lawrence, franzino, magruço, com um ar até dolente se não fosse a perpetua chamma dos olhos a lhe atear fogo na barbicha ruiva, — tendo por companheira uma allemã sadia, viçosa, de pelle fresca e ancas polpudas. De outro, Mabel, tambem delicada, breve, sensivel, mas sob a protecção de um verdadeiro hercules de bronze, o indio seu marido.

Do que iria ser, dali por deante, a vida daquellas quatro creaturas, é o que se deprehende logo da frieza, do constrangimento intimo, da falta de communicabilidade humana que empolgou a todos no instante mesmo dos primeiros cumprimentos e se confirma depois nos attritos e desentendimentos tão bem descriptos nas paginas que dão motivo a estes commentarios (1). E' que mais uma vez entravam em scena os personagens de Ibsen, no admiravel drama *Quando despertarmos dentre os mortos*.

Sem duvida, Mabel e Lawrence se teriam comprehendido bem melhor se entre ambos não se tivessem interposto, agindo á maneira de catalysadores da sensibilidade, as suas duas caras metades: Tony e Frieda. Todavia, o indigena, de sangue calmo e alma serena, não lhes crearia grandes embaraços á vida da *intelligentia*. Muito diversa, porém, a attitude da allemã, sempre de pulso firme sobre a cordoalha bamba dos nervos de Lawrence e não podendo vêr com bons olhos a nova Egeria do romancista.

Mas tudo se accommodou com o tempo e, perfeitamente integrado á quietude harmoniosa daquellas paragens, Lawrence ahi passou mezes dos mais felizes da sua vida. Pelo menos é isso o que se colhe á leitura das suas ultimas cartas quando, já tocado pela doença que o iria matar em breve, sonhava constantemente com uma proxima volta ao Novo Mexico e numa dellas assim dizia a Mabel: "Penso nas nossas montanhas de Taos e no rancho; não ha lugar mais bello no mundo."

Que este desabafo lhe vinha espontaneo do coração, attesta-o a sua obra, fundamente marcada dos panoramas distantes e saudosos. A *Serpente de Pennas* foi o fructo de uma viagem ao antigo dominio dos Aztecas. *Saint Mawr* talvez seja o cavallo "Contentos" que o levava em estiradas excursões pelas collinas verdejantes. E mais as *Tardes Mexicanas*, as bellas paginas dedicadas á dansa dos indigenas e não sei que outros contos de franco sabor exotico. Suppõe-se até que a ligação da dama aristocratica com o seu humilde guarda-caça, no romance de tanto escandalo, tivesse sido inspirada nos esdruxulos amores de Mabel com o tuxaua dos pelles-vermelhas.

*

O livro da escriptora americana está intercalado de copiosa correspondencia e é tanto com o seu depoimento como com as cartas do proprio

(1) Mabel Dodge Luhan — *Ma vie avec Lawrence au Nouveau-Mexique* — Traduit par Jacques-Émile Blanche et A. Pierhal — Grasset, Paris.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Lawrence e de Frieda que vamos arrumando um febricitante *puzzle*, sempre á espera de que ha de chegar um instante em que a singular figura do autor de *Lady Chatterley* surgirá completa aos nossos olhos.

Mas, puro engano. O homem é desconcertante demais. Tem mesmo qualquer cousa da salamandra que tanto gostava de invocar. Se os seus livros e os seus quadros (só agora soubemos que Lawrence tambem pintava) não se poupam aos themas escabrosos e andam até hoje perseguidos pela policia, ao menos nos paizes de lingua anglo-saxonia, — na vida social elle exigia a mais severa correcção de maneiras e não tinha ouvidos para qualquer anecdota picaresca. Vemol-o tambem extremamente adepto dos trabalhos manuaes e entregando-se mesmo, ao lado da mulher, aos mais comezinhos arranjos domesticos. Dizia elle assim agir para evitar a presença dos creados, entes estranhos á sua intimidade e cujo cheiro até lhe dava nauseas. Querem os maldizentes que com isso, elle apenas evitava indiscretas testemunhas aos terriveis bate-boccas conjugaes.

Na verdade, enfurecia-se por vezes, mas quasi sempre tinha a doçura das creanças, e o seu trato, pela seducção immanente, aureolava-lhe a figura com qualquer cousa de sobrenatural. Não foi sem razão que a sua ardente admiradora exclamou certa vez, ao vel-o surgir, semi-nú, de um banho, no rio: "E' João Baptista! Não! Não é Pedro, nem Paulo, e, seguramente, nem David nem Samsão. E não é Jesus Christo. Sim! E' João Baptista, sem nenhuma duvida. *Eu sou a voz daquelle que clama no deserto*.

*

O livro de Mabel Dodge Luhan traz admiravel prefacio de Jacques-Émile Blanche, que tambem se associou á sua traducção, e sem as paginas do pintor-escriptor, que conhece pessoalmente a autora e até já teve opportunidade de lhe fazer um retrato, não poderiamos ter respigado as notas acima sobre a curiosa figura da musa de D. H. Lawrence.

Gastão Cruls.

Leiam:

JOSE' LINS DO REGO

DOIDINHO

Preço: 6$000

Em todas as livrarias

Um livro nervoso e um escriptor inquieto

Feira Desigual possivelmente terá alguns defeitos, como todos os livros de estreantes. Mas tem um numero de virtudes muito maior. Se tem defeitos, estes resultam da dessigualdade, da falta de unidade que o proprio autor reconhece e apregôa no titulo do livro. Ha coisas que são escriptas para a vida breve das revistas illustradas, que duram apenas sete dias nos pontos de jornaes e na memoria dos leitores. Coisas que não foram feitas para serem publicadas em livro. O que lhes falta não é brilho de linguagem, não é colorido de estylo: é densidade, é substancia. Aliás, *Feira Desigual* foi escripta — declara Dante Costa no prefacio, — sem a intenção premeditada de sahir em livro. Os pedaços sentimentaes, as pequenas evocações, os quadros humildes, as irreverencias, foram surgindo aos poucos e, depois, o autor "juntando-os na mesma ordem em que tinham surgido", fez delles um livro. No pequeno volume que resultou dahi ha, porém, muita pagina admiravel, cheia de belleza e de emoção. Dante Costa sabe pintar vigorosamente, sem grandes gastos vocabulares, quadros espectaculares e scenazinhas humildes, o *confort* dos Palaces e dos *music-halls* e a existencia obscura dos suburbios tranquillos e silenciosos, onde as ruas acordam ao compasso da "musica rude dos sapatos grosseiros".

Sua pagina sobre o Carnaval, que abre o livro, é de um sabor descriptivo magnifico. Tem um gosto novo, differente. Percebe-se que Dante Costa sentiu o carnaval carioca, com todo o alvoroço da sua mocidade, misturado com a multidão suarenta, embriagada de alcool e de ether e não fez uma descripção cerebral como a de Graça Aranha, que via a grande festa carioca de pyjama de seda, do decimo segundo andar do Edificio Milton... Em *Feira Desigual*, Dante Costa prova, ao mesmo tempo, que pode ser poeta e pode ser romancista. Nas "projecções de varios planos", fragmentos que formam a primeira parte do livro, derrama-se o sentimento poetico mais puro. Nem mesmo as intenções humoristicas, que, ás vezes, cortam bruscamente essas manifestações lyricas, prejudicam o enorme dom poetico de Dante Costa. Na segunda parte, é o romancista que se revela, cheio de observações curiosas, valorisando as narrativas com detalhes interessantissimos. *Feira Desigual* não revela ainda o que Dante Costa é. Mostra, porém, o que elle pode ser. E' o livro nervoso de um joven inquieto, que ainda não encontrou o seu caminho exacto. Acredito, porém, que esse meninote jovial e cheio de vivacidade será, no futuro, um dos nossos grandes escriptores, porque tem um bello talento e um estylo pessoal e raro, muito delle mesmo...

R. Magalhães Junior.

PROPHECIA

Um dia a Terra não será
Senão o cego espaço a rodar,
Confundindo os dias e as noites;
Sob o ceu immenso dos Andes
Ella não mais terá montanhas,
Nem siquer uma barranceira.

De todas as casas do mundo
Não ficará mais que um balcão,
E do mappamundi humano
Mais que uma tristeza sem fundo;
Do que foi o Oceano Atlantico,
Um gostinho salgado no ar,
Um peixe voador e magico,
Que nada saberá do mar.

De um "coupé" á novecentos e cinco
(Quatro rodas e caminho algum!)
Tres moças, todas dessa época,
As tres em estado gazoso,
Olharão pela portinhola
Pensando que Paris é perto,
E sentirão somente o cheiro
Do ceu, que prende na garganta.

Do logar da antiga floresta
Subirá um canto de passaro
Que ninguem poderá situar,
Nem preferir, nem mesmo ouvir,
Salvo Deus que, de ouvido á escuta,
Murmurará: "E' um pintassilgo".

Jules Supervielle.
(Traducção de Ribeiro Couto).

"Educação Physica"

Está em circulação e obtem pleno exito o 3º numero desta magnifica revista technica de tão grande utilidade para o soerguimento eugenico de nossa raça. O presente volume, dedicado especialmente ao athletismo, ainda tão pouco desenvolvido entre nós, contém, além de outros trabalhos de não menor valia, um excellente estudo sobre Technica do athletismo *que ha de ser de proveitosissima leitura entre a rapaziada do nosso mundo esportivo. Convem assignalar ainda os artigos dedicados ao basket-ball, volley-ball, tennis, jogos recreativos, etc., etc. Emfim, um esplendido numero.*

MACHIAVEL E O SR. OCTAVIO DE FARIA

Este livro (1) compõe-se claramente de dois ensaios distinctos — uma apologia de Machiavel e um retrato do Brasil. Os dois themas devem ser concebidos com unidade e é precisamente nessa unidade que, segundo o sr. Octavio de Faria, reside a verdadeira e essencial razão de ser de sua obra. Por isso mesmo, investe no prefacio contra o ensaio tão penetrante e tão serio que dedicou ao livro o sr. Pedro Dantas. O que pretendeu foi tão sómente esta coisa extraordinaria: indicar na obra do florentino os remedios e os ensinamentos que poderão salvar o Brasil do chãos e da perdição. E nesse empenho desenvolve um formidavel trabalho de erudição e de critica.

Não é difficil tarefa a rehabilitação do autor do *Principe*. Outros, antes do sr. Octavio de Far4ia, já tinham dito de Machiavel que foi o menos machiavelico dos homens. Como comprehender, do contrario, que se empenhasse em justificar a hypocrisia com o alarde e a indiscreção que marcam o seu livro? Tão singela imprudencia será impropria de um homem que siga ao pé da lettra os seus preceitos. A originalidade do sr. Octavio de Faria está em que erige esses mesmos preceitos em regras de acção, tratando de justifical-os segundo a moral tradicional. Para lograr esse proposito, exalta seu personagem sobre os moralistas que configuraram a mentalidade moderna, principalmente sobre Rousseau. Machiavel é o anti-Jean Jacques. E' o homem mais indicado para nos ensinar o verdadeiro caminho a trilhar, que nos salvará da ruina e da "dissolução moral" dos novos tempos, dissolução que tanto escandaliza o sr. Octavio de Faria e que apostropha com a grandiloquencia de um novo Savonarola.

Sua idéa basica repousa sobre um pessimismo verdadeiramente consternador com relação á especie humana. "Isso que se chama o homem não presta", advertenos elle gravemente. Uma convicção dessa ordem poderia parecer um convite á indifferença ou, pelo menos, um obstaculo á acção. Como edificar qualquer coisa digna de respeito sobre fundamentos tão detestaveis? A cidade humana que concebe o sr. Octavio de Faria não pode, assim, logicamente, apoiar-se em um concerto das vontades humanas como a descrevera Santo Agostinho. O homem é imprestavel, logo será imprestavel tudo quanto seja fruto de sua vontade. Esse raciocinio, porém, não faz calar o sr. Octavio de Faria O obstaculo á acção, que apparentemente offerece, elle o transforma em um trampolim. Não é por humanitarismo que se decide a offerecer uma therapeutica para as nossas miserias, não é porque deseje o bem estar dos homens, que se dirige aos homens, levando-lhes uma taboa de salvação. O problema foi evidentemente mal posto. O que merece nossa preoccupação, nosso respeito, não é seguramente o homem, "que não presta", mas qualquer coisa que o transcenda. Tudo quanto se dirigir contra o homem, por iniquo que seja, é toleravel e mesmo necessario, desde que tenda á finalidade acariciada. Os fins justificam os meios — a these assim formulada alarma-o, mas no fundo não lhe repugna — eis a predica fundamental de seu cathecismo, como o foi a do cathecismo de Machiavel e, depois de Machiavel, a dos Jesuitas. Acima do homem e contra o homem, existe uma entidade que, esta sim, merece todo o nosso acatamento. Não é o Deus de Abrahão, de Isaac, de Jacob, nem o dos philologos e dos sabios não é a superação da ordem burgueza, atravez da lucta de classe e da revolta do proletariado, não é tambem a justiça social ou outro mytho semelhante. Essa entidade é apenas o Estado forte, conduzido pelo homem excepcional. A tendencia democratica moderna, fundada no conceito da bondade natural do homem, é assim vencida pela da tyrannia, creada pelo individuo de excepção, Cesar Borgia ou Mussolini. O Estado não será pois uma coisa abstracta e impessoal, mas algo assim como uma emanação dessas personalidades superiores. De que modo encontrar essas personalidades? Aqui emmudece a critica do sr. Octavio de Faria e isso é extranhavel em quem pretende apresentar uma solução praticavel para os problemas que o preoccupam.

Propondo-nos solução tão nitidamente inhumana, o autor de *Machiavel e o Brasil*, que é um homem amavel e bem-pensante, deverá apoiar necessariamente em uma grande idéa religiosa ou metaphysica essa sua attitude desconcertante. Nesse ponto ainda não é explicito o sr. Octavio de Faria. Em nome de que principio superior ou de que vantagem terrena os homens, em sua miseria, devem acceitar essa solução inimiga? Não é crivel que se disponham a renunciar ás suas liberdades por um ideal vago e metaphorico. Deve inserir-se forçosamente, nesta parte de suas meditações, uma convicção, que ha de ser bastante viva no autor deste livro, para explicar o seu fervor. Do contrario elle nos faria pensar, quando critica os doutrinadores do liberalismo moderno e exalta seu personagem, naquelle doutor da Sorbonne, citado por Chamfort, que dizia de um livro celebre: "E' execravel, abominavel: é o atheismo demonstrado." Não acreditamos que o sr. Octavio de Faria partilhe dessa attitude. E como elle já conseguiu tornar-se com a simples publicação deste livro, ora em segunda edição, um dos guias favoritos da nova geração brasileira, é de esperar que não tarde muito em completar a mensagem extraordinaria que nos offerece.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

(1) *Machiavel e o Brasil.*

Renato Mendonça — A influencia africana no portuguez do Brasil — Graphica Sauer — Rio, 1933.

Uma das nossas maiores autoridades em questões linguisticas e ethnographicas, o sr. Rodolpho Garcia, diz a proposito deste livro: "O thema é dos mais interessantes, a exigir competencia especial e investigação acurada. Uma e outra, cumpre adeantar, se revelam nestas paginas pelo methodo adoptado e pela bibliographia, que abona as conclusões estabelecidas." Bastam essas palavras para consagrar o trabalho do professor Renato Mendonça, tambem justamente louvado, em bello artigo inserto aqui mesmo no *Boletim de Ariel*, pelo sr. Arthur Ramos, outro paciente investigador em taes assumptos. Impõe-se, dest'arte, á estima de muitos leitores uma obra a que o autor se dedicou com tamanha probidade intellectual, seja pesquizando directamente nas zonas brasileiras em que ainda perduram innumeros modismos de dialectos africanos, seja documentando-se ricamente em scientistas que fazem luz decisiva no tocante a problemas de raça e linguagem. As considerações geraes do sr. Renato Mendonça parecem-nos sempre das mais substanciosas, interessando bastante as paginas sobre a phonetica e morphologia do quimbundo e as digressões em torno ao nosso folk-lore e á nossa "litteratura da escravidão". Mas, acima de tudo, o vocabulario de "termos africanos usados no Brasil" é qualquer coisa de invulgar em nossas lettras philologicas, como originalidade ou força de coordenação dos elementos apresentados.

DE NOVA YORK

LIVROS E AUTORES

Henry L. Mencken, que representa no scenario das lettras norte-americanas o papel que Bernard Shaw desempenhava no da litteratura ingleza, papel de satirista impenitente, acaba de deixar a direcção do *American Mercury*, o mensario da chamada classe pensante, que, nem por isso, prescinde dos seus mentores.

Durante muitos annos, desde a sua fundação pelo proprio Mencken, o *Mercury* se distinguiu pela escolha dos assumptos tratados e pelas notas editoriaes do seu redactor-em-chefe, assim como pelos seus commentarios bibliographicos. Foi numa dessas apreciações sobre livros novos, que o autor do *Tratado dos Deuses* comparou o processo biographico de Gamaliel Bradford ao do inglez Strachey. O bom velhinho não achou justa a comparação, mas preferiu apparentemente sorrir e calar. Só o outro dia, mezes depois da sua morte, ao vir a luz o seu volumoso "diario", deram os leitores com um lançamento datado do tempo do artigo do *Mercury*, que assim concluia: "Ou Mencken não me leu ou não leu Strachey".

Não obstante esses lapsos, o magazine de Mencken prestou um serviço inolvidavel ás lettras americanas, pois nas suas paginas se fizeram muitos dos novos, que de outra forma, sem o apoio do director do *Mercury*, teriam talvez cahido na degradação dos *bread-lines*. Mencken escolhia os seus collaboradores não pela aureola que porventura lhes circumdasse os nomes, mas pela somma de idéas de que fossem portadores, especialmente quando estas, como os quandús, se apresentavam eriçadas de espinhos. Collaboradores de farpa, é o que queria Mencken.

Dizem os criticos do critico que elle costumava condimentar ao seu geito o trabalho dos ensaistas novos, afim de que a revista não perdesse o seu caracter menckeniano. Que elle se esforçava por lhe imprimir uma certa e marcada originalidade, prova-o, entre outros, o seguinte facto: quando as idéas technocraticas andavam a saltar pelas pontas dos cabellos de muita gente e que livros e revistas traziam á frente, em lettras gordas, *All about technocracy*, — a publicação de Mencken sahiu envolta numa faixa azul, com este distico: *Nem uma palavra sobre technocracia!*

Claro, era o reclamo pela inversa.

Para substituir Henry L. Mencken na direcção do *American Mercury* foi escolhido outro Henry — Henry Hazlitt — director da revista *Nation*.

— *Anthony Adverse*, por Hervey Allen (Farrar & Rinehart, editores, New York) é um *livrão* em todas as accepções do termo: tem 1.200 paginas e delle, em seis mezes, já se venderam 300.000 exemplares. Não me reporto á sua substancia porque, confesso, não disponho de lazeres para tamanho numero de folhas.

— Traduzido por Margaret Richardson, a mesma que verteu para o inglez *Domitila* (a nossa *Marqueza de Santos*) e *Made in Hollywood* (*Hollywood*, de Olympio Guilherme), appareceu e "desappareceu" *Fraulein*, versão de *Amar, verbo intransitivo* de Mario de Andrade.

Por que será que os livros brasileiros não conseguem agradar a leitores norte-americanos? *Ask me another!*

— William MacFee é um ex-capitão de navio, que á maneira de Conrad, ganha fartamente a sua vida pondo em volumes bem escriptos as suas aventuras maritimas. Do seu novo livro *No Castles in Spain* venderam-se 10.000 exemplares nas duas primeiras semanas, quasi todos comprados pelos collecionadores das primeiras edições das obras de MacFee.

Assim são as coisas: uns transformam as lembranças em dinheiro e felicidade (dado que o autor receba como tal o seu exito litterario); outros nem sequer se lembram se jamais foram felizes.

— Pearl S. Buck é filha de um missionario protestante. Em pequena ainda, levou-a o pae para a China, e lá, na reclusão da familia e no trato dos suavissimos pensadores de rabicho, se formou o seu espirito. Casou-se, teve filhos e na disseminação das "verdades christãs" empregou grande parte da sua mocidade. Ha uns tres annos, porém, surgiu ella com um livro esplendido — *Good Earth* — que a fez famosa da noite para o dia e quasi lhe traz a excommunhão do Synodo Protestante.

Depois daquella estreia já surgiram *Sons*, continuação do *Good Earth*, e *Mother*, que agora está sendo publicado em série pelo magazine *Metropolitan*. Todos baseados na vida rural desse paiz interessante, de onde recebemos o chá e o monjôlo.

Mas, lado a lado com o *Mother*, surge Pearl S. Buck com um dos classicos chinezes — *All Men are Brothers* — por ella traduzido da lingua dos mandarins para aquelle seu inglez de trechos sonoros, arredondados, que pela sinceridade e desartificio dos dizeres nos faz recordar o "em verdade, em verdade vos digo" dos evangelhos. A obra é em dois volumes e foi escripta ha bons quinhentos annos por Shui Hu Chuan... classico, já se vê!

Assim como em Manáos, numa glorificação inconsciente ao seu épico, houve um portuguez que intitulou de "Mercearia Luiz de Camões" a casa onde vendia bacalháu e cebollas do reino, — houve em Nova York um pobre chinez, que em homenagem ao talento de Pearl S. Buck, deu o nome de *Good Earth* ao seu hotelzinho de miseria, á rua 49, onde se come arroz com uns pausinhos...

ARTHUR COELHO.

João Ribeiro Pinheiro — Historia da Pintura Brasileira — Casa Leuzinger — Rio, 1933.

Não se trata propriamente de uma "historia da pintura brasileira", mas de uma série de estudos que serão bastante uteis a quem quer que se proponha a ultimar essa historia, em obra perfeitamente coordenada. Neste livro são evidentes os progressos do autor sobre os seus livros anteriores. A parte referente ás suggestões da paizagem e do elemento autochtone, em geral desaproveitadas ou mal aproveitadas pelos nossos artistas, é exposta com desenvoltura e numa linguagem em que o prosador consegue, por sua vez, os mais brilhantes valores de expressão pictorica. O livro, muito bem confeccionado typographicamente, traz uma capa estylizada de N. Seelinger, um bello retrato de H. Cavalleiro e um expressivo ex-libris de Cornelio Penna, além da util reproducção de télas e desenhos de Almeida Junior, Di Cavalcanti, Corrêa Dias, Navarro da Costa, Garcia Bento, P. Weingartner, Haydéa Santiago, Baptista da Costa, Levino Fanzeres, Jordão de Oliveira, Vicente Leite, Orosio Belém, C. Chambelland, Manoel Santiago, Lucilio de Albuquerque, A. Bracet, Georgina Albuquerque, Aurelio de Figueiredo, Antonio Parreiras, Victor Meirelles, Rego Monteiro, Helios Seelinger e Wast Rodrigues.

A casa de Edgar Poe

Edgar Poe é uma das poucas figuras universaes das lettras americanas. Sua vida e sua obra se incorporaram á litteratura geral.

Sua vida dolorosa e aspera passou-se em grande parte, em Nova York. Lá se conserva o principal recanto dos seus males e das suas dôres. A casinha humilde de Fordham é conservada pela piedade da Sociedade de Artes e Sciencias de Bronx.

O pequeno chalet occupado pelo poeta em 1846, era situado a leste de Kingsbridge Road no começo da ladeira Fordham, na actual rua 192. Ahi viveu com a sua mulher e sogra os seus tres ultimos annos. Ahi morreu a sua querida Virginia. O typo da casinha é das construcções singelas americanas, tão communs depois da guerra de independencia. Comprehendia primitivamente 2 quartos no pavimento terreo e 2 na agua furtada.

Mais tarde, em 1876, devido ao alargamento da rua, foram forçados a mudar a casinha, collocando-a no Park Poe. Pela situação em que está, afogada em arvores, lembra bem o recanto em que Poe gostava de passear e cuidar dos seus canteiros. A mudança, infelizmente, impôz alterações, como sejam a suppressão de uma porta e da humida adega do poeta.

Hoje, procurou a Sociedade de Brong fixar, por meio de photographias e plantas detalhadas toda a casa, permittindo uma reconstrucção integral a qualquer momento. O trabalho de investigação feito em 1921, necessario á restauração do predio, de modo a dar-lhe a pintura e decoração internas de 1846, foi longo e penoso. São originaes apenas a cadeira de balanço, um espelho, a cama, esta encontrada em um celleiro da vizinhança. Tudo o mais fôra distribuido por amigos e vizinhos, depois da morte de Poe.

A commissão teve de proceder a pesquisas entre livros, jornaes e testemunhas pessoaes escassas, para restaurar o resto do mobiliario.

A casa tem o aspecto modesto, quasi pobre, simples e asseiado do seu grande habitante.

Lá está o quarto em que morreu Virginia, enrolada num casaco do marido, cheia de frio, sobre uma cama coberta de palha, num sabbado triste de Janeiro de 1847. E ali, naquella casinha branca, entre arvoredos, flores, passaros e um gato, viveu, soffreu e morreu o genio doloroso que creou aquelles versos que percorrem todos os quadrantes, em original ou traduzidos, com o dobre funebre e presago que Machado de Assim exprimiu em forma inesquecivel.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

CASA FLORA

Matriz: OUVIDOR, 61 — Tel. 4-1281

Filial: GONÇALVES DIAS, 67 — Tel. 2-0486

Trabalhos modernos em flores para todos os fins. — Importação directa de sementes de flores e hortaliças. — Installação, formação e reforma de Jardins e Parques.

"O GOROROBA"

Em uma serie de longos artigos publicados em *Litteratura* o sr. Octavio de Faria estudou diversos romances de escriptores nortistas, que segundo a sua opinião representavam a "Resposta do Norte" a um artigo do sr. Tristão de Athayde. Entre esses romances deixou o sr. Octavio de Faria de incluir *O Gororoba*, da autoria do escriptor bahiano Lauro Palhano. Não sei o porque desse esquecimento. Se bem o livro de que falo não esteja — como romance — á altura de *Os Corumbas* ou de *João Miguel*, é bem melhor que *Os Inquietos*, por exemplo.

Um volume entupido de defeitos, sem duvida. O autor é a toda hora tentado a fazer philosophia, chegando a crear um personagem-medico filador de comida que acaba frade (sempre o amor pela vagabundagem...) — unicamente para philosophar. Mas a primeira parte de *O Gororoba* traz um vastissimo documentario, um material immenso sobre a vida dos operarios amazonenses e sobre os maritimos.

Soffre esse romance de um mal que apparece tambem na *Bagaceira*. Como o livro do sr. José Americo, *O Gororoba* tem trechos escriptos na mais saborosa linguagem brasileira e paginas em portuguez puxado a classico, cahindo na rhetorica tola dos discursadores baratos.

Gosto da primeira parte do livro, apesar das coisas confusas, do accumulo de material que poderia ser melhor espalhado.

Já a segunda parte (vida dos operarios no Rio) não me agrada. O sr. Lauro Palhano torce o sentido do livro, torce a vida dos seus heroes e termina o volume em pleno socialismo christão (amae-vos uns aos outros...). Faz o operario fugir do seu caminho de revolta para cahir na *conformação* que os padres pregam. Ahi sente-se a falsidade do livro. O autor que tanto clamou contra a situação de miseria do operariado se conforma com ella. Talvez que ao terminar a factura do seu romance o sr. Lauro Palhano não fosse mais operario...

Me admira o sr. Octavio de Faria não ter citado esse livro entre os romances de que tratou. Um romance como *O Gororoba*, que dá uma solução tão burgueza ao problema operario (o admiravel é que o sr. Lauro Palhano dá uma solução...) não podia deixar de ser applaudido pelo reaccionario do *Destino do Socialismo*, que vê antes de tudo num grande romance como *Os Corumbas*, o livro que é uma bandeira ao lado da burguezia (artigo no *Boletim de Ariel*), e que collocou todo seu talento a serviço da sua classe, chegando a fazer critica litteraria partindo de um ponto de vista politico...

JORGE AMADO.

Sebastião Fernandes — **Memorias de Cesario Brandão** — Irmãos Pongetti — Rio, 1933.

O sr. Sebastião Fernandes tem sido varias vezes premiado em concursos litterarios do paiz, sendo que, num delles, a distincção lhe foi conferida por voto unanime dos srs. Ronald de Carvalho, Tristão de Athayde e Agrippino Grieco. A proposito de trabalhos seus, anteriormente publicados, já se manifestaram os sr. João Ribeiro, que encontrou, nelle, "facilidade e elegancia na arte de narrar"; Henrique Pongetti, que o deu como "prosador esforçado e original"; Benjamin Lima, que lhe reconheceu "os attributos de *conteur*". E agora, este volume de memorias attesta, por parte do sr. Sebastião Fernandes, o desejo de fugir á vulgaridade, de encontrar, para o assumpto novo, a expressão pittoresca e inedita.

Dois escriptores do Brasil

Que aguda penetração, a de Osorio de Oliveira, quando fala do Brasil! Escriptor portuguez, o seu espirito portuguez é differente, passado a limpo. Nada do gosto de recordar, que marca a sensibilidade lusitana. Nenhum culto fetichista pelo passado glorioso da velha terra iberica. Apenas a alegria de ser de Portugal, e a fé. Para elle as caravellas navegadoras só podem ser usadas, actualmente, como symbolos. Indicação de rumo, convite de marcha, intenção de movimento e energia...

Critico, elle une Portugal e Brasil na mesma emoção, mas o Brasil ganha o melhor da sua ternura, talvez porque só ternura lhe tenha dado o Brasil nos dias amaveis da sua infancia passada em São Paulo... Sob todos os prismas o Brasil lhe interessa. E em todas as altitudes. Elle penetra nas nossas coisas com uma firmeza de flécha. E vae matando os argumentos contrarios ora com Waldo Franck, ora com Madariaga, ora com este ou aquelle sociologo, mas quasi sempre comsigo mesmo. E' da sua observação directa que elle tira as conclusões que vêm no *Espelho do Brasil*, livro limpido onde a litteratura, a musica, a vida, os elementos que irão formar a nossa unidade, que elle já acceita em parte, estão presentes e vivos, e, o que é melhor, sem capitulos estanques, com titulo pomposo e sub-titulo pedante. Osorio de Oliveira, escriptor repleto de idéas, espalha idéas sem a catalogação dos que pretendem ser citados, despreoccupando-se inteiramente desse plantio precioso...

Elle, que se confessa "um ser entre duas patrias", é, assim, um escriptor brasileiro. Brasileiros são os seus assumptos melhores, brasileiras as suas meditações mais certas, na procura de penetrar nesse nosso paiz tão informe e multiplicado. Somos uma nação no plural. Paiz menino, o Brasil não ganhou ainda unidade, e o seu retrato ainda não poderá ser feito por isso que lhe faltam as linhas caracteristicas. A nossa cultura não se processou com uniformidade, como uma vaga que subisse por todo o corpo do Brasil. A nossa sensibilidade, ao sabôr desta ou daquella predominancia ethnica, não é a mesma em tôdas as regiões. Tudo isso Osorio de Oliveira sentiu, depois de ter visto. E tudo isso elle conta naquelle seu estylo claro, despido de ornatos, liberto da prolixidade e da adjectivação excessiva e ornamental dos escriptores lusos.

A gente só comprehende o que ama. Osorio de Oliveira fica sendo escriptor brasileiro, pois o seu espirito, a sua sensibilidade, a sua intelligencia e o seu coração, não deixam sentir fronteiras...

*

Peregrino Junior, este nasceu mesmo no Brasil, perto da terra de dona Nisia Floresta. Mas, inquieto e agil por dentro do corpo magrissimo, cedo foi para o Pará, que o guardou muito tempo. Não sei se o seu gosto pelo movimento vem do facto de ter morado defronte de um "stadium", como Osorio de Oliveira, que confessa no seu *Diario Romantico* ter passado tempos de viva agilidade intellectual residindo em uma casa de cujas janellas via partidas elasticas de futeból... Sei que Peregrino Junior, do seu quartel general de Belém, em lances verdadeiramente esportivos, varou a Amazonia em todas as direcções, aventurando-se com meu pae, com Raymundo Moraes, com Nunes Pereira, ou sozinho, pelo vasto trançado daquelles furos e igarapés.

Dessa sua directa observação, resultou o dominio que elle tem das coisas amazonicas. E desse dominio, na segunda emigração que Peregrino effectuou, surgiu a ultima phase do escriptor, iniciada com *Pussanga* e continuada, agora, em *Matupá*.

Este, como aquelle, é um livro de quem sentiu profundamente a Amazonia. Os seus contos são trechos daquella vida, e têm o cheiro, a côr, o sabôr da terra. A natureza, lugar-commum dos que escrevem sobre o assumpto, fica, em Peregrino Junior, em plano secundario. Apenas entra nos detalhes, descripta ligeiramente por tres ou quatro phrases, quando o escriptor fala daquella paizagem em que, "vagaroso, lambendo o ventre visguento da matta pelluda, o rio descia impando que nem sucuri de barriga cheia"...

O elemento humano é o que lhe interessa, em toda a sua barbara realidade. Naquelle chão de lama a vida tem que ser uma sub-satisfação. E o soffrimento tem que impressionar a todos os que cuidem da Amazonia litterariamente. Digo litterariamente no bom sentido, isto é, fazendo da Amazonia thema litterario, como elle, Alberto Rangel, Gastão Cruls, Ferreira de Castro, etc. Não incluo ahi, está visto, os que fizeram e fazem sciencia sobre a Amazonia, como esse allemão Koch-Grunberg, que desencavou Macunaima no seu *Von Roroima zum Orinoco* e já motivou, sem querer, uma apressada divergencia entre Mario de Andrade e Affonso Arinos de Mello Franco...

Em *Matupá*, deixando de lado *Os cherimbabos do tucháua*, *A frente unica*, e *Politica Municipal*, que são satyras aos nossos risonhos costumes politicos, a gente trava conhecimento com uns homens que não são os do littoral, com umas mulheres que não se parecem com as mulheres quotidianas da cidade, com uma terra que ainda não se sabe como é. Mas, homens e mulheres, no fundo, profundamente iguaes. Ligados pelo soffrimento. Esmagados pelo peso de uma serie de questões que atormentam: a terra que não acaba (*terras do sem fim*, de Raul Bopp), o rio que tem lama, mosquito, boiunas e jacarés, a saudade, o sexo insatisfeito, a superstição, a presença de seres e coisas que amedrontam...

Matupá quer dizer ilhasinha de capim flutuando na correnteza. A gente imagina Peregrino Junior descendo o rio num matupá, attento, vigilante, e escrevendo o seu livro encantador...

DANTE COSTA.

POEMA NO VACUO

Os braços abriram-se na noite
e fecharam sem apertar nada.
Os labios fizeram um beijo
e recolheram o frio do nada.
Coração bateu mais forte.
Por que? Não havia nada.
Os olhos buscaram a luz.
Nada, não viram nada.

Mas um dia, braços e labios,
coração, olhos inuteis,
encontrareis dentro do nada
o corpo bambo da amada
que não vos dará mais nada.

JOSÉ GUIMARÃES ALVES.

Livros a apparecer

"Fantasias e Matutadas"

Por todo o mez corrente, Ariel, editora ltda. deverá lançar uma nova edição do livro Fantasias, *de Maria Eugenia Celso, a festejada escriptora que todo o Brasil admira.* Fantasias e Matutadas *será agora o titulo dessa deliciosa collectanea de versos, cheios de espontaneidade e finura e onde não raro reponta um traço do mais saboroso humôur ou da mais mordente ironia. E' que além de reunir todas as poesias da primeira edição, entre as quaes não devem ser esquecidas* Frivoleta, Eu gosto de você, O "dono é mobile" *e tantas outras tão conhecidas e apreciadas, ainda collige bôa copia de producções nunca publicadas em livro, mas não de menor successo, como* Telephonada, Disco, Rasteira *e, principalmente as celebres* Matutadas, *em que merecem citação especial* Meu home *e* A reza da Cannuta, *já em pleno dominio da consagração popular.*

—

"Lampeão"

O nome deste famigerado bandido, de tão triste celebridade, está constantemente na berra e, agora, raro é o dia em que os nossos jornaes não lhe dedicam extenso noticiario. Tudo o que se tem dito, entretanto, acerca do terrivel cangaceiro e das suas atrocidades atravez do nosso sertão tem sido até hoje fructo de reportagens apressadas, sem o cunho do verdadeiro documentario, tão em voga actualmente na Europa, mas que além de probidade e zelo, exige a penna de um consummado escriptor. Ranulpho Prata, nome já conhecido nas nossas lettras, acaba de realizar esse trabalho numa obra que deverá apparecer ainda este mez e está fadada ao mais justificado exito. Em outro local desta revista o leitor poderá certificar-se da justiça dessa nossa asserção, lendo a bella pagina em que o sr. Ranulpho Prata, num estylo vigoroso e muito seu, nos retraça um impressionante perfil de Lampeão. O livro, ornado de numerosas gravuras, acha-se dividido em nove capitulos, cada qual mais interessante, pois nelles se succedem e multiplicam as proezas e atrocidades sem conta praticadas pelo façanhudo bandoleiro. Caberá a Ariel Editora a divulgação deste livro sensacional.

—

"Paulistica"

Paulo Prado, o historiador consagrado do Retrato do Brasil, *vae dar muito breve uma segunda edição da* Paulistica, *obra com que se impôz logo de inicio á admiração de quantos vêm nelle, actualizados, os dons de seu tio Eduardo, figura invulgar das nossas lettras. Trata-se de um texto refundido em que o leitor encontrará, além daquelles estudos que tanto interesse despertaram no momento da sua publicação, outros ensaios absolutamente novos e de não menor valor para o esclarecimento da historia de São Paulo. Insistindo no exame dos factores economicos, elemento hoje muito utilizado pelos historiadores, o eminente escriptor patricio, nessa reedição, dedica dois largos capitulos ao* Caminho das Minas *e ao* Martyrio do Café.

O romance "Cahetés"

O que nos impressiona no romance de Graciliano Ramos é a sua força de humanidade, é a sua plastica expressão de vida e movimento. A realidade, attingida pelos processos directos e incisivos do escriptor alagoano, chega a uma rara condensação. Os factos, as cousas, os homens movimentam-se numa atmosphera sem nada de artificial; vivos e exactos, através de uma notavel densidade de descriptivo, transitam pelo primeiro livro de Graciliano Ramos com uma naturalidade que não é a dos heroes e dos casos de mentira. Sente-se no *Cahetés* é a força intima do documento humano; elle é uma luminosa photographia da multidão, realizada por um que acredita naquella realidade historica dos acontecimentos, tão dentro dos grandes romances, de que Duhamel falou num recente ensaio.

Talvez o que mais influa para dar ao *Cahetés* toda essa impressão de vida, toda essa communicabilidade, seja a segurança de sua factura, o admiravel de sua realização. Graciliano Ramos tem, como romancista, qualidades de poucos no Brasil. Tem uma simplicidade, uma disciplina, uma seccura de fala que fazem o caracter meio exotico de sua physionomia. Escriptor mais proximo da aridez que da fartura, mais amigo da pobreza que da riqueza de estylo, o romancista alagoano é bem um exemplo vivo de que tambem em litteratura a banha não é signal de saúde; a sua magrem de ossos de fóra é o seu natural, é a sua mais espontanea maneira de dizer as cousas, e não um simples milagre de jejum constante, uma pura renuncia ás plumagens.

Em muitas de suas paginas a gente percebe que Eça deixou nelle marcas fundas; muitas de suas qualidades e alguns de seus defeitos se fixaram, sem o querer do autor, no seu caracter. Porém no corpo do romance ha uma expressão pessoal de narrador. E esse poder de animar os homens e os factos, em Graciliano Ramos, não é resto de banquete de Eça de Queiroz: é cozinha especial, é comida de primeira mesa.

Quando eu li *Cahetés*, ha tres annos, senti uma impressão de caricatura: caricatura de massa, com a grandeza natural da bôa caricatura mas tambem com as desvantagens de seu sentido de deformação da realidade, apenas. Suggestionei-me que Graciliano Ramos se especializara em maus tratos com os seus heroes, dando-lhes uma vida de escravos e não de gente. E nunca uma impressão foi mais falsa, nunca me trahi tanto a mim mesmo. Todo o pessoal de *Cahetés*, com quem tive uma apressada convivencia de poucas horas, tem uma vida de gente de carne e osso, intensa e infeliz no seu grotesco. E a prova é que commigo ficaram João Valerio — com a sua paixão de sexo exaltado pela Luiza, mulher do patrão, com os seus enthusiasmos litterarios e as suas quedas —, e o Adrião, com os seus achaques e os seus chifres, e o dr. Castro promotor, o padre Athanasio, e as Teixeiras, e o dr. Liberato, medico de provincia, e o Nicoláu Varejão, o das mentiras fabulosas, todos elles. A vida monotona da cidadezinha — Palmeira dos Indios, que serve maravilhosamente de *décor* ao romance de Graciliano Ramos — fixa-se fortemente em *Cahetés*, com alguma cousa de grande, de real, de densamente humano.

VALDEMAR CAVALCANTI.

— Todos os livros de Victor Bérard em torno á exegese de Homero, tendem, acima de tudo, a provar que a época em que viveu o autor da *Iliada* foi uma época de grande civilização. Estando, nesse particular, de accôrdo com Frederico Nietszche, para quem a decadencia hellenica começa com Socrates, Bérard nada via de barbaro, de selvagem, no periodo evocado por Homero, como testemunha directa, quasi como participe das batalhas ou das viagens que descrevia. Ao contrario, o hellenista francez enxerga entre os contemporaneos do cantor de Achilles e Ulysses provas de grande urbanidade, de extremo requinte nos contactos sociaes. E lendo-o, o leitor mais avesso ás cousas gregas, de que tanto se tem abusado seculos em fóra, não deixa de reintegrar-se num mundo dos mais polidos, dos mais respiraveis, em que as matanças e as pilhagens não pódem fazer esquecer as delicadezas dos idyllios, da vida pastoril, dos dialogos á sombra dos platanos...

— O Sr. René Cambe, aviador de caça durante a grande guerra, acaba de publicar um livro dos mais empolgantes em que relata, com emoção e conhecimento de causa, os mais gloriosos feitos da aviação franceza durante o tragico quatriennio.

Retrato de Lampeão

Contando actualmente 35 annos, Virgolino Ferreira é côr de bronze escuro, tem um metro e oitenta e cinco de altura, torso masculo, cabellos pretos, lisos e compridos, cahidos sobre os hombros, feições duras, mas harmoniosas, sem nenhum estigma physico de atavismo. Excellente dentadura. O olho direito cégo por um garrancho de jurema, lacrimeja constantemente, protegido por oculos de aros de ouro. Membros inferiores adelgaçados e finos em relação ao tronco. Pés seccos, descarnados, entremostrando os tendões, enfiam-se em alpercatas choviscadas de ilhózes multicores. Os musculos das suas pantorrilhas de andarilho repontam em relevo nitido, como uma perfeita dissecação anatomica de amphitheatro.

O que mais impressiona no seu physico chocante são as mãos: são terrificas, expressivas, revelando um temperamento, uma vida. Extraordinariamente longas, no dorso, sobre um leque de tendões enrijados, dansam-lhe arabescos escuros, de veias turgidas; recobre-lhe as palmas uma crosta aspera e acinzentada como pelle de batrachio; os dedos finos, osseos, compridos, terminados em unhas corneas e ponteagudas, ennegrecidas como echymoses, ostentam innumeros anneis, falsos e verdadeiros. Mãos ferozes, convulsivas, astuciosas, brutaes e ávidas. Parecem sempre febris, frementes, animadas de estranha vida, como se cada musculo e cada nervo estivesse a receber continuamente a excitação de uma agulha electrica. Mãos que possuem habitos horrendos, paixões furiosas. Se se elevam no ar traçam gestos de punhaladas, de estrangulamentos de gorjas.

Na perna esquerda, cicatriz de bala recebida nos sertões de Pernambuco, em combate com o major Theophanes que, por sua vez, foi attingido por um tiro que lhe rasgou na face larga deformidade. Enfeita-lhe o peito comprido lenço de côres vivas, atado no pescoço por grande e vistoso annel, deixando ver, ao esvoaçar das pontas, medalhas do padre Cicero, breves, bentinhos e rezas que lhe fecham o corpo, resguardando-o das balas. Na cabeça grande chapéo de couro macio de veado, batido na frente e atraz, com ornatos de correias e pequenas borlas de algodão. A jugular bem presa sobre o queixo e a testeira, colorida de ilhózes como um diadema rustico, cintando o frontal num ajoujo.

Veste ás vezes brim kaki e outras camisas de bulgariana e paletó e calça de riscado, de mescla sertaneja. Bornaes, cartucheiras, cantil, prato de aluminio, tudo forma uma só peça ligada ao corpo por uma só cinta com tres ordens de balas. Afivellada a cinta poderá correr e pular sem que nada se desprenda. Nos embornaes traz pequena pharmacia: tintura de iodo, sabão aristolino, iodureto de potassio, indispensavel para a limpeza do sangue. Lapis e bloco tambem não o desacompanham para os famosos bilhetes solicitando dinheiro. Além das cartucheiras da cinta, tem mais as que cruzam o thorax, em duplicata, acurvando-o. Pendem-lhe dos lados duas pistolas Parabellum e um punhal que mede setenta e oito centimetros de lamina. Das mãos não lhe sáe como bengala amiga o fuzil do exercito, typo 1908, de bandoleira enfeitada de medalhas e libras esterlinas já examinadas por ourives curioso.

Enrodilha-se na cintura, sobre todos os apetrechos, á moda das faixas portuguezas, um trançado de malhas finas como jererés de pescarias: é o "papo de ema", o cofre, a burra portatil onde o bandoleiro traz o dinheiro em cedulas de numeros graúdos, bem acamadas, cabedal que atinge, nos tempo de boas colheitas, setenta a oitenta contos. Cedulas humildes de 1$000 a 2$000, para não fazer volume, não têm a honra de ser engulidas por aquelle papo insaciavel. Nickeis e prata tambem não carrega: é peso a evitar. Orça-lhe o equipamento rustico em quarenta kilos.

Não só elle como todos os cabras têm forte almiscar, cheiro activo e accentuado de rancho de ciganos. Por onde passam deixam o ar impregnado por longo tempo. E' uma mistura de sujeira de porcos e perfumes de variadas qualidades, com que ensopam cabellos e lenços.

Satyro, dominado sempre do supersexualismo denunciador do desequilibrio somatico evidente, tem uma amante famosa, que o acompanha, Maria Déa, de vinte e poucos annos, cabocla sympathica, de cabellos de negror de quixaba madura, filha do velho Cazé e natural da Malhada de Caiçara, municipio do Geremoabo. Casada, o marido é seu cabra, excepção notavel nos sertões, explicada sómente pela ascendencia moral do fascinora.

*

Cruel, vaidoso, considera-se interventor do Nordeste, alardeando a sua superioridade sobre todos os cangaceiros que andaram em correrias por esses sertões. Não fita as pessoas com o unico olho que lhe resta. Olha sempre por baixo ou de soslaio, num relance fugaz. E' retrahido, pouco communicativo, não gostando muito de conversa. Quasi nunca solta gargalhadas gostosas como os da sucia. O seu riso pouco e sobrio parece parar no larynge, transformando-se num quasi gargarejo. Tem fala lenta e remorada, mas brusca e autoritaria. Diz as coisas muito erradamente: telegrápho, majó, dotô, seveja, punhá, etc. Tem fama de bom pagador.

A sua religiosidade é feita de um fetichismo barbaro, de abusões catholicas, e se condensa em um mysticismo extravagante e selvagem. Finge mais superstição do que possue, com o fim de crear em torno de si atmosphera de mysterio e sobrenatural. Traz pendente do pescoço saquinhos encardidos contendo rezas salvadoras, bentinhos milagrosos, medalhas protectoras e um grande Christo em ouro massiço, roubado a uma senhora da aristocracia rural de Pernambuco. Não esquece a oração do meio-dia, hora má, como a da noite em que o diabo se solta para perder as creaturas. Quando o sol se inclina e lhe cáe em raios verticaes sobre a cabeça, a sombra minguada aos pés, nos pousos, nas estradas, nos combates, elle verga os joelhos, genuflexo no chão duro, pende a cabeça humilhada e, contricto, com a grande mão ossuda a bater no peito, reza com fervor. Os companheiros em torno fitam-no cheios de respeito estranho.

Faz encenações que o revelem homem de mandingas. No povoado Novo Amparo almoçou em uma casa pobre com quatro velas accesas nos quatro cantos da sala, fazendo a sua hospedeira acreditar que era senhor de rezas fortes que protegiam. Jámais desrespeitou um padre. Trata-os como pessoas sagradas, intocaveis, merecedoras de respeito e garantia. Quando os topa pelos caminhos, apeia-se pressuroso e humildemente lhes beija as mãos.

Como todos os companheiros, traz longos cabellos

DE PARIS

THEATRO FRANCEZ MODERNO

Um romance de Gide no theatro

Autores ha cujas obras, por mais transcendente que seja a idéa dellas, podem ser adaptadas ao theatro, e mesmo ao cinema. Ha outros cujo pensamento parece impossivel de acommodar-se ao rythmo scenico.

Dostoiewsky, por exemplo, póde dizer-se que escreveu para o cinema. A maior parte dos seus livros nada têm a perder numa bôa adaptação espectacular. Ao contrario, muitas das suas paginas, mesmo aquellas que o poder de evocação do seu estylo torna magistraes, ganhariam com a representação cinematographica, si enscenadas com talento e competencia. Lembra-me, por exemplo, a scena do banho de vapor das *Recordações da casa dos mortos*. Este livro, de resto, contém o scenario e o *découpage* dum dos melhores filmes de grande espectaculo, ao mesmo tempo que de subtil psychologia, que um Cecil B. de Mille e um W. Pabst poderiam realizar sobre a Russia dos tzares. Infelizmente, o partido artistico que os Soviets tiraram dessa obra — num filme intitulado *Dostoiewsky*, que passou aqui — é por demais mediocre. Em compensação, porém, de *Os irmãos Karamazofff* os allemães fizeram, ha dois annos, uma das melhores fitas da época. Por outro lado, *Crime e castigo* mantém-se no Théâtre Montparnasse desde a primavera passada, com exito inegualavel. Gaston Baty, o extraordinario animador do theatro francez moderno, realizou a *mise-en-scène* de *Crime e castigo* do ponto de vista cinematographico: o *découpage* do romance foi feito para o palco como si o fôra para a téla; os quadros se succedem quasi com a rapidez e a diversidade das scenas de um film, — o que conserva acceso o interesse visual e resume, pelo movimento, as longas analyses psychologicas que o dialogo gesticulado tornaria monotonas.

Si esta necessidade imprescindivel de acção, e de acção rapida, que caracteriza o cinema e o theatro modernos, permitte levar á scena certos romances, mesmo os de mais complexa psychologia, parece ser essa condição, entretanto, um obstaculo inabalavel para a transposição de uma obra de Gide ao theatro.

Ora, o novel theatro *Art et Travail* acaba de montar, no *"Studio des Champs-Elysées"* (cuja reputação de ousadia está ligada á vanguarda de todos os movimentos artisticos) uma "sotie", uma farça á man'eira medieval, tirada de *Les Caves du Vatican*. Cabe lembrar que o grupo *Art et Travail* reune personalidades do valor de André Gide, Luc Durtain, A. Honegger, Paul Colin, André Boll, Paul Gsell, Firmin Gémier, etc. A peça foi adaptada por Mme Lartigaud.

Numa entrevista dada á imprensa, Gide assim se exprimiu sobre essa adaptação: "Desde ha muito, eu vinha pensando numa adaptação cinematographica deste meu livro. Mas nunca me viera á idéa leval-o ao palco; isto me parecia impossivel... Acho que Mme Lartigaud tirou dos dialogos do meu livro o melhor partido. Evidentemente, a necessidade de encurtar certas scenas, de condensar varios dialogos esparsos pelo livro num unico, destinado ao palco, occasionou certas inverosimilhanças psychologicas... Si eu mesmo tirasse uma peça de *Les Caves du Vatican*, escrevel-a-ia de modo muito diverso... O que, porém, me seduziu na empreza desses jovens enamorados da belleza, foi a ausencia total de grandes recursos financeiros. Com possibilidades tão vagas e meios tão precarios, todo o interesse da peça se concentra no texto e no jogo de scena dos actores".

Eu, por mim, não creio que essa bôa vontade baste para justificar tão arriscada empreza... Como muito bem notou Etienne Rey, esses theatros ditos "de arte", em geral, só encontram divertimento em coisas que caceteiam supinamente o commum dos mortaes. Esses pretensos "animadores" (ia quasi escrevendo: "amadores") de bôa vontade têm idéas estranhas a respeito do que é comico: elles tomam o prazer do trabalho e do esforço proprios pelo prazer do publico... E, cheios da mais commovedora bôa fé, enganam-se ás vezes redondamente quanto ao interesse e ao valor do que emprehendem. Em resumo: não sabem distinguir o que torna uma peça viavel duma peça impossivel. E nenhuma obra, mesmo no plano superior, póde fugir a esta necessidade. Mme Lartigaud, na sua adaptação theatral de *Les Caves du Vatican*, accrescentou á historia singular de André Gide dois palhaços, que fazem ao mesmo tempo de côro e de titeres, e que lêem e commentam a acção á medida que esta se desenvolve. Ora, nada ha mais triste de ver-se do que palhaços que não fazem rir, apezar de gritarem, caretearem, piruetarem, como si fossem palhaços de verdade.

E' incontestavel que a bufonaria medieval tirada do livro de Gide perdeu, hoje, toda a actualidade. Quanto ao sal e á philosophia dessa farça, carecem de medida e de subtileza.

Não farei aqui, aos meus leitores eventuaes, a injuria de contar o enredo de *Les Caves du Vatican*. Lembrarei, apenas, que a principal personagem da obra, Lafcadio, faz figura de immoralista, assassinando Flemissoire, que vae a Roma para tirar do Vaticano um papa que lhe disseram ser falso. Lafcadio commette esse crime sem razão especial nenhuma, apenas pelo prazer de commetter um acto gratuito", — em que se encontra uma das idéas mestras de André Gide. O diabo, porém, é que esse "satanismo" de Gide nos parece, hoje, tambem gratuito...

Faz pena, mas é necessario ter-se que verificar quanto Gide está "fóra da moda". Acredito que, ha muitos annos, antes da guerra, elle tenha escandalizado os coévos pela ousadia do seu immoralismo cerebral e physico. Acredito tambem, piamente, que, nos paizes longinquos, cuja grei litteraria ainda se embasbaca com os Anatole e os Renan, esse autor seja actual e mesmo "novo". Mas, na França de Cocteau e de Durtain, de Mauriac e de Alain, ou, simplesmente, na eterna França do eterno Proust... não nos admiraria que, um dia, o proprio senhor Gide fosse raptado por escroques, que installassem no logar delle um falso papa gideano...

MAURICIO WELLISCH.

---

sobre os hombros compondo assim uma mascara que atemoriza os soldados. Terror que cresce com o alarido que fazem os cabras relinchando, zurrando, latindo, praguejando, chamando por Deus e pelo diabo a agitar furiosos como incubos as cabelleiras, a pular como simios.

(Do livro a apparecer: *Lampeão*).

RANULPHO PRATA.

MENSAGEM AOS INTELLECTUAES FRANCEZES

Correspondendo á gentileza dos escriptores francezes que, ha algum tempo, por intermedio do sr. Ministro Garcia Calderon, illustre homem de lettras, remetteram aos seus confrades brasileiros, captivantes mensagens de congratulações, um grupo de intellectuaes brasileiros, servindo-se dos amaveis prestimos de tão insigne embaixador da nossa cordialidade, enviaram aos confrades da grande nação amiga a mensagem que transcrevemos abaixo, com a lista dos seus signatarios:

"Un message d'admiration et de sympathie d'un groupe d'hommes de lettres et d'intellectuels brésiliens, porté par M. Garcia Calderon aux intellectuels français, ne pourrait être conçu que dans un esprit de parfaite sincérité et rédigé dans un style de parfaite simplicité.

Vous pouvez être sûrs, vous tous, intellectuels français, penseurs et écrivains, historiens et philosophes, savants et artistes, qui travaillez en France dans un effort sincère d'analyse et de critique, de construction et de perfectionnement, et qui si souvent atteignez un but largement humain de vérité et de beauté, que les résultats de votre travail nous touchent de très près, et que, peut-être sans le savoir, vous nous aidez à nous découvrir nous-mêmes, à reconnaître dans notre pays, encore si jeune et pourtant si riche dans ses possibilités et si puissant dans son élan vers l'avenir, notre véritable voie, toute imprégnée de lumière et pleine de promesses.

Agréez, donc, ce témoignage de reconnaissance et de solidarité intellectuelle et humaine.

(aa.) *Miguel Ozorio de Almeida — Gastão Cruls — Agrippino Grieco — Jorge Amado — Saul Borges Carneiro — Alberto Ramos — Amando Fontes — Gilberto Amado — V. Miranda Reis — Octavio de Faria — Paulo Prado — Manuel Bandeira — C. da Veiga Lima — Peregrino Junior — Annibal M. Machado — Dante Milano — Alcides Gentil — João Calazans — Sergio Buarque de Hollanda — Pedro Dantas — Rodrigo M. F. de Andrade — Francisco Karam — Ribeiro Couto — Alvaro Moreyra — Renato Almeida — Lucia Miguel Pereira — Marques Rebello — Tristão de Athayde — Orris Soares — Maria Eugenia Celso — José Maria Bello — Branca de A. Fialho — Alcides Bezerra — Barretto Filho — Hamilton Nogueira — Dante Costa — R. Magalhães Junior.*

Rider Haggard — **A Filha da Tempestade** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Esse escriptor inglez continúa a ser dos de maior prestigio para uma vasta clientela dos dois hemispherios. Explorando lances passionaes, historias de thesouros ou de apparições melodramaticas, fez-se elle um dos romancistas predilectos do seu paiz e, em nossa lingua, muito concorreu para augmentar-lhe a irradiação do nome a traducção magistral das *Minas de Salomão*, conduzida ou simplesmente revista pelo incomparavel Eça de Queiroz.

Joaquim Laranjeira — **Bento Gurgel** — Calvino Filho — Rio, 1933.

Ou muito nos equivocamos ou está em jogo um verdadeiro temperamento de ensaista, enriquecido pelas melhores qualidades de fixador de scenarios e resuscitador de creaturas já meio esvaidas nos limbos da historia patria. Este "drama no tempo da colonia", evocando o typo aventuroso de Duclerc e outras figuras de uma saborosa comparsaria, mostra a perfeita intimidade do autor com o seculo e o ambiente que descreve, a sua aversão a atraiçoar o periodo e os temperamentos que reconstitue deante de nós. Não são raros os lances de aguda psychologia, os dialogos são bem entoados e não faltam tambem os golpes de surpresa a acirrar a curiosidade dos amigos das tramas novellescas bem urdidas. Tudo nos leva a confiar no bello futuro litterario desse escriptor, de quem aliás não temos noticia alguma, a não ser o talento que o seu livro patentêa, ignorando-lhe o *Boletim de Ariel* a localização, a edade e os trabalhos anteriores.

Concordia Merrel — **Adão e algumas Evas** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Numa graciosa collecção de romances, que todas as jovens leitoras do paiz percorrem com prazer justificado, vem agora figurar mais este, de uma excellente urdidora de themas delicadamente sentimentaes. O titulo, bastante suggestivo, está a indicar a essencia do volume: a eterna luta do casal do Eden a desenvolver-se por outros ambientes, por outros climas humanos. E aqui, estando no plural a companheira de Adão, é de calcular as complicações psychologicas que hão de surgir a cada momento...

Nelson Roméro — **O VI Livro da Eneida** — Typ. Leuzinger — Rio, 1933.

O sr. Nelson Romêro é, no momento, um dos primeiros humanistas do paiz. Filho do eminente publicista das *Provocações e Debates*, não se aproveitou elle da gloria paterna e tratou de formar o seu espirito dentro de moldes bem diversos. Uma longa estadia em Roma, num dos melhores estabelecimentos de ensino de lá, robusteceu-lhe para sempre a cultura e fel-o intimo da boa latinidade classica ou medieval. Saturando-se dos bons ensinamentos thomistas, nem por isso desdenhou o sr. Nelson Roméro as bellezas da antiguidade pagã. Sem excessos de austeridade jansenista, leu, verso a verso, Horacio, Juvenal, Marcial. Mas não será difficil sentir que, entre os romanos, o seu predilecto é mesmo Virgilio. Predilecto pela delicadeza, finura e sensitividade quasi feminina que fazem pensar, a qualquer leitor das *Georgicas*, nas pinturas de Raphael ou nas musicas de Mozart, os dois unicos temperamentos que lhe são comparaveis nos dominios da arte. E, neste volume de agora, o nosso patricio mostra que "virgiliano" é elle, que dominio existe nelle de todos os aspectos historicos, geographicos ou linguisticos da *Eneida*. E' livro para artistas e para pedagogos, logo que possuidores de bom gosto litterario.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

Roberto Seidl — **Nisia Floresta** — Imprensa Moderna — Rio, 1933.

Tarefa das mais louvaveis foi a de evocar, neste substancioso opusculo, a nobre personalidade de Nisia Floresta, "a vida e a obra de uma grande educadora, precursora do abolicionismo, da Republica e da emancipação da mulher no Brasil". Com effeito, essa talentosa filha do Rio Grande do Norte, que exerce tamanha fascinação espiritual sobre um homem culto como o sr. Henrique Castriciano e chegou a merecer um longo estudo do austero Oliveira Lima, distinguiu-se por uma complexidade de attributos pouco vulgares em nosso paiz. Viajou muito, saturou-se de varias civilizações, manejou com egual destreza as linguas das grandes nações pensantes, conviveu e correspondeu-se com Augusto Comte, remexeu em idéas e doutrinas que no tempo se afiguravam temerarias á maioria dos brasileiros. Era, sem duvida, um bello espirito de antecipadora, sabendo mil cousas que ainda mais se enriqueciam ao contacto da sua emoção generosa. Assim, traçando-lhe o perfil com segurança, o sr. Roberto Seidl, que é de uma estirpe de homens de cultura, será lido com prazer e proveito por quantos estimam os valores do nosso passado litterario e do nosso passado moral.

Mario Sette — **Seu Candinho da Pharmacia** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Trata-se de um romancista que se impôz ao nosso publico com as paginas admiraveis da *Senhora do Engenho* e do *Palanquim Dourado*. No primeiro desses romances ha o calor de uma fina sensibilidade a avivar scenas e perfis de uma belleza que, começando em tonalidade regionalista, acaba assumindo uma graça e uma ternura de nobre caracter geral. No segundo, nos impulsos de amor, expressados sempre com a maior pureza de palavras, reunem-se effusões patrioticas que emprestam ao livro até mesmo uma vehemente significação historica. Quanto ao volume *Seu Candinho da Pharmacia*, reflecte, com a fidelidade e a discrição costumeiras no autor, acontecimentos de vida provinciana que, descriptos por outro, seriam insignificativos, mas tomam em sua penna um relevo e uma seducção que nenhum leitor contestará.

DE PARIS

Cartomantes e Videntes

Vivemos o momento do sobrenatural. A humanidade, sacudida por um vago presentimento de acontecimentos proximos, comprime-se em torno dos oraculos, numa sêde do desconhecido; na esperança de um futuro melhor, as massas se atiram para o maravilhoso e, no enthusiasmo que se propaga hoje por toda a parte, os olhares se voltam para o céo...

Deus?

O Diabo?

Estamos rodeados de enigmas. A ordem prodigiosa da natureza, a rotação de cem milhões de globos em torno de um milhão de sóes, a actividade da luz, a vida dos animaes, tudo isto não será um desenrolar perpetuo de milagres? Milagre é tambem o successo fulminante da Loteria Nacional, que não aproveitou unicamente aos cofres do Estado, que soam sempre, para citar o verso famoso de Valéry, num *"creux toujours futur"*.

Esse successo vem muito opportunamente amparar o desemprego, dando trabalho á interessante corporação das cartomantes. Todos sabem que, a partir de uns dias atraz, a antecamara dessas senhoras fervilha em subscriptores da Loteria, anciosos de saber se o bilhete que compraram ganhará ou não o grande premio. O que é surprehendente não é que certos jogadores vão indagar das cartas o numero premiado na Loteria: o que mais impressiona é que todo mundo não procure cartomantes e videntes de todas as classes. Porque o facto de um individuo tomar um bilhete de loteria, de esperar apanhar por um capricho uma grande somma entre cincoenta mil pessoas, ou mesmo entre um milhão de pessoas, exprime um mysticismo não menor do que o do individuo que vae a uma cartomante pedir-lhe que lhe dirija o destino, ou que confia a sua boa saude a um talisman qualquer.

Pareceu-me, assim, opportuno, fallar-lhes hoje de Madame Fraya, que cresceu em prestigio após a morte de Mme. de Thèbes, chegando a ficar quasi a nossa "vidente official", e, assim, para os meus leitores, fui compulsar alguns dados á Bibliotheca Nacional, afim de acompanhar a marcha do prestigio dessas adivinhas...

Madame Fraya, a mais afamada de nossas videntes, occulta, sob esse pseudonymo que lhe foi dado por Sévérine, e que é o nome norueguez da deusa do esforço, origens da melhor burguezia. Originaria das regiões bascas, sua familia, distinctissima, habitava o castello de Marrac.

Foi nesse castello de seus antepassados que o imperador desceu em 1804, quando foi forçar a abdicação do Rei de Hespanha, Carlos IV, afim de dar a corôa ao proprio irmão, Joseph Bonaparte. Essa abdicação foi assignada na grande mesa oval da sala de jantar, mesa sempre conservada pela familia. Ella figura no mobiliario de Mme. Fraya, e póde-se vêr mesmo na madeira da mesa um arranhão riscado por Napoleão durante o bate-bocca com o velho soberano. O Imperador, nervoso, inquieto, pelas tergiversações de Carlos IV, com uma canivetada em zigzag, deixara uma marca permanente na mesa do tratado de Bayonne.

Mme. Fraya predisse nitidamente um máo 1932. Ella annunciara o crescimento do desemprego e da crise, o desmoronamento dos grandes carteis financeiros, a mudança de "poder" na Allemanha, mortes importantes, ameaças de guerra na Europa central, agitação, reducção do commercio exterior, motins na Hespanha, melhores entendimentos entre França e Italia, menos luxo, menos prudencia. Ella annunciara tambem o progresso do bolchevismo, e que, na França, deante do perigo allemão, haveria um despertar do nacionalismo e um movimento de dictadura se prepararia, movimento que teria á frente um homem sahido do povo, e que não pertenceria nem á Camara nem ao Senado.

1933, disse Mme. Fraya, está sob o signo do Sol, e isso indica que a França vae subir para um zenith. O sol é a esperança, um anno solar não póde ser um anno de desgraça. Aliás 1933 começa num domingo, e isso annuncia preguiça e lassidão nos homens. Completa indolencia. A Russia, accrescentava ella, quer sair de seu isolamento. Ella pensa levar a bom termo tratados com a França, á maneira dos celebrados no tempo dos Czares. O entendimento com a Allemanha, porém, ficará meio embrulhado. O mysterio que rodeia a Russia se dissipará. O sol illuminará muitas coisas publicas e particulares.

Nada, em casa de Madame Fraya, de antro de feiticeira, mas unicamente um amontoamento amavel de moveis, de gravuras e de objectos de todos os estylos. Ella fica sempre numa mesinha ornada de um esmalte precioso que representa a Virgem, illuminada por uma lampada judaica. Ahi, madame Fraya recebe os clientes.

Um dia de fevereiro de 1914, ella recebeu a visita de duas senhoras. "— A senhora, disse ella a uma das duas, tem um parente altamente collocado. Será a causa de muitas lagrimas, de lutos e de sangue derramado. Depois perderá a situação em que se acha, e egualmente a perderão todos os seus parentes." As duas mulheres sahiram, dando de hombros. Um quarto de hora depois, uma dellas voltou, sózinha. "Madame, disse ella á cartomante, o que acaba de me dizer é absurdo. Sou a princeza de Saxe-Meiningen, irmã do imperador da Allemanha."

Mme. Fraya não vive a hora presente, só vive no passado e no futuro. Esperemos que, mais tarde, tenha tempo e coragem para publicar todas as grandes, as graves coisas que predisse, tal como aconteceu com sua antecessora, já por mim citada, madame de Thèbes.

Seguem-se alguns excerptos dos Almanachs de Mme. de Thèbes, cuja popularidade foi immensa em todo o mundo politico e financeiro, bem como nas espheras governamentaes.

1911 — Da Allemanha, repito tudo o que disse annos atraz. A Allemanha não é o que apparenta ser, e nem o seu Chefe é o que todos pensamos. As causas da desorganização e da queda estão pullulando. Ella cresceu muito rapidamente e, na ebriedade de uma sorte que a sua vaidade destruiu, cedo sobrevirá a morte ou a incapacidade de seu principal soberano. A humilhação da Allemanha não passará de 1913.

1913 — A Austria, numa éra nova, terá parte accentuada em dissociações politicas. O separatismo dos diversos Estados da monarchia dualista será grandemente favorecido e augmentado. Tambem está proxima a hostilidade aberta entre slavos e allemães. Aquelle

que pensa vir mais tarde a governar, não governará. Reinará, sim, um joven que nem por sombras pensa nisso. (Esta prophecia parece adaptar-se á morte do archiduque herdeiro, causa primeira dos acontecimentos de 1914-18.

1914 — Para só dar crédito aos calculos astrologicos e ás observações correntes, o destino immediato dos dirigentes da Allemanha parece dever ser immediatamente modificado. A pessoa imperial é a mais visada pela sorte. Nossos filhos verão grandes coisas. Assistirão á formação de um mundo novo, cujo rumo tragico esboçado pelo Destino será percebido até março de 1914.

1914 — Polonia, tiveste razão em desesperar. Bellos mas sangrentos acontecimentos se desenrolarão em Varsovia, dentro de muito pouco tempo.

1914 — A Italia proseguirá seu destino triumphal. Grandes mudanças: recomeçará uma obra commum.

MARGUERITE PICARD-LOËWY.

POEMA INTERESSEIRO

Marciano, Peleu, Umbelina,
Seu Raymundo, Thereza,
Zelia, Fermina,
pretos e brancos,
vivos e mortos,
vultos humildes que povoaram a minha infancia,
gente boa que mora na minha memoria,
pequeninas vidas bondosas,
que me ensinaram a querer bem,
— são de vocês estes versos sombrios...

Eu quero matar a cultura, a leitura, a litteratura,
pra que elles sejam de vocês.
Eu quero cantar vocês todos,
pobres vidas sem valor.
Eu quero cantar essa humildade,
essa resignação, essa bondade,
essa infelicidade mansa e sorridente.
Eu quero cantar as tuas bebedeiras lyricas, Marciano,
a tua fala atrapalhada, Bilina,
o teu medo dos ladrões, Zelia,
os teus crochés demorados, Thereza,
o teu formão deslizando na taboa, seu Raymundo,
a tua valsa na cozinha, Fermina,
eu quero cantar a tua casa, Peleu, negro velho,
a tua casa pequeninha,
atrás dos grandes pés de tunas,
com a parreira na entrada,
a sala escura, sem cadeira,
enfeitada pela figura da folhinha
(31 de um dezembro afastado)
e pelo gramophone velho, sem phone.
Sim. Eu canto tudo isso,
eu faço este poema pra vocês.
E vocês em paga,
me devolvem o gymnasiano calado,
magriça, estrabico e teimoso,
o gymnasiano do quarto curso,
que cresceu, cresceu
e, agora, está quasi chorando...

TELMO VERGARA.

ESCRIPTORES ITALIANOS

Francesco Pastonchi, que esteve aqui no Rio declamando as estrophes de Dante Alighieri, é um acendrado cultor da maneira classica. Talvez por influencia do ambiente tradicional de Roma, onde viveu em moço, nunca se desprendeu dos autores de boa latinidade e jámais fez concessões aos audazes renovadores de metros e rythmos. O melhor livro de Pastonchi intitula-se *Il Randagio* e ahi se fixam bem os seus conhecimentos da lingua italiana e os seus desejos de que os italianos revertam ás fontes de inspiração em que se abeberaram os florentinos do seculo XVI. Mas — insista-se — o merito supremo desse poeta consiste em recitar como ninguem os tercetos da *Divina Comedia*. E', nesse particular, um interprete que sabe encontrar, e transmittir ao auditorio, momentos de profunda e irresistivel emoção.

— Filippo Tomaso Marinetti, o famoso e sempre discutido inventor do futurismo, conta agora cincoenta e cinco annos de edade. Nasceu em Alexandria do Egypto e foi educado na França. Collaborou em innumeras revistas parisienses e o seu rumoroso manifesto de chefe de escola foi estampado em francez nas columnas do *Figaro*. Atacou D'Annunzio, pegou de armas na guerra de Tripoli e, conferencista brilhante, percorreu meio mundo a prégar os seus ideaes de renovador a todo transe. Já esteve aqui no Rio, onde o vaiaram copiosamente, e diz-se o verdadeiro precursor das idéas politicas de Mussolini. Presentemente, esse inimigo dos academicos e das honrarias officiaes é figura preeminente da academia organizada pelo chefe do fascismo.

— O diplomata Roberto Cantalupo é de Napoles e figura ha muito entre os melhores jornalistas italianos. Foi correspondente do *Corriere d'Italia* durante a grande guerra, redigindo, do alto dos Alpes, cartas que produziram sensação e, mais tarde reunidas em volume, ainda hoje não perderam o interesse despertado á primeira leitura. Tambem, de Paris, foi bastante util aos jornaes da sua terra, enviando-lhes preciosos estudos sobre a complexa politica franceza, num dos momentos mais tumultuosos desta. O volume em que examina os attributos dos directores de homens de um Millerand e de um Clemenceau é trabalho de quem reflecte longamente antes de gravar as suas impressões no papel. Nada tem Roberto Cantalupo de um improvisador brilhante e leviano. E', ao contrario, um seguro e attento analysta das idéas e dos agitadores de idéas do nosso tempo.

— Antes de dedicar-se á litteratura theatral, o napolitano Roberto Bracco dedicou-se fervorosamente ao jornalismo. Mas o renome só lhe veiu quando abordou o palco. Esse esplendido reporter, tambem cultor meritorio da poesia dialectal, estava destinado a ser, como foi, um movimentador de almas e paixões na ribalta. *Maschere* e *Infedele* são peças de indiscutivel argucia psychologica. *Don Pietro Caruso* é um amargo retalho de vida, um tragico episodio de desentendimento domestico que sangra tristeza por todos os póros. *Il Piccolo Santo*, bellamente interpretado nesta capital pelo grande actor Ruggero Ruggieri, conta-nos a historia de um mystico ás voltas com as lancinantes tentações da carne moça. E *La Culla* teve a representação interrompida, talvez por agitar audazes problemas que contrariassem os austeros sentimentos das classes conservadoras.

— Benedetto Croce é reputado o maior dos philosophos da Italia de hoje. Filho dos Abruzzos, como D'Annunzio, nada tem da faustosa rhetorica, da abundancia artistica do outro, e é um pensador e um critico dos mais severos. A vida tem-lhe sido uma longa meditação. Apesar da sua grande fortuna e das honrarias politicas que lhe couberam antes de Mussolini, trabalha sempre e nunca o sol o encontrou entre lençóes. Traduzido em todas as linguas de real significação cultural, lido e explicado nas cathedras allemãs como o melhor dos actuaes commentadores e desdobradores de Hegel, vê elle o seu registo bibliographico tornar-se cada vez mais vultoso. A esthetica e a ethica, a historia e a logica são-lhe dominios egualmente familiares. Estudou como ninguem a obra prophetica de Vico, fez sensacionaes descobertas sobre a litteratura peninsular do seculo XVII, disse cousas profundas sobre o materialismo historico e a economia marxista. Falou dos velhos theatros de Napoles, a sua cidade predilecta e onde tem vivido o maior tempo da sua vida. Tratou da influencia da Hespanha na vida italiana da Renascença, traduziu limpidamente as lyricas de Goethe, estudou Schiller e Ariosto. Por tudo isso, Benedetto Croce é no momento um dos tres ou quatro pontos culminantes da cultura européa.

Leiam:

T. S. MATTHEWS
A CAMINHO DA FÔRCA

"GRANDEZAS E MISERIAS DA VICTORIA"

Georges Clemenceau - Paris. Plon.

Quando se termina a leitura do livro de Clemenceau, que, como sabe o leitor, é uma resposta ás accusações que lhe foram dirigidas pelo Marechal Foch, recolhidas e publicadas pelo jornalista Recouly, após a morte do grande soldado, fica-se pensando, que, se não fôra a maledicencia do bravo militar, não teria a historia esse depoimento formidavel da grandeza de um homem, e maior do que ella a grandeza da França. O velho Tigre, a despeito de habituado a viver toda uma vida de glorias, em lucta permanente, foi ferido de morte. Talvez nenhum outro espirito aprendeu a conhecer tão de perto as miserias humanas e melhor ainda aprendeu a indulgencia para com a maldade. Ahi o traço superior da encantadora postura moral da sua forte individualidade.

Assim, não obstante o tom de amargura que se vasa em todo volume, não ha odio, não ha rancor, mas a verdade na mais nitida das expressões. São factos incontestes narrados e commentados impessoalmente, tão impessoalmente que nos dão a impressão de que elle, o grande velho, não é parte no ardoroso debate.

Que titulo opportuno: *Grandezas e miserias da victoria!* As grandezas se lhe devem, nesta divida irresgatavel da humanidade civilizada, que sua energia logrou salvar do imperio da espada avassaladora; espada que, então era o escudo da imposição a todo patrimonio da cultura occidental, de doutrinas politicas medievaes que, felizmente, rolaram e cahiram nos destroços da derrota irremediavel e definitiva.

Nas horas mais tragicas, nos momentos mais inquietantes, nas occasiões mais perigosas, quando o desanimo começava a apoderar-se dos espiritos mais fortes, quando a França estava prestes a duvidar de suas virtudes as mais supremas, Clemenceau encarnou a energia indomavel de seu povo, para ser o alicerce da tenacidade, do heroismo, da vontade, do querer.

Quasi não fala; todo elle é acção, acção pela guerra, pela victoria da qual jámais duvidou. Chefe do Governo, persegue os derrotistas, persegue os venaes, sem cogitar de categorias, e consegue liquidar a hydra da descrença para abrir, decisivamente, novos caminhos á confiança na missão eterna da França imperecivel!

Por fim, teve a ventura, ventura que para elle foi o embalo sereno e silencioso de quasi meio seculo, de ver a França integral, na plenitude de todo seu territorio, de toda sua gente!...

Ao dirigir-se á Camara, entre os seus dias parlamentares o maior, exclama do alto da tribuna: "A França hontem soldado de Deus, hoje soldado da humanidade, será sempre o soldado do ideal!"

UBALDO SOARES.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

Jorge Bertolaso Stella — A vida scientifica de Trombetti — São Paulo, 1933.

Bem merecia o grande Trombetti este minucioso estudo do sr. Jorge Bertolaso Stella. Polyglotta admiravel, senhor de uma vasta cultura geral, seus conhecimentos philologicos e sua erudição de humanista assombram a quantos lhe percorrem as obras indestructiveis. Dominando como poucos do seu tempo a sciencia glottologica, fez revelações sensacionaes no sentido de pôr em fóco a unidade universal das origens da linguagem. Foi um trabalhador indefesso, que só conseguia repousar de um trabalho esfalfante em outro ainda mais esfalfante, e a sua morte em accidente consternou toda a Italia culta, todo o mundo culto.

Osorio Cesar — Que é o Estado proletario? — Editorial Udar — S. Paulo, 1933.

E' a segunda edição de um volume de reflexões sobre a Russia sovietica. Depoimento directo de quem percorreu aquellas plagas, tão discutidas, no sentido politico e administrativo, pelos francezes Georges Duhamel, Luc Durtain, Pierre Dominique e dezenas de outros. Trabalho minucioso, em que figuram todos os elementos technicos destinados a elucidar o assumpto, dentro naturalmente das convicções do autor. O sr. Osorio Cesar, que é medico e se vem consagrando ha alguns annos a estudos de psychanalyse, dá, neste livro de agora, mais uma prova das suas multiplas qualidades de pesquizador e escriptor.

Eulalio Motta — Alma Enferma — Imprensa Victoria — Bahia, 1933.

São versos em que predomina a tonalidade ingenua, sentindo-se, no sr. Eulalio Motta, uma irresistivel tendencia para o manejo da redondilha, que é o meio de expressão poetica instinctivamente adoptado por todos os amorosos e sonhadores da sua linda região. Neste opusculo, que não opprimirá o autor, não o impedirá de caminhar lepidamente para trabalhos melhores, ha tambem uma commovida sensibilidade de evocador de paizagens.

Gastão Pereira da Silva — Um para quarenta milhões — Editora Mariza — Rio, 1933.

E' o estudo da personalidade do actor Procopio Ferreira á luz da psychanalyse. As qualidades scenicas desse notavel artista comico, os detalhes mais interessantes da sua biographia, os seus pendores de renovação theatral e tambem os lances mais typicos da sua vida amorosa, são fixados pelo autor, que invoca de instante a instante, para elucidar a figura complexa do sr. Procopio, os ensinamentos e as illações do tão discutido homem de sciencia de Vienna.

Monteiro Lobato — Na Antevespera — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Bella série de artigos em que o autor, com a agilidade e a graça que lhe são habituaes, revolve assumptos de extrema importancia para a vida do paiz. Nenhum trabalho é negligenciavel num tal escriptor e mesmo aquelles que foram compostos no primeiro impulso da emoção, destinando-se a jornaes e revistas, têm um merito perduravel e merecem, sem duvida alguma, a inclusão em livro. O sr. Monteiro Lobato, pela sua cultura, vibração de linguagem e visão desafogada dos factos nacionaes, é, a par de um dos nossos bons estylistas, um dos nossos primeiros agitadores de idéas.

"La Revista Americana"

Essa brilhante publicação de Buenos Aires continúa a interessar grandemente os nossos leitores de revistas, graças naturalmente aos meritos dos seus collaboradores e á diversidade dos assumptos que explora, mas graças tambem á criteriosa propaganda que della tem feito entre nós o operoso intellectual paulista sr. Mario Vilalva, já conhecido pelos seus versos de amor e pelo seu estudo sobre Fagundes Varella. Num dos ultimos numeros desse vibrante mensario figuram trabalhos de escriptores de varios paizes americanos. A nota, porém, mais expressiva é a concernente ao director da revista, o sr. V. Lillo Catalán, justamente festejado, em dias do ultimo trimestre, pelos innumeros admiradores das suas obras. Esse fecundo publicista tornou-se, com-effeito, um bello servidor do espirito argentino e, máo grado a sua procedencia hespanhola, é hoje dos que mais se esforçam para que a cultura da raça não esmoreça em paragens de tanta belleza e tanto progresso utilitario. Blasco Ibáñez, que o conheceu de perto, viu em Victoriano Lillo, "vigor, salud, nobleza, humanidad". Classificou-o de "eterno luchador" e declarou "su arte vivo e múltiple como su enorme riqueza sensorial."

DE NOVA YORK

F I L M E S

"O Cantico dos Canticos" — com Marlene Dietrich.

Afinal surgiu a bizarra Marlene no primeiro filme não dirigido por Sternberg, seu devoto e zeloso descobridor. Guia-a atravez das lindas scenas de *O Cantico dos Canticos* outro director de escola propria — Rouben Mamoulian — o mesmo que dirigiu Maurice Chevalier em *Ama-me esta noite*, aquelle delicioso conto da Carochinha que a Paramount filmou para as crianças barbadas.

E' difficil penetrar a causa desse divorcio artistico da estouvada allemãzinha e o seu sisudo mentor cinematographico. Depois daquelle principio de escandalo, de quando Marlene filmava a *Venus Loura*, e da solidariedade da estrella com o director Sternberg, julgou-se que os dois jamais se separassem. E' que talvez tenham incorrido no fatalismo daquella sentença de Anon: "O homem propõe, a mulher promette, e as circumstancias invariavelmente os apartam."

A historia do filme, a despeito do seu titulo, pouco tem do *Cantico dos Canticos* da Biblia, mas nem por isso deixa ella de ser interessante. Talvez por isso mesmo, por não ser biblica senão em leves referencias aos cantares de Salomão, é que nos deixamos seduzir pelo seu modernismo inesperado.

Lily é que, imbuida do sentimentalismo do rei sabio, chega a Berlim (o local, como se vê, é europeu) e lá, ás escondidas duma tia com quem mora, serve de modelo a um esculptor, que lhe faz uma estatua em extasis, especie de anseio em marmore, a que elle dá o nome de *Cantico dos Canticos* — porque fôra ouvindo imaginariamente a "voz do bem-amado", que Lily cedera aos seus rogos, posando para a esculptura.

Segue-se o casamento de Lily com um nobre austriaco, e depois, corridos os tramites da necessaria metragem, vemo-la outra vez em Berlim, cantando num *cabaret*, onde Waldo, o esculptor, consegue por fim descobril-a e leval-a para o seu estudio, não para que lhe sirva novamente de modelo — mas para que Lily, num accesso de raiva e desdem pelas illusões perdidas, destrúa a martellaços o esplendido marmore do *Cantico dos Canticos*, que ali está, como um espelho tragico, a lhe revelar o passado.

A direcção de Mamoulian, seja dito de passagem, quasi nada apresenta de novo. O filme é todo de Marlene, que em alguns trechos — como no das lições e no seu passeio pela montanha — é por demais convincente.

*

"Amor e magua" — com Anna Neagle.

Entre os novos filmes inglezes que a United Artists distribuirá entre nós, um ha, de autoria de Noel Coward, que merece especial menção: é *Bitter Sweet* ou *Amor e Magua*, como o seu traductor o intitulou.

Noel Coward é o autor de *Cavalcade*, que ahi já passou, e *Design for Living*, cuja filmação a Paramount está fazendo.

Ha muito não via eu, no cinema, assumpto tão delicado, tão bem urdido, desenvolvendo-se num ambiente tão romantico. Todo o filme é um delicioso poema, entremeado de cantos, musicas admiraveis, e uma parte comica de primeira.

As scenas principaes passam-se na alta sociedade ingleza; depois desloca-se o assumpto para Vienna, onde, aos sons de uma valsa arrebatadora, apreciamos o seu tragico final. Dahi, pois, o significado de "acre-doce" do titulo em inglez, que o traductor brasileiro procurou verter naquellas duas palavras — amor e magua.

Noel Coward é dos escriptores dramaticos inglezes o que mais popularidade desfruta actualmente nos Estados Unidos, facto que se comprova sempre que sobe á scena uma peça sua. Se *Bitter Sweet* foi um sonho encantador no palco, a sua versão cinematographica é um mimo de delicadeza, que a gente pode apreciar varias vezes, sem se aborrecer. Coward não é só o autor da peça como das musicas que a acompanham, assim como das canções, que são muitas.

Anna Neagle faz as vezes de Sarah e Fernand Gravey interpreta o papel de Carl Linden, o professor viennense que foge com a sua linda discipula na vespera do casamento della com um inglez britannicamente ridiculo.

Manon la Crevette, irresistivel nos seus cantos e bailados, é a nota comica do filme. Direcção de Herbert Wilcox.

*

"Santa, eu não sou!" — com Mae West.

O titulo original deste filme é *I'm no Angel*, que parece ter mais effeito traduzido como ahi está, mesmo porque o "anjo", que figura no inglez, tem mais significado moral do que physico.

Os leitores já conhecem esta loura perigosa, pois ella é das que dão para encher a vista. Mae West, não atino bem por qual razão, é hoje a estrella de cinema mais popular dos Estados Unidos e talvez de todo o mundo, isto é, o mundo onde Mae West e o cinema são conhecidos. Basta dizer que o seu filme anterior, *She Done Him Wrong* (*Uma loura para tres*) e que teve em francez um nome bem mais apropriado — *Lady Lou* — esteve em exhibição em Paris, num só theatro, durante oito mezes, e isso, note-se, sendo todo falado em inglez e apenas explicado por meio de titulos sobre as scenas.

Não é menor a popularidade que em torno da sacudida loura tem despertado o *Santa, eu não sou!* Dias houve, durante a sua exhibição no Cine-Paramount de Nova York, que tão grande era a linha de gente, de manhã á noite, á espera de entrada, que a policia metropolitana teve de destacar seis guardas para manter a turba em ordem.

Não vem ao caso descrever o entrecho do filme. Basta dizer que nelle figura Mae West e que, como no outro, ha um pouquinho de pimenta em cada phrase, pimenta e cominhos que a "vampira" consegue com muita facilidade traduzir em attitudes.

Uma coisa torna Mae West mais interessante aos olhos dos criticos, é que os argumentos dos seus filmes são escriptos por ella propria.

ARTHUR COELHO.

L U I Z A

Varias vezes peguei na Biblia para tirar dinheiro, e o livro sempre se abriu no Ecclesiastes, mostrando-me a phrase de Salomão enjoado. Repetindo-a, senti uma atroz amargura. Uvas verdes. Que me importava o Salomão?

Num sombrio accesso de desespero, pensei no suicidio. Tolice. Eu tenho lá coragem de suicidar-me? O que fiz foi passar uns dias quasi sem comer. A escripturação ficou atrazada uma semana, o que me valeu duas observações de Victorino, e abandonei o jornal de padre Athanasio e os cahetés.

Para que mexer nos cahetés, uma horda de brutos que outros brutos varreram ha seculos?

Só Luiza me preoccupava. Desejei-a dois mezes com uma intensidade que hoje me espanta. Um desejo violento, livre de todos os véos com que a principio tentei encobril-o. Amei-a com raiva e pressa, despi-me de escrupulos que me importunavam, sonhei, como um doente, scenas lubricas de arrepiar. Quando ia á casa della, mostrava-me taciturno e esquivo. Vinha-me ás vezes uma especie de deliquio, parecia-me que o coração deixava de pulsar, e era um frio, uma angustia, uma sensação de vacuo immenso. Estava sempre a sobresaltar-me, como se em redor me lessem na alma. Transparecia nos meus modos uma irritação que procurei conter debalde; se alguem me interrogava, respondia com palavras seccas e breves.

E quanto disparate! Uma noite cumprimentei deste modo o reverendo, que chegava: "Adeus, padre Athanasio. Divirta-se."

Riram em torno, gaguejei explicações parvas e encolhi-me, rangi os dentes, sentindo a vaga tentação de estrangular o dr. Castro, que sorria para Clementina.

*

Em principio de Março, Adrião foi á capital acertar contas com os fornecedores e pedir a restituição de alguns titulos resgatados. Eu havia escripto varias cartas reclamando, e o detentor dos papeis dava respostas evasivas e protelava a remessa.

No dia em que Adrião viajou dirigi-me á casa delle, á noite, esperando entender-me com Luiza. A voz sumida, em tremuras, interroguei o negro:

— D. Luiza está ahi, Zacharias?

— Está. Um bocado murcha, nem quiz beber café.

— Está só?

— Sim, senhor. A menina D. Josepha sahiu ainda agorinha. Entre V. Mce., eu vou mandar avisar.

Penetrei na saleta de espera, gelado, a vista escura. Fugiram-me as idéas, reduzidas, assaltou-me um pavor estupido. Vi no espelho do porta-chapéos uns olhos attonitos e uns beiços muito brancos.

— De pé, João Valerio? disse Luiza apparecendo. Demorei-me um pouco. Desculpe.

A minha figura do espelho pareceu-me burlesca.

— Uma cadeira, João Valerio, continuou Luiza.

Sentou-se no sofá:

— A Josepha andou por aqui, e a Martha. Commentámos os seus modos exquisitos.

— A senhora estava deitada, exclamei. Talvez doente...

— Doente? Não, apenas meio aborrecida, por causa do calor. Pensa a Martha...

— Pois pensa mal, interrompi, mettendo os pés pelas mãos. A senhora não tem outro assumpto? Vim pedir-lhe um favor.

Respirei com esforço:

— Que mal lhe fiz eu? Já lhe perguntei ha tempo, lembra-se? Tinha confiança em mim, e de repente... Não negue. Ora essa!

Approximei-me, sentei-me no sofá, longe della:

— Eu não quero saber o que os outros pensam de mim. O que me interessa é o seu pensamento, o seu. Hoje que tudo mudou...

— Eu não mudei, João Valerio, murmurou Luiza baixinho.

E começou a fazer pregas numa das fitas do vestido branco.

— Não? Santo Deus! Como tem coragem de affirmar isso? Foi desde aquelle amaldiçoado jantar. E se soubesse... Emquanto dançavam, fui para o jardim, com a esperança de encontral-a. E sonhava poder um dia beijar-lhe a mão. Não comprehende... E' horrivel!

Ella estava livida:

— Muito tarde, João Valerio, quando nos conhecemos... Era melhor que nos separassemos.

— Era melhor que não nos separassemos nunca, bradei numa exaltação. Vivemos mentindo, acovardados.

Zacharias entrou, foi ao salão, fechou as janellas silenciosamente, voltou, rondou por ali, inquieto:

— A sinhá quer alguma coisa?

— Não, podem deitar-se.

Depois que o preto sahiu, contemplei Luiza, esquecido. Os meus soffrimentos se attenuaram num instante, maior que mezes de angustia.

— E ha cinco annos vivemos nisto! exclamei, novamente despeitado. Levo esta peste de vida e tenho de mostrar cara alegre!

Uma serenata passou na rua. Cantos, sons de bandolim e flauta perderam-se.

— Fale! Pelo amor de Deus! Fale!

— Que hei de dizer? sussurrou Luiza com lagrimas nas palpebras.

— Eu sei lá! Ahi duas palavras que me tirem deste inferno. Seja franca, seja boa. Porque se encolerizou no dia do jantar? E, deante do presepio, noite de Natal, porque me olhou daquella forma?

Tomei-lhe as mãos:

— Ninguem se zanga sem motivo, é claro. E nós que eramos tão amigos... Aborreceu-se, amuou-se. Acertei?

— Não posso... João Valerio, soluçou Luiza com voz quasi imperceptivel, que estremecimentos cortavam. E' como se fosse uma pessoa minha. Muita amizade. Se nos tivessemos conhecido mais cedo...

Um deslumbramento. No silencio que se fez a sala encheu-se com os rumores da usina electrica e de automoveis rolando longe.

— E haviamos de ser felizes, segredei com o intuito de completar-lhe as phrases esboçadas. E seremos felizes, porque não? Falou em amizade. Eu não lhe tenho amizade, o que tenho é um amor doido, como ninguem lhe ha de ter. Duvidou de mim, julgou que me importava... Foi uma injustiça. Que tortura, estes dois mezes!

Zumbiam-me os ouvidos, a respiração tornou-se-me offegante, tinha seccos os labios, que a custo descerrei:

— Um beijo!

Graciliano Ramos.

(De um romance a apparecer: *Os Cahetés*).

Novidades estrangeiras

Dans la jungle de Guyane tal é o titulo de mais um excellente volume com que vem de ser enriquecida a collecção *Les livres de la nature*, do editor Stock. E' seu autor William Beebe, notavel naturalista americano e director de pesquizas scientificas da Sociedade de Zoologia de Nova York. Ainda que obra de um verdadeiro homem de sciencia, é livro de leitura attrahentissima e no qual a cada passo se nos depara o temperamento de um sensibilissimo poeta em permanente espanto ante as maravilhas da natureza. Que deliciosas paginas aquellas em que elle nos descreve a vida solitaria e arisca do nosso conhecido inhambú ou, então, a musica harmoniosa do lento cahir das folhas na floresta equatorial!

— Não ha muito, falando aqui da traducção para o francez do primeiro volume das memorias de Frank Harris: *My life and lovers*, diziamos acreditar que a morte do grande escriptor irlandez não permittira a conclusão dessa obra, annunciada em quatro volumes, pois mesmo do original só conheciamos aquelle tomo. Agora, com surpresa e alegria, chega-nos um outro volume, ainda em excellente traducção de Henry Davray e Madeleine Veron, e já sabemos que muito breve mais um terceiro será dado á publicidade. Dest'arte, parece que Frank Harris poude mesmo levar a termo a sua agitada autobiographia, rica de seiva emocional e não menos cheia de notas escandalosas que tanto chocaram a *pruderie* dos povos anglo-saxonios.

— Marcel Raymond acaba de dedicar um substancioso estudo ao movimento poetico contemporaneo na França. O livro, magnifica edição de R.-A. Corrêa, tem por titulo *De Baudelaire au Surréalisme* e a sua leitura muito ha de interessar aos nossos poetas modernistas.

— Acaba de ser publicado, em Paris, o segundo tomo da collecção *Musicisme*. Trata-se de um magnifico ensaio do Sr. Jean Royère, intitulado *Le Musicisme sculpturel*, e no qual este brilhante escriptor estuda a obra da Sra. Archer Milton Huntington, notavel esculptora americana ainda pouco conhecida nos meios europeus. A edição de A. Messier é primorosa e está ornada de muitas photogravuras.

— *Seduction* é o titulo de um magazine de luxo, illustrado a côres, que vem de ser lançado em Paris, merecendo desde logo o favor do publico. Com um escolhido corpo de collaboradores, onde apparecem os nomes de Georges Normandy, Maurice Rostand e Henri Forge, realçam-lhe as paginas as illustrações de Georges Vila, Dufau, Regiamanset e muitos outros artistas bem modernos e cheios de talento.

— Commemorou-se ultimamente nos Estados Unidos o cincoentenario da morte de Emerson. Isto foi motivo para que apparecesse uma nova e rica bibliographia acerca do grande philosopho d'*A conducta da Vida*, *Sociedade e Solidão* e tantos outras obras de repercussão universal. Parece, entretanto, que nada excedeu em valor e brilho á biographia escripta por Van Wyck Brooks e que tem por titulo *A Vida de Emerson*.

— Na sua interessante secção *Lettres Brésiliennes*, do *Mercure de France*, o sr. Manoel Gahisto, no n. de 15 de Outubro, faz commentarios muito amaveis aos ultimos livros dos nossos patricios Azevedo Amaral (*Ensaios Brasileiros*), Sergio Milliet (*Terminus secco e outros cocktails*), e Menotti del Picchia (*A Tormenta*).

— Os *gangsters* americanos não são menos temerosos do que os nossos cangaceiros nordestinos e, numa outra esphera de acção, os feitos de Al Capone podem ser comparados aos de Lampeão. Ha toda uma bibliographia em torno dos bandidos de Chicago e agora, ao lado do interessante livro de Fred D. Pasley, recentemente traduzido para o francêz por Blaise Cendrars: *Al Capone le balafré*, pode ser collocado o trabalho do sr. Ferri-Pisani: *Souvenirs d'un gangster*, que tem alcançado um numeroso publico.

— *A Russia de agora* é um livro de plena actualidade que o escriptor espanhol sr. Pedro de Répide acaba de dedicar ao paiz dos soviets, depois de tel-o visitado por longo tempo.

— Sob o titulo *L'Esthétique de Marcel Proust*, o sr. Emeric Fischer acaba de escrever um estudo que, na opinião de Valery Larbaud, "é provavelmente o inquerito mais minucioso e mais clarividente que já se levou a termo sobre a doutrina esthetica, — sobre a arte poética — de Marcel Proust".

Mais um livro sobre Wagner a respeito de quem já se escreveram obras bastantes para encher uma bibliotheca. Desta vez, não é, porém, uma biographia, mas antes um original estudo psychologico feito por Pierre Lalo atravez da correspondencia particular do grande genio de Bayreuth.

— Outros dois romances de Maurice Baring, o famoso escriptor inglez, acabam de ser trasladados para o francez. São elles *C* e *Tres sextas-feiras*. Tratando de ambos, num rodapé, das *Nouvelles Litteraires*, Edmond Jaloux, exalta preferentemente o primeiro que, para elle, pode ser comparado a *Daphne Adeane*, uma das obras que mais contribuiram para o renome que desfructa hoje Maurice Baring nos circulos litterarios europeus.

— Fugindo ao thema habitual dos seus livros — o Paris dos apaches e gigolettes, que elle conhece como ninguem — Francis Carco, depois de andar pelo Oriente, acaba de publicar *Palace-Egypte*, romance em que um tenue fio psychologico serve para concatenar as suas impressões de viagem.

— O victorioso autor do *Voyage au bout de la nuit*, Louis-Ferdinand Céline, ultimo premio Goncourt, iniciou-se num outro genero escrevendo uma peça theatral, *L'Eglise*, que, por muito ousada, ainda não achou ninguem que a quizesse encenar. Já foi, entretanto, lançada em volume e vae logrando successo. A edição é de Denoel et Steele.

— O Dr. Charles Blondel, professor de psychologia pathologica na Universidade de Strasburgo, cidade que é hoje um dos maiores fócos de irradiação do pensamento francez, vem de publicar um interessante estudo sobre o autor do *Le Temps Retrouvé* e que se intitula *La psychographie de Marcel Proust*. O volume faz parte da collecção *Les Essais d'Art et de Philosophie*, na qual já appareceram outros volumes que tambem foram muito bem recebidos pela critica, como o de Floris Delattre: *Le Roman Psychologique de Virginie Woolf*.

— Poucos livros serão de leitura tão empolgante como a *Autobiographia* de Stanley que, infelizmente, ficou muito em inicio, mas á qual sua mulher additou alguns elementos completivos após a morte do grande explorador inglez. Agora, é Jacob Wassermann quem nos dá uma vida integral do extraordinario aventureiro, no que esta palavra pode exprimir de melhor, e da qual resaltam os lances immortaes: o seu encontro com Livingstone, perdido no coração da Africa, a descoberta do Congo, hoje possessão belga, etc., etc.

— René Maran, silencioso por muito tempo, depois de haver alcançado, em 1921, um ruidoso successo com o seu *Batouala*, que lhe valeu o premio Goncourt, volta a occupar-se com os seus irmãos de raça, publicando nas *Œuvres Libres* uma aguda reportagem em que nos descreve a vida e os costumes dos pretos de Oubangui-Chari.

— E' de plena actualidade o livro do allemão E. Gunther Grundel: *A Missão da Nova Geração*, recentemente vertido para o francez com prefacio de Daniel Halévy.

— Foi finalmente ultimada a publicação da copiosa correspondencia de Louis Veuillot. São doze grossos volumes em que estão colligidas tres mil novecentas e setenta e oito cartas escriptas num periodo que vae de 1831 a 1879.

— André Maurois tem um tacto especial para escolher assumptos que lhe redundam em grandes successos litterarios, tanto na França como na Inglaterra. Agora mesmo annuncia-se um novo livro seu: *Edouard VII et son temps*, que certamente ha de seguir na esteira dourada de *Ariel*, *Disraeli* e *Byron*.

"Momento"

Recebemos o primeiro numero dessa revista critico-bibliographica, editada agora em Recife por Aderbal Jurema e Odorico Tavares, duas das mais promettedoras figuras de estudantes da Faculdade de Direito daquella capital. Entre outras notas de interesse bibliographico, Momento *publica collaboração escolhida de Agrippino Grieco, Valdemar Cavalcanti, Odorico Tavares, Joaquim Cardoso, José Auto, Aderbal Jurema, Matheus de Lima, Diégues Junior, Olivio Montenegro, Odilon Nestor, Abelardo de Araujo Jurema, Danilo Ramires de Azevedo e José Lins do Rego.*

Pandiá Calogeras — **Problemas de administração** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Temos ahi um relatorio de caracter confidencial apresentado pelo autor, em 1918, ao conselheiro Rodrigues Alves, sobre a situação orçamentaria e administrativa do Brasil do tempo. Muitas observações e impressões que são ainda da mais perfeita actualidade e merecem a attenção de quantos têm entre nós o encargo de dirigir o proximo. Falando ao grande estadista de S. Paulo, áquelle que ligou immortalmente o seu nome a tantas obras de real benemerencia collectiva, o sr. Pandiá Calogeras realizou um trabalho que nada possue de ephemero e onde surgem a cada passo provas de um bom senso e uma clarividencia politica indiscutiveis.

Pensamentos coloridos

O livro do sr. Agrippino Grieco intitulado São Francisco de Assis e a Poesia Christã *equivale a uma galeria de pensamentos, resoantes por vezes, coloridos sempre. A multidão de symbolos desdobra-se-lhe nas paginas embebidas na aguarela que remarca, nas curvas e nos angulos, o conceito subtil ou reboante dos poetas e prosadores.*

Parece que o celicola padroeiro da obra, por um natural sentimento de scenographo celeste, certo de que a humanidade apprehende melhor a sabedoria pela vista, e que é mais facil guardar na retentiva a figura que a idéa, a exemplo do cinema — inspirou o seu devoto a pintar em vez de escrever. E assim refloriu, em logar dum pesado volume philosophico, cerzido a fios nevoentos, o tomo claro e alegre do sr. Agrippino, sem a divagação confusa dos theólogos nem o dogma impenetravel dos Concilios.

Paginas impressionistas, emotivas, ellas denunciam o tom pittoresco de télas venezianas em molduras florentinas, faltando apenas as gondolas e as cantigas, os canaes e os doges. Cada pensamento se traduz nessas folhas por uma cambiante, como se a tonalidade dos preceitos fosse esbatida num atelier de bohemios. A fina intelligencia pagã do autor do livro, lavrada na esthesia tradicional da velha Grecia, soffre ao presente uma influencia religiosa que se vislumbra nas illuminuras da historia por elle proprio articulada.

Dir-se-ia que um decorador de missaes guiára a mão que traçou a obra, estampando-lhe ditos profundos na leveza resplandescente das rosaceas, dos vitraes, das clarabóias. A exposição é antes ornamental que philosophica, mais de arabescos que de raciocinios.

O sr. Agrippino Grieco leva-nos a passar em revista, por varios pontos do planeta, uma profusão de chromos verbaes, syntheses maravilhosas do que cogitaram Dante, Santa Thereza, Klopstock, Chateaubriand, Mistral, Wilde, Milton, Anthero, Longfellow, Rubem Dario, Varela, alem de outros da caravana memoravel; dahi os emblemas, as imagens, as metáphoras. Abrem-se, então, ante nossos olhos deslumbrados, os mais vivos jogos de luz. As allegorias de fogo, as hypérboles vermelhas, as analyses róseas, entremeadas aos retratos azues, aos perfis amarellos, ás cariátides cinzentas, invocando phrases rascantes e piedosas de apophtegmas destruidores e anexins moralistas, de conselhos chibantes e versiculos platonicos, sempre embebidos no espectro solar, passam e repassam num tropel de cavalhada que recolhe espumando da revista do dia de Juizo Final.

Nessa mistura de preceitos pompeia no ar a flamma do sol. Ha um matiz lyrico no fundo de cada maxima; os apólogos são rajados; as sentenças bronzeadas; e, mais do que isso, esponta um renascimento catholico na peregrinação iconoclasta do sr. Agrippino Grieco. Esse magnifico pagão soffre agora a influencia lustral dalguma pia ecclesiastica, taes os capitulos baptisados da arte que revela. De sorte que a sua caminhada, por montes e valles da litteratura hellenica, riscada ao sabor da mais rebelde das imaginações, vae no momento investindo a estrada de Damasco espiritual, em cujo termino ergue-se, talvez, á feição dum templo, os contornos da Academia.

O fascinio do tomo lembra ternuras ingenuas do tempo antigo, singeleza primitiva de prophetas, a velludosa idade, em summa, do mel silvestre e do gafanhoto nutritivos, quando esse fabuloso São Francisco de Assis, esmolando a códea de pão, falava aos passaros numa linguagem de parabolas divinas. E como um livro assim, concebido na claridade dos Tropicos, é muito mais sentido pela gente da planicie equatorial, cujo ceu esmaltado de estrellas recorda um veu de deusa, e onde a luz não é feita pra remedio e sim para o delirio das pochades *e o uso e o abuso da paisagem e do panorama, o habitante destas plagas julga interpretal-o melhor que o homem meridional.*

O pannejador de tunicas maravilhosas que era o sr. Agrippino, capaz de ver somente a purpura roçagante do manto dos Césares, só enxerga e recolhe nestes momentos nazistas o retalho universal da rua, o panninho sensibilizante da prosa e do verso multicôres, transformando-se, como por encanto, do costureiro enamorado da grandeza romana no trapeiro humilde das vielas desnudas da christandade. O conceito suave ou forte, registado pelo grande critico brasileiro que é o sr. Agrippino Grieco, ganha na visão paraense uma nuança que lhe define a indole impar no scenario mental.

Por ora, o lobo de São Francisco de Assis parece remarcar apenas o noviciado, a renuncia mundana que se esboça na trajectória coruscante do festejado escriptor montanhez. Virão por certo depois outros animaes com os seus respectivos domadores sagrados. Os peixes de Santo Antonio, a pomba do Divino, o côrvo de São Paulo, a corça de São Gil, a hyena de São Macario, as viboras de Santa Catharina, o leão de São Jeronymo, o veado de São Julião, a lebre de São José Cupertino, o cão de São Roque, a borboleta e o rouxinol de Santa Rosa de Lima, o touro de São Silvestre, o cordeiro de São Clemente, o javali de São Basilio e o burro de São Leonardo surgirão ao repique alegre dos sinos litterarios de São Agrippino, já então de burel de estamenha, de cajado em punho ao lado do jaboti, que será o seu bicho. Porque, ou eu me engano muito ou esta ballada milagrosa a São Francisco representa uma conversão, que terminará possivelmente num convento, se não terminar na Academia...

RAYMUNDO MORAES.

(Do *Diario do Estado*, de 30-10-1933, de Belém do Pará).

"Surto"

Eis ahi uma revista que bem reflecte a cultura variada e o espirito de combatividade daquelles que a redigem. Fundada e mantida por um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de Bello Horizonte, Surto *não se restringe a explorar assumptos de mera finalidade academica, distinguindo-se, ao contrario, pela amplitude, pela universalidade dos themas que focaliza. Assim é que, em seu ultimo numero, a par de estudos de sociologia e politica, encontramos bellos ensaios de caracter nitidamente litterario. Um delles, consagrado ao romance nacional, é dos mais completos, primando pela independencia de julgamento e dando, por exemplo, ao grande romancista Lima Barreto a preeminencia que lhe cabe entre os animadores de almas do nosso Brasil.*

ESCRIPTORES ALLEMÃES

Georg Kaiser impressiona os allemães pela sua extrema audacia. Deita mão de todos os recursos para sacudir o publico e tudo se lhe afigura digno de ser levado á ribalta. Recantos os mais ambiguos da alma não devem ser esquecido logo que se trate de obter interessantes effeitos scenicos. Nenhum pudor, nenhum temor do ridiculo nesse homem de luta, que vive a duellar-se espiritualmente com a critica e as platéas germanicas. Seu primeiro drama, que era destinado a guerrear a guerra, foi representado exactamente quando as creaturas mais civilizadas se chacinavam nas terras mais civilizadas do planeta. Depois disso, succederam-se-lhe os dramas, muito bem machinados sempre, com o perfeito dominio da carpintaria de bastidores, e dizendo as cousas mais desaforadas a uma burguezia que o applaude sem perceber direito até onde vae o poder de corrosão das suas peças. Peças em que, nos ultimos tempos, são evidentes as tendencias communistas.

— A poetisa Else Lasker-Schuler é de procedencia hebraica. Apesar de educada num dos logares mais attrahentes e populosos da Europa, metteu-se um dia, sózinha, numa caminhada aventurosa e foi ter á Palestina, ávida de rever os sitios dos seus maiores. Isso no sentido physico. Mas tambem no sentido espiritual appeteceu-lhe regressar ás velhas inspirações da sua raça perseguida e exilada. Ha muito que a poesia dos judeus não achava quem a cultivasse com tanta emoção e fervor lyricos. E' uma especie de retorno aos psalmos de David, mas com um bello caracter de modernidade, com uma personalidade das mais vibrantes na comprehensão das miserias e das tristezas contemporaneas. O Velho Testamento encontra uma expressão nova nos carmes, entre religiosos e profanos, dessa mulher admiravel que parece repetir os lamentos de Jeremias em relação aos constructores de ruinas que são os politicos e os potentados de hoje.

— Em Leonhard Frank lutam, numa especie de peleja esportiva, os sentimentos mais oppostos. E' elle um camponio medieval, dos que se extasiavam deante dos "mysterios" representados na praça publica, quando a Allemanha não contava ainda o choral de Luthero, e é um enthusiasta do progresso das grandes cidades cheias de chaminés e vehiculos tumultuosos. Leninista antes de Lenine, foi sempre um devoto daquillo que Dostoiewsky ou um dostoiewskiano qualquer rotulou de "religião do soffrimento humano". Na época de prosperidade dos *junkers* prégou o regresso á velha simplicidade christã. Mesclou lyrismo e satira. Em plena guerra, fez, movido por sentimentos pacifistas, a sua offensiva escripta contra os antigos companheiros de socialismo que haviam atraiçoado os ideaes de fraternidade planetaria. Esse, homem, que tanto fala em amor, é dos que mais sabem odiar em seu paiz.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Monteiro Lobato — *Na Antevespera* — Reacções mentaes dum ingenuo — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
E. Roquette-Pinto — *Ensaios de Anthropologia Brasiliana* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Alde Sampaio — *Problemas Basicos na Constituição* — Ariel, editora — Rio.
Roberto Seidl — *Nisia Floresta* — Rio.
Mario Sette — *Seu Candinho da Pharmacia* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Pandiá Calogeras — *Problemas de Administração* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Caio de Mello Franco — *Via Latina* — J. A. J. Van Zijl — Editora — Haya.
Ozorio Cesar — *Que é o Estado Proletario?* — 2ª ed. — S. Paulo.
Brenno Ferraz — *Leonor Cabral* — S. Paulo.
Erico Verissimo — *Clarissa* — Livr. do Globo — Porto Alegre.
Eulalio Motta — *Alma Enferma* — (Versos) — Imprensa Victoria — Bahia.
Prof. B. Mirkine-Guetzevitch — *As novas tendencias do Direito Constitucional* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Lewis Carrol — *Alice no Paiz das Maravilhas* — 2ª edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
G. A. Burger — *Aventuras do Barão de Munchhausen* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Monteiro Lobato — *As caçadas de Pedrinho* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Elynor Glyn — *Cegueira de Amor* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
H. Ridder Haggard — *A Filha da Tempestade* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Concordia Merrel — *Adão e algumas Evas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Havelock Ellis — *A Educação Sexual* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Jorge Bertolaso — *Vida scientifica de Trombetti* — S. Paulo.
Idem — *Vestigios da lingua primitiva* — S. Paulo.
Rudyard Kellman — *English and Portuguese Commercial Correspondence* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
C. Collodi — *Pinocchio* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Coryna Rebuá — *Alma Sedenta* — (Versos) — Rio de Janeiro.
Othoniel Motta — *O Evangelho de S. Matheus* — (Traducção) — S. Paulo.
Revista Nacional — Tomo I — Fasc. 2. N. 2. — Rio.

B. Mirkine-Guetzévitch — **As novas tendencias do direito constitucional** — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1933.

Este volume, escrupulosamente traduzido pelo sr. Motta Filho e prefaciado e annotado pelo sr. Vicente Ráo, destina-se a interessar um vasto circulo de leitores. O autor é figura preeminente entre os mestres de direito da Europa e animou-o, no caso, um sincero desejo de armar uma synthese de real utilidade em meio a tantos charlatas que, tratando de problemas constitucionaes e outros affins, não se revelam senão inuteis machinas de phrasear. Ha em jogo, neste livro, uma nobre consciencia juridica, alliada ao proposito de bem servir, sem exaggeros de qualquer especie, os homens e a sociedade do nosso tempo.

Carlos Sussekind de Mendonça — **O catholicismo como partido politico estrangeiro** — Calvino Filho, Rio, 1933.

O autor deste livro é um publicista de extrema combatividade intellectual. Filho de Lucio de Mendonça, que, a par de admiravel poeta lyrico e prosador dos mais saborosos, foi tambem um pamphletario apaixonado, o sr. Carlos Sussekind de Mendonça herdou-lhe o pendor para a luta, para o debate das idéas, para as contendas nos dominios do espirito. Este volume, cuja essencia não discutiremos, por transcender do caracter meramente bibliographico da nossa revista, é mais uma prova das suas tendencias para os recontros de polemista, mesmo quando estejam do lado opposto — e é bem o caso — adversarios de cultura e intrepidez não menos indiscutiveis.

Guilherme Hauff — **Contos Orientaes** — Edição da Livraria J. Leite — Rio, 1933.

Guilherme Hauff, que morreu aos vinte e cinco annos de edade, versou, com egual destreza de espirito, a poesia, a novella, o romance. Os caracteres das suas narrações desenvolvem-se com uma admiravel ligeireza de desenho. Ninguem celebrou com mais finura a vida bohemia dos estudantes allemães, fazendo-o em paginas que levam a pensar no livro famoso de Murger. Delicadeza, fantasia e um subtil humorismo casam-se nos trabalhos desse pittoresco estylista, autor de esbocetos que têm sempre côr e luz, que evocam as lindas povoações alpestres e o altivo perfil do solar de Lichtenstein, as velhas guerras em que contendiam os barões feudaes e os rebeldes impulsionados por sentimentos de reivindicação egualitaria. Quanto ao Hauff contista oriental, é dos mais meritorios. Bastaria este volume, agora transportado ao portuguez pela escriptora Lina Hirsch, para incluil-o no numero dos tecedores de bellas legendas que se chamaram Perrault, d'Aulnoy e Andersen. Como esse adolescente germanico penetrou a alma dos filhos do Oriente, assimilando-lhes as modalidades, comprehendendo-lhes com perecuciencia invulgar os habitos, a bravura, as tramoias, os esplendores e as miserias moraes! Como é bem entretecida a historia do Califa Cegonha! O Navio-Fantasma fere uma nota extremamente pathetica, mas o Pequeno Muck é uma adoravel conciliação de bondade e ironia, de malicia e ternura humanas. O Falso Principe conduz o leitor por uma série de peripecias que o final, talvez inesperado, não compromette de modo algum. Em summa, está ahi um livro de poeta, feito para creanças mas que os adultos tambem poderão percorrer, sem receio de nenhuma diminuição intellectual. Hauff era evidentemente um grande artista da prosa e um orientalista dos mais seguros, e a transposição do livro para a nossa lingua não lhe diminue uma unica vez o encanto e a subtileza do texto allemão. E, no que diz respeito á confecção graphica, a edição é de um merito indiscutivel. A capa é illustrada por uma allegoria de extrema côr local e 7 aquarellas e 50 desenhos originaes, do notavel pintor Otto Bungner, convertem o volume num verdadeiro mimo em condições de ornar e enriquecer a mais escrupulosa das bibliothecas.

PROXIMAS EDIÇÕES "ARIEL":

Lucia Miguel Pereira:
Em Surdina (romance) .... 7$000
Maria Eugenia Celso:
Fantasias e Matutadas (Versos) ...... 6$000
Ranulpho Prata:
Lampeão (documentario) .... 6$000
J. Kessel:
Luxuria (romance) — Trad. de G. Cruls 6$000

— Azedo inimigo de Giovanni Gentile, já o tendo desancado num pamphleto em que o chama de "besta triumphante", é Adriano Tilgher, philosopho napolitano. Traductor de Fichte, de Descartes e de Ravaissou, Tilgher remexeu em todas as litteraturas antigas e modernas e escreveu, a proposito do pragmatismo transcendente, do tempo e da eternidade, do marxismo e socialismo, dos relativistas contemporaneos e do conceito do individuo, paginas destinadas a perdurar nas bibliothecas. Forte em sciencias sociaes, inexcedivel nas doutrinas philosophicas, mostra ainda aspectos da sua multipla personalidade ao agitar questões politicas e ao fazer desabusada critica de arte. Os dramaturgos mediocres tremem de medo deante delle e parece que o fascismo está longe de incluil-o entre os santos venerados pela seita...

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Janeiro 1933 - N. 4 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

Livros esgotados e livros raros

CADA autor que exerceu por algum tempo o officio de escrever para o publico tem sempre alguns livros esgotados.

Eu tenho-os para mais de oito ou nove: Paginas de Esthetica, Crepusculo dos Deuses, Phrases Feitas, Notas de um Estudante, Lingua Nacional, Colmeia e outros de menor importancia. Quasi esgotados ha uma meia duzia.

A não se tratar, porém, de livros didacticos, os editores não gostam de reimpressões.

A reimpressão é um negocio fraco e destinado quasi sempre ao fracasso. Quem tinha de ler, já leu; e a gente nova não quer saber de livros antigos.

Esse é o raciocinio dos editores e não me parece que deixam de ter as suas razões.

Quanto a mim, ha quem me tenha proposto alguma reimpressão, mas como não desejo enganar pessoa alguma, peço adiamento, e peço-o tanto melhor quanto posso dar um livro differente ou aconselhar uma capa nova.

Tenho no estaleiro, como se diz vulgarmente (e essa imagem prenuncia os riscos do mar) um romance quasi concluido, outro começado, umas glosas de philologia para amadores como eu sou, alguns retalhos de variada materia. Para todo esse rebutalho tenho editores apostados que me fustigam a lentidão da minha prudencia.

Para que publicar?

E' uma superfetação a publicidade de coisas que os jornaes divulgaram em primeiro embryão. E desde muito tempo aquillo que as gazetas não publicaram não existe, porque escrevo só para as folhas de imprensa e escrevo para ellas para amassar o pão quotidiano.

Apenas dessa primeira gestação supprimo o que me parece demasiado futil ou impertinente. Calculo o volume como se vendesse a peso. O resto é reduzido a pacotes, isto é, a originaes. E' uma massa enorme, incongruente e disparatada.

Assim nasceram quasi todos os meus livros, ratinhos dessa montanha fatua e volumosa.

Não pude nunca em minha vida de poucas lettras accumular e guardar folhas ineditas. Vou com ellas ao mercado, vendel-as de vez, sem contar com o prejuizo da freguezia possivel.

— Mas, isso não presta, dizem-me os mais sinceros e ousados.

— Não prestam, mas espero que encapotados em livros os fructos amadureçam. E' o unico meio de não serem indigestos.

Ha coisas, porém, que não me merecem esperança alguma. São as criticas. São inteiramente inuteis e passariam como as rosas de Malherbe se algum dia fossem rosas.

Ha uma ballada allemã que figura um sujeito coroado de rosas, a dansar como um louco. As rosas afinal desfolham-se e elle continúa a dansar mas já agora com a sua corôa de espinhos.

Ao cabo de algum tempo a critica tem aculeos. Perdem as petalas e degeneram naquelle epilogo da ballada.

E em tudo isso accresce que me sinto perto do fim. Perdi a idade não digo das illusões mas dos proprios desenganos. O que me impelle a viver ainda é a inercia ou a leveza da cabeça que me impede de tombar.

Emfim, irei publicando livros, reeditando os que estão no esgoto (como dizia Camillo Castello Branco dos seus inimigos e eu digo do meu amigo maior). A vida do litterato é escrever e a minha litteratura, igual á do escrivão, é rabiscar.

Haja penna e haja tinta que de publico não ha muita falta.

João Ribeiro.

ARTE POETICA

(FRAGMENTO)

DA POESIA.

Poesia é um estado de alma religioso e metaphysico em que o homem communga directamente com a divindade.

Não póde haver poesia sem a graça.

*

Ninguem nasce poeta. Sinão no Brasil, bem entendido, onde a terra dá poetas como cogumelos.

Dahi o descredito e a vulgaridade de uns e outros.

*

A faculdade poetica por si só não basta. E' a capacidade de exprimir uma emoção pessoal numa forma definitiva que faz o poeta.

Não confundir ejaculações poeticas com a inspiração das Musas.

*

Poesia não é versificação, como geralmente se pensa no Brasil. Este malentendido vem de longe e é anterior a Castilho.

Data da *Prosopopéa* e do *Caramurú*.

*

Sem os poetas o céo estaria deserto; nem os astros proclamariam a gloria de Deus.

No principio de todas as religiões ha sempre um poeta.

*

Não ha termos poeticos: ha o termo justo.

Não ha themas poeticos: ha poetas.

Não ha escolas: ha mestres. O resto é a vil tropilha dos imitadores.

*

A poesia moderna em França está retornando á technica tradicional e aos velhos moldes classicos. (Henri de Régnier, Francis Jammes, Paul Valéry, para só citar os grandes nomes).

Aviso aos camaleões do Parnaso indigena.

DOS POETAS.

Platão baniu da Republica os poetas. Evidentemente Platão, que era official do mesmo officio — por sinal que passa por ser o autor daquelle epigramma deliciosamente lascivo da Anthologia em que duas almas se aspiram e fundem num hálito á flor dos labios — queria referir-se aos maus poetas de Athenas, e como legislador politico fazia-se o instrumento da justa colera e da vindicta das Musas.

Mas os contemporaneos taparam os ouvidos ao canto do cysne atheniense e o resultado foi que a infinita raça dos poetastros continuou a proliferar no mundo até os nossos dias.

E' bem verdade que a prevalecer o anathema de Platão a estas horas o Brasil estaria despovoado.

DO VERSO.

Verso é contenção e disciplina. Ao contrario da prosa, que é desempeço e liberdade; e ás vezes mesmo não lhe fica mal uma bella anarchia.

*

O Verso tem os seus quadros definidos, o seu rithmo elementar. Romper esses quadros e quebrar esse rythmo, como pretenderam symbolistas, cubistas, futuristas, é positivamente obra de vandalos e sacrilegio.

*

Não ha regras fixas, sinão para os mediocres. O verdadeiro poeta forja a sua technica, si fôr capaz; ou innova a technica tradicional, si a tanto o ajudarem as Musas.

*

Em verso, como em geral no estylo, o termo raro não é o termo insólito, mas o termo justo.

*

Não se diga em verso o que se póde dizer melhor em prosa. Qual o poeta brasileiro capaz de resistir a semelhante prova ?

Pergunta a premio.

*

Póde muito bem haver poesia onde não ha verso. A reciproca tambem é verdadeira.

*

Todas as tentativas de crear uma technica moderna do verso falharam. A technica tradicional, salvo rarissimas innovações felizes, subsiste integralmente.

*

Na instantaneidade espacial de um verso captar uma resonancia infinita.

DA RIMA.

A rima é um elemento de belleza do verso, com a condição de ser natural, expontanea e necessaria.

Sempre que puder ser supprimida sem alterar o sentido, o effeito e a sonoridade do verso, a rima é chumbo vil e abominavel excrescencia.

*

A rima em si, disse um poeta, não é boa nem má. Aos tolos suggere tolices, aos verdadeiros poetas bellos pensamentos e bellas imagens.

*

Todos os artificios de que se sirva o poeta para augmentar a belleza, a sonoridade e a musica do verso são legitimos, imperiosos e peremptorios. Mas hão de ser como invisiveis fios de ouro de uma trama subtilissima.

Apparentes, não passam de grosseiro embuste e, no ponto de vista technico, clamorosa indignidade.

LICENÇAS POETICAS

Em poesia são permittidas todas as licenças menos uma, que é não ter talento.

E' a unica liberdade que as Musas não consentem aos seus amantes.

POETISAS.

O mundo só conheceu uma: Sapho.

E' verdade que em Sapho era tudo anomalia e aberração da natureza.

E para remate esta de Fontenelle, que offereço aos zoilos e aos maldizentes:

"E' mais facil ditar regras que observal-as e fica entendido que uma cousa não obriga a outra".

ALBERTO RAMOS.

PHILIPP GIBBS

"The Age of Reason"

Os homens de sciencia, inteiramente entregues ao esforço da pesquiza, são, por vezes, levados a generalizar os resultados de seus estudos. Convencidos do poder da razão, instrumento primordial de seus trabalhos, elles se revoltam deante do menosprezo em que a razão é tida ainda na vida moderna. Porque não racionalizar a nossa actividade, os nossos sentimentos, a nossa vida profunda, deixando de lado o peso enorme dos preconceitos, das tradições, dos erros cuja influencia é nociva, ou em muitos casos pelo menos inhibidora? Grande numero de situações dramaticas, de difficuldades da vida corrente, provêm do desconhecimento de sua verdadeira natureza, da falta de serenidade e de calma no encarar a sua real significação. Para muitos, seria chegado o momento de fazer uma reforma da moral, dos costumes sociaes, uma revisão das bases das relações entre os homens e sobretudo entre os sexos.

Nas conversações entre os homens de sciencia, esses themas são muitas vezes abordados. Regra geral, todos permanecem nos vagos dominios das idéas theoricas, sentindo sempre os obstaculos, as difficuldades que encontraria a acção orientada por principios novos e ainda não acceitos. O romance de Gibbs visa justamente mostrar os resultados desastrosos de uma acção coherente com esses novos principios.

Um eminente professor de Biologia educa os seus filhos na ignorancia completa da moral tradicional, ainda impregnada de principios religiosos, que lhe apparecem como simples superstições. A rapariga cheia de saude e de vida, com uma inconsciente coragem de opiniões e de attitudes consideradas escandalosas pelo meio, que as não comprehende, analysa com olhos bem esclarecidos todas as situações, e orienta-se para uma vida livre, de accôrdo com suas tendencias e seus instinctos, que ella considera á luz dos principios *behaviouristas*. O rapaz, seguindo os traços paternos, cedo inicia-se nos mysterios da pesquiza biologica. Mas o professor, viuvo e ainda moço, casa-se com uma estudante, muito jovem e muito bella, cuja mentalidade não formada e indecisa, não se adapta a um ambiente tão rigorosamente scientifico. Filha de um pastor protestante, ella conserva um fundo de idéas espiritualistas, e estas são sempre bastante fortes para não se deixarem abafar sem resistencias. Suas vagas e informes aspirações puramente espirituaes, que ella pensára no momento do casamento poder desprezar, reagem e tomam fórma, creando conflictos intimos e devastadores. A observação do que se passa em seu circulo de familia aggrava dia a dia sua perplexidade moral. O pae do professor, velho physico, de uma distincção impeccavel, é submettido pelo filho a uma operação de rejuvenescimento; perde suas caracteristicas de fidalguia para assumir, durante um curto prazo, attitudes de satyro, e morre victimado por uma congestão quando se ensaiava nas danças modernas. A partir d'esse ponto, justamente após uma longa e brilhante conferencia em que o professor expõe suas idéas sobre o momento de iniciar a *edade da razão*, os desastres se multiplicam. O filho do professor, cujas concepções racionalistas ainda não tinham tido tempo de se crystallisar de um modo definitivo, apaixona-se pela madrasta e revolta-se contra a situação creada pelo pae. O cunhado, cuja mentalidade de poeta era considerada na familia como medieval, por suas anachronicas tendencias artisticas e metaphysicas, não resiste aos encantos da jovem behaviourista. Mas esta, em uma viagem, percebe quanto os separa, e, sem avaliar a crueldade de suas resoluções, crêa entre elles barreiras intransponiveis. O romance acaba com o suicidio do jovem poeta, com uma irreprimivel invocação a Christo do aspirante a biologista, e com a perplexidade do professor, perdido, attonito, na situação de quem nada mais comprehende, esmagado pelas consequencias praticas de suas idéas.

Esse final lembra-nos a terminação do celebre *Le Disciple* de Paul Bourget. E dizendo isso, teriamos feito toda a critica do livro. Romance de these, destinado a demonstrar as idéas de seu autor, elle tem todos os defeitos reaes e todas as qualidades apparentes dos romances d'esse genero. Ao romancista é dada a liberdade de inventar os factos fundamentaes de sua obra, como bem lhe parece. Elle possue, assim, o privilegio de, voluntariamente ou arrastado pelas suas convicçoes, crear os elementos de prova que lhe convêm. A these, para elle, é o ponto de partida, emquanto para o leitor é a conclusão. E como os factos são logicamente deduzidos de um principio mantido occulto, esse principio se impõe, ao fim, com a mesma inexoravel logica.

O romance de Gibbs, de facto, nada demonstra pró ou contra a racionalização da vida em todas as suas minucias. Mas isso não impede que haja n'esse volume muita penetração psychologica, e sobretudo, bellas descripções de ambientes. E' mais um livro inglez que nos faz penetrar n'essa atmosphera de inquietação d'alma, de incerteza e de sensibilidade fina, caracteristica dos meios cultos da Inglaterra, que os modernos autores, levantando o tradicional véo de hypocrisia, nos têm revelado em muitos de seus aspectos.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

AFFONSO SCHMIDT — PIRAPORA — Edições Unitas — São Paulo — 1932.

Muito antes da litteratura russa desfrutar da immensa voga de que presentemente desfruta entre *nós*, já o sr. Affonso Schmidt, escriptor de imaginação robusta e linguagem artisticamente desenvolta, falava, com uma ironia apiedada, dos subtypos de falhados, de vencidos, dos sem-gloria em que são prodigos os romances dos discipulos de Gogol e Dostoiewski. Seu livro *Bruptalidade* (assim mesmo com "pt") foi um dos grandes successos da nossa prosa, no periodo, não muito distante, em que surgiu. E, neste momento, o volume *Pirapora*, uma bellissima collectanea de novellas, põe de novo em plena luz o nome desse autor discreto, avesso ás parcerias do elogio mutuo e que ao invés de apparecer nos chás dansantes ou nas sessões de academias baratas, só apparece, com dignidade, na capa de volumes que não desapparecem, mal apparecidos, como dezenas de outros. Aqui, nas narrações de *Pirapora*, vemos inolvidaveis figuras de humildes e timidos, como a esposa do mestre-escola Romão, que tanto desejava fazer uma viagem ao logar que fornece o titulo ao livro. E scenas angustiantes de hospital e penitenciaria, acontecimentos miúdos de cidades pequenas, com a sua maledicencia e a sua moral hypocrita, ou perspectivas de grossas ladroeiras nos grandes centros civilizados, acabam levando uma das personagens da collectanea, Axel, a esta conclusão amarga: "Da burguezia nós não podemos esperar nada, nem dinheiro, nem amor..."

Capistrano, ensaista e critico

Capistrano de Abreu (1853-1927) foi critico *per accidens*. Em meio seculo de actividade intellectual criticou uns trinta livros, se tantos, o que dá a media de menos um por anno. Raros entre os contemporaneos seus lograram despertar-lhe a sympathia. Contam-se pelos dedos: Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Rocha Lima, Varnhagen, Irineu Joffily, autor de interessantes *Notas sobre a Parahyba*, Eduardo Prado... Entretanto esse critico amador ombreou com os profissionaes do seu tempo, e ás vezes os excedeu. O necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen nem Sylvio Roméro, mais equilibrado do que Tobias e muito mais culto do que Verissimo, seria capaz de escrever: faltava-lhe a forma lapidar e a capacidade synthetizadora, como o profundo conhecimento de nossa historia que o necrologio revela.

A *Sociedade Capistrano de Abreu* está exhumando esses trabalhos esquecidos do patrono e conta com elles constituir dois ou tres volumes de *Ensaios e Estudos*. O primeiro já veiu a lume, alentado de 348 paginas in-8º grande. Aspecto magnifico, miolo excellente. Esse livro de retalhos vai tornar-se indispensavel á mesa dos intellectuaes e por ventura influir na formação de espiritos novos.

Capistrano desde moço se revelou um mestre; os seus juizos são sempre objectivos, fundamentados; as suas sentenças, irrecorriveis, passaram em julgado.

Ha no alludido volume, ensaios de varias phases de sua vida, desde a epoca juvenil até a plena maturidade; todavia não se deparam, entre os mais antigos e os mais modernos, differenças fundamentaes; nota-se-lhes o mesmo ar de familia, o mesmo estylo sobrio, a mesma philosophia.

Capistrano nasceu, para as lettras, evolucionista, e morreu evolucionista e agnostico. Emquanto outros viveram procurando caminho, mudando com as modas litterarias e philosophicas, elle cêdo achou o seu bem largo, seguro, e, para repetir muito a proposito um adjectivo que sempre anda ligado a caminho, accrescentarei — luminoso.

Uma philosophia que contenta espirito tão brilhante, equilibrado e amigo da sabedoria deve conter muitas parcellas de verdade. Capistrano, nesse particular, foi sem duvida filho de sua época, esse formidavel Século XIX que os medíocres malsinam e os retrogrados detestam. Mas, uns e outros não lograrão apagar uma categoria nova que deu ao pensamento: a evolução.

Contém os *Ensaios e Estudos*: Perfis juvenis: I — Casemiro José Marques de Abreu; II — Luiz José Junqueira Freire (Ensaios escriptos por Capistrano aos 20 annos de idade e publicados no *Maranguapense* em 1874); A litteratura brasileira contemporanea (Conferencias feitas aos 21 annos em Fortaleza e estampadas no jornal *O Globo*); Raymundo Antonio da Rocha Lima (E' o prefacio á *Critica e Litteratura* desse mallogrado ensaista de excepcional talento, datado de setembro de 1878); Necrologio de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (Tambem de 1878); Camões de Perfil (Publicado na *Folhinha Laemmert* de 1881); Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes, adoração e ceremonias, de Fernão Cardim (1881); Sobre o Visconde de Porto Seguro (1882); "Notas sobre a Parahyba", por Irineu Joffily (1892); Raul Pompeia (1882); Memorias de um Frade (Frei Manoel Calado, autor d'*O Valeroso Lucideno*, 1889); Dialogo das grandezas do Brasil (1900-1901); Eduardo Prado (Setembro de 1901).

Capistrano ensaista e critico apresenta-se como novidade mesmo para a nossa geração. Tudo isto andava esparso e inaccessivel, só de poucos conhecido e com difficuldade, obrigando consultas nas bibliothecas publicas.

O nosso critico é um mesologista á maneira de Buckle e Taine: "A litteratura é a expressão da sociedade, e a sociedade a resultante de acções e reacções: de acções da Natureza sobre o Homem, de reacções do Homem sobre a Natureza. Está, pois traçado o caminho: em primeiro logar, tratarei das influencias physicas no Brasil; em segundo logar, da sociedade que medrou sob essas influencias e da litteratura que exprime essa sociedade". Isto escrevia elle em 1875.

Os seus estudos de geographia e de historia, cada vez mais profundos e minuciosos, o afastaram do campo ameno das bôas lettras.

Esse homem tão impregnado de philosophia naturalista e que nos mesmos productos alados da phantazia sentia as influencias do meio, o cheiro da terra e o calor do clima, estava naturalmente fadado a ser o introductor entre nós da anthropogeographia. Essa gloria partilhou com Euclydes da Cunha, mas facto é que precedeu o historiador e geographo dos *Sertões*.

A palavra anthropogeographia apparece no seu prefacio á traducção da geographia de Sellin, em 1889. Lamenta a falta de um capitulo anthropogeographico e pergunta: "Será possivel escrevel-o?" Esboça-o depois a traços largos.

Desde então, cada vez mais, foi procurando a acção do meio sobre os factos historicos.

Os *Capitulos de historia colonial*, que são de 1907, trouxeram para as nossas lettras historicas essa novidade: pela primeira vez o passado nacional, no decorrer de tres seculos, era explicado á luz dessas influencias mesologicas. Somem-se os nomes proprios (Até Tiradentes!), apparecem os grandes accidentes geographicos: a Serra do Mar, a inclinação do planalto para oeste propiciando as bandeiras; o São Francisco como caminho da civilização sertaneja ligando o Norte ao Sul.

A critica do tempo nem suspeitou o que havia de novo nos *Capitulos*. Em compensação os entendidos de fóra os louvam e enaltecem. Pierre Denis, collaborador de Vidal de la Blache e Gallois, numa geographia universal, feita na orientação ratzeliana, dizem delles que são um *tableau tracé dans un esprit assez géographique*.

Capistrano fez anthropogeographia litteraria, nas vesperas da anthropogeographia nascer, quando bruxoleava nos escriptos de Buckle e de Taine; propagou-a no Brasil nas suas traducções de geographos allemães e escriptos outros; finalmente findou explicando toda a nossa historia colonial á luz de suas theorias.

Essa continuidade de pensamento e de orientação philosophica dá grande solidez aos seus escriptos, mesmo os fragmentarios e de occasião, porque ha em todos a mesma estructura da rocha matriz.

ALCIDES BEZERRA.

PAULERY BERGADO — PARA RIR — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1932.

Num sisudo prefacio, diz o respeitavel sr. Barão d'Aseurra que esta collectanea de anecdotas fará um immenso bem aos cidadãos biliosos e dyspepticos. Estamos de pleno accôrdo. De facto, numa época atormentada como a nossa, não sabemos de melhor distracção, de leitura mais repousante que a de um excellente "ana" (para empregar a expressão tornada classica em França), a de uma despretenciosa série de historietas que podem ser lidas onde quer que seja, sem necessidade de prestar attenção ao conjunto, por isso que conjunto é cousa que absolutamente não existe no caso. Os europeus, agora mais que nunca, recream-se com essas collectaneas, organizadas por intellectuaes como Bienstock, Léon Treich e outros, e os nossos patricios, por sua vez, procurarão deliciar-se com a fina anthologia humoristica de Paulery Bergado, que, apesar da sua austera profissão, não desconhece o que é necessario á gente macambuzia para rir a bom rir...

NICOLAS SÉGUR — A CARNE — Traducção de *Julião Fernandes* — Ariel, Editora Limitada — Rio, 1932.

Egualmente traduzidos por Julião Fernandes, *A Cortina Vermelha* e *O Anel Sensual*, do francez Nicolas Ségur, obtiveram entre nós um grande successo de venda, obtendo tambem elogios de algumas figuras das mais significativas da nossa critica litteraria. Assignale-se que Ségur, escriptor de procedencia levantina, foi amigo intimo de Anatole France, sobre quem redigiu um interessante volume de reminiscencias, e tem exercido o difficil mistér de julgar os livros alheios em publicações importantes como *La Revue des Revues*, de Paris, fundada pelo polonez Jean Finot. Suas obras de ficção, incluidas entre os bons commentarios romanceados das theorias de Freud, venderam-se de prompto aos milhares e foram logo transportadas para outras linguas. Marcel Augagneur, redactor do *Gringoire*, traçou não ha muito um bello retrato de Nicolas Ségur, pondo-lhe em relevo as faculdades de estylista e particularmente os bellos dons de paizagista synthetico á moderna. Trata-se, pois, de um verdadeiro homem de lettras, de um prosador de categoria não commum, e, editando-lhe agora mais um romance em portuguez (*A Carne*), a nossa empreza está segura de bem servir a curiosidade dos leitores nacionaes por tudo quanto se prenda á exegese dos postulados scientificos do grande neurologista de Vienna, figura tão importante, em nosso tempo, quanto Bergson e Einstein.

TOSTES MALTA — CHRONICA DOS LIVROS — Off. d'*A Noite* — Rio, 1932.

O Sr. Tostes Malta, autor de alguns livros de versos recebidos com justos applausos ao seu apparecimento, é tambem um amavel e discreto critico litterario que já se fez admirado por quantos lêem *A Noite* e já ganharam o habito de acompanhar-lhe as chronicas semanaes sob o movimento dos nossos livros. E' justamente de um apanhado desses trabalhos o volume que vimos de receber e onde o autor discorre com muito bom gosto e grande sensibilidade sobre vultos e factos das lettras patrias e estrangeiras.

CASSIANO RICARDO — MARTIM CERERÊ — Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes — S. Paulo, 1932.

Em geral, os livros de versos dos poetas novos não se vendem muito. Indiscutivelmente, os modernistas não dispõem do numeroso publico que festejava os artistas romanticos ou parnasianos, recitando-os, declamando-os por toda a parte. Mas o sr. Cassiano Ricardo é uma feliz excepção a essa regra sem duvida lamentavel. Varios dos seus volumes tiveram de reapparecer em tiragens cada vez mais abundantes e é de notar o nenhum esforço com que a collectanea de poemas intitulada *Martim Cererê* attingiu a terceira edição. Successo dos mais justificados se attendermos á excellencia desses poemas, muitos dos quaes dignos de figurar num severo florilegio do lyrismo pantheista do Brasil de agora. *Martim Cererê* "é um grande livro" (Medeiros e Albuquerque), "em que se sente o cheiro forte de nossa terra" (Roquette-Pinto), "é uma correria deliciosa pelo tempo perdido na infancia" (Ronald de Carvalho), "contém paginas fulgurantes" e é "brasileiro até á medulla dos ossos, quasi aborigene" (João Ribeiro).

"Lucrece Borgia"

Frantz Funck-Brentano — (Tallandier, 1932)

Nessas paginas extremamente placidas, algo mortas, o historiador desdenha a poetização do motivo seduzido pela verdade.

Ao terminar a leitura do livro lhe examinámos a capa. Esperavamos vêr, entrelaçado com o de Brentano, o nome de Gregorovius seu illustre collaborador. Não o encontrámos. Sem duvida houve esquecimento do typographo, pois no texto elle vem citado algumas vezes, embora com irritante displicencia. Em defesa dessa impressionante mulher, tão digna e pura como sua homonyma romana, Brentano ostenta os mesmos argumentos do seu inspirador, guia e mestre. Salvo uma ou outra ideia, nada ha de original nesse livro. Nos interessaria, tão somente, apurar a authenticidade de dois episodios nelle narrados. Gaston de Foix (Brentano esquecendo Bertrand Du Guesclin, Turenne e Condé, affirma ser esse o maior genio militar da França depois de Napoleão) Gaston de Foix, diziamos, bate-se e morre bravamente em Ravenna. Sobre o corpo do cavalleiro morto encontraram, manchada de sangue, uma *écharpe* onde brilhavam as côres de Lucrecia Borgia, duqueza de Ferrara...

O outro episodio refere-se a Bayart que, tambem, não foi insensivel aos feitiços da filha do pontifice, discipula de Merlin. Bayart viu-a dançar. Lucrecia quando dançava adornada de joias, nimbada de perfumes — a um tempo forma, graça e rythmo — deslumbrava os espectadores.

A bailarina parecia agitar-se aquecida por mil pupillas accesas Imaginae certa maneira de caminhar e sorrir, voz calida, palavra facil, olhos claros, indefinidos, e um corpo harmonioso cuja alvura os cabellos doirados realçavam e tereis a filha do papa Alexandre VI, eternizada pela calumnia.

Para crescer, quem sabe, aos olhos da Castellã, Bayart planejou aprisionar o papa Julio II, inimigo de Ferrara. E seguido de cem homens d'armas foi postar-se em meio do caminho por onde deveria passar o Santo Padre. Nevava. As guardas avançadas do pontifice tiveram um sangrento recontro com os francezes. Poucas sobreviveram á carnificina, mas essas bastaram para prevenir o papa. Julio II, medroso, deixou-se ficar num palacio em cujas paredes abrigadas poude tremer á vontade. O cavalleiro "*Sans peur et sans reproche*" fôra vencido pela neve.

Entre os muitos apaixonados platonicos de Lucrecia está incluido Pedro Bembo, poeta e philosopho. Conta-se que recebeu della, em dado momento, um punhado de cabellos (os mesmos cabellos que, seculos depois, haveriam de emocionar Lord Byron).

Bembo, mais tarde, recebeu a tonsura. Tornou-se celebre pelo brilho das ideias e pela suavidade do seu canto. Vestiu a purpura. Foi Cardeal. Mas nas horas de solidão, contemplando a mécha desbotada dos cabellos loiros chorava desesperadamente, o amôr insatisfeito.

MANLIO GIUDICE.

Machado de Assis e os mineiros

Machado de Assis é uma estranha excepção na nossa litteratura. Num paiz de desmedida, elle soube se limitar e viver profundamente dentro desses limites que se prefixou. Levou a sério a litteratura, como haveria de levar ainda mais a sério a fundação da Academia de Lettras. Numa terra em que os oradores pullulam e o fluxo verbal é tão caudaloso quanto o Amazonas, teve o bom gosto de seguir á risca o preceito de Verlaine, estrangulando sem piedade a eloquencia. Num meio litterario em que os romancistas se deixam embriagar pelo vocabulario e pelo pittoresco, preferiu fazer sondagens no coração humano, sem chegar entretanto aos excessos da introspecção á Bourget, á Estaunié, á Amiel.

Não fez da litteratura um simples ganha-pão, em cujas lutas fosse matando partes vivas do caracter para subir e vencer mais depressa. Nem a tratou como um futil passatempo, simples flôr sem raizes, para enfeite de lapela. Fel-a algo de sério, de util, de completador de si proprio. E neste paraiso de improvisadores superficiaes, deu o exemplo da paciencia, do methodo, do estudo, do trabalho acurado e sem pressa.

Fechou os olhos ás paizagens absorventes de em torno, e foi mirar curiosamente as almas. E entre uma humanidade excessiva de gestos, de palavras, de exteriorizações sentimentaes, soube conservar o pudor de suas expansões.

Por tudo isso, e por muito mais, resalta elle exoticamente na nossa vida litteraria. Dahi a consideral-o um escriptor estranho a nós, á nossa alma, ao nosso meio, é um passo, já transposto por muitos. Entretanto, julgamos apressado e injusto esse julgamento. O universal não suffocou nelle o particular. Os typos tão humanos de Dostoiewski são caracteristicamente russos. Assim tambem Capitú, José Dias, Rubião e tantos outros, são bem brasileiros. E o ambiente em que se movem é nosso, tem marca da casa, sem artificios da estranja.

E' uma amostra da veracidade dessa affirmação, do brasileirismo de Machado de Assis, que o sr. Mario Casasanta, uma das grandes forças novas da intelligencia mineira, apresenta numa conferencia, ora publicada em volume: *Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis* — (Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1932). Elle promette mesmo provar, mais de espaço, "que Machado de Assis soube ser homem do seu tempo e do seu meio, soube estimar os homens dignos de estima e applaudir as acções dignas de applauso, soube amar a nossa terra e soube amar a nossa gente, com um verdadeiro sentido nacional".

Machadista fervoroso, ha muito se dedica, o que é rarissimo entre nós, a um acurado estudo da obra do grande romancista, analysando-a minuciosamente nos seus mais variados aspectos. A lume já têm vindo excerptos desse minucioso trabalho de esmiuçamento e de exegese.

A parte surgida agora, ao mesmo tempo que demonstra quão falsa é a impressão de que Machado fosse um desambientado, mostra a parte saliente que na sua obra tiveram os mineiros e as cousas de Minas. Trabalhos dessa ordem são communs na Europa, onde se esgaravata tudo quanto possa ser valioso para o completo estudo duma personalidade litteraria ou historica. Desde os seus processos de estylo e a sua vida mental, até as contas do vendeiro e os róes de roupa suja.

Mas entre nós são insolitos esses estudos duma figura litteraria, em que se procure conhecer pormenorisadamente a sua vida, a sua correspondencia, os seus amores, os seus processos expressionaes, as fontes de suas creações litterarias, a repercussão de suas idéas.

E', pois, com applauso e gratidão que se recebe um trabalho como este do sr. Casasanta, em o qual se observa uma das facetas da obra de um dos mais lidos dos nossos escriptores. Mais lido, sim, em que pése a seus desaffectos, porque como o conseguiu comprovar o A., ouvindo o sr. Antonio de Castilho, livreiro em Bello Horizonte: "Os volumes de Machado de Assis não páram. Ao contrario. Quanto mais passa o tempo, — mais se lhe vai vulgarizando a obra entre nós."

O sr. Mario Casasanta consegue mostrar, copiosamente, o papel saliente que na obra do mestre tiveram certos typos e qualidades mineiras e como se achava elle bem ao par do que se ia passando pelas terras de Minas. Um dos grandes typos mesmo de Machado de Assis é o mineiro Rubião, do *Quincas Borba*, em que uma leve tintura caricatural mal encobre o fundo de verdade e de observação, com que foi informado.

Machado de Assis era conhecedor de miúdas cousas de Minas. Se não perdia occasião de patentear a sua admiração pela Inconfidencia Mineira e por Thomaz Antonio Gonzaga, que julgava mineiro, sabia tambem que em Minas Geraes ha "o gosto de mudar os nomes ás cidades".

Para prova do bem fundado da observação psychologica de Machado de Assis, o A. adduz factos que a confirmam, chegando mesmo a sobrecarregar a sua tão leve e agradavel conferencia com um longo trecho de discurso do sr. Basilio de Magalhães.

Minas não era apenas fornecedora de assumpto para o pae de Braz Cubas. Elle a considerava "a terra amena, placida, tranquilla e repousante por excellencia, tão adequada para reconstituir o corpo debilitado, como para restaurar a alma de melancolias, desgostos e revézes." E nos mineiros reconhecia excellentes qualidades de caracter, mostrando-se sciente da psychologia dos montanhezes.

Resume esse seu conhecimento no typo de Pedro Rubião de Alvarenga, que o sr. Mario Casasanta acha representativo do homem mineiro, do mesmo modo que Dom Quixote, mesmo caricatural, é o symbolo mais perfeito da alma cavalheiresca da Espanha. E de passagem mostra o A. quão accentuada foi a influencia de Cervantes sobre Machado de Assis.

E' uma observação bem pertinente e interessante. Influencia de estylo, de ideação, de processos, notavel principalmente no *Quincas Borba*, onde a loucura de Rubião tem semelhanças com a do heróe manchego.

Com a sua tão apreciada clareza de estylo e vivacidade de intelligencia, o sr. Mario Casasanta se detem a estudar o typo de Rubião, demonstrando como, "não obstante a sua fraqueza, o seu fracasso e a sua loucura," symbolizava elle a humanidade mineira. Machado de Assis, tornando tão sympathico, na sua desventura, o seu personagem mineiro, e dando relevo, pela mesquinhez dos

"BRASIL ERRADO"

O Sr. Martins de Almeida não se exprime nesse tatebitate posto em uso pelos observadores politicos destes ultimos tempos. Fala com certo desembaraço dos nossos problemas, mas carrega demais o sobrolho e tem opiniões sensatas.

O pobrezinho do Brasil não chega a ser no seu livro nem o doente incuravel nem o paiz das maravilhas: é um brasil errado. E sua noção um tanto precisa das nossas miserias e possibilidades não o deixa cahir no fatalismo das tres raças tristes, na falta de caracter do povo brasileiro e noutros estribilhos de memoria tão poetica. Seu criterio de critica é novo, um tanto pessoal e, algumas vezes, arbitrario como é preciso.

Desce do posto de observação commodo em que quasi todos os nossos escriptores costumam permanecer e procura sentir as necessidades economicas das nossas maiorias. E' ahi que encontra, para dizer, verdades como estas: "E' o conteúdo social que conforma as instituições e não as instituições que conformam o conteúdo social. As nossas reformas têm que ser processadas de baixo para cima e não de cima para baixo" (Pag. 64). "A inferioridade do nosso trabalhador rural decorre justamente da desorganização da nossa producção agricola e pecuaria" (Pag. 86).

O *Brasil Errado* principia em Ruy Barbosa, pelo que foi esse ardente erudito e pela estandartização que se quiz fazer do seu typo. Não era propriamente por ahi que o Sr. Martins de Almeida começaria seu livro se já estivesse totalmente livre dos véos que escurecem a vista dos nossos observadores burguezes. Por pensar de modo differente delles o Sr. Martins de Almeida não deveria adoptar methodos iguaes.

A sabedoria offical burgueza sempre viu o Brasil por pessimas lentes. Discutiu o valor das raças, a divisão territorial, o arcabouço politico, boiou apenas nas formulas ao sabor do acaso. Não teve a consciencia da profundidade. Se hoje muitos ja sabem que, respondendo por estas desordens á flor d'agua, existem extensas raizes ás quaes precisamos attingir, ella em nada contribuiu para isso. Pelo contrario, suas aspirações são que todos continuem a pensar á flor da pelle.

O Sr. Martins de Almeida está do lado opposto embora nenhuma directriz ainda o preoccupe: "sinto que ainda não resolvi os meus problemas intimos" (pg. 199). O seu livro é de muita utilidade pelo muito de scepticismo que contém; porque a duvida é já uma grande cousa.

O que ha demais no Brasil é muita crença. Na cabeça fantasista do brasileiro os entes inanimados tomam vulto e fazem medo. Estão, portanto, em plano superior aos entes animados. O abstracto está por cima do concreto, o passado e o futuro valem o que o presente não vale. Dahi o culto cégo á tradição e o eterno messianismo.

Pura mentalidade primitiva e optimo campo para o "ruysmo", o "bacharelismo" e outras fórmas ôcas do colossal, do enormissimo, do inabarcavel.

Ruy Barbosa era o que podia dar um paiz em plena subordinação da natureza. Para a nossa civilização de fóra para dentro nada deveria ir além do faustoso e do brilhante para triumphar.

Porque só quando a civilização se torna uma força interior os homens e as culturas se aprofundam. E isto não se dá sem que, como as creanças, os povos soffram para sentirem que dentro de si mesmos ha uma vida a desenvolver.

Nossa actual situação de desordem nos offerece um esplendido ponto de partida. Estamos chegando a um estado de semi-consciencia, obrigados a prestar attenção ao presente pela necessidade de sentir a nossa desgraça. Esse ponto de contacto com o nosso intimo, uma vez desenvolvido, nos dará uma vida interior, nos fará pensar por nós e agir por nós.

Mas esta opportunidade poderá morrer se continuarmos a esperar de fóra esse impulso que deveria ser dado com as nossas proprias forças.

Temos o direito de duvidar desse consciente mysterioso das cousas; temos o dever de começar a crer sómente em nós.

ALBERTO PASSOS GUIMARÃES.

GONDIN DA FONSECA — PORTUGAL NA HISTORIA — A. Coelho Branco Filho (Editor) — Rio, 1932.

Gondin da Fonseca tem um vigoroso temperamento de pamphletario e ainda que a sua penna encontre doçuras para traduzir com perfeição poemas de Poe e de Wilde e se retarde com deleite na urdidura de deliciosas historias para creanças, é na critica vehemente, na escalpellização de vicios e males sociaes, que mais se compraz o seu feitio de escriptor. Em *Portugal na Historia* é justamente o Gondin que vamos encontrar, injusto algumas vezes, apaixonado sempre, mas sincero, ardente e destemeroso que, bem documentado e com uma erudição que seria exhaustiva, se não fôra perfeitamente escolhida, zurze de rijo os maleficios que nos advieram da lorpa e mazorra colonização portugueza.

G. C.

---

outros personagens, ás qualidades moraes de Rubião, rendia uma homenagem de admiração e respeito ao caracter da gente mineira.

Estudo lucido e vivo, provoca-nos impaciencia na espera dos outros que nos promette o A., sobre a obra do creador de Capitú. Ah! se os nossos escriptores seguissem o exemplo do ensaista mineiro, quanta cousa interessante se conseguiria tirar do estudo das nossas grandes obras litterarias! Muitos, porém, preferem cantar os heróes da Polonia, catar termos de Camillo, ou descrever a guerra dos Camizardos, como o fez um romancista lá do meu Pernambuco.

OSCAR MENDES.

Ainda não desappareceram completamente os cafés litterarios de Paris. Aqui poucos escriptores continuam a comparecer ás mesas do Papagaio, mas, na capital da França, não faltam cidadãos fieis ao recanto em que fizeram as suas primeiras amizades jornalisticas ou redigiram, em papel fornecido pelo "garçon", as suas primeiras elocubrações poeticas. Nenhum delles evidentemente morará nesses sitios publicos, como o Verlaine que montava gabinete de trabalho nos botequins. Todavia, mesmo compondo o seu solemne rodapé de critico para *Le Temps*, um André Thérive comparece ás vesperaes do Mahieu, onde serve deliciando o nosso veneno negro e parola com os seus sequazes da escola populista. No café Cluny, Raul Ponchon improvisa dithyrambos ao bom vinho francez, preferindo-o sem duvida á rubiacea dos tropicos. Louis Latzarus, biographo de Rivarol, frequenta a cervejaria Lipp, onde muitas vezes passou, com a sua figura de prelado faunesco, o inolvidavel Henry de Gourmont.

U R B A N I S M O

Os projectos de urbanisação, — mesmo aquelles que se desenvolvem rigorosamente, de accôrdo com os principios cardeaes da sciencia urbanistica — só se tornarão praticamente exequiveis, se, de antemão, o artista incumbido de sua confecção se integrou pelo estudo das condições historicas, geographicas, e sociaes, nas verdadeiras necessidades nacionaes do paiz. Para bom andamento dos trabalhos, os complexos factores regionaes, historicos, mesologicos e sociaes, deverão ser compulsados e medidos attentamente, pois delles dependem o exito das medidas, ou soluções aconselhaveis. O conhecimento das leis geraes do urbanismo, nos pode facultar a visão em conjuncto dos problemas apresentados a exame, dependendo, todavia, qualquer medida de caracter pratico, das condições especiaes de cada caso particular.

Em urbanismo, não se podem generalisar processos, ou estabelecer doutrinas, que não resultem do exame directo de cada caso isolado.

De resto, as relações que o urbanismo precisa manter como scenario mesologico-social das nacionalidades, não são em nada differentes das que com elle deveriam manter os architectos, cuja missão social é condicionar o phenomeno architectonico ás solicitações regionaes. Banister Fletcher, o eminente philosopho e architecto inglez, apreciando o phenomeno architectonico sob o ponto de vista sociologico, considera-o directamente subordinado a dous grupos de factores, — ou "influencias" como elle chama — de ordem geographica, e social. Como sabemos, um certo grupo de factores mesologicos, (clima, geographia, geologia, etc.), cujas exigencias deverão ser forçosamente attendidas pelo urbanista (se é que elle não se dispõe a fazer scenographia), são invariaveis, e immutaveis. A posição geographica dos diversos paizes do globo (altitude, latitude); a composição geologica especifica de seu solo (occurrencia de elementos naturaes de construcção); o caracter climatico propriamente dito (chuva, calor, frio, neve, regimen de ventos), são factores, a um tempo, mesologicos e historicos, por isso que estão definitivamente integrados na geographia physica das nações. Os factores sociaes (ou melhor, espirituaes) que eu chamaria factores de *movimento*, são, ao contrario daquelles, em extremo oscillantes. O gráo de civilisação dos povos, os recursos materiaes de que elles podem no momento lançar mão, o estado de alma da propria nacionalidade, na qual se reflectem directamente as tendencias politicas e sociaes, propriamente ditas, e religiosas, cambia continuamente de expressão.

Se o verdadeiro architecto, cuja funcção social é restricta ao estudo e solução do problema architectonico, não se deve um momento afastar das peculiares condições de ambiencia mesologica e social respectivas, — sob pena de attentar contra os principios basicos e fundamentaes de sua profissão, — razão dobrada tem o urbanista, para se não alheiar desses factores, sob pena de sacrificar irremediavelmente o mais precipuo dever de seu officio.

Todo trabalho honesto, em materia de urbanismo, deve desenvolver-se de accôrdo com as solicitações regionaes do paiz, quer de natureza mesologica, quer social. Dahi, a impossibilidade de se confeccionarem codigos de urbanismo, cujos conceitos se possam tornar extensivos a casos similares, ou de qualquer modo generalisados.

As leis de trafego, as communicações geraes, o padrão architectonico, a propria morphologia urbana, se devem condicionar ás exigencias do scenario geographico social.

A sciencia urbanistica franceza (e a escola americana, que lhe soffreu a influencia) chegaram, ao cabo de longos estudos de eminentes homens de sciencia, a estabelecer certas normas fixas, que poderão sêr inicialmente objecto de consideração por parte dos urbanistas. Mas esses mesmos preceitos, aconselhados constantemente pelos tratadistas, terão volta e meia de ser abandonados, todas as vezes que as condições locaes — geographicas e sociaes — lhes contra-indiquem de qualquer sorte a applicação.

Mesmo fazendo abstracção do aspecto social do urbanismo brasileiro, nas suas relações com a raça e o meio espiritual correspondente, as simples condições mesologicas da nação nos obrigam a abandonar prudentemente as soluções de pacotilha. A transplantação, tão impertinente quanto absurda, de criterios urbanisticos europeus, aconselhaveis sob o ponto de vista esthetico (a mesma cousa occorre com a architectura), mas em conflicto com as condições regionaes da nação, deve ser posta definitivamente á margem. A mentalidade nacional dos povos, conformada sob o influxo de variados factores regionaes, não póde deixar de reagir contra a imposição de dogmas extranhos ao seu proprio sentimento. A missão do urbanista é das mais delicadas. Senhor dos segredos de uma sciencia concreta, conhecedor do effeito maravilhoso de certos processos, vê-se muitas vezes impedido de pratical-os para evitar um mal maior.

Mau grado as frequentes declarações dos urbanistas europeus, dispostos, todos elles, a respeitar a tradição dos povos que lhes solicitam a collaboração profissional, na pratica renunciam acintosamente aos seus propositos sensatos. Os urbanistas francezes, em geral, julgam-se possuidores de uma experiencia infallivel, em materia de urbanismo, tão infallivel que desrespeita a historia e constrange os habitos dos outros povos. E' bem de vêr que assim pensando agem em sentido inverso das idéas que prégam.

O solo brasileiro não se deveria prestar pacificamente, como as cobayas de laboratorio ás experiencias do urbanismo francez. As condições geographicas da nação brasileira, de par com o proprio padrão de vida nacional, no qual se reflectem os habitos e costumes estratificados, no sub-consciente da nacionalidade, nos deveriam impedir, formalmente, as idéas fantasistas dos urbanistas estrangeiros, não integrados no verdadeiro sentimento nacional. A primeira sentença do decalogo do urbanista é respeitar a tradição dos povos e lhes resguardar a individualidade artistica propria.

Dentro dessa premissa se deve exercer a actividade urbanistica daquelles que, por sua experiencia e capacidade, são chamados a collaborar comnosco na obra formidavel de urbanisação das cidades brasileiras.

JOSÉ MARIANNO (FILHO).

NEGRO

Pésa em teu sangue a vóz de ignoradas origens
As florestas guardaram na sombra o segredo da tua historia
A tua primeira inscripção em baixo relevo foi uma chicotada no lombo.

Um dia atiraram-te no bojo de um navio negreiro
E durante noites longas e longas vieste ouvindo o barulho do mar
como um soluço dentro do porão soturno

O mar era um irmão da tua raça.

Um dia de madrugada, uma nesga de praia e um porto.
Armazens com depositos de escravos
e o gemido dos teus irmãos amarrados numa coleira de ferro.

Principiou ahi a tua historia.
O resto, o Congo longinquo as palmeiras e o mar
ficou se queixando no bojo do urucungo.

TAPUYA

As florestas ergueram braços pelludos para esconder-te,
com ciumes do sól.
E a tua carne triste se desabotôa nos seios,
recem-chegados do fundo morno das selvas.

Alongam-se no teu olhar as noites do Amazonas.
E no langor tropical do teu corpo
ficou dormindo a sombra das cinco estrellas do Cruzeiro.

De noite o matto acórda no teu sangue
sonhos de tribus desapparecidas,
— Filha de raças anonymas que se misturaram em grandes adulterios.

E erras assim, num passo nupcial, até as margens do rio
que os teus antepassados te deixaram de herança.

E numa solidão te entregas, flexuosa e langue, á agua elastica,
núa como uma flor selvagem,
ante a curiosidade das estrellas.

Do livro a apparecer: *Urucungo.*

RAUL BOPP.

JORGE AMADO — O PAIZ DO CARNAVAL — Schmidt, editor — Rio, 1932.

Alegra-nos proclamar aos nossos leitores que esse romance do brilhante prosador bahiano já se encontra em segunda edição. E desse successo póde orgulhar-se o sr. Jorge Amado, especialmente porque não o deve ás machinações de qualquer camarilha litteraria. Veiu elle, muito moço, do seu Estado natal e, quasi totalmente desconhecido em nossas rodas de escriptores, lançou tranquillamente o seu volume, sem precedel-o do alarido de certos pregoeiros que só servem para desnortear o publico, annunciando-lhe semestralmente a apparição de um novo discipulo de Proust ou de Mauriac, quando talvez nem se encontre em jogo um máu alumno de Marcel Prévost. Emtanto, o *Paiz do Carnaval* se impôz desde logo, destacando-se da inundação de papel impresso que recomeçava a submergir-nos. Havia ahi um romance e, consequentemente, havia um romancista. O livro foi lido por quantos sabem *realmente* ler no Brasil culto e todos se surprehendiam ao saber que o autor mal chegara á maioridade e era assim um rebuscador de complexas emoções humanas num periodo de vida em que os rapazelhos de outras gerações mal faziam a sua estréa nos dominios do soneto. Tambem, de um modo geral, foi excellente a critica ao livro e o sr. Jorge Amado, se soubesse gerir com mais habilidade o seu renome, bem poderia transcrever no fim deste volume em segunda edição uma boa somma de elogios subscriptos por senhores que falam sem abuso de reticencias e parecem absolutamente avessos a paranymphar mediocridades.

J. DA COSTA PALMEIRA — BATALHA DOS GUARARAPES — Flores & Mano, editores — Rio, 1932.

Anda bem o autor ao declarar que neste livro "se fixam, com o desenvolvimento que ainda não tiveram e precisam ter, episodios culminantes da nossa historia épica, que profundamente influiram em nossa formação racial e nacional". O volume não é a "modesta" e sim a valiosa "contribuição de um soldado brasileiro para os annaes militares de sua patria". A documentação apresenta alguns aspectos desconhecidos, a linguagem é directa e clara e os factos articulam-se numa narração das mais desenvoltas. E, pagina a pagina, accentuam-se os lineamentos de uma batalha de decisico caracter historico, das que mudam evidentemente a face de uma nacionalidade e dão novo rumo nos destinos sociaes e moraes de todo um povo.

SUD MENNUCCI — 100 ANNOS DE INSTRUCÇÃO PUBLICA e BRASIL DESUNIDO — Editores Salles Oliveira, Rocha & Cia. — S. Paulo, 1932. — O QUE FIZ E PRETENDIA FAZER — Editora Piratininga — São Paulo, 1932.

Certas affirmações do autor, no ultimo livro acima arrolado, foram feitas em caracter *pro domo* e, como tal, podem soffrer controversia. Mas quasi todas as paginas do *Brasil desunido*, e especialmente o vigoroso conjunto dos *100 annos de instrucção publica*, são de um technico dos problemas de ensino, de um homem livre que deseja o desafogo das consciencias, de um intellectual que colloca os postulados de cultura acima de todos os conluios de partidos mais ou menos precarios. Critico dos mais illustres, bello retratista de espiritos, tendo ligado o seu nome a um forte ensaio sobre os nossos humoristas e a um commovido estudo sobre o cyclo poetico de Amadeu Amaral, o sr. Sud Mennucci passa agora em revista, com uma franqueza desembuçada e viril, o que tem sido a instrucção em terras brasileiras, de dom João VI até nós. E', para nos soccorrermos de sub-titulos do proprio autor, o "balanço elucidativo" de tantos "esforços isolados" combatidos pela "mercancia indigna" e vencidos quasi sempre pela "incapacidade orçamentaria".

TRISTÃO DE ATHAYDE — POLITICA — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1932.

Póde-se discordar de certas theorias prégadas pelo sr. Tristão de Athayde, e nas columnas mesmo desta publicação não lhe têm faltado oppositores de merito. Mas ninguem poderá, de boa fé, negar o que esse escriptor vem fazendo entre nós pela vida do espirito, o seu alheamento ao cabotinismo, a sua possança de trabalho desinteressado, a sua tenacidade em não se furtar jámais ao dever diuturno, a dignidade, em summa, da sua consciencia de brasileiro e de catholico. Ainda que não lhe acceitando totalmente os postulados sociaes e politicos, forçoso é reconhecer que no biographo de Affonso Arinos ha um desses homens incommuns que trazem sempre accrescimo de nobreza intellectual a um paiz, como o nosso, ainda em plena formação de cultura.

Um novo Diccionario Etymologico

O professor Antenor Nascentes tem, como estudioso de problemas de linguagem e como autor de livros didacticos para o ensino do nosso idioma, duas qualidades altamente sympathicas: objectividade e simplicidade.

Como autor de livros escolares sabe o inestimavel segredo de collocar o que escreve ao nivel intellectual dos alumnos. A série de manuaes que constituem *O Idioma Nacional*, apesar de moldada nos programmas do Collegio Pedro II — programmas abarrotados de grammatica, onde a verdadeira lingua, estuante e viva, só incidentemente apparece — ahi está prestando excellente auxilio a estudantes e professores.

Como pesquizador de phenomenos linguisticos prefere os que estão mais proximos de nós no tempo e no espaço e estuda-os sem idéas preconcebidas nem repugnancias de grammatico de antigo estylo. Julgando que perante uma sciencias todos os factos que entram na sua orbita são por igual interessantes, não sente assommos de colera em face dum pronome collocado á brasileira nem ao ouvir um vocabulo proferido á maneira plebéa. Em vez de estigmatizal-as, procura conhecer os motivos determinantes de taes anomalias, pois tudo o que, dentro ou fóra dos quadros da grammatica prescriptiva, constitue a linguagem, tem causas sociaes, psychologicas ou physiologicas. De tal espirito de objectividade já nos deu o professor Nascentes seguras provas no *Linguajar Carioca*, ensaio em que estudou o fallar das nossas classes incultas, revelando francos pendores para a dialectologia.

Agora o professor Nascentes deu á publicidade, em volume de mais de oitocentas paginas, o *Diccionario Etymologico da Lingua Portugueza*, a cujo preparo consagrou cerca de vinte annos. Que o philologo brasileiro se aventurou a temerosa empreza, podem affirmar todos os que teem noção das difficuldades do assumpto.

Já uma vez observou o sr. José Oiticica que para nós, brasileiros, o estudo da etymologia portugueza se torna sobretudo difficil pela falta do indispensavel material bibliographico. Com effeito, uma boa parte das investigações referentes á historia do nosso lexico anda espalhada em revistas estrangeiras de acquisição por vezes impossivel.

Não obstante esse escolho inicial, o professor Nascentes enfrentou resolutamente a tarefa. E' possivel que á sua perspicaz actividade de collector de materiaes etymologicos tenha escapado uma ou outra hypothese escondida nalgum *introuvable* fasciculo da *Romania*, da *Zeitschrift für Romanische Philologie*, do *Archivio Glottologico Italiano* ou da *Revista de Filologia Española*. Mas o grosso, o essencial, o que é fundamental em etymologia do portuguez foi escrupulosamente archivado no *Diccionario*. E não seria licito exigir mais de um livro desse genero feito no Brasil.

O escopo do professor Nascentes, organizando o *Diccionario*, foi o mesmo de Meyer Lübke ao organizar o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*: colleccionar, criticando-os, os materiaes já existentes no campo da etymologia portugueza. Entretanto, o seu diccionario apresenta feição algo diversa da daquelle, e a differença é para melhor.

Em 1911, quando publicou o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Meyer Lübke era ainda um adepto irreductivel do phoneticismo. Na etymologia, o lado que verdadeiramente o attrahia era o phonetico, eram sobretudo os etymos, o nucleo sonoro primitivo, apprehendido através das leis phoneticas, ou as proprias leis phoneticas, induzidas da historia phonetica dos vocabulos. A complicada questão do desapparecimento do *l* do artigo *lo* teria talvez para elle, nessa época, mais importancia do que o proprio facto de ter a população da Lusitania vindo a fallar um idioma romanico. Hoje o veneravel mestre de Bonn está mudado; adheriu á corrente vossleriana.

Por isso, no prefacio que especialmente escreveu para o *Diccionario Etymologico* do professor Nascentes, ensina que a "etymologia é hoje o unico capitulo da historia da lingua que, fóra do circulo dos especialistas, póde ainda offerecer certo interesse, porque nos mostra, reflectida na evolução das palavras a nossa evolução cultural." Assim, lembra elle, a proposito, que o cyclo trocadoresco e o da cavallaria introduziram no portuguez os gallicismos *dama* e *garção*.

Note-se, entre parentheses, que a palavra *garção*, ou *garçon*, foi muito cedo substituida por *pagem* e *escudeiro*, sendo a causa dessa substituição talvez a que se deprehende destes dizeres de Viterbo: "se toma *garçom* por moço deshonesto, e lascivo, pois não devia o alcaide, nem seus homens, entrar nem de dia, nem de noite em casa de homem, nem mulher de bem *por dizerem, que buscam hi garçoens, e mulheres de que ajam de aver prol, ca nom he de creer, que os boõs, e as boas, em suas casas taes cousas ajam de consentir*."

O professor Nascentes não enveredou francamente pelo novo caminho apontado tambem agora por Meyer Lübke. O seu livro não contém uma *Wortkunde*, não é uma lexeologia portugueza baseada na successão das correntes culturaes que influiram na formação social e psychica dos dois povos que fallam a nossa lingua, mas numerosos são os vocabulos de que nos conta a historia, relacionando-a, é claro, com a historia dos costumes e das idéas. Basta ver os verbetes de *corte, cortesã, grogue, gravata, granada, general, banho-maria, larapio, ladino, escuma, escrupulo*...

Feito com esse methodo, isto é, entrelaçando problemas de phonetica e de historia, methodo tambem seguido, entre outros, por Kluge, no *Etymologisches Wörterbuch der Deutschen Sprache*, o novo *Diccionario Etymologico* é um precioso repositorio de informações a respeito do nosso passado linguistico e da historia do nosso lexico.

Saul Borges Carneiro.

— Não contente com as suas innumeras reportagens, Frédéric Lefèvre, redactor-chefe das *Nouvelles Littéraires*, ainda faz critica litteraria numa sociedade de radio de Paris.

— O poeta Kochanowski, que foi cognominado o Ronsard polonez e teve a sua vida amargurada pela perda de uma filha dilecta, continúa a preoccupar os criticos francezes, desejosos de situar equitativamente nas lettras européas aquelle que, amigo das rosas, nem por isso desdenhava os impetos e as tradições cavalheirescas inseparaveis da Polonia do seculo XVI.

— Nos ultimos leilões de obras de luxo dos poetas do romantismo, Victor Hugo só tem obtido cotações muito baixas, o que não deixará de indignar um tanto os hugophilos á Fernand Gregh e será mesmo capaz de fazer com que estremeçam no tumulo os restos de Paul Souday, para quem o autor das *Contemplações* era o Maior de Todos, o Pae de todos os outros poetas, sem mesmo exceptuar Rimbaud e Baudelaire...

C O L L E C Ç Ã O

O modo como se faz litteratura na provincia é a cousa mais engraçada deste mundo. Os sujeitos que escrevem dividem-se inicialmente em dois grandes grupos: os *litteratos* e os *pretendentes a litteratos*. Os primeiros se subdividem em *panelinhas* que fazem séde em varios cafés da cidade. Na Bahia pelo menos é assim. Os primeiros diplomam os segundos. Esses pobres *pretendentes a litteratos* são miseravelmente explorados. Antes de subirem de categoria gastam fortunas em pagar bebidas e almoços para os já diplomados. A questão de preço depende tambem do grupo. Ha rodas nas quaes com alguns cafés pequenos o pretendente passa logo a escriptor reconhecido. Noutras é preciso pagar champagne.

Ha quatro annos, quando sahi da Bahia, a roda mais cara era a do Arco e Flexa, onde havia um intellectual que gastara dez contos para conseguir um quinto de rodapé do critico illustre. Caso unico é o do meu amigo Dias da Costa, intelligente e perverso como elle só, que virou intellectual quasi sem querer. Um nosso conhecido dirigia uma revista de cavação, a *Bahia Moderna* e necessitava de um agente em certa cidade do interior. Dias da Costa, que estava de viagem para tal cidade, candidatou-se ao cargo, sonhando com a commissão que devia ser grande. O director da revista trouxe o Dias para mostral-o ao nosso grupo (o grupo de Pinheiro Viegas) e pedir a nossa opinião. Era um rapaz baixinho. Sentou-se e conversou a tarde toda. Verdadeiro frasco de veneno. Nesse tempo a nossa roda fazia o que o Viegas chamava de "jornal falado". Falava-se mal de todo o mundo. Só se escreviam descomposturas. Dias da Costa gostou da cousa e revelou-se perversissimo. Quando elle sahiu o director da *Bahia Moderna* interrogou:

— Que tal o agente, serve?

Viegas respondeu:

— Para agente não serve. Mas para litterato é optimo.

Foi assim que Dias da Costa entrou para a roda dos *escouceadores* como a chamou certa vez o divertidissimo Carlos Chiachio respondendo a uma enquête.

Appareciam typos fabulosos. Recordo-me de certo poeta bahiano, mulato velho, que, formado em sciencias e lettras e sciencias juridicas, usava um cartão de visitas com os seguintes dizeres: *Fulano, bachareis*. Os seus livros intitulavam-se: perolas, rubis, esmeraldas, etc. Isso levou um do "jornal falado" a dizer: "é o maior colleccionador de pedras falsas do Brasil". Esse mesmo poeta fazendo, certa vez, uma conferencia em uma cidade do sertão e prevendo que muito pouca gente appareceria andou distribuindo uns bilhetes de graça entre operarios e gente do povo. A casa encheu-se. No meio da conferencia, que versava sobre a lagrima ou sobre a saudade, um operario que cochilava na primeira fila levantou-se e ia se retirando, fazendo um barulho dos diabos com os tamancos, quando o poeta pára e avisa:

— O senhor vai sahir no melhor pedaço...

O operario voltou-se louco de somno e gritou:

— Que me importa?

E sahiu arrastando os tamancos.

Um outro, redactor de um diario, discursando numa recepção a Seabra, pronunciou esta phrase adoravel: "o céo da Bahia é um monte azul onde vai passar Seabra, o santissimo sacramento da Democracia". Muito amigo deste era um poeta que aos oito annos de idade, garoto de collegio, lera um discurso em frente a Ruy Barbosa e tendo o orador bahiano commovido, beijado-lhe a face, nunca mais lavou o rosto. O facto é authentico.

O seguinte pensamento é de um professor e jornalista: "a natureza petarda os sêres com a mesma intensidade com que a ausencia da palavra falada ou escripta faz o misanthropo". Esse professor toda vez que em artigo falava sobre o sol fazia preceder o astro rei do adjectivo *conspicuo*. Um dia elle nos appareceu com um livro de poemas ineditos. Abria o volume a seguinte obra prima:

> "Bahia mulata brejeira
> Terra do Dr. Severino Vieira".

Um máo jogador de foot-ball resolveu ser poeta e publicou um livro sobre a noiva: *Maria da Graça*. Como Alves Ribeiro lhe perguntasse, referindo-se ao livro, por quanto se possuia Maria da Graça, ficou nosso inimigo. Tempos depois fez as pazes commigo e recitou-me os dois livros já publicados e os cinco a publicar. Eu nunca vi a morte tão perto.

Em Ilhéos, no sul do Estado, existe um *genio*. Professor e cachaceiro, a população em peso tem a mesma opinião sobre elle:

— Se o Nelson fosse para o Rio de Janeiro faria um successo extraordinario.

Pois esse professor, discursando num *dois de julho* á meninada do collegio se enthusiasmou tanto que terminou (corria um arrepio pelo auditorio) por se jogar de joelhos ante a bandeira e exclamar beijando-a:

— Minha mãi! Minha mãi!

Gloriava-se da autoria do seguinte pensamento:

— Deus é Deus. Quem o negar é um impio.

Quando sahiu o primeiro numero de *Arco e Flexa*, o juiz Jonathas Milhomens publicou um artigo. Feito um rateio no grupo, adquirimos um numero. Pinheiro Viegas começou a passar a vista sobre a materia. Quando chegou ao ensaio do Milhomens parou, leu tudo sem emittir opinião. Ao terminar viu a assignatura e levantou as mãos para o céo:

— Mil homens, meu Deus, que pena e todos analfabetos.

Um romancista, autor de varios livros que vendia á força aos amigos, ficou contentissimo com a critica feita a seu ultimo volume pelo Snr. Tristão de Athayde. Passava o dia a mostral-a aos intellectuaes. A critica era a seguinte:

— Nesse livro nada a registrar.

Outro caso interessante que presenciei foi este: um sujeito rico, dono de uma padaria, noivava uma pequena lyrica, leitora de Casimiro de Abreu. A pequena exigiu do noivo que escrevesse versos. Elle que decididamente não conseguia poetar, contractou com um litterato fazer-lhe este um soneto por dia a razão de cinco mil réis. Feito o negocio o capitalista exultou, exultou a noiva e mais que todos exultou o poeta que ficara com o almoço garantido. O peor é que não soube guardar segredo. Deu com a lingua nos dentes. E dois dias depois o noivo tinha quem lhe fizesse tres sonetos por duzentos réis.

*

Apezar de tudo isso ou talvez por isso mesmo, de quando em vez me

invade o coração uma saudade doida de minha velha Bahia. Velha Bahia de Thomé de Souza, de ruas mal calçadas, cheia de ladeiras e igrejas, cheirando a tradição e a mysterio, Bahia de comidas apimentadas, acarajó, efó, abará, Bahia que adora Nosso Senhor Orixalá do Bomfim, o santo, que admira Ruy Barbosa, o orador, que teme Jubiabá, o macumbeiro, minha saudosa Bahia mysteriosa dos candomblés, das macumbas, das pennas de gallinha preta com azeite de dendê, dos paes de santo, do feitiço, da cousa feita...

Jorge Amado.

Henry de Morfreid - Aventures de Mer - *Grasset*, 1932.

Quando appareceu, em 1931, o livro *Les Secrets de la Mer Rouge*, de Henry de Monfreid, um nome até então inteiramente desconhecido, ao menos como autor, pode-se dizer que esse livro foi uma verdadeira e dupla revelação. Revelação do homem extraordinario, do aventureiro perfeito, do typo de legenda que é este francez do Oriente, figura que em outros tempos poderia ter sido um dos mais espantosos corsarios, á maneira de Surcouf. Revelação não menor do escriptor que habita tambem naquelle corpo tostado ás soalheiras de um dos mares mais quentes do mundo.

Nas linhas apaixonantes do seu primeiro volume, narrativas de aventuras unicas de um homem unico, percebia-se que elle ainda tinha muitas outras cousas a nos contar, que elle nos escondia muito episodio e que ainda não nos revelara o mais interessante. E o leitor, invariavelmente, chegando ás ultimas paginas do livro, começava a sentir, misturada á sua admiração, um amargor secreto por vêl-o terminado tão cedo, ao mesmo tempo que experimentava um desejo profundo de poder conhecer-lhe o seguimento.

Felizmente, decorrido menos de um anno, esse homem de acção que, sabendo decidir e sabendo querer, nada deixa por terminar, dá-nos a continuação ha tanto almejada, sob o nome a um só tempo simples e suggestivo de *Aventures de mer*.

Nenhum titulo melhor para taes paginas, mas titulo simples, em verdade, para um livro tão maravilhoso como esse, tanto mais bello quanto mais simples, pois que é todo escripto com extrema naturalidade. E' com as palavras de todo dia, com os vocabulos mais corriqueiras, usados a cada passo, que Henry de Monfreid nos faz as suas narrativas, nos conta as suas historias, de uma maneira tão facil como, no meu paiz, nos longos serões familiares e ao redor da lareira, se contam historias ás creanças. E tudo isso é feito com tamanha sinceridade, que nem uma só vez nos vem ao pensamento a minima duvida sobre o mais insignificante dos detalhes. Aliás, a vida não é sempre mais inverosimil do que tudo quanto possa conceber a nossa imaginação? Por outro lado, resalta logo que Monfreid não poderia ter inventado o que nos diz. E' que do estylo desse homem sincero se desprende uma tal emoção humana, uma tão grande encanto, uma tal claridade, uma tão perfeita nitidez, que de todo seria impossivel deixar de reconhecer-lhe os dotes de um poderoso escriptor. Em cada linha, a cada instante, surgem-nos quadros de tão grande vigor que logo os temos á vista, bem perto de nós, e com os pinceis á mão não teriamos difficuldade de reproduzil-os.

Mas de que provirá essa força de Monfreid escriptor? A meu vêr, prendo-a principalmente ao seu amor pela vida de aventuras. Como elle os ama, esses homens selvagens e rudes aos quaes se mistura, partilhando dos seus perigos, dos seus rasgos de audacia, vivendo sob o mesmo sol que os queima, usando dos seus barcos, cruzando e recruzando rios cheios de esplendores e traições... E como elle nos communica o que sente! Historias como a da *Afogada*, da *Flecha Envenenada*, da *Morte de Gabré* são de um pathetico surprehendente, e aquella de *Nacouda Cégo* é um trecho de litteratura digno de apparecer nas anthologias mais exigentes.

Chego a vêr alguns paes que retêm esse ou aquelle episodio, dos que mais lhes agradaram, para recontal-os depois aos seus filhos pequenos. E que mais bella homenagem á sua obra poderia sonhar um escriptor?

Dar-se-á que seja tão raro um escriptor que se contente, como Monfreid, de ser simplesmente um homem, quer trace sobre o mar um sulco branco ou linhas pretas sobre o papel? Que magnificas lições resaltam dessas paginas em que o autor fala de si de uma maneira toda impessoal, como se falasse de outro, pois que o Monfreid escriptor se refere ao Monfreid marujo sem qualquer laivo de benevolencia e, por vezes, diriamos que elle chega a ser injusto comsigo mesmo e parece que só sabe falar bem dos outros.

Merecem ser retidas, ensinadas ás creanças, gravadas em distico, phrases como estas: "Quando a adversidade nos golpeia, devemos dar corajosamente as costas ao passado, guardar somente a lição que este sempre traz em si, e que uma nova meta se torne o nosso unico objectivo." "A esperança é um germen de vida: as recordações não são mais que cinza." Como vêem, toda uma philosophia!

Aventuras de Mar! Certos leitores d'*Os Segredos do Mar Vermelho*, sentiram, talvez, ao lado do desejo de um segundo volume, o receio surdo de uma decepção possivel á leitura dessa continuação esperada, o que lhes prejudicaria um pouco o impeto da admiração. A esses, mais ainda que a outros, esse ultimo livro fará prazer, pois elle é certamente superior ao precedente, e permittir-lhes-á verificar que seu heroe, Monfreid, seja como escriptor, seja como homem, é digno de uma admiração maior ainda do que haviam supposto.

Edgard Liger-Belair.

Annibal Mattos — SOLTEIRÕES e CORAÇÃO DE MÃE — Imprensa Official de Minas Geraes — Bello Horizonte, 1932.

O sr. Annibal Mattos, que é tambem pintor, sendo irmão do esculptor Antonino Mattos e do medalhista Adalberto Mattos, iniciou a sua carreira litteraria mais ou menos em 1910, no memoravel grupo de Hermes Fontes, que viera de publicar as *Apotheoses*. Depois disso, succederam-se os trabalhos desse patricio affeito a manejar simultaneamente o pincel e a penna. Expondo quasi todos os annos no "salão" da nossa Escola de Bellas Artes, foi elle tambem alongando o trato da litteratura dramatica e as suas peças, historicas ou não, já ascendem a mais de quinze. A par disso, cultiva os estudos biographicos, tendo escripto sobre Mestre Valentim, o Aleijadinho e o Dr. Lund, e sabe tirar proveito da novella, como nos curiosos episodios destes *Solteirões*, cheios de commovidas evocações do passado e conduzidos sempre com uma delicadeza de toque reveladora de uma sensibilidade finissima.

Laura Cortinas e seus romances de these

De feminista costuma chamar-se a mulher que defende os direitos da mulher. Mas, havendo aquellas que se batem pelos direitos sociaes, e as que pelos direitos naturaes, parece que a umas e outras caberiam differentes designações. Muito a miudo são diversos seus ideaes, quando não são oppostos. Querem umas os direitos que hoje pertencem ao homem, substituir-se a elle; outras só pretendem torcer as leis sociaes de forma que fiquem de accôrdo com as leis naturaes. No Rio-Grande é moente e corrente um gauchismo de linguagem que designam as meninas que gostam de andar com os rapazes em vez de buscarem a companhia das raparigas — *machonas;* assim como ha outro que designa as vaccas que nunca dão cria — *machorras,* gauchismos que poderiam ser aproveitados para um tratado de Ethica contemporanea, e, então, incorporados ao lexico portuguez.

Ora, como ha duas categorias na mesma classe de evolução das mulheres, caberia á classe uma denominação geral, e ás *categorias* denominações especiaes. E teriamos o seguinte quadro:

MULHERISMO

(Campanha movida pela mulher no sentido de dilatar sua condição social, moral, politica e juridica)

MACHONISMO	FEMINISMO
(campanha mulherista que tem por fim alcançar a competição com o homem nas differentes actividades da vida. Pelo exercicio das novas actividades que frequentemente contrariam as funcções do sexo, este movimento conduz ao *machorrismo,* isto é, á esterilidade provocada por habitos masculinos).	(campanha mulherista no sentido de defender os direitos da mulher como sêr complementar e não competidor do homem, como o direito inadmissivel da mãe sobre o filho, em qualquer circumstancia, o divorcio absoluto e summario, de modo que cada mulher possa estar livre para dar satisfação completa ao seu amor de esposa e mãe. Esta campanha visa o cúmulo da maternidade).

Na categoria do feminismo está classificada a escriptora uruguaya, já consagrada pela critica e por um premio — LAURA-CORTINAS, autora do romance ainda fresco — *Mujer* — e de outro um pouco mais antigo — *Carmita.* Ambos são mulheristas no sentido da feminilidade e não no do machonismo que a ella repugna. Laura é solteirona, porque renunciou aos amores em virtude de principios catholicos hauridos no collegio de religiosas onde foi educada, desde que se tornou impossivel o seu primeiro e grande amor. E, como renunciou aos amores, como não conseguiu attingir seu supremo ideal, que era ser mãe por amor do homem amado, empenha-se em crear filhos do espirito, imagens dos filhos que imaginou. D'ahi fazer-se escriptora, e escriptora de valor, alentada pelo elevado ideal de um *matriarchado* de nova especie.

Mujer — é a historia de um homem que se incompatibiliza com a esposa, frivola, desorientada e já machorra por mundanismo; e que prevarica com a mulher que consentia dar-lhe filhos. E, como a esposa não outorga o divorcio, origina-se uma situação insanavel pelas leis, sendo-o já, apesar de tudo, pela religião. Molina, o protagonista, fraqueia lamentavelmente, seduzindo uma aristocratica donzella montevideana; e na justificação dessa fraqueza está todo o romance, que é a defesa da união illegitima, *por ser fecunda* e estar assentada sobre o amor. Nesta collisão entre o individuo e o grupo parece, á primeira vista, estar a autora, por seu passado e por sua these, de accôrdo com a velha doutrina, que préga a fecundidade das uniões matrimoniaes. Mas em *Mujer* prevalecem os interesses do individuo sobre o grupo definitivamente constituido, porque se amparam em *direitos* naturaes de repudio e amor; ao passo que, segundo o costume, são os *deveres* do individuo para com o grupo, já constituido e bem constituido, que implicam os seus direitos supremos ou a bençam do matrimonio, embora frustrado pela falta de prole. Segundo Laura-Cortinas, cumpre destruir um grupo e formar outro para satisfazer os direitos de quem os reclama. Segundo o estado de cousas existente, legado por um longo passado de conveniencias humanas, sem destruir o grupo eivado de vicios e erros, ao individuo merecedor conferem-se os direitos que conquistou pela observancia de seus deveres.

Perpetrado o erro, o vicio, o crime, esterilizador de um casal, que ganham os individuos com a fuga ao castigo desse vicio, desse erro, desse crime? Delicias de amor, sem duvida; mas, por outro lado, a certeza pessoal da propria fraqueza. Attrahida pela voragem dos direitos não vai, porventura, a sociedade perdendo sempre os reflexos da força d'alma que tambem edifica e solidifica? Não vive a sociedade tambem de creações moraes que, ao lado da sua perpetuação em quantidade, tendem a dar-lhe a perennidade qualitativa? Em ceder ao amor cegamente não ha nada de extraordinario que ultrapasse o animal. Dentro do proprio amor ainda somos bestas. E foi bestiaimente que Molina, allegando direitos naturaes, tentou corrigir a situação creada pela bestialidade de sua mulher legitima. Neste terreno da exaltação dos direitos do individuo e da sociedade, cabe ainda discutir uma these: — O dever faz ou não faz parte da natureza do homem? Si faz, nelle está naturalmente o freio dos direitos; si não, argumento nenhum pode oppor-se aos do Materialismo que os exalta e reclama.

De agradabilissima leitura, de commoções frequentes, de penetrações profundas, está construido o romance — *Mujer* —; mas tecida a sua trama por dous erros — o erro da esposa de Molina e o erro de Molina mesmo. Dirá o leitor que Laura-Cortinas é romantica pela exaltação do amor e da paixão até ultrapassar a linha dos escrupulos e dos preconceitos. E assim é, de facto, neste romance. Mas, o que admira é sentir a força de su'alma, é encontrar o rastro do seu espirito na pista dos classicos ensinamentos, tão poucos mezes antes de escrever — *Mujer* —, em *Carmita.*

Carmita — o romance que a consagrou, foi animado por uma alma verdadeiramente angelical, mais do que humana, de quem se desprende de seus direitos em favor do grupo, de quem pela renuncia total e definitiva fica librando-se, como o proprio ideal, acima do nivel humano. Ahi se vê claramente que as altas conveniencias sociaes não dependem somente do amor, sentimento precario, mas tambem do dever, sempre vivo nas consciencias individuaes. E' verdade que o fim do matrimonio é a familia através da prole, o laço material tendente a tornar aquelle indissoluvel, e que corrobora, por conseguinte, o mesmo

fim — a sua indissolubilidade moral. Os filhos forçam, não mais os amantes da aurora matrimonial, mas já os paes a occuparem definitivamente seus postos. Quando no matrimonio adormece o animal, pela edade ou qualquer outra causa, fica o homem sustentando-o: eis a lição do Christianismo, eis o echo que desse ensinamento encontra o leitor em — *Carmita*. E, quando o casal soffre dos erros dos individuos que o formam, que paguem os individuos, aqui, o que vão receber futuramente; e que, no seculo, se salve o grupo, utilidade social, por natureza, amoral e sempre innocente. Em — *Carmita* — a lição é prevenir o erro, fugir á mácula; em — *Mujer* — é: consummado o erro, apagal-o do quadro da vida por meio de leis sociaes. Para defender a amante de Molina, porque tem um filho, foi escripto — *Mujer;* para não perturbar a mais sagrada união, que é a de uma mãe com seu filho, Carmita renuncia casar-se com o homem que ama. Mãe e filhos inseparaveis, aqui seu ideal, a these de Laura-Cortinas, a escriptora que já ousa lançar ao publico uma litteratura que é mais do que fim litterario, porque se faz meio de realizar mais altos escôpos.

F. Contreiras Rodrigues.

UM VISITANTE ILLUSTRE

O barão Henri de Rothschild não se distingue apenas, como tantos da sua estirpe de argentarios, pelas manobras estrategicas da Bolsa e pelas habeis operações no jogo de interesses do cambio. Além de medico, de philanthropo, mecenas de artistas e bemfeitor de innumeras associações de caridade de Paris, é autor theatral.

Com o pseudonymo de André Pascal ou de Charles Desfontaines, augmentou elle a sua bagagem litteraria de narrador de viagens e de productor de novellas psychologicas. Já escreveu proximamente uma duzia de peças, representadas com exito em França, na Inglaterra, na Belgica, em Monte-Carlo.

Em *La Rampe*, assignada ainda com o seu proprio nome de membro proeminente de uma das maiores dynastias de plutocratas que o mundo tem conhecido, affrontou elle os azares da ribalta, e isso estudando exactamente os costumes dos actores, com documentação arguta de quem se dera longamente á frequencia de bastidores e camarins e vira bem o lado humano da vida desses pobres profissionaes da gargalhada ou do pranto.

Depois é que vieram os pseudonymos, talvez porque a apparição nos cartazes do sonoro appellido dos Rothschild redundasse em comprometter um bocado a familia gloriosa que tanto manda no dollar, na libra e mesmo no modesto papel-moeda deste nosso Brasil...

Na nova phase, uma das suas producções de maior successo foi *Le Caducée*, peça que devia ser representada pela companhia de Antoine ou de Porel, isto antes da grande guerra e só o foi pela "troupe" do Gymnasio, depois de concluida a matança dos civilizados, com muitos retoques na essencia e nas principaes situações.

Ferindo, ao que se vê pelo titulo, um dos mais austeros symbolos da medicina, o trabalho de André Pascal não deixou de consternar alguns confrades, que ahi viram um vitriolesco pamphleto á classe dos esculapios. Mas os bons julgadores, os criticos equilibrados não deixaram de reconhecer que a peça não visa os scientistas ás direitas, os medicos á altura de honrar um paiz que deu Bichat e Charcot, e sim os charlatas, os mystificadores com anel de grão, os que se dão a todo o transe ao recrutamento de uma clientela rendosa e ingenua.

Aquillo que em Molière e Le Sage fôra apenas pretexto para geniaes effeitos de humorismo, é, em André Pascal, razão de ser para episodios dos mais compungentes. Dahi a opinião de Antoine, seguramente um julgador digno de ser ouvido no assumpto: "Comedia solidamente construida, de uma inspiração generosa, original e ousada". Especialmente as scenas occorridas numa sala de clinica cirurgica são intensas e explica-se que, no dia do ensaio geral, "certa espectadora cahisse numa crise de nervos ao ver o herôe enterrar no braço uma seringa contendo veneno"...

Poeminha N. 1

E o palhaço o que é?

E' ladrão de muié.
é o geitinho da gente fugir de sua toca
é a criança puxando nos bigas do velho
é a pandorga rabiando no céu de janeiro
e é a rosa mais pura que volta do chão.

Repare a sua cara no espelho dos outros
reparta sua sombra com todos os passos
enfeite com um riso todas as boccas
e bata na pança dos homens graves
com a mão fechada é de bambambam.

E o palhaço o que é?
E' ladrão de muié

Aquella que um dia se foi sem rumo
no bojo do barco que não voltou
deitou uma noite na cama de flôres
apagou uma a uma suas quatro velas
e pegou num somno comprido e bom.

Agora é a cambota na terra dura
e o corpo que bate na arena paf
é o riso que brinca na cara pintada
riscando de sangue a brancura do giz.

O palhaço rasgou sua vidinha em retalhos
retalhos baratos de todas as côres
e ageitou uma pelle humoristica
uma pelle maluca pra dar na vista
e fazer toda a gente chorar de rir...

(Do poema em andaimes: *Palhaçada*).

Theodemiro Tostes.

EM BREVES LINHAS

Os amigos do critico Albert Thibaudet estão preparando intelligentemente o seu ingresso na Academia Franceza. Trata-se, aliás, de um espirito dos mais academizaveis, dados os seus pendores classicos e, mão grado o apoio que dispensa ás gerações recentes, o seu gosto pelas boas tradições litterarias da França. Embora amigo de Julien Benda, o philosopho sarcastico, e de Alain, o subtil negador de tantas pretensas verdades da chamada civilização européa, Thibaudet consegue manter-se num geitoso meio termo. Tanto sabe escrever sobre esthetica como sobre politica e, sem o vehemente monarchismo de um Maurras ou o ardente catholicismo de um Maritain, não deixa de dar-se muito bem com os parlamentares á moda de Herriot e de redigir ponderosos ensaios para os graves calvinistas que o lêem numa revista de Genebra.

— Os romancistas de maior renome da França de hoje estão escrevendo com grande successo para o theatro. A *Judith* de Giradoux conseguiu manter-se longo tempo no cartaz. Jean Giono vê recomeçar o exito da peça *Le Lanceur de Graines*, representada inicialmente na Suissa. Paul Morand é bem acolhido pela platéa parisiense. André Gide, encorajado pelo interesse que os allemães dispensaram no *Saul*, prepara novos trabalhos scenicos e cada vez se sente mais fascinado por esse meio de contacto directo com as multidões. Finalmente, Jean Cocteau declara aos seus intimos que vae circumscrever-se a produzir para a gente do palco, uma vez que já venceu os horrores do "crac" que o assaltou na representação da sua primeira peça e já agora não mais se intimida com o bicho de mil cabeças que é o publico das "premières"...

HOOVER E ROOSEVELT

(HONTEM E HOJE)

Ha quatro annos, precisamente, feria-se nos Estados Unidos o pleito da successão presidencial, de que resultou a esmagadora victoria de Hoover sobre Al-Smith.

Naquella época, nós, brasileiros, acompanhavamos com o mais vivo interesse o desenvolvimento da batalha eleitoral. Hoover, o favorito em todos os palpites, era considerado inimigo figadal do café brasileiro, ou melhor, dos methodos de commercio deste producto, então em vóga em nosso meio. Já de uma feita, quando ministro do Commercio, em signal de protesto, *boycotara* a preciosa rubiacea, abstendo-se do uso da mesma em sua propria casa. Victorioso nas urnas, antes de installar-se na Casa Branca, resolveu elle visitar os demais paizes do continente americano, partindo das margens do Pacifico, dando a volta á America do Sul, e regressando pelo Atlantico. Fomos os ultimos a hospedal-o, e os primeiros a despertar-lhe verdadeira sympathia, conforme propalaram, na occasião, vozes autorizadas. Emquanto nas outras republicas sul-americanas, por onde passou a comitiva do futuro occupante da curul presidencial yankee, a recepção deste por parte dos governos foi fria, e por parte das massas populares muitas vezes hostil, havendo necessidade de grandes reforços de policiamento para garantir a integridade physica do visitante, no Brasil, povo e governo, de braços abertos, receberam festivamente o presidente eleito, demonstrando-lhe grande admiração. E Hoover saltou na America do Norte, com o juizo modificado a respeito de nossa terra e de nossa gente.

1928 foi o ultimo anno do periodo de *boom*, verificado depois da guerra. A abastança então reinante não fazia pensar ainda nas amarguras que os annos subsequentes reservavam á humanidade. Outubro de 1929 marcou o inicio da phase de *krack*, que succedeu aos tempos bonançosos da época da eleição e posse do successor de Coolidge. Acontecimentos imprevistos de toda a ordem surgiram, a cada passo, no decurso do quadriennio ora a findar, creando problemas de tal modo vultosos e complicados que acabaram por esmagar a personalidade eminente do varão illustre, cuja gestão no posto que occupou Washington, coincidiu com um dos instantes mais criticos que já atravessou o mundo.

No numero 21 de "Le Mois", publicado um mez antes da pugna das urnas de 8 de Novembro corrente, vem inserta, ácerca deste incruento embate, curiosa previsão, cuja confirmação posterior merece destaque especial. Apresentando as credenciaes do candidato democratico, Roosevelt, o articulista vaticinou a victoria deste, com probabilidades de dois para um. Computando varios dados de valor, entre os quaes a eleição antecipada do Estado de Maine, cujo resultado fazia prever a derrota dos republicanos, traçou o analysta um quadro que veiu a tornar-se palpitante realidade. Estudando a actuação de Hoover, o A. salienta a impopularidade creada em torno do mesmo, já dentro da grande federação norte-americana, ja extra-fronteiras. Factores diversos contribuiram para a formação deste estado de coisas. Conservador em toda a linha e dotado de grande intuição, Hoover enxergou talvez o dedo communista no desenrolar de certos successos, como a marcha dos ex-combatentes sobre Washington, e reagiu um tanto violentamente, fazendo dispersar os manifestantes a gaz lacrimogeno e mandando destruir as barracas ostensivamente armadas deante do Capitolio. A opinião publica não recebeu bem essas medidas rigorosas. Por outro lado, a solução do problema das dividas inter-alliadas, constantemente protelada, aggravou sobremaneira a situação daquelle que tinha de ser, por força das circumstancias, o arbitro supremo de taes pendencias. Emfim, os maus fados que envolveram sua administração, tão promissoramente inaugurada, fizeram rolar do pedestal de prestigio a que a guindaram assignalados serviços prestados ao seu paiz e á humanidade, a figura austera do grande Hoover.

Roosevelt vae tomar as redeas do destino da nação, actualmente *leader* do mundo, numa época das maiores apprehensões. Tropeços sem conta juncarão o caminho a percorrer. Talvez mesmo superiores aos encontrados por seu antecessor. Vencel-os-á com galhardia? Triumphará da tremenda crise que assoberba presentemente todos os povos do planeta? Nenhuma previsão humana pode ser feita neste caso. Sómente daqui a quatro annos teremos a resposta a estas afflictivas interrogações, por intermedio do pronunciamento f u t u r o das urnas yankees.

Oxalá que Roosevelt, no desempenho da mais alta magistratura da America, seja mais ditoso que Hoover.

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO.

FEIRA DE LIVROS

Graças aos esforços do Sr. Galdino Loureiro, activo e intelligente livreiro com varias casas desse commercio no Estado da Bahia, de 15 de Janeiro a 15 de Fevereiro deste anno, deverá realizar-se na cidade de S. Salvador uma grande feira de livros que muito concorrerá para maior divulgação de nossas lettras e para a qual o mesmo senhor pede o apoio de todos os editoras nacionaes.

UM AMIGO DO BRASIL

O sr. Georges Raeders, escriptor francez que nos conhece intimamente, não perde ensejo de falar com sympathia de homens e cousas do Brasil.

Numa brilhante publicação européa, estampou elle, ainda ha pouco, um judicioso artigo sobre Machado de Assis, romancista cujo nome — segundo o sr. Raeders — mereceria figurar, no Panthéão da gloria universal, ao lado do de Anatole France e de Eça de Queiroz. Quanto ao scepticismo do autor de Quincas Borba, *"distingue-se completamente do scepticismo de Anatole e do de Renan, aos quaes elle deve bastante, por um tom de amargor profundo e de pessimismo integral. Esse scepticismo teve, sem duvida, sua origem na timidez de Machado, timidez a que o inclinavam a humildade do nascimento, da raça, da situação social, em tamanha contradicção com os seus gostos aristocraticos de arte, de vida, de pensamento. Ao demais, suas aspirações litterarias, todas de simplicidade e de meios tons, estavam, tambem ellas, em antagonismo com as de um meio ardente, desmedido até o irreal, como as paizagens da natureza brasileira."*

Interessando-se amistosamente pelo Boletim de Ariel, *o sr. Georges Raeders, com uma gentileza que nos captiva, teve ainda a bondade de traduzir para o francez a nota do nosso director Gastão Cruls alusiva á estadia de Manet no Brasil, bem como a nota do nosso redactor-chefe Agrippino Grieco referente a alguns conceitos do conde de Keyserling sobre o nosso paiz.*

Os "Poemas Escolhidos" de Jorge de Lima

Reunindo alguns dos seus poemas de ultimamente com outros de sua primeira phase modernista, parece-me que Jorge de Lima deu-nos um grande caderno de poesia. Grande porque são todas as suas paginas alimentadas do mais activo calor de criação pura, de lyrismo puro. Depois que acabou os namoros antigos com o metro e a rima, elle deu para falar uma lingua estranha, de um accento mais intensamente musical. E' que se dava com o meu amigo o que se dá mais ou menos com homens casados que procuram no adulterio prazeres faceis e até accessiveis em seu proprio lar: Jorge de Lima buscava a poesia por lugares distantes, com processos de conquistador, quando ella estava dentro de si. Ora, encontrando-a casualmente (José Lins do Rego contou esse facto no seu pequeno ensaio), elle achou-se; e achou o que de mais grave e de mais bello andava tão de perto lhe acompanhando os passos.

Num paiz onde a poesia ainda se encontra em martyrio semanal e obrigatorio pelas revistas de moças, pelos *Fru-Fru* e pelos *Malhos*, Jorge de Lima entrega-se a um exercicio extraordinariamente livre de sua sensibilidade. Deste espectaculo surge então alguma cousa de grande para uma litteratura toda em minusculas.

Usando da "sua" musica como de um signal de identidade, Jorge de Lima fez do senso melodico o seu caminho mais curto para a poesia. O que nelle antigamente era rythmo de tratado de versificação, hoje é harmonia interior e espontanea: fez-se de dentro para fóra o que era de fóra para dentro. Uns poemas seus (*Essa Negra Fulô* é o exemplo mais exacto, e tambem *Madorna de Yáyá, Comidas*, etc.) carregam-se de uma caracteristica disposição de som, tão molle, tão absorvente, que cria em nós uma vibração nova, mas de ternura, de talvez preguiça dos sentidos: são macios e langorosos, esses poemas, e exigem de nossa sensibilidade uma quasi identica capacidade de abandono, ou melhor, obrigam-nos a um perfeito amollecimento sensorial, a uma volupia mansa. A toda essa festa de sons vamos com Jorge de Lima como si fossemos a um divertimento maravilhoso.

E não é só musica: é côr. Cita-se bem o *G.W.B.R.* como impressões de um pintor em férias; pintor para quem a sua arte prescinde de telas esticadas e pinceis e tintas, desviando-se para uma composição graphica que lhe rouba, no emtanto, sobriedades suas. Foi por causa desse delirio de colorido, desse sensualismo descriptivo que eu muita vez desconfiei, a principio, de uma forte negação para poeta mystico em Jorge de Lima. Distraindo os sentidos com uma pintura e uma musica tão ardentes em côr e som, não cria possivel revelar-se depois um temperamento com tanta pureza lyrica. Mas deu-se o caso do poeta alagoano haver-se deleitado com tal insistencia com os elementos simplesmente plasticos da poesia moderna para dar lugar mais tarde a um arrependimento e a uma necessidade de libertação — arrependimento que no caso serão os seus poemas recentes; á maneira, assim, de alguem que peccasse para, com a consciencia do peccado, ter direitos mais amplos á purificação integral.

Vai nisso talvez um erro: não aconteceu que Jorge de Lima tivesse consciencia da impureza quando se dava aos seus luxos de modernista. Ao contrario, já havia na epoca uma purificação: a do homem que se voltava para os rythmos e as côres espontaneas depois de uma vida inteira obrigado á harmonia de caixa de musica e a polychromias de oleogravuras. Integrando-se em si mesmo, livrou-se bruscamente de tudo quanto havia de falso em sua companhia e, pelo repentino do phenomeno, entrou em contacto demasiadamente estreito com a vida. (Demasiadamente, digo eu obedecendo ao plano desta reflexão ligeira; sob a minha visão mais livre de agnostico, nunca um poeta entrará em excessiva intimidade com as cousas reaes ao ponto de não saber tirar dellas os effeitos lyricos — justamente os effeitos que estão mais dentro do poeta do que no mundo visivel).

Desse byzantinismo modernista, innegavel em Jorge de Lima, como tambem em quasi todos os do seu tamanho, soube o poeta alagoano penitenciar-se com rigor e vantagem nos seus ultimos poemas, onde um novo halito se respira da mais pura poesia. E poesia com intensidade mystica, voz sincera de um que pretende prestar contas certas de suas fraquezas perante as syndicancias celestiaes.

Um caracter eu diria angelico toma a nova poesia de Jorge de Lima; angelico, mais em relação á phase anterior. As côres que elle usa, não põem ninguem em perigo pela seducção do pittoresco. E a musica, é um longinquo rumor lithurgico de orgão. *Poema do Nadador, Mulher Proletaria, O Filho Prodigo, Poema Relativo, Poema de Natal* — trazem comsigo uma como belleza de dialectica sentimental, capricham na mais doce phraseologia lyrica, para usar de uma expressão de Jean Cassou. Poeta realmente grande, que quer fazer com que nem só de Manoel Bandeira se espere no Brasil a poesia mais pura de nosso tempo, Jorge de Lima deu com *Poema á Irmã* a sua pagina de maior frescor.

Na primeira parte do livro pode-se reparar, por caturrice critica, a collocação desnecessaria de uns tantos poemas infelizes; si elles não apparecessem, seria um bem para o volume e vantagem para o rythmo da obra poetica de Jorge de Lima. Por outro lado, esquecido na escolha, o *Banguê* faz-nos notar a sua ausencia com uma certa tristeza: é como si á documentação da obra de um grande poeta faltasse algum papel essencial. Aquella cantilena saudosista sobre a morte dos banguês, de uma cadencia molle e triste de "spiritual", aquella canção crioula de um accento quasi humano de desespero é um dos muitos poemas de Jorge de Lima por onde a melancolia de Antonio Nobre deixou rastro.

A quem quizer, depois disso tudo, ver de grande em Jorge de Lima apenas o senso melodico, o seu encanto musical tão puro e admiravel, é preciso fazer notar que esses dons plasticos não traem, nelle, a poesia; antes, é a musica, no poeta alagoano, a maneira mais núa da poesia se mostrar em publico, o seu modo mais simples de falar, o seu "espirito" por assim dizer. E até certos poemas como o *O Mundo do Menino Impossivel*, todo em asperezas de rythmos, fogem á analyse frivola de distração para o apparelho auditivo. Elles fazem com que dentro de nós, por uma identidade musical muito intima, alguma cousa entre em resonancia, a poesia está em acção, me parece. E a poesia de Jorge de Lima é cada vez maior, mais pura. E mais intensa.

VALDEMAR CAVALCANTI.

Exotismo

Com *Chine* Marc Chadourne nos leva em rapida viagem de Hong-Kong a Pekim, procurando mostrar-nos a physionomia da "jovem China", producto hybrido de idéas progressistas mal assimiladas e de velhos costumes difficilmente irradicaveis. Não é mais do que um *croquis* acompanhado por instantaneos de alguns detalhes, — mas um *croquis* muito ligeiro, feito ás pressas, muito impessoal, que nada nos apresenta de novo. Assim, continuamos sabendo que na China ha xenophobos, bandidos, generaes, opium, estudantes com oculos de tartaruga, nenhuma hygiene, muita gente e muita terra. Continuamos sabendo, mas não comprehendemos melhor por isso o que seja o enigmatico povo do celeste imperio. Emfim, talvez que o maior merito de *Chine* esteja nos deliciosos desenhos com que Covarrubias lhe enriqueceu as paginas.

Paul Morand, por seu lado, faz, com *Air Indian*, uma apressada viagem pela America do Sul, apreciando os bons aviões e a bôa organização da Panair, admirando o azul do mar e o roxo das montanhas, mostrando que leu muito, até o Baedeker, e que, desta vez, deixou em Paris os olhos que viram *New York* e *Rien que la terre*. Ficamos tristes de termos embarcado com elle nessa viagem, pois pouco vimos dos logares visitados e não encontramos nelle o delicioso companheiro que tinhamos direito de esperar.

Henri Fauconnier, mais calmo, mais humano, ao contrario das rapidas reportagens dos seus compatriotas, retem-nos, em *Malaisie*, para uma deliciosa temporada. Com elle vivemos numa plantação de borracha, lutando contra a floresta, contra a crise e contra o *coolie*. Na ilha maravilhosa travamos conhecimento com um homem que bem poderia ser o "Plessis" do *Vasco*, e que tambem fala pouco e parece saber tudo. No nosso bungalow recebemos a visita occasional da linda Palaniai, cujo pudor é de alma e não de corpo. *Malaisie*... A' sua evocação, vivemos horas encantadas e chegamos a sentir saudades da longinqua e perfumada ilha que, talvez, nunca conheceremos.

JACK SAMPAIO.

DU GUESCLIN

ROGER VERGEL — Albin Michel, 1932

Não foi sem alegria que adquirimos essa obra. Bertrand Du Guesclin, rustico e disforme, mas nobre e bravo, capaz de proezas inauditas tornou melhor a nossa infancia, ajudando-nos a supportar, resignados, as aulas de latim. A sua vida — a um tempo fulgurante e dolorosa — nos era narrada por um escriptor cuja inhabilidade se occultava num livro de paginas doiradas. Hoje temos a sua biographia completa romanceada por Roger Vergel que a soube ambientar admiravelmente.

Recommendamol-a, cheios de pressa, a todos os apaixonados do seculo que deslumbrou Froissart e onde Wagner foi procurar um dos seus mais bellos motivos — Parsifal.

Vergel compraz-se, outrosim, em retratar, ao lado de Du Guesclin, outras figuras menores.

O perfil de D. Pedro, o Cruel, é suggestivo. Esse soberano legou, em testamento, a cada uma das suas amantes cem mil dobrões de ouro, desde que se fizessem monjas. Eis um ciume que poderiamos chamar de sentimento *post-mortem*.

M. G.

A SEMANA DO LIVRO BELGA

Todos os que se interessam pelas cousas do espirito não puderam deixar de interessar-se pela Semana do Livro Belga, de 5 a 13 de Novembro de 1932.

Trata-se, com effeito, de uma bella realização que veiu demonstrar a vitalidade de uma litteratura em que competem abundancia e qualidade, riqueza e nobreza. Longe de ser, como tantas pretendem, uma simples caudataria, uma simples tributaria das lettras francezas, a terra de Maeterlinck possue já agora, intellectualmente, uma indiscutivel autonomia, que mais e mais se vae accentuando, dentro de caracteristicas perfeitamente locaes, no sentido da alma e da paizagem.

A Semana do Livro Belga, reunindo dezenas de nomes prestigiosos, com um criterio eclectico dos mais recommendaveis, forneceu, portanto, a certos criticos apressados, o ensejo de medir as reservas de possança espiritual da pequena grande nação que deu, não ha muito, as estrophes épicas de Verhaeren ou as cariciosas cantilenas de Max Elskamp.

ELEGANCIAS

Vestidos — Chapéos

Lingerie.

Modelos de Paris

Lindissimos presentes de grande novidade.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

NA CARREIRA DO VENTO

Lá vem o vento correndo
montado no seu cavallo.
Nas azas de seu cavallo
vem um mundo de vassallos,
vem a desgraça gemendo,
vem a bonança sorrindo,
vem um grito reboando,
reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
montado no seu cavallo.
Nas azas de seu cavallo
vem a tristeza do mundo,
vem a camisa molhada
de suor dos desgraçados,
vem um grito reboando,
reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
montado no seu cavallo.
Nas azas de seu cavallo
vem um mundo amanhecendo
vem outro mundo morrendo.
Ligando um mundo a outro mundo
vem um grito reboando,
reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
os seculos correndo atraz.
Lá vêm um grito de Deus
e um grito de Satanaz.
Ligando um grito a outro grito
vem a Vida, vem a Morte
vem o vento reboando,
reboando, reboando.

Lá vem o vento reboando
com seus cavallos motores
voando nos aviões.
Lá vem progresso, poeira,
carreira, velocidade.
Lá vem nas azas do vento
o lamento da saudade
reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
montado no seu cavallo.
quem vem agora é um menino
montado no seu carneiro.
Parae ó vento, deixae
repousar o cavalleiro.
Mas o vento vem damnado
reboando, reboando.

JORGE DE LIMA.

J. PIRES WYNNE — VULTO QUE FICA — Edição da Graphica Guttenberg — Aracajú.

Commovida homenagem á memoria de Pereira Barreto, o poeta das *Selvas e Céos*. Interessante ensaio de biographia e critica, partido de um moço intelligente e culto e, ao demais, enthusiasta da verdadeira poesia.

Um typo novo de amorosa

Muitos romances já publicou Sinclair Lewis, e *Arrowsmith* não é certamente o mais lido e famoso delles. Prefiro-o, entretanto, aos demais, e nenhum outro me seria necessario para votar por aquelle escriptor, si, membro da Academia da Suecia, fosse obrigado a opinar sobre a sua candidatura ao premio Nobel.

Bastaria, creio, á sustentação do meu ponto de vista, o muito que vale esse livro como inquérito aos circulos médicos, aos meios scientificos da America do Norte.

Zola pretendeu fazer coisa identica em relação a varias espheras da actividade humana. Criticos agudos salientaram, porém, que os romances de tal geito elaborados trahiam, por todos os modos, o improviso de uma aprendizagem toda theorica, obtida nas paginas dos manuaes e das encyclopédias.

Sinclair Lewis fez-se de verdade biologista, physiologista, bacteriologista, para poder seguir bem de perto a formação e a carreira de Martin Arrowsmith. Em advertencia honesta proclamou a valia do auxilio que lhe fôra prestado, na emergencia, por um profissional de renome. Quem, todavia, conhece os desfavores, as exigencias da creação litteraria, sabe que esse concurso de quasi nada serviria, si quem o utilisou não dispuzesse, para completal-o, dos insuppriveis contingentes da propria intuição divinatoria.

Devo, entretanto, confessar que o supremo encanto do romance alludido está, para mim, na figura de Leora Tozer — um typo novo de mulher amorosa, senão de mulher *tout court*.

Trata-se, inicialmente, de uma verdadeira antipoda moral daquella Fran, cujo egoismo acaba por fazer tão penosa a leitura de *Sam Dodsworth*. E o antagonismo se me apresenta com tal nitidez, que me inclino a suspeitar de sua interferencia na propria ideação do autor, a quem teria possivelmente seduzido, não só a belleza artistica desse contraste, como a suavidade humana desse consolo.

A despeito da fascinação que exerce o mal sobre os artistas, não é Leora o primeiro vulto feminino de absoluta pureza e de inalteravel brandura, surgindo na litteratura de ficção, onde enxameiam as mulheres perversas e corruptas — creaturas tão trabalhadas pelo genio do mal que parecem dispensar os seus biographos automaticos de qualquer espécie de genialidade...

Singularisa-a, porém, e torna-a inconfundivel, o prosaismo que se lhe reflecte em todas as palavras e actos. Inconfundivel, sim, porquanto são um espiritualismo e uma poesia mais ou menos sinceros, mais ou menos ridiculos, que caracterisam as chamadas "heroinas sympathicas" dos romances.

Leora é este paradoxo encantador: o supra-summo da reserva, do conformismo, da tolerancia, do bom senso, na mais authentica de todas as paixões.

Ninguem póde nutrir dúvidas sobre o vigor do sentimento que para sempre a encadeou a Martim Arrowsmith, e a fez morrer prematura e dramaticamente, por haver teimado em seguil-o a um paiz devastado pela peste.

Nunca, entretanto, seus extremos de amorosa revestiram o caracter de violencia e aggressividade tão bem conhecido dos *coureurs de femmes*, e que deve constituir terrivel tributo cobrado aos grandes seductores pela sábia e justa natureza.

Tambem não é, propriamente, o poder de abnegação, de despersonalisação que Leora Toser possuia, o segredo de sua originalidade, e sim a total inconsciencia desse poder e dessa originalidade, em que ella sempre viveu.

Por occasião de sua viagem ás Antilhas, sua primeira e ultima viagem por mar, deu-se o caso de Martin, forçado pela vadiagem de bordo, a meditar, emfim, sobre o quasi nada de sua retribuição a esse affecto absorvente, a essa idolatria mansa. Disse-lh'o. A resposta de Leora é o ultimo retoque de que tão estranho retrato precisava. Ella horrorisa-se á simples idéa de que o marido a cercasse de continuas attenções e cuidados, a compellisse a deixar a penumbra em que se comprazia.

A quem deduzir deste resumo inhabil que Leora, sobre ser vagamente grotesca, ou é imbecil, ou é hypocrita, recommendo que leia a obra de Sinclair Lewis. Esse typo, que reputo integralmente inédito, de amorosa, o romancista yankee teve artes de creal-o absolutamente verosimil e eminentemente feminino, como teve o dom, talvez ainda mais difficil, de lhe conferir, num extremo prosaismo, a extrema graça romantica e até poetica.

Em certas hypotheses é na fraqueza que reside a suprema força. Leora, que nada exigia do esposo, conseguiu delle o maximo: ficar imperecivel em sua memoria, e insubstituivel em seu coração. Martin, victorioso no officio, plethorico de gloria, tido em conta de um dos maiores sábios do século, encontrou linda millionaria que se offereceu para lhe reconstituir o lar. Falhou, porém, a tentativa. Não é dado ao mesmo homem deparar com duas Leora. Uma já de si é muito, senão demais. E' o sêr mysterioso, fascinadoramente enigmatico, deliciosamente absurdo, para quem Baudelaire forjou, em verso de bronze, a qualificação antithetica de "esclave-reine". Cidadão que não queira perder sua liberdade, ganhe distancia dessa categoria de escravas!...

BENJAMIN LIMA.

Ugo Ojetti, o romancista e critico de arte italiano, é elogiado por Thomas Mann, que o chama de "romanissimo".

— Commemora-se o bi-centenario da nascimento de Jules de Lespinasse, que, apesar de viver num ambiente de frivolidade, escreveu algumas das mais ardentes cartas de amor do seu seculo, não menos ardentes que as da celebre Religiosa Portugueza.

— Pierre Dominique estampa *Le Siège de Paris*, que evoca as scenas tragicas do "anno terrivel" e as duras provações a que o exercito prussiano submetteu a população de uma cidade de arte, luxo e volupia, humilhando rudemente aquelles que mezes antes se propunham a ir a Berlim com uma facilidade que os factos não confirmariam.

— *La Hantise du Sol, de* Henri Hisquin, nome ainda não muito popular nas lettras francezas, possue o que os criticos chamam de "goût du terroir". E' o apego ás tradições campestres, num drama commovente em que a gleba assume o prestigio fascinador de uma creatura de carne e osso, de uma terrivel amante a cujos designios o heróe do livro mal consegue resistir.

— C. Malaparte é refutado por Pierre Dominique em muitas das suas affirmações sobre "le bonhomme Lénine".

— Um reporter parisiense diverte-se com o sotaque allemão que persiste na dicção franceza de Emil Ludwig, ao que teve ensejo de verificar numa conferencia do notavel escriptor em Paris, a proposito de Mussolini, Staline, Briand, Masarick, Venizelos e outras celebridades européas contemporaneas.

— Chesterton estuda Chaucer sob aspectos absolutamente inéditos, inventando, por assim dizer, uma nova physionomia para o delicioso contista boccaciano da velha Inglaterra.

Errare Divinum Est

Com o favor divino — dissemos — haveriamos de mostrar onde, como e porque está errada a *Politica* do sr. Tristão de Athayde. Ora, acontece que Deus quiz. Não prova já isso o tresmalho da ovelha erudita? Mas é prova *a priori* e já se vê que não nos serve. Passemos, portanto, aos factos.

Diz o autor, logo a paginas 16, que "não é a sociedade que faz o homem e, sim, este a ella". E conclue: "Tanto assim que já Aristoteles dizia que o homem fóra da sociedade ou era um bruto ou um Deus". Nós, se gostassemos tanto do argumento de autoridade, se procurassemos provar as cousas allegando apenas que Aristoteles disse, que Thomaz de Aquino disse, nós concluiriamos precisamente o contrario. Pois, se fóra da sociedade o homem ou é um bruto ou é um Deus, não quer isso dizer que a sociedade é a condição *sine qua non* para que o homem seja homem? "*Credo quia absurdum*", teria dito Tertuliano. Vae mais longe o sr. Tristão de Athayde e conclue por ser absurdo. Ou será que a verdade é tal, justamente por affirmar o peripatetico que ella é outra? *quoi qu'en dise Aristote*, como no verso de Corneille?

Tres paginas adeante, lê-se que na concepção thomista "não encontramos o erro dos socialistas, de Platão a Lenine, que só levam em consideração o bem collectivo da sociedade, ao qual se deve sempre subordinar o bem individual". Ha aqui dois erros numa phrase só. O primeiro é chamar socialista a Platão, quando é o proprio autor quem com acerto nos ensina tanto em *Politica* (pag. 114), como na *Introducção á Economia* (pag. 241), que o socialismo vem do liberalismo, "nasceu como reacção contra o capitalismo", do qual "não é mais que a evolução natural". O segundo está em obscurecer a interdependencia que ha entre o bem collectivo e o individual, ou por outra, em não querer ver, em não querer concluir logicamente que, vindo do individualismo (entenda-se este no seu bom sentido de "respeito da pessoa humana"), o socialismo tem sua razão de ser no culto da pessoa e, se aspira ao bem collectivo, é, pois, como condição necessaria para o bem individual.

Mas viremos a folha e vamos á pagina 20, onde se nos depara "a exigencia socialista de uma igualdade absoluta e falsa em face da propria natureza humana". Ainda aqui ha que dividir a cousa em duas partes. A igualdade absoluta! Que um bacharel qualquer accuse disse o socialismo, está direito... Mas vir tambem o sr. Tristão de Athayde com essa historia de "igualdade absoluta" é sacrificar a sua responsabilidade de homem culto a um simples *animus injuriandi*. E quanto á natureza humana, em toda parte e sempre a mesma, é um postulado arbitrario, a que aliás recorre muita gente boa, mas que ninguem sabe o que seja. O que se conhece á luz dos factos, sobretudo ethnographicos, é o homem de certa epoca e de certa sociedade. Que nos provem ser a natureza humana do sr. Tristão a mesma do homem de Néanderthal...

Quando a gente não sabe explicar ou a que attribuir tal ou tal facto social, essa natureza humana constitue um verdadeiro achado. Eis porque ella resurge a paginas 29, como explicação da divisão do trabalho. O velho Adam Smith explicava tambem assim o phenomeno da troca. Mas isso era no seculo XVIII. Hoje, a um grande sociologo, não ficaria bem dizer que a divisão do trabalho é uma exigencia da natureza humana...

O sr. Tristão de Athayde confunde (pag. 33) a moderna ethnologia com alguns modernos ethnologos como o padre Schmidt e o seu irmão siamez, Wilhelm Koppers, os quaes ambos affirmam a primitividade da monogamia. Ora, em apoio dessa these, Koppers cita, no *Handwörterbuch der Soziologie* de Vierkandt (Art. *Ehe und Familie*, p. 120), a opinião... de quem? De Jesus Christo: "*Im Anfang war es nicht so*" (Math. 19, 8), *d. h. im Anfang gab es keine Vielweiberei, sondern es herrschte die Monogamie*". Jesus Christo, historiador! Uma personagem cuja historicidade é ainda hoje um problema, citada através dos Evangelhos, cuja authenticidade não é menos problematica, a servir de base para a ethnologia! No *Handwörterbuch*, de que não se pode negar o cunho objectivo e scientifico, é uma excepção vergonhosa esse artigo, em que o Prof. Koppers perde a serenidade a ponto de esquecer-se do assumpto versado e de entrar a fazer a defesa da Igreja. Eis porque dissemos que a moderna ethnologia não está em Koppers, nem no padre Schmidt, a quem o sr. Tristão chama matreiramente "Wilhelm Schmidt", surripiando o "padre". A verdadeira ethnologia moderna é, em grande parte, franceza e está em Deniker, Durkheim, Levy-Bruhl, George Davy, Marcel Mauss, Paul Rivet, Paul Descamps e innumeros outros, os quaes não sustentam que a monogamia e o monotheismo sejam "formas absolutamente primitivas", muito antes pelo contrario.

A dynastia como caracter especifico da nação — tal a these que o autor a paginas 58 attribue a Renan. Quem ha por ahi que não tenha lido a celebre conferencia feita pelo grande Renan aos 11 de março de 1882 na Sorbonne, sob o titulo "*Qu'est-ce qu'une nation?*" E quem, tendo-a lido, não sabe que, para Renan, a nação era sobretudo um facto moral, resultante de lembranças communs e de uma commum vontade? Se ha alguem nesse caso, é certo o sr. Tristão de Athayde, pois só assim se explica o despauterio.

"Ha nações sem Estado, como os judeus ou os ciganos", escreve a paginas 60 o sociologo thomista. Pois não ha. Os judeus ou os ciganos constituem uma nacionalidade e, nunca, uma nação. Esta, além de todos os caracteristicos da nacionalidade, apresenta ainda, precisamente, o de ser representada por um Estado e o de possuir um territorio commum. O autor confunde lamentavelmente as duas cousas.

Pagina 62: "A origem convencional do Estado no sentido simplista em que a entendia Rousseau..." Até isso? O proprio Rousseau diz que a sua theoria do Contracto Social não reflecte a historicidade dos factos. E' pura supposição juridica. E' um *als ob*... Hobbes, para quem a formação do Estado era um bem, Hobbes podia acreditar na deliberação racional como fonte da vida social (o *homo* deixou de ser lobo para o homem, porque comprehendeu que isso não lhe era vantajoso). Para Rousseau, porém, como para Tolstoi, a creação do Estado policial era um

desvio, uma corrupção da boa humanidade primitiva e effectuou-se pela violencia brutal dos mais fortes. (Vide *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité*).

Porque o Estado capitalista e o Estado communista representam ambos a Classe, a classe capitalista um, a classe proletaria o outro, o sr. Tristão de Athayde (pag. 71) não vê differença entre os dois. Não percebe elle que o capitalismo, vivendo das classes, quer por isso mesmo conserval-as, ao passo que a razão de ser do communismo é precisamente a suppressão das classes. O que ha é, pois, contraste e não identidade. E' como se alguem dissesse (consequencia da doutrina de Tolstoi) que aquelle que segura as mãos de um assassino, para o impedir de matar, por exemplo, uma criança, não differe delle moralmente porque, como elle, exerce a violencia.

"A laicização do Estado, isto é, o seu atheismo pratico é o caminho necessario para a sua materialização integral, synonymo de perseguição religiosa, de oppressão das consciencias, do deperecimento de toda vida moral e finalmente de dissolução da nação e do Estado" (Pags. 80-81). Compare-se isso com esta passagem do "Malade imaginaire", de Molière: "*...que vous tombiez dans la bradypepsie; de la bradypepsie dans la dyspepsie; de la dyspepsie dans l'apepsie; de l'apepsie dans la lienterie; de la lienterie dans la dysenterie; de la dysenterie dans l'hydropisie; et de l'hydropisie dans la privation de la vie, où vous aura conduit votre folie!...*"

O que influiu directamente na revolução russa não foi, como quer o sr. Athayde a paginas 92, o *Capital* de Carlos Marx, obra que poucos leram e que não dá indicações praticas, nem incita á revolução. Essa influencia exerceu-a o celebre Manifesto do partido communista, como a exerceram tambem as obras de vulgarização de Engels intituladas *Anti-Dühring, Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staates, Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft* e ainda o livro de Bebel — *Die Frau und der Sozialismus.*

Tem razão o sr. Tristão de Athayde quando por mais de uma vez, a paginas 93 e seguintes por exemplo, distingue do individuo a personalidade; distincção que, aliás, não é novidade nenhuma e se encontra em todos os bons tratados de psychologia. Apenas, como mostra essa mesma psychologia, e não o sobrenaturalismo gratuito, bolorento e sem base em que se esteia ainda hoje o sr. Tristão, a personalidade humana é, em sua natureza como em sua origem, cousa muito outra do que pretende o nosso thomista.

Em varias paginas de *Politica* a familia apresenta-se como um grupo biologico. Se, de facto, o fosse, não seria objecto de sociologia, senão de biologia. E', pois, um dos muitos contrasensos a que é levado o Wilhelm Koppers brasileiro, por desconhecer, justamente, o caracter especifico dos factos sociaes. A paginas 113 elle chega a dizer que "á sociedade domestica devemos a vida", como se a não devessemos ao mesmo facto a que a devem os animaes, que não têm familia. O caracteristico da familia não é a reproducção, nem a consanguinidade, mas o parentesco, que foi, de começo, mystico e só mais tarde se tornou consanguineo. Ainda hoje existem populações primitivas que ignoram que os filhos nascem do acto sexual. (Vide, entre outros, Malinowski, *La vie sexuelle des sauvages*, trad. do inglez).

Coherente com a propria doutrina, o sr. Tristão de Athayde não podia deixar de apoiar a these do direito natural. Essa these, que é pura ficção, vem da antiguidade e, especialmente, do direito romano, cujos principios foram tirados da philosophia estoica. Os estoicos eram optimistas e finalistas. A natureza era para elles o conjunto das leis cosmicas essencialmente beneficas, o *lógos spermatikós*. O homem é o unico sêr que pode tentar ir de encontro ás leis de ordem universal (Cleantho) e agir como um louco. Mas não o deve fazer e, sim, procurar conformar-se com a ordem cosmica (Marco Aurelio). Dahi resulta o direito natural. A lei suprema da moral é seguir a natureza, *naturam sequi*. A these do direito natural prestou, é verdade, grandes serviços historicos. Identificada com a razão humana, com a razão cosmica, confundia-se com o racionalismo classico e por conseguinte se oppunha ao tradicionalismo retrogrado. Os primeiros adversarios do "direito natural" (Savigny e a escola historica, de Maistre, etc.) eram, politicamente, reaccionarios e encarniçaram-se contra os "direitos do Homem" de 1789. Eis porque Goethe se tem por adeantado quando lança no *Fausto*, pela bocca de Mephistopheles, sarcasmos contra os juristas de seu tempo, que nunca falam "*vom Rechte das mit uns geboren ist*". Mas tudo isso é sociologicamente prehistorico e hoje, quem ainda sustente a these do direito natural, sustenta uma tolice. E' o que faz o sr. Tristão de Athayde quando cita, a paginas 134, o principio de Sto. Thomaz — "*Jus autem divinum, quod est ex gratia, non tollit jus humanum, quod est ex naturali ratione*". E porque? Em primeiro lugar, *ex definitione*, isto é, porque o direito é uma regra, ou systema de regras imperativas e sagradas, cujo prestigio o individuo só reconhece se vem de fóra e de cima, se lhe é exterior e superior, e não interior como o é a razão. Em segundo logar, por um motivo de ordem sociologica e historica, isto é, porque a historia e a sociologia nos mostram que o direito é objectivo, vem dos costumes, antes de ser subjectivo e elaborado na consciencia, de que a razão é parte. Em terceiro lugar, porque, se viesse da razão, o direito, em vez de ser, como é, um facto social, seria uma idéa, superior e anterior aos factos, como queria Kant, com um fundamento racional *a priori*, incompativel com o proprio racionalista.

Tristão de Athayde, critico litterario, escreveu, emfim, a paginas 212 de *Politica*: "Poderiamos repetir aqui o verso immortal: *ni cette indignité, ni cet excès d'honneur*" (sic). Verso? Sim... Por signal que lembra aquell'outro, do nosso Castro Alves: "Racine! ó Racine! Onde estás, que não protestas?"

Como se vê, para respigar todos os erros do livro que vimos commentando, seria preciso escrever tambem um livro, o que não paga a pena. Mas o que ahi fica basta para perceber quanto está errada essa "politica perenne" que Deus Nosso Senhor ensinou ao sr. Tristão de Athayde. E o que se colhe das doutrinas politicas ou sociologicas de todos esses doutores "angelicos", "seraphicos", "illuminados", "christianissimos" e "amorosos", é que o errar, se é humano, é divino tambem. Porque foi — no dizer delles mesmos — Nosso Senhor quem lh'as ensinou...

V. de Miranda Reis.

TRES ASSUMPTOS

O sr. Annibal Fernandes, em brilhante artigo publicado no *Diario de Pernambuco*, allude, com muito espirito, aos tabaréos que vêm para a capital do paiz e daqui desandam a falar depois com certo desdem dos litteratos de provincia.

Da minha parte, posso assegurar-lhe que nunca me occorreria o dislate de incluir a avançadissima Recife naquellas vagas zonas que a gente classifica de provincianas, suppondo-as talvez invenção ironica dos cartographos. Porque, dada mesma a protecção geographica, a capital de Pernambuco está muito mais proxima de Mauriac e Maurois que o Rio e recebe dos transatlanticos, muito antes de nós, as idéas e as phrases dos jornaes de modas litterarias da Europa. Só num particular poderiamos levar alguma vantagem a Recife: no recebimento mais prompto dos livros do Uruguay ou da Argentina. Mas evidentemente não ha nenhum proveito em folhear, logo que sahem, os romances do sr. Manoel Galvez ou os poemas da sra. Rachel Sanchez...

Provincia? Mas poderá acaso rotular-se de provincia um recanto como aquelle em que vive o meu querido amigo Gilberto Freyre? E do proprio sr. Annibal Fernandes já não sabia eu ser um gentilhomem e um puro homem de lettras, isto dentro do depoimento do poeta Alberto Ramos, que o conheceu de passagem por alli e sahiu encantado desse contacto?

Ramos, que não se derrama facilmente em louvores a qualquer, garantiu-me que o nobre periodista do *Diario de Pernambuco* é um chronista como não existem muitos aqui no Rio. Do mais perfeito atticismo na palestra, sabedor immediato do ultimo livro importante surgido na Europa, amigo do livre jogo das idéas universaes, é uma dessas creaturas naturalmente civilizadas em que ninguem descobrirá jámais ranço ou sotaque provinciano.

*

A Sociedade Capistrano de Abreu continúa, máo grado o seu nenhum apparato e o seu nenhum alarido, a ser uma das instituições mais vivas e mais fecundas do paiz. Graças aos cultores da grande memoria e, especialmente, ao lucido devotamento de Eugenio de Castro, o notavel commentador do diario de Pero Lopes e o magistral resuscitador dos primeiros fundamentos da povoação de S. Vicente, vae augmentando, de anno em anno, a collecção posthuma do mestre incomparavel, do homem incomparavel que senhoreou tantos corações e apaixonou tantos cerebros. E ahi estão agora, enriquecendo a nossa tão pobre bibliotheca historica, os *Capitulos de historia colonial*, *O descobrimento do Brasil*, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, *Ensaios e estudos*. Obras tão meritorias, reapparecendo numa obra, não menos meritoria, de coordenação intelligente, levada a cabo pelos amigos de Capistrano ,amigos — o que é paradoxal entre nós — de um varão que não foi argentario ou politico eminente e apenas um eterno estudante, um fanatico dos livros, um fervoroso instigador de cultura. E é justo que rejubilem com isso os que temiam a dispersão dos productos de Capistrano, por isso que esgotados em volume ou sepultados em revistas e jornaes do seculo XIX.

No momento, a publicação methodica dos seus trabalhos mostra, mais que nunca, haver sido Capistrano, não o bohemio ou o dilettante que muitos suppunham, mas, tal qual Varnhagen, uma das nossas grandes realidades pensantes. Creatura viva e humana como poucas, lendo-lhe os livros agora, explica-se a seducção e o interesse com que elle fascinou tanta gente e da melhor do nosso Brasil. Historiographo, ethnographo, philologo, Capistrano era evidentemente um mestre na arte de reflectir e de concluir. Mas o que admiro nelle não foi ter dominado como ninguem o nosso passado, penetrando-o com uma aguda visão de conjunto, ter sido um especialista em estudos allemães, uma das nossas primeiras autoridades em materia de linguas indigenas, ter vivificado numa arte creadora a documentação inerte dos archivos. O que admiro nelle foi haver sido, mais que um humanista, um homem, e haver suscitado o nucleo de uma associação que está concorrendo para o ennobrecimento das lettras historicas em nosso paiz.

*

Num dos ultimos numeros da *Revue de l'Amérique Latine*, Jean Duriau estampa um *Essai sur les lettres brésiliennes*, muito bem estructurado e conduzido com a perfeita familiaridade dos assumptos evocados. Ahi, a certa altura, indaga elle se a *Revista Nova*, de São Paulo, *A Ordem*, aqui do Rio, e o nosso mensario (*) vivem ainda. Responderemos que todas essas publicações se nos afiguram em boas condições de vitalidade. Ao menos o nosso *Boletim* não se mostra disposto a ir tão cedo deste mundo para o outro. Tanto mais quanto no nosso corpo de collaboradores existem mais de dez medicos, ou sejam, em ordem alphabetica, para não melindrar ninguem, os drs. Afranio Peixoto, A. J. de Sampaio, Carneiro Ayrosa, Decio Olinto, Edgard Côrte Real, Hamilton Nogueira, Miguel Couto, Miguel Ozorio de Almeida, O. B. de Couto e Silva, Peregrino Junior, Phocion Serpa, Roquette-Pinto. Isto sem alludir ao romancista que se embuça no pseudonymo de Arnaldo Tabayá e sem lembrar que o meu caro director Gastão Cruls é tambem clinico. Assim, parece-me difficil morrer uma publicação que tem tantos galenos á cabeceira. A não ser que morra pelo excesso de tratamento, como no famoso epigramma de Bocage...

AGRIPPINO GRIECO.

(*) "...l'excellent *Bulletin d'Ariel* de critique bibliographique où Agrippino Grieco étudie avec une rare lucidité les œuvres nouvelles..."

— Gérard Harry descreve *La Vie et l'œuvre de Maurice Maeterlinck*, volume a ser confrontado com os milhares de escriptos que tratam do mestre, desde o famoso artigo consagrador de Octave Mirbeau ás indiscretas revelações de Georgette Leblanc.

— André Thérive continúa a fornecer esclarecimentos, sobre questões de linguagem, aos leitores das *Nouvelles Littéraires*. Um "guichet" de informações grammaticaes analogo ao que manteve longo tempo, nas columnas do nosso *Correio da Manhã*, o erudito Candido Lago.

— Um critico francez accentúa que o filme extrahido do *Anjo Azul*, de Heinrich Mann, embora interessantissimo em si, desfigura grandemente o romance, tornando-o por vezes quasi irreconhecivel.

— G. Michaut publica *Molière raconté par ceux qui l'ont vu*. Trabalho coordenador de innumeros documentos de contemporaneos sobre o creador de Alceste e de Georges Dandin. Obra utilissima, a exemplo das já consagradas, por outros compiladores, a Gœthe, a Heinrich Heine e a Victor Hugo.

LITTERATURA E REVOLUÇÃO

V. Polonski — **La literatura rusa de la época revolucionaria,** trad. Andrés Nin. — Editorial España, Madrid, 1932.

Litteratura burgueza e litteratura proletaria

Thema muito debatido. O semanario parisiense *Les Nouvelles Littéraires* promoveu uma *enquête* sobre *"Roman paysan et littérature prolétarienne"*; as respostas foram publicadas nos numeros de agosto e setembro de 1930. *"Littérature prolétarienne... un bruit qui court... une étiquette sans destination précise. On s'en passerait bien"* (Marcel Aymé: nº 408). *"...porte en soi comme en relent de réunion publique... de l'odieuse politicaillerie à exclure de tout art véritable"* (Léon Bocquet: nº 412).

Apoliticismo litterario!

Se ha quem não queira *proletaria* a litteratura, ha quem gostaria de ser chamado *operario*. Assim, o Sr. Lucien Descaves, da Academia Goncourt, a proposito da definição de *operario* proposta por R. Poincaré na revisão do grande diccionario da Academia franceza, reclama, citando Sainte-Beuve, o titulo de *operario litterario* (*ouvrier littéraire*) para o escriptor... (*Les Nouvelles Littéraires*, nº 411).

Não faltam burguezes que declarem a fallencia da sua litteratura de classe. Ella, após tantos annos de dominio da burguezia "na vida economica e mesmo na vida politica", é, hoje, "o romance ordinario, o livro para o grande publico, e, ainda, a comedia theatral e o scenario de *film*" (Bela Zsolt: *O drama da litteratura burgueza; Lu*, n. 9 (38), Paris, 1932).

Para o articulista citado, burguez confesso elle mesmo, Thomaz Mann é o escriptor typicamente burguez, "é um phenomeno nessa litteratura pretensamente burgueza". E, a merecer fé o prefacio da edição brasileira do livro de Kurt Gläber, o proprio Thomas Mann declara que *Passageiros de 3ª* "deixa a perder de vista tudo quanto o mundo burguez entende tradicionalmente por uma novella".

Não ha intellectual e litterato, com coceiras revolucionarias, que não tenha sua contribuiçãozinha de litteratura proletaria... para burguezes. Negam, dum modo absoluto a litteratura burgueza, affirmam-na morta e proclamam a excellencia da delles. Vaidade extremista!

Litteratura burgueza. Litteratura proletaria. Reaccionarios e avançados de todos os matizes justam no campo da critica para negar uma e outra.

Ha uma litteratura proletaria?

A litteratura soviética

Os defensores da *litteratura proletaria*, na época actual, fixam as vistas na litteratura soviética.

Esta tampouco é proletaria, ou, pelo menos, ainda não o é. Sel-o-á? Talvez. Os elementos proletarios na litteratura crescerão á medida que o proletariado passará pela phase de aprendizagem, de revolução cultural, serão predominantes na phase final do periodo transitorio, nas vesperas do regime communista. Até lá, haverá elementos criados pelos camponezes e pela intellectualidade revolucionaria. (Polonski: *La literatura rusa*, p. 264-5).

No emtanto, a litteratura soviética já offerece um novo aspecto. A physionomia da arte transforma-se com a da existencia social. Novos tempos, novas canções. (Polonski: Idem, p. 10). E, o que se passava por lá, era, para nós, quasi desconhecido: primeiro, pela campanha que movem os paizes capitalistas; segundo, pela difficuldade do russo (conhecimento que a policia persegue). A mór parte do que nos vinha atravez a França, impunemente, era máu. O mesmo dos outros paizes. Livros, jornaes e revistas só chegam por feliz acaso. (R. Labry: *Le mouvement littéraire en Russie — La vie des peuples*, n. 51, Paris, 1924).

Um ou outro nome, um livro ou outro, passava a fronteira. E tinhamos que nos contentar com isso. O Sr. H. Mongault censura ao Sr. J. Legras o facto de que o critico se limita a algumas recentes traducções, e a attitude muito hostil e o silencio... a respeito de certos poetas (*A propos de la littérature en Russie*, Col. Colin — *Le monde slave*, p. 478-9; n. 12 (t. IV), Paris, 1929).

O que era, porém, o movimento litterario da URSS não no sabiamos. Polonski nol-o traça. As lutas entre os diversos grupos e tendencias de escriptores; os progressos da litteratura; a questão da litteratura burgueza e da "herança"; as intervenções dos "leaders" e as resoluções do Partido Communista, toda a vida agitada e enthusiasmada da URSS, Polonski, que nella teve desempenho destacado, nos dá a conhecer.

Hoje, terminou o periodo de desenvolvimento da litteratura soviética e começou o intensivo (Polonski: Idem, p. 193).

Agora, ao litterato soviético cumpre, de accôrdo com os ensinamentos de Lenine, apoderar-se dos conhecimentos legados pelo passado e elaboral-os com senso critico, lutando contra a tendencia á capitulação e á jactancia communista, para não criar uma litteratura *proletaria* de estufa (*Résolución del Comité Central del Partido Comunista Ruso*, apud Polonski: Idem, p. 274).

Segundo Bukharine, o problema cultural se distingue dos problemas de luta porque não podem ser resolvidos por meios de violencia mecanica (Polonski: Idem, p. 216). Os escriptores devem conquistar o direito á hegemonia na litteratura artistica, o que não era possivel sob o regime burguez.

O rompimento fundamental com o passado não encontra defensores. Ninguem discute a successão da evolução litteraria, "e isto é uma grande conquista cultural" (Polonski: Idem, p. 189).

Litteratura revolucionaria

Essa litteratura, tão applaudida e condemnada, que é a litteratura dos tempos turbulentos que vivemos, é de luta de classes, mais ou menos revolucionaria, revolucionaria. E' fornecida com o rotulo de proletaria pela natureza do assumpto tratado. Meio proletario... Nem mesmo é feita por individuos sahidos delle ou que o conheçam bem. Isso, principalmente, no que se refere á nossa litteratura proletaria. Mas, ainda que os escriptores proviessem do proletariado, essa lit-

teratura não pode ser rotulada proletaria. As obras que vão buscar inspiração no proletariado não são obras suas. Suas são as que elle inspira, alguma coisa que nasce no proletariado e é para elle. As outras "são obras litterarias de proletarios de talento, não uma litteratura proletaria" (Trotski, apud Polonski: Idem, p. 146).

O que existe, agora, é a velha litteratura burgueza, e nós, escriptores compromettidos com o proletariado, a usamos a serviço da revolução proletaria.

Hugo Antunes.

Bacterias da Revolução

C. Malaparte — LE BONHOMME LENINE — Grasset, Paris, 1932.

A figura historica de Lenine nos apparece sempre differente por isso que sujeita ás opiniões de quantos a têm estudado. Se o biographo é communista offerece um perfil idealisado. Nesse caso estão os panegyricos dos russos officiaes, cujos depoimentos, além de suspeitos, divergem daquelles dos chamados russos brancos, que geralmente, se orientam no sentido opposto, excluidos, talvez, os de Stuve a Aldanof, o primeiro, companheiro de Lenine nas luctas socialistas e o segundo ardente democrata.

Lenine nos surge assim, ora um monstro, ora um santo.

O mesmo phenomeno se verifica através dos autores extrangeiros que, menos accessiveis ás paixões nacionaes russas, são, comtudo, arrastados pelo calor das tendencias politicas que lhes impede a imparcialidade necessaria á construcção da biographia do creador do bolchevismo.

Porché idealisa, Kucharzewski deprime.

Um social democrata e escriptor russo, Alexinski, abre um dos seus ultimos volumes com um motto perfeitamente adaptavel ao estudo objectivo sobre Lenine: *"ni rire, ni pleurer, mais comprendre"*.

Essa divisa, parece-nos, foi acceita pelo italiano Malaparte no magnifico volume *Le bonhomme Lenine* ,traduzido para o francez pela senhora Juliette Bertrand.

Nesse livro em que o autor nos apresenta um ponto de vista original, não se divisa um só indicio das suas preferencias politicas. O leitor fica em suspenso não sabendo se Malaparte é republicano ou monarchista, adiantado ou reaccionario, socialista ou burguez.

Seu depoimento é, em extremo, objectivo. Malaparte quer nos explicar o caracter de Lenine, não se preoccupando em indagar se foi util ou malefica a personalidade que submette a um estudo detalhado.

Para elle, Lenine teve a mentalidade do pequeno-burguez fanatico e violento.

Pouco dotado para a acção, emquanto os grandes leaders da causa revolucionaria se expunham ás iras do tsarismo em defesa do povo, Lenine permaneceu a distancia, criticando doutrinariamente os melhores dos verdadeiros apostolos, só mostrando coragem na polemica, eivada sempre de intrigas, mentiras e diffamações...

Nos grandes acontecimentos de 1905 não participou senão a titulo de espectador, aguardando como opportunista o momento propicio que, mais tarde, havia desgraçadamente que chegar, devido á parlapatice e á fraqueza do sincero democrata Kerenski.

Emquanto a maioria dos biographos endeusam o inicio da carreira de Lenine, vigiado pela policia, considerado um elemento perigoso, capaz, segundo elles, de atemorizar os agentes da Okrana e, finalmente, expulso da Universidade de Kazan, Malaparte nos mostra que a unica notoriedade da sua alvorada foi devida ao facto do enforcamento de seu irmão. Lenine, — diz-nos o distincto italiano — teria passado despercebido aos meios socialistas de Petersburgo se elle não fosse *le frère du pendu*.

A essa circumstancia toda occasional, a esse romantismo da gente honesta deveu o futuro Tzar branco o prestigio que, mais tarde, viria fazel-o chefe em virtude do romantismo de Alexandre Kerenski.

Para elle trabalharam, inconscientemente, os homens fracos, os idealistas, os doutrinarios, os vultos emfim que evitaram o contacto com desconhecidos sem passado, com aventureiros que Lenine chamou, com propriedade, "bacterias da revolução".

Foram taes elementos os pedestaes do seu triumpho na hora critica em que o realismo teria que esmagar as phantasias...

A mentalidade fria, rigida, estreita, do pequeno burguez meticuloso de detalhes, assemelha-se — affirma-nos Malaparte — áquella de Robespierre.

Como Robespierre, sem perder jamais de vista o desejo da sua dictadura pessoal, Lenine consagrou todo seu fanatismo a combater pelos processos mais immoraes os que lhe faziam sombra, e não souberam se lhe oppôr com successo.

Como Robespierra, Lenine deixava aos outros agir, applicar até ás ultimas consequencias as regras que estabelecia.

Como Robespierre, Lenine foi austero e honesto...

Taes as finas observações de Malaparte, cujo livro, demasiado objectivo, não terá entre nós muitos leitores. Suas paginas, não agradarão aos orthodoxos da nova Jerusalém.

Ubaldo Soares.

UMA NOBRE FIGURA DE EDUCADOR

Figuras exponenciaes da nossa cultura catholica commemoraram, em fins de dezembro de 1932, o jubileu sacerdotal de D. Meinrado Mattmann O. S. B., reitor do Gymnasio de S. Bento e um dos elementos mais respeitaveis do clero do paiz.

Trata-se de uma nobre personalidade de educador christão, de um humanista em quem competem as melhores lettras antigas e modernas. Filho da Suissa, veiu elle para o Brasil ainda muito joven e aqui se affeiçoou de tal sorte ao nosso paiz que perdeu inteiramente de vista a gloriosa Helvetia e acabou naturalizando-se brasileiro, fazendo-se dos nossos, trabalhando pelo nosso ensino, batendo-se pela victoria do livro, trazendo um solido contingente á formação intellectual de successivas gerações de estudantes.

Leccionando, sem temor, qualquer materia, na ausencia do respectivo cathedratico, esse mestre é dos que sabem adoçar certos amargores da erudição no sorriso amavel; no conselho fraternal aos alumnos, num trato sociavel que escandalizaria os pedagogos caturras de outras épocas.

Por tudo isso, o Boletim de Ariel associa-se, com plenitude de jubilo, ás homenagens prestadas a um sacerdote que tanto tem feito pela disseminação do alphabeto entre nós e tem, consequentemente, trazido innumeros leitores novos aos que escrevem em terras do Brasil.

Pela razão ou pela força

"Batalha dos Guararapes" — J. DA COSTA PALMEIRA — Flores & Mano — Rio.

A presença do flamengo em terras do Nordeste deu ensejo a que ahi fosse feita uma reacção na verdade tenaz e heroica. Foi tenaz, pelo tempo que levou com um accento de resistencia fóra do quadro commum; heroica, porque nos embates guerreiros que então se travaram, ficou a região engrandecida com os feitos de seus filhos. Essas lutas atravez os annos, naturalmente, não poderiam deixar de trazer as maiores preoccupações ás duas potencias que lambiam os labios deante da preza rica. Na classificação de poder bellico, a Hollanda era typo A, emquanto Portugal era typo B. Por isso, talvez, conviesse a esse ultimo resolver o litigio por meios diplomaticos. Souza Coutinho andou em Haya. Empregou esforços notaveis para cumprir os seus objectivos. Mas, o Nordeste não era terra de ninguem, e, com um instincto de eternidade rebelde, passou a enfrentar desenganos e tormentos, decidido á expulsão do invasor civilizado. Seria para seu bem? Para seu mal? O prelio das armas resolveu a grave questão de sempre: preferencia do latino sobre o teutonico. Não houve outro raciocinio que não estivesse dentro dos motivos originarios de uma occupação feita com processos inhabeis.

A Hollanda poderia, então, enfrentar vantajosamente Portugal, e voltar-se, depois, para colonizar essas bandas da America. Outros interesses, entretanto, fizeram com que acceitasse as ponderações da razão luzitana, embora a gente do Nordeste assim não houvesse entendido, erigindo a força como supremo argumento de suas reivindicações.

O Velho Reyno tinha tres ou quatro mezes de viagem no Atlantico a separal-o da possessão fabulosa.

Não podia sentir tão intensamente a verdade sob a doçura sedativa do clima europeu, quanto debaixo da directa exaltação dos tropicos. E o facto é que o Nordeste, sem mais conversa, se lançou á refrega cruenta com os proprios minguados recursos.

A batalha dos Guararapes foi o epilogo do sonho dominador do flamengo. Attrahido pelo thema militar dos Guararapes, o cap. J. da Costa Palmeira reuniu, em livro util, as notas dos seus estudos historicos, pacientemente colhidas no doce silencio de um dos conventos de Olinda. Onde o unico perigo que offerecem as batalhas antigas é o dos bacillos de grippe, sufficientemente instruidos em poeirentos *in-folios*, pezados de proezas homericas.

ADHEMAR VIDAL.

ALDO NAY — OS TRES SARGENTOS — Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes — S. Paulo, 1932.

Sahindo agora em segunda edição, o volume do sr. Aldo Nay corresponde de todo, pelo successo obtido, aos louvores do nosso brilhante collaborador Rodrigo M. F. de Andrade quando, em Dezembro de 1931, encontrou nesse joven paulista o autor de um verdadeiro "romance", accidente litterario não muito frequente em nosso paiz. E os dons de narrador, a veracidade dos dialogos, o conspecto geral dos episodios, posto então em fóco por um dos nossos criticos mais perspicazes, podem ser talvez melhor estudados nesta nova tiragem, uma vez que o romancista parece ter supprimido algumas das "incorrecções de linguagem" que lhe apontou o sr. Rodrigo M. F. de Andrade, embora permaneçam no livro innumeros detalhes "porventura improprios para as anthologias adoptadas no Sion ou mesmo na Escola Normal".

HERMAN LIMA — GARIMPOS — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1932.

Autor do livro de contos *Tigipió*, premiado pela Academia Brasileira de Lettras e agora em terceira edição, o sr. Herman Lima aventura-se, com o romance *Garimpos*, num genero mais forte e de mais perigosa amplitude. E manda a lealdade critica reconhecer que a sua estréa de romancista é francamente auspiciosa. *Garimpos* é uma narração modelada, tanto quanto possivel, no Real. A caça ás "bellissimas pedras" que scintillam "como gottas de estrellas crystallizadas" enche as principaes passagens, sentindo-se que o sr. Herman Lima observou longamente a vida dos garimpeiros, de modo que o seu livro, nos lances em que não será propriamente obra de arte pura, vale como uma admiravel monographia sobre assumptos de mineração.

AFFONSO SCHMIDT — GARÔA — Graphica Paulista — S. Paulo, 1932.

Sendo um grande prosador, o sr. Affonso Schmidt é tambem um dos nossos melhores poetas vivos e a ninguem occorreria a inepcia de incluil-o com desdem no simples "residuo parnasiano". *Garôa*, seu ultimo livro, é realmente poesia, não pela disposição typographica, mas pela doçura afagante das cadencias, pelo valor substancial da estrophe, pelos fremitos de sensibilidade humana e pantheista do autor e especialmente pelo ardor com que elle em tantas passagens reverte á plenitude da adolescencia ou mesmo aos tempos infantis em que se encantava á chegada do "São Nicoláo das barbas brancas" e "de alto capuz benedictino"...

PAULINO JACQUES — VIAGEM EM TORNO DE MIM MESMO — Typ. Baptista de Souza — Rio, 1932.

Lê-se na capa que este volume é "romance e philosophia", lendo-se tambem que o autor faz parte do Cenaculo Fluminense de Historia e Lettras. Quanto á essencia do livro, uma vez que o sr. Paulino Jacques se mostra tão inimigo dos censores de qualquer especie, melhor é que elle proprio se explique: *"Viagem em torno de mim mesmo* é um romance realista. Os factos notaveis do momento, desde o feminismo á questão social, são observados sem "parti-pris". A imaginação, nelle, não perde o contacto com a realidade ambiente. Alguns conceitos leves, de quando em vez, vêm á tona, através da agitação interior do drama."

PAULO GUSTAVO — DIVINA AMARGURA e POR AMOR AO MEU AMOR — Edições Pongetti — Rio.

Chegariamos muito tarde para elogiar os versos desse poeta delicado e subtil. Já foram elles consagrados pelos louvores dos nossos criticos e o volume *Por Amor ao meu Amor* vem de reapparecer em segunda edição, o que é bastante significativo num paiz onde os leitores recalcitram um tanto em adquirir collectaneas rimadas. De qualquer fórma, não nos esquivaremos ao prazer de reiterar as palavras do sr. Medeiros e Albuquerque quando viu no sr. Paulo Gustavo "alguem que sabe exprimir, com elevação e belleza, idéas bellas e elevadas".

ARTHUR RAMOS — A POSSESSÃO FETICHISTA NA BAHIA — Bahia, 1932.

Em numeros anteriores desta revista, já tivemos opportunidade de chamar attenção para outros trabalhos deste distincto psychiatra patricio que, em muito bôa hora, resolveu proseguir os estudos iniciados por Nina Rodrigues a respeito do elemento africano na constituição da nossa nacionalidade. Na memoria que temos em mão e é um extracto dos "Archivos do Instituto Nina Rodrigues", o Dr. Arthur Ramos, com a mesma proficiencia e brilho já dedicados ás pesquizas anteriores, se reporta á psycho-pathologia dos chamados "estados de santo".

A preamar das novellas populares

A superabundancia das novellas populares e de outras publicações mediocres que abarrotam os mercados de livros na Inglaterra, vem de suscitar a uma escriptora de lá, Mrs. Q. D. Leavis, um estudo, que é o primeiro rebate systematizado e energico da cultura contra os responsaveis pelo desenvolvimento, cada dia maior, dessa sub-litteratura, em que Arnold Bennett via um exemplo, para elle louvavel, da "democratização da arte".

Subtrahindo-se aos moldes conhecidos da critica litteraria ou didactica, a A. adoptou, no caso, um methodo especifico de investigações, que denomina "anthropologico".

A quantidade e a qualidade do material, que impoz a paciente exame, "numa imparcial mas inquisitiva chamma de espirito", permittiram-lhe acompanhar, com relativa facilidade, as variações mais accentuadas do gosto-popular através de tres seculos de leitura e as mudanças correspondentes a essas variações no panorama cultural do paiz, até os dias correntes.

Esses estudo (1), realmente extraordinario, ao qual a indignação da escriptora communica, amiudadas vezes, um ardor incomportavel de pamphleto, está dividido em tres partes.

A primeira parte, por sua vez desdobrada em tres capitulos, comprehende, em synthese: o escorço e o exame da situação actual da litteratura de ficção, calcado, principalmente, numa analyse interessantissima do *stock* e da escala de vendas de uma agencia movimentada de livros e periodicos modernos; a analyse dos factores determinantes da depressão do gosto popular, attribuidos pela A., dentre outros, ao *standard* inferior que orienta as organizações destinadas a prover de leituras os seus associados (*Book Society*, etc.) ou subscriptores (*Mudie's Library*, etc.); e a apreciação das relações entre os autores e leitores, das quaes resalta, evidente, a ascendencia destes sobre aquelles, com a immediata cumplicidade da imprensa e de outros orgãos de divulgação publica ou privada.

Ao contingente monumental de suas observações directas, Mrs. Leavis reúne, ainda nessa parte, uma summula das informações e opiniões colhidas, por meio de questionario especial, a varios ficcionistas (cerca de cincoenta) incorporados á avalanche dos *bestsellers*, o que confere maior dóse de convicção e consistencia aos argumentos de sua these corajosa.

A segundo parte subdivide-se em quatro capitulos, abrangendo um solido e penetrantissimo estudo retrospectivo sobre os pródromos do jornalismo britannico, a formação e a influencia moralizadora da consciencia puritana, o desenvolvimento da leitura publica e a desintegração desta, phenomeno, cujas causas, excessivamente aggravadas nestas ultimas decadas, remontam á segunda metade do seculo XIX.

Sempre bem documentada, esclarece Mrs. Leavis que o rebaixamento do nivel litterario da novella a um *standard* de acabada subalternidade a interesses commerciaes, está associado, na Inglaterra, a um certo W. H. Smith. Esse astuto "Smith", como ella o chama, tendo obtido, em 1848, um privilegio para estabelecer agencias de livros nas estações ferroviarias e carecendo de obras ligeiras e leves, em consonancia com as suas tendas portateis, acabou suggerindo e, mesmo, impondo a creação de um typo de litteratura adaptado á feição vertiginosa do seu negocio.

A terceira, e ultima parte, reata a analyse, interrompida pelos capitulos precedentes, das condições actuaes da litteratura de ficção. Reenquadrada, desse geito, em nossos dias, a escriptora detem-se a examinar a significação dos *bestsellers*, através de tres capitulos: no primeiro, occupa-se da moderna novella popular em suas varias modalidades para salientar dentre outras deficiencias de ordem technica, que a estructura idiomatica das obras daquelle genero não passa de uma assimilação inescrupulosa e desenvolta "da linguagem suburbana falada em volta de nós e usada pelos jornalistas"; no segundo, estuda, com o mesmo rigor de minucias, a capacidade publica de leitura, deplorando Mrs. Leavis que, fraccionado em tantas partes o velho corpo homogeneo de leitores nutridos, outrora, pelo gosto *highbrow* que tornou possivel a popularidade de um Sterne, não haja, na Inglaterra destes dias, um publico á altura de comprehender e admirar os valores authenticos de sua grande litteratura; no terceiro, e ultimo, antes de coordenar os seus pontos de vista em considerações finaes, Mrs. Leavis accentúa o interesse de ganho que confunde autores e editores, jornalistas e agentes de propaganda, uns e outros, pactuados em lisonjear a massa (*to give pleasure to the naïve millions* (2), fornecendo-lhe a unica especie de litteratura que o seu gosto abominavel reclama com uma voracidade cada vez maior.

A respeito da qualidade de propaganda, por via de regra, escandalosa e deshonesta, desenvolvida em prol dessa sub-litteratura, Mrs. Leavis transcreve um annuncio que convem reproduzido:

A BOOK FOR THE FEW
120th millions

Ha outros exemplos de manifesta desfaçatez, como esse, a illustrar a affirmação da valente escriptora de que os propagadores de tal escorralho da litteratura de ficção descobriram que é mais proveitoso fazer uso da suggestionabilidade do homem como um animal de tropa (*a herd animal*) do que como um individuo pensante.

*

Esse resumo, que apenas menciona os planos concentricos da grande obra, deve ter dado, talvez, uma idéa da complexidade dos elementos que entraram em computo na sua elaboração.

Evidentemente, seria impossivel accommodar aos limites acanhados desta noticia, resumo mais amplo de um tal estudo e as considerações que alguns pontos de vista mais extremados da A. estão a exigir.

Mrs. Leavis é assombrosa de coragem mental quando entra a estigmatizar os responsaveis pelo abastardamento das lettras, a exemplo do jornalista, "o cynico, refalsado jornalista moderno", a quem accusa "de fornecer ao publico o que este quer", cultivando-lhe o máo gosto e nivelando-se, consequentemente, ao homem de negocio, cujos recursos de esperteza para impingir "a sua mercadoria" assimila, aperfeiçoando-os.

Os grandes escriptores, de Scott a Wells ou Gals-

(1) *Fiction and the Reading Public*, 1932 — Chatto & Windus — 12 s. 6d.

(2) Arnold Bennett, cit. pela A., pag. 204.

worthy (3), (os *bestsellers* do momento, Wallace á frente, ella os arrasa desapiedadamente), quasi todos sáem diminuidos da implacavel revisão de valores, a que os submette Mrs. Leavis, para quem o proprio Meredith resulta vulgar e pueril (*sic*) e Kipling (um dos *leaders* da legião dos *bestsellers* citado á rabadilha de outros nomes, Wallace, Wren, etc.), máo poeta...

D. H. Lawrence, James Joyce (os maiores amoralistas da litteratura ingleza de todos os tempos), Virginia Woolf (rarissima escriptora, com effeito), T. F. Powys (?), E. M. Forster, esses, os *happy few* escapos á ferula de Mrs. Leavis.

Alarmada ante a formidavel disseminação da litteratura de pacotilha, cuja preamar lhe suggere "a face mais terrificante da nossa civilização", a encolerizada mystica da cultura concita os verdadeiros homens de lettras a armarem-se para reagir, tenazmente, com "espirito missionario", contra a mercantilização da arte. Do contrario — adverte — operar-se-á, dentro em breve, "o retorno á circulação primitiva de manuscriptos entre as companhias selectas".

Acredita Mrs. Leavis que o maximo de efficiencia em tal campanha dependerá da adopção de uma imprensa destituida de interesses commerciaes.

Mrs. Leavis é ingenua como todos os idealistas...

EUGENIO GOMES.

(3) Premio Nobel deste anno.

NONA SYMPHONIA DE BEETHOVEN

As recentes execuções, no Rio de Janeiro, da IX Symphonia, renderam ensejo a valiosos commentarios de nossos jornaes e criticos de prol. Notámos, entretanto, que em geral a deram como composta em *poucos mezes* (v. chronica de Rodrigues Barbosa, n'*O Jornal* de 27 de Setembro, p. p.). Nós, porém, máo grado modestos cultores de musicologia, esposando opinião diversa, achamo-nos no dever de apresental-a, muito menos por pretender seja a mesma acceita, que por mera curiosidade. Pois, a nosso fraco entender, ao invés de ter sido feita em *poucos mezes*, o foi em *muitos annos*; cremos, até, que a ultima symphonia de Beethoven foi, talvez, a primeira começada por elle, como explicaremos adiante.

O Genio de Bonn não se ordena entre os escriptores faceis que se chamaram: Mozart, Schubert, Schumann e tantos outros, cujas musicas já nasciam, por bem dizer, feitas; ao contrario, Beethoven jámais se contentava com o primeiro jacto da imaginação, e, artifice eximio do som, levava annos e annos a burilar suas ricas joias.

Só excepcionalmente acontecia o contrario como quando compoz a IV Symphonia, opimo fruto de uma inspiração escaldante, pois surgiu, innegavelmente, na epoca mais feliz deste infeliz genio. Veiu a lume quando em villegiatura na Hungria, em casa de seus nobres amigos Brunswick, ficara noivo de sua ex-alumna de infancia — Thereza Brunswick, a Immortal Bem Amada. Em ahi chegando, logo após o relativo exito da Heroica, e acabrunhado pelo insuccesso de sua opera Leonora (Fidelio), assim recobrou-se de tantos dissabores, entre elles, e talvez o mais acerbo, uma paixão estrangulada que teve pela voluvel e perfida condessazinha, de 17 annos, — Giulietta Giucciardi, dá inicio a uma outra symphonia, que mais tarde teria de ser a V, mas que foi posta de lado, para compôr uma outra, de um só folego e em breve tempo, que é a IV. Esse milagre deve-se á fascinante Thereza, cujos ternos effluvios de sua formosura sem par, atearam um incendio na inflammavel alma do artista, derretendo-lhe o coração que se desfez em sons.

Mais de dez annos separam a VIII da IX Symphonia; só isto leva a crêr que durante todo este tempo estava o autor preoccupado com a ultima.

E' conhecida uma carta de Maezel, inventor do metronomo, datada de 1618, dirigida a Beethoven, com quem teve uma seria demanda, e na qual lhe perguntava pelas duas symphonias: IX e X. A decima, ficou, entretanto, apenas em esboço, porque a morte veio e deteve a penna do compositor, tendo Prod'Homme, no seu livro: *Les Symphonies de Beethoven*, nas derradeiras paginas, transcripto alguns de seus trechos.

Beethoven em 1816 projectava compôr para a Philarmonica de Londres, duas symphonias de inusitadas dimensões e de caracter inteiramente novo. Em Abril do mesmo anno, elle terminava o cyclo de *Lieder*, op. 98 (A' Bem Amada Ausente) e no mesmo caderno onde os esboçou, encontra-se o primeiro motivo da IX Symphonia (ob. cit., pg. 338).

Combarieu (H. da M., II vol., pagina 684) diz que: "ella foi a principio o fruto de um trabalho intermittente, começado em 1817-18, mais regular a partir de 1822".

Mais ou menos do mesmo sentir é Nottebohn: "Beethoven pensava nesta symphonia *ha oito annos*; porém, não se levando em conta os trabalhos preparatorios, sua composição propriamente, não o occupou sinão pelo espaço de um anno".

Como se vê, a opinião mais corrente estabelece, na media, o prazo de oito annos para a conclusão da IX Symphonia. Nós, porém, vamos mais longe. Ninguem ignora que a IX Symphonia, — este Credo da Alegria e que, segundo a feliz expressão de Gounod "já está canonizada", — é a versão para musica do Hymno á Alegria, de Schiller, que desde mui remota data havia impressionado sobremaneira Beethoven. Assim é que, em Bonn, em 1792, contando Beethoven apenas 22 annos de idade, já sonhava traduzir em musica verso por verso do tal hymno, conforme o testemunho de uma carta que Fischenisch escreveu a Charlotte Schiller. (V. *Les Symphonies de Beethoven*, de Prod'Homme, pg. 395).

Deduz-se, portanto, que desde seus mais verdes annos vinha Beethoven colligindo material para construcção desta obra cyclopica, concebida aos 22 annos e que teve uma longa gestação de cerca de trinta e dois: 1792 a 1824!

Não é pois de admittir-se que a alludida symphonia, de dimensões superiores a todas as precedentes, de uma orchestração exuberante e plethorica, em tempo mais nenhum empregada por Beethoven, fosse feita no exiguo lapso de *poucos mezes*.

Ademais, os musicographos não atinam com o motivo por que Beethoven, justamente na quadra mais tetrica de sua vida: Velho, doente, pobre e desilludido, podera compôr esta Epopeia do Prazer; julgam alguns que é porque, á força de seu genio indomavel, realizára no immenso tablado de sua imagetica privilegiada, aquillo que a mão implaravel do Destino lhe negara na terra. Mas não: isto seria um duello com a Potestade Divina. A verdade é que Beethoven fez da IX Symphonia uma galeria dos mais bellos e mais felizes quadros de sua attribulada vida, mas que nem por isso deixou de ter momentos de indizivel prazer, bastando considerar-se o venusto sequito de suas amadas: Giulietta Giucciardi, Thereza Brunswick, Thereza Malfatti, Bettina Brentano, Amalia Sebald, e com certeza muitas outras que conseguiram escapar á indiscreção da Historia, cada uma dellas um iridescente feixe de luz por onde Deus lhe permittiu antevêr as delicias do Céo.

Corroborando a nossa conjectura, vamos citar duas abalisadissimas opiniões, que, por seu turno, veem transcriptas no 2° vol. da H. da M., de Jules Combarieu, pg. 683. Disse o inglez Ayrton: "Que relação existe entre a IX Symphonia e o Hymno de Schiller, começando por um recitativo, amenizado por varios solos, e o resto da Symphonia? Eu não o posso dizer, porque aqui como nas outras partes, *a ausencia de um plano intelligivel se deixa vêr claramente*".

A Musikalische Zeitung, de Berlin não vê nella sinão uma "Fantasia"...

Eis porque do alto da torre de nossa prosapia, ou, melhor dito, das profundezas do abysmo de nossa ignorancia, esta Symphonia, não obstante a fama grangeada de obra-prima das obras-primas musicaes, se nos antolha uma especie de mirifica colcha de retalhos, retalhos, na verdade, de purpura e seda bordados a ouro com incrustações de diamantes, que consumiu 32 annos na sua feitura, e que por tão bem dispostos, chegam a dar a impressão de uma obra inconsutil, maravilhoso espectaculo de prestidigitação harmonica e illusionismo sonoro, do Excelso Mago dos Sons que se chamou — *Ludwig van Beethoven*.

FLAUSINO R. VALLE.

EDIÇÕES ARIEL

UM CRIME NA HOLLANDA — GEORGE SIMENON — (*Ariel, editora ltda* — Rio, 1932).

Maigret, o gorducho e sympathico policial, criado pela imaginação sempre fertil de Simenon, reapparece nesse novo caso, já agora na Hollanda, a deslindar a intriga que envolve a morte do Conrad Popinga. O romance policial de Georges Simenon se distingue relevantemente dos demais do genero. Nada de lances aventurescos, correrias cinematographicas, tiros, facadas, etc. A gordura de Maigret parece que lubrifica tudo, pois os fios da historia se entretecem e deslaçam, serenamente, cautamente.

Não faltam as surprezas, os problemas insoluveis na apparencia, é certo. Mas o cerebro de Maigret trabalha silenciosamente. No seu aspecto tranquillo de homem gordo e fleugmatico nada transparece do que se movimenta lá por dentro daquelle craneo. E a solução surge, quando a gente menos espera, surprehendente, maravilhante mesmo.

Um Crime na Hollanda possue as mesmas qualidades dos dois outros volumes anteriores de Simenon, editados pela Ariel. Mas neste o artista tomou o passo ao novelista policial. Simenon traça, com a sua conhecida leveza e simplicidade de linhas, uma aquarella brilhante duma pequena cidade hollandeza, á margem dos canaes. Cidade limpa, lavada e fresca, com suas casinhas de tijolos vermelhos, garridas e alegres, como para uma kermesse e onde a morte mysteriosa de Popinga, é como uma nódoa vermelha num soalho branco.

Mas Maigret apparece. Passeia pela cidade, interroga uns e outros, observa, silencioso, os gestos e attitudes das pessoas que privavam da intimidade de Popinga. E a pouco e pouco o mysterio se desfaz, como uma caligem nocturna ao vir do sol.

Simenon é, sem duvida, um mestre do romance policial. Com uma vantagem sobre os concurrentes: a sua arte de criar e caracterizar os typos. Seus personagens são admiravelmente traçados e vivos. Oxalá a editora Ariel transporte para a nossa lingua, como tem feito em correctas traducções, os outros volumes da copiosa obra do joven novelista francez."

(Do *Estado de Minas*, Bello Horizonte, de 23-IX-32).

RENATO ALMEIDA — VELOCIDADE — Edição Schmidt. — Rio, 1932.

O Sr. Renato Almeida é um ardente enthusiasta dessa civilização ou, melhor, progresso, que alguem já chamou de *automatica*, nascida na Europa, no segundo quartel do seculo XIX, com o advento da machina, e logo espalhada por todo o mundo. No livro que temos á vista, todo nervos, trepidante e vivo como o assumpto que aborda, o autor, numa serie de capitulos muito bem conduzidos, estuda os beneficios (ou maleficios?) que á vida moderna trouxe essa mixordia de engrenagens, fios electricos e motores de explosão, não esquecendo de assignalar sua influencia sobre as artes, que até conseguiram novos canones á belleza.

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETTRAS — Vols. VI e VII — Imprensa Official de Minas Geraes — Bello Horizonte, 1932.

Utilissima publicação, sem duvida nenhuma, essa da Academia Mineira de Lettras, evidenciando-se, através das suas paginas, que a brilhante agremiação de Bello Horizonte tem occorrido perfeitamente á nobre finalidade intellectual que a suscitou. São frequentes alli as commemorações de caracter historico e, nos dois volumes da revista que temos em mãos, encontramos, entre outros, bellos estudos retrospectivos consagrados a Alvares de Azevedo, a Goethe, a Napoleão, a Giuseppe Garibaldi e a Annita Garibaldi.

ADONIAS LIMA — A VICTORIA DO FEMINISMO — Editora Moderna — Rio de Janeiro, 1931.

Havendo apparecido em 1931, este volume, que só agora nos foi enviado, foge ao criterio, que a nós proprios nos impuzemos, de tratar apenas dos livros nacionaes publicados no ultimo trimestre. Mas, para corresponder á gentil offerta do autor, temos bastante satisfação em registar que *A Victoria do Feminismo*, trabalho a um tempo de caracter polemico e philosophico, foi muito bem acolhido por escriptores e julgadores como Oliveira Vianna, Fabio Luz, Frota Pessôa, Mario Mello, Lobão Filho e tantos outros.

POLITICA — N. 3 — Typ. Paulista — S. Paulo, 1932.

Ahi temos uma revista em condições de demonstrar que nem só os magazines consagrados ás reportagens photographicas podem subsistir entre nós. O successo obtido pelos dois primeiros numeros desse archivo de estudos politicos, juridicos e economicos, patenteia que, entre tantas publicações de caracter meramente divertidor, ha tambem logar para uma de caracter bem diverso, em que os problemas de educação, historia, finanças, direito, religião, municipalismo, são debatidos por homens que pensam antes de escrever e por isso escrevem cousas que fazem pensar os demais. O director da *Politica* é o sr. Candido Motta Filho e alguns dos seus collaboradores chamam-se José Augusto, Octavio de Faria, Pandiá Calogeras, Alfredo Ellis Junior, Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, Raul Fernandes, etc., etc.

LAMARTINE F. MENDES — AGUAS PASSADAS — S. Paulo Editora Limitada — S. Paulo, 1932.

Com esta nova collectanea de versos, o autor está longe de desilludir aquelles que tão gratamente se impressionaram á publicação do seu primeiro volume, intitulado *Serras e Pantanaes*. Lyrista delicado e brando, mantem-se elle numa atmosphera de fina melancolia. Seu amor evita os espasmos luxuriosos e da natureza tropical só lhe interessam as notas de sonho e penumbra. Emquanto outros, cedendo á catechese dos futuristas da Paulicéa, desarticulam as estrophes classicas e fazem com os rythmos acrobacias e malabarismos dos mais desconcertantes, o sr. Lamartine F. Mendes conserva-se fiel ao soneto e desse genero, que tantos outros suppõem irremediavelmente esgotado, extráe ainda effeitos que fazem pensar num Bilac mais sereno e mais timido, que ganhasse em sentimento o que perdesse em sensualidade.

ACACIO FRANÇA — VICENTE LICINIO CARDOSO — *Historia de uma amizade* — Rio (Fóra do commercio).

A imagem de Vicente Licinio Cardoso continúa bem viva na memoria de quantos o conheceram ou já lhe perlustraram a obra illustre de ensaista, historiador, sociologo e, principalmente, de patriota ardente e infatigavel. E' essa a linha essencial no perfil que lhe traça, com mão carinhosa e commovida, o Sr. Acacio França, um de seus admiradores mais devotados e amigo de muitos annos.

DJACIR MENEZES — O PROBLEMA DA REALIDADE OBJECTIVA — Livraria Humberto — Fortaleza, 1932.

Trata-se de uma "critica ás tendencias idealistas da philosophia contemporanea". O sr. Djacir Menezes, que nos parece ainda extremamente joven, mostra-se a cada instante possuidor de copiosas leituras, a serviço de um temperamento realmente inquiridor e combativo. Passa elle em revista quasi todos os pensadores de maior tomo dos ultimos seculos e nos seus capitulos, sempre densos de documentação, surgem frequentes vezes os nomes illustres de Kant, Hegel, Fichte, Schelling, Bergson e Poincaré.

AMARO JUVENAL e JUVENAL, O MOÇO — ANTONIO CHIMANGO — Schmidt, editor — Rio.

Eis ahi o mais expressivo talvez dos poemetos campestres do Rio Grande do Sul, completado agora pelo filho do primitivo autor. E' a evocação, realista ou romantica, dos typos e costumes dos nossos guascas, uma especie de *Martin Fierro* da nossa gauchada, da gente intrepida que deu Osorio e Bento Gonçalves e cooperou com tanto relevo na epopéa garibaldina. Vigoroso poema esse *Antonio Chimango*, com figuras e scenas regionaes a concluirem em satira politica, satira não sabemos se justa ou injusta, mas quasi sempre das mais pittorescas.

MOTTA FILHO — O ROMANTISMO — Editorial Politica — S. Paulo, 1932.

Este volume agora publicado em segunda edição, obteve, quando estampado em 1926, um bello successo de estima entre os nossos intellectuaes, sendo que um dos julgadores do tempo o incluiu entre os melhores livros do anno e accentuou que o seu autor, apesar de ainda muito novo, "já sabe pensar com uma segurança de critico amadurecido em longas reflexões."

ACABA DE APPARECER

Vida e Morte de Maria Lafarge, a Envenenadora

Preço: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

BIBLIOTHECARIO E ESCRIPTOR

O sr. Eurico de Góes tem passado grande parte da sua vida entre os livros. Dirige elle presentemente a Bibliotheca Publica Municipal de S. Paulo, organizada e inaugurada por elle em 1926 e hoje a segunda do Brasil em frequencia ou em numero de consultas, possuindo mais de setenta mil peças catalogadas. E os seus conhecimentos de bibliographo, que "diligencia honrar o cargo de especialização que exerce, após o estagio de um anno de estudos e observações na Europa", evidenciou-os o sr. Eurico de Góes numa conferencia, posteriormente estampada em opusculo, sobre O culto e o amor do livro, *com alguns detalhes ainda ignorados em nossa lingua, trabalho a um tempo de caracter technico e litterario, com bellos trechos sobre papyros, pergaminhos, illuminuras, palimpsestos, gravuras, encadernações de luxo, bibliophilos e bibliomanos, etc., etc.*

Mas não se contenta elle com essa funcção de zelar pelas obras alheias. Tambem as tem produzido, as vem produzindo desde 1898, quando estampou a sua novella Flor de neve. *A essa narração, de feitio ainda meio romantico, seguiu-se um vigoroso estudo sobre a bandeira e as armas do Brasil, que despertou grande interesse de polemica, interesse revivido uns vinte annos depois á publicação de outro ensaio do sr. Góes sobre a influencia dos positivistas no pavilhão nacional.*

No Horas de lazer, *volume de chronicas, achou Carlos de Laet "um trecho anthologico e admiravelmente escripto".* A corrente philosophica do seculo *é de quem, não ficando apenas na esthetica, versou tambem innumeras metaphysicas.* Heroinas paulistas *é uma allocução patriotica. Isto sem alludir ao volume* Sob a metralha..., *que elle redigiu de collaboração com Cyro Costa, o admiravel sonetista do Pae João, sem prejuizo do temperamento, da personalidade litteraria de cada um, accentuada num dos poucos trabalhos legiveis que suscitou a revolta paulista de 1924.*

E agora tem o sr. Góes a entrar no prélo o poema Os sertanistas, *de quem, para evitar os "arbitrios botanicos e ornithologicos" e para não ser um bandeirante da Avenida ou um paizagista de gabinete, penosamente se aventurou através do nosso "hinterland", aprendendo com "os humildes, os homens simples do povo, tropeiros, vaqueiros, pescadores, canoeiros e garimpeiros e tantos mais que considera bons e fraternaes amigos e seus inesqueciveis professores de brasilidade".*

HUMANISTA E ARTISTA

Por intermeio do nosso patricio Raul de Siqueira Corrêa, um fino espirito de amigo das lettras, a Casa Editora Doutor Francisco Vallardi, de Milão, offereceu-nos magnifico exemplor da *Storia della letteratura latina*, de Vicente Ussani, um dos mestres mais prestigiosos da Real Universidade de Roma.

A Casa Vallardi é das que mais se distinguem, na Italia, pela diversidade das suas publicações, umas de estricto caracter didactico, bellamente litterarias outras e todas visando uma nobre finalidade de cultura cosmopolita. Seus lexicos, suas encyclopedias, suas revistas e seus volumes de classicos italianos correm mundo.

Agora, a divulgação da *Storia della letteratura latina*, do professor Ussani, vem enriquecer-lhe a util collecção humanistica. Trata-se, com effeito, de uma obra que não poderá deixar de ser attentamente percorrida por quantos versem os bons estudos de latinidade. Nas quinhentas paginas compactas deste volume precioso amontôam-se os informes de escrupulosa erudição, clarificados e amenizados sempre por um subtilissimo gosto de estheta. Nada tem a ver este livro com os productos dos pedagogos carrancudos, ferteis em escriptos coriaceos e que só sabem tornar odiosos os autores antigos, dados os modos pedantes e desamaveis com que se mettem a commental-os. Aqui, no substancioso compendio de Vicente Ussani, sente-se a perfeita familiaridade do autor com o assumpto, sente-se a robustez do historiador e do philologo a serviço de uma perspicacia critica que rejuvenesce os themas, convertendo-os em boa nutrição para os estudantes novos e dando um attrahente caracter de actualidade a escriptores e escriptos que, tratados por outrem, escancaram todas as bocas num longo bocejo unanime.

E', em summa, delicioso percorrer-se os jardins da historia litteraria em companhia deste humanista de raça, vir com elle, orientado por elle, dos etruscos e colonos gregos aos primeiros carmes romanos, aos carmes trumphaes, fescenninos ou satiricos. Vigorosa a digressão sobre a eloquencia politica e as legendas épicas da cidade septicolle. O theatro de Plauto, nas suas relações com a comedia hellenica, resurge em fortes paginas que antes parecem esculpidas que escriptas. Lucrecio e o animismo universal, "personificação potente da natureza", inspira um capitulo inolvidavel, não lhe sendo inferiores os consagrados aos versos eroticos de Catullo, aos poemas de Virgilio, com a sua "interpretação mystica e religiosa da historia", e aos cantos em que Horacio faz a "consagração lyrica do Imperio" e celebra os "faceis amores e as ternas amizades", lançando uma philosophia commodamente burgueza e traçando, não sem finura de pincel, algumas "paizagens idyllicas".

Uma obra prima, como vêem, o livro do professor Vicente Ussani, da Real Universidade de Roma.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Renato Almeida — VELOCIDADE — Edições Schmidt. Rio.

Jorge de Lima — POEMAS ESCOLHIDOS — Adersen, editores. Rio.

Motta Filho — O ROMANTISMO — Editorial Politica. S. Paulo.

Lamartine F. Mendes — AGUAS PASSADAS — São Paulo Editora Ltda.

Tostes Malta — CHRONICA DOS LIVROS — Off. d'*A Noite*. Rio.

Jorge Amado — O PAIZ DO CARNAVAL — 2ª edição — Schmidt, editor. Rio.

Arthur Ramos — A POSSESSÃO FETICHISTA NA BAHIA — Bahia.

J. da Costa Palmeira — BATALHA DOS GUARARAPES — Flores & Mano. Rio.

Amaro Juvenal e Juvenal, o moço — ANTONIO CHIMANGO E SUA CONTINUAÇÃO — Schmidt, editor. Rio.

Adonias Lima — A VICTORIA DO FEMINISMO — O Problema Sexual — Editora Moderna. Rio.

Paulery Bergado — PARA RIR — Ariel, editora ltda. Rio.

Anibal Mattos — SOLTEIRÕES — Novella — Bello Horizonte.

Anibal Mattos — CORAÇÃO DE MÃE — Peça em 1 acto — Bello Horizonte.

Maria Lacerda Moura — A MULHER E' UMA DEGENERADA — Civilização Brasileira Editora — Rio.

Maria Lacerda Moura — AMAE E NÃO VOS MULTIPLIQUEIS — Civilisação Brasileira Editora — Rio.

CONTOS DE ANDERSEN — Trad. de Monteiro Lobato — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

POLITICA — Maio-Junho. Nº 3. — S. Paulo.

SEMAINE DU LIVRE BELGE — 5 au 13 Novembre — Bruxelles.

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETTRAS — Vols. VI e VII. Impr. Official. Minas Geraes.

Nicolas Ségur — A CARNE — Trad. de Julião Fernandes — Ariel, editora ltda. — Rio.

Rosa Maria — A ARTE DE COMER BEM — 2ª edição. — Rio.

Anno III — Janeiro 1934 — N. 4

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR:
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

O perigo dos fundos de gaveta

PAUL Valéry, numa daquellas deliciosas conversas que Frédéric Lefèvre reuniu em volume, incisivas e geometricas como tudo o que traz o cunho do seu espirito, fala da luz projectada sobre a obra litteraria pela morte do autor. Só ella permitte o julgamento em conjuncto, — o unico mais ou menos justo — só ella fixa as directrizes, limita os contornos, põe os ultimos arremates. Vivo, o homem perturba o juizo, mantem como que inacabados, imprecisos mesmo os livros mais antigos, porque traz em si, nas reservas do seu poder creador, na propria natureza da sua personalidade — esse constante vir-a-ser de Bergson — uma incognita as mais das vezes imprevisivel, sempre tentadora e desnorteante.

Mesmo a morte, porém, ainda nos póde trazer surpresas e destruir, ou pelo menos modificar as impressões que já tinhamos como definitivas. As pastas pojadas de inéditos, de rascunhos, de notas, guardam talvez um mysterio, o segredo do enigma que o vivo, conscientе ou inconscientemente occultára. Das suas producções, elle abandonára ao publico o que lhe convinha, e o resto — os nati-mortos, os filhos espurios ou enjeitados — ficára esquecido, na desordem de um fundo de gaveta. Mais tarde, um mais tarde sempre adiado, seria destruido ou modificado.

A morte passa, um bello dia, e tudo muda. A familia attonita descobre que acaba de perder um genio. E a papelada que d'antes talvez só representasse um trambolho, adquire fóros de reliquia. Tudo é revisto, admirado, catalogado. A piedade — uma piedade levemente, muito levemente, misturada de ambição — resolve gratificar o mundo com as obras-primas escondidas. E os desenterrados começam o seu desfile, ostentando á luz crúa, impiedosa, da critica, as suas fraquezas, os seus defeitos, e, quem sabe, as suas confissões.

A obra postuma é quasi sempre uma diminuição, e, não raro, uma traição.

Acaba, por exemplo, de ser vertido para o francez mais um volume de contos de Katherine Mansfield, essa diaphana inglezinha tuberculosa, morta ha dez annos, cuja obra enterneceu o mundo que lê de uma suave emoção. Segundo o prefacio, trata-se de trabalhos inéditos, escriptos em épocas differentes, alguns datando de muito antes do desapparecimento da autora. Fôra, portanto, ella mesma que, por qualquer motivo, resolvera não os publicar.

Volume desigual, como todos os do genero. Algumas historias, como La maison de poupées e Les robes neuves, da melhor phase de Katherine. A mesma frescura de orvalho, a mesma transparencia, a mesma limpidez. Outros mais mediocres. E finalmente tres contos — La mouche, que dá o nome á collectanea, La femme de la cantine e Le poison — absolutamente inesperados, absurdos, deslocados. Tres manchas de côres violentas, berrantes, sobre entre-tons esmaecidos. O effeito é desagradabilissimo, e brutal. Como se luzissem olhos allucinantes de desvairado numa face risonha, um pouco imprecisa, muito candida, de keepsake. Edgard Poe surgindo sob a mascara de Katherine Mansfield. O ambiente é de Poe — com o genio a menos. Morbido, pesado, angustiante. La femme de la cantine, sobretudo, é de uma crueldade de pesadelo.

Ora, nem nas suas cartas, nem mesmo no seu diario intimo, nunca a escriptora ingleza deixou uma fresta por onde se pudesse sequer suspeitar desse aspecto do seu temperamento. A sua sensibilidade seria até mesmo um pouco piegas se não soasse tão natural, tão clara, tão profundamente, tão essencialmente pura. E o seu universo se nos afiguraria retocado, artificial, se o tom de ingenua sinceridade não fosse uma garantia de que ella o via realmente assim, meigo e lindo.

E, de repente, essas tres janellas abrindo para abysmos insuspeitados. A tentação é forte de descrêr da obra toda, de denunciar o embuste, de aprofundar os motivos do recalcamento. Onde estará a verdade?

Mas, para que buscar a verdade? Deixemos os mortos dormir em paz. Nada de indiscreções. Só a physionomia artistica nos deve importar. Esqueçamos as tres

Desarmamento espiritual

Treme de medo o mundo. A impossivel paz alarma-se e não ha Sociedade de Nações, nem conferencias de diplomatas, nem Locarnos capazes de nos darem a segurança de uns dias menos tristes do que estes que vivemos, morrendo de medo, disso que se prepara por toda a parte, — a guerra...

Teremos, nós, homens de lettras, escriptores, parte na conjuração, desse crime da guerra? Somos, diz a consciencia, os culpados delle... Pela impossivel sinceridade humana...

Pégo de um livro qualquer, de um internacional, um judeu, esse sympathico André Maurois, que vae, pago, á America, fazer conferencias, e torna á Europa, applaudido e confortado, e leio, logo ás primeiras paginas, que "Mr. Thompson foi eleito maior de Chicago com o programma de manter o rei George fóra dos E. Unidos." Eleito por taes cretinos eleitores, mantem-se no poder, fazendo desapparecer das bibliothecas publicas as historias classicas da America, porque foram escriptas por subditos do rei George... Manda fazer uma historia, que exclua os Inglezes... E' quando os Suecos protestam e exigem uma historia da qual se diga foi a America descoberta por um sueco... Protestaram os francezes, exigindo fosse o primeiro capitulo da tal historia, relativo a Jacques Cartier... E outras reclamações. "E' muito difficil a historia eleitoral", conclue André Maurois. Não é engraçado?

O difficil é uma innocente *blague* espiritual, que divirta os leitores, e justifique os 12 francos do volume... Estas *blagues* irritam as victimas e da impossivel sinceridade vem a impossivel paz... Sempre foi assim.

Os athenienses xingavam a tacanhos com o nome dos vizinhos e rivaes: *beócios!* Os romanos xingavam: *grego!* aos que queriam insultar. Plutarcho diz, de Cicero, que, tornado de Athenas, ouvia o epitheto desairoso, habito da plebe. Latino, na bocca de barbaros, é "ladino" ou esperto. Nas prevenções argentinas e brasileiras ha o "gringo" e o "macaquito". Dahi a "defesa nacional" e os armamentos, que, se não servem para a guerra externa, são usados nas revoluções familiaes.

Sempre foi assim. Uma calamidade, a avaria, era morbus *gallicus*, para italianos, e francezes respondiam que se curava com unguento *napolitano*. Isto não foi só no Renascimento: na Italia mussolinica, em Milão, o ambulatorio dessa avaria se diz de doenças "celticas", esquecidos que Lombardos foram parentes desses Celtas... Cospem para o ar.

"Bugre", vem de bulgaro e entretanto é sodomita. "Ogre" vem de hungaro, e é cannibal. "Slavo", derivam philologos allemães de "sclavo" ou "servo", escravo: Renan esperava que um dia os russos chamassem a contas Germanos, pelo insulto da etymologia.

Por toda a parte é só xingamento: "bife", "gallego", "cabeça de carneiro", "francez", "carcamano", "capadocio", "judeu"... termos de insulto e nomes gentilicos, misturados na mesma palavra, ás vezes...

Annita Loos responde a Maurois: "um francez é um sujeito que rincha continuamente, até que se lhe dê uma gorgeta". Está paga a historia eleitoral de Chicago, mas francezes e americanos que leem nem sempre têm espirito para apenas achar sem graça essas gracinhas litterarias. O desarmamento não póde vir das armas, antes de se desarmar o espirito...

Educação... educação...

AFRANIO PEIXOTO.

---

nodoas macabras, de sangue, e admiremos o doce brilho da obra, tão homogenea sem ellas. E' o mais generoso — e o mais agradavel. E' o que nos suggere, passada a vertigem do choque, o desejo de não perder essa cousa tão boa que é a amizade intellectual, a necessidade de recompôr, de juntar os farrapos da admiração.

Mas será possivel?... O contraste violento, quasi doloroso, pollue as aquarellas preciosas, ameaça reduzil-as a chromos de folhinhas.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

A volta do Natal

O mais longinquo Natal voltará dos tempos ermos com as mesmas roupas simples. O mais longinquo Natal voltará das distancias, impregnado da luz mysteriosa em que se envolveu, quando o Acontecimento se precipitou sobre o Tempo e a poesia desceu sobre os pastores adormecidos, em fórma de Estrella. O mesmo Natal primeiro chegará quando estivermos desprevenidos, e a nossa comprehensão abandonada se estiver balançando sobre a verdade, como se balança o longo galho da arvore na noite visitada pelos ventos frios.

Um dia enfrentaremos de novo o Natal primeiro! Mas é preciso esperar com paciencia e confiança. Ouviremos os gallos se erguerem e suas vozes clamarão reunindo as forças dispersas. Onde estivermos a Estrella unica apparecerá, desmaiada e grave. E tomando as nossas mãos nos levará para longe atravessando a cidade e os campos. As casas estarão adormecidas e os passaros e os homens cobertos com o manto escuro da noite. Será pelas horas primeiras, quando o frio da madrugada tingir de sangue o rosto do céu. Será pela hora enternecida quando o orvalho estiver repousando sobre as flôres mais jovens. Será pela hora madura que estaremos com os olhos simples deante do primeiro Natal!

O fogo morto, um vento frio se insinuando pelas frinchas das humildes paredes. E a Mãe olhando o Filho. Nenhuma violencia. O tempo caminhando. A aurora acordando as aves do céu e os bichos da matta. Tudo simples como se a creança não estivesse alli dividindo os tempos. Tudo simples como se o beijo da eternidade não estivesse nos olhos da que tirara das entranhas a Flôr, que os homens iriam desfolhar em breve para que se cumprisse o Destino.

As vozes dos pastores já estão acordando os silencios dos campos. E já estamos de joelhos chorando o destino do pequenino, cujas mãos estão pendentes da Cruz, e que tem o sangue sobre os pés magros.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

ADDENDA.

A disputa de honras e posições, o apego ao cargo, á prebenda, com preterição de todos os sentimentos de dignidade e pundonor, são tambem duas taras nacionaes que se enquadram na synopse do mulatismo aqui summariamente esboçada. (*) Não me refiro evidentemente aos cargos de ordem technica ou profissional, em que o titulo alterna o saber e as provas attestam o merecimento. Falo propriamente de funcções politicas, dos chamados cargos de confiança, em que o premio se presume conferido ao mais digno e um elementar decoro commanda discreção e resguardo.

Onde todos se julgam aptos a occupar os altos postos a republica periclita; surdem competições, enxameiam appetites grosseiros, triumpha a mediocridade.

Postular e disputar os cargos de confiança denota falta de confiança em si mesmo e é contra esse peior dos males do presente que se deve premunir a nossa mocidade.

Saber renunciar a tempo é vencer o tempo e a adversidade e a historia nos mostra, sinão a experiencia, que precisamente os que mais merecem são os que mais desdenham.

*

CIRCULO VICIOSO.

Lucta-se hoje para provar que todos os homens são iguaes.

Quando esse nivelamento estiver feito a lucta recomeçará... para provar o contrario.

*

INTOLERANCIA.

A intolerancia é a peior forma da covardia. E' a grande arma dos governos fracos e das religiões decrepitas. E' a *ultima ratio* dos imbecis.

*

PRECARIEDADE DOS DEUSES.

Os deuses já não estão á altura dos homens. Será de Luciano esta phrase, de Luciano de quem se disse ser o contemporaneo de Voltaire pelo caracter e pelo espirito?

*

SER DISCRETO.

Quanta palavra vã se pouparia si antes de falar cada qual se perguntasse intimamente: vale a pena?

*

ORGULHO.

O que préso não me podeis dar.
O que me podeis dar, despréso.

ALBERTO RAMOS.

(*) V. *Boletim de Ariel*, An. III, n. 2.

"MES SONGES QUE VOICI"

Dentre os autores modernos, André Maurois é dos que mais se impõem pela clareza das concepções e pureza de estylo. Accusado por alguns de ser um insincero, nos parece, entretanto, que devemos reconhecer na sua facilidade de adaptação a qualquer genero, antes uma superior comprehensão do que uma falta de personalidade, uma grande largueza de idéas e não uma habilidade de imitador.

O seu ultimo livro, *Mes songes que voici*, nos lembra logo o conferencista suave das *Études Anglaises*. Dividido em duas partes bem distinctas, *Mes songes* e *Journal des Vacances*, elle é, nos sonhos, o mais urbano dos philosophos emquanto que nos jornaes, especialmente na parte escripta na Inglaterra, é poeta, ainda que observador.

Mes songes que voici reune os conceitos sabios de um homem que conhece um perfeito equilibrio. São divagações sobre o tempo, a natureza humana, as guerras, as crises economicas, e innumeros outros assumptos que convidam á reflexão.

Intelligencia de planos multiplos, Maurois leva o pensar até os limites do nihilismo, sabendo no emtanto voltar a um terreno de comedido materialismo para chegar ás suas conclusões. Encanta sobremaneira acompanhal-o nos seus raciocinios, nas suas hypotheses, e pesquizar com elle os multiplos possiveis. Dessas excursões ao dominio do pensamento, volta-se sereno e descançado, com um pouco mais de fé, e senão um pouco menos de illusões.

Na parte *Journal des vacances* encontramos esta cousa rara, um latino, francez, que comprehende a Inglaterra. E não fica nisso, pois ahi ha paginas todas impregnadas de uma poesia bem ingleza, um amor pela natureza e pela discussão de assumptos espirituaes que são typicos dos sonhadores do paiz de Wordsworth.

Nos fragmentos escriptos nos Estados Unidos sentimos o "desarroi" do especulador deante de uma mentalidade toda de acção. E' assim que Maurois, apesar de toda a sua boa vontade e boa fé, não consegue mais do que sympathizar com os seus jovens discipulos americanos. Já no Egypto elle se sente de novo á vontade para pensar, sonhar e viver num mundo de idéas que não obrigam á acção.

JACK SAMPAIO.

Halecki — **La Pologne** — "Essai de synthèse historique" — Paris, Alcan, 1933.

Andou com acerto o Professor Halecki da Universidade de Varsovia, escrevendo o encantador volume *La Pologne de 963 a 1914*, agora editado pela livraria Felix Alcan.

Seu ensaio de synthese historica passa em revista os memoraveis acontecimentos que todos nós conhecemos e nos despertaram as sympathias que conservamos pela indomavel patria de Kosciuszko e Pilsudski. Surge aos nossos olhos, atravéz das paginas do livro de Halecki, um esplendido poema de espadas, lanças, tropeis de cavallaria, batalhas giganteseas, prelios memoraveis, patibulos, fôrcas, incendios, fuzilamentos, delações, degredos, coragem, renuncias...

Eis a historia da Polonia. O livro do Professor Halecki é objectivo. Elle não se deixa arrastar pelos odios do passado. *Ni rire ni pleurer, mais comprendre* — eis, sem duvida seu intuito ao escrevel-o. O leitor comprehende os enthusiasmos e acaba exclamando: grande historia cheia de ensinamentos é a historia da Polonia. Notemos, por fim, que o autor fugiu aos moldes que começam a ter dominio na historiographia actual. Seu volume, pois, não é arido, secco, sem vida, antes é um volume que nos lembra a poesia romantica de Michelet. O leitor vai ao fim, sem fatiga, acompanhando-o nas narrativas, coloridas, brilhantes e exactas.

Por elle, nós temos a melhor confiança no futuro da Republica Poloneza, cujos filhos são cheios de fé, no amor á ordem e á paz, divisa commum de cada um delles em pról da patria renascida.

U. S.

Musa casta e núa

(A proposito do ultimo livro da Sra. Gilka Machado)

Publicando agora uma collectanea dos seus poemas escolhidos, sob o titulo de *Carne e alma*, dá a senhora Gilka Machado ensejo a que se rendam devidas homenagens aos seus talentos e ás muitas graças de sua musa.

Ha cerca de vinte annos, quando appareceram os primeiros cantos dessa grande dama brasileira, o meio não estava acostumado ás provas de coragem e sinceridade que ella deu, tão fóra da timidez feminina, que ainda é hoje a regra geral e faz dos versos de muitas de nossas poetisas exercicios de collegiaes applicadas.

A senhora Gilka Machado revelou desde o inicio uma forte personalidade. Os seus versos neo-parnasianos constituem a mais completa amostra do que vae na alma da mulher brasileira, deixando entrever esse recanto que os preconceitos e atrazos da cultura conservam fechados a sete sellos, como indecifravel apocálypse.

Verdade é que ha certa monotonia nos seus versos: o seu mundo é o da natureza, o do amor physico e o dos sentidos. Faltam infelizmente algumas cordas á sua lyra. As emoções suaves e complicadas, como as da saudade, da melancolia e da ternura, a gamma dos sentimentos puramente ideaes, os requintes da cultura, as paizagens interiores illuminadas por luzes indecisas não encontraram ainda expressão nos seus versos admiraveis no tocante áquelles outros aspectos. No exprimir coisas graciosas e no traduzir sentimentos delicados leva-lhe vantagem, por exemplo, a senhora Maria Eugenia Celso, outro grande talento feminino.

Mas, devemos acceitar a senhora Gilka Machado primitiva como ella é, com as suas excepcionaes qualidades e defeitos, e não lhe pedir aquillo que não pode dar, por estar fóra, não direi de sua cultura, mas do seu temperamento. Basta para o seu renome e nosso orgulho nacional que ella continue a ser o que tem sido: a cantora dos nossos céos, dos nossos mares, das nossas florestas e das vehemencias do amor. Nestas requinta, e pode ser mestra das mais timidas, dando-lhes um pouco da coragem e da absoluta sinceridade que revela.

Dante collocaria a nossa grande poetisa no circulo setimo do purgatorio entre lascivos e luxuriosos, infligindo-lhe a pena que reservou ao poeta provençal Arnaldo Daniello que fez *Versi d'amore e prose di romanzi* semelhantes aos seus, até que, purificada pelas chammas, pudesse subir á bemaventurança eterna.

E procederia assim no seculo XIII com subida razão. Palpita em seus versos magnificos o caldeamento de tres raças dadas aos prazeres dos sentidos. Sente-se bem que corre em suas veias um sangue escaldado pelo calor tropical. Barlaeus já notara: *ultra æquinoctialem non peccari*. Não culpemos, pois, a nossa eminente patricia do feio peccado da volupia, que aliás apparece nos seus poemas quasi sempre, como diria Freud, sublimada:

> "Eis-me languida e nua
> para volupia tua".

Dirige-se ao somno... (*Carne e alma*, p. 231). Que culpa tem ella de ser genuinamente brasileira e de ter nascido sob o sol ardente do equador e do tropico?

A sua recatada voluptuosidade, certo que sómente esthetica, origina-se dos excessos de luz dos nossos céos, como o verde escuro das florestas amazonicas. E' algo cosmica, irresponsavél, divina — verdadeira manifestação da Natureza. Vem do subconsciente, das profundezas da vida, de uma experiencia que não é sua sómente, porque é a experiencia de uma raça em formação.

A musa de D. Gilka Machado, conscia de sua belleza, apparece-nos despida, toda nua da cabeça aos pés, como aquella menina e moça de que nos fala o setecentista portuguez Cavalleiro de Oliveira, na *Recreação periodica*, livro que merecia ser menos desconhecido.

Como estamos marchando para o minimo de cobertura e parece não haverá preconceitos que consigam evitar essa volta ao paganismo, convem relembrar aquella precursora do nudismo, que viveu ha duzentos annos:

"D. J. de Faria, antes de casar, mostrava-se nua aos amigos da senhora sua mãe, fineza que por duas vezes fez á minha vista. Sobre o seu corpo não havia outra vestiaria que os cabellos soltos da cabeça. Eram tão longos que lhe desciam até os joelhos, e tão espessos que atravez delles se não via a mais leve restea de carne. Eram uns lindos cabellos, duma côr muito fina. Mais tarde cortou-os e offereceu-os á virgem que se venera na igreja de S. Bartholomeu em Lisboa."

Quando leio certos versos da senhora Gilka Machado, lembro-me dessa menina que deslumbrava o Portugal ainda freiratico da primeira metade do seculo XVIII com a sua esplendida nudez. Assim como os convivas do salão de sua mãe não tinham olhos concupiscentes para aquelle corpo joven, em que a belleza se estampava nas mais harmoniosas proporções, assim devemos nós sentir os versos da maior poetisa brasileira e considerar a sua musa independente das leis da indumentaria, porque, na sua explendida nudez, ella nos traz paginas ineditas do *Cantico dos Canticos*.

A senhora Gilka Machado, na poesia sobre a lingua, dá-nos a medida do realismo de sua arte, lembrando a milennaria lição do poeta biblico que versou o mesmo thema:

> Sol dos ouvidos, sabiá do tacto,
> ó lingua-idéa, ó lingua-sensação,
> em que olvido insensato,
> em que tôlo recato,
> te hão deixado o louvor, a exaltação!
> — tu que irradiar pudeste os mais formosos poemas!
> — tu que orchestar soubeste as caricias supremas!
>
> Dás corpo ao beijo, dás anthera á bocca,
> és tacteio do coração,
> és elasterio da alma... O' minha louca
> lingua, do meu Amôr penetra a bocca,
> passa-lhe em todo senso tua mão,
> enche-o de mim, deixa-me ôca...
> — tenho certeza, minha louca,
> de lhe dar a morder em ti meu coração!...

A passagem do *Cantico dos canticos*, a que quizemos alludir diz apenas isto com toda a candura:

"Favus distillans labia tua, sponsa, mel et lac sub

Poesia e Historia da Gallia

Esse admiravel francez a quem a historia deve uma das suas mais positivas e amplas resurreições, antes de ser encarado como erudito da melhor especie tem que o ser atravez das subtilezas de um espirito cheio de graça e das linhas constructivas de uma formosa mechanica de idéas claras.

Tão gaulez que nos reconstituiu, peça por peça, toda a Gallia primitiva — como se erguesse um mundo real de figuras imaginarias ou um mundo imaginario de figuras reaes — Camille Jullian, historiador e professor, é bem daquella especie immortal dos grandes mestres, dos grandes universitarios francezes, tradição generosa que está a pedir uma grande obra ainda não projectada. Admira-me, de facto, que alli, onde as collecções brotam sob todos os signos, uma não tenha ainda surgido, *Nos grands professeurs*, por exemplo, trazendo-nos de Victor Cousin a Paul Hazard e de Saint-Marc Girardin a Gustave Lanson pelas mãos harmoniosas e impressivas de uma fina e inquieta Ariadne das idéas.

Foram todos, tambem, grandes escriptores, e melhor diria quem affirmasse que foram grandes professores, porque authenticos homens de lettras. Mas, dentro ainda da sua pura acção magisterial, mostraram-se creaturas de personalidade definida, sabios capazes de transformar a erudição em palestra risonha e complexa, pensadores em cuja illimitada sciencia bailava um irrequieto D. João, feliz, seductor de cerebros, conquistador de espiritos e violador de obscuridades...

E ainda se lembra a voz de um Boissier, o mais espiritual dos mestres, o erudito que, succedendo ao velho Patin, disse na Academia franceza as cousas mais transparentes até então alli proferidas sobre a cultura classica e o humanismo em geral — themas recemtratados pelo socialista-humanista Leon Blum — trocando com Legouvé, que o recebia, e dentro de uma dialectica floral, o mais incruento dos duellos, um duello em que duas espadas, multiplicando raios e estocadas amaveis, se algum tecido attingiam era o sensibilissimo tecido da intelligencia, se algum sangue provocavam era o sangue especioso dos raciocinios — o mais resistente dos sangues, cuja marca tem a duração dos tecidos em que se fixa. E quantas outras vozes, e de que timbre todas: Lemaitre, Faguet, Brunetière, Gebhard... sobretudo Faguet e, estou quasi em dizer, sobretudo qualquer dos restantes... Esquecido Gebhard, conversador de veia inestancável, animador de vidas que a sua, tão pittoresca, estimulava e multiplicava.

Camille Julian foi um entre muitos, e foi um dos maiores. E não me esquecerei jamais a surpreza que me provocou, a uma primeira leitura. Ao lado do analysta sem rival de uma civilização, voejava um passaro, cantava uma voz que vinha delle, sem duvida, mas parecia de mais alguem, e parecia vir, ao mesmo tempo, de outro rumo, e parecia, ao mesmo tempo, ser outra voz. Entretanto era bem de Camille Jullian: quanta graça, quanta liberdade, quantas azas!

Na série *Au Seuil de notre histoire* — reconstituição dos seus cursos no Collegio de França — mais ainda do que na *Histoire de la Gaule*, é sensivel, audivel, essa voz. Com que amor nos fala Jullian da sua, deixem-me dizer, que tenho razões bem intimas, da nossa Lutécia: "*Ceux qui jouissent peut-être le plus de la cité, ceux qui la savourent le mieux sont les lettrés et les poètes.*" "*Si Lamartine doit ses inspirations les plus profondes aux paysages et aux* lacs *de la province, Victor Hugo a bu aux sources des vallons parisiens et surtout de ce vallon de Bièvres, qui est un pur chef d'œuvre de grâce, de calme et d'harmonie.*"

Oh! a formação de Paris contada por Jullian! "*Ce nom d'Argenteuil me rapelle une nouvelle coquetterie de la nature à l'endroit de Paris... Et n'est-ce pas vrai? ce superflu des fleurs et des fruits n'est pas devenu pour nous tous la fête permanente des familles et des demeures?*" São longas paginas assim. E' sempre o *passado* mas sem o cheiro de bolor que o ornamenta, tantas vezes de tédio e de máo gosto. Lutécia, a Paris moderna de todos os rythmos e todas as vozes tem, a florir-lhe os seios, as rosas mais frescas dos jardins romanticos de Argenteuil...

E era sempre assim, Camille Jullian. E vivia sempre dois tempos — o tempo passado e o tempo presente. E não procuraria, como Proust, o tempo perdido porque nenhum dos seus minutos contribuiria para atulhar a seara de Ruth das horas dissipadas do espirito.

JAYME CARDOSO.

---

lingua tua..." Os teus labios, ó Esposa, são como um favo, que distilla doçura, o mel e o leite estão debaixo da tua lingua... Assim traduziu essa famosa passagem um classico, o padre Antonio Pereira de Figueiredo.

Graves doutores sagrados interpretaram o texto santo mostrando que não ha nelle siquer sombra de erotismo, pois symbolica é a esposa de que se trata. A mesma interpretação pode valer para os ardentes versos da maravilhosa artista brasileira. A lingua que enaltece não representa o misero orgão humano, é por ventura uma lingua allegorica, e nas suas caricias lembra o passado da especie. A grande arte está além do bem e do mal, e os seus interpretes fóra das regrinhas convencionaes do cathecismo. Se o commum dos poetas louva o beijo, não é demais que uma invulgar poetisa, a maior do nosso tempo em nosso meio, louve a lambidela que é philogeneticamente a mãe do beijo... tanto mais quanto pode acobertar-se com a autoridade das lettras sagradas.

Mas ninguem se metta a imital-a: o que se permitte ao estro audacioso e genial não se pode tolerar em poetisas menores, incapazes de hombrear com os lubricos cantares do apaixonado biblico.

A arte da senhora Gilka Machado attinge, em *Carne e alma*, a sua expressão mais alta e definitiva, e, embora seus versos não se apresentem inteiramente á moderna, deleitam e encantam. Reflectem o verde dos nossos mares e o luxuriante da paizagem tropical.

ALCIDES BEZERRA.

Leiam o romance de LUCIA MIGUEL PEREIRA:
EM SURDINA
Em todas as livrarias

"DESCOBERTA DO MUNDO"

A impressão que nos deixa o livro para crianças de Jorge Amado e Mathilde Garcia Rosa é a de uma historia admiravelmente tecida que se realizou mediocremente; um excellente plano de obra, no genero, um material de primeira que serviu mal á construcção. O *Descoberta do Mundo*, como concepção, creio que agradará em absoluto aos leitores de menoridade, mas uns tantos requintes de composição tiraram o seu melhor sabor e o seu principal encanto.

Essa aventura absurda do menino traquinas em companhia de um gato e de um gallo, tem, no fundo, maravilhosas manobras de invenção arbitraria. Nella sentimos um corpo elastico de criação se movimentando por baixo de umas especies de andaimes.

O que esses heroes, irmãos mais intelligentes do pessoal do "O Tico-Tico", fazem para descobrir um mundo, é de um lyrismo dos de maiores liberdades; de um lyrismo de impulsos subitos e envolventes. O que elles pensam, é tudo com uma falta de logica que dá gosto provar, por ser mesmo a unica logica accessivel ás crianças, e a unica tambem capaz de encontrar-se muita vez em harmonia com certos delicados estados nossos de sensibilidade, numas crises que nos identificam com a atmosphera de puro lyrismo como numa estação de repouso.

O capitulo sexto da *Descoberta do Mundo* expõe alguma cousa de extraordinariamente ingenuo, e assim de bem criado como litteratura infantil. Conta-nos que os heroes vão ao cinema assistir Tom-Mix e, como gostam de suas proezas e suas habilidades, falam para o velho "cowboy", fazem amizade e tornam-se intimos de momento. Tom Mix conta o enredo de seu filme e os tres pequenos aventureiros, impressionando-se com o caso, resolvem auxiliar o novo amigo na procura de um mappa complicadissimo de certas minas de ouro. Ahi, Tenente, Zé Pinho (um descendente talvez do Gato de Botas) e o Esporão Grande (Marquez da Gargalhada Alta, vencedor dos Perús e inimigo das espigas de milho) entram no filme e lá se vão para a China, montados a principio no cavallo de Tom-Mix, que voa com as asas emprestadas pelo amigo Gallo, ou no dorso de uma baleia camarada. E' esta pagina de uma ampla e possante engrenagem de invenção, attingindo a um dominio ideal de sonho, de delirio, que é o mais saudavel paiz para a criança viver; ha uma fusão de absurdos, de absolutamente impossiveis, que nos transmitte um sabor quasi infantil de composição.

E' esta das melhores paginas que tenho lido em volumes para crianças no Brasil, não exceptuando mesmo ahi os de Monteiro Lobato.

Entretanto, e infelizmente, muito dessa pureza na concepção desse conjuncto de inverosimeis está de traços ás vezes reformados, endurecidos demais por uns excessos de cuidados de factura. Ora o uso de uns preteritos mais que perfeitos que torcem certas phrases para uma affectação desagradavel. Ora uns periodos com esquinas a dobrar, uns "quês" feitos obstaculos a vencer de um folego. Ora um palavreado sem força de impressionar a retentiva infantil.

A simplicidade tão essencial ao livro para crianças se deforma em certas occasiões em puro byzantinismo de simplicidade. Em pose de naturalidade. E essas cousas de plasticidade de expressão, de espontaneidade, de clareza chegando ao fluido, parecem-me importantes em litteratura "propria para menores."

Nas paginas do *Descoberta do Mundo* onde aquelles defeitos se salientam, perde a aventura deliciosa de Tenente, Zé Pinho e Esporão Grande muito de sua capacidade de emocionar os leitores miúdos. Perde o seu melhor sabor.

VALDEMAR CAVALCANTI.

O EMPIRE BUILDING

O arranha-céu é creação architectonica norte americana. Resultou, de um lado, de condições sociaes e de outro de razões technicas. Nasceu nos fins do seculo passado, em Nova York, cuja exiguidade de espaço, na pequena ilha de Manhatann (pequena é modo de dizer!) impoz a "cidade vertical", exiguidade de que decorreu o encarecimento do terreno.

De inicio era preciso fixar certas regras de urbanismo, como sejam as de impedir a construcção de blocos inteiriços e continuos, que não só retiravam luz ás ruas, como davam aspecto inesthetico ao conjuncto da cidade. A lucta pela conquista da altura foi se fazendo. A principio o edificio do Equitable, que já impressionara Paul Bourget em 1893, o da Singer, o Woolsworth, o Crysler e agora o mais alto e o mais lindo — o Empire State Building, na 5ª Avenida, esquina da rua 34.

A primeira das condições technicas exigidas pela sua construcção foi uma organização planejada de tal sorte que houve uma articulação perfeita em tempo e disposição, permittindo grande velocidade na execução. Em virtude disto, emquanto que a elaboração do plano desse projecto durou 6 mezes, a construcção propriamente dita se fez em 96 dias.

As fundações imergem na rocha granitica de Manhatann, sobre 200 columnas, apoiadas em blocos de concreto armado. Toda a ossatura do edificio é metallica, indo as columnas das fundações até o tecto. As paredes não supportam esforços, servindo apenas de separação. O revestimento metallico, de ligas especiaes de aço, permittem economizar espaço em planta e os assoalhos, tambem de pouca espessura, em altura.

Outros problemas se impuzeram ainda á nova technica de construcção typicamente norte americana. Problemas de transporte nestas cidades verticaes, cuja circulação diaria pode attingir a 40.000 pessoas. Problemas de ventilação e illuminação internas. Problemas de isolamento sonoro. Problemas de incendio e segurança. Problemas de calculo de resistencia ao vento, porque, á altura a que elles attingem, esta resistencia póde adquirir valores consideraveis. E até são calculados á prova de terremotos.

O Empire State Building é o mais alto ponto que o homem poude construir sobre o solo, com os seus 102 andares e 384 metros. As suas linhas architectonicas têm novo sentido esthetico e uma poesia de nitidez e de audacia. Do alto da sua torre se desenha por todos os quadrantes o relevo palpitante da cidade immensa de traçado regular e symetrico, do que este grande arranha-céu é como que o centro urbano e geometrico. Quem chega de manhã a Nova York, vê de longe, rebrilhando á luz do dia, aquella torre elegante e dominadora. Quem sae, á noite, de Nova York, vê ir se afastando e diluindo na escuridão aquella torre luminosa, do alto da qual o homem contempla, no presente, um pouco do futuro...

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

DE NOVA YORK

A BIBLIA CURTA

Ahi por 1923, se me não falha a memoria, publicou H. G. Wells uma série de artigos na revista *Saturday Evening Post*, nos quaes o engenhoso escriptor suggeria uma reforma completa da Biblia, e traçava o plano a que essa reforma deveria obedecer.

Em primeiro logar — dizia por outras palavras o admiravel inglez — é preciso refundirmos inteiramente o primeiro capitulo do Genesis, afim de que o que lá se encontra não esteja em flagrante desaccôrdo com o que a sciencia moderna tem descoberto. Depois, é preciso entrarmos de vassoura por dentro da Biblia e varrer de lá a sujeira secular que a tradição judaica, que em nada nos interessa, deixou pelos seus recantos, como expurgar o livro da lenga-lenga sem graça das "gerações" e de todas as narrativas de guerras e guerrilhas, de que está cheia, que nenhuma significação moral ou religiosa têm.

Para preencher os vasios deixados por essa podagem revisionaria, suggeria Wells a inclusão no sagrado tômo de muita coisa bella das litteraturas de todos os povos. Assim, dizia elle, a Biblia ficaria uma collecção digna de ser lida por qualquer adulto de siso, e poderia tambem gozar, justificadamente, da universalidade que o Protestantismo lhe tem dado. Ficaria, em summa, uma Biblia em plena harmonia com todas as descobertas das sciencias e pelo lado litterario ou religioso capaz de agradar a todos os povos.

Excusado é dizer, o esplendido plano de Wells não calou absolutamente no animo daquelles que de perto poderiam se interessar por tão util e intelligente reforma.

Passaram-se annos, e eis que agora surge *The Short Bible* — ou a Biblia resumida — edição do Dr. Edgar Johnson Goodspeed, professor de theologia na Universidade de Chicago. Esta Biblia curta reduz as 2.000 paginas da traducção de 1611, mandada fazer pelo rei James da Inglaterra, a umas quinhentas e poucas paginas, isto é, a um quarto do livro.

O Dr. Goodspeed (pelo nome deve ser um cidadão apressado) seguiu a ordem chronologica dos livros. Assim, em logar do Genesis vir no começo, passa para o decimo-setimo logar, e o livro de Amos, dado como o mais antigo da sagrada collectanea, é que abre caminho aos demais. Ora, se a Biblia já era pesadona, mesmo abrindo com a bonita fantasia da Creação, que estafante não ha de ser essa versão "curta", começando com o livro de Amos, um arrazoado detestavel para servir de introito a qualquer livro, que se destine a ser lido?

Mas já estava escripto: "Os ultimos serão os primeiros"...

Os Psalmos e o livro de Isaias foram consideravelmente reduzidos. Entre as eliminações completas contam-se as Chronicas, o Cantico dos Canticos (lá se foi uma das bonitas partes da velha historia!), as Lamentações de Jeremias, os livros de Abdias e Malachias, Segunda Epistola de S. Pedro, Segunda e Terceira de S. João, sem falar na póda geral de livros e capitulos.

Outra innovação da Biblia Curta — e que Wells tambem suggerira — é a modernização da sua linguagem. Toda a terminologia antiga foi posta em vocabulos correntes, conhecidos de todos, não faltando mesmo a certas passagens uns pedacinhos de gíria.

Sem nenhum desejo de minimizar a sua autoridade na materia biblica, parece que o trabalho do Dr. Goodspeed fica muito abaixo, considerada a obra em conjunto, do plano geral explanado nos artigos de Wells. Basta isso de deslocar o "principio" lá para o meio do livro, para que lhe altere o curso de toda a supposta narrativa. Iniciada pelo livro de Amos, essa Biblia Curta vem a se parecer com esses restaurantes italianos, existentes em Nova York, nos quaes a cozinha se acha arbitrariamente á porta da rua.

Accresce ainda, se o Dr. Goodspeed chegou a provar, por meio dos seus estudos e pesquisas, que o Genesis foi escripto posteriormente ao livro de Amos, provado fica tambem não haver elle sido traçado pelo primeiro jacto da "inspiração divina", e, logo, toda a lenda da origem sagrada da Biblia cae pela base. Conclue-se: se o divino mentor errou ao dictar o "começo" no meio da obra, e quiz dar-nos toda ella como uma sequencia impeccavel a começar desde a creação do mundo, a constatação desse erro faz levantar dúvidas sobre a veracidade de tudo aquillo que, não sendo historico, depende da fé nessa supposta procedencia divina.

Ora, não sendo divina, nem chronologica, não seria mais esthetico, e mais logico, conservar-se a narrativa com o Genesis onde lhe compete, pondo-se sob o titulo de cada livro, para effeito da concatenação historica, a data em que foi escripto?

Errado como anda quasi tudo naquella fantastica historia da Creação, não se pode negar que a sua leitura é facil e convidativa. O sujeito que escreveu o Genesis tinha pelo menos bastante imaginação, attributo de que carece o livro de Amos.

ARTHUR COELHO.

P. P. I.

Que importam da vida os peores horrores,
que importa mesmo estar numa prisão
si o perfume guardei dos meus amores
e si deixo cantar meu coração?

Continúo senhor do meu destino!

Cada verso dá-me um instante divino
de plenitude e de libertação.

ABNER MOURÃO.

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Edições Ariel", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

«O Brasil Continúa»

Alvaro Moreyra não se confunde: tem um lugar á parte nas nossas lettras. Qualquer phrase sua — conceito amavel ou ironia cortante — vem fortemente vincada e é bem "Alvaro Moreyra". Debalde procuram imital-o. E' impossivel acertar a mão. A' ultima hora foi esquecido um tempero. Houve ingredientes a mais que fizeram desandar a mistura. E, entretanto, nada parece mais facil do que a sua maneira. Usa uma lingua clara, fluida, levemente colorida. Tem um estylo que se colla aos assumptos com uma graça especial e num tom de bonhomia que a muitos desconcerta. Dir-se-á, por isso, que o seu espirito, a sorrir de tudo, e a sua penna, a brincar com tudo, jamais se detem sobre os problemas graves e as questões momentosas. Mas para quem não se contenta apenas com a espuma evanescente e vae ao fundo da taça... Que mestria naquella singeleza! Quanta arte na sua facilidade! Como a observação sagaz e o juizo penetrante se disfarçam bem sob a paraphrase sardonica e a fantasia burlesca!

Neste *O Brasil Continúa*, elle, inquieto demais para assistir da platéa ao espectaculo da "realidade brasileira", foi percorrer os bastidores, metteu-se mesmo pelos camarins. Assim, não poude ver a nossa Historia e os nossos Homens (com H maiusculo) como os outros vêem. E' que estava muito proximo daquelles rostos pintados e daquellas arvores de papelão. Comtudo, ao fim do espectaculo (não tivesse elle um sensibilissimo coração de poeta!) esquecido dos senões, para só reconhecer o esforço dos artistas, chegou mesmo a pronunciar algumas bellas e commovente palavras de indulgencia carinhosa e fé no futuro, uma vez que a peça não era de todo má e, com o tempo, poderia vir a ser melhor representada. Dest'arte, é com franco optimismo que se encerram aquellas paginas deliciosas, cheias de finura e crepitação, em que Alvaro Moreyra nos deu o seu retrato do Brasil.

«Clarissa»

Como Alvaro Moreyra, Erico Verissimo é tambem sulino. A sua novella vem-nos mesmo de lá, numa graciosa edição da Livraria do Globo. São paginas, entretanto, fóra de qualquer regionalismo. Nada de sangas e coxilhas. Nenhum tropel de bagualada cortando a pausa dos paragraphos. Sem grito de quero-quero nas entrelinhas. E' que estamos em Porto Alegre e somos hospedes de D. Eufrosina que, para ajudar o marido — coitado, ha tanto tempo desempregado! — mantem uma pensão familiar. Clarissa é sua sobrinha e, todos os annos, para poder frequentr o collegio, separa-se dos paes, na estancia, e vem morar com ella. *Seu* Amaro é o hospede exquisito, aquelle que não é comprehendido pelos outros e dá motivo a commentarios. Tem um piano no quarto e toca as suas cousas. Acreditam-no lunatico; elle se julga com quéda para compositor. E talvez tenha razão. Clarissa tambem acha graça nelle, mas já no fim, é uma graça differente dos outros, sobretudo depois que, no seu anniversario, elle lhe deu aquelle lindo aquario com peixinhos vermelhos...

Mas fiquemos por aqui. Não é no entrecho que está o principal encanto dessa historieta, que tão bem nos conta Erico Verissimo. De pagina a pagina, o nosso prazer augmenta, pela naturalidade das scenas descriptas, pela justeza das marcações psychologicas, por certa atmosphera de sympathia e doçura que, desde logo, nos põe em intimo contacto com as personagens.

Entretanto, muito pouco tenho ouvido falar de *Clarissa*, que a estas horas já deve estar outra vez na estancia, mas merecia bem ser mais conhecida do publico e, ainda, não de todo abandonada por Erico Verissimo, um escriptor que, desde já, tem um lugar seguro nas nossas lettras.

GASTÃO CRULS.

CENSURA ESTRABICA

O acto recente da policia de São Paulo, mandando fechar violentamente o Theatro de Experiencia, onde alguns rapazes de espirito procuravam fazer qualquer cousa em pról do nosso hypothetico theatro, antes que á revolta, leva-nos a um desalentador movimento de tristeza. E' que já nos suppunhamos a respirar numa atmosphera mais alta e de ar mais puro, quando de novo nos assalta a rajada da philaucia alarve e do carrancismo obsoleto. Ainda hontem, aqui, era o romance "Cacau", de Jorge Amado, que se pretendia apprehender sob a pécha de litteratura pornographica; agora, na Paulicéa, é todo um grupo de intellectuaes que vae ao torniquete dos inquisidores.

Mas as chanchadas continuam ahi. O cordel dos engraxates verga ao peso de quanto folheto immundo se imprima por estes Brasis. Não ha banca de jornaleiro sem bambinela de frascarices. Mas, melhor ainda: vem para a folha dos nossos diarios o que se diz e discute, ás vezes sobre themas melindrosissimos, no seio das sociedades medicas, materia que em qualquer paiz do mundo sempre ficou confinada ás revistas da especialidade. Não ha muitos dias, um dos nossos matutinos mais lidos, abriu espaço, na primeira pagina, para um annuncio de palmo, em que o testemunho despudorado e o detalhe nauseante corriam parelhas na exaltação de determinado remedio para uma doença vergonhosa.

Mas disso tudo a censura anda longe, porque continúa de olho virado para a obra de arte e as realizações da intelligencia.

ABNER MOURÃO

O Boletim de Ariel *não póde deixar de lembrar as homenagens prestadas, em São Paulo, a Abner Mourão, por occasião de seu jubileu jornalistico. Figuras da imprensa do Rio e de São Paulo, e amigos e camaradas de todas as partes do Brasil adheriram a essa manifestação a um dos mais limpidos jornalistas nacionaes. Porque Abner Mourão — já o accentuou, em artigo publicado em nosso ultimo numero, o nosso redactor-chefe — nunca se deixou corromper pela fascinação da politica. Muito ao contrario, soube sempre fazer obra de belleza do seu jornalismo quotidiano, e prova do que affirmamos são alguns bellos versos de rythmos livres que publicamos neste numero.*

Escriptores do Norte

No trabalho de Gastão Cruls, publicado no nº 2 do anno III do *Boletim de Ariel*, sobre escriptores do norte, ha alguns pontos aos quaes desejo me referir, sem, comtudo, me arrogar qualquer autoridade nos assumptos que pretendo tocar, o que seria irrisorio, pois no Rio raros intellectuaes mantêm commigo relações, e mais raros ainda são os que me conhecem. Entre estes, todavia, destaco Gastão Cruls, velho amigo e collega, que não deixará que outros façam do humilde e desconhecido provinciano, mão juizo. Não é minha intenção deter-me nos escriptores chamados "do norte" por Gastão e que seriam, talvez, melhor classificados "do nordeste". Não quero, tambem, concordar com as phrases citadas pelo director do *Boletim* sobre o norte, que tambem me magoaram o coração. Entretanto, não seria custoso desfazer essas injustas palavras, se se procedesse a um inquerito no periodismo da metropole, e no proprio ambiente litterario, o que resultaria pôr em relevo que dois terços dos profissionaes da imprensa e outro tanto de escriptores, são nortistas ou nordestinos.

No Pará, de facto, o panorama litterario é pouco interessante, e talvez o mesmo aconteça aos dois estados do extremo, Amazonas e Maranhão, e isso por varias causas que não é opportuno recordar. Não me seria difficil citar intellectuaes talentosos e cultos, com livros publicados, cujos nomes jamais transpuzeram os limites dos seus estados, sem falar nos autores, mais felizes, da *Terra Immatura* e do *Na planicie amazonica*, livros conhecidos em todo o paiz. Ha alguns annos, foi editado e publicado em Belém, um volume sobre themas amazonicos, da autoria de Pio Ramos, e que eu sou capaz de apostar que pouquissimos conhecem no Rio. Tinha um titulo suggestivo: — *De bubuia*. Nunca ouvi falar delle, ou o li citado, a não ser que a memoria me esteja enganando. Acredito que na capital do Brasil se ignore existir em Belém do Pará uma associação de homens de lettras valorosos, sob o nome de Academia, cabendo a culpa aos seus proprios membros, que vivem, com rarissimas excepções, numa lamentavel pasmaceira.

Mas, eu estou, sem querer, a graphar juizos que me vieram á mente insensivelmente e a deixar de lado os pontos que prometti ferir.

Na segunda parte da chronica de Gastão Cruls, o escriptor se occupa exclusivamente de Peregrino Junior, de quem guardo bôa recordação, fazendo certas observações, motivo capital de eu alinhar estas lettras. *Matupá*, titulo do ultimo livro desse intellectual, soou tão bem aos ouvidos do autor da *Amazonia que eu vi*, que o classificou de "feliz e sonoroso", e, mais ainda, gostaria de ver essa palavra amavel, entre as dez mais bonitas da lingua brasileira. Opinião de tão alta valia espicaçou minha curiosidade. — *Matupá?* me perguntei. E eu mesmo me respondi: — não me recordo o que é. Abri, então, o *Glossario*, de Chermont de Miranda: — "*Matupá*, s. m. — Barranco, piriantan, capim em grandes touças, desenraizado das margens que, fluctuante, deslisa com a corrente hiemal nos rios de margens hervosas. Compõe-n'o sobretudo diversas cannaranas e a orelha de veado." Não conheço, ainda, o ultimo livro de Peregrino- Mas, já imagino que lindo elle deve ser. O barranco deixou a margem e vae deslisando na corrente, e perfurando os logares por onde passa.

A primeira observação de Cruls, é sobre o termo "ciriringa", que o Glossario appenso ao livro define de inteiro accôrdo com Vicente Chermont de Miranda, que é incontestavel autoridade no assumpto.

Eis como a *Collecção de vocabulos peculiares á Amazonia* assignala essa palavra: — "*Ciriringa*, s. f. — Ar expirado no fundo d'agua, por um animal, e que sôbe á superficie em pequenas bôlhas. Etym. tupy." "Gastão Cruls, accrescenta Peregrino, chama a isto "ciririca". Como o autor da *Amazonia mysteriosa* e da *Amazonia que eu vi*, não conheço, nesses dois volumes o uso ou emprego de "ciririca". Não se comprehende mesmo que Cruls, perlustrador da Amazonia, fosse capaz de confundir dois vocabulos de significação tão diversa. "Ciririca" é um "anzól sobre o qual se applicam pennas de côres vivas, as do guará geralmente; com ella pescam-se certos peixes insectivoros, como o tucunarí, o jacundá. Outr'óra dizia-se *pindó-ciririca*. Muito apreciado este modo de pescar na Europa para o salmão e para a truta. E' a *pêche à la mouche* dos francezes, o *fly-fishing* dos anglo-saxonios."

O verbo "piriricar", que deu causa ao engano de Peregrino, como explica o autor do escripto em apreço, está rigorosamente empregado, por isso que "piriricar" quer dizer — ondular a superficie da agua. "Piririca", adjectivo, tem mais ou menos a mesma significação e esta conhece-a Peregrino, que viveu no Pará, onde o seu uso é corrente nas classes menos instruidas. "Piririca, adj. — Aspero, lixôso. Coberto por tenue camada de substancia que, seccando, fendilha-se toda. Ex.: lava a cara d'esta criança que está toda *piririca* de mingáo. Pequenas ondulações á superficie que, nos rios e lagos tranquillos, faz o pirarucá e alguns outros peixes, e pelas quaes o pescador se guia para arpoal-os." (V. Chermont de Miranda).

Ahi está o que eu desejava dizer sobre a excellente pagina *Escriptores do Norte*, rogando a Gastão Cruls e a Peregrino Junior não me queiram mal pela audacia.

Gastão Vieira.

E. A. P.
Empreza de Administração Predial
Sociedade Civil
Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias
Direcção de
WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA
AV. RIO BRANCO, 137
4º, s. 419
(Edificio Guinle)

"Psychologie du Language"

Esta *Psychologia da Linguagem*, redigida na linguagem da psychologia, mais, talvez, que na da linguistica, é uma serie de monographias e ensaios sobre themas varios. E se os ha que são exclusivamente linguisticos, outros, e em maior numero, trazem o cunho da philosophia. Philologos, psychologos, sabios, estamos que o sejam os seus autores. Grammaticos é o que elles não nos parecem ser e a razão disto está no facto de se haverem reunido e de terem concertado esta obra collectiva, que, se não impressiona pela unidade, não dá, tão pouco, a impressão de uma arena...

Reedição do *Journal de Psychologie* feita pela Livraria Felix Alcan no mesmo anno de 1933, figuram neste volume de quinhentas paginas, ao lado de nomes como os de Delacroix, Meillet, Vendryes, Bally, Jespersen, sobejamente conhecidos entre os familiares da philologia, outros, não *minus habentes*, porém menos famosos. Aqui vae a lista, afóra os já citados: Cassirer, Jordan, Sechehaye, Doroszewski, Paget, Bühler, Pongs, Meriggi, Brœndal, Trubetzkoy, Sapir, van Ginneken, Sommerfelt, Groot, Gustave Guillaume, A. Grégoire, Cohen, Gelb, Goldstein.

Vejamos agora, um pouco, o que elles dizem.

*

Abre o livro Delacroix, com o capitulo *No limiar da linguagem*, para opinar que, se os anthropoides e, portanto, os animaes em geral não falam, a causa não está, como a muitos tem parecido, numa insufficiencia organica, mas numa incapacidade mental. O que se observa nos papagaios não é a linguagem: são reflexos condicionados verbaes. A acquisição da palavra exige o meio e as condições da sociedade humana e tem como base toda uma serie de operações mentaes mais complexas que as que regulam a comprehensão das situações elementares e a manipulação dos objectos.

*

Segue-se Ernst Cassirer, com um longo e profundo e substancioso ensaio sobre *A linguagem e o mundo dos objectos*, questão que se prende ao problema do conhecimento. Partindo da "revolução copernicana" de Kant, citando Leibniz, apoiando-se muito em Humboldt, alludindo á insufficiencia, neste particular, da *Voelkerpsychologie*, da "apercepção" de Herbart, da "associação" de Wundt, o sabio professor da Universidade de Hamburgo pretende que a representação objectiva não é o ponto de partida do processo de formação da linguagem, mas o fim a que esse processo conduz; que a propria linguagem é medianeira na formação dos objectos, como ainda na organização do mundo da vontade e do sentimento. E não só ahi, mas tambem na construcção do mundo *social*. O primeiro passo para a objectividade é dado justamente neste ultimo sentido; antes do mundo das cousas, é para o mundo das pessoas que o "eu" se dirige; donde o animismo primitivo. Quem diz que termina ahi a acção da linguagem? Quem desconhece a sua importancia na construcção da consciencia, do mundo ideal, da pura imaginação? Tu, leitor? Pois lê a *Philosophie der symbolischen Formen*, vol. II, p. 47, de Cassirer, e verás que é a linguagem que se consegue distinguir nitidamente entre a fantasia e a realidade, a imagem e a cousa, o representado e o real, o que os estadios primitivos da consciencia confundiam.

Eis ahi a these do Prof. Cassirer. Ha nella muito de verdade, mas um pouco, tambem, de metaphysica. Pois não vae o linguista-philosopho ao ponto de, parodiando Spinoza, chamar á linguagem *forma formans*, e ao mundo objectivo, *forma formata*?

*

Já não é assim o Prof. Jordan, da Universidade de Munich, se bem que se tenha inspirado num grande metaphysico. Porque é de Leibniz que elle tira os elementos para o seu excellente trabalho sobre *A logica e a linguistica*. De Leibniz, do estudo acurado que fez da lingua e da dialectica chinezas, e da regra saussureana segundo a qual não se deve partir das palavras para definir as cousas.

Diz Jordan que os logicos, quando verificaram a fallencia da logica classica, quando reconheceram que o problema da abstracção é o problema central de toda logica, quando sentiram a fragilidade da lingua como base da logica, preferiram declarar o divorcio entre esta e a grammatica, em lugar de substituir a grammatica doutrinaria pela linguistica scientifica e objectiva, tomada como base de uma nova logica. Ora, sendo impossivel orientar a logica *deductivamente*, segundo a lingua, o que se impunha era orientar a lingua *inductivamente*, segundo as suas fontes, que são as cousas. E foi o que fez a linguistica. A grammatica ficticia e autoritaria transformou-se a pouco e pouco em linguistica critica e objectiva. Esta, sem duvida, não progredirá só por si, mas a cada passo irá assimilando os resultados da physica, da chimica, da biologia, da sociologia: do que resultará uma nova definição da logica, logica toda relativa e transformando-se á medida que forem avançando os nossos conhecimentos.

*

"Como conceber a relação organica do individual e do social na linguagem?" Questão eminentemente sociologica, que o professor da Universidade de Genebra, Albert Sechehaye, discute mais ou menos como já o fez, em sua *Logique sociale*, Gabriel Tarde, de quem o linguista em apreço deve ser discipulo. E assim como o trabalho de Tarde não nos satisfez, assim tão pouco nos satisfaz o do Prof. Sechehaye, o que não nos priva de admirar a sagacidade, a mestria, o brilho com que a questão é ahi debatida.

*

Mas se o thema supra-referido é, como dissemos, eminentemente sociologico, est'outro, *As relações da sociologia e da linguistica* — ou — *Durkheim e Ferdinand de Saussure*, o é eminentissimamente. Desenvolve-o o professor polonez Doroszewski, da Universidade de Varsovia, pretendendo, nada mais, nada menos, mostrar que a doutrina linguistica de Ferdinand de Saussure teve por modelo a theoria das "representações collectivas" de Durkheim; que a opposição da *lingua* á *palavra*, no *Curso* de Saussure, reflecte a opposição do *social* ao *individual*, na doutrina durkheimiana.

Não se comprehende que, sendo assim, o Prof. Do-

roszewski veja na obra de Saussure uma tentativa de conciliação das duas doutrinas oppostas de Durkheim e de Tarde, cuja famosa polemica diz o linguista de Varsovia saber, de fonte limpa, que foi acompanhada com profundo interesse por Saussure.

Mas não é só isso que é incomprehensivel no trabalho em questão. Para deixar bem patente como o discipulo seguiu fielmente o mestre, como o linguista soffreu a influencia do sociologo, Doroszewski analysa o "facto social" durkheimiano que serve de predicativo á "lingua" saussureana. Pois bem. Se é um postulado durkheimiano a necessidade de separar rigorosa e definitivamente da psychologia a sociologia, cujo dominio abrange "tudo o que concerne a mentalidade collectiva", e se muitos psychologos se têm interessado por essa mentalidade collectiva, isto é, se taes psychologos não reconhecem o postulado durkheimiano, que conclue disso tudo o Prof. Doroszewski? Que são *os proprios trabalhos de Durkheim* que nem sempre dão razão a seu postulado... E se Durkheim confessava que a "psychologia collectiva é toda a sociologia", e perguntava "porque não usar exclusivamente est'ultima expressão", isto é, porque não separar tambem pelo nome os dois dominios, reservando o de psychologia ao estudo dos phenomenos psychicos individuaes, que conclusão tira, ainda aqui, o philologo slavo? Que "é, assim, manifesto que a sociologia de Durkheim conservava, com a psychologia, relações intimas, indissoluveis mesmo, e isso em virtude do caracter de certas definições iniciaes, de que o Autor parece não ver todas as consequencias"...

Cousa extraordinaria, um professor polonez! Como se póde ser professor polonez?

*

Richard Paget, membro do Instituto de Physica de Londres e autor de *Human Speech*, illustra, a seguir, as paginas da collectanea com um original e optimo artigo sobre *A evolução da linguagem*. Firmado na *Expression of Emotions*, de Darwin, crê que a verdadeira natureza da linguagem falada está numa simples forma de um instincto animal fundamental: o instincto de expressão pela mimica do corpo. Do facto que a bocca e a lingua se movem, inconscientemente, ao mesmo tempo que as mãos nas crianças que aprendem a escrever, nalguns pianistas muito velhos ou muito jovens, em certos jogadores de bilhar e, até, em alguns jovens pugilistas, que põem a lingua para fóra com risco de perdel-a, tira Paget, como provavel, esta curiosa these: que o primitivo movia a bocca ao mesmo tempo que as mãos, e os seus primeiros movimentos mimicos controlados se acompanhavam de movimentos da bocca que produziam inconscientemente palavras, todas as vezes que o ar se expandia nas cavidades ou as atravessava e todas as vezes que elle fazia vibrar suas cordas vocaes no esforço de ser notado. Linguagem de actos e, portanto, linguagem universal, pois a mimica humana é, já de si, uma linguagem universal. E depois de varias considerações de ordem phonetica, etymologica e outras, Paget vê no conhecimento da verdadeira natureza da palavra humana "uma base racional para desenvolver e aperfeiçoar a arte de exprimir o pensamento pelos gestos buccaes, permittindo, assim, estabelecer, sobre solidos alicerces, uma lingua auxiliar internacional."

*

Mas eis que em artigo seguinte o som, que acaba de ser relegado pelo gesto, novamente *prend le dessus*. E é o professor viennense Karl Bühler que o rehabilita, tratando de *A onomatopéa e a funcção representativa da linguagem*. Não que elle pretenda, contra a generalidade dos linguistas, ser a onomatopéa a lei fundamental da edificação da linguagem. O que, antes, sustenta, é que não existe na linguagem um campo onomatopaico coherente, que a onomatopéa é do dominio da tolerancia, da liberdade individual, limitada, já se vê, pela "lingua" no sentido saussureano do termo. E' bem verdade que, diz o autor, o que se chama tolerancia é, na opinião de Herder e actualmente de Heinz Werner, um aspecto primaria authentico da funcção representativa da linguagem; e que hoje se nota um esforço no sentido de renovar o estudo da onomatopéa e de dar-lhe uma importancia que já ha muito ella perdeu em linguistica.

*

A imagem poetica e o inconsciente, de H. Pongs, Stuttgart, é uma longuissima excursão através da psychanalyse, da litteratura e do mysticismo. Entre as tantissimas virtudes que contém este trabalho, uma ha tão grande, que nos impede de descobrir as demais: é a virtude de fazer dormir.

*

Todos os artigos de que acima demos muito menos que uma idéa, e ainda muitos outros sobre bilinguismo, linguistica estatica, morphologia, syntaxe, phonologia, metrica, rythmo, terminologia grammatical, linguagem infantil e pathologia da linguagem, estão de reclamar, isto sim, a nota critica dos nossos technicos, dos nossos especialistas...

E é, portanto, como simples palliativo que te ministramos, paciente e leitor, estes comprimidos de psychologia da linguagem, manipulados *à la diable*, sem douraduras, mas, em compensação, innoxios.

V. de Miranda Reis.

A LAMPADA MARAVILHOSA

Saio de um amplexo de amor como de um sonho...

E no apartamento azul a luz diffusa
põe por toda parte uns tons de rosa.
Dir-se-ia aqui reclusa
lampada maravilhosa
enchendo o silencio e a noite de doçura...
Mas, alteando o peito
vejo alongada sobre o leito,
em prodigios de carne côr de rosa,
a forma pura do teu corpo nú
que assim illumina a noite escura.

A lampada maravilhosa
és tu!

Sobre o leito recaio. Estendo a mão até tocar-te, núa.
E o sonho continúa...

Abner Mourão.

P A R A D O X O

A palavra paradoxo está merecendo uma pagina de rehabilitação. O predilecto *bilboquet* de Wilde, recordista isolado nos volteios do brinquedo, vae perdendo a sua elegancia espherica n u m a deformação que ameaça facetal-o até á quadratura. A sua significação artistica, arrastada á ignominia de móda, soffre um abuso só comparavel ao daquella brasilidade despontuada que andou fazendo a felicidade dos poetas de sete mezes. Difficil de manejo, fugidio como um ouvido de agulha, o paradoxo exige, antes de mais nada, para ser comprehendido, que seja praticado. E decorre, necessariamente, da incapacidade de creal-o a incapacidade para sentil-o. Commumente, diariamente, os nossos escriptores, inclusive os notaveis, confundem a elegancia do paradoxo com a brutalidade dos contrastes. Ainda ha poucos dias, em *Litteratura*, escrevia o sr. Tristão de Athayde: "Cantar a belleza de um sapo, por exemplo, é um paradoxo". Os intellectuaes sisudos, os intellectuaes de ceremonia, não deviam aventurar-se por certas argolas pensis onde se exigem calções de meia e bôa dóse de azougue nas articulações. Cantar a belleza de um sapo fórma, quando muito, uma exquisitice, digna, sem duvida alguma, de uma intelligencia de charco ou de uma paixão de rã. Nunca um paradoxo.

Parece que foi Pitigrilli quem falou em esmagar os dedos no paradoxo. E Oscar Wilde, que abusou das inversões, sendo piedoso não inquirir se a sua arte foi uma consequencia da natureza, como desejariam freudeanos, ou se a natureza, nelle, foi uma copia da arte, como elle queria, definia o paradoxo nestes termos simples em que ha muito de complexidade subconsciente: "O paradoxo é a verdade em corda bamba".

Sente-se, para logo, na estructura destas phrases, a amarga experiencia dos paradoxalistas, a confissão artistica dos creadores insatisfeitos que se mortificaram entre a vaidade da innovação theorica e o sentido real da logica. Sim. Negando uma affirmativa ou contrariando um preconceito, as theses só são paradoxos quando conseguem o estabelecimento da duvida, quando conseguem affirmar a negativa. Quem conseguiria estabelecer duvidas sobre a fealdade de um sapo? Todo o esforço nesse sentido resultaria numa esdruxulice pessoal sem que a convicção contraria fosse abalada. Tental-o seria desenvolver uma extravagancia inexpressiva e não um paradoxo.

*

A caracteristica essencial do paradoxo póde envolver um subsidio para a psychanalyse. Falso ou não. Unicamente coincidente ou não. Mas se as barbas masculas do venerando Max Nordau nos defendem a virilidade, contrapondo-se á cutis do enamorado de lord Douglas, a verdade é que os paradoxos, depois de praticados, deixam a tristeza das anormalidades dissimuladas, a repulsa de um vicio satisfeito...

Desviando o curso normal de um conceito ou subvertendo as bases de um systema, as theses paradoxaes, como tudo o que se atira ao papel, promanam de uma discussão interior, provêm de intenso debate intimo, em que o paradoxalista acaba sacrificando a honestidade logica á seducção sophistica. O grande martyrio de quem crêa são as imperfeições que lhe podem ser apontadas, os pontos em que póde ser contestado. Escrevendo pensa-se mais no que não se quer escrever. (Keyserling erra quando affirma que "nada de realmente grande jámais brotou de um debate". Na cabeça do genio ha sempre dois genios teimando). Ora, quando Pitigrilli declara que "esmaga os dedos no paradoxo", evidentemente confessa as angustias do seu drama interior de anormal da arte, de homosexual da logica. O paradoxo é um avesso vistoso que illude os outros mas não illude o dono.

Recorrendo a uma chronica que estampamos no Estado do Amazonas, Estado que é uma especie de Groenlandia para os favores politicos e para as sancções litterarias, offerecemos aqui uma phrase que se desarticula tentando estabelecer a differença artistica que existe entre a subtileza do paradoxo e a desproporção violenta dos contrastes, subtileza que pouca gente distingue e que sobretudo não a distingue a gente bem trajada de estylo, cuja maioria traz á lembrança esses senhores que frequentam meios importantes só porque vestem bons ternos: "Contraste e paradoxo são parentes, na arte, como carvão e diamante, na mineralogia". Acima de tudo, porém, o paradoxo é uma irrealidade verosimil.

ALDO MORAES.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

Publicações do Museu Nacional

Deve constituir motivo de orgulho para todos nós, brasileiros, as publicações a que já nos habituou o Museu Nacional, sobretudo depois que á sua frente está a figura do Prof. Roquette-Pinto, em quem se reunem todas as qualidades de um verdadeiro scientista. Agora, temos em mão o volume XXXIII dos seus Archivos *e os volumes VIII e IX do seu* Boletim, *todos tres de texto rico e abundantissimo e com uma apresentação material que nada fica a dever ás congeneres publicações européas. O volume do* Archivo *é integralmente occupado por notaveis trabalhos do prof. Mello Leitão, cujo nome dispensa encomios, pois os seus numerosos estudos e descobertas no dominio das sciencias naturaes já lhe levaram o nome muito além das nossas fronteiras. Os fasciculos do* Boletim, *não menos valiosos, apresentam monographias e artigos assignados por outros vultos de igual tomo e entre os quaes convém assignalar os srs. Alipio de Miranda Ribeiro, J. A. Padberg Drenkpol, E. May, José Oiticica, além do já citado sr. Mello Leitão.*

João Ribeiro — **A lingua nacional** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Segunda edição de um volume em que esse eminente polygrapho discorre, com a amenidade que lhe é caracteristica, de sabio sem nenhum pedantismo, sobre as nossas expressões typicas, anecdotas e annexins peculiares ao nosso povo. Humanista e folklorista de indiscutivel agudeza intellectual, o sr. João Ribeiro explica-nos dezenas de coisas interessantes, e o faz sem carantonha desamavel, sem férula de pedagogo, com o ar apenas de quem troca idéas comnosco. Lel-o é sempre um prazer e um prazer de que sempre sahimos accrescidos de alguns conhecimentos novos.

"Em Surdina"

Ao leitor desprevenido parecerá extraordinario que de Maio para Dezembro tivesse a senhorita Lucia Miguel Pereira soffrido tão grande progresso como romancista. Em verdade progresso houve e notavel. Porém, o tempo que dista entre a factura de seus dois romances (*Maria Luiza* e *Em Surdina*) não é assim tão pequeno. Os originaes de *Maria Luiza* desde 1931 estavam com o editor Schmidt, apesar de só em Maio de 1933 apparecerem em volume. *Em Surdina* deve ter sido escripto este anno.

Neste livro a senhorita Lucia Miguel Pereira continúa a mesma escriptora brilhante, realmente *um dos melhores escriptores novos* do paiz, agilissima. E como no primeiro romance, nesse segundo a escriptora, a ensaista, continúa a fazer mal á romancista, se mettendo na vida desta, empatando que o romance saia sózinho sem explicações inuteis. São muito bonitas as explicações, muito certas ás vezes, muito bem escriptas, mas não têm nada com o romance.

Além das personagens que apparecem no livro, ha outra escondida a dizer conceitos, a explicar, a atrapalhar tudo.

Dahi a gente não ter impressão de vida, de homens e mulheres vivendo, andando, falando. Parecem fantoches. Nota-se atraz delles, apparecendo a cada momento no palco, a movimentadora daquillo tudo, que não contente com se metter na representação, ainda explica os passos dos seus bonecos, como se a elles faltasse vida para isso.

Continúo a esperar que a senhorita Lucia Miguel Pereira, intelligencia que honra a todos nós, moços que tentamos algo de melhor e de mais honesto nas lettras do Brasil, resolva ao escrever romances, deixar de lado as suas idéas preconcebidas, as suas explicações, tudo optimo para artigo e inutil nas paginas de um romance.

Sinto tambem que a romancista vive presa a um circulo de idéas das quaes não se pode libertar, o que lhe restringe as possibilidades, impedindo o desenvolvimento completo do romance, o aproveitamento de certos detalhes. Compromissos talvez, que roubam parte da independencia da escriptora.

Dentro de todas essas impossibilidades a senhorita Lucia Miguel Pereira realizou um notavel progresso do primeiro para o segundo romance.

Este é ainda um livro parado, cuja maior força reside na belleza, livro nada nervoso, repousante, sereno. Apesar disso, ha no volume muita construcção, um plano que foi executado. A derrocada daquella familia burgueza, de tradições, de dinheiro, de vida brilhante, está, sem duvida, completamente realizada, havendo ás vezes tal movimento da *familia*, que faz desapparecer os personagens individualmente. A descripção daquellas vidinhas futeis, inuteis, torna o livro, em certas paginas, desinteressante. Vidas que hoje não mais nos tocam, muito longe que já estamos dellas. Porém nada tem a burguezia a agradecer á senhorita Lucia Miguel Pereira desse seu carinho em descrevel-a, em procurar levantal-a como thema de romance. Porque resulta desse esforço a clara derrocada de uma classe, que não tem onde se pegar. A sua moral falha inteiramente. (E' preciso notar que a familia do Dr. Vieira é de principios rigidos e que as moças foram educadas em collegio de freiras). De um lado Heloisa se entrega ao adulterio, emquanto Claudio mette uma bala na cabeça, depois de jogar 130 contos. Antonio, symbolo maior da sua classe, junta dinheiro recusando até roupas á esposa. O Dr. Vieira é todo vaidade. A typica familia burgueza, de rigida moral. Duvido muito que esse livro, onde a personagem Lucia Miguel Pereira não conseguiu impor suas idéas e evitar o fracasso da moral que sua classe acceita, tenha as bençãos daquelles de quem a autora depende espiritualmente.

Muito longe um do outro, *Em Surdina* se sitúa, no momento presente, bem junto de *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade. Isso em relação á burguezia, da qual ambos descrevem a derrocada. Muito longe um do outro. Oswald de Andrade, intellectual da esquerda, tem por fim mostrar exactamente essa derrocada. Lucia Miguel Pereira, intellectual da direita, quer apenas contar a vida de uma senhorita meio litteratizada, e esbandalha com a sua classe.

Deixa uma esperança no fim: Deus.

Acho até que Deus não appareceu em todo o livro de proposito. Para ficar como esperança. Nota-se que se elle apparecesse, se a religião influisse mais nos personagens, nem por isso elles melhorariam e dariam outro rumo ás suas vidas. Porque a moral é a mesma e fracassa. Só para Cecilia a religião vem como uma necessidade. E' como um derivativo (é forçoso dizer) para os seus innumeros recalques, que vinham se amontoando desde a noite do Trianon com o cretinissimo Vieira até o namoro com o não menos cretino Arnaldo. A verdade é que ella precisava mesmo de casamento...

*

Voltemos ao romance como romance. E', fóra de toda duvida, um livro bom. Bem feito. Inteiramente executado. Podemos hoje saudar em Lucia Miguel Pereira uma romancista. Varias scenas perfeitas, se bem haja o abuso dos pensamentos de Cecilia, o que faz do livro um boccado romance em monologo. Porém, o que me agrada de facto é o rythmo do desabamento da felicidade da familia. E' admiravel, sem exaggero. Nenhuma precipitação, nenhuma nota forçada, nada. Tudo medido. A desgraça vem vindo e envolve a casa. Suavemente vae penetrando e destruindo tudo. As figuras seguem naturalmente os seus destinos que não podiam ser outros. Unicamente acho mal-feita a brusca mudança do tuberculoso João em romancista. Quando muito elle podia ficar litterato *nova geração*, com poeminhas dedicados a Ribeiro Couto.

Muito bem construida tambem a paixão de Paulo (aquelle Paulo que leu Barbusse e Romain Rolland sem os comprehender) e Cecilia culminando na notavel scena da gargalhada.

Emfim, um romance. O romance que se adivinhava em *Maria Luiza*. Com Octavio de Faria e José Lins do Rego, Lucia Miguel Pereira forma o grande trio dos moços intellectuaes da direita no Brasil. Entre um romancista e um ensaista ella faz o ensaio e o romance com uma finura de intelligencia que domina a todos nós.

JORGE AMADO.

Theoria do Romance Moderno

O abandono das fórmas classicas do romance pelo jogo de imagens da esthetica moderna reflecte o drama sentimental da litteratura do nosso tempo. Todas as cousas felizes ou infelizes caminham sob o olhar indifferente das multidões, cada vez mais ávidas de espectaculos materialistas, desattentas, incredulas, melancolicas. As metamorphoses sociaes, com as suas grandes lições de egoismo, as suas mentiras e as suas paixões selvagens, servem de ornamento ao romance, cujos themas se afastam cada vez mais dos centros civilizados para se nutrir de fabulas exoticas, heroismos impossiveis e abnegações clamorosas. O romancista vive em nossos dias da cinza das trincheiras, das miragens do oriente, das aventuras cosmopolitas ou das narrativas sombrias e crepusculares que envolvem o perfil de uma Eva eternamente escrava e revoltada. Bem sabemos o esforço dos romancistas para libertar o dialogo moderno das evocações do *clair de lune*, dessa afflictiva dôr de amar que torturou gerações magnificas e suscitou attitudes monstruosas de renuncia aos mais sadios appellos da energia, da bondade e da belleza. Albert Bérard inscreveu-se na *Marcha para o Abysmo* entre os espiritos latinos menos possuidos de bovarysmo e por isso mesmo mais aptos a traçar o itinerario do romance contemporaneo. Esse itinerario não póde ser uma equação mathematica, mas obra de puro arbitrio e artificio humano. Para construir os seus typos e personagens, Albert Bérard isolou-se da psychologia classica, bem saturada do espirito do nosso tempo, e que pretende vêr uma só "pessôa" no sêr humano. No conceito de Bérard, ha em cada um de nós, ligados por um vago eu, inconsistente e sobretudo physico, varias individualidades. Essa idéa deixa inteiramente de lado o vasto dominio do subconsciente e do inconsciente, pela impossibilidade da sua systematização. Mas o inconsciente participa de todas as acções humanas, dominando o individuo de accôrdo com o gráo da sua evolução psychica. O inconsciente, si bem que menos visivel, é talvez mais real, e, em todo caso, mais revelador que o consciente. Pelo fundo mesmo do romance, convém isolal-o das tendencias mesquinhas que o restringem e o abafam. Bérard considera-o a pintura exacta de uma época, a descripção da vida, a historia do presente. A missão social do romance deve ser analytica, e esse é o pensamento do agil dialogador da *Marcha para o Abysmo*: analysar as inclinações, as idéas, os costumes das differentes raças e zonas sociaes, e em cada um desses climas acompanhar a acção, escolher varios personagens-specimens, traçar a sua evolução sobre o plano da vida, consciente, inconsciente, vida apparente, vida occulta. Essa pluralidade de acções determina o sacrificio da famosa "atmosphera", artificio engenhoso inventado para augmentar a faculdade da illusão de um romance: os personagens se articulam com o meio, que, aos poucos, os envolve nos fluidos do ambiente. De *Juana, fille des Tropiques* a *Dans les Remous*, o romance de Albert Bérard se caracteriza como um claro fresco de nossa época decadente, e deante das forças materiaes que ameaçam absorver a civilização, a sua attitude é a de um historiador fino e tranquillo: *"Il faut vraiment que l'homme ne puisse éviter son destin, pour accepter alors le metier d'écrivain, qui fera des vibrations de ses nerfs un jeu habituel et cruel — qui les livrera à une foule curieuse, indifferente ou amusée"*.

*

A theoria do romance defendida por Albert Bérard resume todos os conflictos moraes dessa hora inhumana e hyperesthesiada do mundo. Distante de Henri Massis, que entende o romance como uma arte reservada a metaphysicos e iniciados, distante do proprio Malraux, cuja obra reflecte o eterno conflicto entre a razão e o sentimento, o autor de *La Marche à l'Abîme* despreza a realeza intellectual, procurando renovar os estimulos e as illusões dos que partilharam, com elle, o perigo das trincheiras. A desordem social e politica, a desarticulação dos centros culturaes, a angustia economica dos campos e das cidades, tudo isso dissolveu a ingenuidade emocional dos contos e das novellas de gosto lyrico. As theses moralistas, os episodios galantes e as historietas do bem e do mal não encontram ambiente senão entre os espiritos divorciados da realidade e estes desapparecem lentamente ao choque dos dramas nocturnos da existencia. Albert Bérard pretende ajustar a intelligencia a todas as manifestações do instincto creador. Theoria especiosa, sem duvida, mas expressiva como documento de uma phase de incertezas e desencantos, em que o homem enfrenta, destroçado e temeroso, o problema do proprio destino.

BEZERRA DE FREITAS.

Hamilton Nogueira — Freud e a renovação da psychologia — Edição do Centro Dom Vital — Rio, 1933.

Surgido nas letras ao lado de Jackson de Figueiredo, o sr. Hamilton Nogueira bem cedo se mostrou um espirito nobremente autonomo, dos que têm realmente alguma coisa a dizer e a dizem sem tremores de voz e sem recorrer á covardia dos circumloquios. Tendo obtido, graças a brilhante concurso, uma cadeira na Faculdade de Medicina, especializou-se elle em estudos de hygiene e seus escriptos a proposito de depopulação e malthusianismo são dos melhores entre nós, fazendo, como poucos, autoridade no assumpto.

Anteriormente um seu ensaio critico dedicado á obra e á personalidade de Jackson, tão discutidas sempre, chamara a attenção dos homens cultos do paiz, tanto quanto um outro trabalho do sr. Hamilton em que a theoria da pena de morte era analysada á luz das premissas philosophicas do ultramontano Joseph de Maistre.

Agora, este opusculo do nosso patricio, tão breve de paginas quanto carregado de substancia e significação moral, define muito bem o que ha de perduravel e o que ha de caduco nos postulados de Freud. A argumentação é de uma absoluta clareza e lealdade. Sem excessos sectarios, distingue-se aqui a boa contribuição scientifica do psychiatra de Vienna do que possa existir de romantico ou charlatanesco nas illações immoderadas de certos discipulos seus, desejosos de violentar o successo pelo escandalo.

Adverso a um exaggerado materialismo que só serviria para bestializar-nos a todos, o sr. Hamilton não esquece que, no mundo, além de Freud, ha um Bergson e não esquece que tambem no Brasil pensou e escreveu um Farias Brito.

Para elle, como para Giovanni Papini, o creador da psychanalyse será, mais que um estricto homem de sciencia, um artista, um imaginativo. Assim se revela, por exemplo, ao interpretar os sonhos do sr. Leonardo.

Em varias passagens do seu opusculo, o sr. Hamilton Nogueira cita o sr. Tristão de Athayde e nós outros só podemos rejubilar com a preeminencia, cada vez mais accentuada, que vae tomando a actividade mental deste illustre pensador brasileiro.

Sobre um romance que ainda não acabou

Já tinha lido em original o novo romance de José Lins do Rego. Sahi, porém, sem uma fixação exacta de sua grandeza. Parece que as provas circumstanciaes daquella tyrannica censura grammatical, a que o submettera o autor, feriam a sua saborosa integridade. Além do mais, o seu aspecto intimo de um caderno de memorias, que só devesse ser aberto pelos seus herdeiros directos, me dava a idéa de qualquer coisa estranha onde tivesse chegado como um hospede indesejavel, embora de passagem, mas sempre empurrado para fóra, como se estivesse vigiado por alguem. A intensidade psychologica do livro se dissolvia nesse estado de espirito e se derramava daquella brochura dactylographada que andou á procura de titulo pelas mãos dos srs. Olivio Montenegro e Gilberto Freyre.

Agora, porém, a obra de prelo me deixou á vontade, readquiriu a sua expressão integra, a sua homogenea totalidade, parecendo-me porisso que um livro lido em original é quasi sempre lido pela metade.

O novo romance do escriptor parahybano (que não é catholico nem proletario) é a continuação de um depoimento de psychologia infantil iniciado em *Menino de Engenho*, sahido sem sacrificio, como uma coisa que a gente tem necessidade quasi clinica de contar aos outros para alliviar-se della ou dividir-se na cumplicidade com terceiros. E' a historia commum dos internatos com os seus sujos corredores e dormitorios povoados de angustias infantis; a mesma historia dos collegios de provincia sem methodos pedagogicos, sem salas ambientes, sem technicos pedantes, sem amor, sem doçura, sem cordialidade; a mesma psychologia dos desencantamentos precoces, dos castigos grosseiros e da incomprehensão dos que vivem dentro para com os que chegam de fóra.

Ahi, porém, o seu heróe perde um pouco da affirmação primitiva, se diffunde com facilidade, se generaliza no meio. O seu heróe passa a ser um phenomeno psychologico ordinario na atmosphera densa do internato. Não é que Doidinho seja um heróe sem caracter. Caracter elle tem até demais. Mas é que elle já chegou perdido no collegio e ahi não se leva em conta o que ficou atraz. Elle trazia arrumadas na alma mais perdições e desesperos do que anseios de uma vida nova. A sua existencia era mais intensa e mais soffrida do que a dos outros. Elle tinha trazido comsigo pessimos companheiros de solidão, uma grande bagagem de tragedia, superstições e heranças ruins: o assassinato de sua mãe, a loucura do pae, a convivencia com os negros da senzala, as noites mal dormidas de puxado, as suas meditações antes de tempo — meditações de gente grande —, a lembrança dos "retiros lubricos com a negra Luiza — o seu anjo mau" — e dos encontros com Zefa Cajá que o carregára de doenças do mundo, por fim toda a contagiosa cumplicidade da vida solta do engenho que se agarrara á sua alma de menino envelhecido antes de tempo. Só por isso elle era differente dos outros, porque até ahi só se parecia comsigo mesmo. Agora, porém, se assemelha aos demais e passa a ser igual a quasi todos os meninos de sua idade, carregado do mesmo drama de desesperos e inadaptação.

No internato, elle fracassou como exemplo de vida, como affirmação pessoal, directa. Dahi a sua desintegração. Elle estava muito preso atraz. Tudo o que fez no collegio é menos intenso do que na vida de engenho. Até nos seus amores, regredira a uma inesperada pureza de anjo, depois de tanta precocidade, de tanta coisa mal feita. Maria Luiza deveria ter vindo certamente muito antes da sua prima de Recife. Talvez o autor tenha culpa disso, porque está se poupando a si proprio e Carlinhos vae ficando homem.

O internato reduz quasi sempre o caracter ao mesmo tamanho. Aquelle salão de estudos para todos, a mesa grande de jantar para todos, o dormitorio para todos, forçaram, sem duvida, a sua expressão pessoal a dimensões exactas. A sua victoria, a sua verdadeira affirmação consistiria em tornar-se maior do que o meio, agindo de dentro de si mesmo para fóra, ou recorrendo á revolta de que andou perto muitas vezes, nos seus aturdimentos, mas que logo se desfazia como qualquer coisa inconsistente, sem raizes, sem direcção intima e profunda. Porisso se diminuiu demais. Chegou mesmo a ser menor do que os outros que eram realmente menores do que elle. Aquella admiração facil pelo Coruja, com a eleição rapida de um idolo da sua idade, resulta em mais um recuo de affirmação individual. A sua falta de reacção só encontrou uma sahida — a fuga. E essa evasão, aquelle impertinente desejo de voltar a um estado primitivo, de desapparecer, nada mais foi do que a ausencia de heroismo para realizar-se, para affirmar-se no meio.

Já o contrario aconteceu com o autor. Elle conseguiu, sem duvida, ser maior no internato do que no engenho, embora só se tivesse preoccupado com o seu heróe. A fraqueza de Doidinho foi uma coisa independente de sua vontade. Teve, porém, uma vantagem. Fez crescer os outros aos nossos olhos. *Seu* Maciel é um grande typo. Não lhe falta nada. Elle tem todos os defeitos e virtudes artificiaes dos directores de internato de provincia. No fundo, porém, era um bom. O internato é que o fazia ruim. Aliás, o proprio autor o rehabilita, mostrando-o por dentro, num estado de doçura estranha, quando o collegio ficava vasio, no periodo de férias. Aurelio, o desventurado papa-figos, foi muito deformado e perseguido pelo escriptor que só o via por fóra. Apenas elle, porém, conseguiu ser grande no internato. Não teve realmente um gesto maior, porque viveu sempre trancado. Em compensação, deixou um admiravel exemplo de humildade, dentro do quarto escuro do seu espirito. Sem complicações interiores, sem receber a visita incommoda de qualquer inquietação, viveu e morreu como um anjo. Um pobre anjo feio, inchado e amarello de ictericia, que deve ter voado sem azas para o céu.

Até os outros de fóra, os que ficaram no engenho, o velho Zé Paulino, a tia Sinházinha, crescem no internato. Sem que ninguem se interessasse por elles. Em resumo: José Lins do Rego creou na litteratura brasileira uma familia de typos com quem a gente já se acostumou, já pegou de amizade, como se fossem parentes proximos. E o seu segundo romance acaba, como na bôa technica de cinema em série, interessando-nos pelo que está adiante, pelo que virá depois.

De Cavalcanti Freitas.

J. Kessel - "LUXURIA"

(EXCERPTO)

Seria difficil relatar as horas em que, naquella tarde, Severina ficou á espera de Pedro. Eram iguaes a impaciencia e o pavor com que ella desejava revel-o. Já teria sabido? Husson talvez conhecesse o endereço do seu consultorio e deixando a casa de Mme. Anais... De repente, Severina recordou-se que elle e Husson eram socios de um mesmo club sportivo. Verdade era que Pedro quasi não o frequentava; mas não se poderia dar que, justamente naquelle dia, elle fosse até lá?

O terror, levado ao auge, tem este ponto de contacto com o ciume: para quem o soffre, o que é menos provavel é o que se torna certeza. As successivas hypotheses abordadas por Severina, transformavam-se logo em factos. Já não podia duvidar do desastre. Aquelle medo completo, irracional, teve por effeito, desde os primeiros instantes do seu martyrio, impôr a Severina, como uma verdade immanente, a convicção de que Husson contaria. Que principios, que moral poderiam contel-o? Já não tinha ella experimentado a inefficacia desses freios? Não se tinha elle poupado de qualquer condescendencia para com ella, quando a considerava seu sosia em perversidade? Certamente, elle contaria. Quando? Isto era apenas questão do demonio que elle trazia comsigo, igual áquelle que tambem já vivera nella.

Pobre creatura de olhos aridos e inflammados... Ninguem, a não ser ella, poude medir com que vehemencia, mas tambem com que insanidade, ella pensou na sua luxuria implacavel. Mas não tinha remorsos nem pesares. E' que sempre sentira, a cada um dos seus passos incertos, aquella impiedosa mão afundando-se-lhe nas carnes e arrastando-a por vallos e vallos cada vez mais profundos. Comtudo, dessa mesma estrada escaldante e enlameada, de novo ella teria vencido todos os lances se o destino lhe permittisse um reinicio de vida. Isto ella sentia. Disto, ella tinha certeza. Assim, na angustia extrema, de tudo a despojavam: até do doce consolo do arrependimento, até do prazer de odiar Husson. Por seu turno, este seguia o seu caminho, aquelle que lhe tinham traçado as divindades interdictas e mortaes.

Sem duvida, era culpada, mas o castigo que a iria esmagar, não estava de accordo com sua falta, comparavel á de alguem que, tendo a cabeça fraca, titubeia e cáe num instante de vertigem. A percepção desta injustiça fazia com que o pavor de Severina não tivesse por unico motivo o que poderia succeder a ella e a Pedro, mas ainda a percepção de um tenebroso universo que tinha posto á sua frente larvas e gnomos, gigantes e sortilegios. E de tempos a tempos, como uma creança perdida, ella chorava baixinho.

O instincto de defender o seu amor até o absurdo (era esta a sua convicção) empolgava-a tanto, que Severina adivinhou a approximação de Pedro e teve forças para reanimar com artificios o seu rosto desfeito. Mas não conseguiu ir ao seu encontro. Todos os movimentos que ella estava habituada a ouvil-o fazer, repercutiam-lhe no peito em choques surdos. Elle tinha tirado o chapéo, parara deante do espelho do vestibulo... Como sempre? Talvez como sempre, ou, talvez, tambem, para conter sentimentos por demais selvagens ou dilacerantes. Com a respiração suspensa, Severina fixava a porta por onde elle devia entrar. Saberia logo. Cada segundo trazia-lhe uma certeza mais funesta. Por que Husson esperaria? Ella conhecia a força dos arroubos que ninguem governa, que zombam de tudo... Dir-se-ia que grandes insetos lhe arranhavam as temporas. Mas, de repente, não sentiu mais aquella impressão. Voltava-se a maçaneta.

Se Severina não tivesse percebido o caracter provisorio do maravilhoso allivio que a visitara, teria abençoado os tormentos que tinham sido a sua causa. Como um jacto d'agua que se reprime e volta de novo a jorrar em pleno impeto, assim a vida se expandiu por todo o corpo de Severina. Até o dia sequinte poderia ter socego. Pedro sorria-lhe. Pedro beijava-a. A onda de felicidade chegou-lhe aos olhos em lagrimas puras e discretas.

Passaram a noite juntos. Quando Pedro adormeceu, ella solevou-se ligeiramente. Não queria dormir. Não é com a recordação de tudo o que amou que um condemnado á morte acalenta os seus ultimos instantes? Severina ouviu a respiração de Pedro.

— Elle é meu... ainda é meu... disse ella. Mas vae-se embora...

Aquelle bello corpo, aquelle bello rosto, aquelle coração tão cheio della, tudo muito breve estaria devastado. Severina, inclinada sobre os cabellos de Pedro, murmurou quasi inconscientemente:

— Queridinho, meu filhinho, não soffras muito quando souberes. Por que? Mas porque? Parece que eu te amo com um amor ainda maior. E dizer-se que sem isto tudo eu não teria sabido. Não soffras muito, portanto. Eu não poderei, não aguentarei... Deixou-se cahir sobre o travesseiro. Chorava por elle, por ella, pela condição humana que divide a carne e a alma em dois compartimentos estanques, miseria que cada um traz em si, mas não perdôa em outrem.

Depois, recordou-se do que lhes fôra a vida em commum. Detalhes infimos, que ella suppunha esquecidos para sempre, vieram-lhe á memoria. A cada um que lhe acudia, ella achegava-se mais do hombro de Pedro, da sua cabeça, e repetia como numa encantação:

— Não soffra muito, muito... Faça de mim o que quizer, comtanto que você não soffra muito.

No meio dessas recordações, entre angustias e supplicas, viu o dia amanhecer. Já uma vez, depois da sua primeira ida á casa de Mme. Anais, Severina acreditara que aquella luz indecisa poria termo ás suas esperanças. Chegou a apiedar-se daquelle terror infantil. Como era então innocente, para temer que sem indicios pudesse ser descoberta! Naquella occasião, tudo dependia della, ao passo que hoje... Um outro, com uma só palavra, podia corromper com a vasa mais immunda a vida mais terna. E esta palavra seria pronunciada. Husson não resistiria ao prazer que se lhe trahia naquella inesquecivel vibração das palpebras.

Parou de pensar. Pedro estava acordando. Como fôra curta aquella noite!

(Trad. de Gastão Cruls).

O novo livro de Jorge de Lima

Com *O Anjo* — que eu li ha pouco tempo no original — Jorge de Lima vae dar o que de mais extranho se fez no Brasil em materia de romance. E', antes de tudo, um romance que foge ao commum da expressão plastica do romance actual. *O Anjo* tem mais é de uma divagação lyrica, de uma aventura essencialmente poetica. Nelle Jorge de Lima entregou-se a uma evasão, a uma fuga de extraordinaria belleza.

No fundo é facil discordar-se dessa litteratura de evasão, desse simples movimento de libertação de um distrahido da vida. De um que, pelo menos, quer distrahir-se. Tem o mundo realmente muita cousa de dramatico, de complexo, de informe até, que espera de nós mesmos uma solução ou seja um esforço pela solução. E o devaneio do lyrismo liberto, a *promenade au pays inconnu* tem tudo, na verdade, de uma covardia. Mas, afinal, precisamos dar ao poeta essa liberdade de olhar o mundo de sua janella, uma vez por outra. Antes, restituir um direito, este de deixal-o viver com os seus sonhos nos olhos insondaveis.

Jorge de Lima, pensando bem, até não crystalizou no *Anjo* nenhum delirio, nenhuma divagação abstracta de somnambulo. Não se "suicidou", como lá diz Mario de Andrade. O que elle realizou — e o que transmittiu ás suas paginas uma vibração intensa, um tom de voz de nos provocar as mais differentes e subitas reacções — foi um momento de raro e rico lyrismo. Um desses momentos em que o homem de nosso tempo — o importante, o dos bons negocios, o carregado de embrulhos ou o que aproveita pontas de cigarro — attinge o seu "climax" de superioridade, o seu maximo de belleza criando um mundo *au dessus de la mêlée* e dando delle retratos para o mundo real e melancolico dos outros.

Receio que vão achar na historia-poema de Jorge de Lima processos de factura iguaes aos tão surprehendentes do *surréalisme*. Será o que de peor poderá acontecer ao poeta, essa confusão. Bem distante dos modos de compôr de Breton e etc. anda Jorge de Lima. Não attinge, nem quiz decerto attingir o estado de lyrismo absoluto a que os superrealistas chegam com o seu tumulto, a sua arbitrariedade, o seu tratamento pessoal de revolucionarios. Para alcançar o fortemente communicativo de sua "acção lyrica", por assim dizer, elle não se abandona ás peripecias muita vez mortaes da imaginação, se encantando com o jogo mecanico da composição; não quer chegar ao *au delà du réel*. Apenas o real é que nelle tem uma força exquisita de impressionar, um modo extranhissimo de nos perturbar. Jorge de Lima attinge o real no seu ponto mais sensivelmente lyrico, como Chaplin por exemplo.

O que é, portanto, accessivel a Jorge de Lima, é aquella realidade poetica dos factos e não a sua realidade historica, de que já nos falou admiravelmente Duhamel num recente ensaio na *Nouvelle Revue Française*. Uma realidade que vem de dentro para fóra, da sensibilidade do poeta para o mundo. Realidade que é carne e sangue vivo de certas paginas de Mauriac, as de mais chocante belleza, talvez. E que é, no final das contas, a que no intimo nos perturba mais que o real crú do documentario, porque nos desperta cousas que ignoravamos existissem dentro de nós, adormecidas mas sempre de somno leve para essas communicações para que a poesia tem uma linguagem universal com um vocabulario particular. Através, assim, dessa visão lyrica das cousas, Jorge de Lima alcança aquelle ponto ideal, aquelle *plus réel que le réel* de Cocteau, que é bem util citar aqui.

Já que ha pouco falei por acaso em Chaplin, devo lembrar que *O Anjo* tem muito de cinema. Do cinema chaplineano, que é onde a vida se retrata na sua mais poetica e mais pura physionomia. Até mesmo da technica do cinema Jorge de Lima se aproveitou para a exquisita factura desse seu proximo livro: certas fusões, certos angulos, certos processos de composição, emfim, que são typicos da expressão plastica do cinema.

O Anjo, no fundo, se parece com Carlitos. Não é elle, como talvez acreditarão, uma figura inexistente e imponderavel, mas sim um homem em carne e osso, mas desses que só uma vez encontramos na vida, de olhos tristes e ternos, de alma candida e sempre em appetite para o amor mais exaltado. Embora com as suas "omoplatas salientes em fórma de azas", o Anjo existe na realidade, vive anonymo o seu destino humilde e a sua bondade sem limite. Vive para sentir a felicidade dos outros, ou antes para, exhibindo a mais melancolica vida de abandono, dar aos outros a medida de sua felicidade. Vive para um dia apanhar na rua um lenço que vôa, como na primeira pagina do livro de Jorge de Lima. Ou para fazer verem uma ventura infinita os olhos cegos e infinitamente desgraçados do heroe do romance, como na ultima pagina. O Anjo vive como vive o Carlitos de *Luzes da Cidade*.

VALDEMAR CAVALCANTI.

Guilherme de Almeida — **O meu Portugal** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Prosa lyrica de um poeta que, indo a Portugal, não foi "conhecendo", mas "reconhecendo" esse paiz. Cada pagina é uma exaltação dithyrambica ás paizagens e ás populações lusitanas. O tumulo de dom Diniz, o fado, a Feira da Ladra, inspiram ao sr. Guilherme de Almeida considerações das mais vehementes, em que não ha propriamente critica historica, mas o desejo de crear belleza a proposito de um paiz que deu alguns dos melhores troveiros e fantasistas romanticos da Europa. Livro bem impresso e capa finamente estylizada á portugueza.

Darcy Azambuja — **A racionalização da democracia** — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1933.

O sr. Darcy Azambuja estreou nas lettras com um magnifico livro de contos, intitulado *No galpão*. Era uma formosa série de narrações de caracter regional, mas com uma intensidade de emoção humana que tornava a collectanea accessivel aos leitores de qualquer outra zona do paiz. Homens e bichos da linda terra gaúcha viviam fraternalmente nesse livro. Aventuras de guascas intrepidos desenvolviam-se em retalhos de paizagem muito bem descriptos pelo autor e, a certa altura, a historia de um cavallo, contada em paginas inolvidaveis, possuia realmente qualquer coisa de Tolstoi quando fala dos animaes da esteppe russa.

Depois dessa victoriosa entrada na litteratura, o joven escriptor sul-riograndense voltou-se para o jornalismo politico e, muito merecidamente, obteve um logar de destaque entre os que fazem um governo lucido e criterioso em sua região. Nós outros não podemos deixar de lamentar que o sr. Darcy Azambuja não prosiga nas bellas evocações campestres em que se revelou um feliz discipulo do Simões Lopes Netto do *Negrinho do pastoreio*. Mas o caso é que este seu volume de agora, *A racionalização da democracia*, encerra muitos trechos substanciosos no que diz respeito ao Estado nordestino, ao parlamentarismo e aos conselhos technicos na representação profissional.

"CIMENTO", o romance da revolução

A litteratura, ao contrario da philosophia, não antecipa, nem acompanha os acontecimentos sociaes: segue atraz delles. Balzac é o historiador da grande burguezia sahida da revolução franceza. Zola é o photographo das primeiras lutas do proletariado industrial ainda mal organizado.

Em relação á revolução russa, constata-se que a litteratura revolucionaria surgiu depois dos annos mais intensos da guerra civil e como um commentario posterior da lucta. Na Russia, a profundeza do furacão revolucionario foi de tal ordem que a propria arte prerevolucionaria, ligada á antiga ordem social e á velha classe dominante, emigrou com os vencidos, tornando-se reaccionaria. O caso de Leonidas Andreieff é typico a esse respeito. A maioria de seus artistas, arrancada do solo burguez que os alimentava, sentiu a vertigem do vacuo social que se fez em torno delles, e cahiu nas convulsões do mysticismo.

As novas gerações litterarias russas foram inspiradas, mais do que isso, foram plasmadas pela revolução de 1917. E não foi por acaso, conforme a feliz observação de Victor Serge, que os escriptores sovieticos não produziram durante esses annos um unico romance de amor. As massas, desmoronadas as barreiras que as separavam da cultura, "pedem aos escriptores opiniões, idéas, exemplos, até conselhos; as massas esperam que os escriptores exprimam aquillo que ellas não sabem exprimir. O grande escriptor de uma época ou de uma hora fala por milhões de homens sem voz." (Victor Serge).

Isso explica melhor que todo um tratado, o enredo, as personagens, os dialogos, até mesmo as paizagens de quasi toda a litteratura post-revolucionaria. E nos diz porque esse extranho e, ao mesmo tempo, tão verdadeiro romance de Fédor Gladkov, que acaba de ser editado em portuguez pela Unitas, já tomou um lugar destacado entre as melhores obras da joven litteratura sovietica. E' uma obra da phase por assim dizer heroica dessa litteratura, que apenas se iniciava, na espontaneidade e nas hesitações de seus primeiros passos. Ainda não levava a chancella official de producção estatal.

Cimento é mais do que um romance: é historia e epopéa. E' um pedaço vivo da historia dos annos mais rudes e difficeis do regime bolchevista; é a epopéa do trabalhador russo, enfrentando e vencendo sózinho a batalha gigantesca pela reconstrucção economica e a batalha sangrenta pela liquidação das ultimas quadrilhas de bandoleiros brancos, esses restos sobreviventes de uma civilização em agonia.

O protagonista, se assim se póde chamar, do romance de Gladkov, é uma fabrica de cimento abandonada pelos successos da revolução, sabotada pelos engenheiros do antigo regime, e saqueada, primeiramente, pelos czaristas, e, mais tarde, pelos proprios operarios que, ao vel-a alli enferrujando-se e inerte, perdida toda esperança em seu renascimento, vão aos poucos despojando-a de seus ferros e de suas machinas, de suas pedras, em beneficio pessoal, como, por exemplo, para fazer isqueiros.

Um operario, Glieb, (um heróe qualquer e não um heróe de Carlyle ou de Barrès) volta da frente, onde durante tres annos combateu sem mercê os generaes do Czar e os exercitos da *Entente*, e emprehende a obra titanica da resurreição da fabrica. Esse thema é mesmo da revolução social russa. Apesar dos excessos de tiradas litterarias de que por vezes abusa o autor, a sua descripção é palpitante e attinge não raro a uma grande força evocadora; ha aqui e acolá quadros e scenas de grande intensidade dramatica e real.

Glieb, o trabalhador de aço da geração revolucionaria, levantado acima de si mesmo pelo sopro criador da revolução, sente que os operarios da sua cidade ainda não foram tocados até o fundo: a revolução ainda não despertou nelles a vontade cyclopica de transformar o mundo, ainda não lhes forjou a alma proletaria de que carecem. A miseria e a sujeira physicas continuam a cobrir-lhes o espirito como no passado. O instincto proletario de Glieb sabe onde está o mal: é preciso que a fabrica se reerga. A consciencia constructora de classe do proletariado está alli naquelle amontoado de pedras e ferros, coberto pelo musgo, arruinado pela rotina do tempo. A fabrica revivida, os seus companheiros terão a sensação de defenderem alguma coisa de real, de tangivel, e não idéas abstractas. Glieb vae pôr em pratica a palavra de ordem de Lenine: a salvação está no maximo de iniciativa das massas. E este é, de facto, o sentido profundo da revolução.

A luta mais dura do soldado vermelho vae começar. A revolução não é só o heroismo um tanto espectacular das barricadas, não é só a elevação do povo a um estadio superior de consciencia, nem a exaltação da vontade collectiva. E' tambem a subida á tona da vasa humana libertada, o sacrificio de innocentes, a separação brutal com o passado, as relações mais contradictorias dentro de cada individuo açoitado pelo turbilhão social, o tripudio e o esmagamento, sem piedade, de sentimentos individuaes muitas vezes mais puros, ou legitimos, etc. O livro de Gladkov mostra esses aspectos todos da revolução, a sua passagem gloriosa pelas massas e a sua passagem muitas vezes dolorosa através dos individuos isolados. O revolucionario verdadeiro é aquelle que, apesar de todos esses processos contradictorios, segue para a frente, guiado pela logica interna, implacavel, da necessidade revolucionaria, como o operario Glieb. Elle volta para casa, depois de tantos annos de lucta, e não encontra mais em Dacha, alli deante delle tão viva e presente, a sua mulher de outrora. A revolução passou tambem por dentro de Dacha, que é hoje uma irreprochavel militante totalmente devotada á causa. Glieb estrebucha deante desse seu "drama" sentimental, e passa adiante.

Mas o inimigo mais terrivel para elle não está na sua tragedia pessoal. Não está tambem na desidia, na ignorancia, dos seus companheiros operarios, nem na falta de collaboração dos technicos: Glieb conhece os meios de fazer toda essa gente andar. Está no perigo da ossificação da propria revolução: na burocracia. A revolução vae entrar no seu periodo de crescimento mais difficil: a passagem da guerra civil e do communismo de guerra para a restauração economica e a Nep. Os elementos burocraticos enchem-se de importancia e, o que é peor, se fazem necessarios pelas exigencias automaticas da administração e pela pobreza dos elementos proletarios qualificados. A burocracia domina a cidade, e tenta barrar o passo ás iniciativas fecundas de Glieb.

Desde o inicio da revolução, a burocracia é a roda que emperra, e muitas vezes tem conseguido deter a marcha e o enthusiasmo da elite consciente do proletariado. Na cidade de Glieb, ella tem as rédeas dos Soviets nas mãos e não se preoccupa com os interesses vitaes da cidade e da producção que estanca: os burocratas preferem viver á custa do mujik, sem nada mais produzir. O mujik é a besta de carga que elles escorcham. O meio de producção que conhecem é a expedição dos agentes da Tcheka para espoliar o mujik, tratado por estes como um adversario.

Schramm, o burocrata typico, na sua estupidez criminosa, não faz rir como o *rond-de-cuir* de Courteline, mas dá nojo e desperta odio. Esse é um dos lados mais interessantes de *Cimento* e que o torna um dos documentaes mais authenticos sobre a revolução. Os erros e defeitos do novo regime não são escamoteados, a realidade não é idealizada, nelle não ha só communistas sympathicos e nobres. Ha tambem os que são aproveitadores e antipathicos, e ha tambem um commandante de bandoleiros brancos que é cavalheiresco e um coronel czarista que sabe sorrir deante dos fuzis da justiça proletaria.

A objectividade critica é um dos traços mais attrahentes de *Cimento*, obra de um homem que vestiu a farda de soldado vermelho e que chegou a ser militante na época heroica.

Os limites habituaes do romance são aqui dilatados até tomar as proporções de epopéa. Ha varios romances dentro delle. Ha episodios que dariam por si só outro romance. Os technicos e profissionaes da arte do romance acharão talvez que isso seja um defeito irreparavel. Mas o rythmo largo, epopeico, do livro dilue esse defeito de composição e a amplidão do thema a legitima. A tragedia intima de Glieb, que ama ainda a companheira e esposa de hontem e que a vê entre os braços de Badyn, o funccionario importante, conquistador de mulheres, daria materia para um requintado romance psychologico cheio de subtilezas á franceza...

Este livro humano é a visão da revolução proletaria vista por um proletario, vista de dentro do seu mecanismo interno, e em certos de seus grandes aspectos exteriores. Elle demonstra tambem que esta revolução não é sómente, ao contrario do que escreve Emmanuel Berl, o facto de *"retirer les machines des mains du bourgeois devenu incapable de les conduire pour les remettre entre les mains du prolétaire devenu capable de les organiser."*

O escriptor "proletario" tem uma missão, e para ser digno della, deve ser o porta-voz incorruptivel da sua classe, e não o bajulador ou o chronista official do "apparelho", installado no lugar de mando. Na Russia de hoje, talvez não seja mais possivel a publicação de um livro honesto e corajoso como *Cimento*. Entretanto, esta obra, inspirada ainda nos tempos heroicos do communismo de guerra, nos tempos de Lenine e de Trotsky, existe, e deve ser lida para se comprehender intimamente uma geração e uma época que "abalaram", mesmo se não conseguiram destruil-o totalmente, um mundo de exploração e de crises.

MARIO PEDROSA.

A apparecer por estes dias:

LAMPEÃO

O sensacional livro de RANULPHO PRATA

PREMIOS LITTERARIOS

O premio Nobel, de litteratura, coube este anno ao escriptor russo Ivan Bounine. Ainda que senhor de copiosa bibliographia, este nome é quasi desconhecido entre nós, onde poucas das suas obras, já vertidas para o francez, lograram divulgação. Russo branco e, a mais, aristocrata e precioso, será a antithese de Gorki, reunindo para muitos serios pontos de contacto, na feição da obra litteraria, com o seu patricio Turguenieff. Autor de numerosos contos e novellas, entre os quaes se destacam O senhor de São Francisco, A aldeia, O primeiro amor, A Rosa de Jericó *e* A taça da vida, *Bounine, entretanto, até hoje só escreveu um romance:* O amor de Mytia.

— *André Malraux que acaba de obter o premio Goncourt, com o romance* La Condition Humaine, *começou a crear prestigio nas lettras européas lá pelas alturas de 1928. E' um perspicaz ensaista e as suas paginas sobre Bernanos e outros, insertas em* La Nouvelle Revue Française, *indicaram haver nelle um bom critico da technica da narração á moderna. Mas não se deteve elle no terreno do julgamento ás obras alheias e entrou tambem a crear por conta propria. Seu romance* Les Conquérants, *estampado de inicio naquella mesma revista parisiense, tornou manifesto em Malraux, a existencia de um espirito tão comprehensivo quanto constructor. Esse livro — coisa muito frequente entre os gaulezes de hoje — corre para a tonalidade exotica. Pullulam nelle as entrevisões de paizagem e as silhuetas humanas de recantos como Hong-Kong, e as ilhas, os rios mysteriosos, as immensas planuras onde os arrozaes verdejam, servem de scenario aos episodios em que homens complicados do Occidente se põem em luta com as creaturas não menos complicadas do Oriente. Ha nesse livro tres ou quatro especies de aventureiros: os que julgam a China apenas um bello espectaculo, rico de bizarros imprevistos e os que a reputam um campo magnifico para experiencias revolucionarias. E, á distancia, querendo dirigir a vida da Asia, os debates, tantas vezes inuteis, das rumorosas e pretenciosas assembléas da Europa... A rigor, os livros de André Malraux não passam de altas e fortes reportagens. Mas, neste momento em que a litteratura é acima de tudo "informação" moral e racial, nada mais proveitoso que uma reportagem bem feita. E ao proprio Kipling, lembrando as suas antigas tarefas de jornalista, não houve quem chamasse de "reporter sublimado"?*

— *Pela mrimeira vez, este anno, o premio da* Europe Nouvelle *foi conferido á uma mulher. Trata-se da escriptora Andrée Viollis, que o conquistou com o interessante livro* Le Japon et son Empire. *Andrée Viollis já havia escripto* Shangai, destin de la Chine, *que mereceu circumstanciado commentario de um dos nossos collaboradores.*

— *O premio Albert Londres, não ha muito creado na França em memoria do desditoso escriptor morto no incendio do navio "Georges Philipart", visa áquelles que como o seu patrono se distinguirem na carreira jornalistica. Obteve-o, este anno, Emile Coudroyer, que vem assignando brilhantes e sensacionaes reportagens no* Le Journal, *e escreveu* La Maison du Grand Silence.

— *A Jean Lebrau, autor de varias collectaneas de versos que lograram grande exito, como* Images de Moux, Ciel sur la Garrigue, *o jury* Moreas *distinguiu com o valor do seu premio, na importancia de cinco mil francos.*

Orlando M. Carvalho — **Ensaios de politica economica** — Edição dos "Amigos do Livro" — Bello Horizonte, 1933.

E' um novo livro da collecção em que já appareceram excellentes volumes dos srs. Eduardo Frieiro, João Alfonsus, Oscar Mendes, Carlos Drummond de Andrade e outros. Este agora representa uma série de ensaios sobre a educação rural em Minas e sobre o nordeste do Brasil. Conhecendo a relevancia dos estudos comparativos, o autor alonga o seu exame de sociologo por varias regiões e, mesmo sem parallelos absurdos, sem confrontos odiosos, põe, em presença uns do outros, os resultados colhidos pela pedagogia em zonas de tradições e mentalidade tão diversas. Documentando-se impessoal, objectivamente, o sr. Orlando M. Carvalho fala do ensino em Pernambuco ou em terras fluminenses com o mesmo objectivo de depôr honradamente a respeito, sem que o desvairem tendencias regionalistas de qualquer especie. Apenas, a certa altura, é um tanto amargo com os sergipanos e os maranhenses. De qualquer modo, veiu elle ás lettras esperançoso de que o Brasil consiga a sua redempção moral, de extremo a extremo, pela instrucção e pelo trabalho.

Baptista Pereira — O BRASIL E O ANTI-SEMITISMO

Os phenomenos da psychologia collectiva são de complexidade deveras surprehendente.

Quem logrará comprehender os mysterios dos poderosos motivos, que arrastam grande parte da opinião brasileira para tudo o que é allemão? Durante a guerra, conscientemente, marchamos ao lado das potencias, cuja causa de liberdade fizemos nossa tambem. E fizemol-o com justificado enthusiasmo. Após, de subito, começamos a ser empuxados por extranhas forças que, pouco a pouco, nos conduziram a revogação de compromissos, talvez dos mais solemnes e irrevogaveis dentre os que moralmente acceitamos em nossa historia. De facto, o Brasil, consignou Ruy Barbosa, "seria a mais futil das nações, se se desdissesse, sem motivos ponderaveis, da attitude que em 1917 assumira."

*

Essas reflexões nos vieram á mente, após a leitura do ultimo livro do sr. Baptista Pereira. *O Brasil e o anti-semitismo*, muito bem lançado pela editora Guanabara.

Trabalho opportuno e sobretudo justo, servirá, estamos certos, para abrir os olhos áquelles que, sinceramente, foram mais ou menos arrastados pelo canto de sereia da propaganda allemã, que se vae infiltrando em nosso paiz. De inicio, o autor nos mostra o papel de Ruy Barbosa na celebre questão Dreyfus e reivindica, para o grande brasileiro, a prioridade na defesa do Capitão israelita. Não ha senão nos identificarmos com o enthusiasmo do sr. Baptista Pereira, diante da attitude do maior dos nossos liberaes; mas, acima do enthusiasmo, está a repulsa que á sua consciencia de homem livre, sem preconceitos, provoca a conducta dos nazistas no trato violento dos judeus.

Infelizmente seu trabalho será recebido com reservas, e as criticas virão de varios grupos que, numa abdicação berrante das tradições brasileiras, se empolgam pela extranha figura de Spengler, puro germanico, puro racista, puro reaccionario que, inexplicavelmente, encontra adeptos em nossas faculdades.

Seu livro teria sido mais harmonioso se não houvera algumas falhas dignas de nota. Carece de certa unidade logica no desdobrar dos capitulos. Assim é que, hostil á Allemanha, presta ao hitlerismo um grande serviço, alludindo extemporaneamente ao caso dos congelados.

O leitor fica chocado com esse capitulo e lamenta que o autor delle tivesse tratado, quebrando dest'arte a unidade do volume. Problemas desse genero são demasiado complexos e devem ser estudados objectivamente. Assim o fizeram, magistralmente, os srs. Mauricio de Medeiros e Prado Kelly.

Abominamos as patriotadas sem nexo e, no caso, o sr. Baptista Pereira acompanhou nossos chauvinistas. E' de lamentar o fizesse. Quanto á rapida exposição de alguns topicos do processo Dreyfus, notamos algumas inexactidões e, para terminar, não concordamos com os qualificativos á Rochefort. Maior espaço e rectificariamos os caracteres que o autor attribue ao celebre polemista, que, com Aretino, ao menos, não tinha de commum a venalidade.

UBALDO SOARES.

Antonio Figueiredo — Memorias de um jornalista — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

Começando por tratar de si mesmo, da sua infancia e adolescencia, o sr. Antonio Figueiredo amplia depois o interesse deste volume de recordações a falar da vida de imprensa e dos homens de imprensa de S. Paulo. O volume faz-se ler sem cansaço e são muitos os pormenores criticos ou anecdoticos que nos ajudam a conhecer melhor personalidades complexas de uma grande cidade em que os jornaes exerceram sempre tamanha influencia na administração e na politica.

E. Vilhena de Moraes — Caxias em S. Paulo — Editora Calvino Filho — Rio, 1933.

Neste momento, o sr. E. Vilhena de Moraes talvez seja a nossa suprema autoridade em tudo quanto se prenda ao grande Caxias. Sabe elle de tudo quanto diz respeito ao Condestavel do Imperio e os seus livros de biographia ou critica têm sempre a illuminal-os aquelle enthusiasmo e aquella sympathia que o velho Dante classificava de inteligencia feita de amor. Dahi interessar-nos elle cada vez mais no que escreve sobre o suffocador de motins e sobre o estadista constructor dos annos de ordem e trabalho. Nesta bella evocação do tumulto liberal de 1842, das arrancadas partidarias de Feijó e Tobias, a figura do Pacificador surge em lineamentos de epopéa, sem prejuizo da mais rigorosa verdade historica. Todos os documentos aqui estão e ha sempre, a enriquecel-os, uma finissima elucidação psychologica.

LIVROS A APPARECER

"Luxuria"

Entre as obras de J. Kessel, escriptor que cedo se fez um lugar na galeria dos grandes nomes litterarios da França de após-guerra, destaca-se, pelo arrojo da sua concepção, pela mestria do seu acabamento, o vigoroso romance Belle de Jour, *que tanta celeuma despertou quando, antes de apparecer em volume, foi dado em folhetins pelo hebdomadario* Gringoire.

E' que se criticos e artistas dos de maior prestigio louvavam, sem restricções, o merito excepcional do trabalho, outras vozes mais conceituosas e timoratas protestavam contra a desenvoltura daquellas paginas, não raro, no seu entender, a frisar francamente com a licenciosidade.

A taes censuras, de uma maneira cabal e peremptoria, respondeu Kessel no admiravel prefacio que appôz á primeira edição da sua commovente historia.

Gastão Cruls, que já divulgou entre nós duas obras primas da moderna litteratura estrangeira, como sejam Ciume, *de René-Albert Guzman, e* A Caminho da Forca, *de T. S. Matthews, acaba de terminar tambem uma cuidadosa traducção do grande livro de Kessel. Apenas, na impossibilidade de transpor o seu titulo para a nossa lingua, conservando-lhe a accepção original,* Belle de Jour, *em portuguez, será* Luxuria. *Talvez que o autor d'*A Amazonia Mysteriosa, *ao escolher tal nome se tenha lembrado do bello verso de Samain:* "Luxure, fruit de mort à l'arbre de la vie..."

*

"Poetas Modernos do Brasil"

A poesia modernista, tão malsinada de uns, tão elogiada de outros, continúa a ganhar terreno no grande movimento de renovação que se operou em todas as artes depois da guerra mundial. Aqui mesmo numerosos são os seus adeptos, alguns dos de maior talento, e se muitos clamam contra as excessivas ousadias e liberdades de rythmo, sente-se que difficilmente tornaremos ao soneto de cesura perfeita e fecho de ouro.

Apesar de tudo, não tinhamos ainda, á maneira de outros paizes, uma collectanea qualquer em que se reunissem, já se vê que com criterio e gosto, as manifestações marcantes da poesia nova do Brasil. A falta, entretanto, vem de ser reparada. D. Milano, o bello poeta que esta revista já conhece atravez de alguns dos seus mais finos poemas, acaba de realizar um magnifico florilegio que, sob o mesmo titulo de Poetas Modernos do Brasil, *fará abundante messe entre as mais expressivas producções de Alvaro Moreyra, Ascenso Ferreira, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Francisco Karam, Guilherme de Almeida, João Alphonsus, Jorge de Lima, José Geraldo Vieira, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho e muitos outros.*

Leiam:

JOSE' LINS DO REGO
DOIDINHO
Preço: 6$000

DE PARIS

A proposito de "Via Latina"

Caio de Mello Franco é, nesta época sem belleza que vivemos, um enamorado da elegancia.

Elle atravessa a vida como um espectador, assignante de friza, encasacado e florido, que, de vez em quando, se digna applaudir o espectaculo, com poemas, ou elogiar um ou outro actor, nomeando-o individualmente com um livro de erudição. Si acha o espectaculo monotono, deixa na friza o seu sózia, aquelle mesmo que vae todos os dias assignar por elle o ponto na Embaixada, emquanto que elle em pessoa toma a Cadillac sumptuosa e vae dar uma volta ao Bois-de-Boulogne, a Copacabana ou a Cythera... No caminho, colhe uns louros no Instituto Historico, umas condecorações na Italia, uns livros preciosos na França, umas gravuras raras na Inglaterra, e uma caudal de inveja no Brasil... Emquanto isto, accumula-se num escaninho da Embaixada a correspondencia, que, de vez em quando, elle abre com fastio: chovem cartas e chovem pedidos, adulações, sabujices, admirações interesseiras. Tambem cahe, ás vezes, chuva de pedra... Então, Caio abre o guarda-chuva da Experiencia, enfia o impermeavel da Indifferença, calça as galochas aladas da Fortuna, e vae passando incólume, vae-se embora "p'ra Passargada", ou simplesmente para a Bibliotheca Nacional, ou para os archivos do Arsenal, ou ainda para a confortavel *garçonnière* que, *cité des livres*, é o seu refugio preferido entre o jantar no *"Epatant"* e o whisky no *"Fouquet's"*.

Si houver ainda quem supponha que aquelle famoso jantar offerecido pelo Jacintho no "202 da Avenida dos Campos-Elyseos", durante o qual cahiam do tecto pétalas de rosas, é pura invenção do Eça, ahi está Caio para o confirmar, cujo tio, Affonso Arinos, muito conheceu o appartamento descripto em *A Cidade e as Serras*. E, ainda hoje, quando passa em frente á casa, que era na rue de Rivoli, Caio recorda o caso do peixe enguiçado no elevador de pratos.

Não admira muito, pois, que ao sobrinho do mais intimo amigo de Eduardo Prado, este tenha legado alguns dos defeitos do displicente Jacintho...

Entre esses defeitos, releva notar um entranhado amor á Belleza, que, em todos os tempos e principalmente no nosso, se accommoda mal ao espirito das massas. "Quantas vezes — exclama Caio de Mello Franco no prefacio de *Via Latina* (*) — levei commigo, pelo incerto e accidentado pavimento da Via Latina, o desejo creador, o estremecimento subtil que a Belleza, entrevista, acorda na alma humana... E vivi horas de genio! Horas que deixaram apenas, depois de passadas, um punhado inconsistente de cinzas frias... E, vendo-as agora, mal posso crêr serem as mesmas: horas de fogo, horas de sangue, horas de sol! E os meus nervos, retezados como cordas sonoras, crearam estranhas harmonias, dispersas aos quatro ventos... Ao vento fresco do mar azul; ao vento ardente da Campanha parda; ao vento perfumado das Villas cheias de luz; ao vento aspero das noites de inverno... A ti, pois, Via Latina, as horas fugitivas que acreditei de genio, mas que eram apenas de exaltação!" E' bem este o prefacio que o humanista dos *Epigrammas votivos* e o poeta das *Elegias romanas* (**) não pudéra deixar de escrever para o seu ultimo livro.

A origem d'este foi-me assim revelada, pelo proprio autor, numa carta que me escreveu da Hollanda: "...Logo que aqui cheguei, verifiquei immediatamente que necessitava matar o tempo, evitando assim que o tempo me matasse... de tédio! E puz mãos á obra. Tirei do coração, da memoria e do fundo de uma velha gaveta, umas cousas que dormiam. E compuz, de um fôlego, *Via Latina*... — Do coração, da memoria e do fundo de uma velha gaveta: eis ahi explicado o aspecto *pêle-mêle* que a obra apresenta. Nem outra coisa fôra um livro de contos e reminiscencias. "Ventos! Divindades sagradas, genios fantasticos e monstruosos, filhos descabellados de Urano e Gêa, prisioneiros perpétuos das ilhas Eolias: ventae! correi!" E Caio os seguiu, nos redemoinhos de reminiscencias que rodopiam em *Via Latina*, na ronda dos deuses gregos e dos deuses romanos, dos bispos catholicos e das damas da renascença, dos prophetas do optimismo e dos sabios do Palatino, de Pierre Louys, o sonhador insomne, e de João de Mello Franco, o fidalgo reinol.

Neste repositorio de conhecimentos e de bom gosto, não se sabe o que mais admirar: si a graça erudita da *Fabula* de Dama Violanta, si a erudição graciosa que serve de palco a *Uma scena da Renascença*. Eu, por mim, entre todos os ventos que rodopiam, loucos, em *Via Latina*, prefiro seguir o que nos leva, de tornaviagem, para o fundo do sertão mineiro, nos apeia ás bordas do rio Pyrá Catú, nas cercanias de 1734, e nos depára ahi uma feería maravilhosa: "Naquelle rude sertão, de homens rudes, mais parecia um conto de fadas o encontro dos dois grupos de fidalgos, tão polidos, tão ricamente atifados, tão bem postos. Os tricorneos de plumas, em baixas reverencias, varriam o chão poeirento; os copos dos espadins, as fivelas de ouro dos sapatos e as joias de preço, tudo faiscava ao claro sol sertanejo. Porém, mais inesperada ainda, naquelle inesperado quadro, era ver brilhar no meio do grupo compacto dos faiscadores, o circulo de ébano de bustos, formados pelas bellas mucamas que disputavam a vista, esguias como antigas venus de onix, mostrando as côres vivas de todas as suas faixas e turbantes, carregadas de adereços, as felpudas carapinhas empoadas de ouro e luzindo ao sol, no contraste vivo dos largos decotes de azeviche com a alvura das rendas preciosas."

Citára, si pudera, as quarenta paginas inteiras de *A fundação de uma cidade*, em que a nobreza d'alma dos bandeirantes lucta de fidalguia com os contractadores e cobradores do quinto d'El-Rey; em que revivem, com uma chamma interior de actualidade, Felisberto Caldeyra Brant, o caçador de ouro, e João de Mello Franco, o caçador de sonhos e o constructor de solidos arraiaes, tão solidos que atravessaram os séculos. E, hoje ainda, o fidalgo reinol se reflecte em Caio de Mello Franco, herdeiro intellectual de Jacintho e de

(*) W. J. A. J. Van Zijl, Editor — Haya.

(**) *Vida que passa...* (*Annuario do Brasil*, Rio de Janeiro).

Affonso Arinos, exilado profissional que, por isto mesmo, traz o torrão natal encastôado num coração de ouro. Citára, si pudéra, o livro quasi todo; mais vale, porém lêl-o, e é o que farão certamente todos os brasileiros, e, sobretudo, aquelles que, no estrangeiro, soffrem *essa crise natural do transplantado, crise que só poderá ser vencida pelo esforço systematico da razão. E, ai d'aquelle que não o possuir em dóse necessaria, pois será, então, fatalmente arrastado pela impetuosa corrente, como folha inutil, para o esquecimento...*

MAURICIO V. WELLISCH.

LETTRAS BELGAS

Como Georges Simenon, o seu emulo francez no dominio da litteratura aventuresca, o belga Stanislas André Steeman é tambem muito moço e ainda não attingiu a casa dos trinta. Apesar disso, já é abundantissima a bagagem litteraria de ambos, cujos romances se succedem e correm mundo, alliciando de dia para dia um maior numero de leitores. Approxima-os ainda a consagração dos grandes premios. Simenon, com *O Mysterio de um Morto*, viu-se laureado nos Estados Unidos; *Os Seis Homens Mortos* de Steeman fizeram seu autor consagrado em Paris.

— Se Maurice des Ombiaux vive actualmente em França e, num *Gotha* que Baccho gostaria de manusear, canta o louro vinho d'Anjou e a gamma carmezim dos ricos *crûs* da Bourgogne, já houve tempo em que se dedicasse á sua querida Wallonia, escrevendo deliciosos romances campezinos, como *Mihien d'Avène*, *Guidon d'Anterlecht* e *La Petite Reine Blanche*, que ainda hoje são lidos com justo agrado, de tal modo fixam certos aspectos bem locaes, como as Kermesses, os concursos, as cavalgadas e as procissões.

— Blanche Rousseau fórma com brilho na phalange das escriptoras belgas. Casada com Henri Maubel, ensaista e dramaturgo já fallecido, desde cedo se dedicou á carreira das lettras e, escrevendo contos e romances, conta hoje com alguns livros como *L'Eventail*, *La Rabaga* e *Le Trésor dans la Montagne* com excellente collocação no mercado litterario.

— Outra escriptora que merece citação é Marguerite Van de Wiele, já autora de mais de vinte volumes de differentes generos, mas, principalmente, contos e novellas, que gosam de grande acceitação por parte do publico, e dentre as quaes destacaremos *Legendes* e *Ame Blanche*.

— Nem todos saberão que Franz Hellens é belga, nascido em Bruxellas, tanto o seu nome vive nas revistas e jornaes parisienses, assignando bellos poemas e scintillantes chronicas de arte. Tendo estreado na *Plume*, ao lado de Paul Fort, e autor de varios livros já consagrados pela critica mais culta, como *Clartés Latentes*, *Nocturnal* e *Melusine*, tambem dirigiu algumas revistas das de maior prestigio nos movimentos de renovação artistica, como *Signaux*, *Les Ecrits du Nord* e *Le Disque Vert*.

— Louis Boumal, magnifico poeta, foi uma das victimas da Grande Guerra, a cuja barbarie a intellectualidade belga pagou tambem um largo tributo. Morto aos 28 annos, quando já publicara tres collectaneas de versos, os seus amigos ainda lhe reuniram a obra posthuma: um acto em prosa, outros poemas e um fragmento do seu diario de campanha. Ahi vae uma amostra do que era esse admiravel poeta:

FILIUS MEMOR

Voici que je reviens frapper à votre porte,
À petits coups, puisque vous êtes à dormir;
Mais vous les entendrez, et vous viendrez m'ouvrir
Pour que mon âme dans vos bras se réconforte.

Je suis ainsi venu, doucement, chaque soir:
Je heurtais; mais vous ne fûtes pas réveillée.
Votre chambre avait l'air d'une chambre endeuillée,
Et dans le soir, il ne montait plus aucun bruit.

Mère, je viens pleurer au seuil de votre porte.
Aux autres, j'ai tenu secrète ma douleur;
J'ai dit en souriant que mon âme était forte,
Mais vous savez que je suis jeune et que j'ai peur,
Et que je viens pleurer au seuil de votre porte.

Annibal Falcão — **Formula da Civilização brasileira** — Editora Guanabara — Rio, 1933.

Annibal Falcão, que viveu apenas 44 annos, foi um dos mais brilhantes espiritos da sua geração, bella geração idealista e convencida da excellencia renovadora dos ideaes democraticos. José do Patrocinio classificou-o de "mentalidade extraordinaria, que só se guiava pelo bem do povo e pela grandeza da patria". Mas não foi elle exclusivamente um homem de actividade politica. Tambem escreveu o notavel prefacio das *Opalas*, do poeta gaúcho Fontoura Xavier, que mais tarde encontrou "coisas verdadeiramente grandes" na correspondencia do morto, bello typo de amigo, dado a todos os extremos do affecto e ao mesmo tempo um perigoso sarcasta, dos que, através de definições certeiras, sabem ridicularizar para sempre os adversarios. Silva Jardim elogiou-o, Celso de Magalhães viu em Annibal menino laivos de genialidade e Ruy Barbosa, segundo testemunhos fidedignos, era seu enthusiasta. Productor desenvolto, Annibal Falcão redigiu em duas noites um drama em tres actos para o actor Brazão, mostrando sempre grande vocação para o theatro de these, para o theatro agitador de idéas. Ensaista historico e philosophico, jornalista fecundo, legou-nos trabalhos que excediam da época juvenil em que os compôz, pela riqueza de perspectivas moraes e revelação de um espirito verdadeiramente sazonado. Mas a Abolição e a Republica empolgaram-no e o litterato interrompeu a sua actividade de gabinete para descer á multidão, ao tumulto dos partidos. Foi abolicionista ao lado de José Mariano e Joaquim Nabuco, de quem prefaciou uma importante série de escriptos, e foi republicano historico ao lado de Ubaldino do Amaral, Xavier da Silveira e tantos outros. Sempre sabendo bem o que desejava, pondo a cultura acima de tudo. Deputado á Constituinte, como representante de Pernambuco, exerceu nessa assembléa, segundo Medeiros e Albuquerque, uma "influencia formidavel". Depois, no "governo despotico de Floriano", emigrou para o Prata. Seguiu-se a morte prematura de Annibal, o homem viajado, extremamente seductor, querido nos melhores ambientes de Paris e Londres.

Estes dados tiramol-os quasi todos do nobre estudo do sr. Luiz Annibal Falcão, outro homem culto, de requintada polidez, verdadeira figura de civilizado e que muito justamente se ufana de um tal pae. Estando a recolher-lhe agora as obras esparsas e a salval-as de um naufragio iniquo, o sr. Luiz Annibal presta serviço de real benemerencia ás nossas lettras.

Esta *Formula da Civilização Brasileira* é, por exemplo, trabalho de perfeita actualidade, pelos problemas de indestructivel interesse que envolve. Existem aqui paginas das mais substanciosas sobre a assimilação das raças, a Edade Média, a reacção protestante, a Hollanda e a Iberia, além de uma controversia com Alberto Torres, a proposito da concentração de poderes, que todos os "torristas" do momento devem percorrer.

A. G.

Evaristo de Moraes — **A escravidão africana no Brasil** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Mais um volume da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, sob os cuidados do eminente educador Fernando de Azevedo. E' uma synopse em que se encontra, sem omissão de nenhum facto essencial, tudo quanto se prenda ao trafico e á exploração dos escravos negros em nossa terra. O sr. Evaristo de Moraes, abundantemente documentado no assumpto, serve-nos assim um trabalho que evidentemente estava faltando ás nossas casas de livros. E' muito bem explicada a mudança da mentalidade universal no tocante ao commercio dos netos de Cham e as campanhas abolicionistas em nosso paiz são resumidas com bastante intelligencia. Tambem não foram esquecidas as fluctuações partidarias em materia de tanto relevo na politica economica do Brasil. As figuras nobilissimas do visconde do Rio Branco e da princeza Isabel surgem entre referencias de boa critica e a irrequieta combatividade de José do Patrocinio é assignalada em expressões felizes.

PROXIMAS EDIÇÕES DE "ARIEL":

Paulo Prado — **Paulistica.**
Roquette-Pinto — **Samambaia.**
D. Milano — **Poetas Novos do Brasil.**
J. Kessel — **Luxuria** (Trad. de Gastão Cruls).

"Deus lhe pague..."

O theatro brasileiro ainda está, innegavelmente, na infancia. Quasi nada se fez, até hoje, de realmente notavel, nesse ramo da producção intellectual. No Brasil, todo sujeito lettrado é poeta. Mal dos tropicos... O romance, cae daqui, cae dacolá, sempre deu alguma coisa. O ensaio mesmo não ficou atraz. Só no theatro nada se disse ainda. O theatro do tempo de Macedo e José de Alencar foi o que se póde chamar o theatro *passivo*. Coisas da vida da rua que se transportavam para o palco. O theatrologo, para não cacetear, punha no meio umas phrases engraçadas e preparava effeitos e situações para rir. De então para cá, não se adiantou nada. O espectador vae ao theatro exclusivamente para rir e, mesmo quando não vae para isso, não póde fazer outra coisa.

Com *Deus lhe pague...*, de Joracy Camargo, o theatro brasileiro attingiu a maioridade.

*

As scenas de *Deus lhe pague...* passam-se em grande parte á porta de uma igreja, entre o Mendigo e o Outro. Como é natural entre sêres da mesma condição (Anton Tchekof diria o contrario...), fazem-se confidencias, ou, melhor, o Mendigo conta ao Outro, o Barata, a sua vida e communica-lhe a sua sabedoria. (O Outro é sómente *publico* para o Mendigo, — bate a cabeça, concorda, admira-se, etc.). Cada acto da peça se divide em quadros, que valem por evocações do passado do Mendigo. O dono da fabrica roubara-lhe os papeis de um invento. Como o Mendigo o *abotoasse* na rua, vae preso por ladrão e passa alguns annos á sombra. A mulher, em consequencia do desastre, enlouquece. (Aliás, esta scena está um pouco artificial e, principalmente, muito apressada). O dono da fabrica, o Vieira de Castro, naturalmente, goza os direitos de inventor da machina do Mendigo, protegido pelas leis, pela policia e pelo Estado...

O Mendigo confessa:

— Sou a meu favor e contra os outros. A melhor fórma de vingança é fazer a vontade. A sociedade exige que eu peça. Eu peço. E foi pedindo que me vinguei della. — Porque, obrigado a pedir, fui obrigado a enriquecer!

Tinha philosophado, pouco antes:

— Elles precisam muito mais de nós do que nós delles. O mendigo é, neste momento, uma necessidade social... Não ha generosidade na esmola: ha interesse... Além disso, é com a miseria de um nickel que elles adiam a revolta dos miseraveis...

O Mendigo resolve cobrar á sociedade, da qual foi victima, aquillo a que tinha direito. O meio melhor foi esse — pedir. Quando travamos conhecimento com elle, o Mendigo é riquissimo. Tem duas personalidades. Em casa, para a mulher com quem vive e em quem, perversamenmente, intelligentemente, esgotta a curiosidade, elle é um capitalista. A mulher, Nancy, nada lhe pergunta.

— Para ella eu sou um capitalista! E a um capitalista não se pergunta a profissão!

— Porque?

— Porque é feio...

O Mendigo consegue formar (ou deformar?) Nancy á sua imagem e semelhança.

— E' facil envelhecer o espirito das mulheres. E quando o espirito envelhece, não ha mocidade que resista.

Nancy deixa o amor de Pericles pela felicidade junto do Mendigo. E, quando Pericles o rouba em cem contos para fugir com Nancy, ella não acceita. O Mendigo tinha dito a Pericles:

— Menino, a terra é pequena para conter, siquer, a idéa de fugir...

Nancy chega a forçar a restituição do dinheiro e, quando o Mendigo confessa a sua situação real, desistindo de tudo, ella sae para procural-o. E é o Outro, o Barata, que o aponta a Nancy para a reconciliação.

*

A peça tem conselhos intelligentes para bem mendigar:

— Os transeuntes não devem ver o producto de uma colheita. — No chapéo, devem estar sempre á vista alguns nickeis: é o "index"... — Vendo só nickeis, o transeunte não dá pratas. — O senhor não vê essas crianças de 5 a 6 annos, pedindo? Serão, no futuro, grandes, notaveis mendigos. Na nossa profissão é preciso começar cedo.

*

O sentido *social* da peça de Joracy Camargo é mais do que visivel.

— O que o povo quer é a coisa mais simples deste mundo.

— Que é?

— A supressão de uma palavra do diccionario.

— Qual é?

— Propriedade!

Ou então nesta definição do communismo, dada pelo Mendigo:

— O communismo é como aquelle boneco de palha de que a gente tem medo quando é criança... — Havia em minha casa, quando eu era pequeno, um boneco de palha, com o qual minha mãe me obrigava a dormir mais cedo. Eu tinha um terror panico do boneco. Um dia, distrahidamente, sentei-me em cima do manipanço. — Quando percebi que o esmagara, retirei-o do supplicio, examinei-o bem e comprehendi, por mim mesmo, que o boneco de palha era incapaz de fazer mal ás creanças. Ageitei a barriguinha delle e tornei-me o seu maior amigo! — Minha mãe ficou meio encabulada. Mas eu fui incapaz de chamal-a de mentirosa. — O communismo é o boneco de palha das creanças grandes!

*

A arte, e principalmente a litteratura (poesia, romance, theatro), sem papel *activo* na sociedade, é um absurdo, — absurdo que correu mundo até o seculo passado, junto com as abstracções da Belleza, da Fórma, da Perfeição e de outras coisas com lettra maiuscula. A arte, producto humano e producto social, serve ao homem e á sociedade.

Dahi o grande valor social da peça de Joracy Camargo. Póde-se-lhe reprovar a falta quasi absoluta de acção e o caracter de dialogo que *Deus lhe pague...* apresenta. Seria melhor que a idéa da peça não fosse *dita*, mas *sentida* através dos factos. O Mendigo, por exemplo, só fala em tom de sentença. Cada phrase sua é uma definição ou um conselho. Isso prejudica, naturalmente, a comedia. Prejudical-a-ia mesmo completamente, se *Deus lhe pague...* não trouxesse, pela primeira vez, os problemas immediatos do Brasil para o palco, dando ao theatro brasileiro um caracter *social* até então desconhecido e fazendo-o, por isso mesmo, attingir a maioridade.

EDISON CARNEIRO.

DE PARIS

Ainda as Cartomantes

No momento da declaração da guerra, Mme. de Thèbes escreveu ao *Journal des Annales*: "Que relampago! Que cyclone! Ah! eu o presentia ha muito tempo, e se não tivemos a guerra mais cedo, é que vontades energicas mantinham o Destino em termos. As redeas se quebraram, e o cavallo branco do Aposalypse galopa furioso. Disse e repeti que os Balkans incendiariam a Europa. O incendio já crepita! Mas tudo voltará á calma, e nossa querida e bella França, tão energica e tão corajosa, ficará sempre bella, e maior do que nunca.

Madame Lenormand, cartomante famosa, declarava em maio de 1913: "Teremos daqui a pouco uma guerra européa, declarada pela Allemanha, guerra que causará o anniquilamento desta ultima. Retomaremos a Alsacia e a Lorena. Guilherme verá sua estrella perder o brilho, e morrerá miseravelmente abandonado. Elle assistirá ao triumpho da França."

E eis, afinal, algumas legendas que, em minhas pesquizas, pude reencontrar, e que são, como verão, particularmente curiosas:

LEGENDA DE 1848 SOBRE BISMARCK

No anno de 1865, Bismarck, ministro do rei da Prussia, foi procurar uma prophetiza e lhe pediu algumas visões para o futuro. Eis o que ella respondeu:

Tome a data da Revolução Franceza, e sobre o ultimo numero escreva esse milhar verticalmente. O total dará a data em que o Imperio será reconstituido.	1848 1 8 4 8 —— 1869
Recomeçando o jogo com o novo numero, terá, Bismarck, a data da sua morte.	1 8 6 9 —— 1893
Procedendo, emfim, do mesmo modo, com o novo numero, teremos a data em que se produzirá a quéda do Imperio Germanico.	1 8 9 3 —— 1914

LEGENDA DE 1849 SOBRE GUILHERME I

Em 1849, Guilherme I fugia com a progenitora, a rainha Luiza da Prussia, deante da insurreirão contragolpe da Revolução de 1848, para se pôr em segurança na Inglaterra.

Encontrando uma velha feiticeira, elle pediu-lhe que lhe dissesse o futuro. Ella então mandou que elle accrescentasse os quatro algarismos do anno de 1849 ao proprio anno. O rei obteve então o numero	1849 1 8 4 9 —— 1871
Nesse anno (1871), disse-lhe ella, V. M. fará guerra e será proclamado imperador. E depois? perguntou Guilherme. Continue sommando, disse a velha. Com os quatro algarismos terá a data de sua morte.	1871 1 8 7 1 —— 1888
Continue ainda, proseguiu a velha, e terá o ultimo anno *integral* do seu imperio, que sossobrará no anno seguinte no opprobrio e sob os golpes das nações revoltadas pela barbarie dos seus descendentes.	1 8 8 8 —— 1913

Guilherme I, segundo a prophecia da cartomante, foi sagrado imperador da Allemanha em 1871, em Versalhes; morreu em 1888. A prophecia feita mais de 35 annos antes, achava confirmação em acontecimentos reaes.

E, para terminar, vejam uma curiosa prophecia, com datas precisas, publicadas num minusculo folheto, com o nome de M. L. Chateaubour. A singular precisão da ultima prophecia emocionou a côrte de Berlim. Guilherme II quiz conhecer a mulher, e mandou procural-a, para perguntar-lhe algumas coisas. A mulher ainda vivia. Levaram-na a Potsdam. Após lembrar-lhe a entrevista com o avô, entrevista que a velha não esquecera, Guilherme II fez á humilde visitante a seguinte pergunta:

— Qual será a duração do Imperio Germanico?

— Sire, respondeu a adivinha, bem gostaria de lhe indicar uma data mais distante no futuro que a que lhe vou dizer...

— Que importa? disse o Kaiser. Mandei buscal-a para saber a verdade... Se o Imperio deve durar cem annos, ou cincoenta, não tenha medo...

— Durará menos que cincoenta, Sire.

Guilherme II estremeceu: não esperava tamanho choque.

— Explique-se, então.

— Sire, o anno de 1913 será o ultimo do Imperio.

O imperador e a mulher, frente a frente, encaravam-se. Um silencio pungente reinava na sala invadida pelas primeiras sombras do crepusculo. A um canto, sentado numa mesa, um secretario intrigado tomava notas da entrevista. Afinal, Guilherme quebrou o silencio.

— Seus calculos foram baseados no mesmo principio da entrevista com meu avô?

— Sim, Sire, é o mesmo methodo. Nosso primeiro imperador morreu em 1888. Sommei os numeros, e cheguei á data que indiquei a Vossa Majestade. Mas, continuou a mulher, intimidada pela forte impressão que a revelação causara no monarcha, meu saber não é infallivel, é possivel que eu me engane.

— Deus a ouça! murmurou Guilherme, apesar de muito inquieto. O tempo provará tudo. Acceite isso...

Algumas moedas de ouro cahiram na mão da velha, que se retirou. Muitas vezes, mais tarde, Guilherme pensou na data fatidica. Quem nos diz que não foi por isso que elle se absteve de provocar o mundo em 1913? Passada a data, a confiança voltou-lhe, e eis o motivo por que lançou contra nós os seus exercitos em 1914.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

João de Minas — Mulheres e Monstros — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

A apparição do sr. João de Minas em nossas lettras constituiu exito ruidoso. Os srs. João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Carlos Dias Fernandes louvavam-no enthusiasticamente, e o sr. Humberto de Campos, em confronto dos mais honrosos, proferiu, a proposito do nome desse estreante, o nome glorioso de Euclydes da Cunha. Agora, o sr. João de Minas prosegue na creação de uma litteratura intensa e não lhe faltarão certamente, a esta nova collectanea de contos e impressões, os applausos e os innumeros leitores do seu primeiro contacto com o publico.

Jack London — Caninos Brancos — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Jack London é, sem duvida alguma, um dos mais ferteis e poderosos narradores da America do Norte. Tendo levado uma vida extremamente aventurosa em moço, percorreu as regiões complicadissimas do Alaska e do Far-West e depois transportou no romance os typos e as localidades que encontrara nas suas peregrinações de bohemio sempre tonto de gin e de ambições litterarias. Dahi o cunho de veracidade, de authenticidade, que os seus livros respiram. O estylo de Jack London é directo, cortante, sem superfluidades rhetoricas, e Monteiro Lobato, que lhe traduziu primorosamente este volume, manteve em portuguez a concisão e a precisão do original.

Edgard Rice Burroughs — As féras de Tarzan — Comp. Editora Nacional - S. Paulo, 1933.

Mais um volume da collecção "Terramarear". Aventuras de uma personagem que o cinema se encarregou de divulgar pelo mundo todo. A traducção é do sr. Medeiros e Albuquerque, o que lhe assegura a excellencia litteraria, uma vez que esse notavel escriptor jámais conseguiu fazer coisa alguma de desprezivel.

Jorge Salis Gouiart — A formação do Rio Grande do Sul — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1933.

"Magnifica obra de sociologia regional, feita em moldes modernos, dentro dos principios mais seguros da sciencia anthropo-geographica", disse deste livro, agora em segunda edição, o sr. Oliveira Vianna, que considera o volume do sr. Salis Goulart "a mais séria tentativa de explicação" da alma e da mentalidade dos nossos patricios do extremo sul. O sr. Plinio Barreto declarou tratar-se de pesquizas que serão bastante uteis aos nossos homens de governo. Rocha Pombo, deante do "bello livro", rejubilou com o renascimento dos estudos historicos em terras gaúchas. E os srs. Roquette-Pinto, João Ribeiro e Silva Ramos, falando pela Academia Brasileira de Lettras, reconheceram pertencer o volume á linhagem "dos que se podem chamar — sem favor — obras de alta cultura".

Robert Louis Stevenson — Raptado — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Stevenson é considerado um dos mestres da narração ingleza. Finando-se com pouco mais de quarenta annos numa das ilhas do Pacifico, legou-nos uma obra que, pela pureza, perfeição e equilibrio classicos, figura já agora ao lado das de Poe e de Jane Austen. Dando ao romance de aventuras a nobreza e a altitude de um verdadeiro genero litterario, elle escreveu para intellectuaes e homens do povo, taes o estylo e a psychologia com que aviventa os golpes de imaginação e os fabulosos imprevistos das suas admiraveis novellas. Scenas maritimas e terrestres, proezas de flibusteiros e conspiradores, astucias e perfidias de advogados e aristocratas vorazes, tudo elle faz ver com uma limpidez e uma variedade de quem se assenhoreara de todos os segredos plasticos da lingua natal. Este *Raptado*, que vem agora ao portuguez em traducção de Agrippino Grieco, é um dos seus livros mais typicos e, como tal, frequentemente lido na Inglaterra, da tumultuosa Londres ás granjas mais recuadas da Escossia.

Emilio Salgari — A vingança do Iroquez — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Foi bem curiosa a vida desse escriptor italiano. Ninguem, nas lettras, lutou mais tempo contra um destino adverso. Foram-lhe tão contrarios o publico e a critica que elle tratou de apressar a sua sahida do planeta, num incidente dos mais dolorosos. Pois, decorridos alguns annos após a sua morte, os patricios de Emilio Salgari se foram tomando de profundo amor pelas suas obras cosmopolitas, fixadoras de terras e costumes os mais desencontrados. Os fascistas, talvez para provarem que tambem possuem um Julio Verne na Italia, entraram a lel-o com attenção e a Europa se vae habituando a collocal-o ao lado de Marryat e Jacobs. Tambem os brasileiros se estão interessando por elle, graças á casa editora paulista que o incluiu, com successo, na collecção "Terramarear", e a *Vingança do Iroquez*, traduzida no momento pelo nosso redactor-chefe Agrippino Grieco, não deixará de augmentar o numero de "salgarianos" já existente entre petizes e adultos do paiz.

"Revista do Globo"

Simplesmente magnifico o ultimo numero dessa brilhante publicação de Porto Alegre. Encontram-se, em suas paginas, substanciosos estudos sobre o fim de Pedro Alvares Cabral e sobre a espionagem technica na Europa. Uteis as referencias á decoração do *home* e aos artistas de cinema de notoriedade universal. Acima de tudo, porém, interessou-nos a noticia consagrada á fundação litteraria Eduardo Guimaraens, bello e nobre movimento em que os intellectuaes gaúchos se propõem a tornar duradoura a memoria do artista, de tão subtil sensibilidade, da *Divina Chimera* e das paraphrases de Tagore. Lembre-se que a *Revista do Globo* é dirigida pelo notavel prosador Erico Verissimo e tem entre os seus collaboradores o sr. Telmo Vergara, excellente poeta moderno, já conhecido dos que lêm o *Boletim de Ariel*.

Rosa Maria — A Arte de Comer Bem — Depositaria Livraria Quaresma — Rio, 1933.

E' a terceira edição, revista e ampliada, de um livro a que já tivemos ensejo de nos referir elogiosamente. Elogio tanto mais merecido quanto se trata de um volume que, apesar do extremo rigor das suas receitas culinarias, é redigido com elegancia, num portuguez dos mais correctos e com uma flexibilidade de estylo que denuncia, por parte da autora, o trato frequente dos melhores livros das boas litteraturas. Os acepipes e guloseimas recommendados pela intelligente discipula de Brillat-Savarin são dos que se destinam a regalar o paladar do proximo e a crear uma sociabilidade cada vez mais estreita entre os convivas que nelles se fartarem. Mas nem só o lado da cozinha foi convenientemente explorado no volume. Tambem, de quando em quando, surgem phrases de homens de espirito, de escriptores famosos amigos dos bons pratos, e isso torna o trabalho de Rosa Maria bastante estimavel aos olhos de quantos execram as paginas mal escriptas.

Catullo da Paixão Cearense — Fabulas e allegorias — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

E' um aspecto differente do grande Catullo cantor dos tropicos, que todos admiram aqui e em Portugal. E' um Catullo conceituoso e moralista, desejoso de metter-se na pleiade gloriosa em que figuram Esopo, Phedro e o incomparavel La Fontaine. O volume está repleto de surprezas para os leitores do soberbo regionalista do *Marrocira* e da *Terra Cahida* e o facto de tratar-se de uma segunda edição é, numa hora de inundação de volumes, bastante significativo.

Mayne Reid — O Rei dos Seminolas — Livraria Catholica — Rio, 1933.

São aventuras de indios norte-americanos desenvolvidas por alguem que chegou a adquirir, no genero, um renome verdadeiramente universal. Os lances impressionantes succedem-se pagina a pagina e os leitores de nervos sensiveis não dormirão tranquillos emquanto não souberem se o semeador de insidias do romance é implacavelmente castigado no desfecho. Innegavel destreza no manejo das situações fortes, nenhum abuso do descriptivo e um dialogo dos mais vivos e enleantes. A traducção portugueza é de Donatello Grieco.

F. Mangabeira Albernaz — O Homem e a Mulher — Bahia.

Autor de um romance, *A Tara*, que mereceu applausos da critica vae para alguns annos, o Sr. Mangabeira Albernaz retorna agora ás lettras, tentando um novo genero, de não menor responsabilidade. Seu drama *O Homem e a Mulher*, é bem de um intellectual desejoso de fazer theatro de symbolos e idéas. Com uma perfeita independencia de opiniões e conceitos, esse joven escriptor dá a problemas complexos da vida uma interpretação ousada e inteiramente pessoal. Só nos permittimos dissentir da capa, que nos parece não estar á altura do texto.

Novidades estrangeiras

O editor Fayard acaba de expor á venda o ultimo livro de Maurice Donnay, que tem por titulo *Des Souvenirs*, e mereceu um elogioso rodapé de Edmond Jaloux em recente numero das *Nouvelles Littéraires*.

— Georges Dumas, tão justamente estimado no Brasil e um dos fundadores do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, de que tantos proveitos já temos tirado, vem de publicar o terceiro volume do seu importante *Nouveau Traité de Psychologie*. Esta obra, na qual collaboram cincoenta mestres da sciencia franceza, quando completa, terá nove volumes, afóra um supplementar de Psychologia Applicada.

— *La Jeunesse d'Auguste Comte*, tal é o titulo do novo livro de Henri Gouhier, que já publicara não ha muito uma notavel *Vie d'Auguste Comte*.

— Maurice Constantin Weyer, autor do celebre romance *Un homme se penche sur son passé*, premio Goncourt de 1928, volta a explorar os themas canadenses, que lhe grangearam justificada fama, publicando agora o romance *Une corde sur l'abime*.

— *Marianne*, o novel mas já tão lido hebdomadario francez, vem agora publicando, como folhetim de sensação, o romance de Edgard Wallace *O Homem de Marrocos*, já muito conhecido do nosso publico, pois que divulgado numa boa edição da Companhia Editora Nacional. Como se vê, mais uma vez a Europa...

— Charles Dullin, o notavel theatrologo e comediante francez, que já mereceu uma brilhante chronica da nossa correspondente em Paris, está conseguindo um novo triumpho com o *Ricardo III*, de Shakespeare, que todas as noites leva um numeroso publico ao Theatro de l'Atelier. E' o proprio Dullin quem interpreta o papel do protagonista, Ricardo o Corcunda, mais tarde rei da Inglaterra.

— No theatro da Madeleine, embora num genero muito diverso, consegue tambem successivas enchentes a representação de mais uma desopilante comedia do inesgottavel Tristan Bernard. *Block à Chicago* é o seu titulo e nella, entre bôas piadas e muita phrase de espirito, se debate o conflicto de duas familias profundamente afastadas pela religião, uma catholica, a outra judia, mas que as trampolinices de Cupido acabam finalmente por harmonizar.

— *Na Nouvelle Revue Française*, Marcel Arland estende-se com calor sobre o romance de um novo: Pierre Nerpac, que acaba de publicar *L'indifference perdue*. O critico acha pontos de contacto entre esse estreante de talento e Louis-Ferdinand Céline, laureado pela Academia Goncourt, no anno passado, com o seu *Voyage au bout de la nuit*.

— A personalidade fascinante de Jesus continúa a apaixonar os espiritos. Ainda agora, quasi ao mesmo tempo, surgem tres livros sobre o suave pregador da Galiléa. São elles: *Jésus*, de Ch. Guignebert; *Jésus de Nazareth, sa vie, son œuvre et son milieu*, de J. Kaussner e *La foi à la resurrection de Jésus*, de Maurice Goguel. Livros de orientação diversa, mas todos de real valor.

— Acaba de vir a publico, em dois volumes de leitura muito interessante, a correspondencia de Benjamin Constant e Anne Lindsay, e as cartas que Julie Talma tambem escreveu ao celebre autor do *Adolphe*. Ambos foram publicados pela Baronne Constant de Rebecque e o primeiro traz prefacio de Fernand Baldensperger. Parece que foi Anne Lindsay que serviu de modelo a Benjamin Constant para a sua famosa personagem de Ellenora.

— Na *Revue de Anthropologie*, o Dr. Felix Renault faz um estudo nosographico da personalidade de Karl Marx, atravez da sua correspondencia com Engels, Lassalle, Kugelman, e tambem apoiado nos trabalhos de Lafargue, Max Beer e outros. Como se sabe, foi uma tuberculose pulmonar que victimou o autor d'*O Capital*, mas elle soffrera anteriormente do figado e tivera uma grave furunculose generalizada.

— Já deve ter apparecido, em Paris, mais um grande hebdomadario litterario, a concorrer com as *Nouvelles Litteraires*, *Gringoire* e *Marianne*. Lançado pela grande casa Albin Michel, terá por directores Pierre Benoit e Roland Dorgelès e será seu redactor-chefe Fernand Divoire. Com nomes de tanto prestigio, ha de ser certo o triumpho desse novo semanario.

— Abandonando por um instante a longa serie de interessantissimos romances com que vem enriquecendo a litteratura franceza, Jules Romains volta-se momentaneamente para a politica e nos dá em *Problèmes européens* um punhado de estudos sobre a angustiosa situação do mundo occidental.

— Maurice Garçon, num volume de 738 paginas, faz um balanço do que foi a justiça em França nos ultimos sessenta e dois annos (1870-1932). A despeito da extensão deste trabalho, *La Justice Contemporaine* é livro de leitura agradabilissima e tel-o entre as mãos é ter a mais rica e variada collecção de romances. De facto, nas suas paginas se compendiam todos os crimes celebres e os mais escandalosos processos que agitaram os tribunaes francezes durante aquelle largo espaço de tempo.

— *L'Enfer des Noirs* é o titulo que Jean Perrigault deu ao seu recente trabalho sobre o cannibalismo e o fetichismo entre as tribus selvagens da Africa. Sobre o mesmo assumpto ha tambem uma outra monographia do Sr. Amaury Talbot, *Religions et coutumes des tribus du Delta du Niger*, apoiada em observações colhidas *in loco* e, portanto, dignas da melhor fé.

— Num dos ultimos numeros de *Marianne*, Ramon Fernandez chama a attenção de seus leitores para o ultimo livro de Marcel Aymé, *La jument verte*, que é segundo elle de "um saboroso realismo".

ELEGANCIAS

Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.

ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

A proposito de "Tres Caminhos"

No numero de outubro de *Books Abroad*, publicação que se edita na Universidade de Oklahoma, em Norman, Estados Unidos, apparece a seguinte apreciação do escriptor americano Samuel Putnam a respeito do volume *Tres Caminhos*, de Marques Rebello, volume lançado ha alguns mezes, com grande successo de critica, por Ariel Editora Ltda.:

"*Marques Rebello é um joven escriptor brasileiro que promette.* Tres Caminhos *é o seu segundo livro.* Oscarina, *o primeiro, appareceu ha dois annos, e já nova edição se annuncia. O presente volume não é uma novella, mas uma trilogia de historias curtas, sendo a primeira bem mais longa. Cada um desses contos, informa-nos o autor, representa o capitulo inacabado de uma novella em começo. O processo em si é interessante, elegante em sua franqueza, e deverá servir mesmo de lição aos novellistas que desconhecem as regras prohibidas dos editores... As tres historias são todas compostas de quadros de infancia e juventude; cada joven heróe está* "on his way" — "no seu caminho" (*). *E o autor, que mais de uma vez lembra Cocteau, affirma-nos encantadoramente que, se elle se excusou de arredondar os seus episodios enternecidos, foi unicamente por sympathia pelos seus protagonistas juvenis, foi* "a piedade de não lhes dar destino" (*).

Rebello, que será technicamente classificado como um realista, é senhor de uma atmosphera de delicadas nuanças, e consegue produzir um effeito admiravel, absolutamente novo, e extremamente subtil, effeito que muitas vezes transcende mesmo a classificação do "realismo". Em themas qual esse de infancia e juventude, trabalho, para o adulto, de difficuldades numerosas, elle tentou e levou a cabo uma tarefa admiravel, e com facilidade espantosa. Não são os seus contos historias sem sentido, para creanças; são, isso sim, historias de creanças para o pessoal graúdo, contadas com a leveza de coração e a magica facilidade de um coração infantil. Não podemos deixar de pensar em Les Enfants Térribles *de Cocteau, ainda que deixando de lado o elemento "neurasthenia" do francez. A rivalidade entre o garoto branco e um creadinho negro tendo por objecto um par de coelhinhos, a attracção de um rapazote de quinze annos por uma menina de classe inferior á sua, a vida de uma familia brasileira narrada parallelamente ao evolver de um garoto, dos sete aos doze annos, tudo isso surge condensado numa atmosphera que, sente-se bem, é essencialmente brasileira — eis alguns dos detalhes admiraveis desse livro encantador. Devemos olhar com muitas esperanças para o proximo volume do sr. Marques Rebello,* Marafa. *Porque ahi temos um joven que nos vae dar ainda muitas surprezas.*"

(*) Em portuguez no original.

Leiam:

GILBERTO AMADO
ESPIRITO DO NOSSO TEMPO
(2ª edição)
Preço: 5$000
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

CORRESPONDENCIA

Sr. M. D. OLIVEIRA — 1. *Oscar Wilde nasceu em Dublin, na Irlanda, a 16 de Outubro de 1854. Era filho do cirurgião (mais tarde especializado em oculistica) William Wilde, e de Jane Francesca Elgge que, sob o pseudonymo de* Esperanza, *escreveu versos na juventude e, annos depois, labutando na imprensa, tomou parte activa em certas campanhas politicas que agitaram o seu paiz.*

2. *O autor de* Dorian Gray *morreu em Paris, a 30 de Novembro de 1900, num hotelzinho modesto da Rue des Beaux-Arts, n. 13. Este predio existe ainda e está assignalado por uma placa commemorativa, sendo que é bastante visitado por curiosos e admiradores do poeta. Wilde foi victimado por uma meningo-encephalite, consequente a uma otite media. Inhumado a 3 de Dezembro no Cemiterio de Bagneux, cinco annos depois, em 1905, os seus despojos, por interferencia de alguns amigos dedicados, entre os quaes Robert Ross, foram transportados para um tumulo de concepção estranha, no Père Lachaise, devido ao esculptor polonez Jacob Epstein.*

3. *O livro a que o sr. se refere, não deve ter vindo á nossa redacção, pois que o não vemos assignalado no* Memento Bibliographico, *onde são arroladas, com o maximo cuidado, todas as publicações que nos enviam. Aliás, nem de todos os livros recebidos fazemos critica.*

Luiz Lamego — **Os nevrosados na historia e na litteratura** — Edição Alba — Rio, 1933.

O autor, que é tambem um delicado poeta e um contista de finas intenções aristocraticas, laureou-se em medicina e sempre se consagrou aos estudos de psychologia morbida. Baseado em muitos escriptores de polpa, ao que se deduz da sua profusa bibliographia, apresenta-nos trechos, muito bem documentados, sobre a degenerescencia das casas reaes e sobre os typos de criminosos e alienados propheticamente entrevistos por litteratos de varias épocas, ainda não conhecedores da sciencia experimental, como Shakespeare e Cervantes. Uteis as informações relativas aos imperadores romanos, aos Habsburgos, aos Capetos e Valois, aos Hohenzollerns, aos Medicis, aos Bourbons e aos Braganças. As caracteristicas de Solano Lopez, "uma figura tragica", interessam bastante, outro tanto acontecendo com as observações sobre a tara do ultimo czar da Russia. Quanto ás bizarrices e manias dos intellectuaes famosos, tambem não são olvidadas e essa não é a parte menos suggestiva do livro.

Iracema Guimarães Villela — **A Hora do Chá** — Rio.

A autora deste trabalho, assáz festejada sob o pseudonymo de *Abel Juruá*, com que assigna scintillantes chronicas nos nossos principaes jornaes, revela-se nesta comedia, com que nos proporcionou agradaveis instantes de leitura, dotada de especiaes aptidões para o theatro. *A Hora do Chá* já foi vertida para o espanhol pelo Sr. Benjamin Garay e, em 1928, com pleno exito, foi levada á scena no nosso Theatro Trianon.

Helena de Irajá — **Tricolor** — Livraria Francisco Alves — Rio, 1933.

Embora seja difficil delimitar os generos litterarios, cremos que estes contos da senhorinha Helena de Irajá não são propriamente contos e sim fantasias romanticas. Apaixonada pela musica e comprazendo-se em citar as melodias de Tosti e Massenet, a joven patricia, mais que uma pintora de costumes ou uma fixadora de paizagens é uma fina interprete de estados de alma sentimentaes.

Manuel Mesquita dos Santos — **A Sé Primacial da Bahia** — Bahia, 1933.

Professor de um collegio que traz o nome glorioso do padre Antonio Vieira, o sr. Manuel Mesquita dos Santos não podia deixar de ser um espirito cioso de todas as tradições de cultura e de todos os formosos templos que os seus antepassados catholicos levantaram nas lindas terras da Bahia. Explica-se, portanto, que bastante o haja consternado a idéa de derrubar-se a mais historica e imponente das casas de oração da cidade do Salvador, apenas para facilitar o transito dos bondes ou para levar a cabo reformas edifiticias de maior ou menor importancia. E o seu protesto nesse sentido encontrou repercussão em dezenas de almas religiosas da terra em que aportaram as náos de Cabral e onde o grande missionario jesuita exerceu o seu sublime apostolado christão.

Dom Antonio Ramón Arrufat — **A Ordem Benedictina** — Livraria Catholica — Rio, 1933.

Este livro foi posto em vernaculo por dom Joaquim G. de Luna, monge do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, descendente de uma familia illustre e nobre figura em quem competem erudição e simplicidade de maneiras. O original, de outro operoso servidor da Egreja, das paragens mysticas de Monserrate, é o bello resumo historico de uma ordem que trabalha sempre pela cultura e pela edificação moral de milhões de sêres em innumeros pontos do planeta. *Ora et labora*: eis o lemma dessa gente admiravel que tanta coisa tem feito pela civilização christã. Optimos educadores, os benedictinos de hoje devem ufanar-se cada vez mais de pertencer a uma corporação de crentes como a que deu todas as glorias arroladas no formoso livro agora vertido para o portuguez.

Egon Erwin Kisch — **O Paraiso norte-americano** — Edição da Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1933.

O autor não é um viajante circumspecto e frio, apegado unicamente ás estatisticas. Sabe tambem ver o pittoresco, imprimindo ao que diz um caracter nitidamente humano. Depoimento util sobre uma civilização a proposito da qual existem milhares de testemunhos contradictorios, dos Duhamel, dos Morand, dos Siegfried. A traducção, de Galeão Coutinho e Leonor de Aguiar, é muito bem conduzida.

BOLETINS BIBLIOGRAPHICOS

Temos recebido e agradecemos as seguintes publicações bibliographicas: *Livros e Autores* (Civilização Brasileira, Rio), *Boletim Bibliographico Brasileiro* (Liv. Cultura Brasileira, São Paulo), *Mundo Litterario* (Calvino Filho, Rio), *Branco e Preto* (Livraria do Globo, Porto Alegre), *Momento* (Recife) e a esplendida *Litteratura* (Rio). Todas essas publicações apresentam novidades das mais interessantes sobre o movimento editorial do paiz.

Leoni Kaseff — **Problemas de Educação Moderna** — Rio.

O Sr. Leoni Kaseff já se fez um nome de real merito em assumpto de pedagogia, a que vem dedicando o melhor da sua intelligencia e um invulgar preparo technico. Não ha muito, um outro livro seu, *Educação dos Supernormaes*, despertou a attenção da nossa critica e teve a consagral-o um premio da Academia de Lettras. Agora, com o mesmo zelo e insuperavel proficiencia, elle agita, em *Problemas de Educação Moderna*, uma serie de themas da maior relevancia e que constituem motivo de permanente debate aos que se interessam pelo nosso Ensino. Compulse-se o seu indice ao acaso e ha de se vêr que nada foi esquecido nesse magnifico volume, onde resaltam os capitulos dedicados á Escola Primaria, ao Ensino Technico, á Escola de Administração, etc. etc.

Dormund Martins — **Que somos?** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

O sr. Dormund Martins, que já foi intendente municipal, apresenta-nos aqui uma especie de libello partidario em que está longe de ver as coisas do paiz com um optimismo beatamente panglossiano. Sua argumentação é das mais acidas e, remontando ás nossas origens historicas, investe implacavelmente contra a dominação portugueza.

Mahatma Gandhi — **Memorias** — Adersen Editores — Rio, 1933.

E' a traducção directa, devida á penna de Sarah Rudra e Paulo Nerey, de um livro que vem interessando grandemente os leitores cultos da Europa. Resultam ahi as linhas essenciaes da vida de um homem que muito tem influido nos destinos moraes e sociaes dos seus patricios e é neste momento, na India batalhadora ou mystica, o pastor de milhões de consciencias.

Ignez Teltscher — **Alma Nossa** — Edição particular.

Nesta primeira série de trechos brasileiros traduzidos para o allemão, a srta. Ignez Teltscher inclue os srs. Alberto de Oliveira, José Americo de Almeida, Mario de Andrade, Olavo Bilac, Peregrino Junior, Luiz Paula Freitas, Augusto Goldschmidt, Mucio Leão, Augusto Frederico Schmidt, Ronald de Carvalho, Tristão de de Athayde, Carlos Rubens, Ernani Fornari, Carlos Maul, Bastos Tigre, Gilka Machado e Jorge de Lima.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Lucia Miguel Pereira — *Em Surdina* — (Romance) — Ariel Editora Ltda. — Rio.
Menotti del Picchia — *Poesias* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Catullo da Paixão Cearense — *Fabulas e Allegorias* — 2ª ed. — Civilização Brasileira — Rio.
Alceu Amoroso Lima — *Introducção á Economia Moderna* — 2ª ed. — Civilização Brasileira — Rio.
Monteiro Lobato — *Novas Reinações de Narizinho* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
Leoni Kaseff — *Problemas de Educação Moderna* — Rio.
João Cordeiro — *Corja* — Calvino Filho — Rio.
Annibal Falcão — *Formula da Civilização Brasileira* — Editora Guanabara — Rio.
Francisco Mangabeira Albernaz — *O Homem e a Mulher* — Bahia.
Iracema Guimarães Villela — *A Hora do Chá* — Rio.
Matilde Garcia Rosa e Jorge Amado — *Descoberta do Mundo* — Schmidt — Rio.
Alvaro Moreira — *O Brasil Continúa...* — Civilização Brasileira, S. A. — Rio.
Guilherme de Almeida — *O Meu Portugal* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Egon Erwin Kirsch — *O Paraiso Norte-Americano* — Ed. Liv. de Cultura Brasileira — São Paulo.
Mahatma Gandhi — *Memorias* — Adersen Editores — Rio.
Publicações do Archivo Nacional — N. XXIX — Rio.
Revista Economica — Anno I — N. 1 — Novembro 33.

João Cordeiro — **Corja** — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

Apesar do abuso da giria local e de certos trechos de uma excessiva crueza realista que o impedirão de ser lido pela generalidade dos leitores, o sr. João Cordeiro traz-nos evidentemente a revelação de um romancista. Os defeitos de construcção e a violencia sexual de alguns episodios não impedem que esse romance contenha bellas descripções do viver popular da Bahia e uma nota de invencivel ternura se expande nas delicadas paginas em que vemos morrer o bohemio Luciano. Os aspectos do Rio de Janeiro pareceu-nos inferiores aos que fixam pittorescos aspectos do Norte, não nos agradando tambem muito a "mulher fatal" que o protagonista vae encontrar entre os arvoredos de Nova Friburgo. Mas as scenas de botequim e repartição na deliciosa cidade do Salvador, parecem-nos bem acceitaveis, mão grado um ou outro traço caricatural. Faz a apresentação do livro e do autor, em palavras vehementemente fraternaes, o victorioso romancista Jorge Amado.

Galvão de Queiroz — **Caíva** — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1933.

Caíva é um nome de matta "carrasquenha", de arvoredo "enfezado, tortuoso e rijo", mas com muitos "cantos de passarinhos" e "vôos de borboletas". Ora, o livro do sr. Galvão de Queiroz é mais ou menos isso. Os assumptos são em geral barbaros, truculentos, manchados de sangue. Mas os detalhes romanticos intervêm a cada passo, attenuando os furores da matança. O caso de Pedro Moreira, o tocador de harmonica que, por amor, assassina o pae adoptivo, é traçado com um pincel vigoroso. E ninguem deixará de sorrir deante dos precalços em que se mette um pobre medico provinciano devido á sua facilidade de arranjar sósias por este vasto mundo. Innegavelmente possue o sr. Galvão de Queiroz o dom da vida e é um narrador desempenado. Tudo faz crer que os seus futuros livros lhe tragam um bello nome em nossas lettras. E os seus possiveis cambaleios de agora resultarão sem duvida da extrema juventude do contista. Sabe-se que na juventude todos nós gostamos muito de certas effusões melodramaticas que em velho nos fazem horror...

Caio de Mello Franco — **Via Latina** — Editor W. J. A. J. Zijl — Haya, 1933.

Encontra-se aqui um fino humanista que, em materia de intelligencia, detesta as fronteiras de qualquer especie e tem o gosto dos estudos universaes. Egualmente amigo da antiguidade pagã, dos homens exaltados da Renascença e dos bellos templos christãos de Minas Geraes, tudo o que elle escreve denuncia o mesmo inalteravel enthusiasmo pela poesia e pela belleza. Os textos classicos, que versa com mão diurna e nocturna, não lhe mataram a espontaneidade de impressões e sensações e ha sempre nelle o calor, as effusões lyricas do autor da *Urna* e da *Vida que passa*. No que diz respeito aos ensaios e fantasias desta collectanea de agora, sente-se a cada passo, o intimo, o familiar das bibliothecas, que fez justiça decisiva a Claudio Manoel da Costa, mas tambem sente-se o homem que viu e observou de modo directo os evocativos ambientes mineiros. Os trabalhos sobre o Aleijadinho, Fernão Dias e a fundação das cidades sertanejas encerram trechos de valor anthologico, digno de alguem que, desde creança, tem sabido nutrir-se nas têtas da loba latina.

Raul Machado — **Passaro morto** — Typographia America — Rio, 1933.

Desse poeta disse o sr. Gustavo Barroso: "Raul Machado pensa por si e allia á perfeição do verso a riqueza da rima e, sobretudo, o poder do pensamento, a força da emoção sinceramente expressa". Agrippino Grieco achou-o "senhor de um feliz impressionismo descriptivo". O sr. José Vieira affirma que elle "logrou escrever os mais correctos e alguns dos mais bellos versos da poesia brasileira". Declarou o sr. Fernando de Azevedo que o sr. Raul Machado trouxe para as lettras "o sentido da natureza". O sr. Thomaz Murat reconheceu-lhe "o valor e a paciencia do ourives". "Consummado mestre na correcção dos versos", proclamou o sr. João Ribeiro. Isto sem esquecer que o critico Osorio Duque-Estrada, percorrendo o Norte, ficou estupefacto quando encontrou um patricio de 18 annos que já era autor de dois sonetos magistraes como *Lagrimas de cera* e *Posthuma*, logo divulgados pelo paiz todo, com uma longa repercussão nos albuns e na memoria dos leitores de bom gosto. Mas é bem de ver que, em chegando o movimento modernista, procurou o sr. Raul Machado evadir-se da gaiola do soneto, avido de rythmos novos, de vôos mais amplos. E este volume reflecte-lhe, sem perda de lyrismo, uma sensibilidade mais livre, mais actual e, possivelmente, mais humana.

E. Roquette-Pinto — **Ensaios de Anthropologia Brasiliana** — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1933.

Eis ahi um scientista e um escriptor á altura de tratar das questões as mais variadas. Uma velha pesquiza, um conceito pessoal, um thema que lhe foi suscitado pela leitura de um livro novo, tudo lhe é pretexto, e louvavel pretexto, para dizer cousas sensatas, affirmar uma riquissima personalidade, servir a intelligencia do paiz. De tudo desentranha elle "utilidade" e muitas vezes "belleza". Esse homem de trabalho, de laboratorio, que ama as lettras e a musica, as artes em geral, mostra, a proposito de uma these do sr. Azevedo Amaral, quanto o preoccupam as questões de immigração e eugenia e quanto os seus estudos de ethnographo o habilitam a bem discorrer sobre os problemas de sanidade das raças, no desejo de bem seleccionar os elementos humanos que, vindos de longes terras, se propõem a enriquecer os nucleos ruraes ou citadinos do Brasil. Bellas são, no ultimo volume do eminente anthropologista da *Rondonia*, do excellente prosador dos *Seixos Rolados*, as paginas allusivas á "arithmetica moral" de Buffon e as que tratam da "ventilação artificial das regiões tropicaes". Questões de clima e nosographia encontram, nessa collectanea, alguem que as discuta com a idoneidade de um incansavel turista do mundo dos livros. O estudo consagrado a Fritz Muller, o naturalista de Blumenau que Darwin tanto admirava, é um retrato de corpo inteiro, como só o podia traçar um critico da sciencia que é tambem, nos seus bons instantes, um creador da sciencia. E em vindo á baila detalhes technicos de anthropologia japoneza e portugueza, postulados philosophicos ou raciaes de Keyserling e Gobineau, o sr. Roquette-Pinto diz sempre lucidamente a sua palavra, depõe em nome do Brasil, accrescenta sempre algo ás theorias estrangeiras que interpreta.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

Anno II - Fevereiro 1933 - N. 5

REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A Nossa Litteratura

DISTINGUIDO pelo Sr. Paul Gaultier, director da Revue Bleue, *membro do Instituto, para fazer parte do "Comité pour l'Expansion du Livre Scientifique" presidido pelo Sr. Emile Picard, da Academia Franceza, secretario perpetuo da Academia das Sciencias, com séde em Paris, como representante do Brasil, faço um appello aos meus patricios especialisados nos diversos ramos do conhecimento para que me suggiram as obras que, ao seu pensar, por seu caracter desinteressado, pela altura do seu teôr scientifico e pela importancia da sua contribuição universal mereçam a honra de ser indicadas á publicação em francez sob os auspicios do mesmo Comité.*

Naturalmente não possuimos muitos livros dessa natureza. Um simples lançar de olhos sobre os indices da nossa cultura mostra que nos achamos ainda, de uma maneira geral, e excluida toda idéa de exaggero ou de censura, num periodo de adaptação em que compilação e commentario occupam o primeiro logar. Contribuições originaes para a cultura, certo havemos de tel-as, mas não numerosas.

A falta de altos estudos, de institutos de sciencia pura, de faculdades de sciencia e de lettras, bem como a inexistencia da profissão intellectual propriamente dita — não reclamada pelo meio — que se contenta e que só exige technicos (advogados, medicos, engenheiros, funccionarios, etc.) explicam naturalmente nosso atrazo nesse particular. Quanto á litteratura propriamente dita, como tenho assignalado varias vezes, essa será por muito tempo ainda uma litteratura de fragmentos e de amadores.

A arte é longa, ciosa do tempo, ciumenta do menor minuto do artista. Não lhe perdôa nenhuma distracção. Quem tem que escrever romance ou poema — terá que viver só e só para isso, pensando só nisso, a isso dedicando todas as suas forças e actividade.

As horas, os dias, os mezes que o artista passa fóra do seu gabinete, arredado da sua mesa de trabalho, são movimentos de abelha colhendo mel para a colmeia. Assim é em todos os paizes em que ha e pode haver litteratura.

Aqui entre nós, o artista só o pode ser nas horas vagas, ou ao acaso dos momentos furtados á vida pratica, á profissão, ao dever, ao trabalho *em summa. A mais bella cousa do mundo, a composição litteraria, aqui não é* trabalho. *E' mero passatempo, em que o artista reune apressadamente o que poude sentir e pensar e poude guardar do seu sentimento e do seu pensamento.*

Esse artista, aqui no Brasil, para viver terá que exercer sua profissão, *isto é, estudar, ler, debater, resolver problemas que empecem dentro da alma a livre circulação da seiva creadora. A maior e mais poderosa vocação litteraria esbarra deante de um imperativo categorico: a falta de tempo.*

Quem estuda direito para dar lições e advogar, quem estuda medicina para clinicar, quem estuda engenharia para construir pontes e casas, quem tem de passar seis horas na Repartição informando ou despachando papeis, quem anda pelo jornalismo escrevinhando sobre todos os assumptos, ao sabor das circumstancias, não pode ter a profundeza, o recolhimento, o lazer, a exaltação interior, o coração intacto para a elaboração das grandes obras da creação artistica ou de pensamento. Ha de fazer apenas pedaços mais ou menos brilhantes, resultado feliz de esforços transitorios.

E' isso o que vêm fazendo todos os benemeritos brasileiros que, em meio a difficuldades naturaes do meio e no silencio fechado da mais bella das linguas mortas, hão composto livros, de arte ou de pensamento, neste paiz — da monarchia até hoje. Suas obras são indicios de valor individual, reacções não raro prodigiosas contra o destino, documentos extraordinarios de engenho, protestos victoriosos do genio contra o aniquillamento absoluto. Assim não podem deixar de ser considerados com sympathia por quem tem o senso da justiça, os homens de lettras do Brasil. O que fazem já é muito. E' muito mais do que se poderia esperar. Demonstra o nosso valor, o nosso poder, e a existencia, em nosso fundo espiritual, de uma intensa capacidade de producção que queira Deus não venha a diminuir no desengano dos dias sem belleza em que vivemos.

GILBERTO AMADO.

"Les deux sources de la Morale et de la Réligion"

Henri Bergson — Librairie Felix Alcan — Paris, 1932.

Era um livro esperado. Aos fieis da philosophia bergsoneana parecia impor-se como uma necessidade que o Mestre désse ao mundo os fructos de suas reflexões sobre a moral e a religião. E sabia-se ha algum tempo para cá que o philosopho, sem pressa, lentamente, seguindo as normas que já o haviam guiado em seus outros trabalhos, dava forma á sua profunda meditação.

Não sabemos porque, ao terminar o volume, mais ainda que nas obras anteriores, uma impressão extranha nos ficou. Bergson analysa os mais mysteriosos sentimentos, decompõe com uma subtileza incomparavel os pensamentos fundamentaes que formam o apanagio da alma humana, esmiuça, inexoravel e profundo, as idéas basicas, que, nascidas com o homem, se desenvolvem, transformam-se e evoluem com a Humanidade. Em uma palavra, a materia de seu volume é constituida essencialmente por esse fundo commum, que serviu de alimento a todos os philosophos, a todos os pensadores, e a todos que, sem terem merecido esses titulos, pensam e, meditando sobre a realidade, fazem philosophia a seu modo. No emtanto, o livro de Bergson apparece-nos quasi como o producto de uma intelligencia que acaba de visitar um universo até então virgem de pensamento, de um espirito manipulando pela primeira vez uma materia nova, intacta, cheia de segredos nunca suspeitados, pejada de mysterios cuja existencia era occulta.

Entretanto, a uma segunda leitura, deparamos a cada passo com coisas que nos eram familiares. O philosopho não esqueceu mesmo de lembrar-nos tratar-se, n'este ou n'aquelle ponto, de materia já discutida d'esta ou d'aquella maneira. E os que conhecem bem a philosophia bergsoneana reconhecerão muitas das idéas anteriormente explanadas, verão mais uma vez surgirem velhos themas, dissertações que despertam em massa as recordações. Mas tudo isso vem renovado. Os velhos themas nos são apresentados com um rythmo differente, ainda mais nobre, mais elevado.

A's vezes apresenta-se-nos a questão de saber se o segredo da arte bergsoneana — porque sem diminuir o valor do philosopho, forçoso é reconhecer a existencia de uma arte bergsoneana — não se encontra justamente n'esse poder de nos fazer esquecer o que sabiamos, de deixar para traz, de tal modo longe que desapparece de nosso espirito, tudo o que o mobiliava e ornava. Elle aniquilla nossa memoria, como parece desprezar a sua. Ao fim de algumas paginas, afigura-se-nos como um phenomeno inedito: o primeiro autor, o primeiro exemplar de uma especie desconhecida, a primeira revelação de uma actividade que acaba de ser creada, dando-nos a sensação inebriante do primeiro livro que lemos. E o leitor convence-se, máo grado seu, estar penetrando pela primeira vez n'esse mundo encantado das coisas escriptas. Empolgado, preso, deixa-se levar, não offerece mais resistencias; dominado de vez, não tem velleidades de revoltas, não se debate; entrega-se, e eis tudo.

Talvez, por isso mesmo, as poucas citações encontradas no livro de Bergson, destoem um tanto. Desejar-se-ia que nunca um nome apparecesse n'essas paginas que deveriam ficar immaculadas. Quando muito, os nomes antigos, d'esses philosophos cujo pensamento impregna toda a nossa cultura, paira como um perfume tenue acima d'aquillo que formou nossa intelligencia, e, para a maioria, não chegou a se materialisar nos caracteres negros de um livro. Talvez mesmo só o nome de Socrates ou o de Christo deveriam figurar; esses nunca escreveram e depuzeram suas idéas directamente na intelligencia dos outros homens, immaterialmente transmittiram seus sentimentos á alma de seus discipulos.

O que acabamos de dizer dá bem uma idéa dos perigos d'essa incomparavel arte bergsoneana. Em Bergson a arte não é a preoccupação primeira, talvez mesmo não seja preoccupação alguma. Ella é uma resultante involuntaria (quem sabe?) de seu methodo pessoal de pesquizar a verdade. Se esse methodo tem um valor soberanamente esthetico, não lhe cabe a culpa. A menos que a essencia da arte suprema se confunda com a propria pesquiza do real, e o esforço humilde e sincero de comprehender, pondo em acção todos os recursos da intelligencia e todas as mysteriosas faculdades de uma obscura intuição, seja naturalmente o esforço caracteristico da creação artistica. Mas essa arte é por tal forma empolgante, que mal resistimos á tentação de pedir ao Mestre não sacrifical-a ás necessidades, uma ou outra vez mais terra a terra da philosophia.

Deveriamos recuar deante da tarefa de dar uma idéa da essencia do pensamento bergsoneano? Somos tentados a isso. Ainda que pudessemos, e isso parece-nos discutivel, apresentar em termos proprios, suas conclusões mais evidentes, esse trabalho seria falho e quiçá inutil. Mesmo que utilizassemos os proprios termos de Bergson, os fragmentos destacados não permittiriam ter uma impressão justa da harmonia do edificio. E ainda, não é essa imagem tirada da architectura que teria aqui uma applicação exacta. O volume de Bergson afigura-se-nos uma maravilhosa symphonia, na qual melodias simples se entrelaçam em combinações intraduziveis, são retomadas cada vez de per si por todos os instrumentos, cada um emprestando-lhes as caracteristicas de seu timbre proprio. Um thema que parecia anteriormente exgottado, reapparece em um momento dado, em seu verdadeiro quadro harmonico, e pode então tomar toda sua amplitude. E que significação teria isolarmos aqui alguns d'esses themas? Porque dar-lhes existencia independente, submettendo-os a um execravel processo de analyse? Para que dessecal-os, e estiolal-os, afastando-os de sua atmosphera adequada? Mas, precisamos ainda uma vez não esquecer a obra do philosopho, e deante d'ella, mesmo á custa de esforço e vencendo a natural relunctancia, deixar temporariamente de lado o artista.

Segundo Bergson, o homem é naturalmente sociavel. A evolução dos sêres vivos fez-se dichotomicamente, seguindo dois ramos distinctos e essa idéa havia sido largamente desenvolvida em seu livro anterior *A evolução creadora*. Um d'esses ramos representa a victoria e a or-

ganização do instincto, e adquiriu o seu maximo de aperfeiçoamento nas sociedades de insectos. No outro ramo, o instincto, que tem a seu cargo, quando plenamente desenvolvido, a solução pre-estabelecida dos problemas que se apresentam ao individuo, permaneceu rudimentar e quasi atrophiado. Foi a intelligencia que tomou o seu logar. Este segundo ramo da evolução chegou a seu grão maximo no homem.

A organização da sociedade impõe ao homem uma série de regras, e faz com que elle seja obrigado a adquirir um certo numero de habitos. A caracteristica essencial do homem medio, vivendo em uma collecção de individuos organizados em sociedade, ou em grupos, é justamente essa aptidão a adquirir habitos, de se amoldar ás leis, de se sujeitar, sem aprofundar sua natureza, a essa especie de pressão que sente sobre si, exercida de fóra.

Essa primeira especie de moral, simples, natural, parece só ter previsto a existencia de sociedades fechadas, limitadas em numero e occupando pequenos espaços. Ella crêa o espirito de grupo, pode chegar, dentro de uma mesma sociedade a formar grupos ainda mais reduzidos. Ella permitte o desenvolvimento de sentimentos hostis para com todos aquelles que não pertencem ao mesmo grupo. Não exclue a prevenção, ou mesmo o odio do estrangeiro. Mostra-se essencialmente conservadora e estreita, n'esse sentido de concentrar sobre os individuos que mais de perto tocam cada homem, o sentimento da obrigação.

Entretanto, desde certa época, algumas grandes almas sentiram em si uma especie de aspiração para alguma coisa de mais alto, de mais elevado e mais puro. A' idéa de uma sociedade fechada, a esse quasi-instincto primitivo, sobre o qual se enxertou uma dóse de intelligencia mais ou menos esclarecida, substitue-se, porque a essencia é no fundo differente, uma idéa larga e um sentimento amplo. A consideração da humanidade inteira apparece a alguns espiritos como uma aspiração para alguma coisa de profundo. O amor da humanidade, a capacidade de sentir o que o conjuncto da especie humana merece de cada um de nós, ou mais do que merece, exige de cada individuo, foi uma revelação dos grandes mysticos. E esse estado d'alma, chegando em alguns individuos a grãos extremos, ainda que diluido, menos concentrado, desperdiçado e espalhado na massa dos espiritos mediocres, constitue um guia novo. A obrigação proveniente d'essa aspiração, nem sempre bem definida, d'essa qualquer coisa que encarada de perto parece nada, e entretanto tem, queiram ou não, conduzido a humanidade, depois que esta conseguiu um certo grão de evolução, não raro entra em conflicto com a obrigação estreita e acanhada da moral fechada. Uma grande sociedade aberta, idéa nova e até certo ponto contraria aos habitos adquiridos, necessarios e asseguradores da manutenção da sociedade fechada, exerce a acção subtil, quasi invisivel, mas essencialmente fecunda e poderosa, que pouco a pouco leva o homem a destinos superiores.

Do mesmo modo que a moral tem uma dupla origem, a religião se nos apresenta, segundo Bergson, sob dois aspectos differentes.

A primeira origem da religião é ainda quasi biologica. Dada a sociedade, vivendo cada individuo mais ou menos solidamente ligado a um grupo, e recebendo d'esse grupo a imposição de leis obrigando á formação dos habitos, a intelligencia, cuja funcção, segundo a philosophia bergsoneana, é essencialmente utilitaria, pois que ella prepara a acção, tende a tornar-se dissolvente. Applicada mais largamente do que estaria nos planos da natureza, ella acarreta comsigo inconvenientes graves. Tendo aprendido a utilisal-as como um instrumento cada vez mais malleavel, apreciando o seu valor, o individuo seria tentado a applical-a exclusivamente em seu proveito proprio, com sacrificio da communidade. De util, a intelligencia passaria a ser nociva, causadora de males imprevisiveis. A religião, principalmente quando revestida de suas formas primitivas e incertas, apparece então como uma reacção de defesa contra essa acção dissolvente da intelligencia. Poder inhibidor, ella protege a sociedade contra os excessos indesejaveis da acção intellectual, que precisa ser mantida dentro de limites razoaveis. Mas, essa acção dissolvente não é perigosa só para a sociedade. A intelligencia pode voltar-se contra o proprio individuo. A comprehensão, sempre limitada e parcial, dos phenomenos observados em torno de si, leva o homem a encarar o grande e angustiante problema da morte certa e inevitavel. Ameaçado de se deixar absorver pela preoccupação d'essa fatalidade, elle acha uma solução, bastante satisfactoria para a maioria: revoltado contra a idéa do aniquillamento, acaba por acreditar na sobrevivencia de um principio immaterial, indefinido e indefinivel, que lhe parece caracterizar sua propria essencia: a alma. A crença na immortalidade da alma permitte ao homem — pobre sêr vivo, perdido em um universo hostil — percorrer um pouco mais tranquillamente o seu cyclo de vida.

O espirito humano é dotado, principalmente quando não ainda submettido a uma sã disciplina, de uma faculdade original: a fabulação. E é essa faculdade o instrumento posto em pratica para construir as religiões que visam preservar o homem dos maleficios da intelligencia e protegel-o contra o temor da morte.

Essas religiões, porém, nada mais são do que variações sobre um mesmo thema fundamental, denominado por Bergson de *religião estatica*. Ellas seriam assim bem pobres, bem insignificantes e muito pouco interessantes. Muito acima d'ellas, vem se collocar a grande religião, essa que se desprende de suas formas sensiveis, e se purifica, se subtilisa, transformando-se em uma fonte perenne de alegrias quasi inaccessiveis. E' essa a legitima creação dos grandes mysticos. Ella chega, talvez, ás raizes profundas da vida, e permitte presentir aquillo que escapa á analyse impotente da intelligencia. Raramente alguem attinge tão alto, e a massa dos homens apenas pode aspirar aos fragmentos informes de um mysticismo fóra de seu alcance. E para abordar o mysticismo puro ha necessidade de uma especie de genio, de vocação propria. Não que o commum dos mortaes fique como outros tantos lazaros, á espera que caiam as migalhas de um banquete onde só são admittidos os ricos. Os grandes mysticos, os ricos do banquete, estão promptos a dedicar a sua vida, não poupam esforços e acceitam com uma profunda alegria a tarefa de fazerem os outros participarem de sua riqueza. Mas, d'entre esses outros, muito poucos podem d'elles se aproveitar, e o que fica da acção d'esses privilegiados, é essa aspiração infusa para o grande e real progresso, para a libertação e para o bem.

Nem sempre os grandes mysticos, elles proprios, conseguem comprehender a natureza de sua missão. O estado unico a que attingem só é susceptivel de interpre-

tação e exposição em termos muito abaixo de seu nivel. E no esforço de transmissão aos homens, esse estado pode mesmo soffrer differentes formas de degeneração. Para chegar ás revelações mestras, os mysticos atravessam periodos turvos e complexos. Mas uma intuição profunda adverte da nenhuma importancia de tudo isso. As formas que se offerecem ao espirito, ás quaes este se deve amoldar nos seus esforços para a acção e a expressão, não chegam a extinguir de todo sua essencia, comquanto a prejudiquem. O verdadeiro mysticismo existe além de todas as religiões e acima de todos os cultos. Creador e inextinguivel, elle é, segundo Bergson, a communhão rara e momentanea de certas almas com essa energia essencialmente creadora que, atravessando a materia, organiza o mundo vivo, seguindo um fluxo ininterrupto de aperfeiçoamento e de progresso. A evolução d'essas almas coincidem em alguns casos raros e infinitamente preciosos, com a trajectoria obscura do mysterioso impulso vital. Uma intuição intraduzivel, porque excede dos limites da intelligencia, confere então um sentimento de certeza e de illuminação. E a humanidade, como se fôra constituida de creanças, inconscientes imitadoras dos grandes modelos, segue em deformações mais ou menos grosseiras, as lições d'esses soberanos mestres.

Em um ultimo capitulo, Bergson aborda uma idéa que parece desconcertante, paradoxal. A generalisação do verdadeiro e util mysticismo foi em muitos casos entravada pela miseria da vida material. Assim se explica a fallencia, sob um certo ponto de vista, do Buddhismo. O desenvolvimento da mecanica, com a libertação do homem das necessidades materiaes, é a condição da expansão mystica. A riqueza, bem entendida, desprovida do superfluo e do desperdicio irreflectido, é até um certo ponto, uma condição de purificação espiritual. E se o machinismo teve talvez suas origens fortemente impregnadas de mysticismo, seu desenvolvimento, impossivel de entravar, acarreta a necessidade de um novo mysticismo. Torna-se necessario um *supplemento de alma* para guiar esse corpo desmedidamente augmentado em sua acção pelos instrumentos cada vez mais aperfeiçoados.

Muitas questões sociaes, com cujas difficuldades o homem moderno se debate em vão, seriam profundamente esclarecidas, se conhecessemos suas origens e como foram creadas. Nascidas da intelligencia que pretende bastar-se a si mesma, ellas não podem ser resolvidas só pela intelligencia. E difficil é ainda penetrar n'esse mundo nebuloso e cheio de mysterios, onde a intuição impera, mas é parcialmente neutralisada por sua incapacidade de se exprimir. E Bergson termina com essas palavras obscuras para a grande maioria das intelligencias, mas luminosas para quem o acompanha, mesmo temporariamente: "A humanidade geme, meio esmagada sob o peso dos progressos que realizou. Ella não sabe bem que seu futuro d'ella depende. A ella cabe vêr primeiro se quer continuar a viver. Ella que pergunte depois si quer sómente viver, ou alem d'isso fazer o esforço necessario para que se cumpra, mesmo em nosso planeta refractario, a funcção essencial do universo, que é uma machina de fabricar deuses."

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Acaba de apparecer — GILBERTO AMADO:

A DANSA SOBRE O ABYSMO

Preço: 7$000 Em todas as livrarias

JAYME ADOUR DA CAMARA — OROPA, FRANÇA E BAHIA — Companhia Editora Nacional — São Paulo.

O sr. Jayme Adour da Camara foi uma das figuras mais brilhantes da segunda phase da revista *Anthropophagia*, de São Paulo. Ao lado do romancista Oswald de Andrade e da poetisa Pagú, foi dos que mais aturdiram o burguez conspicuo com os seus epigrammas ironicamente nativistas.

Depois disso, mitigada um tanto a gula desses devoradores de mediocridades, entrou o nosso joven patricio a correr mundo, com a mesma febre ambulatoria, o mesmo ahasverismo pittoresco do sempre delicioso Raul Bopp. Acabou mesmo indo parar á Finlandia e de lá nos enviou suggestivas impressões de viagem, além de haver, por aquellas plagas, colhido material humano, documentação psychologica para uma novella, entre descriptiva e humoristica, á maneira do *Jérôme* de Bedel. Novella em que celebra os seus amores de brasileiro torrido com uma das senhoras pretensamente frigidas das zonas nordicas da Europa.

Mas não só a Finlandia foi affectuosamente percorrida e esmiuçada pelo sr. Jayme Adour da Camara. Tambem andou elle pela Allemanha, pela Polonia, pela Russia, e, naturalmente, pela França. Seu primeiro livro, estréa em livro de um antigo jornalista que tem ennegrecido pelas redacções milhares de laudas de papel, intitula-se exactamente *Oropa, França e Bahia*.

A alguns esse titulo, que se inspira numa velha phrase, ingenua e expressiva, do populario nacional, parecerá burlesco. Prefeririam talvez *Por terras de além-mar*, *Caminhadas cosmopolitas* ou outro qualquer rotulo de egual sonoridade e sisudez. Mas o nosso escriptor quiz, e quiz bem, que logo desde o lettreiro da capa se lhe fossem percebendo as maliciosas intenções de turista que não é basbaque, que vê o mundo a seu modo, numa interpretação sabiamente ironica que nem por isso vae jámais á simples deformação parodistica.

Em quadros curtos, syntheticos, incisivos, como convem á moderna technica das narrações de viagem, vae elle movendo-se lepidamente através dos paizes e dos assumptos, recortando paizagens celeres, captando as figuras typicas, detendo em lindas paginas homens e ambientes inconfundiveis. Suas "folhas de um jornal de bordo" são saborosissimas e, quando pisa em terra firme, tambem não o faz elle desageitadamente, sendo inolvidaveis as notações, os esbocetos, as manchas sobre a Escandinavia, os judeus polonezes, a effervescencia russa.

A "visão de Lisboa", com a visita ao monumento a Eça de Queiroz, que o narrador classifica de "verdadeiro *biscuit* sem mysterio nem belleza" e, logo, indigno do grande romancista que pretende representar, é um trecho encantador, especialmente devido ao incidente pittoresco do fim...

A. G.

LEONI KASEFF — EDUCAÇÃO DOS SUPERNORMAES — J. R. de Oliveira — Rio de Janeiro.

O sr. Kaseff estudou com profundeza e erudição, nesse volume de 300 paginas, o problema dos chamados supernormaes. São os individuos de intelligencia e capacidade intellectual muito acima da média; elles são muito menos raros do que habitualmente se pensa, e muitas vezes essa superioridade não é aproveitada, desvalodiza-se, por serem elles obrigados a uma educação pouco adequada ás suas condições. Os problemas essenciaes relativos a esses casos, que formam os typos superiores de humanidade, são: saber reconhecel-os o mais cedo possivel, saber educal-os, permittindo que cheguem ao maximo de desenvolvimento. Os tests podem ser muito uteis para o primeiro problema, e quanto ao segundo, o ideal seria a educação individual. Como, no momento actual esse ideal não seria praticavel, o sr. Kaseff preconisa a formação de classes especiaes para supernormaes, classes homogeneas, em que não se faria sentir o retardamento dos menos bem dotados.

O livro do sr. Kaseff aborda com clareza e methodo todas as questões importantes. Depois de uma introducção sobre o genio e o progresso, segue-se a primeira parte, que, contendo tres capitulos estuda a physiologia dos supernormaes. A segunda parte, dividida em seis capitulos expõe a psychologia. A pedagogia é tratada em seis capitulos que formam a terceira parte. Finalmente a quarta parte, dedicada á sociologia dos supernormaes, contem quatro capitulos.

O trabalho do sr. Kaseff vae se tornar indispensavel a todos os pedagogos e mesmo a todos os professores. Elle representa um esforço e um successo que só pode merecer louvores.

"Le monde tel que je l'ai vu"

Emil Ludwig — Traducção de Raymond Henry — Edições Albin Michel.

Chegou-nos agora, na versão franceza, o livro de memorias de Emil Ludwig. Materialmente, deve pesar o que vale; um gordo volume de mais de quatrocentas paginas, ao longo das quaes a narrativa se estira, preguiçosa, sem pressa de chegar, um pouco descosida, um pouco desordenada. Não obedece ao plano seguro em que o autor enquadra de ordinario os seus biographados. Mas talvez por isso mesmo seja mais interessante. Mais vivo, mais arejado. A não ser o Napoleão, todos os seus livros são teutonicamente bem argamassados. Para um divulgador — e Ludwig póde ser um grande divulgador, mas não passa de um divulgador — isso é um gravissimo inconveniente. Aliás, com a sua, fecha a serie das vidas, segundo elle proprio o annuncia. Não explica os motivos que o fizeram abandonar a especialidade, mas não pódem deixar de ser muito fortes. O instincto atavico da raça devia leval-o ao contrario a aferrar-se a um dos generos litterarios mais rendosos do nosso tempo; rendosos na Europa, porque, entre nós, nenhum parece merecer tão alvoroçante adjectivo... As biographias e as questões sociaes estão positivamente na moda. Nada interessa tanto, não só ás elites pensantes, como tambem á massa, aos leitores medios — o publico especialmente visado por Ludwig — como os feitos dos homens do passado e a organização dos contemporaneos. Curiosidade, simplesmente? Procura de directrizes, de pontos de apoio, numa epoca que se sente de transição? Ou será uma revivescencia do romantismo, com o seu culto ao individuo? Tendencia paradoxal na era da standardização e da socialização... mas o facto é que depois da reacção impersonalista dos parnasianos, leitores e escriptores atiram-se, gostosamente, á volupia de se contarem uns, de se compararem os outros aos documentos humanos.

Ludwig não escapa á regra, e, todo entregue ao prazer de dizer *eu* a milhões de pessoas de todos os paizes, desenrola a sua mocidade com um luxo de minucias que a nós latinos choca como uma falta de recato. Exposição muito enfeitada, muito poetizada, é verdade. Abusa até do sentimentalismo germanico, o mais artificial de todos os sentimentalismos, detestavel mistura de pieguice etherea e realismo guloso. Hidromel e salchichas. Mas, attingidos os trinta annos, muda bruscamente de rumo e passa a falar pouco de si. Põe-se em scena apenas para reflectir as impressões causadas pelos homens encontrados no decurso da sua existencia, pelos paizes visitados. São pequenos desenhos rapidos, fixando quasi todas as personalidades em evidencia na Europa e na America do Norte e coloridas anecdotas de viagem. Tudo feito em traços incisivos, caricaturaes por vezes. O retrato de Maximiliano Harden tão em fóco na Allemanha logo após a guerra, o de Edison, o do presidente Hoover — "o mais grave dos homens, incapaz de escrever uma só linha sobre a mesa da sala de jantar" — o de Masaryk, e alguns outros são de uma rara vivacidade e firmeza. O trecho mais interessante, porém, a unica pagina realmente impressionante do livro é a entrevista com Poincaré.

O judeu, cidadão da terra, ou melhor, da Europa — "quanto mais envelheço, diz algures nas sua memorias, mais sinto que a minha patria é a Europa." — sem a menor solidariedade com o governo do Kaiser, espera encontrar na França um acolhimento semelhante ao da Inglaterra onde discutiu com Lloyd George, na cordialidade de um jantar, as condições do tratado de Versailles. E é recebido como um allemão, como um inimigo pelo antigo presidente. Empertigado, retezando a pequena estatura, Poincaré esquece de lhe estender a mão. São dois mundos que se defrontam, e não se comprehendem. Nem se poderiam comprehender. Ha entre elles uma coisa immensa, sagrada para um e para o outro ridicula. A patria. O francez, guerreiro porque patriota, e o allemão pacifista e desenraizado, o loreno apegado á sua terra e o israelita que o é de todas as terras porque não é de nenhuma, a tradição e o espirito do tempo entreolham-se um momento e mantêm-se cada um na sua posição... O futuro decidirá entre elles.

De si mesmo, da sua idade madura, pouco conta. Abre apenas uma janellinha aqui e acolá, sobretudo para as suas bohemias, com uma indiscreção bem masculina... Por isso, com um livro tão longo, não esgotta o assumpto, nem os leitores, cuja attenção é sempre despertada pela variedade de typos e costumes descriptos.

Apenas, nas ultimas paginas relata um dia da sua vida actual, com a satisfação de quem se crê solidamente installado na existencia — e na posteridade. Pequena vaidade desculpavel de homem enriquecido com o seu trabalho, e de artista que julga haver alcançado a gloria. Só lamenta que esta lhe tenha vindo um pouco tarde. Muito faceis de confundir, a gloria e a fama...

Sobre os seus methodos de trabalho conta algumas particularidades revelando-se muito mais theatrologo do que historiador. Aliás os seus primeiros annos de vida litteraria foram dedicados quasi exclusivamente á composição de dramas em verso. E se resente disso. Todos os seus livros são arrumados em torno de alguns episodios, e para elles, para os pôr em valor. As suas impressões são scenicas, plasticas, mais do que intellectuaes.

Talvez seja esse o segredo do seu exito, do caminho acolhedor que encontrou para a admiração das turbas.

Lucia Miguel Pereira.

Jean Webster — PAPAE PERNILONGO — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1932.

Livro de grande successo em lingua ingleza e do qual foi extrahida uma fita de cinema que o publico do Rio viu com immenso gosto. O typo de Judy, a heroina do volume, é dos mais suggestivos. Nenhum embellezamento de almas, nenhuma deformação de caracter romantico. Os seres se apresentam exactamente como são na vida, com luzes e sombras, com todas as suas cambiantes moraes. Apenas um sopro de optimismo, a revelar, com certa parcialidade, o temperamento jovial do autor, incita as creaturas á acção, mesmo nos transes mais adversos. A edição brasileira de *Papae Pernilongo* é illustrada com photographias do filme, cujas principaes personagens foram Janet Gaynor e Warner Baxter. Quanto á traducção, bastante estimavel, é do sr. J. Eloy de Andrade.

A Tragedia de Hamleto

PREFACIO DA TRADUCÇÃO

Shakespeare foi o maximo genio literario, porque o mais completo e universal. Homem-typo da Renascença, teve os defeitos da sua força. Foi excessivo como um sol. Ao serviço duma incomparavel magia de expressão, reuniu qualidades que, isoladas, fariam a fortuna de muito poeta. Victor Hugo fixou-o em algumas daquellas suas exclamações espantosas. No outro polo, Frank Harris, dos seus commentadores o mais original e um dos mais fortes, lembrando a formula de Goethe sobre a primazia humana da arte dramatica, observa que na historia da Inglaterra o maior feito foi ter esta produzido Shakespeare.

O prodigio impressionou tanto as gentes que entraram alguns a duvidar da sua verdadeira paternidade, não querendo attribuil-a a um actor de origem mediana e lettras frugaes. Propuzeram-se varios outros nomes. Em torno delles formaram-se escolas, e entre as escolas ardeu a discordia. O philosopho Bacon? O conde de Rutland? Ou lord Derby? Pouco importa á belleza. E sobre esta disputa já uma mulher de espirito advertiu: *"Peut-être que Dieu ne s'appelle pas Dieu"*. De resto, é proprio do genio desconcertar os calculos e deducções dos homens.

O que nos importa neste momento é propagar as paginas immortaes. Vai nisso prazer fecundo e serviço á nossa cultura.

Buscando servil-a, sem ser critico acceitei o encargo das *Lettras Brasileiras* no *Mercure de France*, o que me valeu algumas surprezas, segundo relatei noutro logar.

Nesta nova tentativa confio que não haverá surprezas taes. A luz intellectual da tragedia é tanta que qualquer traducção honesta e simples, como a presente, deixará filtrar quanto baste á illuminação dos leitores.

Não tive aqui, é quasi escusado dizel-o, as preoccupações do gramatico ou do erudito. Como sempre, cuidei apenas do pensamento esthetico. Traduzi sem esquecer aquelle aviso de Rivarol, suprema intelligencia critica, para quem muita vez é necessario sacrificar a palavra para não trahir o espirito. Mas fil-o sem esquecer tambem que a melhor traducção de um grande autor é a que mais exactamente se ajusta ao texto.

E fil-o principalmente com o piedoso cuidado de trazer o ex-voto de um poeta longinquo ao semideus da Poesia.

TRISTÃO DA CUNHA.

NELSON ROMÉRO — CRITICA NOVA — Typ. d'A Encadernadora S. A. — Rio.

Filho do glorioso autor da *Historia da Litteratura Brasileira*, do intrepido combatente das *Provocações e Debates*, o sr. Nelson Roméro estudou em Roma, ao lado do jesuita Leonel Franca, e, nesse ambiente impregnado de historia, saturado de recordações pagãs e christãs, soube fazer-se um humanista ás direitas, perfeitamente senhor da melhor cultura greco-latina.

E' mesmo curioso accentuar quanto o seu espirito differe do de Sylvio Roméro, mão grado o profundo respeito que lhe consagra á memoria. Amigo e parceiro de Tobias Barreto, progono ou epigono da famosa Escola de Recife, o pae era todo pelos estudos allemães, pelo direito positivo, pela sciencia experimental. Já o filho se inclina de preferencia para as lições dos povos mediterraneos, não esquece o direito moral e não desdenha as chamadas sciencias da alma, estando muito longe de crer na morte da metaphysica. Sylvio citava a cada passo os nomes de Haeckel e Darwin, emquanto o sr. Nelson Roméro ainda crê nos homens da Edade Média, ainda é um thomista, versando assumptos de escholastica, admirando os obreiros anonymos das cathedraes gothicas, relendo todas as semanas um canto de Dante ou um capitulo da Summa Theologica.

Outra nota de differenciação a assignalar entre os dois Roméros é a serenidade polemica do segundo em relação á vehemencia pamphletaria do primeiro. Sylvio era um contendor perigosissimo, dos que esfrangalham logo o adversario. Não assim, salvo ligeiras excepções, o sr. Nelson Roméro, que faz da discussão o ensejo para uma proveitosa permuta de idéas, tal na resposta ao jornalista que, para exaltar a historia litteraria do sr. Ronald de Carvalho, deprimiu a obra analoga de Sylvio. Ahi, mesmo sem ternuras immoderadamente filiaes, o autor da *Critica Nova* accentúa os meritos de synthese e coordenação do seu progenitor, que, innegavelmente, ultimou entre nós, em dois volumes polpudos, um retrospecto de cultura sem precedentes na America do Sul.

Passando a outros trechos do livro do sr. Nelson Roméro, encontramos bellas e substanciosas paginas consagradas aos "tests", onde elle nega "que a intelligencia se meça quantitativamente", ao "theatro e cinematographia immoral, amoral ou de suggestões criminosas", e ao rythmo do verso, digressão de quem nunca desejou que as artes poeticas matem a poesia authentica.

BIBLIA SAGRADA — Livraria Catholica — Rio de Janeiro, 1932.

Sympathica iniciativa a de estampar em fasciculos, accessiveis a todos, o maior dos livros de todos os tempos. Publicação integral, em que figuram, naturalmente, os trechos dados como apocryphos pela exegese protestante, mas nos quaes a melhor cultura catholica persiste em encontrar infinitas inspirações de belleza e poesia. Velho e Novo Testamento serão distribuidos aos leitores brasileiros sem qualquer mutilação de texto e accrescidos dos commentarios philosophicos ou moraes de verdadeiros especialistas em assumptos de historia sagrada. Isto sem alludir ás illustrações épicas de Gustavo Doré, que deu ás suas interpretações plasticas da Biblia uma força e uma grandiosidade que fazem pensar em Miguel Angelo.

JERÔME ET JEAN THARAUD — *LES BIENS AIMÉES* — *Librairie Plon* — Paris, 1932.

Francez, totalmente francez como *Claire*, como *Climats*, *Les Biens Aimées* é o producto de seculos de civilização, de cultura, de "raffinement". E' romance em que seguimos todos os movimentos, todas as tendencias de um espirito sensivel, romanesco, imaginativo; em que vivemos decepções e exaltações, tristezas e alegrias que são todas interiores, pois que quasi independentes dos factos em si; romance de um amador da vida, de um dilettante das emoções; bello romance.

E' livro em que a acção é secundaria, é apenas accessoria, onde a vida toda está no sentir, na maneira de interpretar, onde a esperança e o ideal occupam todo o quadro.

Adrien, que todos nós conhecemos pelo menos na adolescencia, ama o amor. Ama o amor e quer que seja differente, que seja superior, que seja espiritual. A luta subsequente delle contra o meio e contra si mesmo, pelo seu ideal, — as peripecias innumeras desse drama intimo, é isto que Jean et Jerôme Tharaud contam com uma arte, uma precisão, uma finura e uma elegancia que só a lingua de Molière permittiria. O livro é semeado de observações preciosas e de reflexões subtis, e acaba na normalidade, na vida sã e pura.

JACK SAMPAIO.

LUDWIG E MUSSOLINI

Entre as diversas fórmas que a campanha contra Mussolini revestiu no decorrer desses dez annos nenhuma é mais vulgar e mais antipathica do que a que congrega actualmente num mesmo movimento de pavor os diversos "pacifistas" da Europa, homens rubros de Moscou e homens rosa-claro de Genebra e arredores.

De novo os mais ousados dentre os prognosticadores de futuros proximos preveem a queda do chefe fascista, num tom de horoscopo que já é aliás conhecido de todos os que seguem a evolução do fascismo desde os dias de incerteza e de duvida. Ispira-os a mesma facilidade de affirmações que no final das eleições de 1919 via liquidado o movimento nascente, — que apontava mais tarde na conquista do poder politico o castigo para o "Cesar de Carnaval" que antes da victoria tudo podia prometter, mas que agora tinha que dar realmente alguma coisa, pouco que fosse, — que depois descobria nas rusgas com o Vaticano o signal inevitavel da queda proxima, não se sabe bem se por castigo divino ou imaginação humana..., — e que vê agora na attitude energica de Mussolini deante do resto da Europa o signal certo de uma guerra violenta que atirará por terra o fascismo, seu chefe e com elles a monarchia italiana.

Nessa nova attitude o que me parece mais interessante a salientar é a mudança evidente que se operou quanto ao modo de atacar o movimento fascista. A tactica usada é inteiramente nova.

Já vae certamente longe o tempo em que a opinião dos homens de pensamento se confundia com a dos boletins das ligas anti-fascistas no julgamento da personalidade e da obra de Mussolini. Hoje que o successo coroou a obra fascista e que já se podem citar vultosos progressos materiaes realizados na Italia nova — indices inequivocos para os simplistas que identificam progresso material e bom governo, — hoje o despreso de ha seis annos não é mais de bom gosto — é muito ousado ou muito vulgar de mais... E os intellectuaes, acovardados ou emfim convencidos, preferem guardar o seu despreso para os Hitler a caminho do poder, naturalmente usando os mesmos argumentos, naturalmente revelando a mesma incomprehensão politica de sempre.

Agora que não fica mais bem clamar pela inexistencia de idéas politicas, de visão economica, de programma social num governo que vem erguendo e construindo uma nação, a luta contra Mussolini tem que revestir nova fórma. Pasmos deante das manobras da aviação italiana que assistiram das cadeiras dos cinemas ou emmudecidos deante de estatisticas lidas em qualquer parte, os intellectuaes acharam mais "fino" abandonar o despreso pelo "cabotino" para se fecharem no temor deante do "guerreiro". E de novo levantaram a voz contra a obra fascista, denunciando-lhe os perigos.

O ultimo livro de Emil Ludwig, apezar de toda a sympathia manifestada por Mussolini, trae evidentemente uma attitude de hostilidade geral. Entre a realidade e a admiração de Ludwig por Mussolini — que poderia arrancar dos colloquios havidos entre ambos grandes coisas — interpõe-se um fantasma que tudo perturba: o pavor da guerra proxima, a possibilidade de um conflicto igual ou peior que o de 1914. Ludwig fecha-se dentro desse pavor, vê tudo por esse prisma, só respira esse ar de asphyxia — e naturalmente o livro fracassa quasi por inteiro.

*

A affirmação de que ha fracasso não significa de modo nenhum que o livro de Lulwig seja illisivel ou que não tenha valor algum. Ao contrario mesmo é um volume que se lê com o maior interesse de principio ao fim e tão bem as perguntas de Ludwig como as respostas de Mussolini. Ao fim do volume a sensação que se tem não é de modo nenhum a de allivio, mas a de que o livro foi pequeno, extremamente curto.

Chegamos assim ao defeito fundamental do volume — sua falta de consistencia. Deixa o leitor insatisfeito, tendo ouvido falar de mil assumptos, mas tão pouco de cada um que não tem tempo de fixar nada e acaba o livro querendo mais, o complemento de idéas esboçadas, a continuação de affirmações que Ludwig no mais das vezes corta pelo meio, ancioso por trazer Mussolini para o thema favorito, para o assumpto-fantasma do livro, o unico cuja extensão de tratamento não deixa o leitor insatisfeito: a guerra.

A essa obcessão da guerra proxima devem-se de facto os maiores defeitos do livro. E' constante a interrupção de pontos de vista os mais curiosos para a collocação de uma pergunta sobre as intenções bellicas da Italia nova — no mais das vezes indiscreta, sempre deslocada e uma ou outra vez de uma impertinencia que espanta — e tanto mais quanto a serenidade e a evasividade das respostas anteriores deveria ter feito Ludwig comprehender a extensão das suas indiscreções.

Evidentemente Ludwig poderia ter sido não só menos impertinente em certos momentos como mais habil no decorrer dos colloquios em geral. Sem duvida o seu livro dá do Mussolini actual uma impressão muito mais viva e penetrante que não importa que outro volume de impressões sobre Mussolini de não importa que epoca, mas não se póde deixar de imaginar durante todo o tempo da leitura dos colloquios que retrato o talento de Ludwig — liberto dos pavores pacifistas que o acorrentam — conseguiria nos dar desse Mussolini actual que o seu livro apenas nos deixa entrever, menos impetuoso e bem reflectido, menos conductor de homens e bem mais constructor de uma nação, menos Napoleão e bem mais Bismarck, menos Trotsky e bem mais Lenine, com o antigo enthusiasmo refreado e orientado no sentido da grandeza da nação que reergueu, plenamente consciente da obra realizada, plenamente confiante na obra a realizar. Nesse sentido não ha a menor duvida que o esforço de Ludwig tenha fracassado.

OCTAVIO DE FARIA.

— O politico Etienne Clémentel, antigo ministro do Commercio, da Agricultura, das Finanças, compôz o libreto de uma uma opera consagrada a Vercingetorix, o heróe das Gallias. Muito commum é, em França, essa incursão dos homens de Estado pelos dominios das lettras. Clemenceau escreveu sobre Demosthenes e Claude Monet. Herriot, enthusiasta de Victor Hugo, dedicou um grosso volume a Beethoven, depois de ter longamente estudado o caso de Juliette Récamier. E assim por deante. Quanto a Clémentel, pertenceu em moço ao famoso grupo da Rosa-Cruz, dirigida pelo mago Péladan, que se vestia de purpura e usava uma barba frisada de soberano chaldaico.

Epigramma

Primeiro pensamento matinal, madrugador intempestivo: entrou com o sol, borboleta irreal e flammejante vinda não sei de que extranha chrysalida ou fabulosa corolla, surprehendeu-me ao saltar da cama ainda estremunhado e tonto da delicia do somno e quando acabado de vestir-me á pressa imaginava tel-o capturado fremente e vivo, adeus o meu rico mensageiro alado! Fugiu-me das mãos o insecto gracioso e subtil e só me ficou este pouco de pó dourado, frio e inerte, com que vou traçando na pagina branca, sepulcro inexoravel, o epitaphio de um instante unico de belleza vãmente sonhado, nunca alcançado, inattingivel.

O "Pari" de Pascal

Aquelle celebrado *Pari* — ou *Parti* — de Pascal sempre me pareceu indigno de tão grande genio, e absurdo dilemma.

São conhecidos os termos da memoravel aposta, em que a parada é nada menos que o infinito e a eternidade da bemaventurança de um lado, e do outro lado a damnação e o nada.

Ralado, triturado, moido, coagido pela terrivel dialectica do Torquemada de Port Royal a optar e tomar partido, o espirito timorato vacilla, conturba-se, desnorteia, e attonito, bestificado ("*Naturellement celà vous abêtira*", observa Pascal, mas "*qu'avez-vous à perdre?*") subitamente precipita-se com esgares espasmodicos e ranger de dentes pela unica abertura deixada livre no abysmo para a salvação e a vida eterna.

Com a mesma logica infallivel o fanatismo demonstraria indifferentemente Allah, Manitu, Pachacamac ou Vitzputzli.

De Mim

Mais publico e mais leitores augura-me o sr. Afranio Peixoto no seu recente volume do *Humour*. O sr. Afranio Peixoto é um principe das nossas lettras — seja dito sem humorismo — que exerce cumulativamente com elegante e amavel displicencia o seu principado effectivo em varias provincias litterarias e até mesmo extra-litterarias e eu não teria o pessimo gosto de desestimar tão honroso suffragio. Mas o que eu entendo sobretudo louvar no sr. Afranio Peixoto é a singular audacia com que este prestigioso Alcides da litteratura official se atreve a mencionar nos seus escriptos um nome apparentemente banido de cenaculos e capellas, que os plumitivos bisonhos fingem ignorar — dahi é bem possivel que essa ignorancia não seja fingida! — e que os nossos Faguets de polpa de bananeira teimam em riscar dos compendios, o que é positivamente mais facil que riscal-o do Parnaso.

O meu agradecimento ao sr. Afranio Peixoto não ha de ir comtudo sem alguma restricção formal. Um dia, mas que longe vai esse dia! alimentei com effeito a nobre ambição de ser ouvido dos meus compatriotas ou, mais exactamente, dos meus jovens compatriotas, *unica parcella permanecida intacta da lepra de um organismo caduco e corrompido*, escrevia eu então com perdoavel emphase juvenil e imperdoavel candura. Tambem eu, ó santa ingenuidade! queria trazer-lhes a minha mensagem dourada de fé, alegria e esperança. E que eu era digno de fallar aos moços diz-me hoje a consciencia de uma vida moral exclusivamente consagrada ao trabalho, á meditação, ao estudo, sem compromissos de nenhuma ordem com o presente, e de uma integridade physica peremptoria que ainda hoje, aos sessenta annos passados, me permittiria medir-me — sem jactancia o digo, mas sem falsa modestia — na lucta, na carreira, no disco e no pugilato com qualquer dos jovens confrades do sr. Afranio Peixoto na Academia.

A idade, a reflexão, a experiencia, o exame ponderado e methodico da nossa formação historica, do que hoje se costuma chamar não sem grotesca philaucia a realidade brasileira convenceram-me da inutilidade de todo e qualquer esforço honesto na época actual, que a obra de redempção sonhada, a admittir que ella fosse possivel, devia remetter-se ao tempo, que é o grande regenerador das raças decadentes, e que em circumstancias taes a unica attitude plausivel é a abstenção e o silencio.

Tive, em tempo, o suffragio illustre de José Verissimo; o de Olavo Bilac, meu grande e nobre amigo, perseguido até o fim pela grita obscena dos Goyazis, Mutuyús Curinqueans, Morubixabas, que elle fustigou em estrophes supremas que transudam sangue de agonia. Tenho hoje a amizade e o suffragio de homens como João Ribeiro, Antonio Torres, Gilberto Amado, Agrippino Grieco e Gastão Cruls, nomes que não pronuncio sinão á meia-voz, com o discreto e commovido recato a que fazem jús, nesta penumbra dourada de *Ariel* e não para a rua e o grande publico, porque esses nomes significam, nos dias mornos e estereis que vivemos, o protesto do caracter inseparavel da intelligencia na arte como na vida, e aos quaes daqui por diante juntarei, sem vangloria mas sem fingida humildade, o nome do sr. Afranio Peixoto. Isso me basta. No mais, digo como Baudelaire: "*A quoi bon, puisque ceux dont l'opinion m'importe m'ont déjà compris et que les autres ne me comprendront jamais?*"

ALBERTO RAMOS.

IMAGEM

Uma cousa branca
eis o meu desejo

uma cousa branca
de carne, de luz

talvez uma pedra
talvez uma testa

uma cousa branca
doce e profunda

nesta noite funda
fria e sem Deus.

Uma cousa branca
eis o meu desejo,

que eu quero beijar
que eu quero abraçar.

Uma cousa branca
para eu me encostar

e afundar o rosto.
Talvez um seio

talvez um ventre
talvez um braço

para eu repousar
Eis o meu desejo

uma cousa branca
bem junto de mim

para eu a sentir
para eu me esquecer

nesta noite funda
fria e sem Deus.

D. MILANO.

Noite de S. João

Fazenda do Humaytá. Casarão de um seculo e meio dominando florestas e valles do pincaro mais alto da serra. Tia Bita, tia Fina, tio Honorio, tia Nem, irmãos da vovó de sinhô-moço, cujas edades sommadas subiam a mais de trezentos annos.

E um homem grande, de voz tranquilla, que sinhô moço não trocava por todos os fogos, por todos os balões, por todas as fogueiras deste mundo.

Negros dansando batuques. Busca-pés brincando com as saias vermelhas das negras. E a fogueira enorme dansando e cantando — ao som do batuque e do vento — as estranhas cantigas e as dansas estranhas que só as fogueiras sabem cantar e dansar.

Sinhô-moço tem dez annos. Sinhô-moço é o amor de todos os pretos, o coração de tia Bita, tio Honorio, tia Nem, tia Fina.

Sinhô-moço é pequenino, mas é maior para o seu pae que a fogueira, a fazenda e todas as cousas que existem abaixo e acima das serras.

Sinhô-moço soltou um balão. O balão subiu. Sinhô-moço bateu palmas, deu pulos e ficou a rir.

Sinhô-moço ganhou um beijo de papae, fechou os olhos, escondeu a cabeça no seu peito, ficou ouvindo o buque-buque de um coração batendo e esqueceu o balão, a fogueira bonita, os pretos, os tios, o frio.

Noite de S. João.

*

Noite de S. João!

Sinhô-moço nunca mais viu a fazenda onde viveram oito gerações de creaturas do seu sangue.

Sinhô-moço tem trinta annos. Tia Bita, tia Fina, tio Honorio, tia Nem, todos desappareceram na noite irremediavel que fica do outro lado da vida.

Sinhô-moço deixou ha muito, no fundo de uma cova, o homem grande, de voz tranquilla, cujos olhos sabiam o caminho de seu coração.

Noite de S. João.

Sinhô-moço está sosinho. A noite é grande, e escura, e triste, e fria como a saudade daquellas vozes que se calaram.

Sinhô-moço está sentindo em seus cabellos a caricia de dez mãos velhinhas que morreram, a piedade de cinco angustias que estão olhando e ouvindo um amor que está cantando dentro do seu coração.

Sinhô-moço está sentindo o buque-buque de um coração batendo bem junto ao seu coração.

E sinhô-moço está sosinho.

Noite de S. João!

DEABREU.

MOMENTO

Desejo de não ser nem heroe e nem poeta.
Desejo de não ser senão feliz e calmo
Desejo das volupias castas e sem sombra.
Dos fins de jantar nas casas burguezas.

Desejo manso das moringas de agua fresca.
E das flores eternas nos vasos verdes.
Desejo dos filhos crescendo vivos e surprehendentes.
Desejo de vestidos de linho azul de esposa amada.

Oh! não as tentaculares investidas para o alto.
E o tedio das cidades sacrificadas,
Desejo de integração no quotidiano.

Desejo de passar em silencio, sem brilho —
E desapparecer em Deus — com pouco soffrimento
E com a ternura dos que a vida não maltratou.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

(Do livro a apparecer: "*Estrella Morta*").

MEMORIAS

A proposito da publicação recente da primeira parte das memorias do Snr. Humberto de Campos, muita gente lamentará com razão que os escriptores brasileiros tenham versado tão raramente aquelle genero litterario. Porque os poucos livros que, taes a *Minha Formação* de Joaquim Nabuco, precederam entre nós o do escriptor maranhense, constituem documentos dos mais interessantes de nossa litteratura rala.

As obras de ficção dos prosadores nacionaes, assim como as composições de nossos poetas de todos os tempos, teriam provavelmente, as mais das vezes, muito menor interesse que as memorias que poderiam ter escripto os seus autores. Por pouco movimentada e mediocre que fosse, ou seja, a vida de qualquer delles, despertará por certo maior curiosidade e mais emoção nos leitores que tudo quanto compuzeram a vida inteira.

Foi pena, realmente, que alguns dos homens de lettras que o Brasil tem tido não se houvessem feito memorialistas, pois deixaram quasi sempre obras muito inferiores ás suas possibilidades, emquanto teriam escripto talvez livros admiraveis annotando apenas com simplicidade o que viram, sentiram e pensaram.

Ainda ha pouco, quando appareceu o volume posthumo de Graça Aranha intitulado *O meu proprio romance*, todo mundo terá deplorado que o autor da *Viagem Maravilhosa* despendesse os melhores annos de sua maturidade na composição laboriosa daquella obra de ficção, ao envês de dedical-os, com lucro incomparavelmente maior para a litteratura nacional, á elaboração do livro que deixou inacabado.

Haverá quem duvide, — para alludir a mais um patricio do Snr. Humberto de Campos —, que seria preferivel ter o Snr. Coelho Netto publicado alguns volumes de memorias ás dezenas de livros de contos, romances, e fantasias com que pretende concorrer ao premio Nobel?

Não seria muito mais interessante que o Dr. Claudio de Souza, por exemplo, tivesse contado episodios de sua vida pregressa do que da vida das *Mulheres na Biblia?*

Tive nas mãos, ha alguns annos, quatro ou cinco cadernos grossos que constituiam o diario de um dos mais notaveis oradores contemporaneos do Brasil. Não se tratava absolutamente de um registro de feição litteraria. Eram notas tomadas ao correr da penna, narrando os incidentes de cada dia, relatando conversas, resumindo reflexões, fixando perfís, attitudes e palavras de amigos, conhecidos ou desaffectos. Nada do que se parecesse com litteratura. Entretanto talvez fosse um dos melhores livros brasileiros, se pudesse ser publicado. Infelizmente não póde.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

A missão planetaria do Brasil

A crise de renovação politica que atravessamos, se beneficios materiaes immediatos até agora não nos legou, tem, pelo menos, como consequencia, nos haver mostrado que possuimos um nucleo bem elevado de idealistas e doutrinadores, capazes de transformar magicamente o Brasil.

Entre elles, o mais notavel é, sem duvida, o eminente homem de sciencia, Doutor Pontes de Miranda.

Que adjectivação seria possivel para caracterizal-o no conceito publico se o nosso sabio, elle mesmo, com sua propria palavra, nos affirma ser um vulto excepcional, indispensavel: um cavalheiro que, "quando chegam aos mattogrossenses algumas de suas observações sociologicas", recebe destes nossos quasi esquecidos patricios fervorosos applausos?...

Receber applausos de Matto Grosso!... Quem, jamais, logrou tanta honra em nosso paiz?!... Mas, o Dr. Miranda não se envaidece conquistando hosannas do matto. Aspira uma gloria maior, mais legitima.

Essa lhe virá, principalmente agora quando o preclaro sabio se preoccupa com os novos direitos do homem e nos propõe, deixando a perder de vista os defuntos Hugo Stines, Rathenau, Ballin, etc., um plano estupendo: *alphabetizar o Brasil em cinco annos e decuplicar-lhe em sete a producção.*

Pena é que estejamos desgraçada e eventualmente privados do nosso Messias. Se a Russia sovietica souber de sua capacidade constructora, não nos fica a respeito a mais vaga duvida, convidal-o-á, immediatamente, para ensinar a seu governo o magnifico projecto que se propõe realizar no Brasil.

Os economistas bolcheviki falharam na objectivação do plano quinquennal; o Dr. Pontes, porém, dentro de 7 annos, será o maior homem do Brasil, da America, do mundo, de todos os planetas reunidos... Seu programma dará a primeira prova da missão planetaria do Brasil!...

O Dr. Pontes é um moderno. Abomina as velharias. Mas, inconscientemente, é um ancião.

Os novos direitos do homem...

> *"O coração do Direito Constitucional de hoje é o direito á subsistencia e á educação."*

O professor patricio esteve na Europa e copiou, talvez, a *novidade* que nos apresenta da estatua de Danton, no Boulevard Saint Germain: *"Après le pain, le peuple, avant tout, a droit à l'éducation".* Assim, a grande novidade que proclama ser de sua autoria, lá está nos Decretos do Governo Provisorio, e sob fórma algo attenuada na Constituição Franceza de 1848 (1), devido á influencia de Louis Blanc e outros socialistas de então. Para sermos mais rigorosos, podemos ainda lembrar a *"Poor Law"*, da Rainha Elisabeth, da Inglaterra, lei que teve na pratica applicação lamentavel, mas parecia inspirar-se em conceitos analogos.

> *"Estado que não póde realizar aquelles direitos não merece ser Estado..."*

Mas, nesse caso, não ha na organização politica do mundo actual, nenhum Estado, pois, se a Inglaterra, por exemplo, alimenta seus desempregados, só o faz em caracter anormal e provisorio.

Entre os novos direitos que o Dr. Miranda quer introduzir na Constituição, consigna:

> *"Direito ao ideal, isto é, proporcionamento dos meios para as investigações scientificas, praticas moraes, os sports, etc."*

Que meios serão esses, de que a Constituição se armará para realizar e assegurar as praticas moraes? E os sports? Os sports na Constituição da Republica e em caracter de ideal... Onde foi descobrir o Dr. Miranda analogia entre o sport e o ideal?

> *"Tudo mais, fóra disto, em Constituições, depende do ponto de referencia technica e não póde ser resolvido sem graves consequencias, opinativamente."*

O leitor que entenda. Nós não comprehendemos o sentido desse amontoado de palavras. Sem duvida os mattogrossenses entenderão.

Resumindo uma de suas conferencias, escreve:

> *"Realização do socialismo com economia dos technicos, directores de serviços publicos e de industrias que seriam massacrados na lucta violenta de classes".*

Pavoroso futuro. Massacres, morticinios... Não se assustem. Nada disso haverá, nem o deseja o Dr. Pontes. Apenas, se comprehendemos bem o Dr. Miranda, que, extranhamente, tem tanta difficuldade em exprimir em portuguez o que pensa, elle quer dizer o seguinte: Que o apoio dos technicos ao socialismo evitará os massacres da lucta de classes. Só...

> *"Não existe uma sciencia para a Europa, para a America, para a Australia e outra para o Brasil. A sciencia é uma só."*

Do tumulo da creação artistica de Eça de Queiroz, um celebre personagem inveja o Dr. Pontes de Miranda...

Enumera o Dr. Miranda a usura, o analphabetismo, os latifundios e conclue:

> *"A usura, os latifundios, não podem ser um bem no Brasil e um mal na Europa".*

Oh! os latifundios...

O Dr. Pontes, que se pretende socialista, contradiz as doutrinas fundamentaes do socialismo scientifico de Marx e outros, que insistem sobre a relatividade das instituições economicas e sociaes. Tal instituição póde ser um bem em certa época, e em certo paiz e um mal numa outra época e num outro paiz, que se encontra numa outra phase de evolução.

Assim, por exemplo, a propria economia capitalista, pela qual, como o nota Werner Sombart, Marx sente no fundo certa sympathia, foi a mais vantajosa para a humanidade du-

---

(1) *"Le Gouvernement provisoire de la République française s'engage à garantir l'existence de l'ouvrier par le travail. Il s'engage à garantir du travail à tous les citoyens."*

PROJET DE CONSTITUTION, de 19 Juin 1848:

"Art. 8° — La Constitution garantit à tous les citoyens la liberté, l'égalité, la sûreté, L'INSTRUTION, LE TRAVAIL, la propriété, l'assistance."

CONSTITUIÇÃO DEFINITIVA de 1848:

"La République doit, par une assistance fraternelle, assûrer l'existence des citoyens nécessiteux, soit en leur procurant DU TRAVAIL dans les limites de ses ressources, soit en donnant, à défaut de la famille, des secours à ceux qui sont hors d'état de travailler."

Cf. Gide — *Histoire des doctrines économiques*, 4ª edição, ps. 354-355.

rante um certo periodo historico, mas torna-se um mal no tempo e nos paizes "onde os modos de apropriação entram em contradicção com as necessidades da producção, originando as crises intensas, etc. E, quanto aos latifundios, é extranho não se lembre o Dr. Pontes, na sua immensa sciencia, que na opinião de Lasalle os camponezes allemães que se revoltaram no seculo XVI contra os senhores feudaes pensavam bater-se pela justiça, mas eram, no fundo, reaccionarios, porque nessa época a propriedade latifundiaria, como mostra o exemplo classico da Inglaterra, era util no sentido de preparar o terreno para as grandes manufacturas, as quaes, então, significavam o progresso.

Quanto á usura, ella foi particularmente combatida na Idade Media pela Igreja, e, sob o ponto de vista politico-economico, não sem razão, porque nessa época, o dinheiro emprestado, geralmente não tinha emprego productivo e levava sómente os devedores á ruina. Desde os seculos XV e XVI, com o nascimento da industria moderna, o credito tornou-se cada vez mais necessario e util. Assim, conforme o historiador allemão Max Weber, Calvino, mais moderno que Luthero, que neste ponto ficava homem da Idade Media, teve o grande merito de atacar, muito tempo antes de Bentham, o preconceito ecclesiastico e escolastico, herdado de Aristoteles e São Thomaz contra o emprestimo com juros. Segundo o mesmo historiador, o protestantismo calvinista teve benefica influencia sobre a evolução do capitalismo moderno. Não é pois verdade, no ponto de vista socialista, que a "*usura*" sempre e em toda parte seja um mal.

> "*A Revolução que fez a guerra européa, porque os capitalistas fizeram esta, afim de retardar aquella...*"

O Dr. Pontes é, em tudo, um repetidor enfatuado de velharias, banalidades, *clichés* usados. Este de que as guerras são feitas pelos capitalistas é dos mais surrados. No caso particular da grande guerra, deu-se precisamente o contrario, isto é, os capitalistas a temiam e a teriam evitado se tivessem podido. Elles sabiam perfeitamente que a guerra só poderia crear, por suas consequencias, um ambiente revolucionario. Foi, aliás, o que succedeu.

> "*A classe media só tem a ganhar com a Republica Socialista, porque é uma lei que ella aos poucos se proletarisa...*"

Esta proletarisação da classe media é precisamente um dos erros do marxismo classico, reconhecido afinal, pelos adeptos mais serios da escola. As estatisticas mais insuspeitas demonstram que nos principaes paizes capitalistas a evolução economica não sómente não conduziu á proletarisação da classe media, mas, em toda parte, nos Estados Unidos, na Inglaterra, Allemanha e França, o numero dos pequenos capitalistas, commerciantes, industriaes e proprietarios augmentou. Isto todos sabem, desde a famosa polemica Bernstein-Kautski, commentada particularmente em relação aos Estados Unidos pelo professor Simkhowitich. Ninguem toma a serio a velha "*verendugstheorie*" que aliás já era corrente no socialismo pre-marxista (Sismondi, Louis Blanc, Fourier e sua escola (2).

Por fim, este caso curioso do Dr. Miranda nos lembra a leitura do livro do judeu Cohen, *Les Déicides*, em que o astuto hebreu, de fórma empolgante, nos relata as afflicções de seus patricios que arguiam a Christo:

— Senhor, por piedade, dizei-nos, sois vós o Messias?

O Mestre, respondia sempre sibyllinamente:

— Vós o dizeis, meu Pai o sabe...

O Brasil atravessa uma crise sem precedentes. Estamos desanimados. Não temos norte, nem guias. O Dr. Pontes de Miranda, porém, affirma, garante, jura, sentenceia que em sete annos decuplicará nossa producção e nos annuncia assim o paraiso...

— Senhor Pontes, dizei-nos, não vos façaes de rogado: Sois vós o Messias?

Esperamos que o Mestre nos responda com mais clareza do que Kristnamurthi.

Se, contrariamente ás nossas esperanças, a resposta não fôr satisfatoria, será o caso de dizermos:

— Mattogrossenses, retirae vosso culto de admiração ao Dr. Pontes de Miranda!

UBALDO SOARES.

(2) Vide — Gide, ps. 219 a 226.

DIDI CAILLET — REVIVER — Editores Irmãos Pongetti — Rio, 1933.

Este livro vem apenas ampliar o successo obtido pela autora á publicação do seu livro *Taú*. Todos ainda se lembram do rumoroso exito desse volume de estréa e, para que melhor o recordemos, a propria escriptora tem o cuidado de transcrever no fim de *Reviver* os numerosos elogios com que a chamada "Miss Intelligencia" foi acolhida no terreno das lettras. "*Taú* é o Brasil" disse um chronista mundano. Um poeta escreveu que a senhorita Didi Caillet "é uma alma feminina lindamente encadernada". "*Taú* é um espelho *bisauté* de luxo, de belleza, de emoção", declarou alguem. Um amigo dos livros bem impressos accentuou que, na "parte material", o livro "nada deixa a desejar". E, finalmente, um julgador mais peremptorio asseverou: "*Taú* é assim mesmo. Um hymno, um gorgeio, um soluço dos pinheiraes, uma vibração dedilhada..."

PREMIOS LITTERARIOS

Na França, não só as creanças conhecem a visita de Papae Noel. Pelo mez de Dezembro, alvoroça-se tambem todo o seu mundo litterario e, entre os escriptores mais jovens, não são poucos aquelles que voltam os olhos para os grandes cenaculos e sonham com o premio que lhes poderá trazer a consagração definitiva. Esta, se vier da Academia Goncourt, relevará a todas, pois que o gremio dos dez já é hoje tradicional e ha muito se impoz pela finura e acerto dos seus julgamentos.

Obteve-o desta vez o Sr. Guy Mazeline, autor que, se não é um estreante, só agora se faz verdadeiramente notar pela publicação do romance Les Loups, *um grosso volume de 622 paginas em typo miudo e composição compacta, nas quaes ha materia de sobra para evidenciar o talento excepcional de que é dotado o escriptor.*

O Sr. Louis-Ferdinand Céline, pseudonymo de um medico, o Dr. Destouches, que trabalha num dispensario de Clichy, tendo sido um dos mais serios competidores de Mazeline na disputa do premio Goncourt, foi, talvez, a maior revelação do anno que findou e o seu romance Voyage au bout de la nuit, *recebido com applausos por vultos de alto relevo, como Paul Valéry, valeu-lhe o veredictum do jury Théophraste-Renaudot.*

Por coincidencia, o livro de Céline tem tambem 622 paginas bem aproveitadas e o Sr. Edmond Jaloux, que tanto deste como de Les Loups *já cuidou detidamente no seu rodapé semanal das* Nouvelles Littéraires, *aterroriza-se com a extensão de taes volumes e pergunta-se a si mesmo o que será a ardua tarefa da critica se todos os escriptores modernos, daqui por deante, começarem a escrever obras de tanto alento.*

O premio Femina foi conferido a Ramon Fernandez, assaz conhecido como philosopho e ensaista, mas que só agora se inicia na ficção publicando Le Pari, *interessante romance em que revela profundo conhecimento dos meios automobilisticos.*

Finalmente, á Sra. Simonne Ratel, que amiude illustra as paginas das Nouvelles Littéraires *com deliciosas chronicas, coube o Premio Interalliado pela publicação de seu romance* La Maison des Bories, *penetrante estudo psychologico que muito deveu á sensibilidade de sua alma feminina.*

"A Dansa sobre o Abysmo"

Gilberto Amado é um caso singularissimo nas nossas lettras.

Todos os que em nosso paiz se dedicam de algum modo á vida da intelligencia, ao cultivo de uma sciencia ou de uma arte, tem sempre, aqui ou no estrangeiro, o seu ou os seus *padroeiros*. Os mais atilados e ambiciosos vão em geral buscal-os nas terras de grande cultura, e em tudo o que produzem apparece o reflexo mais ou menos vivo dos mestres escolhidos. Os mais modestos contentam-se com os *santos* de casa: são reflexos de reflexos.

Gilberto Amado fez sempre excepção a essa regra. Analysando em bloco o seu pensamento e o seu estylo, seria impossivel discernir qualquer influencia accentuada deste ou daquelle pensador, ou mesmo de determinada corrente philosophica ou esthetica. Quer isto dizer que o autor de *A Dansa sobre o abysmo* é em toda a linha um homem de pensamento autonomo, um franco atirador em arte, em philosophia e em politica. E assim o é desde a *Chave de Salomão*, seu primeiro livro, escripto aos vinte e cinco annos.

Espirito livre, insubmisso á tutella de systemas e de escolas, avesso a preconceitos e *poncifs*, sente-se sempre capaz de formular juizos proprios a respeito de homens e de factos. Nunca lhe faltam, mesmo a proposito dos assumptos mais debatidos ou das personalidades mais estudadas, pontos de vista novos, paradoxaes por vezes, inesperados quasi sempre, reveladores da sua alta sensibilidade e da penetração do seu espirito critico.

Neste novo livro, *A Dansa sobre o abysmo*, colligiu Gilberto "alguns escriptos mais typicos da sua formação." Ahi se destacam o admiravel estudo sobre Anatole France — um sobrevivente do seculo XVIII; um estudo sobre Dickens, uma synthese historica da litteratura brasileira, um estudo sobre Paul Souday, um perfil de Pinheiro Machado (consolidador da republica civil?)... Commentar, ainda que de leve, o conteúdo d'*A Dansa sobre o abysmo*, marcando os pontos em que o espirito e a maneira do autor melhor se caracterizam, seria tarefa tentadora, se as frageis asas (ou columnas) de *Ariel* a comportassem. Entretanto não me furto á téntação de assignalar estes trechos, que contêm a meu ver a expressão da attitude fundamental de Gilberto diante da vida: "Não somos obrigados a tomar partido, mas não podemos desinteressar-nos dos espectaculos de um mundo onde nos agitamos e onde soffremos, pois que, com effeito, a vida não parece ter outra finalidade que o soffrimento. O prazer não tem existencia real. E' apenas uma ausencia momentanea do soffrimento, um parenthesis tragicamente rapido em que mal respiramos."

Mas esse pessimismo tão negro e desconsolador assignala apenas um conceito philosophico, a que a sensibilidade pagã de Gilberto Amado impõe, como escriptor e como homem, desdobramentos mais risonhos e mais fecundos.

Costuma-se dizer que os melhores livros são os que maior numero de idéas despertam no leitor. Os livros de Gilberto Amado constituem maravilhosos estimulantes do pensamento, e, concordando ou discordando das suas opiniões, ninguem escapa ao encanto do seu estylo movimentado e vibrante, onde não raro repontam exuberancias de um temperamento profundamente brasileiro, nem á força das suas concepções, caldeadas no trato da cultura universal.

SAUL BORGES CARNEIRO.

ARAUJO LIMA — AMAZONIA, A TERRA E O HOMEM — Editorial Alba Limitada — Rio de Janeiro, 1933.

Em excellente prefacio, que vale por uma consagração ao volume, diz o sr. Tristão de Athayde: "Conhecendo bem o meio, a gente e os problemas da região amazonica, de onde é filho e onde por longos annos viveu, como medico e como administrador, não escreveu o sr. Araujo Lima este livro como uma apologia nativista ou uma anthologia de factos pittorescos e sim para servir á sua terra e ao seu povo".

Com effeito, *Amazonia* deriva de um espirito de grande austeridade. Nada de folk-lore pedestre ou de catalogo de facecias regionaes. Perfeitamente integrado nas melhores correntes sociologicas e tendo o pudor de disfarçar o mais possivel a sua erudição, ao invés de alardeal-a deselegantemente, levou o autor a cabo, sem o preconicio dos forjadores de famas ephemeras, uma obra que é contribuição valiosissima para os nossos estudos de anthropogeographia. Homem de sciencia, recolheu os factos, controlou-se nas lições da experiencia e meditou longamente antes de concluir. E jogando com os factores ethnicos e geographicos, procurou fazer intelligentes restricções a certos excessos dos cultores do determinismo historico, evidenciando que nem tudo é fatalidade do meio e da raça, que a alma de cada um tambem póde muito e ás vezes mesmo póde tudo. Vê-se que elle acceitou os postulados de Ratzel, mas sem ir pondo docilmente, servilmente, os pés nas pégadas do mestre.

Tudo isso é finamente accentuado nas paginas introdutorias do sr. Tristão de Athayde e tudo isso resalta da leitura attenta dos trechos em que o sr. Araujo Lima analysa o conceito classico da mesologia, procurando reintegrar o elemento psychologico nos seus direitos tanto tempo postergados pelos que apenas reverenciam, no exame dos grupos humanos, os elementos physicos ou physiologicos.

Especialmente quando particulariza, isto é, quando applica o resultado dos seus estudos e observações ao homem e á terra amazonicos, realiza o sr. Araujo Lima obra de polpa, destinada a perdurar em nossa melhor bibliographia scientifica.

Combate elle a "decantada ociosidade" dos seus conterraneos, dada "como indice de insufficiencia trophica", exalta-lhes a "actividade productiva", a "agilidade e intrepidez", e nega que o indio seja incivilizavel. Condemna a "economia destructiva" que tem dissipado tantas riquezas locaes, desvalorizando o esforço dos seringueiros, estimulando o "solitarismo" e o nomadismo. Em summa, a seu ver o grande problema da Amazonia resume-se nisto: "tenuidade demographica e espessura da selva". Assim, com a "tyrannia da distancia" e a "iniquidade latifundiaria", não é possivel radicar alli a prosperidade. Prosperidade por vezes illusoria, como nos dias de esplendor da borracha que converteram o Pará e adjacencias numa especie de Far-West mirifico, num paraiso de cartonagem, logo depois desfeito.

Nem se insista, para desvalorizar a Amazonia, no "preconceito climatico": aquillo por lá é bem o "clima calumniado" de que falou o genial Euclydes, e o sr. Araujo Lima, que é um clinico illustre, traz-nos a esse respeito uma documentação impressionante, haurida não tanto nas bibliothecas quanto no trato directo da região.

Será preciso dizer mais para assignalar que está em jogo uma obra realmente notavel?

INDICAÇÕES

O humorista Franc-Nohain, fabulista á moderna, vem de escrever o elogio de Mr. de la Palisse, acrescentando ao contingente do outro uma boa porção de lapalissadas, mas desta vez voluntarias.

— *Gai-l'Amour*, de Maurice Genevoix, é um romanse de almas impetuosas, atormentadas por aquella paixão delirante que os antigos classificavam de mais forte que a morte e os deuses.

Morphologia de um seculo de historia brasileira

O conceito de *cultura* é relativamente uma das mais novas acquisições da mentalidade. Pelo menos avulta sómente nos tres ultimos seculos. Appareceu primeiro indeciso, pouco a pouco se foi precisando e tomando os contornos definitivos.

Forro-me de lhe acompanhar a evolução, que, entre outros, Eucken aprofundou com a sua acostumada lucidez.

O mais recente conceito de cultura é o de ser vivo, cunhado por Léo Frobenius, o ethnographo que consagrou a vida ao estudo das civilizações africanas, conceito de que se apoderou Oswald Spengler, tirando-lhe todas as consequencias no seu monumental livro *Der Untergang des Abendlandes,* por ventura a mais penetrante mirada de conjuncto na obscura realidade historica.

Vivemos dentro da nossa cultura, somos cellulas de seu organismo multisecular, não podemos fugir ás suas directrizes preestabelecidas, ella nos envolve e nos domina, e imprime em nossa alma os caracteristicos inalienaveis de sua morphologia.

Quanto a nós brasileiros em particular, queiramos ou não, nos achamos dentro do centro de cultura europeu-mediterraneo, a *cultura faustica,* e a nossa sciencia bem como a nossa historia se ligam e subordinam á sciencia e á historia da velha Europa.

Grande é a influencia do meio nos destinos de um povo ou nação que nelle se estabelece, mas tambem é enorme a da cultura que domina esse povo. Este começa logo a modificar o meio de accordo com a technica da civilização de que é portador.

Nós brasileiros, apezar do americanismo de que fazemos praça, somos no intimo "europeus". Já se vê que falo do ponto de vista da morphologia do espirito, porque anthropologicamente não se póde fazer abstracção do caldeamento das raças. Se muitas vezes a pigmentação morena é a marca indelevel do sol equatorial, muitas outras vezes é a gotta diluida do sangue negro...

O ambiente americano dá a *materia,* o espirito europeu dá a *fórma,* para a constituição de nossa historia. Sirvo-me daquellas palavras no sentido da philosophia thomista, de percuciencia extraordinaria no deslindar a causalidade dos factos.

Os phenomenos sociaes se apresentam intimamente ligados e mutuando influencias. Phenomenos economicos, politicos, religiosos, culturaes, estheticos... todos dependem uns dos outros.

Seria interessante que, falando o povo brasileiro uma lingua néo-latina, sendo christão, commerciando com os paizes da Europa, não lhe soffresse a influencia das idéas politicas.

Colonia portugueza por tres seculos, passou com a independencia a ser colonia européa, sobretudo franceza. Esta é a verdade, e não nos diminue.

A França, durante o seculo passado, dominou o mundo pelas idéas. Tanto quanto o Brasil experimentaram a sua poderosa influencia a Allemanha e a Russia para citar sómente nações de grande individualidade cultural.

Tenho para mim vale a pena mostrar por exemplos a influencia dos circulos culturaes, comprovando que todos os factos principaes acontecidos na zona que elles limitam são partes integrantes de um todo, ou élos da mesma cadeia.

Tomemos algumas datas significativas da nossa historia.

1817

Revolução em todo o Nordeste. Seus corypheus eram pedreiros livres, iniciados no liberalismo fransez. Essa revolução foi uma repercussão brasileira da revolução franceza. O Archivo Nacional guarda boletins, que então foram distribuidos, tendo estampados os *Direitos do homem.*

1824

Proclamação da Confederação do Equador. Ainda aqui é evidente a influencia franceza. Tres individualidades tiveram grande preponderancia no desencadeamento da tempestade: Manuel de Carvalho Paes de Andrade, Frei Joaquim do Amor Divino Rebello e Caneca, e João Soares Lisbôa.

Frei Caneca, mais culto do que aquelles outros, foi a alma do movimento, quem desprendeu as correntes da opinião publica, no seu jornal *Typhis Pernambucano,* lido com avidez, comprehendido por todos, admirado, talvez, pelos proprios adversarios, tal a verdade de sua argumentação, a rigidez adamantina de sua logica.

Frei Caneca é um discipulo ardente de Montesquieu, cujo livro capital, *De l'Esprit des lois,* muitas vezes cita, e, mesmo quando não invoca a autoridade do grande mestre, sente-se no seu pensamento a influencia avassaladora do eminente pensador fgrancez.

Assim como a Constituição do Imperio sahiu de *La Politique Constitutionnelle* de Benjamin Constant, da mesma fórma a Confederação do Equador deriva em linha recta do formidavel livro de Montesquieu.

Ao tempo da revolução pernambucana, na propria Europa, era accentuadissima a influencia ideologica de Montesquieu na politica. A monarchia parlamentar franceza de 1815 a 1848 foi a realização da theoria de Montesquieu. (G. Lanson — *Histoire de la litterature française,* 1922, p. 724). O *De l'Esprit des lois* constituia o programma do partido liberal na Allemanha, segundo informa Jellinnek. Frei Caneca estava, pois, com os partidos mais avançados da Europa.

1830-31

Quéda de Carlos XII em França, abdicação de D. Pedro I no Brasil, oito mezes depois. As mesmas correntes liberaes lá e aqui prepararam, isochronas, esses graves acontecimentos politicos.

O desthronamento do monarcha francez produziu inexplicavel enthusiasmo em todo o Brasil, como se brasileiros fossem francezes. "O choque foi electrico", diz Armitage, o sisudo historiador do primeiro reinado.

1848

Revolta praieira em Pernambuco, que se vinha alastrando desde o anno anterior, alimentada por estreito e irreductivel nativismo.

A' primeira vista essa xenophobia poderia ser attribuida á questão de raça ou a antagonismo entre colonos e antigos colonizadores, oriundo do proprio ambiente americano. Erraria, entretanto, quem o fizesse. Foi a revolução na sua genese ideologica um reflexo das luctas euro-

péas motivadas pelo principio das nacionalidades.

Se o principio das nacionalidades não agitasse a Europa por essa época, caracterizando-lhe a politica, jamais teria florido a xenophobia pernambucana, nem os cavalgados tentariam derrubar a oligarchia dos Cavalcanti tão solidamente enraizada.

1870 a 1875

Quem diria que a definição de um dogma em Roma teria como uma de suas remotas consequencias uma insurreição na Parahyba?

Esta data de 70 é muito importante na evolução do mundo occidental. Os francezes perdem a guerra e proclamam a republica. Funda-se o imperio allemão. O concilio do Vaticano declara a infallibilidade papal — ponto de partida de luctas entre o Estado e a Igreja.

Ora, esses factos da historia occidental não poderiam deixar de repercutir no Brasil: é de 1870 o manifesto republicano. Datam tambem dessa época as luctas religiosas no paiz, que explodem em 1874 na revolução dos *quebra-kilos*, e continuam depois a minar a estructura do imperio.

Quebra-kilos. Quando o meio, a raça, o momento historico local, por si sós não expliquem certo phenomeno social, é que elle tem causas remotas que é preciso sejam levadas em conta. E' o caso do levante dos quebra-kilos. Esse movimento permanece isolado em nossa historia. A analyse dos documentos afasta a hypothese de uma simples repercussão politica de factores economicos. A aggravação de impostos feita na época em Parahyba e Pernambuco foi em gráo tão diminuto que jamais justificaria o movimento, quando muito se poderia tomar como causa secundaria. Para os revolucionarios seria mesmo um pretexto. Mas, se aprofundarmos a analyse dos acontecimentos alludidos, vamos ver a sua origem proxima na questão religiosa brasileira e a origem remota em phenomenos religiosos europeus de algumas decadas anteriores. E' apenas o reflexo local das luctas occidentaes das concepções da vida. Pode ser explicado sómente pela morphologia da civilização.

Os sediciosos, ao invadirem a cidade de Areias, na Parahyba, se dirigiram logo para o theatro local, "na sua idéa fixa contra a maçonaria", diz o dr. Correia Lima, testemunha ocular dos acontecimentos. Lá estava o *livro azul* contra a Igreja, bramavam os exaltados.

No pulpito da matriz de Campina Grande o venerando Padre Ibiapina, "adorado nos sertões da Parahyba como um santo varão", aconselhava aos fieis: — "Não obedeçaes ao governo, porque o governo é maçon! Filhos, não obedeçaes aos vossos paes! Mulheres, abandonae os vossos maridos! Escravos, fugi ao jugo de vossos senhores, se acaso forem maçons o pae, o marido e o senhor!"

Por mais estranho que pareça esta approximação é verdadeira: tanto a versão e introducção de Ruy Barbosa ao livro *O Papa e o Concilio* de Janus, como a insurreição dos *Quebra-kilos*, são effeitos da mesma causa, productos equivalentes das mesmas condições historicas. Sem o dogma de 1870, sem o *Syllabus*, nem o livro, nem a insurreição teriam sido possiveis. Politica clerical na Europa, reacção maçonica lá e aqui, e como consequencia a lucta dos quebra-kilos.

O monumental prefacio ruybarboseano é repercussão na litteratura, o levante dos quebra-kilos é repercussão politico-religiosa no sector esquecido do Nordeste.

1889

Proclamação da Republica, quasi inesperadamente, agindo de par com as influencias locaes a suggestão da data franceza. Não havia um partido republicano organizado, apenas grupos isolados. A monarchia cahiu suavemente, sem protesto da opinião, nem siquer da igreja, instituição visceralmente ligada aos thronos.

Como se explica essa indifferença do clero brasileiro pela sorte da monarchia? — Pelas luctas religiosas anteriores, de que já nos occupamos. A igreja estava afastada do poder, desejava a quéda dos politicos monarchicos.

Houve todavia, mais tarde, um protesto das forças religiosas: o protesto de Canudos. O messias sertanejo, Antonio Conselheiro, desferiu-o com energia, broncamente. Roma acceitou a republica, mas Canudos fez o que ella devia ter feito: protestou.

E' preciso seja a revolução de Canudos integrada na morphologia da nossa historia como reacção politica de origem religiosa. Euclydes da Cunha, o historiador empolgante dos acontecimentos, todo imbuido das doutrinas de Gumploviez, viu nelles uma lucta de raças. Não houve lucta de raças; houve sim choque de culturas, entre a do littoral e das camadas superiores, materialistas e scepticas com o resquicio da antiga cultura portugueza dos sertões, catholica e mystica.

*

Poderiamos levar mais adiante esta analyse, para mostrar quão estreitos são os laços que nos prendem ao Occidente.

Esse ligeiro esboço das revoluções brasileiras precisa de uma theoria geral que as expliquem. Isso já foi tentado, embora accidentalmente por João Ribeiro e Joaquim Nabuco. Agora colloco-me num ponto de vista por ventura mais comprehensivo.

Eis os quadro das theorias propostas:

I — João Ribeiro — Exclusivamente tehnicas (Gumplowicz);

II — Joaquim Nabuco — Ondulações das revoluções de Paris (Tarde);

III — Alcides Bezerra — Cossequencias da morphologia da civilização occidental (Oswald Spengler).

Se essa terceira theoria é verdadeira, se a morphologia spengleriana da historia merece confiança, o problema dos nossos destinos culturaes se apresentará neste seculo XX de uma maneira tragica.

O Brasil se desenvolveu sob os influxos da cultura faustica do Occidente. A decadencia manifesta e a morte inevitavel dessa cultura arrastarão á ruina e á morte nossa incipiente civilização. Mas, antes havemos de passar por grandes vicissitudes. Os nossos destinos estão sendo forjados fóra daqui. Se amanhã a França se tornar uma republica socialista, muito de prompto lhe seguiremos os passos, e os nossos operarios conseguirão em dois annos muito mais do que hoje solicitam em vão.

E o que virá depois do socialismo?

Consultem-se os quadros spenglerianos: Formação do cesarismo, a politica da violencia, as nações se convertendo em populações infor-

mes, e gerando imperios de caracter primitivo e despotico. Tudo isto entre o anno 2000 e 2200.

Aqui cabem os versos immortaes de Goethe:

Nach ewigen ehernen
Grossen Gesetzen
Müssen wir alle
Unseres Daseins
Kreise vollenden!

Nós devemos todos terminar os cyclos de nossa vida segundo eternas leis de bronze.

Assim como do ponto de vista sideral a nossa humilde terra não escapará um dia á sorte do systema solar, tambem no tocante á civilização a cultura e a historia brasileira não se furtarão ao destino que a morphologia da historia prevê para o Occidente europeu.

A mirada spengleriana nos arcanos do futuro é porventura pessimista, mas tambem o rythmo da historia é sempre doloroso e triste.

Resta-nos apenas o fallaz consolo de serem os mesmos factos differentemente interpretados por outras metaphysicas mais consoladoras.

ALCIDES BEZERRA.

B. Mirkine-Guezévitch — "LES NOUVELLES TENDENCES DU DROIT CONSTITUTIONNEL".

E' o livro de um professor. O resumo de lições proferidas na Faculdade de Direito de Paris.

Não obstante a sua technologia juridica, o seu feitio didactico, a obra do sr. Guetzévitch não ensina apenas, tambem deleita. E' que os problemas que esclarece estão exigindo a apaixonada attenção do pensamento juridico contemporaneo, justamente alarmado com a regressão politica que procura submergil-o.

Parlamentarismo, suffragio universal, federalismo, referendum, jurisdicção constitucional, declaração dos direitos individuaes, fortalecimento do executivo, etc., são themas ali expostos com a sobriedade e a clareza que o espirito francez sabe imprimir mesmo ás substanciosas digressões scientificas. Aquellas questões têm servido de pretexto para que as conquistas da cultura juridica soffram as aggressões mais insensatas. Accusam-se as fórmas mais elevadas do Direito de terem fracassado. O eminente professor de direito publico mostra como são infundadas as criticas que se apresentam. E faz, da sua cathedra, a defeza da sciencia de que é na actualidade uma das altas expressões.

Senhor daquella tolerancia que o philosopho considerava a mais intelligente das virtudes, Mirkine-Guetzévitch não se irrita com a ignorancia, nem se revolta contra a malicia. Sem nunca abandonar a objectividade do cathedratico, vae explicando que não é nos artigos das constituições, mas na realidade politica que as causas dos males que agitam o mundo devem ser procuradas. E' verdade que na contextura das leis se apontam erros technicos que os theoristas do direito não conseguiram evitar, dadas as circumstancias particularmente adversas em que os novos textos foram elaborados. O principal desses erros foi o predominio absoluto do legislativo sobre o executivo. Lembrando-se demais do poder pessoal que havia cahido e com elle ainda receiosos, os autores das modernas constituições decidiram desarmar o governante. As crises supervenientes á grande guerra criaram problemas que um executivo totalmente subordinado ao parlamento não podia resolver. Nasceu dahi a necessidade das revisões, no sentido de fortalecer o poder central.

Os defeitos de technica constitucional não impediram que a legislação do culto occidente europeu continúe a confirmar os postulados da democracia. Os criticos mais hostis não contestam que os estatutos surgidos depois da guerra obedecem, na fórma, áquelles principios. Mas isso não aconteceu porque os autores dessas constituições fossem democratas e sim porque a democracia é a consequencia natural da evolução juridica. Esta leva ao "Estado de direito", á racionalização juridica da vida, á Democracia.

A racionalização, a caracteristica fundamental do novo direito publico, é a tendencia para enquadrar em formulas juridicas todo o complexo da existencia collectiva. Toda a vida social se acha regulada pelo direito e delle impregnada.

Essa tendencia não se observa apenas nos paizes de regimen livre. Faz-se sentir, tambem, nas fórmas inéditas de poder pessoal que são as dictaduras ideologicas da Russia e da Italia. Nestes paizes o poder não tem, como nos antigos governos absolutos, fundamentos dynasticos. Os dictadores são homens "novos". E isso é a "democratização" do proprio absolutismo.

Vê-se neste livro que o novo direito formal é a consagração da liberdade politica. E' verdade que em alguns paizes se observa opposição entre a realidade politica e os textos constitucionaes. Mas essa opposição não demonstra a fallencia dos principios liberaes. Tem causas de natureza politica, historica ou psychologica, extranhas á sciencia juridica. A sua investigação compete aos historiadores e sociologos. Não caberia neste livro, que considera a estatica do direito constitucional na Europa de após-guerra.

JOSÉ SERGIO.

DE PAUL VERLAINE

PAIZAGENS BELGAS

"Conquistas del-Rey"
(Velhas Estampas)

WALCOURT

Telhas, ladrilhos.
Oh, que galantes
Esconderijos
Para os amantes!
Lupulos, vinhas,
Folhas e flores.
Lindas tendinhas
De bebedores.
Claras tabernas,
Taças, clamores.
Creadinhas ternas,
O' fumadores!
Ruas festivas,
Estações antes.
Que perspectivas,
Judeus errantes!

ONESTALDO DE PENNAFORT.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de
grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

"To the Gallows I must Go"

T. S. Matthews — (Alfred A. Knopf.) New York.

Tudo ignoramos sobre o autor deste romance, mas palpita-nos que ha de ser um "novo" entre os escriptores *yankees*. Seu trabalho cahiu-nos entre as mãos por um mero acaso, ou, antes, percorrendo uma livraria, preferimol-o a muitos outros, tambem desconhecidos, devido, talvez, áquelle sentido especial, que se adquire ao contacto dos livros, e faz com que raramente nos tenhamos de arrepender do objecto da nossa escolha.

Note-se, além do mais, que as nossas predilecções nunca foram para as novellas policiaes e esta, não só pelo titulo, como ainda pela maneira por que se inicia, reproduzindo uma noticia de jornal acerca de um crime de sensação, continha razões de sobra para que ficasse fóra das nossas cogitações.

T. S. Matthews escreve na primeira pessôa e quem se apresenta a nós, logo no inicio da narrativa, é o proprio autor de toda aquella tragedia, — um barbaro e quasi duplo assassinato que vem preoccupando a opinião publica e já poz a policia na pista de varios typos suspeitos.

Lendo o que se diz acerca do seu crime, o assassino volta-se para o passado e, antes que o joguem entre as grades de uma enxovia, o que não está longe de acontecer, explica como a mão do destino o levou com brandura até a perpetração de toda aquella ignominia.

Surge-nos, então, um homem perfeitamente normal, sem arestas marcadas, mas bom chefe de familia e empregado diligente e bemquisto na casa commercial a que servia. Aliás, como elle mesmo se julga, era um typo um pouco acima da media commum, mas sem pertencer em absoluto a esse genero de pessôas que se podem chamar originaes. Apenas, na sua vida domestica, uma ou outra rusga com a mulher, repercussão de attrictos desta com a mãe delle, que tambem vivia sob o mesmo tecto. E' verdade que ha ainda certas exquisitices da mulher, que quer ficar no filho unico e chega até a fazer economias para que ambos possam ter leitos separados.

Vem mesmo dahi a primeira intriga amorosa que Todd Lorimer — um nome que a força divulgará — procura fóra de casa, assim mesmo indo buscar uma antiga conhecida, tão pouco propenso á aventura era sem duvida o seu feitio.

Dessa ligação sem consequencias e que pouco durou, Todd Lorimer passou-se aos braços de outra amante, — esta a mulher fatal, aquella que friamente, resolutamente, o arrastaria ao crime para livrar-se de um marido que já a aborrecia.

Tudo isso, entretanto, ella o consegue, serena e imperturbavel, inflexivel e vindicativa como uma deusa do Olympo, quasi sem palavras, parca de gestos e avara de carinhos, usando unicamente da seducção da sua belleza, do fascinio que sobre os sentidos do amante exerce a sua presença, do philtro magico que ella lhe côa nas entranhas pela força de um beijo...

E Todd Lorimer, o homem normal, o bom pae e bom esposo, o empregado activo e honesto, só para não perder o contacto daquelle corpo branco e de linhas ondulantes, só para não esquecer o perfume acre de uns certos cabellos, abandona o lar, foge ao dever, passa a embriagar-se, até que uma noite, como o mais vil dos assassinos, vae surprehender no seu leito de repouso e matal-o brutalmente a martelladas, um homem que nem mesmo elle conhecia, mas que era preciso desapparecer, pois que assim o queria o objecto do seu amôr.

T. S. Matthews, posto na pelle do criminoso, desenvolve toda essa confissão de uma maneira surprehendente e, quando chegamos á ultima pagina do seu livro, no instante em que Lorimer, a debater-se entre duvidas e sobresaltos, num exiguo quarto de hotel, ouve passos abafados no corredor e presente que lhe vão bater á porta, temos mesmo a impressão de que é a policia que se annuncia e que elle está irremediavelmente perdido.

Gastão Cruls.

Fernando Rodrigues — FÉRIAS — Renascença Editora, Rio.

A nossa litteratura é pobre em livros de viagem e o brasileiro, quando abandona o seu "home", sobretudo para percorrer terras estrangeiras, prefere o caderno de cheques áquelle outro em que fosse annotando as suas impressões. De uns tempos para cá, entretanto (será por effeitos da crise?), modificam-se os habitos dos nossos patricios e não são poucos aquelles que acompanham as pégadas de Paul Morand, o escriptor itinerante como já foi chamado, e que não contentê com o seu destino de Ahasvero-seculo XX, ainda quer que mais tarde a sua pelle seja aproveitada na confecção de uma maleta de viagem.

Agora mesmo, além do interessante livro de Adour da Camara, surge-nos este em que o seu autor, aproveitando um periodo de férias (ditosas férias!), percorreu boa copia de paizes europeus e sobre elles, com agudeza e graça, foi respigando as suas observações. O que é de assignalar é que tanto um como outro, o Sr. Adour da Camara e o Sr. Fernando Rodrigues, dizendo e dizendo bem a respeito de tão variadas gentes e cousas, não tiveram uma só palavra para Paris, — Paris, "doçura do mundo", embora estejamos certos de que ambos, dois espiritos de elite, não commetteram o crime irremissivel de passar ao largo da cidade maravilhosa.

A. Brussolo — TUDO PELO BRASIL! — 2ª edição — Editorial Paulista — São Paulo.

Como era de prevêr, o movimento revolucionario de São Paulo tem dado motivo e ainda continuará a dar, por muito tempo, a abundante litteratura, aliás das de maior exito no instante que passa, haja visto as edições que se succedem, algumas de muitos milheiros, como a primeira deste *Tudo pelo Brasil!* que, a despeito disso, rapidamente se exgottou e agora se renova, sem duvida para outros triumphos. Ha, entretanto, razão para a bôa acolhida que tem sido dispensada ao livro do Sr. A. Brussolo, um jornalista agil, um reporter á moderna, que sabe focar os assumptos e não se atem senão aos lances de maior vibração. De uma actividade insupperavel e multiplicando-se pelos principaes sectores das varias frentes combatentes, o Sr. Brussolo conseguiu elementos de sobra, inclusive riquissima documentação photographica, para poder desdobrar aos olhos do leitor curioso e sempre attento ao interesse das suas paginas, um panorama perfeito do que foi a grande rebellião bandeirante contra os poderes constituidos.

C. Doliveira — O TRABALHADOR BRASILEIRO — Typ. da *A Balança* — Rio, 1933.

"Esboço anthropo-sociologico, seguido de inqueritos sobre salarios e sobre o trabalho feminino no Brasil". Obra de 170 paginas, em que um verdadeiro especialista no assumpto expende conceitos e apresenta conclusões dignas de serem ouvidas e meditadas numa época em que essas questões, mais que nunca, interessam a dirigentes e dirigidos da nossa sociedade.

O "Diario" de Arnold Bennett

Acaba de surgir a edição newyorkina (Viking Press: preço 4 dollares) do primeiro volume do "diario" de Arnold Bennett, conhecido escriptor inglez fallecido não ha muito tempo.

O autor de *The Great Adventure*, *The Pretty Lady* e outras novellas de repercussão litteraria, era um verdadeiro mastodonte — se, para termos de comparação, computarmos pela tonelagem da bêsta antediluviana o potencial de trabalho que ella fôra capaz de realizar, cotejando-o depois com o esforço e persistencia que Arnold Bennett punha na feitura dos seus livros.

Disse certa vez o americano Irving S. Cobb, escrevendo a respeito do "seu" systema de composição, que nenhuma historia ou livro jámais lhe sahira do bestunto sob a chamma para muitos sagrada da Inspiração. "*No, Sir!* Súo sempre pelo topéte para fazer o que faço!"

Por outro lado, o grande Edison, definindo o genio, affirmou ser elle composto de 99 % de transpiração e sómente 1 % de inspiração (99 % of perspiration and 1 % of inspiration). E o mago de Menlo Park, que trabalhou sempre como um louco, sabia bem o quanto custa ser genio...

O "diario" de Bennett vem elucidar muitos pormenores desconhecidos sobre a vida do escriptor e provar que tambem elle, á maneira de Cobb, tirava romances do miôlo, sim, mas não sem suar pelo topéte.

Isso, aliás, não depõe contra a obra formidavelmente grande que elle nos legou, entre as melhores da litteratura ingleza.

Só as gallinhas nascem com esse dom de deitar facilmente os seus ovos, todos uniformemente oblongos, lisinhos e muito perfeitos... Mas se uma nanica saçariqueira quizesse ser original e désse em pôr óvos quadrados ou polygonaes — segundo o seu feitio esthetico — ahi começaria a funcção a dar trabalho! Os jacarés, vae para milhões de annos, metteram-se a "estylistas" e deram em cobrir os seus óvos com lixa grossa. Só elles sabem os suóres frios que a innovação lhes tem custado!

Ora, Arnold Bennett trabalhava de facto quando escrevia. Os seus apontamentos neste primeiro volume, que cobrem nove annos (1911-1920), dão-nos disso provas concretas. Depois, com a preoccupação constante dos "records" de tantas mil palavras por dia, por mez, por anno, elle se esfalfava por se não deixar vencer por si proprio, e tendo feito do trabalho pesado um segundo crédo, enche-se de jubilo quando, alta noite, encerrada a tarefa, abre o seu "diario" e annota: "Escrevi dezoito horas a fio!" Mas não era só isso: contava uma por uma e deitava na columna do "credito" o numero exacto das palavras que lhe sahiam do cerebro durante cada tarefa!

Com um olho no producto e o outro no metallico da producção já convertida em "bronze", vemol-o sorrir satisfeito na noite de 1 de Janeiro de 1912, ao dar entrada no "diario" do seguinte balanço:

> "...recebi, excluida a commissão dos agentes, a somma de 16.000 libras durante este anno — anno que qualquer *worldly minded* autor chamaria prospero. Ahi está uma importancia que vale por quasi tudo que tenho ganho até hoje... Comprei um automovel, um hiate e uma casa... Não foi muito o que escrevi este anno. Vejamos: *The Regent*, 80.000 palavras; *Those United States*, 35.000 palavras; uma novellêta-folhetim para Harper's, 25.000; artigos varios, 20.000; — total 160.000 palavras, sem contar as annotações feitas no livro-de-roteiro do hiate e o que escrevi no meu diario. Umas 200.000 palavras ao todo!"

Causa pasmo o prosaismo do escriptor nesses trechos! Vê-se que lhe davam pena as palavras desperdiçadas com a futilidade nautica de annotar as milhas andadas pelo seu hiate, como o tempo que perdia com o seu "diario". Diabo! Tanto esforço desaproveitado!

Mas, se a immortalidade da alma é um facto, se "lembrança desta vida se consente, — lá no assento ethereo onde subsiste", Arnold, has de estar roendo as unhas de raiva por vezes que aquellas annotaçõesitas, que com tanta avareza punhas no teu *journal*, estão hoje, quando até a esterlina decáe, valendo a ninharia de $4. dollares, preço jamais attingido por nenhuma das tuas abem-suadas novellas!

Nem sempre era assim numerico o autor de *The Old Wives' Tale*. De volta de uma visita a H. C. Wells, regista o seguinte: "Naquella casa, é a tremenda energia de Wells o que mais me interessa..." Estaria acaso a lamentar o esforço hospitaleiro que o homem de *The Time Machine* desenvolvia para que elle, Bennett, não julgasse perdido o seu tempo?

De outra feita, terminando a leitura do romance *Chance* de Joseph Conrad, lega-nos este pedacinho de desconsolo: "E' um livro cuja leitura acabrunha a qualquer escriptor, pois fica elle sabendo — *he damn well knows* — que nunca chegará a escrever assim!"

Ao saber, pelo telegrapho, que a dramatização do seu *Sacred and Profane Love* tinha colhido em Nova York 16.700 dollares na noite de estreia, lança jubilante no seu cadastro — "isso rehabilitou immediatamente a minha fé no theatro como meio de expressão artistica".

A 9 de setembro de 1913 escreve:

> "Hontem foi um dia regular para mim. Quatrocentas palavras antes *breakfast*. Depois, um charuto á leitura dos jornaes. A seguir, mais oitocentas palavras de texto. Dictado de cartas á minha secretária. Exercicios de gymnastica Muller e um quarto de hora no jardim. Dois dedos de leitura na *Histoire Générale* de Lavisse. Lunch. Leitura da *Correspondance* de Flaubert. Sésta. (Naturalmente andará ás turras com o francez, lá no céu, por lhe haver dormido sobre o livro, grande falta de consideração para com um escriptor como Flaubert). Chá ás tres. Passeio em auto com o paisagista Marriott. Volta. Troca de roupa. Banho. Jantar. Champagne. Charuto. Café. Cama ás dez."

Trecho banalissimo, como em geral é toda a litteratura dos *diarios*.

Mas, convenhamos, *my dear* Mr. Bennett, 1.200 palavras em prosa é quasi nada para um escriptor que tinha no mais alto gráo a mania do volume de producção. Mais do que isso faz em media um tropical dos nossos — o Monteiro Lobato, por exemplo, que escreveu *O Choque das Raças* em tres semanas.

Topéte não nos falta; o que nos falta é gente que leia!

Nova York, Novembro de 1932.

ARTHUR COELHO.

Meditações sobre as causas e os effeitos

A proposito da ethica de Aristoteles e da felicidade

Consiste a ethica de Aristoteles no estudo dos actos individuaes e livres que têm em vista attingir um fim supremo. O fim supremo é a felicidade, que, para o homem, consiste em satisfazer harmoniosamente as suas tendencias superiores, racionaes. A virtude, "acto da alma segundo a razão", é, para Aristoteles, o elemento indispensavel da felicidade. Mas, é necessario que a virtude esteja *dentro* do homem, como a saúde. Assim, pois, não ha virtude em si, mas homens virtuosos e homens não virtuosos. Adquire-se a virtude pela escolha do *justo meio*, um meio tal que o homem não hesitaria no momento de o escolher, um meio que se encontra entre o excesso e a insufficiencia de uma qualidade. Dest'arte, a coragem vem a ser o justo meio entre a covardia e a temeridade: o homem virtuoso conhece a coragem porque conhece o medo; aqui, como algures, diz Aristoteles que "a verdade concorda, canta com o verdadeiro." Reconhece-se o sobrio pela sua propria temperança. E elle é feliz porque, dado que a natureza se desenvolve pelo interior, d'onde serem as suas potencias levadas pela occasião ao acto, o seu prazer se manifesta naturalmente. "O prazer ajunta-se ao acto, como á mocidade a sua flor."

"Si alguma perfeição no sêr existe, — assegura Aristoteles —, ella vem do interior. Ha uma virtude escondida em cada homem: basta procural-a, e ella apparecerá." O Mestre a verifica no prazer. Diz elle ainda, na *Politica*: "As armas que a natureza dá ao homem são a prudencia e a virtude, para com ellas combater sobretudo os seus contrarios."

Ousariamos, entretanto, perguntar ao Mestre si o homem tem o *dever* de viver segundo a virtude. E, si o fizer, será elle necessariamente feliz?

A sancção que dá o Mestre á lei moral, se acha na natureza, da qual elle approxima o homem sem cessar. Aristoteles colloca essa sancção na razão e no juizo: "A razão é, de certo modo, o acto de Deus. E o juizo é a applicação do que é justo." A razão está, pois, segundo Aristoteles, em cada ser: não se deve imitar a Deus, mas desenvolver-se a si proprio, procurar as proprias potencias e desenvolvel-as. Pois nenhuma sciencia dá o acto: a sciencia só dá a potencia.

Ousamos perguntar ainda si essa sancção é sufficiente para a acquisição da felicidade. As idéas-formas do conhecimento intellectual são innatas. A alma as adquire segundo o processo de abstracção realizado sobre a imagem sensitiva por uma faculdade especial, a que Aristoteles chama: o intellecto agente (*Nihil est in intellectu quod non fuerit prius in sensu*). Mas, qual é a natureza do intellecto agente, qual é a sua origem, quaes são as suas relações com a alma? Outros tantos problemas que, até hoje, têm suscitado numerosas interpretações, sem que nenhuma d'ellas satisfaça.

A *razão* de Aristoteles nos parece muito proxima da *consciencia*, essa noção tão elastica. Pois, si "o homem nada faz que não seja encarado como um bem", e si a mudança da potencia em acto é o modo de acquisição da perfeição, bastaria ao homem agir segundo uma potencia injusta (isto é, não conforme á natureza moral ou physica) para adquirir a perfeição, portanto o prazer. E sendo essa perfeição a virtude mesma (acto da alma segundo a razão), o homem assim virtuoso seria, por conseguinte, feliz, pois teria para si a sancção da sua propria razão. D'onde se concluiria logicamente que a consciencia tem razões que a razão ignora...

E, então, onde está a felicidade?

As idéas se acham presas dentro das palavras, como dentro de uma cellula cujas paredes foram espelhos...

MAURICIO WELLISCH.

Paris — 1932.

ACABA DE APPARECER

Vida e Morte de Maria Lafarge, a Envenenadora

Preço: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

SIMÕES COELHO — ARTE DE FALAR EM PUBLICO — Livraria H. Antunes — Rio, 1933.

O sr. Simões Coelho é professor de "saber dizer" e já ministrou ensinamentos de dicção numa das nossas sociedades de radio. Este seu livro de agora representa um manual, estylizado, do orador popular. "Collecção de discursos e versos adaptados aos actos mais solemnes da vida contemporanea, com as regras geraes que a arte indica e os conselhos uteis que a experiencia dá". Allocuções para casamentos, baptizados, anniversarios natalicios, recepções, enterros, etc.

LUCIANO OCIANIC — UM PAIZ GOVERNADO PELOS MEDICOS — Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil* — Rio, 1933.

Mão grado a declaração de que esta "traducção portugueza é feita sobre a decima edição franceza", trata-se de producção de escriptor daqui e Luciano Ocianic é evidentemente o anagramma de um nosso medico que se notabilizou com o seu consultorio de jornal não menos que com o trato directo de numerosa clientela. Temperamento cordial, optimista, de homem de acção affeito a remover desde a infancia quantos trambolhos pretendiam obstruir-lhe o caminho, o autor ideou neste livro uma região do Pacifico, a ilha do Resumo, em que todas as creaturas são felizes, saudaveis, bem humoradas, porque obedecem com a maior docilidade aos dictames de um governo de esculapios. Vê-se que, ao contrario do que occorre na amarga satira de Léon Daudet em *Les Morticoles*, os homens de anel de esmeralda, ou sejam os collegas de Luciano Ocianic, são bem tratados pelo ficcionista, que — é obvio — não deixa de falar um bocado "pro domo sua". Obra escripta ao correr da penna, sem nenhum rebusca de estylista atormentado pela caça á phrase perfeita, *Um paiz governado pelos medicos* faz-se ler tambem quasi sem nenhum esforço. Seja-nos permittido apenas chamar a attenção do prosador para o duplo erro em que incide á pag. 154, quando converte em soneto duas quadras de Metastasio e quando attribue a Alberto de Oliveira dois versos, muito conhecidos, do *Mal Secreto* de Raymundo Corrêa.

ODYLO DA COSTA FILHO — SELECTA CHRISTÃ — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1932.

Eis ahi uma anthologia excellentemente organizada. Nella se encontram, finamente commentados por um joven de real talento, os principaes excerptos de finalidade christã dos bons poetas do Brasil, desde o periodo classico á geração litteraria a que pertence o proprio seleccionador. E' um florilegio que acompanha por assim dizer toda a vida poetica do paiz, tomando logar em suas paginas, bem aproveitadas sempre, os crentes mais ardorosos e tambem aquelles que apenas procuraram na religião um ponto de partida para a inspiração lyrica. De um lado o "Bocca do Inferno", esse homem perigoso da Bahia, filante de jantares e amphitryão de sarcasmos, e, do outro, espiritos de indiscutivel mysticismo como o grande Alphonsus de Guimaraens, o Paul Verlaine das montanhas de Minas.

ENAMORADOS do BRASIL

O nacional não tem fome de viajar. Com um bom pedaço de origem transatlantica, sangue de aventureiros e navegantes, entretanto aprecia mais ficar em casa, refestelado nos seus commodos, a atirar-se aos riscos de mares encruzilhados. Mas a verdade é que, ultimamente, se vae quebrando, pouco a pouco, o seu vicio de não ter nenhuma curiosidade por outras terras e outros povos. Accentúa-se mesmo um como movimento reacionario contra esse gostoso prazer de "ficar em casa".

Então os rapazes desta actualissima geração de trinta annos passaram a enfrentar a incapacidade alastrada de não se viajar, viajando, porém viajando sem descanço, toda vez que lhes é possivel, numa vontade corajosa de vêr e estudar para melhor sentir o Brasil.

A distancia augmentando o bem-querer faz a gente desejar com maior paixão. E' que a ausencia opera o milagre das recordações totalizadas em que o espirito surprehende forças para supprir aquillo que o sentimento não pode explicar.

Tenho amigos que se perdem muito mais por dentro do Brasil quando se acham longe delle. Raul Bopp, Jayme Adour da Camara e José Jobim dão-se á afoitesa de outros mundos com o intuito de comprehender mais profundamente a terra abandonada, cuja saudade lhes traz o soffrimento de que carecem para creação de sua obra. Quando aqui se encontram pouco realizam. Ficam contemplativos e amollecidos sob a tepidez dos tropicos. Logo que viagem passam a agitar-se numa inquietação saudavel; e o que é interessante: lembrando-se do Brasil com mais intensidade carinhosa.

Esses rapazes se singularizam entre os demais porque nas suas excursões conradianas procuram o exquisito como fonte de satisfações e perigos. Emquanto o commum dos homens de lettras se deixa ficar no occidente europeu, admirado do que a civilisação realizou, aquelles tres incorrigiveis andarilhos vão para o Zamzibar, para Singapura, para Shangai. Ou então para o Mexico, Nicaragua, Costa Rica, Paraguay.. Não têm ponto de partida nem de chegada. Bopp da China e do Japão olha o Brasil atravez dos seus motivos eternos. Seu proximo livro é fructo desses efficientes exilios voluntarios. Adour se perde na Laponia. Vae espiar a aurora boreal para depois escrever o "Oropa, França e Bahia" com a ternura que o thema symboliza para quantos tiveram infancia verdadeiramente brasileira.

Existe outra classe de escriptores moços que ainda não sahira, mas que se preoccupa tanto com as tradições do Brasil quanto com a sua politica e o seu destino. O negro, a cozinha africana, a sêcca, o Amazonas, o Lloyd, a falta de instrucção, o desagregamento moral, o Carnaval — nesse complexo doce e salgado quem poderá ter tranquillidade? Dahi certamente as preoccupações de Rodrigo Octavio Filho, Octavio de Faria e Martins de Almeida. Este apanha guloso os erros do Brasil para commental-os com uma vivacidade cheia de saude. Na sua linguagem, aliás pouco technica, aborda coisas que realmente sempre collocaram o paiz em posição estranha: grande materialmente, porém por demais estragado pelo homem. Retardado por uma ordem de factores tremendos. Ruy Barbosa entra como maior de espadas na cathegoria de um puro theorista que elle soube ser melhor do que ninguem. Cultura além das necessidades ambientes difficeis de modificação repentina.

Para Martins de Almeida, viajar não proporcionará dóse mais alta de penetração ao seu tão serio interesse pelo Brasil. Mesmo porque sociologia não admitte a exaltante participação da saudade nem muito menos do lyrismo.

ADHEMAR VIDAL.

DE PAUL VERLAINE

A BÔA CANÇÃO

O ruido dos cafés, a lama das calçadas,
Os platanos pelo ar desfolhando as ramadas;
O omnibus, furacão de rodas e engrenagens,
Enlameado, a ranger num rumor de ferragens
E girando o olho verde e rubro das lanternas;
Os operarios a caminho das tabernas,
Com os cachimbos á bocca, a afrontarem os guardas;
Paredes a ruir, telhados de mansardas,
Sargetas pelo chão esburacado e immundo...
Tal meu caminho, — mas com o paraiso ao fundo.

ONESTALDO DE PENNAFORT.

A Casa do Medico

Entre as vozes de tantos clinicos, chamados a falar em prol da "Casa do Medico", entendeu o nucleo de moços illustres e devotados que organizou a campanha da bondade, que havia tambem um lugar para mim. Comprehendi o intuito dos meus amigos do Syndicato: quizeram representado, no appêllo dos medicos em funcção, alguem que, hoje em dia, figura apenas no rôl dos clientes... em actividade.

Assim, depois de haver exercido, no começo da minha vida publica, essa funcção social tão feliz e tão pesada, achei-me bem qualificado para falar em nome dos melhores collaboradores dos medicos, que são, afinal, os proprios doentes.

A *Casa do Medico*, desse que nos ajuda a nascer, a crescer e a morrer, que nos ampara e nos consola mesmo quando não nos conhece, mesmo quando nós nem o seu nome conhecemos; a casa desse abnegado tutor dos ricos e dos desvalidos; a casa desse que, em plena mocidade, é o conselheiro paternal dos velhos; a casa destinada a servir de lar aos amigos profissionaes da humanidade, quando a sorte os levasse á indigencia, — não deveria ser outra sinão o melhor aposento dos lares felizes.

Na sociedade mais avançada que o mundo conhece, na hora actual, os moços medicos já não precisam implorar a fundação de um abrigo para os velhos collegas desamparados.

Nós tambem chegaremos lá... Por emquanto, seja qual fôr o resultado da nobre campanha, aproveitemos, nós outros, clientes necessitados do carinho dos medicos, a opportunidade de corresponder a tantos beneficios recebidos, juntando a nossa voz á dos que pedem alguma coisa para dar áquelles que passaram a sua existencia dando tudo.

ROQUETTE-PINTO.

Nosotherapia, conquista moderna da medicina

(A PROPOSITO DO TRATAMENTO DA PARALYSIA GERAL PELA MALARIA)

A malariotherapia está no cartaz. E' uma das conquistas mais brilhantes da medicina moderna, e veiu, de certo modo, confirmar o famigerado aphorisma homœopathico: "similia similibus curantur". Embora só em 1887 Wagner Van Jauregg tenha começado a notar nas suas observações clinicas, os effeitos beneficos da malaria na paralysia geral, é muito antiga a idéa de que a doença pode curar a doença. Comtudo só nos ultimos tempos foi que a sciencia nos deu provas concretas e brilhantes de que o axioma homœopathico é uma verdade incontestavel. Criou-se, mesmo, recentemente, para designar essa nova forma de curar, uma denominação technica: nosotherapia. Aliás, o que veiu collocar na ordem do dia, no mundo scientifico, a nosotherapia, foi exactamente a cura da "paralysia geral" pela malaria. A malariotherapia, no tratamento da "demencia paralytica", é com effeito uma das acquisições mais surprehendentes e mais sensacionaes da medicina contemporanea.

*

A "paralysia geral" era, até época muito recente, uma doença implacavel. Não poupava ninguem. E ai daquelles que cahissem nos seus tentaculos! — estavam irremediavelmente desgraçados, porque a medicina nada podia contra ella. De resto, sendo a mais grave e terrivel manifestação nervosa da syphilis, a "paralysia geral" revelara sempre, no seu sinistro capricho, uma preferencia accentuada pelos homens de intelligencia — escriptores, poetas, musicos, artistas de toda especie.

Sabe-se que ella, inexoravel e brutal, apagou alguns dos espiritos mais luminosos de que já se honrou o genero humano, Maupassant, Nietzsche, Jules de Goncourt, Schumann, Baudelaire, segundo as melhores presumpções, morreram de "demencia paralytica". Mas a lista das suas victimas é bem maior — é innumeravel.

*

Cruel e dolorosa, a "paralysia geral progressiva" collocava aos olhos das suas victimas a legenda dantesca do Inferno: "Lasciate ogni speranza, o voi che entrate". Porque contra ella nada podia a sciencia. Era uma sentença de morte.

*

Seu quadro clinico é impressionante. Além de tudo, a sua marcha é surprehendente e implacavel. De repente, uma creatura sã e forte, de intelligencia clara e caracter equilibrado, surprehende a familia e os amigos com uma subita transformação dos seus habitos, das suas tendencias, das suas idéas. Em seguida, a auto-critica se dilue e apaga, para surgir logo após a megalomania delirante. E assim, passo a passo, numa degradação vertiginosa, a pessoa mergulha no cháos irremediavel da loucura.

*

E essa sinistra symptomatologia é tão typica, que muita vez permitte, logo de começo, o diagnostico da molestia. Diagnostico que era outrora inevitavelmente uma condemnação. Exemplo disso foi o caso classico do Mordomo-mór de Portugal. Homem de costumes severos e attitudes equilibradas, é apanhado um dia, de repente, a dar presentes de joias aos seus lacaios e a convidar pessoas sem categoria social para se sentarem ao seu lado no carro ou na mesa. Deante da mutação subita e chocante, o seu medico fez immediatamente o diagnostico terrivel: "paralysia geral". E a doença, sem piedade, matou-o dentro de pouco tempo.

*

Casos identicos são conhecidos e citados. E' ás vezes um homem modesto e timido que, inesperadamente, perdendo a auto-critica, começa a julgar-se genio ou semi-deus. Doutras feitas, é o genio delirante do descobrimento que principia a agitar ou illuminar o pobre mortal: inventa elle então o motu-continuo ou o elixir da longa vida. Não raro, tambem, a megalomania, que é na paralysia geral quasi pathognomonica, enche, pela sua extensão enorme, o quadro clinico: em materia de força, o doente declara que é capaz de derrubar com um murro o arranha-céo d'*A Noite*, ou, em questões de dinheiro, affirma que é mais rico do que Ford e Rockfeller... E' o delirio das grandezas no seu gráo superlativo. E eu creio que é na demencia paralytica onde a megalomania attinge proporções mais espantosas. O paralytico geral, victima de uma euphoria especial, só fala da sua "maravilhosa" saude, da sua "genial" intelligencia, da sua "colossal" fortuna, da sua "illimitada" força.

*

Essa enfermidade terrivel era até época relativamente muito recente um dos capitulos mais tristes da medicina, porque contra ella a therapeutica não possuia recursos. Era incuravel e era inclemente. Constituia, na neuropathologia, o caminho mais doloroso e sinistro da loucura e da morte. Ter o diagnostico de "paralysia geral" equivalia a ter uma condemnação inappellavel. Sabia-se que a doença era causada pela lues. Estava caracterisada, do ponto de vista anatomo-pathologico, como uma meningo-encephalite diffusa. Sua etiologia estava provada e sem discussão: era a syphilis. Entretanto, contra ella tinham sido impotentes todos os medicamentos usados da therapeutica da lues: o mercurio, o bismutho, o iodeto, os arseno-benzóes. Que fazer? Se o 914 e o bismutho nada podiam contra a marcha progressiva e sinistra da demencia paralytica!...

*

Estava a sciencia nesse terrivel "impasse" (embora as pesquizas em torno da paralysia geral preoccupassem medicos de todos os continentes), quando um pesquizador viennense, Wagner Van Jauregg, que desde 1887 se vinha interessando pelo assumpto, começou a tentar o tratamento da "demencia paralytica" por meio do impaludismo. Os francezes, como sempre succede, já descobriram um vago e remoto M. Segrain, a quem pertence a idéa... Mas a verdade é que foi Jauregg, em 1917, quem primeiro, no mundo, inoculando o impaludismo em paralyticos geraes, verificou a regressão clinica da molestia. Continuando as suas admiraveis pesquizas, Jauregg

conseguiu, por meio da "malariotherapia", a cura clinica de cerca de 2 mil doentes! Levada a questão ao ultimo Congresso de Antuerpia, onde um assistente de Jauregg expoz minuciosamente o assumpto, apresentando copiosa documentação clinica, as duvidas a respeito não têm mais cabimento.

*

No Brasil, tambem, a malariotherapia tem dado resultados espantosos. As estatisticas do professor Austregesilo e seus assistentes, da Clinica Neurologica da Faculdade, e do dr. Waldemiro Pires, na Fundação Gaffrée-Guinle, são convincentes e admiraveis. E todos os nossos neurologos, hoje, empregam a malariotherapia, na "demencia paralytica", com inteira segurança e brilho. De resto, no penultimo Congresso Latino Americano de Neurologia, tivemos, em Buenos Aires, com a defeza da nosotherapia no tratamento da paralysia geral, uma victoria muito significativa. Os argentinos e os uruguayos, naquelle Congresso, se manifestaram contra a Malariotherapia, sobre cujo emprego a nossa delegação levara algumas communicações. Os eminentes professores brasileiros Henrique Roxo, Faustino Esposel e Pacheco Silva, de estatisticas e documentos scientificos nas mãos conseguiram, não só provar o erro dos argentinos e uruguayos, como ainda obter para o novo processo de cura da demencia paralytica a solidariedade do Congresso de Neurologia. E' que o Brasil levava para aquella assembléa medica os unicos argumentos que têm significação scientifica: a palavra da experiencia, a documentação clinica, as cifras da estatistica.

*

Se dispuzessemos de mais espaço e tempo, accrescentariamos aqui algumas palavras sobre a technica desse moderno tratamento da paralysia geral. Mas não é bem isso que desejamos, nem é esse o assumpto que interessa a curiosidade dos leitores das revistas leigas. Para os effeitos da informação e da vulgarização, o que se deve dizer é o que ahi foi dito: a paralysia geral progressiva, depois da malariotherapia, já não é uma molestia incuravel. E as estatisticas brasileiras representam sem duvida um notavel depoimento a favor desse novo processo therapeutico. Em ultima analyse, tudo prova é que realmente a doença pode curar a doença: "similia, similibus"...

PEREGRINO JUNIOR.

UMA OBRA DE CULTURA

O sr. R.-A. Corrêa, editor brasileiro que se pôz a serviço da cultura franceza e, logo, da cultura universal, vem de editar o volume *Moralisme et Littérature*, de Jacques Rivière e Ramon Fernandez.

A parte de Rivière é posthuma, visto como a perda desse espirito de escól vem sendo ha varios annos deplorada por quantos se lhe aqueceram de perto no coração nobilissimo. Todos recordam ainda o numero especial da *Nouvelle Revue Française* (tanto tempo sob a direcção de Jacques), em que os seus dirigidos, vendo-o extinguir-se em plena posse de uma intelligencia que era riqueza e ufania da sua geração, marcaram as linhas essenciaes, as qualidades mestras desse bello temperamento de escriptor naturalmente voltado para a solução de todos os problemas do destino, de todos os enigmas da vida e da morte. Para Jacques Rivière, a sociedade era, acima de tudo, cousa moral e as luctas da sua consciencia, em conflicto com uma época de esporte e de corrupção litteraria, transparecem especialmente na famosa correspondencia com Paul Claudel, em quem via um mestre de belleza, de poesia e de perfeição christã.

Mas é curioso como, nas paginas deste livro *Moralisme et Littérature*, Jacques Rivière, numa especie de debate academico deante do publico de duas cidades suissas, tenha procurado insurgir-se contra certas preoccupações puritanas de que por vezes o sentiamos possuido. Elle, o homem de caracter rectilineo, que nunca viu nas lettras um jogo pueril ou licencioso, toma aqui, talvez paradoxalmente, a defesa de alguns factores de arte que a outros se afigurariam perversos e perversores.

Justificando diversos elementos de dissolução social dos romances de Proust, o autor da *Aimée* comprova terem sido elles indispensaveis no escriptor para a creação do seu notavel cyclo de romances. E demonstra, não sem logica, que condemnar a amoralidade artistica de Proust é condemnar quasi toda a litteratura franceza, inclusive o classico, o piedoso Racine, alumno de Port-Royal e paraphrasta de hymnos sacros. Isto porque, no poeta de *Andromaque*, os peores moveis moraes, os mais perigosos impulsos de sensibilidade ou sexualidade desvairadas são apenas encobertos por uma prodigiosa technica de cadencias e de imagens.

Conclue muito bem Jacques Rivière: "*L'art extraordinaire du poète est d'arriver à cacher sous le voi'e incomparable de la langue et du vers la monstruosité des mouvements qu'il prête à ses héros*".

Quanto a Ramon Fernandez, o amistoso contendor de Jacques Rivière nesse elegante debate em que não houve trôca de injurias e apenas o util attrito das idéas, é um nome que dia a dia mais avulta em robustez e prestigio nas lettras de França. Escriptor de procedencia mexicana, mantem elle na *Nouvelle Revue* uma secção de commentarios que é tão lida quanto a secção vizinha, de Albert Thibaudet. Seu *Molière*, sahido numa collecção de vidas romanceadas, o impôz como o verdadeiro reconstructor de uma das existencias mais significativas mesmo num periodo pullulante de homens de genio como o seculo XVII.

A proposito do *André Gide* de Ramon Fernandez, confessou o proprio André Gide: "*C'est la première fois qu'on me tend un miroir où je puisse voir une image de moi complète et non déformée*". E, ainda agora, Fernandez, tentando o genero de ficção, estampa um romance, *Le Pari*, que, a par de ligeiras restricções, vem de merecer fortes elogios de Edmond Jaloux em rodapé das *Nouvelles Littéraires*.

Trata-se, ao que se vê, de um espirito rico e forte, pela multiplicidade e intensidade das suas projecções creadoras. Pois é curioso como, na polemica verbal com Jacques Rivière, Fernandez, que parecia muito menos sisudo que o outro, tenha tomado exactamente a defesa do moralismo em arte.

Não consegue elle perdoar a Racine as suas asperezas passionaes e as liberdades que, em rythmos bem disciplinados, tomou quasi sempre em relação aos postulados de honra e consciencia. A these de Ramon Fernandez, se bem que discutivel, é excellentemente conduzida, sentindo-se um "logicien" nesse argumentador minucioso, nesse latino da America que, segundo elle proprio diz, foi adoçar a sua barbarie no contacto com as intelligencias perfeitas da civilização franceza.

Fernandez, para quem "o sentimento da personalidade é proporcional ao esforço moral" e acha que a victoria de um caracter se resume, de preferencia, "na suprema energia de um acto de renuncia", satiriza o temperamento de Rousseau, que procurava tornar os demais responsaveis pelas suas fraquezas e, incapaz de corrigir-se a si proprio, visava nada mais nada menos que corrigir todo o genero humano.

No momento, todo o enthusiasmo de Ramon Fernandez era pelas heroinas de Meredith, que sempre se preoccupou com as delicadezas e subtilezas do coração humano, numa complexidade tanto mais bella quanto sempre "*en fonction de leur moralité*".

ACABA DE APPARECER

A CARNE

Preço: 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

ABBÉ THOMAS DE ST. LAURENT — O LIVRO DA CONFIANÇA — *Traducção de M. P.* — 2ª edição — Rio, 1933.

Livro confortador, de uma grande ternura e piedade christãs. Bellas palavras sobre a confiança em Deus e as necessidades espirituaes em lucta com as temporaes. O autor, além de um forte conhecedor da Biblia e dos textos dos doutores da Egreja, é tambem um grande conhecedor do coração humano, especialmente através das revelações do confessionario. E a traducção, das mais delicadas e perfeitas, honra o nosso patricio ou a nossa patricia que tão bem a conduziu.

Pedagogia e Politica

"O QUE FIZ E PRETENDIA FAZER"

Pedagogo, homem de lettras, cultor das chamadas sciencias moraes, o sr. professor Sud Menucci, sobre ser um familiar das cousas do espirito, é ainda um enamorado da acção. Não se contenta com ter idéas: busca, apesar dos obices, pôl-as em pratica. Entende, e muito bem, que as theorias e os systemas e os programmas não se constróem para apenas se prégarem ou discutirem, senão que tambem para se experimentarem. E um testemunho de que no professor Sud Mennucci pensamento e acção não andam divorciados, temol-o num dos tres livros com que acaba de comparecer ao anno litterario de 1932 e pelo qual bem podemos medir seu poder de realização, sua capacidade constructiva posta á prova na direcção geral do Ensino do Estado de São Paulo.

O que fiz e pretendia fazer, esse o trabalho a que nos reportamos e que é, antes de tudo, uma resposta aos ataques de jornalistas sempre promptos a discutir e criticar o de que não entendem, na presumpção, em que se comprazem, de que a distincção entre a cultura e a ignorancia não foi feita para os que têm talento...

Technico de cousa alguma, sem sermos, ao menos, jornalistas, que poderiamos nós dizer do livro do illustre pedagogo, senão que convence, como defesa, os espiritos menos equitativos, prende, como forma, as attenções menos fixaveis e honra, como indice de cultura, as lettras paulistanas?

Ha, comtudo, nesse trabalho do sr. Sud Mennucci duas cousas inexplicaveis. Uma é o apresentar-se ahi a lei da população, de Malthus, como inconteste, quando nada é hoje mais contestavel e contestado do que essa famosa lei, que confunde o phenomeno, especificamente sociologico, do augmento da população com o facto, especificamente biologico, da reproducção da especie. Uma lei, cuja verificação suppõe a ausencia de interferencias e obstaculos oppostos pelos costumes, pelas crenças, pela moral, pelas instituições, por tudo, emfim, quanto ha de social na população, tem que ser, necessariamente, uma pseudo-lei. Situada a população fóra da sociedade, só assim se explica que aquillo que é caracteristico de todo grupo social, como o *moral restraint* ou seja a "coacção moral" durkheimiana, haja assumido na lei de Malthus um caracter finalista, utilitario, artificial. Carlos Marx, de quem, aliás e se nos dão licença, nem tudo é scientifico, teve sem duvida uma visão exactissima das cousas, quando escreveu que "uma lei abstracta e immutavel da população só existe para as plantas e os animaes e, ainda assim, com a condição de não soffrerem a influencia do homem."

A outra cousa inexplicavel do livro em questão é o titulo, infiel como expressão do texto. Neste, distinguem-se nitidamente duas partes: a primeira — execução parcial do plano de ensino; a segunda — esse plano mesmo. Ora, no titulo — *O que fiz e pretendia fazer*, o autor identifica as duas cousas, como se tivesse feito tudo quanto pretendia. *O que fiz e o que pretendia fazer*, esse o titulo que, satisfazendo a caturrice dos escribas, mostraria por fóra o que o livro é por dentro.

"100 ANNOS DE INSTRUCÇÃO PUBLICA"

Mas o que, no trabalho supra-commentado, pode attribuir-se a simples descuido é, nestoutro, fina ironia. Para quem acompanhou o autor nessa peregrinação através do deserto espiritual que foram os dois Imperios e a Republica Velha, não ha duvida que os "100 *annos de instrucção*" significam antes, por antiphrase, "100 *annos de desinstrucção*". Reeditado agora e accrescido de notas, foi escripto esse ensaio em 1922 para o numero do *Estado de São Paulo* commemorativo do Centenario da Independencia. E é precisamente a independencia com que são ditas duras verdades o que ha nelle de mais apreciavel.

Ainda aqui, porém, o zoilo impenitente pede a palavra. Pede a palavra para abundar no raciocinio que o autor impugna a paginas 83 e segundo o qual um decreto de obrigatoriedade da instrucção implica a obrigação, da parte do Estado, de fornecer, para tanto, os meios; sem o que, tal obrigatoriedade é, mais que uma violencia, uma injustiça. Pede a palavra para observar que é justificar os meios pelos fins o dizer que "onde o futuro da raça (nós diriamos nação) está em perigo, a violencia não existe". Ao contrario disso, o que põe em perigo o futuro da nação é precisamente a violencia, quando, como no caso, traduz uma injustiça.

"Ninguem acha — argumenta o professor Mennucci — que seja uma lei absurda trabalhar para viver. Ora, o viver depende hoje de conhecimentos que só na escola e na infancia se adquirem."

Exacto. Mas, por isso mesmo, todos querem garantida pelo Estado a possibilidade de trabalhar e, portan-

---

SONETO

Sinto que um dia virá o deserto irremediavel.
Que as arvores ficarão núas e cahirão sem ruido —
Que nem folhas mais o vento terá para levar
E ficará passeando sobre a face vasia e desolada do
[deserto.

Outros mundos morreram Senhora!
O vosso morrerá tambem porque é construido sobre o
[ephemero e o impossivel
Morreram as flores mais raras que se mostravam nas ja-
[nellas
Morreram as noivas e as idéas, as ambições e a humilha-
[ção dos clamores.

Quero fixar, porém, agora que o vosso mundo está vivo,
Os olhos sobre esta terra mysteriosa,
Quero ver a vossa ternura quasi crepuscular

Quero ver as vossas mãos quentes onde os meus desejos se
[embalam e adormecem.
Quero ver o vosso corpo caminhando e me debruçar so-
[bre os vossos olhos
Para ver as vossas lagrimas que nunca tive!

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

(Do livro a apparecer: "*Estrella Morta*").

to, o argumento claudica. Claudica, aliás, para o proprio professor Mennucci, quando diz, e muito bem, a paginas 26 de "O que fiz", que "*depois da justiça, que é a razão de ser de sua existencia*, o que lhe compete (ao Estado) é, em primeiro logar, prover ao ensino".

"BRASIL DESUNIDO"

Dos tres livros do professor Sud Mennucci, *Brasil Desunido* (desta vez confere) é o que se lê, suppomos, com maior interesse. Expõe um plano de reordenação do nosso aspecto geographico, de redistribuição dos Estados, municipios e districtos de paz, segundo a formula triplice da area territorial, da população e da receita provavel. Já dahi resalta toda a originalidade e opportunidade do trabalho, que é, ademais, perpassado, aqui e alli, de certo espirito scientifico. Mas não ha só isso, como traço marcante, no opusculo do distincto ensaista, senão que tambem certa mordacidade e pessimismo no apreciar os actos dos nossos homens publicos. Essa mordacidade dir-se-ia que é visceral no professor Mennucci; é o seu estylo mesmo e está em quasi tudo quanto escreve. Já não tanto se poderá dizer de seu pessimismo politico, a cada passo exteriorizado em acrimoniosas verberações aos conchavos, negociatas, mandonismos e subserviencias da politicalha annulladora dos verdadeiros valores. E' um pessimismo formal, dissimulando o optimismo natural dos espiritos combativos e idealistas. Invertendo o lemma de Floriano Peixoto, o sr. Sud Mennucci desconfia, confiando. Prova — a phrase final de *Brasil Desunido*:

"Mãos á obra. Agora não ha politicos que estorvem".

Quem foi que disse...

V. DE MIRANDA REIS.

TECHNOCRACIA

Technocracia — que será? Donde surgiu esta palavra? Que significa?

As revistas e os jornaes norte-americanos dedicam columnas á technocracia. Alguns zombeteiros, outros crentes, alguns denigrindo, outros acclamando-a como uma taboa de salvação — todos discutindo, explicando, commentando.

E' uma nova fórma de distribuir riqueza, uma nova fórma de avaliar riqueza, e, pela technologia, o aperfeiçoamento da producção de riqueza.

Creada por Howard Scott, director da *Energy Survey of North America*, assistido por scientistas, engenheiros e technicos de toda sorte, baseada sobre estatisticas, graphicos e estudos que occuparam doze annos de trabalho, é um plano economico racional que propõe a mudança da base do valor. Em vez de ouro, prata ou qualquer outra moeda, a technocracia quer que tudo se avalie em medidas de trabalho, o erg, o joule ou a caloria. Assim, diz Jefferson Chase, no *Vanity Fair*, que "elles (os technocratas) querem que a riqueza de um paiz seja avaliada segundo a energia (trabalho) que elle iria produzir se dirigido por technicos. Esta riqueza seria dividida igualmente entre os habitantes, não porque se acreditasse em igualdade, e sim porque seria demasiadamente difficil computar o valor theorico de cada individuo num systema onde a riqueza fosse produzida por machinas. Esta riqueza não poderia ser guardada, ou collocada a render, ou dada, mas teria que ser gasta. Elles propõem que todos os homens sãos entre 25 e 45 annos de idade assignem um contracto com o corpo de technicos encarregados da direcção do paiz, pelo qual contracto deverão dar ao Estado o equivalente a quatro horas de trabalho duas vezes por semana.

Isto elles acham ser sufficiente para administrar o paiz, com a apparelhagem technica ora existente, afim de dar a cada familia nos Estados Unidos o equivalente a uma somma annual de vinte mil dollares. Elles declaram que poderiam conservar de tal maneira os recursos existentes, vulgarizando invenções que não têm sido lançadas no mercado (taes como laminas de navalha que guardassem o fio durante um seculo, automoveis que durassem 65 annos, etc.), que seria possivel manter o estado presente de prosperidade por mais 3.000 annos."

O programma nos parece seductor, e mesmo possivel, se os homens pudessem comprehender o quanto se desperdiça pela concorrencia, o quanto se aproveitaria pela collaboração. Mesmo sem isso, mas á custa de uma boa e severa policia, e da competencia dos dirigentes, acreditamos que o plano seria realizavel. O que achamos difficil é que um povo inteiro tenha a coragem de romper com os seus antigos habitos e costumes para adoptar um systema que, por mais perfeito que seja, só existe no papel.

J. S.

RENÉ-ALBERT GUZMAN — CIUME — Traducção de Gastão Cruls, com prefacio de Gilberto Amado — 2ª edição — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

Poucos romances mereceram entre nós ultimamente o exito alcançado por esta fina e apaixonada narração do medico francez que se notabilizou nas lettras européas com o pseudonymo de René-Albert Guzman. O autor do *Ciume*, graças a uma traducção escrupulosa e ás vibrantes palavras introductorias de um dos nossos mais brilhantes ensaistas, obteve aqui, de prompto, os mais honrosos direitos de cidadania intellectual. Um publico de elite disputou-se a leitura do livro e alguns milheiros da *Jalousie* em lingua portugueza cedo se dispersaram por todo o paiz.

E agora, attendendo ao insistente reclamo dos clientes que ainda não puderam recrear-se com a leitura do bello romance, sáe delle uma segunda edição, que, a avaliar pelo successo da primeira, não mofará certamente na montra das livrarias. Augmentará assim o numero dos conhecedores dessa vehemente analyse de um dos sentimentos mais patheticos da vida e isto só poderá encher de orgulho a uma casa editora cujo ideal é divulgar no Brasil o que de mais novo e palpitante occorre nos dominios das verdadeiras obras de arte de qualquer latitude.

E tratando desta nova tiragem do *Ciume*, seja-nos licito recordar que esse trabalho foi incondicionalmente louvado por todos os grandes criticos e novellistas da França. Maurice Martin Du Gard consagrou-lhe um longo artigo enthusiasta nas columnas das *Nouvelles Littéraires* e Paul Morand declarou sem rebuços: "Depois de Duhamel, depois de Durtain, que são mais ou menos da mesma geração, depois de tantos escriptores illustre sahidos da Escola de Medicina, René-Albert Guzman se colloca entre os nossos optimos romancistas".

RODRIGO OCTAVIO FILHO — A CONSTITUINTE DE 1823 — Renascença Editora — Rio, 1932.

Mesmo depois do excellente trabalho do sr. Octavio Tarquinio de Souza, o sr. Rodrigo Octavio Filho conseguiu tornar interessantissima esta sua memoria sobre a obra legislativa dos Constituintes de 1823. Trata-se, como bem accentuou o sr. Virgilio Corrêa Filho, de uma "contribuição admiravel pela justa clareza dos julgamentos e sobria elegancia do phrasear". Conhecendo integralmente a bibliographia do assumpto, tendo versado com attenção as paginas de Armitage, Homem de Mello, Pereira da Silva, Mello Moraes, Luiz F. da Veiga, Rocha Pombo, Tobias Monteiro e tantos outros, no que concerne á vida e á sociedade do Imperio nascente, o joven historiador soube trazer ao estudo dos nossos primeiros legisladores um valioso contingente pessoal, de modo a que o seu nome seja tambem obrigatoriamente citado por quantos, depois delle, venham a discorrer sobre o thema agora posto em fóco. E nada mais justo, porque os conceitos do sr. Rodrigo Octavio Filho marcam perfeitamente as personalidades evocadas e os principaes momentos da actividade dos delineadores de textos de lei do Brasil autonomo. A seu ver, a Assembléa Constituinte de 1823 foi "a primeira voz livre que se levantou no sólo patrio". Faz elle justiça aos "bons serviços" que D. Pedro I prestou á nação, mas, acima de tudo, reverencia os "alevantados sentimentos de dignidade" de Araujo Vianna, Carneiro da Cunha e Nogueira da Gama, insistindo especialmente na "formidavel figura" de Antonio Carlos, "homem dotado de luminoso espirito, energico, eloquente" e "ao mesmo tempo cauto e conciliador".

Á margem do livro MAUÁ, de Castro Rebello

Embebido do determinismo materialista de Marx, não ha quem possa fazer obra de verdadeiro historiador. (Quando admiramos o Parthenon, devemos esquecer o muito que penaram, sem paga, os escravos que o ergueram. Deante de uma obra de Miguel Angelo, que nos importa a origem da fortuna do mercador que a encommendou?) O determinismo materialista encara evidentemente um lado da questão historica. Mas um só lado apenas. Quanto ao mais, tudo lhe escapa, porque pede um pouco de lyrismo, espera o "choque esthetico", á moda de Platão, para desvendar-se inteiramente.

Sem duvida o ponto de vista marxista abriu novos horizontes á philosophia da historia. Pode-se mesmo acceitar, como Marx, que a causa de toda a evolução social, de todo o movimento historico é a lucta que o homem sustenta para a sua subsistencia. Mas não ha que considerar esta lucta como a causa primeira de todos os nossos actos. O determinismo historico, entretanto, não possue o idealismo necessario para descobrir a belleza de muitas aspirações, que se percebem apenas atravez o primeiro aspecto enganador da cupidez de tantos homens. E deste modo o historiador marxista não consegue fazer arte: aprofunda até chegar ao interesse economico e então nega-se a ver mais longe ou um pouco mais do lado e se compraz unicamente na desmoralização systematica.

Ora, a historia deve ser esthetica muito antes de pretender arvorar-se em sciencia. Procurar leis no passado dos povos que nos façam prever o seu futuro não é mais importante que expor este passado como artista. (Resolver um problema não é mais difficil que enunciar correctamente os seus dados). Entretanto os marxistas só se esforçam por tornar a historia uma sciencia, uma pequena sciencia, só de conjecturas, como dizia Renan. E como não consentem que apenas se formule e levam-nos constantemente a julgar, aniquilam qualquer possivel vestigio de arte. (Os julgamentos podem, no maximo, ser suggeridos, nunca expressos). Foge-se assim da esthetica para cahir na ethica. E a ethica marxista ainda não possue a autoridade conferida pelo tempo que tira da moral o caracter rotineiro de uma simples praxe, para lhe dar um pouco da feição divina das religiões!

Esses commentarios dizem respeito á historia de um modo geral. No caso particular das biographias, entretanto, a obsessão pelo "homus economicus", a explicação de todo o movel humano pelo interesse directo e puramente economico, nos apresenta os homens sob aspectos monstruosos. Aliás os proprios marxistas condemnam os biographos. Si não nos repugna que os historiadores procurem tudo relacionar aos interesses das collectividades, é irritante que as biographias se subordinem exclusivamente aos interesses individuaes. Retratam-se assim homens sob um ponto de vista pernicioso, immoral.

Todas essas considerações surgiram-me ao ler o livro *Mauá* do sr. Castro Rebello, em que se procura desmerecer a obra de Alberto de Faria e embaciar o brilho da figura de Mauá.

Sou dos que comprehendem o que seja um povo á procura de um passado brilhante, mesmo que forjado a grandes golpes de arte, para nelle se apoiando, elevar-se a um futuro promissor.

Nem todas as nações, por habeis que sejam os seus historiadores, têm a ventura de possuir uma historia que seja a tal ponto um romance que nos dê vontade de continuar a vivel-o. Mas quelquer historia pode sempre constituir uma feliz exposição de problemas cuja solução empolgue os espiritos creadores. O que ella nunca poderá ser é a negação pura e simples.

Alberto de Faria biographou Mauá sob este ponto de vista, de grande idealismo. "Aos moços do meu paiz, para que se eduquem na admiração de um grande homem, virtuoso na fortuna, heroico na adversidade", eis uma dedicatoria que sôa como um clarim, convidando todo um povo a andar, a escolher mais confiante um ideal!

Das duas fontes indicadas por Bergson como origem da moral, a imitação dos grandes homens é muito mais fecunda em sentimentos ethicos que a coerção social. Creio não possa haver duvida a esse respeito. Se a coerção social creia uma moral media, que se adapta um pouco a toda a gente, a imitação dos grandes homens arrasta a humanidade ás abnegações mais surprehendentes. Dahi a biographia possuir um enorme poder moralizador a que não pode, senão criminosamente, se furtar. Mas para desempenhar esse verdadeiro apostolado do bem a biographia deverá ser arrebatadora, terá que ser uma manifestação artistica. Só então o valor moral que ella encerra se concretizará com violencia, ao menor enthusiasmo do leitor.

Ora, o biographo, devendo agir como artista, terá que escolher certos pontos de vista que lhe permittam isolar o essencial na multiplicidade dos detalhes, das banalidades que, quanto mais caracterizam a especie, o genero, tanto mais apagam os traços delimitadores da individualidade. E assim somos muitas vezes levados a embellezar, sem comtudo termos que illudir, ou que mentir.

Nas *Pensées* de Pascal lê-se, a respeito dos grandes homens: "Elles não se acham suspensos no ar, abstrahidos da nossa sociedade, não, não. Apresentam-se maiores que nós porque possuem a cabeça collocada muito mais alta. Entretanto, estão com os pês tão baixos quanto os nossos. Estão todos no mesmo nivel e apoiam-se sobre a mesma terra". E um biographo não poderá falar somente dos pés dos grandes homens...

Em *Aspectos da biographia*, de Maurois, temos o seguinte commentario á lenda, essa aureola com que os grandes homens se cingem: "a lenda, diz Maurois, servia de exemplo aos fracos e os alçava acima delles mesmos. Aliás seria ella tão falsa assim? Frequentemente as acções de um grande homem são maiores que elle proprio. Não ha grande homem para o seu creado de quarto? Isso não prova a inexistencia dos grandes homens; prova somente que não existem grandes creados de quarto". E mesmo a lenda não se pode despresar...

E' pois preciso que sejamos muito idealistas para escrever biographias sadias. Esse idealismo Alberto de Faria soube collocar á al-

tura da grande figura de Mauá. Como biographo, conseguiu elevar-se o bastante para só ver na vida do grande brasileiro o que resistira ao tempo e á distancia; como historiador, não se preoccupou demasiado com o porque, com a razão sentimental dos factos, que só interessam indirectamente a historia. Abordou assim pura e simplesmente os proprios factos, que pelo Brasil afóra, atravez de innumeras realizações, continuam bem servindo o nosso progresso.

Emquanto que, lá do alto, Alberto de Faria como que pintou uma paizagem empolgado pelas bellas copas das arvores em flôr, o sr. Castro Rebello desceu ás raizes destas mesmas arvores, estudou-lhes os phenomenos vitaes, que em nada differenciam um individuo do outro, o grande do pequeno. E, para pesquizar certos detalhes prosaicos dos phenomenos da assimilação, concentrou-se nos pontos que tornam qualquer arvore parecida com todas as outras arvores, ao em vez de mostrar tudo que a differencia do resto da mattaria e lhe reforça a individualidade!

Mesmo que o livro do sr. Castro Rebello estivesse certo na fórma — caso dissesse cousas acertadas sobre Mauá — seria pouco apreciavel quanto á essencia, porque atira o descredito num passado em que os "moços de hoje" precisam se reconfortar para melhor anteverem, no futuro, dias auspiciosos. Mesmo com detalhes bem observados, o livro do sr. Castro Rebello desvirtua a unica grande finalidade do biographo; falseia na ethica da biographia, que é a elaboração de typos estylizados, em que o presente se possa inspirar e confiante seguir o seu caminho. Tão pouco possue esse livro o merito (aliás muito secundario) de resumir erros para concentral-os em nossa frente, como um rochedo perigoso de que devemos afastar cautelosamente a nossa rota.

Não sei, pois, o que possa ter inspirado ao talento do sr. Castro Rebello uma tal obra.

Sem uma certa admiração pelo passado não ha povo que tenha confiança no presente e fé no seu porvir. Foi com este pensamento revificante que Alberto de Faria interpretou a grande figura de Mauá.

Miram M. de Barros Latif.

"EL LIBRO Y EL PUEBLO"

Recebemos os numeros 6, 7 e 8 dessa excellente publicação mexicana, correspondentes aos mezes de Agosto, Setembro e Outubro de 1932. Trata-se de um boletim cultural de primeira ordem, apresentando collaboração de nomes os mais prestigiosos dentre quantos refulgem em lingua castelhana. A parte de ligeira informação bibliographica, especialmente no que concerne aos livros publicados no Mexico ou sobre o Mexico, é utilissima. Acima de tudo, porém, assignale-se o merito dos substanciosos ensaios consagrados a altas personalidades litterarias da America ou mesmo da Europa, como Juan Montalvo, Alarcón, Reymont e tantos outros.

René Thiollier — ANTONIO BENTO — S. Paulo, 1932.

Numa formosa edição de luxo, de duzentos exemplares numerados, é posta agora em relevo pelo illustre homem de lettras da Paulicéa a figura, ao mesmo tempo notavel e pittoresca, de "um grande chefe abolicionista": Antonio Bento de Souza e Castro.

Percorrendo a suggestiva monographia do sr. René Thiollier, vê-se, claramente visto, que Antonio Bento, já celebrado pelo poeta Baptista Cepellos, foi dos que mais fizeram pelo desapparecimento da escravatura em nosso paiz. Ninguem o excedeu entre os que desferiram tremendos golpes nos barbaros senhores de pretos martyrizados. Succedendo a Luiz Gama na chefia do partido anti-escravista de S. Paulo, Antonio Bento, mais do que orador ou jornalista, mostrou-se, nas suas luctas contra os oppressores dos netos de Cham, um tenacissimo homem de acção. Joaquim Nabuco comparou-o a John Brown, o intrepido abolicionista de Massachussetts, que foi enforcado pelos escravocratas, máo grado o pedido de perdão de Victor Hugo. Tinha tambem Antonio Bento o seu jornal, *A Redempção*, em que publicava uma curiosa traducção da *Cabana do Pae Thomaz*, de mistress Beecher Stowe, e dava alfinetadas em todos os flagelladores de negros da terra. Mas, acima de tudo, a sua actividade era directamente pessoal, de um caracter ousadamente physico. Cercado dos atrevidos "caiphazes", assaltava as fazendas, para conseguir "a fuga em massa dos escravos", deixando desertos o eito e as senzalas. E, emquanto os "negreiros" clamavam e protestavam, fazia repicar festivamente o sino das egrejas ou fazia percorrer as ruas, em procissão de desaggravo, os pobres pretos seviciados, exhibindo tambem os instrumentos de tortura commummente utilizados na época. Muito interessantes, no livro do sr. René Thiollier, os detalhes consagrados aos sinistros "capitães do matto", caçadores de negros foragidos, e especialmente ao caboclo de nome Candido, a quem Antonio Bento, visado por elle em tentativa de morte, fez raspar a cabeça, as sobrancelhas e o bigode, infligindo-lhe a mais terrivel das humilhações.

Uma bella e nobre figura, sem duvida nenhuma, a de Antonio Bento de Souza e Castro, de quem dizia o conselheiro Antonio Prado que, sem elle e José do Patrocinio, "a abolição da escravatura não se teria feito tão cedo no Brasil".

Annibal Mattos — O SABIO Dr. LUND E A PRE-HISTORIA AMERICANA — e — DAS ORIGENS DA ARTE BRASILEIRA — Bello Horizonte.

São dois ensaios interessantes, apresentando duas facetas do espirito multiplo do sr. Annibal Mattos. O primeiro, evocando um estrangeiro que se tornou benemerito da nossa sciencia incipiente, trata do grande pesquizador de Lagôa Santa, do incansavel cultor dos estudos de anthropologia, do homem que tanto se preoccupou sempre com os vestigios deixados pelos homens de outras éras. A obra de Peter Wilhelm Lund, o sabio oriundo de Copenhague e que se naturalizou brasileiro pelo amor e pela dedicação irrestrictas, é intelligentemente summariada pelo sr. Annibal Mattos, que enriqueceu o seu opusculo com algumas cartas do mestre, relativas a descobertas pre-historicas nos reductos de Minas Geraes. Passando ao segundo trabalho do escriptor-pintor, vemos que allude a certos pontos não muito esclarecidos das artes cultivadas pelos nossos indigenas. Artes ainda primarias, rudimentares, como convinha a grupos humanos bem inferiores aos incas e aos astecas, mas nem por isso inteiramente desdenhaveis. A parte referente aos "sambaquis" é das mais valiosas na monographia do sr. Annibal Mattos.

Maria M. de Bruzon — A ALLEMANHA DESLUMBRANTE — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

A autora pertence ao numero desses excursionistas extasiados que vivem fazendo um largo consumo de adjectivos elogiosos. Nas suas impressões de viagem, pullulam, trecho a trecho, vocabulos como "grandioso", "gigantesco", "formidavel", "colossal". E' um perpetuo deslumbramento. Da Allemanha a sra. Maria M. de Bruzon não enxerga as verrugas e apenas os esplendores. Seus commentarios concluem sempre em festivos pontos de exclamação. E, quanto ao portuguez do livro, é de quem tem um grande enthusiasmo pela Allemanha...

João Guimarães — BEIJOS DE AMOR — Estabelecimento de Artes Graphicas — Rio, 1932.

Este joven poeta já publicou, com exito, *Beijos de Velludo*, apresentado, se não nos equivocamos, pelo sr. Almachio Diniz. O volume de agora traz uma introducção do nosso collaborador Afranio Peixoto, que diz: "Ao peccado da juventude, que descobre o amor, occorre, ás vezes, a indiscrição amorosa: é a poesia. Alguns vencem o proprio pudor, e os publicam: são os poetas. E' o caso deste, João Guimarães, a quem, confessor que sua confiança procurou, darei a penitencia da critica, por ter lindos versos..." O sr. Afranio Peixoto conclue desejando, para as canções do sr. João Guimarães, "bellos olhos que as leiam, ouvidos ternos que as escutem, apressados corações que as comprehendam..." Quanto a nós, estamos de pleno accôrdo com o illustre romancista da *Bugrinha* no tocante á affectuosa acolhida a ser dispensada ao novo livro deste poeta calido, exuberante, sinceramente enthusiasta de Castro Alves e tão amigo de falar de beijos e rosas e de pagens que se enamoram de princezas...

V Conferencia Nacional de Educação

A 5ª Conferencia Nacional de Educação, que se reuniu em Nictheroy, nos ultimos dias do anno findo e nos primeiros deste, foi a mais notavel das que vem realizando, desde 1928, a benemerita Associação Brasileira de Educação.

Por occasião da 3ª, reunida em S. Paulo, um dos jornaes daquella Capital teve a opportunidade de criticar a ordem dos trabalhos realizados. A heterogeneidade dos votantes, a illimitação dos assumptos e a votação tumultuaria de deliberações apressadas ou mal examinadas. As criticas eram justas. Mas ha sempre descontentes que querem destas reuniões milagres e prodigios. Exigem dellas o que não podem dar... Na de agora as correcções foram feitas. Ainda assim não contentou a todos...

Ha, nestes encontros, alguns proveitos indiscutiveis. O conhecimento pessoal directo de pessôas occupadas no mesmo officio que se desconhecem ou mal conhecem, estreitando sympathias, alicerçando amizades, entrelaçando anceios communs e plantando, na immensidão deste Brasil distenso, pegões firmes de uma ponte de cooperação e solidariedade á obra urgente da educação dos brasileiros. Em seguida, alguns trabalhos, que só apparecem á pressão de uma occasião como esta, trabalhos ás vezes, de obreiros desconhecidos. Ainda a discussão que se trava entre pontos de vista proximos ou oppostos, mas que a bôa fé permitte que se defrontem e se interpenetrem, mantendo-se ou se modificando. Por fim, a opportunidade de se ver e ouvir o que se vem fazendo pelo Brasil afora, muitas vezes em pleno desconhecimento de toda gente, ver e ouvir o que ha de bom ou de menos bom, o que temos e o que nos falta, de maneira a se retemperarem forças na observação das mesmas tentativas, menos anhelos, mais successos ou fracassos.

*

Os trabalhos da 5ª Conferencia accrescentaram a estes proveitos, já de si valiosos, alguns de alto relevo.

A conferencia teve por objectivo precipuo e unico thema de votação, as suggestões sobre o capitulo "Educação" para o ante-projecto da Constituição, acompanhado do Plano geral da educação nacional. Elaborado por uma commissão de 10, dentre os maiores educadores nacionaes, escolhida pela A. B. E., sem distincção de credos ou doutrinas, com cerca de um anno de antecedencia, apresentou-se á discussão dos 22 representantes dos Estados, do Territorio do Acre e do Districto Federal. O trabalho possuia grande harmonia, quer no conjuncto, quer nos detalhes, o que levou o representante do Espirito Santo, prof. Christiano Fraga, na sessão inicial, a dizer que, embora pudesse suggerir quaesquer modificações, ellas não eram de molde a impedir-lhe de propôr a sua approvação em bloco. A Commissão dos 32 votantes qualificados, achou melhor submettel-o a pleno debate e durante 5 dias, com varias horas de discussão, mantida sempre na altitude nobre de um debate de idéas e principios, sem personalismo de qualquer especie. Quem tiver acompanhado de perto as reuniões da Commissão dos 32, poderá localizar, na obra, a contribuição de cada um, porque todos os que estiverem presentes deram sua parcella de cultura, de conhecimento, de experiencia. Se é verdade que ao presidente acclamado da Commissão, Fernando de Azevedo e aos dois relatores, Anisio Teixeira e Lourenço Filho, "a ala dos namorados da Educação", na expressão de Teixeira de Freitas, outra notavel figura da Commissão, feita de idealismo e de sinceridade, coube a maior tarefa, é tambem certo que a dedicação, o interesse e os propositos de melhor, foram os moveis sempre presentes em todo o curso das discussões. Se havia pontos de vista discordes, no resultado final nunca houve vencedores e vencidos. Sempre batalhadores sinceros de uma obra commum. E foi o unico thema submettido a votação legitima, porque o era de representantes officiaes dos governos constituidos e de 10 educadores, dentre os de maior renome e maiores serviços ao Paiz.

A acolhida generosa e cavalheiresca dada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, quer a toda a Conferencia, quer posteriormente, tomando a si a diffusão ampla dos resultados da Commissão dos 32, representa a attenção prestigiadora com que a Revolução, por um dos seus mais legitimos representantes, olhou para o problema da educação nacional. O plano elaborado e o anteprojecto não tiveram ainda critica, que lhe olhasse os fundamentos ou as conclusões, a unica que importa á sinceridade de julgamento de uma obra como esta.

O restante dos trabalhos da 5ª Conferencia foi consagrado a sessões plenarias, apenas de palestras doutrinarias ou de exposição documentaria sobre realizações brasileiras, em que se fizeram ouvir Fernando de Azevedo, Anisio Teixeira, Lourenço Filho, D. Armanda Alvaro Alberto, Raul Briquet, Moreira de Souza, D. Antonia de Castro Lopes, Heny Nogueira, José Campos.

Todas as tardes foram occupadas com a leitura das theses escolhidas pela A. B. E. e confiadas a relatores, especialistas nos assumptos, com antecedencia sufficiente e submettidas a ampla discussão, de quaesquer opiniões, não havendo, entretanto, votação alguma. Themas sobre ensino primario, secundario, normal e profissional deram lugar a monographias valiosas.

A 2ª semana foi consagrada ás excursões a Nictheroy, Campos, Petropolis e Vassouras, organizadas com o senso artistico que o jovem Director de Instrucção do Estado do Rio, Celso Kelly, levou para a obra de renovação educacional, que ora realiza naquelle Estado.

Os que acompanhavam a 5ª Conferencia Nacional de Educação podem affirmar que foi, dentre todas as realizadas até agora, a mais notavel, quer na sua mesma organização, quer nos seus resultados.

E foi trabalho collectivo em que tomaram parte todas as forças sociaes, desde o Governo do Estado, presente sempre na pessoa do seu eminente Secretario, Dr. Stanley Gomes, os Governos regionaes, até os mais humildes e modestos obreiros, que lá estiveram presentes.

Foi, deste modo, um admiravel teste de collaboração para a obra educacional.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Acaba de apparecer:

GILBERTO AMADO

A DANSA SOBRE O ABYSMO

Preço: 7$000

DISTINCÇÃO MERECIDA

O nosso eminente collaborador Sr. Gilberto Amado já se referiu no magistral artigo com que abre as paginas deste numero da nossa revista, ao honroso convite com que foi distinguido pelo Sr. Paul Gaultier, grande nome das lettras francezas, para fazer parte do "Comité pour l'Expansion du Livre Scientifique", com séde em Paris.

Reproduzindo linhas abaixo a carta em que é feito esse mesmo convite, felicitamo-nos vivamente pelo acerto de tal escolha, pois que, entre nós, ninguem melhor do que o Sr. Gilberto Amado, pelo fulgor da sua intelligencia e excepcionaes dotes culturaes, poderia emprestar maior relevo e brilho á representação do Brasil em tão douta assembléa.

Paris, le 20 Decembre 1932.

Mon cher et éminent Confrère,

Je vous serais reconnaissant de repondre à la lettre que je vous ai adressé le 7 Mai dernier pour vous prier de bien vouloir me faire l'honneur et le plaisir de faire partie de notre Comité pour l'Expansion du Livre Scientifique comme représentant du Brésil.

Ce Comité que préside M. Emile Picard, de l'Academie Française, secrétaire perpetuel de l'Academie des Sciences, et dont je suis le secrétaire général, a pour but de traduire, en français, les principaux livres scientifiques étrangers. C'est une œuvre tout à fait désintéressée qui ne recherche aucun bénéfice d'aucun sorte. J'espère que vous voudrez bien accepter de faire partie de ce Comité, et je vous prie, mon cher et éminent Confrère, d'agréer l'assurance de mes meilleurs et plus dévoués sentiments.

(a.) PAUL GAULTIER
(membre de l'Institut).

LETTRAS BAHIANAS

O joven critico bahiano sr. Souza Aguiar escreveu-nos a proposito da publicação de um novo livro do sr. Queiroz Junior, prosador e poeta que estreou, aos dezeseis annos de edade, com o volume *Entre duas épocas*. O trabalho a sahir intitula-se *Os Espectadores*. E' um "livro de idéas, defendendo uma these de grande significação sociologica, e, não raro, festivo de humorismos bem vestidos". Trata-se da historia de "uma trindade de homens que não acharam o sentido da vida, embora, para effeitos de suggestão externa, fingissem que o tinham entre as mãos alvissimas". A edição será da livraria Galdino Loureiro, uma das mais populares e festejadas da cidade do Salvador.

Tambem outro moço da Bahia, o sr. Otto Bittencourt Sobrinho, teve a gentileza de transmittir-nos as suas impressões a respeito do volume de estréa do sr. Florencio Santos. Segundo elle, *Imagens que dansam* será um "delicioso presente de festas para as mulheres elegantes e de espirito". O sr. Florencio Santos, um dos melhores chronistas do Norte, põe "em suas producções esse *que* que não se sabe o que é, sendo, no entretanto, o desespero de quantos escrevem", hoje que "fazer uma chronica é mais difficil que fazer um bom soneto"...

"APPROXIMATIONS"

Charles Du Bos é dos que melhor sabem prestar o seu testemunho em relação ás obras de arte. Fala como quem tem uma sensibilidade vivificada pela cultura e medita longamente antes de ir ao papel lançar o seu depoimento sobre um pensador ou um artista. Outros serão mais pittorescos, mais brilhantes. Elle é o "critico em profundeza" que vê na critica uma força de orientação pela persuasão, o bom e honesto elemento intermediario entre o creador e o publico.

Aliás, criticar como o faz Charles Du Bos é tambem crear. Porque elle accrescenta sempre algo aos livros lidos, aos livros que julga e, pela nobre substancia, os seus volumes de ensaios valem em si mesmos e por si mesmos, independendo não raro do confronto com as obras que os inspiraram, se é que por vezes as não superam.

Approximations — intitula elle modestamente as suas collectaneas de artigos sobre romancistas e poetas de credos varios. Mas o conteúdo desses volumes está longe de ter apenas um valor approximativo, um merito de analyse lateral, tangencial. Encontram-se, ao contrario, nelles, alguns dos conceitos mais directos, algumas das definições mais certeiras da critica do nosso tempo.

Leia-se a segunda série da collecção, agora editada em Paris pelo nosso patricio R.-A. Corrêa, e veja-se se não é assim. Que de aphorismos a marcarem, a resumirem aqui os caracteres e as obras mais complexas! O estylo de Stendhal comparado á acção de um cavallo de raça; os sortilegios de creoula dos romances de Gérard d'Houville; a "cura de isolamento" a que Lytton Strachey submettia as palavras, — são fórmulas que ficam.

A prosa de Valéry é o "tacto do pensamento". Nos Goncourt predominava a "sensibilidade visual". Toulet sabia reduzir "á unidade impressões vindas dos quatro pontos do horizonte". Em Mauriac ha uma especie de belleza angustiada. Nota-se em Maurois a preoccupação de conhecer "le territoire des possibles". Rivière é um exemplo de quanto a humildade consegue ser fecunda.

E assim por deante, sentindo-se, ao ler Charles Du Bos, que um livro austero póde ser tambem um livro delicioso.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

ROSA MARIA — A ARTE DE COMER BEM — (Off. Ind. Graphica) Rio.

E' mais uma nova edição desse livro que já se tornou classico nos annaes da nossa gastronomia e que hoje anda espalhado por todos os recantos do Brasil onde haja alguem que não desdenhe os deliciosos prazeres da mesa.

"Convier quelqu'un c'est se charger de son bonheur pendant tout le temps qu'il est sous notre toit." Seguindo á risca os elegantes *menus* e as variadas receitas que Rosa Maria compoz ou trasladou para o seu livro de cozinha, as nossas donas de casa terão cumprido fielmente aquelle sabio preceito do velho Brillat Savarin.

"A NOVA BIBLIOTHECA DAS MOÇAS"

Só póde alegrar a quantos se interessam pela vida do livro o justo successo que têm obtido em todo o paiz as collecções de romances estampados pela Companhia Editora Nacional de S. Paulo. Homens de uma audacia raciocinada e fecunda, os gestores dessa empresa conseguiram levar as suas publicações aos recantos mais longinquos do Brasil, assegurando milhares e milhares de leitores ás excellentes novellas historicas ou policiaes dos melhores cultores do genero em terras da Europa ou da America do Norte. Brilhantemente traduzidos por Mario Sette, Godofredo Rangel e outros impeccaveis manejadores do vernaculo, disseminaram-se por toda a parte os Sabatini, os Wallace, os Rider Haggard, os Jack London.

Mas os editores paulistas, realizando como poucos aquillo que um critico chamou "o ideal dos honestos commerciantes do espirito", não adormeceram sobre o exito da sua collecção "Para todos" e vêm agora de lançar uma outra, "A nova bibliotheca das moças". Destina-se esta a uma venda talvez maior, por isso que, sendo os autores egualmente bons e egualmente bem traduzidos, os volumes são mais baratos, qualidade não desdenhavel nos precarios tempos que correm.

Assim, Delly, Trilby, Eveline Le Maire, Bertha Ruck, Charlotte M. Brame, farão o encanto de numerosos patricios e patricias avidos de boas leituras. E concluindo, assignale-se que um dos romances da nova série, o Quando eramos dois *de Huguette Garnier, foi encantadoramente transplantado para a nossa lingua pelo fino escriptor original que se chama Ribeiro Couto.*

ORIGENES LESSA — NÃO HA DE SER NADA... — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

Notas de um homem de lettras que se alistou entre os *Voluntarios de Piratininga*. O sr. Origenes Lessa é autor de varios volumes de contos, para adultos e creanças, e o nosso collaborador Genolino Amado já o incluiu no numero dos "bons productores de litteratura" do paiz. Lê-se no rapido proemio do *Não ha de ser nada...*: "Este livro é um mero registro de impressões, escripto para encher os ocios dos primeiros dez ou doze dias de presidio. Excepção feita dos quatro primeiros capitulos, todos os demais foram escriptos nas horas infinitamente longas da Ilha Grande. Nem critica do movimento, nem observações de caracter militar, impossiveis e ridiculas num leigo. Impressões, apenas..." Sim, impressões de nenhum pedantismo, mas bastante saborosas sempre. O narrador, tendo pegado de armas em pról do movimento que o apaixonara e tendo sido feito prisioneiro, esquiva-se o mais possivel ás tiradas emphaticas e não raro se expressa com um "humour" delicioso, com uns ares de "poilu" brincalhão. Mas, em dados momentos, o lado épico da sedição reponta em suas paginas e entrevêem-se os lances tragicos da lucta desenvolvida no valle do Parahyba.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Iago José — *Bagunça* — Romance realista — Cruzeiro do Sul Editora — S. Paulo.
Fernando Rodrigues — *Férias* — Renascença Editora — Rio.
Rodrigo Octavio Filho — *A Constituinte de 1823* — Renascença Editora — Rio.
Jayme Adour da Camara — *Oropa, França e Bahia* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Araujo Lima — *Amazonia* — A terra e o homem — Editorial Alba Ltda. — Rio.
Gustavo Barroso — *As Columnas do Templo* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
A. Brussolo — *Tudo Pelo Brasil* — 2ª edição — Editorial Paulista — S. Paulo.
Maria M. de Bruzon — *A Allemanha Deslumbrante* — Of. Gr. Mundo Medico — Rio.
Herman Lima — *Garimpos* — Civilização Brasileira Editora. Rio.
J. Pinto Antunes — *Raciocracia* — Fórma scientifica de governo — S. Paulo.
Annibal Mattos — *Das Origens da Arte Brasileira* — Bello Horizonte.
A. Conan Doyle — *As Ultimas Aventuras de Sherlock Holmes* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
Henri Barbusse — *A Nova Russia* — Irmãos Pongetti — Rio.
H. Rider Haggard — *Ella* — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo.
Concordia Merrel — *Casamento por Vingança* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Concordia Merrel — *O Homem sem Piedade* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
M. Delly — *Vencido!* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Charlotte M. Brane — *Arremessada ao Mundo* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
T. Trilby — *Uma Moça de Hoje* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
Concordia Merrel — *A Maltrapilha* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
T. Trilby — *Sonho de Amor* — Comp. Edit. Nacional. S. Paulo.
João Golder — *O Setimo Céu* — Comp. Edit. Nacional, S. Paulo.
Elinor Glyn — *Seu Unico Amor* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
Revista da Academia Mineira de Lettras — Vols. VI e VII. — Bello Horizonte. Minas.
Educação Physica — N. 2. 1932 — Cia. Brasil Editora. Rio.
Descobrimento — Ns. 6 e 7. — Lisboa.
Revista da Faculdade de Direito da Bahia. Vol. VII — Bahia.
Estatistica Intellectual do Brasil — Vol. II — Min. do Trababalho, Industria e Commercio. — Rio.

LETTRAS CATHARINENSES

Nota-se um bello renascimento intellectual em terras de Luiz Delfino e Cruz e Souza. Muitos são os livros ou opusculos ali estampados ultimamente e tudo faz crer que esse nobre movimento pela vida do espirito não esmoreça tão cedo em paragens de tantas e tão honrosas tradições nos dominios da cultura.

Entre outros, o sr. José Boiteux, que exerceu ali destacados cargos politicos, está consagrando a sua fecunda ancianidade á evocação dos typos e dos feitos mais caracteristicos da historia catharinense. Esse familiar do passado da sua região vive somnambulicamente ás voltas com todos os ancestraes que por assim dizer plasmaram a alma local e nenhuma creatura, nenhuma data, nenhum acontecimento de Santa Catharina é estranho a esse homem de uma prodigiosa memoria, a esse eterno remexedor de archivos e cartorios. Seu volume *Arcaz de um barriga verde* segue o processo das biographias romanceadas e faz-se ler sempre com interesse e proveito.

Outro bom escriptor do Estado é o sr. Othon d'Eça, descendente de uma estirpe de casa brazonada, conversador faiscante, chronista á moderna, de uma fertilidade estonteante em materia de anecdotas e epigrammas. Poeta lyrico de tons nevoentos e crepusculares, lembrando um pouco os cantores de choupos e rouxinóes da Lusitania, o sr. Othon d'Eça é tambem um cultor da litteratura de viagem e o seu volume *Aos hespanhoes confinantes*, em que narra uma excursão pittoresca e accidentada ás fronteiras de Santa Catharina, referve de expressões suggestivas, de felizes recortes de paizagem e de lances humanos escorreitamente fixados no papel.

Iago José — BAGUNÇA — Cruzeiro do Sul-Editora — S. Paulo, 1932.

Ou muito nos enganamos ou os leitores não tardarão a reencontrar o nome (ou pseudonymo) deste romancista num grande romance que o inclua definitivamente entre os nossos mais agudos anatomistas de paixões humanas. Aqui mesmo, nas paginas desta *Bagunça*, evidentemente um livro de estréa, ha o pulso forte de um homem desabusado que não receia remexer na alma e tambem nas visceras do proximo. Ha um analysta de ambientes, perfeito conhecedor da Paulicéa que põe em scena, um fixador seguro dos typos da plebe e um dialogista que sabe colher no vôo, quasi estenographicamente, as phrases pittorescas marcadas por uma expressiva tonalidade regionalista. A primeira parte do trabalho, historiando a infancia e a adolescencia do heróe da narração, é das mais suggestivas. Lamente-se que o final do volume decáia um tanto em interesse, resvalando para o melodramatico de cinema. Deplore-se tambem no autor uma sujeição por assim dizer posthuma a certos preceitos da escola naturalista e certa tendencia para as phrases truculentas á Fialho. Mas proclame-se bem alto que ahi está um romancista. Romancista hoje, possivel grande romancista amanhã.

LA ESCUELA NUEVA

do Professor Lourenço Filho — Barcelona, 1933.

O livro *Introducção ao estudo da Escola Nova*, do professor Lourenço Filho, é destes que fizeram carreira. E, hoje, não haverá, no Brasil, quem, mais ou menos interessado nestas questões, não o tenha lido e relido. Apparece agora, vertido para o hespanhol pela conhecida editora de Barcellona — Labor.

Este facto honra menos o proprio autor do que a nossa cultura. Sendo, como é, livro unico no genero, porque uma exposição panoptica da educação nos diversos aspectos, de fundamentos, doutrina, systemas e methodos, não os aprecia de um angulo de vista parcial, fazendo antes um gyro completo por todos os quadrantes. E assim o reconheceram todos os especialistas que o apreciaram. E assim o reconhece agora a cultura hespanhola, que o inclue entre os livros traduzidos, todos de autores de maior relevo na America e na Europa.

F. V. F.

J. Pinto Antunes — RACIOCRACIA — Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes" — São Paulo, 1932.

O sr. J. Pinto Antunes é autor, entre outros trabalhos de merito, de um ensaio sobre Alvares de Azevedo, "o romantico da intelligencia", publicado na *Revista da Faculdade* de São Paulo, e de um ensaio sobre *Duas civilizações e duas gerações*, estampado na *Politica*, o admiravel archivo de estudos sociaes dirigido pelo sr. Candido Motta Filho. Agora, dando-se elle a uma série de investigações da mais perfeita actualidade, apresenta-nos, em opusculo, as conclusões a que chegou no tocante á "fórma scientifica de governo". Declara elle, de inicio, entre modesto e consciente da dignidade do seu esforço: "Os tijolos não são meus, mas a construcção é minha". De qualquer modo, seja na parte pessoal, seja na que reflecte um grande numero de attentas leituras, a sua "concepção do Estado unitario" não deixará de interessar a quantos, no momento, se preoccupam com aquillo que o sr. J. Pinto Antunes classifica muito bem de "democracia juridica" e que só se obtem com a applicação de certos factores uteis, como aquelle que o escriptor, não menos intelligentemente, classifica de "economia dirigida".

Anno III Fevereiro 1934 N. 5

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR:
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

"PAULISTICA"

(TRECHO DO PREFACIO DA 2ª EDIÇÃO)

ESTE, é um livro de estudos regionaes. Nelle apparecem as figuras typicas da historia paulista: o portuguez, o aventureiro, o mamaluco, o jesuita, o piratiningano — conquistador e povoador — e o fazendeiro. Apenas as ultimas paginas exprimem uma homenagem reconhecida ao Mestre e Amigo que consentiu em inspirar e acoroçoar estes modestos trabalhos. Tudo o mais se refere á historia de São Paulo.

Na indagação do passado, cada dia augmenta o interesse particularista pelos seus periodos fragmentarios. Deante da complexidade dos phenomenos e da móle formidavel das informações que a erudição e os documentos accumulam — até chegar ás relações de causalidade — no emmaranhado de textos, de leis, de factos, de anecdotas, a base da reconstituição desse passado está certamente no exame analytico das parcellas que constituem o todo. Seja qual fôr o processo da indagação historica — ideologia ou materialismo — não se póde, entre nós, comprehender a historia do Brasil sem conhecer a historia de S. Paulo, assim como a da Bahia, ou de Pernambuco, ou de Minas. Foi deante dessa tarefa gigantesca que recuou a honestidade intellectual de Capistrano; preferiu ser operario minucioso e incançavel a erigir em areia incerta uma cathedral disforme.

Cada povo que pretenda ser mais do que uma simples agglomeração gregaria, deve possuir o seu patrimonio historico. Nelle se vão inspirar as forças vivas e palpitantes da sua actividade actual, e nelle se estabelece o criterio da utilidade, que transforma em Politica — na accepção aristotelica da palavra — os ensinamentos da philosophia da Historia. E' a explicação e desculpa das preoccupações do passado, que a muitos parecerá puro luxo intellectual, ou mero narcisismo litterario.

Não falta a São Paulo o legado dessa riqueza ancestral. No conjuncto da formação do paiz se destaca a sua historia regional com uma peculiaridade notavel e que os seculos tem transmittido de geração em geração, com vicissitudes varias, mas sem solução de continuidade em relação a certos attributos, ou certa feição especifica. Nem lhe faltou esse epos, *de que falava Martius: ahi, a imaginação dos homens creou em torno dos factos que o tempo deforma e apaga, as fórmas mais seductoras do seu poder phantasista. Mysterio das origens, nos homens que primeiro desembarcaram nas praias solitarias; poetisação do dynamismo formidavel da raça; lendas que o medo e a calumnia formaram e se transformaram, no decorrer dos seculos, em culto dos heróes; tragedia do seu desapparecimento pelo proprio excesso do esforço; resurgimento das mesmas virtudes e dos mesmos vicios em épocas differentes e em differentes condições. Assumptos em que a deficiencia de documentos permitte, com mais liberdade, a reconstituição do passado, pela ignorancia que simplifica e claréa, o que é, como dizia o ensaista victoriano, um dos requisitos do perfeito historiador...*

Todo esse esplendido e turbado seculo XVI é para São Paulo, em sua quasi totalidade, um mysterio, com uma parca e suspeita documentação, illuminando por vezes alguns recantos da paizagem historica, para deixar em seguida e em vacuos de sombra, dezenas e dezenas de annos. As indagações formuladas, ha annos atraz, continuam sem solução, apezar dos esforços exhaustivos de alguns pesquizadores, como no monumental Diario de Pero Lopes, *de Eugenio de Castro. Desde os primeiros annos do seculo sabemos que viviam no littoral da futura capitania vicentina grupos de brancos mercadejando com as naus que vinham buscar escravos ou passavam procurando refresco. Continuamos a ignorar quem era essa gente. Naufragos? Aventureiros ligados ás grandes casas de negocio da Europa? Sentinellas avançadas na conquista economica do Novo Mundo? Quem eram os 400 homens da frota colonisadora de Martim Affonso?... "Eu trazia commigo allemães e italianos e homens que foram á India e francezes", diz o* Diario. *Da tripulação, porém, nem mesmo sabemos 20 nomes, não contando, é certo, com as phantasias dos genealogistas. O proprio*

UMA GRANDE ESCRIPTORA

Jacqueline du Pasquier — **Décalage** — Editions R.-A. Corrêa — Paris, 1933.

Décalage, de Jacqueline du Pasquier... um nome desconhecido; e um livro, portanto, que se abre com certa desconfiança. Sem o pregoso convidativo de saber que se vae encontrar gente amiga. Sem aquella emoção avida com que se folheia um Mauriac.

Mas, logo ás primeiras paginas, cessa a displicencia. O leitor mais desattento é dominado pela revelação segura de um escriptor de raça. Todas as phrases, todas as indicações, têm sentido profundo, marcam, estão no seu lugar. Não ha nada de mais, nem de menos. O estylo nervoso, conciso, a um tempo colorido e secco de quem sabe o que tem a dizer. De quem trabalha em material rico, duro, resistente. Nenhuma litteratura, nenhuma composição, mas muita sensibilidade, e uma rara penetração. Accôrdo perfeito entre a expressão e os factos. O relevo dos typos é impressionante.

Aliás, a precisão admiravel do livro já se revela no titulo. *Décalage*... que é, afinal, o grande problema da vida senão o afrouxamento, o relaxamento das ligações entre os que precisariam ser unidos? Um dia, de boa fé, duas creaturas se dão a mão, partem juntas para a existencia. A harmonia parece solida, tudo combina. E depois... um gesto que magôa, um pensamento que se esconde, o vazio de uma desillusão, o attrito de um resentimento, e a lassidão começa, lenta, insidiosa. As peças humanas, que deveriam compôr um todo, não obedecem mais da mesma maneira aos mesmos impulsos. E' a desarticulação, occulta muitas vezes pela cohesão superficial do habito. Quando se percebe que o rythmo se alterou, que um retarda quando o outro avança, já é tarde. O reajustamento é quasi sempre impossivel. As semelhanças entre a mecanica e a vida se limitam aos modos de destruição...

Décalage no tempo em Anne, na sensibilidade em Gliberte, na educação, na concepção das coisas em Gladys, e em tudo isso, talvez, e em muita cousa mais, em Simone; sempre *décalage*, sempre desharmonia.

Apesar de sua feitura de uma simplicidade masculina, *Décalage* é bem um livro de mulher. Só uma mulher o poderia ter escripto. Ha nelle, ligando as suas heroinas — muito differentes, a despeito da autora insinuar que são talvez uma só — um ponto de vista fundamentalmente, quasi ferozmente feminino. O de considerar o homem como um meio de chegar á vida, de procurar desvendar o mysterio que nos enleia e nos abafa. Um instrumento, mais ou menos importante, mas um instrumento. Anne busca-se a si mesma e á sua mocidade atravez de Roger. Para Gilberte, o marido é, sobretudo, o pai de seu filho, para Simone um figurante indispensavel e secundario. Gladys espera que Géo a auxilie na conquista da felicidade, forme no seu *team* no jogo emocionante da existencia.

Naturalmente, a reciproca será verdadeira, e os homens tambem tentarão subordinar ao seu "eu" a companheira. Como, porém, possuem outros meios de ataque á vida, outros caminhos, como têm a sua carreira, as suas ambições, o amor e o casamento podem ser, para elles, o repouso e a acalmia. Para a mulher são quasi sempre uma inquietação, uma exasperação de todos os appetites e, não raro, uma tragedia. Só a maternidade, que essa, sim, é uma finalidade, restabelece o equilibrio. Só estreitando em seus braços um filho a mulher se sente realmente completa, não dependendo mais para tudo do homem. Só então, quando o *décalage* vier, poderá encaral-o com serenidade e, — quem sabe? — tentar recomeçar.

Esse drama vem implicito, subentendido no livro palpitante de verdade e de sinceridade de Jacqueline du Pasquier.

Lucia Miguel Pereira.

---

donatario, fidalgo de menos de 30 annos, surge na historia do Brasil numa missão que durou tres annos, para depois desapparecer nas lutas e traficancias da India, onde melhor se expandia o seu dynamismo de principe do Renascimento, guerreiro e negocista. Pouca importancia ligou á sua selvagem donataria. Ao conde de Castanheira, que lhe pedia um pedaço dessa terra, respondia displicentemente: "mande-a tomar toda ou a que quizer, que será para mim a maior mercê e a maior honra do mundo". Nessa humildade, começava a historia paulista.

Achou-se logo São Paulo integrado e isolado ao mesmo tempo na evolução do povo brasileiro. Os antecedentes ethnicos do complexo social, o sub-consciente collectivo das differentes gerações — elementos de formação e elementos de crescimento num meio propicio —, deramlhe logo a especificidade que o caracterisou durante o seu periodo evolutivo, e onde Oliveira Martins já divisava os rudimentos de uma nação. A influencia paulista teve uma funcção catalytica, mas de intensidade variavel, na constituição da unidade nacional. Depois do papel decisivo que os piratininganos representaram na expansão geographica, em seguida a esse apogeu de esforço e lutas inglorias, São Paulo entrou no completo apagamento que foi a ultima metade do seculo XVIII. Extinguia-se de todo a chamma ardente da antiga independencia e altivez. Vieram os governadores-fidalgos. Os paulistas conheceram a ignominia de serem governados — durante dezesete annos — pelo commandante da praça de Santos, e a capitania passou a simples comarca do Rio de Janeiro.

Pouco nos valeu a coincidencia da proclamação da independencia na pequena cidade provinciana de 1822. A Historia se fazia na côrte. Gente de acção, desconfiados e retrahidos, os paulistas não brilharam nas lutas do parlamentarismo. Apenas alguns vultos sobresahiram, pelo acaso das circumstancias e pelo valor excepcional. Mantinham, porém, a influencia do torrão natal nos acontecimentos politicos. E assim tivemos a Regencia, o Segundo Imperio, a Abolição, a Republica, o Café, a Revolução: acontecimentos milliarios na Historia do Brasil, e etapas tambem da Historia de São Paulo.

Paulo Prado.

PROXIMAS EDIÇÕES DE "ARIEL":

Paulo Prado — **Paulistica.**
Roquette-Pinto — **Samambaia.**
D. Milano — **Poetas Modernos do Brasil.**

DOMINGOS OLYMPIO

Quando o conheci, elle tinha como meio de vida o cargo de fiscal do governo junto á Companhia de Loterias Nacionaes.

Era um homem alto, corpulento, de tez clara e rosada, com olhos azues, com um nariz um pouco arrebitado e uma certa semelhança com Bismarck. Mas era um Bismarck alegre, de physionomia attrahente e a chispar de espirito pelos olhos e por todos os traços do rosto.

Não conheço nem procurei conhecer seus antecedentes no Ceará. Sei apenas que descende de uma boa familia de Sobral, e muito cedo se transportou para o Sul. Andou pelos Estados Unidos como auxiliar do Barão do Rio Branco, collaborava nos jornaes. Suas chronicas do *O Paiz*, sob o pseudonymo de *Pojucan*, eram avidamente lidas e saboreadas pelo publico carioca.

Cultivando um descuidoso diiettantismo litterario, trazia inéditos, na cabeça, varios livros, romances e dramas, dos quaes só publicou em volume *Luzia Homem*, um dos mais interessantes romances regionalistas do Nordeste. Depois publicou *O Almirante*, sahido em numeros successivos da revista *Os Annaes*, que fundara com o concurso de Walfrido Ribeiro.

Domingos Olympio era um homem que valia melhor do que suas obras, por mais excellentes que sejam.

Luzia Homem é um desses livros que servem de columnas ao edificio litterario nacional. Romance regionalista, ha nelle vida universal bastante para não interessar somente ao rincão que o inspirou, mas para dar-lhe os fóros de romance nacional e, como tal, reflectir a vida humana sob a fórma que lhe deram as tradições, o clima e as condições economicas, como elementos componentes da genese brasileira.

E' uma obra de observação, de emoção e de bom humor, tal como se devia esperar de um escriptor que tem qualidades caracteristicas proprias para bem vêr, sentir agudamente e sorrir dos aspectos comicos da sociedade humana.

Nenhum outro livro dá uma idéa mais fiel da terra cearense do que esse quadro em que elle se nos mostra sob seus multiplos aspectos de tragedia, de comedia e de poesia. O que está nessas paginas é flagrante, é veridico, é vivido.

Entretanto, quem conheceu de perto Domingos Olympio, sente que só de uma parte de seu opulento organismo mental elle usou na composição de *Luzia Homem*.

Era preciso vel-o conversar, pensar alto, para avaliar os thesouros de graça, de fantasia, de senso psychologico que existiam nesse espirito de surprehendente capacidade de comprehensão e expressão.

Sua physionomia era rica de movimentos que rythmavam e completavam suas palavras. Nunca me foi dado ouvir tão interessante conversador. Podia-se passar horas a ouvil-o sem cansaço e sempre com prazer. A phrase era simples, mas marchetada de fino *humour*. E apesar de sua longa ausencia da terra natal, elle a todo o instante fazia sentir em sua palestra os modismos cearenses; citando piadas caracteristicas do espirito sertanejo, que é fertil em ditos pittorescos e por vezes muito maliciosos.

Mas sua palestra se tornava mais particularmente empolgante quando narrava episodios de que pretendia fazer livros, dramas ou romances. Elle transformava a historia numa verdadeira representação, recitando os dialogos com a expressão peculiar a cada personagem. Seu semblante se animava então extraordinariamente e as peripécias da narrativa, tinham nas suas inflexões e nos seus gestos uma interpretação digna de um grande mestre da arte de representar.

Lembra-me que uma vez elle recitou para uma roda, de que eu fazia parte, um drama que pretendia escrever, e ao fim estavamos todos tão emocionados como si assistissemos a uma verdadeira representação no theatro.

Parece-me que, entre as varias manifestações do talento litterario de Domingos Olympio, a modalidade predominante era a chronica. Nesse genero seu chiste, sua bonhomia maliciosa, com frequentes reminiscencias de ditos e imagens populares, encontravam o vehiculo proprio para se exprimir, retratando sua verdadeira physionomia intellectual de humorista, em que se reconhecem os gracejadores do nosso *Ceará moleque*.

Porque nossa taerra, a delle e a minha, apesar de ser uma terra de luctas e soffrimentos é, comtudo, muito dada a pilherias, á irreverencia que lhe valeu a alcunha acima mencionada.

Quero dizer com isso que Domingos Olympio, si era um cearense legitimo pela intelligencia e pela sensibilidade, o era tambem pela graça ás vezes picante e mordaz do seu espirito.

E com isso era o melhor camarada deste mundo: jovial, sincero, franco, serviçal, era um homem cuja alma, ao contrario das malas dos contrabandistas, não tinha fundo falso onde se escondesse uma maldade. Seus olhos lembravam janellas abertas pelas quaes se podia ver até o fundo de sua alma.

Poucos homens tenho conhecido de convivencia tão saudavel para o espirito e para o coração dos seus intimos.

Transplantado muito cedo para o sul, elle guardava o culto e a nostalgia da terra natal, que apenas o conhecia vagamente e jamais teve nem procurou um ensejo de dar uma prova de amor por esse cearense illustre e digno, que tanto a honrava e que sempre lhe quiz com um grande amor, que nunca a esquecia muito embora se sentisse esquecido.

Ha uma rua do Rio de Janeiro com o nome de Domingos Olympio, consagração que ainda não lhe prestou a capital do seu Estado, para não falhar a regra, infallivel com o proprio Jesus Christo, que ninguem pode ser propheta na sua terra.

Dir-se-ia que as pequenas patrias não conseguem considerar grandes os filhos que ellas conheceram pequenos e se tornaram grandes lá fóra. Parece que ha um resentimento insopitavel, que as faz não perdoar os filhos prodigos, embora sejam prodigos de talento.

(Do livro *No Caminho da Vida*).

ANTONIO SALLES.

Leiam:

MARIA EUGENIA CELSO

FANTASIAS E MATUTADAS

(Versos)

Preço: 6$000

"Casa Grande & Senzala"

Por mais afastado que me conserve de todos os problemas da politica, considerando qualquer expediente constitucional, que os graúdos adoptem, como simples *emplastro*, tão anodyno como os da velha therapeutica, tapeando os doentes que não podia curar, tenho procurado seguir o que vão fazendo, ou melhor, dizendo os nossos legisladores.

Ha poucos dias um delles armou-se de coragem e tratou longamente da formação ethnica do Brasil. Evidentemente, tratando-se de gado do meu curral, procurei lêr o que disse o constituinte. No fim de contas, elle quer o que ha de mais razoavel: que o Brasil regulamente a distribuição e a vida dos immigrantes, no interesse da sua grandeza futura. Mas, antes de chegar a tão acertada conclusão, disse tantas cousas — *pero tantas, tantas!* Eu acabara de percorrer o livro de Gilberto Freyre. E pensei no bem que para o paiz havia de ser a divulgação do volume soberbo entre os que nesta hora carregam o peso da grande gestação.

Ninguem contesta hoje que a *nação-territorio*, mesmo entulhada de riquezas — quem dera! — é menos que a *nação-povo*, no quadro dos valores mundiaes. Mas, se isso é verdade, não convém que se continúe a tomar os problemas da gente para themas oratorios de rhetorica seculo 18.

Que os estudiosos antes de abordar qualquer daquelles assumptos, tomem conhecimento objectivo, directo, simples, positivo, do que se tem apurado na materia. Nenhum guia melhor, mais claro ou mais minucioso do que Gilberto Freyre. *Casa Grande & Senzala* vem tomar, na prateleira, lugar condigno ao lado dos livros de Alberto Torres. O autor preparou-se na escola de Franz Boas, antes de entrar a considerar os problemas complexos da nossa ethnogenia. Armado de apparelhagem excepcionalmente valiosa, percorreu os meandros da nossa formação familiar. Viu claro. Viu certo. E' sincero. Confessa os recuos e as variantes a que o exame dos casos o obrigou. Penso que se Gilberto Freyre tivesse publicado apenas a bibliographia que encerra o seu grande livro, só por isso teria prestado á cultura do seu povo um enorme serviço. Mas elle, em cada caso, analysa os phenomenos sociaes do Brasil á luz de opiniões favoraveis ou contrarias á sua — sempre com um sentido de medida, de bom senso e de clareza.

Casa Grande & Senzala nasceu obra classica. Ninguem dará mais um passo, em materia sociologica referente a este paiz, sem consultar o volume, a menos que deseje andar errando, como quem se exercita em buscar, no escuro, os objectos que um raio de luz facilmente denuncia.

Sem bases biologicas lucidas e firmes é vão intento cuidar alguem de resolver questões sociaes. Sociologia, sem ellas, é *discurseira*. Gilberto Freyre não se apressou. Só penetrou no andar de cima depois de bem senhor das difficuldades do rez do chão. Eis ahi a origem do brilho desse volume sem par. Tudo quanto a biologia da raça tem revelado nos ultimos tempos foi applicado com segurança e criterio a interpretações brasileiras. As doutrinas racistas de ultima hora, não seduziram o autor, que bem sabe como são de facto velhas, disfarçadas em cosmeticos ridiculos.

"Aprendi a considerar fundamental, diz elle, a differença *entre raça e cultura*: a discriminar entre os effeitos de relações puramente geneticas e os de influencias sociaes, de herança cultural e de meio."

Esta verdadeira *genetica da cultura* parece-me o traço mais vivo e original do livro.

Não gostei do titulo. *Casa Grande & Senzala* á primeira vista parece indicar que o autor teve o desejo de contrapôr, no surto historico do Brasil, os dois typos de cultura que no caso do branco e do negro se interpenetraram. A verdade, porém, é que o Brasil de hoje sahiu muito pouco da senzala. Elle está recheiado de cousas negras, o seu cabello não nega, etc.; mas toda a massa enorme de cousas que a escravidão derramou na gente, não veio de facto da senzala. Veio mesmo da propria Casa Grande, para onde os mais bem dotados filhos da senzala eram immediatamente conduzidos, a começar pela *mãe preta*. Recusei, certa vez, a minha approvação a um quadro em que se via um filho de senhor no collo de mãe-preta, sentada ao lado de um carro de boi onde o filhote negro dormia. O quadro não correspondia ao que era geral. Ao contrario. A mãe-negra não levava o filho do senhor para a senzala; trazia, sim, o seu moleque para a Casa Grande, onde era criado com os mimos necessarios, até mesmo para que o leite da ama não *arruinasse*, sob a influencia de qualquer desgosto...

No que se refere aos indios, o livro de Gilberto Freyre vale por uma bibliotheca.

ROQUETTE-PINTO.

FEITIÇO

Porque tudo é bello
pagé, na tua terra?
as mulheres morenas,
as montanhas, os céus,
as florestas? — pergunta
o primeiro estrangeiro
ao pagé que responde:
— E' a força tremenda
Senhor, do feitiço!
A terra daqui
botou na de lá
feitiço, Senhor!

*

Pareces nascida de um tronco de arvore
fugida das mattas, emersa de um rio
banhada no sol de alegria dos tropicos.
E's clara e cantante. Pareces viver
da seiva das plantas, do riso das coisas.
Alegras a vista. Se a gente te vê
cansado do longo caminho da vida,
és melhor do que a agua, num golpe de sêde
bebida na fonte, na concha da mão.

MARTINS NAPOLEÃO.

HOMEM DO SEU TEMPO

A cultura encyclopedica é praticamente impossivel em nossos dias, que já não comportariam um Plinio, um Pico de la Mirandola, um Leonardo. Hoje o primado é do technico, do especialista. Não brilha nos tempos modernos o que reune em todos os ramos do saber a maior somma de conhecimentos geraes, mas o que em determinada provincia do espirito conseguiu accrescentar uma parcella, ainda a mais infima, á immensa massa dos conhecimentos accumulados.

Mais vale hoje o inventor de um pequeno dispositivo capaz de accelerar a marcha dos motores que o paciente vulgarisador de grossos compendios eruditos; mais o pioneiro que rasga na floresta uma picada para o desconhecido que o infatigavel perlustrador de caminhos desbravados; mais o homem de uma idéa que o de todas as idéas, ou das idéas de todos.

Semelhantemente nas lettras e na poesia, mais que o prolixo compilador de cem tomos o autor amavel de um breve tomo de verso ou prosa, si nelle houver um conceito novo, uma imagem feliz, uma expressão pessoal inedita, algum effeito musical inesperado de rythmos e silencios, algum motivo imprevisto de harmonia e colorido, qualquer cousa, em summa, dessa palpitação infinita de sombras e claridades que é o reflexo, talvez, da belleza essencial no estylo.

PELO SIM, PELO NÃO

Todos os grandes problemas, todas as questões essenciaes da humanidade se resolvem simultaneamente por um Sim e por um Não. Sim Deus existe; não, não existe Deus. Sim a alma é immortal; não, a alma não é immortal. Sim é possivel conhecer as forças da materia; não, não é possivel, etc., etc.

Entre estes dois monosyllabos fatidicos e contradictorios oscilla o destino do homem.

ALBERTO RAMOS.

— O ultimo premio *Femina* foi conferido ao romance *Claude*, de Geneviève Fauconnier. Esta escriptora é a irmã de Henri Fauconnier, autor de *Malaisie*, laureado pelos Goncourt em 1930.

"Technica e Politica Educativas"

O Brasil está na imminencia de passar de paiz essencialmente agricola a paiz essencialmente "livrifero". A nossa producção em lettra de forma tem, nestes tres ultimos annos, crescido de modo quasi assustador. Ou seja isso um phenomeno de ordem intellectual, ou de ordem economica, causado pela escassez de livros estrangeiros consequente á desvalorização da nossa moeda, o que anima os editores a abarrotarem o mercado, o certo é que estamos produzindo, relativamente ao consumo, mais livros do que café.

Uma consideravel parte de toda essa avalanche de brochuras e encadernados de varios formatos versa questões de politica, de historia politica, de direito politico, de ethica politica, de organização politica e, sobretudo, de "tapeação" politica.

No quadro dessa vasta bibliographia politica, mas na columna dos livros aproveitaveis, inclue-se o sobrio volume do professor Jorge Figueira Machado, *Problemas de Technica e Politica Educativas*, em cujas paginas vem semeado um punhado de idéas acertadas.

Embora conste a recente obra do professor Jorge Machado de uma collectanea de discursos e conferencias feitos em varios lugares e a proposito de differentes themas, o que se apprehende da sua leitura é a segura orientação com que o autor os discute.

Já o titulo — *Politica Educativa* — deixa transparecer a concepção que o autor forma do phenomeno educativo. A melhor definição de educação é, por certo, a de Durkheim. Para o pensador francez, educar é adaptar as gerações novas á vida social, é suscitar e desenvolver nellas um conjuncto de complexos reclamados pela sociedade politica em que terão de viver e pelo ambiente especial em que terão de agitar-se. Sendo assim, o facto educativo é "eminentemente social" e, por conseguinte, politico.

Não existe, em abstracto, um typo de homem ideal, cuja formação constitua o objectivo da educação. O homem ideal só o é em relação ao seu meio e em funcção do seu meio. D'ahi a immensa difficuldade, a inextricavel complexidade dos principaes problemas de educação no actual momento historico. Quaes são, com effeito, os caracteres definitivos da sociedade contemporanea? Não será a instabilidade justamente o seu traço mais caracteristico? O marxismo já vae abrindo brechas até nas vetustas instituições chinezas, e o presidente Roosevelt ahi está com o seu programma provocando insomnias nos figurões de Wall Street...

Como formar, pois, a mentalidade das novas gerações, si não sabemos ao certo o que ha de ser o dia de amanhã, si não podemos prever com segurança o molde da sociedade a que ellas se destinam?

Demais na vida social não existem apenas realidades. Existem igualmente utopias, ideaes, que tambem são factos.

Ao estudo, embora ligeiro, de alguns aspectos do problema educativo no Brasil, dedica o professor Jorge Machado o seu livro, considerando sempre "a necessidade do educador orientar-se sociologicamente". E guiado por esse criterio fundamental discorre em linguagem a que não faltam dons litterarios sobre themas interessantes: *Educação e humanismo, Expansão economica á luz da politica educativa, Novas tendencias educativas, Physiocultura, Ruralismo*.

Figuram ainda no volume uma esplendida synthese historica da nossa Escola Normal e um pequeno mas incisivo ensaio sobre a personalidade de Manoel Bomfim.

SAUL BORGES CARNEIRO.

Publicações do Archivo Nacional

Com a divulgação deste volume XXIX, todo elle dedicado a exhaustiva e escrupulosa collectanea de documentos relativos á revolução democratica de 1835, no Rio Grande do Sul, temos mais uma prova do que vem sendo a actividade do nosso Archivo Nacional sob a intelligente e zelosa direcção do Dr. Alcides Bezerra, figura das de maior relevo entre as nossas elites intellectuaes e um nome que amiude illustra as columnas desta revista com collaborações muito expressivas e sempre do mais vivo interesse.

Acompanhando de perto os principaes episodios da nossa Historia, são de hontem os quatro excellentes volumes que o Archivo dedicou á Confederação do Equador e os de não menor vulto relativos ao centenario do nascimento de D. Pedro II e á morte da Imperatriz Leopoldina. Agora, quando se approximam as grandes commemorações de Farrapos, o mesmo instituto dá-nos esse valioso volume com documentos sobre a decada inesquecivel que vae de 1835 a 1845, a que se seguirão outros ainda subordinados ao mesmo assumpto e sem duvida organizados com igual carinho e competencia.

Justificação de uma emenda

(BRINCANDO DE CONSTITUINTE)

As leis que presidem á formação das anomalias sociaes parece poderem ser deduzidas do estudo dos quadros estatisticos. Descobriremos assim as formas que essas anomalias podem assumir nos differentes dominios: economico, juridico, politico, moral, etc., e veremos como, sendo todos esses dominios sociaes solidarios entre si e cada um com a totalidade do grupo, cada anomalia reage sobre o todo social. As crises economicas repercutem sempre na esphera juridica — abalando os interesses privados e os direitos publicos, e na esphera politica — perturbando as finanças do Estado; as anomalias juridicas constituem, não raro, um germen de desorganização das relações assim economicas como politicas; e, emfim, as crises politicas echôam, na esphera economica — diminuindo a circulação dos valores, na esphera juridica — attentando contra os direitos e liberdades publicas. Ora, essas anomalias sociaes não podem ser efficientemente combatidas pelo homem de Estado, se elle não pesquizar, pelo estudo e a analyse dos symptomas, as causas que as determinam; se não fizer, em summa, sociologia applicada.

Assim orientado, já não pode o estadista obscurecer certas verdades, simples, elementares, mas eloquentes na sua simplicidade.

A grande industria nasceu quando o capitalista, para fazer render seus vultosos capitaes, teve que utilizar o trabalho, não de um pequeno grupo, mas de centenas ou de milhares de homens na exploração de suas empresas. Essas empresas mais tarde se gruparam e formaram os *trusts*, que visam ao açambarcamento da producção, os *cartels*, que têm por fim limitar a concorrencia, as *amalgamations*, os *corners*, os *rings*, que são modalidades dos *cartels* ou dos *trusts*. Caracterizam a grande industria o emprego dos meios mecanicos, a especialização do trabalho levada até ao infinito, a producção em série, a concentração dos capitaes, dos estabelecimentos e do pessoal que nelles trabalha. E se a causa primaria e remota da grande industria é o augmento de densidade da população, os seus effeitos são a tendencia á substituição da communhão de territorio pela communhão de interesses, ou seja tendencia á internacionalização, á proletarização das massas, o despertar, nessas mesmas massas, do sentimento de inferioridade social e da injustiça de que são victimas e, finalmente, o advento e propagação do socialismo.

Como surgiu, entretanto, o socialismo? As grandes e numerosas invenções e descobertas scientificas do fim do ultimo seculo e do começo deste tiveram como consequencia um desenvolvimento hypertrophico na industria e no commercio e, indirectamente, uma verdadeira revolução em todas as demais instituições sociaes. Desse estado de cousas era natural que resultasse, como resultou, um desequilibrio social, uma verdadeira crise que se traduz por um conflicto entre formulas juridicas obsoletas e uma nova ordem economica. E' a questão social. As massas proletarias organizam-se, o individuo, reeditando a Rousseau e antecipando-se a Nietzsche, rebella-se contra o meio, algumas mulheres reivindicam direitos... Na ansia de um reajustamento social, chocam-se os partidos, deblateram os corypheus das doutrinas adversas, quando não cerram fileiras no combate aos velhos preconceitos. E o socialismo surge. Surge como um novo evangelho, inaugurador de uma era nova, iniciador de um novo periodo organico da Civilização. E' que elle só é possivel ali onde as funcções economicas hajam assumido maior importancia e as funcções sociaes caracter mais humano; ali onde o commercio e a industria se hajam tornado peças mais essenciaes á machina collectiva; ali onde o Estado haja perdido seu caracter mystico para poder immiscuir-se mais intimamente nas cousas profanas; ali, principalmente, onde o Estado se tenha desenvolvido bastante para que tal empresa não pareça exceder ás suas forças; ali onde o commercio e a industria tenham attingido um começo de centralização para que soffram de modo regular a acção de alguns dos centros directores da sociedade; ali, em summa, onde exista o regimen da grande industria. Collectivo de origem, o socialismo tem suas raizes nas aspirações das massas.

Mas, se a grande industria foi, digamos assim, o caldo de cultura, o meio proprio, a condição para o surto do socialismo, não foi todavia o que lhe deu corpo de doutrina. Como tal, elle vem, por um lado, do individualismo, por outro, do estatismo, principios basicos da Revolução Franceza, aquelle prégando o valor pessoal como unico criterio da posição dos individuos no corpo politico e atacando por injustas as desigualdades estabelecidas pela tradição, este apontando o Estado como instrumento natural para a realização do individualismo. Não importa que os "direitos do homem" tenham sido, na Revolução de 89, proclamados como absolutos, independentes da evolução historica, das circumstancias de tempo e de lugar, anteriores e superiores á propria vida social, inalteraveis e inalienaveis. Não fosse o individualismo filho de Jean-Jacques. Bem sabemos hoje que, longe de serem absolutos e anteriores á sociedade, os direitos do individuo só vão apparecendo ao passo e á medida que as sociedades vão deixando de ser homogeneas e segmentarias, de ter por base a semelhança e a tradição, á medida e ao passo que se opera, em summa, a differenciação das funcções. Só então, e a pouco e pouco, a opinião publica e tradicional deixa de ser um entrave ao desejo de cada um de desenvolver sua personalidade. E a pouco e pouco tambem, o que antes era vedado passa a ser imposto como regra moral, isto é, respeitar e desenvolver a personalidade humana. Mas como respeital-a e desenvolvel-a, essa personalidade, quando a isso se oppõe a pobreza caracteristicamente extensa, interna e hereditaria, em que são innumeros os individuos que vivem miseravelmente, descendem de paes miseraveis e proliferam na miseria, ou seja o phenomeno do pauperismo? Como respeital-a e desenvolvel-a, essa personalidade, quando a isso se oppõe a situação dos trabalhadores á margem da sociedade e, mais do que isso, a situação dos sem-trabalho que a fome espreita e acossa, a elles e mais ás familias respectivas, de sorte que, quando são despedidos centenas ou milhares de operarios, por effeito de uma crise, esse numero terá que ser quadruplicado, quintuplicado, sextuplicado, se quizermos obter o numero quasi exacto dessas

A personalidade de Caxias e a obra historica do sr. Vilhena de Moraes

Luiz Alves de Lima e Silva occupa em nossa historia um posto singular, sem competidor e — tanto quanto é licito prophetizar — difficilmente attingivel hoje ou no futuro. Evidentemente não se trata aqui do seu valor militar, nem da sua ventura invejavel de general nunca vencido. Fôra já bastante para a gloria do nosso unico duque a refulgencia das suas victorias no duplo cyclo das revoluções e das guerras externas: Balaiada, revoltas de 42, Farrapos, luta contra Oribe, a Dezembrada, de Itoróró á rendição de Angostura.

Mas o que particularmente caracteriza Caxias e o torna devéras excepcional, na unicidade incontestavel de um mérito sem concurrentes, é o perfeito equilibrio, no seu caracter varonil, da energia e da bondade, da bravura á Bayard e da sincera fé christã á maneira do grande Foch. Parecerá talvez extranho este ultimo parallelo: leiam os que discordam ou hesitam, o capitulo *Caxias e Foch*, do volume *O Duque de Ferro*, de E. Vilhena de Moraes (Rio, 1933, Calvino Filho).

E ninguem, hoje, no Brasil pode, em relação a Lima e Silva, pretender, sem temeraria e ridicula vaidade, com conhecimento mais profundo e minucioso que o do Sr. Vilhena de Moraes. Ha dez annos, pelo menos, que vem elle analysando, com paciencia, erudição e faro critico invulgares em nosso meio, o que existe sobre Caxias, desde o seu proprio archivo particular, até as informações impressas ou manuscriptas de livros, folhetos, cartas particulares, sem esquecer os subsidios oraes de parentes e amigos e o exame de objectos outrora pertencentes ao grande Soldado. Ao contrario de muitos que mal solettraram um assumpto saem logo com um volume a respeito, o sr. Vilhena de Moraes, germanicamente, benedictinamente, vem ruminando os seus themas caxianos e só agora, no cabo de um decennio, é que nol-os apresenta, digeridos, expurgados de todas as superfluidades e impurezas, e em condições de se incorporarem, assimilaveis e assimilados, á propria substancia viva da nossa historia.

Caxias em S. Paulo, edição tambem de Calvino Filho, em 1933, sahiu quasi ao mesmo tempo que o volume *Caxias*, editado por F. Briguiet e Cia., (Rio, com a data 1934). Este ultimo é obra posthuma de Eudoro Berlink, descoberta, identificada e integrada por Vilhena de Moraes. Representa, no genero, um caso interessantissimo e porventura unico em nossa historiographia.

A *Introducção* do volume explica aos leitores, miudamente, o curioso processo empregado pelo critico e que lhe permittiu a alegria legitima, e das mais raras, da identificação da obra.

Além dos tres volumes a que alludimos, o autor já nos dera, em 1929, *O Gabinete Caxias e a amnistia aos bispos na questão religiosa*, edição de F. Briguiet & Cia., já esgotada. Um rapido olhar á lista dos trabalhos a sahir, ou em preparação, mostra o quanto o sr. Vilhena de Moraes tem sabido aproveitar o opulento filão que se lhe deparou em suas pesquizas (*Caxias em Minas*, *Caxias no Rio Grande*, *Caxias no Maranhão*, e, principalmente, o grande ensaio critico-bio-bibliographico, em mais de 600 paginas, sob o titulo *Caxias* e que será a obra capital em toda essa rica e original contribuição).

E' licito, evidentemente, aqui e alli, dissentir do Sr. Vilhena de Moraes no seu modo de apreciar tal ou tal figura, de intepretar este ou aquelle episodio. Nós já manifestámos, alhures, nossas restricções, por exemplo, quanto á critica do facto registado por Moreira de Azevedo, entre Caxias e o chefe da revolta de 3 de Abril de 1832 (*Foge, Miguel!*). Tambem em relação á scena de Sorocaba, em 42, e á prisão de Feijó, o manejo do argumento psychologico é realmente habil, mas não se nos afigura conducente á certeza absoluta, senão á probabilidade.

Em qualquer hypothese, o Sr. Vilhena de Moraes é hoje, sem contestação possivel, o "historiador de Caxias".

JONATHAS SERRANO.

---

victimas da fome, a que os socialistas allemães tão expressivamente chamaram o *Lumpen-proletariat?*

Esse "exercito" de desvalidos, todos esses sêres humanos que não podem, naturalmente ou por força das circumstancias, ganhar pelo trabalho os meios de subsistencia, orphãos sem recursos, creanças abandonadas, velhos desamparados, debilitados ou incapacitados de proseguir no trabalho, toda sorte de invalidos sem os cuidados da familia, os cegos, os enfermos, os estropiados, os doentes incuraveis, toda a legião dos sem-trabalho victimas da vadiagem obrigada, todos os proletarios cujo salario não dá para o sustento de numerosa prole, etc., merecem bem o nome, que lhes vimos de dar, de "exercito". Porquê o serão fatalmente, soldados do desespero e da revolução, cujo soffrimento, em lugar de ter por expressão a lagrima e o gemido, se exteriorizará por certo num rugido, no punho cerrado da ameaça, em palavras de maldição e de odio, se os orgãos directores e conscientes da sociedade persistirem em deixal-os ao léo e não cuidarem, conforme provê a presente emenda ao ante-projecto constitucional, de supprimir, onde possivel, a causa desse soffrimento.

V. DE MIRANDA REIS.

Peregrino Junior — **Matupá** — **Edições L. C.** — **Rio, 1933.**

Typos e costumes da Amazonia. Admiraveis retratos e que bem recortados! Como o autor conhece a zona que descreve e com que emoção a recorda, com que nitidez a põe flagrante e viva deante de nós! Mão grado certos laivos de comicidade, é um poeta ao tratar, nesta prosa limpida e ondeante, de uma das regiões e de uma das gentes mais typicas do universo, ainda não banalizadas, mediocrizadas nos moldes de uma civilização ficticia. O interesse anecdotico da narração não impede que estes trabalhos tenham o seu valor ethnographico e até philologico para quantos estudam a alma e as peculiaridades nacionaes. E tudo isto lê-se de um jacto, quasi iamos dizendo que se bebe de um trago, tão agradavel e saboroso é. Nenhum abuso maniaco de termos localistas e os que existem o autor os aclara num util glossario, que augmentará o nosso conhecimento das deliciosas expressões, de um tão accentuado pittoresco, em que é fertil a imaginação dos filhos do Norte. Este livro, de creaturas tão bem effigiadas por alguem que as conheceu de perto e jamais deixou de amal-as, e de paizagens que ficaram vibrando para sempre na retentiva de um delicioso creador de esboços que não são nunca simples natureza morta, alteia definitivamente o sr. Peregrino Junior á condição de um dos bons escriptores do paiz. O chronista por vezes ligeiro da vida mundana do Rio faz-se aqui, ao rememorar os igarapés e as uyaras da sua infancia e adolescencia, um marcador de typos e scenarios que figuram entre os melhores dos nossos "amazonistas" de qualquer periodo.

Noticia de "Lampeão"

Ha nesse magnifico documentario de Ranulpho Prata uma phrase que o autor recolheu da bocca de um sertanejo, que é admiravel de verdade e de ironia:

"— Meu sinhô, meu sinhô, o sertão véve debaixo duma carga pesada. Um costá é feito de Lampeão e da secca e o outro é só da força do governo" (*Lampeão*, pag. 158).

Outra phrase, esta do proprio bandoleiro, acaba de definir o que é a luta entre a policia e o cangaço nordestino:

"— Quá, seu vigario, o governo não me deixa assocegá, mas tenho a certeza que os macacos não me mata porque eu sô um pé de dinheiro... Hoje em dia a vida só é boa p'ra sordado e p'ra bandido!" (*Lampeão*, pagina 77).

Realmente, se fosse dado ao pobre do sertanejo escolher entre o bandido e a policia, acho que não haveria vacillações. O sertanejo preferiria sem duvida o cangaceiro ao soldado. Naquelle ha pelo menos certo heroismo (tragico heroismo), certo senso de justiça, como o livro de Ranulpho Prata deixa entrever, roubando ricos e por vezes protegendo pobres.

Uma chaga o cangaço. Porém chaga muito menor que a policia perseguidora, que tambem furta, mata, deflora, com poderes officiaes. O cangaceiro faz tudo isso de preferencia nos fazendeiros e prefeitos. Os soldados fazem sempre nos abandonados trabalhadores ruraes.

Dahi essa especie de sympathia que apesar de tudo o sertanejo tem pela figura do "intrepido forasteiro", como o chamou o sr. Jackson Alves de Carvalho, commerciante de Capella, que lhe offereceu a *Vida de Jesus* de Papini, em encadernação de luxo...

O proprio Ranulpho Prata, que com esse livro nos fornece a melhor contribuição que existe sobre o lendario bandido, não conseguiu se furtar a essa dominação, a certo enthusiasmo que a coragem de Lampeão desperta. O seu livro, e com razão, é mais um combate á policia que ao cangaço. O jornalista soube reunir os factos mais caracteristicos, os feitos mais notaveis do cangaceiro com muito tacto. Sente-se que esses feitos são authenticos. Não inventados para noticiario barato dos jornaes. Pena que de quando em vez a linguagem seja empolada, mettida a Euclydes da Cunha, sem o vigor barbaro deste e com certas pretenções a liguagem castiça. Pena porque ha nesse volume um escriptor denunciado pelo forte retrato de Lampeão. Não ha em *Lampeão* pretenções a ensaio. Documentario simplesmente, com dois saborosos bilhetes do "interventor do sertão". No emtanto, eu gostaria que o autor procurasse estudar certas causas do cangaço. Delimitasse responsabilidade. E então o publico saberia que os grandes fazendeiros, os grandes senhores ruraes são os responsaveis pelo cangaceiro.

Na minha zona pelo menos é assim. O abandono criminoso das creanças é proposital, visando a formação do criminoso de profissão, que eliminará os inimigos do fazendeiro...

Um estudo ainda a fazer.

*

Outras coisas que tornam apreciavel o livro de Ranulpho Prata são as innumeras photographias que completam o documentario e a capa, um dos melhores desenhos do grande illustrador que é Santa Rosa.

JORGE AMADO.

Amedeo Giannini — **La Question de Dantzig** — Istituto per l'Europa Orientale — Roma, 1933.

O Instituto de Roma para o estudo das questões politicas, sociaes e economicas da Europa Oriental, talvez seja o que nos offerece o melhor, o mais vasto e o mais documentado material para conhecimento dos paizes daquella fria e excentrica região do velho mundo. Servido por especialistas de destaque, promove inqueritos, examina problemas, suggere, corrige emfim a opinião publica internacional sobre querellas pendentes entre povos e Estados.

Nesse terreno e sobre um dos casos em si mesmo simples, mal exposto porém, — *A questão de Dantzig* — o eminente professor de historia dos Tratados, na Universidade de Roma, Amedeo Giannini, escreveu synthetica brochura que não escapará á leitura dos nossos especialistas. Rapidamente o autor passa em revista todos os aspectos do caso de Dantzig e, assim, aos nossos olhos apparece o passado historico em que o celebre porto, incorporado á Prussia, não logrou nenhuma possibilidade de desenvolvimento; emquanto que, ao serviço precario da Polonia, tem logrado notavel surto. Relata as difficuldades diplomaticas entre os dois paizes interessados, faz uma critica objectiva da feitura do Tratado de Versalhes, examina cifras, controla os elementos economicos para chegar á conclusão de que a Polonia se viu obrigada a crear seu proprio porto. Proseguindo, exalta a obra realizada em Gydnia, considera o futuro e tem plena confiança no bom senso dos homens politicos do presente que saberão encontrar uma fórma equitativa para solucionar controvertidos interesses, que não chegam a ser substanciaes. E' sobremodo notavel accentuar o tom de imparcialidade do trabalho do Prof. Giannini, bem recebido no mundo europeu, do que resulta que já se acha em terceira edição. Para o genero é uma linda victoria.

U S.

Maria Eugenia Celso — **Fantasias e Matutadas** — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1934.

Trata-se da reedição, melhorada, de um dos livros mais caracteristicos da nossa admiravel poetisa. Ahi estão, nessas deliciosas *Fantasias e Matutadas*, que todos percorrerão com irresistivel prazer, as qualidades dominantes desse bello espirito de brasileira: a ternura, a ironia, a vivacidade, a graça. São versos em geral muito bem trabalhados, embora sem tormentos de fórma e sem preciosismos incompativeis com a perfeita educação litteraria da autora. O Brasil rustico e o Brasil civilizado exprimem-se, com extremo encanto, nos sonetos e nos pequenos poemas de um dos nossos mais subtis engenhos femininos. E' livro que fará sorrir e tambem fará muitas vezes meditar.

— A grammatica dos membros da Academia Franceza soffreu uma rude investida por parte do philologo Brunot, que lhe apontou dezenas de erros. Brunot, que é uma especie de "croquemitaine" dos ambientes universitarios da França, provou que nem por ter dado trabalho a tanta gente junta a grammatica dos 40 é obra perfeita. A proposito desse ataque do censor barbaçudo, alguns jornalistas querem attribuir a responsabilidade dos principaes deslizes do volume ao romancista Abel Hermant, cujos pendores casticos são dos mais conhecidos. Com effeito, Hermant, velho pasticheiro dos contistas e novellistas galantes do seculo XVIII, vive a catalogar torpezas de seus heróes fidalgos, não receando ir mesmo ás effusões prohibidas do amor grego. Emtanto, assim complacente para com os vicios carnaes, é elle implacavel em materia de vicios de linguagem...

— Paul Morand vem de publicar *Rococo*, edição Grasset, uma serie de contos escriptos em epocas diversas e, por isso, bastante differentes de feitura, pois que o reporter diplomata gosta de estar sempre bem *à la page*. Todavia, *Rococo* não pode deixar de ser obra muito interessante, como tudo o que sae da penna privilegiada que escreveu *Rien que la terre* e *Magie Noire*.

L e i a m :

J. KESSEL

L U X U R I A

(Traducção de Gastão Cruls)

E m t o d a s a s l i v r a r i a s

"O ANJO"

Este livro *Anjo* de Jorge de Lima vem mostrar que a verdade poetica é mais forte e mais humana que a dos factos. E' um livro arbitrario, de uma sequencia truncada e violenta, mas que encontra correspondencia dentro de nós, um logar vasio para occupar.

Será romance ou será um conto de fadas? Ahi é que a critica madura irá se dividir. Para mim eu o queria como um conto de fadas. Porque ha nelle mais poesia e mais paixão que na vida. O seu heroe e o seu anjo se incorporam á nossa imaginação como o Pollegar ou o Lobishomem. Elles fazem cama no nosso fundo emotivo e nos attingem de cheio na sensibilidade.

A verdade é que o conto de fadas tem mais vida que os contos de verdade. Até Chesterton chegou a acreditar mais nelles como sabedoria que na sciencia de seus contemporaneos. Pelo menos a narração desarticulada que vae do céu á terra, das nuvens aos fundos dos mares, que não conhece os limites da natureza, que viola a razão de ser das cousas, (bichos que falam, que se encantam, homens que se confundem com deuses e deuses com homens), tudo isto que supera a logica e a verosimilhança tem mais força de nos approximar da vida e de nos confundir com a realidade.

O ultimo livro de Jorge de Lima é neste ponto bem conto de fada, sobretudo porque é uma creação e faz a gente sentir o maravilhoso misturado de terra e de humanidade. O seu anjo, a impressão que elle nos dá da realidade, é a de um homem de cabeça grande, com paciencia, com ternura e com o coração maior que a sua cabeça. Nunca vi uma imagem tão perfeita do anjo da guarda. Não sei por que, o anjo da guarda das minhas cogitações de menino tinha muito daquelle bom homem de Jorge de Lima. Anjo sem azas mas com braços fortes e hombros largos para nos amparar dos abysmos.

O poeta Jorge fez em um romance uma cousa difficil: deu carne e deu osso a uma cousa imaginaria. Para um romancista é de grande effeito saber animar, dar vida a gente que vive e sente. Foi por isto que o romance *Os Corumbas* do sr. Amando Fontes conquistou tanta admiração. Foi porque, embora o seu autor não fosse um grande escriptor, fizera no entanto uma historia das mais humanas que tenham apparecido em nossas lettras.

Só um poeta teria a coragem de Jorge de Lima para fazer o que fez. Não sei por que, lendo o seu livro, eu me lembrei do cinema, mas do cinema maior que o de Carlito (do qual Valdemar Cavalcanti approximou o anjo de Jorge de Lima), do cinema todo creação que é aquelle dos desenhos animados. Vem-me assim a impressão de que o romance do poeta da *Nêga Fulô* é como uma narrativa para o desenhista do celluloide animar com a sua força.

Falla-se muito da nova arte do cinema, fundam-se sociedades para se intensificar as conquistas dessa quasi religião que tem em Chaplin o seu santo. Mas si Carlito tem mesmo genio de poeta elle deve ao muito de conto de fada que ha nelle. Carlito seria um principe das *Mil e uma noites* encantado em pobre diabo. Nem tudo porém é conto de fada em Carlito. Elle tem a vulgaridade de um homem de verdade e pieguices estudadas. Nos desenhos animados o conto é todo, do começo ao fim, historia do trancoso. O mundo é virado pelo avesso e o arbitrario fica o natural da vida. E a gente se sente bem, com a imaginação em coitos continuos.

Este novo livro de Jorge de Lima vem directo deste manancial cinematographico. Si eu o tivesse escripto não o chamaria de romance ou de novella. Não. Eu lhe daria um nome mais proprio chamando-o de Desenho Animado.

José Lins do Rego.

FILHA DO SOL

Ha no teu corpo um cheiro de manacá pisado
Tens o aroma selvagem das nossas florestas venenosas
desafiando a castidade longinqua das estrellas
Ha nos teus olhos um langor desesperado
a quebrada molleza da luz do luar
como um oleo escorrendo na sombra nocturna
Teu olhar é a agua parada
que mata a gente de febre
Ha na tua alma como no seio da terra
a doida fascinação das pedras preciosas
que enlouqueceu os primeiros bandeirantes
Tua alma é a yara que leva
a gente para os abysmos.

Martins Napoleão.

Estevão Pinto — **O problema da educação dos bem dotados** — Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1933.

O sr. Estevão Pinto, professor da Escola Normal de Pernambuco, já teve uma das suas obras incluida em importante collecção pedagogica da Hespanha. Agora, vem elle chamar a attenção dos brasileiros para *O problema da educação dos bem dotados*. Importante problema, sem duvida, ao que reconhece, em substancioso prefacio, o sr. Lourenço Filho. Embora descurado em paizes como o nosso, o aproveitamento "das creanças que, desde a escola primaria, revelam aptidões excepcionaes" é factor que, em outras plagas, vae interessando aos bons didactas. Preoccupam-se estes, mais e mais, com um aspecto da pedagogia de innegavel finalidade politica e, logo, social. Urge distinguir, seleccionar os que vêm do berço com um maior potencial de intelligencia e explorar-lhes por assim dizer technicamente uma predisposição nativa que tão util poderá ser ás collectividades democraticas. O essencial é que se faça tudo isso sem crear um possivel espirito de casta privilegiada entre os portadores de cerebro mais lucido. Como bem dizia Fichte, "todo talento pertence á Nação e a ninguem será licito usurpal-o."

Adelaide de Castro Alves Guimarães — **O Immortal** — Marisa Editora — Rio, 1933.

Irmã do maior poeta brasileiro de todos os tempos e viuva de um intellectual de fina sensibilidade, a sra. Adelaide de Castro Alves Guimarães vem de estampar um interessante volume de versos sobre o amor. Para ella, entre todas as coisas mortalissimas da terra, a unica coisa realmente immortal é o amor. E os sonetos e poemetos em que se refere aos seus mortos e aos seus vivos são de uma nobre ternura communicativa, a que não fugirá o leitor de maior seccura de alma. Os processos da autora podem ser um tanto retardados nesta época em que foram feitas em pedaços as taboas da lei poetica e ninguem toma a sério a tunica de Horacio ou a peruca de Boileau. Mas o caso é que, lendo-a, remontamos a um periodo em que o Brasil, bem mais brasileiro do que hoje, não sobrepunha aos idyllios e bucolismos proprios da raça a imitação trepidante das Babels e das Gomorrhas cosmopolitas.

A respeito das traducções

O negocio das traducções, tão em voga no momento, trouxe consequencias diversas para as nossas lettras. Uma dellas foi esta de estar matando definitivamente uns pobres autores que viviam até certo tempo sem se saber como, mal alimentados de publico, com a sua modesta producção frequentando inutil os sebos da rua S. José. Outra foi estar salvando dessa morte collectiva muitos autores que, por conta propria, nunca fizeram nada de chamar a attenção, litteratos sempre *flous*, na vida das lettras, e que nesse serviço de transportes de linguas, nessa agencia de commissões e consignações em litteratura, conseguem pôr em evidencia seu nome apagado; crêa-se desse modo a classe dos heróes desconhecidos da traducção.

Muitas editoras ainda acceitam traducções anonymas, pelas quaes os estrangeiros nem ao menos podem instaurar processo, contra seus inimigos occultos, por crime de injuria; versões estas que lembram exactamente certos assassinatos mysteriosos em que os homicidas desapparecem como por encanto e só as victimas têm direito a noticias compridas e retrato nos jornaes. Esse caso da irresponsabilidade da traducção ainda a torna um genero não moralizado de todo no Brasil.

O certo, entretanto, é que muita cousa bôa da estranja nós já trouxemos para casa. Freud, Havellock Ellis, Zweig, Plekanov, Michael Gold, Gladkov, Pirandello, Stevenson, Maurois, Papini, Ludwig, etc., gente dessa já anda em transito pela nossa lingua tão resistente que Aloysio de Castro só a apresenta com luxos de feudo ao mesmo tempo que um Camara Cascudo a deixa miseravelmente a pão e agua.

Póde-se facilmente constatar que essa febre alta de publicidade, em que nos encontramos, vem como consequencia logica de: primeiro, do estado de inquietude, de insatisfação, do estado pre-revolucionario — que é o nosso —, que impelle as massas para a distracção, o recreio esportivo através do papel impresso, como para um entorpecente; segundo, da situação de inattingiiblidade alcançada pelos livros estrangeiros, supervalorizados pelo cambio, chegando caros demais para um mercado pobre. Devido a isso a traducção no Brasil surgiu como uma imposição cultural, uma necessidade da massa, trazida á tona por força de factores economicos.

A proxima e inevitavel inflação editorial, provocada por empresas possantes (a Civilização, Cia. Editora Nacional, a Globo, Calvino Filho, Unitas, Guanabara, etc.) será uma delicada situação de engorgitamento do mercado. Tal producção em escala, mais em linha horizontal do que vertical, mais obedecendo aos valores quantitativos que aos propriamente qualitativos, está formando para breve um esgotamento do publico, o tedio de tanto livro novo a ler. Mas este excesso fatalmente instaurará uma selecção natural entre os livros e creará, nesse publico, um immediato senso de distincção para os elementos bons e os ruins. Lamentavel seria si essa super-producção nos obrigasse — a nós, paiz joven e indisciplinado ainda, e ainda gaguejando primeiras lettras de cultura e civilização — nos obrigasse a fazer com livros o que fizemos estupidamente com o café: a lançal-os ao mar. Nesse caso seria muito mais logico deitar nagua, com uma pedra nos pés, certos autores que se fecundam mais que os vermes e que são inuteis como elles.

Nesse serviço de transformismo idiomatico é optimo que se estejam interessando escriptores de nome feito, como Medeiros e Albuquerque, Godofredo Rangel, Agrippino Grieco (que se deu ao trabalho de trazer Emilio Salgari para a nossa linguatumulo, mas numa traducção que de brilhante parece um enterro de luxo para um autor de terceira ou quarta classe), Ribeiro Couto, Mario Sette, Erico Verissimo e outros.

Dessa maneira corrige-se aquelle antigo preconceito brasileiro que fazia os intellectuaes se absterem de traduzir qualquer cousa como por um caso de pudor, quando justamente deviam até se orgulhar de se pôrem, de publico, em contacto tão intimo com certas grandes obras do estrangeiro. Assim, bons autores de hoje se acham fazendo com a responsabilidade de seu nome aquillo mesmo que uns tantos pintores nossos ainda fazem ás occultas: traducções.

Temos ainda a notar que uma vantagem da traducção seria conduzir para seu serviço os escriptores do genero do doutor Hernani de Irajá e do Oswaldo Orico: emquanto elles se distrahiam com as obras alheias, nos deixavam em paz, livres de sua litteratura requentada a banho-Maria; desse modo dava-se um fim ao *trust* de tedio de que esses senhores se fizeram capitalistas.

VALDEMAR CAVALCANTI.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Jean Royère — Le Musicisme Sculptural — Albert Messein, éditeur — Paris.

Em numero anterior desta revista já tivemos opportunidade de nos referir a esse trabalho, cujo apparecimento era esperado na França com justa anciedade. Agora, graças á gentileza do autor, temos em mão um dos seus exemplares, bello volume ornado de numerosas gravuras que reproduzem alguns dos mais famosos trabalhos da grande esculptora americana Archer Milton Huntington, a cuja carreira artistica o livro é todo dedicado. Mas, ao interesse de nos podermos familiarizar com as obras indiscutivelmente magistraes dessa verdadeira emula de Pompon e Barye na representação dos animaes, junta-se nesse volume o enlevo que nos dá a prosa brilhante e suggestiva de Jean Royère, o original creador do *Musicismo* e critico de fina sensibilidade nos admiraveis estudos sobre Baudelaire e Mallarmé.

Alvaro Moreyra e o Brasil que continúa...

Alvaro Moreyra é um dos casos mais interessantes da litteratura brasileira.

O contorno visivel da sua pessôa espiritual, e a nitidez com que ella surge quando se olha a paizagem litteraria do Brasil, fazem-no um escriptor de difficil definição, e um elemento cuja catalogação nos compendios de litteratura exige um certo trabalho de pesquiza.

Logo que appareceu trazia um encanto tão imprevisto e novo em sua phrase e em seu espirito, que todos descobriram ali um differente, que vinha com a disposição de ser apenas o que era, livre de escolas e acima de classificações. Dessa data distante até hoje, modernista antes do modernismo chegar, figura central de movimentos de renovação e de alegria que já o encontravam, elle ficou sempre Alvaro Moreyra, apenas isso, e explorador de um territorio exclusivamente seu.

Sempre novo, sempre actual, evidentemente elle é Alvaro Moreyra demais para caber com facilidade na breve limitação dos periodos de historia litteraria. Elle só, mais a sua vida, mais a sua obra, mais os seus livros, mais as suas idéas, formam uma unidade incomparavel, que ninguem conseguiria moldar e trazer a uma feição predeterminada e imposta.

Assim, aos nossos historiadores litterarios, esse aviso: houve o indianismo, (em que os indios de Alencar deploravam a ausencia do cinema, eternizador amavel de elegancias...), houve o romantismo (em que se chorava por culpa da amada, absolutamente isenta de culpa...), houve o modernismo (quando se gritaram coisas certas num paiz visivelmente sem acustica...), houve o decadentismo, houve o parnasianismo, houve o futurismo, houve o super-realismo, houve outras tendencias assim definidas, e houve Alvaro Moreyra.

Nos seus livros a gente percebe logo um curioso espirito voltado com uma sympathia meio ironica para todos os assumptos humanos, riscando epigrammas de um Marcial que houvesse sido discipulo de Anatole, desenhando contornos com precisão e nitidez, denunciando sentimentos e analysando coisas com um poder de synthese verdadeiramente excepcional. Os themas diversos de que elle se serve não conseguem perturbar a sua perfeita unidade espiritual. E ha qualquer coisa de superior e vivo que lhe affirma sempre a autoria integral de todos os seus livros, isto é, que o faz o mesmo escriptor, apesar da sua constante renovação e do seu estranho dom de mocidade.

A sua philosophia, feita de observação e optimismo, se desenrola numa só linha, a sequencia dos seus livros maiores, e de *Um sorriso para tudo* (Rio, 1917) até *O Brasil continúa...* (Rio, 1933), é a mesma e deliciosa ironia, a ternura quasi lyrica, a observação sempre segura, o pensamento que vae ao mais intimo recanto do que quer explicar, a forma agradavel que se compraz em dizer coisas sérias e certas com o ar de quem não está dizendo nada...

Mas Alvaro Moreyra não é sómente o autor de alguns dos livros que realmente valem a pena em nossa litteratura. Elle tem ainda aquella inestimavel riqueza: o gosto de applaudir e estimular, o que faz com que algumas das nossas figuras mais interessantes devessem continuar a chamar-lhe mestre... Foi, tambem, um dos melhores chefes do modernismo: no Rio, elle e o *Para todos...*, a sua revista, eram uma das cellulas de maior efficiencia pelo poder de conquista. E, emfim, na poesia, (desde o tempo dos versos de Porto Alegre), na prosa, no theatro, a sua acção tem sido um milagre de vida e de claridade. Tudo tem o ar de que encontrou o definitivo. Tudo sem a attitude da sabedoria. Apenas com um sorriso sem fronteiras, olhando a vida no desejo de que ella fique melhor, e guardando para si uma certa ironia superior, para os intimos uma complacencia maliciosa, e para todos uma approvação amavel...

*

Agora mesmo acaba Alvaro Moreyra de publicar *O Brasil continúa...*, ensaio sobre a maneira de ser do Brasil. Depoimento historico, social e psychologico tirado da sua observação e do seu estudo, que conseguiram surprehender certos aspectos ainda não vistos do nosso problema, certo geito de infinita despreoccupação que marca a nossa vida, essa fieira de acasos que se succedem na nossa historia, o comportamento do povo ante os politicos, dos politicos ante o povo, fazendo obra de sociologo que guardou alegria, e de pensador que não usa máus accessorios...

Sem duvida que esse pequeno volume é uma grande collecção de idéas.

Ellas estão no que elle diz de varios departamentos da nossa Historia, inclusive naquelle em que está archivada a revolução de 1930, que Alvaro Moreyra assim marca: "O Brasil de antes de 1930 era escripto a lapis. Borrão de um paiz que, mais tarde, naturalmente, havia de ser corrigido e copiado sem erros, com tinta bôa. 1930 fez de borracha. Apagou o borrão. Porém o papel guardou as marcas. Basta um pouco de paciencia, é facilimo lêr quasi tudo o que estava escripto..." Aliás, não só desta vez elle diz coisas certas sobre as nossas revoluções, nas quaes não acredita, pois o Brasil, como Joanna d'Arc, "nunca viu sangue correr sem que os seus cabellos ficassem em pé..." E ninguem tambem lhe negará a verdade profunda que ha na sua affirmação de que no Brasil só houve duas revoluções de verdade, enxutas, que foram a marcha dos soldados francezes sobre Lisbôa, forçando a fuga para cá de D. João VI, e a "emancipação dos escravos antes do prazo premeditado, alterando a existencia dos campos e das cidades", si bem que elle tenha esquecido uma terceira revolução "enxuta", tão séria e de consequencias tambem vitaes para a formação da nossa inicial unidade de raça: aquelle antigo e esquecido decreto do Marquez de Pombal, datado se não me engano de 1755, em que esse estadista de bons propositos premiava com regios favores o casamento de portuguezes e indias e de portuguezas e indios, creando uma série de vantagens e regalias especiaes para os heróes...

Algumas vezes terá Alvaro Moreyra riscado com demasiada força certos detalhes menores, mas isso é contingencia humana. Impossivel a equidistancia de todos os polos. Mas a lucidez com que foram vistos varios phenomenos historicos e sociaes do Brasil e, principalmente, a comprehensão da nossa gente, do nosso sentimento, do nosso caracter, isso ha de impressionar aos que lerem esse livro attentos á substancia que elle contém, ao pensamento que traz e á verdade que delle promana.

DANTE COSTA.

Personagens de romance

Sempre ouvi dizer que ha vidas que são verdadeiros romances, e que em romances deveriam ser aproveitadas. Muita vez já ouvi dizer que fulano ou beltrano — typos que encontro na rua, occupados no vulgar mistér de todos os mortaes — são veridicos personagens novelescos.

Confesso que já me interessei mesmo por uma ou outra dessas existencias, na esperança de aproveital-as n'algum romance que, porventura, venha a escrever, nos vagares que tiver.

Tenho notas tomadas, fiz até de cada creatura assim uma figura de proporções minusculas, como pequeninas *maquettes* dum futuro monumento. Sei de cór as suas historias reaes, algumas bem tristes, na verdade. Possuo a fabulação dos enredos em que se envolveram ellas; acompanho-as, com a imaginação, desde quando romperam para a existencia, na ansia dos primeiros movimentos; persigo-as na ascensão vagarosa, cheia de dores e tropeços, vislumbro-as além da curva em que, como trampolim, se atiram, depois, na profundeza do nada, para o desapparecimento e para a morte.

Tudo isso, porém, é muito pouco. Não chega para um romance. Não dá nem para as linhas curtas dum conto ligeiro. Porque? Apenas porque acredito que somente pode considerar-se romancista aquelle que crêa as suas proprias creaturas. Pobre daquelle que se aproveita das creaturas já existentes, das suas vidas, a proceder como empresario ou reporter! Esse não passará jámais de mero noticiarista, de simplorio copiador de obras ruins.

O artista é aquelle que sente comsigo, dentro de seu intimo, se permittem a redundancia, a agitação tumultuaria do romance. Não tenho outras expressões para definir este estado senão aquellas de que se serviu André Maurois ao falar dos embaraços, das ansias de Goethe quando arcabouçava a sua sentimental novella: *Werther* — *"comme la femme enceinte obsedée par son ventre, il cherchait en vain une position de repos..."*

Não é o romance exterior das vidas, que desfilam á nossa vista, no turbilhão amorpho da sociedade. Ninguem tenha, por ahi, a pretensão de ser personagem, digno de figurar numa obra de ficção. Quando se dá um caso desses o que se observa, logo, é que o original, o modelo, passa, paradoxalmente, a ser um personagem ficticio, de imitação, um simples e mal-azarado interprete, encadernado nos pannos de uma creatura real, posta a circular, aos empurrões, pelo romancista.

Sómente ha romances, verdadeiros, com o seu fundo sentido e doloridamente humano, si, colhida a observação, o artista transfundiu nella o proprio sentimento, deu-lhe a propria alma, o sopro divino, em summa.

Citei ha pouco o trabalho de Maurois sobre Goethe. E' a historia de sua paixão pela boa Carlota, noiva compassiva e meiga dum addido de legação, chamado Kestner. Nem por ser Goethe quem era, mais joven, mais bello, mais brilhante, conseguiu victoria no coração da creatura amada. E soffreu por isso muito mais que qualquer outro mortal. Não se animou a assistir ás bodas de Carlota, mas, artista e sensivel, pediu-lhe o *"bouquet* nupcial" para enterral-o, numa cerimonia lugubre, no seu jardim. Era-lhe necessario um desabafo. Deante de seus olhos, cansados de chorar, e como materia prima para uma linda e pura historia de amor, estava o seu proprio grande amor incomprehendido, dilacerado, a sangrar.

Mas, muito pouco lhe pareceu tudo isso para a urdidura de sua novella, e foram outros acontecimentos entrelaçados, outras vidas, — os seus amores levianos com a mulher dum rico especieiro, o suicidio dum camarada lunatico, em circumstancias romanticas — esses é que foram os elementos necessarios ao tecido do romance immortal, *Werther*, que tantas lagrimas e tantas mortes provocou á mocidade allemã do seculo passado e que ainda hoje passeia pelo collo das meninas casadoiras de todos os continentes.

Carlota e seu marido não se reconheceram no romance, porque o artista lhes déra outra feição, lhes communicára outra alma, muito diversa. E o rompimento se deu, entre as creaturas e o creador, porque, dizia o marido, a verdadeira Lotte seria muito desgraçada se se parecesse com a Lotte do romance.

De todos os personagens dessa formosa historia de amor, conclue Maurois, um só ainda vive hoje, é este desgraçado Werther, que nunca existiu.

*

Tomem nota, pois, os pretenciosos. Não ha ninguem, no mundo, que tenha soffrido bastante e de tal modo que possa, sózinho, impar dentro dum romance. O romancista, si quizer fazer obra de arte, tem que absorver, que desfigurar, inteiramente, a obra fragil e transitoria da natureza, para, depois dum trabalho igual ao de Deus, lançal-a ao mundo como um sêr novo, fundido na carne e no sangue.

Só assim as creaturas de ficção têm existencia propria e eterna, e são tão bellas e perfeitas que ha sempre quem as imite, no mundo, onde todos vivemos, como vulgares mortaes sem nenhuma originalidade.

ALBERTINO MOREIRA.

— *Picasso et ses amis* é o titulo de um recente trabalho apparecido na collecção *Ateliers* e da autoria de Fernande Olivier. O livro traz prefacio de Paul Léautaud e nelle se narra, com abundancia de detalhes e muitos episodios curiosos, um largo trecho da vida do grande pintor modernista, quando, antes da guerra, iniciava a sua carreira em Paris, e tinha por companheiros de ideal a Apollinaire, Max Jacob, Marie Laurentin e outros.

— Vem despertando grande curiosidade nos meios intellectuaes parisienses o ultimo livro de Léon Daudet: *Un amour de Rabelais*, lançado pela casa Flammarion.

— Vicki Baum, a conhecidissima autora de *Grand Hotel*, recentemente aqui passado no cinema, acaba de ter traduzido para o francez mais um de seus romances: *Ina*. E' a historia da vida de uma dansarina e parece ter sido inspirado na celebre *Minha Vida*, de Isadora Duncan. Aliás, em *Grand Hotel* ha tambem uma bailarina e já foi dito que essa tinha muitos traços que a approximavam de Anna Pavlova.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

"A CONDIÇÃO HUMANA"

Quando Ferral lança ao interlocutor a interrogação do europeu que se presume refinado porque transpõe para o plano intellectual o mecanismo do seu negocio, a saber — si Gisors não considera estupidez caracteristica da especie que se possa perder a vida por uma idéa, — e o chinez responde indirectamente numa reflexão que é raro o homem capaz de supportar a condição humana, — André Malraux separa-se, ao mesmo tempo, da facilidade jornalistica que oppõe formalmente o Occidente ao Oriente, e de uma certa litteratura dita revolucionaria mas, no fundo, tão pouco revolucionaria como o sentimentalismo "proletarizante" das diversas categorias dos "amigos da U.R.S.S.".

A condição humana do revolucionario é, em ultima analyse, não o thema que Malraux se propõe desenvolver no seu romance, pois o thema ou melhor o objecto do livro é tambem o de *Les conquérants*, omnipresente e poderosa, a Revolução Chineza, mas a propria substancia innumeravel de vidas individuaes epilogadas pelas forças terriveis da fatalidade. Si em *Les conquérants* nota-se ainda o estigma da *superioridade* do europeu, encarnando Garine e os burocratas da III Internacional o poder da acção do revolucionario sobre o proprio desenvolvimento da revolução, mas reduzindo-se esse dominio á solução puramente individual de conflictos interiores gerados pelo poder anarchizante da machina social, em *La condition humaine*, os personagens integram-se, fundem-se na revolução, agem, formas humanas, como que tangidas pelas forças profundas da transformação social, sentem que em si proprias se insere a consciencia da necessidade. Malraux attinge assim directamente a um pathos exaltante, sem transição pelos modos dos sentimentos individuaes, dando expressão ao sedimento commum de angustia das creaturas humanas. As forças da revolução, uma vez desencadeadas, se abatem tão implacavelmente, esmagam, trituram tão inhumanamente aquellas vidas individuaes como as imagens do destino na tragedia grega, mas, ao contrario do sentimento tragico do desconhecido, aqui se imprime na consciencia do revolucionario uma lucidez allucinante.

E' mesmo sob o signo dessa consciencia da fatalidade que Malraux começa a amontoar situações humanas e imagens da rebellião numa progressão vertiginosa. Tchen apunhala um. Só, no silencio, separado do mundo, aferrado á arma, presa de um espanto que o transporta á infancia. O terror da morte na solidão e aquelle gosto de sangue... O gesto assegura á insurreição o desarmamento da policia. Kyo, morto de cansaço, á espera do signal da greve, humilhado pela dôr de saber que May se dera a outro. O barão Clappique mythomano, vivendo pela imaginação, traficante de opio e de armas, homem dos revolucionarios nos meios policiaes, e, quem sabe, homem da policia, entre os revolucionarios. E, na Changai chineza, meio milhão de homens. Homens? Operarios das fabricas de tecidos que trabalham 16 horas por dia, desde crianças. "O povo da ulcera, da scoliose, da fome". Os que agora conduziam lettreiros assim: "Só 12 horas de trabalho por dia". "Abolição do trabalho dos menores de oito annos". Depois a greve geral. Malraux pinta-a a rudes pinceladas: "Não era a gréve de Hong-Kong, desencadeiada lentamente, épica e lugubre: era uma manobra de exercito. Duas sereias retomaram mais alto o grito da que se calava, como si um animal descommunal annunciasse assim que se avizinhava. A cidade inteira estava á espreita."

A partir dahi, Malraux compõe o livro por duas linhas parallelas de acção: a rebellião vivida pelos militares; a contra-revolução tramada nos escriptorios dos consorcios financeiros. Ferral, do Consorcio Franco-Asiatico, combina com Liou-Ti-You, da Associação dos Banqueiros de Changai, o preço por que o Kuo-mintang entregará os communistas: "O senhor comprehende, não é porque os senhores pagam Chang-Kai-Chek que este deve destruir os communistas, mas sim porque elle deve destruil-os é que os senhores o pagam." Kyo reflecte: "Estender a revolução, e depois aprofundal-a... A linha da Internacional parece deixar o poder á burguezia. Provisoriamente... Seremos roubados. Prohibiram todo o movimento operario na retaguarda. Chan-Cai-Chek mandou atirar sobre os grevistas". "Os soldados communistas já perguntavam para que servia a Internacional, si tudo era para a burguezia do Kuo-min-tang. As terras, ordens superiores prohibiam tomal-as. Os camponezes arcam sózinhos com as despezas de guerra. A posse de Changai, a organização da guarda vermelha, as milicias operarias, o desenvolvimento da revolução freiado pela propria Internacional." E Tchen constata: "Os operarios têm razão de fazer gréve. Nós mandamos que elles cessem a gréve. Os camponezes querem tomar as terras. Nós o prohibimos".

Vale por um libello contra a politica de Moscou na Revolução chineza o dialogo, em Han-Keu, entre Kyo e Tchen, de um lado, e os burocratas da III Internacional. Não que Malraux tome partido. Mas a verdade, a dura verdade silenciosa reçuma, como uma condemnação, da historia da "revolução estrangulada".

Descendo o grande rio indifferente, Kyo, ao lado de Tchen, pergunta a si mesmo o que tinha ido fazer a Han-Keu, si a Internacional estava tão decidida a suffocar a revolução como elle proprio a não se deixar apodrecer "na astucia burocratica". Sabia-se condemnado á morte como a revolução na cidade rebelde e angustiada. Como o echo, o pensamento de Tchen: "Quando se vive como nós, é preciso ter uma certeza." Dentro da noite, outros homens hesitavam, "dilacerados pelo mesmo tormento, entre a propria disciplina e o massacre dos irmãos". Moscou ordenara a entrega das armas a Chang-Kai-Chek. Depois, o attentado frustrado de Tchen. Hemmelrich, recusando guardar as bombas de Tchen e seguil-o, por causa da mulher e filhos, trahia a propria mocidade, desejo, sonho. "A miseria tirava-lhe "a unica dignidade que possuia, que podia possuir — a propria morte." Kyo e May, separados pelo amor, mas fundidos, deante do perigo, pelo abandono que ella lhe fazia da liberdade e pela necessidade que elle sentia de fazel-a soffrer. Clappique amarrando a vida de Kyo á bola da roleta. Emfim, a grande sala — ante-camara da tortura — onde os feridos communistas esperam que venham acabar de matal-os. Katow repartindo entre Kyo e Souen o cyanureto salvador e marchando pesadamente, as mãos atadas atrás das costas, para a fornalha que o ia engulir.

Tarde de Fevereiro no Rio

Tal era a luz filtrada pelas frestas da persiana que, interrompendo "ce repos divin qu'on goute après l'amour", *de que fala Régnier, resolvemos sahir.*

Fóra, de um céu azul pallido, cahia, envolvendo a cidade, um prodigioso banho de ouro.

Um ouro estranho, uma luz fluida e macia, um ouro da doçura cariciosa do velludo, um ouro miraculoso, um ouro verdadeiramente sobrenatural, diluido no ar, descia em catadupas, escorria pelas casas, pelas montanhas, pelas arvores, escorria ininterruptamente!

Toda gente caminhava dentro de um nimbo levissimo de ouro, era ouro impalpavel o que se respirava. E nada do rigor estival. Uma temperatura de rosas, uma brisa subtil e forte afagando os rostos, como se rolasse nas suas lufadas um turbilhão de petalas, delicadissimas petalas de seda, vibrantes como asas e arrancadas de grandes rosas amarellas, côr de ouro...

Por um desses dons de que os deuses são prodigos para com a cidade incomparavel em plena estação estival e com o sol a nós enviar esse diluvio de luz e de ouro, estava por toda parte, deliciosa e tangivel, uma inebriante primavera.

*

E' por esses dias transfiguradores que as sensações boas nos empolgam, afastando todas as outras, e se experimenta, com uma intensidade tal que nos illude e faz pensar que é eterna, a alegria de viver. Tornal-a sensivel a todos é o milagre destes dias. Sob o seu poder e magia, sob a torrente de ouro a jorrar de um céu de porcelana e madreperola, mesmo almas vulgares podem ser almas heroicas. Toca-as, mysteriosa scentelha, um sopro ardente de vida. E, fundida em commoção a crôsta de espessura e de vulgaridade, abrem-se, embora por um instante, a uma rara e alta felicidade em que só ha perfume, harmonia, belleza. E comprehendem, nesse instante admiravel e unico, que a vida é uma coisa divina, tão inteiramente divina, que a suprema difficuldade é vivel-a como merece.

*

Oh! maravilhosos dias transfiguradores de que a luz não é feita de chamma, porém de rosas, de infinitas rosas que se desfolham! Pudesseis cahir, como bençãos, sempre, sobre o mundo, para que elle fosse definitivamente outro, mais perfeito e mais bello!

*

O automovel rolava sem pressa, como convinha á doçura da tarde. E pela esmeralda ondulante do mar tudo eram faiscações de ouro.

Mas, quando entrámos na Avenida, já o céu não era como de porcelana e madreperola, já não escorria do alto uma torrente de estranho ouro, de um ouro sobrenatural. Pelo céu e pelo ar, por tudo, só havia como que opalas a se diluirem. A se diluirem e a se apagarem. Houve um prodigioso momento em que tudo foi cinza tenue e, logo depois, era como se descessem sobre a terra, era como se boiassem por todo espaço, violetas...

*

E, como os meus olhos procurassem longamente os teus, vi que o amor tambem puzera nelles um halo de violetas...

ABNER MOURÃO.

A propria technica de Malraux amplia-se agora. Em *Les conquérants*, suggere a força do proletariado rebellado na greve de Hong-Kong, fazendo desenrolar como que um negativo da imagem normal da vida para o burguez. Em *La condition humaine*, por um processo opposto, representa a greve geral directamente como funcção da vida dos militantes da revolução. O estylo de Malraux attinge agora, a um grau mais alto, esse equilibrio de fundo e de forma que faz pensar no que será a lingua franceza precipitada pelo processo historico no cadinho "da revolução dialectica da linguagem", de que fala Trotsky e a qual não pode ser dissociada da revolução no dominio das coisas.

Quando da apresentação do *Couraçado Potemkin*, disse Aragon deixar a Mary Pickford a palavra *film*; assim, hesito em chamar de romance o poema de Malraux sobre a Revolução chineza.

LIVIO XAVIER.

Heitor Marçal — **Sinhá Dona** — Companhia Editora Record — Rio, 1934.

Vindo não ha muito do Ceará, este joven romancista soube crear-se de prompto uma bella notoriedade aqui no Rio. Varias *enquêtes* suas obtiveram pleno successo, especialmente aquella em que o sr. Heitor Marçal perguntava aos nossos litteratos e politicos para onde ia o Brasil. Fez tambem, sagazmente, critica litteraria no *Diario de Noticias*, e, nestas mesmas columnas do *Boletim de Ariel*, estampou alguns perfis ironicos de intellectuaes do Norte, que, interessando bastante aos leitores cariocas, não deixaram de valer-lhe alguns revides furiosos nos jornaes de Fortaleza. Mas esse evocador desabusado dos prélos a domicilio do barão de Studart ou das longas barbas biblicas do poeta Juvenal Galeno, esse recenseador sarcastico dos livros alheios, é tambem capaz de fazer livros, expondo-se sem temor á fuzilaria de irreverencias do proximo. Seu volume de estréa, *Sinhá Dona*, se está longe de ser obra perfeita (e seria iniquidade exigil-a de um prosador que mal transpoz a casa dos vinte annos), fixa bem a vida das pequenas cidades cearenses, especialmente nos aspectos que permittam á malignidade do autor expandir-se sem reservas. Sendo da região de Adolpho Caminha e Domingos Olympio, o sr. Heitor Marçal é naturalmente um realista, incapaz de deixar-se engodar pela mentiromania dos romanticos. Não converte o mediocre animal humano de todos os dias em santo ou heróe, não falseia as perspectivas moraes, para effeitos de scenographia épica. Seus jornalistas matutos, seu vigario, os pequenos burocratas regionaes, tudo é retratado, senão caricaturado, com a verosimilhança, a credibilidade de quem de certo modo viveu um pouco da vida que descreve, andou algum tempo misturado a esses excentricos e maniacos da provincia. A scena da escolha do titulo para um novo semanario é suggestivamente recortada e ninguem deixará de sorrir no trecho em que o gremio litterario da zona prohibe, em circular aos seus consocios, que continuem a citar as rosas de Malherbe. Quanto ao facto central do romance, o incesto involuntario de Antonio Neves, tem passagens que golpeiam a emoção do leitor. Mas insista-se em que os melhores episodios do livro são aquelles em que sentimos o pamphletario, o polemista de florete desembolado...

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Edições Ariel", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

"C A H E T É S"

Relendo agora o *Cahetés*, avivou-se a boa impressão que elle me deixára ha tres annos passados, quando o li no original. Trata-se realmente de um livro sério. O autor não tem nada daquelles escriptores que Santo-Thyrso achava admiraveis porque sem nenhuma idéa, sem ter nada a dizer, conseguiam encher 300 paginas. Pelo contrario, a gente nota que elle faz grande economia de papel. Escreve quasi como quem passa telegramma, pagando caro por cada palavra. O mundo de observações do romancista parece ficar angustiado nas 230 paginas do romance. O seu horror sagrado pelo verbalismo chega a tornal-o um tanto sem enthusiasmos, sem essa vibração que arrasta o leitor para dentro da obra. Comprehendendo que a recta é a menor distancia entre dois pontos, raramente deixa levar-se pela seducção das curvas, não querendo ver que na arte o ideal não é procurar os caminhos mais curtos, mas sim os caminhos mais bellos. Ver de uma extremidade a outra extremidade é muito monotono, embora ás vezes muito necessario. Desapparece o encanto da distancia e o gosto pelo percurso. A impressão que me deixa uma avenida é sempre muito cacete. Todas as coisas ao longo della são apprehendidas num golpe de vista. Adoro as ruas tortuosas, porque dão o desejo de conhecer o que fica para além dos pontos de inflexão, e á medida que as percorremos, como que se multiplicam, pelas varias surpresas que vão offerecendo. A curva tem a fascinação do mysterio, do ignorado, das coisas a adivinhar. Na recta ha o desencanto do previsto, do adivinhado. Naturalmente eu não quero na prosa um estylo todo em curvas, todo de espreguiçamentos, todo doce, feito aquelle mel-de-abelhas de José de Alencar. A' molleza da curva é preciso oppor de vez em quando a aspereza da recta, formando assim o estylo ideal — em linhas mixtas.

O sr. Graciliano Ramos é um admiravel technico do romance. Nenhum dos nossos romancistas vivos o eguala neste ponto. Seu livro é admiravelmentee bem construido, um livro em que nada se perde e a que nada falta. Tudo nelle é muito justo, muito medido, muito calculado. Dahi lhe virá, tambem, a frieza apontada, e mesmo uma certa monotonia. O tedio do perfeito. Camillo encontrou no *Crime do Padre Amaro* "admiraveis defeitos". E' de taes admiraveis defeitos que o *Cahetés* necessitava para ser um grande romance. Rigorosamente elle é um bom romance. Poderia até chamal-o de formidavel si o comparasse com muito romancezinho ordinario que vem apparecendo de ha uns tempos para cá com a fama de grande .Mas convém fazer uma reacção contra essa critica obtusa ou safada que desmoraliza cada vez mais os adjectivos. Os taes grandes romances são em geral mediocres ou pouco mais que mediocres; *Cahetés* é bom, como *Menino de Engenho, Os Corumbas* e poucos outros dos ultimamente apparecidos.

Que admiravel fixador de typos, o autor de *Cahetés!* No meio de uma galeria bem vasta, sabe elle conduzir-se com rara segurança, dando sempre de cada personagem os traços proprios, caracteristicos, fazendo-os realmente viver dentro da narrativa. A conversa dessa gente é a coisa mais natural do mundo. Parece que se está ouvindo a linguagem pedante, cheia de valvulas e auriculas e ventriculos, do doutor Liberato, as phrases truncadas do Padre Athanasio, as perfidias do Nazareth, as imbecilidades do Barroca e do doutor Castro, as ingenuidades do Isidoro Pinheiro. Dialogador excellente, o sr. Graciliano Ramos abusa, entretanto, do dialogo, fazendo-nos pensar ás vezes que estamos a ler uma peça de theatro. Aquillo que se poderia notar no *Atheneu* como um defeito — o autor dizer tudo por suas palavras, não dar quasi nunca uma brechinha para os heróes abrirem a bocca — encontramos ás avessas no *Cahetés*. Aqui os personagens movimentam mais a obra, através de suas conversas, do que o proprio autor, que nunca fala por elles e se limita a algumas explicações, as mais das vezes timidas.

Muito critico verá certamente no sr. Graciliano Ramos um insensivel, um homem de coração fechado aos aspectos dolorosos da vida. O seu estylo secco, a sua composição methodica, a ironia cortante, o travo de pessimismo, o amargo humor espalhados no *Cahetés* — tudo isto, que concorre para dar a impressão de absoluta frieza, não impede, no entanto, que haja no livro paginas cheias de viva commoção. Aquella adoração do Nicolau pela filha que o despreza, aquelle amor exaltado que nos gestos de desprezo (basta que sejam gestos) vê manifestações de carinho filial, e que o leva a occultar-se de Martha para não molestal-a com a sua presença, é coisa de uma intensa força humana. Certa vez João Valerio fala ao pobre Varejão sobre um presepio que Martha fizera na casa de D. Engracia, com quem morava. O mentiroso fica encantado. E depois triste. "— Bonito o presepio, hein? Não podia deixar de ser bonito. E' uma fada, tudo quanto sae daquellas mãos sae bem feito." Larga uma mentira: "Faz uma semana que ella me chama para mostrar esses arranjos de Natal. E eu, occupado com a lavoura, o occultismo, a politica... Sou um ingrato. Hoje pela manhã tirou-se de cuidados, foi a minha casa. Que casa! Eu tenho casa! Foi ao chiqueiro onde moro, no Sovaco, abraçou-me, pediu-me para visital-a, disse um palavreado que me entrou no coração. E' um anjo". Fala então o romancista: "Coitado! Tem Martha em conta de anjo. Esconde-se para não desgostal-a; á passagem das procissões, tranca as portas. Quando está morrendo de fome, escreve-lhe uma carta, e ella manda-lhe pela Casimira vinte mil réis." E mais tarde, de volta para casa, João Valerio avista o desgraçado Nicolau rondando a casa de D. Engracia, "esperando a ausencia da familia para ir contemplar os objectos que as mãos da filha haviam tocado." Aliás, antes de avistar Varejão, Valerio encontra uma pobre velha, que o interroga quasi chorando: "— Meu senhor, viu por ahi um menino de chapéo de palha?" Quando todo mundo cuidava de ouvir a missa-do-gallo, aquella velha, que para ouvil-a talvez tivesse feito uma longa caminhada, procurava ansiosamente o seu filhinho perdido na multidão.

E a extraordinara capacidade que tem Luiza de sentir a miseria alheia, revoltando-se por não poder supprimil-a? Ouve as pancadas do martello do sapateiro, a tosse de sua mulher tisica: "— Está lá na tripeça, batendo. E os pequenos esfarrapados, sujos... Ouço daqui as

pancadas do martello e a tosse da mulher. Vocês não ouvem?" Ninguem ouvia. "— Os pés inchados, tão amarellos, as roupas immundas!" Adrião, que só entendia de commercio e para quem tudo mais era philosophia, chateava-se com a mulher. Que interessava aquillo? O sapateiro ganhava a vida, era natural. "— Mas é que morre de fome! Vocês sabem o que é ter fome?" O autor põe estas coisas na bocca de Luiza, mas parece que saem delle proprio.

O dominio constante que a intelligencia quer ter sobre a sensibilidade, no sr. Graciliano Ramos, é a causa da aridez de muitas paginas do seu romance. O autor é um homem que foge sempre ao abandono, á confissão. Do principio ao fim do volume a gente está vendo a intelligencia que procura reprimir, como ridiculas, todas as puras manifestações do sentimento. Ao seu anatoleano desencanto parece-lhe que esses derramamentos não ficam bem. Para que lamentar? para que chorar? Tolice. Aos olhos do romancista apresentaram-se tragicos certos aspectos da vida. O coração abalou-se. Mas a intelligencia vae, controla-lhe o impulso, abafa-o por completo muitas vezes. Ora, o verdadeiro romancista é o que se exalta com as alegrias e tambem com as angustias dos seus heróes. Não deve haver uma linha de separação entre a vida das creaturas e a do creador. E a grandeza do creador será tanto maior quanto mais completa fôr a sua integração nos seres creados. O sr. Graciliano Ramos ainda tem muito do romancista que fica de cima, rindo superiormente das miserias de seus heróes. Felizmente, quando a sensibilidade consegue escapar á censura da intelligencia, quando a razão não tem força de reprimir a corrente que rebenta forte do coração, surgem paginas bem humanas, como aquellas a que me referi. Ha no autor de *Cahetés* alguma coisa desses paes que mostram na vista dos outros a maior indifferença pelos filhos, ou os maltratam até, mas enchem-nos de beijos ás escondidas.

Sem nenhuma preoccupação de these, o sr. Graciliano Ramos, entretanto, parece justificar no seu romance o naturalismo de Rousseau. Os melhores typos da sua galeria são exactamente os mais ignorantes, os que mais approximados se acham do estado primitivo. Com todos os seus defeitos, que podem á primeira vista tornar alguns delles odiosos, Adrião, João Valerio, Padre Athanasio, D. Maria José, D. Engracia, Nicolau Varejão, e sobretudo Isidoro, não são creaturas ruins. Todos elles uns pobres-diabos, medioeres de mais para serem maus. Entretanto os que enxergam ou suppõem enxergar um palmo adeante do nariz são sujeitos dos mais ordinarios. E' o Miranda Nazareth, invejoso, maldizente, insensivel. E' o Barroca, adulador, politiqueiro, um patife. E' o Neves (tambem não deixa de ser dos mais instruidos, pois é pharmaceutico e estuda espiritismo), autor de cartas anonymas, lingua-de-sogra que todo mundo teme. E' o doutor Castro (imbecil, mas doutor), caracter muito do safado. E' Martha Varejão, que se envergonha do pae. Dentre elles só se salvam Luiza e o doutor Liberato. Luiza, de educação rara para o meio em que vive, é uma excellente pessoa, e embora procure nos braços moços do Valerio aquillo que o marido achacado talvez não lhe pudesse dar, faz isto de uma maneira tão natural, tão pura, si é possivel assim dizer, que o seu adulterio quasi que nos inspira sympathia. O doutor Liberato, o que tem de mais offensivo são as palavras arrevezadas, aliás bem communs a certos medicos.

Ignorantes ou instruidos, esses typos são de intelligencia muito limitada ou mesmo nulla. Fogem á regra geral talvez somente Luiza e o tabellião Miranda Nazareth. O resto é o bando que vae desde Isidoro, que admira as besteiras do Barroca e do Castro, e Padre Athanasio, que nem consegue exprimir direito as imbecilidades que lhe vêm á cachola, até João Valerio, que representa o meio-termo, o que tem traços mais definidos de intelligencia e procura fazer-se admirado do seu meio. Typo bem apanhado, este Valerio. Bom symbolo do mediocre que quer ir além da propria mediocridade. Com alguns rudimentos de instrucção, guarda-livros, metrificador, elle quer escrever, amar, brilhar, sentindo intimamente, porém, a incapacidade para tudo. Tenta fazer sonetos, acha difficil, e conclue que aquillo não vale a pena: tudo falso, medido! Volta-se para o romance historico, escreve com difficuldade umas paginas chochas, mas por fim verifica que nada sabe de historia e falta-lhe imaginação para supprir a ignorancia... Apaixona-se por Luiza, mas, incapaz dos arrebatamentos, das loucuras dos grandes amorosos, soffre por muito tempo com a sua timidez e a desattenção que Luiza finge dar-lhe. Entre muitas outras, duas grandes preoccupações o absorvem: Luiza e a novella. Procura amar Josepha Teixeira, Martha Varejão, mas não chega a fixar-se em nenhuma dellas: Luiza endoidece-o com a sua carne branca, os seus dedos compridos bons para caricias, o seu todo de femea appetitosa. Consegue possuil-a, possue-a com delirio, arrasta Adrião ao suicidio, e não se casa com a viuva, porque é incapaz de realizar integralmente alguma coisa. O mesmo quanto á litteratura: escreve na *Semana*, perpetra alguns versos, mas não lhe saem da cabeça os cahetés do romance que não pode terminar. No capitulo final — que é uma pagina admiravel, uma pagina rara em romance brasileiro — chega á conclusão de que não é mais, elle proprio, do que um selvagem, um dos cahetés cujos costumes procurava tão insistentemente deixar fixados num livro.

Essas duas grandes obsessões de João Valerio são o motivo de certos estados d'alma admiravelmente bem descriptos e que eu considero os mais interessantes pedaços da obra. Quasi sempre, em taes estados d'alma, Valerio passa, por curiosas associações de idéas, de uma obsessão para outra obsessão. Assim, por exemplo, naquelle delirio do capitulo XIV, bellissima passagem que a falta de espaço não me permitte citar.

Isidoro Pinheiro é a melhor creatura do livro. Ignorante, de aspirações modestissimas, e ingenuo como uma criança. O seu ideal, em litteratura, é escrever uma boa noticia de jornal ou fazer um discurso com phrases de papouco; em amor, fica todo regalado com uma femea peituda e de forte toutiço, que ainda assim lhe escapa depois de ter-lhe dado grande despesa. Por uma questão de gratidão, defende exaltadamente o Miranda, e chega a desafiar o doutor Castro, por ter este desmanchado o noivado com a hysterica filha do tabellião.

*

Como Machado de Assis, de quem se approxima pela seccura do estylo, o sr. Graciliano Ramos não

é homem de exaltações pantheisticas. A natureza, quando apparece no seu romance, é quasi sempre muito amarrada de corda. Mas, dentro dessa concisão, talvez mesmo em consequencia della, o sr. Ramos é um paizagista seguro. Tem um geito de integrar a paizagem na narração, de associal-a naturalmente a um estado de alma, fazendo sempre com que ella venha não como enfeite litterario, mas como coisa necessaria. Numa passagem das boas do seu romance, João Valerio, feliz e egoista com o amor de Luiza, vê o mundo transformado. Diminuem extraordinariamente de dimenssões as pessoas que o cercam, e a cidade, que elle divisa em baixo, "era como o taboleiro de xadrez de Adrião, com algumas peças avultando sobre a mancha negra dos telhados: as duas igrejas, o predio da usina electrica, tectos esquivos de chalets, o casarão de Victorino atravancando o Pinga-fogo, coqueiros esguios, o catavento."

A construcção de certas phrases, certos achados de expressão, mesmo certas palavras caracteristicas do estylo de Eça de Queiroz, traem a influencia deste escriptor sobre o romancista de *Cahetés*. Quando digo influencia, deve-se ver que não acho imitação consciente. O que ha são pontos-de-contacto resultantes de longa infiltração, através de uma leitura apurada e continua. O *punhatons*, por exemplo, que Fialho de Almeida apontava como uma das marcas mais vivas do homem d'*Os Maias* em muitos escriptores portuguezes, lá está no *Cahetés*, neste periodo muito á Eça: "E mostrou a mesa, onde flores punham nos vidros uns tons rosados."

*

Os defeitos apontados em *Cahetés* — insignificantes na sua maioria — não chegam a obscurecer, antes põem em destaque, o que o romance tem de realmente bello. Com elle o sr. Graciliano Ramos pode, sem favor, formar na fileira dos melhores romancistas do Brasil. E dentro de poucos mezes — annuncio-o com o maior prazer aos leitores do *Boletim* — a publicação de *São Bernardo*, que já conheço, revelará ao paiz um dos seus grandes, dos seus maiores romancistas de todos os tempos.

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA.

Litteratura Estrangeira

André Maurois — "LYAUTEY"

Um dos grandes nomes dos tempos modernos, uma das figuras mais brilhantes da historia contemporanea, Lyautey, marechal de França, creador de um imperio: eis o assumpto que escolheu Maurois para a sua ultima biographia. Biographia não romantizada, é no emtanto como tal que se a lê, pois a vida de Lyautey, sonhador ainda que meticuloso e methodico na acção, é um poema de realizações ideaes.

Lyautey na infancia, na adolescencia, realista e catholico fervente, por educação, por atavismo, pouco a pouco se afasta desses ideaes para outro mais largo, mais amplo e mais digno da sua personalidade. E' assim que se interessa por questões sociaes e apparece ao mundo pela primeira vez com um artigo intitulado *Le rôle social de l'officier dans le service militaire universel*. Continuando nessa evolução e depois de salutar convivencia com Gallieni, na Indo-China primeiro, em Madagascar depois, elle chega a ver além das questões sociaes necessariamente locaes pois limitadas á França, e escreve *Le rôle colonial de l'armée*. Ahi encontramos o homem em toda a sua plenitude, o creador de imperios, o pioneiro da civilização. A sua obra em Marrocos é certamente das mais notaveis nesse sentido, pois graças á sua politica de penetração pacifica (politica da *mancha de oleo*, como elle proprio a cognomina) elle chega a conquistar, com um minimo de despesas, e sem golpe ferir, não fosse em defesa propria, o vasto territorio que hoje constitue a justo titulo o maior orgulho da França colonial.

Livro que deve agradar a todos, mais especialmente se endereça aos homens de carreira militar ou politica, aos que estudam historia e governo, aos que se interessam pelas coisas publicas.

*

Katherine Mayo — "Mother India"

Estavamos habituados a considerar a India como um paiz de mysterio, de romance, de belleza e de espiritualidade. Acreditámos em Rabindranath Tagore, nos seus jardins, nas suas fontes, na sua ternura e na sua sensibilidade. Francis de Croisset nos enchera o espirito de flores de Lotus, de princezas timidas, de templos brancos brilhando ao luar.

Foi portanto com a esperança de poesia e visões feericas que abrimos o *Mother India*, de Katherine Mayo. Americana, pratica e conscienciosa, neste livro ella faz o seu relatorio do que observou durante os annos que passou na India, compulsando documentos, estudando estatisticas, interrogando hindús e inglezes egualmente e, sobretudo, indo vêr com os proprios olhos o que se passava nas fronteiras, nas aldeias, nos hospitaes, e nos templos. Partindo do principio de que as condições de hygiene material e moral do sr. Smith que mora na esquina de Main Street interessam ao sr. Brown que mora um bloco adeante, pois influirão mais cedo ou mais tarde nas suas proprias condições, ella nos apresenta com uma clareza que chega a ser brutal o quadro de uma India, verdadeiro poço de infecções, tremenda ameaça ao mundo. Livro simples, directo, preferindo a citação de casos concretos aos effeitos de rhetorica, a traducção de documentos ás invocações floridas, *Mother India* é cruelmente convincente. E Katherine Mayo tem razão em assim fazer, pois o seu appello simples emociona como um cantico e prende como um romance.

JACK SAMPAIO.

JOÃO GRAVE

Vem de fallecer o escriptor João Grave, que era director da Bibliotheca Municipal do Porto. Sendo da geração de Abel Botelho, Julio Brandão, Raul Brandão, Souza Costa, dom João de Castro, Julio Dantas e outros, João Grave ligou seu nome a varios romances que se venderam relativamente bem aqui no Brasil. Começou poeta e feriu tambem o genero historico. Dos seus trabalhos talvez o melhor seja O ultimo fauno. *Mas o principal interesse da actividade litteraria de João Grave está em haver sido elle um grande amigo do Brasil. Collaborou assiduamente em jornaes nossos e, sempre que um intellectual brasileiro, de preferencia estreante, lhe enviava um livro em prosa ou verso, o homem de lettras luso não deixava de responder-lhe pelo primeiro navio, encorajando-o, mandando-lhe palavras de solidariedade fraternal.*

Leiam:

LAMPEÃO
de RANULPHO PRATA

Em todas as livrarias

UM LIVRO BRASILEIRO

A esse *Matupá* que Peregrino Junior atirou, faz pouco, á glutoneria da gente extravagante que devora livros em nossa terra, quando não sobrassem outros valores, bastaria o de surprehender com a fidelidade minuciosa de uma "*Zeiss*", modelo 33, quadros, e typos brasileirissimos de um Brasil grande, atordoante e criminosamente abandonado que mais de tres quartas partes dos brasileiros ignoram. Affirmo-o, num desafio a contradictas, porque o nosso emphatico patricio, sobretudo o das cidades littoraneas — futil, vazio e com um mediocre espirito nacional — é um estrangeiro dentro do seu proprio paiz. Ainda não esqueceu certas noções de historia e geographia de terras alheias que lhe ensinaram no collegio, e tambem peculiaridades da chronica obscena das Sodomas contemporaneas que leu em brochuras baratas e onde o deboche é a virtude precipua, mas desconhece quadrada, rotundamente, as mil e uma coisas primarias, e nem por isso menos apreciaveis, de sua patria moça. Vou mesmo adeante: o brasileiro "culto" que está ao par dos "*vient de paraître*" de editoriaes estrangeiras, desde as francezas, que se vexa por lhe haver escapado á erudição um desses vulgarissimos e venenosissimos romancelhos de "*boulevard*" em que, mau grado a habilidade do escriptor, os motivos e as personagens são sempre iguaes na sua libidinagem e nos contornos amoraes do caracter, é um tremendo ignorantaço em assumptos especificadamente brasileiros. Não sabe nada de nada e — o que é peor — nem intenta saber. Escriptores de agora e de gerações anteriores, estrangeiros e brasileiros, a começar por aquelle saborosissimo Jean de Lery até ao nosso admiravel Capistrano de Abreu, que fixaram aspectos de sua terra adolescente não lhe aguçam a curiosidade que apenas se assanha deante de conhecimentos secundarios a que poderia dar de hombros. Assim, sem corar, elle ignora o que, mais que tudo e que qualquer outro, devia saber para ensinar a essa estrangeirada lorpa ou displicente que ahi desembarca com a volupia da riqueza facil, embora medrosa, ás vezes, de ainda vir a ser devorada pelos antropophagos na mattaria impenetravel. E é para entristecer por isso que, em contacto com outros povos, estou perfeitamente convencido de que o homem do Brasil, no norte, no centro e no sul, é um dos racionaes de mais lucida intelligencia, com um poder de percepção que raro encontramos entre as pretenças raças superiores. Dir-se-á que a luz tropical, que lhe céga o olhar, lhe clareia tambem o cerebro. Dêm-lhe saude, educação nas suas numerosas expressões, comprehendida desde logo a de ordem civica que nunca teve, e elle galhardamente abaterá os maximos obstaculos. Nessa hora, por si mesmo, sentindo que os horizontes se afundaram muito mais, fará o que até hoje não fez: descobrirá o seu magnifico paiz ou, melhor, será um Pedro Alvares consciente, que não esbarrará com a terra por acaso a cuidar que é uma ilha, levado por aquellas bestissimas "calmarias da costa d'Africa", senão pela vontade incoercivel de penetral-a e de sentil-a orgulhosamente para crescer-lhe, com o mesmo rythmo possante, a coragem de defendel-a do maleficio secular das verminoses e das pseudo-administrações onde os governantes são mais ignorantes que os governados. Entendo que o brasileiro, antes de vagabundear por outras terras, deve percorrer a sua, tão bella na multiplicidade dos seus panoramas, tão opulenta no seu abandono, tão generosa nos seus sentimentos. No dia em que isso se der, como derivativo da comprehensão intelligente do seu primeiro dever, teremos um Brasil muito mais brasileiro, mais confiante no seu destino historico e menos acorrentado á manopla judaica dos usurarios internacionaes.

*

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

Matupá é, a bem dizer, um segundo tomo de *Pussanga*, naturalmente com mais desenvoltura e outro pulso. O leve chronista de elegancias, que é Peregrino Junior, trocou ainda uma vez a sua casaca de recepções mundanas pela indumentaria rustica desses desbravadores destemerosos e ignorados que são mais brasileiros que os seus patricios citadinos, equilibrou-se no casca fragilima da "montaria", ganhou a barranca, lá longe, barafustou pelo florestão impervio e foi apanhal-os em flagrante para jogal-os á venta dos que ha muito deviam coadjuval-os na sua bravura estupenda de luctar corpo a corpo com a selva, as féras e as febres. Dest'arte, como não podia deixar de ser, ha nesse livro passagens heroicas e dolorosas que se atrevessam com os nervos tensos, outras com gritos interiores de enthusiasmo e de revolta. O Brasil que ali apparece, o Brasil legitimamente brasileiro, sem mesclas raciaes — indomito, pugnaz e necessitado em meio á fartura de em torno — é o de que menos se cuidou até agora por uma delictuosa miseria de visão administrativa. E essa obra que, de certo, não é facil nem pouco dispendiosa, deveria ser iniciada pela gente moça e civil que governa o paiz neste grave momento da nacionalidade. A Revolução se absolveria de numerosos peccados que já commetteu se prolongasse a sua attenção, com animo constructor, para o norte até áquellas maravilhosas regiões septentrionaes que se putrefazem em meio á anasarca millenar, com endemias mortiferas. Não precisamos de marinhas guerreiras nem de exercitos equipados — marinhas, só as mercantes e exercitos, só os de saneadores do sólo enfermo. O ouro que andamos a dispender com missões militares no exterior e na acquisição de material bellico poderiamos, de preferencia, empregal-o no desbravamento e na fixação de nucleos coloniaes naquelles ermos que depressa resgataria com juros largos o que nelles se houvesse gasto. E nesta hora de intranquillidade européa como isso seria relativamente facil! O abandono da Amazonia, comprehendido o Acre uberrimo que a varonilidade cabocla defendeu de bacamarte na mão para Rio Branco integral-o no nos-

so territorio, é um crime de lesa-patria. Aquelles bravos que a desvirginaram terçando armas com adversarios traiçoeiros, da maleita e do impaludismo ás sussuaranas e ás jararacas, têm mais direito á assistencia official que as populações urbanas. *Matupá*, sem parecel-o, é uma corajosa advertencia do homem de sciencia, que tambem é Peregrino Junior, aos cidadãos que remexem a coisa-publica no Brasil — advertencia no sentido de que aquelle deploravel estado de selvatiqueza não deve perdurar, que cumpre aos responsaveis, pelo menos, corrigil-o na medida das possibilidades.

O sr. Victor Vianna escreveu num dos seus seguros ensaios economicos esta verdade palmar — que "o dever da nova geração, neste momento em que a especie humana atravessa uma das maiores crises historicas, é de preparar a mentalidade brasileira para a comprehenhensão do seu destino e para a acção". Precisamos, pois, sem retardamento pensar brasileiramente, não enxergando na cultura e na experiencia estrangeiras senão preciosos elementos auxiliares e fortalecedores desse pensamento fundamental. Fóra dahi pensarão errado os nossos pensadores que costumam inspirar-se na Sorbônne, indo depois bebericar nas "*boites*" de Montmartre, sem se aprofundarem nas obras nacionalissimas de Alberto Torres e Oliveira Vianna para concordarem com Capistrano de Abreu que disse, um dia, que "toda a crise brasileira era transoceanica".

*

Matupá mostra mais defeitos que qualidades? Não sendo escriptor e ainda menos homem com embocadura para essa especie da fauna litteraria a que chamamos critica de arte, não me sinto com forças para respondel-o. Brasileiro que pisando terras de outras gentes ficou brasileirissimo, direi apenas que o livro de Peregrino Junior me agradou. Revi aquelle mundão humido, batido de sol e sonoro, com aquella caboclada que não sabe o que é temor porque a sua vida é uma refrega continuada. Não ha nesse livro arteirices de imaginativa ou derrames lyricos de estylista enxundioso. Em *Matupá*, ao contrario, atropelam-se scenas confrangedoras da existencia de um Brasil doente, bravo e desconhecido em que o escriptor de *Pussanga*, mais que qualquer outro, se especializou para crear-se uma autoridade invulgar na cidadela das nossas lettras. Usando o proprio pittoresco linguajar daquella gente entregue ao léo da desfortuna e das endemias, quem lê o novo livro de Peregrino Junior, sobretudo o que, como eu, conhece a Amazonia, observa que o escriptor não fez litteratura para horas vagas, mas trouxe á tona, com honestidade, aspectos e males, costumes e typos que reclamam, exigem o cuidado, senão a piedade do outro Brasil que cria e xarquêa nas fronteiras do sul, colhe herva-mate e café em Santa Catharina, paraná, São Paulo e Minas Geraes, joga "foot-ball", dansa, conversa fiado nas calçadas da Avenida e perde dinheiro na roleta do Copacabana, no Rio. Não sei se convirão em que isso é um serviço de somenos. Eu, por mim, desta lonjura brumosa em que domino desafogadamente a minha terra, condemnada á civilisação, pela prophecia do nosso Euclydes, tenho-o por um dos maiores que qualquer escriptor brasileiro possa prestar ao seu paiz, entre outras serias razões porque, em valor positivo, nada supera a verdade, mesmo quando ella é triste.

ILDEFONSO FALCÃO.

Pensamentos
DE PAUL VALERY

Poder e dinheiro.

O poder e o dinheiro têm o prestigio do infinito; não é determinada cousa nem determinada faculdade de acção que se deseja precisamente possuir. Ninguem cobiça loucamente um poder razoavel; nem o exercicio do governo como funcção definida e regular; nem o dinheiro como valor de determinados objectos.

Mas é o vago do poder que faz o grande desejo, — porque eu não sei nunca o que poderia vir a desejar. Não procuro o que é medido e não quero comprar sinão o que não existe no mercado.

E' assim que o mundo vê um jogador feliz no homem muito poderoso ou muito rico. Uma chança extraordinaria presume-se na origem dessas immensas fortunas. Nenhum esforço, nenhum trabalho limitado se nos afiguram capazes de levar a tamanha grandeza, que parece transcendente.

Em summa, é o abuso do poder que faz appetecer tão apaixonadamente o poder. O poder sem o abuso perde o encanto.

Revoluções.

Uma revolução faz em dois dias a obra de cem annos e perde em dois annos a obra de cinco seculos.

Fórma ideal.

O ideal seria pensar em uma forma que se tivesse inventado.

Crédos.

O debate religioso já não é entre religiões mas entre os que acreditam que *acreditar* tenha uma importancia qualquer, e os outros.

Estylos.

O estylo secco atravessa os tempos como uma mumia incorruptivel, emquanto os outros, refertos de gordura e subornados de atavios, apodrecem nas suas joias. Retiram-se, mais tarde, alguns diademas e alguns anneis dos seus sepulcros.

Innovadores.

O que mais admira nos excessos dos innovadores da vespera é sempre a timidez.

Imitadores.

A imitação tira a uma obra o que essa obra tem de imitavel.

G. Marquis — O Livro da Bondade — Trad. de M. P. — Livr. Francisco Alves, Rio.

E' de hontem o exito alcançado em nosso meio pela divulgação do *Livro da Confiança*, numa admiravel traducção da Sra. M. P., distincta dama da nossa alta sociedade, que não contente em se devotar, com verdadeiro espirito de abnegação e sacrificio, ás obras de benemerencia e philanthropia, ainda encontra tempo para propagar atravez de livros sabiamente escolhidos, os ensinamentos da doutrina christã. Ainda assim nesse suave *Livro da Bondade*, da autoria de G. Marquis, mas que parece trabalho da propria traductora, com tanto cuidado e tanta doçura soube a Sra. M. P. transpor para a nossa lingua esse verdadeiro evangelho da indulgencia e do perdão, de leitura verdadeiramente balsamica e que ha de, sem duvida, encontrar o numeroso publico que merece.

"Lenine e a Psycho-Analyse"

Gastão Pereira da Silva — Atlantida Editora — Rio, 1933.

Que tabú?!...

O que me levou a me preoccupar com o livro acima referido foi o *tabú* que o autor descobriu em Lenine, através de citação em falso de passagem dum livro de Trotski. No livro do sr. Pereira da Silva, á pagina 148, está:

"Proferiu estas palavras em allemão e fez o signal da cruz (!)".

O proprio Autor ficou espantatado com o signal da cruz, elle que, como psycho-analysta, attenta muito para essas coisas e sympathiza com Lenine.

Espantei-me, tambem, mas da inverdade da citação. Ha, de facto, no livro de Trotski uma passagem parecida com a citada. E' á paginas 90. Da referencia de paginas 148 do livro do sr. Pereira da Silva, que succede á sua versão (desculpem-me...) do que teria dito Lenine a Trotski, parece que Lenine disse *todas as palavras em allemão.* Mas o que Lenine disse em allemão foi, apenas: "ES SCHWIENDELT" (*la tête me tourne*), na edição franceza); e fez com a mão um gesto giratorio em volta da cabeça, accrescenta Trotski.

Porque em allemão? "Não sei porque" (Trotski). Talvez um psycho-analysta, psycho-analysta mesmo, conversando com Lenine sobre isso, chegasse a dar uma explicação. O sr. Pereira da Silva não se preoccupou com isso...

Quanto ao gesto, comprehendo, e creio que todo o mundo, que Lenine illustrou com a mimica a expressão. Será que um movimento circular da mão, interpretado psycho-analyticamente, resulta num movimento rectilineo na direcção longitudinal e transversal da direita para a esquerda, ou da esquerda para a direita, conforme a moda do scismatico ou do catholico?

Mas não se trata, apenas, de interpretação; o sr. Pereira da Silva está, ao que parece, convencido de que Lenine fez o signal da cruz (e toda a sua explicação nasce dahi), que tocou mesmo o hombro para se ver livre do perigo... e, assim, adquiriu a qualidade de *grande tabú* do resto do mundo. "Tá bôa"!..

O peor é que Trotski não disse que Lenine fez o signal da cruz.

Cita o sr. Pereira da Silva o livro de Trotski do original? Elle nada diz. "Veja-se Trotski — Lenin", e só. Pela graphia (que criterio adopta o A. para a graphia dos nomes russos?), pode ser duma traducção hespanhola, allemã e mesmo do original russo... Elle nada adianta, como, aliás, em todas as citações. Cito da traducção franceza (trad. de Maurice — Parijainine (1), que appareceu na primeira edição sem o nome do traductor (Lib. du Travail, Paris, 1925). E' uma traducção que merece fé. Se o sr. Pereira da Silva não cita do original (o que creio em vista da traducção franceza, dado o escrupulo do traductor), devia *controlar* a affirmação, elle que pretendia fazer surgir o *verdadeiro Lenine*. Mas como a *coisa* estava num livro (estava mesmo? Em qual?), elle a tomou como um facto indiscutivel, e, prompto, nos atirou com o *tabú de Lenine...*

A psycho-analyse e Lenine.

Uma vez que tinha o livro nas mãos, verifiquei a psycho-analyse que o sr. Pereira da Silva fez de Lenine (e pensei no insuccesso de Freud com a de Leonardo da Vinci. Que infeliz approximação fez meu pensamento!). Confesso que li o livro com certa desconfiança, inspirada pela passagem de paginas 148.

Pelo que tenho lido de psychoanalyse, não seria tarefa facil estudar uma personalidade da qual não se tem conhecimento directo. Meia duzia de cartas, mesmo cartas intimas, é insufficiente. O sr. Pereira da Silva fez a psycho-analyse de Lenine sobre as impressões de terceiros. Levou o sr. Pereira da Silva em consideração o que poderia haver de complexivo nos informantes? Já mandou fazer a sua psycho-analyse, sr. Pereira da Silva, por um psycho-analysta limpo?? Faço essa pergunta indiscreta porque, dum modo geral, a psycho-analyse do psycho-analysado tem um pouco da psycho-analyse do psycho-analysta. Além disso, Lenine era "um homem magnificamente são, duma saude animal" (Guilbeaux: *Le portrait authentique de Vladimir Ilitch Lénine*. Lib. Humanité, Paris, 1924, p. 64). Dahi o sr. Pereira da Silva só concluir que Lenine rompeu na infancia um forte e intenso complexo de Edipo (complexo primitivo: hereditario). O complexo formado pelos sentimentos da primeira infancia (relações entre paes e filho, irmãos e irmãs) está condemnado a um recalcamento rapido. Freud suppõe que elle forma o *complexo central* de cada nevrose (elle e seus derivados). "A criança deve se desligar de seus paes, é indispensavel para que ella possa desempenhar seu papel social" (Freud: *Cinq leçons sur la Psychanalyse*. Payot, Paris, 1926, pag. 129). Fazendo a psychoanalyse de Lenine, o sr. Pereira da Silva descreve phenomenos da vida mental normal segundo a concepção de Freud. Isso é muito pouco a psycho-analyse... de Lenine. O homem normal se forma a custa de muitas evoluções, recalcamentos, sublimações, de todas as reacções psychicas que Freud systematizou... Em Lenine não houve regressão. Lenine era um homem forte, tinha todos os canaes de escoamento abertos; elle não se afastava da realidade, não "se retirava para o universo mais feliz do seu sonho". Nem compensação da realidade, nem refugio na molestia. Tinha os mesmos complexos contra os quaes lutamos todos nós, mas o processo psychologico resultava nelle saude — saude animal: normalidade. Mesmo a sua pobre vida sexual, que era, apenas, a satisfação da necessidade sexual. Pensa o sr. Pereira da Silva que a camarada Krupskaia estava *por nada* na vida de Lenine? A vida sexual de Lenine foi tão pobre quanto a sua vida digestiva; elle não foi um *"coureur de femmes"* e não foi um glutão: comia o quanto lhe satisfazia... E não foi um *"coureur de femmes"* porque foi "um espirito consciente, dirigindo a preparação immediata e a lucta dos trabalhadores, com o proletariado á frente, o proletariado que começa a sua obra historica de emancipação da humanidade pela des-

---

(1) V. *Ma vie*: Trotski. Edit. Rieder. Nota 1, p. 208; nota 1, pagina 223. Tomo primeiro.

truição duma classe, da escravidão capitalista" (Molotov: *Lénine et le parti pendant la révolution*. Lib. l'Humanité, Paris, p. 13). "As tendencias que constituem o instincto sexual se caracterizam precisameente por esta aptidão á sublimação: ao seu fim sexual se substitue um objectivo mais elevado e de maior valor social" (Freud: o. cit., pag. 142). Dizer-se que sua vida sexual foi pobre, é o mesmo que dizer que ella foi normal. Para os homens que elaboraram um conteúdo proprio e por elle norteam a sua vida, o amor não é uma obsessão (e só terá uma *vida sexual rica* quem tiver essa obsessão). Para quem não rompeu com a sociedade, a satisfação sexual é funcção de alguns mil réis; quem rompeu com a sociedade estabelece relações affectivas quaesquer, que resolvem o seu problema sexual. As creaturas fracas, que ora estão fóra, ora dentro, das normas dominantes, soffrem as perturbações do excesso de recalcamento sexual. Elles só têm *sexo*, dahi uma *rica vida sexual*.

A obra de Lenine não é do typo *sub-consciente*, como a dos artistas. A energia, que elle empregava na vida, talvez o fosse. A sua obra foi puramente consciente: politica, condicionada pela realidade. O desconhecimento dessa obra levou o sr. Pereira da Silva ao eschematismo psycho-analytico que attribue a Lenine: complexo de Edipo — transformação em contrario — ciume pelo irmão — recalcamento — sublimação. Isso entremeado com passagens traduzidas do hebraico... Não ha duvida que a morte de Alexandre influiu na vida de Lenine. Mas Alexandre, como Lenine, trazia uma influencia revolucionaria de casa. Não foi o complexo de Edipo que fez de Lenine o que elle foi; foi, antes, o marxismo, que apresenta como o fim da lucta de classes a destruição do poder do capital, a conquista do poder politico, a fusão da classe operaria para essa lucta (ou nessa lucta) num só partido.

A revolução e Lenine.

Como a obra de Lenine é politica, o sr. Pereira da Silva traça um quadro da revolução. A sua visão (desculpem-me...) historica é tão curta quanto a psycho-analytica. A Russia, para o sr. Pereira da Silva, é, successivamente, a Russia de Vladimir, o santo, de Pedro, o grande, de Catharina II, de Lenine. Lenine, revolucionario duma serie de revolucionarios internacionaes; a Revolução Russa, acontecimento revolucionario duma serie de acontecimentos revolucionarios mundiaes, isso o sr. Pereira da Silva não soube ver. Lenine, o chefe bolchevique do partido do proletariado russo, na confusão em que anda o sr. Pereira da Silva (como para o velho Gorki), é um heróe de lenda... "Ha, nesse Homem, alguma cousa mais, de mais forte, de mais pessoal, de mais humano" (Pereira da Silva, p. 65), rompeu na infancia um forte e intenso complexo de Edipo... e abriu um novo destino para a Russia... A Revolução Russa são os desejos de Lenine feitos realidade... Tudo isso é muito pouco!

Conclusão

A psycho-analyse tem feito maravilhas na cura das nevroses e tem dado ensaios interessantes no dominio da critica litteraria e da biographia. Mas usada pelo sr. Pereira da Silva produziu um trabalho insignificante. Talvez desconhecimento da psycho-analyse. Talvez desconhecimento de Lenine. Ou desconhecimento da psycho-analyse e de Lenine, o que é o mais provavel.

Hugo Antunes.

ESCRIPTORES HESPANHOES

Pio Baroja é de uma região serrana e sentem-se-lhe bem na prosa as arestas e anfractuosidades das montanhas nativas. Em tudo quanto escreve vae insinuando elementos autobiographicos e aproveitando tambem, ao que dizem, os parentes e amigos. E' um homem perigoso, de intimidade pouco desejavel por parte de quantos não queiram fornecer assumpto a um romancista de tamanha ferocidade sarcastica. Uma das aspirações de Baroja foi reviver o chamado romance picaresco, dentro das boas tradições de Cervantes e Quevedo. Tentou tambem a narração cosmopolita, numa evasão de scenarios já muito utilizados pelos seus patricios, e chegou a descrever, em paginas de boa calchographia, o eterno nevoeiro que envolve edificios e almas londrinas. Isso talvez explique o apreço em que o têm os inglezes, leitores constantes de Baroja, em traducções muito bem conduzidas. Houve quem accentuasse a abundancia de idéas desse romancista, mas lamentando ao mesmo tempo as negligencias do seu "estylo sem estylo".

— Don Ramón del Valle Inclán é da Galliza. Dahi talvez o seu amor aos troveiros portuguezes e a Eça de Queiroz, cujas obras traduziu com arte suprema, feita sempre de lucido enthusiasmo. Partidario do carlismo, por ser uma facção politicamente condemnada, é tambem cultor da litteratura quinhentista, numa época em que os prosadores novos se dão a audazes instantaneos em linguagem telegraphica. Será, segundo Andrenio, uma especie de Barbey d'Aurevilly hespanhol e sempre se comprouve em excitar em torno de si bellas legendas de crimes e viagens, confidenciando ter sido frade, conspirador, guerrilheiro e marujo. Don Juan é o fetiche que nunca deixou de incensar, é a figura suprema do seu calendario de aventureiro. Mas, em chegando á realidade, querendo descrever veridicamente os factos de hoje, Valle Inclán sossobra nas primeiras paginas. Em sahindo das illusorias proezas do marquez de Bradomín, nada póde elle offerecer-nos de nutriente. E as suas "arias" e "sonatas" compõem essas musicas de phrases a que nenhum melomano da prosa ficará insensivel. Quasi não dizem nada, mas são tão doces aos ouvidos...

— O ensaio é a parte melhor da producção de Azorin, máo grado os romances que tem publicado. O verdadeiro nome desse delicioso estylista é José Martinez Ruiz. Ninguem o excede em pureza de lingua, embora não se lhe perceba nenhum ranço de copista dos classicos. Para esse homem subtilissimo os Pyreneus não existem e escreve elle como se fosse um grande ensaista francez. Seus livros são uma especie de vagabundagem, meio lyrica e meio ironica, através de homens e factos, como se elle fosse andando pelas bordas do Sena ao lado do velho Anatole. Nenhum pretencioso corpo de doutrina, nenhuma tendencia irritante a sentenciar, a dogmatizar. Mesmo nas novellas, a acção é quasi nada e são tudo as digressões marginaes, as escapadas maliciosas do homem que, se conhece bem os textos mortos, talvez ainda conheça melhor os sêres vivos.

— Ramón Pérez de Ayala foi feito, pela republica hespanhola, embaixador em Londres. E' poeta e romancista. Filho das Asturias, não chegou ainda á caducidade litteraria e a luz que lhe illumina as paginas é ainda plena luz meridiana. Sabendo ligar o *humour* á nostalgia, seus versos representam bellas transposições sentimentaes das paizagens da sua terra. No romance, é um rebuscador por assim dizer infinitesimal de emoções estranhas, submettendo as personagens a uma inquirição psychologica em que existe algo de attenta auscultação clinica. Eduardo Gomez de Boquero notou-lhe o pendor para os typos extraordinarios, não, felizmente, no sentido da anomalia, da aberração physiologica, e sim da interpretação dos caracteres rebeldes a um primeiro exame summario. Adversario de Benavente, em cujo theatro viu um perigoso elemento de intoxicação para a juventude castelhana, Pérez de Ayala tem horror ás banalidades collectivas e nunca procurou abdicar de certos principios de arte afim de ver engrandecida a tiragem das suas obras. Algumas das suas novellas intitulam-se *Tinieblas en las cumbres, La pata de la raposa, Belarmino y Apolonio*, sendo que a ultima foi excellentemente transplantada para o francez e mereceu uma enthusiastica referencia do nosso patricio Tristão de Athayde.

GILBERTO FREYRE
CASA GRANDE & SENZALA
Em todas as livrarias

"DOIDINHO"

Difficilmente se poderá escrever sobre um romance de hoje sem se sentir a necessidade de citar os nomes já tão citados de Freud, de Proust, de Julien Green e de outros autores igualmente interessados em resolver ou em expôr os problemas e os phenomenos que se passam no sub-consciente humano.

Seja para encontrar o super-homem de Nietzsche ou o infer-homem de Freud (para seguir a classificação do sr. Tristão de Athayde), o que mais nos interessa hoje no homem é *o homem interior*, anjo ou besta, em todas as suas minucias.

Os methodos empregados na litteratura para conseguir essa exposição, ou, antes, essa exhibição, têm variado de escriptor para escriptor de um modo infinito. As differentes theorias scientificas a respeito do *eu* têm concorrido grandemente para essa variedade de methodos. Grande distancia vae da *Viagem á roda do meu quarto*, de De Maistre, ao *Nada de novo no front*, de Remarque, ou a qualquer dos livros de Pirandello. Nos romances modernos dessa geração que já se convencionou chamar "de depois da guerra", nota-se, sem ser preciso muito esforço, as influencias de Freud e Marx, a psychanalyse e a concepção materialista da historia. O personagem de um livro de hoje é estudado pelos seus actos que são sempre, directa ou indirectamente, producto da sua *libido*, através de factos materiaes da sua vida quotidiana. Essa technica moderna é exactamente o opposto da que sempre se usou em livros antigos, mesmo tratando-se de Dostoiewsky, que é, sem duvida nenhuma, o mais actual de todos os romancistas do seculo passado. A influencia communista no romance de hoje é quasi palpavel. Vemos romances sem *um heróe* em torno do qual deva gyrar todo o desenvolvimento do thema, sem fins longamente preparados para causar effeito, sem ensecenação, sem bandeirolas. Historias apenas, ou trechos de historias de alguns sêres humanos, iguaes a todos os outros, vivendo normalmente as suas vidas, tal qual si não estivessem em paginas de livro, não sendo obrigados, para se tornarem interessantes, a praticar actos de heroismo com grandes gestos de estylo, a casar no fim do livro ingressando em uma felicidade beatifica ou a morrer rhetoricamente, lançando no momento psychologico uma phrase bombasticamente pathetica, que faça marejar os olhos de algum leitor ingenuo de sensibilidade mollenga.

Usando essa technica de partir do facto para a idéa, o romancista de hoje tem o cuidado de não se intrometter entre o leitor e os seus personagens, e, sem nada explicar, deixa que elles ajam de accôrdo com as circumstancias, sem nenhuma coacção. Ao leitor cabe o resto da tarefa. E, assim, de accôrdo com a capacidade mental de cada leitor, póde o mesmo personagem ser considerado um sabio ou um cretino, um justo ou um bandido. Esse systema apparentemente facil de escrever um romance requer uma argucia incommum, uma perspicacia subtil e, sobretudo, um profundo senso da medida exacta, do detalhe proprio, do rythmo emocional perfeito, si assim se póde dizer. Para conseguir esse rythmo é necessario uma absoluta cohesão entre a acção e o pensamento, entre as palavras e o ambiente. A palavra adequada ao ambiente e empregada no momento exacto. Porque, si vemos o facto gerando a idéa e a idéa gerando a palavra, para que o autor consiga o effeito desejado é necessario que essa metamorphose se dê no livro tal qual se daria na vida, sem saltos e sem choques, naturalmente, rythmicamente. Dahi a grande difficuldade do romance moderno. Muitas vezes o autor não consegue pôr no mesmo tom a paizagem e o individuo. Outras vezes são as palavras empregadas que não afinam com o personagem ou não são proprias para o ambiente suggerido. Qualquer dessas discordancias que se produza se reflectirá no leitor atilado por uma sensação desagradavel, quasi indefinivel de insatisfação, que se poderia talvez chamar — *senso da arythmia emocional*. Essa desharmonia sensorial sente-se mais do que se observa. E' alguma coisa de vago, de indefinivel e de inexprimivel. A mesma sensação se produz quando se *lê* um trecho *desafinado* ou quando se *vê* um quadro mal pintado. Claro que nem todos os observadores do quadro, como nem todos os leitores da pagina, *sentirão* o defeito. Para sentil-o é necessario uma organizaão de artista. Ora, si todos fôssem artistas, tambem já não haveria maus livros nem maus quadros. Seria bom? Talvez não. Para que o mundo seja interessante é necessario que exista a disparidade. Mesmo a uniformização intellectual seria a quéda na monotonia.

*

O novo livro do sr. José Lins do Rego — *Doidinho* — segue, naturalmente, a technica moderna. E' um livro evocativo. O autor roda ao contrario a machina do tempo e vae nos fazendo reviver, junto com elle, os dias da nossa infancia. Vemonos em um internato na Parahyba e junto a nós vemos outros meninos, inclusive Carlos de Mello, que não é mais do que um dos muitos instrumentos de que usa o autor para ir fazendo desfilar as suas scenas cheias de realidade e os pensamentos que taes scenas vão originando no cerebro dos personagens do seu livro. Observamos então o que não poderiamos ter observado quando eramos meninos, — a formação de uma personalidade e os factores originarios dessa personalidade. Carlos de Mello é um menino nervoso, incapaz de um trabalho methodico, — fazer um caderno de escripta bonita ou gesticular sob as ordens de um instructor militar. Cheio de superstições, com um mêdo panico dos mortos, desejos sexuaes de homem feito, abstracções de maniaco, phases de obediencia pacifica e horas de reacção absolutamente inesperadas, — um doente. Tudo concorreu para isso. A mãe anemica, o pae louco e a mudança quasi sem transição da liberdade desenfreada do engenho para a prisão entre as quatro paredes do collegio de *Seu* Maciel, figura symbolica dos nossos professores da roça, com a sua rispidez e com a sua palmatoria O menino tem crises de mysticismo morbido, desregramentos sexuaes com a negra Paula e amores candidamente platonicos com os cachos encaracolados de Maria Luisa. Um incoherente na apparencia, mas um resultado logico dos factores principaes da sua formação. Elle é natural quando o encaramos como sêr hu-

mano ligado á especie por atavismo e influenciado pelo meio ambiente. Sem o conhecimento que o autor nos dá dos seus antepassados, e sem a descripção dos meios onde tem vivido, seria absurdo. Aliás, todos esses conhecimentos o autor vae nos dando naturalmente, sem esforço, á proporção que os factos o vão exigindo, com o termo proprio, com a descripção justa, com a evocação necessaria.

Esse o grande merito do sr. José Lins do Rego como romancista. Todos os seus personagens estão onde devem estar, dizem o que devem dizer e fazem o que fariam si estivessem fóra do livro. Maria Luiza namora dois ao mesmo tempo. Pão Duro seduz o Clovis, o Coruja chega a sensor dos collegas, seu Coelho dá remedios para o corpo e evita maiores contusões nas almas, tudo muito logicamente, como si não pudesse ser de outro modo. A scena da morte de Aurelio, que ouvimos através a parede do dormitorio, é de uma sobriedade insuperavel. A dissociação de personalidade em *seu* Maciel — um homem quando estava na aula, outro quando chegavam as férias, — é de uma veracidade comprovada todos os dias. Jamais se nota um exaggero do autor e chega-se a acreditar que não ha nada phantasiado, nada que não tenha se passado. E' o milagre do rythmo, o controle perfeito da imaginação. Ninguem é o centro do livro. Todos são personagens principaes, indispensaveis como a palmatoria de *seu* Maciel ou a mala cheia de gulodices de Pão Duro. Um livro para os que não têm, como eu não tenho, saudade dos dias da infancia, em que os maiores, ao contrario do que têm cantado os poetas dos oito annos e de outras idades, não procuram sinão matar o que existe em nós de pessoal, de proprio, de interessante, para sobre esses escombros construir um monstrengo falso, mentiroso e hypocrita. Foi esse individuo que vive hoje em mim que, viajando com o *Doidinho* de torna-viagem por essas épocas já esquecidas, comprehendeu porque era assim e já não se culpa do feio que é. Os culpados são os maiores. Talvez Carlos de Mello, sem o collegio de *seu* Maciel, chegasse á cadeia. Com o collegio chegará ao Hospicio ou á presidencia da republica. E' essa a vantagem dos internatos no interior, — o individuo chega sempre onde não devia chegar. Em todo caso, o livro do sr. José Lins do Rego nos consola dessas coisas. E é diante de livros como esse e de livros como *Cacau*, de Jorge Amado, *João Miguel*, de Rachel de Queiroz, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, que podemos dizer sem medo de errar:

— Felismente já ha uma litteratura brasileira!

DIAS DA COSTA.

O ultimo convicto da aristocracia

Faure Beget — Gobineau — Plon — Paris, 1933.

Do velho Conde de Gobineau bem se poderia dizer, e com acerto: eis um homem sem sangue.

Cerebral por excellencia, quasi eterno itinerante dos comboios da diplomacia, pelo habito de viajar nas augustas classes, tornou-se alheio ás contingencias physicas da natura. Seus globulos vermelhos, — oh! escandalo — não se aqueciam quer estivesse no Brasil ou na Persia, nem se refrigeravam na Suecia ou na Russia.

Um unico ambiente não lhe conveiu: o francez.

Daria tudo, e tudo fez, para que Paris se enamorasse delle, apreciasse suas obras, lêsse seus versos...

Talvez, se assim fôra, transigido houvesse no seu modo de ver o segundo Imperio que, mesmo na época de esplendor, discretamente cortejava *les citoyens* da casta nova que se aprestavam, com enthusiasmo, a destruir os velhos nucleos do clan aristocratico, cuja ruina Gobineau esteve longe de perceber.

Menos perspicaz que o autor da *Démocracie en Amerique* (e o duello das idéas entre elles foi um torneio de luvas, requintado da mais fina elegancia, cujo relato devemos a Scheman publicando a deliciosa *Correspondence entre Alexis de Tocqueville et Arthur de Gobineau*), o creador da doutrina (!) das raças, que não chegou a impressionar a Renan, jámais considerou que a plebe — a detestavel plebe que desprezava — chegasse a triumphar.

Exotica planta no jardim francez, viveu, fóra de sua vida, habitos e relações nas altas espheras, — vem dizer, com *chance* de interessar-nos, seu ultimo biographo, o critico Faure Beget.

Por ser, talvez, agradavel aos amantes da collecção em que o volume foi publicado — "*Les romans des grandes existences*" — o autor não se esqueceu de nos mostrar o classico Gobineau enredado nas eternas teias de Cupido. Esse lado prosaico da existencia do grande senhor, para nós tem diminuto interesse.

Preferimos, antes, os amores litterarios do autor da *Histoire de la Perse*. Um de seus colloquios mais demorados foi o que estabeleceu com o Sr. Pedro de Alcantara. Ao discipulo amado do Barão de Paranapiacaba, o "diplomata francez" leu todos os seus versos. Se o barbudo e augusto residente da Quinta julgou-os bons, evidentemente não sabemos. Não nos diz o biographo.

Pobre Sr. Pedro! Ouvir os maus versos do vate e diplomata nas horas vagas!...

Resta-nos, para diminuir nossos lamentos posthumos aos enfados que lhe causou Gobineau, o facto de sabermos que Wagner e Cosima apreciaram o francez. Se o velho Alcantara, no dizer de Lucio de Mendonça (vide, no *A caminho*, a critica dos imperiaes sonetos feita pelo republicano, sob o titulo *Cavaco litterario*), não refinou a arte de Bilac, teve, não ha duvida, um grande companheiro na admiração commum ao homem que escreveu a sinistra obra sobre a deseguladade entre as raças humanas.

Ha no volume de Beget um documento expressivo, que muito honra Gobineau, esse mesmo Gobineau agora opportunamente rememorado no ultimo volume dos Tharaud: *Quand Israel n'est plus roi*.

Referimo-nos á carta que enviou a Paul de Saint-Victor agradecendo-lhe a remessa do *Barbares et bandits*, escripto após a *débacle* de 1870. Como o leitor não ignora, os "barbaros" foram os communistas e os "bandidos" os prussianos. Gobineau, num gesto de rara independencia moral, vingou-se do descaso que lhe votou a França e approvou os Moltke e os Bismarck...

Ha no hitlerismo um pouco da sua sombra.

Eis em rapidissimos traços a figura de Gobineau, o ultimo convicto da aristocracia.

UBALDO SOARES.

Um hellenista do seculo XX: Victor Bérard

Nenhum outro hellenista moderno tem despertado tanta admiração como Victor Bérard, que passa por ser o mais ousado escaphandrista no dominio oceanico das obras homericas.

Ha mais de quarenta annos vem elle esmiuçando os poemas do maior épico de todos os tempos com uma dedicação que só se aprecia entre os eruditos d'além-mar.

O sector que Victor Bérard escolheu, nos estudos homericos, foi justamente a *Odysséa*, que offerece, na verdade, um campo para explanações muito maior que o da *Iliada*.

Todavia as obras e estudos do sabio hellenista francez são minuciosos e complexos demais para as leituras faceis e recreativas dos leigos, que mal delettrêam os problemas da erudição hellenica.

A sua *Introduction à l'Odyssée* é o que ha de mais completo e profundo acerca do texto do vetusto poema.

Além de philologo, archeologo, historiador e critico, Victor Bérard é tambem geographo de agudeza singular.

Nesse sentido escreveu ainda *Les Phéniciens et l'Odyssée* e *Les Navigations d'Ulysse*, livros classicos na materia, sendo que o primeiro é tido como a sua melhor contribuição.

E' certo que Bérard, neste ponto, se inspirou em Strabão, que muitos séculos antes já salientára a intima ligação de Homero com os phenicios.

Assim se lê no autor da *Geographia Universal*:

"Se Homero descreveu exactamente as regiões, tanto do mar Interior como do mar Exterior, foi porque elle conhecia a sciencia dos Phenicios... Conquistadores da Africa e da Hespanha, os Phenicios foram os seus mestres... O poeta apenas transcreveu, em poesia e em ficções poeticas, os ensinamentos precisos, que recebera desses primeiros navegadores."

Como se vê, a these dá influencia phenicia na elaboração da *Odysséa* já estava em Strabão; Victor Bérard apenas desenvolveu e documentou, com dados comprobatorios, a affirmativa do geographo antigo.

Entretanto, os trabalhos do grande hellenista não são accessiveis, dada a vasta erudição, verdadeiro labyrintho para os não especialistas no assumpto.

Felizmente o illustre geographo e hellenista de renome mundial, realizou uma breve conferencia, *Le Voyage d'Ulysse*, onde, com simplicidade admiravel, dá conta das suas pesquizas. Ahi nessa agradavel summula poderá o leigo se abeberar e satisfazer a curiosidade inquietante.

A obra de Victor Bérard tem sido acceita, com justos louvores, nos circulos do hellenismo. Claro está que na Europa hellenismo é erudição philologica, archeologica e historica, o que nada se parece com o hellenismo no Brasil, que corresponde á mais insossa e insipida mythologia grega de poetas e prosadores, quando não descamba nos ridiculos neologismos da terminologia medica...

Foi Bérard o critico de Schliemann, tido até ha bem pouco tempo como o maior exegeta e conhecedor da archeologia dos poemas homericos.

O notavel hellenista francez demonstrou, na verdade, diversos equivocos e erroneas de Schliemann, na exegese geographica e archeologica da *Odysséa*.

Embora elogiando o seu confrade em relação á *Iliada*, Bérard não deixa de censurar a *foi trop fanatique* de Schliemann, que chegou até a attribuir a Agamenão, um maxillar anterior "*de plusieurs siècles peut-être, à l'epoux de Clytemnestre...*"

O que falta em Schliemann, sobra em Victor Bérard, porque nelle a erudição vem illuminada por essa duvida voltaireana, que é a nota encantadora e fascinante do genio francez.

JOAQUIM RIBEIRO.

NOVIDADES ESTRANGEIRAS

Faz sensação e desperta polemicas, em Paris, o romance de estréa de um joven engenheiro, Robert Francis, que diz o ter escripto para preencher os lazeres de uma longa convalescença. O livro tem por titulo *La grange aux trois belles* e é um grosso volume com mais de 500 paginas. Alguns criticos acharam-no com muitos pontos de contacto com o *Grand Maulnes*, de Alain Fournier, e houve mesmo quem lhe apontasse passagens que se diriam simples transposições dessa ultima obra. Dahi debates pela imprensa que concorrem para a propaganda do romance, já com uma magnifica tiragem, que alcança algumas dezenas de milhares. O curioso é que a experiencia trouxe o gosto da litteratura a Robert Francis, que já promette outros romances em continuação ao primeiro, sendo que a série ficará subordinada ao titulo geral de *Histoire d'une famille sous la troisième Republique*.

— O romance de Charles Braibant, *Le Roi dort*, que acaba de receber o premio Theophraste Renaudot, continúa a merecer os maiores louvores da critica. A seu respeito, diz Robert Brasillach num dos seus mais recentes folhetins da *Action Française*: "Livro desigual mas prodigioso por muitos aspectos, que abre triumphalmente a estação litteraria. Um homem que certamente tem uma parcella de genio."

— Outro romance que tem merecido o favor da critica é *L'indifference perdue*, de Pierre Neyrac, um estreante de muito talento e que tem apenas 25 annos. Dizem-no com uma "maneira" que lembra de perto o Céline do *Voyage au bout de la nuit*, embora alguns criticos, como Ramon Fernandez, o achem ainda mais original e phantasista do que o premiado pelos Goncourt em 1932. *L'indifference perdue* é escripto na primeira pessôa, e o narrador, desertando do exercito francez, vae refugiar-se numa colonia judaica, da Palestina, de que nos descreve habitos e costumes. Pierre Neyrac promette para breve a continuação dessa historia em outro romance que terá por titulo *L'indifference retrouvée*.

— O alsaciano René Schickele é, segundo Kasimir Edschmid, o mais gracioso dos poetas tedescos dos ultimos annos. Estará entre Ronsard e os velhos lyricos da Allemanha popular, mas seus impetos de originalidade são frequentes. Sente-se-lhe o espirito religioso do homem que nasceu na vizinhança das bellas cathedraes gothicas e temperou a possivel rudeza teutonica nas lições de cordialidade e sociabilidade gaulezas. Seu livro *Madchen* é de um François Jammes da Alsacia, preso ás tradições e aos rythmos ruraes da formosa região secularmente disputada por dois grandes povos. As historietas de amor de Schickele correm de bocca em bocca entre as creaturas do campo e os seus idyllios, em que já dialogam vozes de flautas e violinos, acabam indo repercutir nas mais delicadas festas de provincia.

— Heinrich Mann, que é, como já foi accentuado, filho de mãe brasileira, sente como poucos outros a attracção da Italia. Fascinam-no as aguas classicas do Mediterraneo. Tendo começado nas lettras com um brilho e uma robustez que mais tarde não reencontrou, vê a sua fama decrescer mundialmente, emquanto vae crescendo a do irmão Thomas. Na composição geral do romance, é um tributario da arte franceza, mas o espirito de interioridade que o fecunda é bem a admiração pelos ambientes da Italia, nos quaes transporta sempre as suas personagens mais fascinantes. Sequioso de justiça, combatendo a rapinagem dos argentarios e a brutalidade dos militaristas, Heinrich Mann será um homem de paixão sensual meio tontendo por uma civilização que não é bem a sua, por uma patria que não é bem a da sua alma e do seu sonho.

DE NOVA YORK

"Flying down to Rio"

COM DOLORES DEL RIO, GENE RAYMOND E RAUL ROULIEN.

Antes de falar do filme cabem aqui duas palavras sobre o theatro onde foi estreado: o "*Music Hall*" da Radio City.

Na cidade dos chamados cinemas de luxo, o *Music Hall* faz uma singularissima excepção: deixa o supposto luxo ás cathedraes e museus de arte para ser exclusivamente cine-theatro, o que todos deviam ser.

Houve uma época — o tempo das vaccas gordas na cinematographia americana — em que entraram em moda os cinemas de pretensiosa exhibição artistica, com os seus vitraes, seus candelabros custosos, suas fontes de marmore, seus quadros e esculpturas, tudo isso implicando um enorme desperdicio de espaço, de luz, e até de senso pratico, porque cinema, dil-o o proprio nome, é o logar aonde a gente vae para ver filmes, e não deve entrar pelas provincias do museu, obrigando os basbaques a perderem tempo com o que não seja arte de projecção.

São dessa época os cine-dourados que se chamam "Paramount" (o de Nova York e o de Brooklyn), "Albee", "Fox Theatre" e até o "Capitol", cujo *foyer*, ornado de estatuas, parece um atelier de marmorista funebre.

Tambem houve uma época em que os burros de carroça gozavam da liberdade de contemplar burramente a paisagem, quando trafegavam pelas estradas, ou se viravam para um e outro lado, puxando o carro pelas ruas, afim de medirem a asnice humana dos repimpados figurões que passavam.

Mas, lá veiu um dia, surgiu um carroceiro que se lembrou de mimosear os quadrupedes de carro com aquelles oculos de sóla, que só lhes permittem olhar para a frente. E com os oculos ia o commando — "Burro, ao teu caminho!" — que os orelhudos puxadores de carro até hoje forçosamente obedecem.

Pois, bem, seculos depois veiu Roxy, o director-empresario dos cinemas da Radio City, e disse ao espectador: "Cinemeiro, ao teu cinema!" — ordem que no Music Hall é de todo obrigatoria.

Como fosse desairoso para o espectador serem-lhe postos uns antolhos de burro, para que só visse o filme, foi esse effeito de fixar a vista sempre adeante supprido pela originalissima construcção do novo cinema. O Music Hall é um enormissimo barril deitado, todo de crystal, com capacidade para 6.200 pessoas, ao fundo do qual está o palco destinado aos numeros de variadade, e ao centro do palco a téla removivel, para as projecções cinematographicas.

O gigantesco tunnel abarrilado, que se arqueia sobre a cabeça dos espectadores, nada tem de ornamental, nem mesmo luzes, para distrair a vista. Os olhos focam-se sobre o palco, ou sobre a téla, quando é cinema o que se exhibe, e ahi apreciamos o espectaculo mais perfeito que já se imaginou na terra — pois é tudo escolhido a dedo pelo grande Roxy, um genio na montagem dos seus numeros. Com o arqueado do tunnel na sua tonalidade phosphorescente, que nem é claro nem escuro, a vista do espectador descança com suavidade sobre o objecto que estiver em scena, que é precisamente o que elle pagou para ver.

Nada de luzes furta-côres, nem de tapeações de accende isto, apaga aquillo, tão communs nas outras casas. Nos intervallos, que são raros e curtos, o nosso mysterioso barril se intensifica na sua luminosidade de pyrilampo, e a gente percebe então que já não ha a penumbra que dantes existia.

E a acustica? A mais perfeita possivel. De qualquer angulo em que nos colloquemos, seja pelo filme ou directa, a voz ou musica é encaminhada sem a menor refracção até os nossos ouvidos. Não se perde nenhuma de suas nuances.

Foi ahi, no Music Hall, que se estreou na semana do Natal o filme "*Voando para o Rio*", como já o vi chrismado por uma das nossas revistas de cinema.

O filme, diga-se de começo, nada tem de extraordinario quanto ao seu enredo: dispõe entretanto da vantagem de enfeixar varias vistas authenticas do Rio de Janeiro e de constituir por si só uma hora e meia de esplendida diversão, especialmente para o publico americano, que muito aprecia essas historias urdidas em torno de logares pittorescos.

Raul Roulien, que desempenha o papel de Julio, não é o melhor interprete do filme. Apesar de ter um desempenho que lhe não exige nenhum esforço dramatico, parece lutar ainda com um certo acanhamento, que a camara deixa patente, dizendo os seus dialogos com um ar declamatorio de quem teme esquecer. Essa preoccupação com o que vae dizer tira-lhe um pouco da naturalidade, que nos outros artistas é um attributo de primeira. Mas, mesmo assim, a sua sympathica personalidade conquista logo as platéas, que é o principal.

"*Flying down to Rio*" exemplifica muito bem o que o americano productor de filmes pode fazer com um dado assumpto. O seu nadinha de argumento, enfeitado pela technica intelligente de Hollywood, ficou uma coisa digna de ser vista.

Vamos á historia. Bellinha Rezende, brasileira, acha-se a passeio nos Estados Unidos, em companhia de sua mãe — Blanche Fredericci — que por signal é a primeira a soltar da téla uma phrase em portuguez, e até bem pronunciada. O sr. Rezende adoece subitamente no Rio e telegrapha chamando a familia. Na ansia de chegar primeiro ao lado do pae, que a idolatra, Bellinha consegue uma coisa bastante improvavel para nós brasileiros — que a mãe lhe permitta voar no aeroplano dum piloto amigo, afim de alcançar na Florida o avião da Pan-Air para o Rio. Ora, quem está no aeroplano, disfarçado, não é o piloto, mas um amigo deste — Gene Raymond — regente da orchestra do hotel onde se hospeda Bellinha, que está apaixonado pela brasileira e della recebera um "contra" respeitavel. Sem o reconhecer no seu disfarce, a carioca toma o avião, que algum tempo depois perde o prumo e cae numa "ilha deserta". O piloto, que já se déra a conhecer á passageira, aproveita-se desse incidente propositado para fazer uma scena de amor, e ante o assombro da pequena, vae a um piano que traz no apparelho e ahi lhe improvisa "*Orchideas ao Luar*",

canção que mais tarde volvemos a ouvir, no Rio, cantada pelo Roulien. Bellinha e o pretenso aviador pernoitam na "ilha deserta" e só na manhã seguinte é que descobrem que não estão numa ilha, mas num campo do golfo proximo do aeroporto dos aviões que vão para o Brasil, e num dos quaes ella toma passagem.

Depois disto, já no Rio, encontra-se Bellinha com o seu admirador americano, que é agora director musical duma companhia que se exhibe num famoso Hotel Atlantico, da capital brasileira. E' ahi que Julio, aliás Roulien, entra em scena, como noivo official de Bellinha, e descobre que a sua futura ama o louro director de orchestra. E uma tarde, pondo em pratica um plano a que muitos negarão legitimidade nacional, a convite seu, mettem-se os tres num avião da Pan-Air para uma supposta viagem de regresso á America. Julio consegue que o commandante do apparelho case hollywoodescamente o par de namorados, e isto feito, atira-se o brasileiro por uma das portinholas do hydroplano. Mas não é um caso de suicidio, como á primeira vista parece, pois munido do seu para-quédas, Julio, que perdera o amor da sua bella patricia, ganha um banho nas aguas azues da Guanabara.

Nos trechos de enchimento ha incidentes engraçados e technicamente muito bem feitos, como a festa no Club de Aviação e o vôo de propaganda da companhia americana, feito sobre o Rio, levando cada aeroplano um cordão de *girls* sobre as asas, em espeluzantes passes aerobaticos.

Embora não seja uma producção que ponha em grande relevo as coisas brasileiras, o que nella figura está bem engendrado, e tendo sido apresentada aqui quando estava ainda fresca, na mente de todos, a passagem de Lindbergh pelo Brasil, o seu exito de bilheteria foi dos melhores.

ARTHUR COELHO.

"Boletim Bibliographico"

O sr. Luiz Paula Freitas está mantendo, com dedicação e desinteresse, um boletim bibliographico inteiramente redigido por esse brilhante escriptor e ao qual não escapa o registo de nenhum livro novo, dos que possuem real significação para a vida intellectual do paiz. E assignale-se que a critica do sr. Luiz Paula Freitas, se é bastante polida, nem por isso transige com os baixos compadrios litterarios, dizendo sempre o que tem a dizer com uma estimavel independencia pessoal.

CORRESPONDENCIA

SR. M. OLIVEIRA — *Sem saber o que mais lhe possa interessar sobre a vida de Verlaine, aconselhamos-lhe a leitura do livro recente de François Porché,* Verlaine tel qu'il fut, *edição Flammarion, onde se estudam com muita minucia e intelligencia a personalidade e a obra do poeta de* Sagesse. *Não cremos que entre os nossos collaboradores existam admiradores de Vargas Vila. Do que sempre nos admiramos, foi que esse escriptor mediocre e bombastico, lograsse por aqui um publico tão grande. Com a carencia de livros estrangeiros que se verifica hoje em todas as nossas livrarias, não sabemos se o amigo encontrará, ao alcance da sua curiosidade, qualquer das numerosas biographias de Oscar Wilde. Se tivessemos que lhe aconselhar alguma, as nossas preferencias iriam para a de Léon Lemonnier,* La Vie d'Oscar Wilde, *edição da Nouvelle Revue Critique, apparecida em Paris, em 1931, e que, sendo, talvez, a mais recente, se apoia em todos os trabalhos anteriores, inclusive no admiravel livro de Frank Harris:* Oscar Wilde, his life and confessions.

HELIANTHO (Bello Horizonte) — *A' pagina 14 do nosso nº 7 (Abril de 1932), já respondemos a um consulente que Ariel "era o nome do idolo dos moabitas e delle fizeram, com o correr dos annos, a designação de um anjo mão". Mas, ainda depois, "foi melhorando de categoria e tornou-se um espirito benefico do ar", "ligeiro, gracioso e humano", e é nessa funcção que apparece na* Tempestade *de Shakespeare, obedecendo aos dictames de Prospero, oppondo-se ás brutalidades de Caliban e defendendo os sonhos castos de Miranda". Diz o senhor que leu* The Tempest *no original. Caso contrario, recommendar-lhe-iamos uma das ultimas traducções desse drama em francez, trabalho de Pierre-Louis Matthey, editado em Paris por um patricio nosso, o sr. R.-A. Corrêa.*

Val Lewton — **Sem cama propria** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Este volume, habilmente traduzido pelo sr. Edgard M. Lobato, reflecte bem as complexidades de vida dos norte-americanos nos dias tumultuosos que passam. Escripto sem nenhum apego a fórmulas hypocritas, faz ver, com uma crueza que por vezes vae á brutalidade, a luta que se desenvolve entre os dois sexos numa região em que o mais fraco é implacavelmente devorado pelo mais forte. Elaborado como um filme de sensação, este romance é dos taes que os leitores não abandonam antes de lhes haver chegado á ultima pagina.

Epaminondas Martins — **O Outro Mundo** — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

Soccorrendo-se do processo prestigiado pelo inglez Wells, o sr. Epaminondas Martins imagina estar viajando por um outro mundo, aliás não muito differente do nosso, e essa excursão lhe é pretexto para algumas observações satiricas ou sentimentaes. O livro é redigido de modo escorreito e ha nesse escriptor, senão a prompta realização, ao menos a segura promessa de um bom humorista.

Pedroso Rodrigues — **Poemas em sonetos** — Rio, 1933.

O autor, que deve ser portuguez, colligiu neste volume alguns sonetos repassados de uma fina tonalidade espiritualista. Sente-se-lhe a influencia dos versos metaphysicos de Anthero do Quental, mas não lhe faltam accentos reveladores de um modo todo seu, todo pessoal, de revolver os problemas da alma e do destino. Achem-no embora um poeta retardado, por se dar ao culto do soneto numa época de desvairadas liberdades metricas, o caso é que se lhe percorre o volume na integra, e sem enfado, tal a cariciosa doçura dos seus rythmos.

Rachel Prado — **Contos phantasticos** — Rio, 1933.

A sra. Rachel Prado não escreve contos apenas para divertir a infancia. Interessando-se pelos estudos theosophicos, procura infundir a todas as suas narrações um caracter de discreta moralidade, insinuando através de palavras amenas o ensinamento edificante. De resto, não é este o primeiro volume desse genero que a escriptora paranaense publica. Outras collectaneas suas, egualmente dedicadas á "gente de palmo e meio", foram muito bem acolhidas pelo nosso publico, esgotando-se em breve tempo.

Baptista Pereira — **Pelo Brasil maior** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O autor reuniu neste volume tres obras suas: *Civilização contra barbarie, O Brasil e a raça* e *A formação espiritual do Brasil*, accrescentando-lhes o discurso em que agradeceu aos paulistas um banquete que lhe offereceram. Como se vê pelos titulos, são trabalhos de significação eminentemente nativista e nelles o escriptor procura justificar o nosso paiz das accusações que lhe têm feito innumeros detractores, a proposito da guerra do Paraguay, de uma supposta inferioridade ethnica e da má comprehensão de certos factores de finalidade religiosa. O volume faz parte da "Bibliotheca Pedagogica" da Companhia Editora Nacional e é, sem duvida, um trabalho graphico de primeira ordem.

Alarico Cintra — **Monologos de Gilbertinho** — Offs. Graphs. do "Jornal do Brasil" — Rio, 1933.

Gilbertinho surge-nos á entrada do volume dizendo que vae recitar. E as coisas que diz poderiam ser com effeito de sua lavra, tal a singeleza, a graça, a frescura infantil desses despretenciosos soliloquios. Narrando factos caseiros e querendo sempre desentranhar delles um conceito finamente educativo, o pequeno Gilberto serve de interprete a um verdadeiro amigo das creanças, a um verdadeiro poeta das innocentes aventuras dos que amanhã agitarão o mundo pela espada, pela penna, pela alavanca. O sr. Alarico Cintra é bem, no momento que passa, um dos que estão cooperando numa boa litteratura infantil, sem pedantismo e tambem sem entulhar os cerebros jovens de pêtas absurdas.

LUIZ SCHNOOR

"O experimentado profissional — um mestre, uma existencia activa e gloriosamente modesta, que se mede com 2.000 e tantos kilometros de estradas de ferro construidas..."

Isso escreveu Euclydes da Cunha, no volume *A' Margem da Historia*, a proposito do engenheiro Emilio Schnoor.

Mas o filho de Emilio, Luiz Schnoor, que vem de morrer, não se consagrou inteiramente aos trabalhos ferroviarios. Trabalhou com o pae em moço, entre Minas e Goyaz, e nessas paragens o conheceu o explorador Savage Landor, que registou o encontro, de modo affectuoso, num livro em que nem todos os brasileiros são elogiados. Todavia, seu maior encanto era ler volumes de historia, discorrer sobre varões e factos historicos. Com uma memoria a que os nomes e as datas adheriam sem o menor esforço, ficava horas e horas a parolar com os amigos numa esquina ou á entrada de uma livraria. Foi, por assim dizer, o verdadeiro introductor dos mongoes em nosso interesse collectivo, e só depois delle publicar no *Jornal do Commercio* uma serie de artigos sobre a sua gente predilecta é que outros historiadores daqui se puzeram a falar mais longamente de Tamerlão e desse Gengiskhão que elle costumava tratar de "Chinguis", com um ar de intimidade, numa especie de appellido caseiro...

Muito antes de circularem no Brasil os livros de Harold Lamb, já elle nos tinha dito o essencial no tocante a esses dois terriveis amontoadores de craneos de inimigos mortos em combate. Os srs. Basilio de Magalhães, Alarico Silveira e José Geraldo Bezerra de Menezes, tambem frequentadores familiares desses themas, muitas vezes o catucaram, para ver se o surprehendiam em erro, mas ficavam sempre espantados com o certeiro, o infalseavel dominio de Luiz Schnoor em tudo quanto se prendesse á vida militar de qualquer tempo.

Gostava da Turquia, defendendo-a tanto quanto Loti e Farrère, e uma noite lhe disse, gracejando, que deviam mandal-o como diplomata para Constantinopla, no tempo de Abdul-Hamid, porque lá o hospedariam no harem do sultão, com direito a duas ou tres odaliscas no minimo...

Mas Luiz Schnoor não foi para as margens do Bosphoro. Deixou-se ficar aqui no Rio e, deslumbrado por uma dessas miragens frequentes em seu espirito de admirador do fausto asiatico, fundou uma livraria de livros raros, para bibliophilos de gosto, e quiz lançar em nosso mercado uma sumptuosa *Brasiliana*, com os volumes de todos os estrangeiros que trataram do Brasil-colonia ou do Brasil-imperio: Antonil, Koster, Sainte-Hilaire...

Perdeu, nessa arrancada em favor da nossa cultura, uns cem contos de réis. Mas, intimamente, louvaria o insuccesso da sua phase de livreiro e editor, porque assim, desprendido de qualquer sujeição mercantil, poderia dar-se de todo aos seus estudos historicos. Redigiu numa semana, vertiginosamente, a chronica da guerra do Paraguay, para uma collecção divulgadora do Porto, trabalho que em mãos de outrem seria de simples carregação, mas, conduzido por elle, deixa entrever o subtil amador das coisas militares e o engenhoso tecedor de parallelos, não de todo inuteis, entre povos e generaes de varias épocas.

Tambem preparava uma obra sobre Cochrane, de quem foi apologista incessante, chegando a polemisar a respeito com o sr. Affonso de E. Taunay. Não comprehendia elle — affirmava sempre — nosso desdem em relação ao marinheiro que os inglezes reputam o maior de todos depois de Nelson, que ficou lendario em suas incursões pelo Mediterraneo e acabou tendo os restos sepultados na abbadia de Westminster.

Pobre Luiz Schnoor! Quanto dinheiro lhe escorreu pelas mãos, sem que elle retivesse um unico vintem, dada a sua incoercivel generosidade de esbanjador de cedulas e phrases, de visionador de fortunas cada vez maiores! Possivelmente, essa nobre e desinteressada creatura só terá deixado a domicilio uma daquellas lindas edições das *Mil e uma Noites*, que elle nunca folheava sem um tremor nos longos dedos avermelhados pelo contacto abusivo dos cigarros turcos...

AGRIPPINO GRIECO.

Revistas

Uma das nossas melhores publicações é presentemente a *Revista Nacional*, dirigida pelo escriptor bahiano sr. Affonso Costa. Entre outras qualidades empresta-lhe particular benemerencia o facto de se interessar ella por tudo quanto produzem as lettras do paiz, fornecendo, numero a numero, utilissimas resenhas sobre o movimento livresco dos Estados. Ainda no seu ultimo fasciculo vem uma lista, excellentemente elaborada, de todas as obras nacionaes sahidas em 1933.

Tambem produziu lisongeira impressão o primeiro numero do *Espirito Novo*, em que se patentêam as qualidades de organizador do brilhante jornalista sr. João Calazans.

E nas paginas da *Revista Economica*, dirigida pelos srs. Helio Vianna e San Tiago Dantas, ha sempre trabalhos de proveitosa substancia para quantos se dão aos estudos de finanças e economia politica.

Padre Schryvers — O dom de si — Livraria Catholica — Rio, 1934.

E' um excellente manual de ascetica, um dos melhores guias que conhecemos para a vida interior. Como ninguem ignora, trata-se de assumpto de extrema subtileza e que exige uma exposição das mais seguras e incisivas, para não compromettter o trato das almas. Pois dessa tarefa o padre Schryvers desobrigou-se com discrição e certeza de toque, elaborando um volume que até os profanos poderão percorrer como trabalho litterario. "Todo christão faz espiritualidade no senso rigoroso da palavra; poucos se elevam ao ascetismo", disse Michon numa formula celebre. Pois é para ajudar os crentes a attingir essas purissimas alturas da meditação que circulam livros como este de agora, livro, como todos os do genero, florido á sombra da *Imitação de Christo*, no entender do sceptico Fontenelle o mais bello trabalho sahido de mãos humanas, uma vez que os Evangelhos são o producto de inspiração divina.

Jonathas Serrano — Historia da Civilização — Editores F. Briguiet & C. — Rio, 1934.

Dada a sua cultura e pratica do ensino, está o sr. Jonathas Serrano habilitado como poucos a elaborar estas uteis synopses de finalidade didactica. Excellente professor de historia, tendo obtido uma cathedra no Pedro II em brilhantissimo concurso, domina elle, com erudição e intelligencia, um assumpto que não póde ser exposto sem certa dóse de amenidade e de bom gosto litterario. Escriptor de merito, ficcionista e poeta, biographo do inolvidavel Julio Maria, o sr. Serrano accrescenta aos attributos de creador os de uma critica sempre opportuna e lucida aos homens e factos que mais concorreram para o advento da civilização actual. Estuda, em felizes resumos, os maiores acontecimentos da vida dos povos e as personalidades de maior influxo nesses acontecimentos, e tudo quanto diz, não deixando de aproveitar aos adultos, será grandemente util aos nossos jovens espiritos em formação.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Ranulpho Prata — *Lampeão* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Maria Eugenia Celso — *Fantasias e Matutadas* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Gilberto Freyre — *Casa Grande e Senzala* — Schmidt, editor. — Rio.
Graciliano Ramos — *Cahetés* (romance) — Schmidt, editor. — Rio.
Heitor Marçal — *Sinhá Dona* (romance) — Editora Record Ltda. — Rio.
Benjamim Costallat — *A Virgem da Macumba* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Paulo Gustavo — *Por amor de meu amor* (Versos) — 3ª edição — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Dormund Martins — *Que Somos* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Mario Gameiro — *O Professor Bulhões Pedreira* — Rio.
Custodio de Viveiros — *As Tres Luas de Mel* — Calvino Filho — Rio.
Padre Schryvers — *O dom de si* — Traducção de M. M. — Livraria Catholica — Rio.
Jonathas Serrano — *Historia da Civilização* — F. Briguiet & C. — Rio.
Innez Telscher — *Alma nossa* — (Trechos brasileiros traduzidos para o allemão).
Charles Richet — *O que é indispensavel saber* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Elias Cecilio — *Demonios e Semideuses* — Livraria Schmidt — Rio.
Jacqueline du Pasquier — *Décalage* — R.-A. Corrêa — Paris.
André Devaux — *Armand Godoy* — Editions des Portiques, Paris.
Germaine André Hasse — *Painlevé* — R.-A. Corrêa — Paris.
Maurice Bourdet — *Grandeurs et servitude de l'aviation* — R.-A. Corrêa — Paris.

Assis Cintra — **Os escandalos de Carlota Joaquina** — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Fazendo investigações em nosso passado, o sr. Assis Cintra procura de preferencia aquelles detalhes que possam provocar a nota de sensação. E' um memorialista que não receia ferir as convenções estabelecidas pelos historiadores austeros e um dos seus maiores prazeres consiste mesmo em apear do pedestal certas figuras aureoladas pela gloria dos seculos. Mas não é bem assim no caso de agora. Esta Carlota Joaquina, cujos escandalos o sr. Assis Cintra se pôz a revolver, não desfrutou nunca de muita sympathia por parte dos estudiosos do Brasil colonia e, remexendo-lhe nas fraquezas ou nas torpezas, o nosso chronista não fez senão aproveitar habilmente argumentos historicos de Moreira de Azevedo, Clemente de Oliveira e outros.

Tristão de Athayde — **Estudos** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

E' a quinta série de uma obra de cultura e pensamento destinada a perdurar em nossas lettras. Tendo sido neste paiz o verdadeiro iniciador de uma critica litteraria á moderna, desde que appareceu com os bellos estudos sobre Affonso Arinos, o sr. Tristão de Athayde continúa a ser, mão grado as suas occupações de ordem pratica, um desinteressado servidor do espirito nacional. Ninguem se dá mais, e com mais fervor, ás coisas da intelligencia. E esta nova collectanea de ensaios mostra-o egualmente preoccupado com os livros do Brasil e do estrangeiro, provando a universal curiosidade, e a irresistivel força assimiladora de um homem a quem nada é indifferente nos dominios da litteratura ou da sociologia.

Mario Gameiro — **O professor Bulhões Pedreira** — Typ. São Benedicto — Rio, 1933.

O advogado sr. Mario Gameiro é um espirito de extrema combatividade e todos quantos lidam em nosso fôro conhecem a sua desabusada independencia de attitudes. Trabalhando ao lado do sr. Heitor Lima, ligou elle o nome a brilhantes defesas criminaes e as revistas do Rio lhe tem divulgado trabalhos reveladores de uma cultura juridica realmente incommum. Quanto a este seu opusculo de agora, é de um caracter accentuadamente pessoal. Reaffirme embora os dons de vehemente polemista que ha no sr. Mario Gameiro, foge de todo á imparcialidade que nos cumpre manter em debates dessa ordem, forçando-nos a ir pouco além de um simples registo bibliographico.

Bang Fowler — **Os 4 Diabos** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1934.

E' a novellização, feita por Guy Fowler, de um enredo de Herman Bang. Todos se lembram do exito mundial obtido pela fita cinematographica onde evoluiam quatro acrobatas em que as platéas enxergavam uma agilidade verdadeiramente diabolica. Janet Gaynor era a principal personagem do filme e o encanto dessa notavel actriz como que perdura nas paginas de agora, conscienciosamente transportadas á nossa lingua pelo sr. Raphael Tobias Paes Leme.

Charles Richet — **O que é indispensavel saber sobre assistencia aos feridos de guerra** — Trad. de Eng. Penna — Ariel, editora ltda., Rio, 1933.

Em seu prefacio, o dr. Fernando Magalhães accentúa tratar-se de um livro util ás enfermeiras, pela sua "orientação feliz e original". Charles Richet, bastante conhecido pelos multiplos dons de publicista, é tambem um attento estudioso das questões de biologia e estas lições, agora traduzidas para a nossa lingua, desenvolveu-as elle durante a grande guerra, na Cruz Vermelha de Paris. A obra divide-se nas seguintes partes: os antisepticos, os anesthesicos, os alimentos, a hemorrhagia, a febre e a asphyxia.

Alberto Hecksher — **Fogueira sentimental** — Typ. S. Benedicto — Rio, 1933.

Deve ser ainda muito novo o autor destes versos e em tudo quanto diz percebe-se-lhe a extrema juventude. Seus motivos predilectos são aquelles em que se inspiram quasi sempre os nossos patricios na edade lyrica por excellencia: o amor, o desejo e, em seguida, uma especie de prematura saciedade carnal. Esquivando-se a acompanhar os modernistas, vaza ainda as emoções na velha fórma do soneto e, mesmo repetindo os eternos logares communs da volupia ou do tedio, não deixa de inspirar-nos certas sympathia pelo que já escreve e ainda maior confiança no que virá a escrever.

Menotti del Picchia — **O despertar de São Paulo** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Mais um livro do admiravel poeta das *Mascaras*. E' em prosa e põe em relevo, ainda uma vez, as glorias paulistas, desde a semeadura de almas de Piratininga, feita pelo grande jesuita das Canarias, até as esplendidas colheitas de progresso e civismo da Paulicéa de hoje. Soccorendo-se da ficção, mas sempre com apoio na realidade, o sr. Menotti del Picchia realiza aqui uma finissima obra de arte, sem patriotadas gongoricas e sem se restringir á exploração de um localismo demasiado estreito.

"Tuberculose"

Nasce sob os melhores auspicios este novo orgão da Sociedade Brasileira de Tuberculose, um grosso volume em que se condensam todas as actividades scientificas da conceituada associação medica durante o biennio 1931-1932. Aliás, outra cousa não se podia esperar quando vemos á frente de tão util realização os nomes dos professores Antonio Fontes e Clementino Fraga, cercados de todo um grupo de discipulos de escól, com trabalhos e tirocinio clinico que já os impuzeram no dominio da mesma especialidade. Assim, no volume ora dado á luz, avultam valiosas contribuições de Engenio de Almeida Magalhães, Bentes de Carvalho, Oton de Moura, Ary Miranda, Alexandre Stockler, Alberto Renzo, Hamilton Nelson e muitos outros, fazendo dessa publicação um repositorio riquissimo de preciosos informes para o melhor conhecimento e mais efficaz combate da terrivel peste branca, um dos flagellos da humanidade.

Alvaro de Carvalho — *Influencia da mulher na evolução da medicina* — "Era Nova" — Bahia, 1933.

Nesta conferencia desfilam as creaturas do outro sexo que trabalharam pelo progresso de uma sciencia tão discutida e controvertida sempre. Não falta ao volume a nota anecdotica e a citação erudita é intelligentemente adoçada por um ou outro detalhe malicioso em que se sente a flexibilidade mental de um bom chronista talvez extraviado nas lides da medicina

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

ARIEL EDITORA LIMITADA

LETTRAS e ARTES e SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Março 1933 - N. 6 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A proposito dos primeiros épos escriptos no Brasil

UM dos curiosos enigmas da historia de nossa litteratura vem a ser a fixação da personalidade de um dos vates coloniaes, o unico que documentadamente celebrou a epopéa bandeirante: Diogo Grasson Tinoco, ou mais provavelmente, Diogo Garção Tinoco, cantor da gloria de Fernão Dias Paes.

Do seu épos salvaram-se quatro unicas estrophes escapas ao olvido graças a Claudio Manuel da Costa, que houvera de Pedro Taques, provavel senão certamente, a copia do poema. São as mesmas que Vilhena transcreveu nas suas Cartas Soteropolitanas.

Seria brasileiro ou portuguez este nosso épico primevo? Ninguem até hoje conseguiu destrinçar o caso que a diversos historiadores de nossa litteratura, como F. Wolf, João Ribeiro, Arthur Motta, entre outros, impressionou.

Affirma Pedro Taques, aliás, que um segundo poeta, certo Domingos Cardoso Coutinho, tambem cantou as façanhas de Fernão Dias Paes. Mas deste e de sua poesia nada absolutamente se sabe, ao que parece.

Resumi o que sobre o assumpto ha, em meu livro Escriptores coloniaes, cuja leitura provocou por parte do Dr. Ignacio Cesar, erudito e distincto cultor da antiguidade paulista, curioso communicado.

Declarou o Dr. Cesar que na documentação dos Inventarios e testamentos, do Archivo de S. Paulo, acreditava achar elementos para assegurar que Diogo Garção Tinoco era paulista e filho de bandeirante.

Ora, assim sendo, constituiria tal affirmativa a noticia de uma descoberta de importancia. Era mais uma preciosidade desvendada pelos Inventarios.

O exame mais detido dos argumentos allegados levame, porém, a acreditar que ainda desta vez se não removerá o nimbo, envolvedor da personalidade de Diogo Garção Tinoco.

São estas as allegações do Dr. Cesar: ouviu, ha vinte e cinco annos, do eminente sabedor das coisas de S. Paulo que era Antonio de Toledo Piza o seguinte: "o poeta Diogo Tinoco era filho de Piratininga, esposo ou filho de Maria Tinoco, cujo inventario elle, Piza, vira no Archivo do Estado de S. Paulo, que dirigia". Este communicado levou o Dr. Cesar a identificar o épico de Fernão Dias Paes com o Diogo Tinoco citado nas paginas dos Inventarios e Testamentos. Assim a seu ver.

"O poeta Diogo Garção Peneda Tinoco" vinha a ser filho de Diogo Peneda e Maria Tinoco ou Pedroso (Inventario não publicado no Maço 20 do Archivo do Estado de S. Paulo).

A proposito de Diogo Peneda ministra o Dr. Cesar diversos dados: foi soldado da bandeira de Nicolau Barreto, em 1603, e teve, além do homonymo seu, outro filho por nome Pantaleão Pedroso. Ao mesmo tempo indica muitos dos seus parentes, e faz referencias a diversos outros Tinocos cuja origem aponta.

Descobriu ainda que um Diogo Tinoco serviu, muito joven ainda, como soldado de uma bandeira de Fernão Dias Paes, 1645.

A base principal das allegações do Dr. Cesar provém do exame do inventario de Maria Tinoco e a referencia do volume XXVII, pag. 228, dos Inventarios e Testamentos. Para elle não póde haver duvida de que Diogo Peneda Tinoco é o mesmo Diogo Garção Tinoco, do épos de Fernão Dias Paes.

Vejamos, porém, per summa capita, o valor deste argumento: já, á primeira vista, a dessemelhança dos nomes, consideravel, mostra-se forte indicio de que a identificação se torna arriscada.

Como se poderá, por exemplo, ao escrever a historia parlamentar do segundo Imperio, affirmar que Pedro Luiz Pereira de Souza e Pedro Luiz Soares de Souza eram uma e unica pessoa?

Recorrendo á citação do Dr. Cesar, vejo que se trata de um depoimento. Nelle declara Diogo Peneda Tinoco que, em 1681, contava oitenta e sete annos de idade. Nascera pois em 1594.

Assim, em 1645, tinha cincoenta e um annos e não podia ser o "muito joven soldado da bandeira de Fernão Dias Paes". Mais moço do que elle quatorze annos era o "Governador das Esmeraldas", nascido em 1608.

Outro argumento contra a asseveração do Dr. Ignacio Cesar: Morreu Fernão Dias Paes no sertão em 1681 e o seu glorificador compôz-lhe a epopéa depois de tal data certamente. A este respeito não póde haver duvida, pois uma das quatro estancias conhecidas, a IVª, refere-

se á venda das joias da mulher e das filhas do bandeirante para que com o seu producto se custeasse a ultima expedição esmeraldina. Foi esta estancia escripta portanto numa época em que Diogo Peneda Tinoco tinha pelo menos oitenta e sete annos de idade! Será admissivel tal circumstancia?

Affirma ainda o Dr. Cesar que o poeta se chamava de seu nome todo Diogo Peneda Garção Tinoco. Convirá que aponte onde encontrou tal assignatura.

Diogo Peneda Tinoco é personagem bem nosso conhecido. Por diversas vezes lhe avistámos o nome nos documentos municipaes paulistanos como, por exemplo em 1633, anno em que tomou parte num meeting para a expulsão de um "omem de roin boqua" morador da villa. O pae, já em 1608, figura como almotacel de S. Paulo.

A cada passo a calligraphia seiscentista desfigura as assignaturas; é difficil dizer-se se este Diogo Tinoco era Penedo, Peneda ou Pereda. Quer-me parecer que devia ser Pereda.

Houve em S. Paulo seiscentista um Diogo Porrate Penedo, republico dos mais prestigiosos. Talvez fosse parente do outro Diogo Penedo ou Pereda.

Mas dahi a affirmar-se que qualquer delles possa ser tomado como o autor do épos esmeraldino vae grande distancia.

Assim me parece que a affirmação do Sr. Dr. I. Cesar exige mais extensa base antes de poder ser tida como indiscutivel.

Quanto a Domingos Cardoso Coutinho, o outro aédo cuja lyra tambem glorificou a epopéa esmeraldina, quem delle nos dará alguma noticia, além da insignificante menção que Pedro Taques lhe consagra?

AFFONSO DE E. TAUNAY.

TRAGEDIA BRASILEIRA

Leolino, funccionario da Fazenda, com 63 annos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa, — prostituida, com syphilis, dermite nos dedos, uma alliança empenhada e os dentes em petição de miseria.

Leolino tirou Maria Elvira da vida, installou-a num sobrado no Estacio, pagou medico, dentista, manicura, dava tudo quanto ella queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de bocca bonita arranjou logo um namorado.

Leolino não queria escandalo. Podia dar uma surra mãe, um tiro, uma facada, não fez nada disso, só que mudou de casa.

Viveram tres annos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Leolino mudava de casa.

Os amantes moraram no Estacio, Rocha, Cattete, rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Successo, Villa Isabel, rua Marquez de Sapucahy, Nictheroy, Encantado, rua Clapp, outra vez no Estacio, Todos os Santos, Catumby, Lavradio, Bocca do Matto, Invalidos.

Por fim na rua da Constituição, onde Leolino, privado de sentidos e de intelligencia, matou-a com seis tiros e a policia foi encontral-a cahida em decubito dorsal, vestida de organdi azul.

MANUEL BANDEIRA.

ELLES

E Eduardo Navarro contou:

"Elle atravessou tranquillamente a multidão de cadaveres e feridos disseminados na grande praça, entre vivos que fugiam.

Como outróra, em Sevilha, no sonho de um Karamazoff, Elle não se distinguia dos demais homens. Roupas vulgares cobriam o seu corpo. A não ser seus gestos tranquillos no meio do grande panico, nenhuma differença existia entre Elle e o mais humilde dos homens em fuga.

Sua mão branca tocou o hombro de um sub-official que fazia fogo de metralhadora contra a multidão:

— Por que fazes isto?

O sub-official fez o gesto de saccar o revólver. Deante da serenidade sobre-humana dos olhos do intruso, interrompeu o gesto e respondeu baixando os olhos:

— Recebi ordens, senhor.

— E por que obedecer ordens para matar seus irmãos?

— Sou soldado ha dez annos. A disciplina manda que se obedeça sem discussão.

Elle atravessou o corpo de um soldado cahido junto á metralhadora e voltou á praça, só povoada de cadaveres e feridos.

O ruido das metralhadoras crescia nas ruas da cidade. No fundo da praça, junto a um monte de cadaveres e agonisantes, Elle encontrou um homem bello e triste.

— Não temes a morte?

— Não a posso temer, senhor. Como vós eu sou inaccessivel aos engenhos de morte dos homens.

— Ha perto de dois mil annos eu não te via. Eu estava pregado numa cruz e dizia a ELLE: "Perdoae-lhes, SENHOR, elles não sabem o que fazem." Surgiste nesse instante em minha frente e disseste: "Elles são a lepra da Terra, o mais damninho e o mais immundo dos inventos do Demiurgo".

Que fazes entre os vivos, Grande Revoltado?

— O mesmo que fazeis, Senhor, constato a inutilidade dos nossos esforços para tornal-os bons. O HOMEM E' UMA EXPERIENCIA QUE FALHOU. E' o mais damninho de todos os inventos do Demiurgo. Sua maldade contaminou todas as cousas da Terra.

— Que poderiamos fazer ainda, ó tu que és Grande entre os Grandes, mesmo Grande na Revolta?

— Eu me revoltei porque ELLE poz na Terra linda, que eu criei, essa lepra incuravel que é o homem. Que se cumpra a Lei d'ELLE: "Quem destróe, será destruido". Que o immundo invento d'ELLE volte ao Cahos. E que a Terra, a Terra que eu criei, purificada, seja dada a ELLE, como o eterno signal de paz entre nós TRES."

DEABREU.

TRISTÃO DE ATHAYDE — ECONOMIA PRE-POLITICA — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1932.

Ensaio de um sociologo e de um crente que, na mutabilidade de vida humana, distingue sempre a persistencia dos bons sentimentos familiares. Tradicionalista em materia de economia, o sr. Tristão de Athayde, que é hoje um dos grandes nomes das nossas lettras, não esquece nunca, em suas cogitações, o relevo dos factores moraes e, mão grado a opinião dos reformadores vermelhos, proclama que, sem o respeito da familia, elemento nuclear de tudo, o homem do arranha-céo ficará abaixo do proprio selvagem da taba ou da cubata.

DUAS CONVERSÕES

Em todos os tempos e em todos os paizes, onde quer que se ajuntaram homens appareceu o apostolo, o prégador, o propheta; e a historia nos ensina como as multidões fascinadas seguiram irresistivelmente aquelles ineffaveis propinadores de filtros lethargicos e insidiosos. Hoje que a chamada época scientifica ou racionalista não comportaria santos nem prophetas o papel de evangelisadores está reservado aos philosophos, que já não falam como antigamente para as massas — estas teem mais que fazer occupadas como andam em derrubar thronos, subverter instituições, fazer e refazer leis e satisfazer appetites seculares — mas para auditorios restrictos em salões dourados de institutos e academias, ou no silencio illustre e no recolhimento das bibliothecas.

No numero desses modernos illusionistas do pensamento metaphysico se inclue agora o eminente Henri Bergson, cuja obra mais recente, *As duas fontes da Moral e da Religião,* se annuncia como o prologo sensacional de uma das grandes conversões dos tempos modernos. A outra, de mais fresca data, é a do sr. André Gide ao credo bolchevista.

O autor de *Evolução Creadora* emerge bruscamente da meia sombra a que parecia ter-se condemnado depois da publicação do seu grande livro, ha talvez vinte e cinco annos passados, para lançar ao mundo contemporaneo um appello angustioso, que sôa como um brado de alarme. A civilisação industrial, o progresso mecanico, o predominio do materialismo grosseiro que caracterisa a época actual enchem-no de sustos e apprehensões. Para conjurar a catastrophe, Bergson préga-nos o retorno ao espiritual, não propriamente pelo repudio da civilização mecanica mas pelo consorcio da intelligencia e do sentimento, da vontade e da fraternidade, das doutrinas estaticas e das religiões dynamicas. Uma disciplina mystica, em summa, é a mensagem messianica e o milagroso presente que este novo doutor seraphico offerece ao homem moderno.

*

Sem duvida, a evolução da humanidade nem sempre se processou por uma directriz ascensional rectilinea. Obra humana, transitoria e imperfeita, o progresso tem-se operado por oscillações bruscas e intermittentes, com alternativas de avanços e recuos, excessos, desregramentos, desvios, depressões, quédas. Produziu-se assim necessariamente no organismo social uma monstruosa deformação que bem poderia ter assumido neste momento o seu aspecto mais temeroso. No dominio moral, já não temos a moral antiga e ainda não temos a nova moral, que ha de substituir aquella. No espiritual, é facto notorio que o ideal religioso não acompanhou a evolução da humanidade e que em todo caso já não satisfaz as aspirações do homem moderno. Vivemos em uma época — para servir-me do qualificativo de Bergson — aphrodisiaca, em que as exigencias dos sentidos genesicos se exercem com caracter de verdadeira obsessão. O progresso da mecanica trouxe uma superfetação dos instinctos grosseiros, creando necessidades artificiaes de luxo e conforto e desviando o homem dos caminhos da natureza e da simplicidade primitiva. O augmento crescente da população do mundo, a necessidade de novos escoadouros, a carencia de materias primas, a desigual repartição das riquezas entre os homens e as nações, constituem outros tantos perigos que ameaçam a ordem social e a estabilidade das instituições humanas. Tem-se a impressão que nada deva bastar a satisfazer tantos appetites contradictorios e que o mundo se encontra hoje diante deste dilemma: despotismo ou anarchia. Que longe estamos da época em que a Grecia proclamava a harmonia do Cosmos, glorificava a vida humana dignificada pelo saber e pelo heroismo e fundava a civilização racional baseada na sciencia e na preexcellencia das élites.

*

Mas não é menos verdade que o homem moderno, liberto emfim de preconceitos seculares, vai dia a dia adquirindo a consciencia de que o seu drama começa e acaba na terra, que para resolver os seus problemas essenciaes a humanidade não póde contar sinão comsigo mesma, e que é de si mesma, da sua propria substancia, que ha de tirar a therapeutica para as suas crises, os seus desacertos, as suas attribulações, os seus infortunios.

Diante dos nossos olhos, que nem sempre sabem discernir com clareza, um mundo novo está se refazendo sobre as ruinas do antigo, decrépito e corroído. O problema religioso, pelo menos para a Europa e os paizes mais adeantados, cessou de ser um problema; a éra aphrodisiaca de Bergson, si não passou — e em certos paizes não passará tão cedo — tende a desapparecer gradualmente graças a um regimen que um novo estado de cousas estabelecerá para os sêres com a emancipação legal e effectiva da mulher. Finalmente o problema economico, o mais grave, o mais complexo e o mais difficil de todos, tornou-se já agora um problema internacional em cuja solução está empenhada a humanidade solidaria, porque é evidente que dessa solução depende a sua existencia no planeta. Na imminencia do perigo, o animal homem sente renascer-lhe no fundo da consciencia o velho instincto gregario, e como o seu irmão irracional, procura soffregamente na querença e no conchego o elemento vital capaz de restituir-lhe a coragem e a confiança, que lhe vão faltando.

*

E' evidente que alguns desses problemas não serão resolvidos sem abalos profundos e violentos no organismo social porque taes soluções serão impostas por uma necessidade ineluctavel superior á vontade humana e não, como fôra desejavel e como quer Bergson, pelo consorcio exclusivo da intelligencia e da fraternidade. A primeira, como força individual isolada, de pouco ou nada tem valido para conjurar as grandes crises sociaes. Quanto á segunda, é forçoso reconhecer que sobretudo depois da inquisição e dos autos da fé, para não citar exemplos mais recentes, a noção de fraternidade humana, com perdão da palavra, cheira a chamusco.

Mas em summa, o que importa é que taes problemas sejam resolvidos, é que estão sendo e serão resolvidos na terra, humanamente e sem a intervenção de doutrinas metaphysicas ou esotericas incompativeis com o estado actual da cultura. Dogmas, theorias, systemas, não conseguiram jamais desviar o curso fatal dos desti-

"Thérèse Desqueyroux chez le docteur"

O pâle Ophelia, belle comme les neiges
— Oui, tu mourus enfant, par un fleuve
[emportée.
C'est que les vents tombants des grands
[monts de Norvège
T'avaient parlé tout bas de l'âpre liberté!

(Rimbaud).

Lembro-me da gare de Nizan, naquella escura noite em que Thérèse Desqueyroux contava as horas que ainda a separavam de Argelouse; da esperança com que o seu coração mordido, imaginava o perdão daquelle inflexivel Bernardo, e com o perdão, a libertação e a paz. "*Je comprends maintenant; lève-toi; sois pardonné.*" Não se lembrava naquelle instante que elle "pertencia á raça céga, á raça implacavel dos simples." E que os simples são essas creaturas terriveis que nunca comprehendem e se julgam infalliveis nos seus fataes julgamentos.

Dahi em deante todos se lembram da sua tragedia. Esse sêr que vive no indeterminado, cuja alma é um grande esforço inacabado da Natureza, pertence a uma outra humanidade, em que Deus pôz algumas das suas virtudes mais altas, e de quem por isso talvez retirou as suas complacencias. São os judeus do espirito. Vivem na incerteza e na mudança illusoria das viagens. O amor não passa para elles da tentativa, não pode passar nunca da tentativa. E como uma grande, excepcional e incompleta creatura, têm os braços vigorosos mas as mãos mutiladas, e agitam incessantemente uma aza inutil.

Thérèse Desqueyroux atira-se contra as suas paredes. Em pouco, a intensão de liberdade apaga-se na luta inutil, e ella é um sêr que se agita por agitar-se, como um insecto que se debate com as azas presas. O que está no seu caminho, ella empurra como se afastasse um obstaculo imaginario. E é assim que os potes de digitalina vão envenenar o pobre e monstruoso Bernardo. E' assim que a imagem de Azévédo lhe entreabre um novo sonho de liberdade, que ella parte, que uma grande incerteza lhe revela de novo as azas presas, e que ella fica, naquelle *trottoir* vago da cidade, onde a sua grande e miseravel natureza se dissolve na multidão que é numero só.

Pois agora, em *Candide*, a 12 de janeiro, ella nos reapparece depois desses annos todos de perdida existencia, em que a seu lado tantos sêres terão passado, uns julgando-a louca, outros uma criminosa, outros uma vaga mulher das Landes que uma tragedia domestica de provincia atirára ás calçadas da Cidade. Quantas vezes o nosso pensamento a acompanhou durante esses annos. Grande Thereza, que Deus fizera para voar noutros ares, e que caiu no duro chão em que os virtuosos aperfeiçoam os seus passos, com as azas desmedidamente abertas. Quem poderá vêr que a sua alma differente das chaves banaes da virtude, buscava em si mesma a medida?

— Temos de novo sob os olhos o seu coração suffocado. E numa hora angustiosa como essa que o episodio nos revela, a sua alma procura, ainda uma vez, em outra, a salvação e a ordem. Pois é o destino destas almas damnadas não se convencerem que a Natureza as fechou e cegou em si mesmas, e procurarem fóra de si, nas outras almas, apoio e liberdade. Thérèse Desqueyroux procura no dr. Schwartz essa alma, que na gare de Nizan, naquella noite tempestuosa de ha tantos annos, ella procurava achar em Bernardo. Essa alma que a sua espera como uma porta, e que nem Azévédo, nem este Phili que agora nos apparece, conseguiram abrir ao seu carcere. E ainda uma vez se repete, não mais como no dialogo frio e mortal de Argelouse, mas com a desvairada furia de quem já vê na incomprehensão um anáthema, aquella surdez do simples aos soffrimentos do desviado. Bernardo vira nella uma assassina sem odio. O doutor Schwartz vê nella o caso psychiatrico, a mulher morbida a libertar de um complexo que se ennovelara na sua mente. — "*Vous faites semblant de vouloir guérir l'âme, et vous ne croyez pas à l'âme...*"

A alma, essa não são os racionaes nem os simples que a conhecem. Estes são pobres creaturas que se contentam com a sombra, com a *fórma* de uma realidade que os seus habitos lhes apresentam. Aquelles não a conhecem. A alma é sangue e lama nos corações que se torcem entre as sentenças e as opiniões do mundo. Mas esses corações têm o destino fatal e implacavel, de não se reconhecerem quando se encontram. Como saberia Thereza que emquanto cahia a sua historia nos ouvidos surdos do doutor, ouvia-a na escada, uma alma gemea, a dessa Catharina Schwartz, que a recolheria no amôr e na comprehensão do drama, pois que os seus olhos na sombra se escancaravam. Mas Thereza não vê Catharina. Esta lhe toma das mãos a droga. Põe-lhe o chapeu, agazalha-a levantando a gola do casaco. Thereza parte, com os olhos parados e inertes. E deante da implacavel sentença do simples dr. Schwartz, Catharina accorda para a comprehensão da grande solidão da sua alma. "*Il m'a fallu vingt années... mais enfin, c'est fini! Je suis délivrée, Elis, je ne t'aime plus.*"

Mauriac nos abandona de novo Thérèse Desqueyroux numa vaga calçada, onde o seu coração caminha entre grossas cordas de chuva que cáem do céu. Deixa porém a passos della, mas separada por muros agora perdidos, outra Thereza, essa Catharina Schwartz que talvez como outr'ora Thereza á passagem de Azévédo, acordou para um sonho irrealizavel de liberdade e de creação de si mesma. Sonho que nenhum dos da sua raça abandonará nunca. Porque abandonal-o seria perder a razão de existir. Embora todos saibam que elle só leva para as aguas onde boia e desapparece Ophelia.

San Tiago Dantas.

---

nos humanos, e não é certamente a nova mystica bergsoniana que ha de restaurar na terra a éra dos milagres.

Como quer que seja, não deixa de offerecer um singular contraste, signal dos dias confusos e contradictorios que vivemos, esta dupla adhesão recente de dois espiritos dos mais illustres dos nossos tempos, Henri Bergson — ao mysticismo, e André Gide — ao bolchevismo.

Alberto Ramos.

Alberto de Oliveira — POESIAS ESCOLHIDAS — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1933.

Bem attrahente esta formosa collectanea prefaciada pelo sr. Jorge Jobim, fervoroso discipulo do poeta das *Meridionaes*. A selecção é em geral das mais perspicazes, sendo apenas de lamentar que o anthologista désse um certo predominio ao Alberto de Oliveira pantheista ou pensador sobre o Alberto de Oliveira lyrico e ingenuo dos melhores tempos. Sim, qualquer que seja o criterio adoptado no caso, não nos parece completo um florilegio do mestre em que não figurem as puras maravilhas que são as *Tres formigas* e o *Por amor de uma lagrima*.

Realidade e Poesia

Numa encosta dos Alpes Leponcianos, nesse delicioso Tecino onde a formosura do ambiente só na amenidade do clima pode ter similitude, vive uma nobre figura de poeta e pensador a quem o destino reservou a mais ambicionavel das carreiras. A casa, que elle mesmo fez erguer com as pedras da região, adornando-a desses marmores alvos e macios que alli não escasseiam, emerge da escura grenha de copados castanheiros, debruçada sobre o abysmo, no flanco da montanha, do alto de seu pedestal rugoso de rochas seculares. Em baixo, na verde concavidade do valle proximo, scintilla, perpetuamente, o lago azul. E quando, pela manhã doirada, abre o artista as sete janellas do seu quarto, em meio á chilreante alacridade que desce do arvoredo, a primeira belleza em que se lhe embebe a pupilla repousada vem dessas aguas tranquillas, que lá no fundo da grota immensa largamente se espreguiçam.

Quem é esse nababo da sorte, esse venturoso senhor de tão rara beatitude? Não ha difficuldade em dizel-o. Porque elle mesmo o fez, num livro singular, o mais interessante, talvez, de quantos lhe brotaram da penna inestancavel, ensaiando assim sobre o seu proprio eu e a sua propria vida o methodo que empregara na evocação e no estudo de tantas outras existencias magnificas. Com effeito, Emil Ludwig, pois é delle que se trata, depois de reanimar com paciente exactidão e aguda perspicacia algumas sombras historicas do passado e do presente, taes como o perfil imperial de Bonaparte, o gigantesco punho bismarckeano, a serenidade olympica de Gœthe ou as indecifraveis feições desse Kaiser enigmatico, em quem vislumbrou Euclydes da Cunha um "neto retardatario das Walkyrias", — deu-se á agradavel tarefa de descrever para o publico, em paginas de innegavel seducção, os seus sonhos e os seus amores, os seus anceios e as suas glorias, a sua ardente juventude de dramaturgo incipiente, a sua fecunda maturidade de publicista acclamado, a sua furia demolidora de pamphletario iconoclasta, o seu humanitarismo e o seu pacifismo, os estos do seu genio poetico, a sua irrequieta curiosidade de "caçador de caracteres humanos".

Chama-se a obra, e não sem propriedade: — *O mundo tal qual o vi*. Mas, a despeito do attractivo do titulo e dos encantos que encerra, não será das que mais se accommodem ao commum paladar dos leitores. Para afugental-os ou desde logo enfastial-os, ha, em primeiro logar, a desmesurada extensão. Depois, nas suas quatrocentas e tantas paginas "in-octavo" de cerrada composição, o texto é, por vezes, digressivo e, não raro, atravancado. O autor, bem entendido, sabe narrar, evocar, pintar. Ninguem como elle para fixar com duas ou tres pinceladas, cheias de luz e de côr, a fugitiva poesia de uma alvorada, ou a graça de um sorriso, ou a expressão de um olhar; ninguem como elle para esboçar a largos traços a robusta silhueta de um estadista ou a rude catadura de um guerreiro; ninguem como elle para destrinçar na trama viva das idéas, dos sentimentos e dos factos as directrizes typicas de um cerebro, de uma época ou de um povo. Mas, nesse admiravel trabalho de investigação, de resurreição e de critica, muitas vezes toma o philosopho o passo ao erudito, e ao historiador se sobrepõe o poeta, e o poeta faz esquecer o polemista. De tal sorte que o livro tem o caracter embryonario de um vasto "*potpourri*", onde se accumulam e succedem, aliás deliciosamente, os mais variados themas e as mais diversas notas, como sejam reminiscencias da infancia, aventuras de amor, viagens, paizagens, anecdotas, confissões, triumphos litterarios e entrevistas politicas, tiradas philosophicas é digressões scientificas.

Abra o leitor o volumoso tomo. Ao seu encontro virá, do fundo do passado, o doutor Hermann Ludwig Cohn, pae do autor e afamado oculista de Breslau, que no seu consultorio do "*Stadgraben*", deante de alguns discipulos attentos, dextramente examina e medíca os olhos enfermiços dos clientes. A fronte alta, amplificada pela ausencia dos cabellos; os oculos de ouro, esquecidos, não raro, sobre a testa; as largas barbas grisalhas, derramadas sobre o peito — denunciam nelle, inconfundivelmente, o professor e o sabio de outra geração. E mais pelo expressivo do nome do que pelos traços do semblante, revela o doutor Cohn a ascendencia israelita. Quanto ao mais, um espirito desabusado, uma indole autoritaria e violenta, um caracter inflexivel e rusguento, uma perfeita bôa fé apostolica. Até o termo da existencia, effectivamente, os postulados da hygiene e os preceitos scientificos concernentes á sua especialidade terão no doutor Cohn o mais ardente e tenaz dos propagandistas, desses que, inflammados pela crença, que apregoam, não conhecem no seu zelo proselytico conveniencias, remissões ou fraquezas. Um dia, num wagon-restaurante, vendo um ancião de basta e alva cabelleira levar aos labios um copo d'agua, de onde tirara as rosas que alli se perpetuavam, exclamou:

— Peço-vos perdão, mas na presença de um velho medico não bebereis esse caldo de cultura.

— Mas eu tambem sou medico!

— Então é que pertenceis á escola antiga. Quanto a mim, tive por mestre Virchow.

— Elle sempre me deixou beber o que bem me appetecesse.

Era Ernesto Haeckel. Ambos desataram a rir.

O filho do doutor Cohn, bem que mais imaginativo e não menos assomado do que o pae, não lhe herdará, entretanto, a vocação scientifica. Guardará delle, porém, o genio insubmisso e o fogoso temperamento vulcanico. Aos vinte e poucos annos, forma-se em direito. E talvez porque viva cheio de aspiração litteraria, e cultuando muito mais as musas do que os codigos, e fascinado, além disso, por essa extranha coisa que se chama gloria, hesita quanto ao rumo a seguir. Decide-se o filho por um alvitre intermedio, indo ter com um tio opulentissimo, que possue ricas minas de carvão na Allemanha oriental. Este o admitte entre os seus collaboradores. E não erra na escolha. Porque o rapaz, que parecia não prestar para nada, surprehende a quantos o conhecem com a revelação de extraordinarias capacidades praticas. Eil-o, pois, no alto posto de director de minas. Enche-se-lhe a bolsa de dinheiro e, numa calma

successão de dias placidos, docemente lhe decorre a existencia regalada. Todavia não é feliz. Pesa-lhe aquella fartura, entedia-o aquelle fastidioso entretecer de interesses materiaes. Uma voz interior, que não se abafa, quebrando-lhe a quietude do coração, compelle-o a outros e subidos feitos, mais compativeis com os desejos secretos da sua alma e as altas inclinações do seu espirito. Extranha incongruencia do destino! Vê o poeta florir, esplendidamente a sua actividade: vê opulentar-se cada dia a safra proveitosa do trabalho. E, entretanto, sente-se deslocado na esphera em que se agita, como se bracejasse, inutilmente, na esterilidade do vacuo. O contraste é por demais angustiante para subsistir por longo tempo. Uma crise vae estalar naquella vida. Facilitou-a um facto occasional.

A' sombra de immenso chapéu, desses que só não constituem erro nas cabeças maiores de trinta annos, vislumbrou o poeta uns olhos de ouro fôsco, vivos e perfurantes como os do falcão, e esses olhos o fascinam. Já para elle a dama, que os possue, não é uma simples rapariga de vinte annos, adoravelmente modelada sob um lindo vestido côr de malva: é, mais que isso, a propria Diana caçadora, vinda do Olympo num passo agil e alongado, o perfil luminoso e perfeito, semelhante ao de Izabel d'Este, tendo á flor dos labios um sorriso alvorescente, o sorriso "do dansarino que ouve soar os acórdes habituaes" ou o da nympha perdida na floresta, "ao escutar de novo o murmurio da fonte predilecta". Difficilmente resistiria um mortal ao encanto de semelhante apparição. E alguem que acaso o fizesse, não seria nunca o alvoroçado sonhador. Porque este, que já uma vez, outrora, quasi succumbira ao prestigio daquella mesma e extranha formosura, fôra agora, pressurosamente, ao seu encalço, num instinctivo movimento de imperiosa inclinação.

Feliz o que sabe, chegada a hora da escolha definitiva, eleger para esposa e companheira quem o comprehenda e possa ser comprehendida. Teve o poeta esta fortuna. Escolhendo aquella, que lhe parecera a propria Diana, escolheu a felicidade. Porque, além dos attributos divinos, que lhe emprestava a exaltação do namorado, tinha realmente a eleita do seu coração as supremas virtudes terrenas da bravura, da intelligencia e da graça. Mas, quem era ella? De onde surdira, esculptural e serena, com esse encanto harmonioso de deusa, fatal a quem o vê? Nascida nas longinquas terras d'Africa, á beira do oceano Indico, do consorcio de uma discreta escosseza com um solido mecklemburguez, o espirito se lhe educara na escola de Platão e o corpo na disciplina de todos os esportes. Amiga por egual da realidade e do sonho, apprendera a conhecer o mundo e a devassar as almas, com o seguro equilibrio de quem não extravaga, nem por excesso deturpador da fantasia, nem por estreito rigorismo do criterio objectivo. Duas paixões, sobretudo, a dominavam: a do sol, o grande colorista, que tinge nos prados as corollas trescalantes, e a do mar, o grande voluptuoso, que oscula sob as ondas as formas puras das nereidas.

Enlaçou-a o poeta. E ainda antes que as formalidades officiaes viessem legalizar aquella união santificada pelo amor, já o casal de namorados, fugindo á civilização e ao mundo, ia abrigar-se ao seio virgem da montanha, lá nessa região paradisiaca do lago Maior, onde o céu de cristal raramente se conturba e o loiro sol das madrugadas festivas nunca esgota o seu carcaz de doces flechas luminosas. Adeus, portanto, negro asphalto de Berlim! Adeus, lucrativos negocios de carvão! Vida mundana, adeus! Adeus, mentiras e convenções sociaes, que só servieis para polluir e seccar as fontes da inspiração! Prometheu desencadeou-se do rochedo! O poeta é livre, ama, e trabalha na solidão.

Ha vinte e sete annos que dura esse labor. Da sua fecundidade e da excellencia dos seus fructos, dil-o com precisão a messe dos volumes e a cifra das edições, que se numeram por milhares. Cêrca de cincoenta tomos, muitos dos quaes traduzidos em quasi todas as linguas cultas, sem contar os artigos de jornal e de revista, espalhados pelo mundo, constituem a copiosa producção do artista infatigavel. E ha de tudo alli: poemas, dramas, comedias, bailados, romances, biographias, criticas, historia, sciencia, arte, philosophia, religião. O escriptor não impõe limites á veia turgida da inspiração: tudo lhe é pretexto para o trabalho creador. Como certos mestres do pincel, que não attentam jamais na qualidade da tela e tanto pintam sobre o panno ou sobre o zinco, sobre um cartão ou uma tabua, assim tambem tudo lhe serve ao poeta para exteriorização de sentimentos e idéas. Talvez seja erro esse eclectismo, essa pratica simultanea de tão diversos generos. Cada vocação, porém, tem a sua regra, como possue cada temperamento o seu estylo. Não ha duvida que o talento perde muito do seu prestigio, quando se dispersa por extremadas creações. Porque toma insensivelmente a feição de dilettantismo, que nada engendra de grande, duradouro e profundo. Que fazer, porém, quando é fertil o engenho, e opulenta e cambiante a vida, que o estimula? Não censuremos os prodigos da intelligencia: é dos seus esbanjamentos que se faz, para gozo e proveito de todos, a riqueza espiritual da humanidade. Demais, como ensinava Voltaire,

N'avoir qu'un goût, c'est peu de chose...

Neste livro da sua vida, vasto, variado e confidencial, Emil Ludwig nos entreabre alguns dos intimos refolhos do seu sêr. E o faz com ironica simplicidade, sem falsa modestia ou presumida jactancia, procurando conservar nas analyses, que emprehende, a tradicional independencia do critico. Sem chegar, como Rousseau, nas *Confissões*, até ás raias do cynismo e da impudencia, parece que o escriptor nada occulta, aqui, do seu passado, nada, pelo menos, que se imponha á elucidação total do seu caracter. A curiosidade que o leva a debruçar-se sobre si mesmo, num acurado e minudente labor introspectivo, o impulsiona tambem a longas peregrinações e estudos, através dos continentes e dos povos. Não raro desce elle da montanha e vae curiosamente pelo mundo, em procura de impressões e documentos para as suas ulteriores divagações. Faz o livro a resenha dessas viagens, enchendo-se de traços e notações de varia especie, que ora se applicam ás collectividades, ora aos individuos encarados de per si. Nem sempre serão justos esses reparos. Ao indicar, por exemplo, o pendor bellicoso do francez, recorre o auctor a uma anedocta, que nada significa ou representa, na sua inexpressiva vulgaridade. Onde a sua critica se afigura irreprehensivel, apezar da acidulação corrosiva que a reveste, é quando attribue ao militarismo prussiano e aos erros da politica, que essa força incrementou, a maior responsabilidade pela catas-

trophe em que sossobrou a grandeza da Allemanha.

Cheios de vida e de luz, verdadeiramente magistraes, são alguns dos retratos debuxados pelo auctor nestas paginas evocativas. Aqui está, por exemplo, o velho Asquith, escrevendo as suas memorias na solidão ou envolvendo num imperceptivel olhar melancholico, que elle sabe ser o derradeiro, o seu proprio busto erecto numa das gallerias de Oxford; aqui está Madame Curie, no santuario do seu laboratorio, onde só se officia a religião da sciencia, assistida de sua filha, egualmente erudita, que, deslumbrando o visitante surprezo com a sua cabeça encaracolada de archanjo e a sua graça irresistivel, faz perante elle a demonstração incomprehendida de um mysterioso mineral irradiante; aqui estão Hoover, Edison, Poincaré, Lloyd George. Compraz-se o auctor na pintura desses e outros vultos. A sua espatula, porém, só se carrega dos tons sombrios para as fortes creações á Rembrandt, quando entra a recompôr minuciosamente os poderosos perfis de Maximiliano Harden e Rathenau. São os melhores da collecção. Alguem veria nessa coincidencia uma intencional exaltação do espirito semitico. Seria, entretanto, injusta a increpação. O auctor não alimenta preconceitos de raça. Neste particular e no que concerne á religião, faz elle praça de total indifferentismo. Em politica, embora não defina com clareza as suas idéas, penderá para o vago idealismo dos partidos avançados, que proscrevem a tyrannia e abominam a guerra. A subtileza do seu ouvido de musicista não se compadece com o estrondo dos petardos, assim como não conseguem impressionar as suas retinas de myope os sangrentos clarões da gloria militar. Exactamente sobre a musica e sobre a gloria escreve o auctor as ultimas paginas do seu livro, envolvendo na sombra esparsa de uma doce melancolia os conceitos finaes e philosophicos da obra.

Desceu a noite sobre as cristas da montanha. Na mansão alpestre do poeta, cessou o bulicio diuturno da existencia e tudo é agora recolhimento e quietude, tudo repouso, abandono e meditação. Giram os discos negros sob a agulha rechinante: enchê-se o ambiente de melodias aladas. Schubert, Bach, Weber e Mozart revivem nas suas obras para deleite do artista. Um vago perfume conhecido, um conhecido andar macio e leve denunciam a aproximação de Diana. Em que scisma o poeta na varanda solitaria? Oh! nada, nada! Futeis recordações do passado: uma praia quasi deserta das costas dinamarquezas, o fresco sopro da viração marinha, o fundo côr de rosa do horizonte matinal, e, radiosa, feliz, semi-nua, cavalgando um corsel tordilho junto ás ondas marulhantes, a amazona constante do seu pensamento, ella, Diana... Extinguem-se as notas melodiosas dos discos. Tremem no ceu escuro as estrellas aloiradas. Tudo dorme em redor. Recolhe-se o poeta...

ROBERTO MOREIRA.

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Livros que recommendamos aos nossos leitores", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

FILGUEIRAS LIMA — FESTA DE RYTHMOS — Estabelecimento Graphico Urania — Fortaleza, 1932.

O sr. Filgueiras Lima é o mais joven talvez dos poetas cearenses. Sua obra, "modelada no barro duro e calcinado das plagas nordestinas", como diz bellamente um dos seus admiradores, nem por isso se resente de um tom de amargura ou desalento pessimista. Ao contrario: o estreante da *Festa de rythmos* apresenta-se-nos com uma jovialidade, um enthusiasmo, um voluptuoso fervor de quem se mostra disposto a recrear-se com todos os frutos ou, á mingua de frutos, com todas as lindas caboclas da sua região. Esse adolescente é um pantheista e por vezes um delicado lyrista sexual. Quasi só fala em beijos, em cachos de uvas, em "rosas côr de rosa". Não raro o gosto da rima faustosa leva-o a certa desconnexão de phrase, ao vago, ao indeterminado no jogo das imagens. Tambem se lhe notam algumas ingenuidades deante de velharias ou de novidades apparentemente novissimas e na realidade mais velhas que todas as velharias (vide, por exemplo, *Carnaval do infinito*). Não será difficil sentir-lhe a influencia de antepassados ou irmãos mais velhos em poesia: a "cigarra de tranças" lembra o "rouxinol de tranças", do sr. Frota Pessôa; *Historia* tem um pouco de Alceu Wamosy; o final de *Samaritana* faz pensar no trabalho de Raymundo Corrêa sobre o vinho de Hebe. Mas não está evidentemente em jogo um simples versejador e, se alguma palavra póde decidir do destino desse poeta, teremos prazer em que esta acolhida sympathica ao seu livro importe em encorajal-o a fazer melhor, sempre melhor.

A. SABOIA LIMA — ALBERTO TORRES E A REFORMA DA CONSTITUIÇÃO — Typ. S. Benedicto — Rio.

Discipulo fervoroso de Alberto Torres e attento pesquisador de todos os problemas de sociologia, o sr. A. Saboia Lima foi dos que melhor se impregnaram da obra do grande agitador de idéas cuja nomeada posthuma é uma justa reparação ao iniquo olvido em que tantos contemporaneos procuraram soterral-o. Opusculo de perfeita actualidade, agora que se desenvolvem longos debates em torno á nossa reforma constitucional, estas trinta paginas, ouvidas com tamanho interesse pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, constituem, sem favor, uma synthese das mais apreciaveis.

"LES AMITIÉS FRANCO-CANADIENNES"

Dá bastante prazer a leitura desse boletim mensal que nos tem sido gentilmente enviado de Paris. Publicação destinada, como o titulo indica, a incentivar as relações de affecto entre a França e o Canadá, onde perduram tantos vestigios da cultura gauleza, *Les Amitiés* não se limita a tratar dos interesses sentimentaes de dois paizes, o que lhe restringiria a importancia. Ao contrario, explora assumptos de amplitude universal, no terreno das lettras, das artes e das sciencias. O seu ultimo numero, por exemplo, encerra bellas paginas sobre as estatuas de Bourdelle, os testemunhos da civilização romana nas Gallias, o congresso internacional dos philatelistas, o senso dos obstaculos entre os cégos, as cidades hespanholas, a eleição de Roosevelt, etc., etc.

SAUDADES DA MINHA VIDA

Saudade do tempo
do tempo passado
o tempo feliz
que não volta mais.

Deus queira que um dia
eu encontre ainda
aquella innocencia
feliz sem saber.

Mas hoje que eu sei
de toda a verdade
já não acredito
na felicidade.

E quando eu morrer
então outra vez
póde ser que eu seja
feliz sem saber.

D. MILANO.

DE NOVA YORK

QUE E' TECHNOCRACIA?

E' esta a pergunta feita hoje por 120 milhões de americanos, do Atlantico ao Pacifico, emquanto os que se julgam mais bem informados procuram debalde synthetizar a coisa em termos que o publico comprehenda.

Não ha revista que preze a carga encephalica dos seus escrevinhadores, que se não promptifique, seguindo o roldão que a todos impelle, a explicar, debater ou applaudir as verdades e dogmas da nova doutrina social.

Os jornaes, tambem, publicam artigos e entrevistas technocraticas. O pulpito das denominações protestantes troca o suave phrasear biblico pela arenga abstrusa dos numeros, e o padre catholico Coughlin, servindo-se de um *hook-up* domingueiro de trinta estações de radio, atira aos quatro ventos, na sua liguagem de profundas convicções, um eloquente chocalhar de estatisticas e engrenagens.

O proprio Cinema, sempre chamado a explicar pelo symbolo pictorico o que o povo a crú não consegue entender, entrega já ás casas de espectaculo o primeiro filme aclarador do problema: *All about Technocracy*.

Como mais tarde os écos desta nevrose americana hão de cruzar o Atlantico e talvez se derramem pelo Brasil (como se deu com o "golfinho", os cabellos *à la garçonne*, as "palavras cruzadas", o "bridge", etc.) — quero que seja o nosso *Boletim* o primeiro a tirar a mascara a esse bicharôço de sete cabeças, e seja o autor destas linhas um Baptista de nova especie, que depois de trincar uma appetitosa salada de gafanhotos e mel sylvestre e atar em roda dos rins a evangelica cinta de couro, se atire á aventura, e sem medo aos Herodes indigenas, prégue nesse "deserto de homens e de idéas" as *boas-novas* do enunciado que a tantos magnetiza.

Mas, afinal ,que vem a ser isso?

Pela gravura que tenho deante de mim, devida ao lapis illustrador de Alan Dunn, *Mister Technocracy* se me afigura uma estranha allegoria apocalyptica — Gigante todo encouraçado de ferro, de capacete e viseira, dizem que escapou dos laboratorios de engenharia da Columbia University. Com um voltimetro encravado no peito da armadura e os olhos faiscantes de um milhão de velas, o monstro curva-se sobre a babelesca Nova York, e de micrometro em punho, com calma e precisão mathematicas, dispõe-se a medir as agulhas quadriculares dos arranha-céus...

Mas isso é apenas uma concepção artistica da nevrose.

A coisa em si não é tão difficil como o povo a faz. A Technocracia, como logo se vê, é um nome a mais que se addiciona á já numerosa nomenclatura politico-social destes ultimos tempos. Assim como o termo democracia denota, pelos seus elementos, o governo do povo; a aristocracia, o governo das élites; a theocracia, o governo sob a tutela dos deuses, — a Technocracia revela o predominio technologico, o governo medido a ponta de compasso, que é a formula por excellencia applicavel á Idade da Machina.

A cellula-mater dessa nova concepção sociologica nasceu, segundo dizem os disseminadores das idéas technocracticas, em 1920, organizando-se então um grupo de engenheiros e mathematicos para estudar detidamente o "papel desempenhado pela producção e consumo de *energia* na civilização mecanista dos Estados Unidos". Entre os luminares dessa "associação secreta" de technicos contavam-se o dr. Tolman, do Institute of Technology da California; Frederick Ackerman, architecto de Nova York; o grande Steinmetz (fallecido), Thomas Edison (idem), dr. Thortein Veblen e outros — vinte ao todo.

Howard Scott, um engenheiro alliado á Columbia University, é hoje o grão-mestre da nova ordem de coisas. Armado de estatisticas e graphicos impressionantes, que revelam a curva technico-industrial de 1840 a esta data, declara elle (no que não ha grande novidade) que estamos a presenciar o nascimento de uma nova éra — a da Civilização Technologica. Forçando pela superproducção de tudo a depreciação e o desapparecimento eventual do credito e do dinheiro como meios de commercio, a idade ultra-technica em que vivemos acabará por abolir tambem o commercio com a extincção do "preço" e do "lucro". Passarão os bancos e os banqueiros. Não havendo mais a "mola do mundo", acabar-se-á a politica e os seus nefandos associados, os politicos. Como tudo que se executa, seja pelo trabalho braçal ou mecanico, reduz-se a uma formula unica — "*energia*" — será esta, sob a denominação de *time-energy* a logica e futura substituta do dinheiro.

Nestas duas caracteristicas da Technocracia — a abolição do "*preço*" e a computação de todo e qualquer serviço em "*tempo-energia*" — reside a sua capital differença do Fascismo, Communismo, Sovietismo, etc.

As bombardas numericas com que os technocratas acommetteram, nos primeiros ataques, a bastilha do capitalismo foram taes, que deixaram zonzos os entrincheirados defensores do velho edificio.

Pelos dados que ha vinte annos vêem computando esses estudiosos da energia transformada em productos e das consequencias do super-industrialismo nas massas sociaes (cujo corollario é a presente depressão economica e os seus 12 milhões de desempregados), acham elles que os dias do Capitalismo estão contados, visto como não ha solução, sob esse systema obsolêto, para a crise que ha quatro annos mais e mais se aggrava.

Esses dados deixam tambem evidente, segundo a logica dos expositores da Technocracia, que o homem-motor-humano, que construiu a mão as muralhas da China e levantou as Pyramides do Egypto, perde com a invenção e o funccionamento de cada machina um pouco da sua funcção activa no organismo technologico americano, indo a necessidade do seu braço se fazendo cada dia mais escassa.

Wayne W. Parrish, do corpo de technicos da Columbia, publica uma serie de artigos interessantes, de onde extrahiremos algumas cifras. Em 1929 a producção de ferro, nas usinas americanas foi, graças aos methodos novos e melhores machinas, 9 vezes maior, por operario, do que era em 1887; um unico homem produz hoje, ao pé de uma machina aperfeiçoada, 9 mil vezes mais lampadas electricas do que elle podia fazer a mão em 1914; uma nova machina de fazer cigarros attinge a enorme cifra de 2.600 cigarros por minuto em vez dos

600 que produziam as machinas antigas; numa tijolaria mecanizada, em que o tijolo sae em barra continua para ser cortado automaticamente do tamanho desejado, a producção pode ser elevada a 400.000 tijolos por machina, ao dia; um sapateiro da Roma antiga levava cinco dias para fazer a mão um par de sapatos — emquanto um operario de hoje, numa fabrica moderna, faz 68 pares no mesmo espaço de tempo. E por ahi vão os numeros...

Nessa progressão industrial, com muitas e melhores machinas, que produzam tudo para todos sem a peia capitalista do lucro e do preço, os Estados Unidos poderiam gozar hoje de uma abastança vinte vezes maior que a prosperidade desfrutada até 1929 — diz Mr. Scott — sendo necessario trabalhar apenas quatro horas por dia em semanas de quatro dias.

Vejam só que delicia: o domingo começar na sexta-feira!

Alguns dos dados e cifras dos apostolos da Technocracia foram já refutados como exaggerados, mas certas conclusões por ellas tiradas continuarão de certo de pé, porque são palpaveis. A semana de 5 dias, por exemplo, é uma necessidade e já faz parte do programma de reorganização do proprio capitalismo, como tambem o seguro contra a falta de trabalho.

Que a machina obriga a uma reorganização social não ha duvida. Se assim não fosse, estaria negando a sua missão. Mas não se pode crêr que esse reajustmento seja feito do dia para a noite — pela Technocracia.

O grande mal do novo systema é que promette demais, e talvez não cumpra, na pratica, o promettido... *Too good to be true* — como dizem os proprios americanos quando desconfiam.

ARTHUR COELHO.

Ribeiro Couto — CLUB DAS ESPOSAS ENGANADAS — Schmidt, editor — Rio, 1933.

Mais um livro do grande poeta do *Jardim das Confidencias*, do grande novellista da *Cabocla*. Desnecessario accrescentar que é um bello livro. São duzentas paginas de prosa fluida, correntia, naquelle estylo, unico em nossas lettras, em que o sr. Ribeiro Couto tudo sabe contar, com uma attracção por assim dizer de presença, como um conversador fascinante, desses que nos retêm horas e horas á mesa de um café ou á porta de uma livraria.

Nenhum preciosismo, nenhum vocabulo archaico que nos obrigue a ir fatigar os dedos num diccionario. Uma dicção de limpidez invejavel e, mesmo nos lances melancolicos, uma especie de sorriso interior a quebrar a possibilidade de effusões romanescas. Ninguem sabe narrar melhor no Brasil de hoje.

Mas não se trata, evidentemente, de uma simples velhacaria verbal, da industria de palavras em que tantos outros se comprazem. Até explorando um assumpto que quasi não tem assumpto, como neste *Club das Esposas Enganadas*, demonstra elle, a cada passo, ser um perpicaz observador, um silhuetador de typos e, acima de tudo, um anatomista feliz da bonecа feminina.

O furor de proselytismo da tia Clarice, na organização de um club que parece de intenções bellicosas e afinal se converte, muito christãmente, em Obra das Creancinhas Abandonadas e das Mães Infelizes, é muito bem fixado no papel. O elegante Clarimundo de Oliveira Bastos, candidato a secretario de legação, encanta-nos, especialmente na scena do concurso no Itamaraty, conduzida com um *humour* delicioso. Quanto á voluptuosa Lucia, que de esposa enganada passa ás funcções de Helena de Sparta, entrando a ornamentar a fronte de um pobre Menelão agaloado, é uma dessas figuretas que o sr. Ribeiro Couto traça com a finura inexcedivel desses caricaturistas da vida mundana franceza, Guillaume e Fabiano, artistas que quasi não deformam o modelo e quasi se fazem cumplices das saborosas canalhices que descrevem...

FELIPPE DE OLIVEIRA

Conheci Felippe de Oliveira logo que chegou aqui no Rio, em 1910, vindo do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo anno publicou elle a Vida extincta, *série de poemas ainda ao gosto symbolista, entre Samain e Rodenbach, mas com algumas notas de desdenhosa voluptuosidade que eram bem da nossa gente petulante:*

A vida então logo me deu meu fado,
Meus bons designios e meus máos mistéres,
E, no decurso desse tempo andado,
Os homens quasi todos tenho odiado
E tenho amado todas as mulheres...

Ou isto, de um adolescente que mal começava a recrear-se na doce polpa da carne feminina e já queria parecer enfarado de quantos jogos libidinosos inventam os epicuristas de alcova:

Trago ainda na bocca resequida
A saciedade farta e humedecida
Dos teus beijos acidulos e azedos...

Note-se que estes versos eu os cito de memoria. Perdi a Vida extincta *em qualquer mudança apressada (ah! os saudosos tempos bohemios em que eramos despejados pelos senhorios truculentos!), mas nunca me fugiram da retentiva os decasyllabos harmoniosos do poeta que eu vira chegar do sul com um peito de athleta, uma aversão irreductivel a qualquer genero de baixeza, uma verdadeira incapacidade aphasica em se tratando de falar mal do proximo, e, acima de tudo, com uns olhos que eram o nitido espelho das lindas paizagens cariocas e das lindas raparigas que á tarde desfilavam pela Avenida Central.*

Depois do seu volume de estréa, Felippe silenciou longamente e só reappareceu em 1926, como que para divertir-se esportivamente com a deliciosa comedia litteraria dos chamados modernistas. Produziu então a Lanterna verde, *trabalho menos lyrico, todo em arestas metallicas, com rythmos que pareciam resultar de um minucioso calculo algebrico e symbolos apenas da vida activa, ardente, optimista. O que não impedia sobrevivessem no autor algumas notas de ternura, quasi elegiacas, como nesse maravilhoso* Epitaphio *que já é melodia no papel e melodia ainda mais enleante se interpretado pela sra. Eugenia Alvaro Moreyra.*

Amigo da natação e do remo, voltando ao mar como á primeira patria de todas as creaturas, o nosso artista amava correr de madrugada, num esguio yole, pelas aguas da Guanabara, como Stellio Effrena corria de gondola nas manhãs illuminadas de Veneza. E a sua morte vertiginosa, numa especie de delirante fuga de automovel, ainda seria a desejada, a sonhada por esse homem robusto e generoso, que tambem sentiu ás vezes o tormento metaphysico, a impossibilidade de tocar physicamente o céo, e, mal chegado aos vinte annos, escrevera que á noite

Os nossos braços que se alongam são mais longos
E nós pesamos mais por sobre as sepulturas....

AGRIPPINO GRIECO.

RUY BARBOSA — ORAÇÃO AOS MOÇOS — Editor A. dos Reis — Rio, 1932.

Discurso lido pelo dr. Reynaldo Porchat, a pedido de Ruy Barbosa, por occasião da collação de gráo dos bacharelandos da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1920. Opusculo digno de leitura ou releitura attenta. Ahi está, como de costume, a grande eloquencia do nosso Bocca de Ouro.

A Lição de Proteu

Com o regresso do sr. Gilberto Amado ao cultivo apaixonado das lettras e ao convivio desinteressado dos livros, recuperou o ensaismo, no Brasil, uma das suas figuras dilectas, um dos seus exemplares mais curiosos. O escriptor que sabia pensar e o pensador que sabia escrever, um e outro meio desapparecidos, durante tantos annos, do logar que marcara, um dia, entre creaturas semelhantes e desiguaes, habitantes, como elle, da cidade do espirito, aqui estão, configuradas ao rythmo de certas tendencias especificas, de um personalismo vigorosamente definido, num estado que não chega a ser de quem resurge, no sentido biblico e convencional do vocabulo, mas é, sem duvida, de quem renasce, com o cerebro ainda cheio de idéas e o coração cheio ainda de enthusiasmo. O sybaritismo politico, attingindo-o em cheio, não terá attingido o intellectual e, já agora, estamos todos certos de que não attingiu. Mas, como um quebra-luz, que abate e limita, envolveu o espirito do sr. Gilberto Amado na teia doirada de uma quasi indolencia toda feita de conforto e de silencio.

Receiavamos, os de fóra, que, assim condensado, o calor dessa luz lhe attingisse as azas fortes e bem talhadas do espirito. Pois se elle deixara de voar ou, pelo menos, limitara a inquieta gymnastica do raciocinio a rapidos passeios sobre a cidade...

A historia da intelligencia, entre nós, será representada, um dia, por um jardim tendo ao lado uma necropole. O jardim está, já hoje, cheio de flores: é variado e brilhante. Falta apenas traçar, nesse mundo todo feito para os olhos, os arruamentos frios do pensamento. A necropole, essa irá bem longe. Não sei de espectaculo mais triste do que o de uma necropole espiritual. Latejam, no sub-solo da cidade da morte, todas as *razões* que tornaram a vida impossivel. E as lapides contam a historia breve de certos nomes...

Um dos mais perfeitos construtores desse jardim ainda indeciso, um dos que mais e melhor se animaram a traçar-lhe o limite dos canteiros, que é sempre a trajectoria dos caminhos, é o ensaista d'*A Dansa sobre o abysmo*.

*
* *

Intelligencia fustigada pelos quatro ventos da realidade, espirito pragmatico, mesmo sem a preoccupação de William James, mesmo sem as determinantes ethnicas e doutrinarias do philosopho de Harward, o que mais surprehende no sr. Gilberto Amado é a bem dosada quantidade de ideal que o escriptor instilla nas suas paginas e, consequentemente, esse fino julgamento, que não havia sido feito ainda entre nós, da necessidade de vocações desinteressadas, da urgencia de cerebros que o sejam longe de qualquer preoccupação exclusivamente pratica. Prégador antigo de authenticas formulas de procedimento, foi dos primeiros a reconhecer que ainda não temos escolas superiores de vocações, institutos de idéas geraes, laboratorios dessa abstracção talvez inapplicavel sob alguns dos seus principaes aspectos mas, de facto, só ella capaz de abrir ao nosso temperamento o caminho fecundo de uma energia que transfigure sem desfigurar...

Insista-se sempre em que o grande problema nacional é o da *vocação*. Improvisamos, tocamos de leve os aspectos mais leves de certos problemas leves, dividimos um esforço susceptivel de grandes cousas em meia duzia de esforços menores, capazes não raro de se exercerem com brilho mas sempre incapazes de se exercitarem com amor... soffremos, um por um, os males da doença geral do indifferentismo perante o rumo escolhido ou imposto, alheiando-nos do proprio destino e procurando limitar a personalidade individual pelos moldes de uma receita collectiva que é todo um largo programma de indecisão... O espectaculo da vocação, na Allemanha, foi uma das surprezas de Mme de Stael: "... *c'est là seulement qu'on peut connaître d'une manière complète le caractère et les devoirs de chaque vocation*". Ponha-se de lado o exaggero e applique-se a outros povos o que não é só da Allemanha.

E' deste continente a obra mais bella que taes assumptos, até hoje, fecundaram. Refiro-me aos *Motivos de Proteu* e aos dois volumes complementares em que Rodó estylisou como Renan, Anatole ou Gide o fariam — mas quem mais? — os fundamentos de uma subtil esthetica interior. Sendo um livro estranho, escripto noutra lingua e pensado para a orientação profunda de outra raça, é bem a nossa lei entregue a um Moysés de fina sensibilidade mental, alado estheta da energia, curioso e irradiante propheta que o rythmo de *Ariel*, agora disfarçado numa visão de Proteu, tornou possivel em lingua hespanhola, para uso do mundo. Detenhamo-nos nas paginas de Rodó... applicando-as á nossa gente.

*
* *

Allude o sr. Gilberto Amado á mais viva necessidade do ensino, no Brasil: a creação de faculdades de lettras e de sciencias que abram, aos que surgem, essas amplas estradas reaes do pensamento ao sonho de cada um. Faculdade de Lettras... Faculdade de Sciencias... E logo, a pergunta do pae, do tutor, da illustre familia: O que é? Para que serve?... Que podem ser, na vida, o alumno de uma faculdade de lettras e o de uma faculdade de sciencias? Dir-se-á, então, a esse conselho privado da intelligencia individual, que a primeira é todo o humanismo e a segunda é o conhecimento da natureza. Explicar-se-á que a ambas compete orientar o magisterio secundario, e até o superior, das disciplinas professadas. E, numa tentativa suprema: é necessario distinguir entre a cultura e o simples e incompleto preparo. Em vão. Como explicar ao leitor da pequena biographia romanceada que seus olhos não estão lendo historia? Como definir, ao que compulsa a pequena grammatica, que não é philologia essa pequena grammatica? Como estabelecer ao curioso de architectura, que a historia das artes não é uma futilidade? Como revelar, a certos ouvidos distrahidos, que a esthetica é toda uma sciencia? Como convencer o ouvinte de sermões futeis e mesquinhos de que as religiões têm a sua historia e, entre parenthesis, de que essa historia é fonte de scepticismo? Isto, em resumo, pelo que respeita ás faculdades de lettras. Semelhantemente, de que maneira expôr ao pequeno engenheiro civil que, além dos calculos, já difficeis mas ainda não transcendentes, de resistencia de materiaes ha uma ou-

tra mathematica que joga com o infinito e leva o cerebro, de abstracção em abstracção, a um mundo que não é este mundo? Por que processo estimular a comprehensão do pequeno chimico das reacções usuaes ao espectaculo da biochimica, aos systemas de investigação da natureza no seu mysterio, em tantas das suas neblinas indissipaveis? E a do pequeno physico aos esplendores da physica-mathematica, e a do pequeno naturalista de jardins ou zoologo de aquarios á philosophia da cellula vegetal e animal? E até a do pequeno philosopho — especie inconcebivel nos suburbios do conhecimento — ás amplas abstracções, a essas mesmas abstracções que tornam possivel, a um simples estudante de letras ou sciencias, a elaboração de uma these sobre o conceito de espaço e tempo?

JAYME CARDOSO.

OLHOS VERDES

Teus olhos!... Um louco abysmo
de verde e infinda attracção.
Sempre os lembrando, é que scismo:
olhos verdes... tentação!

Foi n'uma praia, ao sol posto.
Quando os vi, pensei assim:
olhos verdes n'esse rosto,
frutos verdes para mim.

Bailava a Noite de Festa.
Lua cheia, verde o mar.
Do que foi, nada mais resta
que uma saudade a matar.

Olhos verdes, se hoje os visse,
digo commigo: talvez
agora o mesmo sentisse
que eu pensei d'aquella vez.

Teus olhos!... No giro incerto.
que ao da sorte é só igual,
longe os tens, e os quero perto:
onde os vêr n'este Natal?

Eu me confesso culpado
de uma culpa singular:
medo de ser enganado
por uns olhos côr do mar.

Tanto eu era prevenido
do perigo que temi!
Mas inda assim attrahido,
no abysmo verde cahi...

Teus olhos!... Aos meus não cança
procural-os onde estão.
Verdes, na minha lembrança;
verdes, no meu coração.

ODILON NESTOR.

JOHN GALSWORTHY

A morte de John Galsworthy, occorrida logo depois da consagração universal que lhe trouxe a obtenção do premio Nobel, consternou sinceramente todos os familiares da boa litteratura ingleza.

Muito lido, bastante viajado, Galsworthy conservou, não obstante, uma inconfundivel tonalidade pessoal e um entranhado senso patriotico em que se fundiam as qualidades typicas da raça. Ainda quando tratasse de assumptos plebeus, eram visiveis nelle certas finuras aristocraticas que em vão procurariamos no seu contemporaneo Wells.

Artista dos mais puros, dos mais perfeitos (e isso o approxima dos incorruptiveis prosadores que foram Meredith e Hardy), sobrepunha, todavia, o immediato interesse social, o bem da communidade, a quaesquer velleidades de encerrar-se na pretenciosa torre de marfim dos falsos esthetas que macaqueavam Wilde e Pater. Soube, quando necessario, ser affirmativo, tomar partido, cultivar o romance de these, combater o "cant" albionico, pedir aos inglezes que, em lendo a Biblia, não se esquecessem de que acima de tudo está a caridade e que sem caridade fraternal não póde existir um verdadeiro christianismo.

Ainda que pudico nas suas expansões philanthropicas, sem fazer commercio de lagrimas, como tambem sem se tornar um vertiginoso fabricante de paradoxos á Shaw, foi elle alongando tranquillamente, em mais de trinta annos de producção ininterrupta, os seus contos, as suas novellas, as suas peças de theatro.

The Island Pharisees *encerra trechos que valem por um libello accusatorio á hypocrisia e ao egoismo britannicos, não sendo, aliás, esquecidos os viris attributos do povo que tem Shakespeare e o imperio das Indias.* The Patrician *evidencia que, mão grado todos os sentimentos liberaes da gente que creou o jury e o "habeas-corpus" e prestigiou o parlamentarismo, os preconceitos de casta jámais serão esquecidos do outro lado do Mancha.*

A série Forsyte saga *tem um caracter cyclico e é redigida antes com a seriedade psychologica da Comedia Humana de Balzac que com as apressadas conclusões physiologicas do ingenuo Zola dos Rougon-Macquart. E' o eterno conflicto de gerações, o tapume de incomprehensão que separa os paes dos filhos, e, na mesma geração, o choque da razão pura e da razão pratica, do Evangelho e da libra, da ambição simultanea de um logarzinho na Cidade de Deus e de muitos hectares de terra na Escossia ou na Irlanda...*

AOS NOSSOS LEITORES E ASSIGNANTES

Temos o prazer de communicar que tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade, se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo os doze numeros do primeiro anno do "Boletim de Ariel", e que podem ser adquiridos ao preço de Rs. 30$000.

UM AMIGO DO BRASIL

Muito nos desvanece o carinho com que o poeta uruguayo Gastón Figueira se refere sempre e sempre ás cousas do Brasil. Num formoso poema em rythmos varios, chama elle ao Rio de Janeiro *Ciudad de Hechicería*. Andou por aqui encantado com as nossas palmeiras e as nossas montanhas e celebrou tudo isto em versos de um pantheista impregnado da melhor sensibilidade humana. Os aspectos da *Tijuca matinal*, da bahia de Guanabara, das ilhas com seus barcos e seus pescadores, reteve-os elle em cantantes estrophes castelhanas. Que de visões tropicaes a deliciarem um artista nascido em climas de outra brandura, de outra suavidade, mas cujos atavismos ibericos se comprazem nos ambientes inspiradores de imagens e hyperboles sonoras!

Um bello poeta, indiscutivelmente, o sr. Gastón Figueira, e todos os seus versos, segundo disse muito bem a grande romancista hespanhola Concha Espina, estão "*transidos de emoción, entrañados de poesía*".

BIOGRAPHIA

O sr. Clado Ribeiro Lessa, bibliophilo e pesquizador, com um bom peculio de erudição apesar de muito joven, publicou um excellente ensaio biographico do padre Antonio João de Lessa, escripto em face de documentação divulgada, inedita e oral. Foi assim posta em destaque a figura de um bom servidor do Brasil, quasi totalmente esquecida, sendo que até o nome lhe grapharam de fórmas varias.

Embora nascido em Portugal, como José Clemente e Vergueiro, o padre Lessa trabalhou leal e dedicadamente pelo nosso paiz, fazendo-o tambem seu paiz predilecto. Sinceramente liberal, avesso á canga ou ao arrimo dos prepotentes, revelou, quando deputado, no tempo de Feijó e dos Andradas, seguros instinctos de legislador. Intrepido deante dos magnatas e generoso deante dos fracos, a todos acolhia urbanamente em seus dominios do interior e ligeiros accessos de irritabilidade não podiam fazer esquecer nelle o caracter sem ondulações e o verdadeiro christão á antiga. Era o padre Antonio João de Lessa um vulto historico que evidentemente merecia reapparecer e bem haja, portanto, a substanciosa monographia do sr. Clado Ribeiro Lessa.

Augusto Frederico Schmidt

Com o seu nome de judeu hohensollerniano, Augusto Frederico Schmidt é um poeta biblico; ora o psalmista na sua ancia do Messias; ora o pastor do Cantico dos Canticos invocando na visão das tendas de Kendar, as pallidas filhas de Jerusalem; quasi sempre Jeremias chorando entre as sombras da morte; quantas vezes Isaias "enviado pelo Senhor para restaurar os contrictos de coração!"

Esse poeta biblico só não é o sceptico prégador do Ecclesiastes porque elle é o menos *intellectual* dos poetas. Sendo o mais *dolorido*, é o menos resignado de todos os seres humanos; sentindo só sua dôr, a dôr dos que não viveram ainda, a dôr dos recemnascidos no espanto do mundo, nada tem da amargura fria do Ecclesiastes que tudo viu porque tudo viveu.

Esse poeta biblico, sahido directamente do Velho Testamento, é um verdadeiro poeta. Não poderá ser julgado com leveza. Sua apparição é um facto novo nas lettras brasileiras. Sua contribuição para a individuação cultural do Brasil, do mais alto alcance.

Poeta da alma, para quem do corpo humano só existem as mãos, os cabellos, o rosto puro das *jeunes filles* ainda não desabrochadas aos raios do peccado, pelo sol da vida — eis ahi um homem, um mancebo de vinte e poucos annos, moreno, guloso, com os labios ávidos de prazer — que não sente o gosto do prazer, homem para quem o hedonismo é palavra vã, para quem o paganismo não tem significação. Esse poeta é um facto novo para o Brasil mediterraneo. Em Augusto Frederico Schmidt não ha uma cellula de Grecia, um atomo de Italia. Helena de Troya e todas as suas personificações na arte, da Venus de Milo á Venus de Cyrene, nunca existiram para elle.

Incessu patuit dea... Não seria pelo andar que elle reconheceria uma deusa. Elle odiaria, como Baudelaire "*Le mouvement qui deplace les lignes*", pois nem o movimento nem as linhas do corpo humano têm significação para elle. Da Grecia, talvez as moças Iphygenia, Antigona, mas essas mesmas eram demasiado idosas, para elle que só ama as meninas ainda não moças.

Luciana, a mais idosa das suas namoradas, Luciana a pallida, Luciana a mysteriosa, Luciana a séria, não tem vinte annos.

Que pureza na alma desse gordo sonhador de auroras brancas! E em tudo isto, que poeta!

Senhores, não me lembro na lingua portugueza de accentos lyricos como os de Schmidt. Accento — é a expressão. Esse poeta é todo *estados de alma*. Nada de vida exterior, de paizagem, de visões do mundo cá de fóra. Tudo alma, tudo sentimento, tudo o eu — poeta lyrico por excellencia.

Para elle nada de narração. Que lhe importa a historia de Achilles, o cerco de Troya, as viagens de Ulysses, a volta de Agamenon? Que lhe importa a aventura de Enéas, e Homero, Virgilio, e Tasso, e Camões?

Que vale para elle a Idade Média dos romanticos, a Héllade dos parnasianos, as "meias cores" dos symbolistas, as "dimensões" dos cubistas, as extrospecções dos impressionistas? Para elle poesia é apenas o que "eu sinto, o que eu soffro, o que desejo"; para elle poesia, é poesia lyrica. O que lhe valeria em Homero, seriam os soffrimentos de Homero, e não as fulgurações dos heróes; em Camões, a dôr do desgraçado e não o valor dos Lusiadas; no Tasso a sua sêde de Eleonora e não as proesas dos cruzados. Poeta biblico impregnado por um phenomeno de atavismo extraordinario daquelle subjectivismo exacerbado dos poetas do Velho Testamento, daquelle viver dentro da alma, pela alma, nos tormentos da alma.

A Musa desse poeta é a morte — a pallida morte das donzellas em flôr, a morte criança, meiga irmã do Amor.

No exprimir a sua sensibilidade dessa germinação do amor e da morte, Schmidt faz versos bellissimos, e, note-se, quasi sem se servir do poder da arte. Seu verbo é o da criança que ora grita, ora balbucia.

Nunca se ajuntam e dispõem as palavras em forma regular ou sabia. Seus versos soltos seriam insupportaveis, si não fossem perfumes da rosa do coração, e serão insupportaveis sempre para quem não tenha olfacto para esse perfume.

Quando li o *Passaro Cégo*, em momento em que me achava alheio ao movimento litterario entre nós, tive um espanto. Vi um poeta.

Luciana me seduziu. Vejo essa menina sempre em torno de mim, Luciana a pallida, tão impessoal, mas tão extranha, com a sua trança modesta e suas mãos finas, essa Luciana que como os fructos apodrecerá, essa Luciana que passará, essa Luciana que elle verá depois entre as "meninas mortas".

> "Eu vi no céo, não sei, na noite escura,
> Meninas mortas. Eu vi meninas mortas,
> Eu vi, Senhor, meninas mortas...

essa Luciana que entre as sombras perseguirá o *perseguido* que elle é.

Poeta do soffrimento e da humilhação, só na humilhação e no soffrimento poderá encontrar a alegria. Seu riso será lagrima sempre. No seu espanto de menino, elle corre como um Orestes oriental, por entre as furias amenas, por entre formas musicaes de mocinhas frageis, no meio de um furacão de petalas. As Erynnias, as Eumenides que o perseguem e o matam têm quinze annos.

Que quadro para um pintor de allegorias sentimentaes, mas de uma sentimentalidade dolorosamente, sarcasticamente comica.

Passaro Cégo, Estrella morta! Tenho agora em mãos os originaes desse livro a apparecer. O passaro cégo está na altura; é uma estrella morta; seu canto não brilha na solidão nocturna ao olhar desse pobre pastor nomade da Asia para lembrar Leopardi, um Leopardi mais destinado á apoplexia do que á tuberculose.

Nesse novo livro que destacar para o leitor nestas linhas apressadas? Difficil coisa! Schmidt não é um poeta que faz poemas. E' o poeta faz *um* poema. Seus versos vêm todos do mesmo canto. Sua musica é feita das mesmas notas que aqui e alli se alongam, ascendem em curva mais alta para logo voltarem ao fóco de vibração de onde emanaram — um coração cujo tecido é tramado pelos fios da desventura: a desventura de uma criança sem destino, de um passaro que não vê a luz, de uma estrella que não guia o caminhante.

Sensação da Morte, certeza de que tudo apodrece e acaba, outros têm tido. No Brasil é Schmidt o pri-

meiro, nesta geração, a sentir isso de verdade com a frescura, o verdor e a violencia de uma sinceridade crispada.

"Canta agora que a tua voz está viva
Canta porque tua voz se apagará
Deus apagará tua voz,
Deus apagará todas as vozes.

Como certos christãos ha em Schmidt um senso terrivel da desgraça do mundo, do horror do mundo, do tragi-comico, do nascer e do viver. E que belleza na voz de Jeremias:

"As feiticeiras caminharão nas ruas velhas
Os teus pés nús pisarão a areia branca das praias
Tua voz morrerá de subito
O orvalho não molhará as rosas abertas.

Interessante de fazer seria a notação dos elementos formadores da belleza na poesia de Schmidt. São elementos inteiramente differentes da nossa poesia. Schmidt pensa amar Rimbaud que elle diz ser o seu poeta. Ha ahi um engano. Em Schmidt nada ha do demonismo de Rimbaud, do desafio de Lucifer. Em Schmidt não ha luta, não ha desespero, não ha revoltas. Ha dôr, medo, sensação do abysmo aos pés, quéda irremediavel, desengano, perseguição, fuga, fuga de Orestes em meio a um clamor de mãos brancas de mocinhas mortas.

De vez em quando a injustiça da morte o géla de espanto, e um traço á Rimbaud apparece, mas de longe, como nesta admiravel *Morte da India* que elle contempla:

"Meus olhos fixam seu corpo,
as mãos em cruz, os labios, tudo morto
menos os cabellos. Sua belleza está fria
Fico perfeitamente lucido.

Ahi o traço á Rimbaud, mas como disse, esse é raro. Não é uma nota á Schmidt. Nota á Schmidt é a que vem na *Estrella Morta*, no pequenino poema dilacerante *Só Luciana*:

"Luciana só vem para quem a esquece
Para mim não virá.

Não esquecer de citar o convite a Luciana, o appello á noiva morta, para que volte:

"Vem, esquece a solidão dos tumulos perdidos!
Vem, os homens já dormem, fugiremos.
O mar nos levará para a patria perdida.
Vem, serás a noiva ideal o regaço perdido,
Luciana, vem!

Toda a poesia de Augusto Frederico Schmidt está ahi: Grito de criança sem mãe na solidão da vida.
Este grito resoou profundamente no meu coração.

GILBERTO AMADO.

«POEMAS ESCOLHIDOS», de Jorge de Lima

Jackson de Figueiredo escreveu que Bilac e outros poetas iguaes eram catholicos. Mas nem todos os catholicos pensam como Jackson nem consideram até o proprio Jorge de Lima escriptor catholico quanto mais Bilac. Jorge de Lima desgosta mesmo o catholicismo. Aliás este poeta desgosta todo o mundo. Aos catholicos porque é pagão, um supersticioso, um mystico a seu modo, sem obrigações nem mandamentos. Desgosta os parnasianos porque é um apostata daquella velharia, desgosta os modernistas porque é o mais antimodernista dos pensadores novos. Ha na obra do autor dos *Poemas Escolhidos* as dissonancias de Debussy, as cruezas de Jessie Lasky, e a inquietação de um Biran. Quem o seguir ficará perdido porque elle muda de escola, de estylo, de crença, de idéa, de tudo. O judeu Goldstein foi assim. E Wedekind que o quiz imitar acabou o anno passado desistindo da Anlassung que ambos iniciaram. Quando o modernismo começou foi o senhor Ronald de Carvalho quem fez um poema *Toda America*, louvando o espirito uno e novo de todo o continente. Veiu Jorge de Lima e compoz um outro *Não Toda America* em que a sua musa cavou um Canal do Panamá entre U. S. A. e o Mexico. Dali até a Patagonia tudo se parece. Do Canal para cima tudo era differente, não toda a America. Agora se veja o nivel inferior da poesia delle, a tendencia por conseguinte de universalisação que o poeta tem em si pela facil popularidade que adquirem certos poemas embora, como disse, seja poesia para desagradar as correntes litterarias.

Parnasiano Jorge de Lima ficou famoso (como falaria Agrippino Grieco) com o seu *Accendedor de Lampeões*; a sua *Negra Fulô* o é tambem.

O segredo está na seducção, por sem duvida, do assumpto. Schiller fez o mesmo com o lied. — Porém não é sempre o lied, o motivo popular, o côco, o acalanto que constitue leit-motivo na poesia de Jorge de Lima. E' por isso que o poeta choca, desaponta o mesmo sujeito.

Certa vez, numa festa em beneficio da Casa do Estudante, dona Eugenia Moreira declamava varias cousas, então nós gritamos por *Negra Fulô*. A acclamação era immensa. Ella disse. Foi um colosso de successo. Agora supponhamos que ella recitasse *Felicidade* de *Poemas Escolhidos* sem rythmo, todo exotico, todo duro e purissimo como um verso de Stramm: nós debandavamos. *Poemas Escolhidos* como roteiro de andarilho é bom, como cadencia de americano, de processo ronaldiano, de caracteristica nossa é pessimo. Entretanto ninguem mais nordestino, mais local, mais nacional do que Jorge de Lima. Elle explora o littoral de estrada de ferro, pela Great Western, explora o sertão pelo São Francisco. A gente vae seguindo o poeta e quando dá fé elle nos deixa no meio dos mandacarús e das macambiras e abala para a zona operaria. Da zona operaria elle embarafusta pelas igrejas. Das igrejas ganha o mystico e o irreal que não é dos mappas desta terra. Outro dia este *Boletim de Ariel* publicou que elle era amigo de José Lins do Rego e de Gilberto Freyre. Mas não é. O maior amigo delle é Raul Bopp com quem mais o homem se parece. Na verdade, para Bopp o maior poeta brasileiro é Jorge de Lima. Ha o mesmo desequilibrio ambulatorio em ambos. E o mesmo geito de desgostar o cidadão. Só o que tem é que Jorge de Lima entra na Litteratura do Brasil pela porta da popularidade. Póde sahir pela da mediocridade 15 annos depois. E' um jogo de corda bamba. Emfim o poeta é assumpto para estudo, porque tudo nelle é discutivel, inclusive o talento. Será o maior nome da poesia nacional. Será talvez o maior popularesco dos nossos versejadores. Mas disseram isso tambem de Schiller.

CESAR LUIZ CAVALCANTI.

DE PARIS

Porque as escriptoras usam pseudonymos masculinos

Uma de minhas collegas, Mme. Marie-Paule Salonne, entregou-se ultimamente a bem curioso inquerito: saber o que levou a maior parte das mulheres que escrevem a tomar um pseudonymo masculino para assignar os seus trabalhos.

Preciso primeiro apresentar-lhes minha amavel collega, que não teve duvida em autorizar-me a fazer uso de sua documentação; mas o seu nome e os seus escriptos certamente já lhes são conhecidos.

Marie-Paule Salonne, que alcançou em 1929 o premio Pierre Corrard, um dos premios que a Sociedade dos Homens de Lettras confere a "um trabalho de inspiração e fórma muito pessoaes, bello contexto litterario que contenha altas idéas moraes, sociaes e humanas", — Marie-Paule Salonne obteve tão difficil premio com seu livro *Le Fruit de nos entrailles*, magnifico hymno á maternidade, de grande successo em seu momento. O amor maternal déra-lhe tons de um grande poeta, e naquelle livro os versos alternam com a prosa no mesmo canto transbordante de orgulho, de amor e de esperança. Sincero, emocionante, *Le Fruit de nos entrailles* só faz traduzir sentimentos universaes; passa por elle um tremor que vem do fundo das edades, o arrepio da terra, da arvore e da ave, o arrepio de Eva, pallida, ao sentir o flanco agitar-se...

Marie-Paule Salonne é da raça dos que progridem. Em 1931, obteve ella, com *L'Age de la perle* o premio Minerva. *A l'école des papillons*, *Ma maison dans la brume*, *Le conte bleu ne finit pas*, todos os seus trabalhos, sem excepção, têm obtido premios de valor, e a fieira ainda não terminou, porque esta mulher admiravel, vivendo isolada na Bretanha, prepara novos livros que esperamos com impaciencia.

Mas voltemos ás escriptoras de pseudonymos masculinos.

Estaremos em 1932 mais adiantados que em 1832?

São ainda os homens hostis ás mulheres que escrevem? Uma Madame de Girardin seria constrangida, ainda hoje, a fazer-se passar pelo Visconde de Launay? Em 1904, Gabrielle Reval, em *L'avenir de nos filles*, mostrava-se pouco animadora: "A melhor prova de que a litteratura não póde ser uma profissão para a mulher é que uma mulher que escreve é obrigada a deixar crer ao publico que é um homem. Vejam George de Peyrebrune, Daniel Lesueur, Camille Pert, Jean Bertheroy, Pierre de Coulevain, Marni, Gérard d'Houville..."

Uma Colette riria disso, sem duvida, uma condessa de Noailles tambem. Entretanto... quantas vezes o ciume masculino mostrou as unhas a uma e outra... e a muitas outras, só pelas duas...

Interrogar os mortos teria sido instructivo, mas não creio em mesas que giram. Sómente George Sand respondeu a Marie-Paule Salonne, que foi entrevistal-a no tomo VIII da *Histoire de ma vie*, e que não se surprehendeu ao saber que, se a sogra da Baroneza Dudevant não tivesse severamente prohibido á exnora de lançar seu verdadeiro nome "em capas de livros impressos", George Sand teria assignado com seu nome feminino. Eis uma que não optou voluntaria e deliberadamente pelo masculino...

Vejamos agora porque tantas de nossas contemporaneas deixam attribuir, muito frequentemente, ao sexo forte, a propria força de seu talento ou de seu pensamento.

Dominique Dunois, a mascula escriptora de *Georgette Garou*, protesta. "Não assigno com nome de homem, mas com um nome usado pelos dois sexos e que, logo, não revela nenhum! Escolhi esse pseudonymo neutro porque achava absurdo que o factor *sexo do autor* influisse no juizo feito sobre o livro. Esperava escapar a esse erro, mas não o consegui. A proposito disso, *Georgette Garou* valeu-me uma acolhida animadora por parte de uma eminencia masculina das lettras, que se interessou por meu romance, e me marcou um encontro em seu escriptorio. A' vista de minhas roupas femininas, o romancista, encolerizado, poz-se a exclamar:

— A senhora não é Dominique Dunois! Foi um homem, e não uma mulher, quem escreveu esse livro.

— Perdão, Mestre, não tenho culpa de ser mulher, e nada posso fazer. Mas o que pensa de meu romance?

Não pensava mais nada... senão que eu não tinha o direito, sendo mulher, de escrever um romance que deveria ter um autor masculino. Tinha ou não tinha razão em desejar a neutralidade? Não tomei um nome masculino. Não. Seria renegar um sexo que conta innumeros valores litterarios, e tantos outros, isso de se sentir humilhada em pertencer-lhe. E quem sabe se, um dia, um de nossos confrades não tomará um nome de mulher?"

Conheci — confesso-o — um velhote que se assignava Lucia de Valreney para obter as boas graças do Director das Bellas-Artes... Mas isto se passava na espirituosa comedia de Flers e Caillavet, *Le Bois Sacré*.

A realidade de hontem e de hoje parece antes dar razão á neutralidade tão justamente reivindicada por Dominique Dunois.

A Baroneza de Trombelle escolheu o pseudonymo de Camille Bruno, "porque Camille é um dos raros nomes de dupla interpretação. A' vontade do leitor adivinhar se Camille usa coque ou bigodes."

Madame Emile Borel, personalidade forte que assignou vigorosos romances com o pseudonymo de Camille Marbo, pensa tambem que ninguem, lendo seus livros, deve ter tido necessidade de saber se o autor era homem ou mulher.

Jean-Marie Desseaux, jornalista e romancista, acha a qualificação da mulher na litteratura uma falta tão grave que ella se vê forçada a escondel-a como póde. Accrescenta: uma vez em que, por occasião da apresentação de seu romance *La route serpentine*, o Club du Faubourg lhe perguntou porque travestira o nome, em vez de responder ao auditorio em que dominava o elemento masculino, ella perguntou-lhe directamente:

— Os senhores lêem livros de mulheres?

— Mas certamente. Lemos Colette, responderam-lhe de diversos lados.

— E depois?

— Depois... Rachilde, Jeanne Landre, Lucie Delarue-Mardrus...

— Quando me offerecem um livro de mulher, accrescentou um ouvinte, nem mesmo o abro, e apresso-

me em trocal-o pelo livro de um homem.

Eis porque, diz Jean-Marie Desseau, tomei ao adversario o prenome que, junto ao meu, compõe um pseudonymo semi-masculino. Comparem, se quizerem, meu gesto ao do pharmaceutico que cobre uma pillula de assucar...

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

DR. C. DE MELLO-LEITÃO — CURSO ELEMENTAR DE HISTORIA NATURAL — Comp. Editora Nacional — São Paulo.

E' mais um precioso volume com que se enriquece a já valiosissima Bibliotheca Pedagogica Brasileira que, sob a alta competencia do Dr. Fernando de Azevedo, vem sendo publicada pela Companhia Editora Nacional, em S. Paulo. O professor C. de Mello-Leitão, que inicia com esse volume a publicação do seu *Curso de Historia Natural*, é um nome por demais conhecido dos nossos meios scientificos e pedagogicos para que se possa desde logo ajuizar do merito excepcional desse trabalho e tambem o alcance que o mesmo terá em beneficio do nosso ensino. Volume de quasi 400 paginas, sabiamente ordenadas e ricas de illustrações, o que resalta immediatamente aos olhos do leitor, ao perlustrar-lhe os ensinamentos, é a preoccupação constante e por todos os modos louvavel que acompanha o autor, de trazer sempre ao alumno o exemplo genuinamente nacional e apto a familiarizal-o, antes de mais nada, com as cousas da nossa terra, inteiramente ignoradas daquelles que ainda não ha muitos annos, versando taes materias, não tinham outro recurso senão recorrer aos tratados de especialistas estrangeiros, como Van Tieghenn e Remy Perrier.

MURILLO ARAUJO — AS SETE CÔRES DO CÉO — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1933.

Este é um notavel livro de versos, um dos mais bellos publicados no Brasil dos ultimos tempos. O sr. Murillo Araujo ascende com elle a uma altitude não attingida pelos seus volumes anteriores.

Sabe-se que esse faustoso artista decorativo, cantor dos ambientes fidalgos e pintor do Rio imperial, já era um grande nome da nossa poesia, graças aos *Carrilhões* e á *Cidade de Ouro*, e os seus meritos eram tamanhos que nem sequer conseguiu prejudical-o o premio que lhe conferiu a Academia Brasileira de Lettras...

Mesmo o desvio em certos excessos de um modernismo tumultuoso, que celebra os automoveis e os arranha-céos, não corrompeu a subtilissima sensibilidade desse poeta nostalgico e melancolico, amigo dos candelabros e dos reposteiros de velludo, dos balõesinhos da noite de S. João e dos presepes da noite de Natal.

E, agora, vemol-o reintegrar-se, ampliando-os e enriquecendo-os, nos seus motivos predilectos, voltando ao delicioso mundo da meninice, excursionando pelos dias ingenuos em que ouvia a preta Januaria embalal-o com uma voz que era "um rio de somno".

Pullulam as bellas metaphoras nesta collectanea encantadora, série de poemas que é todo um poema em que o autor inaugura uma especie de segunda infancia lyrica e brinca com o sol, com as paizagens, com os papagaios e com os outros garotos, como quando tinha quatro ou cinco annos no seu maravilhoso recanto de Minas.

Que soberba collecção de estampas em rythmos! Não ha exaggero em affirmar-se que, com estas *Sete côres do céo*, o sr. Murillo Araujo toma definitivamente logar entre os nossos melhores poetas vivos.

MODESTO DE ABREU — EXHUMAÇÃO — Off. Typ. da Escola 15 de Novembro — Rio, 1933.

O sr. Modesto de Abreu, vigoroso poeta lyrico ou satirico, de ha muito consagrado pelos louvores de Osorio Duque-Estrada, Povina Cavalcanti, Pereira da Silva e Abadie Faria Rosa, apresenta-nos agora uma expressiva affirmação do seu talento narrativo de memorialista. Com effeito, as paginas desta *Exhumação*, tão macabra no titulo e na allegoria funebre da capa, fazem-se ler com um interesse que não esmorece, taes a simplicidade, a flagrancia descriptiva, o tom de modelagem directa no real, que caracterizam este volume de recordações da vida de imprensa. Muitos representantes da pittoresca bohemia jornalistica, como Mauro de Almeida e Amorim Junior, são habilmente silhuetados pelo sr. Modesto de Abreu, que nos fornece, delles, curiosos lances profissionaes ou anedoctas e repentes ironicos que mereciam, sem duvida, ser retidos em livro.

A. FOUQUIER — VIDA E MORTE DE MARIA LAFARGE, A ENVENENADORA — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

Este livro, com que a Ariel Editora Limitada inaugura a collecção *Os crimes celebres*, foi brilhantemente traduzido do francez por um dos nossos bons jornalistas, que se occulta sob o pseudonymo de Carlos Eduardo. E' a narração minuciosa e impressionante de um dos processos mais sensacionaes occorridos na França do seculo XIX. Trata-se do caso de Maria Cappelle, accusada de ter envenenado o esposo, mestre de forjas em Glandier, e condemnada a trabalhos forçados por toda a vida.

Não cessando de protestar pela sua innocencia, foi ella agraciada em 1852, um anno antes de morrer, sendo que Maria Cappelle se extinguiu apenas com trinta e seis annos de edade. Era uma creatura de extrema subtileza intellectual e disso perduram as provas no seu attraente volume de memorias ou num volume de poesias, *Horas de prisão*, saturadas de uma resignação melancolica em que ha tocantes notas da melhor religiosidade christã.

Mas o que, acima de tudo, interessa a quantos evocam o caso de Maria Cappelle ou Maria Lafarge é saber se era ella criminosa ou innocente. Eis ahi um problema que aturdiria o proprio Edipo em carne e osso. Os indicios pró e contra pullulam no famoso processo. Todos se perdem no terreno das inquietantes conjecturas.

Lachaud, seu advogado e um dos maiores advogados criminaes da França, acreditou-a sempre uma alma impolluta, victima de deploravel erro judiciario, e, morta a sua constituinte, ia sempre, em piedosa romaria, florir-lhe o tumulo abandonado. Mas, com o tempo, augmentou o numero de accusadores de Maria e, ainda não ha muito, Pierre Bouchardon publicou um livro que vale por um temivel requisitorio contra aquella que fazia um uso abusivo do arsenico liquidando o marido ao invés de liquidar os ratos da velha casa em que habitava. O dr. Paul Voivenel, no volume *La chasteté perverse*, refere-se a Maria de um modo ironico que não conclue muito em favor da sua causa.

E assim, decorrido quasi um seculo após os acontecimentos que tanto apaixonaram a França e o resto do mundo, o drama em que esteve envolvida essa mulher enigmatica continúa a seduzir os caçadores de complicações psychologicas.

Quanto ao livro de A. Fouquier, agora posto em vernaculo, é dos mais uteis, dos mais meritorios, por isso que traz a biographia de Maria Lafarge, accrescida de todos os debates judiciarios e de todas as discussões entre os toxicologistas notaveis da época, de tudo emfim quanto deu a esse processo o relevo e a repercussão de um dos mais famosos na historia do crime universal.

CORNELIO PIRES — SAMBAS E CATERETÊS — Graphico Editora Unitas Limitada — S. Paulo.

Modas de viola, recortados, quadrinhas, abecês, etc. Os violeiros e seus principaes generos, orgulhoso, amoroso, saudoso, jocoso, observador, critico, vaidoso, sentimental, romanesco, comico, despeitado, fanfarrão, moralista, melancolico. Humorismo e sentimento, satira e paixão, malignidade ou piedade dos nossos sertanejos, tudo isto é bem fixado na preciosa colheita do sr. Cornelio Pires, um dos melhores illustradores da alma dos matutos e, logo, um dos seus historiadores mais dignos de apreço. Ainda que sem nenhuma solemnidade e sem pretenções a deitar erudição ethnographica, esse colleccionador de anecdotas e de canticos rusticos transmittenos, com admiravel flagrancia, as peculiaridades essenciaes da gente que sabe contar tantas lindas historias ao pé do fogão nocturno e sabe, se necessario, zurzir os potentados numa especie de gazeta rimada que lhe poderiam invejar muitos epigrammistas de profissão.

HONORIO DE SYLOS — ITARARÉ! ITARARÉ!... — Livraria José Olympio — S. Paulo, 1933.

Segundo o autor, "estas reportagens e instantaneos não valem senão como um singelo depoimento, que, não valendo nada, tem, pelo menos, o merito de ser sincero". Modestia excessiva. Porque o volume do sr. Honorio de Sylos, não pretendendo ser mais que um trabalho de jornalista, possue muitas e muitas paginas escriptas por um authentico homem de lettras. Tendo estado nas trincheiras do sector do sul de S. Paulo, por occasião do movimento que fez todas as almas convergirem anciosas para a terra dos bandeirantes, esse corajoso combatente não deslustra a peleja em que esteve empenhado ao transportal-a agora para o papel. Ainda que o não quizesse, realizou elle, nas melhores passagens do seu livro, attrahente litteratura e quasi sempre num tom bonacheirão, de quem, a par dos lances épicos, tambem sabe ver os lances burlescos, humanamente terra a terra, das campanhas desse genero.

"LA VIE DE TAMERLAN"

Harold Lamb — (Traduit de l'Anglais) — Librairie Gallimard.

Não encontramos neste livro as lisonjas da apologia nem a severidade do libello. Harold Lamb viu Tamerlão "com os olhos daquelles que cavalgaram a seu lado".

O horror que os seus crimes infundem se attenúa ante o seu genio de organizador e de guerreiro.

Parece criada pela fantasia de Scheherazade, a vida terrivel e magnifica deste insaciavel devorador de desertos.

Timour não herdára, como o seu grande emulo Alexandre, uma nação organizada para a sua fome de conquistas. Filho de um simples chefe Barlas, teve de fundir o seu povo com as bellicosas tribus nomades que ha seculos viviam em luta permanente. Argamassou-as pela força ou pela astucia e dellas formou os exercitos com que passeou victorioso por todas as terras que conheceu, das dunas de Gobí á India, á Persia, á Arabia, á Turquia, ao norte do mar Caspio, ás margens do Don, ás portas de Moscou, que um milagre salvou da pilhagem e do massacre.

Tamerlão commemorava os triumphos á maneira de seus antepassados. Setenta mil persas forneceram as cabeças para que os architectos tartaros ornamentassem com torres as ruas principaes de Ispahan. Na investida contra Bayazid, sultão do Egypto e Campeão do Islam, Bagdad foi tomada e reduzida a um monte de poeira. A Tartaria apagou da historia a maravilhosa cidade dos Khalifas.

Quando atravessava o Caucaso, o grande Emir avistou, encravada na rocha viva, rodeada por gargantas inaccessiveis, a cidadela de Takrit, um clan independente. Não ficaria bem a Timour deixar no seu caminho um inimigo. Os cymbalos clamaram, rufaram os tambores. Depois de um cerco de dezesete dias a fortaleza era destruida. Com os craneos dos soldados vencidos foram elevadas duas pyramides. Na base desse macabro monumento foi esculpida uma prudente advertencia: "Vêde o destino dos malvados que vivem sem leis".

Mas a vida desse barbaro genial não se resume em crimes facilmente justificaveis e que, de resto, a historia contesta. Ha nella episodios que revelam respeito pelas cousas da intelligencia. Passando por Shiraz, mandou chamar á sua presença o poeta Hafiz, a quem fez generosos presentes. Antes de incendiar as ruinas de Damasco, suspendeu por um momento a carnificina para que seus engenheiros estudassem a construcção de uma abobada cujas linhas elegantes haviam ferido a sua attenção durante a batalha. Queria uma igual em Samarkanda. Ainda hoje os restos do Imperador são guardados pela abobada côr de turqueza copiada de Damasco.

Como a Napoleão, a febre das realizações o accommettia á volta de cada conquista. Dir-se-ia que por instantes a civilização expulsava daquelle barbaro a furia que quasi o transformára num segundo flagello de Deus. E o selvagem se vestia de sybarita. Erguia palacios, fundava academias, museus, laboratorios, casas de banho. Marcando aos seus engenheiros o prazo de vinte dias para abrirem uma nova avenida na sua capital, lembra a impaciencia do General Bonaparte ante a demora com que Monge e Berthollet determinavam a situação geographica do Egypto e a composição das alluviões do Nilo.

Os chronistas da epoca falam com assombro do seu governo. Um contemporaneo escreve-lhe chamando-o de "sabio como Salomão e grande como Alexandre".

A' sua approximação, os monarchas europeus apressam-se em enviar dádivas e embaixadores ao "Gracioso e Serenissimo principe Timur."

Podia-se viajar pelo immenso imperio da Tartaria com menos insegurança e mais conforto que em alguns dos paizes actuaes. A' beira das grandes estradas, os viajantes encontravam edificações onde descançavam e em que até agua fresca havia no verão. Os capitães encarregados de proteger as caravanas pagavam com a vida os damnos que estas soffressem. O systema tributario tinha concepções que podiam ser inspiradas no moderno direito administrativo.

O que caracterizava Tamerlão, além da paixão pela aventura era o gosto oriental pelo esplendor. Sustentava as suas tendas de purpura com estacas de ebano e marfim incrustadas de ouro. Vestia-se de seda chineza, feltro e zibelina. No turbante scintillavam rubís e no cinto, saphiras de Cathay.

Filho das estepes argilosas, herdára dos nomades seus avós a fascinação pela montanha, a folhagem e a agua viva. Construia palacios para os seus jardins. Estes eram cercados por paredes revestidas de porcellana. No seu interior, arvores de prata, arreadas com gemmas preciosas semelhando fructas, realizavam a magnificencia sonhada nas Mil e Uma Noites.

Póde-se dizer, sem metaphora, que fertilizou a propria areia do deserto. A sua capital, Samarkanda, situada na planicie esteril do Turkestan, tornou-se pelos seus sabios, philosophos, professores, medicos, poetas, engenheiros, pintores e astronomos, o mais fecundo centro de cultura da sua época. Tamerlão repetia naquellas terras ensolaradas a gloria de Roma e o brilho espiritual de Athenas.

A sua maior ambição, realizou-a: teve o nome gravado nas moedas e lido nas orações.

Sua divisa era uma prophecia: "Rasti Rousti", "a força tem razão". Foi com a força que aquelle grande genio constructivo violou a Historia.

JOSÉ SERGIO.

NEWTON BELLEZA — A MULHER QUE VIROU HOMEM — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1932.

Evidentemente o sr. Newton Belleza é um prosador que se aperfeiçôa dia a dia, a realizar os prognosticos do sr. Benjamin Lima, nosso distincto collaborador, a quem este volume é dedicado. Apesar da incidencia no conto anecdotico, sabe compôr e um tom especial na narração, algo de indefinivel no dialogo, na apresentação dos typos e no recorte de um ambiente, fazem crer exista nelle, mais que um contista, um esplendido romancista de costumes. De costumes, sim. Porque o preferimos quando fixa detalhes da vida quotidiana, entre ironico e apiedado, a vel-o metter-se em sonhos fantasmagoricos e arbitrarios ou em scenas de um macabro excessivo, como no trecho dos lazaros que se cevam em pobres creanças roubadas. O conto que dá o titulo ao volume reflecte um caso real, occorrido em Bello Horizonte e de que os jornaes trataram tão profusamente quanto do caso da santa Manoelina. *Feitiço contra o feiticeiro*, *O novo conto do vigario*, *Atirou no que viu*, possuem, desde a tonalidade popular dos titulos, um pouco do bom Arthur Azevedo, com uma nota interior que por vezes faltava ao outro e não visando apenas produzir gargalhadas explosivas ou faceis effeitos de comicidade desbraguilhada.

Um Romance Brasileiro

Do romance *Menino de Engenho*, de J. Lins do Rego, poderia se dizer que é um livro destes onde o autor não encontra nunca de que se arrepender. E' um romance espontaneo e simples como uma confidencia. Um romance sem fortes imprevistos de scena, e que é um encanto de historia. *Menino de Engenho* é a vida de uma creança que perde tragicamente a mãe, e vae para a companhia do avô, no engenho Santa Rosa da Parahyba. A morte tragica da mãe é um facto que vae ficar dolorosamente na sua sensibilidade de creança. Mas é uma dôr sem drama, sem aprofundamentos de vida interior, a dôr de ver a mãe morta, e o pae, que a matou, como um louco. O menino segue a sua vida mais ou menos dominado pelo meio onde o botaram. Apenas a vida exterior desse menino de engenho, que tem a fome sensual de viver de todo o menino, é uma vida de verdade; não é uma imagem photographica para effeitos de litteratura.

O certo contraste que se acaba notando entre o não sei que de estranhamente sensivel e timido da natureza de Carlinho, e os arrebatamentos sensuaes em que se despregam os seus sentidos na vida de engenho, é de uma verosimilhança admiravel. E a verosimilhança é tudo no romance. Um critico brasileiro, dos mais agudos, o sr. Pedro Dantas, em outras palavras, já escreveu que a nossa litteratura era das mais pobres em materia de romance, de bons romances, é claro, mas que isto não era á falta, entre nós, de rica e numerosa materia de suggestão para elles; o que antes via faltar era talento e imaginação aos romancistas. E em verdade, sem imaginação e talento para descobrir e adivinhar atravez dos pannos de pura scenographia da vida — os seus pannos de bôcca — as qualidades de rythmo e plasticidade e força creadora que ella encerra, toda a habilidade de um escriptor não irá além da do confeccionador de figurinos.

O romance conhece-se pelas fortes sensações de vida que elle nos dá, pela verdade humana que elle encerra, a unidade pessoal dos seus typos, unidade difficil de comprehender e tantas vezes impossivel de não se sentir, tal como dentro da vida mesmo.

De quantos romances se tem publicado no Brasil, nestes ultimos tempos, não sei de nenhum que tanto se approximasse dessa plenitude de expressão como o *Menino de Engenho* de José Lins do Rego. E o que é mais: é um romance quasi sem enredo, onde não se encontra de começo a fim uma só grande emphase de linguagem ou de paixão. E' que o autor não nos procura dar a vida de nenhum menino prodigio, nos dá a vida de um menino simplesmente. Mas porque é uma vida real, ella possue uma irradiação intensa, uma impregnação de *ser* que se mistura a todas as coisas e outros seres em redor. Sentem-se por exemplo os olhos curiosos do menino pelas paizagens do engenho, enchendo-as de cores, sente-se a sua emoção transfigurando numa alegria de festa a cheia do Parahyba, e na viva attenção com que elle acompanha, ás vezes, o trabalho dos negros ainda se sente, como suavisando esse trabalho, uma ternura bôa, dessas ternuras lyricas que é o segredo dos innocentes.

Aliás é conveniente notar: onde Carlinho começa propriamente a impressionar como revelação de um typo, como affirmação de pessoa, não é quando elle se desbraga com os moleques e as creoulas do engenho em actos da mais porca sensualidade, mas é quando entra em acção a sua sensibilidade affectiva, que em certas creanças age com um vigor de instincto.

Dessa sensibilidade affectiva do menino de engenho é que vemos partir os seus impulsos de mais delicada e pura emoção, de um sentimento tão espontaneo e lyrico que se fica a gente com a bocca cheia d'agua da inveja de não ser menino para movimentos tão simples e puros do coração. A perplexidade de Carlinho vendo morta a prima Lili, toda branquinha e de olhos azues, os mesmos olhos azuezinhos que na doença o procuravam como o brinquedo que ella tivesse mais pena de deixar, é uma imagem deliciosa da angustia da saudade. Outra scena de uma realidade magnifica é aquella em que elle salva o trem de um descarrilamento inevitavel, correndo, sangrando todo de remorso, para tirar a pedra que com os primos havia ajudado a collocar nos trilhos. E como esta novas scenas se poderiam citar, de uma espontaneidade e franqueza de caracter que fixam lealmente a personalidade do *Menino de Engenho*.

Uma qualidade tambem que é rara em romance brasileiro, e que, conforme já alludimos, muito distingue o romance de José Lins do Rego, é a naturalidade de linguagem. Mesmo nos descriptivos mais intensos, de uma enorme tentação lyrica, o autor se conserva dentro da sua medida e do seu natural, sem litteratura e sem pompa, appelidando as coisas pelo seu proprio nome de familia, uns nomes quasi sempre saborosissimos de dizer. O proprio sentido dramatico de certas scenas, de certos estados d'alma do menino de engenho, não decorre de nenhum effeito de phrase exclamatoria e sim de uma aguda e natural suggestão da narrativa.

E' possivel entretanto que muito leitor tivesse, em relação ao heróe do *Menino de Engenho*, ficado com a ultima phrase do livro: *"menino de engenho, menino perdido."* Bem analysado seria mais justo: menino de engenho, menino que se achou elle mesmo. Menino que não se sentia todo em si mesmo, em quem "o sexo dava signal de crescer mais depressa do que as pernas e os braços", era menino que se sentia contrafeito e que reagia contra a deformação, refluindo de quando em quando para o seu verdadeiro eu. A sua melancolia era bem a sua força; o seu signal de resistencia. Aliás, por outros motivos que o livro suggere, o seu prematuro crescimento sexual foi um accidente na sua meninice, e como accidente deveria ter ficado até o fim no romance. Como um detalhe, bom para se deixar entrever, e demasiado para se explicar e repetir. E não se dá porventura que esses impulsos sexuaes de ultima ordem não explodem em todo o menino com mais ou menos violencia, conforme a opportunidade das companhias, dentro ou fóra do engenho? E se o romance não pode tomar o papel de um registro minucioso e estatistico de factos, não deve ser o archivo de uma vida, mas antes a traducção do que a vida exprime de essencial e typico, todo o detalhe

menos caracteristico, se elle se alarga para tomar o logar de um sentimento ou de uma idéa, tem um effeito caricaturesco.

Mas a verdade é que o autor viveu bem a vida de Carlinho no seu livro, tão bem que os exaggeros que me pareceram caricaturescos de certas scenas libidinosas não torceram nem desvirtuaram a personalidade do seu heróe. A impressão de encanto, quasi de enternecimento que deixam os imprevistos de candura, as scismas bôas, partidas de uma consciencia que as dores da orphandade como amadureceram antes de tempo, o não sei que de espontaneo e ardente da natureza do menino de engenho, a impressão de sympathia muito humana que tudo deixa ao leitor, é o mais positivo testemunho da força e da sinceridade do livro. Sente-se que *"Menino de Engenho"* foi livro que não precisou de longa gestação para nascer. Elle brotou de um jacto, e estava mais do que vivo na memoria do autor; estava no seu sangue e nos seus nervos.

Em geral quasi todas as personagens do romance se succedem com uma precisão de caracter que convence todo o mundo. O typo de Ursulino, typo do senhor de engenho brutal, orgulhoso e vingativo, que leva os seus negros a relho de couro crú, é de uma boa agua forte. Outra figura de um relevo impressionante, e que o autor pegou ao vivo, é esta do Coronel Lula, typo do senhor de engenho mysanthropo e derrotado, e que vive entre velhos habitos de vida como entre cadeias. Finalmente o senhor do engenho Santa Rosa, o velho Zé Paulino, o avô do menino de engenho. Este encarna a figura patriarchal dos nossos antigos senhores de engenho: é um symbolo. A sua familia é toda a população do engenho, para a qual elle tem todo o rigor e toda a brandura de um pae. As suas coleras eram de um bramido olympico, mas intimidavam mais pela scentelha do que pelo raio.

Todas essas figuras com quem aliás viveu o autor do *"Menino de Engenho"*, figuras de avô, de tio, de amigos da familia, sendo embora muito nossas conhecidas, ellas parecem novas e muito mais interessantes, tudo pela opportunidade com que apparecem para illustrar a vida do pequeno Carlinho, como novas parecem as historias de Carochinha que o autor transporta para o livro com uma audacia de que somente a espontaneidade e a força do seu talento poderiam triumphar. Historias como a da menina que a madrasta enterrou, e que uma voz descobriu, a voz que falou ao capineiro.

Mas o curioso é que esta historia, narrada com todos os detalhes, a mais velha de todas as historias de carochinha, toma um relevo delicioso na trama do livro, tanto relevo que dir-se-ia uma lacuna se ella lá não estivesse com todas as lettras, a historia que Carlinho ouvia contar a velha Totonha. Já houve quem comparasse o romance do meu amigo José Lins do Rego a uma historia mais comprida da velha Totonha. Este foi o maior elogio que se fez ao *"Menino de Engenho"*, contanto que uma historia da velha Totonha entretenha e faça sonhar a gente grande.

OLIVIO MONTENEGRO.

Hotel Castello

Rua Mexico, 146
Ao lado da Avenida Central
Endereço Telegr.: HOTELCAS
Rio de Janeiro

RESTAURANT DE 1ª ORDEM

Telephones 2-9970 — 2-9978 / 2-9977 — 2-9979

Edificio novo. Vista magnifica.
Todos os quartos com telephone e banheiro particular

ODILON NESTOR

O nome que assigna em outra pagina desta revista os versos intitulados Olhos Verdes *é dos que desfrutam de mais prestigio na capital de Pernambuco. Talento multiforme, Odilon Nestor junta a uma solida cultura juridica o dom da poesia, o senso da critica litteraria, o traquejo do jornalista. Professor da Faculdade de Direito do Recife, advogado de grande conceito, Odilon Nestor é uma figura que merece ver extendida ao resto do paiz a admiração e a estima que o cercam em seu Pernambuco.*

ESTRELLITA JUNIOR — AS MINAS DE SINCORA' — Livraria Editora Freitas Bastos — Rio, 1933.

Pondo no papel as suas reminiscencias de Matto Grosso, o autor estende-se quanto ás affinidades ethnicas do nosso povo com muitos outros, antigos e modernos. Surgem minucias em torno a inscripções ideologicas, migrações collectivas, tradições millenarias, tudo em 345 paginas repletas de nomes proprios e de citações de livros de sciencia.

CHARRÚAS DO AMARANTE — ANTHROPOPHAGOS — Typ. Aurora.— Rio, 1932.

Numa especie de circular á imprensa, declara o autor que, "embora despido de qualquer espirito de exhibição" e sem desejo de ser exposto "no palco artistico dos affeiçoados á Musa", quer que os leitores vejam "se ha versos ao menos nos seus versos"...

QUEIROZ JUNIOR — OS ESPECTADORES — *Galdino, editor* — Bahia, 1932.

Dar-nos-ia bastante prazer elogiar este romance do sr. Queiroz Junior, se o proprio romancista não fosse o primeiro a declarar: "Eu tenho medo de que o meu livro seja bem acceito pela critica, porque isso insinúa a desconfiança do publico..."

F. J. DE OLIVEIRA VIANNA — POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Terceira edição de uma obra definitivamente consagrada pelo favor publico e que collocou o seu autor entre os nossos maiores sociologos. Paginas admiraveis sobre a nossa aristocracia rural, a actuação dos paulistas, o sentimento do grande e pequeno dominio agricola, o espirito de clan, as instituições de solidariedade social e o criterio centralizador com que o Segundo Imperio procurou combater as tendencias municipalistas e os pruridos de caudilhismo que ameaçavam a unidade nacional.

SAX ROHMER — O MYSTERIO DO DR. FU-MANCHU' — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Romance de sensação, evocação de almas e mythos da China mysteriosa. A traducção é de Dieno Castanho e o volume traz uma suggestiva capa illustrada.

FERNANDO DE AZEVEDO E OUTROS — A RECONSTRUCÇÃO EDUCACIONAL DO BRASIL — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

Trata-se de um manifesto dos pioneiros da educação nova, dirigido ao povo e ao governo. Grito de protesto contra a indisciplina mental e a a falta de cultura universitaria. Urge combater o programma de quantos vivem applicando a um mundo novo uma alma antiga. Lute-se pelo despertar de uma verdadeira consciencia pedagogica e, nos reductos do ensino, sobreponha-se uma politica de previsão a uma politica de freios e compressões absurdas. Os subscriptores deste trabalho são em geral homens de pensamento e homens de acção. Chamam-se Fernando de Azevedo, Anisio Teixeira, Lourenço Filho, e alegra-nos ver entre elles os nossos eminentes collaboradores Afranio Peixoto e Roquette-Pinto.

MENOTTI DEL PICCHIA — POEMAS — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Mascaras, Juca Mulato, Angustia de D. João, O amor de Dulcinéa... Estão ahi, num unico volume, os versos mais populares do sr. Menotti del Picchia. Tristezas e galanterias em excellentes alexandrinos. Pena é que, antes de chegar aos poemas, o leitor esbarre num prefacio, absolutamente inexpressivo, do sr. Julio Dantas...

"Geschichte des Bolschewismus"

VON MARX BIS ZUR GEGENWART

Arthur Rosenberg — Rowohlt — Berlim — 1932.

Na copiosa bibliographia sobre a Russia nova faltava ainda o livro que a historiasse, ou melhor, que acompanhasse, desde suas origens até hoje, a idéa-força que a norteou. Chamar idéa-força a uma doutrina que nega o primado do espirito na evolução social é cousa que por certo ha de fazer mal aos nervos de muita gente. Mas isso é lá com o Fouillée. Faltava, diziamos, a historia do bolchevismo. E é essa historia que nos vem contar agora Arthur Rosenberg, professor da Universidade de Berlim, ex-membro da C.C.E. do partido communista allemão, como tambem da C.E. da III Internacional. Arthur Rosenberg ingressou no partido communista em 1920, quando da scisão da social-democracia independente, delle sahindo em 1927. Conforme nos adverte no prefacio, não escreveu o livro por amor de nenhum partido ou grupo e o problema que procura resolver é, antes, scientifico. Repetidas visitas á Russia e o conhecimento pessoal de seus *leaders*, entre os quaes Stáline, fizeram-no perfeitamente informado da mentalidade sovietica e habilitaram-no a descrever a evolução da politica de Moscou desde 1917. Isso elle faz com serenidade, objectivamente, como o devem fazer quantos se proponham a narrar e explicar os factos da politica contemporanea.

Antes da leitura da *Geschichte*, poderia talvez extranhar-se que, como resalta do titulo, a historia do bolchevismo remontasse a Carlos Marx e, o que é mais, ao Marx de 48; pois, como todos sabem, o nome nasceu da scisão da social-democracia russa na celebre conferencia de Londres de 1903, em que se defrontaram os dois grupos chefiados, respectivamente, por Lénine e Mártof. Justificar-se-ia tal extranheza, se se tratasse da historia do partido, e não, como já acima ficou dito, da idéa bolchevista. E está mergulha, de facto, suas raizes no marxismo.

Já na decada 40-50 do seculo XIX, sonhava Marx com uma proxima revolução na Allemanha, levada a cabo pelo proletariado industrial. Mas, para que a obra revolucionaria do proletariado não fosse escamoteada pela burguezia, não se limitasse á abolição do feudalismo monarchico e á sua substituição pelo liberalismo burguez, urgia que a revolução allemã tivesse tambem o seu Robespierre. O novo, ou os novos Robespierres haveriam de, vindos da burguezia, desapegar-se della para a criticarem e atacarem, levando mais além o objectivo da revolução. Haveriam de tirar da doutrina economica de Ricardo, como da doutrina philosophica de Hegel, as consequencias logicas a que esses pensadores da burguezia se furtaram. Se a força de trabalho humano é a fonte de todos os valores, se ha entre o trabalhador e o empresario uma relação tal, que este aufere o lucro e cabe ao outro apenas o *quantum sa'is* para viver, não ha nisso nenhuma necessidade natural, mas, antes, um phenomeno caracteristico determinado por certo periodo historico, isto é, pelo capitalismo burguez. Se ha uma opposição entre a pequena minoria que se faz cada vez mais rica e a grande maioria, pobre cada vez mais, tal opposição não é fatal, nem eterna, senão que, antes, o proprio methodo dialectico impõe, como solução ao conflicto das duas forças oppostas — "these" e "anthese" — a "synthese" socia-democratica e revolucionaria. Revolucionaria, porque o marxismo, diz Arthur Rosenberg, é como um livro profundamente sabio, cujo ultimo capitulo é a insurreição. Conscientes de sua situação já estavam em 1848, para Marx, os trabalhadores. Faltava-lhes, porém, ainda organização. Para acudir a isso é que Marx foi com Engels a Bruxellas, Paris e Londres, fundou, com um punhado de adeptos, a Liga dos communistas e lhe publicou o programma — o *Manifesto Communista*. Internacionalista no fundo, o *Manifesto* não excluia a idéa nacional: se "os trabalhadores não têm patria", é que a detêm outros e impende-lhes, aos trabalhadores, conquistal-a. O internacionalismo, como a supressão do Estado, seriam conquistas futuras post-revolucionarias, obtidas gradativamente pela revolução social e economica. A obra presente, que primeiro se impunha, era, sem ser um fim em si, mais modesta: quéda da realeza, da nobreza e do grande capital pela revolução, instituição de um governo democratico, mas dictatorial, para conter a contra-revolução. O Estado, "poder organizado de uma classe sobre outra", é, para Marx, dictatorial por natureza e insupprimivel onde e emquanto houver dualismo e opposição de classes. Assim, a julgar pelo que Marx e Engels prégavam na *Neue Rheinische Zeitung*, a tarefa primeira e urgente era nacionalista, guerreira e dictatorial: victoria do povo allemão sobre a Dinamarca, a Russia e os Eslavos austriacos e, após a victoria, implantação de um governo dictatorial revolucionario. Essas idéas do Marx do decenio 40-50 não se coadunavam bem com a I Internacional de 64, que, ao invés de um partido politico unitario, era antes um "cartel" internacional sem cohesão, formado de associações de toda especie, desde os syndicatos burguezes liberaes da Inglaterra até aos anarchistas latinos. Tão pouco na Communa Parisiense de 71 se verificou o programma marxista de um governo revolucionario centralizado. A revolução dos *Communards* processou-se no sentido de um federalismo idyllico que, em meio a uma guerra civil, não passava, para Marx, de um estupido sentimentalismo. A morte da Communa foi a morte da I Internacional. E com o desapparecimento das possibilidades revolucionarias ante a consolidação das grandes potencias — Allemanha, França, Austria-Hungria, Italia, Estados-Unidos, iam igualmente por terra os methodos autocraticos de Marx. Mas, com as grandes potencias, crescia tambem em numero e importancia o proletariado industrial, que se organizava, não já no sentido revolucionario, mas no da conquista de melhores condições economicas e sociaes consentaneas com o regimen capitalista. Era a II Internacional de 1889 que surgia e com a qual o marxismo, de theoria da revolução, passava a ser uma ideologia de classe, visando a melhorar, dentro da sociedade burgueza, as condições do proletariado, consciente, aliás, de sua posição como classe distincta da burguezia.

Mas havia ainda um paiz em que o marxismo de 48 se conservava integral e onde as mais fortes cabeças da

"*intelighentsia*" pretendiam realizar, com o auxilio do operariado, á maneira marxista portanto — a revolução. Era a Russia dos tsares.

A Russia do seculo XIX era ainda um Estado genuinamente feudal. Mas entre os senhores e os servos se interpunham os... filhos dos senhores, representando a "*intelighentsia*" radical, dynamitadora do tsarismo. E quando Alexandre II pretendeu, com a chamada libertação dos camponezes, prevenir a subversão, a bomba que o esphacelou em 1881 foi a resposta dos *narodniki* á comedia da libertação. O marxismo de 48 não se encontrava, porém, nesse socialismo agrario, que tal era a ideologia dos *narodniki* ou social-revolucionarios. No fim do seculo apparecia na Russia a grande industria, formando-se com ella o proletariado industrial. Como solução aos problemas industriaes e proletarios, surgia o socialismo, organizava-se o partido social-democrata. Foi então que as theses do marxismo revolucionario se impuzeram. Foi isso em 1895. Ora, o marxismo europeu já não era, então, o da Liga dos communistas, mas o das grandes partidos da II Internacional. Uma de duas, pois: ou adherir ao marxismo europeu contemporaneo, ou restaurar o marxismo primitivo de 1848. Lénine optou por este. Era a esquerda da social-democracia russa que se formava, negando á classe trabalhadora a capacidade de crear por si mesma o socialismo, sem a leaderança da "*intelighentsia*" vinda da burguezia, e repellindo a acção syndical, trade-unionista, como annuladora da consciencia politica da classe operaria. Victoriosa por alguns votos na conferencia de Londres de 1903, a esquerda da social-democracia russa passou, por isso, a chamar-se bolchevista, em opposição á direita minoritaria ou menchevista chefiada por Mártof e apoiada por Trotski. Em que consistia a differença? Em que para Mártof e Trotski o partido formava com o proletariado militante uma só peça, emquanto para Lénine, por trás e por cima do proletariado, estaria o partido como força secreta e orientadora. A these bolchevista deveria ter sua primeira prova de fogo na revolução de 1905. Esta, disse Lénine, se foi proletaria, pelo seu principal instrumento de lucta — a greve, foi, por seu objectivo — dia de 8 horas, confiscação da grande propriedade, etc., democratico-burgueza. Ora, a influencia maxima, exerceram-na então os menchevistas, de cuja iniciativa surgiu o famoso conselho operario de Petersburgo em outubro de 1905. E assim como em janeiro o proletariado confiara os seus destinos ao aventureiro Pope Gapone, assim o conselho operario se deixava agora dirigir por Nossar-Khrustálief, o joven advogado sem partido, sem passado politico, expressão da heterogeneidade ideologica do conselho. Para os menchevistas, cujo principal theorico era então Martynof, essa revolução de 1905 era e devia ser burgueza, visante á realização de reformas democraticas, porque a victoria do socialismo se lhes afigurava então impossivel na Russia. A elles, menchevistas, cumpria, pois, apoiar com todas as forças a revolução, mas, tão depressa o tsar cahisse, collocar-se-iam na opposição, promovendo os interesses especificos do proletariado. Mostravam-se assim anti-collaboracionistas ou, como então se dizia, anti-jaurèsistas. Era uma esquerda apparente e Lénine, combatendo o ponto de vista menchevista, parecia fazer o jogo da direita. Mas parecia, só. Porque o facto é que Lénine representava em 1905 o lemma da dictadura revolucionaria democratica dos operarios e camponezes, idéa que, sobre ser genuinamente marxista, decorria da necessidade, para o operariado alcançar o poder, de alliar-se a outras camadas e classes da população. Uma revolução do povo só é possivel, quando a quer a maioria do povo. Se a revolução não está sómente no operariado, os trabalhadores devem buscal-a onde ella está. E se, por impossibilidade de realizar immediatamente o socialismo, o operariado militante se abstem, como queriam os menchevistas, o resultado será, talvez, a volta ao absolutismo.

Veio a guerra mundial. Em 1914 Lénine estava convencido que da guerra russa haveria de resultar a revolução russa. E apontou então o imperialismo como sendo a ultima etapa do capitalismo, que, deixando a phase da livre concurrencia, entrava na dos trustes, carteis e syndicatos, ou seja na phase do monopolio. A guerra mundial era, do ponto de vista russo, uma verdadeira razzia do imperialismo, pela qual a nobreza visava á conquista de novas terras e o capital á realização de novos lucros. Para a consecução de ambos esses fins, diziam os imperialistas ás massas populares que ellas deviam obedecer, supportar todos os soffrimentos e privações, pois assim o exigia o interesse da patria. A defesa nacional impunha taes privações, que eram nada, diziam, em confronto com a miseria resultante da patria vencida e esmagada. A essa ideologia do imperialismo respondia Lénine que a social-democracia devia provocar a derrota do proprio governo e transformar a guerra externa em guerra intestina. O russo, dizia Lénine, "não é estranho ao sentimento de orgulho nacional e precisamente por isso é que odiamos o nosso passado de escravidão e... o nosso presente de escravidão." E eis como o "nacionalismo" de Marx e Engels de 48 reapparece e se explica no leninismo da Grande Guerra. O derrotismo é apenas apparentemente anti-nacionalista. Para Lénine, o verdadeiro interesse do povo russo é que exigia a revolução contra todas as testas coroadas, quer se chamassem Nicolau II, quer Guilherme II. Politica de luta, a politica de Lénine voltava-se, pois, contra toda e qualquer abstenção pacifista, como contra todo e qualquer apoio á guerra imperialista. Quando em fevereiro de 1917 a revolução desthronou o tsar, succedeu que Lénine e os bolchevistas ficaram isolados, pois o povo e o operariado russos acompanharam, em grande maioria, os *narodniki* e os menchevistas. Só com as modificações operadas no decorrer do mesmo anno de 1917 é que Lénine assumiu a leaderança da maioria do povo russo.

Por maior que fosse a divergencia entre bolchevistas e menchevistas, de 1905 a 1917, estavam todavia accordes quanto á concepção fundamental da proxima revolução, isto é, quanto á convicção de que seria uma revolução burgueza. Da mesma opinião eram os social-democratas russos que haviam, na Grande Guerra, adherido á causa da defesa nacional. Mas, ao lado dessa, havia ainda outra corrente, isolada mas não menos notavel, sobre a vindoura revolução de Trotski. Segundo Trotski, a revolução devia ser socialista e começar por transformar a propriedade privada da burguezia em propriedade social. Era a realização da parte que Marx reservara á acção evolutiva post-revolucionaria. Representavam a mesma corrente trotskista Rosa Luxemburgo na Allemanha e Gorter na Hollanda. Menchevista primeiro, bolchevista depois, Trotski tomava novamente posição contra Lénine, mas já aqui como esquerdista. Reconhecendo embora a inexequibilidade do socialismo immediato num paiz agrario e atrasado, como a Russia, Trotski propunha o

extravasamento da revolução socialista da Russia para a Europa occidental. Num só paiz, a revolução estaria condemnada ao estagno; propagada de paiz a paiz, ella se iria affirmando cada vez mais. Essa, a famosa theoria trotskista da revolução permanente. Mas não só ahi divergia Trotski de Lénine. Não acceitava, tão pouco, a dictadura de uma leaderança sobre os trabalhadores, nem acreditava no poder de attracção da idéa nacional, que, numa phase de imperialismo, tinha por obsoleta.

Uma organização só póde considerar-se revolucionaria quando prepare um movimento subversivo bem caracterizado e devendo realizar-se em determinada época. Não estava já nestas condições a II Internacional e já não havia nella, portanto, lugar para os bolchevistas.

Além disso, a II Internacional, pretendendo representar o marxismo sem revolução, achava-se em contradicção comsigo mesma. A consequencia foi a scisão: revisionistas de um lado, do outro radicaes; aquelles refundindo o marxismo no sentido reformista, estes, "orthodoxos", adiando a revolução para quando se annunciasse. Na Russia, e por um lado, ao primeiro desses dois grupos correspondiam os chamados "economistas", ao segundo os menchevistas; e, por outro lado, a um dos aspectos do marxismo se ajustava o bolchevismo (revolução semi-burgueza), ao outro aspecto o trotskismo (revolução socialista). Junte-se a isso o advento da guerra com adhesão dos partidos socialistas da Allemanha, França, Austria e Belgica á causa da defesa nacional, contra o que, aliás, se declararam Bernstein e Kautski, e ter-se-á o porque da phrase de Lénine: "A II Internacional está morta!" Para Lénine a *causa mortis* da II Internacional estava na "aristocracia operaria", como elle chamava ao operariado qualificado a quem a burguezia peitava com a gorgeta dos salarios altos. O resultado dessa crise revolucionaria foi Zimmerwald, foi Kienthal, foi toda uma serie de tentativas baldas, de esforços frustrados e renovados, toda uma actividade obscura, illegal, clandestina, na atmosphera candente da fogueira européa. Nessa campanha sem treguas, que havia de culminar mais tarde na III Internacional, foi figura precipua esta vontade personificada — Vladimir Ilitch, em quem os malapartes e malasartes de hoje, não sabemos com que idoneidade, foram descobrir a... covardia!

Lénine jámais hesitou em modificar suas idéas quando os factos o exigiam. Eis porque, ainda na Suissa, logo que conheceu os detalhes da revolução de março de 1917, viu no systema dos soviets, de que antes jámais cogitara, a forma moderna da revolução democratica socialista. Assim chegou elle á sua famosa palavra de ordem: "Todo o poder aos soviets!" Não o preoccupava então (meiado de 1917) o modo como o bolchevismo haveria de conciliar-se com a idéa federalista e anarchista dos soviets. Logo após sua chegada a Petersburgo, propunha a convocação de uma reunião, afim de modificar o programma e o nome do partido, que se chamaria communista, como se chamaram em 48 Marx e Engels, afastando assim toda confusão com a II Internacional social-democrata. Propunha, mais, que se refundisse a Internacional. E' nesta occasião que Trotski se faz bolchevista. Seguem-se: a crise do governo em maio, a consequente fallencia dos *narodniki*, a offensiva de julho augmentando o prestigio dos officiaes tsaristas a ponto de possibilitar a provocação de Kornilof, o chaos decorrente da fraqueza dos social-revolucionarios e, emfim, a revolução de outubro, Lénine tinha então o firme proposito de realizar a revolução burgueza, de unificar e nacionalizar os bancos, de nacionalizar os carteis e syndicatos capitalistas, de forçar todos os proprietarios a associar-se e toda a população a entrar para as cooperativas de consumo. Communismo? Não. Capitalismo de Estado, apenas; mas capitalismo de Estado que Lénine considerava um passo dado no sentido do socialismo. E' elle mesmo quem o diz: "O socialismo não é mais do que um passo á frente no monopolio do capitalismo de Estado."

Tudo isso e ainda muito mais nos diz Arthur Rosenberg em sua *Geschichte*. Quizeramos poder seguil-o até ao fim em companhia desse nosso imaginario e docil leitor, docil porque imaginario.

Mas temos que parar.

O communismo de guerra, o communismo de fome, Brest-Litovsk, a G.P.U., a dictadura do partido, o enfraquecimento dos soviets, a derrota de Trotski, a revolta de Kronstadt, a Nep, o recuo da III Internacional, a frente unica, o testamento de Lenine, a mythologia do proletariado, o socialismo agrario, o reformismo communista, a burocracia, os kulaks, Stáline e a China, Stáline e o plano quinquennal, etc., etc., esses os quadros do filme, porque é um verdadeiro filme, que Arthur Rosenberg nos põe deante dos olhos. Apreciando-os todos com uma penetração rara, fazendo-nos comprehender, por exemplo, porque Lénine se afastou da revolução internacional, porque os seus successores combateram a Trotski, qual a significação do desvio de Stáline para a direita e de sua nova marcha para a esquerda manifestada no plano quinquennal, mostrando-nos, em summa, o como e o porque de cada facto, de cada attitude, de cada these, de cada corrente de idéas, Arthur Rosenberg dá-nos, em seu livro, a impressão de estar pondo, como se sóe dizer, os pingos nos *ii*.

V. DE MIRANDA REIS.

MARIO GRACCIOTTI — O ULTIMO ROMANTICO — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1933.

Prosador escorreito e facil. Alguns dos seus contos intitulam-se *O Ruivo*, *O Corvo de Poe*, *Nesta rua tem um bosque*, *O decifrador de mulheres*.

RAUL BOPP — URUCUNGO — Ariel Editora Ltda. — Rio

Os srs. Luiz Vergara, Manlio Giudice, Jorge Amado, Danton Coelho e Carlos Echenique, amigos do sr. Raul Bopp, promoveram a publicação desta série de poemas negros, de um titulo tão barbaro, tão asperamente africano.

Em pequeno volume, que traz uma bizarra allegoria de Santa Rosa Junior, illustrador nortista destinado a abrir caminho aqui no Rio, surgem, em metros varios, ou na mais absoluta ausencia de metros, todos os motivos da inspiração afro-brasileira, Pae João, Cata-Piolho, Yayá, o Cavallo Marinho, São Benedicto, senhoras e escravas, a Mãe Preta, a vacca Christina. Muita cousa notavel, como ideação e execução, e alguns trechos dignos de qualquer das anthologias de poesia negra em que se comprazem os norte-americanos, tão exaltados, no momento, por uma especie de *magie noire* e dados a explorar os themas suggeridos pelas canções e dansas daquelles que, em outros instantes, untam de alcatrão e queimam nas esquinas de Boston ou Chicago.

O sr. Bopp é indiscutivelmente um maravilhoso interprete dos batuques de fazenda, das festas religiosas a um tempo catholicas e fetichistas, das toadas tristes em que, apesar de varias gerações decorridas, ainda ha muita dolencia de *banzo*. Sente o encanto narrativo dos "casos da negra velha", dessas lendas transmittidas pelas amas e cozinheiras retintas e que ajudaram tanto brasileiro branco a ser poeta. Seus versos estão cheios de onomatopéas arredondadas ou em angulos agudos, em syllabas que ora afagam, ora laceram os ouvidos. A Favella para elle ainda será um dos recantos mais civilizados do Rio...

As reliquias da morta

Cecilia empurrou de manso a porta do quarto, espiou para dentro. A janella estava completamente fechada, e o aposento mergulhado numa meia obscuridade. Entrou. Mas na cama não havia ninguem. Que significaria isso? tia Marina teria... Que horror! O coração batia-lhe apressado. Abriu o armario. Faltava um vestido, o azul marinho, que tia Marina tinha mandado fazer por ultimo.

Pé ante pé, como se tivesse surprehendido um segredo e precisasse escondel-o, sahiu. Fechou sem ruido o trinco. E esgueirou-se para a sua cama. Ficou immovel, de olhos fechados, repetindo mentalmente:

— Tia Marina morreu... morreu... tia Marina morreu.

Mas não se sentia acabrunhada. Um pouco excitada, apenas. Talvez não chegasse a realizar bem essa morte que não presenciára: a tia desapparecêra sem que ella ouvisse falar em eça, nem em enterro. Desvanecêra-se. Estava desarvorada, isso sim. E com medo que os outros soubessem da sua descoberta. Porque, então, não poderia deixar de soffrer. Não pensava assim claramente. Sentia-o, apenas, de um modo frouxo, obscuro. O instincto do egoismo, o mais profundo. Sem testemunhas, a dôr só domina quando é mesmo muito forte. A sensibilidade facil é um sentimento social, quasi sempre, inconscientemente, provocado pelos outros.

No dia seguinte já se sentia mais forte, mais adaptada á vida. Desceu sózinha a escada, amparando-se ao corrimão. Na saleta, abriu um jornal. Estava cheio de noticias macabras. Verificou a data: 4 de Novembro. Estivera quasi um mez de cama. E tia Marina, qual teria sido o dia da sua morte?

Agora, estava achando a casa exquisita, sem ella. Na vespera não achára falta porque pensava que estava lá em cima; mas hoje tinha a sensação de que tudo estava desarrumado, de pernas para o ar. Começou a commover-se, lembrando-se da tia. Afinal de contas, servira-lhes de mãe. Um pouco implicante, sobretudo um pouco fria, mas boa. Cuidára della e dos irmãos sem carinho, mas com dedicação.

Quando Heloisa entrou na sala, porém, receiou que ella lhe fosse falar da tia, e fingiu-se muito interessada na leitura dos jornaes.

Só na tarde do outro dia, é que Dr. Vieira chamou-a, afagou-lhe um pouco a cabeça, em silencio, e depois disse, gravemente:

— Minha filha, sua tia morreu... não queriamos que você soubesse, porque estava muito fraca... Não soffreu demais, coitada; nós sim, é que perdemos muito... foi uma verdadeira mãe para vocês.

Cecilia ouviu em silencio o curto necrologio feito pelo pae. E abraçou-o com ternura. Sabia-o muito amigo da irmã, a unica parenta que lhe restava. Foi como se tivesse sabido naquelle momento. Um nó apertou-lhe a garganta e sentiu os olhos marejados.

— Ella já sabe? perguntou Heloisa, que entrava nesse momento.

E as duas se abraçaram, chorando.

Não havia fingimento nem exaggero nas lagrimas de Cecilia. Realmente, a sua sensibilidade acordára com o ambiente, e fazia-lhe amargas, doídas, as saudades da tia.

— Precisamos ir arrumar o quarto della, disse depois Heloisa... mas não tem pressa, quando você estiver mais forte... Se vocês concordarem, eu queria mandar passar uma pintura, e pôr as crianças dormindo lá... fica muito apertado com os dois no meu quarto.

Foi numa manhã de sol, muito risonha, que entraram no aposento de tia Marina para pôr em ordem o que lhe pertencia. Abriram a janella de par em par, e a luz jorrou.

— Até a claridade parece differente no lugar onde esteve um morto, commentou Heloisa. E abriu o armario; queria separar a roupa aproveitavel para fazer presente a uma amiga da tia, uma viuva muito pobre.

Cecilia, ainda muito fraca, cansou-se depressa. Sentou-se numa cadeira de balanço. Heloisa já terminára o inventario do vestuario, e abria a secretaria. Tomou de uma gaveta transbordante de papeis, e pol-a sobre os joelhos da irmã.

— Vae separando isso... talvez papae queira guardar alguma cousa...

Com effeito, havia uns retratos dos paes de Dr. Vieira; a moça foi fazendo um monte das photographias, e outro dos papeis, quasi todos cartas. Um retrato de tia Marina, em mocinha. Que exquisita, com uma cinturinha muito fina... mas não era feia. Bem bonitinha, até. Porque não se teria casado?

E Cecilia viu, de repente, que nada sabia da tia. Vivêra sempre a seu lado, e ignorava tudo da sua historia. Ou quasi tudo. Nunca tivera curiosidade de saber o que teria sido, antes de se encarquilhar no celibato impertinente e duro. Quantas vezes não a teria, involuntariamente, magoado? Conhecia-lhe apenas as linhas geraes. Era a unica irmã de Dr. Vieira, e perdera os paes ainda moça. Tinha algum dinheiro, não muito, mas que lhe permittira viver só, até a morte da cunhada, quando fôra para a companhia do irmão. Esse grupo, por exemplo, quem representaria? Não teria algum desses rapazes tido alguma influencia na sua existencia?...

— Uma porção de flôres seccas! exclamou Heloisa, que remexia numa outra gaveta... Um programma de theatro... quanto cacareco tia Marina guardava!

— Afinal de contas, respondeu Cecilia pensativa, ella foi uma desconhecida para nós...

— Desconhecida? Qual, você tem cada idéa! E' melhor queimarmos isso tudo, não é?

— E'... estou só pondo de lado os retratos para mostrar a papae.

Um maço de cartas rolou no chão. Cecilia abaixou-se para apanhar. Uma dellas estava meio desdobrada. Involuntariamente, leu uma phrase: "Que noticias me dás do R...? posso preparar o vestido para o casamento?..." A lettra era feminina; alguma amiga da tia Marina... e esse R... quem seria? ..

Agora, esses papeis amarellados fascinavam-na... talvez descobrisse nelles um romance vivido... Um carinho piedoso lhe vinha pela existencia falha da tia. Devia ter feito mais intimidade, ter sido mais chegada a ella. Já esboçava, mentalmente, um plano retrospectivo de vida, em que saberia achar o caminho para o coração da morta. Talvez a pudesse ter alliviado de algum soffrimento occulto.

— Anda, Cecilia... assim nós não acabamos mais com isso... você

Ernest Hemingway — A FAREWELL TO ARMS — (*Jonathan Cape, London*) — 1932

Não sabemos se Ernest Hemingway fez a guerra. Não sabemos e pouco nos importa. Basta-nos que algumas das paginas do *Farewell to arms* sejam das mais emocionantes de quantas lemos sobre o assumpto.

Não sabemos se este livro é o retrato de factos veridicos ou mesmo um pedaço da vida do autor. Não sabemos e pouco nos importa. Basta-nos que seja real, duma realidade impressionante, e que seja admiravel.

Frederic Henry, americano, alistou-se na Cruz Vermelha Italiana em principios da Grande Guerra. Lutou nas asperas avançadas montanha acima. Participou da vida dos seus irmãos de armas; das bebedeiras, das orgias. Como elles conheceu o nojo, a desmoralização do horror quotidiano, e como elles quiz esquecel-o no anniquilamento do seu eu, da sua dignidade, do seu orgulho. Veiu a Cruz Vermelha Ingleza e com ella Catherine Barkeley. Catherine é escosseza, é linda, é um tanto louca. E' ella que trata de Frederic quando ferido, e o ama e se torna sua amante. Pagina pungente aquella em que Catherine cede ao "quero, quero" do homem ferido.

Miserias de hospital, conversas de café, felicidades de amor; e volta-se á zona de guerra. Já vem ahi o inverno. "Os austriacos atacarão", "Os austriacos não atacarão". "Já é tarde de mais no anno para uma offensiva". Os austriacos atacam e é a derrocada tragica do Piave, das terras conquistadas passo a passo, com suór e com sangue; retirada "apenas mais desordenada que um avanço", retirada de um exercito e de uma população.

Frederic fóge ao fuzilamento (justiça expedita da policia militar que o toma por espião) e, desertor, escapa para a Suissa com Catherine. Num paiz sem guerra casam-se e esperam pelo primeiro filho. Nasce o filho morto. Catherine succumbe a uma hemorrhagia. Fica Frederic sózinho.

Esse livro é escripto como foi pensado e sentido: sem phrases e sem artificios. E' singelo ao extremo e perfeito na sua simplicidade. Não é litteratura: é a verdade.

Jack Sampaio.

Aos seus leitores e assignantes

A R I E L , E D I T O R A L T D A .

e

B O L E T I M D E A R I E L

communicam que mudaram a sua séde para o edificio d'A NOITE, Praça Mauá, 7, 8° andar, salas 814 e 815, onde esperam continuar a merecer as suas attenções.

Tel. 3 - 1310 — End. Telegr. "Ariel"

A REVOLUÇÃO FRANCEZA E A AMERICA LATINA

O historiador hispano-americano sr. Hugo D. Barbagelata vem de pronunciar, na Sorbona, uma conferencia sobre a Revolução Franceza e a America Latina.

Demonstrou elle, com bastante eloquencia e documentação cerrada, não só a influencia daquelle acontecimento politico sobre os homens de pensamento do Novo Mundo, como tambem sobre os caudilhos da emancipação continental, citando o mexicano Hidalgo, que, apesar de sacerdote, soffreu, de certa maneira, o influxo dos scientistas e livres-pensadores que compuzeram a Encyclopedia.

Miranda e Bolivar foram incontestavelmente impulsionados pelas idéas libertarias dos contendores do throno gaulez, outro tanto acontecendo com San Martin, Sucre, Belgrano, e mesmo com simples ideologos, por vezes excessivamente palradores, como o equatoriano Espejo e o argentino Moreno.

Derivando do Contracto Social *de Rousseau, das maximas de governo de Quesnay e do liberalismo philosophico de Condillac, a Revolução se viu promptamente assimilada em toda a America, especialmente no desejo de desprender a educação dos empeços da escholastica peninsular. De resto, a propria Hespanha não se mostrou insensivel a estes ventos renovadores do espirito e na voz dos predecessores de Castellar echoavam uns rugidos que pareciam copiados de Danton ou Vergniaud, nos grandes dias da tribuna revolucionaria de Paris.*

Quanto aos Direitos do Homem propriamente ditos, foram divulgados em nosso continente, graças á traducção do colombiano Nariño, tão popular no tempo quanto esse José Maria Lequerica, o vibrante orador de Quito que foi cognominado o Mirabeau da America.

está ha quasi dez minutos com essa carta na mão... E quantas ainda tem! Tia Marina tinha a mania de guardar, coitada... Deve ser interessante ler algumas.

Abriram uma, ao acaso. Heloisa começou a ler, em voz alta: "Minha chara Marina".

— Ora essa, escrever cara com h! essa gente antiga tinha cada idéa! Quem assigna é uma D. Florinha,... quem seria?

Um commentario innocente... mas de repente, Cecilia teve a impressão de estar commettendo uma indelicadeza. Quasi uma profanação. Com que direito se imiscuiam nos dominios privados de quem nunca lhes fizera confidencias?

— Deixa isso, Heloisa, tia Marina não haveria de gostar que lessemos.

— E'... talvez você tenha razão... mas que pena!

E acabaram depressa com as arrumações.

Mas uma visão as acompanhou. Pelo menos acompanhou Cecilia. A da moça que a tia fôra, um dia. Da moça ardente, cheia de sonhos e de ambições, da moça que talvez tivesse sido mais ou menos o que ella era... Cuja vida fôra murchando, murchando, murchando... Que restava della, de tudo o que lhe enchera a vida? Esse monte de papeis que não tardariam a se fazer cinza...

E mais que? Nada... Um cadaver apodrecendo debaixo da terra.

— Tia Marina não se confessou, Heloisa?

— Não... nem se cuidou disso... ella não era religiosa, e de mais a mais, não tinhamos cabeça para tratar disso... Qual, por mais que se diga, você não faz uma idéa do que foi a epidemia!...

Cecilia ainda ficou com mais pena da tia; não por não se ter confessado... isso estava de accôrdo com as suas idéas... (assim mesmo, a gente nunca sabe o que passa pela cabeça de um moribundo...) mas porque pareceu-lhe que a sua morte passára quasi desapercebida, no meio de tantos horrores...

Lucia Miguel Pereira.

(Do romance a apparecer: *Em Surdina*).

DE NOVA YORK

A actualidade do cinema americano

Já de uma feita aqui dissemos que o verdadeiro Cinema transcende do mero desejo de fazer fitas. E expuzemos as razões, que nos pareciam bem claras, por que não acreditamos numa industria legitima de cinematographia brasileira ou portugueza, pelo menos nestes proximos cem annos. E quando isso vier — se vier! — já outros povos, os originadores da idéa, estarão de posse de coisa mais adeantada que o cinema de hoje.

Fazer *fita* é uma coisa: macaqueia-se o que se viu na téla, plagiam-se scenas, "aproveitam-se" situações, copia-se abertamente sem o menor respeito ás formalidades do *copyright*, que lá está impresso no começo de cada producção importada. Numa palavra repete-se a historia daquelle passarôco feio, que se enfeitava com as pennas dos outros. Assim se faz a *fita*...

O verdadeiro Cinema é dynamismo, é invenção constante. Ora, "invenção" é o unico termo que por si só define "civilização", embora os diccionaristas assim não o entendam. Paiz que não inventa é paiz parasitario, composto de gente que vive na agua chóca das represas, fóra do acachoar das aguas vivas, á espera que a corrente, pelo capricho dos acasos, atire para ali o que vae de bubuia no dorso prateado ou barrento da caudal.

Ainda mais: só a invenção distingue o homem dos solipedes. Logo, não inventar é não ter idéa, é entrar para a categoria dos supraditos. E' quasi não viver, porque se assim se vive é por emprestimo. E tanto é isso real na esphera do absolutamente concreto — da machina, por exemplo, — como o é no plano das conjecturas espirituaes: as Artes.

Inventar! *C'est la conquête!*

*

Inventar é tambem "actualizar", pôr em dia, ir para a frente, crear para não se embolorecer, não ficar atrás.

Aqui começa a materia: — A *actualidade* do Cinema americano — coisa que o cinema europeu ainda desconhece ou, se a percebe, não a applica ao seu caso.

O verdadeiro Cinema não tem só a missão de divertir. Como o theatro, instrue, critíca e moraliza, ainda que indirectamente. Para que assim seja, colloca-se esse Cinema á altura da imprensa livre. Põe-se ao corrente dos factos do dia, das coisas reaes. E' o quinto "poder" da nacionalidade. Ao lado dos filmes de feição esthetica, educativos e mundanos, produz tambem os de repressão aos males sociaes: *Scarface* (Al Capone) — *a vergonha de uma nação!*

Esse filme americano, que quasi coincide com a prisão do famoso scelerado de Chicago, foi um ferro em braza sobre a chaga viva do banditismo urbano dos Estados Unidos, e tinha um sub-titulo que era um "pedido de contas" á policia.

O admiravel não está só na producção de um tal filme, mas, sim, na honestidade de o exportarem, tal como cá o vimos, para os quatro cantos do planeta! (Numa supposta cinematographia brasileira, seria preoccupação permanente dos seus productores arredar os negros das fitas, como se elles, os negros, não fizessem parte integrante da brasilidade!)

O americano tem o *gangster*, que pratica o banditismo industrializado. Ao invés de o occultar, faz disso objecto de um filme de alta significação social. Por que? Pelo unico desejo de explorar um topico de escandalo? Nem tanto. Porque o Cinema é uma instituição real, um meio de expressão que transvasa das suas pautas de mero divertimento para se fazer ferrête das mazellas publicas, pedindo ou exigindo que se peça um correctivo para ellas.

E' uma fonte de diversão com uma definida finalidade social.

Muito b r e v e passará pelos *écrans* brasileiros um filme Paramount — "O Falso Presidente" — que é uma comedia politica de sabor genuinamente yankee e que só a America teria a coragem e a franqueza humoristica de produzir.

E' mais uma prova da *actualidade* do Cinema americano.

Quem apreciar essa sátira formidavel á politica do compadresco, que cauteriza a fundo a desmoralização eleitoral e a escolha de camarilha dos candidatos á presidencia da Republica, dirá espantado: — Caramba! Estarei vendo um filme de contrabando ou teria isto sahido mesmo dos studios americanos?

— Sahiu, sim, senhor! O filme correu pela téla dos principaes cinemas do paiz logo após ás eleições presidenciaes de Novembro passado e mereceu gozadissimos applausos das platéas.

O entrecho começa com um conductor de turistas subindo as authenticas escadarias do Capitolio, em Washington, e uma fila de curiosos a seguir-lhes os passos. Como quasi toda a burla é musicada e cantada, diz o cicerone, cantando: "Senhores: Estamos no Capitólio, templo da Democracia! Ninho de homens sabios, honestos, faladores — chamados legisladores". E aponta para uma galeria de retratos dos "paes da patria", todos muito sérios na immortalidade dos seus caixilhos de marmore.

— Estupendo! Grandioso! Colossal! rouquejam os turistas em côro.

Neste ponto, eis que um dos retratos (o de Madison, salvo engano) começa a falar: "Meus concidadãos!" — ao que o de Jefferson contesta: "e meus tambem!" E as télas de Washington, Monroe, Lincoln, Roosevelt e as já citadas entram num engraçado debate sobre a crise actual e os meios de a resolverem. Durante a discussão repete-se o estribilho — "Um homem faz falta aqui!" — e ao dissolver-se a scena, apparecem numa reunião varios politicos, todos empenhados na escolha de um candidato á presidencia. O cidadão mais indicado é Mr. Theodore K. Blair, que dispõe de todos os predicados exigidos, menos o famoso "magnetismo pessoal" do americano vencedor. A senadora Scranton, presente á reunião, aponta mais uma falta no homem: não ter elle *sex-appeal*. Não tendo iman para as mulheres, affirma a senadora, mesmo que o candidatassem não seria eleito...

Acontece que nesse mesmo dia, por um desses felizes acasos que o cinema amiúde fabrica, surge na cidade um curandeiro ambulante que é o retrato vivo de Blair (de feito, é o mesmo actor que o interpreta),

o qual engloba todas as qualidades elegiveis que faltam ao outro. Os politicos vêem no charlatão a chave do problema. Por que não o contractarem para fazer os discursos do pleito, apparecer nos clubs de senhoras, conquistar popularidade politica para Blair, que será finalmente o eleito? Sendo ambos de absoluta igualdade no physico, o povo não daria nunca pelo lôgro.

A coisa segue á maravilha até as vesperas da eleição, quando os forjicadores politicos tinham que dar um fim ao curandeiro, pois a sua missão estava concluida. Pagam a uns contrabandistas para que o raptem e o levem para uma ilha deserta do circulo polar. Por um inevitavel engano, os assalariados, que não distinguem o verdadeiro candidato do charlatão, raptam o verdadeiro Mr. Blair, que vae amargar os seus dias na insula gelada, entre ursos e phocas. Os politicos não têm outro remedio senão manter a burla em segredo, e em conclusão é o sympathico vendedor de tizana que é eleito e empossado no alto cargo de presidente da Republica do Dollar!

Tudo isso é perpetrado na téla com estupendo derrame de bandeiras americanas, soldados em marcha, canhoneios, hymno nacional, o diabo! No emtanto, não houve protesto official, apesar do realismo de todas as scenas. Os Homens do governo e o povo comprehenderam a intenção opportunissima da sátira, rindo ás escancaras.

*

Houve uma época, no tempo do cinema silencioso, em que a simples apresentação de um harem, num filme, era motivo para um protesto, em Washington, do embaixador da Sublime Porta; um sombreiro mexicano numa scena levava ao State Department o embaixador do Mexico; escorregar numa casca de banana era uma affronta á altissima Republica das Pacóvas...

Na verdade, é crime fazer cocegas em quem não sabe rir!

O Cinema americano actualiza-se, e num esplendido exemplo de liberdade de pensamento e de bom humour tróça da propria America! Os doentes de *spleen*, sem poder comprehender, perguntam apalermados: *Será verdade?*

ARTHUR COELHO.

Srs. ESCRIPTORES,
Srs. LIVREIROS,
Srs. EDITORES:

BOLETIM DE ARIEL

é a revista litteraria de maior tiragem do Brasil...

BOLETIM DE ARIEL

é lido do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

BOLETIM DE ARIEL

é o mensario de maior repercussão na litteratura nacional...

BOLETIM DE ARIEL

é o indice seguro pelo qual se guiam milhares de leitores na escolha de seus livros...

BOLETIM DE ARIEL

é, pois, o vehiculo mais efficiente para a divulgação e prestigio do livro.

★

— Annunciae vossas obras no —

BOLETIM DE ARIEL:

é a MELHOR propaganda que podeis fazer de vossos livros.

Descontos e condições especiaes para os livreiros e editores.

HENRIQUE SILVA

O major Henrique Silva é, sem duvida alguma, a nossa maior autoridade em materia de caça e pesca no Brasil. Seu livro referente ao assumpto obteve, quando estampado pelo editor Domingos de Magalhães, um exito incommum e hoje é difficilimo encontrar-se um exemplar que seja desse precioso repositorio de indicações sobre tudo quanto possa encantar os cultores da arte venatoria ou aquelles cidadãos tranquillos que não pensam absolutamente, como Montesquieu, ser o canniço o traço de união entre o tolo e o peixe.

Todavia, o sr. Henrique Silva não limitou as suas pesquisas, as suas curiosidades de erudito á catalogação dos nossos bichos terrestres ou aquaticos. E' elle fortissimo em questões de verdadeira ethnographia. Dominando varias linguas, conhecendo como poucos o passado e o presente do Brasil, tendo lido milhares de livros estrangeiras ou nacionaes, esse engenheiro do Exercito dedica-se particularmente ás cousas do seu Estado natal e nada do que se prende ás terras e á gente goyana lhe foi jámais indifferente.

Numa commissão dirigida pelo scientista Luiz Cruls, estudou o planalto central e, antes e depois disso, andou palmilhando innumeros recantos da immensa região em que Carvalho Ramos localizaria as personagens de tantos contos admiraveis e Americano do Brasil faria a collecta de tantas trovas em que a inspiração anonyma eguala os rimadores mais cultos.

Goyaz é por assim dizer o facto supremo da vida do sr. Henrique Silva. Mesmo habitando aqui no Rio, está elle presente a tudo quanto por lá occorre de util ou brilhante. A descoberta de um novo elemento de riqueza, a abertura de uma nova rodovia, a noticia de uma colheita farta de cereaes, a descripção de uma festa civica, tudo o põe em extase. E os seus commentarios da Informação Goyana, *revista que mantém com fervor e dedicação apostolicas, collocam-no entre os cooperadores mais activos do progresso de uma terra que poucos filhos tem possuido animados de tal alvoroço, de tal exultação patriotica em bem servil-a, e em bem servil-a desinteressadamente, sem a ambição ou a esperança de uma cadeira de congressista federal ou de um tabellionato rendoso na capital situada ás margens do rio Vermelho.*

J. PASSOS CABRAL — ESPELHO INTERIOR — Edição da revista *Renovação* — Aracajú, 1932.

Lente de litteratura na Escola Normal Ruy Barbosa, da capital de Sergipe, o sr. J. Passos Cabral é tambem um vigoroso poeta parnasiano. Em algumas composições será ainda um retardado, mas em outras não deixa elle de acompanhar as modificações rythmicas dos poetas novos e isto lhe empresta certo ar de modernidade que permitte auspiciar uma evolução talvez maior dos seus processos de artista. Cultor ardente da memoria de Hermes Fontes, que exerceu visivel influencia no seu jogo de imagens e cadencias, o sr. J. Passos Cabral faz-se ler com prazer integral em producções como as denominadas *Quietude*, *Canção maritima*, *Noite de Julho...*

Meditações sobre as causas e os effeitos

A proposito de Arte

"Quand l'homme remue, tout l'univers remue; d'où proviennent toutes nos erreurs."

(ALAIN).

Como eu fallasse, deante de um critico de arte, sobre Miguel Angelo e Leonardo, perguntou-me o critico: "V. admira, então, a pintura de museu?" Ao que respondi: "Gosto da pintura e admiro esses artistas." "Mas — volveu elle — que pensa V. que a arte seja? Verdade ou pesquiza da Verdade? Si pensa que a arte é Verdade, tanto peior para V.: poderá contentar-se com as verdadezinhas dos pintores de museu. Para estes (e poz-se elle a citar preceitos de Maurice Raynal), realizar é levar immediatamente toda sensação objectivada á sua plenitude de expressão; é tirar, d'um jacto, como que o rendimento maximo d'aquillo que elles têm por uma invenção. Si V. admitte, ao contrario, que a arte é pesquiza da Verdade, então, visto que esta se nos escapa justamente quando a vamos segurar, não se espante de que a obra de Picasso, por exemplo, mostre, tal o Hermes classico, duas faces differentes... Esta incerteza, que constitue o fundo da alma de Picasso, é o mais precioso alimento da sua fertil imaginação, é a causa principal da renovação quasi quotidiana da sua obra, e, portanto, da frescura juvenil que fulge em cada um dos seus ensaios..."

Ora, emquanto ardiam os meus ouvidos ao zumbido de todas essas senhas intellectuaes, das quaes os criticos de arte de hoje fazem *canons* de esthetica: sensação objectivada, invenção, incerteza, inquietação, evasão, ensaios... e quejandas, — pensava eu commigo que, no fundo, os homens vivem só de abstracções, porque só se interessam por abstracções... Mas, tambem pensava eu em certos "modernos" cuja arte se impregna, precisamente, dos preceitos de São Thomaz, que hão por compativeis a *via disciplinæ* e o esforço de invenção, noções estas que, longe de se repellirem, se attrahem e se completam mutuamente...

Pensava eu, ainda, naquella aula de Alain, quando elle fazia o elogio do artifice-artista. "O artista deve ser, antes do mais, um verdadeiro artifice, um bom operario" — dizia o Mestre com a sua voz dôce e um pouco cantada, escrevendo no ar com as mãos inspiradas, ou atando e desatando nós ás hastes flexiveis dos seus oculos. "A attenção na meditação ociosa é essencialmente improductiva: deve-se sempre agir em proporção com a attenção".

Com effeito, não basta a alguem ter qualquer coisa a dizer: é preciso dizel-a. E' preciso, mesmo, começar por dizer alguma coisa: as phrases virão depois, por si proprias, e com ellas o pensamento. *"Continuez, d'abord; vous commencerez ensuite..."* Ora, o artista tem de ser, antes do mais, o operario da sua materia. Esculpa elle, primeiro, o "Moysés"; depois poderá pedir-lhe que falle.

O artista que hesitar entre a idéa e a fórma de uma obra de arte, nunca poderá se decidir pela escolha de uma d'ellas. Miguel Angelo, tirando, no espaço de uma noite, o "David" de um bloco de marmore desprezado pelos demais esculptores e abandonado numa rua de Florença, não meditou, primeiro, sobre o que d'esse blóco sahiria: como bom operario que era, soube logo tirar partido da sua materia. Elle não inventou a fórma do "David", mas achou-a no blóco informe. Do mesmo modo, si Leonardo quizesse fazer a Joconda sorrir durante cinco annos, é certo que, não sómente nunca terminaria o seu quadro, mas, ainda, não o teria jamais começado...

Entretanto, o meu critico de arte monologava sempre, dirigindo-se a mim: "Os grandes inventores — dizia — são para nós os que formularam as hypotheses mais audaciosas sobre assumptos ainda desconhecidos, por meio unicamente da sua imaginação intuitiva, e isto na ignorancia completa da *via disciplinæ*. O artista que crêa — está me ouvido? — apanha a certeza pela crina e lança-a, viva, no meio dos homens, que fazem d'ella, infelizmente, o que bem querem. Comprehendeu?!"

Com esta, achei azado o momento de me despedir do meu interlocutor, pois entendo que toda discussão é ociosa. Dei-lhe, portanto, razão, com as seguranças da minha estima e consideração, e me fui, sózinho, discutindo commigo mesmo...

O artista que crêa... — dissera elle. Mas, em verdade, póde-se lá *crear* alguma coisa?! Pois crear não é copiar? A creação nada mais é do que o gesto temperado pela observação; olha, si queres ver; escuta, si queres cantar; aprende, si queres ensinar: a natureza ahi está, como modelo e como mestre. Isto posto, os grandes inventores vêm a ser para nós os que formularam as hypotheses que nos apparecem como sendo as mais audaciosas, sobre assumptos que julgavamos fossem desconhecidos, por meio unicamente da observação disciplinada, e tendo, pois, esses suppostos inventores conhecimento perfeito da *via disciplinæ*. O artista que crêa é aquelle que, com um lapis, póde desenhar, com um pincel e tintas póde pintar, e assim por deante. Digam mais tarde os criticos de arte que ha musica naquelle desenho ou philosophia naquella pintura, pouco importa: a arte não tem culpa d'estas divagações, sinão da belleza da obra. E, nesta, a Verdade surge do esforço bem desenvolvido. Assim, aquelle que saiba pregar um prégo sem martelar os dedos estará mais perto da Belleza e da Verdade do que o pintor que pinte a sua sensibilidade com cubos, trapos e palitos de phosphoro.

De todo este discurso se colhe que Belleza, Arte, Perfeição, apparecem quando a attenção coexiste com a acção. Neste sentido, a dansa rythmica me parece ser o trabalho perfeito. Nesta arte tudo se completa, e o bello nella canta com o verdadeiro. O dansarino classico reune, na harmonia da sua acção, equilibrio, que é heroismo, e belleza, que é verdade e perfeição. O athleta em repouso é um Appollo; mas o athleta que dansa é o "Juizo Final" de Miguel Angelo. No dansarino, tudo é força e movimento. Entretanto elle não se agita, não se colloca em attitudes desordenadas; ao contrario, tudo nelle vem a ser equilibrio de forças, harmonia, musica: inercia. Tambem os astros que rolam pelo espaço, e a luz que galopa em velocidades vertiginosas, nos parecem immoveis; apenas vemos o dia se tornar cada vez mais

intenso e morrer, depois, na lentidão dos occasos; apenas podemos verificar, a olho nú, a quéda de uma estrella cadente, o fulgor de um meteóro...

Dirigir uma locomotiva, um automovel, um avião, ou commandar um exercito, — são acções que exigem, cada qual mais ainda do que a outra, attenção bem equilibrada, pelo que muito merito têm os que as praticam. E', porém, mais meritorio ainda, quasi heroico, collocar um *knock-out* com perfeição; si ao pugilista falta a graça do dansarino, sobra-lhe, entretanto, essa maravilhosa capacidade de attenção proporcional á acção bem calculada. De maneira opposta age o criminoso passional, cujo gesto não tem mais nenhuma relação de contrôle com a attenção: elle atira sem ver o inimigo, tal como na guerra. Ao passo que a acção, para ser perfeita, exige sciencia completa, attenta, viril. Wagner era, antes do mais, regente de orchestra; conhecia intimamente cada um dos instrumentos que a compunham. E, talvez por isto, poude compôr a "Tetralogia".

*

Meu Deus! em quanta coisa inutil me fez pensar a pergunta do critico de arte!

E eu que ainda me enthusiasmo pelas obras do Renascimento! Quando haverá um renascimento dos pintores de museu, que nem por isto deixaram de ser operarios de genio...?

Paris, 1932.

MAURICIO WELLISCH.

GASTRONOMIA

Sabe-se que muitos escriptores francezes foram dados ao preparo de especialidades culinarias.

Dumas Pae, de gorro e avental, condimentava a rigor a sua famosa "mayonnaise" e, reportando-se aos que affirmavam terem sido os seus melhores romances escriptos por Augusto Maquet, dizia ironicamente: "Quem sabe se esta *mayonnaise* tambem não é do outro?"

Por sua vez, Dumas Filho (que costumava insinuar num sorriso: "Talvez eu mesmo não passe de um producto de Maquet...") era um fino degustador de bons pratos e bons vinhos. Em sua peça *Francillon*, tão discutida no tempo pela audacia de certas idéas renovadoras, serviu elle aos contemporaneos a receita de uma salada japoneza, bem mais interessante que os seus paradoxos, já agora um tanto fanados, em torno ao amor e ao casamento.

Quanto a Sarcey, o repolhudo critico de *Le Temps*, partidario dos classicos e raivoso inimigo das peças do theatro naturalista, era vegetariano, mas, "se não comia os seus irmãos Carneiros e Porcos", "não resistia aos seus primos Trutas e Linguados". O linguado Sarcey chegou a ser bastante prezado pelos cultores da gastronomia, pelos ledores de Berchoux e Brillat-Savarin, e, num festim solemne, a receita dessa preciosidade, impressa em pergaminho com lettras de ouro, foi dada a copiar apenas aos mais fervorosos admiradores do mestre.

E' o que conta o seu genro Brisson e o que encontramos reproduzido na *Arte de comer bem*, da nossa distincta patricia Rosa Maria. Patricia que vem de beneficiar os devotos da nobre arte com um livro escripto em bom portuguez e enriquecido por um profuso receituario que nada encerra de intoxicante e não levará ninguem ao consultorio dos especialistas em molestias do estomago.

FLORENCIO SANTOS — IMAGENS QUE DANSAM — *Galdino, editor* — Bahia, 1933.

A collectanea de chronicas e impressões do sr. Florencio Santos filia-se áquelle genero de volumes de que falou o sr. Peregrino Junior, citado agora pelo autor: "Eu confesso que tenho uma viva sympathia por estes livros que nascem da actividade dispersiva dos jornaes. São, quasi todos, o nitido reflexo da hora apressada que vivemos".

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

JOÃO DA COSTA MONTENEGRO — SOCIALIZAÇÃO POLITICA DA MOEDA — Ariel, editora ltda. — Rio, 1933.

Em fórma das mais amenas, tornando accessivel a todos um assumpto de caracter technico, o sr. João da Costa Montenegro, que é um especialista em cousas bancarias, trata agora da *Socialização politica da moeda*. O feitio adoptado é o de uma despretenciosa exposição epistolar. Os detalhes sobre o bloqueio da exportação pelo imposto e a concepção economica das operações de credito são o fructo de uma longa experiencia no assumpto. Mas, acima de tudo, dado o caracter litterario da nossa revista, o que nos interessou foi a digressão inicial sobre a maneira por que os escriptores da antiguidade, Seneca e outros, encararam a influencia do ouro nos costumes sociaes.

VIRIATO CORRÊA — MATA GALLEGO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Com esse titulo, por si só uma *trouvaille*, capaz de lhe ampliar ainda mais o já vastissimo circulo de leitores, Viriato Corrêa prosegue a serie de volumes em que, de uma maneira agil e sempre attrahente, devassa os bastidores da nosso historia e traz para o interesse da hora trepidante que vivemos, velhos episodios e esquecidas anedotas ha muito adormecidas sob a poeira dos archivos. *Mata gallego* se refere particularmente ao nosso arreliado 13 de Março de 1831, ou seja a famosa *Noite das garrafadas*, mas ha nelle ainda muitos outros capitulos de leitura deleitosa, entre os quaes destacaremos *A Familia Tiradentes*, *Os delatores da Inconfidencia* e *A embaixada do Chalaça*.

NERO JESSA — UM CASO DE AMOR — Offs. da Papelaria Sul America — Rio, 1932.

Esta comedia lyrica é por assim dizer o "enterro dos ossos" da *Ceia dos Cardeaes*. Leiam o trecho adeante e vejam se não têm a impressão de estar percorrendo um supplemento á famosa tirada do cardeal hespanhol na peça do sr. Julio Dantas:

DR. VILLAR (continuando)

Levanto-me de um salto e, sem medir perigo,
Corri na direcção e, em frente do inimigo
Que me roubava assim aquelle amor mimoso,
Puxei da espada; logo, em surto furioso
De justa indignação, feroz o accommetti!...
Não sei o que houve, então: depois, sei que [me vi
Num leito de hospital com ferimento grave,
E ao lado uma enfermeira de expressão [suave...

HERCULANO C. E SILVA — A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1932.

O autor é commandante da Força Publica de S. Paulo e teve o nome bastante discutido a proposito do desfecho da lucta que tanto apaixonou a consciencia dos brasileiros. Os que gostam de ouvir sempre as duas partes em litigio, tendo ouvido os accusadores, não podem deixar de ouvir agora o militar accusado.

ZOLACHIO DINIZ — EM MARCHA — Edições Livros de Taba — Rio, 1933.

Vibrantes accentos de rebeldia, rebeldia aos metros classicos e ás convenções que amordaçam as consciencias. Rythmos em liberdade a serviço de uma alma combativa de moço. Inspirações vehementes de quem se indigna deante de todas as disparidades do festim da vida, não comprehendendo que uns arrotem confortavelmente nos palacios de luxo, emquanto outros estouram de fome nas alfurjas sordidas. O autor, que promette para breve uma novella de caracter russo, *Sonia Krasoff*, "hymno delicioso ao amor livre, sem leis, sem sacerdotes, sem prteconceitos", bate-se o mais possivel contra a mechanização do homem pelas machinas e deseja ver reinar entre as creaturas a fraternidade humana visionada, através dos tempos, pelos constructores de Icarias e Phalansterios ideaes.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Ribeiro Couto — *Club das Esposas Enganadas* — Schmidt, editor. — Rio.
Sertorio de Castro — *Politica, és mulher!* — Rio de Janeiro.
A. Saboia Lima — *Alberto Torres e a Reforma da Constituição* — Typ. São Benedicto — Rio.
Queiroz Junior — *Os Espectadores* — Romance — Galdino, editor — Bahia.
Florencio Santos — *Imagens que dansam* — Galdino, editor — Bahia.
Anibal Mattos — *Garibaldi* — Discurso — Bello Horizonte.
Anibal Mattos — *Annita Garibaldi* — 2ª edição — Theatro. Edições Apollo. — Bello Horizonte.
Viriato Corrêa — *Mata Gallego* — Comp. Ed. Nacional — São Paulo.
Oliveira Vianna — *Populações Meridionaes do Brasil* — 3ª edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Dr. C. de Mello Leitão — *Curso Elementar de Historia Natural* — Vol. Primeiro — Bibliotheca Pedagogica Brasileira — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Raul Bopp — *Urucungo* — Poemas Negros — Ariel, editora ltda. — Rio.
João da Costa Montenegro — *Socialização Politica da Moeda* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Cid Corrêa Lopes — *A Reconquista do Poder* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Alberto de Oliveira — *Poesias Escolhidas* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
Helena Velasco — *Vida de Santa Ignez* — Livraria Catholica — Rio.
Tristão de Athayde — *Economia Prepolitica* — Livraria Catholica — Rio.
Menotti del Picchia — *Poemas* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
Fernando de Azevedo e outros — *A Reconstrucção Educacional do Brasil* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.
H. Ridder Haggard — *A Volta de Ella* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Nossa Revista — Revista da Associação dos Empregados no Commercio — Recife — Anno II. Ns. 1 a 7.
Conferencia — Revista de Sciencias, Artes e Lettras — Director Dr. A. Linhares — Anno I. Nº 1. — Rio.
Edgar Wallace — *A Sosia* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Tasso da Silveira — DISCURSO AO POVO INFIEL — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1933.

A par da segunda edição do *Cantico do Christo do Corcovado*, que o sr. Tristão de Athayde reputa "um dos mais bellos poemas da nossa lingua e da nossa alma", dá-nos agora o sr. Tasso da Silveira o *Discurso ao povo infiel*. São puros e ardentes rythmos, reveladores de uma inspiração não commum e,acima de tudo, da plena posse de uma consciencia que olha a vida de cada creatura como um grave acontecimento na vida do planeta.

Partindo do delicado pantheismo do *Fio d'agua* (1918), passando pela exaltação verhaereneana da *Alma heroica dos homens* (1924) e chegando ao *Cantico* e ao *Discurso*, o poeta paranaense marca com muito mais força os contornos de uma nobre personalidade moral e intellectual. Para elle, já agora, só ha "alegria creadora" no pensamento e na acção christã. Seus versos não se dirigem apenas a um grupo de requintados, de usufructuarios das lindas cousas do mundo, e sim "aos brasileiros de todas as condições e de todas as edades", na ancia de dizer-lhes "uma palavra de sonho no momento mais grave talvez do nosso destino de povo, no momento das allucinações fratricidas".

O biographo de Romain Rolland, o ensaista da *Egreja silenciosa*, não mais comprehende os que se collocam "*au-dessus de la mêlée*". Fala agora á communidade, numa formosa e eloquente oração lyrica, por vezes em tom prophetico. E conclue, numa linguagem impressionante, de quem, nos melhores momentos, sabe manejar sem esforço o versiculo hebraico ou afinar num sentido catholico as vozes polyrythmicas do grande pastor leigo das *Leaves of grass*: "Soldados brasileiros, fugistes ao vosso dever de sacrificio e obediencia, — Conductores da turba inquieta, fugistes ao vosso dever de dominação de vós mesmos antes de tudo, — Obreiros rudes, fugistes ao vosso dever de humildade, — Mulher, fugiste ao teu dever prodigioso de gerar, — Semeadores de espirito, fugistes ao vosso dever de solidão e de pureza; — por isto foi que chegou esta hora tragica de desmoronamento, — Por isso o paiz immenso vê nesta hora falhar o seu destino".

Sertorio de Castro — POLITICA, ÉS MULHER! — *Graphica Sauer* — Rio, 1933.

Seja-nos o novo livro do sr. Sertorio de Castro pretexto para falarmos de outro livro seu, que obteve um tão ruidoso successo de imprensa e de venda: *A Republica que a Revolução destruiu*.

Este era, com effeito, um volume dos mais significativos, dado o talento narrativo demonstrado pelo autor ao evocar uns quarenta annos de vida republicana. Jornalista arguto e brilhante, escrevendo com a destreza que lhe adveiu de mais de um quarto de seculo de collaboração nos periodicos do Rio e de São Paulo, o sr. Sertorio apresentou-nos ahi uma synthese perfeita dos nossos movimentos de partidos entre o famoso baile da ilha Fiscal e a insurreição victoriosa que derrubou o sr. Washington Luis. Nada de essencial foi omittido, seja no sentido rigorosamente historico, seja no terreno da simples evocação pittoresca ou anecdotica.

Agora, este segundo trabalho, *Politica, és mulher!*, se não augmenta os creditos jornalisticos do sr Sertorio, serve ao menos para mostrar novos aspectos desse espirito mudavel e plastico de escriptor do grosso publico. No livro que vem de sahir não encontramos o traço unitario do outro e ha mesmo uma certa dispersão borboleteante de idéas. Mas essa variedade e multiplicidade de themas não será um encanto a menos para os que detestam as obras pesadamente doutrinarias. E o que o sr. Sertorio diz de certos figurões do nosso extincto Parlamento, bem como as suas notas sobre as cidades em que se feriram ou delinearam as refregas partidarias de caracter decisivo em todo o paiz, tudo isso é digno de ler-se, pela indefinivel persuasão de uma intelligencia realmente seductora.

Helena Velasco — VIDA DE SANTA IGNEZ — Edição da Livraria Catholica — Rio, 1933.

Um suggestivo prefacio do padre M. Gomes põe em destaque o merito deste volume de hagiographia christã. Trata-se, com effeito, de um genero de litteratura a estimular entre nós. Crentes e incréos podem edificar-se ou simplesmente encantar-se com as vidas das creaturas de eleição que enchem os livros de Voragine ou Cavalca. Em particular, a biographia de Santa Ignez, tão cedo morta, é de uma extrema poesia, vendo-se que a formosa creança sacrificada pelos algozes romanos foi realmente digna de inspirar, como inspirou, tantos pintores e escriptores seculos afóra. E, nas paginas da sra. Helena Velasco, reencontramol-a com a mesma suavidade e ternura mystica com que a haviamos acompanhado num dos mais bellos trechos da *Fabiola*, do cardeal Wiseman.

UM HISTORIADOR DA MARINHA

A proposito da referencia que fizemos, em nosso numero passado, ao escriptor catharinense José Boiteux, alguem nos pede informes sobre seu irmão Lucas Alexandre Boiteux. Este tambem é catharinense. Capitão de corveta e grande conhecedor da historia da nossa Marinha, da historia de todas as marinhas, escreve excellentes cousas a respeito da sua especialidade, sem a rudeza de estylo dos Jaseguay e, inversamente, sem o "*marishismo*" de vinheta dos Gastão Penalva. Seu livro *A tactica nas campanhas navaes nacionaes* é obra robusta e solida, digna da melhor bibliographia do genero e com um util criterio de philosophia historica, demonstrado nos commentarios, bem pessoaes, do autor. Livro para profissionaes e não profissionaes, esse volume do illustre patricio fixa muito bem as linhas mestras dos principaes combates da nossa armada e o narrador, que não teme citar num assumpto grave poetas á Gonçalves Dias, infunde por vezes a tudo isto um verdadeiro fremito de epopéa.

Anno III Março 1934 N. 6

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE: Agrippino Grieco

A autonomia da litteratura nacional

QUANDO, faz alguns annos, José Verissimo proclamou que já havia litteratura nacional brasileira, cujos traços se vinham accentuando desde ha muito, poderia a sua asserção ser recebida com certos laivos de scepticismo. Os dois maiores escriptores do momento, pelo menos na linguagem, não se afastavam muito dos modelos lusitanos, tidos e havidos como mestres a quem se devia cegamente seguir e obedecer. Se Machado de Assis deixava transparecer certo cunho indigena nos seus escriptos, Ruy Barbosa timbrava em acommodar as caudaes transbordantes de sua opulenta linguagem no leito granitico do passado, dando-nos por vezes a impressão de ser um classico redivivo.

Da rebeldia consciente de Alencar com o seu dialecto brasileiro se perdera a lembrança; até bem pouco tempo todos se afundaram na classicomania; Monteiro Lobato não havia ainda, com Urupês, *soltado o novo grito de revolta, o independencia ou morte da linguagem. Mas, a partir dessa obra porejante de vitalidade tropical, as coisas mudaram e fomos todos tomando consciencia da vida patria, da linguagem nacional, da sensibilidade brasileira. Estava aberto o caminho para o surto da nossa litteratura, differente da portugueza, autonoma, capaz de emprestimos directos ás grandes litteraturas universaes.*

Com Eça de Queiroz, incontestavelmente um dos maiores romancistas do seu seculo e porventura o maior prosador portuguez de todos os tempos, encerra-se o cyclo da influencia lusitana em nossas lettras. Assignalo pura e simplesmente um facto, sem nenhuma animosidade a Portugal, cuja historia admiravel, nos seculos de esplendor, se confunde com a propria historia da civilização mundial. E, por maior e brilhante que seja o futuro do Brasil, quem estudar serenamente os factos do seu passado ha de reconhecer que o luso aqui lançou todos os alicerces da cultura. A historia jacobina, amesquinhadora da influencia portugueza, não tem base scientifica; desrespeita flagrantemente factos averiguados pela imparcialidade dos Varnhagens e dos Capistranos, para só citar os dois mais profundos historiadores nacionaes.

Mas, não podiamos viver eternamente embevecidos com glorias alheias, trilhando cabisbaixos os velhos caminhos, falando e escrevendo uma linguagem que não era a nossa, enramando o nosso espirito e a nossa sensibilidade dentro de normas bôas ou perfeitas para os seus primitivos creadores, mas constrangedoras de nossa liberdade mental.

A prosa marmorea de Herculano desafiará os seculos, porém aquelle escriptor nosso que "escreveu com um cipó" as paginas da epopéa dos Sertões *tambem levará á posteridade lavores e estados de alma originaes e dignos de perdurar como o bronze.*

Para a formação de uma litteratura nacional, bem differenciada da do magestoso tronco donde hauriu tanta seiva — a litteratura portugueza é a maior que produziu um pequeno povo, no autorizado dizer de Aubrey Bell — já possuimos dois factores de primeira ordem: a sensibilidade americana differente da européa, não vindo a pello discutir se mais ou menos rica, e uma linguagem principalmente no rythmo toda nossa, evoluida, no meio brasileiro, do portuguez do seculo XVI, e portanto diversa do ramo que continuou o seu progresso no velho continente.

Emquanto nos constrangiamos na imitação dos classicos, essa linguagem differenciada passou despercebida e os grammaticos catalogavam apenas como erroneas as suas peculiaridades.

Aquella sensibilidade crioula se foi formando pouco a pouco, e quando surgiu na consciencia já possuia longa, secular vivencia subconsciente. Foi o trabalho lento de tres seculos vividos noutro ambiente, e da mistura de raças diversas e do entrelaçamento de culturas. Tudo perdura no mundo do espirito, nada se perde. Mas, só agora descobrimos que já eramos outros, e não tinhamos de commum com os portuguezes senão alguns aspectos da personalidade. Litterariamente, Natividade Saldanha ou Frei Caneca, ha um seculo, já eram puros

brasileiros, mas não possuiam, de maneira bem nitida, consciencia de sua brasilidade.

O centenario da independencia politica despertou o sentimento da independencia linguistica e litteraria. Cumpre-nos agora aprofundar as divergencias, não movidos pela baixa politica de fomentar antagonismos, mas visando o elevado escopo de nossa formação.

Ha para as nações como para os individuos a possibilidade de transformação consciente da personalidade, e sem ella não seriam possiveis os quasi milagres da educação. Sejamos, antes de tudo, brasileiros. Uma litteratura original será o coroamento dessa evolução espiritual. Sem renunciar o legado europeu, que nos prende á vida mediterranea, juntemos novas cordas á nossa lyra ou novas tonalidade á gamma chromatica de nossa visão do mundo. Que a civilização transplantada se faça original, e o fructo se torne melhor no terreno alheio.

Assim a litteratura nacional não será um arbusto sem raizes profundas, e surgirá como corolario necessario de uma intensa vida espiritual. Brotará dos penetraes da nacionalidade, e reflectirá a terra, o povo, a historia americana. Gonçalves Dias já sentia tudo isto, mas se expressava com extremada pureza idiomatica, sacrificando um pouco a espontaneidade. Só agora o sentimento e a expressão traduzem a alma nacional: conteúdo e forma revelam-se ambos muito nossos.

O dialecto brasileiro, o tal surrão que acolhe, á larga, todas as mazellas e corruptelas do idioma, da objurgatoria ruybarboseana, vae, cada dia, creando mais prestigio e se impondo aos escriptores patrios que querem ser sinceros em materia de linguagem.

Ha annos fazia successo A Bagaceira *do sr. José Americo de Almeida, anteriormente mui chegado aos classicos, que versava com mão diurna e nocturna, romance em que pululam formas dialecticas, não só nos dialogos, como na propria parte narrativa, sem prejuizo da elegancia e do apropriado da linguagem. Agora anda por todas as mãos, louvado e admirado, o romance de Amando Fontes,* Os Corumbas, *escripto na mais genuina linguagem brasileira. Seguem a mesma orientação linguistica* Menino de Engenho *e* Doidinho, *do sr. José Lins do Rego, e varias novellas de Mario Sette, ambos prosadores vigorosos. Seria enfadonho continuar a resenha de escriptores nossos que romperam com o convencionalismo do escrever correcto á portugueza.*

Mas, convem lembrar os philologos que descobriram as nuanças do linguajar brasileiro: João Ribeiro, na Lingua nacional, *Antenor Nascentes, no* Linguajar carioca em 1922, *Amadeu Amaral, no* Dialecto caipira, *Mario Marroquim, na* Lingua do Nordeste, *livro de arguta observação, Virgilio de Lemos, numa monographia esquecida nos* Annaes *do V Congresso Brasileiro de Geographia,* A Lingua portugueza no Brasil, *e Clovis Monteiro, em* Portuguez da Europa e Portuguez da America.

O enriquecimento vocabular foi estudado por uma dezena de nomes, entre os quaes fulguram os de Beaurepaire Rohan, Affonso de Taunay, padre Teschauer e Rodolpho Garcia. Já temos, pois, litteratura nacional em toda a plenitude, porque se serve de dialecto proprio, ou pelo menos de uma linguagem *dentro da lingua commum.*

Não nos importemos com a designação de dialecto dada ao idioma que se fala e escreve no Brasil. O certo é que o portuguez brasileiro e o actualmente falado em Portugal são codialectos do portuguez do seculo XVI. Esse galho da velha arvore aqui abriga a 40 milhões. A preponderancia numerica, que tende a crescer, fará do portuguez brasileiro o mais importante para a vida internacional.

A litteratura brasileira já vae traduzindo anceios de liberdade; uma melancolia mais profunda que a saudade, porque é o producto de tres raças tristes; uma sensualidade bem propria dos tropicos; um lyrismo intenso, que remonta, aliás, ao passado transatlantico; certo apego á terra, que vae aos extremos do regionalismo e coroando tudo um grande amor das idéas universaes.

ALCIDES BEZERRA.

Liam O'Flaherty — The Informer

Devagar, devagar começa; cautelosamente, cuidadosamente, minuciosamente. Nota todos os detalhes, materiaes, espirituaes. E' consciencioso como um relatorio de scientista.

Sitúa, primeiro, no tempo e no espaço: Irlanda... 1920 e poucos... época de lutas confusas de nacionalismo, de mysticismo, de communismo.

E no centro do quadro, occupando todo o primeiro plano, a figura de Gypo Nolan — *the informer* — colosso de força physica regido por um cerebro de cretino. Primitivo, elle tem fome e adora a luta. A vida para elle resume-se nisso: comer e lutar. Empregar a sua força e alimental-a. Mas si elle adora combater contra inimigos fortes, obstaculos tangiveis, elle teme as coisas abstractas, as forças moraes, os ideaes. Não sabe porque, mas teme-os. Ah! se fossem homens, coisas que se pudessem agarrar com as duas mãos, estrangular, matar! Mas não, seu adversario é uma organização secreta, um poder immaterial, uma idéa... e a isso elle succumbe.

Gypo Nolan nos lembra o touro na arena, feliz de poder lutar emquanto vê inimigos, homens, cavallos. Mas pouco a pouco sente a hypnose de algo differente, impalpavel, inatacavel. E' o povo que pede o seu sangue. E deante disso, e dos inimigos que se furtam á luta para voltarem sempre instigados pela força immaterial, deante disso elle cansa, e acaba, cabisbaixo, num ultimo esforço das suas energias desgastas, lançando-se sobre a espada do matador, atirando-se á morte.

A historia de Gypo Nolan é simples. Trahiu um companheiro por ter fome, por não comprehender o que fazia. A organização revolucionaria, pensando que se tratava de um delator, põe-se no seu encalço afim de justiçal-o. E no cerebro confuso de Gypo Nolan, membro do comité revolucionario, nasce a dupla personalidade de quem quer servir á organização na sua tarefa vingadora, e do culpado que quer fugir ao castigo.

Termina com a morte magnifica do colosso, numa egreja, aos pés daquelle que dera vida á sua victima e que ora e perdôa com as palavras: "Tu não sabias o que fazias".

Livro simples, livro forte, *The Informer* impressiona profundamente.

JACK SAMPAIO.

Paginas do velho Duarte

(EXCERPTO)

Quando morreu o velho Duarte, com grande surpreza dos discipulos e amigos, foram encontrados na gaveta da secretária alguns maços de papel escripto de um lado como si tivessem sido preparados para typographia. Causou escandalo o encontro porque o velho mestre não cessava de dizer:

"— E' preciso acabar com a litteratura! todo o mundo escreve, todo o mundo publica: a humanidade vive delirando com a producção impressa! Ninguem escreva mais! Pois si já não temos tempo de ler o que os m a i s velhos escreveram! Que adiantam ao progresso humano mais algumas folhas de papel sarapintado! Nada ha de novo a dizer! não escrevam, meus amigos, leiam! De leitura é que o mundo precisa! Typographia?... Para imprimir annuncios, horarios de trens e cousas de utilidade real..."

Por isso mesmo os discipulos do Prof. Duarte fizeram tudo para obter as folhas encontradas na sua mesa de trabalho.

Os que melhor conheciam o mestre affirmavam calorosamente que aquillo não passava de simples cópia de alguns velhos livros; os seus desaffectos não quizeram perder a occasião de apontar a incoherencia daquelle exquisito sujeito.

A questão interessou vivamente. Os depositarios da papelada não puderam evitar a sua publicação.

Algumas paginas diziam assim:

*

Em geral, nós brasileiros não sabemos conversar. Na roça fala-se por monosyllabos; nas cidades, por discursos... Ha sempre, quando dois amigos se encontram, um *orador* e outro *auditorio;* quando não ha dois oradores...

*

Nessas latitudes em que a acção humana sobre o Globo tem, ás vezes, violencias semelhantes á dos factores sismicos, transformando o deserto á medida dos desejos, despovoando cidades que nas éras da colonia foram grandes centros de riqueza e fausto, é realmente passatempo espiritual de raro sabor acompanhar o desenvolvimento e o declinio das povoações. Cada qual tem o cyclo perfeito de um sêr organizado; e si a gente não póde, felizmente, viver tanto que baste para seguir as idades todas de uma villa, já é sufficiente poder comparar algumas, entre si.

*

Quanta gente que se vae curar, nas estancias de aguas mineraes, passa 20 dias sem arredar pé do panno numerado e volta, depois, muito peor, tendo gasto meia hora ao redor das fontes! Quanto figado crescido não regressou ainda mais volumoso, porque, ao envez de se lavar n'agua mineral, boiou no excesso de bilis que as grandes emoções provocam?

— Estas aguas de Caxambú, dizia uma vez notavel cidadão, apontando com gesto largo para as mesas da roleta, não me fizeram bem algum...

*

Os mineiros sempre foram tidos na conta de gente honesta ganhadora, sóbria, bem pouco truculenta; são os *auvergnats* do Brasil. Affonso Celso e o pranteado Arinos, ambos mineiros de vulto, mais de uma vez, nos seus escriptos têm pintado a rigida honestidade dos seus activos comprovincianos; mas, nunca, ninguem disse que os mineiros seriam soldados de linda compostura. Bem ao contrario. Pois, eu vi um simples sargento nortista, sergipano secco, que falava alto, claro e preciso, dominar a attenção meio dispersa de uma linha de tiro, composta de guapos mineiros. Vi, com emoção, o Norte, cheio de vigor, resistencia e combatividade despertada pelo infortunio, ensinando ao Sul, rico e amollentado, como se faz um soldado de um camponio.

Aos poucos, surgia da massa informe de homens tortos, de ar cansado, um pelotão attento, firme, elegante, multicôr. O instructor humilde transformava-os, erguia aqui, abatia acolá, gritava, sorria, apitava e repetia, no logar mais frequentado da cidade, para propagar o enthusiasmo.

Como um esculptor que plasma de barro uma figura nitida o menino sargento transformava os pacatos roceiros em atiradores... E uma vez ouvi que elle dizia a uma praça mais bronca, depois do exercicio, com toda a camaradagem:

— Você custou, hein? Mas agora já vae entendendo do "negocio"...

Realmente todos iam entendendo daquelle negocio que, segundo creio, é a chave do progresso moral, e mesmo pratico, deste povo, que, para caminhar mais depressa apenas precisa daquillo que o sargento ensinava: "disciplina".

*

No Brasil, mesmo nos grandes centros como o Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Bahia, Porto Alegre, etc., cada estudioso vive isolado. Si ha vinte pessoas que estudam, por gosto ou profissão, mathematica, physica ou biologia, ao envez de se approximarem, de se conhecerem, e de se "attritarem", passam os dias cada qual no seu canto, admirando de longe, ás vezes os outros, desejando sempre conhecel-os.

Existe, aqui, uma verdadeira timidez, para o trato pessoal, entre os estudiosos. O publico, em geral, por seu lado, está habituado a respeitar solemnemente certos individuos e instituições, como si fossem cousas creadas para o culto fetichista dos profanos, sêres de que só os iniciados se podem approximar.

(Do livro a apparecer: *Samambaia*).

ROQUETTE-PINTO.

D. Aguilera Malta — Don Goyo — Editorial Cenit — Madrid, 1933.

Apesar de impresso na Hespanha, este livro descreve, com emoção e vivacidade de toque, as peculiaridades mais expressivas da vida dos "mangleros" da Columbia. Vida de lutadores corajosos, que andam quasi sempre desnudos, "meio peixes, meio homens", affrontando charcos e precipicios, procurando em logares dos mais perigosos o que lhes dê o necessario para uma alimentação quasi sempre parcimoniosa. As figuras desse estranho proletariado, que faz pensar em velhas populações lacustres, impressionam realmente o leitor. E ao fundo dos coloridos, das ricas metaphoras com que o autor enfeita os seus episodios, sente-se-lhe uma piedade, bem christã, por todos esses irmãos que se batem numa obscura peleja dia a dia renovada, para, em troca das privações a que se condemnam, levar maior alegria e conforto aos demais.

"A Lingua do Nordeste"

Foi Jeronymo Soares Barbosa, creio eu, quem primeiro assignalou por escripto differenças entre o fallar brasileiro e o fallar portuguez. Com effeito, no capitulo dos vicios de prosodia da sua famosa *Grammatica philosophica*, publicada no começo do seculo passado, observava elle: "Assim, trocando o *a* grande em pequeno, dizem os Brasileiros *vâdio, sâdio, âctivo* em lugar de *vádio, sádio, áctivo;* e ás avessas pondo o *a* grande pelo pequeno, pronunciam *áqui* em lugar de *âqui*. O mesmo fazem com o *e*, já pronunciando-o como *e* pequeno breve em lugar do grande e aberto em *prêgar* por *prégar*, já mudando o *e* pequeno e breve em *i*, dizendo *minino, filiz, binigno, mi deu, ti deu, si firiu, lhi deu*."

E' claro que na opinião de Soares Barbosa, grammatico de antigo estilo, esses modos de pronunciar constituiam erros. Assim tambem pensaria mais tarde Pinheiro Chagas, quando, já em pleno Romantismo, a nossa litteratura começou a emancipar-se, linguisticamente, da de Portugal. "O defeito que eu vejo em todos os livros brasileiros, explicava o lettrado lusitano, e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente, é a falta de correcção na linguagem portugueza, ou antes a mania de tornar o brasileiro uma lingua differente do velho portuguez, por meio de neologismos arrojados e injustificaveis insubordinações grammaticaes"... Aos "brados" de Pinheiro Chagas revidava sensatamente José de Alencar: "Que a tendencia, não para a formação de uma nova lingua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é facto incontestavel. Mas, em vez de attribuir-nos a nós escriptores essa revolução philologica, devia o sr. Pinheiro Chagas, para ser coherente com sua theoria, buscar o germen della e seu fomento no espirito popular, no fallar do povo, esse *ignorante sublime*, como lhe chamou." E o autor de *Iracema* ponderava ainda: "Creio que o sr. Pinheiro Chagas se engana completamente quando pretende que o inglez e o hespanhol da America é o mesmo inglez e hespanhol da Europa. Não só na pronuncia, como no mecanismo da lingua, já se nota differença, que de futuro se tornará mais saliente."

Vê-se que o romancista cearense, apesar de não ser um profissional da philologia, andava mais ao par dos progressos dessa sciencia do que o seu contradictor portuguez. De facto, já por aquella época (1870) se conhecia o phenomeno da dialectação das linguas. Aqui mesmo no Brasil, em 1879, José Jorge Paranhos da Silva puplicava *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, onde ao lado de certas tiradas de ingenuo patriotismo, e de pilherias e epigrammas, contra "os nossos primos", já appareciam observações muito justas acerca do fallar brasileiro. Assim, foi elle o primeiro a notar que na nossa pronuncia (na carioca) "só ha vogaes abertas debaixo do accento tonico": *sála, sâlão; béllo, bêlleza*, etc.

Numerosos são os estudos, feitos em artigos, opusculos e livros, sobre o *dialecto brasileiro*, apparecidos depois de 1880, sobretudo nos dois ultimos decennios do seculo passado. Não só questões de phonetica, mas problemas de lexico e de syntaxe teem sido apreciados e discutidos largamente e com mais ou menos espirito scientifico. Mesmo na antiga metropole, onde as divergencias do fallar brasileiro eram a principio consideradas simples barbarismos e solecismos, ha muito que passaram a ser olhadas como factos normaes e inevitaveis.

Penetrando tambem nos dominios da linguistica, a idéa de evolução, desde que entrou em moda, destruiu afinal o dogma da immutabilidade das linguas. Adeptos dessa nova orientação, em Portugal, Adolpho Coelho consagrou um estudo aos dialectos crioulos do portuguez e Leite de Vasconcellos, ainda alumno da Escola Médica do Porto, já se preoccupava com o *dialecto brasileiro*. Data de 1883 o opusculo da sua lavra em que, baseado principalmente nos *Cantos Populares do Brasil*, colligidos por Sylvio Roméro, e em materiaes reunidos por José Verissimo, regista e commenta uma série de factos peculiares á lingua do Brasil. Concluindo essas annotações, promettia Leite de Vasconcellos voltar mais tarde ao assumpto, num trabalho mais amplo. Mas ao publicar, em 1901, a *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, convencido já das difficuldades da empresa, limitou-se o sabio portuguez a apontar alguns phenomenos e a aconselhar os philologos brasileiros a desbravarem o campo.

Na verdade, é a nós brasileiros que cumpre, por todos os motivos, estudar a nossa linguagem. Todavia, além das investigações desse genero não serem nada faceis, os nossos grammaticos e philologos preferem na sua maioria aprofundar o conhecimento da vernaculidade dos escriptores lusitanos, e arrolar, como o dr. Laudelino Freire, "graças e galas da sã linguagem". D'ahi a lentidão da marcha com que vamos estudando a nossa modalidade linguistica, da qual, ao que parece, muitos até se envergonham.

A' fileira das nossas melhores contribuições dialectologicas, vem juntar-se agora *A Lingua do Nordeste*, do sr. Mario Marroquim. Julgando muito razoavelmente que uma descripção ampla e definitiva do nosso dialecto só será possivel depois de estudos parciaes relativos ás diversas zonas linguisticas do paiz, propõe-se o sr. Marroquim a contar-nos o estado da lingua fallada em Alagoas e Pernambuco. Conhecendo a natureza fundamentalmente social dos phenomenos linguisticos e informado da technica exigida em pesquizas dialectologicas, o sr. Mario Marroquim offerece-nos no seu livro um quadro linguistico bastante interessante.

Na parte da phonetica, nota-se-lhe, é certo, o mesmo vicio inherente a todos os trabalhos congeneres realizados entre nós, e que lhes empresta sempre caracter de investigação provisoria, isto é, a falta da experimentação. A annotação dos factos phoneticos feita apenas pelo ouvido ou pela observação dos movimentos articulatorios é em muitos casos imperfeita. E' indispensavel o controle de apparelhos. Não obstante esse defeito de origem, que aliás o autor não poderia remover, porque não existem ainda em nosso paiz gabinetes de phonetica experimental, o material apresentado e estudado na *Lingua do Nordeste* é consideravel. Parece-me tambem que o autor não se mostra inteiramente submisso ao preceito methodologico de Dauzat, citado por elle proprio a pags. 19, de que o dialectologista não deve utilizar nenhuma fórma, nenhuma palavra *"qu'il n'ait recueilli lui-même, ou qui n'ait recueilli dans les mêmes conditions l'auteur d'un ouvrage scientifique"*. De fa-

cto, uma boa parte do material linguistico utilizado pelo sr. Marroquim não foi colhida directamente na bocca do povo, e sim através da litteratura regional. Quem nos assegura da perfeição technica com que poetas e novellistas reproduzem a linguagem oral das populações nordestinas? Diz, por exemplo, o nosso autor a pags. 60: "Em *lua*, anasalou-se o *u*, analogia talvez com o artigo indefinito *ũa*. E, da mesma maneira que no artigo se desenvolveu um *m* — *uma* — surgiu tambem um *m* em *luma*, que é a pronuncia do povo." E abona a fórma com esta quadra do poeta Mardokeu Nacre:

> Mandou pra ela essa lôa:
> Vóis não me qué? qui m'importa!
> Se a *luma* cheia fô bôa
> Vou cantá na tua porta.

A pronuncia popular daquella região não será *lũa?* Essa fórma archaica, ainda hoje viva no linguajar beirão, occorre nos seguintes versos extrahidos por Leite de Vasconcellos dos *Cantos Populares do Brasil*, de Sylvio Romero:

> Lá vem a *lũa* saindo
> Redonda como um botão;
> Quem tem seu amor defronte
> Tem grande consolação.

Dentre as observações mais valiosas que nesta ligeira noticia bibliographica é possivel destacar na *Lingua do Nordeste* figuram as relativas ao *o* e ao *e* pretonicos. Como já salientára Leite de Vasconcellos, o tratamento dessas duas vogaes, nos dialectos continentaes é muito variavel. Outro tanto succede na lingua nordestina, diz-nos o sr. Marroquim. Quanto ao *o*, "nos infinitos dos verbos em *er* sôa *ô*: *sôfrê(r)*, *môrrê(r)*, *cômê(r)*, *môvê(r)*, etc. Sôa *ó* nos infinitos dos verbos em *ar*: *chórá(r)*, *cóbrá(r)*, *rólá(r)*, etc. Sôa *u* nos verbos em *ir*: *cubri(r)*, *durmi(r)*, *buli(r)*, etc." A pronuncia normal desse *o* pretonico em Portugal é *u*, mas L. de Vasconcellos informa-nos de que no sul do paiz, e diante de *l*, a pronuncia é *ô*: *sôldado*.

A variedade no tratamento de vogaes pretonicas existe, pois, nos dois paizes, mas de modo geral pode estabelecer-se que, ao contrario do que se dá em Portugal, a tendencia nordestina é para abrir o *e* e *o* pretonicos. Não julga o sr. Marroquim que haja nesse facto influencias tupys. "Não vejo como o indio, que nunca teve preponderancia na vida do nordeste, nem mesmo como trabalhador do campo, possa influir ainda hoje na prosodia dialectal." Não só neste, mas ainda em outros pontos do seu livro, impugna o autor da *Lingua do Nordeste*, e sempre com solidos fundamentos, certas opiniões tendentes a exaggerar as influencias do tupy no portuguez do Brasil.

Considerando como nucleo da linguagem popular brasileira, sobretudo da nordestina, o fallar dos portuguezes dos seculos dezeseis e dezesete, o *sermo plebeius* dos colonizadores, busca na maioria dos casos o autor explicar os factos linguisticos do presente pela confrontação com os daquelle periodo da historia da lingua. Esse methodo, perfeitamente scientifico, leva-o a formular hypotheses, sempre plausiveis. Assim, referindo-se ás fórmas populares da terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo: *mataro, quizero, pediro*, deriva-as, mediante a reducção da vogal nazal atona final, das fórmas *matarom, quiserom, pedirom*, documentadas na litteratura do seculo XV. Hypothese absolutamente feliz, porque as fórmas em — *om*, ainda hoje existem em Portugal. "Aujourd'hui l'*-õ* (= *-om*) se conserve dans une grande partie du Sud..." (Leite de Vasconcellos, *Esquisse*, 102). E o mesmo eminente dialectologista informa-nos tambem de que "dans la langue de Guimarães au XVIIème siècle, on trouve encore dans des mss.: *vierom, despacharom, mandarom*."

Aquella reducção de vogaes e ditongos nasaes atonos finaes representa aliás uma tendencia antiga e generalizada da phonetica portugueza. Por ella se explicam não só as fórmas *mataro* e *quisero*, mas ainda as fórmas *Estevo* (já notada no seculo 18 por Monte Carmelo), *onti, virgi, homi, orfo, soto, orgo*.

Nos dominios da morphologia, do lexico e da syntaxe, reuniu tambem o autor uma série de factos interessantes.

Da conjugação nordestina diz-nos elle: "A simplificação attingiu a pessoas e tempos, mas sobretudo a pessoas, ficando reservado quasi que só aos pronomes o papel de as determinar." O futuro, como na linguagem popular e familiar do Rio, tende a desapparecer como tempo simples, e vai sendo substituido por uma locução formada com o presente de *ir*.

Ao estudo do lexico, onde figura um apreciavel rol de archaismos, precede a historia do desenvolvimento social e economico da região, o que torna mais comprehensivel a evolução linguistica.

Dos factos syntacticos, que se extendem por mais de oitenta paginas, se nem todos offerecem interesse, por pertencerem á lingua geral, ha alguns realmente typicos. E' um delles o descripto no paragrapho 197. "O verbo *haver*, que perdeu toda a vitalidade e que só apparece em fórmas esteriotypadas, conservou a funcção impessoal na 3ª pessoa sing. do ind. presente através de uma forma curiosa e imprevista:

"Afinal annuiu: — *E'* de se dar um geito. Tomase o mocambo de Ximane".

> "Mas si *é* de quebrá-me a porta,
> Seu Alfêre,
> Eu vou abri que é mió."

Crê o nosso autor que esse *é* representa a forma *ha* impessoal. Não me parece que assim seja. O verbo *haver* faz ahi parte de um futuro periphrastico: *Ha de se dar um geito* equivale a *dar-se-ha um geito*. *Ha de quebrar* é o mesmo que *quebrará*...

Sobre as possibilidades litterarias do dialecto brasileiro o sr. Mario Marroquim é, como todos os escriptores novos do Brasil, um emancipado da mania do casticismo luso. E quero com as suas palavras a esse respeito, pôr fecho a esta noticia do apparecimento do seu magnifico ensaio dialectologico:

"Nós, no Brasil, presos á grammatica *portuguesa*, somos victimas de uma desintegração dolorosa de nós mesmos. Os modernos escriptores brasileiros que interpretam cousas do Brasil, quando desobedecem aos canones da lingua culta e fogem ás praxes grammaticaes, fazem-no por ser essa a maneira de evitar a dissociação entre sua obra e elles mesmos."

A Lingua do Nordeste emparelha dignamente com o *Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral, e com o *Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes.

SAUL BORGES CARNEIRO.

LETTRAS ITALIANAS

Alfredo Panzini vem de publicar *La Bella Storia di Orlando Innamorato e poi Furioso*, demonstrando um profundo conhecimento da obra de Boiardo e da obra de Ariosto. E' uma viagem atravez de livros deliciosos, talvez um pouco archaicos, que Panzini relê constantemente, elle que está na edade em que os homens, segundo o conceito de Royer-Collard, preferem reler a ler. Muita sensibilidade se revela nessa excursão por um mundo de imagens cavalheirescas e tambem as considerações a proposito de Cervantes são de uma extrema finura. Panzini é um guia affavel dos espiritos e, apesar da sua grande erudição, nada possue de pedantesco. Nasceu em Ancona em 1863, estampou um ensaio sobre Carducci, muitos romances de um subtil humorismo peninsular e ensina lettras italianas em Roma, onde reside.

— Bruno Cicognani, que pendeu para a extrema-esquerda modernista, vem de patentear, com o volume *Il Figurinaio*, um elogiavel recúo á maneira classica dos toscanos. *Figurinaio* é o homem que exhibe os titeres, os fantoches, nos logares pequenos da provincia, para delicia de creanças e adultos. No caso, as figurinhas exhibidas são as da propria vida do autor, os bonecos do seu passado. Trata-se de uma especie de auto-biographia idealizada em que, a pretexto de falar de si mesmo, o narrador evoca lindos recantos da região natal, fala de um velho eremita, das aldeias florentinas, das scenas typicas de um pedaço da Europa em que mais se accumulou civilização. O estylo é o dos novellistas da Toscana dos seculos de ouro, facil, escorreito, com algumas cruezas de linguagem que não vão de resto ás frascarices ou escatologias de Boccacio e Sacchetti.

— Está suscitando interesse a *Vita di Gabriele d'Annunzio*, devida á penna de Camillo Antona Traversi. Trata-se de um notavel theatrologo lombardo. Não obstante descender de familia tradicional, e de se haver laureado pela Universidade de Napoles, outra coisa não seduziu nunca a esse italiano senão a gente do palco. Fez estudos criticos sobre Foscolo, Lucrecio, Leopardi, mas acabou deixando-se arrastar de todo pela sua paixão essencial e acabou em Paris, secretario da actriz Réjane, em contacto com todos os actores e autores theatraes da velha Lutecia. Sua comedia *Le Rozeno* foi bem acolhida pelas platéas e as memorias que inseriu na revista de Jean Finot, relatando os annos de estada em Paris, interessaram bastante, pelos dados historicos e pela mansa ironia dos detalhes que trazem á baila as innocentes vaidades de alguns cabotinos da ribalta ou de fóra da ribalta. Agora, esta sua biographia de d'Annunzio, vindo reunir-se aos estudos de Borgese, Flora e Giannantoni, prova que não faltam a Camillo Antona Traversi dons comprehensivos para fixar no papel uma grande vida, mantendo-se, a proposito de um poeta de genio, entre a fantasia e a realidade, como aconselhava o mestre de Weimar. A psychologia destas paginas é arguta, ha muitos informes colhidos em primeira mão pelo autor, que manteve longo contacto com o biographado, e não faltam anecdotas expressivas a infundir ao conjunto uma leveza e uma graça em que se sente o italiano afinado pelo convivio dos francezes, o filho da Lombardia que conversou muitas tardes nos cafés e botequins da beira do Sena.

— Biagio Chiara foi na Italia um fervente exegeta de Wilde. Guido Biagi vive a estudar tudo quanto se prende a Shelley. E Lorenzo Gigli talvez seja, em sua terra, o maior enthusiasta da obra de Gobineau. Na aristocratica Turim mantem-se elle em inalteravel devotamento ao seu idolo. Neste momento, vem de lançar uma *Vita di Gobineau*, abundantemente documentada e de critica original e perspicaz. De preferencia a exaltar nelle o theorista das raças, como fazem os allemães, Gigli exalta o artista, o philosopho, o homem de lettras puro, aquelle que comprehendeu como poucos a Renascença italiana e o pensamento em marcha dos creadores de belleza de todos os tempos. Lorenzo Gigli é de Brescia e nasceu em 1889. Embora romancista, foi evidentemente como ensaista que se impoz á consagradora estima dos seus pares.

— Vêm de ser divulgadas as cartas de Caterina Vannini ao cardeal Federigo Borromeo, com um prefacio de P. Misciatelli. Caterina, que não deve ser confundida com a sua sublime homonyma de Siena, nem por isso é figura desdenhavel. Convertida aos quinze annos de edade, depois de tres annos de devassidão em Roma, confinou-se numa vida de puro ascetismo, tendo arrebatamentos mysticos e dedicações christãs que lhe emprestaram um verdadeiro caracter de santidade, embora a Egreja não a tenha canonizado até hoje. Quanto a Pietro Misciatelli, commentador dessas cartas, é um dantologo eminente e conhece como poucos a litteratura trecentista e quatrocentista da Italia. Os illuminados de Siena são as suas figuras predilectas e sobre a gente franciscana escreveu paginas dignas de serem confrontadas com as de Chesterton e Sabatier.

— *L'Amore nella Poesia e nel Pensiero del Rinascimento*, de Luigi Tonelli, se não tem vôos muitos altos, é de uma critica discreta e util. Os amores metaphysicos de um dos grandes periodos do pensamento italiano são ahi intelligentemente explicados. Tonelli sabe ver claro ao fundo das allegorias e das effusões platonicas. Filho de Teramo, esse escriptor já discorreu sobre as tragedias de d'Annunzio, sobre o theatro contemporaneo da Peninsula, sobre o espirito francez dos nossos dias. Não ainda muito velho, por isso que nascido em 1890, trabalha para varios jornaes e revistas, e, como acontece com muitos patricios seus, mostra um forte pendor pelos estudos germanicos. Mas, apesar da sua sympathia pelos tedescos, bateu-se nos Alpes durante a grande guerra e chegou a ganhar uma medalha de prata.

— Uma anthologia dos narradores italianos contemporaneos, de Lionello Fiumi e Eugène Bestaux, sahida em francez, chama a attenção dos vivos para a obra do siciliano Verga, que tantos vivos parecem dispostos a esquecer. E' esquecimento iniquo porque Verga é um dos mestres do romance italiano do seculo XIX. Seu regionalismo é dos que se universalizam humanamente e tocam as creaturas de todas as paragens. Hoje então, dadas as reivindicações proletarias do tempo, a sua pintura de humildes e párias da ilha de fogo, explorada pelos capitalistas e aventureiros do continente, possue uma significação social que nos parece impossivel discutir.

LETTRAS INGLEZAS

Miss Cicely Hamilton publica um livro intitulado *Modern France*, em que tem a coragem de exaltar nobremente os francezes, um pouco malquistados na Inglaterra depois de 1918, especialmente por parte dos que sonham uma reapproximação com a Allemanha.

— A romancista Virginia Woolf vem de ser estudada por um universitario de Lille, Floris Delattre. Se o trabalho não prima pela originalidade de conceitos, tem ao menos a vantagem de pôr em fóco uma das mais singulares figuras de escriptoras inglezas de hoje. Escriptora desabusada, talvez penetrada pelo virus de dissolução judaica, facto muito commum na pouco austera Albion dos nossos tempos.

— Está obtendo grande successo em Paris a traducção do livro de Maurice Baring sobre Sarah Bernhardt. Os primeiros exemplares dessa traducção apparecidos aqui no Rio foram logo adquiridos pelos admiradores do biographo e da biographada.

— Raymond Las Vergnas estuda, em obra duradoura, a vida e os livros de Thackeray. E' um optimo ensejo para ser passada em revista a actividade e a influencia do grande rival de Dickens, do acido e apiedado evocador dos esnobes londrinos, do homem que prestigiou a expressão "feira das vaidades", de que tanto abusariam depois os jornalistas e até mesmo os chronistas mundanos...

— E. Margaret Phillips compõe um volume sobre Philarète Chasles, critico e historiador da litteratura ingleza. Chasles foi um dos publicistas mais fecundos e historiador do seculo XIX. Suas memorias encantavam Alphonse Daudet, pela "vida do estylo". Mas o seu maior merito foi sem duvida ter sido, com Émile Montégut, um dos principaes commentadores dos livros britannicos em terras de França. Ha quem o ache, nesse particular, muito mais lucido e equanime que o proprio Taine, sem a systematização scientifica e os pruridos positivistas deste. Barbey d'Aurevilly desancou-o rijamente, a proposito de um livro sobre Galileu, mas o caso é que Philarète Chasles era bem um humanista penetrante, além de expositor capaz de passar da analyse á synthese sem se extraviar em caminho.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de
grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

Os Serões da Familia - A Abolição

Recordo o teor das conversas nos serões da familia, os exaggeros flammantes de meu tio, a prudencia e a discreção nos conceitos de meu pae.

Meu pae era sempre moderado, calmo e reflectido. Homem de poucas lettras, politico partidario mais por fidelidade á tradição da familia do que por paixão propria, nunca esse espirito de clan da politicagem influiu nas suas relações de amizade nem lhe perturbou o criterio no julgamento dos homens e dos factos. Um dos chefes do "partido liberal" no municipio, seu melhor amigo era chefe dos mais acatados do "conservador" — o barão de Gindahy, seu compadre duas vezes e sogro de meu irmão Carlos. Minha excellente cunhada Amelia, filha do barão, era afilhada de meu pae.

Nas conversas á noite os assumptos predilectos eram a lavoura — a canna, a mandioca, o tempo — as chuvas e a estiagem. A politica entrava por pouco nos serões e apenas quando de quatro em quatro dias chegava o *Jornal do Recife* com as novidades da Côrte.

Como se tivessem ficado gravadas nas paredes da sala de jantar, parece-me ouvir ainda aquellas queridas vozes antigas conversando á luz mortiça do velho candieiro belga de kerozene suspenso da arandela. A electricidade é quasi um sacrilegio aqui dentro.

Fecho os olhos e parece-me ainda ouvil-as áquellas vozes idolatradas murmurando. As predições de chuva e bom tempo colhidas na experiencia, nos astros, n'essa faculdade de previsão que Deus tirou ao homem e deu aos animaes e mesmo aos reinos inferiores da natureza:

— Choveu na primeira e segunda oitava de Santa Luzia. Fevereiro e Março vão ser de chuvas.

— Qual! Fevereiro é sempre mez secco. Anno secco: as mungubas estão floradas.

— Vamos ter tempo grosso amanhã: os porcos estão carregando matto. As taiócas vão de carreiro para o alto. Os aruás subiram nas estacas de dentro d'agua no Sersinunga meia braça: até ali irá a enchente. "Lua nova com chuvada, trinta dias de invernada".

Acerca de culturas, qualidade de terras, escolha de sementes, a voz grave e autorizada de meu pae sentenciando e ouvida como a voz do Senhor e chefe da familia:

— A bôa semente faz a bôa planta.

— A côr do matto na coberta da terra será a côr da canna.

— Quem quer ter planta, planta planta (Planta é a primeira producção das touceiras, como soca a segunda e resoca a terceira).

— Soca é serviço do anno passado.

Quando o *Jornal do Recife* chegava na mala do correio, de quatro em quatro dias, a voz clara e harmoniosa de meu tio falando politica, ministerios, interpellações a gabinetes: Cotegipe, João Alfredo, Affonso Celso, Silveira Martins, Andrade Figueira, Martinho Campos.

— A abolição vem ahi.

— Impossivel! Agora mesmo o governo decretou nova matricula de escravos. Seria um roubo.

— Mas vem.

E a abolição veio mesmo estouvadamente, desorganizando em muito a vida do campo, sem prévio preparo, sem indemnização e por isto como um grave erro administrativo.

Meu pae recebeu-a philosophicamente.

Já de annos vinha, sem alarde, alforriando certos escravos mais estimados: o pagem Vicente, Isabel (a minha Bebé que fôra minh'ama).

Veio a abolição e com ella o exodo de grande parte dos escravos, principalmente dos mais novos, fugindo áquella obrigação do tratamento e da benção:

— Meu senhor. A benção.

Recordo-me dos commentarios em casa. Meu cunhado Ferreira ria como um desenganado glosando a bôa fé, a simplicidade de um Damazio, senhor de uma engenhoca — São Francisco, homem rudo, que pouco antes applicara as honradas economias de muitos lustros de trabalho na compra de escravos e perdera tudo com o acto arbitrario do governo.

E ria, ria ás gargalhadas, com pena embora, como quem com pena se ri de alguem que é victima de uma quéda desastrosa:

— Pobre do Damazio! Perdeu tudo.

Nas senzalas, nos sambas os escravos festejavam aquella liberdade que o governo lhes outorgava e que elles recebiam como a inteira faculdade de beberem e mandriarem quando quizessem sem mais obrigações:

Dinheiro novo
Pernambucano
Dr. Nabuco
Zé Mariano.

E, coitados, viriam a ser, elles e seus descendentes, cada dia mais miseravel pasto de todas as molestias, sem o cuidado, embora interesseiro, dos senhores, guardando-os como a rezes caras.

E tantos annos depois em nada lhes têm aproveitado transformações politicas, reformas, revoluções.

Houve o afrouxamente progressivo da disciplina no trabalho e do respeito.

A instrucção publica, deficiente sob todos os aspectos, em nada lhes aproveita. De que serve esse relativo luxo de uma alphabetização quasi sempre sem nexo, inqualificavel?

Os publicistas dos jornaes e dos livros ordinariamente se alarmam mais com a suppressão de meia duzia de escolas do que com o fechamento de um hospital, interessando muita vez uma massa comida de maleitas, de syphilis, de ankilostomos como as nossas populações ruraes, principalmente na zona da matta que é a mais povoada.

Por que não cuidar antes da saúde animal do povo? De que serve abrir escolas fechando hospitaes?

Se os governos podem apenas prover um desses dous reclamos da indigencia nacional, porque se dão primeiro ao luxo de ensinar a ler como a gente a uma população que não tem capacidade de viver como simples animal?

Nenhum administrador sensato, tendo avultada dotação em orçamento para edificar uma villa operaria, preferiria electrificar extravagantemente os mucambos do Pina e de Afogados e mobilal-os com aquelle dinheiro. E' muito mais natural que reconstruamos primeiro o cerebre, demos-lhe resistencia physica contra as intemperies, hygienizemol-o, para depois pôr dentro d'elle os moveis e a electricidade.

Julio Bello.

(Do livro em preparo: *Memorias de um Senhor de Engenho*).

THEORIA DA VIOLENCIA

A violencia como systema politico do Estado moderno decorre da imprescriptivel necessidade, que é a suprema lei. A razão está, nem se procure outra, no surto prodigioso das chamadas classes proletarias por effeito da vulgarização do ensino, que afoutamente se preparam para a escalada do poder. Porque instrucção é revolução; disso — noto de passagem — sabe muito bem a nossa santa madre igreja.

Ameaçada nas suas prerogativas seculares, investida no seu reducto de codigos, rescriptos, sancções e prescripções, a classe tradicional ou conservadora, que é a minoria dirigente, tem de procurar automaticamente a propria salvação no uso da força em virtude destes dois principios erigidos em axiomas:

A. — A audacia de poucos é a cobardia dos mais.

B. — Onde governa a minoria impõe-se o regimen da violencia.

Não é outra evidentemente a essencia das dictaduras modernas, chame-se-lhe hoje fascismo, nazismo, amanhã francismo em França, Fabianos na Inglaterra, camisas pardas na Austria, e, como está escripto que tudo acabe no Brasil, integralismo ou que melhor nome tenha, no Brasil.

LITTERATURA DE NOMES FEIOS

A critica franceza começa a alarmar-se com o abuso ostensivo do vocabulario obsceno na litteratura, especialmente no romance, que é a forma litteraria mais do gosto do grande publico, e talvez por isso mesmo. Nem se diga que os autores incriminados sejam obscuros plumitivos ou estreiantes bisonhos atormentados de publicidade escandalosa. Ao contrario; trata-se geralmente de escriptores estimaveis, alguns illustres, ou reputados taes.

Mas não quero demorar-me no exame deste assumpto. Si assignalo o facto é para frisar que elle revela um dos symptomas typicos, e certamente o menos grave com ser o mais grosseiro, da crise intellectual das gerações modernas, que não se manifesta unicamente no campo restricto da novella ou do romance, mas sobretudo na poesia, na musica, em geral nas artes, e que não tem outra causa determinante sinão a *incapacidade total e peremptoria de crear novas fórmas de belleza dentro dos quadros tradicionaes e infrangiveis*, que representam a somma de todas as perfeições accumuladas do genio de um povo ou de uma raça.

Da incuravel impotencia da que se convencionou chamar geração seculo XX é que resultaram aberrações taes como o futurismo, o irrealismo, o suprarealismo e outras insanidades na poesia, o cubismo na pintura, o jazz e a dansa dos negros na musica, e naturalmente o estylo escatologico na prosa e no romance. Pretende-se assim supprir o novo e o original pelo extravagante, o simples e claro pelo abstruso e desconnexo, o justo e medido pelo desconforme, o decoro pela lascivia e vulgaridade, o talento pelo cynismo, a ordem pela desordem, a arte pelo artificio.

Como si ordem, equilibrio, saúde não fossem condições essenciaes de toda obra de arte excelsa e duradoura. Ou, para servir-me de uma expressão menos formalista, em todo caso para não terminar sem uma palavra de confiante optimismo, como si o espirro de um camello pudesse deter a marcha da caravana.

ALBERTO RAMOS.

E. A. P.
Empreza de Administração Predial
Sociedade Civil
Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias
Direcção de
WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA
AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

UM ARTISTA NOVO

O nosso joven patricio Jair vae fazer em São Paulo, terra sempre acolhedora para os moços de talento, uma exposição de desenhos seus. Jair é caricaturista, mas tambem allegorista. Sem deformar ou embellezar em excesso a realidade, sabe fixar, com bizarro nervosismo, os costumes cariocas, e, especialmente as suas scenas de vida de pretos distinguem-se pela originalidade da composição e pelo extremo pittoresco dos typos populares que evocam.

J. Kessel — Luxuria — Ariel Editora Ltda., Rio, 1934.

Numa época de feroz competição litteraria, o escriptor J. Kessel, apesar de não muito dado a processos de reclame cabotinesca, soube crear-se uma bella reputação em França e alhures. Seus romances já foram traduzidos em varias linguas. Os leitores de bom gosto, que amam a arte discreta e avessa a exhibições berrantes, não podem deixar de interessar-se por esse narrador feliz e facil, que sabe observar a vida rosto a rosto e não se compraz em desfigurar as personagens em fantasmagorias macabras. Tendo tido ensejo de conhecer de perto a grande guerra, Kessel soube fixar no papel impressionantes aspectos da aviação militar. Já recebeu um premio dos mais honrosos e publicações importantes, como o *Gringoire* e outros, disputam a primazia das suas paginas. Quanto a este vigoroso romance, que Gastão Cruls vem de transportar ao portuguez com o maior escrupulo e fidelidade possivel, é a historia de uma pobre mulher transviada, dilacerada pelo instincto sexual. Intelligente e boa, ligada a um homem fóra do vulgar, ella sente, todavia, em dado instante, que o companheiro do seu espirito e do seu coração não é o companheiro da sua carne, e dahi as conjuncturas dramaticas em que vae rolando através dos capitulos da obra. Suggestivas scenas de alfurjas parisienses alternam com a descripção de ambientes mais selectos. A fórma, incisiva e precisa, vae sempre ao facto central sem inuteis digressões por incidentes superfluos. A robustez da acção não permitte nunca ao leitor esmorecimento de interesse. E o escolho da obscenidade é sempre evitado, embora não falte o detalhe de argucia por assim dizer clinica, o pormenor que é um golpe de sonda nas almas que se retráem á inquirição do romancista. O volume, muito bem impresso, traz uma expressiva capa do desenhista Paulo Werneck.

André Devaux — Armand Godoy — Éditions des Portiques — Paris, 1933.

Os bons criticos da França continuam a preoccupar-se com a valiosa obra poetica do artista cubano Armand Godoy. Sobre elle já discorreram Jean Royère, Camille Mauclair, Georges Normandy e tantos outros julgadores de prestigio da velha Lutecia. Agora é todo um ensaio do sr. André Devaux, em que resaltam, com um carinho que não exclue a austeridade de conceitos, os innegaveis meritos de innovador de um poeta, que partido dos tropicos, foi crear um bello nome em Paris e ali se vê constantemente festejado pelos escriptores de maior autoridade.

"A SELVA"

Ferreira de Castro — Romance — Guimarães, editores — Lisboa.

Nesse grosso volume nada ha do Amazonas dos romances de imaginação. Nada de civilisações estranhas, de sonhos de romancistas e *conteurs*, nada tambem de livro de sabio. Pode-se até affirmar que o *pittoresco* pouco apparece, sem atrapalhar o romance em coisa alguma. Mas temos em *Selva* o grande romance do Amazonas. O romance que a borracha (sua gloria e a sua queda) deu ao Brasil foi escripto por um portuguez e publicado em Lisboa. A vida tragica do seringueiro, sem os grandes lances de coragem heroica de caboclos litteratizados. A vida de um seringal, do patrão, dos capatazes e dos seringueiros. E' dominando tudo, personagem principal e talvez unica do livro, a selva mysteriosa e amedrontadora. Nesse livro nem uma palavra lembra a litteratura enorme que o brasileiro fez sobre o Amazonas. (Litteratura que deu alguns livros bons, sem duvida, como os de Gastão Cruls, os de Peregrino Junior, em ficção, as paginas de Roquette Pinto, em sciencias, mas que atulhou as livrarias de volumes ruins). De tal maneira é differente que o leitor fica encabulado. Está acostumado com outro Amazonas. O pittoresco Amazonas, lendario, enchendo de orgulho as creanças de collegio, os caboclos lavando a honra com sangue, Conan Doyle fazendo romance sobre elle, tudo fazia esquecer o verdadeiro Amazonas, aquelle de patrões, escravos e capatazes, escravizados todos pela selva. No romance de Ferreira de Castro o leitor encontra esse Amazonas e fica desconcertado. Custa a acceitar essa nova visão do mysterio longinquo. Mas ella é a verdadeira.

*

Ferreira de Castro conta a vida dos seringueiros bruta e claramente. O eterno drama do trabalhador rural escravizado pelo patrão. Roubado, batido, mais animal que homem. Vieram elles do Ceará ou do Maranhão, deixando noiva, mãe e irmã, na esperança de um dia voltar com bello saldo. Vão ficando por isso. E devendo. Devendo cada vez mais. Livro tragico e real, elle não tem personagens. As duas classes. O capitalista e o trabalhador. E atraz delles a selva.

O proprio estudante portuguez que, expulso como monarchista de sua terra, termina seringueiro no meio dos rios incriveis, até elle, individualista e pensando nas élites, acaba por se fundir na massa, abandonando monarchistas e republicanos, ficando o leitor certo que elle seguirá um rumo melhor.

O livro sobe de intensidade de capitulo para capitulo, culminando na scena final, que tem algo de epopéa. Um grande romanse, esse de Ferreira de Castro, um romance que é brasileiro porque foi o Amazonas e a borracha que o fizeram e que é universal porque mostra uma situação real de uma classe abandonada e escravizada num paiz onde a palavra que mais se gasta é liberdade.

*

O sr. Plinio Barreto, tratando do meu romance *Cacau*, entre elogios disse que a miseria do trabalhador rural do sul da Bahia, existia unicamente lá, pois em São Paulo os patrões e trabalhadores viviam como irmãos, etc.

Duvido que o critico esteja com a razão. Acho que a situação é uma no Brasil todo. Pelo menos a do seingueiro e a do grapiúna é a mesma. Varias scenas de *A Selva* são identicas ás de *Cacau*. Varias, mesmo. Um exemplo: no dia de comprar mantimentos:

"Depois era a scena de sempre. Juca fixava o seringueiro, exclamando de sobrolho cahido:

— Dois litros de cachaça? Nem um. Tu, que fazes mais sernamby que borracha fina!"

(*A Selva*, pag. 141).

"João Vermelho de vez em quando reclamava:

— P'ra que dois kilos de carne secca? Depois se queixa de não ter saldo. Come demais.

Avisava a outro:

— Você tá devendo, compre pouco."

(*Cacau*, pag. 105)

Varias coisas assim. Uma então é extraordinaria. Trata-se da falta de mulher em ambas as zonas. Em *Cacau* um velho quer casar com uma menina de nove annos. (Facto real que eu assisti. O casamento foi impedido por meu Pae). Na *A Selva* um seringueiro quer casar com uma cabocla exactamente de nove annos e não conseguindo mata o pae desta.

Como se vê a situação do trabalhador rural é a mesma em todo o Brasil. Situação de extema miseria.

*

A Selva é um romance que interessa a todos os brasileiros. Ferreira de Castro, nome de larga projecção, mesmo fóra da sua terra, fez um notavel romance brasileiro, se collocando á frente de todos que exploraram litterariamente o Amazonas.

JORGE AMADO.

Ultimas edições "ARIEL":

Lucia Miguel Pereira:
Em Surdina (romance) 7$000

Maria Eugenia Celso:
Fantasias e Matutadas (versos) .... 6$000

Ranulpho Prata:
Lampeão — (documentario) .... 6$000

J. Kessel:
Luxuria (romance) — Trad. de Gastão Cruls 6$000

Em todas a livrarias

Alberto Lamego Filho — **A planicie do solar e da senzala** — Bibliotheca "Brasilea" da Livraria Catholica — Rio, 1934.

Traz este volume de estréa um substancioso prefacio, francamente elogioso, do eminente sociologo Oliveira Vianna, mestre incontestado em tudo quanto se prenda á psychologia da evolução do nosso povo. Basta esse introito para evidenciar que o livro do sr. Alberto Lamego Filho é o livro de "alguem". Quaesquer que sejam as influencias de Euclydes da Cunha em seu estylo, o que anda longe de deslustral-o, observa-se nesse historiador da vida fluminense a coexistencia de um scientista e de um poeta. Unem-se aqui um artista deslumbrado pelas recordações da planura de solares e senzalas e um geologo e ethnographo preoccupado sempre com as camadas millenarias e o élo das gerações num dos trechos em que mais bellamente floriu a civilização brasileira.

Que de reminiscencias historicas neste volume, explicando-se uma ou outra arrancada de emphase, um ou outro derrame de rhetorica, no grande amor que tem o sr. Lamego Filho á formosa região de Campos, ninho de abolicionistas e republicanos numa época em que os idealistas sonhavam para o Brasil uma especie de Chanaan democratica!

S T A N L E Y

Um dos ultimos livros de Jacob Wassermann traduzidos para o francez, antes da sua morte recente, foi o que elle dedicou á vida e feitos de Stanley (1), o grande explorador inglez. Ahi o autor de *Etzel Andergast* e tantas outras obras de ficção, não precisou dar tratos á phantasia para urdir uma dessas vidas romanceadas, tão em moda hoje em dia, e onde não raro o biographo troca de pelle com o retratado e empresta-lhe mesmo os seus nervos para fazel-o viver na esphera dos seus setimentos, no ambito das suas reacções. Muito ao contrario disso, tão grande — digamos mesmo epica — foi a existencia de Stanley, que aqui notamos a cada passo o esforço de Wassermann para não permittir arras á imaginação, nem delongar-se em relatos episodicos de somenos importancia, uma vez que a materia que tinha deante de si só com muito habilidade se condensaria num unico volume. Dest'arte, para quem já conhecia a propria autobiographia de Stanley (2), as preferencias vão todas para este ultimo trabalho que, embora interrompido por morte do autor e summariamente concluido por sua mulher, assim mesmo se estende por dous tomos que perfazem o conteúdo de setecentas e tantas paginas bem aproveitadas.

E' que nessas vidas todas dedicadas á acção, de permanente actividade physica, de incessante treinamento da vontade e da bravura, valem os minimos attrictos com o meio, não são sem importancia os menores embates com a adversidade, pois que tudo isso ha de entrar no bronze com que se funde a estatua dos heroes.

Assim, em alguns traços da sua atormentada infancia de filho espurio, falto de carinhos, corrido da parentela mais proxima, seviciado num collegio cujo director era um mentecapto e acabou sendo internado, já encontraremos o esboço da endurancia que o faria mais tarde cruzar e recruzar o coração da Africa para ir em busca de Livingstone ou Emim Pachá. Encheu dias da sua mocidade, vivida nos Estados Unidos, que lhe foi uma segunda patria, renhidos combates ao lado dos escravagistas durante a guerra de secessão, e tambem arriscadas incursões pelo Oeste onde, descendo o rio Plata, de canôa, na companhia de um amigo, teve de revidar a insistentes ataques dos Pelles-Vermelhas. Nesse ultimo lance, simples escaramuças de Lilliput ante o que arrostaria na maturidade, adextrava-se para uma das suas mais valorosas façanhas: a inacreditavel descida do rio Congo entre a saraivada de flechas das tribus indigenas.

Boula Matari, o "quebrador de rochas", chamaram os habitantes do Continente Negro a esse homem excepcional, que nada amedrontava e, iniciando a sua vida como reporter, foi essa mesma carreira jornalistica que o levou ás mais altas descobertas no dominio da geographia, tão illimitada é a predestinação dos que nascem fadados aos commettimentos gloriosos.

Mas deixemos os triumphos de Stanley para attentar com mais cuidado sobre alguns traços da sua psychologia miuda, certas regras de conducta que o mesmo se impunha quando, como chefe supremo de arriscadas expedições, tinha que se adentrar pelo desconhecido, levando sob a sua guárda um numero maior ou menor de homens, colhidos aqui e ali, muitos sem as qualidades requeridas para uma tão rude provação, alguns attritando-se pela diversidade dos seus temperamentos...

Se taes pormenores passarão despercebidos á maioria dos seus leitores, não foram os que menos nos interessaram ao travar conhecimento com a autobiographia de Stanley. E' que a cada passo encontramos nos seus gestos e attitudes, e mesmo em certas reflexões que lhe pingam da penna ao sabor dos acontecimentos, uma serie de pontos de contacto com a figura do General Rondon, o grande desbravador dos nossos sertões, a quem tivemos o prazer de acompanhar numa das suas innumeras expedições aos pontos mais inaccessiveis do nosso territorio.

Em ambos as mesmas qualidades de um verdadeiro chefe, cioso das suas prerogativas, senhor das suas responsabilidades, varonil no commando, energico nas decisões, — emfim, com todos os requisitos indispensaveis a quem quer levar a bom termo tão temerosas empreitadas.

Era dos habitos de Stanley evitar a grande familiaridade com os seus subordinados e não dispensar-lhes elogios, mesmo que os merecessem, ao menos emquanto durava a expedição e outros transes, talvez peiores, ainda os esperavam. Igual norma de conducta notei em Rondon que certamente subscreveria as palavras do explorador inglez quando acha que, mesmo no coração da floresta, não devem ser esquecidas a deferencia e a etiqueta e os elogios têm melhor applicação quando a partida está ganha e já foram vencidos todos os riscos e perigos.

Em plena agrestia do alto Cuminá, na azafama de transpor saltos e corredeiras, nunca vi o nosso Chefe que não estivesse de rosto bem escanhoado e dolman perfeitamente abotoado. Pois bem, eis o que refere a companheira de Stanley, completando-lhe as notas biographicas: "Muitas vezes elle me disse que durante todas as suas expedições, sempre tivera como lei o barbear-se diariamente com cuidado. Na Grande Floresta, no Campo da Fome, nas manhãs de combate, jamais abandonara esse habito, a despeito de todas as difficuldades; muitas vezes barbeara-se com agua fria, ou com navalhas sem córte, dizia-me elle, mas "sempre apresentei um aspecto tão correcto quanto possivel, antes de tudo por principio e dignidade, depois porque isso se impunha a um chefe."

E agora, para terminar, uma expansão de Stanley que retrata bem a alma dos verdadeiros sertanistas, esse afogo de ir sempre para deante,

(1) Jakob Wassermann — *La Vie de Stanley* — Albin Michel, Paris.

(2) *Autobiographie de Henry M. Stanley* — 2 vols. — Librairie Plon — Paris.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

essa alegria de vêr cousas novas, de desvendar perspectivas differentes, que é a chamma que tambem anima a Rondon e muitas vezes lhe vimos refulgir no olhar quando, vencida uma cachoeira ou escalada uma montanha, novos panoramas se desdobravam á nossa frente.

Diz o descobridor do Congo:

"Um outro prazer duravel, é aquelle que nos dá a exploração de paizes desconhecidos, que nunca foram descriptos; cada dia encontramos uma fonte de felicidade, principalmente durante a marcha. Sobe-se com ardor sobre cada eminencia, pensando descobrir novos horizontes, atravessam-se florestas com a idéa de que do outro lado se nos vae deparar um aspecto sublime da natureza; anceia-se depois pela etapa do dia seguinte, na esperança de encontrar qualquer cousa de novo. Ao lado disso, ha as scenas pittorescas é divertidas da vida do campo em territorio selvagem, as visitas dos indigenas, de que os habitos e os costumes, as observações que elles fazem a respeito dos estrangeiros, raramente deixam de ter interesse; ha, sobretudo, essa forte satisfação interior que se experimenta após cada dia de faina, o confortador pensamento que se achou algo de novo para enriquecer os conhecimentos geraes e que dahi ha de provir alguma cousa de bom."

E quem não sentir assim, quem não tiver esse *élan* interior, jamais aspirará aos feitos de um Stanley, Livingstone, ou um Rondon.

GASTÃO CRULS.

Uma romancista

O romance era outrora genero de fraca exploração — certo pelos predicados que exige, alguns de difficil execução. A idéa, o sentido, a fórma, o estylo, a maneira, o trato com as personagens, a sua psychologia, o dialogo, o tempo largo que reclama, emfim, uma série de problemas graves, tudo isso fazia com que esse mesmo romance estivesse quasi monopolizado por meia duzia de escriptores do paiz. Ultimamente, porém, estão surgindo novos romancistas, o que é auspicioso. Ha algumas realidades, e muitas promessas.

Entre as melhores está uma nova prosadora, o que vale assignalar com volupia intellectual. As nossas romancistas de verdade são poucas, e esta chega logo victoriosa. E' a senhorinha Lucia Miguel Peeira, que só conheço através de dois livros, os unicos que tem publicado. Se casada ou solteira a autora, não sei. E escolho a primeira formula para tral-a, de certo mais amavel, na duvida.

A primeira novella foi *Maria Luiza*. Com prazer, li aquellas paginas. Era algo de novo, no nosso romance. Decididamente uma estréa, mas estréa feliz. E fiquei logo saboreando em imaginação o segundo livro de Lucia Miguel Pereira.

Veiu este, agora. *Em Surdina (Ariel, Editora Ltda., Rio de Janeiro,* 1933) é melhor trabalhado do que o outro. Simples, natural, equilibrado. Difficil, por isso mesmo. Nada de tragedias, de factos sensacionaes ou emoções transbordantes. A vida. Mas a vida natural, como corre, com os seus altos e baixos de onda, que sóbe, cáe, se desmancha...

Assignale-se o titulo feliz. *Em Surdina*. E' doce, suave, meia-sombra, tranquillo, sereno... Crepusculo. Titulos impressionam logo o leitor, de bem ou mal. Agora, exemplificando, surgiu um volume de versos bons com um titulo tôlo, enervante, antipathico. Anno de 1830.

Mas aqui o titulo casa-se bem com o livro. *Em Surdina* é um romance introspectivo. Esta Autora singularisa-se por essa fórmula. Aliás, *Mario Luiza*, era assim. Assim é *Em Surdina*. E na nossa litteratura de hoje, ella surge magnifica de talento, de sobriedade, de elegancia moral.

Lucia Miguel Pereira tem attitudes fidalgas. O seu estylo é correntio. Ella desenha aqui, pinta, photographa, a vida duma familia mais burgueza do que aristocratica. Mas as personagens vivem, saltam ás vezes das paginas, tão humanas são. Não será isso a maior victoria da romancista?

Nada de analyses do "meio" — "meio" aqui como pintura da sociedade onde dansam os seus bonecos de alma — nada de paizagens, salvo talvez aquella do Lageado.

Figura de maior relevo, de recorte maior, do livro é Cecilia. Intelligente, bonita, elegante, indecisa, fraca... Ella a viver introspectivamente, a se examinar, a rebuscar o espirito, a alma, a pesquizar o coração. E o tempo a passar. Os noivos surgem, apparecem, e ella a pensar, a escolher, a recusar. O unico de quem gostava — gostaria mesmo? — que lhe acariciou as mãos, e lhe disse coisas vagas, tenente da marinha, esse fazia *blague*, divertia-se. Um pernostico. Outro, de quem acabou gostando, mas o sentimento veiu tarde, desse ella riu, ás gargalhadas, quando lhe falou em amor e casamento... Recusou outro, porque descobriu que era amigo intimo do amante da irmã.

Cecilia é romantica, no fundo da alma, idealista, vivendo fóra da época. A familia é talvez de degenerados. A irmã adultera, o irmão "escroc", outro avarento, mais um vadio... O velho, cirurgião notavel, crivado de preconceitos, cheio de vaidades. Talvez nessa familia faltasse a genitora, que essa morreu cedo, sem poder dirigir e guiar os filhos e o marido. A tia, bôa senhora, tambem morreu.

Mas, essa Cecilia vae entrando, com as suas bellezas de attitudes, e as suas fraquezas, na nossa sympathia. Sorrateiramente. Tão bem está estudada, analysada, dissecada, que, quando percebemos, ella está morando comnosco... E afinal só temos sorrisos para ella e — porque não dizer? — perdoamos as suas fraquesas, e gostamos afinal de verdade da creatura!

Talvez o romance tenha alguns pequenos senões de linguagem. Nada de importante. Mas ha uma duzia de observações lindas.

Cecilia soffre, caminha em desenganos, fica sceptica... Lá ao fim, lhe apparece Deus como unico e supremo refugio.

Lucia Miguel Pereira é uma escriptora. Mais do que isto, — é uma grande romancista.

RAUL DE AZEVEDO.

Bacy Popowsky — **Poemas para você...** — Typ. Cupolo — São Paulo, 1933.

São poemas em prosa de uma creatura apaixonada que, indifferente a preconceitos de sexo, não tem receio de dizer ao seu amado muitas coisas cariciosas, coisas que, se fosse mais timida, esperaria que o amado lh'as dissesse. Ha, no livro, trechos de indiscutivel finura, muito bem rythmados, embora outros (não culpa da autora, mas culpa do assumpto), sejam mais velhos que a velha Piratininga...

"The English: are they human?"

Sabiamos, até aqui, que a Hollanda era a patria do humanista Erasmo, do philosopho Spinoza e dos grandes genios da pintura. Sabiamos, mais, que Haya e Amsterdam vêm sendo, de algum tempo a esta parte, o *rendez-vous* habitual dos campeões da politica e do sport e que a ultima dessas cidades foi theatro, em 1904, de um famoso congresso de que surgiu a II Internacional Socialista. Sabiamos, ainda, que os Paizes Baixos, possuem os homens mais altos do mundo, são ferteis em excellentes vaccas leiteiras e têm uma rainha chamada Guilhermina, frequentadora indefectivel das telas dos cinemas. Sabiamos, emfim, do seu ex-imperialismo economico e de alguns acontecimentos historicos em que, por força das circumstancias, a tem envolvido a sua posição geographica. Afóra isso, nada mais sabiamos da Hollanda, a não ser que, no mappa litterario da Europa, ella figura, quasi, com as dimensões de um ponto geometrico. Não houvessem contribuido para esse "quasi" um Vondel, um Bilderdijk, um Multatuli, um Louis Couperus e outros poucos, que aliás mal conhecemos, e, francamente, quem poderia falar de lettras hollandezas?

Eis, porém, que, nesta altura, o acaso nos põe nas mãos o livro de um hollandez, o dr. G. J. Renier, escriptor que excelle pelo saber, pela intelligencia e por extraordinarios dotes litterarios. E se alguem nos provar que existem na Hollanda algumas dezenas de escriptores assim, então fica o dito por não dito: tudo o que sabemos a respeito da Hollanda é que não sabemos nada.

Apparecido esse livro em 1931, com uma nova edição nesse mesmo anno e uma reimpressão em 1933, já não caberia hoje aqui sua noticia, por atrazada, se não se tratasse de um desses livros que ficam, que marcam época. *The English: are they human?* é, está-se a ver, uma obra de psychologia collectiva, obra que, tambem já se vê, não póde deixar de apoiar-se em dados historicos, cuja investigação e apreciação seriam vãs sem um criterio, uma orientação haurida em principios, leis ou mesmo postulados de ordem sociologica. Foi esse conjuncto de conhecimentos, foi esse concurso de differentes disciplinas a subsidiarem-se mutuamente que o autor, sem a pedantaria de alguns, nem o cipoal de erudição em que se enredam outros, soube, com uma segurança de mestre, utilizar e applicar ao fim que admiravelmente conseguiu e que foi o de traçar o perfil do povo inglez. Inglez, note-se, e não, britannico.

Uma das grandes difficuldades que o dr. G. J. Renier teve que vencer nesse tentame foi a sua condição de forasteiro, se bem que residente durante longos 17 annos na Inglaterra. E' que — e isso é já quasi uma definição — entre os Inglezes e os seres humanos existe uma differença de natureza. Dir-se-ia que, como os Judeus, os Inglezes se têm por um povo eleito. Não ser inglez significa, para elles, ser menos que inglez. O alienigena é, pois, um ser inferior. Hospitaleiros, abrindo-lhe a porta do *sweet home*, os inglezes fecham-lhe, entretanto, ao ádvena, as janellas da alma. Essa difficuldade de perscrutar a alma do inglez leva, apparentemente, o dr. Renier a declarar que não pretende á objectividade, a confessar o subjectivismo de suas opiniões. Dizemos *apparentemente* porque o verdadeiro movel dessa declaração o vemos na conveniencia de escusar-se, de irresponsabilizar-se do mal que elle possa dizer dos inglezes. No fundo, o seu subjectivismo parece não passar de fina ironia, de uma attitude artificial, propositada, para o effeito de infirmar os juizos lisonjeiros, as attenuantes, a vista grossa deante dos graves defeitos desse povo. Veja-se esta lamina de dois gumes: "*This is what unsympathetic foreigners call English hypocrisy, and what a friend of the English would call their happy capacity for transcending logic.*" Quasi todas as opiniões denigrativas do caracter inglez o autor as põe habilmente na bocca dos continentaes e como, por outro lado e ao que elle proprio confessa, seus juizos carecem de objectividade, quem é, afinal, que vê justo?

Abroquelado nesse subjectivismo, vae-nos mostrando o dr. Renier que, para os Inglezes, todos e tudo na Inglaterra são o que ha de melhor no mundo. E não só pensam assim, os Inglezes, mas estão ainda convencidissimos de que essa é a opinião dos estrangeiros. Aqui, sem que saibamos bem porque, acode-nos á memoria o raciocinio de Grillparzer: "Da humanidade, pela nacionalidade, para a bestialidade"... Acima dos Inglezes e ainda na opinião delles mesmos, só existe uma especie de seres: são os animaes. E' esse culto dos animaes que parece explicar, a nós, *unsympathetic foreigner*, a differença de especie entre os Inglezes e os continentaes...

Como para pagar seu tributo á sciencia de Freud, o autor não esqueceu os recalcamentos, derivações e sublimações dos desejos sexuaes como explicativos da psyche ingleza e, referindo-se ao papel, que o homosexualismo exerce, de valvula de escapamento para essas tendencias recalcadas, protesta contra a opinião, corrente sobretudo na França, de que elle se alastra desenfreado na Inglaterra. Ao contrario — diz — é no continente que elle mais se propaga; por exemplo, na Allemanha, onde, até, existe uma liga, que se ramifica em clubs por todo o paiz, publica periodicos, etc., e cujos adherentes, de um e do outro sexo, entôam uma antiphona que começa assim: "Nós somos differentes". Na Inglaterra, a cousa é menos escancarada. Existe, comtudo, informa o dr. Renier, uma forte obsessão sexual, recalcada por uma educação que faz do sexo um peccado e do Inglez um eterno adolescente, eternamente timido. O que nelle se nos afigura apathia, impassibilidade, indifferença, é apenas timidez, resultante de repressões sexuaes.

Se é um peccado o sexo, não o é menos a intelligencia. Quem preze as boas maneiras não deve, sequer, mencionar-lhe o nome. Emquanto os outros povos se orgulham de a possuirem e cultivarem, menosprezam-na os Inglezes. Dahi a carencia de cultura, de espirito critico e de quanto de nobre e elevado possa resultar da actividade intellectual.

Depois de observar que, sendo, embora, a melhor do mundo, a justiça ingleza é ainda a do olho por olho e, sempre que possivel, a do baraço, o provecto retratista passa ao capitulo da religião. Procurando, então, defini-la para evitar confusões, acha que a melhor definição está no sentido etymologico do termo. Aqui, porém, o dr. Renier é infeliz, quando repete a velha historia:

religião, etymologicamente, quer dizer vinculo, ligação entre o homem e a divindade, entre o mundo material e o mundo espiritual. Todos nós já sabemos o que vale essa etymologia.

Mas, seja como fôr, o que caracteriza o Inglez neste ponto de vista é a sua falta de interesse pela metaphysica, é o seu espirito voltado para a vida muito mais que para a morte, é a sua posição espiritual, para falarmos como o autor, *on this side of the grave*. Isso, entretanto, sem nenhum materialismo, se por tal se entender ausencia de idealismo. Cervantes deve ter ido buscar na Inglatera o seu typo immortal. Dessa falta de interesse é que lhe provém a tolerancia religiosa, propicia, por sua vez, á multiplicidade de credos na Inglaterra. E' que acima da fé religiosa, que é quasi ausente nos Inglezes, está para elles o culto da forma, o espirito de conformidade, de disciplina, de rotina, o apego á convenção, ao preconceito, ao que está estabelecido. Erramos, evidentemente, quando alludimos á excentricidade do Inglez. Elle só é excentrico quando desambientado em terra de "inferiores". Preoccupamonos nós, porventura, com o que de nós possam pensar os gatos, cães, cavallos, etc.? Na Inglaterra, porém, ser excentrico é ser rude, o que não se usa desagrada, a originalidade é anti-social. Paiz do espirito gregario, os carneiros de Panurgio devem ter sido importados da Inglaterra. E nestas condições não é de estranhar que a religião esteja, ahi, subordinada a uma moral formatista, que, esta sim, não permitte heterodoxias.

Outro capitulo interessante é o que o dr. G. J. Renier consagra á organização politica da Inglaterra, comparada á dos demais paizes, e em que expende idéas singulares sobre democracia, dictadura, fascismo, communismo, etc. A discussão de taes idéas muito nos afastaria do assumpto principal do livro e ainda mais do proprio autor. Apenas digamos que elle sinceramente louva nos Inglezes a singular capacidade de organização politica e pretende que o que se sóe chamar imperialismo britannico é o verdadeiro modelo da nova ordem internacional...

Preconceitos, masculinização do vestuario feminino, má cozinha, sentimento de hospitalidade, orgulho nacional, culto dos animaes, timidez, indifferença para com as cousas do espirito e da belleza dizem muito, mas não dizem tudo. O que verdadeiramente inspira aos Inglezes seus comportamentos e attitudes, o que realmente os insula do concerto dos povos é, em ultima analyse, a sua concepção ritualista da vida. Que differença existe entre essa ordem preestabelecida que preside a todos os seus actos e o que se chama um ritual? A conversação, as refeições, os proprios jogos e folguedos, tudo se processa segundo esse ritual, que faz que todas as cousas funccionem como *sur des roulettes*, sem as vacillações impostas pela "razão porque".

Ora, de onde vem essa concepção ritualista da vida? Se admittirmos, com os proprios Inglezes, que elles são juxta-humanos, talvez super-humanos, emfim differentes; se admittirmos, com o Prof. Dixon, citado pelo autor, que o caracter inglez não varia, não resulta de causas historicas ou geographicas, mas é inherente ao povo; se admittirmos, em summa, que os Inglezes são creação de um deus tribal, ociosa se tornará então, evidentemente, essa questão de origem. Mas já não será assim se, com a historia e com os vestigios do passado, que são as excepções ainda hoje encontradiças, considerarmos que os Inglezes não foram sempre o que hoje são. E a historia depõe que, até ao começo do seculo XIX, elles não tinham a concepção ritualista da vida, nem o culto morbido dos animaes, nem o menospreço da intelligencia e da arte. Eram ainda seres humanos normaes. Mas o exemplo candidamente nefasto de um educador de Rugby, Thomas Arnold, secundado por muitos outros, lança na nova geração a semente da concepção ritualista da vida, fazendo que ella admirasse qualidades moraes que não possuia, affectasse sentimentos que não tinha, recalcasse as inclinações da propria natureza. E quanto ás excepções de que acima falámos, os vestigios do passado, vamos encontral-os nessas camadas da população que não aspiram o *h*, isto é, nos proletarios do campo e da cidade, os quaes continuam seres humanos.

A existencia desse proletariado immunizado contra o ritual, contra o formalismo, contra a etiqueta e, mais, a expansão da civilização ingleza, a emancipação das mulheres e o que o autor chama, em allemão, o *Zeitgeist*, ou seja o espirito do tempo, taes os factores que estão concorrendo para o retorno, para a reintegração dos Inglezes na especie humana. Factores de cuja influencia já diz muito a possibilidade de um estrangeiro publicar, na propria Inglaterra, um livro como esse. Fosse o dr. Renier dizer do Brasil, e no Brasil, a mesma cousa. Pagaria o mal que houvesse feito e, como bom hollandez, o que ficasse por fazer.

V. DE MIRANDA REIS.

Joaquim Ribeiro — **9.000 dias com João Ribeiro** — Editora Record — Rio, 1934.

Ha tempos appareceu em nossos jornaes e revistas um sr. Joaquim Ribeiro subscrevendo excellentes trabalhos de historia e folk-lore. E a gente, para gostar, não tinha absolutamente necessidade de saber que se tratava de um filho de João Ribeiro, nosso mestre de sempre e um dos nomes mais gloriosos dentre quantos têm illuminado o *Boletim de Ariel*. Mas, agora, todos ficarão sabendo que o sr. Joaquim Ribeiro é tambem filho do espirito de João Ribeiro e não comprometterá de modo algum o legado de cultura recebido do pae. Nada de um "kronprinz" ou de um "czarewitch" grotesco, e sim um cerebro autonomo. A bella e nobre maneira por que, neste volume de 167 paginas, elle se refere aos seus 9.000 dias de convivio com o progenitor, é sempre respeitosa, mas não denuncia nunca servilismo de panegyrista domestico. São indicações biographicas, lances anecdoticos, phrases malignas ou benignas, pormenores da vida intima ou publica do autor do *Fabordão*, que se lêm sempre com prazer, aprendendo muita coisa de pittoresco ou de util em relação a um homem cuja longa existencia tem sido sempre estudo encarniçado e esfalfante trabalheira intellectual em favor do Brasil.

A. G.

Estevão Cruz — **Anthologia da Lingua Portugueza** — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Este florilegio acolhe, num movimento de nobre equanimidade, autores das duas bandas do Atlantico que concorreram para que o portuguez se constituisse lingua verdadeiramente litteraria no planeta. Nenhuma xenophobia condemnavel no sr. Estevão Cruz, que é realmente um homem de cultura e bom gosto. Mas a nota mais sympathica, mais elogiavel da sua anthologia é haver incluido, na parte do Brasil, escriptores das ultimas gerações a que as collectaneas officiaes não tinham ainda dispensado attenção carinhosa. Além de paginas do nosso redactor-chefe, transcreve o sr. Estevão Cruz expressivos trechos dos srs. Gilberto Amado, Humberto de Campos, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Monteiro Lobato, Tristão de Athayde, etc. E isto representa uma iniciativa corajosa, sabendo-se como se sabe quanto os fabricantes de livros dessa natureza relutam sempre em homenagear os autores que não estejam mortos no minimo ha vinte annos...

LETTRAS POLONEZAS

Segundo o jornal *Pologne Littéraire*, são os seguintes os primeiros membros da Academia Poloneza de Bellas Lettras:

Waclaw Berent, nascido em 1873, é autor de estudos biologicos e um "excellente artista em prosa". Sociologo, traduziu Nietzsche e, romancista, consagrou um trabalho aos tempos de Napoleão na Polonia.

Tadeusz Zelenski, de 1874, formou-se em medicina e distinguiu-se pelos versos satiricos. Transportou á lingua da Polonia dezenas de volumes francezes, de Rabelais, Montaigne, Molière e outros, e é erudito e severo critico theatral.

Juljusz Kaden-Bandrowski, que ainda não tem cincoenta annos, possue boa cultura musical e marcou bem as suas impressões de guerra. No romance fere questões sociaes de palpitante interesse. Descreveu a luta dos camponios polonezes com os vorazes capitalistas estrangeiros e infundiu intensa poesia a um tomo de recordações autobiographicas da meninice.

Lucido critico litterario, Karol Irzykowski, que já arredondou sete decennios de vida, applica processos psycho-philosophicos á analyse da creação artistica.

Dentre os poetas lyricos, destaca-se Leopold Staff, nascido em 1878 e admirador dos classicos. Casando tradição e originalidade, confessa o tormento da fórma perfeita e é um devoto das memorias de Leonardo da Vinci e de São Francisco de Assis.

Espirito capaz de syntheses precisas, Juljusz Kleiner, de 1886, creou nome com bellos estudos de litteratura comparada e, especialmente, com a sua esplendida monographia sobre o poeta Slowacki, de quem estampou valiosa edição critica.

Um publicista politico dos melhores: Wincenty Rzymowski, amigo do marechal Pilsudski e tambem magnifico traductor de Papini.

Contando uns setenta e cinco annos de edade, Tadeusz Zielinski é uma especie de patriarcha da grei. Forte em philologia classica, esse hellenista, profundo conhecedor da civilização antiga, sempre se consagrou á historia critica das religiões.

Jerzy Szaniawski, de 1887, nobilitou a sua carreira de autor dramatico evocando a vida quotidiana dos simples e dos humildes ou recuando ao passado em "suggestivas concepções legendarias".

Novellista que cedo abriu caminho, Piotr Choynowski, não tendo ainda meio seculo de estada no planeta, pende para os assumptos realistas, mas tambem gosta de cultivar o romance historico.

O direito internacional está a cargo do septuagenario Zenon Przesmycki. Não se pense, porém, que os estudos juridicos o absorvem de todo. Ao contrario. Interessa-se bastante pelos trabalhos de esthetica e, poeta de rica virtuosidade, tem fundado e estimulado muitas revistas de vanguarda.

Nascido em 1878, Boleslaw Lesmian é um dos remanescentes da escola symbolista na Polonia. Seus poemas, de um accentuado sensualismo, procuram tambem a nota objectiva, contra qualquer manifestação egotista. Renovou a ballada romantica.

Filha de um grande geographo, Zofja Natkowska talvez seja a mulher de mais talento nas lettras polonezas de hoje. Romancista, sabe penetrar nas almas e temperamentos mais refractarios e não esquece nunca a "caracteristica psychologica" dos seus typos. Humanitarismo sincero.

Finalmente, Rostworowski, de 1877, conduziu sua formação philosophica e musical na Allemanha. Optimo dramaturgo, fez escalas pela musica e pela poesia. Compraz-se em evocar figuras enigmaticas, controvertidas, como Judas e Caligula, e extráe "patheticos effeitos dos conflictos entre o individuo e a sociedade".

E não se esqueça que o primeiro presidente da Academia, Waclaw Sieroszewski, é um velho socialista revolucionario, já tendo sido deportado, no tempo da dominação russa, para as frigidas regiões da Siberia. Escreveu novellas, enviadas a custo aos jornaes de Varsovia e que estes publicaram com grande receio da policia. Viajante e ethnographo, os costumes exoticos attráem-no fortemente e é um magnifico paizagista litterario.

LETTRAS GREGAS

Costis Palamas é hoje o mais discutido dos poetas gregos. Uns vêem nelle um verbalista, um discipulo delirante de Victor Hugo, outros um continuador de Homero, o poeta-propheta do seu paiz, interprete e coordenador do sentimento e do pensamento hellenico através dos seculos. Segundo os seus admiradores, todos os mythos religiosos da terra geradora de deuses e symbolos vibram na obra de Palamas. Hesiodo e Platão desdobram-se nesse moderno. Bem mais pantheista do que christão, esse neto dos aedos é um visionario de intuições propheticas, tendo aprendido mil coisas nas bibliothecas, mas conhecendo mil coisas que os livros não ensinam, graças á segunda vista dos illuminados. Alguem, a proposito delle, falou em "genio ecumenico". Poeta e philosopho, elle dá bem, nos seus melhores momentos, a sensação da universalidade. Sabendo como poucos orchestrar rythmicamente as estrophes, prende tambem pela intima substancia, pelo sentido moral do que escreve. Palavras ricas e uma commovida meditação sobre os destinos humanos.

Vem elle agora de publicar a sua *Poetica*, uma especie de auto-biographia intellectual e sentimental. Ahi, esse poeta, não muito conhecido de nós outros, por isso que não sufficientemente divulgado em França, fala da sua infancia e adolescencia, dos seus primeiros trabalhos, da sua entrada na vida inquieta das lettras. Acima de tudo, descreve, em introspecção minuciosa, os pendores, os amores poeticos, as idiosyncrasias que lhe dão ao temperamento caracteristicas inconfundiveis. Evidencia como nelle se fundem sensibilidade e intelligencia. Prova que longos poemas seus derivaram por vezes de um unico verso. Percebe que "o Hellenismo é uma continuidade e não póde haver ruptura na trama vivente das almas immortaes". Confessa que é bem o producto da sua raça e do seu ambiente. Procura emprestar a tudo uma interpretação lyrica, contenta-se com o que vae por este mundo e raramente appella para a divindade, sendo particularmente avesso a declamações patheticas. Grego antigo, ama tambem Byzancio e a Grecia medieval, a Grecia de hoje. Romantismo e folk-lore inspiram-lhe deliciosas canções locaes. E' bem da região em que até as revoluções sempre se fizeram com rythmo, ao som de cantos heroicos.

— Lambros Porphyras foi um artista subtil, um poeta de altiva e contida tristeza que morreu sem dar o ultimo retoque a sua obra. Sua melhor collectanea tem um titulo de elegia: *Sombras*. Um critico observou nelle algo de lamartineano. Cantor das "pequenas capellas byzantinas e solitarias", tambem gostava dos portos rumorosos em que ancoram navios vindos de todas as partes do mundo, insuflando nas pobres creaturas sedentarias a paixão das longas viagens, a tentação dos climas exoticos. Não detestava a multidão, mas quando se afastava das náos e dos marujos, preferia insular-se na meditação philosophica, compondo estrophes meio queixosas em que se sente o fugitivo do sonho da vida, estrophes que poderiam figurar ao lado das de Meleagro, na immortal corôa poetica dos gregos.

— Antonio Chalas é um critico de relativa sagacidade e escreveu um volume proveitoso sobre o lado satirico da obra de Costis Palamas. Tambem Th. Xydis, que possue excellentes humanidades, traçou o perfil entre doloroso e resignado de Lambros Porphyras.

— Apesar do peculio classico da raça, os hellenos de hoje não se mostram insensiveis ás influencias estrangeiras. O escriptor Strati Myrivillis mereceu o appellido de Barbusse grego, dadas as suas evidentes affinidades com o romancista de *L'Enfer*. E' a mesma flagrancia por vezes aspera na observação da vida e a mesma tendencia a envolver na ficção complicados problemas sociaes. Constantin Théotokis é por sua vez um tributario dos russos, talvez mais dos russos "vermelhos" que dos "brancos". Não tem medo do pormenor vulgar, dos ambientes viciosos, e, sem nenhuma vaidade hierarchica, trata apiedadamente dos vagabundos e dos famintos da sua região. Quanto aos poetas, Nikita Randos pensa nos classicos francezes; Cesar Emmanuel é um discipulo do diamantino e por vezes glacial Valéry, e N. Poriotis dá uma bella traducção rythmada da *Figlia di Iorio* de d'Annunzio. Isto sem lembrar que uma revista grega vem de estampar trecros selectos da lyrica hespanhola contemporanea. Demonstrações manifestas de que os gregos não são xenophobos, apesar de terem inventado a palavra xenophobia...

— **Giuseppe Prezzolini, que nas reuniões do Pen-Club costuma pedir informações a brasileiros sobre o Brasil, nasceu em Perugia e reside em Roma, deixando-a apenas para ligeiras viagens a Paris. Fundador e director de *La Voce*, foi na Italia aquillo que elle proprio classificava de "empresario de cultura". Estudou admiravelmente os francezes, numa obra de polpa, observando-lhe os aspectos sociaes, religiosos e politicos com uma argucia que encantou o seu amigo Crémieux. Velho camarada de Papini, sempre lhe fustigou os defeitos e nunca transigiu com as egrejolas litterarias, sabendo dizer a dura verdade mesmo aos mais intimos. Um dos seus ultimos successos foi o notavel trabalho sobre Macchiavel, escripto *cum grano salis*, com erudição completa e uma subtilissima ironia de quem penetrara ás direitas o caracter enigmatico do autor do *Principe* e tambem da *Mandragora*.**

A santa historia da vida do Mahatma Gandhi

Uma joven grega, Eleni Samios, acaba de escrever *A Santa Historia da Vida do Mahatma Gandhi*, editada pela casa Delachaux e Niestlé, de Paris. São confissões, memorias e anecdotas recolhidas da propria bocca do Reformador. O livro começa com as recordações da primeira infancia de Gandhi. Todas as manhãs a mãe de Gandhi depois de vestir os filhos fazia-lhes repetir esta phrase. *Sou livre, sou corajoso, hei de falar sempre a verdade!*

Aos 4 annos já o pequeno Gandhi sabia dizer: *Não quero fazer mal a ninguem. Quero fazer o bem!* phrase reveladora em que já se manifestava a vocação do futuro propheta da India.

Os mendigos e os peregrinos, com os seus andrajos miseraveis, a dissimularem muitas vezes algum filho de familia nobre que tinha abandonado as riquezas do mundo paa adquirir, com a pobreza e a simplicidade, a suprema sabedoria, exerciam sobre a imaginação do pequeno Gandhi uma fascinação irresistivel.

Certo dia, Gandhi e outros meninos do povoado reunidos á porta do templo sitiavam de perguntas um desses mysteriosos sabios-mendigos: *Que é que se deve fazer para ficar santo?*

A resposta do sabio, conta o proprio Gandhi, foi esta:

"Era uma vez, meus filhos, um homem virtuoso e sabio que passava a vida a dar esmolas e a rezar. Mas aconteceu que um dia o azeite da sua lampada acabou e elle morreu.

"Então a alma do homem subiu para o Paraiso; mas achou a porta do Paraiso fechada. Bateu, e Deus, que estava atraz da porta, lhe perguntou:

"— Quem está ahi?

"— Sou eu, Senhor! Abre-me a porta do teu Paraiso.

"Mas Deus lhe respondeu:

"— E' cedo ainda para entrares no Paraiso. Volta para a terra e, quando tiveres achado a suprema sabedoria, então vem.

"O homem virtuoso voltou para a terra, tornou a ainda uma vez á sua vida, distribuiu muitas esmolas, visitou muitos templos e, acabado o azeite da lampada, pensou que dessa vez estava prompto para entrar no Paraiso.

"De novo lhe perguntou Deus:

"— Quem está ahi?

"— Sou eu, Senhor! Abre-me, sou eu, o teu filho, que está de volta.

"— Ainda não pódes entrar no Paraiso, lhe responde Deus. Volta para a terra e quando tiveres achado a suprema sabedoria, então vem.

"Pela terceira vez o homem virtuoso volta para a terra. Abandona a casa, a mulher, o filho unico, e vae viver na floresta; alli se deixa ficar largos annos meditando para encontrar a suprema sabedoria. Afinal, á força de meditação, sentiu a sua unidade com Deus.

"De novo se passaram os annos e o azeite da lampada acabou. Então o homem pegou no bordão de peregrino, subiu ao céo e foi bater á porta do Paraiso.

"— Quem está ahi? perguntou Deus pela fresta da porta.

"— E's tu, Senhor! E's tu, ó meu Deus! responde o ancião.

"— Entra, meu filho, desta vez eu te reconheço! lhe responde Deus. E abriu-lhe a porta do Paraiso".

A passagem em que Gandhi celebra a velha arte dos tecelões é uma pagina de grande belleza:

"Conheci os tempos felizes — é Gandhi quem fala — em que os tecelões que faziam os chales de cachemira, por exemplo, eram considerados verdadeiros artistas, com os esculptores e os pintores.

Dispunham em redor do tear os seus aprendizes. Um segurava a lã azul, outro a lã encarnada, outro a amarella, outro a verde...

Antes de começar o trabalho, todas as manhãs, o velho mestre dava o signal com a vareta. Fazia-se absoluto silencio. Era o momento da meditação. Depois vinha a oração. Pediamos todos a Deus que os ajudasse a fazer belleza e utilidade para os homens.

Acabada a oração, punham-se a cantar em dois côros alternados.

"Que é que estaes tecendo? — Estamos tecendo o céo com as suas estrellas.

"Que é que estaes tecendo? — Estamos tecendo a terra com as suas flores.

"Que é que estaes tecendo? — Estamos tecendo o mar com os seus peixes e os seus navios".

Os aprendizes, com movimentos rythmicos, iam passando de mão em mão o seu fio de lã.

O mestre, sentado ao centro, batia o compasso, a pequena vareta dirigia o vae-vem dos fios. Os aprendizes iam urdindo assim com o seu canto os fios verdes, azues, encarnados... Uma maravilhosa symphonia de sons e côres nascia...

O trabalho recomeçava todos os dias na prece e no canto.

Em tres semanas estava prompto o chale. Então, passava successivamente de mão em mão para ser admirado. Era o trabalho de todos; tinham-lhe amor como a uma creatura viva e inestimavel. Miravam-no e remiravam-no, acariciavam-no e não se decidiam a passal-o adiante.

— Agora, vamos dar-lhe um nome! dizia o velho mestre. Que lhe parece, Danubai?

— Hein! Si lhe chamassemos *O Irmão do Sol?*

O pequeno aprendiz interpellado coçava a cabeça.

— Ou então o *Unico*, propunha um terceiro.

— Chamemol-o o *Jubiloso*, sentenciava o velho mestre. Pois não foi em alegria que nós o creámos?

Todos applaudiam e o precioso chale partia para o vasto mundo. Mestres e aprendizes punham novamente mãos á obra. Outra maravilha estava para nascer..."

* * *

LEIAM:

São Francisco de Assis e a Poesia Christã

de **AGRIPPINO GRIECO**

"KARL MARX"

Otto Ruhle — Bernard Grasset, Edit. — Paris.

No livro de Otto Ruhle a personalidade de Karl Marx resurge viva, total. Uma força humana, crescendo inexoravelmente, percorrendo o espaço de quasi um seculo, o decimo-nono, com o incendio de seu espirito revolucionario. Karl Marx domina o seu tempo, soberanamente, pela authentica genialidade de sua obra theorica e a violenta e decisiva influencia de sua acção social. A obra de Otto Ruhle esculpe em granito essa figura excepcional. E' com interêsse animado que se avança por essas paginas de extraordinaria densidade, de estylo masculo, com as impressões digitaes de um possante escriptor. Nellas não transparece a visão do proselyto, o enthusiasmo incondicional do sectario fanatico. Livro imparcial, isento de propositos preconcebidos, lucido e penetrante, o de Otto Ruhle é, por isso, uma preciosa contribuição para o conhecimento da vida, da obra e da actividade politica de Karl Marx.

A materia desdobra-se chronologicamente: phases de preparação, classificação, provação e realização. A parte final traz uma apreciação do homem e da obra, de accordo com o methodo materialista.

Na phase inicial da preparação, traça o A. o quadro de situação historica, em que Marx inaugurou a sua carreira. Era o surto do capitalismo, sobretudo na Inglaterra e na França, entre as explosões de enthusiasmo e admiração da sociedade burgueza. Raras vozes destoavam nesse côro acclamatorio. Entre estas destacavam-se a dos socialistas utopicos. "Foram principalmente, em França, Saint-Simon e Charles Fourrier, na Inglaterra, Robert Owen que se dirigiram ao forum de sua época e em nome da razão, da justiça, da humanidade e do socialismo".

Coube a Marx mostrar que a nova ordem social seria o resultado de uma evolução historica, cujo factor era o proletariado. Já nessa época, o joven estudante da Faculdade de Berlim se levantava em opposição á philosophia de Hegel, que nascia, precisamente, com o surto da burguezia allemã. Veiu-lhe de Feuerbach a mais fecunda influencia. "Foi Feuerbach, escreve Marx, quem, primeiro, completando e criticando Hegel do proprio ponto de vista hegeliano, e restituindo ao homem real o logar do Espirito metaphysico absoluto, levou a critica religiosa a seu ultimo ponto de perfeição e, ao mesmo passo, lançou magistralmente as bases de toda a critica da especulação hegeliana e, de um modo geral, da propria metaphysica".

Segue-se o periodo de classificação. A collaboração de Engels, cujo conhecimento deu-se em Paris em 1844, inicia-se nessa phase. Os *Annaes Franco-Allemães*, a critica da philosophia hegeliana do direito, a publicação da *Santa Familia*, da *Ideologia Allemã*, da *Miseria da Philosophia*, do *Manifesto Communista* attestam a impetuosidade dessa ascenção. Da critica da philosophia do direito de Hegel, tirou Marx a intuição decisiva de sua futura theoria da sociedade. "A conclusão de um inquerito é esta: as formas e os codigos politicos não se podem explicar por si mesmos nem pelo que se chama a evolução do espirito humano, mas, ao contrario, têm raizes na situação material, no conjunto de elementos que constitue o que Hegel chamou, seguindo nisso o exemplo dos Francezes e dos Inglezes do seculo XVIII, a sociedade burgueza, e que a anatomia desta sociedade deve ser procurada na economia politica".

"Com a *Santa Familia*, diz Otto Ruhle, Marx e Engels ultrapassam systematicamente pela primeira vez as conclusões do utopismo e suas tendencias philantropicas, que, desde muito tempo, não serviam senão para ornato philosophico á caridade burgueza. Diziam, pela primeira vez, de modo nitido e preciso, o que os utopistas jamais haviam comprehendido, a saber: que o socialismo era o resultado de uma evolução historica e que esta evolução devia realizar-se graças a um movimento consciente e autonomo da classe operaria".

Uma descoberta capital de Marx foi a do homem real opposto ao homem abstracto de Hegel. "Com Hegel, os homens eram titeres que se agitavam na scena da vida presos ao cordel da idéa. Feuerbach havia reconhecido a realidade, a carne, os ossos, mas sem que esses pudessem fazer alguma cousa". Com Marx elles se tornaram os verdadeiros actores da historia, representando seu proprio drama, movidos pelo interesse dentro da complexidade dos laços sociaes, realizando a evolução.

A phase da provação teve a sua culminancia sinistra no fracasso da revolução allemã de 1848. Foi para Marx o exilio e as primeiras etapas da miseria. Grandes provações já havia defrontado desde o inicio de sua carreira revolucionaria. Sua firmeza, sua energia, sua perseverança nunca vacillaram. Elle pudera adquirir "o formato giganteseo e as qualidades inauditas que eram necessarias para cumprir a tarefa de sua missão historica".

A fundação da *Internacional*, em 1864, é no terreno pratico o acontecimento decisivo da phase de realização. O manifesto foi por Marx redigido, sob o titulo de *Adresse and Provisional Rules of the International Working Mens Association*. A publicação do *Capital* é o seu coroamento doutrinario.

Ao leitor de Otto Ruhle abre-se ainda a visão, atravez um movimentado scenario da historia européa de quasi um seculo, de impressionantes instantaneos de grandes figuras revolucionarias. Engels, Proudhon, Mazzini, Lassalle, Bakounine, Libknecht fazem a sua apparição, retratados por caracteristicas essenciaes.

Que compaixão ao ler-se como viveu a familia de Marx! Sem renda, sem emprego, sem dinheiro, chegou, em 1849, a Londres com toda a sua familia, exilado. "Mas a verdadeira tragedia do exilio, diz O. Ruhle, começou na pobre morada de Deen Street, o quarteirão popular onde Marx foi installar-se em Junho de 1850". Miseravel e insalubre alojamento de duas pequenas peças, uma para dormitorio e outra para gabinete de estudo, sala de visita e cosinha. A fome e a doença, sinistros anjos, espreitavam os seus eleitos. Ali, naquelle ambiente malsão, sem ar e sem luz, Marx viu morrerem, na flor dos annos, alguns de seus filhos. Assistiu, sem recursos para suavisal-os, os soffrimentos de sua nobre e heroica mulher. Leia-se, no registo de u'a miseria sem des-

Roosevelt House

A America do Norte não apresenta nos ultimos tempos nenhuma figura de tanta projecção mundial como a de Theodoro Roosevelt. Presidente eleito á successão de Mc. Kinley, que fôra assassinado, reeleito, exerceu o seu mandato, com uma actividade assombrosa. O seu governo fecundo conseguiu a abertura do Canal do Panamá, embora com a nuvem da conjuração pela independencia da antiga provincia da Colombia; realizou as operações economicas que permittiram, pela construcção de enormes barragens, a restauração do Far-West, dando um exemplo ao mundo.

Mediador na guerra Russo-Japoneza, que terminou pelo tratado de Portsmouth, recebeu o premio Nobel de Paz, em 1906, 36.000 dollars, doados á creação de uma commissão para o estabelecimento da paz industrial nos Estados Unidos.

Deixando a actividade politica, fez uma longa excursão pela Africa, dando largas ao seu espirito inquieto e forte de viajante e obtendo exemplares de animaes para o Instituto Smithson de Washington. Em seguida fez uma viagem pelos principaes paizes da Europa. De um guarda do Palacio de Postdam ouvi o espanto com que se referia á visita que elle fizera a Guilherme II. Pela manhã annunciaram ao imperador a presença de um homem, vestido com simplicidade, que desejava visital-o. O espanto dos que o receberam só foi menor do que o de verem o Kaiser apressar-se em ir ao seu encontro. Representava, na sua mesma simplicidade, a magestade da grande democracia americana.

Posteriormente, fez uma nova excursão pela America do Sul, acompanhado pelo General Rondon. Desta viagem pelo interior do Brasil deixou um livro vivo e forte e ao receber a medalha da Real Sociedade de Geographia de Londres, teve occasião de dizer que a America apresentava no seculo duas grandes obras: o desbravamento dos sertões brasileiros pelo General Rondon e a abertura do Canal de Panamá.

Rever a vida deste homem, conservada na casa modesta em que elle nasceu e morreu, era impressão que devia ser fixada. Casa apenas de dois pavimentos, na rua 24-E, recolhe tudo o que diz respeito á grande figura, desde as photographias de seus primeiros tempos até os filmes de suas viagens. Lá se encontra o original do cheque do premio Nobel. A sua bibliotheca, os seus instrumentos de viagem.

Nos mostruarios algumas photographias brasileiras: a sua visita á Escola Naval do Rio, com o ministro da Marinha, um instantaneo com o General Rondon, em Matto Grosso e uma photographia da placa que marca as nascentes do rio Roosevelt.

E, como em todas as instituições americanas, o folheto explicativo e um periodico com lembranças do grande americano, publicado por um club de senhoras.

Daquella casa, que guarda lembranças do Brasil, alguem envia ao General Rondon os cumprimentos da Familia Roosevelt.

Francisco Venancio Filho.

---

continuidade, esta nota de afflicção: "Ella (a mulher de Marx) está doente; a pequena Jenny tambem; Lene tem uma especie de febre nervosa. Não pude nem posso ainda chamar o doutor por falta de dinheiro. De oito a dez dias, alimento a familia com pão e batatas, e me pergunto se hoje poderei fazel-o ainda".

Na apreciação do homem e da obra, O. Ruhle serve-se da concepção materialista, que não se deve restringir ao estudo das massas, (tarefa da sociologia), extendendo-se ainda ao dos individuos (dominio da psychologia). Sob esse criterio, o caracter do homem é determinado por sua constituição physica, situação na sociedade e na familia. As tres caracteristicas do homem Marx são: 1^a) má saude; 2^a) origem judia, sentida como tara; 3^a) papel de filho mais velho.

Conclue-se que se Marx foi um nevropatha, não se contentou com uma simples apparencia de realização. Por isso a sua obra não se pulverizou. "Mas agindo, como elle fez, deixou um traço profundo em sua geração e sua posteridade".

A. de Moraes Coutinho.

GILBERTO FREYRE
CASA GRANDE & SENZALA
Em todas as livrarias

Raul de Siqueira Xavier — **Aspectos sociaes da questão do trabalho** — Rio, 1934.

Tão despretencioso quanto estudioso, o sr. Raul de Siqueira Xavier, que tem sido entre nós um propagandista dos livros italianos, vem de estrear nas lettras com um valioso opusculo em que examina diversos *Aspectos sociaes da questão do trabalho*. Sem a preoccupação de aturdir com a originalidade de programmas tão seductores quanto inexequiveis, esse publicista cearense prefere passar em revista o que se tem escripto sobre o assumpto através dos tempos e a sua resenha é sempre das mais attentas e equilibradas. Sente-se-lhe o dominio de um thema controvertido, em que não raro os contendores se desmandam em invectivas ululantes, e a exposição do seu modo de ver pessoal, quanto a um entendimento cada vez mais harmonioso entre o capitalista e o operario, é de quem vem ha muitos annos affrontando uma vida de continua operosidade e por isso dispõe daquella humanissima sabedoria que só nos dão as lições da experiencia. Nada de excessivamente livresco nesse homem affeito a mover-se entre os outros homens, ao invés de ficar petrificado entre as estantes de uma bibliotheca. Podemos acceitar-lhe ou não as conclusões, aliás desenvolvidas sempre com a maior brandura de palavras e sem furores combativos de qualquer especie. Mas o que é impossivel negar-lhe é o gosto da ordem, da logica e da clareza na parte litteraria. Haja ou não um doutrinador nesse estreante, ha nelle, evidentemente, um bom divulgador, um possivel jornalista que terá amanhã muitos leitores.

Jonathas Serrano — **Deus o quer!** — Liv. Catholica — Rio, 1934.

São varios artigos e estudos de um dos mais seguros interpretes do pensamento catholico no Brasil. Trabalhos em que a sinceridade, a cultura, a largueza de vistas moraes estão sempre a serviço de um manifesto desejo de concorrer para que o prestigio da Egreja augmente cada vez mais entre nós. A producção inicial é consagrada a Anchieta, áquelle que a veneração e o enthusiasmo dos brasileiros ha muito canonizaram e já foi mesmo chamado de Santo Anchieta por um dos melhores servidores do Vaticano em nosso paiz. Ha um bello trecho sobre Jesus Christo na escola. Todas essas paginas provam que a religião está longe de ser a fomentadora de obscurantismo que tantos pretendem, sendo, ao contrario, cada sacerdote digno desse nome um semeador de bom gosto nas lettras e de nobres e fecundas idéas culturaes.

Nelson Tabajara de Oliveira — **Shanghai** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O sr. Nelson Tabajara de Oliveira está creando um bello nome entre os nossos "viajantes litterarios". Este seu volume sobre *Shanghai*, o segundo que consagra á descripção de terras distantes, mostra-o um apaixonado do estudo do Oriente, seja nas suas demonstrações de vida collectiva, seja nas modalidades pittorescas e expressivas de certas personalidades bizarras.

"A Evolução Politica do Brasil"

Caio Prado Junior — Ensaio de Interpretação Materialista da Historia.

Depois da Revolução de Outubro de 1930, a sêde de leitura vem empolgando o Brasil.

Nunca se leu tanto entre nós.

Ahi estão as casas editoras a se multiplicarem e a lançarem incessantemente em traducção as principaes obras dos mais notaveis escriptores destes ultimos annos.

Stefan Zweig, Emil Ludwig, Maurois, Freud, Havelok Ellis, Gladkov, Ilya Erhenburg, etc., vão-se tornando familiares do publico que lê.

Os themas politicas e sociaes, entretanto, são os que têm cahido mais no nosso agrado, principalmente as obras de Marx e Engels e seus maiores discipulos, e as que versam sobre a Revolução Russa e suas consequencias. As edições em portuguez das obras de Marx, Engels, Plekhanov, Lenine, Trotsky, Bukharine, Max Beer... têm-se succedido.

Evidentemente o grande interesse por taes obras é fructo da Revolução de Outubro de 30, que se não foi uma revolução profunda, que modificasse as relações sociaes, arrastou uma grande massa, interessando a toda população, trazendo á superficie uma vasta messe de problemas que passavam antes despercebidos da maioria.

Estes problemas, trazidos á tona pela revolução, não podiam deixar de suscitar nos meios intellectuaes a attenção para elles.

E um tal interesse, nos intellectuaes honestos, despidos de preconceitos, caracteriza-se por uma preferencia accentuada pelos sociologos, economistas e historiadores materialistas, sobretudo da ala esquerda

Esses estudos não podiam deixar de fazer surtir os seus effeitos. Não podia tardar o apparecimento de escriptores por elles influenciados. E as edições de obras abordando o "caso" brasileiro estão começando a surgir.

Estas considerações vieram a pello ao concluirmos a leitura do livro do sr. Caio Prado Junior, da aristocratica familia paulista, — *A Evolução Politica do Brasil*.

Apesar de muito joven, deu-nos o autor uma obra de folego. Não tememos affirmar que no Brasil, á excepção do *Mauá* de Castro Rebello, nada se escreveu ainda que se lhe assemelhe. A segurança dos conceitos e a interpretação dos factos historicos, denotam ser o autor um perfeito possuidor do methodo dialectico-materialista, que maneja com desenvoltura. Incontestavelmente o sr. Caio Prado Junior é um dos raros escriptores nacionaes que assimilou perfeitamente a obra do maior genio do seculo XIX, no dizer de Plekhanov, — Karl Marx.

O autor interpreta com rara felicidade, sob o prisma do materialismo historico, toda a evolução politica do Brasil desde os tempos coloniaes até o segundo Imperio. Seguindo a nossa evolução politica *pari-passu* da nossa evolução economica, estudando em grandes traços o entrozamento da intima estructura desta evolução para chegar á comprehensão da supra-estructura, o autor attinge plenamente o fim collimado. Para quem conhece as difficuldades que offerece uma interpretação realista dos factos historicos, quanto mais sendo elle o primeiro a fazel-o, avulta em proporções o trabalho do sr. Caio Prado.

O autor começa estudando a época da colonização, encontrando em seu primeiro periodo muito simplificadas as relações de producção; e por isto mesmo muito simples as relações sociaes. Mas á medida que essas relações vão-se complicando, em virtude da evolução das forças productivas, vae-se complicando o quadro politico, e por isto mesmo de difficil interpretação. Para dar ao leitor uma idéa mais exacta do pensamento do autor, transcrevemos um trecho que julgamos dos mais frisantes:

"O predominio economico e politico dos senhores feudaes resultou assim *directa e unicamente* da apropriação do sólo, o que automaticamente gerava em relação a elles os laços de dependencia dos primitivos occupantes. Aqui não. A organização politico-economica brasileira não resultou da superposição de uma classe sobre uma estructura social já constituida, superposição esta resultante da apropriação e monopolização do sólo. Faltou-nos este caracter economico fundamental do feudalismo europeu." Ahi o autor faz chamar a attenção para a seguinte nota:

"Esta observação destina-se principalmente aos que, fundados em certas analogias superficiaes, se apressam em traçar parallelos que não têm assento algum na realidade. Podemos falar num feudalismo brasileiro apenas como numa figura de rhetorica, mas absolutamente não para exprimir um parallelismo, que não existe, entre nossa economia e a da Europa medieval." Carapuça magnificamente adaptada a alguns de nossos apressados theorizantes!

Mais adeante o autor entra a estudar os motivos que determinaram a corôa de Portugal a tomar maior interesse pelo paiz recem-descoberto, ao contrario do que a principio succedera, quando via escapar-lhe das mãos os vastos dominios das Indias, ficando reduzida ás praias desertas da Africa, cujo unico commercio lucrativo era o trafico de negros escravos arrancados ás suas tribus.

As primeiras medidas consistem numa organização rudimentar de governo com o envio de um governador geral e a divisão do Brasil em capitanias hereditarias, com o intuito de suscitar entre os portuguezes abastados o interesse pela colonização deste vasto dominio. O desenvolvimento da cultura da canna e a creação de engenhos de assucar nos Estados do Norte, dando logar á formação de uma opulenta classe de proprietarios ruraes, despertam ainda maior interesse do Reino de Portugal por estas plagas.

Não tardam a collidir os interesses de um com os do outro. As camaras municipaes, compostas exclusivamente de ricos proprietarios ruraes, eram quem de facto administrava e legislava na colonia, sobrepondo-se o seu poder ao do emanado da côrte por intermedio dos governadores e dos capitães-móres. Dest'arte estes não possavam de simples figuras decorativas na administração da colonia.

A descoberta das minas de ouro e diamantes, faz com que Portugal intervenha mais directamente em seus destinos. Começam então a ser

dictadas restricções aos moradores. E' reforçado o poder dos representantes da corôa.

Estabelece-se ahi o conflicto.

Resulta então todo o rosario de incidentes, conflictos e rebelliões que haviam de conduzir á nossa emancipação politica, e determinados pela opposição de interesses: de um lado o desenvolvimento incoercivel das forças productivas, num paiz que offerecia um largo campo de exploração, exigindo cada vez mais imperiosamente a modificação da retrograda politica administrativa da metropole, do outro lado o represamento sempre crescente por esta mesma metropole daquellas forças productivas.

O sr. Caio Prado muito justamente considera que a emancipação politica do Brasil começou em 1808, com a transferencia da côrte portugueza para o Rio de Janeiro, acossada pelas tropas aguerridas de Junot. Com effeito, este acontecimento acarretou grandes transformações na vida politica e economica do Brasil. E o seu mais notavel effeito foi a abertura dos portos ao commercio de todos os paizes, principalmente a Inglaterra, que para obter este objectivo que de ha muito visava, inspirou aquella fuga real.

A abertura dos portos do Brasil ao commercio internacional, quebrando o monopolio que Portugal tão zelosamente mantinha, arruinou o commercio ultramarino desse paiz. A revolução constitucional do Porto foi a sua consequencia, os seus chefes exigiam a volta ao antigo *statu quo*, culpando a D. João VI pela sua desastrosa politica "liberal" inaugurada no Brasil, — e que de tão funestas consequencias foi para a economia portugueza.

Mas é no estudo do periodo da Regencia e do Segundo Imperio que a agudeza de penetração do autor se manifesta em toda sua plenitude. A significação profunda do Acto Addicional á primeira Constituinte, a Revolta dos Cabanos, a dos Balaios e a Revolução Praieira, e todos os motins que caracterizaram aquelle atormentado periodo que precedeu ao Segundo Imperio, são magistralmente desenvolvidos pelo autor, que apprehende os anceios insopitados da massa desfavorecida do paiz, opprimida pelo peso do espirito ultra-reaccionario dos nossos latifundiarios.

O autor entra a analysar por fim a significação do movimento abolicionista, expressão do conflicto de novas forças productivas com uma estructura social escravista que já não tinha razão de ser.

Aconselhamos a leitura desta magnifica obra, que, como já dissemos, com o *Mauá* de Castro Rebello, constitue um dos raros ensaios serios de interpretação materialista da historia tentados no Brasil.

Raul Karacik.

NOTAS LITTERARIAS

Extrahiram um filme da *Madame Bovary*, de Flaubert. A partitura é de Darius Milhaud, que já esteve aqui no Rio servindo na embaixada de França.

— O escriptor predilecto de Octave Mirbeau era Tolstoi, que elle achava "verdadeiro como a natureza".

— Auguste Bailly reputa *Les Hommes de bonne volonté*, de Jules Romains, um dos pontos culminantes da litteratura dos nossos tempos. Em rodapé das *Nouvelles Littéraires*, Edmond Jaloux louva grandemente o sexto volume dessa série, *Les Humbles*, onde ha, entre episodios dramaticos, uma divertida interpretação da maneira por que os inglezes costumam encarar os parisienses, interpretação que possue por assim dizer sotaque britannico.

— Jean de Bosschère vem de publicar na collecção *Les Livres de la Nature*, um volume intitulado *Les Paons et autres merveilles*. Como se vê, está em jogo a ave predilecta do precioso Montesquiou de Fezensac. Mas aqui são finissimas impressões de um sincero amigo dos bichos, sem preciosismos de qualquer especie. Bosschère habita em Fontainebleau, cidade em que vagam tantas recordações historicas de Napoleão, e, quando quer afastar os importunos, diz que a sua casa é mal assombrada...

— André Levinson continúa a ser saudosamente lembrado pelos amigos. Apesar das suas raizes estrangeiras, soube elle localizar-se em França e ahi adquiriu sympathias innumeraveis. Seus estudos de litteratura comparada eram sempre ricos de polpa. Especialmente a alma eslava lhe era bem familiar e as paginas que compôz sobre Dostoiewsky terão existencia duradoura.

— Os francezes voltam a enthusiasmar-se fortemente por Victor Hugo, se é que alguma vez a fervorosa admiração pelo mestre soffreu solução de continuidade em paragens gaulezas. Ainda agora, importante livraria está a reedital-o na integra, o que prova que ha compradores solicitos para novas tiragens dos cincoenta volumes do genio de Besançon.

— Uma publicação européa vem de inserir um apologo inedito de Oscar Wilde. Trata-se de alguem que, mediante a vaga promessa de um presente, vive a explorar um amigo ingenuo e acaba mesmo por sacrificar-lhe a vida.

— Foi traduzido para o francez o livro do allemão Jacob Wassermann sobre *Gaspard Hauser*. A vida deste menino constitue um dos mais tenebrosos mysterios historicos da Europa moderna. Uns o dão como filho de reis extraviado numa pequena localidade germanica, sem nada que lhe elucidasse a procedencia fidalga, e outros como um habil simulador que andou engodando, com os seus ares enigmaticos, pobres burguezes e camponios interessados pelas suas narrações desconnexas.

— Actualmente um dos mais famosos romancistas norte-americanos é John dos Passos, de descendencia portugueza. Poucos descrevem como elle a vida tumultuaria das ruas de Nova York. Evidentemente é ainda um epigono do naturalismo, mas sente-se ao lel-o que, se elle conhece Zola de perto, é tambem de um periodo de recomposição humana em que pontificaram Freud e os revolucionarios russos.

— Para tratar de Maria Antonietta, Stefan Zweig, que é austriaco, encontrou nos archivos officiaes de Vienna dezenas de documentos ineditos. A' luz desses papeis até então ciosamente retidos nos armarios empoeirados, poude elle dar uma interpretação inteiramente nova á vida e aos amores, ás glorias e ás fraquezas dessa estranha creatura.

— Está sahindo em Paris a correspondencia de Tchékhov, em traducção de Denis Roche. Essas cartas aclaram muitos pontos penumbrentos da mentalidade e da psychologia de um dos maiores escriptores russos modernos. Vêem-se ahi episodios da sua vida domestica e da sua vida litteraria, sentindo-se quanto esse homem era um attento observador da vida, um minucioso inquiridor de tudo quanto occorria na cidade e na esteppe. Discipulo directo de Maupassant, Tchékhov accrescentava á fidelidade de interpretação do outro uma subtil piedade encoberta, de quem em vão pretendia disfarçar os pendores messianicos da raça.

— No entender de Alain, Balzac é o mais rico dos recenseadores de "paixões e condições humanas". Pode-se falar sem exaggero na perpetua actualidade desse escriptor. Em Balzac unem-se o historiador de Paris, o sociologo da religião e da monarchia, o visionario das grandes descobertas e da força incombativel do dinheiro em todo o seculo XIX, em começos do nosso seculo.

— André Therive, em folhetim do *Temps*, onde substituiu Souday na critica litteraria, insurge-se contra os escriptores sibyllinos que dizem tudo pela metade, esquecidos de que, no conceito de Moréas, o inintelligivel é sempre uma charlatanice. Se não querem elles dizer as coisas com clareza, por que diabo não silenciam de todo? — indaga o critico. Sim, já é tempo de acabar com certos sujeitos que redigem trechos muito normaes, muito lucidos, e depois, para espantar os papalvos, "vão botando aqui e ali um pouco de sombra"...

— Rudyard Kipling está sendo muito festejado pelo francezes, graças ao seu volume de *Souvenirs de France*. Sabe-se que o grande romancista inglez não perde ensejo de villegiaturar em terras gaulezas, amando como ninguem as praias e as paizagens da terra que teve sempre centenas de milhares de leitores, devido ás optimas traducções de Davray e outros.

— O homem a quem foi confiada a direcção official do serviço de radio em França é Jean Mistler, um verdadeiro intellectual, autor de livros bastante prezados de Jean Giraudoux e outros. E aqui?

"CAHETÉS"

Romance — **GRACILIANO RAMOS** — **Schmidt**, 1934.

O *Cahetés* do sr. Graciliano Ramos, si não trouxe uma mensagem nova para os velhos quadros litterarios do Brasil, nasceu, pelo menos, dessa procura, dessa intima paixão da intelligencia que o rumo historico do livro não poderia trahir.

O sentido fundamental de these está tão ligado á obra que difficilmente o autor poderia privar-se de um debate mais amplo nessa prova de fixação do elemento indigena na nossa progressão ethnica, approximando os seus traços de contacto dentro de nossa realidade historica. Era de esperar que o *romance* viesse a soffrer com isso, deante de tão séria proposição e nessa vizinhança de um *estudo* unilateral. O escriptor não conseguiu, porém, o dominio completo dessa directriz, a ponto de realizar um romance de these. Até certa altura parece mesmo evidente o insuccesso desse plano tão intimamente preso á natureza da obra, criando uma especie de *deficit* na idéa organica do livro, embora o autor procure corrigil-o no ultimo capitulo, que é realmente o melhor do romance, porque é ainda o que está mais perto da these.

Poderia parecer, á primeira vista, que o escriptor não tivesse cogitado anteriormente dos elementos historicos integros, fundamentaes, com que teria de orientar o seu livro, passando por isso a intervir demais no seu desdobramento, pela ausencia de material á mão. Tudo indica, entretanto, que lhe faltou apenas a coragem de sahir do livro, para que elle se realizasse por si mesmo, cabendo-lhe então a opportunidade de trazer para fóra, com mais força descriptiva e maior intensidade psychologica, a valiosa contribuição historica que ficou apagada no fundo do texto. Ahi estaria o forte da these, embora lhe faltasse ainda um pouco mais de documentação humana para a fixação de uma percentagem mais nitida da tradição, do typo e do caracter indigena transplantados nas figuras do romance.

Com prejuizo dessa orientação, que poderia dar um grande livro ás lettras brasileiras — o romance da raça — como se faz o theatro e a litteratura negra dos autores americanos, o livro do sr. Graciliano Ramos se caracteriza, no entanto, por uma predominante de ordem, por uma rigida disciplina em que será muito facil distinguir o velho processo reaccionario de technica, dessa outra feição quasi revolucionaria do romance dos srs. Jorge Amado e José Lins do Rego. Com isso adquiriu, entretanto, o autor de *Cahetés* um raro prestigio de seriedade que envelheceu o seu romance antes de tempo, porque nelle o escriptor já existia antes do livro. Sim, o escriptor maior do que o romancista. Um escriptor dos mais sérios que têm apparecido no Brasil. Tão sério e tão cheio de equilibrio que é até difficil situar o seu *Cahetés* entre os livros de estréa. Nelle, essa segurança de narrativa, a téchnica dos dialogos, a realização dos seus typos — que, por signal, são em grande numero numa tendencia de *massa* á maneira do romance collectivista em que o heróe está em todas as figuras do livro — pulam do fundo da obra como qualidades que viessem duma remota experiencia de criação anterior ao episodio litterario do *Cahetés*.

Si o sentido de these não teve maior correspondencia e profundidade, o que se daria pela preferencia das injunções ethnographicas e historicas com o desdobramento do livro num *estudo* da mestiçagem nas zonas áridas, através do caracter e da acção de seus personagens, só o *romance* veiu a lucrar com isso, como psychologia, numa abundancia de typos e de circumstancias subsidiarias, em que o meio corre parallelo ao homem, tirados intactos da realidade, como se fossem impressos numa chapa photographica. Ahi ninguem leva vantagem sobre o sr. Graciliano Ramos, embora não seja elle um simples copista dos caracteres e dos incidentes do meio, como tem acontecido em outros romances do mesmo genero. A sua força pessoal, aquillo que poderiamos chamar a sua marca psychologica, tem uma acção continua no livro. Por fim, si o romancista se sobrepõe ao ensaista, absorvendo-o, o technico não é menor do que os dois e o escriptor é, sem duvida, o maior de todos.

DE CAVALCANTI FREITAS.

A ARTE E A VERDADE

(De Anatole France)

A arte não tem por objecto a verdade. A verdade, devemol-a pedir ás sciencias, das quaes é ella o objecto; e não á litteratura, que não tem e não pode ter outro objecto sinão o bello.

A Chloé do romance grego não foi jamais uma verdadeira pastora, nem o seu Daphnis um verdadeiro pastor de cabras; e, todavia, elles ainda hoje nos deleitam. Ao grego subtil, que nos contou essa historia, não lhe importavam estabulos nem cabritos. Occupava-se unicamente de poesia e amor. E como elle queria descrever, para deleite dos citadinos, um amor sensual e gracioso, collocou esse amor nos campos, aonde não iam os seus leitores, porque eram velhos Bizantinos encanecidos no interior de seus palacios, entre ferozes mosaicos, ou por traz do balcão em que haviam amealhado grandes riquezas. Afim de distrahir esses velhos taciturnos, mostrou-lhes o narrador duas bellas crianças. E para que não confundissem o seu Daphnis e a sua Chloé com os garotos e as meninas viciosas que pullulam nas ruas das grandes cidades, elle teve o cuidado de dizer: "Estes, de quem vos falo, viviam outrora em Lesbos, a sua historia foi pintada num bosque consagrado ás Nymphas." Tomava, assim, a util precaução que todas as boas mulheres não deixam nunca de tomar antes de narrar uma historia, quando dizem: "No tempo em que Berta fiava..." ou "Quando os animaes falavam..."

Quem nos quizer contar uma bella historia, tem de sahir um pouco da experiencia e do costume.

(Trad. de FERNANDO NERY).

Leiam:

MARIA EUGENIA CELSO

FANTASIAS E MATUTADAS

(Versos)

Preço: 6$000

Metaphysica do nacionalismo allemão

Ernest Seillière — De la déesse nature à la déesse vie — Paris — Alcan, 1933.

Os espiritos serenos que procuram estudar objectivamente a marcha da evolução humana, e são capazes de ficar acima dos preconceitos e tradições, que dividem os individuos e contribuem para a opposição entre os povos, procuram explicar que cada uma das causas mais agudas dos males sociaes e politicos que affligem o homem está na pequena diffusão das conquistas scientificas positivas no seio das massas.

De facto, quando vemos que ao lado das mais audaciosas revelações da sciencia, campeiam e proliferam as crendices mais absurdas, começamos a comprehender a immensa generosidade, o immenso altruismo de todos os que trabalham, muitas vezes anonymamente, para dissipar tantas e tão fundas trevas, accumuladas pelo tempo e que o tempo não vence, não extingue...

*

Desgraçadamente o dominio das trevas não se encontra sómente nos sêres rudes e incultos, porque attinge os que não se emanciparam completamente da estupidez primitiva e estimam permanecer ligados ás selvagerias que a sciencia destruiu, quando poderiam servir de élo entre os sabios e os desherdados da cultura.

São elles, que ao envéz de arrancarem da plebe a infinita série de velhos tabús, magias, espiritos, apparições e bruxarias, dominantes nas mentalidades petrificadas dos povos, mesmo nos paizes mais avançados pela cultura, se lhes associam para augmentar a opposição que parece perpetua entre os phenomenos positivos e os mysterios.

Esse paradoxo da nossa época na qual, d'um lado vemos um Einstein, e d'outro lado os philosophos herdeiros do romantismo allemão de Hegel e Schlegel, nos apparece sob um delirio de phrases e palavras que nada representam e cuja significação ninguem ha que pretenda perceber ainda que muitos, só por isso, as justifiquem e repitam.

*

O romancista russo Dostoiewski de uma feita escreveu: — A belleza salvará o mundo. Foram muitos os que se impressionaram com essa phrase, evidentemente ôca e sem nexo, e a baptizaram como algo de profundamente genial.

Não sentimos assim, nós outros latinos, que accusados de ligeiros e por vezes futeis preferimos os conceitos claros e intelligiveis. Para nossa mentalidade, formada pela logica do racionalismo, teriamos entendido se porventura ella nos dissesse: — a belleza, contribuindo para melhorar os máus instinctos do homem, acabará por conduzil-os á observancia do altruismo em suas relações.

Dessa fórma a sentença parece que tem nexo e todos a comprehendem. — A belleza salvará o mundo, — mas de que o salvará?

E, se admittirmos que o mundo carece de ser salvo, porque a belleza o salvaria e não a justiça, o bem ou qualquer outra idéa abstracta?

Do mesmo quilate são as phrases e palavras dos philosophos referidos que, com ares de profundez, atacam o nosso racionalismo occidental, oppondo-lhe "o instincto, o inconsciente" e outras fórmulas identicas. Todos os aspectos de semelhantes loucuras, das quaes sahiram evidentemente os Freuds, Kayserlings, Spenglers, Klages e outros, constituiriam um torneio academico curioso, se porventura não tivessem applicações politicas mais ou menos immediatas, que se derramam no espirito d'um povo apto para recebel-as, já que por idéas identicas se formou toda sua psyché, a partir do seculo XIX.

Não se póde negar que, entre as infinitas causas do dissidio franco-allemão, uma das mais preponderantes está precisamente na differença da mentalidade dos dois grandes povos.

A pretendida idéa da superioridade racial, criada aliás por um francez transviado, é apenas um elemento accessorio porquanto os allemães se acreditam superiores, não tanto em consequencia do factor racista, mas em virtude do factor cultural.

E' a lucta da celebre kultur metaphysica contra o racionalismo scientifico, especialmente politico, derivado do imperecivel monumento cultural creado pelos encyclopedistas, a causa determinante dos desentendimentos e, em consequencia, dos choques entre os dois paizes.

Infelizmente, na França, não ha ambiente para o vicejamento das doutrinas do odio. Seu racionalismo é, no fundo, um tanto sceptico, ao passo que convictos são os metaphysicos allemães, quer modernos e antigos; convictos de que a seu paiz cabem direitos particulares de dominação em virtude de doutrinas discutiveis em que fundam sua cultura e suas attitudes nacionaes e internacionaes.

*

Fatal dissidio em verdade, que afasta da contribuição commum á humanidade dois povos, grandes e fortes e bem dotados de espiritualidade, se bem que essa espiritualidade jamais possa talvez fundir-se n'um só bloco, a menos que, no futuro, um delles se modifique nas suas tendencias e aspirações.

Quem sabe? A França quer cada vez mais, dentro de respeito a certos principios, que no momento considera immutaveis, estabelecer um ideal de liberdade com a preponderancia do individuo sobre o Estado, não em caracter definitivo mas transitorio, emquanto aguarda ambiente para maiores e mais alevantadas idéas; a Allemanha, pelo menos agora, dista consideravelmente da França porque quer estabelecer a entidade do Estado, como algo de fetiche, algo de tabú...

A França quer a paz, orbita suprema da civilização, a Allemanha a guerra, vestigio da brutalidade selvagem.

Quando o espirito scientifico, no sentido occidental claro e logico, substituir na Allemanha a falsa noção dessa metaphysica na apparencia innocente, mas na essencia tão perigosa, então sim estará a humanidade no inicio da grande estrada da collaboração humana orientada no sentido da paz, porque da collaboração futura e desejavel entre os dois grandes povos que o Rheno separa, terá que surgir, na melhor das realidades, a velha prophecia biblica de Isaias "de que os lobos viverão em paz junto das ovelhas"...

*

Ahi está a essencia do ultimo livro de Ernest Seillière, *De la déesse nature à la déesse vie*, cuja leitura nos suggeriu esta nota incolor, sobre a obra do maior conhecedor do romantismo nos dias actuaes.

UBALDO SOARES.

LIVROS A APPARECER

O sr. Julio Bello, de Pernambuco, tem em preparo um livro que os seus amigos aguardam com a mais sympathica curiosidade. Sabem que nessas paginas, o antigo chronista do Diario de Pernambuco *e de* A Provincia, *autor de artigos tão interessantes sobre assumptos ruraes e tradições pernambucanas, se affirmará, ainda com maior relevo, um escriptor suggestivo e cheio de sensibi'idade. Julio Bello é dos que sabem evocar com encanto cousas e figuras do passado. Filho e neto de senhores de engenho, e não querendo hoje outra vida, no seu retiro de Barreiros, senão a de senhor de engenho á antiga, elle nos dará agora a auto-biographia de um pernambucano typico ao mesmo tempo que o retrato do velho Pernambuco do tempo dos* banguês, *dos bons cavallos de montaria e de carro, dos longos serões de familia, das lutas entre conservadores e liberaes.* Memorias de um Senhor de Engenho *será prefaciado por Gilberto Freyre.*

— Sahirá por estes dias, aos cuidados de Ariel, Editora Ltda., o volume em que o sr. Evaristo de Moraes estuda O caso Pontes Visgueiro. *Trabalho de notavel advogado do nosso fôro, esse livro, que obterá sem duvida grande successo, historia um dos crimes mais sensacionaes dos tempos do Imperio, por isso que praticado exactamente por um representante da Justiça que todos suppunham de uma dignidade irreprochavel. Seguindo os moldes utilizados pelo escriptor Pierre Bouchardon e outros expoentes do* barreau *francez, o sr. Evaristo soccorre-se de profusa documentação avivada por um senso nitido da psychologia criminal. Entre outras, a figura da pobre rameira que o desembargador Pontes Visgueiro sacrificou, num momento de lubricidade serodia, é muito bem evocada.*

REVISTAS

O ultimo numero do Surto, *de Bello Horizonte, divulga excellentes artigos de critica, doutrina e polemica, subscriptos pelos nomes que melhor exprimem o movimento de renovação da cultura mineira.*

A Revista da Academia Sergipana de Lettras *tambem se bate para que a terra gloriosa de Sylvio Roméro, Tobias Barreto e Gumercindo Bessa volte a exercer no espirito do paiz o influxo directo dos seus melhores dias de producção intellectual.*

E a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo, *apesar de demorar-se nas questões de caracter juridico, nem por isso se fecha ao exame e á definição de outros assumptos que interessem ao pensamento social contemporaneo.*

LETTRAS ALLEMÃS

Segundo um critico, reconhecem-se em *Les éléments de la grandeur humaine*, de Kasner, as qualidades do pensamento central desse philosopho: "o mysticismo, não do creador ou da fé, mas da fórma e da visão, que o fez comparar algumas vezes a Böhme e mais frequentemente a Kierkegaard".

— Pierre Mac Orlan encontra no *Berliner-Alexanderplatz*, romance de Alfred Döblin, affinidades com o *Voyage au bout de la nuit*, de Celine.

— Franz Kafka foi um dos temperamentos mais bizarros da litteratura allemã dos ultimos tempos. Acabou num sanatorio e ordenou que lhe queimassem todos os livros e manuscriptos. André Gide demonstrou grande admiração por esse escriptor e innumeros são os germanicos que o põem entre os romancistas mais significativos da lingua. Constante ledor dos livros judaicos, talvez por affinidades de raça, Kafka não passava uma semana sem percorrer os moralistas francezes, dos quaes, como Nietzsche, era um verdadeiro fanatico. A concisão aphoristica dos La Bruyère e dos Chamfort encantava-o, fascinava-o. Burocrata dos mais humildes, descabellado e com uns olhos de doido, Kafka desforrava-se da vida mediocre sonhando homens e scenas das mais estranhas, como as que encerram o seu volume agora transportado para o francez com o prosaico titulo de *Le Procès*.

— Vem de morrer Stefan George. Artista longo tempo admirado apenas por uma ciosa minoria de allemães, os hitleristas querem convertel-o agora numa especie de poeta da raça. Stefan era um eclectico, mas não faltava nunca aos seus versos um profundo sentido germanico. Lel-o nem sempre é empreza facil, dadas as obscuridades ou os excessos de luz que por vezes impedem a caminhada do leitor atravez dos symbolos do mestre. Todavia, é sempre honroso entendel-o e amal-o. Como já se accentuou, para o "culto" de Stefan George faz-se necessario "cultura".

Presença na separação

(De Dante Gabriel Rossetti)

Amor, eu fallo ao teu coração
que está sempre aqui.
Oh, approxima-me do mais intimo fundo do teu coração
ainda que estejamos separados,
e concede, espiritualmente,
todas as graças distantes que me são caras.
O' amor, meu amor, estás aqui!

Os teus olhos hoje estão longe,
comtudo, amor, olha agora nos meus olhos.
Duas almas puras, mandadas uma ao encontro da outra, podem desprezar
todas as coisas mortas que encontrarem no seu caminho.
Tudo, entre ellas duas, é ruina,
as horas morrem, e, nesta hora que morre,
ó amor, olha profundamente nos meus olhos.

As tuas mãos não estão hoje aqui,
comtudo, amor, põe as tuas mãos nas minhas.
A ampulheta deixa cair os seus grãos de areia
durante todo o dia sobre o tumulo das horas mortas;
agora, porém, como dois corações se approximam,
esta hora se abre como uma flor.
O' amor, põe as tuas mãos nas minhas!

A tua voz não está no ar;
comtudo, amor, eu posso ouvir a tua voz:
ella ordena ao meu coração que rejubile,
semelhante a uma musica suave que me annuncia
a verdade da tua immutavel eleição.
O' amor, como a tua voz é suave.

Hoje os teus labios estão longe,
comtudo, faze que os meus labios se approximem delles, amor.
Ao redor, em baixo, em cima de nós,
ha gelo para impedir e fechar o nosso caminho;
em toda parte, porém, onde estou e estás,
nascem o desejo e o fogo.
O' beija-me, beija-me, meu amor.

Teu coração não está nunca ausente,
porém sempre com o meu, eternamente,
eternamente, voluntariamente,
amanhã, meu amor, como hoje.
Dois corações num só nunca se perdem,
nenhuma potencia pode separar duas almas
que estão juntas, ó meu amor, eternamente.

Trad. de Martins Napoleão.

Leonidio Ribeiro — O Direito de Curar — Editora Guanabara — Rio.

O prof. Leonidio Ribeiro é de uma operosidade digna dos maiores encomios e succedem-se os trabalhos da sua lavra, cada qual dos mais interessantes, no campo da Medicina Legal, onde já se fez um nome dos mais respeitados. Agora, elle nos dá esse *O Direito de Curar*, com prefacio do Prof. Alcantara Machado e carta laudatoria de Clovis Bevilaqua, fruto das suas meditações e pesquizas sobre assumpto dos mais controvertidos por medicos e advogados e de tão palpitante interesse como o problema da Euthanasia.

Exposição apresentada ao Chefe do Governo Provisorio da Republica pelo Interventor Federal no Estado de Pernambuco — Imprensa Official — Recife.

Ornado de numerosas reproducções photographicas que lhe comprovam as asserções do texto, rico de algarismos gordos e dados estatisticos insophismaveis, nesse alentado volume se dá balanço ao que tem sido a intelligente e operosa actuação do Interventor Lima Cavalcanti á frente do Governo Revolucionario de Pernambuco. E' de louvar sobretudo o zelo e o descortino com que têm sido encarados os problemas de educação e assistencia social, com a multiplicação de escolas, construcção de hospitaes e aperfeiçoamento dos serviços de Prompto Soccorro e Saude Publica.

Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi de Historia Natural e Ethnographia — Vol. IX — Belém, Pará.

Após um largo periodo de interrupção, volta a circular essa publicação que fez época e por tanto tempo emprestou brilho excepcional á nossa cultura scientifica. Devemos esse auspicioso acontecimento aos esforços do Major Magalhães Barata, actual Interventor Federal no Estado do Pará, e tambem á emprehendedora e competente direcção que ao Museu Paraense vem emprestando o sr. Carlos Estevão. No volume do *Boletim* que temos em mão a materia é assaz preciosa, pois nelle estão contidos na integra dous trabalhos de valor indiscutivel: *Geologia do Estado do Pará*, do Dr. Frederico Katzer, vertido para a nossa lingua do original allemão por frei Hugo Mense, e *Notas Geographicas e Geologicas sobre o Rio Tocantins*, da autoria do Dr. Luiz Flores de Moraes Rego. Como se vê, um volume de polpa.

Léo Goomilevsky — O amor em liberdade — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

Dentro da theoria sovietica, o autor se propõe a provar que "as relações entre os sêres humanos não devem ser encaradas de um ponto de vista simplista, como costumam fazer algumas creaturas escravizadas aos tremendos imperativos do sexo". E' uma leitura interessante e viva, embora certos principios que vehicula não possam ser acceitos pela generalidade dos leitores. Acima de tudo, como quasi toda a litteratura da Russia moderna, é uma obra de propaganda social. Quanto á traducção, foi revista pelo sr. Galeão Coutinho, um dos bons escriptores da sua geração e intellectual que sempre respeitou bastante a dignidade da arte da prosa.

Tristan d'Athayde — Fragments de sociologie chrétienne — Desclée de Brouwer & C. — Paris, 1934.

E' a traducção franceza, conduzida com escrupulo e proficiencia pelos srs. Jean Duriau e Georges Raeders, de admiraveis paginas do nosso grande critico e sociologo christão. Pela sua cultura e pela pujança da sua actividade espiritual, o sr. Tristão de Athayde, que é um dos mais notaveis collaboradores do *Boletim de Ariel*, bem merecia essa honrosa viagem á lingua consagradora por excellencia, á lingua em que escreve o seu amigo Jacques Maritain, á lingua em que escreveram Joseph de Maistre e Louis Veuillot.

Antony Hope — O prisioneiro de Zenda — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Este volume foi dos que mais concorreram para a celebridade de Antony Hope. Trata-se de um romancista que soube evocar como poucos outros os ambientes fidalgos, em caracter internacional, mesclando-os sempre a notas de subtilissima ironia que, segundo accentuou um critico, pareciam de um neto britannico de Luciano de Samosata.

Pedro de Mello — A grande guerra — S. Paulo, 1933.

Trata-se de um professor patricio que tem publicado varios opusculos a proposito de questões grammaticaes. Neste seu "poema tragico", "episodio de um poema inedito", celebra elle generaes e soldados da conflagração que sacudiu o mundo de 1914 a 1918. O verso escolhido é o alexandrino, que melhor se coaduna com as expansões de enthusiasmo e piedade deante das glorias e miserias dessas matanças de povos. Quanto á publicação do folheto, constitue uma homenagem "aos heróes da grande campanha constitucionalista, a mais brilhante pagina da historia brasileira".

Baroneza Orczy — A Aguia de Bronze — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

De uma familia hungara que deu um grande poeta, a baroneza Orczy fez-se, em inglez, uma incansavel urdidora de romances historicos que entraram a circular por mares e terras em que se exerça o prestigio do imperio britannico, isto é, pelo mundo todo. O Pimpinella Escarlate, protagonista de varios trabalhos seus, tornou-se celebre entre os que preferem aos mediocres burguezes do tempo os heróes impressionantes sahidos da imaginação dos artistas. Quanto a este volume, *A Aguia de Bronze*, põe em scena a figura sempre nova de Napoleão Bonaparte, inesgotavel filão de aventuras para os escriptores que, indo nas pegadas de Dumas Pae, só comprehendem a historia amenamente romanceada.

Rocha Filho — Perspectiva — These de Concurso á Cadeira de Desenho no Lyceu Alagoano — Maceió.

Abeberado em bôas fontes, a comprovar o zelo com que se dispoz á confecção deste trabalho, o sr. Rocha Filho, distincto medico alagoano que é tambem um cultor das lettras, versa nestas paginas, enriquecidas de desenhos do seu proprio punho, os variados problemas da perspectiva. E' monographia muito bem cuidada e em que se evidenciam reaes aptidões didacticas.

Tres magnificos romances estrangeiros

R.-A. Guzman:
CIUME
T. S. Matthews:
A CAMINHO DA FÔRCA
J. Kessel:
LUXURIA

Primorosas traducções de
GASTÃO CRULS

Em todas a livrarias

— Um sr. Haddock, da America do Norte, procura impressionar os norte-americanos com a narração das suas extraordinarias aventuras pelo Brasil. Terá elle andado mesmo por estas plagas ou será um insigne patranheiro, como tantos outros que, fazendo litteratura de viagem, deixam longe as proezas venatorias dos filhos de Tarascon?

— William Somerset Maugham acaba de completar sessenta annos. Palavra que o julgavamos um pouco mais moço... Aliás por culpa delle, porque os seus ultimos livros trâem uma vivacidade, uma juventude intellectual que anda longe de fazer pensar nos cabellos brancos de um sexagenario. Somerset Maugham, de familia ingleza e visceralmente inglez, nasceu accidentalmente em Paris. Formou-se em medicina, mas muitas vezes, no decorrer de uma aula ou de uma operação, esquecia a anatomia e outras coisas graves, para pensar num bom desfecho para a peça treatral que estava tramando mentalmente. Seu assumpto predilecto é a descripção das ilhas do Pacifico, a exemplo do seu patricio e possivel mestre Robert Louis Stevenson. Tambem gosta bastante das praias de Nice, onde encontrou de uma feita uma pintura de Gauguin que o encheu de paixão por essa estranha figura de pintor insatisfeito e errante.

— Uma possivel mystificação que está impressionando os europeus é a proposito de um manuscripto raro que o governo inglez adquiriu da Russia para o Museu Britannico. Trata-se de um velho codice que veiu da Moscovia para a Inglaterra graças a um formidavel montão de libras e parece que, afinal, a tal preciosidade é apenas obra audaciosa de um consummado calligrapho de hoje. Qualquer coisa de parecido com a tiara de Saitaphernes, que atarantou o eruditissimo Salomon Reinach...

Gandhi, trahidor das massas

A publicação em portuguez das *Memorias* de Gandhi (1) vem desfazer uma série de illusões que os ingenuos e os despreoccupados mantinham, a respeito do mahatma, como chefe das massas nacionalistas da India.

*

Só me interessa aqui o lado *politico* do livro.

Na guerra dos boërs, o advogado Mohandas Karamchanda Gandhi reune os indianos da Africa do Sul para discutir sobre si se devia ficar com os revolucionarios ou ajudar a reacção britannica. Apezar de igualmente maltratados no Transwaal, no Cabo e em Natal, os indianos, numa exposição da questão que o proprio Gandhi resume, demonstram muito mais sympathia pelos irmãos boërs contra o inimigo commum, o inglez. O advogado, entretanto, faz uma falação, onde diz, entre outras coisas, estas palavras significativas:

— "Temos que admittir que o direito está do lado dos boërs, mas o individuo de qualquer Estado não pode esperar impôr a sua opinião em todas as occasiões. As autoridades pódem nem sempre ter razão, mas, attendendo á obediencia que os individuos devem ao Estado, é do seu dever sacrificarem-se e sustentarem os actos do Estado... O nosso dever comesinho, como individuos, é não discutir as causas da guerra, mas prestarmos todo o serviço possivel, logo que se iniciem as hostilidades".

Será preciso commentarios

Em Natal, estala uma revolta zulú. "O motivo, que de uma ligeira amotinação degenerara em revolta, era um chefe que se recusara a pagar novo imposto exigido aos zulús, que atacaram o sargento que o fôra cobrar". O advogado Gandhi, que começa a organizar o movimento do Satyagraha, escreve, "segundo o seu costume", ao governador, offerecendo-lhe um serviço de ambulancia, apezar de não ter "antipathia" pelos zulús. No decurso da luta, comprehende — muito tarde! — que "essa luta, longe de ser uma guerra, foi antes uma caçada humana". Dirigindo o serviço de padioleiros, acompanhando os zulús feridos "por inadvertencia" (sic), o futuro mahatma se perde nas regiões pouco habitadas do paiz, onde vivem os zulús "selvagens", vagueando, "em profunda meditação", a reflectir sobre o Brahmacharya — a castidade...

A proposito do interesse do governo em não supprimir a taxa de tres libras por cada indiano sem trabalho (o que equivalia a prendel-os ao regime do contracto), aggravado ainda mais pela sentença do juiz Searle, que declarou unicamente validos os casamentos realizados segundo os ritos christãos, o advogado Gandhi promove o Satyagraha. Alguns propagandistas são presos, com trabalhos forçados, em diversas localidades da Africa do Sul. Os colonos indianos se sublevam, formando a *resistencia passiva* sob as ordens do mahatma. A situação politica do governo se complica. Aproveitando a opportunidade, os trabalhadores ferroviarios europeus da União se declaram em greve, mas, como diz o proprio Gandhi, "não reclamavam sómente augmento de salario, mas tinham intenção de assumir o exercicio do Governo". A lei marcial entra em vigor. E é nessa situação verdadeiramente revolucionaria, quando a quasi totalidade do proletariado se mantem em greve, que o mahatma declara que "os indianos não poderiam ajudar os grevistas, pois os seus deveres não eram crear difficuldades ao Governo". Lord Ampthil envia-lhe, de Londres, como é natural, felicitações... Nas *Memorias*, o facto é relatado como um exemplo de *lealdade* (sic) dos indianos...

Vem a guerra mundial e Gandhi raciocina:

— "Si podiamos melhorar nossa situação cooperando com elles (os inglezes), ajudando-os, era de nosso dever ganhar-lhes as sympathias, ficando junto delles nos dias maus".

E manda para a frente de batalha corpos de voluntarios.

Eil-o agora nas Indias, em Champaram, "paiz do rei Janaka", no sopé do Hymalaia. O camponez de Champaram plantava, por fôrça de lei, tres vigesimos de pés de indigo, tributo devido ao proprietario (systema Tinkathia). As condições de vida eram, porém, as peores. Gandhi segue para a região e as unicas medidas que toma, em beneficio dos *raiyats*, são a abertura de um inquerito (que só serve para graphar coisas já sabidas, e assim mesmo para mostrar aos camponezes que os Satyagrahis "se interessavam" (sic) por elles), a entrada em confabulações com os proprietarios, o que não traz nenhum resultado pratico, e a fundação de escolas e instituições de hygiene, sem interesse politico immediato. Por acaso, Sir Edward Gait, lugar-tenente governador, é um homem de consciencia e supprime o systema Tinkathia, como havia promettido.

Agora, o advogado está em Khaira. Conforme o seu proprio testemunho, "nesta época o salario de um obreiro não passava de 500 réis por dia; o de uma mulher, cêrca de 300 réis; aquelle que ganhasse 400 réis poderia considerar-se feliz". As mulheres de certa localidade só têm um "sari" e, por isso, vivem sujas, quasi núas. (O facto, diz Gandhi, não é excepcional. Em *numerosos* lugares da India, vive-se "sem móveis" e só se tem um pedaço de panno "para cobrir-se a vergonha".) O departamento de Khaira passava fome. De accôrdo com a lei, no caso de ser a colheita igual ou inferior a quatro "annas", os camponezes nada pagariam. Os funccionarios declararam a colheita do anno superior a essa quantia, com o que não se conformaram os productores. O mahatma desencadeia o Satyagraha. O governo, como é natural, sahiu ganhando, tendo cobrado as taxas impostas e engaiolado alguns dos partidarios de Gandhi que, em desespero de causa, puzeram fôgo ás seáras, afim de escapar ao fisco.

Gandhi se compromette a fazer o recrutamento para auxiliar a Inglaterra na grande bandalheira imperialista de 1914-1918, mas, como confessa, desolado, agora "nem um carro apparecia, mesmo alugado, e já nem se falava na possibilidade da apresentação de um unico reservista" e nunca recebia "mais de dois voluntarios" por localidade.

— "Sois discipulo de Ahimsa; como tendes cora-

(1) O livro, além de mal composto pelo mahatma, está mal traduzido pelo srs. Sibah Rudra e Paulo Nercy e infamemente revisto (Adersen, editores, 1934).

gem de pedir-nos que tomemos armas?" — perguntavam-lhe.

Por fim, no Congresso Pan-Indiano, Gandhi apresenta um projecto de Constituição, no qual estava escripto que a finalidade do Congresso era "obter o Swaraj (o *home rule* indiano) no Imperio Britannico, si possivel, e fóra delle, si necessario". Houve quem, diante da declaração da Commissão de Redacção de que os meios a empregar deveriam ser "pacificos e legitimos", fôsse de opinião de que "não deveria haver nenhuma restricção nos meios a empregar-se", mas o Congresso votou com o mahatma, satisfazendo-lhe a vaidade.

As massas indianas, que agora despertam para a vida publica, estão na phase aguda do nacionalismo. Não duvido, por isso, que os methodos de luta de Gandhi tenham conseguido algumas victorias *parciaes* apenas, que em nada affectam a soberania da Inglaterra sobre as Indias, mas duvido que, com a tactica da não-cooperação e da não-violencia, se consiga o Hind Swaraj.

As lutas da Irlanda são um exemplo...

*

As razões *psychologicas* do Satyagraha são fornecidas pelo proprio Gandhi.

Na Africa do Sul, ainda hoje (2), se faz distincção entre o branco e o homem de côr. Em Maritzburg, o joven advogado Gandhi é obrigado a saltar do carro de primeira classe á entrada de um branco qualquer e, como não quer viajar no carro das bagagens, espera o trem do dia seguinte até Charlestown. Toma a diligencia até Standerton, mas, como é considerado "coolie", troca o lugar com o conductor, na boléa. Acontece, porém, que o conductor quer fumar e sae da diligencia para rehaver o seu lugar ao lado do cocheiro. Manda-o para o estribo. O mahatma não quer obedecer — e o conductor esbordôa-o. "Segurei-me no corrimão de cobre do banco, porque estava decidido a não largar, com risco de destroncar os punhos... O homem injuriou-me, puxou-me, deu-me pancada. Fiquei immovel. Elle era forte e eu fraco". No outro dia, segue para Johannesburg, noutra diligencia, dando "por terminado" este incidente. Em Durban, apedrejam-no, vaiam-no, espancam-no, e Gandhi nem tem animo de correr, o que se justificaria, mas, ao contrario, procura protecção no prestigio de uma senhora conhecida e influente.

Além da covardia physica, ha a vaidade pessoal. Vê-se que, apesar de todo o seu palavreado, Gandhi só ama a si mesmo, procurando justificar-se, collocando-se sempre acima dos outros. Não é capaz de enthusiasmo por qualquer pessoa. Nas suas memorias só existe um homem, um motivo, uma causa, — elle mesmo. O resto é simples accidente da paizagem... Trata muito da sua integração em Ahimsa, das suas leituras, das suas victorias. Nem Kasturbai, nem Rabindranath Tagore, nem mesmo Ruskin, que confessa admirar, merecem-lhe uma pagina de ternura ou de admiração, coisa que, por mais imparcial e impessoal que seja o escriptor (o escriptor, no caso de Gandhi, tem defeitos lamentaveis), nunca deixa de acontecer... Só elle mesmo existe, só elle mesmo vale.

*

Aqui está Gandhi, pintado por elle mesmo, traidor das aspirações legitimas das massas.

Ha memorias que nunca deveriam ser escriptas, mas as de Gandhi são das que nunca se deveria ter pensado, siquer, em escrever.

EDISON CARNEIRO.

(2) Nelson Tabajara de Oliveira, *O roteiro do Oriente* (impressões de viagem). Editora Nacional, 1933.

— Em numero recente das *Nouvelles Litteraires*, a nossa distincta collaboradora Sra. Marguerite Picard-Loëwy apresenta uma bem cuidada traducção da sua lavra de um dos contos mais saborosos do nosso Machado de Assis: *A sandalia turca*. O texto vem illustrado de expressivos desenhos de Dignimont.

— *Sanctuaire*, tal é o titulo de um romance do escriptor norte-americano William Faulkner, que consegue grande voga e foi apresentado ao publico francez por André Malraux. Segundo este, "*Sanctuaire* é a intromissão da tragedia grega no romance policial". Trata-se de um terrivel drama de fatalidade e morte, decorrido no meio dos *gangsters*, e onde W. Faulkner se revela com todas as qualidades de um poderoso ficcionista.

— Ha tempos, esta revista já se reportou a uma serie de estapafurdios folhetins, da autoria de um allemão, e acolhidos por *Marianne*, no qual se explorava, entre mentiras e absurdos, o decantado desapparecimento do explorador Fawcett nas florestas de Matto Grosso. Agora, sob o titulo de *Aventuras brasileiras*, é um escriptor inglez, Peter Fleming, quem se aproveita desse mesmo assumpto, escrevendo uma narrativa de viagem que não parece destituida de interesse, segundo refere André Maurois numa das suas apreciadas chronicas para aquelle mesmo hebdomadario.

— H. G. Wells, no seu ultimo livro *A fórma das cousas por acontecer*, volta ao dominio das previsões, de que tanto gosta, e que já foi o thema preferido de algumas das suas obras de maior exito. Agora, elle nos conta a historia do que vão ser os 200 annos mais proximos, com uma guerra européa de que ainda seremos os espectadores, pois que se iniciará em 1940 e durará dez annos. Como consequencia desse novo cataclysma (lucta sobretudo de aviões), e de outro não menos aterrador, uma terrivel peste, as populações desertarão os grandes centros, passando a viver erradiamente nos campos e nos mattos. No seculo XXI, decorridos longos annos de retrocesso á vida mais rude e primitiva, graças ao esforço de alguns technicos formar-se-á, finalmente, o Grande Estado Mundial, de typo "fascista-scientifico". Quem viver, verá.

— O nome de Marcel Brion é caro aos escriptores brasileiros, tanto é o interesse que esse illustre critico e ensaista francez tem sempre demonstrado pela nossa litteratura, através das suas attrahentes chronicas semanaes nas *Nouvelles Littéraires*, onde não raro se refere com carinho e perfeito conhecimento da nossa lingua ás ultimas novidades aqui apparecidas. Agora, sabemol-o distinguido com o "Premio Litterario da Provença", pela publicação de *La Folie Céladon*, uma obra que lhe accresce louros ás já brilhantes victorias alcançadas com *La vie d'Attila*, *Gobineau*, *Giotto*, e outros trabalhos não menos valiosos.

— O "Premio do Primeiro Romance", com o qual se procura incentivar uma promissora estreia, foi dividido, este anno, entre a Srta. Edith Thomas, autora de *Mort de Marie*, e o Sr. Ozillane, que escreveu *Individu*. O curioso é que este ultimo é irmão de François Mauriac, uma das mais altas expressões do romance francez contemporaneo.

— Annuncia-se a publicação na Inglaterra de um inedito de Dickens, uma vida de Jesus para as creanças. Ninguem ignora que o creador de David Copperfield gostava bastante de mimosear os garotos. Tendo tido elle proprio uma infancia bastante aventurosa, era um fanatico da gente miuda e uma sua historia da Inglaterra para a petizada britannica foi um presente de Natal com que se regalaram todos os fedelhos louros de Londres e adjacencias.

L e i a m :

J. KESSEL

L U X U R I A

(Traducção de Gastão Cruls)

E m t o d a s a s l i v r a r i a s

MEZ MARIANO

O mez mariano, cantado e festivo, nas residencias familiares do antigo Recife constituia motivo de encanto religioso e chamariz profano de namoros.

Houve algumas dessas devoções famosas, attrahentissimas. Para ellas era mistér um convite pessoal, porque naquelle tempo não fôsse nada facil penetrar num lar. Carecia-se de fiador e dos bons. Mas, obtendo-se o almejado ingresso, tinha-se onde passar distrahido todo o mez de maio, frequentando-se o culto á Maria.

A concurrencia escolhida, as moças bonitas, as vozes entoadas, os acompanhamentos afinados, as musicas sacras deliciosas, e depois, quasi sempre, ceias appetitosas — ceias das de outróra: de garfo. Com frigideira de camarão, gallinha de cabidela e perú assado com recheio de farofa.

Isto sem falar nos casamentos e noivados que se esboçavam, dando em resultado tantos jovens da actualidade. Elles poderão se rir, deante de um album de velhas photographias, das figuras que os paes fariam hoje com aquelles trajos compridos e pesados, sem se lembrarem de que essa indumentaria, tão elegante na época, muito ajudou a vinda delles ao mundo.

Na rua da Conceição, sobretudo, existiu uma familia bastante devota do mez mariano. E sabia sel-o com explendor, realce e bom gosto. Em muitos outros pontos da cidade "cantava-se mez de maio", congregando parentes e amizades das redondezas ou mesmo de muito distante.

Com antecedencia, correndo março ou abril, preparavam-se vestidos e ternos. Comparecia-se aos ensaios. Aprompțavam-se rosas de panno, enfeites de papel-lata, tufos de tarlatanas, bandeirinhas de seda, resplandores de lantejoulas, castiçaes de vidro, velas de côres. Encommendavam-se flores naturaes.

E antegosava-se o exito:

— Este anno Luizinha vem cantar.

— Então vae ser uma belleza mesmo! Com aquella voz!

— Papae quer ver se chama d. Lisá Diniz para tocar, e o irmão della, o Carlos, com a flauta. Dois artistas de valor! Imagine!

— Ninguem dá no mez de maio daqui! Esse pessoal rabeia mas apanha sempre.

— Todas as cantadoras são escolhidas. Não acontece aquillo da casa de d. Nanú. Você se lembra?

— Me deixe, Nazinha! Quando começaram a cantar e eu ouvi aquella voz fanhosa:

> Virge soberana
> Tu sois uma *arta* rosa!
> Dentre as mais *fulôres*
> Sois a mais *fermósa*.

— Eu fiquei besta, minha negra! Tapei a bocca para não estourar! Como se chama para cantar uma tabóca rachada daquellas!

Na primeira noite, cedinho, a casa se enche.

O altar está armado na sala de frente todo cheio de flôres e de luzes. Afastaram para isso os dunquerques de pedra marmore, as cadeirinhas douradas com estôfos de gorgurão verde, a marqueza de jacarandá, mudaram de logar os etagères enfeitados de calunguinhas e jarros. Foi preciso até tirar da parede o grande espelho de moldura oval com uns florões no alto.

Do lustre que pende do fôrro estão accesos todos os bicos com camisinhas incandescentes. E o vento brincando com os pingentes de cristal executa um trecho musical.

Janellas abertas. Cortinados bem afastados. E o sereno lá fóra, travesso, irreverente, malicioso.

Os donos da casa acolhem as visitas. As moças vão lá para dentro e voltam sem chapéos, endireitando as tranças ou os cócós, fincando melhor os grampos nas madeixas.

Explicações de retardos:

— Quasi não vinha, meu bem. Zezinho chegou mais tarde para jantar, perto de 4 e meia! Tivemos de nos preparar ás carreiras para não perder a maxambomba da Linha Principal de 5 e 50. Tudo me empalhando: a cosinheira, o espartilho, até meu cócó! Corremos para a estação da Casa Forte... Elle já vinha apitando no Caldeireiro...

— Eu, tambem cheguei agora porque o diabo do bonde pregou na subida da ponte da Magdalena. E cadê que sahia? Trouxeram duas sótas e nada! Os burros não tinham força, coitados!

— Não dão de comer aos animaes! Essa companhia só se pegando fogo nisso tudo. Cada vez peor. Nunca mais construiu uma linha. A do Hospital Pedro II ficou em projecto para o dia de São Nunca. Feito as obras do porto.

— Tambem com esse governo de ladrões! Só uma revolução!

Accórdes ao piano. Vão começar. Movimento de attenção, de preparo. Escolha de logares.

Os rapazes procuram ficar perto ou defronte de quem lhes convém.

— Yáyá, você começa.

— Eu não presto para tiradeira.

— Então, Dondonzinha.

— Vôtes!

— Porque? Tão entoada! Pensa que me esqueci do presépe em casa do commendador Moraes

— Milú é que é tiradeira de verdade.

— Só mesmo eu!

E procura se esconder entre as companheiras. O jogo de empurra prolonga-se. Ninguem quer iniciar a reza.

— Si Santa estivesse aqui já se tinha principiado. Aquella não tem vergonhas...

Uma voz no sereno:

— Bonito elogio!

A dona da casa intervém:

— Vocês já viram o luxo dessas meninas Pois quem vai tirar é Joanninha.

A filha obedece, embora fazendo um gesto de acanhamento.

Tudo se anima. As vozes alteiam-se, clarificam-se, adoçam-se. Ha expressão nos canticos. Ha ternura, emoção. Entôa-se o

> No céu, no céu,
> Com minha mãe estarei.

Entôa-se a ladainha.

E ao terminar, desculpas:

— Eu estava tão rouca.

— E eu sem me lembrar direito dos versos. Me atrapalhando.

Um estudante de Direito, todo de preto, alto, louro, madrigalesco:

— Cantou como um rouxinol.

— Ou como um pavão?

— Não diga isso. Acredite que fiquei extasiado. Uma garganta de ouro... Vou escrever um sonêto.

— Sério! Não mangue de mim!

As velhas amas da casa, de ves-

I N G L E Z E S

Dada a sua theoria do meio, do tempo e da raça, era Taine um dos criticos menos aptos a comprehender certas individualidades da litteratura britannica. Porque, se alguem exorbita do ambiente, rompe com os contemporaneos e reage contra o sangue que traz nas veias, esse alguem é, em geral, o poeta inglez de genio. Como que a dureza da disciplina puritana provoca, pelo gosto da voluptuosa represalia, essas apostrophes e blasphemias com que os lord Byron encheram o mundo do seu clamor de revolta. Aos psalmos dos quakers correspondem, pelo contraste, as imprecações e as maldições dos Manfredo, dos Lara, dos Giaour.

Aliás, já era assim antes do criador da *Parisina*, ainda que com outras modalidades. Spencer reflectiu bem a luta cerebral e moral entre o espirito da Reforma e o da Renascença, e foi sempre visivel nelle o pendor para as terras distantes, para os mares latinos, numa verdadeira evasão ás tradições locaes e ás austeras tendencias dos avoengos. Suas allegorias, de um forte sabor platonico e, logo, petrarquesco, affirmam o temperamento de um gentilhomem que celebrava as fadas e os anjos para desforrar-se lyricamente das duras e prosaicas realidades que o cercavam. Seu idealismo era de quem, conscientc ou inconscientemente, protestava contra o inicio de uma época de materialismo, de utilidade, em que o summo pontifice leigo seria Bacon, inaugurador do methodo experimental.

Tambem Shakespeare oscillou sempre entre os nevoeiros da Dinamarca e as claridades da Italia. Utilizando-se de um idioma ainda barbaro, adoçava-o com as palavras harmoniosas que lhe tinham vindo de Veneza e Verona, através dos novellistas peninsulares do seculo XVI, e, sem essa viagem espiritual aos climas classicos, Desdemona, Jessica, Julieta e Miranda não seriam as mais radiosas invenções do amor romantico, com escadas de seda, luar, canto de rouxinol e aroma de rosas.

Outro tanto aconteceu com Milton, que versejava directamente em italiano, e com a maior limpidez. Estendeu elle guirlandas florentinas em seus poemas pagãos e christãos, cantou *Il Penseroso* e, ciliciando-se junto a Cromwell, reteve sempre nos olhos, mesmo cégos, a saudade das paizagens mediterraneas.

O proprio Marlowe, que tinha o gosto das tascas, das rixas violentas, e morreu em consequencia de uma pancadaria de bordel, mostrou-se, em seus melhores momentos, um enthusiasta da cultura antiga, celebrando Hero e Leandro, na paraphrase a uns versos encontrados num florilegio hellenico. Era, tanto quanto possivel, contra o medievalismo, contra o espirito gothico, e adorava a vida plena, a vida violenta das creaturas á Cellini. Os rigidos moldes dos leitores da Biblia não conseguiam conter essa alma tempestuosa que explodiu em poemas desconcertantes e levou ao palco paixões exasperadas que nem Shakespeare viria a exceder em vertiginosa eloquencia. Cantor do truculento Tamerlão, Marlowe enterneceu-se tambem nas tiradas de um pastor, ou zagal, como dizem os arcadianos, á sua bella: "Vem viver commigo e ser meu Amor, e juntos desfrutaremos todos os prazeres que montes e valles, grotas e campos, e as montanhas escarpadas, tudo nos offerece. Sentar-nos-emos lá sobre os rochedos a ver os pegureiros apascentando os seus rebanhos á margem melodiosa dos rios, no sitio em que os passaros melodiosos cantam madrigaes. Lá eu te farei uma cama de rosas em mil fragrantes ramalhetes, uma capella de flores e um manto todo bordado de folhas de murta. Um vestido tecido da mais linda lã que dos nossos mais bellos cordeiros tiraremos, bonitas sandalias forradas para o frio, com fivelas do ouro mais puro, um cinto de palha e ornatos de flor de hera com fechos de coral e botões de ambar. E, se estes encantos te movem, vem viver commigo e ser o meu Amor. Os pratos de prata para o teu sustento de preciosas iguarias quaes as comem os deuses, sobre eburneas mesas serão a ti e a mim quotidianamente servidos. Os pastores dansarão e cantarão para te comprazer cada manhã de Maio: se estes encantos te seduzem, vive então commigo e sê o meu amor."

Ben Jonson, que conheceu pessoalmente Shakespeare, e o estimou e admirou, e o chamou de "estrella dos poetas", teve, mais ou menos como Marlowe, uma juventude cheia de duellos e polemicas furiosas. Era, não obstante, senhor de uma erudição de verdadeiro humanista. Amigo dos romanos, alegrava-se quando, na sala de Apollo da taverna do Diabo Velho, distinguia na parede, entre a fumaça dos cachimbos e a fuligem da lareira, uma inscripção latina que honrava os bons poetas e zurzia os mediocres. Forte em grego, levou á ribalta typos que encarnavam a robusta energia e a voluntariedade indomavel dos heróes da antiguidade. Com grande senso do comico e vendo na satira uma purgação curativa, fixou, no *Volpone*, a atmosphera de perfidias e trapaças de uma Veneza mercenaria e hypocrita. Gostando de Aristoteles, não gostaria menos de Boileau, se o conhecesse, e indignava-se quando a indisciplina dos contemporaneos, quasi sempre resultado de indolente ignorancia, ameaçava degenerar em estupidez aggressiva. Embora máo cortezão e avêsso a submetter-se ao beija-mão dos magnatas, tendo um pouco da rudeza hippopotamica do dr. Johnson e das cerdas do perfurante porcoespinho que foi Carlyle, Ben Jonson dirigiu certa vez, por excepção, um galanteio á condessa de Bedford, leitora amavel que tantas vezes se lhe fizera protectora espontanea: "Hoje pela manhã, no momento da inspiração, puz-me a idealizar em minha ardente fantasia que sorte de creatura me seria mais grata, se eu a pudesse eleger para a honrar, servir e amar, como sóem os poetas fazer. Era minha intenção fazel-a formosa, independente e sabia, do sangue mais fidalgo, distinguindo-se, porém, por muito mais bondade que pela nobreza; era minha intenção que a estrella da manhã não a vencesse em brilho ao surgir, nem exercesse maior influencia lá da sua altura; era minha intenção que fosse gentil, affavel, meiga, odiando o vicio do orgulho, e que nesse peito, como no mais terno dos peitos, se lhe congregassem, uma por uma, todas as mais delicadas virtudes. Eu só podia comprehendel-a de espirito culto e alma varonil, governando, com egual poder, a roca, o fuso, e as tesouras do destino. Quanto em minha intenção imaginava, tal qual mandou-me a Musa: "Lucia Bedford escreve", e era exactamente ella a desejada."

---

tidos de chita nova, sahem da sala e vão cuidar da ceia.

No intervallo ha recitativos. O estudante louro tem "um geito" para recitar! Uma das moças tóca a Dalilla. O poeta recorre a um confrade antigo:

Si eu tenho que morrer na flor dos annos,
Meu Deus! Não seja já...

As matronas limpam os olhos.

As moças enternecem-se.

A cantadeira da "voz de rouxinol" comprehende.

Dansava-se tambem. Com o ceremonial da época de se tirar a dama, numa reverencia, e de se ir leval-a ao sitio de onde sahira, com outra reverencia. Dansavam-se as polkas, os pas-de-quatre, os schottisch, as valsas do tempo, com as musicas de Arthur Lima, Nuno Guedes, Raul Moraes, Alfredo Gama. Pares afastados, dedos nas cinturas, mão nos hombros dos cavalheiros. Todavia, um floretear de phrases. Aqui, uma declaração de amor. Ali, uma combinação de passeio ao Derby. Acolá, uma ciumada:

— Eu bem que vi você indagorinha num "brêdo" medonho com Alice. Fiquei mesmo "abafada"...

— Meu anjo, que calumnia! Eu que te amo acima de todas as mulheres!

— Eu sei... eu sei... Pois fique sabendo: si vir outra vez você se derreter com Alice, não tenho "banda" com ninguem, e dou-lhe um "côrte" de verdade. Está ouvindo?

No meio da valsa, a dona da casa annuncia:

— Minha gente, a ceia!

MARIO SETTE.

(Do livro a apparecer: *O Recife de Hontem*).

Leiam:

LAMPEÃO

de RANULPHO PRATA

Preço: 6$000

Em todas as livrarias

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

J. Kessel — *Luxuria* — Trad. de Gastão Cruls — Ariel, editora ltda. — Rio.
Leonidio Ribeiro — *O Direito de Curar* — Ed. Guanabara, Rio.
Joaquim Ribeiro — *9 mil dias com João Ribeiro* — Ed. Record, Rio.
Raul de Siqueira Xavier — *Aspectos sociaes da questão do Trabalho* — Rio.
Mario Casasanta — *Machado de Assis e o tédio á controversia* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte.
Rocha Filho — *Perspectiva* — These de concurso á cadeira de desenho no Lyceu Alagoano — Maceió, 1934.
Carlos Henrique Liberalli — *O systema periodico e os novos elementos* — These de concurso — Rio.
Armando de Oliveira — *O arminho de espumas* — Edições Unitas, São Paulo.
A. Leterre — *Jesus e sua doutrina* — Livraria da Federação Espirita Brasileira — Rio.
Anthony Hope — *O Prisioneiro de Zenda* — Cia. Editora Nacional, São Paulo.
D. Aguilera Malta — *Don Goyo* — Editorial Cenit, S. A. — Madrid.
Guy Fowler — *O leão dos ares* — Cia. Edit. Nacional, S. Paulo.
Ramon Montero y Brown — *Cruzada de los treinta e tres* — Montevideo.
Atilio Cassinelli — *Maldonado en el siglo XVIII* — Montevideo.
Exposição apresentada ao Chefe do Governo Provisorio da Republica pelo Interventor Federal no Estado de Pernambuco — Off. Graph. da Imprensa Official.
Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi de Historia Natural e Ethnologia — Vol. IX — 1933.

Ranulpho Prata — **Lampeão** — Ariel, Editora Limitada — Rio, 1934.

Como bem accentúa o proprio autor, nas eloquentes palavras iniciaes, este livro é um protesto contra o abandono em que os máos governos deixam tantas paragens no norte do paiz, paragens brasileiras como as que mais o sejam e que evidentemente não mereciam, além do castigo periodico das seccas, o flagicio de tantos cangaceiros que as envergonham e devastam. Com uma documentação que chega a aterrorizar, pela força realista dos seus flagrantes, pelos hediondos crimes que evoca, o sr. Ranulpho Prata, grande conhecedor do septentrião do paiz, pinta, com um relevo inolvidavel, a sinistra figura de Lampeão, desenhando, com intensidade scenographica, o ambiente em que elle age, ás voltas com as populações acovardadas e cumpliciadas pelo terror. Testemunhos directos, fidedignamente recolhidos no proprio local, e muitas photographias sem sombra de truque, ahi estão a evidenciar o rasto de sangue e torpeza que Virgolino Ferreira da Silva deixa por onde quer que passe, num paiz que é tambem o das luzes rebrilhantes e das casas de prazer do Rio e São Paulo. Filiado á boa estirpe euclydeana, o sr. Ranulpho Prata escreveu desta feita um magnifico livro, que constitue por assim dizer a sua verdadeira estrêa nas letras, deixando na penumbra tudo quanto elle haja produzido anteriormente. Diziam os antigos que a indignação faz o poeta. Desta vez a indignação fez o prosador.

Mario Casasanta — **Machado de Assis e o tedio á controversia** — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1934.

O sr. Mario Casasanta tornou-se um attento especialista em materia de Machado de Assis. Nada ignora de tudo quanto se prenda á vida e á obra de seu escriptor predilecto. Já estampara um volume a proposito de Minas e os mineiros nos romances de Machado, trabalho muito bem acolhido pela critica e pelo publico. E no momento vem de publicar um segundo volume em que demonstra o horror da controversia por parte das personagens do autor do *Braz Cubas*.

O CIUME

(De ANATOLE FRANCE)

Ao verdadeiro ciumento tudo causa desconfiança; tudo é motivo de cuidados. Uma mulher já o trae unicamente porque ella vive e respira. Elle se teme dessas operações da vida interior, desses movimentos diversos da carne e do espirito, que fazem dessa mulher uma criatura distincta delle mesmo, independente, instinctiva, indecisa e, ás vezes, inexplicavel. Elle soffre porque ella floresce de si mesma, como uma bella planta, sem que nenhuma força de amor possa reter e prender tudo o que ella derrama de perfume nesse periodo agitado que é a mocidade e a vida. No intimo, elle nada lhe censura, sinão que ella existe. *E' isso que elle não pode supportar tranquillamente. Ella existe, ella vive, ella é bella, ella sonha. Que motivo de inquietação mortal! Elle quer toda essa carne; elle a quer mais e melhor que não lhe permitte a natureza, elle a quer completamente.*

A mulher não tem essa imaginação. As mais das vezes, o que nella tomamos por ciume é rivalidade. Quanto, porém, a essa tortura dos sentidos, essa obsessão de idéas odiosas, esse furor imbecil e lamentavel, essa raiva physica, ella não a conhece, ou quasi a desconhece. Seu sentimento, neste caso, é menos preciso que o nosso. Nella ha uma especie de imaginação que não é muito desenvolvida, mesmo no amor, e no amor sensual: é a imaginação plastica, o sentido exacto das figuras. Envolve-lhe as impressões uma grande vaga, e todas as suas energias volvem-se para a lucta. Ciumenta, ella combate com uma obstinação mesclada de violencia e astucia, de que o homem é incapaz. Esse mesmo aguilhão, que nos dilacera as entranhas, excita-a á luta. Esbulhada, combate pelo imperio e pelo dominio.

Destarte, o ciume, que no homem é fraqueza, na mulher é força, e impelle-a á acção. Ella tira delle menos desgosto que audacia.

Vêde a Hermione de Racine. Seu ciume não se exhala em negro fumo. Ella tem pouca imaginação: não faz dos seus tormentos um poema referto de imagens crueis. Não devaneia, e que é o ciume sem o devaneio? que é o ciume sem a obsessão, sem uma especie de monomania furiosa? Hermione não é ciumenta. Ella quer impedir um casamento; quer impedil-o a todo o custo, retomar um homem, nada mais.

E quando esse homem é morto por causa della, e por ella, ella se admira, sente-se principalmente lograda. Em seu lugar, um homem teria exclamado: "Tanto melhor! Esta mulher que eu amava, ninguem a possuirá".

Trad. de FERNANDO NERY.

Xavier de Maistre — **Uma viagem á roda do meu quarto** — Editora Record — Rio, 1934.

Xavier de Maistre foi um dos francezes que melhor conciliaram a malicia gauleza com o humorismo philosophico dos filhos da Inglaterra. Lendo-o, pensa-se nos humoristas tradicionaes da raça, mas pensa-se tambem em Sterne e Charles Lamb. Foi, de resto, uma alma purissima, em quem a analyse intellectual não suffocou jámais os pendores de bondade nativa. Menos doutrinario, menos batalhador que seu irmão José, o intransigente defensor do papado e da monarchia, Xavier figura entre os autores amenos, de metaphysica discreta, que terão sempre accesso tanto no coração dos simples como no dos homens cultos.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Abril 1933 - N. 7 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

CONSTANCIO ALVES

Esgueirou-se na morte, como na vida o fazia, sem ruido, sem apotheoses, Constancio Alves. Não o levaram para uma camara ardente de academia ou saguão de bibliotheca, como se fôra ministro sem lettras ou heroe sem talento. Ainda bem que não o passearam pela cidade, de déu em déu, como parece a moda do tempo, o morto se despedindo dos logares amados, indo ás redacções dos jornaes ouvir os ultimos discursos, como o exige o animismo fetichista que nos sobrou da Africa. Constancio teve, até o fim, o senso do "humour": sahiu, pela ultima vez, de casa, pela janella e, no cemiterio, os ultimos que lhe ficamos a dizer adeus fomos afastados por outro morto, á mesma hora, vizinho de tumba, cujos portadores nos impediram os ultimos olhares. Tivemos de nos afastar, e volver, quando se foram. Os mortos não fazem cauda; os vivos têm pressa. Nós tornamos. Ao menos, tres amigos, elle teve, até o fim...

Esse Constancio, pequeno, miudo, encolhido, gago, era uma criatura bôa, impregnada de lettras, até os recessos da alma. Por isso, sabia tudo, porque lêra e lia tudo. Tinha uma bibliotheca em casa e, como não podia bastar á sua fome e sêde de conhecimento, foi ter á outra, á grande, á Nacional, donde se fez empregado. Ahi, não pleiteava posição, não brigou accessos; só queria uma coisa: lêr. E tamanha era essa paixão, que não lhe ficava tempo senão para ir ás livrarias da cidade, a ver ainda alguma novidade e, depressa tornar á casa, para reler os bons livros, os melhores, que ahi reunira. O ideal medievo, in angelo cum libello, num cantinho com um livrinho, ninguem no nosso tempo, afanado, ninguem o realizou como elle.

Isto, por cincoenta annos. Mais. Só ás quartas feiras furtava algumas horas para o seu "dia-a-dia", no Jornal do Commercio, ferias que dava o leitor, ao prisioneiro e delicioso escriptor, que vivia nelle. Então, fazia um humourismo simples, bondoso, ameno, pelas columnas do velho orgão, de ha muito habituado a se desviar dos assumptos de politica e de religião, que lhe impuzeram, e são os unicos assumptos engraçados no Brasil.

Fóra disso, um ou outro discurso raro na Academia, dito em voz forte, sem vacillação, applaudido pela assistencia, extasiada de tanta sciencia e tanta propriedade litteraria. Na sua modestia elle parecia perguntar, como José Maria de Heredia, depois de recebido na Academia: — "Ouviu, que não gaguejei, uma só vez?" Talvez, no que escreveu, puzesse esse propósito que o consciente de Machado de Assis não pôde evitar: o estylo "picadinho", a phrase breve, curta, que impõe a gaguez. A malicia de Sylvio Roméro dissera que, tambem era gago no estylo. Da sua medicina, — porque era medico Constancio Alves, medico innocente, dizia elle, "nunca receitara, nunca matara ninguem" — tirara uma experiencia physiologica. Depois de escriptos ós seus amplos discursos, com um lapis azul marcava as pausas respiratorias e assim, accentuando, evitava os tropeços prosódicos... "ortholalia"...

Constancio não teve outra vaidade; nem a de ser lettrado, nem a de ser academico, elle, o mais lettrado dos academicos. Rodolpho Dantas o chamara ao Jornal do Brasil, onde Joaquim Nabuco, alludindo a elle, se referia a um passaro que ahi trinava, todas as manhãs. Tinham mel esses "dia-a-dia". Raramente o doce humourismo travava, das flores acerbas que o compuzeram. Constancio, leigo São Francisco, não podia fazer mal. Só maguado, replicava como zangão, em defesa de amigos ou de bôas causas, mas assim tambem fizera "o seu santo", Santo Antonio. Mas, no ferrão, havia perfume das flores e mel das colmeias, para os leitores embevecidos. Essas amizades litterarias, e outras, foram a sua constancia: Diderot, Renan, Merimée, Castro Alves, Anatole France... eram os "novos"; os velhos seriam Vergilio, Dante, Rabelais, Montaigne, Voltaire... Não lhes admittia, de critica, o menor aleive: deixou de lêr a Paulo Souday, no Temps, por ter sido desrespeitoso com Merimée. Entretanto, ninguem lia no Brasil o independente Mercure de France, como Constancio Alves.

Trouxemol-o á Academia, á força, Mario de Alencar e outros: não quizera ser dos primeiros, como Capistrano, embora puxado por Nabuco. Mas, a Academia offerecia um jeton e a escassez de recursos tornava isso appetecivel. Jean de La Fontaine tambem não foi academico por outra razão. Certo, os bichos e os livros serão mais agradaveis, que sessões de academia: o livrei-

ro Alves ironicamente nos ajuda a toleral-as, dando-nos esse achêgo, de servente de repartição. Humilde, Constancio acceitou. Acceitou para votar, entretanto, contra "expoentes" e poderosos, que erravam de porta e batiam á nossa. Constancio nunca pôde admittir que a "Academia" fosse senão "de Lettras", portanto para lettrados...

Desse numero excluia as mulheres porque nellas, nas bonitas, o sexo predomina, deliciosamente, sobre o talento. E uma dessas, lá dentro, nós brasileiros... Deus nos acuda!... podia, numa sessão, não ficar sobrevivente... E então, quando se discutiu o assumpto, o misógyno impenitente "bancou" o generoso... Deviam ser academicas, sim. Não uma. Todas. Não lhe chegavam alguns fauteuils, *na dos homens; eram precisos quarenta, numa academia feminina. Contentaram-se e nos deixaram. O humourista não tinha só essa idéa. Se ellas se reunissem, na primeira sessão, haveria varias mortes, a unhadas e grampos de chapéu...*

O melhor Constancio era esse, não escripto, ouvido. Uma delicia, que Ruy, Nabuco, Verissimo, Machado, os seus intimos, e muitos eramos, sempre souberam apreciar. Depois, os discursos litterarios, em lingua casta e harmoniosa, encantado panegyrico de santos e de poetas, estadistas e mundanos, que evocou nos seus artigos e dão varios livros, como esse, de Illuminuras e saudade, das Figuras. *O lido, nos jornaes, tinha o vicio dessa infallivel collaboração periodica: acaba por não ser lida, seja de quem fôr. Desde os telegrammas até os annuncios, passando pelas informações e noticias, os jornaes são lidos porque anonymos, não assignados... Assim quer a constancia humana.*

Constancio foi grande humourista, grande polemista, grande poeta. Disso já dei prova num livro, citando a sua peleja com o temido Carlos de Laet; o seu commovente soneto Mater, *dos mais bellos que possue a lingua portugueza. Constancio... não sei mesmo como posso falar delle... Um dos encantos de minha vida foi ser seu amigo, por trinta annos, sem um dia, uma hora, de reticencia, de inconstancia... Um amigo, assim, é uma obra prima litteraria.*

AFRANIO PEIXOTO.

SÃO VICENTE

São Vicente! Nas tuas praias hoje quietas
Outr'ora palpitaram caravellas heroicas.
Daqui partiram expedições aventureiras:
A cordilheira, alta lá longe, era mysteriosa.
Aqui, os portuguezes iniciaes, habeis e brutos,
Fizeram allianças com pagés amigos
E lutaram a peito nú contra os goytacazes.
Aqui nasceu a civilização do sul,
O' velha capitania-mater!

Agora, nas praias que os coqueiros ainda enfeitam,
Os bangalôs dos engenheiros inglezes
Dormem ao calor da tarde.
Inglezas esgalgas, de cabello de estôpa,
Espiam atravez de lunetas de ouro
O infinito mar em cujo distante horizonte
Se dilue a fumaça dos vapores da Royal Mail.

RIBEIRO COUTO.

GEORGE MOORE

Se a morte de Jean Galsworthy produziu entre nós certa impressão, o desapparecimento de George Moore quasi que não preoccupou os "bookmen" do Brasil.

Emtanto, Moore era uma personalidade rica e multipla de escriptor, talvez mais interessante pela multiplicidade que pela riqueza. Desprendido de tudo, passeando ironicamente através das escolas litterarias, foi um celta bastante parisianizado. Nunca se quiz fixar num unico genero, sendo, todavia, curioso, como a versatilidade não o amesquinhasse nunca e importasse mesmo por vezes em accrescimo de encanto para esse filho da Irlanda, de uma velha estirpe de politicos e de homens de acção.

Outro qualquer se banalizaria, se inutilizaria se passasse, como George Moore, dos versos do Flowers of Passion *aos romances e novellas á maneira de* Sister Teresa *e* Celibates, *das obras de esthetica,* Impressions and Opinions *e* Modern Paintings, *ás peças de theatro,* The Bending of the Bough *e* The Coming of Gabrielle. *Elle não. Apparentemente mudavel assim, mantinha em quanto escrevia uma tonalidade que, no fundo, era bem sua e, se os themas variavam, o estylo conservava, sob o disfarce da meia mascara, uma especie de indefinivel sorriso que o trahia logo aos olhos dos leitores menos avisados. Vivendo longamente, vivendo robustamente, e produzindo sempre, em Londres, em Paris, onde quer que estivesse, Moore, dado o seu horror á disciplina mental, desconcerta e atormenta um tanto os criticos desejosos de severas catalogações em épocas e grupos. Mesmo é difficil circumscrevel-o a um unico genero. E como attingir de prompto o essencial do seu temperamento de homem de lettras? Como fixal-o, de modo incisivo e decisivo, ante a posteridade de leitores, quando, a seu respeito, pullulam depoimentos os mais contradictorios?*

Mas o melhor é que nada disso nos preoccupe. Não pensamos em encaixal-o num dado cubiculo da historia litteraria, rotulando-o de realista ou naturalista porque soffreu o influxo dos Goncourt, de Huysmans, de Zola. Nem procuremos saber se os poemetos do Flowers of Passion *o incluem no cenaculo dos symbolistas voluptuosos ou mysticos, caçadores de subtis correspondencias entre os sons, as côres e os perfumes. Postos de parte quaesquer pruridos de classificação critica, contentemo-nos em admirar, em amar George Moore através dos seus admiraveis livros autobiographicos, saturados de um personalismo altivo e nobre, e vejamos, lendo* Ave, Salve *ou* Vale, *que nelle o homem interior valia não raro muito mais que certas parodias e irreverencias de vagas escolas litterarias.*

J. RODRIGUES VALLE — REORGANIZAÇÃO NACIONAL — Typographia Irmãos Pongetti — Rio, 1933.

Numa epoca em que estão em jogo tantas reformas sociaes e politicas, é digno de attenta leitura uma obra como esta, de um pensador realmente impressionado pela solução dos problemas nitidamente brasileiros. Já tendo estampado, em 1925, o volume *Patria vindoura*, que obteve calorosos applausos do jurista Bento de Faria e do hygienista Belisario Penna, sendo recebido com eguaes elogios pelos mais severos criticos litterarios, o sr. Rodrigues Valle offerece, com este seu segundo trabalho, contribuição de polpa ao esclarecimento de muitas theses de ordem vital para o nosso paiz, seja nos dominios das finanças, sejá no da hygiene social ou de uma politica verdadeiramente constructora.

Um novo critico litterario

Em relação á sua riqueza de romancistas e pensadores, a actual litteratura franceza é bem pobre em bons criticos litterarios. Se exceptuarmos talvez Charles Du Bos e o Ramon Fernandez dos bons dias, a massa dos outros criticos perde-se na mediania em que se agitam os Jaloux e os Thibaudet, os Auguste Bailly e os Marcel Arland. Sem duvida, de quando em quando Léon Daudet consegue alguma escapada mais feliz, mas de commum a impetuosidade excessiva do polemista asphyxia o julgamento do critico litterario.

De um modo geral, nenhum critico que inspire grande confiança. Nenhum mesmo que esteja á altura de "receber" os grandes livros que se vêm escrevendo em França regularmente, desde que se começou a dissipar a grande nuvem de vasio e de artificial que succedeu á Grande Guerra.

Já não falo de criticos capazes de enfrentar as *Duas Fontes da Moral e da Religião,* de Bergson, ou a publicação dos primeiros fasciculos do *Diccionario Philosophico,* de Maurras, ou as paginas do *Diario* de Gide que marcam a sua conversão ao communismo. O trabalho é mais para um ensaista do que para um critico litterario. Suppõe mesmo o critico-philosopho que Ramon Fernandez tanto reclama. Mas, penso apenas no critico litterario que ha um anno, por exemplo, deveria ter existido para poder receber o *Noeud de Vipères* de Mauriac e que esse anno é provavel que continue ausente do julgamento das paginas admiraveis do *Mystère Frontenac.* Penso, emfim, num critico capaz de se medir sem desvantagem com o proximo romance de Bernanos, e, baseado nos precedentes, em vão o procuro... Os criticos são muitos, sem duvida, mas debalde se procura um grande critico.

André Rousseaux — critico que surge agora com um livro de successo: *Ames et Visages du XX Siècle* — não me parece ser ainda esse critico sonhado e esperado. Não que lhe falte talento. Apenas, não inspira a confiança sufficiente.

Ainda que desigual e incompleto, o seu livro é no emtanto extremamente interessante. Se esse e aquelle estudo não ultrapassam a medida commum — e mesmo aqui e ali beiram a franca banalidade — outros ha que são verdadeiramente de um grande critico. (Penso aqui em especial no estudo sobre Valery). Suas opiniões dão sempre a impressão de originalidade — impressão que, produzida num terreno batido e rebatido como o de que tratamos, tem certamente sua bem grande importancia...

Essa originalidade é aliás o traço mais saliente do novo critico: Certos ou errados, devendo ser acceitos (como os estudos sobre Valery, Lacretelle, Dorgelès, Paul Morand, Jules Romains, Marcel Arland, Bernanos...) ou rejeitados (vejo as figuras de Jean Giono, de Mauriac — parcialmente pelo menos), os pontos de vista do autor prendem sempre pelo lado vivo e novo que apresentam.

O outro traço de grande saliencia do volume é a dureza do autor nos seus julgamentos. Ao lado do elogio facil de Jaloux que parece tudo querer acceitar, o rigor desse novo critico espanta e por vezes atordôa. Parece ter escolhido os seus modelos com o intuito (que vem aggravar seriamente o esquecimento de autores como Giraudoux e Green) de dar um panorama do desequilibrio e da desorientação litteraria geral da sua época. Pois o quadro que traça comprehende as aventuras intellectuaes — de grandes desilludidos que, deante dos seus sonhos mortos, fogem para as illusões do heroismo ou que se deixam cahir e afundar no marasmo do "humanismo medio", — de artistas que querem recorrer exclusivamente á intelligencia e que no final de suas aventuras estão irremedivelmente desolados, exilados, pervertidos, — de homens que correm para junto da natureza em quem vêem a unica fonte capaz de salval-os ou que vão buscar na revolução purificadora o remedio para o mundo desgraçado.

Tambem no detalhe do seu panorama André Rousseaux vae além do habitual em materia de rigor critico. Não se satisfaz nunca com a psychologia, digamos, "evidente" dos autores que estuda. Quer ir mais além, quer attingil-os numa psychologia mais profunda — chegando mesmo no caso de Mauriac quasi ao exame psychoanalytico.

Por detraz da religião superiormente comprehensiva de Mauriac descobre, sempre presente, o desejo prolongado do adolescente seduzido pela carne. Na união com a natureza de Jean Giono encontra, atravessada, afastando, polluindo, a biblia protestante. No cabotinismo poetico de Jean Cocteau denuncia a fuga deante do proprio vasio, deante da incapacidade de creação. Por toda a parte mostra ou a desillusão de um ideal inicial levando á posição official definitiva ou o vasio de idéas proprias impellindo ás attitudes as mais extremadas. Só Bernanos — "o homem verdadeiro" — acha graça de um modo integral deante da sua critica.

Rousseaux exaggera e nem sempre comprehende perfeitamente. Fére mais do que deve e nem sempre consegue construir sobre as ruinas que accumula. Agrada, por minutos enthusiasma, mas não inspira confiança. Sem duvida parece ser um valor — mas um valor essencialmente incerto.

Um ultimo ponto fica a elucidar. Será André Rousseaux realmente um critico litterario?

De facto, uma das impressões mais nitidas que o seu livro deixa, é a de desegualdade no modo pelo qual os diversos estudos são feitos. Aqui o critico litterario critica realmente — com ou sem razão, não importa dicutir aqui — a obra litteraria de Jean Giono. Já ali, o ensaista surge acompanhando o critico na composição da figura intellectual de Valery ou isolando na obra de Mauriac apenas os aspectos que sirvam á demonstração da these que se propoz defender. Mais adeante encontramo-nos frente a frente com o panegyrico de Bernanos, composto com justiça, mas já bem longe da critica da sua obra litteraria.

Ensaista ou critico litterario? As duas funcções não se confundem na realidade, mas André Rousseaux parece frequentemente mistural-as — dando sempre, é verdade, grande predominancia ao ensaista sobre o critico. O seu panorama da litteratura franceza é bem mais um ensaio sobre o desequilibrio litterario moderno do que uma critica de algumas "almas e faces" do nosso seculo. E é por isso, sem duvida, que terminei a leitura do livro mais convencido do que nunca de que falta ainda, na verdade, um grande critico á litteratura franceza de hoje.

OCTAVIO DE FARIA.

VIEIRA

A prosa portugueza de alto estylo como a escreveu Vieira e ninguem antes nem depois delle — note-se que me refiro ao Vieira dos *Sermões* e não ao de *Arte de Furtar*, evidentemente apocrypha — é uma dessas maravilhas excepcionaes da litteratura de uma época e póde-se mesmo dizer de todas as épocas. Com os *Lusiadas* e a descoberta do caminho das Indias constitue os tres momentos culminantes da historia de Portugal. (Não menciono a colonisação do Brasil porque francamente com o resultado que ahi está não me parece o caso de se lhe dar o parabem).

Vieira foi, com effeito, o mestre, o artista supremo, o amante incomparavel da lingua. Aquelle demonio de frade possuiu-a nas mais secretas intimidades, penetrou-a com tanto amor exclusivo até fundir-se nella por completo; fel-a sua escrava, poz-lhe a sua marca inconfundivel; de sorte que dahi por diante ella não teria um traço, uma finura, uma particularidade que não fossem delle, graça que elle não lhe tivesse posto, perfeição que não lhe tivesse accrescentado elle; não viveria e respiraria, em summa, sinão pela bocca do jesuita formidavel. E que os que succederam a Vieira tentaram hombrear com elle — sem excluir bem entendido o nosso decantado Ruy — mais pareceriam aprendizes bisonhos, e pigmeus ao lado do colosso. E' que esses, seguindo-lhe o rasto, imitaram o estylo de Vieira, ao passo que o estylo, em Vieira, é Vieira todo.

Houve quem dissesse não sem muita propriedade que a lingua portugueza é um tumulo. O que não se disse, e precisa ser dito, é que sobre esse tumulo Vieira levantou um monumento que na sua solitaria gloria faz lembrar aquella columna que os gregos de Alexandre plantaram nos confins do desconhecido, querendo significar com isso que para além não havia mais mundo. Para além não ha mais lingua. E' tratar de recrear outra.

E dizer que esse thesouro de boa linguagem asseiada e polida, aquellas pompas, aquelles rasgos, aquella sumptuosidade, aquella magnificencia de estylo digna de um auditorio de principes e de poetas, dizer que foram em parte esperdiçados a fidalgotes boçaes, beatas, mazombos e pretos minas... Mas afinal não acontece o mesmo hoje em dia e não será hoje tão verdadeiro como nunca o *margaritas ante porcos?*

ALBERTO RAMOS.

Srs. Escriptores, Livreiros e Editores:
Annunciae no
BOLETIM DE ARIEL:
é a MELHOR propaganda que podeis fazer de vossos livros.

A ESTATUA DO ALFERES

Eu sou o supremo heróe.
Choquei a revolução...
Ha mais de cem annos guardo
No meu ventre generoso
Uma turma de poetas
Que vivem o dia inteirinho
Tangendo as cordas da lyra,
Em vez de atirarem bombas
No Marquez de Barbacena
E no rei de Portugal.
Quem dorme mais é Dirceu.
No meu corpo cabe tudo:
Cabe passado e presente,
Mais do que tudo o futuro.
Senadores, deputados,
Se arrancham na minha sombra,
E outros, dentro de mim,
Si eu não tivesse soffrido
— Por iniciativa propria —
Elles nunca poderiam
Viver nesta pagodeira.
Sou como o cavallo troyano,
Aqui dentro cabe o mundo,
O Avô da farra sou eu.

(*Da* Historia do Brasil, *no prélo*).

MURILO MENDES.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

CARTA DE PERO VAZ

A terra é mui graciosa,
Tão fertil eu nunca vi.
A gente vae passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chúchú.
Quanto aos bichos, tem-nos muitos,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais.
Diamantes tem á vontade.
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçae, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Si fôr embora daqui.

(*Da* Historia do Brasil, *no prélo*).

MURILO MENDES.

LÉON KOCHNITZKY

Dentre os escriptores europeus que nos têm visitado ultimamente, poucos deixaram a impressão de vivacidade, de perspicacia, de agudeza de observação, que deixou esse brilhante collaborador de tantos prestigiosos periodicos francezes e belgas, esse periodista que mantém com tanto espirito, nas columnas das Nouvelles Littéraires, *a secção* Le Strapontin Volant, *das que mais attráem os innumeros leitores do popular hebdomadario.*

Kochnitzky, mostrando-se sinceramente desejoso de conhecer a nossa terra e o nosso povo, não se incluiu no numero dos turistas que se deixam ficar num hotel confortavel e depois escrevem diversos volumes copiosos sobre a gente e as paizagens que não viram. Correu boa parte do Brasil, visitou as nossas fazendas, viu bem as principaes metropoles e estendeu a sua viagem até o longinquo Matto Grosso. De volta, esteve comnosco e transmittiu-nos impressões de quem tudo soubera ver argutamente, sem preconceitos de qualquer especie, fornecendo-nos detalhes que muitos brasileiros ignoram e interrompendo-se de quando em quando para, da janella da nossa redacção, photographar um recanto pittoresco da bahia ou do bairro da Saude.

Agora, de Natal, o illustre chronista nos manda um trecho do livro em que fixará as suas sensações de uma estadia de sete mezes em paizes da America do Sul, notações colhidas dia a dia, sem sombra de dogmatismo, num mixto de fantasia e analyse directa, deliciosos fragmentos que têm a coordenal-os um indiscutivel traço geral: o amor de Léon Kochnitzky aos recantos desta parte do continente que lhe trouxeram tantas e tão encantadoras surpresas.

Deixamos o trecho na lingua original, não só para não perturbar o sabor do estylo tão caracteristico do querido visitante, como tambem porque não fazemos a nenhum dos nossos leitores a injuria de crer que desconheça o idioma litterario por excellencia.

Singularités de l'Amérique Australe

Plus encore que les crises économiques, d'inguérissables complexes affligent le monde: complexes de race, de patrie, de sexualité. Nul ne suppose que les états d'âme créés par le sang, la nationalité, l'instinct, vont tout à coup disparaître pour faire place à des paysages psychologiques d'âge d'or, où des cœurs vierges, puérils, habitant une sorte de Limbe sans passions, battront harmonieusement, ignorants du bien et du mal.

Les notions de race, de patrie, de sexualité, sont de la nature même de l'homme. Mais elles doivent, ces notions, dans un avenir très prochain, être dégagées des complexes qui les obscurcissent. A ce prix seulement, le monde guérira.

Il semble bien que l'Amérique latine soit la terre élue où cette *purification* puisse s'accomplir avec le plus de facilité.

Des Européens, plus nombreux tous les jours, attendent la naissance d'une civilisation tropicale, que déjà Keyserling et Waldo Frank ont prophétisée.

....

"Ayez l'obligeance de remettre votre veston" — Avec ce sourire qui couronne de gentillesse — au Brésil — jusqu'aux remarques disciplinaires, le noir qui reçoit la monnaie, dans le tramway de la Penha, m'invite à me remettre en règle au plus vite avec les convenances sociales. — Dans le chemin de fer du Noroeste, au cœur du Matto Grosso, je reçois une observation du même genre. — Sur le rivage de Copacabana, au café *Sorrento*, je provoque un véritable scandale en pénétrant sans col ni cravate, en chemise échancrée, dans cet établissement qui se veut élégant. C'est tout juste si on ne me met pas à la porte: je devrai payer — pour expier mon audace — un énorme supplément baptisé sur la note: *Lugar*.

L'attachement du Brésil aux tenues protocolaires, comme l'amour des Argentins pour les ameublements de style Louis XVI, comporte en soi quelque chose de touchant. Mais, je ne crains pas de le dire, des choses comme celles-là, retardent l'avènement de cette *ère sud-américaine* que nous attendons sur les rives du vieux monde,

Fiso guardando purchè l'alba nasca.

*

On trouve juste de se vêtir à Rio, de la façon qui convient au climat d'Edimbourg, de Zurich ou de Prague. Pourquoi? J'aime autant ne pas chercher à l'expliquer: je me retrouverais tout aussitôt sur les sables mouvants de la race, de la nation, de la sexualité. Des vêtements imaginés par des blancs, les blancs seuls "savent" les porter. Voilà qui assure, la permanence d'une "barre de couleur", invisible mais efficace. A la faveur d'un déshabillage général, les blancs auraient tout à perdre...

Or, la culture tropicale ne peut naître que d'une compréhension réciproque, d'une harmonieuse entente — sinon d'une fusion — entre les races.

Qu'on ne s'y trompe pas: je ne propose pas aux Brésiliens d'adopter ce vêtement dit *"colonial"* qui travestit de si bizarre façon certains voyageurs illustres; encore moins suis-je épris d'*exotisme*, de chapeaux mexicains, de *ponchos*, d'accessoires *gauchos* ou *cow-boy* dont le film même paraît lassé.

Mais les civilisations qui comptent dans l'histoire du monde, ont, toutes, inspiré aux hommes et aux femmes un costume particulier, qui était le plus adéquat aux nécessités des temps et des lieux.

Quand nous parlons d'une tunique ou d'une toge, d'un vêtement florentin ou d'une cape espagnole, d'un habit "à la française", ou d'une redingote, nous savons parfaitement de quoi il retourne. Athènes, Rome, Florence, Séville, Versailles ou Mayfair apparaissent en *"toile de fond"*.

Aujourd'hui encore, l'Europe Occidentale (Paris et Londres), imposent leur mode.

C'est un des grands reproches que l'on puisse adresser à la civilisation des Etats-Unis de n'avoir pas su créer de costume américain, correspondant aux exigences de la vie américaine. Le *cow-boy* participe du folklore et non de la civilisation des Etats-Unis. Pour le reste, l'imitation de l'Europe inimitable donne des résultats désastreux (comme la confection en série des *"stars"* de Hollywood, qui ressemblent très imparfaitement au pairesses d'Angleterre dont elles prétendent si souvent — dans l'art et dans la vie — jouer le rôle).

On me dit qu'à Pittsburg, un honnête homme, s'il veut rester propre, doit changer de faux-col quatre fois par jour. Est-il juste de se cramponner à cet accessoire incommode et si laid?

Le sang, la nationalité, l'instinct imposent à l'homme son allure; et non point son vêtement: l'habit ne fait pas le moine! Mettez un moine en habit, um amiral en veston, un gaucho en smoking, il ne cessera pas d'être ce qu'il est, mais son "travestissement" apparaîtra à tous les instants et sera pour lui une cause de faiblesse, créatrice de complexes et de gênes physiques.

L'être libre repousse le nudisme animal qui ne convient guère au corps humain, si frêle, si vulnérable; il renonce aux pittoresques accoutrements locaux, représentant une tradition respectable mais périmée; il refuse d'adopter les façons d'outre-mer, et surtout, de copier celles de ces façons qui sont pour lui une source d'ennuis, de malaises. Il cherche à créer son propre costume, parfaitement adéquat à sa nature, à son tempérament.

Un des signes précurseurs de l'*ère sud-américaine* qui s'ouvre pour l'humanité, sera la création d'un costume sud-américain. Parure simple, normale, dépouillée de toute excentricité, qui mettra en valeur l'élégance de l'homme et de la femme, qui leur donnera — devant Guanabara ou sur la *Costanera* — l'allure splendide et gracieuse qui fut celle des Athéniens du quatrième siècle, des Florentins du XVème.

Loin de provoquer des sanctions ou des sarcasmes, une telle création imposerait le respect au monde.

Elle posséderait une valeur universelle.

LÉON KOCHNITZKY.

A Universidade de Granada commemora o seu quarto centenario. A esse proposito, os hespanhoes cultos, justamente ufanos da duração dessa casa de sciencia, passam em revista os serviços prestados pelo instituto granadino ao resto da Iberia e lembram que, fundada por Carlos V, a gloriosa Universidade coordenou e apurou os melhores estudos latinos e arabes, de modo a tornar-se o centro de attracção de estudantes oriundos dos mais differentes climas intellectuaes.

— Os Jogos Floraes da Aquitania vêm de coroar dois padres, um conde e varias senhoritas gaulezas.

Um Juiz

Apesar de estudante de direito, eu sou, um boccado inimigo das lettras juridicas. Talvez que essa confissão me faça perder alguns clientes futuros. Mas é a verdade. Sempre embirrei com os livros dos advogados e dos juizes. Acho que se devia antes de mais nada alphabetizar os advogados do Brasil que sem saber siquer um pouco de francez discutem todo e qualquer assumpto. Afinal elles se deviam contentar de casar com as moças ricas.

No entanto eu li, e com prazer, *Sentenças e Despachos*, livro do Dr. Olympio Mendonça, juiz de Aracajú. Eu fui, ha cousa de um mez, á terra da minha gente, maravilhar-me com as historias de D. Venancia e outras velhas que sabem casos engraçados do tempo do meu avô Zé Amado.

O Dr. Olympio Mendonça vive por lá, modesto, dando as suas sentenças e, o que é admiravel, a par de todo movimento moderno da politica e das lettras. Não recebe perús gordos dos que questionam e lê tudo que de mais novo se publica por esse mundo a fóra. Isso em Aracajú, capital de Sergipe, Estado que alguem já classificou de delirio geographico.

Eu ha muito que não acreditava no typo classico do juiz honesto que não se vende, que não se curva ante os dominadores do poder, que não bajula e que sabe sorrir. Isso para mim era lenda. Coisas como Coelho Netto, o Piauhy e as minas de Salomão. Porém, agora acredito. O Dr. Olympio Mendonça é um juiz assim. Culto, amavel, teve a coragem de dar uma sentença contra os parentes mais proximos do sr. Mané Caroço, ex-senhor de Sergipe.

Isso lhe valeu ser considerado juiz indesejavel, sendo privado "por lei" de julgar questões civis e commerciaes. Eu tive que curvar a cabeça. Começo a acreditar nos juizes integros. E tambem, ante *Sentenças e Despachos*, começo a crer que ha juizes capazes de escrever um livro legivel mesmo para um máo estudante de direito como eu. De facto é um livro agradavel. Além de muito util. A honestidade com que esses despachos e essas sentenças são dadas servirá de lição a muita gente por esse Brasil.

Livro que define um homem. Que mostra claramente uma vida honesta, dedicada ao estudo e ao trabalho, sem esperar recompensa dos homens que continuam cada vez mais dedicados ao problema do estomago que ao do cerebro.

A's vezes os rapazes de Aracajú, aquelles que lêem e pretendem saber alguma coisa (em qualquer logar ha desses sacrificados) enchem o gabinete do Dr. Olympio. E elle, sem nenhum ar de mestre nem de sabichão, explica as coisas, conta os casos, empresta livros, conversa e remoça um boccado. Todo risonho, agradecendo áquelles moços, ainda não contaminados da miseria ambiente, o carinho com que o cercam, a elle, "homem de alma ingenua, sempre propensa para o bem e para o perdão", que já não tem "ambições de glorias passageiras" e só almeja "a consciencia do dever cumprido".

JORGE AMADO.

Trechos de um Prefacio

Atravez de seu instincto combativo, o Nordéste vem sentindo todas as influencias periodicas preponderantes nos imprevistos da formação nacional.

O extrangeiro foi expulso, revoltas liberaes se succederam, na energia rude de sua gente estalaram as mais sinceras rebeldias.

Região que sempre soffreu de precarias consequencias economicas aggravadas hoje com as inquietações contemporaneas — seu longo drama tem vivas côres de tragedia.

E' quasi inconcebivel que elle se desenrole isolado sem se poder conseguir a participação do resto do paiz senão quando já os acontecimentos enveredam por outros caminhos.

Dentro do panorama brasileiro seu papel tem sido muitas vezes de precursor.

O cyclo de renovação não se observa apenas no ponto de vista politico, mas tambem no ponto de vista mental.

E quanto ao contingente economico, é devéras espantoso como são creadas e aproveitadas as fontes de riqueza segundo os seus exiguos recursos e suas proprias possibilidades.

Consiste na polycultura a logica de não haver submergido ainda.

Sem racionalização nos methodos de trabalho, arrasta-se á margem do Brasil, pondo, entretanto, em seu esforço rural, uma vitalidade admiravel, que é certamente estimulada e alimentada pela permanente attitude de estoicismo que a aspera natureza exige no nordestino para o milagre de sua resistencia.

O homem subsiste.

Triumphará na sua pugnacidade.

A lucta é tremenda e seductora, decerto a mais tremenda travada ainda sob os tropicos.

Na divisão das duas unicas estações, inverno e verão, está toda a sua vitalidade, pois o homem é surprehendido ora pela fartura daquelle, ora pela crueldade deste: alternativas de venturas e derrotas em que se misturam a esperança e a confiança que o amor á gleba desperta.

Pela condição de produzir tudo em extremos de bonança ou de desgraça é que a terra exerce tamanho imperio no animo collectivo.

Dir-se-ia até que a possibilidade de soffrimento sendo tão grande quanto á da ventura, cria na gente do Nordeste um estado de espirito um tanto fatalista que não vacilla em, num verdadeiro quixotismo contra a natureza, empregar heroicamente os meios de extinguir a primeira possibilidade, afim de gozar mansamente os fructos da segunda.

O contraste violento e temporario da alegria e da dôr produz uma fascinação difficil de esquecer até mesmo quando se acha o emigrado gozando o conforto de outro meio social mais adeantado.

A saudade dos dias passados impede o abandono definitivo, fazendo com que o retorno se realize, não se sabe bem se para gloria da terra deshumana.

A natureza parece repetir a velha tragedia de Ugolino: alimenta-se do sacrificio dos proprios filhos.

ADHEMAR VIDAL.

RICHARD WAGNER

(A proposito do cincoentenario de sua morte)

Não sei bem como as novas gerações encaram o phenomeno Wagner. Certamente não como nós o sentimos, ou pelo menos como alguns d'entre nós foram por elle empolgados, dominados, subjugados. Quasi sem resistencia entregámo-nos a essa perturbadora tyrannia. Nem mesmo era possivel qualquer resistencia efficaz. Para que? se n'essa submissão não havia cegueira, não havia humilhação, encontrava-se antes uma abdicação voluntaria e consciente, que se por momentos fazia lamentar a liberdade perdida, em outros tudo compensava pelo sentimento inebriante da gratidão para com aquelle que nos satisfazia plenamente. Wagner lançava-nos a mancheias o que nossa alma perturbada desejava: os tormentos sem solução, as dôres infusas e essenciaes, essas que provêm das raizes mais profundas do sêr, que têm existencia propria e independente, que não encontram sua origem em causas exteriores e se esforçam por adquirir vida e expandir-se integralmente. A musica wagneriana dava-lhes corpo, fazia-as afflorar á consciencia, permittia que ellas agissem em toda sua grandeza, que fossem encaradas bem de frente, d'ellas tirando-se tudo que continham. E tinha acima de tudo o soberano poder de acabar por adormental-as, de tornal-as compativeis com a vida, que de outro modo acabaria por ser destruida.

A arte wagneriana, tão deturpada pelo trabalho de critica que d'ella procurou extrahir numerosos principios, talvez só tenha tido um fim: transformar em belleza o soffrimento. E para satisfazer a esse fim, ella não recuou deante de nada. Alimentaram-na todas as dôres humanas, e como se estas não bastassem, outros soffrimentos foram creados, desenvolvidos, incorporados ao patrimonio commum da Humanidade.

Para certos espiritos, essa arte tornou-se uma especie de doença. Era uma nova modalidade de toxico, cujo habito, uma vez adquirido, transformava-se em uma necessidade profunda. E entretanto, nem toda a musica wagneriana apresentava, á primeira vista, esse aspecto. Depois das grandes emoções de *Tristão e Isolda*, podia-se respirar, e por vezes mesmo sorrir, ouvindo os *Mestres Cantores*. Após as catastrophes dos *Niebelungen* era possivel entrever um mundo de alto mysticismo, de esclarecida renuncia nas harmonias incomparaveis de *Parsifal*. Mas o sorriso era desencantado e triste. A renuncia não resultava de um apaziguamento definitivo. No fundo, dormitavam sempre a ancia, a insatisfação, essa attracção morbida para a morte, para a dissolução. E tudo estava prompto para um despertar mais doloroso que os anteriores, mais empolgante porque mais consciente.

Wagner foi talvez o unico artista que poude realizar esse incrivel *tour de force*: o de levar a tão alto grão o sentimento da insatisfação, que elle se resolve por si, encontra em si mesmo sua finalidade e acaba por fartar-se. E assim, na época em que dominava a musica wagneriana, sem exaggero, poder-se-ia considerar que o mundo havia adquirido uma significação nova depois do advento d'essa arte.

E' claro, d'esse modo, que o excesso de dominio de uma tal arte acabaria por provocar uma revolução ou uma reacção. Esse predominio abafava a creação, asphyxiava os novos germens de vida. Não era possivel renunciar a fazer musica, não era possivel que os novos se conformassem com a idéa de terem attingido aos confins do mundo musical, e que nenhuma surpreza nos seria mais reservada, nenhuma outra fonte seria descoberta, nenhuma emoção desconhecida poderia dar-nos a illusão de continuar a viver. As reacções, no fundo, obedeciam a um nobre fim: o esforço para a libertação. Nem todos se conformavam toda a vida com a deliciosa escravidão a que alguns estavam resignados, em troca de alegrias discutiveis mas incomparaveis. E se esse esforço era quasi sempre desordenado, traduzia quando muito o desespero do prisioneiro, que sente o peso das cadeias; elle commovia-nos e suscitava a nossa compaixão. Para o caso Wagner só havia uma solução: esquecel-o, ignoral-o, destruil-o, fazel-o desapparecer para todo o sempre.

Foi essa a solução adoptada pelos creadores de musica. Fugir á influencia wagneriana era impossivel. Imital-o: absurdo. Querer á viva força que se não sentisse sua acção, intenção que por si se trahiria logo. Só puderam resolver a difficuldade os que esperaram dentro de si a germinação lenta de principios differentes, simples, elementares, anonymos. A timida renascença da musica, após Wagner, ainda não encontrou suas formulas definitivas de affirmação. E' fragil, é debil; sente-se ainda a todo momento exposta ao grande perigo.

O que ha de mais interessante n'esse phenomeno Wagner é que o grande musico, o homem que deixou na musica uma tão profunda impressão de sua personalidade, talvez não fosse musico. Quanto mais medito sobre Wagner, mais essa idéa, apezar de sua apparencia em extremo paradoxal, se me impõe. De facto, Wagner não era musico... Elle tinha talvez o espirito de um philosopho, sem grande cultura tradicional da philosophia. Quiz exprimir idéas subtis e profundas para as quaes a palavra não bastava. Esta appareceu-lhe como um meio de expressão pobre, insufficiente, mirrado e secco. Seus sentimentos intensos mas imprecisos, suas idéas fluidas mas obscuras não se amoldavam a uma linguagem clara e ordenada. Um dia a musica surgiu-lhe como uma possibilidade de desvendar mysterios. Talvez para alguem que procurava a communhão intima com o eterno inexprimivel, ella tenha se identificado com os restos decadentes de uma forma de expressão que se perdeu, ou com o primeiro balbuciar de uma lingua nova, em via de formação: a lingua dos deuses desapparecidos, ou a que será utilizada pelos deuses que nascerão ainda...

Como quer que seja, a musica não era a lingua materna de Ricardo Wagner. Elle teve necessidade de aprendel-a, lentamente, laboriosamente. E como tantas vezes acontece, veio a falal-a, essa lingua extranha, melhor, muito melhor do que os que a aprenderam no berço.

Wagner compoz sempre para exprimir alguma coisa. A idéa musical não lhe vinha por si, era provocada. Nunca encontrou-se n'elle essa producção expontanea, esse affluxo irreprimivel de idéas que caracterizava um Bach ou um Chopin. Fóra de suas operas, sua creação musical é nulla. Em suas operas elle traduzia musicalmente suas concepções. E, pensando bem, um *Leit-motiv*

O "Diario" de Katherine Mansfield

A litteratura introspectiva, vivida com orgulho pelos genios do passado, excita os melhores espiritos contemporaneos. E' uma litteratura documentativa, de caracter essencialmente psychologico, de alto valor para a explicação de temperamentos, épocas e individualidades. O *Diario* de Katherine Mansfield pertence a esse genero subtil, que é a revelação da propria vida interior do artista, o confessionario supremo de todos os heroismos e torturas da alma humana. As memorias, as biographias, os diarios possuem a sua contextura moral, collocam-nos, desde logo, em face de mysticos illuminados ou desenvoltos gozadores das realidades terrenas. O *Diario* de Katherine Mansfield, que os circulos litterarios europeus e norte americanos saudaram como uma das mais graciosas confidencias do espirito feminino da Inglaterra, é o livro de uma conversadora sem lyrismo. Em geral, os autores de confissões, diarios e memorias soffrem de hypertrophia do Eu, julgam-se entidades sobrenaturaes, que viveram, soffreram e pensaram cousas de summo interesse para os destinos da humanidade. Desses documentos se têm aproveitado numerosos scientistas para estudar o artista dentro do seu complexo emocional ou encerral-o no eschema frio e agudo das anormalidades ethnicas. Katherine Mansfield, que não póde ser julgada simples caso de narcisismo, melancolia ou hysterismo sentimental, conquistou integralmente as sympathias da critica latina pela situação inferior em que collocou a propria personalidade. Quando os autores dos "diarios" não se revelam repulsivos misanthropos, arrependidos das miserias que praticaram, cabotinos pittorescos ou almas extremamente vaidosas, quando o panorama moral se amplia em verdades objectivas, então devemos ouvil-os na confusão e na grandeza das suas palavras. O claro espirito critico de Saenz Hayes, focalizando a existencia angustiosa e amargurada de Katherine, salientou a sua virtude essencial: o desejo de alcançar a verdade. Uns partem á caça de prazeres, artificios e mentiras coloridas; outros, talvez mais inquietos e impetuosos, acceitam o universo como uma fórma de projecção da propria individualidade. Katherine repudiou todas as fantasias, a chamma dos prazeres dissolutos, o incenso da vaidade, o ouro que liberta e aprisiona. O encanto do seu *Diario* vem desse mysterioso amôr á Razão Pura. Salientemos o phenomeno de uma alma feminina distrahida de exaltações e delirios egoistas, agindo com uma logica imperturbavel, no tumulto da civilização numerica, que tudo dissolve, arrasta e subjuga. Katherine tem a visão perfeita dos perigos que nos cercam. Interpreta o universo como vontade e representação, e, no seu rico retiro espiritual, constróe as fórmas mais positivas e mathematicas da nossa inconstancia moral. Os escriptores do occidente crearam uma litteratura intimista, que impressiona muito mais pelo que revela de outras almas e outros climas. As confissões de Jean Jacques Rousseau e o jornal dos Goncourt dominaram o tempo pela força singular da narrativa. Através essas paginas, passam vidas romanceadas, civilizações em pleno fastigio, sonhos, planos, analyses sentimentaes, vozes alegres, triumphos, esplendores, desejos, elementos destinados a crear a alegria esthetica das gerações. Katherine Mansfield, cuja pallidez de virgem se harmonizava á pureza interior, não dissimulava a obsessão da verdade. De resto, ella redigira as paginas clamorosas do *Diario* sem o proposito de conquistar a publicidade. Deveres mais altos, imposições de consciencia, impulsos subjectivos venceram o seu amôr ao silencio e ás cousas humildes. Eis porque o *Diario* arrebatou o bravio materialismo do nosso tempo, elevando-se á categoria de uma correspondencia inspiradora das melhores attitudes humanas.

BEZERRA DE FREITAS.

AOS NOSSOS LEITORES E ASSIGNANTES

Temos o prazer de communicar que tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade, se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo os doze numeros do primeiro anno do "Boletim de Ariel", e que podem ser adquiridos ao preço de Rs. 30$000.

é um vocabulo musical ao qual se procura adaptar um correspondente na linguagem commum. Uma *Motiv Tafel* assume o aspecto de um diccionario, que permitte a traducção do pensamento wagneriano. E diga-se de passagem, como esses vocabulos têm prejudicado pelo seu exaggero, a verdadeira comprehensão da musica de Wagner!

Aliás, o proprio Wagner deixou que um dia um esboço de confissão viesse esclarecer esse ponto. Trabalhava elle no *Crepusculo dos Deuses*. Vivia na paz de Triebschen, libertado da oppressão de suas preoccupações materiaes, coberto de glorias, e amparado pela dedicação, acima dos preconceitos, de Cosima. Entretanto escreveu: "Maldita seja a musica que me dá essas afflicções e não me deixa gozar de minha felicidade... A composição dos *Niebelungen* deveria estar ha muito tempo terminada... Não é verdade, como todos vós acreditaes, que a musica seja meu elemento natural. Minha vocação era desenvolver minha cultura, viver minha felicidade."

A musica de Wagner, bem analysada, trahe, sem duvida, essa origem. Ella é, por assim dizer, construida syntheticamente. Dir-se-ia que Wagner, como um chimico, fez a analyse completa da musica, e depois fabricava por synthese o que desejava. Esses productos syntheticos chegaram por vezes, a um grão de absoluta pureza; outras vezes, elles eram de uma extrema complicação, mas sempre sua acção é segura e scientificamente prevista.

Esses pontos de vista, aqui apenas esboçados, mereceriam novos estudos. Elles fazem resurgir algumas graves questões de esthetica. Até que ponto a intelligencia agiu na arte wagneriana? E essa intelligencia era inteiramente livre, ou por sua vez encontrava-se escrava de seus sentimentos, d'esses sentimentos desordenados e febris, que transformaram sua vida em uma série infindavel de dramas?

Cerca de trinta mil volumes foram escriptos sobre Wagner. E talvez essa enorme bibliotheca ainda esteja longe de elucidar os problemas que esse homem levantou...

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

A MORTE DE BELLA

Bella morria lentamente. Já não se levantava, prostrada pela fraqueza mais extrema. As suas hemoptyses, agora, se repetiam com frequencia. E eram sempre abundantes. Vomitos tão fartos que a suffocavam muitas vezes.

Não podiam refrear um movimento compungido de tristeza, os que entravam no quarto para vel-a e percebiam apenas alguns ossos, estendidos ao longo sobre as taboas duras da enxerga. Dava a impressão de que tudo, nella, já morrera. Somente nos grandes olhos negros, que raramente ella movia, palpitavam uns restos de vida.

Vinham, e passavam, as grandes noites dolorosas. Os dias, sempre iguaes, pareciam não ter fim. E ella, no seu canto escuro e oppressivo, a arquejar e a gemer... Ultimamente, não falava quasi. Quando lhe perguntavam se queria alguma coisa, limitava a sua resposta a um meneio vagaroso da cabeça. E se a interrogavam sobre seu estado, se estava melhor ou peor, sussurrava, invariavelmente, a mesma phrase:

— Assim... assim...

Geraldo, com o seu coração fraco e emotivo, não supportava ficar muito tempo no seu quarto, assistindo-lhe o padecer resignado. Não raro, uma commoção tão forte o tomava, que se via forçado a retirar-se, numa pressa disfarçada, para não desatar em pranto junto della.

Sá Josepha, mais forte, resistia. Era ella quem attendia a todas as necessidades da enferma. Com uma paciencia, uma suavidade, que surprehendia a todos os de casa. A's vezes preparava, com maternal desvelo, um mingáu succulento, uma gemmada. A tisica, inappetente, recusava. Então a velha, ao em vez de apoquentar-se, como era de esperar de seu feitio, fazia-se toda humilde e implorava:

— Uma colherzinha só, minha filha. E' pro seu bem... Pelo amor de Deus, tome... E' sua mãe que está pedindo...

Nos ultimos tempos, sobretudo, tantos foram os seus queixumes e canseiras, que apresentava os olhos encovados e a carne se lhe fugia sob a pelle. Passava os dias numa lida insana, cuidando dos outros trabalhos da casa, mas sem se distrahir um só instante de tudo o que a filha precisava. A' noite, quasi não dormia. A cada gemido da doente, levantava-se e corria para vel-a. Concertava-lhe a coberta, mudava-lhe os trapos, ageitava-lhe melhor o travesseiro...

Albertina, dando azas ao seu temperamento folgazão, procurava arejar, com suas pilherias e risadas, o ambiente soturno em que os seus viviam agora mergulhados. Muita vez, chegara a conseguir que a propria Bella esboçasse um sorriso satisfeito.

Já Caçulinha não podia proceder da mesma sorte. Ella sempre fôra — pela pequena differença de idade que as separava; pelos estudos feitos em commum; pela perfeita identidade de seus sentimentos — muito mais ligada a Bella do que ás outras. Tudo isso, augmentado pelas naturaes tendencias do seu genio meigo e affectivo, não permittia que ella occultasse a sua angustia ante o penoso finamento da irmã, inda tão moça.

Todas as noites, após o repasto apressado, corria a sentar-se junto do pobre sêr arfante e alli ficava conversando até bem tarde. Contava-lhe pequeninos factos, coisas triviaes da vida, que a pudessem interessar e distrahir.

Certa vez, começou a contar-lhe o casamento de uma jovem. Descrevia a noiva com minucias:

— Bonita! Linda, mesmo! As faces, que nem uma romã. A grinalda, uma belleza... E o véo? Ah! o véu ia longe! Tão comprido... E como era disposta! Nunca vi uma noiva assim alegre. Rindo pra todo o mundo...

Mas suspendeu a narrativa de repente, fixando na irmã os olhos arregalados e surpresos:

— Que é isso, Bella? Você é tola!... Chorando?...

Pelo rosto escaveirado da tuberculosa as lagrimas rolavam mansamente.

Num arrebatamento que tirava o nexo ás suas phrases, Caçulinha procurava consolal-a. Lançava sobre si toda a culpa do incidente; recriminava a sua propria insensatez, indo falar na alegria dos outros, junto de uma triste doente. Um pranto nervoso assaltou-a.

— Que horror, Bella! me perdôe! Foi sem querer...

E approximou-se para afagar a irmã. Quiz beijal-a na testa. Porém Bella desviou a cabeça e fez um anteparo com o braço descarnado.

— Não, Caçulinha, não me beije... sussurrou, na sua voz debil e cansada. Isso pega... Deus que te livre de ficar assim!

A essas palavras a outra foi tomada de soluços tão violentos, que a velha accorreu lá de dentro, em sobresalto.

*

Num domingo, afinal, emquanto os outros jantavam, ella expirou. Não deu um gemido, não teve um arquejo mais forte. E parecia dormir um somno calmo, a expressão doce, os olhos e os labios entreabertos.

Assomando á porta do quarto, Sá Josepha espantou-se de vel-a tão quieta. Correu até junto della. Apalpou-a. Estava fria.

Então, a velha chamou pelo marido:

— Geraldo, vem cá. Depressa! Vem ver uma coisa...

E, quando elle se approximou:

— Espie. Parece que morreu...

*

Houve lagrimas. Mas foi uma dôr tranquilla, sem lamentações nem desesperos. Sentiam, mesmo, uma especie de allivio. Não tanto por causa delles. Mais pela que se fôra, pois descansara, afinal.

*

O enterro, na tarde do outro dia, reuniu muita gente: Creanças dos arredores, operarias das duas Fabricas. Algumas, trouxeram flores. Flores feias, colhidas nos seus quintaes.

O caixão era comprido e estreito. Muito simples. Envolto num panno azul, ralo e sem brilho.

AMANDO FONTES.

(Do romance *Os Corumbas*, a apparecer).

PALAVRAS CRUZADAS

A exemplo do que fazem muitas revistas e jornaes litterarios europeus, publicamos hoje, em outro logar deste mensario, um problema de palavras cruzadas, especializado em nomes de autores e personagens de livros, com um caracter, portanto, que não destôa da nossa publicação. Fazemol-o a simples titulo de experiencia, mas, se a nossa lembrança despertar algum interesse e nos chegarem diversas soluções, continuaremos a cultivar o genero, em feitio de concurso com premios, e dentro de bases que serão opportunamente estabelecidas.

Recúo Nostalgico (Lembrando Felippe D'Oliveira)

Os espraiados campos do Rio Grande do Sul são ferteis em lendas populares. A' sombra do umbú solitario, "insignia de hospitalidade e protecção", o gaúcho do campo dá largas á imaginação ingenua, creadora de historias e de crendices. E ao lado da vida quotidiana, trabalhosa e rude, no lidar constante com o gado chucro, vae creando um outro mundo cheio de crenças e de mysterios.

Nenhuma, porém, é mais bella do que a do *Negrinho do Pastorejo*: quem lhe accende uma véla, encontra tudo que perdeu. E não ha quem deixe de acreditar na força mysteriosa do Negrinho...

Felippe D'Oliveira, na *Lanterna Verde*, evocando a querencia longinqua,

"o tropel das patas das cavalhadas soltas;
o entrechoque dos cornos, os mugidos roucos,
    a algazarra da faina rude, nos rodeios;
o silvar das boleiadeiras, nos tiros certos;
o zunir dos laços, nos pealos de chucharra;
o tinir das chilenas arrastadas;
o tilintar das pratarias dos aperos;
o rascar dos arados e das charruas;
o rinchar das carretas transbordando a fartura das safras;
a exclamação alarmada dos quero-queros;
o grito perdido do tajan, vincando a madreperola da tarde;
o ruflar das codornas estirando vôos horizontaes;
o compasso das polkas nos fandangos;
o vozerio da peonada nos galpões, contando causos á luz das
[brazas;
e mais longo, na respiração verde dos pastos,
    o gemido das gaitas que as vozes aggravam
    com o queixume das chimarritas e dos bois-barrozo..."

termina dizendo:

"Recordação,
véla que accendo ao Negrinho do Pastorejo
e que me dá de novo o meu pago perdido."

E' esta talvez a mais intima das suas paginas. A saudade da terra em que nasceu faz viver na sua poesia, "dentro do sonho acordado", toda a belleza da vida das coxilhas ondulantes, salpicadas dos verdes capões redondos; a energia dos peões "que puxaram a ponta da patria até a ponta do pampa" e lembra que,

"á sombra da figueira brava,
ao lado da mangueira grande,
a casa velha da estancia
abre o sorriso das dez janellas."

*

Accendamos nossa véla ao Negrinho do Pastorejo, que elle tambem ha de ser bom para nós. E Felippe, que não voltará mais, terá no emtanto a certeza de que sua imagem não se diluirá ao andar do tempo e que sua intelligencia será lembrada por outras intelligencias. E como a poesia de Felippe é a sua propria alma, creadora de todo um mundo interior e reflexo vivo de paizagens e de sentimentos, nella o encontraremos sempre tal qual elle foi: homem forte e gentil.

Para a litteratura brasileira, que procura passar da phase das duvidas para a das affirmações, o silencio eterno da penna de Felippe é uma perda irreparavel. Era elle sem duvida um dos espiritos mais bem orientados, dentro da confusão mental em que vivemos. Dono de uma sensibilidade equilibrada, era um eterno adorador das cousas da vida. Via tudo com a alegria natural dos bons, mesmo quando era ferido pelo amargor das contingencias humanas, que delle fazia não um philosopho revoltado e triste, mas um professor de serenidade.

Felippe tinha o dom de commover-se deante dos pequenos mysterios da natureza e era um deslumbrado deante da capacidade creadora dos homens. Como um grego reintegrado na civilização moderna, cultivava a força physica e a gymnastica do espirito. E de tudo isso é que resulta a feição personalissima de toda a sua obra, de poesia e de prosa, publicada e inédita.

*

Quando aportou aqui em 1911, era Felippe um adolescente cuja vivacidade de espirito era dominadora. Quem delle se achegasse jámais o esqueceria. Viveu uma vida de alto teôr, só preoccupado com o bem dos outros e com o encanto de viver. Não envelheceu. E mais habil do que a propria vida, esgrimiu com os annos que passavam, sempre victorioso, um duello amavel no qual, aparando dextramente os golpes do tempo, não permittiu que deixassem elles vestigios de sua acção.

A morte colheu-o bello e forte como sempre foi.

Benjamin de Lima, com palavras de ternura, disse que Felippe morreu como de certo escolheria se lhe fosse a escolha permittida: em plena maturidade, no gozo pleno das dadivas recebidas ao nascer e a que essa tinha forçosamente de se reunir.

"Bem nascer e bem viver são graças ridiculas, se comparadas á de bem morrer".

E Ribeiro Couto, como que querendo consolar a todos, escreveu sobre a morte de Felippe estas palavras: "morreu como morrem os heróes modernos, nos dentes da machina vencida, mas vingativa. A' beira da estrada os platanos se erguiam em fileiras compridas. Veloz o carro devorava a distancia. Subito, o accidente e um craneo aberto que ensanguenta o asphalto. Meu pobre Felippe: seria indigno de ti que acabasses no conforto prudente de um rheumatismo. Tua morte foi bella. Imagino, daqui, o espanto da noite, quando a tua alma sahiu agil e desenvolta, do feixe de musculos inanimes".

*

Mas o que aconteceu, foi apenas um passo do destino. E Felippe escreveu:

"Sirvo-me do destino
como de um amigo indulgente que se deixa enganar
    pela mascara de vidro collada á face do meu segredo."

RODRIGO OCTAVIO FILHO.

Aos seus leitores e assignantes

ARIEL, EDITORA LTDA.

e

BOLETIM DE ARIEL

communicam que mudaram a sua séde para o edificio d'A NOITE, Praça Mauá, 7, 8º andar, salas 814 e 815, onde esperam continuar a merecer as suas attenções.

Tel. 3-1310 — End. Telegr. "Ariel"

"O Sertão Social"

Esse, o titulo feliz que João Lyra Filho escolheu para uma conferencia realizada no seio da União do Norte, e cuja publicação em volume agora se registra.

Sertão social? E' dubio. Presta-se a interpretações varias. E, por isso mesmo, tanto mais se lhe justifica a preferencia, quer do ponto de vista litterario, quer do ponto de vista philosophico.

E' do enorme, do formidando Brasil interior, que se pretendeu fazer, ahi, evocação, á luz da nascente sociologia nacional? Ou é de todo o Brasil que se cogita, estendendo-se-lhe, ampliando-se-lhe o juizo formado acerca dos pontos de seu territorio — quasi a totalidade... — a que tão penoso accesso vae tendo a civilização?

Duas hypotheses. E não será difficil formularem-se outras, para melhor demonstração da elasticidade, da evanescencia de uma denominação que, justamente devido a esses attributos, assanhará curiosidades e despertará sympathias, no meio do nosso publico, sabidamente apathico e frio.

João Lyra Filho não é estranho que subitamente nos appareça, na elegancia impertinente de brochura bem impressa e costurada. Já o conheciamos todos, atravez dos folhetins de critica litteraria que fez, durante certa phase, para *A Esquerda*, e dos contos publicados, contemporaneamente, sob o titulo de *Triangulo de fogo* — titulo egualmente enigmatico, mas de um enigmatico que se torna translucido, se dissipa, deixa de existir, á menor suspeita de quanto esse narrador é malicioso e, mesmo, propenso ao realismo crú.

Aliás, afflóro, assim, a — para o meu gosto — mais fascinante qualidade de João Lyra: é um desabusado, melhor ainda — si me permittem o termo, usual no Brasil a que elle e eu pertencemos, — um "desmassarandubado".

Vejam só de que modo apresentou o ensaio de psychologia collectiva, sobre o qual escrevo:

"Saibam todos que publico este trabalho pela vontade de vêl-o divulgado. Não contei com os classicos appellos dos amigos. Ninguem me aconselhou a publicação. Tive saudade do tempo em que meu nome andou nas vitrinas e nas perfidias dos amigos."

E' petulante, irritante. Mas, a despeito de tudo isso, quando não por tudo isso, exactamente, acho-o encantador.

Andamos, devemos a n d a r — quando mais não seja — fartos de convencionalismo, dissimulação, hypocrisia.

Uma juventude como essa, plethorica, exuberante, com qualquer coisa de avassallador, de explosivo, de aggressivo, constitue para nós, velhos, espectaculo empolgante, possivelmente inédito.

Sim, porque, os de minha geração, nascemos velhos. Uma timidez positivamente morbida; uma doentia falta de confiança em nós mesmos; uma velhice pathologica da alma, no genero da imaginada, para o corpo, pelo autor dos *Ensaios optimistas*, condemnavam-nos, antecipadamente, á derrota, em tôdos os generos de competição. Eramos vencidos sem luta. Capitulavamos, quasi sempre, vergonhosamente, á simples perspectiva de um embate decisivo.

Bem outro se me afigura a geração de que faz parte João Lyra Filho. E, porque a vejo totalmente liberta dos predicados a cuja conta levo meu fracasso, eu seria illogico, e até deshonesto, si lhe censurasse as attitudes que são o vivo attestado irrecusavel dessa libertação alviçareira.

João Lyra Filho tem personalidade, sobre ter grande talento. E, si assim não fôra, já esse talento pareceria muito menor, tolhido, como seria, em suas affirmações definitivas, pelo respeito ás idéas feitas, ás idéas consagradas.

Reservo-me para dizer alhures, e mais de espaço, a impressão que me deixou a sua fórma personalissima de vêr determinadas faces do nosso problema social e politico.

Meu proposito restringe-se, neste momento, a falar do autor, não do livro. "Restringe-se"... Dir-se-ia um contra-senso. Creio, porém, que não o é. As mais complexas personalidades podem ser constrangidas até o ponto de caberem numa formula. E'-lhes, mesmo, por vezes, favoravel a compressão das syntheses. A's obras, pelo contrario, são imprescindiveis, e raramente bastam, por mais que se exaggerem, os processos de analyse.

BENJAMIN LIMA.

MARIO SETTE

Os nossos leitores vão ter ensejo de deliciar-se com as primicias do novo romance, do escriptor pernambucano Mario Sette, intitulado Seu Candinho da Pharmacia. *Ao que reconhece o proprio autor, é este um livro differente dos demais que tem publicado. "Talvez acido, talvez mordente, mas com a precisa dóse de doçura para ser a vida." Escripto aos 43 annos pelo delicado novellista da* Senhora do Engenho, *pelo narrador evocativo do* Palanquim Dourado, *a ultima producção do sr. Mario Sette reflecte-lhe por assim dizer um novo estado de alma; resumindo-lhe as impressões, naturalmente mais austeras, da maturidade. Quanto ao scenario do* Seu Candinho, *é o bairro de São José, do Recife. "Scenario typico pela angostura das suas ruas primitivas e beccos sombrios, pelos costumes provincianos da sua gente, pelo colorido das suas scenas e até pelo cheiro das suas cousas". Livro naturalmente cheio de honestidade e de coração, como todos os escriptos desse finissimo prosador de Pernambuco.*

"HISTORIA DO BRASIL"

A Ariel Editora ltda. vae publicar muito breve a Historia do Brasil *em verso, do sr. Murilo Mendes. E' — acreditamos — trabalho de absoluta originalidade nas lettras brasileiras. Antes disso, o sr. Mendes Fradique já nos offerecera uma série de anachronismos pittorescos, num processo aliás prestigiado pela verve burlesca de Mark Twain. Todavia, o sr. Murilo Mendes, que é um dos mais vivos e intensos dos nossos poetas novos, fará obra de "humour" mas tambem de pensamento, extrahindo conceitos impressionantes de factos que em outros provocariam apenas a deformação da charge ou da parodia. Tratando dos varões nacionaes, desde a descoberta do Brasil aos dias que correm, o novo historiador realiza uma obra destinada a fazer sorrir mas tambem, não raro, a meditar.*

"A CAMINHO DA FÔRCA"

Esta revista já chamou a attenção de seus leitores para o romance To the Gallows I must go, *da autoria do jovem escriptor yankee T. S. Matthews, e que logrou immenso exito quando do seu recente apparecimento nos Estados Unidos. Ainda que de entrecho empolgantissimo, não se pense, a julgar pelo titulo, que estejamos deante de uma mera novella policial. Trata-se antes de mais nada, de um agudo estudo psychologico, conduzido com grande arte e extraordinaria profundeza de emoções. Breve o publico brasileiro poderá ter a certeza do que dizemos, quando fôr dada á luz a cuidada traducção que do mesmo trabalho e sob o titulo de* A caminho da fôrca, *acaba de fazer o Sr. Gastão Cruls e da qual podemos hoje inserir nas nossas paginas um ligeiro excerpto.*

ACABA DE APPARECER

A SABOTAGEM DO PLANO QUINQUENNAL

Preço: 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

CONJECTURAS

(1835 — CARRAPATO E O NARIZ DE CLEOPATRA — PASCAL E POINCARÉ)

O titulo deste aranzel parecerá, á primeira vista, de uma extravagancia sem limites, entretanto corresponde justamente ao de que vou tratar: a influencia de pequenas causas da historia.

Ha dois annos appareceu, em Porto Alegre, um livro interessante: *A Provincia de S. Pedro (Interpretação da historia do Rio Grande)* por João Pinto da Silva.

Não preciso apresentar esse autor, que ha muito deixou de ser provinciano para se tornar um nome nacional, desde que a Academia Brasileira de Lettras lhe premiou a *Historia litteraria do Rio Grande do Sul*, já em segunda edição.

Hoje Porto Alegre é dos maiores fócos litterarios do paiz, não ha semana que não nos venha um livro novo de lá. Quando não é da producção local, é pelo menos bôa traducção de livro estrangeiro em evidencia.

O sr. João Pinto da Silva inclue-se entre os autores em cujas informações honestas se pode confiar. Pois bem, esse historiador bem documentado, enthusiasta de sua terra e de sua gente, portanto insuspeito, no primeiro daquelles livros nos faz uma revelação estupenda: — foi o carrapato que fez a revolução de 1835. Naturalmente elle não a fez sózinho...

Notae bem — o carrapato!

Terrivel praga de carrapatos devastou os rebanhos riograndenses, matou milhares e milhares de rezes, empobreceu meio mundo, espalhou prejuizos e irritação por toda a parte, e preparou assim o ambiente para a explosão revolucionaria.

O sr. João Pinto da Silva não diz propriamente que foi o carrapato a causa unica daquelle movimento revolucionario, enumera outros factores locaes e exoticos, pesa a influencia dos caudilhos, discute o influxo das ideias estrangeiras, mas no meio de muito revolucionario illustre lá vem o carrapato como factor tambem.

Agora, pelo centenario, irão apparecer muitos ensaios sobre aquelle momento da historia patria. Aliás, já estão vindo a lume. Será opportunidade de tirarmos a limpo a influencia do carrapato, e assim concorreremos para a demonstração da these pascalina da influencia das pequenas causas na historia.

Vem agora naturalmente o nariz de Cleopatra.

Ninguem melhor do que o solitario de Port Royal assignalou a contingencia na vida e no evolver das sociedades.

Muitos annos depois, alguem se inspiraria no pensamento pascalino para notar: "As mais delicadas mulheres o sabem: um pouco mais, um pouco menos de carnes, varia muitos destinos!"

Esse alguem foi o louco genial que lançou aos quatro ventos o *Como falava Zaratustra*.

Do nariz de Cleopatra nos poderia ter deixado informação segura Cicero, que era assiduo frequentador da elegante villa da formosa mulher, quando ella residiu em Roma, cheia de prestigio e de encanto.

Quem sabe se a vehemente opposição do famoso orador a Cesar não tinha origem antes num recondito ciume do que no desejo de ser util á Republica?

E' natural que Cicero haja sentido a fascinação da Venus egypcia, que tinha o segredo das seducções, desde a voz melodiosa que Plutarcho louvou, dizendo de sua lingua que era um maravilhoso instrumento de musica.

Entre Cesar e Cicero, Cleopatra, com o seu instincto de mulher, não se enganou. Este era o facundo orador que dominava pelo poder da palavra. Mas aquelle dominava não só pela eloquencia das palavras como pela dos actos: juntava aos louros de orador e escriptor, os de grande general e politico.

Seria interessante apurar-se a influencia de Cleopatra nos actos politicos de Cesar.

E' certo que elle a amou. Teria pouco mais de cincoenta annos o "divino Julio" quando conheceu Cleopatra. *Il avait épuisé toute la gloire et tous les plaisirs et tiré de la vie tout qu'elle peut donner d'émotions violentes et de joies fortes* — recorda Anatole France, conhecedor eximio dessas coisas antigas.

O punhal homicida de Brutus interrompeu esse romance de amor e as tardes athenienses da villa de Cleopatra, prazo dado da aristocracia romana.

Mas, voltemos ao carrapato. Essas coisas antigas são bellas, estão, porém, muito longe de nós: não nos interessa a luz de Sirius e sim a do Sol que nos illumina.

Longe de mim a ideia de afastar, por absurda, a influencia do nariz de Cleopatra nos nossos destinos: todos os que vivemos no orbe da civilização romana não nos podemos furtar áquelle influxo.

Pascal sabia o que dizia. Philosophos modernos estão com elle. Um H. Poincaré endossaria a sua famosa asserção. Não nego a influencia do nariz de Cleopatra, quero apenas que a essa influencia remotissima se addicione a do carrapato.

A revolução de 1835 foi a maior que abalou a estructura do Imperio. Por um triz não quebrou a unidade do Brasil. Tivesse ella triumphado seriamos hoje uma colcha de pequenas republicas. Vejam lá em que obra teria collaborado o carrapato. Mas, mesmo sem ter vencido, a sua influencia foi, comtudo, grande em nossos destinos. Não é possivel esquecer o papel do carrapato, um dos factores della.

A analyse da causalidade phenomenal é por ventura o mais arduo problema philosophico. Na historia sóbe de grão pela multiplicidade dos factores.

Pergunta o insigne mathematico Poincaré se temos o direito de falar da causa de um phenomeno e responde: "Se todas as partes do universo são solidarias numa certa medida, um phenomeno qualquer não será o effeito de uma causa unica, mas a resultante de causas infinitamente numerosas; elle é, diz-se frequentemente, a consequencia do estado do universo um instante antes." (*La valeur de la Science*, p. 51).

Na complexidade phenomenal, por commodidade chama-se causa aos phenomenos anteriores.

Ora, a praga dos carrapatos appareceu antes do movimento revolucionario. Antes, mas pouco tempo. Não agiu só, sommou os seus maleficios aos da sêcca de 1832 e aos das inundações de 1833. Os proprios contemporaneos tiveram a visão nitida das perdas que iam soffrer. A *Sentinella da Liberdade*, edição de 20 de

Maio de 1834, registrou o apparecimento da calamidade: "Agora outro flagello, não menos terrivel apparece em alguns Districtos, chamado o *carrapato*, que ataca os Gados, especialmente Vaccum, até occasionar-lhe a morte: de modo que se os homens intelligentes não cogitão algum remedio para este mal, dentro de pouco se verá desapparecer a primeira riqueza do Continente, como outrora aconteceu a Lavoura do Trigo."

Por mais que sejamos prevenidos contra o materialismo historico, muitas e muitas vezes não encontramos mais adequada explicação para os factos sociaes do que o determinismo economico.

Na concepção aristotelica do saber, em que se distingue causas primarias e segundas, o carrapato seria uma causa segunda.

Gostaria de falar sobre este assumpto com Bossuet e saber delle se dentro do seu providencialismo se enquadra o carrapato como factor da historia.

Quando penso na influencia das pequenas causas na historia, fico apavorado com o effeito das grandes.

Que será do mundo, quando, amanhã, se começarem a sommar as formidaveis parcellas que são a guerra do Oriente, o bolchevismo russo, as complicações da politica européa, a actual crise americana e se duplicar ou triplicar o numero dos sem-trabalhos?

ALCIDES BEZERRA.

DE PARIS

André de Billy alcança o grande premio da Sociedade dos Homens de Lettras

Conferindo seu Grande-Premio a André de Billy, a Sociedade dos Homens de Lettras consagrou a obra de um escriptor de primeiro plano, que se impôz á estima e á admiração dos confrades pela importancia de sua bagagem litteraria, e por uma existencia inteiramente consagrada ao estudo e á diffusão da litteratura franceza.

André de Billy nasceu em Saint-Quentin dans l'Aisne. Estreou nas lettras, em 1907, com um romance, *Bénoni*. Depois, dedicou-se á critica litteraria, á chronica e á confecção de romances e contos; grande curiosidade de espirito levou-o tambem para o terreno dos ensaios, de historia e de philosophia: não ha fórma de pensamento pela qual não se interesse o joven premiado, e a respeito da qual não manifeste a extensão da sua cultura e do seu preparo classico.

André de Billy faz ha muito tempo a critica litteraria de *L'Œuvre*, com segurança de gosto e accentuada preoccupação de discernir as obras essenciaes da litteratura contemporanea, qualidades essas que dão alto valor aos seus julgamentos. Não se cinge elle á analyse dos romances recentemente apparecidos e, como critico cuidadoso e moderno, baseia suas decisões — sem nenhum dogmatismo apparente — em regras extremamente severas e delicadas que o approximam de Sainte-Beuve e Voltaire. Absoluta independencia nos juizos e aguda penetração fazem de André de Billy um critico temivel, mas tornam os seus elogios — aliás bem raros — de um valor inestimavel.

A importancia e a abundancia de suas diversas collaborações em todos os grandes periodicos francezes não o impedem de consagrar-se egualmente á litteratura de ficção. Publicou, em edição de luxo, *Banlieue sentimentale*, e, em edições accessiveis ao grande publico, *Barabour, ou l'harmonie universelle*, *La vie amoureuse de Sophie Arnould* e, recentemente, *La femme maquillée*. Todas essas obras mostram em André de Billy um psychologo extraordinariamente subtil, um pintor ás vezes cruel, mas sempre poderoso, da vida sentimental, um amador de almas que conhece e traduz toda a complexidade das paixões, e esses jógos de luz e sombra que compõem a atmosphera espiritual onde evoluem seus heróes. Temos delle ainda importante trabalho sobre a litteratura contemporanea, *Scènes de la vie littéraire de Paris*, *Paris vieux et neuf*, *Route cavalière de la solitude*, *D'homme à homme*, *Écrit en songe*, *L'Ange qui pleure*, *La Malabée*, *La muse aux besicles*, *La trentaine*, obras que representam uma visão de conjuncto, em singular barafunda, de todo movimento litterario francez, desde os tempos do symbolismo.

O grande publico lettrado conhece André de Billy sobretudo como o autor de *Diderot*, livro notavel que vale precisamente pela feliz conjugação da erudição do autor e de seu agudo senso da vida. Não se trata unicamente da vida de um homem, mas tambem da pintura de toda uma época. André de Billy estuda o grande movimento intellectual da Encyclopedia, cujo principal representante e animador foi Diderot. E' a existencia dum dos maiores jornalistas do mundo, traçada por outro jornalista, e é um retrato daquelle seculo dezenove, mais philosophico que mesmo litterario, que mereceu ser chamado "o século das luzes".

Podemos ainda citar entre as obras de André Bil-Billy: *Apollinaire vivant*, *Les écrivains de combat*, *Intimités littéraires*, etc., etc.

A Sociedade de Homens de Lettras, conferindo seu grande premio a André de Billy, prestou homenagem ao grande trabalhador, ao critico de talento que sinceramente apreciamos, por sua independencia e por seu alto valor.

MARGUERITE PICARD-LOËWY.

MATTOS PIMENTA — A EPOPÉA PAULISTA — Ariel, editora ltda. — Rio, 1933.

Este livro é dedicado "aos que morreram para honra da raça á sombra da bandeira desfraldada por S. Paulo". E para escrevel-o ninguem recusará idoneidade ao Sr. Mattos Pimenta, por isso que foi testemunha directa e não raro cooperador dos factos que põe em scena. Não que se trate de um revolucionario profissional. Ao contrario: desde a campanha de 1930 vem o Sr. Mattos Pimenta prégando os beneficios da paz e da ordem. Mas, colhido que foi pela onda vermelha do levante paulista, esse doutrinador da razão e do direito não relutou em ceder ao imperativo das circumstancias, pondo-se com intrepidez ao lado daquelles que se batiam pelo reingresso do paiz nos dominios da lei. Dahi o palpitante interesse humano do livro do Sr. Mattos Pimenta, especialmente nos trechos em que elle nos narra a sua ida para S. Paulo em companhia do General Pereira de Vasconcellos, exactamente na noite historica em que irrompeu o movimento, e tambem — cousa de todo inedita — quando nos transmitte as impressões da visita do Sr. Mauricio Cardoso no Palacio dos Campos Elyseos, a que teve ensejo de assistir.

AMIEL

(Um estudo sobre a timidez)

GREGORIO MARAÑON — Edição de Espasa-Calpe, Madrid, 1932

Muito se tem escripto sobre romantismo, individualismo e introspecção morbida. Mas foi preciso um documento intensamente doloroso como o *Diario*, de Amiel, para que se pudesse julgar da profundidade da questão. Analysar todo este material de soffrimento humano á luz dos conhecimentos modernos sobre sexualismo, é o objecto do ultimo livro de Gregorio Marañon, uma das mais formosas e pujantes individualidades do scenario scientifico contemporaneo. Muitos destes conhecimentos são devidos ao proprio mestre da Universidade de Barcelona que, aliando á sua poderosa visão clinica, a comprehensão do psychologo e a sensibilidade do artista, foi um dos primeiros a ver o mundo desconhecido que os dados sobre as glandulas endocrinas deixava entrever.

O estudo medico dos genios e dos artistas quasi nunca se livra daquella intoleravel *"odeur de clinique"*, de que nos falava Gide. E' que taes trabalhos são elaborados friamente, com a preoccupação exclusiva do caso concreto e de seu diagnostico, e quasi sempre com uma absoluta incomprehensão do artista ou de sua arte.

O volume de Marañon foge desta regra, pois é todo escripto com a sensibilidade fina do homem que apurou as suas sensações pelo que de mais alto creou o espirito humano, ao mesmo tempo que está banhado da piedade pelas tragedias humanas, que erros sommados atravez de gerações vêm produzindo.

Pela reconstituição da vida de Amiel, feita pelo autor, verifica-se desde logo que havia nelle o sello duma constituição psychopathica. E' maravilhoso acompanhar-se, no curso do livro, a marcha para certas tendencias como o autismo e a interiorisação. A' medida que os annos passam, mais o seu eschizoidismo se accentúa, e mais se evidencia a perda de contacto com as realidades concretas. Nos individuos deste typo, o phantasma sexual é obcecante. O seu *Diario* é, a este respeito, uma confissão intima das mais valiosas. O acto sexual é aquelle que mais exige para a sua realização as qualidades cycloides, e dahi os complexos de inferioridade, facilmente resultantes, traduzindo-se pela timidez tão frequente nos individuos como Amiel, fadados a uma contemplação quasi total do seu mundo intimo. Ao passo que se distanciam das realidades immediatas, mais se perdem na contemplação de suas paizagens interiores. E é curiosa essa psychologia do *Diario*, de Amiel, que Marañon nos apresenta. Insensivelmente, a sua vida se transporta para o *Diario* e este vae se nutrindo della propria e do seu proprio sangue.

E' mais do que um mundo imaginario. E' a sua propria vida real, a analyse dos seus actos, da sua mola intima, da sua incapacidade de viver num mundo para o qual se julgava não ter sido feito. O seu jornal o vae absorvendo, cada vez mais, e de tal modo o vae vencendo, á medida que o artista definha, que, quando morre, num dia melancolico, o *Diario* nasce para a vida immortal das obras de arte.

A tragedia de Amiel foi vivida em silencio. O que ella encerra, entretanto, de soffrimentos sem dia seguinte, de angustias e de melancolia, está fartamente documentado em todo o seu *Diario*.

Casos como os de Amiel são frequentes. Muitos delles vivem ao nosso lado, como o proprio Amiel viveu ao lado da sociedade genebrina, sem que possamos suspeitar da profundidade dos seus abysmos interiores. Visando-os é que se creou uma nova pedagogia, uma nova educação sexual e, por causa delles, fomos levados a uma comprehensão muito differente dos phenomenos medico-psychologicos.

Esta obra, feita com uma comprehensão tão clara dos phenomenos mais intimos da natureza humana, merece uma divulgação maior. E' o drama dos individuos que, apezar do perfeito equilibrio somatico, são obrigados, por um desvio psychico, ignorado e removivel, a viverem á margem da vida universal, da qual a nossa não é senão um pallido reflexo e na qual todos temos que nos integrar, para que a vida tenha a sua verdadeira finalidade.

ALOYSIO DE PAULA.

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

Apparecerá dentro de poucos dias:

De AGRIPPINO GRIECO

Evolução da Prosa Brasileira

Série de ensaios critico-biographicos formando um longo estudo homogeneo

**Classicismo — Romantismo
Realismo
Modernismo e Tradicionalismo**

Estão aqui todos aquelles que concorreram para o advento de uma litteratura realmente nacional, nos dominios do romance, do conto, da critica, da sociologia, da historia, da biographia, da eloquencia, do theatro, do ensaismo, do jornalismo, do pamphleto, etc., etc. Naturalmente um Alencar, um Machado de Assis, um Aluizio, um Pompeia, um Graça Aranha, um Arinos, um Martim Francisco, um Sylvio Roméro, um Capistrano, um Ruy, um Julio Maria, um Nabuco, um Euclydes, mereceram exame bem mais attento que os demais. Todavia, nem por isso foram esquecidas as figuras que, mesmo secundarias, mesmo suffocadas no primeiro impulso, trouxeram, em dado momento, a sua achega á evolução da nossa prosa. Assim como a historia das batalhas não dispensa, ao lado dos vencedores, o nome dos vencidos, tambem uma historia litteraria — pensa o autor — não deve esquecer aquelles que tiveram o seu dia de gloria, ainda que sem um brilhante "amanhã" a desdobrar-lhes o illusorio successo inicial. Não foram sequer olvidados, no presente volume, os que trabalharam em sentido contrario á boa arte da prosa, os que offerecem ao leitor o modelo dos defeitos a evitar, se algum dia o leitor se metter a escriptor. De resto, uma obra só de elogios seria fatigante, e a invocação dos plumitivos que podem ser chamados de classicos do máo gosto serve no caso, além do mais, como effeito de contraste, destinado a quebrar a monotonia dos encomios.

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

Edificio d'A NOITE — 8º andar
Salas 814-815
PRAÇA MAUÁ, 7 - RIO DE JANEIRO

O mundo do menino impossivel

A censura mais commummente feita ao Brasil é a de ter uma civilização importada, sem raizes locaes, sem nada de seu. E é verdade, temos mesmo. Mas poderia lá ser de outro modo? A terra era nova... nova para quem? para os povoadores que chegaram nos navios portuguezes e hollandezes carregando nos farneis idéas e habitos da patria de origem. Não eram emigrantes adaptaveis; eram colonizadores. A mudança de clima seria sufficiente para lhes refazer a virgindade das almas enrugadas, portadoras de um passado longo? Mesmo se o fôra, a sua influencia não se poderia sentir rapidamente. Os seculos são dias, para as raças...

Quando o paiz se constituiu politicamente, os seus habitantes eram apenas europeus transplantados. E como taes viviam e sentiam. O cruzamento com o indio e o preto, raças senão passiveis, pelo menos de lentas reacções, ainda não havia de lhes ter modificado os caracteres ancestraes.

A terra seria nova, mas o homem, esse era velho. Recebemos os legados — e os residuos — da cultura mediterranea tal qual como os francezes ou os italianos. Poderiamos lá atiral-os ao mar como uma bagagem inutil e crear uma civilização novinha em folha com a mesma facilidade com que D. João VI creou um novo imperio quando abandonou Portugal aos soldados de Napoleão? A elle, bastou-lhe um decreto da sua real mão. Mas, como já observou Carlylé, as leis e os actos dos parlamentos não têm assim tão grande importancia pois nunca poderão fazer nascer um Shakespeare. E é preciso não esquecer o axioma accaciano de que a nação é feita de homens, e para elles.

O brasileiro, de sangue e de mentalidade brasileiros, não podia ter surgido de um momento para o outro.

Por esquecer disso levámos a nos lamentar da artificialidade da nossa cultura, da sua desambientação com o meio, e a repetir que somos um povo sem infancia.

Trouxeram-nos para cá crescidos, como se transportam plantas de enxerto, e nós nos espantamos porque não seguimos o cyclo normal, porque não fomos primeiro a semente enterrada no sôlo humido e fecundo, a sugar-lhe a seiva, e depois o broto macio a se impregnar do ar nativo.

Mas a planta enxertada floresce rapida, e rapida frutifica. E as sementes foram cahindo no chão. E a terra as acolheu. As plantinhas foram medrando em forno da arvore-mãe. E os brasileiros de verdade foram nascendo dos outros, de mansinho. Um dia, o Brasil acordou brasileiro e moço. Estamos vivendo a nossa meninice.

Comparem-se os poetas da geração passada com os de agora. (O nosso cunho mais forte está na poesia, e esse é um argumento em favor da nossa mocidade). Tomemos Bilac, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa — tres nomes representativos. Não lhes quero discutir o valor; o Parnaso está muito alto, não me atrevo a subir até lá. Aliás não importa saber o que valem em si; só interessa o seu confronto com os actuaes. Não a qualidade da inspiração, mas a sua origem. Ponhamos a seu lado tres modernos: Manoel Bandeira, Jorge de Lima, Raul Bopp. Qualquer commentario seria redundante. A simples juxtaposição é eloquente. O despontar da sensibilidade de uma raça palpita aqui, livre, puro, natural.

Nós somos como o menino impossivel do poema admiravel de Jorge de Lima:

> O menino impossivel
> que destruiu
> os brinquedos perfeitos
> que os vovós lhe deram:
> o urso de Nüremberg,
> o velho barbado yugo eslavo,
> as *poupées* de Paris
> *aux cheveux crêpes*,
> o carrinho portuguez
> feito de folha de Flandres,
> a caixa de musica tcheco-slovaca,
> o polichinello italiano
> *made in England*,
> o trem de ferro de U.S.A.
> e o macaco brasileiro
> de Buenos-Aires
> *moviendo la colla y la cabeza.*
> O menino impossivel
> que destruiu até
> os novos brinquedos vindos de Moscou,
> brinca com sabugos de milho,
> caixas vasias,
> tacos de pau,
> pedrinhas brancas do rio...
> "Faz de conta que os sabugos
> são bois..."
> "Faz de conta..."
> "Faz de conta..."
> E os sabugos de milho
> mugem como bois de verdade...
> E os tacos que deveriam ser
> soldadinhos de chumbo,
> são cangaceiros de chapéos de couro...
> E as pedrinhas balem!
> Coitadinhas das ovelhas mansas
> longe das mães
> presas nos curraes de papelão!

Não sei se é bom o mundo do menino impossivel. Nem se é bonito.

Mas é o nosso.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Acaba de apparecer — MATTOS PIMENTA:

A EPOPÉA PAULISTA

Preço: 7$000 Em todas as livrarias

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Livros que recommendamos aos nossos leitores", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

T. S. MATTHEWS "A Caminho da fôrca" (Excerpto)

Houve uma noite de que nunca me esquecerei. Tinhamos voltado de um *cabaret* bastante tarde, muito depois da meia-noite, e eu havia bebido em excesso. Não sei como conseguimos chegar até o quarto, mas desde que fechei a porta, recordo-me nitidamente como tudo começou a rodar, e vendo Grace despir-se, tive a sensação de que era outra mulher que estava deante de mim. Essa impressão não durou mais que um instante. Logo depois, sentia-me a um só tempo lucido e inteiramente embriagado. Não sei como me explicar, mas era isso mesmo que eu sentia.

Grace tambem bebera bastante, mas não demonstrava. Notei-lhe, porém, certo ar estranho. Já disse que não me recordo bem de tudo. Sei, entretanto, que, ao chegar, insisti para que nos deitassemos. Ella não queria, mas acabou cedendo.

Uma vez deitados, embora eu estivesse cansadissimo, Grace ainda quiz beber e tive de levantar-me para preparar dois copos. Depois que esvasiei o meu, perdi completamente o somno e lembro-me claramente de tudo o que aconteceu.

Fui ao banheiro e, ao voltar, dei com Grace estendida na cama, inteiramente núa. Com a cabeça apoiada num braço, e o outro cahido para fóra do leito, mantinha os olhos muito abertos e fixava o tecto com um olhar vago e distante. Essa imagem nunca mais me abandonou. Impressionou-me tanto a sua belleza, que cheguei a não desejal-a. Minha unica vontade, era ficar simplesmente ali, a contemplal-a longamente. Essa impressão eu já tivera uma vez, ao conhecel-a. Postei-me ao pé da cama, com os dois copos na mão e fiquei a olhal-a.

Ao cabo de alguns instantes, voltou-se para mim e sorriu. O encantamento desapparecera e fiquei desesperado. Sentou-se, então, á beira da cama, para beber, e eu sentei-me numa poltrona, bem em frente della. Foi por ahi que me disse:

— Estava pensando em meu marido.

Nada me desagradava tanto, e protestei:

— Pensando nelle, por que?

Grace replicou:

— Ora, por que... Você sabe muito bem que não podemos continuar a viver assim. Não temos tomado nenhum cuidado e, mais cedo ou mais tarde, tudo se virá a saber.

— E que é que você quer que eu faça?

Não respondeu. Insisti com outra phrase:

— Você não quer se divorciar...

— Se vamos p'ra esse terreno, por que é que você não se divorcia tambem?

Ponderei-lhe que a minha situação era muito differente e que, além disso, não tinha verdadeiras razões para pedir o divorcio. No meu caso, só Agnes poderia requerel-o.

Ella concordou:

— Isso é verdade.

Já tinhamos tido dessas discussões, muitas vezes. Comtudo, buscava sempre evital-as, pois nunca chegavamos a um accôrdo e não me agradava nada tocar nesse assumpto. Por isso, quando Grace insistia, eu procurava novos motivos para que ella deixasse o marido, mas encontrava sempre a mesma resistencia: ella não queria ouvir falar nessa solução.

Dessa ultima vez, fôra ainda a mesma cousa, e eu já esgottara os meus argumentos. Decidi ir procurar um de meus amigos, que era advogado, e perguntar-lhe se Grace tinha probabilidades de obter uma separação de corpo, ficando com a filha em seu poder. Eu nunca lhe vira a menina e, ás vezes, chegava até a esquecer-me da sua existencia, pois evitava pensar nesse assumpto, tanto me repugnava a idéa de que Grace tinha um filho de Foster Haxall.

Depois de um longo silencio, ella observou:

— Ora, não pensemos mais nisto!

Esvasiou o copo e estendeu-me os braços.

Um minuto depois, segredou-me:

— Você gosta mesmo de mim, Todd?

Pensei commigo mesmo: "Se tudo fosse sempre assim!"

Quiz dizer isto em voz alta e devo ter balbuciado algumas palavras, porque Grace murmurou:

— Isso é impossivel, a não ser que...

Qualquer cousa na sua voz me fez levantar a cabeça e olhar para ella. Seus olhos tinham retomado a tal expressão longinqua, com um olhar frio, que parecia não me reconhecer. No mesmo instante, dei-lhe um socco no rosto e saltei da cama como se tivesse sido picado por uma cobra.

Ella tinha dito num sussurro:

— A não ser que nos desembaracemos delle de uma vez por todas.

Não era de meu intuito castigal-a. Não comprehendi mesmo como tinha procedido assim. Era como se um outro houvesse agido em meu logar. Fiquei apavorado. Mas sabia que não estava enganado. Era como se tivesse despertado de subito, mas em vez de acordar naturalmente, me visse mergulhado num tenebroso pesadêlo. Todavia, não me espantava muito de ouvil-a murmurar aquellas palavras. Tinha a impressão de já tel-as ouvido, ou de havel-as previsto ha muito tempo. Foi, talvez, esse o motivo da minha reacção tão brutal. Cahi numa cadeira e cobri o rosto com as mãos. Tinha vergonha de olhar para ella.

Por mais que quizesse, não podia acreditar que tudo aquillo tivesse acontecido. E, portanto, tudo acontecera. Tinha batido em Grace! Isso me parecia mais horrivel do que tudo. Tinha-lhe dado um socco em pleno rosto. Eu, que nunca levantára a mão para uma mulher, tinha justamente batido em Grace, a creatura da minha paixão, que ali estava, estendida no leito, a soluçar, porque fôra aggredida por mim. Não! Eu não devia ter comprehendido bem. Era impossivel que eu a amasse tanto, se tivesse ouvido no seu sussurro o que pensava ter ouvido. Mas fossem quaes fossem as suas palavras, eu a amava da mesma maneira. Foi, então que perdi a ultima parcella de vergonha.

Ainda desvairado, ajoelhei-me á beira da cama e escondi o rosto com o braço. Grace estava deitada de lado, com a cabeça enterrada no travesseiro, chorando baixinho. Estava de costas para mim e todo o seu corpo tremia, agitado pelos soluços.

Estendi a mão e toquei-lhe no hombro. Não se mexeu, mas tambem não me repelliu.

Traducção de Gastão Cruls.

Bergson, Durkheim e o problema moral

O problema das relações entre a acção e o conhecimento, dos principios geraes da conducta é dos que, de longa data, mais têm empolgado o pensamento philosophico. Sua solução tem sido tentada por philosophos de todas as tendencias, resultando dahi construcções mais ou menos fantasiosas, que, em lugar de elucidarem e simplificarem, antes obscurecem e complicam os dados da questão. E' que ao lado do verdadeiro e real objecto de cogitação philosophica, que é a vida moral, a moral vivida, outras "moraes" são prégadas como se existissem e pudessem substituir-se á realidade do Facto Moral. D'ahi o alludir-se, não raro, á moral de Socrates, á moral de Kant, á moral de Spencer, etc., doutrinas que negam já um, já outro dos caracteres especificos da moral. Ao invés de indagar como concebem a moral taes ou taes philosophos, o problema está, antes, em conhecer a moral vivida pelas collectividades sociaes; e se as construcções philosophicas merecem ser apreciadas é já, não tanto como explicações, como subsidios para a solução do problema, senão como indices do estado moral do grupo, da consciencia moral da sociedade em certos estadios de sua evolução. Como indices das épocas em que viveram seus autores é que são interessantes os systemas, por exemplo, de um Epicuro, de um Spinosa, de um Shaftesbury, de um Hutcheson, de um Hume, de um Rousseau, de um Adam Smith, de um Bentham.

O estudo da realidade moral jamais os philosophos o emprehenderam *a posteriori* e objectivamente, o que fez se impuzesse a necessidade methodologica de abordar o problema começando por uma definição provisoria dessa realidade. Tal definição nol-a deu esse gigante do pensamento, que se chamou Emilio Durkheim.

E' conhecido o debate que em torno do assumpto se travou, em 1906, na Sociedade Franceza de Philosophia e em que se empenharam Durkheim, Parodi, Darlu, Jacob, Brunschwig, Malapert, Weber, Rauh, etc. Nessa discussão ainda mais se accentuou a posição de Durkheim como inaugurador do estudo scientifico dos factos moraes. Certos detalhes, ainda hoje controversos, da doutrina durkheimiana são problemas a resolver, como os têm, aliás, as sciencias já constituidas, as naturaes inclusive. Elles não infirmam a these de que a moral é objecto de sciencia, these acceita pela generalidade dos moralistas contemporaneos, é claro, os Simons Deploiges; *et pour cause*...

Para Durkheim, a realidade moral se nos apresenta sob dois aspectos nitidamente distinctos: o aspecto objectivo e o aspecto subjectivo. Sob o primeiro aspecto, a moral se nos depara como commum a todos os individuos de uma collectividade em determinado momento de sua historia. O segundo aspecto é o modo como cada consciencia individual, sob a influencia do meio, da educação, da hereditariedade, comprehende e exprime a moral commum. A primeira condição para estudar theoricamente a realidade moral é determinar as caracteristicas dos factos moraes. Se é verdade que a moral é um conjuncto de regras de conducta, não o é menos que nem todas as regras de conducta são moraes e cumpre, pois, distinguir as caracteristicas differenciaes de taes regras. Ora, o caracter especifico da regra moral é a sancção, isto é, uma consequencia que resulta, não do conteudo do acto, mas de ser ou não o acto conforme a uma regra preestabelecida. Está ahi o caracter obrigatorio da regra moral, está ahi a noção de dever e de obrigação. Mas praticarmos um acto que nos deixe indifferentes é cousa psychologicamente impossivel. Cumpre assim que o acto moral seja desejado e desejavel. Essa desejabilidade é, ao lado do caracter obrigatorio, outro caracter do acto moral. Ella é, porém, toda especial, penetrada de obrigação. Nossa aspiração ao acto imposto pela regra não dispensa certo esforço, certa tensão, certo dominio de nós mesmos, certa coacção. Ha, em summa, endemonismo na obrigação, no dever, como ha certa obrigação na noção do bem. "Ha certos actos — diz Durkheim — que são praticados quasi exclusivamente por enthusiasmo, actos de heroismo moral, em que o papel da obrigação é minimo, em que a noção do bem predomina; outros, em que a idéa do dever encontra na sensibilidade um minimo de apoio. A relação desses dois elementos varia segundo os tempos. Mas não ha nenhuma razão objectiva para admittir entre elles uma ordem de prioridade, ainda mesmo logica, uma vez que sempre os encontramos coexistentes em todas as épocas da historia dos povos. Mas ainda mesmo do ponto de vista theorico e dialectico, não é evidente que, se tivessemos deveres sómente porque o dever é desejavel, a noção mesma de dever desappareceria?"

Mas donde vem o caracter obrigatorio da regra moral? Que é que nos obriga? Porque o sentimos, por outro lado, como um bem?

Todos os nossos deveres dirigem-se a consciencias, a seres pensantes. Mas nunca a consciencia considerou moral um acto que visasse á conservação ou ao aperfeiçoamento de quem o pratica. E se, por si mesmo, o agente nada tem que possa conferir caracter moral aos actos que a elle visam, não se vê como nem porque caberia esse privilegio a outro ou outros individuos, visto que entre elles existe apenas differença de grão e não de natureza, como é a differença que separa, de um comportamento amoral, um comportamento moral. E' certo que a moral só começa onde começa o desinteresse, a dedicação. Mas o desinteresse só tem sentido se o sujeito ao qual nos subordinamos tem um valor mais alto que nós, individuos. Ora, no mundo da experiencia, só um sujeito possue uma realidade moral mais rica, mais complexa que a nossa: é a collectividade. A moral começa, pois, onde começa a vida em grupo, porque só ahi a dedicação e o desinteresse assumem um sentido. A sociedade é, assim, o fim eminente de toda actividade moral. E' ella que empresta ás regras moraes essa autoridade que as torna obrigatorias perante as consciencias, pois ninguem jamais encontrou uma só regra moral que não fosse producto de factores sociaes determinados. E ao mesmo tempo que os dois caracteres do facto moral se tornam destarte intelligiveis, vemos tambem o que lhes constitue a unidade: elles não são mais que dois aspectos de uma só e mesma realidade, que é a realidade collectiva. A sociedade nos commanda, porque nos é exterior e superior. Mas como, por outro lado, ella nos é interior, está em nós, identificada comnosco, por isso a amamos e a desejamos. E' isso o que nos faz comprehender o caracter sagrado de que sempre se revestiram as cousas moraes e que lhes dá um valor incommensuravel com os valores humanos.

De outra fonte não vem, por exemplo, o caracter sagrado que hoje se attribue á pessoa humana. Foi a sociedade que a consagrou. Essa especie de aureola de santidade, que envolve o homem e o protege contra as usurpações sacrilegas, não é senão a maneira como hoje a sociedade o representa. Assim, longe de haver entre o individuo e a sociedade o proclamado antagonismo, a realidade é que o individualismo moral é obra da sociedade. Foi ella que o instituiu. Foi ella que fez do Homem um Deus, de que se tornou serva.

Despida de mil pormenores, de mil argumentos, de todas as illustrações, de tódas as questões secundarias, que a angustia de espaço não comportaria, reduzida, assim, á nudez esqueletica de suas linhas geraes, eis, ahi, a lição de Durkheim sobre o problema moral. Depois disso, era de esperar que as figuras mais representativas da philosophia contemporanea que viessem a versar o magno assumpto o fizessem, ou — enriquecendo com luzes novas a doutrina do chefe da escola sociologica positiva, ou — oppondo ás suas originaes e solidas razões, razões mais solidas e originaes. Porque a originalidade é companheira da genialidade. Era, pois, de esperar que o fizesse o grande Henri Bergson em seu ultimo livro, *Les deux sources de la morale et de la religion*.

A obra philosophica de Bergson estava, como até aqui se dizia e repetia, incompleta. O problema moral não fôra ainda tratado. A moral bergsoniana estava sendo, portanto, ansiosamente esperada por quantos em obras anteriores lhe haviam assistido, maravilhados, á renovação da metaphysica pela experiencia interior e pela intuição psychologica. Ora, o ultimo livro de Bergson é, a nosso ver, um *ridiculus mus*. E' em vão que ahi procuramos o Bergson dos *Dados immediatos da consciencia*, de *Materia e memoria*, da *Evolução creadora*. Quasi todas as considerações sobre a ordem social e a ordem natural, o individuo na sociedade, a sociedade no individuo, a obediencia espontanea, a resistencia á resistencia, a sociedade fechada, a força propulsora da emoção, etc., as quaes, dada a preeminencia do autor, o leitor inexperto poderia tomar por originaes, já foram feitas noutros termos, com mais precisão e melhores razões, pela escola sociologica positivá e, especialmente, por Durkheim.

Bergson distingue duas especies de moral, uma social e outra humana, estultima encarnando-se numa personalidade privilegiada que se faz exemplo e generalizando-se por imitação. Pergunta então, para illustrar essa distincção entre as duas moraes, porque é que os santos têm imitadores, porque é que os homens de grande virtude arrastam multidões atrás de si, e, depois de longa e aliás encantadora excursão pelos meandros da alma humana, responde, elle mesmo, que a causa principal do phenomeno está na emoção intensa com que aspiramos a copiar o modelo. Ora, nós já vimos que essa emoção ou aspiração emotiva é aspecto e não causa da moral, moral que é hoje, como tambem já vimos, a um tempo social e humana e, portanto uma só. A conclusão sociologica de que a Humanidade é filha da Cidade, não a destróe a pseudo-differença de natureza que Bergson gratuitamente lhe oppõe. Da Cidade á Humanidade, do Cidadão ao Homem, a transição se faz pela especialização das funcções, como pela dilatação dos circulos sociaes e, se a pessoa humana se tornou eminentemente respeitavel, foi a sociedade que lhe conferiu esse valor moral.

A regra moral define-se pelo que existe nella de emotivo, de imperativo e de sagrado. Ora, assim como Kant não viu o primeiro desses caracteres quando estabeleceu uma heterogeneidade radical entre a razão e o sentimento, assim como Spencer negou o segundo quando considerou utilitariamente a sancção como uma consequencia mecanica do acto, assim Bergson igualmente despreza o terceiro caracteristico da moral, quando a approxima do habito, senão do instincto, desse mesmo habito cuja psychologia tanto lhe deve, mas cuja importancia é minima, senão nulla na explicação dos phenomenos ethicos.

Poderiamos proseguir, demonstrando como é insufficiente a explicação que Bergson nos dá da obrigação moral, expondo a carencia de originalidade, de vigor, de profundeza, de precisão da philosophia moral bergsoniana. Mas já estamos a ouvir do leitor o verso de Voltaire: *"Et l'ami Pompignan pense être quelque chose!"* Tudo o que dissemos é realmente bobagem e petulancia. Não é de Bergson que se trata? e então? *Ex ore Bergsonii veritas...*

V. de Miranda Reis.

MARCELLE VIOUX

Essa notavel escriptora manda-nos de Paris os seus dois volumes *Le Requin* e *Deux cœurs brisés*. São ambos magnificos. Especialmente o primeiro é livro intenso que arrásta o leitor, num interesse sem declinio, através de 244 paginas frementes de vida. Acerba monographia do dinheiro e dolorosa monographia do amor. A victoria na caça ao franco e a humilhantissima derrota nos reductos da felicidade domestica.

Bello romance — accentue-se — mas não o primeiro trabalho de realização perfeita na obra numerosa e empolgante de Marcelle Vioux Já antes disso nos dera ella *Une Enlisée*, historia de Cécile Rambaud, a mulher "abandonada pelo homem que a seduziu e que não encontra recursos senão na galanteria". Differindo das "miss" ou das "mistress" inglezas que, nas suas novellas edificantes, são incapazes de applicar um vocabulo de caracter realista e teriam uma crise de nervos se fossem obrigadas a despir uma das suas heroinas deante do publico, a brillhante narradora franceza não tem medo de nesse e em outros volumes seus, falar-nos dos ambientes suspeitos de Paris, mostrando que as saias não a assexuaram para uma destemerosa investida contra certos ridiculos e ignominias da sociedade de hoje.

Une Repentie, da mesma autora, é "obra de pintor e de poeta, no sentido de reconstituir o drama sublime do arrependimento e da fé". Bello romance e bello poema fundidos numa prosa synthetica á moderna. *L'Ephémère* trata do sacrificio de uma pobre camponia arrancada ao seu pittoresco recanto e atirada ao borborinho mercenario de uma fabrica em que os vicios espreitam as pobres operarias fascinadas pelas perspectivas de luxo e prazer. A figura central de *Les Amants tourmentés* é a de um grande litterato que vê a sua personalidade diluir-se numa deploravel aventura de amor.

Marie-du-Peuple evoca os meios anarchistas e communistas. A frescura e a ternura dos antigos idyllios renasce em *Fleur d'Amour*. *Ma Route* é o romance de uma cigana avessa a deter-se entre as quatro paredes do um lar civilisado e sempre sequiosa de correr pelas estradas livres do mundo, pelas estradas em que têm circulado, através dos seculos, os cavallos e as carretas dos mysteriosos "romanichels". Finalmente, *Le Désert victorieux* descreve os costumes e as paixões do Sahara, falando dos meharistas e dos bellos rapazes e raparigas selvagens que, cheios do fatalismo racial, se confinam, alheios a tudo, no eterno brazeiro das areias avermelhadas...

ECHOS

Já tivemos occasião de nos referir aqui, ainda que de passagem, ao ultimo premio Goncourt, o romance *Les Loups*, de Guy Mazeline. Obra exhaustiva, cheia de descripções minudentes e dialogos prolixos que se arrastam por mais de seiscentas paginas, não sabemos o que levou o cenaculo dos dez a preferir esse trabalho entre tantos outros, certamente melhores, que foram a seu julgamento. Ainda se entre os componentes daquella academia houvesse qualquer patricio nosso, comprehender-se-ia, talvez, essa escolha, sabendo-se que o escriptor francez, no curso da sua longa narrativa, faz, por duas vezes, referencias ao café brasileiro, e que nada é para desprezar numa época em que o nosso "ouro negro" anda em tão grande desvalorização.

*

Outro livro que foi tambem distinguido recentemente com um premio, *La Maisons des Bories*, da Sra. Simonne Ratel, deveria merecer a attenção do nosso publico feminino, pela ternura com que a autora sabe descrever o amor materno e o mundo de sonho e phantasia em que vivem as creanças. Infelizmente, o fio conductor da novella é algo forçado e melodramatico, em contraste chocante com a atmosphera de poesia que se desprende das suas paginas.

*

Telegrammas de Paris falam num concurso internacional, com cincoenta mil francos de premio, para o melhor romance de combate ao bolchevismo. Não ha duvida que o credo de Moscou vae colhendo os seus fructos e se põe deante do mundo como o melhor espantalho á pobre burguezia. Ainda se a estapafurdia idéa desse concurso tivesse nascido numa academia muito do nosso conhecimento, nada era de admirar, mas vindo de Paris e, tendo, além do mais, o apoio de Chesterton...

*

Representa-se actualmente em Paris uma comedia de Alfred Savoir, *La voie lactée*, que tem dado motivo a muita celeuma e discussão. E' que o brilhante theatrologo francez parece ter aproveitado na sua peça um caso muito semelhante ao de Sacha Guitry, que recentemente se viu abandonado pela sua adoravel companheira de tantos annos e principal interprete das suas deliciosas comedias. Aliás, dir-se-ia que anda em voga essa transposição de vultos e factos da vida real ao ambiente das gambiarras e é tambem de agora o processo que a Edouard Bourdet quiz mover o gerente do Restaurante Ritz, por se julgar caricaturado numa das ultimas peças do victorioso autor da *Prisionnière*.

*

Sempre se pensou que Eleonora, a celebre heroina de Benjamin Constant, no *Adolphe*, fosse em grande parte o retrato de Madame de Stael, que teve relações muito intimas com o politico e escriptor francez. Agora, por uma serie de cartas reveladas pela *Revue des Deux Mondes* sabe-se que aquella personagem teve um outro modelo na pessôa de uma tal Anna Lindsay, creatura de origem humilde, mas que pelos seus dotes de belleza e intelligencia cedo se viu trazida ao convivio da melhor sociedade parisiense, onde conheceu Benjamin Constant e acabou tambem por inflammar-lhe o coração.

*

Outra *trouvaille* dos ultimos tempos está ligada ás artes plasticas. Não ha quem indo a Paris com a preoccupação das bellas cousas, deixe de parar, ao menos por alguns instantes, junto á fachada da Opera, para vêr o admiravel grupo da *Dansa*, esculpido por Carpeaux, e onde um bello adolescente, de riso claro e movimentos lestos, freme um pandeiro, cercado por graciosas bacchantes. Pois bem, para representar exultante figura de Apollo ou Dionyso, — rosto de mulher num agil corpo masculino — o esculptor francez aproveitou-se da estranha formosura de Helena de Racowitza, de sangue dinamarquez, mas princeza rumena pelo casamento, e que lhe foi levada ao atelier pelo Marquez de Pienne. Tudo isso vem claramente provado num livro apparecido ha pouco, *Le sourire de la danse*, da autoria da Sra. Fauchier Delavigne.

*

Em numeros successivos das *Nouvelles Litteraires* o Sr. Raymond Cogniat vem fazendo um inquerito junto aos pintores de mais voga entre a actualidade franceza para lhes conhecer o inicio da carreira. Como já se póde deduzir dos primeiros depoimentos, haja vista o que disseram Kisling e André Lhote, para quasi todos foram muito asperos os primeiros tempos. Comtudo, nunca os abandonou nesses dias mais amargos, de pão escasso e bolsos murchos, a esperança da recompensa possivel, o estimulo da gloria proxima. E ao artista nacional, que é que o amparará nesses transes por que tambem passa?

*

Continúa a despertar grande interesse o ultimo romance de Aldous Huxley: *No melhor dos mundos*. Desta vez o consagrado autor de *Contraponto*, seguindo o rastro de Wells e outros, reporta-se ao que será a vida daqui a alguns mil annos, no caso em que prevaleça a actual civilização da machina e das ultimas acquisições scientificas, o que não nos parece muito provavel.

*

Data de pouco a inauguração, em Paris, de um *cabaret*, já agora famoso, intitulado *Les Nudistes*, e em cujas paredes, á guiza de decoração, surgem em grandes desenhos, mas taes como vieram ao mundo, as figuras mais em evidencia nos meios politicos, sociaes e artisticos de França. O caso fez sensação, sobretudo porque Gaby Morlay, a encantadora comediante que ainda não ha muito nos visitou, não esteve de accôrdo com a innovação e exigiu que o seu retrato tão á frescata fosse dali retirado. Diz um chronista maldoso que o gesto da *estrella* foi mais ditado pelo medo do que mesmo pela pudicicia, uma vez que ao seu lado, no tal friso paradisiaco, estava certo actor francez que é tambem um vigoroso athleta. Se tanto se escandalizou Gaby Morlay com aquella brincadeira, commenta-se que muitas outras pessôas, que se reputam celebres, tiveram grande decepção por não se verem aproveitadas em tão famosa galeria. A essas, mas já se vê que a cada uma isoladamente, explicou o gerente da *boite de nuit* que todas haviam sido contempladas. Apenas, como elle soubesse da sua visita e recensse novos protestos, mandara velar-lhes a figura. E dizendo isso, apontava a grande folha em branco que occultava o nudismo de Gaby Morlay.

G. C.

Hotel Castello

Rua Mexico, 146

Ao lado da Avenida Central

Endereço Telegr.: HOTELCAS

Rio de Janeiro

RESTAURANT DE 1ª ORDEM

Telephones 2-9970 — 2-9978 / 2-9977 — 2-9979

Edificio novo. Vista magnifica.

Todos os quartos com telephone e banheiro particular

JEAN DURIAU

O illustre critico francez Jean Duriau é dos que servem com mais efficiencia o espirito brasileiro em terras européas.

Tendo vivido longamente no Rio, em São Paulo, em Santos, esse distincto intellectual se tomou de verdadeira paixão litteraria por nós outros, isto com o maior desinteresse, sem nenhuma ajuda ou influxo official, e nunca mais conseguiu esquecer-nos, embora os nossos autores nem sempre se recordem de mandar-lhe os volumes que publicam. Installado agora em Versalhes (11, R. des Missionnaires), não olvida elle, mesmo entre os bellos palacios e as bellas estatuas dessa região impregnada de historia e de galanteria, as almas e as paizagens que tanto tempo o detiveram por aqui. Amigo de Afranio Peixoto e Ribeiro Couto, correspondente de Monteiro Lobato e Gastão Cruls, jámais se desprendeu o sr. Duriau do contacto espiritual comnosco. E' elle — e se orgulha de o ser — um dos campeões da litteratura brasileira em paragens que tão mal a conhecem. Publicou innumeras traducções de autores nossos e entre ellas uma formosissima, do Vicentinho, *da sra. Maria Eugenia Celso, além de estampar dezenas de artigos de critica sobre homens e cousas do Brasil. Ainda não ha muito — ao que já tivemos ensejo de accentuar — sahiu na* Revue de l'Amérique Latine *um admiravel ensaio de sua lavra, reproduzido parcialmente na publicação* Le Mois, *a proposito das lettras brasileiras. E' este um trabalho completo, reflectindo um grande amor á nossa terra e á nossa gente e penetrado de um lucido senso de julgamento que as paixões pró ou contra não conseguiram de modo algum turvar. Examina-se ahi a evolução da nossa cultura, a marcha do espirito nacional desde os dias de infancia aos de plena maturidade, e não se encontra, no bello ensaio, nenhuma das deturpações de nomes de autores ou de titulos de livros que em geral afeiam as producções desse genero em terras gaulezas...*

Caricaturistas

Em 1883, exactamente ha cincoenta annos, André Gill publicava uma collectanea de esboços em prosa, *Vinte annos de Paris*, com prefacio de Alphonse Daudet.

Foi André Gill quem representou Ricardo Wagner dirigindo um grupo de virtuoses de kraal africano, que se empenhava num tan-tan truculento, percutindo caçarolas e outros ferros velhos, para tormento da membrana auditiva do cacique de uma tribu adversa, aprisionado por elles. Ah! o temivel caricaturista! Ainda agora venho de percorrer-lhe um album de mostrengos e constato que na eterna careta, no rictus macabro desse poeta de tascas e prostibulos, nas contorsões epilepticas do lapis desse deformador systematico, existiram sempre, em estado latente, horas de allucinação que depois se transmudariam em crises de megalomania delirante, levando-o a estrebuchar, de camisa de força, entre as grades de um manicomio.

Bello rapaz, qual o vemos num desenho do seu confrade Grévin, de cabellos em aneis, bigodes reluzentes de pomada, e trazendo á lapela uma rosa vermelha que o consolaria da falta da roseta da Legião de Honra, Gill empunhava o seu "*crayon*" bem aparado como quem empunha um instrumento perfurante e sempre disposto a enterral-o no ventre do primeiro burguez que passasse por elle. Desfigurador do proximo, vivendo a fazer cocegas na hilaridade dos leitores de revistas, escandalizou Paris longamente com as suas excentricidades e as suas perversidades de garoto meio doente e meio criminoso. E é engraçado que elle tivesse tido, por um accidente quasi inexplicavel, horas de contacto com outro maluco admiravel, ou seja o estranho Rimbaud, que, fugindo da casa paterna e correndo para a capital da França, foi bater á porta do caricaturista, o qual, de resto, o acolheu de máo humor, talvez por comprehender que tinha deante de si alguem que o desbancaria em bizarrice e extravagancia.

Gill, com o seu geito de mosqueteiro em disponibilidade, a gravata de laço e uns collarinhos dobrados de longas pontas que lhe davam um ar de "baby" bigodudo, levou mais de vinte annos a lançar um olhar de profundo desprezo aos potentados e aos vencedores do tempo. A' humanidade circumstante preferia elle a humanidade dos livros, especialmente do livro que reputava o melhor de todos, o delicioso romance de Cervantes, já então illustrado pelo genio rabelaiseano de Gustave Doré, discipulo de Durer e Breughel o Velho. Romance que releu dezenas de vezes, lamentando, como Stendhal, não ser amnesico, para olvidar-lhe o entrecho e ter, muitas vezes mais, a mesma surpresa de descoberta maravilhada que recebera na primeira leitura. Era tambem enthusiasta das *Mil e Uma Noites*, embora ainda estivesse longe a traducção integral, meio frascaria, do orientalista Mardrus e só as conhecesse na adaptação castrada de Antoine Galland. Quando queria esquecer-se da poeira de Paris, tinha ali ao alcance da mão, na rhapsodia dos novelleiros arabes, todas as mesquitas e harens faiscando na penumbra das palavras de velludo.

A infancia de André Gill decorrera nas proximidades do jardim do Luxemburgo, sitio illustre, cheio de bustos de artistas, de casaes idyllicos nem sempre bem intencionados e de creanças que atiram miolo de pão aos cysnes. Começou estudando architectura, mas acabou bandeando-se para a architectura humana, da face e do corpo humano, pintando mulheres vestidas e mulheres nuas. Candidato ao premio de Roma, sonhando com os loureiros e os cyprestes da Villa Medicis, atrelou-se longo tempo aos estudos anatomicos, reproduzindo as fórmas de modelos mais ou menos decrepitos que alugava a um franco a hora. Para nutrir-se copiava tambem natureza morta, maçãs e espargos de que fazia depois a sua refeição, comendo ingratamente os modelos vegetaes. Como o jury não lhe désse a desejada passagem para a Cidade Eterna, transferiu-se do atelier para os jornaes, illustrando magazines e almanachs, fazendo-se o anecdotista, o memorialista pela "*charge*", historiando, dia a dia, a vida contemporanea, pegando dos corações com uma pinça e pondo-se a examinal-os com uma lente implacavel.

Sempre em continencia deante da memoria de Gavarni, seu mestre confesso, ainda que por temperamento e arte differisse tanto delle, Gill — que na realidade se chamava prosaicamente Alexandre Gosset — foi bem o flagellador sarcastico de um dos periodos mais turvos da sociedade parisiense, qual o do fim do Segundo Imperio, e esse pseudonymo incisivo, monosyllabico, Gill, está na retentiva de quantos estudem a época de decadencia que precedeu o desastre de Sedan. Outro caricaturista dessa mesma phase e que ninguem esquece, carrega igualmente um pseudonymo de uma syllaba apenas: Cham. Mas Gill era-lhe infinitamente superior. De resto, foi sempre popularissimo e não lhe faltaria alguma razão quando, com a vaidade que se lhe converteria mais tarde em arrogante delirio de grandezas, respondeu ao chronista Thimothée Trimm, que dizia nunca ter-lhe ouvido o nome: "Pois então é o unico!..."

Fundando uma revista illustrada que collocou sob o patronato do Cavalheiro da Triste Figura, muito antes do *Dom Quichote* do nosso Angelo Agostini, Gill lançou tambem a *Lua*, onde o seu espirito, que era bem um habitante do mundo lunar, se sentia á vontade, bracejando nos peores disparates. A' *Lua*, quando a policia, irritada com algumas irreverencias mais fortes, suspendeu a publicação do pamphleto graphico, seguiu-se o *Eclipse*, substituido pela *Parodia*, titulo que seria depois aproveitado em Portugal pelo prolifico sr. Raphael Bordallo Pinheiro.

Emtanto, é curioso como esse acutilador das vaidades alheias fosse, em materia de amor, profundamente timido, estremecendo ao simples sussurro de um vestido de mulher e compondo elegias em que celebra o luar de outomno e heroinas tysicas de corpo concavo. A obsessão da velhice e da morte está sempre presente até nos versos meio acanalhados em que elle, antes do cançonetista Bruant, tratou dos gigolôs e gigolettes da lamaceira de Montparnasse.

A. G.

Leiam:

URUCUNGO

de RAUL BOPP.

Um gymnasta da Alegria

Acima do grande escriptor, que é, certamente porque é um grande escriptor, Léon Daudet representa, a meus olhos, uma energia feliz, toda uma esthetica do procedimento, o mais vivo animador da festa dos sentidos e um dos mais vivos da energetica da intelligencia. A revolta que me causa o detractor de tanta coisa bella, especie de elephante brutal em jardim delicado, insensivel á arte de um Anatole, de quem diz o que o elephante, se falasse e tivesse opiniões, diria da borboleta, desapparece ao sabor da leitura daquella prosa toda em musculos e gargalhadas... Seus excessos, em materia de opinião, significam ainda uma attitude. São excessos para uso exclusivo da *Action Française* e dos *camelots du roi*. De resto, serão ainda a gymnastica do pamphletario, indispensavel e util. Sem isso esvair-se-ia em aguada tinta de panegyrico a exuberancia inquietante do critico. Léon Daudet deixando de ser Léon Daudet. E é evidente que nos seriam roubados certos trechos de reminiscencias saborosos, feitos, dir-se-ia, para educar a memória numa forte gravação de imagens auditivas e visuaes. Acceitemos, portanto, Léon Daudet, tal qual nos foi legado pelo autor de *Sapho* e por Mme. Alphonse Daudet — plethorico, summamente epicurista, livre de attitudes, bastante romanesco, quasi sempre sincero, o que, tudo junto, é resumivel na palavra vitalidade, synonymo de virtude no unico significado realmente virtuoso que tal vocabulo possa ter...

Antes de mais nada uma saúde de ferro. Empreguemos a expressão antipathica e inanimada, misera figura de rhetórica trazida até nós pelo côro de mutilados e doentes, creaturas para mais ou para menos conservadas fóra da vida como páginas amputadas de um tratado de pathologia. Saúde de carne, seria melhor e diria mais, com a vantagem de ser expressão em desuso...

E é bem de carne a saúde de Léon Daudet no explendor da sua prosa, do seu cérebro, das suas glandulas e das suas visceras. Nenhuma perfeição physiologica lhe foi negada pela natureza desigual e, se transparente, estaria bem numa sala da *Faculté* com a indicação esclarecedora: funcções do organismo hygido, ou como deve trabalhar um organismo perfeito... Brillat-Savarin, de além-morte, escreveria um capitulo novo, em accrescimo dos que deixou: a felicidade pela endocrinologia. E os "extractos", em que os laboratorios desdobraram as theorias e experiencias do sábio, passariam a ser authenticos extractos, perfumados, até, numa envolvente diluição de filtros. Admiravel Léon Daudet!

Andarilho do prazer, todos os circulos da vida abriram portas para que passasse o epicurista — e sabem todos que os circulos da vida não são propriamente os de Dante e levam, com frequencia, aos suburbios doirados de Sybaris, não raro ao proprio âmago da cidade sensual. De passagem, não lhe esquecem obrigações elementares de *bom* catholico: descobre-se á porta das egrejas, ouve missa todos os domingos, aprecia a palestra e a mesa de clerigos intelligentes e abastados, esgrima paradoxos em tôrno da deusa-sciencia e da deusa-razão. No fundo, a gargalhada de sempre e um á-vontade, no discutir hierarchias ecclesiasticas, de quem tiraria um peso das costas se fôsse excommungado e lê sempre com prazer, e relê sempre com intelligente malicia, nomes de livros seus nas rigidas columnas do *Index* anachronico. Catholico ex-apostolico e ex-romano (talvez mesmo ex-Cidade do Vaticano) define assim duas eminencias: "*deux prélats sinistres et menteurs, les cardinaux Gasparri et Cerreti*" e, subindo ainda mais, é o proprio representante de Deus que nos surge, num sarcasmo feliz: "*le Pape tortionnaire des âmes, Pie XI.*" Chega-se, de raciocinio em raciocinio, á conclusão inevitavel de que Deus foi prudente fazendo-se representar na terra. O representante vae livrando o representado de um novo calvario... Empregando uma imagem gastronomica, digamos que Léon Daudet é catholico sem catholicismo, como certos pães são doces — sem assucar...

Viveu tudo, e viveu com todos. Com todas, tambem... Quando nos distrahimos relativamente á edade do memorialista é elle mesmo quem nos chama á realidade evocando os maus jantares da princeza Mathilde e o cenóbio esthetico de Edmond de Goncourt. Vae mais longe, ainda, e é com familiaridade que evoca a majestade lyrica de Hugo, razando mesmo Sainte-Beuve... Levados assim, de recordação em recordação, chegamos a Montaigne e Ronsard. Assalta-nos, então, o desejo de verificar datas e é com o lapis na mão que estabelecemos a verdade: de facto, Ronsard e Montaigne não foram contemporaneos de Léon Daudet...

Reconhecia, ha pouco, Albert Thibaudet — nome que ficará, nas lettras francezas, ao lado dos de Sainte-Beuve, Taine e Faguet — que o evocador magnifico de *Devant la douleur* possue o conhecimento integral do século XIX, livro por livro, assumpto por assumpto. Não só do século XIX, mas de todas as edades da França litteraria. E está nessa facilidade de trazer ao thema actual uma forte dose de rythmo passado uma das caracteristicas da sua vivacidade, da sua perfeita familiaridade com o tempo. Como lê em excesso, e escreve numa especie de euphoria tumultuária, póde ser apanhado, de longe a longe, em flagrante delicto de imprecisão e foi o caso de ha mezes, num artigo sobre Victor Bérard. Mas terá sido um engano bem desculpavel, uma distracção, uma *gaffe*... Não será facil encontral-o desprovido de *certezas*, em materia litteraria, e é verdadeiramente intimo o conhecimento que tem de um Villon e de um Rabelais, a ponto de o ter por modelo de caricaturas temiveis e crueis. O ódio com que nos pinta ephygies politicas, ministros e "parlamenteurs", não faço fé que seja ódio de morte, visceral e indeformavel como um grande amor. Nada disso. E' litteratura, e da melhor. Como litteratura passará ao futuro, só como litteratura sobreviverá. Porque, nesta vida, só a litteratura é eterna...

La Récherche du Beau é um dos grandes livros de Daudet. Espécie de confissão deliciosa a evocar, numa que outra página, a leitura distante de Rousseau. Estomago, figado, coração e rins maravilhosos — digo-o sem inveja, grato á natureza por me ter feito, em alguma cousa, semelhante a Daudet — tudo preciso, uma bella machina humana. Rémy de Gourmont, preconizador de verdades que terão a eternidade do seu nome, poderia tel-o escolhido por modelo do "bello animal" que, dizia Rémy, todo artista *deve* ser. Não no sentido apollineo, mas no sentido puramente physiologico.

Sem pretensões a cousa alguma

e muito menos a imitar quem quer que seja, deixem-me dizer que estou com Daudet e gostaria que todos o lessem entre nós, como a um soberbo instigador de grandes impetos. Seria util e seria bello. Nesse homem de lettras de alta estirpe vibra, em movimento sonóro, como nas linhas de uma pauta musical, uma perpétua canção de amor á vida. A mulher, na riqueza sensual de todo um tépido programma de amor, orientou-lhe o pensamento, Vênus palpitante e multiforme, de mil e um aspectos frementes, só Ella — este *e* maiusculo significa plural... — capaz de multiplicar, na existencia do escriptor, a vida personalissima do pensamento. E' a these feliz de um romance infeliz — *Les Bacchantes* — e é bem a these da realidade. A côr, o rythmo, a natureza, Paris, a mais completa e complexa das amantes, livros e obras d'arte, torneios bachicos de taças delgadas e luminosas, Epicuro e Pantagruel — tudo junto, numa fusão especiosa que só achará exaggerada quem fôr limitado e fizer da sedentariedade — como Constancio Alves — um programma resumivel numa posição unica... Mas é evidente que entre o athleta das lettras francezas e o sympathico e curioso humorista nacional, ha toda uma longa escala, longa e accessivel, de posições superiores, de manifestações elegantes da vida do espirito e do espirito da vida. Seremos tristes, como quer o sr. Paulo Prado e nega o sr. Magalhães de Azeredo, admiravel constituição mental, que sobre o *Retrato do Brasil* escreveu um ensaio de poderosa acuidade? Não sei. O Carnaval acaba de demonstrar, como sempre, que, pelo menos, somos barulhentos. Mas alegria, dionysismo, um latejar de sangue nas artérias capaz de vencer a impassibilidade geral — onde encontraremos isso? Sim, somos tristes...

JAYME CARDOSO

JOÃO NEVES — POR S. PAULO E PELO BRASIL — S. Paulo, 1933.

Abstraindo de qualquer intenção de facciosismo politico, impossivel é contestar os meritos de tribuno desse fogoso agitador gaúcho. A velha eloquencia dos Felix da Cunha, dos Silveira Martins e de outros "idolos do pampa" (como diz o sr. João Pinto da Silva), não soffre solução de continuidade nos discursos do sr. João Neves, certamente o mais brilhante e vehemente dos oradores do Rio Grande depois da morte de Pedro Moacyr.

"CONFERENCIA"

Digno de attenta leitura é o segundo numéro dessa brilhante revista de sciencias, artes e lettras, moldada numa victoriosa publicação parisiense de egual nome. Dirigida pelo illustre clinico dr. Augusto Linhares, *Conferencia* traz agora estudos bem estructurados e bem redigidos: um da sra. Lina Hirsh sobre a musica allemã, com algumas observações sagazes a respeito de Beethoven; outro do sr. Fléxa Ribeiro a proposito da arte decorativa dos indios brasileiros, e, finalmente, um terceiro do nosso talentoso collaborador Benjamin Lima, constituido do trecho de um ensaio referente aos aspectos de ternura infantil da poesia de Jorge de Lima.

UM DICCIONARIO ETYMOLOGICO

Só póde alegrar-nos a acceitação que vêm obtendo, no paiz e no estrangeiro, os dois grossos volumes em que o professor Antenor Nascentes, orientador de varias gerações de moços em nossas casas de ensino, procurou estabelecer, com todo o escrupulo, a etymologia de todos os vocabulos de lingua portugueza, sem esquecer os de procedencia indigena ou africana. O sr. Saul Borges Carneiro, juiz idoneo em questões de lexicologia, já teve ensejo de dizer, pelas columnas deste boletim, o que um tal trabalho significa como esforço, pesquiza e capacidade coordenadora. Depois disso, muitos outros testemunhos de apreço e applauso irrestricto chegaram ao professor Nascentes, que, saudado até por eminentes philologos allemães, vê assim brilhantemente correspondida a ardua tarefa de diccionarista em que se empenhou tantos annos.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

O HERÓE SAHE DA ESTATUA

Não posso mais aguentar,
Aqui faz calor demais.
A gente vira solemne,
Todo mundo fica olhando.
Não gosto de exhibições.
Vou me pôr bem á vontade,
Vou me metter no pyjama,
Vou calçar os meu chinellos.
Nunca soffri tyrannia,
Tambem tyranno não fui.
Violei a constituição,
Foi a unica mulher
Que nesta vida violei.
Expulsei governadores
Porque mandavam demais,
Porque roubavam demais.
Vivi abafando revoltas,
Até a revolta do mar;
Sou amigo da unidade,
O paiz consolidei.
Quem vive a lidar com ferro,
Quem os navios amansa,
Não póde mais ficar preso
Nesta estatua de latão.
Mulher, não quero esta rosa,
Não gosto de flores não.

(*Da* Historia do Brasil, *no prélo*).

MURILO MENDES.

FRANCISCO FERNANDES SOBRAL — A SERVIÇO DO DIREITO E DA JUSTIÇA — GERAÇÕES DOENTES, HERANÇA MORBIDA — Imprensa Official de Bello Horizonte, 1932.

O autor, que é advogado e ligou seu nome a varias commissões brilhantes e posições de destaque, reuniu, no primeiro volume acima indicado, consultas e pareceres, sentenças, despachos e relatorios que bem lhe demonstram a actividade de antigo membro da magistratura e de permanente cultor dos trabalhos forenses em diversas regiões do paiz. Mão grado alguns preciosismos de linguagem, ha nelle um jurista de merito e um attento pesquizador dos problemas de caracter sociologico. E o seu segundo volume, allusivo a "gerações doentes" e "herança morbida", é de quem se bate pela sanidade physica dos brasileiros, de quem deseja ver desapparecer entre nós esse ar de immensa enfermaria que tem sido a consternação de grandes medicos como Miguel Pereira ou de esforçados hygienistas como Belisario Penna.

EDWARD EARLE PURINTON — EFFICIENCIA PESSOAL NOS NEGOCIOS — Companhia Brasil Editora — Rio.

Em expressiva traducção do conhecido homem de lettras Raul de Polillo, está sendo divulgado em nossos circulos de leitores mais um volume desse émulo de Marden, desse curioso Purinton que traçou uma especie de Baedeker moral destinado ás creaturas timidas que desejem abrir caminho na vida. Como bem accentuam os pedagogos yankees, obras assim constituem, no sentido do caracter, "um excellente tonico medicinal".

O Frêvo

O Frêvo! Uma ordem de loucura, contagio de desatinos, uma coceira de alegria. Ninguem mais se continha, ninguem mais se governava. Todas as immediações do bairro atravessado pelo buliçoso cordão carnavalesco vibravam ao zumbido fortissimo de contentamento. Nas ruas mais afastadas o povo parava, ouvia os accordes quentes da orchestra, orientava-se, e disparava de novo, entreavisando-se:

— Vem pelo pateo do Terço, minha gente!

— Vamos esperar por elle na esquina da igreja.

— Eu vou atalhar no Livramento.

— Já está mais perto. Aviem-se meninas!

— Vassoura é mesmo uma coisinha doida.

— Não tem quem dê nelle.

Aquella massa de corpos e de almas vinha numa obediencia absoluta e gostosa á cadencia voluptuosa, ardente e voluvel da marcha. A cada vez que a orchestra repetia num enfarofado de accórdes a introducção, todo o povo redemoinhava, refervia nas attitudes mais caprichosas, mais comicas, mais delirantes. Dir-se-ia que tentavam misturar, confundir, trocar os membros, os troncos, as cabeças, para depois ir procural-os de novo. E no seguimento da musica lá se iam todos na impetuosidade da "onda", no esbandalhamento do "passo", de pernas abertas em tesouras, de cocoras em saccarolhas, de bustos empinados para frente em rigidez, de nadegas offerecidas ao alto, de mãos trançadas nas nucas, de narizes a farejar os cangotes femininos, de braços dados em cordões, de barrigas colladas, de caras rentes, de boccas grudadas...

Moviam-se todos num incessante ondeio, num provocador remexido de quadris, de bustos, de ancas, de seios...

De subito, uma rapida e brusca estacada da musica. A multidão empaca, estarrece, endurece, espera. Cada um guardando a posição em que foi colhido. Numa explendida mostra de modelos. Dentes de fóra, risos escancarados, testas suadas, labios abertos, olhos esbogalhados...

Segundo apenas. Vence-se a syncope dos instrumentos. A orchestra recomeça num renovado empurrão da marcha. E de novo todos se movimentam, se esfregam, se torcem, se enlaçam, se verticalizam, se cheiram, se beijam, se apalpam, se agacham, como si a musica lhes penetrasse veias a dentro para ir fazer-lhes cocegas no sangue.

E seguem rua afóra, dançando e cantando, na confusão carnavalesca dos coloridos dos trajos, dos azougues dos olhares, das quenturas dos contactos, dos halitos de lascivia, dos cheiros de suores, das escalas das risadas, das tonalidades das pelles, dos contrastes das posições, das harmonias das canções, dos mysterios dos sentimentos...

Abria o prestito um estandarte nas mãos de mulherzinha bem morena, vestida de principe, num sorriso para todos, virando o rosto pintado para um lado e outro, mostrando os dentes alinhados e alvos, bonitona, com os quadris e o busto em resalto pelo collante setim, num dengoso rebolar; logo após quatro molecotes de camisas de meia riscadas trazendo archotes que destacavam as caras suadas, lustrosas, dos sopradores de trombones, de pistões, de saxofones, flautas, réco-récos, rufos... e a massaroca do povo, num remexido incessante, num ondeio perenne, num bulicio crescente, pernas que se arqueiam e se verticalizam, pés que se juntam e se distanciam, braços que se tetanizam e se angulam, boccas que se escancaram e se trancam, torsos que se espigam e se flexionam, seios ponteagudos que se projectam em promessas e se retrahem em negaças, dentes que se mostram, mãos que espanejam, cabeças que bamboleam, como si todos estivessem attingidos de cocegas.

Um povão! Um povão! Gente de não acabar mais! Gente de todas as classes! Homens e mulheres numa conjuncção das mais bizarras, das mais pittorescas, das mais democraticas. Explendido programma de partido da opposição. A cara bigoduda e gorda junta do rostinho esguio e bregeiro; a face madurona visinha da bochecha imberbe; a manga de brim puro linho trançada pela mão côr de café com leite; a tez ariana, toda preconceitos, collada ao pigmento africano todo afoitezas; o braço moreno e tumido amparado na farda kaki e arrogante; o georgette preço do peccado perfumando o fraque da burocracia respeitavel; a adolescencia sexo calças largas attritando-se na puberdade cabellos a ventania; a seriedade do professor cara de quaresma irrigada pelo assanhamento da cabrocha, a velhice de cabeça pintada esquentando-se na mocidade de vestidos transparentes; o "santinho" de attitudes angelicas desafiando os diabos de pixaim; o doutor cortejando a cliente gratuita; o namorado catucando a pequena facil; o caixeiro fazendo festas á fregueza caloteira; o industrial fraternizando-se com a operaria; o senhor de engenho virando mel para a moradora; o director alisando os dedos da dactylographa; o proprietario ranzinza com a inquilina astuciosa; o homem das prestações justando contas com a mulata em atrazo; o patrão de uma casa com a copeira de outra...

Todos no nivelamento do "passo", no rythmo grotesco do "chan de barriguinha", no entortamento sensual das "dobradiças". Todos, sim. Uns em acção, outros em dirfarce.

(Do romance a sahir *Seu Candinho da Pharmacia*).

MARIO SETTE.

MOYSÉS XAVIER DE ARAUJO — METHODOLOGIA DAS SCIENCIAS NATURAES. AS SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES NO ENSINO PRIMARIO E NO ENSINO SECUNDARIO — Adersen, editores, 1933, Rio de Janeiro.

N'este pequeno volume de oitenta e sete paginas, o autor, baseado em suas leituras e em sua pratica de professor, mostrou o valor educativo das sciencias naturaes e as vantagens de introduzir o seu estudo desde o inicio do ensino primario. Tudo está na maneira de fazer esse ensino. Inutil e nocivo seria, segundo elle, transmittir á creança as noções de um modo abstracto e systematico; isso só poderia sobrecarregar-lhe a memoria, sem outro resultado senão crear uma repulsa invencivel pela materia estudada. O ensino deve ser feito ao contacto da natureza, aproveitando o interesse proprio das jovens intelligencias pelo que as cerca. Os phenomenos naturaes são em grande parte accessiveis quando se lhes conservam os seus caracteres proprios e visiveis, e procura-se elucidal-os simplesmente por observações e pequenas experiencias ao alcance dos recursos das mais modestas escolas.

O estudo do Snr. Moysés de Araujo revela a todo instante sua nobre paixão pela pedagogia, ao lado de uma constante reflexão sobre os seus problemas fundamentaes. Cheio de observações justas e criteriosas, sua leitura é das mais recommendaveis aos jovens professores.

AFFONSO SCHMIDT, NOVELLISTA

Pirapora, (*) de Affonso Schmidt, é mais do que um livro: é um grande livro. No meio da nossa indistincta producção litteraria, representa essa pequena collecção de novellas qualquer cousa de grande, de original e de humano, que não vêm sempre os olhos dos que se aventuram a penetrar nessa vasta floresta desencantada que é a prosa brasileira. Da primeira á ultima pagina desse livro, sentimos que estamos diante de um creador de emoções, de um espirito no genero daquelles de quem Balzac dizia fazer "concurrencia ao registro civil"... Affonso Schmidt crea sêres. Mais: sabe creal-os. E todos elles, desde Romão, o angustiado mestre escola, até Axel, o artista desconhecido, — ambos grandes no symbolismo da sua dôr e da sua humanidade — todos elles penetram logo na nossa sympathia, na nossa comprehensão, com aquella affinidade subtil que só vem da Arte, quando ella é pura e verdadeira.

Queria Victor Hugo que, além dos pensamentos oriundos da contemplação da Belleza eterna, interessasse ao poeta "a somma das idéas do tempo". Prosador, dentro do qual o poeta se embuça, Affonso Schmidt fez seu o conselho do grande romantico. Numa época, como a nossa, de profundas miserias sociaes, voltou-se para os opprimidos. Embebeu toda a sua arte de uma intenção commovedoramente humana. E vai, com uma alma forte de apostolo, gravando em livros, para a dolorosa incomprehensão ambiente, todo um evangelho de redempção social...

Pirapora não escapa á regra. Não é o brado de revolta e piedade d'*O Dragão e as virgens*, novella de sexualidade em que ha mocinhas pobres e argentarios farristas...

Pirapora relata, apenas. Mas repete o *leit-motiv*: a piedade diante dos humildes, a commoção discreta para com os que soffrem, torturados pela insatisfação da esperança... Emfim, um ensaio sobre a comprehensão da Dôr universal... E um dos aspectos mais interessantes da obra do prosador paulista é precisamente esse: escrevendo sobre um thema tão commercial, conserva-se elle sempre artista. A ternura compassiva para com as desgraças anonymas, que brota das paginas desse livro, não nasce de uma vulgar exploração do macabro: é, antes, um immenso clarão de vida reflectido no crystal de uma sensibilidade finissima. E esse crystal tem mais de intellectual do que propriamente de emocional. Assim, o mestre de Affonso Schmidt não seria Dostoiewsky, que pôz sangue, nervos, paixão, vida, emfim, nas maravilhosas paginas que escreveu. O sentido frio, objectivo da litteratura communista, que Pilniakk tão bem encarna, conviria melhor para explicar uma das facetas do espirito do prosador paulistano. E tanto é assim, que, ás vezes, Affonso Schmidt offerece a perfeita impressão de um burguez displicente que lacrimejasse contemplando a dôr das ruas através dos vidros de um automovel luxuoso e fechado... E' que o autor de *Pirapora* cultúa aquella "linha de defeza interior" da phrase de Flaubert, e que é, no fundo, uma especie de pudôr intellectual que alguns sentem ante as imperfeições do mundo...

Poucos espiritos, como esse de cuja obra me occupo, terão u'a linha tão accentuada de personalidade. Elle é mesmo um dos nomes mais destacados da prosa brasileira: um nome que soube se construir sem a camaradagem suspeita das capellinhas de elogio mutuo.

Pena é que, embora tão rica de suggestões, a arte de Affonso Schmidt repita hoje a inutilidade dos esforços de um D'Artagnan, gallhardo e intrepido, que enristasse lanças contra todo um museu de fantoches...

OSMAR PIMENTEL.

(*) "Graphico Editora Unitas" — São Paulo, 1932.

L. TROTSKY — REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALLEMANHA — Graphico-Editora Unitas Limitada — S. Paulo, 1933.

Neste volume, excellentemente traduzido, estão coordenados os melhores trabalhos do companheiro de Lenine a proposito da situação da Allemanha deante da lucta em que se empenham communistas e fascistas germanicos. E' livro, como se vê, da mais viva actualidade e tanto mais interessará quando redigido por um homem de Estado que é tambem um homem de lettras e tem por assim dizer uma experiencia quasi technica dos problemas revolucionarios.

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO — INTRODUCÇÃO A' REALIDADE BRASILEIRA — Schmidt-editor — Rio, 1933.

De uma familia de intellectuaes e politicos, que deu o contista do *Pelo sertão* e o actual ministro do Exterior, o sr. Affonso Arinos de Mello Franco mostra-se naturalmente interessado por todos os problemas que digam respeito á vitalidade espiritual ou economica do Brasil. E esta resenha da nossa situação, em face de nós mesmos e das novas theorias sociaes que agitam o mundo, é de alguem que, antes de concluir, observa e reflecte longamente.

T. DE SOUZA LOBO — O BRASIL CONFEDERADO — Lyceu Coração de Jesus — S. Paulo, 1933.

O volume anterior do sr. T. de Souza Lobo, publicado em 1924 sob o titulo de *São Paulo na Federação*, obteve um ruidoso successo de critica, sendo que muitos dos nossos melhores intellectuaes o acolheram com palavras de grande enthusiasmo. O sr. Oliveira Vianna, entre outros, declarou: "Eis um livro, robustamente pensado, rico de dados concretos, cheio de idéas ousadas, moldadas em estylo de innegavel bravura e brilho". Agora, este novo trabalho do eminente publicista, ferindo um assumpto de palpitante interesse qual o criterio de divisão geographica e politica do paiz, não deixará de attrair eguaes applausos ao autor. A documentação é das mais fortes, a exposição lucida e indiscutivel a lealdade das conclusões. Concordando ou discordando quanto á reorganização nacional em dezoito Estados, consoante proposta do sr. Souza Lobo, ninguem poderá deixar de reverenciar-lhe a cultura, a nobreza de pensamento e o amor entranhado á terra e á gente do Brasil.

CORRESPONDENCIA

Sr. José Theophilo de Godoy (Caldas Novas, Goyaz) — *A traducção d'O Cortiço de Aluizio Azevedo para o inglez foi feita por um dos servidores da embaixada norte-americana aqui no Rio, e dizem que com muita elegancia e comprehensão do assumpto. Apenas o original soffreu, nessa transposição de linguas, diversas mutilações, talvez nos trechos mais escabrosos, para não escandalizar provavelmente a pudicicia dos leitores de procedencia britannica, inimigos quasi sempre das rudes descripções de caracter realista. No momento de ser publicada essa traducção,* O Jornal, *do sr. Assis Chateaubriand, a ella se referiu longamente, cremos que em artigo do sr. Nobrega da Cunha, fornecendo suggestivos detalhes sobre a personalidade do traductor e dos seus habitos algo bohemios, apesar das funcções diplomaticas em que se empenhava. Tambem se accentuou, nessa occasião, que o livro fôra muito bem acolhido em Nova York e em Londres, frisando os criticos das duas cidades estar em jogo a obra de um dos melhores discipulos de Zola no estrangeiro e uma obra ricamente documentada no sentido de esclarecer a vida e os costumes do Rio na segunda metade do seculo XIX. Quanto á traducção d'*O Mulato, *nenhuma informação segura lhe podemos agora transmittir.*

Sr. Clovis Ramalhete, Rio. — *Queira procurar-nos nesta redacção, para assumpto litterario.*

ARAUJO LIMA — SO' A EDUCAÇÃO TRANSFORMA OS POVOS — Editorial Alba Limitada — Rio, 1933.

Este livro, resentindo-se um pouco da sua factura intencional, isto é, do desejo de concorrer a um premio da Academia de Lettras, é, sem duvida, inferior ao admiravel ensaio que o sr. Araujo Lima vem de publicar sobre o homem e a terra amazonenses. Mas, ainda assim, faz-se ler com prazer e utilidade, se bem que o autor nos pareça um tanto illudido no tocante ao desarmamento universal e ao valor decisivo de certos factores de ordem pedagogica.

CID CORRÊA LOPES — A RECONQUISTA DO PODER — Ariel, Editora Limitada — Rio, 1933.

Partidario ardoroso do movimento suscitado pela chamada Alliança Liberal, o sr. Cid Corrêa Lopes não podia deixar de bater-se contra qualquer movimento que fizesse perigar os postulados da renovação republicana postos em fóco pelos vencedores de Outubro de 1930. Dahi a sua attitude em relação ao caso paulista. Um dever de imparcialidade força-nos a não julgar nunca o lado sectario de obras destas, mas nada nos impede de accentuar que trabalhos assim, quando escriptos sem grosseria de linguagem, não deixam de provocar um util attrito de idéas.

Leiam:

VIDA E MORTE DE MARIA LAFARGE

Preço: 5$000

O silencio é de ouro

MAUA' — RESTAURANDO A VERDADE — E. DE CASTRO REBELLO — *Editora Universo*, Rio, 1932.

Na triste penumbra litteraria, que atravessamos, este é um livro. Mas não é só. E' um livro que soffre a campanha do silencio. Não ha exaggero. O livro tem sido discutido no seu aspecto de critica ao de Alberto de Faria. Mas não se lhe têm reconhecido, desinteressadamente, os meritos e os defeitos. Não se trata, exclusivamente, dum processo litterario. E' o processo dum homem. De dois homens: Mauá e Alberto de Faria. E póde servir para o dum terceiro: o sr. Castro Rebello. Dahi, o livro, esse livro elegante, attrahente, empolgante ás vezes, ter sido pouco analysado.

Ha coisas que obrigam

Para a maioria, é difficil, agora, um julgamento sobre o novo livro. Tanto mais difficil é quanto já se fez o elogio do outro, elogio assim como no escuro. Ninguem conhece as fontes mesmas, como, pois, comparar? E silenciam os criticos, tão prodigos, sempre, em louvores e descomposturas. Ha coisas que obrigam...

Quando appareceu *Mauá*, de Alberto de Faria, a critica e os eruditos foram unanimes em achal-o bom, optimo, verdadeiro. O trabalho do sr. Castro Rebello, sobre o livro de Alberto de Faria, data de 1928. Foi a condemnação vigorosa, senão a unica do seu tempo. Mas ficou incompleto. A revista em que apparecia deixou de circular. Pelas proprias condições em que veiu á luz era reduzido o publico que o conhecia. Passaram-se alguns annos, esqueceram-no.

Agora, o autor deu-nos o livro. Com o apparecimento deste houve opportunidade de dizer-se do sr. Castro Rebello cobras e lagartos. Por outro lado, foi possivel, tambem, dizer-se o contrario...

Ambas as tarefas não eram difficeis porque o sr. Castro Rebéllo, que é humano, tem as virtudes e as fraquezas dos homens. E ver só as virtudes ou só as fraquezas é, tambem, humano, muito humano e communissimo.

O sr. Castro Rebello trouxe-nos outra versão sobre Mauá, mostrou-nos um "barão" mais parecido, talvez, com os outros "barões"... e, quem sabe?, o verdadeiro barão de Mauá. Elle sahiu tão differente de suas mãos e ficaram tão claros os compromissos de Alberto de Faria na tarefa de criar um modelo e um exemplo, que os interessados na edificação dos povos... se sentem constrangidos em reconhecer nelle o padrão... Se o *Mauá*, de Alberto de Faria, não é o "verdadeiro", é, pelo menos, o "bom", o que serve... Dahi, alguns antagonistas do sr. Castro Rebello dizerem, particularmente, que o livro é máu. Escrupulos...

O reverso da medalha

Bom livro? Máu livro?

O autor conseguiu o seu objetivo: demonstrou que o barão de Mauá não era o homem ao qual duas patrias deviam estar obrigadas, "foi a expressão natural dos sentimentos e das aspirações duma classe, em uma época" (C. R., p. 201). Individualmente, foi o banqueiro Irineu Evangelista de Souza, burguez ennobrecido, que via nos seus interesses o interesse da patria e das patrias onde os seus interesses o levavam..., zeloso de sua honestidade como ficava bem no titular... e sentindo como bom burguez a invencivel necessidade de tudo justificar..., como todo burguez se julgando eleito...

Mas... este não era o livro que o sr. Castro Rebello devia ter escripto. De todos nós, *dilettanti* do marxismo, o sr. Castro Rebello é tido como o mais culto, é aquelle que dispõe dessa coisa subtil que é o prestigio burguez, de todos é o mais autorizado. Portanto, é de lamentar deixasse elle assumptos mais opportunos, questões mais vitaes, e se ativesse á nobilitante tradição offerecida aos argentarios... Não é segredo para ninguem que um commerciante é um commerciante. Até os chronistas sabem disso, pelo menos na Europa... Eis aqui: "*Un commerçant avisé n'est pas un idéaliste, il n'est pas le champion d'une cause nationale, il est un commerçant avisé, et les chiffres régissent le monde* (In *Marianne*, *Paris* — Alfred Savoir: *Le drame de Melo*, apud *Lu*, n. 50 (79) 2.e année). Para os homens que são burguezes, isto basta, para os que o não são é pouco até o livro do sr. Castro Rebello.

O sr. Castro Rebello insiste muito na obra de Alberto de Faria como se para a "restauração da verdade" fosse preciso isso; quando faz a reconstituição historica fal-a muito bem feita mas a reconstituição historica surge accidentalmente da biographia de Mauá ao passo que a biographia deveria surgir da reconstituição historica. A historia não devia ser elemento subsidiario. Limitando-se á obra de Alberto de Faria, dá-lhe o sr. Castro Rebello um valor que ella não tem e restringe a sua a um plano litterario, senão pessoal.

Finalmente, este livro cheio de erudição despretenciosa e util, em que o autor nos ensina muito de nossa historia economica, deixou-nos a impressão dum "embargo", um embargo feito pelo doutor Castro Rebello, um bom embargo, mas, mesmo assim, um embargo.

A biographia de Mauá está por ser escripta (cf. C. R., p. 202). Modestia! Mauá teve dois livros e elle não os valia. Se é verdade que ella ainda está por escrever, valerá a pena fazel-o?

HUGO ANTUNES.

ROMANCES POLICIAES

Na elegante revista yankee *Vanity Fair*, o vivo articulista Jefferson Chase escreve sobre o interesse cada vez mais crescente que despertam os romances policiaes e de mysterio. Cita, como leitores celebres desse genero, George V, Woodrow Wilson, Calvin Coolidge, Herbert Hoover, Stanley Baldwin, Lloyd George, Embaixador Dwight Morrow, o advogado Clarence Darrow, o bispo Hobson e os escriptores Sinclair Lewis e Bernard Shaw.

Estudando as causas desse successo, diz Jefferson Chase que o romance policial, apresentando ao leitor um problema que elle pode resolver num mundo em que tudo é logico e onde a intelligencia traz ordem ao chaos humano, é um incitamento esportivo, pois propõe uma luta de espirito entre o leitor e o autor. Concluindo, Jefferson Chase lembra que Edgard A. Poe foi um dos creadores do genero que actualmente occupa autores do valor de Anthony Abbott, Philipps Oppenheim, J. S. Fletcher e outros.

Como era natural da parte de um norte-americano, Jefferson Chase não se reporta senão aos autores de lingua ingleza; no emtanto, outros, sobretudo na França, ganharam grande voga no mesmo genero. Assim Gaston Leroux, Maurice Leblanc, o creador de Arsène Lupin e, mais modernamente, Georges Simenon, já com uma longa serie de romances popularissimos, entre os quaes *O mysterio de um morto*, que alcançou o grande premio Stoke Mac Clure Detective, nos Estados Unidos, e foi recentemente vertido para a nossa lingua.

DE PARIS

Porque as escriptoras usam pseudonymos masculinos

Como já viram, bem curiosas foram as respostas recebidas por Mme. Marie-Paule Salonne. Das mais interessantes é a justificação de Mme. Elie Dautrin:

"Mulher, primeiro e, acima de tudo, mulher da sociedade: eis dois motivos sufficientes para que um director de jornal mandasse á cesta um artigo meu, com enorme desdem... mesmo sem lel-o. Em 1914, as mulheres eram tidas como creanças perigosas, que não podiam brincar com phosphoros, ou então como bonecas pelas quaes se arruinavam os homens, desde que ellas tivessem no craneo um mechanismo para falar: "Papá! Mamã!" Imaginem, em 1914, o effeito desta phrase, pronunciada no Odeon, no ensaio geral de minha peça *Un Coquin*:

— Senhores! A peça que acabamos de representar é de Mme. Elie Dautrin...

Os confrades diriam, azedos: "Vê-se logo..." e as amiguinhas, entre si: "Qual, querida; não é della a peça, com toda a certeza..."

Mme. Claude Jonquière escreveu sobre o Pampa dois livros, um dos quaes vivamente apreciado e citado mesmo para o premio Goncourt. Mas o premio Goncourt parece haver jurado não coroar mulher alguma, quaesquer que sejam os seus meritos litterarios. E eis o que nos confessa, sem acrimonia, aliás, a autora de *Une femme dans la Pampa*:

"Adoptando um nome assexuado, cedi, talvez por instincto, ao temor de ser julgada e condemnada antes de ser lida. O proprio Proudhon dizia: "No livro de uma mulher, após tirarmos o que é emprestimo, imitação, logar commum e plagio, poderemos reconhecer o que é da autora. Ora, a não ser que a natureza venha a mudar as suas leis, posso dizer que esse residuo se reduz constantemente, nas impressões de leitura, a algumas cousas delicadas; quanto a philosophia, nada..."

Severo julgamento!

Michel Davet, a autora da pequena obra-prima que é *Le prince qui m'aimait*, confessa:

"Já me reprocharam muito meu pseudonymo. Quem primeiro se indignou com o caso foi René Benjamin, que tudo tomou como uma traição e me disse: "As mulheres... mas não é o que ha de melhor entre os homens?" Mas eis a verdade: Menina ainda, eu sonhara com principes, e os romances que apparecem são muitas vezes prolongamentos dos nossos sonhos... E aos vinte annos, acabando o meu primeiro romance, cansada de esperar, antes de dizer adeus ao meu magnifico heróe, quiz fixal-o na lembrança. Chamava-se elle Michel. Usei desde então o nome do meu principe! Um pouco tolo, um pouco romanesco..."

Jean de la Brète, a immortal autora de *Mon oncle et mon curé*, bem como Jean Balde, Jean Dornis e Jean Portail attribuem sua escolha a razões pessoaes...

João... o louro, o Apostolo preferido de Jesus, aquelle que Leonardo da Vinci fixou, num sorriso, para a eternidade! Será o motivo de tantas mulheres assignarem *João?*

Luc Valti responde com simplicidade:

"Meu pseudonymo é um anagramma do meu nome, e foi fabricado por Anatole France. Em 1923, agitava-me o *"mal d'écrire"* e eu acabava de dar um artigo á *Revue Mondiale*. Em casa do Mestre, confessei-lhe minhas ambições litterarias. Anatole escutava-me, rodando entre os dedos um cartão de visita. Disse-lhe toda uma serie de frivolidades e pedi-lhe opinião sobre um pseudonymo. Subito, exclamou France: Alterando a ordem das lettras, você fará do seu proprio nome um duplo nome de escriptor. Foi assim que nasceu Luc Valti. E o Mestre disse mais: "Entretanto, se não tem grande apego ao *métier* das lettras, aconselho-a a escolher outro qualquer, menos penoso e mais lucrativo; cortar fatias de presunto, por exemplo..."

Impressionei-me tanto que levei oito annos para retomar a penna. Mas o demonio das lettras venceu, afinal. Ante o meu primeiro manuscripto, recordei-me do velho protector, e achei prudente não seguir seu conselho. Deus queira que eu não lamente isso mais tarde!..."

Deus o queira!... e o Diabo tambem — accrescentaria, sem duvida, Anatole France, que collaborava sempre com o segundo. A protegida seguiu-o nos caminhos ousados dos assumptos escabrosos: *L'Etreinte blanche, Femmes de cinq heures...*

E', de facto, uma mulher que escreve como um homem...

Guy de Chantepleure, delicada narradora de contos e romances, possúe numerosas admiradoras, e depõe: "Monsieur Guy de Chantepleure recebe cartas de amor extremamente sentimentaes. Entre ellas descobri, certa vez, a de uma rapariga que pedia uma photographia do ficcionista, accrescentando: "Caro Mestre, talvez eu esteja em erro, mas sois o meu ideal!... Se visse um retrato vosso, por acaso ficaria desapontada?"

Assim lhe respondeu Guy de Chantepleure: "Não lhe mandarei o retrato, senhorita, porque ficaria de facto desapontada... e muito mais do que pensa..."

Claude Ferval diz-nos que, na época em que começou a escrever, era preciso envolver-se de sombra. A familia provinciana a que pertencia via com máos olhos aquella adopção da carreira das lettras, e de modo algum o marido teria autorizado a escriptora a assignar um livro com o proprio nome. O pseudonymo foi, pois, para ella, coisa inevitavel, e Claude Ferval submetteu-se docilmente á necessidade.

A resposta do poeta François Casale supera as demais pela commovente razão da escolha. "Educada, na Alsacia, por meu pae, no amor á França, meus primeiros versos cantaram a patria ausente, no livro *Quand Même*. *François* é um nome bem francez, e *Casale* é o anagramma de *Alsace*."

Puro acaso, diz-nos Julien Reyne.

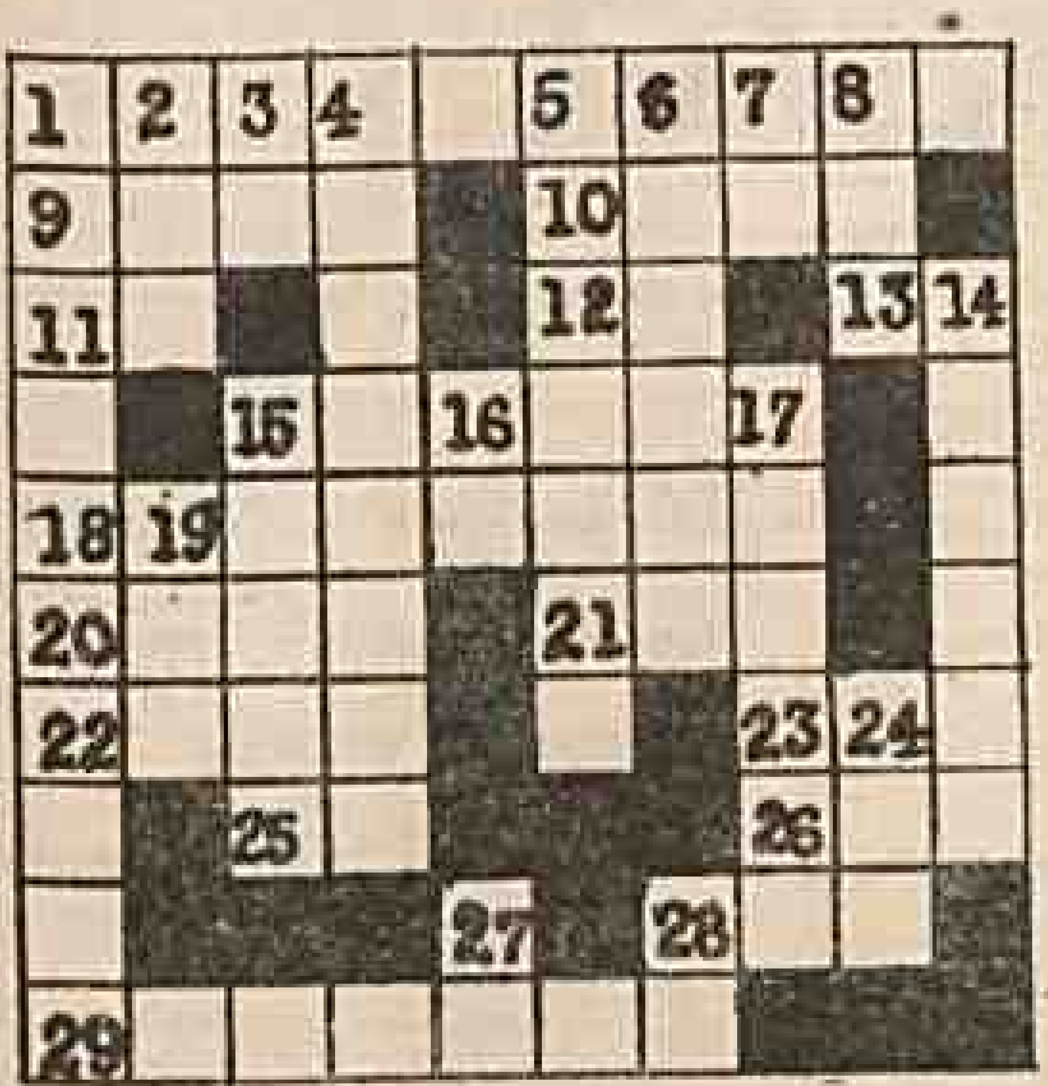
Pura fantasia, confia-nos Jacques Salève.

Capricho, pena de não ter nascido homem, allega Emmanuel Soy, que escreveu para moças romances que receberam a absolvição do Abbade Bethléem...

E então? Será preciso concluir, com os homens, que a alma da mulher é mais versatil que o vento? mais diversa que o mar? mais impalpavel que a luz?... ou será preciso acreditar que o temor do preconceito aturdiu as escriptoras mais que o proprio preconceito?

MARGUERITE PICARD-LOËWY.

Palavras Cruzadas



HORIZONTAES:

1 — Historiador brasileiro.
9 — E' cheiro, mas ás avessas póde ser o nome de um ensaista uruguayo.
10 — Metal que excitava a cobiça do velho Grandet, de Balzac.
11 — Primeira syllaba do appellido de uma personagem de Zola.
12 — Iniciaes utilizadas pelo hierophante Mucio quando annunciou a morte de um dos nossos grandes estadistas.
13 — Segunda syllaba do appellido da mesma personagem de Zola.
15 — O mais popular dos typos de Eça de Queiroz.
18 — Adivinho de Thebas.
20 — O primeiro homem do mundo em francez e sobrenome de um romancista que nos visitou.
21 — Tratamento fidalgo e cousa que, no sentido de inspiração, falta a muitos poetas nossos.
22 — Titulo de um volume de Julio Dantas e que podia ser o de suas obras completas.
23 — Producto espontaneo da esposa do gallo, segundo a baroneza de Caniadé.
25 — Simples artigo definido, no plural, mas, invertido, será o titulo de um famoso livro de versos portuguez.
26 — Pedido de soccorro nos navios.
28 — Termo prosaico e rasteiro que figura, todavia, na contagem dos versos.
29 — Traductor maranhense das obras de Homero.

VERTICAES:

1 — Autor de um diccionario, com um homonymo, recentemente morto, na Academia de Lettras.
2 — Poetisa italiana.
3 — Ao que os seculos reduzem muito livro notavel: o eterno "pulvis est"...
4 — A heroina de Alencar reunida a uma actriz que tambem é de Alencar.
5 — O que as jovens cariocas fazem pelos *sportsmen* e não fariam nunca pelos homens de lettras.
6 — Personagem de Machado de Assis.
7 — Elemento mais necessario á vida que os versos de dezenas de parnasianos.
8 — Monosyllabo celebrizado por uma digressão do padre Antonio Vieira.
14 — Escriptor sertanista do Brasil.
15 — Instrumento agricola a que deviam jungir-se muitos poetoides inuteis.
16 — Plural de artigo definido. Ao contrario, faz parte do sobrenome de um classico portuguez.
17 — Phenomeno physico.
19 — Nome de duas cadeias de montanhas, uma na Asia Menor, outra na Creta.
24 — Pintores flamengos, um Martim e outro Cornelio.
27 — Nota musical.

RESPOSTA A UM CONSULENTE

Pergunta-nos o alumno de um collegio do interior se existe em portuguez uma obra de conjuncto sobre assumptos de physiographia. Assim de prompto, acode-nos, antes de qualquer outro, um volume do sr. Antonio Figueira de Almeida, intitulado exactamente Noções de Physiographia. *Foi estampado, em 1931, pela Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, e, segundo a opinião dos que possuem autoridade na materia, occorre perfeitamente aos fins que o suscitaram.*

Consultando trabalhos de varios mestres europeus, Dubois, Lapparent e outros, sem esquecer a contribuição avulsa de patricios nossos, como Delgado de Carvalho, Ezequiel de Carvalho, etc., o sr. Figueira de Almeida, que é bem da estirpe de Andrade Figueira, ultimou uma valiosa monographia de que só poderão advir beneficios a quantos fizeram a sua iniciação physiographica sob a orientação de um mestre de tal maneira esclarecido.

A obra impõe-se, acima de tudo, pelo seu caracter de concisão, pelo apego ás linhas fundamentaes do thema a explorar e o desdem dos detalhes inuteis, parasitarios, feitos apenas para atormentar o cerebro dos miseros discentes.

Assignale-se, de passagem, que o sr. Figueira de Almeida é tambem autor de um precioso compendio da historia fluminense, onde se encontra a synopse da evolução politica e economica de uma das regiões brasileiras que mais concorreram para a unidade moral e intellectual do Brasil monarchico ou republicano.

PEDRO CALMON — O REI CAVALLEIRO — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

Fazendo historia em fórma romanceada, o sr. Pedro Calmon bate-se, neste volume, pela rehabilitação da figura de Pedro I, para elle, sob muitos aspectos, uma nobre figura varonil. Com effeito, o filho de d. João VI não estava tendo, nos ultimos tempos, uma boa imprensa e era necessario que alguem, menos anti-bragantino, frisasse, no lado de algumas sombras, os aspectos realmente mais vistosos dessa personalidade incommum. E o sr. Pedro Calmon o faz sem aulicismo e tambem sem mexericos de chronista escandaloso, concluindo quasi sempre em favor daquelle que chegou a ser exaltado por Alexandre Herculano, evidentemente um juiz severo e incapaz de descobrir-se deante de mediocres.

CONCURSO LITTERARIO

Sob os auspicios da Sociedade Beneficente Sul Riograndense, a Commissão Executiva do Centenario Farroupilha abre um concurso para tres obras originaes:

a) *Historia da Revolução Riograndense de 1835 a 1845.*
b) *Romance da vida riograndense.*
c) *Poema ou livro de poesias sobre o mesmo assumpto.*

I — Os premios serão:

3:000$000 *para o autor da melhor historia da Revolução.*

2:000$000 *para o autor do melhor romance.*

2:000$000 *para o autor do melhor livro de poesia.*

II — A Commissão fará a impressão das obras premiadas na Edição do Centenario.

III — Dessa edição serão reservados 500 exemplares para os autores premiados.

IV — A Commissão Executiva poderá, de accôrdo com os autores, imprimir para a Edição do Centenario os trabalhos classificados em segundo lugar no concurso de romance e poesia.

V — No concurso de historia só haverá o premio acima consignado.

VI — A Historia da Revolução não deve exceder de 300 paginas, formato francez, em 8º, typo de corpo dez, entrelinhado. Destinado á vulgarização, o livro deve abranger toda a historia da revolução, alcançando de modo synthetico as suas causas, objectivos, acontecimentos, desenlace, repercussão na vida nacional, fazendo resaltar as personalidades cuja acção foi decisiva no desenrolar dos factos, sem preconceitos partidarios.

VII — O romance deve reflectir a vida riograndense, preferentemente na época da revolução; ficando ao arbitrio do autor a escolha do thema. Limita-se até 350 paginas, e formato indicado, a extensão da obra.

VIII — O livro de poesia obedecerá ás mesmas condições acima, sendo porém, exigidos pelo menos mil versos.

IX — Os concurrentes poderão apresentar seus trabalhos sob pseudonymo ou sob o proprio nome.

X — A entrega dos trabalhos será feita na Secretaria da Commissão, á Avenida Rio Branco, 183, 5º andar, passando o secretario recibo e devolvendo-se os originaes depois de julgado o concurso.

Paragrapho unico. — Os originaes que fizerem parte da Edição do Centenario não serão restituidos.

XI — O concurso fica aberto na presente data e encerrar-se-á no dia 30 de Abril de 1934.

XII — A selecção dos trabalhos será feita por uma commissão de homens de lettras, escolhida pela Commissão Executiva, após o encerramento da inscripção, della excluidos os que houverem apresentado trabalhos.

Acaba de apparecer:

GILBERTO AMADO

A DANSA SOBRE O ABYSMO

Preço: 7$000

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Affonso Arinos de Mello Franco — *Introducção á Realidade Brasileira* — Schmidt, editor — Rio.
Araujo Lima — *Só a Educação transforma os povos* — Editorial Alba Limitada — Rio.
Raul Reynaldo Rigo — *Volubilidade e outros contos* — A. Coelho Branco, editor — Rio.
Eustachio Alves — *Miserias da politica* — (Nos bastidores da revolução) — Editorial Alba — Rio.
Affonso Varzea — *O Estado Socialista do Pacifico* — Editorial Alba — Rio.
Antenor Nascentes — *Diccionario Etymologico da Lingua Portugueza* — Rio.
J. Rodrigues Valle — *A Reorganização Nacional* — Freitas Bastos & Cia. — Rio.
Bertho Condé — *Propugnando um governo isento de personalismo* — Editorial Alba — Rio.
Antonio da Silva Mendes — *Ocaso da Sciencia actual?* — Nictheroy — Estado do Rio.
Mattos Pimenta — *A Epopéa Paulista* — Ariel, editora ltda.
André Maurois — *A Vida de Disraeli* — Trad. de Godofredo Rangel — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Ferdinand Lassalle — *Que é uma constituição?* — Edições e Publicações Brasil — S. Paulo.
Mark Twain — *Aventuras de Tom Sawyer* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Frank Vreland — *Deshonrada* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
Edgard Wallace — *O Enygma da chave de prata* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Baroneza Orczy — *O Favorito de Sua Magestade* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Ridder Haggard — *Benita* — Comp. Editora Nacional — São Paulo.
Sax Rohmer — *A volta de Fú-Manchú* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Edward Earle Purinton — *Efficiencia pessoal nos negocios* — Cia. Brasil Editora S. A. — Rio.
Sana-Khan e Chacarian — *A mão, os sonhos e o Destino* — Editorial Alba — Rio.
Archivos de Medicina Legal — Anno III. N. 6 — Imprensa Nacional — Rio.
Revista do Gymnasio de Pernambuco — Anno I. N. 1. Recife.

FICO

Eu fico, pois não,
Si a todos dou bem.
Preparem as mulatas,
Recheiem os prús,
Avisem os banqueiros,
Supprimam os chuveiros,
Me comprem mercurio,
Afinem as guitarras,
Previnam o Chalaça,
Apromptem o troley,
Eu fico, mas vou
Falar com a Marqueza,
Já volto pra ceia.
Falando em comida
Eu fico, pois não.

(*Da* Historia do Brasil, *no prélo*).

Murilo Mendes.

ARCHIVOS DE MEDICINA LEGAL E IDENTIFICAÇÃO — Anno III — N. 6 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1933.

No ultimo numero da importante publicação dirigida pelos srs. Leonidio Ribeiro e Miguel Salles, os amadores e os profissionaes da Medicina Legal e Identificação irão achar diversos trabalhos, alguns originaes, versando assumptos ainda não ventilados nos tratados (como, por exemplo, o magnifico estudo do sr. Leonidio Ribeiro a respeito do *Direito de curar*), outros sobre themas que ha longo tempo vêm constituindo objecto de debates internacionaes, problemas de Criminologia, como identificação, euthanasia, etc., etc. Temos principalmente a destacar as monographias dos srs. Afranio Peixoto sobre *Missexualismo*, do sr. Mario Bulhões Pedreira sobre *A Biologia e o Direito*, do sr. Ary Franco sobre *O Direito de Matar* e do sr. Alcantara Machado sobre *Pericia Medica*. Estes ultimos ensaios, todos da mais perfeita exactidão scientifica, vêm mostrar mais uma vez a grande actividade dos nossos homens de sciencia nos campos vastissimos da Criminologia, ainda ha pouco tão brilhantemente exposta aos nossos estudiosos num curso de extensão universitaria dirigido pelos professores Afranio Peixoto, Julio Porto Carrero e Leonidio Ribeiro.

A SABOTAGEM DO PLANO QUINQUENNAL — Traducção de Cicero Lima — Editora Ariel Limitada — Rio, 1933.

Trata-se de um livro cujo thema foi ventilado, em carta publica, pelo grande romancista Romain Rolland e provocou uma especie de manifesto de Maximo Gorki aos operarios e camponezes de todo o mundo, no sentido de darem toda a attenção aos factos historiados nestas duzentas e cincoenta paginas impressionantes. Paginas que esmiuçam lentamente o famoso processo que pôz tantos representantes da espionagem internacional em contacto com os magistrados da republica sovietica, quando parecia perigar, devido ás tramas de argentarios e politicos da velha escola, o plano economico que era o facto central das aspirações de Staline e seus sequazes. Embora da mais estricta severidade historica, este volume, em que vêm á tona os nomes gloriosos de Briand e Poincaré, faz-se lêr como um romance de aventuras, taes os imprevistos que deram um pico de escandalo mundial ás peripecias judiciarias desenvolvidas em Moscou.

"LE MANUSCRIT AUTOGRAPHE"

Recebemos de Paris o numero de *Le Manuscrit Autographe* dedicado ao banquete com que distinctos intellectuaes francezes festejaram o inspirado poeta cubano Armando Godoy. Impresso em papel de luxo e trazendo nitidas photographias de Manuel Frères, esse numero merece ser guardado em qualquer bibliotheca selecta, por isso que encerra expressivos discursos de Jean Royère, Paul Fort (que já andou aqui pelo Brasil), Louis Barthou, e a resposta do proprio homenageado.

SOBRE O PAIZ DO CARNAVAL

Nosso brilhante collaborador Jorge Amado acaba de receber uma carta, das mais honrosas, do sr. J. C. Nelson, illustre pedagogo norte-americano e leitor escrupuloso de tudo quanto de bom se produza em nossa terra. Esse professor de historia, tambem um critico arguto, é dos que lamentam sinceramente não tenham as nossas obras maior divulgação em paragens yankees, deplorando que o portuguez não figure entre as disciplinas obrigatorias do ensino de lá. Mas, da sua parte, vae elle, tanto quanto possivel, desobrigando-se da missão de conhecer a nossa melhor producção litteraria e não ha um livro de merito, de escriptor nosso, que não o vá interessar no seu bello recanto do Oregon. Leu elle, com prazer, segundo confessa, as novellas do sr. José Lins do Rego e da sra. Rachel de Queiroz, e, não menos se deleitou ao percorrer O Paiz do Carnaval *do joven romancista bahiano.*

*Pelo que o sr. J. C. Nelson mandou dizer ao nosso patricio, vê-se a duradoura impressão com que sahiu da leitura de um tal volume, construido com um material difficil, reflectindo bem a alma fragil e contradictoria de um grupo de moços ainda incertos do seu real destino. A proposito d'*O Paiz do Carnaval, *são mesmo trazidos á baila os nomes de Graça Aranha, Afranio Peixoto e Antonio Salles. Apenas o leitor norte-americano se mostra um tanto perplexo deante de algumas expressões do livro que não lhe foi possivel apprehender de prompto, como esta: "Feliz cidadezinha onde as moças não lêem Pitigrilli e não bolinam nos cinemas". E elle indaga: "Quem é* Pitigrilli *e que é bolinam?" Tambem o vocabulo "vargasviliananiente" o deixou um pouco atrapalhado e o sr. J. C. Nelson pede ao sr. Jorge Amado maiores esclarecimentos a respeito.*

Leiam:
CIUME
admiravel romance de
RENÉ-ALBERT GUZMAN

Anno III Abril 1934 N. 7

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR:
Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:
Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE
Agrippino Grieco

Pelas idéas claras e distinctas

NESTE cháos espiritual, por certo transitorio, em que vivemos, as correntes do pensamento, em varias de suas manifestações — philosophicas, sociaes, litterarias, etc., como que se attritam, como que se entrechocam na encruzilhada das competições e dos antagonismos. Taes antagonismos e competições, juntos a uma natural tendencia á simplificação, muito contribuiram para a já velha classificação bipartida dos espiritos revolucionarios. Comquanto simplista esse criterio, muito ha nelle de verdade e não seriamos nós que haveriamos de impugnal-o summariamente. Antes admittimos, até, que se accentua cada vez mais a opposição entre os dois grupos. Mas o que nos parece caracterizar a hora que passa é a attitude mental dos doutrinadores, ou melhor, de certos doutrinadores, voltados que se acham, uns, para a minucia, o infinitesimal, o subtil e o byzantino, outros para o mysticismo, o transcendentalismo, a metaphysica, outros, emfim, para o instincto e a intuição. Voltados, porém, todos para a selva oscura *do pensamento. E' assim em philosophia. Em sociologia é assim. E não é differente em litteratura.*

Ha entretanto, como acima já insinuámos, quem veja nessa atitude uma especie de opio para uso proprio e alheio, uma arrière-pensée *e ferreteie, em consequencia, os espiritos que a assumem com a marca de reaccionarios. Isso seria talvez incontestavel, se não existissem revolucionarios que interpretam Freud á sua maneira, descobrem em toda e qualquer victoria da razão sobre o sentimento um recalcamento sexual e em todo acto moral uma sublimação, proclamam a supremacia do instincto e confundem a liberdade com a licença. A litteratura escatologica e fescennina não é em geral, justiça se lhes faça, obra dos reaccionarios. Não lhes é tão pouco apanagio a tendencia á attitude mystica: Thomaz de Aquino e Lenine, se não são* arcades ambo, *são ambos, todavia, santos... O que portanto impressiona, primeiro que tudo, como traço marcante desta phase sombria da historia do pensamento, é, insistamos, um* bourrage, *uma indigestão mental com symptomas logomachicos alarmantes.*

O absoluto, por exemplo, essa bola preta (será assim?) que Claude Bernard arremessou longe, volta a fazer móssa na cabeça dos philosophos modernos, descendentes directos dos Ravaissons, dos Boutroux, dos Ollé-Laprunes, dos Lacheliers e de outros da mesma farinha. De nada lhes valeu, a elles, o trabalho de sapa com que o proprio racionalismo metaphysico já vinha, sem o querer, solapando a concepção theologica do universo; em nada lhes aproveitaram as posteriores conquistas e incursões do espirito positivo. Elles continuam a perscrutar o absoluto. E, como a experiencia, porque precaria, e a intelligencia, porque discursiva, não os ajudam, soccorrem-se do instincto, da intuição, da revelação, do extase, da graça, da fé, do diabo... Perscrutar o absoluto! Como se o problema do absoluto, do serem-si não decorresse da solução de outro problema que logicamente o precede, qual seja o da possibilidade mesma da metaphysica e como se fosse legitimo formulal-o antes de tal solução...

Mas deixemos a philosophia e passemos aos "sociosophos". Não ha, tão pouco, entre estes, bussola que os norteie, fio de Ariadne que os liberte do dedalo. Trata-se de estudar as sociedades humanas, os phenomenos sociaes e as relações constantes que por ventura existam entre elles? E' de vel-os, a esses bonzos e mandarins, doutrinando sobre a vida dos infusorios, das amebas, falando-nos de tropismos, appellando para "as verdades metaphysicas e religiosas", invocando a natureza humana, dando palpite sobre a sociedade futura, citando o capitulo dos chapéus... Victimas de um encyclopedismo eclectico que ingeriram e não digeriram, intoxicados, inhibidos de dar um passo no caminho da evidencia, da logica e do bom senso, lembram aquelle albatroz, de Baudelaire, cujas asas gigantescas o impediam de andar. Voar, porém, é com elles. Distanciam-se, extravagantes, do objecto de cujo estudo se incumbem e ficam pairando em grupos ou escolas, á margem da sociologia, no biologismo, no psychologismo ou na philosophia da historia, que não passa de ser uma metaphysica social. E note-se que, ainda aqui, nem sempre se trata de um traço peculiar á extrema direita.

Será, talvez, menos torturante o panorama litterario? mais concludente a obra de ficção, o romance, a poesia? Seria isso um caso estranho. Tudo se encadeia, tudo

IDÉAS E PALAVRAS

O sr. Tristão da Cunha acaba de publicar uma traducção brasileira do *Hamleto*. Talvez fosse melhor dizer que o escriptor patricio verteu *Hamleto* para o portuguez, pois a lingua empregada foi o idioma rude, rico e saboroso da Renascença — que falavam, em Portugal, os contemporaneos de Shakespeare.

Do valor de erudição, de philologia de tal empreza, julgarão os grammaticos. Para mim, admiro sobretudo a serena elegancia de um espirito que, alheio ás tendencias litterarias — ou anti-litterarias — de seu tempo, não temeu a pécha de purista e requintado, não sacrificou o seu bom gosto ao gosto da época. E' essa a verdadeira independencia. A mania moderna de não obedecer a regras, de negar todos os canones, é, em ultima analyse, uma convenção. O preconceito de não ter preconceitos. Uma servidão como qualquer outra.

Encastellado nas suas preoccupações estheticas, como o confessa elle proprio, o sr. Tristão da Cunha realizou uma obra, além de bella, honestissima. Só se póde vasar Shakespeare, sem diminuil-o, sem trahil-o, na linguagem dos homens do seu tempo. Só ella traduz integralmente o seu espirito. Certo, o genio inglez é eterno, capaz de resistir a todos os assaltos das modas ephemeras, mas só no ambiente em que brotou e resplandeceu adquire toda a sua magnificencia. Só nelle é totalmente comprehensivel.

Ha, não póde deixar de haver, uma connexão intima entre a idéa e a palavra. Assim como o modo de vida, os habitos, as emoções mais frequentemente sentidas vão aos poucos modelando a mascara humana, assim as idéas vão imprimindo o seu cunho, o seu feitio ás palavras que as vestem. Os homens excessivos, borbulhantes do Renascimento não se poderiam entalar nos termos burguezes dos de hoje, como os seus feitos, as suas paixões não se enquadram na nossa lingua mansa, de arestas gastas como seixos rolados.

Os effeitos seiscentistas eram de contrastes, de coloridos violentos, os nossos são de gradações, de entretons. A paleta de Rembrandt poderia acaso servir a Carrière?

Essa questão do estylo não é tão futil como parece; a essencia, o sentido profundo de uma idéa são, em parte, tambem indicados pela sonoridade, pela feitura da phrase. Uma lingua pobre póde ser um indice perigoso...

Os moços que, em boa hora, se lembraram de reagir contra a preoccupação de escrever bonito, cahiram numa affectação de simplicidade que, desfalcando o idioma, arriscam tornal-o inapto a exprimir todo o seu pensamento. Ha deslealdade em desalinhavar demais, como ha em enfeitar: ambos são artificios, traem a idéa.

O estylo de torcedor de foot-ball não póde ser o da nossa época, pela razão muito simples, muito evidente, de que ella não se compõe apenas de torcedores de foot-ball.

Sem cahir na velha quizila de saber se póde ou não haver idéa sem expressão verbal, não podemos negar a sua estreita inter-dependencia. E, para não irmos mais longe, temos um exemplo frisante num dos nossos mais anti-litterarios e mais jovens escriptores, Octavio de Faria. Pensador sincero, sem sombra de preoccupações de estylista, nota-se, entretanto, no seu segundo livro, muito maior clareza, mais variados recursos de expressão do que no primeiro. Composição mais cuidada? Talvez. Mas não creio. O que houve, foi maior amadurecimento, mais agilidade mental, maior segurança dos conceitos. E logo, o progresso do critico, do sociologo, reflectiu-se no do escriptor. O pensamento, por si mesmo, foi plasmando a sua fôrma.

Respeitar essa communhão, não deixar nunca que o vocabulario, por insufficiente, amesquinhe a idéa, nem permittir que se abastarde por excessivo, em phrases ôcas, é a honestidade do escriptor.

A honestidade do artifice que sabe prezar o seu instrumento de trabalho.

Essa delicadeza, essa suprema polidez, o sr. Tristão da Cunha mostrou possuil-a no mais alto grão quando ajustou tão bem a sua versão ao caracter da obra de Shakespeare.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

CONTRICÇÃO

Quero banhar-me nas aguas límpidas
Quero banhar-me nas aguas puras
Sou a mais baixa das criaturas
Me sinto sórdido

Confiei ás feras as minhas lágrimas
Cahi de borco pelas calçadas
Cobri meu rosto de bofetadas
Meu Deus valei-me

Vozes da infancia contai a historia
Da vida boa que nunca veio
E eu caia ouvindo-a no calmo seio
Da eternidade.

MANUEL BANDEIRA.

repercute, todas as cousas mutuamente se influenciam, são a um tempo causa e effeito na vida social. Não se comprehenderia, assim, que a litteratura permanecesse immune, intangivel em meio a essa decadencia caracterizada pela confusão, muito embora a torre de marfim tenha sido, até aqui, a residencia habitual dos poetas do verso e da prosa. Ora, justamente essa distincção entre prosa e verso já não existe mais hoje e os poetas se vão tornando os homens mais prosaicos do mundo. Quanto ao theatro, um ha, chamado "de experiencia", que se deveria antes chamar "theatro da inexperiencia". Ha, emfim, uma litteratura "vertical", desdenhosa, não só dos canones grammaticaes, senão da propria logica, opposta á "horizontalidade" da intelligencia, litteratura de profundidade e não de superficie, focalizando suas creações intuitivamente, em bloco, como num filme... Dir-se-ia uma litteratura sem palavras e tanto vale dizer — sem lettras...

Mas tanto vale dizer tambem que estamos longe, incommensuravelmente longe daquelle espirito positivo e racionalista, daquellas idéas claras e distinctas, que são o que de melhor nos ficou, ou deveria ter ficado, da obra desse metaphysico malgré lui, *que se chamou Cartesius.*

V. DE MIRANDA REIS.

"POURQUOI LA GUERRE?"

Albert Einstein, Sigmund Freud — Collecção "Correspondance" do Instituto Internacional de Cooperação Intellectual da Sociedade das Nações — **Paris, 1934.**

O Instituto de Cooperação Intellectual resolveu ha algum tempo provocar uma correspondencia "entre os representantes qualificados da alta actividade intellectual, analoga ás relações de pensamentos que sempre se estabeleceram por esse meio, particularmente nas grandes épocas da vida européa."

O primeiro volume, publicado em francez e em inglez, foi dedicado a uma questão summamente interessante: o papel da ordem intellectual na direcção das grandes questões politicas, internacionaes e administrativas. Reuniram as cartas escriptas por alguns intellectuaes especialmente convidados a tomar parte nessa correspondencia: Henri Focillon, Paul Valéry, S. de Madariaga, Gilbert Murray, Alfonso Reyes, Tsai Yuan Pei e o signatario destas linhas. Em seu numero de Junho de 1933 o *Boletim de Ariel* publicou dessas cartas uma analyse assignada por O. B. de Couto e Silva.

O segundo volume da *Correspondencia* apparece agora ao mesmo tempo em francez, inglez e allemão, contendo apenas duas cartas, uma de Einstein outra de Freud. O thema offerecido á analyse dessas duas poderosas intelligencias é em extremo difficil: *Porque a guerra?*

Einstein quasi recua deante das difficuldades de um problema dessa natureza. Apenas apresenta ao psychologo algumas faces da questão e julga que o convite a elle dirigido resulta da impotencia sentida pelos homens de acção, incapazes de se orientarem em uma questão tão grave. Como homem de sciencia, Einstein se sente muito afastado desses problemas. Mas não será essa uma condição de sufficiente recuo e bastante imparcialidade para avaliar das coisas com segurança?

Uma organização preventiva que por qualquer fórma visasse evitar as guerras, exigiria a formação de uma autoridade collocada acima do poder dos estados ou das nações actuaes. Ella envolveria assim uma diminuição de autoridade de cada estado particularmente considerado. Einstein, que se confessa liberto dos preconceitos nacionaes, sente bem a impossibilidade pratica de attingir a um tal fim.

Nada querendo ceder de sua força e de sua autoridade, os estados não permittiriam a constituição de uma especie de tribunal superior capaz de impôr suas decisões por meios mais efficazes que a simples declaração de direitos ou a innocua explicação de principios. "Ha um facto com o qual é necessario contar, escreve Einstein: direito e força são inseparavelmente ligados". Só quem tem força pode na realidade impôr ou fazer respeitar o seu direito. Dentro de um paiz, a communidade ou o estado devem ter ao seu dispôr a força para garantir os direitos. Mas nas questões internacionaes, onde a força que um tribunal superior, supra-nacional, teria para fazer cumprir suas resoluções?

O que Einstein chama *appetite politico de poder*, caracteristico do estado, é singularmente explorado, segundo elle, pelos interesses economicos da grande e poderosa classe dos fabricantes de armas e commerciantes de munições. Entretanto, esses dois factores ainda não bastariam. Bem ou mal, é necessario que exista o consentimento e apoio das massas, as que realmente soffrem e se sacrificam nas guerras. Como podem as classes dirigentes e os interessados na guerra, levantar e utilizar os profundos sentimentos de hostilidade preparatorios da guerra entre os povos? Como meio de acção, Einstein denuncia a imprensa, as escolas e as organizações religiosas. Mas isso ainda não seria sufficiente: essa acção encontra na propria psychologia humana um terreno particularmente adequado ao desenvolvimento dos sentimentos necessarios á guerra. "O homem tem em si a necessidade do odio e da destruição", declara Einstein. Existente nas condições ordinarias em estado latente, essa necessidade transforma-se facilmente, quando bem alimentada e explorada, em uma psychose collectiva.

Terminando, Einstein pergunta a Freud: existe alguma possibilidade de agir sobre o psychismo do homem de modo a evitar essa psychose, que não attinge sómente as massas incultas e ataca de preferencia a parte intelligente da collectividade?

Ao responder a Einstein, Freud, a principio mostra-se ainda mais timido. O pesquizador dos profundos sentimentos humanos não esconde os receios que o assaltam. Começa concordando com Einstein sobre as relações do direito e da força. Entretanto Freud acha ser o termo *força* insufficiente para exprimir os factos: substitue-o pela palavra *violencia*. O psychologo austriaco apresenta aqui uma verdadeira theoria evolutiva do direito baseado na violencia, visivel em toda sua brutalidade nas hordas primitivas, disfarçada, diluida em abstracções cada vez mais subtis nas sociedades civilizadas.

Nas communidades, o direito baseado na violencia dos mais fortes é combatido pela reunião cada vez mais numerosa dos fracos. A violencia dos grupos e finalmente dos estados, substitue a supremacia dos individuos, creando uma nova fórma de direito. As guerras civis, os conflictos internos surgem dessa eterna luta entre os dominadores que aspiram alargar seus poderes, e os dominados, que anceiam por uma maior liberdade ou mais efficaz participação no poder. Os interesses communs, a defesa collectiva — o progresso da cultura commum, porém, concorrem aos poucos para mitigar e attenuar esses conflictos.

Para Freud a guerra de conquista poude mais de uma vez ter um resultado benefico: a transformação mais rapida da violencia em direito, e assim um progresso real da cultura. Esse progresso, porém, é constantemente ameaçado pelas tentativas de revolta, de regressão ao estado primitivo de coisas.

Freud concorda plenamente com Einstein sobre a impossibilidade de acção de um tribunal superior como a Sociedade das Nações. Tambem elle crê que as idéas por si sós não são ainda sufficientes para resolver o problema da guerra. No momento necessario a força reapparece e se impõe. "Não faltam pessoas, escreve Freud, para predizer que só a penetração universal da ideologia bolschevista poderá acabar de vez com as guerras, — mas de qualquer modo estamos ainda muito longe de um tal resultado, e talvez não se pudesse chegar a isso sem assustadoras guerras civis. Parece pois que a tenta-

tiva consistindo em substituir o poder material pelo poder das idéas está ainda, por emquanto, fadada ao insucesso."

Ao abordar, a convite de Einstein, o problema da existencia de um instincto de destruição, de um verdadeiro instincto de morte, Freud recae em suas grandes theorias geraes. Sim, o homem possue esse instincto, constantemente combatido, aliás, por outro instincto antagonista — o instincto que procura conservar e unir, no sentido do *eros* no *Symposion* de Platão — que até certo ponto neutraliza e annula os effeitos do primeiro. O predominio momentaneo do instincto de destruição pode levar ás peiores consequencias, mas cedo ou tarde o equilibrio tende a se restabelecer. A luta contra a guerra poderia utilizar-se, em principio, desses instinctos constructores, dos sentimentos de conservação e de vida.

Seria o caso de pensar em estudar os problemas da guerra fazendo abstracção dos instinctos mais ou menos ingovernaveis. "Poder-se-ia observar, diz Freud, nessa ordem de idéas, que se deveria fazer esforços, mais do que até agora se fez, para formar uma categoria superior de pensadores independentes, de homens inaccessiveis á intimidação e entregues á pesquiza da verdade, que se encarregariam da direcção das massas desprovidas de iniciativa. O Estado ideal residiria naturalmente em uma communidade de homens tendo subordinado a vida instinctiva á dictadura da razão." E Freud conclue: "Mas ha toda a probabilidade para que isso seja uma esperança utopica." Um scepticismo desse mesmo genero nós já haviamos desenvolvido em nossa carta apparecida no volume anterior.

As duas cartas de Einstein e Freud não poderiam exgottar a questão. Muita coisa deveria ser discutida e para isso seriam necessarios alguns volumes. Mas é incontestavel que ellas abordam o problema da guerra por um lado não sufficientemente esclarecido ainda: os dados elementares da psychologia individual e collectiva. Ambas registram phenomenos que são desanimadores e proprios para abafar ou extinguir as esperanças em um futuro melhor: a guerra provém em ultima analyse de forças instinctivas habilmente exploradas por grupos dominantes e interessados. A conclusão impõe-se: emquanto o homem não conseguir modificar e aperfeiçoar o seu lastro de sentimentos e instinctos inaccessiveis á razão, não ha grandes possibilidades de melhoria do actual estado de coisas. E será isso possivel?

Freud acredita que sim. "Desde tempos immemoriaes, a humanidade experimenta o phenomeno do desenvolvimento da cultura... E' a esse phenomeno que devemos o melhor daquillo de que somos feitos e uma boa parte daquillo de que soffremos. Suas causas e suas origens são obscuras, seu resultado é incerto, e alguns de seus caracteres são facilmente comprehensiveis. Talvez conduza elle á extincção do genero humano, porque por mais de um aspecto é elle nocivo á funcção sexual, e actualmente já as raças incultas e as camadas atrazadas da população augmentam em proporções maiores que as categorias requintadas... As transformações psychicas que acompanham o phenomeno da cultura são evidentes e indubitaveis... Entre os caracteres psychologicos de cultura, existem dois que apparecem como sendo os mais importantes: a consolidação do intellecto, que tende a dominar a vida instinctiva, e a reversão interior da inclinação aggressiva, com todas as suas consequencias favoraveis e perigosas. As concepções psychicas para as quaes somos levados pela evolução da cultura, são de modo mais ou menos vivo, feridas pela guerra; é por isso que contra essa devemos nos insurgir; é-nos simplesmente impossivel supportal-a mais; não se trata sómente de uma repugnancia intellectual e affectiva, mas em nós, pacifistas, de uma intolerancia constitucional, de uma idiosyncrasia por assim dizer augmentada ao extremo. E, parece mesmo que as degradações estheticas comportadas pela guerra não contam muito menos em nossa imaginação que as atrocidades por ella sustentadas."

Interpretando o pensamento de Freud, pois, poder-se-ia apresentar o typo intellectual pacifista, resultado de uma cultura accumulada e superior como o exemplo, o modelo a ser seguido pelo resto da humanidade, afim de salval-a de um grande mal: a guerra. Quando se chegará a um resultado real e importante nesse sentido?

"Talvez não seja uma utopia, diz Freud, ter esperança na acção desses dois elementos — a concepção cultural e o medo justificado das repercussões de uma futura conflagração — afim de, em um futuro proximo, pôr termo á guerra."

Não sabemos se o futuro proximo real poderá alimentar essa pallida e bruxoleante chamma de um optimismo que procura resistir, apesar de tudo, e não quer deixar-se completamente destruir...

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

ALBERTO I

Em dias de hoje, os monarchas morrem ainda em vida. Alberto I, morto, continúa vivendo. E' que elle não trazia apenas a corôa herdada de seus maiores. Com heroismo e dôr, tecera uma outra que lhe cingia a fronte com luz mais offuscante.

"Disse, ensinei durante muito tempo, que a Historia era uma escola de immoralidade. Não direi mais, depois do exemplo que a Belgica vem de nos dar. Um acto como aquelle resgata as maiores vilanias da humanidade. Faz com que nos sintamos orgulhosos de ser homens."

São palavras de Henri Bergson, escriptas logo no inicio da Grande Guerra, quando a pequenina nação do norte da Europa, sangrando por todas as veias, se encarniçava na defesa intemente do seu solo.

Mas não será destas curtas linhas a exaltação de taes feitos gloriosos, em que a figura do Rei-Soldado avulta como um novo São Jorge, a triumphar-se do dragão. Fiquemos com a lembrança do soberano-lettrado, que sempre sorria para as cousas da intelligencia, dotou Bruxellas com um cenaculo de escriptores, tinha um olhar de admiração para Maeterlinck e Verhaeren e, ainda pouco antes de morrer, recebia Paul Claudel, que lhe ia apresentar as credenciaes de Embaixador, tendo sobre a sua mesa de trabalho um volume do "L'Annonce faite à Marie".

— Vicki Baum, que se notabilizou universalmente com o *Grande Hotel*, transportado á pellicula cinematographica, vem de estampar o novo romance *Ina*, onde se percebem a finura de emoção da autora e ao mesmo tempo a sua indiscutivel capacidade de artista creadora de estylo e ambientes.

Romance e exercicio psychologico

Aldous Huxley — Deux ou Trois Graces.
Henry James — Un Portrait de Femme.

O que me faz reunir aqui esses dois romances por tantos aspectos differentes, apparentemente mesmo hostis a qualquer idéa de approximação, é que, ao ler agora a traducção franceza do romance de Henry James, fui constantemente levado a pensar em *Deux ou Trois Graces*, de Huxley. E o que vou tentar explicar agora são as razões dessa proximidade em que os senti.

Sem duvida, globalmente considerado, *Un Portrait de Femme* — que data de 1891 — se approxima muito mais de outros romances da epoca e especialmente de um livro como *Cosmopolis* de Bourget — um *Cosmopolis* côr de rosa, visto mais com sympathia do que com indignação, e direi mesmo: observado por um romancista em quem uma certa ingenuidade constituisse o maior dos encantos... Mas não obstante tudo isso, ao ler esse *Cosmopolis* escripto por um americano que a Inglaterra nessa época ainda não desnacionalizára, era do pequeno romance de Aldous Huxley que eu me lembrava sempre — e, convem confessar logo, eram sempre momentos desagradaveis.

Reflectindo sobre as razões dessa approximação, cheguei á conclusão de que havia realmente um elemento commum aos dois romances: a maneira pela qual as heroinas variavam de modo de ser, de modo de pensar e de sentir, no decorrer de cada livro. Sem duvida, nada de extraordinario no simples facto de haver evolução na vida das heroinas, mas nesses romances, verificava-se uma maneira dessas evoluções se processarem que era bastante fóra do commum e de certo modo proxima em ambos. De um modo ou de outro, mostravam a influencia do exterior — outras pessoas ou ambientes — transformando a heroina deante dos nossos olhos.

Transformações violentas e bruscas, totaes no romance de Huxley. Grace, conforme a creatura que ama, é uma Grace ou já é outra Grace. Transforma-se, reflectindo com espantosa nitidez os pensamentos e o modo de sentir do homem que mais perto passou do seu caminho. E transforma-se tão completamente que se torna na verdade uma nova Grace. Assistimos a todas essas mudanças, e, de tal modo, que pelo conhecimento de cada novo homem que surge na sua vida, podemos prever exactamente o que vão ser a sua alma e o seu modo de pensar tempos depois. A reflxão dá-se exactamente seguindo um certo numero de regras que, por menos que o autor a ellas se refira, no fim das primeiras experiencias, ficamos conhecendo perfeitamente bem — e bem de mais até...

Donde a impressão, invencivel ao que me parece, de monotonia. — (O conteúdo tomando sempre a fórma exacta do continente.) E tambem, peor ainda, a sensação desastrosa de que se está assistindo a um exercicio psychologico, a um jogo, a uma experiencia litteraria: o autor mostrando até que ponto uma pessoa póde ser influenciada por outra e segundo que regras isso se dá...

Idéa sem duvida muito interessante — exercicio curioso. Perdido num romance, talvez pudesse ser acceito como detalhe, ou pelo menos como demonstração de conhecimento por parte do autor de "psychologia imaginaria". Elevado a *materia* do romance — que se reduz a isso, que vive em torno dessa idéa unica — torna-se de tal modo arbitrario, "jogo" puro, litteratura, que nem mesmo as espantosas qualidades de Huxley como narrador (e creio que esse livro testemunha mais em favor dellas do que o proprio *Contrepoint*...) conseguem salval-o de uma rigorosa condemnação.

Beirando todos esses perigos em que afundou o Huxley de *Deux ou Trois Graces*, Henry James consegue se salvar ao longo de *Un Portrait de Femme*. Innegavelmente, a heroina varia de principio a fim nas setecentas paginas do romance e varia reflectindo o ambiente em que vive (a influencia agora não é mais de individuos isolados, mas sim de ambientes ou de grupos de pessoas que se alliam para um trabalho commum.) Innegavelmente tambem Philippe Neel, o prefacista da traducção franceza do romance, póde dizer quasi sem exaggero que, depois de "vinte interpretações successivas", o retrato de Izabel Archer fica inacabado, prompto para novas interpretações, isto é: para novas constatações de transformações soffridas. Mas, o que é innegavel tambem é que Henry James sabe nos mostrar essas transformações bem fundidas no movimento geral do seu romance que excede de muito (apesar dos possiveis defeitos — que não me interessa analysar aqui) a simples analyse psychologica da heroina e das suas modificações pela influencia do meio onde vive.

Nada aqui do quasi mechanico do exercicio psychologico que Huxley se propoz fazer. Quando muito uma impressão de monotonia, de repetição de situações — que é o que explica que eu me tenha lembrado sempre, durante a leitura, de *Deux ou Trois Graces* e não, por exemplo, de um romance como *Climats* de André Maurois que tambem é construido sobre uma repetição de situações — é verdade que com inversão de papeis.

Assim, podemos concluir que o livro de Henry James é realmente um romance, emquanto que o de Aldous Huxley não o consegue ser. Por mais que se admire o talento com que Huxley sabe contar, é preciso reconhecer que, como romance, *Deux ou Trois Graces* falhou. Falta vida. Rigoroso, absolutamente certo, geometrico até, se assim se póde dizer, é um eschema de situações possiveis, não um organismo vivo. Com todas as suas imperfeições, com os seus personagens "representativos" a rodear a heroina central, o romance de Henry James consegue, em opposição, dar essa impressão de vida que como se sabe é quasi tudo num romance.

Mas não é minha intenção aqui analysar em si nenhum desses dois livros. Apenas mostrar como se differenciam no unico ponto em que um lembra o outro, para mais uma vez chegar á constatação de como o romance é realmente uma coisa delicada, uma "vida" que qualquer "idéa" menos bem assimilada á technica propria ao romance póde matar...

OCTAVIO DE FARIA.

Leiam o romance de LUCIA MIGUEL PEREIRA:

EM SURDINA

Em todas as livrarias

Uma indulgente humorista

Maria Eugenia Celso — FANTASIAS E MATUTADAS — Ariel, editora.

O sr. Afranio Peixoto, sempre tão bem informado, esquece, todavia, no seu ensaio de breviario do humorismo nacional (*Humour*, Editora Guanabara — Rio) a nossa unica humorista — d. Maria Eugenia Celso.

E' tão complexo o sentimento do humor, e por vezes tão doloroso, que a ingenita presumpção masculina parece querer monopolizal-o. Mas, se a mulher percebe mais que o homem o ridiculo das pequenas coisas, porque tambem não perceberá o das grandes?

Será que negamos o *sense of humour* á mulher por não a julgarmos capaz de maldades tão contundentes como as do humor?

Ha, ao lado de um humorismo pessimista e tragico á Swift, um humorismo optimista e indulgente, cheio de resignada melancolia. Aquelle é arrojado e póde chegar até a blasphemia, este é commedido e procura comprehender e perdoar a imperfeição das coisas eternas.

— Mundo, és o peior dos mundos possiveis!

— Mundo, misturas o bem e o mal, indifferente, e para não chorar me rio dos teus descuidos e falhas, da tua immanente injustiça.

Nem sempre o humorista se ala a uma concepção da vida, mas todo o humorismo a presuppõe.

A senhora Maria Eugenia Celso, espirito fino, penetrante, saturado de cultura, pertence á categoria dos humoristas indulgentes. Para ella esse nosso valle de lagrimas poderia ser mais bem feito e a justiça melhor repartida entre os seres humanos, comtudo acha que não vale a pena a gente se lamentar, porque um scepticismo experiente esteriliza as decepções, e o "encanto negativo" da ironia cura todas as nossas maguas.

A receita é excellente, mas infelizmente os doentes para a tomar são poucos. A nossa incultura, mal disfarçada pela incipiente alphabetização e até por titulos academicos, não permitte a generalização do seu uso.

Estamos muito longe de sentir o espicaçamento da ironia, as vacillações da duvida, a graça dos sentimentos delicados: somos, na maioria, muito primitivos ainda. O de que gostamos é das côres berrantes, é de affirmar e dar vasão ás paixões fortes.

Proprio é dos humoristas não se pouparem nem a si mesmos. Dona Maria Eugenia resiste a essa prova. Leia-se a *Dedicatoria*, á pagina 12 das *Fantasias e Matutadas*. Mais adiante, referindo-se ao seu coração, qualifica-o de "pobre diabo que não teve sorte!". Ha no riso que espalha o saibo de uma dôr occulta — a revolta da humorista.

Além da nota humorista, caracterizam os versos da senhora Maria Eugenia Celso uma grande facilidade de composição e a mais genuina brasilidade. Dir-se-ia que poetiza brincando com as palavras e os conceitos e nisto se approxima de Arthur Azevedo. Sente-se-lhe o fluir continuo da inspiração. O seu brasileirismo vae até o emprego do dialecto popular, approximando-se assim do sr. Catullo da Paixão Cearense.

Os Peccados são uma deliciosa poesia dialectal:

Peccados... Quanto peccado
Vae pelo mundo de Deus!...
Os home é bicho marvado
Que, ao nascê, já vem curpado,
Todos pecca seu bucado
Eu tambem cá tenho os meus...

Seje um peccado de arromba,
D'aquelles que é feito bomba
E faz tudo dizê: chii!...
Ou bem desses caladinho,
Piquitito mas ruinzinho
Que nem arte do sacy.

Peccadinho vagabundo
Que a gente faz nesse mundo
E nem sabe pruque fez,
Mas o pió dos peccado

E' nesses que a gente encosta
E fica ali tarrachado,
Peccado que a gente gosta
E' peccado duas vez!...

E vae por ahi esse pequeno tratado dos peccados, em que se percebe o sabor da irreverencia remota de Gil Vicente. A poetisa evade-se de si mesma, culta e citadina, para se refugiar no povo, na sua ingenuidade camponeza. Mas a intenção é sempre ironica ou humorista.

Ha, em *Fantasias e Matutadas*, versos lyricos, que emparelham com os dos nossos melhores poetas, mas a nota predominante no livro é o da fina ironia e do humorismo.

A senhora Maria Eugenia Celso tambem faz deliciosos versos em francez, mas nesse livro não nos quiz dar amostra dessa feição estrangeira de sua musa. Prosadora tambem o é, e domina com facilidade o idioma na chronica alada e subtil.

Não posso agora occupar-me desses aspectos de sua personalidade litteraria. O que quiz, a proposito da reedição das *Fantasias e Matutadas*, foi chamar a attenção para o caracter predominante de suas poesias, para seu melancolico humorismo, que tem passado despercebido aos criticos e noticiaristas de coisas litterarias.

Como todo o individuo que faz uma descoberta, fiquei com a gana de proclamar a minha.

Leiam os versos de Maria Eugenia Celso: são uns favos de mel, mel da jaty em que se casa á doçura um certo travo — o travo delicioso do *humour*.

ALCIDES BEZERRA.

— André Tardieu, notavel homem de Estado, offerece, em *L'Heure de la décision*, uma especie da summula das suas observações e meditações de politico. Sobre a revisão constitucional, o pleno advento do feminismo ou os novos encargos e attribuições parlamentares, o livro de Tardieu apresenta suggestões que talvez interessem aos nossos patricios.

— Um dos maiores conhecedores da historia da capital da França é Pierre Champion, de uma estirpe de livreiros e tenaz investigador dos mysterios da existencia de Villon. Agora, apresenta-nos elle *Splendeurs et misères de Paris*, onde passa em revista as grandezas e as tristezas da futura Cidade-Luz, durante os seculos XIV e XV.

— Francisco Duhorcau estuda a personalidade, tão descurada até hoje, de *La Mère de Napoléon*, dessa estranha Letizia Buonaparte em quem se conciliavam as melhores virtudes da Corsega e que, atravessando sem fatuidade os dias de esplendor, soube affrontar sem medo os dias de abandono e declinio.

— Aspectos frisantes das guerras religiosas apparecem neste volume de Lucienne Ercole intitulado *Vie et mort des camisards*, examinando-se bem certas consequencias da revogação do edito de Nantes e das contendas entre calvinistas e catholicos.

D I V A G A Ç Õ E S

Quem nasceu em Roma, é *romano;* quem vae a Roma... e volta — é *romeiro*.

Eis ahi porque os portuguezes que exploravam o páu brasil eram *brasileiros* e nós outros, que nascemos no Brasil, somos *brasilianos*. Vê Joaquim Ribeiro que não tenho razões fortes para ser... *brasileiro*. Nem eu nem elle, o meu querido amigo.

*

Tambem não sou gesthaltista por principio. Para Wertheimer, Kohler e os outros fundadores da escola, a fórma pode ser independente do objecto, pode existir *per se*.

Não vou nisso. No meu curso de philosophia aprendi a *theoria positiva da abstracção,* que é radicalmente differente. O conceito de fórma pura é resultante de uma operação psychica. Depois de tomar conhecimento *objectivo* de differentes sêres triangulares, conservo no cerebro apenas um dos attributos — a fórma de todos elles — e tenho o *triangulo* abstracto que sem elles não existe. E' o que se faz para o calor e para a electricidade. Considero uma serie de corpos quentes: *a, b, c, d* de tamanho, peso especifico, dureza, etc., variavel. Desprezo, subjectivamente, todos estes atributos e só na temperatura de cada qual fixo a minha attenção. Tenho o calor como attributo abstracto. Por outras palavras fiz a theoria do calor. Onde achar calor sem corpos quentes?

Joaquim Ribeiro tem toda a razão quando acha que a sciencia moderna, toda ella, vive atravancada de metaphysica. A *gesthalttheorie* não tem o privilegio...

*

Domingo. Dia de sol. Rêde. *Jornal do Commercio*. Discurso na Constituinte:

"O Sr. Xavier de Oliveira: Foi ainda Roquette-Pinto quem disse que os degenerados produzem genios..."

O que eu disse:

"A esterilização legal dos degenerados e outros individuos cuja reproducção seja considerada indesejavel, é pratica muito antiga em alguns Estados da União Norte Americana. Em França, um dos grandes adeptos dessa pratica é Carlos Richet. Em principio, a Eugenia quer isso mesmo: augmentar o numero dos "melhores" e acabar com os "peores"... O problema, porém, é extremamente complexo, além do mais porque, na hora actual, salvo os selvagens, não ha individuo, no mundo civilizado, que se possa considerar portador de herança unilateral. O "máu germen" está dynamizado, como dizem os homeopathas, por toda a humanidade, prompto, porém, a se manifestar na primeira occasião. E assim tambem o "bom germen". Esterilizar um degenerado será, em alguns casos, privar a humanidade futura de alguns homens de genio. E quando se sabe que todo o progresso da especie humana foi, afinal de contas, resultante da actividade de poucos individuos dessa classe excepcional, vê-se logo quanto importa o surto de um desses typos.

Por outro lado, imagine o Sr. quantos abusos, facilmente praticaveis, se a tal esterilização geral fosse decretada."

*

Commentario do *Human Biology and Racial Welfare* — pg. 513 — livro de Cannon, Carrel, Conklin, Davenport, Dewey, Gregory, Huntington, Millikan Pearl, Sherrington, Yerkes e outros do mesmo quilate:

"*We can perhaps sterilize certain obvious defectives and so minimize the economic burden imposed by the maintenance of institutions for their care. But we cannot so durably solve the problems imposed by the fact that disobling defects, deseases and tendencies to the development of desease are inherited. The faulty gem plasm considering the multitude of distorted conditions is too widespread for this.*"

Isso sim. E' genetica mendeliana da bôa. O mais é preconceito medico disfarçado em verniz biologico.

*

Os medicos são todos esterilizadores...

O *Boletim do Syndicato Medico* transcreveu as opiniões favoraveis ao preconceito e nenhuma opinião contraria. Fui summariamente excluido. Está certo. Já disse mesmo ao cobrador do Syndicato Medico, quando me procurou este mez... Passei recibo da exclusão.

*

Continúo fiel á lição de Jennings:

"*The teachings of genetics may be summarized in Aristotle's saying — the nature of man is not what he is born as, but what he is born for.*"

Emquanto a herança biologica fôr dupla, biparental — : "*fools will produce wise men and wise men will produce fools.*"

ROQUETTE-PINTO.

DE LINGUA INGLEZA

O volume de William Faulkner, traduzido para o francez com o titulo de *Sanctuaire*, está obtendo successo em França. Já o prefacio de André Malraux lhe dava um forte prestigio inicial. Mas o livro vale em si mesmo, pela satira aos costumes norte-americanos, feita por alguem que é de casa, que é tambem da familia. Ramon Fernandez declara que se trata de uma grande obra, de um romance que, como *Babbitt*, se destina a uma irradiação mundial. Com escriptos desses, a litteratura yankee vae passando dos vagos projectos a realizações magnificas. Jacques Chabannes frisa que essa narração de inexoravel crueza fixa como poucas a existencia de um "mal do seculo" em terras que muita gente suppunha inaccessiveis a qualquer influencia romantica. Alternativa de comedia e tragedia, — é o que encontra em tal volume o critico Maxence. Pierre Descaves dá o trabalho de William Faulkner como superior ao proprio *Babbitt*, por isso que menos estereotypado em materia de humorismo e muito mais veridicamente humano na sua finalidade de mostrar uma America monstruosa, em que tantos idolos da plutocracia renovam a bestialidade dos idolos hindús a esmagar os crentes ajoelhados pelas ruas.

— Não só os brasileiros se recreiam com as obras de Edgar Wallace. Tambem, os requintadissimos francezes esquecem as ameaças de Hitler e os horrores do caso Stavisky percorrendo as matanças e as gatunagens irreaes em que são ferteis as narrações daquelle machinador de mysterios. Ainda agora, a proposito das aventuras de Jim Morlake, o herôe do *Homem de Marrocos*, a critica de Paris recorda que Wallace "dictava, ao mesmo tempo, tres romances a tres secretarios differentes". Póde dizer-se que, com a morte desse Gaborian moderno, fechou as portas uma das usinas mais laboriosas da litteratura universal. E o mais curioso é que, segundo noticiaram os jornaes, Wallace morreu na miseria, deixando a viuva atrapalhada. Seus gastos eram orgiacos e não reteve elle uma só das libras que lhe traziam as suas invenções abracadabrantes. Quem sabe se, como tantas vezes acontece, a vida desse inexhausto productor ainda não seria o melhor dos seus romances?

"L'Homme du Brésil"

Este romance, pelo seu titulo, tinha para nós, brasileiros, um particular interesse. A mais, foi obra recentemente distinguida com o Premio Interalliado e á qual fazem referencias as revistas e jornaes europeus.

Quem seria o "homem do Brasil" que inspirou o sr. Robert Bourget-Pailleron, nome ainda de pouca voga nas lettras, e que parece ser o de um autor belga?

Para os escriptores portuguezes do seculo passado, Camillo Castello Branco entre outros, o "homem do Brasil", o "brasileiro", era sempre o seu proprio patricio, algo labrusco, bastante ridiculo, que tornava a Portugal depois de haver emigrado cedo para a nossa terra, onde amealhara algum peculio e pudera pôr ao dedo um grosso annel de brilhantes.

Seria tambem esse o "brasileiro" do sr. Pailleron, qualquer belga ou francez que enricasse por aqui e fosse mais tarde offuscar os de sua gente? Não nos parecia acceitavel a conjectura. Se a "arvore das patacas" ainda fructifica entre nós, contentará, quando muito, a alguns portuguezes menos ambiciosos. Foi-se a época dos negocios de vulto e das transacções de polpa.

Mas quem seria, então, o "brasileiro" do sr. Pailleron?

E' o que vamos tentar explicar, graças á gentileza de um amigo dilecto, que nos fez ter ás mãos o livro tão appetecido. Trata-se de um romance de leitura bastante attrahente e que apresenta algo de policial na maneira por que se desenvolvem as suas scenas.

Julien Clément, modesto empregado de uma livraria, em Paris, já quasi sexagenario, tem uma preoccupação que o consome: saber do paradeiro de um filho, que lhe fôra roubado aos cinco annos, quando sua mulher o abandonara por outro homem. Iam disto sete bons lustros; a sua existencia se refizera por outro casamento; dois filhos alegravam-lhe o novo lar; tinha tudo, emfim, para gosar de uma mediania feliz, se não fosse a idéa obcecante: Por onde andaria o seu Claude, depois que a mulher lhe fugira e de quéda em quéda, entregue á mais baixa prostituição, fôra morrer num hospital de Lisboa? Dar-se-ia que o seu primeiro amante, o seu seductor — homem de posses, segundo diziam — tivesse tomado a si a educação do pequeno? E dahi por deante?

Sentindo-se cansado para as occupações da livraria em que sempre labutara, Julien Clément, ainda levado pelas suas preoccupações, resolveu acceitar um logar, de menor paga, num Circulo de Informações, recem-inaugurado, e que se propunha a offerecer ao publico, dentro de breve tempo, um completo ficharío sobre os meios financeiros, politicos e sociaes. Esta agencia fôra fundada por um tal Hugon, homem ladino e suspeitissimo, que tambem mantinha um jornaleco excuso, a *Finança Moderna,* armadilha das suas mais proveitosas chantages. Clément, ignorante de tudo e surdo ás objecções da esposa, deixou-se seduzir pelo novo emprego. Uma agencia de informações... Ali, mais do que em qualquer outro logar, estava em condições de proseguir as *démarches* que tanto o acabrunhavam. Não tardou que lhe cahisse entre as mãos, de mistura a outras muitas de igual sobrenome, a ficha de Juan Clément, um homem em plena evidencia no mundo dos negocios e actualmente director de um importante Banco. Juan Clément orçava pelos quarenta annos, justamente a idade que devia ter então o filho do novo empregado de Hugon. E' verdade que esse se chamava Claude, mas Julien lembrava-se que elle recebera outros nomes na pia baptismal. Além disso, sua mulher era hespanhola e esse Juan soava-lhe como um possivel appellido que lhe tivesse dado posteriormente a fugitiva. Um sonho de grandeza illuminou o cerebro de Julien. Ser pae de Juan Clément, um verdadeiro triumphador, o financista de que tanto se falava... Dahi por deante, não teve mais socego. A tentação era muito grande. Sem medir sacrificios e como já fizera de outras vezes, passou a dispender dinheiro com uma Agencia Policial. De Juan Clément apenas se sabia que viera do Brasil em 1914, por occasião da mobilização geral, fizera toda a guerra, portando-se com grande bravura, e depois ingressara nos meios industriaes e financeiros. A agencia, porém, não o satisfazia com a mesma presteza com que lhe comia os cobres. Eram lentas e magras as informações promettidas e nunca mais chegava o resultado das syndicancias abertas na America.

Já impaciente, mas cada vez mais agarrado ás suas suspeitas, Julien não teve receio de revelar tudo a Hugon.

Este farejou logo uma excellente occasião para explorar o financista e, de parceria com um pasquineiro da sua igualha, Malverdier, director das *Bandarilhas,* ambos começaram a polemicar sobre a personalidade de Juan Clément. Não tardou que de toda essa agua-suja viesse á tona um desagradavel passado para o financista, accusado de um assassinio durante a sua permanencia no Brasil. Desses dados, com todas as provas necessarias, já estava de posse Malverdier, e aos mesmos começava a se referir com malevolas insinuações nos seus artigos. Julien Clément, sempre persuadido da sua paternidade, perdeu a cabeça quando soube disso tudo. Involuntariamente, contribuira para a desmoralização do filho. Dispoz-se, então, a matar Malverdier e, de revólver no

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4º, s. 419
(Edificio Guinle)

bolso, foi procural-o no escriptorio. Mas perdeu o animo quando se viu face a face com o verrineiro e poude convencer-se que se Juan Clément estivera mesmo no Brasil e era inculpado de um crime, seu pae, sobre cuja identidade não restavam duvidas, era um tal Said Clément, que fugira da França depois de ter prejudicado muita gente com um krach violento. Fôra mesmo devido a esse desastre financeiro, que elle se encontrara mais tarde, quando já no Brasil, deante de um patricio, tambem sua victima. Entre ambos nascera altercação, logo seguida de luta. Foi por ahi que Juan Clément matara o aggressor de seu pae, antes que este fosse morto por aquelle.

O caso já não tinha mais interesse para Julien. Fôra-se mais uma vez todo o seu sonho. Juan Clément não era seu filho. Restava-lhe, porém, um atroz remorso. Do escandalo feito em torno do homem de negocios, resultara a sua desgraça. Tivera que afastar-se da direcção do Banco. Dali por deante, talvez fosse um homem ao mar. Julien Clément resolveu penitenciar-se. Iria procural-o para explicar-lhe tudo. O encontro dos dois deu-se na rua. Uma scena confusa e lamentavel. Juan Clément, exasperado, não se conteve e cahiu de safanões em cima do pobre velho. Neste lance, ha um traço rapido e commovente. Um transeunte, protestando contra a covardia daquella aggressão, diz para Juan Clément: — "O sr. não vê que este homem podia ser seu pae?"

Tal é, apressadamente resumido, o curioso entrecho do romance de Robert Bourget-Pailleron. Detenhamo-nos, porém, sobre a falta de conhecimentos que o autor revela a nosso respeito. Ainda que só em tres ou quatro passagens haja rapidas referencias ao Brasil, todas ellas estão erradas e bastam para comprovar como continuamos a ser ignorados lá por fóra.

Pag. 147 — Juan Clément, quando praticara o crime, residia numa "plantação, perto de Nuevo-Tego".

Pag. 182 — Said Clément installara-se no Brasil, como proprietario-criador, perto do Rio, na estancia de "Nuevo-Tego".

Pag. 188 — Diz Juan Clément, narrando o assassinato a Hugon: — "Eu estava armado. Essas propriedades são muito isoladas. Quando a gente sae á noite, pode encontrar algum indio, que tenha vindo roubar gado".

Como se vê, os absurdos se succedem: uma estancia de nome hespanhol ás portas do Rio de Janeiro, e sujeita á rapinagem da indiada...

Emfim, o "homem do Brasil" não era "brasileiro", nem residiu no Brasil.

GASTÃO CRULS.

Henry Holt — O trem da meia noite — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Em excellente traducção e adaptação do escriptor Moacyr Deabreu, que se distinguiu publicando os bellos contos originaes da *Casa do pavor*, temos aqui um romance cujas peripecias emocionantes porão muitos leitores insomnes. A obra, além de redigida em linguagem das mais vivas e flagrantes, é ainda illustrada com bastante precisão por alguem que é realmente forte no manejo do lapis.

Francisca de Basto Cordeiro — Poetas e prosadores — Estabelecimento de Artes Graphicas — Rio, 1934.

Collectanea de autores modernos, para uso dos cursos secundarios. A selecção foi intelligentemente feita, sem que os gostos e as predilecções da anthologista lhe enturvassem a arguecia critica á hora de escolher trechos em prosa e verso cujo conhecimento e estudo aproveitem de facto aos nossos jovens cerebros em formação.

Henrique de Rezende — Cófre de charão — Off. Graph. Renato Americano — Rio.

O sr. Henrique de Rezende, depois de haver batalhado num grupo de poetas mineiros pela imposição de certos principios da arte modernista, como que vae revertendo agora aos serenos postulados da litteratura tradicional. Neste volume de versos ha rythmo, notas, equilibrio, delicadeza humana. Quer nas notas descriptivas, quer nas lyricas, vê-se nelle, mão grado o seu periodo combativo de innovador, um amigo das paizagens e das mulheres dessa adoravel Minas Geraes em que sonharam e cantaram Gonzaga e Alphonsus de Guimaraens.

Louise M. Alcott — Mulherzinhas — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Mais um volume da Nova Bibliotheca das Moças, que tambem as creanças poderão percorrer, segundo intelligente aviso da propria casa editora. E' uma das obras typicas da admiravel narradora norte americana que se especializou em deliciosas invenções para os que ainda não chegaram á maioridade, ás canseiras e ás amarguras da maioridade. Os livros de Louise M. Alcott correm mundo, devorados pelos garotos e pelas adolescentes, e não poderão deixar de ser bem acolhidos pela meninada e pelas jovens casadouras do Brasil.

O ACASO

O acaso governa — ou mais propriamente desgoverna — as cousas do mundo. Do contrario seria forçoso admittir que haja ordem, equilibrio, regularidade na série alternada ou successiva dos factos e phenomenos; que, para citar um exemplo banal e quotidiano, cada individuo tenha nos pratos da balança do destino o seu quinhão de boa e má fortuna.

Ora a experiencia demonstra que o que se dá é exactamente o opposto e que a lei neste particular, como em tudo o mais, está no arbitrario e contradictorio. Assim para alguns todos os negocios são felizes, todos os ventos são favoraveis, todas as viagens correm sem incidentes, etc. Para os outros os contratempos e as calamidades, a viga de um andaime que desaba, o murro destinado a um terceiro que escapou illeso, a pedra que se despega da montanha, a espinha que se atravessa na garganta e finalmente a viagem, que por signal que será a ultima e definitiva, em dia de catastrophe.

A esta cathegoria, seja dito á guisa de advertencia, pertencem os chamados saturnios, os *jettatori* para fallar como os italianos. Nós lhes chamamos vulgarmente azarentos, individuos sinistros e predestinados, maleficos como os que mais o sejam, com propriedades contaminantes á distancia, provavelmente da especie desses anõezinhos que á noite passam em disparada no matto encarapitados num caititú e que a nossa gente sertaneja conhece pelo nome de caiporas ou caaporas... Fugir delles em quanto é tempo, que em lhes cahindo no raio de acção já não ha mais salvação possivel.

ALBERTO RAMOS.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

DE LISBÔA

LEITURAS SOBRE O OCEANO

Antes da ultima viagem, o que eu fazia pela litteratura brasileira chegava a ser quixotesco. Escrever cartas sobre cartas a pedir que me mandassem livros, e compral-os com sacrificio, quando elles appareciam, só para ter o gesto de os louvar, era loucura rematada, digna de figurar entre as do herôe de Cervantes. Agora, porém, terão os brasileiros razão para se queixar se eu não escrever mais sobre os seus livros. Com a lembrança dum acolhimento carinhoso e algumas desillusões causadas pelos politicos, trouxe do Brasil um carregamento de obras de estudo e de litteratura. Terei que mandar fazer uma nova estante para abrigar a minha "brasiliana". Ao lado das obras de Capistrano de Abreu porei as reedições de Alberto Torres e os livros de Saboia Lima, Alcides Gentil e Candido Motta Filho sobre a personalidade e as idéas desse sociologo. Juntarei, na mesma prateleira, o livro posthumo de Vicente Licinio Cardoso, *A' Margem da Historia do Brasil*, e *Occaso do Imperio*, de Oliveira Vianna, o volume de Alcantara Machado sobre a *Vida e morte do bandeirante* e, quando sair, a nova edição da *Paulistica*, de Paulo Prado. Por cima da estante, fiel a São Paulo, porei o mappa das bandeiras paulistas elaborado por Affonso Taunay. A' obra quasi completa de Oliveira Vianna irão fazer companhia os *Ensaios de Anthropologia Brasiliana*, de Roquette-Pinto. Irá para o mesmo lugar a obra de Nina Rodrigues sobre *Os africanos no Brasil*, do maior interesse para quem é portuguez, e tem ao seu dispôr o campo immenso das colonias para as investigações sobre a mentalidade primitiva dos pretos. A questão da lingua estará representada pela *Cultura da Lingua Nacional*, de Xavier Marques, e por *A Lingua Nacional*, de João Ribeiro. Ao lado dos incomparaveis *Sertões*, de Euclydes da Cunha, figurará, de aqui em diante, a obra exhaustiva de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*. A documentar o tragico destino e a poesia dum povo ficarão *O "Quinze"*, de Rachel de Queiroz, e os *Cantadores*, de Leonardo Motta, emquanto não apparece aquelle que eu espero que seja um grande livro: *Na pancada do ganzá*, de Mario de Andrade. *O Joazeiro do Padre Cicero*, de Lourenço Filho, os *Cangaceiros do Nordéste*, de Pedro Baptista, e o *Lampeão*, de Ranulpho Prata, ajudar-me-ão a explicar certos phenomenos de que só os ignorantes podem servir-se para menosprezar o esforço civilizador dos brasileiros. Ao estupendo *Macunaima*, de Mario de Andrade, poderei agregar outra floração poetica do Amazonas: *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Infelizmente, a este livro e ao *Urucungo*, do mesmo poeta, apenas poderei juntar a lembrança do *Catimbó*, de Ascenso Ferreira: poesia nascida dos horizontes mythicos do negro ou do indio, e do proprio sólo desse "continente do terceiro dia da creação".

Esse nome, dado pelo Conde de Keyserling á America do Sul, applica-se especialmente, senão a todo o Brasil, á Amazonia. Por isso os livros que descrevem essa região teem qualquer coisa de tellurico, seja o *Inferno verde*, de Alberto Rangel, seja *A Selva*, do portuguez Ferreira de Castro, seja *A Amazonia que eu vi*, de Gastão Cruls, e a propria *Amazonia mysteriosa*, do mesmo autor, apesar de obra de imaginação, seja *Pussanga*, de Peregrino Junior, ou sejam, ainda, os capitulos famosos do *A' margem da historia*, de Euclydes da Cunha. A esses livros todos se veiu juntar novo volume de Peregrino Junior, *Matupá*, em que figura um conto, *O Gapuiador*, capaz, só por si, de consagrar um homem de lettras. Pois todos esses livros formarão, na minha nova estante, o sector litterario do Amazonas. Nella entrarão, tambem, as *Memorias*, de Humberto de Campos, o livro mais humano da litteratura brasileira. Ali terão o seu lugar, como documentos dum drama nacional, os livros sobre a revolução de Outubro e sobre a revolução paulista. Formarão ao lado destes os romances inspirados nas luctas politicas: *A tormenta*, de Menotti del Picchia, e *O Cavalleiro de Itararé*, de Plinio Salgado. Não faltarão, ainda, nessa estante, o *Machiavel e o Brasil*, de Octavio de Faria, todos os volumes da *Collecção Azul*, do editor Schmidt, e os livros dos communistas como Osorio Cesar. Só por sua culpa o editor Schmidt não estará representado como poeta na prateleira em que não faltarão, ao lado dum Murilo Mendes, academicos como Olegario Mariano e Adelmar Tavares. Que pena não poder guardar nesse sector da minha bibliotheca, os livros esgotados de Anna Amelia e os novos canticos ineditos de Cecilia Meirelles!

Mas eu quero falar da série de romances que li durante a travessia do Atlantico, sobre as aguas do mar, na minha viagem de regresso a Portugal. Novamente em Lisboa, nem por isso cessou ainda o sortilegio do Brasil. O dever intellectual, mais poderoso, talvez, que todos os outros, manda que eu saude os companheiros de viagem, esses livros que prolongaram, emquanto o navio se afastava, o convivio de alguns mezes com a terra, a gente e as coisas, boas e más, do Brasil. Não passará, o que estou escrevendo, duma saudação, especie de aceno com que me despeço das lettras brasileiras. Mas não digo: adeus; digo: até á volta.

Que esta saudação não seja encarada, porém, como um simples gesto fraternal. Sinto-me irmão dos que escrevem no Brasil, não por ser portuguez; mas por ser um pouco brasileiro, "irmão pela infancia", para empregar uma expressão do poeta Murillo Araujo, irmão, sobretudo, pelo que poderia ter sido se tivesse continuado a viver em São Paulo. Para além do caso sentimental que faz com que eu viva dividido, no Brasil com saudades de Portugal, em Portugal com saudades do Brasil, ha outro motivo para estas palavras. Se ellas fossem apenas um gesto de cordialidade teriam o valor ephemero dos brindes que se fazem nos banquetes. E eu quero que perdurem como um testemunho sincero, espontaneo e desinteressado do que mais aprecio em mim: a capacidade de admirar.

Está-se affirmando no Brasil uma geração de romancistas que, ou me engano muito, ou ha de dar paginas tão grandes como as de Machado de Assis, Raul Pompeia, Aluizio Azevedo e Graça Aranha. Ha de dar, não; já deu. E' preciso ter a coragem de collocar os nossos contemporaneos á altura que elles merecem, sem receio de fazer comparações com os que pertencem já á historia litteraria. Será o *Doidinho*, de José Lins do Rego, inferior ao *Atheneu*, de Raul Pompeia? O *João Miguel*,

de Rachel de Queiroz, não é um retrato perfeito, digno de figurar entre as obras primas do genero? *Os Corumbas*, de Amando Fontes, não parece a obra dum mestre do romance social? O *Cacáu*, de Jorge Amado, com todo o seu romantismo disfarçado, não se equipara aos especimens do romance proletario que se faz hoje na Europa? E sahindo do romance, os *Tres caminhos*, de Marques Rebello, não andam por Machado de Assis na observação subtil das pequenas tragedias da vida?

O que espanta nessa nova geração brasileira é a maturidade precoce. Com vinte annos fazem romances que o são de verdade, como o "*Quinze*". A gente lê *Luzia-Homem*, de Domingos Olympio, e diz para comsigo que, hoje, faz mais a juventude que uma vida de experiencia no seculo passado. O grande livro da secca é o da joven prosadora Rachel de Queiroz.

Não sei o que fará Amando Fontes porque ignoro se tem algum projecto. Ninguem sabe o que dará o talento de Jorge Amado. Teem surgido outros romancistas que desconheço. E' preciso contar com o valor de João Calazans, cujo primeiro romance, *Pequeno Burguez*, será uma optima surpreza. E' possivel que Dante Costa ponha as suas qualidades na construcção de livros mais solidos do que os volumes de chronicas. Mas apesar disso tudo não será licito dizer que os prosadores que promettem uma obra novellesca mais profunda são José Lins do Rego e Rachel de Queiroz? Se o primeiro continuar levando o *Menino de Engenho* pela existencia fóra deixará á lingua luso-brasileira a obra que lhe falta: a serie cyclica de romances duma vida. Se Rachel de Queiroz fizer mais livros como *João Miguel* dará á litteratura mundial uma nova galeria de retratos psychologicos. Póde haver exaggero, mas o que não é parcialidade: esses dois escriptores são dos raros que não conheço pessoalmente.

OSORIO DE OLIVEIRA.

Pietro S. Pasquali — **Armand Godoy** — Editions Romanes — Paris.

O autor, que é reputado uma autoridade idonea em assumptos de litteratura dialectal romana, tambem se mostra, neste volume, forte em questões de litteratura comparada. A maneira por que estuda o poeta cubano Armando Godoy é de quem parte da simples italianidade para a comprehensão total da latinidade de um creador de rythmos que a esta hora já conquistou em França uma grande quantidade de admiradores: Camille Mauclair, Jean Royère, Francis de Miomandre... Lembra-se, neste substancioso ensaio, que os versos de Armando Godoy cada vez mais se divulgam na Italia, especialmente aquelles que, pela tonalidade mystica, vão direito ás emoções intimas de uma raça religiosa por excellencia.

Herbert Parentes Fortes — **A grammatica e a evolução da lingua portugueza no Brasil** — Rio, 1933.

Trata-se de uma these de concurso. E' trabalho digno de interessar a quantos se preoccupam com o instrumento de expressão de que se utilizam tantos e tantos milhões de brasileiros. A documentação bibliographica é das mais ricas e as suggestões pessoaes, mesmo quando discutiveis, não deixam de revelar um cerebro corajosamente autonomo. Esse publicista do Norte, a quem o sr. Tristão de Athayde costuma referir-se com uma attenção das mais lisongeiras, mostra-se, sob todos os aspectos, empenhado em aclarar, em horas de tantas confusões linguisticas, o que é importado e o que é estrictamente nosso no idioma em que se escreveram *Os Sertões* e as *Populações Meridionaes do Brasil*.

OS PARIAS

Ha, entre nós, no Brasil, uma classe que lucta contra a ignorancia de uns, a incomprehensão de outros e a indifferença de quasi todos — são os intellectuaes.

A intelligencia, entre nós, é um peccado original sem esperança de baptismo.

Conheço um orador paradoxal, avaro das palavras, intencionalmente escasso de imagens, mas rico de ideias, que desdenha o colorido da phrase inutil pela opulencia e robustez do pensamento. Este orador é tambem politico, homem de acção, sociologo, mas a legião incommensuravel dos pygmeus começou a açulal-o empregando armas omnipotentes — a calumnia e a intriga. E o gigante foi obrigado a abandonar a liça convencido, não sem profunda tristeza, da pouca efficiencia dos seus dons.

Conheço um poeta que ha vinte annos faz versos e de raro em raro os publica, escondendo-se atraz do proprio nome desfigurado. Prefere o anonymato á incomprehensão.

Conheço um escriptor que ha dez annos trabalha num romance animado por um personagem, extranha creação litteraria em cuja alma marcaram encontro o suave mysticismo de São Francisco e os devaneios aggressivos de D. Quixote.

A recompensa unica daquelle escriptor consiste na leitura, a alguns amigos escolhidos, dos capitulos do livro admiravel, verdadeiro harem de ideias.

Conheço um pintor, prodigiosa organização artistica que, attingido por terrivel enfermidade, espera serenamente a morte o venha libertar desta não menos terrivel fatalidade geographica — a de ter nascido num paiz insensivel á belleza.

Tudo conspira em desfavôr da intelligencia: carencia de vida affectiva superior, tão rica em suggestões; falta de instrucção extensiva; a lingua bella, mas sem expansão; a escassez de elementos de estudo; o descaso dos poderes publicos e o pseudo regimen egualitario, avêsso á selecção de valôres, antagonista eterno e invencivel dos aristocratas do espirito.

Si civilização é a utilização maior ou menor das forças naturaes, a industria, a fabrica e, como queria Clemenceau, tudo o que usamos. Si chamarmos cultura a realização das fórmas superiores de vida: a arte, a litteratura, a moral, poderemos accrescentar que a tragedia interior dos intellectuaes brasileiros reside, em grande parte, naquelle accentuado desequilibrio entre civilização e cultura.

Na França falla-se em decadencia do espiritual. Mas aqui elle nunca teve ascensão nem esplendor.

Os homens de intelligencia são os parias do Brasil.

MANLIO GIUDICE.

"Archivos de Medicina Legal e Identificação"

Está circulando o volume oitavo do quarto anno dessa importante publicação scientifica dirigida pelos srs. Leonidio Ribeiro e Miguel Salles. Entre os trabalhos originaes, publica ensaios de Mira, Castellanos, Nerio Rojas e Reyna Almandos. Faz a resenha de importantes conferencias, cursos e lições dos srs. Pedro Pernambuco Filho, Raul Leitão da Cunha, Aloysio de Carvalho Filho, Flaminio Favero e Levi Carneiro, a respeito de psycho-analyse, anthropologia, criminologia e identificação; transcreve laudos e pareceres dos srs. Alcantara Machado, Flaminio Favero e Pacheco e Silva. Sem duvida nenhuma, uma excellente publicação.

Notas sobre "Em Surdina"

Onde, hoje, *jeunes-filles* assim como Cecilia, e familias como a que tudo indicava viesse ser a do dr. Vieira? Andam escondidas, si é que algumas sobraram. Atraz desse medico inicialmente prospero imagina-se, como coisa acontecida antes do romance, um lento desenrolar de linhagem, um desdobramento sereno de vidas em conjunto, harmoniosas, constituindo a familia daquelle tempo, a casa. Sente-se que o dr. Vieira já chegou tarde, no ultimo instante, tendo apenas herdado os haveres familiares, sem ter podido conserval-os por força mesmo do tempo. Elle foi o ultimo personagem, e por isso a sua vida e da sua familia, contada no romance amplamente, tem esse interesse especial: vale por um recúo áquelles primeiros annos do seculo, áquelles dias repletos de *un bonheur presque insolent*, como falou Duhamel, e mostram tambem, em symbolo, o fim daquella sociedade, a desorganização, a desordem, a ruina que veiu depois.

Em surdina, o romance de que falo, que Lucia Miguel Pereira acaba de publicar, é apenas isso: um alto documento da sociedade contemporanea, revelador expressivo da paz familiar de antes da guerra, denunciador do abalo moral e material que depois o mundo ganhou.

Voltando a Cecilia, nestas notas rapidas que não são critica, impressiona-me a sua doce figura, mystica e meiga, mas, no intimo, profundamente infeliz. Ella é a moça que ficou solteirona, e, educada á "maneira antiga", tem a sua vida angustiada pela dupla pressão do sexo e do preconceito. A sua resignação me parece apparente, e eu não acredito nella. Aliás, se não fosse avançar talvez contra o pensamento da romancista, eu denunciaria que Cecilia foi infeliz por causa da educação que lhe deram, isto é, do esmagamento do seu temperamento, muito mais proximo da nossa época que da sua. Tudo o que conseguiram foi á custa da educação, da limitação religiosa, do terror social. Adivinho uma Cecilia vivendo admiravelmente bem em 1934, no meio desta gente mais liberta, mais alegre porque mais livre, uma Cecilia expansiva, differentissima, gostando do carnaval e dos rapazes ousados, quasi diria uma Cecilia sexual, sem nada, absolutamente nada daquella que a sociedade brasileira de 1914 obrigou a viver. Seria, talvez, avançar demais no territorio da creadora da historia. Mas ella mesma dá certos detalhes que apontam uma grande recalcada em Cecilia: primeiro, no collegio de Mère Agnès, a sua abstracção, a sua fuga das coisas melhores do mundo, a acção anesthesica do mysticismo sobre ella; depois, como consequencia dessa formação inicial, a sua adolescencia "arredia, meio enigmatica"; nunca se entreteve em namoricos, como as outras; "chamavam-na santa de pau-ôco"; na hora das confidencias não tinha o seu segredo para contar, e corava por isso; depois, já moça, numa noite de Anno Bom, sózinha em casa, pensou: "Como desejara casar! Desde que sahira do collegio, levara a esperar o noivo... um noivo qualquer"; e detalhes ainda mais vivos, verdadeiras libertações de complexos: quando o irmão de Cecilia comprou um automovel, e fez a surpreza de convidal-a para o passeio inaugural, ella gozou a novidade tão intensamente, "na boléa de um Ford, ao lado de um rapaz de oculos", sózinha com elle (nunca havia andado com um homem, de automovel), que naquelle dia, ao jantar, mostrou "uma vivacidade rara, rindo muito, com ar garoto, ao empregar termos de giria com os irmãos"; e mais, quando nasceu o filho da irmã casada (coisa de muita significação para os psychanalystas), Cecilia, solteira e virgem, ganhou uma alegria, um contentamento, que bem contavam o engano da sua vida sexual.

Outros e outros detalhes mostram que Cecilia é uma recalcada, admiravelmente bem controlada, segura de si, com um grande dominio sobre o "Id". Viveu nessa perpetua lucta contra o instincto. Que o seu heroismo lhe tenha trazido algum resultado, é o que eu lhe desejo de todo o coração...

Que me desculpe dona Lucia Miguel Pereira se eu vi tão mal a sua heroina, ou se, como a propria Cecilia havia de dizer, a julguei tão mal... Confesso que não desdenho das mulheres assim, servidas por uma tal coragem e fortaleza. Acceito-as como acceito as outras, que são mais sinceras. E sei perfeitamente que essas coisas todas não irão prejudicar o curso da nobre vida de Cecilia. A volta final ao mysticismo, (quando os nossos romancistas darão outro fim aos seus romances?), a volta final ao mysticismo, dizia, certamente completou o seu cyclo de conformação e renuncia, creando para ella um logar entre as mais puras (não turveis com Freud a belleza dessas vidas!...) heroinas do romance brasileiro.

Queria falar ainda do resto da familia, dessa admiravel divergencia de vidas que a romancista traçou. Todo o nucleo foi levado na correnteza. E' doloroso o destino dessas creaturas. Mas a figura de Cecilia veiu se intromettendo, insidiosa e envolvente como só numa mulher poderia sel-o. Deixei tudo o mais. Fiquei com a sua pessoinha amavel, que viveu em surdina, que viveu temente a tudo e a todos. Fiquei com ella mas me fiz por instantes á sua maneira, e me despi de toda a vã malicia e máo proposito.

DANTE COSTA.

Ferreira da Rosa — **Meu livro predilecto** — Graphica Sauer — Rio, 1934.

E' a segunda edição de um livro que, segundo o eminente educador Jonathas Serrano, revela o esforço de quem, "apesar de todos os obstaculos e naturaes dissabores", "sempre ensinou o amor da Patria, o respeito á autoridade, a crença firme no Progresso".

PROXIMAS EDIÇÕES "ARIEL":

Roquette-Pinto
Samambaia
(Contos).

F. Contreiras Rodrigues
Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial

Luc Durtain
Imagens do Brasil e do Pampa
(Trad. de Ronald de Carvalho).

D. Milano
Poetas Modernos do Brasil
(Anthologia).

A "Historia da Grande Revolução"

De ALFREDO VARELLA

Para gloria da litteratura gaúcha, foi o Brasil, nos ultimos mezes do anno passado, brindado com a Historia da Revolução dos Farrapos, sob o titulo acima, e da autoria de quem ha longos annos dá a impressão de viver debruçado sobre os archivos, no afan de desenterrar o passado, de estabelecer a verdade dos factos ou restabelecel-a, quando torcida por tendencias pessoaes ou adulterada por falta de provas. São seis tomos de mais de quinhentas paginas cada um, perto de sete mil paginas, o que tem de passar pelos olhos o leitor empenhado em conhecer os acontecimentos da década gloriosa dos Farroupilhas. Penso que tal massa de leitura, a desafiar a paciencia dos leitores mais ousados, me relevará da falta de entrar com esta apreciação talvez fóra do prazo tolerado pelo *Boletim*. Não é só o numero de paginas a absorver o que toma o tempo aos teimosos da arte de ler, mas tambem o estylo do autor que, rebuscado aqui, escabroso alli, acolá inextricavelmente emmaranhado, entre clareiras de verdadeiras bellezas litterarias, e opulentado de um sem numero de lindas expressões novas aproveitadas por elle, e de outras obsoletas não menos agradaveis por elle revividas, mas tambem o estylo do autor, quasi sempre encrespado e ás vezes malvado, obriga seguidamente a marcar passo. Longe de ser isto uma censura a quem tanta pestana queimou e tanto enthusiasmo expendeu, é simplesmente a justificação de quem dá por bem empregado todo o trabalho de pesquiza da verdade, desde que dessa labuta surja uma pepita preciosa: — um arratel de verdade, um grão de belleza. E quanta cousa da vida dos nossos antepassados se aprende, e quantas palavras encantadoras, ou pela sua musica ou pelo seu complexo expressivo, que são outras tantas joias da muito rica lingua portugueza! Não ha negar que o nosso indefesso historiador escreve com a alma voltada para o Sul, para essa parte da America Espanhola, contra a qual nos chocamos durante dous seculos, enthusiasmado por seu liberalismo desaggregador, maravilhado pelo seu linguajar. Este é um traço indelevel ficado entre as linhas dos seis volumes, não só nas suas sympathias pelas cousas platinas, como pelo idioma espanhol, de que arranca modalidades verbaes, obsoletas e desnecessarias entre nós, para nol-as restituir. Lá estão — *mentres* (esp. mientras) em vez de emquanto; *aborrimento* (esp. aburrimiento) em vez de aborrecimento; *consabido* (esp. consabido) em vez de mencionado; *impedimenta* (esp. impedimenta) em vez de bagagem ou impedimentos; *fasta* (esp. hasta) em vez de até; *botim* (esp. botin) em vez de despojos; *commilitão* (esp. conmilitón) em vez de companheiro d'armas, camarada; *paragões* (esp. paragones) em vez de parallelos, semelhanças; *reçaga* (esp. rezaga) em vez de retaguarda; *invitar* (esp. invitar) em vez de convidar; *venida* (esp.) em vez de sortida; e talvez outros que me tenham escapado, não obstante o cuidado com que vou lendo e anotando tudo quanto devo apprender ou não devo apprehender. E é de confessar, sem restricções, que Varella sabe manejar suas palavras resurrectas assim como seus neologismos, que dão plena satisfação ao leitor: — *Indígete, neomênia, proditorio, symposio, fenestras, oganho, barruntas, acorrilhado, dardanos, dardanario, argivos, tenacia, maltrido* — e outras, outras expressões mereciam a infusão nova de vida ou a infusão de nova vida que lhes deu o mui lettrado historiador rio-grandense, ao lado de estheticos trôpos, que lhes realçam o valor, e das evocações classicas e frequentes citações latinas, com que vai illustrando os seus alcandorados periodos.

Quanto ao miolo da obra está dissecado por este talho com que se sangra o proprio autor, no Volume VI, 131: "*O que ao pensador importa conhecer são as grandes correntes geraes de idéas, crenças, de sentimentos que dominam em cada edade e a influencia respectiva dos diversos factores que as tenham ingendrado. Este o programma do autor na presente e nas anteriores obras, o qual insiste na preservação ou elucidação da personalidade magestosa, pujante, de Bento Gonçalves, não somente porque foi um condensador maximo das forças do grande cyclo farroupilha, como ainda porque era uma viva representação das tendencias claras ou occultas da nossa terra; perfeito microcosmo do transcendente mundo continentino.*"

Aqui está o cerne em que se contrae o nosso grande historiador, como discipulo de Michelet, entrincheirado no reducto do Liberalismo e disposto a defendel-o a todo transe ou disposto a irradial-o até suas ultimas consequencias. Como o Michelet da *Historia da Revolução*, o Michelet rio-grandense apaixonou-se pelo ideal do Liberalismo emancipador que fermentou na America Espanhola; e se propoz exaltal-o e a propugnar por elle, embora se choque contra a realidade da Patria tambem digna de ser idealizada. Por esta intervenção directa do sentimento perdeu a sua grande obra o cunho de Historia pura, para adquirir o de uma lide em que o advogado entra com razões finaes favoraveis a tudo quanto concerne aos Farrapos e com um libello contra tudo quanto diz respeito aos Caramurús e ao Governo brasileiro. Alentado pelo ideal republicano, tem expressões de viva repulsa á Monarchia, como si a felicidade dos povos resultasse da eliminação deste regime ou do volume nacional; e com este alento alevanta ás vezes o verbo a sublimes alturas, em varios panegyricos de heróes gaúchos, que compara com bastante justeza aos Argivos e Dardanos. Maravilha-se deante das virtudes exhibidas pelos nossos guerreiros quasi divinos, verdadeiros indígetes de novos altares, e não duvida que elles realizariam a republica sonhada pelos povos mais visionarios; mas se esquece de que esse mesmo ideal retomado em 1870, deu no par de botas de 89, que os mesmos republicanos tiveram de remontar em 1930 por já estar cambaio. Fundada na virtude pela virtude, sem amparo superior, como a arte pela arte, a Politica tende a degenerar, como está degenerando em todos os povos que ainda não tomaram o caminho das reacções salutares. Anda côxo no mundo philosophico quem, apoiado nas virtudes, esquece os vicios e as fraquezas que trabalham e minam a pessoa humana, de forma que cansado de praticar o bem pelas resistencias da propria vida, pode ser arrastrado na na mais infernal das voragens. Neste momento historico, a orientação do notavel escriptor brasileiro chega um pouco passadista, com seu Liberalismo puro, com sua sympathia pela Federação do Rio

Grande com o Uruguay para acenar ao Norte com os exemplos da verdadeira Republica. Os ideaes politicos do seculo estão se esphacelando contra a rigidez das realidades eternas — a ordem que se concretiza na reacção social e politica contra os vicios, os crimes e as fraquezas dos homens, eternas como as proprias virtudes que as corrigem; e a Patria em que se concretiza toda a necessaria harmonia nacional.

Uma politica de separação, ainda que inspirada no mais puro idealismo, no Rio Grande ou em qualquer outra provincia do Imperio, foi e será sempre uma visão mesquinha, sobre ser a aspiração do gozo egoistico de um estado liberal que pode falhar na parte seccionada, como tem falhado no todo. Muito mais larga, muito mais logica, muito mais humana é a politica de integração crescente e progressiva, que os revolucionarios de 93 tentaram e os de 1930 consummaram, a quel se pode designar pela fórmula — *O Rio Grande pelo Brasil para o Brasil* — em vez da velha tendencia de — *O Rio Grande apesar do Brasil*. Que sejam para a Patria commum os nossos melhores ideaes e até as nossas utopias, é sempre sublime; ao passo que o separatismo não passaria de uma amputação e de uma deformidade do organismo nacional. Côxo ou manco ficaria o Brasil, si, por causa de um ideal, que pode ser ideologico, ainda que escudado em bons dados da razão, uma das suas provincias se rebellasse contra a mais patente e cara de todas as realidades brasileiras — a *União*. Contra a objectividade das Patrias nunca deveria prevalecer um principio subjectivo e aprioristico. Forje-se o bom, defendam-se as liberdades uteis ao complexo social; mas dentro da Patria, respeitando, cimentando cada vez mais a sua integridade. Sob a influencia de principios subjectivamente affirmados e realizados pessimamente, sobretudo na America Espanhola, os rio-grandenses, com sua revolução inflexivel, perturbaram e impediram o desenrolar da politica internacional do Imperio do Prata, a qual, escudada em Rivera, por um lado, e engrandecida pelos erros e desvarios de Rosas, por outro, poderia ter dado ao Brasil, com pouco sacrificio, a gloria immorredoura de protector da paz e da grandeza dos povos da America do Sul.

Si Varella esposou totalmente a causa revolucionaria, com desprezo completo das conveniencias do Brasil, esgottou a sua logica de perseguir um ideal até o fim, acceitando, defendendo e exalçando a personalidade inconfundivel do nosso grande Pedro II, porque foi um democrata, um esforçado reajustador das idéas novas com as velhas realidades. Foi a mais lídima sabedoria politica aquella de que usou o nosso immortal Imperador. Democratizou o Brasil dentro da sua unidade; de forma que acceitou o Liberalismo com as restricções que convinham para manter a integridade nacional. Não cedeu nunca aos Farrapos a Federação almejada, porque seria uma prova de fraqueza do todo cedendo ás imposições da parte, sem se ter emperrado no sediço absolutismo.

Noutro ponto Varella salienta ainda a mais evidente utilidade historica no verdadeiro e merecido culto que tributa aos heroes de 35; porque foram de facto, extraordinarios os homens que dirigiram aquelle movimento. A revolução se operou ainda no tempo em que os homens filhos do classicismo, dominavam o regime, eram superiores pela educação, pelas virtudes, ás leis e ao proprio Liberalismo. A Democracia operava como aspiração nobilissima, exaltando mais as velhas qualidades do homem, infundindo novas energias ao moral já usado pelos seculos. Neste ideal havia pábulo para as grandes tragedias e para os grandes heroismos; e, alentados por elle, qual succulento tonico moral, mostraram-se os homens do Sul do Brasil dignos da mais pura humanidade e da mais alta admiração. Não é preciso provar que fossem valentes, e, menos, que fossem melhores do que os homens civilizados do resto do Brasil e do mundo, só pelo facto de serem filhos do Rio Grande do Sul; não é preciso provar isso, para que sejam dignos de memoria perenne. Basta para a nossa gratidão que nos tenham deixado uma Historia que nos colloca á altura dos mais nobres povos da terra, com os quaes podemos hombrear. Não concordamos com a sua orientação politica, e diriamos que erraram; mas dentro desse erro estiveram sempre á altura das mais acendradas finalidades humanas. Perdoam-se os erros e fica-se com o que serve. Heroes todos os povos produzem, heroismos todos cantam; e o rio-grandense não tem este privilegio, e menos o Farrapo exclusivamente; porque nenhum outro povo o tem. Lamentavel seria, porém, que nós não os produzissemos e não os cantassemos tambem, chegada a occasião, tendo as qualidades innatas que constituem a humanidade. E' questão de opportunidade e não de meio physico, de clima historico e não meteorologico. Na equação pela qual determinamos algumas das nossas acções a humanidade e a natureza são dous termos constantes; o que varia é a opportunidade. Naquella opportunidade, deante dos exemplos da França revolucionada e napoleonica, deante dos exemplos de toda a America Espanhola, mostramos que eramos capazes de tanto, isto é, das mesmas acções que assombravam o homem medio, inclinado á paz e ao trabalho, que é o que dá valor ao heroismo. E basta este plano de egualdade em que nos collocaram os Farrapos com os outros povos, para que nos orgulhemos do nosso passado e alimentemos profundo reconhecimento pelas qualidades dos nossos maiores. Quanto ao heroismo mesmo, porém, áquella estupefacção que causavam os rasgos de impavidez quando os homens tinham de luctar contra forças eguaes, contra forças venciveis, contra elementos dominaveis, — o musculo, o cavallo, a arma branca — quanto a esse heroismo tão justamente admirado outrora, hoje perdeu de brilho depois do que a humanidade presenciou na Grande Guerra. Deante dos novos elementos bellicos, a exaltação heroica deu logar á resignação estoica e santa.

No constante evolver das cousas humanas até o heroismo sahiu da moda, porque os elementos de guerra se assemelham aos elementos naturaes, contra os quaes o homem equilibrado não lucta, sinão emquanto julga vencel-os. Lucta o nauta manobrando o seu barco em plena tempestade ou o naufrago agarrando-se a uma taboa; e isto mesmo já é menos luctar do que debater-se em busca de salvação. Mas, quem luctará corpo a corpo contra o raio, contra o terremoto, contra o fogo? Pois o desencadear da vida moderna, qual elemento irresistivel, causa a mesma impressão ao homem, — a resignação estôica ou santa em face da morte certa, imminente. Ao passado espirito de carregar para matar e vencer succedeu o de carregar para morrer. A humanidade muito ganhou familiarizando-se com a morte e acceitando-a resignadamente; e a especie de heroismo antigo vae passando á Historia como cousa de museu archeologico.

Não é mais por este lado que se deve encarar a estupenda attitude dos nossos bisavós, nas nossas evocações de culto a elles, que nos ensinavam a vencer com suas cargas irresistiveis; porque os homens já aprenderam a soffrer os effeitos de forças inattingiveis. De que vale o heroismo vencedor de um individuo para domar a direcção das balas de metralha, e das armas de precisão e de explosão? A unica attitude do homem, do heroe hodierno, é morrer sem protesto. Para elle o heroismo está em saber morrer e não em saber matar, que começa a ser uma prova de selvageria. Mata-se hoje sem responsabilidade, anonymamente, portanto sem gloria. Já ninguem exclama: Como se matou naquella carga! mas — como se soube morrer naquella trincheira! Por isto, hoje, as façanhas dos Farrapos já impressionam menos do que ha vinte annos. Mas, si os decennios se encarregaram de diminuir o brilho da gloria antiga, deslocando o heroismo para a categoria da santidade, do decennio de 35 a 45 subsiste e subsistirá sempre um traço immortal — o grau de humanidade dos homens que se puzeram á testa do movimento ou contra elle. Esta gloria daquelles pro-homens nada empanará; ao contrario, tende a refulgir cada vez mais com o perpassar dos seculos. Refiro-me ás personalidades de Bento Gonçalves, de Netto, de João Antonio, de Garibaldi, de Chico Pedro, de Caxias, que hoje apparecem, pela elevação de seus sentimentos, mais santos do que heroes, tendo sido lidimos heroes.

Bento Gonçalves, sobretudo, mostrou-se nessa quadra o typo de homem que o nosso povo pode elevar ás aras da Patria como proto-typo da nação, da raça, da nossa civilização constantemente repassada de rasgos de humanidade. O drama de sua alma vale, hoje, de accôrdo com o momento psychico da humanidade, todo o maravilhoso da epopéa de 35. A sua volta á prisão para não maguar seu companheiro de infortunio; o duello com Onofre; a vertiginosa rapidez com que fulminou com a espada o lanceiro inimigo que se insinuara em sua força para assassinal-o tentando-o de surpreza; o pedido de medicamentos ao inimigo que o derrotara e a libertação dos prisioneiros em recompensa á remessa dos medicamentos pedidos; o seu empenho de illustrar-se, lendo classicos, apesar de ter como base apenas a escola primaria, e outros rasgos da sua personalidade, serão os clarões de gloria que os rio-grandenses e os brasileiros manterão sempre accesos, porque sagrados. No ser ou não ser das cousas, continuam a ser edificantes as personalidades dos chefes da Revolução; edificantes não só para o rio-grandense como para o brasileiro mesmo; pois Bento Gonçalves e seus companheiros que pretendiam enriquecer de gloria uma parte do Brasil, por uma visão errônea, ao serem submettidos ao Governo imperial, irradiaram essa gloria sobre o Brasil inteiro. Dominando o Rio Grande, o Brasil creou glorias e conquistou as glorias dos proprios rio-grandenses, encampou-as, apoderou-se dellas dignamente, justamente. E Caxias foi o heroe brasileiro que veio provar que toda a nação merecia illustrar-se com as virtudes dos eggregios varões continentinos. Recordal-os hoje é sentir profundamente que o Brasil continúa a ter nas suas entranhas os mesmos germes da divina humanidade que inspirou os semi-deuses farroupilhas. Só assim comprehendo os fastos sulinos e exulto de ufania de ser rio-grandense, descendente de batalhadores que foram mais do que heroes, porque foram santos tambem, que foram indígetes, segundo a feliz *trouvaille* do mesmo Varella. Isso tudo se pode apprehender nos seis volumes da *Historia da Grande Revolução*. A questão é lel-os e saber lel-os.

F. CONTREIRAS RODRIGUES.

Aos poucos, a obra de D. H. Lawrence, o grande escriptor inglez, vae sendo toda divulgada em lingua franceza. Agora mesmo os jornaes parisienses annunciam o apparesimento de mais tres traducções de livros seus. São elles: *L'homme qui était mort*. *La Vierge et le Bohémien* e *Lettres Choisies*, este ultimo em dois volumes, nos quaes se collectam algumas das suas cartas mais interessantes.

— Na nova collecção *Temps et Visages*, onde já appareceram livros tão interessantes como o *Flaubert* de René Dumesnil e o *Théophile Gautier* de Adolphe Boschot, Emile Lauvrière acaba de lançar *L'Étrange vie et les étranges amours d'Edgar Poe*, que está obtendo grande successo.

— Jacques Chardonne, o consagrado autor de *L'Epithalame* e *Claire*, annuncia para breve a publicação de mais um romance que terá por titulo *Destinées sentimenta'es*.

— Num dos ultimos numeros das *Nouvelles Litteraires*, Henry de Montherlant dedica longo artigo á interessante personalidade de Ventura Garcia Calderon, o brilhante escriptor e diplomata peruano que tantas sympathias despertou entre nós.

— Lançado pela Livraria Stock, vem de ser divulgado em lingua franceza o bello livro que Maurice Baring, o tão conhecido autor de *Daphné Adeane*, dedicou á personalidade artistica de Sarah Bernhardt.

— Henri de Régnier, tão grande prosador quanto fino poeta, evoca em *De mon temps*, recentemente editado pelo *Mercure de France*, os meios litterarios e artisticos em que sempre viveu e onde poude conhecer e bem observar algumas das mais interessantes figuras da sua e outras gerações. Retratista admiravel, nessas paginas travamos conhecimento mais de perto com Maurice Barrès, Théodor de Wyzewa, Francis Poictevin, Elemir Bourges e muitos outros.

— René Benjamin vem de dedicar todo um volume a Sacha Guitry, hoje uma das maiores figuras do theatro francez, já como autor, já como actor.

— M. Constantin Weyer, que se fez um nome com as narrativas de sabor exotico e aventuresco decorridas no Canadá, acaba de publicar um novo romance, *Une corde sur l'abime*, onde se reaffirmam todas as suas qualidades já reveladas em *Un homme se penche sur son passé*.

— Continúam em voga os romances que decorrem num espaço minimo de tempo, ás vezes apenas vinte e quatro horas, como o *Ulysse*, de Joyce, o *Nocturno*, de Swinnerton, e o *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, todos de procedencia ingleza. Agora, é ainda uma joven escriptora ingleza, Helen Ashton, que nos dá conta, no seu minucioso romance *O Doutor Serocord*, recentemente traduzido para o francez, do agitado dia de um medico da provincia, todo entregue á sua vida profissional, mas tambem preoccupado com a sua personalidade, com a sua vida interior, de que ninguem se lembra.

— René Lauret, que é dos Vosges e nasceu em 1882, consagra um succulento volume ao *Théatre allemand d'aujourd'hui*. Jornalista e humanista, esse escriptor viveu dez annos na Germania e foi um dos mais assiduos frequentadores dos seus theatros, estudando-lhe autores, actores e enscenadores. Dahi a capacidade com que assignala as ligações da ribalta allemã com a vida social e as aspirações politicas do paiz. O livro indica muito bem a obra renovadora dos Reinhardt e dos Piscator, espiritos verdadeiramente progressistas no tocante ao elenco e ao repertorio tedescos, e sinceramente desejosos de sacudir para longe a influencia nefasta dos productos de Kotzebue e outros velhos fornecedores dos palcos de Berlim e Hamburgo.

— Eugène Dabit, que é leitor constante de Montaigne, toma-lhe agora algumas phrases á guisa de elucidação para o romance que vem de publicar: *Un mort tout neuf*. O sorriso do maior dos professores de scepticismo paira sobre esta narração meio funebre, em que um morto mediocre, o pobre Albert Singer, preoccupa os sobreviventes com inesperadas tonalidades mysteriosas de uma vida a que ninguem, contemporaneamente, dera importancia nenhuma. O volume faz pensar um pouco em Jules Romains e um pouco em Pirandello.

Os tres historiadores

Os inglezes, de boa guisa, fazem uma distincção curiosa entre *History* e *story*. A historia com H é o raconto serio, authentico e veridico do passado; a que não o tem, não passa apenas do boato, que vai da anecdota á lenda...

Já houve quem aconselhasse que ao lado do vernaculo Historia se restaurasse o archaico "estoria" dos antigos cancioneiros e Livros de linhagem. Não seria, certamente, de todo inutil.

Para nós, brasileiros, a innovação não seria improficua, porque ninguem negará que o Brasil tem menos *historia* que *estorias*.

E tanto isso é verdade que dos nossos tres maiores historiadores somente um acertou com essa feição bem caracteristica de nossa existencia.

Capistrano de Abreu foi o nosso historiador de analyse; pesquizou os factos com uma arguicia admiravel.

Em sentido opposto, João Ribeiro escreveu a nossa historia de synthese, isto é, coordenou antes as idéas que os factos.

Ambos, porém, erraram porque fizeram Historia com H...

Ora, o Brasil é um paiz sem historia, embora cheio de estorias.

Assim o comprehendeu Alvaro Moreyra, o terceiro. E escreveu esse fio d'agua crystallino que é *O Brasil continúa*...

Livro delicioso onde a limpidez jovial do autor, uma ou outra vez, apparece tingida por uma ou duas gottas de melancolia.

Quasi sempre, porém, Alvaro Moreyra escreve com um sorriso nos labios. Desde os "acasos" de nossa vida antiga até ás "caricaturas" dos camellos, que povôam o deserto de homens e de idéas que certa revolução, num verdadeiro milagre esterilizador, criou — o nosso poeta-historiador vae sempre saciando os leitores com a agua refrigerante do seu oasis de ironias...

O *Brasil continúa* deveria ser a unica historia didactica adoptada em nossas escolas. Embora escripto por méra recreação, o livro é a unica genealogia sincera de nosso passado.

Ensina muito mais que os "epitomes" e "resumos" numerosos, que abarrotam as estantes dos estabelecimentos pedagogicos.

A gente percebe que Alvaro leu muitos estudos, que não cita, pelo horror que tem ás citações, mas que reflectem nitidamente na sua obra.

E' verdade que aqui ou acolá, a gente não está com elle (por exemplo: quando elle pinta mal os bandeirantes...).

E' ainda verdade que elle poderia accrescentar outros casos curiosos, que são bem symbolicos de nossa psychologia (por exemplo: a deposição e o exilio de S. Thomé ou Sumé pelos tamoios revolucionados...).

E assim algumas outras observações, que me parecem dignas de retoque ou de accrescimo.

Isso, porém, está muito longe de ser um defeito. O livro é magnifico e bastaria, aliás, apenas o estylo de Alvaro Moreyra para tornar qualquer asumpto, ainda que desinteressante, agradavel e ameno.

De facto o estylo de Alvaro, tão caracteristico e tão pessoal, tem esse dom, deveras, maravilhoso. E isso infelizmente, tem sido um mal, pois, justamente por isso Alvaro Moreyra deu origem a uma galeria deploravel de imitadores...

Ha, é certo, algumas figuras que se destacam da turba parasitaria e falsificadora. O joven escriptor Dante Costa, por exemplo, é antes um discipulo que ha de honrar o mestre...

O Luiz Martins, autor de theatro, tambem não fica distante do Alvaro Moreyra do *Adão, Eva e outros membros da familia*.

O chronista Theodemiro Tostes está na mesma distancia para com o Alvaro Moreyra jornalista.

Os outros, porém, não são discipulos. São imitadores réles e detestaveis.

Certo estas verdades não hão de agradar muito ás vaidades alheias, porém, não fui eu o primeiro a apontar a influencia do estylo de Alvaro Morepra entre os nossos litteratos.

Eu sei bem que aqui, no Brasil, quando a gente desagrada, passa logo para o rol daquelles que têm certas e extranhas predilecções sexuaes...

O insulto é a resposto mais facil nessas questões litterarias.

Alvaro Moreyra, aliás, com aquella bonhomia de sempre saberá sorrir piedosamente para os seus filhos espirituaes.

A sua esposa, Eugenia, certamente não ha de responsabilizal-o por essa forçada e involuntaria paternidade.

Ambos, na alegria franca de temperamentos previlegiados, talvez amem esses descendentes espirituaes com a mesma intensidade com que amam a criançada, que illumina o seu lar.

Qui suo jure utitur neminem loedit...

JOAQUIM RIBEIRO.

— Jacques Peuchet publica *Les secrets de la police*. E' elle dos que sabem fazer historia pittoresca á maneira de J. Lucas-Dubreton. Neste volume, passa em revista, com documentação profusa e espirito realmente clarificador, as principaes complicações em que estiveram mettidos os mastins policiaes da França, de Luiz XIV a Luiz Philippe. Coisas que parecem inventadas por um romancista allucinado e que são, todavia, indiscutivelmente exactas. E' um jacto de luz fortissimo atirado de encontro os bastidores de um departamento da vida administrativa no qual não faltaram nunca aventuras e enigmas atordoantes. Lances escabrosos, raptos de lindas adolescentes, alternam com as proezas de Cartouche, que foi Rocambole muito antes de Ponson du Terrail. Scenas de feitiçaria, envenenamentos, vicios e crimes de toda a casta evidenciam, neste sereno retrospecto que, no mais civilizado dos paizes, tambem se desenrolam episodios dignos de uma taba de tupynambás ou de uma cubata de hotentotes.

— Multiplicam-se as reedições das obras de Gobineau, que esteve como ministro da França aqui no Rio de Janeiro e foi amigo intimo de Pedro II, com quem depois se correspondeu longamente e viajou por terras distantes. A proposito de *Religions et philosophies dans l'Asie Centrale*, accentúa-se a irresistivel penetração psychologica do grande escriptor ao examinar as velhas seitas e as egrejas nascentes em zonas orientaes, sendo tambem louvado o seu bello estudo do theatro persa. *L'Abbaye de Typhaines* evoca a figura de Luiz VI, que foi chamado de Batalhador antes de ser chamado de Gordo, e descreve a lucta dos vassallos contra os senhores ecclesiasticos e a assistencia prestada pelo rei ás communas. *Les Pléiades* é de um feroz inimigo das democracias, sinceramente convencido da desegualdade das raças humanas e appellando para os "Filhos do Rei", afim de que salvem o mundo, com o mesmo fervor com que depois o allemão Nietzsche invocaria o Super-Homem. *Adélaide* é o caso de duas mulheres, mãe e filha, que se disputam um lindo cavalheiro. *Mademoiselle Irnois* trata do periodo de Napoleão e de uma rica herdeira sacrificada a um cortezão enredador. *Nicolas Belavoir* é um fantasioso romance de aventuras, onde ha muito pensamento disfarçado em anecdota.

AS NOVIDADES DO MEZ

Abguar Bastos — *Terra de Icamiaba* — Romance amazonico .... 6$000
Gal. Góes Monteiro — *A Revolução de 30 e a finalidade politica do Exercito* — O maior livro do momento .... 6$000
José Americo de Almeida — *A Bagaceira* — Romance, 5ª edição .... 6$000
Mahatma Gandhi — *Memorias* — Escriptas por elle proprio 8$000
José Victorino — *Poetas Capichabas* — Anthologia, commentarios .... 5$000
Kosciuszko B. Leão — *A Visão da miséria através da Policia* — Socialismo .... 6$000
Americo Palha — *A Illusão Brasileira* — Psychologia e critica .... 5$000
Joaquim Laranjeira — *Floriano Peixoto* — Biographia romanceada .... 5$000

Pedidos a

ADERSEN - EDITORES

Edificio d'"*A NOITE*" — 14º andar, Salas 1.419/20 — Rio de Janeiro

---

LIVRARIA ODEON
— DE —
Soria & Boffoni

Importação directa com as principaes casas editoras.

157, Av. Rio Branco, 157

Teleph. 2-1288 — Caixa Postal 460
End. Teleg. "*Livrodeon*"

RIO DE JANEIRO

De STEFAN ZWEIG:
Maria Antonietta .... 20$000
Amok .... 6$000
Fouché .... 15$000
Minutos Decisivos na Humanidade .... 5$000

EDITORA GUANABARA
Waissman, Koogan
OUVIDOR 132 — TELEP. 2-7231

AUGUSTO DOS ANJOS

EU e Outras Poesias

Acaba de apparecer nova edição

AMERICA EDITORA
Assembléa, 92

Do grande poeta **Belmiro Braga**

REDONDILHAS

5$000 — Em todas as livrarias.

Pedidos a ARIEL e ao editor

Renato Americano

Rua Alzira Brandão, 39 — Rio

ALGUNS LIVROS ANTIGOS E RAROS

Almeida (Fco.) — *Diccionario das seis Linguas* — in-4º Lisboa, 1902, enc. int. de couro .... 40$000
Idem, enc. int. de panno . 35$000
Aulete (Caldas) — *Diccionario Contemporaneo* — folio, Lisboa, 1881, 2 vols. enc. 70$000
Idem, 1884, Rio, enc. .... 60$000
Bessherelle (M.) — *Dictionnaire National* ou *Dictionnaire Universel de la Langue Française* — folio, Paris, 1856, 2 vols. enc. . 120$000
Cantú (Cesar) — *Historia Universal ed Antonio Ennes* — s/d., 4º, enc., 20 vls. . 400$000
Idem, ed. Mel. Bernardes Branco, folio Lisboa, 1875, 2ª ed., 13 vols. .... 220$000
Constancio — *Diccionario da Lingua Portugueza* — folio, Paris, 1836, enc. .... 60$000
Idem, 6ª ed., 1858 .... 60$000
Dante Alighieri — *O Inferno* — Poema em 34 cantos — Illustrado por Gustavo Doré — Versão portugueza de Domingos Ennes, folio Lisboa, 1887, enc. .... 180$000
Dictionnaire Universel Théorique et Pratique du Commerce et de la Navigation — folio, Paris, 1859, 2 vols. enc. .... 100$000
Diccionario Universal,— folio, 1878, 4 vols. enc. .... 120$000
Figueiredo (Candido)— *Novo Diccionario da Lingua Portugueza* — folio, Lisboa, 4ª ed., 2 vols., enc. novo 150$000
Flügel's (Dr. Felis) — *A Dictionary of the English And German Languages* — folio, London, 1901, 2 vols. enc. .... 120$000
Lachatre (Mauricio) — *Historia dos Papas* — Trad. de Aug. José Vieira, folio, Lisboa, s/d., 5 vols. enc. em 3 .... 160$000

Enviaremos gratis o nosso catalogo

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Sete de Setembro, 162
RIO DE JANEIRO

ULTIMAS PUBLICAÇÕES DE — FLORES & MANO —
Rua do Ouvidor, 145

Medeiros e Albuquerque — *Freudismo* — contos — 1 vol. 6$000
Jorney Camargo — *Deus lhe pague* — 2ª ed., 1 vol. .... 5$000
Jonas Corrêa — *Guia Pratico para o ensino da Contabilidade Bancaria*, — 2ª edição muito augmentada, 1 vol. com mais de 600 pags. .. 25$000

Fornecemos gratis o nosso catalogo a quem o solicitar.

Acaba de apparecer:

De Vicente Licinio Cardoso

MARACÁS

Obra posthuma

Pela diversidade dos themas que aborda e pelas suggestões que suscita, esta obra do grande pensador e sociologo brasileiro, está fadada a um enorme exito. Em todas as livrarias — Preço: 6$000

PROXIMAS EDIÇÕES:

Godofredo Rangel

Vida Ociosa

2ª edição.

Monteiro Lobato

Contos pesados e contos leves

Dimitri Merejkowsky

Napoleão

Trad. de Agrippino Grieco.

André Maurois

Liautey

Trad. de Gustavo Barroso.

André Maurois

Circulo de Familia

Trad. de Alvaro Moreyra.

Will Durant

Historia da Philosophia

Trad. de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato.

Rudyard Kipling

O Livro da Jangal

Trad. de Monteiro Lobato.

★

Pedidos desde já á

Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUSMÕES, 26-28-30

S. PAULO

DE NOVA YORK

ITABAYANA SPEAKS!

Trazido não sei por que ventos caprichosos, cahiu-me um dia sob os olhos, em plena Nova York, o nome de José Lins do Rego. Pegado ao nome vinha um rabinho de noticia idiota, da qual pouco havia que deduzir. Apenas isto: que o rapaz, que se iniciara como critico litterario (esplendido talento analysta, dizia a folha), acabava de atirar aos olhos do Brasil-basbaque o seu primeiro livro — *Menino de Engenho*.

Confesso que desconfiei da intelligencia do moço patricio, pela razão unica do officio que elle escolhera — critico litterario num paiz quasi sem litteratura. Era como falar do carro sem ter os bois... Entretanto, reconciliei-me logo com o paradoxo. Lembrei-me de Portugal, paiz sem dinheiro, que por contrasenso identico dizem ter no sr. Salazar o maior economista do mundo.

De resto, não é o Brasil a terra abençoada das santas de Coqueiro, dos operarios obscuros que tiram electricidade da atmosphera, e das arvores que dão gazolina? Por que duvidar dos milagres?

Depois disso, satisfazendo indirectamente á minha curiosidade de sujeito de olhos telescopicos, que procura ver a 5.000 milhas de distancia, uma folha do norte fez-me outra surpresa: trouxe-me um retrato do joven. Baixo, a julgar pelo meio-corpo do gravado, de physionomia expansiva e sympathica. Como distinctivo facial, uma peninsula de barba negra que se insinuava pelo mar largo do rosto, em fórma de patilha. Do lado opposto, por uma questão de equilibrio, devia haver outra costelleta, que a zincographia não mostrava. Apesar da proverbial cabeça chata do parahybano, pensei que elle fosse de Alagoas. Razões para assim pensar? Apparentemente nenhumas. A cabeça da gente é como um cortiço de abelhas, todo segredo, em que a qualquer hora da noite póde penetrar um papa-mel, e começar a fazer visagens. Na dos loucos, são macaquinhos que entram, aninham-se no sotão, e tocam de quebrar a porcellana fina das idéas...

Mandei vir *Menino de Engenho*. Comecei a lêl-o e me senti logo perfeitamente *at home*, como dizem os americanos. *Very much so!* E' que eu me criara por ali, pegando passarinho de arapuca e dando cangapés no Parahyba, como o heróezinho que Lins do Rego me mandava visitar em Nova York. De uma feita, quando menino, creio haver mesmo cruzado o pateo do *Santa Rosa*, a caminho de São Miguel. Vieram uns cachorros ladridores (com dentuça de morder...) e eu me encolhia muito em cima do cavallo, com medo que os bichos me alcançassem as pernas. Depois, eu proprio escapara de ser *menino de engenho*. Quando os herdeiros do velho Manoel Coelho (meu avô paterno) venderam o *Melancias*, situado naquella zona da caatinga, eu andava ainda nos cuêros.

Lendo *Menino de Engenho* eu me sentia confortavelmente em casa. Lá estavam historias populares, que a minha retentiva guardara. Antonio Silvino estivera no Pilar, onde prendera os soldados e soltara os presos. Lembro-me bem de quando recebemos esssa noticia em Itabayana, a tres pequenas leguas do logar assaltado. Augusto Coelho, delegado da cidade, chegou a dar ordens para se embalarem as praças, temendo um ataque do cangaceiro.

Ainda agora, abrindo o volumezinho de Lins do Rego, dentre outras passagens marcadas a lapis, sobresáe esta: "Um dos nossos brinquedos mais preferidos era o de fingirmos de bando de cangaceiros" — a que eu appuzera uma nota á margem: "Veja-se! Tal como os pequenos americanos fingem de *gangster*. A natureza humana é uma só, por toda a parte."

Ao lêr a historia da morte da prima Lili, uma das mais delicadas paginas do livro e das mais tocantes que já li, tive vontade de chorar e não sei se chorei. Se cheguei a chorar, dei com isso a melhor prova de que Lins do Rego é um artista, porque a arte está nisso — passar de quem a cria a quem a percebe.

Gostei muito de *Menino de Engenho* e dahi para cá fiquei de olhos pregados na estrada verde do Atlantico, a unica que me liga ao autor. Nas arvores imaginarias do meu hypothetico quintal de morador de arranha-céo cantavam peitiguarys adivinhões:

Olha pro caminho que lá vem!
Olha pro caminho que lá vem!

O passarinho não mente; veiu mesmo. Era o outro lado da medalha — *Doidinho* — contando a historia da ave liberta, que o convencionalismo humano atirara para dentro das grades duma gaiola, com trapezios e aninhadores, porém em nada comparavel ao ramo de ingazeira, pendido sobre o rio, de onde ella se mirava sobre as aguas, cantando numa alegria doida de vida, quando, em logar do alpiste importado, tinha a sementinha tenra da sua milhã de inverno.

Doidinho tem para mim um sabor todo especial. E' que põe Itabayana no mappa, para outra vez me servir duma voz ingleza. Mas, não só a põe no mappa, como a traz até cá. Planta-a aqui, no meio da *City* gigantesca. Está ali, ao meu alcance, digamos, na Praça do *Times;* daqui, da minha janella, eu lhe vejo a torre da matriz que o padre Fileto contruiu com esmolas pedidas na estação da Great Western. Guiado pelas suggestões do livro, vejo os americanos basbaques enchendo a rua central da cidadezinha sertaneja. Vão por ali, abobalhados, passam pela porta de *seu* Palú, dobram a esquina do bilhar, e dão no quadro da feira. Um sujeito mais afoito, querendo se fazer da terra, espia para dentro duma das barracas de perpiry: é uma loja de barbeiro ambulante, desses que andam de feira em feira, fazendo a barba dos matutos. O americano curioso passa a mão pelo queixo, onde a Gillette deixára uns restos de pello ruivo, e pergunta — *How much?* No meu sonho de acordado, o povo de Itabayana entende inglez, e por isso o figaro responde: — Sente-se. Se não gostar não pague. O yankee senta-se numa cadeira commum, e sob o peso da mão do barbeiro enverga-se para traz até ficar com o cogote descansando numa forquilha, que o supporta. O homem afia a sua quicé de navalha, e antes de começar a dolorosa raspagem, mette um caroço de macahyba na bocca do freguez, para fazer-lhe resaltar as bochechas.

Ahi, o americano estrilla: — *Hell! What do you mean?*, e cospe o côco fóra. E eu, voltando a mim, accendo o meu cachimbo e recomeço a leitura. Vejo o velho Maciel, muito espigado, indo para a sua trêla á por-

ta da "Nova Esperança", a loja do pae do Octavio, seu alumno-prodigio. De feito, esse Octavio, que fôra meu collega no "15 de Novembro" (collegio do professor Severiano Correia de Araujo, onde estudei seis mezes), era um menino damnado p'ra saber de coisa. Em Geographia, então, era um peitado — trazia na ponta da lingua o que Atlas carregava ás costas. Sabia de todos os paizes e capitaes do mundo. E cidades principaes, e portos, e systemas de governo. José Maria, cabeçudo como o irmão Antonio Menezes, o orador do I.N.S.C. de quem fala Lins do Rego, era outro. Intelligente até ali. Quando Neco Araujo organizou a Philarmonica Itabayanense, Zé Maria começou a estudar musica. Em seis mezes estava compondo valsas. Era o flautista da banda e ficava até alta noite, como um sabiá nocturno, tocando o que compunha.

E' um dia de jury em Itabayana. Lá vem o tabellião João Lins, penso dum lado, carregando os autos. O dr. Antonio Massa é o juiz. Jurema Filho é o advogado do réo — dr. Arthur Gusmão, preso por crime de estupro numa cabrochinha do Alto dos Curraes. O promotor Manoel Paiva, nervoso e meio matuto no falar, faz uma accusação gaguejada e conclue num desesperado appello de justiça, apresentando ao jury a mãe da victima, que ali estava, chorando pela filha que morrera. Através da linguagem technica do processo, nós, meninos, iamos pilhando muita palavrinha safada, que a sciencia penal achara de vestir com roupagens de salão...

O dr. Jurema, vermelho como um inglez, fez uma bonita defesa e poz o bacharel na rua. Mas a cidade ficou escandalizada. Muita moça, quando via Arthur Gusmão vir vindo, fugia da janella para lhe não ter que retribuir o cumprimento. Ao "réo liberto" só restava uma coisa, ausentar-se. E seguiu para o Amazonas, caminho que eu mais tarde tambem tomei, réo das necessidades.

Ora, *Doidinho* é para mim como um cosmorama de figuras vivas, de paizagens conhecidas, de acontecimentos a que tambem estive presente. O rio cheio, os banhos no Maracahype, o espectaculo multicor e variado dos dias de feira... E ha tambem recordações desagradaveis, como a daquelle Antonio Mouco, o pae de Fausto, que chronometricamente abria a bocca em urros de féra, com dôr de urina, enchendo a gente de pavor. Antonio Mouco, dizia o povo, alludindo á menor das suas desgraças. E a realidade tetrica estava ali, na simples mudança de um "m" em "l" — Antonio Louco...

No entanto, se querem uma opinião, gosto mais de *Menino de Engenho*. Acostumado á dynamica do cinema, prefiro a narrativa a passo largo aos trabalhos de camara lenta. O *slow motion* está bem em certos passes da fita, para permittir a analyse demorada dum detalhe. O mesmo processo continuado é cansativo e contrario á correnteza da vida. Mas *Doidinho* tinha que ser assim, porque é a vida numa prisão, o que elle nos revela.

O primeiro livro de José Lins do Rego como que exigia este segundo, que elle soube fazer com toda a naturalidade que deixara transvazar no primeiro.

Levado pela mão do *doidinho*, percorro a cidade que me conheceu menino, digo *how do you do?* aos seus habitantes, ouço-lhes a voz distinctamente como se o meu "ondas curtas" estivesse agora mesmo recebendo um *broadcasting* de Itabayana. E quasi ao fim da recepção radiophonica mette-se pelo meio da onda uma estação de fala ingleza, mandando os ouvintes para a cama: — *Signing off... It's* 1:35 A.M. *Good night!*

ARTHUR COELHO.

— Raymond Queneau, autor de *Le Chiendent*, veiu ás lettras com um saboroso talento humoristico. Algo de farça gauleza em seu romance, onde certas coisas fazem pensar nos diabolicos disparates de Jarry. Queneau tira partido de tudo, dos jogos de palavras, das ambiguidades de pensamento, das mutilações parodisticas.

— *Un barbare en Asie*, de Henri Michaux, é uma especie de canhenho de notas de viagem, ao qual a preoccupação da litteratice não tirou a frescura e o encanto da primeira impressão reveladora. Mas, ainda que apparentemente inacabado, esse volume de um poeta, que só quer ser poeta e não pretende as honras de sociologo ou ethnographo, faz ver muito bem o que permanece de inalteravel debaixo de todas as raças e as razões que levam os orientaes a chamar os occidentaes de barbaros, ao mesmo tempo que os occidentaes, muito ufanos da sua civilização, enxergam apenas selvageria e brutalidade em terras asiaticas.

— Albert Gervais, no romance *Æsculape en Chine*, conta-nos a historia de um medico que viveu muitos annos no paiz dos mandarins. E' um trabalho de synthese a que não faltam, quando necessario, pormenores suggestivos. Bellas paginas impressionistas, de um pintor de paizagens e costumes, mas tambem um rigor, uma precisão scientificas, de quem não quer brincar com as almas e os temperamentos exoticos. Se tudo foi visto com argucia de repentista, tudo foi amadurecido em longas meditações. Bem feliz é o confronto da psyché dos europeus com a dos chinezes, na familia, na sociedade, nas ruas. E sente-se que a differença de mentalidade produz ás vezes no autor uma especie de suffocação moral e o desejo do prompto regresso ás paragens nativas.

— Léon Bopp, no *Jacques Arnaut*, faz uma summula da maneira de muitos romancistas, desnudando-lhes os processos, violando indiscretamente os bastidores desses magos ou charlatães das palavras. E' uma critica philosophica do romance moderno, com ares por vezes de imitação burlesca. Quantos livros não deve ter elle percorrido antes de chegar a esse pleno dominio da factura, da inspiração e dos artificios de centenas de confrades!

— Jacques Roujon consagra um vigoroso estudo a *Louvois et son maitre*, ao grande ministro, successor de Colbert, e a Luiz XIV. Vê-se ahi o que fez pela França o authentico organizador das suas milicias.

— André Lhotte, se maneja bem o pincel, tambem se soccorre da penna para defender os principios de arte que sempre o apaixonaram. Seu volume *La peinture* é bem o historico das luctas e victorias, das miserias e esplendores de quantos se empenharam em renovar na França a technica dos Ingres e dos Delacroix, exprimindo na téla a vida e a sociedade contemporaneas, sem decalque irrisorio na maneira dos antigos.

— O processo Stavisky serviu de pretexto a Bruno Weil para trazer de novo á baila o famoso escandalo do Panamá, que serviu para polluir o nome de Lesseps e envenenar-lhe a ancianidade de varão glorioso.

— *Le Cimetière des Lépreux*, de Edouard Letailleur, explora um assumpto algo macabro. Excavações archeologicas conduzem á descoberta de uma necropole em que jazem os restos de victimas da mais atroz das molestias e esse encontro horrivel é o pretexto para a resurreição de muitos phantasmas. O livro empresta singular possança a uma evocação que, manejada por um autor mediocre, seria sem duvida repugnante.

— Na collecção *Les plus belles pages* da livraria do *Mercure de France*, vem de surgir uma selecta do principe de Ligne, theatro, poesias, correspondencia e anecdotas. E' por assim dizer a flor de um espirito que encantou os contemporaneos, homem de guerra e homem de salão, malicioso com as mulheres e á altura de competir com os primeiros conversadores do seu proprio sexo, superando-os não raras vezes. O principe de Ligne era de procedencia belga, mas sua intelligencia filiava-se á melhor estirpe franceza. Foi amigo de Casanova, de quem traçou inolvidavel retrato, fazendo com a penna o que La Tour e Nattier faziam com o pincel.

ANCHIETA GRAMMATICO

Graças a Eugenio de Castro, recebo agora de Rodolfo Garcia a grammatica do meu santo, de Santo Anchieta. Santo com grammatica? Sim. Grammatica que é ainda obra de santidade, porque não se trata aqui de atormentar as creanças com regrinhas que só têm a utilidade da superfluidade.

Aqui é philologia sem palmatoria e sem prantos para o misero alumno. Obra de um confraternizador por excellencia, do maior confraternizador que já pisou em terras brasileiras, de quem foi tão grande amigo do genero humano quanto o frade de Assis ou o padre confessor dos galerianos da França, esta *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* é de quem pretendia que todas as creaturas se conhecessem e amassem.

Anchieta não chegou a discursar em congressos pacifistas, nem chegou a saudar o feriado de 1° de Janeiro, mas agiu toda a vida para que os homens deixassem de estraçalhar-se uns aos outros em nome das quinas de Portugal ou do leão de Castella.

Deante deste pequeno volume, agora benemeritamente reeditado pela Bibliotheca Nacional, póde dizer-se que, além do maior catechista dos nossos selvagens, foi elle o maior dos linguistas da nova terra, foi, no sentido philologico, o maior dos nossos indianistas. Ao lado delle, todos os outros parecem burocratas, membros do Instituto Historico que agem em missão official, com boa remuneração do Thesouro.

Sempre humilde, como que envergonhado da sua santidade, que parecia um "pito" á canalhice dos demais, Anchieta queria esconder-se a um canto com o seu livro, como uma especie de Borralheira em taes assumptos, mas hoje se verifica que autoridade era elle, como superava tantos professores vistosos, tantos pretensos homens de sciencia que falam em glottologia e materias affins como se acabassem de viajar em omnibus com Bopp ou Max Muller.

Grande nas diversões para os indios, tecendo engenhosas allegorias theatraes afim de ensinar-lhes Christo através de suggestivos espectaculos, Anchieta foi-nos tambem util nas sisudas paginas da sua grammatica, onde aliás ha ainda um fino sorriso, uma benignidade de christão avesso a infligir aos demais, numa especie de inquisição branca, os horrores da syntaxe miuda.

Vê-se com que facilidade aprendia elle linguas. Como que nasceu no dia de Pentecostes. Illuminado pelo Paracleto, não careceria nunca de methodo Berlitz. O que veiu a ser tão difficil para o bom Capistrano, forçado a fechar-se tanto tempo com indios em casa, foi-lhe facilimo. Recolheu o essencial da lingua daqui com o ar de quem recolhe uma lenda ou uma anecdota de folk-lore.

E tudo é exposto com clareza, com lhaneza, sem trepar na cathedra e sem brandir in-folios, por esse homem de Christo que desejava desfazer a confusão de Babel, desejava que todos se entendessem, que as mesmas palavras unissem os mesmos corações.

Falando ou escrevendo em latim, idioma universal das almas, elle ouviu tambem com deleite a doce fala da nossa gente primitiva, pensando sem duvida como Montaigne: *"Leur langue, au demeurant, c'est le plus doux langage du monde, et qui a le son le plus agréable à l'oreille; il retire fort aux terminaisons grecques"*.

AGRIPPINO GRIECO.

Amor e Aventura

Não decresce o interesse despertado no paiz pelas traducções da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Especialmente aqui no Rio, graças aos esforços e á irradiação de sympathia do livreiro Mario Porphirio, os volumes editados pelo importante casa gaúcha encontram um publico que se vae tornando cada vez mais numeroso. Bello foi o exito obtido pela interpretação portugueza das magestosas biographias de Ludwig, que soube evocar como poucos as figuras controversas de Napoleão e Bismarck. Mais duradouro, porém, é o successo dos livros destinados á vastissima clientela de jovens dos dois sexos. As narrações de amor e de aventura da Livraria do Globo, prestigiadas como estão pela presença de um Wallace e de um Ardel, dois campeões no genero, fazem, já agora, a delicia de innumeros amigos dos idyllios romanescos e dos crimes complicados.

APHORISMOS DE NIETZSCHE

Architectura para os predestinados do conhecimento.

Um dia, cedo talvez, se chegará a comprehender aquillo que mais falta faz ás nossas grandes cidades: vastos espaços silenciosos destinados á meditação, sombreados de altas e compridas galerias para o mau tempo e a soalheira, onde não chegassem os ruidos dos carros nem os gritos dos mercadores, onde um honesto decoro vedasse até mesmo ao padre a oração em voz alta: arcadas e alamedas que no conjuncto exprimiriam tudo o que a meditação e o retiro do mundo têm de sublime. Passou o tempo em que a Igreja possuia o monopolio da meditação, em que a vita contemplativa *devia ser antes de tudo* vita religiosa*: e tudo o que a Igreja construiu exprime este pensamento. Não sei como nos poderiamos contentar com esses monumentos, ainda mesmo que viessem a ser despojados do seu caracter ecclesiastico; esses monumentos fallam uma linguagem demasiado pathetica, demasiado estreita, de mansões de Deus e santuarios das relações supraterrestres, para que nós outros impios alli pudessemos meditar* os nossos pensamentos. *Queremos traduzir-nos a* nós mesmos *em pedras e plantas, queremos passear em* nós mesmos *quando percorrermos essas galerias e esses jardins.*

Originalidade.

Que é originalidade? E' vêr alguem alguma cousa que ainda não tem nome, que ainda não pode ser nomeado, embora esteja a vista de todo o mundo. Para o commum da gente é o nome que primeiro lhe torna visiveis as cousas. — De maneira que os homens originaes tem sido geralmente os denominadores.

Os explosivos.

Si se considera o que ha de necessidade explosiva na força dos moços, não se póde extranhar que manifestem tão pouco tino e tão escasso discernimento em tomarem partido por esta ou aquella causa. O que attrae geralmente os moços é a refulgencia que circumda uma causa e por assim dizer, a perspectiva do estopim acceso — não propriamente a causa em si. E' a razão por que os seductores mais sagazes tratam de acenar-lhes com a perspectiva da explosão antes de persuadil-os com boas razões: não é com argumentos que se tomam esses barris de polvora.

* * *

A respeito de "Casa Grande & Senzala"

Esperava do sr. Gilberto Freyre uma obra de mais effeito verbal, de mais interesse esthetico do que scientifico, uma obra mais essencialmente litteraria para regalo dos brasileiros ausentes da poesia de sua terra. Não posso justificar o que me teria levado a uma tal deformação da pessôa do grande estudioso pernambucano. O certo é, porém, que cheguei a enxergar-lhe tendencias para aristocratizar a nossa formação geral, apenas concedendo-nos uma gostosa sympathia pelo negro no Brasil, não como factor basico da producção mas como elemento de adorno, enchendo as artes patrias de seu plastico langor. E' bem verdade que lhe fiz sempre a justiça de não lhe imputar revelações de novidades a respeito da palpitante Realidade Brasileira, laitemotivo da vasta producção no genero sociologico da litteratura nacinonal.

Lendo *Casa Grande & Senzala* a impressão de grande livro me veiu logo ás primeiras paginas, através da honesta orientação dada pelo autor nas suas pesquizas, seleccionando fontes de estudo e dando a publico, sem o preconceito do timido ou do christão, tudo o que a sua curiosidade encontrou de documentario. E bem vale salientar que especie de documentario soube o autor reunir. Documentario que a sua lingua, de um raro e doce sentido poetico, distillou por todo o livro, aparando os angulos da prosa espessa de que um como o sr. Alberto Torres se teria servido.

"O europeu saltava em terra escorregando em india núa; os proprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne."

"Ociosa mas alagada de preoccupações sexuaes a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rêde. Rêde parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rêde andando com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas..."

Lingua "sem ossós" como diria o proprio autor, e que o apaixonou sensivelmente, contribuindo até, si eu não exaggéro, para desviar a apreciação de certos assumptos de um mais fdndo rigor objectivo. E que o fez, muitas vezes, pender mais para os achados do que para as descobertas, tomando-se aquelles por uma fórma mais livre e mais litteraria do que a conclusão rigidamente scientifica.

A construcção do livro, é que, parece-me, não satisfaz inteiramente. Na arrumação dos assumptos ha qualquer cousa que priva o leitor de uma conclusão rapida, immediata. Certos factos que se desejaria ver juntos vão ficar lá longe, mal se prestando a uma comparação de tamanho que seria de desejar num mesmo plano. Sente-se, numa certa medida, a despreoccupação do autor pelas soluções, pela fixação da verdade em algumas chronicas que se contradizem, pela pesagem dos valores, principalmente os humanos. Jesuitas bons e pessimos homens, senhores de engenho protectores dos pobres diabos e carrascos dos peores, frades e freiras ora chegando ao céo de bons, ora libidinosos, perversos, cretinos. Tudo isso anda no livro longe da autoridade paternal do autor, sem que se saiba approximadamente o mal que nos fizeram.

Talvez que se ache em *Casa Grande & Senzala* a falta do didactico — não o didactismo auto-erotico do sr. Pontes de Miranda — mas um didactico vindo em auxilio do leitor leigo, trazendo num cortejo do principio ao fim todos os elementos necessarios a uma simples comprehensão.

Extranho que o sr. Agrippino Grieco, na critica ao livro, fazendo restricções de que discordo — entre ellas a de muito materialismo de mais — tenha dito ser indispensavel ao critico da obra quasi tanta cultura (o que nos poria em chômage) quanto a do sr. Gilberto Freyre, como se afóra a materia propriamente de erudição, a materia citada, nenhum outro ponto pudesse ser contestado.

Muito do que o sr. Grieco achou de mais eu acho bem dosado — o materialismo, por exemplo. Não o materialismo arte do diabo da bocca dos theologos, mas o materialismo como interpretação historica, como base essencial de qualquer estudo sociologico serio. Não seria mesmo de admittir que um intellectual adeantado como o sr. Gilberto Freyre fosse buscar as causas do desenvolvimento da sociedade em certos capitulos da Genese; ou désse á Idéa morada longinqua, anterior a qualquer traço humano. Pelo contrario, nas primeiras paginas de seu livro elle confessa:

"Por menos inclinados que sejamos ao materialismo historico, tantas vezes exaggerado nas suas generalizações — principalmente em trabalhos de sectarios e fanaticos — temos que admittir influencia consideravel, embora nem sempre preponderante, da technica da producção economica sobre a estructura das sociedades; na caracterização de sua physionomia moral."

Mas "tantas vezes exaggerado", "embora nem sempre preponderante" são modos com que o autor parece querer justificar-se perante alguem do seu feio peccado materialista. O proprio autor deixando-se em constrangimento pelo acto moral, sob a coacção do simples prejuizo religioso. Porque em seu livro, como me pareceu, todas as suas observações estão condicionadas a determinantes economicas:

"Ligam-se á monocultura latifundiaria males profundos que têm compromettido, através de gerações, a robustez e a efficiencia da população brasileira, etc."

Poucas vezes são as que deixa essa orientação para attribuir certas modificações em nossa evolução social a factores intermediarios, isto é, a causas que já se tornaram effeitos em virtude de determinantes anteriores. A religião, por exemplo, é vista ora directamente influenciada pela economia ora influenciando e justificando condições de estratificação.

"No fundo, esse purismo de religião, como o mais moderno e caracteristicamente anglo-saxonico, de raça, do que se origina ou se alimenta é quasi sempre de antagonismos economicos."

"... pretendeu-se systematizar de tal modo a exploração do trabalhador indigena em beneficio dos brancos e da Igreja que, de um salario de 100 réis por dia apenas recebia o indio aldeiado para se sustentar a si, mulher e filhos a miseravel quantia de 33 réis."

Ou então:

"Nossa hostilidade aos inglezes, francezes, hollandezes, teve sempre o mesmo caracter de prophylaxia religiosa."

"Nossa formação social, tanto quanto a portugueza fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa,

que nos suppriu a lassidão de nexo politico ou de mystica ou consciencia de raça."

Ora, fica muito claro que uma religião empregando methodos de tão rara efficiencia na catechese, domesticação e exploração da energia do negro e do indio, em beneficio dos senhores, só podia ser muito bem recebida no aconchego da Casa Grande, de modo a não permittir que estrangeiros donos de outros credos, menos fieis, talvez, ao seu espirito de dominio, viessem pôr em perigo a unidade catholica que tão bem lhes servia.

No segundo caso, quem enxergou com tanta nitidez as consequencias diversas do nosso systema de producção monocultural, podia tel-as extendido até a unificação do nosso systema politico. Ao lado de males sem conta a monocultura latifundiaria, reagindo contra as incursões de methodos, culturas e religiões extranhas, manteve acima de todos o nosso systema de producção, base de nossa unidade nacional. Ou melhor da unidade feudal-burgueza do Brasil. E tão fortemente estavam encravadas as suas bases, aguentadas pelo sangue do negro e do indio, pela força dupla de suas "mãos direitas", que pôde resistir ás divisões do trabalho que naturalmente iam surgindo, com o desenvolvimento dos officios, com a abolição da escravatura, com o nascimento das industrias, absorvendo sempre, no Norte o assucar e no Sul o café, todos os outros ramos de producção.

A interpretação materialista da historia brasileira nada soffre, em linhas geraes, com as pequenas restricções desta ordem que se queira fazer. Antes *Casa Grande & Senzala*, por menos inclinado que o seu autor esteja para aquelle methodo, é um magnifico documento, um extensissimo repertorio da evolução de nossa technica de producção, levando de arrastão todos os nossos estados culturaes, anthropologicos, sociaes, artisticos, politicos, etc.

Nenhuma contradicção a estas palavras de Marx:

"Sobre as differentes formas de propriedade, sobre as condições sociaes da existencia, se erige toda uma super-estructura de sensações, de illusões, de modos de pensar, de conceber a vida, todas diversas e singulares no seu genero."

Nem a estas de Engels:

"O desenvolvimento juridico, philosophico, litterario, artistico, etc., repousa sobre o desenvolvimento economico. Mas todos elles reagem, conjuncta e separadamente, um sobre o outro e sobre a base economica."

Pelo contrario, o livro as utiliza como methodo, directa ou indirectamente, e as confirma, mesmo quando o autor quer excluil-o, adaptando-as ao sentido local, justa prova de que "o pensamento social é determinado pelo ser social".

Onde *Casa Grande & Senzala* baqueia, não aos olhos de um fanatico, mas deante da critica impiedosa da concepção materialista da historia, é quando o autor quer afastar-se dessa concepção. Ahi elle distancia-se de sua obra chegando a estabelecer-se entre ambos uma visivel contradicção. Não acontece que a sequencia dos factos mude temporariamente de leito em sua carreira para o fim; não chega a haver duas logicas uma para o autor e outra para o livro. Ha, porém, uma variação de pontos de referencia, uma fuga de terrenos em que a perspectiva soffresse continuos vae-e-vens, como si a visão partisse de alto mar.

Isto se explica. Porque aquella critica não póde permittir a dissociação entre o personagem que narra, que observa, que conclue: o autor — e o que vive: o homem. Nem entre o facto social e o facto moral nem entre o caracter do sujeito e o do objecto. Numa palavra: não póde permittir que se defendam os interesses de uma classe (opprimida ou oppressora) sem se adoptar o ponto de vista correspondente a esta classe; sob pena de se estabelecer uma inevitavel contradicção.

Não posso crer que a ausencia de um ponto de vista possa melhorar o juizo de uma obra, dando, como muitos querem, um sentido de independencia ou de "viseira erguida" ao seu autor. Todas as criticas que conheço a respeito de "orthodoxia" e "unilateralidade", para falar de um modo geral, nunca são criticas á posição assumida pelo criticado, isto é, nunca se referem somente á sua inclinação para um lado, mas sempre ás doutrinas e aos conceitos que o "orthodoxo" ou o "unilateral" defende. Eu prefiro sempre, por esta razão, os defeitos desses ás incoherencias do "independente", ás duplas personalidades do "eclectico", um e outro defensores, na maioria das vezes, de um conhecimento incompleto, de um cyclo cultural ainda não cicatrizado.

Por que um que é materialista na historia não o é na philosophia?

Por que outro admitte a luta de classes na economia e não acredita nos seus reflexos na arte? E outro por que quer ser ao mesmo tempo Hegeliano, Marxista, Bergsoniano e Spinozista?

Para tornar-se "independente"? para ficar "á margem dos acontecimentos", "acima da politica"?

O *ponto de vista* é essencial no critico, no artista, no sociologo, no pintor. Não se póde ter ao mesmo tempo uma visão proxima e uma visão distante de uma cousa, nem se póde estar dentro e fóra della de uma só vez.

Talvez o sr. Gilberto Freyre se perdesse um pouco para ficar a cavalleiro da historia.

Casa grande & Senzala apparece num momento em que o ar começa a cheirar mal de tanto serem exhumadas, por um certo numero de intellectuaes atrazados, idéas já nas catacumbas ha muito tempo. Por isso, ao seu valor de grande obra, o caracter prophylactico que assume lhe dá um inestimavel poder de acção. Principalmente por collocar nas suas verdadeiras posições a "questão de raça" tendo o bravo indio e o admiravel negro brasileiros, pela primeira vez em nosso paiz, uma comprehensão honesta. De um que não lhes faz de molambos, craneo molle e braços tesos, nem contrahiu o cynismo aristocratizante dos "sociologos" patricios.

O indio como peito forte, escravo, guerreiro, guia, influenciando fortemente nossas instituições sociaes, insuflando em nossa cultura muito da sua, enchendo-a com uma multidão de complexos: "da rêde, o da mandioca, do banho de rio, do cajú, do bicho, da coivara, da igara, do moquem", etc., etc. — é o que se vê.

"A mulher gentia temos que consideral-a não só a base physica da familia brasileira, aquella em que se apoiou robustecendo-se e multiplicando-se a energia de reduzido numero de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material na formação brasileira."

"O assucar matou o indio."

E do negro:

"Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabello louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — ha

"L U X U R I A"

O primeiro contacto com o romance de Kessel, que Gastão Cruls recentemente traduziu, provoca-nos a mesma sensação das scenas iniciaes de certos filmes allemães: sentimos que alguma cousa de terrivel vae acontecer. Como que antevemos todo um drama para se desenrolar em consequencia do choque de um sexo de oito annos despertando impetuoso para a febre da carne. E uma sympathia rapida se fórma entre nós e Severina. A inexplicavel sympathia que nos approxima dos sêres que se criam para ser infelizes.

Essa Severina, de Kessel, tem parentesco com as mulheres de Julien Green. Entre ella e Adrienne Mesurat ha uma ligação de irmãs ou de primas pelo menos. Parecem-se talvez na predestinação á desgraça. Talvez no facto dessa desgraça se fazer esperar, através do romance, como um acontecimento inevitavel, debaixo de uma ameaça constante.

As suas vidas se encontram num mesmo ponto: na vehemencia de sua má sorte; uma *guigne*, aliás, que não tem meios termos para se apresentar, que só lhes chega numa embalagem dobrada.

Severina ama o marido, mas com um amor sob regime, sem calor, sem surprezas, desses que não se confundem nunca com paixão e que antes parecem mais um habito. Um amor sem nada de profundo, e que teme approximar-se das cousas, como com receio de ver a sua propria fraqueza reflectida nelle. (Dentro do romance encontramos varios gestos de propria Severina, de receño diante da realidade, que documentam essa impressão.) E a noticia fortuita de que uma amiguinha frequenta uma casa-de-recurso vae despertar-lhe complexos adormecidos. E é a curiosidade que nasce de subito, e é a angustia, e o appetite do peccado.

Todo o jogo de drama da existencia dessa mulher se desloca então em movimentos bruscos, num semsentir que é o dos actos gratuitos dos instinctos. Nós a vemos entrar no 9-bis da rua Virène, adaptar-se ao rotulo de Flôr do Dia, experimentar o papel de caça, em captando de homens immensos e brutos os desejos "massiços, cynicos e puros", encontrar-se com Marcello, o Bôcca de Ouro, gozar a gula de certos olhos farejando seu corpo. E, parallelamente, ao mesmo tempo, buscando o marido "com um ardor tanto mais fatal quanto mais e mais vilmente o tinha esquecido".

Severina, que o desvario do sexo impelle á mais infeliz das aventuras, assume um *double*: a mulher do lar e a amante occasional do recurso de Mme. Anais. Uma com o coração o mais rico de ternura, todo aberto para Pedro Sérizy; a outra, com as emoções deformadas por um delirio sexual, por uma fome extraordinaria da carne que se satisfaz demoniacamente entre as 2 e as 5 da tarde.

Depois, a paixão de Marcello — o amor em massa, o que não enxerga precipicios mas que tambem não fala alto, a brutalidade da conquista e da posse intercalando-se á admiração mais humilde; e a paixão de Severina, absorvente, os sentidos soltos, especie de victoria do dr. Jeckil. Depois, o attentado, Marcello manejando uma faca que erra o alvo (Husson, um homem de quem Severina temia a revelação terrivel do seu *double*) e fére na fronte Pedro Sérizy. Depois, paralytico este, preso Marcello, — e Severina, num impeto, livra-se de sua personalidade de demonio contando ao marido toda a sua desgraçada aventura.

Essas psychologias, nós as vemos tratadas por um romancista que vae pouco além dos casos a relatar. Porque o "facto" para J. Kessel é algo de essencial. E por esse descriptivo de vidas em jogo, por esse sentido paizagistico de um drama intimo, é que *Belle de Jour* toma de certo modo um caracter de laudo pericial realizado sobre almas em vez de ser sobre corpos. Muito do seccamente documentario anda por essas paginas. De tão densamente humanas que são.

O mundo de emoções dessa gente — emoções que de intensas nos chocam e nos perturbam de uma fórma brusca —, é-nos descripto por um escriptor que tem forças de um verdadeiro relator das paixões humanas, si bem que lhe falte, no fundo, essa fragrancia de lyrismo que é carne e sangue para os grandes romances.

VALDEMAR CAVALCANTI.

N. B. — Não tomei conhecimento das quatro linhas derradeiras de *Luxuria*. O tres annos depois, a felicidade na praia distante, Pedro feito uma massa inerme e Severina um anjo — tudo isso me lembrou uma scena final do filme da Cinedia. — V. C.

COMER BEM NUM AMBIENTE SYMPATHICO POR PREÇO RAZOAVEL E' A MELHOR GARANTIA DE UMA BOA DIGESTÃO

Restaurante Castello

Rua Mexico, 146

(Atrás do Jockey Club)

---

muita gente de genipapo pelo Brasil — a sombra ou pelo menos a pinta, do negro."

"Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mammar. Que nos deu de comer, ella propria amollengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras historias de bicho e de mal assombrado."

"Idéa extravagante para os meios orthodoxos e officiaes do Brasil, essa do negro superior ao indigena e até ao portuguez, em varios aspectos de cultura material e moral. Superior em capacidade technica e artistica."

Idéa extravagante para a nata, de certo, porque nem o negro nem o indio, hoje como nos primeiros dias da colonização, puderam integrar-se no corpo da nação, perseguidos, destroçados, explorados e opprimidos como toda vida o foram. Sem nunca se livrarem da oppressão economica, quanto mais da pecha cretina de raça inferior.

Teriamos que citar o livro se quizessemos dar ao leitor a idéa exacta do grande que elle contém. De que bons argumentos está elle cheio para acabar com estes mythos nacionaes: Realidade Brasileira; Bom-coração do brasileiro; Tres raças tristes; docilidade dos Jesuitas (como nas pinturas em que Anchieta alisa a cabeça dos indios); inferioridade do negro junto do indio: superioridade da "raça branca": isenção da luta de classes; do amae-vos-uns-aos-outros da colonização; negação do latifundio como systema predominante na producção.

ALBERTO PASSOS GUIMARÃES.

Manoel da Silva Gayo

Sem uma palavra nossa, sem o mais modesto e, ao mesmo tempo, o mais universal dos necrologios, que é o telegramma laconico, o telegramma impreciso, lá se finou, na sua Coimbra florida, um dos principes das lettras portuguezas, requintado e substancioso artista da palavra e do pensamento: Manoel da Silva Gayo.

Quem, deste lado do Atlantico, recordará esse nome, essa figura, esse escriptor? Talvez que um ou outro raro colleccionador de raridades lusitanas, tão discreto, no entanto, que não seria capaz de trazer a publico o seu pezar... E, no entanto, foi alguem Manoel da Silva Gayo; poeta, romancista, novellista e ensaista de inquieto surto, de larga cultura, de vibrantissima sensibilidade, complexo temperamento de homem de lettras a quem nada faltou para occupar, logo de inicio, um logar summamente expressivo entre os maiores nomes da sua geração.

E falou-se tanto de um João Grave, que não passou de um grande desejo, de uma grande ambição de ser um grande escriptor... O outro, que era por natureza discreto e cultivava as galas de um espirito aristocratico com o esmero, a finura e o cuidado de um lapidario — o outro lá se finou, cinzelador de si mesmo, lavrante apaixonado de si proprio...

Durante longos annos foi Secretario Geral da Universidade de Coimbra — o que prova, ainda, seu feitio desambicioso, mero cargo burocratico que o punha em confronto com mestres a quem elle poderia dar o titulo de collega. Mas, por ausencia de natural, de quasi necessaria ambição, não se deixou jamais tentar pelo magisterio superior que traria para Eugenio de Castro, por exemplo, professor da grande Universidade, um novo titulo a accrescentar á sua corôa de grande poeta, um titulo condigno daquelle que D'Annunzio chrismou — o maior dos symbolistas. Carducci e Giovanni Pascoli... Frederic Plessis, Anatole Le Braz ahi estão significando como se alicerçam mal os que pregam não sei que mysteriosa incompatibilidade ou não sei que indecifravel contradicção entre o largo humanismo universitario e as mais finas expressões creacionistas...

Ficou-se, portanto, Manoel da Silva Gayo, entre os seus livros e as suas funcções — no que, até certo ponto, terá agido com inexcedivel prudencia, furtando-se ás responsabilidades não raro esmagadoras de uma cathedra de lettras. E isso talvez explique tenha elle perdido um bello titulo ao passo que nós ganhavamos alguns bellos livros.

Não será necessario remontar ao ensaio de Fidelino para reconhecermos todos que, antes de mais nada, elle foi um poeta. Poeta de fórma accentuadamente classica, dividindo o mais expontaneo dos lyrismos entre os elementos formaes da mais pura tradição quinhentista e seiscentista. Mas, nessa divisão, longe de se perder como que se encontrava e com um tão saboroso accento pessoal, com uma tão fina e penetrante ondulação rythmica, entre certa macieza prosodica tão envolvente e certos caprichos estheticos tão expontaneos que, logo á primeira leitura, deparavamos em Manoel da Silva Gayo a continuidade da mesma linha um dia fixada na poesia de Diogo Bernardes e Agostinho da Cruz, na prosa de Manoel Bernardes e Eça de Queiroz...

Assim cantou o Mondego e assim, recentemente, a figura biblica de Sulamite:

Tudo eu diria, tudo
Ver contente do meu contentamento
E tudo ver mudar neste momento
Como eu de novo mudo

. . . .
Nunca achei tão azul o azul dos ares
Nem jamais
Tanto gosto me deu ouvir os mares
No marinho rumor dos pinheiraes.

Foi, com elegante expontaneidade, um desses precursores da tradição, um desses grandes artistas cuja celebridade se assemelha ao rythmo das grandes aguas — o mesmo rythmo sempre, em aguas sempre novas. Desde as *Primeiras rimas*, datadas de 1887, até a *Sulamite* de 1928, mais de quarenta annos de poesia inextancavel fluiram da sua turgida veia artistica: *Canções do Mondego, O mundo vive de illusão, Novos Poemas, Chave Domada, Dom João*... Atravessou escolas contradictorias, campos inimigos, o pequeno drama e a grande comedia dos contrastes mais ou menos agudos em que se dissolvem personalidades e temperamentos — e isso sempre egual a si mesmo. Mas ser egual a si mesmo não significava, para Manoel da Silva Gayo, uniformidade, involução ou paralysia. Seu progresso, occorre-me em desdobramento a mesma imagem, era a evolução fluida de um lindo rio sonoro.

Tambem romancista e novellista, estará em *Torturados* a melhor contribuição do primeiro e n'*A Dama de Ribadalva* os melhores exemplos do segundo. *Torturados*, romance esquecido, e que o tempo fará ainda mais esquecido, representa todo um cyclo ideativo de suggestiva ambiencia e acerada rebusca psychologica. Marque-se, entre outras, a figura de Carlos da Motta vincada pela observação do detestavel mas apreciavel Antonio Sardinha e a identificação que delle faz o ensaista do *Purgatório das ideias*: Carlos de Mesquita, uma figura de puro intellectual que professou litteratura ingleza na Faculdade de Lettras conimbrense e deixou mesmo um volume notavel sobre o *Romantismo inglez*. Sardinha compara, um pouco arbitrariamente, o drama mental de Carlos de Mesquita — o Carlos da Motta dos *Torturados* — á psychose, clinicamente estudada, hoje, de Amiel, mera associação de idéas sem outro valor além de si mesma...

Alguns ensaios, tambem, sobre Eça de Queiroz, Eugenio de Castro e Carolina Michaëlis. De Eugenio de Castro prefaciou as *Horas*, em nitida projecção critica e, a respeito *De Roma e as suas conquistas* escreveu um equilibrado e harmonioso volume.

Tal foi Manoel da Silva Gayo, em palavras que o não podem reproduzir integralmente. Escreveu Bergson: "*Le timide peut donner l'impression d'une personne que son corps gêne et qui cherche autour d'elle un endroit où le déposer*". Não foi um timido Manoel da Silva Gayo mas como todos os escriptores que levam através de tudo o seu requinte, seu nome não encontrou ainda onde ficar. O requinte é a timidez, o pudor dos que andam menos que o tempo...

JAYME CARDOSO.

Leiam — PAULO PRADO:
PAULISTICA
Preço: 6$000

Paul Valery e a crise do espirito

As élites intellectuaes da Europa, alarmadas ante o espectaculo da decadencia da cultura, resultante da dynamisação economica do mundo, resolveram estabelecer uma frente reaccionaria, destinada a attenuar os effeitos dessa violenta crise de energia creadora. Commandando esse movimento, Paul Valery definiu-lhe as linhas dominantes, os propositos moraes e espirituaes, sua alta significação na hora incerta e aspera que atravessamos. O homem de espirito, na Europa ou na America, nas colonias semi-civilizadas ou nos grandes circulos universitarios, está destinado a perder o contacto com as multidões moraes. Por muito tempo, o intellectual realizou a sua funcção especifica e a sua finalidade social, coordenando incessantemente os conhecimentos humanos. Mas, essa confiança no valor e na influencia decisiva da cultura desappareceu ha vinte annos mais ou menos. Todas as modalidades de investigação artistica, scientifica ou philosophica, foram banidas do mundo posterior á guerra, que é o mundo dos musculos de aço, dos corpos humidos e das reflexões ligeiras. Paul Valery pertence áquelle continente disciplinado, denso, profundo, que em collaboração com outras raças constituiu e fortaleceu o "espirito europeu". A consequencia mais preciosa dessa actividade combinada foi, segundo Valery, a concepção do homem moderno, a um tempo medida das cousas, elemento politico, ente juridico e ente metaphysico. Se os negocistas, banqueiros, industriaes, politicos, estadistas, se reunem e procuram defender os seus interesses materiaes, assiste aos pensadores o dever de sustentar as conquistas culturaes da civilização. Maggie Guiral allude frequentemente aos perigos que ameaçam a intelligencia em face das novas condições da vida — ausencia de ordem, de autoridade, de methodos seguros de trabalho, e, na esperança de vencer essa crise, Valery assignala:

"As circumstancias que dominam desde a guerra européa, parecem comprometter a existencia mesma desse typo europeu, tão rico, tão complexo, formado pelos seculos. O espirito creador sente-se ameaçado pelos imperativos economicos, que condicionam a nossa existencia ás tarefas de utilidade immediata. E succede logo que até o rythmo da vida moderna é inimigo do espirito, porque é inimigo do ocio. A obra apressada substitue o trabalho meditado. Além disso, as condições politicas actuaes fizeram com que em diversas regiões do mundo os interesses do Estado predominassem sobre os do espirito. Sob o ponto de vista puramente intellectual, não resta duvida que uma desordem generalizada invadiu os dominios da cultura. Esses differentes perigos que rondam as cousas do espirito são particularmente sensiveis aos europeus. Por isso, tentamos estabelecer contactos entre intellectuaes de todos os paizes e vinculos que attenuem as consequencias da crise actual."

O despreso dos politicos pelo drama economico dos homens de espirito creador, typos de élite preoccupados em augmentar a somma dos conhecimentos e das idéas geraes, não será, todavia, vencido pela Sociedade das Nações, entidade cada vez mais desprestigiada, nem pelos esforços isolados do Pen Club.

A cultura litteraria, artistica e scientifica da nossa época, baseia-se na necessidade da adaptação immediata ás exigencias da vida politica, depende, em ultima analyse, do desfecho do conflicto entre o nacionalismo e o socialismo. Nos paizes de educação dirigida pelo Estado, como a Russia, a Italia e a Allemanha, os elementos intellectuaes já não dispõem de liberdade para o exercicio das suas actividades creadoras, e são chamados a desempenhar missões inadaptaveis ás suas tendencias e ás suas faculdades constructoras. Deante do phenomeno de desassimilação da cultura propagada pela democracia liberal, systema abalado pela rapidez de acção das dictaduras, as academias de lettras e de bellas artes perderam a sua significação no tempo e no espaço. Não ha logar para as narrativas romanescas nem tempo inutil para as longas querellas academicas sobre a evolução das artes plasticas. Paul Valery intervem com a sua força moral e subtileza psychologica para a defesa de uma cultura que não é da França nem das terras escandinavas nem do occidente europeu, mas uma synthese das aspirações, das experiencias, do heroismo da humanidade moderna. Nenhum intellectual do velho ou do novo continente recusará o magnifico encontro, proposto por Valery, onde não se debatem formulas nem planos de caracter litterario ou artistico, mas o renascimento definitivo ou a decadencia irremediavel do espirito do nosso tempo.

BEZERRA DE FREITAS.

— Maurice Soulié põe em scena *La reine scandaleuse*, Carolina de Brunswick, princeza de Galles, cujas aventuras como que sahem do terreno da historia para o da ficção, fornecendo, todavia, aos psychiatras elementos valiosos para o exame das taras de algumas familias reinantes da Europa.

— Henri Béraud, que se metteu de uma feita em violentos ataques a André Gide, mandando-lhe este em trôca uns bombons de chocolate, acaba de lançar no mercado mais um romance: *Ciel de suie*, que os panegyristas classificam de "obra prima de um grande escriptor".

— Assumpto a que Edmond Delage volta sempre com especial prazer são os combates de esquadras. Depois de haver fixado as linhas mestras do drama da Jutlandia e da tragedia dos Dardanellos, eil-o que estampa um volume sobre *La guerre sous les mers*.

— O barbaçudo Tristan Bernard é inexgottavel. Tendo escripto dezenas de peças e novellas e sendo um dos fornecedores patenteados do espirito francez, abastecendo Paris e as provincias de anecdotas e jogos de palavras, ainda offerece, de vendagem, á sua clientela este romance suggestivamente rotulado *Deux amateurs de femmes*.

— *Candide* vae inserir um romance inedito de Henry Bordeaux, *Le chêne et les roseaux*. Mas parece que os romances desse sub-Bourget já estão todos muito publicados...

— Criticando o *Naufrage*, de Jacques Baif, Léon Daudet accentuou que os leitores podem esperar confiantemente as futuras obras desse escriptor. Auguste Bailly declara que elle estudou "com rara possança de evocação, um caracter feminino, original, doloroso e verdadeiro." Albert Thibaudet o inclue entre os romancistas authenticos. E Gabriel Brunet não hesita em reconhecer-lhe invulgares dons de psychologo, de manejador de almas, conduzido sempre "por uma engenhosidade penetrante na investigação".

— Em *Journal*, François Mauriac vem de reunir diversos artigos espalhados pela imprensa franceza. Boa idéa. Nada desse homem é desdenhavel. Trabalhos que redigidos por outros duram apenas um dia, merecem, se redigidos por elle, incorporar-se á melhor substancia das lettras francezas. De uma feita o director das *Nouvelles Littéraires* pediu a Mauriac que fosse ao tribunal assistir a um julgamento qualquer. E o resultado foi uma analyse psychologica que é obra prima das mais duradouras.

DE NOVA YORK

LIVROS E AUTORES

E' certo que já um pensador affirmou (talvez o dissesse sem pensar) que em futuro a arte poetica será patrimonio exclusivo das mulheres — e o homem, cuido eu, objecto exclusivo dos seus carmes, pois não se concebe que uma mulher perca o seu tempo e vaidade a cantar outras mulheres.

Se se realizasse a prophecia, teriamos então a concretização do verso de Salvador Díaz Mirón — "tu, como paloma, para o ninho; e eu, como leão, para o combate!" Subentende-se, quando a mulher não estivesse no ninho, choquinha, estaria fazendo versos em louvor daquelle que a obrigára ao chôco...

Mas emquanto isso não se realiza por ahi, onde a mulher é ainda ornamento mimoso dos lares tradicionaes, fique dito que no paiz das liberdades femininas, na aurea America dos dóllares, a mulher se fez leôa litteraria, e nas lettras como nas outras actividades, vae emulando o homem, sempre que pode.

Ainda agora foram tres escriptoras que conquistaram os tres unicos premios com que, todos os annos, a *O. Henry Memorial Prize Awards* premeia os tres melhores contos publicados pelas revistas do genero. As vencedoras foram Marjorie K. Rawling, residente na Florida; Pearl S. Buck, residente em Nankim (China); e Nancy Hale, de Nova York.

Essa associação, que preserva o nome do contista O. Henry, collecciona durante o anno os contos que lhe parecem elegiveis para o sorteio de premios, e, o que é mais interessante, sem que os autores tenham a minima ideia de que estão sendo arrolados num concurso litterario. Assim, o resultado da escolha é sempre uma gratissima surpreza para os contemplados. Em 1933, por exemplo, foram escolhidos 9.582 contos entre os milhares e milhares que apparecem nas publicações litterarias. Dentre esses foram premiados *Gal Young Un*, *The frill* e *To the Invader*, pertencentes pela ordem ás escriptoras acima referidas.

*

A Warner Brothers, conhecida editora de filmes cinematographicos, adquiriu os direitos de producção do livro *Anthony Adverse*, de Hervey Allen, do qual será feita uma fita.

O romancista brasileiro, que tem as vistas no cinema, roído por uma vontade doida de ver o nome em celluloide americana (elle não tem fé no cinema nacional, pois bem sabe que santo de casa não faz milagre), ficará a matutar, depois de lêr esta noticia: — Diabo, não seria possivel metter o meu *Pau Brasil* no cinema?

E' possivel, mas é difficil!

Para que o productor cinematographico tome um livro e lhe dê a consagração altissima do microphonio, é preciso, em primeiro logar, que elle tenha sido publicado em inglez, na America, e tenha conquistado grande acolhida — como *Anthony Adverse*, cuja venda já passa de 400 mil exemplares, vendendo-se delle, num só dia — 16 de Outubro — a bagatella de 10.000 exemplares!

O mero assumpto de um livro não interessa em nada a uma productora de filmes. Só a Paramount tem no seu archivo, em livros e revistas, 26.000 assumptos bons para o cinema. O que interessa é que o livro tenha tido o seu publico, porque ahi o productor dispõe para o filme da propaganda gratuita de todos aquelles que leram a obra no seu formato graphico. Depois, é preciso considerar: um editor pode com o dispendio de $5.000 dollares lançar um livro, como experiencia, numa edição de 2.000 exemplares; no estudio cinematographico a filmação de um simples espirro pode custar mais de 5.000 dollares. *Business is business!*

E não se pode por isso culpar os homens do cinema. Assumpto que não tenha merecido a consagração indiscutivel do publico, repetindo as edições, para elles é assumpto morto.

*

A "Florida State Storical Society" acaba de publicar em facsimile e traducção *A Verdadeira Relação das Provações que Soffreram o Governador Fernando de Sôto e Diversos Cavalheiros Portuguezes durante o Descobrimento da Provincia da Florida, em 1557* — pelo Fidalgo de Elvas.

O volume recommenda-se pelo seu valor historico, pelo seu feitio typographico verdadeiramente esplendido, e pelo seu preço: $75.00, ou seja um conto de réis ao cambio actual.

*

Ford Madox Ford, tido como o melhor estylo litterario da Inglaterra, esteve em Nova York por occasião da sahida da sua auto-biographia, propria ou impropriamente intitulada — *It was the Nightingale*.

Mr. Madox Ford é gordóte, de olhos meio empapuçados, e falando pelo radio, dá-nos a impressão de que soffre de asthma.

Theodore Dreiser, tido como o Zola americano, grandalhão, beiçudo, de andar gingado de marinheiro, entreteve uma palestra de quatro horas, no quarto do inglez, sobre litteratura e litteratos. Ao despedir-se, Madox foi leval-o em baixo, ao *lobby* do hotel onde estava hospedado.

O autor de *O Genio* estreita a mão do homem do *Rouxinol*: — Seu Madox, tive immenso prazer em conhecer o creador de tantas obras admiraveis, e tenha a certeza de que aqui está quem as leu todas...

— Seu Dreiser, retruca o britannico, meio gago, tive immenso prazer em conhecer o creador de tantas obras admiraveis, e tenha a certeza de que aqui está quem as leu todas...

Fóra, sobre o rebôrdo dos janellões do hotel, duas pombinhas arrulavam, catando-se mutuamente...

*

O magazine *Pictorial Review* encerrou o seu concurso aberto para a escolha de um romance. Nada menos de 2.000 livros manuscriptos foram submettidos, dentre estes ganhando o premio de $10.000, o romance *Candy*, de Mrs. C. C. Alexander. A obra trata da vida dos negros na Carolina do Norte e é mais uma esplendida victoria das mulheres-escriptoras.

*

Quem já foi editor de magazines sabe quão difficil é para um homem só manter sempre vivo o interesse dos leitores por uma publicação. Por muito que faça o editor, escrevendo e escolhendo escriptos, monotoniza-se, e o publico, cansado

dos seus *tricks*, esfria no enthusiasmo pela publicação.

Pois bem, o *Golden Book*, apreciado mensario americano, acaba de descobrir um remedio poderoso contra esse mal: ter doze editores, cabendo a cada um "fazer" o magazine uma só vez por anno.

A ideia é originalissima e ha de dar optimos resultados.

*

Upton Sinclair (não o confundir com o seu homonymo, que logrou o Premio Nobel e levou uma bofetada de Dreiser), tem 55 annos e 47 livros publicados, sem querer isto dizer que começasse a escrever na idade em que Casimiro de Abreu, segundo o poema dos "oito annos", andava a caçar borboletas.

Ora, Sinclair, que teve novellas de nomes singularissimos, como *Boston* e *Oil*, acaba de bater um record com o titulo de sua ultima obra, de propaganda socialista: *De como eu, Governador da California, consegui acabar com a pobreza*.

Consta que Sinclair nem foi feito governador, nem acabou com a pobreza; o que fez, com aquelle titulo kilometrico, foi cahir no poço do ridiculo.

ARTHUR COELHO.

UM VASO DE FLORES SOBRE UM MOVEL DA' SEMPRE UM TOM DE ALEGRIA, DE ELEGANCIA E DE DISTINCÇÃO AOS INTERIORES MODERNOS

AS ORNAMENTAÇÕES E AS COMBINAÇÕES DA

CASA FLORA

SÃO AFAMADAS PELA SUA INTELLIGENTE IDEALIZAÇÃO, PELA ARTE E PELO BOM GOSTO.

MATRIZ: OUVIDOR, 61
Tel. 4 - 1281

FILIAL: GONÇ. DIAS, 67
Tel. 2 - 0486

LIVROS A APPARECER

O nosso illustre collaborador F. Contreiras Rodrigues, que ainda neste numero abrilhanta as paginas do Boletim *com uma longa e penetrante analyse da* Historia da Grande Revolução, *de Alfredo Varella, annuncia para muito breve a publicação de um importante trabalho que terá por titulo* Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial, *obra de meditação e pesquiza a que se vem dedicando ha longo tempo e na qual se dará exhaustivo balanço á vida nacional nos primordios da sua formação.*

*

Samambaia *é o titulo do volume de contos com que Roquette-Pinto, o ethnographo e anthropologista que todo o Brasil respeita e admira, apparecerá dominando a ficção e a contar-nos deliciosas historias, cheias de imprevisto e graça, e com o sabor genuinamente brasileiro. Aliás, quem leu* Rondonia, *ha de ter verificado que no seu autor não existe apenas o homem de sciencia, mas tambem um grande artista e prosador que, por vezes, mal disfarça a sua sensibilissima alma de poeta.*

Samambaia, *já no prélo, deverá apparecer ainda este mez, numa bella edição de Ariel, editora ltda.*

Renato Kehl — **Conducta** — Livraria Alves — Rio.

O sr. Renato Kehl, autor de varios trabalhos que já lhe consagraram definitivamente o nome e cujas obras têm enorme procura e correm todo o Brasil, acaba de publicar mais um interessante volume, *Conducta*, em que aborda, com proficiencia e brilho, varias questões de ethica. E' livro que se lê com immenso agrado e que deveria estar entre todas as mãos, sobretudo as dos nossos jovens patricios, com o espirito ainda em formação.

Martin Cumberland — **A escola do crime** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Sem abusar da nota sensacional, os romances de Martin Cumberland, com quem os leitores brasileiros vão estabelecer agora contacto, são bem urdidos, com boa dialogação e feliz evocação de scenarios impressionantes.

M. Rocha e Silva — **Bonecos de porcellana** — Editor Calvino Filho — Rio, 1934.

Estréa auspiciosa a do sr. M. Rocha e Silva com o volume de contos e impressões *Bonecos de porcellana*. Naturalmente, tratando-se de um escriptor no inicio da carreira litteraria, seu livro se resente de varios defeitos de ideação e estylização inevitaveis em casos desses. Mas é indiscutivel que a litteratura o apaixona e que um sincero desejo de trazer o seu contingente á novellistica nacional ainda o fará subscrever trabalhos bem mais significativos. Especialmente a narração intitulada *O Rabino* é digna de attenção, no que já accentuou o nosso redactor-chefe, em chronica publicada n'*O Jornal* de um dos ultimos domingos. A capa do livro, muito interessante, é do illustrador Alvarus.

"O Anjo"

Numa bella edição da Cruzeiro do Sul Limitada, acaba de sahir, com magnificas illustrações de Santa Rosa, o romance de Jorge de Lima intitulado "O Anjo".

Desse trabalho já falou um collaborador desta revista e, certamente, no proximo numero, surgirão novos commentarios a um livro que tantos leitores aguardavam com explicavel interesse.

Honoré de Balzac — **A menina dos olhos de ouro** — Edição Record — Rio, 1934.

E' este um dos volumes mais caracteristicos da maneira por vezes morbida do grande recenseador de almas e caracteres do seculo XIX. O seu implacavel conhecimento do coração humano une-se aqui a uma especie de inquerito pathologico em que afloram, através de insinuações subtilissimas, aspectos doentios da sociedade parisiense. Entre a psychologia e a pathologia, Honoré de Balzac analysa, com a possança de palavras que o fizeram o grande poeta do inferno do seu tempo, a attracção sexual de que mal se apercebiam as proprias heroinas do volume. Existe aqui, por assim dizer, um Balzac freudiano antes de Freud e um tal livro está muito longe de haver caducado no interesse dos leitores de hoje.

— Bertrand de Jouvenel examina, com muita perspicacia, *La crise du capitalisme américain*. Verifica-se ahi que o que parecia de marmore eterno não passava de simples cartonagem. Velho conhecedor de questões economicas, orientado por um faro diplomatico que o conduz sempre ao factor predominante, á nota essencial de um caso de interesse collectivo, Bertrand de Jouvenel, sem optimismo ou pessimismo egualmente inacceitaveis, procede a uma especie de anatomia do capitalismo americano, sem esquecer de modo algum os elementos de ordem psychologica. Conhecendo intimamente o povo e o paiz de que trata, suas palavras destinam-se a fazer autoridade no assumpto. O financista ascende em certas passagens á categoria de verdadeiro politico, de verdadeiro cultor da philosophia politica.

— Vae ser erguido em França o busto do poeta Léon Deubel, que se afogou, num periodo de aguda miseria. Georges Duhamel assignou cem francos para esse busto.

— Henri Ghéon estampa *Le Curé d'Ars*, focalizando a personalidade desse santo moderno, cuja vida se caracterizou por tantos milagres e que soube sempre praticar a caridade com uma singular bonhomia de christão primitivo.

— No romance *La nuit espagnole*, Alberic Cahuet, que já romanceou os amores de George Sand, Lamartine e outros, mescla os ardores da paixão iberica á requintada galanteria dos parisienses. E' um trabalho que põe em contribuição paizagens e creaturas dos dois lados dos Pyreneus.

EVARISTO DE MORAES
O CASO PONTES VISGUEIRO
Em todas as livrarias

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Paulo Prado — *Paulistica* — (2ª edição augmentada) — Ariel, editora. — Rio.
Evaristo de Moraes — *O Caso Pontes Visgueiro* — Ariel, editora — Rio.
Ma[illegible] Marroquim — *A Lingua do Nordeste* — Comp. Editora Nac[illegible] — S. Paulo.
Jorge de Lima [illegible] *O Anjo* — Editora Cruzeiro do Sul — Rio.
Bastos Tigre — *Po[illegible] Humoristicas* — Flores & Mano — Rio.
Belmiro Braga — *Redondilhas* [illegible] Renato Americano, editor — Rio.
M. Rocha e Silva — *Bonecos de Porce[illegible]* — Calvino Filho, editor — Rio.
Armando de Oliveira — *Poemas* — Edições Unita[illegible] S. Paulo.
General Góes Monteiro — *A Revolução de 30* — Ade[illegible], editores — Rio.
Abguar Bastos — *Terra de Icamiaba* — (Romance da Amazonia) — Adersen, editores — Rio.
Francisca de Basto Cordeiro — *Anthologia Infantil* — Rio.
Idem — *Poetas e Prosadores* (Collecção de Autores Modernos) — Rio.
Ferreira da Rosa — *Prosa Sadia* — 2º vol. — Rio.
Idem — *Meu Livro Predilecto* — 2ª edição — Rio.
Walfrido Pilotto — *Rocha Pombo* — (Conferencia) — Curityba.
Enrique de Rezende — *Cofre de Charão* — Off. Graph. Renato Americano — Rio.
P. Joseph de Anchieta — *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil* — Edição da Bibliotheca Nacional — Rio.
Renato Kehl — *Conducta* — Lições de Ethica — Livraria Alves — Rio.
Michael Gold — *Judeus sem Dinheiro* — Livraria de Cultura Brasileira — São Paulo.
Honoré de Balzac — *A Menina dos Olhos de Ouro* — Editora Record — Rio.
Kosciuszko — *A visão da miséria através da politica* — Adersen, editores — Rio.
Pietro S. Pasquali — *Armand Godoy* — Editions Romanes — Paris.
Carlo Suarès — *La Procession enchainée* — Editions R.-A. Corrêa — Paris.
Isabelle Rivière — *Le Chemin de Croix du Pécheur* — Editions R.-A. Corrêa — Paris.

LETTRAS ESPANHOLAS

O distincto livreiro Samuel Nuñez López vem de offerecer-nos um exemplar do volume *El sedimento de la lucha*. Trata-se de uma especie de livro de memorias, não tanto dos acontecimentos materiaes de uma vida quanto das aventuras e das paixões de um espirito. Angel Ossorio, intellectual e homem de acção, passa aqui em revista os principaes programmas partidarios que o empolgaram desde os dias juvenis, seja na litteratura, seja na politica. Com que argucia, chegado á plena madureza da cultura, sabe elle sorrir hoje de certos exaggeros da mocidade, bastante explicaveis nas terras calidas de Dom Quixote! Mas o seu trabalho não é apenas de desencantada ironia: é de quem soube ler claramente nos homens, de quem desvendou os segredos de muitos charlatães do jornalismo e do parlamento e não receia desfazer-lhes em publico, de modo corajoso, os perigosos passes de illusionismo liberal. Suas palavras em torno á democracia e ao suffragio universal, ás nobrezas e fraquezas dos advogados e ás manhas dos [illegible]fes de partido, valem por um appello aos espanhóes no sentido de não deixarem entibiar, em baixas contendas utilitarias, as virtudes creadoras e civilizadoras da raça que deu Cervantes e Loyola.

Carlos Henrique Liberalli — O systema periodico e os novos elementos — Typ. Rio Branco. Rio.
Professor do Gymnasio de São Bento, onde tem concorrido para formar varias gerações de discentes, o sr. Liberalli é dos que se impõem á estima e ao respeito dos demais pelo prestigio da verdadeira cultura. Os logares que possue não os obtem graças a artimanhas de bastidores e a compadrios escusos e sim através das melhores demonstrações de conhecer a materia que se propõe a ensinar. Assim, nesta these de concurso em que prova estar perfeitamente em dia com as ultimas descobertas da chimica, ao mesmo tempo que se affirma solidamente integrado em todos os elementos de evolução historica da sciencia de Lavoisier.

— Já agora, numa visão retrospectiva, póde accentuar-se o bello successo de critica obtido por *La condition humaine*, de André Malraux, premio Goncourt de 1833. Louvores que se manifestaram em unanimidade não commum. Emmanuel Berl lembra, a proposito desse livro, *A guerra e a paz* de Tolstoi. Jean Guéhenno encontra em suas paginas notas de genio. Gabriel Marcel vê em Malraux uma das personalidades mais fortes da actual litteratura franceza. Thérive impressiona-se com a materia riquissima de tal romance, dos que captivam e atormentam o gosto e o espirito. Léon Pierre-Quint accentúa que, depois da concessão do premio a Marcel Proust, nunca os dez da Academia Goncourt escolheram tão bem. "Um dos melhores romancistas da sua geração", diz Jaloux referindo-se ao autor coroado. E François Mauriac exulta com o triumpho de Malraux, que conseguiu unir os suffragios da extrema esquerda e da extrema direita dos jornaes francezes.

— Circulam em francez os *Contes bizarres* de Achim d'Arnim, com illustrações de Valentine Hugo, que não sabemos se descenderá do grande poeta da *Lenda dos Seculos*. Do que sabemos, sim, é que o autor desses contos andou pelas cabanas e pelas tascas allemãs recolhendo, das fontes populares, os contos e cantos tradicionaes da alma germanica. Foi elle quem desposou a irrequieta Bettina Brentano, irmã de um grande amigo e collaborador seu e apaixonada de Goethe nos dias de velhice.

— Robert de Traz, em *Les Heures de Silence*, descreve os horrores e os triumphos de um tuberculoso que sente a carne esphacelar-se-lhe, mas sente o espirito sobreviver, invencivel, a todas essas perfidias e exaltações da molestia. E' um thema que, sob outros aspectos, inspirou tambem os romancistas Louis de Robert e Thomas Mann.

— O critico Jean-Pierre Maxence, em artigo do *Gringoire*, louva os romances do allemão Jacob Wasssermann, onde, apesar de certas faltas de gosto, ha notas intensas, e desanca os romances da ingleza Rosamond Lehmann, cujo successo lhe parece fructo de puro esnobismo.

— *La Revue de France* vem de publicar uma impressionante carta inédita do general Marchand, em que é elucidado um dos pontos mais controvertidos do caso de Fachoda. Este caso, como ninguem ignora, esteve prestes a fazer com que a França e Inglatera se engalfinhassem. Marchand é uma bella e nobre figura de soldado, com indiscutiveis meritos colonizadores, e, em dado momento, houve quem visse nelle o possivel dictador e salvador da França. A carta em questão é commentada por Louis Barthou.

— Pierre Bouchardon, antigo magistrado que se especializou na descripção de complexos dramas judiciarios, analysa agora *La faute de l'abbé Auriol*, e André Pascal, tambem assiduo frequentador dos tribunaes francezes, evoca a figura inquietante de Pranzini, o "homem dos olhos de alméa", cujo crime produziu tanto rumor em 1887.

— Lorenzi de Bradi, a quem parece bastante familiar a ilha da Corsega, discorre sobre a *Vendetta*, tratando de um bandido que faz tremer as autoridades e suscita em derredor de si innumeraveis legendas.

L e i a m :

J. KESSEL

LUXURIA

(Traducção de Gastão Cruls)

Preço: 6$000

Em todas as livrarias

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Maio 1933 - N. 8 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

ORGANIZAÇÃO

Nenhum termo, nenhuma palavra, ou, se preferirem, nenhum principio teve, estes ultimos trinta annos, maior successo que esse. Dir-se-ia que nos seculos anteriores nada havia sido feito que preparasse a concepção nova, ou antes, que todas as maneiras por que, naturalmente ou por imposição das circumstancias, por necessidade ou por convenções arbitrarias, se apresentavam o trabalho, a vida, o esforço humano, tinham que desapparecer. Ellas não poderiam resistir á força d'essa idéa: a organização como um principio consciente, superior e racional, substituindo-se ao empirismo grosseiro e rotineiro.

Os homens de minha geração recordam-se, sem duvida, da repercussão que tiveram os artigos de W. Ostwald sobre a organização e os organizadores. O genio organizador appareceia-lhe como a mais alta e mais rara das fórmas por que póde apresentar-se a capacidade humana. Para cada espirito superiormente organizador existem na humanidade varias intelligencias creadoras e originaes. O primeiro é assim ainda mais precioso porque menos frequente. Tentou-se fazer a psychologia d'essa fórma de espirito, foram procuradas as suas caracteristicas proprias, investigou-se sobre o modo mais adequado de desenvolvel-as n'aquelles que as possuem em grão reduzido, assim obtendo-se d'ellas o maximo de rendimento. Da psychologia individual passou-se á psychologia collectiva. Os povos foram classificados segundo sua maior ou menor capacidade de organização, e naturalmente creou-se um novo principio de hierarchia das raças ou, pelo menos, das nações.

E' curioso notar como actualmente, se observam, aqui e ali, signaes de rebellião contra a tyrannia d'esse principio. Em seu romance Contraponto, *tão cheio de idéas, Aldous Huxley põe na bocca de um de seus personagens as seguintes phrases, aqui livremente traduzidas: "O grande deus Organização! D'aqui a pouco, mesmo a arte e o amor estarão subjugados como tudo o mais... Por que seus versos são tão máus? Porque a industria da poesia não está ainda bem organizada... E o amante incapaz desculpar-se-á do mesmo modo..."*

Não se deveria prestar maior attenção a uma passagem mais ou menos espirituosa de um romance, por notavel que seja este. Mas, em seu livro sobre as universidades americanas, inglezas e allemãs, Abraham Flexner, que fez das primeiras uma critica impiedosa, estabelece os rumos para a renovação efficaz dos institutos de educação superior nos Estados Unidos, e na enumeração das coisas indispensaveis para chegar a um resultado real, vem: "O termo organização *seria abolido." Em uma certa passagem, attenuando um tanto a critica, Flexner não nega a existencia na America do Norte de personalidades eminentes, empenhadas em trabalhos scientificos ou litterarios de primeira ordem. Mas, quando ellas attraem a attenção, passam, não raro, a ser presas do homem pratico. E este "*organiza *uma universidade, ou* organiza *uma instituição philantropica, e, com as melhores intenções, mutila ambas. Constróe uma machina lindamente articulada, distribue funcções;* correlates; *faz todas as outras terriveis coisas que são odiosas aos espiritos creadores. Assim reúne uma massa de mediocridades, mas poderá levantar para vós um mappa mostrando não existir desperdicio, nem perdas de movimento. Elle não mostrará, entretanto, que não foi deixado logar para as idéas que ainda ninguem teve."*

Essas criticas, feitas sem uma systematização sufficiente, deixam em suspenso o leitor. Fica-se sem saber se ellas attingem ao proprio principio de organização ou se apenas visam sua má applicação.

Entretanto, ellas fazem meditar. Não é necessario possuir um espirito de observação por demais agudo, para verificar quanto no Brasil se tem desperdiçado de esforços, e quantas iniciativas dignas de melhor sorte, têm falhado, por culpa da preoccupação excessiva da organização perfeita e modelar. A organização dos serviços absorve o tempo todo, toda a actividade, todos os recursos; nada é deixado para o trabalho propriamente dito.

Quasi sempre foi esquecido não ser a organização um fim e sim um meio. Ella destina-se essencialmente a facilitar o trabalho, a augmentar o seu rendimento, a tornal-o menos fatigante e mais proficuo. Quando passa a ser o essencial, a apresentar-se em primeiro plano, quando sua technica se hypertrophia em excesso, ella soffre um processo de deformação, de deturpação, abafa tudo o

mais, e, de um principio fecundo e util que deveria ser, transforma-se em um elemento parasita e asphyxiante.

Além d'isso, quantas vezes não ha meio de chegar a um accôrdo sobre as bases da melhor organização? O ideal de organização degenera facilmente em um motivo de interminaveis discussões, inuteis e esterilizantes. E emquanto os defensores das differentes correntes se esfalfam na defesa de seus pontos de vista, o trabalho que, afinal de contas, poderia ser feito d'este ou d'aquelle modo, é esquecido ou relegado para planos inferiores.

Por que o nosso ensino decáe de modo assustador? Em boa parte, sem duvida, porque a sua organização se tornou uma obsessão, mas elle proprio tem sido deixado de lado. Organizar o ensino, eis o essencial, mas ensinar mesmo... muito poucos d'isso se lembram; organizar o estudo do melhor modo é o programma propalado de nossa geração, mas estudar... onde o tempo para isso, e como fazel-o, se ainda não sabemos qual a melhor maneira de fazel-o?

Fui sempre a mais antipathica das visitas aos estabelecimentos scientificos muito bem organizados. Permaneço quasi sempre muito frio, e nunca digo essas palavras tão esperadas de um enthusiasmo transbordante. Nunca pude impedir-me, ao terminar o exame dos armarios de fichas, dos dispositivos ultimo modelo para obter isso ou aquillo, dos apparelhos complexos para fazer algumas coisas simples que podem ser feitas sem apparelhos, de dizer uma ou duas phrases ironicas. E algumas vezes commetti a indiscreção, sem nenhuma intenção má, posso asseveral-o, de perguntar pelos trabalhos feitos, pelos resultados, ou mesmo ingenuamente pelos trabalhadores. E, ao sahir, vim sempre pensando com especial sympathia, quasi com estremecido carinho, em alguns d'esses laboratorios tão meus conhecidos, onde apparentemente não ha organização, porque se tem muito que fazer, porque se trabalha muito e se produz alguma coisa...

Ficaria inteiramente inconsolavel, se o leitor concluisse ser eu contra a organização. Longe de mim tal pensamento. A organização bem comprehendida é uma necessidade que se impõe por si. Mas o principio de organização, como nós o encontramos a cada passo, tornou-se um refugio facil e muito bem disfarçado para aquelles que de outro modo, não saberiam o que fazer. Esse ponto é que mereceria um estudo demorado, afim de evitar males maiores. Em uma palavra, seria indispensavel organizar racionalmente a organização, *e penso poder terminar aqui, depois de ter suggerido um tão vasto campo de acção aos organizadores existentes e porventura ainda sem trabalho...*

Miguel Ozorio de Almeida.

Carlos Deambrosis Martins — LA POESÍA DE ARMANDO GODOY — Editorial Iberia — Madrid, 1933.

Trata-se da vibrante conferencia em que um illustre critico de lingua hespanhola commentou, no recinto da Sorbonne, as innovações de pensamento ou de rythmo do notavel poeta cubano Armando Godoy. São palavras de uma eloquencia persuasiva e, segundo explica o sr. Francis de Miomandre, hespanholista de alto merito, grande foi o publico que accorreu, soffrego, áquella multisecular casa de estudos para ouvir o exegeta do autor que repetiu em Paris a bella aventura de José Maria de Heredia.

FIM

Com o dia claro, a vida tornou.
Não impetuosa e fresca como outr'ora, mas tornou e com
[ella a visão das coisas e dos lugares deste mundo.
Como quem vem de noite demorada, de abysmos onde a
[luz não chega nunca
E contempla o dia de verão em que o sól se derrama e
[illumina
Como convalescente, como prisioneiro que a liberdade
[atormenta e amedronta
Estou eu agora, aplacado mas inutil.
Ao meu lado está tudo o que resta do meu amor,
Do alto amor forte puro que incendiou meu coração lon-
[gos momentos.
E que é o tudo que resta?
Nada, sombras, miseria, e eu mesmo.
O que não era tornou a não ser.
Como ao fim das confusões a face da verdade impassivel
[apparece,
E é sempre outra sempre mais regular do que a verdade
[que estando em nós é puro engano
Assim o meu soffrimento me appareceu inutil e grotesco.
Corri atraz de mim mesmo e estou cansado.

Augusto Frederico Schmidt.

Bernard Shaw — **The adventures of the Black Girl in her search for God** — Desenhado e gravado por John Farleigh. Impresso por Clarks, em Edimburgo, e publicado por Contable & Cia. Ltda. — Londres, 1932.

Bernard Shaw, como todos os genios, é ingenuo. Por isso elle se pergunta o porquê das coisas, admira-se com o disparate dellas e acaba sendo tão razoavel que o achamos candido, innocente, utopico e até paradoxal. No entanto a arte de Shaw não é desprovida de malicia, e elle maneja a satira com tal leveza que, não raro, a confundimos com o "humour".

A negrinha de Shaw é elle mesmo, e a sua busca de Deus atravez dos sertões da Africa é a busca de Shaw atravez da Biblia. Era preciso ter a Jesus o amor e a admiração que Shaw lhe dedica, junto com a sua faculdade de comprehensão e o seu grande ideal, para querer mostrar aos christãos quão absurda é a sua crença religiosa e quão linda ella poderia e deveria ser. Shaw, com o scepticismo proprio a todo idealista razoavel, tenta nesse livro ajudar-nos a descobrir o Deus que cada um traz em si e que Jesus symbolizou. O thema, como se vê, é dos mais nobres.

A arte de Shaw já está consagrada; sabemos, portanto, que, o livro é bom quanto á litteratura. Bom quanto á arte, bom quanto ao pensamento, deveria ser um optimo livro. E não o é. Porque a sua bôa arte não transmitte o seu bom pensamento com sufficiente clareza e, não fosse o epilogo, difficil seria a todo aquelle que não tem certa familiaridade com a Biblia, a comprehensão das aventuras da negrinha em busca de Deus.

As gravuras de John Farleigh são magnificas de simplicidade e belleza, e o trabalho graphico é perfeito.

Jack Sampaio.

Christiana Vulpius

Das mulheres que gravitaram na orbita sentimental de Goethe foi Christiana Vulpius a que teve maior parte no coração do poeta. A maior e porventura a melhor parte. Foi de todas a mais amada e certamente a mais amavel.

E' curioso notar a proposito de Christiana Vulpius a obtusa incomprehensão de criticos e biographos de Goethe, antigos ou recentes. Uns e outros parecem ter para aquella creaturinha de Deus amavel, esplendida e sadia — era assim que a mãe de Goethe se referia a Christiana — os olhos rancorosos da despeitada Carlota von Stein, do hypocrita e fraldiqueiro Schiller e das vetustas damas da côrte de Carlos Augusto.

Contra tudo e contra todos, porém, como finamente observa João Ribeiro no pequenino volume que para honra das lettras brasileiras consagrou ao anniversario da morte de Goethe, levanta-se a formidavel objecção do poeta, de quem Christiana foi a escolhida, o "Achado" daquelle delicioso *lied* em que eternisou o episodio do seu primeiro encontro com ella, a preferida, a unica, a incomparavel entre as mulheres.

As outras naturalmente ralavam-se de inveja. Mas o grande homem sabia melhor do que ninguem o que lhe convinha, e que para a sua arte, para o livre desenvolvimento da sua personalidade, para o glorioso remate da pyramide da sua existencia, a pequenina Christiana sem outras armas que as graças nuas, a divina ignorancia e a esplendida animalidade dos vinte annos lhe era infinitamente mais essencial do que todas as cacarejantes comadres de Weimar.

Goethe que de volta da Italia merecera o cognome de "nobre Romano" que lhe poz Herder, era propriamente um Helleno; tinha da mulher, genio protector do lar, a concepção grega. Para elle, como para o seu Wilhelm Meister, a mulher mais prendada seria a dona de casa exemplar, affavel, diligente, economica, a que proporciona ao marido a verdadeira independencia moral e condições domesticas agradaveis que lhe dêem coragem e boas disposições para o trabalho. Como artista e homem de gosto o que lhe importava sobretudo no lar era a mesa bem posta, a sopa servida a tempo e hora, dispensa e adéga bem fornidas — Goethe segundo o testemunho de familiares era conspicuo bebedor de bons vinhos — o sorriso da hospitalidade num lindo palminho de cara, e á noite o contacto de um corpo moço e sadio onde acalmar os ardores do que elle chamaria com saborosa *verve* a sua segunda puberdade. De tudo isso, é notorio, entendia Christiana ás mil maravilhas.

Comprehende-se que para o poeta já maduro, mas ainda rijo em forma e guapo cavalleiro, aquella capitosa bruneta de cabellos cacheados, aquelle boccado succulento como que fisgado expressamente para elle do festim dos deuses, seria um regalo muito mais tentador que a outoniça baroneza de Stein, a intrigante e romanesca Bettina e até mesmo que a majestosa Corona Schroeter. (Note-se que despresadas e desenganadas quasi todas estas altas damas e senhoras haveriam de vingar-se do poeta conforme o louvavel costume feminino despejando-lhe por cima o sacco da roupa suja, a exemplo de Lady Caroline Lamb com Byron, George Sand com a dupla Musset e Chopin, a "musa" Colet com o grande Flaubert e mais recentemente a delambida Georgette Leblanc com Maeterlinck.)

Christiana não foi certamente mulher de espirito culto e brilhante nem mesmo uma belletrista no genero das nossas litteratas e *diseuses* de hoje. Mas quem nos diz que o grande Goethe supportaria em torno de si a sempiterna presença de um desses phenomenos bracejantes, trepidantes, vociferantes? Não era elle o primeiro a achar graça na absoluta negação poetica de Christiana? "E' pasmosa a incomprehensão desta rapariga em materia de poesia", exclamava rindo-se com infinita indulgencia e, não haja duvida, intimamente satisfeito. E' que o velho Merlino sabia que a sua linda bruneta havia de ignorar necessariamente a essencia da poesia como a flor ignora o perfume, como a estrella ignora a propria luminosidade, porque Christiana em flor era a poesia mesma e não tinha outro destino na vida que o de encantar a vista e o coração do seu poeta.

Que lhe importavam ao grande Goethe os amores ephemeros e complicados, os arrulhos sentimentaes das Lilis e Lolottes dos tormentosos dias da adolescencia? Quando elle emergia das profundesas phantasticas da noite de Walpurgis ainda aturdido da sarabanda das bruxas e dos gnomos ou se despegava da garupa fumegante do centauro Chiron, o que lhe appetecia era a superficie lisa e transparente de um seio sem litteratura e sem mysterio, mas firme, socegado, seguro. Era na curva suave e adormecida de uns hombros brunidos e bem torneados que elle gostava de escandir os soberbos hexametros das suas Elegias Romanas ou dos epigrammas em que rivalisava com Valerio Marcial e Propercio. Fosse alguma das preciosas do tempo fallar-lhe nessas occasiões da theoria do bem moral ou da identidade do ser e do não-ser e outras frioleiras que taes e haviam de ver como lhe responderia com aquella voz tonitroante que no dizer de um contemporaneo "era capaz de dominar um exercito de dez mil combatentes".

A verdade, em que pése aos manes das Bettinas e das Carlotas, é que a deliciosa Christiana foi na vida e na arte de Goethe — refiro-me evidentemente á segunda metade, a mais bella e a mais fecunda da vida do poeta — um elemento de emoção physiologica incomparavel e de maravilhosa renovação creadora. Deu-lhe com a belleza e a mocidade do corpo a divina surpreza inseparavel do mysterio das operações do espirito; deu-lhe o amor, a alegria, o socego; deu-lhe aquella independencia moral e domestica de que elle precisava para alcançar a sua "totalidade" e realisar a sua obra de demiurgo, sem pressa mas sem vagar, *ohne Hast aber ohne Rast*. Assim Christiana encarnou para elle no sentido grego e goetheano o ideal feminino do dever de esposa. (Os tempos de Goethe passaram, bem entendido, e o feminismo matou o feminino).

Em summa Christiana Vulpius foi verdadeiramente a amante ideal do genio; a companheira obscura e silenciosa, a serva humilde e vigilante que no momento do perigo soube interpor-se bravamente entre a soldadesca de Augereau e o seu gran-

de homem, a esposa immaculavel, e para terminar com uma phrase de George Brandes, aquella que só pertenceu a um homem na vida. "Quantas mulheres, si quizessem fallar a verdade, observa o diabolico Brandes, poderiam dizer outro tanto!"

ALBERTO RAMOS.

SALVADOR RUEDA

O poeta Salvador Rueda, que vem de morrer na Hespanha, era dos que tratam indifferentemente de todos os assumptos, sendo-lhe tudo materia de poesia. Trabalhou muito, trabalhou sempre, e era autor de volumes enormes. Seus desaffectos achavam mesmo que elle produzia demais, sobrepondo a quantidade á qualidade.

Escravo das sensações, detestava as rimas indigentes e quem quer que o lêsse ia pisando os rubis e os diamantes dos caminhos do Eldorado.

Apesar de ser um tanto feio e deselegante de roupas, encantou a quantos o conheceram aqui no Rio, quando nos visitou lá pelas alturas de 1913. Tal o seu bom humor permanente, parecia uma creança eterna, uma creança com alguns cabellos brancos.

Logo que aqui chegou, fez um soneto contando que, ao entrar em nossa bahia e ao maravilhar-se deante da paizagem, o vento lhe arrebatou o chapéo, como se o obrigasse a descobrir-se deante de tantos prodigios naturaes... Passou horas e horas na livraria do sr. Samuel Nuñez López e foi a Engenho de Dentro visitar o poeta Catullo da Paixão Cearense, com o qual teria muitos pontos de contacto, ao menos no enthusiasmo de ambos pelo sol.

Porque, nos poemas de Salvador Rueda, ha muito sol, ha sol para escandalizar os proprios moradores dos tropicos. Dado o seu furor ainda romantico, comprazia-se elle nas metaphoras flammejantes. Confessava-se a cada passo, mais que um christão, um pantheista, e bem andou o estatuario Queirol quando o representou numa estatua symbolica, envolto em folhas, flores e fructos, ninhos, insectos e estrellas. Notava-se nelle um pouco da rhetorica de Gongora e muito e muito do colorido violento das télas de Sorolla.

O epitaphio que não foi gravado

Todos sentiram quando a morte entrou
com um fremito apressado de retardataria.

A que tinha de morrer, — a que a esperava, —
fechou os olhos
fatigados de assistirem ao mal-entendido da vida.

Os que a choravam sabiam-na sem peccado,
consoladora dos afflictos,
bocca de perdão e de indulgencia,
corpo sem desejo,
voz sem amargor.

A que tinha de morrer fechou os olhos fatigados,
mas tranquillos...
Porque os que a choravam nunca saberiam
o rancôr sem perdão de sua bocca,
o desejo saciado de seu corpo,
o amargor de sua voz,
a sua angustia de arrastar até o fim a alma postiça que lhe fizeram,
o seu cansaço immenso de abafar, secretos, na carne ansiosa,
a perfeição e o orgulho de peccar.

A que tinha de morrer fechou os olhos para sempre
e os que a choravam
nunca souberam de alguem que foi de todos junto ao leito á hora do
[exhausto coração parar
o mais distante,
o mais immovel,
o que não soluçou,
o que não póde erguer as palpebras pesadas,
o que sentiu clamar no sangue o desespero de sobreviver,
o que estrangulou na garganta o grito dilacerado do solitario,
o que depoz, sobre a serenidade da morte purificadora,
a redempção do silencio,
como uma pedra votiva de sepulcro.

FELIPPE DE OLIVEIRA.

(*Da* Lanterna Verde).

GUY DE MAUPASSANT — BOLA DE SEBO — Graphico-Editora Unitas Limitada — S. Paulo, 1933.

E' a traducção, feita pelo sr. Lorival Bastos, da famosa *Boule de Suif*, que consagrou o genio narrativo de Guy de Maupassant, logo á estréa do soberbo escriptor da Normandia. Guy de Maupassant, que era afilhado e tambem parente espiritual de Flaubert, impôz-se com essa admiravel producção num periodo litterario em que a França contava romancistas e contistas como Zola, Daudet, Huysmans e Edmond de Goncourt. Evocando passagens amargas ou comicas da guerra franco-prussiana de 70, *Bola de Sebo* é um flagrante de vida que jámais envelhecerá.

"Le Manuscript Autographe"

Sob a direcção de Jean Royère é esta uma das publicações mais luxuosas que se editam actualmente em Paris.

Agora, para um maior congraçamento entre os intellectuaes dos dois mundos, essa revista inaugurou no seu ultimo numero a collaboração franco-estadunidense, inserindo nas suas paginas um bello poema de Archer Milton Huntington: As abbadessas de Vallbona, *reproduzido em fac-simile do texto inglez e magnificamente traduzido pelo poeta Théo Varlet. Além disso, o proprio Jean Royère dedicou-lhe commentarios enthusiasticos e o fino poeta cubano Armando Godoy apresentou ao publico francez a personalidade interessantissima de Huntington, que é tambem um impressionante homem de acção. A elle se deve, em Nova York, a creação da Sociedade Hispanica, de organização modelar e talvez unica no mundo.*

O ultimo numero do Manuscript Autographe, *que é editado em Paris pelos Srs. Blaizot Père et Fils (104, rue du Faubourg Saint Honoré), appareceu em Abril e, em esplendor de apresentação e interesse do texto, nada fica a dever aos que o precederam.*

A. DA SILVA MELLO — NOVAS IDÉAS SOBRE O EDEMA — Editora Guanabara. — Rio.

E' mais um precioso volume com que se enriquece essa já muito conhecida collecção da *Bibliotheca de Cultura Scientifica*, sabiamente dirigida pelo prof. Afranio Peixoto, e que já conta muitas outras contribuições, todas devidas a nomes dos mais prestigiosos das nossas lettras medicas. O trabalho do prof. A. da Silva Mello é notavel por muitos titulos e explana com grande proficiencia e brilho a tão debatida questão da pathogenia dos edemas, a respeito da qual o autor, um dos mestres da nossa medicina, tem idéas perfeitamente originaes.

Socialismo e Democracia

"OS NOVOS DIREITOS DO HOMEM" — Pontes de Miranda — Rio, 1933

O sr. Pontes de Miranda acaba de tirar a lume mais um livro — *Os novos direitos do homem*. Trata-se de pequeno volume em que o eminente jurisconsulto brasileiro faz propaganda socialista; destina-se, pois, ao povo esse opusculo. Como tudo que sai da penna do sr. Pontes de Miranda, esse livro traz o cunho de uma forte individualidade.

Não é o seu autor neo-converso ao socialismo. Já em 1922, na sua grande obra *Systema de sciencia positiva do direito*, manifestou-se sympathico a essa doutrina social. Os aspectos socialistas do Systema passaram despercebidos. Ha um decennio quasi não se via falar em socialismo no Brasil, a não ser em sociedades operarias. Hoje, não. O socialismo apresenta-se como ideia em marcha, faz adeptos, adquire prestigio.

Mas, encerram as doutrinas socialistas a verdade? Parece-me impertinente a pergunta. A especie humana quando quer adoptar certo ponto de vista não inquire muito pelos seus pergaminhos epistemologicos. Faz a experiencia, e se errou lá um bello dia tenta outro caminho para o desconhecido. Ha dezenove seculos enveredou a civilização occidental pela estrada do céo acompanhando o Christo, e ainda hoje muita gente pensa que o caminho vai certo... Entretanto, não se tratará de curva, de uma variante, de uma *errada* como o totemismo?

O socialismo apresenta os aspectos seductores de religião leiga, e traz-nos uma como nova taboa de valores. E como não lhe bastasse o prestigio moral, ainda se arrima em forte systema de philosophia: o materialismo historico.

Karl Marx e Engels podem ser considerados o Platão e o Aristoteles da nova fé. E para completar a similitude com os primeiros tempos christãos, ahi está a burguezia requintada, sceptica, egoista, incapaz de resistir com coragem aos idealistas que trazem a niveladora taboa de valores.

Parece que a civilização occidental fará mesmo a experiencia socialista. Os dois maiores philosophos da historia, aquelles que mais profundamente mergulharam no passado humano, Augusto Comte e Spengler nol-o garantem. O primeiro nos adverte: é preciso incorporar o proletariado. O segundo, mostrando-nos os quadros da morphologia historica, as correlações das civilizações mortas com as culturas vivas, nos segreda: o socialismo vem ahi. E' uma phase da cultura.

Sei que ha larga margem para a contingencia no dominio dos phenomenos sociaes, não ha nelles a fatalidade dos dias e das noites, nem a do nascer, crescer, envelhecer e morrer que domina a vida. Todavia, apezar de contingentes e modificaveis, obedecem a leis. E é uma lei que nos aponta o proximo dominio do socialismo na cultura do Occidente.

Vamos, proximamente, atravessar uma phase historica semelhante áquella do fim do antigo imperio egypcio (VIII e IX dynastias), em que occorreu a primeira revolução social de que guarda lembrança a historia (2360 a 2000 A.C.). Moret, no seu livro *Le Nil et la Civilisation égyptienne* nos descreve, fundado em documentos sobretudo litterarios, o que foi o bolchevismo egypcio. Tomo a um confrade daquelle tempo as seguintes lamentações: "Os escravos são hoje em dia senhores de suas ventas. O ouro, o lapis-lazuli, a prata, as malachites, as cornalinas, o bronze, o marmore... adornam agora o collo das escravas O luxo domina o paiz, mas as donas de casa dizem: "Ah! se nós tivessemos alguma coisa que comer!"

O sr. Pontes de Miranda, temendo o "rolo compressor" que um dia aplainou as desigualdades no velho Egypto e quatro millennios depois fez o mesmo na Russia dos Czares, nos aconselha rumarmos para o socialismo, que poderia ser estabelecido numa revolução incruenta, reconhecendo a Constituição cinco novos direitos: 1. Direito á Subsistencia. 2. Direito ao Trabalho. 3. Direito á Educação. 4. Direito á Assistencia. 5. Direito ao Ideal. Esses direitos constituiriam os novos fins do Estado socialista, que manteria a democracia para o realizar. "A democracia, ou codecisão, *dentro do fim preciso*, dos 5 Direitos, perde todos os seus inconvenientes. Portanto, os 5 Direitos *salvam* a democracia, hoje entre dois fogos: o dos reaccionarios, o das esquerdas extremistas".

Mas, que é direito ao ideal? Responde o nosso autor — é o direito á participação no conforto material e espiritual.

A expressão direito ao ideal afigura-se-me vaga e difficil de ser concretizada. Que é o ideal? Ha varios ideaes em lucta. Qual é o que a Constituição ha de proteger? Um grupo de nudistas, com o seu ideal de volta á natureza, funda um club ou uma associação. A Constituição protege esse club, garante esse ideal?

Os outros quatro direitos não precisam ser definidos: sabemol-o o que significam. Dentre elles merece especial sympathia o direito á educação. Sem a formação do homem novo não haverá estabilidade na ordem juridica socialista. Dahi a excepcional importancia que assume esse direito de ser educado. Devia ser o primeiro a ser concedido ou a ser conquistado.

Do setimo ao quinto seculo as luctas de classe enchem a historia da Grecia e da Italia, como bem o notou Fustel de Coulanges, em *La cité antique*. Por toda a parte o povo triumphou. Os processos para conquistar o poder variaram da brandura á violencia.

Aqui forçou as portas da cidade onde lhe era prohibido habitar. Expulsou os ricos, tomou-lhes as casas. Foi assim que elle subiu em Syracusa, em Erythréa e em Mileto.

Alli usou de meios brandos. Não appellou para a lucta á mão armada. Pela força moral, pela dialectica, conseguiu o que queria. "Nomeou-se então um legislador e transformou-se a constituição. Foi o que succedeu em Athenas" — diz o historiador francez.

E' essa solução elegante que nos propõe o Sr. Pontes de Miranda: transformar tudo por meio de uma constituição. E nos garante que seremos felizes, porque ficaremos perto da Russia, pelo proposito de servir a todos; perto da America do Norte, pela technicidade e longe de toda coacção á liberdade physica e de pensamento. Accrescentarei que ficaremos tambem perto de Athenas, onde a guerra dos pobres contra os ricos foi menos violenta do que em outra qualquer parte, pois se

limitou a um systema de impostos e lithurgias que os arruinou. Comtudo não se aboliram as dividas, nem se distribuiram as terras. Houve, pois, respeito aos direitos adquiridos.

Não é honra e gloria procedermos como os athenienses?

O sr. Pontes de Miranda, com a sua sabedoria e experiencia, nos aponta um caminho, num momento de perplexidade em que não sabemos para onde devamos ir. Elle assegura que a sua estrada passa perto da Russia. Vale a pena tomal-a e ficar em Athenas.

Alcides Bezerra.

Numa pagina de jornal

Um relancear distrahido, pela manhã, na hora confortavel que medeia entre o café e o inicio das actividades diarias, sobre as noticias dos jornaes. Olhar indifferente, olhar de quem está longe dos acontecimentos, na illusão de se crer em segurança. Guerra no Extremo-Oriente... não nos faz móssa: perigo muito remoto, o do imperialismo nipponico. Guerra na America do Sul... não dá em nada, brigas de familia.

Mas apezar disso o olhar vae se turvando, numa inquietação crescente. E os telegrammas alarmantes se succedem. Na Allemanha, terra paradoxal do mysticismo e do commercio, da musica e do militarismo, da poesia e do orgulho desmedido, da razão pura e da sciencia prostituida á guerra, os judeus são perseguidos, como na idade-média, num surto de nacionalismo feroz. O progresso estará matando a civilização?... No Parlamento inglez, na fria e fleugmatica Inglaterra, alteiam-se as vozes, numa accusação indignada á vencida de 1918. Resurgirão os dias terriveis de 1914?...

E o olhar estaca, não querendo ler mais, numa fixidez ansiosa. Enche-o a visão apocalyptica da agonia do mundo. O espirito se perde, vertiginoso, na contemplação do cháos. Como tantas outras que a precederam, apenas vislumbradas hoje nas brumas da historia, ou talvez mesmo completamente ignoradas, irá a civilização occidental perecer tambem, serão arrasados os longos esforços de milhares de annos? Nova Babel, essa obra ingente, de que tanto se envaidecem os homens, estará fadada á destruição e ao esquecimento? A ordem actual das cousas, o mundo como o conhecemos, o nosso mundo não poderá sahir incolume de crise tão profunda... Foi uma etapa, apenas, na vida da humanidade, e vae chegando ao fim.

Fugindo ao quadro tenebroso, volta a vista a cahir sobre as columnas impressas. A conferencia de Washington... Outra tentativa frusta, certamente, para restabelecer o equilibrio na terra. Os Estados Unidos, que talvez ainda pudessem ser um esteio, um ponto firme no meio da derrocada, isolaram-se demais, no egoismo dos felizes, na inflexibilidade metallica dos argentarios.

De repente, escondida entre as outras, uma noticia que não fala de guerra, nem de violencias, nem de barreiras alfandegarias: o governo francez acaba de crear, no Collegio de França, uma cadeira de physica mathematica para Einstein, escorraçado da Allemanha por ter sangue israelita. Um oasis no deserto escaldante, um jardim amigo a acolher, inesperado, o caminhante fatigado, na aridez eriçada de um bairro industrial. Um pouco de sympathia humana entre os instinctos soltos, um raio de luz nas trevas.

A velha França, contra a qual tantas vezes nos levantamos, ingratamente, como contra os creadores se revoltam as creaturas, a França passadista, fóra de moda, continúa a ser a patria do espirito e do *panache*. Povo de pequenos burguezes economicos — e d'ahi, do seu contacto intimo com a terra, do amor ao solo e aos seus trabalhos, talvez lhe venha a sua rara disciplina moral — não desanimou, nem degenerou. Guarda intactos o seu bom senso e o seu enthusiasmo, a sua medida e a sua generosidade. Ter-se-á frequentemente transviado, mas logra sempre voltar á missão de vanguardeiro, fiel ao seu genio e ás suas tradições.

Visou humilhar, com esse convite, a sua tradicional inimiga, dirão. Talvez... Nas nações, como nos individuos, os melhores actos se mesclam de tão inconfessaveis motivos... Mas não importa, se o fez num gesto elegante e fino, se reparou, com isso, uma injustiça. Se premiou o saber e a coragem, deslembrada da raça e da patria.

Na sua fibra ardente, elastica e viva, estará, quem sabe, a ultima garantia da ordem e do equilibrio, a semente de uma reacção, se a reacção fôr possivel. E se não o fôr, saberá ao menos morrer *en beauté*, para gloria de uma civilização, para honra da dignidade humana.

E o olhar, um instante repousado, se enternece, num preito de admiração e de reconhecimento.

Lucia Miguel Pereira.

Jonathas Serrano — PHILOSOPHIA DO DIREITO — Livraria Catholica — Rio, 1933.

As palavras introductorias dos srs. Affonso Celso, Sá Vianna e Carlos Porto Carrero, tambem cultores do direito, dizem bem alto do valor deste livro, de uma synthese preciosa e orientado sempre por uma nobre finalidade de cultura christã nos dominios da jurisprudencia. Estudando infatigavelmente, mesmo depois de haver ascendido á cathedra de ensino, o sr. Jonathas Serrano possue, para discorrer sobre taes assumptos, a autoridade da verdadeira erudição e a idoneidade de um caracter sem macula. Pesquizador de todos os problemas do direito e da historia, é especialmente digno de attenção quando nos explica, em paginas definitivas, as relações da sociedade domestica com o Estado. Ahi, sem restricções mentaes de qualquer especie, fala o homem moral em tudo digno de ser, como é, um dos nossos mais estimados mestres da juventude.

Othon Costa — ALMA SIMPLES QUE SOFFREU — Papelaria Rio Branco — Rio, 1933.

A proposito de outros trabalhos, o sr. Othon Costa já foi saudado com os mais expressivos louvores por figuras da preeminencia intellectual de Rocha Pombo, Affonso de Taunay, Xavier Marques, João Ribeiro e Ramiz Galvão. Agora, esta collectanea de versos, modelados quasi todos nos melhores processos da poesia tradicional, mostra que o autor não se deixou atordoar pelo vozerio dos innovadores delirantes e ainda crê na efficiencia do soneto, a rigor o mais brilhante dos generos cultivados em nosso paiz e eternizado por tantas obras primas de Bilac, Raymundo, Alphonsus e Vicente de Carvalho. As emoções do sr. Othon Costa são sempre de grande delicadeza e, numa época em que se verifica em tantas familias uma especie de "debandada moral", não se envergonha elle das suas notas intimas, das suas effusões domesticas, tão nobremente expressadas sempre. E apresentando-nos producções originaes das mais suggestivas, dá-nos tambem ensejo de medir, neste volume, os seus meritos de traductor, graças ás bellas transposições verbaes de sonetos de Santos Chocano, Heredia, D'Annunzio e, especialmente, de um suavissimo trabalho da poetisa Violeta Isabel Bustamante.

Em torno da orthographia de um escriptor brasileiro

Não leio romances, (a mais aprazivel de todas as leituras,) por falta de tempo. A Economia, a Politica e a Sociologia, fornecem-me ao espirito, nas horas vagas, que são os momentos de refeição mental, o pão em tal quantidade, que seria indigesto accrescentar mais essa ração, desde que não seja como sobremesa. E como sobremesa saboreei, durante duas viagens de avião, — o *Ciume*, — de Albert-Guzman, tão bem traduzido por Gastão Cruls. Do seu teor e da arte de expol-o nada direi, porque não ouso accrescentar um conceito só á somma dos que foram enunciados pela Condessa de Noailles e por Gilberto Amado. Direi apenas que, nas regiões em que andei como nephelibata, a leitura deu-me os enlêvos que devem gozar os celícolas.

Enquanto voava pelos céus, pelo céu que nos contem e por aquelle que contemos n'alma, ia verificando que o traductor do romance preoccupase muito com a graphia correcta dos vocabulos que escreve. E' um orthographo agradavelmente distincto dos *academo-graphos* de nossos dias. No espirito e nos nervos do Dr. Cruls não perpassa a fraqueza, em voga, — a de comer lettras — porque se percebe logo, á primeira vista, que faz a gymnastica das lettras; e nessa escola somos collegas. Mas, além do empenho de escrever bem, está a conveniencia de fixar regras que abranjam racionalmente a tradição formada em tôrno da orthographia media, ou em parte etymologica, em parte phonetica. Desde logo, um principio abre horizontes para o caso: — *O que é derivado é etymologico, sempre que o uso invariavel não imponha o contrario; e o que é original nosso, ou do Portuguez, deve ser phonetico*. Assim, bello (l. bellus), signal (l. signus), mas tambem autor e bota (l. auctor e butta), que o uso invariavelmente simplificou; assim, — criôllo — (diminutivo de — cria — espanhol — criollo); e assim, Piraí, tacuara, jeca, machiche, e não Pirahy, taquara, geca, maxixe.

Pois bem, como já tenho essa cousa mais ou menos systematizada em um alfarrabio chamado — *Ementario* — que ninguem comprou, porque são poucos os que se dão á gymnastica que elle aconselha, fui gryphando palavras no decorrer da minha deliciosa leitura, a fim de aquilatar do grau de systematização orthographica do traductor. E isto fiz, porque notei que elle grapha muito bem, isto é, orthographa e não phonographa.

Assignalamos o primeiro vocabulo á pagina II do Prefacio — *suavisal-a* — depois colloquei-o em confronto com o vocabulo — *precisava* — de pagina 31, com — *realizou* — de pagina 67, com — *avisal-a* — de pagina 68, e adeante — *estilizar, realizar, analysar, alisar, localizar*, etc., etc. Estas desinencias em — *izar, isar* — como em muitos casos, na lingua portugueza, são justificaveis e correctas tanto com — s — como com — z —. O que não é justificavel é escrevel-as indistinctamente com — s — ou com — z —. E' incontestavel que o Dr. Cruls sabe distinguir, neste particular, o trigo do joio, pois engana-se somente ao escrever — *suavisar* — que, por ser uma formação vernacula, deve assumir a fórmula mais simples, isto é, — *suavizar* — com — z — que é a lettra do nosso alphabeto destinada a este mesmo som. Ha tambem sons em — izar — com — z — que procedem do latim e do grego. Assim, temos tres categorias: — isar — com — s — exclusivamente de palavras derivadas; — izar — com — z — de palavras derivadas e de formações vernaculas.

Com — s —
adonisar (l. adonis)
anisar (de anis)
aguisar (de guisa)
alisar (de liso) não confundindo — alizar, subst. — deslizar (castelhano deslizar).
analysar (grego analusis)
avisar, divisar, revisar, visar (l. visare)
bisar (de bis)
catalysar (gr. Katalusis)
dialysar (l. dialysis)
electrolysar (gr. elektrolusis)
frisar (ar. ifris, friso)
improvisar (l. improvisus)
irisar (de iris) não conf. com — irizar — doença do café
jisar (ar. jibs — jis)
paralysar (l. paralysis)
pisar (l. pinsare)
pesquisar (l. per-quaeso)
precisar (l. praecisum)
propolisar (gr. propolis)

Eis as terminações em — isar — com — s —. As demais quer derivadas quer originarias da nossa lingua são com — z —. E assim acertou o nosso escriptor escrevendo — analysar, alisar, precisar, com — s —; e — estilizar, realizar, localizar, etc. com — z —.

Para completar este capitulo, damos abaixo a lista das palavras terminadas em — asar — com — s —.

abrasar (de brasa)
abusar (de uso)
accusar (l. accusare)
afrancesar (de francês)
afreguesar (de freguês)
ancylosar (de ancylose)
apesar (de peso)
arrasar (de raso)
apresar (de presa) não confundindo com prezar (l. pretiare)
arrevesar (de revés) não confundindo com revezar (de vez)
asar (de aso) não confundindo com azar (arabe azzahr)
atrasar (de atraso, trás)
casar (de casa)
desar (cast. desaire)
desposar (de esposo)
dosar (de dose)
empavesar (de pavês)
entesar (de teso)
entrosar (de entrosa)
envasar (de vaso) não confundindo com envazar (de vaza)
enviesar (de viés)
esposar (de esposo)
excusar (l. excusare)
extravasar (de vaso) não confundindo com vazar (l. vacare)
grosar (it. grossa)
lesar (de leso)
parafusar (de parafuso)
pavesar (de pavês)

LEIAM:

A SÀBOTAGEM DO PLANO QUINQUENNAL

(Processo dos engenheiros de Moscou)

Livro de plena actualidade por tratar de um processo analogo ao dos engenheiros inglezes agora condemnados pelos tribunaes da Russia Sovietica.

PREÇO: 5$000

Em todas as livrarias

pesar (de peso) assim tambem pesar subst.
presar (de presa) não confundindo com prezar (l. pretiare)
rasar (de raso)
recusar (l. recusare)
refusar (l. refusare)
represar (de presar)
retesar (de teso).
salpresar (de preso)
sopesar (de peso)
sopresar (de presa)
sobrasar (de brasa)
tosar (l. tonsus)
usar (de uso)

Na proxima vez dissertaremos sobre a graphia de palavras como estas — vassoura, cousa, que no livro se encontra tambem sob a forma de *coisa*, dois, noite, thesouro, estourar, couro, escoadouro, a qual constitue um dos capitulos mais interessantes e difficeis da nossa orthographia.

F. Contreiras Rodrigues.

O momento nas lettras capichabas

O titulo faz todo mundo pensar assim: "Se no Espirito Santo não ha litteratura, como haverá momento litterario?"

Justamente porque este é o pensamento de todos, seguem-se estas linhas em que apparecem nomes de gente de talento e que ninguem conhece.

*

Um dia Ciro Vieira da Cunha entrou para a chefia da redacção do *Diario da Manhã*. Desde então, o velho, o fossilizado orgão official, em que se liam depois do café os telegrammas do Rio e as notas sociaes (*Faz annos hoje... Acha-se em festa o lar do sr. Jóta Esse, pelo nascimento de... Exma. Senhora... Abastado commerciante...*), foi assaltado irremediavelmente por um furor bellettrista. Dahi em deante, foi menos um jornal politico, que um folhetim litterario: em suas columnas de primeira pagina, antes de alguma nota official, narrava-se a anecdota de um poeta ou fazia-se a critica a um livro.

Ciro Vieira da Cunha é poeta, antes de tudo. Como prosador, elle tem uma noção muito sua do que seja ponto. Semeia-o em tal profusão e contra a syntaxe em seus escriptos, que fez com que Gilmir Martins (uma moça bonita, que é intelligente!...) dissesse estarem elles em "estylõ *petits pois*". E elle escreve neste estylo culinario, mais gaguejado que o de Machado de Assis (creio que já li um *isto é* formando periodo!), menos por convicção, que por irreverencia. Suas chronicas conseguem ser leitura agradavel, mas não deixam impressão. E' que Ciro é somente poeta: um poeta que a gente lê num encantamento. Será vazio ás vezes, mas que importa, se nos commove? Elle escreve versos assim:

... *um bocado de sol sentindo frio...*

ou como este:

... *uma estrella vestida de luar...*

que a gente fica sem saber dizer o que é, mas lê e acha bonito.

Este moço poeta tem grande influencia no momento litterario espiritosantense. Em redor delle, gravita toda uma chusma destes abnegados, que são os collaboradores. Nella existe a arraia meúda, que apanha os conceitos emittidos pelo "mestre" ("*Quizeram que a cadeira de Ruy ficasse vazia: puzeram Laudelino nella...*" "*O foot-baller Paulo de Magalhães...*"), para repetil-os, convictos, em chronicas ou em conversas, e ha tambem alguns nomes de valor que apparecem em publicações constantes.

Victoria actualmente é um oceano de sonetos, que se escôa aos pingos pelo fundo de agulha de um canto de pagina do *Diario da Manhã*. A's vezes, este conta-gottas mostra um talento. Assim revelaram-se Avilmar Silva, Milton Amado, Nilo Apparecida, Antonio Pinheiro, Jair Amorim. Destes, o segundo é a maior promessa. Sua definição em litteratura, como prosador, é: — uma vontade de ter raiva, anciando por um assumpto em que desanque: vive a querer demolir, com um diccionario ao lado que torna seu estylo aspero e falso. Como poeta, tentou ser Augusto dos Anjos e Guilherme de Almeida (... ?!): só conseguiu ser um Guilherme soffrivel e um Augusto mediocre. Culto, é quando não se preoccupa com imitar que elle se mostra talentoso, com um vigoroso espirito polemista.

O interesse pelas cousas de arte já se vae espalhando pelo Estado, como em João Pessôa, onde se fundou recentemente uma sociedade de lettras.

Fóra da cohorte do poeta do sol friorento, ha, nas lettras espiritosantenses, pennas libertas e de formação já solida. Destas, Newton Braga é a mais fulgurante. E' elle o maior poeta da nova geração capichaba. Mesmo em prosa seu temperamento se patenteia com um grato sabor de originalidade. Suas paginas andam espalhadas em revistas de Bello Horizonte, Victoria e Rio. Parece que vae nos dar um livro agora. Ainda ha Carlos Madeira — o menino que dirige a melhor revista do Estado e que mandou para o prélo *Caiçaras*, que se annuncia victorioso, — e Lydia Besonebet. A ultima, intelligencia versatil, distrahe-se em passar do pó-de-arroz futil da chronica mundana á responsabilidade de uma these pedagogica, não esquecendo o tributo do ritual á poesia, em que revelou um rythmo colorido e plastico.

*

Eu não quiz dizer nada sobre Narcizo Araujo, Paulo de Freitas e João Bastos, o poeta de *Salamandra;* não toquei em Elpidio Pimentel e Ariobaldo Lellis; abandonei, por conhecidos, os nomes de Saul de Navarro e Mendes Fradique.

Será que ainda exista um Duque-Estrada, prompto a dizer que no Espirito Santo não ha litteratura?

Clovis Ramalhete.

Hotel Castello

Rua Mexico, 146
Ao lado da Avenida Central
Endereço Telegr.: HOTELCAS
Rio de Janeiro

RESTAURANT DE 1ª ORDEM

Telephones 2-9970 — 2-9978 / 2-9977 — 2-9979

Edificio novo. Vista magnifica.
Todos os quartos com telephone e banheiro particular

FEIRA DE LIVROS

De 13 a 29 deste mez, deve realizar-se em Paris mais uma de suas interessantissimas feiras, que despertam a attenção mundial e attraem sempre uma infinidade de turistas. Ali ha de tudo e para todos e, mesmo no ramo que nos diz respeito, bibliophilos e bibliothecomanos têm muito o que vêr e admirar, pois que ao certamen acodem pressurosos editores e livreiros com as suas mais lindas producções.

"Evolução da Prosa Brasileira"

Na *Evolução da Prosa Brasileira*, sahida agora do prélo, seguiu Agrippino Grieco o mesmo methodo adoptado na *Evolução da Poesia*. Agrupou pelos differentes generos que se exprimem em prosa, e por ordem chronologica, as personalidades de maior ou menor vulto das nossas lettras.

Para o critico impressionista, como Grieco, a funcção da sua especialidade é sobretudo comprehender e explicar immediatamente, isto é, sem recorrer a elementos não estheticos, ou não psychologicos, a obra d'arte e o temperamento do artista, ajudando assim o leitor a aprecial-os e sentil-os. Alheio aos postulados mais ou menos ficticios da critica que pretende ser scientifica, julgando ocioso e pedantesco averiguar a cada passo, a proposito de qualquer poeta de terceira classe, a genese da nossa vida pensante, cuja finalidade não o preoccupa, infenso a abstracções e a raciocinios especiosos, o autor da *Evolução da Poesia* e da *Evolução da Prosa* prefere estudar concretamente os autores.

A' analyse fria e methodica das idéas sobrepõe a analyse dos homens que as criam e propagam. D'ahi o não ser talvez demasiado justo o titulo de "evolução", com que rotulou a sua esplendida galeria de retratos litterarios.

Dotado de inesgotavel veia satyrica e mesmo com bastante inclinação para o pamphleto, Grieco tem sido acoimado de iconoclasta e maldizente, fama que aliás concorre para lhe augmentar o numero de leitores. Na verdade, a satyra é nelle espontanea, ás vezes irreprimivel, mas o possuidor de tão perigosa arma não abusa do seu manejo na *Evolução da Prosa*.

Convencido de que "se deve preferir a critica das bellezas á dos defeitos, sobretudo num paiz em que a litteratura rende tão pouco, seja em dinheiro, honrarias ou prestigio social, paiz em que não se deve maltratar nenhuma das pobres criaturas engodadas pela illusão litteraria", não emitte, na maioria dos casos, senão julgamentos commedidos.

Se por vezes nos diz que o sr. X, academico, "é, como jornalista, um distribuidor de tédio a domicilio", ou que o sr. Y, igualmente academico, "dá a impressão de ser um aprendiz vitalicio", é porque considera taes advertencias indispensaveis á orientação do publico. E para compensar a malicia e a vivacidade de certos conceitos menos reverentes, não rareiam paginas cheias de serenidade e sympathia, transbordantes do nobre desejo de fazer justiça.

Acceitando a indicação de Capistrano de Abreu, de que a nossa litteratura começa com os estrangeiros que primeiro descreveram a terra, collocou Grieco no portico do livro Pero Vaz Caminha, cuja carta "é trabalho de um contabilista que tivesse suas horas de grande poeta." Passando ao seculo seguinte, pinta-nos Grieco um magnifico retrato de Vieira, "o maior dos nossos oradores", incluindo-o assim muito justamente nas nossas lettras.

No seculo XVIII Mathias Ayres e Antonio José, apesar de um tanto estranhos ao pensamento nacional, estão bem caracterizados e na época da independencia, defendendo José Bonifacio de accusações dos sr. Auryno Maciel, não esquece de accentuar o feitio reaccionario do illustre Andrada.

Entretanto, a parte mais interessante da *Evolução da Prosa* só começa naturalmente com o romantismo, quando a mentalidade brasileira entra num periodo de relativa autonomia. E d'ahi por diante, até os dias que correm, passam por nossos olhos todas as grandes e pequenas figuras daquelles que no Brasil têm sido victimas da "illusão litteraria".

Ha na *Evolução da Prosa* estudos magistraes. Dentre estes sobresae o consagrado a José de Alencar, por quem o nosso critico nutre fundas sympathias, e cuja obra annota com finura e minucia através de muitas paginas. Reconhece certos aspectos artificiaes da obra do autor de *Iracema*, inclusive o seu indianismo chateaubrianesco, mas exalta-lhe o merito de ter criado um mundo, o que é, afinal, como quer Stephan Zweig, o papel do verdadeiro romancista. Não se esquece tambem de salientar que Alencar foi o "iniciador do nosso dialecto litterario", o primeiro que forcejou por libertar-se da tyrannia dos classicos lusos. Cabe aqui observar que foi talvez Chateaubriand quem lhe forneceu os melhores modelos da sua prosa limpida e cantante.

Quanto a Machado de Assis, Grieco se mostra mais restricto em elogios, não formando no grupo dos devotos do autor de *Braz Cubas*. Reconhecendo embora quanto ha de inacceitavel e caprichoso no livro em que Sylvio Roméro tentou comparar Machado a Tobias Barreto, deixou-se Grieco, talvez sem o perceber, influenciar por elle. Se tem havido exaggero da parte de alguns admiradores incondicionaes de Machado, não é menos certo tambem existir nos principaes typos criados pela sua arte qualquer coisa de profundamente real, que os prende á grande familia humana. E não será essa expressão de universalidade, mesmo pallida como é na obra de Machado, alta qualidade para um romancista?

Mas Agrippino Grieco não se interessa apenas pelos que lograram a relativa notoriedade de glorias nacionaes. No empenho de não praticar injustiças, de não esquecer ninguem, acolheu cavalheirescamente nas paginas da *Evolução da Prosa* todos aquelles que nesta terra de parcas lettras se têm dedicado ao ingrato mister de pensar e de escrever.

SAUL BORGES CARNEIRO.

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Livros que recommendamos aos nossos leitores", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

"LA REVUE MONDIALE"

O ultimo numero da revista fundada por Jean Finot, e agora totalmente remodelada pelo seu successor, traz um bello estudo do nosso confrade Mauricio Wellisch sobre as caracteristicas essenciaes da litteratura brasileira. E' trabalho de substancia em que se sente, além do estylista conciso e claro, o homem de idéas, affeito a desentranhar, das apparencias illusorias, as verdadeiras leis que regem o pensamento de todo um povo.

DE PARIS

Léo Poldès e o Club du Faubourg

Um dia — isso aconteceu antes da guerra — um estudante dos seus dezeseis annos assistia a uma reunião publica, observando o que se passava á sua frente. A tribuna mais parecia um ring onde boxeassem os oradores. As injurias multiplicavam-se:

— Traidor!

— Canalha!

Um vento de loucura soprava sobre aquellas creaturas, e proseguia barulhentamente a discussão entre nacionalistas e revolucionarios. Em plena balburdia o joven estudante trepou em cima de uma mesa e gritou ao auditorio exaltado:

— Mas todos aqui são francezes! A sinceridade é egual da parte de cada um dos adversarios! Então não podem discutir sem violencias?

Pateada na sala. Uma gigantesca risada faz estremecer as vidraças. Ao menos nesse momento, brancos e vermelhos acham-se de accôrdo; alguem, resumindo o pensamento geral, exclama:

— E' um louco!

Era preciso ser mesmo demente para tentar ensinar ás massas populares o odio a todas as paixões e o amor a todas as liberdades!

Aquelle joven estudante foi animado por essa loucura. E realizou-a.

*

Em França, ha duas categorias de cidadãos: os que falam, e os que escutam. Ha oradores desejosos de defender um ideal, como ha turbas avidas de conhecer a verdade. Estabelecer um contacto entre os oradores e as multidões, tal era o plano de Léo Poldès.

Após a campanha da Alsacia, em 1918, Paris achava-se em estado de sitio, e o silencio reinava, soberano, sobre todo o paiz. Esse momento pareceu propicio a Léo Poldès para falar e agir: foi annunciada a primeira sessão do Club du Faubourg.

Da mesma tribuna ia-se ouvir o realista Vallery-Radot, o revolucionario Vaillant-Coutourier, o arcebispo Herscher, o rabino Levy, o pastor Monot, o general Sarrail, o academico Henry Bordeaux e o pacifista Georges Pioch.

Por toda a parte se declarava:

— Esse Léo Poldès perdeu a cabeça!

Desafiando com energia a coalisão dos que se obstinavam em calar-se, Léo Poldès proclama:

— O Club du Faubourg vae crear um methodo novo. Até agora uma conferencia era um monologo vomitado por um individuo ante um auditorio que não tinha outro remedio para exprimir seus sentimentos senão applaudir ou adormecer. Uma barricada separou sempre o orador do ouvinte. Essa barricada, eu a vou derrubar: d'ora em deante terá a palavra o publico!

*

Mez por mez, anno por anno, o Club du Faubourg penetrou nos costumes de Paris. As salas enchem-se, o publico inflamma-se, apaixonado mas disciplinado. Todo o methodo de Léo Poldès consiste na força do pulso e no sorriso.

Albert Lebrun, Presidente da Republica, falou no Club du Faubourg sobre a conquista dos corações; Paul Boncour glorificou a Revolução Franceza; o arcebispo Herschell exaltou a obra do Vaticano; Léon Daudet veiu defender suas idéas sobre a sinceridade na litteratura; Edouard Herriot expoz "o que viu na Russia"; o Reverendo Grandmaison exaltou Santa Thereza de Lisieux; a humilde senhora Seznec sobe á tribuna para pedir perdão para o marido, etc., etc. O Club du Faubourg é o jornal falado da actualidade. Obra de livre discussão e de educação attraente, sabe conservar uma absoluta independencia, mantendo-se neutro entre todas as opiniões.

Nada de conferencias. O orador fala e faz uma exposição breve sobre um thema previamente annunciado. A guilhotina oratoria funcciona. Cada um por sua vez, levantam-se mulheres e homens. Questões divertidas, graves, pueris, espirituosas. A multidão fala, anima-se, exalta-se, confessa-se. Após um Georges Claude, um Lumière ou um Painlevé, cuja alta eloquencia é applaudida, um mecanico diz em duas palavras de bom senso, o seu pensamento. O escriptor illustre defende seu ultimo livro, a modista em voga apresenta suas ultimas creações, o politico do dia resume seu projecto de lei. Os mais austeros problemas e as mais frivolas questões são egualmente discutidos. Porque tanta dissemelhança? Ellas são necessarias, essas descidas bruscas nos themas, essas ascensões chocantes. Num diario, o artigo sério succede-se á chronica mundana, á qual se seguem um angustioso *fait-divers* e a ultima piada de um humorista. Ri-se, no Club. Longe delle os themas enfadonhos. Os melhores moralizadores são os que se utilizam dessa nobre arma que chamam com tanto desdem: *ironia*.

*

E já estamos em 1933. O Club do Faubourg é não somente uma força na França, como no mundo inteiro. Seu principio é o seguinte: "Uma tribuna em cada cidade, e sómente uma, para não haver desperdicio de actividades." Reunidas no mesmo dia, e á mesma hora, em todas as cidades do mundo, centenas de milhares de homens e de mulheres, de todas as opiniões, examinariam e discutiriam o mesmo problema. A uma ordem dada, na mesma tarde, em Paris, Berlim, Genebra, Tokio, nas maiores cidades e nas menores aldeias, personalidades de todos os partidos, sem excepção, examinariam um problema actual como, por exemplo, esse: "A guerra virá? Como evital-a?"

Tal é a obra gigantesca que Léo Poldès quer levar a cabo.

*

Fernand Pignatel disse mesmo em seu livro *Léo Poldès et le Club du Faubourg*: "A historia do Faubourg é a historia destes ultimos quinze annos; Léo Poldès é o magico que soube fazer representar no Faubourg o drama e a comedia das verdades e dos erros do nosso seculo. Quiz ver o povo misturado á historia de uma epoca, mostrando, face a face, numa sala, o actor que faz a historia e o povo que lhe serve de cobaia." E Fernand Pignatel accrescenta: "Que homem interessante, o nosso Poldès! E' o mais curioso dos partejadores do pensamento contemporaneo. Um animador de olho vivo que sabe domar a turba, com o seu

sorriso... o seu sorriso que avança o labio inferior e que sabe enternecer as graves personagens, que elle decide a falar da sua tribuna; mas tambem com as suas mãos... as suas mãos pacificadoras, que elle sabe levantar num gesto que abençoa para abafar as coleras e os tumultos..."

O livro de Fernand Pignatel, *Léo Poldès et le Club du Faubourg*, foi exposto nas vitrinas das livrarias com esta faixa ironica:

LÉO POLDÈS
O homem perigoso que, numa democracia, permitte que se manifestem todas as opiniões.

MARGUERITE PICARD-LOÊWY.

ANECDOTAS E EPIGRAMMAS

O grande jornalista Carlos de Laet estava, nos ultimos tempos, meio cégo e elle proprio, com o bom humor inalteravel que levou até á morte, divertia-se a repetir um incidente comico que lhe occorrera na rua Sete de Setembro. Queria elle tomar um dado bonde, mas como a vista fatigada não o ajudasse, recorreu a um carregador portuguez que estacionava junto delle: "Meu amigo, faça o favor de dizer-me se aquelle bonde é Muda da Tijuca..." E o carregador lusitano com a maior serenidade: "Não lhe posso informar. Eu tambem sou analphabeto..."

A Ruy Barbosa, de quem foi adversario irreconciliavel, dedicou Carlos de Laet algumas das suas satiras mais amargas. De uma feita — contava — foi ouvir uma conferencia de Ruy sobre Camões. Como de praxe, o eminente orador alongou-se infinitamente, tomando a noite toda com a biographia do poeta dos *Lusiadas*. Dahi a conclusão maliciosa de Laet: "Camões era, indiscutivelmente, pessôa muito estimada pelos seus talentos e virtudes de poeta e de homem. Mas, quando elle morreu ás duas da madrugada, foi um allivio geral..."

*

Quantas situações pittorescas foram attribuidas ao admiravel José do Patrocinio! Conta-se que, certa vez, entrou elle aos cambaleios no theatro em que devia fazer uma oração de caracter civico. Ao subir ao estrado, rumo da tribuna, Patrocinio tropeçou numa cadeira e desabou estrondosamente no soalho. Dahi o riso unanime da assistencia. Mas Patrocinio, sem se perturbar, encontrou esta sahida felicissima, que provocou applausos reboantes: "Infeliz povo que ri num dos momentos mais amargos da sua vida, que ri quando devia chorar!"

O nosso collaborador Roquette-Pinto ouviu-o dizer no Lyrico, num improviso vehemente: "Um povo que tem artistas não morre".

E' divertida foi a sua resposta de director de jornal ao typographo que ia reclamar o pagamento de dois mezes atrazados. "Quanto é que você ganha por mez, rapaz?" "Duzentos mil réis..." "Mas duzentos mil réis — objectou Patrocinio — é uma miseria para quem como você tem mulher e filhos, tem o encargo de tanta gente a sustentar... D'ora em deante, você ganhará trezentos mil réis por mez. Vá logo communicar isto ao gerente da folha. Trezentos e não duzentos..." E o pobre typographo sahiu meio atarantado, sem saber se devia chorar ou rir, se devia rejubilar com o augmento ou compungir-se com a desgraça de soffrer dahi em deante um callote maior...

*

Coelho Cavalcanti, hoje afastado das lettras, molhava muitas vezes a penna no tinteiro de Camillo e era um temivel acutilador das vaidades e das bobagens alheias. Com um pouco de mongol e de fidalgo flamengo na physionomia, viveu sempre carregado de explosivos satiricos, de modo que nem mesmo os amigos se sentiam muito tranquillos junto delle. Foi elle que desancou um politico gaúcho, e, depois de mimoseal-o com uma anthologia de desaforos, concluiu: "Se fosse possivel salgar a alma de um tal sujeito... o sal apodreceria".

De outro typo, este de estatura microscopica, costumava affirmar: "Quando elle morrer, dirão, ao ver-lhe o caixão minusculo: lá vae um anjinho. Tudo parece feito em miniatura nessa amostra de gente e, nelle, só ha uma coisa realmente formidavel: o tamanho das orelhas."

*

Intelligencia fulgentissima, verdadeiro homem-orchestra, Nuno de Andrade foi medico, hygienista, professor, jornalista e economista, além de ser o Felicio Terra de tantas narrações incomparaveis. Era verdadeiramente um desses homens prodigos que espalham o espirito ás mãos cheias. Palestrar com elle importava numa festa para os que sabem entender as finissimas ironias. Foram dizer-lhe, de uma feita, que certo poetoide, tão rico de caspas quanto pobre de inspiração, falava mal delle. E Nuno de Andrade, com aquella voz dulcissima de uma tão venenosa corrosão: "E' curioso que esse mocinho fale mal de mim. Não me recordo de ter-lhe feito favor nenhum".

De um reporter de certo jornal vespertino, cuja bibliotheca era composta de gravatas e bengalas de alto preço, costumava repetir: "Eis ahi um bom negocio a fazer-se, um negocio que daria grande lucro: comprar Fulano pelo que elle vale realmente e vendel-o pelo que elle suppõe valer..."

E. A. P.
Empreza de Administração Predial
Sociedade Civil
Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias
Direcção de
WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA
AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Illustrações, capas de livros:
Paulo Werneck — Tel. 5-2388

BENJAMIN LIMA — ESSE JORGE DE LIMA! — Adersen Editores — Rio, 1933.

O sr. Benjamin Lima é um dos nossos poucos theatrologos de idéas e as suas peças, sendo ouvidas sem enfado pelas platéas cultas, resistem á leitura mais attenta e esmiuçante, o que importa em grande louvor, porque theatro é tambem um genero litterario e, queiram-no ou não os cacographos, só escapa ás unhas do tempo aquillo que está realmente "escripto", "bem escripto".

Como ensaista, o sr. Benjamin Lima, fazendo jornalismo ha proximamente uns vinte annos, prodigalizara-se em centenas de artigos, em que não havia dispersão de intelligencia, por isso que vivificados todos por uma bella cultura e pelo desejo de ver decuplicado, em nosso paiz, o prestigio das obras de arte ou das creações de pensamento puro.

Todavia, até agora, o talentoso homem de lettras não ligara seu nome a um trabalho de critica da extensão, das proporções deste. Aqui estão, com effeito, quasi duzentas paginas consagradas a uma das figuras de maior altitude em nossa joven poesia, a esse radioso Jorge de Lima que a nossa revista não se tem fatigado de louvar, através das vozes autorizadas de Valdemar Cavalcanti, Lucia Miguel Pereira e outros collaboradores seus.

O ensaio, que nada encerra de guindadamente dogmatico, é da melhor leveza e finura impressionistas, dando idéa de um passeio, de uma "flânerie", entre sentimental e ironica, através do Jorge de Lima romancista, ensaista e poeta, com escalas pelas *Mulheres de Salomão*, pelas criticas a Proust e a Mario de Andrade, pelos deliciosos versos daquelle que caracterizou muito bem o seu proprio rythmo nestas simples palavras: "tão bambo, tão mollengo, tão dengoso".

Accentue-se que, sendo a personalidade e a obra de Jorge de Lima o nucleo do livro, não lhe faltam accessorios dos mais attraentes, como as allusões a Plinio Salgado, á utilidade therapeutica do "humour" e ás varias "brasilidades" que devem compôr um verdadeiro ideal de brasilidade.

A Religião segundo Bergson

As linhas que se seguem, entaladas na angustura destas columnas, não poderiam, sem se exporem á mesma sorte mutiladora das victimas de Procusto, seguir de perto todo o raciocinio bergsoniano em torno da religião.

Temos, assim, que contentar-nos com escassa respiga.

Bergson convence-nos... de que *As formas elementares da vida religiosa* merecem bem a denominação de obra classica. Construida sobre o granito dos factos, a obra de Durkheim continúa de pé, sem que a solapem ou abalem os jorros de *As duas fontes*.

A leitura da segunda parte do ultimo livro de Bergson não desfez a impressão que a primeira nos deixara. "Religião estatica" e "religião dynamica" são, sem duvida, duas expressões originaes. Mas expressões, apenas. Porque, a paginas 606 da obra citada, já Durkheim perguntava, para responder em seguida, como explicar o culto individual e o caracter universalista de certas religiões, sendo a religião, como é, um producto de causas sociaes; como, tendo nascido *in foro externo*, poude ella passar para o foro intimo do individuo e nelle immergir cada vez mais profundamente; como, emfim, sendo obra de sociedades cada vez mais definidas e individualizadas, poude destacar-se dellas, até ser concebida como a cousa commum da humanidade.

Bergson define a religião estatica "uma reacção defensiva da natureza contra o que, no exercicio da intelligencia, possa haver de deprimente para o individuo e de dissolvente para a sociedade". Natureza, nessa definição, quer dizer instincto. Não o instincto em sua integridade, mas, impregnado que está de intelligencia, um residuo apenas, um instincto virtual. Como pode, do utilitarismo inconsciente que é essa reacção instinctiva tendente á conservação do individuo e do grupo, surgir a noção do "sagrado"? Como pode o homem passar dahi ao mundo ideal em que se encontra a religião? Bergson não explica. E' bem verdade que a religião é, antes, acção e que o instincto é igualmente do dominio da actividade. Mas é na actividade voluntaria, e não instinctiva, que a religião tem sua esphera de acção, porque só a vontade, e jamais o instincto, pode soffrer a influencia dos valores ideaes.

Entretanto, sem acceitar-lhe a doutrina, é, ainda aqui, em Durkheim que Bergson se inspira. Elle escreve em *Les deux sources*, ps. 213 e 214: "A religião é principalmente acção. — A religião revigora e disciplina: quer dizer que não ha religião sem ritos nem cerimonias". E Durkheim: "A verdadeira funcção da religião não é fazer-nos pensar, enriquecer nosso conhecimento... mas fazer-nos agir, ajudar-nos a viver... E emquanto acção, emquanto meio de fazer viver os homens, a sciencia não poderia substituil-a... A fé é, antes de tudo, um *élan*, uma ansia de agir, e a sciencia permanece sempre á distancia da acção". (*Les formes élémentaires*, ps. 595 e 614).

Bergson repelle a noção de uma força impessoal — o *mana* — como origem da crença nos espiritos. Pragmatista a seu modo, redul-a ao que elle chama o sentimento de uma *presença efficaz*, sentimento suggerido por uma necessidade vital, que traduz o *primum vivere*. E, como se uma religião fosse uma philosophia, como se as crenças religiosas fossem theorias philosophicas, pretende que filiar a religião primitiva a um systema de idéas é ter por intellectuaes os nossos mais remotos antepassados. Entretanto, é o proprio Bergson quem noutro passo de seu livro nos ensina esta cousa, aliás, já sabida, que as idéas religiosas são algo mais que a especulação pura e simples. E depois, poderia ainda allegar-se que todo grupo humano, ainda que primitivo, é constituido, antes de tudo, pela idéa que de si proprio elle faz. Elle é, como disse Espinas, "um organismo de idéas".

A religião, affirma com Durkheim Henri Bergson, é principalmente acção e não existe sem ritos nem cerimonias. Mas acção ritual é acção collectiva, symbolizadora de idéas e sentimentos, os quaes, aliás, só são possiveis graças aos movimentos externos que os exprimem. Explicar essas acções, idéas e sentimentos, collectivos como reacções do instincto individual é reduzir o composto ao simples, o todo á parte, a sociedade ao individuo e não é, portanto, explicar.

Outra, que não a reacção semi-instinctiva, é a fonte, para Bergson, dessa disposição de espirito a que elle chama religião dynamica, desse estado mystico em que o homem se vota, todo amor, á humanidade inteira e se sente capaz de viver de uma vida impessoal. Essa fonte é a intuição mystica. Intensificando-se e completando-se em acção, ella faz que haja entre a religião estatica e a religião dynamica uma differença de natureza. Alli, acção inhibitoria; acção libertadora, aqui. E' pela intuição que se realiza esse estado que Bergson define como sendo o mysticismo e pelo qual o homem entra em contacto com o esforço creador que a vida manifesta, esforço que vem de Deus, se não é o proprio Deus. Definição metaphysica. Reconhece-o expressamente o philosopho quando, mais adeante, "esclarece" que o amor mystico da humanidade não prolonga o instincto, nem deriva de uma idéa, não se confunde com o sensivel nem com o racional e, mais do que moral, é metaphysica a sua essencia.

Como demonstrar a realidade desse contacto, dessa intuição? Pela experiencia dos grandes mysticos, responde Bergson. Individual e excepcional, fugindo á verificação e á repetição, a experiencia mystica não se distingue, todavia, da experiencia e observação scientificas, que nem sempre podem, tão pouco, ser verificadas ou repetidas. Ha que conceder isso a Bergson. Taes experiencias são acceitas como verdadeiras, simplesmente porque são scientificas. E' a autoridade da sciencia que as impõe como taes. Mas essa autoridade, esse prestigio, esse valor, como, aliás, todos os demais valores, é a opinião social quem os confere. Nestas condições, o mysticismo nada pode affirmar que a sciencia negue, nada pode negar que a sciencia affirme, nada postular que não se funda, de um modo ou de outro, em principios scientificos. Quando os grandes mysticos tiverem, perante a opinião, a autoridade que perderam e que hoje possuem os homens de sciencia, então as experiencias verdadeiras serão ás experiencias mysticas...

V. de Miranda Reis.

AMAZONIA

A rehabilitação da Terra e do Homem

A Amazonia, depois de ter sido o "El Dorado" dos aventureiros solertes e dos politicos mediocres, ficou reduzida a essa coisa triste e precaria: um assumpto de litteratura. Terra surprehendente de mysterios e de assombros, desde o momento em que o collapso do preço da borracha lhe abriu o caminho declivoso da fallencia, a Amazonia, deixando de pesar na balança economica do paiz, passou a ser um simples manancial da rhetorica brasileira. Cahiu no dominio do lyrismo nacional — e passou então a ser explorada por uma especie nova de aventureiros: — os contadores de historias...

*

De resto, em todos os tempos, a Amazonia teve sempre, na fantasia do lyrismo nacional, uma utilidade singular: era o ponto de referencia com que costumavamos humilhar os outros povos do mundo... Os seus rios empolados de "pororócas" eram os maiores do universo; as suas espessas florestas assombradas eram as mais espantosas: as plumagens das suas aves eram as mais exquesitas e raras; os fructos exoticos, as flores de extranho colorido, as aves de voz canora, os animaes de multiplo aspecto — eram tudo surprezas e maravilhas com que espantavamos os outros povos da face da terra, enchendo-os de inveja e incredulidade... E segundo o nosso proprio e ingenuo depoimento, no meio de todas aquellas grandezas cyclopicas, no meio de todo aquelle estranho mundo de deslumbramentos e lendas, de immensidades e espantos, só uma coisa era pequena, humilde e triste — o homem!

*

Realmente, no consenso unanime de todos os historiadores da vida amazonica, o homem esmagado pelo terror cosmico, era na enormidade d'aquelle mundo novo um intruso melancolico, que a natureza esmagava com uma violencia implacavel. Doente e incapaz, era um vencido. A natureza, segundo diziam, não deixara logar para elle entre a fauna e a flora d'aquella região phenomenal. E aos olhos de todo o Brasil o homem da Amazonia continuava a ser aquelle mesmo Judas Ahasverus, cujo perfil doloroso Euclydes da Cunha desenrolara no clarão relampejante de uma pagina tumultuosa.

*

Esqueciam todos, deante do logar-commum desse preconceito, que a Amazonia é uma immensidade, onde não existe um homem apenas, mas uma multidão. Na Amazonia não ha o caboclo: ha caboclos; na Amazonia, não ha o seringueiro: ha seringueiros; na Amazonia não ha o indio: ha indios. Se é verdade que aqui, n'uma ou n'outra região, se nos deparam caboclos madraços e tristes, opilados e velhacos, adiante, n'outra região, vamos encontrar caboclos que são modelos de energia, de agilidade, de coragem, de honradez; se este indio é arisco e perigoso, aquelle é franco, leal e acolhedor; este seringueiro póde ser deshonesto, malandro, miseravel, sem que isto impeça que n'outros seringaes haja seringueiros operosos, saudaveis e dignos. Aquillo é um mundo — e dentro d'aquelle mundo, que é immenso, ha logar para todas as especies de gente.

*

No livro que escrevemos sobre a Amazonia (*Pussanga*) ha exemplos disso. Nesta pagina (*Areia gulosa*), encontramos o caboclo do Baixo Amazonas, velhaco, doente, madraço, triste; adiante (*Sobejo da cobra grande*) o que vemos é o caboclo dos arredores de Belem — sentimental, valente e honrado; no *Putirum dos espectros* se nos depara a população decadente, supersticiosa e miseravel das ilhas onde a situação é de ruina integral, ao passo, que no *Ladrão de Mulheres* vamos entrar em contacto com os canoeiros do Salgado, que são exemplares typicos da bravura, da intelligencia e da honradez. Por isso mesmo, quando o meu amigo Nunes Pereira, n'um impeto de exaltação do seu exacerbado bairrismo amazonico, considerava "fóra de fóco" o caboclo da *Pussanga*, nós declaravamos que elle não lêra o livro todo... Porque se o tivesse lido, certamente não nos faria tamanha injustiça... Positivamente em *Pussanga* não havia o cabôclo — symbolo do homem da Amazonia, mas havia muitos cabôclos, todos os cabôclos, bons ou maus, tristes ou alegres, doentes ou saudaveis, que habitam as beiras empantanadas daquelles rios immensos ou sonham taciturnos á sombra daquellas mysteriosas florestas povoadas de lendas e de espantos...

*

Mas eu não tivera francamente a intenção de negar ou de defender o cabôclo da Amazonia: essa preoccupação não cabia num livro de ficção, que pretendia tão sómente fixar episodios e paizagens de uma terra que vivia, ha muitos annos, adormecida, dentro da minha memoria e da minha saudade. Desejava, porém, com franqueza, que outro escriptor, com mais autoridade do que eu, viesse um dia fazer aquillo que devia ser feito quanto antes: rehabilitar o homem da Amazonia. Esse grande e nobilissimo serviço acaba de ser prestado á Amazonia pelo sr. Araujo Lima. Elle, de resto, não se limitou a essa rehabilitação unilateral e fragmentaria: foi mais longe e fez tambem a defeza da terra amazonica, tão desconhecida e tão calumniada. *Amazonia, a terra e o homem* — é um livro de amor e sabedoria. Posto seja possivel discordar de uma ou de outra das suas conclusões, não se pode negar que é um livro honesto, serio e sincero.

*

A attitude dos escriptores brasileiros em face da Amazonia tem oscillado entre os extremos deste dilemma: ou um delirante optimismo, ou um pessimismo sombrio. A esta cathegoria pertencem os creadores da mentalidade *Inferno Verde* (Alberto Rangel, Euclydes da Cunha, Carlos Vasconcellos, etc.); áquella se filiam os creadores da mentalidade *Paraiso Verde* (Raymundo Moraes, Eneida, Jorge Hurly, Paula Barros, Alfredo Ladislau). Ambas incidem no mesmo erro: fazem litteratura. São falsos, artificiaes e hyperbolicos. Creio que aos estigmas dessa alternativa só escaparam dois escriptores: Gastão Cruls (*A Amazonia que eu vi*) e eu

(*Passanga* e *Drama do seringal*). E' que ambos nos limitamos a dizer o que vimos na Amazonia, sem tomar partido a favor nem contra a Terra Verde. Agora, Deus louvado, vem formar ao nosso lado mais um escriptor, o sr. Araujo Lima, que tambem pretende fugir ao radicalismo desses juizes extremados, confessando que a Amazonia não é inferno nem paraizo. Em todo caso, ou eu muito me engano, ou o sr. Araujo Lima se inclina mais a pensar no paraiso do que no inferno, ao inventariar as coisas da Amazonia. Nem andará longe da verdade quem disser que elle commette mesmo, a proposito, algumas contradicções de facil identificação.

A ausencia de indice neste livro colloca o critico em difficuldades no momento de fixar certos cotejos e certas verificações. Comtudo, é possivel apontar as encruzilhadas da obra em que as opiniões do sr. Araujo Lima collidem umas com as outras, num attricto singular e interessante. Eu não considero isso defeito, porque acho que a contradicção é uma prova de agilidade mental, e propria dos escriptores que, como o sr. Araujo Lima defendem a terra e atiram ás costas do Homem todas as culpas dos males da Amazonia. Logo depois, porém, faz-se advogado resoluto do Homem, e quasi que a gente tem a impressão de ver as suas objurgatorias ricochetear sobre a Terra... Lendo com attenção o livro, verifica-se aliás que elle não desmente as velhas accusações assacadas contra o cabôclo da Amazonia: prefere explical-as, o que faz com logica e com brilho, attribuindo os defeitos apontados a factores biologicos, sociaes e economicos. Aqui elle fala como homem de sciencia, e tem observações agudas e exactas. Eu teria prazer em discutir com elle alguns pontos em que as nossas opiniões, no assumpto, não se harmonizam. Mas isto exigiria espaço e tempo, de que não disponho no momento. Devo confessar, porém, que o livro, nas suas linhas geraes, é excellente, está certo, e representa o labor honesto e imparcial de um homem que pensa, que estuda e que observa. Não é contrafacção de cultura nem sub-producto de estylo: é um ensaio de sociologo e uma obra de escriptor.

*

Para terminar, quero dizer ao sr. Araujo Lima uma coisa: a rehabilitação do homem da Amazonia é um assumpto de palpitante actualidade e unanime interesse. Ainda ha pouco, a proposito, o padre Maia que educou na companhia dos salesianos centenas e milhares de indios fez, por exemplo, algumas affirmações que desafiam a credulidade bronca dos civilisados segundo confessa o sr. João Ribeiro.

Aos sete, aos oito annos de edade certos indios emancipam-se da tutela das tribus; fazem-se pescadores e caçadores como se fossem homens feitos e realmente o são.

Tendo seguro e garantido o alimento, desprendem-se da tribu como enxames de abelhas industriosas e independentes.

Os padres verificaram ainda outras maravilhas. O menino civilisado necessita dois mezes para conhecer bem o abecedario. O indio, não. Em um só dia aprende o alphabeto com toda exacção e nitidez.

Essa memoria prodigiosa corresponde a outros poderes e faculdades mentaes de incrivel intensidade.

*

Como vêem, o homem que revela taes faculdades, é surprehendente e admiravel. O caso, porém, comporta uma advertencia, e vem a ser o seguinte: que é tão perigoso e falso generalizar a observação do padre Maia a todos os habitantes da Amazonia, como falsa e perigosa havia sido a generalização da idéa inversa, do que tudo na Amazonia era bello e grande — menos o homem...

PEREGRINO JUNIOR.

— Pitigrilli, que na realidade é o doutor Dino Segre, tornou-se um dos escriptores mais lidos na Italia e, dos italianos, um dos que mais ligeiramente correm mundo. Nasceu em 1893 num dos mais formosos trechos de Turim, onde ainda hoje habita. Seu primeiro volume, *Mammiferos de luxo*, logo o impôz como um analysta cynico e meio feroz do outro sexo, sendo, de resto, interessante que Pitigrilli encontrasse milhares de boccas elogiosas exactamente entre as frageis e vaidosas creaturinhas que tanto satirizava. Para elle, o amor nada encerra de metaphysico e é uma questão que apenas diz respeito á physiologia. Seus volumes subsequentes, *O cinturão de castidade*, *Cocaina*, *Ultrage ao pudor*, *A virgem de dezoito quilates*, etc., são do mesmo humorismo sarcastico. Tambem critico e biographo em dados momentos, Pitigrilli traçou o agudo perfil da poetisa Amalia Guglielminetti, louvando-lhe os versos com o mesmo fervor com que a versejadora agradecida lhe tem louvado sempre as prosas...

Edições da

Livraria Catholica

Tristão de Athayde:
Politica
2ª edição — 12$000
Economia Prepolitica
6$000

Alcebiades Delamare:
Soldado de Christo
5$000

Jonathas Serrano:
Philosophia do Direito
7$000

Felicio dos Santos:
Casos Reaes a Registar
6$000

Durval de Moraes:
I Fioretti de S. Francisco de Assis
6$000

Helena Velasco:
Vida de Santa Ignez
3$000

D. Sebastião Leme:
Acção Catholica
6$000

Loubled:
Vida do Jovem
4$000

Odyllo Costa Filho:
Selecta Christã
5$000

Abbé Thomas de St. Laurent:
O Livro da Confiança
4$000

Conrado Van Kessel, SS. CC.:
O Heróes de Molokai
4$000

Murillo Araujo:
As Sete Côres do Céo
5$000

Pedidos á

LIVRARIA CATHOLICA

RUA RODRIGO SILVA, 7

RIO DE JANEIRO

MAUÁ E OS MARXISTAS

Na divergencia Castro Rebello-Hugo Antunes (veja-se o livro *Mauá* do 1º e o artigo do 2º publicado no ultimo numero desta revista) ha um sem numero de aspectos muito curiosos, mas um sobresáe de tal modo que não posso me furtar ao prazer de vir analysal-o aqui.

Não conheço o sr. Hugo Antunes. Ouço apenas falar da sua cultura marxista, da sua coragem pessoal — elle que não goza, como o seu adversario, "dessa coisa subtil que é o prestigio burguez". Não me interessa aliás aqui a sua personalidade, apenas a critica que faz á preoccupação do snr. Castra Rabello de trazer ás suas verdadeiras proporções a figura de Mauá — cuja hypertrophia, segundo ambos, resulta do trabalho de Alberto de Faria.

Entre os dois, — marxista que acha que é preciso escrever um livro para "restaurar a verdade" em relação á personalidade de Mauá, e marxista que julga inutil e superficial, "burguez", discutir a figura de um "commerciante" — o curioso é que, apezar do 1º marxista ser o sr. Castro Rebello, é elle entretanto quem está com a razão...

Talvez eu me engane. Mas tudo indica que o snr. Hugo Antunes quiz tomar uma dessas posições por demais *au dessus de la mêlée*. Isso já não ficou muito bem á grande estatura de Romain Rolland em 1914... Fica bem peor ainda ao jovem marxista que, provavelmente por excesso de zelo, desprezou demais. Parece que é preciso menos enthusiasmo marxista e mais cuidado com os termos do problema. Parece que é preciso ser um pouco mais "realista"...

Talvez o snr. Hugo Antunes não conheça de perto o grande vulto de Mauá — por julgal-o, quem sabe, indigno do seu interesse, como já o julga indigno da sua admiração. Ou talvez só o conheça atravéz do livro do snr. Castro Rebello — o que certamente é bem peor. Mas é nos proprios termos em que o autor colloca o problema que o venho discutir aqui. E o que quero affirmar é que, na contenda com o snr. Castro Rebello, é este ultimo quem tem razão — e isso do proprio ponto de vista communista.

*

Examinando-a de perto, vemos que a these do snr. Hugo Antunes é que Mauá tendo sido um "commerciante" não podia ter sido outra cousa que um simples commerciante. Donde a inutilidade de qualquer refutação de obras que pretendam mostrar que, mais do que aos seus interesses proprios, esse "commerciante" attendeu aos interésses da sua patria. Donde a irritação contra a affirmação do snr. Castro Rebello que a biographia de Mauá está por ser escripta: "Modestia!, clama elle. Mauá teve dois livros e elle não os valia. Se é verdade que ella ainda está por escrever, valerá a pena fazel-o?"

Ora, o que quero mostrar aqui é que o "commerciante" que Mauá foi não póde, a menos de se julgar com má fé, ser encarado com o desprezo — injustificado e de certo modo infantilmente marxista — com que o snr. Hugo Antunes o trata.

Um facto não póde ser negado: tendo agido por esse ou por aquelle motivo, levado por um interesse cégo ou por um sadio idealismo, é indiscutivel que Mauá *agiu*. E o que é mais innegavel ainda é que, dessa sua acção, resultou para o Brasil uma serie de emprezas que são, indiscutivelmente, as fontes dos seus mais vultosos melhoramentos materiaes.

Negará o snr. Hugo Antunes as estradas de ferro, o gaz, o telegrapho, a navegação no Amazonas? Ou será que o jovem marxista nega a "utilidade" no Brasil (e no Brasil do seculo XIX...) desses melhoramentos, entretanto fundamentaes para a civilização, para o começo da "electrificação" (usando a expressão de Lenine) — dessa nossa Russia, ainda mais atrazada e ainda mais abandonada?...

Não creio que o snr. Hugo Antunes, que certamente admira a obra de industrialização de Staline na Russia do seculo XX, possa condemnar ao silencio — ao silencio que elle julga "de ouro" — a obra de civilização de Mauá no Brasil do seculo XIX. Os motivos de cada um serão, sem duvida, differentes. Por isso os louvores do autor a um terão que ser maiores que os ao outro. Mas, sómente porque Mauá era um burguez, um capitalista, os melhoramentos reaes que trouxe ao Brasil deixam elles de existir?

Talvez, se fossem desses melhoramentos que só nós "burguezes" consideramos como taes. Mas acontece, por infelicidade do snr. Hugo Antunes, que, muito ao contrario, trata-se de uma melhoria material — trata-se do mesmo genero de progresso pelo qual os dirigentes da U.R.S.S. tanto lutam hoje em dia, com o apoio dos marxistas de todo o mundo...

Não deve haver, pois, duvida: ainda que reservando para si uma parte dos lucros (como a sua "consciencia" lhe permittia), Mauá trouxe para o Brasil uma melhoria innegavel. Concordemos que não o beneficiou com 100 % do lucro havido. Mas a parte que deu — a grande parte que deu, e que deu podendo não dar nada — essa parte não é nada?... E, sobre essa contribuição, é justo que se permaneça na attitude de não-tomada de conhecimento, no "silencio de ouro" do snr. Hugo Antunes?...

Assim não pensa o snr. Castro Rebello. E, do ponto de vista marxista, revolucionario, é elle quem tem razão. Pois, desse ponto de vista — para o qual é preciso que Mauá não tenha sido esse grande idealista biographado por Alberto de Faria — que desmente as chapas officiaes e eternas dos banqueiros usurarios e dos commerciantes exploradores — desse ponto de vista, pois, não basta negar simples e candidamente a importancia de Mauá. Os resultados da sua acção, os beneficios da sua vida, estão todos ahi a gritar coisa bem differente. E as consequencias de uma negação total, feita ás cegas, podem mesmo vir a ser bem peores.

Disso, a experiencia "burgueza" do sr. Castro Rebello bem sabe. A' impetuosidade — corajosa, mas ingenua — do jovem marxista que quer abstrair desse "herói" que lhe contradiz por demais as theorias, oppõe habilmente a depreciação reflectida e apparentemente documentada, a diminuição systematica do homem que é preciso que não possa ser admirado. Sabiamente não nega a existencia de frutos que todo o mundo está vendo. Procura apenas descobrir na arvore vicios e fraquezas. Busca provar que a parte de beneficio que Mauá trouxe ao Brasil é bem menor do que se diz, e procura salientar que foram apenas motivos de interesse pessoal que o levaram a agir desse ou daquelle modo.

Se o seu livro estivesse certo, se houvesse bôa-fé na

sua argumentação, a these seria naturalmente discutivel... Mas mesmo sem isso — e certamente sem isso — o snr. Hugo Antunes lucraria, da leitura attenta do livro, a certeza de que a importancia de Mauá foi, na sua época, decisiva. E em vez de accusar o snr. Castro Rebello de ter feito a "reconstituição historica" da época surgir "accidentalmente da biographia de Mauá" (ao contrario do que lhe parecia normal) comprehenderia emfim que é impossivel escrever a historia dos nossos melhoramentos materiaes nessa época a não ser que se o faça em funcção da figura de Mauá.

E aprenderia ainda que o "zelo marxista", se manda vencer todos os obstaculos que appareçam, não manda negal-os cegamente — pelo menos alguns delles, esses por demais visiveis... No caso, por mais que pareça aos que conheçam as peças do processo, o snr. Castro Rebello, — dos dois — foi o "melhor" marxista...

Octavio de Faria.

A proposito de "Urucungo"

"A minha geração é cêra molle", dizia outro dia Ludwig Rubiner em *Dichtungen zur Weltrevolution*. Recordo a phrase unicamente para justificar a minha mudança de pensamento a respeito do mesmo assumpto *Urucungo*. Devo este segundo artigo sobre o thema boppiano a Jorge de Lima. O primeiro ficou inedito porque continha muitas injustiças e um proposito bem maldoso de fazer pilherias com alguns nomes que não mereciam. Aliás, defeito grave do modernismo litterario foi esta irreverencia, esse modo molequeiro de dizer graçolas ao pessoal da Academia e a meia duzia de litteratos dignos de certo apreço. De tal peccado não escapou o proprio Bopp no prefacio de seu folheto. Jorge de Lima chamou-me a attenção para a deselegancia de semelhante attitude. Pensei. E achei razão no poeta. No meu primeiro artigo além de omissões de nomes illustres que estudaram o Amazonas como o grande Alberto Rangel, ainda havia brincadeiras com o estylo de Euclydes da Cunha — escriptor de fala complicada mas de talento a mais não ser. Se houvesse esquecido a obra interessantissima do snr. Gastão Cruls, então haveria commettido uma injustiça sem perdão. Acho necessario que a minha geração tenha coragem de confessar suas faltas e reparar uns tantos descaminhos da geração que passou com Raul Bopp, Mario de Andrade, Jorge de Lima, Bandeira e outros.

Porém, passou mesmo? *Urucungo, Poemas Escolhidos, Remate de Males, Libertinagem* mostram que elles não passaram senão a outros planos. Ora, como ia eu dizendo, dos livros que dizem do Amazonas (incluindo a recente magnifica obra de Araujo Lima) é *Cobra Norato* de Raul Bopp o mais desconhecido e o que menos agradou. Foi um fracasso de livraria. Exposto nas vitrines, vendeu-se um volume por encommenda do Instituto Butantan que o julgou coisas de ophidismo. Entretanto pouca gente conhece o Amazonas como Bopp. "*A maior volta do mundo que eu dei foi no Amazonas. Canôa de vela. Pé no chão ouvindo aquellas 1000 e uma noites tapuias. Febre e cachaça. O mato e as estrellas conversando em vóz baixa*".

Da escuridão dessas noites de cachaça e de maleita, e do chôro triste das aguas barrentas, nasceu *Cobra Norato*.

Cobra Norato é todo o Amazonas com a nevrose sexual que as doenças da terra injectam nas veias fazendo brotar os thesouros enterrados no subconsciente.

E' um delirio de febre tremedeira misturada com a obcessão erotica pela filha donzella da rainha Luzia. A picada do mosquito, a immensidão daquelles pannos de terra humida, a opilação que entra pelos pés fazem a gente viver dentro das lendas, como os finos de polaina vivem dentro da moda. O mysterio que erra nas folhas de *Cobra Norato* nós encontramos nessas do poema *Urucungo*.

O mesmo veneno. A mesma cocaina. Mas tambem o mesmo adeus, as mesmas despedidas que Bandeira, Mario ou Jorge de Lima mandaram ao modernismo brasileiro.

O terreno do nacionalismo era estreito demais para elles. A cadencia dos passos meudos pisava e repisava o batuque. *Remate de Males* é uma ponte, *Libertinagem* é uma fuga, *Poemas Escolhidos* têm no seu final um roteiro imprevisto. Esperemos a vêr se taes colombos têm folego para o desconhecido de outras estratospheras.

Pois ha mundos que só depois de Einstein, o asthmatico Proust e o gottoso Meredith conseguiram entrevêr. Só os parnasianos ficam em casa com seus bigodes e tudo.

Oswald de Andrade navega na Russia, Bopp abalou pra China, Jorge de Lima tem malas promptas para a India ou para o longinquo paiz da Passágarda onde Bandeira montou tenda. E' preciso fugir para não se ficar mais triste no *effondrement* desse Occidente pôdre que Massis defende inutilmente — sincero, leal e corajoso como o senhor Tristão de Athayde nessas bandas da America. Todo desejo porém é mudar dessa *chienne de vie*.

Ha um bocejo por tudo e a existencia vae mesmo completamente vacum.

Cesar Luiz Cavalcanti.

Plinio Salgado — O CAVALLEIRO DE ITARARE' — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

O autor dedica este livro á "mocidade das escolas e do Exercito Nacional". "E' — accrescenta — o terceiro depoimento de um contemporaneo. *O Estrangeiro* foi um aviso. *O Esperado* foi um prognostico. *O Cavalleiro de Itararé* deverá ser: ou uma glorificação, ou um anathema á Nacionalidade."

Elle proprio reconhece que se trata de volume "composto atropeladamente, aos pedaços". Sim, evidentemente, não ha aqui a unidade que, mesmo sob uma apparente desconnexão, existia n'*O Estrangeiro*, romance cujos personagens e situações essenciaes ainda hoje nos vivem na memoria, apesar de decorridos, após a sua publicação, uns seis ou sete annos tumultuosos. Aqui ha muita cousa abstracta, allegorica, muita cousa apenas com um valor de symbolo, o que, mesclado a episodios flagrantemente extractados de recantos da cidade ou da roça, produz uma certa confusão de planos, o espiritual e o real, aturdindo um boccado o leitor.

Mas quantos lances frementes de sarcasmo ou de ternura contrariada, em que o admiravel narrador d'*O Estrangeiro* se mostra ainda em plena saude, em plena vitalidade creadora! Não obstante a successividade algo vertiginosa dos quadros e a dansa por vezes fantasmatica dos typos, este Gruber, este Pedrinho, este Queiroga recortam-se com relativa nitidez deante de nós.

A rigor, o que se deve lamentar é que o ideologo ou o sociologo queiram destruir, em Plinio Salgado, o romancista puro. Estamos fartos de manifestos medíocres, de constructores de andaimes nas nuvens, de prophetas que visionam Chanaans e Eldorados para o Brasil. O que nós queremos, em se tratando de um Plinio Salgado, é romance. Faça elle, portanto, romances e não se preoccupe em dar conselhos á "juventude civil e militar".

A. G.

Os "descobridores" de Fawcett

Desde 1925, quando, pela segunda vez, se internou pelos nossos sertões, para não mais voltar, o conhecido coronel P. H. Fawcett, são sem conta os aventureiros que, avidos de escandalo e na esperança de reportagens sensacionaes, ganham o nosso territorio e se propõem a descobrir o infortunado explorador inglez.

Agora mesmo, no novel mas já divulgadissimo hebdomadario parisiense *Marianne*, um tal Tex Harding, allemão que ninguem sabe quem é, conseguiu acolhida para uma série de folhetins em que, sob o titulo de *A' procura de Fawcett*, relata quanta caraminhola lhe veio á cabeça acerca da sua muito duvidosa arremettida Matto Grosso a dentro... sob as asas de um avião.

Usando de processo sem qualquer cunho de originalidade e ainda não ha muito tambem aproveitado por outro aventureiro, o Sr. F. W. Up de Graff, nas suas mentiralhadas sobre os indios Jivaros, da Amazonia, explica o Sr. Harding que veio ter ao nosso paiz fugido á pena de morte que lhe fôra imposta no Mexico por se ter envolvido numa intentona revolucionaria (a bernarda em que Up de Graff tomou parte occorrera na Venezuela).

O allemão, como era de esperar a personagem tão conspicua, teve no Rio uma recepção estrondosa, pois que viera a cavallo da cidade do Mexico á nossa capital, perfazendo um raid de 21.000 kilometros, nunca jamais alcançado por ninguem e do qual, durante dois annos, se occuparam incessantemente todos os jornaes da America do Sul.

Foi aqui, entre dois goles de whisky e as effusões que lhe dera o eventual encontro com um seu companheiro de odysséa no Mexico, o aviador americano Jimmy Burke, que ambos concertaram ir em busca de Fawcett. A viagem até Matto Grosso foi facilima. Deixando Nictheroy num hydro-avião, ao fim de poucas horas estavam em Cuyabá. E' que durante toda a longa travessia, fizeram apenas uma ligeira alta em Campinas (sic). Como não nos consta, exceptuada certa lagôa das immediações de Jundiahy, que nessa cidade paulista haja qualquer pouso para hydro-aviões, provavelmente descansaram em alguma caixa dagua ou repuxo de jardim publico.

Attingida aquella cidade mattogrossense e colhidas algumas informações sobre o possivel paradeiro de Fawcett, os dois audazes itinerantes rumaram para o desconhecido, sempre pelos ares, e acompanhando a breve trecho o longo curso do rio Tapajós, em cujo leito, numa pequena ilha deserta e já em zona inteiramente selvagem, acabaram por buscar abrigo.

Começam ahi os lances mais famosos desses ousados expedicionarios, mas a despeito de todos os riscos que os ameaçam, — pantheras negras de fauces hiantes, giboias e sucurys de todos os tamanhos — sendo que um delles, logo para começar, esteve a pique de ser transformado em almondega entre os aneis de um desses monstros, nada impede que, de vez em quando, Harding fique só emquanto Jimmy volta a Cuyabá para trazer novas provisões de gazolina que lhes garantam as explorações pela redondeza.

Não tardará que os dois alcancem as margens do Xingú, ali tambem a dois passos, numa geographia tão mesquinha que chegamos a duvidar dos nossos oito milhões de kilometros quadrados, e bivaqueiem junto de um affluente desse rio, ignorado, já se vê, de todos os mappas da região (muito embora os seus seiscentos metros de largura) e que elles, novos Roosevelt, passam a chamar de rio *Morto*.

Por ahi é que temos o *clou* da narrativa, com o indispensavel apparecimento do elemento aborigene. Surgem, então, uns indios que estão a desafiar a sagacidade de Roquette Pinto, pois que em tudo differem daquelles que o nosso distincto patricio foi encontrar na Serra do Norte. Os indios do Sr. Harding, alguns de pelle muito branca e olhos azues, usam mascaras de pau, esculpturadas, trazem longos mantos encarnados feitos com pennas de colibris e empunham cajados com incrustações de ouro e marfim. Servem-lhes de meio de transporte fluvial, elegantes barcos vermelhos e azues, bem diversos daquellas toscas ubás do nosso conhecimento.

Harding e Jimmy, graças a uma habil manobra aviatoria, conseguem irromper em pleno aldeiamento indigena e podem capturar um dos seus componentes — terrivel anthropophago, conforme verificam logo pelo exame de seus dentes, de pontas artificialmente aguçadas! Para dar de comer a esse cannibal, era preciso sempre preparar qualquer pratinho "á minuta", como se diz nos nossos melhores restaurantes, isto é, abater algum bichinho, pois que a féra se enojava deante dos alimentos cozidos, e só queria o sabor do sangue fresco.

Mais tarde, sempre com o auxilio do hydro-avião, ambos logram ainda fazer presa mais appetecivel na figura de uma india adolescente que, naquelle mesmo instante, obedecendo a certos rituaes da tribu, ia ser dada em sacrificio a uma horrenda sucury. Tana — era este o seu nome — tinha a pelle ligeiramente oliva e era de extraordinaria belleza.

Excusado é dizer que, em vez de Fawcett, foi essa a creatura que Harding trouxe dos sertões de Matto Grosso para viver com elle, por algum tempo, em Nictheroy, onde juntos "tomavam banhos na praia e passeavam de auto na montanha".

E dizer-se que *Marianne*, ao estampar estas lorotas, diz o seguinte, á maneira de introito:

"O autor deste livro não é um romancista, não é um explorador viajando com intuitos scientificos. Elle espera contribuir para resolver um enigma que agita o mundo ha alguns annos e que é o de saber o que occorreu com o coronel inglez Fawcett e qual foi a sorte que coube a seus companheiros."

Não ha duvida que, deante de tudo isso, vem mesmo a proposito o já annunciado decreto do Governo que, por suggestão do General Rondon, regulamentará o ingresso no nosso paiz de forasteiros que, visando fins scientificos e outros, a cada passo e sem a menor cerimonia, se adentram pelo nosso territorio.

GASTÃO CRULS.

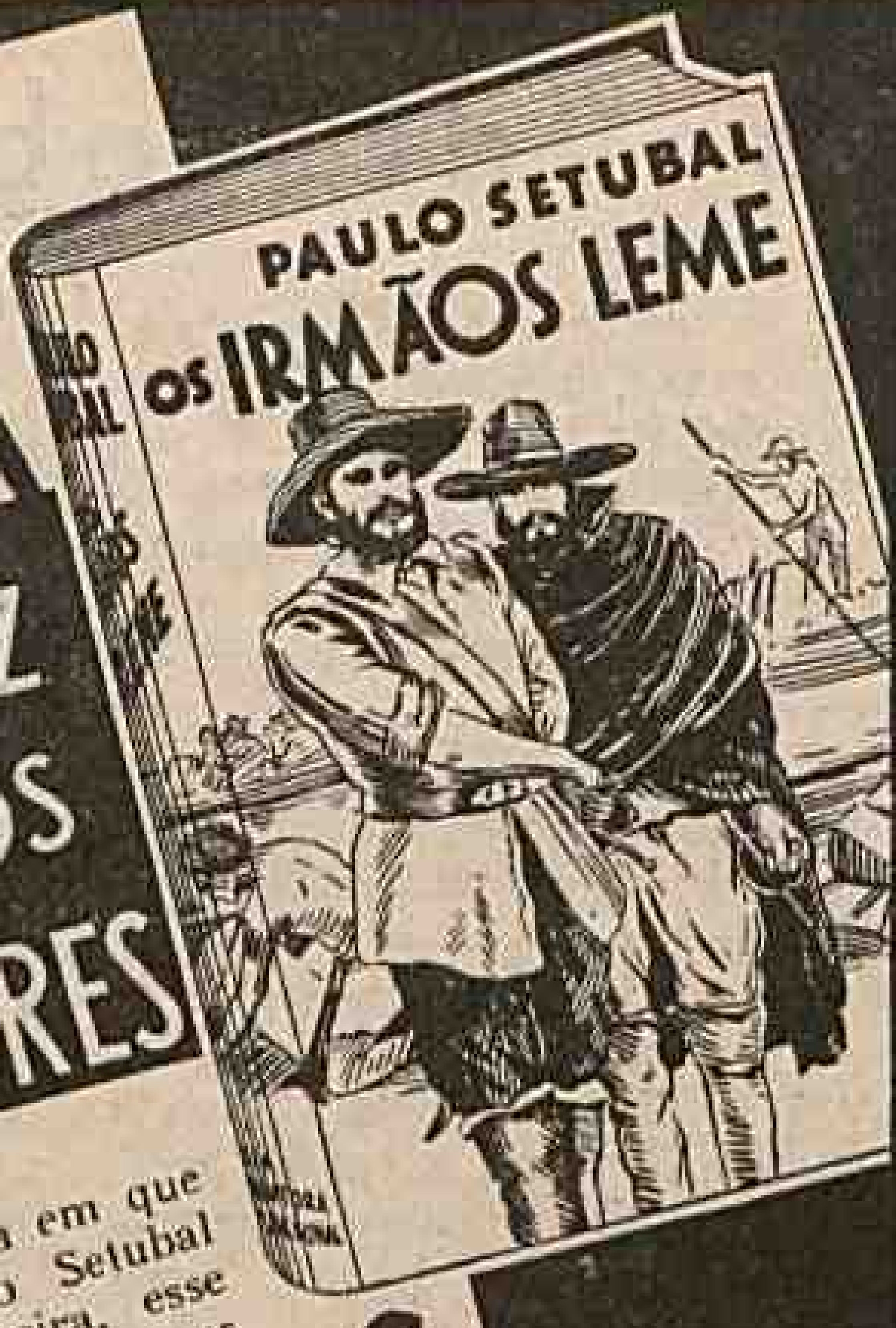
LEIAM:

De MATTOS PIMENTA

A EPOPÉA PAULISTA

Preço: 7$000

Em todas as livrarias



A HISTORIA ATRAVEZ DOS NOSSOS MODERNOS ESCRIPTORES

O Ouro de Cuiabá — é a nova obra historica em que o famoso escritor Paulo Setubal reconstrói, através da intrépida bandeira de Pasqual Moreira, esse romance de aventuras feito de mil acasos, que foi a descoberta das minas de ouro de Cuiabá.

Volume Broch **6$** Enc. **8$**

Os Irmãos Leme — romance historico evocador da éra bandeirante, onde o mesmo autor faz desenvolver a vida tumultuada, verdadeiramente empolgante, de dois singulares desbravadores paulistas. Minas de ouro, aventuras, episodios rudes, cênas de opulencia, tudo está nesse livro de história e de verdade.

Volume Broch. **6$** Enc. **8$**

Mata Gallego — contos historicos do brilhante escritor Viriato Corrêa, onde, com vivacidade, encanto e verdade, perpassam sob os olhos do leitor alguns dos episodios mais curiosos e dos fatos mais palpitantes do passado brasileiro.

Volume Broch. **5$** Enc. **7$**

O Rei Cavalleiro — belo livro de historia e de graça, em que o distinto escritor Pedro Calmon recorta, com a sua pena colorida, sob os aspétos mais interessantes, a silhueta empolgante, tão fascinadora, dêsse nosso irregular e magnifico Pedro I, fundador do IMPERIO BRASILEIRO.

Volume Broch. **5$** Enc. **7$**

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

COMP. EDITORA NACIONAL
R. DOS GUSMÕES: 26-28-30
S. PAULO

Deante da "Realidade Brasileira"

Presentemente se está verificando no Brasil um largo movimento de interesse pelos seus grandes problemas e pelas soluções certas que lhes devem ser dadas. Sente-se a energia de uma irresistivel evolução politica, em verdade ainda imprecisa senão nebulosa quanto aos pontos de chegada.

Jamais estiveram tão ligados os eixos politicos aos economicos como o estão agora. Existirá no mundo um paiz com maior diversidade de casos urgentes a resolver como o nosso? Talvez não. E cada qual mais tremendo. A actualidade é de assombrar. Não se pode ficar indifferente ás tristezas offerecidas por uma perspectiva de futuro sombrio. Teremos, porém, de arcar com as consequencias rumorosas de erros accumulados; e corajosamente teremos tambem de abrir novas sendas com o auxilio da cultura isenta de sentimentalismos.

Dos debates travados fóra das massas, a elite e a sub-elite lançam mão de resultados esparsos para que, aproveitados devidamente, se divulguem e, por outro lado, sigam o caminho de sua desejada finalidade social. Começam a sahir os primeiros estudos moldados nos rigores do materialismo historico. E' possivel que alguns delles não resistam á offensiva de uma critica séria. No campo adverso, naquelle que admitte a influencia de factores moraes, a producção livresca nada tem de insignificante, acompanhada que é de perto por uma acção organizada, orthodoxa — sabendo quaes os degráos a subir.

O sr. Caio Prado Junior vem de publicar um ensaio em que aprecia a historia brasileira segundo o methodo de orientação materialista. Não é obra definitiva. Apressada, carecendo de uma revisão — tantas as falhas injustificaveis. Sem duvida seu livro representa assim mesmo como está um nobre esforço mental: bem escripto e, sobretudo, muito interessante.

O Brasil do periodo colonial e imperial é encarado dentro das linhas marxistas que ensinam ser a politica a economia concentrada. Não sei por que o autor omittiu referencias a luctas desenroladas no Nordeste nos começos do seculo passado. Omittiu, eis o termo, pois não é crivel esquecel-as, tanto mais quanto suas origens são de ordem economica. Entretanto, demora-se na apreciação de outros acontecimentos revolucionarios que, relativamente, não representam notavel significação.

A Constituinte de 1823 é olhada com cuidado e resaltada sua incontestavel importancia. Estudo tambem recente do sr. Rodrigo Octavio Filho focalisa aspectos daquella nossa primeira assembléa de homens cultos. Mostra a intensidade de sua projecção, salientando a força poderosa que procede directamente dos factores economicos. Nesse seu trabalho revela o escriptor a sobriedade e clareza que infelizmente não se notam nessa derradeira phase do sr. Oliveira Vianna.

Outro livro — *Introducção á Realidade Brasileira*, este de autoria do sr. Affonso Arinos Sobrinho, acha que a solução politica pode vir da egreja. Neste sentido se alongam as considerações. Encerra um fiel resumo do communismo atravéz dos tempos e do fascismo traça a sua historia — historia que é de hoje. No capitulo sobre a interferencia do intellectual no poder publico o bom senso norteia a explanação.

O restante dos commentarios consegue irritar, devido ao reaccionarismo exaggerado, embora sincero, descoberto e cheio de vivacidade argumentadora. A gente póde não applaudir o que diz o sr. Affonso Arinos Sobrinho, mas estima a sua franqueza, tomando posição, espontaneamente, para ir bater-se na vanguarda. Isto não deixa de ser muito sympathico no ondeante momento que vivemos de evidentes e lamentaveis confusões idéologicas.

ADHEMAR VIDAL.

FOURIER

Dentro de alguns annos, será celebrado o centenario da morte de Charles Fourier.

A idéa central deste socialista candido e utopico era uma especie de regresso á natureza, uma nova experiencia humana, pondo-se "sem effeito" na sociedade actual e procurando-se a melhor maneira de reabrir o paraiso terrestre.

Saint-Simon trabalhara no Monte de Soccorro. Fourier foi contabilista e caixeiro-viajante, exercendo uma profissão de Gaudissart bem differente das suas aspirações de poeta e propheta. Mais tarde, negociando por conta propria, falhou, devido á incapacidade de ludibriar os freguezes. Seu discipulo predilecto chamava-se Victor Considérant (nome solenne).

Depois de uma vida humilde e nobre, foram encontral-o morto, de joelhos, ante o seu leito. Amigo da ordem, Fourier queria ver tudo limpo, tudo no respectivo logar, tudo bem engraxado, polido, envernizado, com uma meticulosidade burgueza de personagem maniaca de comedia.

Achava que toda a civilização devia ser concertada. Como Comte, tinha a preoccupação de dividir a humanidade em estados historicos. Gostava das classificações, dos systemas, numa effervescencia de idéas sempre interessantes, quando não justas. Pretendeu ser o associador por excellencia, e nisto é bem moderno, tendo comprehendido, muito antes de Lassalle, o valor das grandes cooperativas. Antes de Maeterlinck mandava os homens tomarem lições de organização da vida com as abelhas e as formigas.

Embora celibatario, prégou a super-população. Anti-moralista, achava que não se deve refrear nenhuma paixão e que todas as paixões são, em ultima instancia, uteis.

Pittoresco na dialéctica, desejava que todo trabalho se executasse com prazer, desejava que até os guarda-livros trabalhassem ao som da musica. Homem timido e desconfiado, pretendia que todos vivessem juntos. O seu "phalansterio" ficaria bem num formidavel arranha-céo. Ninguem redigiria melhor do que elle os estatutos das actuaes sociedades mutualistas.

A sociologia de Fourier é em fórma de pastoral, é a Arcadia com boa escripturação mercantil. Seus phalansterios vivem em communhão idyllica, com uma doçura entre Fénelon e Florian. Queria a sua tribu feliz, tomando refrescos de groselha, coroando-se de flores, contando e ouvindo contar historias de genios e fadas. Estalagem ou hospedaria paradisiaca.

Sophista engenhoso e com certo "humour" talvez involuntario, propunha-se a fazer vencer o novo systema em pouco mais de vinte annos, dando prazo para a felicidade universal e quasi assignando contracto em tabellião. Esperava resolver tudo sem nenhuma violencia, pela cooperação voluntaria, pela attracção newtoniana adaptada, das espheras, ás almas. Nem leis, nem bayonetas: tudo pela ternura...

Sujeito miúdo, resequido, com uma cabeça de quaker ou de cavallo marinho, esse ideologo impressiona com o seu olhar que perfurava o interlocutor, o nariz fóra do alinhamento e um ar extatico de quem está sempre numa visão de haschisch. Tendo annunciado nos jornaes precisar de um millionario que lhe fornecesse um milhão de francos, afim de construir o primeiro Phalansterio, laboratorio e haras de raças mais puras, retornava todos os dias á casa, annos e annos consecutivos, exactamente á hora que marcara para receber esse Mecenas miraculoso, o qual, de resto, nunca se dignou de apparecer ao paciente sociologo. E os amigos, especialmente o gordo Béranger, lamentavam não dispôr do tal milhão, para ir leval-o a Fourier e ver a cara que elle faria ante o sacco de moedas ou o pacote de cedulas, já sentindo meio realizado o seu sonho messianico de perfeita associação domestico-agricola em todos os paizes.

Ridicularizado pelo caricaturista Cham, Fourier foi admirado por Balzac, que enxergava nelle um grande romancista extraviado na philosophia, e pelo economista Charles Gide, que encontrou nelle o avô authentico do cooperativismo moderno.

Actualidade de Flaubert

Um jornal litterario da França nos dá conta de diversos acontecimentos demonstrativos, todos elles, de que Flaubert está em plena actualidade neste momento.

Organizam-se exposições de autographos flaubertianos e escrevem-se longos estudos sobre a personalidade do autor da *Educação Sentimental*. A sombra enorme do gigante e solitario creador da Bovary parece que acordou de um exilio immenso, e avançou de novo para a luz agitada e vã do mundo.

Sua vida silenciosa e tão dramatica, na sua immobilidade, é analysada; os ensaistas procuram nos seus gestos significações as mais diversas. E em breve teremos classificação mais ou menos exacta do sentido de Flaubert, como existe o de Stendhal por exemplo, o de Balzac e de tantos outros que escreveram para durar, porque trouxeram uma expressão nova da vida, porque impregnaram o mundo com o ar dos seus mundos interiores, porque se apartaram um instante do rythmo inconsciente da vida e o fixaram atravez das suas visões.

Ha uma tendencia permanente em unir o autor á sua obra, em dar a obra como sendo a theoria do sêr, como resultado da experiencia, do contacto de um homem com a vida. O homem e o que escreveu, para a posteridade se completam, e se confundem. O sêr humano adhere á sua producção, ou melhor, á sua creação. Assim ao pensarmos em Dostoiewsky, em Proust, em Goethe e outros assim, reunimos delles uma impressão completa originada da figura que tiveram na sua passagem pelo mundo e do que produziram, e temos um sentido que se desprende dessa fusão, um sentido illuminador que nos permitte situar a grandeza e a qualidade dessas estrellas, geradas em ventres humanos.

Flaubert foi uma estrella, um grande e raro exemplar dessa especie mysteriosa: Foi um doente barbaro e lucido ao mesmo tempo. Trouxe na sua obra uma visão do mundo. Foi um homem que se encontrou com o tédio, que assistiu á passagem das paixões, á experiencia de vidas que se realizaram obscuramente, que assistiu á tragedia dos sêres, como elle proprio, immobilisados na desoladora ambiencia das dissoluções. Foi um creador lento e triste e representará o litterato no grande concerto das figuras imperecíveis. Foi em toda a intensidade do termo um litterato.

Ninguem mais do que elle merece esse titulo. O estylo, a justeza, a simplicidade, a harmonia das palavras o preoccuparam intensamente, o torturaram, o segregaram vivo. Para esse Flaubert desilludido e triste que não tinha nenhuma illusão sobre a humanidade, que se movimentava num escuro espaço entre o tédio e uma piedade quasi aggressiva, para esse homem que tinha comsigo a noção dos desertos da alma, da solidão infinita dos sêres, da distancia e da impenetrabilidade de um homem para outro homem — havia apenas aberta na sua noite uma luz: a da creação artistica. Escrevendo soffria, e vivia. Todas as torturas ingenuas do homem de lettras, elle as teve. A fórma nunca o contentava. Era um buscador do perfeito — e que tremendas complicações o levavam ao simples, ás phrases que se pareciam com a vida, ao que descia, e erá como a agua da fonte, da sua pobre e triste penna.

Curvado sobre sua mésa de trabalho, traçando o perfil desse Frederico Moreau, *cuja vida não foi*, ou dessa Mme. Bovary que é um symbolo do inconformismo humano, Gustavo Flaubert era como um deus.

Que póde uma vida? Que é um homem? Que desolação deve ter sido a caminhada desse Flaubert, lento e enorme entre os homens rapidos e pequenos! Que desespero silencioso o seu, elle que foi, dizia o seu discipulo Maupassant, o mais infeliz dos homens, porque o mais lucido. A *Educação Sentimental* é na realidade a sua vida, e é a vida de todos nós. O que dizemos de nós é sempre poesia, escreveu Renan nos seus *Souvenirs*, e é por isso que não resisto á lembrança da primeira vez que li esse romance, *A Educação Sentimental*, numa traducção portugueza, de resto excellente, de João Barreira. Essa leitura eu a fiz no tempo em que devia estar ás voltas com as aventuras de Julio Verne.

Foi uma leitura de acaso. Mas que impressão da vida não recebi eu desse encontro! Num momento, senti-me penetrado da realidade do mundo, foi como se tivesse pela segunda vez perdido a innocencia, porque ha realmente uma innocencia que não está apenas no conhecimento, ou melhor, que está além do conhecimento, uma innocencia que a despeito de toda a revelação persiste em nós, está guardada no fundo de nossa vida, a nos defender de nós mesmos.

Assim, Gustavo Flaubert está marcado na minha vida, é um desses autores que nos ensinaram, cuja experiencia nos serviu, um desses que nos disseram as palavras que suspeitavamos. Proprias para o mundo que iamos conhecer. Um desses autores que influiram na nossa formação, um mestre. E que mestre triste! Que digno e raro exemplar de homem esse urso — que soffreu a vida e o contacto dos homens defendido pelos espinhos de uma sensibilidade, de uma agudeza doentia.

Acabo de ler o volume de Dumesnil sobre Gustavo Flaubert, sua vida e sua obra. E' um grande livro esse grosso livro em que toda a vida do escriptor de *Trois Contes* é estudada, pesada, revista. Obra extraordinaria pela sua honestidade, e pelo seu methodo admiravel, pela sua subtileza e seu espirito de sympathia.

Flaubert não a escreveria melhor. E' o livro resultado de uma longa dedicação ao assumpto, e uma paciente pesquiza. Temos perto de nós, lendo a obra de Dumesnil, o grande solitario. Seu caracter feito de paixões suffocadas, seu enthusiasmo preso e seu pudor excessivo, sua generosidade intima e anti-espectacular, tudo nos apparece nesse livro que vem firmar o nome de seu autor, nesta época de biographias romanceadas, e artificios, como um dos mais serios mestres da critica e da biographia na França.

Uma luz intensa depois de lido esse livro sobre os recantos desse paiz de longos campos melancolicos que é Flaubert. Sua vida apparece nitida deante de nós. Desde os tempos da infancia sonhadora até o fim do bravo, cedendo toda a sua tranquillidade, toda a paz da sua vida de feroz independencia para a salvação financeira de uma sobrinha, essa Carolina, a sua Carolina, Mme. Comanville, que é a mesma correspondente do Père Didon, immortal pelos ataques furiosos de Léon Bloy, nome este citado ao acaso, mas que tem com Flaubert qualquer cousa de parecido nas linhas essenciaes das suas naturezas.

Augusto Frederico Schmidt.

UM ESTHETA

Aos historiadores e criticos litterarios favoraveis a que se caracterize uma litteratura pelas suas expressões negativas, isto é, pelo que lhe falta, não terá escapado que as duas litteraturas de lingua portugueza serão sempre definiveis pela fallencia do genero critico e, especialmente, por um geral desinteresse das construcções de esthetica pura, de anatomia litteraria emfim. Uma tal ou qual incapacidade de abstracção, seguida de um firme instincto de minucia que, se não permitte as largas syntheses, facilita o rebuscamento paciente e util do facto dirá, só por si, dessa tendencia por exclusão, caprichosa mas natural maneira de ser, directamente ligada a toda a phenomenologia litteraria em idioma portuguez.

Entre nós seria o caso de citar algumas paginas de Verissimo, magistraes, e outras de Araripe, como certa *theoria do conto*, no *Movimento de* 1893, subtilmente definidas. Acima de todos, entretanto, foi Mario de Alencar a maior vocação que tiveram as nossas lettras em genero que não chegou a exercer com assiduidade, mas em que foi surprehendente.

Dado a esse colloquio interior com um grande mundo de imagens e um vasto universo de conceitos, é o sr. Henrique de Vilhena, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e, tambem em Lisboa, da Escola de Bellas Artes, uma individualidade de singular e expressiva constituição mental. Dir-se-á que, por effeito de um nobre phenomeno obsessivo, a *fórma* é o permanente e mais caro enlevo da sua intelligencia e da sua sensibilidade. Definamos logo que, neste passo, *fórma* tem o rigoroso sentido de aspecto exterior das coisas. Mas, com ser exterior esse aspecto, elle não abstráe do que a constitue e configura e é mesmo nesse campo ainda sem limites que o escriptor e o scientista exercitam um rigoroso dom de analyse através de seductoras associações de idéas.

O estudo do corpo humano — é um anatomista, o sr. Henrique de Vilhena, e um mestre na especialidade que é bem a architectura de toda a medicina e de toda a cirurgia — terá sido já uma consequencia do seu amor á fórma. No cadaver que se disseca, assim como no corpo vivo que se analysa, entre desejos e curiosidades insaciaveis, existe toda a religião da linha — da linha que é o limite exterior da sensação optica e a creação elementar do tacto, em busca do volume. Nesse palacio encantado, cheio de todas as surprezas, passeia ha muito o sr. Henrique de Vilhena os seus cuidados de estheta. E, de cada vez que o faz, como que irrompe, de quanto o cerca, uma estranha revelação — segredo murmurado a ouvidos affeitos a essa musica transcendente, a essa vaz escondida, a esse rythmo conductor. Digamos, com Léon Daudet, no seu suggestivo e ultimo volume, que tudo é, afinal, *La recherche du beau*: *"il y a un lieu, ici visible et là caché, entre ces images de la vie et des livres, et, ce lien, c'est le beau sous ses trois formes: la corporelle, l'intellectuelle et la spirituelle"*.

Não apenas o bello: o porque do bello e, como lhe cumpre, daquelle que é o mesmo rythmo da vida trazido pela emoção á evidencia da manifestação exterior e corporea. Não apenas o gozo distrahido do epicurista, especie de attenção desattenta, de embriaguez extraordinariamente lucida, alegria constante de cada sentido e de todos os sentidos, harmonia indecifravel a quem passa, mas razão de ser, afinal, da vida euphorica, da vida multiplicada... Para o sr. Henrique de Vilhena o bello existe porque se explica. Não pretendo, confesso, pôr em confronto essas duas maneiras de conceber o phenomeno esthetico. Atravessar, dia a dia, varios e seductores aspectos da "belleza sensivel" com um pouco de optimismo, um fundo de scepticismo e, acima de tudo, a convicção de que, na vida, tudo se explica por si mesmo e ha nella, ainda, meia duzia de aspectos sempre agradaveis, sempre dignos de serem vividos — será, afinal, a minha éthica, e não darei um passo por que se modifique... Comprehendo mesmo que não seja tão grande a differença, tão fundo o contraste entre as duas attitudes. O prazer da sensação tende sempre, em naturezas mais ou menos intellectualistas, á analyse da sensação. Fruil-a e dissocial-a — empreguemos o vocabulo tão grato a Remy, empreguemol-o conscientemente — será, no intimo do gozador profissional, o mesmo acto especioso dos sentimentos vigiados pela intelligencia... E' possivel *comprehender* um bom vinho, degustal-o com a clareza de um raciocinio que interpreta, com a minucia de quem exercita uma fria operação mental como é explicavel que se analyse um livro, um quadro ou uma mulher... Será a musica, talvez, entre as varias artes, a que menos favorece o espirito analytico, e isso pela força oppressiva da sua energia, pelo espanto em que nos deixa numa especie de liberdade *condicionada*, de esthesia envolvente, de não sei que mysterioso enlevo ou mysteriosa fantasia. Gabemo-nos de que pertença á nossa lingua a maior pagina até hoje inspirada por essa estranha dissipadora de visões. E' claro que alludo a Fialho. E, como não sou musico e tudo ignoro dos seus segredos, direi já que, levado tão só por certas mysteriosas razões de sentimento, por um eclectismo absorvente e especifico, ás vezes por uma febril necessidade de absorpção sonora, democratizei, no meu espirito, a hierarchia dos genios musicaes e ouço com o mesmo amor um *lied* de Schubert e uma valsa de Franz Lehar. Perdôe-me o Instituto Nacional de Musica...

*

Se me fosse dado escolher, na obra do sr. Henrique de Vilhena, a mais caracteristica dos seus processos e do seu temperamento, eu escolheria a que melhor o define, na obediencia impeccavel a um plano já de si originalissimo e na maneira como esse plano, finamente estylizado em idéas, toma corpo e se define em construcção magnifica. *A expressão physica da colera na litteratura* constituiria, só por si, o indice de uma intelligencia e a consagração de um escriptor. Tambem romancista e ensaista, é como estheta que o sr. Henrique de Vilhena figurará, na moderna historia das letras portuguezas, dono do seu logar — um logar todo especial, num jardim fechado, longe da grande curiosidade dos que passam mas digno de que sobre elle cáiam os olhos mais altos do céu aberto.

JAYME CARDOSO.

Hymno da Tarde

Tarde! Silencio de ouro da collina.
Hora do adeus festiva no horisonte.
O sol declina.
Bebem-lhe os valles,
bebe-lhe o mar e o monte,
bebe-lhe a rosa humilde abrindo o calix,
bebe-lhe o musgo, bebe-lhe a semente
que será flôr, a flôr que será fructo
e pão de Deus multiplicado á meza
da infancia e da pobreza,
bebem-lhe avidamente,
como a cria voraz suga o leite materno,
do proprio seio da abundancia
vida e sustancia.

Globo translucido e perfeito!
Astro e milagre eterno!
Não poder meu peito,
sol immorredouro,
como tu derramar-se em bençãos de ouro
na terra sempre nova e sempre linda,
que cada dia espera a tua vinda
no mais verde sitio do outeiro,
no mais alto cimo da montanha,
grato e celeste mensageiro,
a tua mensagem daurada
aos tugurios, ás messes, á campanha
adormecida nua na alvorada;

que te abençoa na canção dos ninhos,
no sussurro das fontes, no alarido
dos berços, no alvoroço dos caminhos;
no perfume, no som, no colorido,
no que rasteja, vôa, anda ou flutua,
mundo infinito e variegado
que um raio esplendido redoura,
na antiguidade da charrua,
na mansidão do gado
e na simplicidade da lavoura;

no gesto que espalha a semente
no que as velas abre, as rêdes lança,
brita e malha, porfia e lida,
e na eternidade da esperança
baldada eternamente, e eternamente
no coração dos homens renascida.

Luz que allumia, força que redime,
astro adoravel! Não poder meu peito
abrazar-se de ti, na tua essencia
transfundir-se, na tua incandescencia
confundir-se, reverberar, sublime
amor da terra, coração perfeito,
inexhaurivel! Com que alegria,
silenciosa e transbordante,
sobre terras e mares
meu radioso sangue esparziria!

Vales, vergeis, palmares,
cimos alcandorados,
mundo animado e palpitante,
como vos prenderia em meus élos dourados!
Como vos aquecêra,
gelos! Vós, corações endurecidos,
vos tornareis como branda cera.

Onde haveria um ermo
que não se povoasse de escondidos
thesouros e esplendores,
maravilhosamente;
antro que não se illuminasse, enfermo
que não tivesse allivio ás suas dôres,
contento o descontente,
tréguas o amofinado,
consolação o afflicto,
balsamo e lenitivo,
esperança o captivo?

O mais abandonado
miserrimo proscripto;
no chão de uma masmorra immunda,
só com o seu crime, só com a sua grilheta,
só com a sua alma ferrea sitibunda
de soldado, de herói, de anachoreta,
com o seu destino posto frente a frente,
desdenhoso, sereno, indifferente,

fôra-lhe o teu primeiro raio
no duro carcere maldito
festa, alegria e cantico de maio;
allivio ao triste, balsamo do afflicto,
justiça e gladio do innocente;
voz no seu ermo, paz na sua guerra,
infinito olhar de amor resplandecente
na terra, na terra, na terra....

Tarde! Silencio de ouro da collina.
Hora do adeus, solemne e commovida.
O sol declina.
Sol da minha vida,
do meu amor! Ignea, purpurea chaga,
coração abrasado e palpitante!
Bateste em vão! ardeste em vão? O instante
passa e dissipa a chamma que se apaga.
Morta! Por todo o sempre morta e fria,
a luz de onde jorrou toda a alegria.
Morto, empanada, extincta a realeza,
o astro que reflectiu toda a belleza,
morto! (si tudo a morte apaga e finda),
morto! Ou renascerás, quem sabe, acaso,
algum dia, nalguma ignota serra,
Sol-Coração, como este sol no occaso,
para viver, soffrer e amar ainda,
na terra, na terra, na terra!...

ALBERTO RAMOS.

Um mestre e um discipulo

O mestre é o conspicuo Dr. Prado Valladares, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e actualmente um dos primeiros "genios" da Boa Terra. Tem fama de bom professor e é muito possivel que com razão. Pena que elle não se contente com isso e escreva. Escreve abundantemente, o medico, sobre todos os assumptos e, purista como é, escreve num incrivel portuguez de 1500. Esse Dr. Prado Valladares é no momento uma das mais notaveis curiosidades da colonial cidade de Thomé de Souza, curiosidade tão digna de admiração como a velha igreja da Sé, as casas da Ladeira do Pelourinho, as comidas apimentadas e o macumbeiro Jubiabá. Inimigo de gallicismos, não admitte que na sua vista se fale senão no mais puro portuguez dos descobridores, sob pena de uma archaica descompostura.

O seu horror ao gallicismo tem feito com que crie uma infinidade de neologismos. Galocha, por exemplo, elle acha que se deve chamar *anhydropodothecas*. Como esse centenas de outros.

Eu passei agora algum tempo no Norte e á falta de bons cinemas, dei-me á diversão de colleccionar phrases do prof. Valladares. Assegurou-me um estudante de medicina que uma vez havendo um rapaz qualquer tocado por a c a s o em certas partes rotundas do Dr. Prado, este voltou-se e fulminou o sacrilego com estas palavras:

— Nanja me deixarei coafobar alhures, sevandija!

E de outra feita, querendo affirmar que qualquer coisa era importante e não de pouca monta, disse que "não era esquirola de nuga mas sim vortice de cyclone".

Admirado por centenas de estudantes, inconsciente do ridiculo, julga-se um privilegiado, semi-deus pelo talento cuja missão é fazer voltar o portuguez á sua forma antiga e será capaz de dar uma aula vestido á moda dos tempos de Camões. Seu escriptor predilecto deve ser Laudelino Freire e seu philosopho Pontes de Miranda. Durante a revolução paulista publicou um impagavel folheto "*...na peleja do civismo*". Abre o livro um "á feição de proemio" que assim começa:

Aqui, agora, compaginam-se escritos que tiveram vario motivo ocasional de edição: mas que todos se equipautam no intuito superior que os anima, como o titulo escolhido com verdade denuncia.

Ha trechos maravilhosos: "o achincalhe por geito, o calão por lingua, e modos broncos de alveitar". O conceito do professor sobre generosidade é optimo: "generosidade é antes plus-valia de virtude que virtude mesmo".

Afinal tudo isso é muito divertido, muito engraçado. Mas esse professor, crente que é genio, escreve sobre tudo, discute tudo e infelizmente tem leitores. E' lido pela mocidade que se forma nas escolas superiores, o que é máu, pois esses jovens sahem envenenados por esse portuguez de Coimbra antiga e por esses cretinissimos conceitos. O professor devia se reduzir a escrever para goso dos colleccionadores de raridades.

*

O discipulo é uma das creaturas mais divertidas que Deus collocou sobre a face da terra. Clovis Amorim affirmou em artigo que hoje convergem para a Bahia todas as cavalgaduras dos outros Estados. Termina o artigo convidando a Academia de Lettras e a Redacção do *Fon-Fon* a se transportarem para lá. O que Amorim diz é pura verdade. O discipulo, por exemplo, veiu do Amazonas. Descendente de uma dessas familias nas quaes o germen da má litteratura é hereditario, o nosso joven medico tem passado calote em todas as pensões da Bahia e no emtanto só escreve sobre millionarios e os seus contos têm sempre por scenario Paris ou Monte Carlo. Com um nome super-comico que lembra um poema hindú e lembra cavallos, esse rapaz que parece não ter o minimo amor aos parentes, já se declarou certa vez, repudiando o pae, filho de um "esfarrapado duque francez". Certo chronista disse que a sua testa "ampla e genial" era "uma pista de corridas". Tem razão o chronista: é uma testa de uns 50 cavallos, pelo menos.

Mas o que eu vou contar aqui desse divertido exemplar da fauna litteraria bahiana é inacreditavel. E' preciso ir á Bahia para ver e para crer nessas maravilhas.

Esse portento veiu ao Rio. Eu estava em S. Salvador quando elle voltou. Soube por amigos communs das suas impressões da metropole. Coisas phantasticas. Vejamos o que conta o heroe.

Visitando o escriptorio da Ariel, editora, encontrou um grupo formado por Gastão Cruls, Gilberto Amado, Agrippino Grieco, Miguel Ozorio de Almeida e outros e teve uma calorosa recepção. Ao entrar, o Grieco levantou-se e correu para abraçal-o. Mas elle achou o Grieco mal vestido e estendeu-lhe apenas um dedo, que o autor de *Vivos e Mortos* apertou pronunciando esta phrase:

— Oh! R., você tem largos gestos de attitudes mentaes...

Mas não é só isso. Lendo, uma tarde, um conto na Livraria Schmidt, para um grupo de escriptores, ao terminar foi abraçado por José Geraldo Vieira que dizia enthusiasmado:

— Mestre! Mestre!

E o poeta Augusto Frederico Schmidt beijou-o na testa — pista de corridas — chorando de commoção:

— Genio! Genio!

Emfim, as impressões do menino são todas nesse genero. O que não ha de admirar se souberem que, fallando de uma joven violinista de real talento, fallecida ha pouco, terminou assim o discurso (textual):

— Morreste, mas tiveste a consagração da minha palavra perfumada de estheta.

Um meu amigo garante que a morta se levantou e protestou.

Eu, ante isso tudo, fico admirado de não ser a Bahia visitadissima pelos turistas. Eu todo anno passo lá 8 dias e desopilo o figado.

Todos esses rapazinhos que não passaram de Oscar Wilde e querem imital-o na vida já que não podem imital-o na arte, serão com certeza brevemente deputados e senadores. Mas que importa? A gente tem duas attitudes a tomar: rir ou chorar. Eu, que não acredito em mais nada neste paiz, prefiro rir...

JORGE AMADO.

Acaba de apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

EVOLUÇÃO DA PROSA BRASILEIRA

Preço: 10$000

MANHÃ DE PETROPOLIS

Ao dia seguinte, prepararam-se para sahir ás dez horas. Carlos não se fartava de admirar a toilette de Gustavo. Os cuidados com as unhas, com o bigode, os cabellos, a barba cuidadosamente escanhoada tomaram um tempo infindavel, e o laço da gravata foi motivo para duas ou tres pragas.

— Esta maldita gravata não quer tomar geito hoje!

Depois deu retoques á toilette de Carlos, fel-o mais apresentavel, mais elegante.

Desceram pela Avenida Köhler, dirigindo-se para o Largo Dom Affonso. Nessa manhã de domingo, em fins de Março, o tempo era de uma belleza perfeita. Céu todo azul; nem uma nevoa, nem uma bruma retardada para alterar-lhe o tom homogeneo e simples. A transparencia do ar creava a illusão de estar tudo proximo; as distancias tinham encurtado. As arvores, abundantes, incontaveis, enchendo os jardins, as ruas, as praças, espalhando-se pelos morros, revestidas de uma folhagem verde dourada pelo sol, dominavam tudo, absorviam toda a attenção de Carlos. Ao lado de Gustavo, elle caminhava extasiado, enlevado, commovido. Nos carros que lentamente circulavam, as senhoras fingiam abrigar-se do sol atraz de sombrinhas rendilhadas, extremamente tenues, translucidas, de tons delicados e leves.

— E' uma maravilha! murmurou Carlos.

Gustavo, que nesse momento cumprimentava rasgadamente uma senhora, exclamou:

— D. Cecilia Nogueira? Uma maravilha, de facto, meu caro!

Mas Carlos referia-se ao tempo, á belleza de Petropolis. Não vira D. Cecilia e, agora, o carro tomava distancia. Gustavo proseguia:

— Apezar de seus trinta e tantos annos, e de seus seis filhos, é sem duvida a senhora mais bonita de Petropolis; é um assombro!

Chegaram ao Largo Dom Affonso e dirigiram-se para os bancos collocados á sombra. Estavam todos occupados, mas de um delles chamaram Gustavo.

— Ah! é o grupinho, são as Monte, é o pessoal...

Arrastou Carlos até lá. Foram feitas as apresentações: o Senhor Armando Côrtse e Senhora, Mesdemoiselles Helena e Stella Monte, o Senhor Poltireff, Don Rodriguez. "O meu amigo Carlos de Toledo, eminente mathematico, perdido por estas serras"...

Todos sorriram, e Carlos sentiu-se um pouco tolhido, sob aquelles olhares moveis e duros que o analysavam sem benevolencia; reagiu logo e readquiriu o dominio sobre si.

— Veiu a Petropolis fazer Mathematica, seu Toledo? perguntou-lhe, accentuando a ironia com um sorriso, o Senhor Armando Côrtes.

— Um pouco, Senhor Côrtes, vim a Petropolis para apreciar certos numeros...

Côrtes não soube responder. O mal-estar produzido pela replica de Carlos durou alguns momentos, e dissipou-se logo na conversa geral sobre as mil insignificancias que enchiam a vida dos veranistas.

Moreno, de estatura abaixo da mediana, Côrtes teria approximadamente trinta annos; a todo instante, com ar importante, torcia os bigodes pretos. A seu lado, Dona Lucilia sorria, com um sorriso estereotypado em suas feições miudas e delicadas. Esbelta, fina, seus cabellos negros formavam uma base escura e massiça onde assentava o avantajado chapéo de rendas. Era bonita ou, antes, bonitinha; tinha esplendidos olhos, e procurava dar ao olhar uma permanente expressão de espanto.

As duas Monte nada tinham que especialmente as caracterizasse. Agradaveis de physionomia, sympathicas, talvez bonitas; Carlos não se demorou em estudal-as. Poltireff, com a pelle muito branca, de um branco liso e unido de teclado de piano novo, os olhos cinzentos de aço, o bigode côr de palha secca, assestava o monoculo para todos os lados e, junto a elle, Rodriguez, massiço, gordo, no seu terno de flanella branca, com seu grande pince-nez de tartaruga preso por uma fita passada ao pescoço, parecia muito escuro, a face escanhoada obscurecida por uma barba que devia ser abundante e forte. Apoiado em uma raquette de tennis, sorria alvarmente; e, quando tirava o chapéo, em cumprimentos largos e cerimoniosos, deixava vêr as pastinhas colladas ao craneo calvo, feitas com os cabellos muito crescidos que levantava das partes lateraes da cabeça.

Commentavam tudo e todos. Por vezes, riam-se com gosto de coisas que Carlos não comprehendia, ou pelo menos nas quaes não via graça. Analysavam as toilettes, contavam os ultimos *potins* da vida mundana e frivola.

Passou em um carro a Viscondessa de Batatal.

— Está bonita ainda a Viscondessa, commentou Côrtes.

— *Sans doute, sans doute, elle est toujours belle et charmante*, affirmou Poltireff.

— Já sabem da novidade? Dizem que ella vae se casar de novo, com o Doutor Figueira, disse Stella com ar ingenuo.

— E já não é sem tempo; esse casamento está atrazado pelo menos de tres annos, observou o Côrtes.

— Nossa Senhora! exclamou Dona Lucilia; ha tres annos o Visconde ainda vivia!

— Mas é isso mesmo, o Visconde tambem já estava com a morte atrazada...

D. Lucilia sorriu; as Monte fingiram-se distrahidas; Poltireff manteve-se impassivel, e Don Rodriguez explicou-lhe rindo *la formidable ironia de Côrtes, un muchacho mui gracioso*.

Carlos olhava muito significativamente para Gustavo, como a implorar-lhe para se irem embora. Gustavo fingia não comprehender e tinha ali um ar inteiramente á vontade.

Todas as cabeças se voltaram. Approximava-se Dona Cecilia Nogueira e, sorrindo, dirigia-se para o grupo. Carlos teve uma impressão subita. Nunca vira uma mulher tão formosa. Parecia-lhe uma visão, um sonho, com o seu perfil admiravel de estatua, os olhos negros, banhados em uma suave luz, escorrendo como uma dadiva divina, os labios de um desenho firme e cheio, descobrindo nesse momento os dentes alvos, regulares, implantados em gengivas roseas e puras que, em sorrisos mais francos, ella deixava entrever. E o porte era nobre, de uma aristocratica distincção.

Apresentaram-lhe Carlos. Dona Cecilia olhou-o calmamente, com sympathia, com doçura. Reprehendeu Gustavo por sua tão prolongada ausencia. Fel-o prometter ir jantar á sua casa, na outra sexta-feira, sem ser a proxima, levando, bem entendido, o seu amigo. Carlos desculpava-se, dizia-se muito bicho do matto, mas Gustavo asseverava que, para compensar o seu

grande defeito de ser um mathematico que espantava os professores da Polytechnica, elle tinha uma apreciavel qualidade: tocava bem piano.

— Pois, então, vá sem falta e leve suas musicas. Ah! eu sou uma apaixonada pela musica! Está dito; não admitto desculpas.

Despediu-se; os homens muito respeitosamente tocaram-lhe a ponta dos dedos com os labios; Dona Lucilia, sua sobrinha e afilhada, beijou-a com affectuosa intimidade; Carlos não sabia beijar a mão ás senhoras e teve um momento de hesitação: apertou-lha de leve, entre os seus finos e longos dedos de artista.

Pouco depois os dois amigos se retiraram. Côrtes cumprimentou Carlos com pouco caso; os dois diplomatas declararam-se encantados de o conhecerem; as Monte e Dona Cecilia deram-lhe sorrisos que sem conta distribuiam a toda gente. No caminho para casa, Gustavo gabava a vida de Petropolis, tão elegante, tão agradavel, em um meio tão *raffiné*, de gente aristocratica e educada.

Carlos ouvia calado e só falou quando estavam quasi á porta de casa:

— Escute, Gustavo, Dona Cecilia Nogueira dá-se muito com vocês?

— Sim, nós nos damos, mas Mamãe nunca a visita, e ella tambem não vem á nossa casa. Eu é que vou, como toda gente, uma ou outra vez, ás recepções della. Ha lá senhoras que jogam o pocker e, principalmente, rapazes novos. Ella gosta muito dos rapazes, porque diz ella querer formar bôas relações para os filhos; o mais velho já vae para os seus doze annos. Você trouxe smoking?

Sim, Carlos trouxera o seu smocking.

— Pois, então, sexta-feira lá iremos.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Do romance a apparecer: *Almas sem abrigo*.

Hermes Lima — INTRODUCÇÃO Á SCIENCIA DO DIREITO — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1932.

O sr. Hermes Lima é livre-docente de direito constitucional nas Faculdades de Direito de São Paulo e da Bahia. Muito joven ainda, já se creou um bello nome entre os cultores de tão ardua especialidade.

Como quasi todos os nossos intellectuaes, começou trabalhando no jornalismo e foi ahi que adestrou a mão para trabalhos mais fortes, mais austeros. Seus artigos, estampados em jornaes do Norte ou do Sul, eram, de resto, reveladores de uma personalidade attrahida sempre pelos problemas de sociologia ou politica, dessa alta politica que nada tem a ver com a estreita politiquice eleitoral e é, acima de tudo, uma productora de bem commum, de felicidade collectiva. Lendo-o, mesmo nos commentarios traçados ás pressas no ambiente inquieto de uma redacção e fadados a viver apenas a ephemera manhã da rosa classica, já se entrevia um homem de pensamento e cultura votado a escriptos de maior duração, de maior repercussão nas intelligencias do paiz.

Pois um desses escriptos vem agora o sr. Hermes Lima de nol-o dar com a *Introducção á sciencia do direito*. E' um volume de grande formato, de 342 paginas compactas. Mas não só o apparato typographico impressiona ahi o leitor. Ha tambem a rica substancia, a meditação escrupulosa, a erudição bem assimilada, convertida em "sangue e nutrição", que cada pagina testemunha. Não se trata, como nos in-folios de tantos pretensos mestres da juventude academica, de uma compilação desconnexa, de uma rhapsodia de caracter mercantil. A obra é cohesa, bem entonada sempre nos detalhes e valorizada por um traço de harmonia geral que muito honra o espirito synthetico do autor.

O que elle diz sobre o conceito da sociedade, a sua definição da moral, os seus postulados em torno á genese e evolução das regras juridicas ou á funcção de julgar e os systemas economicos, tudo isso é de um cerebro realmente amadurecido no estudo e na reflexão. Quantos aphorismos destinados a fixarem-se na memoria dos alumnos e a representarem verdadeiros methodos de conducta nos futuros trabalhos da vida forense ou da vida social! A parte relativa á concepção da justiça através das civilizações é das mais succulentas. Thomaz de Aquino, Kant e Hegel são evocados na contribuição que trouxeram á evolução do direito. Em summa, todos os aspectos objectivos e subjectivos de uma das sciencias mais complexas do nosso tempo (embora alguns lhe possam contestar a qualidade de sciencia) enchem um livro em que não ha digressões superfluas, rhetorica decorativa, qualquer demonstração de vaidade litteraria.

Mesmo (ou de preferencia) os phenomenos mais recentes da cultura juridica são ahi postos em fóco. Vejam-se, por exemplo, as robustas paginas referentes ao ideal da sociedade communista e ao Estado sovietico russo e sua concepção da legalidade e conclua-se se é possivel trabalhar com mais proveito pelas intelligencias novas, dando-lhes ao mesmo tempo o gosto da idéa pura e da razão pragmatica.

André Maurois — A VIDA DE DISRAELI — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

A traducção deste livro é de Godofredo Rangel e isto significa que a passagem da obra-prima do francez ao portuguez não importou em diminuição ou deturpação de belleza para o original de André Maurois. Rangel é hoje o modelo dos nossos traductores e, se alguma cousa se deve deplorar, é que o creador por conta propria esteja sendo prejudicado por essa dedicação aos trabalhos alheios, não nos dando uma segunda *Vida Ociosa*, com tantos aspectos maravilhosamente colhidos da monotonia e da somnolencia provincianas. Afinal, as suas versões são magnificas e não devemos senão agradecer-lhe a dedicação com que serve os leitores do paiz, facilitando-lhes o accesso de escriptos que nem todos poderiam percorrer no texto francez ou inglez, especialmente agora que uma brochura européa custa aqui uns doze ou quinze mil réis.

Sob todos os aspectos, importa em real beneficio de cultura a divulgação no Brasil da soberba vida romanceada de Disraeli, verdadeiro paradigma do genero, pela singularidade do heróe e pela graça envolvente da linguagem. Que encanto seguir-se a odysséa social desse filho de judeus que acabou dono do maior imperio do mundo, passando da synagoga ao parlamento, trocando as judias do "ghetto" pelas duquezas do Hyde-Park, e tudo isso com um esplendor de ironia, uma vitalidade humana, uma eloquencia irradiante, um desdem pelos adversarios, uma elegancia desenvolta que o collocam entre Sheridan e Wilde e o tornam um raro exemplar de bizarrice politica, um mestre de arrivismo e de sarcasmo!

Eça de Queiroz já escrevera, nas *Cartas de Inglaterra*, um luminosissimo estudo sobre essa creatura unica, que fascinou a carrancuda rainha Victoria e tantas vezes se divertiu á custa do austero Gladstone. Mas, agora, este retrato de corpo inteiro, traçado por Maurois, integra em nossa admiração o Brummell estadista, que conquistou Londres como a uma costureirinha de somenos, não foi jámais o lacaio de nenhum partido e valorizou na Inglaterra o vocabulo "imperialismo", renovando, nas ilhas de John Bull, o sonho de dominação universal dos velhos romanos.

Vista em conjuncto, é uma bella figura a de Benjamin Disraeli, de Lord Beaconsfield, embora Carlyle, o apocalyptico, o chamasse de suino immundo e o désse como descendente do mão ladrão do Calvario. Leiam-lhe todos os brasileiros a biographia expressiva, na traducção de Godofredo Rangel, e vejam que typo bizarro as migrações judaicas levaram á sisuda Albion.

Apenas, na traducção do nosso patricio, perfeita sempre, ha uma phrase de que nos permittimos dissentir. E' logo a primeira phrase, uma phrase do proprio Disraeli. Em francez está assim: "*La vie est trop courte pour être petite*". Em portuguez passou a ser: "A vida é tão curta que não chega a ser pequena". Não conhecemos o original inglez dessa expressão, mas estamos quasi certos de que Godofredo, impeccavel quasi sempre, peccou nesse pequeno detalhe. Evidentemente, num jogo de palavras que seria pueril se não o illuminasse uma superior ironia, de alta significação humana, Disraeli quiz dizer que, sendo a vida tão curta, tão precaria, não ha necessidade de ser pequeno, de ser baixo, para melhor desfrutal-a. Ainda se se tratasse de uma propriedade eterna, de um bem inamovivel, mas acanalhar-se apenas para usufruir um deposito fugitivo que a qualquer instante nos arrancarão das mãos... Não foi isto, Godofredo, que Disraeli quiz affirmar? E, se foi isso, ficaria bem melhor traduzir assim: "A vida é curta demais para ser pequena".

ECHOS

Cliffor Moore, escriptor inglez, annuncia para muito breve a publicação de um romance, que terá por titulo *O segundo amante de Lady Chatterley* e pretende ser a continuação da já celebre e tão discutida obra de seu patricio D. H. Lawrence. Esse livro, em torno do qual já se faz grande ruido, deverá apparecer ao mesmo tempo em inglez, francez e allemão. Não ha duvida que o autor, indo no rastro de Lawrence, tem de antemão garantido um exito de livraria, mas resta saber até onde se poderá usar de um tal processo sem ferir fundamente a ethica litteraria.

*

Georges Simenon, o fecundo e interessante creador de novellas policiaes que o nosso publico já conhece atravez de algumas traducções das suas melhores obras, como *O mysterio de um morto* e *Um crime na Hollanda*, continúa em plena voga e, agora mesmo, *Marianne* e *Candide*, os prestigiosos semanarios parisienses, acolhem em suas paginas, publicando-as á maneira de folhetim, novos trabalhos do já celebre escriptor francez. Além disso, um filme de extraordinario successo e no qual tomam parte artistas do valor de Harry Baur e Inkijinoff, foi tirado do seu romance *A cabeça de um morto* e merece elogios dos mais exigentes cineastas da Cidade-luz, onde ha muito tempo se mantem no cartaz.

*

O 3º numero do *Index Translationum* que acaba de apparecer, publicado pelo Instituto Internacional de Cooperação Intellectual, referindo-se ao numero de obras traduzidas para outros idiomas durante o ultimo trimestre do anno passado, dá o seguinte resultado: Para o italiano: 190, para o francez: 164, para o allemão, 108, para o espanhol: 99, para o inglez, nos Estados Unidos: 97, e na Inglaterra: 53. Se esses paizes, vastos centros de cultura, se preoccupam tanto com a vida intellectual de outros povos, não será de admirar que nós, aqui, comecemos a traduzir muito, o que já se faz com algum criterio e bôa acceitação do publico.

*

Desperta interesse o *Premio dos Recusados*, creado recentemente em Paris, e que será conferido, todos os annos, a um manuscripto que já tenha sido recusado no minimo duas vezes pelos editores. A iniciativa desse premio cabe ao romancista Stéphane Manier, autor de *Vardot*, e a Jean-Pierre Maxence, conhecido critico. São outros membros do jury os Srs. Jean Vignaud, Léon Deffoux, Auguste Bailly, Daniel Rops, Maurice Bourdet, Gilbert Charles e J.-P. Launay.

*

Em um dos ultimos supplementos litterarios do *Times* ha um balanço do que de melhor se publicou na Inglaterra durante o anno de 1932. Entre essas obras merecem citação: uma edição completa das cartas da rainha Victoria, por G.-E. Buckle; o segundo volume d'*A Inglaterra no tempo da rainha Anna*, por G.-M. Trevelyan; o segundo volume da *Historia Economica da Inglaterra Moderna*, de T.-H. Claphan; uma biographia de lord Chamberlain, de J.-L. Garvin; *A vida de Stanhope*, de Basil Williams; *Charlotte Bronte*, de E. F. Benson. No dominio da ficção, são dignas de apreço: *Farewell, Miss Logan*, de J.-M. Barrie; *Limits and Renewalls*, de R. Kipling; *Immaturity*, de Bernard Shaw; *Brave New World*, de Aldous Huxley, e romances de Hugh Walpole, John Galsworthy e Somerset Maugham.

*

Falou-se ha tempos que Sigmund Freud, devido a uma neoplasia, soffrera a ablação total da lingua, o que lhe trouxera a perda da palavra. Sabemos agora, por uma carta do proprio creador da psychanalyse, dirigida ao sr. Vigné d'Octon, jornalista francez, que não é bem exacta a versão corrente, embora haja um fundo de verdade em tal noticia. Diz Freud, num dos topicos da sua carta: "Nunca tive cancer da lingua. Em 1923, soffri uma resecção parcial do maxillar superior por causa de um epithelioma; desde essa época uso uma prothese do maxillar, mas nunca me vi privado da palavra. Falo distinctamente e sem esforço, ainda que não seja em publico".

*

O Sr. Georges Raeders, distincto escriptor francez que já nos visitou ha alguns annos, continúa a se interessar vivamente pela nossa litteratura. Além de que são frequentes, na imprensa franceza, as suas criticas e referencias a livros e escriptores nacionaes, sabemos que o senhor Raeders publicará brevemente em livro uma adaptação do *Guarany*, que já foi inserta em folhetins, com agrado dos seus leitores, no jornal parisiense *L'Ami du Peuple*. O Sr. Raeders tem tambem em preparo uma traducção d'*A Reliquia*, de Eça de Queiroz, que merecerá prefacio de Valery Larbaud.

ELEGANCIAS

Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.

ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

BRASIL-POLONIA

Está realmente interessante o ultimo numero dessa util publicação, destinada a intensificar as relações economicas e culturaes entre os dois paizes que lhe dão o nome. Os collaboradores do numero 25 são os srs. Mattoso Maia Forte, que trata dos primeiros presidentes da Sociedade polono-brasileira, e M. C. Bojarski, que trata de um dos principaes poetas da terra de Sienckiewicz e Chopin.

A LITTERATURA BRASILEIRA NO ESTRANGEIRO

RONALD DE CARVALHO

E' com prazer que trasladamos para aqui, reproduzindo-a mesmo em francez para lhe não tirar o sabor, o que a respeito desse nosso talentoso patricio e homem de lettras disse o *Figaro*, de 6 do mez passado, na sua conhecida secção *Carnet du Lecteur*:

Rabelais et le rire de la Renaissance, *par* Ronald de Carvalho, *avec un préface de Luc Durtain (Emile Hazan, éd.)*.

Rabelais vu par un écrivain brésilien avec un éclat, une pénétration et une science littéraire qui font, assurément, de ce petit ouvrage substantiel le plus bel hommage imprimé à l'occasion du IVe centenaire de Pantagruel. *M. Ronald de Carvalho éclaire, à la lumière de chroniqueurs comme Olivier de la Marche, ce qu'il y a de réalisme dans l'énorme peinture de bombances et de régalades; il saisit sur le vif, dans le génie de Rabelais, l'union du réalisme gothique et de l'idéalisme des civilisations, qui a fait la Renaissance. Son chapitre sur la langue de Gargantua a de la grandeur. L'on remarquera, aussi, des aperçus ingénieux sur ce que doit l'esprit moderne à Rabelais.*

Un lot d'idées qui trouve leur expression dans des raccourcis magnifiques, et plus souvent encore dans de fortes images poétiques. Car M. Ronald de Carvalho — qui occupe actuellement le poste de prémier secrétaire de l'ambassade du Brésil à Paris — est l'auteur de Toda a America *qui est tenu pour la grande œuvre lyrique de l'Amérique latine d'aujourd'hui. M. Luc Durtain, qui cite dans sa préface le poème* Brésil, *si puissamment rythmé, a, certes, raison d'évoquer à propos de M. de Carvalho, le lyrisme de Withman.*

JACQUES BARON — *PEINES PERDUES* — *Editions R.-A. Corrêa* — Paris, 1933.

Para este livro de versos, composto em rythmos varios, o sr. C. Ribemont-Dessaignes escreveu um substancioso prefacio em que assignala uma renovação do gosto poetico por parte dos autores e tambem dos leitores. Segundo elle, o mundo volta a amar a poesia, mas procurando nella, em logar das expansões individualistas dos romanticos, um sentido de expressão para os ideaes collectivos da hora presente. E — accrescenta — embora provindo de uma época litteraria de divagações intimistas, o poeta Jacques Baron ainda poderá vir a ser uma das "vozes populares" dos novos tempos, porque não lhe falta essa perpetuidade de juventude necessaria a quantos se proponham a interpretar as coisas bellas deste mundo ephemero e delicioso. Não é elle um simples "fabricante de idyllios", sente o amor nobremente, vive em contacto fraternal com as demais creaturas, detesta "o automatismo do espirito" e não mostra nenhuma repugnancia pelo advento de uma nova litteratura sob todos os aspectos humana e universal. Em summa, o que Berth Brecht está realizando na Allemanha, Jacques Baron não tardará a realizal-o em terras de França.

Octavio de Faria — DESTINO DO SOCIALISMO — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1933.

Bello successo, successo de venda, successo de intelligencia, foi a publicação, em 1931, de *Macchiavel e o Brasil*, do sr. Octavio de Faria. Era um estreante de pouco mais de vinte annos que tomava logo o seu logar destacado na geração, mettendo-se entre os brasileiros novos que, segundo a fórmula franceza, têm mais futuro no espirito.

Agora, decorridos apenas dois annos, o sr. Octavio de Faria, que, nos intervallos, foi semeando artigos e ensaios por muitas publicações do paiz, inclusive a nossa, reapparece em livro com um trabalho de vigor indiscutivel: *Destino do Socialismo*.

Ainda no *Macchiavel* havia uma ponta de pamphleto, uma dependencia da actualidade politica e mesmo uma certa acidez de critica ironica em relação aos homens e coisas do Brasil. Já este *Destino do Socialismo* (com prazer o constatamos) é de finalidade mais objectiva, revelando maior submissão á generalidade do thema, atendo-se menos a individuos e attitudes ephemeras. Existe aqui uma outra amplitude humana de pesquizas, confrontos, illações. O que quer dizer que se trata de obra duradoura, differindo de tantas outras que são "o livro do dia" por isso que apenas "o livro de um dia".

Naturalmente, nem todos concordarão com os conceitos do autor, o que, de resto, equivaleria a um inappellavel attestado de mediocridade mental. Nós proprios, se estas notas nos permittissem mais que um registo sereno dos volumes recebidos, poderiamos óppôr algumas objecções a certas affirmações talvez vulneraveis do livro. Mas não faltarão doutrinadores, sociologos, economistas, especialmente exegetas das theorias de Marx (temol-os, entre nós, de real possança e bravura), que critiquem com maior autoridade uma obra como esta, das que não deixam nenhum leitor indifferente. O contra-ataque virá seguramente com a mesma desembuçada franqueza do ataque, uma vez que o sr. Octavio de Faria, ao invés de gaguejar na covardia dos euphemismos, é o primeiro a declarar do seu trabalho: "Não é um livro de exposição, mas de critica. Não é o depoimento de um neutro que não tem partido ou que acha que uns têm uma parte e outros a outra parte da razão. E' um acto de fé anti-socialista. E' uma condemnação rigorosa, lavrada por alguem que, achando que está com a razão, vem trazer á luz do dia, para o julgamento publico, os seus motivos e as suas conclusões. Visa convencer e visa converter. Não se dirige apenas aos que hesitam. Vem ao encontro dos que crêm, dos que pensam de modo contrario a elle. E' a elles mesmos que mais se dirige, pois é, essencialmente, um livro de sinceridade."

Quanto ás conclusões do volume, após um longo arrazoado em que ha dialectica e vasta documentação de textos europeus, são, nitidamente, pela bancarrota do socialismo e, inversamente, pela confiança nas reacções nacionalistas. Nem Reforma, nem Revolução franceza, nem Romantismo, os tres "rr" execrados, mas um apoio aos ideaes intra-fronteiras dos Kemal-Pachá, dos Mussolini, dos Hitler e — por que não? — dos Oliveira Salazar. Nada de democracia e sim, dentro do termo lançado por Henri Vaugeois e a esta hora plenamente acolhido no vocabulario politico, uma boa e escrupulosa "demophilia".

Maurras e Spengler são a cada passo citados pelo sr. Octavio, que póde espantar-nos, elle tão culto e tão fino de gosto litterario, ao invocar, ainda que meio ironicamente, a opinião de um Max Nordau, esse pobre medicastro da critica materialista, divulgador barato cuja philosophia vale tanto quanto os romances astronomicos de Flammarion ou a physiologia anecdoctica de Mantegazza. Mas como o joven escriptor sabe ir justo aos autores que mais lhe aproveitem ao citar o Berdiaef que disse ser o espirito burguez "um principio eterno" entre os humanos (pag. 44)! Forte é o trecho em que o ensaista examina o "itinerario" de pensador catholico do sr. Tristão de Athayde (p. 361-362), e, mesmo sendo leitores enthusiastas, cada vez mais enthusiastas, do *Candide*, não podemos negar um impeto de bella irritação á pagina 278, quando o sr. Octavio de Faria investe contra Voltaire, "cortezão dos reis da Europa que se achava com o direito de desprezar os cortezãos do rei de França", sorrindo de tudo, "menos de si mesmo, da monotonia do seu cynismo, da sua má-fé, da sua erudição approximada, "duvidosa" como elle proprio..."

NO MUNDO DAS LETTRAS

Curioso é ver o que significam litterariamente os dez membros actuaes da Academia Goncourt.

Os dois Rosny, o velho e o novo, escreveram longo tempo, de collaboração, muitos romances de prehistoria ou posthistoria e muitas narrações de costumes parisienses. Especialmente o primeiro é reputado um grande architecto de sociedades imaginarias, havendo quem enxergue nelle o authentico precursor de Wells.

Léon Daudet, notavel memorialista da Terceira Republica franceza e ficcionista sem duvida inferior ao pamphletario, fabrica os seus acidos e toxicos com uma terrivel pericia manual. Filho de Alphonse Daudet, já foi deputado e já esteve refugiado na Belgica, para escapar ás unhas dos galfarros de Paris.

Gaston Chérau é um bom romancista de costumes, ainda preso a certos moldes do naturalismo, se bem que com algumas notas de modernidade pittoresca a attenuar o que pudesse haver de excessivamente cru em dadas passagens dos seus escriptos, como na terrivel historia de uma pobre creatura do campo victima de um duplo incesto, victima successivamente do proprio pae e do proprio filho.

Léon Hennique, talvez o veterano do gremio, compôz para o theatro uma peça historica que foi depois transportada, não sabemos se com exito, á téla cinematographica. E' um narrador discreto, de matizes brandos, de tons esmaecidos.

Pol Neveux, uma das figuras secundarias da Academia, fez jornalismo e romance, sem chegar nunca a Rochefort ou a Zola.

Ainda mais dispersivo, Jean Ajalbert, cidadão cordial e rumoroso, sempre se metteu em excursões pela colonias da França e, no terreno das lettras, nunca se fixou num dado genero. Tem sido, successivamente, autor theatral, productor de livros de viagem, historiador da Academia Goncourt, defensor dos tapetes de Beauvais, biographo de Clemenceau, etc., etc. Em moço, extrahiu uma peça de um romance de Edmond de Goncourt e isso deve ter concorrido grandemente para assegurar-lhe a sympathia do mestre e seus sequazes.

Quanto a Lucien Descaves, que esteve muitos annos amuado com os companheiros de duvidosa immortalidade academica, iniciou a sua carreira de prosador com um livro de forte repercussão escandalosa, por isso que consagrado ás miserias da vida de caserna, chegando a haver, no caso, a interferencia dos magistrados parisienses. Uma das melhores novellas de Descaves, que é tambem critico litterario, põe em scena os dias tragicos da Communa, com as reivindicações sangrentas que foram de certo modo o esboço dos soviets russos.

Personalidade bem marcada em seus lineamentos de bebedor intrepido, Raul Ponchon envelheceu celebrando o vinho com o enthusiasmo dithyrambico de um Anacreonte insensivel ao chá, ao café e ás aguas gazosas e apenas attrahido pelo divino liquido que são das parreiras e dos lagares das nobres zonas francezas de viniculores. Versejador copioso, Ponchon celebrizou-se graças aos seus "salões" rimados para os jornaes de Paris, ficando em todas as memorias as definições ironicas em que castigava com um sorriso os máos quadros enfileirados nas exposições do tempo. Ninguem mais destro nas diversões e nos jogos rythmicos.

E, finalmente, Roland Dorgelès, o mais joven do grupo, foi um dos litteratos victoriosos de após-guerra, victorioso pelo pathetico intenso do seu romance *Les Croix de Bois*, infinitamente superior, como arte e projecção moral, á obra analoga do allemão Remarque.

PALAVRAS CRUZADAS

C	A	P	I	S	T	R	A	N	O
O	D	O	R		O	U	R	O	
N	A		A		A	B		N	A
S		A	C	A	C	I	O		R
T	I	R	E	S	I	A	S		I
A	D	A	M		D	O	M		N
N	A	D	A		A		O	V	O
C		O	S				S	O	S
I				M		P	E	S	
O	D	O	R	I	C	O			

Damos hoje o resultado do nosso primeiro problema desse genero. Recebemos algumas soluções interessantes, embora apenas uma estivesse exacta.

No proximo numero, apresentando outro problema, abriremos um concurso, cujas bases serão então estipuladas.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Agrippino Grieco — *Evolução da Prosa Brasileira* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Octavio de Faria — *Destino do Socialismo* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Jonathas Serrano — *Philosophia do Direito* — Livraria Catholica — Rio.
Benjamin Lima — *Esse Jorge de Lima!* — Adersen Editores — Rio.
Armando da Silveira — *Cidades Submersas* — Edições Unitas — São Paulo.
A. da Silva Mello — *Novas Idéas Sobre o Edema* — Bibliotheca de Cultura Scientifica — Editora Guanabara — Rio.
Othon Costa — *Alma Simples que Soffreu* — Versos. — Rio.
Oliveira Ribeiro Neto — *Vida* — Versos — Rio.
Jacques Baron — *Peines Perdues* — Editions R.-A. Corrêa — Paris.
Carlos Deambrosis Martins — *La Poesia de Armando Godoy* — Editoral Iberia — Madrid.
Pluralia — Rivista Italo-Brasiliana — Anno I. Num. 1 — Nictheroy.
Mario Da Veiga Cabral — *Terceiro Anno de Geographia* — Livraria Jacintho — Rio.

ANECDOTAS

No reinado do bonissimo Pedro 2º surgiu aqui no Rio um burocrata fardado que amava dar agudas ferretoadas nos burguezes e nos falsos fidalgos do tempo. Chamava-se Laurindo Rabello, foi celebre com a antonomasia de Poeta Lagartixa e gostava de frequentar os botequins, embora acabasse autor de uma grammatica sisudissima. Repentista como Bocage e Quevedo, ia particularmente bem no glosar os mottes em que houvesse um pico de escandalo. Nosso velho amigo José de Mattos, da Livraria Quaresma, contou-nos delle um episodio inolvidavel. Laurindo fôra reclamar qualquer coisa do seu ministro, que era o portador da pasta da Guerra, e, como não tivesse abundancia de galões e não fosse prestigiado por tres ou quatro titulos sonoros, deixaram-no ficar mofando longas horas na antecamara do ministerio. E Laurindo a remoer-se lá por dentro de si mesmo, avido de tomar uma desforra pelo sarcasmo. Afinal, o Poeta Lagartixa ouviu através do tabique o dono da pasta perguntar ao continuo se ainda havia alguem para ser recebido em audiencia. "Sim, respondeu o continuo, ha um tal de Laurindo Rabello..."

"Ah! observou o ministro, é um pardo alto... Mande-o entrar..."

Laurindo entra e logo a seguir desfecha nas bochechas do ministro: "Doutor, eu sou o tal de pardo alto. Mas conheci sua mãe. Por signal que era uma parda baixa... baixa..."

*

Estudando em Recife, Tobias Barreto verificou que um lente, velhote meio obtuso, repetia no segundo anno as pilherias que elle, Tobias, já ouvira, do mesmo senhor, no primeiro anno. Todos riam estridentemente, tanto mais quanto pilheria de lente tem sempre muito espirito para os estudantes que pensam nas boas notas do futuro exame. Apenas Tobias se conservava impassivel. Dahi a observação de um condiscipulo: "Mas você não acha graça na anecdota do mestre?" "Acho — respondeu Tobias — mas é que já ri o anno passado..."

*

Certa sociedade maçonica ou qualquer instituto de beneficencia, foi, pelos seus directores, levar-lhe um dia o diploma de socio honorario, em attenção ás suas idéas renovadoras. Tobias agradeceu, dizendo-se penhoradissimo, como de praxe. Mas o presidente da sociedade accrescentou que se tratava de um gremio philantropico, destinado a proteger viuvas e orphãs. Assim, Tobias devia cahir com uma cedula de duzentos mil réis. Ao que o philosopho objectou muito serenamente, restituindo o diploma de socio honorario: "Não, meu caro; ser besta de graça, ainda vae; mas pagar para ser besta, não, não pago..."

Mario Da Veiga Cabral — TERCEIRO ANNO DE GEOGRAPHIA — Livraria Jacintho — Rio, 1933.

A já numerosa bagagem do sr. Mario Da Veiga Cabral vem de ser accrescida com um livro excellente, que merecerá sem duvida a calorosa acolhida dos volumes anteriores. Proseguindo em seus substanciosos estudos de geographia, vazados na ordem crescente da complexidade da materia, o illustre professor dá-nos agora o tomo correspondente ao terceiro anno dessa especialidade didactica. E' trabalho redigido em linguagem das mais limpidas, fixando as linhas essenciaes do assumpto, de accôrdo com o actual programma do ensino secundario, e nitidas photographias trazem ao texto o exemplo de factos typicos, dos que melhor elucidam a vida das creaturas em diversos pontos do planeta.

VIDA E MORTE DE MARIA LAFARGE, A ENVENENADORA — A. FOUQUIER — (*Collecção "Os crimes celebres"*. — Ariel, editora ltda — Rio — 1933).

A conhecida casa editora Ariel, que já tornou querido ao publico brasileiro o celebre romancista Georges Simenon, inicia agora uma interessantima collecção de livros, em que se narram processos judiciarios afamados, que, no seu tempo abalaram a opinião publica.

Na Europa são muito apreciadas as narrativas desse genero. Não constituem ellas méros trabalhos de imaginação. Requerem do escriptor busca cuidadosa nos archivos e jornaes da época. Não devem phantasiar. Têm que se restringir á historia para não tirar a veracidade ao caso narrado.

Este volume de agora, iniciador da collecção, e devido á penna de A. Fouquier, conta a historia da celebre envenenadora Maria Lafarge, accusada de haver envenenado o proprio marido. A leitura deste processo, que agitou mesmo a opinião publica da Europa, põe-nos diante de um terrivel e doloroso erro judiciario.

Parece não restar duvidas relativamente á innocencia de Maria Lafarge, victima duma trama horrivel do destino. Ha irregularidades enormes no correr do processo, parcialidades clamorosas, paixões exacerbadas entre os proprios membros da justiça. A sciencia chamada a esclarecer o caso de envenenamento cae em vergonhosas contradicções. Ora descobre, ora não descobre veneno nas visceras de Carlos Lafarge.

Uma dessas negativas parece ser a salvação da accusada. Mas a promotoria publica appella para o celebre toxicólogo Orfila. Este, com grande desapontamento para Maria Lafarge e para todos os que se interessavam vivamente pela sua sorte (e era grande parte do povo), declara ter encontrado arsenico nas entranhas do industrial envenenado.

Os accusadores de Maria Lafarge rejubilam. A accusação ganhava uma base sólida. Os debates são empolgantes, commoventes. A defesa é impressionante e convincente. Mas a paixão céga os julgadores. Muitos dos jurados já declararam por toda a parte qual a sua opinião contra a ré.

Maria Lafarge é condemnada. Mas outro sábio, para quem ella appellára, attende ao seu appello e accusa Orfila de ter sido desleixado e tendencioso no exame pericial effectuado.

A opinião publica é quasi toda favoravel á pseudo-envenenadora. Ella recebe milhares de cartas na prisão, desde a declaração de amor á proposta de fuga. O apparelhamento feroz da justiça tem-na presa; e ella cumpre a sentença que lhe coube, por um crime que não commetteu.

Livro impressionante, que não sómente agradará ao grande publico, mas especialmente aos profissionaes da justiça, que nelle encontrarão um illustrativo exemplo dos erros a que conduz a paixão quando se mette a conduzir o gladio da justiça. A leitura é das mais attrahentes, e superior á de muito romance policial que por ahi anda.

A Ariel editora annuncia desde já novas narrativas de tão interessante genero.

(Do *Estado de Minas*, de 29-1-33).

LEIAM:

OCTAVIO DE FARIA

DESTINO DO SOCIALISMO

Preço: 10$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Anno III Maio 1934 N. 8

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira — Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria — V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A ARTE — ELEMENTO DE EXPANSÃO CULTURAL

Na sciencia ha verdades que nascem, vivem e morrem, como os sêres na vida.

Constante mobilidade agita o mare magnum scientifico. Ideias, conceitos e theorias surgem, desapparecem, resuscitam ao impulso, principalmente, de factores externos. Mas a arte é immortal e nessa immortalidade esconde-se a força de sua seducção. Inaccessivel ao progresso ella admitte, quando muito, renovações e reajustamentos. Assim a considerava Keats ao escrever que a belleza era uma alegria eterna.

A obra de arte, verdadeiramente digna deste nome, vem ornada de taes elementos suggestivos que se, por vezes, não logra impressionar a intelligencia, desperta sempre o sentimento. Eis porque a arte diffunde muito mais a cultura que a propria sciencia.

Liberto dos rigorosos canones scientificos o artista, utilizando o instrumento de sua imaginação, tem mais recursos interpretativos e illimitada amplitude na apreciação de todos os phenomenos.

Quando platão disse que a terra girava apenas sobre seu eixo, affirmou no dominio da physica, uma cousa falsa. Mas quem poderá negar a construcção harmoniosa na obra do philosopho e seu dom exquisito de exteriorização? Trituradas e attrictadas, durante 20 seculos, muitas idéas do sabio foram derrubadas. Sobrevive, porém, fazendo pouco caso do tempo, a magia expressional do artista. E o classico inimigo da poesia se eterniza pela faculdade de poetização que tanto abominava.

Ha um conto de Villiers de L'Isle Adam capaz de evocar melhor que todos os archivistas, a crueldade dos inquisitoriaes.

Um judeu é condemnado á prisão e torturas incriveis durante largo tempo.

Certa noite a porta da masmorra se abre. Surpreso, tacteando, cambaleando na treva, o prisioneiro procura fugir. Foge. Lá fóra o firmamento o recebe vestindo seu manto sumptuoso de estrellas. E todas as cousas, commovidas pela alegria do rabbino, resplandecem dentro da noite.

O judeu já antegoza o dia seguinte: a luz solar, o canto dos passaros, a coloração das arvores, tudo teria, para seus olhos e ouvidos deshabituados um sabor inédito. O infeliz parece renascer e acredita que se acha, afinal, livre...Mal, porém, aquelle sentimento attingira o limiar da consciencia do infortunado, as mãos enrugadas de um dominicano premem-lhe suavemente os hombros. Querias, então, diz-lhe o frade, nos abandonar justamente hoje, vespera de tua felicidade completa? E o rabbino comprehende que havia sido submettido a uma nova tortura, á peior de todas — a tortura da esperança.

No dia seguinte, Villiers não o escreve, mas suggere, quando o vieram procurar, encontraram o prisioneiro morto.

Quem deseja estudar a inquisição, lendo este formidavel libello, terá concentrado no espirito todos os seus horrores. A possibilidade de synthese é mais uma vantagem da arte como meio de diffusão cultural.

O Pintor Gross retrata Napoleão em Arcole. Houve começo de panico no exercito. Alguns soldados debandam. Napoleão, empunhando a bandeira na mão esquerda, avança, resoluto, sobre a ponte metralhada. Caminha voltado para traz. O rosto magro, de traços firmes, os cabellos em desordem e a bocca cerrada mostram incomparavel energia. Os olhos azues, dois imans irresistiveis, cravam-se nos soldados vacillantes. E o que não poude a ameaça dos officiaes conseguiu a fascinação do general.

Assim, synthetico, eminentemente suggestivo,

"Fantasias e Matutadas"

Maria Eugenia Celso andou muito bem em insculpir no portico do seu ultimo livro aquelle pensamento de Thackeray: "Humour is the mistress of tears".

Ha, de facto, muita coisa dolorosa nas entrelinhas risonhas das suas *Fantasias*: segredos intimos, confissões tocantes, verdadeiros instantaneos da alma:

"Orphãos de romanescos, os meus vulgares
(dias..."

O desencanto reponta aqui e alli, intermittentemente, disfarçado na musica de uma phrase sincera, dessas que nos escapam com lagrimas:

"Meu coração é um sujeitinho triste"...

O tom alegre dos poemas é, assim, um fino pretexto para commover-se com menos frequencia. Embora escreva olhando o proprio coração, que é uma gruta encantada, ha de lhe parecer, com esse subterfugio, que fala de outrem. E a nossa dôr, por maior que seja, diminue sempre que a suppomos alheia.

Maria Eugenia é a mais espontanea das nossas escriptoras. Os versos lhe manam da alma, da sua grande alma, naturalmente, com a força soberana das emoções superiores. Não se detem jámais á espera de uma palavra mais nobre, inimiga que é do "burilado", na ansia de transmittir ao mundo a sua mensagem lyrica. Seu lemma deve ser aquella phrase de Beethoven: "O que tenho no coração é preciso que sáia". Ella mesma o confessa:

"Faço versos
Como faz mel a abelha ou faz sombra a man-
(gueira"...

Ahi, sem duvida, o maior encanto da sua Musa. E é por isso justamente que deu ás suas "Matutadas" (a segunda parte do livro) aquelle sabor inimitavel. Que maravilha que é, por exemplo, "Meu home"! Desde o rythmo, não nosso, ás comparações, justas e pittorescas, tudo alli é delicioso. E quanta observação! A alma feminina está, inteira, com os seus caprichos e preferencias, nestes septisyllabos admiraveis:

"Meu home tem ôio garço.
Num póde nunca sê farso
Uns óio bonito assim!"

O final da poesia, então, é de uma sinceridade impressionante:

"Nossa Senhora da Penha,
Nossa Senhora do O',
De meu amô pena tenha
E, de seu Fio no nome,
De mim tambem tenha dó!
Prás outra tem tantos home...
Me guarda o meu prá mim só!"

Na "Carta a siá dona Juca", simples e encantadora como uma bonina do campo, ha três versos que encerram uma grande, immensa verdade. São estes:

"Pruquê o mais triste dos triste
E' a gente vê-se véia
Nos óio de seu amô!"

* * *

Maria Eugenia é um nome glorioso. O seu *Vicentinho*, urna de sentimento, foi o primeiro livro de lingua portugueza a sahir na "Collection des deux textes", de Payot, ao lado do *A Christmas Carol* de Dickens e *Der goldne Topr* de Hoffmann.

Ella dispensa, pois, todos os elogios. Mas a gente tem sempre um prazerzinho em fazer justiça. E é por isso que convido os que por acaso leiam estas linhas a visitar o claro jardim dessas *Fantasias*, onde o repuxo de um alto espirito gyra tão lindamente em imagens luminosas...

CLEÓMENES CAMPOS

---

este quadro não ajudará muito mais que aridos textos a comprehender e decifrar o enygma do dominador?

Mas, cançado de historia e farto de guerreiros, o estudioso quer comtemplar os astros e examinar algumas hypotheses e leis sobre as quaes se assenta a harmonia dos mundos.

E é ainda a obra de um grande artista que elle vae procurar — o Universo mysterioso, *de James Jeans. Livro de sciencia e livro de arte. Verdadeiro romance cujos personagens são os astros, estrellas e nebulosas agitando-se no espaço e no tempo.*

E o estudioso sente-se embriagado pelo estylo transparente, ás vezes musical, como convem a um sabio acostumado a escutar a melodia das espheras.

Após ter apprehendido uma serie de noções referentes ao relativismo de Einstein, á astronomia, á physica e á chimica, o homem de estudo conclue, murmurando, reconhecido, a phrase em que facilmente se descobre o accento dos antigos — só os artistas são dignos de ensinar.

MANLIO GIUDICE

Jacques Raymundo — *Vocabularios indigenas de Venezuela* — Livraria Catholica — Rio, 1934.

Mais um volume da Bibliotheca Brasileira, lançado com tanto exito pela Livraria Catholica do Rio. Trata-se de uma obra em que o illustre grammatico Jacques Raymundo apresenta a summula das suas investigações em torno a uma especialidade que exige longos estudos comparativos. Professor de importantes casas de ensino desta capital, esse operoso patricio ha muito que se consagra á elucidação de pontos obscuros nas linguas indigenas e o seu depoimento a respeito não póde deixar de ser attentamente ouvido pelos confrades.

"PAULISTICA"

A Paulo Prado apraz evocar o passado de sua terra e de sua gente.

Fructo dessa evocação através das idades paulistanas é o volume, ora reimpresso e augmentado, em edição "Ariel": livro de historia regional, escripto em estylo claro e harmonioso, erudito sem gravidade, documentado sem exuberancia de texto ou citações.

* * *

"O Caminho do Mar" é seu primeiro estudo desde as tortuosas picadas abertas pelo indio nos emaranhados das mattas seculares para ligação do planalto da Piratininga selvagem ás praias mansas da ilha Morpion; desde o caminho da aventura de João Ramalho e da christianização do padre José até o caminho ao mesmo tempo civilizador e defensivo de S. Paulo. E' o estudo de um cyclo ethnographico, economico, social e politico, em que não é esquecida, antes generalizada, a lição capistraneana, de que no estudo dos nossos velhos caminhos melhor se aprende a historia do Brasil. Porque por esses trilhos remotos desciam os indios de sobre serra para a pescaria a beira-mar; por elles subiu João Ramalho e com elle o desceram os primeiros escravos da borda do campo para as frotas clandestinas que aportaram ao primitivo porto de S. Vicente; por elles desceram e galgaram a serra os primeiros mamalucos da borda do planalto; por elles subiram os colonizadores portadores da lingua que falavam, da aventura que os trazia, da fé semeada fartamente mais tarde pelos missionarios jesuitas que, em cruzada do bem, essas serras venceram para edificação do Collegio e da primitiva Villa.

Era ao tempo em que ainda na escalada da serra, como diz Paulo Prado, se notaria "no cipoal intricadissimo dos despenhadeiros, por entre samambaias, cactus, palmitos e embaúbas, as abobadas frescas e sombrias dos incertos caminhos".

Vencida a paizagem serrana, passada a borda do campo, alongando-se os horizontes para as varzeas piratininganas, estabilizando-se inicialmente o europeu recemvindo pela agricultura, pela caça e pela pesca fluvial, começava a verdadeira historia de São Paulo.

Nos bellos campos de Piratininga, seduzido pelo clima, tão opposto ao da Serra, e pela terra fertil e lavradia, seu anceio de expansão não haveria de ser contido senão na directriz do oceano. Porque, si por um lado a Serra do Mar, separando-o do littoral vicentino, lhe marcava um isolamento continental e continuo, por outro lado, florestas immensas acolhendo nas suas sombras mysteriosas os rios de marcha lenta em busca do sertão desconhecido e propiciatorios á caça e á pesca, eram um desafio constante ao avanço da conquista.

Foram esses os factores geographicos de seu isolamento, de seu dynanismo e de sua integração regional através do mamaluco na mesma missão historica.

Participando do primitivo isolamento, irá ter o autor para motivo de seu segundo estudo, ao homem branco do velho tronco peninsular, precursor e patriarcha, rijo e dynamico, atheu e aventureiro — João Ramalho, — a quem localiza no tempo e na terra virgem da "borda do campo", como a força creadora e directora do mamaluco paulista.

Traziam os lusitanos ancestraes para este sector do continente sul-americano que os espanhoes perseveravam senhorear sobre Andes e na bacia platina na descoberta da prata e do ouro, a rivalidade peninsular entre Castella e Portugal, então mais aguçada por semelhantes descobertas, e á que veria sommar-se a rivalidade guerreira entre indigenas da lingua geral e da lingua travada. E dahi, o sentido anthropogeographico de suas remotas bandeiras em busca do Paraguai.

Foram estas, de caçadores de indios, barbaros e intrepidos, por fim devastadores das missões jesuiticas, e consequentemente, dos novos lindeiros das novas fronteiras luso-espanholas.

Nem a providencial casa de S. Paulo que a Companhia de Jesus creou em 25 de Janeiro de 1554, dando á villa o proprio nome, e cujos missionarios se devotaram a amansar indios, a christianizar catechumenos, a reviver a fé no colonizador ambicioso e sensual, poude por seus ensinamentos e exemplos deter essa força inicial e barbara — o *epos* bravio da nova gente, que a moverá a soldado ou capitão das audaciosas entradas.

Uma vez abatida a confederação dos indios salteadores da villa nascente, com a ajuda que tiveram os padres dos proprios indios e mamalucos; passados os primeiros choques entre esse "movimento paraguaio á procura do mar e o deslocamento da gente do planalto de Piratininga em busca do sertão occidental" marcados pelas impiedosas bandeiras do captiveiro; abrandados ou despertados os conflictos abertos com os padres da Companhia, mais se accentua e personaliza, com excepcionaes qualidades sertanistas, o typo racial originario de São Paulo. Esse typo regional de mamaluco só se integrará, porém, por phases ou cyclos, no sentido da conquista luso-brasileira quando, impellido a outros grandiosos periplos sob varias latitudes, pelas redes dos rios, pelas florestas, pelos caatingaes, pelos sertões calcinados, buscar outros sertões, villas e extremos territoriaes do Brasil.

* * *

Para o processo racial operado em Piratininga concorriam, ora continua ora espaçadamen-

te, portuguezes e castelhanos que buscavam a villa de São Paulo pelo caminho ou caminhos do mar e pelo das bandeiras ao Paraguai.

Nella, em geral, criavam elles numerosas proles honestas e secretas, fossem praticantes do catholicismo ou christão novos, dando-lhes uma vida social mais marcada, e a muitos de seus descendentes e affins a ambição da riqueza e do fausto.

Seria a epoca em que a villa começava "a ter em si e em seu reconcavo sete villas e em todas 20.000 vezinhos"; em que seus moradores entregues a intensa agricultura proviam o Rio de Janeiro e demais capitanias, inclusive a da Bahia, de farinhas, carnes, algodão, legumes e outros generos da poupança; e em que pelos rincões do Brasil Septentrional correriam expedições bellicosas ou bandeiras paulistas.

Tiveram estas, por missão principal, de attender ao sitio da Bahia; de combater o gentio do Ceará, do Rio Grande, do Piauhi, da Parahiba; de fazer as guerras de Pernambuco ou dos Palmares; de attingir as cabeceiras do rio dos Tocantins e Grão-Pará, as terras do Maranhão, e, em expedição que alcançou Quito e durou tres annos, o rio das Amazonas.

Nessa villa de São Paulo, na qual ainda as procissões, as eleições e os entrudos seriam das suas festas maiores, havia tambem, — como fruto peculiar a taes agglomerações humanas, — ciumadas e rivalidades entre principaes familias ,o que tomaria vulto, principalmente, por occasião das publicas reuniões.

Para fixar-lhe esse momento social de avisada significação objectiva para um historiador, traça Paulo Prado seu terceiro e interessante estudo.

* * *

E' bem a expressão da vida social da villa, em que entra muito da personalidade da gente paulista daquella e de outras épocas, a luta entre os Pires e os Camargos.

Descendentes os primeiros de sangue portuguez e de castelhano os segundos, mas ambos os ramos mesclados de sangue mamaluco, tornam-se rivaes e com tal fereza que desassocegam aos habitantes da villa, aos Governos Geraes e até ao Conselho Ultramarino em nome do rei de Portugal.

Uma velada intriga de adulterio é a causa de um crime, o motivo inicial do rompimento, rastilho para uma luta semi-secular.

Antonio Pires, casado com Leonor de Camargo Cabral, matou-a e a Antonio Pedroso de Barros, e em determinada paragem juntou os cadaveres das victimas para provar ou simular um desaggravo da honra. Estavam assim, desde esse dia, divididos os Camargos "de mais qualidade e poder na villa", dos Pires, mais numerosos, e apresentando, entre os de sua estirpe, homens como Fernão Dias Paes, João Pires, Lourenço Castanho Jaques, Pompeu de Almeida.

Em 1641 com o assassinato de Pedro Taques pelo golpe de adaga de Fernando de Camargo, o Tigre, á porta da Matriz de São Paulo, reaccendem-se os velhos odios e entra em agitação que durará mais 57 annos, a vida da Capitania.

Tudo fôra pretexto para a desforra: em 1641, para a morte de Pedro Taques, as eleições; em 1698, para a morte de Ortiz de Camargo os motins da moeda, que vieram dar aos Pires a victoria com o governo portuguez contra seus rivaes.

A figura mais representativa desse drama social é, sem duvida, a de uma mulher paulista: dona Ignez Monteiro de Alvarenga, mãe de Alberto Pires, matrona heroica, defensora intemerata de seu filho perseguido e morto; inflexivel na mantença do odio entre as familias adversas, sacrificando todos os seus grandes cabedaes pela vindicta, ciosa dos seus e, como os demais paulistas, de sua terra de nascimento. Deste sentimento tradicional dos paulistanos nos instrue o governador Antonio Paes de Sande, no seguinte conceito: "ainda que entre si tragam inimisades particulares todos se unem para conservação de sua republica".

Ao presente aspecto da vida regional no planalto, segue-se no livro o estudo do dynanismo das "Bandeiras", através do cyclo do ouro, a que implicitamente pertencem os outros sob titulos: — "Uma data" — e — "Fernão Dias Paes", que lhe succedem.

* * *

Não se furtando os paulistas a outras glorias, ao appello do monarcha portuguez em 1670, puseram-se em marcha para novas descobertas de ouro, terra a dentro.

Achavam-se, por essa época, suas populações concentradas nas margens do Tietê e do Parahiba. Segundo Capistrano, "na ribeira do Tietê: Mogy das Cruzes, Parnahyba, Itú e Sorocaba; e na do Parahyba: Jacarehy, Taubaté, Guaratinguetá, precedem os descobertos. A maior densidade, provavelmente, se notava no Parahyba, cujo valle estreitado á direita pela Serra do Mar, á esquerda pela da Mantiqueira, produzia o effeito de condensador."

Piratininga então já "não se impunha como entrada unica do planalto; formaram-se grupos conjugados do sertão e da marinha: Paraty e Tietê; São Vicente, Santos, São Paulo, Mogy e Jacarehy que, pelo menos, mais tarde possuiu ligação directa com o littoral; Iguape, Paranaguá, São Francisco, Curitiba", ensina o grande mestre e historiador.

Em pouco tempo, por toda essa extensão de territorio habitado lavrava a febre do ouro; e dahi, as numerosas tropas partirem em todos os quadrantes, guiados pelas figuras mais viris da grei paulistana.

Relembremos alguns desses guias heroicos. Quem são, como se chamam?

E' Fernão Dias Paes que "transmontara já o pino da vida", administrador da aldeia de Guanaan, que abandona sua ca-

sa opulenta acompanhado de alguns parentes e de 5.000 indios, e durante quatorze annos vadêa os sertões, povôa a villa da "Rossa Grande", primeira povoação das Minas Geraes, para, por fim, desilludido da vinda de fundidores pedidos ao Reino, se aventurar ao "Sertão das Esmeraldas" onde colherá uma pedra "metade verde outra metade azul"; é elle quem, fallecendo de carneirada no Tietê, — para outros, nas mattas do rio Doce ou afogado no rio das Velhas, — poude bem merecer o estribilho de tantos inventarios de bandeirantes daquella época: — "morto no sertão"; é Manuel Borba Gato; é Garcia Paes; é Bartholomeo de Sequeira; é Antonio Rodrigues Arzão; é Mathias Cardoso de Almeida, e são tantos e tantos outros que sob a "vertigem mineira" vão como faiscadores e lavageiros nos corregos ou a descobrir as minas "de Itaberaba, Miguel Garcia, Ouro Preto, Ribeirão de Carmo, Rio das Velhas, Sabará, Caeté, Serro do Frio, Sumidouro e mais uma dezena dellas citadas na Relação de Bento Furtado de Mendonça reproduzida na *Paulistica*.

Irão elles abrindo caminhos além de Caeté para o alto do rio Doce; pelo rio das Velhas alcançando o sertão bahiano; pelo Tietê, Paraná Mboteteú, Paraguai, São Lourenço, chegando a Cuiabá, onde, após a longa jornada, Paschoal Moreira Cabral descobre minas de ouro.

Manuel Dias da Silva alcança Goiaz, Matto Grosso, Campos da Vaccaria e a Colonia do Sacramento; Manuel Borba Gato, entre suas muitas façanhas, "revela o rio das Velhas como o caminho da Bahia"; Manuel Felix de Lima realiza o admiravel periplo, a ligação da bacia do Prata com a do Amazonas; Domingos Jorge Velho, o vencedor dos Palmares, em outros extremos geographicos accrescenta lustre a seu nome; o Anhanguera entra pelos sertões de Goiaz, attinge o Araguaia e o Tocantins, e ensina o roteiro pelo Oéste de São Paulo que mais tarde filho e genro seguiram.

Esta ainda escassa relação de bandeirantes e mineradores dá uma ligeira idéa das numerosas tropas ou monções que partiam para o grande isolamento continental, do que resultou o despovoamento, a pobresa, a miseria na Capitania.

Será uma das phases de decadencia que Paulo Prado descreve documentadamente em outro estudo de seu livro, sem abafar os ultimos sons da tuba canora em louvor da epopéa bandeirante.

* * *

Tem São Paulo por sua maior gloria as bandeiras.

Cremos, porém, ser de mau aviso pensar-se que, estudadas sob o ponto de vista particular ganharão mais justa fama regional que brasileira: porque enquadradas na Historia do Brasil, si não diminuem de vulto, emparelham dignamente com outros feitos de que dependeram e, aos quaes conjugados pela interdependencia que tiveram, completam os grandes momentos historicos da formação nacional.

O governo portuguez para formar o Brasil teve que fundir tres raças vivendo na mesma religião e falando a mesma lingua.

Queria semelhante unidade para crear uma grande colonia: creou a nação. Revelam-no os primordios de nossa historia, assim o demonstram tres seculos da idade colonial.

Sob este processo foram-se nucleando e expandindo pela costa ou nucleando e expandindo no interior, as populações: as de S. Paulo, visando á ameaça continental do espanhol do sul; as do littoral, entre o Rio de Janeiro e o extremo norte, á nação que possuisse o dominio do mar.

Ao paulista separado do littoral pela Serra do Mar, todos os rios do seu planalto correndo para o interior, coube o sertão por instincto e missão precipua. De logo, teve que advertir, nas suas caçadas barbaras do indio, ao Castelhano do sul, não esquecidos a favor de sua aventura os sessenta annos em que Portugal esteve sobre o dominio da Espanha, o que facilitou o recuo do meridiano demarcador, o avanço das nossas fronteiras.

A seguir exercitou, mais com aspecto sertanista que guerreiro, em differentes épocas, seu intemerato dynamismo nos latifundios occidentaes, meridionaes e septentrionaes do Brasil.

Os instinctos de independencia rude e descompassada bravura nas selvas, Portugal não lhos tolheu, antes os favoreceu e animou no proposito da conquista, e emquanto pelo littoral do Rio de Janeiro ao extremo norte consolidava a posse, povoando, nucleando a gente em villas maritimas servidas de bons portos naturaes, e em defesa com suas tranqueiras, fortins e fortes contra os entrelopos e as nações que as disputavam com armadas e exercitos aguerridos.

A casa branca e o engenho nortista symbolizam a phase dessa colonização a beira mar; o assucar, sua primeira fonte economica, seu trabalho, sua riqueza; o gado, seu maior elemento de estabilização e, mais tarde, de penetração sertanista, após a posse littoranea lenta mas segura, contra os indios a principio, e a seguir, contra os francezes, hollandezes, inglezes senhores do mar.

A gloriosa campanha das tres raças reunidas contra o hollandez conquistador, já no primeiro quartel do seculo XVII affirmava um viril sentimento nacional em caldeamento, erguia uma muralha indestructivel contra o pirata ou o poderoso invasor do littoral extensissimo.

Só depois da posse costeira realizada nessa obra maior da nossa historia do Brasil colonia, poderia ser garantida e consolidada a epopéa das bandeiras irradiadas do planalto paulistano para esses sertões esquecidos.

Vencido o periodo inicial de nossa formação, sómente quando a obra sertanista de São Pau-

lo tomava desmedido vulto expansionista para tão escassas populações, é que Portugal por uma serie de golpes politicos, — uns de rude autoritarismo, outros de engenhosa visão administrativa, — procurava tolher-lhe a dispersão, quiçá a esboçada preponderancia, e assim manter em equilibrio e unidade a colonia luso-brasileira. E dahi, esse derradeiro fluxo e refluxo, de dynamismo e de retorno ao planalto e isolamento da gente paulista já nos ultimos seculos da nossa historia colonial.

E é bem de notar que, si para os fins do seculo XVII, — após uma phase de jornadas bandeirantes, de descobertas de ouro, ou de seu afazendamento pelo sertão além da Mantiqueira, — se pronuncia uma phase de decadencia paulista devida ao despovoamento da terra mater, já em 1709, quando o territorio que conquistara abrangia além de São Paulo, Minas, Goiaz, Matto Grosso, Santa Catharina, Rio Grande e terras da Colonia do Sacramento, Portugal ao mesmo tempo que creava a capitania de São Paulo com o territorio pelos paulistas conquistado, mas de escassissima população, tambem destruia o velho caminho das minas partido de Parati em busca de Taubaté e da Mantiqueira. E destruindo esse caminho e abrindo o novo que ligava o Rio de Janeiro ás Minas Geraes, cortava assim o predominio das entradas de São Paulo para as mais valiosas descobertas auriferas.

Fruto immediato de semelhante golpe politico, pela invasão de forasteiros de além mar ou das lavouras da costa "em ondas de gente de toda a estirpe e feição avassalando o deserto subitamente", como diz João Ribeiro, foi, de logo, o encontro dos paulistas com os emboabas, de 1708 a 1710; e, em consequencia dessa derrota, dez annos mais tarde, o desmembramento de São Paulo dos extensos e ricos sertões das minas.

Em 1738 desmembram-lhe os sertões e terras ribeirinhas ao mar de Santa Catharina e do Rio Grande; em 1748, os sertões de Cuiabá e Goiaz. Só em 1765 foi restaurado o Governo em São Paulo.

Nessa outra phase de decadencia que novamente assignala o rythmo alternado de isolamento e de dynamismo através das idades paulistas, succede-lhe com o esquecimento "de sertanear e minerar" o amor mais regionalista á terra, o retrahimento amúado, o gosto da solidão, a nevrose da desconfiança, mas tambem a concentração de suas grandes energias através do labor e pobreza de seu povo.

Vem aos poucos tiral-o desse estado de hibernação, mas sem já aquelle "epos" bravio do periodo heroico, e como factor economico primordial, a agricultura representada no café, que lhe foi trazido não pelo Caminho do Mar por onde hoje desce para os mercados do mundo ,mas pelo valle do Parahiba. E ao compasso dessa lavoura, — primeiro pelo trabalho escravo, depois pelo do colono europeu, — elle resurgiu, enriqueceu em suas opulentas fazendas, entre oceanos de cafesaes em verde ondulação esmaltado de rubros frutos, até as terras do Paraná, do Matto Grosso e de Minas.

Deve, portanto, São Paulo ao café o motivo da ultima bandeira na sua antiga capitania, — não para colher ouro mas para leval-o, — e para na sua riqueza soffrer a advertencia de um martyrio: o "Martyrio do café" — como houve outróra o martyrio do assucar, — e que Paulo Prado descreve num instructivo capitulo de agradavel e interessante leitura.

Mas o café dando riqueza ao paulista civilizado das cidades e do interior, não lhe corrigiu, antes augmentou, seu isolamento instinctivo dentro nas nossas fronteiras, seu amúo caracteristico daquelles tempos passados, em que ainda vive e prospera. E esse isolamento lhe é tão bem definido, na sua propria terra, que ainda a Serra do Mar não foi por elle vencida: excluida a cidade de Santos, attesta-o seu extenso littoral, sem alma regional maritima, esquecido na sua pobreza, como das mais pauperrimas faixas do littoral nortista.

E' um symbolo de seu isolamento numa expressão geographica. E si a tanto Portugal o forçou para compassar a formação luso-brasileira ante seu grande expansionismo sertanista e minerador, para o Brasil de hoje esse isolamento não deve existir, como até economicamente se o demonstra.

Mas, para missão mais alta, neste instante, não basta a producção industrial e agricola que elle leva a todos os recantos do Brasil, confirmada pelas estatisticas dos nossos mercados regionaes do norte, do centro e do Sul. Faz-se precisa parallelamente, uma obra de intelligencia e de coração, de que vem sendo nobre testemunho a vida intellectual de Paulo Prado votada ao estudo e divulgação de nossa Historia, e de que é expressão maior a amizade que dedicou a Capistrano de Abreu.

Ao mestre, guia e amigo são destinadas as ultimas paginas de sua *Paulistica*, que bem poderão vir a ser o futuro Caminho do Mar de São Paulo.

EUGENIO DE CASTRO

Arnon de Mello — *S. Paulo venceu!* — Editores Flores & Mano — Rio.

Este livro, agora em quarta edição, foi um dos melhores dentre os inspirados pela revolução paulista. A argucia do autor e a sua pratica da reportagem á moderna levaram-no a ser um bom memorialista do movimento guerreiro que tanto apaixonou a nossa gente. Nenhum pedantismo em sua linguagem, onde tudo procura o effeito narrativo pelo caminho mais rapido, sem digressões inuteis ou enfadonhas. Os principaes episodios são muito bem marcados e as personalidades de mais relevo não passam sem uma nota que bem as caracterize psychologicamente.

BRASIL, DESERTO DE HOMENS

A velha tirada de René transplantada para o Brasil (a terra é boa, já o disse o secretario Pero Vaz) ameaça degenerar em logar-commum, falsa como um logar-commum. E' tempo de cortar pela raiz a herva damninha. Porque afinal não seria difficil demonstrar que o Brasil é capaz de produzir, tem produzido e produz homens excepcionaes, homens no mais alto sentido da palavra, notaveis pelo talento e pelo caracter. A verdade, que devemos confessar humilhados e com as mãos batendo os peitos, é que o estado da nossa cultura, ou antes da nossa incultura, o ambiente depressivo em que por culpa nossa temos vivido até hoje, governantes e governados, mata o talento, deslustra e desdoura as obras do talento e do caracter.

Não quero outro exemplo que o do nosso admiravel João Ribeiro, que viveu a mais nobre das existencias frustrado de honras e favores officiaes, desajudado dos poderosos, mal comprehendido, mal recompensado, no fundo talvez patrioticamente hostilisado, e que o Brasil viu desapparecer hontem, já não direi com indifferença, mas nesse estado de semi-inconsciencia que é o peor symptoma nas crises morbidas dos povos, grandes ou pequenos.

Nada impedirá, entretanto, que se continue a repetir com emphase, para melhor acalentar-lhe o somno, ou pelo simples gosto do logar-commum, o estribilho do "Brasil, deserto de homens".

AS TABOAS DA LEI

Desde Moysés e os mandamentos do Sinai (e provavelmente muito antes de Moysés e dos mandamentos do Sinai) esta velha marosca das taboas da lei atormenta os homens. Nem lhe escaparia o divino Platão, ethereus Plato.

Novas taboas substituiram as antigas, novas leis, novos codigos, novas instituições, que haveriam de estabelecer, emfim! o reinado da paz e da concordia na terra; fundem-se e refundem-se codigos, fazem-se e refazem-se constituições, e o resultado é que a humanidade continua a ser como aquella enferma de que nos falla o Dante no terceto famoso, que não cessa de mudar de posição no catre sem achar allivio.

Somigliante a quella inferma,
Ché non puo trovar posa in su le piume
Ma con dar volta suo dolore scherma.

O homem, que transpoz abysmos, perfurou montanhas, devassou o mar e o ar, o homem civilisado que governa as forças da natureza e da materia, só não aprendeu a governar-se a si mesmo. São de hontem as palavras de Herbert Spencer escrevendo no seu testamento: "trabalhei em vão; gastei minhas forças inutilmente"; e consternado do espectaculo de um falso progresso social, do envilecimento do caracter, do militarismo renascente, do imperialismo triumphante, da tendencia para o despotismo dos governos e da indifferença das massas, concluindo com desanimo que "o mundo retorna pela barbaria á escravidão".

Será que essas leis, essas instituições famosas, essas vastas e complicadas constituições com o seu formidavel repertorio de regras, sancções, dispositivos, laboriosamente ordenados em capitulos, titulos, sub-titulos, pacientemente estudados, esmiuçados, emendados, desdobrados e refundidos por espiritos subtis, eloquentes e obstinados não contenham nobres e salutares preceitos, normas capazes de assegurar a ordem, a paz, o socego em determinado grupo de individuos num pequenino canto do planeta? Ao contrario, algumas até são sublimes e grandiosas. Talvez sublimes e grandiosas demais — e está nisto provavelmente o seu maior defeito. Leis para demiurgos. Leis para superhomens. Não leis para troglodytas.

ALBERTO RAMOS.

CRUZEIRO DO SUL

(*Sonata ferroviaria*)

Allegro

Na região azul da fantasia erro
porque te amo.

E o meu Cruzeiro do Sul é o trem de ferro!
Proclamo:
o meu prazer não se define
ao penetrar-lhe na cabine.

Andante

Porque te amo a vida me parece bella,
toda em tons de ouro e rosa e azul.
E se a ti me conduz, minha unica estrella,
se me approxima do teu coração
mais, para mim, do que a constellação
brilha o Cruzeiro do Sul!

Scherzo

Nos teus labios vejo
a palavra: — Vem!
E veloz e doce como o meu desejo
dentro da noite
desliza o trem...

Final

Cruzeiro! o ceu illustras com o teu fulgor!
Mas, não me inspiro
e o que prefiro
é o que me leva para o meu amor.

ABNER MOURÃO

— Extrahiram uma fita cinematographica do *Vol de Nuit*, de Saint-Exupéry, aviador que já andou aqui pelo Rio. E' sabido que a acção desse livro decorre em zonas sul-americanas, sendo o trecho mais palpitante da acção uma travessia ousada pelo céo dos Andes.

TESTEMUNHOS CHRISTÃOS

Isabelle Rivière — Lechemin de Croix du pécheur. Edições R. A. Corrêa, Paris, 1934.

Falando a respeito do Abbade Brémond — o humanista perfeito, desgarrado até ha pouco nos nossos barbaros dias por um desses anachronismos maliciosos com que por vezes se diverte a vida — louva-o Mauriac por ter sabido, na biographia de um santo, respeitar as profundezas mysteriosas das communicações entre Deus e o homem. E accrescenta que o drama da santidade nunca será escripto. (Não tendo á mão o volume do *Journal* em qe li isso, não garanto a fidelidade rigorosa da citação. Foi essa a idéa que me ficou, mas entre o livro e a lembrança do leitor ha espaço para tantas transformações...)

Sem duvida, nada mais nosso, mais intimo, do que as nossas relações com Deus. São o nucleo, o ponto central da alma — e quem ousa penetrar até lá? Pois ousou-o, e conseguiu-o Isabelle Rivière. Se nas cousas do espirito houvesse uma nobreza de familia, conviria lembrar que é a viuva de Jacques Rivière, e irmã de Alain-Fournier — o Fournier do *Grand Meaulnes*. Porém não ha, ella vale por si, pela obra admiravel que realizou. Mas como tem grandes affinidades com o irmão — o sentido do super-natural, a sua integração na vida quotidiana — como tambem ella nos conduz a um paiz maravilhoso, vale lembrar o parentesco para melhor podermos situal-a.

Não escreveu o drama da santidade, mas fixou o do peccador. E não serão, na essencia, o mesmo drama?

"Quem não conhece as regiões do mal não póde comprehender este mundo. Se o estoico as ignora, o santo conhece-as bem", observou Jacques Maritain.

Os crentes, santos e peccadores possuem sobretudo differenças quantitativas; a qualidade é a mesma, pois a noção do peccado, a distincção rigida entre o bem e o mal — mas não entre os bons e os máos — são o substractum de uns como de outros. No peccador que se sabe peccador póde sempre surgir um santo. O ponto de vista christão é um pouco o do jogador: arrisca-se todo, está sempre na imminencia de tudo ganhar e de tudo perder. Nada é mais injusto, e mais falso, do que falar-se do narcotico religioso. A attitude do catholico seria a do homem crispado, perseguido, não fôra a confiança em Deus.

Escrevendo a tragedia dos peccadores, Isabelle Rivière não terá ao menos insinuado a dos santos.

Creio que só uma mulher — nós somos mais instinctivas, e por isso as cousas se nos apresentam mais directas — poderia attingir essa sinceridade absoluta, ousaria desnudar a alma, assim, simplesmente e revelaria o segredo das suas conversas com Deus. Os homens, sendo mais intellectuaes, são mais complicados, sobretudo mais reservados em se tratando de sentimentos. Sempre me pareceu que uma das causas de desintelligencia entre os sexos era a questão do pudor: o feminino o possue mais em relação ao corpo, e o masculino em relação á vida moral.

Entretanto, não ha exposição exaggerada, não ha sombra de ostentação do eu nas paginas do *Chemin de Croix du Pécheur*. Não, a autora não se exhibe — como não se esconde. Absorta no drama do Calvario, e no seu proprio drama, fica num plano onde recatos e convenções não penetram. No plano da verdade. Sente-se que para ella nada mais existe. Dahi o seu raro alcance, a resonancia prolongada do seu grito de dôr. Não arma effeitos, como não descamba em pieguices de beata. Luta, geme, soffre — e se submette.

Aquella que disse: "Toda desobediencia á ordem é a creação de uma desordem", acceita a cruz, dobra-se á Ordem Suprema. Mas sem se deshumanizar. Ao contrario. O livro é bem o caminho da cruz dos peccadores, daquelles que a terra chama, e enleia, e attráe. Daquelles que vivem divididos, despedaçados, ouvindo os apellos do alto, não sabendo resistir aos de baixo. Daquelles para quem o amor de Jesus "não tem medida".

Livro de christã e de mulher, de artista e de pensadora, o de Isabelle Rivière não é um manual de piedade. E' uma obra humana, pungente, e bellissima.

LUCIA MIGUEL PEREIRA

— O hespanhol Julio Camba, de um tradicionalismo insusceptivel de curvar-se aos imperativos da época, combate a vida mecanica dos norte-americanos em *La ciudad automatica*. Para elle, nenhum accrescimo traz á humanidade aquelle progresso de usinas e laboratorios que tambem não lhe traga um progresso de almas. Progredir unicamente na parte dos machinarios é quasi sempre regressão. A seu ver, o proprio Marc Twain, humorista dos mais complicados, ri com um rictus que parece resultar de uma especie de combinação de relojoaria. E é curioso como falte ideal a uma gente que evoca tanto os idealistas ou os ideologos da Biblia e levou o seu puritanismo ao extremo de querer beber apenas agua...

— *San Manuel Bueno Martir y tres Historias mas*, — eis o titulo da ultima collectanea de Miguel de Unamuno. O velho lutador da democracia, agora, ao que parece, meio desencantado com a democracia castelhana, pende, neste volume, para um agudo modernismo, querendo estar perfeitamente em dia com as gerações mais recentes. O homem que detesta a gravata e outros logares communs, que nunca ninguem viu sorrir, narra os tormentos de um padre que deixou de crer, mais ou menos como no caso de Lamennais, e que os crentes veneram como sendo o mais completo dos crentes. A dura ascetica hespanhola transluz em episodios desses, máo grado o tom paradoxal e voluntariamente desabusado que a narração assume em certas passagens.

A morte de Ismael Nery

O drama de Ismael Nery se passou entre a não acceitação philosophica da vida e as propostas de seducção que a mesma lhe offerecia. Acreditando ultrapassar o conteúdo da existencia que teria esgotado ou pervertido pelo emprego de uma intelligencia poderosa, Ismael estava, entretanto, preso ao mundo pelo espectaculo das formas e cores com as quaes elle traduziu a nostalgia de outros mundos e poude sublimar os complexos de infancia. Com o mesmo frenesi com que nas suas realizações plasticas fazia a utilização das coisas sensiveis, mostrava o seu desdem pelo que elle considerava apparencia enganadora e desprezivel de uma essencia immortal, resultando dahi o seu interesse em guardar as proprias producções que estariam perdidas si o poeta Murillo Mendes, o mais proximo dos seus companheiros, não as arrecadasse na certeza de que estava colhendo dados para a canonização poetica do amigo. O caso de Ismael Nery terá que ser estudado e comprehendido á luz de outros elementos que não os mais correntes na interpretação dos homens. Infernado por uma vida interior tempestuosa, agarrado aos phantasmas de sua psychose, falando aos demais espiritos de preferencia mas não unicamente na linguagem sibyllina de seus desenhos, esse artista passará incomprehendido, se julgado pela escala normal dos valores humanos.

Os seus meios de expressão não eram propriamente os de um pintor, como não o são os de Max Ernst, os de um André Masson, os de um Cicero Dias, — a materia pictural existindo em minima parte em seus trabalhos; são porém, os que mais se approximam da pintura, já que esta se tornou incapaz de traduzir a riqueza innumeravel da vida interior do artista. As côres de que se servem não são as que ferem os nossos olhos, mas as que se apresentam á nossa imaginação sob a claridade onirica.

Singular a lucta do artista quando parece querer dispensar como precario o mundo das fórmas e é por ellas attrahido. E' quando se nota que seus desenhos representam tambem o repouso á inquietação, porque eram um modo de agarrar e vencer o seu desespero. Tinha elle, porém, consciencia de que fóra desses intervallos de apaziguamento transitorio, a tormenta recomeçaria. Dahi o prolongar mais tempo, até ás vezes ao maneirismo, o contacto com as fórmas e volumes e o prazer de geral-os onde quer que encontrasse campo proprio, papel de embrulho, mesa de café ou tampa de caixa. Podendo inculcar o seu mundo interior e abstracto, Ismael esquecia e evitava as apparencias objectivas que acaso o prendessem á realidade exterior e á vida quotidiana, contra a qual se insubordinava, revelando assim o seu subjectivismo e uma das fórmas curiosas de inadaptação ao real. Não só inadaptação, como horror ao real aggravado por uma comprehensão panica do mundo e pela não acceitação das directrizes logicas e humanas que elle deverá tomar com a revolução marxista. Do mundo sensivel o artista apenas se utiliza como indicação e ponto de referencia para as suas abstrações plastico-poeticas. No entanto, o cerebralismo mystico dessa obra procura compensação no sentido voluptuoso do seu graphismo e no gosto perverso com que desdobra os seus arabescos fechando as fórmas lyricas de sua sexualidade. Num quadro intemporal, Ismael insére as figuras que têm expressão de espanto sereno, de tristeza metaphysica. As personagens fogem atravez de planicies de pesadelo. Aqui então se sente a reminiscencia do nostalgismo de Chirico da primeira phase.

Na formação artistica, Ismael tomou conhecimento da experiencia cubista, que lhe teria dado o gosto da composição synthetica, da superposição dos planos e da fragmentação geometrica dos objectos. Essa influencia, aliás, veio apenas ao encontro do seu sensualismo cerebral, para ajudal-o a revelar a sua personalidade.

Mas as fórmas eram insufficientes para traduzir o pensamento atormentado desse artista poeta, tão escrupuloso, tão complicado e tão simples. As taras ancestraes, mixto de doçura, religiosidade e certo sadismo psychico, repontaram nelle creando e destruindo a sua personalidade. Convencido por fim da sem razão da vida, o que não era mais do que a inadequação de seus meios de syntonizar com ella, Ismael começou a morrer, na certeza obsessão de que era impossivel estabelecer qualquer accôrdo com a existencia. Veio-lhe uma consciencia tragica de tudo.

De certo tempo para cá, tanto em suas attitudes pessoaes como em suas realizações plasticas, a imagem da morte era tão insistente que a vida ao seu vêr só tinha um sentido, porque caminhava para ella, porque ia dar nesse estuario monstro. Após a consciencia tragica de tudo, adquiriu nas immediações da morte, uma serenidade espantosa. Os complexos religiosos se lhe abrolharam completamente e elle se envolveu nelles. Os seus amigos o enterraram ha poucos dias.

ANNIBAL M. MACHADO.

Max Beer — *Karl Marx* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

E' uma synthese da vida e da obra de um dos maiores agitadores dos tempos modernos. Sacudindo os espiritos, não através de uma sentimentalidade piégas, do appello a uma fraternidade lyrica talvez inexequivel, Marx dirigiu-se aos homens através de calculos de uma logica cerrada.

MAIS UM LIVRO POSTUMO DE VICENTE LICINIO

Maracás — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Com pequeno intervallo acabam de surgir dois livros postumos de Vicente Licinio Cardoso, o mallogrado pensador brasileiro tragicamente desapparecido ha dois annos: *A' margem da historia do Brasil* e *Maracás*. E outros virão ainda: os *Pensamentos Americanos, Varios Escriptos* e uma segunda edição, muito augmentada, da *Philosophia da Arte*. Este é o grande livro de Licinio. Nelle o philosopho e o sociologo alam-se ás mais altas cogitações da esthetica. Positivamente essa philosophia sociologica da belleza nem parece escripta por brasileiro: está por ventura fóra do nosso tempo e do nosso meio. Livro que ninguem leu, e poucos, muito poucos, poderiam comprehender, orgulhará os posteros. Felizes os autores contemporaneos do futuro!

A *Philosophia da Arte* veio a lume em 1918. O prefacio de *Maracás* está datado do outomno septentrional de 1919. Tudo leva a crêr que foram elaborados quasi ao mesmo tempo, este com pensamentos, reflexões e notas que se não enquadram na estructura systematica do primeiro. Como quer que seja, os *Maracás* relembram a maturidade espiritual do escriptor.

Já é tempo de esclarecer o estranho titulo do volume. Dou a palavra ao proprio autor: "Os maracás, instrumentos sagrados das tribus indigenas das Americas, são simples "chocalhos" de seixos ou de sementes escolhidas, que, empunhados pelos chefes mais fortes ou mais habeis, dão aos selvicolas nas cerimonias religiosas, pela cadencia do rythmo, a lembrança do poder dos deuses. Um livro é, quando muito, um *maracá* de idéas, comprehendida a relatividade de seu poder de acção sobre os homens".

Pela mesma designação do livro, infere-se que Licinio, ao compol-o, já se havia voltado para o circulo de ideias que depois designou pelo nome de "humanismo brasileiro". Aquelle arguto espirito que vinha de fazer a viagem completa da historia do occidente — a *Philosophia da Arte* é uma philosophia historica da arte — desde o milagre grego á renascença, desde as escolas de pintura de Hollanda á architectura americana, como que se sentia enfarado de historia do Velho Mundo e se voltava para o pensamento balbuciante do nosso continente á procura de "algumas idéas e sentimentos novos".

Na fórma, os *Maracás* é livro europeu, e recordam *Morgenrode* de Nietszche. No conteúdo, se devia mostrar essa obra profundamente anti-européa, genuinamente americana. Pelos menos foi intenção de Licinio fazel-a tal. Creio que só muito de longe o conseguiu. Tire-se o que ha nella de idéas européas, sentimentos herdados, cultura multisecular, que restará?

E' que somos muito mais transoceanicos do que parecemos á primeira vista. O americanismo cultural, em vez de realidade, não passa de alto programma. Programma magnifico, que é preciso ir-se pondo por obra. Licinio bem o sabia, mas visava o futuro. O proprio pragmatismo de W. James foi um nome novo para velha maneira de pensar: "ein neur Name für alte Denkmethoden". Socrates e Aristoteles já foram pragmatistas, segundo Vorlander.

Foi Licinio Cardoso, entre nós, o maior espirito critico de sua geração, a primeira que nasceu com a republica e agora marcha para o declinio. Philosopho, historiador, ensaista, professor, fez do culto das ideias a sua religião. Amou o Brasil com um enthusiasmo que contrastava com a frieza do seu temperamento. Calmo, ponderado, avesso á rhetorica, esse nacionalista apaixonado pouco, por esse lado, tinha de brasileiro. Sua fidelidade aos factos, ao positivo, ao justo, denunciava, pelo contrario, o filho transplantado da velha cultura mediterranea.

E agora mesmo nesse livro, com pretenções autonomistas, com o proposito de ser genuinamente brasileiro, nesse florilegio dos *Maracás* denuncia-se o requintado amante da clareza, da medida, da tradição cultural. Lá está o estudioso que leu os grandes classicos do pensamento de Socrates a Goethe. Lá está o discipulo dos dois grandes Aristoteles, o antigo e o moderno. E os problemas que focaliza são problemas europeus, humanos, universaes.

Pobre America inexperiente, que poderias dar para completar o peculio intellectual que desde a sabedoria hellenica se vem accumulando no Occidente?

A partir dos *Maracás*, aliás inedito até agora, o pensamento dominante de Licinio é de que não devem os americanos ser bastardos espirituaes dos europeus. "Sem nos capacitarmos de que somos *brasileiros* (latinos pela civilização, tropisem nos convencermos conscientemente de que somos *brasileiros* (latinos pela civilização, tropicaes pelo determinismo cosmico) não poderemos nunca abandonar essa posição falsa e perigosa (mas explicavel no passado) de querermos continuar a ser *bastardos espirituaes* dos povos europeus". Palavras são estas do prefacio de *Vultos e Ideias*, livro de 1924.

Essa attitude não basta para caracterizar um systema philosophico. E ainda que o bastasse, não atino porque denominal-a de humanismo, nem no sentido classico, nem no moderno, cunhado por Schiller, professor em Oxford.

Abguar Bastos — *Terra de Icamiaba* — Adersen Editores — Rio, 1934.

Este livro, que se chamou na primeira edição *Amazonia que ninguem sabe*, é um mixto de factos de indubitavel veracidade e de aventuras apenas occorridas no cerebro do autor. Atordoado pelas suggestões de um ambiente em que tudo facilmente se deturpa em hyperbole, o sr. Abguar Bastos não deixa de ser meio gongorico ao tratar de homens e coisas da região amazonica. Mas o caso é que, em meio ás miragens, repontam, a cada passo, trechos de vida que uma forte palpitação humana aquece e embelleza. Se não vamos ao exaggero de alguns panegyristas do livro, que approximam o escriptor de Euclydes e Graça Aranha e o dão como destinado "a marcar o inicio de um novo cyclo nas lettras brasileiras", temos bastante prazer em chamar a attenção dos nossos patricios para essa pintura, meio barbara e meio livresca, de uma terra que evidentemente merecia ter o seu Kipling ou o seu Conrad.

Raul Maia — *Diccionario das questões sociaes* — Edições Caramurú — S. Paulo, 1934.

Como bem accentúa o sr. Antonio Figueiredo em judicioso prefacio, está em jogo, não um fanatico dos credos reformistas que sacodem as sociedades de hoje, mas um attento esmerilhador dos elementos de evolução historica, que conduziram o genero humano á situação em que se encontra nos nossos dias. Homem de innegavel cultura, escrevendo com simplicidade e clareza, tendo, em summa, o dom da expressão synthetica, o sr. Raul Maia realiza, neste volume, um trabalho cuja falta era realmente sensivel em lingua portugueza.

JOÃO RIBEIRO

Ao evocar a figura de João Ribeiro, que, ha poucos dias, com amargura d'alma, levavamos á ultima morada, vem-nos a recordação de certa e rara planta das regiões polares, o *Colobanthus crassifoliis*, que zombando de tudo, sem humo ás raizes e sem sol nas folhas, ali floresce todos os annos, no "pallido reino do silencio e da morte".

Assim foi João Ribeiro entre nós. Na terra mais safara, no ambiente mais hostil, a sua alta intelligencia, sempre voltada para a sabedoria, sempre preoccupada com a belleza, floriu até o ultimo instante e, quando morta, deixa o ar impregnado de uma fragrancia eterna: — obras que marcam no destino de uma nacionalidade, orgulho dos seus coévos, exemplo ás gerações que hão de vir.

AUGUSTO DE LIMA

Com a morte de Augusto de Lima o Brasil perde realmente um poeta. O autor das *Contemporaneas* e dos *Symbolos*, embora partido de uma geração que se preoccupou com os ideaes egualitarios da Abolição e da Republica, evitou sempre os excessos demagogicos e soube voltar-se para as cogitações philosophicas, em poesias carregadas de pensamento, sem prejuizo de uma bella expressão lyrica. Sonetos seus cantam ainda por todas as memorias. Foi uma nobre figura de intellectual avesso ao zabumbar de louvores das parcerias de elogio mutuo e que se fazia estimar e prezar pelo conhecimento directo dos versos em que converteu em belleza duradoura tanta profunda aspiração humana.

Jonathas Serrano — *Historia da Civilização* — Editores F. Briguiet & Cia. — Rio, 1934.

E' a quarta série de uma excellente obra didactica. Conhecendo como poucos em nosso paiz os textos historicos universaes, o sr. Jonathas Serrano escreve com uma simplicidade que não exclue a elegancia e tanto podem percorrel-o os simples estudantes como tambem os intellectuaes de cultura já formada. Fugindo á rotina embrutecedora, procura elle infundir ao ensino da materia um processo que põe em actividade os methodos de intuição dos alumnos e mesmo obriga certos professores ronceiros a sacudirem um pouco as ferrugens do espirito.

Departamento de Educação do Districto Federal — *Programmas e guias de ensino* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Por intermedio do illustre confrade sr. Sodré Vianna, que tem fornecido no radio excellentes lições divulgadoras sobre escriptores nacionaes, recebemos os programmas de linguagem e de mathematica que o Departamento de Educação do Districto Federal lançou com tanto proveito para os espiritos jovens do paiz. São trabalhos que reflectem os melhores processos educacionaes de ultima hora, esquivando-se tanto quanto possivel á aridez dos chamados "pontos" em que se compraziam os velhos pedagogos e sobrepondo ás enumerações incolores certas syntheses fecundas que provocam e mesmo exigem a cooperação simultanea de professores e alumnos. Escusado é dizer que tudo isso visa uma finalidade eminentemente pratica, aliás sem prejuizo da boa litteratura, que nem uma vez é esquecida em vindo á baila assumpto de linguagem.

Nas questões fundamentaes, Licinio continua a ser o neo-positivista da *Philosophia da arte*. O sr. Castilhos Goycochêa (*O super humanismo de Vicente Licinio*, Rio, 1934) procurou traçar a sua evolução espiritual: positivismo, pantheismo spinozista, espiritualismo. Ahi está um ponto que merece mais detido exame, que sómente poderá ser feito depois de ultimada a publicação de sua obra.

Deixemos de lado, por emquanto, essa rigorosa classificação, para nos deleitar com os aphorismos e reflexões dos *Maracás*, livro delicioso e profundo, que revela feições ignoradas de um grande espirito, inimigo de brincar com as palavras e que só tomava da penna para dizer alguma coisa que merecesse ser dita.

Os *Maracás* filtram a cultura universal de um moralista, que, entre o empirismo e o relativismo, desdenhando dos deuses pereciveis, comtudo ensinava: "A vida, visando o maximo de Bem, deve ter por meta a expressão da maior parcella de Verdade sob a melhor forma de Belleza".

ALCIDES BEZERRA.

O FOLK-LORE MUSICAL NO BRASIL

A obra de Luciano Gallet, *Estudos de Folk-lore*, que os esforços dedicados de Mario de Andrade e Luiza Gallet conseguiram arrancar do olvido, veio preencher uma lacuna em nossa historiologia musical.

Nada possuiamos a respeito, á excepção dos ensaios de Mario de Andrade; Folk-lore musical, para certos eruditos, é coisa de somenos. Ou se contentavam, no assumpto, com o capitulo que nos dedicou Albert Friedenthal no seu *Tanz und Dichtung bei den Kreolen Amerikas*. Na pura ethnographia, a não ser os phonogrammas existentes no Museu Nacional e colhidos pelo prof. Roquette Pinto, ignora-se que os eruditos allemães, como Koch-Gruenberg, teem gravado uma importante collecção da musica amerindia, que está na Allemanha. Veja-se a differença na America do Norte. Trabalhos como o de Krehbiel sobre a musica negra: *Afro-american folk-songs*. As pesquizas do Smithsonian Institute, de Fletcher, Densmore, etc., sobre a musica Chipewa, Omaha, Pawnee, Papayo e outros povos indios.

Isso é uma tristeza para nós. Com o rotulo de musica nacionalista, avançam os nossos compositores no mais perigoso individualismo. E impingem como coisa interessante, e até educacional, umas tiradas subjectivas em torno de um motivo pentatonico de um Pareci longinquo ou de um cantico fetichista, que não passaram ao folk-lore.

Dou inteira razão a Mario de Andrade quando diz que um é musica amerindia, outro é musica africana, mas nenhum é musica brasileira. No emtanto, devemos registar essas musicas. Penetrar no recondito das selvas do Brasil Central bem como ouvir a toada religiosa dos *pegis* afro-brasileiros. Assumptar o que passou ao folk-lore. Destacar, em nossa ethnia hybrida, a nossa musica hybrida, misturada (*hybride, gemischte Musik*), no sentido de Friedenthal.

O *folk-song* brasileiro é um syncretismo de tres origens musicaes: amerindia, negra e portugueza. Foi esse criterio que norteou as pesquizas de Luciano Gallet.

No prefacio, que lhe dedica Mario de Andrade, poder-se-a pensar que é pura biographia, pagina de commovida saudade ou reivindicação do nome do Autor no scenario musical brasileiro. Não é. Este prefacio era mesmo necessario á comprehensão da theoria musical que Luciano Gallet desenvolveu em sua curta e fecunda trajectoria nos dominios da musica. Theoria que elle applicou aos processos de composição, de creação, e adaptou no seu methodo pedagogico, hoje desenvolvido por Luiza Gallet, e cujos resultados tão bem conhecem os seus alumnos.

Essa theoria pode-se eschematizar assim. O Brasil é um paiz jovem, de cultura incipiente. Ainda dispersivo nos seus valores emocionaes. Perigo do individualismo. Principalmente na musica. Vamos descobrir o seu substractum affectivo. Fundo commum emocional á busca de unidade. Folk-lore. *Folk-song*. Inconsciente collectivo. Inconsciente folk-lorico. Psychanalyse. Antes de sermos musicos (principalmente compositores!), devemos estudar o nosso folk-lore musical. Isso nos incute um sentimento collectivo, um sentido de communidade, que será um correctivo ás tendencias egocentricas de creação individualista. Que, no momento, não terá significação nacional, nem cultural, nem nada. Será uma linha de orientação ficticia, de falsa creação. Puro Adler.

A critica que se poderia fazer a Luciano Gallet, de um menor-valor na composição, converte-se no seu maior titulo de gloria. Elle sacrificou o ideal individualista ao sentido de communidade. Base de toda a cultura. Primeiro degrau de estratificação musical. Elle indicou-nos o verdadeiro caminho e foi desta sorte o musico brasilei por excellencia. Nacionalização do individuo musical. Socialização: folk-lore. Mario de Andrade, que é critico musical, já disse isto melhor do que eu, que não o sou. Apenas annoto as minhas reflexões do ponto de vista da ethnographia, da psychologia ethnica.

O livro posthumo de Luciano Gallet suggere-me muitas considerações que não poderei desenvolver num simples registo bibliographico. Principalmente sobre o *folk-song* de origem negra, que ficará para um ensaio que tenho em preparo. Não me furto, porém, desde já a applaudir a sua observação que a musica amerindia pouca ou nenhuma influencia exerceu sobre nós. E se exerceu, foi ou é por vias indirectas: de um lado, através da estilização do branco (o que deixa de ser folk-lore); do outro lado, por intermedio do negro. E' evidente, no Nordeste, aquillo que se poderá chamar a *negralização* da musica do caboclo, nos autos populares ou nos cultos de feitiçaria. Mas no momento, vou parar aqui, recommendando aos nossos musicos que leiam os *Estudos de Folk-lore*. Mas de olhos bem abertos.

ARTHUR RAMOS.

PROXIMAS EDIÇÕES "ARIEL":

Roquette - Pinto

Samambaia

(Contos).

F. Contreiras Rodrigues

Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial

Luc Durtain

Imagens do Brasil e do Pampa

(Trad. de Ronald de Carvalho)

DE NOVA YORK

85 ANNOS DEPOIS

Ao acceitar o sr. Coolidge, logo após á sua sahida do governo, a proposta que lhe fizera a revista *Cosmopolitan*, para escrever as suas memorias á razão de um dóllar por palavra, pensou-se com sobejos motivos, que esse preço sem precedentes viesse estabelecer um recor difficil de ser batido. Julgou-se tambem (e nisso deveria coincidir a intenção commercial daquella revista) que o ex-presidente, recem-sahido da Casa Branca e por seu turno um legitimo *selfmade man*, tentado por essa paga capaz de fazer cocegas á phantasia de qualquer escrevinhador, désse em puxar pelo bestunto, o que equivaleria a puxar dóllares do editor, e assim, enchendo laudas com aquella velocidade genuinamente americana, trouxesse para a rua muita mexeriquice tramada nos corredores do seu "sanctorum"; que deante desse monte de paginas em branco, a memoria do sr. Coolidge se fizesse mais activa, pondo em pratos limpos muita coisa desconhecida da sua actividade politica e particular.

Enganaram-se porém os editores e todos os que assim pensaram. O sr. Coolidge, cidadão honesto a toda a prova, não se excedeu numa palavra! Disse menos, muito menos do que se esperava! Quasi não disse nada! Para que a sua auto-biographia tivesse o vulto dos livros de 200 paginas, foi preciso que recorresse á cunha providencial das entrelinhas de tres pontos, e quanto á substancia da obra, preferiu o economico falar do seu cão de estima, da sua predilecção pelas navalhas antigas em vez das commodas Gillettes, dizendo mais minuciosamente que o seu brequefaste se compunha quasi sempre de uma papa de aveia, algumas fatias de presunto, torradas e café. E em sentença á parte, explicava que em geral era o cachorro que saboreava o presunto.

Quanto ao tino politico e philosophia do homem que tinha pilotado o galeão nacional pelo mar de maior bonança de que ha noticia, pouco havia que respigar, a não ser aqui e ali alguma gemmazinha deste jaez: "Nada é mais prejudicial a um paiz do que ter o poder central em mãos improprias". Ou, mais auto-biographico: "Poucos homens são desprovidos de capacidade; se fracassam é por falta de expediente"...

A editora expôz o livro a tres dóllares o exemplar; seis mezes depois era vendido nas tabacarias da United Cigar Stores a 50 centavos, e ninguem queria.

Era um bemaventurado aquelle sr. Coolidge, e se o tachigrapho não errou ao tomar por escripto as promessas de Christo no sermão da montanha, elle subiu direitinho á gloria celeste, que bem a merecia.

Consta, porém, que o recor de um dóllar por palavra não ficou de pé por muito tempo. O sr. Al Smith bateu-o, logo depois, ao escrever a sua auto-biographia — *Up From City Streets* — livro bem mais massudo que o do ex-presidente, escripto á razão de um dóllar e meio por palavra, isto é, 22$000 ao cambio presente.

Mas o livro que acaba de estabelecer um marco que talvez seja absoluto, não pertence a nenhum escriptor moderno: escreveu-o Charles Dickens, ha 85 annos atrás. Chama-se *The Life of Our Lord*, e foi obtido agora para publicação, ao preço de quinze dóllares por palavra.

Como se sabe, Dickens tomou fama da noite para o dia ao publicar o seu livro de estreia — *Pickwick Papers* — em 1836, contando o autor 24 annos de idade. Segundo um de seus biographos, o trabalho appareceu em fasciculos de capa verde, que a principio pouco se venderam. Mas no quinto numero Dickens fez surgir o impagavel Sam Weller, e dahi por deante exgotaram-se as edições, repetindo-se o facto quando a sua fama chegou á America.

Tempos depois annotava Lord Macaulay, que com a galeria de typos creados por Dickens adquiria a litteratura ingleza algo de novo e surprehendente.

Essa especie de chronica de bom humor iniciou o obscuro filho de um empregado publico na carreira das lettras, uma das mais brilhantes, que ainda agora, com o apparecimento de um livro seu inedito, lança em desafio editores e bibliophilos.

Quando uns dez annos depois da publicação de *Pickwick Papers*, Dickens fez a sua primeira visita aos Estados Unidos, todo o paiz sahiu á rua para o receber. E' elle proprio quem nos diz, — no seu *American Notes* — que desde o caes, em Boston, onde desembarcára com a senhora, até a porta do hotel, era immensa a multidão apinhada ao longo das ruas. Em Nova York, a mesma coisa. Em Washington, idem. Em Philadelphia, pelo mesmo geito. Festas, recepções, theatros, bailes, toda a sorte de homenagens eram offercidas ao futuro creador de *David Copperfield*. Até o Far West, que nessa época ainda andava ás turras com os indios, suspendeu por uns dias o troar dos seus mosquetes para mandar uma delegação felicitar o grande Dickens. Nem Lindbergh, nos dias da sua gloria, ao regressar daquelle vôo memoravel, conseguiu despertar na alma americana maior enthusiasmo.

Ha 85 annos, Dickens escreveu *The Life of Our Lord*, uma historia da vida de Jesus, para uso da sua familia, e deixou expresso do seu testamento que o livro não fôsse dado á estampa senão depois da morte do ultimo dos filhos, para os quaes havia sido especialmente escripto. No anno passado falleceu em Londres Sir Henry Dickens, o derradeiro filho do romancista, e em

fevereiro declarou a viuva que ia expôr o famoso manuscripto á venda.

Houve uma verdadeira corrida para a capital ingleza. Os direitos para a Europa foram adquiridos pelo *Daily Mail*, á razão de quinze dóllares por palavra, e o livro compõe-se de 14.000 vocabulos.

Mr. E. L. Keen, que representa na Europa a *Feature Syndicate* de Nova York, recebeu ordens da companhia de voar de Paris para Londres e fazer o possivel de obter para os E. Unidos e America do Sul a exclusividade de reproducção do ultimo livro de Dickens. Lá já se achavam outros licitantes, mas o americano, tendo lançado o maior preço (que o Syndicato não quiz tornar publico), obteve os direitos de publicação do famoso livrinho. Esses direitos foram logo vendidos aos jornaes da firma Scripps-Howard, os quaes já iniciaram a sua divulgação. Publicada tambem em livro (duas edições, uma de mil exemplares, a $10. cada um, e outra popular, de $1.75 o volume), essa *Vida de Nosso Senhor* irá correr parelha com *Jesus the Unknown*, do russo Merejkowski, de quem já conheciamos *The Romance of Leonard da Vinci*.

Admiravelmente simples, como cumpria a um estudo da vida de Christo escripto para crianças, e portanto isento de suspeitas e criticismos, esse "novo" livro de Dickens veio provar a universal popularidade de que ainda goza o velho escriptor, ao mesmo tempo que estabelece um recor de tanto por palavra, que não será tão cedo ultrapassado.

ARTHUR COELHO

P. S. — O leitor decerto notou acima a fórma *recór*, que é como eu acho que se deve aportuguezar o *récord* inglez, e não como se tem querido, ajuntando-se-lhe um *e* final — recórde" — porque o povo que de Ford fez "for", pronuncia hoje generalizada, de *récord* fará recór. Como a palavra é de recente adaptação, parece-me preferivel insinuarmos essa fórma, bem do genio da lingua e que tem sobre "recorde" a vantagem de ser individual, isto é, não offerecer confusão com certas flexões do verbo recordar.

Não ha muito publicava o sr. Reggio Nobrega umas notas no *Jornal do Brasil*, tratando de estrangeirismos já acceitos ou que se vão annexando, pela imperiosa necessidade, ao nosso lexico. Ahi se me deparam control (e não controle), boné, chalé, croché, guiché — sem o *t* final, e muito bem. Por que não adopta o sr. Nobrega a mesma regra para *récord*, escrevendo recor, como a pronuncia popular já o indica?

Quanto a revólver e repórter seria melhor escrevermos e pronunciarmos, como ha muito faz o povo do nordeste, revolve e reporte. Para que essa terminação aguda em "er" se na pronuncia fugimos á regra e deslocamos o accento para a penultima syllaba? E esse nortista exteriormente tão bronco dá-nos ainda outra lição: usa por coherencia uma conhecida metathese em certos termos cuja graphia aberra da pronuncia, como assucar e aljofar, dizendo, muitissimo bem, assucra e aljofre. O Ruy, no seu discurso sobre o "Jeca Tatú", preferiu escrever assucára, que tambem é fórma usada no nordeste.

Outro termo inglez, já muito usado, e que me merecerá reparos, é folk-lore. Já vi esta palavra, hoje universalmente conhecida, com pelos menos quatro graphias differentes, e ninguem se lembrou de na nossa lingua lhe dar uma fórma que retratasse a pronuncia ingleza — flouclor, com a transformação do "l" da primeira syllaba em *u* e queda completa do *e* final, que se não ouve no falar. Ahi fica a suggestão, que della se aproveitem os flouclоristas.

ARTHUR COELHO

Jorge de Lima — *O Anjo* — Editora Cruzeiro do Sul — Rio, 1934.

O sr. Jorge de Lima é, sem duvida alguma, um dos nossos melhores poetas vivos. Ainda ha pouco, numa anthologia do sr. Estevão Cruz, encontrámos merecidamente a sua *Essa Negra Fuló*, uma das paginas mais caracteristicas da poesia, entre citadina e rural, de terras do Norte. Mas o sr. Jorge de Lima não se quer circumscrever ao culto do verso. Ensaista historico, dedicou um bello trabalho, de saborosa originalidade, ao grande Anchieta e, agora, tenta de novo o romance com a publicação do *Anjo*. Pela sua technica e por certos elementos bizarros de composição, esse volume, que se filia á maneira dos supra-realistas francezes, não deixará de suscitar commentarios os mais oppostos. Mas o certo é que ninguem discutirá o talento do autor, a proposito de quem os srs. Valdemar Cavalcanti, José Lins do Rego e Mario de Andrade já disseram coisas das mais significativas.

Belmiro Braga — *Redondilhas* — Editor Renato Americano — Rio, 1934.

Invejavel a mocidade desse poeta que ha muito deve ter excedido dos cincoenta annos! Numa inquebrantavel fidelidade ao verso, todas as suas emoções e impressões elle as sabe vazar em sonetos e quadras que todas as memorias recolhem, que fazem o deleite de quantos se conservam amigos das poesias bem rimadas e metrificadas. Aqui, neste volume singelamente intitulado *Redondilhas*, mostra elle, ainda uma vez, a destreza e a felicidade com que extráe inspiração de assumptos por vezes prosaicos. Belmiro é por assim dizer o fino commentador lyrico ou epigrammatico dos acontecimentos da sua cidade, da sua região, de Juiz de Fóra e do resto de Minas. Especialmente umas quadrinhas consagradas á Justiça, ás artimanhas e ás rapinagens forenses, são aqui de um sabor unico e muito nos alegra o ter publicado essas redondilhas, em primeira mão, nas columnas do *Boletim de Ariel*.

René Maran — *Djumá* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

E' a traducção, feita pelo sr. Aristides Avila, da historia de um "cão sem sorte". Como se sabe, René Maran, que é preto, obteve o premio Goncourt, consagração litteraria sempre expressiva, apesar de attingir, a par de um Marcel Proust, algumas figuras ephemeras. O thema predilecto de Maran é a vida dos negros da Africa ás voltas com os abusos e as explorações do regimen colonial.

LITTERATURAS REACCIONARIA E REVOLUCIONARIA

Um dia destes Jorge Amado falou na descentralização do romance da metropole para a provincia, como elles chamam gostosamente os Estados do norte. Essa descentralização encontra a sua razão de ser na situação actual do paiz, que já começa a sentir as convulsões preparatorias da luta de classes. Acontece tambem que os motivos explorados durante os ultimos dez annos pelos escriptores da metropole estão em franca decomposição. Eram os ambientes da classe alta; os dramas sexuaes de determinados individuos numa sociedade em pleno goso das suas faculdades physicas. Excessos e requintes de um mundo em vespera do aniquilamento total.

A decadencia da litteratura sem finalidade social cada vez mais se affirma no campo aberto das idéas. Os escriptores da direita, menos por posição intellectual do que por formação economica, procuram na aridez dos velhos symbolos um ponto de apoio aonde possam resistir, por mais algum tempo, á critica cerrada dos audaciosos destruidores dessa prosaica democracia do mil réis papel.

Não sendo o talento privilegio de classe, ainda existe, entre nós, uma forte elite reaccionaria que brilha mais pela intelligencia do que pelas idéas de que se faz sustentaculo.

Actualmente os valores intellectuaes estão se dividindo. Já não é mais possivel confundir litteratura reaccionaria com litteratura revolucionaria. A litteratura reaccionaria se caracteriza pela ausencia completa de uma these de sentido social, abrangendo a collectividade, pelo amôr ás tradições, aos tabús da metaphysica e pelo apego ao individualismo liberal. A revolucionaria remove todos os preconceitos e procura levar ás massas um sentido novo da vida, que só poderá se tornar realidade com a revolta dos explorados contra a minoria exploradora e depois do triumpho integral daquelles.

A litteratura da esquerda está sendo chamada impropriamente de litteratura proletaria. Ha uma grande distancia a vencer entre a litteratura revolucionaria e a proletaria. A situação politico-economica dos paizes sul-americanos dá ensejo ao apparecimento de uma litteratura nova, rebellada contra o systema social vigente. Como a classe mais attingida pela exploração é a proletaria, convencionou-se de denominar todas as obras que narram o soffrimento dessa gente, de litteratura proletaria. (Até o autor desta nota errou em classificar o romance de Amando Fontes de proletario, quando devia tel-o chamado de revolucionario). Nós não estamos sob um Estado proletario e nem temos proletarios romancistas. Essa litteratura é revolucionaria porque prega a revolução, é escripta por intellectuaes da esquerda e visa despertar nas massas a sua consciencia revolucionaria. A sua acção poderá ser exercida num ambiente operario ou mesmo no meio da pequena-burguezia. O clima de um romance revolucionario poderá ser proletario ou burguez. — Burguez, se o romancista se restringir a criticar um certo angulo da classe privilegiada, movimentando ironicamente as figuras caricatas dos grandes exploradores. — Proletario, quando a acção se desenvolve no meio da massa, mostrando as suas indecisões, os seus anceios e, sobretudo, a sua vida de párias da sociedade. *Cacau* e *Os Corumbas* são exemplos de romances revolucionarios em ambientes nitidamente proletarios. Já *Serafim Ponte Grande* vive no meio dos graúdos e Oswald de Andrade retrata ironica e revolucionariamente todos os gestos do *grand monde* em desaggregação, com todas as suas fraquezas e degenerescencias.

Agora, num Estado proletario, este periodo de transição para a sociedade sem classes, a litteratura, reflectindo os anceios dos trabalhadores, será proletaria. Mesmo porque nesse Estado só existem trabalhadores em luta com o misoneismo economico de uma reduzida minoria, representante do systema derrocado. Na U. R. S. S. vemos essa litteratura que procura firmar na consciencia popular as conquistas da Revolução. Nós, porém, ainda estamos nos preparando para ella.

Situado na corrente dos escriptores da direita se encontra o romancista José Lins do Rego, um dos mais talentosos de sua classe. A sua obra litteraria encerra um paradoxo. Paradoxo que mais se aviva quando analysamos a technica nova que anima os seus romances. Libertado de todas as escolas, escrevendo seus livros com uma simplicidade de linguagem encantadora e sem preoccupações de vernaculismo de qualquer especie, acceitando tacitamente a theoria de que o meio forja a personalidade do individuo, Lins do Rego ainda não se libertou da litteratura decadente. Essa maneira de se revoltar contra os canones da linguagem escripta imprime aos seus dois romances um tom de rebeldia e de indisciplina para com os admiradores do doutor Laudelino Freire. Mas seu espirito é o eterno enamorado dos symbolos do reaccionarismo. Elle procura sempre se distanciar das cousas positivas da vida para descambar pros devaneios mysticos de uma litteratura esgottada e sem finalidade humana social.

Tudo isso me leva a crer que as duvidas do menino Carlos de Mello, em *Doidinho*, são as mesmas duvidas que hoje assaltam José Lins do Rego, quando luta para se libertar dos seductores symbolos de uma litteratura que ha mais de um seculo vem servindo a uma regimen de profundas contradicções economicas e de grandes miserias moraes.

ADERBAL JUREMA.

Das Classes

O conceito de "classe social" não está ainda firmado e as definições divergem entre os sociologos, como entre os economistas. Para muitos, ella é determinada, apenas, pela profissão e divisão do trabalho; pela communhão de educação e de costumes, para alguns; para outros, resultante do *quantum* dos bens possuidos, ou da propriedade e suas modalidades; tendo por base o facto de participar mais ou menos do governo, segundo pretendem ainda alguns autores; e, emfim, ao que dizem certos economistas, inexistente em nossas sociedades modernas, visto que, dada a variedade dos interesses, os individuos podem sempre passar de uma categoria social a outra. Todavia os factos parecem attestar a existencia das classes sociaes e essa é, mesmo, a opinião da grande maioria dos sociologos contemporaneos. Os factos parecem ainda autorizar a definição seguinte de "classe social": *um grupo humano caracterizado economicamente — por uma commum situação economica, psychologicamente — pela mesma mentalidade, moralmente — pela observancia dos mesmos preceitos moraes* (*moral de classe*) *e politicamente — pela mesma somma de privilegios e direitos politicos.* E os factos nos permittem emfim distinguir, na phase industrial da civilização, tres grandes classes sociaes: a dos possuidores — capitalistas, grandes industriaes e grandes commerciantes; a classe media — pequenos commerciantes e funccionarios; e a dos assalariados ou proletarios. A' primeira dessas classes está reservada a possibilidade de tornar-se em elemento activo da cultura e do progresso material da sociedade, visto que dispõe dos meios necessarios; a segunda caracteriza-se pelo espirito de rotina; e a terceira, denominada pelo sentimento de inferioridade social resultante do conflicto entre a moral vigente (que infunde no proletariado o sentimento de igualdade de direitos) e a desigualdade das condições, traz em si, por isso mesmo, permanentemente, a semente do socialismo.

Tendo o capital (terra e instrumentos de producção) passado a ser monopolio de uma classe, a dos possuidores, estes passaram a dictar suas condições aos trabalhadores, passaram a "dar-lhes trabalho", expressão que não chocava a moral medieval, porque a distincção entre o aprendiz, o companheiro e o mestre era, mais que de classe, uma distincção de gráu e o trabalhador tinha, assim, a esperança de se tornar patrão. Mas na sociedade moderna, em que o proletariado não tem, como classe, essa esperança e em que a moral se acha penetrada do espirito de igualdade e de liberdade e prescreve que o trabalho é, mais que uma faculdade, um direito de cada um, a expressão "dar trabalho" começou a revoltar as massas proletarias, que passaram a ver no capitalista, não já o "patrão" em seu sentido antigo de "protector", senão o explorador. Desse estado de espirito é que é echo o socialismo de todos os matizes, pregado pelos Saint-Simons, os Proudhons, os Carlos Marxes, os Bakunines, os W. Morris de todos tempos e de todos os lugares.

A questão das classes sociaes é, como se vê, uma questão de ordem moral e psychologica, ao mesmo tempo que de ordem economica e politica.

V. de Miranda Reis

— Uma singular figura de criminoso é esse *Vacher* que Emile Fourquet vem de evocar num volume impressionante. Vacher era um "sadico sanguinario monstruoso". Percorreu toda a França, numa especie de somnambulismo macabro, enlutando familias, assassinando velhas e creanças, mutilando-as bestialmente, deixando após si um rastro de sangue e torpeza. Ha quem o compare a Gilles de Retz, feroz e sacrilego estrangulador de creanças em terriveis parodias religiosas, e ao marquez de Sade, que foi por assim dizer o codificador de uma das peores aberrações morbidas, afundando-se em ignominia, embora os chamados supra-realistas mostrem por elle certa admiração litteraria. Póde dizer-se que Jacques o Estripador, mysterioso matador de prostitutas em Londres e inspirador de um melodrama levado aqui no Rio, nada fez em confronto com as proezas do satyro ou alienado que foi Vacher, atacado, além do mais, de perigoso delirio ambulatorio. Landru, incinerador de mulheres, e o vampiro de Dusseldorf, sobre quem escreveu suggestiva chronica o nosso collaborador Antonio Torres, tambem esmaecem deante da tragica memoria do homem que foi um pesadelo em marcha por terras de França. E o mais lamentavel é que os successivos crimes de Vacher deram margem a diversos erros judiciarios, sendo varios innocentes condemnados a expiar as infamias praticadas pelo monstro mysterioso que aterrorizava populações inteiras.

— *L'Homme et la Montagne*, de Jules Blache, é um estudo de scientista e poeta. Todos os turistas avidos de altitudes cada vez maiores se interessarão por este livro, em que os elementos puramente technicos da escalada das montanhas são enriquecidos por uma sensibilidade de finissimo homem de lettras, a quem não escapa o encanto de uma paizagem, de uma dessas paizagens que Amiel, nascido nos cimos nevados da Suissa, comparava a estados de alma. Já o grande Michelet escrevera paginas das mais robustas sobre o encanto das solidões eternas. Mas Jules Blache é, além do mais, um pesquizador de problemas de demographia e de geographia humana comparada examina attentamente tudo quanto se prenda á boa adaptação dos nucleos de população em sitios montanhosos, longe do mar e das grandes cidades.

Lion Feuchtwanger — THE OPPERMANNS — Traduzido do allemão por James Cleugh — Martin Secker, editor — Londres.

Seculo XX. Kultur!

Lion Feuchtwanger sabe, melhor do que ninguem, fazer viver as suas personagens, tornar verdadeiros os factos que relata. Em *Jew Suss*, em *Success* sentia-se o sopro da verdade, uma verdade viva, vibrante. Agora, em *Oppermanns* mais uma vez nos emociona a realidade do que elle nos conta, uma realidade sombria, barbara.

Oppermann é o nome de uma familia de judeus allemães, antes allemães do que judeus ao iniciar a historia. Edgard é medico de grande renome, chefe de clinica, scientista. Martin é director da firma Oppermann; moveis, com succursaes em todo o paiz. Gustav escreve uma biographia de Lessing, reflecte sobre os homens e as coisas, goza da mais suave das vidas na sua bella residencia na Max Reger Strasse de Berlim.

Feuchtwanger divide o seu livro em tres partes: hontem, hoje, amanhã.

Hontem, antes do advento de Hitler, é o periodo da inconsciencia, onde se ri da possibilidade de uma occupação de barbaros, onde se é apenas incommodado pelos factos de todos os dias. Hontem é 1932.

Hoje, é Hitler Chanceller, é a boycottage dos judeus, é a discriminação politico-economica contra os não Aryanos, é a suspensão dos direitos de cidadão, é o pavor, a desgraça.

Amanhã? Amanhã, é a mobilização das forças passivas, do saber curvar-se e esperar, do temperar o espirito a ponto de ser como certas laminas de Toledo tão perfeitas que eram vendidas recurvadas em espiral numa caixinha redonda.

Os Oppermann são ricos, intelligentes, conhecidos. Os Oppermann se defendem, se protegem, e no fim os encontramos todos no estrangeiro, esperando por tempos melhores. Apenas falta Berthold, filho de Martin, que preferiu a morte pela verdade a mentir pela vida. E Gustav está morrendo porque elle tambem quiz lutar pela verdade e soffreu em consequencia. Sim, os Oppermann eram ricos, intelligentes, tinham posição. Por isso conseguiram se safar com um minimo de sacrificios, de humilhações. Apenas têm que viver no desterro, calados.

Não perderam o respeito proprio. Não perderam todos os bens. Apenas soffreram.

Mas a Allemanha que vemos através delles?

Somos dos que creem no patriotismo de Lion Feuchtwanger. Sim, porque é preciso amar muito a uma terra para se contar tão claramente o que se passa nella sem desesperar.

E' que em todo o livro não se encontra uma linha que seja de rancor ou de odio contra a patria.

Horror, sim, horror pelo que lá existe, pelo que lá se faz. Horror dos factos e horror de que esses factos se dêm lá. Mas, horror da terra, nunca.

Na perfeita traducção de James Cleugh, *The Oppermanns* lê-se de uma sentada, sem se perceber que foi escripto em allemão e não em inglez.

JACK SAMPAIO.

J. Didier Filho — *Garotadas* — Marisa Editora — Rio, 1934.

Ha neste volume uma nota de feliz originalidade: é que as illustrações do texto são feitas pelo proprio autor do texto. O sr. J. Didier Filho, que deve ser muito moço, a avaliar por um retrato seu que vimos num jornal carioca, não se mostra desageitado nisso de prender, de captivar as intelligencias infantis. Suas historietas, versejadas dentro dos processos, humoristicos de Arthur Azevedo e Bastos Tigres, encontram habil desdobramento nos engraçados calungas em que se multiplica o lapis do desenhista. Os casos do enterro do canario, do pretinho do morro, do tostão perdido na calçada e da creança que sonha com o leão, são de alguem que se destina a adquirir um bello renome no genero.

EXPOSIÇÕES DE ARTE

SOTERO COSME

José Jobim e Enéas Ferraz, que o puderam surprehender em Paris, já nos tinham feito sympathizar com este artista, que quando não tinha carvão para vencer as rispidas invernadas no seu modesto quartinho em Montparnasse, aquecia-o com a chamma do seu talento e o ardor da sua actividade creadora.

Agora, numa mostra que fez a admiração de todos, pudemos apreciar os seus trabalhos, uma serie de desenhos dos mais impressivos, de traço nitido e vigorosa concepção, e entre os quaes se destacam os magnificos retratos de Baudelaire, Debussy e Anna de Noailles.

ORLANDO TERUZ

Orlando Teruz é na pintura moderna um dos "novos" de maior projecção, e a cada exposição sua ha sempre muito o que admirar. Actualmente elle reune os seus ultimos trabalhos no Salão Nicolas e os quadros que ali se enfileiram, versando assumptos varios — retratos, nús, naturezas mortas — attestam as qualidades de um verdadeiro pintor e traem a marca de um talento que é muito seu. Bahiana, Scena de Morro, Mafuá *são telas que se não esquecem e muito bom gosto teve Jorge de Lima adquirindo* Os Naufragos.

Civilização Brasileira S. A.
R. 7 DE SETEMBRO, 162 - Tel. 2-6773
RIO DE JANEIRO
Edições proprias e alheias
Filiada á
Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 24, 26, 28 e 30
SÃO PAULO
Deposito na BAHIA
Rua Miguel Calmon, 16 - 1.º and.
Secção de varejo:
Livraria Civilização
Rua 7 de Setembro, 162 - Tel. 2-6773
Minha Livraria
Rua do Passeio - Edificio Alhambra
Sortimento variado de livros nacionaes e portuguezes.

Livros a apparecer

"SUOR"

Poucos livros lograram nos ultimos tempos um exito tão grande como o romance Cacau, *de Jorge Amado, recebido pela critica com os maiores louvores e tambem conseguindo as preferencias do grande publico que lhe esgottou a edição em poucos mezes e ainda continúa a procural-o pelas nossas livrarias com o mesmo interesse e avidez*

Pois hoje temos duas bôas noticias a dar aos nossos leitores. Não só Cacau *voltará a circular muito breve numa segunda edição, ainda acompanhada dos expressivos desenhos de Santa Rosa, como Jorge Amado já tem no prelo um outro romance,* Suor, *obra original e vigorosa em que o realismo crú se casa a paginas da mais fina emoção e no qual o escriptor se reaffirma como uma das figuras marcantes da sua geração.*

Ambos esses livros serão lançados por Ariel, editora ltda.

"IMAGENS DO BRASIL E DO PAMPA"

O interessantissimo livro de Luc Durtain, Vers la Ville Kilométre 3, *em que o brilhante escriptor francez nos relata, com a vivacidade e a erudição que lhe são proprias, a sua recente viagem á America do Sul, acaba de merecer uma traducção de Ronald de Carvalho que é uma verdadeira creação litteraria e na qual encontraremos a cada pagina o grande poeta de* Toda a America *e o fino prosador d'*O Espelho de *Ariel, conforme se poderá verificar do pequeno mas delicioso trecho que hoje offerecemos aos nossos leitores, em outro local desta revista.*

Imagens do Brasil e do Pampa *tal é o titulo feliz achado para essa versão, ainda enriquecida com luminoso prefacio de Ronald, e que muito breve virá a publico numa bem cuidada edição de* Ariel.

UM GRANDE POETA DE QUE JOÃO RIBEIRO GOSTAVA

O grande João Ribeiro, que sabia tudo e tudo sabia explicar, foi sempre um enthusiasta dos escriptores italianos. Ouvi delle o nome de Pascoli antes de ouvil-o de qualquer outro no Brasil. E ainda agora, no dia de seu enterro, vi-lhe na bibliotheca livros de classicos de Florença, obras de Papini e o grosso volume de Michelet sobre Vico.

Lembra-me tambem que foi o excellente João o primeiro a dar-me noticia da collectanea de Papini e Pancrazi, *Poeti d'oggi.* Voltava elle de São Paulo, isto lá pelas alturas de 1920, e, entre os livros velhos do "sebo" do velho Martins, falou-me da gente nova da Peninsula que enchia aquelle florilegio. A seu ver, a moderna poesia franceza muito devia á italiana. E disse-me que, em lendo a anthologia recem-apparecida, não deixasse de dar attenção aos versos de Paolo Buzzi, que bastante o haviam impressionado.

Paolo Buzzi, mixto de burocrata e bohemio é secretario da deputação provincial de Milão, mas, talvez no periodo de férias, gosta de correr a Italia toda e ainda ha pouco estampou um volume, *Il canto quotidiano,* onde nos apresenta, num colorido canhenho de viagem, as suas impressões de turista meio humoristico. Vestindo-se á burgueza, sem cabelleira e sem gravatão romanticos, ao que me assegura um seu patricio que o conheceu na cidade do dumo de marmore e das drogas de Carlo Erba, Paolo Buzzi é, no fundo, um nomade enjaulado e açaimado nos seus impulsos de rebeldia pela necessidade de não passar miseria como Malfilatre e de não ir morrer no hospital como Gilbert, o que, sendo aliás um tanto legendario, seria tremendamente ridiculo numa cidade e num seculo de usinas e laboratorios.

Garatuja sempre, não passa um dia sem gastar a sua tira de papel. *Nulla dies sine linea,* mas em verso. Todavia, sente-se ao lel-o que elle prefere olhar uma arvore torta, um casinholo de montanha, um penteado de camponia, a bancar o escriba na odiosa mesa de trabalho profissional.

Papini louvou-lhe a phase futurista, paroxystica. Mas o homem dos aeroplanos pára ainda deante de um desses altares anonymos que a ingenua piedade do povo colloca á beira das estradas, com um santo e uma vela accesa.

Redigiu um carme patriotico á memoria do rei Humberto e tambem não esqueceu Garibaldi, como convêm a todo italiano que se preze. Não obstante, será muito mais sincero quando, alludindo aos zingaros, escreve: "Talvez seja a verdadeira vida. O carro pintado, os cavallos selvagens e dóceis, ébrios de vento, as bellas raparigas em farrapos, a mesa em acampamento furtivo debaixo dos astros, a estrada branca do mundo..."

AGRIPPINO GRIECO

— *Les Traqués,* romance de Michel Matveev, trata de uma pequena familia de judeus ás voltas com as terriveis transformações soffridas pelo mundo eslavo nas regiões em que tem mantido unida, através dos seculos, a tribu de Israel, encontra a junto aos salgueiros de Sião. Furiocada passo razões de horror e amargura. Onde quer que esteja, é como se essa prole de semitas perseguidos estivesse carpindo as suas desditas junto aos salgueiros de Sião. Furiosas matanças collectivas, inspiradas pelo odio de raça ou pelo facciosismo politico, dão em resultado a separação dos que se amam, a vida errante por paragens desconhecidas, a miseria, o pavor das peores hecatombes.

— No *Clavier Universel,* Pierre Véry apresenta possivelmente o modelo de um novo romance policial. Nada das frias inducções e deducções geometricas de um Sherlock e nem tambem a inverosimil petulancia de um Arsêne Lupin. Tudo é mais espontaneo, mais acceitavel, tendo o sabor e a coloração da propria vida, sem construcções puramente cerebraes. E — caso curioso — a sympathia do leitor é deslocada do detective para o criminoso, e isto com a maior naturalidade possivel...

AS NOVIDADES DO MEZ

ULTIMAS EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Cornelii Nepotis	VITAE EXCELLENTIUM IMPERATORUM	8$000
Dr. A. de Azevedo	GEOGRAPHIA HUMANA	10$000
Drs. Abilio P. de Almeida e J. Q. Mattoso	PRATICA JURIDICO-COMMERCIAL (3.° vol.)	12$000
Jack London	O LOBO DO MAR	7$000
Rudyard Kipling	KIM	8$000
Jack London	O LOBO DO MAR	5$000
Erle Cox	A ESPHERA DE OURO	5$000
V. Licinio Cardoso	MARACA'S	6$000
Mons. Pedro Anisio	TRATADO DE PEDAGOGIA	8$000
Viriato Corrêa	ALCOVAS DA HISTORIA	5$000
Dr. Victor Pauchet	OS FILHOS	5$000
Dr. Victor Pauchet	O CAMINHO DA FELICIDADE	5$000
A. Dumas (Pae)	OS TRES MOSQUETEIROS	7$000
Dep. de E. Districto Federal	PROGRAMMA DE LINGUAGEM	5$000
Dep. de E. Districto Federal	PROGRAMMA DE MATHEMATICA	5$000
Louisa May Alcott	MULHERZINHAS	3$000
Marten Cumberland	A ESCOLA DO CRIME	5$000
Henry Holt	O TREM DA MEIA-NOITE	5$000
Oliveira Vianna	RAÇA E ASSIMILAÇÃO	6$000
Victor Pauchet	SÊDE OPTIMISTAS	4$000

LIVRARIA ODEON
— DE —
Soria & Boffoni
Importação directa com as principaes casas editoras
157, Av. Rio Branco, 157
Teleph. 2-1288 — Caixa Postal 460
End. Teleg. *"Livrodeon"*
RIO DE JANEIRO

De STEFAN ZWEIG:

Maria Antonietta	20$000
Amok	6$000
Fouché	15$000
Minutos Decisivos na Humanidade	5$000

EDITORA GUANABARA
Waissman, Koogan
OUVIDOR 132 — TELP. 2-7231

AUGUSTO DOS ANJOS
EU e Outras Poesias
Acaba de apparecer nova edição
AMERICA EDITORA
Assembléa, 92

Do grande poeta BELMIRO BRAGA
REDONDILHAS
5$000 — Em todas as livrarias
Pedidos a ARIEL e ao editor
Renato Americano
R. Alzira Brandão, 39 — Rio

VIRIATO CORRÊA
Alcovas da Historia — br. 5$ooo
M. PEDRO ANIZIO
Tratado de Pedagogia — " 8$ooo
LAUDELINO FREIRE
Seleta da Lingua Portugueza cart. 6$ooo
VICTOR PAUCHET
O Caminho da Felicidade br. 5$ooo
Sêde Optimistas br. 4$ooo
Os Filhos br. 5$ooo
ALEXANDRE DUMAS
Os Tres Mosqueteiros - br. 7$ooo

Livraria Civilização
RUA SETE DE SETEMBRO, 162
Telephone 2-6773 - Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de porte
Remette-se catalogo gratis

Assis Brasil - **A Guerra dos Farrapos** 6$ooo
Aurelio Pinheiro - **Macau** romance 6$ooo
Abguar Bastos — **Terra de Icamiaba** — romance da Amazonia 6$ooo
Gal. Góes Monteiro - **A Revolução de 30 e a Finalidade Politica do Exercito** 6$ooo

ADERSEN . Editores
Edificio d'A NOITE, 4.° and., Salas 1419-20 - RIO

MEDEIROS E ALBUQUERQUE
SURPRESAS — contos — 1 vol. 6$ooo
JORACY CAMARGO
DEUS LHE PAGUE
2.a ed. 1 vol. 5$ooo
JONAS CORREA — GUIA PRATICO PARA O ENSINO DA CONTABILIDADE BANCARIA
2.a ed. muito augmentada-1 vol. com mais de 600 pag. 25$ooo
ANATOLE FRANCE
LYRIO VERMELHO
2.a ed. — Traducção de Justino Montalvão 6$ooo

Publicações de FLORES & MANO
RUA DO OUVIDOR, 145

Até o Fim do Mez:

Jorge Amado — SUOR — Romance
" " — CACAU (2.a ed.)
Roquette Pinto — SAMBAMBAIA — Contos

PEDIDOS DESDE JÁ A
Ariel, Editora Limitada

PRAÇA MAUÁ, 7 — 8.° andar
Salas 814 e 815
Rio de Janeiro

Manual do perfeito candidato á Academia Brasileira

Papel achado no caminho do "Petit Trianon":

"Tres coisas, dizia-se na Idade-Media, não se deviam aconselhar a um christão: ir a guerra, porque podia morrer; casar-se, porque podia ser infeliz; viajar á Terra Santa, porque podia ser prêsa de Infieis. Esta já não tem razão de ser; substituil-a-ia por outra: não seja candidato a Academia, ficaria desgostado dos homens.

* * *

Mas, se tem de ser, tome suas precauções.

A primeira é não esquecer, nunca, que ella, a Academia, é "brasileira": sem lettras ou com ellas, não importa, bem brasileira ella é. Dahi, tanta coisa!

* * *

Em hypothese nenhuma concorra com ministro, achegado a governo, editor, homem rico, medico de muita clinica, jornalista, invenciveis concurrentes.

* * *

Procure vaga, primeiro. Os academicos velhos, naturalmente supersticiosos, não gostam que se lhes peça o voto, antecipado: é mau agouro. Pode-se pedir, entretanto, a cada um, para a vaga dos outros 37. Tome um curso de "cantar" *menus*, num restaurante popular, para não trocar os nomes.

* * *

Ha, porém, melhor recurso: andar pelas pharmacias e, quando chegar a hora dos balões de oxygenio e do oleo camphorado em academico, é o momento, toque a pedir!

* * *

O pedido de votos já é tardio ao enterro, e, mais ainda, á missa de septimo dia. Então, quando se declara a vaga, já os academicos estão compromettidos.

* * *

O que separa os academicos, depois de eleitos — não fossem brasileiros! — é que trata cada um de fazer uma "academia" sua, para seus amigos, suas vantagens e vanglorias — este quer a gente do jornal, onde escreve; aquelle quer politicos, de quem espera nomeação; aquelle outro não quer mais moços do que elle; etc., etc. — o que os outros contrariam. Evite parecer protegido por este ou aquelle partido. Contente-se em querer fazer o seu grupo, depois.

* * *

Insinue ao eleitor a quem pede que, por elle, deve ser recebido: voto certo, 50 % dos academicos desejam a honra de falar em publico, ás moças.

* * *

Dizia Renan que, se as academias nada rendiam, havia, para os academicos, a compensação dos convites: eram alimentados. Aqui, com um bom cozinheiro, uns doces, aliás, jantares, têm-se os academicos em casa e votos na eleição. Comidas, meu santo! Depois, supprimem-se os manjares.

* * *

Seja generoso, peça apenas um escrutinio, o primeiro. Os outros ficam para os adversarios. Banca-se o liberal e logra-se o eleitor e os outros.

* * *

Fazendo, entretanto, a conta das promessas, conte com a metade, da metade.

* * *

Prepare-se para a companhia. Uma grammatica, o vocabulario de Gonçalves Vianna (o da Academia, que sahiu deste, sahiu todo errado), varios diccionarios são indispensaveis: a "Commissão" póde tornar ao duplo *jeton*, cessado o regimen actual, das lojas de dois mil réis, um bronze ou uma pratinha por verbête.

* * *

Aprenda escripturação mercantil, leia o testamento do Alves, tome um curso de alugueis de casa: é a litteratura de todas as sessões. As lettras de cambio são as ideaes, da Academia.

Afóra os negocios, todas as sessões, ás vezes, com elles, apenas um necrológio ou o elogio mutuo: generos acatados.

* * *

Metta-se numa commissão de premios e convide os seus amigos de fóra: recursos e dadivas apreciaveis.

* * *

Tome um curso de aguentar descompostura,: nos jornaes, todos os dias, alí firme, no duro.

* * *

Todas estas humilhações e amolações por 400$ mensaes: antes servente de repartição!

* * *

Deixe dessa infeliz idéa! Não seja candidato. Acabaria por pertencer á mais materialista das associações brasileiras. A mais brasileira das associações: E, entretanto, invejada e odiada *Ni cet excès d'honneur, ni tant d'indignité!* Deixe disso. Tome juizo. Litteratura é arte desinteressada. O Alves matou a Academia".

Por copia.

FERNÃO DE SAA.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4.° s. 419
(Edificio Guinle)

Luc Durtain — "IMAGENS DO BRASIL E DO PAMPA"

(EXCERPTO)

QUITUTES E BERENGUENDENS

Em toda a parte, tanto quanto as receitas da fé, os ritos do paladar têm o dom de revelar o caracter dos homens.

Comei em qualquer restaurante modesto da velha cidade. Para começar, um peixe-agulha, de agudissimo focinho. Depois, já se vê, a feijoada bahiana: tiras de carne secca e lascas de toucinho, servidas com feijão preto, e misturadas com a branca serragem da farinha de mandioca. E o xú-xú, especie de macio pepino, cozido na manteiga. E as bananas fritas. E os sapotis, que lembram násperas com aroma de rosa.

Ora, reflecti! Xúxú, feijão, assim como o enjoado quingombô: legumes escravos, importados d'Africa, durante esse demorado crime que foi o trafico dos Negros. Assim tambem outros tantos quitutes brasileiros: o angú, a canjica ou esse terrivel, amarello vatapá que, no azeite de dendê, caldea o camarão, o côco e a castanha de cajú.

Com a "sensibilidade africana", como excellentemente mostra Ronald de Carvalho, quantos rythmos, inquieta musica e dansa infallivel, quantos contos populares invadiram o Brasil! E, por igual, quantas palavras! Consultae os eruditos. Vocabulario pittoresco: *curinga*, anão, *calunga*, corcunda, — ou utilitario: *mocambo*, cabana, *quitanda*, mercado. E no vocabulario moral, essa fina *quisilia*, cujo significado hesita entre repugnancia e antipathia, tal qual um esgar em face negra. Ia-me esquecendo: mandinga, marimba, xingar, vocabulos que deparam nariz achatado e labios grossos. E quantos diminutivos doces e infantis: yôyô, yáyá, yayázinha, neguinho... Berloques pueris e sonoros, que chocalham na couraça da nobre linguagem brasileira! Dir-se-ia que, por méro capricho, ella quiz enfeitar-se com um desses berenguendens, que são os adornos typicos da negra bahiana.

Berenguendem ou barangandam: onomatopéas que designam tintinantes e massiças joias de prata, pesando ás vezes mais de um librame que, seguras por uma fita ou corrente, pendiam do pescoço ou da cintura. Do punho — cabeças de negros ou de arcanjos, grinaldas ou papagaios — cae, suspenso numa cadeia flexivel, um molho de talismans. Em primeiro lugar, infallivelmente, a figa, essa mão esquerda fechada, mostrando o pollegar entre o indicador e o médio, chave magica para cerrar ao mau olhado todas as aberturas do corpo; depois, incrustado de prata, um pedaço de jacarandá, a madeira incorruptivel, indice da longevidade; depois, do tamanho de meia-pollegada, o tamboril, o violão, instrumentos das dansas negras, ao lado do signo de Salomão, da pomba do Espirito Santo ou de qualquer outra reliquia; depois os frutos, uva, romã, symbolos de abundancia; e o peixe, a vacca, o jumento, o escaravelho cornigero; e os utensilios domesticos, o machado, a cabaça para a agua, algumas vezes até o modelo minusculo da casa do amo. Emfim, peças decorativas, coral, nacar, cristal, dentes de caitetú, garras de jaguar. Cada berenguendem: um mundo completo. Como deveria ser um romance ou, simplesmente, como o foi, em segredo, cada uma das ingenuas vidas que a magia da musica argentina acompanhou.

Não, não deveis fugir aos sortilegios dessa mestiçagem reinante no Norte brasileiro!

Mestiçagem indigena, a principio. Impetuosa juventude dos primeiros aventureiros — capitães de vinte annos, governadores de dezesete — afundados no espanto voluptuoso dos tropicos. Os dogmas da Europa se desvanecem nos horizontes: e emquanto, sob as arvores desmesuradas, voam os passaros ignotos e até as mesmas flores, eis que, vestida apenas de tatuagens, os seios firmes empinados, apparece a India. "As mulheres são de tal belleza que nada têm que invejar ás da rua Nova, em Lisbôa", declara um ingenuo chronista. Mais tarde, na Bahia, surge a negra com o seu amavio, sua languidez, sua doçura. "Nesta terra ha um grande peccado, e vem a ser que os homens vivem amancebados com quasi todas as suas negras", escrevia já em 1560 o padre Manoel da Nobrega.

Que outros — em particular Paulo Prado, que traz á baila cem citações comprovantes — processem esses tempos alongados! O desejo que, partindo do corpo, ganha tão facilmente o espirito, é uma das forças do homem. De mais, em toda a America tropical, não foi porventura esse duplo affluxo de sangue indio e de sangue negro que adaptou a raça branca ao meio onde deveria viver?

(Trad. de Ronald de Carvalho).

Alberto Rangel — *Rumos e perpectivas* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Com o sr. Alberto Rangel occorre um facto singular: vive elle quasi sempre na Europa, pesquizando nas bibliothecas e archivos de lá, especialmente sobre assumptos do Brasil, quasi não se lhe faz barulho em torno ao nome, nem por parte dos editores nem por parte da imprensa, e, emtanto, os seus livros continuam a vender-se em progressão crescente. E' que os leitores, mesmo os das grações novas, sentem o que ha de substancialmnte brasileiro nesses estudos documentados e fortes. Ainda agora, a Companhia Editora Nacional, indo ao encontro de uma necessidade que se fazia sentir em nossas livrarias, dá-lhe a segunda edição dos *Rumos e perspectivas*, onde existem paginas intensas, e sempre escrupulosamente apoiadas em factos, sobre a sociedade e os sertões, sobre Euclydes da Cunha e aspectos geraes do Brasil geographico e humano. E muito breve, em edição da mesma casa, sahirá um *Conde d'Eu* que será data notavel na litteratura historica do paiz.

"DOIDINHO"

Certa vez, em passeio com um grupo de amigos pelo interior do Estado, disse ao sr. Graciliano Ramos que não julgava que o sr. José Lins do Rego, autor de *Menino de Engenho*, fosse capaz de fazer uma obra de introspecção. Achava-o um bom paizagista, um colorista de quadros admiraveis, um pintor que sabia jogar com as suas tintas, um sujeito capaz de tratar fielmente tudo o que viam os seus personagens, menos a paizagem intima que cada um delles levava comsigo mesmo.

E de facto ha no primeiro romance do sr. Lins do Rego paizagens admiraveis, onde o senso de realidade é tão grande, que ás vezes pensamos que estamos no cinema.

Exemplo desta minha affirmativa é aquella cheia maravilhosa que vem no *Menino de Engenho*. A gente vê tudo: a agua subindo; as casas inundadas; o povo todo de calças e saias arregaçadas, procurando os lugares mais elevados, salvando os seus trastes da agua invasora; os gritos de commando do velho Zé Paulino; a distribuição de alimento aos flagellados. Depois é a agua que baixa, deixando o lodo no caule das arvores e varzeas alagadas, onde crescerão arroz e canna para a fartura das proximas safras.

Lendo agora o segundo romance do sr. Lins do Rego, deparei-me com aquillo de que eu julgava o escriptor incapaz.

Obra toda ella cheia de uma profunda analyse psychologica, *Doidinho* é um livro que a gente lê depressa, num enlevo. Apezar de uma obra introspectiva, a historia dolorosa de um punhado de almas em formação que um carrasco resolveu martyrizar até o infinito, não possue *Doidinho* o caracter de confissão de algumas obras analogas.

Não ha nessas paginas magnificas que o sr. Lins do Rego escreveu, aquellas coisas transcendentaes, complicadissimas, que o sr. Barreto Filho descobriu nos fundos mergulhos que deu na alma de seus personagens. Nem tambem a caceteação das obras de um Proust.

Historia contada simplesmente, sem scenas preparadas, sem *trucs* de theatro, numa linguagem bem nossa, bem brasileira, cheia de um profundo pittoresco, *Doidinho* é um livro que denuncia um temperamento de verdadeiro escriptor.

De grande escriptor, poderia dizer. Mas eu reservo o adjectivo para outra occasião. O sr. Lins do Rego ainda nos promette coisas muito maiores.

O thema de *Doidinho* é a historia triste de todos os internatos do mundo; a historia de um grupo de meninos, que têm a desdita de ser instrumentos de satisfação nas mãos malvadas de um sádico. E outra classificação não temos para o professor Maciel. Não é que elle estivesse errado quanto ao aproveitamento que os alumnos poderiam tirar dos castigos. Mas é que experimentava mesmo um certo prazer morbido em martyrizar.

Ficava de narinas accessas, olhos faiscantes, como um cachorro farejando a caça, á procura de uma pequenina infracção, de um descuido de sua presa para abocanhal-a. E elle não dispensava opportunidades: "A lição sahira sem um um erro. Tremida, mas certa. Fui sentar-me com a impressão de que tivesse andado em uma corda por cima de um abysmo. Mas aquelle diabo do livro estava ali para me tentar. José Augusto, que se sentava perto de mim, fez um signal que eu não comprehendi. Perguntei-lhe o que era.

— Passe para cá *seu* Carlos de Mello.

O diabo surprhendera-me.

— Que conversas são estas? Não quero maroteiras aqui.

E seis bolos cantaram nas minhas mãos.

Fiquei de pé na frente da mesa, opprimindo os soluços que se elevavam com o protesto de minha sensibilidade machucada" (pags. 28-29).

Todo o livro é cheio assim de castigos immerecidos, desproporcionaes. No final do livro ha paginas extraordinarias sobre a angustia que Carlinhos, personagem principal, experimentava nos exercicios militares. Toda a dôr de uma criança intelligente, mas desequilibrada e não comprehendida por seus superiores, todo o desespero duma alma soffrendo sem culpas palpita e vibra intensamente nas ultimas paginas do romance.

Por fim, vem a fuga no ultimo capitulo, por signal um dos mais bellos e commoventes.

O collegio está vasio. O trem apita. Um desejo de fugir se apodera de Carlinhos, que começa a se agitar pelas salas e pelos corredores do collegio. Os minutos se passam. A saudade de casa é immensa. E' preciso fugir. E foge. Passos largos, passos do professor Maciel, rangem na areia. Carlinhos vae ser preso, voltar para o collegio, apanhar. A gente não quer que isto aconteça. A gente torce para que não seja o professor Maciel. E não é. Felizmente. Carlinhos poderá fugir. Mas ha a passagem a comprar. Elle só tem dois mil réis. Irá de segunda. Um sujeito começa a fital-o. Quem será? Alguem que desconfia de sua fuga? Carlinhos consegue comprar a passagem. Se esconde na latrina. O trem apita, rangem engrenagens, o trem deslisa sobre os trilhos. Carlinhos sae do seu esconderijo, respira. Nós tambem respiramos. Carlinhos está salvo. Carlinhos sahiu da prisão. Agora vae ser o engenho, a liberdade antiga, a convivencia com o velho Zé Paulino.

Bom livro este do sr. Lins do Rego! Livro doloroso, cheio das torturas de umas almas em formação, mas livro sincero, humano, escripto numa linguagem simples, encantadora, povoado de uma ineffavel e consoladora poesia.

ROCHA FILHO

ESCADA

O Vermelho abriu a bocca num boceja de tedio, mas a mulher gorda do segundo andar puxou-lhe a manga do paletó velho de casemira.

— O que é?

Estavam no pé da escada e o sol do meio-dia fazia cinzenta a escuridão porque alguns raios chegavam aos primeiros degraus.

A rameira levantou a mão com que segurava a barriga fofa e apontou para o primeiro andar. A principio o Vermelho só viu a teia de aranha que se estendia na sua frente e pensou aborrecido que não valia a pena levantar a cabeça para vêr cousa tão corriqueira como uma aranha comer uma mosca. Porém como fôra a mulher que lhe chamava a attenção continuou olhando e até se interessou. A aranha se approximava cautelosamente da mosca, volteando em torno da prisioneira, calma, calculada, sem pressa. De repente deu um pulo e cahiu em cima da mosca. O Vervelho baixou a cabeça, olhou a mulher:

— Damnada!

Mas ficou surprehendido. A rameira não olhava para a teia de aranha. Fixava a porta do primeiro andar e sorria com uma grande ternura nos olhos pisados. O Vermelho acompanhou o olhar da mulher e foi encontrar o casal lá em cima.

O homem estava descalço e a sua roupa, suja de barro, denunciava a profissão de pedreiro. A mulher nem parecia mulata tal a pallidez do seu rosto. O cabello cahia-lhe na face, molhado ainda do banho. Despedia-se do homem que, acabado o almoço, tornava ao trabalho, apertando-o entre os seus braços. Porém, elle ficava afastado della, entre os dois a barriga gravida da mulher, estufada para a frente, ridicula. No entanto era por causa daquella barriga ridicula que o homem olhava para a mulher com uns olhos tão cariciosos e conservava as mãos callejadas no rosto humido da companheira, afagando-o brandamente.

A rameira disse para o Vermelho:

— E' o primeiro filho...

O Vermelho sentiu uma angustia repentina, mas se dominou e fitou a prostituta, sorrindo. Ella continuava a espiar o casal.

— Me lembra meu filhinho.

— Você teve filho?

— Morreu com quatro annos... Era uma bellezinha.

O Vermelho perguntou a si proprio como ficaria aquella gordura toda se engravidasse. Sorriu. E haveria algum homem que acariciasse com amôr a cara manchada de pannos da rameira? Sorriu de novo. Considerou durante um longo minuto as banhas da mulher e quasi tem um accesso de riso. Mas ao longo do rosto gordo e largo da prostituta corriam lagrimas. O Vermelho retirou o olhar que foi cahir sobre o casal do primeiro andar. Aquillo o inquietou e voltou-se para a rameira. As lagrimas continuavam a correr no seu rosto, que foi se embellezando ante os olhos ennevoados do Vermelho. Elle a achou tão linda que até delgada estava. E o Vermelho num gesto de infinita compaixão estendeu os dedos sobre o cabello da vagabunda e tentou dizer palavras que não sabia...

(Do romance *Suor*, no prélo.)

JORGE AMADO

Para serviço de Litografia, Tipografia, Encadernação e Pautação procure a

LITO-TIPO

GUANABARA LTDA.

Papelaria, livros em branco, objétos de escritorio e material de desenho

RUA SÃO JOSÉ, 82

Teleph. 2-7071

Marcos Carneiro de Mendonça — *O Intendente Camara* — Imprensa Nacional — Rio.

Num volume de 498 paginas excellentemente aproveitadas, o sr. Marcos Carneiro de Mendonça ergue um monumento perduravel á memoria de Manoel Ferreira da Camara Bethencourt e Sá, que foi, em periodo dos mais agitados, nosso Intendente Geral das Minas e Diamantes. Eis ahi uma vida totalmente consagrada ao trabalho e ao progresso do bello paiz que innumeros parasitas, nacionaes e estrangeiros, exploravam no tempo. Camara é uma nobre, uma varonil figura de lidador, e as lições dos livros e o trato da experiencia ampliavam-se nelle nos dons de previsão de quem se mostra realmente, em tantas coisas, um antecipador, um pioneiro dos demais. Foi elle indisputavelmente o patriarcha da nossa metallurgia. Como que advinhara ha mais de um seculo que sem industria siderurgica não póde haver grandeza economica e que, na competição dos povos, só resistiriam os que possuissem muitas fabricas de ferro. Quanto ao trabalho que glorifica esse admiravel servidor do Brasil, é, em seu genero, completo, pela infatigavel coordenação de documentos, tacto e moderação da critica e despretenciosa finura das conclusões. A monographia pullula em revelações orginalissimas e patenteia um velho e abnegado contacto com o assumpto, no louvavel objectivo de pôr em fóco a personalidade de quem soube crear, "no formoso arraial do Tijuco, um vigoroso nucleo de brasilidade".

José Mariano (filho) — *Aspectos do problema florestal brasileiro* — Officinas Graphicas Alba — Rio, 1934.

E' mais um volume que patenteia a tenacidade da campanha do sr. José Mariano (filho) na defesa das nossas arvores. Botanico dos mais cultos, dispondo de larga experiencia no assumpto, esse distincto patricio offerece-nos aqui considerações bastante apreciaveis sobre o "aspecto biologico das formações florestaes nativas". Tambem discorre sobre o "criterio ecologico" e propõe, para o genero, uma "orientação technica" das mais efficientes.

UM LIVRO

Magdeleine Paz acaba de traduzir com rara sensibilidade o formidavel romance de Helen Carlisle: *Mother's cry*, a que deu o titulo suggestivo de *Chair de ma chair*.

Raras obras têm o dom de empolgar e fazer vibrar de intensa emoção a alma do leitor como este livro de estreia da jovem norte-americana que, como estudo psychologico e humano, culmina e, como singeleza, attinge a perfeição. Hombreia sem desdouro com *A' l'ouest rien de nouveau* que tão dolorosa pagina da guerra e sua crueldade inutil evidenciou. E, se um é livro de morte e horror, outro é livro de dor e belleza moral, formando uma pagina homogenea e quasi divina onde se sente no pulsar dum coração a systole e diástole constantes da abnegação e do amor.

Relato singelo, ingenuo, sincero, duma vida mediocre e monotona de mãe de familia a quem o Destino persegue, e a seus mais rudes golpes oppõe a resignação e sacrificios, crescentes como o seu amor sublime, sem se aperceber siquer da sua grandeza... Mary Williams é o symbolo da mais alta expressão do amor materno. E ella, a doce criatura, diz como nenhuma soube dizel-o ainda, a infinita doçura que invade o coração e o corpo da mulher, no momento supremo em que dá á luz!

Não será uma obra litteraria. Não ha, nessa pungentissima Via-Crucis, litteratura alguma, como tão bem o diz Magdeleine Paz. Ha mais. Ha muito mais — a visualização perfeita do tragico em que se debate uma vida entre as quatro paredes do lar modesto e puro. Uma mulher que enviuva e fica desamparada, com quatro filhos a educar, a proteger e a vestir! E, em phrases tão singelas e mediocres, conta o que sentiu e o que pensou, e o que fez, com tamanha sinceridade, olhos fitos nos filhos, essa razão de ser da sua vida, tendo a intuição dos seus defeitos que desde a meninice se trahiam e não querendo vel-os, pela nevoa de infinita indulgencia com que procurava empanar a vista. Não podia crer, não cria na maldade que lhe era desconhecida á alma de illimitado amor materno. Tudo attenuava. Esquecia. Perdoava. Jamais uma alma torturada de amor foi assim escalpellada, mostrada núa.

Chair de ma chair é um titulo mais apropriado e verdadeiro. Prova como, desta vez ao menos, a traducção iguala, se não excede o original. O titulo nos diz com mais verdade e mais intensidade o drama de amor da mulher pelo fructo de suas estranhas. Aquella mãe sublime, toda se annulla e dilue em amor pelos sêres aos quaes deu a vida e entre os quaes divide o seu grande coração, sem preferencias, com a mesma intensidade e a mesma dedicação. E, ao acompanhar a tragedia em que se debate a sua alma torturada, culminado o climax da mais tensa dramaticidade, se pensa que tudo foi dito e nada mais nos póde emocionar, mas uma nova faceta dessa alma se nos desvenda aos olhos maravilhados quando toda aquella dôr que attingira o auge do soffrimento humano, suave e lentamente entôa os primeiros surtos dum maravilhoso hymno de amor e gratidão á Vida...

Sente-se que não ha romance, naquella tragedia historica. Só quem sentiu e viveu aquella existencia poderia transmittir as delicadas nuanças, a grandeza e a simplicidade que são o grande encanto daquella vida humilde e santa de mãe e de mulher.

FRANCISCA DE BASTO CORDEIRO

Evaristo de Moraes — *O caso Pontes Visgueiro* — Ariel Editora Limitada — Rio ,1934.

Fazendo um trabalho vasado nos moldes dos de Bouchardon e Henri-Robert, o illustre advogado Evaristo de Moraes vem de reconstituir, numa obra impressionante, o caso do desembargador do Segundo Imperio que, exaltado pela lubricidade serodia, assassinou uma pobre rameira do Maranhão. O crime se afigurou a todos tanto mais censuravel quanto partido exactamente de um magistrado de apparencia austera a quem cumpria zelar pela dignidade da lei. Fervilham nesta evocação historica os detalhes estranhos, que, embora rigorosamente seleccionados, parecem o producto da penna trepidante de um romancista macabro. Todo o horrivel processo resurge em suas tonalidades melodramaticas, succedendo-se os golpes de effeito, num encadeamento de factos que evidenciam ainda uma vez, justificando o conceito de Taine, persistir debaixo da creatura mais civilizada e polida o rude ancestral das cavernas. Accentue-se que, sendo sempre um habil advogado de defesa, o sr. Evaristo de Moraes desenvolve aqui, nas entrelinhas, uma especie de oração em favor do juiz assassino procurando evidenciar a sua irresponsabilidade deante do codigo, visto tratar-se, não de um criminoso calculado e frio, mas de um degenerado senil. O sr. Evaristo não hesita mesmo em affirmar que se consummou, no caso, um deploravel erro judiciario. O volume traz excellentes illustrações do tempo, desentranhadas de uma revista de Angelo Agostini.

Orlando de Souza — *Terra das Palmeiras* — Typ. Americana — Rio.

Não sendo, não querendo ser propriamente um estylista, o sr. Orlando de Souza sabe urdir um thema e desenvolvel-o com honrada simplicidade. Amigo de Jackson de Figueiredo, catholico que vive para a Egreja, esse modesto patricio conserva-se, na zona provinciana em que habita, um attento leitor de Pascal e Joseph de Maistre. Romancista, os typos que prefere são os da pequena burguezia do interior, fazendo-nos ver as rivalidades locaes, as contendas domesticas, as picuinhas que se tecem reciprocamente os moradores de logares pequenos e o deslumbramento da gente da roça deante do aventureiro que chega da capital. Esquecidos varios truismos e outras demonstrações de ingenuidade do autor, o livro é dos mais sympathicos e não haverá damno para a litteratura se se estimular o sr. Orlando de Souza a proseguir.

"CASA GRANDE & SENZALA"

Li *Casa Grande & Senzala*. Li e admirei-me. E por dois motivos principalmente: primeiro pela bibliographia monumental que Gilberto Freyre conseguiu reunir (parece que elle remexeu tudo onde podia encontrar alguma coisa de interessante); segundo por ter Gilberto, fugindo das patriotadas ridiculas de certos sociologos e historiadores, nos mostrado o Brasil tal como elle é. Por ter mostrado o Brasil reduzido ás suas verdadeiras proporções. Elle viu o Brasil sem as roupagens brilhantes que lhe dão os escriptores da marca porque-me-ufano do-meu-paiz. Elle viu o Brasil nú, o que pouquissima gente tem conseguido ver. Elle apontou tudo que havia de ruim na nossa formação, mas mostrou, em compensação, o que havia de interessante, de forte e de pittoresco no nosso povo. Nas nossas tradições de que nos vamos esquecendo para desgraça nossa. Nos nossos mal-assombrados, nos nossos bichos de fazer medo a menino teimoso. E Gilberto fala nelles como se fosse um menino; no seu livro ha pedaços que me pareceram desenhos de Cicero Dias: cheios de uma ingenuidade de menino.

Outro facto me agradou: o estylo de Gilberto Freyre; a pequena distancia que elle mantem no seu livro, entre a nossa lingua falada e a escripta. Cheio de brasileirismos, sem aspas nem em typo differente. Tudo natural. Coisa que em autores de livros do genero do seu, ainda não se tinha visto entre nós.

Em *Casa Grande & Senzala* vem muito erro rectificado. E alguns já bem enraizados; desde aquillo tudo que se diz do negro até a bem engendrada hypothese da colonização do Brasil por dolico-louros. Que Gilberto refuta admiravelmente.

O livro está dividido em cinco capitulos. Admiraveis todos pela justeza e precisão com que são expendidos; e todos de um verdadeiro luxo de erudição; bibliographia assombrosa.

No primeiro Gilberto trata das "caracteristicas geraes da colonização portugueza no Brasil"; tem paginas interessantissimas quando fala na mobilidade, na miscibilidade e na climatabilidade do portuguez. Fala ainda na alimentação deficiente do brasileiro. E' a culpa de muita coisa ruim no Brasil. E fala ainda do grande mal brasileiro (já deixou de ser gallico, para ser nosso), que é a syphilis.

Chega então a vez do indio. Capitulo incomparavel. Principalmente quando trata da cumplicidade do columim com o invasor na grande obra da civilização; quando se refere ao espirito prophylactico com que era usado o vermelho; ao muito que se aprendeu com a india; ao que herdamos da culinaria indigena.

Vem depois o capitulo sobre o colonizador portuguez. Grande parte delle passa-se em Portugal. Mas, admiraveis são os dois capitulos sobre o negro. O escravo negro na vida sexual e de familia do brasileiro. Mostra a cultura superior do negro. Que sobrepujou a do indio, e algumas vezes a do proprio portuguez. Prova que foi o escravo negro e não o negro puro o causador da licenciosidade que dominou os homens. Mostra a parte economica que havia nessa soltura de costumes: o augmento desejado e auxiliado pelos senhores de engenho do seu capital-homem. Tratando da senhora branca, fala do despotismo dos paes e dos maridos sobre a filha ou a esposa, mostrando a difficuldade que havia para ellas, de realizarem aventuras amorosas. Difficuldades, mas não impossibilidade.

E é facil de provar: "Advertese ao Sr. Official d..., que não contente de viver com sua honesta e virtuosa senhora, teve o arrojo de requestar, e roubar da posse de seu marido, a mulher com quem está vivendo, se corrija de semelhante attentado, mudando de conducta, e procedendo como homem de bem, sob pena de não o fazendo se publicará o seu nome, e o da infeliz que trahiu a sua honra a seus rogos, assim como se procederá contra elle pelas formas legaes" (*Diario de Pernambuco* de 11 de Novembro de 1830). E uma representação ao Sr. Vigario dos habitantes de Jussára e Mundahu-Mirim mostrando o inconveniente de se conservar naquelles logares o Padre Diogo de Jesus Ferreira por ser "concubinado tendo de portas a dentro a sua amasia que he huma mulher cazada". E outro Padre, Bandeira de Mello, que tinha uma concubina dentro de casa "teuda e manteuda" com quem apparecia na janella, nos logares publicos da povoação e coversava com ella "nesse lugar sagrado" que é a igreja. E não era só isso: tentou seduzir a parda Maria do O' "para fins libidinosos" ao encontral-a na sitio chamado Areias-Gordas, quando acabava de levar o viatico a um moribundo, "o que não conseguiu por causa da resistencia que lhe ella opôs", dizem as testemunhas.

JOSE' ANTONIO G. DE MELLO NETO

Estevão Cruz — *Anthologia da Lingua Portugueza* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Esta segunda edição do florilegio do sr. Estevão Cruz, sahida pouco depois da primeira, é prova indiscutivel do interesse suscitado pela volumosa collectanea de trechos em prosa e verso de autores brasileiros e portuguezes. Accentue-se, por um desencargo de consciencia, que ainda persistem aqui alguns erros de revisão, mas a verdade é que muitos nomes e datas, deturpados por um trabalho de typographia talvez apressado, surgem agora com uma correcção bem mais tranquillizadora. A peça de Garret passou a ser, como lhe cumpria, ***Philippa de Vilhena***, e não ***Philippe;*** Faustino Xavier de Novaes deixou de ser erroneamente Francisco; Bocage transferiu, como de direito, a autoria do *Hyssope* a Antonio Diniz, e assim por deante. Reparados taes deslizes, a anthologia é das melhores que por ahi circulam e faz jús a uma recepção festiva por parte de todos os leitores.

DOUTRINA DE ODIO

Um inquerito entre Intellectuaes Brasileiros — Porque ser anti-semita — Civilização Brasileira Editora, Rio, 1933

Se por acaso entre nós surgisse um espirito dotado de larga synthese para fazer o traçado dos pontos cardeaes da nossa psychologia — e não sabemos se apparecido tenha e aqui a injuriar o estejamos acobertados pela nossa ignorancia — teria que affirmar, necessariamente, nossa profunda incomprehensão aos preconceitos raciaes.

Entre as nossas virtudes collectivas é bem possivel que a preponderante seja esta. Felicitemo-nos, pois, mutuamente, todos nós brasileiros que collaboramos neste inquerito de humana justiça. Inquerito em verdade impessoal, bello e magestoso. E dizemos nós, portanto os que delle se ausentaram, apoiam e approvam a pleiade dos patricios que depuzeram no fôro publico em pról dos judeus, que, com defeitos ou sem elles — fique a escolha ao criterio do leitor — são homens e, no caso, victimas da intolerancia, o que basta para que viessem lograr a sympathia da nossa élite intellectual.

Destacar no Inquerito uma ou outra opinião mais aguda na comprehensão do phenomeno, seria menos airoso. Todos se conduziram á altura da nossa cultura, verberando os aggressores e trazendo a solidariedade plena aos aggredidos. Para nós, esse rico volume em que se colhe o melhor da farta mésse da nossa tolerancia, nos offerece o ensejo de versar — oh! audacia — alguns pontos interessantes da velha e surradissima questão das raças.

*

Passando do terreno scientifico para o terreno politico, o termo raça constitue a ultima moda do mostruario das elegancias de um grande Estado europeu. Nas vitrines apparecem, pois, dignos e authenticos exemplares das raças superiores e inferiores. O comprador attento, entretanto, não se deixando illudir pelas fantasias, acaba convicto que as differenças entre as raças não têm nenhum caracteristico fundamental.

De facto, em que criterio, por ventura indiscutivel, se baseiam os que se acham convictos da existencia de uma raça superior?

Ninguem acceita, por exemplo, que a média da superioridade seja a da preponderancia de um maior numero de medios talentos em um paiz determinado. Se porventura certos racistas quizessem edificar o castello de suppostas superioridades mentaes em alicerces semelhantes, os factos se incumbiriam de mostrar a fallencia desse criterio. Porque ninguem ousa pretender que a intelligencia média seja um privilegio concedido pela natureza, aos allemães por exemplo. Pelo contrario. Ha certos ramos da actividade espiritual, precisamente dos que mais se prestam á demonstração de qualidades creadoras, nos quaes os louros nordicos dolicocephalos talvez se encontrem na contingencia de confessar que os médios talentos dos outros povos são mais distinctos, valorisados e apreciados pela critica internacional. O romance é um delles.

Neste genero litterario, ninguem contesta que os allemães são superados pelos francezes, inglezes, russos, polonezes, italianos, etc.

Já é tempo de affirmar sob provas, que as capacidades espirituaes, productos de varias circumstancias, algumas occasionaes, estão longe de depender dos requisitos da raça. Supponhamos um caso concreto. Em que a raça influirá, porventura, na formação espiritual de um individuo, que nascido nas fronteiras de dois Estados limitrophes venha a ser um vulto de élite? Ahi está uma circumstancia toda fortuita pela qual o individuo tanto seria grande homem de um como de outro Estado. Outro exemplo mais immediato é o de Chamisso, francez de origem que, educado na Allemanha, se tornou um de seus melhores poetas lyricos. Afastado pois esse criterio, evidentemente controverso, que conta, aliás, em seu abono algumas figuras que acceitam o racismo, como Gustave Le Bon, resta estabelecer a superioridade através dos casos particulares, isto é, aquelles da maioria de homens de genio em um paiz determinado. E' claro que a theoria da superioridade só ficaria provada se porventura todos os homens de genio fossem producto de um só povo. Mas — e este é o facto — se todos os povos são capazes de produzil-os, em que motivos se baseia o povo allemão para julgar-se superior aos demais povos e passar das abstracções, mais ou menos academicas, ás realidades, nessa extravagante perseguição aos judeus?

Se a Allemanha possue Leibinitz e Kant, a França possue Descartes e Comte, a Inglaterra Bacon e Hume. Se a Allemanha possue Goethe, a Inglaterra possue Shakespeare, a França Victor Hugo, a Italia Dante, a Russia Pouchkine, a Polonia Mickiewiez e Portugal Camões.

Deixemo-nos de lendas. Todo patrimonio que a civilização vem accumulando, através dos tempos, resulta do concurso dos povos todos reunidos. Tudo mais são fantasias.

UBALDO SOARES.

— Jean Chuzeville traduziu para o francez o *Goethe* de Frederic Gundolf. E' o panorama de uma vida gloriosa a confundir-se com todo o panorama intellectual de um grande povo.

— *Le Village* é o titulo francez do livro que muitos reputam a obra prima do romancista russo Ivan Bounine, galardoado ha mezes com o premio Nóbel de litteratura.

UM HISTORIADOR MATTO-GROSSENSE

Agrippino Grieco fazendo a sua critica dominical na *Vida Litteraria* do *O Jornal*, sobre o livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, teve occasião de se referir, aliás com o mesmo acerto de todas as suas observações, que no norte do paiz se encontra maior numero de estudiosos das nossas coisas e memorialistas, ao contrario dos filhos do sul, que vivem mais em contacto com a actividade mercantil, que tanto nos absorve nesta altura do seculo.

Causou-lhe estranheza, tambem, como escreveu o illustre critico, encontrar em Porto Murtinho, longinqua cidade de Matto Grosso, um filho de hespanhóes, radicado ha vinte annos naquella localidade, "que guardava a domicilio dezenas de caderninhos com todos os dictos locaes, contando coisas impressionantes sobre os Murtinho, membros das Commissões de Limites e o General Rondon".

Attentamos nessa justa observação do sr. Agrippino Grieco, não só porque, de facto, o sul e o centro ainda se resentem de pessoas que se preoccupem em collecionar o que de apreciavel nós possuimos, como por conhecermos o filho de hespanhóes, por elle citado, e que outro não é senão o sr. Martin Lopez, que tivemos opportunidade de ver, numa das viagens que fizemos áquelle municipio, a serviços profissionaes.

Poucos são os que em Matto Grosso se dedicam aos estudos historicos e ás bandeiras nos terrenos áridos dos archivos, e querer de nossa parte um profundo conhecimento do que temos, é exigir de mais para um Estado ainda tido por muitos como uma "ficção geographica", quando em outros centros, mais civilizados e de melhores ambientes culturaes, sómente agora está surgindo essa litteratura, muitissimo util sem duvida, porque ao lado da erudição nos faz conhecer melhor o nosso paiz.

Entre os historiadores mattogrossenses, destaca-se inconfundivel a figura de Estevão de Mendonça, autor de varios livros, entre os quaes *As datas mattogrossenses*, que é um trabalho de grande e real valor.

O seu nome já transpoz as fronteiras de Matto Grosso, para se tornar conhecido e admirado em quasi todos os outros Estados.

Pena é que Estevão de Mendonça, possuidor de cultura e conhecimentos invulgares, tenha sempre se esquivado, sob o manto da maior modestia, a apparecer em dados certames com o seu documentado trabalho, que muito honraria as nossas lettras.

Como advogado, jornalista e historiographo, tem Estevão de Mendonça repartido a sua actividade, durante toda a vida, dedicada sempre ao bem commum.

Quanto á sua modestia e cultura, possue elle grande affinidade com aquelle que lhe foi sempre grande amigo. — Capistrano de Abreu, — não tendo sido por isso esquecido por Pandiá Calogeras, Rondon, Paulo Prado e outros, para um dos socios fundadores da Sociedade que tem o nome daquelle illustre brasileiro.

Lendo ha tempos uma conferencia de Pandiá Calogeras sobre Capistrano de Abreu, não sabemos por que associação de idéas nos lembramos do historiador mattogrossense, desse homem irradiador de sympathia, que passa os dias deitado na sua rêde, recebendo nessa attitude os amigos, mesmo os mais graduados!

Na Capital Federal, certa vez, quando lá passou quasi um anno, collaborou Estevão de Mendonça no *Fon-Fon*, grande amigo que era de Gasparoni, então na direcção daquella revista. A sua secção era denominada *Vultos e Factos*.

Por occasião do seu regresso a este Estado, Gasparoni mandou colleccionar-lhe e encadernar-lhe todos os artigos, o que constituiu um livro volumoso e muito interessante.

Em 1928, para fazer a vontade de um filho pequeno, deu-lhe esse livro, que tinha uma que outra figura, e não sentiu forças para impedir que a creança arrancasse as folhas daquella preciosa collectanea, da qual não possue, hoje, uma pagina siquer.

Ha trinta annos elle se bate com ardor pelo grande Augusto Leverger, Barão do Melgaço, cabendo-lhe a gloria de mostrar aos brasileiros as verdadeiras proporções daquella brilhante personalidade.

Não ha em Matto Grosso quem não possua um volume offerecido por Estevão de Mendonça. Pois é uma das suas principaes manias a de dar livros mal acabada a sua leitura.

E' interessante tambem que, sendo elle uma das maiores autoridades em assumptos historicos neste Estado, não conserve ao menos uma dezena de livros na sua bibliotheca!

Os trabalhos desse historiador, que é um conhecedor profundo das coisas mattogrossenses e notavel pesquizador da historia do Brasil, prestarão á nossa actual e futura gerações um valiosissimo auxilio, servindo de ponto de partida para os que desejarem se embrenhar no terreno desses conhecimentos.

Matto Grosso está muito longe do Rio. Mas, si é difficil nos unirmos pelos meios actuaes de transportes rapidos, que assim mesmo ainda nos separam de alguns dias, iniciemos o "clima de approximação", no dizer do consagrado escriptor Augusto Frederico Schmidt, numa entrevista a respeito da Sociedade Felippe de Oliveira, e, certamente, um pequeno contingente embora, teremos o orgulho de apresentar na Côrte, como merecedor de alguma attenção!

CARLOS VANDONI DE BARROS

Sob o titulo *Si j'ai bonne mémoire*, Sacha Guitry inicia pelas columnas do *Excelsior* a publicação das suas memorias.

Paul Morand acaba de publicar *France la doulce*, um espirituoso romance comico.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Srs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Jonathas Serrano — *Historia da Civilização* — 4.ª série — F. Briguiet Editores — Rio.
Vicente Licinio Cardoso — *Maracás* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Luiz Waldvogel — *Rastos Luminosos* — São Paulo.
Jarbas de Carvalho — *Articulações de um Governo Delegado* — Editora Marisa — Rio.
Mario de Andrade — *Musica, doce musica* — L. M. Miranda, editor — São Paulo.
Mario de Andrade — *Belazarte* — Editora Piratininga — São Paulo.
Joracy Camargo — *Deus lhe pague* — Livraria Editora — Rio.
Heitior Freitas — *Filho da Revolução* — Rio.
José Marianno (filho) — *O Problema Florestal Brasileiro* — Rio.
Raul Maja — *Diccionario da Questão Social* — Edições Caramurú — São Paulo.
René Maran — *Djumá, cão sem sorte* — Edições da Livraria de Cultura Brasileira — São Paulo.
L'Université Jagelonne à Cracovie — Cracovie, 1933.
João de Minas — *Horrores e Mysterios dos Sertões Desconhecidos* — Livraria Record. — S. Paulo.
Barretto Filho — *Sob o olhar malicioso dos tropicos* — Romance — 2.ª edição — Editora Record. — Rio.
O. Emboaba — *Mocambo* — Contos sertanejos — Edição da "A cruzada" — Curityba.
O. Emboaba — *Sucurijú* — Contos — Curityba.
Lucilio Varejão — *O Bom Ladrão* — Comedia — Edição do Grupo Gente Nossa — Recife.
Henry Poulaille — *Le Pain Quotidien* — Romance — Edições Bernard Grasset — Paris.

— Scenas suggestivas da vida colonial franceza tomam um bello relevo litterario no volume de Denise Moran intitulado *Tchad*. E' a descripção feliz de recantos da Africa central, por quem os viu de perto, por quem se mesclou á actividade de uma administração local desejosa (o que não é muito commum) de beneficiar realmente os pobres indigenas. Dias de sol atordoante, longas chuvas monotonas que espalham um horrivel tedio e fazem pensar no suicidio, trabalhos de pastores e cultivadores em meio a uma natureza nem sempre dadivosa. O trecho allusivo aos collegiaes da região, sinceramente inclinados a aprender, mas raramente encontrando o mestre que bem os inicie nos segredos do alphabeto, é traçado com vivacidade pittoresca. Esse livro, que denuncia muitos abusos e faz justiça a muitas dedicações, é dos que, na phrase de um critico, "escorrem verdade".

— Grande foi o successo obtido na Allemanha pelo romance *Kleiner Mann,was nun?* Nesse trabalho, Hans Fallada narra a tragica epopêa dos sem-trabalho da Germania de hoje. E' de inicio a historia, talvez auto-biographica, de um pequeno vendedor que nada possue de heróe romantico e nos interessa exactamente pela sua perfeita vulgaridade. Vulgaridade que vae aos poucos tomando um accento de humanidade profunda e é a narração indirecta de todos os horrores de uma civilização que pretendeu collocar os guerreiros e os chimicos acima de Goethe e Beethoven e está por isso ameaçada do peor dos desmoronamentos moraes. Apenas, adoçando os lances brutaes do romance, ha a fidelidade, o amor indefectivel de uma pequena operaria, que insufla coragem nos que estão prestes a baquear, como que encarnado as melhores virtudes de sentimentos e alegria da sonhadora Allemanha de outros tempos.

Jack London — *O lobo do mar* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Consumido pelas longas vagabundagens e pelo alcool, Jack London finou-se exactamente quando se entregava a uma intensa actividade de creador de romances de aventuras. Evocador de typos de excepção, oriundos de singulares atmospheras humanas como o Alaska e o Far-West, Jack London tambem falava, com segurança descriptiva e penetração de psychologo, da vida dos marujos, de certos corsarios á moderna. A linguagem e os costumes de bordo eram-lhe perfeitamente familiares, ao que se vê desta historia transoceanica que Milton Sills interpretou no cinema e Monteiro Lobato vem de transportar, com a arte de sempre, á nossa lingua.

Erle Cox — *A esphera de ouro* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Esse escriptor, ainda não muito conhecido entre nós, merece a intimidade dos leitores do paiz. Sua narração, por vezes impressionante, prende-se a uma esphera soterrada em zonas da Australia e onde se encontra, adormecida, a representante de uma velha civilização que bem póde ter sido a dos Atlantes. Detalhes subtilmente intellectuaes alternam com episodios de uma palpitação dramatica accessivel a todos. Sente-se sem esforço que o autor é homem de vasta cultura e não prescinde de um pouco de "humour" á britanica. Quanto á traducção, é de Agrippino Grieco.

Mario de Andrade — *Musica, doce musica...* — Editor L. G. Miranda — São Paulo.

O notavel poeta Mario de Andrade, que lecciona proficientemente num conservatorio de musica de São Paulo, tem estampado em varios periodicos do paiz criticas allusivas aos concertos locaes e a outros assumptos que se prendam á melhor litteratura do genero. Os animadores de melodias regionaes, inspirados por deliciosos motivos folkloricos, são talvez as figuras preferidas do sr. Mario de Andrade, que detesta os compositores apenas conduzidos pelo cerebro e não occulta um invencivel horror ás companhias de operas, com os seus scenarios de espavento e os furiosos dós de peito dos seus tenores.

Amelia Rezende Martins e outros — *Quinzena anchietana* — Officinas Graphicas Almanach Laemmert — Rio, 1934.

Para um perfeito conhecimento da vida e da actividade moral de Anchieta, nada melhor que esta collectanea, enriquecida por illustrações finissimas. Encontra-se aqui o que de melhor se disse e escreveu ao commemorar-se o Centenario do Santo. São testemunhos, não meramente convencionaes, mas vivificados por uma emoção sincera, tanto mais quanto não se trata de homenagear um medalhão official qualquer e sim de exaltar alguem que tem por si (e vale bem mais) o plebiscito unanime dos corações dos simples e dos humildes.

Leonidas de Loyola — *Primeiro Livro de Leitura* — Editores França & Cia. — Curityba 1934.

O sr. Leonidas de Loyola, distincto escriptor paranaense, tem o seu nome ligado a uma brilhante refutação á satyra amarga de Monteiro Lobato em relação ao pobre Jéca-Tatú. Recebendo o sr. Moysés Marcondes na Academia de Lettras da sua região, produziu uma peça de eloquencia commedida e sobria. Tambem lançou, com exito, um pequeno manual de historia do Brasil, cujas edições se succedem. Agora, insistindo nos seus indiscutiveis pendores para a litteratura didactica, apresenta-nos elle um primeiro livro de leitura a que não faltarão certamente a preferencia dos professores e a adhesão franca dos alumnos. O volume, que é suggestivamente illustrado, faz-se percorrer sem fadiga e não oppõe nenhuma especie de preciosismo á comprehensão por vezes trepidante dos garotos.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls	Anno II - Junho 1933 - N. 9	REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

MALDITO CONSOANTE

Difficilmente se ajuizará de duas escolas litterarias convisinhas e mais ou menos oppostas, comparando-as no que encerram de bom ou máo, se é estreito o espaço interposto entre ambas ou se se conservam ainda da confluencia turvas as aguas das duas correntes.

Não é propriamente o que vae entre o nosso Romantismo e Parnasianismo, pois este não chegou a ser escola nem em França nem no Brasil. A parte que lhe coube como reacção ou agente transformador, ainda hoje é mal apreciada, e só de futuro o será bem e devidamente, se até lá valerem considerados estes assumptos. Aqui lembrarei apenas, entre as melhorias parnasianas, a da rima, por ir ao encontro de errada opinião, em virtude da qual e neste sentido certas extravagancias e antipathica artificialidade devem correr por conta da geração que veio logo depois da romantica. Do espolio desta nada havia aproveitavel neste particular e preciso foi refundir inteiramente o que estava feito. Com melhor conhecimento de sua arte ou maior amor de servil-a, evitaram os parnasianos reincidir nos erros, descuidos ou máo gosto de alguns dos seus antecessores, quando faziam estes rimar, ou suppunham rimar, "vertigem" com "virgem", "vargem" com "folhagem", "floresta" com "orchestra", e até "Arabia" com "Tartaria" (Castro Alves, poesia Jesuitas*), todas rimas á hespanhola, meramente toantes. Em regra, a consonancia pouco variava, ou era praticada sem escrupulo, de adjectivos com adjectivos, verbos com verbos, adverbios com adverbios, e tudo do mercado barato, onde se abastecia. Algumas dessas rimas se haviam tornado tão de uso geral, que, enunciado um consoante, logo se adivinhava o correspondente: se era "orvalho", vinha "galho", se "alma", "calma", se "donzella", "bella", se "encanto", "pranto", e em chegando a vez de "magua", era contar certo com "agua".*

Não foram pelos parnasianos refugadas as rimas vulgares.

Tambem estas cooperam para a boa poesia; o que cumpre é não as deixar acudir ás récuas e nem as da mesma classe, como povoleo em festejo, se acostarem umas ás outras. Proveu-se, quanto a ellas, e ás mais, alternando no consoar as categorias dos vocabulos, é claro que com excepções, que as tem toda regra.

Com estas medidas e ainda outras, iam por deante os parnasianos em sua lavra, quando faiscadores entraram pelo terreno explorado a catar das pedras esparsas as que lhes pareciam mais preciosas, e a se servir dellas como bem entendiam.

Nasceu dahi esse aconsonantar heteroclito, ou a doentia preoccupação de surprehender e maravilhar com as rimas mais raras, embora o desaccôrdo dellas com o mais da poesia, como joias de preço em collo ou braços que não as merecem. Talvez a Th. de Banville, pelo conceito delle que a rima é toda a poesia, pudera caber a responsabilidade do afeite assim rebuscado; muitos, porém, nunca haviam lido o Petit traité de poésie française*; acompanhavam com outros, por imital-os, guiando atrás da caça fugitiva pelos mesmos caminhos.*

Ponho aqui dous casos que mostram bem até onde foi por esse tempo o furor da rima difficil.

Um é o de um pobre rapaz que havia jurado ás nove Musas descobrir consoante para o adverbio "sempre"; incommodou com consultas os amigos, leu diccionarios do A ao Z e, depois de mezes empregados no insano mistér, acabou insano, internado para sempre, ou pelo "sempre", num manicomio.

O segundo é o de um outro que estava para casar com certa moça por nome Barbara, nome que em versos que lhe adereçava, reconheceu não ter outro com que consoasse. Contrariou-se com isso, e a tal ponto, que deu o dito por não dito no ajuste das nupcias.

— E' máo indicio — fez ver á noiva — teres tal nome. Casamento tambem é rima, e nunca serei bem casado comtigo, visto faltar-te consoante.

A uma allegação della que ha versos sem rima ás vezes lindissimos, respondeu conceituoso, voltando-lhe as costas:

— Soltos, nem versos, nem mulheres!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

TOUT EST DIT

Tudo está dito; chegamos tarde demais etc. Phrase de pessimista; phrase de pedagogo. Phrase — para empregar uma expressão em voga — de derrotista. Não é possivel que La Bruyère acreditasse piamente na veracidade desse conceito, La Bruyère que seguindo os passos dos gregos tinha deixado longe a perder de vista o seu modelo Theophrasto, e vindo depois de Racine, Pascal e Bossuet, ou contemporaneo destes, igualou ou superou, no dizer dos entendidos, em graça, finura e novidade de estylo como em profundeza de conceitos, os maiores escriptores do grande seculo.

Mas La Bruyère era um artista, o que vale dizer um portentoso fazedor de phrases; e aquelle seu celebrado *Tout est dit* não passava afinal de uma dessas incommensuraveis phrases feitas que haveria de dar a volta ao mundo e voar de bocca em bocca incessantemente repetida por todos os nécios e pataratas dos dois hemispherios.

A verdade, em que pése aos amadores de logares-communs, é que nada está dito, nada do que sobretudo importa á humanidade, dos problemas essenciaes da humanidade. O mundo, conforme aquelle verso do *Fausto*, está novo como no primeiro dia da creação, e todas as manhans, como provavelmente já succedia com os nossos avós millenares, abrimos olhos curiosos e maravilhados para esses espaços onde de instante a instante se manifestam phenomenos desconhecidos, nunca vistos prodigios, extranhas apparições em fórma de machinas, motores, dynamos, turbinas, estupendas descobertas do genio inventivo do homem, repontam novas incognitas, novas esperanças, novas certezas e conseguintemente novas sensações, novas ideias, novas imagens.

O que nos falta sim, e nisto consistirá sem duvida a irremediavel penuria da época em que vivemos, é a capacidade de reduzir a uma formula de arte superior, de condensar numa synthese definitiva que seja a expressão do estado actual da cultura do nosso tempo, essas incognitas, essas esperanças, essas certezas, completando assim no dominio espiritual a obra realizada no material e scientifico; é, em summa, e para concluir, essa inapreciavel faculdade de discernimento depois da qual não ha no mundo cousa mais rara, disse o já citado La Bruyère, que perolas e diamantes.

ALBERTO RAMOS.

Tristão de Athayde — **Introducção ao Direito Moderno** — Edição do Centro D. Vital — Rio.

E' simplesmente admiravel a operosidade intellectual do nosso illustre patricio sr. Tristão de Athayde. Enre 1931 e 32, publicou elle seis volumes e, neste primeire semestre ainda incompleto de 1933, já estampou tres livros novos: *Pela reforma social*, *Contra-revolução espiritual* e, agora, a *Introducção ao direito moderno*. E um tal esforço é tanto mais louvavel quanto não estão em jogo simples compilações apressadas ou brochuras superfluas de um graphomano delirante. Trabalhos de amplas proporções materiaes, esses e outros escriptos do sr. Tristão de Athayde figuram entre os melhores que aqui se tem produzido.

Discorde-se embora das observações e das conclusões do expositor, forçoso é ao leitor inclinar-se, descobrir-se deante da boa coordenação das suas pesquizas, do seu potencial de cultura, do nobre contagio moral que resulta sempre da actividade desinteressada de pensadores assim. Fazendo critica litteraria, lançando um encantador ensaio sobre Affonso Arinos, falando de Abel Bonnard com precisão e subtileza de um verdadeiro parisiense, ou discorrendo sobre questões sociologicas, examinando o problema da burguezia, tratando da economia pre-politica, analysando o materialismo juridico e suas fontes, batendo-se, em summa, pelos postulados espirituaes que tambem absorveram a existencia de um De Maistre ou de um Veuillot (prova de não estar elle em má companhia), o sr. Tristão de Athayde vê os seus quinze tomos de litteratura e philosophia assumirem o relevo de um dos factos centraes do Brasil pensante dos nossos tempos.

Lucia de Andrade Magalhães — **Psychologia Pedagogica da Adolescencia** — Renascença Editora — Rio, 1933.

Alguem já definiu a philosophia como o logar geometrico de todas as duvidas. Poder-se-ia applicar á adolescencia a mesma definição. Epoca tenebrosa, turva, de incertezas sem fim, de angustiante inadaptação, a tal primavera da vida. Idade dolorosa do "*vague à l'âme*", da sensibilidade exaggerada, oscillando entre dois extremos egualmente perigosos, a auto-affirmação emphatica e a humildade morbida. Incomprehendido por todos, e sobretudo por si mesmo, o adolescente se fecha, debatendo-se na tragedia das interrogações sem resposta, na ansia de desvendar o mysterio da vida, atormentado ainda por um corpo febril, por um espirito inquieto. E os adultos, esquecidos da crise por que tambem passaram, não sabem auxilial-o, não acham uma brecha por onde penetrar na alma desgovernada, que se eriça e se reteza, como ferida, ao menor contacto. Nunca o homem é tão solitario como nesse periodo em que o cercam, via de regra, o cuidado da familia e a direcção dos professores. Prisioneiro do eu, da terrivel e deslumbradora consciencia de si mesmo, não sabe sahir de si, não tolera, senão quando é feita com muito tacto, a approximação dos outros. Tudo o magôa, tudo melindra o seu pudor.

Romancistas e educadores têm naturalmente tentado estudar essa idade interessante entre todas, e recentemente observações psychologicas objectivas vão permittindo conhecer-lhe mais de perto os meandros sinuosos. O livro de Lucia Magalhães, resumindo os estudos da autora, dá uma synthese clara, intelligentemente concatenada, da litteratura já consideravel do assumpto. Um livro honesto, conscienciosamente feito, livro de quem leu bem e assimilou melhor; e não procura espantar o leitor com a sua erudição, nem se enfeitar com idéas alheias. Probidade muito rara em obras do genero.

Num pequeno prefacio avisa a autora ter feito apenas uma compilação de doutrinas varias, e não um trabalho original. Mas justamente na escolha das doutrinas, na lucidez com que são apresentadas está uma contribuição pessoal, e do mais alto valor.

"Ha um momento dos nossos 15 annos", diz Jules Laforge citado por Lucia Magalhães, "do qual dependerá o nosso caracter e a nossa concepção do universo". Esse momento decisivo, unico, gravissimo, por falta de uma orientação esclarecida, de uma palavra amiga, terá talvez as mais funestas consequencias. E todos nós os encontramos, esses pobres seres desamparados, rapazolas desageitados, meninas tristonhas, em quem um gesto de carinho, um conselho opportuno, podem fazer desabrochar toda uma floração sadia de bondade, de esperança, de alegria de viver. E esse gesto, temos o dever de fazel-o, esse conselho, não nos podemos furtar a dal-o. Por isso, ainda não tendo filhos nem discipulos, todos lucramos com um livro como este, janella aberta para a obscuridade da adolescencia.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

JULIANO MOREIRA

Juliano Moreira foi, desde o começo de sua vida espiritual, um mestre, e, desde ahi, como convinha, mestre simples, tolerante, capaz, benigno, efficiente. Depois de memoravel concurso na Faculdade da Bahia, sagrado mestre pela Congregação, nós, os estudantes do sexto-anno na occasião, respeitosamente, o elegiamos sexto-annista honorario e o convidavamos para uma festa de estudantes; elle aceitava titulo e convite. Como que nos pedia perdão de seu triumpho na Congregação. E nós, moços, lh'o perdoámos.

Na vida foi a sua attitude. Pareceu-me, sempre seu amigo e seu discipulo, que durante uma vida o acompanhei com carinho, admiração, reconhecimento, pareceu-me que elle, forrado de indulgencia e scepticismo, nos conhecia, aos seus interlocutores. Mais ou menos, como conhecia inteiramente os clientes de sua especialidade. Casos frustos, de indeciso diagnostico, casos mitissimos, contra os quaes não estaria em guarda, na suspeição, mas, ao contrario, já certo, seguro, e, por isso, indulgente, benigno, acolhedor. Dahi lhe vinha essa concordancia de animo, esse assentimento tacito, essa explicita animação.

Foi por isso, por esse espirito "profissional", que elle venceu. Venceu a ministros, a collegas, a administrados, e internos, e internados. Realizou aquella personagem de Machado de Assis que fez da humanidade uma casa de orates. Felizmente seu animo convinha que assim era, e, dispensando a logica perigosa, — Capistrano quizera, uma feita, convencer-me que "logico" dera "loico", que deu "louco"... — não se internaria sozinho na "Casa Verde" dessa immensa Itaguahy, de onde os outros desertaram, soltos pelo mundo.

Quando revelou a Psychiatria á Bahia, era ella representada, na realidade nacional, por diagnosticos apenas pouco post-Pinel, mas, no trato dos alienados, ainda muito pre-Pinel. O titular da cadeira então, esse, manso, sorria, não dava aula, tinha fama de intelligente por que não produzia nada, mas os alumnos, virgens e delicados, convinham que lhes resumia sufficientemente a especialidade. Juliano Moreira, esse, teve de emigrar.

No Rio, já era outro o estadio da evolução. As bôas irmãs de caridade tinham sido varridas pelo jacobinismo positivista, mas, em vez da casa forte, contra demoniacos, havia o collete de força, contra as agitações. Havia o *magister dixit*. Havia uma classificação. Magnan e Charcot imperavam. Era uma cidade fortificada, em que o prestigio do commando vinha de um estado maior leigo, nas secretarias de Estado. Politica e Psychiatria.

Juliano veio e mudou tudo. Governou com o passado, contemporizando, benigno, verdadeiro alienista. E collegas, administração, internos, internados, como politicos, *reporters*, estado maior das secretarias de estado, tudo foi tratado com a mesma paciencia, a mesma benignidade, a mesma conformação. Ironia e piedade. Psychiatria...

Sua razão suprema era esta, de Renan: sempre da opinião do contradictor. Por isso, na Academia de Medicina, na Sociedade de Psychiatria, na Assistencia a Alienados, com a Imprensa, admiradores, collegas, internos, guardas. — Foram trinta annos de paz, de tolerancia, de estudos, de progresso. Não teve opposição. E' o *suum cuique tribuere* therapeutico. A cada um o seu tratamento: o que lhe, a elle, conviesse. E todos o tinham. "*No restraint*". "*Open door*". Ao maior numero, a quasi todos, o tratamento familial: "*Gheel, chez soi*". E elles estão ahi, nas sociedades sábias, nas Faculdades, no Ministerio, na Camara, no Senado, nas redacções, nas ruas. Só se internavam os capazes de mal fazer, a si ou ao proximo. Mal fazer violento. Porque até os candidatos jovens ás posições scientificas ou administrativas, estão soltos e livres. Até as pragas, que são desejos, se permittiam.

Foi o triumpho da razão, intelligente, comprehensiva, razão piedosa e ironica, mas, e só ella, Razão. Portanto, um psychologo que bem conhêcia os homens, um alienista que bem nos sabia tratar. E se o coração intelligente fez isso, a razão nobre andava, approvava, concordava, doutrinava, suavemente, discordando, concordando, e estudos, obras, edificios, colonias, leis, são derivações benemeritas dessa sciencia benigna e bemfazeja.

Comparado a Cabred, que na Argentina reformou a Assistencia aos insanos, vê-se que o mestre brasileiro teve a melhor parte, a de Maria, nas Escripturas. No Prata deram, ao outro, os meios: bellos hospitaes, formosas colonias, laboratorios, microtomos, anatomo-pathologistas. Juliano Moreira, que venceu o Brasil, só teria de registrar uma derrota: a desses meios. Mas elle os alargava, os meios de receber, recolher, abrigar e tratar os que lhe iam ter e bater á porta, outros, muitos outros, appareciam logo que tornavam precaria a reforma da vespera... O dique feito para a enchente de um dia era assoberbado por outras maiores enchentes. Elle o refazia, noutra reforma. A insania sobrava, subia sempre. Venceu a *qualidade* da loucura nacional. Lutou e pereceu, todos os dias, contra a *quantidade* dos nossos loucos.

Mas se não teve os meios de Cabred teve as vantagens moraes e scientificas que não logrou o outro, a Martha argentina. Modificou costumes. Fez leis. Criou uma escola. A sua foi um seminario de sabios que mais do que nenhuma outra escola do Brasil — Manguinhos, Butantan, Faculdades de Medicina — tem favorecido o ensino, a clinica, os laboratorios do Brasil. Basta citar os nomes dos que sahiram e lá ainda estão, do circulo sábio e magistral de Juliano Moreira: Miguel Pereira, Alvaro Ramos, Fernandes Figueira, José Chardinal, Paulo Costa, Austregesilo, Esposel, Rocha Vaz, Riedel, Ernani Lopes, Mario Pinheiro, Bruno Lobo, Rezende Puech, Carlos Pennafiel, Adelino Pinto, Lopes Rodrigues, Moura Brito, Heitor Carrilho, Olavo Rocha, Ulysses Vianna, Sampaio Corrêa, Odilon Galloti, Plinio Olinto, Fabio Sodré, Humberto Gotuzzo, Adauto Botelho, Valdemar de Almeida, Ulysses Pernambuco, Luiz Guedes, Brito Cunha, Moura Costa, Pedro Pernambuco, Helion Povoa, Genival Londres, Collares Moreira, Costa Rodrigues e professores, clinicos, alienistas, psychologos, administradores, que todo depõem de um mestre sábio, um semeador que soube semear.

A razão disto foi que não sómente Juliano Moreira tinha os dons naturaes de intelligencia e bondade, senão que não teve prevenções. Não foi nacionalista, nem teve freguezia intellectual. Ouviu os sons de todos os sinos. Aqui, Silva Lima, tropicalista. Ali, Nina Rodrigues, medico legista. Estendeu as mãos a Teixeira Bran-

H E R Ó E S . . .

O homem sempre interessou aos outros homens...

Modernamente as imagens que a ficção creou na litteratura deram lugar ás impressões reaes da vida das grandes figuras. E surgiu o genero biographico e autobiographico com uma intensidade accentuada.

Outrora, os heróes eram sobretudo guerreiros.

Hoje, ha uma variedade immensa de especies de heroismos. E o guerreiro vae perdendo terreno, passando a segundo plano, porque lhe custa apenas a coragem de morrer e outras especies exigem muitas vezes a coragem mais difficil de viver.

Alice Descendres, a conhecida educadora do Instituto Jean-Jacques Rousseau, acaba de reunir 10 pequenos estudos sobre alguns heróes legitimos, onde não se encontra um só que tenha eliminado uma vida e todos salvaram muitas.

Embora á escolha não tivesse presidido um criterio systematico, porque os trabalhos se fizeram á suggestão das opportunidades das commemorações realizadas no Instituto, ha, entretanto, uma mesma linha de unidade moral em todos elles.

Conforme accentuou Alice Descoudres, no seu prefacio, é, talvez, a primeira vez que se encontram juntas, para a mocidade, as tres grandes religiões do dia: catholicismo, protestantismo e socialismo revolucionario.

A variedade das figuras apresentadas mostra bem como é possivel encontrar a grandeza humana desde um santo como S. Francisco de Assis, a uma revolucionaria como Rosa de Luxemburgo.

Os demais "heróes" são mais ou menos conhecidos.

Pestalozzi surge com o seu apostolico perfil de santo leigo da educação e da infancia.

Beethoven como o exemplo da dignidade do soffrimento humano.

Pasteur, o homem proximo da perfeição, cuja vida já estudada em todos os detalhes, revividos em varias occasiões, ainda se revê com emoção e ternura. Tolstoi, o escriptor e o homem de renuncia. Forel, o grande amigo das formigas, que impoz dignidade a um assumpto delicado e difficil dando um livro modelar sobre a questão sexual.

Gandhi, que termina o volume, é o exemplo, expressivo e imponente, no nosso tempo, do que pode a força moral e no seu mysticismo ascetico dá a lição de lealdade e de não violencia que hão de ser, no futuro, das maiores forças de ligação entre os homens.

Estas as figuras geralmente conhecidas e cujas vidas o estylo simples e elegante e a ternura commovida de Alice Descoudres nos apresentam.

Mas, ha ainda duas grandes heroinas, pouco, senão nada, conhecidas: Alexandra Ravizza e Mathilde Wrede.

Ravizza foi chamada a Santa de Milão e consagrou toda a sua existencia á protecção de menores delinquentes; varias obras fundou ella com este fim e tal o cunho de sinceridade e idealismo de que as impregnava que conseguia despertar enthusiasmos que as mantinham, mesmo em sua ausencia.

Wrede, finlandeza, filha de um director de presidiario, assistiu, horrorizada, certa vez, da janella de seu quarto, o castigo de um dos presidiarios e teve o desejo de conhecer de perto a vida que elles levavam. Tocado o seu coração, resolveu dedicar a vida á assistencia aos detentos das prisões, conquistando pela sua doçura e pela confiança os corações mais duros, aos quaes commovia, sem medir quaesquer sacrificios.

O livro de Alice Descoudres é dedicado á juventude. Devia passar por todos os olhos que se abrem para a vida.

A nossa, como todas as epocas, é accusada de falta de idealismo, de impregnada de egoismo e materialismo. A accusação é, entretanto, rigorosamente falsa. Ha, agora, como em todos os tempos, a mesma distribuição media de vicios e virtudes, que a perspectiva da distancia permitte apreciar em verdadeira grandeza. Poucos livros darão, como este, tão viva, esta impressão, e trarão á vida vertiginosa dos nossos dias um sopro tão vivificante de humanidade e de idealismo.

Francisco Venancio Filho.

Acaba de apparecer — MURILO MENDES:

HISTORIA DO BRASIL

Preço: 5$000 Em todas as livrarias

---

dão e a Franco da Rocha. Propagou Kraepelin, sem esquecer Pierre Marie, nem Tolouse, Clouston e Morselli. Leu a todos, aprendeu de todos, a todos no seu tanto consagrou, com a citação, a applicação, a correcção. Freud, novidade de hoje, ha trinta annos era estudado por elle na Bahia. Essa universidade de espirito dispôz á razão para a tolerancia do conhecimento, como a benignidade do coração, para a tolerancia das relações sociaes. *Sage et savant*. Sábio.

Juliano Moreira, grande homem de acção e de sciencia, dispensa louvor dos adjectivos. Basta-lhe a fé-de-officio de sua vida, nobremente preenchida. Basta-lhe a escola que creou e manteve, os discipulos que suscitou e promoveu. Basta o bem que fez.

Estamos presentes quasi todos e depomos. Segundo a palavra sagrada, será a arvore julgada pelos fructos. Os desta o foram bem a tolerancia, a razão, e essa flôr sem fructo, mas que embalsama, a ironia, que ajuda, sorrindo, no seu encanto, a supportar a vida. Juliano Moreira, medico da razão doente, foi mestre da razão sadia. Grande mestre da razão.

Afranio Peixoto.

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Edições Ariel", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

DOIS ENSAISTAS

Machiavel e o Brasil foi elogiado, atacado, discutido. O editor vendeu a edição e o autor ficou collocado entre os estreantes de maior valor da ultima geração. Esperou-se a confirmação do successo da estréa. Agora, dois annos após, Octavio de Faria publica um segundo livro que, sem duvida, ainda será mais elogiado, mais atacado, mais discutido que o primeiro.

Destino do Socialismo, 400 paginas de erudição, de discussão, de ataque, de defesa, é algo de serio em meio á maré cheia de folhetos de todos os formatos que sobre os problemas sociaes os escribas da capital e da roça têm escripto.

Volume para ser discutido (e acredito que Octavio de Faria teria um immenso desgosto quando publicasse um livro que recebesse da maioria um "apoiado" geral), para se divergir delle, mas que se admira seja qual fôr a extensão da nossa divergencia. Acho mesmo que Octavio de Faria não encontrará no seu publico, que é grande, mais de 20 leitores que o apoiem incondicionalmente e que incondicionalmente concordem com seus conceitos.

Eu sou dos que estão muito longe de Octavio de Faria em materia de ideologia. Ao contrario do ensaista de *Destino do Socialismo*, acredito na victoria da revolução dos operarios, não apenas na sua victoria bellica como na reconstrucção do velho mundo pelo proletariado.

E' verdade que acredito nisso tudo muito displicentemente, sem nenhuma coragem nem enthusiasmo pela luta. Octavio de Faria, que procura provar a decadencia do socialismo e o seu fim proximo, é um temperamento de combativo, corajoso, honesto e leal (sei que a muita gente desgostam esses adjectivos gastos com um fascista...), capaz de reconhecer e admirar a lealdade de um adversario.

No seu livro a coragem de dizer, de affirmar choca o leitor acostumado com a litteratura "póde ser..." dos nossos ensaistas e pensadores. Talvez nem tudo seja dito numa prosa optima, mas muita coisa é util e phrases do autor dóem nos nossos ouvidos não educados para ouvir verdades.

Louve-se a honestidade do adversario, discorde-se delle e fiquemos a reflectir em que de qualquer maneira Octavio de Faria é uma bella lição á mocidade brasileira que ainda vive perdida entre a rhetorica dos oradores de bom pulmão e de retumbante voz. E' uma realidade.

Alguem me pergunta se Octavio de Faria é fascista. Eu repito a pergunta: será fascista o sr. Octavio de Faria?

Muitos responderão que sim.

No entanto eu o sinto ainda bracejando, ainda sem caminho, inimigo de todo e qualquer sentido de ordem, admirando por isso mesmo a ordem que é a maior força das doutrinas extremistas, meio anarchista, meio opposicionista ás avessas, fazendo opposição á opposição, sem aceitar nada, procurando talvez libertar-se de si proprio...

*

Arthur Ramos é um herôe. E' um termo que lhe cabe bem e que ninguem lhe negará se souber que a sua obra, hoje admirada por todo o paiz, foi realizada na Bahia. Faz-se necessario saber o que vale scientifica e litterariamente a cidade do Salvador para avaliar do esforço heroico de Arthur Ramos.

Homem de sciencia que escreve boa prosa, tem continuado a obra de Nina Rodrigues sobre a raça negra no Brasil. Na Bahia lhe falta tudo excepto o material que desde a morte de Nina até o apparecimento de Arthur Ramos andou abandonado. Mas os scientistas bahianos fazem discursos ao "dois de julho" e os litteratos escrevem versos dedicados a dengosissimas damas de duvidosa gerarchia. Olham para Arthur Ramos, que sabe psychanalise, vae a macumbas e não escreve periodos kilometricos, boquiabertos, sem comprehender.

Como é que um docente da Faculdade perde tempo collecionando fetiches dos negros, estudando a religião e a comida delles, quando podia fazer discursos tão bonitos e estudar os classicos?

E demais — ahi já olham desconfiados — é psychanalysta, lê Freud e outros sujeitos de discutivel bom senso.

Arthur Ramos vae passando calmamente por cima de tudo isso, accumulando material, photographando os negros e escrevendo coisas admiraveis que nos fazem acreditar que Nina Rodrigues encontrou o seu successor.

Na collecção "Bibliotheca de cultura scientifica", dirigida por esse extraordinario Afranio Peixoto, acaba de sahir o novo livro de Arthur Ramos, "Freud, Adler, Jung..."

Ensaios de um competente no assumpto que poderia juntar algumas paginas de bibliographia ao seu volume, ensaios de alguem que faz questão de realizar obra séria e legivel, sem se preoccupar com a gloriazinha facil dos escriptores suburbanos.

Sobre o assumpto nada de melhor conheço no Brasil, nada feito com tanto escrupulo como o livro do joven scientista alagoano.

*

Eu não sei fazer critica, felizmente. O critico é sempre um sujeito caceteado quando não é um sujeito muito cacete.

Essa conversa toda ahi em cima não passa da minha palavra de admiração pelos autores de dois livros que acabam de ser expostos nas vitrines das livrarias.

E esse rabinho é o typo da explicação inutil...

JORGE AMADO.

Sobre Castro Alves

No numero da *Comedia*, de Paris, de 20 de Abril deste anno, vem um trecho consagrado pelo publicista Manuel Gahisto a Castro Alves, excerpto de um livro em que esse amigo do Brasil estuda diversas figuras suggestivas das lettras sul-americanas. A parte dedicada a Castro Alves revela um bom conhecimento da vida e da obra do nosso glorioso patricio, deixando entrever o excellente conjuncto do novo livro de Manuel Gahisto.

Armand Godoy — **Ite missa est** — Grasset — Paris, 1933.

Prefaciando este volume, Jean Royère, theorista do "musicismo" e um dos mais notaveis poetas da geração symbolista, diz tratar-se de uma "symphonia lithurgica". Grande é, com effeito, a compuncção do autor e em todo o poema reina uma atmosphera de pureza religiosa que transcende de uma simples preoccupação de belleza litteraria e faz pensar nas musicas sacras de um Cesar Franck. E, se não bastasse a opinião de Jean Royère, teriamos a de outro grande catholico, que ha tempos viu o filho entrar numa ordem monastica, o adoravel Francis Jammes, de quem é esta affirmação: "*Ite missa est*, extraordinaire symphonie jouée sur l'orgue d'une cathédrale engloutie dans l'azur, vibrant de toutes les voix du Ciel et de la terre".

DE LISBOA

Infelicidade dos escriptores portuguezes

Sempre que me sento á mesa de trabalho pergunto a mim proprio: Que posso eu escrever que não seja uma tarefa inutil e ingrata? Com effeito, surge sempre no meu espirito a idéa da inutilidade de escrever uma obra nesta lingua a que um dos seus cultores mais illustres chamou o "tumulo do pensamento". O proprio escriptor que assim chamou á nossa lingua contribuiu, com o seu estylo grandiloquente, para mais a converter num mausoléu. Com raras excepções, a prosa portugueza é emphatica, artificiosa e gongorica, sobrecarregada de ornatos como o mais anti-classico dos estylos architectonicos, se estylo se póde chamar ao manuelino. A nossa alma baroca compraz-se no arabesco litterario puramente formal, ignorando ou desprezando a clareza, a sobriedade, o atticismo, a expressão exacta do pensamento, o senso critico e o equilibrio das proporções. Ora as obras que vivem pelo estylo podem ser bellas, mas são difficeis de traduzir e não interessam áquelles que na litteratura buscam menos a riqueza da fórma que a expressão limpida e crystallina das idéas ou dos sentimentos. A divulgação, cada vez maior, da litteratura franceza, e o contacto com o seu espirito classico, generalizaram o gosto pela prosa linear, pura como um desenho de Ingres. Que interesse póde ter para um mundo habituado a ler, por exemplo, André Gide, os exercicios de rhetorica dos nossos escriptores, a sua falta de sobriedade, a sua carencia de precisão no pensamento? Reli ha pouco Fialho de Almeida, e senti uma profunda tristeza ao verificar como um escriptor superiormente dotado estragou a sua obra com a mania de fazer estylo. E não me refiro já ás manifestações de mau gosto, ao desequilibrio esthetico do autor de *Os Gatos*, consequencia da falta, tão vulgar em Portugal, duma verdadeira cultura artistica e litteraria. Como a mania do estylo prejudicou Oliveira Martins, fazendo-o ir atraz da eloquencia com prejuizo da exactidão, mais necessaria ainda a um historiador do que a um puro litterato! O proprio Eça de Queiroz, no fim da vida, deixou-se seduzir pelo culto da fórma e escreveu as *Lendas de Santos*, em que o estylo, em contraste com a obra anterior do romancista, deixa de ser um meio para se tornar um fim, como na quasi totalidade dos autores portuguezes. Note-se que a prosa portugueza não é toda assim. João de Barros, Fernão Mendes Pinto, D. Francisco Manuel de Mello, Garrett, Ramalho Ortigão e, evidentemente, Eça de Queiroz, são excepções á regra. Citamos só esses porque não confundimos a nitidez da prosa que desenha exactamente uma idéa com o excesso de simplicidade, que se assemelha á pobreza de estylo. Não queremos, de resto, fazer uma revisão completa dos valores litterarios, mas oppôr aos autores de sermões, a todos os escriptores emphaticos, aos "estylos á procura de assumpto", "á inanidade sonora", os raros que em Portugal escreveram duma fórma clara, precisa e natural. Aos prosadores citados como excepções deve juntar-se um poeta que soube escrever em prosa e possuiu, como ninguem entre nós, um estylo adequado á expressão do pensamento: Anthero de Quental. Que contraste entre a sua prosa e o estylo ultra-rhetorico, e por isso mesmo tão apreciado, de outro poeta que tambem fez obra de prosador: Guerra Junqueiro! De entre os contemporaneos é justo destacar Antonio Sergio, que consegue exprimir idéas com clareza na nossa lingua obscura e complicada, e Teixeira Gomes, que tem abandonado a chamada prosa de arte por um estylo limpido e sem artificios. Tambem por isso consideramos hoje Teixeira Gomes o melhor prosador portuguez dos nossos dias.

Mas o estylo rhetorico não é o unico defeito da nossa litteratura e o unico obstaculo á sua divulgação no estrangeiro e á expansão da nossa lingua. A falta de capacidade philosophica dos escriptores portuguezes faz com que as suas obras não tenham sentido universal. Caso extranho num povo de navegadores, a curiosidade intellectual portugueza é muito limitada, sendo raro o escriptor que não circumscreve a sua attenção á gente e ás coisas de Portugal, e, ás vezes, duma simples região, levando o seu apêgo á terra até ao ponto de empregar uma linguagem local. Dahi a falta de interesse que tem para os estrangeiros a obra dum Camillo Castello Branco, ou a difficuldade que elles encontram na comprehensão dum Aquilino Ribeiro. Não posso esquecer o que me disse, um dia, um francez que conhece nossa lingua: Se Aquilino Ribeiro pudesse ser traduzido, se não escrevesse num dialecto regional, seria considerado na Europa como o Gorky do Occidente. Mesmo Eça de Queiroz, que passa por ser o mais cosmopolita dos nossos modernos escriptores, nunca se lembrou de escrever um romance sobre a vida ingleza, limitando-se a redigir sobre esse thema chronicas para os jornaes. A parte de *A Cidade e as Serras* que se passa em Paris não dá impressão alguma da grande urbe onde o autor residiu durante tantos annos. Diz-se que Eça de Queiroz viveu isolado em Paris, não se dando com os escriptores francezes nem frequentando a sociedade franceza, apesar de ser o creador de *Fradique Mendes*. Mas esse isolamento de Eça de Queiroz, essa inadaptação aos meios extranhos, que fez com que elle, apesar de francez pela cultura, e apesar de sua critica ironica á vida portugueza, se sentisse, como todo o bom lusíada, saudoso do fadinho e das bacalhoadas; esse isolamento, essa inadaptação, mais sensiveis ainda, em Aquilino Ribeiro, que, apesar dos annos de Paris, continúa a ser, mesmo quando fala das coisas de França, o rustico escriptor da Beira-Alta; esse isolamento, essa inadaptação, podem ser virtudes patrioticas, mas são, seguramente, defeitos da intelligencia. E' certo que os escriptores russos e scandinavos conseguiram interessar o mundo com obras regionaes, mas os dramas relatados por esses escriptores têm uma tal profundidade humana que adquirem um sentido universal, mesmo quando não debatem um problema éthico ou sociologico ou não exprimem uma angustia metaphysica. O mais humano dos escriptores portuguezes contemporaneos, Raul Brandão, aquelle em que ha maior drama universal e que mais podia interessar o mundo, soffre de outro defeito portuguez: não saber construir um livro. Aquelles que se empenham em divulgar a sua obra em lingua franceza, isto é, na lingua internacional do pensamento e da belleza litteraria, têm hesitado diante da falta de architectura dos seus livros. Não admira, por isso, que o mundo se não interesse pela nossa producção litteraria.

Nem ao menos o prestigio politico do paiz contribue para impôr, por motivos diplomaticos, como acontece com outras nações, os nossos escriptores, o nosso

pensamento, a nossa arte, a alma do nosso povo, emfim. Alliados a um paiz que nos ignora e nos despreza, de que tudo nos separa intellectualmente, damos ao mundo a impressão duma nacionalidade sem verdadeira soberania. Outros confundem-nos com a Espanha, não dando mais importancia á autonomia do nosso espirito e da nossa lingua que á da Catalunha. Vivemos na admiração exclusiva da França e, por outro lado, não temos com ella relações politicas que nos imponham á sua consideração como qualquer Tcheco-Slovachia. O prestigio historico que nos devia dar o facto de sermos uma nação independente e una ha oito seculos, de termos aberto ao mundo o caminho dos mares, de termos sido um grande imperio, de possuirmos uma grande litteratura lyrica e termos produzido um dos maiores poemas épicos da humanidade, de termos sido, emfim, um dos pioneiros da civilização moderna; esse prestigio historico não é reconhecido porque se confunde, aos olhos de muitos, com a acção da Espanha, ou não basta para desfazer a impressão de que vivemos na dependencia da Inglaterra. O unico paiz, tirando o Brasil, que póde comprehender-nos e interessar-se por nós, é a Espanha, mas tudo nos separa della politicamente. O Brasil, por seu lado, afasta-se de nós, num desejo natural de emancipação a que não é extranha, porém, a nossa falta de prestigio, que tira a muitos dos herdeiros do nosso sangue, da nossa lingua, do nosso espirito e da nossa civilização o orgulho da ascendencia lusitana. Portugal está, intellectual e moralmente, isolado no mundo.

Além disso, os portuguezes não lêm e não têm, sobretudo, quem os oriente, por falta de criticos, por falta duma imprensa esclarecida, por falta duma *élite* que desperte o amor pela cultura. A producção litteraria portugueza reduz-se, com rarissimas excepções, a obras de pura erudição, sem finalidade nem pensamento, a anecdotarios historicos, a polemicas pessoaes ou a livros de versos intraduziveis por natureza. Os problemas tragicos em que se debate a humanidade não encontram écho nas nossas lettras. A erudição historica, as sciencias secundarias como a philologia, tomaram o papel da verdadeira cultura, e é de vêr como são considerados intellectuaes homens incapazes de comprehender as idéas que são a preoccupação suprema de quantos no mundo vivem para escrever. Uma revista de cultura como o *Descobrimento* não póde manter-se em Portugal, onde não interessam as correntes do pensamento mas, apenas, os documentos historicos. Vivemos do passado e para o passado, dando um lugar primacial a coisas sem importancia como a heraldica e a genealogia. Quasi não temos pensadores, mas, em compensação, não ha paiz algum que possua tantos archeologos. Tudo quanto cheira a môfo, tudo quanto é poeira do passado, nos interessa profundamente. Os portuguezes começam, quasi todos, por fazer versos e acabam como archivistas. Antonio Sardinha, que foi, sobretudo, um poeta, disse-nos, um dia, esta coisa espantosa: E' preciso deixar a litteratura e fazer uma obra erudita. Como se a erudição não fosse apenas um accessorio e a litteratura não constituisse uma das mais bellas e nobres finalidades do espirito! A verdade é que não nos consolamos da perda das antigas glorias e, em vez de reagirmos contra a fatalidade historica, adaptando-nos á realidade presente ou preparando um futuro melhor, passamos a vida a contemplar o passado. Dahi a susceptibilidade patriotica dos portuguezes e a indignação irreflectida com que respondem ás criticas dos estrangeiros. E' de vêr como reagem deante das opiniões dos brasileiros sobre a acção da antiga metropole: problema historico que a todos é permittido discutir livremente, ou sobre a lingua: patrimonio commum, em que os direitos do Brasil são iguaes aos de Portugal. E' de vêr o que aconteceu quando Keyserling tentou definir a nossa psychologia. Um unico escriptor, João de Castro Osório, surgiu a contradictar com idéas as opiniões do mestre de sabedoria de Darmstadt. Os jornalistas e alguns homens com mais responsabilidades trataram-no como se elle não merecesse o respeito e a consideração do mundo culto e como se não fossem sagrados os direitos da intelligencia e do espirito critico. E não quizeram vêr a verdade profunda de muitas das suas observações sobre o nosso caracter. Mas quando os estrangeiros não se occupam de Portugal, os jornalistas queixam-se do que consideram a manifestação duma indifferença injusta e voluntaria, em vez de attribuir a ignorancia dos outros aos defeitos do nosso espirito e da nossa litteratura, ou ás condições politicas da nacionalidade. Somos nós os unicos culpados da muralha da China que nos separa do convivio espiritual com os outros povos. E' essa a grande infelicidade dos escriptores portuguezes. Quando se escreve não será para se ser lido e entrar, assim, em communhão com todos os que podem comprehender e amar as nossas idéas e os nossos sentimentos?

OSÓRIO DE OLIVEIRA.

John Dewey — **Como pensamos** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Traducção (o que quer dizer que perfeita) de Godofredo Rangel. Trabalho de um famoso educador yankee que deseja dar aos discentes o habito de pensar. Visa elle a simplificação de muitos estudos arduos que mal aproveitarão aos alumnos na vida pratica, pretendendo obter a synthese em meio a uma abundancia por vezes desorientadora. Bons as paginas em que confronta a educação mental através dos methodos psychologico e logico.

Charles Resnikoff — BY THE WATERS OF MANHATTAN — Charles Boni Paper Books — New-York, 1930.

E' a historia de uma familia judia.

A primeira parte se passa na Russia, na miseria, e gira em torno de Sarah Yetta, uma menina que quer estudar, e acredita nos livros.

A segunda parte se passa em Nova York, onde a miseria já não é tamanha, e gira em torno de Ezechiel Rubinov, filho de Sarah Yetta, que estudou, e ama os livros.

Sarah Yetta foi infeliz, não pela miseria, mas porque quiz estudar e não poude.

Ezechiel Rubinov é infeliz, não pela instrucção, que não lhe falta, mas pela miseria humana que o obriga a trabalhar, que o prende ao seu meio de vida, sua livraria, e impede que elle viva sonhando.

No emtanto, não é um livro triste. E' um livro, simplesmente. Agrada-me por isto mesmo, pela sua simplicidade, pela sua naturalidade, pelos sonhos que conta e pelas miserias que descreve, pelas horas bôas como pelas horas más. E todo o tempo sente-se um fundo de volupia, um fundo muito judeu de luxuria, de pelles macias, brancas, opacas, que lembram, não sei porque, pecegos; de olhos grandes, pretos, profundos, sempre promptos a chorar, e onde se sente um quê de caricias lentas.

JACK SAMPAIO.

"LES AFFRANCHIS"

DANIEL FIBICH — Roman traduit du russe par Zinovy Lvovsky — Paris, Editions du Siècle.

A curiosidade em torno da litteratura russa é a mais legitima e a mais justificada. A Russia continúa a ser um grande enigma. Como se vive, como se pensa, no paiz dos Soviets? Os documentos officiaes não bastam como base de opiniões. Os depoimentos dos viajantes e visitantes não nos merecem uma illimitada confiança; acredita-se sempre que esses, deixando de lado a possibilidade da acção de suas idéas preconcebidas num ou noutro sentido, vêm apenas o que se lhes quer mostrar. Ninguem pode conhecer a vida real de uma familia pelos sentimentos que ella exhibe nos seus salões de recepção. E os viajantes não passam, diz-se, dos salões de recepção officialmente preparados pelo governo communista.

A litteratura deveria nos fornecer documentos mais reaes, mais sinceros e representativos do momento. Para isso, porém, seria necessario que fosse ella completamente livre. E não o é. Sobre os escriptores pesam tambem as obrigações politicas e sociaes. Ha para elles o dever de concorrer para a formação do homem novo, da mentalidade especial que seja compativel com a adaptação a um estado de coisas, que não permitte a cultura de certos sentimentos ou a fidelidade a determinados estados de espirito.

Entretanto ainda resta ao romance alguma coisa que lhe pode dar um grande valor. Elle pinta as scenas da vida quotidiana, expõe-nos factos e narra actos dos personagens, que nos deixam entrever, sob a pesada armadura das idéas officialmente impostas, o verdadeiro fundo. Nos momentos graves da vida sentimental, no desenvolver das ambições, nas manifestações de desejo, os canones impostos pela politica, por mais severa e tyrannica, são esquecidos; o homem resurje em toda a força de seu ser propriamente humano.

O romance de Daniel Fibich caracteriza-se por esse aspecto. Nelle desenrolam-se acontecimentos dramaticos em extremo. Mas, por mais empolgantes que esses sejam, por mais robusta e penetrante que seja a arte do escriptor no relatal-os, ainda mais nos interessam as descripções, as scenas banaes da vida, as conversas e trocas de idéas entre os personagens, a atmosphera, o ambiente.

A acção do romance passa-se principalmente em um meio que, fóra da Russia, seria chamado de alta burguezia. Os personagens de primeiro plano são engenheiros, directores de usina, e suas familias, e, em sua maioria, elles collaboram sinceramente no grande trabalho de reerguimento economico e social do paiz. E entre elles apparecem as mesmas pequeninas coisas que em uma sociedade commum, typo antigo. A mulher de um queixa-se de sua falta de luxo, quando se compara ás amigas. Um rapaz resolve entrar para o cinema, para enriquecer, para gozar a vida e ter automoveis, o que o pae tinha conseguido pela sua posição de director de um trust fabril.

Esse director é a grande figura do romance. De uma energia a toda prova, de uma coragem sem limites, de uma extraordinaria capacidade de trabalho, não mede os sacrificios pela causa dos Soviets. Casado com uma mulher muito mais moça que elle e muito seductora, percebe que um de seus companheiros de trabalho faz á sua esposa uma côrte um pouco assidua demais. Entre Chaguine, o director, e Briskine, o elegante conquistador, ha em um momento dado o seguinte dialogo, que pedimos permissão para traduzir.

"... Chaguine fala baixo, esforçando-se por permanecer calmo tanto quanto possivel.

"— Não preciso de muito tempo para explicar-lhe o que lhe peço... Pois bem, espero que para o futuro o senhor me desembaraçará de suas visitas pessoaes.

"— Não o comprehendo bem, camarada Chaguine.

"Briskine abre os braços. E' muito exquisito... Entre dois camaradas, ha bastante tempo ligados por um trabalho commum, e pela mesma dedicação á idéa, que...

"— Basta, não quero mais falar disso!

"Isso dito, Chaguine lança a Briskine um olhar que tem immediata repercussão. Briskine estremece e sente-se gelado...

"— Não quero representar uma comedia comsigo. Considero muito minha mulher e tenho o direito de pedir o mesmo de outrem. Em caso de necessidade, forçarei a fazel-o ás pessoas de má fé. Estas ultimas palavras, elle as pronuncia entre os dentes, com a voz rouca, e sua physionomia torna-se cada vez mais escarlate.

"— Não comprehendo ainda, apressou-se a explicar Briskine. Eu considerava Nina Nicolaiewna, considero-a sempre e profundamente, e o senhor sabe muito bem disso. Se, entretanto, me permitti alguma coisa de superfluo, isso foi só por brincadeira, nada mais. Admira-me, o senhor que é um velho communista, um espirito livre... Donde lhe vêm essas theorias que datam dos seculos passados?

"— O senhor nada tem a vêr com isso. Se acha as minhas theorias muito atrazadas, só lhe resta denunciar-me ás instituições de espionagem que deve conhecer muito bem. Sei que o senhor tem uma inclinação para essa especie de coisas. Para acabar, eis aqui o que quero lhe dizer: note bem, se o senhor se permittir voltar á minha casa, — e elle accentua cada palavra, que acompanha com pancadas dos dedos sobre a palma da mão, — mesmo que seja uma unica vez,... Deteve-se um instante para terminar em voz baixa, quasi murmurando: eu lhe quebrarei a cara, apesar de sermos ambos communistas."

A meu vêr, uma das grandes lições desse livro, que deve ser lido e não resumido, seria essa. Deante dos grandes problemas verdadeiramente humanos, a moral artificial e officialmente imposta pela sociedade, cede aos profundos instinctos. Nada resiste á essencia natural do homem que, obrigada a limitações, a adaptações, eternamente terá a lutar com as injuncções oppressoras do meio.

O filho de Chaguine é o typo do libertado de tudo. Para elle nada existe, em terreno nenhum. Tendo passado algum tempo occultamente em companhia de um bando de salteadores, na época torva da grande revolução, ao tentar voltar para a sociedade e para a familia, esse libertado encontrou-se escravo de seus com-

panheiros, de seus habitos, de sua amoralidade. Fumador de opio, conquista a madrasta, torna-se cumplice de um roubo com assalto premeditado. Morre como um cão damnado executado pelo proprio pae.

Esse violento desfecho não tira ao romance o seu valor. Elle vem naturalmente como uma consequencia inevitavel. O romance não é tão pouco um romance de these, mas é uma exposição de factos, que, se não se passaram exactamente, podem muito bem se passar, sem o que não seriam verosimeis. O autor não tira conclusões, não nos dá sua opinião; tambem nós não o faremos de modo minucioso pelo menos. Mas isso tudo cala no espirito, faz pensar...

Miguel Ozorio de Almeida.

José Carvalho

Vem de morrer aqui no Rio o folklorista José Carvalho, autor do Matuto Cearense.

Filho da mesma terra de Alencar e Domingos Olympio, viveu elle longos annos no Pará, mas nem um instante se desprendeu da amizade a seu recanto e a seu povo. Malicioso como todos os cearenses, temiveis fabricantes de appellidos, comprouve-se em coordenar bons elementos relativos aos costumes do Nordeste, não ficando simplesmente no lado anecdotico e podendo por vezes ascender á categoria de verdadeiro ethnographo. Se fosse melhor escriptor e se se preoccupasse em gerir commercialmente a sua notoriedade, teria contado com um numero bem maior de leitores, visto como os casos que articula, os typos que traz á baila, os ambientes agrestes em que se aprovisiona, são sempre observados e fixados com real flagrancia localista.

Amigo de Oliveira Vianna, que ia sempre visitar na alameda de São Boaventura, em Nictheroy, José Carvalho legou-nos documentos humanos uteis, de uma attenta sagacidade psychologica, trabalhos em que a ternura pelos seus conterraneos não o impedia de ver claro as singularidades e bizarrices destes.

Excellente pagina é a allusiva a um Deus que, para castigar os culpados, não desdenha de recorrer ás invenções progressistas dos modernos. E' na parolagem de dois caboclos: "Compadre, antigamente o sujeito fazia uma cousa e quem pagava eram os filhos e os netos; mas, hoje, o cabra acaba de fazer tá pagando... E' porque antigamente Deus andava a pé! Mas, hoje, anda de trem! E, quando não póde ir, passa um telegramma!"

Vendo um preto rir, "com uma formidavel dentadura alvissima", certo emigrado cearense tem esta observação, que lhe poderia invejar um pintor impressionista ou um caçador de metaphoras á Jules Renard: "Tás comendo tapioca, moleque?"

A um tempo doloroso e humoristico é o axioma de um seringueiro acreano: "Quem anda por terra alheia, é o derradeiro que come e o primeiro que apanha!" Não menos significativa a affirmação de um desses pobres nordestinos que lutaram contra os pantanaes de uma região de febres e rapinagens, perecendo para que os donos dos seringaes prosperassem de longe: "A terra do Acre está estrumada com carne de cearense."

Até á hora da morte essa gente perpetra os seus epigrammas rusticos. Nada de um pathetico adeus ao mundo, de bençãos commovidas aos que ficam, é sim, de preferencia, uma ultima ferroada de sarcasmo. Tal no caso do agonizante que recusa o côto de estearina que lhe querem metter, acceso, entre os dedos vacillantes: "Para que véla, se eu sou cégo?"

Mas um dos melhores trechos do livro de José Carvalho é o referente ao Cazuza, trecho que já tive occasião de commentar. Dono de uma especie de pousada em que se abrigavam comboeiros e viajantes, o Cazuza, lingua de vibora, começava, antes do sol nascer, a investir contra as vaidades e tolices do proximo, e, como lhe perguntassem por que se levantava "tão cedo p'ra falar da vida alheia", respondeu: "Ah! meu amigo, são muitos a falar contra mim, e eu sou um só a falar contra elles; se não começar cedo, não dou conta do recado!" Vendo que ninguem escapava á rasoura desse Aretino hoteleiro, um dos seus hospedes acabou indagando delle se não teria tambem "alguma queixa de sua mãe". Ao que o Cazuza, sem se desconcertar, revidou de prompto: "Se tenho... Me pôz no mundo sem me consultar..."

A. G.

Lucia Miguel Pereira — Maria Luiza — Schmidt — Rio, 1933.

Romance de estréa da joven prosadora Lucia Miguel Pereira, que o *Boletim de Ariel* se ufana de haver revelado ao nosso publico, através de ensaios litterarios dos melhores que se têm escripto ultimamente no Brasil.

Maria Luiza é um desses livros que augmentam o prestigio da clareza, que nos tornam mais e mais fanaticos da simplicidade litteraria. Nenhuma contorsão syntactica, nenhuma emphase, nenhuca rebusca de effeitos de dramaticidade ou comicidade. Tudo correntio, tudo natural como na pobre vida que todos vivemos, que vivem todas as creaturas.

O caracter por assim dizer inexistente de Arthur; a falsa legenda de galanterias de Flavio; a hora de cegueira da protagonista, que se extravia num lance banal de adulterio, para afinal reencontrar-se no seu Deus tradicional, tudo isso como que nos torna participes directos das scenas narradas, cumplices ou adversarios das figuras situadas no livro, tanto tudo isso é vida realmente vivida.

E pequenos detalhes burlescos, como o do "bisavô do busto", ou commovidos, como o das conversações domesticas "na ponta da agulha", fazem desse romance qualquer cousa de delicado, de singelo, de crystallino que não é muito frequente em romancistas dos tropicos.

Felix Contreiras Rodrigues — Novos rumos politicos e sociaes — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1933.

O que, acima de tudo, distingue o sr. Felix Contreiras Rodrigues é a absoluta lealdade, a absoluta serenidade de argumentos. Tratando de assumptos que, em geral, exaltam os seus expositores, nem um instante perde elle a polidez de linguagem, a clareza de raciocinio, a dignidade de homem culto que procura fazer-se entender por todos os homens cultos. E isto acontece mesmo quando estão em jogo typos os mais diversos, os mais oppostos, como neste vigoroso, neste substancioso volume em que, suggerindo *Novos rumos politicos e sociaes* para o paiz, o illustre sociologo sulriograndense traça os admiraveis perfis espirituaes de Ruy Barbosa, Silveira Martins e Assis Brasil, discutindo tambem as obras de Jakson de Figueiredo, Tristão de Athayde e outros.

Quantos estudos, observações directas, confrontos imparciaes, foram necessarios ao autor para chegar ás conclusões a que chega! Mas nem por isso toma elle uma unica vez ares grosseiramente doutrinarios e a atmosphera em que se move é das que permittem sempre o attricto fecundo das nobres idéas desinteressadas.

Esse homem, que teve um contacto directo na Europa com o Charles Maurras da *Action Française* e se fez o amigo intimo e o fiel traductor de Charles Gide, é, sob todos os aspectos, uma nobre figura de civilizado.

"A League of Minds"

CARTAS ABERTAS — 1 vol., 128 pags. Publicação da "Liga das Nações" — "Instituto Internacional de Cooperação Intellectual" — Paris, 1933.

A Liga das Nações deliberou estimular uma correspondencia entre os homens mais representativos da alta cultura, por intermedio do "Instituto Internacional de Cooperação Intellectual". Essas cartas constituirão a *Serie Internacional de Cartas Abertas*, estando no prélo o volume II, *Porque a Guerra?*, com correspondencia inedita de Einstein e Freud, e cujo volume I, com o titulo *Uma Liga de Espiritos* acaba de ser publicado. Tanto quanto possivel, refere-se essa correspondencia aos meios de assegurar a representação da actividade intellectual não só nos dominios sociaes e politicos como nos economicos. André Focillon, da Sorbonne e Paul Valéry, da Academia, fazem uma introducção que é uma pequena obra-prima sobre a *Liga dos Espiritos*, que "não é uma ficção, mas sempre existiu, com maior ou menor intensidade, porque a historia da civilização é feita não somente de actos publicados e de documentos escriptos, mas de um enorme numero de dialogos mudos e de conversações sem palavras entre aquelles que pensam." A idéa da Liga das Nações é justamente escorvar os grandes homens, para evidenciar-lhes o pensamento e a manifestação dessa teia impalpavel que une os espiritos mais variados.

Foi proposto, de inicio, a homens da Europa, da Asia e das Americas, um problema geral: "no estado actual do mundo, qual é o papel do espirito, e qual deveria ser?"

Pelas Americas responderam dois nomes que nos são conhecidos de sobra: Alfonso Reyes, litterato, embaixador do Mexico no Brasil e perfeitamente integrado em nossos meios culturaes; pelo Brasil, felizmente, falou Miguel Ozorio de Almeida, homem de sciencia e publicista.

A carta de Alfonso Reyes é curta e synthetica, cheia de segurança e precisão. A melhor cousa para o intellectual é "conduzir-se modestamente no que concerne á acção, reservando-se o papel de guia e conselheiro." Mas, observa que "no momento do perigo o proprio commandante do navio auxiliará no timão, nas bombas e nos cabos." Então será o sacrificio de uma ou duas gerações de pensadores, envolvidas em questões sociaes, mas com resultados preciosos, como acontece actualmente na America (com excepção dos Estados Unidos, acho bom frizar), em que scientistas e intellectuaes não podem completamente se exhimir de ser homens publicos.

Miguel Ozorio louva o que Huxley chamou "enthusiasmo pela verdade e fanatismo pelo verdadeiro" e que vale mais e enriquece mais que o proprio conhecimento. Junta-se, por isso, de coração, a Claparède, "quando recentemente, na Sociedade de Philosophia de Paris, convidava os philosophos a combinarem uma acção conjunta contra a mentira". E indica, com luz e vigor, que "o amor pela verdade e o persistente e continuo esforço para tornar a verdade conhecida — esforço que só póde ser feito com absoluta sinceridade e maior bôa-vontade — esses são os novos elementos, a grande contribuição da ordem intellectual na reorganização dos negocios geraes."

Da Asia fala serenamente, com uma palavra fluida, limpida e convincente, o Dr. Tsai Yuan Pei, presidente da Universidade Sinica, de Shangai. Reporta-se a uns velhos livros chinezes, escriptos ha uns dous mil annos e que o Dr. Sun Yat Sen acha conterem uma profunda philosophia politica. (O Dr. Sun Yat Sen é o conhecido patriota chinez, cuja vida foi de admiravel elevação e continuo esforço no sentido de despertar a China; no Rio residiu até ha pouco uma de suas filhas, esposa do Dr. Tai, ministro chinez no Brasil). E contêm, de facto, uma concepção unitaria do mundo, baseada na psychologia individual e admiravel de agudeza e penetração. Essa ordem gradual passaria ao mundo barbaro (não chinez), primeiro aos estados vizinhos, depois ao mundo todo, em graus que, expressos em moderna terminologia, seriam, por exemplo, o nacionalismo, o americanismo de Monroe, a Liga das Nações, successivamente...

De Inglaterra escreve Gilbert Murray, de Oxford, amplamente conhecido no mundo anglo-saxão, esse mesmo Murray que em pleno 1915 tinha coragem de gritar: "não nos exgottemos com phrases e não pensemos que a guerra seja cousa alguma a não ser um pavoroso desastre." Começa com uma analyse exacta da actual civilização. Paradoxal. Pujante como nunca e catastrophica ao mesmo tempo. A causa está em que o desenvolvimento mesmo das nações creou-lhes uma interdependencia. Dahi novas necessidades de ajustamento. "Estamos pobremente organizados para a cooperação, ao passo que é esplendida a organização para a destruição mutua..." Acredita na melhoria, uma vez que os "leaders" nacionaes, apoiados na imprensa, sejam mais penetrados de espirito internacionalista...

Depois surge Salvador de Madariaga, filho de um general hespanhol, irmão de um dos mais ousados e modernos esculptores contemporaneos. Tendo estudado em Paris e havendo sido professor em Oxford, é actualmente embaixador de Hespanha em França e comprehende-se que seja, como diz Valéry, especificamente europeu no mais alto grau. Faz rapidos bosquejos, a traços fortes e coloridos, das etapas da civilização européa até a ruina das democracias, depois da idolatria de um seculo, quasi abandonadas por um "systema em que o desconhecido é alliado ao esquecido", numa época desconcertante em que se assiste a um progresso scientifico inimaginavel ao mesmo tempo que um "scientista affirmando umas poucas verdades abstractas se torna popular como um astro de cinema." Encara afinal uma organização theoricamente facil, e praticamente eriçada de difficuldades — "a organização da cooperação intellectual, como cellulamater capaz de nos conduzir á unidade, á ordem, á hierarchia. —" e de cujo "continuo e methodico trabalho adviria uma poderosa architectura de idéas, e o arcabouço de deveres livremente aceitos, unindo individuos e nações á humanidade organizada."

Depois surge Paul Valéry, o

"Romanceadores" nacionaes

Não existe, na actualidade, neste paiz de maravilhas, genero litterario mais largamente explorado que o das "historias que não vêm na historia." Os escriptores de imaginação precaria, incapazes de crear e movimentar personagens seus no conto e no romance, devassam archivos e bibliothecas, catando episodios historicos para o recheio dos seus volumes. Pedro I, depois de haver mantido amantes carissimas, mal podia suppôr que, morto ha tantos annos, viria ainda a sustentar uma verdadeira legião de gigolôs litterarios... Tem sido o nosso estouvado imperador a victima predilecta dos "romanceadores", desde que o sr. Alberto Rangel, aliás em livro de intenções honestas, estudou, á luz de documentação abundante e nova, os seus escandalosos amores com a carnuda senhora Domitila de Castro Canto e Mello...

O sr. Viriato Corrêa é um dos que mais se têm excedido na publicação de livros desse genero. O esperto maranhense foi um dos descobridores do velocino de ouro dessa litteratura facil, em que se exige apenas a transcripção mais ou menos exacta de velhos alfarrabios, com ligeiros enxertos descriptivos, pequenos detalhes de paizagem, puramente imaginarios: a tonalidade do céo, a intensidade do sól, a côr dos cavallos da carruagem do conde de Arcos, a imponencia da guarda imperial e o comprimento dos bigodes de um vice-rei... O sr. Viriato Corrêa julga que tem o monopolio da sabença historica e conta cousas que toda gente conhece, descobrindo novamente a polvora em pleno seculo XX. Pensa que Vieira Fazenda é um autor raro e desconhecido, ao ponto de transcrever quasi literalmente no *Jornal do Brasil*, sob sua assignatura, a pagina do autor das *Antiqualhas e Memorias Historicas* sobre a semana santa entre os guaranys...

O sr. Assis Cintra, com aquelle estylo pesadão, com aquella prosa chã, por vezes desconjuntada, tem ao menos o merito de ser, quasi sempre, original. Emquanto os outros bracejam á tona dos archivos, elle, imitando os polynesios pescadores de perolas, amarra uma pedra á cintura e mergulha direito ao fundo. Os "romanceadores", em geral, fazem o seu trabalho da maneira mais suave que é possivel. Ha casos sabidos que elles recontam, cada vez de maneira peor, suppondo trazerem a publico novidades sensacionalissimas. O sr. Heitor Moniz, que empanturra as columnas do *Correio da Manhã*, da *A Noite* e da *Tarde*, da Bahia, com o seu vasto cabedal de "trustman" do logar commum, dando á luz, semestralmente, em "delivrance" forçada, pequenos abortos em volumes que a Livraria Freitas Bastos envolve em cueiros rendados, para dous annos mais tarde atiral-os á secção de "nada-além-de-quinhentos-réis", reedita, por exemplo, a velha historia da amante de D. João VI, que Tobias Monteiro já havia narrado em livro de melhor teor. Livro esgotado, porém recente e lidissimo. Seria admissivel que o sr. Heitor Moniz fizesse "achados" nas obras de João Francisco Lisbôa ou outro autor distanciado. Mas pescar nas aguas de um escriptor do nosso tempo, é realmente uma sem-ceremonia inacreditavel e um insulto á gente que lê... O peor, entretanto, é que, segundo me informa um prestante amigo, os srs. Pedro Calmon, Gastão Penalva e Alcebiades Delamare acharam que o caso era optimo e estão decididos a reprisal-o...

R. Magalhães Junior.

---

successor do tão rapidamente envelhecido Anatole na Academia e herdeiro de seus triumphos em todos os meios, poeta e maior prosador ainda. Paraphraseia Meredith pedindo, não para as mulheres, mas para a Europa: "Mais comprehensão, ó Senhor!". Ao passo que as "relações entre o homem e o meio physico se tornaram cada vez mais precisas e vantajosas, as relações de homem para homem são ainda dominadas de detestavel empirismo e sob muitos aspectos representam um retrocesso." Não acredita nos politicos, cuja contemplação embrulha-lhe o estomago, e volta a pedir: "Mais comprehensão, ó Senhor!" e era isso que significava quando dissera, uma vez, em Genebra, que a Liga das Nações presuppõe uma Liga de Espiritos.

Em todas essas cartas nota-se uma certa harmonia de conjuncto e ahi é que reside o valor da obra. Homens de tres continentes, sob os angulos mais variados, chegam a uma certa concordancia de vistas e traçam as linhas mestras de um edificio, e de tal maneira que o livro é um precioso documento photographico da época.

Uma Liga de Espiritos é publicado em inglez e em francez (*La Ligue des Esprits*), em edições limitadas e numeradas, com capas de papel Bristol em 2 côres. Ha edições de luxo em francez, em papel de Hollanda e em papel d'Arches.

O. B. de Couto e Silva.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

Concerto Alexandrowska

Mais uma vez, depois de uma longa ausencia que não passou despercebida aos seus muitos admiradores de outras audições, na tarde de 25 do mez passado, fez-se ouvir, no salão do Instituto Nacional de Musica, a Sra. Yanesse Luba d'Alexandrowska, a grande pianista russa, de technica vigorosa, clarividente comprehensão e extrema sensibilidade, que já teve a consagral-a o apoio da critica mais aguda e o applauso das platéas mais finas.

Beethoven, Bach, Liszt e Chopin foram os mestres preferidos desta vez pela illustre artista, num escolhido programma que fez o encanto da selecta e numerosa assistencia e foi executado com insuperavel brilho.

O Segredo de Brailowsky

Seria do peior amadorismo affirmar, como fazem muitos por ahi, ser Brailowsky o "maior" pianista dentre quantos se têm exhibido no Municipal. Apreciações de ordem esthetica não se sujeitam a escalas de ordem quantitativa. E as comparações, nesse terreno, são quasi sempre injustas e enganosas. Isto não impede porém que, na apreciação objectiva de detalhes technicos, se reconheça a esse ou aquelle artista vantagem franca sobre taes outros.

No caso do pianista Brailowsky, o que logo desperta attenção não é apenas a technica, no sentido de perfeição de mecanismo, mas sim o acabamento musical, a transparencia da sonoridade, mantida pura como um crystal durante todo um longo programma, sem um só momento de descontrole. Sim, porque é este, a meu ver, o segredo maximo da execução perfeita: *o controle auditivo*, incessante e vivo, sem hiatos, sem desfallecimentos da attenção. E é curioso observar-se de que maneira engenhosa esse pianista consegue manter sempre alerta o controle auditivo.

A ninguem terá escapado que Brailowsky, nas phrases lentas e cantadas, tem uma maneira muito sua de ferir a tecla e instantaneamente retirar a mão do teclado, num gesto rapido de quem escapou de queimar o dedo. Trechos que requerem perfeito "ligado", elle os executa — para a vista: em "não-ligado", ás vezes mesmo "stacatissimo"; para o ouvido entretanto: num "ligado" ideal, obtido unicamente com auxilio do pedal. As notas são como que "pingadas", uma por uma, com intensidade conscientemente dosada, e ligadas só com o pedal, com que o artista as prolonga e extingue á vontade. Este processo presuppõe, é claro, um absoluto dominio do pedal. Mas isto, de tão evidente, é quasi ridiculo ser mencionado, em se tratando de um artista dessa classe. Causa até aborrecimento quando certos criticos, á mingua de idéas, se lembram de louvar o perfeito emprego do pedal, como se isto representasse algum merito especial e não fosse simples condição *sine qua non*. E' como se a um artista-pintor se elogiasse o perfeito emprego das tintas.

Não é disto pois que eu queria tratar, mas sim do processo muito particular utilizado por Brailowsky para, só com o pedal, e não com os dedos, ligar as notas de uma melodia lenta e cantada, contrariando assim todas as prudentes recommendações escolares referentes a esse detalhe. Porque será que esse pianista assim procede? Por mania? Por affectação? Por simples rebusca de gestos que chamem attenção e deste modo o singularizem? Nada disso. Mas simplesmente afim de manter despertada, todo o tempo, *a consciencia critica* e, deste modo, garantir uma extrema "differenciação" de matizes sonoros. As notas, atacadas separadamente e ligadas com o pedal, permittem uma "dynamização" muito mais subtil do que a que se obtem com o habitual "ligado" de dedos. Mas justamente, por ser bem mais perigoso, esse processo obriga o artista a uma attenção muito mais tensa, pois que a menor flexão do controle auditivo logo se fará sentir como desegualdade incomparavelmente mais marcada e chocante.

São de verdadeira magia os effeitos obtidos por Brailowsky com esse seu engenhoso processo. Os menores detalhes se apresentam em "planos" differentes, em perspectiva de fundo, e a sonoridade, toda diaphana, tem uma estranha plasticidade que, ás peças mais degradadas pelo gasto constante, dá o sabor do inedito, da novidade absoluta.

Esse processo, que evidentemente só póde ser utilizado em phrases lentas, de tal maneira entretanto habitua o executante a um permanente controle, que dahi por deante ao seu ouvido sensibilizado não poderá escapar a mais leve impureza de som.

Não julguem agora as meninas pianistas que, se copiarem o gesto, se tornarão senhoras do magico segredo. Só poderá fazel-o quem para tanto tiver autoridade. Só consegue crear planos sonoros differenciados quem, antes de tocar, já os tenha *imaginado*. E' a isto que eu chamo de "audição differenciada", qualidade maxima do perfeito pianista, e que requer um cultivo de ouvido de cada instante e de muitos annos.

No meu tratado *Ensino Moderno de Piano* encontrase explicado, com detalhes que estariam deslocados neste artigo, um processo que permitte alcançar-se essa condição basica de qualquer acabamento artistico: a consciencia critica, o ouvido polyphonicamente differenciado. Entretanto, seja qual fôr o processo empregado, deve essa "differenciação" ser a maior ambição do pianista, pois só ella permitte realizar essa magia sonora que é o principal encanto, o segredo maximo da arte de Brailowsky.

ANTONIO SÁ PEREIRA.

PEROLAS DAGUA

Esta noite choveu.

No ar fino e leve,
E transparente,
(Como si fosse peneirado,
Tal a sua pureza)
Ainda se sente um cheiro bom
De terra calida molhada.

No jardim silencioso,
Debeis gottas de orvalho se equilibram
Sobre os seios minusculos das rosas.

E ao fundo do quintal,
Os longos fios tremulos de arame,
Em vez de roupas alvas a seccar,
Trazem suspensas
Pequeninas estrellas de crystal
— Perolas dagua, tremulas e frageis,
Formando, descuidadas,
O mais lindo collar
Para um pescoço de mulher bonita.

Para o pescoço maravilhoso
Da princezinha
Do meu Amor...

OSORIO DUTRA.

Do livro *Inquietação*, no prelo.

DE PARIS

Um "Coração innumeravel"

Uma grande poetisa, cujo talento exigia realmente uma bella morte, vem de transpôr os temerosos limites da Sombra. A tuberculose, toda cercada de flores mysteriosas e negras, conduziu-a á noite que ella longo tempo sonhara e que, afinal, é o mais formoso e o mais rutilante dos dias. Não mais existe a Condessa de Noailles! A morte, que lhe inspirara tantos versos pungentes, vem de arrebatal-a. Envolta em vestes brancas, estendida num leito entre flores viçosas, não mais lhe veremos os largos olhos profundos onde dormiam estrellas...

Para essa alma grega e pagã, morrer era sobretudo, como para Antigona, não mais sentir a doçura da luz. Existia nella uma tal palpitação, uma tal vibração que era impossivel não pensar, ao ouvil-a, na ruptura physiologica que semelhante excesso deveria provocar em tempos muito proximos.

Immaterial até á transparencia e como que devorada pelo fogo negro que irradiava dos seus olhos, ella teve um destino dos mais invejaveis e foi cumulada de dons desde o berço: uma physionomia em que se espelhava todo o Oriente, um dos mais bellos nomes da França e, aos vinte annos, os applausos de toda a Europa.

Nascida em Paris a 15 de Novembro de 1876, a Condessa de Noailles pertencia á grande familia rumena dos Brancovan e, pelo lado materno, á familia hellena dos Musurus. Seu casamento com o representante de uma das mais velhas estirpes da França completou o que a hereditariedade lhe havia legado de cultura classica.

Onde quer que ella andasse, qualquer que fosse a terra em que ella se inclinasse ou o céo a que levantasse a vista, eil-a prompta a comprehender e a amar. A seus olhos a flor ou o fructo mais modesto guardavam a coloração de um thesouro. Ella sentia uma estranha ternura por tudo quanto vive. A côr de uma planta, o grito de um passaro, a chaga de uma arvore exaltavam-na ou despedaçavam-na. *"Je suis l'être que tout enivre et tout afflige"*, escreveu a Condessa um dia.

Aos dez annos ella espantava Mistral e Anatole France pelos seus conceitos e o torneio das suas phrases, e a escolha dos epithetos attrahia sobre ella a attenção de quantos se lhe approximassem. Aos dezeseis annos, publica a primeira collectanea de versos, *Litanies*, annunciadora de um grande poeta. Vinha apenas de casar-se e escrevia *Cœur innombrable*, que provocou delirios de enthusiasmo e permanece talvez a sua obra prima. Cognominaram-na então a Musa dos Jardins.

"Os poetas não inventam, dizia ella, mas centuplicam a unidade, transportam em todos os sentidos o real. A barca estreita, de remos cadenciados, apodera-se de todos os mares do mundo". Com effeito, Anna de Brancovan transportara o real por toda a parte em sua poesia, nas fórmas innumeraveis de um pantheismo faiscante, com a exaltação ingenua e encantadora dos verdadeiros poetas, dos poetas de nascença. Cantou todas as cousas que merecem ser cantadas na natureza, e sempre a magnifical-as.

Era, de qualquer modo, a poetisa official da Terceira Republica e foi a ella que pediram levasse um tributo lyrico á apotheose de Costes e Belmonte, vencedores do oceano.

Não é necessario recordar aqui toda a sua obra: *L'ombre des jours*, *La nouvelle espérance*, *Le visage émerveillé*, *La domination*, *Les éblouissements*, *Les vivants et les morts*, *Les forces éternelles*, obra já inscripta no grande livro da litteratura franceza e destinada a perdurar na memoria dos homens. A Condessa amava a gloria, mas por vezes sentia o que nella existe de precario:

"Tu dormiras dans l'ombre, et ta petite gloire
"Assise en ce tombeau
"Ne fera pas ta nuit moins secrète et moins noire
"Ni te tiendra plus chaud."

A gloria terrestre não lhe fôra poupada. Todavia, não lhe escapavam as extravagancias da fama, certos amargores da notoriedade e as mil injurias que acompanham sempre o triumpho. Invejaram-na por ser bella, requestada, gloriosa, mas hoje todas as miserias desappareceram e só resta o esplendor de sua obra poetica. E que grande obra! Obra pathetica, tumultuosa, apaixonada, onde a alma ardente da poetisa fez irromper os poemas da alegria, da vida, da luz e do amor. Mas, na genial creadora, sentia-se acima de tudo a preoccupação da morte e que essa preoccupação era constante. Nenhum pintor, nenhum outro poeta descreveram antes della, com tamanha insistencia e em côres tão carregadas, a entrada definitiva no longo somno sem sonhos e de que não mais se desperta:

"J'écris pour que le jour où je ne serais plus
"On sache comme l'air et le plaisir m'ont plu
"Et que mon livre porte à la foule future
"Comme j'aimais la vie et l'heureuse nature.
(*L'ombre des jours*).

....

"Vienne la mort, mon âme a dépassé les bornes,
"Mon esprit, comme un astre, aux cieux s'est projecté,
"J'ignorai l'abîme humiliant et morne,
"Mon cœur dans sa douleur eut son éternité!
(*Les vivants et les morts*).

Ao acaso, podemos reler estes versos:

"Je ne chercherai pas à retarder encore
"L'instant de n'être plus.
"Ayant tout honoré, les couchants et l'aurore,
"La mort aussi m'a plu.

....

"Se pourrait-il, vraiment, que l'univers détruise
"Ce qu'il a fait de plus ardent?

....

"Voilà donc l'avenir, c'est donc cela qui dure:
"La tombe, le caveau, le cloître souterrain!

E aquella que se pintava assim:

"Une grecque aux yeux allongés
"Soupire aux eaux douces d'Asie.
"C'est de cette aïeule que j'ai
"Reçu les pleurs de poésie...

extinguiu-se. Extinguiu-se aquella que gritava assim: *"Je suis morte puisque je dois mourir... Je n'étais pas faite pour mourir!"* Sim, extinguiu-se nossa grande poetisa, emquanto lá fóra brilhava um sol pallido...

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

TRES CAMINHOS

O rio descrevia uma curva no largo da amendoeira, onde, durante o dia, os vendedores ambulantes vinham descansar um instante da soalheira implacavel. Depois da volta desapparecia no vão da ponte e, reapparecendo, ia passar no fundo da nossa casa, dividindo quintaes. O nosso muro era largo de tres palmos, feito de pedra, humido e muito mais baixo para o lado de dentro. Debruçando-me via a agua escassa correr. Assim me punha horas esquecidas, como embalado pelo cochichar da fraca corrente, vendo os cascudos de chatas escamas que moravam na lama, vendo os cameleões quentando ao sol, immoveis e alerta sobre as pedras. Quando havia enchente o rio subia, sepultava as pedras, arrastava páos e bichos mortos, ficava roncando rente ao muro. Varias vezes ultrapassou-o e inundou o quintal, onde depois se encontravam rãs espertas aos pinotes. Por causa disso construiram o gallinheiro sobre um palanque.

Do outro lado do rio ficava a casa do aviador, homem riquissimo, sabia-se, dono duma confeitaria na cidade, educado na Europa, casado com uma franceza, que apparecia de tarde, na varanda, com lindos roupões de seda bordada, loura, alvissima, fumando.

O aeroplano jamais vi voar. Era um pequeno monoplano côr de café com leite. Estava sempre coberto por uma lona com lettras pintadas, sob um telheiro, feito especialmente para alojal-o, aproveitando a parede da garage.

O aviador de vez em quando vinha ao jardim vêr o aeroplano. Vinha vestido a paisana (eu espreitava-o: que diabo! esse homem não tem farda de aviador?!) Olhava, dava uma volta, tornava a olhar, remexia nos ferros, mandava os criados limparem as azas — passem oleo! — tomava o *landaulet*, ia embora, para a cidade, passear. Nunca voava. Quem o fazia era eu!

Certo, era eu que voava, levando Dô no banquinho de traz. Subiamos ás nuvens que os urubús não alcançavam, subiamos tão alto que entravamos no céo; davamos volta á lua, bola solida de prata, Nosso Senhor dentro, sentado no throno de ouro, cercado de anjos tangendo lyras, cantando como na igreja. O mundo diminuia na vertigem da altura. Os bondes ficavam menores que formigas. Os homens nem se viam. Olha o rio, Dô! (Um fio de cabello). Olha a fabrica de papae, olha o collegio, a carambolеira, olha a sua casa, Dô!

A casa della ficava defronte á nossa. No jardim tres anõesinhos de barro; um deitado na grama, acariciando a barba e o cachimbo, outro empurrando o carrinho de mão, o terceiro de sacco ás costas entrando na gruta de cimento, no canto do muro. Da torresinha que se elevava num extremo da fachada, ella, mal passando o braço pela setteira, me dizia adeus.

Dô! Tinha os cabellos quasi encacheados, redonda a cara, o nariz desmanchado, os olhos côr de azeitona.

Nunca dizia "sim", dizia "ié" e nunca perguntava "o que", fazia "uóte?"

Não andava — deslisava pelo chão, sem esforço, sem rumor, como tocada por um vento subtil.

Viera do Flamengo, onde tomara banhos de mar.

— E' bom, Dô?

— Ié.

— Salgado mesmo?

— Ié.

— E você não tinha medo das ondas?

— Não.

— Mentira.

— Verdade. Estou dizendo. Pergunte a mamãe.

Não perguntava. Não tinha vergonha de d. Zizi, mas evitava-a. Achava-a exquisita, tão differente de mamãe, com aquelles braços eternamente de fóra, o rosto emplastado de pomadas, o decote mostrando o collo alvo, o cabello cortado quasi como homem. Falava francez na mesa com os criados, ia todas as tardes tomar chá na cidade com as amigas, o vestido apertado na cintura, o andar affectado, o véo cahindo do chapéo de plumas, as botinas de vinte botões, apparecendo as biqueiras sob a saia roçagante.

Dô voltava do collegio mais tarde do que eu, um collegio inglez no Alto da Bôa-Vista. Mal via-a apontar no fim da rua, pela mão da governanta, saia escosseza vermelha, blusa branca, cabello despenteado, os dedos sujos de tinta, atirava-me para ella:

— Tenho uma cousa para você.

— Uóte?

— Ah! não digo!...

— Eu não quero.

Arremedava-a:

— Ié?!...

Queria sim. Famosos os sapotis do nosso quintal, descommunaes, cobrindo uma palma de mão.

— Guardei dois para você. Estão escondidos no galho de cima, bem na ponta, madurinhos, madurinhos. Catharina não viu. Só se sanhaço beliscou.

Pegava no bambú e botava-os abaixo:

— Vamos vêr, apanhe. Olhe, lá vae.

Plócot! Despencava o bruto, estourando no chão.

— Mão molle.

— Fiquei com medo, Edgard.

— Medo, medo de sapoti... Você tem medo de tudo, Dô. Queria ver só no aeroplano!

Em pagina de armar, o *Tico-Tico* trazia o presepe.

Emprestada, a mesa da copa vinha para a sala de visitas, depois duma gymnastica difficil pelo corredor. Cobria-a de terra. Musgos, pedrinhas, conchas, vasos de begonias, tudo servia para enfeitar. Com serragem traçava caminhos por onde iam os reis magos, as ovelhas e os pastores. Uma lata de marmellada fazia de lago, com um peixe encarnado de celluloide dentro, quasi maior que elle. Aliás, a composição era assim um tanto bisonha. Carneiros maiores que as casinhas, um trem de ferro de corda, que achava indispensavel, bahianas de panno por imposição attendida de Doró. São José e a Virgem Maria, de papelão, ao passo que o Menino-Jesus, sobre um feixe de palhinha, puro *biscuit*, resto dum presepe de mamãe. Os reis magos sommavam seis em adoração, tres do *Tico-Tico*, tres de massa, do antigo presepe da fazenda.

Papae troçava da piedosa sarrabulhada, olhando a obra, sem vêr defeitos, achando-a excellente. Entristecia-me. Elle percebia e vinha para mim:

— Comeu batata roxa no almoço, meu filho?

Prendia Doró entre as pernas:

Baptista Cepellos, o esquecido

Manoel Baptista Cepellos nasceu na villa de Cotia, na provincia de S. Paulo, a 10 de Dezembro de 1872. Era filho legitimo de João Baptista Cepellos e de D. Maria Diniz e foi baptizado na matriz da Senhora do Monte Serrat, daquella mesma localidade, a 16 de Janeiro do anno seguinte, officiando o vigario Padre Manoel das Dores Rocha. Foram seus padrinhos Romão Lopes e sua mulher, D. Maria Joaquina de Castro.

(Essas minucias biographicas, tresandando a noticiario de jornaléco provinciano, vão como um desaggravo á ignorancia de quantos têm arriscado algumas notas sobre a vida infeliz do romancista do *Vil metal*...)

A data precisa do nascimento não consta do baptisterio, o qual, entretanto, declara textualmente: "... baptizei e puz os Santos Oleos a Manoel, de 37 dias." Estão, pois, erradas, em face desse documento, as apressadas referencias de anthologistas descuidosos.

E' bem verdade que essas datas vagas e frias, antecedidas de estrellas e cruzes symbolicas, sob retratos duvidosos, são colhidas ao acaso. Do mesmo modo, aliás, que a bibliographia incompleta: apenas para dar uns toques de acuro fingido á escolha de trechos que não são, quasi sempre, o que haja de mais representativo na obra de um autor. A pressa, senão o máo gosto do compilador, explica o triplice erro critico-bio-bibliographico.

São raros os homens como Capistrano, Lindolpho Gomes, Taunay. Methodicos, eruditos, de espirito inquisidor e paciencia benedictina, gastam mezes sobre alfarrabios e ficharios, procurando uma data, uma edição rara, a decifração de um cryptonymo, afim de extrahir desse trabalho estafante uma pagina apenas de duvidas desfeitas e indicações seguras sobre a vida ou a obra de um autor.

Sobre Cepellos, através de uma busca de varios annos, quasi nada encontrei que me orientasse. Datas inexpressivas e falsas, indicações apressadas, tudo bem repisado e remoido, como convém, em nosso paiz, ás anthologias didacticas. Porque, em verdade, nos livros escolares fui achar a maior parte das referencias impressas ao symbolista do *Cysne encantado*. E isso accentúa o illogismo: litterato que chega á vulgarização escolar se presume geralmente conhecido e admirado. Cepellos, não. Os pagés da critica não se lembram delle, se é que o leram algum dia.

Ainda ha pouco tempo o Sr. Felix Pacheco, incontestavelmente bom conhecedor de coisas bibliographicas, pelas columnas do *Jornal do Commercio*, a proposito dos traductores brasileiros de Baudelaire e desejando conhecel-os todos, annunciava:

> "Temos recebido numerosas cartas com suggestões para traducção do titulo *Une charogne*... Uma dessas cartas nos informa que o mallogrado Baptista Cepellos tambem traduziu *Une Charogne*. Se alguem que possuir o livro em que vem a traducção de Cepellos nos quizer communical-a, será um favor que obrigará bastante o nosso reconhecimento."

Deixando sem commentario o estylo commercial do trecho, não podemos calar o nosso espanto em face da ignorancia diplomatica do Sr. Pacheco: "Uma dessas cartas nos informa... Se alguem que possuir o livro em que vem a traducção de Cepellos..." Ha um tom prudentemente dubitativo no pedido. Será que a traducção existe? Haverá, mesmo, algum livro que a contenha? Se não fosse aquelle "mallogrado", anteposto ao nome do poeta, revelando conhecimento do seu fim tragico, ousariamos acreditar que o Sr. Pacheco teria lido pela primeira vez o nome de Cepellos nas lettras do seu gentil informante.

Então o maior livro de um poeta de certo renome, fallecido ha 18 annos apenas, poderá ser inaccessivel, por preço ou raridade, á bolsa ou á estante de um academico-bibliophilo? E que o fôsse: as bibliothecas publicas existem para supprir a deficiencia das collecções particulares.

E ainda assim: o archivo da Academia deve registrar a existencia de *Vaidades*, livro que já pesava na bagagem litteraria de Cepellos quando o assaltou a idéa de ser um dos Quarenta. (Saberá o Sr. Pacheco, porventura, que o infeliz cantor dos *Bandeirantes* concorreu a uma das eleições academicas?)

Ha uma circumstancia que torna ainda mais extranha a attitude do Sr. Pacheco, declarando publicamente não saber se existe ou não um livro de Baptista Cepellos que insere uma traducção de *La Charogne*. E' que esse punhado de optimos versos foi prefaciado pelo Sr. Araripe Junior, justamente o antecessor do Sr. Pacheco na poltrona 16. E' de praxe que o néo-academico teça, na solemnidade da posse, o elogio do predecessor benemerito. Para um tal estudo é natural que o panegyrista estude, se a não conhece, a obra do morto. Como fazel-o? Procurando ler, pelo menos, os seus trabalhos impressos, os que digam respeito, na peior das hypotheses, ao traço fundamental de sua obra. Araripe era, principalmente, um critico... Por tudo isso o gesto do Sr. Felix Pacheco representa mais que uma simples ignorancia dos livros de Cepellos. Assume, — perdôe-se-nos a franqueza — proporções de quasi ingratidão para o homem que lhe endossou a immortalidade...

Quero crêr, todavia, que não houve ignorancia. Apenas um descuido. Escapou ao pesquizador infatigavel de empoeirados *bouquins* no cáes do Sena, ao habil decifrador de charadas bibliographicas, que um certo Baptista Cepellos tinha livros publicados; que num delles havia traducções de Baudelaire, entre as quaes — dizem — uma do celebre poemeto *La Charogne*.

Não extranhemos, pois, que modestos anthologistas tenham sido pouco exactos quando fixaram datas relativas ao poeta paulista. Ou quando, na resenha de suas obras, omittiram livros e edições...

MELLO-NOBREGA.

— Caturrita!

Entre as meninas notava-se, em papae, certa preferencia por ella, talvez por ser a menorzinha, talvez por ser a mais bonita, minuscula, preciosa.

Doró era engraçada:

— Papae, anão faz annos?

— Faz, catita.

— Então, porque não cresce?

MARQUES REBELLO.

(Do livro a apparecer *Tres caminhos*).

Acaba de apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

EVOLUÇÃO DA PROSA BRASILEIRA

Preço: 10$000

Pessimismo e consolo estheticos

Quem quizer estudar a essencia espiritual dos grandes esthetas verá que, no intimo de quasi todos elles, existe latente uma dóse regular de pessimismo.

E isso é muito natural. Pensar é, até certo ponto, ser pessimista. O optimismo integral é privilegio dos tolos e dos egoistas.

Aquelle que não adquirir, pela observação ou pela experiencia, a convicção da instabilidade de tudo e da incoherencia irritante da vida, nunca poderá fazer da Arte esse refugio supremo e essa esplendida Terra Promettida que ella é para os esthetas perfeitos.

Para esses, só para esses, é que se realisa o milagre. A vida, com suas occorrencias alegres ou tragicas, é, para elles, o bloco informe de argila de que ha de sahir a estatua maravilhosa. Que lhes importa que ella falhe por vezes a todas as espectativas, a todas as esperanças, se é na Arte que vivem sua verdadeira vida, sua vida melhor, sua v i d a mais alta?... Que lhes importa que, ao contrario do que affirmam as religiões, a alma seja tão mortal quanto o corpo, se a Arte lhes permitte aspirar, num momento de belleza, o sopro da eternidade?...

"A thing of beauty is a joy for ever" é phrase de um poeta adolescente, desse divino Keats que foi, no seculo XIX, como um retardatario pagão.

Assim como os sabios fazem da Verdade sua deusa e põem os santos seu ideal eterno na realisação do Bem, a Belleza é para os artistas a encarnação palpavel e maxima da perfeição.

Embora Ruskin, estheta moralista, asseverasse que punha a pratica da virtude acima de todas as possibilidades artisticas, essa asserção é mais um reflexo do puritanismo com que foi educado do que uma convicção verdadeiramente sincera.

Wilde é quem tem razão quando affirma enthusiasticamente: "E' através da Arte, e sómente através da Arte, que podemos avaliar nossa perfeição. E' através da Arte, e sómente através da Arte, que nos podemos abrigar dos sórdidos perigos da vida real."

E Pater, o finissimo escriptor que tão subtil influencia exerceu no grande artista de *Intentions*, não escreveu certa vez que não trocaria pelo proprio Ser Supremo a perfeição visivel de uma petala de rosa?...

O fetichismo da belleza, mas da belleza levada até o extremo da obsessão, eis o segredo dos esthetas. Possuidores desse condão, poderão julgar-se fortes. A alma de cada um delles será como um vaso mystico onde os ruidos exteriores se transformam em musica.

E' ainda Wilde quem diz: "Que importa o prazer com que a vida procura tentar-nos, ou a dôr com que procura injuriar ou mutilar nossa alma, se no espectaculo das vidas dos que nunca existiram achamos o verdadeiro segredo da alegria e vertemos nossas lagrimas pela morte daquellas que, como Cordelia ou a filha de Brabantio, n u n c a podem morrer!"

Bemdita seja a Arte que, além de evasão, é escudo ainda. Pois nenhuma crença nem doutrina philosophica alguma offerece a seu adeptos a exaltação e o consolo dessa elevada, maravilhosa, incomparavel Religião da Belleza!

ZULEIKA LINTZ.

FIM DE BATALHA

— Stará morto?

— Bem mortinho! Não stá vendo? Até falta um caco da cabeça.

Os dois guerreiros desviaram aquelle, e rumaram para outro lado, banhadal a dentro, arqueados á carga de despojos, e ainda farejando inimigos. Sumiram-se, o semblante pesado de ameaça e espreita, encobertos pelas moitas altas de santa-fé.

As botas estalando empapadas da agua escorregadia das poças minusculas. As armas de guerra, pendentes das mãos rudes, sulcando o chão mole. E o chapéo derrubado para a frente tapando o sol, ensombrava mais o perfil primitivo daquelles homens.

Quando despontaram á beira do banhado, as assonancias barbaras da batalha reboaram já quasi apagadas, espraiadas na rasura sem éco dos longes.

E o Jarão, azul e longinquo, atorava ao meio o sol violento de dezembro, encravado no escarlate do poente heroico.

*

Noite alta, João Paz acordou.

Envolvendo-o numa tonteira funda, cahia-lhe do céo em cheio na cara estupida, hypnotica, a enorme brancura lunar, amplificada á fraqueza dos seus olhos mortiços. As moitas de capim, desalinhadas, afiladas e altas, davam-lhe impressões grandiosas de floresta, esmagando-o.

No topete dos torreões e á flôr de espumaradas brancas, bem visiveis á claridade da cheia, avultavam sapos em multidão. Pareciam-lhe de tamanhos fabulosos as immoveis, repugnantes, agigantadas rãs. Uma coaxou. Depois outra. E o vozerio a principio desharmonico e acanhado, subiu preguiçoso, ondulou no ar morno, tomou rythmo, e abriu-se agudo e allucinante na pasmaceira da noite parada.

Chumbado contra o chão, hirto, não se movia, não pensava.

Dilatava os olhos mareados e doídos. A custo aflorou á consciencia. Esquecido de tudo, não podia suppôr como fôra parar ali.

Num gesto custoso foi encolhendo devagar os braços, que se mantinham abertos, horizontaes, em cruz com o corpo. Ouriçou-se de surpresa e horror, ao apalpar as carnes núas das coxas, rijas e endurecidas de barro.

Procurou erguer-se num esforço, para se olhar, para se vêr.

E cahiu, escasso de forças.

Não enxergava o corpo, porque o torrão que lhe sustinha o pescoço era estreito demais, deixando-lhe pendente a cabeça. Apalpava-se, cauteloso, assombrado. Sentiu o peito e os braços asperos de barro. Levou as mãos á nuca. A melena comprida estava dura como um fio de arame. Levantou mais as mãos cansadas. E no alto da cabeça os dedos inchados apertaram uma massa mole, delicada, suavissima.

E outra vez derrubou os braços em cruz com o corpo.

(Do livro a sahir: *Campo Fóra*).

CYRO MARTINS.

A Sociologia Bergsoniana

— *Quousque tandem, Catilina?*

Tem paciencia, leitor! Tanto mais, que tu não és Cicero. Tanto mais, quanto não estás obrigado a comparecer ao senado. Quer dizer: podes voltar a pagina em busca de melhor, que é, aqui, tudo. Annuncios inclusive. Tanto mais quanto, como já temos dito e repetido, tu não existes...

Aos que estudam a historia do pensamento, não terá por certo escapado que os grandes nomes da philosophia do seculo XIX, sobre terem creado doutrinas ou systemas philosophicos, crearam systemas ou doutrinas sociologicas, com terem sido grandes philosophos, foram, a-lapar, sociologos eminentes. Ahi estão Saint-Simon e Comte, cujo titulo de creadores da sociologia é hoje um lugar-commum. Ahi está Hegel, de quem Strauss tirou e inaugurou essa famosa "esquerda hegeliana", que ainda hoje perdura, mais sociológica do que philosophica. Ahi está Stuart Mill, moralista e economista. Ahi está Spencer, com a sua lei da transição progressiva do militarismo ao industrialismo. E o darwinismo, que é tambem social? E Fouillée, com as idéas-forças? E Simmel, com o seu relativismo a um tempo philosophico e sociologico? Não serão, esses todos e outros ainda, grandes philosophos *doublés* de sociologos? E' que a philosophia social cedeu lugar á sociologia. A moral e a religião deixaram de ser capitulos da philosophia e fizeram-se themas sociologicos. Dir-se-ia que houve uma inversão de valores: que a philosophia, antes inspiradora de soluções sociologicas, passou a inspirar-se na sociologia. Não é, porventura, isso o que se conclue do sociologismo em psychologia, da chamada psychologia collectiva?

E' assim de esperar dos grandes philosophos de hoje que sejam igualmente grandes sociologos, como o foram aquelles cujos nomes citámos e cujas idéas, acceitaveis ou não, trazem a marca do genio. E é, portanto, de estranhar que o grande Bergson se haja revelado com *Les deux sources de la morale et de la religion* uma excepção á regra.

Mas porque não é Bergson um grande sociologo?

Porque um grande sociologo não diz, hoje, que a troca é contemporanea do grupo social, que, "por mais rudimentar que seja uma sociedade, nella se pratica a troca" (pag. 68). E' o velho erro de Adam Smith, para quem a troca era uma tendencia natural do homem, erro que a sociologia, esteada na observação ethnographica, corrige hoje, ensinando-nos que a troca é um phenomeno tardio na historia da humanidade. Poderá Bergson negar que entre os Indios norte-americanos a transferencia da propriedade se faz por doação ritual, chamada "potlatch", de que a troca é uma consequencia remota?

Um grande sociologo não identifica hoje a obrigação que une entre si os membros de um grupo humano com o vinculo que liga entre si as cellulas de um organismo (pag. 83), nem diz que toda moral — pressão ou aspiração — é de essencia biologica (pag. 193). O tempo dos organicistas já passou.

Um grande sociologo não se refere hoje, como a uma e mesma cousa, a sociedades humanas e sociedades de insectos, chamando-lhes dois typos perfeitos de associação (pag. 122). Fel-o, é verdade, com brilho um Espinas, no seculo passado. Mas hoje sabemos que as sociedades humanas se definem essencialmente pelo trabalho, trabalho no sentido de actividade penosa, como com agudeza o distinguiu Charles Gide. E quem nos diz que a actividade dos insectos tem esse caracter? Sabemos mais que não ha, nem nunca houve uma sociedade humana amoral. Poder-se-ia dizer o mesmo de uma sociedade de insectos? Talvez, se a moral fosse "de essencia biologica"...

Um grande sociologo não diz, hoje, que "os homens sempre experimentaram certa satisfação em formar pequenos grupos no seio da grande sociedade e em erigir-se em privilegiados pelo facto de uma iniciação, que se mantem secreta" (pag. 231). Elle sabe que se trata, ahi, da formação das classes e que estas, segundo a sua natureza, têm como origem ou a divisão do trabalho, ou a guerra e a conquista, ou a iniciação religiosa, mas nunca essa "satisfação" bergsoniana que os homens experimentam...

Ora, se os louros do philosopho Bergson não exornam igualmente a fronte do sociologo Bergson, natural é que nos sintamos á vontade para discretear sobre as idéas sociaes amiude occorrentes em seu livro e particularmente avultantes nas *remarques finales*. E' ahi, nessas notas finaes, que se encontra, pode dizer-se, compendiada a sociologia bergsoniana. E' ahi que Bergson nos diz dos caracteres da sociedade natural, da guerra como um desses caracteres, da democracia contraria á natureza. E' ahi que elle formula as suas duas leis da evolução social: a lei de dichotomia e a lei de duplo frenesí. E' ahi que elle, apologista de um novo ascetismo, crê possivel e como que préga a volta á vida simples favorecida pelo machinismo, pelas invenções mechanicas.

Em dia com a biologia, Bergson não poupa, e com razão, os que se deixaram engodar pela theoria lamarckiana da transmissão hereditaria dos caracteres adquiridos e della quizeram tirar suas illações sociologicas. E diz: "Se eliminassemos do homem actual tudo quanto nelle depositou uma educação de todos os instantes, elle se tornaria identico, ou quasi, aos seus ancestraes mais remotos." Mas não é isso imaginar esses antepassados remotos como livres da acção do meio social em que viveram, ou, o que é mais grave, como anteriores a todo e qualquer grupo? O homem natural de Bergson é, assim, uma abstracção, é o individuo isolado e, portanto, essa mesma abstracção ha muito denunciada por Augusto Comte. Ora, é de taes abstracções que se compõe a sociedade natural de Bergson; seus caracteres resultam dessas predisposições naturaes que elle pretende verificaveis introspectivamente; e não sahimos, assim, do mundo das abstracções.

Dessa sociedade natural bergsoniana um dos caracteres é a guerra, outro o caracter anti-democratico. Sendo essa "sociedade natural" o que já vimos ser, nunca lhe serão demais taes caracteres, ou quantos outros imagine Bergson. Mas poder-se-á dizer o mesmo da sociedade real, dessa sociedade a cujo conhecimento chegamos, não através da introspecção, mas por via da ethnographia e da archeologia prehistorica? "A origem da guerra é a propriedade, individual ou collectiva, e como a humanidade está predestinada á propriedade por sua estru-

ctura, a guerra é natural" (pag. 307). Vê-se, ahi, quanto mal fez a Bergson a these de Augusto Comte, de quem elle tem sido um dos maiores adversarios. Essa these, segundo a qual a actividade humana teria começado pela conquista, para ser, depois, defensiva e, por fim, consstructiva, nem sempre tem, na historia, o apoio dos factos. Prova — o Egypto, que foi (Cf. A. Moret) primitivamente pacifico e constructor e só mais tarde conheceu a actividade defensiva e, mais tarde ainda, a conquista. Que as primeiras guerras não tiveram sua origem na propriedade, conclue-se do caracter religioso de que ellas se revestiam. E não só entre os primitivos, mas ainda entre os antigos, senão na Idade Media. Ahi estão, para exemplo, os antigos Hebreus, que destruiam ritualmente o trophéu, conforme lhes impunha uma interdicção religiosa que os impedia de apropriaI-o e utilizal-o. Onde, ahi, a propriedade como origem da guerra? A conclusão de que a guerra é natural, decorre, assim, de uma premissa falsa. As guerras economicas são cousa recentissima, sabem-no todos e dil-o o proprio Bergson, cuja confusão provém de seu individualismo sociologico, que não distingue o homem primitivo do homem actual.

Desse individualismo á propriedade como origem da guerra, dahi á guerra como facto natural, dahi á democracia como contraria á natureza, o fio do raciocinio bergsoniano não se parte, nem se embaraça. Quem diz guerra, diz chefe militar; diz, de um lado, mando, do outro, obediencia. Portanto, a guerra implica a centralização do poder, a autoridade individual. E como a guerra é um facto natural, Bergson não quer ouvir falar dessas sociedades embryonarias em que a soberania é diffusa e em que os chefes brilham pela ausencia...

As leis que regem a evolução têm merecido da parte dos autores um carinho especial. Todos, ou quasi, têm pretendido enfeixar numa formula a maneira como os phenomenos sociaes se succedem no tempo, como surgem, crescem e morrem as sociedades ou os differentes estados sociaes. Fizeram-no, para citarmos ao acaso, Vico, Turgot, Saint-Simon, Comte, Hegel, Quételet, Marx, Spencer, René Worms, Tönnies, etc. Bergson traz tambem a sua contribuição com duas leis realmente interessantes. Segundo uma dellas, duas tendencias, que antes não passavam de uma tendencia simples, realizam-se pelo só facto de se dissociarem: é a lei de dichotomia. Segundo a outra, cada uma dessas tendencias exige que não cesse jámais sua realização: é a lei de duplo frenesí. Entretanto, essas duas leis não valem mais que as outras, discutiveis todas. E' que as causas dos factos sociaes só podem ser buscadas no dominio do social, e não do vital, do biologico, como pretende Bergson. Toda lei sociologica que não attenda á especialidade do facto social é uma pseudo-lei.

Eis ahi a impressão que tivemos, e ousámos manifestar, do ultimo livro de Bergson. Entre ella e o affirmar que o livro não presta, ha uma distancia intransponivel, incommensuravel. Acreditamos, mesmo, que foi esse o maior livro de 1932. O que dizemos é, tão só, que elle não vale Bergson. Fosse, vamos dizer, o sr. Tristão de Athayde seu autor e aqui estariamos, sincero, a bater palmas. E porque? A resposta está em *Les deux sources*, paginas duas: "*Quand une grandeur est tellement supérieure à une autre, que celle-ci est négligeable par rapport à elle, les mathématiciens disent qu'elle est d'un autre ordre*"...

V. DE MIRANDA REIS.

João Lyra Filho — **O sertão social** — Editorial Alba Limitada — Rio, 1933.

"Agora, em lettra de fôrma, espero que os leitores hão de comprehender o intuito de quem procurou mostrar que, bem ou mal, os moços da minha geração já estão acordados deante do Brasil". Assim termina o sr. João Lyra Filho as suas ligeiras palavras introductorias, de uma tão saborosa ironia e mesmo de uma leve malignidade para os demais e para comsigo proprio. Assim testemunha elle do interesse dos moços de hoje pelas questões essenciaes da nossa terra, pelo desejo de julgar e concluir em meio a tantos problemas de sociedade e de raça que atordôam um pouco os sêres romanticos e avessos a decifrar os enigmas collectivos através das lições da bôa psychologia.

E é justo que o faça. Com effeito, muitos dos nossos "menos de trinta annos" se encontram despertos em face do Brasil que exige o esforço organico, a connexão de energias, o enthusiasmo de todos elles. Até bem pouco, a juventude não ia além do soneto ou da conferencia litteraria sobre o beijo ou o leque. Hoje, mal chegados á maioridade, são numerosos os que se dão a indagações de sociologia e querem saber o que vale o homem moral dos tropicos e qual tem sido a contribuição real dos brasileiros na chamada civilização occidental.

Um desses pesquizadores jovens é exactamente o sr. João Lyra Filho, de quem, em suggestivo prefacio, o sr. Odylo Costa Filho accentúa o pendor pelos "themas immensos" como este do *Sertão social*, a argucia critica, a victoriosa paciencia dos longos estudos que esfalfam os rapazes meramente esportivos, a tendencia, em summa, a tudo examinar e expôr dentro deste trinomio absorvente: Unidade, Conhecimento, Construcção. Seu ensaio é de um familiar do regionalismo economico ou éthico, de preferencia do primeiro, de quem pretende — e pretende bem — que se governem os sertões com a mesma equanimidade com que se governam as cidades, de quem não comprehende distincção iniqua entre sertanejos e citadinos. Bate-se o sr. Lyra Filho por um Brasil total, grande pelo trabalho, pela cultura, pela austera distribuição de justiça. E seu volume é, sem duvida, um volume consagrador.

Assis Cintra — **As amantes do Imperador** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Série de chronicas historicas com illustrações de Paulo Werneck. Revivem aqui as varias concubinas do filho do pacato dom João VI e pae do honrado Pedro II. Lêm-se com prazer as informações a respeito da ligação de Pedro I com Andreza dos Santos, que, apesar da sua humilde origem racial, teve a honra de figurar entre as odaliscas do sultão bragantino. Não menos interessantes os detalhes sobre a mulher do escriptor francez Aimé Bompland, esta já de raça mais fina, rescendendo a galanterias de Versalhes. A formosa austriaca Anna Steinhaussen, esposa de um homem culto, tambem foi sacrificada á lascivia do irmão de dom Miguel, embora sem o prestigio e a pompa assegurados á marqueza de Santos, esta, sim, a verdadeira Pompadour, a verdadeira Du Barry de Pedro I, provocando tamanhos escandalos em moça e acabando matrona respeitavel, protectora dos estudantes paulistas e esposa fidelissima do brigadeiro Tobias de Aguiar.

Origenes Lessa — **Ilha Grande** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Neste volume, o leitor reencontra o mesmo narrador algo ironico do *Não ha de ser nada*, livro de que já se venderam varios milheiros e — o que é mais significativo — toda a critica do paiz classificou como obra realmente litteraria. Os factos são amargos, por isso que reflectem muitos dias de prisão numa ilha monotona, mas o sr. Origenes Lessa corrige qualquer tentativa de effusão melodramatica com um sorrisinho maldoso, de quem, sabendo-se risivel como todos nós, como todo o genero humano, não teme por vezes rir-se de si mesmo. Muitos detalhes interessantes reteve o escriptor em seu canhenho, quadrinhos vivos e flagrantes de um bom jornalista: é o proprio movimento da vida, ainda que com as syncopes inevitaveis no duplo insulamento de um presidio situado numa ilha. Nenhuma litteratice pedante ou pretenções a fazer grave philosophia historica, nenhuma tartarinada fóra de logar. O que se encontra aqui são as diversões, entre dolorosas e comicas, dos reclusos; as anecdotas fabricadas para matar o tempo; as idéas de fuga; os banhos de mar; os boatos e esperanças de victoria; os typos singulares, de psychologia varia, que o destino juntou não sem ironia, como a pittoresca figura do espião Mir...

Aristocrata da Intelligencia

Vicomte de Vogüé — **Journal** — Les cahiers verts — Paris, 1932.

Sem esse curioso *Journal*, que acaba de apparecer nas edições "Les cahiers verts", muitos traços da personalidade devéras interessante do Visconde de Vogüé ficariam desconhecidos. Desconhecidos ficariam, tambem, episodios caracteristicos das relações franco-russas, das quaes o fino aristocrata da intelligencia presta á historia exacto depoimento.

Se a diplomacia da França republicana do momento não acompanha o brilho que refulge da sua litteratura, artes e sciencias, exceptuada meia duzia de nomes colhidos na élite burgueza como Claudel, Paleologue, Kammerer, Poncet, Jusserand e Barrère, é de convir que os titulados de hontem, Vogüé, Gobineau, etc., a elevaram ás mais altas culminancias. Emquanto hoje a infestam varios condes cheios de preconceitos e sem talento, Vogüé, numa época em que poderia acreditar no prestigio da casta, era um descrente convencido, não só de seu titulo como tambem dos esteios sociaes da aristocracia. Espirito realista, percebeu, facilmente, que na França da terceira Republica, na França de Combes, as velhas entidades tinham de ficar, como ficaram, destituidas de influencias. A igreja e a nobreza são, na França, sombras, mumias sem alma...

Deixemos, porém, esse aspecto do perfil de Vogüé, para o seguirmos nas suas revelações, sempre curiosas, sobre as relações diplomaticas franco-russas.

Nos ultimos tempos, afóra Leroy Beaulieu, talvez nenhum outro francez, mais do que Vogüé, penetrou tão intimamente na essencia do paiz autocratico, devassando-lhe a vida, os costumes, a tradição, a litteratura.

Se fôra um primario, ao menos em louvor de seu titulo, teria approvado o regimen que, finalmente, pelo menos em theoria, lhe deveria ser mais sympathico do que a Republica *sans Dieu ni maitre*. Vogüé, entretanto, não sentiu as influencias do *entourage* russo e ficou um homem do Occidente. O leitor não julga, estamos certos, que Vogüé partilhasse das idéas dos revolucionarios extremistas de então. Simplesmente elle viu que a derrocada se annunciava. Viu, egualmente, o povo russo e concluiu: "A Russia carece primeiro de um Voltaire e depois de uma revolução". A revolução veiu antes que a Russia possuisse um Voltaire...

*

A Vogüé deve a Europa através do *Roman russe* o conhecimento de uma nova litteratura. Foi elle effectivamente, pelo menos numa fórma generica, o primeiro que nos falou de Tolstoi, Dostoiewski, Tourgueneff, Gogol. Suas preferencias, e tinha motivos para que soubesse escolher, foram mais pronunciadas para com Tourgueneff do que para com Tolstoi e Dostoiewski. O occidental refinado, de espirito claro, nesse sentido authentico francez, acceitou mais facilmente Tourgueneff, que mais se lhe approximava pela cultura. Para elle, como para Knut Hamsun, Dostoiewski e Tolstoi foram extraordinarios artistas, soberbos psychologos: nunca pensadores.

A philosophia do autor das *Recordações da Casa dos Mortos*, que traduziu, provocava-lhe um sorriso de scepticismo. Vogüé não podia acceitar Dostoiewski quando este affirmava: "A Russia, só ella, é capaz de comprehender todos os povos sem que nenhum a comprehenda".

No *Journal*, relata-nos Vogüé como a politica franceza, nos seus minimos detalhes e nuanças, era observada na côrte de Alexandre II. A mutua approximação para as finalidades dos interesses da paz européa, ficava sempre dependente das fluctuações que se operavam nas margens do Sena. Se os conservadores subiam, havia jubilo; se os radicaes triumphavam, desapontamento.

A quéda do marechal Mac-Mahon, por exemplo, teve por consequencia a demissão do embaixador da Republica em Petrogrado, general Le Flô, que era amigo pessoal do monarcha. Mais tarde, a recusa da França em extradictar o revolucionario Hartmann, que attentara contra a existencia do imperador e se homisiara em Paris, deu aso á embaraços que quasi culminaram no rompimento.

A proposito dos attentados, Vogüé traça paginas eloquentes e realistas. Elle chora, justamente, sobre a tristeza da vida dos infelizes tzares. Antes de tudo eram homens, dotados de fraquezas, é certo, mas, tambem, algumas vezes generosos. De fóra eram vultos invejados. No interior, porém, soberanos e escravos a um só tempo, escondendo-se sempre, acautelando-se sempre, sempre nervosos, pallidos, inquietos, deante da morte que a cada instante lhes poderia surgir.

Tal a rapida impressão da leitura do livro de Vogüé, que tanto nos instrue sobre as grandezas e decadencias do tzarismo e da sociedade russa no ultimo quartel do seculo passado.

UBALDO SOARES.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura

E' com justo desvanecimento que esta revista assignala o exito alcançado em Paris pelo Professor Gilberto Amado que, como representante do nosso paiz junto ao Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, fez com extraordinario brilho e magnifica acceitação, perante um selecto auditorio de juristas e professores de renome, algumas conferencias sobre A Evolução do Direito Penal nos Paizes Sul-Americanos.

Illustrações, capas de livros: Paulo Werneck — Tel. 5-2388

"AGITAÇÃO"

E' este o titulo de uma revista bastante interessante que nasceu na Faculdade de Direito do Recife e foi o orgão do grupo agitacionista que reuniu por certo tempo uma pleiade de universitarios da grande capital do Norte.

Infelizmente, por motivo da formatura de alguns dos seus elementos de maior destaque, o exemplar que vimos de receber e é o seu numero 4, em nota prefacial annuncia que essa publicação não mais circulará, o que é muito para lamentar, dado o seu alto designio e pujança da collaboração que lhe enriquece as paginas.

LIVROS A APPARECER

A Ariel Editora Limitada lançará dentro em breve dois volumes de dois escriptores que, não ha muito, estrearam quasi simultaneamente e conseguiram captivar de prompto a attenção de um publico meio avesso a fatigar a memoria com a retenção de nomes de autores desconhecidos.

Um delles é o romancista Jorge Amado, bahiano de pouco mais de vinte annos, creador do Paiz do Carnaval, *a esta hora quasi totalmente exgottado. Seu novo livro intitula-se* Cacau *e representa uma successão de aspectos da vida dos cacaolistas do seu Estado natal, marcando a singular personalidade de um dos grandes capitalistas agrarios de lá e fixando no papel muitos detalhes curiosos, até agora inexplorados, de uma classe de trabalhadores ruraes, de cuja miseria, em virtude de uma alchimia bem pouco christã, resulta a fartura de tantos outros.*

O segundo prosador é Marques Rebello, cuja collectanea de contos, Oscarina, *tambem amplamente divulgada no Brasil, trouxe logo um bello renome a esse arguicioso observador dos costumes cariocas, um neto de Manoel Antonio de Almeida, com uma sensibilidade mais trepidante, como convém a um brasileiro de 1933 que encontrou o Rio repleto de automoveis e não póde seguir e observar os seus modelos com a mesma tranquillidade dos memorialistas que atravessavam placidamente a antiga rua da Valla. O novo livro de Marques Rebello tambem será de contos e o titulo escolhido,* Tres caminhos, *é desses que, pela sua deliciosa imprecisão, deixam o leitor sonhar á vontade o entrecho e as figuras que mais lhe convenham.*

— Surgirá, ainda este mez, o segundo romance de Rubey Wanderley, o victorioso narrador da Vida amorosa e jornalistica de Mario Hafner, *livro em que, a emergir de ambientes somnolentos da provincia, toma relevo a bizarra psychologia de um moço que, lendo Nietzsche em allemão, é forçado a metter-se no jornalismo venal e a ser uma especie de penna obediente entre os dedos de um desabusado aventureiro da imprensa. Tudo faz crer que a reapparição de Rubey Wanderley importe em consagral-o definitivamente como um vivificador de almas e aspectos da nossa gente.*

Osorio de Oliveira — **Espelho do Brasil** — Empresa Nacional Publicidade — Lisboa, 1933.

O autor pertence a uma familia de grandes amigos do Brasil. Sua mãe, a eminente educadora Anna de Castro Osorio, especialista em deliciosas historias para creanças, não se fatiga de falar bem de nós. Seu irmão João de Castro, notavel theorista politico, tambem nos dá sempre um bom logar em seus pensamentos de sociologo. Quanto ao sr. Osorio de Oliveira, andou aqui pelo Rio ha uns dez annos, fazendo-se intimo de Graça Aranha e do sr. Ronald de Carvalho, distribuindo muitos livros portuguezes e revelando-nos os poemas de Camillo Pessanha, o maravilhoso cantor da *Clepsydra*. De volta á sua terra, não deixou nunca mais de tratar das nossas lettras, e com o maior desinteresse, sem visar favores monetarios ou outros quaesquer. Na revista *Descobrimento*, de que é redactor, vêm sempre poesias e ensaios de patricios nossos, a par de muitas criticas affaveis a escriptores daqui. Ainda agora, neste *Espelho do Brasil*, o sr. Osorio, com o mesmo dominio pleno do assumpto, o mesmo nobre designio de trabalhar por nós, outros na Europa e aquella intelligencia feita de amor que é a mais creadora de todas, discorre sobre Ribeiro Couto, Paulo Prado, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Jorge de Lima, Eduardo Frieiro, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Murillo Araujo, Tristão de Athayde, Manoel Bandeira, etc., etc. Que fervor comprehensivo em seus julgamentos, que interesse pelos que aqui consagram a vida á mais precaria das actividades do mundo moderno: a litteratura!

Kautsky e outros — **O Marxismo** — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

Este volume é por assim dizer uma synthese das doutrinas marxistas de Kautsky, Lenine, Plekhanov e Rosa Luxemburgo, através de estudos emanados de cada um delles, trabalhos dos mais significativos e escolhidos sempre com muito tacto e precisão. E' a palavra de creaturas que pensaram e agiram, sendo theoristas e executores, sahindo do gabinete de estudo e correndo á rua para mesclar-se á turba em movimentos populares de tanta repercussão no mundo economico de hoje. Kautsky é um dos epigonos de Engels, que foi por sua vez o herdeiro espiritual de Marx; Lenine recebeu o cognome de Luthero vermelho de Moscow, e Rosa Luxemburgo, companheira de um grande agitador, mostrou-se uma especie de Louise Michel não menos activa na propaganda dos ideaes libertarios que a empolgavam. Como trabalho de divulgação, esta collectanea das Edições Unitas serve intelligentemente a memoria e o programma de Carlos Marx, inimigo das lagrimas e partidario, nas questões sociaes, de uma contabilidade muito bem organizada.

P. Matta Machado — **Esboço de um curso de extensão universitaria** — Oliveira Costa & C. — Bello Horizonte, 1933.

Segundo o sr. Afranio de Mello Franco, o autor é "um homem de fé que nunca cessou de combater os erros dos que governam". Independente, intrepido, não se curvando deante dos falsos chavões da democracia, só quer os postulados robustecidos pelo valor da actividade em commum. Figura o sr. Matta Machado entre os bons trabalhadores da intelligencia em seu Estado e a discussão das suas idéas não deixará de ser util numa época como a nossa em que se verifica no paiz um bello renovo social e politico. As paginas que nos apresenta sobre religião, moral e familia, economia politica, impostos directos e indirectos, urbanismo e povoamento, resultam de estudo e experiencia conjugados, valendo por uma summula de muitas leituras e de observações colhidas "in situ", no longo contacto com a gente e a terra de Minas.

J. Ferreira da Silva — **O Doutor Blumenau** — Rio, 1933.

Livrinho de cento e poucas paginas, mas de leitura muito agradavel e cheia de interesse. Nelle está narrada com muito carinho e grande fidelidade a vida de Herman Blumenau, o grande colonizador allemão que, em 1849, entrou a desbravar a agrestia do valle do Itajahy-assú, hoje transformado na importante cidade que lhe guarda o nome e é justificado orgulho do Estado sulino. Curiosa e rica de ensinamentos a longa existencia desse homem, destemeroso e leal, idealista e sincero, que amou profundamente a nossa terra e nos legou exemplos raros de abnegação e desinteresse.

M. Carlos — **A organização, a direcção e educação á luz das leis naturaes** — Irmãos Pongetti — Rio, 1933.

O sr. M. Carlos, que já tem publicado diversos ensaios de sociologia, focaliza nestas paginas "varios erros e insufficiencias da concepção athéa do materialismo historico". Seus livros, pela complexidade dos assumptos e abundancia das suggestões emanadas do autor, demonstram uma nobre dedicação desinteressada ás pesquizas philosophicas e evidenciam que, nesse operoso patricio, ha o sincero desejo de aclarar todos os problemas que se prendem ao destino das creaturas.

Belmiro Braga — **Tarde Florida** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Segunda edição, accrescida de novas producções. Um sarcasta europeu costumava dizer: edição peorada por isso que augmentada. Não assim no caso da *Tarde florida*, que realmente melhorou com o augmento. Cada producção nova de Belmiro Braga é ao mesmo tempo encanto da plebe e comida de delicados. Lyrista que realizou entre nós o difficil ideal de prender egualmente os simples e os intellectuaes mais exigentes, Belmiro tornou-se popular sem nada de deshonroso para elle e a sua fama está longe de importar, como em tantos outros, numa injuria para o seu talento. Qualquer conceito desse poeta fixa um mundo de emoções discretas. E' o cantor das ternuras domesticas, das graças da região natal. E' bem das montanhas de Minas e, entanto, todos os brasileiros se reconhecem nelle, dada a sua faculdade de generalizar sentimentos, que afasta logo qualquer idéa de regionalismo estreito. Uma delicia lel-o aos vinte annos: maior delicia ainda relel-o aos quarenta...

"PLURALIA"

Trata-se de uma revista italo-brasileira, dirigida pelo sr. Antonio Conrado Limongi e destinada a revigorar entre nós o conhecimento da bella e nobre cultura italiana, ao mesmo tempo que tornará conhecidos na Peninsula, graças a felizes transcripções, os melhores escriptores do Brasil. Todos os nossos applausos a essa honrosa missão de confraternizar, mais e mais, os espiritos latinos.

Um livro doutrinario de Affonso Arinos de Mello Franco

Conheci Affonso A. de Mello Franco rindo-se dos idolos academicos e pregando a destruição de todos os canones. Estava elle então completamente integrado na onda renovadora que, depois de abalar muito a Europa enfraquecida pela grande guerra, repercutia tambem pelo Brasil.

Graça Aranha empunhava naquelle tempo a bandeira da reforma, caminhando á frente de um grupo de enthusiastas. Tudo andou então desarvorado, no dominio das lettras e das artes. E a inercia rotineira do passado teve muito que transigir em face desse punhado de revoltados, até conseguir que o arfar compassado da vida normal reabsorvesse de novo o rythmo desconcertante em que se debatiam as cousas. Aproveitamos, sem duvida, daquelles momentos agitados. Ficou-nos, á falta de alguma novidade quanto á essencia, algo de muito differente quanto ao aspecto. A fórma modificou-se. E com ella as suas possibilidades de expressão e o seu immenso poder de se elevar até pontos de vistas privilegiados, fóra dos quaes não se percebe a essencia de muitas cousas.

Foi uma bella conquista que teve, incontestavelmente, na originalidade talentosa de Affonso A. de Mello Franco, um grande factor de successo.

Entretanto, para simples retoques em velhos habitos da fórma, houve quem achasse exaggerado o scepticismo daquella mocidade revoltada, que pretendia tudo renegar. Mas era da idade... O scepticismo iconoclasta do adolescente é apenas uma confiança demasiada em si mesmo. Se duvida ou ri é sentindo que possue forças para muito melhor e muito mais. Crise de crescimento que desapparece com os annos! Nada tem a vêr com aquelle mordaz espirito critico francez (que felizmente vem sempre acompanhado do balsamo de uma solução, de um remedio) ou com aquella inquietação dos allemães — modernos São Thomés — que só serena ante o esmiuçar que offerece um microscopio; ou com o scepticismo dos judeus que este desfaz, arraza, conseguindo até o sublime atravez dos cataclysmas, só para depois se comprazer na desventura, numa volupia doentia do irreparavel!

Não ha, pois, que se incriminar de scepticismo quem só foi sceptico na sua primeira mocidade. Affonso A. de Mello Franco, em seu livro *Introducção á Realidade Brasileira*, não tem que renegar o seu passado para poder agora proclamar que: "A amavel e ironica descrença dos scepticos morreu com a grande guerra e deve hoje ser considerada como uma simples curiosidade litteraria". Mas esse ponto de vista perfeitamente acertado, teve, sem duvida, um lastimavel reverso de medalha. Todos os surtos de lyrismo do poeta estão arrefecidos naquelle estudo politico social. E os admiradores das chronicas e dos versos, esparsos pelas revistas litterarias, de Affonso Arinos Sobrinho, procuram, meio desapontados, o poeta de então no actual Affonso Arinos de Mello Franco, ponderado e comedido doutrinario.

Essa metamorphose teria se originado no desejo de tornar o livro mais sério, mais sizudo?

Se a poesia nem sempre encerra explicitamente grandes verdades em suas estrophes, dá-nos, em compensação, azas que nos elevam a alturas donde facilmente desvendamos horizontes, que nunca o frio racionalismo, mesmo na ponta dos pés, daria ensejo de contemplar. E quem não se entristeceria ao ver um poeta renegar o sopro divino com que foi doado? Póde ser que a poesia nem sempre nos apresente as verdades promptas para serem assimiladas. Mas, leva-nos carinhosamente, pela mão, mundo afóra, por bellas estradas, á procura das grandes revelações! No cháos em que se agita o poeta estão em ebulição os grandes principios. Só mais tarde, com o tempo, é que os espiritos criticos podem extrahir desta apparente confusão, leis e normas que continuam uma sciencia ou uma doutrina.

No livro de Affonso A. de Mello Franco, entretanto, o critico sempre presente controlou com impertinencia os devaneios do poeta. Mas observando-se bem sente-se logo que essa constante preoccupação em refrear um espirito irrequieto, é um simples receio de perturbar a crystallisação pela qual anceia o livro, para melhor e mais rapidamente adquirir um todo e pôr-se a viver a vida propria. E — depois de passar annos inteiros buscando novas convenções, novos methodos, nova technica que désse, ao menos, uma doce illusão de novidade aos velhos, eternamente os mesmos, sentimentos e emoções — eis porque o autor da *Introducção á Realidade Brasileira* se esforça por não transbordar fóra dos moldes consagrados, das convenções de uso arraigado.

Só mesmo atravéz dessa continua confinação de qualquer enthusiasmo dentro da severidade dos gabaritos classicos, os pontos de vista expressos no livro poderão se diffundir com rapidez, circulando como moeda corrente. Sacrificou-se assim, é verdade, a admiração — passaro arisco — que um poeta estava conquistando, á consideração que o bom senso e a cultura podem facilmente impôr. Seria ambição politica? A mim parece que seja mais o fogo sagrado do patriotismo. E de um patriotismo tão sadio que só teriamos que nos felicitar se a *Introducção á Realidade Brasileira* fizesse escola entre nós. Dir-se-ia mesmo que o movel da publicação desse livro foi um sentimento puramente altruistico.

Ha muito tempo li de Affonso Arinos de Mello Franco que, se escrever era uma necessidade, publicar era uma fraqueza. Não parecia então admittir que o altruismo fosse a determinante de qualquer publicação. Mas, com o tempo, evoluiu bastante (é elle mesmo que nos confessa no prologo do seu livro). O que aliás é muito natural.

Na primeira mocidade estamos tão integrados á exuberancia da vida que a necessidade de crear nem de longe nos atormenta. Vivemos como uma vela que se consome, sem nunca procurar fixar a luz tremula que irradia. Colhe-se, na existencia, a cada passo, o que ella dadivosa nos presenteia e, a todo momento, lhe offertamos o que foi elaborado para ella. Depois, com os annos, vae-se notando que esse sopro vital que nos anima é um simples accidente. E começa-se logo a querer crear, do mesmo modo que se respira, procurando fixar, immutabilisar toda a duvida, toda essa variação que é a vida. Crea-se assim, como se procrea, unicamente para vencer o esquecimento atravez

de uma descendencia! Depois, como não ha quem não acredite encerrar no seu "eu" alguma cousa de muito aproveitavel, por simples altruismo publica-se, procurando assim fazer vibrar os que vivem inertes e trazer ao caminho da verdade os que estão atolados no erro. E quanto mais não seja para forçar a admiração do meio: aspiração muito legitima do autor consciente da utilidade da sua obra. Publicar torna-se então o fructo de uma bella ethica.

Sem duvida nenhuma o livro de Affonso Arinos de Mello Franco é uma renuncia do poeta. Mas uma renuncia, de certo passageira que favorece um bello ideal. E o desapontamento que se tem não encontrando constantemente presente a originalidade talentosa do poeta que se admira na *Introducção á Realidade Brasileira* depressa desapparece ao percebermos o objectivo altamente confortador que o livro almeja e a força, a habilidade com que se propõe conseguil-o.

Poder-se-ia observar que o autor abusou um pouco das repetições. Cita talvez exaggeradamente. Entretanto não devemos esquecer que, mais do que nunca, vivemos numa época de convicções arraigadas. E só se alteram velhas convicções ou cream-se novas pela simples persuasão. Convencer ahi não vem ao caso. E para persuadir tem-se na repetição e citações um instrumento inestimavel.

A *Introducção á Realidade Brasileira* poderá sem duvida facilmente fazer escola. Que os intellectuaes brasileiros ouçam o appello caloroso que ella encerra e, compenetrados da leaderança que podem assumir no desenrolar dos acontecimentos politicos sociaes, não deixem o paiz descambar por máos caminhos.

MIRAN M. DE BARROS LATIF.

Hotel Castello

Rua Mexico, 146

Ao lado da Avenida Central

Endereço Telegr: HOTELCAS

Rio de Janeiro

RESTAURANT DE 1ª ORDEM

Telephones 2-9970 — 2-9978 / 2-9977 — 2-9979

Edificio novo. Vista magnifica.

Todos os quartos com telephone e banheiro particular

Paulo Setubal — **O ouro de Cuyabá, seguido d'Os Irmãos Leme** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

São dois livros de um romancista que realiza em nossa terra o ideal, tão raro aqui, do narrador empolgante, capaz de prender o leitor mais desattento á successão dos episodios, á mutabilidade dos scenarios, á marcha das figuras através de ambientes os mais imprevistos e desencontrados. O sr. Paulo Setubal é dos que valem pelo interesse do entrecho, sempre renovado, e pela feliz articulação dos detalhes, sem se esquecer a belleza de um estylo em que ha verdadeira dignidade litteraria. Erudito, revolvendo soffregamente os papeis de antanho, o sr. Setubal é o romanceador da historia do Brasil e talvez seja bem mais agradavel estudar com elle o nosso passado que estudal-o nos compendios cacetes dos historiadores officiaes.

Sabe-se que a *Marqueza de Santos* e o *Principe de Nassau* fascinaram milhares de leitores, vendendo-se como o Alencar dos melhores dias. Depois, sem mostrar nenhum cansaço, voltou-se o autor para as caminhadas épicas dos bandeirantes, para a gente mais proxima da sua alma, por isso que é a maior gloria da sua terra e da sua gente. Voltou-se para os aventureiros barbaros, tantas vezes amoraes, que, talvez sem querer, derramaram civilização pelo Brasil, e querendo entulhar-se de ouro e diamantes, levaram a cruz e os livros dos latinos a recantos onde hoje os commodos viajantes de trem de ferro já chegam um pouco derreados...

Primeiro, deu-nos o sr. Paulo Setubal os feitos da bandeira de Fernão Dias. Agora dá-nos um diptyco attrahente e horrivel: o dos irmãos Leme, "bravi" da floresta, assassinos, violadores de mulheres, rapinantes de pedras preciosas, tudo, mas "homens", num sentido que depois se foi afrouxando. "Dois bandidos", dirão os burguezes da nossa época policiada e mediocre. Mas um Stendhal, amigo da "vida perigosa", dos bellos felinos, dos seres totaes da Renascença, seria capaz de escrever alguma cousa a proposito desses condottieres matutos, ignorantes e atrevidos como todo o Brasil adolescente do seculo XVIII.

As narrações do sr. Setubal estão cheias de arrepios de vida e certos lances parecem fixados por alguem que tambem andou pelas monções e assistiu de perto a muitas das aventuras que narra. Accentue-se que os dois romances são illustrados, com perfeito rigor de scenarios e indumentaria, pelo pintor Wasth Rodrigues, um mestre no genero e dos mais fidedignos nas suas evocações do Brasil bandeirante.

General Bertholdo Klinger e outros — **Nós e a dictadura.**

Depoimentos sobre a jornada revolucionaria de 1932, por parte do general Bertholdo Klinger, do coronel Euclydes Figueiredo, dos capitães Othelo Franco e José Lobo e do tenente Argemiro de Assis Brasil. Palavras a que o historiador futuro não poderá deixar de dar attenção, quando confrontar as varias partes em litigio para concluir serenamente sobre o caso.

Appareceu ha alguns dias:

De AGRIPPINO GRIECO

Evolução da Prosa Brasileira

Série de ensaios critico-biographicos formando um longo estudo homogeneo

**Classicismo — Romantismo
Realismo
Modernismo e Tradicionalismo**

Estão aqui todos aquelles que concorreram para o advento de uma litteratura realmente nacional, nos dominios do romance, do conto, da critica, da sociologia, da historia, da biographia, da eloquencia, do theatro, do ensaismo, do jornalismo, do pamphleto, etc., etc. Naturalmente um Alencar, um Machado de Assis, um Aluizio, um Pompeia, um Graça Aranha, um Arinos, um Martim Francisco, um Sylvio Roméro, um Capistrano, um Ruy, um Julio Maria, um Nabuco, um Euclydes, mereceram exame bem mais attento que os demais. Todavia, nem por isso foram esquecidas as figuras que, mesmo secundarias, mesmo suffocadas no primeiro impulso, trouxeram, em dado momento, a sua achega á evolução da nossa prosa. Assim como a historia das batalhas não dispensa, ao lado dos vencedores, o nome dos vencidos, tambem uma historia litteraria — pensa o autor — não deve esquecer aquelles que tiveram o seu dia de gloria, ainda que sem um brilhante "amanhã" a desdobrar-lhes o illusorio successo inicial. Não foram sequer olvidados, no presente volume, os que trabalharam em sentido contrario á boa arte da prosa, os que offerecem ao leitor o modelo dos defeitos a evitar, se algum dia o leitor se metter a escriptor. De resto, uma obra só de elogios seria fatigante, e a invocação dos plumitivos que podem ser chamados de classicos do máo gosto serve no caso, além do mais, como effeito de contraste, destinado a quebrar a monotonia dos encomios.

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

Edificio d'A NOITE — 8º andar

Salas 814-815

PRAÇA MAUÁ, 7 - RIO DE JANEIRO

PAULO CORREA LOPES

Que é a vida?

Não sei nada da vida.
Canto apenas a hora que foge.
Deve haver qualquer cousa de passaro e de rio
no meu destino.

Ahi, a sua definição. Mas para encontral-a, o poeta consumiu os annos mais ardentes da vida. Quiz escutar instinctos delicados e profundos, que só vingam á custa de renuncias, e desprezou lantejoulas, verbosidades, facilidades poeticas em que poderia ser eximio e afamado. Reduziu-se, contraiu-se sem morbideza, até deparar, perto dos trinta, aquella mansão serena, calma, docemente triste, de musica leve e fluida, que era sua, sómente sua — os *Poemas de mim mesmo*.

Não admira que a sua voz seja, por vezes, humilde, de quem se considerou como sombra, não para morrer, mas para abrir um dia os olhos, livres de preconceitos litterarios, para o deslumbramento das coisas e do coração:

Eu era menos que uma sombra,
eu era menos que um gemido.
E tu com o teu amor dentro de mim
puzeste tanta luz, tanta piedade,
que ando clareando as outras sombras,
que ando alliviando outros gemidos!

(*Sombra*).

Qualquer coisa de passaro e de rio no seu destino — elle mesmo assignala. E diz bem. Ha, nos seus gestos e emoções, uma ingenuidade curiosa, que não exclue o refinamento de quem já viajou por longas paragens intellectuaes. Trauteia manso, com melodia fina e discreta, ora implorativo e supplice, ora quasi mussitando. Mas o rythmo é de uma variedade leve e subtil.

De passaro, diz elle, gorgeio e musica, mas tambem de rio. Como o delicia identificar-se com o elemento liquido! Deslisar como rio, a recolher amoroso as sombras das arvores... Sonha as ilhas perdidas, solitarias, e a vagabundagem maritima que não tem mais fim. Tem desejos oceanicos, os unicos que lhe incutem alguma coisa de insano e desabrido. Adora o vento caprichoso e louco, e mais ainda a noite, os silencios insondaveis, o negror quieto e os astros que brilham, requintando a poesia dos reflexos estellares:

A noite desceu tão devagar
que parecia um coração
que ia parar.
Depois abriu na altura mil olhos de fogo
e os olhos começaram a cair
dentro do mar.

(*Noite*).

Qualquer coisa de um mundo de pesadello filtrou tambem através dos seus poemas, uma restea talvez do sobrenatural, dando-lhe de vez em quando accentos extranhos e impressionantes:

Ha cem mil portas batendo batendo desesperadas na treva.
Ventos levai nas vossas asas todo o mal do mundo
todo o horror do mundo!
Amanhã quando o anjo do Senhor descer sobre a terra
que será das almas que enganaram que mataram?
Amanhã quando as cem mil portas se fecharem
que será das almas que não sabem resar?
Ha cem mil portas batendo batendo desesperadas na treva...

(*Cem mil portas*)

Dos seus versos póde-se dizer que a sensualidade está excluida. A poesia gotteja de um veio fundo e vem crystallina, transparente, e sendo amorosa nunca deixa de ser casta. A depuração instinctiva e intelligente a que se submetteu foi tambem uma purificação. Dahi resultou um poder nada vulgar de simplicidade. Poesia que resáe da contemplação mais simples, que é, nesse poeta tão interior, assim como uma olhar generoso que se dirige á vida prosaica:

Passo leve de sonho
ia sempre cantando
para a officina.
A' tarde
quando voltava da officina
não cantava de tão cansada.
Um dia morreu a voz que cantava
morreu o passo leve de sonho.

(*Costureirinha*).

E na sua simplicidade, quasi de *kai-kai*, transparece ás vezes toda a força e expressão:

Um dia
fecharás os olhos para a vida.
E eu verei nos teus olhos
luzes mortas, aguas mortas.
Olhos que viram a vida
que cantaram para a vida
que chamaram pela vida.

(*Olhos*).

Ventos
gritai nos mastros
agitai as ondas.
Batei no meu coração
sacudi meu coração
ventos da morte!

(*Ventos*).

Contraindo-se sem cessar para colher a essencia, os seus poemas, obedecendo ao rythmo interior, sahiram assim curtos, breves, rapidos. Desejariamos, talvez, para nosso prazer, que elles continuassem... E' a primeira impressão, porém. O seu encanto está justamente nesse tenue raio de luz que nos intromettem nalma, agindo com dedos subtilmente leves e magicos. Ainda que fossem centenas, nunca seriam monotonos. Elles têm a propriedade de nos acordar uma insatisfação subtil, que é pura poesia.

CARLOS DANTE DE MORAES.

"REVISTA DO CLUB MILITAR"

Na *Revista do Club Militar*, o sr. Francisco Pereira Lessa vem de publicar um longo trabalho, de documentação exhaustiva, sobre a bandeira e o escudo daquella instituição de classe. Já agora o Club Militar póde ufanar-se de ter inspirado, para a confecção dos emblemas da casa, a um brasileiro que nada deixou esquecido ou incompletamente inexplorado em suas investigações no tocante aos nossos problemas de heraldica. A historia dos brazões, em todos os paizes e em todos os tempos, é perfeitamente familiar ao sr. Pereira Lessa, que tudo sabe dos titulos de nobreza, das arvores genealogicas e das guerras antigas e modernas. Justifica elle, com intelligencia e arte, as côres e armas escolhidas para o Club e entra em dezenas de detalhes, jámais superfluos, que encantarão os especialistas no assumpto e tambem deleitarão os profanos, numa terra como a nossa em que, mão grado os sentimentos de democracia, continúa a ser forte a attracção exercida por todos os ornatos de que se ufanavam as realezas extinctas.

Le Mystère Frontenac

Fecha-se sempre um livro de Mauriac com a impressão de ter vivido. E de ter soffrido. Que não o procure quem busca um deleite, uma distracção. E' impossivel assistir de fóra, em espectador, á vida dos seus personagens. Vive-se com elles. Dolorosamente, intensamente. São creaturas humanas, semelhantes ás outras, ás que encontramos todos os dias. Semelhantes mas não eguaes, porque não são copias. São ellas mesmas.

Mauriac não é um photographo, não se precisa limitar a descrever o que vê. E' um creador. Creador de monstros como Therèse Desqueyroux, como a Genitrix, como a heroina do *Fleuve de Feu*. Monstros que fazem pena ou horrorizam, mas que não se póde deixar de acceitar. São indiscutiveis e implacaveis como forças da natureza. Da mesma natureza que, domada, anima essa admiravel Blache Frontenac, o mais perfeito typo de mulher de toda a galeria mauriaqueana.

Fechada, escrupulosa, economica, é uma figura apparentemente calma. Mas de uma projecção infindavel. Sob o vestido preto, correcto, e os lisos bandós grisalhos, a alma se agita, murada e ardente. Adivinha-se o borbulhar de paixões sopitadas, sublimadas no amor materno. A elle, ao interesse da sua ninhada, sacrifica a sua mocidade, e sacrificaria sem uma hesitação a existencia do cunhado, do pobre Xavier Frontenac, se este tambem não se tivesse voluntariamente imolado aos sobrinhos, ao culto familiar. Ao mesmo culto a que ella acorrenta o futuro de Jean-Louis. Ella é o centro de tudo, é ella que se fica vendo, depois da leitura. E' o olhar com que perscruta José, o filho culpado, olhar pathetico de mãe anciosa, e de mulher cedo privada de amor, curiosa da magia da paixão. E' a sua voz longinqua, indo buscar Yves em Paris, que nos fica a resoar nos ouvidos. São a sua concepção do dever, e o seu desprezo pela felicidade que dão o tom ao livro. Experimentamos com os jovens Frotenac o desafogo, quasi o allivio — allivio travado por um ligeiro remorso — de estar longe da sua presença cuidadosa e austera, quando ficam sós com o tio, no campo, prolongando, deliciados, a doçura de serem crianças. Momento bom, momento gostoso, raro no mundo de Mauriac. E raro no mundo de todos nós... O ambiente de Mauriac é aspero e desconfortavel, como é desconfortavel e aspero o ambiente cá de fóra. Apenas, nos seus livros, nós o percebemos melhor. Não por estar exaggerado, mas porque geralmente vivemos distrahidos, sem saber olhar em torno de nós. Quantas vezes somos felizes, porque não sabemos que somos infelizes... Piedosa illusão, que Mauriac não possue. Elle sabe ver, sabe descobrir a angustia que a si mesma se ignora. Sabe a hora em que o sorriso vae se contorcer em rictus, sabe distinguir, na voz que canta, o soluço a despertar.

E obriga-nos a ver tambem. Leva-nos ao amago. Logo de inicio, sem preambulos, sem precauções, elle nos conduz ás fontes turvas e fecundas.

Nisto é que a sua arte, — como a arte de Green, — revolucionou a feitura habitual dos romances. Não desenha fachadas. Abre um córte. Vem de dentro para fóra. Mas não disseca, não esquadrinha, não usa lente de augmento, como Proust, esse myope extraordinario. Colloca-se no meio, apenas. Mas com perspectivas largas.

O mysterio Frontenac, o mysterio da união intima, profunda, arraigada e quasi desesperada entre os individuos — tão isolados, apezar disso... — póde ser a chave do segredo de Mauriac. Essa communhão subterranea, elle proprio a sente com todos os sêres, todas as miserias da condição humana. E sente-a porque comprehende o homem integralmente, o homem agarrado á terra, tentando em vão se livrar, e alçar-se ao infinito.

Dahi a sua força, a sua realidade — e o estranho encanto da sua obra atormentada.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

RAÇA...

Eu tenho a sêde das distancias nos meus olhos,
e nas minhas mãos,
a força de todos os destinos...

Quero erguer as sombras,
que cahiram em crepusculos de sangue,
quero distender meus braços,
num rythmo barbaro de mil gritos,
e a minha fronte que pendeu ha de beijar o sol...

Ha novas vozes cantando
no écho das vozes que calaram,
e novas forças rebeldes,
na humildade da renuncia...

Eu tenho a sêde das distancias nos meus olhos,
e nas minhas mãos,
a força de todos os destinos...

DAMASO ROCHA.

Arthur Gaspar Vianna — A Egreja e a formação brasileira — Typ. Ypiranga — Petropolis, 1933.

O sr. Arthur Gaspar Vianna é, em sua geração nova, um dos bons espiritos modelados pela cultura catholica. Trabalhando longo tempo sob os auspicios de Antonio Felicio dos Santos, que foi um dos maiores jornalistas deste paiz, adestrou-se elle para a desenvolta esgrima do periodismo christão, e os seus artigos em defesa das nobres reivindicações da Egreja são de um expositor que firma o raciocinio na logica de uma constante leitura dos melhores textos religiosos ou leigos. Já tentou, e não sem exito, a obra de ficção, produzindo alguns contos estimaveis, mas a sua força (se não estamos equivocados) são os trabalhos de divulgação doutrinaria pela imprensa ou pela tribuna de conferencista. Assim nas doze paginas deste opusculo, tão curto quanto densamente substancioso, em que não ha dispersão de idéas ou palavras inuteis. Prova-se aqui, em phrases concentradas como aphorismos, que só no catholicismo se deve a permanente, a ininterrupta unidade do Brasil. Anchieta e Nobrega foram os nossos grandes civilizadores pelo espirito. Tudo se deve ao colono catholico e as pausas em nossa caminhada progressista só se verificaram quando os magnates lusos trabalharam contra a obra dos desbravadores christãos, tal no caso de Pombal expulsando os jesuitas das terras que haviam tornado mais prosperas e mais ricas para a propria Lusitania que viria a perseguil-os.

"Evolution de la poésie brésilienne"

Un dicton, de la province de Minas, je crois, prétend que l'on peut, sans crainte d'erreur, prédire d'un enfant brésilien qui nait, que, s'il ne devient pas orateur, il sera poète. Et, en effet, les poètes, et quelques-uns parmi les plus grands de la langue portugaise, ont toujours été fort nombreux au Brésil. M. Agrippino Grieco, dont l'autorité n'a guère d'égale dans la critique brésilienne de maintenant en matière littéraire, a entrepris de fixer, dans un vaste tableau d'ensemble, les divers aspects de la poésie brésilienne depuis ses origines. Et, de ce dessein,, est né cette *Evolution de la poésie brésilienne*, (*), certainement un des livres les plus originaux et des plus réussis qui soient parus au cours de ces dernières années. La connaissance étendue que M. Agrippino Grieco possède de son sujet, lui permet de préciser, souvent en quelques mots, la physionomie d'une œuvre et parfois en même temps, d'un homme. Ses jugements à l'emporte-pièce sont, à la fois, profonds et spirituels, spirituels assez fréquemment jusqu'à la "grosserie". Gonçalves de Magalhães par exemple, que les historiens de la littérature reconnaissent, à vrai dire, sans trop d'unanimité, comme l'initiateur de la littérature romantique au Brésil, est appellé par lui "le commis voyageur du romantisme". Et il met au point la réputation usurpée de ce poète en écrivant: "sa célébrité est de celles que l'on accorde seulement à ceux qui sont les premiers dans l'ordre chronologique, exactement comparable à celle du vicomte Maua auquel on a élevé une statue parce qu'il a introduit au Brésil la première locomotive." De Luiz Delfino il dira qu'il "ennoblissait les thèmes les plus prosaïques, à la façon des prestidigitateurs qui tirent des roses de l'intérieur des parapluies les plus bourgeois." Sur Machado de Assis: "voulant être un confesseur d'esprit, il n'a fini par ne rédiger qu'un catalogue des petites manies humaines". Pour lui, Olavo Bilac "fut une espèce de Loïe Fuller du vers". Quelques uns des contemporains ne sont pas davantage épargnés; un véritable jeu de massacre.

Mais avec quelle fervente admiration et quelle précise justice M. Agrippino Grieco parle des vrais poètes, qu'ils soient d'hier ou d'aujourd'hui; de Gonçalves Dias, "un homme"; de Castro Alves, comme Lamartine, "la poésie même", avec lequel "on commença à parler brésilien en vers", ou M. Ronald de Carvalho et de M. Ribeiro Couto...

Une courte note ne peut donner qu'une idée très sommaire d'un livre aussi riche que celui-ci et où sont étudiés, successivement, le classicisme, le romantisme, le parnasianisme, le symbolisme, le régionalisme, le modernisme et qui se termine par une étude des néo-romantiques, des néo-classiques et de quelques traducteurs.

Et peut-être faut-il admettre comme la conclusion d'un livre qui, volontairement sans doute, ne conclut pas, cette phrase de l'auteur: "Notre littérature est, malgré tout, une littérature raisonnable. Nos livres sont, quels qu'ils soient, des documents pour la biographie des esprits et l'histoire de la Nation".

GEORGES RAEDERS

(Transcripto do jornal parisiense *Les Nations Américaines*, de 26-3-33).

(*) Agrippino Grieco: *Evolução da Poesia Brasileira* (Ariel, editora — Rio de Janeiro).

Roberto Lyra e outros — **Sensacionalismo** — Irmãos Pongetti — Rio, 1933.

Bella campanha promovida pelo Centro Academico Candido de Oliveira contra os processos sensacionalistas de certa imprensa, que excita as turbas com as noticias de espavento e, esquecendo a sua missão de cultura, só se alonga immoderadamente ao tratar de crimes escandalosos. Neste volume, que é edição da Casa do Estudante do Brasil, encontram-se, a esse respeito, significativas palavras dos srs. Roberto Lyra, Carlos Sussekind le Mendonça, Benjamin Lima, Roquette Pinto e outros.

Custodio de Viveiros — **Se amas, decide por ti!** — Civilização Brasileira Editora. Rio, 1933.

Trabalho realista, sem excluir tonalidades romanticas, de um prosador que vem chamando a attenção como autor de varias novellas, além de se consagrar a escriptos de finalidade sociologica. Entre os intellectuaes que sempre louvaram as narrações do sr. Custodio de Viveiros, figuram os srs. Goulart de Andrade e Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Lettras.

Fabio Luz Filho — **Cooperativas escolares** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Estudo da nova lei sobre sociedades cooperativas. Obra minuciosamente documentada, de quem é realmente um technico em taes assumptos. Sempre se preoccupou o sr. Fabio Luz Filho com as diversas modalidades do cooperativismo e as suas brochuras anteriores foram consagradas pelos elogios das melhores autoridades na materia.

Ary Machado Guimarães — **Problemas do Brasil** — Pimenta de Mello & C. — Rio, 1933.

Filho do saudoso publicista Arthur Guimarães e discipulo de Sylvio Roméro, o sr. Ary Machado Guimarães estuda neste substancioso opusculo o problema da divisão territorial do Brasil. Não gasta palavras inutilmente e tudo é synthese valiosa em suas paginas. Tudo é bem exposto e o autor conclue nitidamente ao baterse pela mudança da capital para o planalto goyano, pela creação de "grandes arterias ferroviarias", pela intensificação de todas as nossas fontes de vida rural ou industrial, pela necessidade de entregar-se "a direcção do paiz ás elites reaes". Quanto á divisão do Brasil em trinta e cinco departamentos, é digna de attenção num momento em que problemas desses absorvem entre nós os verdadeiros cultores de uma nobre politica objectiva.

Collecção "Terramarear"

Trata-se de uma collecção para creanças e adolescentes, em boa apresentação e vendida a preços modicissimos. Já agora não se explicará a relutancia de qualquer dos nossos jovens patricios deante da excellente leitura. A Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, entrou a abastecel-os de obras de imaginação, sahidas das pennas as mais prestigiosas do estrangeiro e postas em vernaculo por nomes que têm idoneidade nas lettras do paiz.

Na collecção "Terramarear", destinada á gente nova, encontram-se, em volume de palpitante enredo e linguagem desenvolta, os primores de todos os grandes ficcionistas dos dois mundos. Um delles é Salgari, que está sendo glorificado pelos italianos e guindado á preeminencia de verdadeiro Julio Verne peninsular. Outro é Stevenson, o homem do thesouro da ilha, que elevou o romance de aventuras á categoria de obra de arte purissima. Ainda outro é Kipling, o animador da "jungle" indiana. E assim por deante...

Nelson de Souza Carneiro — **XXI de Agosto!** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

E' o historico de um dos mais expressivos episodios do movimento constitucionalista na Bahia. Em prefacio, o sr. Menotti del Picchia affirma ser este volume o desdobramento da *Revolução Paulista*, da autoria do proprio Menotti, vindo provar que o berço de José Bonifacio "não ficou solitario na defesa homerica e desesperada do seu amor pela ordem legal".

Elora Possolo Mulheim Chacul — **Quando o sol surgiu no Oriente** — Edições Pongetti — Rio, 1933.

Nestes versos de amor, enriquecidos por imagens de um fino gosto oriental, perdeu a sra. Elora Possolo o ar solemne que tornava as suas producções anteriores um tanto lentas e arrastadas. Aqui, em muitas passagens, ha verdadeira poesia, sentindo-se que o Oriente, seja o da Biblia, seja o das Mil e uma Noites, é, ainda e sempre, o mais copioso inspirador de metaphoras que a terra conhece. Ha, na sra. Elora Possolo, evidente progresso no manejo dos rythmos e esta sua nova phase de lyrista apparece-nos, felizmente, das mais auspiciosas.

C. E. Andrews — **Os Innocentes de Paris** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Empolgante successão de quadros que evocam a vida de Paris, em detalhes inspiradores de um filme famoso de que foi principal personagem o artista Maurice Chevalier. Trechos grotescos, trechos dramaticos, aspectos da tumultuaria Cosmopolis de hoje e reminiscencias da velha Lutecia medieval e feudal: o Mercado da Pulga, um botequim divertido, livros e antiguidades de arte, apaches, dansas, vinho e luz, typos e scenas da rua, sombras das torres de egrejas, amor, volupia e morte. A traducção, feita directamente do original inglez, é de Donatello Grieco.

DE NOVA YORK

"CAVALCADE"

Coube á Fox Film, a conhecida veterana dos *westerns* descabellados de Tom Mix (thank God, *he is dead!*), produzir o filme de maior distincção e, digamos, mais subjectivo destes ultimos mezes.

Chama-se "Cavalcade" — nome lindamente symbolico em relação ao assumpto do filme e nelle pictoricamente illustrado.

A Fox tem por costume pregar-nos destas surpresas. Lá vem um dia — como essas tempestades amazonicas, que sobrevêm sem o preparo acastellante de nuvens negras, quando, de subito, se cobre de chumbo o céu e o corisco corta o ether, rechinante, e se encrava no tope dos altos castanheiros escachando-lhe os troncos de cima abaixo, cuja quéda ecôa por leguas em derredor como um começo de fim de mundo, — a Fox, lá vem um dia, em plena calma de estio, faz soar um toque de clarim, e zás!, cega-nos a vista com o *flash* estonteante de um filme como "Cavalcade".

Inutil seria tentar em palavras um esboço do argumento deste filme, pois não é a sua fabulação ou *scenario*, cinematographicamente falando, o que nos arranca applausos deante de producção tão marcante, mas, antes, a falta de uma fabulação precisa, cortada a tesouraços nas funilarias filmicas de Hollywood. E' a ausencia de uma historia de finalidade convencional, feita á medida do freguez, o que em "Cavalcade" mais se admira... o que mais impressiona os que lhe penetram a intenção subjectiva.

Qualquer pessoa, que não entre na categoria dos infusorios, poderá narrar bem ou mal um acontecimento que tenha presenciado ou lido; mas para de um argueiro se fazer um cavalleiro, precisa-se de talento, e foi o que não faltou a Frank Lloyd, *metteur en scene* de "Cavalcade", que ahi teve sobejas ensanchas para pôr em jogo o seu tutano mental.

O filme é medullarmente inglez. Britannicos são, na realidade, os seus actores, e britannica, tambem, a historia que deante de nós se focaliza, em ambiente senão de todo britannico, pelo menos palpavelmente europeu. Inglezes de primeira e finissima estirpe são

Jane Marryot .... Diana Wynyard
Robert Marryot, seu marido Clive Brook

esses dois esplendidos londrinos, exemplos a uma vez daquella conducta serenamente ingleza e da fortaleza de animo de que se armam em face ás arremettidas do destino.

Dissemos, a principio, que em "Cavalcade" não nos prende a historia e, com effeito, assim é, porque o filme se espraia por uma tão ampla extensão de tempo, abarca tantos annos e tantos são os acontecimentos notaveis que a celluloide pictorica nos revela, que pouco a pouco a gente começa a comprehender que não são as vidas de Jane e Robert e seus dois filhos, que nos estão tramando o argumento da peça, mas, ao contrario disso, os eventos carreados pelo Tempo, uns tragicos, outros de significação passageira, é que impõem ás personagens da fita essa existencia que nos prende ao desenrolar dos seus quadros.

E por dentro desse kaleidoscopio de figuração variegada, em que até o funeral da Rainha Victoria, no começo deste seculo, pesa sobre a psyché dos comparsas e faz que nos incorporemos ao luto nacional, — sente-se a mão implacavel do tempo urdindo os destinos. E' essa força ineluctavel que plasma o fio dos acontecimentos e dahi o sentirmos que em "Cavalcade" Vida e Tempo se confundem num todo indivisivel.

Nesse systema quasi pirandelleano é que está o toque de genio de Noel Coward, autor da peça "Cavalcade", que Frank Lloyd tão bem comprehendeu ao traduzil-a em cinema.

E' o Tempo, pois, com a sua caravana de eventos, que engendra a fabulação de "Cavalcade", o filme-surpresa da Fox. Os seus actores, esplendidos em toda a linha, são bellos automatos nas mãos do destino tragico e irrecusavel.

ARTHUR COELHO.

Leiam:

ALBERTINO MOREIRA

UMA CONSTITUIÇÃO PARA O BRASIL

PREÇO: 6$000

Pedro Calmon — O Marquez de Abrantes — Editora Guanabara — Rio, 1933.

Se alguem merecia desfructar entre nós um renome litterario bem maior, esse alguem é o sr. Pedro Calmon. Seu volume sobre Pedro I, publicado recentemente, é um dos melhores livros até hoje estampados a proposito do rei-cavalleiro, e, agora, este longo estudo sobre o marquez de Abrantes é monographia conscienciosamente erudita, cuja estructura e execução excedem e muito do que se poderia exigir de escriptor tão joven.

Com effeito, ao fixar os impressionantes lineamentos da personalidade de Miguel Calmon du Pin e Almeida, o seu descendente e nosso contemporaneo o faz com uma documentação infatigavelmente esmiuçadora e com uma segurança de conclusões criticas que não estamos habituados a ver nos remexedores do passado nacional, exceptuados Alberto Rangel, Affonso Taunay e poucos outros.

Lendo o sr. Pedro Calmon, acompanha-se bem, passo a passo, traço a traço, a formação e a actividade plena de uma das mais nobres e fortes figuras de estadistas que o Brasil já possuiu em todos os tempos. Os dias de infancia do futuro marquez de Abrantes nas zonas agrestes da Bahia natal, os seus estudos nos dominios archaicos de Coimbra, os seus serviços posteriores á patria que nem um momento lhe fugiu da memoria e do coração, — tudo isto é bem assignalado nas trezentas paginas desta biographia preciosa.

A oratoria de Miguel Calmon, a dicção dulcissima que lhe trouxe o cognome de "Canario", apresenta-se-nos em seus aspectos mais expressivos, vendo-se que uma tal eloquencia era unicamente pretexto para a acção concreta e não vaidade ostentatoria de Narciso parlamentar. Bellos tropos os dos discursos do "Canario", mas o que este queria, ao desenrolar os periodos cantantes que deleitavam o pae de Joaquim Nabuco, era vehicular projectos uteis em torno a questões economicas, questões de colonização, questões de direito constitucional.

O brasileiro que se inebriou com os espectaculos tradicionaes da Inglaterra politica e pretendeu ser sempre um orador e um homem de Estado á moda britannica, trabalhou sempre, sem treguas e sem cansaço, pelo Brasil, e não o esqueceria mesmo quando deslumbrava os cariocas com as recepções patricias do seu palacio de Botafogo, em que costumavam apparecer Pedro II, Caxias, Olinda, Sapucahy, Abaeté, Tamandaré, Paranhos, Zacharias, Cotegipe, Alencar, Mauá, Torres Homem, Justiniano da Rocha...

CHARLES ANDLER

Se o contacto reciproco entre os homens de lettras constituisse um factor sufficiente no sentido de acalmar os choques politicos, derivados do fatalismo historico das guerras, que hão manchado a civilização européa, a partir do inicio do seculo XIX, poder-se-ia affirmar que a França e a Allemanha jámais se teriam degladiado no terreno militar. Poucas vezes dois povos tão distinctos têm procurado penetrar-se, devassando ambos, n'um desejo insaciavel de mutuo conhecimento, o mais intimo de suas tendencias espirituaes.

As pesquizas das modalidades da alma allemã, seus movimentos e intenções, têm sido, na França, tentadas pelos maiores de seus vultos, com especialidade os da geração do passado mais immediato entre os quaes se salientam Taine e Renan. N'uma escala, sem duvida mais modesta, porém ainda assim importante, trabalharam vultos da mais refinada elite, como Charles Andler, que acaba de fallecer em Paris. Especialista de Nietzsche, foi tambem o traductor e commentador erudito do Manifesto communista de Marx e ainda ultimamente deu esse livro precioso *La décomposition politique du socialisme allemand*, vasto repositorio de ensinamentos sobre o papel dos "sociaes democratas" d'além Rheno em face do problema da guerra. E' pena que Andler não tenha vivido alguns mezes mais para que tivesse assistido á confirmação das suas prophecias, que os factos do momento acabam de mostrar na apostasia dos mesmos sociaes democratas do Reich, cujo partido vem, extranhamente, de solidarizar-se com o hitlerismo bellicista. Com Andler, a França perde um dos ultimos da geração dos "normaliens" illustres.

U. S.

La Pomeranie Polonaise, de Casemir Smogorzewski.

E' habito dos espiritos incapazes de isenção de animo apodarem de parcialidade os livros que versam sobre questões geographicas, creadas na carta politica da Europa em consequencia da grande guerra. O alentado volume de Casemir Smogorzewski, a despeito de reunir toda sorte de provas que demonstram de modo objectivo a these do autor, não escapará á malevolencia d'aquelles espiritos. Todavia, ao leitor extranho ás competições que, afinal de contas, é o supremo juiz, não fica a menor especie de duvida quanto aos factos provados no volume, isto é, a Pomerania, por sua população, sua historia, sua geographia e além de mais pela expressa vontade de seus habitantes, é uma região poloneza entre as mais polonezas.

U. S.

*

Augmenta dia a dia o interesse pelas lettras brasileiras nos ambientes europeus, especialmente o francez. Já não mais nos podemos queixar, como outróra, de que nossas producções litterarias e scientificas sejam destinadas tão sómente ao mercado da cultura interna. Até agora, porém, as traducções das nossas obras alcançavam apenas o romance, e, neste campo, ainda ha bastante a fazer afim de divulgar muito do que é nosso e contém algo de expressivo do nosso pensamento.

Saturados de sua propria cultura sociologica e philosophica, os homens de lettras do velho mundo começam agora a traduzir obras geraes e uma das escolhas recahiu no volume do coronel Alfredo Severo, *As falsas bases do communismo russo*, graças á sra. Sereth Neu e aos editores Mestivier.

U. S.

Caixinha dos Tres Segredos — Editor Villas-Bôas & Cia. — Rio, 1933.

A nossa pobre litteratura infantil, cuja utilidade só ultimamente tem sido mais levada a serio, ganhou agora mais um excellente livro. Alvaro Moreyra, com aquella ternura encantadora de criança, que somente elle tem nas nossas lettras, offereceu aos seus amiguinhos do Brasil esta *Caixinha dos Tres Segredos*, collecção dos mais lindos poemas com que podemos contar para as comprehensões que se abrem. As illustrações são de Fritz.

Anisio Teixeira — **Educação progressiva** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Uma introducção á philosophia da educação. Faz parte da Bibliotheca Pedagogica Brasileira da grande casa editora de S. Paulo e reflecte os conceitos mais recentes em materia de ensino. E' a preoccupação da escola verdadeiramente democratica, aproveitando as lições do bom tradicionalismo e conciliando-os tanto quanto possivel, com as conquistas da sciencia moderna.

Nobrega de Siqueira — **Faz de conta...** — Impressora Commercial José Magalhães — S. Paulo, 1933.

Poemas em varios metros, embora quasi sempre rimados. Os eternos motivos sentimentaes alternando com algumas notas de agudo realismo contemporaneo. Deve ser muito joven o autor e, a par de muitos trechos bellos, notam-se-lhe frequentes imperfeições. Mas, na juventude, parece que o que ha ainda de mais bello são mesmo as imperfeições...

Armando de Oliveira — **Cidades submersas** — Edições Unitas — S. Paulo, 1933.

Certo vigor no fundo das notas delicadas e o verso alexandrino anda por aqui, diluido em rythmos longos ou curtos, esperando a hora de reapparecer com as suas doze syllabas e o seu hemistichio impeccavel. Entre pantheista e intimista, o autor fala das arvores, dos velhos vagabundos, e não deixa de comprazer-se um tanto em suas proprias tristezas. Evidentemente, está em jogo um poeta, cujos equivocos ou erros são menos delle que os equivocos e os erros da sua época litteraria.

Nina Rodrigues — **Os africanos no Brasil** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Constitue uma bella dadiva aos espiritos a publicação, tanto tempo protelada, deste livro do insigne professor bahiano que desfrutou de tão merecida notoriedade em sua época e a quem esta obra trará, sem duvida, novos e mais fervorosos admiradores. Louvado sempre pelos srs. Bazilio de Magalhães e João Ribeiro, autoridades no assumpto, é justo que reappareça o nome daquelle que se affirmou um mestre em questões de anthropologia e ethnographia. Precede o volume um ligeiro estudo do sr. Homero Pires, que lembra ter estado Nina Rodrigues uns quinze annos em contacto directo com a raça africana, afim de bem examinar-lhe os costumes, o vocabulario, toda a complicada psyché que a caracteriza.

Luis Cané — **Romancero de Niñas** — Talleres Gráficos Porter — Buenos Aires, 1933.

Poeta distinguido pelas vozes mais autorizadas da critica argentina, o sr. Luis Cané é dos que unem uma ironia muito subtil a invenciveis ternuras romanticas. Forte nas invenções rythmicas, não abusa da declamação e, ao fundo da sua melancolia, sente-se-lhe a despreoccupação bohemia, algo desdenhosa, dos estudantes do Bairro Latino nos doces tempos de Mimi Pinson. Alguns patricios desse bello artista enxergam nelle um neto de Gongora, do Gongora "bueno", do Gongora claro e incisivo das "letrillas". E, finalizando, accentue-se que este seu *Romancero* é absolutamente casto, de uma delicadeza arminhada, com um pouco de Paul Géraldy e um pouco do nosso Guilherme de Almeida, podendo constituir "el mejor regalo para una niña".

HISTORIA

— Octave Aubry especializou-se em livros sobre figuras historicas enigmaticas, sobre momentos historicos controvertidos. A proposito de Gaspar Hauser, o menino mysterioso que tanto tempo preoccupou os corações sensiveis da Europa, dado por uns como filho de reis extraviado, por outros como mythomano involuntario e ainda por outros como intrujão de calculos muito sagazes, escreveu elle um trabalho palpitante e vivo. Agora põe em scena a figura não menos complexa do filho de Napoleão, do duque de Reichstadt, que Rostand desfigurou lyricamente no *Aiglon*, o pobre rebento de um ninho de aguias, nascido com um peito fragil e condemnado pela doença, pela espionagem de Metternich e pelos rancores dos Orléans e dos Bourbons. Vê-se que a casa dos Bonapartes é um dos assumptos de predilecção de Aubry, sendo que elle, em volume antecedente, já tratara da imperatriz Eugenia, a mulher de Napoleão III, em quem muitos enxergam a instigadora da guerra de 70, justamente castigada ao perder o filho num combate com selvagens da Africa.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Murilo Mendes — *Historia do Brasil* — Philosophia humoristica. Versos. — Ariel, editora ltda. — Rio.
Albertino Moreira — *Uma Constituição para o Brasil* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Paulo Setubal — *Os Irmãos Leme* — Romance historico — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Paulo Setubal — *O Ouro de Cuyabá* — Chronica historica — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Nina Rodrigues — *Os Africanos no Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Oliveira Vianna — *Evolução do Povo Brasileiro* — 2ª edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Oliveira Vianna — *Populações Meridionaes do Brasil* — 2ª edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Virginio Santa Rosa — *O Sentido do Tenentismo* — Schmidt, editor. — Rio.
Affonso Arinos de Mello Franco — *Introducção á Realidade Brasileira* — Schmidt, editor. — Rio.
Lucia Miguel Pereira — *Maria Luiza* — Romance — Schmidt, editor — Rio.
Nobrega de Siqueira — *Faz de Conta* — Poemas — S. Paulo.
Assis Cintra — *As Amantes do Imperador* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
Felix Contreiras Rodrigues — *Novos Rumos Politicos e Sociaes* — Livraria do Globo — Porto Alegre.
Arthur Ramos — *Freud, Adler, Yung* — Editora Guanabara — Rio.
Ary Machado Guimarães Porto — *Problemas do Brasil* — Divisão territorial — Pimenta de Mello & Cia. — Rio.
J. Ferreira da Silva — *O Dr. Blumenau* — Rio.
Bertholdo Klinger, Euclydes de Figueiredo, Othelo Franco, etc. — *Nós e a Dictadura* — S. Paulo.
De Paula Machado — *Topadas* — Contos — Empreza Graphica Editora — Rio.
J. Fenimore Cooper — *O Corsario Vermelho* — Col. "Terramarear" — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo.
Mayne Reid — *O Prisioneiro dos Pampas* — idem, id., id.
" " — *Os Negreiros da Jamaica* — idem, id., id.
Edgar Ride Burroughs — *Tarzan* — idem, id., id.
" " " — *O Filho das Selvas* — idem, id., id.
R. L. Stevenson — *A Ilha do Thesouro* — idem, id., id.
Emilio Salgari — *O Pirata* — idem, id., id.
" " — *Song-Kay* — idem, id., id.
R. Kipling — *Mowgli* — Idem, id., id.
" " — *O Menino Lobo* — idem, id., id.
W. Meyer-Forster — *O Principe Estudante* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
C. E. Andrews — *Os Innocentes de Paris* — Civilização Brasileira Editora — Rio.
André Maurois — *A Vida de Disraeli* — Trad. de Godofredo Rangel — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
P. Matta Machado — *Esboço de um Curso de Extensão Universitaria* — Oliveira, Costa & Cia. — Bello Horizonte.

Murilo Mendes — **Historia do Brasil** — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

Com uma deliciosa capa colorida de Di Cavalcanti, apresenta-se-nos esta nova collectanea do sr. Murilo Mendes, a quem um volume anterior assegurara um dos logares mais visiveis entre os modernos poetas brasileiros.

Era o padre Julio Maria quem confessava detestar os "homens sem marca", fosse essa marca de Deus ou do Diabo. Pois o sr. Murilo Mendes jámais indignaria o grande orador christão. Traz elle a sua marca, não sabemos se diabolica, mas o caso é que muito bem accentuada. Não tem sósia, menechme espiritual na sua geração. E' "elle mesmo" em tudo o que escreve e, em ouvindo um dos epigrammas avulsos que os seus admiradores costumam recitar pela cidade, a gente, ainda que sem ser prevenida do nome do autor, avança logo: "Só póde ser do Murilo!"

Aliás, mão grado a popularidade que obtiveram certas phrases suas como a relativa á batalha de Itararé, uma obra-prima no genero, o poeta não cobiça apenas faceis triumphos de pilheriador de café ou de esquina. Visa elle qualquer cousa de mais difficil e, consequentemente, de mais duradouro. E esta *Historia do Brasil* prova que, no apparente ironista, ha tambem uma especie de pensador do "humour". Ainda quando se disfarce numa illusoria maquilhagem de parodista, sabe elle julgar muito bem homens e cousas do nosso passado, fixando á sua maneira os varões que se fizeram aqui suscitadores de acontecimentos austeros ou burlescos.

Não se equivoquem, portanto, os leitores ao pecorrer o novo historiador do Brasil. A fórma, por vezes burlesca, não é evidentemente a de Varnhagen ou Rocha Pombo, mas a essencia essa não está longe de ser, em innumeros casos, rigorosamente historica...

José Marianno (filho) — **O problema florestal de Petropolis** — Empresa Graphica "O Cruzeiro" — Rio, 1933.

O sr. José Marianno (filho), que é simultaneamente um botanico dos mais estudiosos e um attento inquiridor de todos os problemas de esthetica urbana, reune, neste valioso opusculo, os artigos que inseriu n'*O Jornal* em defesa das florestas que margeiam a estrada Rio-Petropolis e que têm sido criminosamente damnificadas por exploradores insensiveis á formosura e á utilidade das arvores, á sua graça decorativa e ao seu valor hygienico. São 44 paginas que ressumam um grande amor á natureza e ao mesmo tempo um conhecimento seguro da historia natural do paiz, sendo evocados um a um, com as designações technicas e as caracteristicas de belleza, todos os especimens vegetaes que ainda enriquecem os maravilhosos recantos de Petropolis.

Albertino Moreira — **Uma constituição para o Brasil** — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

"A todo homem de boa vontade é permittido ter uma opinião e external-a", disse um grande escriptor europeu. Tanto melhor quando a boa vontade se allia á intelligencia e á cultura, e esse é bem o caso do sr. Albertino Moreira. Porque não se trata de um estreante apressado, desejoso apenas de aproveitar o interesse do momento em torno ás questões sociaes e politicas. Longe disso, é elle um romancista e um contista de meritos já comprovados em livros bem recebidos pelo julgamento da critica litteraria e a esta hora totalmente exgottados. Tambem os problemas de caracer mais directamente collectivo não o deixaram nunca indifferente, a avaliar pelo seu ensaio *Terra de ninguem*, que nestas mesmas columnas foi favoravelmente commentado por nós. Quanto ao volume de agora, *Uma constituição para o Brasil*, é de quem, após longos e serenos estudos das aspirações e das reaes necessidades do noso povo, apresenta aos futuros constituintes a suggestão de uma possivel Magna Charta que não seja o simples decalque de qualquer outra do novo ou do velho mundo.

Oliveira Vianna — **Evolução do Povo Brasileiro** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Segunda edição de uma obra realmente notavel, sendo uma honra para a nossa cultura o interesse que despertou a primeira edição, exgottada em prazo não muito longo. O autor, que sempre viu e preconizou a utilidade dos estudos brasileiros, examina, neste seu volume, dentro de um criterio severamente objectivo, a evolução do nosso povo, desde Cabral ao periodo republicano, dando egual importancia aos factores ethnicos e aos economicos, a um bom livro e a um engenho de canna, a um homem de contemplação e a um homem de acção. Nenhum orgulho de casta intellectual nesse pensador, nenhuma superstição politica ou philosophica. Sabe elle pôr tudo claro em poucas palavras. Vae da dispersão á unidade e não ha conceito que não sáia illuminado, enriquecido, ao passar por sua penna.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Julho 1933 - N. 10 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

As Cartas Jesuiticas e Afranio Peixoto

JA' agora, em nossas lettras, não é mais possivel separar o nome de Afranio Peixoto do de Anchieta. Paradoxal que isto acaso parecesse, alguns annos antes, é agora evidente a qualquer leitor da bibliographia brasileira. Desde 1923, um decennio já transcorrido, o então Presidente da Academia nos dera no volume Primeiras Lettras *as primicias do seu labor anchietano. Na introducção escreveu palavras quasi textualmente repetidas em suas* Noções de Historia da Litteratura Brasileira *(1931): "A litteratura de Anchieta serviu de tabuada á civilização dos primeiros brasileiros." Com enthusiasmo crescente, nesse mesmo compendio, insiste no louvor ao esforço do apostolo das nossas selvas: "Historicamente, e com sublime finalidade, os remanescentes do muito que escreveu Anchieta são as nossas primeiras lettras." Não é um enthusiasmo occasional e de superficie. Afranio Peixoto admira* conseiente e eruditamente *a Companhia de Jesus, numa investigação cada vez mais larga e profunda, e deveras surprehendente em seu caso, dos mais altos representantes no Brasil do instituto ignaciano: Vieira mereceu-lhe estudos, especiaes:* Vieira Brasileiro *(2 tomos, Paris-Lisboa, 1921) e, pouco mais de dez annos depois* Os melhores sermões de Vieira *(Rio, 1932). O que fizeram em nossa terra os Jesuitas, Afranio Peixoto o qualifica de* "milagroso". *E accrescenta: "Se nos admira o milagre, mais nos deve elle mover á gratidão."*

A publicação das Cartas Jesuiticas, *de que já temos tres grossos e preciosos volumes, é sem duvida um dos maiores serviços prestados ás nossas lettras. Com razão, em nota preliminar ao mais recente desses volumes,* [Cartas, Informações, Fragmentos Historicos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594) — *Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1933*] *colloca Afranio Peixoto, como epigraphe, o juizo insuspeito e irrecorrivel de Capistrano a proposito do epistolário jesuitico:* "Reunir suas cartas, seus escriptos varios... é uma divida que não admitte moratoria."

As Cartas do Brasil, *de Manoel da Nobrega, publicadas em 1931, tiveram a enriquecel-as, commentando-as, as notas de Valle Cabral e Rodolpho Garcia. As* Cartas Avulsas, *tambem editadas em 1931, annotou-as o proprio Afranio Peixoto. Estas de agora, de Anchieta, quiz e obteve Afranio que as commentasse em notas eruditas Alcantara Machado "anchietano já de quarta geração". E sublinha: "não esqueci que era a sua terra de São Paulo que devia tal oblação a Anchieta." Além das 700 annotações do volume, o eleito ainda lhe accrescentou notavel resumo biographico do santo.*

Iamos riscar e emendar o vocábulo. Não temos o direito de nos antecipar aos juizos da Igreja. Anchieta, por emquanto, ainda não foi canonizado. Mas deixemos o vocabulo e repitamos com Afranio Peixoto: "Emquanto não sobe ao altar, deve estar no coração." E, mais claramente ainda, neste volume: "Joseph de Anchieta, já veneravel, talvez seja Santo da Igreja, para 1934, data do IV centenario do seu nascimento terreno. Será o primeiro santo nacional. Como bons romeiros, muito de proposito, para chegar primeiro, chegamos de vespera, nesta homenagem, que é uma oração pela nossa Patria, a quem Elle deu a vida, o apostolado, a santidade."

Todos sabem que Afranio Peixoto é agnóstico. Tanto mais surprehendente o milagre anchietano.

Neste volume encontrarão os gulosos de bibliographia a contribuição do Padre Cesar Dainese com os extractos da Bibliothèque de la Compagnie de Jésus, *de Sommervogel e as correcções e accrescentamentos de Rivière. Ha, para os amantes do inédito, o sermão XXXVII, copiado do original existente em Bruxellas, graças ao Padre Luiz Gonzaga Cabral.*

E Afranio Peixoto observa, no prefacio, sem vaidade, mas tambem sem fingida modestia: "Eis ahi tudo o que pudemos lograr: o disperso, reunido; o escondido, descoberto; o inédito, publicado. E' a divida, já sem moratoria, paga finalmente. Outros pagarão os juros de novas contribuições, é possivel; mas o principal, o devido, aqui está."

Grande livro e grande acto de justiça historica. Não é, porém, curioso, insisto eu, que o tenha praticado um intellectual sem fé christã? Na Academia de Sciencias de Educação, recentemente fundada, Afranio Peixoto bateu-se, com vivacidade até, para ter como patrono de sua cadeira... o proprio Anchieta.

Em palestra encantadora, Robert Garric outro dia nos ensinava a descobrir, nas preferencias ou antipathias dos criticos, o fundo mesmo da sua alma, que elles ás vezes ignoram ou não querem examinar.

Afranio Peixoto e Anchieta...

JONATHAS SERRANO.

SER BREVE

E' proprio da mocidade ser liberal e prodiga, immoderada em tudo. A parcimonia, ao contrario, é privilegio da velhice, ou da idade madura; e não raro confina com a avareza.

Esta formula, que se applica aos povos como aos individuos, é concomitantemente valida em estylo. O nosso — para só falarmos do que é brasileiro e nosso — pecca pela incontinencia e verbiagem. O excessivo luxo verbal, a emphase, o tom oratorio ou dithyrambico deturpam a quasi totalidade da nossa producção litteraria, prosa ou verso. E nunca será demais prevenir os moços contra estes dois perigos nacionaes: rhetorica e prolixidade.

O autor derramado e diffuso é semelhante ao pintor canhestro que accumula na téla os ouros e os vermelhos e nunca lhe parece matizado bastante o arrebol. Mas o mestre sabe distribuir exactamente com pincel seguro as tintas da palheta, e o que lhe sae das mãos, como o mundo das mãos de Deus, sae acabado e perfeito.

Em estylo, como em tantas artes de que foram mestres por excellencia, os gregos nos offerecem ainda hoje o modelo da perfeição, que depois de terem praticado acções grandes e bellas acharam para contal-as aquella maneira de dizer inimitavel, simples, facil e natural, que culminou na divina concisão do epigramma, em que nunca foram excedidos, nem já igualados.

Com os annos, a pratica, o longo estudo, aprende-se a conhecer a temibilidade desse instrumento subtil, flexivel, colleante e mortal que é a lingua, e do seu uso pertinente ou inconsiderado. A' medida que se embrenha na floresta do vocabulario, tropeçando em troncos e raizes, perseguido de formas, imagens, abstracções, aturdido de vozes reflexas, expletivas, vocativas, inchoativas, discordantes e contradictorias, o homem como que se sente tomado de terror panico; mal se atreve a abrir a bocca e dizer palavra.

Comprehende-se a attitude do grande Gœthe dos velhos dias posteriores ao segundo *Fausto* e ás *Conversações*, extasiado ante a muda gravidade das cousas, e, perdido o gosto de tudo o que se diz e escreve, só desejando exprimir-se por signaes, como a natureza creadora.

ALBERTO RAMOS.

Camões e os Brasileiros

Não despertou grandes enthusiasmos a semana de Camões, promovida por alguns membros da colonia portugueza e por certos plumitivos interessados no cultivo das lettras lusas entre nós. Isso era, aliás, de esperar. O Brasil separa-se cada vez mais de Portugal. O espirito de autonomia, de que Frei Vicente do Salvador foi o mais remoto arauto, pode afinal com a completa independencia mental que attingimos em relação á antiga metropole considerar-se plenamente satisfeito.

Se para o brasileiro inculto e plebeu Portugal foi sempre o paiz donde provinha o maroto, o pé de chumbo, o mondrongo, o homem que troca o *b* pelo *v* e que inventou o kilo de oitocentas grammas, para o brasileiro educado em geral Portugal era o centro donde irradiara para o Brasil, transmittida pela lingua, á luz do entendimento, a civilização.

Hoje em dia, porém, já não é assim. O ultimo escriptor portuguez que exerceu real influencia no pensar e no dizer de brasileiros, foi Eça de Queiroz, cuja satyra corrosiva, applicada aos seus proprios patricios, contribuiu por certo na mais alta escala para desvendar a nossos olhos a realidade portugueza. Assim, ao passo que nos ia mostrando novos aspectos da arte de escrever, maneiras inéditas de construir a phrase, não conhecidas dos modelos classicos, ia-nos igualmente ensinando a rir da prosapia lusitana. E a fantasia do romancista não se afastava, ao pintar a vida portugueza da sua epoca e do passado, das conclusões menos ficticias do historiador Oliveira Martins.

O certo é que, para a actual mentalidade brasileira, já não subsistem motivos para admirar Portugal e nenhuma repercussão encontra entre nós a moderna litteratura dos lusos. E' debalde que o Sr. Julio Dantas persiste em mandar para cá as suas historias de viscondessas e marquezas escalavradas. Exceptuando uma manicura de Catumby e duas solteironas de Araruama ninguem mais o lê com attenção.

Sendo assim, e se a nação lusa já "cahiu fóra" da nossa orbita, não figurando mais na lista dos nossos fornecedores de idéas, que interesse poderia inspirar o velho Luiz de Camões?

A nossa plebe conhece Camões apenas como o poeta que tinha um só olho, e o seu nome, adjectivando-se, só serve para designar os mutilados da vista. O brasileiro que passou pelas escolas, mesmo tendo guardado na memoria uma ou outra das suas mais bellas estrophes, tem do poeta e dos seus *Lusiadas* recordações desagradaveis. E' que a linguagem do poema, com os seus archaismos e os seus anacolutos desusados na fala contemporanea, constitue a maior fonte de dissabores para o collegial obrigado a destrinçal-os. Dahi o desfavor em que vive hoje no Brasil essa grande figura da Renascença, esse lyrico imaginoso e terno, capaz de despertar as mais suaves emoções.

Encarado como poeta epico, como cantor dos feitos de Vasco da Gama e das glorias portuguezas, Camões já não tem para nós significação. Os tacapes de Gonçalves Dias são muito mais interessantes do que as adargas, os tarçados e as panellas sulphureas dos *Lusiadas*.

Assim, a unica homenagem sincera e razoavel que brasileiros de hoje podem render a Camões, é admirar nelle, não a expressão de lusitanismo, mas a de humanismo, de universalismo, com que o discipulo de Virgilio e de Petrarca accentuou, ás vezes tão maravilhosamente, a sua imperecivel obra.

SAUL BORGES CARNEIRO.

Leiam:
MARQUES REBELLO
TRES CAMINHOS
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

DESCOBRIMENTO DA POESIA

Quero escrever sem pensar.
Que um verso consolador
venha vindo impresentido
como o principio do amor.

Quero escrever sem saber
sem saber o que dizer
quero escrever uma cousa
que não se possa entender.

Mas que tenha um ar de graça
de pureza, de innocencia,
de doçura na desgraça,
de descanso na inconsciencia.

Sinto que a arte já me cansa
e só me resta a esperança
de me esquecer do que sou
e voltar a ser creança.

D. MILANO.

Ineditos de Antonio Vieira?

I

Num destes desvãos — tão communs nas grandes casas seculares — encontrou um dos monges actuaes de Olinda, em seu mosteiro, alentado volume manuscripto, com uma serie de opusculos do prodigioso escriptor seiscentista, cujo nome acima se epigrapha e que tanto tambem pertence ao Brasil.

Infelizmente se acha o codice no mais deploravel estado, reduzido a uma renda a mais tenue, pelo ataque dos insectos papyrophagos.

Referindo-se, porém, á obra do grande jesuita, era natural que merecesse logo do prelado e da Communidade Benedictina Olindense a maior attenção e carinho.

Attribuindo-nos generosamente uma latitude de conhecimentos que não temos, entendeu o exmo. sr. dom Pedro Roeser, abbade do mosteiro pernambucano, sujeitar o precioso manuscripto ao nosso exame.

E' difficil em São Paulo, desapparelhadas como ainda se acham as nossas bibliothecas, realizar um estudo de exegese como este que o velho codice reclama. Basta dizer que nem sabemos da existencia de um só autographo do illustre ignaciano, em nossa capital.

E' o codice positivamente seiscentista e obra de copista magnifico, de algum discipulo notavel da escola do famoso calligrapho padre Antonio Rebolo, gloria da calligraphia lusa no seculo XVII. Dá pena ver que tão nobre escripta haja servido de repasto aos immundos curculionideos que a anniquilaram quasi.

Não padece duvida que data dos annos da decima setima centuria com os seus *s* terminando por grandes appendices em arco de circulo, os seus *h* tão caracteristicos, lembrando os *E* maiusculos de nossos dias, os seus *d* ainda com fortes reminiscencias gothicas e assim por deante.

A primeira questão a esclarecer será a da auto graphia do codice. O unico cotejo que pudemos realizar foi o de suas paginas, algumas dellas com a assignatura do autor, com o soberbo fac-simile da lettra de Vieira, que se encontra no tomo primeiro da biographia magnifica do grande homem pelo eruditissimo João Lucio de Azevedo.

Gloria legitima, contemporanea, das lettras historicas portuguezas e brasileiras, a elle devemos — digamol-o de passagem — esta serie de obras soberbas que são: *Os jesuitas no Grão Pará*, *Historia dos Christãos Novos*, *O Marquez de Pombal*, além da monumental *Historia de Antonio Vieira*, das *Epocas de Portugal Economico* — livro preciosissimo e ultimamente as *Novas Epanaforas*.

Com tão pequeno material é difficil chegar-se a uma conclusão acceitavel. Parece-nos porém, que as copias do codice não são, de todo, do punho do autor de *Maria, rosa mystica*, cuja lettra tem talhe diverso da do calligrapho e lhe é estheticamente muito inferior. Tambem não conferem absolutamente as assignaturas cotejadas.

Estabelecida pois a premissa da apographia, outra questão de maior relevancia se impõe: haverá, no codice, ineditas, paginas dictadas pelo engenho peregrino do glorioso defensor dos nossos indios?

Resposta cabal a tão difficil questão só a poderá dar algum vieirologo eminente: João Lucio de Azevedo ou o padre Rodrigues, por exemplo.

O que muito summariamente nos é dado informar vem a ser o seguinte: consta o codice de diversos opusculos de Antonio Vieira, completos alguns, fragmentarios outros. A falta de bibliographia vieirina nos impede de chegar a conclusões acceitaveis.

Começa o volume pelas "Esperanças de Portugal, quinto imperio do mundo, primeira e segunda vida de El-Rei D. João Quarto, escriptos por Gonçaliennes Bandarra e explicados pelo padre Antonio Vieira", obra que Azevedo (I, 409), inclue entre os inéditos de Vieira.

São 52 paginas dedicadas ao bispo do Japão, datadas de 29 de abril de 1659 e de Cametá, caminho do rio das Amazonas.

Deste opusculo dá Azevedo um trecho (2, 68), que se encontra no codice olindense, mas com algumas divergencias, pequenas aliás.

A's *Esperanças*, seguem-se onze paginas escriptas em latim. Estão em verdadeira petição de miseria.

Falta-lhes a primeira linha do titulo lendo-se na segunda "De El Rey Affonso Henriques". E' a transcripção de uma carta regia affonsina.

Começa por "Ego, Alfonsus, Portugaliae Rex, filius illustri Comitis Henrici..." A este documento segue-se outro sobre as côrtes de Lamego.

Vem depois, em 63 paginas, a "Defesa do livro intitulado Quinto Imperio que he justamente a segunda apologia do livro *Clavis Prophetarum de regno Christi*, que o padre Antonio Vieyra offerece aos Senhores Inquisidores estando preso a respeito das propozições contestadas".

Deve esta obra ser o n. 39 do catalogo de Azevedo.

"Na ultima parte deste resumo, dil-o uma nota, está recompilada a mór parte da vida do Padre Antonio Vieyra". Haverá ahi novidades?

Infelizmente a esta *Defesa* pertencem as peiores paginas do Codice.

Nella se notam grandes trechos riscados onde a tinta se esparramou em enormes borrões nas laudas esfrangalhadissimas.

A recompilação é um trecho de autobiographia em que o prégador fala na primeira pessoa.

A' defesa segue-se o "Resumo da *Clavis Prophetarum* do Padre Antonio Vieyra feita pelo Padre Casnede da Companhia de Jesus". São cincoenta paginas em latim e o padre Casnede, aliás Casnedi é quem nas vozes saudosas é chamado doutissimo.

Occorrem depois dois opusculos desde muito insertos na nossa monumental *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, copiados que foram da Bibliotheca Publica Eboracense, o famoso *Papel forte* e o "Parecer que fez o Padre Antonio Vieyra por ordem d'El Rey D. João o Quarto sobre os negocios do Brasil".

Auxiliado pelo tão bondoso quanto erudito amigo dr. Alexandre Corrêa poudemos verificar que o *Papel forte* do Codice é o da *Revista*.

Termina porém por uma nota que nesta não se acha: "Na terra se andava... discurso, porém no ceu se tra-

tava da segurança do Reyno... pois o sr. Rey Dom João tal ordenar nem ter noticia..." etc. nota assignada por Jorge de Britto Almeida.

Verificámos, o dr. Corrêa e nós, que ha fundas divergencias entre o original do Parecer no Codice e o da *Revista do Instituto Brasileiro*.

Cousas fundamentaes até, grandes differenças de numeros e dados, falta de palavras e até de phrases.

A quem caberá ahi a falta? Será o manuscripto eboracense muito diverso do de Olinda? Terá o seu copista sido infiel?

Ao "Parecer" acompanha, em 11 paginas, o "Papel politico que fez o P. Antonio Vieyra para se... a El Rey D. Pedro em occasião em que se começarão Cortes para se lançar um tributo... para desempenho em nome dos rusticos habitadores da Serra da Estrella". Não o menciona Azevedo em seu catalogo mas delle dá noticia Pinheiro Chagas em seu *Diccionario*.

Vem depois em 3 paginas "...o Padre Antoñio Vieira da Companhia de Jesus por mandado da Serenissima Rainha Regente do Reino, na menoridade de seu filho o Serenissimo Snr. Dom Affonso, para se ler ao dito Principe na presença dos Tribunaes do Reino". E' talvez uma copia da famosa reprehensão publica soffrida por Affonso VI e cuja redacção muitos contestam haja sido da lavra de Vieira.

Achamos em seguida uma "Carta que o Padre Antonio Vieira escreveu estando da primeira vez em Roma a hum religioso portuguez que tambem lá se achava". E' extensissima, nada menos de 29 paginas "in folio" e deve datar de 1650.

Parece-nos inédita a julgarmos do confronto que a seu respeito fizemos com as cartas impressas.

Não a vimos nem nas edições antigas nem na nova e soberba collectanea que J. Lucio de Azevedo está a imprimir por ordem chronologica, documentação que já passou, e de muito, o milesimo acima citado.

Trata de innumeros casos referentes ao procedimento da Inquisição para com os judeus e christãos novos portuguezes.

Seu começo é o seguinte:

"Muito reverendo padre:

Discorrendo, ha dias passados, com v. paternidade, em diversas materias, iremos a falar nas queixas que ha de rigor contra a gente que chamam de Nação e que nas Inquirições de Portugal se usa. E disse eu que não entendia algumas cousas que ouvira daquelles tribunaes, as quaes se conservam como certas e patentes no mundo todo".

Depois de discorrer sobre um numero enorme de casos referentes ao modo de agir do Santo Officio em Portugal, termina o illustre epistolographo, do modo mais elevado e de accôrdo com a feição humanitaria do seu genio.

"E não basta dizer que se pretende com bom zelo de extirpar as heresias e os hereges porque o zelo bom sempre hade ser regulado pela prudencia e caridade e ninguem póde fazer mal com zelo de que haja de seguir-se ainda maior bem".

A seguir encontramos uma "Recopilação de algumas trovas de Bandarra, chamadas *Prophecias*, que appareceram escriptas em uma parede da Igreja de São Pedro do Trancoso quando se demoliu".

São 31 quadras em que ha cousas como estas:

Quando as Aguias do Norte
Vierem bater no Tejo
Ahi (!) Portugal te vejo
Nas agonias da morte.

. . . .

Em dous sitios me achareis
Por desgraça ou por ventura
os ossos na sepultura
A alma nestes papeis.

. . . .

Curioso é que o Sapateiro Santo ou o gaiato (ou energumeno) que por elle fala desmoralise a sua obra anterior:

Não conto sapatarias
Como algum dia contei
Tudo quanto hoje sonhei
São bem certas prophecias.

A esta versalhada reles acompanha a *Explicação ou interpretação dos versos conforme a intelligencia de cada hum*.

São provavelmente apocryphas estas paginas.

AFFONSO D'E. TAUNAY.

Fernando Nery — **Lições de Direito Criminal** — Editôra Guanabara — **Rio, 1933.**

Trata-se de um dos nossos patricios que mais dedicadamente trabalham entre nós pelas cousas do espirito. Modesto, estudiosissimo, pesquizando em direcções varias e sempre com a mesma segurança infalsecavel, tudo quanto faz o sr. Fernando Nery é escrupuloso, é completo, é proba e intelligentemente feito. Sem alarde, sem cabotinismo, dá-se a tarefas que, bem exploradas no sentido dos rumores da publicidade, já teriam assegurado a qualquer outro, mais habil, reputação bem maior. Assim como vive, só um grupo de authenticos intellectuaes — é verdade que o apreço desta gente é muito mais honroso para elle — sabe quanto vale um tal investigador e ninguem jámais recorre a elle, para um informe sobre lettras ou litteratos do paiz, sem receber logo o informe desejado e sempre exacto.

Deu o sr. Fernando Nery, ha alguns annos, uma bella edição, de texto impeccavel, dos *Apologos Dialogaes* de dom Francisco Manoel de Mello, um dos classicos lusos que têm resistido ao bolor dos seculos e que dizem haver sido mesmo o inspirador de Molière, além de interessar-nos pela sua vida aventurosa, cheia de viagens, dramas de amor, duellos e prisões.

Traduziu Dostoiewsky, Anatole France, Bourget e todos com um requinte de linguagem, com um apuro de estylização que o ultimo delles certamente não merecia.

Sua edição, annotada, da correspondencia de Machado de Assis é modelar. Sobre o homem de Haya o sr. Fernando Nery conhece tudo. O grande volume *Ruy Barbosa e o Codigo Civil* reune todo o jogo de postulados juridicos ou philologicos que, em caracter technico ou polemico, se desenvolveram em torno ao assumpto. *Ruy Barbosa*, ensaio bio-bibliographico, presume indagações exhaustivas que fariam recuar qualquer dos nossos fabricantes de livros apressados.

E em taes escriptos — accentue-se — não é elle o devoto inhabil que, pretendendo incensar o idolo, acaba espatifando-lhe a cabeça com o incensario. E', sim, o admirador que tudo comprehende e, consequentemente, tudo explica de modo preciso e nitido. Biographos assim servem realmente as memorias a que se consagram.

Quanto ao ponderoso tomo *Lições de Direito*, de que são agora a terceira edição revista, com um prefacio do sr. Afranio Peixoto, foi composto sob os auspicios de Esmeraldino Bandeira, um dos nossos mais illustres criminologistas. Todavia, no texto de agora, o discipulo honesto e culto adaptou a obra a todas as ultimas reformas por que tem passado a sciencia penal, e as classificações, os confrontos e deducções do livro são sempre claros, tornando-se accessiveis mesmo aos leigos. A linguagem, ainda que fugindo a preciosismos irritantes, é das mais puras, visto como o sr. Nery não é, como tantos cacographos nossos, um fetichista do Erro de Portuguez.

Tem razão o sr. Afranio quando affirma em seu prefacio que todos nós somos beneficiarios de um trabalhador assim. Ao sr. Fernando Nery devemos, mais que admiração, gratidão.

Lettrinhas, politica e outras coisas

E não sendo perguntada, a testemunha disse: — Que acompanha com interesse, desde muitos annos, os espectaculos da Companhia chamada Litteratura Nacional, não por serem coisa de grande valia mas em vista de um ou outro numero de sensação, o que apparece alguma vez; que no caso em apreço, isto é, a nota amarga do poeta Manoel Bandeira no *Diario de Noticias* a respeito do livro de Raul Bopp, sabe que a carta publicada como prefacio do livro de thematica poetica negra, chamado *Urucungo*, não é apocrypha, mas totalmente authentica. Apenas, como despertasse nas igrejinhas litterarias que existem no Rio, mesmo e paradoxalmente antes de existir uma litteratura a serio, pois o que temos é sobra de tempo em repartições publicas de que resulta um sub-producto de qualidade geralmente inferior, "geraes protestos" das personagens encarapuçadas, resolveu o snr. Raul Bopp desautorizar a publicação da carta... noutra carta; que este gesto foi muito consolador para varios cavalheiros da Cia. de Lettras nacionaes attingidos pelos fragmentos da granada que o Snr. Bopp atirou "do rabo da Africa", terra aliás de muito respeito onde se acham em grande numero os primos dos brasileiros num delicioso estado de nudez, apenas estragado por biblias inglezas e furtos de gado christãmente feitos pelos homens da civilização e da litteratura; que attribue, e ouviu dizer de varias pessoas mais ou menos implicadas, a insinuação do poeta-critico-litterario snr. Manoel Bandeira ao facto de não ser tratado na carta-granada-de-mão com as honras de grande poeta o honrado livreiro Snr. A. F. Schmidt, de quem o referido poeta-critico-litterario é advogado, padrinho e socio. Verdadeiramente, pode ser este motivo, mas outras pessoas, tambem informadas, insistem affirmando que se trata apenas de uma zanga ephemera do poeta-critico porque não recebeu ainda um kimonozinho. A testemunha espontanea e não perguntada, que afinal está falando sózinha, coisa que lhe pode resultar mal, não acredita entretanto nesta versão. Como descrê da outra, que pretende ser a critica do *Diario de Noticias* um accesso de ciume litterario. Todo mundo concorda que o poeta-critico-litterario é o maior poeta do Brasil não somente para elle proprio como para os seus amigos e mais tres duzias de desoccupados ou desportivos que acompanham a coisa com interesse, como faz a testemunha, que se acha incluida na dupla categoria de desoccupado e desportivo.

Agora o snr. Dr. Delegado, meio aborrecido, com o charuto apagado e cheirando mal, resolveu perguntar á testemunha o que pensava acerca da *Cobra Norato*, mais conhecida por Noratinho. Ao que foi respondido: — "Que o silencio da critica, de que se queixa o sr. Raul Bopp tem a sua explicação na ignorancia nacional, que não sabe bem onde é o Amazonas, nem o que aquillo significa. Que a prova mais segura disto é considerar o poeta-critico snr. Manoel Bandeira a poesia amazonica como poesia "*regional*", e o poema do snr. Bopp como "a melhor *réussite* do poema regional brasileiro", reservando universalidade aos themas bahianos que a perfidia do snr. Gilberto Freyre lançou aos basbaques nacionaes como thema de substancia ao mesmo tempo que retirava da alfandega o catholicismo tradicional de França e numeros desbotados da *Action Française*. Sobre Urucungo, a brochurazinha causa destes aranzeis, a testemunha disse que lhe parece um livrinho realmente muito secundario no genio poetico do snr. Raul Bopp, livrinho que podia ser feito pelo snr. Bandeira ou pelo snr. Jorge de Lima, ou qualquer outro dos nossos rapazes de talento da Cia. Mas que em todo caso, quando a thematica negra ainda não apparecia desenvolvida por varios, já o snr. Raul Bopp era citado na revista argentina *Sintesis*, como o primeiro trabalhador no Brasil.

E como este depoimento não é de todo igual aos de policia, o snr. Dr. Delegado, afinal, com um charuto acceso e perfumado, presente de respeitaveis banqueiros de jogo, perguntou se a testemunha era affecta ou desaffecta do poeta-criticado e do poeta-critico, ao que disse: que não avista nem tem correspondencia com o snr. Raul Bopp desde longos annos, quando este partiu do Brasil a descobrir coisas e reunir os materiaes para uma geographia sexual e a testemunha ficou no Brasil sem descobrir nada, apenas attenta á melancolia do espectaculo nacional; e quanto ao snr. Bandeira de Mello, isto é, Manoel Bandeira de Mello, ainda hontem teve occasião de vel-o no atelier do snr. Candido Portinari, em retrato absolutamente notavel que o snr. Portinari fez.

Tudo isto feito, o delegado, com superior dignidade, recommendou á testemunha que não se mettesse em querellas de qualquer natureza, e muito menos litterarias, desde que não pertence a qualquer igrejinha nem está registada como pertencendo á classe.

A testemunha prometteu mas, se fôr reperguntada dirá...

QUEIROZ LIMA.

NOSSOS VISITANTES

Despertaram bastante interesse as conferencias feitas entre nós pela escriptora franceza Lucie Delarue-Mardrus.

A autora do Occident, *filha de uma parisiense com o representante de uma velha estirpe da Normandia, nasceu em Honfleur e em quasi todos os seus poemas ha a saudade ineluctavel dos climas e das paizagens dos dias de meninice. Ella propria reconheceu, numa composição admiravel, que ninguem consegue curar-se do "mal da infancia".*

Ainda adolescente, a brilhante poetisa desposou o orientalista J.-C. Mardrus, traductor integral das Mil e uma Noites *e de muitos outros escriptos de procedencia arabe ou persa.*

Além de cantora dos bellos aspectos da terra e do mar, como tambem de certos sentimentos estoicos em que ha uma boa dóse de christianismo, a sra. Delarue-Mardrus é excellente romancista, tendo obtido um grande exito com a narração intitulada La Monnaie de Singe. *Escreveu, ainda, um interessante volume sobre os amores de Oscar Wilde.*

— Todos os homens cultos do Rio estão acompanhando com a maior attenção a série de conferencias do prosador francez Robert Garric, redactor da Revue des Jeunes *de Paris.*

Trata-se de um ensaista de altos meritos e de um expositor como raros têm surgido entre nós nos ultimos annos. Seu curso de litteratura franceza contemporanea (é assim que devemos chamar-lhe ás encantadoras palestras na Academia de Lettras) vale pela reconstrucção commentada de todas as theorias e credos artisticos que agitaram o paiz central da cultura nos ultimos cincoenta annos. Boa documentação, gosto artistico que poucas vezes se equivoca, destreza de argumentos, parallelos e conclusões sempre bem elaborados, eis o que vem assegurando o successo das vesperaes do nosso illustre visitante.

E isto explica que um publico escolhido, de intellectuaes realmente desejosos de ouvir um authentico homem de lettras e não de snobs banaes, compareça sempre ás conferencias do sr. Garric.

AXEL MUNTHE

"The Story of San Michele"

A primeira edição deste livro appareceu em Abril de 1929. Em pouco tempo dezenas de edições se succederam. Não sei se já foi traduzido em francez, ou se a sua leitura, por emquanto, só é accessivel aos que são capazes de ler o inglez ou o allemão.

E' um livro extranho e, ao mesmo tempo, perfeitamente natural. Axel Munthe, de nacionalidade sueca, é medico, estudou em Paris, seguiu os cursos de Charcot na Salpétrière, clinicou com successo na grande capital. Entretanto, os estudos scientificos e a pratica das coisas positivas não conseguiram nelle abafar uma grande sensibilidade, alliada a uma imaginação ardente e profundamente poetica.

Como resultado dessas duas qualidades, ou desses dois defeitos incorrigiveis, como quizerem entender, não podia elle se submetter ás normas estreitas de uma carreira normal. Sempre, deante da vida, sua emotividade abalava-se, ás vezes de um modo dramatico: rompia-se o equilibrio estavel em que apparentemente conseguia manter o seu systema nervoso. A linha de acção, laboriosamente traçada, e á custo seguida, partia-se, ou apresentava uma inflexão brusca. Novos ambientes, novos contactos, novo inicio de actividade e de trabalho; muitas vezes, novo successo, até a reproducção do accidente que fatalmente teria que vir.

Em Axel Munthe, sente-se logo o grande emotivo; ao seu espirito inquieto, as mais elevadas coisas que a vida pode offerecer causaram uma amarga decepção. E, como muitas vezes acontece nesses casos, nelle desenvolveu-se até ao ultimo limite, essa fórma de piedade infinitamente doce para os entes simples, para os homens incultos e bons nos quaes a natureza humana nada tem de artificial, é por vezes rude, mas offerece-nos a cada passo aspectos ricos e bellos, gemmas preciosas ou flôres de côres vivas e macias. A sua piedade não se limita aos homens e ás mulheres simples, não se manifesta só nos momentos de grandes calamidades, como o cholera em Napoles ou o terremoto de Messina. Ella estende-se aos animaes, de que se cerca sempre, aos quaes se compraz em attribuir pensamentos e sentimentos finos e por vezes complexos.

Axel Munthe assevera não ser o seu livro uma autobiographia ou um livro de memorias. E, apezar das numerosas recordações relatadas, das pequenas ou impressionantes historias reaes das quaes foi testemunha ou nas quaes tomou parte, o volume realmente não merece o titulo de autobiographia. Falta o necessario tom de sufficiencia, não se encontram a coherencia e a clareza a que estamos habituados nesse genero. Tambem não é um romance: ha muito de verdade experimentada, de realidade sentida. Tão pouco pertence á classe de biographias romanceadas: carece da indispensavel logica. No romancear as biographias, os autores, em geral, emprestam á vida uma coherencia, uma ordem, uma linha de direcção, que raramente ella tem.

O livro de Axel Munthe talvez seja simplesmente uma biographia poetisada, um mixto de realidade vivida, de soffrimentos recalcados, e de aspirações para uma atmosphera tenue e acariciadora onde possam tomar corpo as coisas quasi irreaes, que expontaneamente brotam em sua alma, contra as quaes elle não se defende: ao contrario, benevolamente as acolhe.

Mas, para que tentar classifical-o? Vicio incuravel de critico. A critica tem evidentemente como uma de suas funcções, decompôr por um processo de analyse as obras em seus elementos formadores. Fatalmente ella chega a um certo numero de coisas simples e fundamentaes, porque esses elementos não são numerosos. Mas suas combinações são ao infinito variaveis, e, para felicidade nossa, incontaveis. E' a sua synthese que o critico, exclusivamente critico, não pode fazer. E' essa synthese o apanagio invejavel do espirito creador, ou antes ella se faz por si em certas almas e em certas intelligencias. Sem duvida, a arte pode intervir nesse processo. Mas essa arte, a verdadeira, a grande, não é por sua vez aquillo que se não aprende, o segredo disso tudo, a força natural e constructiva que se confunde com a capacidade de chegar a essas syntheses?

Justamente o que encanta e empolga no livro de Axel Munthe é a variedade dos factos, a riqueza de impressões, a abundancia de elementos reaes, e os reflexos de tudo isso sobre seu espirito, por vezes tão fatigado, mas sempre preparado para o sonho. Acção e sonho succedem-se e raramente se distinguem por completo em sua vida tão cheia. Quando uma predomina, devemos esperar logo que o outro venha reclamar sua parte. Quando o sonho parece vencer, dissolvendo a vontade, anniquilando a ambição, cedo a vida real, exigente e imperiosa, retoma os seus direitos. A observação da vida, mesmo em seus momentos mais prosaicos, faz-se em Axel Munthe de modo approximadamente exacto, mas nella se sente a margem de indecisão, a faixa imprecisa que mal a separa do sonho constante e obscuro. Destacam-se muito bem, nesse fundo de mysteriosa penumbra os pontos claros cercados de um halo brandamente illuminado. Mas, por seu lado, o sonho que ás vezes attinge á intensidade perturbadora da allucinação, tambem não se afasta por completo da realidade. Nelle perduram as sensações, os sentimentos vividos, expandem-se as aspirações mortas, que entretanto a vida parecera, por momentos, autorizar e encorajar...

E o que ha de mais amavel em Axel Munthe é justamente nunca chegar a se formar nelle um conflicto entre o sonho e a acção. As dissonancias que dahi poderiam resultar resolvem-se em uma harmonia nova, singularmente encantadora e surprehendentemente benefica. Não raro, de tudo resulta uma fórma original de humorismo: o soffrimento acaba em um sorriso, um pouco amargo, levemente desilludido, mas um sorriso assim mesmo...

San Michele é a casa construida por Axel Munthe, por suas proprias mãos, ajudado pela gente primitiva que o cercava, na ilha de Capri, em um ponto onde outróra houvera uma das villas de Tiberio. Nenhum plano preconcebido, nenhuma preoccupação de estylo presidiu a essa construcção. Os materiaes eram fornecidos ao acaso, pelas pesquizas no proprio logar. As columnas de marmore, a terra carregada em cestos, iam paulatinamente formando as pergolas. Os restos de estatuas, toda essa *roba di Tiberio*, como a essas velhas coisas chamava a velha Maria Porta-Lettere, iam aos poucos achando os seus logares. Os camponezes mara-

"PRINTEMPS"

SIGRID UNDSET — Trad. de Elna Cornet — Stock, 1932.

Ha duas especies de leitores: os que lêm para se encontrar e os que buscam, no livro, a evasão. Ou melhor, ha duas especies de leituras, porque todos nós podemos ser, segundo o estado de espirito do momento, egocentricos ou excentricos. Todos nós nos damos, ora ao pequeno movimento de vaidade de poder exclamar: "Mas isso é justamente o que eu sinto!", ora á attracção do mysterio (tudo o que não é o seu eu é mysterioso para o homem).

Creio que nenhuma litteratura nos faz mais sahir de nós mesmos do que a nordica. Para nós, tropicaes recheiados de cultura occidental, ella tem toda a seducção da novidade, quasi do irreal. Os latinos crearam o nosso clima intellectual, os inglezes são muito formaes, muito faceis de entender, e mesmo com os longinquos russos temos muitos pontos de contacto: confinamos com elles pela indole subterranea: a rudeza, o mixto de fanatismo e sentimentalismo dos povos primitivos. Rasputine e Antonio Conselheiro.

Mas, com os nordicos, vogamos em plano desconhecido. E' uma viagem cheia de imprevistos, a leitura nessas condições.

E, coisa interessante, a nós que vivemos offuscados por um quasi eterno verão, ninguem nos dá a impressão da claridade, da frescura primaveril como essa gente que treme num inverno quasi eterno. Vêm nimbados de luz, os seus livros. E' que lá, o sol tem os encantos da raridade... E as estações, bem marcadas, trazem cada anno o gosto inebriante das cousas que começam. "O limiar é o lugar da esperança", já disse Goethe.

O livro de Sigrid Undset chama-se, na versão franceza, *Printemps*. Não sei se terá o mesmo titulo em norueguez, mas é o que lhe convem. Tem toda a doçura do ar fresco, limpido, onde ainda se sentem uns longes de neve, toda a calma da mocidade da natureza, e toda a inquietação, toda a vibração da mocidade dos homens. Nisso é que o leitor egocentrico encontra tambem o seu prazer. Em ver que nessa Escandinavia da gymnastica sueca e da liberdade feminina, o cumulo da depravação para uns e, para outros, da civilização, debatem-se os mesmos problemas, gemem as mesmas angustias. Lá onde as moças gozam — ou soffrem — de prerogativas aqui só concedidas aos rapazes, lá onde o divorcio pareceria dever simplificar tudo, a vida da mulher tem os mesmos eixos: o amor, a maternidade. A historia de Rosa Wagner, fugindo ao marido porque não o ama como elle a ama e sente vasia, sem filhos, a existencia a seu lado, voltando depois, attrahida pelo aconchego do lar, engrandecida pela comprehensão do amor que inspira, quando lhes dão um sobrinho a crear, é a historia do anseio occulto, muitas vezes ignorado, de muitas mulheres. A longa dedicação de Lihme e a louca, inconsciente crueldade de Doris redimida no final pela doença e pela maternidade são humanos, tambem.

As convenções, as apparencias, podem variar com as latitudes. Mas a realidade profunda é sempre a mesma em toda parte. A tragica fatalidade de haver sempre o que ama e o que é amado, o que dá e o que recebe, o soffrimento decorrente de tudo isso, são sempre os mesmos. Lá como aqui, com maior ou menor exuberancia, a raça dos diamantes, de que fala Cocteau, cortará, despedaçará sempre a raça dos vidros. Talvez a vida seja isso, essa trituração dolorosa e fecunda...

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

---

vilhados esperavam como um milagre o que ia sahir disso tudo, como creanças prodigiosamente interessadas em um brinquedo desconhecido e cheio de surprezas.

Ao que parece, a casa tornou-se uma maravilha...

Ella é a melhor imagem do livro... Tambem provavelmente escripto sem plano e despreoccupado de estylo. Tambem feito com a collaboração inconsciente de gente sã e proxima de um estado quasi ancestral, e com os materiaes fornecidos ao acaso dos encontros e das aventuras. Tambem emprestando nova vida e renovada frescura a esse idealismo, que tantas vezes tem apparecido como uma ruina, um remanescente do passado. E tambem, reunindo em uma verdadeira obra-prima, todos os amargos e perfidos encantos de uma extraordinaria cultura, á força e á graça da natureza, numa especie de sabia e clarividente ingenuidade...

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Mecenas Dourado — **O facto normativo e a objectividade do direito** — Estabelecimento Graphico Bloch — Rio, 1933.

Vindo do Pará, o sr. Mecenas Dourado abriu caminho promptamente aqui no Rio. Trazia elle comsigo bellas reservas de uma cultura de verdadeiro humanista e quem quer que lhe lesse o nobre ensaio sobre o seu homonymo romano, o amigo de Augusto e protector de Horacio e Virgilio, sentia logo estar ali alguem que não era apenas um pedagogo obtuso e sim um authentico homem de lettras.

Fez-se elle, graças a brilhante concurso, professor de um dos nossos tradicionaes estabelecimentos de ensino. Mas, ensinando ahi ou em outros gymnasios, nunca se circumscreveu a repetir, docil e mecanicamente, os methodos vetustos. Não é elle como certo cidadão preguiçoso da velha Roma (vejam a collectanea anecdotica de Guérard) que pagava a outrem para mastigar os alimentos que devia ingerir. Absolutamente não. O sr. Mecenas Dourado mastiga e engole elle proprio as philosophias antigas e modernas, tritura-as ainda em estado bruto, sem necessidade de recorrer a prestimosos fabricantes de compendios.

Dahi o caracter de authenticidade de sua erudição de professor. Dahi a segurança com que fala aos discipulos, embora por vezes os desconcerte com atrevidas "boutades" a proposito da religião e da moral burgueza.

Pois essa documentação directa e esse gosto pelo paradoxo algo escandalizante, encontramol-os ao folhear a these em que o nosso illustre patricio discorre sobre *O facto normativo e a objectividade do direito*. E' sempre e sempre o mesmo dominio perfeito do assumpto e a mesma irreverencia de commentario, num tom desabusado e corajoso que faz pensar no Papini do *Crepusculo dos Philosophos*.

Roland Dorgelès — **As cruzes de madeira** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Dentre os chamados romances de guerra, poucos obtiveram em França e alhures um successo comparavel a este. Raros se venderam mais e o nome do autor cresceu logo em força e prestigio, de modo a ver-se elle, tempos depois, galardoado com uma cadeira no cenaculo dos irmãos Goncourt, ao lado de Léon Daudet, Jean Ajalbert e outros. Quanto á estylização portugueza do emocionante trabalho, é das mais meritorias, estando em jogo alguem que, não fôra inexplicavel modestia, teria o direito, pelo seu gosto e cultura, de ver-se nominalmente mencionado na capa d'*As cruzes de madeira*.

Imprensa Monarchista

A imprensa monarchista no Brasil consta de uns dez jornaes, espalhados por oito Estados e sendo orgãos dos Centros de Cultura Monarchica. Nenhum titular do Imperio prestou attenção a essa actividade que tão de perto lhes recordaria a passada existencia em São Christovão.

Ha dez annos não se acreditaria que um rapaz de gymnasio ou de academia sonhasse com o III Imperio, esquecido da U.R.S.S. com toda a magia suggestiva de sua dialectica. Poder-se-ia explicar que a idéa surgisse como uma reacção espontanea da realidade brasileira despida de 40 annos de cultura artificial e de copia inconsciente de modelos partidarios. Deveria ser a ressurreição integral do II Imperio com suas Camaras, seus Altos Representantes, o papo-de-tucano, a saia balão, a jaqueta do Moço Fidalgo e o mestre da Capella Regia, todo o encanto distante dos perdidos saraus respeitosos da Imperial Quinta. Possivelmente tambem apontasse recordações dos titulos e commendas decorativas que a Republica apagou sem razão ponderavel. E mesmo a tradição militar é no Brasil uma memoria do II Imperio. Todas as suas egides são fidalgas. Uma nobreza hereditaria se distancia mas a nossa havia partido das tarimbas, dos balcões, das mesas dos magistrados ou dos campos de café e assucar. Partira toda de si mesma. Cada titular fundara sua dynastia, era o coevo da raça, o nucleo inicial do brazão d'armas, registado no solemne Cartorio da Nobreza. Dahi não termos essa antipathia que o espanhol republicano fareja no inutil Grande de Hespanha de Primeira Classe.

A Côrte tambem fôra o mais burguez salão que possuimos. Muito mais etiqueta sentia e usava a senhora Marqueza de Baependy, que nunca se encostava na almofada da carruagem, que o imperador Pedro II, lento, pesadão, triste, vestindo preto, falando fino, sem vicios, sem loucuras, sem pennachos, sem mysterios. A impressão que nos ficou do II Imperio, logo que passou a garôa da primeira geração republicana, subjectivamente surgida dos ensinamentos theoricos de Benjamin Constant, pagõ pelo Imperio para derrubal-o, foi de um regime sisudo, monotono, com um cuidado minucioso de nickel a nickel, com o horror das dividas e dos apparatos. Tambem com varios erros que a Republica aproveitou como dogmas.

Pensei que os meninos monarchistas de 1933 sonhassem uma galvanização do II Imperio num rotulo do III. Surpresa saber que elles não têm illusão nem respeito fetichista pelo corpo doutrinario que se apagou em 1889. Luctam para crear um Estado corporativo, com assembléas technicas, guerra ao capitalismo improductivo, ao burguez, classe que está com Deus e com o Diabo, protecção efficiente ao trabalhador rural que no norte do Brasil vive como numa cabilda africana. Vinte outros themas modernos se estatuem nos postulados monarchicos. O primeiro a ficar assombrado seria o proprio Imperador. A Republica de 1889 e a de 1930 muito pouco fez e fará cotejadas com o programma da imprensa monarchista brasileira.

Essa actividade bem merece uma attenção carinhosa de todos nós. Está longe do Brasil que se condemnou pela artificialidade dos processos administrativos, Brasil de industria em mão estrangeira e com o problema do sem-trabalho, descoberta incrivel se pensarmos que Portugal nos vende oito mil contos de palitos.

Todos esses jornaes redigidos por homens juridicamente menores terão o effeito catalyptico de uma força nova e pura que se orienta sem perder os limites da Patria e a idéa de Deus.

Não leval-os a serio é o mesmo que descrer de sua propria consciencia pessoal. Elles trazem, sem conspiração e possibilidades de combate fóra de jornaes e conversa, uma formula que trinta paizes acceitaram como a unica resolvedora. E as terras republicanas para que se mantenham, com livro a mais e discurso a menos, ficam nas dictaduras e nas reeleições, uma continuidade administrativa que é monarchica em sua essencia estructural.

Assim ensinam a *Monarchia*, de Recife, a *Redempção*, de Parahyba, o *Imperio*, de Fortaleza, o *Grão Pará*, de Belem, *Patria Nova*, de São Paulo, e os jornaes dispersos no Estado do Rio, Minas, Santa Catharina, Paraná, etc.

Melhor será escolher para governar quem se educou para este fim. E ficamos com o direito do voto e do protesto, as duas inutilidades compensadoras para o facto consummado.

LUIZ DA CAMARA CASCUDO.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

LIVROS A APPARECER

Sahirá por estes dias o volume em que o sr. Miguel Ozorio de Almeida estréa no romance: Almas sem abrigo. *O illustre homem de sciencia, consagrado pelo apreço dos mais distinctos confrades em physiologia da Europa, vae mostrar-nos um imprevisto aspecto dos seus dons de verdadeiro intellectual, affeito ao manejo do ensaio e outras paginas de divulgação que já o haviam incluido entre os nossos bons prosadores. Quanto ao seu romance, de uma trama e factura das mais simples, de uma pureza de linhas por assim dizer classica, apresenta figuras e scenarios aqui do Rio, de Petropolis e de Paris, sem nada encerrar de narração à clef ou de exploração directa de quaesquer elementos autobiographicos. E', em summa, um livro em que o familiar dos laboratorios e da cathedra de ensino se affirmará, sem nenhum pedantismo empertigado e sem nenhuma especie de ranço profissional, um verdadeiro homem de lettras.*

— Tambem não tardará a ser publicada a collectanea do sr. Odilon Nestor, Approximações. *Professor de direito em Recife, onde grangeou merecida fama de publicista brilhante, esse humanista e pensador dará assim aos seus innumeros admiradores ensejo de medir em conjunto a solidez e amplitude da sua cultura de devoto das artes e de esclarecido servidor da esthetica. Com effeito, até agora o bello prosador do Norte não estampara um volume de largas proporções em que lhe sentissemos, em pleno interesse, os multiplos aspectos de critico das questões de lettras, artes e philosophia. Sua conferencia sobre a guerra, sahida ha uns dez annos, fôra apenas o ante-gosto desta série vigorosa de ensaios que aos affeiçoados ao bello espirito do sr. Odilon Nestor trará accrescimo de admiração e assegurará um maior numero de amigos espirituaes a esse intellectual pernambucano tão talentoso quanto modesto.*

A Vida imitando a Arte

A vida continúa a plagiar a arte. Escândalosamente. Dando razão a Wilde. Ainda agora aqui temos um exemplo. Um caso em que a arte foi uma antecipação singularissima da realidade. O artista imaginou uma coisa que a sciencia está agora pondo em pratica. E' o caso do cruzamento de gente com macacos. Quem imaginou isso, como se sabe, foi um escriptor brasileiro, o sr. Gastão Cruls (*Amazonia Mysteriosa*). E o facto ha de ter parecido a toda gente inverosimil. Muito leitor, deante daquellas paginas admiraveis da *Amazonia Mysteriosa*, em que se narra a experiencia biologica do cruzamento de uma mulher branca com os feios macacos da nossa floresta brava, ha de ter sorrido, incredulo e irritado:

— Mas que idéa! Coisa mesmo de romance...

Entretanto, meia duzia de annos passados, eis que a sciencia vem confirmar a concepção sensacional do grande romancista brasileiro.

*

A Sociedade Americana para o Progresso da Sciencia, que reune um grupo consideravel de biologistas graves e illustres, enviou, não ha muito, esta communicação surprehendente: um medico de Moscou, dr. Elie Ivanoff, estava fazendo experiencia, no Turkestão russo, para o cruzamento de macacos com homens, na esperança de obter um novo typo humano.

Segundo informa o dr. Howell S. England, da Academia de Sciencias de Michigan, estão sendo empregadas nessas experiencias biologicas nove macacas do genero chimpanzé.

O dr. Ivanoff, especialista em "fecundação artificial", pretendera conseguir da França 100.000 francos, para realizar as suas curiosas tentativas experimentaes nos laboratorios de Paris. Como, entretanto, os francezes, scepticos e ironicos, se desinteressassem do assumpto, o pesquizador russo appellou para o governo sovietico, que immediatamente collocou á sua disposição os recursos necessarios para a realização integral das suas experiencias.

Em vista disso, o dr. Elie Ivanoff se transportou sem delongas para o Turkestão russo, levando os chimpanzés que havia adquirido, e lá installou o seu inesperado laboratorio de experimentação biologica.

A escolha do Turkestão para centro dessas pesquizas, ao que esclarece ainda o dr. England, obedeceu ao desejo, que exprimiu o dr. Ivanoff, de realizal-as no maior sigillo e tranquillidade, para depois poder causar maior surpreza aos centros scientificos do mundo.

*

Os geneticistas "yankees" receberam com reserva e scepticismo as experiencias do pesquizador russo, por não poderem acreditar seja possivel o cruzamento das especies simia e humana, deante das leis de Mendel.

O dr. England, porém, que acompanhou as pesquizas do dr. Ivanoff, e transmittiu em nome delle, á Sociedade Americana para o Progresso da Sciencia, essa "nota previa", garante, com convicção e gravidade, que as experiencias biologicas do Turkestão tiveram exito integral, e que os seus resultados vão assombrar o mundo.

*

Esta rapida nota de vulgarização, em que procurámos resumir, de modo succinto, as notas publicadas sobre o assumpto em revistas scientificas da maior austeridade, destina-se sobretudo a chamar a attenção para o facto de já ter sido esse cruzamento, agora tentado nos laboratorios de biologia, descripto num romance brasileiro de Gastão Cruls. Wilde, portanto, era quem tinha razão: a vida continúa a imitar a arte. A vida e a sciencia, tambem... E a sciencia, no caso, plagiou e confirmou a arte.

Peregrino Junior.

Intermezzo com Jean Giraudoux

Judeu errante da litteratura moderna, Jean Giraudoux viaja atravez do tempo e do espaço com seu pince-nez, com sua observação de quem viu fita allemã. Tem angulo, phantasia, descobrindo relações inéditas entre coisas e factos. Mentalidade posterior á photographia, elle muitas vezes representa as imagens pelos seus negativos. Observador, paizagista, chronista, elle descreve antes o que vê do que o que crêa. Tratando quasi sempre da provincia ou do extrangeiro, é elle o mais parisiense dos escriptores. Não parisiense do Café de la Paix, ou da Place Pigalle, ou mesmo da Rotonde, mas sim de um Paris mais velho si mais eternamente moço, mais fino, mais espiritual, o Paris da Ile Saint Louis, do quai Malaquais, um Paris onde Anatole France foi joven, onde Voltaire foi revolucionario. Não é o Paris seductor e vivo, no emtanto, de Paul Morand; nem mesmo o aristocratico Paris, tão culto, tão polido, de André Maurois. E' um Paris de poetas que desdenham a fama, de estudantes que esquecem as aulas, de *concierges* que, pelas tardes de verão, sentados sob os platanos, de cachimbo na bocca, parecem saborear um ar mais puro, mais fino, mais espiritual do que em qualquer outro logar do mundo; um Paris de *cremières* louras, de bochechas rosadas, que sorriem aos pardaes, quando, os *sabots* a baterem nas calçadas, vão correndo entregar a encommenda de leite no quarto de sotão de algum velho professor do Collège de France ou no atélier desordenado de algum pintor russo ás voltas com o cubismo.

Hontem era em *Judith* que elle nos encantava, mostrando-nos a victoria da lenda e da mentira sobre a verdade. Agora em *Intermezzo* elle oppõe a phantasia logica á absurda realidade quotidiana.

Assim, Isabelle, que acredita nos espectros, consegue por sua simples presença fazer com que os necessitados ganhem os premios nas loterias, os homens amem aquelles que lhes são fieis, as crianças tenham prazer em aprender e aprendam o que é util, tudo isto com grande escandalo do inspector que chega a reclamar o auxilio da força armada para que as coisas voltem ao estado normal.

Por esta sua visão do incoherente da nossa vida, e pelos seus sonhos de um mundo, senão racional, pelo menos razoavel, Giraudoux nos lembra Shaw. E' elle menos acido, menos cortante nos seus ataques á ordem existente, preferindo dar alfinetadas onde Shaw disseca, deixar cahir uma gotta de vinagre onde o socialista irlandez derrama o succo de um limão inteiro.

Estará talvez menos dissatisfeito com o presente, menos esperançoso com o futuro, e, sobretudo, mais sonhador, mais poeta.

Jack Sampaio.

Os melhores livros brasileiros

— "Quaes os vinte melhores livros brasileiros de todos os generos?" — pergunta a revista official da Casa do Estudante a quem quizer responder, dando uma especie de balanço á nossa cultura.

Embora não me julgue inteiramente habilitado a concorrer a esse prelio litterario, em hora de lazer, tomei da penna e organizei a lista abaixo. Precisei elevar o numero a vinte e cinco, para não fazer, por omissão, graves injustiças.

Puz em mira ser justo, mas, por falta de logar, quasi deixei de collocar muita gente bôa, inclusive Vieira e Ruy Barbosa, os maiores prosadores da lingua no Brasil, apezar dos artificios e gongorismo do primeiro e do não raro antiquado phrasear do segundo. Ambos, legando-nos uma grande obra, não deixaram comtudo um livro que désse a medida do seu genio.

Dir-me-ão os ruystas: E a *Replica?* — Monumento de erudição e grammatiquice que ha vinte annos tantas vezes li embevecido! Prefiro hoje a esse arrazoado philologico, eriçado de chicanice, alguns ensaios magnificos sahidos da mesma penna adamantina: Swift, Anatole France, Castro Alves... Reunidos, dariam o livro que o advogado politico, preoccupado com o fôro e as tricas da politicalha, não teve tempo de escrever.

Eis a minha lista:

1 — "Historia do Brasil", de Frei Vicente do Salvador.

2 — "Sermões selectos" do Padre Antonio Vieira.

3 — "Reflexões sobre a vaidade dos homens" de Mathias Aires.

4 — "Caramurú", poema de José de Santa Rita Durão.

5 — "Diccionario da lingua portugueza", de Antonio de Moraes Silva.

6 — "Poesias", de Gonçalves Dias.

7 — "Espumas fluctuantes", de Castro Alves.

8 — "Historia geral do Brasil", de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

9 — "Iracema", de José de Alencar.

10 — "Estudos allemães", de Tobias Barreto.

11 — "Um estadista do Imperio", de Joaquim Nabuco.

12 — "Capitulos de historia colonial", de Capistrano de Abreu.

13 — "Poesias" de Olavo Bilac.

14 — "Os Sertões", de Euclydes da Cunha.

15 — "Chanaan", de Graça Aranha.

16 — "Memorias posthumas de Braz Cubas", de Machado de Assis.

17 — "A Philosophia da Arte", de Vicente Licinio Cardoso.

18 — "Eu", de Augusto dos Anjos.

19 — "A Retirada de Laguna", do Visconde de Taunay.

20 — "Urupês", de Monteiro Lobato.

21 — "Machado de Assis", de Alfredo Pujol.

22 — "Dom Pedro I e a marqueza de Santos", de Alberto Rangel.

23 — "Ensaios" (Swift, Anatole France, O Processo Dreyfus, etc.), de Ruy Barbosa.

24 — "Memorias", de Humberto de Campos.

25 — "Poesias", de Alberto de Oliveira.

Frei Vicente do Salvador, chronista ingenuo e veridico, inicia a prosa brasileira. Autor de nossa primeira historia não poderia faltar a esta resenha.

O esquecido Mathias Aires, cuja notoriedade o erudito Solidonio Leite promoveu com justiça, é um moralista á Rochefoucauld, que ainda hoje se lê com delicia, espirito liberrimo do seculo XVIII contrafeito no Portugal de D. João V.

Em Moraes, que costumo consultar na quarta edição, a melhor e mais completa, culmina a erudição da época classica. O seu Diccionario ficará monumento imperecivel.

Das poesias de Gonçalves Dias se poderá dizer que revelaram a nossa sensibilidade americana. Forma européa, essencia brasileira: a melancolia das roxas gitiranas, o acredôce dos genipapos. Flores sylvestres plantadas em vasos corinthios.

Nas de Castro Alves se manifesta a alma nacional, pelo rythmo, pelo ardor dos sentimentos, pela generosidade das idéas. Fructo estranho já tornado melhor no terreno alheio. Nellas a propria forma se apresenta genuinamente brasileira, muito nossa e o pensamento já se mostra mais queimado de sol, ardente, tropical.

As de Olavo Bilac representam a completa floração, o ouro vegetal dos paos d'arco em nupcias, a selva selvagem, a natureza brasilica em todo o esplendor, mas tambem a graça civilizada, o requinte da sensibilidade, a sêde de amor e de perfeição, a flôr que floriu no Lacio.

A evolução da prosa nacional se inicia com a *Iracema* para attingir plenitude de flexibilidade e autonomia nos *Urupês*. Alencar, com o seu bom gosto, fez de Chateaubriand modelo e deu começo á libertação da lingua nacional dos velhos classicos lusitanos. Ha nos *Urupês* o travo do sarcasmo camiliano, mas o succo é bem nosso. Numa e noutra houve o proposito de expressão em brasileiro.

Alencar e Lobato escreveram fazendo de conta que os grammaticos de além-mar não existiam mais para nos azucrinar com as suas regrinhas e bobagens. Deram-nos, naquellas obras primas, o ventre livre e o 13 de maio do estylo... E ainda ha escravos que não querem a alforria!

Ha na prosa brasileira uma corrente menos extremada: aquella que concilia o passado com o presente e que se pode exemplificar com *Um estadista do Imperio* e as *Memorias posthumas de Braz Cubas*. Escreveram Nabuco e Machado de Assis dentro da tradição da lingua, todavia sem subserviencias, nem pruridos de classicismo extremado. Nabuco confessou até que pensava em francez.

Nos *Estudos allemães* mostranos Tobias Barreto, em mangas de camisa, a sua grande erudição. Livro original, cheio de vistas novas, mas sem o perfeito acabamento das obras d'arte. Estylo forte, impressionante, selvagem.

O *Machado de Assis*, de Alfredo Pujol, allia á profundeza da analyse a polidez e o bom gosto. Sylvio Roméro e José Verissimo não têm paginas que, no tocante ao lavor litterario e finura de interpretação, se lhe possam comparar.

Do "Eu" de Augusto dos Anjos já se affirmou ser o maior livro da litteratura brasileira. Evidente exaggero. Mas, um dos bons elle o é. Esquecel-o, o poeta philosopho, seria o mesmo que, em França, esquecer Baudelaire.

Como obras de pensamento, dando a medida maxima de nossa capacidade mental, no dominio da socio-

logia, sobresaem *Os Sertões* e a *Philosophia da Arte*. Ambas ultrapassam de muito a nossa capacidade media de creação original. Nellas as influencias estrangeiras se notam, não afogando, porém, o cunho nacional. São talvez as maiores de nossa litteratura em todos os tempos. *Os Sertões* marcam o inicio da applicação das theorias da anthropogeographia ás coisas brasileiras. A originalidade e a força da expressão traduzem um pensamento alto, forte, profundamente humano. A *Philosophia da Arte* parte de Comte, porém se eleva a altura raro attingida pelo pensamento brasileiro: uma morphologia da cultura artistica.

A historia veridica, documentada, feita com sciencia e consciencia, figura com tres nomes: Varnhagen, Capistrano, Alberto Rangel.

Nesta minha lista ha alguns autores vivos: Alberto de Oliveira, Humberto de Campos; o evocador da Marqueza de Santos e o ironista do Jéca Tatú. Não precisavam da inclusão para sentirem a immortalidade.

ALCIDES BEZERRA.

Jonathas Serrano — **Epitome de Historia do Brasil** — Editores F. Briguiet & C. — Rio, 1933.

Forte em assumptos historicos, especialmente nos que digam respeito ao Brasil, o sr. Jonathas Serrano apresenta-nos um epitome do nosso passado redigido em moldes verdadeiramente novos. Assim é que, em logar de submetter-se á ordem meramente chronologica dos nossos factores de evolução, o talentoso escriptor prefere agora seguil-os através das suas causas e inspirações moraes e raciaes. E a impressão que se tem é de que muitos acontecimentos da vida nacional se aclaram muito melhor assim.

Sacudida uma sujeição excessiva ao calendario, constata-se que certas determinantes de ordem psychologica foram das mais decisivas na marcha ascensional do nosso povo. Assim, em tratando do elemento indigena a proposito da catechese de Anchieta, por que não mencionar logo, mão grado a distancia no tempo, os poemas indigenistas de Gonçalves Dias e os romances de Alencar? Em remontando aos velhos tratados que, de um modo geral, fixaram os limites do paiz, por que não lembrar em seguida as victorias diplomaticas de Rio Branco e as campanhas civicas de Olavo Bilac? Em falando dos pretos, não é natural que se recordem de prompto a bravura de Henrique Dias, os versos redemptores de Castro Alves, as orações abolicionistas de Nabuco, a generosidade da princeza Isabel, os artigos inflammados de Patrocinio, o genio lyrico de Cruz e Souza?

Vê-se que o novo methodo do sr. Jonathas Serrano é dos mais engenhosos e efficientes.

Indice de Civilização

Emerson, num dos seus ensaios, sentindo difficuldade de definir o que fosse civilização — "palavra vaga, complexa e que comprehende varios graus" — preferiu citar alguns exemplos do que poderia ser tomado como indice de cultura e entre elles apontou um perfeito serviço de correio.

Essa lembrança nos occorre quando escriptores, livreiros e editores nacionaes, aproveitando a celeuma levantada em torno da má interpretação de uma lei recente e que aggravaria de 150 % as taxas actuaes, pleiteiam que se lhes conceda para a expedição dos livros não a taxa em vigor, mas aquella de que gosam jornaes e periodicos, com 50 % de desconto. Na verdade, nada mais justificado do que essa pretensão, num paiz em que todos os esforços serão sempre poucos para uma maior diffusão da cultura, que mais vezes ha de estar nos livros do que nas revistas.

Infelizmente, não parece concordar com esse ponto de vista o Sr. Director dos Correios, preso ao argumento de que a nossa taxação postal é a mas barata do mundo. E' preciso, porém, que S. S. não se esqueça ser, talvez, o Brasil o paiz que tambem tem o peior correio do mundo, pois a despeito do interesse que vem demonstrando em vêl-o melhorado o Sr. José Americo de Almeida, interesse do qual acreditamos participe igualmente o seu director, amiudam-se as falhas da nossa repartição postal e ainda agora os jornaes andam cheios de successivos escandalos: roubo de revistas estrangeiras, violação de correspondencia com valor, pilhagem de sellos, etc., etc.

Positivamente, Emerson não pensava em nós quando escolheu os seus exemplos.

IMPRIMEM-SE LIVROS
e todas as obras, rapida e artisticamente, em edições de qualquer genero.
"OFFICINA GRAPHICA RENATO AMERICANO"
preferida pelos escriptores praticos e pelos editores experientes.
Peçam orçamentos, amostras, etc.
RUA ALZIRA BRANDÃO, 39
PHONE 8-7343

Narbal Fontes — **No Reino de Páo Brasil** — L. Fernandes & Irmão — Rio, 1933.

"Historia fabulosa das revoluções", declara o autor, em sub-titulo. E' uma divertida symphonia zoologica em que, soccorrendo-se de innumeros exemplares da fauna do paiz e de outros paizes, o sr. Narbal Fontes faz, não sem espirito e habilidade, a critica de factos que ainda não se esvairam da memoria popular. Lê-se o volume com prazer e ha certa satisfação maligna em ir authenticando os figurões que o poeta introduziu em pelles de quadrumanos ou quadrupedes. A capa é illustrada por um kagado em posição das mais hilariantes.

Arnon de Mello — **S. Paulo venceu!** — Flores & Mano — Rio.

Succedem-se os livros sobre a revolução de S. Paulo. Infelizmente, trata-se quasi sempre de uma litteratura apressada, escripta ainda no tumultuar das paixões. Comtudo, já se vae accumulando material valioso e que ha de servir mais tarde ao historiador que, com distancia *e serenidade, tiver de examinar esse grave accidente da nossa vida politica. Traçado sob a fórma de diario, o livro do sr. Arnon de Mello, espirito brilhante e jornalista á moderna, é um dos mais interessantes sobre o assumpto e daquelles que se leem de uma assentada. São paginas cheias de trepidação, flagrantes colhidos ao vivo em pleno campo de operações, mas onde o escriptor se revela a cada passo, aqui por uma feliz annotação psychologica, ali pelo debuxo rapido de uma paizagem, mais adiante pelo pittoresco com que soube reproduzir um dialogo ou pôr á nossa frente a figura que nos descreve.*

Manoel Gahisto — **Figures Sud-Américaines** — Alberto Messein, éditeur — Paris, 1933.

Na collecção *Essais et Critique*, publicada sob a direcção de Léon Bocquet, vem de surgir, com uma feitura material das mais attraentes, o substancioso volume em que o publicista Manoel Gahisto, devotado amigo do Brasil, estuda figuras relevantes da intellectualidade desta parte do continente.

O primeiro trabalho, e o mais extenso, é consagrado ao nosso grande Castro Alves, que parece ter exercido verdadeira fascinação no seu biographo e commentador de agora. Nesse ensaio, dos mais documentados e dos mais claros de exposição, vêem-se muito bem a vida e a obra do soberbo cantor dos tropicos, sendo descriptos com tacto e finura os amores do poeta com a actriz portugueza Eugenia Camara.

Quanto aos escriptos subsequentes, egualmente certeiros na critica e nas conclusões, tratam do sr. Coelho Netto, cuja producção é familiarissima ao sr. Gahisto; do romancista argentino Manoel Galvez, que foi indigitado para o premio Nobel; e do pamphletario e novellista venezuelano Rufino Blanco-Fombona, autor de livros discutidissimos na Hespanha e politico de attitudes desabusadas que já lhe fizeram provar os amargores da cadeia e do exilio.

"HISTORIA DO BRASIL"

Murilo Mendes — Ariel, Editora Ltda.

Os homens do passado e as suas acções são apresentados á infancia numa visão artificial e oppressiva, visão creada pelos manuaes de civismo, pela impostura dos professores e pelo respeito emphatico que os nossos paes na hora das refeições demonstram ter pelas barbas de qualquer antepassado. A solemnidade tem sido um elemento de uso forçado no ensino da historia. E' o coagulante do passado. Quando bate a hora pedagogica, a criança em qualquer paiz do mundo é levada á presença da professora. Vão bulir no caracter della. A criança já se apresenta em más condições, peiada por um forte systema de censuras domesticas. Ella terá que receber, primeiro que tudo, uma imagem especial da patria recommendada nos regulamentos de ensino, a imagem mais avantajada possivel, — o que se obtem arrolando batalhas, generaes e riquezas. A professora junta tudo isso, colore e impõe á timidez do aprendiz. Imagem inevitavelmente falsa, convencional, anti-humana. A criança cresce. Tem a intuição precisa d'algumas verdades e d'algumas injustiças afogadas na grande eloquencia dos tratados officiaes de historia. Um dia ouve um insulto a uma instituição, a um grande nome. Espanta-se. E sente um allivio. Aqui é que a cadeia de sua prisão arrebenta no élo mais fraco. Um allivio? Que phenomeno será esse, ó psychologos e professores de civismo? O espirito de desmoralização começa a trabalhar o joven iniciado repentinamente no *máu caminho*. Elle sente que tira um peso, que se liberta. Elle quer ver as coisas sózinho, e vae re-crear o mundo á sua maneira. Ha mais tempo já podia estar no pleno gôso dessa liberdade de seu espirito conquistada por um gesto casual de irreverencia alheia. Mas esse homem continuará sempre incorrigivel, porque é poeta, se alimenta de imagens, e vem metamorphosear as coisas: — é Murilo Mendes que apparece com o seu porrete de desordeiro para orchestrar e dirigir a *Historia do Brasil*. E eis o Brasil que o poeta tem na ponta de sua penna, o Brasil com que fica jogando como uma pelota, o Brasil de que nos podemos servir á vontade, mais familiar, o Brasil achado nas ruas. Evidentemente, o Brasil de Murilo Mendes está em contradicção com o que foi ministrado em pilulas ao alumno de escola primaria, pilulas preparadas nos archivos entorpecentes e museus falsificados.

Quem quizer se edificar, venha ver o nosso ouro, os nossos homens, o nosso drama desfilando num grande carnaval promovido por Murilo Mendes. E' a nossa vida, desde o inicio, na pureza barbara do paiz:

> A imaginação do Senhor
> Fluctúa sobre a bahia.
> As pitangas e os cajús
> Descansam o dia inteiro,

até os nossos dias em que a familia Pitangueira, do ultimo poema do livro, vae vender as molduras dos retratos de seus antepassados nobres para poder fazer frente ás despesas do Carnaval com *Os Arrepiados de Bangú*. Ora é o imperador que no momento de ser deposto pede a Deodoro apenas alguns minutos mais para terminar um soneto; ora é o soldado da canção, que, em meio da refrega, está afflicto por se espalhar no carnaval e só pensa em acertar na centena; ora o heróe (Floriano) que quer sahir da estatua para calçar chinellos, já não aguenta mais o calor; ora é o "fico" semcerimonioso do 1º imperador: "eu fico, pois não..."; ou então é aquelle pique-nique nas margens placidas do Ypiranga donde se ouviu o *grito*...

Dessa irreverencia e malandragem lyrica, reverso da nossa mythologia civica (ó Ruy Barbosa, ó Clemenceau das montanhas, ó Santos Dumont), Murilo Mendes tem sido entre nós a expressão diabolica e familiar. Por certo, o seu maior prazer é faltar o respeito ás coisas chamadas serias. Murilo não deixa nada parado em seu lugar. Não póde ver frack nem cartola, sem rasgar um e proceder como Maneken-Piss em relação á outra.

Cabe aqui uma pergunta: Será o seu espirito que se dirige rindo para a historia, ou é a nossa propria historia que já se offerece rindo para a imaginação do poeta? Porque nós temos *motivos* impagaveis... Já no tronco da arvore indigena Mario Macunaima de Andrade tinha dado uma dentada forte e talvez se ferido; Oswald de Andrade colheu uma resina cheirosa, liquido humoral de seu cerne; Manoel Bandeira, Carlos Drummond, Jorge de Lima e outros cruzaram a canivete o seu nome com o de suas namoradas. Murilo subiu a arvore, agitou-lhe os galhos como um possesso, gritou, fez escandalo. De lá se dirigiu ao passado para levar-lhe o sentido da vida actual. Despertou os mortos, os chamados "grandes mortos", tratou-os por tu, bateu-lhes nos hombros, conversou immoralidades. Os mortos satisfeitissimos preferiram a nova incarnação, embora depreciada e burlesca. Acabaram pedindo ao poeta que não os abandonasse mais, pois o que queriam era viver, pouco importando o geito, dispostos a fazer qualquer transacção com a gloria.

Dentro do humor poetico do livro ha muito mais do que a brincadeira que se pensa. Por certo, a musa do carnaval brasileiro fez sentir os seus direitos e impôz ali a sua presença, mas a buffoneria vem ás vezes com tal accento de revolta que o pathetico mal se disfarça no riso geral: na *Cantiga dos Palmares*:

> Seu branco, dê o fóra...

Na *Machina d'agua*, quando consumida na recepção de um rei de opereta a verba destinada a levar o liquido para o nordeste, que ficou sempre esperando:

> O nordeste está esperando
> ....
> As ladainhas choviam.

No *Chicote de João Candido*, na *Marcha da columna*, na *Marcha final do Guarany*, e tantos outros. Póde ser que haja tambem no fundo de tudo isso o desejo anarchico de desmoralizar. Desejo, aliás, que tem um papel historico, pois o elenco das coisas consideradas serias já começa a ser substituido e o que parecia secundario, occulto pelo interesse dos aproveitadores, se desloca, com espanto de todos para o primeiro plano. Chaplin, quando tiver de incarnar Napoleão, é capaz de modificar a methodologia dos estudos historicos. Murilo está ajudando a desmoralização geral servindo, portanto, a idéa revolucionaria. A's vezes é elle mesmo quem incarna o espirito indigena e reveste as suas formas de preguiça, volupia, desanimo, generosidade, bravura e ma-

"VIRAGES"

O sr. Ventura Garcia Calderon é um grande escriptor e evidentemente não teve necessidade de vir ao Rio para que eu — ai de mim! — o consagrasse. Intimo de Montherlant, a quem dedica um conto do seu ultimo volume, *Virages*, o caso do pintor que suppliciá o modelo para melhor obter uma figura de Christo crucificado; egualmente amigo de André Thérive, a quem offerece duas incisivas historietas parisienses vasadas na maneira populista, o notavel prosador peruano é, dentre os estrangeiros ultimamente localizados em Paris, dos que mais se enraizaram na affectuosa admiração dos francezes que bebem a agua do Sena.

A publicação do livro *La vengeance du condor*, em edição de luxo illustrada pelo artista P. Tillac, deu ensejo a que os senhores mais severos da magistratura critica de lá escoltassem de adjectivos calorosos o nome do autor. Só não sei se, nessa occasião, foi elle elogiado pelo feroz Maurice Boissard, sobre quem o sr. Garcia Calderon mandou para um jornal de Buenos Aires o mais expressivo dos ensaios, definidor como nenhum outro dos processos sarcasticos desse temivel distribuidor de toxicos, envenenador litterario cem vezes mais expedito que todas as madames Lafarges de todos os tempos.

Quanto aos trabalhos deste volume *Virages*, são bem de um contista que pertence á progenitura artistica de Maupassant, pela desenvoltura da phrase e gradação de interesse sempre crescente dos episodios, embora se afaste do aspero narrador da Normandia no desejo de uma conclusão nada brutal, de uma solução que não importe em accusar irremissivelmente os instinctos ou sentimentos do pobre animal humano. Mesmo os seus retalhos de vida hespanhola, se têm a concisão e as linhas certeiras das pontas-seccas de um Mérimée, não fogem a certos brilhos e delicadezas de vinheta, applicados, de resto, com engenhoso e vigilante bom gosto. A gitana Amparito, de Valladolid, não mata ninguem com o tiro que desfecha num instante de furor amoroso, e o beberrão que insulta a Virgem, nas festas de Sevilha, corre a penitenciar-se em publico, uivando longos lamentos de enraivado mysticismo deante da multidão consternada.

Quando trata da gente e dos recantos de Paris, dessa metropole do Diabo que Montaigne amava até em suas rugas e verrugas, o sr. Garcia Calderon recorta quadrinhos de uma flagrancia, de uma vivacidade deliciosas, como no caso da rapariga de gyneceu tarifado, das que domesticam a luxuria semanal dos burguezes solteirões e que acaba, por sua vez, ingressando numa familia de plebeus dos mais sisudos, debaixo da inevitavel corôa de flores de laranjeira.

Que de *humour* no baptismo collectivo dos chinezes convertidos, graças a possantes mangueiras de bombeiro, que fazem logo cinco mil christãos por atacado!

Um pouco de macabro goyesco insinua-se nos lances da franceza que vae encontrar o esposo numa casa de doidos; da troca de tiros dos dois rivaes que iam florir o tumulo da mesma defunta; da mulher ciumenta que prefere ver o marido paralytico, porque assim não mais correrá pelas estradas da aventura, em busca de outras mulheres. Ha certo tom de bohemismo na passagem do pintor que, em noite de esbornia, atraiçôa o amigo e confrade e dá, por conta propria, mais um pequeno Corot á França, ou na evocação da bella Emma, paga por um syndicato commercial para manter em Veneza, junto aos turistas sentimentaes, a febre das paixões romanticas, que os hoteis bem policiados e as gondolas a vapor vão gravemente compromettendo.

Nota mais burlesca, do Maupassant anecdotico, meio *commis-voyageur* por vezes, é a dos ovos de arenque que frutificam em dezenas de arenques no canteiro do official allemão, devido á maliciosa represalia do soldado francez prisioneiro, ou a do preto de Cuba que tira na loteria uma noite de amor com a mais bella das dansarinas em transito pela ilha e é esbordoado pelos concorrentes vencidos porque rasga o bilhete em ar de menospreço, recusando o manjar branco com que a fortuna o galardoara...

AGRIPPINO GRIECO.

---

landragem; torna-se cumplice dos episodios do passado com os quaes entra nas mais disparatadas combinações, servindo-se da prosodia carioca e de todos os anachronismos — do que resulta um effeito subito de unidade, que só a poesia consegue, mesmo quando ella se permitte a troça e parece rir de si mesma.

O livro de Murilo estabelece tambem uma cordial intimidade com o Brasil. Eruditos, estudantes, militares, patriotas de todo genero, leiam a *Historia do Brasil* de Murilo Mendes, mais fiel que a de Rocha Pombo, mais synthetica que a de João Ribeiro, e a unica verdadeira.

ANNIBAL M. MACHADO.

HISTORIAS PARA CREANÇAS

A Companhia Editora Nacional continúa a offerecer ás creanças do paiz (e, devido á visita do incansavel Getulio a Lisboa, talvez em breve as offereça ás creanças de Portugal) as mais lindas historias de autores nossos. Mas nem só os originaes brasileiros interessam aos animosos editores da Paulicéa. Tambem as narrações dos melhores fantasistas europeus estão agora accessiveis aos pimpolhos do Brasil, graças a felizes adaptações de patricios que sabem manejar a penna com elegancia e desenvoltura. Tal é o caso das formosa paginas da Condessa de Ségur, postas em vernaculo pela brilhante escriptora Maria Eugenia Celso, prestigiosa collaboradora do *Boletim de Ariel*.

ANCHIETA

Publicação realmente meritoria da nossa Academia de Lettras é a que vem de enfeixar, em solido volume, todos os documentos oriundos da maravilhosa personalidade de Anchieta, o supremo civilizador christão do Brasil. Ahi está, numa recolta das mais escrupulosas, tudo quanto emanou do incomparavel homem de acção, mostrando que tambem havia nelle um contemplativo e um escriptor de faculdades incommuns. Percebe-se, nestas cartas, informações, fragmentos historicos e sermões impressionantes, que facil lhe teria sido brilhar entre os litteratos puros, se o canarino Joseph de Anchieta não sobrepuzesse a tudo o interesse pelo trato directo das almas, pelo manejo constante do crucifixo, pela victoria do nome de Jesus entre as creaturas que tremiam de horror superticioso ao ouvir os bramidos de Tupá no ronco do trovão.

Accentue-se que a introducção do sr. Afranio Peixoto é das mais empolgantes como vigor e segurança de perspectivas criticas e que as notas e commentarios do sr. Alcantara Machado não esquecem um só pormenor util á elucidação da creatura miraculosa que trabalhou quarenta annos pela nossa terra, nada desejando da nossa terra senão o amor de pobres indigenas ignorantes que os conquistadores reinóes rebaixavam á categoria de inuteis trambolhos ou de repulsivas bestas de carga.

A divulgação das *Cartas* de Anchieta em nosso mercado de livros está sendo feita pela Civilização Brasileira.

VICENTE LICINIO CARDOSO

Será o fetichismo só a ingenua adoração aos manipanços? Será, apenas, a paixão incondicional, exaggerada e morbida a merecer, eternamente, reproches de certas almas suppostas livres ou, pelo menos, a piedade dos bons e os cuidados dos clinicos? Nem sempre... Tenho, para mim, que fetichismo é, tambem, o amor na mais pura espiritualização; o culto das cousas verdadeiramente grandes e dos sêres, a todas as luzes, superiores; a admiração, afinal, por esses "fetiches". O ponto está em que esse amor-fetichismo seja consciente, sincero, desabalado, enthusiasta e, sobretudo, perennemente sentido. Ser fetichista é saber amar e cultuar. E quem ama cultuando é porque possue dentro em si o nobre dom da admiração. De facto, admirar um homem eminente — heróe, santo ou sabio — é, pelo menos, comprehendel-o, admirar as cousas da natureza, da sciencia ou da arte, é estimular alguem dentro em si o justo orgulho de ser uma particula das forças que crearam aquellas mesmas cousas. Fetichismo!... E felizes os corações limpos de preconceitos, de vaidade, de inveja, de despeitos ou ansias de vingança, para endeusarem os que bem merecem por obras e feitos.

As commemorações com que a Federação Nacional das Sociedades de Educação, ha dois annos, vem lembrando o nome de Vicente Licinio Cardoso, significativas e edificantes até pela simplicidade de que se revestem — simples e modestas como elle o fôra — são bem um acto de devoção, de fetichismo por uma causa bem á altura de um dos seus mais abnegados apostolos no Brasil. A educação do nosso povo foi para Vicente, com verdade, a méta culminante, o ideal a cujo serviço elle poz todo o seu talento, toda a sua cultura, todas as suas aptidões e energias, dando-lhe a propria vida, quando um mal entendido psychico o fez julgar-se incapaz de proseguir na luta. Falei em mal entendido psychico e justifico, dizendo que Vicente, de si um grande sentimental, commetteu o grave erro de julgar ter forças bastantes para submetter, ou, antes, subjugar a qualidade, que lhe era precipua, ao dominio do cerebralismo. Tudo em holocausto e para a victoria do seu ideal! E o resultado foi aquelle de ha dois annos, é esse que ainda agora deploramos, amargamente. Do conflicto entre a razão e o sentimento, do cérebro a querer subjugar, absorver o coração, acabou succumbindo a parte mais fraca — o homem!... Como bem observou Fernando de Azevedo, Vicente Cardoso "consumiu-se na chamma do seu proprio ideal". E' que a natureza requer certas harmonias e impõe uns tantos equilibrios, que se não devem desafinar nem abalar, tão pouco, sem prejuizos fataes.

A feição espiritual que se pretenda attribuir a Vicente Licinio Cardoso será sempre, em todos os pontos de vista, vária, polymorpha, intensa e extensa, porém com certeira tendencia para o mesmo fim. Que o digam os seus livros já publicados e o immenso cabedal de artigos e conferencias, os quaes irão, brevemente, apparecendo, enfeixados em novas obras, para maior gloria da cultura brasileira. Nessa figura inconfundivel, conjugam-se — pelos multiplos assumptos que versou, discutiu, criticou e doutrinou — o scientista, o philosopho e o sociologo. Estudou muito, accumulou conhecimentos, assimilou-os e os expoz com discernimento, criterio e persuasão — o scientista. Analysou, comparou, synthetizou e generalizou as materias aprendidas, numa ansia incontida da verdade, para melhor a evidenciar, explicar e ensinar — o philosopho. Tambem estudou e visitou, com olhos experientes, outros povos, afim de melhor conhecer, pelo confronto, a nossa gente, de quem elle tanto sabia e por quem tanto se interessava — o sociologo. Mas Vicente Licinio Cardoso comprehendia como poucos (e o nosso mal é serem pouquissimos) que, num paiz qual o Brasil, por isso ou por aquillo, terra tão pobre de letras, as generalizações hão de se perder, fatalmente, por carencia de ouvidos que as escutem e de cabeças que as entendam. Tal a razão por que Vicente se fez educador. E' por isso que elle, nos ultimos annos da sua vida, se entregou, de todo, á obra apparentemente modesta, da brasilidade, isto é, da educação do nosso povo, plasmando-lhe um caracter com o signal da raça e suggerindo-lhe ideaes proprios, de modo que esse possa, em pouco, dignamente se enfrentar com as velhas e as novas nações. Aliás, tem sido essa uma das preoccupações primaciaes dos maiores espiritos da joven America, o que faz suppôr ser isso um como pendor ou irresistivel vocação neste continente: — aquelles que se crêm mais generalizadores demonstram, a cada passo, o fundo nacionalista das suas idéas, segundo as tendencias das respectivas raças, influenciadas estas pelas forças ambientes. Nos Estados Unidos, é Longfellow, dentro do romantismo e do lyrismo dos seus poemas, tão seus, a cantar, por exemplo, no *A Psalm of Life*, a poesia da acção, o pragmatismo norte-americano, posto depois em doutrina pelo philosopho seu patricio William James. E este ultimo, é opportuno frisar, sobre ser um philosopho, isto é, um generalizador, foi tambem um pedagogista, um *educador*, como bem o provam os seus *Talks to Teachers* e *Talks to Pupils*. Na Argentina, que cedo muito se interessou pelo assumpto, destacam-se os vultos admiraveis de Sarmiento e de Alberdi; depois Ramos Mejía e Agustin Álvarez; mais tarde, Carlos Octavio Bunge, Ingenieros, Manuel Ugarte e Ricardo Rojas. O pequeno Uruguay cresce, amplia-se aos nossos olhos, quando reflectimos sobre ser elle o berço do conspicuo Varela e do gigante Rodó. Para não citar outros de outros paizes, lembrem-se, quanto ao Perú, o altissimo poeta Santos Chocano e o eminentissimo sociologo Francisco García Calderón. Homens da sciencia e da arte, homens de governo, alguns cerebros dados a generalizações, em todos elles predominando, porém, a nota marcadamente americana, o cunho fundamentalmente nacional. Do nosso Brasil, será preciso nomear individualidades de tal quilate? Ha um, constituinte de 1824, cujos projectos, abundantes nos annaes da epoca, são provas cabaes do seu americanismo avançado e da sua comprehensão amplissima dos problemas brasileiros, então esboçados, com o que se mostrou um antecipador de idéas bem digno de nota. Aqui, a justiça, estou certo, salva a possivel immodestia da minha parte. Refiro-me a Antonio Ferreira França. Passando a outras eminencias, ignorará alguem quem foram José Bonifacio, Diogo Feijó, Gonçalves Dias, Tavares Bastos, José de Alencar, Castro Alves, Manoel Victorino, Alberto Torres, Euclydes da Cunha, Sylvio Romero, Ruy Barbosa, Licinio

Athanasio Cardoso, Heitor Lyra, Amoroso Costa, Tobias Moscoso, Amaury de Medeiros e Manuel Bomfim? E toda essa pleiade de medicos, engenheiros, juristas, scientistas, artistas e estadistas, alguns delles dados a generalizações, versaram, discutiram e propuzeram questões educacionaes sob o ponto de vista brasileiro. Dos vivos, destacam-se Gilberto Amado, João Ribeiro, Ignacio Azevedo Amaral, Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, Leonel Franca, Vivaldo Coaracy, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Jonathas Serrano, Renato Jardim, Alcides Bezerra e outros. Insisto nesse facto e rememoro esses nomes apenas para demonstrar que Vicente Licinio Cardoso, dedicando-se, mais que a tudo, á "modestissima" causa da educação do povo — muitas e repetidas vezes por elle appellidada de *brasilidade* — foi, por isso mesmo, uma das maiores cerebrações que a nossa patria ainda produziu, tanto o seu talento, quanta a sua cultura, tamanha a sua abnegação em pról dessa mocidade, que será o Brasil de amanhã "maior e melhor"!

Terminando estas linhas, que vou traçando em expansões vibradas por um grande affecto, mas tambem dictadas pelo mais justo apreço, vem-me á memoria certa poesia daquelle Longfellow, de quem acima tratei, que muito faz pensar em Vicente Licinio Cardoso: — *The Arrow and the Song*. Ora, diz o poeta que disparou uma setta para o ar e, tambem, entoou um canto para o ar; que ambos cahiram em terra, e elle não soube onde, pois ninguem possue vista tão forte e profunda para seguir o vôo da setta ou do canto; comtudo, muito, muito tempo depois, elle achou a setta, inteirinha, fincada num carvalho, e o canto, encontrou-o, novamente, de principio ao fim, no coração de um amigo.

. . . .

Long, long afterward, in an oak
I found the arrow, still unbroke;
And the song, from begining to end,
I found again in the heart of a friend.

Simples, porém sublime!... Esse primor de arte vale por um trecho biblico. Em torno disso, se poderia tecer um sermão. Ha symbolos, em tudo isso, para interpretar. A setta é a idéa desferida no espaço, resistindo, em seu longo percurso, a todos os ultrages dos seculos e que se vae cravar, integra, no carvalho, cuja magnitude nos leva o pensamento á eternidade. E o canto! Este poderá traduzir-se pela recordação de uma imagem, ás vezes esmaecida, mas presente sempre á nossa retina; pelo echo de uma voz; pela crystallização de uma simples lagrima; afinal, por isso que se chama, apenas, saudade. Do grande Vicente Licinio Cardoso, ficarão para a posteridade as suas idéas, as suas impressões e os seus conceitos gravados em livros memoraveis. Aqui está a *setta!*... Do querido Vicente, restará, por muito tempo, a maguada lembrança da sua pessoa, das lindas cousas que elle falava e da sua infinita bondade, dentro dos corações dos seus amigos. Eis aqui o *canto!*...

ACACIO FRANÇA.

PAUL BOURGET

A conferencia do prof. Garric, na Academia

O Professor Garric, na Academia, nos falou sobre Bourget. Entre os grandes autores francezes, o romancista de *Le Disciple*, entre nós, é dos mais lidos e discutidos. Todavia, o conferencista falou para nos dizer cousas novas e interessantes.

Começou dividindo os romances de Bourget em tres categorias: romances de vida mundana, de analyse psychologica e, finalmente, romances de these (apologeticos).

Divagando sobre os primeiros, aproveitou o ensejo para explicar, senão defender Paul Bourget, de uma das arguições mais frequentes entre seus criticos e leitores. Garric commenta: — a escolha dos ambientes aristocraticos para a pintura do amor, fel-a Bourget simplesmente para melhor estudal-o nos scenarios em que o amor occupa o primeiro logar. De facto, nos salões da nobreza a velha tecla sentimental não se liga a nenhuma outra das contingencias humanas.

Quanto ao romance apologetico, fez reservas ponderaveis. Notou que, desde logo, se lhe adivinha a finalidade, perdendo aquelle interesse que conduz o leitor a marchar ansioso até o epilogo que não póde antecipar. Não quer dizer, entretanto, — accentua — que esses romances sejam secundarios. Pelo contrario. Através delles — e as roupagens, as situações, os scenarios são ricos, — ha facetas curiosas; entre outras a que nos mostra que Bourget, idealista e mesmo espiritualista, insiste com certa vehemencia sobre o papel da physiologia na vida psychica do homem. Sem adoptar o ponto de vista materialista, elle pensa que o espirito humano é poderosamente encerrado no envolucro physiologico, e que sómente raras vezes, as forças espirituaes se rebellam contra a escravidão que lhe impõe o organismo material. Eis o motivo pelo qual a hereditariedade organica desempenha grande papel nas creações de Bourget. D'outro lado é de notar que, como Balzac, elle insiste muito sobre o aspecto physico dos seus personagens.

A maestria de Bourget se revela, incontestavelmente, no romance psychologico e talvez com especialidade nas novellas, genero em que são parcos os grandes escriptores francezes, com excepção de Mérimée e Balzac.

O ponto, entretanto, mais pittoresco da conferencia do Prof. Garric foi aquelle em que descobriu que Bourget, tão inimigo dos socialistas, por um lado é marxista, sem o desejar.

De facto, o que distingue o marxismo das outras correntes socialistas é a insistencia intransigente sobre a noção de classe. Neste ponto, Paul Bourget colloca-se ao lado dos marxistas, emquanto considera a opposição das classes como um bem para a civilização. A passagem dos individuos, de uma para outra classe, só produz desgraças e catastrophes, como elle o mostra no romance *L'étape*.

No seu drama *La Barricade*, faz abertamente a apologia da guerra de classes, mas, naturalmente, elle está do outro lado da barricada.

Finalmente, Garric nos mostrou que Bourget, antes de tudo, é critico e analysta capaz de collocar-se n'outro ponto de vista e comprehender os que se lhe oppõem. Basta dizer que percebeu Renan e Jules Vallès... Tivemos, pois, um velho Bourget renovado e algumas vezes inedito.

UBALDO SOARES.

Sydney Horler — O homem calvo — Traducção e adaptação de Moacyr Deabreu — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Romance de entrecho fascinante, posto em portuguez por alguem que é tambem um magnifico escriptor e um cultor dos mais notaveis das novellas de sombra e mysterio. A narração ganhou innegavelmente com a bella interpretação de Deabreu, que lhe accrescentou uma graça toda nossa, sem prejuizo do *humour* e das machinações enigmaticas do trabalho original.

"MARIA LUIZA"

Lucia Miguel Pereira não precisa ser apresentada aos leitores desta revista.

Com uma assiduidade que muito nos desvanece, ella é nossa companheira das primeiras horas e á assistencia efficaz da sua intelligencia deve em grande parte o *Boletim de Ariel* a vidinha teimosa que vem tendo. A principio, o seu nome (nome illustre por muitos titulos, mas quasi sem repercussão no mundo das nossas lettras) despertava a attenção de todos e não raro nos chegavam perguntas como esta: "Quem é esta Lucia Miguel Pereira que escreve na revista?" Hoje, quando o seu nome não apparece entre a lista dos nossos collaboradores, é outra a pergunta que nos fazem: "Por que é que a Lucia não escreveu neste numero?" A curiosidade dos primeiros passou a ser o desapontamento dos ultimos. Em uns o espanto por terem tido a revelação de um valor novo. Em outros a falta do prazer a que já os habituara a leitura dos seus trabalhos. E' que é de todos a admiração por esses pequenos ensaios e agudas notas criticas em que o bom gosto litterario, a justeza de tons, o estylo expressivo e sempre muito pessoal evidenciavam um singular temperamento feminino, como, talvez, ainda não conheceram as nossas lettras. Mas Lucia Miguel Pereira é tambem uma escriptora de ficção e á victoriosa estreante de hontem cabem hoje novos applausos, pois quem guardou a lembrança das suas penetrantes analyses aos livros de Mauriac, Katherine Mansfield e outros, ha de ler agora com igual encanto o seu romance *Maria Luiza*.

Ainda aqui, medida, tacto, finura, são as caracteristicas essenciaes da escriptora. Nada de themas raros e lances abracadabrantes. As personagens, colhidas á mesmice da vida de todo o dia, não trazem a marca dos eleitos nem se impõem á nossa admiração ou á nossa repulsa por gestos estranhos ou pensamentos insolitos. Antes, fazem-se estimadas a pouco a pouco, a ellas nos affeiçoamos lentamente, á medida que melhor as conhecemos, pobres creaturas humanas... Mas a apparencia de "vida" e de "verdade", ambição maxima de todo romancista, como quer Paul Valery, é o que nunca foge ao rythmo dessas paginas de suave emoção e aguda sensibilidade.

GASTÃO CRULS.

Everardo Backheuser — **Problemas do Brasil** — Collecção "Omnia" — Rio, 1933.

Homem de cultura e de acção, o sr. Everardo Backheuser, que foi um dos bons professores da Escola Polytechnica, traz agora a sua cooperação ao exame dos problemas essenciaes do Brasil, exame que tanto nos apaixona na hora presente. Mas os seus conceitos nada encerram de apressados, não cedem apenas ao desejo de um brilhareto fugaz num periodo em que muitos patricios de poucas lettras se vão tambem improvisando sociologos. Esses conceitos resultam, sim, de longos estudos especializados, de longas meditações, de longas observações por terras varias do paiz e do estrangeiro. A obra, que é dedicada ao notavel jurista Levi Carneiro, discute, lucida e documentadamente, "o valor politico da grande area do Brasil", suas vantagens e inconvenientes em si mesma ou em confronto com paizes analogos. Grandemente interessa ao sr. Backheuser, que é engenheiro dos melhores, o thema da nossa divisão territorial, sob os aspectos historico e scientifico. As palavras que diz, a proposito dos factores superficie, clima, população e efficiencia economica, são das mais sensatas e mereceriam sem duvida a attenção dos que vão legislar na proxima Constituinte.

José Americo de Almeida — **A Bagaceira** — Adersen, editores — Rio.

Nada se precisa accrescentar á gloria desse livro, um dos grandes romances da nossa litteratura, e pelo qual muito justamente não se arrefece o interesse do publico, pois que continúa a ser tirado em grandes e successivas edições. O volume que temos agora em mão, com original capa illustrada por M. Bandeira, é de perfeito acabamento e muito honra aos seus editores.

Pedro Calmon — **Historia da Civilização Brasileira** — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Mais um volume da excellente Bibliotheca Pedagogica da grande casa de livros que honra São Paulo. Mais um trabalho do joven historiador e sociologo que, antes deste, estampara em menos de seis mezes dois ensaios simplesmente notaveis: o consagrado a Pedro I e o consagrado ao marquez de Abrantes.

Como os anteriores, é este um volume solidamente meditado e limpidamente escripto, acompanhando bem a vida do Brasil, desde a descoberta e posse dos portuguezes á proclamação da Republica. Nada de significativo foi olvidado, seja a proposito dos rumos da colonização, da physionomia geographica do paiz, seja a proposito das lettras e das artes, da administração, da justiça e do clero nacionaes. Boas as partes referentes ao commercio e á sociedade brasileira, interessando egualmente o trecho sobre as nossas principaes agitações nativistas.

Sampaio Doria — **Educação** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Curso realizado na Escola Normal de São Paulo. Vigorosos trechos sobre a concepção da pedagogia, o phenomeno da educação, as varias modalidades de que esta se reveste, os deveres reciprocos de mestres e alumnos, as orientações fundamentaes da cultura, a formação do caracter, a litteratura didactica, etc., etc.

430 paginas carregadas de util substancia.

Yves Chatelain — **Luc Durtain et son œuvre** — Les Œuvres representatives — Paris, 1933.

Bello estudo sobre o escriptor francez que nos visitou não ha muito e tanto interesse despertou em nossas melhores rodas de intellectuaes. O ensaio de Yves Chatelain faz-nos ver, claramente vistas, a personalidade e a obra de Luc Durtain, espirito sensivel a todos os graves problemas de ordem esthetica ou moral que agitam a sociedade contemporanea. Partindo, mesmo sem demasias sectarias, do chamado grupo unanimista, o autor do *Quarantième Etage* comprehendeu bem cedo a preponderancia que o elemento popular tomaria na vida das lettras. Em viagens de um attento perscrutador de almas, viu bem a Russia, viu bem os Estados Unidos, sentiu os asperos conflictos resultantes do choque da mentalidade capitalista com a operaria, da cultura oriental com a occidental. O artista e o pensador não se separam jámais em Luc Durtain, explicando-se assim a harmoniosa unidade humana da obra desse ensaista, desse romancista, desse poeta. E o livro de Yves Chatelain marca-lhe muito bem as linhas mestras do talento creador, sendo um retrato litterario em tudo á altura do nobre modelo.

"BADES"

Sob esta abreviatura e visando intensificar o intercambio cultural sul-americano por meio de edições baratas e diffundidas em todos os paizes de lingua espanhola e portugueza, fundou-se recentemente na Argentina a Biblioteca Americana de Ediciones Suscritas, *que tem como director-technico o sr. Raul E. Lagomarsino e de cujo conselho consultivo, entre outros nomes de escriptores e artistas, figura o do nosso patricio sr. Luiz da Camara Cascudo, que ainda neste numero do* Boletim *nos distingue com a sua collaboração. Essa util e interessante associação conta ainda na sua commissão de propaganda com outros tres brasileiros, os srs. Godofredo Rangel, Mario Sette e Rocha Ferreira, e entre as obras que devem ser editadas mais proximamente, figura, vertida para o castelhano, uma novella de Monteiro Lobato:* O macaco que se fez homem.

CONSTITUIÇÕES

Quem diz Estado, diz sociedade organizada. Essa organização social, ou, mais precisamente, o poder do Estado exprime-se por uma constituição. E é nas constituições, igualmente, que se espelham as differentes formas que o Estado assume.

A diversidade das formas do Estado, nol-a dá o exame da evolução dos povos desde a velha Grecia. Uma cousa é, porém, o estudo dessas realidades objectivas que são as constituições historicas, outra a historia das tentativas de elaboração de uma constituição ideal, da melhor constituição que possa o Estado ter. E' ainda nos velhos tempos gregos, com Herodoto e, a seguir, com Platão, Aristoteles, Polybio, que a historia desse idealismo principia. Elle sáe da antiguidade, atravessa a Idade-Media, culmina nos tempos modernos e contemporaneos.

O estudo desse mosaico que formam as constituições de todos os paizes e de todos os tempos conduz-nos, quando feito á luz das sciencias sociaes, a certas conclusões insophismavelmente certas, não obstante o que ha de contingente no dominio social. E uma dessas conclusões é que, uma vez que exprimem o poder do Estado, as constituições se definem muito mais por circumstancias historicas contingentes, que como resultado de concepções theoricas. Ora, a essas circumstancias historicas contingentes nem sempre attendem os projectos individualmente lucubrados entre as quatro paredes de um gabinete, e as mais nobres intenções, os mais puros sentimentos de justiça e de altruismo bastam, por vezes, para que os seus autores se transportem deslumbrados á ilha de Utopia.

O Brasil aguarda, já vae para tres annos, sua nova carta magna. Asado é, portanto, o momento, para que se encham de esperanças os reformadores sociaes, surjam alviçareiros os prophetas de uma sociedade nova, concorram com seus projectos constitucionaes os paladinos da justiça social. Scientes disso, elles não se têm feito esperar. Nunca, de facto, se verificou no Brasil tão grande interesse pelos assumptos sociaes, politicos ou economicos; jámais, como agora, se editaram aqui tantos livros e revistas desse genero; e certos "ismos", que eram, antes, innominaveis heresias, já estão quasi adquirindo fóros de cidade.

Entre esses reformadores merece logar distincto o sr. Albertino Moreira, que acaba de publicar *Uma constituição para o Brasil*. Escripto em linguagem escorreita, aqui pittoresca, de deliciosa irreverencia, alli, para com os bonzos e mandarins que olham contemplativos o proprio umbigo na torre eburnea de seus altos cargos, vehemente e mordaz na critica á subserviencia, sabujice e venalidade da imprensa, dos politicos, dos funccionarios, o livro do illustre escriptor paulista é ainda, e sobretudo, recommendavel pelo são idealismo que o inspira, pelo alto espirito de justiça que o dicta, pela observação dos factos, quasi sempre exacta, que o norteia.

O sr. Albertino Moreira começa o seu trabalho por um balanço geral do Brasil, sua historia e suas revoluções; expõe e justifica, noutro capitulo, um projecto de constituição; apresenta-o, depois, eschematico, numa pagina; e redige-o, por fim, em 106 artigos, distribuidos por uns dez ou onze titulos. Segundo o projecto, ou melhor, segundo seu eschema, os actuaes Estados desapparecerão. A organização politica do Brasil far-se-á de baixo para cima, tendo por base as populações urbanas ou ruraes constituidas em cidades, villas, povoados ou localidades, as quaes, como eleitorado do 1º grao, elegerão seus conselhos locaes. Os conselheiros locaes, como eleitorado do 2º gráo, elegerão dentre si um governador local e seus representantes na Assembléa municipal. Como eleitorado do 3º gráo, as assembléas municipaes elegerão ,dentre seus membros, os da Assembléa nacional. Desta, sahirão as Commissões legislativas, dest'ultimas seus respecticos presidentes e destes, emfim, o presidente da Republica, todos, sempre, por via electiva.

Note-se logo, no projecto, entre outras excellencias, a de acabar com certo typo de candidato que se poderia chamar "o candidato desconhecido" e de tornarem-se, assim, muito menos frequentes as decepções do eleitorado. Observe-se, a seguir, que a organização proposta difficulta, senão que elimina a formação das oligarchias, o regimen do filhotismo, as enigmaticas injuncções politicas. Compare-se, depois, esse processo de formação da união nacional por associação e coordenação natural de seus elementos, que são os aggregados locaes e homogeneos, com o processo opposto que constróe a nação de fóra para dentro, partindo da fachada. E conclua-se, emfim, que, posto em vigor o projecto do sr. Albertino Moreira, o Brasil se tornaria bem outro e bem melhor.

Mas não se conclua, com o autor, que o seu projecto "dará a cada individuo o direito de viver", fará "que a sociedade exista tutelarmente para o bem de todos, consoante a necessidade e a capacidade de cada um", transformará em realidade "a igualdade perante a lei", que elle diz ter sido até hoje uma promessa vã da democracia, "libertará as classes exploradas e sacrificadas do jugo infame a que se acham submettidas".

Não se conclua isso, porque isso o projecto jámais conseguirá. E não o conseguirá pela mesma razão que leva o autor a affirmar, a paginas 131, que a imprensa não é nem pode ser livre, dadas, diz elle, "as condições actuaes da evolução social, dadas as suas proprias e peculiares condições de emprezas commerciaes umas em face das outras". Ora, isso quer dizer — parece — dada a ordem capitalista; ordem que, conservada, necessariamente impedirá a libertação das classes exploradas e sacrificadas do jugo infame, porque é ella, justamente, a causa desse jugo. Como quer, assim, o sr. Albertino Moreira que as classes exploradas o comprehendam, quando promette libertal-as de um jugo cuja causa a sua constituição não extirpa?

Como se vê, nem tudo são excellencias em *Uma constituição para o Brasil*. Ha contradicções, ha fantasias, ha ingenuidades. Mas o que tambem ha nesse livro e que, nos dias que correm, muito o recommenda, é que nelle o sr. Albertino Moreira, ou não sabemos ler, ou não enverga nenhuma camisa politica, seja ella preta, parda, côr de azeitona ou côr de burro desencabrestado...

V. DE MIRANDA REIS.

Acaba de apparecer — MURILO MENDES:

HISTORIA DO BRASIL

Preço: 5$000 — Em todas as livrarias

A poesia modernista e a psychanalyse

Um philosopho da antiguidade (creio que foi Ananias) affirmou que a palavra foi dada ao homem para occultar o pensamento. E este conceito é agora retomado seriamente pela psychanalyse. De facto, a linguagem não tem só por funcção communicar o pensamento. No inicio, a palavra estava intimamente ligada á acção, a serviço da libido oral (Freud, Ferenczi, Jones, Sperber, Sabina Spielrein...). As syllabas de que se serve o bebé para designar sua mãe, na maior parte das linguas são formadas de labiaes, que testemunham um simples prolongamento da sucção: *mamá*.

E' um grito de desejo e um começo de realização deste desejo. A sua pronuncia canaliza os impulsos sádicos da libido oral, de accôrdo com as leis do "realismo nominal", que Piaget descobriu na criança.

Num trabalho recente *Poetry as an oral outlet*, da *Psychoanalytic Review*, o americano Brill denuncia componentes pregenitaes na poesia dos poetas modernistas.

A funcção desta poesia é menos communicar o pensamento do que operar uma regressão a estas phases primitivas do pleno reinado do erotismo infantil.

"O poeta — diz Brill — diverte-se com o rythmo e a rima das palavras da mesma forma que um epicurista com um prato saboroso ou um velho vinho embriagante."

Estas componentes oraes da libido são evidentes ainda no uso de nomes com attributos mellifluos com que as mães tratam os filhos (*honey boy*) ou os namorados uns aos outros (*sweet-heart*, *sugat-plum*, *wookey*, etc.-. A regressão chega por vezes ao estado do *baby talk*, especialmente entre as mulheres, com um jogo mimico caracteristico e o abuso de labiaes.

A actividade oral da libido resalta entre os poetas modernistas. A poesia de Gertrude Stein, a *great mother* dos *novos* norte-americanos, é toda ella analysada por Brill.

O grupo anthropophagico de S. Paulo comprehendeu, mesmo sem a psychanalyse, a profunda razão desta poesia *cannibal*.

Esta poesia visa reduzir ao minimo todas as sublimações, cortando cerce as resistencias, derrubando as barreiras do recalcamento, para exprimir-se de uma forma regressiva infantil (*O mundo do menino impossivel*, de Jorge de Lima), pre-genital (toda a onomatopéa labial de Raul Bopp e Manuel Bandeira), todo-poderosa (*Vou-me embora pra Pasárgada*: — evasão da realidade para o reino do narcisismo, dominio do *Almacht der Gedanken*...), com uma riqueza primitiva de expressão que somente as emoções iniciaes da vida lhe podem emprestar. Esta regressão pode ir mais longe, integrando-se na symphonia profunda do "sentimento oceanico" (*ozeanische Gefühl*): a poesia "racial" de Raul Bopp; ou vir acompanhada de uma dissociação da expressão, em rythmos allucinatorios, hyponoicos, "eschizofrenicos", prelogicos (a poesia de Mario de Andrade e Murilo Mendes).

A psychanalyse tem razão e com ella, Brill. A linguagem poetica tem uma finalidade primitiva, asocial, egotista, em funcção das actividades elementares da *libido*, numa phase em que o sêr humano era um reservatorio de tendencias, de impulsos que procuravam desordenadamente a sua realização...

ARTHUR RAMOS.

José Maria Bello — **A Noção Philosophica e Social do Direito** — Ariel, Editora Ltda. — Rio, 1933.

Trata-se de trabalho apresentado como these a um concurso que breve será realizado para provimento de uma cadeira da Faculdade de Direito. O autor, que já traz na sua bagagem litteraria livros sobre critica politica e bibliographica, adopta no volume que acaba de apparecer o mais simples e proveitoso dos methodos, que é o de expôr, com clareza absoluta, importantes theorias sobre a noção do Direito, de accôrdo com as opiniões dos mais celebres nomes do pensamento juridico moderno, quaes os de Vanni, Geny, Hauriou e tantos outros. Nas entrelinhas, adivinha-se logo o ledor attento de Bergson, em quem já se reconheceu a suprema cerebração philosophica do nosso tempo. Do trabalho resalta, entretanto, bem nitida, a necessidade urgente de uma nova ordem social e juridica, necessidade exposta com brilho pelo sr. José Maria Bello, especialmente no ultimo capitulo do livro. Tratando-se de uma these, achamos preferivel esperar que sobre o assumpto se manifestem os entendidos, sem, entretanto, deixar de louvar a clareza e a erudição bem assimilada d'*A Noção Philosophica e Social do Direito*.

E. Vilhena de Moraes — **O Duque de Ferro** — Editor Calvino Filho — Rio, 1933.

Dando-se á palavra um sentido honroso, póde affirmar-se que o sr. Vilhena de Moraes é um especialista em materia de Caxias. Nenhum episodio biographico, nenhum pormenor de ambiencia historica, nenhum detalhe militar ou moral desse heróe incomparavel lhe foge á inquirição esmiuçante. Neste volume *O Duque de Ferro* que de novidades e que de velharias habilmente rejuvenescidas! O homem cuja espada, no dizer de Euclydes da Cunha, foi a escora do Segundo Imperio, mantenedor na paz dos nobres principios ethicos que o levaram a pelejar contra o estrangeiro ou contra patricios desorientados, está muito bem retratado pelo historiador de agora. Revemos o marechal e senador já muito conhecido nosso, "vexillario da patria", e travamos conhecimento com um outro Caxias, "enamorado e poeta", que deixou lindos versos madrigalescos no album de uma gentil senhora de Montevidéo.

Leiam:

T. S. MATTHEWS
A CAMINHO DA FÔRCA
(Trad. de GASTÃO CRULS)

Alcides Bezerra — **A Revelação Scientifica do Direito** — Edições Biblos — Rio, 1933.

O sr. Alcides Bezerra, director do Archivo Nacional, é autor de muitos ensaios de critica, historia e bibliographia, e os seus processos de ideação e exposição já são bastante familiares aos nossos leitores, por isso que nos honramos de tel-o entre os collaboradores mais assiduos do *Boletim de Ariel*.

Agora, esse brilhante cultor dos estudos philosophicos apresenta-nos, dentro da orientação dos seus mestres predilectos, uma these em que se unem substancia e clareza de estylo, sem nenhuma charlatanice de falsa cultura, sem nenhum desejo de mystificar o publico com a manipulação de novidades tão estupefacientes quanto inuteis.

Positivista e evolucionista confesso, o sr. Bezerra quer o direito em funcção de utilidade social. Crê no progresso indefinido, progresso material e progresso moral, como Vico, Condorcet e naturalmente o seu autor preferido: Augusto Comte, em quem enxerga uma especie de *magister sine magistro*. Ao "dogma da quéda" oppõe, com a sciencia moderna, a "theoria da ascensão". Passa em revista, quasi sem nada esquecer, todos aquelles que realmente trabalharam pela autonomia do pensamento, pela faculdade de pensar alto e claro em qualquer latitude do planeta.

Sente-se nelle um homem avêsso ás mordaças e ás restricções dogmaticas de qualquer especie. E' um partidario da eugenia e, mão grado a dura concorrencia economica dos ultimos tempos, acredita no advento de uma definitiva solidariedade planetaria. Vê bem a influencia das idéas européas em nosso paiz, traçando a respeito um bom quadro synoptico, de que os leitores do *Boletim* tiveram o antegosto. E conclue que "só a revelação scientifica do direito resolverá alguns dos grandes problemas do presente".

O volume, excellentemente conffeccionado, é mais uma prova dos uteis esforços em que se está empenhando o sr. A. Simões dos Reis, creador e vivificador da serie de edições "Biblos".

Poetas de velho cantar

As velhas fórmulas litterarias têm fôlego longo. Custam tenazmente a morrer. Resistem o mais que podem ás novas fórmulas que se estadeiam victoriosas. E muitas vezes preferem a uma retirada, com honras de guerra, uma exhibição de seus achaques, mais ridicularizaveis que dignos de compaixão.

Tem sido sempre assim. Em todas as épocas de renovação artistica, os cánones estheticos já desusados defendem-se, com penna e tinta, dos avanços triumphantes dos novos ideaes. Quando Victor Hugo lançava o grito de guerra do *Hernani* e o romantismo já se alastrava, ousado, por todos os arraiaes artisticos, ainda poetavam e metrificavam tragedias, onde o "vasio solenne", no dizer de Le Goffic, era lei, os discipulos e imitadores de Brifaut e desse inefavel P. Delille, que chamava o assucar *"le miel américain que du suc des roseaux exprima l'Africain."*

Ainda hoje ha quem escreva romances á moda do Visconde d'Arlincourt ou do autor de *Elzira, a morta virgem*. Em 1930, tive em mãos um livro, *Naturama*, que um Magnalma acabava de publicar em Recife. Apesar do nome, esse desalmado escrevera um poema em estrophes e estylo camoneanos, com onze cantos, creio, e trezentas e tantas paginas, começando talvez no paraiso terreal, para se perder depois em plena historia de Portugal, Brasil e Algarves! Um *record* de anachronismo.

Um chapéu de plumas, umas botas á mosqueteiro, umas saias á Pompadour, um penteado á Maria Antonieta, umas calças de senhora á 1800, só se admittem hoje em bailes de mascaras. Assim tambem em litteratura. Tudo tem seu tempo. Não que se deva applaudir e seguir incondicionalmente tudo quanto é moda. Mas deve-se ser do seu tempo. Sob pena de fazer-se tomar como caricatura. Certo que as relações e sentimentos humanos — materia prima da obra de arte — não são muito variados. Houve já quem se désse ao trabalho de contal-os, em estatistica. O amor, a mulher, a natureza, a tristeza, a alegria, etc., etc. são mais ou menos os mesmos, através dos seculos. A arte consiste em dar fórma nova aos velhos themas. Velha verdade. O panno das roupas é mais ou menos o mesmo do tempo de nossos antepassados. A differença está no corte e no feitio.

O imprescindivel é que haja arte e emoção. Podemos emocionar-nos á leitura de um trecho de Homero ou do ultimo poema modernista. O que em qualquer delles nos attrae e nos commove é a sua parte, maior ou menor, de sentimento humano, de universalismo. Obedecer, porém, a cánones estheticos, quer passadistas, quer modernistas, alinhando sómente palavras ou desordenando rythmos, sem algo de profundo, de inquietante, de harmonioso e de humano, é entrajar-se, mentalmente, com roupas de tinturaria, malenjorcadas.

O artista deve comprehender o espirito de seu tempo, sob pena de ficar á margem, fossilizar-se. Saber descobrir a alma eterna dos homens através de todos os avatares das horas que fogem. A fórma não será essencial, muitas vezes. Mas o espirito deve ser novo ou renovado. Manoel Bandeira é sempre o poeta emocional e humano, quer transvase sua emoção lyrica na fôrma rigida de um soneto, quer a liberte no rythmo dissoluto da *Evocação do Recife*. Quem ao ler uma poesia de Raul de Leoni se lembra de que ella se chama soneto?

Mas quando o poeta trata os mesmos themas, nos velhos moldes, sem dar a estes a marca de seu espirito e de sua personalidade creadora, cae no peor archaico, que é o archaico exterior, convencional. A renovação em arte é uma condição de vida. Poetar hoje em dia, como poetavam nossos avós, fazendo o seu triolézinho, os seus motes e glosas, as suas balladas, os seus epithalamios, os seus acrósticos, os seus sonetos engommadinhos, sem fortes rajadas de poesia, póde ser interessante como commemoração de centenarios, mas é desoladoramente intempestivo e falhará de certo como arte e como emoção. E o leitor de hoje, em vez de procurar sentir, em correspondencia com o artista, as emoções estheticas que a obra d'arte deve despertar, percorrerá friamente com a vista as fieiras de versos, com a curiosidade ironica dos jovens que folheiam um album de desbotadas photographias de familia.

Oscar Mendes.

Srs. ESCRIPTORES,
Srs. LIVREIROS,
Srs. EDITORES:

BOLETIM DE ARIEL

é a revista litteraria de maior tiragem do Brasil...

BOLETIM DE ARIEL

é lido do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

BOLETIM DE ARIEL

é o mensario de maior repercussão na litteratura nacional...

BOLETIM DE ARIEL

é o indice seguro pelo qual se guiam milhares de leitores na escolha de seus livros...

BOLETIM DE ARIEL

é, pois, o vehiculo mais efficiente para a divulgação e prestigio do livro.

★

— Annunciae vossas obras no —
BOLETIM DE ARIEL:
é a MELHOR propaganda que podeis fazer de vossos livros.

Descontos e condições especiaes para os livreiros e editores.

I N F A N C I A

Pouco me recordo de meu pae. Ficámos muito creanças, eu e minha irmã, ella com tres, eu com cinco annos, quando elle morreu. Lembro-me apenas que minha mãe soluçava, os cabellos cahidos sobre o rosto pallido e que meu tio, vestido de preto, abraçava os presentes com uma cara hypocrita de tristeza. Chovia muito. E os homens que seguravam o caixão andavam depressa sem attender aos soluços de mamãe, que não queria deixar que levassem o seu marido.

Papae quando vinha da fabrica me fazia sentar sobre os seus joelhos e me ensinava o ABC com a sua bella voz. Era delicado e incapaz, como diziam, de fazer mal a uma formiga. Brincava com mamãe como se ainda fossem namorados. Mamãe, muito alta e muito pallida, as mãos muito finas e muito longas, era de uma belleza esquisita, quasi uma figura de romance. Nervosa, ás vezes chorava sem motivo. Meu pae tomava-a nos seus braços fortes e cantava trechos de musica que faziam com que ella sorrisse. Nunca ralhavam comnosco.

Depois que elle morreu, mamãe passou um anno meio allucinada, jogada para um canto, sem ligar ás roupas, fumando e chorando. Tinha ataques por vezes horriveis. E enchia de gritos dolorosos as noites calmas do meu Sergipe.

Quando após esse anno ella voltou ao estado normal e quiz acertar os negocios de papae, meu tio provou com uma papelada immensa, que a fabrica era delle só, pois meu pae — affirmava com o rosto vermelho e mãos levantadas num gesto de escandalo — meu pae, meio louco e meio artista, deixara unicamente dividas que meu tio pagaria para não se desmoralizar o nome da familia.

Mamãe silenciou, coitada, e nos apertou nos seus braços, pois nós tremiamos toda vez que meu tio apparecia com a sua cara vermelha, a sua barriga cultivada, a sua roupa de brim e aquelles seus olhos pequenos e perversos.

Vivia passando as mãos pela barriga. O meu tio... Mais velho que meu pae dez annos, cedo se tocára para o Rio de Janeiro, onde levou muito tempo sem dar noticias e sem que se soubesse o que fazia. Quando os negocios de meu pae estavam prosperos, elle escreveu a queixar-se da vida, dizendo que queria voltar. E veio logo após a carta. Papae deu-lhe sociedade na fabrica.

Veio com a esposa, tia Santa, santa de verdade, pobre martyr daquelle homem estupido.

Papae vivia inteiramente para nós e para o seu velho piano. Na fabrica conversava com os operarios, ouvia as suas queixas, e sanava os seus males quanto possivel. A verdade é que iam vivendo em bôa harmonia elle e os operarios, a fabrica em relativa prosperidade. Nunca chegámos a ser muito ricos pois meu pae, homem avesso a negocios, deixava escapar os melhores que lhe appareciam. Fôra educado na Europa e tivera habitos de nomade. Esquadrinhara parte do mundo e amava os objectos velhos e artisticos, as cousas frageis e as pessôas debeis, tudo que dava idéa ou de convalescença ou de fim proximo. Dahi, talvez, a sua paixão por mamãe. Com a sua magreza pallida de macerada, ella parecia uma eterna convalescente. Papae beijava as suas mãos finas devagar, muito de leve, com medo, talvez, que aquellas mãos se partissem. E ficavam horas perdidas em longo silencio de namorados que se comprehendem e se bastam. Não me recordo de tel-os ouvido fazer projectos.

Nós, eu e minha irmã, eramos como que bonecos para papae e mamãe.

Quando meu tio chegou mudou tudo. Elle não fôra á Europa e se parecia muito com vóvó, que fizera dos dezoito annos de vida em commum com meu avô uma dessas tantas tragedias anonymas e horriveis que nascem do casamento da estupidez com a sensibilidade. Dava nos filhos dos operarios, o que não admirava, porque, como murmuravam pela cidade, elle espancava a esposa.

Pobre tia Santa! Tão bôa, amava tanto as creanças e resava tanto que tinha callos nos dedos provocados pelas contas do rosario. Morreu e a doença foi o marido. Meu tio deflorara uma operaria e fôra viver com ella publicamente. Santa não resistiu ao desgosto e morreu com o rosario entre as mãos pedindo a papae que não abandonasse o miseravel.

A fabrica prosperou muito. Nunca consegui comprehender porque o salario dos operarios diminuiu. Papae, fraco por natureza, não tinha coragem de afastar titio da fabrica e um dia quando tocava ao piano um dos seus trechos predilectos, teve uma syncope e morreu.

A cidade subia pelas ladeiras e parava lá em cima bem junto ao immenso convento. Olhando do alto, via-se a fabrica, ao pé do monte pelo qual se enroscava a cidade como uma cobra de um só cabeça e innumeros corpos. Talvez não fosse bella a velha São Christovão, ex-capital do Estado, mas era pittoresca, pejada de casas coloniaes, um silencio de fim de mundo, as igrejas e os conventos a abafarem a alegria das quinhentas operarias que fiavam na fabrica de tecidos.

Acho que meu pae montara a fabrica em São Christovão devido á decadencia da cidade, á sua paz e ao seu socego, triste cidade parada que devia apaixonar os seus olhos e o seu espirito cansado de paizagens e de aventuras.

Nós moravamos então num enorme secular sobrado, ex-morada particular dos governadores, uma pesadissima porta de entrada, as janellas irregulares, todo pintado de vermelho, grandes quartos nos quaes eu e Elza nos perdiamos durante o dia brincando de picula. A' noite, por brinquedo algum entrariamos num delles pois temiamos as almas vagabundas do outro mundo, almas penadas que assoviavam e arrastavam correntes, segundo a veracissima versão de Virgulina, preta centenaria que criara mamãe e nos criava agora.

Jorge Amado.

(Do romance a apparecer: *Cacáu*).

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20% sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10% quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Edições Ariel", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

Em torno da orthographia de um escriptor brasileiro

Em artigo anterior promettemos proseguir nas amenas dissertações sobre a orthographia pilhada na ultima traducção de Gastão Cruls. Porque nos merece o melhor conceito como escriptor e uma alta consideração, insistimos nestes commentarios em tôrno desta sua producção; não para que se veja como erra, pois ninguem erra em Orthographia, mas para que fique patente quando se acerta, no meio da desorientação dos escriptores mais esclarecidos de nossas lettras. Crear uma consciencia segura em tôrno de um systema orthographico racional é o nosso unico escôpo. Para isso, é força que elle se baseie na imponderavel, mas convincente razão, antes que em systemas pessoaes (individuaes ou collectivos).

Si nas desinencias — isar, izar — ha distincções a fazer, quanto mais nos sons — ou, oi, ô — quer occorram no radical, quer nos suffixos! Não ha palavra que deva ter mais de uma forma exacta a qual para os vocabulos derivados só a Etymologia, e para os vernaculos só a indole do idioma poderão precisar. Quanto á fórmula etymologica, pertence áquelles que têm familia, cognome, raiz, passado, historia. Quanto aos demais, basta-lhes a feição mais simples e mais approximada á prosodia. A não escrever — *ouro* — por que escrever — *oiro* — e porque não escrever — *ôro* — como fazem os espanhoes? Por que — *chouriço* — e não — *chôriço?* Por que — *coisa* — e não — *cousa?* E por que insistir no intoleravel — *crioulo* — impondo sem necessidade um som quasi tão rebarbativo como — *ão?* Outra regrinha: Para ser agradavel ao leitor deveria o escriptor evitar sempre que pudesse os sons em — ou — e em — ão — que somos forçados a tolerar em nossa lingua; antes, na caixa dos carrinhos, porque é som feio e duro!

Neste particular do — *oi, ou, ô* — veem-se os maiores disparates graphicos, sem duvida porque a graphia deste som não está sazonada pela analyse e pela classificação dos étymos. Só depois de decompôr a massa de vocabulos que encerram estes phonemas, conseguimos reagrupal-os em categorias estructuradas por criterios respectivos e invariaveis. Quando não é possivel uniformizar, unificar, a sciencia consiste em distinguir, em classificar. Foi o que fizemos, a fim de chegarmos conscientemente a formas vocabulares rigorosas, verdadeiramente orthographicas. O traductor de — *Ciume* — por exemplo, escreve — *dois* — invariavelmente; escreve — *noite* — tambem invariavelmente; e escreveu uma unica vez cada uma das palavras seguintes — *vassoura, loura, thesouro, escoadouro, estourar, couro;* mas escreveu — *coisa* — pags. 54 e 65, e escreveu — *cousa* — pags. 117, 125, 126, 131, etc. Quem se animará a atirar-lhe pedras por esta maneira de escrever? Nós, ao menos, não ousamos. Mas, o costume geral, reflectido na orthographia do nosso caro autor, é visivelmente vacillante quanto ao vocabulo — *cousa* — e claramente desorientado quanto ao mais, escrevendo — *oi* — onde é para escrever — *ou, ô* — e viceversa.

1) Que palavras se devem graphar com — *ou?* — Forçosamente aquellas que das linguas fontaes recebem a imposição desse diphthongo pela presença do — *u* — e aquellas que o têm definitivamente fixado pelo uso, sem caracter original.

alcouce — (ar. alcaus)
azougue — (ar. az-zauca)
cavoucar — (l. cavus)
ceroula — (ar. cerauil)
choutar — (l. tolutaris)
cousa — (l. causa).
couto — (l. cautus) que se não deve confundir com *coito* (copula) (latim coitus), *coitado* (esp. cuitar) (l. cogitare), *biscoito* (cozido) (l. coctus), *côtô* (l. cubitus).
dourar — (v. ouro)
dous — (l. duo)
frouxo — (l. fluxus)
fouveiro, houveiro — (l. fluvus, fr. fauve) que se não deve confundir com ôveiro, ôvario (de ôvo).
louça — (l. luteus)
louco — (l. elucus)
loureiro, louro — (l. laurarius)
lourejar, louro — (v. ouro)
lousa, — (l. lausa)
louvar — (l. laudare)
mouro, mourejar, mouresco, mourão (poste) — (l. maurus), que se não deve confundir com morar e com moirar, moira, salmoira (latim muria).
ou — (l. aut).
ouviva, ouvir, ouvido, ouça — (l. audire) que se não deve confundir com oiça (chavelha)
oura — (l. aura) que se não deve cosfundir com oira (larva) (brasileirismo).
ouro e derivados — (l. aurum) que se não deve confundir com oiriço (l. ericius)
outorga — (l. autorizare)
outomno — (l. automnus)
pouco — (l. paucus)
poupa — (passaro) (l. upupa) que se não deve confundir com pôpa (l. puppis)
pousar, pouso — l. pausare.
roubo, roupa — (al. roubon)
rouco e derivados — (l. raucus)
rouxinol — (l. lusciniula)
rouxo — (l. russeus)
thesouro — (l. thesaurus) que se não deve confundir com tesoira (l. tonsoria)
touro e derivados — (l. taurus) que se não deve confundir com tôro, atorar (l. torus)
trouxa — (fr. trousse)

2) Taes são as palavras, cuja origem, pela presença do — u — força á forma orthographica em — ou. E quaes os vocabulos fixados pelo uso arbitrariamente em — ou?

Açougue (ar. a-çoc)
choupo — (l. populus)
coudel, coudelaria — (l. capitellum)
douto, doutrina, doutor —(l. doctus)
estouvado
loução, louçania — (cast. lozano), não confundir com lôção.
ourella, ourello — (l. ora)
outeiro — (de alteiro)
outubro — (l. octo)
outrem, outro — (l. alter)
poupar — (l. palpare)
sousa
souto — (l. saltus)
touca, toucado — (bret. tok) que se não deve confundir com tocar, toque.
toupeira — (l. talpa)
toutinegra
toutiço
touta

3) Outros ha que pela origem castelhana melhor seriam escriptos sem esse — u — atravancado entre os maxillares. Taes são:

calabouço, melhor calabôço — (cast. calabozo)
chouriço, melhor chôriço — (cast. chorizo)
crioulo, melhor criôllo — (cast. criollo).

F. Contreiras Rodrigues.

O romance de Baptista Cepellos

Embora sentisse que era, antes de tudo, um poeta, Cepellos deixou, um dia, as lunetas magicas por onde sabiá vêr tantas maravilhas inalcançaveis. E baixou o olhar de myope sobre a ocular de um microscopio, focalizando uma prosaica lamina de vida.

Ha, de resto, uma transformação profunda na obra de Baptista Cepellos: do objectivismo pantheista de *A Derrubada* (1896) á magua racionalizada de *Vaidades* (1908) estende-se o caminho ingreme que vai do contemplativo superficial ao analysta doloroso.

A questão social, ensaiando então as primeiras arruaças na litteratura brasileira, agitára os musculos da poesia athletica de Cepellos. Do mesmo modo pelo qual as caricias exquisitas do decadentismo lhe haviam irritado os nervos, quando franzina e anemica.

Pulsa mais revolta que sentimentalismo nas estrophes candentes em que o soldado, o mendigo, o prisioneiro e até o boi humilde e o cão vadio se erguem como symbolos profligadores do desequilibrio moral do mundo.

Pois foi logo após esses vigorosos poemas que Baptista escreveu um quasi desconhecido romance de costumes.

Atirando-se, como narrador, á corrente naturalista como boiava, poeta, ao sabor da onda parnasiana, o seu romance, intitulado *O Vil Metal*, não passa de glosa ao velho mote que se resume no proprio nome da obra.

Nada de original, como se vê. Aproveita-se, porém, muita coisa no romance: salva-se delle o autor... A cada pagina o poeta e o pensador se trahem sob o disfarce inhabil.

Baptista Cepellos mostra, além disso, apreciaveis qualidades de ironista: — seus typos são, em geral, bem apanhados, embora se accentúe demais o traço caricatural de alguns. A linguagem, por vezes incorrecta, é expressiva até á rudeza, como convinha, então, a quem desejasse pintar as coisas ao vivo.

A nota mais interessante do livro está, porém, na circumstancia que só agora me foi revelada, de serem reaes quasi todos os seus personagens, entre os quaes o Xavier, auto-caricatura de Cepellos.

Os episodios centraes da novella são, no dizer de nosso informante, veridicos, girando em redor das aventuras de um bacharel muito conhecido na Paulicéa de alguns annos atraz e que, no livro, surge sob as roupas bem talhadas do Menezes.

Vejamos, entretanto, como Cepellos se apresenta no papel de Xavier de Mattos:

"Muito nervoso e irascivel, fugindo sempre ao contacto da multidão, que lhe cheirava a mangedoura, como elle costumava dizer, preferia esse momento de religiosa paz, em que os sinos tangem as Trindades, para os seus fleugmaticos passeios. Arrimado ao seu bengalão de cerejeira, parava, esguio e pensativo, de livraria em livraria, onde permanecia como esquecido de si mesmo, a chupar distrahidamente o cigarro e a contemplar a capa dos livros expostos, com a gula de um avarento que olha para um montão de libras esterlinas."

"Xavier de Mattos era pobre e resignado. Morava de favor com dois preparatorianos, dormindo num colchão, nú, com a cabeça apoiada a pilhas de livros velhos. Nascera em uma cidade do interior paulista, de paes humildes e fôra educado pelo tio padre, que lhe ensinara as quatro operações e o catecismo. Tanto progredira, na estreiteza dos methodos pedagogicos do vigario, que este se convenceu de que "ali estava um bom côrte de padre..."

Dias depois o caipirinha era aferrolhado no seminario. Pae e mãe o haviam levado á estação, retirando-se "com os olhos bem enxutos, talvez por considerarem, no fundo da sua ignorancia e da sua miseria, que os filhos dos pobres são mesmo feitos para se dispersarem pelo mundo."

Revolta-se logo o seminarista contra o dogma e a disciplina e foge, certa noite, pulando o muro do recolhimento. Passa ao Rio, onde faz litteratura ás portas da confeitarias e conclue o curso de humanidades.

Surge na acção do romance, novamente em São Paulo, já academico de direito, miseravel e preoccupado com um romance á Zola, em que o Documento Humano se agitasse, vivo como as rãs nas pranchetas de dissecção.

..."E decididamente, não encontrava o filão de ouro que rebuscava... Debalde accumulava idéas, factos observados com finura, farrapos de dialogos, typos aproveitaveis. Não havia meio de ligar tudo aquillo no fio logico de uma acção bem encadeada e bem humana. Está claro que elle conhecia perfeitamente a estructura do romance naturalista... Elle queria que na sua obra a vida rolasse numa caudal desimpedida, levando de roldão homens e factos, almas e intestinos, absurdamente verdadeira e tragicamente simples."

A figura expressiva de Xavier de Mattos, na trama rala da novella, é meramente accessoria. Bem mais apagada que a do pernostico Zeferino, de quem era apenas um companheiro de palestras inuteis, ás mesas dos cafés. E apesar disso é pintada com requinte de minucias. Seus ditos causticos inçam os dialogos. Seus conceitos violentos sobre arte e politica dominam as conversas e arrancam apoiados congratulatorios. Os epithetos mais amargos sahem da bocca do Xavier.

E, além disso, mal vestido e parasitario, não é já-

UM CRITICO DA "DIVINA COMMEDIA"

O sr. Raul de Siqueira Xavier, que é um fino contista e um dedicado divulgador dos bons livros em nosso paiz, teve a gentileza de offertar-nos a obra do professor Luigi Lugiato *I personaggi de "La Divina Commedia" visti da un alienista*, em edição da sociedade Athenaeum, de Roma.

O autor, que desfruta de honrosa reputação na Italia, já estudou o papel de loucos, desequilibrados e delinquentes nos escriptos de Shakespeare, Zola, Manzoni e D'Annunzio.

O trabalho de agora examina, dentro de rigoroso criterio scientifico, o systema penal do Inferno e Purgatorio dantescos, medindo a gravidade dos tormentos na proporção da culpa, sem esquecer as paizagens locaes, o caracter e as paixões de cada figura de condemnado. O criterio distributivo e a estructura do Paraiso, o elemento dramatico, o sentimento religioso e politico do poeta são egualmente bem analysados, sendo impressionantes as conclusões do scientista no tocante ás personalidades de Virgilio e Beatriz.

Caso curioso: este livro, em dois volumes, de um alienista foi impresso e brochado pelos doentes do hospital psychiatrico de que o proprio doutor Luigi Lugiato é director.

JUVENAL GALEÑO

Viveu quasi um seculo, embora não seja licito computar os seus ultimos tempos como vida. Porque aquelles dias passados dentro de uma rêde, com as barbas seculares a escorrerem, amarellas de sapé, até o umbigo, não se podem levar absolutamente em conta de vida. Honestamente Juvenal Galeno viveu umas oito décadas, seis das quaes entregue á poesia. Eu já o conheci mergulhado na especie de sub-vida que foi o final da sua existencia. Velho bardo, era a sua denominação nessa época. A rêde que foi a "sua casa" por bons annos foi, tambem, o seu leito de morte. Eu o conheci com as cans centenarias encoifadas num gorro a Theophile Gautier e sem nada que denunciasse presença de vida

Para mim elle dava a impressão de ter morrido aos poucos. Penso, porém, que a familia não o percebeu. Isso porque nos ultimos dias do aêdo da *Machadada* recrudesceu a propaganda da excellencia das quadras e de outros productos poeticos de sua fabricação. Pareciam negociantes annunciando os stocks com um temor de que os mesmos não se transformassem em alcaides. Se tivessem apercebido isso, os periodicos da provincia gritariam de tempos em tempos:

"Morreu hoje o pé direito do velho bardo Juvenal Galeno"...

Mas tal não se verificou.

Não se pense que ha exaggero no que foi escripto. Não o existe por certo. Basta lembrar que cuidaram, após o seu enterramento, mais das noticias dos jornaes que de missas para a sua alma...

Ao fim da vida não falava. Vinham-lhe da garganta apenas uns roncos surdos. E muita gente o afiançava morto da silva. E cria que cordeis lhe movimentavam os membros perros e que a "sua voz" era uma buzina...

Mas passemos á sua longa phase de manipulação poetica. Gastou muito tempo de lyra em punho e creio que a teve de encordoar por mais de uma vez... Sendo contemporaneo de Castro Alves, conseguiu ser, tambem, da mesma época dos modernistas de sua terra. E por um milagre de longevidade todos o encontraram fazendo versos á Chiquinha:

> Chiquinha traz o cachimbo,
> Maria traz o tição:
> divertimento de pobre,
> fumaças que vêm e vão.

O uso do cachimbo que se diz fazer a bocca torta nelle fez os versos... Rimava assim, com essa displicencia. E a sua poesia é toda despreoccupada. Bibliothecario, a soldo do governo, tomou conta da livraria do Estado, e tal era o cuidado seu pelos livros que não raro, ao invés da obra pedida, recebia o consulente esta phrase:

— O "Ayres Cazal" que o snr. pediu não pode vir. Está no kerozene...

Além do mais arraigava-se a um puritanismo de frade velho e escondia dos olhos da mocidade do tempo os tomos de uma edição do Porto: as obras completas de Bocage...

Percorreu todos os postos da burocracia litteraria e jubilou-se já com excesso de tempo para uma aposentadoria sem perca de um ceitil dos estipendios. De toda a sua obra restou, até 1930, uma trova:

> Coqueiro pequenino
> carregadinho de fulô,
> eu, tambem, sou pequenino
> carregadinho de amôr.

Restou, digo eu, até 1930. Porque foi nessa época que Leonardo Motta descobriu que a redondilha era tão delle como o *Lusiadas* é de Dante. Era folk-lore puro e pensamos que, nos serões do governador Barros, do Ceará, antes do poeta da jangada nascer, já se a recitava... A sua virtude foi ter chegado primeiro, garimpeiro numero um do regionalismo em verso... E, como certos convivas massantes, demorou-se tanto que acabou saindo de mãos abanando...

HEITOR MARÇAL.

---

mais ridicularizado pelo autor. Mantem uma certa dignidade sob vestes rôtas e idéas irreverentes.

Tudo isso parece confirmar que, sob essa figura soffredora, se esconde alguma coisa do proprio Cepellos.

Já nas paginas d'*Os Corvos*, em 1907, o infeliz poeta paulista deixara traços vivos de sua magua, como se escrevesse certos trechos com o proprio sangue.

A mais forte dessas impressões, de tão viva que era, annunciou com antecedencia de oito annos o suicidio de Baptista Cepellos:

"Eu, por minha parte, saúdo alegremente o desapparecer de cada dia, porque, a cada dia que desapparece, avanço mais um passo no caminho da liberdade e arrio dos hombros cançados uma bôa percentagem do peso mortificante que carrego. Mais um dia de vida progressivamente se torna mais insupportavel, eu ás vezes tenho impetos de atirar a carga ao diabo e dar um mergulhão na eternidade!"

Deu, de facto, a 8 de Maio de 1915, atirando-se de uma pedreira, em Santa Thereza...

Xavier de Mattos agitou-se no romance como Cepellos na vida: desageitadamente. E sem papel de importancia a desempenhar, ambos sahiram de scena, sorrateiramente, á primeira opportunidade que se lhes apresentou...

MELLO NOBREGA.

Martinho Nôbre de Mello — **Comprehensão** — Schmidt, Editor — Rio, 1933.

Discurso de recepção do illustre embaixador de Portugal na Academia Brasileira de Lettras.

Oriundo da ilha adusta de Santo Antão, havendo feito um curso brilhantissimo em Coimbra e tendo obtido em concurso publico, no qual foi o unico approvado, a cadeira de professor da Faculdade de Direito de Lisboa, viu-se o sr. Martinho Nobre de Mello escolhido para ministro da Justiça com menos de trinta annos de edade. Mas as tarefas politicas ou diplomaticas jámais o absorveram de todo. Sente-se-lhe mesmo uma intima preferencia pelas cousas litterarias.

Ainda adolescente, publicou varios livros de versos que o collocaram bem alto na geração prestigiosa dos Antonio Sardinha, dos Augusto de Santa Rita e dos Mario Beirão. Um dos seus mais bellos sonetos, *Saudades de além-mar*, anda pelas anthologias lusitanas. Orador de agil dialectica e de sarcasmos farpeantes, ficou celebre a resposta que deu ao escriptor Antonio Sergio em acida contenda politica.

Vindo ao Brasil, em successão ao mathematico e historiador Duarte Leite, o sr. Nobre de Mello adaptou-se logo á nossa melhor ambiencia intellectual, lendo e assimilando os livros mais caracteristicos do paiz, comprehendendo e definindo com rara lucidez os homens que realmente constituem o Brasil pensante.

Este seu discurso, por exemplo, não é uma simples peça de lisonja protocollar e, sim, a resenha nitida de quanto possuem a imaginação e a cultura brasileiras para attrahir e encantar um estrangeiro que já para aqui veiu disposto a querer-nos bem. Os trechos sobre Nabuco e Machado de Assis são de uma subtileza que nos orgulha, por havermos podido offerecer semelhantes modelos á analyse de um critico de tal maneira perspicaz.

T. S. Matthews — A caminho da fôrca — Traducção de Gastão Cruls — Ariel, editora ltda. — Rio, 1933.

E' o romance de um dos mais notaveis criticos litterarios da America do Norte. Fazendo a resenha dos livros novos para um importante magazine de Nova York, veiu, em dado momento, a T. S. Matthews o desejo de fazer-se tambem autor. Escreveu esta novella, *A caminho da fôrca*, e o exito foi dos mais auspiciosos, estando agora o novellista a redigir uma outra, destinada sem duvida a egual successo.

O enredo desta é dos mais attraentes e perturbadores, embora sem excesso de machinações de romance-folhetim, e a psychologia do caso que conduz ao crime um pobre rapaz apaixonado, ás voltas com uma mulher de temperamento e attitudes fataes, caracteriza-se por uma perfeita simplicidade humana, afigurando-se-nos tudo áquillo muito possivel, muito viavel.

O desfecho, em suas tonalidades subtilmente enigmaticas, é dos que permittem ao leitor um mundo de conjecturas em torno ao pobre herói fracalhão, arrastado ao homicidio por uma creatura singularissima que T. S. Matthews soube pintar com uma verosimilhança inolvidavel.

Nelson Tabajara de Oliveira — O Roteiro do Oriente — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1933.

As impressões de viagem sempre attrahiram fortemente os leitores. E' que, folheando-as, cada um de nós viaja por seu turno, é o "viajante immovel" que, sem sahir do seu canapé ou da sua poltrona, tem o prazer de excursionar pelos canaes de Bruges, pelos mercados de Antuerpia e por uma Veneza que não possue mosquitos incommodos. Quanto ao Oriente, desde que lá estiveram Marco Polo e Fernão Mendes Pinto, por tantos injustamente acoimado de patranheiro, é o deleite, ao menos litterario, de quantos não dispõem de haveres sufficientes para uma caminhada até lá. Isto explica o exito de livros como este do sr. Nelson Tabajara de Oliveira, em que são intelligentemente fixados curiosos aspectos da India e da China, com todos os seus typos pittorescos.

C. Windecke — Stalin, o Czar vermelho — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Esta obra, vertida do italiano pelo sr. Frederico Carlos Spicacci, trata das grandezas e miserias do plano quinquennal. E' mais um interessante volume a accrescentar-se aos muitos inspirados pela actual situação da Russia. Depoimento sem duvida valioso em torno a uma das personalidades mais controvertidas da politica do mundo na hora presente.

S. S. Van Dine — Homicidio ou suicidio? — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Paginas de subtil raciocinio em torno a um crime de sensação. A traducção, muito bem conduzida, é do sr. Adriano de Abreu, filho do eminente historiador Capistrano de Abreu.

CORRESPONDENCIA

Violeta Lilá, Rio. — *Não existe nenhuma collectanea impressa de "ex-libris" de brasileiros. O sr. Corrêa Dias, que os tem feito em grande quantidade para bibliophilos e escriptores nossos, e a quem vimos de consultar, diz-nos que elle proprio não conservou cópia desses seus trabalhos, mas sabe que um senhor da Bahia está em vias de publicar um volume sobre o assumpto.*

Renato Kehl — Sexo e Civilização — Livr. Francisco Alves Rio.

Renato Kehl é um grande trabalhador das nossas lettras medicas e alguns dos seus livros como A Fada Hygia, Biblia da Saude *e* Licções de Eugenia *andam de mão em mão e deram-lhe um justificado renome. Neste volume que ora publica, voltando mais uma vez aos assumptos da sua predilecção, o illustre hygienista traz á baila e os discute com a mestria habitual toda uma serie de questões que hoje já não podem ser ignoradas por ninguem pois dellas depende o destino da nossa raça. A' falta de espaço para uma maior critica, trasladamos para aqui, á guiza de simples elucidario ao leitor, o titulo de alguns dos muitos capitulos que se enfeixam nessa interessante obra:* Degeneração — Crime — Decrescimo da bôa natalidade. Esterilidade franceza. Combate aos factores degenerativos. — Civilização e degeneração — Defeitos physicos — Loucura e delinquencia — Eugenia e hereditariedade.

Carlos Madeira — Caiçara — Adersen, editores — Rio.

Livro de contos regionalistas, traz prefacio de Viriato Corrêa, que vê no autor um "contista de raça" e diz: "Todos os nomes litterarios que ahi estão cheios de prestigio, de autoridade e de gloria, não apparecem diante do publico com a scintillação de arte que você revela no seu livro".

Dr. Henrique Guedes de Mello — Reminiscencias da vida academica — Typ. Besnard Frères — Rio.

Com que prazer se lêm sempre estes livros de memorias! Como que o leitor se deixa empolgar pela saudade do autor e vae participando da vida relembrada. Illusão tanto mais facil quanto está em jogo um narrador escorreito e facil como o illustre oculista Dr. Henrique Guedes de Mello, velho amigo da musica e dos tercettos de Dante.

Sim, torna-se bem agradavel acompanhal-o na viagem retrospectiva á Bahia academica de ha meio seculo, revendo os professores do tempo, com os seus meritos e as suas caturrices, assistindo aos exames, com os truques dos alumnos madraços e a intransigente ferocidade de certos lentes implacaveis num ponto de anatomia ou de chimica.

Bons, neste commovido e despretencioso comentario, os trechos sobre bedeis e belchiores, sobre os namoros de estudantes e as sessões litterarias dos candidatos ao anel de esmeralda. Finalmente, estudo muito bem traçado, em linhas precisas de aguaforte, é o que se refere á complexa personalidade de Manoel Victorino, um dos maiores enthusiasmos do seu collega sobrevivente.

Luiz Amaral — Luiza, minha filha — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Volume precedido de um bello prefacio, francamente elogioso, do illustre pedagogo e humanista sr. Fernando de Azevedo. Elogios, no caso, bem merecidos. Porque o livro é de agradabilissima leitura, na sua delicada mescla de emoções familiares e de reminiscencias historicas despertadas pela visita aos sitios famosos da Europa. Jornalista dos mais destros, habituado a reportagens de sensação por longinquas paragens, o sr. Luiz Amaral ainda mais apurou as suas qualidades nesta obra de indiscutiveis meritos artisticos. Quem a escreveu é evidentemente um homem de lettras.

"MARIA LAFARGE"

A conceituada *Revista de Direito Penal*, que se publica nesta cidade, sob a esclarecida direcção do Dr. Bertho Condé, no seu numero de Abril proximo passado, assim se referiu a este livro:

"*A iniciativa de* Ariel, Editora Ltda., *já concretizada no volume acima e em outro* — A Sabotagem do Plano Quinquennal —, *de que daremos mais detalhada noticia no nosso proximo fasciculo, é digna de todos os applausos.*

Vida e Morte de Maria Lafarge *é um volume destinado a grande curso litterario, por isso que reune, á singeleza bella da linguagem concisa, a faculdade de nos transmittir nitida impressão da personagem, da accusação que lhe foi intentada e das consequencias que teve esta.*

Sabemos, os estudiosos, quantas vezes o rigor da linguagem scientifica age sobre nós como verdadeiro entorpecente, e como difficil é, por meio delle, convidar os profanos ao cultivo do proprio espirito. Entretanto, no que concerne, principalmente, aos assumptos penaes, ninguem negará a vantagem social decorrente da vulgarização que se lhes possa imprimir, tanto mais quanto empregamos os nossos melhores esforços no sentido da manutenção dos julgamentos populares, que, isentos das peias formalisticas, continuam a parecer-nos os mais equitativos.

A leitura de livro como este é um utilissimo recreio intellectual, suggerindo aos technicos theses as mais interessantes e prendendo os leigos na successão de emoções, literalmente provocadas pelo autor, e, para nós, lindamente aproveitadas pelo traductor.

Lê-se Vida e Morte de Maria Lafarge *com a soffreguidão dos ledores de romances, para se concluir, ao termino da leitura, a vantagem decorrente de uma série de conhecimentos, propriamente uteis aos que lidam com a sciencia penal.*

Quem leu este trabalho e está, como nós, até certo ponto, investido da honrosa funcção de orientador dos estudiosos, sente satisfação em indical-o aos interessados.

Que a Ariel *continue a presentear-nos com trabalhos assim, a um tempo scientificos e recreativos, são os votos que, com as felicitações pelo exito da iniciativa, lhe faz a* Revista de Direito Penal."

O "Menino de Engenho" atravéz da psychanalyse

Psychanalyse, psychologia profunda, psychologia do inconsciente, sciencia que não está sómente "na moda" no terreno das discussões de these, mas que está realizando effectivamente uma reeducação da alma humana, individual e collectiva, nos centros de cultura geral, é applicada á litteratura. Quer dizer: qualquer trabalho litterario póde ser perquirido, esmiuçado — analysado é a expressão — sob as equações dessa theoria. Aliás, theoria digo mal, pois que as consequencias praticas da psychanalyse, no seu continuo esforço de, conhecendo medullarmente o homem, tornal-o progressivamente melhor, faz dessa sciencia uma sciencia de applicação, de resultados materiaes immediatos, e até de prognostico.

Ha diversas especies de litteratura: a litteratura de ficção, a litteratura de doutrina, a de reportagem, a de technica, etc. Não importam ou pouco importam estas modalidades: a manifestação litteraria, como expressão de esforço, como trabalho, como derivação energica, sublimação em summa, é sempre psychanalysavel. Como expressão de arte propriamente é que se fazem as distincções destas modalidades. Todo o mundo sabe que o copiador não é um artista, na expressão lidima do termo. Que o que se filia a uma determinada escola, não tem expressão individual, que é o que caracteriza o trabalho de arte. O artista é sempre um angustiado, posto que a reciproca não seja verdadeira. E si este nevrosado de angustia que elle é não perambula continuamente pelos consultorios medicos, na ansia do allivio que lhe daria possivelmente a sciencia, ou não vae procurar esta outra fórma de palliativo, que são os toxicos alterantes de sua maneira de ser neuropsychica, é simplesmente porque, como o magico condão do feiticeiro, possue elle a capacidade de derivação, essa especie de "transferencia sobre o trabalho" de que falou Young, valvula real de escapamento de sua energetica interior.

Mas a sua obra de arte propriamente, no ponto de vista litterario, se liga quasi toda á litteratura de ficção. Ella presuppõe o symbolo, expressão mesma, por assim dizer, da derivação. Ella é uma especie de traducção do sonho. Parece-me que os que "exploram" aquelle genero, são positivamente artistas. A menos que, na litteratura descriptiva, por exemplo, dentro de uma "memoria", o escriptor faça digressões e estabeleça o seu coefficiente de fantasia. Ahi em todo o caso não me parece haver uma expressão total de arte, mas antes uma associação por extensão, do typo daquellas elaborações secundarias, que frequentemente se encontram em analyse.

Pois o sr. José Lins do Rego, escrevendo uma "memoria" nem isto quiz fazer. Já houve quem dissesse — não me lembra agora o critico — que o sr. Lins do Rego é apenas um homem dotado de uma memoria prodigiosa, que fechando os olhos para recordar melhor, agarrou de uma penna e escreveu a historia da sua infancia. Ha nisso arte? Não, mas ha derivação inconsciente, como os simples relatos de sessões de analyse, que faziam que se chamasse em Inglaterra a psychanalyse de *talking-cure*.

O livro do sr. Lins do Rego — *Menino de Engenho* — é mais que uma simples memoria. E' uma volta á infancia, uma "vivencia" como se diz technicamente, em cuja elaboração comprouve-se o autor com a mesma angustiada satisfação — paradoxal mas verdadeiro — das reminiscencias hysteroides. E fico a pensar aqui nas "resistencias" que teve o sr. Lins do Rego antes de elaborar o seu livro, tal a crueza compensadora do seu relato, manifesta na simplicidade chocante do que conta, como si tivesse passado pelo classico "divan" da psychanalyse.

"Recordar é viver" lá disse o poeta, como uma verdade que nem parece de poeta. Pois as razões do livro do sr. Lins do Rego estão em expressões como estas: "depois que vim a saber as historias de rainhas crueis, as intrigas perversas das annas bolenas, acreditava em tudo porque me lembrava da tia Sinhazinha". E mais adeante: "Depois no collegio, quando no "Genio do Christianismo" eu lia uns versos falando dos passaros da Bretanha, que fugiam do inverno de sua patria, vinha-me a saudade das pobres rolas sertanejas que trucidavamos".

Não se trata só da capacidade de recordar; é a de associar, fulcro mesmo da psychanalyse e que, si existe evidentemente em todos, em alguns — é o caso do escriptor parahybano — tem uma expressão mais intensa, por assim dizer, mais premente, e determina um livro como o em questão. O sr. Lins do Rego fala a linguagem do coração, isto é, do seu sentido interior, e porque assim é, nos deu um trabalho absolutamente despretencioso, sem preciosismos, sem scenas preparadas, duma realidade que ás vezes chega a desencantar.

Mas o autor do *Menino de Engenho*, fazendo este relatorio de sua infancia, de resto pouco accidentada, kodakizou apenas os factos — perdoem-me a expressão — que é o que se depreende da abundancia de exteriorização que no livro se nota. E' claro que não estou a exigir aqui que o sr. Lins do Rego seja um proustiano, mesmo porque é preciso notar-se que aquelle Carlinhos que fala nas paginas de suas memorias é um menino e não poderá ter subtilezas de subjectivação em sua vida despreoccupada. Entretanto eu quero frizar aqui o erro de se julgar que o menino não tem uma vida interior, o que para muitos continua a ser uma verdade, que faz cercar a creança de um halo de innocencia que ella não tem absolutamente — mesmo sem uma educação a Carlinhos, — idéa que está sendo aos poucos corrigida pela moderna pedagogia.

Eram as vibrações de uma vida subjectiva que faziam o menino de engenho isolar-se tantas vezes pelos seus longos passeios de carneiro — e como isso tem um delicioso sabor nordestino — e ouvir, fremente de emoção, aquellas tragicas historias da velha Totonha, imagem deformada e actualizada dos aëdos que eram a casta viva dos gregos.

A vida daquelle Carlinhos tem uma grande expressão dramatica, dum colorido morbido de sangue, para que elle tivesse angustias que não comprehendia — e que o sr Lins do Rego deixa adivinhar — mas tambem uma intensidade maior de associações, que o escriptor evidentemente recalca ou apenas faz transparecer.

Esta dramatização — e estamos num livro de "memorias" — está

toda na positivação do complexo de Œdipo, que assumiu traços profundamente nitidos logo naquelle inicio do trabalho — que era tambem o de sua vida mental, — quando a morte de sua mãe assassinada pelo marido nevropatha e detido ulteriormente, veiu definitivamente *bouleverser* toda a sua existencia.

No ponto de vista psychanalytico o menino de engenho, em cidade, não conseguiu jamais uma transferencia, e dahi sua angustia, sua necessidade de vida isolada, para que o facto da mãe perdida e do pae detido e louco — (castração) continuasse a apparecer projectado — diria quasi: erradamente sublimado — nas fantasias infantis.

Carlinhos sentia prazer nas historias da velha Totonha. Quaes as que mais o impressionavam? Quaes as que ficaram decalcadas naquelle inquieto pre-consciente? Eram a daquelle pae que partia para a forca a morrer innocente. A daquella madrasta que enciumada da enteada manda enterral-a viva, com a cabelleira á mostra, para ser podada. A daquelle navio que naufraga, deixando tripulantes ao desamparo. Isto de historias todas de castração, de inferiorização, de desamparo, dentro das quaes a pobre psychê infantil comprazia-se porque identificava nellas, inconscientemente, a tremenda tragedia de seus paes, quando elle tinha quatro annos.

E foi o sentimento de culpa que derivou daquella exteriorização em que se encontrava que determinou aquelle impulso empolgante do livro, em que o menino de engenho, sozinho, personalizando-se, livra o comboio dum fatal descarrilamento.

Entretanto não foi só a transferencia — a principio para a tia (Maria Menina), depois para a mulher do mestre (commum aliás nas reminiscencias da vida escolar), volta á tia ulteriormente, até que sobreveiu nova castração com o casamento e afastamento definitivo do objecto — não foi só a transferencia, dizia, que se não positivou. Faltou tambem, como é logico, a identificação com o pae. E a psychê infantil hesita angustiada entre a figura do avô justiceiro e poderoso e o tio Juca mulhereiro e autoritario, que aliás por mais moço se prestaria a melhor identificação. Mas não encontra uma "norma" para o "Ego", em nenhuma destas, e apparecem no livro identificações femininas como aquella do "resguardo de mulher parida", em que elle se achava quando doente, e daquelle quadro que vira — Concepção da Virgem — com a sua situação no leito, sob a caricia daquelle raio de sol. Até porque o complexo de castração continuava a adquirir aspectos materiaes em phrases como: "Coitadinho, não tem mãe", ou nas expressões da sensual Luiza que o encontrava "cheirando a leite" ou naquella carta que vira, em que se dizia que o pae — elemento principal de identidade — continuava doente, recolhido ao hospicio e sem dinheiro.

Entretanto, com um acervo psychico desta natureza, parece estranho não tenha sido o menino de engenho um neurotico, um hysterico puro, como tudo isto fazia prever, em sua adolescencia. Por que? Confirmando mais uma vez os pontos de vista da psychanalyse, ao estudar as derivações da carga energetica sexual, quando o sentido do sexo — o que, afinal personaliza — lhe appareceu tão precocemente que ainda não tivera tempo de ser genesico, o meio, a ambiencia livre de promiscuidade do engenho não lhe poz freios, não lhe barrou de principios moraes as attitudes, deu-lhe a libertação animal de conhecer "como homem" uma mulher aos doze annos. Póde-se dizer que na sua phase de curiosidade sexual, elle se integrou. Devemo-nos lembrar que as "ruindades" do menino de engenho eram apenas commentadas jocosamente e nunca determinaram, objectivamente, um castigo, uma punição que lhe concretizasse o sentimento de culpa já existente.

E si o escriptor lamenta em seu livro vezes varias o desleixo de sua educação sem peias — o freio que lhe traria a religião naturalmente — a ponto de terminar suas paginas com a expressão "menino perdido", o phenomeno ainda se explica como uma simples attitude de compensação.

E' o que se diz vulgarmente: ninguem está contente com a sua sorte. Aquelle Carlinhos, homem precoce, não perdoou ulteriormente sua educação irreverente, cheia de "peccados". Entretanto, quantas vezes no decurso das sessões de psychanalyse, quando se desce a explorar os "internos do inconsciente", na expressão intensa de Arthur Ramos, o neurotico, angustiado, constata que elle é neurotico simplesmente porque hypertrophiou esta mesma noção de "peccado"...

Incontestavelmente o livro do escriptor parahybano é um livro verdadeiro, um documento para a sciencia de Freud.

PAULO VELLOSO.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA
ALMAS SEM ABRIGO
Em todas as livrarias

Augusto de Castro — L'amour et le temps — Editions Eugène Figuière — Paris, 1933.

Numa traducção impeccavel de Jean Duriau, surge agora, no idioma divulgador por excellencia, o formoso livro do escriptor portuguez Augusto de Castro, uma especie de symphonia pathetica em que, aproveitando os eternos themas do amor e da morte, converte elle a floresta e o mar em riquissimos themas inspiradores e localiza as suas personagens em ambientes evocativos como o da estranha e morbida Veneza.

Tudo manda ver nesse livro uma obra de arte encantadora. O sr. Augusto de Castro, que é uma das figuras exponenciaes do néo-romantismo lusitano, infundiu a suas tres novellas um sopro de paixão delirante, a resuscitar o velho idealismo amoroso da raça que deu as bellas quadras lyricas do cancioneiro de Garcia de Rezende e as famosas cartas da freira de Beja ao conde de Chamilly. A volupia e a crueldade do tempo, os engodos do prazer e a expiação ciliciante que se segue aos desvarios da carne, tudo é bem marcado por um psychologo e estylista de innegavel dextreza na projecção plastica de todos os amargos conflictos interiores.

Pericles e Demosthenes Madureira de Pinho — **Estudos de criminologia** — Separata da **Revista de Cultura Juridica** — Bahia, 1932.

Dois trabalhos que recommendam os jovens patricios que os elaboraram. O primeiro intitula-se *O crime e as secreções internas* e representa uma these destinada a um concurso em alto estabelecimento de ensino da Bahia, que não chegou a realizar-se. O segundo prende-se aos *Novos horizontes da criminologia* e foi lido, em caracter de conferencia, a uma sociedade de medicina legal da velha cidade em que sempre se cultivaram com tamanho fulgor os estudos scientificos de qualquer especie.

Mostram-se os srs. Pericles e Demosthenes Madureira do Pinho perfeitamente em dia com o assumpto. Bem expressiva é a bibliographia que apresentam, sendo perfeitamente justificados os louvores que, no trecho inicial do opusculo, recebem do illustre professor Aloysio de Carvalho Filho.

Ulysses de Albuquerque — **Fogo e Cinza** — Imprensa Industrial — Recife, 1933.

Neste volume, illustrado pelo sr. Jacintho Botelho, encontra-se um poeta vehementemente inspirado pelas bellezas do seu recanto. Ainda que em fórma apurada, dentro de alexandrinos e decasyllabos perfeitos, vibra nestas paginas uma alma de regionalista authentico, alvoroçado sempre pelas tradições, pelas formosas paizagens e pelos corações, violentos ou dulcissimos, da terra natal. Vibram aqui todos os habituaes motivos do lyrismo sertanejo, mas sem repetições enfadonhas e sem as deformações theatraes a que se dão os inventores de "cangaceiros de casaca e de vaquejadas em jardim". O sr. Alcides de Siqueira accentua muito bem o que ha de original no sr. Ulysses de Albuquerque, um cantor realmente enamorado da sua região, celebrando-a nos dias felizes e, com emoção ainda maior, nos dias de infortunio, nos dias tragicos das seccas e das legiões de retirantes.

"Revista da Escola Militar"

Magnifico o numero, dessa brilhante publicação correspondente ao mez de Junho. O director, sr. Nelson Werneck Sodré, conseguiu reunir, nas setenta largas paginas da sua revista, nomes de real prestigio e efficiencia nas lettras do paiz. Não se trata, felizmente, de uma daquellas publicações em que jovens representantes de determinada classe se reunem, com sacrificio dos cigarros e dos licores, para dar expansão a uma litteratura titubeante que lhes assegure meia semana de notoriedade no casarão em que estudam. Aqui, percebe-se logo que estão em jogo estudantes de uma formação intellectual bastante avançada. Os trabalhos que subscrevem não tresandam a sociedade recreativa provinciana e o bom gosto que os conduz é manifesto na escolha dos excellentes collaboradores que aqui figuram: Medeiros e Albuquerque, com um estudo sobre Bolivar; Gustavo Barroso, que se reporta á guerra do Paraguay; Afranio Peixoto, que discorre sobre as modernas tendencias da criminologia, etc., etc.

Sienkiewicz — **Os Cavalleiros da Cruz** — Edições Unitas — São Paulo, 1933.

Ninguem esqueceu ainda o formidavel successo provocado pela apparição dos romances de Henrique Sienkiewicz. Após as paginas crúas dos escriptores naturalistas, com suas dissecções minuciosas da vida burgueza, a evocação da Roma antiga ou das batalhas polonezas, feita pelo admiravel pintor de povos, constituiu uma especie de respiradouro para os que se sentiam suffocados por todas aquellas miserias de alfurjas e cortiços. Coincidindo com uma phase de néo-espiritualismo surgida em França, o *Quo-Vadis?*, especialmente, teve milhões de leitores pelo mundo afóra. Aqui no Brasil multiplicaram-se as edições dessa obra, que foi até levada á ribalta, em adaptações mais ou menos engenhosas.

Agora, a casa editora Unitas, de São Paulo, no seu desejo de fornecer ao nosso publico uma collecção das melhores narrações européas, apresenta-nos, em bello volume, nitidamente impresso e realçado por uma capa das mais expressivas, uma apreciavel traducção d'*Os Cavalleiros da Cruz*. E' o historico da formação nacional da Polonia, em lucta com temiveis inimigos fortificados pela ordem tradicional de que faziam parte e que mal lhes refreava os sentimentos de villeza e ganancia.

Um romance empolgantissimo e escripto por alguem que sabia movimentar como poucos as multidões que se chocam nos campos de peleja.

Epandro — **Estilhaços de Granada** — Edições Unitas — São Paulo, 1933.

Epandro é pseudonymo do humorista Euclides de Andrade, bastante conhecido nas rodas jornalisticas da Paulicéa. Trata elle, neste seu volume, da revolução constitucionalista, mas, ao invés de fazel-o num sentido dramatico, prefere expandir-se através de episodios de uma irresistivel comicidade. Tal qual os francezes que nas trincheiras lançavam os fundamentos do *Crapouillot*, a explorar os aspectos jocosos da grande guerra, Epandro multiplica-se em invenções facceciosas para deixar em má situação alguns heróes fanfarronescos. Seu livro é por vezes um anecdotario digno de ser comparado á collectanea analoga de Cornelio Pires.

Walfrido Faria — **Cedo e tarde** — Alcides Vargas & C. — Rio, 1933.

Poeta despretencioso e simples, dos que não são movidos por intenções renovadoras e não desejam vencer pela escolha de themas escandalosos, o sr. Walfrido Faria, que foi intimo de Raul de Leoni e ouviu antes de muitos outros os bellos sonetos da *Luz mediterranea*, apresenta-nos agora uma estimavel collectanea rimada, em que fere os assumptos sentimentaes ou pantheistas de sempre. Gosta visivelmente do apologo e, nas passagens ao de leve satiricas, não vae nunca á acidulidade injuriosa, preferindo atacar os vicios impessoalmente a investir nominalmente contra possiveis desaffectos. A singeleza e, não raro, a ingenuidade desse patricio constituem a sua melhor recommendação aos olhos de quantos, como nós outros, vivem cançados, nauseados pelo tumulto cabotinesco de tantos falsos reformadores da poesia. Só não nos agrada muito o titulo do livro. *Cedo e tarde* é um desses titulos prosaicos, absolutamente inexpressivos, em que se comprazia o Camillo Castello Branco poeta.

CONFERENCIA DE LUC DURTAIN SOBRE O BRASIL, EM PARIS

Realizou-se, no sabbado 27 de Maio ultimo, um vesperal litterario e artistico sobre Portugal e Brasil, *no* Théâtre de l'Œuvre, *em Paris, promovido por Mme. Paulette Pax e Mr. Lucien Beer, directores d'esse theatro celebre, a cuja tradição da espiritualidade se acha ligado intimamente o nome de Lugné Poe, "o descobridor de Ibsen".*

O Sr. Luc Durtain, escriptor consagrado tanto no continente europeu como no americano, que, após ter estado em Portugal, nos fez uma longa e honrosa visita no anno passado, deliciou o auditorio com uma brilhante conferencia, entremeada de canções regionaes, de poesias e peças litterarias de autores portuguezes e brasileiros e de composições musicaes de Villa Lobos. Concorreram para o brilho da festa as Snras. Germaine Dermoz, Vera Sergine, Gisèle Picard, Edith Méra, Fernanda de Castro e Anna de Campos, que recitaram poesias, cantaram ou interpretaram papeis de peças theatraes, com os Srs. Marcel Herrand e Jean Marchat.

Os autores brasileiros cujas obras, traduzidas em francez, foram declamadas ou lidas, eram: Machado de Assis, Graça Aranha, Felippe de Oliveira e Ronald de Carvalho. Sobre este ultimo, o Sr. Luc Durtain disse, entre outras coisas tão elogiosas quanto justas, que "é um dos melhores escriptores da geração brasileira contemporanea", e sobre cujo livro recente Rabelais et le rire de la Renaissance *o jornal* Figaro *escreveu que é "a mais bella homenagem impressa por occasião do IV° centenario de Pantagruel". Ao nosso collaborador Mauricio Wellisch, o conferencista referiu-se elogiosamente, citando trechos do estudo critico publicado por aquelle nosso patricio na* Revue Mondiale, *ao qual já nos referimos aqui, e onde o conferencista destacou os nomes de Gastão Cruls, Enéas Ferraz e outros. O Sr. Embaixador Souza Dantas e S. A. o Principe dom Pedro realçavam, com sua presença, o brilho desse festival, onde se notavam os nomes da melhor sociedade brasileira e portugueza residente em Paris, bem como diversas personalidades do "tout Paris".*

No foyer do theatro foram exhibidas obras de alguns artistas portuguezes e brasileiros, destacando-se uma composição de V. do Rego-Monteiro e um retrato a oleo do Sr. Jack Sampaio pintado por M. Wellisch (exposto no "Salão do Outomno" de Paris).

Rosalina Coelho Lisbôa — **Passos no caminho** — Renascença Editora — Rio.

Depois de um longo silencio, mas no qual ainda se ouve a resonancia dos louvores com que foi recebido o seu *Rito Pagão*, Rosalina Coelho Lisbôa dá-nos mais uma escolhida collectanea de lindos versos, em que á alta inspiração se allia a magestade das rimas e dos rythmos.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

T. S. Matthews — *A Caminho da Forca* — (Trad. de Gastão Cruls) — Ariel, editora ltda. Rio.
Jonathas Serrano — *Epitome de Historia do Brasil* — F. Briguiet & Cia. — Rio.
Narbal Fontes — *No Reino do Páu Brasil* — S. Paulo.
Luiz Amaral — *Luiza, Minha Filha* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Rosalina Coelho Lisbôa — *Passos no Caminho* — Poesias — Renascença Editora — Rio.
José Americo de Almeida — *A Bagaceira* — 5ª edição — Adersen, editores — Rio.
Pontes de Miranda — *Anarchismo, Communismo, Socialismo* — Adersen, Rio.
Matheus de Lima — *Poemas* — Recife.
Joseph de Anchieta — *Cartas* (1554-1594) — Civilização Brasileira, S. A. — Rio.
Ribeiro Couto — *Noroeste e Outros Poemas* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Arnon de Mello — *S. Paulo Venceu!* — Rio.
Carlos Madeira — *Caiçaras* — Contos. — Adersen, Rio.
Anadyr Nascimento Bastos — *Na Roda da Vida* — Contos — Adersen, Rio.
Antonio Silva — *O Brasil do Meu Tempo* — Psycholoiga e critica — Adersen, Rio.
Fabio Luz Filho — *Sociedades Cooperativas* — 2ª edição.
Anisio Teixeira — *Educação Progressista* — Bibl. Pedagogica Brasileira — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Belmiro Braga — *Tarde Florida* — 2ª edição — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Epandro — *Estilhaços de Granada* — (A revolução anecdotica) — Edições Unitas — S. Paulo.
Pedro Calmon — *Historia da Civilização Brasileira* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Concord Marrel — *Casada por Dinheiro* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
John Dewey — *Como Pensamos* — Trad. de Godofredo Rangel — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
André Armandy — *O Renegado* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Sydney Horler — *O Homem Calvo* — Trad. de Moacyr Deabreu — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
S. S. Van Dyne — *Homicidio ou Suicidio?* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
C. Windecke — *Stalin, o Czar-Vermelho* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Manoel Gahisto — *Figures Sud-Américaines* — A. Messein, editeur. — Paris.
Augusto de Castro — *L'Amour et le Temps* — Trad. de Jean Duriau — Editions Eugène Figuière — Paris.

Matheus de Lima — **Poemas** — Typ. Central — Recife, 1933.

Esse "caderno de poemas" traz um valioso commentario do sr. Joaquim Cardoso, que encontra no sr. Matheus de Lima uma "sensibilidade preciosa" e um modo differente de ver homens e cousas do nosso planeta. Outro commentador, o sr. Willy Lewin, este mais conhecido nosso, por isso que talentoso collaborador do *Boletim de Ariel*, assignala, em formulas incisivas, serem as producções do jovem poeta algo de bem distincto de tudo quanto fez até hoje a poesia modernista no Brasil. Differindo dos srs. Mario de Andrade e Ascenso Ferreira, o sr. Matheus de Lima é um suprarealista integral, sem nenhum interesse objectivo, sem preoccupação de "acção social", sem pretender de modo algum exprimir raça e ambiente. Sua poesia é das que se bastam a si mesmas, é das que se contentam em ser apenas "poesia" e, como tal, inutil em qualquer sentido collectivo. Que accrescentar a estas palavras, de tal modo fixadoras do temperamento do poeta e que a nossa leitura do suggestivo "caderno" não fez senão confirmar?

Carlos Góes — **Theatro pequeno** — Vozes de Petropolis.

Cithara, um bello volume de versos parnasianos, foi, em 1904, muito bem recebido pela critica do paiz, conferindo ao sr. Carlos Góes um dos melhores logares entre os sonetistas da época. Depois disso, o autor, não interrompendo jámais sua labuta intellectual, dividiu-a entre as pesquizas de philologia e os contos e peças de finalidade psychologica ou efficientemente nativista. Ao mesmo tempo que compunha, em torno a questões grammaticaes, livros que o impuzeram como um dos nossos mestres indiscutiveis em materia de linguagem, quaesquer que fôssem as modalidades desta, o illustre patricio teve representado, com exito expressivo, *O sangue*, vehemente episodio dramatico da sua lavra, e interessou a todos os leitores de bom gosto com o *Governador das Esmeraldas*, tres actos que fixaram, em lineamentos nitidos, a figura varonil de Fernão Dias Paes Leme, tambem inspiradora dos masculos alexandrinos de Bilac. No momento, proseguindo em sua faina desinteressada de trabalhar pelo theatro do paiz, levantando-o do lodaçal em que o arremessaram empresarios e actores egualmente estupidos e amoraes, o sr. Carlos Góes dá-nos uma interessante série de curtas comedias facilmente representaveis, por isso que ao alcance dos grupos de amadores, sem exigir grandes despesas de indumentos e scenarios.

Lucas Alexandre Boiteux — **Ministros da Marinha** — Imprensa Naval — Rio, 1933.

Todos os portadores da pasta da Marinha, no periodo de 1808-1840, aqui desfilam, no vigoroso retrospecto historico de uma das mais brilhantes figuras da Armada brasileira do nosso tempo. Homem a quem não é estranho nenhum recanto, nenhum escaninho do nosso passado, o capitão de fragata Lucas Alexandre Boiteux, sempre erudito e lucido, reuniu aqui, a par de algumas personalidades meramente decorativas, diversos portuguezes ou brasileiros que foram realmente servidores benemeritos do Brasil. Vê-se, lendo-o, quanto a historia deste paiz de immenso littoral está inseparavelmente unida á historia da sua esquadra.

Muito e muito devemos á gente do botão de ancora. Ao lado de cortezãos pedantes, simples aulicos ornamentaes como o conde de Anadia, que de bravos marujos, bons conhecedores do mar e da psychologia dos commandados, egualmente penetrados da nobreza de sua missão seja em dias de paz, seja em dias de guerra! Entre outros, um Luiz da Cunha Moreira, almirante e visconde de Cabo Frio, é effigie de varão camoneano e não ha como lembrar-lhe a procedencia lusa senão para mais exaltar-lhe a abnegada dedicação com que uniu a sua carreira aos destinos do Brasil autonomo, trabalhando por nós outros, sem tibieza, até que a morte o prostrasse.

Fabio Luz Filho — **Sociedades Cooperativas** — Edições Unitas — São Paulo, 1933.

Dentre os nossos patricios que se têm consagrado a assumptos de cooperativismo destaca-se o sr. Fabio Luz Filho. Todos os aspectos do magno problema, verdadeiramente nuclear nos dias que correm, são por elle esmerilhados com uma attenção que se completa no perfeito desinteresse e na absoluta lealdade das conclusões que expende. Outros fazem das theorias desse genero caminho facil para a victoria de ambições politicas ou manhoso alçapão para o grangeio de polpudos lucros bancarios. Não assim o sr. Fabio Luz Filho, erudito historiador das sociedades cooperativas através dos tempos e um dos mais persistentes propugnadores das vantagens que dellas pódem advir para os homens de trabalho, qualquer que seja a esphera de actividade a que se dediquem.

A. da Silva Mello — **Syphilis e segunda bulha aortica** — Editora Guanabara. — Rio.

Fructo de longos annos de estudo e observação, neste trabalho que transuda erudição, o Professor A. da Silva Mello, com a competencia que todos lhe reconhecem, desfaz o postulado acceito em medicina de que a accentuação da segunda bulha aortica seja um symptoma pathognomonico de lues. Não ha muito tivemos occasião de nos referir ao apparecimento de outra monographia da sua lavra, *Novas Idéas sobre o Edema*, tambem publicada nessa mesma collecção da Bibliotheca de Cultura Scientifica e muito bem recebida pelos especialistas, como igualmente ha de ser esta de não menor interesse e abonadora por muitos titulos do justo renome que gosa o seu autor na nossa classe medica.

Anno III Julho 1934 N. 10

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira — Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria — V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE: Agrippino Grieco

SIC TRANSIT...

Em 1924, estava eu em Paris quando circulou a noticia de que Anatole France entrara em agonia. Nesse tempo, eu ainda vivia sob a acção da morphina franceana... Anatole France era para mim o mestre sem rival. Grande foi o meu alvoroço. Corri pressuroso á villa Said e parei inquieto diante da casa do homem. Entraria? Depressa passou a minha hesitação. A porta de entrada lateral estava aberta e notei para logo que muitas pessôas iam e vinham. Numa ante-sala que dava accesso ao salão, uma lista posta sobre uma mesa recebia os nomes dos visitantes. Era uma lista muito longa de homens de lettras, jornalistas, mulheres, estrangeiros... Lá puz ingenuamente a minha assignatura e, com o pensamento voltado para o grande velho que morria no andar superior, sahi a espairecer no ar frio dessa manhã de outomno.

Poucos dias passados, a 13 de Outubro, sobreveiu a morte. Voltei de novo á villa Said. Pela casa, que mais parecia um museu, com as suas vitrines cheias de obras de arte, sobretudo de cousas gregas e de collecções de objectos de culto catholico, desfilava uma multidão toda de negro. Flôres, muitas flôres amontoavam-se sobre as cadeiras e nos cantos das salas. Numa mesa, um grande ramo de tulipas, offerta de Gabriel D'Annunzio, tinha aberta, ao lado, a carta autographa com os pesames enthusiasticos do herôe de Fiume...

No dia do funeral, com o Embaixador do Brasil, assisti da tribuna official á cerimonia leiga. Discursos interminaveis. Desde o leader socialista Léon Blum, o Ministro da Instrucção Publica François Albert, até o venerando Hanotaux, em nome da Academia. Tudo isso no quai Malaquais, em frente ao Instituto, diante da estatua de Voltaire.

Formada para prestar honras ao autor de tantas ironias contra o exercito e de tantos anathemas contra a guerra, uma divisão em grande uniforme.

Num pequeno pavilhão, a familia do morto: sua viuva e antiga creada, a **ex-Mademoiselle** *Laprevotte, que teve o casamento como recompensa da dedicação com que o servira, seu neto, o adolescente Miguel Psichari, filho de outro illustre de igual nome, neto este, bisneto aquelle de Ernesto Renan... e mais alguns intimos.*

Guardo ainda, entre os jornaes e revistas da epoca, que celebraram o acontecimento, o numero da Illustration *com a photographia da cerimonia e lá me vejo, de cabeça descoberta, ouvindo os discursos...*

Naquelle instante, eu tinha a impressão de que Anatole France, morto, continuaria a reinar e o seu prestigio, que tanto me seduzira, seria sempre o philtro das novas gerações.

Grande engano! Toda aquella pompa, todo aquelle apparato, toda aquella discurseira eram apenas como o brilho das estrellas que ha muito tempo já morreram e que ainda nos illuminam. O astro já se apagara. O mestre já não era mais mestre da geração que fizera a guerra e conhecera a vida, vivendo no sangue e na lama e não no sybaritismo demissionario dos dilletantes. Para os que voltavam das trincheiras, o sorriso ironico não significava mais nada ou parecia odioso. Nos annos que succederam á guerra, o Mestre sobrevivera e, ao morrer afinal, com 80 annos, em 1924, ia sepultar-se num esquecimento cuja rapidez não tiveram nem o seu communismo doutrinario, nem o seu automovel pintado de vermelho para agradar a Moscou... Esquecimento exaggerado, concordo, mas que é um facto innegavel. Tive disso agora uma prova que me commoveu fundamente e me levou a escrever estas linhas.

Amigo meu, recem-chegado de Paris, trouxeme um jornalzinho de um palmo de comprimento e seis dedos de largura, que se chama Le Lys Rouge, *e é orgão trimestral dos "Admirateurs d'Anatole France". São quatro paginas magrinhas, com artiguetes e notinhas sobre o patrono. O aspecto material, o tom, as phrases tudo faz lembrar os*

DE HAMBURGO

GERMANOS E JUDEUS

Livro condemnado pelo Santo Officio como heretico, isto se tem visto muito. Agora, livro de prelado catholico posto no *Indice* por leigos e quasi hereges é a primeira vez que vejo em toda a minha vida.

Refiro-me ao livro *Judentum, Christentum, Germanentum*, de autoria do cardeal Faulhaber, arcebispo de Munich. Este livro, que encerra os sermões de Sua Eminencia durante a ultima estação de Advento, tem uma historia attribulada. O governo acaba de prohibir-lhe a venda por toda a Allemanha, porque o cardeal, baseando-se em Tacito, diz dos antigos germanos o que Mahomet não disse nem da carne de porco. Ora, succede que ha naturalmente na Allemanha uma onda de patriotismo um pouco pagão... O odio aos judeus tem desnorteado o partido racista a tal ponto que os seus membros não supportam o Antigo Testamento... por ser judaico. A situação moral desses homens é pathetica, porque, odiando embora os judeus, não podem odiar a Jesus Christo, que era hebreu. Não podem odiar a São Paulo, o maximo dos apostolos. Não podem riscar do Novo Testamento a Epistola aos Hebreus, que é um dos mais bellos documentos do engenho humano.

Os sermões do cardeal Faulhaber defendem tanto o Novo como o Velho Testamento. Até ahi nada ha a dizer. Mas a questão é que Sua Eminencia sóbe ao pulpito e apoia-se na autoridade de Tacito, como si este illustre pagão fosse Padre da Egreja! E para que? Para reduzir os germanos a selvagens, bebados, adoradores de idolos, sanguinarios, escravisadores, etc. Tacito só encontra nos germanos uma virtude: serem bons maridos. Quanto ao mais: assassinos, tyrannos, beberrões e preguiçosos. E' possivel que os germanos daquelles tempos assim fossem. Mas... e os romanos? Tambem eram assassinos, escravisadores, tyrannos, comilões, beberrões e homosexuaes. Basta ler o inicio daquella famosa Epistola de São Paulo aos Romanos, na qual o grande apostolo — que não deixava para amanhã o que tinha de dizer hoje — usa daquellas tremendas expressões: *masculi in masculos turpitudinem facientes...*

O cardeal diz que só o Christianismo fez os germanos deixarem de ser sanguisedentos, preguiçosos, escravisadores, etc.: *"Blutrache und Sklaverei, Faulheit und Trunksucht musten, wenn sie nicht sogleich mit Donareiche fielen, in zaher Erziehungsarbeit abgetragem und durch christliche Lebensordnung ersetzt werden — eine Erzieheraufgabe, die heute noch nicht abgeschlossen ist!"* Creio que um cardeal francez, ao fallar dos allemães, não seria tão aspero. Que dizer, entretanto, dos romanos com os seus triumphos, durante os quaes os vencidos vinham arrastados pelo carro do vencedor, e com os seus combates de gladiadores, já previamente condemnados a morte certa e sendo obrigados a cantar deante de Cesar e das vestaes: *Ave, Caesar, morituri te salutant?* Si os allemães de hoje são descendentes de barbaros, o mesmo se póde dizer dos actuaes romanos. Os escocezes, já convertidos *tant bien que mal* ao christianismo ainda vendiam aos continentaes os seus compatriotas como escravos. Glascow foi a ultima cidade das Ilhas Britannicas que se absteve de vender os seus filhos como escravos. Ainda não ha bem cem annos que o Tribunal da Inquisição foi abolido *officialmente na Hespanha*.

Quanto á hostilidade que ha actualmente na Allemanha contra os judeus, é problema demasiadamente complexo para ser resolvido num sermão ou num artigo de jornal. Acabam de sahir varios livros em resposta ao do Cardeal. Um delles, e dos mais vigorosos, chama-se *Der Kardinal und die Germanen* e é seu autor o sr. Johann von Leers, nazi proeminente. Os judeus, emquanto tiveram o poder nas mãos, abusaram da tolerancia e da bondade dos allemães. A reacção deste momento é perfeitamente natural, porque não é admissivel que 600.000 judeus continuassem governando discrecionariamente 60.000.000 de christãos allemães.

ANTONIO TORRES.

---

jornaes redigidos por collegiaes, esses Labaro, Pharol *e outros em que os meninos de 14 annos expandem o seu lyrisfo piégas ou a sua candida iconoclastia.*

O programma dos Admirateurs d'Anatole France *resume-se em cinco itens*: 1)° *collocar placas sobre a casa em que nasceu e sobre a em que morreu o Mestre; 2.°) dar a uma rua de Paris o seu nome; 3.°) erigir um monumento do Mestre*, puisque nombre d'écrivains, moins notoires et morts après lui, ont dejà le leur; 4.°) celebrar o *anniversario de sua morte por meio de visitas ao seu tumulo ou a uma de suas casas; 5.°) tornar conhecida a sua obra das novas gerações, mediante conferencias, leituras e a creação de bibliothecas.*

Eu que conheci a gloria de Anatole France, em todo o seu esplendor, e isso foi ha menos de vinte annos, eu que me deliciei na leitura de seus livros e nelles via a ultima palavra, senti um aperto no coração ao receber o jornalzinho incensador.

Só os homens da geração a que pertenço, da geração que está hoje entre 40 e 50 annos e que desfructa o privilegio de ter vivido em duas epocas, em dois seculos, em dois mundos, — antes e depois da guerra —, podem comprehender a melancholia e o desconforto que me causaram o pobre jornalzinho.

Os Admirateurs d'Anatole France *estão sendo, inconscientemente, impiedosos com a memoria de seu idolos. Antes um silencio respeitoso ou mesmo indifferente. Quem escreveu tão maravilhosamente a lingua franceza e disse tanta cousa bonita, merecia ser tratado de outro modo. Porque afinal esse papelucho parece mais uma certidão de obito...*

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA

OS RESQUICIOS DO PASSADO

A' memoria do folk-lorista JOÃO RIBEIRO

Quando, ha alguns annos, passou o cincoentenario do folk-lorismo, lembrei-me de tomar a iniciativa da fundação de uma sociedade de folk-loristas brasileiros. Teria o nome de *Sociedade de Folk-lore*. Elaborei o ante-projecto de estatutos. Enchi grande lista de nomes de cultores dessa especialidade, inclusive de compatriotas residentes nos Estados, que seriam os socios correspondentes. Outras preoccupações, porém, me fizeram deixar de lado o projecto. E' que, ás vezes, da idéa á realização se cava um abysmo difficil de transpor.

Não haverá por ahi meia duzia de homens de boa vontade que queiram levar avante esse projecto?

O conhecimento de nossas riquezas tradicionaes, com o dar uma base aos estudos litterarios, viria mostrar como estamos presos á cultura occidental, a essa Africa ignorada e ao longo passado americano. Deslindar a contribuição de cada continente ou de cada cultura seria o alvo principal das pesquizas.

Infelizmente morreu ha pouco o mestre mais autorizado desses estudos entre nós, João Ribeiro, que sabia alliar o gosto da colheita do material ao prazer de dilucidar as suas origens remotas e ignoradas.

Mas, emquanto não se constitue a Sociedade Brasileira de Folk-lore, continue cada aficionado a trazer a sua pedrinha para o edificio. Será a maneira de fazel-o crescer e até de propiciar os deuses para que o tomem sob o seu patrocinio.

Isso de juntar pedrinhas ao altar de um deus ou de uma cruz que lembre um morto, á beira do caminho, como fazem os sertanejos nordestinos, parece uso universal. Herdamos essa pratica dos portuguezes, que a tomaram dos arabes. Ainda hoje em Marrocos assim se faz. Praticam os japonezes esse rito com a deusa Jizô. Conta-nos Wenceslau de Moraes, em *O Bon-odori em Tokushima*, pagina 187: "Quem passa — camponez na sua rotina diaria, peregrino a caminho dos templos — faz a sua reverencia á estatueta de Jizô e colloca por vezes, junto, uma pedrita, o primeiro calhau que encontra cerca, de modo que, vulgarmente, as estatuas de Jizô acham-se rodeadas de pedritas".

Não pude acompanhar o mestre á sua ultima morada. No mesmo dia e hora, tive que levar á igreja, na qualidade de padrinho, uma noiva. A vida parodiando mais uma vez o soneto de Soulary... Em todo caso um contraste, que relembra tambem o celebre verso de Augusto dos Anjos — o carpinteiro que fabrica os berços faz tambem os caixões do cemiterio.

Se lá fôra, teria tambem lançado a minha pazinha de cal, repetindo a formula ritual — Que a terra te seja leve! — mas sabendo que assim procediam os nossos antepassados aryanos ha quarenta seculos, usança transmitida a gregos e romanos (Cfr. Fustel de Coulanges — *La cité antique*) e que chegou até nossos dias, testemunhando o sentir intimo de longinquo passado.

O folk-lore pode servir para a interpretação de textos litterarios, fazendo-nos comprehendel-os completamente ou tecendo em torno delles as teias da erudição. Será, por ventura, neste ultimo caso occupação decente para quem não se sinta predisposto a maiores cavallarias no mundo das bôas lettras.

A' obra do mestre tomarei pequeno trecho, que se presta a uma dessas viagens ao passado:

"E' difficil dizer-te a minha Infancia, a idade da gloriosa inconsciencia das cousas, da vegetação insensivel do Ser, desse tempo em que a gente sem emoções cavalga as dóceis vassouras, pega ao laço os cardeaes altivos de pescoço sanguinolento e canto guerreiro, na qual, de peito n'agua, rasga-se a corrente frigida dos rios ourelados de tremulo bambual umbroso". (João Ribeiro — *Cartas devolvidas*, pagina 74).

Cavalgar as dóceis vassouras... Desde quando as creanças brincam de cavallo de pão?

Ha, nas *Cartas chilenas*, hoje attribuidas, com segurança, ao poeta Claudio Manoel da Costa, do seculo XVIII, allusão a esse folguedo infantil:

"O terno Floridoro, a estas horas,
No molle espreguiceiro se reclina
A ver brincar alegres os filhinhos:
Um já montado na comprida cana,
E outro pendurado no pescoço
Da mãe formosa, que risonha abraça."

Mas, já no seculo XVI o doutor João de Barros, no *Espelho de casados*, cuja primeira edição é de 1540, lhe faz referencia: "Por isso El-Rei Antioco andava um dia em seu pomar foi folgando com seus filhos que tinha piquenos, e tomava lancinhas e fazia cavallos de pau com elles."

Treze reis da Syria da dynastia dos Seleucidas usaram o nome de Antioco.

Antioco I, reinou de 281 a 260 antes de Christo. O ultimo, cognominado o Asiatico, de 68 a 64 da mesma era pagã. Desthronou-o Pompeu, que reduzira a Syria a provincia romana.

A phrase do classico portuguez suppõe um texto antigo, grego ou latino, que dê a alludida informação. Provavelmente, trata-se do ultimo Seleucida.

Alberto Faria, em *Aerides*, 1918, p. 177, dá-nos aquelle facto como se tendo passado com Agesilau, sem precisar se foi com o primeiro ou o segundo rei de Sparta:

"Ao L: XII, § 15, das *Historias diversas*, de Claudio Eliano, originalmente escriptas em grego, entre 211 e 235 de nossa era, deparou-se-nos: "Rindo-se alguem de ver Agesilau a cavallo sobre uma bengala, com seu filho, criança ainda, disse-lhe elle: — Por enquanto guardai-me o segredo; quando fordes pae, vós contareis meu caso aos que tiverem filhos".

Agesilau, o segundo, reinou de 397 a 360 ou 358 antes de Christo.

Martins de Oliveira, *No paiz das Carnaúbas*, Rio de Janeiro, 1931, allude aos cavallos de pau feitos com talos dessa palmeira. Os garotos das margens do São Francisco, em pleno sertão brasileiro, brincam hoje em dia como os filhos de Antioco e de Agesilau, e como um dia brincou Anatole France, á beira do Sena, conforme nos contou em *Le Crime de Sylvestre Bonnard*:

"Je jouais aux soldats et, pour nourrir mon cheval á bascule, je ravageais les plantes que ma pauvre mère cultivait sur sa fenêtre". (Pag. 25).

O estylista Paul de Saint-Victor, em *Les deux Masques*, Paris 1884, ao fazer a psychologia da tragedia e da comedia, invoca "cet instinct inné de l'imitation qui fait simuler à l'enfant les actions viriles, au sauvage la chasse du lendemain et le combat de la veille. L'écolier transforme en cheval le bâton qu'enfourchent ses jambes". (Pag. 1). Trouxe á baila esse trecho, não só para documentar mais a usança infantil dos cavallos de pau, como tambem para lhe dar a explicação psychologica, aliás evidente. Podemos concluir ponderando que a área de dispersão desse jogo coincidirá talvez com a da dispersão do cavallo.

Quero ainda aproveitar certo passo de João Ribeiro para disquisição folk-lorica. Vem elle no artigo *O doutor Bragança*, inserto no *Jornal do Brasil* (5-1-34):

"Que recordações as desse tempo! Costumavamos tomar banho no rio, nas aguas murmurosas do Continguiba, numa volta da corrente no sitio que chamam de Bom Gosto. Iamos todos e eramos numerosos, cada um com a toalha ao hombro, para refrescarmo-nos na agua que corria á sombra das ingaseiras que marginavam a corrente.

Praticavamos um jogo infantil que, se me lembra, se chamava um coice. Consistia o coice em mergulhar e fazer a cambalhota já á tona e á flôr d'agua.

Não tinha consequencias graves porque n'agua o peso diminue mais de metade e todos os golpes são inocuos.

Outros jogos eram communs como o de *tirar tainha*, habilidade que consistia em lançar uma pedra tangenciando a superficie d'agua por onde sahia aos pulos, repinicando, até perder a força inicial".

Desde quando as creanças tiram tainhas?

Esquecido texto de um livro de eristica religiosa de Minutius Felix, apologista latino do christianismo, que viveu nos fins do segundo seculo, documenta esse brinco entre as creanças romanas. Póde ser lido no *Octavius*, celebre dialogo a que se referiu Chateaubriand logo no começo do *Génie du Christianisme*.

"Na volta chegados onde a praia estava empedida de traves, postas em reparação, viram um grupo de moleques, que se divertiam a jogar pedras chatas e polidas á superficie do mar, fazendo-as resaltar mais vezes sobre as ondas. A disputa era fogosa, tanto que Minucio e Octavio riam e tomavam interesse." Responde pela fidelidade da traducção o dr. Francisco Isoldi — *Prelecções de Introducção á Historia e Critica historica*, S. Paulo (1932), pag. 128.

Envelheceu porventura a argumentação do philosopho, mas ficaram as impressões do artista que descreveu scenas de villegiatura maritima, o passeio das elegantes romanas, os brinquedos das creanças na praia...

A descripção milennaria póde convir á Copacabana de hoje, onde as mulheres exhibem as linhas do corpo e as creanças, ás vezes, brincam da mesma maneira.

Mas, podemos remontar á Grecia. Os gregos conheceram o alludido folguedo infantil e o designavam pelo termo *epostracismo*, que passou á nossa lingua.

Moraes o inclue no seu diccionario e assim o define na quarta edição, que é a melhor:

Epostracismo, s. m. Jogo de atirar conchinhas, seixos chatos, ou outro cascalho, e testinhos do mar por cima das suas aplacadas ondas, vencendo aquelle, cuja pedrinha cursou mais longe, e fez mais repetidos saltos, e chapeletas pela tona d'agoa. *Annot. ao Manual d'Epicteto.*

Constancio decompõe assim o vocabulo — *epí*, prefixo — sobre e *óstrakon*, concha. Razão não teve de precedel-o de asterisco, signal de novidade, Candido de Figueiredo.

Uma geração transmitte ás outras os resquicios do passado que não morre. Forma-se assim o humus da tradição que permanece, latente, integro, dentro de nós, sepultado nos penetraes do "eu", e diffuso, retalhado, ás vezes, irreconhecivel no meio social.

E, um dia, quando tudo de um costume, de uma lenda, de uma tradição desappareceu, ainda resta a palavra designativa, morta, no diccionario ou os seus derivados, vivos, na linguagem usual.

Na Grecia archaica Picus foi um deus que Jupiter desthronou. O fluir irreversivel do tempo viu passar o cortejo, de uma centena de gerações. No resequido Ceará hoje ainda "a folha do pica-pau" traz, no sentir do povo, a felicidade.

O mestre, nas paginas d'*O Folk-lore* prendeu a superstição nortista áquelle culto hellenico protohistorico.

Não vale a pena estudar-se a sciencia que nos mostra ser o presente uma tela magica tecida com os fios que vem de uma antiguidade tão grande e veneravel?

Formemos para propagal-a e honrar a memoria dos seus cultores a Sociedade Brasileira de Folk-lore.

Alcides Bezerra

— Henri Hauser, professor na Sorbonne, estuda *La prépondérance espagnole*, isto é, o periodo de 1559 a 1660, em que a Espanha tanta força e prestigio teve na Europa e no resto do mundo, graças aos seus guerreiros, aos seus romancistas, aos seus pintores e aos seus conquistadores de terras longinquas. Depois, como se sabe, veiu o declinio, embora presentemente o grande povo que deu Carlos V, Velasquez, Cervantes e Pizarro esteja a bater-se por uma animadora renascença collectiva.

A Inquietação de João Ribeiro

Havia em João Ribeiro, sob o philologo, o escriptor, o "controversialista", o humanista, o philosopho — um grande homem de bem. Havia em João Ribeiro uma fidelidade intransigente aos valores do espirito. Incompatibilidades pessoaes não lhe turvavam o julgamento. Amizades não lhe valiam para transformar o mediocre em genio. Suas concessões á eutrapelia social eram transparentes e vinham sempre, como accentúa muito bem Joaquim Ribeiro nos 9 *mil dias*, impregnadas de ironia e de piedade.

Para se ser elogiado por João Ribeiro não se precisava ser seu amigo. Elle foi dos raros entre nós que não tiveram rodinha. Eu nunca o frequentei. Não lhe apertei a mão mais de uma meia duzia de vezes em encontros de poucos ou de um minuto. No entanto ninguem me louvou mais. Ninguem elevou tanto a voz para me exaltar. Suas apreciações sobre os meus trabalhos são a maior recompensa que encontrei na vida litteraria.

Para João Ribeiro, catholicos ou livre-pensadores, republicanos ou monarchistas, liberaes ou reaccionarios, antigos ou modernos eram apenas autores nos quaes elle procurava a substancia humana, o fundo da alma, o merito intrinseco, o que traziam de novo, de bello, de forte, de interessante nas suas obras.

Entre tantos sub-homens, João Ribeiro era um homem. Não tomava partido. Tratava de comprehender, isto é, era sabio (*sage*).

Seu scepticismo era uma fórma desse desespero branco em que vive todo sêr humano intelligente que sabe quanto é vão esperar.

Referindo-se á inquietação de João Ribeiro, seu intenso e eminente filho, o folklorista e philologo Joaquim Ribeiro, attribue á luta das culturas: a cultura germanica e a latina no espirito do mestre. Nesse passo não estou de accordo com Joaquim Ribeiro.

Aliás, os motivos intellectuaes não são sufficientes para crear a inquietação de um espirito. Produzem crises transitorias. A inquietação de João Ribeiro era mais do que intellectual. Era o proprio mal da vida, a incerteza de cada minuto, a absurdidade de tudo, a dôr de saber que no extremo de todos os caminhos não ha senão deserto e anniquillamento. Viver é já de si tão grande agonia... A "ataraxia" é attributo meramente intellectual (da consciencia) deante das contradicções do universo. E o que está por baixo e por cima da consciencia, preso por mil fios e antennas ás vibrações immensas do desconhecido. João Ribeiro não tomou parte no drama da existencia apenas como espectador, como intellectual grego, senão tambem como actor. Sua alma reflectia todos os conflictos do Sêr com o Não Sêr, etc.

João Ribeiro soffria além do mais do contacto forçado com a vulgaridade. Como não ser inquieto — um homem como João Ribeiro, todo bom gosto e honestidade intima — que é obrigado a viver a vida que no Brasil se impõe ao homem de gosto e honesto? Sua inquietação era assim moral. Ao meu vêr as duas correntes não se contradizem dentro delle; a Allemanha lhe dera o amôr da investigação e da grande poesia; a França o amôr da clareza, a proporção, o metro classico. França e Allemanha se encontravam em Goethe para formar o typo superior a cuja estirpe, pela altura da visão e pelo conhecimento da vida, pertencia o nosso mestre.

GILBERTO AMADO.

P. S. — Como o appello de um grupo de estudantes da Faculdade de Direito para que eu me apresente candidato á Academia está servindo de mote a enthusiasmo de amigos, emquanto não dou resposta publica e agradecimento á penhorante manifestação dos meus jovens collegas, declaro aqui para os leitores de *Ariel* o que tenho declarado innumeras vezes — que não sou e que espero em Deus não serei nunca candidato á Academia.

Ha mais de 20 annos me fizeram candidato (escreveram até a carta que eu só fiz assignar). Realizada a eleição perdi por um voto. Entre os que suffragaram o meu nome se achavam Carlos de Laet, João Ribeiro, Affonso Arinos, Graça Aranha, João do Rio, Olavo Bilac, Luiz Murat, Silva Ramos — para só falar dos mortos. Eu era apenas um menino ignorante. Fiquei tão contente com esse estimulo que ahi encerrei minhas relações com a Academia sem deixar de manter as melhores com muitos academicos. O que eu quizera, nesta altura, seria escrever bons livros pensados e sentidos com alegria e na dôr da vida. Mas para isso seria preciso tempo, e é o que me tem faltado como a todos os brasileiros sem fortuna que são obrigados a se multiplicar em mil actividades quotidianas impostas pelo dever pratico.

G. A.

VIGÉSIMO

Indiscreta e desconcertante,
cidade moderna,
ergues-te por toda parte
em pontos de exclamação
espreitando por cima dos morros
com teu indisfarçavel desrespeito
o cyclo da tua propria evolução.

Vejo-te agora na mesma postura
de curiosidade e intrusão
devassar as velhas entranhas
de um palacio episcopal
— que cochila
voltado para o ceu colonial —
séde de fé e de tradição.

No espaço exiguo em que te tolheram
restou-te a vertical
e por ella sobes
num impeto magnifico
de dynamismo constructivo.

HELENA DA CUNHA.

MIGUEL COUTO

E' esta a primeira vez que escrevo sobre Miguel Couto.

Durante a sua vida, tão justamente festejada em muitas das suas gloriosas etapas, não foram poucas as opportunidades em que desejasse e me sentisse mesmo na obrigação de associar-me ao louvor collectivo e vir dizer-lhe de publico a profunda admiração em que o tinha, o sincero affecto que lhe dedicava.

Comtudo, não o fiz e se o grande morto de hontem na sua infinita bondade, jámais ha de ter posto reparo na ausencia de quem devia ser dos primeiros a testemunhar-lhe a sua gratidão, sei bem o quanto não me custou vêr por tantas vezes murchas entre as mãos que se preparavam para a offerta votiva, as flores destinadas ao seu laurel.

Mas que se diga da apparente sem razão de uma tal attitude, radicada a escrupulos agudissimos e certos remordimentos de consciencia que antes trahiriam veneração ainda maior pelo Mestre do que a desconcertante evidencia de uma tibieza que nada explicaria.

E' que discipulo de Miguel Couto, durante alguns annos — os melhores talvez da minha mocidade — já como estudante, já como medico, fui dos mais assiduos ao seu convivio, participei do fogo sagrado que contagiava os seus mais proximos e, haurindo-lhe os ensinamentos, abeberando-me na fonte inestancavel das suas licções, fil-o o paradigma dos meus dias porvindouros e tive a illusão de que não me seria difficil seguir-lhe obscuramente os passos na larga e acolhedora estrada que toda se illuminava á luz do seu saber.

Dôce illusão! Não nascera para medico. Aos primeiros embates com a clinica, quando rosto a rosto com a doença e sentindo que por detraz della sempre se escondia uma mascara ainda mais terrivel, achei-me despojado de tudo, das armas que lhe devia e que já ensaiara a seu lado, do arnez que com tanto carinho elle procurara ajustar ao meu corpo, e logo me convenci que só pudera ser soldado ao influxo magico do seu commando.

Fôra-se-me a fé, a fé na profissão abraçada com tanto gosto, a fé na arte de curar que me enchia o peito de esperanças e, de repente, vi-me só, desamparado e fraco. A duvida unhou-me o cerebro, a dôr alheia escorchou-me os nervos e afogado na preamar do mais atroz dos pessimismos, a sciencia surgiu-me como nunca dantes me apparecera: artificiosa e falha nas suas construcções, precarissima nos seus recursos therapeuticos.

E foi por ahi que olhei de face para outros horizontes...

De tudo isso, da acerba amargura que me possuiu então, da luta sem treguas que tive de travar commigo mesmo, dei cabal conhecimento a Miguel Couto, lendo-lhe uma carta de que ainda hoje, volvidos vinte annos, guardo copia, e cujo destinatario era pessoa que tambem tinha olhos zeladores sobre o meu futuro.

O mestre, com a bonhomia de sempre, não contrapoz argumentos ao grito angustioso daquellas paginas em que, não raro, apparecia o nome de Amiel, o desencantado philosopho, tão de seu agrado por aquella época, e que elle mesmo revelara a seus discipulos. Se nada me disse, seguramente porque reconhecera que sem muita sinceridade eu não me arrastaria até a sua presença para confissão tão penosa, ha de ter soffrido no seu fôro intimo, amerceando-se do meu triste destino, condoendo-se dos aggravos que me esperavam, quando, propenso a novas actividades, todo voltado para outros climas do pensamento, eu ainda acreditava que, no Brasil, podia existir um lugarzinho ao sol para aquelles que se dedicam á creação litteraria.

Dahi por deante, soltas as amarras e feito de velas num mar de cavadias grossas e altas ondas tumentes que cada vez mais me afastavam do Templo de Epidauro, levava comtudo, á pôpa do meu barco, a imagem daquelle que quizera por meu nume tutelar e ainda agora está bem vivo deante dos meus olhos: timido de gestos, docil de trato, um breve sorriso na face pallida, mas todo sabedoria na serenidade do seu espirito, mas todo bondade na meiguice do seu coração.

GASTÃO CRULS

Osorio de Oliveira — *Psychologia de Portugal* — Edições "Descobrimento" — Lisboa, 1934.

Como esse escriptor sabe entender o Brasil e quanto o ama porque bem o entende! Vão certeiras á alma e ao espirito do leitor todas as palavras que elle escreve sobre os nossos patricios, tamanha é a comprehensão fraternal que as suas paginas testemunham. Bem andou o poeta Menotti del Picchia ao encontrar no sr. Osorio de Oliveira uma especie de luso-paulista. Sua viagem de ha mezes á velha Piratininga, onde lhe decorreram os dias da infancia, foi quasi um regresso á terra natal, e os trechos em que elle se refere aos creadores de belleza de região tão bella, são boa critica e ao mesmo tempo uma fórma de amor.

Matheus de Albuquerque — *Trilogia de amorosas* — Livraria Garnier — Rio.

São tres romances, de um magnifico poeta, de um magnifico prosador. *Dora*, publicado em Paris com o titulo *L'homme entre deux femmes*, foi bastante festejado pela critica, havendo quem enxergasse nesse livro um romance de psychologia bem á maneira tradicional franceza. Marcel Brion accentuou que o talento do nosso patricio "é feito da arte de dissociar os elementos os mais fugitivos e frageis do amor". A analyse pareceu-lhe das mais elegantes, "operando quasi sempre por incidencias e reflexos". Mas não só os europeus depuzeram elogiosamente quanto ao volume do sr. Matheus de Albuquerque. Tambem um brasileiro, e uma das primeiras autoridades da nossa critica moderna, o sr. Ronald de Carvalho, viu no livro "uma verdadeira obra prima" e a obra prima do autor. Quanto aos dois outros romances, *Margara* e *Nair*, bastam a consagral-os as finas versões de Cansinos Assens para o castelhano e de Jean Duriau para o francez, esta prestes a ser publicada e aquella divulgada com real interesse nos melhores circulos de cultura da Hespanha.

DE NOVA YORK

Livros e Autores

Os collecionadores das obras de Dickens estão de parabens, pois o grande romancista voltou á actualidade com o que delle e sobre elle tem sido ultimamente publicado. Primeiro, foi aquella *Vida de Nosso Senhor*, escripta por Dickens para seus filhos, de que ha pouco tratei; agora, são as cartas intimas do escriptor, recentemente soltas dos secretissimos archivos do British Museum, que entram para o dominio publico.

Essas cartas formam duas categorias: as de Dickens á esposa e as que o romancista escreveu a Maria Beadnell, filha de um banqueiro londrino, com quem elle quiz casar, não tendo porém obtido o consentimento do pae da moça, porque nessa época, ainda um obscuro reporter do *Morning Chronicle*, Dickens via o proprio pae ser mettido na cadeia por causa duma divida — facto que o banqueiro Beadnell decerto não ignorava.

Foi depois desse "contra", talvez demasiado rude para o futuro autor de *Mr. Pickwick*, que Dickens entrou a fazer a côrte á Miss Katherine Hogarth, filha do dono do jornal onde trabalhava, com a qual veio a casar.

O que essas cartas vêm agora provar é que Dickens nunca esqueceu aquelle seu primeiro amor e que a Dora por elle "retratada" no seu *David Copperfield*, outra não é senão a mesma Maria Beadnell, que, embora casada, lhe vivia ainda na lembrança.

Profundamente pessoal, como é toda a obra de Dickens, o seu *David Copperfield* tem servido para elucidar todos os pontos obscuros dessas cartas — que passam de cem — supprindo tambem pequenos trechos psychologicos, que sem a contraprova daquelle romance autobiographico, teriam ficado sem explicação.

Ora, deante de material tão amplo, e de tão boa qualidade, sente-se que por ahi vem uma nova biographia de Charles Dickens emparelhar-se á accrescida edição de suas obras, que os editores annunciam. Por outro lado, a Metro Goldwyn está já trabalhando na adaptação de *David Copperfield*, que muito breve será posto em fita.

E' uma verdadeira resurreição para o grande escriptor.

O caso passou-se em Budapeste, mas parece americano pelo espirito:

Um livreiro daquella cidade annunciou com boa reclame um livro de titulo bastante convidativo: *O que toda moça que vae casar deve saber*. Choveram os pedidos e o editor começou a despachar promptamente as encommendas. A seguir choveram tambem protestos. As pressurosas freguezas accusavam o homemzinho de fraude, pois o volume tão altamente annunciado não passava de um completo Manual de Consultas Culinarias!

Por fim, algumas das mais indignadas casadouras resolveram levar o livreiro á barra dos tribunaes:

— Cozinhar é precisamente o que toda pequena que vae casar deve saber, declarou o togado que julgou o caso, negando que tivesse havido fraude no annuncio do livro.

E diga-se que em Budapeste não ha juizes!

A editora newyorkina Knopf acaba de fazer uma segunda edição da *The Relic*, de Eça de Queiroz, na traducção ingleza de Aubrey F. G. Bell. O novo volume, que é da collecção de bolso, traz uma introducção de John Garrett Underhill, que põe o leitor ao par de alguns factos e pessoas da litteratura portugueza.

Ha um lamentavel erro a apontar: o nome do autor vem escripto *Eca* — sem o ç — como aliás ha muito fazem os hespanhóes, inimigos dos signaes graphicos. A editora Knopf, que é tão caprichosa na feição graphica das suas obras, está a pedir uma "cedilha" de protesto e eu talvez lhe aponte o lapso.

Peter Fleming, que obteve no anno passado um grande exito com o seu "Brazilian Adventure", regressa agora da China com um novo livro: *One's Companion*, que é como quem diz "companheiro de si mesmo". Veremos se as impressões chinezas de Fleming lhe trarão os resultados das brasileiras.

Miss Rosita Forbes, ingleza apesar do *ita*, publicou ha pouco *Oito Republicas á Procura do Futuro*, ultima contribuição á já longa bibliographia sul-americana.

Começando com o Brasil, ha de entrada um pedacinho que parece decalcado sobre o livro da Creação: "No começo eram mattas, e mattas, e mattas... Em dias consecutivos vieram grandes especuladores, que sonhavam com milhões facilmente amontoaveis, e disseram: — Haja cacáu, borracha, café, gado e assucar! E a terra rôxa abriu-se numa prodigalidade tal, que os deixou desorientados".

O livro estuda certos aspectos dessa parte do continente, indo por exemplo á minucia de mostrar as differenças existentes entre o brasileiro e o argentino, e entre este e os chilenos. Prefaciado pelo Visconde D'Abernon, ex-commissario commercial da Inglaterra na Argentina, esse introito procura explicar o fim utilitario do titulo do livro de Miss Forbes — dirigido a nações ainda por fazer... A autora diz ter viajado 23.000 milhas dos paizes por ella estudados, o que justifica as 340 paginas do seu volume, cheias de observações e muito espirito.

Os *best sellers* foram sempre olhados como um grande enigma, por autores e editores. E sem saberem em que consiste a fórmula exacta dos *best sellers*, uns e outros almejam lançar o livro que todos prefiram. *Anthony Adverse, Brazilian Adventure, Life Begins at Forty, While Rome Burns* e outros foram *best sellers* no anno passado e cuja venda ainda prosegue sem interrupção.

Uma revista da Columbia University dá-nos uma lista dos *best sellers* de ha annos. O livro que bate o recor da grande venda é *In His Steps* (1899), por Charles Monroe Sheldon, do qual se venderam 8 milhões de exemplares. A seguir, vem *Freckles* (1904), por Gene Stratton Porter, com 2 milhões de venda. A lista dos que passaram de um milhão compõe-se de vinte titulos: *Ben Hur* (1880), L. Wallace, 1.950.000 de exemplares; *Girls of the Limberlost* (1909), Gene Stratton Porter, 1.700.000; *The Harvester* (1911), Gene Stratton Porter, 1.600.000; *Tom Sawyer* (1875), Mark Twain, 1.500.000; *The Winning of Barbara Worth* (1911), Harold Bell Wright, 1.500.000; *Laddie* (1913), Gene Stratton Porter, 1.500.000; *The Virginia* (1902), Owen Wister, 1.450.000; *The Call of the Wild* (1903), Jack London, 1.412.000; *Story of the Bible* (1904), Jesse Lyman Hurlbut, 1.321.000; *The Trail of the Lonesome Pine* (1909), John Fox, 1.255.000; *David Harum* (1900), Edward Noyes Westcott, 1.200.000; *The Little Shepherd* (1903), John Fox, ... 1.100.000; *Five Little Peppers and How They Grew* (1881), Margaret Sidney, 1.090.000; e *Huckleberry Finn* (Twain), *Pollyana* (Eleanor Stewart), *Black Beauty* (Anna Sewell), *Treasure Island* (Stevenson), *Trilby* (Du Maurier) que tiraram mais ou menos um milhão de copias.

Vê-se por ahi que vem de longe o habito do povo americano de lêr muito, sem ser em livros emprestados. Interessante tambem é notar-se que todas essas obras já passaram para o cinema, algumas das quaes, como *Tom Sawyer, Trilby, Black Beauty, Ben Hur*, tiveram mais de uma versão cinematographica. Se dellas não nos lembramos é porque nas traducções portuguezas, os films quasi nunca conservam o nome original. *Trilby*, na sua primeira versão, no cinema mudo, chamou-se *Sota, Valete e Rei*, e *Pollyanna*, feita por Mary Pickford, como se chamava?...

Arthur Coelho.

P. S. — Houve um engano de revisão ou cousa que o valha nas notas que ajuntei ao artigo "85 annos depois", publicado no numero de maio desta revista. O que eu suggeri, como aportuguezamento de *folk-lore*, foi "fouclór" (ou fóclor), conforme a pronuncia ingleza, e não *flocor*, como sahiu. E tambem *fóclorista*.

A. C.

La Litterature Internationale

Temos em mão o primeiro numero de Littérature Internationale, *orgão central da união internacional de escriptores revolucionarios que se edita em Moscou em lingua russa, ingleza, allemã, franceza, e chineza.*

E' inutil encarecer a importancia dessa revista, que reune a collaboração dos novos grandes escriptores mundiaes que se dedicaram á causa do operariado. Escriptores que aboliram o gasto conceito da "arte pela arte", julgando que a arte e especialmente a litteratura tem um grande fim humano e politico, deixando de ser um simples divertimento e passando a ser arma de combate capaz de ajudar o progresso internacional.

La Littérature Internationale *tem no seu comité de redacção nomes como os de Henry Barbusse, Glaeser, Michael Gold, Gorki, Theodor Dreiser, John dos Passos, Romain Rolland, Upton Sinclair, Tokunaga Naossi e Serafimovitch, que são hoje mundialmente conhecidos e admirados.*

Esse primeiro numero traz notavel collaboração assignada por Romain Rolland, Alexandre Malichkins, V. Sayanova, Cesar Arconada, Bruno Jossensky, L. Cassil, Lidine, S. Dinamov e varios outros, além de informações sobre a sciencia na Russia e a litteratura revolucionaria.

— O nome de Henry de Montherlant esteve indicado para o Grande Premio de Litteratura, que todos os annos confere a Academia Franceza. Mas houve quem achasse as suas obras audaciosas demais. Talvez que o autor de *Songe* melhore a sua cotação ao publicar *Les Celibataires*, romance que deve apparecer ainda este anno.

Departamento de Educação do Districto Federal — *Programma de sciencias sociaes* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Livros como este inspiram-se no principio de que "a Escola, numa democracia moderna, não se póde desinteressar da vida social do ambiente em que se acha e permanecer estranha aos problemas da communidade que, em ultima analyse, ella representa". Tudo, em obras destas, visa uma finalidade de mutua comprehensão collectiva. Pagina a pagina, demonstra-se como a vida do lar se alarga na sociedade e evidencia-se egualmente que sem um perfeito conhecimento dos outros povos, bem como dos habitos dos nossos antepassados, não chegaremos jámais a comprehender os costumes do nosso tempo.

Noronha Santos — *Meios de transporte no Rio de Janeiro* — Typ. do "Jornal do Commercio" — Rio, 1934.

Quem quer que se interesse pela historia do Rio de Janeiro não poderá deixar de percorrer estes dois valiosissimos volumes. O sr. Noronha Santos é no momento, sem duvida nenhuma, o maior conhecedor de tudo quanto se prende á nossa cidade, sabendo-lhe a historia rua a rua, quasi diremos casa a casa. A sua longa estada no Archivo Municipal, casada á argucia de um verdadeiro reconstituidor de scenas antigas, tornou-o familiar de todos os documentos que elucidem a evolução da metropole, desde os serenos dias coloniaes aos tumultuosos dias de agora. Dahi a notavel obra em que, a pretexto de evocar a melhoria dos nossos meios de transporte, vae elle fazendo emergir, em torno das berlindas, das maxambombas e dos automoveis, o que de essencial occorreu em muitos ramos de actividade aqui no Rio. Trabalho vagarosamente pensado e escripto com uma crystallina simplicidade que é bem o espelho de uma intelligencia honesta e leal, os dois tomos do sr. Noronha Santos, prejudicados apenas por um titulo dos mais prosaicos, mas que, a rigor, não podia ser outro, nada ficam a dever ás melhores paginas cariocas de um Moreira de Azevedo ou de um Vieira Fazenda.

Jeanne Perdriel-Vaissière — *O bosque encantado* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Traduzido pelo sr. Gustavo Barroso, da nossa Academia de Lettras, surgiu agora em portuguez esse attrahente romance, já laureado, no original, pela Academia Franceza. Jeanne Perdriel-Vaissière é poetisa das mais graciosas e esposa de um official da marinha de guerra da França.

JULIEN GREEN - LE VISIONNAIRE

PLON, PARIS, 1934.

O ambiente dos livros de Julien Green é o dos pesadelos. Aquelle mixto de liberdade e fatalidade que torna o sonhador presciente da catastrophe que desencadeará levantando a mão direita (Porque? ignora-o, mas é assim) e o leva entretanto a concluir o gesto, é o estado normal de seus personagens. São, todos elles, como "marionettes" que entendessem a peça — mas continuassem presas aos cordeis invisiveis.

Talvez, por isso, sejam tão humanos, apezar do seu aspecto de somnambulos. Não somos, nós tambem, bonecos que comprehendem, ou crêem comprehender a pantomina? Apenas, para Green, a farça nunca é comedia, nunca permitte o desafogo de um sorriso. Mesmo com o material o mais inocuo, apparentemente, consegue construir um drama.

No *Visionnaire*, tudo gira em torno de um tuberculoso, banal até na feitura, caixeiro numa livraria de provincia, de sua tia, uma viuva austera e rigorosamente viuva, e da filha desta, collegial cujos quinze annos, como tantos outros quinze annos, hesitam entre o appello mystico dos conventos e a attracção bem terrena de sentidos em alvorada.

Acção, quasi nenhuma. Um livro sem superficie — mas como se desenvolve em profundidade, que borbulhar de vida subterranea! E' a tragedia quotidiana da humanidade contorcida, debatendo-se entre as convenções e os instinctos, sem uma disciplina interna que os una, que dê um sentido a todo esse recalcamento. Os acontecimentos apparecem como fatalidades arbitrarias e inexoraveis, sem contacto com a realidade intima, onde a liberdade é completa. Aliás, no *Visionnaire* — se exceptuarmos um estranho passeio nocturno, talvez o climax do livro — os factos são banaes, e é só essa opposição com a vida interior que os torna terriveis. A menor palavra tem resonancias profundas, inesperadas, assustadoras como ruidos numa casa vasia. E, verdadeiramente, ella atravessa uma zona ôca, a que separa o automatismo exterior do chaos interno.

A tragedia deve ser o centro de gravidade desse franco-yankee, que dizem ser um bonito rapaz, de olhar sadio e um pouco ingenuo, levando, num arrabalde parisiense, uma pacatissima existencia.

Outra semelhança de sua obra com os sonhos é a ausencia do factor tempo. Não o tempo-duração, mas o tempo-epocha. E' impossivel dizer com certeza quando se passa um livro de Green. Isso mostra bem como a realidade palpavel, de todos nós, influe pouco nos seus heroes. Existirá mesmo, para elles, uma realidade? Não é só em Manoel, o tysico visionario, evadido em imaginação para um sombrio castello, que o sentido do normal se oblitera. Essas naturezas dissociadas, e de uma interiorização morbida, vivem sem ver, sem viver, afinal Quando principia a narrativa das visões de Manoel, o leitor não percebe grande mudança na atmosphera, tanto é phantasmagorica a realidade — ou real, de um certo modo, a phantasmagoria.

Cada uma dessas almas é um pequeno mundo tumultuario e hermetico. Hermetico porque tumultuario. Um mundo sem eixo, sem nucleo de crystalização, que se fecha para evitar a destruição. Por isso, o attricto do convivio diario, das relações com os outros, é um soffrimento. O amor do visionario pela prima é um sentimento contradictorio onde entra o desprezo. O amor, em Green, é uma projecção do eu, com todo o seu egoismo, rebaixando, quasi destruindo o objecto amado. Creio que não ha, em toda a sua obra, uma unica nota de ternura. Um sensualismo exasperado, aspero, feroz é a base de todos os sentimentos de suas creaturas, a unica ponte entre ellas e os seus semelhantes. E' o que as torna differentes das de Dostoievsky, essas outras dissociadas.

Ha, entre os heroes do grande russo, um fundo de solidariedade, a força coercitiva de sympathia, a comprehensão suprema da bondade; a falta dessa sensibilidade humana torna deprimente o convivio dos de Green. E' uma gente que pratica, por vezes, boas acções — mas não por bondade. O seu mundo é um deserto arido, onde o grito de dôr não encontra nunca um echo amigo e reconfortante; póde, isso sim, provocar a volupia amarga de ver soffrer, como a que desperta, em Mme. Plasse, a doença do sobrinho.

A despeito do seu raro temperamento de romancista, tem-se a impressão de que Green observa a vida por um angulo muito apertado. Existe aquillo que vê — mas não vê tudo. Falta alguma cousa em seus livros admiraveis, porque esquece que o homem póde sahir de si mesmo; a menos que esse esquecimento seja voluntario, e que a sua grande arte esteja justamente em nos fazer sentir uma ausencia, uma amputação na creatura entregue só á sua natureza.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

— O romancista italiano Angelo Gatti, que é tambem general do exercito, vê-se traduzido para o francez. Mas, apesar da polidez devida a um antigo alliado, os criticos de Paris não esbanjam muitos elogios em relação ao autor de *Ilêa et Albert*, volume de quasi seiscentas paginas, uma dessas narrações fluviaes muito em moda no tempo. Alguem, accentuando tratar-se de uma das glorias da aviação peninsular, parece mesmo suggerir que elle iria melhor bombardeando do alto cidades inimigas que entrando assim terra a terra, como romancista, pelas cidades amigas.

— Pierre Grosclaude, não sabemos se aparentado ao humorista que celebrizou esse sobrenome, lança uma vista de olhos retrospectiva em *La vie intellectuelle à Lyon dans la deuxième moitié du XVIII siècle*. Sabe-se que Lyão, a par de um nucleo temivel de agitações democraticas, foi sempre operoso centro de manifestações litterarias. Não ha nenhum provincianismo grotesco na gente nascida á margem de um tão bello rio quanto o Rhodano e que escreve lindas paginas de arte com o mesmo gosto e finura com que trabalha as suas sedas famosas.

"CLARISSA" DE ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo conseguiu fixar em seu trabalho, um detalhe difficil, que existe na vida real de todos nós. Tudo que é familiar, quotidiano, e se repete, só poderá se transformar em um verdadeiro motivo de arte quando se approxima da perfeição. Conservar a monotonia, sem cansar o leitor, e imprimir ficção sem fugir ao verdadeiro, é tarefa difficil e só é dado realizar ao verdadeiro artista. E Erico Verissimo escolheu para ambiente de sua obra, precisamente, um lugar commum de todas as villas e de todas as metropoles. Uma pensão.

Uma pensão com todas as suas repetições quotidianas. As mesmas vozes e os mesmos habitos, os inalteraveis buliços de todas as manhãs e a mesma sombra pesada de todas as noites, lembrando o lugar-commum que se repete. Depois os hospedes. Cada um é um symbolo que se desdobra, se revela e vive. Todos possuem procedencias ignoradas e destinos varios, sem nunca poderem se comprehender. E dentro desta grande familia, sem laços de affinidade, desenvolve-se toda a acção do trabalho de Erico Verissimo.

Clarissa é personagem central. Menina que vê a vida atravez de uma ingenuidade sem convenções. Simples e meiga, não comprehende os mysterios que a imaginação recalca e não explica. A vida para ella se restringe á sua ternura infantil e á sua vaidade sem malicia. Tudo passa deante de seus olhos como um tumulto de sensações inéditas. Clarissa raciocina, imagina e pensa dentro de um ambito estreito de inducção e de deducção, porque ha um limite cingindo sua vida que desperta.

A ingenuidade de Clarissa se explica. Influencia do meio e, sobretudo, de educação. Vinda do interior para estudar na cidade, ficou sob os cuidados de uma tia austera. A educação moderna não se operou nella. Sem ambiente e sem convivio, não se libertou. Dudú é um contraste.

Neste ponto, para conseguir o equilibrio da personagem, sem attingir ao absurdo e ao exaggero, o processo de Erico Verissimo é perfeito.

Abandonando os velhos methodos de ficção, a prosa do autor de *Fantoches* é sobria e fluente. O autor não comparece a miudo para descrever ou interpretar. Movimenta as personagens com simplicidade, dando-lhes vida e movimento. Em Clarissa, principalmente, o autor usa de um processo interessantissimo. Funcciona nella apenas a imaginação e consegue imprimir-lhe personalidade.

Este detalhe se accentua quando Clarissa vae á Escola. Todo trecho que percorre é uma sequencia de imprevistos, surpresas e satisfações inconscientes. Depois, quando Clarissa vae dar de comer ás gallinhas no quintal cheio de sol. Ahi está na intimidade caseira, onde se revelam todos os sentimentos puros. Na minima cousa ella põe uma ternura infantil e quasi humilde. "Agora os olhos de Clarissa estão fitos num pintinho magrisso... Coitado está pesteado, naturalmente. Por que será que ha um doutor para os homens e não ha um doutor para os pintos?"

E Clarissa continua a deduzir e a imaginar.

*

* *

A segunda personagem principal é Amaro. Passa atravéz da obra de Erico Verissimo como uma sombra silenciosa. Bom, culto e idealista, perdeu-se dentro de si mesmo, porque fracassaram seus projectos. Erico Verissimo consegue despertar uma piedosa sympathia pelo personagem. Todos lhe querem bem. Dentro do seu silencio, o autor empresta-lhe uma attracção mysteriosa.

Depois surgem os outros. Cada um leva comsigo um traço caracteristico de suas occupações e suas tendencias. O autor completa o verdadeiro ambiente de pensão com todos os seus elementos indispensaveis e todos os seus hospedes communs. Um academico de Direito, que ensaia discursos e tenta prelecções. Um caixeiro-viajante gordo, que se ausenta da mulher para fazer negocios na fronteira. Um major reformado que toma chimarrão de madrugada, tem voz grossa e pigarreia, quando fala. O marido da dona da pensão, que vive á custa della e aguarda um emprego que não procura. E assim são as demais. Todas vivem e se integram numa ficção perfeita e natural.

*

* *

Para o desfecho, Erico Verissimo, poz todos os seus recursos admiraveis. Não é banal, ao contrario, com grande talento, completou sua obra, que conserva uma grande intensidade inicial. Amaro, a sombra silenciosa que se escôa, numa introspecção sombria, começa a sentir, dentro dos seus trinta e tantos annos, o frescor de uma vida que vae desabrochando, fresca e orvalhada, como uma manhã de primavera. Quanta magua e quanto amor os seus dedos despertam nos nocturnos que compõe. Como musico, absorvido na burocracia de um Banco, elle sente a renuncia de tudo e, timido, procura fugir da propria sombra. E o mysterio do amor chegou tão tarde...

Clarissa, o riso claro despertando na primavera que ella integra, sente que ha alguma cousa mais além da sua ternura. Erico Verissimo, com uma felicidade rara, pela maneira de collocar a ultima personagem em seus trabalho, põe uma inquietação no destino de Clarissa. Clarissa espera alguem que nunca mais encontrou.

Neste final o autor se revela um grande escriptor de ficção. Não quiz truncar o detalhe admiravel de vida que elle pinta e realizou um desfecho originalissimo.

*

* *

Enumerar todos os pontos interessantes e bel-

ROUSSEAU E PROUST

Benjamim Crémieux em um livro — por signal bem antigo, pois a edição de *XX Siécle* data de 1924, escreveu um bello ensaio sobre Marcel Proust, cuja parte inicial é toda ella dedicada á theoria esthetica do autor de *A la recherche du temps perdu*. No ensaio em apreço, é curioso notar-se o encontro de Proust e Rousseau, com referencia á concepção que ambos faziam da chamada realidade artistica. A coisa é tanto mais interessante quanto sabemos que os dois, Jean Jacques e Marcel, apresentam innumeros pontos de contacto, como exemplares humanos.

O real em arte, para elles, jámais seria a cópia fiel da coisa vivida, a transcripção exacta das situações — nas quaes faremos os mais extranhos personagens. Era sempre um appendice, quero dizer, uma deformação trabalhada pelo nosso proprio espirito. De modo que o real, *estando em nós*, mais "realista" — nessa orientação — será o escriptor que melhor activar esse "transformismo" em nossa percepção interna. Porém é essa, de facto, a marca suprehendente, o miraculoso sortilegio dos grandes escriptores, sem embargo das diversas escolas. Porque a missão do artista é, principalmente, a de um interprete, o homem capaz de reduzir os objectos sensiveis a uma equação de imagens activas, forçando-nos, portanto, ao habito de perceber a extensão supra-real das coisas, que a continuidade do trato quotidiano nos impede notar.

Certamente, a nossa visão habitual immediata é passiva — inconsciente — para não dizer automatica, conforme pretende a psychologia moderna. Dahi, a revisão necessaria das imagens de certos escriptores, as suas difficuldades, etc., provocando exquisitas reacções em nosso espirito desacostumado, ou por outra, acostumado a apreciar este ou aquelle detalhe, segundo uma norma de interpretação commum entre os mortaes. E' nesse sentido que toda manifestação artistica é fatalmente impressionista. Mas de um impressionismo digamos, critico. E é por isso que o pintor Elstir — em *Sodome et Gomorrhe* — "não podia ver uma flôr, senão depois de transplantal-a para esse jardim interior *ou nous sommes forcés de rester toujours*". Repetindo, exactamente, Rousseau — que diria nas confissões: "*les objects font moins d'impression sur moi que leurs souvenirs*" (pag. 235).

Ora, é sabido que Proust possuia uma memoria espantosa, como, aliás, quasi todo judeu. E Rousseau viveu uma vida inteira de "recomposições" pela lembrança. Um, explendido conversador, elegantissimo; outro, incapaz de associar duas palavras, immediatamente, durante a palestra imprevista. As "confissões" do autor do *Contracto* estão cheias de indicações despeitadas, deplorando o "terrivel defeito". Entretanto, o ensaio de Marcel — *Journée de lecture* — uma especie de theoria da leitura, roteiro sobre o qual fez caminhar toda a sua obra, faz o elogio indirecto desse privilegio de sua organização intellectual, parecidissima com a do outro.

O facto é que os dois, posto partissem de pontos diversos, convergiram para o mesmo vertice. E foram admiraveis artistas, em funcção de um sentimento negativo — a saudade — para utilizar-me de uma expressão correspondente á phrase do proprio Rousseau.

Admiravel, benefico defeito. Supponhamos que a maioria dos nossos homens de lettras fossem "victimas" de semelhante propriedade. Não possuiriamos, com certeza, tanta mediocridade publicada, tantos attestados da pobreza artistica nossa. Porque não basta "querer" ser grande romancista, grande ensaista ou grande philosopho. A coisa é muito mais complexa do que commummente imaginamos. Pois nas figuras que constituem o objecto destas rapidas linhas, o despeito transformou-se em preciosa virtude. Realmente, pura e simples. Sentir "saudades", assentar-se á beira da mesa, pegar na caneta e escrever. Proponho a receita á meditação de nossos escriptores, principalmente romancistas.

ROSARIO FUSCO

"LANTERNA VERDE"

O primeiro numero da bella publicação consagrada á memoria de Felippe d'Oliveira assegura-lhe um prospero successo, taes os nomes de real significação litteraria que nelle se encontram. Octavio Tarquinio de Souza explica, em palavras a que a commoção não rouba a lucidez, a razão de ser deste boletim cultural. E nas paginas restantes, em que não ha materia desdenhavel, toma relevo o prefacio de um livro de contos e chronicas que Felippe pretendia chamar de Livro posthumo.

---

lissimos de *Clarissa*, seria repetil-a toda. Com uma unidade absoluta e um estylo moderno e sobrio, *Clarissa* pode ser considerado um dos melhores trabalhos que têm apparecido nos ultimos tempos no Brasil. Quer pelo colorido, pelo thema, pelo ambiente, pela technica e pelo talento de seu autor, *Clarissa* se conservará na vida litteraria do paiz, como uma grande obra de ficção e technica, onde existe, sobretudo, muita ternura, belleza e ingenuidade.

DÂMASO ROCHA.

— Antonio Aniante fala longamente de *Italo Balbo, maréchal de l'air*, pondo em relevo a odysséa desse conductor de aviões. Antes de voar por cima de terras e mares, Italo Balbo combateu os fócos anti-mussolinistas, sendo implacavel com os remanescentes de Nitti e outros passadistas da politica italiana. Ninguem mais habil para persuadir os grevistas, ou, em caso de insuccesso, para fazel-os voltar á força ao trabalho. Quanto aos seus cruzeiros aéreos já possuem, a par da verdade historica, uma copiosa legenda, que Aniante commenta não sem espirito. Em tratando de Balbo, recorde-se que d'Annunzio não vae muito com elle e de uma feita, como o chamassem de aguia, declarou que essa aguia não passa de um pavão...

"Banguê", de José Lins do Rego

Com o *Banguê* o cyclo de romances do nordeste que José Lins do Rego iniciou com o *Menino de Engenho* parece-me que adquire um sentido mais denso de humanidade, abrindo-se como em carne viva. Talvez porque reflicta, este seu livro, uns aspectos mais dolorosos e crús, uma realidade mais dramatica. José Lins não se limitou, como em parte aconteceu com os seus dois primeiros romances, a retratar em *Banguê* a sequencia de angustias pessoaes de Carlos de Mello, seu heróe. Não é mais sómente Carlos de Mello e a solidão, Carlos de Mello e a fé, e o cercado, e a revelação do amor impubere, do *Menino de Engenho*; não é mais sómente Carlos de Mello e a prisão do Instituto N. S. do Carmo, com o professor Maciel, e o Coruja, e a cafúa, e o exercicio militar, e a negra Paula, do *Doidinho*; agora José Lins move com elementos novos, de uma riqueza extraordinaria de humanidade: é todo o engenho. O banguê torna-se nervos e carne e osso, nesse romance que é o maior de todos de José Lins do Rego. E' um corpo a se desmoronar, a cahir aos pedaços como com uma doença desgraçada.E' uma alma se estraçalhando ao contacto de uma força maior, que lhe come as terras e lhe enferruja as machinas — a usina. Toda essa decadencia da vida rural, toda essa ruina lenta e tragica, é o que José Lins grava; e disto fez o grande de seu livro. Faz o que elle tem de architectural em sua construcção.

O primeiro mostrava bem a vida do engenho no norte, o seu systema feudal. Porém este é mais pungente, porque reflecte o desmembramnto desse corpo. Com isso José Lins attinge, sem querer, aquillo que outros inutilmente procuram — o romance social; o romance que não é o exercicio intellectual, de um dilettante, a distracção do virtuose; mas um elemento vibrante de expressão de vida, uma qualquer cousa de grande em funcção da propria vida. Sei bem que especie de assumpto perigoso é esse de que estou tratando ás pressas — o romance social. Não importa.

Com as suas idéas de tornar o romance, como a poesia, como a arte, afinal, alheio ao "interesse", inteiramente sem ligação com uma finalidade social qualquer — o que aliás é impossivel, uma vez que a arte não póde se isolar nunca, sempre serviu e servirá sempre a alguma cousa, immediata ou não, disfarçada ou abertamente; impossivel, porque a arte tem de fazer terra com a vida, do contrario perde a sua razão de ser, e a prova está no caracter inteiramente provisorio de qualquer de suas manifestações de sentido esthetico apenas — com essas idéas José Lins fez do *Banguê* um documentario humano, completo, da vida patriarchal do engenho. Mas furando em profundidade em vez de ficar, como outros, no raso. Olhando e fixando a realidade — o quanto basta para tornar de interesse social o seu romance; util, porque revelador de aspectos de uma multidão de existencias em luta. Tchecoff tambem queria isso. Dizia que descrevendo a vida dos ladrões de cavallo não lhe cumpria taxar os seus actos de bons ou criminosos nem ver si tinham ou não razão de roubar. Essa tarefa elle achava que era mesmo dos tribunaes de justiça. A contribuição social do romancista está, no caso, nesse seu descriptivo da vida poder nos communicar um "frisson" de revolta, mesmo que esta revolta nos surja como uma attitude sentimental. Quer dizer, o romancista feito platéa apenas. Sem querer subir ao palco, sem applaudir nem nada.

—

O *Banguê* fez-me lembrar alguma cousa de Thomas Hardy. O *Thomaz, o Obscuro*, talvez. Como este de Hardy, o terceiro romance de José Lins do Rego é um drama se desenvolvendo como que em camara lenta, uma vez por outra calcando muito em partes doidas. Ambos os romancistas mergulham fundo para ir apanhar pedrinhas soltas no leito do rio. Para aquelle heroe de Hardy, estar soffrendo era o seu natural. Com Carlos de Mello o mesmo phenomeno succede, quasi. E não sei, em romance brasileiro, de paginas de um colorido mais tragico, de um sabor mais acre, que as da ultima parte do *Banguê* — a da decadencia da civilização do assucar. Ha um halito de fatalidade, uma corrente de desespero levando tudo para um fim. Tem um tom de desgraça, mas dessas desgraças, tão communs ás vezes, que acontecem aos poucos.

Os que, entretanto, admiram o *Menino de Engenho* como a grande obra do escriptor parahybano vão achar neste outro elementos iguaes aos daquelle, de commoção, através de cousas simples, apenas profundamente reaes. Basta citar a figura do velho José Paulino, que desta vez surge como uma sombra do outro, do antigo typo do senhor feudal: brôco, cuspindo no chão, sem sahir da casa-grande, fazendo economias na dispensa, inteiramente sem energia para o seu reinado. Uma sombra mesmo, que sae de uma existencia de acção continua para uma pungente espectativa de morte. Outro elemento de commoção é o amor na vida de Carlos de Mello, aos 20 annos; o amor de Maria Alice, uma casada joven que vae passar uns dias no Santa Rosa, para repousar, e que o destino colloca em face do heroe do romance, para se amarem, para se ligarem pelo sexo, para soffrerem. Esta cousa do sexo, aliás, nos tres romances de José Lins do Rego tem um sentido profundo, chego a dizer lawrenceano. A vida do engenho, e as vidas de gente que o romancista expõe no seu fresco, têm um meridiano sexual, essa cousa humana demais feito eixo. O corpo de seu cyclo de romances tem isso de grande, de universal: a sua zona erogena.

Vale ainda observar, no fim dessa nota rapida, uma cousa curiosa: o fim do *Banguê*. E' onde mais intenso, isto é, pelo menos mais visivel, se mostra o "rythmo", mesmo o sentido de "conti-

A CURIOSIDADE ERRANTE DE JOSÉ JOBIM

José Jobim deve ser descendente do judeu errante. E' a creatura mais inquieta que eu tenho visto. Hoje, está aqui. Amanhã, em Paris. Depois, em Roma, em Madrid, em Londres, em toda parte em que o seu faro de atilado reporter internacional descobre algum caso de sensação, capaz de fornecer elementos para meia duzia de reportagens nervosas. E' um sujeito que gosta de correr mundo, não como simples turista, olhando paizagens pelo vidro de um binoculo e colleccionando no fundo da mala etiquetas de hoteis em linguas estranhas. E' um camarada que vae vendo e annotando e que, ás vezes, nem sequer toma conhecimento da paizagem, porque todo interesse é pouco para os problemas sociaes e politicos que o cercam.

Até aqui, José Jobim vinha sacrificando admiraveis reportagens na publicidade ephemera dos jornaes e das revistas illustradas. Agora, porém, se lembrou de fazer livros. *Hitler e seus comediantes* está ahi, com muita observação interessante, colhida "in loco", e uma expressiva documentação que mostra, ao vivo, as miserias do regime dominante na Allemanha. José Jobim não fez um livro apaixonado. Apenas reuniu factos, episodios, contou tudo o que viu, como reporter, sem apresentar conclusões, deixando que o leitor mesmo as formule.

Os livros de reportagem são bem raros na nos- [illegible] sujeitos, como Paul sa literatura. Na França, na [illegible]taram nes- Morand, por exemplo, que se especializ[illegible]sil, se mistér. Cada viagem é um livro. No Bra[illegible] José Jobim está inaugurando isso. Verdade é que já se está fazendo um concurso para um livro de viagens no Brasil, embora o premio quasi não chegue para pagar um bilhete do Lloyd, de Belém a Porto Alegre...

José Jobim não viaja como Paul Morand, em cabine de luxo, nem póde conseguir, com o seu livro, a decima parte do que o autor de *Londres* tem da Livraria Plon por uma das suas edições. Sacrifica-se pelo espirito de curiosidade que o domina, viajando em terceiras de marús e de trens de ferro da Europa, passando o diabo em Paris, em Londres, em Berlim, para ouvir Herriot, Mac Donald ou Hindemburgo... Suas reportagens não são feitas apenas com talento, mas tambem com heroismo. Por isso mesmo, considero mais bello o seu esforço e dou maior valor ao livro que elle agora apresenta ao publico, na edição da Cruzeiro do Sul Limitada. *Hitler* e seus comediantes é sobre tudo, um livro vingador. O nazismo, com a sua intolerancia, a sua violencia, os seus processos inquisitoriaes, chegou ao extremo de queimar, em praça publica, as obras de Ludwig, Remarque, os dois Mann, Ernest Johansen e tantos outros .

E' preciso, realmente, que haja um desaggravo. Cada escriptor em nome da liberdade de consciencia, têm o dever de lançar o seu protesto contra essa selvageria. José Jobim, com *Hitler e seus comediantes*, já cumpriu esse dever.. .

R. MAGALHÃES JUNIOR

---

nuidade" dos livros de José Lins. A ultima pagina de *Menino de Engenho* é uma evasão, Carlos de Mello se afastando da atmosphera em que se criara para se metter na escola; a de *Doidinho* é uma volta a essa atmosphera, fugido, respondendo a uma necessidade intima e poderosa de se communicar com o mundo de suas recordações mais queridas, mais dentro de si mesmo; *Banguê* que é a vida de Carlos de Mello, já bacharel, forçado pela morte do avô a tomar conta do Santa Rosa e a abandonal-o depois por falta de força para aguentar com o rojão — *Banguê* termina com a sua viagem de trem, como no primeiro romance, vendo o boeiro do Santa Rosa, os partidos de canna, o pessoal do eito, tudo se sumindo, e elle com a idéa na cabeça da ruina da propriedade do velho José Paulino, absorvida pela usina, parada de vez. Estes fins de romance têm, eu penso, um sentido de "constante"; como imagens de cinema, dão uma harmonia intensa aos tres romances, unindo-os entre si. Um pouco como o drama do sexo, que os engata um ao outro.

VALDEMAR CAVALCANTI

Os Inspectores de Ensino do Estado do Rio de Janeiro — Graphica Impressora Luz Limitada — Rio. 1934.

E' uma criteriosa exposição em que figuras meritorias do ensino explicam ao magisterio e á sociedade fluminense quaes os propositos que os moveram á "reconstrucção educacional no Estado do Rio de Janeiro". Espiritos desafogados de quaesquer peias da rotina pedago[illegible] esses didactas á moderna fornecem, neste opusculo [illegible] substancioso [illegible]ção plena de
tão breve quão [illegible] a demonstra[illegible] re-
que souberam, com effeito, servir a cultura de [illegible]
gião que deu alguns dos maiores estadistas do I[illegible]
e, na Republica, deu o homem que escreveria [illegible]
nuclear da sociologia do Brasil: Euclydes da Cu[illegible]

N. Bukharin — *A theoria do materialismo histo*[illegible]
Edições Caramurú — S. Paulo.

São quatro volumes ricos da melhor subst[illegible]
sentido de aclarar uma das theorias que mai[illegible]
nam os homens no momento presente. Trata-s[illegible]
these indiscutivelmente perfeita. Dezenas de li[illegible]
ram aqui resumidos e commentados por um fam[illegible]
assumpto, por um admiravel critico do materialis[illegible]
torico. A parte referente a Karl Marx é densa d[illegible]
ficados impressionantes, não podendo deixar [illegible]
ressar a quem quer que considere a relevancia [illegible]
dos sociaes nos dias que correm. A obra de [illegible]
precisamente scientifica no seu exame rigorista[illegible]
tulados deterministas e indeterministas, é algo [illegible]
rece uma inspecção attenta por parte mesmo [illegible]
discordem, dos que se dêm a doutrinas inte[illegible]
oppostas.

Americo Valerio — *O ferro* — Typographia Au[illegible]
Rio, 1934.

O sr. Americo Valerio, que já consagrou [illegible]
estudo á "personalidade medica e social de [illegible]
Cruz", apresenta-nos agora um trabalho sobre [illegible]
jazidas de ferro e a maneira de melhor explor[illegible]
seado em documentação minuciosa, o op[illegible]
que é franca e desabusadamente nacionali[illegible]
autonomia financeira e economica no p[illegible]
a metallurgia fôr uma brilhante conqui[illegible]
homens de governo. O volume, a par d[illegible]
cações de estatistica, encerra numerosa[illegible]

ISMAEL NERY, POETA ESSENCIALISTA

A vida de Ismael Nery é o maior monumento da sua poesia. Essa vida complexa, tumultuosa e mathematica, foi uma constante affirmação de poesia. Para Ismael a poesia não consiste, em ultima analyse, no cultivo dos "estados de alma", nem na contemplação das fórmas exteriores, nem em divagações abstractas: é a antecipação de um estado sobrenatural que o homem só attinge depois de passar por todas as experiencias da sensibilidade e da intelligencia.

Ismael não podia ver o homem fixado num determinado instante de vida; procurava descobrir as raizes desse individuo, examinar a existencia de seus antepassados, sua infancia, seu ambiente moral e physico, seu desenvolvimento no tempo e no espaço e as possibilidades da sua projecção no futuro. Dahi a sua indifferença diante de toda a representação poetica limitada ao registro de sensações epidermicas, ou de impressões e annotações imprecisas, aereas, que formam geralmente o lastro da bagagem dos poetas. Reconhecendo a deficiencia da realização artistica, preferia praticar a poesia, em vez de escrevel-a. Ismael, como disse no principio, deu na sua vida diaria o mais importante testemunho da potencialidade do seu genio poetico. E nos seus quadros, nos seus innumeraveis desenhos e em alguns poemas que consegui salvar da destruição, indicou o caminho dos mundos que nasciam e renasciam na sua cabeça poderosa. Sómente nos ultimos mezes de sua existencia é que Ismael começou a tentar a representação da poesia escripta. Estou certo que, logo sejam ...lados, certos poemas seus como *Os filhos de* ... *A virgem inutil, Eu*, e o *Poema post-essencia-* ... entre outros, commoverão a todos os que os ... pela sua complexa substancia poetica e pe... ...as raizes biologicas, — mas sem preoccupa... ...ientificista, é claro.

...s contactos de Ismael com o plano intem... determinaram nelle uma trepidação poetica ...se estendia aos que lhe estavam proximos e ...ava as fronteiras do mundo natural. Junte-se ...o uma prodigiosa comprehensão das formas ...as e de seu dynamismo, uma sensualidade ...sal que desejaria gravar para sempre todas ...nas que receberam em diversas épocas o ba... ...o da visão de Ismael.

...is a equação da poesia de Ismael Nery: sen...lade micrometrica mais visão intemporal dos ...ecimentos. O registro dos diversos pheno... ...s da sensibilidade é necessario ao poeta como ...nto de conhecimento da materia poetica; en...to não deve o artista se deter nesse campo, ...rio se tornará um escravo do seu proprio ...nto. Attingindo, por experiencias bio... ...as, pelos calculos da intelligencia, uma ... constructiva, o poeta elimina consci... ...s tendencias que lhe causam repulsa, ...dencias superfluas — em todos os sectores da actividade humana — chegando assim a realizar a vida "essencial".

Portanto: primeira etapa da aventura da poesia — organização da materia poetica, dos elementos de conhecimento biologico, podendo ser empregados todos os meios que se acham ao nosso alcance, inclusive os meios mecanicos; segunda etapa — penetração na ordem sobrenatural, que começa no amor e na caridade, até attingir o plano supra-terrestre: este nos dará a plenitude de nosso sêr definitivo, conforme as revelações de Jesus Christo, o poeta maximo, pois prégou a poesia que não muda, a que resiste a todos os preconceitos, a todos os modismos — emfim, a poesia dos grandes themas necessarios á conservação da unidade do homem, a poesia "essencial". Resumindo: a poesia começou no instante da creação do mundo, continúa no plano temporal e se completará um dia na eternidade.

A theoria da poesia segundo Ismael Nery — da qual traço aqui apenas um ligeirissimo esquema — não será talvez devidamente apreciada, isto porque o que vem caracterizando os chamados poetas modernos é a ausencia total de poesia que se observa na vida e na obra delles. Salvo raras excepções, esses poetas fazem questão fechada de se affirmarem como anti-poetas, chegando mesmo a demonstrar profundo nojo diante de toda a manifestação de poesia.

Quanto á approximação que procurei estabelecer entre a poesia essencialista e o plano poetico do catholicismo, lembrarei que Annibal Machado, com a sua reconhecida lucidez e penetração critica, e com a responsabilidade que lhe advém da sua acceitação dos postulados marxistas, não hesitou em escrever: "Ismael não póde ser comprehendido á luz dos elementos mais correntes na interpretação dos homens". E insiste: "Esse artista passará incomprehendido, si julgado pela escala normal dos valores humanos".

E' que Ismael só poderá ser de facto explicado á luz da revelação catholica. A Igreja de Jesus Christo, pela sua doutrina, pelos seus dogmas, pelos seus ritos, é a unica entidade capaz de conferir ao homem esse estado de "super-naturalidade" a que André Breton allude no manifesto do supra-realismo, e que em vão os poetas desse grupo procuraram encontrar na deformação de certas lendas, nas especulações espiritas e na representação automatica das idéas e das imagens. A Igreja christã, sim, é completa: na sua concepção do mundo figuram os dois planos, o realista e o supra-realista.

As representações do espirito essencialista no campo poetico têm-se manifestado: nas ultimas phases de desenho e pintura de Ismael; em alguns poemas em prosa e em verso que elle escreveu; e em varios poemas que tenho escripto. No meu primeiro livro publicado, *Canto do noivo, Vidas op-*

"O HOMEM E O CAVALLO"

Cousa digna de um ensaio: situar Oswald de Andrade no meio intellectual brasileiro.

Elle não foi apenas o chefe maior, especie de Papa, do movimento moderno. Passou adiante. Quasi todos os outros promotores do modernismo sob seus diversos nomes, acabado o movimento, se acabaram tambem. Uns poucos seguiram para a frente.

Oswald não só seguiu para a frente como seguiu para a extrema.

Falam demais no *blagueur* Oswald de Andrade. Toda posição que esse homem toma é recebida com o eterno sorriso dos modernistas: "é mais uma blague do Oswald".

No entanto hoje elle é um dos poucos que ainda interessam aos que vieram depois da anthropophagia. A vivacidade da sua intelligencia não deixou que elle se findasse com os poemas de *Pau Brasil* e os romances catholicos. Que differença para o ex-deputado Plinio Salgado, por exemplo, que viveu a imitar o estylo de Oswald de Andrade e terminou escrevendo romances-poemas nem romances nem poemas, parecendo mais litteratura de propaganda das Pilulas Titus.

Nessa rapida nota não quero falar no valor theatral de *O Homem e o Cavallo*, sem duvida a cousa mais seria do theatro brasileiro nesses dez annos passados e futuros. Quero é fazer notar o que este livro representa na obra de Oswald Andrade.

E' o começo de um outro cyclo. O primeiro terminara com o *Serafim Ponte Grande*, grande burguez de herança fabulosa e fabuloso desregramento sexual. Com esse romance não terminou apenas um cyclo da obra de Oswald Andrade. Foi tambem o fim de toda a litteratura do café, a ultima pagina da litteratura modernista. Já o prefacio de *Serafim* é o rompimento com o passado de ligações safadas e um plano de futuro.

O Homem e o Cavallo é a primeira cousa que Oswald nos dá após o seu rompimento com a poesia pau brasil e a bohemia.

Não podia começar com cousa mais seria. Theatro para massas, realização forte, espectaculo capaz de levantar o espectador. Infelizmente essa peça não foi levada. A policia, que permitte nas bancas dos jornaleiros um alluvião de folhetos de pornographia, fechou as portas do "Theatro de Experiencia", exactamente como pornographico. No entanto circulam livros dos Srs. Laudelino Freire e Claudio de Souza. Eu chamo a attenção da policia para os livros desses senhores, pornographicos e analphabetizadores.

Em volume *O Homem e o Cavallo* não perde nada na sua força litteraria e revolucionaria. Existe nesse primeiro livro do revolucionario Oswald de Andrade um sentido humano muito maior que em todo o resto da sua obra. E bastaria que Oswald houvesse escripto esse livro para ficar como uma das forças maiores da nossa litteratura.

Oswald de Andrade não quiz ser mestre nem papão litterario. Marchou para a frente. Póde nos dar uma obra como ainda não foi feita no Brasil.

Terminou o palhaço da burguezia. Começou o casaca de ferro da revolução proletaria.

JORGE AMADO

Civilização Brasileira S. A.

R. 7 DE SETEMBRO, 162 - Tel. 2-6773

RIO DE JANEIRO

Edições proprias e alheias

Sortimento variado de livros nacionaes e portuguezes

SECÇÃO DE VAREJO NESTA CAPITAL:

Livraria Civilização

Rua 7 de Setembro, 162 - Tel. 2-6773

Minha Livraria

Rua do Passeio - Edificio Alhambra

Deposito na BAHIA

Rua Miguel Calmon, 19 - 1.° and.

Filiada á

Companhia Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 24, 26, 28 e 30

SÃO PAULO

. — Constituiu um verdadeiro acontecimento a recente representação em Paris, na *Comédie des Champs Élysées*, da ultima peça de Jean Cocteau: *La Machine Infernale*, que breve nos será dado conhecer atravez de uma edição Grasset. Do valor desse trabalho, diz Edouard Bourdet, pelas columnas de *Marianne*, com a sua autoridade de consummado theatrologo: "Uma peça de rara belleza, em que a tragica aventura do heroe grego serviu de thema ao Sr. Jean C[illegible]cteau para escrever a mais vibrante, a mais empolgante, a mais nobremente ambiciosa e a mais completa das suas obras theatraes. Um espectaculo de concepção scenica inteiramente original, que renova de maneira larga a technica da decoração e da scenographia e que attinge a uma intensidade dramatica raramente igualada. Um dos acontecimentos mais importantes, senão o mais importante do anno theatral".

---

postas de Christo e de um homem, Alma numerosa, Poemas sem tempo, são amostras da poesia pre-essencialista — além da 1.ª parte do meu livro *Deus no volante*, ora no prélo e em outros livros meus inéditos.

Si se reconhecer um alargamento do campo poetico nos poemas que vou publicar sob a rubrica *Poemas essencialistas*, que esse merito recáia sobre o nome de Ismael Nery. E' difficilimo demonstrar num ligeiro artigo as possibilidade da poesia essencialista. Opportunamente serão divulgados diversos documentos que a elucidarão melhor. Por hoje me limitei a dar — a confirmar, aliás — o testemunho publico de que vi, ouvi e toquei o immenso poeta Ismael Nery, que, morrendo, me converteu á lei de Jesus Christo, fonte da poesia viva.

MURILO MENDES

Lion Feuchtwanger — *Flavius Josephus* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Na excellente collecção Nobel, da Livraria do Globo, uma das mais importantes casas de livros do paiz, vem agora de ser incluida a robusta evocação historica de Lion Feuchtwanger. Profundo conhecedor da psychologia dos povos antigos, esse bello romanceador dos seculos extinctos sabe fixar os scenarios das velhas urbes, localizando cada personagem no sitio, no ambiente adequado. A figura complexa de Flavius Josephus, um dos enigmas das civilizações que se estenderam entre Judéa e Roma, assume aqui inconfundivel realce, chegando a fascinar e mesmo a inquietar o espirito do leitor.

Luiz Waldvogel — *Rastos luminosos* — São Paulo Editora Limitada. — 1934

O autor, que é bom patriota e deseja edificar os espiritos infantis, reuniu neste volume trechos de biographia e de analyse moral relativos a Luiz Gama, antigo escravo e abolicionista intrepido; a Pedro Americo e Almeida Junior, dois grandes pintores, o primeiro de espirito universalista e o segundo de pendores fortemente regionaes; a Euclydes da Cunha, que tinha horror ás festas mundanas e elle proprio confessava que de casaca "até parecia um gafanhoto." As paginas sobre Oswaldo Cruz, Santos Dumont e Paulo de Frontin arrolam informações das mais interessantes. O livro, muito bem confeccionado typographicamente, traz diversos retratos.

Oscar Fontenelle — *Medicina dos deuses* — Edições Alba — Rio, 1934.

Medico de destaque, já tendo exercido posições prestigiosas na administração do Estado do Rio de Janeiro, o sr. Oscar Fontenelle sabe dar a tudo quanto escreve uma physionomia nobremente litteraria. Raro é vel-o incidir num desses preciosismos eruditos que tanto tempo se tornaram inseparaveis do estylo dos nossos esculapios. Sinceramente attraido pela solução de muitos problemas de hygiene collectiva, o sr. Fontenelle, não contente em estudal-os na sociedade actual, ainda imagina, neste seu volume de agora uma viagem retrospectiva aos paizes classicos, para ver o que em outros seculos os Hippocrates das varias latitudes propunham aos leigos afim de limpar-lhes o corpo de mazellas e, consequentemente, prolongar-lhes a vida. O volume, que não prescinde de uma ligeira nota zombeteira em relação aos proprios clinicos, ou seja aos confrades do autor, faz-se ler sem longinqua sombra de tedio e demonstra haver um estimavel homem de lettras nesse erudito professor de medicina.

Linha de "Forwards"

Os poemas de Adherbal Jurema e Odorico Tavares vieram occupar logar marcado. Não digo nos arraiaes da poesia bem vestida e de centurinha fina. Falo da outra, da que é simples, natural e humana. A "poesia não é mulher", nada que "seja objectivo", mas não sei porque tem um gosto, um travo, qualquer coisa que tem sentido misturado com o "feminino e imponderavel".

O pensamento não se contrapõe ao japonez e ao indiano que no seu culto confundem a mulher até o limite lyrico. Emquanto que o russo e o norte americano entendem que poesia é vida simplesmente. Ou melhor: "perfume de realidade concreta".

Com os russos e os norte-americanos, para falar atravez da França, está André Gide como escriptor, e com os outros se encontram modernamente Paul Valéry e talvez Claudel. Com aquelle se acham no Brasil do Norte Adherbal Jurema e Odorico Tavares.

O resto é mais ou menos Valéry.

Lê-se o livro desses rapazes de *Momento* de uma só vez. Sem parar foi como o li e isto significa que as surprezas se atropelam. Quer dizer que existe novidade dentro delle. Depois do primeiro encontro é que se lê novamente para exame de comparações. Não se pode evitar as comparações quando um livro é feito por dois ou mais autores com material separado.

E das comparações fica a certeza de que Odorico Tavares é mais numeroso. E' mais lyrico. Sendo da esquerda, approxima-se, entretanto, mais do centro, que se limita com a direita. O outro, Adherbal Jurema, é mais sobrio, tem mais condensação, senhor de uma solidariedade natural, capaz de ir até o fim. Odorico Tavares é musical e ás vezes doce. O seu camarada, porém, sendo puro norte-americano ou russo, se mostra mais directo, sem pontos de parada.

Como gostar de livros em que apparecem como autores duas ou tres pessôas? Um livro deve ter responsabilidade sem ser repartida. O contrario não parece nem revolucionario. "Não parece que está direito". A gente sem querer logo se lembra do Gordo e do Magro saltando no ar como symbolos. Cada qual a seu geito.

Se dispuzesse de bastante espaço não deixaria de estender-me sobre os dois melhores espiritos moços que estão dando relevo de inquietações ao movimento intellectual do norte brasileiro; e nesse caso não deixaria tambem de transcrever muita coisa esparsa pelo meio dos poemas como demonstração deliciosa de intelligencias que soffrem os reflexos da emoção deante do espectaculo de variedades.

Antigamente se ia até lá para rir com as despreoccupações originarias da saúde e da ignorancia.

Hoje a vida não permitte mais tamanhos luxos: nem ignorancia nem saúde. Não ha mais logar no "circo de cavallinhos". O mundo se tornou um vasto Sarrasani sem o decorativo alegre das girafas e dos elephantes.

Os sentimentos despertam cêdo e a lucta mostra sensualmente a disparidade monstruosa de suas feições. A moral se transforma, tanta é a força que vem da economia em desequilibrio.

Sendo a poesia o reflexo desta vida, por isso estimo louvar o bom resultado lyrico de dois companheiros de jornada, que marcham de braços dados: Adherbal Jurema e Odorico Tavares. Devem ter razões acima do sentimentalismo. Demais, para avançar, a linha de ataque precisa ir bem combinada.

ADHEMAR VIDAL.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Mayne Reid	OS NAUFRAGOS DO IGAPO'	3$000
R. Kippling	JACALA E O CROCODILO	3$000
G. H. Wells	O HOMEM INVISIVEL	5$000
Godofredo Rangel	VIDA OCIOSA	6$000
Couto de Magalhães	VIAGEM AO ARAGUAYA	6$000
Monteiro Lobato	EMILIA — NO PAIZ DA GRAMMATICA	7$000
Nelson Tabajara de Oliveira	JAPÃO	5$000

LIVRARIA ODEON
— DE —
Soria & Boffoni
Importação directa com as principaes casas editoras
157, Av. Rio Branco. 157
Teleph. 2-1288 — Caixa Postal 460
End. Teleg. *"Livrodeon"*
RIO DE JANEIRO

De STEFAN ZWEIG:

Maria Antonietta .... 20$000
Amok .... 6$000
Fouché .... 15$000
Minutos Decisivos na Humanidade .... 15$000

EDITORA GUANABARA
Waissman, Koogan
OUVIDOR 132 — TELP. 2-7231

ACABA DE APPARECER
"DENTRO DA NOITE AZUL"
O ultimo successo de
OSORIO DUTRA
EDIÇÕES PONGETTI
A' venda em todas as livrarias.

Pe. LEONEL FRANCA S. J.

A Igreja, a Reforma, e a Civilização. (3.ª edição) br. .... 18$000

BERILO NEVES

Seculo XXI — br. ... 5$000
Lingua de trapo — br. 5$000

THÉO FILHO

A grande aventura de John Taylor — br. . 5$000

CARMEN d'AVILA

Boas maneiras — br. 8$000

COLEÇÃO "SIP"

Tolstoi — *Os cossacos* 2$000
Alexandre Dumas — *A mão do finado* .... 2$000
José de Alencar — *Iracema* .... 2$000

Livraria Civilização
RUA SETE DE SETEMBRO, 162
Telephone 2-6773 - Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de porte
Remette-se catalogo gratis

Pierre Loti

As desencantadas, 3.ª ed. brasileira, traducção de Jorge Gonçalves, 1 vol. br. 6$000

Oscar Wilde

O retrato de Dorian Gray, magnifica traducção de Januario Leite, conhecido philologo portuguez, 1 vol. em br. 5$, enc. 7$000

Anatole France

O Lyrio Vermelho, traducção de Justino Montalvão, da Academia de Sciencias de Lisbôa, 1 vol. brochado. ..... 6$000

Medeiros e Albuquerque

Surprezas, contos, 1 vol. brochado 6$000

Publicações de FLORES & MANO
Rua do Ouvidor — 145
LIVRARIA MOURA

ADERSEN - EDITORES

John Reed — **A Filha da Revolução** .... 6$000
Octavio Tavares — **O Mangue** 6$000
Souza Carneiro — **Meu Menino** 6$000
Assis Cintra — **Floriano, carneiro de batalhão** ...... 6$000
Aurelio Pinheiro — **Macau** .... 6$000

Edificio d'A NOITE-14.º and.
Rio de Janeiro

Novidades Recebidas

Henri Robert — *Grands Procés de L'Histoire* — 9.ª serie .... 15$000
Malaparte — *Technique du Coup D'E'tat* — nouvelle édition ...... 15$000
Maurois — *L'Instinct du Bonheur* .... 12$000

Livraria José Olympio
Rua do Ouvidor, 110 — Rio

A Alegria e a Dor de um Poeta

Desarticulando a sua metrica na surpresa de novos rythmos e na audacia de outras imagens terá trahido Osorio Dutra o seu primitivo e innato pendor parnasiano, aquelle culto da fórma em que se fizera exigente e que nos tornara exigentes? Eu penso que não e se me pedissem, logo de inicio, a mais expressiva caracteristica do ultimo livro do poeta, eu diria — o seu parnasianismo revoltado.

Dentro da noite azul, maravilhosa collecção de nuvens e estrellas, via lactea por que se orientaram os sentidos e a imaginação deste poeta insatisfeito, representa a confirmação da sua maneira — sob aspectos novos. Cérto, a maior parte do livro não denuncia a nova attitude do artista perante a natureza. Aquella "cosa naturale", a que se referia mestre Leonardo, surge ainda, e quasi sempre, no mesmo esplendido "grande spechio". Não é um espelho deformante, um desses espelhos de que a natureza se utiliza para revelar, sob as fórmas de uma geometria differente, o mytho desencantado de Narciso. E' o plano de crystal e de luz, com seus fócos equidistantes e seus angulos bem medidos, capaz de absorver todas as côres do espectro solar, de as decompor e estylizar.

Sim, o *grande espelho* de mestre Leonardo possue seu sentido secreto e bem poderiamos dizer que o artista é uma creatura cuja existencia transcorre na incessante modificação do seu espelho... Ha os que indifferentes a todas as modificações opticas. E ha os que, da esphericidade ou da concavidade do mesmo bloco, procuram extrahir uma nova fórma e uma scentelha nova. Osorio Dutra inclinou, em certos momentos, o seu espelho. Razão de, por momentos, sua arte nos apparecer sob um novo aspecto. Mas não será difficil reconhecer que esse novo aspecto em nada contradiz nelle a primitiva concepção da natureza.

E esta, sob differentes manifestações, tem que conservar caracteristicas permanentes dentro de outras, variaveis ao infinito. Eu diria mesmo que o Osorio Dutra *differente*, de tantas paginas, mais do que o poeta, contradizendo o seu rythmo, é o imaginario procurando uma objectividade contraditoria. Por outras palavras, quem pretendesse ver no caso uma *traição* — syllabas bem soantes, de inalteravel suggestividade — teria que procural-a antes na maneira como o artista nos revela o seu mundo do que em certas formas não euclydianas desse mesmo mundo. Perdôem-me o qualificativo geometrico mas é dos mais lyricos que conheço...

Sim, a escolha dos themas, de certos themas. Porque, até quando desarticulado, o rythmo é o mesmo rythmo nobre de parnasiano, de artista que lê, em sumptuosas edições, em edições capazes de disputar ao tacto — lembram-se de Anatole? — metade do prazer vulgarmente assimilado pelos olhos, o *Cain* de Leconte de Lisle e as *Nevroses* de Rollinat...

Sempre tive uma predilecção especialissima pelos sonetos de Osorio Dutra. Quando ouço dizer que o soneto morreu — e a gente, andando pelas ruas, é obrigado a ouvir o que quer e o que não quer — a mim mesmo exemplifico, entre outros, com o exemplo de Osorio Dutra, que é um grande sonetista. O soneto, antes de ser uma composição de quatorze versos, dispostos de maneira mais ou menos differente, é um assumpto do tamanho desses quatorze versos — e esse assumpto pode assumir as proporções de um mundo. Oh! os maravilhosos sonetos que atravessam os tempos como uma gotta dagua na clepsydra dos seculos e chegam até nós com o seu murmurio, o seu sentido e as suas imagens!

Só por deficiencia verbal, ou má vontade inconfessavel, seria possivel fugir com o titulo de obras primas a *Sonho de Arlequim*, *Resignação*, *Supremo bem*, *A riqueza das idéas* e *Ultima noite*... Eu não o faria, mesmo que Osorio Dutra fosse meu inimigo e não é bem o caso...

Mas, citando os sonetos, eu não excluo as composições maiores. Direi mesmo que se impõe uma certa distincção: nestas Osorio Dutra é, sobretudo, o poeta que canta o seu rythmo pelo prazer de cantar. Nos sonetos é sobretudo a propria dôr que elle canta — pelo prazer de soffrer. Razão, talvez, de serem estes unidades de tempo e emoção perfeitamente definidas, e as composições maiores uma pauta musical em que ha logar tambem para a alegria do poeta... Symptoma curioso: os sonetos de Osorio Dutra são confissões. Os mais bellos sonetos foram sempre confissões.

JAYME CARDOSO.

— François Porché lançou recentemente uma collectanea de poemas: *Vers*. A este proposito, entrevistando-o, Fréderic Lefèvre perguntou-lhe qual a differença que elle acaso notara entre a acolhida feita a esses seu ultimos versos e os outros, publicados annos atraz, sob o titulo de *A chaque Jour*. Ao que o autor de *L'amour qui n'ose pas dire son nom* responde: "Por parte do publico, então como agora, a acolhida foi a mesma. Os versos nunca despertaram grande interesse. Mas, junto dos homens de lettras, os versos já gosaram de uma preferencia maior. Isto, segundo me parece, porque as escolas ainda existiam. Hoje, como é natural, ha sempre temperamentos differentes de poetas e nunca, eu creio, elles foram ao mesmo tempo tão numerosos e tão oppostos; mas só se póde falar nessas cousas no sentido esthetico, e não de agrupamentos, de reuniões litterarias, de cenaculos. Actualmente, cada poeta é um isolado." Não será isto tambem o que se verifica entre nós?

— Annuncia-se que Maurice Rostand tem em preparo uma peça inspirada na vida de Oscar Wilde, cujo processo vem de ser revivido agora com a traducção para o francez do livro de Hilary Pacq. Aliás, do tumultuario julgamento que tanto apaixonou a Inglaterra dos fins do seculo passado, já se conheciam passagens e das mais escabrosas, transcriptas no livro do Dr. Laupts: *L'homosexualité et les types homosexuels*.

Cartas Ineditas do Padre Antonio Vieira

Num paiz de archivos desorganizados e de muita falta de amor ao passado, o achado de um documento precioso constitue motivo de jubilo sómente para aquelles raros typos que, com intelligencia e utilidade, dedicam-se á nossa fraca historia, não tão fraca que não nos dê exemplos de muita sagacidade e honestidade politica, exemplos de valores authenticos de estadistas, cousa que parece, morreu mesmo com os nossos avós.

Clado Ribeiro de Lessa é um desses typos. Escavador consciencioso de velha papelada, de quando em quando encontra um bom filão. E' o caso do seu recente opusculo, em que reuniu cartas ineditas do jesuita Vieira, um dos primeiros classicos da nossa lingua e mais que isso um dos vultos cuja vida se identifica com a historia de um seculo.

A primeira dessas cartas traz um elemento bastante interessante para a sua biographia: a rectificação de sua chegada a Roma, em regia missão, em 1650. Os historiadores eram unanimes como sendo a 16 de fevereiro, e o inedito vem marcar a data verdadeira — 28 de janeiro. Um pequeno erro de datas pouca importancia teria, mas o que importantemente demonstra a rectificação é a assombrosa rapidez com que Vieira agia e se deslocava naquelles tempos de difficeis e demorados meios de transporte. A 23 de janeiro estava elle em Barcelona, pois existe uma carta dahi escripta neste dia, e cinco dias depois já se encontrava em Roma sufficientemente informado a respeito do que lá o levava.

Esta missiva tem ainda outro valor: confirma a presumpção de J. Lucio de Azevedo quanto aos propositos da missão do jesuita, — questão de provimento das dioceses vagas, em que muito se empenhava d. João IV — e de que até agora não existia uma prova categorica.

Parece aclarar ainda um ponto — o do denunciamento de Vieira ao Santo Officio pelo p. Manuel Alvares Carrilho em 1653, allegando este que ouvira certas proposições hereticas do padre, quando estivera com elle em Roma, tres annos antes. E' bem provavel que o movel da denuncia fosse o despeito pelo conteúdo dessa carta, porquanto Vieira emitte nella, a respeito de Alvares, expressões pouco lisongeiras. Se as cartas ao rei eram confidenciaes, e muitas até cifradas, os inimigos do padre eram tantos e tão habeis que não parece illogico acreditar em tal supposição como verdade.

A segunda carta, mandada do Pará, nos dá algumas paginas de interessantes observações sobre o caracter dos moradores, autoridades e religiosos do Estado, além de forte somma de recriminações, recriminações estas que muito devem ter contribuido para arrastal-o aos lugubres carceres da Inquisição.

Quanto á terceira das cartas, pouco interesse historico possue, fóra o do nome que a subscreve.

O amor de Clado Ribeiro de Lessa á historia não mata nelle o espirito e o gosto do bibliophilo. Dahi o gosto desse opusculo ser lançado em edição limitadissima e em papeis de luxo — inclusive pergaminho — com as capitaes desenhadas pelo proprio editor, o que torna a obra util e bella.

MARQUES REBELLO.

"O Mundo Portuguez"

Apesar de estar no 4.º numero, só agora nos foi presente a bella revista que circula em Lisboa com esse expressivo titulo. E ahi encontramos com prazer, entre outros trabalhos elogiaveis, um estudo do nosso correspondente Osorio de Oliveira, que ha tempos regressou á patria ainda mais animoso na sua campanha de divulgação dos livros do Brasil em terras de Portugal. Como o assumpto nos interessa grandemente e o commentario é subtil, transcrevemos neste numero o que Osorio disse de alguns escriptores nossos que cultivam a litteratura do "negro"

"NORMANDIA"

O Melhor Leite

PORQUE?

1)-Porque é o unico pasteurizado a baixa temperatura, o que lhe garante a destruição de todos os germens pathogenicos sem alterar-lhe as qualidades de leite crú.

2)-Porque, sendo crú, a sua digestibilidade é perfeita, não havendo perigo de perturbações gastricas.

3)-Porque é o unico controlado directamente pelo Departamento Nacional de Saude Publica desde a ordenha até o engarrafamento, o que lhe assegura a mais perfeita hygiene.

4)-Porque é o unico que **pode e deve** ser bebido sem fervura.

CIA. FAZENDAS REUNIDAS

NORMANDIA S. A.

Entreposto n. 1

R. REAL GRANDEZA, 76

Tel. 6-1719

Entreposto n. 2

R. DAS LARANJEIRAS, 60

Tel. 5-2216

MEDEIROS

Hontem era João Ribeiro. Hoje é Medeiros e Albuquerque. Vão-se os poucos homens lucidos do Brasil.

Homem lucido, lucidissimo: eis todo o Medeiros. Como em França existem os degustadores profissionaes de vinhos, póde dizer-se que elle foi entre nós uma especie de saboreador patenteado das coisas do espirito. Comprehendeu como ninguem, explicou como ninguem. Resumindo, creava.

Surgia por ahi, vinda da Europa, uma theoria scientifica qualquer, que aturdia os simples e aguçava o pedantismo dos falsos mestres no sentido de explicações que ainda mais enturvariam o original. Pois Medeiros approximava-se, lia, tomava da penna e lá vinha uma synthese admiravel, que dizia tudo aos leigos e punha os proprios scientistas um tanto perplexos deante desse cidadão não formado que recebera da vida aquillo que elles não haviam recebido na academia: intelligencia.

Fazendo dezenas de coisas, as mais diversas, e sem se fatigar nunca, Medeiros ainda sorria, como quem achasse tudo isso pouco. Sem secretario, sem ninguem que o ajudasse, deixava a penna correr dia e noite no papel. Para as bibliothecas deixa no minimo uma fileira de livros, nenhum delles desdenhavel e alguns perduraveis. Foi um conferencista á franceza. E (leiam o segundo tomo das suas reminiscencias) ainda lhe sobrou muito tempo para ser um perigoso Nemrod de caça feminina.

Homem de indiscutivel riqueza cultural, engenhoso e fertil, parecia divertir-se com a vida, divertir-se mesmo com os que investiam contra elle. Creatura essencialmente "physica" e nada "metaphysica", praticando o cosmopolitismo intellectual, aproveitando-se de todas as terras e de todos os assumptos, nunca houve nelle, em qualquer época, indicio de morte ou de caducidade. Nenhum saudosismo, porque era como se estivesse sempre na plena posse de tudo o que amara em rapaz. Falando da proclamação da Republica e de Aristides Lobo, era como se tudo isso tivesse acontecido na vespera.

Informam que morreu com sessenta e seis annos. Não creio. Para mim, o Medeiros não chegou a sahir da adolescencia.

AGRIPPINO GRIECO

Pierre de Coulevain — *Nobreza americana* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Esse pseudonymo masculino celebrizou uma das mais lucidas escriptoras francezas dos ultimos tempos. Soccorrendo-se da fórma romanceada, como sendo a mais viavel para transmit'ir ponderosos problemas da vida moderna, a brilhante analysta de costumes estudou, com egual perspicacia, a sociedade européa e a norte-americana, através de suas figuras typicas. Eram evidentes, em tal autora, as tendencias de moralista e algumas paginas de um dos seus melhores livros zurzem os profissionaes da caridade, os que vivem de parecer philanthropos. Mas os seus incontestaveis dons de ficcionista a impediram de cair no excessivo puritanismo em que se comprazem as romancistas burguezas da Inglaterra.

Visão de New York

Desembaraçado finalmente das autoridades portuarias de Staten Island, o navio, em demanda do seu trapiche de atracação, avançava agora lento e cauteloso por entre as outras embarcações ancoradas no porto.

A linha curva do horizonte, scenario immutavel de tantos dias monotonos, havia cedido lugar á visão magnifica de uma cidade gigantesca, de longe parecendo emergir do seio do mar. Os olhos folgavam ante a visão esplendida das construcções babelicas, pontudas, porfiantes pela altura e que, da entrada do porto, davam ao observador a impressão de geysers formidaveis que, ainda tufados de ar, se houvessem petrificado, ou de stalagmites cyclopicas, cataclysmicas, colossaes! Era bem New York.

Si bem que estivessemos na coberta mais elevada do navio, não conseguiamos ver uma só torre de egreja na immensidade monumental da grande metropole. No entanto ali existem templos ricos e confortaveis para todos os cultos da humanidade; mas cujas torres e zimborios foram vencidos em altitude por um valor mais humano e mais commercial — o arranha-ceu.

Constitue essa a razão por que as cupolas das cathedraes da maior cidade do mundo vão rareando dia a dia no seu panorama lapidar, desapparecendo, como humildes cogumelos entre as gramineas viçosas dos prados, entre as torres esguias levantadas pela mão do homem ao deus business.

Outr'ora, quando os mareantes se acercavam de terra, eram as torres festivas das egrejas, dominando o espaço, os seus primeiros pontos de reparo. Eram os campanarios symetricos dos templos, antennas da fé, que, pelo broadcasting *primitivo de seus bronzes rumorosos, lhes transmittiam as bôas vindas de Deus por se terem arriscado á immensidade dos oceanos! Hoje, tudo mudou. São agora as torres asymetricas, mudas e rigidas das modernas babeis de aço que logo avultam na proximidade dos nucleos super-civilizados.*

Por isso, viajor amigo, quando chegares a New York e houver soado a hora da tua prece, mais bem avisado andarás se, em vez de procurares nas alturas a flexa dourada de um campanario, recorreres profanamente á solicitude commercial de um livro de telephones! Ahi então encontrarás mais depressa, entre as casas de seccos e molhados, o endereço da casa de Deus!

FRANKLIN DE ARAUJO.

A democracia é o governo que dá ou procura dar ao povo a illusão *de ser soberano. Os instrumentos dessa illusão foram diversos para as epocas e os povos, mas o fundo e os fins nunca mudaram.*

Mussolini.

O espirito de systema assemelha-se a esses venenos metallicos que maiam o animal fixando a materia viva, supprimindo a sua plasticidade, parando o movimento perpetuo que a desaggrega, substitue e renova.

Seailles.

"O ANJO"

A dansa sobre o abysmo, de que fala o sr. Gilberto Amado referindo-se á litteratura moderna, jámais foi por mim tão bem comprehendida como diante do novo livro de Jorge de Lima. Vi as paginas desse livro como uma corda estendida entre duas montanhas (tal qual a gente vê, ás vezes, aos filmes em série de farwest americano), por onde os personagens desfilam, fazendo acrobacias grotescas e se mostrando indecisos entre um cume e outro cume, igualmente divididos entre o extra-real e o terra-a-terra. Essa indecisão, que é a indecisão do autor, essa inquietude, que é a inquietude de um poeta que procura motivos inéditos para uma poesia nova, chegam, ás vezes, a raiar pela angustia de uma tragedia ainda não escripta. E não é sómente a incoherencia estranha dos personagens que nos produz essa sensação. São os ambientes suggeridos e são as proprias palavras, numa mistura exotica de regionalismos semi-barbaros e cosmopolitismos super-requintados, formando uma linguagem nova e unica, cheia de contrastes, de aberrações, de cruezas, mas, apezar de tudo isso, ou talvez por tudo isso, extraordinariamente colorida e poderosamente suggestiva. Todos os que escrevem sabem por experiencia propria que é quasi impossivel dizer coisas differentes usando uma linguagem castiça, uma fórma grammatical correcta. A grammatica é uma barreira para o pensamento livre, tanto quanto a metrica é um carcere para a poesia pura.

E elle sabe sentir differente e pensar de um modo pessoal. Não copia ninguem e não acceita tutores. E' sempre um inadaptado e um inquieto. E, como a sua obra é uma reproducção delle proprio, os personagens que vae creando são pôses differentes do seu proprio eu. Nem-um tem independencia. Não passam de projecções para fóra de sensações interiores e, por isso, luctam com uma grande difficuldade para conseguir uma exhibição nitida. São revelações contradictorias de diversos estados d'alma que, embora muito complexos, facilmente serão comprehedidos, desde que se abandone o livro para observar o autor. Temol-o visto sempre, talvez por força do atavismo, fascinado pela poesia barbara dos nossos sertões e dos nossos costumes coloniaes. As nossas mattas mysteriosas, as extinctas senzalas, as tragedias da escravatura, os dramas da perversidade branca, do ciume branco, deante da passividade negra, da fascinação negra, o chicote, o capitão-do-matto, o quilombo, o senhor, a mucama e mesmo a terra, a sezão, a lama, o barro, tudo é nativo para lhe despertar essa ternura cheia de poesia que elle deixa extravasar nos seus versos meio selvagens e por isso mesmo mais livres. Esse homem que vive em espirito e em sentimento no passado mysterioso e selvagem não póde se adaptar ás avenidas asphaltadas, aos arranha-céus sem originalidade, aos "speakers" de vozes uniformes, aos klaxons das limousines made in U. S. A. Busca um meio de escapar ao quotidiano, que o enerva, e encontra apenas o extra-real. E foge ansiosamente, aos cambaleios. Leva comsigo duas forças contrarias, que lutam, procurando vencel-o. Uma o asphyxia, a outra o adormece. E elle não quer nem adormecer nem ser asphyxiado. Quer agir, pensar mover-se livremente, viver. Viver a seu modo, procurando satisfazer os seus desejos latentes. E' quando os sentidos materiaes o atraiçoam. Ahi a tragedia. O homem se revolta contra a pobreza dos cinco sentidos. Não se satisfaz com o que elles lhe revelam. O que elle pensa nunca está de accordo com o que elle vê. O que elle deseja para o seu tacto não é o que os seus dedos sentem quando palpam. Os sons que sente ansia de ouvir não são jámais os sons que os seus ouvidos lhe transmittem. E é essa a grande força dramatica do livro. O anjo é o intermediario entre o Heroe e o Sonho. Os sons do seu violoncello são o seu calmante unico. São os olhos do Anjo, quando o Heroe já não tem olhos, que vêem a enfermeira banal e a transformam na imagem sempre perseguida da Bem-Amada. E são emfim as mãos do Anjo, quando o Heroe já não tem mãos, que acariciam o bôjo macio da jarra para que o Heroe sinta, afinal, a maciez subtil da pelle da mulher que elle já se desilludira de encontrar. Não fôra nunca a mulher feita da perfeição de todas as mulheres o que elle procurava. Era exactamente a mulher feita da perfeição de todas as mulheres que já vira. Para a encontrar, precisou ficar cégo. E, para que não enxergasse com os dedos, que são os olhos dos cégos, precisou perder tambem as mãos. Só assim conseguiu sentir a felicidade. Perdeu pouco, afinal, para tão grande premio.

Dentro do chaos apparente desse livro estranho, uma coisa se mantém coherente, destacada, inapagavel. Essa coisa é a poesia. As paginas desse livro de prosa não são mais do que os versos de um grande poema, de um poema esquisito, de um poema actual. E' a poesia quem evita, com a sua força poderosa, uma quéda desastrada no abysmo. Procura disfarçar-se, ás vezes, mas não consegue impedir que se perceba que ella está sempre presente. Quer esteja o Heroe falando aos coqueiros doentes que gemem sob o vento perverso, quer lamente a miseria, quer adore a lama que acaricia, quer prove o barro indigesto, que enche a bocca d'agua, quer odeie o alto-falante esganiçado, quer se embriague no bar ou se atire do decimo-terceiro andar do arranha-céu, ella o acompanha fielmente, morbida, cheia de imprevistos, contradictoria ,mas sempre extraordinaria. E, ao deixar-se esse livro, o que fica, o que se reaffirma, o que não se apaga, é a conclusão de que, no Jorge de Lima prosador, apezar de tudo e contra tudo, o que é grande, o que é enorme, é o Jorge de Lima poeta, muito bom, muito original, muito brasileiro.

DIAS DA COSTA

"Joseph"

Lion Feuchtwanger já se consagrou como o artista que melhor do que ninguem sabe retratar uma epoca ou um povo. E como bom judeu amante de sua raça, escolhe sempre para seu assumpto o commercio de judeus com gentios. Em *Jew Suss* é o resurgimento do poder judeu atravez dos argentarios e banqueiros numa Europa remota. Em *Success* é a luta dos judeus da Bavaria contra a onda antisemita da Allemanha de após guerra. Em *Oppermans* é a humilhação do povo-sem-patria na Allemanha de Hitler. Agora, com *Joseph*, é o esphacelamento da nação judaica pelos romanos.

Lion Feuchtwanger escolheu, para nos fazer acompanhar cada passo desta tragedia de seu povo, a pessoa de Joseph Ben Matthias, pastor de primeira cathegoria, joven, ambicioso e illuminado. Encontramol-o primeiro em Roma onde se acha como emissario especial a mando do conselho maximo de Jerusalém com o fito de pleitear a libertação de tres dos seus membros condemnados a trabalhos forçados sob allegação de sedição. Ahi o vemos, provinciano ardente e culto, a familiarizar-se com a magnificencia soberba da capital, com as intrigas e mesquinharias do Senado e da Corte, e a admirar a organização e o methodo dos senhores do mundo conhecido.

Com elle somos recebidos em audiencia pela Imperatriz Popéa, que sympathiza com os Judeus e que, debaixo da sua apparencia de boneca fragil e caprichosa esconde uma alma sincera e uma intelligencia subtil. Ainda em Roma vemos o actor judeu Demetrius Libanus desempenhar o papel do judeu Apella, typo caricatural de escravo que sabe se tornar indispensavel ao senhor e que, apesar de todos os atropellos, sempre acaba victorioso no seu intuito. E vemos como da audiencia com Popéa e da representação de Demetrius Libanus sáe o perdão dos tres condemnados, o que servirá futuramente como justificação para a destruição do templo de Jerusalém pelos romanos como acto final da repressão definitiva da revolta da Judéa.

De Roma vamos á Galiléa, onde Joseph Ben Matthias se junta ao partido dos Vingadores de Israel para derrubar o dominio de Roma. Vemol-o em Magdala governador da Galiléa, instigando a revolta e preparando a guerra. Vemol-o em luta com as regiões romanas, assediado em Jotapat, combatendo desesperadamente para salvar Jerusalém. E vemol-o vencido, fazendo prophecias audaciosas ao general romano Vespasiano, na esperança de não ser executado.

Vespasiano ouve, e faz delle o seu escravo. Soffre elle então todas as humilhações, pois é reprovado pelos seus como trahidor, e desprezado pelos que serve como escravo.

Mas as suas prophecias se realizam, e Vespasiano, tomando-se de amizade por elle, liberta-o para fazer delle o seu secretario e conselheiro. Já agora Joseph Ben Matthias reconhece o absurdo da revolta contra Roma, e a sua esperança e o seu desejo é salvar o templo de Jerusalém. Com este fito junta-se ao sequito de Titus, filho de Vespasiano, que está encarregado de terminar a campanha de subjugação da Judéa. Assim vae até as muralhas da cidade sagrada, presencia o longo sitio, o ataque final e a destruição do templo apesar de todos os seus esforços. Então volta Joseph a Roma, onde, depois de assistir á procissão triumphal se recolhe para sete dias de luto e lamentações antes de começar a escrever a historia da campanha.

Drama de um homem não menos do que drama de um povo, esta historia de Joseph serve para retratar a alma judia em toda a sua complexidade, em toda a sua força.

JACK SAMPAIO.

Barbosa Lima (Aristophanes) — *Escorias fluctuantes* — Edições Forja — Rio.

Pertencendo a uma familia de oradores e escriptores, o maior dos quaes foi um *debater* á ingleza e um severo articulador de verdades contra os máos governos, o sr. Barbosa Lima escolheu a fórma novellesca para coordenar as suas observações da vida e do ambiente brasileiros. Evidentemente, neste Aristophanes nacional não ha um romancista propriamente dito. Sobram-lhe intelligencia e cultura criticas para que elle pudesse confinar-se, imparcial e impessoalmente, na litteratura de ficção. O que elle é, acima de tudo, é um analysta de costumes, propenso sempre a dar fortes lambadas nos poderosos, ao mesmo tempo que se enternece com as miserias e as doenças dos que repetem, nas zonas ruraes do Brasil, tristezas e vergonhas dos párias e sudras da India. Uma vez desapparecidas as suas tendencias epigrammaticas, haverá, neste nosso patricio, a corporatura de um verdadeiro sociologo.

Giovanni Papini — *Palavras e sangue* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

São contos e impressões de um dos maiores escriptores vivos. Confissões de um cerebro e de um temperamento singularissimos. Tudo isso decorre em paragens da Italia e não faltam indicações de paizagem a accentuar que as montanhas dos Apenninos e as aguas do Arno não estão longe de tudo isso. De quando em quando emergem da narração as arvores e as figuras typicas da Toscana. Mas, acima de tudo, essas passagens algo phantasmaticas decorrem na imaginação do proprio autor, que ,antes de converter-se á Egreja, parecia haver-se confinado num mundo de sombras bizarras, como quem preferia embebedar-se com a leitura de Poe e Hoffmann a embebedar-se com os vinhos da Peninsula.

Godofredo Rangel — *Vida ociosa* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Andou bem a importante casa editora da Paulicéa inaugurando a sua série *Os grandes livros brasileiros* com este romance de Godofredo Rangel, sem duvida alguma uma das obras-primas da nossa litteratura de ficção. Reapparecendo agora em segunda edição, o formosissimo trabalho do escriptor mineiro accrescentará muitos admiradores novos a um autor que, não fôra a deploravel modestia em que se confinou, deixando de produzir para traduzir, seria hoje elemento de direcção em nossa vida cultural. Que delicioso romance este! Que segurança na captação das almas miudas do interior! Como esse bacteriologista das paixões fugitivas soube ver os "infinitamente pequenos" da vida da roça! E que lingua naturalmente classica, como esse meridional sem emphase conseguiu assenhorear-se logo da expressão incisiva e sóbria que, não obstruindo com excessos rhetoricos a memoria do proximo, irá andando sem esforço pelo caminho da posteridade!

FACTOS DIVERSOS

Um a um

No *Homem Livre* o sr. Hamilton Barata costuma publicar umas entrevistas sensacionaes. O que o meu amigo José Jobim faz, no genero, perde feio em comparação com as do tão brilhante publicista. Perde em côr, perde em som. São umas cousas de fazer vibrar certos temperamentos sensiveis ao toque do verbo, certos espiritos de pelle delicada. No sr. Barata encontra-se um "frisson" novo de indagação; as figuras de que se approxima elle, sente-se que ficam cercadas por uma nova força de inquerito, de analyse miúda. Ludwig encontra-se com Mussolini, conversa com o homem horas e horas, apalpa-lhe as idéas e escreve depois um volume secco, sem uma palavra a mais nem a menos, sem arrebatamento de nenhuma especie. Com o sr. Barata a cousa é muito outra. Tudo nelle é exaltado. E' juventude. E' vibração permanente. Tudo a vermelho e azul, a amarello e verde, a preto e branco, tão violentamente espectaculosa é a sua maneira de escrever. Attinge o epico, o seu tom de voz. Parece até haver um mysterio mediumnico nessa impetuosidade verbal. Ao contacto desse jornalista dynamico — disse bem: dynamico, força de 5 H. P. — os homens crescem de tamanho como por processo de sombras chinezas. Ou como o Papai Pernilongo da fita.

Ainda não perdi a esperança de ler uma entrevista do sr. Barata com o sr. Plinio Salgado, o da "Offensiva", o ex-deputado paulista, o "imagem da propria patria". O Sr. Salgado é dos que affirmam que a Revolução é uma victoria da palavra; é dos que escrevem em artigo de fundo: "Recordar é viver para traz. A velhice é um fim de estrada. E etc e tal. Porque sonhar é viver para a frente". Aqui é o epico achatando-se no lyrico... P. Salgado em face de H. Barata: Mussolini e Ludwig...

A ultima entrevista que li no *Homem Livre* foi a do sr. Baptista Pereira (1). E não foi o choque de idéas dessas duas aguias que se tratam por tu o que eu mais admirei nesta peça litteraria: foi o perfil do genro do Ruy feito pelo jornalista, como que em traços rapidos de desenho animado. Alma e corpo projectando-se em luz e sombra. "A sua mascara está, como sempre, cercada pela aureola de uma grande intelligencia, os seus olhos fuzilam, as suas narinas vibram. Baptista Pereira é um animal de larga visada e faro possante. Mas no seu semblante ha como que um pouco de melancolia, algo de amargura, um que de angustia, uma nevoa de saudade". Por fóra: "Um homem de boa raça. Terno de linho branco. Sapatos marrons. Meias pretas. Camisa azul. Collarinho igual. Gravatinha igual. Os cabellos bem penteados, para traz. Tem as faces e o nariz vermelhos de um inglez". Por dentro: "Ha na expressão de Baptista Pereira quasi uns laivos de desespero. Ancia. Insatisfação. Desillusão". Começamos a perceber que a agitação do mundo de hoje perturba a tranquillidade de idéas do pensador, quasi encrespando em rugas a testa lisa e ampla do genro da aguia de Haya.

Podem os perfidos dizer que o sr. Pereira é dos taes pensadores que marcam horario para ser inquietos, para os seus desesperos com as idéas, para essas agonias do pensamento revolto. Mas ha gente assim ainda, que só acredita num Nietszche perseguido pela paralysia geral. Essa gente não póde comprehender que ha um Goethe dentro desse homem que se alimenta bem á mesa do Jockey-Club e que é, pelo que affirma o jornalista Barata, um principe da elegancia. Um Goethe typo novo: "Fino, magro, bem tratado, *racé*. Parece cultivar uma dezena de *sports*. Estrictamente barbeado, cultiva com requinte a graça ironica de um pequenito bigode, que lhe dá o donaire de ousado mosqueteiro".

E' assim o sr. Baptista Pereira. Na intimidade de sua alcova o sr. Barata observa, de relance, um guarda roupa de primeira ordem: "duzias e duzias de camisas do mais fino gosto, cuecas de tecido igual ao das camisas, collarinhos do mesmo estylo, ternos completos para todas as opportunidades imaginaveis", etc. E ainda descobre o jornalista perpicaz: "No quarto ao lado, com um ferro electrico, uma servente desfaz as pregas das camisas e marca á perfeição os vincos das calças de casimira."

A figura impressionante do genro de Ruy vae assim se fixando de todo nas linhas dessa entrevista sensacional.

VALDEMAR CAVALCANTI.

(1) — Numero de 2 de junho.

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Clausulas Liberaes

Tabellas Minimas

DIRECTORIA:

Raul Fernandes — Presidente

Dr. Fabio Sodré — Director

Alberto Teixeira Boavista — Director

SÉDE SOCIAL:

Avenida Rio Branco — 125

(EDIFICIO PROPRIO — 12 ANDARES)

RIO DE JANEIRO

MACUMBA

(Trecho do romance *O Alambique*, a sahir)

Mãe Dite abriu uma mesa para mim. Quarto fechado. Quadros de santos e uma vela agonizante. Uma urupema. Busos de praia. Um abano. Um rosario. Um boneco de olhos de conta. E a negra velha sacudiu os busos, soltou-os pela minha cabeça, aparando-os na urupema. Falou coisas em lingua embolada. Benzeu-se. Mandou que eu me benzesse tambem. Tres vezes, com a mão esquerda. Soprou nos meus ouvidos, no cogóte. Deu-me pancadinhas nos hombros, nas costas, nas nádegas, nas pernas. Abanou-me. Bateu-me, de leve, com o rosario. E falou:

— E' coisa feita.

— Quem fez?

— Hum! — e sorriu banguéla.

Calor enervante. Eu suava damnadamente.

A negra resmungou:

— Porém não tem nada.

E, num ar de mysterio:

— O branquinho é forte. Seu anjo-da-guarda é Santa Barbara.

O boneco foi sacrificado. Eu fui o seu carrasco. De agulha e linha preta cosi-lhe os olhos, a bocca. Traspassei-o de alfinetes. Arrancando-lhe os dedos, repetia o que Mãe Dite me dizia:

— São Cypriano assim quer ver-te, ó desgraçado, para não fazeres mal a quem te fez. Fura. Fura. E' a vingança que vem dum justo.

E sahi do quarto pingando de suor, emquanto a velha curandeira sorria, apertando na mão enrugada os cinco mil réis que lhe dei.

Depois do carurú e do éfó, da cachaça e do licôr de genipapo, a festa começou.

Muita gente. Na sala, enfeitada de bandeirolas de papel, ramos de são-gonçalinho, folhas de pitanga espalhadas pelo chão, não cabia mais ninguem. Os tabaques estrugiam roucos, ensurdecedores, echoando sinistros lá fóra, na escuridão pasmada. Os agôgôs resoavam, ajudados pelo som ôco das cabaças.

Negras suarentas, de todos os pesos e idades, meneando os corpos, rodavam, uma atraz da outra, obedecendo ao mesmo compasso lerdo e desconjunctado. Palmas. Chocalhos. Vozes que se confundiam. A dansa animava-se. De subito curvaram-se todos. O ambiente era de pasmo e veneração. Reverencia. Estupôr. Entorpecimento. Era a chegada do santo.

— Oxóssi!

E um preto puxava a cantiga, saudando o santo:

— Éduró dêmin lónan ô yê!

— A umbó k o wá jô!

A dansa, agora, regirava lenta:

— Awá ki i p'ódé lôfô ô ki ómón pawó ré
lê rê ô!

— Arayê óxé arêrê ékun,
awá ki i pê ódé lôfô ô ki ómón pawó ré!

O negro puxando a cantiga. As negras meio bêbedas se requebrando.

CLOVIS AMORIM

— A Sra. Romola Nijinsky prepara um livro sobre o seu marido, o grande bailarino russo que já deslumbrou a platéa do Municipal, dando-nos espectaculos dos mais bellos e perfeitos que ali se realizaram. São do prefacio desta obra, escripto por Paul Claudel, as seguintes passagens, que nos dizem de perto, pois evocam com sympathia o tempo em que residindo entre nós, o grande poeta francez poude tambem impressionar-se pela maravilhosa arte de Nijinsky: "Das grandes cidades que conheço, Rio de Janeiro é a unica que não conseguiu escorraçar a natureza das suas portas. Ahi a gente se sente misturado ao mar, á montanha, á floresta virgem que, de todos os lados, rola sobre os nossos jardins, afoga as casas entre mangas e palmeiras, acompanha de suas aguas claras o trilho das ruas, envia aos gradis apodrecidos dos cortiços de negros grossas braçadas de bougainvillias e de verduras aromaticas. Até os quarteirões baixos, antes de alcançar o Oceano, dansam e pinoteiam sobre os morros, que são os ultimos movimentos da montanha. E de todos os lugares, seja do terraço dos hoteis, seja das janellas dos salões, é só levantar a cabeça para vêr toda sorte de cimos e alcantis bizarros envolvidos no sombrio manto da floresta. Gavea, Tijuca, Campo dos Antes (sic), Corcovado e o perfil de Luiz XVI. Ha sempre, atraz de nós, qualquer cousa de immenso, de negro, de fresco e de brilhante, e sabemos que de um salto, podemos alcançal-a.

Foi ahi, sobre a scena de um theatro que atravez de muita columnata ridicula não era mais para mim do que uma aberta na floresta, que eu vi Nijinsky pela primeira e ultima vez."

— André Maurois vem de publicar um novo romance: *L'Instinct du Bonheur*. Segundo Ramon Fernandez: "o titulo, um pouco abstracto, dá bem o tom do livro, que é uma illustração, um exemplo moral, o discreto commentario de um destino".

— Certo jornal parisiense, reportando-se á apresentação de alguns filmes recentes, refere-se a um que tem por titulo *Carioca* e no qual, á maneira de apotheose, ha uma parada aerea sobre a nossa bahia de Guanabara. Tratar-se-á de *Flying down to Rio*, que já mereceu uma chronica do nosso collaborador Arthur Coelho e aqui percorre os cinemas com o titulo de *Voando para o Rio?*

Mario da Veiga Cabral — *Quarto anno de geographia* — Livraria Jacintho — Rio, 1934.

Os trabalhos do sr. Veiga Cabral, adoptados nos melhores collegios do paiz, tambem receberam sempre expressivos louvores dos nossos criticos mais idoneos. Basta recordar o nome do grande mestre João Ribeiro, elogiador constante desses trabalhos, para significar que elles possuem indiscutivel merito didactico e concorrerão efficientemente para preparar os espiritos juvenis das nossas escolas. Tal este *Quarto anno de geographia*, vazado no que ha de mais recente no assumpto e onde dezenas de gravuras completam um texto sempre claro e attrahente de estylo.

Gustavo Barroso — *O integralismo de norte a sul* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Estão aqui os discursos proferidos pelo sr. Gustavo Barroso, membro da Academia de Lettras e director do Museu Historico, na sua propaganda inter-estadoal do integralismo. O sr. Barroso, que já se distinguira como folklorista e historiador militar, surge nestas paginas com um aspecto novo: o de theorista politico.

O Barão de Ascurra e a Orthographia

Esta revista nasceu quando se acabava de fazer o gaiato accôrdo orthographico entre a nossa Academia de Lettras e a de Sciencias de Lisboa. Sempre nos recusamos a adoptar essa cacographia e, consequentemente, rejubilamos com a habilidade de quem lhe atirou a ultima pá de cal. Todavia, por um dever de imparcialidade, abrimos as nossas columnas á missiva em que o conspicuo Barão d'Ascurra se dirige a um dos mais aguerridos defensores do accôrdo nos dominios da Maternidade e da Constituinte.

Copa Cabana a par do Posto Quarto, aos 17 de junho de 1934.

Mui manifico Varam:

Cá está a vossa lettra d'hontem, em a qual vindes com gran bondade pedir aviso ás luzes do meu aguçado engenho, sobre como deveys de obrar em face do ascoroso feyto das Cortes Geraes, ora reunidas na antiga casa da Cadeya Velha, hoje Paço do Tiradentes, polo qual se quebrou a fee jurada pelas duas Academias no trauto da orthographia.

Do vosso linguagem candente qual ferro em forja, entendo que haveis o estomago damnado, e de rezam he que assi seja.

Pois cá me tendes sentindo comvosco a mesma sancta furia, e como amicus certus in re incerta cernitur, *segundo doctrinava aquelle sympathico philosopho romano, e jaa que assi querem, e he da vontade de Deus, iremos ambos a pelejar. Os vossos desenhos de castigar co a guerra a infidelidade daquelles hereticos, e fementidos deputados, amostram que nas vossas veyas ainda corre assaz roxo, e bem temperado, aquelle valeroso sangue quinhentista das Fernoens da Magalhaens, varoens dantes quebrar, que torcer.*

Qual o Luis de Camoens, o Jeronymo de Mendonça, o D. Francisco Manoel, e tantos outros varoens por igual afeitos aos doces brincos de Minerva, e aos duros trabalhos de Marte, vades a poer por prova que o braço, que traçou co a penna aquella conceytuosa Cartilha da Probidade, *tambem sabe manejar huma espada para lavar com sangue a honra mal ferida.*

Assi quizeram, assi no terão!

Assaz de fiuza pondes vós nas minhas traças de guerreyro, á la fee que não andaes errado, ca prouve aos céus que ora fartamente enfronhado esteja eu em taes assumptos.

Como sabeys, mal grado os meus 94 janeyros, estou por capitam da ala moça dos Integralistas da Copa Cabana, aquelles terribiles camisas de beringela, cuja fama já vos ha de ter chegado aos ouvidos. De guisa que mui bem doctrinado ando nas liçoens do Soldado Pratico, *do* Exame de bombeyros, *do* Governador de Praças, *e outros cartapacios de boa ensinança guerreyra. Mas porem não cuydeis seja eu hum entendedor da "disciplina militar prestante" do porte daquelle Phormião, philosopho elegante, tam duramente escarnecido por Annibal, segundo nos raconta o principe dos poetas, ca he pelejando que aprende homem a pelejar. Os meus terribiles camisas beringelas não se quedam nunca ociosos, e são mais dextros, e animosos no accommetter, e sustentar combate, e se amostram sempre "parciaes na gloria, e no perigo". De guisa que levando a cabo a nossa empresa, hemos de filhar victoria certa, e para isso havemos d'obrar como segue:*

1.º

Em soando a hora h, se partirão da praya do mar da Copa Cabana, em tres pangayos, os terribiles camisas beringelas, os quaes se contam por duzia e meya d'ambolos sexos.

2.º

No pangayo capitaina seguirey eu por capitam, co hum trom d'artilharia, por amor das fortalezas da barra, e pera estrondar as salvas da victoria, e levaremos pendão, e dois pifanos, e hum atambor.

3.º

Por capitaens nos outros pangayos seguireys, vós e o letterato Laudelinus, o qual he major de milicia, e segundo se soa, he varam de muytas, e ardilosas manhas.

4.º

Por armas levará cada camisa beringela, sendo molher, terçado cingido e arcabuz, e, sendo varão, maça dambalas mãos, e todos haverão suas adargas.

5.º

Pera emborilhar os escuytas do porto atestar-se hão os pangayos de bananas, belancias, e outras fruytas d'encher olho, e metteremos tambem algum pescado, ca assi cuydarão que sam bates de mercadores, e nos leixarão entrar o porto em sessego.

6.º

Em aportando á Praça do Mercado lançaremos ferro, poeremos pee em terra, entraremos a cidade, e, em marcha trigosa tomaremos como d'abordagem o Paço de Tiradentes. Hi passaremos polas armas, em crua matança, e sem piadade, todolos infieis. E o grito de guerra haverá de ser:

— Morte! Morte aos refeces e vis treidores!

7.º

A mais idosa das damas conduzirá aquella famosa panella sulphurea, que sobrou d'Aljubarrota, e a lançará na camara do Paço do Tiradentes, para acabar de devastar toda aquella damnosa pestelença legislativa, feyto o que soarão os pifanos, rufará o atambor e troará a artelheria, em alarido de victoria.

8.º

Obrado o feyto, recolherão os terribiles camisas beringelas aos pangayos, cos seus gloriosos capitaens, e demandarão a praya de mar de Copa Cabana, e hi, como em nova ilha de Venus, se irão a forgar co as fermosas sereyas que povoam as craras areyas batidas de sol.

Ora dizede-me asinha se deferis as traças suso escriptas.

Vale

Barão d'Ascurra

Departamento de Educação do Districto Federal — *Jogos infantis* — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1934.

E' um trabalho de coordenação dos jogos tradicionaes que vêm fazendo, em gerações successivas, o regalo da infancia. Ha algumas innovações interessantes, e que os meninos sem duvida aproveitarão, mas o essencial do volume é composto de diversões que a propria garotada inventou, com a ingenua malicia e o dom do pittoresco que os adultos nem sempre reencontram. A obra, em conjunto, é estimavel porque não força a imaginação das creanças a submetter-se a methodos compressivos e apenas procura oriental-a naquillo que enche de tamanha poesia o periodo da "cabra-cêga" e do "chicote queimado".

Terra de Senna — *Rua da Amargura* — Selma Editora — Rio, 1934.

Tendo estreado nas columnas do *D. Quixote*, sob os auspicios do admiravel poeta ironico que é o sr. Bastos Tigre, o sr. Terra de Senna (não ha duvida que se trata de um pseudonymo) soube logo interessar o publico pela cordial despretenção do seu humorismo. Antigo frequentador das rodas bohemias, especialmente daquellas em que se destacavam os chapelões e as melenas dos pintores e esculptores de café, o autor da *Rua da Amargura* faz-se ler exactamente como escreve: sem esforço.

Kathleen Norris — *Martha, a inconquistada* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Os dramas de familia, especialmente quando interpretados dentro de uma nota de romantismo subtil, encontram sempre centenas de almas jovens que lhes acompanhem os espisodios palpitantes. Assim acontecerá pela certa com a longa narração em que Kathleen Norris, habil tecedora de entrechos sensacionaes, estabelece, não sem meritos de escriptora, curiosos conflictos de sentimento. O livro, muito bem impresso, pertence á collecção Nobel, da Livraria do Globo, em que já sahiram volumes de Pirandelo, Glaeser e Chesterton.

O NEGRO

Contribuição Brasileira para o seu estudo.

A litteratura brasileira teve o seu periodo indianista com os romanticos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar. Reflexos da *Atala*, de Chateaubriand, os poemas e romances em que os brasileiros cantaram os primitivos habitantes da sua terra, não passaram de fantasias litterarias. Criou-se no Brasil uma lenda poetica sobre as qualidades dos indios, que avolumou desmedidamente a importancia do elemento aborigene na formação dessa nacionalidade.

O negro foi menos feliz. Os romancistas do seculo passado fixaram alguns aspectos da vida social do Brasil em que elle apparece, mas como elemento pittoresco. Não foi idealizado, como o indio, nem entrou, com a sua alma, como figura de primeiro plano, em nenhuma obra litteraria dessa epoca. Castro Alves, lutando pela abolição, cantou os soffrimentos do escravo em poemas de grande eloquencia. Mas nesse poeta o negro é o objecto duma reivindicação social e não um elemento primacial da litteratura brasileira. E' em Gonçalves Crespo que se encontra a primeira valorização poetica do sentimento e da alma do africano no Brasil. Só nos nossos dias, porém, o negro conquistou, nas lettras brasileiras, o lugar a que tinha direito. Só hoje elle é estudado e cantado como merece, já que tanto contribuiu para a *psyché* do brasileiro.

Em Portugal possuimos uma vasta bibliographia colonial. Mas das obras historicas, das narrativas de viagens, dos relatorios administrativos ou de campanhas militares, que constituem a maior parte dessas bibliographias pouco consta sobre a alma do negro. Tentam agora os autores de livros de ficção sobre a nossa Africa, desvendar um pouco o mysterio que envolve a alma do indigena. Houve sempre, entre os nossos coloniaes, espiritos curiosos que attentaram nas criações poeticas dos pretos, nas suas manifestações choreographicas, nas expressões do seu culto religioso, em todos esses gestos elementares da alma dum povo que constituem a materia preciosa dos folclores. Mas não me consta que se tenha tentado fazer, com os naturaes da Guiné, de Angola ou de Moçambique, o estudo systematico da alma da raça negra, como se está fazendo no Brasil. Os trabalhos de Levy-Bruhl sobre a mentalidade e a alma primitiva, e o estudo de Frazer sobre a magia e a religião, facilitaram a tarefa dos que no Brasil praticam essa sondagem das profundidades animicas do negro. O interesse pela arte africana e o renovo da moda litteraria do exotismo, partindo de Paris, encontraram um meio propicio entre os intellectuaes brasileiros. Na memoria desses homens acordou a lembrança da "mãe preta" que os ammamentou, das historias que ella contava do tempo da escravidão, do contacto com as mucamas e da promiscuidade em que viveram com os moleques, nos engenhos de assucar ou nas fazendas. Uma litteratura surgiu, então, cantando o negro, estudando a sua influencia na vida sexual, nos costumes familiares e na emotividade do brasileiro, descrevendo as suas cerimonias fetichistas e procurando, atravez destas, comprehender a sua alma.

Não se pode dizer, rigorosamente, que seja de hoje a curiosidade scientifica dos brasileiros pela psychologia dos africanos. Um grande estudioso, o professor de medicina legal Nina Rodrigues, começou em 1890 a dedicar-se a esses estudos, só os interrompendo com a morte, dezeseis annos depois. O que só agora apparece no Brasil é o espirito de sympathia, a quasi fraternidade com o negro, que faz com que, não um simples litterato, mas um homem de sciencia, precisamente o continuador de Nina Rodrigues, escreva esta pagina, intitulada *Meu Irmão Negro*:

"A sua libertação fôra apparente. Arrebentara os pesados grilhões do tronco e fugira ao chicote malvado. O seu espirito, porém, continuava acorrentado ás cadeias de preconceitos seculares. Pesava sobre elle a maldição dos Gobineau e dos Lapouge.

Reagiu. Refugiou-se na magia. Invocou a protecção dos seus orixás poderosos. Xangô, que domina os raios e os trovões e as tempestades. Iemanjá, o grande abraço materno e protector. Exú, o genio sinistro, senhor do mal. Obatalá, o maior de todos...

Animaram-se os terreiros, dentro das noites phantasmaes. E não cessou o batuque infernal dos candomblés e das macumbas, o tam-tam dos atabaques e agogôs. Pipocas e azeite de dendê. Despachos. Cangerê. Ual! Ogun de lê, mirerê ta biau! Xangô ô lelé...

Mas a sua alma estranha e longinque vae sendo desvendada, aos poucos. Pre-logica. Os seus mysterios e as suas participações vão-se decifrando. E o bizarro dos seus cultos é utilizado como motivo de arte. A syncopa da sua musica barbara. Os rythmos novos da sua allucinante choreographia. O encanto elementar e extraordinario da sua poesia e dos seus mythos primitivos.

A sua influencia, a sua vingança foram tão grandes, que a sua libertação equivale á *nossa libertação*. A libertação da angustia inicial. *Ur-Angst*. Do pavor sinistro da treva para os claros horizontes da liberdade. Meu irmão Negro!"

São do psycho-analysta Arthur Ramos estas palavras, e não dum poeta como Jorge de Lima, cantor de *Essa negra Fulô*, ou como Raul Bopp, autor dum livro de "Poemas Negros", *Urucungo*. Reparação que o negro merecia dum brasileiro; reparação que estava exigindo a má-vontade contra elle manifestada por escriptores como Graça Aranha, na *"Viagem Maravilhosa;* reparação justissima, porque o Brasil deve-lhe muito. No livro notavel que, como o titulo *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre acaba de consagrar ao estudo da "Formação da familia brasileira sob o regimen de economia patriarchal", lêm-se periodos como estes:

"Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabello louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — ha muita gente de genipapo pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do negro.

Na ternura, na mimica excessiva, no catholicismo em que se deliciam nossos sentidos, na musica, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos todos a marca inconfundivel da influencia negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mammar. Que nos deu de comer, ella propria amollegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras historias de bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor physico e nos transmittiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo".

Desta nova maneira de olhar o negro, adoptada pelos brasileiros, resulta que a alma mysteriosa dessa raça se vae desvendando. Só a sympathia pode dar entrada nas almas ao espirito analytico. Não foi outro o processo seguido pelo norte-americano Seabrook, quando quiz descobrir os mysterios da "Ilha Magica", do Haiti, dos ritos "vaudou" e da feitiçaria negra.

Como paiz colonizador, Portugal tem interesse em acompanhar de perto os estudos de africanologia feitos no Brasil, pelos progressos já registrados no conhecimento psychologico do negro — elemento da nossa acção ultramarina e valor importante do nosso Imperio.

OSORIO DE OLIVEIRA.

(D'*O Mundo Portuguez*, de Lisboa, n. 4, de Abril de 1934).

Se se désse carta branca aos militares, elles insistiriam na necessidade de collocar uma guarnição na Lua para nos proteger contra Marte.

Lord Salisbury.

— Joseph Roth, autor de *La Marche de Radetzky*, mostra-se um fino memorialista da extincta monarchia dos Habsburgos. São cincoenta annos de hisoria em fórma de romance. Desde a batalha de Solferino, em que os francezes ajudaram os italianos a vencer os austriacos, até a grande guerra das nações, desfilam ahi figuras e acontecimentos typicos da aristocracia e da burguezia de Vienna e adjacencias. Creaturas do povo envolvem a personalidade enigmatica de Francisco José, com o seu vistoso uniforme branco, e as diversões da cidade das valsas e das floristas alternam com os amargos presagios das maiores catastrophes.

— Maurice Bedel gosta de fixar os seus scenarios de romance em paizes varios. Já explorou em livro a Escandinavia, a Italia, a propria França e, agora, faz a sua heroina partir de Arkhangelsk, das margens da Dwina, para as regiões mais serenas, menos tumultuosas, da Turania. A parte central da narração prende-se ao fascinio das idéas communistas sobre as almas jovens de hoje, mostrando quanto as idealogias modernas vão tomando o logar dantes occupado, no coração da gente nova, pelas paixões sexuaes ou pelos amores platonicos do tempo do Romantismo. O ultimo volume de Maurice Bedel intitula-se *La Nouvelle Arcadie*.

— Julien Grenn é hoje uma das figuras mais proeminentes da litteratura franceza. Citar o seu nome é recordar uma serie de romances como *Mont Cinére*, *Adrienne Mesurat*, *E'paves ou Leviathan* que, lidos uma vez, jámais serão esquecidos, tal a densidade das suas paginas, tal a força com que o escriptor arma entrechos e joga com as suas personagens. Agora mesmo elle vem de lançar *Le Visionnaire*, novo romance a que a critica mais graduada tece os maiores elogios. Edmond Jaloux, num dos seus recentes rodapés das *Nouvelles Litteraires*, assim se expressa sobre esse vigoroso romancista: "Pode-se amal-o ou deixar de amal-o, conforme se é ou não sensivel a esta forma de arte, mas que o amemos ou não, o que se não póde negar é que os seus dons são de um romancista de primeira ordem, de um escriptor inteiramente original."

Armando d'Aguiar — *Oliveira Salazar* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Minucioso retrato de uma das personalidades mais discutidas da Europa de hoje. "O homem e o dictador" assumem aqui bastante relevo, através de um panegyrico ardente, não hesitando o autor em ver no biographado o symbolo do "novo Portugal". Todos os acontecimentos, já agora historicos, que precederam a actual dictadura portugueza, são fixados sem omissão de um unico detalhe significativo. As informações sobre o Oliveira Salazar economista explicam bem a preeminencia que este tomou nos negocios publicos da velha Lusitania, e não faltam algumas anecdotas a attenuar o que o relato pudesse ter de excessivamente solemne. A obra, que é abundantemente illustrada, traz na capa a figura do ministro do general Carmona.

Padre J. Cabral — *Jesus Christo Rei dos Reis* — Livraria Catholica — Rio, 1934.

Eis ahi mais uma brilhante publicação da Bibliotheca de Cultura Catholica, lançada, com tamanho exito, por uma das nossas melhores casas de livros. Filiando-se ao genero apologetico, este volume de 290 paginas, em que se evidenciam a erudição e a piedade de um verdadeiro director de consciencias, é dos que honram as tradições de operosidade intellectual e moral do clero do paiz. Bellas são as paginas de feliz raciocinio a proposito da existencia de Deus e do primado de Pedro. O autor revela um absoluto dominio dos textos sacros e é dos que se soccorrem com desenvoltura de todos os recursos da dialectica chritã.

P. Leonel Franca S. J. — *A psychologia da fé* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

O padre Leonel Franca é hoje um dos primeiros nomes da cultura catholica no Brasil. Seus livros se destacam pela somma de documentos e pela destreza com que os maneja o illustre representante da Companhia de Jesus, no sentido de destruir os postulados de contendores não menos cultos. Respondendo a um defensor do protestantismo, por signal que uma das nossas grandes autoridades em materia de philologia, produziu o padre Leonel Franca um volume que vale por uma synthese perfeita das lutas da Egreja com os pregoeiros da reforma lutherana, nos dias agitados da Renascença. Agora, este bello volume sobre *A psychologia da fé* é ainda a demonstração persuasiva dos meritos desse admiravel raciocinador, que sabe converter a sua crença em elemento de vigoroso combate intellectual e social.

Charles Rivet — *Edifica tua vida* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Quantos têm digressionado em torno á arte de ser feliz! Jean Finot, prégador de optimismo, quiz até converter essa arte em sciencia e forneceu, no assumpto, receitas de uma precisão quasi technica, que não sabemos se, uma vez applicadas, produziram effeito. Sabemos, sim, que este volume de agora, *Edifica tua vida*, de Charles Rivet, é digno de ser lido e meditado, pela simplicidade e cordialidade com que o autor, fugindo a qualquer especie de emphase autoritaria, nos transmitte as suas suggestões de feliz observador da vida em commum. Parece-nos que muitas arestas sociaes poderão desapparecer se, nos momentos amargos, forem recordados alguns preceitos de serena energia contidos neste livro despretencioso, que o romancista Mario Sette transportou ao portuguez de maneira recommendavel.

F. Wills Crofts — *O caso Ponson* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Está ahi um romance bem urdido, bem machinado, desses que revelam, por parte do autor, uma inexgottavel inventividade em se tratando de scenas mysteriosas. A technica do romancista é perfeita, havendo uma gradação intelligente na successão de peripecias dramaticas. No genero policial, que hoje empolga milhões de leitores pelo mundo todo, é este um volume que possue a sua nota de originalidade indiscutivel.

Mahatma Gandhi — *O guia da saude* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Mesmo nas suas constantes viagens, o "Mahatma" nunca descurou dos problemas de alimentação. Seguindo os conselhos dos homens sóbrios que accumularam tanta sabedoria em terras hindús e fizeram boa eugenia mesmo sem conhecer os preceitos de Galton e seus sequazes, Gandhi tem encontrado na renuncia quasi ascetica aos prazeres da mesa o segredo da espantosa resistencia que oppõe aos estafantes trabalhos em que se multiplica. Logo, os seus conselhos aos demais, ao apresentar-lhes um "guia da saude", partem de quem possue, no caso, sciencia e experiencia.

Krupskaia — *Recordações de Lenine* — Selma Editora — Rio, 1934.

Em traducção revista e prefaciada pelo sr. Gastão Pereira da Silva, temos agora este expressivo documento sobre a vida e a obra do grande reformador eslavo, daquelle em quem muitos enxergam uma especie de Luthero vermelho. Krupskaia conheceu Lenine de perto e soube colher muito bem as notas que personalizam inconfundivelmente essa creatura estranha, destinada a mudar o curso do rio da historia.

MEMENTO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Jorge Amado — *Suor* — romance — Ariel Editora Ltda. Rio.

Roquette Pinto — *Samambaia* — contos — Ariel Editora Ltda. — Rio.

Trajano de Miranda Valverde — *A Fallencia no Direito Brasileiro* — 3.° volume — Partes II, III e IV — Ariel Editora.

José Jobim — *Hitler e seus comediantes* — Editora Cruzeiro do Sul. — Rio.

Aroldo de Azevedo — *Geographia Humana* — Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Carlos Drummond de Andrade — *Brejo das Almas* — Poemas — Os amigos do livro. — Bello Horizonte.

Roberto Lyra — *Economia e Crime* — These — Rio.

Labieno — *Vindiciae* — O Sr. Sylvio Romero Critico e Philosopho — Os amigos do livro Bello Horizonte.

Terra de Senna — *Rua da Amargura* — Selma Editora — Rio.

Gabriel de Barros — *A Burla do Voto na Republica Nova* — São Paulo.

Pedro de Mello — *A Dynastia Bragantina* — Satyra Politica — São Paulo.

Osorio de Oliveira — *Psychologia de Portugal* — Editora "Descobrimento" — Lisboa.

A Reconstrucção Educacional no Estado do Rio de Janeiro — Graphica Lux — Rio.

Ch. Yale Harrison — *Nasceu uma creança* — Liv. de Cultura Brasileira — São Paulo.

Guy de Pourtalès — *Vida de Liszt* — Liv. Cultura Brasileira — São Paulo.

Joseph Roth — *Job* — *O romance de um pobre professor* — Liv. de Cultura Brasileira — São Paulo.

Krupskaia — *Recordações de Lenine* — Selma Editora — Rio.

N. Bukharin — *Tratado de Materialismo Historico* — 4 volumes — Edições Caramarú — São Paulo.

Daniel Suarez Artazú — *Marietta* — Liv. da Federação Espirita — Rio.

René Maran — *Le Livre de la Brousse* — Romance — Albin Michel — Paris.

Eloy Pontes — *Esforço Inutil* — (Romance) — Editora Record. — Rio.

Bandeira Duarte — *Minha mulher e seu marido...* (Romance) — Livraria Educadora — Rio.

Kate Douglas Wiggin — *Sonho de moça* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Em traducção de Agrippino Grieco, temos agora a apresentação aos brasileiros de uma bella historia de "menina e moça" em que se fundem saborosamente os melhores attributos da narração á moda ingleza: ternura, "humour", realismo burguez, delicadas effusões romanticas. Tudo decorre em ambiente provinciano, onde os sonhos ás vezes exaltados da gente nova se chocam com o empertigado tradicionalismo dos que trouxeram para a Nova Inglaterra a Biblia e os modos solemnes da Inglaterra propriamente dita. Ha no volume uma figura de postilhão das mais suggestivas.

Telmo Vergara — *Seu Paulo convalescente* — Livraria do Globo — Rio, 1934.

Ao lado dos bons narradores gaúchos, dos srs. Darcy Azambuja e Erico Verissimo, toma agora logar o sr. Telmo Vergara. Aliás, a sua maneira litteraria, bem mais proxima da do segundo que da do primeiro, nada tem de excessivamente local ,sentido-se-lhe, ao contrario, o gosto dos sentimentos no que elles possuam de universalmente humano. A arte do sr. Vergara é toda em cambiantes finas e mesmo a sua ironia, quando se manifesta, nada tem de venenosa ou careteante. Lê-se com interesse não entibiado á successão dos periodos, interesse que acaba por transmudar-se em admiração real, a historia desse bom velho Paulo que retorna á vida e é festejado pela vida, mas como que reluta ainda um tanto em reconciliar-se com as bellas coisas que lhe saúdam a convalescença. O episodio da mulher de Loth, vantajosamente negociada depois que se converte em estatua de sal, é de alguem que sabe manejar a malicia sem damno para os demais e — o que é muito mais difficil — sem damno para si mesmo. Um volume de contos dos mais elogiaveis.

General Couto de Magalhães — *Viagem ao Araguaya* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

E' a reedição de uma obra que realmente estava fazendo falta em nosso mercado litterario. Grande conhecedor do Brasil, seja como viajante, seja como administrador, Couto de Magalhães, não se cansava de perscrutar os habitos e as tradições da nossa terra. Poucos a amaram com egual fervor. Indigenista notavel, attento colleccionador das lendas do folklore guarany, esse illustre militar, não se deixando empolgar pelas commodidades da metropole, encontrava especial prazer em varejar o Brasil em todos os sentidos, observando-o como quem o desejava ver cada vez mais civilizado e mais forte entre os outros povos.

— O volume de Monsenhor Dutoit, bispo de Arras, sobre *Dupanloup*, é antes uma escolha de textos do antigo bispo de Orléans. Mas tem a vantagem de reunir o que ha de verdadeiramente definitivo na obra desse grande evangelizador christão, que soube casar, com sagacidade e sociabilidade, os austeros postulados da Egreja ás exigencias de certos ambientes mundanos. Dupanloup, erudito e maneiroso como era, é o typo do catholico que sente necessidade de mesclar-se aos politicos e aos homens de salão, não achando desaire algum em fazer um sermão florido e academico no pulpito da Notre-Dame ou em tornar-se confessor das duquezas e das condessas das bairros elegantes. Como quer que seja, foi uma das figuras preeminentes de seu seculo. Faguet que não passava por beato, consagrou-lhe um volume inteiro e um patricio nosso, o inolvidavel Vicente Licinio Cardoso, dava-o como um pastor de crentes, tão sincero quanto habil a ser imitado em outros paizes.

— A. Kleinclausz augmenta a lista dos innumeros volumes compostos sobre *Charlemagne*. Synthese de uma das grandes vidas da Edade Media, julgamento historico do homem que esteve na imminencia de ver realizado o velho sonho da monarchia universal. Representando como caracter a média das qualidades allemãs e francezas, o grande Imperador é figura talvez não excedida em toda a civilização christã. Muito fizeram por elle os seus guerreiros, muito fizeram os poetas encantados pelas bellezas do cyclo carolingio, mas, acima de tudo, muito fez elle por si mesmo, elle que, apesar das suas poucas lettras, tanto adorava as lettras e os lettrados.

A forma litteraria não é nada, mas nada existe sem ella.

Deschamps.

A felicidade que se espera, se vem, o melhor della gosou-se em esperanças, o resto, convertido em realidade, pouco vale.

C. Castello Branco.

Só são immortaes as cousas que não são novas nem velhas. Mais se está com a moda do anno presente, mais (em um sentido) se está atrazado com a do anno proximo.

G. K. Chesterton.

Na apreciação dos factos o tempo substitue o espaço para a focalização das imagens: o historiador precisa de certo afastamento dos quadros que contempla.

Euclydes da Cunha.

Quaes são em ultima analyse as verdades do homem? — São os seus erros irrefutaveis.

Nietzsche.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Agosto 1933 - N. 11 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

DO HOMOGENEO CONFUSO...

COMO diz magnificamente Georges Davy, a religião foi chamada, antes da geographia, a decidir do modo de agrupamento dos homens. E esse primeiro modo foi o clan, noção politica, que se define em funcção do "totem", noção religiosa. O clan constitue, a um tempo, uma unidade politica, uma unidade familial e uma unidade religiosa, em que predominam a indifferenciação e o mysticismo de todas as funcções. Mas lentamente o totemismo, principio que preside á vida do clan, vae mudando de caracter. O clan se vae transformando, deixa de ser um grupo communitario e indiviso, ao mesmo passo que começam a surgir certos chefes. Estes individualizam e monopolizam em proveito proprio o totemismo e masculinizam certos privilegios que até ahi coincidiam com a filiação uterina. E' então que, tornando-se aldeia, o clan totemico se radica ao territorio e a tribu, reunião de clans, cada vez mais se torna um centro de unificação, desenvolvendo instituições especificamente tribaes, com um poder organizado em chefados e, mais tarde, em reinos. As tribus, por sua vez, tendem a unificar-se ou a constituir um grupo mais vasto, a que alguns autores chamaram a "nação diffusa" e de que são exemplos os Celtas quando da conquista romana, os Italiotas e os Gregos antes das grandes cidades.

As funcções politicas confundiam-se, pois, de começo, com as funcções militares, domesticas, religiosas e economicas e a caracteristica do grupo era a indifferenciação. O chefe era, a um tempo, rei, capitão, sacerdote, pater-familia *e gestor dos bens da communidade. Era essa a vida peculiar aos antigos burgos ou castellos. Dominados por um respeito supersticioso aos antepassados eponymos, cujo prestigio o chefe herdava, os homens viviam então unidos pela pobreza em um regimen de autoridade discricionaria e de submissão absoluta.*

Mas os burgos se vão federando e dessa federação surge a Cidade, constituida por uma cidadella, sob cuja guarda se acha o altar ou o templo do culto nacional. No pomerium, *que rodeia os muros da Cidade, vive a plebe. Protege-a o rei, que della se serve contra os senhores insurgentes dos burgos e castellos. E, porque protegida, vae logrando maiores garantias e direitos, a ponto de entrar em luta com os patricios, emquanto luta o rei contra os senhores. O resultado é a differenciação pela formação de tres ordens distinctas de actividades, ou seja uma verdadeira constituição, com um governo militar de um lado, o culto a cargo de sacerdotes de outro lado e, de outro, uma organização economica mais definida, baseada na propriedade da terra, terra que, de apanagio dos senhores, passa a ser um meio de producção. Ora, nessa phase da evolução, com o advento da Cidade e seu predominio sobre os antigos burgos, o poder é militar, mas está submettido a uma sancção religiosa: toda victoria bellica é sempre attribuida ao patrocinio de um deus nacional.*

Eis porém que, já pela colonização, já pela conquista, uma cidade domina as demais e se faz metropole. A consequencia é o desenvolvimento da actividade social e a superveniencia do estatismo. *E' ahi que o poder se divide em militar e civil. E' ahi tambem que a intensidade da troca impõe a implantação da moeda, que a guerra e a colonização multiplicam o numero dos escravos e que estes se tornam um meio de producção tão importante como a terra. E' ainda ahi que, com a maior divisão do trabalho, se desenvolve a manufactura. E' ahi, por fim, que o polytheismo se hierarchiza e prepara o monotheismo ou chega a transformar-se nelle.*

Do augmento da riqueza social verificado nesse estadio, resulta maior independencia de certos individuos pelo dinheiro, ao mesmo tempo que se vão attenuando as desigualdades sociaes com a substituição do espirito de casta pelo espirito de classe. Accentua-se então, mais e mais, a differenciação, com o desenvolvimento do individualismo no dominio politico, do industrialismo no terreno economico e do racionalismo no campo ideologico. Ora, esse estado de cousas, que é o em que vivemos, é caracterizado por uma rebellião moral dos cidadãos contra o Estado e contra os privilegios, pelos sentimentos de individualismo, de liberdade, etc., mas, por outro lado e sobretudo, pela preponderancia do ponto de vista economico no julgamento dos valores pessoaes. Ao poder da espada succedeu o poder do ouro. E é no intuito de libertar-nos delle que se vem, já ha mais de seculo, prégando o socialismo, sobre cujo "destino" têm a palavra aquelles que, receosos do "ridiculo" de não saberem tudo, sabem, a par de outras transcendencias, "para onde vae o Brasil" e estão, coherentemente, "tomando posição"...

V. DE MIRANDA REIS.

DE HAMBURGO

ELOGIO DO POETA

A elegancia do estylo, a perfeição da Fórma, o extremo bom gosto das idéas, classicismo genuino das bôas epocas — taes as supremas qualidades dos poemas, sonetos e epigrammas de Alberto Ramos. Desde os *Versos Prohibidos* (1898) até os ultimos que elle nos tem dado, é cada dia mais intenso, mais fervoroso o seu culto da Perfeição. E' um namorado da natureza e um enthusiasta do esporte.

> Salve, amplo mar, ridente mar, salve augusto oceano
> maravilhoso! immenso como o desejo humano.
>
> E como elle insoffrido e amargo e nunca satisfeito,
> mar de amoroso amplexo, mar de indomado peito!

Com tudo isso, grande leitor dos classicos latinos, gregos, francezes e allemães. Goethe não tem segredos para elle, que o lê no proprio original. A sua educação, feita na Suissa, deu-lhe idioma allemão e o prazer dos exercicios physicos. Talvez do seu convivio diuturno com os classicos tenha nascido esse paganismo que lhe cresta a alma como a gelida nortada requeima com o seu frigido halito as flôres innocentes e desprotegidas. Assim, nas *Odes*, dirigindo-se a Christo, diz o poeta:

> .....desolada e deserta
> a terra que regaste com teu sangue
> inutilmente......

A nota de desesperança repete-se nas *Estancias*:

> O passado cruel e o presente inimigo,
> um de cinzas coberto, o outro resplandecente,
> dois cadaveres são que eu carrego commigo.
> Mas que importa o passado e que importa o presente?

Do futuro não falla. Para que? Pois si o passado e o presente são dois cadaveres, existirá o futuro, que é consequencia de ambos? Aqui se encontra elle com outro pagão, Pierre de Ronsard, quando este canta:

> *Nous ne tenons en nostre main*
> *Le temps futur ni le lendemain.*
> *La vie n'a point d'asseurance:*
> *Et pendant que nous desirons*
> *La faveur des rois, nous mourons*
> *Au meilleur de notre esperance.*

Ramos é, pois, um cantor desencantado. Mas não pessimista. Elle ama a vida e tudo que nella se contém de bom, de agradavel e de bello, desde o céo até o mar, desde as flôres até as pedras preciosas, desde os beijos ardentes das mulheres voluptuosas até o copo do bom vinho côr de grãos de roman, reflectindo a luz em cambiancias convidativas.

O Ultimo Canto do Fauno é incontestavelmente um dos mais bellos poemas pagãos que se tem escripto no nosso idioma. A idéa, a composição, a plasticidade da lingua em que foi vasado, tudo concorre para fazer delle uma obra classica. Hoje que já não se compõe mais poesia no Brasil, que prazer ler taes versos! Fulgurantes e evocativos, elles nos penetram na alma com um pouco de doce melancolia a que não falta eloquencia. E como é bello o soneto *Adeuses de Dom Quixote*, com a sua linguagem castiça, pura, cheia de firme elegancia, digna de um Petrarcha no *Canzoniere*, ou de um Dante na *Vita Nuova!* Eil-o:

> A Deus remetto, que me espera e chama,
> est'alma núa, misera, mendiga.
> Si escarneo e insulto é premio de quem ama,
> penar não foi em vão, nem foi fadiga.
>
> Tu, só tu, puro amor, vós, linda dama,
> Dulcinéa castissima inimiga,
> este peito abrasais, que a gloria inflamma,
> e este ferro que absolve e que castiga.
>
> Mas Deus, que humilha a carne transitoria,
> não consente na terra passageira
> a individuo mortal celeste gloria.
>
> E em vez de monstros poz nos meus caminhos
> que abatesse com lança justiceira
> arrieiros, manadas e moinhos.

Horacio, mestre eterno, já perguntava na *Arte Poetica*: "E' a Natureza ou é a Arte que faz um bom poeta?" E elle proprio respondia: "Quanto a mim, não vejo o que poderá o estudo sem riqueza de inspiração, nem o que poderá o genio sem cultura. Elles se auxiliam reciprocamente e querem marchar unidos. O athleta, que na corrida deseja attingir a desejada méta, muito tempo se exercitou, atormentou a sua infancia. Calor, frio, tudo elle supportou e absteve-se de Venus e vinho." Mais adiante ensina o grande lyrico: — "Lia-se qualquer trabalho a Quintilio: "Corrija isto, dizia elle, retoque aquillo. — Impossivel fazer melhor, já o tentei duas ou tres vezes." Mandava apagar e levar de novo á bigorna os versos mal feitos. Si preferias defender os versos fracos a reformal-os, nesse caso elle não dizia mais uma palavra nem tomava trabalho inutil. Deixava que, sem rival, admirasses a tua pessôa e as tuas obras. O homem bom e prudente corrige os versos frouxos e condemna os duros. As passagens feitas com negligencia risca-as elle com a ponta do cálamo. Supprime os ornatos pretensiosos. Faz que se illuminem as phrases obscuras. Modifica termos ambiguos. Mostra o que se deve mudar. E' um Aristarcho que não diz: "Porque aborrecer meu amigo com bagatellas?" Essas nugas conduzem a males sérios que um dia exporão o poeta ás zombarias de todos."

Tal é Alberto Ramos para com os proprios versos. Dia e noite medita, escreve, risca, corrige, aperfeiçôa um epigramma. Por isso os seus fazem pensar ora na Anthologia Grega, ora em epigrammatistas modernos, como, por exemplo, Ronsard no *Livret de Folastries*:

> *Se nourrir grand barbe au menton*
> *Nous fait filosofes paroistre,*
> *Un bouc barbasse pourroit estre,*
> *Par ce moyen, quelque Platon.*

Leiam-se os epigrammas da segunda série das *Elegias e Epigrammas* (que infelizmente não tenho aqui) e ver-se-ha até onde chegou na nossa lingua a perfeição no que diz respeito a esse difficillimo genero. Commentando, apenas num distico, a celebre phrase de Pero Vaz Caminha — "a terra é em tal maneira graciosa que, em se querendo, nella dar-se-ha tudo" — atira Ramos aos portuguezes esta flexa hervada:

> A terra é bôa positivamente,
> Pero amigo! O ruim foi a semente.

Cada um dos seus epigrammas é uma joia cellinia-

"Almas sem Abrigo"

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA — Romance — Ariel, editora ltda. — Rio.

Quem conhece os admiraveis ensaios de Miguel Ozorio e o seu estylo vigoroso e terso, surprehende-se, lendo *Almas sem abrigo*, diante da fria, implacavel, minuciosa narrativa que constitue o romance. A sensibilidade agudissima do artista, que sabe desdobrar no teclado a alma de Chopin e os éstos de Wagner, parece ter collaborado muito pouco com o seu grande talento de analyse.

Almas sem abrigo — é uma dissecção de certo ambiente social, dominante ha uns vinte ou trinta annos, operação methodica, rigorosa, limpa, sem *bifes*...

Mesmo quando o escriptor evoca certos quadros, em que a emotividade sem querer se mistura á descripção — é minucioso como as mulheres. Nada lhe escapa. Uma viagem a Petropolis, naquelle tempo: "A viagem fôra marcada para esse sabbado. Com a sua valise cuidadosamente arrumada por Dona Ignez — a mala grande fôra entregue ao Commissario Silva — Carlos installou-se no tilbury que o devia levar á Prainha". Si eu quizesse *taquiner* o meu querido e talentosissimo romancista, diria que "a mala grande" foi posta ali, naquelle começo do capitulo quarto, sómente para lembrar o Commissario Silva...

No entanto, quanta recordação Miguel Ozorio fez surgir nos que se encaminham para o jubileu — (jubileu?!) — da vida... Toda a existencia do Rio e de Petropolis ali está photographada, e em fóco apurado. O formidavel talento de expressão do autor de *Almas sem Abrigo* denuncia-se tambem nas figuras que elle desenha.

Quem conheceu Otto de Alencar, fascinante professor de mathematica e musicista de pôlpa, vê logo a sua pessôa no personagem Oscar de Albuquerque. O typo elegante, sempre *muito occupado*, vivendo a preparar divertimentos e partidas, os *potins* da "alta sociedade"... emfim, mil e um episodios tornam o livro realmente delicioso. Deixando, porém, as minucias e procurando penetrar na psychologia dos seus heróes, parece-me que o romance de Miguel Ozorio é profundamente pessimista, uma historia de vidas tristes.

Carlos de Toledo, mau grado o seu immenso cabedal de intelligencia, de cultura scientifica e artistica — era um grande mathematico e um grande pianista — deslumbrou o mundo sabio em Paris mas veio para o Rio, incapaz de ganhar a vida. Não deu nada. O seu grande amigo Laurito, talento não menor, foi talvez um pouco mais feliz, porque deixou de lado a consciencia e prosperou na lama. Mas acabou tambem desgraçado, apezar de ter um lar carinhoso. Suicidou-se. Um leitor apressado seria capaz de concluir que, sendo assim, não vale a pena ter talento...

A conclusão que tirei não foi essa. Ao contrario. Parece-me que Miguel Ozorio quiz demonstrar — e o conseguiu — que o mais prendado dos sujeitos falha na vida, si não consegue aninhar a alma, como quem deita uma creança no berço, dentro do coração de uma companheira de élite. O grande escriptor que é Miguel Ozorio reponta em muitos pequenos trechos do livro. Tendo accentuado o caracter frio e realista do romance, quero concluir esta nota escolhendo uma pagina em que o artista algo romantico traiu-se deliciosamente: "A' tarde em companhia de Sarah, fazia uma sessão de musica. Eram as horas mais preciosas do dia; quando não as sentia passar, tão puras, tão macias, tão absorventes. Parecia-lhe que a alma de Sarah suavemente desabrochava para elle, expandindo-se mais rica, mais colorida, em avelludados tons de uma infinita doçura. E, emquanto conversavam, elle a sentia essa alma ainda em botão, muito proxima, muito transparente, impregnando-se dos seus proprios sentimentos, adaptando-se aos seus vagos e ainda mal definidos ideaes. Quando, depois se encontrava só, esquecia sua eterna preoccupação de se analysar. Deixava-se assim ficar; sentia como que um enternecimento, uma especie de gratidão para com tudo. Olhava as flores, as arvores, o céu, ouvia o ruido monotono da chuva; e tudo parecia-lhe tão bom, tão precioso..."

Vê-se, pela amostra, que o livro é frio, de caso pensado. O romance de Miguel Ozorio mostra que elle consegue ser tudo quanto quer; até mesmo deixar de ser poeta.

ROQUETTE-PINTO.

---

na. Não se trata da satira desbraguilhada, tosca e por vezes sordida á maneira de Gregorio de Mattos. E' a flexa elegante, quasi sempre venenosa, leve e aligera, que fere o adversario efficientemente, sem por isso deixar de ser graciosa. Apollo beijou a fronte deste grande poeta. As musas engrinaldaram-lhe o berço das mais bellas rosas. Elle póde dizer da sua personalidade illustre o que de si proprio escreveu Malherbe:

Apollon à portes ouvertes,
Laisse indifferemment cueillir
Les belles feuilles toujours vertes
Qui gardent les noms de vieillir;
Mais l'art d'en faire des couronnes
N'est pas sçu de toutes personnes,
Et trois ou quatre seulement
Au nombre desquels on me range
Peuvent donner une louange
Qui demeure éternellement.

Este é o poeta que os novos deviam tomar por modelo. Muito antes que elles aprendessem a ler, já elle cantava no Brasil em metros livres e variados. Não se limitava, porém, como não se limita, a versejar apenas. Os seus versos são envolucros de verdadeira, authentica poesia. Que é poesia? Poesia é a correspondencia do homem, pelo espirito, pelo coração, pela sensibilidade, pelo rythmo e pelas imagens, com o universo. Onde outros vêem apenas um sapo vê o poeta um desdobrar de mundos phantasticos em ligação com o mundo real. Esta é a segunda visão do poeta, a quem os antigos, por isso, chamaram *vidente* ou *vate*. Propheta, homem que vê, além das coisas visiveis, o que outros não conseguem vislumbrar. Neste sentido Alberto Ramos é um dos maiores poetas que temos tido, quer pela visão aguda, quer pela sensibilidade apurada por solida e brilhante cultura, quer emfim pelo rythmo e pela harmonia musical dos seus poemas, sonetos e epigrammas. Saúdo na sua pessôa eminente um dos grandes poetas da minha patria.

ANTONIO TORRES.

Uma critica ao meu Diccionario Etymologico

Passei vinte annos colligindo os materiaes com que construir um diccionario especialmente destinado a indicar a origem das palavras da nossa lingua.

Doia-me que um esforço tão longo pudesse ser amesquinhado pela critica leiga, em geral apaixonada e incompetente nestes assumptos.

Cheguei a deixar transparecer este receio na introducção que precede o meu trabalho.

Felizmente os meus vaticinios não se realizaram.

Varias criticas tive, apparecidas aqui e no estrangeiro, todas ellas porém, feitas por pessoas com autoridade para falar e ainda mais, em linguagem digna de gente educada.

Entre estas sobresáe a que fez o Revmo. P. Augusto Magne na *Revista de Philologia e Historia*, de que é principal collaborador.

O primeiro reparo que o Sr. P. Magne me faz, refere-se á distribuição do espolio do lexico.

E' verdade que o consulente commum preferiria ver o espolio integral do lexico disposto em ordem alphabetica, sem separar do *substratum* greco-latino os brasileirismos.

Mas eu não me dirijo ao consulente commum. Quem se preoccupa com saber uma etymologia, é pessoa de cultura mais que mediana. Se não encontrar no primeiro volume o vocabulo procurado, verá no segundo, do mesmo modo por que teria de manejar dois volumes se o espolio integral estivesse em ordem alphabetica.

Além disso, separar o *substratum* greco-latino era trabalho que ainda não tinha sido feito e a occasião era excellente para fazel-o.

Não vi necessidade de definir as palavras. Assim tambem o fizeram Brachet, Clédat e outros. "Omitti o significado, quando é o mesmo. Só entrei em divagações semanticas quando foi necessario justificar mudanças de significação (Introducção, pg. XXXVII). Nada mais preciso accrescentar.

Abisma deve ser de facto um emplastro. Encontrei o vocabulo na fonte indicada. O mal, porém, não está em deixar de definir; está em ter incluido um vocabulo que é um archaismo.

Nos casos de etymologia duvidosa inclui todas as hypotheses de que tive conhecimento. Todas são chimericas. Se considerasse certa alguma, ter-lhe-ia dado preferencia perfilhando-a.

Não me parece que seja um luxo de erudição apresentar todas as hypotheses nestes casos duvidosos. A vantagem é poupar esforços vãos aos futuros pesquizadores.

Se eu fosse sujeitar á critica serena todas as hypotheses, em vez de vinte annos teria levado quarenta, em vez de dois volumes teria de fazer quatro, em vez de sessenta contos (não possuidos aliás integralmente), teria de gastar de meu bolso duzentos e quarenta.

Ora, eu não sei se viverei vinte annos, não sei se teria saude que me permittisse escrever quatro volumes; cento e oitenta contos sabia que não possuia.

Está explicado porque não critiquei por miúdo todas as opiniões.

Não me importa que não fique apagada e satisfeita a curiosidade do consulente. O leitor commum é muito exigente neste particular, conforme salienta Said Ali em carta que me dirigiu. Não me aprouve sacrificar a este Moloch.

Accusam-me de timidez por não ter desancado os etymologos que falharam em suas pesquizas.

Não o fiz por uma questão de temperamento. Repugnou-me criticar os outros não apresentando eu idéas novas. Nada me seria mais facil do que emittir uma opinião critica: *la critique est aisée...* Mas, destruir para não construir? Não, não é do meu feitio.

Não documentei com texto antigo a forma *amizidade;* limitei-me a consignal-a apoiado em Cornu e em J. J. Nunes. Se o illustre critico sabe de alguma abonação, seria favor indical-a.

Reproduzo uma abonação de *dorsel* em Garcia de Rezende, ministrada por Cortesão. O illustre critico me apresenta outra de Fr. Heitor Pinto. O essencial é haver uma; duas, tres, quatro ou mais são dispensaveis. Não posso ser levado a mal por ter tirado de Cortesão o exemplo, pois não occultei o nome deste autor na minha bibliographia.

Não traduzi o prefacio de Meyer-Lübke porque me lembrei de Paula Ney.

Uma vez Paula Ney foi visto sobraçando revistas allemãs e alguem lhe perguntou:

— Você sabe allemão?

— Não, respondeu o bohemio, mas sei a gente com que vivo.

A gente com que vivia Paula Ney ainda é a mesma de hoje. E' tão douta, é tão erudita, que seria uma injuria traduzir-se um prefacio em allemão, pensando que ella ignora a lingua de Goethe.

Para me ensinar como se redigem artigos de diccionario, o critico me apresenta tres modelos.

Na verdade, estão bem redigidos os tres verbetes *adubar, quilate, ouras*.

Redigir bem tres, seis, doze verbetes não é difficil.

Eu queria ver como é que elle os redigiria quando tivesse de desenvolver os 39.997 restantes. *Hoc opus, hic labor est*.

Os reparos feitos não diminuiram, para o critico, o valor da obra, conforme elle mesmo salienta em referencias elogiosas.

Na *Revista* de que é collaborador, á qual atraz me referi, publicou o Sr. P. Magne uma amostra de um diccionario etymologico que S. Rev. tem em elaboração.

Por esta amostra se pode julgar da magnitude da obra.

A publicação do meu não impede a de outro.

Continue S. Rev. nos seus trabalhos.

A uma lingua não prejudica a abundancia de obras desta natureza.

O latim, que já tinha Bréal, Vanicek, Walde, agora conta com Meillet e Ernout.

O francez, rico em obras deste genero (ahi estão Brachet, Clédat, Darmesteter e outros), possue tambem Gamillscheg.

Oxalá consiga terminar e publicar o seu diccionario, que eu aqui estou para não poupar o meu applauso.

ANTENOR NASCENTES.

LIVROS A APPARECER

"Dias e Horas de Vibração"

*Emquanto recentemente e com tanto brilho representava a nossa intellectualidade em Paris, fazendo, na Sorbonne, uma serie de conferencias que lhe valeram uma verdadeira consagração, Gilberto Amado não perdia contacto com o nosso publico e rara era a semana em que os jornaes cariocas não inseriam chronicas scintillantes e magistraes artigos em que o grande estylista e pensador d'*A Dansa sobre o Abysmo *nos transmittia as suas impressões sobre o velho mundo, justamente a atravessar então um dos momentos mais agudos da crise universal. Pois são esses trabalhos, todos de uma alta visão politica ou de um agudo senso esthetico que, para gaudio de seus innumeros admiradores, vão apparecer agora, dentro de breves dias, colligidos num elegante volume, subordinado ao titulo de* Dias e Horas de Vibração *e a ser lançado a publico por Ariel, editora ltda.*

"Doidinho"

Poucos livros terão logrado nos ultimos tempos o exito alcançado pelo Menino de Engenho, *a novella que sagrou José Lins do Rego como um dos nomes com que poderá contar daqui por deante a nossa litteratura de ficção. E' que* Menino de Engenho *nos revelou um escriptor de dotes excepcionaes, com rica trama de idéas, extrema sensibilidade, finura de observações, emfim todos os requisitos que se pedem áquelles que nos devem narrar uma bôa historia e são capazes de crear um mundo onde o leitor possa "viver" a vida das suas creaturas. Isso José Lins do Rego nos deu plenamente ao desenrolar o fio da singela e commovente infancia do seu Carlinhos, aquelle pobre menino por cujo destino nos interessavamos e que iremos conhecer agora atravez de* Doidinho, *um novo livro do victorioso romancista nordestino, a ser editado brevemente por Ariel, e no qual vamos encontrar o seu pequenino e sympathico heroe a debater-se entre as salas estreitas e o recreio morno de um modesto collegio de cidade provinciana.*

"S. Francisco de Assis e a Poesia Christã"

A Ariel Editora Ltda. vae lançar, muito breve, um novo livro de Agrippino Grieco: São Francisco de Assis e a poesia christã. *E' um estudo completo da personalidade e da obra de quantos enriqueceram de bellos versos as legendas e o ceremonial da Egreja, não sendo omittida nenhuma figura de relevo desde o Pobrezinho das montanhas da Umbria aos cantores brasileiros de Nossa Senhora: Fagundes Varella, José Albano e Alphonsus de Guimaraens.*

Accentue-se que não só os lyricos tomam logar neste estudo. Tambem os épicos á maneira de Dante, Torquato Tasso, Milton e Klopstock foram evocados na minuciosa resenha dos valores de belleza e cultura que asseguraram grande prestigio litterario aos poetas do Christianismo.

A mystica hespanhola é representada por Santa Thereza e os balladistas allemães são analysados com o maior carinho. Dentre os francezes, resaltam Chateaubriand, que reviveu o enthusiasmo pela cathedral gothica; Veuillot, o satirico das Couleuvres; *Baudelaire, de um catholicismo meio demoniaco; Verlaine, indeciso entre os bons e os máos amores; Péguy, morto tão cedo na guerra, e Mistral, o Rei da Provença.*

Keats encabeça a reacção hellenista, mas Christina Rossetti, exilada da Italia, não se esquece nunca das rezas e das santas da sua Peninsula. Dos portuguezes, destacam-se Anthero, com o seu maravilhoso soneto a Maria Santissima; Gomes Leal, que passou da blasphemia á oração, e João de Deus, de uma ternura accentuadamente biblica. Dos americanos, foram lembrados, além dos nossos patricios, Longfellow, paraphrasta da Legenda Aurea, *e Rubén Dario, revoltado com o jogo de dollares das Babeis modernas e invejando a sorte dos primeiros crentes do imperio romano.*

PERGUNTA DIFFICIL

A revista de estudantes — *Rumo* — uma das mais interessantes expressões da actividade intellectual dos novos, faz um inquerito para saber "quaes os vinte melhores livros brasileiros".

Terei prazer em dar aos jovens collegas a resposta que me pedem, mas para traduzir as difficuldades que encontro em formulal-a, é que escrevo estas linhas. Os maiores dos nossos escriptores, se escreveram obras, não se pode dizer que tenham escripto livros.

Qual o melhor livro de Tobias Barreto? *Estudos Allemães, Polemicas, Estudos de Direito* são pedaços fulgurantes, amostras immensas de um extraordinario espirito, mas nenhum delles é siquer um bom livro. Qual o melhor livro de João Ribeiro? *Paginas de Esthetica, Historia do Brasil,* os innumeros ensaios linguisticos, folkloristicos e sociologicos em que se tem espadaçado o nosso mestre subtil? Todos são trechos de uma grande vida de pensamento, de meditação e de erudição; nenhum delles é, porém, um livro no sentido da pergunta de *Rumo*. De Ruy Barbosa — qual o melhor livro? Todos são artigos de jornal, discursos de parlamento, arrazoados forenses, conferencias politicas. Cada qual delles é uma esplendida demonstração de engenho verbal, de calor de alma, de penetração intellectual, de capacidade critica. Mas nenhum delles pode incluir-se entre os melhores livros do Brasil. No emtanto, como falar de litteratura brasileira esquecendo Ruy Barbosa?

Dos poetas mesmo, como Castro Alves — qual o melhor livro? As *Espumas Fluctuantes*, a *Cachoeira de Paulo Affonso?* Tudo é Castro Alves, isto é, um assombro em que belleza suprema e ingenuidade incrivel se misturam para formar a mais bella obra do genio brasileiro.

Graça Aranha, Euclydes da Cunha, como Joaquim Nabuco, tiveram a sorte de compôr cada qual um livro que resume sua obra ou que dá, como para este ultimo, a idéa de sua obra. Mas de Machado de Assis, por exemplo, qual o melhor livro? Todos são tão parecidos!... Qual preferir — *Braz Cubas, Quincas Borba, D. Casmurro, Esaú e Jacob?* Todos são a mesma coisa, o mesmo livro, desdobramento, ondulação da mesma personalidade que se exprimiu em tão grande e mysteriosa obra.

Se formos ao estrangeiro, veremos que, apezar das condições differentes de formação intellectual, a difficuldade de escolher o melhor livro continúa. Qual o melhor de Shakespeare? *Hamlet? Rei Lear? Tempestade?* Shakespeare não é um livro, é a obra toda. Por escolher-se o amor dos vinte annos em *Romeu e Julieta*, o amor de innocencia, fica-se dispensado de querer tambem o amor peccaminoso, o amor volupia, o amor fatal de *Antonio e Cleopatra?* De Victor Hugo, qual o melhor livro — A *Legenda dos Seculos, As Contemplações, Os Miseraveis?* De Balzac, como escolher? Balzac não escreveu um só livro, escreveu uma "obra" — a *Comedia Humana*. Como contar a vida de Rastignac no *Père Goriot* sem proseguil-a até ao fim? De D'Annunzio, tambem, como escolher? O *Fogo?* O *Innocente?* Os *Laudi?* Tudo é tão D'Annunzio, tão insubstituivel! De Dostoiewski, de Tolstoi — a mesma coisa se pode dizer, como de Zola, de Daudet, de Flaubert, de Anatole France, como de todos os escriptores de todos os tempos, de todos os generos. Dos philosophos, por exemplo. Como ler a *Critica da Razão Pura*, sem ler a *Critica da Razão Pratica* e a *Critica do Conhecimento?* Póde-se ler a *Politica Positiva* de Augusto Comte deixando de parte a *Synthese subjectiva?*

A ennumeração chegaria ao infinito, como é facil de concluir, mostrando a difficuldade da pergunta.

GILBERTO AMADO.

Ineditos de Antonio Vieira?

II

Ha nas ultimas paginas do codice olindense um "Memorial dos serviços que o Padre Antonio da Companhia, digo Antonio Vieira da Companhia de Jesus fez no decurso de 38 annos á Corôa de Portugal, para requerimento de seu sobrinho (sic) Gonsalo Ravasco, apresentado ao Principe Regente D. Pedro".

Trata-se evidentemente de copia.

O codice encerra uma "Pratica que fez o Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, sendo Noviço, á Purissima e Immaculada Conceição de Nossa Senhora". Será inédito este sermão, que deve ter sido proferido na Bahia? Sermão é qualificativo que não merece realmente.

Não passa com effeito, de pequena pratica. Si se lhe foram attribuidos caracteristicos da authenticidade não deixa de ter o seu valor como documento da oratoria do grande pregador na phase do desabrochar de seu engenho formidavel.

Infelizmente estão as suas tres e meia paginas no mais lastimavel estado. E o que causa maior pena é que a tinta, com que foi escripto, se manteve quasi perfeita em sua fixidez, facto que aliás occorre em todas as paginas do codice, onde não ha desmaios.

Procuramos ver si a pratica em questão está impressa, recorrendo a diversas edições dos *Sermões*, desde a princeps até á que foi revista pelo Padre Gonçalo Alves e é de 1909, si não nos tráe a memoria.

Sobre a Immaculada Conceição de Nossa Senhora ha tres grandes sermões de Vieira, muito diversos de nossa pequena pratica. O primeiro, por ordem chronologica (?) tem como argumento: *Maria, de qua natus est Jesus.*

O segundo data de 1635 e foi prégado na Bahia antes de Vieira ser presbytero. Intitula-se: "Sermão da Conceição da Virgem Senhora Nossa", tendo sido proferido na egreja desta invocação. Tem como argumento: *David autem rex Uriæ.* O terceiro: "Sermão de Nossa Senhora da Conceição", foi prégado na Egreja da N. S. do Desterro, na Bahia, em 1639, e seu argumento é: *De qua natus est Jesus.*

E' este exactamente o thema da pratica que se encontra no codice olindense.

Será ella authentica? ou uma destas muitas apocryphias que correram mundo, attribuidas ao chrysostomo lusitano? E' o que não podemos de todo dirimir.

A tal proposito, conversando com o prezado parente e amigo dr. J. Cassio de Macedo Soares, culto amante das terras classicas, recordou-nos elle o espirituoso queixume de Vieira no prefacio de suas obras completas quando se refere aos imaginosos editores que, para fins mercantis, lhe attribuiam sermões que jamais proferira, facto altamente significatico, aliás, do prestigio de seu nome.

Assim, falando de uma série de discursos impressos em Madrid em 1662 declara que destas vinte e duas peças oratorias "onze são do autor e onze a elle totalmente alheias". Algumas linhas abaixo diz de um outro sermão que corria mundo sob a indicação de sua paternidade: "o de S. Pedro Nolasco he composto de duas ametades e não diz a cabeça com os membros".

E' possivel pois que a pratica do nosso codice se deva ler pela mesma cartilha.

Seja como fôr, aqui a deixamos transcripta. A sua cópia cheia de lacunas frequentemente insuppriveis, se acha tal a deterioração do seu original.

"*De qua natus est Jesus.*

"Uma virgem concebida, e uma virgem na Conceição já Mãe, é o empenho deste alegre dia. Uma Virgem concebida por que tal é o divino objecto de toda a nossa alegria e exemplar da pureza mais que angelica do ceu, reduzida a uma breve mappa toda a graça, compenetrada em uma pequena cifra com... e o throno da Santissima Trindade ideiado, concebido, enxertado como em Custodia no ventre santissimo de Anna; uma Virgem na Conceição já Mãe, porque esta peregrina flor mais mimosa que as do prado... porque transplantada hoje do jardim da gloria do Paraiso... da terra ainda entre os... do botão já é flor florida ainda no ventre materno encarnada já... primavera risonha odorificando, concebida, os lyrios immarcessiveis da pureza com os creditos de Mãe de Christo.

"— *De qua natus est Jesus.* — E se a valentia da obra afiança a estimação... o primor do artifice (seguem-se umas quatro linhas ao nosso vêr irreconstituiveis).

"Ao Sacramento da Eucharistia chamou por antonomasia Santo Thomaz, a maior e mais excellente maravilha das maravilhas de *Xpo.* — *Miraculorum...*

"E a razão desta soberana prerogativa é porque neste mysterio uniu a divina omnipotencia os impossiveis maiores... de nós está *Xpo* na realidade ausente.

"— *Ego vado* — e neste sacramento ficou em nossa companhia — *vobiscum...* Na Eucharistia está *Xpo* realmente vivo — *Ego sum panis vivus* — e na representação está morto — *Mortem Domini annunciabitis* — E... num só mysterio as luzes da vida com a sombra da morte, o goso da presença com a saudade da ausencia e *Xpo* morto... com *Xpo* vivo, e presente, é obra tão excellente, que só póde cabalmente autorizar os desempenhos da divina omnipotencia — *miraculorum... factorum.*

"...— E não sendo menos incompativeis o ser Virgem com vida e já concebida... com raras conhecemos por maravilhosa e divina omnipotencia na Conceição de Maria Santissima os creditos de Virgem unidos á qualidade de Mãe.

"Mas, porque havia o Espirito Santo de morar e guiar... (segue-se uma série de extensas linhas tão deterioradas que nos parece impossivel supprir ás continuas lacunas nellas existentes).

"Predestinada e determinada esta bellissima menina par Mãy do Verbo eterno e achada por Deus nos thesouros da sua Sabedoria, traça com que ficando illeso, intacto, todo o objecto de seus agrados e pureza immaculada de Maria. Decretou a Conceição da Senhora de tal sorte que a prerogativa de Mãe acompanhasse o primeiro instante da concebida porque só assim ficaria o retrato conforme ao original e ajustando as medidas do agrado do divino Verbo eternamente procedendo de um Deus sempre Pae — *ante Luciferum...* — temporalmente nascendo de uma Virgem sempre Mãe (seguem-se umas oito linhas prodigiosamente deteriora-

O centenario de Paul Bert

A França commemora este anno o centenario de nascimento de Paul Bert.

Paul Bert é um destes espiritos universaes de que a França é tão prodiga.

Sabio, experimentalista, successor de Claude Bernard na cadeira de physiologia na Sorbonne, depois de o ter sido de Flourens no Museu de Historia Natural, celebre pelos estudos sobre o enxerto animal e a respiração dos tecidos, politico, homem de governo, é ainda notavel pela sua acção no terreno educacional.

Primeiro pela coragem com que venceu todos os obstaculos, todas as campanhas para instituir a escola leiga. Depois, não desdeu de escrever dois manuaes de ensino elementar de sciencias physicas e naturaes, que são ainda modelo, especialmente para certos paizes...

Estes manuaes, *O primeiro e segundo anno do ensino scientifico*, elle os redigiu submettendo-os a suas duas filhas Henriette e Pauline, tomando-as sobre os joelhos e lendo-lhes, sem explicação alguma, as lições que acabara de escrever, e só as dava por concluidas, quando o interesse fosse despertado espontaneamente.

Com suas tres filhas, a mais moça, Léonie, nascida posteriormente, gostava de passeiar longamente, nos seus lazeres, revelando qualidades admiraveis de professor, que ia desde a cathedra magistral de uma Faculdade de sciencias, á iniciação scientifica das creanças.

Tendo sido secretario da Prefeitura de Yonne, mais tarde, durante o governo da Defesa Nacional, prefeito do Norte, em 71 voltava á sua cadeira na Sorbonne, que não abandonou, apezar de eleito deputado, em 1872. Dedicou-se, então, obstinadamente á reparação da derrota da França.

Empenhou-se na luta pela restituição da escola leiga, que parecia a unica capaz de fundar a unidade nacional, graças aos programmas de instrucção scientifica e instrucção civica, capazes, a seu ver, de desenvolver o espirito livre de cidadãos integraes.

Dahi, além dos livrinhos de sciencia, os manuaes de instrucção civica para escola primaria.

Como acção directa, durante a curta passagem pelo ministerio da Instrucção Publica, no Gabinete Gambetta, creou 30 lyceus femininos, ao lado de outras iniciativas, todas em prol da liberdade de consciencia e da independencia moral e civica do professor.

Em 1886 Paul Bert partiu para a Indo-China, como residente-geral em Annam e Tonkim; vindo a fallecer em Hanoi neste mesmo anno.

Deixou na piedade e dedicação de sua filha Henriette, Mme. Clayten, o zelo vigilante pela sua memoria, por cujo culto viveu até dois mezes antes do centenario, em que, passadas as paixões da epoca, resplandeceria a gloria de seu Pae.

Na historia da educação Paul Bert ficará como o estadista que batalhou pela escola leiga e como o sabio que, á semelhança de H. Poincaré e E. Perrier, não se constrangeu de passar das pesquizas originaes de sciencia pura, para iniciar na sciencia a pureza da infancia.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

Acaba de apparecer:

JORGE AMADO

CACAU

(Romance)

Preço: 8$000

Alfredo Ladislau — **Terra immatura** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Terceira edição de uma obra que foi muito bem acolhida pela critica, collocando logo o seu autor entre os mais brilhantes cultores da chamada litteratura amazonica. Não se trata, evidentemente, de um simples narrador de anecdotas ou enumerador de detalhes pittorescos de folk-lore. Está em jogo, sim, um estudioso preoccupado pelos factores de physiographia e ethnographia que dizem respeito a uma das mais complexas e mais discutidas regiões do globo, em que pese á pobreza do seu elemento humano. O sr. Alfredo Ladislau, que conhece familiarmente essas zonas, em meio ás quaes passou longos e longos annos, infunde ás suas palavras o calor, a emoção vivificadora de quem depõe, de facto, como testemunha presencial. Quasi sempre escreve com clareza e correcção litteraria e um ou outro pequeno deslize de observação scientifica não decorre em desproveito da excellencia do conjuncto. A capa, do illustrador de Murtas, é das mais brilhantes e suggestivas.

Wanderley Pinho — **Cartas do imperador Pedro II ao barão de Cotegipe** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Trata-se de uma correspondencia ordenada e annotada por um distincto historiador da moderna geração bahiana. Revivem ahi aspectos dos mais curiosos da vida politica e social do Segundo Imperio, percebendo-se quanto a honesta gestão dos negocios publicos interessava a um administrador cauteloso como Pedro II e quanto lhe eram uteis, nessa tarefa, estadistas realmente constructores como o barão de Cotegipe. Minucia alguma, por mais tediosa que pudesse parecer, escapava á investigação do operoso soberano e a lucidez com que o auxiliou, em diversos periodos, um parlamentar e um homem de acção como o nobre representante da Bahia, é tambem bastante significativa para que desta série de cartas saia perfeitamente dignificada a memoria de ambos. Quanto ás annotações do volume, foram conduzidas com o maior escrupulo, impondo-se ao leitor não só pela quantidade como pela redacção nitida e pela perfeita lealdade dos informes, muitos delles absolutamente ineditos. Nossas felicitações ao sr. Wanderley Pinho, que, revivendo a bella figura de seu avô, consegue por sua vez impôr-se á estima de todos os nossos authenticos intellectuaes.

---

das). Dos longes vem á Snra. seus filhos — *filii sui de longe venient* — e tambem de junto aos altares sóbe um phariseu reprovado e justificado um publicano. Lá bem longe do altar — *descendit... justificatus ab illo* — porque a verdadeira filiação consiste na pureza dos affectos e como esta não seja... dos altares cá de longe nos podemos gloriar de filhos da Senhora hoje concebida para povoação de novos habitadores. Por ella gemerá humilhada a soberba de todo o Inferno e por ella respirará a terra os ares da redempção e liberdade. Por Ella alcançaremos todas as riquezas da Graça para possuirmos no Ceu os thesouros da gloria — *Ad qua...*"

Lacunoso como se apresenta o pequeno sermão, é, por assim dizer, impossivel apreciar-se-lhe o valor muito embora lhe notemos a existencia de alguns bellos lampejos.

Fazemos muitos votos para que o codice olindense, que a nosso vêr se compõe de cópias em geral de fins do seculo XVII e de outras inilludivelmente setecentistas, possa ser examinado por quem esteja em condições de não offender o *ne sutor*, como seria o nosso caso, si adeante fossemos em nossa perfunctorissima exegese.

Talvez d'ahi procedam novos dados para o conhecimento da biographia desse homem cuja gloria tão cara é a todos nós de lingua portugueza. A grande figura de Antonio Vieira não é sómente lusitana, tem os mais legitimos direitos á universalidade.

AFFONSO D'E. TAUNAY.

Murilo Mendes — Historia do Brasil — Ariel, Editora — Rio, 1933.

As solicitações materialistas teriam de dar sentido novo a todos os surtos artisticos. Até a existencia humana nos seus aspectos intimos vem soffrendo profunda transformação moral. Esse moderno mundo que se ergue energicamente, sem duvida que é impellido por impassiveis forças economicas. A phase que vivemos, phase de viva transição social, porisso mesmo se mostra interessante nos seus imprevistos — nem sempre razoaveis, porém humanos sempre. Começamos a participar das competições universaes em que fomos ha bem pouco tempo apenas indifferentes de ar tranquillo. Dessa participação advieram influencias principalmente para a litteratura em geral.

Ha dez annos, a grande maioria parnasiana olhava Oswald e Mario de Andrade como evadidos de algum manicomio, poucos acceitando o largo e corajoso esforço renovador que elles iniciavam. As pedras foram depois retiradas do caminho e postas á margem e muito mais facil é agora de ser atravessada a estrada como está sendo por uma multidão que não se pode chamar de retardataria. Os desbravadores mal tiveram imitadores. Ficou cada qual no circulo de sua feição propria. Alguns se perderam por caminhos invios, emquanto outros conseguiram sahir da planicie.

A poesia brasileira tomou um banho frio tão bom que acabou de vez com o catarrho de sua bronchite.

Toda gente costumava dizer que o nacional quando joven não podia deixar de ser poeta e de fazer sonetos inspirados á lua ou á namorada. Nesse tempo a musica das rimas e as syllabas eram contadas com uma paciencia chineza e, porisso mesmo, deviam dar uma uma trabalheira dos diabos. Pois bem — os tempos são chegados, o verso obteve plena liberdade, ficou despartilhado; o verso passou a ser branco e, coisa paradoxal, ficou difficil de ser feito. Chegou até a limitar o numero de poetas. Relativamente existem poucos hoje em dia. Pelo menos já não se ouve dizer que todo nocional faz verso. Faz sonetos rimados. Apenas o solenne Aloysio de Castro teima em cossummir sua horas preciosas na contagem de syllabas com os dedos de musico.

A nossa brasiliana não é só de uma severidade como tambem de uma frieza que por vezes determina bocejos. Muito se escreveu sobre as complicações desenroladas nestas terras sul-americanas: alguns escriptores de estylo secco, outros mais simples, mais accessiveis e naturaes como João Ribeiro.

Creio que cabe a Murilo Mendes o primeiro livro de verso sobre os fastos do Brasil. O poeta colheu as passagens mais graves dos quatrocentos annos de nossa existencia politica para um registo sobrio e pittoresco. Sobretudo pittoresco — de um pittoresco que provoca risos gostosos. Não é que se note deliberada preoccupação de fazer ridiculo, nem por sombra; mas é que a graça e o imprevisto de linguagem que nelle parece uma vocação, abrem qualquer cara fechada. No fundo do que se mostra como mera brincadeira existe um tom de melancolia disfarçada.

Nem só de pão vive o homem
Vive de magoas tambem.
Para distrahir minhas magoas
Namóro e toco vitrola.

Senso critico de expontaneidade e agudeza que não perde siquer o menor detalhe. O espirito actual se reflecte nas suas manifestações lyricas com um accento de tragedia e força pessoal. A parte fraca ou deliciosa dos factos sociaes é salientada atravez da vidraça amarella da irreverencia.

Me atacou um delirio patriotico,
A 23 de outubro
Resolvi embarcar para Itararé.
No meio do caminho
Entrei num botequim,
Tomei um bruto pifão.
Quando acordei
O papão já estava deposto
E eu já era major.

A vivacidade critica salta da primeira á ultima pagina da *Historia do Brasil*. O heroe que sahiu da estatua é uma das coisas mais curiosas que se encontram no livro de Murilo Mendes — cuja leitura é um prazer, vendo-se, porém, que elle marca periodo de transição, tendo já o poeta attingido outra etapa muito mais interessante dentro do seu geito especial de versejar entre sceptico e engraçado. Esta particularidade imprime a sua feição social, collocando-o como habil interprete do espirito de avenida: inesgotavel e de uma perversidade innocente.

O homem
E' o unico animal que joga no bicho.

Se não fosse o drama que estamos vivendo, um typo de poeta assim não seria possivel. O seu bom humor parece mais fructo do desencanto proporcionado pelo choque violento da vida directa em que o Brasil se acha apenas no portico. Pode-se melhor chegar a tal resultado conhecendo o ponto por Murilo Mendes alcançado neste momento. E que sóbe a uma altitude incrivel. Quasi stratospherica.

O pittoresco se mette nos assumptos mais serios para o fim de apreciaI-os com leveza synthetica e subtil.

Para se transportar até onde poderá ir o lyrico da "divisão das capitanias" não ha urgencia de recorrer-se a pithonisas.

ADHEMAR VIDAL.

Raja Gabaglia — Leituras geographicas — Editores F. Briguiet & C. — Rio, 1933.

Excellentemente organizado é este volume de leituras geographicas para o ensino secundario do paiz. Elaborou-o um professor a quem são familiarissimos os estudos desse genero e que a uma cultura solidamente estratificada reune o saber de uma experiencia que só se adquire no contacto com varias gerações de discentes. Dahi a feliz selecção dos trechos de um florilegio, que estuda, em divisões muito seguras, oceanos e mares, atmosphera e climas, as aguas continentaes, o littoral, a vida vegetativa e animal e, finalmente, o homem. Os nomes dos mais idoneos especialistas em taes assumptos desfilam nas paginas do livro; nada ha ahi de dispensavel, de superfluo. Muito uteis são as indicações bio-bibliographicas que o sr. Raja Gabaglia fornece a proposito dos scientistas de maior relevo dentre os aqui evocados. Que prazer o nosso ao encontrar um Elisée Reclus, sempre tão amigo do Brasil e um verdadeiro poeta da geographia, sem prejuizo do rigor da verdade objectiva! E como o nosso patricio soube reverenciar os seus mestres e confrades daqui, transcrevendo suggestivos trechos do velho Capistrano, de Euclydes da Cunha, de Caminhoá, de João Ribeiro, Roquette-Pinto, Afranio Peixoto e Delgado de Carvalho! Nenhum pedantismo didactico num volume como este, que até os leigos podem ler com o mais absoluto prazer, quasi como quem percorre uma verdadeira anthologia litteraria.

Heinrich Mann — O anjo azul — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Desta narração desentranhou o actor Emil Jannings um dos mais impressionantes papeis da sua carreira cinematographica. O livro é de Heinrich Mann, irmão de um dos ultimos detentores do premio Nobel e figura de indiscutivel relevancia entre os actuaes escriptores de ficção da velha Germania. Os nossos admiradores da setima arte ainda têm presentes as emoções recebidas pela interpretação de Jannings e seus comparsas e não deixarão de interessar-se á leitura do texto em que surgem todos os detalhes do mais estranho drama de amor.

"TRES CAMINHOS"

A vida é leve para o Snr. Marques Rebello. Tudo é facil e agradavel — mesmo as recordações tristes. Para longe o pessimismo desesperado dos que vivem lutando com grandes problemas, com duvidas serias. Para longe os que vêem na simples satisfação dos desejos um "peccado" ou uma prova de miseria do homem. Para longe os que param deante da ausencia de fé e não sabem ir adeante para essas regiões mais claras e mais leves onde os soffrimentos, quando os ha, não se embrenham pelas profundezas da alma e onde as recordações são expontaneas e agradaveis e sempre envoltas em muita poesia.

Nesse mundo, o Snr. Marques Rebello se sente rei. Quem mais rico do que elle em recordações curiosas, em pequenos casos de rua? Quem melhor dotado do que elle para fixar esses aspectos da vida, simples, diarios, que viemos encontrando sempre pela existencia e que deixamos passar na impossibilidade de fixal-os, logo saudosos da belleza que continham, do pittoresco que nos seduziu tanto no momento? Quem melhor *conteur* do que elle para saber escolher no emmaranhado das recordações?

Bem mais do que com *Oscarina* é com *Tres Caminhos* que o Snr. Marques Rebello toma posse para si desse mundo de pequenos factos e sentimentos communs, — mundo em que os acontecimentos, por menores que sejam, enchem-no logo de tal modo que não fica lugar para mais nada. Sem duvida já penetrára nelle amplamente com os contos do seu primeiro livro. Mas nesses contos — pelo menos nos de maior relevo — ainda havia muita preoccupação com certos problemas de gravidade — como esse do "destino" que domina varios dos seus contos.

Nenhum problema agora. Recordações, recordações por toda a parte... e só recordações. A vida, simplesmente a vida tal qual ella se desenrola, contada depois de alguns annos de vivida... (...não sei se vivida pelo proprio autor, mas certamente pelos seus heroes que se assemelham a elle "como irmãos"...) A vida que passa deante dos nossos olhos, calma, tranquilla — pois, até os pequenos dramas que se dão, nós os sentimos diluidos no tempo, perdidos numa uniformidade de coisas passadas que descansa (e que, por outro lado, provoca a mais viva admiração pela unidade do livro).

Tudo tem uma data em que foi sentido, um momento que o explica. O leitor não precisa se inquietar por nada. Tudo aquillo passou. E ha muito tempo. Póde pois se entregar inteiramente á admiração que o extraordinario talento narrativo do autor exige delle.

Sem duvida, para poder ter essa admiração constantemente, o autor sacrifica muita coisa. Entre ellas, a naturalidade da construcção dos contos — não digo a naturalidade das coisas contadas, que essa, como se sabe, é sempre admiravel. Sente-se com effeito que certos sentimentos são afastados por incommodos — desequilibrariam certos effeitos — e com isso o material emotivo fica bem diminuido.

Não importa porém. O que se tem é sempre de uma belleza tão grande, é tão poeticamente suave, e agrada e descansa tanto poder ler, que não tem sentido ficar imaginando as outras possibilidades do *conteur*...

O que o Snr. Marques Rebello nos offerece com *Tres Caminhos* é apenas um aspecto da existencia. Sem duvida. Mas é tão agradavel ouvir bem narrado, explendidamente bem narrado, essa superficie de sentimentos, essas pequenas coisas que enchem o todo-o-dia da vida — e que nelle representam precisamente os unicos momentos de belleza e de poesia — que é forçoso fechar o novo livro do Snr. Marques Rebello sem pensar em exigir delle mais nada do que aquillo que já nos dá, e com a mesma admiração com que ha dois annos atraz fechamos *Oscarina*.

*

Não estranhará agora o autor se eu confessar que prefiro *Oscarina* a *Tres Caminhos*. Nenhuma decadencia, nenhum esgotamento a apontar. Longe disso. Apenas, o proseguir, o pleno desenvolvimento mesmo da tendencia, já esboçada em *Oscarina*, a fuga deante dos grandes problemas da existencia para a acceitação da vida de superficie, leve e facil, estheticamente bonita.

Talvez a materia dos dois contos e da novella que constituem *Tres Caminhos* — material de recordações — explique muito da differença de orientação dos dois livros. Mas ainda fica sempre uma parte, grande aliás, que só se explica, creio eu, pela accentuação da concepção geral da vida que o autor tem — e que é, convem logo dizer, onde divergimos radicalmente.

Limitando o seu horizonte, o Snr. Marques Rebello póde ver coisas admiraveis com espantosa nitidez. Mas, para mim, vê pouco. Vê o que está perto — o que todos nós vemos, apenas sem sabermos "contar" depois — mas deixa ao longe, perdido, velado, todo um mundo que a nós attrae grandemente...

Não queira ver o nosso grande *conteur* — que actualmente é mesmo o nosso maior *conteur* — uma "critica" ao seu novo livro nessa minha collocação tão antagonica á sua. São questões de base, de concepção das relações do artista com o mundo, portanto aguas profundas onde não é possivel fazer chegar a "critica". Nem tentarei, siquer. Apenas direi que o Snr. Marques Rebello não é para mim, como *conteur*, completo... mas isso, naturalmente, sem a menor idéa de fazer uma critica ao seu novo livro.

As criticas a fazer, se eu as quizesse tentar aqui, seriam outras. Julgo-as insignificantes e inuteis, dado o caracter e o valor do livro. Pois, deante da belleza de cada paragrapho, de cada phrase, que significação teria dizer que os dois contos *Namorada* e *Circo de Coelhinhos* me parecem superiores á novella *Vejo a Lua no Céo* — cuja construcção, excessivamente abandonada, anarchica, dá mais de uma vez a impressão de que a historia narrada está se dissolvendo numa serie de scenas, de pequenos contos, (victoria do *conteur* sobre o novellista?... creio que é cedo para responder, para collocar mesmo o problema) pelo enfraquecimento do fio conductor da novella, etc., etc.?

E para ser justo não teria eu de enumerar, ao lado desses pequenos defeitos, a serie de paginas admiraveis, que são todas as paginas de *Namorada* e de *Circo de Coelhinhos* e, maiores que todas, as melhores paginas de *Vejo a Lua no Céo*? Na impossibilidade dessa enumeração equitativa só me parece justa a acceitação global do livro.

Octavio de Faria.

Meditações sobre as causas e os effeitos

O Philosopho e a Lanterna Magica

"Ir ao cinema é ir espiar o mundo pelo buraco da fechadura."

(*Antonio Ferro*).

Conta-se de Diogenes que, propondo-lhe Alexandre o Grande lhe dar quanto lhe pedisse, respondeu: "Não me tapes o sol." Era ainda o grande Cynico, segundo refere Zenão, que procurava um homem nas multidões, á luz de uma lanterna accesa em pleno dia.

Apezar de precedentes tão insignes, não se extasiam os philosophos modernos ante os *sunlights* dos *studios* nem se deixam seduzir pela lanterna magica do cinema.

Assim é que Alain, principe do pensamento na França de hoje, autor de celebres *Propos*, do *Système des Beaux-arts*, e, notadamente, das *Esquisses de l'Homme*, dá á "sétima arte", ainda num dos seus ultimos livros — *Vingt leçons sur les Beaux-arts* — a honra de alguns conceitos. O só facto de preoccupar-se tão illustre pensador com a tão querida arte, mas tão incipiente, muito regosija os amigos do cinema, desejosos de "transformarem a sua volupia em conhecimento", como aconselha Baudelaire. Infelizmente, porém, taes conceitos não são favoraveis á arte nascente...

Desenvolvendo idéas já expendidas nas *Esquisses de l'Homme*, Alain expõe em *Vingt leçons sur les Beaux arts* as razões da desconfiança que nutre pelo cinema, que elle hesita em classificar entre as bellas-artes. Pensador superiormente honesto, o mestre justifica lealmente os seus reproches. E' de crer, todavia, que, mesmo de bôa fé, os philosophos não vão bastantes vezes ao cinema; ou, então, que se limitam a verificar nelle apenas os progressos da *téchnè* humana sem se impregnarem da *verdade cinematographica*, que existe, não obstante, nesta como em qualquer arte bem definida.

*

Tambem é possivel que esta arte ainda não esteja bem definida. Neste caso, a culpa não será dos philosophos mas dos productores de filmes. Esta questão, porém, ultrapassaria a finalidade do presente estudo.

Começaremos por lembrar a classificação das bellas-artes segundo Alain: "Eu poria — diz elle — em primeiro logar as artes que só transformam o corpo humano: dansa, canto, poesia, musica. E, em ultimo logar, as que transformam realmente o objecto exterior: architectura, esculptura, pintura, desenho. Entre aquellas e estas, collocaria a arte dramatica, que comprehende todos os generos de espectaculo, dentro da idéa mesma do espectaculo, que não existe absolutamente nas primeiras artes citadas." Por consequencia, Alain colloca o cinema entre os espectaculos: o theatro e o circo. No que consiste o seu grande equivoco, como a seguir veremos.

Nas *Esquisses de l'Homme* o mestre escrevêra que, no cinema, "a solidão cae como um manto pesado sobre a multidão, nesses espectaculos em que o movimento está separado dos ruidos e do rumor"; e que, "como esse ruido e esse rumor nos envolvem sempre, como é por elles que tudo o que acontece nos toca intimamente, o espectaculo torna-se, assim, recuado e como que separado do espectador... todos ahi se calam, como fazem os surdos. Eis-vos (numa sala de cinema) como numa assembléa de surdos-mudos..." Percebe-se facilmente que estas linhas foram escriptas antes do apparecimento dos *talkies*. Com effeito, naquella época (1927), taes observações eram plausiveis. Ainda se lhes pudera oppôr, não obstante, que a reproducção do movimento — seja pela photographia animada, seja pela estatuaria, pelo desenho ou pela pintura — não precisa do som para ser verdadeira; e mais, que o sentimento d'estas artes póde communicar-se ao homem directamente, no silencio, pela simples visão. Mas, no mesmo capitulo, Alain concluia: "Arte ôca e como que vazia de todo conteúdo, ella carece de pensamento; mas, nem mesmo pensada ella é. Talvez repilla o pensamento..." Porque, já naquella época, Alain assimilava o cinema ao espectaculo theatral; o parallelo não podia sustentar-se, e o proprio espectador não era menos "vasio de conteúdo que esse actor (na tela) sem peso nem espessura"...

Nas *Vingt leçons sur les Beaux-arts*, o philosopho obstina-se ainda no equivoco da palavra "espectaculo". Escreve: "Sem procurar julgar a arte da téla, noto facilmente, que o que lhe falta é a "prova da presença"; só subsiste aqui uma mascara vasia... Não ha nenhuma magestade nos artistas da téla, porque os applausos ou os assovios não os commovem nem demovem; por onde melhor se verá o que entendo por linguagem absoluta... O actor exprime, mas não recebe em troca a prova do reconhecimento. E' isto exprimir?" — Sim, responderemos; é exprimir-se "em potencia", em toda a pujança da creação. Estamos que a magestade da creação, na téla, é demonstrada precisamente pela sua superior resistencia aos assovios ou applausos do publico. (Cabe lembrar que na Europa, especialmente na França, o publico se manifesta deante de uma fita, com maior espontaneidade e vigor ainda do que no theatro). "Ha um merito commum a todas as grandes obras cinematographicas — escreveu um critico francez: — é que a vontade do creador paira sobre ellas como uma especie de fatalidade artistica."

Nem se diga que o sentimento do publico é incapaz de reagir contra a mecanica d'esta arte só por ser ella "uma arte mecanica". Em primeiro lugar, o cinema não é uma arte mecanica; sel-o-ia apenas o seu lado espectacular, como o é o lado espectacular do proprio theatro, onde os actores reproduzem, mecanicamente, em cada espectaculo, os mesmos gestos, as mesmas palavras, até as mesmas inflexões vocaes produzidas nos espectaculos precedentes. Depois, si os assovios ou applausos não alteram a essencia da creação cinematographica — (que tem, assim, sobre a creação theatral, a vantagem de não se adulterar segundo as exigencias momentaneas do publico) —, valem aquellas manifestações de advertencia ao productor da fita sobre a qualidade da obra ou dos artistas, tal como acontece no theatro.

Em verdade, não cabem no mesmo plano o espectaculo cinematographico e o theatral; o cinema não é uma arte essencialmente dramatica, mas uma arte visual, uma succession de imagens dispostas com artificio. Aqui, a collaboração do espectador é toda intima; não é uma participação mas uma *communhão*. E o mesmo manto negro de silencio que cae so-

bre os espectadores, longe de os separar do drama a que assistem, lhes estimula as reacções psychicas: é no escuro que os instinctos fulgem. Um filme bem feito, seja apenas um "documentario", é como uma peça musical cujo executante, si tem mestria, não precisa de ser interrompido para ser estimulado, mas antes ouvido no silencio que applaude.

*

Acha ainda Alain que o cinema é uma arte deshumana: "Não lhe encontro esse rico fundo de physiologia que constitue, no theatro, aquillo a que os profissionaes chamam *atmosphera* e a que eu chamaria o *clima humano*, segundo a expressão de André Maurois." Accrescenta o philosopho que o "clima humano" se obtem pela "presença do semelhante". Ora, para aquelle que a quer ver, esta presença no cinema é sempre perceptivel. Fôra pueril ver num filme *apenas* as peripecias da intriga, os *gags* mais ou menos felizes, e, sobretudo, o jogo de scena ou a belleza discutivel dos actores. Ha mais do que isto numa bôa pellicula. As personagens da *Tragedia da Mina*, de Pabst, ou de quantos dramas sovieticos, não são nem *stars* escolhidas por concurso nem fantoches ao gosto da moda. De Eisenstein, o grande enscenador russo, pensa o sr. René Lalou que se approxima muito do architecto Eupalinos, o qual, segundo Paul Valéry, elaborava as emoções e as vibrações da alma do futuro contemplador da sua obra. E podemos accrescentar que qualquer bom "documentario", romanceado ou não, é capaz de nos pôr num clima humano tão bem como qualquer drama de psychologia intensa, seja *Noites de Chicago*, *Interferences* ou *Poil-de-Carotte*. Assim, na *Symphonia da floresta virgem* ou em *Kaspa, the king of the jungle*, a *star* verdadeira é a natureza humana primitiva, ou, simplesmente, a natureza vegetal.

Mas, o "rico fundo de physiologia" no cinema é certa coisa que Alain não quiz reconhecer, e que, todavia, affirma a superioridade de muitos artistas da téla; e tanto bastára para que o espectaculo cinematographico fosse classificado entre as bellas-artes: quero referir-me ao *sex appeal*. Os philosophos, e sobretudo os esthetas, temem muitas vezes dar á sensualidade o lugar que ella merece na obra de arte. De tal incomprehensão, ou prejuizo, este pensamento de Alain: "Talvez se deva notar que a emoção, deante da téla, procede sempre do *conceito*: no cinema, é preciso primeiro comprehender, depois sentir." Perguntaremos que é preciso comprehender para sentir-se a vegetação luxuriante e todos os mysterios da Africa, ou a desolação das tragicas paizagens polares, em quantos "documentarios" magnificos têm sido apresentados, antes e depois dos *talkies*.

Nem vale insistir no "fundo de physiologia" que nos desperta o interesse, incontestavelmente, pelas imagens de *Tabú* ou de *Kriss*, onde impera a nudez quasi completa das indigenas formosas; bastará verificar-se esse *"não sei que"*, esse *"it"*, em summa: esse *sex appeal* insophismavel de certos artistas da téla, que perturba as multidões de todos os paizes. Pondo de parte a capacidade artistica, muito restricta aliás, dos actores cinematographicos, a fascinação que exercem as Greta Garbo, as Marlène Dietrich, os Gary Cooper, os Buster Crabbe, terá outra explicação? O *sex appeal* prova-se ainda pelo facto de ser a belleza physica do actor (sobretudo da actriz) indispensavel para o exito de um film; o que não acontece no theatro, onde supera a capacidade emotiva do interprete, e onde, sendo a optica differente, o mais perfeito *maquillage* não consegue os effeitos obtidos pela *camera*.

*

O accrescimo da palavra e dos ruidos ao film faz com que este se assemelhe, cada vez mais, ao drama lyrico. Não esqueçamos, porém, que um enscenador de talento transporá sempre, do dominio sonóro para o visual, a maxima altiva de Mozart: "Na opera, a poesia deve ser a filha obediente da musica". D'este modo, caberia dar, numa classificação das bellas-artes, lugar á parte á musica e ao cinema, que formariam um grupo independente. Definindo o "movimento épico", Alain escreveu: "Aqui, pela resonancia do tempo, o mundo nos é devolvido." Ora, ao escrever esta phrase admiravel, teria o adversario do cinema imaginado que ella constitue a mais perfeita definição das obras primas da téla?

MAURICIO WELLISCH.

Paris, 1933.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA
ALMAS SEM ABRIGO
Em todas as livrarias

A apparecer muito breve:
De AGRIPPINO GRIECO:

São Francisco de Assis e a Poesia Christã

Notavel série de ensaios sobre os maiores poetas religiosos de todos os paizes, desde o Pobrezinho de Assis até o nosso Alphonsus de Guimaraens. Estudo de conjuncto sobre a poesia mystica como ainda não se publicou nenhum em nosso paiz.

PLANO GERAL DO LIVRO:

I — ITALIA
São Francisco de Assis
Dante Alighieri — Torquato Tasso

II — HESPANHA
Santa Thereza

III — ALLEMANHA
Klopstock — Balladas

IV — FRANÇA
Chateaubriand — Lamartine
Veuillot — Baudelaire
Verlaine — Péguy — Mistral

V — INGLATERRA
Milton — Southey e Leigh Hunt
Keats e o Néo-Hellenismo
Dante Gabriel Rossetti
Christina Rossetti — Wilde

VI — PORTUGAL
Anthero — Nobre
Gomes Leal — João de Deus

VII — AMERICA DO NORTE
Longfellow — Poe

VIII — NICARAGUA
Rubén Dario

IX — BRASIL
Varella
José Albano — Alphonsus

Pedidos desde já a
ARIEL, EDITORA LTDA.
Edificio d'A NOITE — 8° andar
Salas 814-815
PRAÇA MAUÁ, 7 - RIO DE JANEIRO

A proposito de um romance: "Cacáu"

O romance proletario não está definido senão doutrinariamente. Ao mesmo tempo em que abre um campo vasto ás discussões theoricas de toda especie, preoccupa, de um lado, aos escriptores reaccionarios, que não querem admittir a existencia de um ambiente novo a explorar, e de outro lado aos proprios escriptores revolucionarios, que lutam com difficuldade para encontrar esse ambiente.

Em todo o mundo, a litteratura, após a exploração de uma technica nova, após a tentativa de uma nova fórma de expressão, tendia a desfallecer, voltando ao ponto primitivo sem ter conseguido nenhuma mudança, por assim dizer, organica.

O ambiente burguez, em que se movia a velha litteratura, desbota a olhos vistos. Os seus valores se sumiram. Os seus mythos ganharam os céus numa fuga incrivel e desappareceram. Todo o material plastico da velha litteratura é, hoje, uma massa molle, sem cheiro nem gosto: restos de um espiritualismo venereo, destroços de um exaggerado amor a nós mesmos, disfarçado numa technica mystica de fraternidade.

Por falta de um campo sadio, a litteratura burgueza agoniza. E' que, com a desmoralização dos seus valores, foi-se o seu conteúdo. Lidando com themas falsos, agitando-se no meio de scenarios de papel, não poderá resistir ás contradicções e aos conflictos que estão arrastando as cousas do mundo para um desfecho total.

Com essa mudança de fundo, com essa transformação de principios, derrubando antigos conceitos, teria de surgir, não uma fórma inedita de expressão, que simplesmente désse novo aspecto ao velho sentido da vida, mas uma outra comprehensão das cousas, envolvendo um conteúdo real, rico em valores vivos.

Ha uma arte nova. Mas esta arte não é simplesmente a renovação do processo de composição, nem dos generos nem das fórmas. Ha uma arte nova como consequencia directa da renovação do ambiente social e com intimas differenças de natureza que a distancía ás leguas dos passados conceitos de arte. Ha uma arte nova, ligada ao movimento de emancipação de uma classe, reflectindo todos os aspectos da luta por esta emancipação.

No periodo actual de graves contradicções economicas e sociaes, onde chegam ao auge os choques entre um sentido de vida em declinio e uma civilização em crescimento, é natural que abaladas as bases, se commovam tambem as super-estructuras. Dahi toda a sorte de vacillações na arte e em tudo. O romance de hoje, inclinando-se de um lado para a rehabilitação do heróe (biographias, memorias, etc.) como uma prova já do scepticismo pelo presente, affirma-se, todavia, por outro lado, na elevação até o seu justo logar, da contribuição da massa dos simples na historia e na vida, através da sua incansavel luta anonyma pela libertação de todos os homens.

Eu discordo que somente possa haver arte proletaria com a installação da sociedade proletaria. Com a sociedade proletaria, que é a propria negação das classes, não poderá sobreexistir na arte uma denominação classista. A arte proletaria é, pois, a arte anti-burgueza do periodo da luta de classes. Do periodo de contradicções onde nos achamos.

Lendo *Cacau*, este optimo livro que Jorge Amado escreveu agora, chega-se para perto dessas considerações sobre arte, pela vaidade de responder á propria pergunta do autor, em seu prefacio: será *Cacau* um romance proletario? Ao meu ver, é. Embora impressionando mais pelo aspecto sentimental do problema, até a ligação affectiva do Sergipano, embora misturando algumas vezes as situações puramente moraes com os sentimentos rebeldes da gente do campo, *Cacau* exhala bem um ar de revolta para estar junto da litteratura proletaria.

O assumpto desenvolve-se num ambiente onde a consciencia de classe é afogada por um cortejo de mythos que vae, desde a obediencia servil ao senhor da terra, até o culto cego aos fetiches mais barbaros. Onde os instinctos commandam, com violencia selvagem, o menor esboço de convicção.

"Fumavam cigarrões de fumo picado e bebiam grandes tragos de cachaça desde a mais tenra infancia. Aprendiam a temer o coronel e o capataz e assimilavam aquella mistura de amor e odio dos paes pelo cacau. Rolavam com os porcos pela lama e tomavam a benção a todo mundo."

Assim se criam, no campo, os filhos dos trabalhadores.

Tendo como unica finalidade social a reproducção, bem cedo se entregam ao sexo, entrando para a communidade dos curraes: "Escola de libertinagem, sim, era o campo com as ovelhas e as vaccas. O sexo desenvolvia-se cedo. Aquellas crianças pequenas e empapuçadas tinham tres cousas desconformes: os pés, a barriga e o sexo."

Por *Cacau* tem-se bem a paizagem dos nossos campos semi-barbaros, das nossas fazendas, onde a ruindade dos feudos se conserva com o mesmo ardor.

Todo o livro é uma reproducção muito exacta da vida de bichos, que, por este Brasil afóra, mais de tres quartos da nossa população leva penosamente, com a dolorosa paciencia dos cégos.

Em volta de Sergipano, emigrado da burguezia, circula *Cacau*. Não ha, nessa figura, os traços fortes do revolucionario, nem o seu rosto mostra as depressões fundas dos homens que sentem fome. Será isto no livro um defeito?

Parece que não. Para muita gente o revolucionario é o homem espadaúdo, carranca fechada, na mão uma bomba e nos olhos uma vontade doida de esganar. Por esse figurino não se guiou o autor.

Sergipano é o atormentado pela decomposição de sua classe, physionomia como a de tantos homens que não resistem ao clima moral do mundo de hoje. Tem vacillações. Sua consciencia não se formou contra a miseria: "Olhava para as raras pessôas que ainda perambulavam pela cidade com um ar de espanto. A's vezes elles me olhavam tambem. Eu sorria confuso, quasi com vergonha de ter fome."

Mas mesmo assim, mesmo balançando dum canto para o outro sua linha de acção (o que, até certo ponto, sua ignorancia justifica), Sergipano leva até o fim a firmeza de seu ideal:

"Eu partia para a luta de coração limpo e feliz."

Cacau é um romance proletario.

Alberto Passos Guimarães.

O Brasil está na curva...

Estamos no momento perigoso de dobrar a curva, no momento exacto de seguir sem vacillação a recta bonita que se estende na frente. Bello presente que enterneceria qualquer automobilista verdadeiro...

Para traz, é a impressão que eu tenho, já ficaram as paizagens e os marcos orientadores do caminho, esses detalhes que cream na consciencia do que viaja a noção do roteiro certo. Já ficaram os trechos iniciaes, vencidos medrosamente ou desbravados com impeto. Já passaram a timidez e a duvida dos primeiros accidentes, agora só a bôa facilidade do fim da viagem, que se descobre e se dá sem mysterios nem pedidos.

Nessa viagem que o Brasil está vivendo, que nós, nacionalidade, povo, gente, estamos vivendo com o Brasil, me parece que chegou a hora da affirmação.

Desde mil e quinhentos, quando o navegador portuguez tirou a maior loteria da época, esta terra é analysada pelos muitos que se julgam capazes disso. E' coisa mais que sabida. Vem nos livrinhos escolares e nos de cultura primaria, que encantam ás faceis intelligencias e põem arrepios de prazer em varias epidermes mentaes... A analyse do Brasil. O estudo, bem feito ou mal feito, das coisas, das creaturas, dos problemas, dos mysterios do Brasil. Essa preoccupação carinhosa de revistar cuidadosamente o corpo do menino, pondo-o nú e choramingão, como fazem certas mães aos filhos pequenos, intrigadas com a causa do chôro subito, e temerosas de algum alfinete malvado... Esse zêlo farejador que tiveram os primeiros chronistas, os escrivães-mór, os desterrados lidos, os naufragos de sorte, que conseguiam salvação e pagavam-na em conceitos, os jesuitas, bons padres que vinham firmar a cruz no novo mundo, num gesto que era a solução melhor para aquelle tempo, e num heroismo enternecedor, ao mesmo tempo que efficiente.

Assim, por todo o espaço em que existiu a colonia.

Depois a phase mais livre da adolescencia, em que o paiz foi deixado um pouco entregue a si mesmo, já rapaz, frequentador ingenuo de sociedades secretas, de casas em que havia silenciosas e goradas conspirações, de maçonarias, de associações, brincadeiras infantis em tom cavernoso...

E o Brasil feito gente grande. Todo cortado de conceituosos viajantes e de observadores sinuosos, alguns ainda de batina, outros já de togas universitarias, equilibrando nas mãos brancas a borla preta das occasiões cathedraticas e o rude pedaço de pau que pretendia quebrar as gulas indigenas...

Brasil, assumpto pittoresco e seductor. Os naturalistas que analysavam a terra, sociologos tambem, contavam em livros e conferencias as molestias espirituaes do paiz, que não ia direito... Os discursadores primitivos agiam, os discursadores que chegaram antes dos discursadores actuaes, e que foram antecessores longinquos dos discursadores do futuro... Os estudiosos, os curiosos, os historiadores, os governadores de provincia, os lettrados de todas as categorias, os politicos espantados do primeiro reinado, os politicos elegantes e bem postos do segundo reinado, entre os quaes havia esse antecipado Mello Moraes, que, ha mais de meio seculo, já dizia do Senado que o Brasil estava á beira do abysmo, que a physionomia da época era de molde a gerar sérias apprehensões...

Quanto estudo! Que Brasil resistente...

A indiscreção das duas ultimas gerações penetrou na intimidade do seu mundo, arrancou de lá a chave solucionadora das questões, e veiu dizel-a na opposição, como **Ruy, ou** no governo, como Alberto Torres. Um, gritando affirmações de opposicionista que fala bem, usando as phrases melhor construidas, mais sonoras, hein, Brasil?, mais fulgurantes que estes céus já tiveram. O outro, falando coisas certas de dentro de gabinetes ministeriaes e presidenciaes, de onde era tão facil realizar... Surgindo, emfim, as analyses e as procuras, de moços e de velhos, empenhados em dizer como era, o que era, e do que precisava o Brasil.

E agora este furor delirante que estamos vendo. Todos olhando para dentro do Brasil, debruçados na immensidade verde-amarella esparramada na America do Sul. Uma curiosidade que quer desvendar tudo, uma fome maior de Brasil.

E olhem para elle. Vejam como elle está. O Brasil. Sempre o Brasil. Acertadamente. Erradamente. Inocuamente. Marxisticamente. Machiavelicamente. Fascisticamente. Tenentisticamente. Escolasticamente. De todas as maneiras e de todos os geitos, essa vontade teimosa de descobril-o, de vel-o sem a folha de parreira das incognitas politicas, economicas ou sociaes. A revolução, o ferro, o communismo, as seccas, o divorcio, o militarismo, tudo é elemento de perquirição. Até mesmo a celebre "realidade brasileira", coisa mais ou menos vaga e divertida...

Ora ahi está porque penso que o Brasil, considerado um automovel para dar maior ambiencia, está na curva, que é assim como a edade perigosa das estradas: um máo geito inhabil é o fim, um golpe de bôa sorte e de bôa vontade é o exito integral.

A' minha geração, portanto, e á que vem depois, está entregue o trabalho de pegar nessa coisa resolvidissima que é o quadro das necessidades brasileiras e solucionar o Brasil de uma vez. O Brasil já está estudado demais. Não convem exagerar. Precisamos, agora, pegar o "guidon", segurar com mão firme o disco de ebonite dos destinos nacionaes, virar a curva com tacto, e entrar na recta a toda a velocidade, emquanto dura o lyrismo...

E' facil, não é, gente?

E' só querer...

Mas si se juntassem em uma casa os moços que pretendessem fazer isso, seriam tantas as directrizes apontadas, tantas as doutrinas expostas, tantas as convicções impostas, que, confusos, nós sahiriamos curados da ingenuidade, até descrentes do estudo.

Porque ha uma verdade incommoda e encabulante: as novas gerações já sabem querer, mas ainda não sabem o que querem.

DANTE COSTA.

LIVROS FRANCEZES

A direcção desta revista tem sido ultimamente distinguida com a offerta de varias e interessantes obras recentemente publicadas na França, que nos são enviadas pelos seus autores ou, então pelos respectivos editores, o que muito nos penhora, e entre as quaes destacaremos trabalhos de Luc Durtain, o brilhante escriptor que ainda o anno passado nos honrou com a sua visita, Marie-Anne Comnène, consagrada romancista, Christiane Delmas, fina poetiza, Jacques Baron, Magdeleine Paz e muitos outros. Sobre todos esses trabalhos, voltaremos a falar com maior attenção no proximo numero.

"Hydrographia do Amazonas" (1º VOLUME)

Fóra de qualquer dado positivo sobre geographia physica, em condições de justificar a descriptiva recortada nos panoramas de tintas flagrantes e numeros incontestaveis, eu só admitto o *bluff* concebido na vertigem do olhar aquilino.

Como exemplo é facil referir a visão de Agassiz. Mergulhando o sentido na éra pre-historica, descortinou elle um Amazonas maior que o actual, mais amplo, enfiado pelo mar a dentro e a receber como tributarios todos os rios que até a Parahyba hoje se lançam no Atlantico. Verdade? Mentira? Delirio de geographo? Onde os documentos pró ou contra? Não sei. O facto é que se admitte a hypothese.

Lance magestoso e concebido com tal poder de improviso, todo decorado de bambinellas geocineticas, resultado certamente dum pesadelo em que a treva se fundiu na luz, mexe com o proprio eixo do planeta. Tem alguma cousa de obscuro, surpreendente, apocalyptico. Mesmo os individuos enfronhados nessa litteratura cosmogonica, que conta a historia da terra desde o globo ardendo, com escalas pelas cordilheiras que se levantaram, pelos continentes que naufragaram, ficam tirando o chapéo ante o enunciado atrevido do sabio suisso.

A olhadela é deslumbrande. Mas Agassiz não pára ahi. E' delle tambem a theoria do periodo glacial no Equador, deduzida das ranhuras do Ereré abertas, segundo seus exames, pelo attricto dos blocos de gelo descidos dos cimos andinos em avalanches. Visão polar, elle a articula, num drama branco, sob o clarão vivo do sol destas plagas. Se ha logro, está por traz do velario. A platéa nada sabe, nada vê, nada suspeita.

Porque no assumpto sciencia, a humanidade só admitte o carapetão de pennacho, a blague desconcertante, a rodela maravilhosa, que disperse as turbas, que fulmine os simples, que assuste os anjos, que afflija os santos, que vingue a testa de Deus. Ou se mente de fórma a inquietar a côrte celeste, assombrada com o mortal que tem o topete de querer explicar nas barbas sagradas do proprio Creador do mundo como occorreram as cousas, ou não se mente.

Foi o que me suggeriu a obra mansa do sr. Augusto Octaviano Pinto. Muita historieta, muita mentirola, muita potóca, porém tudo miudinho, sem um gallo de tres pernas, ou, sequer, um ovo de duas gemmas, quanto mais uma dessas pêtas que até bolem com os nervos do Bom Jesus dos Navegantes, celicola enfronhado em geographia, em singraduras, em cabotagem, em meridianos, em logarithmos, em esparrelas, em cartas de marear, em piratarias, em bolinas, em navegação a vela e a sirga. O que ha de rompante no 1º Volume do illustre engenheiro de 2ª classe, é de terceiros, daquella gente que tem quatro macaquinhos no sotão. De maneira que se folheia o calhamaço com este axioma na retentiva: "o que é delle não bota ninguem pra diante nem pra traz; não affirma nem néga". Os conceitos anonymos, as restricções semiscarunfias, as cifras hermaphroditas, a pagelança astrologica, evocadora dum Quiron geographo — retratam o mystificador hydrographico da 2ª Republica nas margens do Guajará.

O sr. Augusto Pinto, de uma ingenuidade de mussú em divagações liquidas, principalmente no que consiste á agua do póte, só se arrisca pelos igarapés serenos, em cuja corrente tranquilla a sua ubá não vire nem se perca. Acho altamente louvavel essa prudencia. Apenas talvez seja contraproducente. O processo de apalpar enygmas do universo pelo systema dos gynecologistas, leva sempre a erros graves, porque ou se enxerga longe, ou, então, adeus Quiteria.

Do inicio ao fim do 1º volume se nos depara o refrão de Fulano disse, Sicrano viu, Beltrano pegou, reflexo do horror á responsabilidade. E nessa cantilena roufenha o astuto engenheiro transcreve o que já se resmungou sobre a Amazonia. Quando por acaso o sr. Pinto arrisca um grão de milho na trica, com ares de gallo que manda no terreiro, a decepção é de rebimba.

Que um astronomo me diga, seriamente, que a velocidade da luz das estrellas é de 75.000 leguas por segundo, e que essa luz gasta, da mais proxima dellas, um anno para chegar á terra, está direito; o arrepio me integra no calculo. Que um sabio me affirme, por exemplo, que os electrons são corpusculos 2.000 vezes menores que os átomos, sabendo-se que alguns átomos atravessam a porcelana, eu salivo, concerto o collarinho, mas engulo. Que se propale que as correntes marinhas ao longo das costas fazem os climas, reverdecendo plantas, adensando florestas, e que tudo se deve ao sol, que cria os ventos, os sapos, a claridade, os caranguejos, os bichos de pé e o sr. Octaviano Pinto, *transeat*. Que me recortem, nas linhas dum passaro monstruoso, a velha face do planeta, com a lenda dum continente naufragado, desenhado e restaurado nas cartas, acceito, não discuto; é uma fantasia, que restabelece o lindo romance dos atlantas.

São surtos á Well e á Julio Verne, mas do avêsso, que me obrigam a olhar para o passado, a recapitular episodios, a relembrar mascaras de homens e recortes de continentes vistos na delicia das viagens em mar de rosas, sonhadas na cama, ou nos sobresaltos dos pampeiros e cyclones sonhados na rêde. Cousas, emfim, que me desenervem pelo prazer que me trazem á vista, ou pela sacudidela tremenda que me agita, uteis, porém, ao equilibrio do planeta.

Emquanto o sr. Octaviano Pinto, antithese de tudo isto, representante da força estática, de uma pobreza franciscana no rascunho de suas cantigas hydrographicas, só consegue uma cousa: inocular no desavisado leitor a molestia do somno. Parece que a doença do Continente Negro, tão damninha quanto curiosa, reina em cada pagina da *Hydrographia do Amazonas*. A um simples folheio do livro, cochila-se, dorme-se, ronca-se, como se o microbio nos houvesse penetrado a propria alma.

Fóra desse flagello, percebe-se o olho do autor parado, sem um relampago, sem um lampejo, lembrando o olho da pescada morta. Nem mesmo com os matizes do arco-iris aberto no ceu, lhe occorre uma tinta nova quando brocha as superficies fluviaes. Falando em rios de aguas verdes, azues, amarellas, pretas e brancas, repete apenas o surprehendido pelos geographos coloristas. Quando facil lhe seria, a exemplo dos escriptores candidatos a Raphael, idealizar matizes novos. Um rio de agua carmim, outro de rôxa, mais outro de violeta, ali de leite, aqui de vinho, além de pipermam, acolá de cerveja attrahiriam a attenção para a sua espiritual rêde

Um romancista phylogino

E' facil presentir-se, atravez do romance intitulado *Si amas, decide por ti!*, quaes sejam as attitudes mentaes de quem o escreveu.

A ironia de que ficaram egualmente saturadas, na consciencia ou sub-consciencia do autor, as duas principaes figuras masculinas do livro — Antonio e José —, nada prova contra o idealismo, o romantismo de Custodio de Viveiros. Muito ao contrario, vale como a demonstração melhor dos extremismos a que nelle chega o hábito, a volupia da illusão, porquanto rir ainda é, será sempre, de certo, a maneira mais efficiente de se attenuar, dentro da alma confrangida, o choque brutal das realidades.

Sonhador que attente, mesmo a intervallos bem longos, para a expressão social dessas realidades, não póde fugir á fascinação das idéas libertarias. Adivinha-se o pensamento gerador da fábula que Viveiros conta. Foi a prol da união livre que elle desejou escrever.

Parece, todavia, que o atraiçoaram, em meio da tarefa, os sentimentos — a força nutriz de todo o tradicionalismo. E mallogrou-se a intenção de demolir.

Em verdade, si Heloisa, casada, se decidisse trocar o marido a quem só a prendiam convenções e leis — outros tantos artificios —, por um amante ao qual a propria natureza a destinara, o desenlace do caso que nos refere Custodio de Viveiros, teria o alcance de um postulado libertario.

E', porém, uma ligação por bem dizer accidental — de "accidente" no sentido de "desastre" — mancebia psychologicamente erradissima, que ella rompe. E como é que o faz? Indo, com reservas e pudores de authentica pucella, para os braços do homem cujo amor, ao invés de as repellir, exige as intervenções do Estado e da Igreja.

Si o libertarismo que o nome dessa obra parece annunciar, é por ella mesma contrariado e desmentido, para maior satisfação da moral corrente, da moral "burgueza", tão desdenhada hoje por ahi afóra, já o mesmo não succede com a philogynia que o referido nome de certa fórma implica e faz esperar.

Custodio de Viveiros é um amigo das mulheres, mas um amigo de verdade, sem as restricções mentaes, a compaixão mais ou menos hypocrita, os sub-entendidos e os mal-entendidos que caracterisam a personagem classica do Dumas filho.

Ahi está o que, a meus olhos, o singularisa e torna admiravel. Desdenhar do outro sexo, combatel-o, feril-o, é, para o nosso, a mais apurada de todas as elegancias, e quasi um syndroma de superioridade. Nenhum homem admittirá que o julguem indifferente a Eva. Quasi todos, entretanto, se envergonhariam de escrever sobre ellas na conformidade das proprias emoções, ou sensações. E' a Schopenhauer, não a Michelet, que essas eternas creanças, preteneciosas e contradictorias, repetem, tirando de tal incoherencia um dos principaes supportes para a sua delirante vaidade.

Custodio de Viveiros é um philogyno que não procura dissimular-se. Amando as mulheres, não procura no escarnecel-as um requinte de goso. Louva-as. Exalta-as.

Berillo Neves, esse D. Juan aggressivo, precisava de um *pendant* com feitio de réplica, de antithese.

Já o tem.

Dêmos parabens á litteratura e... ás mulheres do Brasil!

BENJAMIN LIMA.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.

Todas as garantias.

As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

ANTONIO TORRES

A direcção desta revista se rejubila por vêr novamente o nome de Antonio Torres a figurar na lista dos seus collaboradores, de que esteve afastado por tanto tempo, privando os nossos leitores daquelles incomparaveis artigos e chronicas que habitualmente nos enviava do seu posto consular na Allemanha. E essa alegria é tanto maior quando, tendo sido tal afastamento motivado por seria e longa enfermidade, o sabemos agora totalmente restabelecido e prompto a nos emprestar com a mesma frequencia e exclusividade o apoio da sua prestigiosa collaboração.

---

hydrographica. Os bohemios, pelo menos, quereriam logo proval-os, nadarem-nos e até nelles mergulharem. Nada disso, porém. Falta-lhe o sentido da perspectiva, e, sobretudo, a inventiva radiosa, util e tonitroante.

O descobrimento de Colombo confunde-se-lhe no pensamento como o mysterio da Santissima Trindade. A sua concepção potamica é de uma virgindade de vestal: não dá á luz uma fonte sequer, antes demonstra qualquer cousa de antropophago: come paranás, bahias, affluentes com a mesma facilidade com que foram comidos o bispo Sardinha e outros devotos. Na taboada, pelo sim pelo não, difficilmente vae além de cinco, á semelhança dos paumaris. Emfim, o sr. Octaviano carece ainda desse poder evocativo que anima as scenas, que povôa as telas, que movimenta as paizagens, e que traz, no final da peça, o castigo ao crime e o premio á virtude.

O investigador com scentelha dá sempre ao publico a impressão mirabolante de que sabe da póda. Do globo em fusão, elle chega invariavelmente ao conselheiro Acacio, citando novidades, catastrophes, maremotos e outros fogos de vista. Entretanto, o nobre engenheiro, nesse assumpto, é discretamente calafetado. Commentando as affirmativas ditas e reditas pela caravana de naturalistas que nos têm visitado, lá diz S. S. tomando o seu indulgente rapé: é possivel, bem pode ser, talvez fosse assim, como São Serafim, *ora pro nobis*.

RAYMUNDO MORAES.

P. S.

Isso seria um *P. S.* a juntar ao ensaio que eu escreveria sobre *Os Corumbas*, se eu fosse critico litterario. Mas como não sou critico litterario vae somente o *P. S.*.

Barreto Filho lembrou aos romancistas nacionaes a existencia de Sergipe com a publicação de *Sob o olhar malicioso dos tropicos*. Lembrou apenas, porque, se o romancista havia nascido na terra de Tobias Barreto, o romance se passava aqui pelo Rio mesmo.

A paizagem lyrica de Sergipe, os seus bondinhos poeticos que matam creanças e velhos e são incapazes de fazer mal a um adulto, as suas festas, tudo isso ficou esperando que surgisse o seu evocador.

Papel que coube a Amando Fontes com *Os Corumbas*, romance de estréa. Aliás, é o que elle menos parece: um livro de estréa. Esse romance é muito trabalhado, muito bem jogado, com um grande senso de equilibrio e o leitor desprevenido julgaria que elle fosse fructo de um romancista com alguns volumes publicados, que se fôra aperfeiçoando de volume em volume, limando defeitos e tivesse dado com *Os Corumbas* o seu melhor livro. No entanto, é o primeiro apenas. Temos em nossa frente um romancista.

*

Não o classificarei nessa ou naquella escola, mesmo porque não entendo disso. Tambem essa questão de escola e approximações deixo para os criticos officiaes, que têm a obrigação de descobrir intenções subtis no volume.

No entanto, quero notar uma coisa, *Os Corumbas* não é um romance proletario. Se faço essa annotação é porque varias pessoas têm me affirmando que Amando Fontes realizou litteratura proletaria com o seu livro.

Primeiro, acho que as fronteiras que separam o romance proletario do romance burguez não estão ainda perfeitamente delimitadas. Mas já se adivinham algumas. A litteratura proletaria é uma litteratura de lucta e de revolta. E de movimento de massa. Sem heróe nem heróes de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de immoralidade. Fixando vidas miseraveis sem piedade mas com revolta. E' mais chronica e pamphleto (ver *Judeus sem dinheiro, Passageiros de terceira, O cimento*) do que romance no sentido burguez. Ora, acontece que *Os Corumbas* é o romance de uma familia e não o romance de uma fabrica. Com heróes, com enredo, com as reticencias maliciosas da litteratura burgueza. A vida das fabricas de Aracajú, os movimentos dos operarios, suas acções, tudo é detalhe no livro, tudo circumdando a familia Corumba. Essa, sim, é fixada e perfeitamente fixada, com todos os seus membros caracterizados, marcados traço a traço, expostos ao leitor vivinhos, trabalhados por alguem que é de facto romancista.

Demais, o que o romance inspira é uma immensa piedade por esses destinos, pelos operarios de per si, dando ao leitor vontade de auxilial-os. Mas se o leitor tivesse de ajudal-os começaria pela familia Corumba que lhe desperta piedade maior. E' piedade do intellectual burguez pela miseria do proletariado. Não é a revolta do operario contra o causador de sua miseria. A litteratura proletaria se propõe incentivar a revolução dos opprimidos. O romance proletario deve inspirar o sentimento de revolta e de lucta. Fazer do leitor um inimigo da outra classe. Commover não basta. E' preciso revoltar. *Os Corumbas* commove apenas e fará talvez que um patrão litteratizado augmente o salario dos seus subditos.

O que Amando Fontes me parece ser é um escriptor populista. A approximal-o de alguem no Brasil — lá vou eu cahir nas approximações — lembraria Affonso Schmidt, o notavel prosador paulista. A mesma piedade (se bem que no autor de *Pirapora* exista uma certa revolta), piedade de artista que tem a alma aberta a todas as dôres.

*

Mas deixem-se de lado essas cousas todas e louve-se o romance. Note-se, de passagem, a descentralização do romance brasileiro, que hoje se faz na provincia, especialmente no norte (José Americo, Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Barreto Filho, e com livros a publicar: João Cordeiro, Graciliano Ramos e Heitor Marçal), fugindo da capital, regressando a fixar ambientes de cidadezinhas e de roças, procurando typos humildes e contando cousas ingenuas, interessando o brasileiro pelo Brasil.

A paizagem do livro de Amando Fontes é Aracajú, uma das mais lyricas cidades do Norte.

O romancista apanha os seus aspectos, as suas cousas, a sua gente, enche o seu livro todo com a poesia gostosa das festas alegres e quasi infantis dos bairros da capital de Sergipe.

Não sei de estréa mais marcante do que esta. Revelação de um romancista, de um criador de vidas, de um animador de homens. Dialogos bem feitos, scenas admiravelmente photographadas, um minimo de litteratura para um maximo de humanidade, eis *Os Corumbas*, romance de estréa de Amando Fontes.

E ao dobrar a ultima pagina do livro fico a revêr Aracajú, as suas praias cheias de coqueiros, os seus parques onde os casaes de namorados passeiam, as suas procissões maritimas superstíciosas e bonitas (se não houver procissão de Nosso Senhor dos Navegantes a barra fecha), os seus bondinhos sem freio, as suas novenas, toda uma paizagem que encantou os meus olhos.

Eu já fui a Aracajú duas vezes: em janeiro deste anno, num naviozinho do Lloyd e agora, no *Os Corumbas*, de Amando Fontes.

JORGE AMADO.

IMPORTANTE

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por "Ariel, Editora ltda.", quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo "Edições Ariel", na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

DE PARIS

AURÉLIEN SCHOLL

Ha poucas semanas celebrou-se o centenario do nascimento do homem que foi, durante mais de quarenta annos, o rei do boulevard e o mestre da chronica, naquella época, que hoje nos parece longinqua, em que ainda existia o boulevard e em que a chronica occupava nos jornaes os melhores logares.

A providencia não faz coisa alguma no ar. Concedendo a Aurélien Scholl (mesmo sem consultal-o) o nome de um imperador romano, ella o destinava evidentemente a reinar no vasto dominio da chronica, do *echo* e das noticias ligeiras. A Aurélien Scholl nada restava senão escrever em todos os jornaes e não ser caceteador em nenhum delles. Foi por isso que elle se distinguiu, desde os primeiros artigos, entre a maioria dos jornalistas de seu tempo, sem falar nos do nosso.

Nascido a 14 de julho de 1833, filho de um tabellião, desde os quinze annos Scholl escrevia nos jornaes de Bordeaux, e publicava no *Echo Rochelais* bizarros rodapés, em verso, com tendencias nitidamente socialistas. Foi esse caldeamento imprevisto o seu primeiro paradoxo. Logo que se bacharelou, assalta-o a idéa fixa de ir para Paris. O velho tabelião, logo que soube do projecto, oppôz-se categoricamente á idéa. Mas Scholl resolveu partir mesmo sem consentimento da familia. Obteve da irmã um pequeno emprestimo de seiscentos francos e, sem muito barulho, deixou Bordeaux, não de trem, mas pela diligencia, e fez assim uma longuissima viagem de muitas e muitas etapas.

Em Paris, num instante desapparecia o dinheiro trazido. Quando viu no bolso a somma exacta da passagem da volta, regressou á casa paterna, de cabeça baixa, pensativo. Esperava uma recepção tempestuosa, mas o notario contentou-se em dizer-lhe: "Pódes voltar para Paris: durante cinco annos receberás uma mezada de duzentos francos; depois, tens que te arranjar como puderes." Aurélien voltou.

Escreveu varios artiguetes no *Corsaire*, jornal especialissimo, que tinha em relação aos seus redactores uma linha de conducta que sempre fez questão de manter: ou os pagava mal, ou não os pagava. Aurélien Scholl, num caiporismo terrivel, chegou a Paris no momento do golpe de Estado de 2 de dezembro, exactamente na occasião em que todos os jornaes tinham sido suspensos. Esperou pela volta da calma politica. Poude, emfim, estrear sériamente num jornal fundado pelo conde de Villedeuil, cujo titulo mudava em parte conforme os dias da semana: *Paris-Lundi*, *Paris-Mardi*, etc....

O joven Aurélien Scholl conheceu logo a notoriedade, depois a celebridade e, afinal, a gloria.

Com vinte annos publicava seu primeiro livro, *Lettres à mon domestique*, que trazia a seguinte observação, á guisa de prefacio: "Um livro de estréa é, em geral, um máo livro; declaro que não quero deixar a ninguem o direito de não adquirir o meu segundo trabalho: devolverei a importancia deste livro, pela volta do correio, aos leitores descontentes que m'o mandarem de volta." Feliz época aquella, em que bastava uma plaquette de 130 paginas e uma declaração impertinente para attrahir sobre um estreante a attenção do publico! Ninguem, aliás, devolveu a brochura, que se tornou hoje raridade bibliographica. Scholl escreveu, depois, num jornal de titulo escandaloso, *La Naïade*. O jornal tinha a tiragem de 500 exemplares; delles, 300 eram remettidos aos cafés para justificativa de inserção de annuncios, e 75 a diversos estabelecimentos de banhos. Esses 75 numeros eram impressos em borracha, de modo que os banhistas podiam mergulhar o jornal na agua, sem que se inutilizasse o exemplar. Scholl tornou-se redactor da folha, que, aliás, desappareceu cedo — talvez afogada!

O conde de Villedeuil chamou-o então para *L'Eclair*, onde Edmond e Jules de Goncourt deram os primeiros passos nas lettras, e onde collaboravam Baudelaire, Murger, Théodore de Banville. Mas a pobre revista durou pouco. *L'Eclair*: um nome bem collocado, sem duvida...

Já agora Scholl collabora no *Mousquetaire*, dirigido por Dumas, e tambem em breve desapparecido.

A litteratura não se tornara ainda o officio dos homens que não davam para coisa nenhuma. *Mesmo* com talento era possivel entrar facilmente num jornal.

Cançado já de ver desapparecerem successivamente todos os jornaes em que collaborava, Scholl pensou ser mais seguro do que escrever em jornaes alheios fundar um jornal proprio. Em 1853 appareceu *Le Satan*, que conseguiu publicar 28 numeros! Scholl escreve então por toda a parte, e é a um tempo chronista social, novellista, redactor, e o atrevimento com que então desenvolvia suas polemicas valeu-lhe um bom numero de inimigos. Longe de temer esses inimigos, Scholl parecia ao contrario preoccupar-se em multiplical-os, e, se por acaso fosse possivel contal-os, seria preciso compulsar todos os seus volumes, desde as *Lettres à mon domestique*, apparecidas em 1854, até o ultimo livro, *Poivre et Sel*, que surgiu em 1901. O theatro de Scholl é tambem importante. *Rosalinde*, sua primeira peça, foi representada na Comédie Française e a ultima, *La danseuse de corde*, foi enscenada no Theatre Libre em 1892. Mas os grandes successos de Aurélien Scholl são os seus livros de 1887: *Esprit du boulevard*, *La Farce Politique*, *Les Coulisses* e *Paris en caleçon*.

O homem de espirito é raramente imparcial e assim é que a phrase de Zola que chama Scholl de *Bourgeois devoyé* póde ter o espirito do vocabulo, mas não tem certamente a livre e alta desenvoltura da intelligencia. "Não conheço — accrescentou Zola, no dominio do pensamento, homem mais extraordinario, de cerebro mais espesso que esse elegante e espirituoso cavalleiro da anecdota." Scholl tambem atacou Zola com sarcasmos crueis, e não perdoou nunca as phrases severas do romancista de *Fécondité*. "Monsieur Zola, dizia elle, teve a audacia de pôr no papel branco coisas que antes delle só se punham em papel impresso."

Eis alguns exemplos das phrases de espirito de Aurélien Scholl, que ha muito correm mundo:

— Scholl, assistindo ao enterro de um politico, dizia, ageitando o monoculo: — "Seu melhor discurso foi o que pronunciaram ante seu tumulo."

— A. Scholl conta que um medico possuia uma cliente que fôra enterrada viva, em somno lethargico. Desculpava-se assim, o esculapio: "A

culpa não é minha: a menina representava tão bem o papel!"

— Falava-se deante de Scholl de uma certa Mme. M. Alguem dizia: "— Ella decidiu fechar a porta a todas as mulheres que dão que falar." "— Diabo — exclama Scholl — como fará ella para entrar em casa?"

— Alguem perguntou-lhe se acreditava em Deus. "Mas não todos os dias", respondeu elle, após ligeira hesitação.

— Jantar á noite. Fala-se da ausencia de um dos membros mais assiduos de reuniões elegantes. "— X... não vem mais, disse um dos convivas, por que está muito doente e anda meio cacete." "— Meio? interrogou Scholl. Então está melhorando..."

— "Gosto muito dos trabalhos scientificos, porque instruem; não os leio nunca, porque me aborrecem."

— Observação de dia de chuva: "Observo que a lama de Paris faz manchas brancas nas calças pretas e manchas negras nas calças brancas."

— Envelhecendo, Scholl dizia melancolicamente a Henri Rochefort: "E' o diabo: a partir dos quarenta annos, os annos não tem mais do que seis mezes, e a partir dos sessenta, não passam de seis semanas.."

— "A providencia arranjou mal as coisas: assim, eu preferia muito mais que enterrassem minha alma e que meu corpo fosse immortal."

Uma coisa, na realidade, permaneceu immortal em Aurélien Scholl, foi o seu espirito. Entre os principes da chronica parisiense paira a propria encarnação do espirito de Paris; naquelles tempos, como hoje tambem, havia muitos mediocres, que talvez fossem mesmo em maioria, mas havia tambem muitos escriptores notaveis. Nenhum delles, em todo caso, poderia disputar o primeiro logar ao mestre do jornalismo que foi Aurélien Scholl, um homem que pôz tanta obstinação em ter espirito emquanto seus confrades faziam questão absoluta de não o demonstrarem...

MARGUERITE PICARD-LOÉWY.

NOVIDADE:

Esthetica dos Sons, Côres, Rythmos e Imagens

(de ALBINO ESTEVES)

(Indispensavel aos principiantes em litteratura)

Nas livrarias:

Alves - Freitas Bastos - J. Leite

no Rio de Janeiro

CANÇÃO INDOLOR

Tenho vontade de nada,
de tudo, de nada,
de não ser ninguem

Tenho vontade de ter
uma vida differente
que no mundo ninguem tem.

Eu quero um sonho
que não seja tão vago
como a vida real.

Um sonho verdadeiro
menos apparente
menos carnaval.

Quero uma existencia
(outra existencia)
que não seja vã.

Um mundo melhor
uma vida nova
um nascimento sem dôr.

D. MILANO.

Adhemar Vidal — **1930** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Muito bem trabalhada esta historia da Revolução na Parahyba. Escreveu-a, com a mais absoluta lealdade de documentos e argumentos, alguem que foi parte de destaque em muitos e muitos dos factos evocados. E' um testemunho as mais das vezes directo e, consequentemente, de uma absoluta precisão. São numerosos os discursos e proclamações politicas intelligentemente arrolados e seguidos sempre de commentarios perspicazes. Particularmente, toma o livro um relevo por assim dizer épico quando intervém essa complexa, essa singular figura de João Pessôa, sobre a qual o autor transcreve uma pagina, sem duvida decisiva, do sr. Epitacio Pessôa, em carta dirigida ao sr. Alcebiades Delamare. Não perderá tempo quem de novo percorrer, com este guia intelligente e persuasivo, os principaes lances da campanha que se estendeu aos mais longinquos recantos nordestinos, inflammando essa gente de psyché atormentada e nobre que o sr. Adhemar Vidal, no introito do livro, define com uma agudeza de verdadeiro sociologo.

Leonidio Ribeiro — **Medicina Legal** — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Professor da Faculdade Fluminense de Medicina, docente da Universidade do Rio de Janeiro, e director do nosso Instituto de Identificação, o sr. Leonidio Ribeiro apresenta-nos um grosso volume em que se congregam os seus melhores trabalhos de mestre e expositor nos arduos recessos da Medicina Legal. Criteriosamente louvado pelo sr. Afranio Peixoto, que vê nelle um innovador destemido, intelligentemente modernista sem quebra de respeito ás verdades scientificas merecedoras de sincero respeito, o illustre medico offerece-nos, em conjuncto bem harmonizado, as lições e as conferencias que mais concorreram para cercar-lhe o nome de seguro prestigio. De quanto escreve nada é negligenciavel. Mas, tratando-se de livro para brasileiros, parece-nos natural que se dê maior attenção á parte em que é historiada a evolução da Medicina Legal em nosso paiz, reverenciando-se os pioneiros e os mais avançados executores num terreno em que por vezes era necessario investir contra falsos dogmas enfuriados pela ignorancia ou pela rotina.

C. H. Liberalli — **Idéas actuaes sobre a chimica das vitaminas** — Papelaria Rio Branco — Rio, 1933.

Conferencia pronunciada por occasião da commemoração do primeiro centenario do ensino pharmaceutico, em São Paulo. O autor, notavel chimico industrial e professor sempre em dia com a sua especialidade, já ligou o nome a um concurso brilhantissimo, em que se mediu galhardamente com adversarios que eram egualmente bellas expressões de cultura e proficiencia didactica. Neste opusculo de quarenta paginas, tão incisivo quanto expressivo, fornece-nos elle a summula de todos os seus estudos a proposito de uma das questões que mais apaixonam a sciencia moderna, ou seja a questão das vitaminas, especialmente nos seus aspectos chimicos. A exposição é tão accessivel que mesmo os leitores alheios ás indagações de laboratorio entendem perfeitamente tudo. Tratando-se de uma conferencia para numeroso auditorio, de categorias varias, o sr. Liberalli evitou qualquer exhibição pedante de conhecimentos puramente technicos e nisso o deve ter ajudado o gosto pela clareza, que o tornou um desses mestres que os alumnos ouvem sem cochilar ou sem desforrar-se da maçada através de interrupções humoristicas.

"DEUS LHE PAGUE"

Ha bastante tempo não temos noticia de um successo em materia de theatro no Brasil igual ao que Deus lhe pague *vem alcançando. De facto, a peça do sr. Joracy Camargo é uma realização seria, uma realização atrevida mesmo, em meio á media das nossas comedias e autores.*

Faz-se necessario salientar nesta nota o nome dos srs. Alvaro Moreyra e Henrique Pongetti (Adão, Eva e outros membros da familia *e* Historia de Carlitos) *que tentaram algo de serio no nosso theatro. Foram acostumando o publico, viciado nas chanchadas dos nossos pseudo-comediographos.*

Deus lhe pague *é uma peça de these, de inquerito, onde se pergunta e onde se responde. Uma comedia de vanguarda, decidida, onde verdades duras são ditas. Chamaram-na de peça revolucionaria. E' sem duvida uma peça da esquerda. Isto é: uma peça actual. Pela primeira vez, no Brasil, o problema economico é discutido no palco de um theatro. A grande luta do seculo entre operarios e patrões apparece deante do publico nessa peça. Decididamente uma realização atrevida. Antes de louvar a interpretação de Procopio e dos seus artistas, diga-se que a comedia do sr. Joracy Camargo nos dá esperanças de que desappareçam dos nossos palcos as eternas historias das sogras perseguindo genros e lacrimosos dramalhões portuguezes...*

Retratos de uma geração

Numero 1: — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

O poeta Schmidt é o ultimo representante de uma geração que tem como pioneiros o poeta Manuel Bandeira e o romancista Oswald de Andrade.

Essa geração sahiu do symbolismo da geração de Alvaro Moreyra, sem contactos com este escriptor e caracteriza-se pela inquietude. A inquietude vem da falta de ingenuidade creadora e de uma demasiada auto-critica. Eu tenho impressão que ha um inexplicavel convenio, um compromisso estreitando os homens dessa geração.

Uns trabalham para os outros, sabendo dos gostos reciprocos, fechados no dominio de uma intelligencia particular como se elles vivessem num parque que não é um Parnaso mas um parque de diversões... ..

O poeta Augusto Frederico Schmidt fécha essa geração.

Elle é gordo e muito poeta. E foi como gordo e poeta que elle entrou na vida. Depois veio a livraria catholica, a casa de edições e finalmente o integralismo.

Schmidt como Baudelaire acredita no Peccado. Vive porque é peccador.

Não é seu Deus Israel que lhe deu o nome, Ogum que lhe deu a côr, nem Jesus que lhe deu a inspiração. E' seu Deus o Demonio, o demonio do Peccado-trahidor e ladino perseguindo os seus adeptos como uma mulher apaixonada, como um morcego.

Schmidt ouviu uma vez o conego Rezende dizer que o peccado engendrou o Mal no ventre de uma caverna. Suou frio. Foi visitar o Grieco. Precisava de um homem lavado de mysticismo para consolo. Agrippino Grieco estava lendo a Divina Comedia, uma edição com illustrações de Gustavo Doré. Schmidt ficou apavorado vendo o Inferno. Agrippino riu-se a grande de seu amigo gordo e quiz convencel-o das vantagens do Inferno. Não houve nada que tirasse os tormentos do Poeta. E elle sahiu da casa de Agrippino para escrever esses versos tão sinceros do *Navio Perdido*:

> "Tenho medo de mim
> tenho medo dos desejos que gritam em mim
> tenho medo das fascinações graves que soffro".

Passou então o Schmidt uma semana chorando, consolado unicamente pelo Francisco Karan e pelas *Illuminações* de Rimbaud. Karan e Rimbaud são duas grandes influencias na poetica de Augusto Frederico Schmidt. Passam-se alguns tempos, e o padre Leonel Franca tomou a si a incumbencia de acalmar as desgraças do poeta. Explicou que o mal, o peccado, desde que fosse empregado a bem da Igreja e das classes conservadoras, não era propriamente um mal. Razões metaphysicas havia muitas que salvariam o Schmidt... Schmidt beijou as mãos do padre e foram jantar os dois com o Tristão de Athayde, que aliás nesse dia estava muito engraçado. No jantar Schmidt aproveitou o ensejo e leu estes versos que são de facto magnificos:

> "Quando eu morrer o mundo continuará o mesmo.
> A doçura das tardes continuará a envolver as cousas todas,
> Como envolve agora neste instante,
> O vento fresco dobrará as arvores esguias
> e levantará as nuvens de poeira nas estradas...
> ....

O poema que começa assim e que termina dizendo:

> "Sinto porém, agora, que o mundo sou eu mesmo
> E que a sombra descerá por sobre o universo vasio de mim
> Quando eu morrer..."

foi offerecido ao Tristão; o jantar terminou beatificamente e ninguem poderia pensar que o povo annos depois respondesse á melancolia biblica do poeta, com a ironia materialista de um sambinha que todos nós conhecemos:

> "Quando eu morrer
> não quero chôro nem vela,
> quero uma fita amarella
> gravado com o nome della!"

Ha, portanto, actuando no poeta Schmidt, um dualismo terrivel: o amor do Mal e, o medo do Mal.

O poeta precisa peccar para sentir a vida. Mas como o peccado é uma cousa inventada pela classe do Schmidt, elle está na obrigação de pagar os peccados que commette porque Deus todo poderoso e thesoureiro da classe não admitte fiados.

Veiu dahi essa coisa que muitos não comprehendem no gorducho poeta da rua Sachet — a conciliação do grande lyrico com o grande barão dos negocios.

E' que elle não podendo levar a virgindade de uma fita de primeira communhão á Madona, ficou no dever de levar outras fitas á igreja, mesmo outras cousas que não sejam fitas, como por exemplo a camisa oliva do integralista Salgado e o dolman de coronel reformado do legalista Leitão de Carvalho.

Dessa dualidade soffre sobretudo a cidade do Rio de Janeiro. Porque se o Schmidt fosse um unico — o poeta, seria o poeta desta cidade, das finalidades sensuaes e mysticas deste povo carioca. Seria um novo Bilac (não me refiro ao Bilac o poeta dentro da poesia que elle fez, mas ao Bilac amado por uma geração como o poeta typo de sua epoca), um Bilac maior. Para Bilac chegou a rua do Ouvidor. Para o Schmidt ahi tem a Avenida Rio Branco, a avenida Beira Mar, o Mangue, a rua Marechal Floriano, tirando-se della o Itamaraty.

Seria o gordo, grande e real Schmidt que escreveu isto:

CARNAVAL

> Foi só o que me ficou deste Carnaval —
> A amargura enorme da morte do chefe do cordão "Mulher é
> [triste o meu fim".
> Elle era a alma carnavalesca da Estação do Encantado.
> Empenhara completamente
> Para que o seu cordão fosse o mais bonito na segunda feira.
> No trabalho, antes dos dias da folia chegarem, cerrava os olhos
> [e via —
> A multidão pasma da Avenida applaudindo com enthusiasmo o seu
> [cordão
> Ninguem terá amado jamais como elle amou as côres do "Mulher
> [é triste o meu fim".
> Era capaz de matar até em defesa de seu adorado cordão.
> A chuva descia impiedosamente, o cordão vinha para a passeiata
> [da Avenida.
> E foi quando o trem entrava na Estação Pedro II
> que elle pingente, cahiu sob as rodas e morreu
> diante dos companheiros attonitos.
> Mas eram grandes as despesas já feitas.
> E o cordão teve que ir sem elle.
> Só elle não foi...
> Ficou rigido estendido num marmore de necroterio.
> Era a alma carnavalesca do Encantado, orae por elle!

James Aston — THEY WINTER ABROAD — Chatto & Windus — London — 1932.

Muitas vezes um livro nos vem ás mãos por méro acaso; apanhamol-o em cima de uma mesa, afim de quebrar um instante de monotonia ou disfarçar uma attitude estouvada, ou, então, recebemol-o como um enveloppe que não era esperado e que não nos diz nada, ou ainda, compramol-o emquanto aguardamos alguem. Livros encontrados assim, folheamol-os distrahidamente, sem pensar no que estamos fazendo. São livros destinados a passar por nós como um omnibus, como um chuvisco, como uma pessôa com quem esbarramos na rua; passam e são esquecidos. No emtanto, ás vezes, deixam no subconsciente uma impressão mais forte, que mais tarde percebemos novamente, com espanto primeiro, com curiosidade logo após. Quando assim é, e se nos sobra tempo, voltamos a lel-os, e elles acabam sendo para nós realmente *livros*: uma coisa que diz com nossa vida, com nosso pensar, com nosso sentir.

They Winter Abroad chegou assim ás minhas mãos. Creio que nem cheguei a folheal-o. Trazia elle, entretanto, uma sobre-capa colorida, maluca: azul, amarello, vermelho e verde; como se pintada em aguarella por mãos de creança, representava dois gordissimos cupidos segurando-se pela mão, tocando corneta, a se balançarem no ar como balões de São João. Essa capa fez-me ler o livro. E o livro? O livro... O livro é uma finissima satira aos inglezes que passam o inverno na Italia.

Encontramos nelle typos inconfundivelmente britannicos, no emtanto differentissimos entre si. Disparatados ao extremo, acham-se todos reunidos, para uns tres mezes de inverno, no Hotel Santo Biagio em Positano, que tem linda vista sobre a bahia de Napoles, e onde, sob o olhar complacentemente critico do proprietario do Hotel, elles se entregam aos seus maneirismos, aos seus habitos, aos seus vicios e ás suas manias. Lá encontramos miss Albino, presidenta da sociedade protectora dos animaes que busca na sua dedicação aos bichos o consolo de uma vida atravessada por um unico amor, o do seu cãosinho Peeko, já fallecido, o pobrezinho... Vemos como miss Albino, tão mesquinha, tão maldizente, tão malvada, chega a ser heroica na defesa dos amigos mudos do homem.

Somos apresentados ao Dr. Arnold Browne, casado, que, debaixo de um puritanismo pomposo, esconde a mais desenfreada lubricidade; a Miss Prune, tão innocente, tão perfeita, tão *jeune fille* modelo, a quem o Dr. Arnold revela a sua verdadeira natureza: um temperamento audacioso e avido; a Mr. McInvert que, não tendo coragem para viver e proclamar a sua natureza ambigua, suicida-se; a Mr. Pupillary que, a cabeça cheia de classicismo e — pensa elle — de experiencia, deixa o seu coração leval-o numa corrida doida atraz de uma italianinha de olhos brilhantes e sorriso provocante, e finalmente, ao Professor que não perde uma unica occasião de philosophar em voz alta e de deitar sciencia.

O autor, que não conhecemos, e que o editor avisa estar se escondendo debaixo de um novo nome (pois já publicou dois outros livros de sucesso), sentimol-o, adivinhamol-o em Mr. Pupillary e no Professor, cheio de sceptica philosophia, ao mesmo tempo que de enthusiastico lyrismo. E elle nos agrada assim, com essa sua paixão audaciosa presa aos pés de barro da sua observação logica. E' bem o drama da época, dos vôos destemidos da imaginação constantemente refreados pelo scepticismo resultante da realidade objectiva.

Tudo isto num estylo scintillante, limpido, de arestas vivas e reflexos inesperados, um estylo a que gostariamos de chamar de *glacé pillée*.

JACK SAMPAIO.

Seria o verdadeiro Schmidt que anda de manhã pela cidade, com sua cara para o ar, recebendo beijos de tudo, magnifico na grandeza de sua gordura, do seu "nãomimportismo" carioca, carioca de mais.

Não seria esse falso Schmidt que anda pelos ministerios procurando importancia. Esse Schmidt que chegou ao cumulo de parar na porta do Jockey-Club em companhia de Humberto Gottuzzo. Esse Schmidt que se esforça para ser escudeiro de homens importantes, que toma ares de sacristão bisbilhoteiro, que quer ser commendador como o Raphael Pinheiro.

Esse Schmidt esquecido do tempo em que vendia vinhos e madeiras em Ponta Grossa, esquecido do tempo em que fazia balladas para as coristas do velho Recreio Dramatico, balladas dignas de François Villon...

E que magnifico François Villon *criollo* não seria o nosso gordo Augusto Frederico Schmidt o poeta, que foi esquecido na famosa lista dos cem melhores da lingua portugueza e que é no emtanto o unico poeta novo do Brasil que possue "grandeza universal".

E. DI CAVALCANTI.

Leiam:

T. S. MATTHEWS
A CAMINHO DA FÔRCA
(Trad. de GASTÃO CRULS)

DOMINGO

Manhãzinha. O sol vem vindo.
Ha cigarras que chiam no quintal.
Devagar (nem acordo os meus filhinhos...),
escancaro as janellas da varanda
para o gozo da hora matinal.

Em cavallos andadores,
vão passando colonos pela rua.
Blasphemam, dizem nomes,
sem odio nem maldade:
"Maledetto, Sacramento!"
E vão á igreja da cidade,
para a missa e ouvir o padre...

Vibram sinos
no crystal da manhã limpida e fresca
os sinos, bimbalhando,
dão a idéa de que é a luz que está vibrando.

Domingo!
Como é bom o domingo nesta Serra,
quando a gente sente a vida
na bondade dos simples,
na manhã feminina que convida
a bem querel-a,
no epinicio das cigarras pelas frondes,
na patena do sol que vae subindo,
na algazarra infantil que vem dos sinos!

OLMIRO DE AZEVEDO.

Dynamismo Litterario

Em nenhum paiz do mundo, a arte e a litteratura se têm manifestado com os signaes caracteristicos da França. Vem da cidade e das colonias uma onda de inquietude, cujos sáes differentes trazem nova substancia lyrica, exprimem renovação integral e avidez de doces alegrias. O sentimento de liberdade se amplia e a litteratura se confunde com a vida social, que luta para estabelecer o plano definitivo da civilização. Em que consiste esse plano? A curiosidade da intelligencia invade todos os dominios da fantasia e da technica, da arte e da politica, da sensibilidade e da sciencia, determinando novas conquistas no tempo e no espaço. Essa inquietude é indefinivel. Sabemos que ella póde determinar a insurreição do espirito collectivo, miragens, sonhos, idealismos, que fatalmente se converterão em idéas-forças. A litteratura européa, conforme o depoimento de Crémieux, será forçada a definir-se politicamente, ou evocando, pintando, explicando a grande crise, ou definindo os valores sociaes do capitalismo, do communismo e do machinismo.

O exame de toda essa materia universal, a selecção dos principios de força e a pesquiza tenaz, clara e positiva dos elementos obscuros que se agitam no fundo da philosophia politica do seculo, pertencem á litteratura. Nenhuma religião detem o homem na escalada do após-guerra, nenhuma paixão intellectual o desvia da baixa materialidade em que se abysmou e de onde não consegue se libertar. E' certo que a mocidade fala em "planos", "movimentos", "reacção", "espirito", "ordem nova", mas o dynamismo litterario representa apenas um engenhoso processo de illusão collectiva. Recentemente, Benjamin Crémieux revelou-nos o estado de espirito da França pelo estranho acolhimento dispensado ao livro nihilista e revolucionario *Voyage au bout de la nuit*, em todos os sectores intellectuaes daquelle paiz. Novella realista, ella agita scenas da guerra, da vida colonial no Congo belga, nos suburbios miseraveis de Paris, e logo as substancias toxicas da obra e a acidez pamphletaria do autor encontraram apaixonados encomios de Paul Valéry, Léon Daudet, André Maurois e Lucien Descaves. *Voyage au bout de la nuit* é a ficção litteraria transplantada para a economia politica. Entrou em moda a piedade — falsa piedade, não nos illudamos — pelas massas humanas collocadas a serviço da terra e da machina, como se fosse cousa possivel uma perfeita egualdade social. A incandescencia trabalhista, soprada e explorada em todas as direcções, acabou por se constituir um esplendido thema para os romancistas ganhadores, profissionaes da emoção, famintos de ouro e gloria. E, assim, as guerras e as crises, que não passam de estados de facto, transfiguram-se em obras satanicas do capitalismo, com as suas "explorações impositivas" e o resto. Evidentemente, a litteratura e a arte encerram objectivos mais elevados que esse de servir aos interesses limitados de escriptores de solerte misanthropia. A litteratura oriunda de taes perfidias e ambições, a arte que se mostrar disposta a estabelecer linhas divisorias entre a civilização e o capitalismo, os devoradores implacaveis do enthusiasmo generoso da mocidade, esses produzem umas simples impressão de desalento ou fragilidade. A inquietude mental da França cresceu com o phenomeno da crise. Da geração modernista, perplexa ante a violencia das competições politicas, economicas e sociaes, que despertaram a propria Asia do seu longo sonho esoterico, vêm alguns movimentos indecisos, destinados a se desfazer ao contacto das realidades actuaes. O espirito universal estende-se assim em perspectivas sombrias, e os pensadores e artistas de todos os matizes se agitam, sem bussola, sob a tormenta de aspirações e necessidades inferiores. Não tenhamos receio de affirmar que a litteratura está reduzida a um papel secundario: servir aos interesses da politica, e occultar-se envergonhada das suas forças creadoras. A arte pela arte, o romance de these, a novella inspirada em planos moralistas, o verso galante vivem apenas como traços de épocas extinctas. A civilização, que repudiou o espirito litterario, perde-se na declamação de fórmulas politicas capazes de dar novos itinerarios ao mundo...

BEZERRA DE FREITAS.

Ronald de Carvalho — **Rabelais et le rire de la Renaissance** — Emile Hazan, éditeur — **Paris.**

Deste trabalho já o *Figaro*, um dos mais prestigiosos diarios de Paris e certamente o de melhores tradições culturaes, teve ensejo de dizer que foi a mais expressiva homenagem prestada a Rabelais por occasião das festas centenarias com que recentemente o homenagearam em França. Elogio indiscutivelmente merecido. Porque o nosso patricio Ronald de Carvalho possue uma cultura de humanista e uma perfeição de arte litteraria que o põem á altura dos ambientes mais difficeis na intelligencia de qualquer latitude. Versando varias linguas com uma pureza de comprehensão e creação que não é a correcção banal dos criados de transatlanticos, póde elle falar directamente a quantos ainda se embeveçam na leitura dos classicos, por isso que tambem os versou longo tempo, com mão diurna e nocturna. Muitos, em recordando os ardores revolucionarios com que o poeta de *Toda a America* se insurgiu contra uma aviltante sujeição aos textos mortos, são capazes de crer que o sr. Ronald de Carvalho despreze os escriptores de outros seculos, aquelles que um detestavel chavão academico, muito grato aos fosseis do Petit-Trianon, classifica de "escriptores de antanho". Mas não é absolutamente assim. A publicação deste *Rabelais et le rire de la Renaissance* vem evidenciar quanto o mundo das bibliothecas é familiar a esse brasileiro que, de autores antigos e modernos, procura apenas extrair vida, belleza, espirito em movimento. E quão rico é o accrescimo que esse homem de imaginação leva sempre aos escriptos que interpreta! Como, por exemplo, o velho, o esfalfado Rabelais, tão explorado por alguns verdadeiros criticos á Sainte-Beuve e por dezenas de criticastros sordidos, sáe rejuvenescido das paginas do prosador que tão moço ainda lançou a mais legivel das nossas historias litterarias e compôz no *Espelho de Ariel* uma deliciosa anthologia de estudos de artes e lettras! Muito justos, portanto, os elogios que a proposito desta admiravel exegese rabelaiseana fez ao sr. Ronald de Carvalho o notavel escriptor Luc Durtain.

A. G.

O CINEMA

Corriam os dias do collegio como os de sempre, dias compridos de aula, horas lentas de estudo. A chuva nos prohibia da nesga de terra do nosso recreio, trancando-nos á força na sala de jantar. De noite não se botava a cara de fóra. E a enredada e o mexerico encontravam campo preparado nestes ajuntamentos. Eu estava mal com João Cancio, Pão Duro, José Augusto. Falava com Heitor, que agora sem Coruja eu escolhera para amigo. Uma substituição medíocre, porque Heitor não valia grande cousa. Mentia muito, contava grandezas do padrinho. Só falava de Timbaúba, de Olinda, do Recife. Tinha orgulho destas viagens.

Desde que chegara ao collegio ainda não tinha apanhado nem uma vez. Comprehendia melhor as lições. Não me expunha demais aos elementos. Resguardava-me das iras do director, dissimulando-me melhor. O collegio vivia, agora, sob as impressões do cinema: tinham botado um cinema em Itabaiana. A's terças e aos domingos pagava cada um quinhentos réis para o espectaculo da noite. Invenção maravilhosa esta, que nos ajudava a levar o tempo, a furar os mezes com o pensamento nas fitas. Vimos *Os Miseraveis* do começo ao fim. Jean Valjean era um grande, com aquelles dois revolveres nas barricadas, aquelles cabellos brancos, aquella força de gigante compondo para nós o maior homem do mundo. Levamos semanas seguidas com este romance nos agitando, a nos arrastar para um mundo de homens grandes demais e de homens pequenos como viboras. O chapéo de Javert, a vigilancia de cão de seu faro perseguindo o justo, o santo que era Jean Valjean, nos inimizavam com tudo quanto era secretas, policias, defensores da ordem. A historia toda arrebatava a nossa imaginação para os perseguidos, para os que roubavam porque tinham fome, para os que protegiam os pobres ou morriam nas ruas pela liberdade.

O cinema de Chico Sota tremia como um velho. A mulher delle tocava piano, umas valsas penosas para os dramas, umas marchas ás carreiras para as traquinagens de Bigodinho. Totolino soffria o diabo nas fitas da Pathé. Lembro-me do *Grande Industrial*. O sujeito tinha um chapéo de palha de abas grandes, a mulher andava a cavallo. Foram passeando um dia e ficaram trancados numa especie de fortaleza. Um pastor que tangia os carneiros tinha visto os dois entrarem. Mas esqueceu-se delles depois, trancando uma porta muito pesada. Ficaram presos lá dentro. O sujeito saltou do muro alto em baixo.

Havia outra fita, *A Vida de uma Rainha*. Ella foi degolada. O carrasco, baixinho e gordo, e a pobre com os olhos bonitos olhando para o povo. Quando o cutello caiu no pescoço della, o piano gemia uma valsa que eu nunca mais esqueci. Chorei naquella noite. D. Emilia tambem chorou. De volta o director commentava:

— Soffreu muito Maria Stuart.

E D. Emilia, queixando-se:

— Não gosto de fitas assim. A gente vem se divertir e acontece uma cousa destas — com uma voz ainda humida das lagrimas. A chuva tambem nos estragava o cinema. Ficava aos domingos a espreitar o tempo, com medo das nuvens pesadas. Quando amanhecia chovendo, passava-se o dia inteiro com o receio do cinema perdido. E as chuvas de julho não davam treguas, não respeitavam ninguem. De castigo, no quarto do meio, consumia as minhas horas de encarcerado olhando as resteas, informando-me do que havia sobre o tempo pelos pedaços de sol que as telhas de vidro espalhavam no quarto. De repente clareava. Muito alegre para este signal de estiada que chegava. Durava pouco o jubilo, porque uma nuvem pesada escurecia tudo de novo.

E ia assim até de tarde. O director chegava na porta da rua, olhava para cima, tomando tenção das cousas, e nos mandava vestir.

A's vezes, porém, de roupa já mudada, vinha uma pancada dagua para nos atrazar. O velho temia a chuva de longe. A sua asthma ensinara-lhe cautelas rigorosas no inverno. Uma vez quasi que perdiamos uma parte dos *Miseraveis*. Jean Valjean naquella noite tinha uma grande cousa a fazer. E a chuva cantando nas biqueiras. O Director mandou um recado ao Chico Sota para que só principiasse o cinema depois da chuva estiada.

Doutras vezes o velho aborrecia-se de veneta, e o cinema ficava para a outra noite. Deixava-nos assim com fome de sensações. Dormiamos enervados para uma segunda-feira de aulas com lições erradas.

O cinema já nos era um incitante sem o qual não podiamos passar. Levavamos a semana discutindo as fitas, commentando os enredos. Corrigiam-se attitudes, emendavam-se situações, aprendiam-se mesuras da sociedade. Havia mulheres tentadoras vestidas na ultima moda, bem differentes das mulheres que viamos na vida. Tudo era differente naquellas existencias. Os homens tinham outros modos. As mulheres sahiam sózinhas de casa. Vira uma, brigando com o marido, dizer-lhe com a maior simplicidade deste mundo: "Vou para a America!", como tia Maria diria: "Vou alli ao sitio do seu Lucino." A gente daquelles lugares era mesmo de outro planeta.

As comedias obrigavam-nos, no entanto, a não acreditar em tudo o que viamos; cahiam casas enormes em cima de Bigodinho, e elle nem como cousa, sahindo dos escombros sem uma costella partida. Davam-lhe tiros; parava trens com as mãos; despencava de alturas immensas e levantava-se faceiro. Essas aventuras comicas estragavam a seriedade com que queriamos commentar os filmes. Tudo alli era mentira. Jean Valjean não levantara aquella carroça com um menino debaixo, não arrombara os ferros do esgoto. Ninguem podia firmar uma opinião e dar uma cousa de fita como prova.

— Você vai atrás de cinema? Aquillo é fita mesmo.

"A gente vem se divertir", dizia d. Emilia. E o cinema só devia ser mesmo um divertimento.

Uma nota curiosa: não me faziam medo os defuntos da tela; podia vêl-os á vontade, sem receio. E no entanto chorava nas fitas tristes. Vira rolar a cabeça bonita da rainha como se fosse a de uma boneca, com pena, é verdade, daquella desgraça, mas sem me atemorizar com a scena. Eu, que não podia ver um caixão sem calefrios, olhava os cadaveres cinematographicos com indifferença. Não sonhava de noite com elles, quando passei não sei quantos dias com o meu pae morto nos meus sonhos.

JOSÉ LINS DO REGO.

(Do romance: *Doidinho*, a sahir).

Bem haja o 14 de Julho...

A lucta partidaria, nervosa e violenta, que nos offerecia o ambiente francez, parece que esgotou, após o processo Dreyfus, as energias dos combatentes. Tem-se a impressão de que a duvida e o scepticismo em torno das doutrinas amorteceu os espiritos outr'ora bravos e cheios de fé. O panorama do *post-bellum*, que devia reviver os batalhadores pelas idéas, principalmente os que cerram fileiras em pról da boa causa, quasi nos mostra o emblema da mais profunda estagnação.

Em nenhuma época, entretanto, mais do que na actual, a lucta se faz necessaria, senão imprescindivel. Antes do conflicto europeu os fatalistas, homens de eschemas aprioristicos, diziam: a França será vencida.

Entre os argumentos com que corroboravam, ou pretendiam corroborar o derrotismo encerrado n'aquella sentença, um notava-se enclausurado nas brumas das intenções occultas e das reticencias. O que havia em certos grupos, era o intento do desprestigio democratico em proveito do conservantismo. Para elles, a França seria vencida não por falta do austero valor de seus soldados e chefes, não por ausencia do circumspecto *élan* patriotico de seus filhos, mas seria vencida por ser democratica.

A democracia — era a these — corrupta, burocratica, leiga, não póde vencer os imperios dominados pela fé, pela ordem, pela honestidade, pela organização.

No inicio das hostillidades, um hollandez, Van Gennep, escreveu um livro prophetico: *Le génie de l'organisation*. Nesse livro, que os factos corroboraram, demonstrou a falsa supposição da superioridade allemã, em consequencia do regimen politico. No fim, Joseph Barthélemy refutou no volume *Démocratie et politique étrangère*, o absurdo d'aquella these. Não se deram por vencidos os reaccionarios. Pelo contrario. Seus canhões continuam assestados, suas armas em actividade.

Os democratas, porém, diversamente dos luctadores de hontem, nervosos e violentos, já não se defendem com o febricitante calor que, no passado, lhes trouxe a victoria no processo Dreyfus, victoria da Republica civil, contra a Republica militar, da Republica da justiça contra a Republica do sabre, da Republica do atheismo contra a Republica das sacristias...

Observando de longe, sem a posse de todos os elementos, parece não ser difficil affirmar, estabelecendo ao mesmo tempo as causas do phenomeno, que a maioria da França não está com os Daudet, Maurras, etc., mas com os chefes da Republica radical, a malfadada Republica das escolas *sans Dieu*...

Se a outra França faz tanto barulho e chama sobre si a attenção do mundo, a tal ponto que só ella nos dá a impressão de existir sobre os escombros da "França decrepita e quasi morta", deve-se esse facto á superior tolerancia da França imperecivel, da França de 89, da França que não teme comparações entre a liberdade e o regimen do velho Templo desabado para sempre...

Os republicanos permittem sorrindo as idealizações do passado. Não luctam, é certo, contra as investidas sagazes e solertes dos adversarios, não porque lhes faltem argumentos, não porque lhes falte o calor de outr'ora, não porque a descrença os haja avassalado, e convencidos sejam dos meritos do principio monarchico, mas porque estão certos e recertos de que a França é a Republica, a França é a democracia, a liberdade e a tolerancia, até mesmo para com aquelles de cujo vocabulario politico essas expressões eternas da sabedoria dos homens foram banidas hontem, e banidas seriam amanhã se lhes sorrisse o triumpho tão sonhado...

As "duas Franças" de que nos falou, ha alguns annos, o suisso Seipel, continuam a existir, e existirão talvez durante muito tempo ainda.

E' mistér, todavia, que os francezes se capacitem e, com razões ponderaveis e poderosas, saibam e resaibam, que a França é um espelho para o mundo, o grande espelho em que todos os povos se miram, mesmo aquelles que fingem ignoral-o.

E' necessario, pois, que se mostre tal qual ella o é na perfeição a mais plena da sua realidade de hoje.

Para tanto, os democratas francezes, os republicanos francezes, os liberaes francezes, ao envéz do nirvanismo, que a superioridade da Republica lhes incrustou no espirito, continuem, tolerantes sim, mas voltem ás luctas do passado, respondendo livro por livro, discurso por discurso, doutrina por doutrina, ideal por ideal...

Do contrario teremos que ver — e já vemos — a França corroida pelo derrotismo, a França nos proprios livros francezes acoimada de imperialista e causadora da grande guerra, a França esquecida dos aggravos ás feridas que ainda sangram, festejando os inimigos encapotados, a França que já parece ter perdido o fino senso da critica e faz, descuidada, o acolhimento, nas suas cathedras, e o elogio dos livros e dos homens como Kayserling e Sieburg...

Eis porque os dogmaticos dizem, com ares de penuria, que a França é o passado, que sua missão cultural e educadora já está finda, que ella é um espectro no scenario do mundo...

Clemenceau, n'aquelle celebre discurso em que annunciou á Camara a assignatura do armisticio, disse: "A França, hontem soldado de Deus, hoje soldado da humanidade, será sempre o soldado do ideal".

Tão bellas palavras, que finalizaram um surto de homerica eloquencia, nos mostram a França em sua trajectoria: hontem soldado de Deus, hoje soldado da humanidade, sempre o soldado do ideal...

Esse ideal é o ideal da democracia, filha da grande revolução, revolução cujos adeptos estão convictos de que se não ultimou o cyclo dos seus alevantados propositos humanitarios.

Continuem, pois, os reaccionarios á sua obra de alcovas, até o dia em que a França dos francezes, num movimento de improvisação que lhe é tão peculiar nos momentos de incertezas, os apresente ao julgamento do pretorio do mundo em toda sua tacanhice e mesquinha vulgaridade.

Bem haja para sempre o 14 de Julho.

Bem haja Danton, expressão do homem em suas grandezas e miserias, Robespierre, o convicto dos principios, Desmoulins, o fogo audaz da mocidade, Marat, o amigo do povo, Condorcet, o pacifista, Mirabeau, o leão da revolução, segundo Marx, e finalmente Montesquieu e Rousseau, mysticos da eterna liberdade.

Bem haja, em summa, a grande revolução, julgada n'um só blóco, para usarmos a phrase esplendida do Tigre morto!...

UBALDO SOARES.

Osorio Dutra — Inquietação — Edições Pongetti — Rio, 1933.

Excellente prosador, o sr. Osorio Dutra publicou, ha uns dez annos, um bello volume sobre o Japão, intitulado *O Paiz dos Deuses*, onde ha paginas de um fino orientalismo, em saborosas descripções de costumes ou paizagens. Depois disso, succederam-se as collectaneas de versos desse illustre patricio. Mas em todos ellas persiste a attracção pelos climas asiaticos, embora os srs. João Ribeiro e Medeiros e Albuquerque prefiram no autor os trechos em que fala dos céos, das selvas e dos mares tropicaes. Agora, o sr. Osorio Dutra, que já foi premiado pela Academia de Lettras e foi elogiado pelos srs. Julio Dantas, Olegario Marianno, Magalhães de Azeredo e Mucio Leão, reune, em volume typographicamente bem confeccionado, os seus melhores trabalhos lyricos ou pantheistas dos ultimos tempos. Como sempre, é a dupla nota a que alludimos: almas e scenarios do Oriente em competição com as fructas e as lendas das terras brasileiras. As quadras são conceituosas, percebendo-se-lhes a intenção de repetir a maneira impressiva do "rubayyat" persa e, nos poemetos mais longos, como nesse *Negro velho* que é a obra prima do livro, vibram os themas emocionaes da vida provinciana de outrora, tão distante de nós neste rumoroso seculo de turbinas e torpedos. E felicitando os admiradores do sr. Osorio Dutra pelo apparecimento da *Inquietação*, seja-nos licito annunciar aos leitores do *Boletim de Ariel* que esse operoso litterato está agora elaborando uma anthologia nacional que conterá dados bio-bibliographicos de cerca de duzentos poetas nossos, do parnaso ao movimento modernista.

REVISTAS E JORNAES

"Litteratura"

Por tardios, não hão de ser menos sinceros e enthusiasticos os applausos com que saudâmos Litteratura, *o novel quinzenario que, sob a direcção de Saboia de Medeiros, Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt, se apresentou ao publico com um numero dos mais interessantes e variados, pois reuniu nas suas paginas um pugillo de escriptores de escol e, além de bellos trabalhos de ficção, apresenta e debate com pujança e brilho os mais palpitantes assumptos da actualidade litteraria e artistica. De feição muito agradavel e ornada de bôas illustrações, é de esperar — e são esses os nossos melhores votos — que, dentro em pouco, a sua leitura não satisfaça apenas as nossas elites intellectuaes, mas se divulgue entre o grande publico com a projecção que tem, em Paris, as* Nouvelles Litteraires, Candide *e outras publicações congeneres.*

"Rio-Magazine"

Recebemos o segundo numero dessa bem orientada publicação periodica. Seu redactor-chefe, nosso collaborador Jorge Amado, soube reunir em oitenta paginas bem impressas o mais substancioso material litterario, e as bellas gravuras succedem-se, surgindo de vez em quando suggestivas composições de Santa Rosa Junior. A parte litteraria é das mais selectas, e os redactores de Rio-Magazine *offerecem aos seus leitores trechos ineditos de Gilberto Amado, Agrippino Grieco, Arthur Ramos, Alvaro Moreyra, Jorge de Lima, Dante Costa e varios outros nomes em relevo nas nossas lettras de hoje.* Rio-Magazine *offerecendo, assim, materia tão succulenta a par de bellas paginas de arte, só poderá alcançar por parte do nosso publico a mais animadora das acolhidas.*

"Rumo"

O segundo numero de Rumo, *revista da Casa do Estudante do Brasil, veiu bem demonstrar a actividade intellectual que se processa nos meios de gente nova. Os seus directores, todos membros da nova geração, souberam imprimir á publicação official da nossa grande entidade estudantil a maior distincção possivel, e o resultado é esse* Rumo *substancioso e agradavel, que trata de problemas politicos, de assumptos litterarios e, principalmente, de motivos educacionaes. No ultimo numero, por exemplo, citariamos, entre outros, o delicado artigo de Anna Amelia sobre a condessa de Noailles, de Carneiro Ayrosa sobre a Psychanalyse, uma resposta de Carlos de Lacerda a Tristão de Athayde, e varias notas de interesse do momento, sobre o movimento intellectual nas rodas estudantinas. Bella iniciativa, essa, da Casa do Estudante, de publicar uma revista accessivel a todos os que mourejam nas escolas, e, ao mesmo tempo, digna de ser lida até pelos mais exigentes degustadores de publicações litterarias.*

Gustavo Barroso — A ronda dos seculos — Edição de José Olympio — S. Paulo, 1933.

Dentre os livros que concorreram para a reputação litteraria do sr. Gustavo Barroso, nenhum se avantaja a este e á *Terra de Sol*. Em ambos ha o mesmo trabalho attento de estylização e o evidente desejo de formar obra homogenea. Ainda na *Terra de Sol*, bella reunião de estudos de ethnographia ou folk-lore, existe um caracter de localismo que póde diminuir um tanto o interesse do volume. Aqui, nesta *Ronda dos seculos*, estão, inversamente, em jogo muitos aspectos e figuras typicas da civilização universal, da marcha dos povos. E isto importa em accrescimo de attracção para a obra de que o distincto livreiro paulista José Olympio vem de dar uma terceira edição excellentemente trabalhada.

NOTAS APRESSADAS

A escriptora Myriam Harry conta que chegou a conhecer, em pequena, o romancista Sacher Masoch, o tal que deu o nome á famosa aberração do masochismo. Parece que esse prosador bizarro não conseguia excitar-se para as pugnas de Venus ou mesmo para o trabalho intellectual sem levar previamente umas boas chicotadas, e a propria Myriam Harry chegou a fustigal-o, embora com mãos tremulas de creança...

— Paul Adam, que andou aqui pelo Brasil em companhia da esposa e escreveu sobre nós outros um livro lucido e forte, foi um exemplo da terrivel destruição a que póde conduzir o excesso de actividade cerebral. Morto em plena producção, esse homem de "carrure" de athleta, que celebrava Carthago e outras civilizações plethoricas de seiva, acabou dando razão a Remy de Gourmont quando, num estudo simplesmente divinatorio, lhe apontou veladamente as desvantagens de um labor demasiado, evocando, por analogia, o caso devóras symptomatico de Balzac.

— Continúa a ler-se abundantemente na Inglaterra o *Kim* de Kipling, romance em que parece haver algo de auto-biographico, uma vez que o autor, como o seu pequeno heróe, nasceu tambem em paragens hindús e conheceu a singular mescla de almas, os conflictos de castas, as scenas de floresta e cidade, de civilização e selvageria que lhe enchem o livro. Volume em que ha um pouco de romance picaresco, de poema épico e de conto de fadas, *Kim* é uma dessas maravilhas do espirito humano em que se comprazem creanças e adultos. Entre o sonho e o real, o narrador captou as figuras e os ambientes mais contradictorios e a sua India, directa ou allegorica, é qualquer coisa como a nossa floresta amazonica, povoada por uma das humanidades mais estranhas e variadas dentre todas as que sahiram dos dedos do Eterno.

— Benjamin Crémieux encontra no *Gog* de Papini "o vigor, a vehemencia, a brutalidade de um Barbey d'Aurevilly, de um Louis Veuillot ou de um Léon Bloy".

— Emile Deschanel, pae de Paul Deschanel, havia escripto sobre o romantismo dos classicos. Agora é Pierre Moreau, tambem professor de litteratura, quem escreve sobre o classicismo dos romanticos.

— Maurice Maeterlinck foi feito conde pelo rei dos belgas e elevado pela França á dignidade de grande official da Legião de Honra. Isto pouco depois de ter apresentado queixa-crime contra um emissario infiel que — segundo elle — desviara uma importante quantia destinada pelo autor da *Monna Vanna* á acquisição de uma villa nas proximidades do Mediterraneo.

ELEGANCIAS

Vestidos — Chapéos

Lingerie.

Modelos de Paris

Lindissimos presentes de grande novidade.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

A apparecer por estes dias:

GILBERTO AMADO

DIAS E HORAS DE VIBRAÇÃO

Pedidos a Ariel Editora Ltda.

Albino Esteves — Esthetica — Officinas Graphs. Renato Americano — Rio, 1933.

Espiritos bizarros ou excessivamente analyticos como Rimbaud, Baudelaire e outros, sempre se preoccuparam com as analogias existentes entre os sons, as côres e os perfumes. Essas correspondencias subtis já haviam anteriormente interessado a um Hoffmann e sabe-se que, em lingua portugueza, até o "lucidissimo cégo" que se chamou Antonio Feliciano de Castilho havia feito suggestivas approximações no tocante á coloração das vogaes. Agora, systematizando pesquizas e conclusões, o sr. Albino Esteves, que é membro da Academia Mineira de Lettras, offerece-nos um estudo em que trata longamente de tudo isso, ainda que vise de preferencia a explicação dos phenomenos de "harmonia vocabular". O livro é de fundamentos solidos, sentindo-se que essas questões, de esthetica por assim dizer experimental, vêm de ha muito preoccupando o autor. Remexeu elle em diversas litteraturas e riquissima é a seara de documentos em que se aprovisionou. Quanto á exposição, é feita com simplicidade, mas de maneira a evitar syncopes na attenção do leitor. E tantos e tão bellos são, em geral, os versos transcriptos que o volume terá, além de outros meritos, o de formar involuntariamente uma deliciosa anthologia.

Pedro Baptista — Conego Bernardo — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

E' uma substanciosa monographia consagrada ao vigario Bernardo de Carvalho Andrade, que, em 1908, se extinguiu na cidade de Santo Amaro da Victoria, em Pernambuco, depois de prestar eminentes serviços á cultura christã do seu rincão, preso sempre, pelo affecto e pela dedicação civica, á terra de que tanto se ufanava. Além de zeloso pastoreador de almas, foi essa illustre figura do clero nortista, ao que demonstra o autor do volume, um bello cultor das lettras em vernaculo, com uma segurança e uma dignidade que lhe advinham do trato constante com as melhores lettras catholicas ou pagãs da velha Roma.

Vicente Licinio Cardoso — A' margem da historia do Brasil — Cia. Edit. Nacional — São Paulo, 1933.

Bello serviço prestado á cultura do paiz é a publicação deste volume posthumo de um dos moços que nos ultimos tempos mais dignificaram as lettras philosophicas ou historicas do Brasil. Grande animador dos estudos brasileiros, conduzidos num sentido nitidamente objectivo e que importasse em desprender-nos de muitos falsos mythos tradicionaes, Vicente Licinio Cardoso continuou a obra de Euclydes da Cunha, pondo-nos em contacto directo com os problemas de maior premencia da vida nacional. Erudito e operoso, tendo feito uma viagem de instrucção pela Europa e conhecendo os sitios mais reconditos da nossa terra, esse humanista que era tambem um homem de sciencia, não se distanciou nunca, no sentido moral ou intellectual, do povo a que tanto amava e que sempre procurou servir com o mais abnegado desinteresse. Agora, este volume põe ainda em evidencia quanto o Brasil era o thema predominante das cogitações desse notavel patricio. Tudo aqui são factos da vida nacional, no seu passado, no seu presente. São bellas paginas sobre o São Francisco, o "rio sem historia", sobre a figura empolgante de Feijó e sobre a personalidade mascula de Euclydes, que indiscutivelmente era uma das supremas fascinações do espirito de Vicente Licinio Cardoso.

Marina Coelho Cintra — Um drama no seculo vinte — Adersen Editores — Rio, 1933.

E' um romance da conhecida poetiza que já lançou, entre louvores, tres volumes de versos. Passando da poesia á prosa, offerece-nos ella agora uma narração em que são postos á prova os seus dons de imaginação e sensibilidade. Recantos tumultuosos de uma grande urbs alternam com aspectos despretenciosos da vida bucolica. O livro é abundante em descripções e nos dialogos não faltam notas peculiares de uma linguagem essencialmente nossa.

Afranio Peixoto — Noções de Historia da Educação — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Vasada nos mesmos moldes das suas anteriores historias litterarias, esta synopse do no nosso eminente collaborador Afranio Peixoto é conduzida com aquella elegancia, leveza e bom gosto que todos lhe reconhecem. Nada de sentencioso e o tom escolhido é, sem prejuizo da substancia, o de palestra deleitosa, de uma dessas palestras em que o escriptor da *Poeira da Estrada* enleia e arrasta os bons ouvintes que tenham o prazer de fazer com elle uma viagem em trem de ferro. Aqui, num trabalho de certo modo inedito em idioma portuguez, estão as linhas geraes da historia da educação e da biographia dos grandes educadores. As indicações synchronicas são sempre de grande utilidade, ampliando os horizontes, suggerindo confrontos luminosos. Particularmente interessante é o capitulo sobre a pedagogia nacional, com justas homenagens a Anchieta, o melhor didacta dos indigenas; a Abilio Cesar Borges, iniquamente satirizado pelo grande Raul Pompeia; a Pedro II, seleccionador escrupuloso de mestres capazes, e a Ruy Barbosa, cujos pareceres sobre o assumpto constituiam trabalhos de proporções monolithicas mas sempre finamente lapidados. A edição do livro, optimamente feita, constitue um numero de relevo na Bibliotheca Pedagogica com que a Cia. Editora Nacional se está impondo á preferencia das melhores casas de ensino do paiz.

Padre Antonio Vieira — Sermões patrioticos — Edições Biblos — Rio, 1933.

Vigorosa colectanea daquelles sermões em que o padre Antonio Vieira revelou os seus melhores instinctos patrioticos, não só em relação a Portugal como em relação ao nosso Brasil, que lhe foi — ninguem o ignora — uma segunda patria, talvez a preferida, visto como aqui lhe decorreu a infancia e aqui veiu elle morrer com a simplicidade, a renuncia e as effusões christãs de um verdadeiro anachoreta. As annotações, do talentoso historiador Pedro Calmon, são das mais eruditas e brilhantes, unindo cultura a uma visão desafogada do complexo periodo em que tantos estrangeiros se disputavam a posse deste rico pedaço da America. Das mais louvaveis, portanto, a iniciativa da casa de edições Biblos, propondo-se a lançar no mercado as obras completas do maior prégador que já ouviram as gentes dos tropicos. O exito indiscutivel desta série inicial vale pela compensação dos nobres esforços do livreiro e bibliophilo A. Simões dos Reis.

Alexandre Dias — No caminho da espiritualidade — Pap. Velho — Rio, 1933.

Neste livro as scenas cruas, flagrantemente decalcadas no viver quotidiano de muitas classes nacionaes, alternam com as ancias religiosas de uma alma que está em vesperas de fazer-se totalmente catholica, se é que já não transpoz o limiar da Egreja. Reconhece o autor que "Zola não sahirá tão cedo do cartaz", mas é visivel nelle o influxo de idéas e sentimentos que transcendem de um baixo realismo, de uma precaria materialidade, e, mesmo quando descreve ambientes e figuras pouco recommendaveis, percebe-se-lhe a intima ternura pelos humildes e infelizes. Quanto á sua ironia comsigo proprio, com os poucos volumes seus que tem conseguido vender, não deixa de revelar um espirito altivo e desdenhoso dos exitos faceis que não dignificam ninguem.

Saboia Lima — Rincões dos frutos de ouro — Rio.

Se outros meritos não tivesse a litteratura regionalista, ao menos faria conhecer á maioria dos nossos patricios, que tão pouco viaja, mesmo dentro das nossas fronteiras, aspectos varios destes immensos Brasis que cada vez mais se differenciam, na gente, na lingua e nos costumes. Assim acontece com este livro, em que o autor nos põe em contacto com uma Bahia bem diversa daquella que nos é familiar, Bahia de Todos os Santos, Bahia do Salvador, com cidade alta e baixa, lindas igrejas e o pittoresco passeio á Barra. Com o Sr. Saboia Lima transportamo-nos ao interior do rico Estado, naquellas regiões em que amadurecem os "fructos de ouro", as volumosas drupas do cacau, que perfumam as suas paginas e nos fazem sympathizar com a humilde gente que as colhe para a riqueza dos outros. Este livro teve a consagral-o um premio da Academia de Lettras.

Penteado Medici — Trem blindado — Livraria Americana — São Paulo, 1933.

Mais uma contribuição para o futuro estudo imparcialmente historico da chamada revolução constitucionalista que tanto apaixonou as almas e as consciencias do paiz. A figura central do livro é por assim dizer o trem fantasma em torno ao qual a imaginação popular creou innumeras legendas. Diversas photographias e uma capa, das mais expressivas, da pintora Annita Malfatti.

"Um estylista das idéas"

Publicando a Evolução da prosa brasileira, *com a vantagem, como lhe cumpria, de ser o primeiro dos seus criticos, reconheceu o sr. Agrippino Grieco, entre humilde e surpreso que se tratava de um livro superlotado. Tal qual em certas sessões a preços populares — acorreram á platéa da* Evolução *os mil e um habitantes do suburbio das lettras, e suburbio, neste caso, é empregado em sentido meramente espiritual, comprehendendo, portanto, residencias aristocraticas de Copacabana e Botafogo... Apenas o excesso de concurrencia não chega a alterar a exhibição do* filme. *E, exceptuadas algumas zonas barulhentas, filas de nomes que fazem lembrar a affluencia infantil de tardes domingueiras em cinemas de bairro — posto de lado esse quasi nada, é justo affirmar-se, logo de inicio, que se trata de um bello "panorama" litterario.*

Não é um historiador litterario, o sr. Agrippino Grieco, mas é bem, como critico, a maior vocação das nossas lettras. E, frizando que não é um historiador litterario, explico, apenas, uma tal ou qual discordancia entre o titulo e o livro — a eterna discordancia entre os titulos e os livros... Evolução presuppõe, na escolha do methodo, a do historico. E, não ha muito ainda, Paul van Tieghem, notavel comparatista, vincava com justeza a mais viva caracteristica negativa do genero ao reconhecer que o lado esthetico da obra litteraria é geralmente abandonado pelo historiador litterario — ao passo que a preoccupação chronologica absorve, num frio trabalho de esclarecimento, os melhores esforços do escriptor. Não sei de quem, como Faguet, tenha reunido e levado tão longe as duas vocações — elle que tudo sabia e tudo interpretava com o dom da minucia e dom da comprehensão, magnifico estilizador da intelligencia, subtil profissional do raciocinio, inquietante analysta da sensibilidade.

Passa o sr. Agrippino Grieco por ser um critico injusto. Estudando-lhe o curioso processo, em que tantos depõem contra a imparcialidade de tão fino magistrado das lettras, declaro, logo de inicio, que tal affirmativa me surprehende e desconcerta. Mordacidade, volupias de ironista e, quasi sempre, fundos golpes de sarcasta num elegante boleio de phrases curtas e imagens fortes — tudo isso existe na sua maneira e é bem da sua maneira irreverente ou paradoxal. Vislumbres de sadismo elegante, certo gosto da tortura, a alegria de flechar o adversario e, não raro, o amigo, na certeza, ás vezes nobremente ingenua (quantos exemplos, lá fóra...) de que o adversario se fará amigo e este não se deixará levar pela inimizade — sim, tudo isto é bem do sr. Agrippino Grieco. E aos que o censuraram pela flexivel demonstração do seu sibaritismo de gymnasta — um sibaritismo que se compraz no movimento — será o caso de respondermos que não chega a ser feia culpa marcar tantos falsos Achilles e só de longe em longe será digno de recriminação por assestar em calcanhares que, positivamente, são de Achilles respeitaveis...

Podendo variar ao infinito os seus motivos e enervar, com mão segura, a comparsaria de titteres que devasta, como um exercito de funambulos indecisos, uma fria platéa de indifferentes, comprazia-se o sr. Agrippino Grieco, com uma insistencia que me perturbava, em limitar a sua verve a meia duzia de figuras e themas principaes — a Academia, o sr. Julio Dantas, aspecto da obra de certos escriptores que serão sempre aspectos secundarios, todo um convencional leit motiv *de phrases que, na sua penna rica e poderosa, já eram phrases ouvidas e re-ouvidas, phrases ditas e reditas. Cousas que me preoccupam, acredite o sr. Agrippino Grieco, e não é para menos, sensivel que sempre fui ao destino dos bellos espiritos...*

Mas terá passado a hypnose exercida pelo limitado sobre um cerebro que será sempre illimitado. Uma capacidade maior de sympathia — estará nisso, porventura, o autor, que se entremostra, de S. Francisco de Assis e a Poesia Christã? — *abrindo-lhe rumos quasi affectivos á comprehensão lucidissima, é mais do que uma affirmação porque constitue uma esperança...*

Como esquecer, neste passo, a lição de Guyau?

Como deixar de citar a phrase requintada e o requintado pensamento de Boutroux ao insistir que "les œuvres d'art d'une beauté parfaite sont celles qui ont l'air d'aimer"?

Sim, a critica deve ser, e será sempre, intellectualista. Mas, entre a marcha das idéas, como a sombra mesmo das idéas que marcham, dir-se-ia que se insinua um poderoso elemento de concordia, sortilegio macio e envolvente, a que não é possivel fugir sem que diminua, em quem foge, o dom natural da receptividade.

Humanizando-se, não perdeu o sr. Agrippino Grieco as suas formosas qualidades nativas e é bem certo que encontrou outras, e d'ellas se enriqueceu... E é curioso como se processou essa caminhada para o equilibrio. Disse-o, uma vez, pensando no sr. Agrippino Grieco mas sem alludir ao seu nome. Além de razões mais profundas, que elle proprio explicará um dia e eu tenho a pretenção de vêr entreluzir, aqui e alli, ao longo da sua permanente "formação" mental — terão contribuido, de maneira efficiente, a tendencia para a desarticulação e a força hostil de desequilibrio que caracterizam a nossa pseudo-critica, arbitraria por desinteresse e desinteressada por indifferentismo. Quando, ruidosamente, Graça Aranha publicou a Viagem Maravilhosa, *teve occasião o sr. Agrippino Grieco de erguer, em torno desse livro macisso, desse exaggero em muitas paginas, a unica verdadeira critica até hoje provocada pelo romance infeliz. Acharam-na exaggerada os discipulos amados, e ainda muito branda os desaffectos... Opiniões extremas testemunhando que, dessa feita, o critico attingira o equilibrio... Não menos symptomatico o depoimento em torno d'*A Bagaceira, *do sr. José Americo de Almeida. E quantos casos mais.*

Conjuncto, synthese "equilibrada" de todos elles é a Evolução da prosa brasileira, *como já o fôra, de maneira geral, a* Evolução da poesia. *Não faltam pequenas injustiças — mas o tom geral é de juiz que, embora pilheriando, não hesita em absolver e condemnar. Tres ou quatro omissões, evidenciando o aspecto humano de quem ainda não attingiu um puro "franciscanismo" de intelligencia... E, referindo-se a um granitico doutrinador de cousas catholicas, consignatario de S. Thomaz de Aquino, devidamente condimentado e emulsionado para uso interno — é claro que vae ao exaggero paroxistico da sympathia cega e irreflectida. Encontramos, aqui, um Agrippino todo coração e de tal modo que chega a enthusiasmar a displicencia com que rotula esse vulgarizador — cuja derradeira mania é a dos concursos universitarios — de critico, de critico litterario... Agrippino, o estheta, distribue premios ao mais fechado dos espiritos. Se estranharem o adjectivo fechado, eu explicarei que tambem de dentro para fóra, e não só de fóra para dentro, é applicavel o symbolo das portas fechadas...*

O dom do perfil em agua forte, elle o possue de maneira impressionante. Retratista litterario como não possuimos outro, circumnavegador e escafandrista dos espiritos, que rodeia e analysa verticalmente, é o sr. Agrippino Grieco, no jardim de creaturas do seu ultimo livro, um cultivador exigente de especies e, até, um exigente colleccionador de perfumes. Intelligencia refinada, mistura sempre um largo bocado de si mesmo aos exemplares do seu jardim. Desse voluptuoso hibridismo resahem, quasi sempre victoriosos, o colorido do seu estylo e o perfume das suas idéas.

JAYME CARDOSO.

(Da *Folha do Norte*, de Belém).

LEIAM:

RUMO

REVISTA OFFICIAL DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

NUMERO AVULSO: 400 rs.

ASSIGNATURA ANNUAL: 6$000

Leiam:

MARQUES REBELLO

TRES CAMINHOS

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Preço: 5$000

"A CAMINHO DA FORCA"

Um romance traduzido por Gastão Cruls não precisa de outra recommendação. O simples facto de um grande escriptor, um grande romancista acceitar o papel, até certo ponto secundario, de traductor, mostra que elle achou no livro qualquer cousa de notavel, de superior.

Ha tempos, Gastão Cruls traduziu o livro Ciume. *E que a escolha foi excellente ficou provado pelo successo que o livro alcançou. Era o caso de um amante que se enchia de ciume pelo marido da mulher amada. Tenta, abusando da qualidade de medico, assassinal-o, injectando-lhe um sôro infeccioso. Isso torna a victima paralytica. Mas o resultado não foi o que o medico desejava: o remorso do caso acabou por aniquilal-o.*

O interesse do livro não está, porém, no entrecho puro e simples e sim na exposição e analyse do caso psychologico. Essa analyse é admiravel. Vê-se um amor que começa, que acaba triumphando magnificamente e que, depois do crime, termina de um modo tragico e dolorosissimo.

Que Gastão Cruls se compraz nestes casos de consciencia, é o que prova a escolha do novo romance que traduziu.

Em inglez, elle tem um longo titulo, um pouco rebarbativo: "Para o cadafalso eu devo ir..."

Como, porém, mesmo os que traduzem melhorando, devem trahir sempre os autores, Gastão Cruls trahiu um pouco o que traduziu, pois que o cadafalso a que estava destinado o criminoso, não era a forca. De facto, o crime de que trata o livro, tendo sido commettido no Estado de New-York, elle iria, não para a forca, que ahi não se usa mas para a cadeira electrica.

Em New-York se diria simplesmente: para a "cadeira" — e todos saberiam qual era ella.

Mas isto é uma observação, feita mais por gracejo que por outra qualquer razão.

O romance A Caminho da Forca *pode entrar na qualificação de romance policial. Mas nella está em uma categoria elevada.*

O que ha de máu na maior parte dos romances policiaes é que são feitos sem nenhum estudo de caracteres. Ha nelles apenas acção, acção, acção... Movem-se nelles fantoches tragicos, que matam, roubam, commettem crimes espontosos, mas que ainda depois do livro concluido nós continuamos a não saber bem o que são.

Ora, a acção seduz quasi sempre, quando é bem urdida, bem descripta. Os romances em que o autor passa todo o tempo a analysar os personagens, são geralmente fatigantes. O chamado "romance psychologico", á semelhança dos de Paulo Bourget eram assim. Um personagem, que ia coçar a ponta do nariz, começava por discutir si devia ou não fazer esse acto, como o devia executar, durante quanto tempo... O leitor tinha vontade de interrompel-o e dizer:

— Irra! Coce logo e acabe com isso.

Mas dahi não se deve passar para o polo opposto e dar apenas um encadeamento de factos, sem nenhum exame de causa e circumstancias.

No romance traduzido por Gastão Cruls ha o meio termo admiravel. O essencial é a historia de um homem attrahido por uma mulher para praticar um crime. Vê-se a decadencia do homem, o enfraquecimento inconsciente do seu poder de resistencia, enfraquecimento ao mesmo tempo pelo amor e pelo alcool. Assistimos ao crime. Depois vem a certeza de que elle vae ser castigado, porque o romance acaba, justamente quando o vêm buscar para a prisão.

O romance é bom, forte, concentrado: Todos os encantos do romance policial e todos os encantos de um romance, em que se estuda uma psychologia humana.

Ha quem desdenhe dos romances policiaes e os declare grosseiros. E' um erro. O crime é um facto humano importantissimo. Seria absurdo excluil-o da litteratura. Tudo está para o fazer ou uma obra de arte ou uma chateza insupportavel, no modo de tratar os assumptos.

O romance traduzido por Gastão Cruls é um bello livro.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(D'*O Estado da Bahia*, de 3-7-33).

Reis Perdigão — **O socialismo róseo do major...** — S. Luiz do Maranhão, 1933.

Com o pseudonymo de João de Talma, o sr. Reis Perdigão destacou-se longo tempo aqui no Rio como jornalista e critico theatral. Depois, as circumstancias atiraram-n'o á vida politica, outorgando-lhe a direcção de um dos mais importantes Estados do norte. Todavia, desse periodo administrativo o sr. Reis Perdigão parece ter sahido com uma profunda nausea, e este pamphleto, de uma combatividade destemida, prova que certos truques e habilidades partidarias não se coadunam com o temperamento de um homem em quem as manifestações de polemista desabusado estão sempre prestes a explodir. Quanto ao opusculo *O socialismo róseo do major...*, cuja essencia não discutiremos por exorbitar do caracter meramente bibliographico da nossa revista, é bem construido no sentido da technica jornalistica e é escripto sempre com a mais absoluta clareza. Vê-se que o estagio politico do sr. Reis Perdigão não obliterou de modo algum os seus dotes de raciocinador e expositor adestrado pelos seus trabalhos diuturnos na imprensa desta capital.

P. Suitberto Mooy — **Alvo de contradicção** — Livraria Catholica — Rio, 1933.

Percorre-se com muito proveito esta vigorosa resposta aos inimigos e detractores da Companhia de Jesus. E' a defesa da ordem de Loyola opposta aos que enxergam em cada discipulo seu um tartufo ou um inquisidor tonsurado. Defesa tanto mais habil quanto não têm faltado, nas fileiras dos contendores de Loyola, cerebros realmente poderosos como os de Pascal, o fervoroso apologista dos continuadores de Jansenius. Mas o autor destas cento e vinte paginas bem estructuradas, que a Livraria Catholica estampou com o habitual capricho, sabe mostrar que todas as civilizações, especialmente a nossa, são devedoras, no terreno cultural ou moral, de todos os Francisco Xavier e todos os Anchieta que se espalharam pelo mundo, armados apenas de um crucifixo e de um livro de rezas.

Assis Cintra — **A Rehabilitação Historica de Calabar** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Não acceitando nem o modo de ver de Varnhagen, nem o do sr. Viriato Corrêa, procura o sr. Assis Cintra, baseado em documentação nova, dar uma interpretação pessoal ao estranho caso em que esteve envolvido o mameluco de Porto Calvo. As pesquizas são interessantes e não menos curiosa é a publicação dos trechos em que Calabar se viu, muito tempo após a sua morte, exaltado por homens de talento e caracter como José Bonifacio, o Moço, que o glorificou em versos vibrantes; por Joaquim Nabuco de Araujo e por Americo Brasiliense de Almeida Mello, figura de evidencia na propaganda republicana em São Paulo.

Gaetan Bernoville — **O "Sim" de uma Creança** — Livraria Catholica — Rio, 1933.

E' a relação das bellezas mornes da alma de uma creança morta aos onze annos, alma verdadeiramente eleita e que merece ter o seu logar entre as que mais se devotaram ás verdades christãs, segundo accentúa muito bem, em commovido prefacio, o nosso collaborador Jonathas Serrano. Oriundo de familia aristocratica, Guy de Fontgalland sempre desdenhou as attracções e os confortos da vida elegante, aspirando sempre ao isolamento e aos extases da vida claustral. Com effeito, foi elle dos que respondem "Sim!" com mais vehemencia ao chamado de Christo. O relato de uma tão curta existencia importa numa salutar lição de piedade e esperança a quantos lamentam seja o mundo de hoje tão pouco propicio ao apparecimento de creaturas em condições de ser canonizadas pela Egreja. O livro, editado pela Livraria Catholica, apresenta-se em confecção das mais caprichosas.

Renato Jardim — **Um libello a sustentar** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Additamento ao volume *A Aventura de Outubro e a Invasão de São Paulo*. Obra escripta em linguagem caustica, antes num tom de polemica que de serena objectivação historica. Mas, esquecida a parte de crueza politica, forçoso é reconhecer que o livro foi traçado e redigido por alguem a quem são familiares os segredos das bellas lettras, não deslustrando, como escriptor, as suas tradições de pedagogo efficientemente demonstradas na Instrucção Municipal aqui do Rio.

IMPRIMEM-SE LIVROS
e todas as obras, rapida e artisticamente, em edições de qualquer genero.
"OFFICINA GRAPHICA RENATO AMERICANO"
preferida pelos escriptores praticos e pelos editores experientes.
Peçam orçamentos, amostras, etc.
RUA ALZIRA BRANDÃO, 39
PHONE 8-7343

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Miguel Ozorio de Almeida — *Almas sem Abrigo* — Romance — Ariel, editora ltda. — Rio.

Marques Rebello — *Tres Caminhos* — Novellas — Ariel, editora ltda. — Rio.

Jorge Amado — *Cacáu* — Romance — Ariel, editora ltda. — Rio.

Odilon Nestor — *Approximações* — Ensaios — Ariel, editora ltda. — Rio.

Oswald de Andrade — *Serafim Ponte Grande* — Romance — Ariel, editora ltda. — Rio.

Amando Fontes — *Os Corumbas* — Romance — Schmidt, editor. — Rio.

Alcindo Sodré — *A Genese da Desordem* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Osorio Dutra — *Inquietação* — Poesia — Edições Pongetti. Rio.

Saboia Ribeiro — *Rincões dos Frutos de Ouro* — Contos regionaes — Rio.

Adhemar Vidal — 1930 — *Historia da Revolução na Parahyba* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Plinio Salgado — *A Psychologia da Revolução* — Civilização Brasileira S. A.

Alfredo Ladislau — *Terra Immatura* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Vicente Licinio Cardoso — *A' Margem da Historia do Brasil* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Afranio Peixoto — *Noções de Historia da Educação* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Wanderley Pinho — *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Leonidio Ribeiro — *Medicina Legal* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Renato Jardim — Um libello a sustentar — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Pedro Baptista — *Conego Bernardo* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Assis Cintra — *A Rehabilitação Historica de Calabar* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Guilherme Tell — *Cartuchos de Festim* — Satyras — Livraria Moraes — Bello Horizonte.

C. H. Liberalli — *Idéas actuaes sobre a Chimica das vitaminas* — Conferencia. — Rio.

Bertholdo Klinger, Euclydes de Figueiredo, etc. — *Nós e a Dictadura* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Alexandre Dias — *No Caminho da Espiritualidade* — 3ª edição — Rio.

Gustavo Barroso — *Ronda dos Seculos* — Livraria José Olympio — S. Paulo.

Fernando Penteado Medici — *Trem Blindado* — S. Paulo.

M. Carlos — *A organização, a direcção e educação á luz das leis naturaes* — Irmãos Pongetti — Rio.

Albino Esteves — *Esthetica dos sons, côres, rythmos e Imagens* — Off. Graph. Renato Americano. — Rio.

Adolpho Casaes Monteiro e Ruy Ribeiro Couto — *Correspondencia de Familia* — Lisbôa.

Revista de Direito Penal — Direcção de Bertho Condé — Vol. I. Fasc. II — Maio 1933.

Ed. Claparède — *A Educação Funccional* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Renato de Alencar — *Nupcias de Fogo e Sangue* — Adersen, Rio.

Charlotte Braune — *A Alliança Partida* — Comp. Editora Nacional. — S. Paulo.

Oliver Sandys — *A Caravana Verde* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Heinrich Mann — *O Anjo Azul* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.

Henri Ardel — *Abandonada* — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo.

Marie d'Osny — *Como tornar-se e conservar-se bella* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.

Alfredo Severo — *Les bases erronées du Communisme Russe* — Traduit du portugais par Sereth Neu — Librairie des Facultés — Paris.

Marc Chadourne — *Absence* — Roman. — Plon. Paris.

Odilon Nestor — **Approximações** — **Ariel Editora Ltda.** — Rio, 1933.

Foi muito bem acolhida pela imprensa e pelo publico esta formosa série de ensaios de um dos mais distinctos publicistas do norte do Brasil. Embora conhecido e prezado pela maioria dos intellectuaes de Pernambuco e Estados circumvizinhos, o sr. Odilon Nestor não tivera ensejo de apresentar-nos até agora um volume de polpa, um trabalho que bem lhe definisse os meritos de homem em quem cultura e sensibilidade se fundem em amalgama precioso. Avulsamente, chegavam-nos, de quando em quando, testemunhos de admiração de escriptores de gerações mais novas a esse erudito professor de direito do Recife. Entre outros, o poeta Manoel Bandeira e o prosador Gilberto Freyre se referiam sempre com louvores ao sr. Odilon Nestor. Mas foi preciso que este estampasse as *Approximações*, volume em que reuniu as suas melhores paginas de esthetica e philosophia, para que bem lhe pudessemos avaliar os meritos de raciocinador e expositor, assim como a singular modestia de um homem que tanto tempo demorou a publicação de um tão bello conjunto de ensaios, numa época de tanto alarido cabotinesco e de tanta soffreguidão de applausos litterarios.

Pedro Calmon — **Gomes Carneiro** — **Edição Guanabara** — Rio, 1933.

"O general da Republica", eis como o sr. Pedro Calmon chama a Antonio Ernesto Gomes Carneiro e a designação, das mais expressivas, é tambem de uma absoluta justiça. Sim, até agora só uma lamentavel rotina ou uma deploravel obliteração do senso historico impedia os julgadores do nosso passado de dar ao glorioso herói da Lapa a preeminencia que lhe cabia na vida militar do paiz. Felizmente, veiu um historiador moço e curioso, que sabe remexer nos archivos mas ouvir tambem o testemunho directo dos sobreviventes e esse historiador, que tambem sabe escrever, que tem estylo e é um narrador dos mais desenvoltos, fixa na altitude que lhe cabe o homem que salvou a Republica, defendendo o poder legal, pondo-se irrestrictamente ao lado de Floriano, quando marchavam rumo das nossas maiores cidades os dois Saraiva e outros combatentes leoninos cujos nomes faziam estremecer o paiz. Tendo sido o voluntario n. 1 para ir lutar no estrangeiro contra os que ameaçavam o Brasil imperial, isto aos dezenove annos apenas de edade, Gomes Carneiro zelou egualmente pela integridade do Brasil republicano. O seu horror aos caudilhos e o rigido sentimento de uma disciplina á moda espartana não esmoreceram nem mesmo quando se sabia votado a um sacrificio irremediavel. Este era, evidentemente, um homem de guerra, ou para dizer tudo numa unica palavra, um homem. E a limpidez, a simplicidade com que o sr. Pedro Calmon lhe conta a vida e a morte emprestam já agora qualquer cousa de classico a essa figura de grande lidador, de grande general da Republica.

Everardo Backheuser — **A arithmetica na escola nova** — **Livraria Catholica** — Rio, 1933.

Com uma competencia que ninguem porá em duvida, o professor Everardo Backheuser passa em revista, neste volume, os methodos seguidos através dos tempos no ensino dessa ardua materia e os actualmente postos em pratica na "escola nova". E' uma exposição das mais lucidas, com excellentes estudos subsidiarios a proposito da psychologia infantil. Não quiz o sr. Backheuser fazer um livro arido, estrictamente pedagogico, e sabe interessar mesmo aos estranhos ás questões didacticas quando discorre sobre os varios typos de memoria e intelligencia das creanças. Estuda muito bem as influencias francezas, positivista e norte-americana no tocante á cultura mathematica e as suggestões praticas que apresenta respiram um tal caracter de viabilidade, parecem de tal modo simplificadoras que não vacillamos em recommendal-as ao exame de quantos versam entre nós essa importante materia. Louve-se especialmente, no caso, a clareza com que o sr. Backheuser nos transmitte as suas observações. Este seu volume é a negação de qualquer especie de pedantismo cultaresco e augmenta a nossa sympathia em relação áquelle cujos ensaios de sociologia o sr. Tristão de Athayde tem louvado e tanto cooperou para a dignificação dos nossos methodos de ensino no periodo em que a instrucção municipal, além de um Venancio Filho e um Jonathas Serrano, contava com a visão desafogada e progressista de um Fernando de Azevedo. Quanto á edição do livro, é da Livraria Catholica, trazendo valioso contingente a uma série de publicações em que já se destacavam obras de direito ou economia de alguns dos nomes de maior autoridade entre scientistas e humanistas do paiz.

Anno III Agosto 1934 N. 11

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

OS ESCRAVOS ACHADOS NOS VELHOS JORNAES

A conferencia do Sr. Gilberto Freyre sobre os escravos negros nos annuncios de jornal do tempo do Imperio, realizada na serie da Sociedade Felippe d'Oliveira, teve uma significação muito mais importante, um sentido muito maior e um valor dramatico tão grande, que jamais simples conferencias, por maior que sejam os conferencistas, costumam ter. Assistindo ao jovem Mestre de Recife falar no Salão da Escola de Bellas Artes, tive a impressão nitida de que o publico quasi todo composto de homens de lettras e senhoras de sociedade, estava ali assistindo a um julgamento.

Do silencio, do esquecimento completo, Gilberto Freyre tinha retirado nomes de negros de vender ou de negros fugidos. De velhos jornaes caducos, de folhas de papel passadas pelo tempo, Gilberto Freyre tinha retirado sombras de negros! Tinha trazido da sua viagem á nossa historia, todos aquelles nomes que pertenceram a seres humanos e que os outros seres tinham tratado como não tratavam a animaes domesticos. Estavam ali achados de novo, aquelles negros e negras fugidos, com marcas de chicote nas costas com cicatrizes, com as nadegas empinadas, com os peitos murchos ou vivos. Diante daquelle publico brasileiro, confortavelmente installado, vestido com toda a elegancia e requinte, appareciam, com as suas calças de estopa, com as suas roupas rotas de tecidos grosseiros, os negros, alguns quasi nús. Vinham surgindo das velhas paginas dos jornaes do Imperio... Estavam ali com os aspectos socegados pela redempção eterna, mas nem por isso menos terriveis, mas nem por isso menos tragicos na sua innocencia, na sua ignorancia infinita.

Com as mãos callosas, com os pés enormes e chatos, vinham surgindo do velho pó!...

Do socego da morte, emergiam grosseiras carapinhas que vinham attender afinal aos chamados dos donos, de que tinham desertado um dia. Ali estavam todos emfim, depois da aventura, da fuga, depois da arrancada terrivel pelos brejos e pelas estradas, depois das noites livres ao relento. Grande raça! Santos pretos de Joaquim Nabuco, como vos vi na hora em que Gilberto Freyre, vosso amigo, vos chamou pelos nomes, dando os vossos signaes! Como vos vi então já confiantes e serenos, porque o poder dos senhores estava acabado para sempre. Como vos vi naquella tarde de julgamento, para que vos convocou um homem de intelligencia e coração! Grande raça, virgem e forte, raça de almas bem conformadas e pacientes, raça de Deus, tocada pela intelligencia da suprema bondade. Raça proxima das coisas da terra. Almas substanciosas e santas em corpos marcados a relho; almas ingenuas e resignadas, que construiram as bases da economia de um povo.

Almas doces que enriqueceram a uma raça ainda vaga, com o que ella já possue de melhor. Com essa capacidade de esperar, e essa tão marcada doçura, que são as melhores coisas do brasileiro. Grandes negros, animaes de olhos cheios de saudade! Raça sensivel ao rythmo, musical e criadora que esteve comnosco embalando os nossos berços e cantando baixinho, raça cortada pelos tormentos, torturada e batida e que nos deu, a nós tanto e tanto. Sangue mysterioso que ajudou a crear a nossa Cidade. Raça que concorreu poderosamente para a definição da nossa personalidade psychologica e cujos traços sentimos nitidos nas nossas feições e na feição de tudo o que é realmente do nosso paiz em poesia e em musica.

Raça que accrescentou e enriqueceu com o seu soffrimento, a comprehensão do Christo que os portuguezes nos trouxeram. Toda ella esteve presente, toda ella surgiu aos meus olhos emquanto Gilberto Freyre falava, com a sua voz incisiva e igual. Eram os negros de todas as nações, os trazidos como carga no fundo dos navios, os constru-

ctores do Mundo Novo, immundos e feridos; eram os nascidos nas senzalas perto dos grandes cannaviaes, eram os trabalhadores do eito, dansando, os que estavam alí. Todos tinham sido encontrados. E pela intelligencia do Brasil, no que ella tem de mais alto, Nabuco, Castro Alves, Gilberto Freyre.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

TOBIAS BARRETO

O Homem, o Meio, o Espectaculo (Excerpto)

O que mais nos interessa hoje em Tobias é o homem, o meio, o espectaculo.

O homem nol-o descreveram varios autores contemporaneos e discipulos. Delle se desprende uma força extraordinaria. Estamos deante de intensa personalidade, generosa e vital.

No meio da inercia geral dos espiritos affeitos á rotina e felizes da mediocridade, elle se arrepela como um gigante, em haustos, insaciavel de saber, bebendo a vida aos sorvos como um sêr fabuloso.

Tudo o interessa, nada do que é humano e sobrehumano o deixa indifferente; em tudo quer tocar; tudo quer ver e sentir. De tudo quer entender. Para tudo tem uma opinião. Em tudo se quer metter. Sua curiosidade é universal. Sua aptidão a aprender illimitada. Sua capacidade de vibrar, prodigiosa na mocidade, se conserva na mesma tensão até a morte. Aos 18 annos, numa aldeia perdida do sertão de Sergipe, sabia latim, falava e escrevia latim, lia e ensinava francez e inglez.

Ao chegar a Pernambuco, tendo lido em Taine que toda a cultura vinha da Allemanha, aprendeu o allemão no interior da provincia, numa cidadezinha onde nada propiciava a cultura e o estudo. E tudo passou pelas suas mãos e tudo entrou na sua memoria.

Começou a estudar direito, já homem feito, não para advogar ou ser juiz, mas para saber o que era direito como quizera saber o que era arte, o que era sciencia, o que era philosophia, o que era o mundo, o que era o homem, o que era emfim a vida em seus diversos aspectos physico, moral e social.

Era um homem para quem o estudo das causas era o primeiro dever: saber de onde vimos, onde estamos, para onde vamos. Os livros, os autores do seu paiz não diziam. Ninguem no seu tempo, no seu meio, se preoccupava com isso: elle tratou então de procurar o que queria onde pudesse encontrar.

Ao chegar á Allemanha, á cultura allemã, ficou como louco, delirante de alegria, como a creança que encontra numa loja de brinquedos profusão e abundancia allucinadora, mais do que sonhara.

E então começou a tirar da prateleira e a arrebanhar para casa tudo o que podia, para mostrar ás outras creanças que tinham ficado na aldeia e não viram e não encontraram o que elle vira e encontrara.

Febrilmente entrou a querer pôr em contacto o seu tempo e o seu meio com as maravilhas que o deslumbraram... a encher o meio de tudo o que viu, o que sentiu, o que aprendeu: o que se dizia de Deus, o que se dizia do céo, o que se dizia da terra, o que se dizia do homem, o que se dizia da sociedade, o que se dizia do direito, o que se dizia da materia, o que se dizia da arte, e como se dizia e o que se queria dizer com o que se dizia.

Viajante que saiu do seu pago e que voltou carregado de presentes, distribuiu aos seus o que adquirira, bellas coisas e coisas sem importancia, diamantes e lantejoulas; estrellas do céo e papel pintado, tudo o que brilhava, que o encantara e que podia encantar os outros.

A indifferença do meio o irritava. Soffria como o pregoeiro de novidades que não acha compradores, como o annunciante que não faz clientela.

Quando alguem se aventurava a trazer alguma coisa nova, elle entrava a depreciar a concurrencia, a mostrar que o producto apresentado não era de lei, não tinha sido adquirido na fonte, que era contrabando. Assim com José Hygino e outros instruidos nas leituras allemãs da epoca.

Sua visão abrangia todos os aspectos do mundo, todas as faces da sciencia, todas as theorias, todos os problemas, tudo de que tratavam os livros do seu tempo em todas as linguas do Occidente.

Estudado fóra do meio, sobretudo fóra do seu tempo, justifica em muitos pontos a critica dos nossos contemporaneos. Mas como fugir á sensação de espanto que nos communica o espectaculo dessa existencia de scholar, votada, só e só, ao saber, com sacrificio de tudo, carreira, ambição, familia, tudo dado em holocausto á ancia de conhecer, ao prazer do estudo, á alegria de comprehender, de interpretar, de traduzir, de communicar, de propagar, de saber a verdade, e que lhe parecia verdade?

Certo não nos interessa o polemista pela polemica, o propagandista, o divulgador; certo seus defeitos alarmam o gosto moderno; certo sua admiração exclusivista pela Allemanha é ingenua; é um embasbacamento de creança, já eu o disse, numa exposição de brinquedos.

Mas como não respeitar a intransigencia moral do incorruptivel, que não transigiu com a mentira do seu tempo, que preferiu a miseria á dependencia; que não tomou senão um partido: o das idéas queridas, o das idéas que lhe pareciam verdadeiras?

GILBERTO AMADO.

Felix da Cunha — *Poesias* — Rio.

Graças á dedicação filial do Senhor Godofredo da Cunha, podemos afinal medir em conjunto o valor dos versos de um gaucho que tanto impressionou os seus contemporaneos. E a impressão é de que Felix da Cunha soube realmente transportar ao plano poetico os sentimentos de civismo que em dado momento empolgavam as multidões. Orador impetuoso, dos que fascinam os ouvintes e se fazem o "echo sonoro" das aspirações da turba, ligou elle o nome a discursos longo tempo recordados em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Escreveu tambem para os actores, revelando bons instinctos quanto á efficacia dos lances dramaticos. Acima de tudo, porém, foi um poeta, dos que visionam sempre um accrescimo de dignidade e fraternidade entre os homens. Um seu soneto sobre Sete de Setembro perdura nas anthologias. Aproveitando brilhantemente a emoção patriotica, á semelhança de Pedro Luiz e de José Bonifacio, o Moço, deixou elle muitas composições que ainda hoje merecem leitura integral, tanto mais quanto se trata de um autor ceifado em pleno viço, com pouco mais de trinta annos de edade.

Eloy Pontes — *Esforço Inutil* — Editora Record Ltda. Rio.

Pela amenidade do estylo e pelo interesse do entrecho, é livro que se lê com muito agrado. A historia decorre no entardecer de 1930, quando pullulavam na Avenida os *lenços-vermelhos* e o Rio estava cheio de heróes que iam operar a salvação do Brasil. Ao autor não passou despercebido o sopro de insania e ridiculo que desceu sobre a nossa cidade durante todo esse periodo e é esse um dos maiores attractivos do romance do Sr. Eloy Pontes.

Monteiro Lobato — *Contos Pesados* — Comp. Editora Nacional. São Paulo.

Andou muito acertadamente a Companhia Editora Nacional encorporando á sua collecção "Os Grandes Livros Brasileiros" uma bôa copia dos melhores contos de Monteiro Lobato. Em *Contos Pesados* vamos encontrar num unico volume de admiravel apresentação aquellas deliciosas historias que o conhecido autor de Géca-Tatú já nos dera em *Urupês, Negrinha* e o *Macaco que se fez homem*, tres livros dos que mais contribuiram para o justificado renome de que goza Monteiro Lobato na nossa litteratura.

Wells - *O homem invisivel* - Companhia Editora Nacional - S. Paulo, 1934.

Em boa traducção de Monteiro Lobato, diffunde-se agora pelo Brasil essa admiravel narração de Wells, já transplantada ao cinema e onde o "maravilhoso scientifico" assume proporções allucinantes.

Antonio Torres

Num instante como este, de dôr intensa, de amargura funda, e em que tudo me convida á meditação e ao recolhimento, vejo-me forçado a pegar na penna para alinhavar algumas linhas sobre uma das creaturas que mais gratas foram á minha amizade, sobre um dos homens em quem mais acertadamente puz a minha admiração.

Dia de pedra branca na minha vida! Ha quasi vinte annos—como é leve o peso de uma dedicação!—alguem, num encontro fortuito de rua, apresentou-me a Antonio Torres, o pamphletario terrivel, o bellicoso jornalista que a golpes de talento e de coragem se fizera um lugar á parte nas nossas lettras. Apertei-lhe timidamente a mão e mal soube dizer-lhe o enthusiasmo que me despertavam os seus artigos.

Mas qualquer cousa, um poder benefico, uma força electiva, zelava pela nossa approximação. Repetiram-se os encontros. Vieram as longas horas de convivio, as descuidosas noitadas de palestra e, a pouco e pouco, sob a armadura do batalhador pugnaz que, quando doutrinava ou zurzia os seus inimigos, tinha sempre á mão um gladio de fogo, pude descobrir o sêr generoso e prestante, o companheiro leal e affectivo que escondia para os seus mais intimos, no lugar do coração, um inestancavel favo de doçura.

Tudo isso é o que ainda agora me confirma uma nova leitura de suas cartas, não raro repassadas na saudade da terra distante e sempre zelosas dos amigos queridos que aqui lhe ficaram. E' numa dellas, escripta a 5 de Janeiro de 1933, quando a doença, que o havia de matar, já lhe corvejara o leito, que deparo a seguinte passagem: «Coisa curiosa! A Parca, vista de perto, não inspira o terror que nos faz quando a vemos de longe, isto é, quando estamos perfeitamente sãos. Affigura-se-nos na qualidade de uma solução como outra qualquer. A morte parece mais natural do que a vida. A vida é que é artificial, o verdadeiro, o real é a morte.»

Dura realidade, que de alguns dias para cá me mudou a face do mundo e já nada mais sei vêr sem que tenha sobre os olhos um forte vidrado de lagrimas.

Gastão Cruls

Ofelia e Narbal — *Pindorama*—Rio.

E' uma terceira edição do já consagrado compendio de leitura para alumnos dos cursos primario e gymnasial, e que está hoje approvado officialmente para as classes do 4º anno da Escola de S. Paulo e 4º e 5º annos do Districto Federal. Que dizer mais sobre um livro que se apresenta com taes credenciaes, se tudo não falasse pela justiça desses titulos: o nome dos seus autores, a intelligente escolha dos trechos transcriptos, o encanto dos desenhos e vinhetas, de themas bem brasileiros, e até a inegualavel apresentação graphica?

René Maran — *Le Livre de la Brousse* — Albin Michel, Paris.

Todo o mundo leu *Batouala*, o celebre romance negro com que René Maran obteve o premio Goncourt em 1921, livro que despertou polemicas, obra combatida e elogiada, mas que até hoje se mantem de pé e merece lugar de destaque entre os bons romances francezes. Filho da Martinica, elle mesmo homem de côr, René Maran conhece como ninguem a vida dos seus irmãos semi-civilizados ou semi-barbaros tanto das Antilhas como da Africa. E' a esta que elle se reporta agora no *Livre de la Brousse*, em que ha um pouco de tudo: romance, poema, documentario consciencioso, e que, no fundo, é um delicioso hymno á natureza primitiva, um novo Livro da Jungle, talvez mais espontaneo, talvez mais brusco, mas cheio de vigor e de belleza.

Padre Leonel Franca - *A Egreja, a Reforma e a Civilização* - Civilização Brasileira - Rio, 1934.

O maior dos louvores a tecer-se a este livro consiste em recordar que está na terceira edição sendo uma obra de alta doutrina e de severa critica historica. Representa, sem duvida, uma bella victoria para a nossa cultura christã a constante renovação do enthusiasmo com que foi acolhida a notavel synthese erudita de um infatigavel discipulo de Loyola.

Nelson Tabajara de Oliveira - *Japão* - Companhia Editora Nacional - S. Paulo, 1934.

Existem aqui formosas paginas allusivas ao caracter e á litteratura nipponicas, merecendo egualmente louvores o trecho consagrado ao estudo das relações do Japão com o Brasil. O sr. Nelson Tabajara de Oliveira, seguindo o velho preceito de Horacio, sabe ser util sem atormentar a paciencia do proximo. E só podemos rejubilar com o interesse que vae despertando agora, em nossa litteratura de viagens, um paiz de tanto pittoresco e de tamanha significação humana, que fez o encanto de Lafcadio Hearn, de Wenceslão de Moraes e de tantos outros egressos da civilização do Occidente que conseguiram japonizar-se até á medulla.

"SUOR" E A CRITICA

Se o sapateiro que somos em litteratura e, muito particularmente, em critica litteraria tivesse licença para deixar por um instante de lado a sua *crepida* e emittir opinião acerca de *Suor* e de como vem sendo apreciado pela critica o trabalho do joven e talentoso Sr. Jorge Amado, começariamos por um protesto.

Sim, senhores! A primeira cousa que fariamos seria protestar contra esses melindres de ventas delicadas, que sentem mau cheiro á simples leitura de nomes de cousas fedorentas; contra esse recato de *jeune fille* pudibunda com que certos criticos, aliás brilhantes e quasi sempre exactos, levam as mãos aos olhos ou ás oiças deante da obscenidade e da pornéa; contra a confusão, attribuida ao autor, de romance proletario com romance immundo e pornographico; contra a affirmação de haver, no romance do sr. Jorge Amado, um excesso de miseria, uma corrupção excessiva, um cosmopolitismo demasioso, porque essa corrupção e essa miseria e esse cosmopolitismo estão na vida mesma e não, como procuram fazer crer os mesmos criticos, apenas e intencionalmente, no romance; contra essa machiavelica e já sediça allegação de que os bachareis e litteratos (vejam só!) se preoccupam mais com os operarios, do que elles proprios, e esse modo de argumentar com excepções, segundo o qual "nem todos os trabalhadores de fabrica são martyres", e essa pilheria de mau gosto consistente em comparar a vida dos proletarios com a dos capitalistas; contra emfim a pretensão de descobrir pieguismo romantico ou melodramatico em *Suor*. Então, só porque ha ahi typos romanticos, sentimentaes ou visionarios, é licito concluir pelo pieguismo do romance? Que descubram isso em *Cacau*, onde o Sr. Jorge Amado affirma ser a consciencia de classe um termo mais bonito (sic) que a generosidade, comprehende-se. Mas de *Cacau* a *Suor* ha um progresso enorme. E esse progresso está justamente no realismo dos seus typos, scenas e quadros, está, iamos dizer, no passe de magica com que o autor, servindo-se de uma simples penna ou de uma machina de escrever, tira photographias. A isso chamamos arte.

Suor fede? Mas fica-lhe admiravelmente bem! Um suor cheiroso, como desejariam os criticos, seria um erro, um contrasenso a estragar todo o romance. Romance realista, *Suor* dá-nos fielmente a impressão da realidade. Suja, miseravel, desgraçada, essa realidade apparece-nos ahi tal qual é, núa e crúa, sem fantasias nem mantos diaphanos e por signal que muito differente da tal "realidade brasileira"... Nem poderia ser de outro modo, a menos que se restringisse a applicação do realismo litterario aos ambientes dourados da burguezia, assim á maneira de um Paul Bourget, que, segundo Mirbeau, não fazia psychologia de creadas... Mas não ha nada que autorize uma restricção a não ser, talvez, em sentido opposto, visto que são justamente as camadas sociaes pobres, deseducadas e, em consequencia, sujeitas a transvios e depravações, que constituem o maior contingente da vida real. O Sr. Jorge Amado pinta-nos essa vida. Mau gosto? Quem já se lembrou de dizer que o especialista da syphilis, da tuberculose, da morphéa gosta de taes molestias? Dir-se-á que o caso é differente, que o romancista nada tem de commum com o humanitario, com o reformador, com o revolucionario, que elle não tem que visar ao saneamento social. Sim, quando não o quer. Mas, se o quizer tanto melhor. A obra de Zola, que veio á baila, é, sabem-no muito bem os criticos, qualquer cousa mais que simples litteratura estercoraria. E' arte e idealismo social. E isso é, tambem, o novo livro do joven romancista brasileiro, sem ser, está visto, obra perfeita. Ha em *Suor* descuidos, como quando o autor faz uso, elle proprio, de termos soezes, influenciado, talvez, pela linguagem de suas personagens. Ha — e isso a critica deixou passar — graves incorrecções no estylo do Sr. Jorge Amado... Bem sabemos que ellas são, por vezes, propositadas e que, como em geral os neophytos do marxismo e de outros "ismos" revolucionarios, elle zomba da grammatica. Tambem nós, dos grammaticos pelo menos... Mas o facto é que sem grammatica não ha litteratura, como não ha bellas-artes sem desenho, nem musica sem rythmo. Depois, o Sr. Jorge Amado parece ter ficado um pouco atrapalhado sem saber que destino dar áquella moça de azul que elle inventou. E' uma moça estranha, que o leitor é tentado a tomar por um symbolo de qualquer cousa, que apparece de quando em quando, enigmatica, sem dizer nada e quando, emfim, se resolve a falar, é um desastre... para o romance. Desastre que a Linda, que a ouviu, teria evitado se, como era de esperar, lhe tivesse respondido com um desses palavrões que pullulam no romance e que ás vezes exprimem tão bem uma attitude e dizem mais, em seu laconismo, que todo um tratado de philosophia. Onde, então, a demasia pornographica, se houve, aqui, um palavrão a menos?

Ahi está o que, se nos deixassem, diriamos de *Suor* e da critica. Sem pretensão, nem vaidade. Tanto assim que, como quem não tivesse dito nada, tornariamos depois ás nossas fôrmas e sovelas: "... porque as instituições sociaes, etc. e tal..."

V. DE MIRANDA REIS

— André Frank louva os dons de humanista de Maurice Martin du Gard, revelados no volume *Terres Divines*, vendo a prova de um bom espirito na mescla de reverencia e irreverencia com que elle escreve. Pierre Lagarde elogia-lhe a "erudição sem surpresa" e a "elegancia sem affectação". Robert Kemp julga-o talvez mais barresiano que o proprio Barrès. Não é absolutamente um archeologo, accentua George Lubin, e procura em tudo, antes de tudo, o fremito da vida. Léon Treich reputa-o um excellente cicerone para orientar-nos através das terras classicas.

DE PARIS

Luc Durtain em Portuguez

Já não são raros os escriptores, sabios e artistas francezes que vêm visitando o nosso paiz desde alguns annos. Para tanto, têm contribuido os louvaveis esforços do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura.

Mas, raros são ainda, entre esses visitantes, os que verdadeiramente descobrem o Brasil...

Ha certas verdades que precisam de ser repetidas, afim de que se convença, um dia, a vaidade indigena da inexactidão absoluta de uma idéa — oriunda dos archaicos successos de Ruy Barbosa, "a aguia de Haya", e de Santos Dumont, "o pae da aeronautica" — consagrada nesta phrase: "A Europa se curva ante o Brasil"...

A verdade crúa e núa, é que somos, no estrangeiro, um paiz mal conhecido, um povo mal julgado. "A Europa confunde as nossas origens ethnicas e historicas com as dos nossos vizinhos espanhóes, sabe *apenas* que habitamos um territorio immenso, rico de metaes e pedrarias, abundante de materias de toda a especie" — já uma vez revelou Ronald de Carvalho nos seus primorosos *Estudos Brasileiros* (1) — Gustavo Le Bon declarou que eramos "uma nação hispano-americana, egual á Argentina, ao Perú, ao Chile". Lapouge affirmou, no *Aryano*, que o Brasil era "um grande Estado negro que regressava á barbaria". O barão de Gobineau escreveu que eramos "uma sub-raça, sem importancia historica, indigna de merecer a attenção dos sociologos avisados". Paul Adam humilhou-nos com os seus hyperbolicos louvores, comparando as nossas poetisas campanudas aos maiores escriptores da Academia Franceza. Blasco Ibanez só enxergou no Rio de Janeiro uma colonia de negroides semi-nús, regando as sargêtas das ruas, ao sol candente dos tropicos abrazadores, com as secreções da bexiga. Jules Huret, por mal da fatalidade desembarcou no Rio numa noite de Carnaval... O que lhe interessou na nossa capital foram "as orchideas da Tijuca e os micos do Sylvestre"... Enfim, não ha jornalista da especie de Maurice Prax que não encerre uma série de chronicas elogiosas ao Brasil com tres ou quatro artigos sobre os themas classicos: "o paraiso das cobras", ou "o eden dos mosquitos", ou "a fornalha da Terra", etc. E, como que para sublinhar esses escriptos, estas palavras, de uma injustiça lamentavel, que correm na bocca do povo francez: "*Brésil pays sans fleurs, hommes sans honneur, femmes sans pudeur*"... Quanto á actuação do Brasil na guerra (a ruptura das nossas relações com a Allemanha operou-se quasi dois annos apoz a conflagração européa, em 25 de Abril de 1917), si bem que a carnificina mundial não nos tenha custado grande sacrificio de vidas — mas, apenas, a alienação, de mão beijada, das nossas presas de guerra, — disso não têm lembrança nenhuma os povos alliados, que por certo não souberam identificar a nacionalidade d'aquella bandeira exotica, verde e amarella, quando, no *défilé de la victoire*, ella surgiu, timida, sob o Arco de Triumpho, no meio de tantas outras...

Por todas essas razões, devemos regozijar-nos grandemente quando temos a sorte de receber a visita de um Abel Bonnard, membro da Academia Franceza, que, em *Océan et Brésil* (2), faz justiça a essa tradicional hospitalidade brasileira, que elle encontrou até no fundo do sertão, e escreve a este respeito: "O verdadeiro parentesco das nações entre si, e que as approxima mais do qualquer outra coisa, está em terem, umas e outras, fidalgos no seu passado. Ha um certo modo de encarar as coisas que nunca será assimilado pelos povos privados dessa vantagem. Mas, quando dois homens, por mais differentes que pareçam, têm, ambos, essa tradição commum, nunca faltam a um nobre encontro em que se reconheçam. Eis o que, lá, considerei mais de uma vez; e, escrevendo o que ahi fica, tenho prazer em saudar de longe os gentishomens da solidão".

Por todas aquellas razões, devemos sobretudo agradecer a Luc Durtain por ter mostrado aos seus compatriotas, em *Vers la ville Kilomêtre 3"* (3), quanto o Brasil é digno de estima e de admiração, e admiral-o por tão bem nos comprehender e estimar.

Deste livro fez Ronald Carvalho uma versão para a nossa lingua, sob o titulo *Imagens do Brasil e do Pampa*, a apparecer nas edições Ariel, do Rio de Janeiro. Desta versão poderiamos extrahir muitas citações, dando, assim, aos leitores o incomparavel prazer espiritual de algumas paginas inéditas de Ronald-Durtain. Neste livro, o adagio "traduttore, tradittore", foi trahido com intelligencia e bom gosto. Em verdade, melhor traductor não poderia Luc Durtain encontrar para a sua obra do que Ronald de Carvalho. Si não existem "almas irmãs", eis ahi, entretanto, a prova de que ha espiritos e formas tão affins que se entrelaçam, se condensam, se amalgamam numa liga indestructivel.

"A arte de Durtain — define Ronald de Carvalho no prefacio da sua versão — é um acto gratuito, um dom de si mesmo. Ao revés de Duhamel, não limita elle o espectaculo do cosmos ao quadro da sua razão. Elle não *julga* as coisas, não as desloca do seu plano essencial..." E, adeante: "Para melhor absorver a materia universal, elle a condensa em imagens. Mas a sua imagem é

(1) 3ª Série — F. Briguiet & Cia., Editores, Rio, 1931.

(2) Flammarion. Paris, 1929.

(3) Flammarion, Paris, 1933.

uma invenção muito particular, na litteratura moderna. A imagem de Durtain reside no proprio vocabulo, que elle retira, vivo, como um passaro, ou uma flôr, ou um movimento de vaga, do obscuro contraponto da linguagem".

Com effeito, Durtain, dentro do puro estylo de idéas em que plasma a substancia dos seus livros, conserva-se tão preciso, tão concreto quanto possivel. Homem de sciencia, medico e psychologo, elle medita sobre o vivo.

"A originalidade do vocabulario de Durtain — escreveu um commentador da sua obra (4) — reside na perfeita propriedade dos termos, na capacidade destes de apresentarem ao mesmo tempo uma imagem e uma reproducção exacta da coisa definida, na correspondencia estreita que ha entre elles e a sensação, o sentimento ou a idéa. No estylo de Durtain, as palavras parece que são a propria traducção das coisas, a transcripção fiel do que o autor sentiu ou pensou. Umas são a reproducção duma sensação pura; outras, a duma sensação elaborada pelo espirito, que completa a impressão primeira estabelecendo uma relação entre a coisa vista, ouvida, e outra coisa de outro genero, que se lhe assemelha; donde, a imagem — comparação ou metaphora, — irrompendo bruscamente, illuminando com uma luz nova o objecto ou a pessôa, e imprimindo uma percepção mais nitida no espirito do leitor". Na phrase seguinte, em que desabrocha, como uma flôr de civilização e de cultura, o *humanismo de* Durtain (diria quasi o *unanimismo*), se condensam algumas das caracteristicas acima mencionadas: "*Il n'est pas d'homme si haut que puisse atteindre son regard, qui ne soit capable d'avoir mal á tel ou tel morceau de la Terre...*" (5).

Ao contrario da maior parte dos escriptores modernos, malabaristas do verbo, Durtain serve-se deste, principalmente, como instrumento essencial do raciocinio. Durtain martéla idéas com palavras.

Sua arte póde definir-se nesta phrase, que é, ainda, uma formula poderosa de estylo: "A idéa sente; a sensação medita". Essa originalidade de pensamento, que se imprime no vocabulario de Durtain, encontra-se tambem na sua syntaxe. No seu estylo rapido ("*...il semble vraiment sténographier la nature!*"), emprega elle frequentemente a ellipse, a suppressão systematica de uma porção de palavras que não são imprescindiveis ao sentido da phrase. E' essa concisão extraordinaria que torna "difficil" o estylo de Durtain; sem que, todavia, sob essa nuvem de ellipses se obscureça a idéa, por mais rapido que lhe corra o pensamento, por mais *ramassée* que seja a expressão della. Nem, por isso, é jamais a phrase desharmoniosa; antes, ao contrario, canta, redonda e leve, no ouvido afinado.

Ora, são precisamente, essas caracteristicas algumas das que preponderam no estylo e no pensamento de Ronald de Carvalho.

Nunca, talvez, como hoje foi o estylo tão descurado no Brasil. Julgam os "novos", mesmo os de talento (o que é tanto mais para lamentar-se), que escrever errado é escrever "brasileiro", que pensar com solecismos é crear uma lingua nova. Quantos delles têm alguma coisa a dizer, que dizem mal; e quantos outros nada ou pouco têm a dizer, que tambem o dizem mal! Donde, uma inextricavel confusão de valores... O peior é que o vicio está se propagando; e esse desmantelamento preguiçoso da linguagem ameaça derruir os verdadeiros talentos, inutilizando-lhes a pouco e pouco o pensamento. No emtanto, que ha de mais precioso, para a exacta expressão da idéa, do que o estylo? Mas... é que o estylo já é, em si mesmo, precisão; e esta não se adquire sem esforço, sem trabalho, sem estudo. Quantos estylos, que nos parecem os mais espontaneos os mais "intuitivos", são o resultado de pacientes pesquizas!

Ronald de Carvalho, humanista e philologo, conhecedor profundo de todas as subtilezas da lingua, typo perfeito de constructor (creador de um methodo historico para a analyse da litteratura brasileira, renovador da poesia nacional, constructor de uma poetica pan-americana, descobridor de aspectos novos em genios antigos, delineador de uma nova critica sociologica no Brasil), construiu tambem o seu estylo.

Delle escreveu o outro grande critico nacional, Sr. Agrippino Grieco (6): "Sempre exacto como um erudito e fino como um artista, — o mais plastico e, máo grado os que o apodam de futurista, o mais classico, no bom sentido, dos nossos prosadores, — espirito bem construido, sem nenhum pedantismo didactico, embora ligando sempre o facto artistico ao facto social Ronald de Carvalho trouxe ao Brasil esta novidade meio escandalizante: possuir estylo, ser um artista, mesmo tratando de assumptos de apparencia professoral".

As suas idéas a respeito de poetica e de metrica póde-se dizer que se condensam neste lemma: "*Cria o teu rythmo livremente*". Tão orgulhosa divisa num lábaro de fé artistica proporcionou-lhe polemicas com diversos criticos, um dos quaes, entre argumentos de odôr liturgico, lhe assacou o dos versos de sessenta e mais pés, que o poeta emprega muita vez, sobretudo em "*Toda a America*", — esse extraordinario poema da humanidade, que mais se distingue dos de Whitman, justamente, pela composição metrica. Ronald de Carvalho, defendendo-se de tão estreitas accusações, com a nobreza, a finura e a precisão que lhe são peculiares, teve ensejo para definir, de uma vez por todas, a essencia da sua poetica.

Em resumo, para elle, a substancia da poe-

(4) Yves Chatelain: "*Luc Durtain et son oeuvre*" — Les Oeuvres Représentatives. Paris, 1933.

(5) "*Vers la ville Kilomètre 3*", pag. 12.

(6) "*Evolução da prosa brasileira*" — Ariel Editora, Rio, 1933 (paginas 340 a 343).

NA EXPOSIÇÃO BRECHERET

A extrema arte apollinea, vida fixada e estylisada, arte memorial, é de algum modo funeraria. Sonha na prisão da immobilidade. Perfeição, realisação, acabamento — morte.

"Je hais le mouvement qui déplace les lignes
Et jamais je ne pleure et jamais je ne ris."

Entretanto, a estatuaria classica muitas vezes poude captar e encorporar o movimento e se fez dramatica: Venus de Milo, a Victoria de Samothracia.

No outro polo da escala ha uma arte dionysiaca, regida pelo movimento. Tanta vez tosca, tanta vez quasi informe, é uma promessa de belleza, uma vespera divina, belleza germinal de cousas anteriores ás definições, e que traz inclusas todas as definições, indo desde a graça dos animaes na infancia até á symphonia marinha. Porque a belleza, convem lembral-o, não é sòmente harmonia geometrica; é tambem musica.

Senti fortemente isto quando ha longos annos fui ao Museu Biron vêr o *Balzac* de Rodin. Ao cabo de alguns instantes de contemplação, aquelle bloco de força e de mysterio, pouco mais que uma rocha natural parecia-me dansar ao sopro do genio.

Hontem, na exposição Brecheret, um pequeno bloco de pedra, um esboço, deu-me outra vez o arrepio dos grandes dias. Chama-se *Mãi India*. E' o menos conspicuo daquelles trabalhos. Mas achei-me irresistivelmente chamado por elle, deixando as obras acabadas. Observando-o aos meus olhos foi desabrochando um pequeno prodigio amavel. De dentro dum sonho de maternidade, nebuloso e difficil, emergem os primeiros gestos de amor, lentos como um esforço vegetal. E as duas cabeças, apenas visiveis, a attitude infallivel dos braços, apenas indicados, envolviam-me num sonho de paz, de doçura quotidiana, de segurança domestica, de piedade sem nome.

Só um supremo artista podia tornar a esta magica simplicidade, depois de ter realisado cousas como aquelle maravilhoso *Torso*, cuja perfeição radiosa nos transporta ao mundo hellenico da melhor época.

Esta virtude essencial de movimento apparece com aspectos novos nas outras obras expostas. Assim no grupo *A Virgem*, o qual podia ter sahido dalguma cathedral da Edade-Media, ao tempo dos milagres artisticos anonymos. As mãos maternaes e pueris, erguendo o Menino como uma amphora sem par, a cabeça pendente de gloriosa humildade, mostram, na clara exactidão, que o artista é tambem irmão daquelles creadores do seculo XV, cuja technica é para nós uma surpreza, — bons operarios applicados, ingenuos, amparados pela visita secreta do genio.

Eis como, numa só tarde, encontrei varias obras primas. Não vi tudo. Mas já devo ao seu autor um dos meus maiores contentamentos estheticos. Elle conseguiu ser, com egual força, hellenico, medieval e moderno. E isso mostra mais uma vez como apparecem artificiaes e precarias as attitudes de escola, ao sol da grande arte.

TRISTÃO DA CUNHA

Josué de Castro — *O problema da alimentação* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Valiosa contribuição para o estudo de um dos assumptos mais complexos da vida moderna, assumpto que tão de perto interessa á robustez dos nossos patricios. Indo ao extremo de tudo quanto se prenda á sua these, o sr. Josué de Castro não omitte um factor essencial do problema da alimentação, argumentando sempre com extrema clareza, dentro de uma documentação que presume longos annos de pesquizas.

---

sia é livre; escapa, naturalmente e por si mesma a quaesquer medidas predeterminadas. A poesia transcende o metro. O verso está no rythmo, que se renova perpetuamente, e não na contagem dos pés e das syllabas.

O metro, que facilita a mnemonica, é necessario á prosa, a prosa que pretende provar alguma coisa. Assim, a prosa do rito religioso, do texto dos codigos, dos dispositivos legaes. A poesia nada pretende provar. A poesia pura não se confunde com a do drama, a da tragedia classica e a da narração épica, que exigem, para o effeito da recitação, a disciplina do numero.

E' por isto que a prosa de Ronald de Carvalho se nos afigura musical, e que a sua poesia nos parece cantar mais ainda no cerebro do que no ouvido. Pura illusão acustica, aliás. Como a illusão desses tres cubos juxtapostos, que não se sabe si estão voltados para cima ou para baixo. Assim, a poesia de *Toda a America* e a prosa do *Espelho de Ariel*, ou da versão que se vae lêr, não se sabe si echôam no intellecto antes de resoarem no ouvido. "*Bis saltavit et placuit*"... — diz, apenas o epigramma subtil de uma dansarina antiga. Na sua transcendente singeleza, não contém elle entretanto, toda a graça sublime da dansa, a substancia da poesia pura, essencia mesma da arte? Assim são, tambem, alguns dos *Epigrammas ironicos e sentimentaes*, assim são certos *rubaiyats*, certos *tankas*, certos versos de Tagore, de Mallarmé, de Paul Valéry.

A poesia transcende o metro... está no rythmo, que se renova perpetuamente... escapa á disciplina do numero... *Guadalajara!... Puebla!...* Milagres do rythmo. Poemas descriptivos envoltos numa forma tão pura que se esfumaça, e, ao mesmo tempo, tão precisa que se fixa, inolvidavel, no espirito.

Gostariamos de ver essa versão do Sr. Durtain adoptada officialmente pelos cursos secundarios do Brasil, como exemplo de estylo e modelo de verdadeiro patriotismo. Pois este não deve consistir unicamente em ufanar-se a gente pela extensão territorial e pelas riquezas inertes do paiz, mas pela obra de construcção material e cultural que está realizada, e que melhor farão as gerações futuras, quando com o sangue definitivamente temperado, sahirem, mais fortes ainda, do combate mesologico.

MAURICIO V. WELLISCH.

Isabelle Rivière--MARIA BLANCHARD--Editions R. A. Corrêa. Paris, 1934.

Para nós outros, intellectuaes, escravos de um raciocinio que, mesmo quando muito poderoso, é ainda limitado e incompleto, os artistas plasticos têm um quê de mysterioso. Onde buscamos comprehender, elles sentem. Por isso são mais directos, mais simples do que nós — e o seu universo é muito mais amplo. A' emoção que lhes vem pelos sentidos, reagem pelos proprios sentidos, emquanto nós a fazemos soffrer uma serie de transformações afim de poder exprimil-a pela intelligencia. Não necessitam de symbolos e abstracções, não precisam entender as cousas para amal-as, porque, para elles, ellas não valem pelo que representam, mas pelo que são. Artistas e artifices, estão mais perto da vida do que nós, não se prendem á distincção quasi sempre arbitraria que estabelecemos entre espirito e materia. Veem-nos unidos, inseparaveis, indistinctos como são na realidade. Para elles, o mundo das idéas e dos sentimentos é o mesmo mundo das fórmas e das côres, prolonga-se nelle, torna-se palpavel, directamente sensivel. Essa communhão fecunda, inquebrantavel, subjuga-nos na obra de Maria Blanchard, estudada por Isabelle Rivière num livrinho que é um bello livro. E um livro dolorosissimo. Artista e mulher, Maria Blanchard soffreu duplamente a tortura de ser aleijada, e de possuir uma alma complicada, vibrante demais, aberta a todas as inquietações.

Amante dos coloridos ricos, apaixonada da belleza, e mulher (é preciso não esquecer que a faceirice feminina é um sentimento muito mais profundo e mais serio do que julgam os homens) generosa, ardente, sonhadora incorrigivel, ella viveu acorrentada a um pobre corpo enfermo e contrafeito, a braços com a miseria, debatendo-se no isolamento, alvo de injustiças e mesquinharias.

Ha nella, na candura com que se enfeitava de côres vistosas, na mansuetude com que sorria das farças armadas á sua desamparada bôa-fé pela crueldade maliciosa, no desprendimento com que soccorria, ella, a desherdada, a todos os infelizes, no seu enthusiasmo, na sua humildade, algo de quixotesco, do ridiculo sublime dos bons e dos simples.

E todo o thesouro de sensibilidade, de amor, de carinho que, mulher feia, creatura á margem da vida, não poude expandir de outro modo, pôl-o a pintora hespanhola nos seus quadros. E as fórmas falam, vivem, contam a sua historia pungente.

As poucas reproducções que traz o livro são admiraveis. Na "Maternidade", os hombros cheios, os braços roliços da mulher e o seu doce olhar perdido, quebrado de ternura, fazem-na a um tempo muito animal e muito espiritual — mãe integralmente, na floração da carne e na dadiva do coração. Mãe como talvez o desejasse ser a pintora...

A "Menina azul" confrangedora na sua attitude passiva, resignada, é a infancia adivinhando as tristezas do futuro, os olhos embaçados de lagrimas. O "Cesteiro" grupo de ambiente evangelico, purissimo, parece quasi absurdo, destacando-se sobre um fundo de cidade moderna.

Não tenho — nem poderia ter — a pretensão de fazer critica de arte. Gostei dos trabalhos de Maria Blanchard sobretudo por encontrar nelles, misturadas, fundidas, a dôr da mulher e a plastica da artista, o subjectivo e o objectivo. Essa telas de que, embora tendo de viver da sua arte, nunca se resignava a se separar, inventando mil subterfugios para afastar os compradores, eram realmente os fructos da sua alma e do seu corpo — do seu coração de mulher e das suas mãos de pintora.

Ha em todas as figuras um traço commum, uma nostalgia — a nostalgia de Maria Blanchard, que só no fim da vida, na renuncia christã, encontrou a paz. Em todas, ella poz um pouco de si, nessa união com a fórma, com a côr, que nós admiramos — e invejamos — que deve ser mais natural, mais completa do que todos os nossos raciocinios.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Quer saber o que têm sido as nobres lutas da Igreja Cathólica, defendendo-se contra doutrinas inimigas? - LEIA:

A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO

do padre LEONEL DA FRANCA

illustre professor e escriptor brasileiro.

Um admiravel livro de cultura e de fé.

- Está a venda a 3.ª edição -

Grande formato - 546 paginas

Preço 18$000

Em todas as livrarias e na Livraria CIVILIZAÇÃO

- Rua 7 de Setembro, 162 -

Rio de Janeiro

—A *Nouvelle Revue Française* acaba de lançar dois livros fadados a grande exito: *Le poète et les lunatiques*, de G. K. Chesterton e *Défense des femmes* de H. L. Mencken. Este ultimo traz prefacio de Paul Morand.

— Annunciava-se para breve uma traducção para o francez do celebre livro de Hitler, *Mein Kampf* (*Mon Combat*). Sabe-se agora que este livro não mais circulará, por interferencia do proprio dictador, que fez o seu editor allemão reclamar das autoridades francezas o confisco daquella traducção, já no prelo, mas feita sem o seu consentimento.

— Faz successo em Londres a nova peça de Noel Coward *Conversation Piece*, que tem subido á scena um sem numero de vezes. Um dos principaes attractivos do espectaculo é que o papel da protagonista é feito por Yvonne Printemps, a conhecida actriz franceza, que o representa em inglez e canta deliciosas canções, da lavra do proprio Coward, intercaladas ao texto da comedia.

ANALYSE FOLK-LORICA DE UM ROMANCE

Uma completa explanação do folk-lore dos admiraveis romances do Sr. José Lins do Rego — *Menino de Engenho, Doidinho* e *Banguê* me levaria longe. Livros por assim dizer photographicos, cheios mais de realidades do que de sonhos, nelles palpita a vida collectiva, a experiencia e as tradições da raça. O grande romancista parahybano apanhou, com fidelidade insuperavel, o viver dos engenhos da varzea do Parahyba do Norte, que guardam, no seu passado de tres seculos, outro muito mais longo, que se perde nas brumas da historia lusitana. O menino de engenho dá a mão através do Atlantico ao menino de aldeia, comquanto seja mais precoce e pervertido do que este. Effeito do meio, da escravidão, da mestiçagem negra e americana.

Irei agora annotando, em *Menino de Engenho* o que me pareceu mais interessante, no tocante ao folk-lore. De outra feita analysarei os outros dois romances.

I — "De manhã á noite, de pés no chão, solto como um bicho" (P. 24)

O prazer de andar descalço é dos mais intensos que pode gozar o menino branco da *casa grande*. Influencia indigena. Trata-se de um *complexo*, a que se referiu o sr. Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*. "Complexo", no sentido sociologico.

II — "De manhã iamos com os moleques lavar os cavallos e ahi passavamos horas inteiras dentro dagua.

Gallinha gorda
gorda é ella,
vamos comel-a
vamos a ella.

E sacudiam a pedra para dentro do poço mergulhando para pegal-a no fundo." (Pag. 25)

Esse jogo infantil é tambem conhecido aqui, no Sul. Phocion Serpa, campista, do Estado do Rio, assim o descreve numa magnifica contribuição folk-lorica, estampada no *Jornal do Brasil* (1, julho, 1934):

"A gallinha gorda nada é mais do que um mergulho collectivo.

Um dos banhistas mune-se, previamente, de uma pedra do tamanho, mais ou menos, de um tijolo commum, e, diante dos companheiros em circulo pronuncia essas palavras sacramentaes:

— Gallinha-gôrda?!

Os outros, em côro, vão respondendo:

— Gôrda!

— Assada ou cosida?

— Cosida!

— Vamos a ella?

— Vamos embora!

Tudo isso, naturalmente, obedecendo a um rythmo, cuja toada não posso reproduzir aqui.

Findo o convite, a pedra é arremessada á distancia, mergulhando os banhistas para apanhal-a, cabendo áquelle que a encontrar, a direcção do brinquedo".

Decididamente o Brasil é o mesmo em toda a parte: os meninos das margens do Parahyba do Norte brincam como os das ribeiras do Parahyba do Sul.

III — "Numa occasião, jogando pião na calçada, o brinquedo foi cahir em cima do seu pé. A velha (a tia Sinhazinha) levantou-se como uma furia para cima de mim e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terriveis" (Pagina 38).

Deixemos o chinelo, como instrumento de supplicio infantil, e tomemos o pião na unha. O jogo do pião perde-se na noite dos tempos. Uma estampa medieval mostra-nos um menino brincando com o pião. Póde ser vista em A. Malet et J. Isaac — *Le Moyen Age jusqu'à la guerre de Cent Ans*, 1926, p. 452. O hellenista Picard refere-se ao seu uso na epoca classica da Grecia.

IV. O lobis-homem. "Na matta do Rôlo estava apparecendo lobis-homem. Na cozinha era no que se falava, num vulto damninho que pegava gente para beber sangue. Manoel Severino, quando voltava de uma novena, levava uma carreiro do bicho. Elle mesmo contava:

— Eu vi o vulto partir para cima de mim, e larguei as pernas num carreirão de cavallo desembestado. Olhei para tráz e só vi o matto bolindo com um pé de vento de arrancar raiz" (Pagina 73).

Seria longo transcrever tudo que o romancista diz do lobis-homem. E' uma das melhores paginas do livro.

O lobis-homem affirmavam ser José Cotia, "um comprador de ovos da Parahyba, um pobre homem que não tinha uma gotta de sangue". João Ribeiro (*Folk-lore*, 1919, p. 37) já notara que "no Brasil certas victimas do *amarellão*, quando esgotadas de anemia, são havidas por lobis-homem. Uivam, ladram, e amam as excursões nocturnas fóra de horas. Tal é o caso da legenda arcadica de Lycaon entre os gregos".

A lycanthropia póde ser estudada em Gubernatis — *Mythologie zoologique*; Theophilo Braga *O povo portuguez;* João Ribeiro, livro citado, etc. Em enfermidade mental é um retorno á phase totemica da evolução psychologica.

V — "A cabra-cabriola, a caipora, encontravam na matta os caçadores solitarios. A burra de padre andavam tinindo as correntes de suas patas pelas porteiras distantes. Um mundo inteiro de duendes de carne e osso vivia para mim" (Pagina 77).

Note-se o syncretismo mythologico, ao lado da caipora, que é indigna, a cabra-cabriola e a burrinha de padre da tradição européa. Tantos laços nos prendem ao Occidente!

VI — A *estoria* da madrasta. Archivemos a versão do romancista: "Na sombra da figueira, com aquelle mormaço do meio-dia, adormeceu (a menina) sonhando com o pae que andava longe e com os brinquedos que traria. E os sabiás

pinicaram os figos da figueira. Era o que a madrasta queria. Pegou a menina e deu-lhe uma surra de matar e a enterrou, ainda viva, na beira do rio. De volta o pae chorou como um desgraçado, com a noticia da morte de sua filha. A madrasta contara que a menina adoecera desde que elle botara os pés fóra de casa:

— Não houve remedio para a pobrezinha.

Uma manhã, porém, o capineiro do engenho sahiu para cortar capim para os cavallos. Uma touceira bem verde crescia no meio do capinzal. Elle metteu a serra. Ouviu então de dentro da terra uma voz muito longe. Pensou que fosse engano de suas ouças e metteu outra vez a serra. Ahi, uma voz doida como a de uma alma soffrendo levantou-se numa cantiga:

Capineiro de meu pae,
não me corte os meus cabellos,
minha mãe me penteou,
minha madrasta me enterrou,
pelos figos da figueira
que o passarinho beliscou.

O capineiro assombrado correu para chamar o senhor de engenho. E voltaram com a enxada e cavaram a terra. A menina estava verde como uma folha de matto. Os cabellos crescidos em touceiras de capim de planta. Os olhos cheios de terra. E as unhas das mãos pretas e enormes. O senhor de engenho chorou feito um doido abraçando e beijando a filhinha. No engenho foi uma festa que durou muitos dias. Os negros dançaram côco duas semanas. E muitos escravos tiveram carta de alforria. E amarraram a madrasta nas pernas de dois pôldros brabos. Os pedaços della ficaram pela estrada, fedendo." (Pag. 81).

Sylvio Romero colheu a mesma lenda em Sergipe — *Contos populares*, Lisboa, 1885, p. 57. De origem portugueza.

VII — A lavandeira, ave. Ha no conto acima, em parte não transcripta, referencia ás rolas lavandeiras, aquellas que lavam a roupa de Nosso Senhor. A lavandeira, com a pennugem do corpo branca contrastando com as pennas pretas das azas, semelha uma freira. Dahi, talvez, a lenda que a proteje, livrando-a das certeiras balas dos bodoques e atiradeiras.

A sacralidade do branco e preto veio-nos, talvez, da Africa. No velho Egypto o boi Apis era lavrado dessas côres. Ainda hoje o boi Geroa, branco é preto, é adorado por certa tribu sul-africana. (A. F. Nogueira — *A roça negra*, 1880, p. 289).

VIII — "Tudo elles sabiam fazer melhor do que a gente: soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanhas." (Pag. 87). O papagaio, o coruja, o perequito são brincos citadinos. Ha certa periodicidade no seu apparecimento annual, coincidindo com o regime dos ventos. O jogo de castanhas faz-se com as de caju'. Indigena?

IX — "Punha-se de vara na mão chamando os bois de cambão para os atalhos, desviando as rodeiras das pedras da estrada:

— Ei Labarêda! Ei Medalha!" (Pag. 96).

Cada animal da fazenda tem nome, quasi sempre pinturesco, mas nunca arbitrario. Labarêda, por causa do pello vermelho. Noutro passo apparece um chamado Estrella. Tinha, de certo, um signal na testa. Aos cães dão-se nomes de peixes, por sympathia, afim de evitar a *molestia damnada*.

IX — "De manhã bem cedo já estavamos promptos, com o carro de boi na porta. Cobriam o carro com uma esteira de piri-piri e forravam as taboas de sua mesa com um colchão" (Pag 96).

O carro de bois usado na Parahyba, com as sua rodas massiças, pertence ao typo mais archaico. Typo romano. A área de dispersão desse carro, que Aranzadi faz remontar ao neo-lithico, estende-se por Capadocia, Anatolia, Armenia, Kurdistão, China, Formosa, Felippinas e Marianas. Segundo o mesmo ethnologo, esse elemento de cultura deve ter irradiado do Cáucaso ou Mesopotamia. (T. de Aranzadi y L. de Hoyo Sainz — *Etnografia — sus bases, sus métodos y aplicaciones a España*, 1917, p. 34).

X — "As negras me ameaçavam:

— Judiar com passarinho bota as pessoas pro inferno, menino. Deus nosso Senhor fez os passaros foi pra cantar no matto, soltinhos."

O verbo judiar tem largo emprego na Parahyba, que foi, na época colonial, um dos pontos do paiz mais procurados pelos israelitas e deu martyres á inquisição. Diz-se lá que quem judia com alguem ou com algum animal cria *cotôco*. Os visinhos vão além: parahybano tem cotôco.

Talvez esse ditado se prenda á influencia dos judeus na Parahyba colonial. Essa inferencia fil-a em face dos versos populares seguintes do cantor sertanejo Bernardo Cintra, de quem se occupou o sr. Pedro Baptista, em artigo publicado na *Revista Nacional*, fasciculo 1, tomo 3, n. 9 (Junho de 1934).

Pisunha discute, em versos, com Cuverde. Diz o primeiro:

Francisco não seja louco,
cabello não tem valia!
A raça de Branca *Dia*
era judeu de cotôco,
que deu em Jesus muito sôco,
preso, despido e arrastado,
com tres pregos foi pregado
na santa cruz do senhor
isto é raça sem temor,
branco perverso e malvado.

A lenda da formosa judia parahybana não tenho espaço para esplanal-a aqui.

XI — "Passava o dia inteiro rondando os officiaes nas suas confidencias. Contavam a historia de uns carpinas num engenho do Brejo: — o senhor de engenho só mandava para elles bacalháu, na janta e no almoço. Passavam o dia inteiro bebendo agua com a bocca secca. Um dia um delles disse para o negro que não gostava de bacalháu, que não aguentava mais aquillo. No outro dia o taboleiro com a comida chegou. Era peru' que vinha. E peru' de tarde. E a semana toda, peru'. Num domingo, o mestre sahiu para dar umas voltas nos arredores. Viu um negro com uma porção de urubús nas costas:

— O que é isto, moleque?

— E' peru' pros carpinas.

Os officiaes anoiteceram e não amanheceram na propriedade. E rebentou ferida pelo corpo delles. Estiveram para morrer um tempão." (Pagina 107).

Esse conto deve ter correspondencia no folklore europeu, apezar do urubu' ser apenas americano.

XII — "Maria Borralheira perdera um sapato descendo duma carruagem daquellas." (Pap. 118).

Essa historia é quasi universal. Sylvio Roméro colheu-a em Sergipe — *Contos populares*, 1885 pag. 52 e 212. A area de sua dispersão abrange o mundo aryano.

XIII — "Olhava para as resteas que as telhas de vidro espalhavam pelo quarto.

. . . .

"O menino Jesus havia saido dessa réstea de sol vinda do céo." Pap. 123.

Ha aqui reminiscencia de uma quadrinha popular do Nordeste:

No ventre da virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou tambem saiu,
Como o sol pela vidraça.

Recolheu-o, no *Cancioneiro do Norte*, Fortaleza, 1903. Rodrigues de Carvalho, annotando: "Esta genial concepção encontra-se em um notavel poeta latino; e não é crivel que simples matuto analphabeto e bronco tivesse a caprichosa habilidade de transportal-a para a musa do povo. Aqui é uma dessas coincidencias proprias das creações dos cerebros privilegiados." Pag. 194.

O matuto bronco apenas conservou, melhorando, a versão portugueza:

No ventre da Virgem Mãe
Encarnou Divina Graça;
Entrou e sahiu por ella
Como o sol pela vidraça.

Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, que a incluiram em *Mil trovas populares portuguezas*, Lisboa, 1903, perguntam: "Em que livro de rezas se encontra o mysterio da Conceição interpretado com mais engenho, poesia e graça que nessa quadra?"

O texto litterario mais antigo em que figura aquella imagem é o de Petrus Lombarddus, autor do *Magister sententiarum*, fallecido em 1164: "Sol penetrat vitrum, nec fragitur aut violatur; sic Virgo peperet, nec maculata fuit." Descobriu essa fonte o philologo portuguez Claudio Bastos. Vide a revista *Lusa*, II, ps. 69 e 146.

Da encantadora quadrinha occuparam-se Carolina Michaellis de Vasconcellos — *A Saudade portugueza*, 1.ª e 2.ª eds.; Alberto Faria — *Accendalhas*, Rio de Janeiro, 1920; Lindolfo Gomes — *Nihil novi*...., Juiz de Fóra, 1927; Joaquim Ribeiro — *Revista nova*, 1931, n. 2, todos com boa copia de erudição, o que me dispensa de chover no molhado.

—

O mundo da infancia enche-se por singular contraste, de archaismos. O nasciturо, no ventre materno, recapitula a série philogenetica dos seres.

Em nove mezes vive vertiginosamente mais de um bilhão de annos. Calculo do biologista americano Smith Ely Yelliffe.

O menino, depois de nascido, vai atravessar, abreviadamente, todas as phases da cultura. Os seus jogos e brinquedos, se são, ás vezes, uma preparação para a vida, quasi sempre recordam o passado cultural. A sua bésta inoffensiva foi terrivel arma de guerra. Por isso é que o mundo das creanças está povoado dos mais curiosos archaismos psychicos e sociaes.

Eis ahi o motivo, por que em *Menino de engenho* ha tanta messe para a colheita dos folk-loristas, esses enamorados do passado que a historia esquecera.

ALCIDES BEZERRA.

— Parece qe o conde de Keyserling, tambem conhecido nosso, foi prohibido pela gente de Hitler de ir fazer umas conferencias na Hespanha. O mestre da Escola de Sabedoria de Darmstadt ter-se-ia submettido sem esforço a essa prohibição, tanto mais quanto um dos pontos fundamentaes da sua philosophia é o horror a discutir...

LIVROS A APPARECER

Annuncia-se para muito breve o apparecimento de um novo livro do Sr. F. Contreiras Rodrigues. Continuando na mesma ordem de estudos a que sempre tem dado o melhor da sua intelligencia e cultura, o festejado autor dos Novos Rumos Politicos e Sociaes, *brilhante sociologo que amiude nos distingue com as suas collaborações, dar-nos-á agora os* Traços da Economia Politica e Social do Brasil Colonial — *"traços" no modesto dizer do escriptor, pois que se trata de um atilado e exhaustivo trabalho, apoiado em copiosa bibliographia, e que virá trazer novas luzes a um mais amplo conhecimento da nossa formação historica.*

Dessa importante obra, que será dada ao prelo por Ariel, editora ltda., temos o prazer de inserir neste numero um interessante excerpto.

Inaugurando o curso de extensão academica do Centro Oswaldo Spengler, o professor Gilberto Amado realizou, recentemente, no salão da Escola Nacional de Bellas Artes, uma notavel conferencia sobre a personalidade de Tobias Barreto.

Summula de vasto descortino philosophico, obra de pensador e artista, este trabalho, de que damos hoje aos nossos leitores as premissas de um pequeno trecho, merecia por todos os titulos a divulgação que se lhe vae dar agora, editando-o numa elegante plaquette, *a ser lançada dentro de poucos dias por Ariel, editora ltda.*

LÉON KOCHNITZKY

Em outra local desta revista, os nossos leitores encontrarão, sob o titulo de Um Bernini dos Tropicos *e transcripto da revista* L'Amour de l'Art, *que se publica em Paris, um penetrante estudo a respeito da esculptura do nosso Aleijadinho. Assigna-o Léon Kochnitzky, o brilhante intellectual belga que nos visitou durante o anno passado e aqui teve opportunidade de fazer algumas conferencias das de maior exito que já se realizaram no salão do Petit Trianon. As paginas que ora transcrevemos, vertidas para o nosso idioma, fazem parte do livro* Apollo Americanus, *ainda em preparo, mas que já se adivinha cheio de palpitante interesse, e no qual o Sr. Kochnitzky reunirá notas e impressões sobre a sua viagem á America do Sul.*

— Maurice Toussaint consagra um substancioso estudo á actividade de Vauban na Lorena. Vauban foi um dos servidores mais puros da França do seu tempo. Bastante entendido na construcção de praças fortes, dava-se tambem a investigações em torno aos problemas de economia politica, com uma lucidez que se póde classificar de divinatoria, comparada com a obtusidade de tantos estadistas do seculo XVII.

DOIS ESCRIPTORES GAÚCHOS

1 — *CLARISSA*

E' deliciosa a historia de Clarissa, que o Sr. Erico Verissimo narra nessa novella que sahiu numa "Collecção Globo" entre livros policiaes e livros de aventuras.

Clarissa ficou bem deslocado entre a *Pista da Vela Dobrada* e o *Pirata do Panamá*. Nada tem de aventurosa a vida dessa menina, vida que o Sr. Erico Verissimo nos conta com uma delicadeza e uma ternura tão grandes que tomam conta da gente, deixando-nos envolvidos numa sombra de tristeza.

Tambem nesse livro nada existe da celebre bravura gaucha que começou a desapparecer do Rio Grande do Sul com a poesia de Raul Bopp, Alvaro Moreyra, Augusto Meyer e Theodemiro Tostes e que já não se enxerga nos livros dos novos prosadores do pampa. Ficou para os oradores apenas.

O Sr. Erico Verissimo parece até com o muito carioca Sr. Marques Rebello, chegando por vezes a ultrapassar o autor de *Oscarina* na ternura com que trata o assumpto e na noção do detalhe preciso.

E é um assumpto bem difficil esse que serviu á novella do escriptor sulista. Contar a historia de uma existencia aos 14 annos não é das cousas mais faceis. Faz-se necessaria uma grande finura, muita sensibilidade. Uma nota mais forte poderá botar tudo a perder.

O Sr. Erico Verissimo realizou completamente a sua novella. Chega a commover a gente, o desgraçado...

2 — *SEU PAULO CONVALESCE*

Um livro de contos. O Sr. Telmo Vergara é outro que se afastou da litteratura da querencia. E se ainda não se encontrou de todo, se os seus contos não attingiram ainda o maximo que nos pode dar o escriptor sulino, nem por isso a litteratura desse livro deixa de ser das mais agradaveis. Revela alguem que não é apenas um escrevente como aos milhares existem neste paiz onde, segundo o meu amigo Pinheiro Viegas, "quem não tem artigos e versos publicados, tem pelo menos uma duzia de sonetos guardados na gaveta".

O Sr. Telmo Vergara é um escriptor que sabe narrar. Conduz com vivacidade a acção dos seus contos, deixa que seus personagens vivam e conversem por sua propria conta. A nota tragica que ha em um ou outro conto não atrapalha a humanidade da cousa, não borra nada. Estamos deante de um moço que com esse livro contrahiu a obrigação de nos apresentar obra muito seria. *Seu Paulo Convalesce* é uma indicação. Telmo Vergara um nome a guardar.

JORGE AMADO

Théo Filho - *A grande aventura de João Taylor* - Civilização Brasileira - Rio, 1934.

Depois de ter sido o romanceador de aspectos da nossa vida burgueza, em livros de que se venderam muitos e muitos milhares, o sr. Théo-Filho, alargando os seus dominios de romancista, voltou-se para as fascinantes aventuras do oceano. Agora é a evocação dos feitos de uma das figuras mais impressionantes do Atlantico brasileiro. Lances épicos misturam-se a notas de subtil psychologia e não faltam á narração esses incidentes de amor sem os quaes nenhum romance, mesmo de aspectos heroicos, consegue empolgar a maioria dos leitores.

Labieno — *Vindiciae* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1934.

Os admiradores da memoria do conselheiro Lafayette — e são innumeraveis — estavam a reclamar uma nova edição do livro, de tal possança na subtileza, em que o grande jurista, mostrando-se tambem autoridade idonea em coisas de lettras, defendeu Machado de Assis das accusações que lhe fez Sylvio Roméro, ao confrontal-o, no mais injusto e absurdo dos parallelos, com Tobias Barreto. As linhas introductorias, do escriptor mineiro Mario Mattos, localizam bem o volume na irrecusavel importancia que lhe cabe na historia da nossa cultura.

A CONQUISTA DO SUL (EXCERPTO)

Differentemente do Extremo-Norte, cuja conquista começou em 1612, segundo vimos, a do Extremo-Sul começou em 1635, e exigiu mais de seculo e meio, de 1635 a 1801. A parte do Brasil que corresponde a Santa Catharina não passou, porém, por essa dolorosa prova da conquista, seguida quasi sempre de um rosario de males e consequencias funestas.

Em 1660 Manuel-Lourenço-de-Andrade funda pacificamente S. Francisco; em 1675 Francisco-Dias-Velho, filho do bandeirante que na década de 1640 explorou os sertões de Viaza, conforme o denominavam os Espanhóes, ou dos Patos ou dos Tapes, ou do Continente, ou do Rio Grande, conforme lhe foram chamando successivamente os Portuguezes, em 1675 Francisco-Dias Velho occupa a ilha Santa Catharina; e em 1676 e não em 1684, Domingos-Brito-Peixoto, segundo affirma Basilio de Magalhães, baseado em documentos antes delle não compulsados, funda Laguna, de onde deveria derramar-se, mais tarde, pelos Patos ou pelo Rio Grande, que era o Guahyba comprehendendo tambem a Lagôa-dos-Patos, o povoado de origem paulista. Os naturaes de Santa Catharina não offereceram a mesma resistencia que em outros pontos do Brasil, nem tiveram organização regular como nos Tapes e no Uruguay. Por isso passaram estas duas Provincias jesuiticas por um longo periodo de torturas que tanto os prejudicou como prejudicou os Paulistas que intentaram batel-os e expulsal-os. Repellidos do Paraná, de Guahyra e do Itatim, entre 1628 e 1633, procuraram os jesuitas espanhóes extender os dominios do seu imperio mais ao Sul, na mesopotamia americana e nas bacias do Uruguay e do Jacuhy, mas sempre dentro da linha de Tordesilhas. As Missões que fundaram na bacia do Uruguay constituiam a Provincia do Uruguay, as que fundaram na bacia do Jacuhy constituiam a Provincia dos Tapes. Foi em 1626 que o Padre Roque Gonzalez, já estabelecido sobre a margem direita do Uruguay, onde fundara em 1619, Nossa Senhora da Conceição, passou para a margem esquerda, fundando a Reducção de *S. Nicolau*, na barra do Piratiny de Cima-da-Serra. Em 1627 funda *Candelaria* sobre o Ibicuhy, na fronteira dos Tapes; em 1628 *Caaro* e *Assumpção* no *Ijury*. Em Caaro, nesse mesmo anno, são assassinados os Padres Gonzalez e Affonso-Rodriguez por Neheçum, feroz cacique, com sua tribu sublevada. Marcha sobre S. Nicolau, mas é batido pelos catechumenos, com auxilio do tucháua Nhanguirú e do portuguez Manoel-Cabral. No Ijuhy entre 29 e 33 foram fundadas as reducções dos *Santos-Martyres*, *São Carlos* e *Apostolos*. Com a chegada dos immigrados de Guahira, trazendo á frente Montoya, Dias-Tanho e outros jesuitas celebres, fundam-se *S. Thomé* (1632) e *S. Miguel* (1633) sobre o alto Ibicuhy, e na mesma zona *S. José* em 1633. Nesse mesmo anno *Sant' Anna* e *Visitação* já na região dos Tapes, sobre o Jacuhy, *S. Joaquim* no Rio-Pardo, *S. Christovão*, tambem no Rio-Pardo, Jesus-Maria da serra de Butucaraby, *S. Anna* na mesma serra, *Natividade* na serra de S. Martinho. Em 1643 *S. Cosme* e S. Damião onde é hoje Santa-Maria da Bocca-do-Monte. No anno seguinte, á noticia de Paulistas nos Tapes (Mouros na costa), marcham contra elles os Padres Mendoza e Molina, mas é aquelle assassinado por outro pagé Jaguacapurú. Nova revolta de selvagens, nova derrota dos mesmos. Tinham por fim os jesuitas catechizar o Gentio dessa parte da America, o qual sendo numeroso, era em parte deshumano. Consistia de varias nações, segundo o Padre Teschauer — *Guaranys*, entre Uruguay, Ibicuhy e Jacuhy; *Minuanos*, entre Cuarahy e Ibicuhy; *Guenoas* na região de Bagé; *Charrúas*, na fronteira do Sul; *Tapes*, na parte esquerda da bacia do Jacuhy; *Arachás* á margem occidental da Lagôa-dos-Patos; *Guananas* á margem esquerda do alto Uruguay; *Carijós* pela costa do Atlantico e Albardão; *Caaguas*, nas pontas do Cahy e Tacuary.

Mas os denodados Missionarios, embora dentro da linha ideal de Tordesilhas, invadiam um territorio batido já varias vezes pelos Portuguezes e por elles pretendido. A' campanha de conquista dos Patos, dos Tapes e do Uruguay precedera um longo periodo de reconhecimento, segundo o rythmo da colonização da maior parte do territorio brasileiro. Deixando de parte as explorações maritimas dos primeiros navegadores portuguezes, como Christovam-Jacques, Pero-Lopes-de-Souza e outros, que rumavam para o Rio da Prata, sabe-se por uma carta de Felippe IV, datada de 1614, que os Paulistas exploravam o sertão dos Patos ou de Viaza, desde meiados do sec. XVI. Ora, essas entradas de reconhecimento deveriam ter-se prolongado com mais intensidade atravez do periodo da união pessoal das corôas de Portugal e Espanha (1580-1640), posto que não soffreriam a opposição desta nação. Aos espanhóes, embrenhados no Perú e no Mexico e occupados por suas guerras constantes, não lhes sobraria tempo para impedir a expansão portugueza na America.

Effectivamente, em 1611 D. Luiz de Souza, filho e successor de D. Francisco no mando da repartição do Sul, prohibia as incursões pelos Patos; e em 1619 sabe-se por uma Provisão de Gonçalo Correia de Sá, que nesse anno uma leva Paulista, por agua, procedia ao resgate de Indios dos Patos. Até fins da segunda década do seculo XVII estava, pois, bem conhecido dos Portuguezes o sertão do extremo Sul, que em 1626 os espanhoes começaram a occupar, certos de que vigorava ainda o meridiano de Tordesilhas, que passava na Laguna; e sempre insistentes na fundação da grande nação dos Guaranys, cujos primordios foram esboçados e

André Maurois — *L'instinct du Bonheur* — Grasset. Paris.

Não ha, entre nós, escriptor francez mais lido actualmente do que Maurois. No claro aberto pela decadencia de Bourget e pelo silencio tumular em torno de Anatole France, elle entrou, e se installou. Espirito claro, confortavel, accessivel a todos, embora possua alguns bons livros — as vidas de Disraeli, Shelley e Eduardo VII, sobretudo elle conquistou o publico sympathizante com a litteratura. Está na moda. Quem gosta de lêr o que é bem visto ter lido, não se sentiria bem ignorando as suas obras.

Por isso, para evitar desillusões, quero prevenir aos leitores do *Boletim de Ariel* que se abstenham cuidadosamente de abrir o seu ultimo romance. Revivendo um velho costume, nada destoante no caso, dada a feitura antiquada do livro, poderia se chamar *l'Instinct du Bonheur* ou *Le Secret de Polichinelle*: o leitor ficaria assim desde logo sciente da unica cousa que ha no volume, um segredo que todos conhecem. Em trezentas paginas desenrola-se a historia enfadonha de uma familia cujos membros, todos, têm muito trabalho em fingir ignorar um drama por todos sabido, — e com isso vivem tranquillos e felizes como se nada houvesse. Se fosse real, seria o desmentido da theoria do recalcamento. Mas não é, e Freud desta vez ainda não foi vencido. O ambiente é convencional, arrumado e vacillante como um scenario de theatro, as situações são visivelmente construidas, ninguem existe, todos estão ali para provar alguma cousa. E, naturalmente, não provam nada, — a não ser que o romance de idéas, de these, é um genero perigosissimo.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

BALLADA SOMBRIA

A Dante Milano.

Na noite triste do mundo existe
uma luz negra para os que sonham;
tristeza funda
que vem do mundo,
magoa escondida
dentro da vida
que assalta a gente de repente.
Abrindo os olhos não se vê,
de olhos fechados é que se sente
a lua negra, tristeza funda
que vem da gente.

* * *

Vae se insinuando devagarinho
sobe de manso pelos sentidos
com pés de paina pousa na alma...
Magoa escondida
dentro da gente,
magoa escondida que não magôa,
tristeza bôa,
de olhos fechados é que se sente.

* * *

Soffrer baixinho bem encolhido
na sombra humilde da lua negra
illuminado de sonhos loucos...
Melancolia que anda de bruços,
que vae de rastros dentro da gente;
soffro em silencio a nocturna calma
que ha na minha alma...
A lua negra brilha no fundo,
de olhos fechados é que se sente...

CARLOS LÉBEIS.

logo frustrados em Guahyra, Paraná e Itatim. Restava-lhes o Paraguay, Entre-Rios, Uruguay e Tapes, para recomeçarem o seu grandioso e nobre emprehendimento. Mas, destas mesmas Provincias os Mamelucos tratariam de repellil-os. Apenas se havia acabado de fundar a ultima Reducção em 1635, já apparecia a primeira grande Bandeira, por agua ás margens do Jacuhy, o grande rio dos Tapes. Dessa audaciosa leva pouco se sabe; mas, tendo em seu seio Fernão Camargo, o Tigre, e vindo commandada por Luiz Dias Paes, tio de Fernão Dias Paes Leme, o Caçador d'Esmeraldas, foi contra ella que marcharam os Padres Mendoza e Molina, á frente de seus catechúmenos, sem nada conseguirem, porque o primeiro morreu, na marcha, assassinado por um pagé, como dissemos. Essa algara é conhecida pela denominação de Bandeira de Aracamby, por ter levantado nesse ponto arraial e ter acampado ahi algum tempo. Comquanto fosse uma das maiores Bandeiras partidas de S. Paulo, pois levava só de Paulistas 200 homens, fóra os Indios, não se conhecem os seus feitos; sabendo-se apenas que demorou entre ida e volta só oito mezes, e que sahira abusivamente no momento em que os Nordestinos precisavam do auxilio dos Sulinos para expulsarem os Hollandezes; e tão abusivamente que era prohibido caçar Indios nos Patos, segundo se deprehende do texto da Vereação de 12 de Maio de 1633, citado por Taunay, na *Historia Geral das Bandeiras*, Vol. II, pg. 228: "Informados que o Capitão-Mór Pedro da Motta Leite, por seus particulares interesses, dava licença para irem aos Patos, e estas pessôas não levavam mais que polvora e chumbo e correntes, sendo contra a lei de S. M. estando em auto de guerra, indo mais de duzentos homens aos dictos Patos, sem os dictos Indios, de sua parte, darem occasião para serem molestados, e serem nossos amigos e de nossos antepassados havia mais de cem annos".

F. CONTREIRAS RODRIGUES.

(Do livro a apparecer: *Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial*).

POESIA

A collectanea Kurt Pinthus (Berlin Ernest Rowohlt Verlag) publicada em 1919 *dá bem uma impressão exacta do estado chaotico em que a poesia então se agitava. Não creio que se possa dizer estado chaotico* (Muss sie chaotisch sein wie die Zeit) *da poesia. Pois se deve haver manifestação serena do mundo, esta será, por sem duvida a poesia. Quando chegará o tempo extraordinario e feliz em que o poeta liberto completamente de qualquer preoccupação seja qual fôr, tendo visto o mundo calmo, com todos seus habitantes reivindicados e em paz, consiga então captar a suprema, a unica, a verdadeira poesia?*

Quando chegará o tempo propicio do poeta viver descançado no "seu mundo da lua"? Chegará?

E' muito difficil nos tempos acochados de hoje obter-se um bocadinho de poesia. O que se vê pelas paginas dos jornaes e das revistas e dos livros é verso só ou muito bôa prosa com rotulo de poema. Poesia é coisa seriissima. De volumosas obras contemporaneas, gordas e massudas, nós lograriamos extrahir umas cinco linhas de verdadeira poesia. O resto é palha. O proprio acto de manifestar, de botar no papel a poesia já é coisa muito aleatoria pois no momento mesmo do poeta sentar e escrever o poema já a poesia sumiu bastante, já se evolou em muito mais de oitenta por cento de sua natureza. E' por isso que os parnasianos foram quasi todos uns bons industriaes da poesia, uns habeis manipuladores de poesia e que esta passou em suas lojas como o verdadeiro ouro ou a verdadeira pedra preciosa passam pela casa Sloper.

Isso do parnasiano falar que é cinzelador e está fazendo joia, não vale nada, elle está é dando banho de ouro-banana nos seus anelões, sendo muitos perigosos passadores de moeda falsa que a policia deve vigiar de perto. E' preciso declarar que estou falando de proposito de coisas da Allemanha. Naquelle tempo 1919 *a collectanea de Kurt Pinthus pretendia fixar a tormentosa e chaotica poesia* (?) *de sua epoca* (Es soll nicht Skelette von Dichtern zeigen, sondern die schaumende, chaotische, berstende totalitat unserer Zeit.) *De facto, na* Sammlung *em questão existem os mais antagonicos poetas, allemães verdadeiros, semi-allemães, judeus, etc., assim como poetas verdadeiros e poetas que judiaram da poesia, etc. O prefaciador chamava aquillo de symphonia, achando que havia ali artistas do violino* (die aufschwebende Sehnsucht der Violinen) *como simplés tocadores de triangulo* (das rapide Triangelgeklingel). *Porém eram todos poetas, cada qual com o seu apito, uns tocando bombo e outros tirando difficilimos raros meios tons e quartos de tons* (den gebrochensten Halb-und Viertel tonen.) *Mas se não houvesse tal versidade de instrumentos, se todos tocassem violoncello ou clarinetta não existiria symphonia.*

Em 1919 *havia portanto na Allemanha — symphonia.* (Man hore den Zusammenklang dichtender Stimmen man hore symphonisch.) *podendo cada poeta entoar seu sopro á vontade. Havia lyricos da revolução* (Revolutions-Lyric) *havia poetas do amor, os que achavam que a guerra era um castigo e os que olhavam simplesmente a guerra como uma visão sem nada de terrificante.* (Und selbst der Krieg, der viele dieser Dichter zerschmetterte, wird nicht sachlich realistisch erzahlt; — er ist stets als Vision.)

Ao lado destes em plena guerra, indo e regressando das trincheiras com os membros mutilados e o coração de poeta pulando de vivo existiam os que se isolavam dos terrores da guerra perdidos em seu ambiente de realidade pela não realidade (die Um-wirklichkeit zur Un-wirklichkeit). *Nos versos de um Paul Daubler de Heym ou de um Werfel os themas são*: Krieg, Die Morgue, Schmerz, Leid, Der Kriegsgott, etc. *Mas outros diziam ao mesmo tempo poemas a* Nacht, Mond, Morgens, Dammerung *como se as manhãs, as noites ou os crepusculos e até a lua mesmo não estivessem enfumaçados do vomito dos canhões. Vendo esses alheiados, esses loucos como o pobre Dehmel em cujos bolsos encontraram o poema* a creança no jardim, *foi olhando esses sublimes que a um illuminado allemão lhe chegou a comprehensão da poesia futura, quando não houver guerras, revoluções, reivindicações e ella pudér encher o futuro, o ambiente do poeta — pura, limpa, serena* so gewiss wird die Dichtung der Zukunft anders sich mussen. Die Dichtung unserer Zeit ist Ende und Zugleich Beginn.

JORGE DE LIMA.

— *Mer Caraibe* relata uma viagem de Odette Arnaud ás Antilhas. Trabalho carregado de uma sabia experiencia (ao que accentuam julgadores competentes), de quem conta com fidelidade scenas das mais singulares, vistas em ambientes onde as surpresas se multiplicam.

— Jacques Nanteuil dedica um trabalho bem meditado á tão discutida figura de *Ferdinand Brunetière*. Para o critico do critico, o maior defeito do aspero censor da *Revista dos Dois Mundos* foi querer emprestar aos seus julgamentos a precisão e a solemnidade de axiomas scientificos. Encouraçado na tradição classica, todo saturado da maneira lenta e medida dos escriptores do Grande Seculo, era elle avesso a qualquer innovação que pudesse ferir os canones de Boileau. Não via salvação litteraria possivel para quem se afastasse da gente emperucada de 1600. Seu fanatismo pelos subditos de Luiz XIV ia ao extremo de querer escrever como elles, soccorrendo-se de um estylo empertigado, cheio de locuções archaicas, que provocava a zombaria dos desaffectos, dos autores criticados desfavoravelmente por elle. Outro precalço da carreira do mestre foi o desejo de conciliar os postulados do transformismo darwiniano com as paginas da Biblia sobre o primeiro casal do Eden. Mas tudo isso não impede reconhecer a possança da sua cultura enclyclopedica, a sua dedicação desinteressada ás lettras, a seriedade do seu labor esfalfante de tantos e tantos annos. Brunetière fez critica como se daria á mais austera das magistraturas. E a verdade é que dos seus successores nenhum o excedeu, e nem sequer o egualou, sendo injusto o conceito pessimista de um Léon Daudet ao affirmar que de todas as centenas de paginas desse illustre morto não ficará uma unica phrase, uma unica suggestão, uma unica idéa.

ESTRELLAS DUPLAS

Os ultimos annos do seculo XIX foram assignalados por descobertas scientificas que produziram o mesmo abalo que a pilha, nos fins do seculo anterior, por Galvani e Volta. Era, á primeira vista, um mundo novo, difficil de se ajustar ao antigo. Mas, pouco a pouco, o equilibrio se estabeleceu.

Pode-se dizer que a descoberta dos raios X por Roentgen, das ondas electro-magneticas por Hertz, e da radio-actividade por Becquerel e o casal Curie foram os factos fundamentaes sobre que se desenvolveram todas as theorias scientificas do seculo actual. Theorias das quaes tem decorrido uma serie immensa de applicações de toda ordem.

A radio-actividade é, de todos, o que menor messe tem dado até agora, e ella já é muito grande.

A sua edificação se deve principalmente a Maria Skolodowska, Mme. Pierre Curie, que, em 30 annos, dedicou sua vida a essa gloria.

Casada em 1895 com Pierre Curie, sobreviveu ao esposo eminente 28 annos, de culto á sua memoria, sob a fórma mais nobre e mais alta: o desenvolvimento de sua obra scientifica.

A vida dos dois sabios se fundiu em uma só personalidade. Em 1896 a descoberta da radio-actividade e em consequencia a dos metaes polonio e radio, ligou-os para o publico definitivamente, como, um anno antes, já os tinha ligado um grande amor, tecido de admiração e comprehensão mutuas.

Onze annos depois, uma fatalidade brutal priva o mundo scientifico de uma de suas figuras intellectuaes e moraes de maior quilate e deixa uma herança pesada á consorte sobrevivente.

O livro de ternura sobria e discreta, que Mme. Curie escreveu sobre o companheiro de vida e de gloria, conta o que foi o grande sabio em tanta cousa lembrando Pasteur, na sua singular perfeição.

Cabendo-lhe a responsabilidade de maior de continuar a obra, deixada em inicio, teve a accrescel-a a de ter sido a primeira mulher a ter ingresso em uma cadeira de escola superior da França, talvez da Europa.

Veio-lhe por certo dahi a impressão de impassibilidade que ella deixava nos que a conheceram.

Nenhuma vibração, a não ser as das experiencias de laboratorio, tinha repercussão no seu sêr. As maiores manifestações, os maiores applausos, premio Nobel, tudo encontrava-a, tocada de grande saudade, indifferente e esquiva.

Nenhuma mulher, no nosso tempo, chegou tão alto.

Quando aqui esteve, o professor Tobias Moscoso, ao saudal-a, em nome da Escola Polytechnica, lembrou que havia tambem, como no ceu, no scenario humano, estrellas duplas, e que o ter-se apagado uma não diminuira o brilho com que as duas tinham illuminado o mundo.

A França tem uma linda tradição destas estrellas duplas, no mundo scientifico: — Lavoisier, Condorcet, Berthelot, Pasteur.

Mas, nenhum destes systemas sideraes brilhou tanto quanto o de Pierre e Marie Curie.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

O MEU UNIVERSO MUSICAL

Que importam os dissabores e asperezas da vida quotidiana na sua irreparavel vulgaridade?

Muito mais do que no seu contacto vivo numa intersecção de melodias. Em qualquer momento. Basta applicar o ouvido. De longe, de perto, de toda parte convergem sobre mim. E depois do ouvido, apurar a vista e o olfacto. Porque têm tambem, fórma, côr e perfume. Assim a minha verdadeira, a minha mais intensa vida é a de realisações contrapontisticas. Para que todas essas melodias, multiplas e differentes, se integrem numa suprema harmonia.

Eis porque te quero. E's o mais inebriante dos meus leit-motiven.

ABNER MOURÃO

CONCURSO LITTERARIO

E' digna dos maiores applausos e deve ser motivo de regosijo entre os intellectuaes, a iniciativa em bôa hora tomada pela Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, instituindo o Grande Premio de Romance "Machado de Assis", com que, daqui por deante, distinguirá, a juizo de uma commissão de competentes, o melhor trabalho desse genero apparecido durante o anno.

Em outra local desta revista, os nossos leitores encontrarão as bases desse concurso, que é um estimulo ás nossas lettras e ha de ser mais um titulo de benemerencia a juntar aos muitos já alcançados pela conhecida casa editora no seu porfioso trabalho em pról da cultura nacional.

"CONFERENCIA"

Excellente a leitura do ultimo numero da *Conferencia*, revista de sciencias, artes e lettras dirigida pelo illustre clinico Dr. Augusto Linhares. Nestas 30 paginas muito bem impressas e finamente illustradas, o director da publicação discorre sobre *Aspectos da Civilização Americana*, mostrando-se um enthusiasta do paiz que visitou recentemente. A Sra. Lina Hirsh trata da *Musica Brasileira*, patenteando um invulgar conhecimento do assumpto, e o Sr. Flexa Ribeiro indica as qualidades de inspiração e technica que distinguem as obras de Monet das de Manet, máo grado a quasi homonymia que induz tanta gente em erro.

Osorio Dutra — *Dentro da noite azul* — Edições Pongetti — Rio, 1934.

O sr. Osorio Dutra mantém, neste formoso volume, as notas de pantheismo ou galanteria, de brasileirismo ou cosmopolitismo, que tantos applausos lhe asseguraram sempre. Vimos de falar em applausos. Evidentemente, poucos poetas da sua geração podem gabar-se de havel-os recebido com tal abundancia. Medeiros e Albuquerque disse que era impossivel citar em separado um trecho do sr. Osorio Dutra, tanto os seus livros attrahiam pelo conjunto. O sr. Mucio Leão não vê, "na poesia de hoje do Brasil, quem consiga tirar das palavras estes effeitos exoticos, que têm musica e têm côr". E o sr. Oscar Mendes declarou: "Seus versos fluem cantantes, repletos de musicalidade e de harmonia, claros e coloridos, raramente sobrecarregados de pompa vocabular".

Carmen d'Avila - *Boas maneiras* - Civilização Brasileira — Rio, 1934.

E' um manual de bom tom muito bem organizado. Todas as regras de sociabilidade são finamente expostas por alguem a quem não é estranho o convivio dos salões mundanos. Quem quer que deseje fazer a sua iniciação nas formulas destinadas a adoçar as asperezas da vida em commum, só terá a lucrar em percorrendo um tal volume.

EM TORNO DO "BANGUÊ"

Agradecendo á "Sociedade Felippe de Oliveira" o premio dado ao seu romance *Corumbas*, o Sr. Amando Fontes, aproveita para contar-nos a genesis do seu livro. De como elle brotou e se fortaleceu (e se fortaleceu em muita parte com um vigor de gigante) no seu espirito. Para muita gente este genero de confidencias, é, como diz Poe, uma verdadeira desillusão. E' costume imaginar-se toda grande obra de arte surgindo sempre em meio de circumstancias maravilhosas; brotando subita, completa e inexplicavel como a um *fiat* de milagre. E quando vem o autor e expõe sem reservas, tranquillamente, o processo de um labor serio — pertinaz e logico, através do qual o seu livro adquire fórma e vida, o leitor ingenuo abre logo os seus grandes olhos de espanto.

O mais curioso porém do discurso do Sr. Amando Fontes, são as suas observações, de um fino bom senso, a respeito de romance, que elle colloca, como toda verdadeira obra de arte em uma situação o seu tanto independente das circumstancias de tempo e de logar. Com effeito: o romance o que deve exprimir é a vida, mas a vida bem entendido, que interessa á arte, aquella vida que os nossos sentidos não isolam em tendencias ou fórmas unilateraes, esses mesmos sentidos que, se em sciencia são um vidro de augmento, em arte são um corpo prismatico.

De outra maneira o melhor romance moderno seria incontestavelmente o que mais se approximasse, nas suas representações ideaes, de um typo socialista de vida, que falasse de mais perto á alma proletaria, emfim o romance de escola. Mas a verdade é que os factos politicos, sentimentaes, sociaes e economicos de um povo são para o artista apenas motivos que se vem reunir em torno de um motivo superior e mais alto, que os domina soberanamente. E este grande motivo é o espirito do autor se elle tem espirito. Porque se isto lhe falta, se lhe falta gosto, sensibilidade e emoção para comprehender e sentir a vida através da sua carapaça de fórmas, a vida como uma representação de valores ideaes, todo o grande espectaculo do mundo exterior, toda essa dramatica ancia de hoje, para uma vida social não mais em solo, como nos regimens capitalistas, mas em volumes universaes de orchestração como nos regimens socialistas, quando muito pode inspirar, inspira o *Estrangeiro* do Sr. Plinio Salgado, que talvez não valha ainda hoje o peior romance de cavallaria da edade media.

Onde somente o Sr. Amando Fontes me pareceu menos observador e justo no seu discurso — e menos justo comsigo mesmo! — é quando sustenta que no verdadeiro romance o autor deve ficar do lado de fóra do seu livro, como espectador, e que outra não foi a sua attitude escrevendo *Corumbas*. Attitude de imparcialidade, de autor que não faz do seu romance uma these. Mas ao meu ver dá-se justamente o contrario; em romance de these é onde o autor fica geralmente mais fóra do seu livro, mais espectador — melancolica e bestamente espectador. Tudo é calculado, medido e pensado em relação á these, a uma abstração de raciocinio, a um determinado corpo de idéas, que isola e paraliza no autor todos os impulsos espontaneos de sensibilidade, todos os imprevistos de emoção. A these começa devorando o autor antes que o autor devore os seus personagens. Porque emfim é rarissimo um romance de these onde as figuras não se movam com a precisão e a rigidez de bonecos á mola, e onde as scenas da vida não sejam de um decor de theatro. E tudo por essa razão mesma de que o autor ficou do lado de fóra do seu livro, áparte dos seus personagens, na estufa da sua these. O que seria antes mais certo dizer é que não se conhece nenhuma grande obra de arte em que nella não se descubra o autor, em que o seu sentimento e a sua emoção não o revelem como uma photographia. E para prova bastaria citarmos o caso de Shakespeare, cujas melhores biographias são escriptas através dos seus livros, da vida de muitos dos seus personagens.

De proposito antecipei estes commentarios para falar do ultimo livro de José Lins do Rego, *Banguê*. E' um autor de hontem, que surgiu fazendo surpreza aos seus proprios amigos, num genero de litteratura que ninguem lhe conhecia, e em menos de dois annos já publicou tres romances que o fizeram um menino mimalho do publico, o que em escriptor de menos talento seria de um grande perigo. O publico applaude forte, mas applaude quasi sempre com as mãos e com os pés.

José Lins do Rego é desses autores justamente mais oppostos ao genero dialetico de romance, o romance doutoral, o tal romance de these de que falamos acima solemne e de beca e onde o autor fica todo distante e ao avesso dos seus personagens como Medéa dos seus filhos. Não ha, pelo contrario autor, como o romancista do *Banguê* que se derrame mais nos seus livros, que se desafogue com mais volupia de toda a carga tumultuaria de sentimentos e emoções intimas nas historias que conta. E o curioso é que esta mesma intensidade explosiva de sentimentos e de emoções é que o salva do vicio tão commum ao homem de uma só historia: o vicio da banalidade. Isto é, em *Banguê*, nota-se um livro de perspectiva mais larga, de uma maior riqueza de ficção, com mais vigor dramatico, e por isto mesmo mais romance do que os dois primeiros, ainda que dentro do mesmo assumpto. Pouco importam certas impropriedades de fórma, e certos abusos de detalhes que, por vezes, parecem ir diminuir senão quebrar o rythmo do livro. A imaginação e a sinceridade emocional do autor logo purificam tudo como um fogo sagrado.

Em *Banguê* o personagem do *Menino de Engenho*, Carlinhos, apparece homem feito, e bacharel, mas bacharel ainda em plena ressaca dos seus ocios de estudante, relasso de corpo e alma com essa masturbação de sonhos em que é facil se esgotar a imaginação dos rapazes em quem uma bôa e

solida vida de familia, não os conduziu, de logo cedo, a um contacto mais vivo e directo com as realidades do seu caracter e do seu meio. Dahi o interesse, o relevo quasi de tragedia que vae tomar a existencia de Carlinhos, quando a Vida o chama á acção. Toda a sua natureza hesitante e molle reage a esse appello feroz — reage pelo medo, e com uma inercia mais bruta.

Emfim, a sua acção continúa como dantes: observar, sentir e guardar. Mas não! A vida é exigente, e não brinca. Vem um dia e morre José Paulino, o seu avô, que a longa velhice já havia reduzido a uma agitada sombra de espectro no engenho. Mas esta sombra de espectro que tremia em toda parte do Santa Rosa, ainda fazia tremer. E quando ella desappareceu começa a odysséa de Carlinhos, senhor de engenho. São as paginas de maior drama do livro, e onde o caracter de Carlinhos, sem nenhuma virilidade, mas bom — de uma bondade que não se confunde nem com a tolerancia dos timidos nem com a hypocrisia dos fracos — reponta com uma força pungente de detalhes, que o tornam inesquecivel na memoria do leitor. Ha muito que Carlinhos havia perdido a illusão da vida de engenho, mas a illusão de si mesmo é que elle só veio a perder depois, á frente do Santa Rosa. Via as ricas terras que haviam sido do seu avô, se lhe dissolverem nas mãos, estereis e nulas. E esta luta com a terra, feroz e prodiga sob a administração do seu avô, e infecunda e rebelde ás suas mãos, assume, por vezes, o ar soberbo e tragico de uma luta com o Destino.

A's naturezas fracas é commum a frequente allucinação do perigo. A obcessão da fatalidade. A imaginação do medo reforça de um poder invencivel obstaculos que não fariam hesitar uma creança. As proprias sombras viram phantasmas, e o vento é uma assombração perenne.

Zé Marreira, por exemplo, o inimigo de Carlos, que se robusteceu e se tornou temivel á sombra da sua fraqueza, assume no romance o ar de um monstro mythologico. Moleque ambicioso e sagaz, dissimulado e frio, que se planta no engenho como a Chiméra da fabula: para devoral-o. Zé Marreira de um lado, e a usina do outro: duas Chiméras.

Querendo nos dar a decadencia da vida hoje de engenho, que a Usina — essa grande Boa de aço que se nutre tão bem das terras vermelhas dos Banguês — vae absorvendo aos poucos, por um processo lento, mas sagaz de constricção, o autor, fiel ao seu methodo do *Menino de Engenho*, não faz discursos em torno de themas sociaes, não perora ao genio proletario, nem tinge tão pouco de cores paradisiacas a vida antiga do engenho, para o effeito do contraste, para a sensação da these. Tira apenas desse motivo o seu romance, e nelle se deixa ir com uma estranha força de sentimento e de paixão.

Sente-se que para o autor de *Banguê*, o genio não é paciencia, mas é arrebatamento e pressa. Tudo o que elle exprime de idéas e sentimentos nota-se que vem fumegando do primeiro jacto, á lei da primeira inspiração. Entretanto não digo que um pouco de paciencia e de trabalho pudesse encerrar uma violencia a essa espontaneidade e a essa inspiração. Antes pelo contrario, muita vez até a aprofundaria em novos motivos de belleza, e a intensificaria em imagens de um sentido mais adherente e profundo. Mas ha escriptores para quem retocar é se restringir, e em quem a inspiração é urgente demais para os certos repousos de avaliação e de critica que requer uma arte ansiosa de perfeição. São escriptores que fazem da sua arte uma como fórma mais simples de viver. Mas dahi mesmo o sentido largamente humano das suas obras, o não sei que de ingenuo e perigoso que ellas revelam da vida. De innocente e de brutal. José Lins do Rego tem todo o poder e a coragem desses escriptores. Aquella scena de amor por exemplo, que vem num dos capitulos do seu livro, a paixão de Carlos por Maria Alice, dá uma impressão perturbante, e não por nenhum mysterio ou complicação de enredo em que occorre o adulterio; só pela sinceridade com que o descreve. Não é um drama inventado; é um drama vivido o dessa paixão.

E quero crer que poucos romancistas brasileiros tenham o poder de se encarnar nos seus personagens como o autor do *Banguê*, levando para elles toda a agonia e a vibração dos seus nervos.

OLIVIO MONTENEGRO

André Thérive — *Anthologie non classique des anciens poètes grecs* — Editions R. A. Corrêa — Paris, 1934.

André Thérive é hoje uma das maiores actividades intellectuaes da França. Substituiu Paul Souday no rodapé hebdomadario do jornal *Le Temps*, fazendo critica a dezenas de livros. Mantém uma especie de consultorio grammatical nas columnas das *Nouvelles Littéraires*. Escreve romances que estão longe de ser desdenhaveis, que os confrades acolhem sempre com grandes louvores. E ainda se atira a trabalhos em que se mesclam o estheta e o erudito, como nesta deliciosa collectanea de poetas da velha Grecia, recolhidos com argucia e faro seleccionador indisfarçaveis. São pequenas peças de cantores hellenicos não valorizadas pelos organizadores de florilegios officiaes, não commentados pelos professores que apenas dão importancia aos textos solemnes. A simplicidade, a ternura campestre, a delicadeza humana são quasi sempre as notas predominantes em t[illegible] miniaturas rythmicas, que nos fazem ver uma Grecia [illegible] bem capaz de uma inquietude, de uma rusticidade que bastante a approximam de nós outros, em contraste com os que falam demasiado na impassibilidade marmorea dos protegidos de Pallas. A edição, bellamente illustrada, é do nosso patricio R. A. Corrêa, no momento um dos bons divulgadores de livros europeus.

Enéas Ferraz — *Uma familia carioca* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Já traduzido, com exito, para o francez, tem o senhor Enéas Ferraz direito a um bom logar na historia do nosso romance. Quaesquer que sejam os seus preconceitos, os seus excessos realistas, é um narrador inventivo e célere. As figuras saltam-lhe das paginas, bem contornadas sempre, e o dialogo é de quem vae pelas ruas realmente empenhado em recolher a verdadeira dicção popular.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

Julia Lopes de Almeida	PASSARO TONTO	5$000
Enéas Ferraz	UMA FAMILIA CARIOCA	6$000
Josué de Castro	O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL	7$000
Monteiro Lobato	CONTOS PESADOS	8$000
Schmidt de Vasconcellos	ANTHOLOGIA INGLEZA (Nova edição)	10$000
Anisio Teixeira	EDUCAÇÃO PROGRESSIVA (Nova edição)	6$000
Fernando de Azevedo	NOVOS CAMINHOS, NOVOS FINS (Nova edição)	7$000
E. M. Hull	A CAPTIVA DO SAHARA	5$000
Luis Delfino	POESIAS LYRICAS	6$000

LIVRARIA ODEON
— DE —
Soria & Boffoni
Importação directa com as principaes casas editoras
157, Av. Rio Branco. 157
Teleph. 2-1288 — Caixa Postal 460
End. Teleg. *"Livrodeon"*
RIO DE JANEIRO

De STEFAN ZWEIG:

Maria Antonietta .... 20$000
Amok .... 6$000
Fouché .... 15$000
Minutos Decisivos na Humanidade .... 15$000

EDITORA GUANABARA
Waissman, Koogan
OUVIDOR 132 — TELP. 2-7231

ACABA DE APPARECER
"DENTRO DA NOITE AZUL"
O ultimo successo de
OSORIO DUTRA
EDIÇÕES PONGETTI
A' venda em todas as livrarias.

ODUVALDO VIANNA
Amôr... (e no mesmo volume: *A canção da felicidade*)
Duas peças de Oduvaldo Vianna, em que muitos vêm o inicio de um verdadeiro movimento de renovação do theatro brasileiro.
vol. br. 5$000

CECILIA DE VOULANGES
Verdadeiras memorias
Relato malicioso da vida da grande mundana, contada por ella mesma com uma grande dose de sinceridade e algum cynismo.
vol. br. 6$000

J. R. BOURDON
Impotencia sexual masculina
Tratamento pratico, physiologia e prophylaxia. Livro da "Collecção de Estudos Sexuaes" em traducção revista pelo Dr. Odilon Galloti, da Acad. Nacional de Medicina.
vol. br. 5$000

PONSON DU TERRAIL
O Testamento de Grão de Sal
Sexta parte do "Rocambole"
vol. br. 7$000

Livraria Civilização
Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 2-6773 —:— Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de porte
REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

Pierre Loti
As desencantadas, 3.ª ed. brasileira, traducção de Jorge Gonçalves, 1 vol. br. 6$000

Oscar Wilde
O retrato de Dorian Gray, magnifica traducção de Januario Leite, conhecido philologo portuguez, 1 vol. em br. 5$, enc. 7$000

Anatole France
O Lyrio Vermelho, traducção de Justino Montalvão, da Academia de Sciencias de Lisbôa, 1 vol. brochado .... 6$000

Medeiros e Albuquerque
Surprezas, contos, 1 vol. brochado 6$000

Publicações de FLORES & MANO
Rua do Ouvidor — 145
LIVRARIA MOURA

EXIJA DO SEU LIVREIRO
"O MANGUE"
romance de Octavio Tavares. O meretricio carioca aos olhos de todos. As scenas mais brutaes ao lado de episodios lyricos. A' venda em todas as livrarias.
ADERSEN - EDITORES
Edificio d' NOITE-14.º and.
Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES

ROQUETTE PINTO — *Samambaia*
LUC DURTAIN — *Imagens do Brasil e do Pampa*
(TRAD. DE RONALD DE CARVALHO)
ANNIBAL FREIRE DA FONSECA — *Discursos*

Ariel, Editora Limitada
Rua Senador Dantas, 40 - 5.º and. —:— **Rio de Janeiro**

Ilya Ehrenbourg — LE 2.e JOUR DE LA CREATION — Traduzido do Russo por Madeleine Etard — N. R. F. — Librairie Gallimard.

O segundo dia da creação; o plano quinquennal. A luta contra a miseria, a ignorancia, a indolencia, o egoismo. A luta para crear, construir, um mundo novo. A luta contra o capital.

Sonoro como um cantico religioso, vibrante como clarins trombeteando o ataque, honesto como um exame de consciencia e inflammado como uma confissão de fé, este livro constituirá um dos mais lindos capitulos da biblia do communismo.

Tem a magestade de um poema epico e sôa como um novo hymno ao trabalho e á creação.

E' uma symphonia moderna, de uma harmonia syncopada de rythmo accidentado, onde se distinguem as percursões dos batedores de ribetes, os córos dos trabalhadores em suor, os gemidos da mulher parindo, a risada da que se debate nos braços do homem audaz, os gritos das creanças a brincar, os regougos do moribundo, o apito de locomotivas, o zunir de ventos crueis vindos do norte, o chorar de uma mulher pelo filho que não terá.

Está tudo neste livro. Toda a vida deste mundo novo que soffre, que geme nas dores do parto. Tem as duvidas, as traições, as covardias. Tem os gestos heroicos, os de abnegação, os de sacrificio. Tem as glorias, as esperanças, as aspirações. As satisfações, as felicidades, as alegrias. Tem o grito de victoria.

Volodia é intelligente, Volodia é instruido, culto. Elle é sceptico, é sarcastico. Volodia ama Irina. Volodia não se adapta á Vida Nova.

Kolka é intelligente, Kolka é ignorante, é forte. Elle tem fé, tem enthusiasmo. Kolka ama Irina. Kolka se adapta á Vida Nova.

Irina é mulher. Irina é simples, é honesta. Irina ama Volodia porque o admira pelo seu espirito, e porque elle é fraco. Irina ama Kolka porque se sente protegida por elle, e porque elle é forte.

Irina é mulher.

Volodia se interroga, se atormenta, e soffre.

Kolka trabalha, crea, é feliz.

Kouznetsk é o gigante. Kouznetsk é a cidade do aço. Kouznetsk, que se crea no meio do deserto, que se crea do nada. Com o suor dos homens. Com o enthusiasmo. Com a fé. Kouznetsk é o plano quinquennal. E' trincheira de primeira linha na offensiva contra o capital.

Tomsk, é Tomsk. E' uma cidade velha, historica. Em Tomsk ha uma bibliotheca, cheia de livros sabios, de documentos raros. Em Tomsk ha a Universidade. De Tomsk saem os estudantes para servirem de engenheiros, de medicos, de professores. De Tomsk saem os estudantes para a construcção. De Tomsk saem os estudantes para Kouznetsk.

Tomsk morre.

Kouznetsk nasce.

Em Tomsk, Volodia se suicida Em Kouznetsk, Kolka vive, com Irina.

Mas são detalhes, incidentes. Não importa. O que importa é a construcção. O que importa é o numero de toneladas de metal que se funde nos altos fornos. O que importa é o numero de metros cubicos de concreto virados na barragem. O que importa é o plano quinquennal. O que importa é o futuro.

Mystico? Sim, mystico. E lindo. E forte. E differente. Muito differente.

Uma maneira nova. Para cantar um mundo novo. Segundo dia da creação? Sim. Creação.

JACK SAMPAIO

— Edmond Jaloux elogia bastante o *Denier du rêve*, romance de Marguerite Yourcenar, que descreve uma conspiração urdida para liquidar um grande estadista italiano. A' primeira vista, póde parecer que se trata de Mussolini, dado o ambiente febricitante em que a acção decorre, mas o critico das *Nouvelles Littéraires* assegura estar em jogo uma generalização absolutamente impessoal.

Guy Wirta — *Roselle* — Livraria Catholica — Rio, 1934.

Com uma capa das mais suggestivas, está sendo divulgada em portuguez a emocionante narração de Guy Wirta. *Roselle* é desses trabalhos que captivam até as creaturas avessas ás ficções romanescas. Com uma sentimentalidade sempre bem dosada, une o espirito de aventura á delicadeza domestica e deixa entrever como as personalidades mais rudes podem ser influenciadas por aquelles que possuem do Christianismo uma noção authenticamente humana. Nenhum escripto em melhores condições para figurar numa bibliotheca de livros catholicos.

O. Emboaba — *Mocambo* — Edição d'*A Cruzada* — Curytiba, 1934.

O autor explora, não sem felicidade, o meio sertanejo. Muito moço, ao que tudo faz sentir, poderá dentro em breve obter um bello renome como animador de paizagens e de almas provincianas. Manifesta é a sinceridade com que observa os costumes da sua região, e o vocabulario que vem ao fim do livro evidencia a attenção com que elle vem ouvindo as vozes e colhendo as peculiaridades essenciaes de alguns formosos recantos do Brasil.

Affonso Schmidt - *Carne para canhão* - Editora Unitas - S. Paulo, 1934.

Mais um trabalho de um dos nossos melhores prosadores vivos. Sendo o admiravel narrador da *Brutalidade*, o sr. Affonso Schmidt não perde ensejo de utilizar os seus invulgares dons de artista na discussão dos problemas humanos a que não póde ser indifferente nenhum homem que pensa. Esta peça em tres actos, *Carne para canhão*, é antes um vigoroso pamphleto contra a guerra, significando a fôrma scenica apenas um pretexto para a disseminação de argumentos num cerrado ataque á feroz devoradora de gente nova.

Da Costa e Silva - *Anthologia* - Civilização Brasileira - Rio, 1934.

Estreando com o *Sangue*, ha mais de vinte annos, o poeta Da Costa e Silva assenhoreou-se logo de uma boa quantidade de enthusiastas, e o seu soneto *Saudade*, uma das melodias da lingua, andou por ahi a fazer o enlevo de quantos se sentiam interpretados por um tão fino articulador de emoções. Depois disso, o talentoso piauhyense voltou-se para o culto de certas fórmas archaicas, versejando á camoneana, com uma ductilidade verbal surprehendente. Mas o lyrista não se deixou nunca suffocar nessa alma de brasileiro, tão batida sempre por ventos adversos, na perda de tantas creaturas amadas. E este volume anthologico, muito bem composto, eleva o autor de *Veronica* á bella situação de prestigio poetico que lhe cabe indiscutivelmente em nossas lettras.

O Problema da Nutrição no Livro de Gilberto Freyre

Publicando *Casa Grande e Senzala*, esse seu ensaio, no qual estuda a familia brasileira sob o regime patriarchal, Gilberto Freyre veiu trazer á nossa Sociologia um dos documentarios mais efficientes sobre todos esses pequenos e grandes factores que têm sido responsaveis pela nossa formação.

E, o que resulta muito mais efficiente e valioso, tal documentario vem apoiado numa bibliographia vasta e moderna, onde o leitor curioso encontra as mais plenas justificativas das suas affirmações.

O auctor nos mostra, com detalhes, como os tres elementos formadores da nossa raça — o indio, o negro e o portuguez — se encontraram e se fundiram largamente, como houve uma fusão intima desses elementos e analysa com muita agudeza o que se processou com relação á nossa miscegenação.

Educado na escola de Franz Boas, seu mestre de Columbia, o autor sabe ver no negro e no mulato não "elementos inferiores" mas "inferiorizados" por condições de cultura, e critica com muita razão essa idéa de inferioridade do negro e do mulato, tão commum entre nós. A sua critica, elle a apoia em observações e dados seguros encontrados por anthropologos e sociologos modernos. E nos mostra como aquella pretensa inferioridade é producto dos factores que condicionaram o nosso desenvolvimento economico-social durante o periodo colonial — o regime de escravidão imposto ao negro, para consolidação da economia, que se baseava na monocultura e na exploração latifundiaria — factores culturaes, portanto de meio, não de raça ou de herança.

E' necessario dar relevo ás suas conclusões num meio como o nosso, onde ainda se confundem tão grosseiramente os effeitos desses dois factores, attribuindo-se á raça o que, a maioria das vezes é méra consequencia do meio. E insistir em que taes conclusões são tanto mais honestas quanto, a par de sua documentação bibliographica, o leitor encontra, logo no prefacio, uma phrase do autor que esclarece a sua excellente orientação no assumpto; phrase que o professor Roquette Pinto diz considerar o traço mais vivo e original do livro: "Aprendi a considerar fundamental a differença entre raça e cultura; a discriminar entre os effeitos das relações puramente geneticas e influencias de herança cultural e de meio".

Outro problema que o autor focaliza é o do clima tropical, sempre victima de tantas accusações falsas, chegando a constituir um complexo. Elle lhe faz a devida justiça, apontando como as doenças e outras consequencias inferiorizantes a elle attribuidas são o resultado de outras causas, taes como más condições hygienicas, má alimentação e condições economicas precarias. E nos refere algumas observações de fixação de nordicos em climas quentes, sem que o calor haja exercido sobre elles qualquer acção pretensamente degenerativa. Isso mostra como têm razão os sociologos e physiologistas modernos, quando derrubando o complexo do clima tropical, clamam contra a sua supposta nocividade sobre a raça branca, que não perde nenhum dos seus caracteristicos raciaes ao fixar-se nos tropicos.

O papel que a alimentação desempenha, segundo as mais modernas investigações, sobre a efficiencia de um povo, mereceu do autor um destaque especial. E, sobre o assumpto, elle apresenta uma bibliographia honesta e sufficiente, que, aos olhos dos estudiosos, fundamenta muito bem os seus pontos de vista e suas conclusões.

Assim é que, muito sensatamente, elle attribue grande parte da nossa inferioridade, erradamente considerada como dependente de factores raciaes, á nossa má alimentação; mas sem chegar ao exaggero de alguns, que attribuem á *dieta* influencia mais decisiva no desenvolvimento de um povo.

Mostrando como a nossa gente era mal nutrida durante o periodo colonial; chamando a attenção para a idéa falsa de que o portuguez tenha sido um superalimentado e revelando como, na verdade, elle era um subnutrido; lembrando que não devemos confundir os excessos dos banquetes e das festas com a parcimonia geralmente observada na dieta do brasileiro daquella epoca, elle estuda a questão nos seus limites exactos, e lhe dá, com suas conclusões a respeito, o justo sentido que ella tem num ensaio como o seu.

Fazendo o historico da mesa brasileira daquelles tempos, elle nos relata como era deficiente o consumo de carne, principalmente de carnes frescas, em geral de má qualidade; informa-nos sobre a falta de leite, ovos, e até de legumes em varias zonas da colonia. A base da alimentação era constituida por cereaes, entre os quaes desempenhava principal papel o feijão, e farinhas de mandioca e de milho. Alimentação, portanto, de valor nutritivo inferior, com falta de proteina de valor biologico superior, de origem animal. Alimentação — como muito propriamente diz o autor — com pobreza chimica, isto é, sem saes mineraes e tambem sem vitaminas.

A' sombra do mero registro da propriedade de suas conclusões sobre a questão, que é pela primeira vez, numa obra como a sua, tratada entre nós com justeza de proposito e honestidade de documentario, pomo-nos francamente ao lado de Gilberto Freyre quando elle diz que uma gente vivendo com alimentação assim deficiente — a qual se juntam os aggravos da syphilis, da tuberculose, da malaria, etc. — é, forçosamente, uma gente de pouca capacidade productiva. Ha de ser apathica, pouco efficiente, sem grande disposição para o trabalho.

Porque, ainda hoje, o indice nutricional da dieta do brasilei-

Nitti e a "Inquietação do Mundo"

Ninguem mais duvida, hoje, vinte annos depois da Grande Guerra, que o tremendo cataclysma que abalou até ás raizes a civilização occidental, accumulada com tantos sacrificios, tenha sido o fim de uma longa época, o crepusculo de antigas ideologias e de velhas crenças.

Os mundos não desapparecem sem violentas reacções; e, para terminar a obra de mais de vinte seculos, só uma catastrophe como essa, de Guilherme II a Clemenceau e que desceu o velario sobre a scena historica do mundo classico. Os primeiros annos depois da Guerra, na sofreguidão de um esquecimento immediato, não permittiram a verificação perfeita dos estragos causados, em toda a sua realidade dramática, os quaes foram muito além dos horrores de um *Nada de novo a Oeste*, ou das *Paroles d'un Revenant*, porque era o passado que morria, tragado numa allucinação de momentos.

E essa angustia indefinivel que hoje assola mysteriosamente a alma da geração mais sacrificada com a Guerra que é a dos que têm vinte annos, pois não gosaram a doçura dos ultimos dias do seculo XIX, essa sensação de velhice prematura, de quasi asphyxia de inacção diante do que nos envolve e que invadiu o sentimento dos homens da nossa época, é apenas consequencia desse "fim de era", é a intuição melancólica que tem o individuo vivo contemplando o cadaver de seu tempo.

Intuição melancólica que acarreta, tambem, um sentido de responsabilidade. A geração actual sozinha. Sem a experiencia de um passado próximo. Sem a alegria de viver um ensinamento praticado, porque todas as realizações que a precederam, já tinham nascido pre-condemnadas — e falharam. Não se pode mais olhar para tráz. Não ha mais opportunidades de repetir. Entre a humanidade anterior e a posterior á Guerra existe hoje uma differença substancial e irremediavel: differença entre o homem-alma, ser conscientemente divino e o homem-razão, ser exclusivamente humano; e a Historia das civilizações occidentaes que terminou dramaticamente em 1914, consistiu apenas na desaggregação lenta dessas duas entidades.

A integração nesse novo estado de cousas, com suas consequentes perturbações é que gera a inquietação de hoje e que Nitti procura estudar na sua ultima obra.

Em nove capitulos, verdadeiramente magistraes, o antigo presidente do Conselho dos Ministros da Italia analysa a angustia universal dos nossos dias, tentando a descripção e a explicação do panorama da civilização moderna. Para elle cabe á Guerra toda a culpa da "inquietação do mundo".

E ahi reside o ponto fraco do ensaio, mais de estadista do que de philósopho, porquanto a conflagração européa, a que durante tanto tempo se imputou o crime de haver derrocado a estabilidade mundial, conceito que Nitti repete, foi mais uma "consequencia" do que uma "causa", sem embargo, é claro, de certas situações de que ella foi origem.

Nitti não quiz ou não "poude" penetrar o senso profundo do desequilibrio moderno; não traça (o que a sua experiencia podia fazer(nem uma linha geral de conducta, nem um plano de acção, nem uma esperança apenas do que deva ser feito em prol da humanidade inquieta de nossa época surprehendente. Caracteriza-a, genialmene, e só.

"Nous ne pouvons vraiment pas affirmer qu'un "noble instinct" guide le vingtiéme siécle ou, tout au moins, ses débuts. Ce qui frappe le plus, c'est une absence d'aspirations élevées, la soif grossiére des plaisirs matériels, le retour aux idées et aux sentiments des civilisations primitives, la chute de la liberté, les dictatures les plus stupides et les plus féroces, l'antisemitisme, le racisme, l'éxageration du sport, le nudisme: C'est en définitive la diffusion d'une forme de rachitisme moral." (*L'inquietude du monde;* tr. fr. pg. 156).

Isto é, diagnostica, num traço, toda a nossa época.

Adiante o retrato do momento se completa:

"La preuve du rachitisme moral de notre siécle réside dans le fait que nous sommes revenus, non seulement á la morale de la raison d'État, mais aussi á la vieille formule de la "fin qui justifie les moyens." (Pg. 158).

E não deixa de ser notavelmente impressionante para as gerações a quem cabe o problema de construir uma nova sociedade, a confusão que os pensadores revelam quando se trata de erguer alguma cousa sobre os escombros. Porque, ou elles têm idade (unica fonte real de experiencia) e pertencem á mentalidade do seculo XIX em sua maioria (caso de Nitti) ou têm mocidade e "não podem" indicar o caminho, porquanto a sabedoria antiga já possue uma significação relativa, e a experiencia não se improvisa.

A posição de Nitti é, por exemplo, bastante significativa. E' a prova mais evidente de que as duas mentalidades, a de antes e a de após a Guerra, como no verso celebre, "não se encontrarão jamais"... Realmente, o antigo Presidente do Conselho da Italia, pela intensidade do seu talento, pela cultura em todos os dominios de que se compõe a sabedoria dos estadistas de facto, pela experiencia de verdadeiro chefe de Governo, podia ser um

---

ro, mesmo o abastado, é insufficiente; insufficiente não no puro sentido da quantidade, mas no da quantidade e qualidade combinadas. As classes mais abastadas, é de observação commum, abusam dos alimentos proteicos e gordurosos, mostrando predilecção, muitas vezes, pelas conservas; quanto ás classes pobres, não ha que falar, porque á simples observação constata-se o seu estado de sub-nutrição.

Ruy Coutinho

dos homens que melhor conhecesse a crise do momento que passa e no entanto tudo para elle é ainda consequencia dos orçamentos, da politica deshonesta, dos excessos em despesas, etc.... emfim das velhas causas dos de arranjos e difficuldades que outróra preoccupavam os homens de estado e depunham os partidos do governo.

A revolução mais profunda e mais grave que attinge a humanidade, a desintegração desse "todo" que era a harmonia do individuo preso ás suas raizes sobrenaturaes, a ultima etapa da hypertrophia humanista que artificializou o pouco que restava ao homem de "natural", de "virginal", de "sabor" da Creação, o choque soffrido pela humanidade presente a que um fatalismo historico arrancou o coração e a alma, nada disso é comprehendido ou sequer presentido pelo autor de *Inquietação do Mundo...* Desse mundo cuja decadencia já havia sido prevista ha millenios, como affirma Guénon em *La crise du Monde Moderne*, ou cuja mutilação do homem representa para Nicolas Berdiaeff o fim do Renascimento e o inicio de uma nova Idade Média.

Essa falta de investigação, no sentido vertical, da inquietação moderna, não invalida a perfeição com que Nitti a realiza no sentido horizontal, isto é, não prejudica a maravilhosa visão que elle possue dos homens e das cousas, no seu lado pratico, em sua fórma externa, na superficie. Ao contrario: é uma obra de um bom senso admiravel, bem caracteristica do espirito de uma creatura do seculo XIX que analysasse o seculo XX, o que elle symbolicamente e talvez intencionalmente deixa transparecer, no primeiro capitulo que é *A viagem de Robinson Crusoé na Europa de* 1933.

Nitti descreve o mundo moderno sem se preoccupar porque não pode) com a sua significação profunda. Não explica. Não commenta. Expõe. Exhibe. Fez a gravura da nossa época, gravura irreprehensivel, mas... sem a legenda.

E esta, quem a escreverá jamais?...

ANTONIO GABRIEL

Grande Premio de Romance "Machado de Assis"

Afim de estimular os escriptores brasileiros e para commemorar a sua MILLESIMA edição, a Companhia Editora Nacional instituiu o GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS", que será distribuido annualmente. O nome do premio representa tambem uma homenagem á litteratura nacional, recordando-se com elle a maior de suas figuras mortas.

Considerando que a vida do homem de letras, no paiz, é intimamente ligada a imprensa, pois raros são os nossos escriptores que não trabalharam ou trabalham no jornalismo, a Companhia Editora Nacional collocou o GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS" sob o patrocinio da Associação Brasileira de Imprensa.

As condições do GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS" são as seguintess

a) *a Companhia Editora Nacional dará ao autor do romance premiado a quantia de 10:000$ (dez contos de réis) ficando com o direito de editar, no maximo, cinco mil exemplares da obra, independente de outro pagamento ao autor. Caso deseje fazer uma edição superior a cinco mil exemplares a Companhia Editora Nacional pagará ao autor dez por cento sobre o preço de capa dos exemplares excedentes*

b) *os direitos autorais do romance premiado, exceptuando-se uma edição até cinco mil exemplares, continuam a pertencer ao seu autor;*

c) *os exemplares do romance premiado serão numerados;*

d) *Além do GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS" haverá uma menção honrosa — MENÇÃO HONROSA DO GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS";*

e) *o autor do romance distinguido com a Menção honrosa do Grande sis" receberá um premio de 2:000$000 (dois contos de réis), ficando a Companhia Editora Nacional com o direito de fazer deste romance uma edição até 3.000 (tres mil) exemplares. Caso deseje fazer uma edição superior a 3.000 exemplares a Companhia pagará ao autor dez por cento sobre o preço de capa dos exemplares excedentes. Os exemplares desse romance serão tambem numerados e os direitos autoraes, exceptuando-se uma edição até 3.000 exemplares, continuam a pertencer ao seu autor;*

f) *o jury do GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS", será permanente e constituido de sete membros, dos quaes dois de officio: o presidente da Associação Brasileira de Imprensa e um representante da directoria da Companhia Premio de Romance "Machado de As- Editora Nacional. Estes dois escolherão o terceiro; os tres, o quarto; os quatro, o quinto; os cinco, o sexto e os seis, o setimo;*

g) *os autores deverão mandar em dois exemplares os seus originaes escriptos a maquina, com dois espaços, papel typo carta. Os romances devem ser ineditos e não ter menos de cento e cincoenta paginas dactilographadas com espaço duplo;*

h) *os autores poderão concorrer com mais de um romance;*

i) *só poderão concorrer escriptores brasileiros;*

j) *os membros do jury permanente e seus parentes: paes, irmãos e filhos não poderão concorrer;*

k) *os concorrentes assignarão o romance com pseudonimo, enviado em enveloppe fechado o seu verdadeiro nome e endereço, e escrevendo na parte externa do enveloppe, além do titulo do romance, o pseudonimo que o assigna;*

l) *o prazo da entrega dos originaes para o GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS" termina em 31 de Dezembro de cada anno. O jury deverá pronunciar-se, se possivel, noventa dias depois desta data;*

m) *só serão abertos os envelopes contendo o nome dos autores dos romances distinguidos com o GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS" e MENÇÃO HONROSA DO GRANDE PREMIO DE ROMANCE "MACHADO DE ASSIS";*

n) *os originaes deverão ser enviados a Moacyr Deabreu e endereçados a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 24-A — 26 — 28 — 30 — S. Paulo; ou ás suas filiaes no Rio: rua 7 de Setembro, 162. Na Bahia — S. Salvador, rua Miguel Calmon, 19. Em Pernambuco: Recife, rua da Imperatriz, 43. — Em Portugal, Lisboa, rua Escada de Santos, 19.*

Approximação Belgo-Brasileira

Por iniciativa do Sr. Fernand Pelltzer, DD. Embaixador da Belgica junto ao nosso Governo, acaba de ser fundado nesta cidade um Comité de Approximação Belgo-Brasileira, que se esforçará por uma maior divulgação e melhor conhecimento das manifestações scientificas, litterarias e artisticas occorridas nos dous paizes amigos.

Desse Comité fazem parte, além de prestigiosas personalidades da colonia belga domiciliada entre nós, figuras de real relevo no nosso mundo intellectual, como sejam os Srs. Epitacio Pessôa, Rodrigo Octavio, Raul Fernandes, Affonso Celso, Felix Pacheco, Candido de Oliveira, Eduardo Rabello e muitos outros.

As *Memorias* de Lloyd George, a respeito da guerra mundial, acabam de ser lançadas em edição franceza pela Livraria Fayard, num grosso volume com mais de 500 paginas de texto.

Carlos Drummond de Andrade - *Brejo das Almas* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1934.

Novo livro de versos de um dos poetas mineiros que melhor exprimem dentro de uma technica moderna, a sensibilidade do Brasil de 1930. Os amigos dos sonetos e dos poemas bem ajustados podem franzir o sobrolho deante das innovações metricas e da liberdade de impressões em que o autor se compraz desde o volume *Alguma Poesia*. Lembra-nos até que o critico Medeiros e Albuquerque, apesar de homem intelligentissimo, mudou esse titulo, num momento de máo humor, em *Nenhuma Poesia*. Mas, simultaneamente, não faltaram ao sr. Carlos Drummond de Andrade, e não lhe estão faltando, louvores de espiritos que não soffrem de nenhum atrazo de horario em relação ao momento lyrico do mundo: Mario de Andrade, Rodrigo M. F. de Andrade e tantos outros.

Ch. Yale Harrison — *Nasce uma creança* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

E' o relato do que significa a apparição de uma nova creança na vida proletaria dos dias de hoje. O livro, pertencendo ao que se convencionou chamar de litteratura populista, fixa, com impressionante clareza, aspectos de familia nos seus inevitaveis contactos com a sociedade ambiente. A traducção foi habilmente conduzida, sem damno do texto original, pelo escriptor luso D. José Paulo da Camara, filho — não é demais accentual-o — de um prosador, bastante sympathico na sua aristocracia meio bohemia, que fez longo tempo o encanto dos leitores da "Gazeta de Noticias".

Raul de Azevedo - *Bazar de livros* - Adersen Editores - Rio, 1934.

Sem pretender que o incluam no numero dos criticos severos, o senhor Raul de Azevedo, que é tambem romancista e contista, dá-se, nos seus intervallos de productor, ao estudo amavel das obras alheias. Avesso a pruridos de escola e desconhecendo facciosismos de grei litteraria, possue um unico objectivo: trabalhar pelos autores com que se põe em camaradagem intellectual, concorrendo para desinteressadamente divulgal-os, qualquer que seja a casa editora de que procedam. Poetas e prosadores merecem-lhe egual sympathia e, como elle não carrega um severo corpo de doutrina e quer apenas ser um attento recenseador de livros, não ha como deixar de estimal-o e applaudil-o na nobre tarefa de servidor das coisas bellas.

Souza da Silveira — *Lições de portuguez* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Segunda edição, melhorada, de um livro que recebeu vehementes encomios de Said Ali, mestre da philologia, de Silva Ramos, professor amavel e culto, de José Maria Rodrigues, investigador dos textos classicos, e de David Lopes, commentador idoneo das obras de Herculano. O sr. Souza da Silveira, que é enthusiasta dos romances de Machado de Assis, cita-lhe constantemente os exemplos expressivos, pondo-o, em situação de egualdade, ao lado das melhores autoridades da litteratura portugueza. E' esse um bello impulso nativista que bastante o recommenda a nós outros.

Joseph Roth — *Job* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

Esse vigoroso trabalho, de que o nosso collaborador Alberto Ramos se occupou logo á apparição do *Boletim de Ariel*, é dos que não permittem indifferença por parte de nenhum leitor. O romance do judeu que vê renovarem-se em torno ao seu destino todas as desditas que haviam atormentado o velho Job biblico, não deixará de fixar-se na memoria de quantos o percorram. A mentalidade judaica, no seu mixto de furor e fatalismo, inspira paginas das mais significativas a Joseph Roth, que encontrou no fino escriptor D. José Paulo da Camara alguem que o interpretasse em lingua portugueza sem de modo algum desfigural-o.

Caio Prado Junior — *U. R. S. S.* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Na sua collecção de "Viagens", que tanto exito vem obtendo, acaba a importante casa editora da Paulicéa de incluir um volume a cujo assumpto não se mostrará insensivel nenhum estudioso das transformações por que está passando o mundo de hoje. E' um exame incisivo e franco da organização politica, economica e social da União Sovietica, em todas as suas realizações materiaes e culturaes. Pertencendo a uma familia em que sempre se destacaram os analystas de civilizações varias, o sr. Caio Prado Junior não deslustra, nesta visão de conjunto, o bello renome da sua gente.

Fritz Weil — *Edouard Benès* — Editions R. — A. Corrêa — Paris, 1934.

Examinando uma figura de bastante relevo na politica européa de hoje, o publicista Fritz Weil mostra-se perfeitamente senhor da difficil mentalidade tchecoslovaca nas suas relações com os paizes circumdantes. Vê-se que o autor é especialista em assumptos politicos, é um desses commentadores da vida internacional a quem não é estranha nenhuma occurrencia da diplomacia ou da administração de varias terras. Muito bem impresso, o volume foi lançado na capital do mundo pensante pelo nosso patricio R. A. Corrêa, que está servindo a um publico de "élite" trabalhos verdadeiramente oriundos de escriptores de "élite".

Berilo Neves - *Seculo XXI* - Civilização Brasileira - Rio, 1934.

O sr. Berilo Neves é um dos nossos chronistas mais lidos no momento. Misturando Wells e os anecdotistas patricios, faz o encanto dos leitores de jornaes e magazines. Especialmente a insistencia com que se mette a satirizar as mulheres, num misogynismo puramente litterario, assegurou-lhe um numeroso publico, a que o elemento feminino fornece avultado contingente, sabido como é que as tataranetas de Eva têm um particular fraquinho por aquelles que as esbordôam...

— Apesar de aristocrata e capitalista, o barão Ernest Seillière, que não dispensa o uso das luvas, não passa um semestre sem estampar o seu volume de historia ou critica. Profundo conhecedor da litteratura allemã, escreveu sobre os romanticos e néo-romanticos de além-Rheno paginas que fazem autoridade no assumpto. Agora, permanecendo mesmo em França, não ultrapassando o horizonte de Paris, recorda elle *La jeunesse d'Anatole France*, sobrepondo ao lado pittoresco do modelo as suas attitudes moraes, fazendo-lhe não tanto uma selecta das bellezas artisticas como uma attenta analyse das opiniões e affirmações de um escriptor que tantos julgam sem opiniões e sem affirmações.

— Binet-Valmer, que é de procedencia suissa e já lhe viu isso lançado em rosto por francezes excessivamente nativistas, estampa mais um romance: *Maitres du monde*. E' o conflicto da ambição e da megalomania de argentarios de raças e temperamentos oppostos. A acção, muito viva, decorre em vinte e quatro horas, como no tempo da tragedia classica, quando eram plenamente respeitadas as tres regras de Aristoteles. O dialogo é tão exacto que, segundo accentuou um critico, parece estenographado.

— Um bibliophilo da beira do Sena affirma que a missa negra pintada por Huysmans num dos seus romances mais famosos é inteiramente imaginaria. Certa mulher, de ares fataes e dada a pedir dinheiro aos homens de lettras, propuzera-se a leval-o a um sitio escuso onde officiava um egresso da batina, mas nunca chegou a fazel-o e o romancista, como já accentuara Remy de Gourmont, teve que inventar tudo nesse particular.

UM BERNINI DOS TROPICOS

Muito tarde foram descobertas as minas de ouro da America portugueza. Desde os primeiros tempos da conquista o Brasil viu nascerem colonias de povoamento e de agricultura. Ao contrario do que acontecera na America espanhola, a febre do ouro não assaltou os aventureiros vindos da Europa, mas aos brancos já installados nos nucleos do littoral (Bahia, Rio de Janeiro) ou do plató brasileiro (São Paulo).

Nas ruinas dos imperios mexicano e incaico installaram-se os espanhoes, mais ou menos como o tinham feito os Francos e os Godos no Occidente. A occupação do immenso *hinterland* do Brasil, é ao contrario, realização essencialmente americana. Conquistas e descobertas não partem de Lisboa, mas do proprio Brasil.

A exploração regular das minas de ouro começou no principio do seculo XVIII. Em 1711 foi fundada Ouro-Preto, que é ainda hoje uma das cidades importantes do estado de Minas Geraes. Muito cedo a cidade do ouro conheceu espantosa prosperidade. Venceu em riqueza e esplendor São João d'Eel Rey, sua irmã mais velha. No quadro agradavel de suas collinas elevaram-se as construcções civis e religiosas, inspiradas frequentemente em modelos do melhor baroco portuguez. Levando o ideal baroco até as consequencias extremas, os architectos de Ouro-Preto não hesitaram em "transplantar" para a nova cidade construcções do estylo italiano ou chinez. Vi em Ouro Preto diversas "casas-pagodes", cujos constructores certamente seguiram modelos de Macáo. Vi uma "Villa d'Este" cujos jardins e escadarias torcicolavam caprichosamente, no scenario de palmeiras, cactos, bananeiras e todas as loucuras da vegetação tropical.

O Palacio do Governador (hoje Escola de Minas) imitava uma cidadella do seculo XII (é facil encontrar ruinas do estylo perto de Coimbra). Quanto á cadeia publica, foi construida em 1747, á semelhança do Capitolio de Roma.

Seja romana, catholica, austriaca, espanhola ou portugueza, a arte baroca traé sempre uma concepção imperial do mundo e, em seu eclectismo, até mesmo uma preoccupação de universalidade.

Diversos desses edificios já existiam quando veiu ao mundo, nesse scenario predestinado, um extraordinario artista.

Vinte annos mais novo que sua cidade natal, Antonio Francisco Lisboa nasceu em Ouro Preto a 29 de agosto de 1730. Seu pae, Manuel Francisco da Costa Lisboa era architecto e construia egrejas "segundo os preceitos de Vignole". Sua mãe era escrava africana, Isabel, como a designam todos os documentos. *Partus ventrem sequitur*... Segundo o principio romano, adoptado por Portugal, Antonio Francisco nasceu escravo. Mas seu pae o alforriou logo depois de nascido. Sua fama de architecto e de esculptor em breve corria terras, se bem que elle nunca tivesse deixado os districtos do ouro e do diamante que o naturalista Saint-Hilaire iria conhecer, na prosperidade, em 1830. Na edade de quarenta e sete annos, em 1777, o artista foi attingido pelo terrivel mal que hoje se define como *lepra mutilante*. Todo o seu corpo se atrophiou, elle perdeu, um após outro, os dedos da mão e os artelhos. Arrastava-se sobre muletas. A cabeça redonda e volumosa, de palpebras inflammadas e bocca torcida, pesava sobre um tronco enfezado. Dali para deante elle seria o *Aleijadinho*. Contam que um joven escravo tentou suicidar-se ao saber que teria de servir a senhor tão horrendo. Mas essa creatura diminuida, soffredora, deu prova de uma prodigiosa capacidade de trabalho. Nas mãos só lhe restavam o pollegar e o indicador. Os escravos amarravam com correias o cinzel e o camartelo nos cotócos das mãos do desgraçado esculptor. O Aleijadinho viveu assim até a edade de oitenta e quatro annos. Morreu em 1814, oito annos apenas antes da proclamação da Independencia brasileira. Suas obras mais importantes foram todas executadas na velhice.

A historia da arte colonial é ainda mal conhecida. No Brasil, em particular, attribuem ao Aleijadinho um conjuncto disparatado de trabalhos. Um exame consciencioso permitte entretanto identificar de modo quasi certo as esculpturas e as decorações que são realmente do Mestre. De outro lado, os testemunhos contemporaneos e os archivos das egrejas tornam indiscutiveis grande numero de attribuições.

Seja quem seja, um mulato, nascido da selva brasileira, sem nenhum contacto com a tradição artistica da Europa, poude crear uma obra homogenea, original, cujas raizes se enterram no mais profundo da terra austral, — obra que um sentimento de exaltação approxima — floração tardia e entretanto magnifica — das sementeiras do Concilio de Trento e da Contra-Reforma.

Desde os primeiros tempos da conquista um estylo eclético indo-espanhol nascera no Mexico e no Perú. Mas desde o fim do seculo XVI desenvolvia-se na antiga capital dos Incas a escola de pintura chamada cuzquenha que, para dizer verdade, não é nem india, nem castelhana, nem bastarda, mas muito independente e original e, se quizerem dar ao adjectivo o seu sentido mais profundo, americana. Comparavel nisso aos quadros cuzquenhos, a obra do Aleijadinho é propriamente americana.

Pode-se distinguir nessa obra duas partes nitidamente separadas. Uma é decorativa, estylizada; comporta especialmente frisos, nichos ornatos de estatuas, architecturas enriquecidas de ornatos esculpidos; a outra se compõe de estatuas isoladas que, mesmo fazendo parte de um conjuncto decorativo, não revelam menos, por isso, a marca de um vivo temperamento creador.

Sómente os frisos decorados, os estuques pintados, os cartuchos de flores e de frutos provocaram, até hoje, a admiração dos viajantes. Para o resto, acreditaram um dever "desculpar" a falta de geito do Aleijadinho, invocando sua ignorancia de anatomia, ou affirmando que elle fôra *ajudado* no trabalho por aprendizes canhestros.

Ora, é nessas esculpturas reputadas *imperfeitas* que se exalta a vehemente personalidade do artista.

O nicho que encima a porta do Bom Jesus, em Ouro-Preto, dá uma idéa bastante precisa da maneira *civilizada*, por assim dizer *austriaca*, do Aleijadinho, se se não soubesse de modo certo que o esculptor mulato — a não ser para uma breve estada no Rio de Janeiro em 1776 — nunca abandonou a provincia. No nicho está installado um espantoso São Miguel cytharedo: segura á mão esquerda um escudo que mais parece um instrumento de musica. E está vestido de cacique indio. Seu capacete de pennas parece-se com o dos Gilles de Binche. A seus pés chammas infernaes devoram os damnados: chammas muito doces, por certo, bem arrumadas e anneladas, no meio das quaes os peccadores não têm ar de grande soffrimento. A molle pedra-sabão presta-se ás volutas adelgaçadas, ás conchas e ás columnatas de uma arte graciosa, affectada, que evoca imperiosamente a figura de Duquesnoy.

As personagens em estuque representam um estado intermediario entre essa esculptura essencialmente decorativa e aquillo que se poderia chamar a arte-maior do Aleijadinho. Um anjo da abobada da egreja de São Francisco em Ouro Preto caracteriza muito bem essa arte de transição. As azas desdobradas, as pernas cruzadas, os braços levantados mantendo uma cesta sobre a cabeça annelada, os flancos cingidos por um estofo polychromico, o anjo de labios carnudos não passa de um selvagem perdido na abobada; um *Sextafeira* esperto e dansarino que só obedecesse ao seu unico Robinson, dando pouca attenção á symetria das rosaceas ou das guirlandas.

A imagem colorida de São Jorge que figurava numa procissão em Ouro Preto denuncia uma preoccupação de naturalismo levado até a caricatura. A tradição quer além disso que

o pequeno aleijado tenha modelado essa estatua á semelhança de um senhor portuguez que o recebera mal. Esse fantoche executado em 1797 é o preludio das vastas composições das *Paixões* de Christo que se encontram nas capellas de Congonhas. A pequena cidade de Congonhas era, desde o começo do seculo XVIII, um logar de peregrinação muito frequentado. A egreja do Bom Jesus, construida em 1758, foi depois embellezada, e enriquecida com escadarias, capellas, estatuas. Seis capellas quadradas formam, no caminho do santuario, um Sacromonte. O Aleijadinho collocou ahi as grandes scenas da Paixão, comportando de oito a quinze personagens cada uma. O scenario reduz-se a pouca coisa. O accessorio por assim dizer desapparece. O drama religioso está contido na apparencia humana dos bons e dos máos, do proprio Salvador. São figuras de madeira, algumas apenas esboçadas, outras deformadas como que por capricho. Um inflexivel rythmo anima cada scena. E as pretensas "imperfeições dão ao conjuncto uma intensidade pathetica. Nem sempre o comprehenderam assim. Em 1908 um ecclesiastico propunha ainda destruir o mais depressa possivel esse objecto de escandalo.

Aleijadinho tinha sessenta e sete annos no momento em que decorava as capellas de Congonhas. Foi no principio do seculo passado que o ancião recebeu a encommenda das doze estatuas de prophetas, destinadas a ornamentar as escadarias que conduziam ao santuario do Bom Jesus. Nesta obra, que coroa sua carreira, o Aleijadinho trabalhou dez annos. Ao longo das rampas e dos terraços os gigantes estão dispostos, em ordem magnifica. Formam uma progressão de pedra, interrogam-se uns aos outros, respondem-se segundo um contraponto musical de classico rigor. Pelo esplendor das attitudes e a nobreza do desenho, pelo equilibrio das massas e expressionismo audacioso das physionimias, apesar da seccura angulosa das tapeçarias, que apparenta o Aleijadinho a Nuñoz Gonçalves e aos quatrocentistas portuguezes — só se poderia comparar essa obra aos grandes conjunctos de Bernini.

Em pleno século XIX, um mulato da America perpetuava na terra austral a mais pura tradição da arte barocа, imperial, catholica e romana.

(De *L'Amour de l'Art*, de Paris, n. III, Março de 1934).

LE'ON KOCHNITZKY.

— Henri Mazel está publicando o seu theatro completo. Agora estampa *Le Khalife de Carthage* e *L'Hérésiarque*. Mazel demora-se na evocação das épocas de decadencia, de subtil corrupção espiritual, sendo um enthusiasta de Byzancio e de outras zonas em que se verifica um crepusculo de raças ou de religiões. Faz parte, ha muitos annos, do grupo do *Mercure de France*, criticando os livros de sociologia, ou de sciencia social, como elle diz. Deve ser bastante velho e Remy de Gourmont incluiu-o no periodo heroico do symbolismo, entre os jovens capitaneados pelo sibyllino Mallarmé.

— Franc-Nohain é fabulista. Não será, no genero, nada de extraordinario. Mas tambem não se arranja assim sem mais aquella um La Fontaine. Como quer que seja, suas fabulas em versos amorphos (como elle proprio diz modestamente) não deixam de encerrar um certo significado moralista, embora o autor não faça muita questão de corrigir os costumes. Tambem é Franc-Nohain biographo dos mais legiveis. Agora, entre dois apologos brincalhões, vem elle de publicar um volume, bem mais ponderoso, sobre *Bayard*, o lutador sem medo e sem macula, em quem enxerga a melhor encarnação da "gentillesse française".

— Edmond Fleg, que é confessamente de raça judaica e já escreveu um volume biographico sobre Moysés, offerece-nos no momento *Jésus raconté par le Juif Errant*. E' a historia do mais puro dos sêres relatada por esse Ahasverus de que tanto se utilizaram, em apostrophes vehementes, os poetas do tempo do Romantismo. Livro pullulante de suggestões felizes e que, no entender do critico A. Barthélemy, até os catholicos podem ler com proveito, por isso que não respira nenhum odio de casta ou de seita religiosa.

— O assumpto predilecto de Drieu de la Rochelle é a conflagração de 1914-18. Não sabe elle como fugir á descripção da terrivel carnagem dos homens mais civilizados do planeta. Obsedam-no as matanças feitas em nome do Deus de Luthero ou do Deus da Notre-Dame de Paris. Sociologo e inquiridor de almas, Drieu de la Rochelle, que tem um estylo meio difficil e por vezes coriaceo, mantem, ao tratar desses assumptos, uma nota entre dolorosa e zombeteira. No momento, *La Comédie de Charleroi*, seu ultimo volume, está a chamar a attenção dos francezes.

Sob o titulo *Rimbaud raconté par Verlaine*, o Sr. Jules Mouquet reuniu em volume todos os artigos, prefacios e poemas que o autor de *Sagesse* dedicou ao grande poeta, de que o genio já não póde ser mais posto em duvida, mas cuja existencia, atormentada e escandalosa, continúa ainda a preoccupar os criticos.

Mina Moore força os francezes a pensar ainda uma vez na singular figura de Bernard Shw. Não é que o velho theatrologo irlandez andasse esquecido, elle que vive sempre espalhando tantos prefacios e entrevistas escandalizantes, para não ser perdido de vista pelo publico. Mas num ensaio de linhas nitidas, traçado numa feliz entonação critica, *Bernard Shaw et la France*, Mina Moore distingue o que ha de ephemero nas satiras do mestre e o que ha de realmente eterno em suas melhores concepções de fustigador da hypocrisia britannica. Seria curioso perguntar ao modelo o que pensa de um tal retrato.

— Sylvia M. King conduz uma attenta investigação em torno a *Maurice Barrès, la Pensée allemande et le Problème du Rhin*. Sabe-se que o grande excitador de energias gaulezas viveu sempre de olhos voltados para o rio fatidico. Innumeras as paginas em que allude ao Rheno, falando dos escriptores romanticos, dos sociologos, dos luctadores armados que floriram numa e noutra margem dessas aguas carregadas de historia. Na impossibilidade de ler tantas paginas, o livro de Sylvia M. King vale por uma synthese das mais certeiras em torno aos seculares problemas suscitados por essa fronteira liquida.

— A proposito das relações intellectuaes da França e da Belgica, George Doutrepont faz-nos lembrar que o grande poeta Emile Verhaeren foi admirado por Le Dantec, homem de sciencia, pelo symbolista Vielé-Griffin, pelo critico Fénéon, pelo romancista André Gide e pelo philosopho Maeterlinck, que certa noite ouviram, encantados, a leitura dos seu versos, feita pelo proprio autor.

Guy de Pourtalès — *Vida de Liszt* Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

Traduzida por Leonor de Aguiar e C. Fonseca, encontrará certamente um numeroso publico em nosso paiz a bella biographia do grande pianista romantico, devida á penna de um dos mais prestigiosos dentre os creadores de vidas romanceadas da Europa de hoje. O amante da condessa d'Agoult, o protector de Wagner, o pae da seductora Cosima e, especialmente, o virtuose que empolgou as melhores platéas do velho mundo com as suas rhapsodias hungaras, achou aqui um retratista de que o modelo não se envergonharia.

Aurelio Pinheiro — *Macáu* — Adersen Editores — Rio, 1934.

Bem sabemos que o Sr. Aurelio Pinheiro desfruta da estima dos intellectuaes e que os seus livros anteriores tiveram boa sahida. Mas o seu volume *Macáu*, recentemente publicado, merecia mais interesse da critica e um numero muito maior de leitores. Porque se trata de um m..gnifico romance de costumes. Raros temos percorrido nos ultimos tempos que nos agradassem tanto. A vida de provincia, com os seus cochilos e os seus mexericos, encontrou um lucido historiador nesse patricio modesto, preso ainda a certos recursos de uma technica antiquada, mas cujos dons narrativos o armam de uma força de persuasão invulgar no manejo dos typos e das scenas. O dialogo reflecte sem exaggero as peculiaridades da dicção nordestina e não existe nenhuma rebusca de originalidade a desconcertar os amigos dos romances serenamente desenvolvidos. Episodios como o do regresso do bacharel Aluizio á terra natal, da sessão do jury, do conflicto das irmãs Souzas com a intrigante Angelina, são marcados com muita leveza de toque. O livro é dos que se fazem ler de extremo a extremo sem sombra de tedio, sem ameaça de bocejo, e sentimos bastante prazer em recommendal-o aos que ainda não execram certas virtudes tradicionaes de um genero que tantos confeccionadores apressados vão seriamente compromettendo em nosso paiz.

Joaquim Ribeiro — *Introducção ao estudo do folk-lore brasileiro* — Edições Alba — Rio, 1934.

Filho do eminente João Ribeiro, que foi um dos educadores do nosso gosto litterario, o sr. Joaquim Ribeiro, sendo ainda muito moço, tem já o seu logar assegurado entre os espiritos que realmente trabalham pela cultura do Brasil. Intelligencia autonoma, indo por um caminho que elle proprio escolheu, o autor deste volume procura dar ao estudo do nosso folk-lore um caracter de unidade que até hoje lhe falta. Versado historica e philosophicamente em tudo quando se prenda ao assumpto, de modo essencial ou lateral, quer infundir um cunho scientifico ao exame daquillo que, entre nós, reflecte a alma do povo. Bem sabe elle que rica documentação psychologica e ethnologica existe por vezes numa simples lenda, numa simples quadrinha transmittida oralmente através de gerações successivas. Sua linguagem é sempre limpida e os conceitos, muito bem encadeados, deixam entrever uma indiscutivel vocação para o genero.

Monteiro Lobato — *Emilia no Paiz da Grammatica* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

Tornou-se benemerito em França um humanista que se propoz a ensinar ás creanças grego e latim "sem lagrimas". Circumscrevendo-se ás necessidades do tempo e do meio, o sr. Monteiro Lobato quer apenas ensinar-lhes portuguez sem affligil-as com inuteis digressões philologicas. Longe delle a parolagem arrevezada dos Corujas de outras épocas! Tudo sabe elle transmittir aos garotos com um ar de quem está pilheriando, a soccorrer-se de fórmas pittorescas, que ficam na memoria através de historietas agradaveis. Não sabemos de pedagogo mais estimavel. E o volume, muito bem confeccionado, traz deliciosas illustrações de Belmonte, o que accrescenta a indicação plastica ás brilhantes suggestões do autor do livro.

R. Austin Freeman — *Como um ladrão á noite* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Cresce cada vez mais em nosso paiz o numero de consumidores de novellas policiaes. Esta de agora, de R. Austin Freeman ,não deixará de produzir calefrios nas creaturas sensiveis que a procurarem para matar algumas horas de lazer. Tudo é machinado por um perfeito conhecedor da carpintaria e da scenographia do genero, e não ha detalhe superfluo, concorrendo todas as minucias para a elucidação quasi scientifica do desfecho. As muitas dezenas de paginas do *Como um ladrão á noite* equivalem a uma deliciosa fuga ao mundo prosaico que nos envolve...

Luiz Amaral — *Iniciação politica e social* — Calvino Filho, editor — Rio, 1934.

Com um prefacio do ex-ministro Pires do Rio, o senhor Luiz Amaral, que tem o nome ligado a varios livros de viagem e de ficção, apresenta-nos agora uma summula das suas observações em torno aos factos sociaes e politicos. Imagina elle estar iniciando uma pessôa que lhe é muito cara no conhecimento de taes factos e exprime-se sempre com a maior franqueza, como quem não pretende ludibriar uma alma joven. Sinceramente avesso aos mythos da demagogia, ataca, com vehemencia irreprimivel, os envenenadores de multidões que vivem a prometter Chanaans e só espalham montões de ruinas.

Capitão Josué Freire — *A Odysséa do 12º Regimento* — Rio.

Tendo tomado parte em combates que tanto vieram a influir nas modificações politicas soffridas pelo Brasil dos ultimos tempos, o capitão Josué de Castro depõe como testemunha presencial de tudo quanto narra em seu livro. Não é um Plutarcho tarifado, um memorialista que escreva a tanto por linha. E' um militar corajoso e digno que se viu arrastado por uma série de acontecimentos sem duvida deploraveis e, num bello e nobre esforço de imparcialidade, procura fazer justiça mesmo áquelles que não lhe são sympathicos. Mas, incapaz de aulicismos de ultima hora, revolta-se com aquelles que, seguindo o conselho ironico de Victor Hugo, se apressam em ser ingratos, arriando ás pressas da parede, na hora da derrota, o retrato daquelle que haviam laureado e glorificado na vespera...

René-Louis Doyon — *Barbey d'Aurevilly* — Editions R. A. Corrêa — Paris, 1934.

Eis ahi um livro em que o Condestavel das lettras francezas surge sob alguns aspectos inteiramente novos para nós outros. Vemol-o, nas paginas faiscantes de René-Louis Doyon, redigindo criticas para jornaes de modas e vemol-o especialmente ás voltas com mulheres que lhe inspiraram paixões romanticas e por vezes angustiosamente platonicas. Delicadissimo é o tacto com que o commentador dessa grande vida nos faz acompanhar os furores do Brummell normando em luta com os negreiros do jornalismo que o exploravam. E encerra uma preciosa lição de humildade isso de saber que um cidadão eminentemente desabusado, como Barbey d'Aurevilly, tambem se deixava enlear pelo machiavelismo de certas damas. Muitas são as anecdotas que põem em pleno fulgor o amigo de Maurice de Guérin, aquelle que disse tantas coisas desamaveis a Hugo e aos poetas parnasianos. Quanto á edição do livro, é mais uma brilhante victoria do nosso patricio R. A. Corrêa, installado com tamanho successo na capital da França.

John Reed — *A Filha da Revolução* — Adersen Editores — Rio, 1934.

Segundo explica o Sr. Newton Freitas, excellente traductor do livro, John Reed rompeu bem cedo com as commodidades da vida burgueza para atirar-se ás aventuras do espirito revolucionario. Seus escriptos, ultimados na trepidação da luta, são bem indicio de um caracter que não se deixava amordaçar pelos ricos e pelos prepotentes. Composta entre 1912 e 1916, esta série de narrativas, *A Filha da Revolução*, detem, no tumulto de tantos milhares de volumes, a imagem de um homem que se embriagava na acção immediata e só comprehendia a litteratura como um instrumento de approximação social.

Alberto M. Candioti — *El Cofrecillo esmaltado* — Edición Albor — Buenos Aires, 1934.

Esta bella série de "poemas byzantinos em prosa", que o russo Ivan Schenchine ornamentou sumptuosamente, trará novos applausos á arte litteraria do sr. Alberto M. Candioti, já consagrado ao apparecer o impressionante volume do *Jardin del Amor*. Cultor dos ambientes exoticos, fantasista que sabe multiplicar-se em lindos arabescos verbaes, esse habil manejador dos rythmos da lingua castelhana tem sido fortemente elogiado por Francis de Miomandre, Alfonsina Storni, Manuel Gálvez, Gabriela Mistral, Ricardo Rojas, Juana de Ibarbourú e Alberto Nin Frias.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Monteiro Lobato — *Contos Pesados* — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.
Berilo Neves — *Seculo XXI* — Civilização Brasileira S. A. Rio.
Affonso Schmidt — *Carne para Canhão* — Peça em 3 actos — Editora Unitas. S. Paulo.
Oswald de Andrade — *O Homem e o Cavallo* — (Theatro) — S. Paulo.
Eloy Pontes — *Esforço Inutil* — Romance — Record Editora. Rio.
Aurelio Pinheiro — *Macáu* — Romance — Adersen Editores. Rio.
Luiz Amaral — *Iniciação Social e Politica* — Calvino Filho, editor. Rio.
Raul de Azevedo — *Bazar de Livros* — Adersen Editores. Rio.
Luiz Annibal Falcão — *Babioles* — 3 comédies — Schmidt. Rio.
Bruno de Martino — *Saias de Bronze* — (Novella) — Record, editora. Rio.
Decio Ferraz Alvim — *Concepção Institucional do Direito* — Livr. Liberdade. S. Paulo.
Carlos Vandoni de Barros — *Nhecolandia* — Matto Grosso.
Manoel Penna — *Trabalhos Manuaes Escolares* — Imprensa Official. Bello Horizonte.
Maria Conceição Adjucto Botelho — *Amenizemos a Vida* — A. Coelho Branco Filho, editor. Rio.
Ofelia e Narbal — *Cartilha de Brinquedo* — Historia de Bebê. Rio.
Ofelia e Narbal — *Pindorama* — 3ª edição. Rio.
Victor Hugo — *Do Calvario ao Infinito* — Livr. Editora da Federação. Rio.
El Plan Sexenal de México — Rio de Janeiro.
Revista da Faculdade de Direito — S. Paulo — Vol. XXX — Fasc. II — Abril-Junho, 1934.
John Reed — *A Filha da Revolução* — Adersen Editores. Rio.
Guy de Pourtalés — *Vida de Liszt* — Ed. da Livraria Cultura Brasileira. S. Paulo.
Fritz Weil — *Edouard Bénès ou la Renaissance d'un Peuple* — Editions R. A. Corrêa. Paris.
Isabelle Rivière — *Maria Blanchard* — Editions R. A. Corrêa. Paris.
André Therive — *Anthologie non Classique des Anciens Poètes Grecs* — Ed. R. A. Corrêa. Paris.
René Louis Doyon — *Barbey D'Aurevilly* — Editions R. A. Corrêa. Paris.

Luiz Annibal Falcão — *Babioles* — Schmidt editor — Rio, 1934.

Babioles... Bagatellas... Já o azedo Jean-Jacques Rousseau assegurava que os escriptores emprestam um valor muito arbitrario ás suas futilidades. Mas aqui, acceitar o titulo na sua expressão integral, seria illudir-se. As tres comedias que nos envia o sr. Luiz Annibal Falcão andam longe de ser as frivolidades, as insignificancias que elle pretende. Debaixo do envoltorio de facil galanteria, do jogo de paradoxos, ha muita observação de psychologo attento á colheita exactamente daquellas palavras que as boccas não dizem. *Nuages* foi representada, em ambientes mundanos, por gente de Petropolis ou de Botafogo, mas, observando-se bem, o sorriso algo perverso do autor como que está a indicar que tudo isso é fulgor de espirito de uma sociedade que não é bem a nossa. E o "parisianismo" desse homem culto e discreto não será, em verdade, qualquer coisa de naturalmente ironico num meio em que se atropelam tantos concorrentes á facil notoriedade?

Padua de Almeida — *O instante universal* — Rio, 1934.

Este volume, que abre com algumas palavras bastante expressivas do sr. Roquette Pinto, assignala, por parte do autor, um nobre impulso de interesse em relação aos dramas collectivos que alvoroçam ou atormentam o homem de hoje. Irmão do grande Moacyr de Almeida, que foi um visionario do Passado e um animador de estranhas cosmogonias, o sr. Padua de Almeida, mostrando serem outros os seus pendores mentaes, vê de preferencia o tragico instante do mundo de 1934. Todos os povos, todas as raças, dentro do seu significado actual, impressionam e inspiram esse joven brasileiro que recebe, nas antennas lyricas, as vozes mais longinquas da terra, vibrando e agitando-se com os seus contemporaneos da China, da Russia, da Italia.

Basilio de Magalhães — *Historia do Commercio, Industria e Agricultura* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1934.

O sr. Basilio de Magalhães merece bastante da gratidão dos nossos lettrados. E' um trabalhador que nada desencoraja, nada afasta da mesa de trabalho. Seu volume sobre a irradiação do cyclo bandeirante está longe de haver envelhecido na estima dos eruditos e seu ensaio bio-bibliographico sobre Bernardo Guimarães é algo tambem de perduravel em nossas bibliothecas. No momento, orientando as indagações num sentido mais universal, offerece-nos o illustre escriptor mineiro uma *Historia do Commercio, Industria e Agricultura*. E' obra de quem para lançar uma synthese escrupulosa viajou por dezenas de livros, pesquizou em muitas direcções, revolveu os ambientes em que o homem de todos os tempos fez, ao lado dos que faziam vida contemplativa, vida activa. Naturalmente, tendo sido este compacto volume de 420 paginas ultimado num sitio do interior, longe das grandes casas de livros do Rio, alguns deslizes lhe haveriam escapado, e o proprio autor o reconhece, com uma despretenção que lhe faz honra. Mas, em conjunto, é obra didactica indispensavel aos que se votam á destrinça dos assumptos economicos.

Bandeira Duarte — *Minha mulher e seu marido*... — Livraria Educadora — Rio, 1934.

Trata-se de um escriptor ainda muito joven e, não obstante, vencedor de brilhante prova quando da publicação do seu volume *O homem que salvou a terra*, presentemente exgottado. E' este o seu segundo trabalho e o autor, com grande habilidade, com muita destreza de toque nas passagens essenciaes, soube tecer um romance em que as situações vaudevillescas se amontôam, se ennovellam, para o imprevisto de um feliz resultado final. Tudo isto é escorreitamente dialogado e percebe-se que ao sr. Bandeira Duarte não seria difficil tentar, com muitas possibilidades de triumpho, o genero theatral. Aqui, os lances burlescos não excluem certa finura de entonação litteraria. As personagens, máo grado as trapalhadas em que se mettem, possuem realmente aspecto de gente de rua e não de gente de tinteiro. E certas nuanças de "humour" subtil fazem confiar nas futuras obras desse quasi estreante.

Damaso Rocha — *Festa da luz e da côr* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

O sr. Damaso Rocha é um dos bons ensaistas da sua geração e publicou ainda ha pouco, em nossas columnas, um excellente estudo sobre o sr. Erico Verissimo. Mas talvez, nelle, o poeta supere o critico. Seu volume *Festa da luz e da côr* o localiza de modo muito honroso entre os moços gauchos que vazam emoções em rythmos livres. Sem deslustre reciproco, o nome do sr. Damaso Rocha poderá figurar, doravante, ao lado dos srs. Vargas Netto, Cirne Lima e Theodemiro Tostes. Tal qual nestes, é, no autor daquelle volume, a mesma effusão de meiguice deante das lindas mulheres e das lindas paizagens, procurando virilizar-se em arremessos de energia inseparaveis de um ambiente de velhos guerrilheiros. Muita luminosidade, muito colorido em tudo, ao que o proprio titulo do livro está suggerindo. E a juventude do poeta, enriquecendo, embellezando tudo, ainda é a sua melhor inspiradora...

EM TODAS AS LIVRARIAS

SERIE NEGRA

A COLLECÇÃO DOS MELHORES LIVROS POLICIAES

A ULTIMA NOVIDADE EDITORIAL DO BRASIL

8 VOLUMES

LANÇADOS NO MESMO DIA EM TODO O BRASIL

I
"O DOUTOR NEGRO"
de Conan Doyle, traducção de Monteiro Lobato 4$000

II
"O HOMEM DO HOTEL CARLTON"
de Edgard Wallace, traducção de Godofredo Rangel .... 4$000

III
"CRIME DO ESCARAVELHO"
de S. S. Van Dine, traducção de Adriano de Abreu .... 4$000

IV
"O ENIGMA DE BAGSCHOTT"
de Oscar Gray, traducção de Gustavo Barroso .. 4$000

V
"O CALENDARIO"
de Edgard Wallace, traducção de Manuel Bandeira .... 4$000

VI
"O DIPLOMATA ASSASSINO"
de Peter Oldfeld, traducção de Moacyr Deabreu 4$000

VII
"O CRIME DO DRAGÃO"
de S. S. Van Dine, traducção de Adriano de Abreu 4$000

VIII
"OS HOMENS DE BORRACHA"
de Edgard Wallace, traducção de Agrippino Grieco .... 4$000

Mysterio!

Emoção!

Intelligencia!

SERIE NEGRA

sob a direcção de MOACYR DEABREU

C.E.N.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO - RIO - S. SALVADOR - RECIFE - LISBÔA

EDIÇÕES "ARIEL"

ENSAIOS

Annibal Freire da Fonseca — *Discursos* — broch. 6$000
Paulo Prado — *Paulistica* — (Historia de São Paulo) — 2.ª edição augmentada — br. .... 6$000
Giberto Amado — *Tobias Barreto* — broch. .... 3$000
Gilberto Amado — *Espirito do Nosso Tempo* — 2.ª ed. — broch. .... 5$000
Gilberto Amado — *Dias e Horas de Vibração* — broch. .... 5$000
Agrippino Grieco — *S. Francisco de Assis e a Poesia Christã* — broch. .... 8$000
Agrippino Grieco — *Evolução da Prosa Brasileira* — broch. 10$000. — enc. .... 14$000
Agrippino Grieco — *Evolução da Poesia Brasileira* — broch. 8$000 enc. .... 10$000
Octavio de Faria — *Destino do Socialismo* .... 10$000
Gilberto Amado — *A Dansa sobre o Abysmo* .. 7$000
Odilon Nestor — *Approximações* — broch. .... 5$000
Miguel Ozorio de Almeida — *A Vulgarização do Saber* .... 7$000
Francisco Venancio Filho — *Educar-se para educar* .... 6$000
José Maria Bello — *A Noção Philosophica e social do Direito* .... 6$000
Albertino Moreira — *Uma Constituição para o Brasil* .... 6$000
Gilberto Amado — *Grão de Areia* .... 5$000
Alde Sampaio — *Problemas Basicos da Constituição* — broch. .... 5$000
Cid Corrêa Lopes — *A reconquista do poder* .. 6$000
Mattos Pimenta — *A epopéa paulista* .... 7$000
Mattos Pimenta — *Um grito de alerta no tumulto da revolução* .... 8$000

JURISPRUDENCIA

Trajano de Miranda Valverde — *A fallencia no direito brasileiro* — 1.ª Parte, Vol. I — br. 30$000
Encadernado .... 35$000
Trajano de Miranda Valverde — *A fallencia no direito brasileiro* — 1.ª Parte, Vol. II — br. 25$000
Encadernado .... 30$000
Trajano de Miranda Valverde — *A fallencia no direito brasileiro* — 2.ª, 3.ª e 4.ª parte, Vol. III — br. .... 30$000
Encadernado .... 35$000

PEDAGOGIA

Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrada — *Tesis* .... 10$000

MEDICINA

Charles Richet — *O que é indispensavel saber*, br. 5$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — *O mysterio de um morto* ... 5$000
" " — *O cão amarello* .... 5$000
" " — *Um crime na Hollanda* .. 5$000

ROMANCES GALANTES

Nicolas Ségur — *A cortina vermelho* .... 6$000
" " — *O anel sensual* .... 6$000
" " — *A carne* .... 6$000

ROMANCES, CONTOS, ETC.

Roquette-Pinto — *Samambaia* — broch. .... 6$000
Jorge Amado — *Cacau* — 2.ª ed. — broch. .... 6$000
Jorge Amado — *Suor* — broch. .... 6$000
Lucia Miguel Pereira — *Em Surdina* — broch. 7$000
José Lins do Rego — *Doidinho* .... 6$000
Miguel Ozorio de Almeida — *Almas sem abrigo* 7$000
Marques Rebello — *Tres Caminhos* — *broch.* .. 5$000
Oswald Andrade — *Serafim Ponte Grande* — br. 6$000
J. Kessel — *Luxuria* — Trad. de Gastão Cruls 6$000
T. S. Matthews — *A Caminho da Força* — Trad. de Gastão Cruls .... 6$000
René-Albert Guzman — *Ciume* — Trad. de Gastão Cruls — 2.ª edição (esgottada) .... 6$000
Gastão Cruls — *Coivara* .... 7$000
Gastão Cruls — *Ao Embalo da Rêde* .... 5$000

POESIA

Maria Eugenia Celso — *Fantasias e Matutadas*, br. 6$000
Francisco Karam — *A Hora Espessa* — broch. 5$000
Raul Bopp — *Urucungo* — Poemas negros ....
Murilo Mendes — *Historia do Brasil* — Philosophia humoristica ....

FINANÇAS

João da Costa Montenegro — *Socialização politica da moeda* ....

HUMORISMO

Paulery Bergado — *Para rir* .... 4$

NARRAÇÕES

Luc Durtain — *Imagens do Brasil e do Pampa* — (Trad. de Ronald de Carvalho) — broch. .... 6$0
Ranulpho Prata — *Lampeão* — broch. .... 6$0
Gastão Cruls — *A Amazonia que eu vi* .... 10$0

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad. .... 30$0
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 — 1 vol. encad. .... 30$0

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — *O Caso Pontes Visgueiro* — broch. .... 6$0
Vida e morte de Maria Lafarge, a envenenadora 5$0
A sabotagem do plano quinquenal .... 5$0

EM OUTRAS EDIÇÕES

Gilberto Amado — *Eleição e representação* .... 10$00
Luiz Cruls — *Atlas celeste* .... 15$00
Carlos Sampaio — *Mecanica applicada ás machinas* — 1.º vol. enc. .... 5$0
Gastão Cruls — *Elsa e Helena* — Romance .... 6$
Alceu Lobato — *Isenções e reducções de direitos aduaneiros* .... 15$
V. Miranda Reis — *Ensaio de Synthese Sociologica* .... 5$
Carlos Drummond de Andrade — *Brejo das Almas* — broch. .... 5$
Labieno — *Vindiciae* — broch. .... 6$0
João Alphonsus — *Gallinha Cêga* — br. .... 5$0
Roquette Pinto — *Seixos Rolados* — broch. .... 10$0
Oscar Mendes — *A Alma dos Livros* .... 5$0
Belmiro Braga — *Redondilhas*. — (Versos) — br. 5$0
Raul de Siqueira Xavier — *Aspectos Sociaes da Questão do Trabalho* — br. .... 3$0
Azevedo Corrêa — *Poemas* — broch. .... 5$0
Jorge de Lima — *O Anjo* — (romance) broch. 5$0
Enéas Ferraz — *Adolescencia Tropical* — (romance) broch. .... 5$0
Alberto Rangel — *Inferno Verde* — *br.* .... 7$0
Idem — *Quinzenas de campo e guerra* — br. .... 7$0
" — *Quando o Brasil Amanhecia* — br. .. 7$
" — *Livro de Figuras* — br. .... 7$0
" — *Lume e Cinza* — br. .... 7$0
" — *Textos e Pretextos* — br. .... 7$
" — *Papeis Pintados* — br. ....
" — *D. Pedro I e a Marqueza de Santos* — br. 25$000, enc. .... 3[illegible]
" — *Fura-Mundo* — (ed. de luxo) — br. .. [illegible]

Importante: Os assignantes do *Boletim de Ariel* sarão de um desconto de 20 % sobre o preço deste[s li]vros quando os mesmos forem adquiridos directam[ente] no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attenden[do] pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo [cor]reio, correndo então por nossa conta as despes[as de] porte.

COUPON DE ASSIGNATU[RA]

Junto a esta envio a quantia de dezoito mil [réis] para que seja remettida uma assignatura annua[l do] *Boletim de Ariel*, ao seguinte endereço e a p[artir] do mez de....

NOME ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Côrte e envie este coupon a ARIEL, EDIT[ORA] LTDA. — Rua Senador Dantas, 40 — 5.º — Rio de Janeiro.

N. B. — A importancia deve ser remetti[da em] carta com valor declarado, vale postal ou [cheque] bancario.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS & ARTES & SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | Anno II - Setembro 1933 - N. 12 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

GORDOS E MAGROS

AZORIN, em admiravel ensaio, pôz outra vez em fóco a velha questão do estylo litterario. Dividiu-os em ricos e pobres. Não deixam de estar com a época do "homem economico" essas duas categorias. Entretanto me parece que ficaria melhor fazermos a differença entre gordos e magros. Dá da cousa a sua expressão mais verdadeira, o seu authentico caracter. Azorin, que fala de frei Luiz de Granada, que foi da lingua hespanhola o homem de mais palavras que já houve, é elle mesmo um pensador de vocabulario reduzido, secco, mas cheio de vida como poucos. Falando de estylos, expõe um exemplo cortante com a sua prosa. Ninguem vá atraz de nababos deante da sua sobriedade, do seu intelligente distributismo verbal. Não desperdiça, não bota fóra, mas de sua mesa ninguem sahirá faminto, porque se não dá orgias este amphitryão, nos contenta por outro lado com o sabor e a qualidade do seu tempero. Elle não pretende matar o conviva de indigestão, quer sómente alimental-o bem com a quantidade e a substancia de suas iguarias. Póde-se dizer de Azorin que é elle um escriptor com vitaminas.

A Hespanha, que é cheia de tantos gordos, não terá um mais sadio e mais rijo que este velho de poucas banhas verbaes. Azorin será um escriptor magro. Gordos e bem gordos seriam um Blasco Ibañez, um Castellar, um Bennevente. E elle pergunta: "Es mas estylista el escriptor que non disponiendo de caudal lexico, siendo pobre su vocabulario, es sin embargo exacto y claro?" *Ha os que ficam com uns e os que ficam com os outros. Nietzsche gostava dos pobres, dos magros, desde que se pudesse com o minimo de palavras conseguir o maximo de expressão. E' a melhor resposta que se póde offerecer ao inquerito. O grande mestre do mundo moderno, que foi o homem de Zarathustra, até nisso sabia que os gregos estavam com a vida nos offerecendo o sal attico que é todo o fermento de sua arte. Sem esta disciplina, o doido Nietzsche via que o gosto caminhava para o monstruoso, para as desproporções allucinadas. E quiz que o mundo se baptizasse nas aguas do mar Egeu. Elle que acordava com a neve na porta de sua casa, acreditava no emtanto no Meio-dia como a temperatura melhor para o espirito. Foi, apesar de todos os seus gestos e todas as suas scintillações de sol, um magro.*

Goethe, sim, que foi um gordo. Nas suas viagens á Italia enamorara-se das matronas roliças. O segundo Fausto é uma obra de pompa, sem a simplicidade folklorica do primeiro. Parece que o frio do Norte obrigava-o a esses exercicios rhetoricos. E' assim elle um genio que os gordos terão do seu lado para argumentar. Barbey d'Aurevilly chegou a descobrir-lhe o gosto vulgar da phrase bonita, da verbiagem. Goethe, porém, prova admiravelmente que o estylo não é tudo no escriptor. E' apenas como queria Remy de Gourmont: o acompanhamento do escriptor. (E' verdade que muitas vezes esse acompanhamento vale por toda a melodia.) Declamador como foi Goethe, deixou no emtanto para a humanidade uma herança das maiores de até hoje. E' que ha gordos que, por mais que pesem, se agitam na vida como "pesos plumas". Não sei se já viram sujeitos de mais de cem kilos dansando valsas como magros, deslisando como os mais ageis. Goethe foi assim, com essa facilidade e essa força de vencer as suas enxundias grammaticaes. Os seus descriptivos são abundantes. Como todo visual, elle tinha o gosto descriptivo, até as minucias. Chegaram até a dizer do grande allemão que, como os gulosos que tinham os olhos maiores do que a barriga, Goethe teria os olhos maiores do que a cabeça. E tambem do que o coração. Embora tudo isso, elle foi um gordo eterno.

Ha tambem os que têm mêdo de engordar. Stendhal, por exemplo, que andou a Italia toda, ouviu musica, sentiu as mulheres redondas de Raphael, era um que aconselhava a leitura do Codigo Civil para quem quizesse aprender a escrever. O seu amigo Merimée, para quem um adjectivo a mais botaria a perder paginas e paginas, lhe dava o depoimento de um magro até o exaggero dos ossos a descoberto. Estes que se descarnam assim chegam ao outro lado da gordura, macerados, fazendo-nos pena de tanta magreza. Os processos artificiaes nesse caso deformam mais do que corrigem. Muitos não resistem ás provas e succumbem. Stendhal foi um daquelles que atravessou esses exercicios, válido. Tinha substancia vital para todos os exaggeros. E como ha os que se fazem de magros assim, existem tambem os magrinhos com superalimentação, querendo dar corpo a um esqueleto sem capacidade para mais do que supporta. E estes estylos que

Guilherme Tell e Djalma Andrade

Tantas vezes a gente se equivoca em materia de critica que, se uma vez acerta, tem direito a fazer alarde em torno ao caso.

Assim é que, um dia destes, o nosso mensario recebeu de Bello Horizonte, apenas com offerta do editor, uma brochura de Guilherme Tell, intitulada *Cartuchos de Festim*. O sub-titulo declarava: "Satira aos politicos e ás mulheres" e havia um prefacio em que o autor se queixava de haver sido engazopado pelos antigos companheiros de ideal revolucionario, com um ar plangitivo de quem não conseguiu obter um cartorio aqui no Rio de Janeiro.

Quanto ás satiras aos politicos, julguei-as interessantes, mas precarias como todos os typos que punha em fóco. Com effeito, que póde haver de perduravel em cousas rabiscadas a proposito do ministro Washington Pires e do general Manoel Rabello? Nenhum delles consegue ser Marilia de Dirceu, boa musa inspiradora de poeta nenhum, mesmo de poeta epigrammatico...

Mas, quando cheguei á parte relativa ás mulheres, fui encontrando versos admiraveis. Apenas, accentuou-se em mim uma suspeita de plagio ao encontrar, entre as satiras ao outro sexo, esta, que reconheci logo ser do poeta mineiro Djalma Andrade:

Tua modista, senhora,
Mostrou ter grande talento,
Prendendo um chapéo de plumas
Numa cabeça de vento.

De qualquer fórma, desconfiasse ou não de um latrocinio poetico, retive esse livro entre os livros que guardo para reler mais dia menos dia. Prova de que intimamente, mesmo sem saber quem fosse o autor real, dei real importancia ao volume...

E, agora, chega-me de Bello Horizonte segundo exemplar dos *Cartuchos*, com dedicatoria autographa do autor, ou seja o proprio Djalma Andrade. Guilherme Tell era um simples pseudonymo bellicoso...

Não ha, portanto, rapinagem alguma em tudo isso. Ha, em primeira mão, uma serie de ephemeros epigrammas a senhores sem consistencia na memoria publica e uma serie de epigrammas, esta sim duradoura, ás frageis creaturas que o poeta ironiza sentimentalmente, servindo-lhes uma especie de mel silvestre, que lhes travará um bocadinho na garganta.

Existem ahi varias quadras á altura de competir com as melhores dos portuguezes das redondilhas, os Antonio Fogaça, os Gomes Leal, os Corrêa d'Oliveira. São venenos adocicados que o artista acondicionou, com pericia mental e manual, em frasquinhos portateis de que se utilizarão pela certa todos os namorados descontentes e todos os maridos ciumentos do paiz. Cousas de um delicioso bohemismo espiritual, rimadas talvez em sitio de noctambulos, entre um copo meio vazio e um cigarro meio consumido, á hora em que as palpebras cansadas dos bebedores vão descendo como a porta de ferro do botequim.

Quanta sabedoria nestas equações de "humour" philosophico armadas por um moralista displicente, de de quem as mulheres se vingam tornando, pelo influxo lyrico de uma presença obsedante, cada vez mais bellas as estrophes em que elle as satiriza:

A's minhas amadas, beijos,
Eu juro, nunca pedi:
Pois que o beijo é como a fruta
Que, madura, cáe por si.

Pelo bem que me fizeste
Eu nada, amor, te offereço:
Vale pouco neste mundo
Aquillo que tem um preço.

Os teus peccados, menina,
E os meus, resumem-se num,
Tão grande que, p'ra fazel-o,
Nós peccamos em commum.

Um dia me disse alguem
Ao meu ouvido, baixinho,
Que teu pé só anda bem,
Maria, no máo caminho.

Vendo-te, vem-me á lembrança
Tudo que leva ao peccado:
Um quarto, um leito de pennas,
Um lampeão apagado.

Eu te escolhi tal qual és,
Quero-te assim, nunca mudes:
Encantado por teus vicios,
Nunca olhei tuas virtudes.

Estrada da minha vida,
Quanta vez a percorri!
De ti para os hospitaes,
Dos hospitaes para ti.

AGRIPPINO GRIECO.

---

se querem exhibir em formas rotundas attingem logo á feiura com as suas linhas de caricatura. Coelho Netto vive entre estes. E' um fraco dos peitos fazendo todo o possivel para ganhar peso. E consumiu adjectivos com furia, a tantas grammas, por dia. Mas a grandeza não está nestes gordos nem entre os magros por greve de fome. A grandeza está como a belleza nas mulheres, nas fausses-maigres, *no milagre do equilibrio, na proporção instinctiva das fórmas. Machado de Assis foi destes, mantendo-se toda vida sem palavras demais, sem palavras de menos.*

Alencar engordou muito. E Nabuco, de vez em quando sahia de seu peso normal mas voltava logo á abstinencia que lhe restituia a performance. Existem, porém, outros que quando começam a criar barriga, ficam de tecidos sem mais força de resistencia. Coelho Netto já experimentou em sua obra um regime de emmagrecimento e se verificou que sem as gorduras verbaes dos seus livros, restavam as pelles dependuradas dos que se afinam por doença. Machado de Assis foi até o ultimo dia de vida com o mesmo peso. Remy de Gourmont diria que elle juntava em suas lettras a memoria visual á memoria emotiva. No homem do Braz Cubas uma intelligencia poderosa resistia ao que havia nelle de conformação com o gosto classico e a grammatica exigente. Machado escrevia vernaculo e escrevia bem. O seu requinte de dominio foi um exercicio de dominio sobre si mesmo. A perfeição grammatical não chegou a ser tudo para a sua arte, porque se tivesse feito assim seria um gordo como foi Ruy Barbosa.

JOSÉ LINS DO REGO.

UM CONTO INÉDITO DE OSCAR WILDE

O fasciculo de julho da revista litteraria *Cendre*, de Besançon, publica uma commovida pagina de reminiscencias em que o sr. René Benoit evoca o ultimo periodo da vida de Oscar Wilde, de quem foi amigo e commensal no velho Hotel d'Alsace de onde a 3 de dezembro de 1900 — *finis tragediæ* — sahiam para o cemiterio parisiense de Bagneux os restos mortaes do poeta, de cujo feretro pendia a famosa coroa com aquella para todo o sempre sublime e refulgente inscripção: *A mon locataire*.

No seu artigo de *Cendre* o sr. René Benoit reproduz de memoria dois pequenos poemas em prosa de Oscar Wilde, recolhidos da propria bocca do poeta, "*qui les contait* — escreve René Benoit — *doucement, lentement, de sa voix merveilleuse*".

E' o primeiro desses apologos que traduzimos para os leitores de *Ariel*. Intitula-se

A arvore dos papagaios

"Ficava á beira da lagoa a arvore dos Papagaios assim chamada por ser o pouso preferido dos papagaios da rendondeza que todas as tardes iam empoleirar-se nos retorcidos galhos dentro da espessa ramada com muito reboliço e alarido.

E tanta algazarra faziam que quem passava não ouvia.

Passava por alli áquella hora de volta do campo a gente do povoado chalrando e discreteando, os homens do escasso rendimento da terra e do excessivo peso dos impostos, as mulheres dos mil e um incidentes da vida domestica, de enredos e mexericos da roça; os velhos dos seus cuidados, os moços dos seus amores.

E ninguem dava ouvidos á insupportavel tagarellice dos papagaios palradores.

Ora, succedeu certa vez que um rouxinol desgarrado — desvairado, perdido nalguma extranha, longinqua, fabulosa aventura, arquejante e morto de cançaço — foi procurar o seu ultimo refugio da noite precisamente naquella arvore solitaria á beira da lagôa, no mais escondido raminho da arvore dos Papagaios á beira da lagôa.

E á hora do crepusculo, sentindo a morte perto, a alma devorada de saudades da patria distante, das palmeiras e dos minaretes da patria distante que não tornaria a vêr nunca mais, o passaro maravilhoso rompeu num canto supremo e desesperado, infinito gorgeio, alcyonea terrestre melodia, tão pura, tão limpida, tão bem modulada e tão inconsolavelmente triste, que os valles se esfolharam silenciosamente nos calices prateados dos lirios e das campanulas, as fontes borbulhantes desataram a soluçar devagarinho dentro da matta, os ventos mal respiraram nos intersticios das grutas e dos rochedos, e até o céo, geralmente pouco communicativo, o proprio céo fendeu-se, onde anjos abrindo pupillas de ouro que eram lucidas estrellinhas, debruçados, as harpas a tiracólo, inclinavam-se para melhor ouvir a voz que subia da terra, a prece que subia da terra, o cantico que subia da terra, immenso, angustioso, dilacerante, e reboava nas espheras como o cantico dos canticos da desesperança da Terra abandonada de Deus.

Mas a boa gente do povoado que passava por alli todas as tardes áquella hora de volta dos campos passou aquelle dia exactamente como nos dias anteriores chalrando e discreteando, os homens do escasso rendimento da terra e do excessivo peso dos impostos, as mulheres dos mil e um incidentes da vida domestica, de enredos e mexericos da roça; os velhos dos seus cuidados, os moços dos seu amores.

Ninguem ouviu o canto do passaro maravilhoso!

Seguramente não existia em todo o povoado um unico sêr humano capaz de testemunhar o inaudito prodigio.

Só dois, em todo o povoado, teriam podido discernir no horrivel côro dos papagaios palradores a incomparavel melodia. Um, o velho organista da capella, tinha amanhecido enforcado na viga mestra do altar-mór com uma horrivel blasphemia cosida á rabona.

O outro ainda não era nascido."

O OURO DO SILENCIO

Bocca admiravel a que primeiro disse que o silencio é ouro, e (si mais não disse) verdadeiramente discreta.

Mais se perderam homens pelo muito fallar que pelo muito calar, digam-n'o Socrates, Seneca, e aquelle mestre dos falladores, Cicero — si é que a morte não os castigou com o silencio eterno — o sulmonense Ovidio no seu exilio, Galileu na sua masmorra, e quantos de algum modo teimaram em doutrinar e reprehender a principes, papas, satrapas e potentados.

Quem falla a todo proposito corre o risco de fallar fóra de proposito: mas não ha exemplo de um mudo indiscreto. Ao contrario não têm conta os que perderam fallando a fama que grangearam calados. E desses, sem precisarmos de ir catar exemplos na historia e no passado, temos no Brasil e no presente exemplos notorios.

As mesmas verdades não são para serem ditas; si ditas não são cridas; si cridas, deixam de ser verdades e passam para o rol dos lugares-communs.

A verdade verdadeira, una e nua, está no fundo do poço, e quem se atrever a ir tiral-a de lá o menos a que se arrisca, sem fallar na pena perdida, é perder o socego, a liberdade e por vezes, inclusivamente, a propria vida.

ALBERTO RAMOS.

"OS SERTÕES"

Commemorando dignamente o 24º anniversario da morte de Euclydes da Cunha, a Livraria Francisco Alves acaba de lançar a publico mais uma edição da obra mestra da nossa litteratura, mas essa um trabalho como ainda não fôra feito e por muitos motivos digno da maior estima.

Obra cujas edições se succedem, a partir da 5ª usava-se sempre a mesma forma estereotypada, feita de accôrdo com um volume da 3ª edição, corrigido do proprio punho de Euclydes, e que já não pudera alcançar a 4ª edição, então em preparo, quando o mesmo volume foi encontrado. Se essas edições beneficiaram da paciente e zelosa revisão do autor, que chegou até a módificações no texto original, não se livraram, comtudo, de novos deslises typographicos, isso para não falar na omissão incomprehensivel em quasi todas daquelle magistral prefacio com que Euclydes abre a formidavel epopêa. Agora, porém, tudo isso foi largamente compensado, pois graças á competencia e ao carinho de Fernando Nery, temos um volume que o proprio Euclydes teria prazer em manusear. Além de exhaustivamente revisto, o seu texto se accresce de pequenos lembretes á margem das paginas sobre a materia que vem sendo tratada, de notas com a indicação de outros trechos nos quaes são versados ou recordados os mesmos assumptos, e traz, afóra o indice geral, outros de grande utilidade para o leitor, como o onomastico, o descriminativo das ephemerides da campanha e um muito minucioso das cotas á margem das paginas. O livro se enriquece tambem de um retrato de Euclydes, dos menos conhecidos e quasi contemporaneo dos Sertões, pois foi tirado em 1903 e a obra appareceu em 1902.

Em torno do sr. Gilberto Amado

Em *Dias e horas de vibração*, reune o senhor Gilberto Amado alguns artigos escriptos da Europa, no principio do anno, e trechos de um discurso de agradecimentos em festa que lhe foi offerecida. Mais uma vez, a sua alta intelligencia, de seiva tão rica e de tão luminosa expressão, offerece-nos alguns perfeitos ensaios, inspirados por aspectos esparsos do mundo. Fechando-lhe o ultimo livro, fico a pensar no que ainda poderia dar a sensibilidade intellectual deste homem, se lhe fôra permittido, porventura, agir em outro meio, menos refractario ao jôgo das idéas e menos indifferente á belleza das cousas. Mas, no Brasil e, de certo, por muito tempo — amarga contingencia — os espiritos, como o do senhor Gilberto Amado, têm de se contentar com a semeadura, ao sabor dos ventos, de preciosos grãos. Que germinem aqui, alhures, em alguns recantos isolados do terreno safaro, eis notavel victoria...

A tremenda confusão de valores sacrificou ha muito a exacta significação das palavras. Derramamos largamente, com a polidez epidermica de gente que mal se agita na superficie da vida, os sonoros adjectivos e os louvores amaveis. A Natureza foi tão prodiga na distribuição de intelligencia em o nosso paiz quanto dadivosa nas riquezas da terra... Reivindico, entretanto, no momento, o sentido integral do malbaratado termo para applical-o ao senhor Giberto Amado. Está ahi, em verdade, um homem extraordinariamente intelligente, e nesta affirmação synthetica poderia traduzir as multiplas impressões que me deixa qualquer contacto com o seu espirito.

Os homens do commum vivem ou vale dizer, lutam, soffrem, pelo dinheiro e pelo amor, se odeiam e se ameaçam, vencem ou são vencidos, e mergulham como automatos no outro lado do mysterio. Entre os primeiros gritos de revolta, ao abrirem os olhos para a luz, nostalgia talvez de um mundo para sempre perdido, e a ultima affliçção que precede á morte, temor talvez do mundo que se vae abrir, se lhes encerra o cyclo da passagem pela terra. Para o segredo das cousas, basta-lhes qualquer explicação sentimental ou de raciocinio simplista. Uma pequena minoria, no entanto, a unica que se conta, não se satisfaz com semelhante passividade mental. Descobrir o sentido da vida constitúe a sua gloria e o seu tormento. Donde viemos? Para onde vamos? Como conhecer e como agir? Qual a relação que lhe prende as mais extranhas manifestações, o arrastado movimento de uma larva, o esplendor de uma rosa, uma vibração de canto no silencio adormecido da noite, o palpitar de uma estrella, o claro sorriso de Helena, o brutal fragor das batalhas, uma crise de Bolsa e um alto e sereno pensamento de philosopho? Se conhecemos as origens das cousas, podemos predeterminar-lhes a finalidade logica. A estrada da vida alarga-se, pois, ante os nossos olhos, illuminada e tranquilla. Mostremol-a generosamente aos que não pódem ou não querem vêl-a...

As disciplinas positivas que a intelligencia induziu da verificação experimental indicaram a ordem dos phenomenos sensiveis. Orgulhosas das suas conquistas, pretenderam ir muito além, passando do indicativo ao imperativo. A' sua luz implacavel e eterna dissipavam-se os ultimos mysterios. Durou pouco, todavia, a universal illusão. De novo, e mais terrivel do que nunca, o enigma da vida perturba os homens que pensam e os enche de angustias intimas. Nas trevas que os cercam tentam embalde vislumbrar a aurora de amanhã. Para onde marcha o rebanho humano? Porque o agita inesperado fremito de violencia e de revolta? Que destino final o espera?

Na aguda intelligencia do senhor Gilberto Amado todas essas interrogações ecôam com extraordinaria força. Ella tudo quer ver e tudo quer comprehender. Anciosa de verdade e de belleza, procura por toda parte a unidade que não existe, não existiu nunca, não existirá jamais, porque é uma criação subjectiva, uma ordem ideal, de projecção puramente imaginaria. Dahi, o profundo encantamento, o estado de euphoria que Paris lhe causa. Neste centro moral do mundo, alargam-se e aclaram-se os horizontes. Os ouvidos attentos escutam todos os sons que vibram no ar e parece por vezes que mesmo o rude tropel dos barbaros virá cadenciar-se em breve na harmonia dos Campos Elyseos para uma suave ascensão, em certa manhã de primavera, até o Arco do Triumpho, batido pelo sol que brilhou sobre Athenas... "Paris faz de tudo uma harmonia, dá ordem a tudo, mesmo á aprehensão e á angustia..." A tensão de espirito do senhor Gilberto Amado não lhe permitte um momento de repouso. Colhe aqui um "flagrante da vida contemporanea", assiste alli uma tumultuosa sessão da Camara Franceza, acompanha além conferencias sobre Direito na Sorbonne ou contempla a "dansa das moedas" na Bolsa. Uma noite attrae-o um *meeting* de protesto dos judeus francezes contra as estupidas violencias de Hitler. Discursos, emphase, apotheose, maldições, uma rapida visão da marcha de Israel sobre a terra. Tudo isto perde de repente o sentido tragico. Num camarote da sala Wagram uma virgem sorria, alheia ao tumulto ambiente. "Enlevada, ella sonhava — mocidade do mundo, flôr da tribu, não temendo o sacrificio, prompta talvez para elle..."

Depois do espectaculo do mundo, o espectaculo especial do Brasil. Que reflexões lhe provocam um e outro? Aos olhos do senhor Gilberto Amado nada escapa. Todavia, elle não diz tudo que viu para induzir dos factos as consequencias possiveis. Acredita em si, mas, de certo, duvida da resonancia do meio exterior que o cerca. Para que fallar e não ser ouvido? Basta-lhe indicar uma especie de summario do grande drama universal e do pequeno drama do seu paiz. "Os problemas transcendem os homens; tão impotente se mostra a razão quanto a experiencia". "Os quadros actuaes não são sufficientes para abranger as evoluções da vida". "O soffrimento humano é demasiado grande para caber na casa moderna; os gritos dos que estão dentro della atravessam as paredes e nos dilaceram os ouvidos". Eis em felizes phrases como estas uma synthese das graves questões da hora presente. No solar primitivo do Brasil reduz-se tudo a simples thema litterario. "Pelas condições mesmo do seu rudimentarismo economico, passa longe destas vastas regiões desertas e pacificas o turbilhão das chammas que devoram a terra. Apenas lhe sentimos os reflexos rubros no horisonte e debaixo dos pés a trepidação longinqua..."

Mas sabe o senhor Gilberto Amado que agem os homens mesmo na desordem e na incerteza das idéas. Por sobre a razão e por sobre a experiencia ou contra a ra-

zão e contra a experiencia, elles procuram uma direcção qualquer, para a extrema esquerda ou para a extrema direita, ou mesmo talvez para um centro de melhor equilibrio. Sabe igualmente o senhor Gilberto Amado, porque elle proprio o mostra, que o grande, o unico problema do Brasil e das nações do seu typo, quasi em estado de economia pre-monetaria é o permanente duello, ás vezes a florete, ás vezes á bayoneta, entre as maiorias civis e as classes armadas. Que orientação aconselhar? Que partido tomar? O illustre escriptor não o diz. Como todos os Brasileiros intelligentes e cultos de sua geração, elle presente a onda crespa que se approxima e que poderá tragal-o. Vindo de um passado morto, onde ainda existiam seriação de valores e pensamentos e aspirações de harmonia e graça, não pode estimar o presente e se arreceia do futuro. Procura a juventude, mais decidida, para sentir de perto o calor da vida nova e facilitar a propria adaptação. Foge á agitação politica, tentando refugiar-se de vez no mundo das idéas e das letras. Todos esses esforços, no entanto, não podem e não devem contental-o; a sua complexa personalidade se sacrifica e acaba não dando de si a extraordinaria medida. O senhor Gilberto Amado é, pela intelligencia, um homem de outro clima. Este "paraiso primitivo, esta estancia illuminada, onde a doçura do viver alimenta o amor no seio da abundancia", este Brasil "sem pressa em face do destino", não é a patria ideal do seu espirito. Seria necessario despertal-o, refundil-o, tocar-lhe mesmo nos alicerces...

Valerá a pena? A vida ainda offerece alguns aspectos amaveis ás sensibilidades artisticas. A marinha de Copacabana guarda o seu encanto eterno, as luzes de Paris brilham ao longe e as jovens judias e as outras mulheres claras ou morenas de outras raças sorriem sobre o grosseiro tumulto da vida, promptas para o doce sacrificio. Fechemos os olhos aos erros e crimes dos poderosos e ás miserias, já em plena revolta, dos humildes. Estimulando alguns espiritos, sinão á lucta ao menos á meditação, despertando sensações de belleza, pela resonancia musical de suas phrases, onde não falta de quando em quando um pouco de emphase, o senhor Gilberto Amado merece, em verdade, os applausos ruidosos e, sobretudo, os mais discretos e mais sentidos que o acompanham...

José Maria Bello.

A proposito de "Deserto Verde"

Se eu usasse fraque, gravata preta e pince-nez, e tirasse disso autoridade para dar conselhos, chegava perto de Henrique Pongetti e dizia:

— Escreva um romance, rapaz. Você tem estylo, poder de observação e de analyse, senso de continuidade, idéas faiscantes, — possúe, emfim, qualidades ausentes na maioria dos nossos fabricantes de livros. Largue o conto, a chronica, o artigo de jornal e assuma responsabilidades litterarias mais sérias, á altura do seu talento de verdadeiro escriptor.

Não estou habilitado a dar a Henrique Pongetti esse conselho. Mas, lendo *Deserto Verde*, tive impeto de compôr, theatralmente, uma caracterisação adequada, para dizer-lhe, em tom solemne, o que penso a seu respeito.

*

Henrique Pongetti conhece o segredo dos bons escriptores: conseguir effeitos artisticos sem recorrer a termos pomposos, a expressões preciosas, empregando, justamente, os vocabulos mais simples e usados do diccionario. Sabe construir a phrase com elegancia e nobreza, com novidade e finura. Descrevendo um ambiente, em duas phrases incisivas e vigorosas, o escriptor communica aos seus leitores uma impressão nitida e forte: "As côres e as fórmas se harmonisavam numa atmosphera de riqueza sem impulsos de exhibir-se. Um senso agudo das perspectivas fazia com que todos os objectos dessem a impressão de que não poderiam ser substituidos nem mudados de logar." No estylo de Henrique Pongetti observa-se esse mesmo equilibrio. Nada é excessivo, inutil, ou importuno. Só ha o necessario, e de tal sorte que não se pode admittir a suppressão ou troca de um só vocabulo. *Deserto Verde* é uma obra de cunho satyrico. Nem conto, nem novella, nem romance. Convencionou-se que as novellas e os romances devem ter entrechos complicados, com tragedias de varios generos: homicidios, adulterios, suicidios, casamentos, roubos, etc. *Deserto Verde* foge totalmente a esse processo litterario. Tem uma historia, é verdade. Mas essa historia é apenas um pretexto para que o espirito epigrammatico do autor se exercite em determinados sentidos. Essa historia é o drama cerebral de um individuo que o talento rebelde, a cultura e a independencia de opinião deslocaram do ambiente nacional. O intellectual revoltado, para satisfação intima, resolve, um dia, inventar uma personalidade litteraria artificial, precisamente o avesso daquella que lhe valera a alcunha de *Acido Acetico*. E, num esforço "de cretinisação consciente", escreve, sob pseudonymo, paginas idiotas que publica num magazine em que collaboram esses "poetastros cynicos que declamam em todas as festas de caridade e que se fazem photographar, como sultões ou eunuchos, entre uma duzia de mulheres interessantes." A *ficelle* produz effeito surprehendente. A notoriedade que o individuo real não conseguira, o outro, inventado pela sua imaginação, obtem largamente, dando-lhe a convicção de que a gloria litteraria, na nossa terra, é uma questão de escrever mal. Ha dous casos sentimentaes, um meramente accidental, o outro definitivo. Ambos, entretanto, interessam á historia apenas pelas consequencias que produzem na actividade intellectual do protagonista, deante de quem se esboça, afinal, este dilemma: o cretino ou o artista? O escriptor não responde, deixando que o leitor conclua por si mesmo...

*

E' essa, em resumo, a trama de que Henrique Pongetti se serviu para derramar a sua ironia causticante sobre a mediocracia indigena. Completam o volume cinco contos deliciosos, escriptos com a mesma originalidade de estylo e de idéa. Henrique Pongetti fez um bello livro. Tem personalidade e é, a meu juizo, uma das mais expressivas affirmações litterarias do Brasil moderno. Se eu usasse fraque, gravata preta e pince-nez, dava um conselho ao autor de *Deserto Verde*. Mas, como não uso nada disso, fico calado, esperando que Henrique Pongetti, por iniciativa propria, amplie a sua capacidade de realização, dando aos seus leitores os grandes livros que, por preguiça ou falta de methodo, ainda não quiz escrever...

R. Magalhães Junior.

GENTE RICA

Li certa vez uma definição interessante dos ricos. Creio que foi em Proust, mas não ouso affirmal-o; se não foi, porém, poderia ter sido; a observação traz o cunho subtil, esmerilhador do seu espirito. "*Je reconnais les riches à ce qu'ils n'ont pas de voisins*". Com effeito, o vizinho, o companheiro que está sempre á mão, para dois dedos de prosa como para emprestar uma panella em caso de aperto, é o amigo dos pobres, daquelles que andam a pé, para quem as distancias se medem por metros. Os ricos, que calculam o espaço kilometricamente, pódem se permittir, entre outros, o luxo das relações longinquas.

Esqueci-me do autor, mas a phrase me ficou. E ficou-me o habito de attribuil-a a Proust, sem remorsos de estar talvez lesando o verdadeiro autor. Tambem a paternidade litteraria póde ser duvidosa... Aliás, tomamos sempre muitas liberdades com a propriedade intellectual.

Ultimamente, percorrendo em vão as livrarias em busca de novidades, e recebendo sempre a mesma resposta: "Não vem quasi nada da Europa, com esse maldito cambio", lembrei-me da phrasesinha anonyma. Não vem nada da Europa... e o resto do mundo, não escreverá? E pareceu-me que, intellectualmente, agimos como se fossemos ricos (o que não quer dizer que o sejamos). Ignoramos os nossos vizinhos. Litterariamente, só as relações intercontinentaes nos interessam. Salvo Vargas Villa e Santos Chocano, muito do gosto dos mocinhos *en mal d'originalité*, e talvez Ingenieros, nenhum escriptor sul-americano é lido entre nós. Pouco sabemos do movimento cultural dos paizes que nos cercam. E não temos a menor curiosidade em conhecel-o. Vivemos com os olhos pregados na outra margem do Atlantico, e não nos lembramos de olhar para os lados.

Entretanto apezar de ter a litteratura, como meio de approximação, perdido muito da sua importancia depois do cinema, do radio, e da facilidade de communicações, ainda é um factor ponderavel. Tenho para mim que um brasileiro que nunca leu os *Sertões* não entende bem a sua terra. Quantos livros assim, decisivos para a comprehensão de vizinhos com os quaes levamos a trocar embaixadas de confraternização, não estaremos desconhecendo? E, mesmo sem falar do alcance social dessa abstenção, talvez nos estejamos privando de grandes prazeres artisticos. Por snobismo? Por má vontade? Não creio. Pelo habito, isso sim, pela força compressora da rotina. E sobretudo — o que á primeira vista póde parecer um paradoxo — pela semelhança das linguas. Aquillo que mais nos deveria unir ao resto do continente — a possibilidade de ler o hespanhol sem estudal-o — é o que mais nos separa.

No primeiro numero de *Litteratura*, o embaixador Affonso Reyes fez um magistral estudo sobre a desconfiança reciproca entre o hespanhol e o portuguez, desconfiança vinda do seu proximo parentesco. Nós parecemos sempre, aos que falam castelhano, estar estropeando a sua lingua, e vice-versa. A eterna rivalidade de familia... Mas ahi não é rivalidade, é peor, é afastamento. A rivalidade será uma forma de sympathia ás avessas, porém ainda é sympathia, e mantem as communicações. E nós cortamol-as, por inercia, não querendo fazer o pequeno esforço de descobrir as bellezas de um idioma cujo unico defeito é se parecer com o nosso. A lingua, no dizer de Tarde, é o espaço social das idéas. Não duvidamos de que os ibero-americanos possuam idéas. Não duvidamos tão pouco — ah! absolutamente! — da nossa intelligencia, da nossa facilidade de comprehensão e assimilação. Assim sendo, só mesmo a falta do espaço social de Tarde póde explicar o alheiamento em que vivemos. Passamos a palavra aos nossos vizinhos, privamo-nos do seu convivio intellectual, por uma méra questão de sensibilidade auditiva. Nas linguas, como na vida, os pontos de contacto pódem ser pontos de divergencia...

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Acaba de apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A POESIA CHRISTÃ

Preço: 8$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

LIVROS A APPARECER

Annuncia-se para muito breve a publicação de mais um grande livro de Alberto Rangel. Trata-se de um solido estudo sobre a personalidade do Conde d'Eu, acompanhada em todas as phases da sua vida, como podemos deprehender dos titulos dos seus principaes capitulos: Neuilly e Claremont, Soldado da Espanha, O Principe Consorte, Generalissimo da Cordilheira *e* O Banido. *Quem conhece o erudito historiador de* D. Pedro I e a Marqueza de Santos, *de uma probidade absoluta e uma paciencia sem par na pesquiza e exame de velhos documentos, saberá ajuizar da valia desse vigoroso trabalho que virá projectar uma luz definitiva sobre a figura do Principe Gastão de Orléans.*

— No decurso deste mez, apparecerão dois volumes do illustre escriptor Jayme Cardoso, um de contos, intitulado Tenda de Saul, *e outro de ensaios, intitulado* Taça de Socrates.

Vae lançal-os a Renascença Editora e os amigos das paginas bem pensadas, das paginas bellamente escriptas, terão ainda uma vez ensejo de admirar os dons de imaginação e estylo de um homem de lettras que nunca se atirou avidamente á casa da fama e se contenta com a admiração e o apreço dos que realmente sabem e estimam as cousas de arte.

Conteur *que os ambientes prosaicos, de uma rasteira fidelidade localista, jámais attrahiram; poeta de rythmos adormentados que faz pensar nos cantores de choupos e cyprestes da Europa, ao invés de lembrar os nossos painelistas de terras solares, o sr. Jayme Cardoso não se envergonha de preferir, aos illettrados e aos cacographos, os melodistas da bella prosa ou da bella poesia que se chamam D'Annunzio ou Eugenio de Castro.*

Os leitores do Boletim de Ariel *ainda não esqueceram o magnifico retrato, que elle traçou nestas mesmas columnas, do exuberante Léon Daudet, marcando, em branco e vermelho, a effigie meio rubenesca e meio rabelaiseana do pamphletario que se tornou em França um decapitador de falsas glorias.*

Tudo está, portanto, a indicar que os dois novos livros do sr. Jayme Cardoso, não sendo essa olla podrida *em que se fartam os glutões da ruim litteratura, serão, sem duvida, manjar para delicados.*

— A esta hora já deve estar circulando mais um livro de versos do sr. Francisco Karam: A Hora Espessa.

Não occultando a sua procedencia oriental, o sr. Karam inclina-se naturalmente para os motivos inspiradores gratos aos antepassados que lhe modelaram a imaginação e a sensibilidade. Mas não é uma demonstração de atavismo apenas sensual ou decorativa.

Foi Gautier quem accentuou, ha muitos annos, estarem certos poetas convencidos de que basta falar em gazellas e em palmeiras para ser incluido entre os cantores do Oriente. Pois o sr. Karam bem sabe que isso não basta e, se fala ás vezes em taças, em sol e em mulheres bellas, tambem sente o lado espiritual das terras e dos povos que foram por excellencia "espirito", que ainda hoje dão ás raças inquietas e atormentadas do Occidente o exemplo das grandes renuncias e dos grandes ascetismos.

DE HAMBURGO

O RIO DOS VICE-REIS

Luiz Edmundo, que é um nome laureado entre os poetas lyricos da nossa terra, torna-se agora illustre entre os chronistas da maravilhosa cidade em que nasceu. O seu livro — *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis* dá testemunho do que affirmo. Livro magnifico pela fórma, pelo conteúdo e pela arte com que foi impresso. Lel-o é passear naquelle vetusto Rio anterior á ida da Côrte Portugueza para lá com o seu luxo rançoso e os seus 15.000 parasitas, sem contar os do couro cabelludo em ambos os sexos.

Sei quanto conscienciosamente Luiz Edmundo trabalhou neste volume e por isso o li com grande attenção. Encontramo-nos ha alguns annos em Londres onde Luiz ia fazer pesquizas. Juntos fomos ao British Museum. Juntos, á cata do livro raro, percorremos os livreiros de segunda mão em Charing Cross Road assim como tambem os que ha lá em baixo na City, em Menorics. O poeta, perdão, o historiador não fallava em outro assumpto sinão "o meu futuro livro". E já revelava sobre a sua bella cidade do Rio conhecimentos que me deixavam admirado. Desse trabalho de annos surgiu este volume em que a erudição se dilue num tom de palestra leve que encanta e instrue sem sombra de pretensão nem pedantismo. Agradeçamos a Luiz o não ter sido pedante, porque é tão facil, não é isso mesmo?

Nada escapou á argucia, ao cuidado, ao carinho do autor pela sua cidade. Desde os simples aspectos de ruas até o Imperador do Divino (ah! saudades de minha terra!...), desde as cabelleiras até o namôro e casamento, cosinha e mesa, theatro, medicina, justiça, pelourinho e... fôrca, tudo ahi está em linguagem animada e tersa, exacta e evocativa e de tal sorte que muitas scenas, descriptas por Luiz Edmundo, parecem estar-se passando deante de nossos olhos, nós parecemos assistir a ellas. Veja-se por exemplo a scena super-pittoresca do empoamento de uma cabelleira respeitavel. Trata-se do sr. Provedor de Defunctos e Ausentes que vem á barbearia do Evaristo, na rua da Cadeia. Evaristo leva-o para um gabinete apropriado e fal-o assentar-se. Envolve-o em côvados de panno para lhe proteger a roupa. Põe-lhe uma mascara de papelão sem olhos e provida de enorme beque, ou funil, "para resguardar o nariz por occasião do sarilho de poeira". Agora approxima-se Evaristo para empoar a cabelleira de Sua Mercê, Sua Senhoria, ou que melhor tratamento tenha. "Mergulhando na escudela, diz o autor, uma largo bola de cânhamo, ergue-a, sacudindo no ar, num gesto de preconcebida elegancia, a poeira desejada. As camadas do polvilho subtil, porém, quando despedidas, não vão, como se póde pensar, directas á cabeça que tranquilla espera, sinão ao tecto, para bem alto, o mais alto possivel, em nuvem complicada. Emquanto a nuvem se fórma, o aprendiz, armado de um folle curto, actúa-o sobre a mesma, adelgaçando-a, fendendo-a, fazendo-a subir de novo, emquanto os grãos mais pesados se precipitam fóra do circulo de operações. O necessario é que só fique no espaço a poeira muito fina, finissima, a que o artista convencido chama na sua pernostica palrice o *pó do pó*. Nessa operação selecciona-se o grão pezado do grão pluma, formando este ultimo a poeira que mal o olho atilado percebe, poeira quasi invisivel e que começa a esvoaçar em descida sobre a cabeça, que a recebe logo que cessa o pulmão do folle de soprar. E assim, caindo tenuissima e adherindo ao oleo do cabello, faz o tom de marfim esbranquiçado, que mais impressão nos dá da brancura natural que a da procurada por qualquer artificio." Esta descripção tem a graça de uma scena de Hoggarth. E todo o livro é assim.

Mas é difficil encontrar diamante sem jaça, ou perola perfeita. Ha leves inexactidões, sobretudo quando se trata de religião, inexactidões essas que o bom Luiz poderia ter evitado, si mostrasse a algum sacerdote instruido (que os ha) certos trechos do seu livro, ou si lhe désse mesmo todo o manuscripto a ler antes de mandal-o para as prensas.

Pagina 34: "são frades em roupetas." Frade usa habito. Roupeta é trajo privativo dos jesuitas.

Pagina 37: "Certo Frei José, frade jesuita..." Jesuita não é frade: é padre. Na mesma pagina, referindo-se ao SS. Sacramento, diz: *o symbolo sagrado*. Para os catholicos a Eucharistia é muito mais do que um simples symbolo. A Eucharistia é uma realidade ontologica.

Pagina 48, descrevendo como se levava o Viatico aos enfermos, falla dos irmãos do Santissimo e diz: "um, com a sua toalha branca de linho e rendas presa ás costas, outro conduzindo a ambula sagrada com os santos oleos e a hostia."

Impossivel. Em primeiro lugar, quem póde conduzir e de facto conduz a ambula ou ciborio contendo a particula consagrada é o sacerdote e só elle. Um leigo nem siquer póde tocal-a. Quanto aos santos oleos, o padre costuma levar presa ao pescoço e pendente de um cordão dourado uma caixinha que contém as pequenas phialas cheias dos mesmos. Mas nenhum padre, a menos que tenha perdido o juizo, mistura os santos oleos com a hostia dentro da ambula.

Pagina 202: "Seguindo as *pégadas*..." *Pegádas* é que é. Isso já passou em julgado ha muito tempo. Candido Figueiredo, num dos seus muitos livros, pôz o assumpto em pratos limpos.

Pagina 211: "Mandava a tradição que no domingo de Paschoa, deante das egrejas onde se organisavam as festas do *Imperador do Divino*, junto a um corêto que se chamou *imperio*, se erguesse, com toda solemnidade, grande mastro, mostrando no tópe, alviçareira, a pomba symbolica do Espirito Santo". *Quandoque bonus dormitat Homerus*. Aqui o excellente Luiz fundiu em uma duas das maximas festas do catholicismo. Paschoa é uma festa. Pentecostes, que occorre cincoenta dias depois, é outra. Pela Paschoa finalisa-se a quaresma e commemora-se a resurreição de Christo, base, fundamento de toda a crença, porque, como diz optimamente São Paulo, si Christo não resuscitou, tudo o mais é vão. E' na dominga de Pentecostes, setimo domingo depois da Paschoa, que se faz a festa do Espirito Santo, commemorando a sua apparição em fórma de linguas de fogo que infundiram sapiencia e principalmente conhecimento dos idiomas em todos os apostolos reunidos em Jerusalém. D'onde, as expressões: *o dom das linguas e sciencia infusa*. O padre Vieira tem sobre esse assumpto um sermão extremamente agradavel de ler.

Paginas 257 e 258, conta que a princeza Izabel de Nemours, (Dona Maria Francisca Izabel de Saboya, mu-

lher de Affonso VI e incestuosa amante e esposa de seu irmão Pedro II) ao descer de uma carruagem, mostrou involuntariamente o pé até o tornozello, causando isso enorme escandalo na beata Lisbôa. Diz Luiz Edmundo: "Que de tão graves acontecimentos diria o sr. Patriarcha de Lisbôa? — indagava-se em surdina.."

Que diria o Patriarcha?

Nada, respondo eu. E pela razão muito simples de que nessa epoca ainda não havia patriarchas em Lisbôa. A rainha Dona Maria Francisca Izabel falleceu em 1683. Só 30 annos mais tarde, já no reinado de D. João V, foi a Sé de Lisbôa Occidental elevada a patriarchado (Santa Egreja Patriarchal de Lisbôa) por bulla do papa Clemente XI, de 7 de novembro de 1716.

E' tudo quanto me occorre observar a respeito deste bello livro que, em futura edição, deve ser expurgado desses pequenos enganos. Livro como este, que ao autor, segundo sou testemunha, custou tantos trabalhos e canseiras, deve, tanto quanto possivel, sahir estreme de cochilos. Porque é livro unico na nossa litteratura chronistica. D'agora em deante, quem quizer ou precisar saber o que era o Rio do seculo XVIII quanto aos seus costumes tem de recorrer ao livro de Luiz Edmundo, o mais minucioso que no genero possuimos.

ANTONIO TORRES.

"Serafim Ponte Grande"

"Serafim Ponte Grande", heroe do ultimo romance do sr. Oswald de Andrade, nasceu na Paulicéa sob o signo de Capricornio. Essa fatalidade astronomica explica-lhe talvez o temperamento luxurioso, a mentalidade lubrica, a imaginação pornographica. Foi toda a vida um escravo da carne. Mal sahido da adolescencia viciosa e molle, sendo já burocrata e professor de geographia e gymnastica, é um dia pilhado pela mãe de uma alumna — a garota Lalá — em praticas extra-pedagagicas, que a austera senhora interpretou com excessiva malicia. Levados á pretoria, casados, começam uma avinagrada existencia de decepções e dissabores, vida que o sr. Oswald de Andrade descreve homœopathicamente no capitulo "Folhinha Conjugal", sem duvida o melhor do livro. As vicissitudes sexuaes e domesticas do casal Ponte Grande são narradas em linguagem despida de euphemismos, com todos os pontos nos is, á boa maneira de Boccacio e de Rabelais, por onde se vê que o modernismo do renovador paulista tem algumas raizes no passado.

Decorreram annos, nasceram e cresceram rebentos, e o casal Ponte Grande afundava cada vez mais num pantanal de tedios e amarguras, apenas suavizado pela camaradagem intima de dois collegas de Serafim — o Manso e o José Ramos de Góes Pinto Calçudo. Se faltava dinheiro, sobravam ambições de luxo e aguçadas fomes amorosas. Um bello dia, cansado de insignificantes prevaricações, resolveu Serafim dar um golpe de estrondo — apaixonou-se pela dançarina Dorothéa. Dona Lalá, "a jararaca", foi ás nuvens, mas consolou-se logo com o Manso. Serafim, traido afinal pela dançarina, tenta recuperar o amor da esposa. A situação mostra-se tragica, Serafim lança mesmo mão de um remedio heroico (pag. 39), mas o desenlace é inevitavel. Tempos depois D. Lalá abalava de casa com o Manso, levando a filharada.

Por essa altura estoura a primeira revolução de São Paulo. Pombinho, filho mais velho de Serafim, toma parte nella e leva para guardar a domicilio avultada quantia requisitada de um banco.

Serafim empalma o cobre e depois de assassinar com um tiro de canhão, um tiro de altura, o chefe da "Escarradeira", (assim chamavam á repartição), toma passagem no *Rompe-Nuve* e vae gozar a vida na Europa.

Durante a viagem do *Rompe-Nuve* dão-se casos fantasticos e engraçados entre os burlescos typos que ahi apparecem.

Serafim fizera-se acompanhar do seu fiel confidente Pinto Calçudo, o qual tendo pintado o diabo a bordo, entrou de impor-se á consideração do leitor. Em vista dessas saliencias improprias de uma figura secundaria, ao aportarem a Marselha deliberou Serafim interpellar o secretario:

" — Diga-me uma coisa. Quem é neste livro o personagem principal? Eu ou você?"

Pinto Calçudo deu-lhe uma resposta ruidosa, mas sem palavras, "pelo que foi immediatamente posto para fóra do romance".

Um mez depois Serafim, "trajando violentas polainas", agitava-se em Paris, onde se metteu em aventuras de todo o genero, dominado sempre pelo seu temperamento bodefico. Novo-rico, barão do Papa, Serafim continúa a correr mundo em busca de femea. Embarcado no "Conte Pilhanculo", ahi trava relações com a enigmatica Dona Solanja, originando-se assim um "romance de capa e pistola" epilogado com a morte tragica da referida Solanja, em Napoles.

Proseguindo nas peregrinações, visita o Oriente, onde ouve, em Jerusalem, a desconcertante noticia de que o Santo Sepulcro nunca existiu e que o Christo nasceu na Bahia.

Mas essa estupenda revelação impressiona-o menos do que as promessas que antevira nos meneios de duas appetitosas companheiras de excursão, Pafuncheta e Caridad Claridad, duas "girl-d'hoj'em-dia".

Finalmente em Alexandria, depois de ter fornecido assumpto a algumas linhas do escabroso diario de Caridad Claridad, que gostava de "amar sem gemer", o nosso heroe toma um navio em demanda das "costas atmosphericas do Brasil". E em S. Paulo, perseguido pela policia, trepa ao terraço de um arranha-céo, e, tendo collocado na cabeça um para-raios, é definitivamente fulminado.

E' *Serafim Ponte Grande* uma obra prima ou uma burla?

A technica do romancista é por vezes complicada; não faltam tambem trechos esotericos, que exigem commentario e chave, mas o traço geral é forte e o detalhe não raro de uma penetração de raio-X.

Serafim é um symbolo e como tal exige do leitor capacidade de comprehensão. A vida chata, sensual, estupida, terra a terra, cheia de pequeninas ambições de gozos ephemeros da burguezia encontra em *Serafim* uma synthese acabada. E se como arma de combate social *Serafim* é consideravel, como expressão de arte pertence, pelo alto senso comico, á linhagem de *Pantagruel*, de *D. Quixote*, de *Ubu-Roi*...

SAUL BORGES CARNEIRO.

"OS CORUMBAS"

Peço aos meus leitores que não vejam nas linhas abaixo uma manifestação de benevolencia por ser o autor dos *Corumbas* sergipano. O meu bairrismo não influe nas minhas sympathias litterarias.

Esse romance que se passa em Sergipe é um dos raros livros sérios, compostos, organicos que têm sido feitos no Brasil. E' um verdadeiro romance, sem enchimentos litterarios, sem rodeios criticos, sem amplificações, sem conversa fiada. Não é livro de um lettrado. E' producto de um talento ingenuo, simples, mas forte e amplo, e apto, pela propria virgindade em que ficou, no alheiamento da cultura, á representação directa da vida.

Sobre elle fez Paulo Filho, para o grande publico, um excellente artigo. Pouco ha a ajuntar ás notações precisas do critico do *Correio da Manhã* sobre o valor desse livro que não tenho nenhum embaraço em qualificar de extraordinario. Devo dizer que quasi não o pude ler no começo, de tal modo o estylo do autor dos *Corumbas* é frouxo. Note-se que não exijo phrases elegantes, periodos burilados, artificios rhetoricos e outras ridicularias estheticas e belletristicas. Não sou disso, como se sabe. Nem tambem me occupo de grammatica. Mas, ao abrir o livro, nas primeiras paginas, não pude sentir do que se tratava. Aquillo me soava insignificante, arrastando-se num phraseado molle de noticiario sertanejo, com todos os lugares communs da litteratice regional... "As velhas arvores, os arbustos rachiticos das caatingas, taboleiros agrestes, as vastas soltas sem cerca e sem limite, tudo, como que por encanto, se revestira de verde. Era o milagre do inverno que chegava..." Achei isto insupportavel e quasi que não continúo para não ir por ahi afóra. Mas tive coragem, e fui lendo. Vi então que esse romancista pode deixar de ser um estylista, que esse creador de typos e objectivador de scenarios, que esse movimentador de episodios e articulador de enredos pode prescindir de maiores cuidados graphicos de fórma.

Não é na reproducção do detalhe que está a sua arte. E' na fusão do pormenor com o grande todo da vida, na accumulação de pequenos factos, accidentes e peripecias em torno de sêres humanos e por força da acção delles desdobrados em varios planos simultaneos no correr da narração; é pela transposição desses planos fornecidos pela observação directa e distendenciosa na alma dos personagens, que se ha de procurar o segredo do escriptor. Vê-se então, depois de lidas algumas paginas, que a linguagem immediata não conta; o que o autor escreve nada é; em pouco os personagens começam a viver e a falar deante de nós, independentemente do escriptor, que não nos interessa mais, que desappareceu completamente. A *vida* que está no romance, o meio em que ella se desenvolve — se apodera completamente de nós. E sem nos deter, continuamos a leitura até o fim onde chegamos offegantes e com os olhos cheios de lagrimas. E nunca mais se esquece o que se viu. Eu não esquecerei nunca mais Caçulinha e não esqueço Rozenda, nem a formidavel velha Corumba, grande figura humana, viva, como não é possivel ser mais. Naturalmente ha ahi fantasmas. O Dr. Barros não existe. O chefe de policia, o medico Silva Fontoura, mesmo, são approximações mais ou menos imprecisas. O irmão das meninas tambem. Mas Albertina, o sargento Zeca, os silencios do velho Geraldo, a vizinha, o caminho da fabrica, os encontros dos namorados, o dia em que Caçulinha se perdeu, a visita da velha a Albertina, a volta para o interior, tudo isto é feito com uma magistralidade que só o coração possue; tudo isto nos vae directamente ao fundo, tudo nos emociona, nos exalta, nos enche de febre; tudo isto é arte verdadeira, é talento muito. E é sobretudo humanidade.

O livro é tão sergipano como poderia ser paulista; os sentimentos que elle nos communica podem ser partilhados por um brasileiro como por um russo. O que ha de Sergipe é o solo que os personagens pisam e o ar que os envolve. Mas o caracter desses personagens e os motivos da acção transcendem o meio, simples scenario que não chega a ser o personagem-ambiente dos romances typicos.

Ha que louvar o autor por não ter ido mais longe na parte politica, por não ter accentuado a tendencia reivindicante, a injustiça social. Isto é mister para outros. Seu papel elle o desempenhou a contento. Mostrou-nos a vida; fez-nos viver com ella, fez-nos chorar.

GILBERTO AMADO.

Miguel Ozorio de Almeida — **Almas sem abrigo** — Ariel Editora Limitada — Rio, 1933.

O que se deve, antes de tudo, louvar no sr. Miguel Ozorio de Almeida é a nota de sobriedade que lhe caracteriza, pagina a pagina, este primeiro romance.

Sobriedade que, de resto, não nos surprehendeu. Já lhe conheciamos dezenas de ensaios sobre homens e cousas de sciencia, e até commentarios a livros de finalidade estrictamente litteraria, e em nenhum desses trabalhos encontraramos um só desses vicios de pedantismo ou dogmatismo erudito muito communs nos familiares de cathedras e laboratorios quando tomam da penna para o grosso publico.

Mas agora especialmente é que o sr. Miguel Ozorio, entrando por um dos generos mais difficeis das lettras modernas (difficil especialmente porque á mercê de quantos desejem cultival-o...), patenteou os dons de subtileza, de discrição intellectual que marcam essa finissima figura de escriptor.

Como tudo é aqui contado sem nenhum alarde sentencioso de pensador, sem nenhum abuso de psychologia de compendio! As duas vidas que a obra historia em linguagem escorreita e fluida são marcadas com uma delicadeza de quem não pretende calumniar a natureza humana. Com que tacto, com que polidez arminhada o romancista evoca até mesmo aquelles detalhes ambiguos ou escabrosos que possam importar na condemnação moral de um dos protagonistas do livro!

Este volume, além do mais, possue um apreciavel merecimento historico, por isso que fixa o Rio de ha uns vinte annos passados, quando aqui se operaram as reformas edilitícas do prefeito Passos e as almas passaram tambem por transformação tamanha que, revivendo agora, o Macedo do *Moço Louro* julgaria haverem decorrido seculos após o Rio que descreveu. Que bom viajar ainda de tilbury com uma das personagens do sr. Miguel Ozorio ou viajar com elle na barca de Petropolis (em que museu naval estará agora esta embarcação anachronica?). Participamos da emoção da gente serrana quando via o barão do Rio Branco na plataforma da estação de Petropolis, isto no tempo em que os nossos grandes estadistas ainda eram apontados a dedo pelo povo, antes do advento das glorias do futeból.

Romance de trama commum, com uma technica que não quer ser technica e se disfarça o mais possivel, este livro é, pela força da simplicidade e pela aversão a originalidades berrantes, uma obra de arte das mais estimaveis. Tanto mais quanto todos os maiores de quarenta annos se reconhecerão no fracasso intellectual ou sentimental desses dois patricios que pretendiam ser donos do mundo e foram pouco a pouco abdicando de tudo para afinal concluir na irremediavel certeza de que neste baixo mundo tudo é desencontro ou desentendimento reciproco.

Finalizando, accentue-se que, descrevendo certas scenas meio dubias da sociedade petropolitana, o autor sabe sempre deter-se cautelosamente á beira do "máo facto", não resvalando nunca para effusões picarescas que a sua boa educação de escriptor jámais permittiriam.

MUNDOS NOVOS

Em 1872, Samuel Butler publicou um livro: *Erewhon*. Neste livro tratava de uma outra maneira de viver. Nada de novo nisso. Mas, nesta nova maneira de viver, Butler denunciava a machina. E isto era novo.

Nestes ultimos annos, o livro do velho Butler tem sido reeditado varias vezes. Por causa da crise. Por causa de um grupo de intellectuaes que dizem a todos que a machina é culpada da crise e acabará com a nossa civilização. E o publico ouve, pois prefere pôr a culpa das suas difficuldades sobre a machina a reconhecel-a como sua. Dahi a procura de *Erewhon* com o intuito de vêr o que seria uma civilização sem machina.

O livro é realmente extraordinario. Nisto: que nos apresenta um povo que aboliu a machina e tem horror á machina, por se haver achado, seculos antes, na posição em que ora estamos, sem ter sabido sahir-se della. E nisto: que em *Erewhon*, pouco se trata da doença, que é considerada crime e vergonha, e punida severamente, ao passo que tratam os males moraes: os maus humores, os pessimismos, o mentir, o furtar, o matar, males que consideram como nós consideramos as doenças.

Samuel Butler previa que o homem se deixaria dominar pela machina em vez de conserval-a na posição de mero instrumento. Previa que os achaques moraes viriam a ser tratados como doenças.

Butler via longe.

Ora, elle era inglez, como Sir Thomas More. Tambem inglezes, Michael Arlen e Aldous Huxley. Talvez por isso é que pensaram em escrever sobre um mundo novo. E Arlen escreveu *Men's Mortality*. E Huxley escreveu *Brave New World*.

Em *Men's Mortality* Arlen nos dá a sua previsão do mundo futuro. Assim, para os fins deste seculo elle prevê uma guerra mundial subsequente a quasi cincoenta annos de paz, durante os quaes as unicas violencias perpetradas eram devidas a medidas policiaes. O mundo era então prospero e bem governado com ferrea e deshumana disciplina pelos directores das companhias de navegação aerea, que controlavam os meios de transporte do universo. Nessa altura é que chega um *"Humanity Knox"*, genio, inventor e messias. Naturalmente elle atrapalha tudo, de accôrdo com a honrada tradição dos genios e messias. Da guerra mundial que disso resultou, e de como o eterno ideal de paz e fraternidade veio finalmente a renascer, isto é a historia de Michael Arlen, escripta com aquelle estylo inimitavelmente elegante, incisivo e humoristico que é o seu.

Aldous Huxley vae mais longe. Em *Brave New World* elle nos apresenta uma civilização scientifica ao extremo, que deifica Ford e toma a data do lançamento do modelo "T" como o seu anno zéro. Nesta civilização os homens estão divididos em castas e feitos para ellas, pois todos os homens são creados por meio da fecundação artificial e dirigidos na sua evolução afim de pertencerem a tal ou qual casta e se acharem felizes nella. Para alcançarem este resultado usam da physica, da chimica e do radio. Não sabemos se Huxley quiz nos mostrar os horrores de uma civilização scientifica, ou se elle ahi fez a satira da nossa civilização actual. Em todo caso, elle deixou bem patenteada a sua aversão a uma civilização desse genero.

E' curioso de notar que tanto Huxley como Arlen descrevem um mundo capitalista, super-capitalista até.

Ao lado disso, temos o livro de Emile Schreiber: *Comment on vit en Russie sovietique*. E' um livro de viagem, a narrativa de cousas vistas. Schreiber nos parece ser um homem de bôa vontade, dotado de espirito de justiça, sincero e burguez. Assim sendo, sem se mostrar absolutamente adepto do communismo, elle nos conta muita cousa bôa que se faz na Russia e admitte a possibilidade de um futuro communista para o mundo.

Finalmente *Vanity Fair*, no seu numero de Agosto, publica um artigo de Gorhan Monson, onde este advoga uma revolução para os "cavalheiros de lazer", que, sem ser communista nem mesmo technocratica, não deixa de ser-lhes aparentada. Baseada nas theorias do Major C. H. Douglas, a ideia é de um futuro em que cada cidadão, além do seu ordenado de trabalho, recebe, como accionista do Estado, um dividendo correspondente ao enriquecimento da nação como um todo.

Como se vê, não faltam novos mundos. Só nos resta escolher dentre elles o que mais nos agrada, guardando bem em mente a phrase de Nicolas Berdiaeff com que Huxley epigraphou o seu livro: *"Les utopies apparaissent comme bien plus realisables qu'on ne le croyait autrefois. Et nous nous trouvons actuellement devant une question bien autrement angoissante: Comment eviter leur realisation definitive?"*

JACK SAMPAIO.

Montenegro Cordeiro — **Palavras a Zelia** — Typ. Baptista de Souza — Rio, 1933.

Palavras de congratulação de um velho educador ante os bons resultados obtidos por uma joven estudante patricia. O sr. Montenegro Cordeiro é uma nobre figura de humanista christão e a sua vasta cultura já foi posta á prova em trabalhos anteriores, como o consagrado a Dante e Beatriz, trabalhos em que a erudição fugia ao tom pedantesco e procurava tomar sempre e sempre um bello caracter de finalidade social. Cultor da philosophia de Augusto Comte, sem excessos sectarios que conduzem sempre á intolerancia nefasta, é elle tambem poeta, e dos mais estimaveis, sendo um dos themas predilectos da sua Musa a celebração das cathedraes gothicas em que tanto se esmerou o genio dos francezes, levantando a Deus formosissimas casas de oração que excedem em magestade todos os outros edificios levantados pelos homens.

Ribeiro Couto — **Bahianinha e outras mulheres** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Trazendo uma esplendida capa do illustrador Di Cavalcanti, apparece agora a segunda edição de *Bahianinha e outras mulheres*, sem duvida a melhor collectanea de contos do sr. Ribeiro Couto.

Com effeito, todos deploravam estivesse ha muito esgotada essa empolgante serie de narrações, em que o escriptor paulista patenteou os seus melhores dons de fixador de costumes, e esta nova edição só poderá assegurar ao victorioso contista um maior numero de leitores e admiradores.

O trabalho inicial é composto com aquelle realismo enternecido, com aquella mescla de ironia e meiguice que se tornou por assim o *trade-mark* do delicioso narrador. "Bahianinha", a figura central do conto, move-se nas paginas do livro como na casa de pensão em que a deve ter conhecido o sr. Ribeiro Couto. E' uma figura faiscante de vida e mostra, como nenhuma outra, quanto esse prosador é feliz ao evocar figurinhas enigmaticas de mulheres indecisas entre os enlevos romanticos e as crispações meio ferozes da luxuria tropical.

"FEIRA DESEGUAL"

Este livro de estréa apresenta o autor em varios planos. E' bem o livro feito de recortes de cousas publicadas nas revistas e jornaes, por quem se embrenhou muito cedo na chamada vida de imprensa. Na minha opinião esses volumes assim, valem antes como material donde surgirá o escriptor se definindo num genero de litteratura, no caso de conseguir se libertar das publicações das mais differentes especies nos jornaes. E' o caso deste volume com o qual Dante Costa se apresenta ante os criticos e o publico do paiz. Quasi que tem de tudo no livro. Uma primeira parte de chronicas, uma segunda de contos, e esta, subdividida em "contos da vida humilde", "da vida que se diverte" e "da vida sentimental". Tudo muito bem escripto, muito leve, muito claro, mas muito livro feito aos pedaços. Pedaços de livros não chegam a ser um livro, se o leitor exigir sequencia de pensamento, unidade, no volume.

Marcações rapidas de detalhes, fixação de momentos, a visão do autor nem sempre é coherente. Olha com sympathia a vida humilde dos explorados, e, com a mesma sympathia, commenta a vida luxuosa dos exploradores. Ha muita ironia nos contos e chronicas dedicados á classe dos ricos, porém ironias que não chegam a esconder a sympathia com que elle olha aquellas dansas ao som do jazz americano, aquelles namoros maliciosos de senhoritas que lêm Pitigrilli e estudaram nos collegios apenas os livros prohibidos.

Nesse livro o homem está inteiramente com a "vida que se diverte", com a "vida sentimental", ás vezes, e somente, o intelectual puro se volta para a "vida humilde". E' a piedade *dilettanti* de quem dansou em palacetes até tarde da noite e, tendo que ir esperar um amigo que viaja num navio do Lloyd, detentor de records de atrazo, viu no caes as vidas pobres, suadas, mal cheirosas. Não ha, assim, unidade, nesse livro que tão bem o autor intitulou de *Feira Desegual*.

Ha, no emtanto, cousas excellentes, como o *Soliloquio de um fan*, a evocação de Belém, terra natal de Dante Costa, a *Reconciliação*, um conto optimo, muito bem jogado, nervoso, e varias outras paginas que o leitor encontrará por si mesmo.

*

Porém, o que eu descubro em meio a estas paginas deseguaes, é um romancista. E' o que apparece mais vivo no livro. O que mais se sente é a presença de um observador fino de detalhes, de um fazedor de scenas, de um catalogador de typos. *Feira Livre* e *Ruinha*, especialmente este ultimo, são trechos de romances não continuados, e, talvez, mesmo, não pensados.

No meio dessa balburdia, o romancista apparece, buliçoso, perscrutando cousas, sabendo contar, olhando ruas paradas e lyricas, de janellas com meninas ingenuas que já namoraram com Marques Rebello, velhas ruas que apaixonaram Lima Barreto.

Se Dante Costa reler seu livro para nelle se orientar quanto ao genero litterario que escolherá para si, acho que não deve titubear: tem que escolher o romance, onde poderá realizar cousa seria e bôa.

Liberte-se elle desse estylo futil e bonito demais, que tem estragado muita gente, tenha a coragem de amar lyricamente o seu povo e a sua gente, que não é nem a gente que se diverte, nem tão pouco a gente humilde, e sim a gente sentimental dos suburbios e dos bairros pequeno-burguezes, e fará obra de escriptor, já que qualidades lhe sobram, esbanjadas nesse volume. Abandone a Favella, e abandone Copacabana. Viaje em trens da Central e em bondes da Estrada de Ferro, namore meninas que acceitem presentes de livros de Delly e José de Alencar, esqueça as ricas de automoveis e as copeiras do "Flor do Abacate", descreva a sua pequena burguezia, que terá successo assegurado. Esse moço que veio do Pará ainda menino, sente o Rio como pouca gente, e, no dia em que quizer sentir apenas o Rio-pequeno burguez, fará séria concurrencia ao autor de *Tres Caminhos* e *Oscarina*. Todo o seu mal foi querer se estender pelo Rio todo, desde os hoteis de luxo até os casebres dos morros.

*

Gósto de *Feira Desegual* aos pedaços. Nos pedaços escriptos pelo romancista. Aliás, como o titulo indica, é um livro feito para agradar assim. Outros gostarão de trechos que não citei. Cinco leitores juntos acharão o livro todo admiravel.

JORGE AMADO.

J. Rodrigues Valle — **Nova concepção da historia** Editora Guanabara — Rio, 1933.

Este publicista é dos que se batem pela unificação e consequente dignificação dos estudos historicos entre nós. Analysa a historia em seus "elementos permanentes" e em suas forças "sempre activas", e demonstra que ha uma "nova historia a ser creada". Não é um improvisador philaucioso, um repentista em assumptos que exigem longas pesquizas e longas meditações. E', sim, um cultor familiarissimo dessas questões, ao que se afere da profusa bibliographia apresentada e, especialmente, ao que se deduz da perfeita assimilação dos themas demonstrada, pagina a pagina, neste livro escripto com a maior simplicidade e com o evidente desejo de bem servir o espirito do paiz. As leituras desse sociologo despretencioso tomam sempre um util sentido de adaptação ao nosso ambiente e, assim, plenamente aproveitam á communidade brasileira. O sr. J. Rodrigues Valle não é dos que apenas dispõem de faculdades mnemonicas. Accrescenta sempre algo ao que lê e sabe concluir com clareza em meio aos multiplos textos que percorreu com manifesto prazer intellectual. Passa em revista, em summulas felizes, tudo quanto se prende ao conceito da historia, através dos que exaltam a chamada Mestra dos Povos ou lhe indicam os pontos precarios, os sitios vulneraveis. O trecho relativo á lei dos tres estados é bem desenvolvido, dentro de um perfeito interesse humano, vendo-se que o autor não foi de modo algum victimado pela super-alimentação erudita que tem sido tão nefasta a muitos patricios nossos.

Mario Vilalva — **Poemas de hontem e de hoje** — Edições Pongetti — Rio, 1933.

O sr. Mario Vilalva é autor de bons estudos sobre Varella, Alberto Torres e Eduardo Prado e, especialmente, a sua contribuição a proposito de Julio Ribeiro e Baptista Cepellos foi achega valiosa á nossa critica, pela novidade e sagacidade de certos detalhes.

Agora, mostrando outra face do seu talento, esse brilhante escriptor paulista offerece-nos os *Poemas de hontem e de hoje*, onde, sem nenhum desdem pelas fórmas classicas, embora não prescinda de certas innovações rythmicas dos chamados modernistas, mostra um talento equilibrado e sadio de homem que, para interessar os leitores, jámais recorre a truques e mystificações de charlata. Egualmente interessado pelas bellas paizagens e pelas bellas mulheres, é, alternativamente, lyrico e pantheista, e ha tonalidades estimaveis neste punhado de rimas em que é sempre visivel a despretenção do autor.

Visitantes estrangeiros

Muito ganhou o Brasil com as visitas que lhe foram feitas por alguns scientistas estrangeiros, principalmente os naturalistas, que para aqui vieram com o intuito honesto de estudar, de aprender cousas, neste mundo em formação que ainda é a nossa terra. Haja vista os livros de Saint-Hilaire, Agassiz, Bates, para só citar dois ou tres que ainda hoje são repositorios inesgottaveis de bons conhecimentos a nosso respeito.

O mesmo ainda se poderá dizer sobre alguns espiritos mais modestos, mas que de olhar agudo e propositos sinceros, como Koster no Norte e Isabelle e Dreys no Sul, muito bem nos souberam observar.

Diversissima, entretanto, tem sido a attitude dos plumitivos, sobretudo os escriptores de ficção, que aqui aportam, aqui ou em outras paragens do Novo Continente, com o firme proposito de fazer exotismo e poder mais tarde arrepiar a velha Europa com a descripção de horridas cousas e dos lances mais incrivelmente phantasmagoricos. Lucie Delarue Mardrus...

Mas deixemos as recentes chronicas de *Le Journal* para falar de obra de mais tomo e que, pela fama de que gosa o seu autor e pelos encomios com que a cercam no momento, merecerá certamente alguns reparos.

Queremo-nos referir ao ultimo romance de Marc Chadourne, *Absence*, cujo entrecho se desenvolve em grande parte no Mexico. E' preciso notar que nunca leramos nada desse escriptor, que obteve da critica os mais altos louvores quando da publicação de outro livro seu: *Vasco*. Chegamos, porém, a estranhar esses applausos, uma vez que vemos igualmente enaltecida uma obra que por nenhum titulo se impoz á nossa admiração. *Absence*, como já dissemos, desenrola-se principalmente no Mexico, mas o Mexico que ali vemos é um Mexico de panno de fundo, de biombo de seda, que não nos cria a atmosphera ambiente e no qual se agitam canhestramente os personagens. Não é bastante (pode ser para os europeus, mas não para nós), falar em *serape* e espetar umas folhinhas de agave no canto de qualquer painel para que se tenha a sensação de estar respirando nos altiplanos do Anahuac. E' possivel que esta má impressão colhida na leitura de *Absence*, tenha sido em grande parte aggravada pelo parallelo, que não pudemos evitar, entre o livro de Marc Chadourne e os de seu irmão Louis, o inesquecivel Chadourne do *Pôt-au-Noir* e do *Conquerant du dernier jour*, tão cedo roubado ás lettras. Neste, sim, havia todos os attributos do verdadeiro exotismo, não sabemos por que, tão raramente encontrado na França, mas que levou á gloria um punhado de escriptores inglezes: Kipling, Stevenson, Conrad, Maugham...

Essa falta de comprehensão da nossa vida e dos nossos scenarios traduz-se mesmo nos escriptores francezes de espirito mais arguto. Assim, vemos Paul Morand, em artigo recente das *Nouvelles Litteraires* e enthusiastico desse mesmo livro de Chadourne, escrever os seguintes periodos, relativos ao Mexico, e que submettemos á apreciação dos nossos leitores:

"Dominado pelos seus dois vulcões cujo inferno está recoberto de uma neve immovel, o Mexico deixa cahir todos os dias uma nova peça das suas vestes européas e retoma as vivas côres do serape. O Popocatepetl e o Ixtaccihuati, o Homem e a Mulher, em uma genese terrivel se unem acima da cidade com espasmos telluricos, com beijos de betume, sempre promptos a expropriar o indigena, como este afastou o americano, que já havia corrido com o espanhol: assim passam as raças, deixando boccados de sua carne na ponta dos cumes, das espadas ou dos agaves, e a vida mexicana continúa. Os aviões se espatifam de encontro aos picos de diorite, os exercitos de encontro ás portas de obsidianna deste paiz fechado, e depois os abutres assustadiços retornam á sua faina silenciosa."

As imagens podem ser bonitas, mas ha muito preciosismo nisto tudo.

Todavia, partidas de Paul Morand, essas cousas não nos podem espantar, pois, mesmo com todas as lantejoulas que lhe adornam as paginas, não ha livro mais falso e mais chocho do que o seu *Air Indien*, a respeito da America Latina. Vê-se logo que o homem andou mesmo por aqui *à vol d'oiseau*, sob as asas de um avião da Latecoère.

Mas como estamos longe do assumpto que nos fizera pegar na penna! Fomos justamente buscar a antithese do livro de que desejariamos falar mais detidamente. Luc Durtain, espirito sagaz e observador alerta, visitou-nos o anno passado e fez um livro que todos nós comprehendemos. Note-se que o escriptor francez esteve aqui num dos momentos menos propicios á sua visita. Debatiamo-nos então, na grave crise da revolução paulista e havia em todos um ar de susto. Apezar disso, o autor de *Vers la ville Kilomètre 3* viu-nos com sympathia e serenidade e este livro está cheio de pontos de vista interessantes e originaes a respeito da nossa terra e da nossa gente. Lamentemos, portanto, que, dadas as preoccupações do momento, não lhe tivessemos dispensado as attenções que merecia. E' verdade que, assim, lhe poupamos talvez a massada de comparecer a mais alguns banquetes, entre os quaes, é quasi certo, áquelle, indefectivel, que, em São Paulo, no Butantan, se offerece a uma mussurana, na presença dos nossos hospedes estrangeiros.

GASTÃO CRULS.

NOSSA ORTHOGRAPHIA

Esta revista, que não gosa de qualquer "favor official", não alterará a sua graphia habitual, furtando-se dest'arte, e com muita satisfação, ao cumprimento do decreto governamental que faz tornar de uso obrigatorio o tão desopilante "arreglo" luso-brasileiro.

Se não somos de todo contrarios a uma possivel simplificação orthographica, quer-nos parecer que isso se poderá fazer entre nós, com calma e discernimento, aproveitando philologos que não nos faltam, mesmo porque, se fossemos cogitar de accôrdos, teriamos que consultar tambem as raras tribus indigenas que nos restam e as povoações de Moçambique e Angola.

Até lá, deixemos que alterquem sobre a materia alguns membros do "augusto sodalicio", emquanto outros se açodam em impingir aos papalvos grossos e caros formularios cacographicos.

"ANTHOLOGIA"

O primeiro numero desse "boletim de cultura" sulriograndense está a assegurar-lhe um destino prospero, tão bem confeccionado se apresenta. Sob a direcção do brilhante intellectual Sergio de Gouvêa, reune elle, com effeito, alguns dos nomes mais representativos da região gaúcha no momento que passa. Além de boas gravuras, offerece-nos, num conjuncto realmente apreciavel, o perfil de um bohemio, pelo sr. Waldemar de Vasconcellos; uma digressão de philosophia de arte, do sr. Reinaldo Moura; uma "explicação do cubismo", do sr. Carlos Cunha, e uma fantasia satirica, do sr. Ernani Fornari. O sr. Mario Quintana insere tres poemetos de feitio modernista e a escola parnasiana é representada por dois sonetos de Pedro Velho, fallecido em 1919, e um lyrico dispersivo, de sensibilidade subtilissima. Os srs. Telmo Vergara, Marcilio Tedd e Gastão Dias de Castro tambem publicam paginas que se fazem ler sem esforço. O primeiro evoca um jardim em dia de domingo, o segundo trata de economia e religião, e o terceiro dá o fragmento da sua novella em preparo Uma casa triste. *Finas notas bibliographicas completam o excellente numero.*

Rubey Wanderley — **Alciône** — Separata da **Fronda** — Nictheroy, 1933.

Depois da *Vida amorosa e jornalistica de Mario Hafner*, que recebeu elogios de João Ribeiro, Benjamin Lima e Agrippino Grieco, offerece-nos o sr. Rubey Wanderley um segundo romance: *Alciône*. Antes de tudo lamentemos que o autor não haja escripto o nome dessa bella ave marinha como a escreviam todos os nossos romanticos: com o "*i*" grego e, consequentemente, com a accentuação obrigatoria na antepenultima syllaba. Talvez não fosse tão correcto, mas seria bem mais sonoro, bem mais suggestivo, e, numa obra de arte, a sonoridade e a suggestão valem muito mais que a pobre e fria correcção dos grammaticos. Fechado, porém, esse parenthese philologico, que só nos permittimos porque o romancista tem tambem o seu proemiozinho grammatical, vejamos o romance em si mesmo. E' este de uma construcção menos directa, menos symetrica que a narração anterior. O sr. Rubey Wanderley, com um personalismo meio aggressivo na sua rebeldia a todas as regras architectonicas do genero, converteu o novo volume num trabalho deliciosamente impressionista, fragmentario por systema, se bem que unificado sempre pelo traço interior de um temperamento, de uma personalidade litteraria que já agora fôra iniquo discutir. Este Armando Sardou, este Boy, esta madame Sandra Berkman são creaturas não muito provaveis no Rio de 1933 e estarão aqui apenas em funcção de servir o romancista, vehiculando-lhe os sarcasmos e os epigrammas. Difficil será encontrar em nossos cafés e em nossos clubes gente de tanto espirito, de tanta vivacidade cerebral, de tanto desembaraço no manejo da satira ou do paradoxo. Não visou o autor fazer propriamente um romance de costumes. Nada tem de regionalista ou localista. Tudo isto aqui decorre numa zona geographica que não é bem chorographia carioca do sr. Veiga Cabral, e as personagens, a rigor, são projecções lyricas ou ironicas, cynicas ou sentimentaes, romanticas ou realistas, de um espirito cosmopolita por excellencia, que duvida de tudo e até da sua propria duvida, que detesta os catalogos e os horarios, que acharia excellente viver só como o selvagem de Rousseau se não fosse tambem agradavel viver collectivamente como o cidadão internacional de Lucio d'Ambra e de Luciano Zùccoli, Psychologia de *spleeping-car*, de transatlantico, de quarto de hotel? Talvez, mas tambem qualquer cousa de differente, de não lido, em nossas lettras. De differente mesmo nos tropeços, nos erros, nas passagens em que os heróes do livro entram em ostentações meio esnobes de erudição philosophica ou artistica, só não se tornando grotescos porque são os primeiros a evadir-se com uma risada do ridiculo em que iam despenhar-se. Bom, entre outros, o *portrait-charge* do poeta Julio Salusse, que, se cantou os cysnes, tambem sabia supportar o contacto dos milhafres do fôro, e bella a commovida homenagem á extincta fidalguia da terra fluminense, com o suggestivo perfil desse gentilhomem desambientado que foi o barão de Amparo.

Nota sobre «CACAU»

Será *Cacau* um romance proletario? pergunta Jorge Amado logo na entrada do livro.

Antes de mais nada precisavamos de saber o que é que o autor entende como romance proletario. Acho que a mentalidade proletaria está ainda em formação; agora é que o proletario está tomando consciencia do seu papel historico; portanto, sobretudo em paizes de desenvolvimento capitalista muito atrazado como o nosso, ainda não existe uma mentalidade proletaria. Naturalmente o escriptor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burgueza, terá que observar a vida dos proletarios, e, si quizer ser um escriptor revolucionario, terá que se integrar no espirito proletario, do contrario fará simples reportagem. O caso recente de Pagú é typico. "Romance proletario", annuncia a autora no frontespicio do *Parque industrial*. Houve engano. E' uma reportagem impressionista, pequeno-burgueza, feita por uma pessôa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se a entrada de fabrica, a sahida de fabrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operario, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual.

Sobre o *Parque industrial* propriamente pouca coisa se fica sabendo.

Já este livro *Cacau* tem outra consistencia. O autor examina a vida dos trabalhadores de fazenda de cacau com uma visão ampla do problema, e não sacrifica o interesse humano do drama ao pittoresco. Do ponto de vista litterario é bem escripto, sem abuso de detalhes descriptivos; os quadros da vida das fazendas são apresentados eschematicamente. Tem movimento, naturalidade nos dialogos. Os personagens têm bastante realidade, si bem que a filha do coronel lá para o fim do livro dê uns palpites que a gente fica pensando que o autor quiz fazer litteratura.

Discordo de alguns criticos que acharam abuso de palavrões no romance.

Acho os palavrões enquadrados ahi com muita espontaneidade, não se descobre preoccupação de exotismo, de effeito, no escriptor. O palavrão é necessario, é um desforço, um desabafo, chega mesmo ás vezes a ser um elemento lyrico.

Com este livro entra Jorge Amado para o 1º team dos novos escriptores brasileiros.

MURILO MENDES.

Robert Louis Stevenson — **O Clube dos Suicidas** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

O livro é de um dos melhores narradores que a Inglaterra, tão fertil em narradores admiraveis, já produziu até hoje. Stevenson, que se extinguiu com pouco mais de quarenta annos, indo morrer nas ilhas do Pacifico, depois de uma vida de trabalho e santidade, figura entre aquelles que dignificaram o romance de aventuras, alteando á categoria de verdadeira obra de arte um genero conspurcado no tempo por todos os fancaristas britannicos. Marcel Schowb adorava-o não menos que a Daniel de Foe. Léon Daudet, que não é munificente em se tratando de distribuir elogios, colloca-o ao lado de Dickens e Meredith, pelo senso do *humour* e do fantastico, pela capacidade de effigiar simultaneamente typos de monstros e nobilissimos heróes da humanidade moral. Quanto á traducção deste *Clube dos Suicidas*, é de Godofredo Rangel. Será preciso dizer mais para recommendal-o aos amigos das paginas bem estylizadas?

Escola de Sociologia e Politica

Dada a publicidade ruidosa de que se cercou, desde a ceremonia da sua inauguração, ninguem ha, por certo, que desconheça a Escola de Sociologia e Politica, fundada por um grupo de millionarios paulistanos e saudada, no berço, por alguns amaveis publicistas cariocas.

Installou-se ella poucos passos além do Mosteiro de S. Francisco, cuja ala direita é occupada, ha annos, sem justo titulo nem boa fé, pela Faculdade de Direito de São Paulo, mãe espiritual dalguns milheiros de bachareis em sciencias juridicas e sociaes.

E para as suas salas têm entrado, aos borbotões, dezenas e dezenas de cavalheiros attrahidos pela bem feita propaganda, fiados em que d'alli serão tirados, em futuro proximo, os administradores dos negocios publicos, os deputados e senadores da nova Republica, os "pilotos", em summa, da nau do Estado, para repetir expressão sovada.

O titulo doutorifico conferir-lhes-á a presumpção de saber governar, como a escola vizinha confere, só com trazel-o num canudo de folha de Flandres, a presumpção do saber juridico.

Não ha melhor confirmação do adagio de que depois de ser arrombadas as portas é que se lhes botam trancas. Até hoje o Brasil, para governar-se, teve de contentar-se com a sciencia trapalhona dos bachareis que se formam ás grosas, por anno, nas suas academias de direito, e esses, nos postos de governo, timbram em se esquecer, mui de industria, de melhor preparar as gerações que vão vindo.

As academias se conservam na estreiteza de seus programmas, nunca renovados. Ficaram no passado, incompatibilizados, conflictantes com o presente. Dellas, é verdade, sahiram, ha meio seculo, os lyricos e os romanticos da abolição e da republica, mas os que vieram depois amammentados sempre de romantismo e lyrismo, ficaram cá fóra, na terra brasileira, desambientados no tempo e no espaço, a fingir que desempenhavam o papel de dirigentes dum povo, que lhes era totalmente desconhecido.

Foi preciso que o mundo inteiro passasse por uma transformação fundamental, para que, emfim, chegasse até cá a confusa comprehensão de que andamos atrazados de cem annos na nossa evolução.

Houve, então, o despertar duma classe — a classe dos homens ricos. Esses é que sentiram a necessidade de acautelar-se para o futuro. Não confiar, mais, os destinos do paiz nas mãos ineptas dos doutores de borla e capello. Cuide-se, com affinco, dos estudos economicos, sociaes e politicos. Ensine-se isto com amor ás novas gerações, afim de que ellas se apparelhem sufficientemente para as responsabilidades tremendas do amanhã.

Não ha negar que os directores da bemfadada escola de sociologia e politica têm tacto.

Na hora mesma em que no mundo se põem em pratica novos systemas de governo, quando se vai passando attestado de obito ás fórmas classicas da democracia, esses homens de dinheiro, conscios de seu papel de guarda-freios, não medem sacrificios nenhuns, e, com um zelo de enternecer, empreitam a peso de ouro, professores tirados ao regaço das universidades famosas para que venham, urgentemente, ao Brasil, a São Paulo, educar, preparar os nossos jovens homens ricos.

Ha, porém, uma coisa a lamentar. Os grandes industriaes paulistas, donos da escola, ao fazer a encommenda para o estrangeiro, adoptaram as normas proprias do commercio de importação. Fizeram questão da marca da fabrica, das medalhas de exposições internacionaes, e ahi está porque elles se enchem de orgulho e barram as columnas dos jornaes para apregoar que os professores Schurz e Sowrie são tres vezes condecorados por essas e aquellas universidades e que o ex-ministro Nitti e o historiador Ferrero são esperados breve, etc.

Não percebem os capitalistas de São Paulo que nos proprios e pomposos titulos desses famigerados professores está a prova maior e melhor da incapacidade delles, da imprestabilidade, da inactualidade da sciencia que elles ensinam, sem mais proveito.

Elles vêm — lembrem-se — de logares onde as suas lições não evitaram a situação de desespero em que se encontram os seus proprios patricios, os seus discipulos. Vêm de paizes tão, ou mais desorganizados que o nosso, e vêm, no emtanto, para leccionar, para illuminar os espiritos com os pavios de sebo duma sabedoria reaccionaria e retrograda.

Na hora de renovação, ao invés de remoçarmos, no arraiar da primavera, é o que se vê: — importam-se megatherios, como os nossos governos, noutros tempos, importaram *tanks* usados, estropiados de quatro annos de guerra e como as nossas elegantes madamas costumam importar os vestidos "modelos" suados e poídos, nos sovacos, pelas mundanas de alto bordo de Paris e Berlim...

ALBERTINO MOREIRA.

NOSSA DIRECÇÃO

A partir do proximo numero, com que iniciará o seu terceiro anno de existencia, esta revista, continuando sob a mesma direcção e mantendo o seu actual redactor-chefe, contará com o prestigioso apoio e a esclarecida assistencia de um conselho consultivo do qual farão parte os nossos illustres collaboradores Gilberto Amado, Lucia Miguel Pereira, Miguel Ozorio de Almeida, Octavio de Faria e V. Miranda Reis.

Nomes que dispensam encomios e são um penhor seguro dos altos designios a que aspira o "Boletim de Ariel", ha de ser tambem dos nossos leitores a justificada alegria com que lhes damos tão auspiciosa noticia.

Exposição Alvim Menge

Despertou interesse em nossos circulos de arte a exposição de quadros do sr. Alvim Menge.

Trata-se de um paizagista e retratista de meritos invulgares. Não figurando propriamente entre os "novos", o sr. Alvim Menge conserva-se fiel á technica da pintura tradicional, sem que isso importe em desprezo das conquistas dos pintores da ultima geração no que diz respeito á solução de muitos problemas de luz e fórma.

Nunca viveu elle exclusivamente do pincel e, dando-se a outras funcções que lhe asseguram certa independencia, ignora a necessidade de fazer-se artista mercenario, de pôr a sua palheta a serviço dos mecenas vaidosos ou obtusos. Mais feliz que muitos outros confrades, só pinta o que lhe dá prazer e quando sente prazer em pintar.

Dahi a absoluta sinceridade e a espontaneidade dos trabalhos do sr. Alvim Menge, cujos progressos foram exuberantemente demonstrados nas paizagens e figuras da sua ultima exposição.

"Le Socialisme Constructif"

Henri de Man — Trad. por L.-C. Herbert — Felix Alcan — Paris, 1933.

Henri de Man é o analysta sagaz, o escalpellador do proprio ideal, o psychologo que se não deixa offuscar por apreciações de ordem ethica e juizos normativos, o idealista que sabe extremar os dois dominios — o do real e o do ideal — e á luz dos primeiro estudar o segundo, objectivamente, scientificamente. Já sabe disso quem quer que haja lido *Zur Psychologie des Sozialismus*, ou seja, na traducção franceza, *Au-delà du Marxisme*. Sabel-o-á, porém, melhor quem tiver tambem lido *Le Socialisme constructif*, que é, no dizer do proprio autor, como um primeiro complemento positivo da obra que o precede.

Nos quatro capitulos que compõem esse livrinho de agora, De Man nos mostra, primeiro, os verdadeiros fundamentos do socialismo e passa, em seguida, a confrontal-o successivamente com a cultura, com o capitalismo, com o nacionalismo fascista.

*

"Tendencia da vontade para uma ordem social equitativa", o socialismo é, antes de mais, um ideal, e julga as instituições sociaes segundo um criterio normativo da validade universal. Toda apreciação socialista é, portanto, uma apreciação de ordem ethica, suppondo uma decisão da consciencia e a tendencia a um fim. Esse criterio moral universalmente valido postula "que os valores vitaes são superiores aos valores materiaes; que cada sêr humano é responsavel pela sorte de toda a humanidade, na medida em que sua vontade pode influencial-a; que o sentido da evolução historica se exprime pelo desempenho de uma missão attribuida á humanidade; que, nesse sentido, todos os sêres humanos nascem com igual responsabilidade".

De todos esses postulados, de ordem puramente ethica e inconfundiveis com os principios scientificos, é que decorre o socialismo. Decorre, mas não se resume nelles. Elles lhe são a origem, mas não o constituem. E pode-se dizer que os homens em geral, sem que sejam por isso socialistas, os reconhecem. O socialismo é algo mais do que esses postulados, ou melhor, a sua consequencia logica. Realmente, do primeiro delles decorre que a actividade economica deve subordinar-se á satisfação das necessidades vitaes e ser organizada para servir á obra commum; do segundo, que os moveis do sentimento de communidade são superiores aos moveis da vantagem pessoal; do terceiro, que a humanidade tem por missão desenvolver o mais possivel sua faculdade de conceber e realizar a verdade, a belleza e o bem; do quarto, emfim, que todos os sêres humanos nascem com direitos iguaes e igual dignidade.

Consequencias logicas de valores moraes, essas reivindicações é que são socialistas. Ora, ellas visam a todos os sêres humanos, seja qual fôr a condição social delles, donde o caracter eminentemente humanista do socialismo. Doutrina decorrente de postulados moraes, a interpretação scientifica da evolução social não pode motival-a. Doutrina eminentemente humanista, não é o interesse do proletariado, não é a luta de classe que provoca as reivindicações socialistas, mas, inversamente, são as reivindicações socialistas que geram a luta de classe. Doutrina motivada pelo sentimento de justiça, o socialismo tem na justiça a sua razão de ser e o regimen socialista se realizará, acima de tudo e primeiro que tudo, porque é justo.

E', entretanto, esse criterio ethico e idealista, é esse fundamento moral, que a doutrina marxista nega ao socialismo, quando o apresenta como resultado da victoria necessaria do proletariado em sua luta de classe, devendo, assim, realizar-se, não porque é justo, mas porque é necessario. Nesse socialismo motivado, determinado, material e historicamente, pela luta de classe, nesse socialismo de base amoral, nascido apenas da luta pelos interesses de uma classe e realizando-se necessariamente em virtude de um determinismo economico, nesse socialismo está toda a originalidade de Karl Marx. E' certo que essa originalidade muito contribuiu para que o socialismo sahisse do reino da fantasia e do sonho e assumisse a forma de uma luta pelos interesses de classe. Mas uma cousa é a fórma que assume uma doutrina, outra cousa os seus fundamentos. Ora, é absolutamente impossivel fazer de uma doutrina das causas, como é o materialismo historico, uma doutrina dos fins, como é o socialismo, porque toda doutrina dos fins suppõe certas decisões moraes, que repousam sobre um fundamento anterior a toda experiencia historica. O defeito essencial do pensamento marxista é, pois, infere De Man, a crença erronea de que se póde deduzir "o que deve ser" do conhecimento "do que é", crença que conduz á negação da responsabilidade pessoal, porque attribue a realização da missão revolucionaria á acção das leis que devem determinar a conducta das massas e, justificando as intenções pelos factos, o ideal pelo real, abre caminho para o opportunismo. O simples conhecimento das leis da evolução social não basta para que se considere essa evolução como um progresso, nem a necessidade historica da derrota do capitalismo na luta de classes faz, por si só, a causa capitalista peor, menos justa e menos verdadeira que a causa socialista. Por mais importante que seja a luta de classe para crear certas condições necessarias ao socialismo, por mais imperativo que seja para todos os socialistas o dever de tomar parte nessa luta em pról das reivindicações justas dos operarios, não existe nenhuma lei necessaria, segundo a qual o socialismo nasceria da victoria de uma luta de classe. Por si só, essa victoria teria como unico resultado a formação de uma nova burguezia. E' que o socialismo, observa De Man, é uma ethica applicada ás cousas sociaes. Não é nem uma circumstancia de classe, nem um phenomeno doentio de espiritos decadentes, mas uma conclusão a que deve chegar todo homem que possua uma consciencia social e uma sã faculdade de pensar. Essa consciencia social se traduz por um sentimento de culpabilidade, visivel nos que ousam chegar a essa conclusão; mas recalcada por um "mas" qualquer, que tráe o interesse, o desanimo, o scepticismo, a indifferença, a covardia, o commodismo, nos que julgam não poder nem dever tirar certas consequencias sociaes de um juizo moral que elles admittem.

No conjuncto physico-psychico do processo vital, o pensamento scientifico não pode distinguir o que é

causa do que é effeito. A hypothese marxista, segundo a qual todos os phenomenos ideologicos seriam, sempre, simples reflexos de realidades economico-sociaes, é, assim, indemonstravel, como indemonstravel é o corollario dessa hypothese, segundo o qual a ascensão e a decadencia da cultura seriam simples reflexos da ascensão e decadencia de uma classe. Peor do que isso, porém, tal corollario chega a ser inconciliavel com toda e qualquer doutrina socialista. Com effeito: ou as idéas de uma época são as idéas da classe dominante e não ha, nesse caso, lugar para as idéas socialistas, ou estas, como ninguem contestará, existem e é, então, a hypothese marxista que não tem lugar. Sem que sejam as da classe dominante, as idéas fundamentaes do socialismo são, entretanto, as idéas humanistas da burguezia fundadora das cidades da Idade Média e creadora de uma nova ordem social democratica, baseada no trabalho livre. Tornada classe dominante pelo capitalismo — accumulação da riqueza, expropriação de camponezes e artesãos, herança, machinofactura, suppressão de tudo quanto tornava a propriedade pessoal dependente da producção pessoal, a burguezia deixa de ser revolucionaria e foge á sua missão humanista de libertação do homem pelo trabalho, á sua finalidade cultural, em summa. E' então que cultura e civilização se divorciam: os valores culturaes deixam de ser immanentes ao estado de cousas existente, para se lhe tornarem transcendentes e contrarios e prepararem, dest'arte, o socialismo. O socialismo não visa, pois, apenas a uma distribuição differente de valores existentes, mas a uma organização outra, a uma transformação da sociedade segundo normas de vida differentes, a uma substituição dos valores em curso pelos valores da cultura burgueza pre-capitalista. Elle julga o capitalismo segundo uma escala de valores construida pela propria burguezia — dignidade igual e iguaes direitos de todas as pessoas, autonomia da pessoa, trabalho como fonte de todos os valores e exigencias sociaes, solidariedade universal da raça humana — e é, como já o mostrava Jaurès, em nome da cultura burgueza, que elle protesta contra a civilização capitalista. Herdeiro da burguezia pre-capitalista, elle não póde, como quer a hypothese marxista supra-citada, confundil-a com a burguezia capitalista. O socialismo não é, assim, pura e simplesmente um anti-capitalismo. Elle é anti-capitalista, porque — e na medida em que — é herdeiro da cultura burgueza; o que vale dizer que elle é igualmente anti-feudalista, anti-absolutista, revolucionario e — porque não? — utopico. De Man toma esse termo no sentido, segundo elle diz, scientifico, de representação de um desejo, sem a significação accessoria, vulgar e pejorativa de uma representação irrealizavel; significação anti-scientifica, porque é impossivel traçar um limite preciso entre o que se pode e o que se não pode realizar. O que nos leva, aos leitores do grande livrinho de Henri de Man, a esta conclusão paradoxal: que o socialismo "utopico" o é no sentido scientifico deste termo, ao passo que o socialismo "scientifico" é utopico no sentido pejorativo de utopia.

Na arena da luta economico-social, em que até aqui se enfrentavam o socialismo e o capitalismo, um terceiro lidador se apresenta hoje, roncador e pimpão. E' o fascismo. Rotula-se revolucionario, anti-burguez, anti-capitalista e, na Allemanha pelo menos, nacional-socialista. Producto da crise economica, do empobrecimento, da miseria de numerosas classes sociaes, é sobretudo nessas classes, chamadas médias, nesse proletariado de gravata, que elle recruta as suas hostes. E recruta-as pelo prestigio da novidade, dos symbolos, das attitudes cavalheirescas e heroicas, da ideologia do "homem forte", do uniforme, do garbo militar, etc. Fala-lhes, está-se a ver, mais do que á razão, ao sentimento; sentimento, em grande parte, de odio arraigado e generalizado contra o socialismo e o movimento operario, porque o proletariado engravatado se define, antes de tudo, pelo facto de não querer ser proletario. Os pequenos negociantes e funccionarios, que sempre mediram o grau de sua consideração social pela distancia que os separa do proletariado, é igualmente pelo odio ao socialismo e especialmente ao marxismo — de cujo conteúdo elles, aliás, não têm, em geral, a menor noção — que manifestam sua resistencia á proletarização com que os ameaça a crise da economia capitalista.

Proletarizadas ou em via de o serem, mas sem consciencia dessa proletarização, as classes médias mudam, por transferencia, seus resentimentos economico-sociaes em resentimentos raciaes, como é o caso do anti-semitismo, ou em politico-nacionaes, como é o caso do nacionalismo. Essa transferencia subjectiva, irracional e emocional é mesmo uma das caracteristicas do nacionalismo e não seria excessivo dizer que é proprio de certas opiniões o elevar ou baixar o nivel mental dos que lhes soffrem a influencia. O pensamento symbolico constitue, como se sabe, o caracter mental de um grau primitivo da intelligencia e não é, pois, de estranhar que o sentimento nacionalista, em virtude, justamente, do symbolismo que lhe serve de base, retarde a acção da intelligencia e seja, assim, um indice de inferioridade mental. Porque é, por exemplo, que, em todos os paizes, os jornaes que vivem a estimular e a explorar as paixões nacionalistas das massas pertencem a essa parte da imprensa cujo nivel mental é geralmente inferior?

Mas não está só no pensamento symbolico a causa dessa inferioridade. A emoção nacionalista é uma forma de orgulho collectivo e todo orgulho é evidentemente prejudicial á intelligencia. Eis porque o amor proprio nacionalista, ferido pela luta interna dos interesses, caracteristica do regimen capitalista e destruidora da união nacional, vê no judeu e no estrangeiro a causa desse aggravo. Sem duvida que não é de bom tom, mórmente hoje, falar desrespeitosamente do nacionalismo. Todavia, é necessario que se diga que um dos caracteres mais lamentaveis da mentalidade actual dos intellectuaes é esse de se deixarem facilmente vencer, quando se trata de escapar ao reproche de um insufficiente amor da patria. Todo exaggero do amor proprio individual relativamente ao meio, por desvalorização desse meio e dos outros homens, segue a linha da menor resistencia mental. Chegado esse exaggero ao extremo, a resistencia se annulla e nos achamos deante de um schizophrenico. Ora, quando essa vaidade, ao invés de individual, é collectiva, francamente não vemos porque o nome de nacionalismo, com que a designam, a torna menos tola. Tolice, aliás, posta em evidencia por este simples facto que cada nacionalismo é reduzido ao absurdo por todos os demais, ou melhor, o conceito que tem cada povo de sua superioridade contradiz esse mesmo sentimento nos demais povos.

Imagine-se — diz Henri de Man

— um sr. Durand qualquer construindo para si um systema de valores, dos quaes os mais altos seriam os que por natureza lhe pertencem. As medidas de seu craneo, a côr de sua pelle e de seus cabellos passam a ser a medida ideal. As cousas louvaveis, elle diz que são "durandianas". "*Gott mit Durand!*" é o seu lemma. Se seus vizinhos se armam, é para atacal-o; se elle, para defender a paz e os bens mais sagrados da humanidade. As côres da bandeira durandiana são as mais bellas do mundo. O hymno durandiano mais ou menos assim: "*Durand über Alles!*" "*Rule, Durand, rule the waves!*" "*Aux armes, Durand, qu'un sang impur abreuve nos sillons!*"

Schizophrenia? Incontestavelmente! Nacionalismo? Ouvidos moucos...

*

Procurámos dar, ahi acima, uma idéa, que reconhecemos pallida, do que é, em substancia, o ultimo livro de Henri de Man. Livro que não será lido pelos marxistas, dada a *suffisance* perfeitamente academica que os distingue. Livro que não será lido pelos fascistas, pelo menos os do Brasil, os quaes, a julgar pelos signatarios de certo manifesto, são recrutados entre caricaturistas, humoristas e, até, trocadilhistas, gente, como se sabe, em geral pouco afeita á leitura de obras desse genero. Livro que não será lido, emfim, por toda a fauna de que é espécimen aquelle typo que, de uma feita, nos dizia pertencer a varias sociedades — esportivas, dançantes, carnavalescas, etc., e rematava, elucidante: — "Eu sempre tive idéas socialistas".

Mas ha ainda no mundo outros leitores...

V. DE MIRANDA REIS.

OBRAS DE PITIGRILLI:

Mammiferos de luxo
Cocaina
O Cinto de Castidade
O Experimento de Pott
A Virgem de 18 Kilates

De MAURICE DEKOBRA:

A Gondola das Chimeras

Cada vol. br. .... 6$000

Edições de
Arturo Vecchi & Freitas Bastos
Rua 13 de Maio 47 e
Bethencourt da Silva, 21-A
Caixa Postal 899 — Rio de Janeiro

"TENTAÇÃO DE SER FELIZ"

Quando leio uma pagina de Rocha Ferreira, mórmente em prosa, lembro-me sempre, duns versos, paranoicos, do talentoso, e equilibrado, Manoel Bandeira (se estou errando, na affirmação da autoria dos mesmos, elle que me perdôe). Refiro-me áquillo:

— Vá á quitanda comprar uma banana para eu accender meu cigarro.

Mario de Andrade, num estudo antigo, porém curioso, dessas cousas, até ha pouco tidas qual labaro de renovação, intitulado *A escrava que não é Izaura*, diz tratar-se duma associação de idéas, uma como que urgencia do cerebro e mais ainda da palavra. A traducção litteral é a seguinte:

— Vá á quitanda comprar uma banana, e aproveite a occasião para me trazer uma caixa de phosphoros, afim de eu accender meu cigarro.

Isto faz-me recordar certos mensageiros nervosos que, de volta de uma incumbencia importante, quiçá grave, chegam esbaforidos, cansados da correria, numa impressão de pavor, querendo revelar tudo de uma vez, contar pelas extremidades, dando á historia apenas pé e cabeça, sem sequencia, ao contrario das que não têm pé nem cabeça... E precisariam de muitas boccas, para acompanharem e exteriorizarem o turbilhão das idéas e visões. Ou, então, o orador que não consegue dominar-se, nos super-enthusiasmos, exprimindo-se mais pelos rictus diversos da face e gesticulação bombastica dos braços e mãos, que pela enunciação verbal, tal, ás vezes, um medium, no delirio do espiritismo...

E' que Rocha Ferreira tem, dentro de si, um oceano de cousas bonitas. Ha, em sua alma, um vendaval de notas, um mundo de soes e sons, um caleidoscopio sentimental em erupção, numa ancia de libertação, de cantar, para o universo entristecido, na agonia e no torpor economicos, a alegria de viver, de amar e soffrer.

Esse poeta, mais que escriptor, não devia escrever seus livros. A pena é um instrumento moroso para elle. Não lhe poderá, nunca, acompanhar a desfilada da intelligencia, gloriosa de espontaneidade. Devia dictal-os, gravando-os em discos, como — creio — Edgar Wallace, nos seus excessos de producção, paga a peso de dollar ouro. Do contrario, cincoenta por cento da exuberancia intellectual de Rocha Ferreira, evapora-se-lhe, no tempo e no espaço. Precisa de algo, para redigir, mais rapido que o pensamento.

Exemplo: *Tentação de ser feliz*, sahido ha dias. Deslumbramento. Dansa louca, infrene, eolica, de imagens em circulos, buscando o infinito, titanizadas na ambição da felicidade. E' um escrinio, com pedaços da granada, que explodiu, cheinha do coração do poeta. E vae fazer revolução, no mundo litterario.

MOZART FIRMEZA.

"Sociedade Felippe d'Oliveira"

Nada mais bello, numa época de esquecimento facil, que o interesse de amigos sobreviventes no culto de uma memoria querida.

E' bem o caso dos nobres homens de lettras que se propõem a manter vivo entre nós o renome desse delicadissimo Felippe d'Oliveira, em quem competiam elegancia mental e moral, poeta que nunca opprimiu ninguem na disputa a laureas ephemeras e conservou sempre uma polidez fidalga em meio ás tricas e ás parlendas de uma litteratura de mais alarido que propriamente harmonia.

Sahirá muito breve o In Memoriam *consagrado a essa creatura de eleição, ainda mais embellezada por uma morte tragica, e todos os annos um premio destinado a instigar a producção de um escriptor authentico fará com que cresça mais e mais, postumamente, o prestigio daquelle que, embora discretamente, não deixou de interessar-se jámais pela vida do espirito.*

Belmonte — **Assim falou Juca Pato — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.**

Este Juca Pato fala com muito mais simplicidade que o famoso herói de Nietzsche. Ao contrario de Zarathustra, que dava a tudo uma solução tragica, este nosso patricio de São Paulo procura dar a todos os factos uma solução humoristica. E não é um processo intelligente? Para que zangar-se ou indignar-se, quando ha a possibilidade de evadir-se das complicações da vida através de uma boa gargalhada?

Pois é que o faz o sr. Belmonte. Na "confusão dramatica" procura elle apenas os "aspectos divertidos". Manejando, com egual habilidade, penna e lapis, illustra tambem os seus commentarios aos casos do dia e forçoso é estimal-o tanto na qualidade de chronista como na de caricaturista.

Suas criticas jocosas á lettra do Hymno Nacional e ao bacharel que, preoccupado com a "realidade brasileira", toca viola invocando a "cabocla bonita lá do sertão", são de um cidadão de bom humor e de bom senso, que sabe rir á custa de quantos pretendem salvar o Brasil em dezenas de programmas e proclamações farfalhudas, redigindo tantas receitas para o pobre doente, que este acabará amortalhado nesse profuso receituario...

" Noroeste e outros Poemas do Brasil "

De RIBEIRO COUTO

Na poesia de Ribeiro Couto quasi que não existe o pittoresco. Existe é abundancia de ternura que o poeta não cogita disfarçar, antes ostenta-a como traço caracteristico de sua lyrica. A dura vida contemporanea não conseguiu estirpar a doçura do seu sentimentalismo. Este, porém, posto em equação como usado ha tres lustros pelos seus leaderes nacionaes, tem outra feição: mais sobria e mais sympathica. Isto porque não faz como o outro antigo que ia até ao extremo sem deixar nenhum travo de mysterio. O de hoje, entretanto, não se completa, fica em meio, um tanto aereo, carecendo de ser collaborado pela imaginação e pelos sentidos de quem procurar comprehendel-o.

O livro *Noroéste e outros poemas do Brasil* regista uma phase de transição para Ribeiro Couto. Elle diz como que tomado dos anceios de quem está sempre de malas arrumadas e que olha o porto de Santos como o que melhor lhe dá caminho para a fuga:

> Sou bem teu filho, ó cidade maritima,
> Tenho no sangue o instincto da partida,
> O amor dos extrangeiros e das nações.

Não possúo outro amigo como esse delicioso poeta cheio de tantas preoccupações universalistas e no entanto voltado inteiramente para dentro do Brasil. E' a alma menos aventureira que conheço. Elle dirá não. Eu direi sim. Para se ter o vicio do universalismo se faz necessario abstrahir-se um pouco das coisas que nos cercam e que talvez até nos pertençam com um halito enganador de eternidade. Ribeiro Couto é sobretudo um sentimental. Brasileiro na verdadeira expressão originaria desse cocktail de raças que formam a nossa singular nacionalidade. Conserva no coração ternurinhas que a lembrança vae descobrir, ainda puras nos recessos do passado.

> Chiquita, Bilú, Das Dores, Senhorinha,
> Onde estaes vós, meninas do meu tempo?
> Umas tinham cachos, outras tinham tranças...
> Meninas da vizinhança, daquelle tempo,
> Onde estaes vós, vivas ou mortas, lindas ou feias?

Dobra a esquina e olha para traz. Não estima dizer adeus definitivo. E não deixa de fazel-o por curiosidade e sim porque o encanto daquillo que não volta entra em lucta surda com as rajadas frias de um materialismo assoberbante. Nos recantos do que foi é então que elle procura lenitivo para transbordamento de saudades, atravez de modernos rythmos que mal escondem anceios delicados, porém prisioneiros, sem liberdade de transito, perturbados com a marcha por avenidas que vão sahir no mundo de outros tempos.

Na acção politica, Ribeiro Couto será, de conformidade com o seu temperamento, um nacionalista verde-amarello. Homem voltado para dentro do meio em que nasceu a viver de accôrdo com a extensão territorial. Amoroso de sua gente, enternecido ante o espectaculo da solidão e do silencio, procurando sentil-o como fonte de inspirações e tambem de energias compensadoras. Chegou a escrever mesmo que sente amor carnal ao contacto com a terra brasileira.

> Olinda está lá, na colina e resmunga no vento,
> Coitada, tão velha, sempre com o seu rosario.
> Ingenuo Recife, não faças barulho, deixa-a dormir...

Se é com a Bahia, deste modo se expressa evidentemente com os transportes de carinho que o local convida:

> Tudo é feitiço nas tuas ruas, no teu céo, nas tuas aguas.
> O vento é morno e faz caricias (dengues mulatos)
> Dizendo baixo uns mansos convites que me amollentam.

Para repetir, Ribeiro Couto modifica-se, correndo a sua lyrica não para o abandono de sua legitima vocação, mas para soffrer cada vez mais, dia a dia, as inevitaveis influencias da moral que as forças economicas tendem a modificar. Dessa fatalidade não se salvarão nem mesmo as generosas intelligencias differenciadas daquellas que acceitam a vida tal qual ella é. E ao contacto dessa vida que se forma e se levanta a sensibilidade humana terá de experimentar tambem os seus influxos renovadores.

> Portuguezes suarentos correm as ruas,
> Insensiveis ás quédas ruinosas do cambio,
> Amontoando dinheiro para os genros nacionaes.

Que será isso senão signal visivel de uma proxima futura transformação?

ADHEMAR VIDAL.

E. F. de Souza Docca — **A missão Ponsoby e a independencia do Uruguay** — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1933.

Estudo apresentado ao Instituto Panamericano de Geographia e Historia por um illustre representante do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Depoimento de quem jámais comparece com desaire a congressos desses, levando-lhes como leva os frutos de uma vigorosa cultura e de uma real perspicacia de historiador para quem os textos mais explorados trazem sempre uma luz imprevista. Em particular, esse gaúcho, tão merecidamente louvado pelo critico João Pinto da Silva, conhece como poucos o passado militar ou diplomatico dos povos de procedencia castelhana que ficam proximos ao seu rincão. Dahi a excellencia da monographia em que refuta, com uma boa armadura de documentos, certos conceitos apressados do publicista Alberto de Herrera, fixando bem o caso do "eminente lord Ponsoby que, como representante da Inglaterra, foi o mediador entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata", em momento agudissimo da historia sul-americana.

DO ALTO DO "PÃO DE ASSUCAR"
VIVE-SE O MAIS SALUTAR DOS LIVROS:
A NATUREZA

Viagens cada 30 minutos.
Resturante e bar na Urca.
Tel. 6 - 0768

O NOVO FEITICEIRO

Helena de Souza Dantas, brasileira de Paris, conserva no seu temperamento afinado ao contacto das fontes latinas a riqueza do fundo tropical em cujo scenario cresceu a sua illustre ascendencia. Ella escreve poemas cheios de uma seiva generosa, e uma prosa impregnada de sensibilidade. E' seu mestre a grande Colette, que, em apreciação que fez sobre seus escriptos, notou a dupla influencia, da origem e do meio, que nella se reflecte. E louva-lhe o talento em que a espontaneidade estouvada da menina bravia que tem no sangue o sol do Brasil, é corrigida pelo senso do equilibrio, pelo amor das proporções, pelo desejo de perfeição classica recebidos na educação franceza. De um dos seus escriptos inéditos traduzimos para os nossos leitores o scintillante e delicioso trecho de prosa que abaixo inserimos, antes que elle seja dado á publicidade em Paris no livro de que faz parte.

Estás sempre ao meu lado. Só alguns passos nos separam. Muitas vezes, para te tocar, basta que eu estenda a mão. E's tudo; em ti se reunem todos os sêres que me interessam, e tudo o que eu amo póde vir até mim por teu intermedio.

E's feiticeiro; basta que eu te fale para que os meus desejos, mesmo os mais longinquos, se realizem. Peço, e quasi sempre obtenho. E's humano, comtudo, pois falas, e tambem porque algumas vezes respondes. Que me enganes, que me mintas, que me entregues a estranhos, pouco me importa, pois me deixas a liberdade de fazer o mesmo.

A's vezes me zango, descomponho-te, mas me castigas com teu silencio. Por ti me vêm alegrias e dôres, muito simplesmente, disfarçadamente. E's o unico a quem não occulto o meu rosto. Tu me vês feia, desesperada; sabes a verdade; eu t'a digo muitas vezes, e, para te divertires, me tráes. Desconfio então de ti; faço manha, amordaço-te com a minha mão esquerda emquanto que com a direita te aperto contra o meu seio. E esperas... e attendes-me de novo para obter perdão; perco a desconfiança, e, uma vez ainda, me desilludes. Sorrateiramente permittes que me escutem, escondes desconhecidos bem junto de mim para que elles saibam o que estou pensando, e os deixas logo fugir, sem que eu os perceba, levando um pouco de mim. Em summa, te pertenço; és um senhor que me creei eu mesma, e a quem pago. Acudo ao teu chamado, ou mando-te alguem a responder por mim. A todo instante me incommodas, a toda hora, pois não dormes nunca. Sabes tudo.

Sabes tudo, e tudo pódes saber. Trazes-me um pouco de vida, mas me furtas o perfume, as côres, o sol, emfim, todas as miragens; não deixas filtrarem-se até mim senão os pensamentos, pura e immediatamente, como se elles viessem do Além.

Comtigo, é preciso pronunciar as palavras para que as comprehendas; os gestos não têm, para ti, nenhum sentido; não és sensivel á belleza de uma bocca; não és ciumento; com tão boa vontade approximas uns dos outros que, se não tivesse medo de te magoar, diria que é o teu officio. Approximas labios, que, sem ti, nunca se teriam juntado; vibras com o sopro delles, amplifica-os, fazes-te o éco complacente das palavras que trocam, mesmo se são palavras de amor. Tornas possivel ao amante dizer docemente boa noite á sua amada. E's o ultimo poeta, o novo feiticeiro, meu pobre, meu querido telephone...

HELENA DE SOUZA DANTAS.

(*Trad. de Gilberto Amado*).

Adolpho Casaes Monteiro e Ruy Ribeiro Couto — **Correspondencia de familia** — Empresa do Annuario Commercial — Lisboa, 1933.

Troca de versos commovidos em que um portuguez de talento exalta a alma brasileira, que ainda não conhece de perto mas cujas bellezas adivinha, e um brasileiro de talento não menor enternece-se nas reminiscencias do que viu em Portugal, seja no lyrismo dos corações, seja no encanto das paizagens. Em formoso prefacio, de uma delicadeza não inferior aos dois poemas, um grande amigo nosso, o sr. Osorio de Oliveira, accentúa o seu desejo, cada vez mais intenso, de trabalhar pelo que elle chama, com muita precisão, a Internacional do espirito. Quer elle que brasileiros e portuguezes se estimem, especialmente quando escriptores, por isso que escrevem coisas numa lingua meio morta que, a rigor, são elles os unicos em condições de ler e amar.

Esteban Pinto — **La educación de los bien dotados** — Publicaciones de la **Revista de Pedagogía** — Madrid, 1933.

Tendo publicado uma these sobre *O dever do Estado relativamente á assistencia aos mais capazes*, o illustre professor Esteban Pinto, de Recife, remetteu-a ao seu collega L. Luzuriaga, de Madrid, que se deu pressa em transportal-a para o castelhano e em incluil-a na collecção da *Revista de Pedagogia*, de tanto relevo nos estudos scientificos da Hespanha.

A inclusão, já em si tão expressiva, assegura um maior numero de leitores, por isso que num dos idiomas mais divulgados do planeta, ao nosso distincto patricio, cuja competencia no assumpto repousa não só no pleno conhecimento dos textos, como no objectivo, nobremente humano, de dar-lhes sempre uma applicação de utilidade social.

Foi-se a época dos pedagogos empiricos e a lucidez e segurança com que o sr. Estevão Pinto expõe as suas idéas e as suas observações mostra ser elle um amigo da verdade experimental, das lições directamente hauridas na realidade dos factos. Louvavel é, em particular, a sagacidade com que applica os postulados da sciencia moderna na indagação da maior ou menor perspicacia cerebral dos jovens estudantes do seu recanto nortista, afim de em seguida concluir por conta propria quanto á efficiencia de certos methodos de mensuração intellectual preconizados pela Europa e pela America do Norte.

Nenhum apriorismo, portanto, no bello volume do sr. Estevão Pinto e só o desejo de constatar o que foi effectivamente apurado nessa *enquête* aos cerebros moços.

Clodoaldo de Alencar — **Archotes** — Casa Avila — Aracajú.

Sonetos bem trabalhados e com accentuadas intenções espiritualistas. A's vezes, o autor permanece entre o deismo e o pantheismo. Outras vezes, porém, mostra-se francamente christão. Respeitoso do passado, afaga todos os bons sentimentos tradicionaes e não tem uma palavra de vilipendio para a crença de ninguem. O soneto *Missionarios*, dedicado a Jackson de Figueiredo, é de uma nobre emoção religiosa, exaltando aquelles semeadores do verbo de Christo tambem já exaltados por Castro Alves e Fagundes Varella.

Leiam:

GILBERTO AMADO

DIAS E HORAS DE VIBRAÇÃO

Preço: 5$000

Os amores de Tolstoi

De certo modo, Tolstoi (*) foi, como o Amiel de Gregorio Marañon, um caso typico de supervirilização. E' verdade que não teve a timidez desse singular "Leopardi sem amargura", como chamaram ao narcisista do *Diario*. Imperturbavel escalpellador de emoções, Amiel cedo se desilludiu do amor das mulheres. E, estylizando a historia dos seus fracassos, não poude occultar a propria covardia amorosa, que um mysticismo entediado attenuava.

Tolstoi, ao contrario, nunca se julgou vencido. Foi, nesse particular, um optimista, e um optimista á maneira russa: profundamente ingenuo. Uma inestancavel sêde de amor levava-o mesmo, ás vezes, a crises de um donjuanismo delirante. Conheceu varias mulheres. E em cada uma dellas quiz situar o supremo reflexo da Natureza, que era, sem que comtudo pudesse percebel-o, a sua verdadeira mulher...

Em Amiel, o instincto sexual insatisfeito pediu bençãos a Deus para cantar a serenidade de renuncias interiorizadas. Em Tolstoi, pantheista exacerbado, houve uma extraversão theatral de personalidade amorosa, cujos desencantamentos, de resto, uma esperança de victoria proxima nunca deixou de colorir. Esperança que o levou a buscar sempre a mulher unica, ideal, superdifferenciada, — aquella mesma visão que lhe punha legendas de ouro nos sonhos da meninice, e cuja identidade elle jamais precisou. Sim, porque, á semelhança do melancolico professor de Genebra, Tolstoi foi, nessa peregrinação commovente, um eterno vencido.

Marca fundo a existencia desse enamorado da Perfeição um grande equivoco: Tolstoi confundia o amor como o seu impetuoso desejo de amar. Porisso, nunca aquelle lhe sorriu. A historia da sua vida sentimental é mesmo um drama pungente, que se adivinha vivído por um homem, cuja sexualidade insaciada sublimou, nelle, o artista. Porque Tolstoi foi um maravilhoso artista precisamente por ter sido um máo amante. Era-lhe sempre um amor desenganado o motivo de todas, ou de quasi todas as suas obras...

Heine escreveu, certa vez: "Foi-me a doença a causa unica do meu desejo de crear. Creando, fiquei bom". Doente tambem, o romancista da *Resurreição* "confessou-se" nas paginas que escreveu, elle que viu na Arte a unica libertação possivel ás proprias angustias. E num seculo, como o passado, regido — affirma-se — menos por Kant do que pelo "cant", realizou o typo daquelle malabarista de circo entrevisto pelo Mark Rampion, de Aldous Huxley, no fundo de todos os humanos. Um malabarista que não soube sentir nem a força do inconsciente, nem a fragilidade do consciente, apoiada em cujos pilares a "corda tesa" da vida o supportava. E que, porisso mesmo, se despencou no ridiculo...

*

Duas, as mulheres que exerceram influencias profundas na vida de Tolstoi: Axinia Anikanova e Sophia Andreevna. As outras — e quantas foram! — elle as esqueceu, cedo, pela necessidade muito humana de esquecer.

Axinia era uma camponeza bonita e rude, "de olhos negros, brilhantes e voz profunda". Conheceu-a Tolstoi quando, enthusiasmado pelos louvores de Turguenev e Pisemsky ás *Narrações de Sebastopol*, entrava, definitivamente, na carreira das lettras. E, desde logo, ella penetrou, integral, na sua vida e em todo o seu ser.

Ligeira embora, foi essa, de certo modo, uma ligação como sempre o romancista desejou: uma ligação capaz de dar a *tranquillidade* que lhe garantisse a "saude physica e a liberdade espiritual". Subjugado pelo sentimento, Tolstoi fez-se, então, o apostolo das reivindicações camponezas. Construiu uma escola em que, movido sómente pelo coração, sem nada de certo pedantismo da pedagogia moderna, realizou a mais encantadora socialização da creança. Embevecido pela sua sempre renovada saudade do absoluto (elle confessara, annos antes, que desejava "fundir-se no absoluto"), chegou a identificar este com a carne daquella mulher bravia.

Depois, vieram os preconceitos de casta, estratificados, nelle, por toda uma tradição de seis seculos de orgulho ancestral. O misanthropo que, adolescente, lia Rousseau para esquecer as primeiras derrotas amorosas, volveu, de novo, — elle, o já victorioso autor dos *Cossacos* — a si mesmo, á sua tragedia. E abandonou Axinia — rude, selvagem, todavia a unica mulher que, de melhor modo, lhe poude dar á existencia vazia um pouco de illusão, um pouco de mentira...

O casamento com Sophia Andreevna marca o momento capital da vida amorosa de Tolstoi. Aliás, um instante doloroso que revelou uma das crises de sensibilidade sexual mais extraordinarias ainda soffridas por um humano.

Tolstoi e Sophia nunca se amaram. O relato de sua existencia em commum é a historia de duas incomprehensões, que vão, ora ao perdão, ora ao odio reciproco.

Temperamento fundido numa sexualidade impetuosa, o angustiado da *Sonata de Kreutzer*, casando-se, confundiu, como, de resto, sempre o fazia, o amor com a sua vontade de amar. Era uma confusão puramente instinctiva, sem nada de intellectual, barbara como todas as esperanças sem remedio. E tanto que, já noivo, elle se perguntava, inquieto, numa pagina das *Memorias*: "E se isso fosse o desejo de amar e não o proprio amor?"

Sophia, menos do que uma mulher, era, como elle proprio a chamou, "uma boneca de porcellana"... Amavel, bondosa mesmo, mas fria, imperturbavelmente fria. Não tinha siquer o enthusiasmo de viver: parecia uma sombra feita mulher. E, casada, se limitou, apenas, a custodiar o talento do marido, copiando-lhe as producções...

Deante da companheira, que se lhe mostrava gelida como as *steppes* e, como ellas, inexpressiva, Tolstoi sentiu, mais do que nunca, no amor desencantado, o tedio do ultimo fracasso. Dahi, a tragedia do lar; tragedia surda, povoada de imprecações e de desesperanças, que elle synthetizou nesta confissão feita, um dia, a Gorky: "O homem supporta com relativa facilidade os horrores das epidemias, dos terremotos e das torturas da alma: porém a tragedia mais terrivel lhe foi e será, sempre, a tragedia da alcova".

Que lhe restava, pois, de menos triste na inutilidade da vida? A arte, apenas. Doente de corpo e de alma, Tolstoi voltou-se para ella.

(*) *La tragedia sexual de Leon Tolstoy* — J. Kallinikow — Editorial Apolo, — Barcelona, 1932.

Visões falsas do Oriente

Andrée Viollis — "Changai et le destin de la Chine" — Editions R.-A. Corrêa — Paris, 1933.

Não faltam entre europeus corações generosos, capazes de intentar com rara obstinação a defesa dos povos opprimidos. Mme Viollis, de ha muito, inscreveu-se nesse grupo de humanitarios. Após terçar armas pela Turquia, vemol-a, agora, com bravura, ao lado da China. Mulher moderna, á displicencia prefere o movimento, assim, ao envés de ficar em Paris orientando-se como toda gente pelo incompleto das noticias telegraphicas, preferiu a observação *sur place*, mais segura, mais directa, mais humana, e eil-a a documentar-se entre os chinezes para offerecer á critica, através do *Changai et le destin de la Chine*, o resultado das suas apreciações.

Assistiu as miserias da guerra, comprehendeu os estados emocionaes que a peleja desperta alterando as physionomias individuaes e collectivas. Se a sensibilidade se transmittisse á distancia, não ha duvida, que em pról da China alcançaria os leitores todos do seu livro, tantas são as scenas pungentes e dolorosas que relata. Todavia, num conflicto entre povos não basta ouvir lamentações e queixas geralmente reciprocas. E' mistér, para um juizo firme, indagar, inquirir, pesquizar emfim, sua origem, sua natureza, sua finalidade. Só após póde vir a pronuncia ao pretorio do julgamento do mundo, e, mesmo assim, raramente, as conclusões têm elementos sufficientes para o convencimento da maioria, tão difficil é saber quem conta com a razão, com a justiça, com o direito.

Nesse caso sino-japonez, a opinião européa e talvez a do orbe inteiro labora num erro fundamental, isto é, quer julgal-o sob a pauta das nossas idéas occidentaes. Nosso vocabulario politico tem significação diversa no mundo oriental. Se a Russia, proxima de nós pelo forte elo do christianismo, desfigura-o a tal ponto que, se o "deus Marx" fosse vivo certamente não entenderia uma só linha da sua doutrina atravez da applicação sovietica, como esperar que chinezes e japonezes acceitem as nossas abstracções? Temos, assim, se justos quizermos ser, de abandonar os nossos principios e olhar a face realista do conflicto.

Na paizagem oriental ha, dum lado, um paiz em anarchia permanente, sem governo definido, sem formula de Estado na concepção do direito publico, um povo fechado á Europa, avessa á cultura do velho mundo; doutro lado, um Estado organizado na mais plena accepção do vocabulo, aberto ás influencias da cultura européa. Taes os aspectos fundamentaes do conflicto sino-japonez.

Se hoje já não é possivel reparar o grande erro politico dos governos do passado que permittiam que os missionarios aportassem ao oriente os ensinamentos da civilização européa, ensinamentos, que utilizam entre si e que amanhã, fatalmente, utilisarão contra a Europa, a mais sabia politica do velho mundo, deve ser a politica do interesse e do egoismo.

Ainda que amortecido pelo descaso das massas interessadas, não ha duvida que o communismo é o grande espantalho da Europa.

O Japão invadiu a China. Eis o facto. Mas, é facto tambem que fel-o quando já não mais podia tolerar que bandos irregulares continuassem a defraudar os Tratados que garantiam direitos de seus nacionaes na Mandchuria.

Diante da pluralidade dos governos chinezes, nenhum delles reconhecido *de jure* pela sociedade internacional, não lhe restou outro meio para defender-se da constancia obstinada das provocações. Fazendo-o, porém, as armas nipponicas vieram, a um só tempo, zelar pela observancia dos pactos juridicos, garantir a vida de um milhão de chinezes voluntariamente refugiados na Mandchuria e, por fim, evitar a penetração do communismo na Asia, desideratum talvez supremo dos generaes sino-bolchevistas.

Allega-se que diante da conducta japoneza um movimento nacional unanime produziu-se na China. E' possivel que assim seja, mas como argumento, o que vale essa unanimidade, aliás inexistente, se atravez della não se prova a ausencia do motivo juridico do lado japonez?

A Sociedade de Genebra deixou-se engodar pela sensibilidade e creou para seu prestigio uma situação delicada. Ao envés de pronunciar-se pelo Japão, que foi a seu plenario com os Tratados em mão, preferiu inclinar-se pela China, influida talvez pela leitura das gazetas da extrema esquerda mundial.

A reportagem de Mme Viollis é eloquente, humana, profundamente humana. Por vezes, entretanto, nos mostra os chinezes como elles são. Encontramos, por exemplo, um relato curioso. Citemol-o: *"Le Marechal Tchang Hsue Liang, à qui le gouvernement assure avoir donné l'ordre de se défendre, a préféré, ramener ses troupes à l'arrière, pour garder intacte son influence politique en Chine"*, p. 112.

Permittimo-nos terminar no mesmo idioma da citação desse facto caracteristico: — *"Voilà la Chine en face du Japon..."*.

UBALDO SOARES.

Creou, creou muito, acreditando — quem sabe? — que, assim, se consolava das ironias com que o destino lhe reticenciara a existencia mutilada. E foi assim mesmo, mutilado pelo amor, que cerrou para sempre os claros olhos compassivos, — elle, o grande revoltado que só achara para apostrophar a mediania da sua vida as blasphemias da propria genialidade...

*

Numa das suas novellas, Edmond Jaloux escreveu que a felicidade era o peor presente dado ao homem pela mulher, porque, cheia da monotonia de todas as perfeições, ella é triste como "um opio sem sonhos".

Tolstoi não bebeu desse opio estranho. Sonhou, comtudo, um luminoso sonho de amor, que a vida não humanizou talvez porque — artista — quizesse fazer, como fez, divino, o sonhador...

OSMAR PIMENTEL.

ELEGANCIAS
Vestidos — Chapéos
Lingerie.
Modelos de Paris
Lindissimos presentes de grande novidade.
ELEGANCIAS
OUVIDOR, 175

LETTRAS AMAZONENSES

No meio intellectual victorioso do Amazonas, no grupo idoneo de Academia que figura sobre os estrados, quem não soffre da paizagem soffre de camillismo e gongorismo. Copiam-se em todos os tons os verdes de uma natureza monotona, sem o menor respeito pelo unico bom poeta local, que é o igapó, mestre de sombras infixaveis de quem o pintor Reynoso recebeu optimos conselhos, ou ladrilha-se o periodo com uma dignidade vernacula que põe em apuros a propria familia, revisora responsavel pelas palavras repetidas.

Inutil insistir que a natureza só é impressionante no que ella esconde. Inutil pedir treguas aos pescadores de synonymos que vivem dynamitando os rios de Euclydes, com risco de extinguir uma especie rara. Ninguem se convence de que certas locuções exoticas com pretensões a adereço estylistico não passam de appendicites da fórma.

Se muitos comprehendem, em arte, o que é "saber supprimir", rarissimos o sabem. (A lucta muda dos vegetaes pela terra terá influido no super-povoamento de palavras se trançando no terreno das idéas?).

A analogia pode ser só pittorescamente casual, coincidente. Mas a verdade é que o sr. Pericles de Moraes, que se julga ensaista critico, ama furiosamente os cipoaes intrincados da phrase, perdendo o leitor n'uma divagação nebulosa de curupira litterario.

Nada melhor symboliza a victoria-régia do que o seu estylo graúdo, redondo e sem cheiro. Flôr sem essencia, flôr grande demais para ter pétalas e ser flôr.

Já o sr. João Leda, detective profissional da philologia, "filão" diurno e nocturno de Camillo, tempéra uma especie de "lingua ensopada com ellas". Os seus livros têm o sabor tradicional do caldo verde, desse caldo verde indigesto e decadente na mesa brasileira.

Arthur Reis é um vasculhador de datas que sacóde toda a poeira sobre as figuras e os episodios historicos. Leopoldo Péres, medalhão junior...

Não. Eu não negarei completamente a minha provincia querendo ser agradavel á metropole. Isto representa, para mim, o mesmo procedimento enfatuado da ignorancia nutrida na metropole, que se presume com direito, na provincia, de praticar todos os desrespeitos, só por ter ido daqui. Tambem não sinto necessidade, por não ser filho de pae continuo, de fazer alarde moral em torno da sua vida, como pretexto de aggressão aos notaveis. (Todos os intellectuaes que têm paes nullos inventam que elles são honrados).

Na minha longinqua provincia existe quem tenha talento. Existe quem esteja somente numa lucta de ambiencia, á espera, talvez, de alguns dias de fome para alimentar um pouco mais o brilho dos olhos. Existem temperamentos artisticos em plena angustia de concepção, padecendo o que eu gosto de definir como sendo o periodo em que se tem mais medo de morrer medíocre do que enforcado.

E' innegavel, por exemplo, o talento harmonioso de estheta ebrio de eloquencia do sr. Alvaro Maia, cujo espirito ameaça esterilizar-se na politica, nessa maldita politica que é como o amor requintado dos devassos: tem a volupia das posições.

Clovis Barbosa obstina-se, torturado, temendo um féto, na auto-critica de uma arte nervosa, com pittoresco e odio, uma arte soffrida de vinganças contra a luz electrica, trabalhada á luz de candieiro indeciso. *Escravos* é o titulo do romance em que promette retratar a vida de escravatura expontanea da cabocla amazonica, definindo o typo "cunhã".

Huascar de Figueiredo e o resto já devem ter sentido, como os maus nadadores, o horror da distancia vencida e o terror da que falta vencer.

ALDO MORAES.

E. A. P.

Empreza de Administração Predial

Sociedade Civil

Administração de bens.
Todas as garantias.
As melhores referencias

Direcção de

WALTER WEINSCHENCK
F. SEGADAS VIANNA
AURELIO A. ROCHA

AV. RIO BRANCO, 137
4°, s. 419
(Edificio Guinle)

ARTE PHOTOGRAPHICA

O distincto photographo Paul, de tão captivante irradiação pessoal, está organizando uma exposição de retratos de figuras prestigiosas da litteratura do paiz.

Ao louvavel certamen corresponderá sem duvida um bello successo, tanto mais quanto aquelle amigo dos nossos homens de lettras não é simples profissional mecanico e sim um verdadeiro artista da difficil especialidade a que se vem consagrando, ha tantos annos, com fervor e dedicação sempre crescentes.

Suas photographias são sempre de escrupulosa modelagem, de uma pureza de linhas inexcedivel, e ninguem mais do que elle sabe tirar partido dos suggestivos effeitos de luz e das poses *que, sem ir ao preciosismo enfatuado, tambem não descem nunca á vulgar composição de tantos mediocres calumniadores da figura humana.*

GRAMMATICA

Trabalho que corresponde perfeitamente aos seus fins é o manual de analyse syntactica dos professores Paula Reis e Norbertina Gomes. Muito merecidos os elogios tecidos aos dois, em criterioso prefacio, pelo professor A. Joviano, tambem uma das nossas boas autoridades em questões de pedagogia. Filho do sr. Lucano Reis, velho cultor das mathematicas e erudito cuja dedicação foi utilissima a varias gerações de discentes em nosso paiz, o sr. Paula Reis, efficientemente auxiliado pela sra. Norbertina Gomes, elaborou aquelle manual de modo intelligente e preciso, sem inuteis complicações e sem alarde de mãos preceitos philologicos que só serviriam para desnortear os alumnos.

Em summa, devido a estudos especializados e a uma longa experiencia adquirida no ensino diuturno da materia, os nossos distinctos patricios confeccionaram um opusculo em que tudo é claramente resumido e não ha nenhuma charlatanice de falsa sciencia grammatical.

Ataliba Nogueira — **Santo Antonio na tradição brasileira** — Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes" — São Paulo, 1933.

Bom livro sobre o Thaumaturgo de Lisboa e Padua, sobre aquelle que Leão XIII chamou "o santo de todo o mundo". Trabalho escripto com verdadeira uncção espiritual e escrupulosa documentação historica, sendo que a linguagem do autor, na sua clareza e transparencia, ajunta sempre uma nova luz aos factos por elle evocados.

EDIÇÕES FRANCEZAS

Já nos temos referido varias vezes á actuação, em Paris, do nosso distincto patricio R.-A. Corrêa, que é hoje, sem favor, um dos editores de maior prestigio entre as elites intellectuaes da Cidade-Luz. Agora mesmo, acabamos de receber uma serie de livros lançados pela sua casa e que tanto se recommendam pelos nomes dos que os subscrevem como pelo extremo bom gosto com que se apresentam aos olhos do leitor. Além do mais recente trabalho de François Mauriac, Le romancier et ses personages, *obra que sendo de uma das mais altas e expressivas figuras da litteratura franceza contemporanea bastaria para consagrar uma editorial, pudemos conhecer tambem* Une seule chair, *vigoroso romance de Magdeleine Paz, uma encantadora fantasia de Jules Supervielle,* Boire à la source, *o palpitante documentario de André Viollis,* Changai et le destin de la Chine, *algumas collectaneas de versos devidos a Jacques Baron* (Peines Perdues), *Jean Follain* (La main chaude), *Christiane Delmas* (Les oiseaux libres) *e, sobretudo, o delicioso poema em prosa de Jeanne Arcache,* La chambre haute, *com bello prefacio de R.-A. Corrêa, que se revela dest'arte, ao menos para nós que o desconheciamos sob este aspecto, um perfeito e magnifico escriptor.*

Prof. Octavio Domingues — **Eugenia** — Comp. Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Examinam-se aqui a eugenia, seus propositos e suas bases, em cinco lições. O autor, que é membro de varias sociedades scientificas, expõe muito bem o essencial desse intricado assumpto. São innegaveis seus meritos de divulgador. Trata de tudo com lisura, sem superfluidades irrisorias e em linguagem não eriçada de termos pedantes, de modo a fazer-se entender por todos. Historia muito bem o advento da nova sciencia, desde Gregorio Mendel, cujos dons divinatorios eram sempre confirmados pela sancção da experiencia, desde o frade obscuro que tanto influiu na explicação dos factores geneticos, ao mestre em problemas de hereditariedade que se chamou Francis Galton.

Alberto Torres — **A Organização Nacional** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

E' a obra maxima de Alberto Torres. Diz elle: "Dedico este appello aos meus patricios, em prol da reorganização da nossa vida politica e social, sob a inspiração das nossas tradições de honra e de bom senso, e com os progressos solidos e humanos proprios da nossa indole". Trabalho de conjuncto, organico, este livro é bem a synopse de toda uma existencia consagrada ao estudo, ao amor e á dignificação do Brasil. Todos os problemas essenciaes da nossa terra aqui se encontram numa synthese como só a podia traçar um dos espiritos mais syntheticos da America, um homem que, consoante a definição famosa, tudo resumia porque tudo comprehendia. O saudavel patriotismo e o optimismo creador persistiram sempre nesse mobilizador de idéas, mão grado os erros e os delictos da nacionalidade que por vezes tanto o tanto o indignavam. Adversario da politica empirica, pregoeiro da politica racional, queria elle o Brasil grande não só no sentido nacional como no internacional. Queria que a vida do Brasil importasse realmente em coefficiente de civilização. E tudo isso faz com que permaneça vivo, cada vez mais vivo, o pensador que milhares de moços reverenciam e cuja obra postuma está sendo presentemente o nucleo de admiraveis estudos de finalidade nitidamente brasileira.

Os contos de Marques Rebello

Tres Caminhos — Ariel Editora — 1933.

São tres romances num só livro, tres romances que não tiveram fim, romances que apenas se iniciam. "Se não prosegui, explica o autor, não foi por negligencia ou incapacidade. Falou mais forte a piedade de não lhes dar destino."

Vejo a lua no céo é o primeiro caminho e começa: "No tempo da grande guerra tinha eu sete annos." Marques Rebello pertence a essa geração que ahi está e que vê pasmada tudo se esboroar. Uma geração machucada, tomando conhecimento de si mesma na Grande Guerra e continuando o seu destino na angustia de todas as fallencias. E' natural que a velha Igreja que tem resistido a todas as miserias, erga-se soberba e forte como unica verdade; mas é natural a nossa inquietude, a nossa magua no meio de tanta ruina e decadencia. Os tres meninos de Marques Rebello são meninos brasileiros que soffrem a violencia do choque universal e vêm a familia que se quer desfazer, que baqueia ante as ondas dos tempos. E' o irmão que quer casar e é expulso de casa, é a mãe que chora, que soffre resignada, muda, é o pae forte, absoluto que se levanta contra a vida, contra a dôr silente da mulher, contra o grito do proprio coração. A tempestade cae: o filho volta para morrer e deixar orphãozinhos, a mãe tambem morre, e o pae vae tambem "num dia sombrio de Agosto". A irmã mais velha então congrega tudo, toma o logar vago dos paes, sacrifica-se sem saber como, sem vontade mesmo, mas heroica como a nossa geração supporta esse rosario de miserias e incertezas. E' talvez o espirito millennar da familia quem lhe dá forças, e é a familia que continúa quando tudo parecia feito para desfazel-a.

O sr. Marques Rebello não procura a realidade, ella surge espontanea, tão humana, que até o leitor cansado, gasto de tantos livros, sente uma infinita ternura e os olhos humidos. *Circo de Coelhinhos* é mais completo ainda que o primeiro, tão justo, tão equilibrado. E' a historia do moleque, a implicancia do moleque (talvez que elle gostasse mesmo dos coelhinhos...), o ciume misturado de inveja e saudade de casa do pequenino herói e depois o Destino cruel e cégo, desfazendo todas essas cousas *tão grandes* e o perdão de todos. Um romance completo em poucas paginas. Contos desses dias que correm lavados de lama, dôr e incertezas.

ARNALDO TABAYÁ.

Edições da Casa "Unitas"

Essa importante casa editora de São Paulo já reuniu em seu catalogo um grupo de escriptores notaveis, nos dominios das lettras puras, da sociologia, philosophia, etc.

Entre elles figura o Ivan Turguenief da *Assia*, com uma capa bem estylizada á moda russa e uma util noticia biographica. A narração caracteriza-se pela simplicidade propria do narrador sobrio e preciso que nunca abusou de localismos de qualquer especie e visou em tudo quanto escreveu um sentido amplamente universal. Pela emoção contida desse mestre da litteratura eslava, amigo intimo de Flaubert e Daudet, foi elle dos que mais se esforçaram para dar aos seus patricios o gosto da composição artistica perfeita, não obstante as campanhas sociaes em que tanto concorreu para melhorar a sorte dos reclusos nos carceres de São Petersburgo e Moscou.

A parte de sciencia é representada por um volume de A. Hesnard sobre *A Psychanalyse*, bom estudo da theoria sexual de Freud, synthese intelligente organizada por um professor e um especialista em doenças nervosas, cuja longa experiencia clinica o habilita a falar desses assumptos com indiscutivel autoridade. De resto, não se trata de um discipulo fanatico do psychiatra de Vienna e sim de um critico lucido e imparcial que tanto lhe aponta os meritos como os pontos precarios, combativeis, do seu systema.

A philosophia economica surge através da excellente biographia de Karl Marx, elaborada por Max Beer, num exame sereno da vida e da obra do theorista que tanto vem influindo nos destinos modernos. Marx e os seus escriptos como que ahi se explicam reciprocamente, sendo impossivel separal-os, visto como sempre formaram um todo homogeneo.

Finalmente, o manual orthographico elaborado pela "Unitas" é, no genero, dos mais completos e, mesmo discordando do genero, não ha como deixar de louvar-lhe a meticulosa confecção.

O cochilo de Marte

Voluntariamente leigo em assumptos bellicos, sómente a insipidez de um domingo chuvoso conseguiria o milagre de nos fazer folhear um numero da *Revista do Club Militar*, cahido, não sabemos como, sob nossos olhos.

Depois de ler uma copiosa memoria justificativa do escudo recem-adoptado por aquella associação de classe, em que o autor da peça heraldica amontôa conhecimentos sobre a nobre arte de brazonar, bebidos em vastissima bibliographia, passámos, sorrindo, a um aviso de S. Excia. o Sr. Ministro da Marinha, ácerca do "transito de praças de pret nos bondes."

O interesse do thema era devéras empolgante...

A' guisa de apresentação, um dos redactores do periodico bordou commentario longo, de columna e meia, salientando as excellencias da disciplina, "traço caracteristico do militar" e "victoria nos campos de batalha", illustrando a apologia com um exemplo edificante:

"Cita a historia que o general Ney, cuja coragem se fez famosa durante a campanha napoleonica, não era, propriamente, um valente ou absolutamente um destemeroso em face da morte, á qual enfrentava por mero amor ao perigo — ou melhor — para satisfazer e honrar o seu *pannache* como um Cyrano de Bergerac. Não, affirma-o a Historia; o homem que morreu tão bravamente durante a batalha de Waterloo, si não fôra um cultor extremado do dominio sobre si mesmo ou da disciplina, teria fugido covardemente diante do inimigo."

Esqueçamos a meia-duzia de reparos que merece esse trecho de ouro, de fundo e fórma tão apreciaveis. Porque nesse punhado de impropriedades e truismos ha um cochilo de maior calibre que não admitte preterição. Perdôa-se que um soldado escreva mal. Que adultere a historia do paiz que nos fornece instructores militares, antecipando a morte de um grande vulto das armas, com manifesto desconhecimento da batalha em que foi vencido o maior delles — é difficil. Ou, si se perdôa, não deve ser em silencio...

Não deixaremos impune a referencia inveridica á pusillanimidade de Ney. Si o grande soldado fosse realmente um poltrão disfarçado, não teria subido, de modesto escrevente de cartorio provinciano, a marechal e par de França, duque de Elchingen, principe de Moskowa, grande-cordão da Legião de Honra, cavalleiro de São Luiz e da Corôa de Ferro e grã-cruz da ordem de Christo. Fosse um medroso, controlado apenas pelo espirito de disciplina, e decerto não mereceria que os *grognards* da Velha-Guarda o cognominassem *"le brave des braves"* ou *"l'intrepide Rouquin"*. Pusillanime, não enfrentaria a morte superiormente, recusando-se a ajoelhar-se e a vendar os olhos, naquelle tragico 7 de Dezembro de 1815, quando commandou a propria execução: *"Soldats! Droit au cœur!"*...

Chegamos, sem querer, da maior injustiça ao maior erro historico perpetrado pela penna agaloada que traçou o infeliz commentario ao aviso de S. Ex. o Sr. Ministro da Marinha. Porque alli se diz, com absoluta segurança, que Ney morreu em Waterloo.

Quiz, sem duvida, o commentador alludir á celebre carga de cavallaria fixada no quadro de Sergent, certo de que, nessa arremettida, perecêra o marechal. Nada menos verdadeiro, porém.

Disposto a não sobreviver á sua tropa, Ney fez o possivel para morrer. Cinco ginetes morreram debaixo delle. Rôto, sujo de polvora, chegou a empunhar a arma de um granadeiro morto, lutando como simples soldado. Poupado pela morte, encerrou-se o cyclo de sua gloria para começar o de seu martyrio.

O convenio de capitulação, firmado em Saint-Cloud, a 3 de Julho, assegurava que ninguem seria punido por attitudes ou opiniões politicas anteriores ao accôrdo. Luiz XVIII, porém, não referendou esse pacto de militares, quanto á clemencia, declarando emphaticamente que "os maus seriam entregues á vingança da lei."

A lista dos inimigos da realeza composta por Fouché constava de 110 nomes que sua magestade reduziu a 57. Ney, que fugira de Paris, graças a dois passaportes apocryphos, concedidos pelo proprio duque de Otranto, não quiz a nova escapada que lhe era proposta. E a 19 de Agosto as grades da Conciergerie se fechavam sobre elle...

Não nos interessa, agora, rememorar o terrivel drama judiciario: os interrogatorios secretos, a côrte marcial, a eloquencia de Berryer, o appello á jurisdicção da Camara dos Pares, a culpabilidade reconhecida contra o voto unico e desassombrado do duque de Broglie, a sentença de morte, como réu de alta traição... E, finalmente, a execução immediata, que deveria inspirar, mais tarde, os pinceis de Gerôme e a phrase symbolica de Dupin: *"C'était le drapeau tricolore immolé au drapeau blanc!"*

Depoimentos accusatorios affirmaram que o marechal, recebendo de Luiz XVIII a espinhosa incumbencia de deter a marcha triumphal de Napoleão, se enchêra de orgulho, promettendo que traria o Corso numa gaiola de ferro. E, no emtanto, não podendo resistir ás circumstancias, adherira á restauração, procurando salvar as apparencias com um protesto irrisorio.

Alongámo-nos um pouco — é verdade — na evocação historica, não pelo desejo futil de mostrar conhecimentos que andam por ahi, ao alcance de qualquer mão. Basta dizer que apenas nos valemos de um livro, dos muitos que poderiamos consultar sobre o assumpto.

Isso põe em maior evidencia o cochilo de quem redigiu o commentario infeliz inserto á pag. 35 da *Revista do Club Militar*, numero 27, de janeiro ultimo. Porque, além do mais, o autor infringiu os tão sublimados preceitos disciplinares: a vida de um marechal foi adulterada pela penna de uma patente sem duvida menos elevada...

A 7 de dezembro de 1853 as autoridades francezas inauguraram solennemente a estatua erigida em homenagem a Ney, no mesmo local em que tombára ferido.

A reparação, embora tardia, reintegrára o vulto do grande soldado na galeria official do heroismo francez.

Esperemos, á vista de tamanho exemplo, que a *Revista* não se recuse a restabelecer a verdade historica sobre o duque de Elchingen, restituindo-lhe a coragem e transferindo convenientemente a data e o lugar de sua morte...

MELLO-NOBREGA.

JACY DE ANDRADE — SAUDADE — Empreza Graphica da *Revista dos Tribunaes* — S. Paulo, 1932.

Poemetos em prosa de uma commovente ingenuidade. O autor deve ser ainda muito moço e não convém, de modo algum, desencorajal-o...

Explicação scientifica da morte de Schaaf

(Estudo clinico e pathogenico do "knock-out")

O dr. D. Herxcheimer publicou ha tempos (*Zeits. f. Arztt. Fortbild*, 15-X-32) um interessantissimo trabalho sobre a pathogenia do *knock-out*. Não é de hoje que o "box" interessa e preoccupa os medicos. São numerosos os artigos que as mais graves revistas de medicina do mundo têm publicado, nos ultimos tempos, a proposito do pugilismo e suas consequencias. O caso recente de Schaaf, que os punhos poderosos de Primo Carnera atiraram dramaticamente nas cordas do *ring* para nunca mais se levantar, collocou de novo no cartaz a questão da pathogenia do *knock-out*. E a interrogação terrivel agitou durante longos mezes todos os jornaes dos Estados Unidos e do mundo: — Foi Carnera quem matou Schaaf? Restava saber se realmente fôra o murro inexoravel do "monstro italiano" que fôra a causa efficiente da morte do pugilista *yankee*. Uma coisa, pelo menos, estava provada: atirado, *knock-out*, nas cordas do *ring* por Carnera, Schaaf não ouviu mais a voz do *gong* e foi morrer, pouco depois, n'um leito de hospital. O caso fez escandalo, foi discutido por medico-legistas e juizes, mas não chegou a ser cabalmente elucidado. O Dr. Herxheimer, entretanto, no seu curiosissimo artigo sobre a physiopathologia do *knock-out* projecta alguma luz sobre o assumpto, facilitando a comprehensão do drama de Schaaf.

— Como se produz o "k. o." nos *matches* de box? Eis a interrogação que o dr. Herxheimer se propõe responder de accôrdo com a sciencia, baseando a sua opinião em pesquizas de physiologia e physiopathologia. Vale a pena resumir succintamente o pensamento que esse eminente pesquizador expõe sobre a pathogenia do *knock-out*.

O que caracteriza o "k. o." é a quéda do pugilista ao solo, sem poder levantar-se, durante dez segundos. Varias hypotheses podem occorrer nesse caso:

1º) o pugilista pode perder a consciencia por longo tempo;

2º) o pugilista pode soffrer amnesia retrograda;

3º) o pugilista pode, mais tarde, apresentar phenomenos de agitação motora;

4º) o pugilista pode cahir, conservando no emtanto o conhecimento e perdendo apenas os movimentos (impotencia funccional transitoria).

5º) pode occorrer, mesmo, a morte, em consequencia de traumatismo dos centros nervosos.

Todas essas hypotheses, porém, não têm a mesma significação physiopathologica, nem a mesma explicação pathogenica.

O *knock-out*, ao contrario do que suppõem os leigos, não tem uma só origem. Elle tem causas e explicações multiplas. O dr. Herxheimer estuda cada caso separadamente, procurando explicar-lhes, com criterio scientifico o mais severo, a pathogenia. Examinemos os casos estudados pelo dr. Herxheimer.

No "directo" do mento, o lutador que o recebe cae fulminado, "por suppressão da funcção cerebral". Uma subita paralyzia do apparelho circulatorio não poderia causar uma quéda tão instantanea. Ahi o que intervem evidentemente é um disturbio nervoso: uma paralyzia do apparelho do equilibrio (labyrintho, etc.). Não se póde precisar com exactidão, nos differentes casos que surgem, se o choque cerebral se deu pela propagação directa do golpe ao "rochedo" do "temporal", por intermedio da articulação "temporo-mandibular", ou se occorreu em consequencia da producção indirecta de uma commoção nervosa. A questão fica aberta, comportando as duas interpretações.

Em um caso de *knock-out*, Gutman observou a producção de vomitos. Mas este facto pode occorrer em differentes circumstancias, admittindo diversas interpretações. Esses vomitos, quando se prolongam, podem significar um compromettimento mais grave do "systema nervoso central". Em geral, quando passageiros, correm por conta de simples desequilibrio "neuro-vegetativo", e não têm consequencias.

Quando o golpe não é extremamente energico, podem occorrer dois casos:

a) a perda da consciencia dura apenas poucos segundos ("forma syncopal" de Bellin du Coteau);

b) o lutador não perde a consciencia, mas apenas a motilidade ("forma lipothymica", de Montier). São duas formas benignas e inconsequentes.

Ha ainda uma especie de *knock-out* que é causada evidentemente por um "transtorno circulatorio". E' a mais rara; mas existe. Apresenta-se quando o golpe attinge o "epigastrio" ou a região do "plexo solar" (experiencia de Goltz) ou ainda (se com grande violencia) a "região precordial" ou o "seio carotidiano". Nesses casos produz uma paralyzia subita e a mór parte das vezes transitoria do coração, com accumulação esplanchnica de grandes quantidades de sangue, anemia cerebro-espinhal e perda da consciencia. Comtudo, esta forma de "k. o." não costuma provocar a quéda fulminante do boxista, mas apenas o seu desequilibrio.

Não raro é possivel a coexistencia das duas formas de *knock-out*: o nervoso e o circulatorio. Isto se dá quando o "directo" attinge simultaneamente a mandibula e o seio carotidiano.

O *knock-out*, em geral não requer tratamento: a motilidade e a consciencia são recuperadas rapidamente sem nenhuma intervenção ou therapeutica. O proprio organismo se defende, restabelecendo o equilibrio acaso perturbado. Entretanto, algumas vezes a quéda do pugilista, com todo o peso do corpo, sobre as cordas do *ring*, póde originar graves hemorrhagias "sub-duraes", que nem sempre são diagnosticadas immediatamente e cuja gravidade pode ser excepcional. Esses disturbios tardios do systema nervoso podem determinar mesmo a morte do lutador.

Não terá sido este o caso de Schaaf? A questão não foi convenientemente esclarecida. Mas o trabalho do Dr. Herxheimer abre caminho para a sua interpretação scientifica.

PEREGRINO JUNIOR.

Leiam:

T. S. MATTHEWS

A CAMINHO DA FÔRCA

(Trad. de GASTÃO CRULS)

DE PARIS

Uma obra prima: "Crime e Castigo"

Ha algumas semanas tinha eu o immenso prazer de assistir, em companhia do illustre professor Gilberto Amado, á primeira representação, no Theatro Montparnasse, de *Crime e Castigo,* espectaculo de que sahimos profundamente abalados, tanto nos impressionou a acção pathetica deste drama.

Esse livro de Dostoiewsky foi escripto parte na França e parte na Italia. Condemnado o autor aos trabalhos forçados devido a tendencias revolucionarias, foi d'aquelles dois paizes que, folha por folha, o romance foi remettido ao editor que, por signal, adeantava sem generosidade ao escriptor as sommas que lhe permittiam viver.

O livro apparece em 1866. "A Russia inteira ficou doente." As almas latinas não foram feitas para comprehender o gosto da desgraça fixado com tanta pujança em *Crime e Castigo*. Não temos essa religião do soffrimento, essa necessidade morbida da expiação, mas como nos inclinamos com piedade deante do abysmo de complexidade e de dôr que é a alma russa!

Crime e Castigo tem sido levado á scena, frequentemente, em todas as linguas. Não creio que se possa adaptar com mais gosto, escolher os episodios com mais arte, respeitar tão piedosamente o pensamento e a linha geral do trabalho como o fez Gaston Baty, que na verdade conseguiu dar-nos a quintessencia desse livro bizarro e complexo. Além disso, Gaston Baty soube organizar admiravelmente os scenarios, os effeitos de luz, a musica: tudo creando a mais authentica das atmospheras. Vinte quadros se succedem sem demoras; emquanto um scenario e os interpretes se desvanecem lentamente na penumbra, surge aos poucos o quadro seguinte. Um milagre de precisão e rapidez.

Parece-me que seria um crime e que um castigo me attingiria immediatamente se eu quizesse narrar em todos os detalhes esse romance tão conhecido de Dostoiewsky. Haverá quem ignore a aventura desse estudante pobre cujo orgulho, exacerbado por perigosas leituras, o leva a crer-se chamado aos mais altos destinos? Para isso, elle sente-se collocado, como todos os conquistadores, acima das leis humanas e divinas, e vislumbra um direito, para subsistir, de supprimir pequenos interesses humanos. E commette um crime. Vemos o taciturno Raskolnikov, presa do orgulho, decidir-se a matar para seguir a idéa avassaladora. Eil-o na escada de Aliona, hesitante, e, depois, tocando a campainha debil e entrando para libertar-se da obsessão impiedosa. Liberta-se, afinal! Mas, ah! desde esse momento o desgraçado estudante não conhecerá mais um minuto de calma. Febril, inquieto, acuado pelo commissario Porphyro, consegue escapar á policia, mas não póde fugir á propria consciencia. Isola-se, abandona os parentes e os amigos, e só encontra uma miseravel prostituta que o ajuda a levar a pesada cruz pelos caminhos da vida. Os modos estranhos de Raskolnikov indo ao lupanar fazer um confronto entre a sua miseria e a de Sonia, e receber da prostituta a sua redempção, era thema para ser tratado com escrupulosa delicadeza, e Gaston Baty soube traçal-o com rara habilidade. A intriga por vezes complexa do enredo tornase por momentos de extrema simplicidade: mas é sempre sufficiente para o desenvolver do thema de uma philosophia elevada que, por vezes, chega até as nuvens. A acção prende pela curiosidade, a ideologia leva-nos para além das contingencias, e a sensibilidade de tudo não deixa de nos falar ao coração. Um não sei quê que está em todas as scenas e um rythmo de rara virtuosidade acabam o milagre. Espectaculo pathetico que não cáe nunca no melodrama ou na intriga policial: drama de uma alma que peccou pelo orgulho e que se redime pela humildade e pela dôr.

Gaston Baty, com a perfeição implacavel que o caracteriza, restituiu aos nossos olhos a face verdadeira de uma Russia hoje desapparecida por inteiro. A sombra jámais apaziguada de Raskolnikov bem merecia uma tal fortuna.

A peça foi unanimemente applaudida.

Crime e Castigo é um espectaculo allucinante de verdade, de uma verdade a um tempo estylizada e photographica, symbolica e realista.

E' um drama que prende até o mais intimo, essa exploração do inconsciente humano, essa tragedia interior que põe em relevo o elemento espiritual da alma russa; toda essa atmosphera attráe o publico, que foge litteralmente do mundo para seguir a acção, grandemente pathetica na dor, do estudante Raskolnikov.

E' trabalho excepcional.

MARGUERITE PICARD-LOEWY.

Revista do Instituto Archeologico, Historico e Geographico de Pernambuco — Vol. XXXI. — Ns. 147 a 150. — Recife, 1933.

E' publicação que muito honra á intellectualidade pernambucana. Aliás não era de esperar outra cousa quando vemos, constituindo a sua commissão de redacção, os nomes dos drs. Mario Mello, Samuel Campello e Carlos Pereira da Costa. Difficil seria destacar o que mais nos prendeu á leitura desse volume, precioso sob todos os aspectos e onde se elucidam com erudição e brilho alguns themas do mais agudo interesse para um melhor conhecimento da grande terra de Joaquim Nabuco.

José Julio Soares — **Sociedades Cooperativas** — 3ª edição — Livr. Editora Freitas Bastos — Rio.

O cooperativismo está em plena voga e é assumpto indispensavel nos programmas de reivindicações sociaes. Comtudo, se todos nelle falam, bem poucos o conhecem na sua organização, isto é, na formação de syndicatos, e cooperativas propriamente ditas, no estabelecimento de bancos ruraes, caixas agricolas, armazens geraes e outras muitas questões que se relacionam intimamente. Tudo isso, entretanto, é perfeitamente explanado no magnifico livro do sr. José Julio Soares, sem duvida um dos melhores trabalhos que já se publicaram entre nós sobre a mesmo assumpto.

Maurice Dekobra — **A Gondola das Chimeras** — Arturo Vecchi & Freitas Bastos, editores — Rio.

Maurice Dekobra é hoje um dos escriptores mais lidos e os seus livros attingem tiragens inverosimeis. Embora o preferissemos na sua primeira phase, de menos exaggeros e maior finura de humor, como naquelle delicioso *Hamygdale, le philosophe,* foram as obras subsequentes que lhe deram a grande popularidade e o fizeram saboreado em varias linguas. Entre essas destaca-se, como uma das melhores, *A Gondola das Chimeras,* agora vertida para o portuguez, numa cuidada traducção de Elias Davidovich.

Euclides Andrade — **Caipiras e Caipiradas** — Civilização Brasileira — Rio, 1933.

Este sr. Euclides Andrade, que usa o pseudonymo de "Epandro", conhecidissimo na Paulicéa, é sem duvida um dos nossos bemfeitores na hora presente. Emquanto os homens de governo pretendem amargurar-nos a vida, este humorista sem pretenções e sem alardes litterarios tem a estimabilissima virtude de fazer-nos rir. Suas narrações jocosas são de uma espontaneidade narrativa que nada fica a dever á do Cornelio Pires dos melhores momentos e, deante de tantas preoccupações economicas que nos cercam, não sabemos de melhor conviva para o nosso espirito. Os casos do roceiro que perdeu as calças no trem de ferro; do matuto envergonhado que recusa o jantar do amigo e depois se atira com voracidade aos acepipes; do provinciano que encontra o escriptorio de certo doutor "cheio de orphãos e ausentes", são devéras hilariantes. Figura o sr. Euclides Andrade entre os melhores continuadores de Arthur Azevedo e a tonalidade caipira que infunde a todos os seus trechos anecdoticos não é um encanto a menos para quantos amam a bonhomia ou a matreirice dos nossos bons irmãos da Jécatatulandia.

Anisio Jobim — **Panoramas amazonicos** — Manáos, 1933.

E' estudado aqui o municipio de Coary, em seus elementos historicos, geographicos e ethnographicos. O autor, homem culto e viajado, desobrigou-se muito bem da tarefa de descrever, em util monographia, um dos municipios de maior significação da unidade amazonica. Conhecendo de perto esse prospero recanto nortista, onde viveu longos annos no desempenho de um cargo de magistrado, o sr. Anisio Jobim, que realmente se affeiçoou a uma terra tão bella e rica, descreve-a em paginas que dão vontade de fazer uma excursão até lá. Simples, sem descer nunca á banalidade, o historiador de Coary não occulta o seu enthusiasmo pela região de que ha muitos annos nos affirmava o grande Tavares Bastos: "Como o Brasil inteiro, tem o Amazonas certeza do seu progresso".

Georges Simenon — **L'Écluse n. 1** — Editor A. Fayard — Paris, 1933.

Acção e mysterio, eis as principaes caracteristicas do romancista francez Georges Simenon, que a Editora Ariel Limitada teve o prazer de revelar ao publico brasileiro, em excellentes traducções que se espalharam pelo Brasil todo.

Assignale-se não ser elle apenas um urdidor de tramas policiaes, uma especie de mestre do horror cujo unico merito consista em atormentar os nervos do proximo. Ao contrario, trata-se de um sagaz psychologo que não deixa nunca de mesclar aos seus crimes enigmaticos um accento de descripção flagrante dos costumes da capital ou das provincias da França. O enredo palpitante de surpresas é apenas um pretexto para reter a attenção de certos leitores rebeldes á verdadeira obra de arte e, uma vez obtida essa attenção, o autor vae insinuando detalhes moraes ou lances typicos que revelam pertencer elle á familia dos bons observadores da vida franceza.

Especialmente neste volume de agora, que é o inicio de uma nova serie de romances de Simenon, o lado psychologico vae tomando um realce cada vez maior, emquanto a simples aventura ou a simples anecdota vão sendo mais e mais relegadas a um segundo plano. Trata-se de um volume em tudo a altura de precisar as novas tendencias do escriptor que tem sido elogiado pelos julgadores mais idoneos da França, René Lalou, Pierre Mille e tantos outros.

Paul Reboux — **A mesa e a sobremesa dos dieteticos** — Comp. Editora Nacional — São Paulo, 1933.

"300 receitas de deliciosos pratos para todos os enfermos sujeitos a regimens especiaes". O livro é de um dos escriptores mais faceis e escorreitos da França, desse admiravel Paul Reboux que versa com egual destreza o romance, o conto, a parodia e a chronica, sem nunca atacar os leitores de perigosa somnolencia. Louve-se aqui, particularmente, o benigno interesse do autor em favorecer a clientela dos dyspepticos, diabeticos e outros senhores a quem os medicos impõem restricções alimenticias por vezes desagradaveis. Reboux, apostolo da culinaria, prova que é possivel conciliar a severidade dos esculapios com centenas de pratos que nada offereçam de repulsivos e sejam mesmo tão appetitosos e saborosos quanto os demais. A traducção, bastante escrupulosa, é do sr. Reynaldo Valverde.

Alberto M. Candioti — **El Jardín del Amor** — Editor M. Gleizer — Buenos Aires, 1933.

Figura eminente da diplomacia argentina, o sr. Alberto M. Candioti destaca-se tambem como um finissimo cultor das bellas lettras. Prova evidente do seu bom gosto e da sua elegancia de escriptor é este volume consagrado á "*vida de um joven emir damasceno do seculo VI da Hegira*".

Antes de lel-o, já o leitor se vae deliciando com o conspecto do volume, uma linda obra de arte, tal a excellencia do papel, a nitidez da impressão e a bizarra fantasia das illustrações, devidas ao notavel pintor russo Ivan Schenchine.

Mas não só a exterioridade é aqui fascinante. Tambem a polpa é das mais preciosas, pelas delicadas notas de orientalismo que a enriquecem.

Soccorrendo-se de velho truque, utilizado, entre outros, por Pierre Louys ao lançar as famosas *Canções de Bilitis*, o sr. Alberto M. Candioti attribue este trabalho ao auxilio de um velho arabe que lhe facilitou o conhecimento do manuscripto archaico que relatava a existencia aventurosa daquelle intrepido filho de Damasco, ou seja do principal herói da narração.

Mas não é difficil ver que se trata apenas de um gracioso engodo aos possiveis leitores credulos. Esta engenhosa successão de lances de amor e batalhas, ou de impulsos de mysticismo e voluptuosidade, traz, de algum modo, a marca de um contemporaneo nosso, dada a preoccupação de certos factores psychologicos que não atormentavam demais os felizes moradores do Oriente, facilmente contentados pelas suas roseiras, pelos seus licores e pelas suas huris.

Vê-se bem que o autor é de um seculo mais complicado que aquelle em que faz decorrer a acção do seu livro, aliás sem nenhum anachronismo irritante, sem falsear uma vez sequer a linguagem, a indumentaria e a ambiencia collectiva do periodo que evoca com indiscutivel autoridade.

Rodrigo Octavio Filho — **Mario Pederneiras** — Renascença Editora — Rio, 1933.

Bello estudo de conjuncto em que foram reunidos todos os elementos necessarios á elucidação de um dos mais nobres e altos temperamentos de poeta que o Brasil já produziu.

Como bem accentúa o sr. Rodrigo Octavio Filho, em quem a ternura familiar ou affectiva não obumbra nem uma vez sequer a nitidez do espirito critico, foi Mario Pederneiras o mais moderno dos nossos artistas, o cantor do Rio e dos arredores do Rio, das emoções domesticas e das diversões em que os citadinos expandem a sua nostalgia do campo e dos antigos recreios pastoris. Sentiu como nenhum outro, antes de nenhum outro, a vida nervosa, a inquietação e a surda melancolia das ruas da grande urbe em que se ia transformando a pacifica Sebastianopolis das procissões e dos reizados ingenuos. Foi, no mais dignificador dos sentidos, o poeta do lar burguez e da vida urbana. Fez no Brasil, com inspiração não menor, o que fez em Portugal um Cesario Verde.

Aliás — frisa-o intelligentemente o seu retratista mental de agora — não deixou discipulos. Deixou apenas imitadores canhestros, que não lhe egualam nunca o tom de bucolica ingenuidade com que fala das cigarras ou dos jardins arrabaldinos.

Já era tempo que alguem, documentando-se ás direitas, marcasse o que a nossa poesia deve a Mario Pederneiras e o volume do sr. Rodrigo Octavio Filho é tambem contribuição das mais valiosas para o exame do periodo symbolista, de que emergiu o autor do *Outomno*, marchando, de certas bizarrices do começo, para a arte simples, para a poesia por assim dizer classica dos seus ultimos tempos.

ANTENOR NASCENTES

DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA

Grosso vol. de cerca de 900 pgs., in-8°

Meia-encad. percaline .... 50$000
Meia-encad. couro .... 60$000

Pedidos a

Ariel Editora Ltda.

— e —

Livraria Francisco Alves

Rio de Janeiro

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Gilberto Amado — *Dias e Horas de Vibração* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Agrippino Grieco — *São Francisco de Assis e a Poesia Christã* — Ariel, editora ltda. — Rio.
Oliveira Vianna — *O Occaso do Imperio* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Francisco Venancio Filho — *Notas de Educação* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Henrique Pongetti — *Deserto Verde* — Flores & Mano, editores. — Rio.
Octavio Domingues — *Eugenia, em cinco lições* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Rubey Wanderley — *Alciône* — Edição fóra do commercio — Nietheroy. Est. do Rio.
Rocha Ferreira — *Tentação de Ser Feliz* — Emp. Graph. A Capital Editora — S. Paulo.
Euclydes Andrade — *Caipiras e Caipiradas* — Civilização Brasileira — Rio.
Alberto Torres — *O Problema Nacional Brasileiro* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
Dante Costa — *Feira Desegual* — Editorial Duco. — Rio.
Alberto Torres — *A Organização Nacional* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Rodrigo Octavio Filho — *O Poeta Mario Pederneiras* — Renascença Editora — Rio.
Heitor Moniz — *Vultos da Litteratura Brasileira* — Editora Marisa — Rio.
Belmonte — *Assim Falou Juca Pato* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
José Julio Soares — *Sociedades Cooperativas* — Theoria e Pratica — 3ª edição — Livr. Freitas Bastos — Rio.
Mario Vilalva — *Poemas de Hontem e de Hoje* — Edições Pongetti — Rio.
Malba Tahan — *Lendas do Deserto* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
Max Beer — *Karl Marx* — Sua vida e sua obra — Graph. Editora Unitas Ltda. — S. Paulo.
I. Turguenief — *Assia* — Edições Unitas — S. Paulo.
R. Howard — *O Mysterio da Madison Square, 68* — Edições Unitas — S. Paulo.
A. Hesnard — *A Psychanalyse* — Edições Unitas — S. Paulo.
Val Lewton — *Rasputin e a Imperatriz* — Civilização Brasileira S. A. — Rio.
R. L. Stevenson — *O Club dos Suicidas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
W. H. G. Kingston — *Ao Longo do Amazonas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.
Mauricio Dekobra — *A Gondola das Chimeras* — Arturo Vecchi & Freitas Bastos & Cia. — Rio.
Paul Reboux — *A Mesa e a Sobremesa dos Dieteticos* — Cia. Editora Nacional — S. Paulo.

Heitor Moniz — Vultos da Litteratura Brasileira — Marisa, Rio.

Embora muito moço, o sr. Heitor Moniz é um trabalhador incansavel e as suas actividades jornalisticas não lhe impedem a elaboração de livros interessantes, que se succedem, formando-lhe já uma bôa bagagem litteraria. Entregue de preferencia aos estudos de historia, não pequena tem sido a sua contribuição para um melhor conhecimento do nosso passado, conforme se poderá ajuizar por uma serie de volumes que já publicou e têm tido excellente acceitação do publico. Agora, porém, em *Vultos da Litteratura Brasileira* é outro o sector para que se volta a sua inelligencia e vemol-o a traçar o perfil ou analysar a obra de algumas grandes figuras das nossas lettras, pricipalmente de varios poetas dos mais queridos e admirados, como Castro Alves, Casemiro de Abreu, Laurindo Rabello, Fagundes Varella, Raymundo Correia e outros. O volume finaliza com um bem lançado estudo sobre o nosso Romantismo.

H. RIDDER HAGGARD — A VOLTA DE ELLA — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1933.

Em boa traducção da sra. Cordelia Marcondes dos Santos, temos, no momento, a continuação da trama novellesca do famoso volume *She*, em que os desaffectos de Pierre Benoit insinuaram haver este bebido inspiração para os trechos mais caracteristicos da rumorosa *Atlantide*. Grande conhecedor do Continente Negro, Ridder Haggard, que se tornou notavel em portuguez graças á maravilhosa transposição verbal das *Minas de Salomão*, devida á penna do genial Eça de Queiroz, verá augmentar o numero dos seus leitores, em face da divulgação que a Companhia Editora Nacional está presentemente fazendo dos seus melhores livros.

NOTAS ESTRANGEIRAS

— O ultimo livro de François Porché, *Verlaine tel qu'il fut*, continúa a agitar os meios litterarios francezes e, agora mesmo, trava-se polemica, atravez das paginas das *Nouvelles Litteraires*, entre o seu autor e o sr. Albert Thibaudet. Para este, François Porché teria "assassinado" o poeta de *Sagesse*, positivando factos que estão apenas no dominio das conjecturas e ainda mais sombreiam algumas passagens já bastante escabrosas da attribulada vida do pobre Lélian.

— O editor Grasset acaba de lançar um livro que era esperado pelo publico francez com viva anciedade. Trata-se da traducção das copiosas paginas em que a escriptora americana Mabel Dodge Luhan se reporta ao seu convivio com o celebre autor d'*O amante de Lady Chatterley* durante a estada deste no Novo Continente, onde se inspirou para escrever *A serpente de pennas*. A obra, que foi traduzida por J. E. Blanche e André Pierhal, traz interessante prefacio do primeiro e tem por titulo: *Ma vie avec D. H. Lawrence au Nouveau Mexique*.

— A personalidade de André Gide continúa a preoccupar biographos e ensaistas. Assim, a seu respeito, tivemos num curto espaço de tempo os tres notaveis livros de Ramon Fernandez, René Schowb e Léon-Pierre Quint. Agora, pela revista *Études*, é o sr. Victor Poucel que nos dá novas vistas sobre o autor de *Si le grain ne meurt*.

— Aldous Huxley é tido hoje como um dos melhores romancistas da Inglaterra contemporanea e os seus livros, principalmente depois do successo de *Contraponto*, conseguem tambem uma grande acolhida por parte do publico francez. Agora mesmo acabam de ser passados para o idioma de Racine mais tres livros seus: *Cercle vicieux*, *Le meilleur des mondes* e *Le petit mexicain*. A estes livros, sobretudo ao primeiro, Edmond Jaloux, no seu apreciado folhetim das *Nouvelles Litteraires*, tece as mais elogiosas referencias.

— Completando o recente interesse despertado pelo excellente livro de René Dumesnil sobre a personalidade de Flaubert, o editor Malfère, de Paris, acaba de lançar o livro de Hélène Frejlich que tem por titulo *Flaubert d'après sa correspondance*.

— O dr. Voronoff não é apenas o homem dos enxertos que lhe deram celebridade. Escriptor vigoroso e scientista moderno já publicou tambem alguns livros interessantes, entre os quaes está o mais recentemente apparecido e que se intitula *Les sources de la vie*.

— A Academia Franceza concedeu o seu grande premio de literatura a Henri Duvernois pelo conjuncto de suas obras entre as quaes se contam *Morte la bête*, *Edgard*, *La maison des confidences* e, ultimo publicado, *A l'ombre d'une femme*, obras essas que sempre lograram grandes successos de livraria.

— Compensando as desconsiderações que soffreu na Allemanha, Einstein tem tido a mais carinhosa acolhida dos meios intellectuaes francezes. Agora mesmo, além da cathedra que já lhe foi dada no Collegio de França, o creador da Relatividade foi recebido como membro effectivo da Academia de Sciencias, distincção que excepcionalmente se confere a um estrangeiro.

— O Governo Francez confiou a Paul Valery a fundação, em Nice, de um Centro de Estudos Mediterraneos. Este instituto terá por missão promover a realização de conferencias por eminentes personalidades scientificas e litterarias e, tambem, do magisterio superior, e será um centro de intercambio intellectual onde se reunirão escriptores, sabios e artistas. Nice deixará de ser assim apenas a cidade encantadora da *Promenade des Anglais* e dos hoteis de grande luxo para transformar-se num notavel centro de cultura mediterranea.

Os grandes successos do momento

AGRIPPINO GRIECO

São Francisco de Assis e a Poesia Christã

Notavel série de ensaios sobre os maiores poetas religiosos de todos os paizes, desde o Pobrezinho de Assis até o nosso Alphonsus de Guimaraens.

Estudo de conjuncto sobre a poesia mystica como ainda não se publicou nenhum em nosso paiz.

PLANO GERAL DO LIVRO:

I — ITALIA
São Francisco de Assis
Dante Alighieri — Torquato Tasso

II — HESPANHA
Santa Thereza

III — ALLEMANHA
Klopstock — Balladas

IV — FRANÇA
Chateaubriand — Lamartine
Veuillot — Baudelaire
Verlaine — Péguy — Mistral

V — INGLATERRA
Milton — Southey e Leigh Hunt
Keats e o Néo-Hellenismo
Dante Gabriel Rossetti
Christina Rossetti — Wilde

VI — PORTUGAL
Anthero — Nobre
Gomes Leal — João de Deus

VII — AMERICA DO NORTE
Longfellow — Poe

VIII — NICARAGUA
Rubén Dario

IX — BRASIL
Varella
José Albano — Alphonsus

PREÇO: — 8$000 EM TODAS AS LIVRARIAS

GILBERTO AMADO

Dias e Horas de Vibração

Palpitante panorama da grave crise politica e social que assoberba o mundo, pelo grande pensador e magnifico estylista d'*A Chave de Salomão* e d'*A Dansa sobre o Abysmo.*

PRINCIPAES CAPITULOS DO LIVRO:

Meditações no mar sobre o Brasil — Uma sessão na Camara Franceza — Um olhar de Paris sobre o mundo — Uma visão da Sorbonne — A perseguição aos Judeus — No turbilhão do momento — A dansa das moedas — Aspectos da vida universitaria em França.

PREÇO: — 5$000 EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS A

ARIEL, EDITORA LTDA.

Edificio d'*A Noite* — 8º andar - Salas 814/815 7, PRAÇA MAUÁ, 7 — RIO DE JANEIRO

ACABA DE APPARECER:

GILBERTO AMADO

Dias e Horas de Vibração

PREÇO: 5$000

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.
Edificio d'*A Noite* — 8º andar - Salas 814/815
7, PRAÇA MAUÁ, 7 — RIO DE JANEIRO

A APPARECER BREVEMENTE:

JOSE' LINS DO REGO

Doidinho

(Romance)

Lembrete:
Do mesmo autor: MENINO DE ENGENHO

Pedidos desde já a
ARIEL, EDITORA LTDA.
Edificio d'*A Noite* — 8º andar - Salas 814/815
7, PRAÇA MAUÁ, 7 — RIO DE JANEIRO

LEIAM:

ODILON NESTOR

APPROXIMAÇÕES

(Bellos ensaios de esthetica)

PREÇO: 5$000
EM TODAS AS LIVRARIAS

CASA AYRES

Moveis Estofados — Decorações Interiores

D. R. AYRES

37 — AVENIDA MEM DE SA' — 37
TELEPH. 2-4695 RIO DE JANEIRO

ACABA DE APPARECER:

A Sabotagem do Plano Quinquennal

(Processo dos engenheiros de Moscou)

PREÇO: 5$000
EM TODAS AS LIVRARIAS

Obras de ALBERTO RANGEL
que podem ser pedidas a ARIEL, editora ltda.,
Edificio d'*A Noite* — 8º andar - Salas 814/815
7, PRAÇA MAUÁ, 7 — RIO DE JANEIRO

Inferno Verde — br. 7$, enc.	9$000
Quinzenas de Campo e Guerra — br. 7$000, enc.	9$000
Quando o Brasil Amanhecia — br 7$, enc.	9$000
Livro de Figuras — br. 7$, enc.	9$000
Lume e Cinza — br. 7$, enc.	9$000
Textos e Pretextos — br. 7$, enc.	9$000
Papeis Pintados — br. 7$, enc.	9$000
D. Pedro I e a Marqueza de Santos — br. 25$000, enc.	29$000
Fura-Mundo! (Edições de luxo):	
Papel Lafuma, br.	50$000
Papel do Japão, br.	200$000
Papel da China, br.	300$000

ULTIMAS NOVIDADES "SCHMIDT":

AMANDO FONTES

OS CORUMBAS

Romance — Preço: 7$000

LUCIA MIGUEL PEREIRA

MARIA LUIZA

Romance — Preço: 7$000

PLINIO SALGADO

O que é o Integralismo

Preço: 5$000

Pedidos a
MAIA & SCHMIDT
RUA SACHET, 27 RIO DE JANEIRO

Anno III Setembro 1934 N. 12

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira — Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria — V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE: Agrippino Grieco

Antonio Torres

Conheci Antonio Torres no anno já remoto de 1914, anno da grande guerra e de aguda crise financeira para o Brasil, como de resto todos os outros.

Torres acabava de deixar a redacção da Ultima Hora, vespertino de opposição ao governo Hermes, summariamente fechado pela policia, por ter estampado, se bem me recordo, certa caricatura desrespeitosa ao dito marechal. Nesse jornalzinho, onde não existia propriamente director, reinava uma especie de regimen communista. Não se estipulavam ordenados fixos, devendo ser os lucros divididos irmãmente por todos os redactores. Infelizmente para Torres e os demais plumitivos que lá moirejavam, o gerente resolveu empalmar os cobres, de sorte que os rapazes da defuncta folha houveram de contentar-se com o ter ganho experiencia.

A vida na redacção desse jornal, as peripecias do "calote", a pessoa do execravel gerente, tambem meu conhecido, foram o assumpto da nossa primeira palestra. A essa palestra seguiram-se innumeras outras, e em poucas semanas firmava-se entre nós dois a amizade — inestimavel para mim — que só findou com a morte delle.

Foi naquella época, precisamente, que começou Torres a apparecer assignando artigos com o proprio nome. Até então, além do trabalho anonymo nas redacções d'O Paiz e da Ultima Hora, tudo o que escrevera sahira sob pseudonymos. Os misteres jornalisticos não lhe despertavam nenhum enthusiasmo. Pelo contrario. Os "trucs" e passes magicos da ethica profissional, as tricas e miserias da vida intima dos chamados grandes orgãos, as intriguinhas dos bastidores e até mesmo a "sublime" funcção social da imprensa só lhe mereciam indifferença ou aversão. Entretanto, tendo abandonado o clero, sem missas nem bilhetes de confissão, urgia escolher um novo meio de adquirir o classico pão quotidiano. Tentou o magisterio, leccionando latim e portuguez, mas a tarefa de repisar declinações e repetir para rapazelhos displicentes gerundios e supinos enfastiou-o logo irremediavelmente. A unica porta que então se lhe abria, promissora e franca, era a imprensa. Torres entrou por ella resolutamente.

O jornalismo é, afinal, um dos refugios dos intellectuaes brasileiros. E' uma daquellas profissões adjacentes, approximadas, a que se referiu João Ribeiro naquellas saborosas Cartas Devolvidas, e Torres ficava, pois, dentro das suas naturaes inclinações. Ampla cultura historica e litteraria, de feição accentuadamente classica, conhecimento perfeito dos recursos de expressão e uma coragem sem limites para atacar, combater e destruir bonzos e tabús de todas as categorias e tamanhos, constituiam a solida armadura com que se apresentava no campo da luta. Porque o genero jornalistico escolhido por Torres foi o pamphleto, a critica litteraria e social no mais lato sentido, a critica acerada, impiedosa, anniquiladora. E a sociedade brasileira em todas as suas manifestações e nos seus homens mais representativos foi por elle esmiuçada, retalhada, discutida com vigor, com verve, com ironia, com sarcasmo e até, quando o exigiam as circumstancias, á maneira lusitana, como José Agostinho de Macedo ou Camillo Castello Branco.

Torres não combatia em nome de nenhum programma definido de reformas litterarias ou sociaes. Os principios da sua esthetica eram ainda os do mundo greco-latino. A sua poetica, como observou outro dia Gilberto Amado, estava toda em Horacio. Em politica o seu oraculo era Charles Maurras. Mas ainda assim, pugnando apenas pelos direitos do "bom senso" e do "bom gosto", realizou nos poucos annos em que escreveu para o publico, uma obra de saneamento só comparavel á de Oswaldo Cruz ou á de Ramalho Ortigão,

com As Farpas, *na sociedade portugueza dos fins do seculo passado.*

Collaborando semanalmente na Gazeta de Noticias *e no* Correio da Manhã, *os seus artigos, lidos com avidez, impressionavam fundamente os leitores. A fama do escriptor correu rapida por todo o paiz. E quando o livreiro A. J. de Castilho, fiel amigo de Torres, lançou em volumes que se intitulavam* Verdades Indiscretas, Pasquinadas Cariocas *e* Prós & Contras *uma selecção daquelles artigos, obteve um dos mais ruidosos successos de livraria já registrados no Brasil.*

Em breve, porém, o pamphletario cançou, sentindo a inanidade de tanto esforço e talvez ruminando já esta amarga verdade que lhe sahiria da penna um decennio mais tarde: "O Brasil infelizmente torna-se, do ponto de vista moral, cada dia peor, mais infeliz. Destino. Fatalidade. Ora criticas, ainda que vasadas no mais bello estylo deste mundo, não conseguirão regeneral-o. O melhor é cada um ir ficando quieto no seu canto, lendo os seus livros, meditando sem odio, philosophando para si mesmo, contemplando interiormente a Belleza e rindo-se da tolice humana."

Um posto na carreira consular, que lhe garantia a subsistencia e libertava-o de vez das impertinencias e exigencias de proprietarios e gerentes de jornaes, permittir-lhe-hia, com effeito, aquelle epicurismo egoista. Mas Torres era um pessimista irrequieto. O seu temperamento não lhe consentia ver coisas erradas e ficar calado. Assim é que passando larga temporada no Rio, entre 1923 *e* 26, *reappareceu na imprensa, com a mesma galhardia da primeira phase. E publicou, emfim,* As Razões da Inconfidencia, *ensaio de historia pamphletaria, á maneira da* France Juive, *de Edouard Drumont. Era um libello vehemente contra os portuguezes de todos os tempos, mas absolutamente justo e certo na exposição dos factos que motivaram a conspiração de Tiradentes.*

*A lusophobia de Torres não era, aliás, nem uma attitude postiça nem tão intransigente como á primeira vista parecia. Nos dominios litterarios, por exemplo, admirava e louvava todos os verdadeiros valores portuguezes. Não é raro deparar em seus escriptos elogios ao padre Vieira, a Camillo, a Eça, a Fialho, a Oliveira Martins, a Lucio de Azevedo. Quanto a Ramalho Ortigão, considerava-o seu mestre na arte do estylo, e costumava dizer que para assentar a mão, bastava-lhe reler uma pagina d'*As Farpas *ou d'*A Hollanda.

Isolado na Europa, em Londres, em Hamburgo ou em Berlim, contentava-se com expandir os seus desalentos ou a sua irritação em scintillantes cartas aos amigos.

Antonio Torres foi um triumphador na carreira litteraria, mas não foi um homem feliz. Dotado de uma sensibilidade aguda e refinada, altamente sensivel á amizade e ao amor, capaz das mais elevadas manifestações de affecto, faltou-lhe todavia uma finalidade sentimental na existencia. E o amargor e o pessimismo originados por essa falha no rythmo da vida affectiva eram ainda aggravados e complicados por uma tragedia intima de ordem religiosa. Se o espirito lucido e cultivado de Torres não lhe consentia acreditar mais nos postulados de "theogonias e theologias sarrafaçaes", o seu subconsciente vivia sonhando com Deus. Em uma carta de 1929, *escrevia-me elle: "Ah! si eu pudesse ter fé outra vez! Si eu pudesse ir ao padre e confessar-me! Mas não creio em mais nada! Sou um animal doente e nada mais. Agora é ir vivendo até que chegue o dia de morrer como qualquer cachorro. Aliás eu espero e desejo morrer como gato, nalgum canto em que ninguem me veja".*

Pobre e amargurado amigo, quem me dera ter tambem eu a fé necessaria para desejar-te: Que a paz do Senhor seja comtigo!

SAUL BORGES CARNEIRO.

Roquette-Pinto — *Samambaia* — Ariel Editora — Rio, 1934.

O sr. Roquette-Pinto é, ninguem o ignora, o notavel anthropologista da *Rondonia* e o autor de um ensaio sobre o Goethe naturalista que constituiu parte de relevo nas homenagens da intellectualidade americana ao riquissimo genio de Francfort. Mas, além de homem de sciencia, o director do Museu Nacional é um homem de lettras, e seu volume *Samambaia*, recentemente apparecido, evidenciará ainda uma vez que os dons de investigação objectiva, propria dos frequentadores de laboratorios, sabem conciliar-se nelle com esse boccado de romantismo indispensavel aos que se proponham a reter no papel o que vae pelas almas e pelos casinholos da pobre gente brasileira. São flagrantes, quadrinhos fugitivos, por vezes esbocetos, em que as creaturas simples se exprimem no livro como quotidianamente se exprimem na vida, sem eloquentes floreios de heróes e heroinas de Bourget. De onde em onde, a indicar a sinceridade de certos pendores do narrador, passa pela collectanea a sombra de um scientista como o dr. Lund. Mas o lado propriamente "povo" destes contos e impressões foi bem sentido, bem transmittido por alguem a quem a permanencia nas bibliothecas e o exame "de velhos ossos feios" não arrebataram de modo algum a renitente sensibilidade e poude escrever essas deliciosas joias que são "O Pioneiro", "Manchas do Sol" e "Tatiana".

Valentim da Silva — *Sombra da noite* — Atlantida — Coimbra, 1934.

Da formosa Coimbra, que sempre nos vem á memoria com os rouxinóes e os choupaes do autor do *Só*, manda-nos o poeta Valentim da Silva um livro discreto, de notas em surdina, que ás vezes faz pensar num melancolico crepusculo de outomno. Trata-se de um sincero e leal amigo do Brasil, estudioso do nosso passado, enthusiasta dos nossos costumes e das nossas paizagens. Os dias vividos aqui estamos certos de que elle jámais os esquecerá, dada a subtilissima sensibilidade que caracteriza essa nobre alma de artista. Artista encantado sempre pelas bellezas da terra e pelas bellezas da musica e da pintura, dos que encontram em Beethoven e em Raphael um addendo de creação á da primeira semana do mundo. Seus sonetos, em tonalidades macias de idyllio ou em delicadas ternuras de pantheista, são bem de um portuguez penetrado das emoções saudosistas da raça, mas não estranho aos desejos de approximação humana que fazem o tormento e a gloria das creaturas de hoje. Ha um lyrista em Valentim da Silva, mas tambem um pensador. O enlevo com que fala dos recantos ruraes da sua Lusitania não o impede de crer que mais cedo ou mais tarde se obtenha, pelo influxo da poesia, a fraternidade universal dos corações.

UM SALÃO CARIOCA

Les mardis de Madame Haritoff

A historia hieratica guarda sómente a lembrança dos grandes feitos: batalhas ganhas ou perdidas, migrações, descobertas de novos caminhos, o nome dos reis ou de conductores de povos. Quando muito se addiciona a isto a do progresso, da cultura e temos a historia da civilização. Sómente ha um seculo veio juntar-se a esses modos solemnes o folk-lore, que é historia tambem, a das pequenas coisas... Mas entre a humilde historia anecdotica, folk-lorica, e as pretenciosas formas solemnes daquella sciencia, que, ás vezes, chega até a generalizações philosophicas (Vico, Herder, Comte, Spengler...), ha um ramo aqui pouco explorado — a historia dos salões.

Entretanto, nunca faltaram ao Rio de Janeiro, desde o primeiro reinado, casas onde fossem recebidos homens de lettras, politicos e intellectuaes, e se gozasse o bom prazer da conversação e da troca desinteressada das idéas.

O que não tivemos ainda, foi um amante do passado, que, alliando o bom gosto ás outras prendas necessarias, tentasse esboçar a historia dos salões cariocas, fazendo-os resurgir do anonymato em que têm vivido. A pesquisa será ardua e longa. Não ha o habito das memorias, nem os jornaes antigos costumavam registrar os factos da vida mundana. Raramente abriam excepções. Uma batida systematica na litteratura, poderia, não obstante colher, aqui e alli, notas e pormenores para enfeitar os nomes escoteiros que se citam: o marquez de Abrantes, como habil amphytrião, Maciel Monteiro e, mais perto de nós, Octaviano, como perfeitos homens de salão.

Não acredito que jámais tivesse sahido de salão carioca a gloria de um romancista. Nunca houve por aqui uma Madame de Caillavet, a quem devemos o ter feito do preguiçoso Anatole France o autor de uma grande obra litteraria. Sem a brilhante movimentação de sua casa, teria elle, por ventura, produzido muito menos.

Pode-se dizer que o *antigo regime* se prolongou no Brasil até 1888, quando foi abolida a escravatura.

Ora, o salão é a flor de uma sociedade ociosa, que vive de suas rendas, que tem lazeres, e pode assim contrahir o gosto das coisas espirituaes e dar-se aos prazeres de conversação desinteressada.

Além disso, naquella época outro era o rythmo da vida. Se por um lado o trabalho não recahia na massa total da população, por outro a classe dirigente, dada a estabilidade politica, a segurança da estructura monarchica do governo, podia viver tranquilla. Tranquillidade relativa, porque afinal tambem naquelle tempo havia as suas contrariedades, as crises economicas e financeiras, as quedas de partidos e gabinetes, e a partir de 1870 a propria crise de abolição da escravatura.

Entretanto faltava então, como ainda falta hoje, uma superior educação da mulher, para tornar possivel a formação dos salões. Sem a cultura feminina não póde medrar o salonismo, que é entretido pelas graças da mulher, immemorial depositaria das normas de encantar e seduzir.

E a brasileira, no seculo passado, ainda se não tinha completamente libertado das tradições de reclusão, herdadas dos arabes, transplantadas para aqui pela cultura portugueza.

Apezar de tudo isso, houve salões no tempo do Imperio, onde os lettrados da época passaram horas agradaveis, desenferrujando a lingua e polindo o espirito na convivencia das boas companhias.

Elysio de Carvalho, com mais imaginação do que dados exactos, disse-nos até do esplendor e decadencia da sociedade brasileira. Não sei se se póde falar de esplendor, que deixou traços tão fugidios, e de decadencia de uma coisa que não chegou a existir em toda plenitude.

As condições geraes do mundo, apressando a evolução politica para a democracia, não deixaram florir, por completo, no Brasil, a vida de salão e os requintes da polidez.

As crises da lavoura e a libertação dos escravos obstaram essa persistencia aristocratica entre nós. Não se chegou a crear a riqueza necessaria á eclosão desses apuros e refinamentos da vida espiritual.

Todavia, houve um esboço imperfeito e amostra de que não nos faltava aptidão para o convivio nos salões.

E é de um delles que quero fallar, vulgarizando a noticia que nos dá C. von Koseritz em seu livro *Bilder aus Brasilien* (Leipzig, 1885).

Nesse salão espargiu as suas graças Madame Haritoff, brasileira da Provincia do Rio, casada com um russo, enriquecido em fornecimentos militares.

Jámais vi retrato dessa grande dama, mas imaginemos que era bella, olhos grandes e negros, bocca um rubi partido pelo meio, para me servir da imagem de Rodrigues Lobo em *Côrte na aldeia*.

Não haverá entre os maiores de 68 annos, constitucionalmente compulsados, alguem que tenha conhecido Madame Haritoff e possa completar esse retrato?

Apenas meio seculo passou sobre os jantares e *soirées* do casal Haritoff e ninguem ouve mais nada desse nome, que recorda um dos raros salões do Brasil. O proprio nome não nos sôa como completamente extranho, porque uma das transversaes de Copacabana que ligam a Avenida Atlantica á rua Barata Ribeiro o conserva.

Madame Haritoff recebia ás terças-feiras. E na decada de 1880 falava-se no Rio elegante em *les mardis de Mad. Haritoff*

como pouco mais de um seculo antes em Paris, dos *mardis de Mad. Helvetius*, um dos encantos do seculo XVIII. Verdade é que não havia aqui um Fontenelle para dizer á graciosa madame Haritoff: "Ah! si je n'avais que quatre-vingts ans!", mas a brasileirinha (assim a chama Koseritz — *die kleine Brasilianerin*) em belleza e elegancia não longe ficaria de Madame Helvetius. Quanto ao espirito, não devo fazer comparações temerarias... Sabe-se que Helvetius fugia, ás vezes, para a Opera, confiando o circulo dos seus amigos á mulher, que não deixava a conversação morrer a um canto do salão, como acontecia a Mme. d'Holbac.

A Koseritz, Madame Haritoff deu a impressão, numa terça-feira de Agosto de 1883, de ser uma grande dama no verdadeiro sentido da palavra. Ella tinha vivido á larga durante dez annos na Europa, frequentando a mais alta roda de Paris, Petersburgo, Vienna, Berlim e Londres. E, aqui chegando, poz no arranjo de seu palacio uma nota de distincção e gosto, a que não faltavam *vieux Sèvres* e *vieux Saxes*, nem quadros dos maiores mestres contemporaneos, entre os quaes o seu proprio retrato da palheta de Richter, pintado em Berlim. Por onde andará esse quadro? Em poder de descendentes de madame Haritoff talvez. Ha tempos, tive ensejo de admirar, na Parahyba, o da Viscondessa de Cavalcanti, por Labatut. Uma maravilha! Tambem o modelo se prestava.

Essas duas mulheres parece terem sido as duas maiores damas do fim do segundo reinado. Uma vive ainda, e jamais lhe faltaram homenagens das modernas gerações. A outra, se por ventura ainda não pagou o tributo da vida, jaz completamente esquecida. E merece ser lembrada. A belleza, como disse o classico padre Manoel Bernardes, é uma victoria ephemera contra a velhice e a morte. Cabe á historia, fazer que não seja tão ephemera, recordando aquellas que, um dia, fôram depositarias desse thesouro fugidio.

ALCIDES BEZERRA.

Escola Pittoresca

A escola de hoje ainda não é e não será tão cedo, por toda a parte, risonha e franca...

Haverá algumas, raras, porque a transformação por que vae passando a educação no nosso tempo tem de ser lenta e cautelosa, para que não perca algumas, raras virtudes antigas, sem adquirir as novas, maiores e mais necessarias.

O livro que o professor Almeida Junior, do Instituto de Educação de S. Paulo, acaba de publicar é uma collecção admiravel de photographias instantaneas do momento que vive actualmente a escola. E' antes de tudo um livro de humildade profissional. Quem o escreve poderia escrever trabalho de doutrina e elles ahi se encontram, mas preferiu escrever um livro actual, vivo, palpitante, que se lê com prazer permanente. Ao fim todos os que labutam quotidianamente no ensino podem exclamar o seu desejo de lhe ter sido o autor.

São pequenos flagrantes, palestras e desenhos que todos têm, nos encontros, nas meditações, reflexos do trabalho diario da escola. E é por isso que são vivos, exactos.

Todo o mundo que vive na escola se encontra nas paginas deste livro: alumnos, creanças, ou adolescentes; professores, jovens ou encanecidos; paes e mães; inspectores; directores; festas e aulas; penas e premios; collas; tristezas e alegrias.

As paginas sobre "Criminologia escolar", em que o educador se dá as mãos ao mestre de medicina legal, contém conceitos e reflexões definitivas sobre o assumpto.

O problema da colla escolar é estudado em todos os seus aspectos, origens e remedios.

Os discursos de paranympho, dão uma medida do bom gosto e senso critico do eminente professor paulista. Em situação tantas vezes repetida, em que os chavões já se crystalizaram em fôrmas e fórmas sedicissimas, todas as vezes que se dirigiu a normalistas que se formavam deu sempre á sua oração um timbre original. De uma vez resolveu dizer o que pensavam as normalistas, fazendo um inquerito sem assignatura entre ellas e commentando as respostas.

Os discursos que fez nos Congressos de Educação têm o mesmo senso de critica e de bom humor.

Em um destes commentarios alinha alguns themas, que fazem ainda a delicia de muita gente:

— "a educação é a grande alavanca do progresso;

— "a preoccupação primordial dos governos deve ser a educação;"

— "não basta instruir, é preciso educar."

— "a mais sagrada missão é a do professor."

— "povo inegavelmente intelligente, mas privado de instrucção."

E sob estes themas do grande Conselheiro, "alguns oradores conseguem falar mais de meia hora"...

Todos os que vivem no ensino devem ler este livro. Elle traz a consolação de ahi se encontrar os mesmos problemas, as mesmas causas de desanimos e satisfações e em suas paginas, que são de cada um de nós, se irmana a grande classe dos que educam.

A' collecção austera, que Fernando de Azevedo dirige, o livro de Almeida Junior, trouxe uma nota amavel de bom humor e de alegria.

FRANCISCO VENANCIO FLHO.

— W. B. Seabrook, viajor impenitente e escriptor cheio de originalidade, continua a percorrer mundo e a dar-nos livros interessantissimos, como *The Magic Island* e *Jungle Ways*, a que esta revista já teve opportunidade de se referir. Agora, em *Aventuras na Arabia*, que acaba de ser lançado em traducção franceza pela Nouvelle Revue Française, elle nos transporta ao convivio dos beduinos do deserto, com os quaes privou longamente, podendo observar-lhes a vida estranha e os costumes curiosissimos.

"EL-DORADO"

Varios são os typos dos que trabalham no vasto campo da Historia e fôra erro grave de psychologia pretender que se moldem todos pelas mesmas fórmas. A diversidade das aptidões naturaes, a infinita variedade dos gostos, as facilidades ou, pelo contrario, os óbices que nos depara a propria ambiencia, os lazeres folgados da abastança ou as premencias rudes do ganha-pão quotidiano — tudo pode muita vez influir e em verdade influe para que tal ou tal venha a ser a qualidade do labor litterario, livremente escolhido ou resignadamente acceito.

A uns poderá a carreira diplomatica ou a facilidade das viagens asar ensejo de esmerilhar archivos e descobrir inéditos preciosos. A outros resta a possibilidade das pesquisas no proprio paiz ou até sómente no estado ou cidade em que reside. A todos, porém, podem sempre o labor pertinaz e os dons da intelligencia proporcionar os meios de dar ás lettras historicas algumas paginas de real valor.

Quanta formiga, nesse vastissimo campo, na faina obscura e paciente de carrear materiaes para futuras construcções de outros operarios mais felizes e bem dotados! Quanta cigarra, a zinir ao sol, attrahindo a attenção dos que passam, mas sem provisões para mais tarde, a viver apenas um dia de gloria, incapaz de resistir á prova rude do tempo. Quão poucas, ai de nós!, as diligentes abelhas, preoccupadas em fabricar o seu mel delicioso e substancial, prazer dos sentidos mas tambem alimento sadio e revigorante!

Paulo Setubal o romancista da *Marqueza de Santos* e do *Principe de Nassau*, que a principio fugira da severidade fria da Historia para as regiões mais seductoras e livres da Fantasia — por uma logica interior e inelutavel sente-se agora attrahido pelos encantos da propria realidade e obrigado a retornar da Fantasia ás severidades criticas da Historia. E elle proprio o declara no prefacio de seu mais recente volume: "... se correrem a adquirir o *El-Dorado*... na fiuza de encontrarem ali um romance que empolgue não abram este livro". Por que? "*El-Dorado*, saibam-no todos, não passa de sossegada chronica". E' a narrativa, apenas, de um velho lance da Historia patria: a descoberta do ouro nas Geraes. E o autor dedica essas paginas á multidão brasileira, que não pode certamente conhecer o passado com a erudição dos mestres, avaliados ironicamente em uma duzia por mestre Taunay e pelo mesmo Paulo Setubal, em accordo amigavel, reduzidos a dez...

Já sem ironia, diz bem o autor do *El-Dorado*: Esses dez não são o Brasil. O Brasil são quarenta milhões. Torna-se pois necessario, como obra educativa, cultural, patriotica, levar a essa multidão, tanto quanto possivel, um pouco dessa nossa bella e commovedora Historia do Brasil que só raros iniciados têm assim a fortuna de conhecer". E accrescenta: "Levar comtudo a essa multidão (quero accentual-o aqui) honradamente e limpamente: isto é, com probidade historica e fidelidade documental".

A bibliographia e as notas do volume provam, aliás, que o autor não se limitou apenas a desejar: realizou o seu proposito com rara felicidade. A parte de fantasia, nos dialogos, nas minucias episodicas, na reconstituição dos ambientes, se não attinge naturalmente o caracter de rigorosa verdade, chega pelo menos ao maximo de probabilidade e verosimilhança. E com todos os encantos da narrativa romanceada, viva, empolgante.

E muito leitor commum, que jamais supportaria a leitura de duas ou tres paginas de qualquer das fontes consultadas por Paulo Setubal, dado que viesse a ter dellas conhecimento, lerá com interesse os capitulos do *El-Dorado* e ficará conhecendo o que foi o Brasil do seculo XVII, na febre da ambição do ouro.

E que melhor premio para um autor brasileiro, já traduzido em hollandez, em russo e até em arabe?

JONATHAS SERRANO.

OS VERSOS QUE TE DOU...

Ouve estes versos que te dou, — eu os fiz
hoje que sinto o coração contente,
— enquanto o teu amor fôr meu somente
eu farei versos... e serei feliz...

E hei de fazel-os pela vida em fóra,
versos de sonho e amor, — e hei de depois
relembrar o passado de nós dois
— esse passado que começa agóra...

Estes versos repletos de ternura
são versos meus, mas que são teus tambem,
— sozinha, has de escutal-os, — sem ninguem
que possa perturbar nossa ventura...

. . . .

Quando o tempo branquear os teus cabellos,
mais tarde, has de algum dia, revivel-os
nas lembranças que a vida não desfez...

E ao lel-os, com saudade, — em tua dor
has de rever, chorando, o nosso amor,
e has de lembrar, tambem, de quem os fez...

Se nesse tempo eu já tiver partido,
e outros versos quizeres, — teu pedido
deixa ao lado da cruz para onde eu vou...

Quando lá, novamente, então, tu fôres,
pódes colher do chão todas as flores
pois são versos de amor que ainda te dou!...

J. G. DE ARAUJO JORGE.

(Do livro a apparecer: *Meu céu interior*).

Huxley na America Central

Da sua recente viagem á America Central, guardou Aldous Huxley uma impressão pessimista. Huxley é um espirito objectivo, analytico, realista, e os costumes dos povos do hemispherio americano — costumes moraes, sociaes, politicos e economicos — alarmaram a sua sensibilidade de turista europeu e annotador de sensações. Em *Beyond The bay of Mexico*, elle nos desillude do valor das energias creadoras de Barbados, Trinidad, Caracas, Colon, Guatemala, Jamaica, onde todas as cousas se apresentam aridas e desoladoras. O vento morno dos tropicos estimula os máos pensamentos. Para dominar a selvageria das massas, para corrigir a incultura collectiva, o americano do norte creou ali as suas industrias, o petroleo, a canna de assucar, o tabaco, sem esquecer os divertimentos modernos, a piscina, o "court" de tennis, os "dancings" de cimento armado, iniciativas que tornaram o homem septentrional o symbolo do conquistador moderno. Aldous Huxley comprehendeu a America através da sua natureza e da sua desordem, não escapando ao seu temperamento moderno o sentido das lutas e das rivalidades continentaes. A Europa agita-se pelo interesse, a America derrama sangue pela paixão individual. Entre Aldous Huxley e D. H. Lawrence, ha o traço commum da comprehensão da America através o seu grande drama psychologico. Europeus modernos, com a mystica da analyse e o habito dos julgamentos tranquillos, a atmosphera luminosa e exaltada da America hespanhola parece-lhes uma irrealidade. E' a atmosphera do indio, do animal que se identificou com a natureza e inicia a tragedia do caldeamento. Não tem consciencia das forças que o cercam. Desconhece as contendas do espirito, que movimentam os homens civilizados, e o seu "habitat" é uma perpetua festa de sangue.

Ao observador da America central, não basta assignalar a esculptura dos incas, annotar a arte religiosa do Mexico ou os aspectos caracteristicos do tropico das ilhas do Caribe. A invasão nordica, destruindo o rythmo lento da vida desses povos subordinados a "recondita influencia tellurica", gerou curiosos argumentos ethnicos, politicos, moraes e economicos, e, assim, da humilhante condição de colonias medievaes em que se encontravam surgiram novas e animadas fórmas de vida. Um britannico do seculo XX, fascinado pelas epopéas navaes, difficilmente poderá assimilar a estructura lyrica da America, onde a cultura constitue ainda um privilegio de reduzidas élites. O conquistador prosegue a luta contra a terra conquistada. E todas as suas queixas, sob palmas e coqueiros, se transmudam em profundas esperanças.

Para o bretão particularista e orgulhoso das suas conquistas navaes, o hemispherio americano mantem ainda o fanatismo dos seculos XVI e XVII, que os missionarios de todas as seitas, jesuitas e dominicanas, venceram á custa de sacrificios extraordinarios. Aldous Huxley agitou em *Beyond the bay of Mexico*, além das terriveis contendas da arte e da mestiçagem, a these complexa do novo mundo. E esse predominio da alma e do sangue sobre o espirito, não representa um traço caracteristico dos pelles vermelhas do Mexico ou dos negros guitarristas de Carolina do Sul e São João de Porto Rico. Antes de Huxley, numerosos chronistas fixaram as difficuldades que offerece ao civilizado europeu a rude zona americana que não se adaptou á mecanização intensiva da época. O que mais commoveu o escriptor inglez, foi, sem duvida, a historia humana desse continente quasi virgem, aberto a todas as suggestões da intelligencia, com uma alta temperatura emocional, que, por isso mesmo, ainda não lhe permittiu crear o seu lastro economico e sua autoridadepolitica. Os temperamentos analyticos e methodicos da Europa, como Huxley, não pódem perceber os atavismos e as taras profundas que construiram a historia e a lenda da conquista da America. Aqui, a intelligencia tornou-se um impeto. O valor social homem nada exprime em face da natureza, dessa natureza que fez nascer o terror e enche de sombrias apprehensões o filho da Europa moderna. Huxley confessou que, ao deixar a terra e a gente da America Central, tinha a impressão de que se libertára de um sonho máo. Os symbolos da floresta e os indios da America hespanhola explicaram-lhe, de certo, os caminhos que ainda percorrerão as gentes do mundo novo.

BEZERRA DE FREITAS

Medeiros e Albuquerque — *Homens e coisas da Academia* — Renascença Editora — Rio, 1934.

Sabe-se que um dos fortes do inolvidavel Medeiros e Albuquerque era a organização de livros como este, formados dos retratos de entidades diversas e por vezes mesmo de caracter opposto. Era, com effeito, necessario possuir uma grande plasticidade de espirito para explorar modelos tão differentes, e fazendo-o sempre com leveza, graça, encanto. Aqui, a testemunhar ainda uma vez a persuasiva finura do notavel publicista, encontram-se magnificas paginas consagradas a Augusto de Lima, Georges Dumas, Carlos de Laet, Miguel Couto, José de Alencar e Julio Verne. O volume, muito bem confeccionado pela Renascença Editora, merece permanecer nas bibliothecas mais escolhidas, porque mais dia menos dias sobrevirá o desejo de relel-o.

João Lyra Filho — *Pensamento a concluir* — Typ. Alba — Rio, 1934.

O sr. João Lyra Filho já publicou os volumes *Voz das Vozes*, versos, *Triangulo de fogo*, contos, e *Sertão Social*, ensaio. Muito bem recebido pela critica, as figuras realmente expressivas da sua geração o festejaram cordialmente, o que é indicio de estar elle dentro do melhor espirito do tempo, exprimindo o Brasil dos moços de 1934. E os seus novos trabalhos de psychologia collectiva, embora se julguem modestamente inconclusos, representam valioso coefficiente mental partido de alguem cujo lemma tem sido amar o Brasil, servir o Brasil.

POETAS E ROMANCISTAS

Houve tempo, entre nós, em que era regra quasi geral estreiarem os escriptores com um livro de versos. Mesmo aquelles que não ousavam publical-os, commettiam, em segredo, o seu sonetozinho. Só depois desse sacrificio propiciatorio ás musas, se abalançavam ás agruras da prosa. Toda gente era poeta — ou julgava sel-o. Com o auxilio de um manual de metrificação, não era difficil dizer banalidades rythmadas...

Os romances, em compensação, eram poucos. Hoje, as cousas foram mudando e escasseiam os poetas emquanto pullulam os romancistas; a estréa habitual vae sendo o romance. Tambem não é impossivel, a qualquer um, imaginar e contar historias mais ou menos verosimeis...

Seria interessante podermos precisar as razões dessa mudança, verificar a que modificação na mentalidade ella corresponde. Sem duvida, nasce-se poeta como se nasce romancista, mas esses casos de predestinação, além de serem raros, não são os que nos preoccupam. Nelles não ha escolha, nem marcada influencia do meio. Para explical-os, seria necessario penetrar nos designios da Providencia — e nos meandros mysteriosos da hereditariedade. A grande maioria dos que se esvaiam em versos, outrora, como a grande maioria dos que, hoje, se escondem atraz das mascaras das suas personagens, obedecia mais a uma necessidade de expansão do que propriamente á vocação para este ou aquelle genero. Para muitos dos antigos poetas, o livro de versos era apenas o trampolim que os lançava a outras actividades litterarias, e creio que varios de nós, os que agora ensaiamos a ficção, hão de abandonal-a. Não quero citar nomes, mas os romancistas natos são poucos.

Por que essa alteração? Questão de moda? A explicação é muito superficial, ou é um subterfugio commodo, uma dessas formulas que não dizem nada, que servem apenas para esconder a nossa ignorancia. Se considerarmos a moda como um capricho, uma inclinação arbitraria, não a podemos applicar ás cousas do espirito, que são o que temos de mais alto, de mais sincero, de mais puro. (Evidentemente, ha quem escreva por vaidade, por desejo de apparecer; mas estes não interessam; são escribas, não são escriptores: exploram a intelligencia em lugar de servil-a). E se entendermos a moda como uma exteriorização de tendencias profundas, então temos de indagar quaes são essas tendencias, e invocal-a nada adeantou. Que houve uma alteração, já sabiamos. Essa ansia de expressão que é a pedra de toque do escriptor verdadeiro, teve necessidade de fórmas novas porque se manifestou interiormente de modo diverso. Houve uma mudança de attitude em face da vida, as reacções não são mais as mesmas.

Enfraquecido, o individualismo já não consegue encerrar o homem dentro do circulo das tristezas e alegrias pessoaes, das suas sensações e dos seus devaneios. Ora, a poesia, quando não é subjectiva, deve muito ao culto da fórma, culto cujos fieis vão rareando cada vez mais.

Não se sentindo a si proprio com a mesma intensidade dos romanticos, e não procurando a belleza plastica como os parnasianos, aquelle que se vê compellido a escrever não sendo essencialmente um poeta, encontra no romance um meio de expressão mais completo, mais natural. O *eu*, que, embora não se impondo exclusivamente, é sempre muito forte, póde diluir-se e se disfarçar em varias pessoas differentes. Para alcançar a objectividade que nos permittirá, mais tarde, abordar as idéas sem nos vermos nellas, temos de descarregar os restos do individualismo, e o romance se encarrega disso, sem comtudo nos isolar dentro de nós mesmos. Ao contrario; essa curiosidade do documento humano, fructo de uma inquietação social crescente, elle a satisfaz. Um romance, ainda quando muito fraco, é uma pesquiza, uma experiencia para vêr se a vida é possivel em determinadas circumstancias. A necessidade cada vez maior de sympathia, de contacto com os nossos companheiros de jornada, nos leva a buscal-os mesmo entre creaturas imaginarias.

O que nos persegue, não é só a duvida metaphysica. Já vamos longe do tempo em que Graça Aranha affirmava que "a tragedia fundamental da existencia está nas relações do espirito humano com o universo". A essa inquietação, que se podia expandir em ódes mysticas ou pantheistas, uma outra se veiu sobrepor: a inquietação da existencia em si, dos modos e motivos de agir. Não perguntamos só porque e para que viver, mas tambem como viver. As relações do homem, já não só com o universo, mas com o seu semelhante, com a sua familia, com o seu meio, são hoje ensombradas de duvida. As incognitas se multiplicam, e o romance é, assim, uma equação, uma tentativa para resolvel-as.

Por isso se restringe menos ao episodio, ao caso romanesco, amoroso, e estuda de preferencia uma vida em todos os seus aspectos. Muitas vezes é apenas um trecho de biographia, sem epilogo, sem conclusões. A *Condition Humaine* de Malraux, onde a iniciativa, o valor pessoal, são postos á prova a todo momento, e a todo momento a consciencia é chamada a escolher, a decidir, onde cada um talha a sua picada na agglomeração humana como numa espessa floresta, me parece, nesse ponto de vista, o typo mesmo do romance moderno.

O romancista deixou de ser o homem que, tendo vivido, feito a volta das cousas e das idéas, se dispõe a fixar no papel as suas impressões, para ser aquelle que quer aprender a viver. Não escreve porque viveu, com a serenidade de quem recorda, mas para saber viver, com o nervosismo

Escriptores Portuguezes do Brasil

Ainda hoje, quando já é grande a reacção dos escriptores brasileiros contra a lingua de Portugal, não são poucos os escriptores portuguezes do Brasil. Gente que fez da grammatica portugueza o seu pão de todo dia e que acha ser obrigação dos cabras de Lampeão falar em bom portuguez de Lisboa, com os pronomes no lugar certo. Delles está cheia a Academia de Lettras do Brasil. Raros, entre os seus membros, são escriptores brasileiros. A sua parte maior nem de escriptores é formada e, sim, de medicos parteiros, ex-ministros e integralistas. Os que restam, aquelles que, de um ou de outro modo, sabem escrever, são lettrados que estão mais proximos de Portugal do que do Brasil. Salvam-se dois ou tres. Um Roquette-Pinto, um Afranio Peixoto (não o dos Sermões do Padre Vieira, mas o que vive em funcção do Brasil, da cultura do Brasil, fazendo romances sobre pessôas e paizagens brasileiras, já um pouco em lingua brasileira, aquelle que é o extraordinario Afranio) e raros outros.

Não vae, nessa tentativa de libertar a litteratura brasileira dos moldes portuguezes, de libertar a lingua do Brasil da lingua portugueza, nenhum odio ao velho paiz dos descobridores e outras glorias menores. Ao contrario, parece que, á proporção que vamos firmando a nossa independencia intellectual, mais sympathizamos com a terra de Eça de Queiroz.

Hoje, nada nos liga a Portugal pelo lado da intelligencia. A nossa litteratura, si depende de outra, é da franceza. Assim mesmo, é facto innegavel que os novos romancistas daqui até desta influencia a estão libertando.

Nenhum escriptor vivo de Portugal influe sobre o Brasil. O ultimo a influir foi Eça, todo mundo sabe disso. Mas hoje resta apenas uma grande admiração pelo grande creador de tanta vida, pelo homem que, apesar de querer caricaturar, fez um Portugal maior do que em verdade era, tal a força do seu talento de romancista. Ha, no Portugal de agora, dois escriptores que nós amamos. Um é Osorio de Oliveira, espirito voltado para as nossas lettras, nosso amigo. Outro é Ferreira de Castro, romancista universal cujo espirito passou longe das pequenas tolices de bairrismo. Ferreira de Castro não é escriptor brasileiro ou portuguez. E' escriptor do proletariado, coisa muito maior. Mas, collocado entre os dois paizes, elle está mais proximo do nosso. Foi o Brasil quem forneceu material para *A Selva* e para *Emigrantes*, livros que estão hoje espalhados pelo mundo todo, em traducções de successo. Aliás, Ferreira de Castro dá uma lição a todos esses velhos Laudelinos e Austregesilos que clamam contra a collocação dos pronomes á moda brasileira. Os homens dos seringaes da *A Selva*, brasileiros do Maranhão ou do Ceará collocam os pronomes e falam, não como os almofadinhas de Lisboa ou os heróes dos romances do sr. Claudio de Souza, mas como bons caboclos nordestinos que são.

Eu proponho uma troca. Portugal nos envia Ferreira de Castro e Osorio de Oliveira e nós enviamos para Portugal uns trinta academicos (inclusive Ribeiro Couto), mais o chefe nacional do integralismo, o sr. Plinio Salgado, mais o genro de Ruy Barbosa e, por contra-peso, o Congresso brasileiro. Fazemos questão apenas de que fique o sr. Hamilton Barata, o do *O Homem Livre* do Rio, para nos divertir semanalmente.

João Ribeiro, que era uma verdadeira intelligencia, comprehendeu perfeitamente o problema. Autor de grammaticas, não vivia, no emtanto, preso aos pequenos problemas grammaticaes. Num livro, elle não procurava a correcção do estylo. Queria que o volume tivesse algo de novo, de bello, de forte. Por isso mesmo foi amado pelos moços, como exemplo do homem que não parou como os da sua idade, mas se adiantou sempre (até politicamente, como prova a sua resposta a um inquerito do *Diario de Noticias*, resposta que provocou duas ou tres phrases infelizes do sympathizante integralista Tristão de Athayde). João Ribeiro era um escriptor do Brasil.

A nossa vingança contra os escriptores portuguezes do Brasil é que cada dia que passa o seu publico diminue. Quem lê hoje o candido Aloysio de Castro? Quem compra um volume do sr. Homero Pires, homem que é mau escriptor no Brasil e em Portugal e o será na Africa ou em qualquer outra parte onde escreva? Este, aliás, é um eterno candidato á gloria. Quiz ser o successor de Ruy, mas o sr. Baptista Pereira tomou-lhe a frente, allegando os seus direitos de herança. Quer a pulso ser academico — e até isso não conseguiu ainda. Autor de um unico discurso, com elle atravessou umas quatro legislaturas, falando quasi diariamente na Camara. Tambem, os tachygraphos já o sabem de cór. Mas, coitado!, não vende um volume.

O publico do Brasil voltou-se para aquelles que escrevem em lingua do Brasil, sobre coisas e problemas brasileiros.

JORGE AMADO.

---

de quem tenta desvendar um enygma. Por isso, o romance deixou de ser um fim de carreira, para ser um inicio. Elle póde, com a mudança, ter perdido em perfeição, em acabamento. Mas adquiriu um sentido dramatico, uma sinceridade núa e dolorosa, que fazem esquecer todos os seus defeitos.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Fouché, Zweig e o Brasil

Estou viajando como funccionario da secretaria de uma commissão internacional. Se não é diplomatica, na verdadeira significação deslumbrante do termo, tem uma finalidade identica com semelhanças bem accentuadas, e leva como presidente um homem de tal fórma cortezmente energico, cortezmente impenetravel, que mais se me confirma esta impressão. A minha relutante mediocridade social, feita de animadversões que eu mesmo transmitto, antes que as sintam, arrasta-me solitariamente para o camarote, logo ao primeiro recontro de amabilidades com as pessoas de bordo. (A' minha principal intrigante será sempre a gentileza). Os meus livros! Lá estão elles, novos, cheirosos, ainda por abrir, rescendendo ao veneno da tinta de impressão. Retiro da mala, por acaso (o acaso deve ter uma explicação que o elimine de vez), uma grossa brochura: *Joseph Fouché,* de Stefan Zweig. Não cesso mais um minuto a sua leitura, não paro mais um instante, dos que tenho a meu dispor, de seguir, de correr, de voar, uma obstinada volupia viciosa, atraz desse diabo que foi padre e nasceu de cera para fazer promessas, para ser, por si, uma promessa, enganando o mundo e Deus, a sua primeira victima. Não descanso, não tomo folego, não respiro, ou respiro violentamente, numa vertiginosa emoção de adultera de primeira mão, transportado ao abysmo da sensualidade psychologica de Fouché, ao abysmo da penetração historica de Zweig. Quarenta e oito horas depois, profundamente abalado, sacudido moralmente até ao estado febril, destroçado, mudo, traumatico, apresento ante meus proprios olhos o aspecto lubricamente desolado de uma jovem violentada. Eu nunca tinha visto o mundo nu', em taes posições! Embora nem tão ingenuo nem tão imbecil, mas simplesmente nem tão amoral, doeu-me na alma a funda impressão de que eu, na vida, vinha sendo ha muitos annos furtado, de que eu, no mundo, neste mundo de competições, fôra, até então, mediocre como uma virgem. Ainda que já tivesse sentido a vantagem pratica de certos processos silenciosos e de certas curvas que encurtam paradoxalmente as distancias, já tendo mesmo falado em força da espectativa, referindo-me em trabalho publicado e não assignado, além de a estas cousas, a "um mozaista de circumstancias que construiu uma escada em caracol para não rolar" (Zweig usa exactamente a expressão escada em caracol, no mesmo sentido. Que incómmoda alegria da minha consciencia, immediatamente em contacto com a grandeza de Zweig como arma nas mãos dos meus inimigos com capacidade para o plagio!), ainda que já tivesse escripto que numa luta o que mais cansa é a espera da luta, o que me dá o direito de dizer que adivinhei uma cellula de Fouché, ou, talvez, por isso mesmo, fiquei dolorosamente surprehendido com a estreiteza da minha innocencia raza sem capacidade para conceber toda a realidade, enfermamente contundido nessa especie de hymno moral que amedronta a sinceridade para possuir e gozar o mundo. Amarguei, sósinho, intimamente o odio, o ciume, o despeito e a humilhação dos ludibriados. E qual de vós, moços e velhos impulsivos que lestes esse livro, negará lealmente taes sentimentos?

Sim. Stefan Zweig, esse medium sem transe a cuja invocação de olhos abertos nenhum genio se recusa, moveu imprevistamente no subterraneo do meu temperamento uma porta dissimulada, que eu levaria, sabe lá quantos annos ainda, procurando, uma porta secreta para os corredores que vão dar ao gabinete das machinações. Mostrou-me, para falar no seu tom predilecto, o calculo organizador das combinações infalliveis no baralho da vida. Elle, que chama Fouché de jogador invencivel, transmittiu-me a impressão desses jogadores que perderam fortunas, que tudo perderam, e, á força de tanto perderem, acabaram por explicar todos os logros. Os ludibriados têm a volupia de detalhar o ludibrio. São depoimentos. E' a necessidade juridica de depor, na policia ou na Historia... Stefan Zweig se não é, como Nicolau Machiavel, um fracassado material na vida, deve sel-o por outro fórma, de alguma fórma, em relação ao seu genio. Quem vive de olhos tão fixamente voltados para o interior a cada instante tropeça. Mas, de qualquer modo, esse ambidestro "croupier" da Historia, unico capaz de pagar o jogo numa mesa em torno da qual se sentem o agil tabulageiro politico Fouché e o profissional de casaca Tayllerand, poz em camara lenta o mecanismo das mystificações, exercendo sobre mim talvez a mais intensa suggestão que eu já tenha recebido, uma suggestão semelhante a terrivel segredo que me houvessem confiado. (Escondi o livro de todas as pessoas que m'o pediram).

Foi nesta altura que me lembrei do Brasil. O sr. Medeiros e Albuquerque, traductor da obra, introduziu um entorpecente no paiz. E introduziu com a mesma força embriagadora, com o mesmo requinte chimico de seu verdadeiro fabricante. Todos os rapazes lividos que o leram vão imitar Fouché, vão se suppor

"Boletim de Ariel"

Com o presente numero a nossa revista completa o seu terceiro anno de existencia e, a despeito das difficuldades que em nossa terra encontram todas as iniciativas de cultura, é-nos justo constatar que não nos tem faltado o apoio e a collaboração das nossas elites intellectuaes.

A partir do proximo numero, que esperamos será de texto ainda mais variado e abundante, e accrescido do indice remissivo de autores e materias que já temos publicado nos annos anteriores, o "Boletim" passará a circular com uma capa de padrão novo e em papel sempre da mesma côr.

NOTICIA DE «MATUPA'»

Peregrino Junior, vem, com *Matupá*, marcar definitivamente o seu lugar na nova litteratura brasileira. Não só na litteratura brasileira como na litteratura que o Amazonas forneceu. Hoje, ao se falar dos escriptores que exploram o rio immenso e a selva fabulosa, não se póde esquecer esse *conteur* a quem o verdadeiro drama dos homens interessa muito mais do que o pittoresco e a anecdota. Realmente, Peregrino Junior nada tem dos theoricos que cantaram a gloria nacional do Amazonas. Está ao lado daquelles que foram buscar, em meio á paizagem o elemento humano, sem se perder em discursos inuteis. Porque, antes de ser gloria das chorographias, assumpto para patrioticas predicas de professores em dia de feriado nacional, o Amazonas é o traço de ligação de cidades, de homens, de logarejos perdidos, soffrendo a exploração dos ricos e o esmagamento da natureza.

Esses contos de Peregrino Junior se dividem, inicialmente, em duas partes, — aquelles que tratam da pequena burguezia politica das cidadezinhas e os que estudam os typos de seringueiros e indios que, abandonados, vivem a mais miseravel das vidas.

Me admira o equilibrio que o escriptor sabe manter sem se deixar dominar pelo abundante material pittoresco que se estende pelos Estados do Norte. Quantos dos que trataram do mesmo assumpto não se perderam, não se abandonaram á imaginação ou não cahiram na rhetorica, falseando, de uma ou de outra maneira, a sua missão!

Peregrino Junior não quiz, felizmente, ver a Amazonia differente, a incognita e indesbravada Amazonia. Tanto que foi encontrar por lá, para um conto seu, caso identico a um que Antonio de Alcantara Machado encontrou entre paulistas de quatrocentos ou mais annos de bandeirante. E, si bem eu ache que o moço bandeirante é dos melhores *conteurs* que já surgiram por estas bandas, é preciso dizer que o conto de Peregrino Junior não é em nada inferior ao outro, tem mesmo a vantagem de não ser fabricado sob a formula modernista.

O autor de *Matupá* se revela um apaixonado da vidazinha miseravelmente mediocre das cidades do interior. Todos os contos que gyram em torno dos coronéis, dos promotores e das candidatas a *misses* são perfeitos, admiraveis, como construcção.

Ferreira de Castro, romancista portuguez, fez, com *A Selva*, o seu grande romance e o romance do seringueiro do Brasil. Mas não esgottou o assumpto. O problema social do Amazonas espera os continuadores da obra de Ferreira de Castro.

Peregrino Junior, nos contos em que foge das pequenas cidades e villas, volta-se para o trabalhador rural. Ha, nessas paginas, algo de tragico, apezar do pittoresco dos casamentos feitos á distancia, o padre estendendo a mão para o ponto onde a noiva deve estar. Porque a tragedia ahi é apenas a da exploração do homem pelo homem. Acima disso está a selva, apertando tudo, suffocando tudo. E o rio, que empresta a este *Matupá* a sua grande poesia, ainda maltrata mais aquella gente, arrancando-lhe as casas, as plantações, tudo, e dando-lhe em troca apenas a maleita, "cocaina amazonica", no dizer de Raul Bopp.

Espero de Peregrino Junior, escriptor honesto, sério, equilibrado, sem nada do Exercito do Pará, um estudo igualmente sério, romance ou livro de contos, sobre a situação miseravel da gente do Amazonas. Sem fixar os coroneis, os bachareis, os politicos.

Ha em *Matupá* um conto angustiante, que emociona o leitor como poucas paginas que se escreveram por aqui. Chama-se *O Gapuiador*.

JORGE AMADO.

Fouchés. Todos os meninos pallidos, que são máos filhos, começarão a pensar que são optimos politicos. Ha ciladas psychologicas infalliveis na relatividade de sua adaptação infinita. Se dizemos, por exemplo, a um homem incapaz de rancores que elle quando se zanga fica sendo uma féra, esse homem analysa o seu relativo rancor como homem pacato, considerando-se feroz. Nada mais no centro do que os extremos. Graças a essa amplitude de adaptação, qualquer rapazinho dessorado e verminoso se reconhecerá na biographia de Fouché.

Mas que profunda lição de vida!

ALDO MORAES

Daniel de Carvalho — *Theophilo Ottoni* — Alba — Rio, 1934.

Muita gente suppõe que Theophilo Ottoni ficou apenas celebre pela tunda que levou de Caxias. Mas não é verdade. O que está em jogo, sempre que se evoca essa figura nobilissima de mineiro, é o liberal extremado, o defensor dos opprimidos, aquelle que nunca se curvou, em mesuras de aulico, deante do Imperador ou de quem quer que fosse. Dada a sua dignidade rural, que uma bella cultura jámais diminuiu, Theophilo Ottoni faz-nos pensar, mais que num monarchista, nos republicanos da velha Roma agricola. "Campeão da liberdade", chama-lhe o sr. Daniel de Carvalho neste incisivo e vigoroso estudo, e a designação é das mais justas, só podendo honrar o ensaista de hoje a escolha de um modelo que tão bem compendia a honradez e a independencia da gente das montanhas.

Cyro Martins — *Campo fóra* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

E' a apparição de mais um estimavel contista regional. Tratando-se de escriptor ainda moço, seria facil apontar-lhe muitas indecisões de idéa ou de estylo. O abuso de certas peculiaridades gauchas póde tambem limitar o interesse da collectanea, vedando-lhe a comprehensão integral por parte de quem desconheça as figuras e as expressões typicas da gente guasca. De qualquer fórma, o livro depõe em favor das possibilidades de quem o apresenta, não sendo difficil achar, aqui e ali, paginas perfeitamente realizadas.

Saudação a Murillo Mendes

Diante da pagina admiravel que Murillo Mendes escreveu sobre o seu grande amigo morto, Ismael Nery, no *Boletim de Ariel* de Julho, podemos affirmar sem reservas que a conversão do poeta á Verdade catholica se nos apresenta com os melhores signaes de solidez.

A effusão da Graça foi das mais poderosas. Recebendo-a, não foi apenas o coração de Murillo que começou a "sentir", mas, de um momento para outro, a sua propria intelligencia tornou-se apta para "comprehender" tudo, em raciocinios absolutamente calmos e frios.

As ultimas composições do poeta não eram, em verdade, das mais animadoras quanto aos caminhos escolhidos pela sua alma. Alguns poemas seus, publicados numa revista universitaria de desoladoras perspectivas espirituaes, faziam-nos temer que Murillo Mendes se achasse seriamente compromettido com os da poesia "proletaria". De facto. Com uma ironia digna de um membro da colligação internacional dos "Sem Deus", o poeta chegava a dizer, num dos alludidos poemas, que somente os meninos capitalistas tinham anjo da guarda.

O seu Anjo da guarda é que deve ter sorrido com indulgencia, diante dessa blasphemiazinha, soprando-lhe no ouvido que Deus, em verdade, ama profundamente os homens de todas as classes, sem excepção.

E que o odio ou o sarcasmo são estereis, tudo se realizando no Amôr, acaba de mostral-o a Providencia, que para conduzir o poeta ao grande Descobrimento, escolheu aniquillar a fórma apparente de um amigo cuja alma attingiu, na vida, na morte e depois da morte, á essencia do Amor.

Mas afinal, pensando bem, a conversão de Murillo "á lei de Jesus Christo, fonte da poesia viva", não é uma surpreza tão atordoante, como talvez pudesse parecer á primeira vista.

A verdade é que o poeta sempre andou cercado teimosamente pela Graça.

Quem conhece as palavras de Claudel sobre Rimbaud, sabe perfeitamente o que estou insinuando; sabe perfeitamente que certas almas tempestuosas, certos poetas "loucos" vivem muito mais proximos da Graça do que uma determinada especie de cultorezinhos piégas de uma poesia para a qual o qualificativo corrente e mais ou menos official de "piedosa" é um insulto á verdadeira piedade.

Ora, as ansias, os combates, os dilaceramentos de Murillo de ha muito que se manifestavam: desde o seu primeiro caderno de poemas onde existem alguns dos mais fortes exemplos da moderna poesia brasileira, taes como *O poeta na Igreja, Angustia, Limites, Vidas oppostas de Christo e de um homem, Alma numerosa, Canto do Noivo, O homem, a luta e a Eternidade*, etc.

Aliás, deve ter havido outros factores em acção. S. Francisco de Assis, por exemplo, intercedendo, no céu, pelo poeta; S. Francisco de Assis, verdadeira "constante" numa recente phase de Murillo Mendes, comparecendo aos seus poemas com assiduidade, se misturando com as mais ousadas irreverencias:

"Cáia tudo ajoelhado
Pra louvar o bruto poeta,
Nosso amigo, nosso irmão".

Murillo Mendes, meu irmão em Jesus Christo, companheiro de mesa de bar e de madrugadas frias, no inverno carioca de 1929, quando estivemos varias vezes juntos, você, o pintor Cicero Dias, o architecto Carlos Leão e eu, poeta sem versos, — venho dizer-lhe agora que estamos, eu e você, novamente juntos.

WILLY LEWIN.

O italiano Ugo Ojetti rejubila com o facto de altas autoridades do clero da Peninsula estarem prestigiando a renascença da arte christã nas terras que deram Giotto e Fra Angelico. Uma exposição de télas e esculpturas modernas, inspiradas por assumptos sacros, fez sentir a possibilidade de reagir contra os productores sem talento que tanto compromettem, com sua fabricação industrial, as figuras mais bellas do Velho e do Novo Testamento.

RADIO
ATWATER KENT
O RADIO DA VOZ DE OURO
O RADIO DE QUALIDADE

MOD 217 DE 7 VALVULAS
A venda em todas as boas casas do ramo
DISTRIBUIDORES
CASA MAYRINK VEIGA S/A
Rio de Janeiro

«MALEITA»

Que o Snr. Lucio Cardoso seja poeta de grande qualidade — um de nossos raros poetas que merecem realmente esse titulo — não me resta a menor duvida hoje que conheço o seu livro de poemas, infelizmente ainda inedito. Que seja porém um romancista, no verdadeiro sentido do termo, quanto a isto, ainda não consegui chegar á mesma certeza.

O romance que acaba de publicar — *Maleita* — e que me agrada muito por um sem numero de motivos, não me parece no entanto sufficiente para permittir a affirmação que tanto seduz aos que acompanham com esperança o actual movimento litterario: mais um romancista. Ainda é cedo para affirmar no autor de *Maleita* um verdadeiro romancista — naturalmente: usando aqui do rigor que as qualidades do Snr. Lucio Cardoso exigem e supportam perfeitamente. Ainda é cedo como ainda seria cedo affirmar ha annos atraz, por occasião do apparecimento de *Menino de Engenho* o romancista inequivoco e seguro de si de *Banguê*. Creio mesmo que só o tempo poderá dizer se estamos realmente deante de um novo romancista, evidente, "liquido" — como acontece por exemplo em relação a romancistas de livros de estréa como *Os Corumbas*, *Paiz do Carnaval* ou *A Bagaceira*.

Para ser mesmo tão exigente quanto as qualidades do Snr. Lucio Cardoso me parecem requerer, direi que não acho a qualificação de "romance" perfeitamente adequada a *Maleita*. Narrativa de qualidades excepcionaes, como poucas sem a menor duvida, não chega bem a ser romance — dado naturalmente que se tenha bem delimitados e acceitos os limites que separam os diversos generos litterarios uns dos outros.

Longe de mim a idéa de vir separar aqui — de leve que seja — o romance da narrativa. Seria tempo perdido e um pouco de pretenção, em espaço tão reduzido. Quero apenas indicar rapidamente alguns traços que me parecem dar ao livro do Snr. Lucio Cardoso o caracter inequivoco de uma narração.

Não sei, mas não vejo a idéa de romance separavel da idéa de que o romancista nos mostra sempre uma serie de destinos de individuos, destinos esses que se relacionam uns com os outros e dos quaes ao menos os principaes dentre os heroes teem conhecimento. Isto é: o romancista não só nos mostra os seus heroes no mundo como mostra tambem o mundo visto pelos seus heroes. Ao lado dos acontecimentos dá os sentimentos, a psychologia das suas creaturas. Ao mesmo tempo que segue o movimento que leva cada heróe, pára e mostra cada um delles pensando e sentindo em relação a esse movimento.

E' essa ultima parte que me parece faltar no livro do Snr. Lucio Cardoso. Ou pelo menos, o autor só se preoccupa com os traços mais geraes da psychologia do heroe central narrador directo dos acontecimentos. A dos outros heroes positivamente não existe. Quando muito se entrevê (confessemos aliás que admiravelmente) alguns dos motivos que fazem agir a mulher do personagem central. E o resto some completamente, absorvido pelo interesse da narração dos factos.

Não aponto essa orientação como um defeito em si. Nem me parece justo considerar defeito, uma coisa que foi ponto de partida para o autor, que é basico para o fim a que procurou chegar, e que, é evidente, foi perfeitamente intencional. Apenas, parece-me que não fica bem o nome de romance a uma narração nessas condições...

Questão de rotulo apenas, está claro. Mas de modo algum questão sem importancia. Quando vemos um Gide recusar ao seu *L'Immoraliste* e a outros de seus "récits" a qualidade de "romances" que o nosso enthusiasmo desprevenido tanto gostaria de lhes attribuir, não é possivel deixar de attender um pouco á demarcação dos generos litterarios. Pois a verdade é que muito do que parece á primeira vista defeito num livro, não é frequentemente senão imposição irretorquivel do genero litterario que o autor escolheu. Exigencia de fórma de que não é positivamente possivel culpar o autor. (A condemnação só podendo ir então ao genero em si).

Creio que com *Maleita* se deu mais ou menos isso. A intenção do autor sendo mostrar um movimento geral, absolutamente inlocalizavel em individuo algum, em destino algum, não lhe era possivel quebrar essa unidade para descer ás profundidades da alma dos seus heroes. Como o Jean Giono de *Colline*, o Snr. Lucio Cardoso não podia parar no movimento unico que se propunha reconstituir deante dos nossos olhos, nem muito menos decompol-o em diversos movimentos que dessem, reunidos, o movimento total.

Basta aliás recordar o "tempo" em que os factos são narrados em *Maleita*, quanto e quanto as scenas correm deante de nós, para comprehender que não é bem deante de um romance que nos achamos. Pelo menos, nos livros que costumamos chamar de romance, o "tempo" é outro. Bem diverso mesmo, passa sempre deante de nós pesado de toda a analyse que se vae depositando aos poucos, e se não constantemente lento, pelo menos alternando com frequencia phases de movimento rapido. Inutil procurar dessas alternancias em *Maleita*. De principio a fim é um todo só de "tempo" unico a cujo vertiginoso passar assistimos. As paginas voam, o livro conta tudo o que tem de contar antes que se tenha parado e pensado em descançar.

— Signal, sem a menor duvida, de que a narração é bem feita, de que consegue interessar... Mas quem póde ter a menor duvida sobre isso depois de ter lido o livro? Creio que nem mesmo os que só o conhecem através do mais fraco dos seus capitulos, recentemente publicado em *Litteratura*...

Como narração é difficil mesmo conseguir melhor. Interesse, intensidade dramatica, emoção, belleza, sobriedade, não creio que falte nada, nesse terreno, ao livro do Snr. Lucio Cardoso. Suas qualidades são ahi as de um grande narrador que por vezes mesmo revela bastante sobre o possivel romancista (chegada a Pirapora, Elisa atacada pela maleita, etc.). O proprio elemento poetico — á primeira vista um pouco excessivamente pronunciado para um livro escripto em prosa — e que num romance prejudicaria, a meu ver — só vem augmentar a belleza da narrativa. Portanto, feitas algumas restricções quanto a certas observações meio ingenuas, detalhes sem mais importancia, não acho senão o que louvar em *Maleita*.

Difficilmente se poderia contar melhor, produzindo mais emoção — e penso nas melhores paginas de romances como *A Amazonia Mysteriosa*, *O Quinze* ou *A Bagaceira* — todo esse movimento de luta tremenda do homem contra a natureza e contra as forças de selvageria que ella traz comsigo e que não abandona nunca, luta espantosa que tudo devasta e transforma, que faz desapparecer os sentimentos do homem para só deixar nelle a cegueira de uma vontade de ferro que verdadeiramente quer e que tudo faz para conseguir o que se propoz realizar. Conseguindo, vencendo, essa propria força cega creou outras forças, toda uma serie de condições que a vencem, a ella propria, e que a destruirão por completo se não fugir, se não ceder tambem por sua vez. Capaz de domar a natureza, de crear uma cidade, o creador é incapaz de resistir a essa força que creou e fóge vencido pela sua propria obra.

Tal me parece ser o sentido essencial da narração do Snr. Lucio Cardoso, de que quero dar aqui apenas uma nota de apparição. Não sei se terá junto ao publico o successo que a sua alta qualidade merece. Talvez que não... Falta-lhe innegavelmente para enfrentar as humilhantes exigencias do momento esses encantos pornographicos que teem dado nova vida á industria do livro entre nós nesses ultimos tempos. Além disso os nossos litteratos "intelligentes", esses meninos insuportavelmente infantis que descobriram nesses ultimos mezes que tambem sabem escrever os palavrões que todo o mundo já está farto de ter dito e redito — e que pensam que estão imitando Lawrence (ah, o grito que Lawrence, sobretudo o Lawrence da *Defesa de Lady Chatterley* teria dado com elles!...) quando no fundo é apenas o Snr. Oswald de Andrade que ainda está fazendo "escola", "movimento" — esses "modernos" que mais uma vez estão atrazados alguns annos, certamente julgarão "pudico" o livro do Snr. Lucio Cardoso que naturalmente podia aproveitar as occasiões favoraveis que se apresentam... Mas para que ainda falar em "occasião", "necessidade", e outros disfarces mais ou menos habeis?... Para que, se, de qualquer maneira, o successo é garantido?...

OCTAVIO DE FARIA.

LETTRAS BELGAS

Continua a verificar-se um bello renascimento cultural nas lettras belgas. A terra de Maeterlinck, longe de ser uma simples provincia litteraria da França, é hoje paiz autonomo no mundo do espirito. Já tem a sua physionomia propria e fala sem nenhum sotaque parisiense.

Entre outros volumes ali estampados com successo, figura Le Théâtre Chinois, *de Camille Poupeye. E' trabalho de erudição, que presume a investigação, a destrinça de muitos textos fatigantes. Mas o autor, sem nenhuma fatuidade verbal e sem nenhum alarde de erudição irritante, levou a cabo o seu trabalho como um humanista que nem um só momento esquece as leis do gosto. Conhecendo perfeitamente os dominios da dramaturgia, sendo um critico atilado dos comediographos europeus, estendeu, com egual habilidade, a sua inquirição aos palcos da China e o resultado é uma synopse indispensavel a quantos estudem a arte oriental. O theatro antigo da terra de Confucio, os actores que o illustram, as singularidades das peças, o encanto das comedias improvisadas, o culto da honra civil e militar nas ficções que deliciam a platéa, tudo isso é examinado com percuciencia brilhante pelo europeu Camille Poupeye.*

Regards sur l'Europe *é o volume em que Paul van Zeeland, sociologo de merito, analysa os problemas fundamentaes da hora presente. Indica as transformações soffridas pelo mundo de após-guerra. Em relação ao proteccionismo e ao livro-cambio tem paginas que farão muita gente meditar. A Sociedade das Nações não é esquecida por elle e ninguem poderá folhear ás pressas, displicentemente, a parte do livro que expende conceitos de profundo bom senso a proposito da "economia dirigida".*

Emocionante é o livro da princeza Marie de Croy, Souvenirs. *Passa-se ahi em revista, mais uma vez, o martyrio da Balgica invadida. São paginas que sangram ternura pelas cidades mutiladas e indignação pelos invasores que se compraziam em destruir tanta e tanta civilização. Que de lances heroicos ao lado dos que serviam a patria nesses dias amargos da guerra! Nas prisões e nos hospitaes era uma competição de almas christãs em favor daquelles que soffriam. O livro respira um amor infinito pela gente que Alberto I soube altear á suprema gloria historica. E' de uma intelligente memorialista e de uma patriota das mais ardorosas. Nenhum "alliadophilo" de boa estirpe poderá desdenhal-o.*

Finalmente, Alphonse Roersch estuda e retrata scenas e figuras que fazem o orgulho da intelligencia nacional. L'Humanisme belge á l'époque de la Renaissance *demonstra que esse professor da Universidade de Gand nada ignora do periodo evocado. Sua documentação, rigorosamente didactica, illumina-se na paixão litteraria e artistica do interprete do passado. E' uma revivescencia dos que lançaram o germen da Belgica mental de hoje, dos que, pensando e escrevendo seculos antes, tornaram possivel a floração dos Lemonnier e dos Verhaeren no seculo XIX. Gentishomens flamengos que se deram ás lettras, archeologos de bom estylo, amigos e continuadores de Erasmo, toda essa bella população espiritual encontrou o recenseador e o critico á altura de bem valorizal-a.*

Oswald de Andrade — *O Homem e o Cavallo* — São Paulo, 1934.

Espectaculo em 9 quadros. Trata-se da peça que fechou o Theatro da Experiencia de S. Paulo, aliás com protestos de innumeros artistas e intellectuaes do paiz. Para caracterizar um tal trabalho basta dizer: é do sr. Oswald de Andrade. Isto significa: é litteratura não de deleite e sim de combate, é uma allegoria scenica destinada a suscitar implacaveis attritos de intelligencia. Um mixto de farça gauleza e de pamphleto communista. Jarry e Lenine mesclados com exuberancia pantagruelesca por um detractor de velhas verdades, por um homem que ri de tudo, que começa rindo de si mesmo para ter o direito de rir de todos os outros. Sociologia que não nos cumpre discutir, mas obra de arte que não seria escripta por qualquer.

LIVROS A APPARECER

"Poemas" de Alberto Ramos

Apparecerá breve, em edição Ariel, uma collectanea dos poemas de Alberto Ramos. Nesse volume do nosso illustre collaborador estão reunidas composições escolhidas em varios de seus livros. Assim, o volume de Poemas *compõe-se de "Odes", "Elegias", "O Ultimo Canto do Fauno", "Canto do Centenario", "Epigrammas", "Ultimos versos" e "Versos Prohibidos". Destina-se a grande successo intellectual esse volume de um poeta tão enamorado do culto da Perfeição, como o disse Antonio Torres, poeta cujas supremas qualidades são "a elegancia do estylo, a perfeição da Fórma, o extremo bom gosto das idéas e o classicismo genuino das boas épocas".*

"S. Bernardo"

Entre os bons romances de estreia apparecidos nos ultimos tempos — e não foram poucos — destacou-se Cahetés, *de Graciliano Ramos, que nos veio revelar um escriptor completo e foi recebido pela critica e pelo publico com os mais justificados elogios.*

Agora, como auspiciosa noticia aos seus innumeros leitores, podemos adiantar que já entrou para o prélo, confiado a Ariel, editora ltda., mais um trabalho de Graciliano Ramos, o romance S. Bernardo, *obra cheia de palpitante interesse e que consagrará definitivamente o nome do illustre escriptor alagoano.*

Correspondencia epistolar de Antonio Torres

A partir deste numero, a nossa revista começará a publicar as cartas que, da Europa, emquanto exercia as suas funcções consulares, Antonio Torres enviava a seus amigos. E' bem de vêr que, dada a franqueza e o temperamento combativo do saudoso escriptor, essa correspondencia, ao menos pelo momento, não poderá ser trasladada na integra. Acreditamos, entretanto, que, com isso, já prestaremos um serviço ás nossas lettras, evitando, o que tão frequentemente acontece entre nós, se percam, para todo o sempre, documentos dos mais valiosos na bagagem das individualidades marcantes. Por outro lado, com esse gesto, temos a certeza de que não trahiremos a memoria de Antonio Torres, que, justamente numa carta ao seu amigo o livreiro-editor A. J. de Castilho, assim se expressava sobre o mesmo assumpto: "E' mais que tempo de cuidar da publicação das cartas dos nossos chamados grandes homens." E mais abaixo: "Nós vivemos a discutir os homens nas trevas por falta de memorias e de correspondencias, mas as correspondencias intimas, onde elles apparecem em ceroulas, e as mulheres em fraldas de camisa".

GOULART DE ANDRADE, VELHO AMIGO

Conheci Goulart de Andrade em 1910, á porta da livraria Garnier. Um chapéo de abas largas, um sorriso de galanteador, uma gravata vistosa...

O poeta vivia então no pleno triumpho dos seus poemas, das suas peças de theatro, e, sem petulancia, sem rompante, acolhia bem os que se approximavam timidamente da Cidade das Lettras. Dizia versos como nunca os ouvi dizer melhor, com uma precisão de technica em que nenhum effeito era olvidado. Sonetos, rondós, villancetes, elle os desfiava sem um escorregão verbal.

Era toda uma poesia cantante, ora voluntariamente archaica, ora marcial e discursiva á maneira de Rostand. Certos desperdicios de eloquencia, mas tambem certas passagens de muita justeza na sobriedade. Bem recortadas as figuras das suas comedias lyricas, ainda quando vestissem estofos aproveitados do velho guarda-roupa romantico.

Introductor de alguns rythmos em nossa lingua poetica, teve Goulart o seu momento de belleza e o seu momento de utilidade na segunda escola parnasiana. Máo grado a fórma trabalhada e atormentada, que, ás vezes, importava em paralysia da emoção, deixou paginas a serem relidas e deixará por conseguinte um nome.

Foi tambem romancista por conta propria, além de haver traduzido magnificamente a *Gloria de dom Ramiro*, o romance argentino do Larreta, trazendo-o ao portuguez com mais fidelidade do que o levou ao francez o grande Remy de Gourmont, sendo que este, no caso, não fez senão prestigiar com a sua assignatura gloriosa um trabalho de carregação, possivelmente de terceiro.

Nem se esqueça que Goulart de Andrade andou sempre a folhear textos classicos. No mundo dos quinhentistas não ha recanto que elle desconheça, e produziu rumor aqui no Rio a sua affirmação de que o cégo do *Paraiso Perdido* roubára muita coisa ao caôlho dos *Lusiadas*, apesar da manifesta inferioridade visual...

Finalmente, os ensaios de Goulart de Andrade a proposito de escriptores nossos, são de um subtil caçador de analogias e de um critico que sabe perfeitamente distinguir a inspiração sincera do jogo de simulações mentaes dos criticados. Chegando relativamente tarde aos assumptos, que de novidades engenhosas não apresentou elle ao tratar do narcisismo amphibio de um Jaceguay, do abuso das lagrimas em Casimiro, das arrancadas que dava o pobre Teixeira de Mello para evadir-se lyricamente da sua gaiola de archivista!

Agora, retido em casa, mezes e mezes, por uma enfermidade de que se vae refazendo aos poucos, o polido, o excellente Goulart ha de recordar-se com saudade das parolagens á porta da Garnier, onde appareciam o Elysio de Carvalho, de monoculo e charuto, o José Albano, de monoculo e barbas negras, varios jornalistas sem monoculo, sem charuto e sem barbas. Mas dizem-me que, mesmo não sahindo de casa, conseguiu elle, em horas amargas, a companhia de alguem que vale muito mais que todos os brasileiros juntos, a companhia d'Aquelle que a gente, nos dias felizes, não encontra na rua do Ouvidor, no Municipal, nos salões do Jockey...

AGRIPPINO GRIECO.

— A despeito do assumpto já ter sido magnificamente explorado por escriptores-viajantes do porte de Albert Londres e Louis Roubaud, o livro *Cayenne*, de Alexis Danan, nada perde do seu interesse e é das melhores reportagens feitas sobre o horrendo presidio que põe uma mancha de pavor sobre as bellas paizagens da Guyana.

— Abordando o mesmo thema de exotismo, da fuga para o desconhecido, da vida entre gente e paizagens estranhas, John Russel começa a merecer tambem os favores do publico francez, depois que lhe foram dados a conhecer, em cuidadas traducções de Marc Loge, os seus *Vagabundos do Pacifico, Miragens das Ilhas* e, mais recentemente, *Aventureiros dos Tropicos*.

CIUMES

Quando as duvidas se tornavam insupportaveis, vinha-me a necessidade de affirmar. Magdalena tinha manha encoberta, indubitavelmente.

— Indubitavelmente, indubitavelmente, comprehendem? Indubitavelmente.

As repetições continuadas traziam-me uma especie de certeza.

Esfregava as mãos. Indubitavelmente. Antes isso que oscillar de um lado para outro. Via-se muito bem que d. Gloria era alcoviteira. Passadas mansinhas, olhos baixos, voz sumida — estava mesmo a preceito para alcoviteira. Antigamente devia ter dado com os burros na agua. Alcoviteira, desencaminhara a sobrinha. Sempre de accordo, aquellas duas eguas.

Emfim o Padilha tinha sido até camarada.

Monologava com raiva:

— Obrigado, Padilha.

Sim senhor, boa bisca. Não havia gato nem cachorro em São Bernardo que ignorasse o procedimento della.

"Aquella mulher foi a causa da minha desgraça". Que falta de respeito. Ha quem atire semelhante heresia em cima duma senhora casada, nas barbas do marido? Ha? Não ha. Querem mais claro?

Padre Silvestre passou por São Bernardo — eu fiquei de orelhas em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavallo amarrado tambem come.

A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Magdalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor.

A's vezes o bom senso me puxava as orelhas:

— Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça.

Realmente, uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engommada, bem aprendida, não ia encostar-se áquelles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim. Os meus olhos me enganavam. Mas se os olhos me enganavam, em que me havia de fiar então? Se eu via um trabalhador de enxada fazer um aceno a ella!

Com esforço e procurando distracção, conseguia reprimir-me. Era intuitivo que o aceno não podia ser para ella. Não podia.

Ora não podia!

— Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho.

Uma tarde em que a velha Margarida subiu a ladeira a vara e a remo para visitar-nos, vigiei-a uma hora, com receio de que a pobre fosse portadora de alguma carta.

Creio que estava quasi maluco.

A' noite parecia-me ouvir passos no jardim. Porque diabo aquelle Tubarão não ladrava? O safado do cachorro ia perdendo o faro.

Erguia-me, pegava o rifle, soprava a luz, abria a janella:

— Quem está ahi?

Seria inimigo, gente dos Gama, do Ferreira, do Fidelis? Pouco provavel. As ameaças tinham cessado: eu e Casimiro Lopes criavamos ferrugem. Instinctivamente, resguardava-me collado á parede. Julgava distinguir um vulto.

— Quem está ahi? E' bicho de folego, ou é armada, visagem, marmota? Não responde não?

E lá ia no silencio um tiro que assustava os moradores, fazia Magdalena saltar da cama, gritando.

Fechava a janella e accendia o candieiro.

— Que foi? gemia Magdalena aterrada.

— São os seus parceiros que andam rondando a casa. Mas não tem duvida: qualquer dia fica um diabo ahi estirado.

Magdalena abraçava-se aos travesseiros, soluçando.

Um assobio, longe. Algum signal convencionado.

— E' assobio ou não é? Marcou entrevista aqui no quarto, em cima de mim? E' só o que falta. Quer que eu sáia? Se quer que eu sáia, é dizer. Não se acanhe.

Magdalena chorava como uma fonte.

E se as passadas e o assobio não fossem por causa della? Ah! Sendo assim, eu picado para linguiça não pagava o que devia. E se as passadas e o assobio não existissem? Lembrava-me duma noite em que me aperreei de verdade e puxei a lambedeira, com medo dum rato. Ha neste mundo cada engano da peste! E decidi corrigir-me:

— Vamos deixar de choradeira. Lá por assobiarem no pomar e passearem no jardim não é preciso a senhora se desmanchar em agua. E' melhor acabar com essa cavilhação.

Magdalena chorava, chorava, até que por fim, cançada de chorar, pegava no somno. Encolhia-me á beira da cama, para evitar o contacto della. Quando ia adormecendo, percebia o ranger de chaves em fechadura e o rumor de telhas arrastadas. Despertava num sobresalto e continha a respiração. Quem estaria futucando portas? Quem estaria destelhando a casa?

Approximava-me de Magdalena, observava-lhe o rosto. Teria ouvido? Ou estaria a fingir que dormia?

Levantava-me, arrastava uma cadeira, sentava-me. Magdalena resonava.

Com certeza ninguem tinha bulido na fechadura nem nas telhas. Maluqueiras de sonho. Talvez as pisadas tambem tivessem sido abusão de sonho. Um pesadelo. Isso. Um pesadelo. Era possivel que o assobio fosse grito de coruja.

Uma pancada no relogio da sala de jantar. Que horas seriam? Meia? uma? uma e meia? ou metade de qualquer outra hora?

Não podia dormir. Contava de um a cem, e dobrava o dedo mindinho; contava de cem a duzentos, e dobrava o seu vizinho; assim por diante, até completar mil e ter as mãos fechadas. Depois contava cem e soltava o dedo grande; mais cem, o furabolos; e quando chegava a dois mil, as mãos estavam abertas. Repetia a leseira, imaginava para cada dedo que se movia um conto de réis de lucro no balanço, e que me rendia uma fortuna immensa, tão grande que me enjoa-

"POETAS CAPICHABAS"

Tentando critica, o sr. José Vitorino só conseguiu commetter um livro que é perfeito exemplar de litteratura de ficção. Nelle ha nomes incluidos que, como poetas, constituem a mais deploravel novidade para todos, inclusive, talvez, o autor... Depois, a preoccupação do numero levou-o a incluir certos vultos que são positivas nullidades em poesia. O Espirito Santo só tem uma meia duzia escassa de poetas: cousa surprehendente, mas verdadeira; e, no livro, ha nada menos de 59 estudos! Si não se levar em conta a imaginação do autor, só mesmo o facto de ser leitor enthusiasta de Marden, esse Pangloss da vida moderna, póde explicar a conta optimista do sr. José Vitorino.

Li todo o volume, num requinte de benevolencia! Mas nem tentando consideral-o uma collectanea de versos, abstrahindo voluntariamente a prosa, em que o autor tenta retratos e criticas, numa confusão imperdoavel entre caderno de collegial e livro, pude aproveital-o. E' que o "critico" desconhece os criticados e não sabe escolher as poesias que os representem, nem approximadamente. Ha alli de Jair Amorim — que é mais chronista que poeta — uns versos de que elle proprio já se envergonha; Salvador Thévenard, poeta moderno, cantor simples e commovido da cidade de Victoria, ainda é, para elle, o sonetista dos primeiros tempos; Ciro Vieira da Cunha não conseguiu deixar-lhe entrever, de leve, ao menos, que — lyrismo, é o seu genero, publicando cerca de trinta sonetos desbragadamente lyricos em seu *Espera Inutil*. Além do mais, elle faz questão, bravamente, de inutilizar os poetas aos olhos do publico; — só por engano publica-lhes um bom verso.

Mas quando, abstrahindo os versos, agarrei-me á prosa, disposto a arrancar das linhas estereis algo de aproveitavel, — oh! delicia! — com que pasmo immenso vi que o critico mallogrado, alumno sizudo de Marden, é um grande humorista! Si não, leiam estas definições escriptas com a seriedade mais adoravel deste mundo — "verso metrificado e rimado é o que se chama a concatenação do que se pensa e do que se escreve"; sonho é "a transmigração dos nossos pensamentos evolutivos"; pensamento é o "guia dos que vivem de pensar no que os outros pensam..." Póde haver cousa melhor? E as intenções ingenuas a orientador? e as incoherencias? e a linguagem futil tentando critica? Tudo, tudo faz o sr. José Vitorino um escriptor interessantissimo, quando considerado humorista... Por isso aconselho a leitura de *Poetas Capichabas* e, mais ainda, dos seus proximos livros: um sobre prosadores e outro, um ensaio pensado (e engraçado tambem, certamente...) sobre socialismo. Sim! Porque elle vae escrever sobre o grande thema e lançar gravemente, com esse geito todo seu, conceitos sobre Capital, Proletario, Religião... Tudo envolto em Marden, com muito optimismo e confusão. Depois, algum romance historico, que está na moda. E nas rodas dos amigos, nas cidadezinhas do interior do Espirito Santo, julgára então poder dizer, o pollegar á cava do collete, oscillando o corpo sobre as pernas:

— Nós, os escriptores...

CLOVIS RAMALHETE.

Antonio Marques dos Reis — *Constituição Federal Brasileira de 1934* — Editor Coelho Branco — Rio, 1934.

Numa bibliotheca juridica brasileira em que já se destacam trabalhos dos ministros Edmundo Lins e Bento de Faria, vem de tomar logar condigno este bello volume commentado da nossa actual Constituição. E' obra completa, com tudo quanto se prenda, directa ou indirectamente, ao assumpto. Confrontos de texto entre a Carta de agora e a de 1891 importam em critica comparativa das mais uteis. Não faltam commentarios ás novas leis que vão reger o paiz e os principaes debates da Assembléa Constituinte resurgem aqui numa especie de anthologia das orações mais impressionantes ali proferidas. Professor da Faculdade de Direito da Bahia e Promotor da Justiça Militar, o sr. Antonio Marques dos Reis desobrigou-se em breve tempo de uma tão penosa tarefa e, apesar da urgencia do trabalho, sem nenhum deslize comprommettedor.

"FESTA"

Graças ao esforço nunca desencorajado dos illustres homens de lettras Tasso da Silveira e Andrade Muricy, acaba de reapparecer, com um expressivo corpo de collaboradores, a revista Festa, *que tanto prestigio obteve em nossos circulos pensantes com os numeros anteriormente divulgados. E' esse um acontecimento que só póde encher de alegria aos que se consagram entre nós á defesa do espirito.*

---

va della e interrompia a contagem.

Segunda pancada no relogio. Meia hora? uma? uma e meia? Só vendo. Erguia-me, pisava com força. Magdalena continuava a dormir.

Destrancava e trancava a porta do corredor. Tornava a destrancar, tornava a trancar. E examinava o rosto de Magdalena. No somno! Ali descançada, e eu me roendo por dentro. Descançada como se tudo estivesse muito direito. Tinha desejos de acordal-a, recomeçar a contenda em que viviamos. Dormir assim, quando eu estava preoccupado, seriamente preoccupado, não era justo. Preoccupado com que? Afinal que fazia ali, com a mão na chave e os olhos esbugalhados para Magdalena?

— Porque diabo estou mexendo nisto?

Ah! sim! ver as horas. Empurrava a porta, atravessava o corredor, entrava na sala de jantar. Sempre era alguma cousa saber as horas.

Sentava-me no meu logar á me-
Sempre era alguma coisa saber
sa. No começo das nossas desavenças todas as noites aqui me sentava, arengando com Magdalena. Tinhamos desperdiçado tantas palavras!

— Para que serve a gente discutir? explicar-se, para que?

Para que, realmente? o que eu dizia era simples, directo, e procurava debalde em minha mulher concisão e clareza. E se ella tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inoffensivas e concretas eram para mim semelhantes ás cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa.

GRACILIANO RAMOS.

(Do romance a apparecer: — *S. Bernardo*.

DE PARIS

UM FILME DE EISENSTEIN

Os francezes são um povo essencialmente "basbaque", *badaud* como elles dizem. No resto como em arte. Mas, principalmente, em arte, porque para o resto sobra-lhe o senso da medida. E esta qualidade rara compensa aquelle defeito commum.

Uma casa em construcção, um cachorro morto na sargeta, ou a mais simples collisão de vehiculos, são espectaculos que, em Paris, o homem da rua goza infinitamente. Porque o homem da rua é um sonhador a seu modo, é um poeta de outro genero, que tudo encanta ou commove, que por tudo se embasbaca.

As *elites* intellectuaes francezas póde dizer-se que são constituidas tambem de basbaques, que em outros paizes se chamam *snobs*, sempre promptos a se agglomerar em torno de qualquer *chien crevé*, desde que este traga, bem em evidencia, a marca "Made in Foreign Countries". Não vae longe ainda aquelle decennio de *après-guerre*, durante o qual as estheticas terminadas em *ismo* se multiplicavam e se destruiam, segundo a novidade do *dernier bateau*. Nunca eu soube ao certo si esses *bateaux* significavam realmente um carregamento de idéas novas... ou si, antes, deviam ser tomados na accepção ironica e popular desse substantivo, que, na nossa gyria, corresponde a "balão (*monter un bateau à quelqu'un* — "soltar um balão", inventar uma tolice capaz de ser tomada por verdade)... O facto é que, dentre os *bateaux* ou "balões" com que se tem embasbacado a grey intellectual franceza encontra-se, desde o principio deste seculo, a Russia, — os homens e sobretudo as mulheres, da Russia, a psychologia dos russos, o "mysterio da alma eslava" (chavão ainda corrente da litteratura dos reporteres), o cinema dos russos, o theatro dos russos, a musica dos russos, a pintura dos russos, o genio dos russos. Tudo russo, tudo ruço... Tudo neutro... Tudo *bluff*, tapeiação, cabotinagem... Desde o formidavel *bluff* do "emprestimo dos grão-duques", que arruinou a maioria das familias nobres da França, até a farça monumental da liberdade, igualdade, fraternidade do regimen communista. "Liberté, liberté chérie..."! Onde estão os "sagrados principios de 89"? Até elles, que, oriundos da França, mudaram a face do mundo, para serem reconhecidos precisam de mudar de etiqueta: em lugar de R. F., a marca "Made in U. R. S. R."

Até o *dernier bateau*, o ultimo filme de Eisenstein. A notar, de passagem, que os geniaes artistas russos só descobrem o proprio genio em Paris, e os geniaes cineastas russos só o desenvolvem em Hollywood... E' de crer que o Estado soviético, escravizador do trabalho individual, tem odio da personalidade e é inimigo do genio...

Depois de dois annos de espera, foi-nos dado, emfim, assistir ao ultimo parto do genio cinematographico eslavo: *Tonnère sur le Mexique*. Este filme, do autor do famoso *Couraçado Potemkine*, antes mesmo de nos ser apresentado, suscitou muitas polemicas. Eisenstein foi um dos primeiros a protestar contra a propria obra... Quero dizer que, em entrevista dada ao jornal inglez *The New Leader*, accusou o escriptor americano Upton Sinclair de ter "sabotado" o argumento genial que elle escrevera para o seu filme genial. Assim se exprime Eisenstein:

> "O meu plano consistia em criar uma historia comprehensivel do Mexico, calcada nas condições naturaes que lá subsistem ainda hoje. A primeira parte do filme devia passar-se no Mexico primitivo, na fórma mais simples da vida tropical. A segunda parte, era a invasão espanhola, o advento do catholicismo e uma historia de adulterio. A terceira parte, os resultados do imperialismo espanhol, bem como a historia da exploração e da oppressão dos peões pelos fazendeiros. Esta ultima parte, que constitue o enredo actual do filme inteiro, devia ser materia para dois rôlos apenas. A quarta parte seria a revolução mexicana. Não pude filmar esta parte. A quinta parte, seria o Mexico moderno, não o mundo industrial feliz apresentado pela montagem actual do filme, feita em Hollywood, mas um mundo dominado pela hegemonia americana".

Em summa o argumento genial muito pouco differente do de quasi todos os filmes de propaganda soviética (V. gratia: *La Terre a soif*, *Tempête sur l'Asie*, etc.). Por outro lado o genio, para desculpar-se pela mediocridade da obra produzida, desaperta para a esquerda, desanca, como sóe acontecer, o imperialismo americano, o industrialismo de Hollywood, a incomprehensão artistica dos *yankees*... Não obstante, Robert Wagner, um dos maiores criticos americanos, certamente empolgado pela vaga de snobismo das *côteries* dos John dos Passos, escreveu, a respeito de *Trovoada no Mexico*, que "deste casamento de Hollywood com Moscou sahiu, como acontece muitas vezes, um filho mais bonito do que os paes". Imagem, afinal, si bem que sympathica, muito pouco compromettedora...

Em verdade, o filme de Eisenstein, que levou um anno para ser realizado, lembra-me, antes, a fabula da montanha que, estrondosamente, deu a luz a um ratinho...

Um anno de estada e de estudos no Mexico para de lá trazer-nos uma historieta pueril de amor entre peões, que constitue todo o enredo do filme; para tentar nos persuadir de que a revolução mexicana de 1911 teve por origem a violação duma camponeza por um fazendeiro, e decla-

rou-se em virtude das préces desta a Nossa Senhora; emfim, para nos mostrar, como symbolo do "novo Mexico", paradas militares e uma vista repetida dum engenho moderno de extracção do "pulque", — deve confessar-se que é um resultado mediocre. Culpa de Hollywood? Culpa de Sinclair? O resultado é que tem importancia.

Isso quanto ao argumento. Do ponto de vista technico, o filme pecca essencialmente por ser "mudo", na época de apogeu do "cinema falado". Uma composição musical, monotona e sem estylo, sem nenhum senso de synchronização, acompanha servilmente a pellicula, — não commentando-a, como devera, mas fazendo apenas officio de orchestra. Para a comprehensão do enredo, legendas abundantes, seja supra-impressas na pellicula, seja em quadros interminaveis sobre photographia immovel, que atrapalham mais do que explicam e fatigam a vista.

A montagem das scenas obedece ao chamado "estylo rapido", tão rebatido pelos russos, que julgam ter descoberto a juxtaposição e a supra-impressão das imagens — quando este processo, já por volta de 1924, era frequentemente empregado em Hollywood, sobretudo por Erich von Stroheim. Outra carateristica da montagem rapida, tambem usada e abusada em todos os filmes de propaganda sovietica (copiada das producções allemães desde *Metropolis*), é a que consiste em oppôr vistas estaticas (v. g.: uma paizagem) a vistas dynamicas (v. g.: machinas em movimento). Os *close up* do principio do filme, em que se vêm indios mexicanos actuaes ao lado de esculpturas maias, e que se parecem com estas como gemeos, são interessantes porém mal photographados. Aliás, a photographia é ruim em quasi todo o filme. Com excepção duma composição (calvario dos peões) que entretanto, apesar de feita em plena natureza, cheira terrivelmente a artificio de studio. Mas, o diabo é que Eisenstein, quando descobre uma *trouvaille* de enscenação ou de photographia, fica tão puerilmente encantado com ella que nol-a serve e re-serve, mesmo requentada. Gostou dos *close up* dos indios? Tome *close up!* Gostou da composição do calvario dos peões? Tome composição! Gostou do céu que, á esquerda é ensoalhado, e á direita é empenumbrado? Lindo céu de crepusculo — que tambem servirá de ceu de alvorada, invertendo-se as imagens: da esquerda para a direita, a noite cae; da direita para a esquerda, o dia se levanta... E' simples e de bonito effeito. Mas é mediocre.

E, não obstante, os *badauds* intellectuaes francezes, que, em materia de cinema, só têm olhos para o que vem de fóra e se esquecem de *Poil-de-carotte*, *La tête d'un homme* e *Paquebot Tenacity*, tres obras primas de Julien Duvivier, das inconfundiveis producções de René Clair, e dessa composição grandiosa de Jacques Feyder, *Le Grand Jeu* (que passará no Rio sob o titulo *A Ultima Cartada*), o mais bello fresco que o cinema já pintou sobre a Legião Estrangeira, — esses basbaques do pseudo genio eslavo ainda escrevem: "A rara belleza das imagens, o gosto delicioso da composição, a interpretação dos indigenas, cuja naturalidade nos commove, tudo isto dá ao valor de *Trovoada no Mexico* um preço inestimavel". Realmente, 25 francos a cadeira, ao cambio actual, é um preço inestimavel...

MAURICIO V. WELLISCH.

As verdadeiras memorias de Cecilia de Volanges — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Em optimo prefacio, o sr. Menotti del Picchia assignala com bastante lucidez o valor do livro de memorias agora lançado pela Civilização Brasileira. São observações e confissões desabusadas de quem se moveu em recantos os mais complexos da sociedade franceza, numa hora em que tudo se renovava moral e politicamente. Cecilia de Volanges, enthusiasta das obras de Rousseau, fornece, aqui e ali, detalhes preciosos para os que, imbuidos da leitura de Freud, encontram prazer na dissecção dos sentimentos mais recalcados.

Oduvaldo Vianna — *Amor* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

O sr. Oduvaldo Vianna é, sem duvida alguma, um dos supremos triumphadores do nosso theatro. Possue elle como poucos aquelle "bonheur littéraire" de que falou Gourmont a proposito de Rostand. A primeira representação das suas peças nunca é em espectaculo de despedida, como no caso de tantos outros massacradores da paciencia do publico. Cartaz que traga o nome do sr. Oduvaldo Vianna é cartaz que perdura na frontaria dos theatros. *Amor* constituiu um desafogo para milhares e milhares de patricios nossos, entediados pelos politicantes e pelos philosophelhos da horrenda Cabotinopolis, e assegurou ao Brasil a existencia de uma grande actriz: Dulcina de Moraes. Apenas successo de bilheteria? — indagarão. Emquanto a peça se mantinha no palco, poderiamos pensar que sim, desconfiados de que tudo aquillo fosse simples carpintaria scenica. Mas, uma vez em livro a comedia, vemos que tambem ali existe litteratura e o theatrologo é tambem um escriptor.

Luiz Jacolliot — *Viagens a paizes mysteriosos* — Edição Record — Rio, 1934.

Boa idéa a de espalhar em lingua portugueza as impressionantes aventuras em que se compraz esse fertil narrador. Scenarios e ambientes os mais variados revivem, com um empolgante colorido, nas paginas desse homem que sobrepunha á civilização estereotypada da Europa o contacto de regiões em que ainda se póde encontrar o Imprevisto.

Monsenhor Vicente Martins — *A Russia dos Soviets* — Rio.

Analysando a Russia de hoje sob o ponto de vista catholico, esse illustrado sacerdote offerece uma serie de argumentos que devem ser convenientemente estudados pelos especialistas em taes assumptos. Sua bibliographia é indiscutivelmente copiosa e, dada a respeitabilidade dos principios seculares que defende, não ha como desdenhar, sem maior exame, o raciocinio de um tão extremado defensor da Egreja.

Paul de Stoecklin — *Vida de Grieg* — Livraria Cultura Brasileira — São Paulo, 1934.

Magnifico ensaio, biographico e critico, dedicado ao grande compositor do norte da Europa. Os dons de meiguice e melancolia de Grieg, o encanto das suas dansas e das suas melodias populares, tudo é finamente apontado por alguem que se deteve longamente na assimilação dos trabalhos do mestre. Vida e obra do interprete musical da alma norueguesa encontraram em Paul de Stoecklin um estylista aprovisionado de bons documentos. E a traducção portugueza — não é demais accentual-o — redunda em verdadeiro prestigio intellectual para a sra. Nair Duarte Nunes.

AS NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

João Mangabeira	EM TORNO DA CONSTITUIÇÃO	20$000
Monteiro Lobato	AVENTURAS DE HANS STADEN	6$000
Paulo Setubal	EL-DORADO	6$000
A. Almeida Junior	ESCOLA PITTORESCA	7$000
Ernesto Toledo	HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO 4.ª série	10$000
Rubens do Amaral	TERRA ROXA	6$000

Rua dos Gusmões, 24 a 30 — S. Paulo
Filiaes em: Rio, Bahia, Recife e Lisbôa

LIVRARIA ODEON
— DE —
Soria & Boffoni
Importação directa com as principaes casas editoras
157, Av. Rio Branco, 157
Teleph. 2-1288 — Caixa Postal 460
End. Teleg. "*Livrodeon*"
RIO DE JANEIRO

De STEFAN ZWEIG:

Maria Antonietta	20$000
Amok	6$000
Fouché	15$000
Minutos Decisivos na Humanidade	15$000

EDITORA GUANABARA
Waissman, Koogan
OUVIDOR 132 — TELP. 2-7231

ACABA DE APPARECER
"DENTRO DA NOITE AZUL"
O ultimo successo de
OSORIO DUTRA
EDIÇÕES PONGETTI
A' venda em todas as livrarias.

RIBEIRO COUTO
Poesia
(«O Jardim das Confidencias» e «Poemetos de ternura e de melancolia»)
Br. 6$000

JORGE DE LIMA
Anchieta
Br. 6$000

PAULO GUSTAVO
Era uma vez uma illusão...
Br. 5$000

COLECÇÃO «SIP»
O noventa e três — Alexandre Dumas
Br. 2$000
O espião — Maximo Gorki
Br. 2$000

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
Discursos academicos — Varios autores
Br. 12$000
Ultimas — Gregorio de Mattos
Br. 7$000
Luiz Guimarães Jr. — Iracema Guimarães Villela
Br. 3$000

Livraria Civilização
Rua Sete de Setembro, 162
Telephone 2-6773 —:— Rio de Janeiro
Para o interior, sem augmento de porte
REMETTE-SE CATALOGO GRATIS

Pierre Loti
As desencantadas, 3.ª ed. brasileira, traducção de Jorge Gonçalves, 1 vol. br. 6$000

Oscar Wilde
O retrato de Dorian Gray, magnifica traducção de Januario Leite, conhecido philologo portuguez, 1 vol. em br. 5$, enc. 7$000

Anatole France
O Lyrio Vermelho, traducção de Justino Montalvão, da Academia de Sciencias de Lisbôa, 1 vol. brochado ..... 6$000

Medeiros e Albuquerque
Surprezas, contos, 1 vol. brochado 6$000

Publicações de FLORES & MANO
Rua do Ouvidor — 145
LIVRARIA MOURA

ADERSEN - EDITORES

S. Fridman — A Educação na Russia Sovietica	7$000
Assis Cintra — Floriano, carneiro de batalhão	6$000
Maximo Gorki — Em Guarda!	5$000
Gastão Pereira da Silva — A Psico-Analise	6$000
Ritmo Vermelho — (romance socialista)	5$000

Edificio d' NOITE-14.° and
Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES

GILBERTO AMADO — *Tobias Barreto*
ROQUETTE PINTO — *Samambaia*
LUC DURTAIN — *Imagens do Brasil e do Pampa*
(TRAD. DE RONALD DE CARVALHO)

Ariel, Editora Limitada
Rua Senador Dantas, 40 - 5.° and. —:— **Rio de Janeiro**

"La Vierge et le Bohemien"

(Plon — 1934)

Nesse romance de Lawrence o ambiente se dilue de tal modo, durante o desenrolar da anecdota, que, fechando-se o volume, a impressão que se tem é a de um vasio. Começando pela fraqueza do motivo (o encontro da virgem com o bohemio) ao imprevisto daquella inundação final, funccionando, no caso, como "elemento de resistencia" de pessimo gosto. E digo fraqueza pela rapidez com que Lawrence faz do incidente, á primeira vista banal, o pretexto maximo para a desenvoltura do entrecho. De modo que a acção fica girando em torno desse detalhe, a continuidade da novella prejudicando-se com sua insistencia. Assim, os dialogos que apparecem — posto que ás vezes carregados de grande força humana — jamais conseguem estabelecer um élo (quando nada em sentido) entre as diversas situações, dispersas pelo corpo do livro.

O mysterio da virgindade é o alicerce do romance. Por signal, um alicerce falso, fincado em terreno movediço e pouco adequado. A destinação da virgem é, por exemplo, desde o capitulo primeiro, prevista pelos desvios de sua mãe, como a pequena — victima de uma moral excessivamente burgueza para ser sincera. O sexo está exigindo uma satisfação dos 19 annos constrangidos por falsas virtudes, porém a personalidade dos que a cercam (de Léo, por exemplo) é da mesma natureza que a de Yvette: não dá para libertal-a. Ahi, começa o drama dessa adolescente, até que o olhar de um homem de outro meio vem acordar-lhe qualquer coisa extranha e ignorada de si mesma, abrindo-lhe perspectivas de um novo mundo.

O romancista faz resaltar bem a figura de Yvette, em contraposição á de Lucilia, sua irmã mais velha. Acontece que o *juizo* dessa ultima repousa apenas em recalcamentos, trabalhados á custa de um systema de preconceitos de moral domestica... Porém, Yvette é mais *directa*, dahi a impressão de "perdida" que dá aos Saywell. E a tragedia da moça nasce justamente desse conflicto entre o seu temperamento e o artificialismo de attitudes dos membros de sua familia. Nessa orientação, o mais ligeiro desentendido em casa faz sempre lembrar a idéa de liberdade, agora a preoccupação permanente da pequena. E a liberdade apparece com blusa de jersey verde, exactamente como o bohemio, vendedor ambulante. Depois, o peccado, a consequente libertação (tudo a proposito da inundação typo fim do *Guarany*).

E' claro que a critica jámais poderá se intrometter no determinismo de uma obra de arte (na de ficção, notadamente). Acontece, tambem, que apenas deploro o facto da ultima scena: a coisa physica. Acceito o destino das personagens (o reitor, o casal Eastwood, Cissie, Fred, etc.) concebo a paixão da pequena pelo bohemio etc. Acho até o livro interessante, apesar dos tempos terem mudado tanto, e as pesquisas psychologicas ficarem bem melhor numa obra didactica desinteressada. Porque, de facto, a gente aprecia essas divagações, acha tal e qual os casos que acontecem fóra dos livros, toma partido. De minha parte gostaria, por exemplo, que mãos mais pacientes tratassem o material desse volume (Bernanos, Julien Green). Mas, de outro modo, fico pensando o seguinte. Si a obra de arte tem uma funcção social a representar, porque insistir em arremedos inuteis, junto a um publico nunca affeito a concluir por si, a tirar uma licção da narrativa apresentada?

Pois num livro qualquer de educação sexual, o caso Yvette daria, si tanto, dois ou tres periodos.

ROSARIO FUSCO.

A fé é uma certeza sem provas.
Amiel.

PEDRO LOPES JUNIOR

Vem de morrer em Recife o jornalista Pedro Lopes Junior, grande amigo do *Boletim de Ariel*. Era elle um humorista bastante divulgado e estimado em terras do norte, através do pseudonymo de Sá-Poty, com que se fez o annotador ironico de tudo aquillo que se lhe afigurasse hilariante em seus reductos. Senhor de um verso escorreito e dando-se a festivos jogos de palavras, Pedro Lopes, que era uma especie de Bastos Tigre não emigrado para o sul, mereceu expressivas referencias do escriptor Peregrino Junior, que louvava nelle "uma veia comica muito facil e espontanea" e "uma certa originalidade no tratar assumptos que nem sempre se recommendam pela novidade". Tambem o publicista Luiz da Camara Cascudo elogiou o despretencioso *Sá-Poty*, "o seu verso amavel, engenho alegre, linguagem clara, espirito sadio, alma liberta da elegia convencional dos poetas amorudos, feita para o riso, na plena alegria de viver".

EDIÇÕES "SELMA"

Têm sido bem acolhidas pelo publico as edições da casa "Selma", desta capital. Despertou interesse o volume *Obra alheia*, em que o sr. Eloy Pontes, critico d'*O Globo* e autor do romance *Esforço inutil*, commenta a personalidade e os livros de João do Rio, Graça Aranha, Humberto de Campos, Gustavo Barroso, Ribeiro Couto, Afranio Peixoto, Oliveira Vianna, Alberto Torres, Luiz Edmundo, Menotti del Picchia e outros. O sr. Neves-Manta reuniu varios ensaios de finalidade scientifica no volume *As razões do doutor Freud*. *Para você...* é uma serie de fantasias do sr. Raul Lellis. O passado e as attitudes do supremo gestor do paiz inspiram um estudo de 183 paginas ao sr. José Pereira da Silva, estudo que traz exactamente o titulo de *Getulio Vargas*. E o sr. José Milad, no *Para as lindas mãos de minha amada*, apresenta-nos uma collectanea de poemetos entre romanticos e futuristas, um delles dedicado ao sr. Jorge de Lima e outro á memoria de João Ribeiro.

John Reed — *Dez dias que abalaram o mundo* — Livraria Cultura Brasileira — S. Paulo, 1934.

Palpitante de vida é este depoimento sobre a revolução russa, prestado por alguem que imprime a tudo quanto diz um impressionante cunho de authenticidade. John Reed, typo de guerrilheiro, de lutador de barricada, deu-se com paixão irrefreavel ao estudo de acontecimentos que tanto perturbam os historiadores apegados a velhos moldes. Inimigo dos plutocratas, manteve nos livros a impetuosidade com que tomava de armas para combater os oppressores de consciencias.

O NOVO LIVRO DE JORGE AMADO

A posição da critica litteraria da esquerda deve ser a mais demarcada possivel. Antes de tudo ser clara e exprimir, sem usar de terminologia complicada, um juizo critico certo e seguro, procurando evitar, sobretudo, confundir-se com a critica reaccionaria. Pensamos que no momento actual o papel da critica revolucionaria é de uma importancia imprescindivel. A ella estão impostos pesadissimos e complicados encargos: tem de se occupar em orientar, em todos os sentidos estheticos, a litteratura da esquerda, principalmente numa hora em que no Brasil e no mundo a litteratura reaccionaria procura fazer confusão na litteratura de vanguarda.

Partindo desta nossa maneira de pensar é que vamos commentar *Suor*, o novo livro de Jorge Amado. *Suor* tem em si um material differente do utilizado no romance *Cacáu*. Neste o que se via era o drama do trabalhador rural nas fazendas da Bahia, drama onde a luta de classes mal começava a se esboçar. Naquelle é a vida de um cortiço atulhado de gentes de todas as profissões, ligadas por um traço commum e muito forte: a miseria.

Cacáu foi muito discutido. Criticos da direita negavam e ainda negam a litteratura de finalidade revolucionaria do *Cacáu*. Só em uma coisa todos estiveram de accordo. Foi no reconhecer em Jorge Amado grandes qualidades de romancista, romancista que soube tirar do real, do vivido, a poesia e a acção que bem combinadas fizeram do *Cacáu* um bom romance.

Suor é um livro que se prestará a muitas interpretações e criticas. Não é um romance, antes, porém, um documento vivo e impressionante do proletariado urbano da cidade de São Salvador. Ha um certo exaggero em alguns typos de *Suor*. Não quanto á pornographia, porque as camadas pobres falam como escreve Jorge Amado no seu livro. Achamos, no entanto, que a pornographia só deve vir quando não puder ser evitada, nas occasiões em que este elemento der maior força de expressão, mais realismo. A não ser assim é uma coisa desnecessaria, bohemia nociva e de funcção contra-revolucionaria porque mantem no mesmo nivel de cultura a massa trabalhadora.

Ha uma razão honesta de *Suor* ser um documentario em vez de um romance do "lumpen-proletariat" bahiano. Razão de um determinismo ambiente. A luta de classes na Bahia não attingiu a situações politicas que forneçam material para um romance que reflicta quadros desta luta. Portanto o romancista revolucionario que se utiliza do real e que é antes de tudo um observador da vida, jogando com este material, só poderia se restringir a apresentar os typos mais impressionantes das camadas proletarias, sem mettel-os em agitações ainda não presenciadas na sua terra. Typos que com o aguçamento da luta de classes poderão servir ao romancista para material de um grande romance, a exemplo de *Cimento* de Fédor Gladkov.

Suor é um livro humano. Um livro tirado da vida miseravel de um sobrado velho da Ladeira do Pelourinho, na Bahia, sobrado onde em certa época Jorge Amado morou, convivendo com toda aquella gente que mais tarde lhe forneceria um material palpitante de vida e ás vezes de poesia. Material que elle apresentou servindo-se de uma technica completamente nova em nossa litteratura. Technica nossa conhecida atravez do cinema de King Vidor, em *Turbilhão da Metropole*. Os typos do *Suor* surgem um a um e entram em contacto com o leitor naturalmente, em occasião propria. Na sua apparente falta de acção o livro tem uma continuidade intensa. A escada velha do 68, cheia de ratos e palavrões, é o traço de união mais visivel, o que dá unidade cinematica ao desenrolar dos acontecimentos. Temos a impressão de que o romancista permaneceu na escada para dalli observar toda aquella gente miseravel: prostitutas, marinheiros bebados, operarios desempregados, costureiras tuberculosas, gringos da prestação, mendigos mutilados e flagellados dos sertões do nordeste. O romancista no *Suor* occupa o logar que no cinema seria reservado ao "camera-man". E por detraz de tudo isto, movimentando o escriptor e as personagens, a luta pela vida, a miseria economica dá um sentido total de revolução, de revolta, de insatisfação com a vida de explorados que elles levam, mas que já sentem necessidade vital de desforra, de tentar uma situação melhor. E' o sentimento revolucionario em potencial que todas as classes exploradas possuem e que em determinado momento historico se transforma em consciencia revolucionaria de classe. Todos os habitantes do 68 têm este potencial revolucionario que com o desenvolver dos acontecimentos economicos, politicos e sociaes no Brasil e no mundo será a força viva da Revolução.

Jorge Amado é um fixador de caracteres humanos. Em *Suor* mais uma vez elle affirma esta força. Os seus typos nos ficam bem nitidos e a miseria das classes opprimidas e do lumpen-proletariat" bahiano se nos apresenta revoltante. Conseguir revoltar sobretudo, é o maior merito do intellectual revolucionario. E este Jorge Amado possue.

ADERBAL JUREMA.

Proximas edições "ARIEL":

F. Contreiras Rodrigues — **Traços da Economia Politica e Social do Brasil Colonial.**

Alberto Ramos — **POEMAS**
Graciliano Ramos— **S. BERNARDES** — (Romance)
Gastão Cruls — **VERTIGEM** — (Romance)

Por vezes, choram-se as illusões como se choram os mortos.

Maupassant.

CORRESPONDENCIA DE ANTONIO TORRES

(Cartas a Gastão Cruls)

R. M. S. P. "Deseado", 22 de Novembro de 1920.

Gastão,

Por emquanto não ha quasi nada interessante a contar da viagem, que corre bem.

....

Aqui na 1.ª cl. vae a.... (1) com duas horrendas filha. Dá-me a impressão de uma vacca velha acompanhada de duas novilhas atacadas de aphtosa.

Sonhei hontem com o Silva Mello (2), de casaca, cartola e calças pardas, representando com a....(3). O Silva Mello representava pessimamente. Nem siquer sabia a sua parte. E eu, que tinha de fazer critica para *O Paiz*, estava perplexo, porque dizer a verdade seria desagradar ao Mello; elogial-o seria desmoralisar-me perante os leitores e o publico. Que pezadelo grotesco! Deve ter sido effeito da comida de bordo, que é pessima.

Estamos soffrendo os ventos d'Africa. Passamos pela Serra Leôa. O mar está um bocadinho agitado. O navio, porém, tem sobre os luxuosos da letra A a vantagem de ser estavel e firme. Tanto assim que pouco joga.

Abrace por mim ao Miguel Osorio (4), ao Castilho (5), ao Fernão Lopes, o Veneravel (6). Quando fôr á casa do prof. Juliano, dê-lhe um abraço por mim e diga a Dona Augusta (7) que tenho muitas saudades daquelles domingos lá.

....

Adeus. Meus respeitos á Sra. sua Mãe e a toda a sua familia.

Todo seu

Torres.

—

Londres, 8-2-1921.

Meu caro Gastão,

Recebida a sua carta de 1.º de Janeiro. Obrigado. Antes de recebel-a, tinha-lhe mandado uns *sutras* de Oscar Wilde (8). Recebeu-os?

Envio-lhe dois retalhos da *Westminster Gazette*, por onde poderá V. ter uma pallida idéa de como os inglezes tratam a Irlanda. Essa qualificação de novos delictos por uma côrte marcial é simplesmente espantosa. Eu quizera que os Ruys e outros admiradores extacticos da Inglaterra lessem isso. Mostre isso ao Miguel Osorio, ao Miguel Mello, ao Juliano e ao Gilberto (9). Quizera poder mandar um exemplar disso ao Gilberto, mas não sei si elle estará ainda no Rio ou si já estará em Sergipe, tratando das proximas eleições. Não lhe mando impressões de Paris e de Londres—, porque estou muito estupido. Por aqui, muito frio, muito *fog* e muita caceteação. — Mande-me o endereço do Eyer (10) e diga-me onde está o Ephigenio Salles. Mas tudo isso com urgencia, *please*. Lembranças ao Castilho e ao Neves. Ah! meu pobre livro! Eu nem me lembro mais que prefacio escrevi (11). Antes que me esqueça: lembranças ao Leopoldo Guaraná. Todo seu

Torres.

—

Londres, 14 de Setembro de 1921.

Meu caro Gastão,

Recebi seus postaes da Bahia. Tempos depois, um de Recife (12). Dias depois, o Gilberto me mandou a carta que V. lhe escreveu a proposito do desmentido que elle mandou á *Noticia* no que diz respeito á sua candidatura (delle) á nossa impagavel Academia de Letras. Tenho esperado em vão cartas suas, conforme promessa que V. me fez em carta de Janeiro... Mandei-lhe alguns jornaes illustrados daqui. Tel-os-ha V. recebido? Palpita-me, ou, como diria o professor Silva Ramos, bacoreja-me que não. Eu tenho a impressão que V. na Parahyba está mais distante de mim do que si estivesse na Australia. Quando eu penso que uma carta, posta no Correio aqui e com destino á Parahyba, tem de ser mudada de um navio inglez para um dito brasileiro, preferiria que V. estivesse em Sidney... (13).

A minha vida aqui continúa na mesma. Monotonia, tedio. Tedio, monotonia. De casa para o Consulado; do Consulado para a casa. No Consulado, embora os companheiros sejam todos bons rapazes, não ha entre elles nenhum que tenha conversa para mim. Assim, vivo isolado. Já estou entendendo *mais ou menos* o inglez fallado. Relacionei-me num bar com um inglez muito sympathico, tão sympathico mesmo e tão prestante, que, para mim, elle só póde ser gatuno, ou então, detective. Esse *fellow* tem engulido alguns *whiskies* commigo, nas horas que Sua Magestade o permitte, e conversa commigo longamente a respeito da *South-America*, onde elle já esteve, e corrige pacientemente as minhas formidaveis syllabadas. E' um rapaz bonito, com o seu eterno cachimbo na bocca, bellos olhos azues, trinta annos presumiveis, mas tem quarenta e cinco, segundo me informou! E' viajante de uma firma britannica. Desforro-me nos livros e nas revistas. Os jornaes daqui são de tal maneira interessantes, que eu resolvi supprimir a leitura delles. Agora só leio jornaes aos sabbados e domingos. Estes ultimos trazem tudo quanto se passa na semana e dão excellentes artigos. Deixei de ler jornaes em dias uteis, porque elles me absorviam todo o tempo e eu não podia ler livros. Estou lendo Chesterton. Actualmente estou lendo o seu *The man was Thursday*. E' *tremendously interesting*. Infelizmente os livros aqui são caros. Consolo-me com uma coisa que não posso ter no Rio,: a solidão. Faço vida eremitica. Mas, assim como Adão teve Eva e a Serpente para desgraçal-o no Paraiso, assim tambem eu estou infeliz ha cerca de uma semana: acha-se entre nós o....(14) Poderá V. comprehender todo o abysmo da minha desventura? O rapaz veio servir no Consulado! E, o que é peor, não me larga! Foi um pedaço da Avenida Rio Branco que me veio directamente do Rio pelo Correio, em carta expressa. Muito bom rapaz, coitado, mas a palestra é inteiramente de moça instruida brasileira..... No momento mesmo em que lhe escrevo....(15) me empraza irresistivelmente para leval-o amanhã á *National Gallery*. Ah! quanto eu quizera ser o seu cicerone naquella galleria d'arte! Os Reynolds, os Gainsborough, o Turner, o Van Dyck, os Dante Gabriel Rossetti, toda a ordem super-angelica dos Primitivos — Fra Angelico na frente — já estão á sua espera (16). Mas o Destino, sempre sarcastico para commigo, resolveu que eu vá com....(17) .... (18) continúa a não gostar de Humberto de Campos, por causa do Titó (19) dansando em cima do piano! Já me falou nisso. Provavelmente amanhã, deante de um Botticelli, ou de um Guido Reni, será evocado o espectro do Humberto fazendo Titó dansar sobre o Erard e fazendo Ataulpho jogar a *vermelhinha* com o Gittuzzo. Eu morro suffocado. Creio que vou pedir transferencia para o Japão. Pensando bem, é o que convem á minha neurasthenia: a quietude do Budhismo... Eu tenho o habito de almoçar sózinho, mas agora não posso mais fazer isso, porque elle vae almoçar commigo. E conversa sobre roupas, sobre poesia, graxa de sapato, Olegario Mariano, preço de meias de sêda..... Meu cerebro já se está affazendo á bella ordem ingleza; de sorte que, ao ouvir toda essa mistura de coisas estheticas e profundamente cariocas, eu fico tonto, sem capacidade para comprehender, e sinto o meu craneo invadido pelo *fog* cerebral do Domicio da Gama. Comprehenda, si poder, amigo, a extensão da minha desgraça... O *José Eleutherio* (20) está paralysado, para não dizer, paralytico. Mas comecei um outro: *Martim Affonso de Souza!* Vae sair-me, ou está-me sahindo, uma coisa profundamente historica e, como tal, profundamente inverosimil. A critica vae escandalisar-se com o cynismo da realidade e o desavergonhamento da falta de technica á Flaubert, Joaquim de Macedo e Paulo Magalhães...

O..... (21) está aqui. Bem entendido, eu o tenho apenas visto, mas defendo-me bem de reconhecel-o... Os rapazes do Consulado foram Domingo passado tomar chá(!!) no *Trocadero*. Londres é a cidade da calma e da urbanidade baseada na ordem. O inglez nunca atravanca nem dá es-

barros em ninguem. E' a gente mais civilisada que eu tenho encontrado. Si uma sala de cinema, ou de chá, está cheia, um criado fica á porta para impedir que entre mais gente e evitar assim o atravancamento; e todo o mundo obedece, porque é racional. O.....(22) veio trazido aos trambulhões, escadas abaixo, por quatro *garçons*, que o pozeram para fóra. A fama do brasileiro, por todas as cidades da Europa, continúa consolidada: uma gente selvagem, sem compostura e suja. Os rapazes do Consulado foram espectadores mudos da scena. Não estavam com elle. Assim, fique V. sabendo: quando vier a Londres, faça como eu: não vá ao *Trocadero*, a não ser para conhecer o logar. Ha lá.... brasileiros que fazem chinfrim...

Espero que V. me escreva. O Godoy ha tres mezes não me escreve! Nem Mello (23), nem ninguem. Excepção honrosa: o Gilberto, que me escreve sempre. O Castilho não me dá signal de si. Creio que estou esquecido dos amigos. Abraços do seu *Torres*.

P. S. N. 1 — *Dia* 15 — ...... (24) resolveu não ir mais hoje á *National Gallery*. Diz que está um pouco fatigado e por isso foi para casa ler a *Rotisserie de la Reine Pédauque*. Parece que amanhã não escapo. — Elle vae a Paris. Pergunta-me coisas horriveis, si eu conheço o Theatro Eduardo VII; qual a minha opinião a respeito das *Follies Bergéres;* porque é que eu não leio o *Mercure de France*... Vae a Paris! E eu me surprehendo a sorrir á hypothese de um naufragio na travessia do Canal...

Post Script. N. 2. — *Dia* 16 — Continúa o martyrio. A perseguição não cessa. Parece que é hoje a ida *á National Gallery*. Esta noite tive pezadelos horriveis. Entre outros: o João Antonio Brandão, o da *Noite*, que morreu, apparecendo-me, disse-me: "Venho buscar-te. Andas ahi a arremedar-me, mas agora tens que vir commigo!" Acordei suando frio. Ora bem, mas hoje é dia de fechar a mala. Adeus. Sempre o seu

Torres

(1) Actriz portugueza. — (2) A. Silva Mello. — (3) Ainda a actriz portugueza. — (4) Miguel Ozorio de Almeida. — (5) A. J. de Castilho. — (6) Referencia a Fernando Nery, que assignou varios trabalhos litterarios com o pseudonymo de Fernão Neves. — (7) Senhora do prof. Juliano Moreira — (8) *Aphorisms of Oscar Wilde — Selected and arranged by G. N. Sutton — Methuen & Co. Ltd. London.* — (9) Gilberto Amado. — (10) Frederico Eyer. — (11) Referencia ás *Pasquinadas Cariocas*, que aqui deixara no prélo. — (12) O destinatario dessa correspondencia ia a caminho da Parahyba do Norte, para servir numa commissão de saneamento rural. — (13) E tinha razão. Por aquella época, o serviço postal, na Parahypa, era pessimo, e inrumeras foram as cartas de G. C. que não chegaram a seu destino. — (14) Jovem ingenuo e futil. — (15) O mesmo. — (16) Essa visita, tal como a desejava Torres, poude realizar-se em fins de Setembro de 1926. — (17) Ainda o jovem futil. — (18) Sempre o mesmo cacete. — (19) Litterato já fallecido, membro da Academia de Letras. Humberto de Campos, na sua secção *Pelle-Molle*, da primeira phase d'*O Imparcial*, na qual parodiava diariamente o *Pall-Mall*, de João do Rio, escripto n'*O Paiz*, traçara uma hilariante critica a certa recepção na residencia daquelle academico. — (20) Romance que Torres tinha em preparo e esperava concluir na Europa. — (21) Medico brasileiro. — (22) O mesmo. — (23) Miguel Mello. — (24) Volta á scena o jovem cacete.

Dr. J. J. Vieira Filho — *Antonio Fontes e a sua obra* — Rio, 1933.

Este livro deverá ser lido com attenção por quantos se interessam pela contribuição dos nossos patricios na sciencia universal. Trata-se de um ensaio bem documentado em que se examina á luz dos factos a obra de Antonio Fontes, cujas pesquisas, já agora de irradiação universal, tanta influencia estão exercendo nos estudos de microbiologia.

Orlando Machado — *Archipelago de Fernando de Noronha.*

Tão breve quanto substancioso, este opusculo do sr. Orlando Machado reune o que ha de mais significativo em torno ao archipelago de Fernando de Noronha. Noticia grogeaphica, noticia meteorologica, noticia historica, noticia geologica e uma carta hydro-topographica concorrem para, no assumpto, elucidar efficientemente os estudiosos da parte insular do Brasil.

Luiz Delfino — *Poesias lyricas* — Civilização Brasileira — Rio, 1934.

Aqui estão alguns dos trabalhos mais expressivos do grande lyrista catharinense. Escrevendo com uma celeridade vertiginosa, sem dar muita importancia á litteratura, Luiz Delfino morreu sem um livro publicado e só agora os seu herdeiros, homens de gosto e cultura, vão coordenando, em volumes intelligentemente conduzidos, as producções em que o autor das *Tres Irmãs* demonstrou, a par de exuberancia de inspiração, uma incomparavel agilidade de movimentador de rythmos.

Rachel Prado — *Diario de um menino* — Rio, 1934.

A escriptora Rachel Prado não esmorece no seu nobre afan de servir ás creanças do paiz pequenos livros em que a narração phantasiosa é habil pretexto para a divulgação de sentimentos edificantes. Sem ares sentenciosos e sem excessos de puritanismo que levariam os jovens leitores a afastar-se logo das suas producções, sabe ella amenizar o conceito de moral através de historietas suggestivas, que começam por divertir e acabam insinuando nas almas em flor uma discreta dose de ternura por todos aquelles a quem cumpre levar a cabo a dura travessia da vida.

Elinor Glyn — *Seis dias de amor* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

A importante casa de livros de São Paulo, cujo prestigio acaba de crescer com a instituição do premio "Machado de Assis", de que tanto se tem occupado a imprensa, continúa a espalhar pelo Brasil excellentes traducções de livros destinados ao sexo gracioso. Este agora é de Elinor Glyn, uma autora que, em meio aos lances destinados a emocionar as adolescentes romanticas, não desdenha uma ou outra nota de segura psychologia á altura de captivar os adultos já um tanto decepcionados pela vida pratica.

Victor Caruso — *Pedra no sapato* — Editora Piratininga — São Paulo, 1934.

Como intelligentemente frisa o sr. Sud Mennucci, prefaciador do livro, o sr. Victor Caruso brilha pela "graça leve e esvoaçante", pela "sadia alegria de quem não padece de molestias chronicas". Pamphletario, contista, poeta, recommenda-se elle á agradecida estima de quantos são beneficiados pelas sortidas de bom humor em que se multiplica esse farpeador de vaidades. Além disso, cabe-lhe um outro titulo de benemerencia: o de ter sido um dos primeiros divulgadores das fabulas de Trilussa em paragens brasileiras. E, a avaliar pelas felizes adaptações que este volume encerra, o grande satirico romano encontrou, no sr. Victor Caruso, alguem que admiravelmente o interpreta em nossa lingua. Percorram os leitores a historieta em que o Porco se propõe a encontrar-se com o seu amigo Burro "nalguma mortadella de Bolonha" e vejam que o original nada soffreu passando das margens do Tibre para as margens do Tieté.

May Christie — *Alegria de viver* — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1934.

Os litteratos de lingua ingleza sabem conciliar como poucos a descripção dos ambientes burguezes e certas sentimentalidades que esses ambientes nem sempre comportam. E' o real adoçado por invenções de ternura que fazem o enlevo dos sêres amigos do lyrismo e inimigos da logica. E, nesse genero, uma escriptora que dispõe de recursos excepcionaes é May Christie, transportada ao portuguez, de modo louvavel, pelo sr. Livio Xavier.

"Revista do Gremio Euclydes da Cunha"

Ha vinte e cinco annos era assassinado Euclydes da Cunha. Um quarto de seculo... Isso, em relação a outros, seria o olvido total de um homem, de um livro. Mas, quando esse homem se chama Euclydes e o seu livro se intitula Os Sertões, *o tempo decorrido só faz agigantar um e outro. Prova-o o fervor com que, ainda agora, vem de ser festejada a memoria querida, por alumnos e continuadores que nem um só instante a esquecem. Foi mais uma reunião do Gremio de que Euclydes é o patrono e foi mais um substancioso numero da Revista da casa, em que apparecem, como sempre, optimas coisas do mestre ou sobre o mestre.*

Um artista tem necessidade de uma vida regular porque elle ama o seu trabalho, e de uma vida um pouco louca porque ella anima o seu espirito.

André Maurois.

DUAS RAINHAS INFELIZES

MARIE ANTOINETTE, de Stefan Zweig -- Trad. de Alzir Hella — MARY QUEEN OF SCOTS, de Eric Linklater

Das rainhas da historia, Maria Antonietta de França e Maria de Escossia são certamente as que mais empolgaram a imaginação popular, já pelo tragico dos seus destinos, já por sua belleza, já pela lenda do escandaloso das suas vidas. Na verdade foram lindas, e tiveram fim tragico. No emtanto parece, agora, que ás suas vidas amorosas faltou o colorido que lhes é geralmente attribuido. Pelo menos é o que resalta tanto do livro de Zweig sobre a pastora do Petit Trianon como do de Eric Linklater sobre a inimiga de Elisabeth, a Virgem.

* * *

Zweig dedica quinhentas paginas á sua heroina. Elle nol-a mostra archiduqueza de Austria, linda menina loura e alegre, passando os seus dias a brincar na côrte de Maria Thereza. Em seguida é como Dauphine de France que a vemos procurando esquecer em bailes e jogos a humilhação das suas noites conjugaes. Como rainha da França ella continua a desperdiçar os dias em futilidades e extravagancias.

E é só como "veuve Capet" que a sentimos emfim, rainha e mulher.

A respeito dos seus amores, Zweig muito escrupulosamente nos mostra que, se dos seus innumeros flirts ella sahiu sem ter commettido passo em falso, a um homem ella amou realmente e a elle pertenceu de corpo e alma. Em Hans Axel Fersen, o amigo fiel na hora da desgraça, elle vê o amante da rainha de França, o homem na vida de Maria Antonietta, mulher.

Uma vida tão attribulada quanto a da esposa de Luiz XVI, não poderia ser contada em poucas paginas. Não é portanto de estranhar que Zweig tenha feito trabalho tão volumoso, sobretudo quando se considera que além do minucioso da sua obra ha ainda paginas e paginas dedicadas ao estudo psychologico da filha de Maria Thereza, estudo este que elle leva até á alcova real e ás decepções dos primeiros annos de vida conjugal. No emtanto nos parece que aqui como ali já o fizera em *Casanova*, elle abusa do principio de Napoleão que dizia ser a repetição a melhor figura de rhetorica. Dahi um certo peso neste volume, que quereriamos leve e gracioso como a figura da sua heroina.

* * *

Já Eric Linklater procede de outra fórma. Em menos de trezentas paginas elle nos traça um perfil preciso e elegante de Maria de Escossia, de quem a vida accidentada e o destino tragico de viuva do rei de França, de rainha da Escossia, de pretendente ao throno da Inglaterra fazem uma das figuras femininas mais interessantes da historia.

Geralmente é acceito que a sua vida intima fôra bastante escandalosa; que, dotada de um temperamento forte e variavel, ella se comprazia em aventuras diversas e não hesitava em recorrer á violencia para afastar do seu caminho algum importuno.

Eric Linklater, no emtanto, faz excepção á regra. Moderno cavalheiro da tavola redonda elle vem quebrar lanças a favor do bom nome de sua dama.

Imaginamol-o de pince-nez, ligeiramente calvo, magro, a physionomia imperturbavel, empunhada a sua penna como se fôra uma arma, e começando a ingrata tarefa de demonstrar que Maria da Escossia, longe de ser dada a amores faceis, era de temperamento frio e calculado.

Com muita objectividade e algum bom senso elle refuta as lendas de amores vibrantes, e mostra que a viuva de Francisco I de França, se teve tres maridos (que, aliás cedo, e muito, a enganaram), nunca conheceu a ventura de ter um amante. Que ella tenha tido conhecimento previo do assassinato do seu segundo esposo, Dornelly, elle nega, e tende mesmo a provar com alguma logica. Que ella se tenha casado com o seu assassino, Bosworth, apenas tres mezes depois de ficar viuva, isto elle demonstra ter sido motivado apenas por ambição, por força das circumstancia. E assim elle vae, despindo a pobre rainha de toda paixão, de toda phantasia, de todo imprevisto, deixando-a só com a sua belleza, a sua coragem, a sua ambição e o innocente costume de se deixar acariciar levemente (oh! apenas um beijinho aqui ou ali) pelos seus hospedes, amigos, favoritos ou cortezãos de ambos os sexos.

Livro agradavel de ler, apezar de tanto attentar contra uma das mais saborosas lendas da historia. Tem sobretudo o merito de ser escripto em linguagem de rara elegancia e finura.

JACK SAMPAIO.

Luc Durtain — *Imagens do Brasil e do Pampa* — Ariel Editora Limitada — Rio, 1934.

"Luc Durtain — segundo o sr. Ronald de Carvalho, prefaciador e traductor do livro — possue o riso manso dos gigantes. O riso do homem que despreza a equação pessoal, quando encara a vida. Sua estructura physica reproduz o typo classico do gaulez..." E, a seguir, o nosso admiravel critico assignala que o lyrismo de Durtain adivinha as coisas e sua obra, fugindo ao "pittoresco facil", vem a resumir-se, acima de tudo, "numa infatigavel experiencia de almas". Cremos que ninguem indicaria melhor o essencial do espirito do escriptor francez. Ahi, nesses conceitos, estão as linhas mestras do pensamento do homem que tão bem estudou a America do Norte, que tão bem acaba de estudar a America do Sul. Quanto á versão do sr. Ronald de Carvalho, forçoso é reconhecer que é uma creação soberba, um constante enriquecimento do original, uma dessas transposições de texto em que se tem a impressão de trabalho ideado e estylizado em nossa propria lingua. Desse patricio devemos dizer o que elle proprio diz de Durtain: sua arte "é um acto gratuito, um dom de si mesmo". Tratando do nosso passado litterario, pondo-nos em contacto fraternal com artistas e poetas de outras plagas, fez elle de toda a sua obra "uma mensagem de transcendente sympathia".

«OS LIBERTOS»

Daniel Fibitch. — Editora Unitas, 1934

Não vejo por onde se possa chamar a este romance de Daniel Fibitch, *Os Libertos*, um romance proletario.

O thema é burguez. O homem, sob o regime sovietico, deixou de ser o macho ciumento, o *proprietario* egoista da mulher? Thema, como se vê, insignificante, póde-se mesmo dizer ridiculo, em vista dos grandes problemas humanos que a nova organização social poz na ordem do dia. O livro conclue que não. Mas ha a notar que a conclusão vem *através* de um burguez, de uma porção de burguezes...

O espirito burguez é a caracteristica de quasi todos os typos do romance.

O camarada Chaguin, ex-burguez, revolucionario desde os primeiros annos, mais ou menos temperado pela lucta, é, de todos, o mais approximado do proletariado. Elle só vê, diante de si, a obra a construir, mas dá á obra um sentido *abstracto*, considerando-a quasi fóra do tempo e do espaço. Falta-lhe o espirito scientifico, quero dizer, a precisão mathematica das possibilidades, o calculo exacto dos resultados provaveis, o poder de prever os acontecimentos. (Falo aqui em sentido geral e não da usina que, no romance, Chaguin pretende realizar). Elle não é mais um burguez, mas tambem não é um proletario. Vacilla ainda, embora menos do que os outros.

O engenheiro Bolt cultiva a mania de colleccionar quinquilharias da época do Romantismo. E' um fraco, que se rende á força dos successos da Revolução. Sincero, honesto, trabalha com os Soviétes, sem enthusiasmos, mas com a consciencia tranquilla.

O camarada Briskin é o typo conhecido do *aproveitador*. Bem nutrido, insinuante, sempre a se declarar inimigo dos preconceitos "burguezes", esquecendo invariavelmente a gravata nas reuniões operarias, o camarada Briskin lembra - pallidamente... - o camarada Badyn do romance de Gladkof. Tambem este é burguez, como os outros.

Nina Nicolaievna, mulher de Chaguin, é a melindrosa, sempre a se empoar e a se queixar da vida insipida que leva. Vae, com Sergio, á caverna de Sen-Fu tomar opio, entrega-se-lhe como uma femea no cio, sem lhe passar pela cabeça que está trahindo o marido com o enteado.

A amiga, Fanny, parece-se muito com ella. Simplesmente, é uma mulher mais facil. Abre os braços a Sergio, no matto, preparando cuidadosamente uma scena theatral de grande effeito...

O proprio Sergio, filho de Chaguin, é o typo do rapaz estragado pela guerra civil. Desde os doze annos viajou com os cossacos, fez parte do bando do anarchista Makhno, entrou para a quadrilha do bandido Iacha-o-Dêdo... Cocainomano, depois opiomano. Entra para o cinema, não com o intuito muitas vezes nobre de ser um collaborador anonymo na cultura do proletariado, mas para *fazer carreira*, ganhar dinheiro. Possue a madrasta, leva-a a tomar opio, assassina a pequena Vália, filha do engenheiro Bolt...

Todos assim. Só ha uma excepção o camarada Gusev. Operario, filho de operarios, o camarada Gusev conhece a força creadora do proletariado e crê sinceramente, sem vacillações, até mesmo com um certo enthusiasmo infantil, na victoria final do ideal communista. Emquanto os outros se angustiam, perguntando o que será da vida que têm de viver, o camarada Gusev, mais sereno, apezar do immenso trabalho de ler e de aprender que o prende aos livros noites inteiras ("Sabes e conheces tudo desde muito tempo, emquanto que, para mim, tudo *isto* é novo..."), mais confiante, pergunta:

— Então, pensas que nossos filhos não o comprehenderão, que não terão a visão exacta do alcance da nossa retumbante victoria? Não crês que os nossos filhos nos serão reconhecidos, a nós, os velhos combatentes? Julgas que elles não serão dignos de nós?... Ora, vamos...

O camarada Gusev é o unico proletario do romance — nos pensamentos e nas acções.

O camarada Chaguin, á noticia do passeio de Nina Nicolaievna com Briskin através do bosque prohibe o aproveitador de voltar á sua casa.

— Admiro-me, — responde o outro, — pois se trata de um velho communista, um espirito livre...

Chaguin termina:

— Arrebentar-lhe-ei a cara, embora ambos sejamos communistas!

Na duvida, sem saber si teria sido ou não trahido, Chaguin interroga o camarada Gusev. O que faria elle, no mesmo caso? O camarada Gusev lhe responde com a segurança do homem a quem o marxismo penetrou completamente:

— E' muito simples. Antes de mais nada, procuraria tirar a coisa a limpo. Perguntaria á mulher: "Então, Lise, ha alguem

Quer saber o que têm sido as nobres lutas da Igreja Cathólica, defendendo-se contra doutrinas inimigas? - LEIA:

A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO

do padre LEONEL DA FRANCA
Illustre professor e escriptor brasileiro.
Um admiravel livro de cultura e de fé.

- Está a venda a 3.ª edição -

Grande formato - 546 paginas

Preço 18$000

Em todas as livrarias e na
Livraria CIVILIZAÇÃO
- Rua 7 de Setembro, 172 -
Rio de Janeiro

que te agrada? — Sim? — Então, minha querida, é muito simples: vae viver com elle. Como communista, não tenho o direito de te obrigar a permanecer perto de mim. Pódes ir!"

— Somos individuos novos que devemos viver e raciocinar de um modo egualmente novo, inédito.

Apezar disso, Chaguin soffre e, ao pegar o filho e a mulher numa attitude por demais intima, depois da revelação de Pólia, a cosinheira, sente-se arrebentar. E é com alguma satisfação que, minutos mais tarde, quando o filho foge á cadeia, Chaguin o alveja, derrubando-o na escada, e, de novo terno, lhe dá o tiro de misericordia.

O romance de Daniel Fibitch poderia ter por scenario qualquer outro paiz, menos a União Sovietica. E' um romance burguez, com personagens burguezes, explorando um thema burguez. E dahi todo o seu valor negativo. A massa, essa grande força anonyma que impulsiona o progresso na União Sovietica, não existe. O trabalho productivo não entra em linha de conta. O romance gyra no mundo *burguez* das elegantes e dos burocratas de Moscou...

Que differença entre este romance e o de Gladkof, *Cimento*, que, por signal, é o n. 1 da Collecção Aurora, a que *Os Libertos* pertence! Nenhum typo com o valor symbolico de Glieb Tchumalof, de Dacha, de Miekhova, de Savtchuk, de Sergio Ivaguin, do engenheiro Kleist. Nenhuma lucta pela edificação socialista como as sustentadas pelo operario Glieb contra a burocracia do Comité Administrativo. Nenhum movimento de massas. Nada. Sómente uma pequena tragedia burgueza, insôssa, vulgar, derramada em trezentas e tantas paginas cheias de *litteratura*, — bellos quadros, bellas paizagens, bellas palavras desperdiçadas com um assumpto que só ao occidente interessa... si é que interessa...

EDISON CARNEIRO.

O homem bom nem sempre póde ser bom. *Fernand Divoire.*

Ultimo sorriso de Antonio Torres

E' habito de nossa gente do interior suspender o lenço classico, com que se resguarda a physionomia aos cadaveres, para, num impulso de curiosidade sádica, examinar-lhes os estragos da Morte. Até hontem, nunca havia commettido esse desacerto incivil. Preferi sempre reter, dos amigos mortos, a imagem mais amavel de sua existencia. E' um modo de ainda lhes querer bem.

Fui obrigado a fugir, no entanto, a essa norma, que me tenho imposto, quando, hontem, fui levar ao cemiterio de Bomfim meu velho amigo Antonio Torres.

Verificado que a sepultura destinada a seus restos mortaes era estreita para conter a urna funeraria, depositaram-na na capellinha da necrópole. Aberta a urna, os amigos accorreram para lhe lançar o ultimo adeus no derradeiro olhar. Não me approximei, suffocando o desejo de vel-o na indecisão de meu escrupulo antigo.

Foi justo nesse momento, que se approximou o deputado José Maria de Alkmim e, arrastando-me, disse:

— Venha vel-o. Está com o rosto sereno como si estivesse vivo...

Fui. Debrucei-me sobre o caixão, que trouxera de longe aquella grande carga humana com esse letreiro na tampa, inscripto em placa de bronze: Antonio Torres — *Consul* — Hamburgo — Para o Brasil — *Espiei atravez do vidro fôsco. E vislumbrei, com alguma difficuldade, o rosto do pamphletario temivel. Estava com a face calma, com os labios semi-abertos. Olhos levemente fechados e, no canto dos olhos, aquelle raro sorriso, muito meu conhecido, que, por vezes, nas horas de fina emoção, amanhecia na face severa de Antonio Torres.*

Era o seu ultimo sorriso...

Será difficil apurar qual tenha sido sua significação originaria. Só sei que lhe aclarava, com intelligencia, o rosto polynésico, e que ficou pairando unicamente no canto dos olhos, como o derradeiro vestigio de vida na algidez da immobilidade facial. Sorria...

Teria sido aberto para a vida ou para a morte? Seria por estar partindo ou por estar chegando? Sorria por que? Pode-se morrer sorrindo? Eis o mysterio das coisas insignificantes, que costumam permanecer como desafio insoluvel ao acervo de toda sabedoria psychologica.

Quando convivi com elle, diariamente, ha muitos annos, escutava-lhe gargalhadas asperas deante do ridiculo humano. Ouvia-lhe, quasi sempre, o riso sêcco de sarcasta, ao saber de baixezas do proximo. Percebia-lhe a sisudez physionomica, quando examinava as dores que affligem os humildes, cujo patrono era em suas reivindicações justas ou radicaes. Mas aquelle sorriso, elle só o reservava para os instantes de belleza ou de emoção esthetica. Só o sorria, quando se achava alegre comsigo mesmo. Era-lhe a expressão particular. A flôr de sua alma — a outra alma de Antonio Torres, sempre escondida debaixo da brutalidade pamphletaria.

Unicamente a conheciam os amigos intimos, que eram todos escolhidos por elle, pois nunca admittiu que alguem, contra sua vontade, se lhe intromettesse na intimidade.

E' que o traço singular de seu temperamento essencialmente combativo foi sempre a sinceridade corajosa. Era o homem mais livre desse mundo. Nada o constrangia a fazer o de que não gostasse. Pensava e actuava com a maior sinceridade e franqueza.

Seus habitos eram anti-sociaes por excellencia, nunca praticando essas pequenas hypocrisias ou amabilidades, sem as quaes não se concebe a existencia em commum.

A impressão total que se tem de sua vida é a de que viveu dizendo verdades indiscretas. Não só ao escrever artigos, como principalmente palestrando em rodas de amigos. Não tinha nenhuma condescendencia com o erro e com as falhas do homem. A injustiça, sob qualquer de suas formas, irritava-o profundamente e procurava estigmatizal-a com a maneira mais franca possivel.

Adoptava a linha recta em tudo, desprezando, por indole, por feitio, por gosto, o postiço, o falso e o accessorio.

Possuia o sentido do essencial e do simples, o que transparecia tanto em seu estylo como no modo de viver. Revelava-se virtual em todas as manifestações de actividade. O amor da independencia era tão grande nelle, que seus intimos não sabiam onde morava.

Vivia isolado. Seu quarto era o logar de seu estudo e quem o inhibisse de gozar o isolamento incorria-lhe em desagrado invencivel.

Costumava dizer-me que não admittia nenhum companheiro ou companheira, porque a liberdade era estar só. E sem liberdade, concluia, não vale a pena viver...

Não havia meios de aturar cacetes. Era com elles de franqueza brutal, chegando a não enchergal-os na rua. Repudiava-os. Quem o incommodasse de qualquer modo poderia contar com reacção immediata. Lembra-me muito bem que, residindo, uma occasião, em certa pensão discreta do Flamengo, acertou de ir morar alli uma senhora, que gostava de cantar, pelas manhãs.

Depois do segundo ensaio matinal, surgiu, nos a pedidos do Jornal do Commercio, *uma reclamação em regra do Antonio Torres. Chamava a attenção da policia para o caso...*

Ao outro dia, a hospede sonora mudava-se da pensão.

Não tolerava a falta de noção de tempo e da linha recta. E' assim que um amigo delle, cujo nome não declinarei, tinha o habito de relatar-lhe factos ou episodios com atalhos, incidentes e commentarios lateraes.

Antonio Torres, quando se dispunha a ouvil-o, cercava-o por todos os lados, forçando-o a entrar nos trilhos. Não lhe admittia as digressões e commentarios.

Não prestava nenhuma homenagem a quem não a merecesse. Mais ainda. Protestava contra os que a prestassem.

Uma vez, um senador estranhou a Gilberto Amado, de quem Antonio Torres foi sempre amigo e admirador, a intimidade com o autor de Pasquinadas Cariocas, *por ser este bohemio.*

Encontrando-se com o referido senador, Torres disse-lhe:

— Olhe: em resposta á sua observação, tenho a dizer-lhe que o Gilberto é o unico pensionista do Senado que nós admittimos em nossa convivencia. Sabe por que? Porque, apezar de senador da Republica, é homem de grande talento e cultura. Fique, pois, sabendo que a verdade é o contrario do que o senhor pensa...

Tinha o habito de apontar o defeito dos homens com linguagem certa. Seu julgamento era epigraphico.

A observação natural de seu talento era a satyra. Toda vida foi incorruptivel em materia de dinheiro. Tinha caracter, talento e cultura. E valorizava esses requisitos com uma coragem desabusada.

Polemista agil e de recursos ineditos, só atacava os poderosos e os que estivessem em altas posições sociaes.

Valia-se do assumpto para tirar conclusões sociologicas, por vezes expendendo doutrina nobre e elevada.

Era patriota até ao jacobinismo não perdoando, a este respeito, nenhum deslise dos politicos.

Gostava de fazer blague *e chacotear com a vaidade alheia. Com os mulatos empafiosos, ás vezes iniciava a conversação assim:*

— Você sabe: nós, os mulatos...

Ninguem sabia imitar tão bem, como elle, a certas pessoas que apresentassem falhas pittorescas.

Quando estava de bom humor, o que, aliás era muito commum, encantava os amigos com a palavra facil e admiravel. Ficaram celebres as sessões nocturnas nas mesas da Americana, *quasi sempre presididas por elle, tendo ao lado Ephigenio de Salles, a quem Antonio Torres chamava "o pae dos jornalistas".*

Era elle um forte e era um bom. Bom só para os humildes. Muitas e muitas vezes, vi-o dar esmolas de valor extraordinario relativamente a seus poucos recursos. Ia andando e dizendo:

— Tome, minha velha, para você comer hoje sua feijoadazinha...

E nem esperava os agradecimentos.

Apesar de sua apostasia, guardou, no fundo do coração, silencioso respeito pela Igreja. Não admittia chacotas neste sentido.

Grande espirito, grande alma!

As duas ultimas vezes que o vi foi para dizer-lhe adeus.

A penultima, foi no Rio, quando embarcava para a Europa, a assumir o posto de consul.

Acenei-lhe, no cáes, com o lenço:

— Adeus, Antonio Torres...

A ultima vez foi hontem, no cemiterio de Bomfim, de onde trouxe, na memoria, o seu enigmatico, o seu ultimo sorriso...

MARIO MATOS.

(Do *Minas Geraes*, de 12-8-34).

— Henry Bordeaux enriquece a sua numerosa bibliographia com mais um romance, que tem sido muito bem recebido pela critica e a respeito do qual assim se refere Edmond Jaloux: "*Le Chêne et les roseaux* parece-me a melhor obra desse escriptor, aquella em que elle nos dá mais completamente a sua medida, seja como moralista, seja como creador de personagens e de incidentes romanescos, seja como technico da sua arte. E' uma obra sobria, forte, e cuja extrema tensão dramatica é devida aos caracteres e não a combinações arbitrarias".

Pierre-Gauthiez analysa o prestigio politico e social de *Trois Médicis*. E' a obra de um profundo conhecedor de toda a civilização italiana, de alguem a quem não é estranho nenhum livro e nenhum marmore da Renascença. A irradiação moral e mental daquelles protectores de artistas, banqueiros e guerreiros, amigos dos punhaes e das cavalgadas allegoricas, é subtilmente indicada por um historiador que sabe soccorrer-se da boa psychologia afim de decifrar almas e momentos controvertidos do passado peninsular.

— Em seguimento a *Le livre des bêtes qu'on appelle sauvages*, que tanto successo alcançou, André Demaison acaba de publicar *D'autres bêtes qu'on appelle sauvages*, e onde mais uma vez o illustre escriptor francez se reporta a curiosas observações de psychologia animal que poude fazer durante os seus longos estagios na Africa. O interessante é que André Demaison já esteve tambem no Brasil, pelo menos no norte do Brasil, segundo se vê numa recente entrevista que do mesmo obteve Frédéric Lefèvre para as *Nouvelles Litteraires*. Ao que parece, Demaison prepara um livro sobre a questão do negro transplantado á America pela escravidão e talvez tenha sido esse o motivo da sua vinda ao nosso paiz, aliás feita sob o maximo sigillo, pois que de nenhum modo repercutiu por aqui a noticia da sua visita.

"FEIRA DESIGUAL"

O sr. Samuel Putnam, critico litterario de The Literary World *de Nova York e do* Bocks Abroad, *revista que se publica na Universidade de Oklahoma, tem-se revelado grande amigo dos livros e dos escriptores do Brasil. Já annotámos aqui algumas palavras de forte elogio que esse litterato americano dedicou ao escriptor Marques Rebello. Fazemol-o agora em relação ao volume* Feira Desigual, *de nosso colaborador Dante Costa.*

O sr. Putnam reconhece no jovem escriptor brasileiro "um ficcionista de primeira ordem", alguem que, vinculado aos caminhos de La Serna e Vergani, não se limitou a uma copia servil. Porque, antes de tudo, é elle, numa comprehensão completa, "altemente original, com personalidade propria e pontos de vista pessoaes deante do mundo que transmitte aos seus leitores".

"Não são meros poemas em prosa, diz o sr. Putnam. São esbocetos de prosa que penetram profundamente na vida e no substractum de tristeza dessa vida". "Dando alma a um movimento de rua, de mercado, fixando o sensualismo da massa, e em especial da multidão tropical brasileira, o autor é incomparavel".

Terminando, o critico americano commenta o tom satyrico de todos esses trechos de prosa, apontando em alguns pontos um certo sentido proletario, e falando do "rude" mas "bondoso" criticismo brasileiro, que se deixa prejudicar sempre por uma "excessiva polidez", na terra tropical de alma "incerta", que tem que achar uma personalidade entre os ruidos do mundo.

Gilberto Freyre — *O estudo das sciencias sociaes nas universidades americanas*—Edições do "Momento" — Recife, 1934.

Em elegante *plaquette*, vae sendo divulgada pelo paiz a bella conferencia que o sr. Gilberto Freyre, illustre sociologo pernambucano, leu na Faculdade de Direito do Recife em 24 de Maio de 1934. Precedem-na palavras dos srs. Odilon Nestor e Mario Lacerda de Mello, e o todo é um regalo para os que procuram nos livros a pagina bem escripta e a boa lição da cultura.

— Vem de ser traduzido para o francez mais um romance de Virginia Woolf, que tanto successo obteve com as estranhas scenas de *Miss Dalloway*. *Nuit et Jour*, sem conter as grandes attracções do outro volume, possue (ao que assignalou um critico) uma belleza bem mais repousada. Algumas paginas introductorias de René Lalou indicam de modo preciso as linhas mestras da arte dessa notavel romancista, sendo apenas de lamentar que a traducção, devida á penna de Georges Bec, não conservasse a fluidez e as ondulações do texto original.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Gilberto Amado — *Tobias Barreto* — Conferencia — Ariel Editora Ltda. — Rio.
Roquette-Pinto — *Samambaia* — Contos — Ariel Editora Ltda. — Rio.
Luc Durtain — *Imagens do Brasil e do Pampa* — Trad. de Ronald de Carvalho — Ariel Editora Ltda. — Rio.
Octavio Tavares — *O Mangue* — Romance — Adersen editores — Rio.
Paulo Setubal — *El-Dorado* — Romance — Cia. Editora Nacional — São Paulo.
Avevedo Corrêa — *Poemas* — Off. Graph. d'*A Noite* — Rio.
Lucio Cardoso — *Maleita* — Romance — Schmidt Editor — Rio.
Eloy Pontes — *Obra Alheia* — Critica — Selma Editora — Rio.
José Pereira da Silva — *Getulio Vargas* — Selma Editora — Rio.
Neves Manta — *As Razões do Dr. Freud* — Selma Editora — Rio.
Raul Lellis — *Para Você* — Fantasias — Selma Editora — Rio.
José Milad — *Para as Lindas Mãos de Minha Amada* — Selma Editora — Rio.
Oduvaldo Vianna — *Amor* e *Canção da Felicidade* — Theatro — Civilização Brasileira — Rio.
Gilberto Freyre — *O Estudo das Sciencias Sociaes nas Universidades Americanas* — Momento — Recife.
Prof. Brant Horta — *Noções de Grammatica Historica* — Editores J. R. de Oliveira — Rio.
Celio Goyatá — *Realização* — Versos — Edições Surto — Bello Horizonte.
Genserico de Souza Pinto — *Mentalidade e Arte* — Conferencia — Rio.
Orlando Machado — *Archipelago de Fernando de Noronha* — Rio.
Gil Duarte — *Contractos de Compra e Venda com o "Pactum Reservati Dominii"* — Momento — Recife.
Valentim da Silva — *Sombra da Noite* — Atlantida Editora — Coimbra.
J. W. Rochester — *A Vingança do Judeu* — Livraria da Federação Espirita — Rio.
Paul de Stoecklin — *Vida de Grieg* — Livraria de Cultura Brasileira — São Paulo.
John Reed — 10 *Dias que abalaram o Mundo* — Livraria de Cultura Brasileira — São Paulo.
Paul van Zeeland — *Regards sur L'Europe* — Office de Publicité — Bruxelles.
Souvenirs de la Princesse Marie de Croy — 1914-1918 — Librarie Plon — Paris.
Alphonse Boersch — *L'Humanisme Belge à l'Époque de la Renaissance* — Van Oest & Cie. — Bruxelles.
Camille Poupeye — *Le Theatre Chinois* — Editions Labor — Paris — Bruxelles.
Constituição Federal de 1934 — Selma Editora — Rio.
Festa — Revista de Arte e Pensamento — 2.ª phase — Anno I — Numero 1 — Julho de 1934 — Rio.
Orto — Revista de Difusion Cultural — Ano XXIII — N. 5 y 6 — Manzanillo — Cuba.

Brant Horta — *Grammatica historica* — Editores J. R. de Oliveira & Cia. — Rio, 1934.

Tendo sido na mocidade um bom poeta parnasiano, o sr. Brant Horta, que é de procedencia mineira, consagrou-se depois aos estudos de philologia. Familiar de Camões, cujas oitavas quasi decorou na integra, é um professor adestrado pelo contacto de muitas gerações de alumnos. Quanto á sua Grammatica historica, em segunda edição no momento, mereceu louvores calorosos do grande João Ribeiro.

"IN MEMORIAM" DE ABELARDO LOBO

E' de grande significação mental e moral o *In Memoriam* em que o illustre juiz Candido Lobo reune as melhores paginas de Abelardo Lobo, depois de uma homenagem de filho e alumno ao homem que tanto dignificou entre nós o ensino do Direito. Porque a vida deste catholico ardoroso foi, como bem accentuam os seus panegyristas, "sentimento e acção". Professor extremamente dedicado á Faculdade em que doutrinava, conheceu como poucos os tratadistas classicos e modernos da sciencia em que se especializou, merecendo constantes elogios de Clovis Bevilaqua, Viveiros de Castro e tantos outros. Suas monographias de jurista asseguram-lhe uma bella preeminencia no genero, cumprindo mencionar a consagrada ao Direito Romano e seu desenvolvimento na éra christã, que confrades dos dois mundos louvaram fortemente. Foi tambem Abelardo Lobo um causidico brilhante, dos que unem á argucia profissional o culto da boa éthica e dos arrazoados conduzidos em bom vernaculo. Trabalhou sempre, mesmo depois de haver triumphado no magisterio e na advocacia, não passando um só dia sem visitar os seus autores favoritos e sem levar ao papel algumas das reflexões que lhe suggeriam os livros ou a observação directa dos homens. E ao morrer em 1933, depois de pedir que o sepultassem com o habito de terceiro irmão franciscano, essa nobre creatura evidenciou que em seu coração competiam tres nacionalidades: a Roma dos jurisconsultos, a Umbria dos frades e o Brasil dos seus parentes e dos seus discipulos.

Azevedo Corrêa — *Poemas* — Rio, 1934.

Professor de historia e sobrinho de Raymundo Corrêa, o joven autor deste volume de poemas não carece da benevolencia de ninguem para tomar logar entre os que realmente trazem poesia comsigo. Despretencioso, quasi timido, os versos com que sáe da obscuridade em que se quiz relegar denotam pensamento e lyrismo. Declara, de inicio, que se fala tanto de si é pelo seu amor aos pequeninos e aos humildes. Recorda os parentes mortos, pensa em todas as despedidas da vida, soffre pelos poemas que não póde escrever e culpa a musica e a noite das tristezas que lhe vêm ás vezes sem nenhuma razão humana. Num bello trabalho, confessa melancolicamente: "Você me dizia a verdade, amigo: somos mesmo a geração sacrificada. Nosso sonho rolará inutil na terra esteril. Nascemos sob o signo da inquietação e sentimos toda a incerteza, todo o infinito amargor da nossa hora. Naquelle dia, fundiam-se os canhões de 914. Nascemos naquelle dia, embalados pelo extranho rumor". Mas não: o sonho não será inutil em quem, como o sr. Azevedo Corrêa, tem o seu rythmo interior e diz algumas palavras ainda não ouvidas por nós outros brasileiros.

Emil Ludwig — *Guilherme II* — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1934.

Em traducção do Sr. Alvaro Franco, professor do Collegio Militar, vae agora correr todo o Brasil este soberbo estudo psychologico do ultimo imperador da Allemanha. Guilherme II, que inspirou admiraveis paginas avulsas a Eça de Queiroz e ao nosso Euclydes da Cunha, encontra em Emil Ludwig um forte pintor de historia, bem da categoria dos Menzel, um julgador que sabe ver os factos essenciaes de uma vida, sem se apegar a anecdotas vãs e a testemunhos suspeitos. Documentos e informações foram rigorosamente seleccionados. Nenhuma parcialidade revoltante. Em summa, o objectivo do livro é este: "deduzir, immediatamente, dos traços de caracter de um monarcha, consequencias politicas de cunho mundial". Quanto ao estylo do autor, robusto e plastico a um tempo, dispensa quaesquer louvores retardados.

LEIAM
De Roquette Pinto
SAMAMBAIA
EM TODAS AS LIVRARIAS

DOIS GRANDES SUCCESSOS:

JORGE AMADO

CACAU

(2.ª EDIÇÃO)

SUOR

ROMANCE

Cada volume. . . . . 6$000

ARIEL, EDITORA LTD.

Rua Senador Dantas, 40 — 5.º andar

Comer Bem Num Ambiente Sympathico Por Preço Razoavel E' a Melhor Garantia de Uma Boa Digestão.

Restaurante Castello

Rua Mexico — 146
(Atráz do Jockey Club)

ELEGANCIAS

VESTIDOS
CHAPÉOS
LINGERIE

MODELOS DE PARIS

ELEGANCIA
OUVIDOR – 175

Lindissimos presentes de grande novidade.

E QUER TER UMA DISPENSA BEM SORTIDA, com um minimo de gasto, faça suas compras na

CASA SILVA

Molhados e Comestiveis Finos
Rua 13 de Maio, 52-:- Av. Alm. Barroso, 6
TEL. 2-1265

COMPRE AS SUAS

ROUPAS

A CREDITO — na —

A CAPITAL

Leiam o grande romance de

JOSÉ LINS DO REGO

Doidinho

PREÇO: 6$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

MARIA EUGENIA CELSO

Fantasias e Matutadas

(VERSOS)

PREÇO: 6$000

PEDIDOS A

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua Senador Dantas 40 – 5.° andar

Um grande successo:

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Em Surdina

ROMANCE

PREÇO: — 7$000

Pedidos a

ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua Senador Dantas, 40 — 5.° andar

RIO DE JANEIRO

UM GRANDE ROMANCE:

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

Almas sem Abrigo

PREÇO 7$000

Pedidos á

ARIEL, EDITORA LTDA.

RUA SENADOR DANTAS 40 — 5° andar